



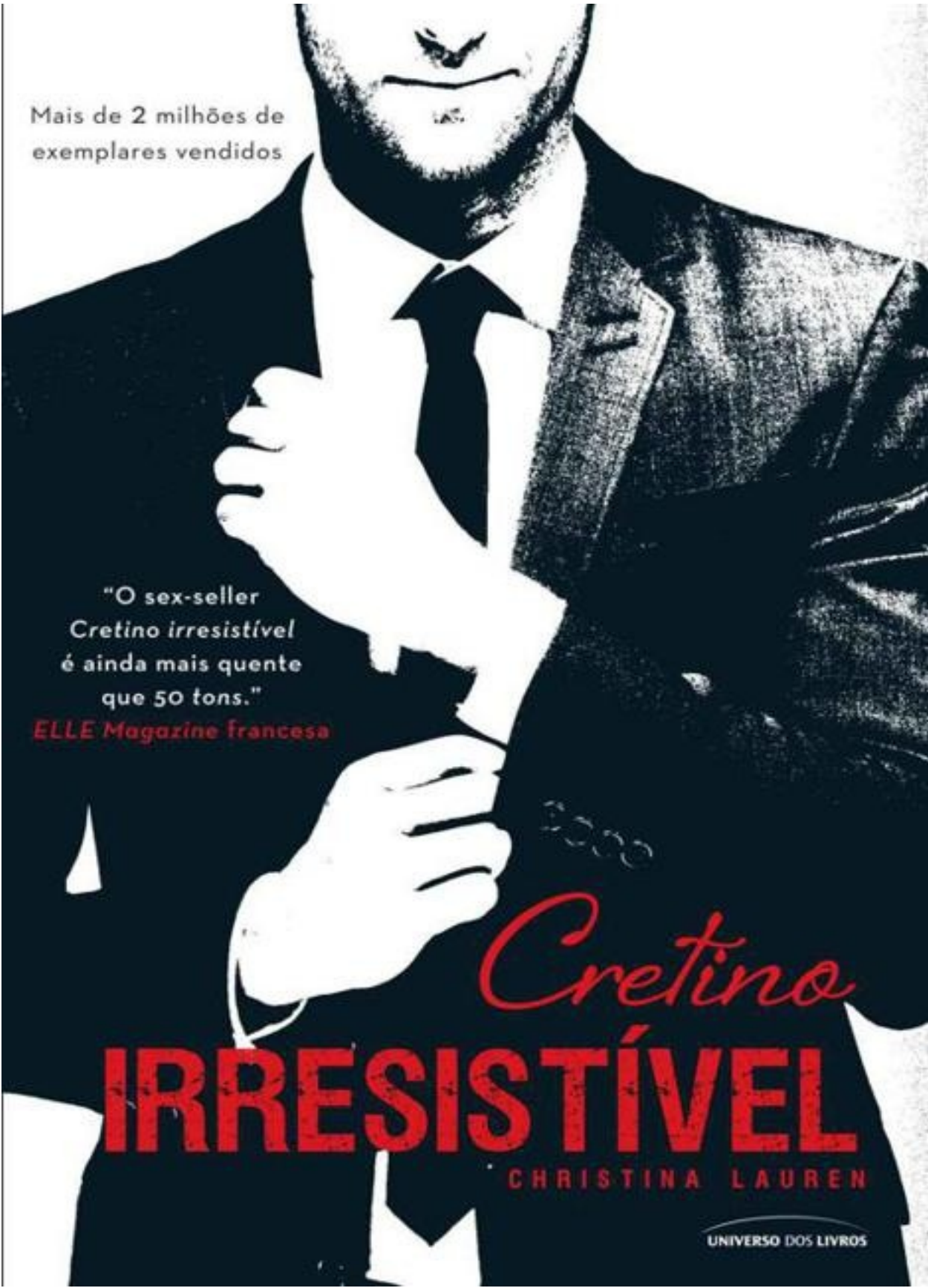
CHRISTINA LAUREN

SÉRIE *Cretino*

IRRESISTÍVEL







Mais de 2 milhões de
exemplares vendidos

"O sex-seller
Cretino irresistível
é ainda mais quente
que 50 tons."

ELLE Magazine francesa

Cretino
IRRESISTÍVEL

CHRISTINA LAUREN

UNIVERSO DOS LIVROS

CHRISTINA LAUREN

Cretino
IRRESISTÍVEL

São Paulo
2013


UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 — Bloco 2 — Conj. 603/606

CEP 01136-001 — Barra Funda — São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

Email: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Portuguese Language Translation copyright © 2013 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful Bastard (Original English language title from Proprietor's edition of the Work)

Copyright © 2013 Lauren Billings Luhrs and Christina Hobbs Venstra
All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher, Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

© 2013 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser

reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos,

fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Editora-chefe: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Raíça Augusto e Raquel Nakasone

Tradução: Felipe CF Vieira

Preparação: Bárbara Prince

Revisão: Bóris Fatigati e Louise Bonassi

Arte e adaptação de capa: Francine C. Silva e Valdinei Gomes

Design original da capa: Fine Design

Foto: Abel Mitja Varela/Getty Images

Conversão para ePub: Danielle Fortunato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412c	Lauren, Christina. Cretino irresistível / Christina Lauren; tradução de Felipe CF Vieira. – São Paulo: Universo dos Livros, 2013. (Beautiful Bastard) ISBN: 978-85-7930-537-5 Título original: Beautiful Bastard 1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção I. Título II. Vieira, Felipe CF 13-0578 CDD 813.6
-------	--

Para SM, por ter nos juntado sem saber, para os fãs, por tornar isto oficial, e para nossos maridos, por aguentar tudo ao nosso lado.



Meu pai sempre dizia que a melhor maneira para aprender uma profissão é passar cada segundo observando alguém a exercendo.

“Para conseguir chegar ao topo, você precisa começar lá embaixo”, ele me disse. “Seja a pessoa sem a qual o CEO não pode viver. Seja seu braço direito. Aprenda tudo sobre seu mundo, e ele irá te contratar assim que você receber o diploma.”

Eu me tornei indispensável. E definitivamente me tornei o braço direito. Acontece que, neste caso, o braço direito frequentemente queria estrangular o pescoço daquele maldito.

Meu chefe, o sr. Bennett Ryan. *Um cretino irresistível.*

Meu estômago se embrulha só de pensar nele: alto, bonitão e completamente cruel. Ele era o babaca mais egocêntrico e convencido que eu já tinha conhecido. Eu ouvia as outras mulheres do escritório fofocando sobre suas escapadinhas e ficava pensando se um rosto bonito era tudo que ele precisava. Mas meu pai também dizia: “você vai perceber cedo na vida que a beleza é apenas superficial, mas a feiura se estende até os ossos”. Eu tive minha quota de homens desagradáveis nos últimos anos, namorei alguns no colegial e na faculdade. Mas esse foi o campeão.

– Olá, srta. Mills! – o sr. Ryan estava de pé ao lado da porta da minha sala, que servia de recepção para o escritório dele. Sua voz estava melosa, mas era uma doçura toda errada... como mel que foi congelado e que agora estava começando a rachar.

Depois de derramar água no meu celular, deixar cair meu par de brincos na lixeira, receber uma pancada na traseira do meu carro na via expressa e ter de esperar a polícia para ouvir aquilo que eu já sabia – que a culpa foi do outro

motorista –, a última coisa que eu precisava naquela manhã era aguentar o mau humor do sr. Ryan.

Pena que ele não tem nenhum outro tipo de humor.

Eu respondi o “Bom dia, sr. Ryan” de sempre, esperando que ele respondesse com seu habitual aceno de cabeça.

Mas, quando eu tentei passar, ele murmurou:

– Bom dia? Será que você não quer dizer “boa tarde”, srta. Mills? Que horas são nesse seu mundinho?

Eu parei e encarei de volta seu olhar gelado. Ele era uns bons vinte centímetros mais alto do que eu, e, antes de trabalhar para ele, eu nunca tinha me sentido tão pequena. Fazia seis anos que eu trabalhava para a Ryan Media Group, a RMG. Mas, desde o retorno do sr. Ryan para a empresa de sua família, há nove meses, eu começara a usar salto alto para poder encará-lo no mesmo nível. Mesmo assim, ainda precisava levantar o queixo para olhar em seus olhos, e ele claramente sentia satisfação com isso, deixando escapar um certo brilho naqueles olhos castanhos.

– Tive uma manhã meio desastrosa. Não vai acontecer de novo – eu disse, aliviada por minha voz sair sem tremer. Nunca me atrasei antes, nem uma vez, mas é claro que ele tinha de fazer uma cena na primeira vez que aconteceu. Passei por ele, guardei minha bolsa e o casaco no armário e liguei o computador. Tentei fingir que ele não estava ali de pé na frente da porta, assistindo a cada movimento meu.

– Uma “manhã desastrosa” é uma descrição muito apropriada para o que eu tive de passar com a sua ausência. Tive de pedir desculpas a Alex Schaffer por ele não ter recebido os contratos assinados quando prometido: às nove da manhã, no horário da costa leste. Tive de ligar para Madeline Beaumont pessoalmente para confirmar que iríamos sim prosseguir com o trabalho como descrito. Em outras palavras, fiz o seu trabalho e o meu nesta manhã. Tenho certeza de que, mesmo com uma “manhã desastrosa”, você conseguiria chegar às oito. Tem gente que começa a trabalhar antes mesmo do café da manhã.

Levantei a cabeça para encará-lo enquanto ele me julgava com os braços cruzados acima do peito grandioso – e tudo por eu estar apenas uma hora

atrasada. Então desviei os olhos, para não ficar encarando a maneira como o terno escuro e bem cortado envolvia seus ombros largos. No primeiro mês em que trabalhamos juntos, houve uma convenção e fiz a besteira de visitar a academia do hotel – dei de cara com ele sem camisa e todo suado ao lado de uma esteira. Ele tinha o rosto que qualquer modelo gostaria de ter e o cabelo mais incrível que eu já vi em um homem. Cabelo de quem acabou de transar. Era assim que as garotas do andar de baixo chamavam aquele cabelo e, de acordo com elas, o título era bem merecido. A imagem dele passando a camiseta no peito ficou para sempre marcada na minha memória.

Mas, é claro, ele teve de estragar o momento abrindo a boca: “É bom ver que você finalmente está tomando interesse em cuidar do seu corpo, srta. Mills”.

Filho da puta.

– Desculpe, sr. Ryan – eu disse, deixando escapar um pouco de veneno na voz. – Eu entendo o sacrifício que foi para o senhor usar um fax e atender ao telefone. Como já disse, não vai acontecer de novo.

– Exatamente, não vai mesmo – ele respondeu, com o sorriso pretensioso firme no lugar.

Se pelo menos ficasse de boca fechada, ele poderia ser perfeito. Um pedaço de fita adesiva resolveria o problema. Eu tinha um rolo no meu armário que às vezes eu pegava e acariciava, pensando que um dia eu poderia fazer bom uso dele.

– E, só para que você não se esqueça desse incidente, eu gostaria de ver a situação completa dos projetos da Schaffer, da Colton e da Beaumont na minha mesa até as cinco. E então você vai compensar a hora perdida desta manhã simulando uma apresentação da conta da Papadakis na sala de conferência às seis. Afinal, se você vai cuidar dessa conta, terá de provar para mim que sabe o que está fazendo.

Meus olhos se arregalaram enquanto eu assistia ele ir embora e bater a porta do escritório. Ele sabia muito bem que eu estava apenas começando esse projeto, que também seria minha tese no MBA. Ainda teria meses para terminar os slides depois que os contratos fossem assinados... o que ainda não havia acontecido. Ainda não tinham nem sido rascunhados. Agora, com tudo o mais jogado no

meu colo, ele queria que eu arrumasse uma apresentação em... olhei para o relógio. Ótimo, sete horas e meia, se eu pulasse o almoço. Então abri o arquivo da Papadakis e comecei a trabalhar.



Enquanto as pessoas começavam a sair para o almoço, eu fiquei colada na minha mesa com meu café e um pacote de salgadinho que peguei na máquina.

Normalmente, eu trazia comida de casa ou saía junto com os outros estagiários para almoçar, mas naquele dia o tempo não era meu amigo. Ouvi a porta abrir e olhei com um sorriso no rosto enquanto Sara Dillon entrava. Sara e eu fazíamos parte do mesmo programa de estágio para MBA da Ryan Media Group, mas ela trabalhava no setor financeiro.

– Pronta para almoçar? – ela perguntou.

– Vou ter de pular o almoço. Hoje está sendo um dia infernal – eu disse, como quem pede desculpas, e o sorriso dela mostrou um pouco de malícia.

– Dia infernal ou *chefe* infernal? – ela sentou na beira da minha mesa. – Ouvi dizer que ele estava meio bravo hoje de manhã.

Respondi com um olhar de cumplicidade. Sara não trabalhava para ele, mas sabia tudo sobre Bennett Ryan, afinal, com seu conhecido pavio curto, ele era uma lenda viva no escritório.

– Mesmo se existissem duas de mim, não seria possível terminar tudo isso a tempo.

– Não quer mesmo que eu traga alguma coisa? – seus olhos se moveram em direção à sala dele. – Tipo, um assassino de aluguel? Ou um pouco de água benta?

Tive de rir.

– Não, tudo bem.

Sara sorriu e saiu. Eu tinha acabado de terminar meu café quando me inclinei e percebi que minha meia tinha rasgado.

– E ainda por cima – comecei a falar quando ouvi Sara voltando –, consegui rasgar a meia. Na verdade, se tiver chocolate no restaurante, você pode me trazer

uns vinte quilos para eu poder aliviar minha tensão?

Olhei para cima e vi que não era Sara parada ali na minha frente. Meu rosto ficou vermelho e abaixei a saia de volta no lugar.

– Desculpa, sr. Ryan, eu...

– Srta. Mills, já que você e as outras secretárias têm tanto tempo para discutir suas lingoerías problemáticas, além de preparar a apresentação da Papadakis, preciso que você também vá até a sala do Willis e me traga a análise de mercado e segmentação da Beaumont – ele ajeitou a gravata, olhando para seu reflexo na minha janela. – Você acha que consegue fazer isso?

Será que eu estava ouvindo direito? Ele tinha acabado de me chamar de “secretária”? É verdade que parte do meu estágio era fazer um pouco do trabalho básico de um auxiliar, mas ele sabia muito bem que eu tinha trabalhado para essa empresa por vários anos antes de conseguir minha bolsa da JT Miller na Northwestern University. Agora, faltavam apenas quatro meses para eu conseguir meu diploma em administração.

Quatro meses para pegar meu diploma e dar o fora daqui, pensei. Olhei para cima para encontrar seus olhos.

– Pode deixar, vou pedir para a Sam trazer...

– Isso não foi uma sugestão – ele me interrompeu. – Quero que *você* vá pegar os documentos – ele olhou para mim por um instante com o queixo apertado antes de se virar e voltar para sua sala, batendo a porta atrás de si.

Qual é a merda do problema dele? Era realmente necessário bater a porta como uma adolescente temperamental? Peguei meu casaco e comecei a andar até o escritório adjunto, que ficava em outro prédio.

Quando voltei, bati à porta dele, mas ninguém respondeu. Tentei girar a maçaneta. Estava trancada. Ele estava provavelmente dando uma rapidinha com alguma princesa da diretoria enquanto eu corria por Chicago que nem uma louca. Enfiei o envelope pardo na abertura do correio, esperando que os papéis se espalhassem por toda a parte e ele tivesse de se abaixar para arrumar tudo. Seria merecido. Até gostei dessa imagem dele de quatro no chão, juntando os documentos. Por outro lado, conhecendo a pessoa, ele provavelmente iria me chamar naquele buraco estéril para limpar a bagunça enquanto ele assistia.

Quatro horas mais tarde, eu tinha terminado a atualização das contas, meus slides estavam praticamente em ordem e eu estava quase rindo histericamente pensando no quão terrível o dia tinha sido. Mas tive de passar um tempo planejando o assassinato sangrento do garoto do xerox. Um trabalho simples, foi tudo que pedi. Faça umas cópias, encaderne umas folhas. Era para ter sido uma coisa fácil. Entrar e sair. Mas não. Levou *duas horas*. E agora eu estava atrasada! Corri através dos corredores escuros do prédio, que já estava vazio, com o material da apresentação quase caindo debaixo do braço, e olhei para o relógio. Seis e vinte. O sr. Ryan ia me comer viva. Eu estava vinte minutos atrasada e, como aprendera naquela manhã, ele odiava atrasos. “Atraso” era uma palavra que não existia no *Dicionário para cretinos de Bennett Ryan*. Também não havia “coração”, “bondade”, “compaixão”, “pausa para almoço” ou “obrigado”. Então, lá estava eu, apressada pelos corredores vazios, correndo com meus saltos gigantescos para encontrar o carrasco.

Respire, Chloe. Ele pode sentir o cheiro do medo.

Quando me aproximei da sala de conferências, tentei acalmar minha respiração e diminuí o passo até voltar a andar. Um rastro de luz brilhava debaixo da porta. Ele definitivamente estava lá, esperando. Com cuidado, tentei arrumar o cabelo e as roupas enquanto alinhava o maço de documentos nos meus braços.

Respirando fundo, bati na porta.

– Entre.

Entrei no espaço bem iluminado. A sala de conferência era enorme. Ficava no 18º andar e uma das paredes era coberta por janelas que iam do chão ao teto, oferecendo uma visão espetacular de Chicago. O anoitecer escurecia o céu lá fora, e arranha-céus pontuavam o horizonte com suas janelas iluminadas. No centro da sala ficava uma grande e pesada mesa de madeira e, na ponta mais distante, encarando na minha direção, estava o sr. Ryan.

Estava sentado lá, com o casaco do terno pendurado no encosto da cadeira, a gravata solta, as mangas branquíssimas da camisa enroladas até o cotovelo, o queixo apoiado nas pontas dos dedos. Seus olhos pareciam penetrar os meus, mas ele permaneceu calado.

– Eu peço desculpas, sr. Ryan – eu disse, minha voz ainda ondulando por causa

da respiração entrecortada. – A impressão levou... – parei. Desculpas não iriam ajudar nessa situação. Além disso, eu não deixaria ele me culpar por algo que estava fora do meu controle. Ele podia ir para o inferno. Com minha coragem recém-descoberta, ergui o queixo e caminhei até onde ele estava.

Sem olhar em seus olhos, eu arrumei meus papéis e coloquei uma cópia da apresentação diante dele na mesa.

– Posso começar?

Ele não respondeu, apenas ficou encarando minha postura, que tentava mostrar coragem. O que seria bem mais fácil se ele não fosse tão lindo. Em vez de dizer alguma coisa, ele fez um gesto em direção aos papéis, pedindo que eu continuasse.

Limpei a garganta e comecei a apresentação. Enquanto eu passava pelos diferentes aspectos da proposta, ele se manteve em silêncio, olhando fixamente para sua cópia do texto. Por que estava tão calmo? Eu sabia lidar com seu mau humor, mas aquele silêncio ensurdecedor? Aquilo estava me deixando nervosa. Eu estava inclinada sobre a mesa, explicando um grupo de gráficos, quando aconteceu.

– O cronograma deles para o primeiro resultado é um pouco ambici... – parei no meio da frase, com meu ar preso na garganta. A mão dele pressionou gentilmente a parte de baixo das minhas costas e então começou a descer até parar na curva da minha bunda. Nos nove meses em que trabalhávamos juntos, ele nunca havia me tocado intencionalmente.

E naquele momento fora definitivamente intencional.

O calor de sua mão queimou através da minha saia e chegou até a pele. Cada músculo do meu corpo ficou tenso, e senti como se minhas entranhas estivessem virando água. Que diabos ele estava fazendo? Meu cérebro gritou para eu tirar aquela mão dali e dizer para ele nunca mais me tocar de novo. Mas meu corpo tinha outras ideias. Meus mamilos endureceram, e apertei o queixo em resposta. *Mamilos traidores.*

Enquanto meu coração batia forte no peito, pelo menos meio minuto se passou, e nenhum de nós disse nada quando a mão dele se moveu para minha coxa e começou a acariciar. Nossas respirações e o barulho abafado da cidade lá

embaixo eram os únicos sons que pairavam no ar da sala de conferência.

– Vire-se, srta. Mills – sua voz calma quebrou o silêncio e eu aqueci minhas costas, com os olhos grudados à frente. Vagarosamente, eu me virei, enquanto ele passava a mão pelo meu corpo. Eu podia sentir a maneira como ele esticou a mão, tocando com a ponta dos dedos toda a extensão das minhas costas até pressionar seu polegar contra a pele macia dos meus quadris. Abaixei a cabeça para encontrar seus olhos, que me observavam de volta atentamente.

Podia ver seu peito subindo e descendo, cada respiração mais profunda do que a última. Um músculo tremeu em seu queixo quadrado quando seu polegar começou a se mover, acariciando lentamente de um lado para outro, os olhos ainda grudados nos meus. Ele estava esperando que eu o interrompesse. Tive muito tempo para afastá-lo ou simplesmente para me virar e ir embora. Mas havia muitas sensações dentro de mim que eu precisava digerir antes de poder reagir. Nunca tinha me sentido assim, e nunca imaginara que um dia me sentiria dessa maneira em relação a ele. Eu queria dar um tapa no rosto dele, e depois puxá-lo pela gola da camisa e lambe-lo seu pescoço.

– No que está pensando? – ele sussurrou, com os olhos ao mesmo tempo zombando e mostrando ansiedade.

– Ainda estou tentando descobrir.

Com aqueles olhos ainda presos aos meus, ele começou a deslizar a mão mais para baixo. Seus dedos percorreram minha coxa até a barra da saia. Então começou a subir a ponta do dedo, tracejando a alça da minha cinta-liga, esbarrando na renda que sustentava a meia. Um longo dedo deslizou por baixo do tecido fino e o puxou levemente para baixo. Eu soltei um suspiro entrecortado, de repente me sentindo como se estivesse derretendo por dentro. Como eu poderia deixar meu corpo reagir daquela maneira? Ainda queria lhe dar um tapa, mas agora, mais do que isso, eu queria que ele continuasse. Um desejo angustiado estava se concentrando entre as minhas pernas. Ele alcançou o topo da minha calcinha e deslizou os dedos debaixo do tecido. Senti sua carícia contra minha pele e o resvalar em meu clitóris antes de ele enfiar o dedo lá dentro, e então mordi os lábios, tentando, sem sucesso, abafar meu gemido. Quando olhei para baixo, gotas de suor estavam se formando em suas sobrancelhas.

– Merda – ele grunhiu silenciosamente. – Você está molhada – seus olhos se fecharam e ele parecia lutar a mesma batalha interna que eu enfrentava. Olhei para seu colo e pude ver o quanto ele pressionava contra o tecido macio da calça. Sem abrir os olhos, ele tirou o dedo e agarrou a renda fina da minha calcinha. Ele estava tremendo quando olhou para mim com uma expressão furiosa. Com um movimento rápido, rasgou a calcinha, e o som do tecido sendo partido ecoou pelo silêncio da sala vazia.

Ele puxou minhas coxas com força, colocando meu corpo em cima da mesa fria e abrindo minhas pernas na sua frente. Soltei um gemido involuntário quando os dedos dele voltaram, escorregando por entre minhas pernas e me penetrando novamente. Eu desprezava aquele homem com todas as minhas forças, mas meu corpo me traía – eu desejava que ele continuasse. Eu odiava admitir, mas ele era muito bom naquilo. Seu toque não era aquela coisa gentil e amorosa a que eu estava acostumada. Ali estava um homem habituado a conseguir o que queria, e acontece que, naquele momento, o que ele queria era eu. Minha cabeça pendeu para o lado quando me apoiei nos cotovelos, sentindo um orgasmo iminente se aproximando a todo vapor.

Para meu completo horror, soltei um sussurro implorando:

– Oh, por favor.

Ele parou de mexer, puxou os dedos de volta e manteve o punho fechado na frente do rosto. Eu me sentei, agarrando sua gravata de seda e puxando sua boca com força contra a minha. Seus lábios eram tão perfeitos quanto pareciam, firmes e suaves. Eu nunca tinha sido beijada por alguém que claramente conhecia cada ângulo e movimento provocante capaz de me deixar quase completamente louca.

Mordi seu lábio inferior enquanto minhas mãos rapidamente baixavam até o cós de sua calça, onde abri a fivela e tirei o cinto por inteiro.

– É melhor você estar pronto para terminar o que começou.

Ele soltou um grunhido raivoso do fundo da garganta e tomou minha blusa com as mãos, rasgando-a até abrir, fazendo os botões prateados se esparramarem pela mesa.

Então, deslizou as mãos pelas minhas costelas e sobre meus seios, apertando

com os polegares em meus mamilos endurecidos, com seu olhar sombrio fixado na minha expressão durante todo o tempo. Suas mãos eram grandes e tão ásperas que quase me machucavam, mas, em vez de reclamar ou me afastar, eu pressionei o corpo contra suas palmas, querendo ainda mais, e mais forte.

Ele rosnou e apertou ainda mais com os dedos. Passou pela minha mente que eu poderia ficar toda machucada e, por um instante de insensatez, eu desejei que ficasse. Eu queria uma lembrança dessa sensação, de estar completamente certa do que meu corpo queria, inteiramente liberada.

Ele se inclinou o bastante para morder meu ombro e então sussurrou:

– Você é uma putinha que gosta de provocar, não é?

Sem conseguir me aproximar mais, eu me apressei com seu zíper, tirando e jogando suas calças e cueca no chão. Então apertei forte seu pau, sentindo-o pulsar em minha mão.

A maneira como ele sussurrou meu *sobrenome* naquele momento – “*Mills*” – deveria enviar uma onda de fúria para dentro de mim, mas eu sentia apenas uma coisa: uma pura e embriagante luxúria. Ele forçou minha saia acima das coxas e me empurrou para trás sobre a mesa de conferência. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele segurou meus calcanhares, agarrou seu pau e deu um passo para frente, penetrando fundo dentro de mim.

Eu nem pude ficar horrorizada pelo gemido alto que soltei – aquilo era melhor do que qualquer coisa.

– O que foi? – ele sussurrou entre os dentes cerrados enquanto seus quadris batiam contra minhas coxas, colocando-o fundo e mais fundo. – Nunca foi fodida dessa maneira antes, não é? Você não ficaria provocando tanto se estivesse sendo fodida direito.

Quem ele pensava que era? E por que diabos o fato de ele estar certo me excitava tanto? Eu nunca tinha transado em nenhum outro lugar além da cama, e nunca tinha me sentido daquela maneira.

– Já tive melhores – provoqueei.

Ele riu, uma risada quieta e debochada.

– Olhe para mim.

– Não.

Ele tirou bem quando eu estava prestes a gozar. Por um instante, achei que iria me deixar ali daquele jeito, mas então ele agarrou meus braços e me puxou para fora da mesa, pressionando lábios e língua contra minha boca.

– *Olhe para mim* – repetiu. E, finalmente, como ele já não estava mais dentro de mim, eu consegui olhar. O sr. Ryan piscou uma vez, vagorosamente, com os longos e escuros cílios fechando e abrindo, e então disse: – Peça para eu te fazer gozar.

Seu tom de voz não parecia certo. Parecia quase uma pergunta. Mas suas palavras eram iguais a ele: todas distorcidas. Eu queria sim que ele me fizesse gozar. Mais do que qualquer coisa. Mas ele estava sonhando se achava que eu lhe pediria.

Baixei a voz e olhei em seus olhos.

– Você é um filho da puta, sr. Ryan.

O sorriso dele mostrou que, seja lá o que ele queria de mim, conseguiu. Eu quis dar uma joelhada no meio das suas pernas, mas, se fizesse isso, não teria mais daquilo que eu realmente desejava.

– Peça por favor, srta. Mills.

– *Por favor*, vá se foder.

A próxima coisa que senti foi o frio da janela contra meu peito, e gemi por causa do contraste de temperatura entre o vidro e a pele. Eu estava ardendo, cada parte de mim queria sentir o toque rude dele.

– Pelo menos você é consistente – ele disse em meu ouvido antes de morder meu ombro. Então, chutou meus pés. – Abra as pernas.

Separei as pernas e, sem hesitação, ele puxou meus quadris para trás e se aproximou mais, antes de enfiar tudo dentro de mim novamente.

– Você gosta do frio?

– Sim.

– Sua garota safada. Você gosta de se exhibir, não é? – ele murmurou, tomando minha orelha com os dentes – Você adora saber que toda Chicago pode olhar para cima e assistir você sendo fodida, e você está adorando cada minuto disso com seus peitinhos pressionados contra o vidro.

– Pare de falar, você está estragando o clima – eu respondi, embora ele não

estivesse. Nem um pouco. Sua voz grave estava me levando à loucura.

Ele apenas riu no meu ouvido, provavelmente percebendo como eu me arrepiava com suas palavras.

– Você quer que eles assistam você gozar?

Eu gemi em resposta, incapaz de formar palavras com cada estocada me pressionando cada vez mais contra a janela.

– Diga. Você quer gozar, srta. Mills? Responda ou vou parar e fazer você me chupar – ele disse, penetrando ainda mais fundo com cada estocada.

A parte de mim que o odiava estava se dissolvendo como açúcar na língua, e a parte que o desejava estava crescendo, ferosa e exigente.

– Apenas diga – ele se inclinou para frente, chupou minha orelha e depois mordeu com força. – E eu prometo que vou fazer você gozar.

– Por favor – eu disse, fechando os olhos para apagar todo o resto e apenas senti-lo. – Por favor. Sim, eu quero.

Ele esticou o braço e moveu as pontas dos dedos por cima do meu clitóris, exercendo a pressão perfeita, no ritmo perfeito. Eu podia sentir seu sorriso pressionado contra minha nuca e, quando ele abriu a boca e mordeu minha pele, eu gozei. Um calor se espalhou por minhas costas, ao redor dos quadris e entre as pernas, me jogando de volta contra ele. Minhas mãos bateram no vidro e meu corpo inteiro tremeu com o orgasmo que se espalhou em mim, me deixando sem ar. Quando finalmente acabou, ele saiu de dentro e me virou, mergulhando a cabeça para chupar meu pescoço, meu queixo, meus lábios.

– Diga obrigado – ele sussurrou.

Afundi minhas mãos em seu cabelo e puxei com força, esperando tirar alguma reação dele, querendo saber se ainda estava consciente ou se tinha perdido a cabeça. *O que é que nós estamos fazendo?*

Ele grunhiu, inclinando-se em minhas mãos e beijando meu pescoço de cima a baixo enquanto pressionava a ereção em minha barriga.

– Agora é a sua vez de me fazer sentir bem.

Soltei uma mão, alcancei seu pau e comecei a mexer. Ele era pesado e longo, e perfeito em minha mão. Eu queria dizer isso, mas nem em mil anos eu o deixaria saber o quão incrível ele era. Em vez disso, eu me afastei de seus lábios e lancei-

lhe um olhar provocante.

– Vou fazer você gozar tão forte que vai até se esquecer que é o maior filho da puta do planeta – grunhi, abaixando pelo vidro. Lentamente, coloquei seu pau inteiro na minha boca até encostar na garganta. Ele apertou os músculos e soltou um gemido profundo. Olhei para cima: ele estava com a testa e as palmas pressionadas contra o vidro, os olhos fechados com força. Ele parecia vulnerável, e ficou lindo naquele abandono.

Mas *não* estava vulnerável. Ele *era* o maior cretino do planeta e eu estava de joelhos na frente dele. Isso não poderia ficar assim.

Então, em vez de dar o que ele queria, eu me levantei, puxei minha saia de volta no lugar e o encarei. Foi mais fácil dessa vez, sem as mãos dele me tocando e me fazendo sentir coisas que não eram assunto dele.

Os segundos passaram sem que nenhum dos dois desviasse o olhar.

– Que merda você acha que está fazendo? – ele disse. – Ajoelhe-se e abra a boca.

– Sem chance.

Ajeitei minha blusa e saí da sala, rezando para que minhas pernas trêmulas não me traíssem.

De volta à minha sala, peguei minha bolsa e joguei o casaco nos ombros, tentando desesperadamente abotoá-lo com meus dedos que também tremiam. O sr. Ryan ainda não tinha saído, e torci para que o elevador chegasse antes que eu tivesse de vê-lo novamente.

Eu não me permiti sequer pensar no que havia acontecido, não até sair de lá. Eu tinha deixado ele me foder, me proporcionar o orgasmo mais incrível da minha vida, e então o deixara com as calças abaixadas na sala de conferências da empresa, com o pior caso de saco roxo que um cara poderia ter. Se fosse a vida de outra pessoa, eu estaria comemorando e rindo muito. Pena que não era.

Merda.

As portas do elevador se abriram e eu entrei, rapidamente apertando o botão e assistindo enquanto cada andar passava diante dos meus olhos. Assim que cheguei ao térreo, corri, atravessando a recepção. Ouvi o segurança dizer alguma coisa sobre trabalhar até tarde, mas apenas acenei e passei por ele com pressa.

A cada passo, a dor no meio das minhas pernas me lembrava dos eventos da

última hora. Quando cheguei no meu carro, destranquei-o com o controle, abri a porta e me joguei na segurança do banco de couro. Olhei para cima e enxerguei a mim mesma no espelho retrovisor.

Mas que merda foi aquela?

Dois

Droga. Estou fodido.

Eu estava encarando o teto desde que acordara, meia hora antes. Cabeça: uma bagunça. Pau: duro.

Bom, duro *de novo*.

Fiz uma careta para o teto. Não importava quantas vezes eu batesse uma. Depois que ela me deixara na noite anterior, parecia que a ereção nunca terminava. E, embora eu não achasse que fosse possível, estava pior do que as centenas de outras vezes que eu tinha acordado nesse estado. Pois desta vez eu sabia o que estava perdendo. E ela nem tinha me deixado gozar.

Nove meses. Nove meses de ereção matinal, masturbação e infinitas fantasias sobre uma pessoa que eu nem queria. Bom, isso não é completamente verdade. Eu a queria. Eu a queria mais do que qualquer outra mulher. O grande problema era que eu também a odiava.

E ela me odiava de volta. Quer dizer, ela *realmente* me odiava. Em todos os meus 31 anos, nunca conhecera alguém que me irritasse tanto quanto a srta. Mills.

Apenas seu nome já era suficiente para fazer meu pau acordar. *Maldito traidor*. Olhei para baixo onde o lençol formava uma verdadeira barraca. Esse membro estúpido era o culpado por me colocar naquela confusão. Esfreguei o rosto e sentei.

Por que eu simplesmente não consigo manter minhas calças no lugar? Fizera isso por quase um ano inteiro. Tudo estava funcionando. Mantive distância, dei ordens a torto e a direito... inferno, até *eu* devo admitir que fui um cretino. Mas então, simplesmente joguei tudo para o alto. Foi preciso apenas um instante, sentado naquela sala quieta, com seu perfume me envolvendo, aquela maldita saia e seu traseiro na minha cara. Eu enlouqueci.

Antes eu tinha certeza que, se a possuísse pelo menos uma vez, seria algo decepcionante e meu desejo acabaria. Finalmente teria um pouco de paz. Mas aqui estava eu, na minha cama, duro, como se meu último orgasmo tivesse sido há semanas. Olhei para o relógio: fora há apenas quatro horas.

Tomei um banho rápido, esfregando com força como se pudesse remover qualquer traço dela que permanecera em mim desde a noite anterior. Isso iria parar, isso *tinha* de parar. Bennett Ryan não age como um adolescente excitado qualquer, e certamente não brinca com trabalho. A última coisa que precisava era de uma mulher carente para estragar tudo. Eu não podia permitir que a srta. Mills tivesse esse tipo de controle sobre mim.

Mas tudo estava tão melhor antes de saber o que eu estava perdendo. Por mais desagradável que as coisas estivessem, agora estavam milhões de vezes piores.



Eu estava caminhando para o meu escritório quando ela entrou. Por causa da maneira como ela tinha ido embora na noite passada – praticamente correndo para a porta –, eu imaginei que havia dois cenários possíveis à minha espera. Ou ela ficaria jogando olhares para mim, pensando que a noite passada significava alguma coisa, que *nós juntos* significávamos alguma coisa. Ou ela iria me foder completamente.

Se as pessoas soubessem o que nós tínhamos feito, eu não apenas perderia meu emprego, mas perderia tudo o que conquistara. Mas, por mais que a odiasse, eu não conseguia imaginar ela fazendo algo desse tipo. Se tinha uma coisa que aprendera sobre ela, era que a srta. Mills era confiável e leal. Ela podia ser uma megera odiosa, mas eu não achava que ela poderia me jogar aos leões. Ela trabalhava para a Ryan Media Group desde a faculdade e havia motivos para a empresa valorizá-la. Agora, faltavam poucos meses para ela tirar seu MBA, e depois poderia ter o emprego que quisesse. Ela não iria arriscar tudo isso de jeito nenhum.

Mas não é que ela me ignorou completamente? Entrou vestindo um casaco que ia até os joelhos – a coisa cobria tudo o que estava por baixo, mas fazia um ótimo trabalho mostrando aquelas pernas incríveis.

Ah, merda... se ela estava usando aqueles sapatos, então havia uma boa chance de... *Não, não aquele vestido. Por favor, pelo amor de Deus, não aquele vestido.* Eu sabia muito bem que não teria força de vontade para resistir a isso naquele dia.

Olhei para seu rosto enquanto ela pendurava o casaco no armário e sentava em sua mesa.

Bom, agora fodeu de vez, aquela menina realmente sabia como provocar. Era o vestido branco. Com um decote que descia para acentuar a pele macia do

pescoço e um tecido delicado que envolvia perfeitamente aqueles seios maravilhosos, o vestido era a perdição da minha existência, meu céu e inferno embrulhados num pacote delicioso.

A barra ficava um pouco abaixo dos joelhos e isso era a coisa mais sexy que eu já tinha visto. Não era provocante em si, mas havia algo sobre o corte e aquela maldita brancura virginal que me deixava duro praticamente pelo dia inteiro. E ela sempre deixava o cabelo solto quando o vestia. Uma das minhas fantasias recorrentes era tirar todas aquelas presilhas que ela costumava usar, agarrar um tufo do cabelo e depois fodê-la com vontade.

Deus, ela me irritava.

Antes que ela me cumprimentasse, eu virei, entrei na minha sala e bati a porta. Por que ela ainda me afetava desse jeito? Eu nunca tinha deixado que nada nem ninguém me distraísse no trabalho, e eu a odiava por ser a primeira.

Mas parte de mim gostava da lembrança de sua expressão vitoriosa quando saiu e me deixou sem voz, praticamente implorando para ela me chupar. A garota tinha uma coragem de ferro.

Sorri um pouco e então voltei a me concentrar em odiá-la.

Trabalho. Eu iria me focar apenas no trabalho e parar de pensar nela. Andei até minha mesa e sentei, tentando direcionar minha atenção para qualquer coisa que não a maravilha que fora sentir aqueles lábios fantásticos me envolvendo.

Isso não está ajudando, Bennet.

Abri o laptop para checar minha agenda para o dia. Minha agenda... merda. A maldita tinha a versão mais atualizada no computador *dela*. Eu esperava não perder nenhuma reunião, pois não chamaria a Rainha do Gelo ali, a não ser que fosse realmente indispensável.



Enquanto eu analisava uma planilha, alguém bateu à porta.

– Entre – eu disse. Um envelope branco foi jogado na minha mesa. Ergui os olhos e vi a srta. Mills me encarando com uma sobrancelha erguida em desafio. Sem explicação, ela se virou e saiu da minha sala.

Olhei para o envelope e entrei em pânico. Provavelmente era uma carta formal detalhando minha conduta e indicando sua intenção de entrar com um processo por assédio no trabalho. Esperei encontrar um papel timbrado e sua assinatura embaixo.

O que eu não esperava era o recibo de uma loja de roupas on-line... pago com a

cartão de crédito da empresa! Levantei rapidamente da cadeira e corri atrás dela. A srta. Mills estava se dirigindo para a escada. Bom. Estávamos no 18º andar e ninguém, além de nós dois, usava a escada. Portanto, eu poderia gritar com ela o quanto quisesse e ninguém atrapalharia.

A porta fechou com um som alto e os saltos dela ecoaram pelos degraus abaixo.

– Srta. Mills, aonde você acha que está indo?

Ela continuou andando, sem se virar ou olhar para mim.

– Estamos sem café – ela disse, secamente. – Então, como sua *secretária*, vou descer até a cafeteria do 14º andar e trazer mais. Não podemos deixar o senhor ficar sem sua preciosa cafeína.

Como alguém tão gostosa podia ser tão metida? Alcancei-a no pavimento entre os andares e agarrei seu braço, empurrando-a contra a parede. Seus olhos se estreitaram de raiva e seus dentes se apertaram. Agitei o recibo na frente de seu rosto, encarando-a de volta.

– O que é isto?

Ela balançou a cabeça.

– Olha, para um sabe-tudo egocêntrico, você às vezes realmente é um filho da puta burro. O que isso parece? É um recibo.

– Disso eu sei – grunhi, enquanto amassava a coisa no punho fechado. Então pressionei uma ponta do papel em sua pele delicada um pouco acima dos seios e senti meu pau se contrair quando ela perdeu o fôlego e seus olhos dilataram. – Por que você está comprando roupas com o cartão da empresa?

– Porque um cretino rasgou minha blusa – ela deu de ombros, inclinou o rosto para mais perto e sussurrou: – *E a minha calcinha.*

Bom, que merda.

Inspirei fundo pelo nariz e joguei o papel no chão. Então me inclinei para frente e pressionei meus lábios contra os dela, agarrando seus cabelos e apertando-a contra a parede. Meu pau pulsou contra a barriga dela quando senti sua mão agarrar meu cabelo também, puxando-o com força.

Subi o vestido dela pelas coxas e rosnei em sua boca quando meus dedos encontraram mais uma vez o topo de sua meia. Ela fazia isso para me atormentar, *tinha* de ser isso. Senti sua língua percorrer meus lábios enquanto a ponta dos meus dedos massageava a parte molhada de sua calcinha. Agarrei o tecido e puxei com força.

– Então anote na sua agenda para comprar outra – eu disse, depois pressionei minha língua entre seus lábios e para dentro de sua boca.

Ela gemeu profundamente quando enfiei dois dedos e ela parecia ainda mais

molhada do que na noite passada, se é que isso era possível. Estávamos criando uma situação realmente difícil. Ela se livrou dos meus lábios enquanto eu a fodia com os dedos, meu polegar esfregando seu clítoris vigorosamente.

– Tire o pau para fora – ela disse. – Preciso sentir você dentro de mim. Agora. Apertei os olhos em sua direção, tentando esconder o efeito que as palavras dela tiveram sobre mim.

– Diga por favor, srta. Mills.

– *Agora* – ela disse, com ainda mais urgência.

– Então você quer ser a mandona agora?

Ela me lançou um olhar que encolheria o pau de qualquer homem menos cheio de si, e eu ri da situação. A srta. Mills realmente tinha muita coragem.

– Ainda bem que estou me sentindo generoso hoje.

Tirei rapidamente o cinto e abaixei a calça, então ergui seu corpo e enfiei com força. Deus, ela era incrível. Melhor que qualquer coisa. Isso ajudava a explicar por que eu não conseguia tirá-la da minha cabeça, e uma pequena voz disse que eu provavelmente nunca me cansaria disso.

– Caralho – murmurei.

A srta. Mills perdeu o fôlego e senti seus músculos se apertarem enquanto me envolviam. Ela mordeu o ombro do meu casaco e passou uma perna ao redor do meu corpo quando comecei a estocar mais rápido e mais forte, apertando-a contra a parede. Alguém poderia entrar na escada e me flagrar comendo ela, mas eu não estava nem aí. Eu precisava tirá-la do meu sistema.

Ela levantou a cabeça do meu ombro e foi me mordendo pelo pescoço até chegar ao meu lábio inferior.

– Quase – ela gemeu enquanto apertava a perna no meu quadril pedindo para enfiar mais fundo. – Estou quase gozando.

Perfeito.

Enterrei meu rosto em seu pescoço e cabelos para abafar meu gemido quando gozei forte e repentinamente dentro dela, apertando sua bunda com as mãos.

Antes que ela pudesse continuar se esfregando em mim, eu tirei e a coloquei de pé em suas pernas bambas.

Ela me encarou com um olhar raivoso. A escadaria se encheu com um silêncio pesado.

– *Você está brincando?* – ela disse, arfando alto. Sua cabeça pendeu para trás e encostou na parede com um som abafado.

– Obrigado, isso foi fantástico – puxei minhas calças, que estavam abaixadas até os joelhos.

– Você é um filho da puta.

– Você já disse isso antes – murmurei, olhando para baixo enquanto puxava o zíper.

Quando olhei de novo para cima, ela tinha ajeitado o vestido, mas ainda parecia lindamente desarrumada, e parte de mim desejou esticar o braço para acariciá-la até fazê-la gozar. Mas uma parte maior se satisfazia ainda mais com a frustração raivosa em seu olhar.

– Faça para os outros aquilo que você quer que façam para você.

– Pena que você é uma transa tão ruim – ela respondeu calmamente. A srta.

Mills se virou para continuar descendo as escadas, mas parou abruptamente e girou de volta. – E ainda bem que estou tomando pílula. Obrigada por perguntar, filho da puta.

Assisti enquanto ela desaparecia escada abaixo, e então voltei para minha sala.

Joguei meu corpo na cadeira, passei as mãos no cabelo e tirei sua calcinha rasgada do bolso do meu casaco. Por um momento encarei o tecido de seda branco, segurando-o entre os dedos, então abri a gaveta e guardei a peça ao lado da calcinha da noite passada.



Como eu consegui descer aquelas escadas sem me matar é algo que nunca vou entender. Corri de lá como se estivesse pegando fogo, deixando o sr. Ryan sozinho na escadaria com o queixo caído, as roupas desalinhadas e o cabelo para trás, como se ele tivesse sofrido um ataque.

Passando direto pela cafeteria do 14º andar e pulando o último pavimento com um só movimento – tarefa nada fácil com esses sapatos –, abri a porta de metal e me encostei na parede, arfando.

O que foi que acabou de acontecer? Eu transei com meu chefe na escada?

Tomei fôlego e coloquei as mãos na frente da boca. Eu tinha mandado ele fazer isso? *Oh, Deus. O que há de errado comigo?*

Atordoadada, arrastei meu corpo pela parede e subi alguns lances de escada até o banheiro mais próximo. Olhei rapidamente para ter certeza que não havia ninguém ali, então fechei o trinco na porta principal. Ao me aproximar do espelho, estremeci. Parecia que eu tinha passado por uma centrífuga e depois sido posta para secar.

Meu cabelo estava um pesadelo. Todas as minhas ondas, que penteei com tanto cuidado, estavam agora completamente embaraçadas. Aparentemente, o Sr. Ryan gostava do meu cabelo solto. Eu precisava me lembrar disso.

Espere. O quê?! De onde eu tinha tirado isso? Eu certamente não precisava me lembrar disso. Soquei a pia e me aproximei para medir o estrago.

Meus lábios estavam inchados, minha maquiagem estava borrada. Meu vestido estava esticado, praticamente pendurado no meu corpo, e mais uma vez eu estava sem calcinha.

Filho. Da. Puta. Era a segunda calcinha. O que ele fazia com elas, afinal de contas?

– Oh, Deus – eu disse, entrando em pânico. Será que a primeira calcinha ficou jogada na sala de conferência? Será que ele lembrou de jogar fora? Eu deveria perguntar, só para ter certeza. Mas não. Eu não lhe daria a satisfação de sequer reconhecer essa... essa... o que era isso?

Balancei a cabeça, esfregando o rosto com as mãos. Deus, eu armara uma imensa confusão. Quando cheguei ao trabalho naquela manhã, eu tinha um plano. Iria entrar lá, jogar o recibo naquele rostinho bonito e mandar ele enfiar no cu. Mas acontece que ele estava tão sexy naquele terno Prada cinza, e o cabelo todo arrumado como se estivesse gritando “Transe comigo”, que eu simplesmente perdi qualquer pensamento coerente. Patético. O que esse cara tinha que transformava meu cérebro em geleia e molhava minha calcinha inteira?

Isso não era bom. Como eu conseguiria encará-lo sem ficar imaginando ele pelado? Certo, bom, não *pelado* em si. Tecnicamente, eu ainda não o vira completamente nu, mas o que vira já era o suficiente para causar um arrepio por todo o meu corpo.

Oh, não. Eu acabei de usar a palavra “ainda”?

Eu poderia pedir demissão. Pensei nisso por um instante, mas não gostei da maneira como me senti. Eu amava meu trabalho, e o sr. Ryan podia ser o maior babaca do mundo, mas eu conseguira lidar com isso por nove meses e – com exceção das últimas 24 horas – sabia controlá-lo como ninguém. E, por mais que odiasse admitir, eu adorava assisti-lo trabalhando. Ele era um cretino porque era intensamente impaciente e ao mesmo tempo obcecado pela perfeição; ele esperava de todos o mesmo padrão que mantinha para si mesmo e não aceitava nada menos do que o melhor de cada um. Mesmo que nem sempre gostasse de seus métodos, eu tinha de admitir que sempre gostei de sua expectativa de que eu trabalharia mais duro, melhor e de que eu faria qualquer coisa para conseguir resultados. Ele realmente era um gênio do mundo do marketing, sua família inteira era.

E isso era a outra coisa a se considerar. Sua família. Meu pai morava em Dakota do Norte e, quando eu começara como recepcionista ainda na faculdade, Elliott Ryan fora muito bondoso comigo. Todos eles foram. O irmão de Bennett, Henry,

era outro executivo sênior e o cara mais legal que eu já conhecera. Eu amava todos ali, então pedir demissão simplesmente não era uma opção.

O problema maior era minha bolsa de estágio. Eu precisava apresentar minha experiência no mundo real para a banca da JT Miller antes de completar meu MBA, e queria que minha tese fosse espetacular. Foi por isso que fiquei na RMG: Bennett Ryan me ofereceu a conta da Papadakis – o plano de marketing da empreiteira multibilionária –, o que era maior do que o projeto de qualquer colega meu. Se eu saísse agora, quatro meses não seriam suficientes para começar em outro lugar e arrumar algo decente para apresentar... ou seriam? Não. Definitivamente eu não poderia deixar a Ryan Media.

Com isso decidido, eu sabia que precisava de um plano de ação. Precisava manter minha postura profissional e me certificar de que o sr. Ryan e eu nunca, jamais, cairíamos em tentação, mesmo que fosse de longe a transa mais quente e intensa de toda a minha vida... eu teria de ser forte, mesmo com ele me impedindo de gozar.

Maldito.

Eu era uma mulher forte e independente. Tinha uma carreira para construir e trabalhara ridiculamente duro para chegar onde estava. Minha mente e meu corpo não se guiavam pela luxúria. Eu precisava apenas lembrar do quão estúpido ele era. Ele era um sedutor barato, arrogante, chauvinista, que pensava que todo mundo ao seu redor era idiota.

Sorri para mim mesma no espelho e percorri minha coleção de memórias recentes de Bennett Ryan.

“Eu agradeço que você tenha preparado café para mim ao fazer o seu próprio, srta. Mills, mas, se eu quisesse lama para beber, eu teria enterrado minha xícara no jardim hoje de manhã.”

“Se você for insistir em castigar o teclado como se estivesse caçando ratos na sua cidadezinha, srta. Mills, eu peço que mantenha a porta entre as nossas salas fechada.”

“Você tem alguma boa razão para demorar tanto com o rascunho dos contratos? Seu hábito de ficar sonhando acordada com os garotos da fazenda está tomando todo seu tempo?”

Inferno, na verdade, isso seria mais fácil do que eu pensava.

Sentindo uma nova brisa de determinação, ajeitei meu vestido, arrumei o cabelo e marchei, sem calcinha e confiante, para fora do banheiro. Rapidamente peguei o café que tinha ido buscar e me dirigi para minha sala, evitando as escadas.

Abri a sala e entrei. A porta para o escritório do sr. Ryan estava fechada e não havia barulho nenhum lá dentro. Talvez ele tivesse saído. *Só se eu estivesse com sorte.* Sentei em minha cadeira, peguei minha nécessaire na gaveta e arrumei a maquiagem antes de voltar a trabalhar. A última coisa que eu queria era dar de cara com ele, mas, como eu não pretendia me demitir, em algum momento teria de enfrentar a situação.

Quando olhei para o calendário, lembrei que na segunda-feira o sr. Ryan teria uma apresentação para os outros executivos. Estremeci quando percebi que isso significava que eu teria de falar com ele ainda naquele dia para preparar o material. Ele também tinha uma convenção em San Diego no mês seguinte, o que significava que eu não só teria de ficar no mesmo hotel que ele, mas também no avião, no carro da empresa e em qualquer reunião que surgisse. Não, imagina, não haveria constrangimento algum.

Durante a hora seguinte, fiquei olhando de tempos em tempos para sua porta. E, cada vez que fazia isso, meu estômago começava a embrulhar. Isso era ridículo! O que havia de errado comigo? Fechei o arquivo que, sem sucesso, estava tentando ler e baixei a cabeça nas minhas mãos no mesmo instante em que ouvi a porta se abrindo.

O sr. Ryan saiu de lá, sem olhar nos meus olhos. Ele tinha arrumado as roupas, estava com o casaco pendurado no braço e tinha uma maleta na mão, mas o cabelo ainda estava bagunçado.

– Estou encerrando por hoje – ele disse, estranhamente calmo. – Cancele meus compromissos e faça os ajustes necessários.

– Sr. Ryan – eu disse, fazendo-o parar com a mão na maçaneta –, por favor, não se esqueça que o senhor tem uma apresentação para o comitê executivo na segunda-feira às dez – falei, com ele de costas para mim. Ele ficou parado como uma estátua, os músculos tensos. – Se o senhor preferir, eu posso preparar as planilhas, os portfólios e os slides na sala de conferência às nove e meia.

Certo, eu até que estava gostando disso. Não havia nada na postura dele que dissesse “estou confortável”. Ele assentiu brevemente e começou a sair, quando eu o impedi novamente.

– E, sr. Ryan? – acrescentei suavemente. – Preciso da sua assinatura nesses relatórios de despesas antes que o senhor vá embora.

Seus ombros caíram e ele expirou com força. Girou nos calcanhares para se dirigir até minha mesa e, ainda sem encontrar meus olhos, se abaixou e percorreu os papéis com o olhar, procurando o lugar das assinaturas.

Coloquei uma caneta na mesa.

– Por favor, assine na linha indicada, senhor.

Ele odiava ouvir uma ordem para fazer algo que já estava fazendo, e eu tive de conter uma risada. Pegando a caneta com raiva, ele vagarosamente levantou o queixo, trazendo seus olhos castanhos ao mesmo nível dos meus. Nós nos encaramos por uma eternidade, sem que nenhum dos dois desviasse o olhar. Por um breve momento, eu senti uma vontade irresistível de me inclinar, chupar seu lábio inferior e implorar que ele me tocasse.

– Não repasse minhas ligações – ele disse, ríspido, assinando rapidamente a última página e jogando a caneta na minha mesa. – Se acontecer uma emergência, ligue para o Henry.

– Cretino – murmurei para mim mesma enquanto ele desaparecia.



Dizer que meu fim de semana foi um lixo seria um eufemismo. Eu mal comi, mal dormi, e o pouco sono que tive foi interrompido por fantasias do meu chefe nu em cima, em baixo, atrás de mim. Eu quase desejei a volta às aulas apenas para ter algo com que me distrair.

Acordei no sábado de manhã frustrada e mal-humorada, mas consegui me concentrar e cuidar da casa e das compras. Porém, no domingo de manhã, eu não tive tanta sorte. Acordei com um sobressalto, arfando e tremendo, meu corpo todo suado e contorcido em meio aos lençóis de algodão. Tivera um sonho tão intenso que até cheguei a um orgasmo: o sr. Ryan e eu estávamos na sala de

conferência novamente, mas desta vez completamente nus. Ele estava deitado de costas e eu o cavalgava, meu corpo deslizando para frente e para trás, subindo e descendo em seu pau. Ele me tocava por inteiro: ao lado do rosto, no pescoço, entre os seios, até chegar nos quadris, onde guiava meus movimentos. Eu me despedacei quando nossos olhos se encontraram.

– Merda – grunhi quando pulei da cama. Isso estava indo rapidamente de mal a pior. Quem diria que trabalhar para um idiota resultaria em ser fodida contra uma janela fria no trabalho e ainda por cima gostar?

Liguei o chuveiro e, enquanto esperava a água esquentar, meus pensamentos começaram a divagar novamente. Eu queria vê-lo olhando para cima no meio das minhas pernas, queria ver sua expressão enquanto subia em mim, enfiava lá dentro e sentia o quanto eu o desejava. Eu ansiava por ouvir sua voz dizendo meu nome quando ele gozasse.

Meu coração afundou no peito. Fantasiar sobre ele era um viagem sem volta para a terra dos problemas. Eu estava prestes a conseguir meu diploma. Ele era um executivo. Ele não tinha nada a perder, enquanto eu tinha tudo.

Tomei banho e me arrumei rapidamente para meu almoço com Sara e Julia. Sara e eu nos víamos todos os dias no trabalho, mas Julia, minha melhor amiga desde o colégio, era mais difícil de encontrar. Ela era uma compradora na Gucci e enchia meu armário com amostras e sobras de liquidação. Graças a ela e a seus descontos, eu possuía algumas das roupas mais lindas que o dinheiro podia comprar. Eu ainda pagava caro por elas, mas valia a pena. Tinha um bom salário na Ryan Media, e minha bolsa cobria todos os custos com educação, mas ainda assim eu não poderia gastar 1900 dólares em um vestido sem depois querer cometer suicídio.

Às vezes eu me pergunto se o Elliott me paga tão bem porque sabe que sou a única que consegue lidar com seu filho. Ah, se ele soubesse de certas coisas...

Decidi que seria uma péssima ideia conversar com as garotas sobre o que estava acontecendo. Quer dizer, a Sara trabalha para Henry Ryan e cruza com Bennett a toda hora. De jeito nenhum eu poderia pedir que ela mantivesse esse tipo de segredo. Julia, por outro lado, chutaria o meu traseiro. Por quase um ano ela escutou minhas reclamações sobre o quão idiota ele era, e com certeza não

ficaria feliz em saber que estávamos transando.

Duas horas depois, eu estava sentada com minhas duas melhores amigas, bebendo uma batida de champanhe e frutas no pátio de nosso restaurante favorito, conversando sobre homens, roupas e trabalho. Julia me surpreendeu com um vestido feito com o tecido mais suntuoso que eu já tinha visto. Estava dentro de uma sacola pendurada na cadeira ao meu lado.

– Então, como vai o trabalho? – Julia perguntou, entre uma mordida e outra em seu melão. – Aquele imbecil do seu chefe ainda está te enchendo o saco, Chloe?

– Ai, aquele cretino irresistível – Sara suspirou, e eu fiquei olhando para minha batida de champanhe. Ela colocou uma uva na boca e começou a falar: – Deus, você precisa ver ele, Julia. Esse é o apelido mais perfeito que já ouvi. Ele é um deus. É sério. Não tem nada de errado com ele, fisicamente. O rosto perfeito, corpo, roupas, cabelo... Oh, Deus, o cabelo. Ele tem aquele tipo de cabelo que parece cuidadosamente desarrumado – ela disse, fazendo um gesto em sua própria cabeça. – Como se tivesse acabado de transar com alguém.

Eu revirei os olhos. Não precisava que me lembrassem daquele cabelo.

– Mas... e não sei o que a Chloe te contou... ele é terrível – continuou Sara, ficando cada vez mais séria. – Quer dizer, depois de quinze minutos de conversa, eu quis furar todos os pneus do carro dele. É o maior idiota que já conheci.

Quase engasguei com um pedaço de abacaxi. Se a Sara soubesse... Realmente, o cara era abençoado em se tratando de anatomia. Era injusto condená-lo por isso.

– Mas por que ele é tão idiota assim?

– Vai saber... – Sara disse, e então piscou como se estivesse tentando entender os motivos. – Talvez a infância tenha sido difícil.

– Você já viu a família dele? – eu perguntei, com ceticismo. – Eles até parecem ter saído de uma daquelas pinturas do Norman Rockwell de tão perfeitos que são.

– É verdade – ela reconheceu. – Talvez seja algum tipo de mecanismo de defesa. Tipo, ele pode ser cruel assim porque sente que precisa trabalhar mais duro do que qualquer um para provar que não é só um rostinho bonito que conseguiu um cargo de chefia.

Eu ri.

– Não existe uma razão por trás disso. Ele pensa que todo mundo deveria se importar e trabalhar tanto quanto ele, mas a maioria das pessoas não pensa assim. E isso irrita ele.

– Você está *defendendo* ele, Chloe? – Sara perguntou com um sorriso de surpresa no rosto.

– Definitivamente *não*.

Percebi que os olhos azuis de Julia estavam me encarando e se apertaram num silêncio acusador. Eu tinha reclamado bastante do meu chefe para ela nos últimos meses, mas talvez eu tivesse “esquecido” de mencionar o fato de que ele era lindo.

– Chloe, o seu chefe é um gostosão? Você estava escondendo isso de mim? – ela perguntou.

– Ele é bonitão, mas sua personalidade é muito difícil de aguentar – tentei parecer o mais indiferente possível. Julia sabia como ler todos os meus pensamentos.

– Bom – ela disse, levantando os ombros e tomando um longo gole de sua batida –, talvez ele viva irritado porque tem um pau pequeno.

Bebi o resto do meu champanhe enquanto minhas duas amigas riam sem parar.



Na segunda-feira de manhã, eu estava um pilha de nervos enquanto entrava no prédio da empresa. Tinha tomado uma decisão: não iria sacrificar meu emprego por causa da nossa falta de juízo. Eu queria encerrar essa posição com uma apresentação perfeita para a banca examinadora do MBA, e então sair e seguir com a minha carreira. Chega de sexo, chega de fantasias. Eu poderia tranquilamente trabalhar – *apenas profissionalmente* – com o sr. Ryan por mais alguns meses.

Sentindo necessidade de incrementar minha confiança, usei o vestido novo que a Julia me deu. Ele acentuava minhas curvas sem ser muito provocativo. Mas minha arma secreta era minha calcinha. Sempre gostei de lingerie caras, e desde cedo aprendi onde encontrar os melhores preços. Vestir algo sexy debaixo das

minhas roupas faz eu me sentir poderosa, e a calcinha que eu estava usando com certeza cumpria essa função. Na frente, era de seda preta enfeitada com bordados, e a parte de trás era formada por uma série de fitas de tule que se entrecruzavam no centro, onde havia um gracioso laço preto. Com cada passo, o tecido do vestido acariciava minha pele. Hoje eu poderia aguentar qualquer coisa que o sr. Ryan dissesse, e poderia dizer tudo de volta se fosse preciso.

Cheguei cedo para ter tempo de preparar a apresentação. Não fazia exatamente parte do meu trabalho, mas o sr. Ryan se recusava a ter uma assistente exclusiva para isso, e quando ele fazia as coisas sozinho as apresentações acabavam sendo um desastre no campo das amenidades: nada de café ou comida, apenas uma sala cheia de gente, slides e folhetos perfeitos e, como sempre, trabalho sem fim.

O saguão do prédio – um vasto espaço com a altura de três andares, que reluzia com granito polido no chão e mármore nas paredes – estava vazio. Quando as portas do elevador se fecharam atrás de mim, comecei a me preparar mentalmente, lembrando de todas as discussões que tivemos e dos comentários maldosos que ele fazia.

“Digite, não escreva nada à mão. Sua caligrafia parece a de uma criança da terceira série, srta. Mills.”

“Se eu quisesse ouvir toda a sua conversa com sua conselheira de graduação, eu deixaria minha porta aberta e pegaria um balde de pipoca. Por favor, fale mais baixo.”

Eu conseguiria fazer isso. Aquele cretino escolhera a mulher errada para maltratar, e eu não iria deixar ele me intimidar. Passei a mão pelas curvas da minha bunda e sorri determinada. *Calcinha do poder.*

Como eu já esperava, o escritório ainda estava vazio quando cheguei. Juntei tudo o que seria necessário para a apresentação e me dirigi à sala de conferência.

Tentei ignorar as imagens que surgiram em minha mente ao rever as grandes janelas e a enorme mesa.

Pare com isso, corpo. Cérebro, faça alguma coisa.

Olhando ao redor da sala ensolarada, preparei os arquivos e o laptop na mesa e ajudei os funcionários que serviam a comida a arrumar o café da manhã junto à parede do fundo.

Vinte minutos depois, as propostas estavam engatilhadas, o projetor estava preparado e as bebidas também. Com tempo sobrando, acabei me aproximando das janelas. Estiquei o braço e toquei o vidro liso, arrebatada pela lembrança das sensações: o calor de seu corpo contra minhas costas, o frio do vidro contra meus seios e o som animalesco de sua voz no meu ouvido.

“Apenas diga. E eu prometo que vou fazer você gozar.”

Fechei os olhos e me inclinei, pressionando as palmas das mãos e a testa contra a janela, e permiti que o poder das memórias tomasse conta de mim.

Fui arrancada de minhas fantasias pelo som de alguém limpando a garganta.

– Sonhando acordada no trabalho?

– Sr. Ryan – engoli em seco, minha mente começando a girar. Nossos olhos se encontraram e mais uma vez fui atingida por sua beleza. Ele quebrou o contato visual para examinar a sala.

– Srta. Mills – ele disse, cada palavra soando ríspida e cortante –, vou fazer a apresentação no quarto andar.

– Como é? – perguntei, com a irritação invadindo meu corpo. – Por quê? Sempre usamos esta sala. E por que você esperou até o último minuto para me dizer isso?

– Porque eu sou o chefe – ele rugiu, apoiando-se em seus punhos fechados sobre a mesa. – Sou eu quem faz as regras, e sou eu quem decide onde e quando as coisas acontecem. Talvez se você não estivesse tão compenetrada olhando pelas janelas, poderia ter confirmado comigo os detalhes hoje de manhã.

Minha mente foi inundada por imagens das minhas mãos agarrando a garganta dele. Tive de exercer todo o autocontrole que possuía para não pular sobre a mesa e estrangulá-lo. Um sorriso de satisfação surgiu em seu rosto.

– Que seja – eu disse, engolindo minha irritação. – Nenhuma boa decisão parece ser tomada nesta sala, de qualquer maneira.



Quando entrei na outra sala de conferência, meus olhos imediatamente se encontraram com os do sr. Ryan. Sentado em sua cadeira, ele juntou as mãos à

sua frente como sempre fazia. Era o retrato perfeito da impaciência. *Típico.*

Então, notei a pessoa ao meu lado: Elliott Ryan.

– Deixe-me ajudá-la com isso, Chloe – ele disse, tomando uma pilha de pastas dos meus braços para que eu pudesse manobrar com mais facilidade o carrinho cheio de comida.

– Obrigada, sr. Ryan – lancei um olhar frio ao seu filho e meu chefe.

– Chloe – disse o velho sr. Ryan, rindo. Ele pegou alguns folhetos e começou a distribuir para as pessoas ao redor da mesa –, quantas vezes preciso dizer para você me chamar de Elliott?

Ele era tão bonito quanto seus dois filhos. Os três Ryans eram altos e musculosos, e compartilhavam os mesmos traços esculpidos. Desde que eu o conhecera, os cabelos grisalhos de Elliott tinham embranquecido de vez, mas ele ainda era um dos homens mais bonitos que eu já vira.

Sorri agradecida para ele, sentei e disse:

– Como vai a Susan?

– Ela está bem. Continua me perguntando quando você vai jantar com a gente – ele acrescentou, jogando uma piscadela. Eu não deixei de perceber o jovem Ryan bufando de irritação ao meu lado.

– Por favor, mande um “olá” para ela.

Ouvi passos atrás de mim e uma mão puxou gentilmente minha orelha.

– Oi, criança! – disse Henry Ryan, sorrindo para mim. Então se virou para falar com o resto da sala. – Desculpem pelo atraso. Achei que iríamos nos encontrar no andar de vocês.

Joguei um olhar malicioso com o canto do olho para meu chefe. A pilha de folhetos voltou para mim e entreguei uma cópia para ele.

– Aqui está, sr. Ryan.

Sem nem mesmo olhar para mim, ele agarrou os folhetos e começou a folheá-los.

Estúpido.

Quando fui me sentar, a voz grave de Henry disse:

– Ah, Chloe, enquanto fiquei lá em cima esperando, encontrei isto no chão – andei até onde ele estava e vi dois botões prateados antigos em sua mão. – Você

poderia tentar descobrir se alguém perdeu? Eles parecem caros.

Senti meu rosto derreter. Tinha esquecido completamente da minha blusa rasgada.

– Hum... claro.

– Henry, posso dar uma olhada nesses botões? – disse o cretino de repente, tomando-os das mãos de seu irmão. Ele se virou para mim com um sorriso. – Você não tem uma blusa com botões iguais?

Olhei rapidamente ao redor da sala; Henry e Elliott já estavam absorvidos em outra conversa, sem perceber o que acontecia entre nós.

– Não – eu disse, tentando soar o mais desinteressada possível. – Não tenho.

– Você tem certeza? – tomando meu pulso, ele percorreu com o dedo desde meu braço até a palma da minha mão, onde colocou os botões e a fechou. Minha respiração ficou presa na garganta e meu coração batia ferozmente contra o peito.

Tirei a mão rapidamente, como se tivesse sofrido uma queimadura.

– Tenho certeza.

– Eu podia jurar que a blusa que você vestiu no outro dia tinha botões prateados. Aquela blusa rosa, sabe? Eu lembro porque notei que um deles estava meio solto quando você foi me procurar no escritório.

Senti meu rosto queimar ainda mais, se é que isso era possível. O que ele estava fazendo? Por acaso ele queria insinuar que eu tinha armado para que ficássemos sozinhos na sala de conferência?

Inclinando e chegando mais perto, com sua respiração quente no meu ouvido, ele sussurrou:

– Você realmente deveria ser mais cuidadosa.

Tentei manter a calma ao afastar minha mão.

– Seu cretino – respondi com os dentes cerrados antes que ele se afastasse, parecendo surpreso.

Mas por que estava surpreso, como se fosse eu quem tivesse quebrado as regras? Uma coisa era ser um babaca comigo, mas colocar em risco minha reputação na frente de outros executivos? Ele iria ouvir umas verdades mais tarde!

Durante a reunião, trocamos olhares, meus olhos cheios de raiva e os dele, de

incerteza. Encarei as planilhas na minha frente sempre que possível para evitá-lo.

Assim que tudo acabou, juntei minhas coisas e saí correndo de lá. Mas, como esperado, ele veio logo atrás de mim para o elevador. Ficamos em silêncio enquanto subíamos para o nosso andar.

Por que o elevador era tão devagar, e por que alguém em cada andar tinha de decidir chamá-lo *justo naquele momento*? As pessoas ao nosso redor falavam ao telefone, folheavam papéis, discutiam planos para o almoço. O som das vozes aumentou até se tornar um burburinho alto, praticamente cobrindo os palavrões que eu dizia em minha mente para o sr. Ryan. Ao passarmos pelo 11º andar, o elevador estava quase lotado. Quando a porta abriu e mais três pessoas decidiram entrar, eu acabei sendo empurrada para ainda mais perto dele, com minhas costas encostando em seu peito e minha bunda em seu... *oh*.

Senti o resto de seu corpo enrijecer sutilmente e ouvi sua boca respirando fundo. Em vez de me pressionar contra ele, me afastei o máximo que podia. Mas ele esticou o braço e agarrou minha cintura, puxando meu corpo de volta.

– Eu gosto de me apertar contra essa bunda – ele murmurou, com a voz macia e quente no meu ouvido. – Onde você...

– Estou a dois segundos de te castrar com meu calcanhar.

Ele me puxou ainda mais perto.

– Por que você de repente ficou mais bravinha do que o normal?

Virei a cabeça e disse, quase sussurrando:

– Porque é típico de você fazer eu parecer, na frente do seu pai, uma puta querendo subir na carreira.

Ele deixou a mão cair e ficou boquiaberto.

– Não – piscou. Piscou de novo. – *O quê?! –* o sr. Ryan confuso até que ficava atraente. *Cretino!* – Eu estava só brincando.

– E se eles escutaram você falando aquilo?

– Eles não escutaram.

– Mas poderiam.

Ele genuinamente parecia não ter pensado nisso, e provavelmente não pensou mesmo. Para ele era fácil ficar brincando, já que era o chefe. Ele era o executivo

obcecado com o trabalho. Mas eu era a garota que ainda estava na metade do caminho.

Uma pessoa ao lado olhou em nossa direção e nós imediatamente nos ajeitamos. Eu bati com o cotovelo nas suas costelas, e ele beliscou minha bunda com tanta força que me fez perder o ar.

– Não vou pedir desculpas – ele disse disfarçadamente.

É claro que não. Babaca.

Ele se apertou contra mim novamente, e senti o tamanho de sua ereção, que tinha crescido ainda mais, e um calor traidor se espalhou no meio das minhas pernas. Chegamos ao 15º andar e algumas pessoas saíram. Estiquei o braço atrás de mim, deslizei a mão entre nós dois e a coloquei sobre seu pau. Ele exalou um suspiro quente em meu pescoço e sussurrou:

– Oh, sim.

E então, eu apertei.

– Merda. *Desculpa!* – ele disse rispidamente em meu ouvido. Soltei e deixei a mão cair, sorrindo para mim mesma. – Deus, eu estava apenas brincando com você.

Décimo sexto andar. As últimas pessoas saíram apressadas, todas aparentemente se dirigindo para uma mesma reunião.

Assim que as portas se fecharam e o elevador começou a se mexer, ouvi um grunhido vindo de trás e vi o sr. Ryan jogar rapidamente sua mão no botão de parar o elevador. Seus olhos se voltaram para mim e estavam mais escuros do que eu jamais tinha visto. Em um único movimento, ele me pressionou contra a parede com seu corpo. Ele se afastou apenas tempo suficiente para me jogar um olhar raivoso e dizer:

– Não se mexa.

E, mesmo eu querendo mandar ele se foder, meu corpo implorava que eu obedecesse a qualquer coisa que ele dissesse.

No meio dos arquivos que eu levava, ele pegou um papel adesivo e o colou na lente da câmera que ficava no teto.

Seu rosto estava apenas a alguns centímetros do meu, sua respiração jogava lufadas de ar quente no meu pescoço.

– Eu nunca iria insinuar que você está tentando transar para subir na vida – ele exalou, se inclinando para cima de mim. – Você está pensando demais.

Afastei meu corpo o máximo que conseguia, tentando manter distância.

– E você não está pensando o *suficiente*. Estamos falando da minha carreira.

Você tem todo o poder por aqui. Você não tem nada a perder.

– Eu tenho o poder? Você é quem veio se encostando no meu pau no elevador. É você quem está *fazendo* isso comigo.

Senti minha expressão suavizar; não estava acostumada a vê-lo mostrando vulnerabilidade, nem mesmo um pouco.

– Então, não me assuste.

Após uma longa pausa, ele assentiu.

O som do prédio ao nosso redor preencheu o espaço vazio do elevador enquanto continuávamos a nos encarar. Um desejo por contato começou a aumentar em mim, primeiro no umbigo, depois descendo até o meio das pernas.

Ele se inclinou para frente e lambeu meu queixo antes de cobrir meus lábios com os dele, e um gemido involuntário vibrou na minha garganta quando seu pau duro pressionou minha barriga. Meu corpo começou a agir por instinto e minha perna envolveu seu quadril, me apertando contra sua ereção, enquanto minhas mãos agarravam seus cabelos. Ele se afastou apenas o suficiente para seus dedos encontrarem o fecho atrás do meu quadril. Meu vestido se abriu segundo sua vontade.

– Uma gatinha tão bravinha... – ele sussurrou. Colocando as mãos no meu ombro, olhou em meus olhos e deslizou o tecido até o chão. Minha pele se arrepiou quando ele tomou minha mão, girou meu corpo e pressionou minhas palmas contra a parede.

Tirou a presilha prateada que prendia meu cabelo, deixando-o cair pelas minhas costas nuas. Tomando os fios com as mãos, ele puxou minha cabeça com força para o lado, expondo meu pescoço. Beijos quentes e molhados percorreram minhas costas e ombros. Seu toque deixava uma centelha de eletricidade em cada centímetro de pele que tocava. Ele se ajoelhou atrás de mim, agarrou minha bunda e mordeu com vontade, provocando um suspiro agudo em mim antes de se levantar novamente.

Caramba, como ele consegue provocar essas coisas em mim?

– Você gosta disso? – seus dedos apertaram e puxaram meus seios. – De levar uma mordida na bunda?

– Talvez.

– Você é uma garota muito safada.

Soltei um gritinho de surpresa quando senti sua mão dar um forte tapa no lugar onde ele havia mordido, e, em seguida, gemi de prazer. Puxei o ar em mais um suspiro agudo quando suas mãos agarraram as fitas delicadas da minha calcinha e puxaram com força.

– Espere outra cobrança no cartão, cretino.

Ele riu de um jeito sombrio e me pressionou novamente contra a parede. Os painéis gelados de aço enviaram calafrios através do meu corpo, acordando memórias da janela naquela primeira vez. Tinha esquecido como era bom sentir o contraste – frio e calor, resistência e *ele*.

– Vale cada centavo – ele respondeu. Sua mão deslizou ao redor da minha cintura e pela barriga, descendo até que seu dedo pousou sobre meu clitóris. – Sabe, eu acho que você usa essas calcinhas apenas para me provocar.

Será que ele estava certo? Será que eu estava delirando ao pensar que eram apenas para mim?

A pressão de seu toque causava aflição, seus dedos pressionavam e liberavam me fazendo querer mais. Movendo-se mais para baixo, ele parou bem na minha entrada.

– Você está tão molhada. Deus, você deve ter ficado pensando nisso a manhã toda.

– Vá se foder – eu disse, perdendo o fôlego e jogando meu corpo para trás quando seus dedos finalmente entraram.

– Diga. Diga e eu te darei o que você quer – um segundo dedo se juntou ao primeiro, e a sensação me fez soltar um grito.

Balancei a cabeça, mas meu corpo me traía novamente. Ele soava tão carente; suas palavras eram provocantes e controladoras, mas eu sentia como se ele também estivesse implorando. Fechei os olhos, tentando limpar meus pensamentos, mas aquilo tudo era demais. Seu corpo vestido contra minha pele

nua, o som de sua voz áspera e a sensação de seus longos dedos entrando e saindo deixaram-me à beira do abismo. Sua outra mão se esticou, beliscando firmemente meu mamilo por cima do sutiã, e gemi alto. Eu estava quase lá.

– *Diga* – ele rugiu no meu ouvido quando seu polegar esfregou meu clitóris. – Não quero te ver toda bravinha comigo pelo resto do dia.

Eu cedi e finalmente sussurrei:

– Eu quero você dentro de mim – ele soltou um grave e lento gemido, e sua testa pousou no meu ombro quando começou a mexer mais rápido, enfiando e circulando. Seus quadris sustentavam minha bunda, sua ereção se esfregava contra mim. – Oh, Deus – gemi, enquanto meu orgasmo se pronunciava e cada pensamento se concentrava no prazer que implorava para ser liberado.

E então o som rítmico de nossa respiração e gemidos foi interrompido pelo toque agudo do interfone.

Ficamos paralisados quando a percepção de onde estávamos nos acertou como um soco. O sr. Ryan praguejou ao se afastar de mim e atender a chamada.

Virando, agarrei meu vestido, joguei-o sobre os ombros e comecei a me ajeitar com mãos trêmulas.

– Sim – ele parecia tão calmo, não mostrava nem um pouco de falta de fôlego.

Nossos olhos se encontraram. – Entendo... Não, nós estamos bem... – ele se abaixou e pegou minha calcinha rasgada do chão. – Não, simplesmente parou – ele ouviu a pessoa do outro lado da linha, enquanto esfregava o tecido de seda entre os dedos. – Tudo bem – terminou a conversa e desligou.

O elevador tremeu e voltou a subir. O sr. Ryan olhou para a calcinha em sua mão e depois para mim. Então, sorriu, saindo de perto da parede e se aproximando de mim. Colocando uma mão ao lado da minha cabeça, ele se inclinou, passando o nariz ao longo do meu pescoço, e sussurrou:

– Cheirar você é tão bom quanto te foder.

Um pequeno suspiro escapou da minha garganta.

– E isto – ele disse, girando a calcinha em sua mão – agora é meu.

O elevador finalmente chegou ao nosso andar. As portas se abriram e, sem nem mesmo uma rápida olhada para mim, ele guardou a calcinha no bolso do casaco e saiu.

Quatro

Pânico. O sentimento que tomava conta de mim enquanto eu praticamente corria para minha sala só poderia ser descrito como puro pânico. Eu não podia acreditar no que estava acontecendo. Sozinho com ela naquela pequena prisão de aço – seu cheiro, seus sons, sua pele – fizeram meu autocontrole evaporar. Eu estava me desintegrando. Essa mulher tinha um poder sobre mim diferente de qualquer coisa que eu já tivesse experimentado.

Finalmente, na relativa segurança da minha sala, eu desabei no sofá. Afaguei meus cabelos, tentando me acalmar e reduzir minha ereção.

As coisas estavam indo de mal a pior.

Desde o segundo em que ela me lembrou da reunião daquela manhã, eu sabia que de jeito nenhum eu conseguiria formar qualquer pensamento coerente, muito menos realizar uma apresentação inteira, não naquela maldita sala de conferência. Não poderia nem sentar naquela mesa. Encontrá-la inclinada contra a janela, mergulhada em pensamentos, fora suficiente para me deixar duro novamente.

Inventei uma desculpa qualquer para a reunião ser transferida para outro andar, e é claro que ela me repreendeu. Por que ela tinha de brigar comigo sempre? Fiz questão de lembrá-la quem era o chefe. Mas, assim como em todas as nossas discussões, ela jogou tudo de volta na minha cara.

Tive um sobressalto quando ouvi uma batida alta do lado de fora do escritório. Seguida de outra. E mais uma. Que diabos estava acontecendo? Levantei e fui até a porta, abri e encontrei a srta. Mills jogando suas pastas em diferentes pilhas. Cruzei os braços e encostei na parede, apenas assistindo por um instante. A visão dela tão brava não estava melhorando nem um pouco a situação dentro das minhas calças.

– Você se importa em me dizer qual é o seu problema?

Ela olhou para mim com se eu fosse o diabo em pessoa.

– Você está louco?

– Nem um pouco.

– Desculpe se estou um pouco nervosa – ela disse rispidamente, pegando uma

pilha de pastas e jogando em uma gaveta.

– Eu não estou exatamente contente com...

– Bennett! – disse meu pai, entrando de repente em meu escritório. – Bom trabalho na reunião. Henry e eu acabamos de conversar com a Dorothy e o Troy e eles estavam... – ele parou e ficou olhando para a srta. Mills, que estava toda tensa apertando os punhos até os nós dos dedos ficarem brancos. – Chloe, querida, você está bem?

Ela se ajeitou e esticou os dedos, assentindo. Seu rosto estava lindamente corado, seus cabelos, graciosamente desarrumados. Por minha causa. Engoli em seco e me virei para olhar pela janela.

– Você não parece bem – meu pai disse, andando até ela e colocando a mão em sua testa. – Você está quente.

Apertei a mandíbula enquanto via o reflexo dos dois pelo vidro – uma estranha sensação subia pelas minhas costas. *De onde isso está vindo?*

– Na verdade – ela disse –, estou mesmo me sentindo um pouco estranha.

– Bom, você deveria ir para casa. Com uma agenda de trabalho como a sua, e tendo acabado de terminar o semestre na faculdade, sem dúvida você...

– Temos um dia cheio hoje – eu disse, virando para encará-los. – Pensei em terminar a Beaumont, srta. Mills – eu disse entre meus dentes cerrados.

Meu pai virou seu olhar profundo para mim.

– Tenho certeza que você pode se virar sozinho, Bennett – então, virou-se para ela. – Você pode ir para casa.

– Obrigada, Elliott – a srta. Mills olhou para mim, levantando uma sobrancelha perfeitamente esculpida. – Vejo você amanhã de manhã, sr. Ryan.

Assisti enquanto ela saía e meu pai fechava a porta. Ele se virou e olhou para mim com fogo nos olhos.

– O que foi? – perguntei.

– Você podia ser mais gentil com ela, Bennett – ele se aproximou e sentou na ponta da mesa. – Você tem sorte de tê-la, sabia?

Revirei os olhos e balancei a cabeça.

– Se a personalidade dela fosse tão boa quanto sua habilidade com o Power Point, nós não teríamos nenhum problema.

Ele me cortou com um olhar pesado.

– Sua mãe ligou e pediu para lembrar do jantar hoje à noite. Henry e Mina vão aparecer com o bebê.

– Estarei lá.

Ele se aproximou da porta, parou e olhou para mim novamente.

– Não se atrase.

– Não vou. Deus! – ele sabia muito bem que não me atraso para nada, nem mesmo algo tão simples quanto um jantar em família. Henry, por outro lado, vai chegar atrasado até para o próprio funeral.

Finalmente sozinho, entrei na minha sala e desabei na cadeira. Certo, talvez eu estivesse um pouco nervoso.

Coloquei a mão dentro do bolso e puxei o que restou da calcinha, pronto para jogar na gaveta junto às outras, quando notei a etiqueta. Era da marca Agent Provocateur. Ela tinha gastado um bom dinheiro. E isso despertou minha curiosidade. Abri a gaveta para examinar as outras. La Perla. Bom, essa mulher levava sua lingerie a sério. Talvez eu devesse parar em uma loja da La Perla e pelo menos checar o quanto minha coleção estava custando para ela. Passei a mão no cabelo e joguei as calcinhas de volta, fechando a gaveta com força. Eu estava oficialmente ficando maluco.



Por mais que me esforçasse, não consegui me concentrar em nada durante o dia todo. Mesmo após um almoço vigoroso, ainda não conseguia tirar minha mente dos eventos da manhã. Às três da tarde, eu sabia que tinha de sair dali. Andei até o elevador e resmunguei ao lembrar dos detalhes. Então optei pelas escadas – só para depois perceber que aquele era um erro ainda pior. Desci correndo os dezoito andares.

Mais tarde, ao chegar à casa dos meus pais, senti um pouco da tensão ir embora. Entrei na cozinha e fui imediatamente envolvido com o cheiro familiar da comida da minha mãe e com o som da conversa animada dos meus pais na sala de jantar.

– Bennett! – disse minha mãe quando entrei na sala. Abaixei e beijei seu rosto, parando por um breve instante para deixá-la tentar arrumar meu cabelo. Quando ela finalmente deu sossego, peguei uma grande vasilha que ela carregava e a coloquei na mesa, roubando uma cenoura como pagamento. – Onde está Henry? – perguntei, olhando em direção à sala de estar.

– Eles ainda não chegaram – meu pai respondeu enquanto entrava. Henry já era conhecido por seus atrasos, mas, com sua esposa e filha, teriam sorte se algum dia conseguissem sair de casa. Caminhei até o bar da sala para preparar um *dry martini* para minha mãe.

Vinte minutos depois, um som caótico surgiu no saguão principal e eu me dirigi

até lá para cumprimentar meu irmão e a família. Um corpinho pequeno e instável com um sorriso cheio de dentes se atirou em meus joelhos.

– Benny! – gritou a pequena garota.

Levantei Sofia no ar e enchi seu rosto de beijos.

– Deus, você é patético – resmungou Henry ao passar do meu lado.

– E você não?

– Vocês dois deveriam calar a boca, se querem minha opinião – acrescentou Mina, seguindo seu marido até a sala de jantar.

Sofia era a primeira neta e a princesinha da família. Como de costume, ela preferia passar o jantar sentada no meu colo e eu tentava comer fazendo meu melhor para evitar sua “ajuda”. Eu definitivamente era louco por ela.

– Bennet, eu queria te pedir uma coisa – disse minha mãe, me passando a garrafa de vinho. – Você poderia convidar a Chloe para jantar na semana que vem e fazer seu melhor para convencê-la a aceitar?

Grunhi em resposta e recebi de meu pai um rápido chute na canela.

– Deus. Por que todo mundo quer tanto que ela venha aqui? – perguntei.

Minha mãe se ajeitou, mostrando sua melhor expressão de firmeza maternal.

– Ela está sozinha numa cidade estranha e...

– Mãe – interrompi –, ela mora aqui desde a faculdade. Ela tem 26 anos. Já não é uma cidade estranha para ela.

– Você está certo, Bennett – ela respondeu com uma rara irritação na voz. – Ela veio para estudar na faculdade, se formou com honras, trabalhou com seu pai por alguns anos e se mudou para o seu departamento, e é a melhor funcionária que você já teve. E tudo isso enquanto frequenta a escola à noite para o MBA. Eu acho que a Chloe é fantástica e gostaria de apresentar uma pessoa para ela.

Meu garfo congelou no meio do caminho para minha boca enquanto eu digería aquelas palavras. Minha mãe queria arrumar um namorado para a srta. Mills?

Tentei lembrar de todos os homens solteiros que conhecíamos e tive de descartar todos imediatamente. *Brad: baixinho demais. Damian: trepa com qualquer coisa que se mova. Kyle: gay. Scott: burro.* Bom, isso era estranho. Senti um aperto no peito, mas não tinha certeza do que era. Se pudesse nomear isso, seria... raiva?

Por que eu sentiria raiva por minha mãe querer arrumar alguém para ela?

Provavelmente porque você está dormindo com ela, seu burro. Bom, na verdade, “dormir” não era exatamente o que fazíamos. “Transar” era uma palavra mais apropriada. Certo, eu tinha transado com ela... duas vezes. Mas dizer que eu “estava transando” insinuaria uma intenção de continuar fazendo isso.

Ah, e também passei a mão nela no elevador e tinha uma coleção de suas

calcinhas na minha gaveta.

Perverso.

Passei as mãos no rosto.

– Certo. Vou conversar com ela. Mas não fique muito animada. Ela é tão charmosa quanto uma porta, portanto não vai ser fácil vender o seu peixe.

– Sabe – meu irmão acrescentou –, acho que todos aqui concordam que você é literalmente o único que tem dificuldade para se dar bem com ela.

Olhei ao redor da mesa, franzindo a testa ao vê-los concordando com meu irmão idiota.

O resto da noite consistiu em mais conversa sobre como eu deveria tentar ser mais gentil com a srta. Mills, e sobre o quanto todos adoravam ela, e sobre o quanto ela iria gostar do Joel, que era filho do melhor amigo da minha mãe. Eu tinha esquecido completamente do Joel. Certo, ele até que era razoável. Fora o fato de que até os quatorze ele brincava de Barbie com sua irmã e que chorava como uma menina quando levava uma bolada na oitava série.

A srta. Mills iria comer ele vivo.

Ri para mim mesmo ao pensar nisso.

Também conversamos sobre as reuniões que teríamos naquela semana. Uma das grandes, na qual eu acompanharia meu pai e meu irmão, estava marcada para quinta-feira à tarde. Eu sabia que a srta. Mills já tinha preparado tudo com antecedência. Por mais que odiasse admitir, ela sempre estava dois passos adiante e tinha tudo que eu precisava pronto para quando eu chegasse.

Fui embora prometendo que faria meu melhor para convencê-la a aceitar o jantar, embora, para ser honesto, eu nem sabia quando iria vê-la de novo. Eu tinha reuniões por toda a cidade e duvidava que, nos breves momentos que passaria no escritório, eu teria algo de bom para falar.



Na tarde seguinte, enquanto cruzávamos a avenida South Michigan, eu encarava a janela, imaginando se meu dia poderia piorar. Eu odeio ficar parado no trânsito. O escritório ficava a apenas dois quarteirões e eu estava seriamente considerando sair do carro e andar a pé. Já passava das quatro da tarde e tínhamos percorrido apenas três quarteirões nos últimos vinte minutos. Perfeito. Fechando os olhos, encostei a cabeça no banco e lembrei a reunião que acabara de ter.

Nada em particular deu errado, muito pelo contrário. Os clientes ficaram

entusiasmados com nossa proposta e tudo ocorreu sem maiores complicações. Mas acontece que eu não conseguia escapar do meu mau humor.

Henry ficou me lembrando a cada quinze minutos que eu estava me comportando como um adolescente temperamental e, quando chegou o momento de assinar os contratos, eu queria dar uma surra nele. A toda hora ele ficava me perguntando qual era o meu problema e, francamente, não posso culpá-lo. Até mesmo eu tinha de admitir que vinha sendo um cretino nos últimos dois dias. E, vindo de mim, admitir isso é uma grande coisa. E, claro, Henry tinha de dizer, no final da reunião, que meu problema era falta de sexo.

Se ele soubesse...

Fazia apenas um dia. Apenas um dia desde o incidente no elevador que me deixara duro como pedra e com um desejo de tocar cada centímetro da pele dela. Se você visse o jeito como eu estava agindo, realmente iria pensar que fazia meses que eu não transava. Mas não, um dia sem tocá-la já era suficiente para me transformar em um lunático.

O carro parou novamente e eu pensei que iria gritar. O motorista baixou o vidro que separava a cabine e o banco de trás e sorriu pedindo desculpas.

– Desculpe, sr. Ryan. Sei que o senhor deve estar indo à loucura aí atrás. Faltam apenas quatro quarteirões, será que não prefere ir andando? – olhando pela janela escurecida, notei que paramos bem em frente a uma loja da La Perla. – Posso estacionar bem ali...

Saí do carro antes que ele pudesse terminar de falar.

De pé na calçada esperando para atravessar a rua, percebi de repente que não fazia ideia de por que eu entraria naquela loja. O que pensava que iria fazer? Iria comprar alguma coisa ou estava apenas me torturando?

Entrei na loja. O assoalho era feito de madeira cor de mel, o teto estava preenchido por luminárias redondas agrupadas ao longo do grande saguão. A iluminação fraca banhava todo o interior com um brilho suave, iluminando as mesas e prateleiras cheias de lingerie caras. Algo naquelas delicadas rendas e sedas despertava um desejo muito familiar em mim.

Passando os dedos por uma mesa que ficava perto da porta, percebi que já tinha chamado a atenção da equipe de vendas. Uma loira alta se aproximou.

– Bem-vindo à La Perla – ela disse, olhando-me de cima a baixo como uma leoa admirando um filé suculento. Lembrei que uma mulher nesse ramo saberia quanto meu terno custara e saberia que minhas abotoaduras eram feitas de diamante puro. Seus olhos praticamente se transformaram em cifrões. – Posso ajudar a encontrar alguma coisa? Talvez um presente para a esposa? Ou

namorada? – ela acrescentou, deixando escapar um flerte insinuado na voz.

– Não, obrigado – respondi, de repente me sentindo ridículo por estar ali. – Estou apenas olhando.

– Bom, se mudar de ideia é só me chamar – ela disse, piscando o olho antes de se virar e voltar para trás do balcão. Observei enquanto ela se afastava e me arrependi imediatamente por não ter nem tentado conseguir seu telefone. Merda. Eu não era um total cafajeste, mas uma linda mulher numa loja de lingerie tinha acabado de flertar comigo e nem me ocorreu flertar de volta. Deus. O que havia de errado comigo?

Eu estava prestes a ir embora quando algo chamou minha atenção. Passei os dedos por uma cinta-liga de renda preta pendurada numa prateleira. Nunca tinha percebido que as mulheres realmente usam essas coisas, até começar a trabalhar com *ela*. Lembrei de uma reunião em nosso primeiro mês trabalhando juntos. Ela cruzou as pernas debaixo da mesa e sua saia levantou um pouco, revelando a delicada alça que prendia a meia. Foi a primeira vez que percebi seu gosto por lingerie, mas não foi a primeira vez que precisei passar o almoço trancado na minha sala, batendo uma e pensando nela.

– Encontrou algo que gostou?

Eu me virei com um sobressalto por ouvir uma voz atrás de mim.

Merda.

Era a srta. Mills.

Mas eu nunca a tinha visto dessa maneira antes. Ela estava bem-vestida como sempre, mas completamente casual. Usava uma calça jeans preta bem justa e uma camiseta regata vermelha. Seu cabelo estava preso num rabo de cavalo muito sexy e, sem a maquiagem e os óculos que às vezes usava no escritório, ela não parecia ter mais de vinte anos.

– O que você está fazendo aqui? – ela perguntou, enquanto seu sorriso falso desaparecia.

– Isso não é da sua conta.

– Estou apenas curiosa. As calcinhas que você roubou de mim não são suficientes? Você precisa começar uma coleção própria? – ela me encarou e fez um gesto com a cabeça em direção à cinta-liga que estava em minhas mãos. Rapidamente larguei a peça.

– Não, não, eu...

– O que você faz com elas, exatamente? Guarda em algum lugar como lembrança das suas conquistas? – ela cruzou os braços sobre o peito, fazendo os seios se apertarem um no outro. Meus olhos caíram diretamente em seu decote e

meu pau acordou dentro da calça.

– Deus – eu disse, balançando a cabeça –, por que você tem de ser uma megera o tempo todo? – podia sentir a adrenalina percorrendo minhas veias e meus músculos ficando tensos enquanto eu literalmente tremia de desejo e raiva.

– Acho que você desperta o melhor de mim – ela disse. A srta. Mills se inclinou para frente e seu peito quase encostou no meu. Olhando ao redor, percebi que estávamos chamando atenção das outras pessoas na loja.

– Olha – eu disse, tentando me recompor –, que tal se você se acalmar e abaixar o tom de voz? – eu sabia que tinha de sair dali logo, antes que algo acontecesse. Por alguma razão doentia, brigas com essa mulher sempre acabavam com sua calcinha indo parar no meu bolso. – O que você está fazendo aqui, afinal? Por que não está no trabalho?

Ela revirou os olhos.

– Eu trabalho com você já faz quase um ano, então você deveria se lembrar que eu me encontro com meu conselheiro do MBA a cada duas semanas. Acabei de sair de lá e pensei em fazer umas compras. Talvez você queira colocar uma pulseira de rastreamento no meu tornozelo para poder me seguir o tempo todo. Ou talvez nem seja preciso, já que consegui me encontrar mesmo sem isso. Encarei-a de volta, lutando para encontrar algo para dizer.

– Você está sempre bravinha comigo.

Ótimo, Ben. Muito esperto.

– Venha comigo – ela disse, agarrando meu braço e me puxando para os fundos da loja. Viramos num canto e entramos em uma cabine de prova de roupas. Ela obviamente estivera ali por algum tempo: havia pilhas de lingerie nas cadeiras e montes de rendas emaranhadas nos cabides. Havia música tocando nos alto-falantes acima, e fiquei aliviado por saber que não precisaria manter a voz baixa quando a estrangulasse.

Ela fechou a grande porta espelhada em frente a uma poltrona de veludo e ficou me encarando com um olhar feroz.

– Você me seguiu até aqui?

– Por que eu faria isso?

– Então você estava simplesmente passeando por uma loja de roupas femininas? Por acaso isso é mais um dos seus passatempos pervertidos?

– Vai se foder, srta. Mills.

– Sabe, ainda bem que você tem esse pau grande para compensar essa boca suja. Comecei a me inclinar para frente e sussurrei:

– Tenho certeza que você adoraria minha boca também.

De repente, uma intensidade tomou conta de tudo. O peito dela subia e descia rapidamente e seu olhar focou minha boca enquanto ela mordida os próprios lábios. Agarrando lentamente minha gravata, ela me puxou para perto. Abri a boca e senti sua língua macia.

Agora já não dava mais para me afastar, então passei uma mão em seu queixo e a outra em seus cabelos. Tirei a presilha que segurava o rabo de cavalo e suas madeixas macias caíram ao redor da minha mão. Agarrei os fios com força e puxei sua cabeça para melhor acomodar meu beijo. Eu precisava de mais.

Precisava dela por inteiro. Ela gemeu e eu puxei com mais força.

– Você gosta disso.

– Deus, sim.

Ao ouvir aquelas palavras, eu não me importei com mais nada: onde estávamos, quem éramos ou o que sentíamos um pelo outro. Nunca em minha vida eu sentira uma química tão forte com alguém. Quando estávamos juntos daquela maneira, nada mais importava.

Minhas mãos deslizaram por sua lateral e eu agarrei a bainha da sua camiseta, levantando-a e tirando-a por cima da cabeça, interrompendo nosso beijo por apenas um segundo. Sem ficar para trás, ela puxou meu casaco dos meus ombros e o deixou cair no chão.

Meus polegares faziam círculos em sua pele enquanto eu movia as mãos até a cintura de sua calça jeans. Após um rápido movimento, a calça também caiu no chão e a srta. Mills a chutou para longe, com suas sandálias. Beije-a, descendo por seu pescoço até chegar aos ombros.

– Deus... – gemi. Olhando para cima, pude ver seu corpo perfeito refletido no espelho que ia do chão ao teto. Já tinha fantasiado sobre a srta. Mills nua mais vezes que gostaria de admitir, mas a realidade, em plena luz do dia, era ainda melhor. Muito melhor. Ela vestia um sutiã preto e uma calcinha preta de renda que cobria apenas metade de sua bunda. O cabelo escorria por suas costas. Os músculos das longas e tonificadas pernas se flexionaram quando ela ficou na ponta dos pés para poder alcançar meu pescoço. Aquele visual, junto à sensação de seus lábios molhados em mim, fizeram meu pau pressionar firmemente contra o confinamento das minhas calças.

Ela mordeu minha orelha com força e suas mãos pousaram nos botões da minha camisa.

– Eu acho que você gosta de um pouco de força também.

Abri minhas calças e cinto, jogando-os para o chão perto da minha cueca, e então puxei a srta. Mills para a poltrona de veludo.

Um tremor percorreu meu corpo quando minhas mãos se moveram ao redor de suas costelas até o fecho do sutiã. Seus seios se apertaram contra mim e a beijei ao longo do pescoço enquanto meus dedos desabotoavam e puxavam as alças para trás. Afastei o corpo levemente para permitir que o sutiã caísse entre nós e, pela primeira vez, eu tive uma visão completa de seus seios completamente nus. *Perfeitos*. Nas minhas fantasias, eu já fizera de tudo com eles: tinha tocado, beijado, chupado, fodido, mas nada se comparava à realidade de apenas olhar para eles.

Seus quadris avançaram sobre mim, e nada além de sua pequena calcinha nos separava. Enterrei meu rosto em seu peito e suas mãos agarraram meus cabelos, puxando-me para mais perto.

– Você quer me saborear? – ela sussurrou, olhando para mim com olhos gelados. Então puxou meus cabelos com força suficiente para afastar minha cabeça de sua pele.

Eu não consegui pensar em nenhuma resposta espertinha, nenhum comentário que a fizesse parar de falar e simplesmente me foder. Eu queria sim experimentar sua pele. Queria mais do que qualquer outra coisa que já desejara na vida.

– Sim.

– Então peça com educação.

– Foda-se a educação. Me solte.

Ela gemeu, inclinando-se e permitindo que eu chupasse um mamilo perfeito, o que a fez puxar meu cabelo novamente. Deus, aquilo era bom.

Muitos pensamentos voaram em minha cabeça. Não havia nada neste mundo que eu quisesse mais do que me enterrar dentro dela, mas sabia que, quando tudo terminasse, eu odiaria a nós dois. Ela, por me enfraquecer, e eu, por permitir que a luxúria tomasse conta do meu bom senso. Mas também sabia que não seria possível parar. Eu me transformara em um viciado, vivendo apenas para a próxima dose. Minha vida perfeitamente construída estava desmoronando ao meu redor, e tudo que eu queria era senti-la por dentro.

Deslizando minhas mãos por seu corpo, deixei meus dedos percorrerem o cóis de sua calcinha. Um arrepio surgiu em sua pele e eu fechei os olhos ao segurar o tecido, tentando me convencer a parar.

– Vá em frente e rasgue... você sabe que quer fazer isso – ela murmurou em meu ouvido e então mordeu minha orelha. Meio segundo depois, o cóis não era nada além de um tecido rasgado no canto do provador. Agarrando seus quadris, eu a levantei e segurei a base do meu pau com a outra mão, então a puxei para baixo. A sensação foi tão intensa que eu precisei segurar seus quadris no lugar para não

gozar imediatamente. Se eu me perdesse agora, ela iria jogar isso na minha cara mais tarde. E eu não permitiria essa satisfação a ela.

Quando senti que tinha o controle de volta, comecei a mover seu corpo para cima e para baixo. Nós ainda não tínhamos estado nessa posição – ela por cima, cara a cara – e, mesmo odiando admitir, nossos corpos se encaixavam com perfeição. Abaixando as mãos até suas pernas, agarrei uma em cada mão e envolvi meu quadril com elas. A mudança de posição me colocou ainda mais fundo dentro dela, e precisei enterrar meu rosto em seu pescoço para não soltar um gemido alto demais.

Eu estava ciente dos sons e vozes ao nosso redor enquanto as pessoas entravam e saíam dos outros provadores. Mas pensar que poderíamos ser pegos a qualquer momento apenas deixava o sexo ainda melhor.

Ela soltou um gemido, arqueando as costas, e sua cabeça pendeu para trás. A maneira como ela mordida os lábios insinuava uma falsa inocência que estava me deixando maluco. Mais uma vez, observei por cima de seu ombro a imagem de nós dois no espelho. Nunca tinha visto algo tão erótico em toda a minha vida. Ela puxou meu cabelo mais uma vez, guiando minha boca de volta para a dela, nossas línguas se enfrentando, igualando o movimento de nossos quadris.

– Você fica linda em cima de mim – sussurrei em seus lábios. – Vire-se, você precisa ver uma coisa – eu a levantei e a virei para que pudesse enxergar o espelho. Com suas costas contra meu peito, ela se inclinou para trás em mim. – Oh, Deus – ela disse. Sua respiração ficou pesada quando encostou a cabeça no meu ombro, e eu não estava certo se era por causa do meu pau entrando nela ou por causa da imagem no espelho. Ou as duas coisas.

Agarrei seus cabelos e forcei sua cabeça a levantar.

– Não desvie os olhos, quero que você veja tudo – rugi em seu ouvido ao encontrar seu olhar através do espelho. – Quero que você assista. E amanhã, quando estiver toda dolorida, quero que se lembre de quem fez isso.

– Pare de falar – ela disse, mas eu podia sentir seus arrepios e sabia que ela adorava cada palavra. Suas mãos subiram e se esticaram para trás procurando meus cabelos.

Toquei cada centímetro de seu corpo e beijei toda a parte de trás de seus ombros. No espelho, podia ver a mim mesmo entrando e saindo de dentro dela e, por mais que não quisesse essas lembranças na minha mente, eu sabia que nunca me esqueceria daquela visão. Então, movi uma mão até seu clitóris.

– Oh, merda – ela sussurrou. – Por favor.

– Desse jeito? – perguntei, pressionando e circulando.

– Sim, por favor, mais, por favor, por favor.

Nossos corpos estavam agora cobertos por uma fina camada de suor, que fazia seu cabelo grudar levemente na testa. Seu olhar não se afastou mais enquanto continuávamos a nos mover um contra o outro, e eu sabia que estávamos muito perto do clímax. Eu queria encontrar seus olhos no espelho, mas então imediatamente entendi que isso mostraria mais do que eu pretendia. Eu não queria que ela visse tão claramente o que estava fazendo comigo.

As vozes ao nosso redor continuavam, completamente alheias ao que estava acontecendo naquela pequena cabine. Se eu não fizesse alguma coisa, nosso segredo não duraria por muito tempo. Os movimentos dela se intensificaram e suas mãos apertaram ainda mais meus cabelos, então eu pressionei minha mão contra sua boca, abafando seus gritos quando ela gozou vigorosamente em cima de mim.

Abafei meus próprios gemidos em seu ombro e, com mais algumas estocadas, explodi num orgasmo intenso dentro dela. Seu corpo caiu sobre mim e eu me recostei contra a parede.

Eu precisava me levantar. Precisa me levantar e me vestir, mas não achava que minhas pernas bambas conseguiriam me sustentar. Eu estava perdendo qualquer esperança de que o sexo se tornasse menos intenso, e de que assim eu pudesse superar minha obsessão.

A razão começou a voltar devagar para minha mente, junto à frustração de ter mais uma vez sucumbido à fraqueza. Eu a tirei do meu colo antes de me abaixar para alcançar minha cueca.

Quando ela se virou e olhou para mim, eu esperava ver raiva ou indiferença, mas havia uma vulnerabilidade em seus olhos. Então ela desviou o olhar. Vestimos nossas roupas em silêncio. A cabine do provador de repente parecia quieta demais e pequena demais, e eu podia ouvir cada respiração dela.

Ajeitando minha gravata, apanhei a calcinha rasgada do chão, guardando-a em meu bolso. Fui abrir a maçaneta, mas parei. Estiquei o braço e passei a mão ao longo da renda que estava pendurada em um dos ganchos na parede.

Olhei a srta. Mills nos olhos e disse:

– Compre a cinta-liga também – e, sem olhar para trás, saí do provador.

Cinco

Havia 83 aberturas, 29 parafusos, 5 lâminas e 4 lâmpadas no ventilador pendurado no teto acima da minha cama. Rolei para o lado, com certos músculos zombando de mim e oferecendo uma prova inegável da razão por que eu não conseguia dormir.

“Quero que você assista. E amanhã, quando estiver toda dolorida, quero que se lembre de quem fez isso.”

Ele não estava brincando.

Sem perceber, minha mão encontrou meu seio, distraidamente apertando meu mamilo debaixo da regata. Fechei os olhos e o toque das minhas próprias mãos se transformou no toque dele em minha memória. Seus longos e graciosos dedos pairando como fantasmas ao redor dos meus seios, os polegares raspando os mamilos, as palmas tomando os seios por inteiro... *oh, Deus*. Soltei um suspiro alto e chutei um travesseiro para fora da cama. Eu sabia exatamente onde esse pensamento me levaria. Fizera a mesma coisa por três noites seguidas, isso tinha de acabar. Praguejando, deitei com a barriga virada para baixo e fechei os olhos tentando dormir. Não que isso funcionasse.

Ainda me lembro com perfeita clareza o dia, há quase um ano, quando Elliott me chamou em seu escritório para uma conversa. Eu começara a trabalhar na RMG como sua assistente júnior quando ainda estava na faculdade. Quando minha mãe morreu, Elliott passou a cuidar de mim, não como uma figura paterna, mas como um mentor atencioso e acolhedor que me convidava para jantar em sua casa a fim de monitorar meu estado de espírito. Ele dizia que sua porta estaria sempre aberta para mim. Mas, naquela manhã em particular, quando ligou para minha sala, ele parecia estranhamente formal e, para ser franca, fiquei branca de medo.

Em seu escritório, ele explicou que seu filho mais jovem tinha passado os últimos seis anos em Paris, trabalhando como um executivo de marketing para a L'Oréal. Esse filho, Bennett, estava finalmente voltando para casa, e, em seis meses, assumiria a posição de chefe de operações na Ryan Media. Elliott sabia que eu fazia meu MBA há um ano e que estava procurando opções de estágio que dessem a experiência prática que eu tanto precisava. Ele insistiu que eu completasse meu estágio na RMG e disse que o jovem sr. Ryan ficaria mais que feliz em contar comigo.

Elliott me entregou um memorando que circularia para toda a empresa na semana seguinte anunciando a chegada de Bennett Ryan.

Uau. Esse foi meu único pensamento enquanto voltava para minha mesa, observando o papel. Vice-presidente executivo de marketing de produtos da L'Oréal em Paris. O mais jovem executivo a aparecer na lista “Quarenta com menos de quarenta” da *Crain*, publicada várias vezes no *Wall Street Journal*. Com um MBA duplo da NYU-Stern School of Business e da HEC Paris, onde se especializou em finanças corporativas e negócios globais, formado com todas as honras. Tudo isso aos trinta anos. Meu Deus...

O que foi que Elliott tinha dito? *Extremamente focado?* Isso era um eufemismo. Henry já tinha insinuado que seu irmão não compartilhava exatamente sua postura relaxada, mas, quando eu mostrei preocupação, ele rapidamente me acalmou. “Ele tende a ser um pouco duro e completamente tenso às vezes, mas não se preocupe com isso, Chloe. Você vai saber lidar com ele; você dois vão formar um belo time. Quer dizer, vamos lá”, ele disse, pousando seu grande braço ao meu redor. “Como ele poderia não te amar?”

Odeio admitir agora, mas, quando ele estava prestes a chegar, eu já tinha desenvolvido uma paixão por Bennett Ryan. Eu estava extremamente ansiosa para trabalhar com ele, mas também estava impressionada com tudo o que ele conquistara em sua relativamente curta vida. Olhar para suas fotos na internet também não era nada mal: o cara era um verdadeiro achado. Nós nos comunicamos por e-mail até a sua chegada e, embora parecesse educado o bastante, ele nunca foi amigável demais.

Quando o grande dia chegou, Bennett não apareceu até depois da reunião da

diretoria à tarde, quando seria oficialmente apresentado. Passei o dia inteiro me sentindo uma pilha de nervos. Sendo a boa amiga que é, Sara subiu até meu andar para me distrair. Ela sentou na minha cadeira e nós ficamos discutindo os filmes do Kevin Smith por uma hora inteira.

Logo, eu estava rindo tão forte que lágrimas escorriam pelo meu rosto. Não percebi quando Sara se endireitou e a porta do escritório se abriu, e não percebi que agora uma pessoa estava em pé atrás de mim. E, apesar de Sara ter tentado me alertar com um gesto na garganta – o sinal universal de “cala a boca, sua idiota” – eu a ignorei.

Pois, aparentemente, eu sou uma idiota.

– E então – eu disse, rindo e segurando minha barriga –, ela falou, “merda, eu tive de atender um cara que eu chupei uma vez no colegial”. Daí ele respondeu, “é, eu já servi o seu irmão também”!

Soltei outra explosão de risadas e dei um passo para trás, colidindo com algo duro e quente.

Girei o corpo e fiquei horrorizada ao ver que tinha acabado de esfregar minha bunda na cintura do meu novo chefe.

– Sr. Ryan! – eu disse, reconhecendo-o pelas fotos. – Sinto muito!

Ele não parecia nada amigável.

Em uma tentativa de aliviar o clima, Sara se levantou e estendeu a mão.

– É um prazer finalmente conhecê-lo. Eu sou Sara Dillon, assistente do Henry. Meu novo chefe simplesmente ficou olhando para a mão dela, sem retribuir o gesto, e então levantou uma de suas sobrancelhas perfeitas.

– Você quer dizer o sr. Ryan?

A mão da Sara se abaixou lentamente e ela apenas o encarou, obviamente desconcertada. Algo em sua presença física era tão intimidador que ela ficou sem palavras. Quando se recuperou, ela murmurou:

– Bom... nós não costumamos ser muito formais por aqui. Usamos o primeiro nome mesmo. Esta é Chloe, a sua assistente.

Ele fez um gesto com a cabeça na minha direção.

– Srta. Mills. Você irá me chamar de sr. Ryan. E espero você na minha sala em cinco minutos para discutirmos a conduta apropriada para o escritório – havia

seriedade em sua voz. Então, assentiu ligeiramente para Sara. – Srta. Dillon.

Depois de voltar o olhar para mim por um instante, ele se virou e caminhou para sua sala, e eu observei com horror a primeira de suas famosas batidas da porta.

– Que *cretino*! – Sara murmurou entre os lábios.

– Um cretino irresistível – respondi.

Esperando melhorar as coisas, desci e busquei uma xícara de café para ele. Até mesmo perguntei para Henry como seu irmão gostava do café – puro. Quando voltei, minha batida ansiosa na porta foi seguida por um abrupto “entre”, e tive de esperar um segundo para minhas mãos pararem de tremer. Curvei os lábios em um sorriso amigável, tentando passar uma impressão melhor desta vez. Abri a porta e o encontrei falando ao telefone e escrevendo furiosamente em um bloco de notas. Quase perdi a respiração quando ouvi sua voz profunda e suave falando um francês impecável.

– Ces sera parfait. Non. Non, ce n’est pas nécessaire. Seulement quatre. Oui.

Quatre. Merci, Ivan.

Desligou o telefone, mas não levantou o olhar para me cumprimentar. Assim que fiquei em frente à sua mesa, ele falou comigo no mesmo tom severo de antes.

– No futuro, srta. Mills, você deve deixar fora do escritório qualquer conversa que não seja relacionada ao trabalho. Nós pagamos para você trabalhar, não ficar de conversinha. Estou sendo claro?

Fiquei sem palavras por um momento até que ele levantou a cabeça, olhou nos meus olhos e ergueu uma sobrancelha. Balancei a cabeça para sair daquele transe e, de uma só vez, percebi a realidade sobre Bennett Ryan: embora fosse ainda mais lindo pessoalmente do que nas fotos, ele não era nada como imaginei. E não era nem um pouco parecido com seus pais e seu irmão.

– Muito claro, senhor – eu disse, enquanto caminhava ao redor de sua mesa para colocar o café na sua frente.

Mas, quando fui esticar o braço, o salto do meu sapato prendeu no tapete e fui jogada para frente. Ouvi um “merda” bem alto escapar da boca dele e o café se tornou nada mais do que uma mancha escaldante em seu terno caríssimo.

– Oh, meu Deus, sr. Ryan, eu sinto *muito*!

Corri para a pia em seu banheiro para pegar uma toalha e voltei correndo, caindo

de joelhos na frente dele e tentando limpar a mancha. Na minha pressa, e no meio da humilhação que não pensei que poderia piorar, percebi de repente que eu estava esfregando a toalha com força em sua virilha. Afastei os olhos e as mãos, sentido um rubor se espalhar em meu rosto quando tive um vislumbre do crescente volume no meio de suas pernas.

– Você pode ir agora, srta. Mills.

Assenti e saí com pressa de sua sala, horrorizada por ter feito uma primeira impressão tão terrível.

Felizmente, provei rápido o meu valor depois disso. Houve momentos em que ele até pareceu impressionado comigo, embora sempre estivesse irritado e mal-humorado. Entendi que era simplesmente porque ele era um idiota, mas sempre me perguntei se havia algo específico sobre mim que o deixava ainda mais estressado – Além do incidente da toalha, é claro.



Quando cheguei ao trabalho, encontrei Sara no caminho para o elevador. Combinamos de almoçar na semana seguinte e me despedi quando ela chegou em seu andar. No 18º, a porta do sr. Ryan estava fechada como de costume, então eu não sabia se ele já tinha chegado. Liguei o computador e tentei me preparar mentalmente para o dia. Ultimamente, a ansiedade tomava conta de mim sempre que eu sentava naquela cadeira.

Eu sabia que iria vê-lo pela manhã. Todas as sextas-feiras nós revisávamos a agenda da semana. Mas eu nunca sabia com qual humor ele apareceria.

Apesar de seu temperamento ter piorado ultimamente, as últimas palavras que ele me dissera na véspera foram “Compre a cinta-liga também”. E comprei. Na verdade, estava usando naquele exato momento. Por quê? Não tinha ideia. O que diabos ele quisera dizer com aquilo? Será que estava pensando que veria a cinta-liga em mim? Sem chance. Então, por que eu vesti? *Eu juro por Deus, se ele rasgar...* Interrompi o pensamento antes que pudesse terminar.

É claro que não iria rasgar. Eu nunca permitiria isso.

Continue pensando assim, Mills.

Responder alguns e-mails, editar o contrato da Papadakis e pesquisar alguns hotéis tiraram minha mente da situação por algum tempo. Cerca de uma hora depois, a porta de sua sala se abriu. Quando levantei a cabeça, encontrei um sr. Ryan com ares de profissional responsável. Seu terno preto de dois botões estava impecável, e a gravata de seda vermelha complementava perfeitamente o visual. Ele parecia calmo e relaxado. Não havia nenhum vestígio do homem selvagem que me foderia no provador da La Perla aproximadamente 18 horas e 36 minutos antes. Não que eu estivesse contando.

– Você está pronta para começar?

– Sim, senhor.

Ele assentiu uma vez e voltou para sua sala.

Certo, então era assim que seria. Ótimo. Eu não tinha certeza do que estava esperando, mas fiquei um pouco aliviada por as coisas não estarem diferentes. Nos últimos dias tudo vinha se tornando mais e mais intenso, o que causaria um estrago ainda maior quando tudo acabasse e eu tivesse de recolher os cacos da minha carreira. Tinha esperança de que pudéssemos deixar isso para trás e continuarmos a trabalhar sem outro desastre até eu concluir meu MBA.

Eu o segui até sua sala e sentei. Comecei a passar a lista de compromissos e reuniões que precisavam de sua atenção. Ele ouviu sem comentários, apenas fazendo anotações ou digitando no computador quando necessário.

– Tem uma reunião com a Red Hawk Publishing marcada para hoje às três. Seu pai e seu irmão disseram que também vão participar. Provavelmente vai tomar o resto do dia, então limpei sua agenda...

E assim continuei, até que eventualmente chegamos na parte que eu temia.

– Por último, temos a conferência da JT Miller em San Diego no mês que vem – eu disse, de repente tomando consciência de que estava rabiscando meu calendário. A pausa que se seguiu pareceu durar para sempre, então levantei a cabeça para ver o que estava acontecendo. Ele estava me encarando, batendo com uma caneta dourada na mesa, o rosto completamente sem expressão.

– Você vai me acompanhar? – ele perguntou.

– Sim – minha única palavra provocou um silêncio sufocante na sala. Eu não fazia ideia do que ele estava pensando enquanto nos encarávamos. – Faz parte da

programação do meu estágio. Eu, ah, também acho que vai ser bom ter a minha presença lá para, ah, ajudar nos seus compromissos.

– Faça todas as preparações necessárias – ele falou, em tom de quem finaliza a conversa, e voltou a digitar em seu computador.

Pensando que tinha sido liberada, eu me levantei e comecei a andar até a porta.

– Srta. Mills?

Virei para olhar em seu rosto e, apesar de não me olhar de volta, ele parecia quase... nervoso. Bom, *isso* era diferente.

– Minha mãe te convidou para um jantar na semana que vem.

– Oh – senti um rubor surgir em meu rosto. – Por favor, diga que vou checar minha agenda – virei novamente para sair da sala.

– Ela me disse para... te encorajar *fortemente* a aceitar.

Lentamente dei a volta e vi que ele agora estava me encarando, e definitivamente parecia desconfortável.

– E por que exatamente você deveria fazer isso?

– Bom – ele disse, antes de limpar a garganta –, aparentemente ela quer apresentar uma pessoa para você.

Isso era novo. Conheço a família Ryan há anos e, embora Susan tenha mencionado algumas pessoas, ela nunca tinha ativamente tentado me apresentar alguém.

– Sua mãe está tentando arranjar um namorado para mim? – perguntei, andando de volta para sua mesa e cruzando os braços sobre meu peito.

– Aparentemente, sim – algo em sua expressão não combinava com sua resposta desinteressada.

– *Por quê?* – perguntei, levantando uma sobrancelha.

Ele franziu a testa, obviamente incomodado.

– Como diabos vou saber? Eu não fico conversando sobre você com ela – ele grunhiu. – Talvez ela esteja preocupada que, com essa sua personalidade magnética, você acabe se tornando uma velha sozinha em uma casa cheia de gatos.

Apoiando minhas mãos em sua mesa, eu o encarei.

– Bom, talvez ela devesse ficar mais preocupada que seu filho acabe se tornando

um velho safado que passa o tempo acumulando calcinhas e seguindo garotas em lojas de lingerie.

Levantando-se da cadeira com um salto, ele se inclinou na minha direção com o rosto furioso.

– Sabe, você é a maior... – ele foi interrompido pelo telefone.

Encaramos um ao outro com ferocidade, os dois respirando pesadamente. Por um momento, pensei que ele iria me agarrar e me jogar em cima da mesa. No momento seguinte, eu desejei que ele fizesse isso. Ainda me encarando, ele esticou o braço e atendeu o telefone.

– Alô – ele disse com raiva, os olhos grudados nos meus. – George! Oi. Sim, eu tenho um minuto.

Ele sentou novamente e eu esperei um instante para saber se precisaria de mim enquanto falava com o sr. Papadakis. Então ele levantou o dedo sinalizando para eu esperar e começou a deslizar a caneta na mesa, enquanto apenas ouvia.

– Você precisa que eu fique? – perguntei.

Ele assentiu uma vez e falou no telefone:

– Eu não acho que você precisa ser tão específico nesse estágio, George – o tom grave de sua voz reverberou pelas minhas costas. – Apenas uma visão geral já está bom. Precisamos saber o alcance dessa proposta antes de começarmos um rascunho.

Mudei de posição enquanto esperava em pé. Ele era um grande egocêntrico, fazendo eu ficar parada ali enquanto ele falava com um colega, como se eu estivesse segurando uma bandeja com uvas e o abanando.

O sr. Ryan levantou o queixo e passou rapidamente os olhos em mim, abaixando o olhar até minha saia. Quando olhou para cima novamente, seus lábios estavam levemente abertos, como se quisesse perguntar alguma coisa para mim mas não fosse capaz. Ele se inclinou para frente com a caneta na ponta dos dedos, e então a usou para levantar minha saia até as coxas.

Seus olhos se arregalaram quando viu a cinta-liga.

– Entendo – murmurou ao telefone, deixando minha saia cair. – Acho que podemos concordar que isso é um avanço positivo.

Seus olhos tornaram-se sombrios à medida que subiam pelo meu corpo. Meu

coração começou a bater mais forte. Quando me olhou daquela maneira, eu desejei pular em seu colo e o amarrar na cadeira com a gravata.

– Não, não. Nada tão abrangente nesse ponto. Como disse, isso é apenas uma visão geral preliminar.

Eu me aproximei da mesa e sentei na cadeira em frente a ele. O sr. Ryan levantou uma sobrancelha, interessado, colocou a caneta entre os dentes e mordeu.

Um calor surgiu no meio das minhas pernas. Segurei a barra da saia e subi o tecido até as coxas, expondo minha pele ao ar frio do escritório e aos olhos famintos do outro lado da mesa.

– Sim, concordo – ele disse, mas a voz parecia ainda mais grave, quase rouca. Passei a ponta dos dedos pela alça da cinta-liga, percorrendo a pele até chegar ao cetim da minha calcinha. Nada – nem ninguém – conseguia fazer eu me sentir tão sexy quanto ele fazia. Era como se ele agarrasse todos os meus pensamentos sobre meu emprego, minha vida e meus objetivos e dissesse: “Isso tudo é muito bom, mas veja essa outra coisa que estou oferecendo. Será pervertido e muito perigoso, mas você vai implorar por isso. Você vai implorar por mim”.

E, se dissesse isso em voz alta, ele estaria certo.

– Sim – ele disse novamente. – Acho que esse é o caminho ideal para seguirmos em frente.

É isso que você acha, não é mesmo? Sorri em sua direção, mordendo o lábio. Ele respondeu com um sorriso diabólico. Meus dedos subiram ainda mais e envolveram meu seio, apertando-o. Com a outra mão, puxei a calcinha para o lado e passei dois dedos sobre minha pele molhada.

O sr. Ryan quase engasgou e procurou um copo de água com mãos trêmulas.

– Está bem, George. Vamos cuidar disso quando chegar aqui. Podemos cumprir esse prazo.

Comecei a mover minha mão, pensando em seus longos dedos que brincavam com a caneta. Pensei naquelas mãos agarrando meus quadris, cintura e coxas quando ele me penetrara na loja de lingerie.

Aumentei a velocidade, meus olhos se fecharam e minha cabeça caiu para trás na cadeira. Tentei manter o silêncio, mordendo os lábios quando um pequeno

gemido escapou pela garganta. Imaginei suas mãos e os braços fortes, os músculos enrijecendo enquanto seus dedos se moviam dentro de mim. Suas pernas na frente do meu rosto na sala de conferência, firmes e esculpidas, tentando resistir ao impulso para estocar.

Aqueles olhos, colados em mim, sombrios e suplicantes.

Olhei para cima e encontrei aqueles olhos exatamente como os imaginava, não observando minha mão, mas com sua expressão faminta mirando meu rosto enquanto eu caía no abismo, cada vez mais fundo e mais fundo. Meu clímax foi ao mesmo tempo arrebatador e frustrante: eu queria que fosse o toque dele, e não o meu.

Em algum ponto, o telefonema se encerrou, e minha respiração parecia alta demais no silêncio da sala. Ele ainda estava sentado na minha frente, com suor molhando suas sobrancelhas, as mãos agarrando a cadeira com força como se estivesse na frente de um furacão.

– O que você está fazendo comigo? – ele perguntou com a voz baixa.

Eu sorri maliciosamente, soprando as mechas de cabelo que cobriam meus olhos.

– Na verdade, acho que fiz isso apenas *comigo*.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Realmente.

Levantei e desci a saia de volta.

– Se não precisar mais de mim, sr. Ryan, vou voltar ao trabalho.



Quando voltei do banheiro, onde fora me retocar, percebi que o sr. Ryan tinha enviado uma mensagem de texto, informando que eu deveria encontrá-lo na garagem para podermos ir até o centro da cidade. Graças a Deus, outros executivos e seus assistentes também iriam para a reunião da Red Hawk. Eu sabia que, dado nosso histórico, se eu tivesse de sentar numa limusine sozinha com aquele homem por vinte minutos – principalmente depois do que tinha acabado de fazer –, haveria apenas duas possíveis consequências. E apenas uma

delas mantinha suas bolas intactas.

A limusine estava esperando lá fora e, quando me aproximei, nosso motorista deu um largo sorriso e abriu a porta para mim.

– Oi, Chloe, como vai o trabalho?

– Cheio, divertido, interminável. Como vai a escola? – sorri de volta. Stuart era meu motorista preferido e, apesar de flertar um pouco demais, ele sempre me fazia sorrir.

– Se eu pudesse desistir da física e ainda conseguir meu diploma em biologia, eu faria isso. Pena que você não é uma cientista, ou então poderia me dar umas aulinhas – ele disse, mexendo as sobrancelhas.

– Se vocês dois já terminaram, nós temos um lugar importante para ir. Você pode ficar paquerando a srta. Mills nas suas horas livres – o Sr. Ryan já tinha entrado na limusine para me esperar, e ficou nos encarando quando voltou para dentro. Eu sorri e revirei os olhos para Stuart antes de entrar.

Com exceção do sr. Ryan, o carro estava vazio.

– Onde estão os outros? – perguntei, confusa, enquanto o carro começava a se mover.

– Eles vão participar de outra reunião mais tarde e decidiram usar outro carro – ele se ocupou folheando seus papéis. Não pude deixar de notar a maneira como ele nervosamente tamborilava os caros sapatos italianos.

Olhei com desconfiança. Ele não parecia diferente. Na verdade, estava sexy como sempre. O cabelo estava perfeitamente desarrumado como de costume. Quando ele distraidamente levou a caneta dourada até a boca, como tinha feito no escritório, eu precisei me ajeitar no assento para aliviar meu desconforto. Quando ele levantou o olhar, o sorriso no canto dos lábios mostrava que tinha flagrado o meu olhar de desejo.

– Gostou do que viu? – ele perguntou.

– Não aqui no carro – respondi, também com um sorriso sugestivo. E, só porque eu sabia que iria provocá-lo, cruzei as pernas, fazendo minha saia subir um pouco mais do que seria apropriado. Talvez ele devesse se lembrar de quem realmente podia ganhar esse jogo. A irritação voltou ao seu rosto em um instante. Missão cumprida.

Os dezoito minutos e meio restantes de nossa viagem de vinte minutos foram gastos trocando olhares zangados um com o outro enquanto eu fingia que não estava fantasiando sobre seu lindo rostinho mergulhado no meio das minhas pernas.

E nem preciso mencionar que meu humor estava péssimo quando chegamos. As três horas seguintes passaram a passos de tartaruga. Os outros executivos chegaram e todos se cumprimentaram. Uma mulher particularmente bonita chamada Lisa pareceu tomar um interesse imediato em meu chefe. Ela tinha trinta e poucos anos, cabelo ruivo, olhos negros luminosos e um corpo perfeito. É claro que o sorriso matador do sr. Ryan surgiu com toda a força, e ele flertou com a ruiva durante a tarde inteira.

Maldito.

Quando voltamos para o escritório no final do dia, depois de uma viagem ainda mais tensa na limusine, eu ainda sentia que o sr. Ryan queria dizer alguma coisa. E se ele não dissesse logo, eu acabaria explodindo. Quando eu queria que ficasse quieto, ele não parava de falar. Mas quando eu precisava que dissesse algo, ele ficava mudo.

Fui tomada por uma sensação de terror e déjà-vu quando entramos no prédio quase deserto e nos dirigimos para os elevadores. No instante em que aquelas portas douradas se fecharam, eu desejei estar em qualquer lugar que não fosse ao seu lado. *Por acaso o oxigênio está em falta por aqui?* Quando olhei para seu reflexo nas portas polidas, achei difícil dizer como estava seu humor. Ele havia afrouxado a gravata e o casaco estava pendurado no ombro. Durante a reunião, ele enrolou as mangas da camisa até os cotovelos, e eu tentei não ficar olhando demais para os músculos que se delineavam sob sua pele. Com exceção do queixo constantemente apertado e dos olhos abatidos, ele parecia completamente calmo.

Quando chegamos ao 18º andar, deixei escapar um grande suspiro. Devem ter sido os 42 segundos mais longos da minha vida. Segui o sr. Ryan pelo corredor, tentando manter meu olhar afastado enquanto ele entrava em sua sala. Para minha surpresa, ele não fechou a porta. Ele sempre fechava a porta.

Chequei rapidamente minhas mensagens e arrumei alguns detalhes de última

hora antes de ir embora e fechar a semana. Acho que nunca estive com tanta pressa para sair dali. Bom, isso não é exatamente verdade. Na última vez em que tínhamos estado sozinhos naquele andar eu fugira rapidinho de lá. Droga, se havia um momento para não pensar nisso, aquele era o momento: no meio do escritório vazio. Apenas eu e ele.

O sr. Ryan saiu de sua sala bem quando eu estava juntando minhas coisas – ele colocou um envelope branco na minha mesa e continuou andando até a porta sem parar. *Que diabos era aquilo?* Abrindo rapidamente o envelope, vi meu nome em vários papéis brancos e elegantes. Eram papéis de uma conta privada na La Perla, com o sr. Bennett Ryan como titular.

Ele abriu uma conta de crédito para mim?

– O que é isso? – eu disse, fervilhando. Pulei da cadeira e perguntei: – Você abriu uma linha de crédito para mim?

Após parar no meio do caminho e hesitar por um instante, ele se virou e me encarou.

– Depois do seu showzinho de hoje, dei um telefonema e combinei que você poderia comprar qualquer coisa que... precise. É claro, a conta é sem limite – ele disse categoricamente, sem nenhum traço de desconforto em seu rosto. É por isso que ele era o mestre naquilo que fazia. Ele tinha uma habilidade incrível de retomar o controle de qualquer situação. Mas ele honestamente pensava que poderia me controlar?

– Então, só para deixar claro – eu disse, balançando a cabeça e tentando manter uma aparência calma –, você fez um acordo para comprar *lingerie* para mim.

– Bom, apenas para repor as coisas que eu... – ele parou, possivelmente repensando a resposta. – As coisas que foram danificadas Se você não quiser, *simplesmente não use* – ele disse rispidamente, antes de se virar novamente para ir embora.

– Seu filho da puta – corri para ficar na frente dele e, no caminho, amassei o papel no meu punho fechado. – Você acha que isso é engraçado? Você acha que eu sou só um brinquedo que você pode vestir apenas para sua diversão? – eu não sabia com quem estava mais brava: com ele, por pensar em mim daquele jeito, ou comigo, por permitir que chegasse a isso.

Ele zombou:

– Oh, sim. Eu acho isso absolutamente hilário.

– Pegue isso e enfie no cu – joguei o papel em seu peito e peguei minha bolsa, virando e literalmente correndo até o elevador. *Mas que maldito cafajeste egocêntrico.*

Logicamente, eu sabia que ele não tinha a intenção de me insultar, pelo menos eu esperava que não. Mas isso? Era exatamente por isso que você não deve foder com seu chefe e fazer um showzinho para ele em seu escritório.

Aparentemente, eu faltei nessa parte da orientação do emprego.

– Srta. Mills! – ele gritou, mas eu o ignorei e entrei no elevador. *Vai logo*, eu disse para mim mesma enquanto apertava repetidamente o botão da garagem. O rosto dele apareceu bem quando as portas estavam fechando. Eu sorri e mostrei o dedo do meio. *Muito maduro de sua parte, Chloe.*

– Merda, merda, merda! – gritei no elevador vazio, batendo o pé no chão.

Aquele cretino tinha rasgado sua última calcinha.

O elevador chegou e eu andei até meu carro, resmungando por todo o caminho.

A garagem estava pouco iluminada e meu carro era um dos últimos naquele andar, mas eu estava furiosa demais para pensar nisso. Eu teria pena de qualquer cretino azarado que cruzasse meu caminho naquele momento. Assim que esse pensamento me ocorreu, ouvi a porta da escada se abrir e o sr. Ryan saiu de lá me chamando.

– Deus! Você pode esperar um pouco? – ele gritou. Não deixei de perceber que ele estava absolutamente sem fôlego. Acho que descer dezoito andares correndo faz isso com as pessoas.

Destrancando meu carro, abri a porta e joguei minha bolsa no banco de trás.

– Que droga você quer, Ryan?

– Caramba, você pode parar de ficar irritada por dois segundos e apenas me ouvir?

Girei para encará-lo de frente.

– Você acha que eu sou algum tipo de *puta*?

Uma centena de emoções diferentes passaram por seu rosto – raiva, choque, confusão, ódio – e admito que achei aquilo delicioso. Ele abriu o colarinho da

camisa, seu cabelo estava absolutamente bagunçado, e a gota de suor correndo ao lado de seu queixo não estava ajudando a situação. Mas eu estava determinada a permanecer brava.

Mantendo uma distância segura, ele balançou a cabeça.

– Por Deus! – ele disse, olhando ao redor na garagem. – Você acha que eu te vejo como uma *puta*? Não! Aquilo foi só para o caso de... – ele parou, tentando organizar seus pensamentos. Então, pareceu simplesmente desistir e apertou o queixo.

A raiva estava correndo tão forte dentro de mim que, antes que pudesse evitar, dei um passo para frente e estapeei seu rosto com força. O som ecoou pela garagem. Com um olhar chocado e furioso, ele subiu a mão e tocou no lugar onde eu acertara.

– Você pode ser meu chefe, mas *não* é você quem decide como isso funciona. O silêncio se estendeu entre nós, minha mente mal registrava os sons do trânsito lá fora.

– Sabe – ele começou a falar com o olhar sombrio, dando um único passo em minha direção –, eu não ouvi você reclamar.

Ah, que cretino suave.

– Contra a janela – outro passo. – No elevador e na escada. No trocador, enquanto você assistia eu te foder – e outro. – Quando abriu as pernas na minha sala hoje, não ouvi uma única palavra de protesto dessa sua boquinha gostosa. Eu respirava com dificuldade e podia sentir o metal frio do meu carro através do tecido leve do vestido. Ele era tão alto que, quando se inclinou para baixo, eu pude sentir sua respiração quente contra meus cabelos. Tudo que precisava fazer era olhar para cima, e nossas bocas se encontrariam.

– Bom, eu já superei isso – eu disse através dos dentes cerrados, com cada respiração trazendo um breve momento de alívio quando meu peito roçou no dele.

– É claro que superou – ele disse, balançando a cabeça e se aproximando ainda mais. Sua ereção pressionou minha barriga. Então, apoiou as mãos no carro, prendendo-me entre seus braços. – Superou completamente.

– Exceto... talvez... – eu disse, sem saber se realmente queria dizer aquilo em

voz alta.

– Talvez apenas mais uma vez? – seus lábios estavam quase tocando os meus.

Aquilo parecia gentil demais, real demais.

Levantando meu rosto, sussurrei contra sua boca:

– Eu não quero querer isso. Isso não é bom para mim.

Ele respirou fundo uma vez e, justo quando achei que ficaria louca, tomou meu lábio inferior e me puxou para perto. Rugindo em minha boca, ele aprofundou o beijo e me empurrou com força contra o carro. Assim como da última vez, esticou o braço e retirou as presilhas dos meus cabelos.

Nossos beijos foram provocantes e depois rudes, puxando e afastando, mãos agarrando cabelos e línguas duelando. Perdi o fôlego quando ele dobrou os joelhos e esfregou seu pau em mim.

– Deus... – gemi, passando uma perna ao redor de seu corpo e apoiando meu salto em sua coxa.

– Eu sei – ele exalou pesadamente na minha boca. Olhando para baixo em minha perna e segurando minha bunda com as mãos, ele apertou fortemente e murmurou: – Já falei o quanto acho esses sapatos sensuais? O que você está tentando fazer comigo com esses lacinhos?

– Bom, há outros laços em outro lugar, mas você vai precisar contar com a sorte para encontrar.

Ele se afastou.

– Entre no maldito carro – ele disse, a voz soando grave em sua garganta quando abriu a porta de repente.

Eu o encarei, tentando fazer a razão penetrar em meu cérebro enevoado. O que eu deveria fazer? O que eu queria? Será que eu poderia simplesmente permitir que ele possuísse meu corpo daquele jeito novamente? Eu estava tão perturbada que até tremia. Os pensamentos racionais estavam rapidamente me abandonando quando senti suas mãos passando pelo meu pescoço e mergulhando em meus cabelos.

Agarrando com força, ele puxou minha cabeça em sua direção e encarou meus olhos.

– Agora.

A decisão foi tomada. Eu enrolei sua gravata em minha mão e o puxei para o banco de trás. A porta se fechou e ele não perdeu tempo com os fechos da frente do meu vestido. Soltei um gemido quando senti suas mãos rasgando o tecido e percorrendo minha pele nua. Ele deitou meu corpo no banco de couro frio, ajoelhando no meio das minhas pernas, pousou a palma da mão entre meus seios e desceu lentamente pela barriga até a renda da cinta-liga. Seus dedos tracejaram as delicadas fitas até a borda da meia e subiram novamente, movendo-se até o limiar da calcinha. Os músculos do meu abdômen tensionavam com cada movimento e eu tentava controlar minha respiração. Dedilhando os pequenos lacinhos brancos, ele olhou para cima e disse:

– Isso não tem nada a ver com sorte.

Eu o puxei para perto agarrando sua camisa e deslizei minha língua em sua boca, gemendo quando a palma de sua mão me pressionou. Nossos lábios se procuravam, nossos beijos eram longos e profundos, ganhando urgência com cada centímetro de pele revelada. Puxei sua camisa para fora da calça e explorei a pele macia de suas costelas, os músculos definidos de seus quadris e a suave trilha de pelos que imploravam que eu descesse para o umbigo e além.

Querendo provocá-lo de volta, corri meus dedos por cima de seu cinto e do volume duro que se anunciava debaixo da calça.

Ele rugiu em minha boca.

– Você não sabe o que está fazendo comigo.

– Diga o que é – sussurrei de volta. Eu estava usando suas próprias palavras contra ele, e fiquei excitada só de saber que os papéis tinham se invertido. – Diga e darei aquilo que você quer.

Ele gemeu e mordeu meus lábios, estremecendo, com a testa encostada na minha.

– Eu quero que você me foda.

Suas mãos estavam tremendo quando ele agarrou minha calcinha nova e, por mais maluco que possa parecer, eu queria que ele a rasgasse. A paixão selvagem entre nós era diferente de tudo o que eu já experimentara, eu não queria que ele se controlasse. Sem uma palavra, ele arrancou a calcinha, e a dor do tecido raspando em minha pele apenas aumentou o prazer.

Estiquei a perna e o empurrei para trás, tirando-o de cima de mim. Então levantei, o joguei contra o banco do carro e montei em seu colo. Agarrei sua camisa e abri com força, arrancando os botões, que caíram espalhados ao redor. Eu não conseguia pensar em qualquer outra coisa que não fosse ele e aquilo. A sensação do ar em minha pele, os sons ásperos de nossa respiração, o calor dos beijos, o pensamento do que viria a seguir. Com mãos frenéticas, abri seu cinto e a calça, e com sua ajuda retirei a peça de roupa. A ponta de seu pau raspou em minha entrada e eu fechei os olhos, lentamente abaixando em cima dele.

– Oh, Deus... – eu gemi, a sensação dele dentro de mim intensificando aquela dor ansiosa. Levantando meus quadris, comecei a cavalgá-lo, fazendo cada movimento mais intenso do que o anterior. A dor de seus dedos ásperos apertando minha cintura apenas alimentou meu desejo. Seus olhos estavam fechados e seus gemidos abafados contra meu peito. Movendo os lábios por cima da renda do meu sutiã, ele puxou uma taça para baixo e tomou meu mamilo endurecido entre seus dentes. Apertei seus cabelos e provoquei um gemido nele, sua boca abrindo-se ao redor da minha pele.

– Morde meu peito – sussurrei.

Ele mordeu, com força, me fazendo gritar e puxar ainda mais seus cabelos. Nossos corpos estavam tão sincronizados que eu reagia a cada olhar, cada toque e cada som dele. Eu ao mesmo tempo amava e odiava o que ele me fazia sentir. Eu nunca tinha sido alguém que perde o controle facilmente, mas quando ele me tocava daquele jeito eu simplesmente jogava tudo pela janela, tudo o que eu fora.

– Você gosta de sentir meus dentes? – ele perguntou, com a respiração curta e irregular. – Você fantasia sobre onde mais eu posso morder?

Eu empurrei seu peito e o encarei.

– Você simplesmente não sabe quando calar a boca, não é mesmo?

Ele me levantou e me jogou fortemente contra o banco. Abrindo minhas pernas, enfiou dentro de mim novamente. Meu carro era pequeno demais para aquilo, mas naquele momento nada poderia nos impedir. Mesmo com suas pernas dobradas de um jeito estranho e meus braços tentando impedir que minha cabeça batesse na porta, o espaço estava tornando aquilo quase impossível.

Ajoelhando-se numa posição mais confortável, ele segurou uma das minhas

pernas e a colocou por cima de seu ombro, forçando seu pau ainda mais fundo em mim.

– Oh, Deus, sim.

– Gostou? – levantou a outra perna e a colocou sobre o outro ombro. Esticando o braço, ele agarrou a porta e a usou como apoio para aprofundar as estocadas. – É assim que você gosta? – a mudança no ângulo me fez ofegar, enquanto as mais deliciosas sensações se espalhavam pelo meu corpo.

– Não – empurrando a porta com as mãos, eu levantava meus quadris para igualar cada movimento dele. – Eu gosto com mais força.

– Merda! – ele murmurou, virando a cabeça levemente e deixando um rastro de beijos em minha perna. Nesse ponto, nossos corpos estavam brilhando de suor, as janelas estavam completamente embaçadas e nossos gemidos preenchiam o espaço silencioso do carro. O fraco brilho vindo das luzes da garagem enfatizava cada músculo delineado da obra de arte que pairava sobre mim. Eu observava com fascínio o seu corpo se contorcendo com o esforço, seus cabelos molhados grudando em sua testa, o pescoço completamente tenso.

Baixando a cabeça entre seus braços esticados, ele fechou os olhos com força e balançou a cabeça.

– Oh, Deus... – ele ofegou. – Eu simplesmente... não consigo parar.

Inclinei para ficar mais perto, querendo achar uma maneira de possuí-lo ainda mais fundo e completamente dentro de mim. Eu nunca quisera tão furiosamente consumir outro corpo. Ainda assim, parecia que eu nunca chegava perto o bastante para sentir as partes que eu realmente queria. Era nisso que eu estava pensando quando uma deliciosa e esmagadora tensão ao longo da minha pele e barriga se cristalizou em uma dor tão forte que me fez deslizar as pernas para fora de seus ombros, puxando todo seu peso em cima de mim e implorando “por favor, por favor, por favor”, de novo e de novo.

Eu estava quase lá. *Quase lá.*

Meus quadris circulavam, e os seus respondiam com dificuldade, mas firmes, tão selvagem em cima de mim quanto eu estava sendo embaixo dele.

– Estou quase lá, *por favor.*

– Qualquer coisa – ele grunhiu em resposta, antes de se abaixar e morder meu

lábio. – Você pode ter *qualquer coisa*.

Gritei quando gozei, minhas unhas cravaram em suas costas e senti o sabor de seu suor em minha boca.

Ele praguejou com sua voz grave e rouca e, com uma última e poderosa estocada, flexionou todos os músculos em cima de mim.

Exausto e trêmulo, ele desabou, com o rosto mergulhado em meu pescoço. Não resisti ao impulso de correr minhas mãos em seus cabelos molhados enquanto deitávamos ali ofegantes, com seu coração batendo contra meu peito. Milhões de pensamentos surgiram em minha mente enquanto os minutos passavam.

Vagarosamente, nossas respirações se acalmaram, e eu pensei que ele havia adormecido, quando moveu a cabeça para o lado.

Meu corpo suado esfriou instantaneamente quando ele começou a se vestir.

Observei-o por um momento antes de me endireitar e colocar meu vestido, sentindo-me ambivalente. Mais do que simples satisfação física, transar com ele era a maior diversão que eu tivera em muito tempo.

Mas ele ainda era um grande cretino.

– Imagino que você vai ignorar a conta. Agora entendo que isso não pode se repetir – ele disse, arrancando-me com um sobressalto dos meus próprios pensamentos. Virei para encará-lo. Ele estava dando de ombros, olhos fixos à frente.

Momentos se passaram antes que ele se virasse para olhar em meus olhos.

– Diga algo para eu saber que você me escutou.

– Diga a Susan que eu aceito o convite para o jantar, sr. Ryan. E saia imediatamente do meu carro.

Seis

A queimação em meu peito era quase suficiente para me distrair da bagunça em minha mente. *Quase.*

Aumentei a inclinação da esteira e intensifiquei meus movimentos. Pés batendo com força no chão, músculos pegando fogo, isso sempre funcionou. Era assim que eu vivia minha vida. Não havia nada que não pudesse conquistar se eu me esforçasse ao máximo: escola, carreira, família, mulheres.

Merda. *Mulheres.*

Irritado, balancei a cabeça e aumentei o volume no iPod, esperando que isso me distraísse por tempo suficiente até conseguir alguma paz.

Eu deveria saber que não daria certo. Não importava o quanto eu me dedicasse, ela estaria sempre lá. Fechei os olhos e lembrei de tudo: meu corpo por cima dela, sentido suas pernas me envolvendo, suado, ansioso, querendo parar, mas sem conseguir. Estar dentro dela era a mais perfeita tortura. Saciava a fome que eu sentia no momento, mas, quando acabava, eu, como um viciado, era imediatamente consumido pela necessidade de ter mais. Era amedrontador, pois, naqueles momentos com ela, eu fazia tudo que ela pedisse. E esse sentimento estava começando a aparecer em horas como agora, quando eu nem estava perto dela, mas desejava ser tudo o que ela precisava. Eu sei, é ridículo.

Alguém puxou meu fone de ouvido e eu virei em direção à fonte do aborrecimento.

– O que foi? – eu disse, encarando meu irmão.

– Se continuar correndo desse jeito você vai acabar jogado no chão, Ben – ele respondeu, – O que foi que ela fez dessa vez para te irritar tanto?

– Quem?

Ele revirou os olhos.

– A Chloe.

Senti meu estômago embrulhar com o som daquele nome e voltei minha atenção para a esteira.

– Por que você acha que isso tem alguma coisa a ver com ela?

– Porque eu não sou um maldito idiota.

– Nada está me incomodando. E mesmo se alguma coisa estivesse, por que diabos teria qualquer coisa a ver com ela?

Ele riu e balançou a cabeça.

– Nunca conheci alguém que provocasse esse tipo de reação em você. E sabe por que, não é? – ele desligou sua esteira e voltou toda a atenção para mim. Eu estaria mentindo se dissesse que aquilo não era um pouco irritante. Meu irmão era muito observador. Às vezes, observador demais. E, se tinha alguma coisa que eu não queria que ele observasse, era isso.

Mantive os olhos fixos à frente enquanto corria, tentando não encontrar seu olhar.

– Não, não sei, mas estou sentindo que você vai querer me explicar.

– Porque vocês dois são parecidos demais – ele disse, todo presunçoso.

– *O quê?!*

Várias pessoas olharam para nós ao ouvirem meu grito no meio da academia lotada. Bati no botão que parava a esteira e me virei para ele.

– Como você pode pensar isso? Nós não somos *nada* parecidos – eu estava suado, sem fôlego e exausto por correr mais de quinze quilômetros. Mas, naquela hora, o aumento na minha pressão sanguínea não tinha nada a ver com o exercício.

Henry tomou um longo gole de sua garrafa de água e continuou sorrindo.

– Quem você acha que está enganando? Nunca encontrei duas pessoas mais parecidas. Em primeiro lugar... – ele parou, limpando a garganta e levantando uma das mãos para contar dramaticamente seus argumentos – vocês dois são inteligentes, determinados, trabalham duro e são leais. *E...* – ele continuou, apontando para mim – ela é uma pessoa ousada e atrevida. Na verdade, ela é a primeira mulher em sua vida que consegue te encarar de frente e não fica te seguindo como uma cachorrinha perdida. Você odeia saber que precisa disso. Será que todo mundo estava louco? Claro, ela até poderia ser alguma dessas coisas. Nem mesmo eu posso deixar de admitir que ela era incrivelmente inteligente. E trabalhava duro, eu várias vezes me surpreendi com o quanto ela estava inteirada com nosso trabalho. Era definitivamente determinada, embora eu talvez descrevesse isso mais como teimosia ou obsessão. E, realmente, ninguém podia questionar sua lealdade. Afinal, ela teve milhões de oportunidades para me denunciar desde que começamos nosso joguinho safado. Fiquei parado olhando para ele enquanto tentava formular uma resposta.

– Bom, sim, mas ela também é uma megera desagradável.

Boa. Muito articulado, Bennett.

Descendo da esteira, rapidamente limpei a máquina e cruzei a academia tentando me livrar dele.

Ele riu atrás de mim.

– Está vendo? Eu sabia que ela estava tirando você do sério.

– Vá se ferrar, Henry.

Comecei a me preparar para outro exercício quando ele parou ao meu lado, sorrindo como um gato que tinha acabado de pegar um canário.

– Bom, meu trabalho terminou por aqui – ele disse, esfregando as mãos e parecendo muito satisfeito consigo mesmo. – Acho que vou voltar para casa.

– Ótimo. Suma daqui.

Rindo, ele se virou para ir embora.

– Ah, mas antes que eu esqueça, a Mina perguntou se você conseguiu convencer a Chloe a aceitar o convite para o jantar.

Assenti enquanto amarrava meu tênis.

– Ela disse que aceita.

– Será que eu sou a única pessoa que acha hilário que a mãe quer apresentar o Joel Cignoli para ela? – aquela sensação em meu peito surgiu novamente. Henry e eu crescemos com Joel. Ele era um cara decente, mas, só de pensar nos dois juntos, eu tinha vontade de socar alguma coisa. – Quer dizer, o Joel é muito legal – ele continuou –, mas a Chloe é areia demais para ele, você não acha? – pude sentir Henry me encarando mais do que deveria. – Mas, se ele acha que tem chance, boa sorte, não é?

Comecei a fazer abdominais um pouco mais rápido do que o necessário.

– Vejo você mais tarde, Benny.

– Suma logo daqui – murmurei.



No domingo à noite, deitado na cama, revisei o plano em minha mente. Eu estava pensando demais nela, e de uma forma diferente. Eu tinha de me esforçar e passar uma semana sem tocá-la. Seria como uma desintoxicação. Sete dias, eu consigo. Sete dias sem tocá-la e essa coisa seria expulsa do meu sistema. Poderia finalmente seguir com minha vida. Mas havia algumas precauções que eu teria de tomar.

Primeiro, eu não poderia mais cair na tentação de discutir com ela. Por alguma razão, nossas discussões eram como um tipo doentio de preliminar. Segundo: chega de fantasiar sobre ela, nunca mais. Isso significava parar de reviver nossos

encontros sexuais e parar de criar fantasias sobre novos encontros – e também parar de pensar nela nua ou em qualquer parte do corpo dela tocando qualquer parte do meu corpo. Chega disso tudo.

E, em grande parte, as coisas pareciam estar indo de acordo com o plano. Eu estava em um constante estado de desconforto e a semana parecia se arrastar, mas, com exceção de algumas fantasias sem-vergonha, consegui manter o controle. Fiz o possível para me manter ocupado fora do escritório, mas, durante os momentos que fomos forçados a ficar juntos, eu mantive uma distância constante e, na maior parte do tempo, nós tratamos um ao outro com a mesma aversão educada de antes.

Mas juro que ela estava tentando me provocar. A srta. Mills parecia ficar mais sexy a cada dia. Algo sobre suas roupas, ou algo que fazia, ou como me olhava sempre jogava minha mente de volta para a sarjeta. Combinei comigo mesmo que não haveria mais “sessões” na hora do almoço. Eu tinha de por um fim nisso, e imaginá-la enquanto eu me masturbava – inferno, imaginar *ela* se masturbando – não iria ajudar em nada.

Na segunda-feira ela usou o cabelo solto. Ao vê-la sentada na minha frente em uma reunião, tudo que eu conseguia pensar era em agarrar aqueles cabelos enquanto ela me chupava.

Na terça-feira ela vestiu uma saia na altura dos joelhos e meias com a costura subindo pela parte de trás das pernas. Ela parecia algum tipo de secretária pin-up.

Na quarta-feira ela vestiu um terno. Isso foi inesperadamente pior, pois eu não conseguia parar de pensar como seria tirar aquelas calças de suas longas pernas.

Na quinta-feira, ela usou uma blusa com decote completamente normal, mas, por duas vezes, quando se abaixou para pegar minha caneta, eu tive uma bela visão de seus seios. Apenas uma dessas vezes foi de propósito.

Na sexta-feira, pensei que iria explodir. Não tinha batido uma na semana inteira, e, por causa disso, eu estava andando por aí com o pior caso de saco roxo que a humanidade já presenciou.

Enquanto me dirigia para o escritório na sexta-feira de manhã, eu rezava para que ela faltasse no trabalho, por motivos médicos ou algo assim. Mas, por alguma razão, não achava que teria tanta sorte. Eu estava excitado e com um humor particularmente ruim e, quando abri a porta do escritório, quase tive um ataque do coração. Ela estava abaixada regando as plantas, usando um vestido cinza e botas que subiam até o joelho. Cada curva de seu corpo estava à mostra. Alguém lá em cima realmente me odiava.

– Bom dia, sr. Ryan! – ela disse docemente, fazendo eu parar quando passei ao seu lado. Alguma coisa estava diferente. Ela nunca falava comigo com aquela doçura. Olhei com desconfiança.

– Bom dia, srta. Mills. Você parece estar com um humor excepcionalmente cordial hoje. Por acaso alguém morreu?

O canto de sua boca mostrou um sorrisinho diabólico.

– Ah, não. Estou apenas animada para o jantar de amanhã e para conhecer seu amigo Joel. Henry me contou tudo sobre ele. Acho que podemos ter muita coisa em comum.

Filho da puta.

– Ah, certo. O jantar. Tinha esquecido completamente. Sim, você e o Joel...

Bom, já que ele é um filhinho de mamãe e você é uma megera insuportável, vocês dois podem encontrar uma conexão amorosa realmente espetacular.

Mudando de assunto, eu adoraria uma xícara de café se você estiver indo para a cafeteria – virei e entrei na minha sala.

De repente pensei que talvez não fosse prudente pedir um café. Um dia desses ela poderia colocar alguma coisa nele. Arsênico, por exemplo.

Antes mesmo que eu pudesse sentar, ela bateu na porta.

– Entre.

Ela colocou o café com tanta força que até espirrou um pouco na mesa, que, como ela sabia perfeitamente, era caríssima. Então, me encarou.

– Vamos fazer a reunião da agenda da semana? – ela estava de pé na frente da minha mesa, debaixo de um raio de sol. Sombras caíam sobre seu vestido, acentuando a curva de seus seios. Merda, eu queria tomar seu mamilo endurecido com a minha boca. Estava frio ali? Como ela poderia estar com frio se eu estava suando tanto?

Eu tinha de sair dali.

– Não. Esqueci que tenho uma reunião no centro da cidade hoje à tarde. Então, vou sair daqui a dez minutos e não vou voltar. Envie os detalhes da agenda para mim por e-mail – respondi rapidamente, dirigindo-me para a segurança da minha cadeira.

– Não estou sabendo de nenhuma reunião fora da empresa hoje – ela disse com ceticismo.

– Não, claro que não – eu disse. – É uma coisa pessoal.

Quando ela não respondeu, eu dei uma olhada em seu rosto e vi uma expressão estranha. O que era aquilo? Ela obviamente parecia brava, mas havia algo mais. Será que estava... com *ciúme*?

– Ah – ela respondeu, mordendo o lábio inferior. – É com alguém que eu conheço? – ela nunca perguntava esse tipo de detalhe. – Quer dizer, apenas no caso de seu pai ou seu irmão precisarem te encontrar.

– Bom... – fiz uma pausa, tentando torturá-la por um instante. – Nos dias de hoje, se alguém precisar falar comigo, eles podem ligar no meu celular. Você deseja mais alguma coisa, srta. Mills?

Ela hesitou por um momento antes de levantar o queixo e endireitar os ombros.

– Já que você não vai estar aqui, eu gostaria de começar meu fim de semana mais cedo. Talvez fazer umas compras para amanhã à noite.

– Sem problema. Vejo você amanhã – nossos olhos se encontraram, e a eletricidade no ar era tão palpável que pude sentir meu coração acelerar.

– Tenha uma boa *reunião* – ela disse com os dentes cerrados, antes de sair e fechar a porta.

Fiquei aliviado quando ouvi a srta. Mills ir embora, quinze minutos mais tarde. Quando decidi que era seguro, juntei minhas coisas e saí. Fui interrompido por um homem carregando um grande arranjo de flores.

– Posso ajudar? – perguntei.

Olhando em seus papéis, ele olhou ao redor e disse:

– Eu tenho uma entrega para a srta. Chloe Mills.

Mas que...? Quem diabos mandaria flores para ela? Será que estava saindo com alguém enquanto nós...? Eu nem conseguia terminar esse pensamento.

– A srta. Mills saiu para almoçar. Ela voltará em cerca de uma hora – menti. Eu tinha de olhar o cartão – Pode deixar que eu assino o recebimento e entrego para ela – ele colocou as flores em cima da mesa.

Assinando rapidamente o recibo, dei uma gorjeta e ele foi embora. Por três longos minutos fiquei de pé observando as flores, tentando me convencer a deixar de ser uma mocinha e definitivamente não olhar o cartão.

Rosas. Ela odiava rosas. Tive de rir, pois, seja lá quem enviou, não sabia nada sobre ela. Até eu sabia que ela não gostava de rosas. Uma vez a ouvi conversar com Sara sobre um ex-namorado que enviou um buquê de rosas. Ela imediatamente deu as flores para outra pessoa, pois não gostava do perfume forte. No fim, minha curiosidade venceu e eu tirei o cartão do arranjo.

Estou animado para o nosso jantar,
Joel Cignoli

Aquela sensação estranha voltou a se espalhar lentamente pelo meu peito

enquanto eu amassava o cartão.

Tirando as flores de sua mesa, andei até a porta, tranquei a fechadura e me dirigi para o elevador.

Assim que as portas se abriram, passei ao lado de uma grande lata de lixo cromada e, sem pensar duas vezes, joguei fora o arranjo e tudo mais.

Eu não sabia que diabos estava acontecendo comigo. Mas sabia com toda certeza que aqueles dois não podiam sair juntos de jeito nenhum.

Sete

Passei a maior parte do sábado correndo perto do lago, tentando tomar um pouco de ar, manter uma distância e clarear meus pensamentos. Mesmo assim, a viagem de uma hora de carro até a casa dos meus pais proporcionou tempo suficiente para o emaranhado de frustração voltar a se instalar na minha mente: a srta. Mills, o quanto eu a odiava, o quanto eu a desejava, as flores que Joel enviou. Esticando-me no banco do carro, tentei deixar que o som do motor me acalmasse. Não estava funcionando.

Então, o fato era o seguinte: eu me sentia possessivo em relação a ela. Não de um jeito romântico, mas de um jeito troglodita do tipo “golpeie-a na cabeça, arraste-a pelo cabelo até a caverna e transe com ela”. Como se ela fosse meu brinquedo e eu tivesse de manter os outros meninos do parquinho longe dela. Isso não é doentio? Se a srta. Mills me ouvisse admitir isso, ela cortaria meu saco e me daria para comer.

Agora, a questão era como proceder. Obviamente, Joel estava interessado. Como poderia não estar? Tudo que ele tinha eram as informações que a minha família passava, e eles obviamente gostavam dela e tenho certeza que mostraram pelo menos uma fotografia. Se eu só tivesse essas informações, também me interessaria. Mas não havia como ele conversar com ela de verdade sem perceber a megera que ela é.

A não ser que ele quisesse apenas trepar com ela...

O som do couro no volante do carro sendo apertado pela minha mão me disse que era melhor não pensar muito nisso.

Ele não teria concordado em encontrá-la na casa dos meus pais se tudo que quisesse fosse sexo, não é? Pensei sobre isso. Talvez ele realmente quisesse apenas conhecê-la melhor. Inferno, até eu tenho de admitir que fiquei um pouco intrigado antes de nos encontrarmos cara a cara. É claro, isso não durou muito, e ela acabou se revelando a pessoa mais irritante que eu já tinha conhecido.

Infelizmente para mim, ela também era a melhor transa que eu já tivera.

Merda, era melhor que ele não fosse tão longe com ela. Eu não saberia como esconder um corpo nessas redondezas.



Ainda lembro da primeira vez em que a vi. Meus pais foram me visitar no Natal quando eu morava no exterior, e um dos meus presentes foi um porta-retratos digital. Enquanto olhava as fotos com minha mãe, parei a sequência em uma foto dos meus pais com uma linda garota de cabelos escuros.

– Quem é essa com você e o papai? – perguntei. Minha mãe contou que seu nome era Chloe Mills e que trabalhava como assistente do meu pai, e que era maravilhosa e tal. Ela devia ter apenas vinte anos na foto, mas sua beleza natural era arrebatadora.

Com o passar dos anos, seu rosto frequentemente aparecia nas fotos que minha mãe me enviava; em reuniões na empresa, festas de Natal e até festas na casa dos meus pais. Seu nome ocasionalmente surgia quando minha família relatava os acontecimentos do trabalho e da vida em geral.

Então, quando foi decidida a minha volta para a empresa, meu pai explicou que a srta. Mills estava cursando a Northwestern e que sua bolsa requeria experiência prática. Disse também que meu cargo seria um objeto de estudos perfeito para o MBA dela. Minha família a amava e confiava nela, e o fato de meu pai e irmão não terem qualquer reserva sobre sua habilidade de lidar com o trabalho ajudou a me convencer. Concordei imediatamente. Fiquei um pouco preocupado que minha apreciação por sua beleza pudesse interferir na habilidade de ser seu chefe, mas rapidamente me tranquilizei, pensando que o mundo está cheio de mulheres bonitas e que eu conseguiria separar as coisas com facilidade.

Como fui idiota.

E agora eu conseguia enxergar todos os erros que cometera nos últimos meses.

Mesmo naquele primeiro dia, tudo estava se encaminhando para isto.

Para piorar as coisas, parecia que ultimamente eu não conseguia transar com mais ninguém sem pensar nela. Eu estremecia só de lembrar da última vez em que tinha tentado.

Aconteceu alguns dias antes do Incidente na Janela – era assim que eu chamava nossa primeira transa. Eu precisava participar de um evento de caridade. No escritório, fiquei admirado ao ver a srta. Mills num vestido azul incrivelmente sexy que eu nunca tinha visto antes. No instante em que a encontrei, desejei jogá-la na mesa e foder sem piedade.

Passei toda aquela noite com uma linda loira ao meu lado, mas estava totalmente distraído. Eu sentia que estava chegando ao meu limite e que eventualmente iria explodir. Mal sabia eu que aquilo não iria demorar.

Tentei provar a mim mesmo que a srta. Mills não estava influenciando minha mente e fui para casa com a loira. Entrando em seu apartamento, nós nos beijamos e tiramos rapidamente a roupa, mas tudo parecia estranho. Não é que ela não fosse gostosa e interessante, mas, quando a deitei na cama, o que visualizei foram cabelos morenos esparramados nos travesseiros. Quando beijei seu peito, eu queria sentir seios fartos e reais – e não siliconados como aqueles. E, mesmo quando coloquei a camisinha e me posicionei em cima dela, eu sabia que a loira era apenas um corpo sem rosto que eu estava usando para minhas necessidades egoístas.

Tentei manter a srta. Mills longe dos meus pensamentos, mas fui incapaz de evitar a imagem proibida de como seria tê-la debaixo de mim. Foi apenas por pensar nessa imagem que eu consegui gozar com força, rapidamente saindo de cima da loira, odiando a mim mesmo. Agora, lembrando o incidente, eu estava ainda mais enojado do que no momento em que aconteceu, pois percebia que, naquele momento, eu permitira que ela entrasse na minha mente e permanecesse lá.

Se eu conseguisse passar por esta noite, as coisas poderiam ficar mais fáceis. Estacionei o carro e comecei a dizer em minha mente: *Você consegue. Você consegue.*

– Mãe? – chamei, olhando em cada cômodo por que passava.

– Estou aqui, Bennett – ouvi sua resposta vindo do quintal dos fundos.

Abri as portas francesas e fui recebido com o sorriso da minha mãe enquanto ela colocava os toques finais na mesa que ficava lá fora.

Abaixei para que ela pudesse me dar um beijo.

– Por que vamos comer aqui fora?

– A noite está tão linda, pensei que poderia deixar as pessoas mais confortáveis aqui do que sentadas naquela sala de jantar. Você acha que alguém vai se importar?

– É claro que não – eu disse. – É lindo aqui fora. Não se preocupe.

E estava mesmo lindo. O jardim possuía uma grande pérgola branca cujas vigas estavam cobertas de vegetação. No centro havia uma grande mesa para oito pessoas, coberta por uma delicada toalha de renda branca, sobre a qual estava a louça favorita de minha mãe. Velas e flores azuis descansavam sobre pequenos suportes de prata, e um candelabro de aço brilhava acima de tudo.

– Você sabe que nem mesmo eu consigo evitar que a Sofia rasgue essas coisas da mesa, não é? – coloquei uma uva na boca.

– Ah, ela vai ficar com os pais da Mina hoje. Melhor assim – ela disse. – Se a

Sofia viesse hoje, ela acabaria roubando toda a atenção.

Merda. Com a Sofia fazendo caretas na minha frente, eu teria algo para me distrair do Joel.

– Hoje a noite é toda para a Chloe. E estou realmente esperançosa que ela e Joel gostem um do outro – minha mãe continuou arrumando o jardim, acendendo velas e fazendo ajustes de última hora, completamente alheia à minha angústia. Eu estava ferrado. Enquanto considerava sair correndo de lá, ouvi Henry chegar – com pontualidade, desta vez.

– Onde está todo mundo? – ele gritou, com sua voz grave ecoando pela casa vazia. Abri a porta para minha mãe, nós entramos e encontramos meu irmão na cozinha.

– Eeentão, Ben – ele começou, apoiando seu grande corpo no balcão –, está animado para o jantar?

Esperei até nossa mãe sair novamente para o jardim e o encarei com um olhar cético.

– Acho que sim – respondi, todo casual. – Acho que a mãe fez torta de limão. Minha favorita.

– Você é tão metido. Quero só ver quando o Joel começar a flertar com a Chloe na frente de todo mundo. Isso pode tornar a noite muito interessante, você não acha?

Ele estava arrancando um pedaço de pão de uma das grandes tigelas do balcão da cozinha, quando sua esposa, Mina, entrou e deu um tapa em sua mão.

– Você quer deixar sua mãe maluca estragando seu apetite para o jantar que ela planejou tanto? Comporte-se, Henry. E nada de provocar ou fazer piadinhas com a Chloe. Você sabe que ela deve estar uma pilha de nervos. Deus sabe que ela já tem de aguentar o bastante com esse aqui – ela disse, apontando para mim.

– Do que você está falando? – eu já estava cansando desse fã clube da Chloe Mills. – Eu nunca fiz nada para ela.

– Bennett – meu pai apareceu na porta, gesticulando para mim. Eu o segui para fora da cozinha e entramos em seu escritório. – Por favor, comporte-se no jantar. Eu sei que você e a Chloe não se dão bem, mas estamos em casa, não no seu trabalho, e eu espero que você a trate com respeito.

Apertei meu queixo com força e concordei balançando a cabeça, pensando em todas as maneiras como eu a desrespeitara nas últimas semanas.

Enquanto eu estava no lavabo, Joel chegou, trazendo uma garrafa de vinho e algumas variações de seus cumprimentos exagerados: um “Você está linda” para minha mãe, um “Como vai o bebê?” para Mina e uma sólida combinação de

aperto-de-mão-e-abraço-másculo para Henry e o meu pai.

Esperei um tempo no corredor, mentalmente me preparando para o resto da noite.

Tínhamos uma boa amizade com Joel quando éramos crianças e durante a escola. Eu ainda não o tinha encontrado desde que voltara de Paris, mas ele não tinha mudado muito. Joel era um pouco mais baixo do que eu, com um corpo esguio, cabelo preto e olhos azuis. Acho que algumas mulheres o considerariam bonito.

– Bennett! – aperto de mão, abraço másculo. – Cara, há quanto tempo não nos vemos?

– É verdade, Joel. Acho que desde o colegial – respondi, apertando sua mão com firmeza – Como você está?

– Estou ótimo. As coisas estão indo muito bem. E você? Vi sua foto em várias revistas, então acho que também está indo muito bem, não é? – ele deu tapinhas em minhas costas.

Que babaca.

Assenti ligeiramente e forcei um sorriso. Decidi que precisava de mais um tempo para pensar, então pedi licença e subi as escadas até meu antigo quarto. Simplesmente entrar pela porta já fez com que eu me sentisse mais calmo. O quarto pouco mudara desde os meus dezoito anos. Mesmo quando eu estava fora do país, meus pais o mantiveram praticamente do mesmo jeito que estava quando entrei na faculdade. Sentado na minha antiga cama, pensei em como me sentiria se a srta. Mills realmente se envolvesse com o Joel. Ele era sim um cara legal e, apesar de odiar admitir, definitivamente havia uma chance de eles se darem bem. Mas o pensamento de outro homem tocando a pele dela fazia cada músculo em meu corpo se contrair. Lembrei daquele momento no carro quando eu disse a ela que não conseguia parar. Mesmo agora, com toda minha pose de durão, não sei se conseguiria.

Ouvi uma nova rodada de cumprimentos e a voz de Joel no andar de baixo, então decidi que era hora de descer e encarar a realidade.

Quando pisei no último degrau, eu a vi. Estava de costas para mim... e o ar sumiu dos meus pulmões.

Seu vestido era branco.

Por que tinha de ser branco?

Era um vestido de verão bem feminino que descia até um pouco antes dos joelhos e mostrava suas longas pernas. A parte de cima era feita do mesmo material, com pequenos laços sustentando o conjunto em cada ombro. Tudo que

eu podia pensar era no quanto eu adoraria puxar aqueles laços e observar o vestido cair ao redor de sua cintura. Ou talvez cair até o chão.

Nossos olhos se encontraram e ela sorriu de uma maneira tão genuína e feliz que, por um segundo, eu até acreditei.

– Olá, sr. Ryan.

Meus lábios tremeram com a diversão de vê-la fingir que não havia nada de peculiar naquele encontro com minha família.

– Olá, srta. Mills – respondi com um aceno de cabeça. Nossos olhares não se separaram, mesmo quando minha mãe chamou todos ao jardim para as bebidas antes do jantar.

Quando a srta. Mills passou por mim, virei a cabeça e falei numa voz baixa o bastante para que apenas ela ouvisse:

– Teve uma boa tarde de compras ontem?

Seus olhos encontraram os meus, com aquele mesmo sorriso angelical de antes.

– Você adoraria saber, não é? – ela passou por mim e eu senti meu corpo inteiro enrijecer. – E, por falar nisso, uma nova linha de cintas-liga chegou ontem – ela sussurrou antes de seguir os outros para o jardim.

Parei e meu queixo caiu enquanto eu me lembrava de nossa escapadinha no provador da La Perla.

Na minha frente, Joel se inclinou para perto dela.

– Espero que você não tenha se incomodado com as flores que enviei para seu escritório ontem. Admito que foi um pouco demais, mas eu estava mesmo animado para te conhecer – senti um nó na barriga quando as palavras do Joel me arrancaram daquele meu devaneio safado.

Ela virou para trás e me olhou.

– Flores? Eu recebi flores?

Dei de ombros e balancei a cabeça.

– Eu saí mais cedo, lembra? – comecei a caminhar para o jardim e fui preparar um drinque, um *gimlet* com vodca Belvedere.

Ao longo da noite, eu não pude evitar seguir cada movimento da srta. Mills com o canto dos olhos. Quando o jantar finalmente chegou, estava aparente que as coisas iam relativamente bem entre os dois. Ela até estava flertando com ele.

– Então, Chloe, o senhor e a senhora Ryan me contaram que você nasceu em Dakota do Norte? – a voz de Joel interrompeu outra de minhas fantasias (que desta vez era do meu punho acertando a cara dele). Olhei e o vi sorrindo para ela.

– É isso mesmo. Meu pai é dentista em Bismarck. Nunca fui uma garota de

cidade grande. Até mesmo a cidade de Fargo parecia gigante para mim – uma pequena risada abafada escapou da minha boca, e os olhos dela dispararam em minha direção. – Achou isso engraçado, sr. Ryan?

Sorri com o canto dos lábios enquanto tomava um gole do meu drinque, observando-a por cima da taça.

– Desculpe, srta. Mills. Só acho fascinante você não gostar de cidade grande, mas mesmo assim escolher a terceira maior cidade dos Estados Unidos para cursar a faculdade e... fazer tudo o mais.

A expressão em seus olhos dizia que, se a circunstância fosse outra, eu agora estaria pelado em cima dela – ou deitado em uma poça do meu próprio sangue.

– Na verdade, sr. Ryan – ela começou, voltando a mostrar um sorriso –, meu pai se casou novamente e, já que minha mãe nasceu aqui, decidi morar em Chicago para passar mais tempo com ela. Isso foi antes de ela falecer – a srta. Mills me encarou por um momento e admito que senti uma pontada de culpa em meu peito. Mas essa pontada sumiu rapidamente quando ela voltou a olhar para Joel, mordendo o lábio de um jeito inocente que apenas ela conseguia fazer parecer tão sexy.

Pare de flertar com ele.

Apertei os punhos enquanto eles continuavam conversando. Mas, alguns minutos mais tarde, eu congelei. *Será que eu senti...?* Soltei um sorriso enquanto tomava um gole do meu drinque. Sim, definitivamente o que eu estava sentindo era o pé dela subindo pela minha perna debaixo da mesa. Maldita garota atrevida, se insinuando para mim enquanto conversava com um cara que, como nós dois sabíamos, não conseguiria satisfazê-la. Observei seus lábios enquanto se abriam para receber o garfo e meu pau endureceu quando vi sua língua lentamente lambe o resto de molho deixado pelo peixe.

– Uau, entre os primeiros da sua classe na Northwestern? Impressionante – disse Joel, que então se virou e olhou para mim. – Aposto que você está contente em ter uma pessoa tão maravilhosa trabalhando duro para te satisfazer, não é? Ela engasgou, levantando o guardanapo para cobrir a boca. Eu sorri e olhei ligeiramente para ela e depois de volta para Joel.

– Sim, é absolutamente incrível ter a srta. Mills trabalhando duro para mim. Ela sempre faz um ótimo trabalho em todas as posições.

– Ah, Bennett. Isso é gentileza sua – interveio minha mãe, e fiquei assistindo o rosto da srta. Mills se tornar vermelho. Meu sorriso se desfez quando senti seu pé se aproximar do meio das minhas pernas. Então, com delicadeza, ela pressionou minha ereção. *Caralho*. Foi minha vez de engasgar com meu drinque.

– Você está bem, sr. Ryan? – ela perguntou com uma preocupação fingida e eu assenti, olhando com raiva em sua direção. Ela deu de ombros e então voltou a olhar para Joel. – Então, e quanto a você? Sempre morou em Chicago?

Com a ponta do sapato, ela continuou esfregando gentilmente o meu pau e eu tentei manter a respiração controlada e a expressão neutra. Quando Joel começou a contar sobre sua infância e nosso período na escola, para depois finalmente contar sua história de sucesso na profissão, eu fiquei observando a expressão dela mudar de um interesse falso para uma curiosidade genuína.

Ah, não, nem pensar.

Estiquei minha mão esquerda debaixo da toalha de mesa e encontrei a pele de seu calcanhar. Observei o pequeno sobressalto que ela teve quando a toquei.

Movi os dedos em pequenos círculos, corri o polegar ao longo da curva de seu pé, sentindo-me mais presunçoso a cada vez que ela precisava pedir que Joel repetisse o que tinha dito.

Mas então ele mencionou que gostaria de almoçar com ela em algum dia da semana. Minha mão cobriu o pé inteiro e pressionei ainda mais firme contra meu pau.

Ela sorriu com o canto da boca.

– Você pode me emprestá-la para um almoço, não é Bennett? – perguntou Joel com um sorriso alegre. Seu braço estava pousado atrás da cadeira dela. Tive de me controlar muito para não pular em cima da mesa e arrancar aquele braço dele.

– Ah, e por falar em almoços, Bennett – interrompeu Mina, batendo em meu braço com sua mão –, você se lembra da minha amiga, a Megan? Você a conheceu no mês passado na minha casa. Vinte poucos anos, com a minha altura, loira, olhos azuis. Enfim, ela pediu seu telefone. Você está interessado?

Olhei rapidamente para Chloe quando senti o tendão de seu pé ficar tenso, e vi que ela praticamente parou de respirar esperando a resposta.

– É claro. Você sabe que prefiro as loiras. Pode ser uma boa mudança de ares para mim.

Tive de abafar um grito quando ela apertou o salto do sapato contra minhas bolas. Continuou a apertar por um momento enquanto levava o guardanapo até a boca e passava no canto dos lábios.

– Com licença, preciso ir ao banheiro – ela disse.

Assim que ela entrou na casa, minha família inteira se voltou contra mim.

– Bennett – meu pai disse secamente –, já conversamos sobre isso.

Peguei meu drinque e levei até a boca.

– Não sei do que você está falando.

– Bennett – acrescentou minha mãe –, eu acho que você deveria ir se desculpar.

– Pelo quê? – perguntei, colocando o drinque na mesa com um pouco de força demais.

– *Ben!* – meu pai disse com firmeza, deixando claro que aquilo era uma ordem. Joguei o guardanapo na mesa e me levantei. Andei com passos duros pela casa, procurando pelos banheiros, até finalmente chegar ao terceiro andar, onde a porta do banheiro estava fechada.

De pé do lado de fora, com minha mão pousada na maçaneta, comecei um debate em minha mente. Se entrasse lá, o que aconteceria? Havia apenas uma coisa na qual eu estava interessado, e com certeza não era pedir desculpas.

Pensei em bater na porta, mas tinha certeza que ela não iria me convidar para entrar. Tentei ouvir os sons lá dentro, procurando por qualquer sinal de movimento. Nada. Finalmente, virei a maçaneta, e me surpreendi por não estar trancada.

Eu entrara naquele banheiro poucas vezes desde que minha mãe o reformara. Era um espaço moderno muito bonito, com um balcão de mármore feito sob medida e um grande espelho que cobria uma parede. Acima de uma mesinha, ficava uma pequena janela que dava para o jardim lá embaixo. Ela estava sentada no banco em frente à mesa, olhando para o céu.

– Veio para continuar sendo um idiota? – ela perguntou. Então tirou a tampa de um batom e o aplicou cuidadosamente nos lábios.

– Eles me enviaram para ver como estão os seus tão delicados sentimentos – estiquei o braço para trás e tranquei a porta. O clique ecoou no silêncio do banheiro.

Ela riu e olhou em meus olhos pelo espelho. A srta. Mills parecia completamente calma, mas eu podia enxergar o subir e descer de seu peito; ela na verdade estava tão nervosa quanto eu.

– Posso garantir que estou muito bem – colocou a tampa de volta no batom e o guardou na bolsa. Então levantou e começou a andar até a porta. – Estou acostumada com você agindo como um idiota. Mas o Joel parece legal. É melhor eu descer.

Coloquei a mão na porta e me inclinei, aproximando-me de seu rosto.

– Eu acho que não – meus lábios raspavam levemente em sua orelha, e ela estremeceu com o contato. – Veja bem, ele quer uma coisa que é minha, e ele não pode ter isso.

Ela me encarou.

– Por acaso estamos no século passado? Me deixe passar. Eu *não* sou sua.
– Você pode até pensar assim – sussurrei, com meus lábios pairando sobre a base de seu pescoço –, mas seu corpo – eu disse, passando minhas mãos debaixo de sua saia e pressionando contra a renda molhada entre suas pernas – pensa de outro jeito.

Seus olhos se fecharam e ela soltou um gemido quando meus dedos se moveram em lentos círculos sobre seu clitóris.

– Vá se foder.

– É só você pedir – eu disse em seu pescoço.

Ela soltou uma risada trêmula, e eu a empurrei contra a porta do banheiro.

Agarrando suas duas mãos, eu as levantei sobre sua cabeça, segurando-as firmemente e me inclinando para beijá-la. Senti sua resistência e balancei a cabeça, apertando ainda mais.

– Vamos, é só pedir – eu repeti, pressionando meu pau duro em sua barriga.

– Oh, Deus... – ela disse quando baixou a cabeça para o lado, permitindo acesso a seu pescoço. – Não podemos fazer isso aqui.

Corri meus lábios por seu peito e ombros. Segurando seus dois pulsos com uma mão, levantei meu outro braço e lentamente puxei um dos laços que prendiam a parte de cima do vestido, beijando a pele exposta. Passando para o outro lado, repeti a ação e fui recompensado quando o tecido caiu, revelando um sutiã de renda branca sem alça. *Merda*. Será que essa mulher não tinha nenhuma peça de roupa que não me fizesse quase gozar nas calças imediatamente? Passei a boca até seus seios enquanto minha mão livre abria o fecho do sutiã. Desta vez eu não deixaria de ter uma visão daqueles seios nus. O sutiã abriu fácil e o tecido caiu, revelando a imagem que preenchia cada uma das minhas fantasias mais safadas. Quando tomei um mamilo rosa com a boca, ela gemeu e seus joelhos dobraram-se levemente.

– Shhh... – sussurrei contra sua pele.

– Mais – ela disse. – De novo.

Eu a levantei e ela passou as pernas ao redor da minha cintura, juntando nossos corpos com mais firmeza. Libertei suas mãos e ela imediatamente agarrou meus cabelos e me puxou para mais perto. Eu adorava quando ela fazia isso. Eu a empurrei contra a porta, mas então percebi que havia roupas demais no caminho. Eu queria sentir o calor de sua pele contra a minha, queria me enterrar fundo dentro dela e a manter presa na parede até muito depois de todos já terem ido dormir.

Ela parecia ler a minha mente quando seus dedos se moveram e começaram a

freneticamente arrancar minha camisa polo de dentro da calça, tirando-a por cima da minha cabeça.

O som de risadas subiu até o banheiro através da janela e pude sentir sua tensão. Um longo momento passou antes que seus olhos se encontrassem com os meus. Ela claramente estava tentando articular alguma coisa para dizer.

– Nós não deveríamos estar fazendo isso – ela disse finalmente, balançando a cabeça. – Ele está esperando por mim – ela tentou me afastar sem muito esforço, mas eu a mantive presa.

– Você realmente quer ele? – perguntei, sentindo uma onda de possessividade ferver dentro de mim. Ela continuou me encarando, mas não disse nada.

Eu a coloquei no chão e a puxei para a mesinha, parando quando fiquei exatamente atrás dela. De onde estávamos, tínhamos uma perfeita visão do jardim lá embaixo.

Puxei suas costas até meu peito e levei minha boca até sua orelha.

– Você consegue ver ele? – perguntei, com minhas mãos deslizando em seus seios. – Olhe para ele – desci as mãos até sua barriga, passando pela saia até chegar nas coxas. – Ele consegue fazer você se sentir assim? – meus dedos flutuaram acima das coxas e por baixo da calcinha. Um suspiro grave escapou da minha boca quando senti aquele calor e enfiei o dedo lá dentro. – Ele consegue te deixar molhada assim?

Ela gemeu e pressionou os quadris de volta em meu corpo.

– Não...

– Diga o que você quer – sussurrei em seu ombro.

– Eu... eu não sei.

– Olhe para ele – eu disse, com meus dedos entrando e saindo dela. – Você sabe o que quer.

– Quero sentir você dentro de mim – ela não precisava pedir duas vezes. Eu rapidamente abri e abaixei minhas calças, raspando meu corpo em sua bunda antes de subir sua saia e agarrar sua calcinha. – Rasgue – ela sussurrou.

Eu nunca fora capaz de ser tão primal e rude com ninguém antes, e com ela isso parecia tão certo. Puxei fortemente e a fina calcinha se rasgou com facilidade. Joguei a peça no chão, passando minhas mãos em sua pele nua e deslizando meus dedos desde seus braços até as mãos, que agarrei e pressionei contra a mesa em frente.

Ela era uma visão fenomenal: as costas arqueadas, a saia levantada até a cintura, a bunda arrebitada em plena exibição. Nós dois gememos quando me alinhei e enterrei fundo. Curvando-me, beijei seu ombro e soltei outro “shhh” em suas

costas.

Mais risadas vieram lá de fora. Joel estava lá embaixo. Joel, que era um cara legal, mas que queria tirá-la de mim. A imagem era suficiente para me fazer estocar com mais intensidade.

Seus gemidos abafados me fizeram sorrir, e eu a recompensei aumentando o ritmo. Uma parte doentia de mim sentia satisfação por deixar a srta. Mills sem voz.

Ela estava sem ar, os dedos procurando apoio, e meu pau duro dentro dela, penetrando mais forte sempre que ela tentava produzir um som, mas não conseguia.

Falando gentilmente em seu ouvido, perguntei se ela queria ser fodida. Perguntei se ela gostava que eu falasse palavrões, se gostava de me ver safado daquele jeito, enfiando forte até deixá-la machucada.

Ela balbuciou um sim e, quando eu mexi mais rápido e mais forte, ela implorou por mais.

Os frascos de perfume em cima da mesa estavam tremendo e derramando com a força de nossos movimentos, mas eu não conseguia achar forças para me importar. Agarrando seu cabelo, puxei-a para cima até suas costas se alinharem com meu peito.

– Você acha que ele pode fazer você se sentir assim?

Continuei entrando e saindo, forçando-a a olhar pela janela.

Eu sabia que estava me perdendo. As paredes que eu erguia para me proteger estavam desabando ao meu redor, mas eu não me importava. Eu precisava que ela lembrasse de mim quando fosse dormir. Queria que ela sentisse meu corpo quando fechasse os olhos e tocasse a si mesma, que pensasse na maneira como eu a fodia. Minha mão livre subiu ao lado de seu seio, tomando-o por inteiro e beliscando o mamilo.

– Não – ela gemeu. – Desse jeito não – deslizando minha mão novamente, segurei sua perna atrás do joelho e levantei até a mesa, abrindo-a ainda mais e permitindo que eu entrasse mais fundo.

– Você consegue sentir como se encaixa perfeitamente em mim? – grunhi em seu pescoço. – Você gosta tanto disso. Quando voltar lá para baixo, quero que lembre disso. Lembre do que faz comigo.

A sensação estava ficando insustentável e eu sabia que eu estava quase lá. Estava mais do que desesperado. Eu a desejava como se fosse uma droga, e a sensação consumia todos os meus pensamentos. Tomando sua mão, entrelacei nossos dedos e os movi por seu corpo até o clitóris, com ambas as mãos mexendo e

provocando. Gemi ao sentir meu pau indo e vindo.

– Você está sentindo isso? – sussurrei em seu ouvido, esticando nossos dedos para que caíssem nos dois lados de mim.

Ela girou a cabeça e abafou um gemido em meu pescoço. Mas não era suficiente, e eu precisava que ela não fizesse barulho. Tirando minha mão de seus cabelos, eu gentilmente cobri sua boca e plantei um beijo em seu rosto corado. Ela soltou um grito abafado, possivelmente o som do meu nome, quando seu corpo ficou tenso e me envolveu com mais força.

Depois que seus olhos se fecharam e os lábios relaxaram num suspiro de satisfação, comecei a tomar aquilo de que precisava: mais rápido agora, observando pelo espelho a maneira como os seios dela balançavam com minhas estocadas.

O clímax começou a rasgar através do meu corpo. Sua mão saiu dos meus cabelos e cobriu minha boca – fechei os olhos e deixei que a onda me tomasse. Minhas últimas estocadas foram profundas e fortes, e eu me derramei dentro dela.

Abri os olhos e beijei sua mão antes de tirá-la da minha boca e deitar minha testa em seu ombro. As vozes lá embaixo, que não suspeitavam de nada, continuavam chegando até nós. Ela se deitou em mim e ficamos lá em silêncio por alguns instantes.

Lentamente, ela começou a se afastar, e eu não gostei da separação. Observei enquanto ela ajeitava a saia, recuperava o sutiã e tentava amarrar os laços do vestido. Quando me abaixei para subir as calças, peguei a calcinha rasgada e guardei no bolso. Ela ainda estava tendo dificuldade com o vestido, então me aproximei, afastei sua mão e amarrei os laços sem que nossos olhos se encontrassem.

De repente o banheiro se tornou muito pequeno, e olhamos um para o outro num silêncio constrangedor. Estiquei a mão até a maçaneta querendo dizer alguma coisa, qualquer coisa, para consertar a situação. Como eu poderia pedir que ela transasse comigo, e apenas comigo, e esperar que nada mais mudasse? Até mesmo eu sabia que pedir isso seria um provável convite para ela chutar minhas bolas. Mas as palavras para aquilo que senti quando eu a vi com Joel não estavam se cristalizando com a velocidade necessária. Havia um branco em minha mente. Frustrado, abri a porta. E nós dois paramos imediatamente. Ali, de pé no corredor, nos encarando com os braços cruzados e uma acusadora sobrelha erguida, estava Mina.



No momento em que ele abriu a porta e nós ficamos cara a cara com a Mina, eu congelei.

– O que exatamente vocês dois estavam fazendo aí dentro? – ela perguntou, movendo os olhos de um para o outro. Um resumo de tudo aquilo que ela poderia ter escutado passou por minha mente e senti uma onda de calor se espalhar pela pele.

Joguei um olhar para o sr. Ryan e ele fez o mesmo, então voltei a encarar Mina e balancei a cabeça.

– Nada, a gente só precisava conversar. Só isso – tentei ser o mais casual possível, mas sabia que o tremor em minha voz me denunciava.

– Ah, eu ouvi umas coisas aí dentro, e certamente não era uma conversa – ela disse, sorrindo com o canto da boca.

– Não seja ridícula, Mina. Estávamos discutindo um assunto do trabalho – ele disse, tentando passar por ela.

– No banheiro? – ela perguntou.

– Sim. Vocês mandaram eu procurá-la. Foi aqui que eu a encontrei.

Ela deu um passo para o lado, bloqueando sua passagem.

– Você acha que eu sou idiota? Todo mundo sabe que vocês dois não *discutem* nada: vocês gritam. Então, como é? Vocês dois estão, tipo, namorando?

– *Não!* – gritamos ao mesmo tempo. Nossos olhos se encontraram por um instante e rapidamente desviamos o olhar.

– Então... é só sexo – ela disse, e parecia que nenhum de nós conseguia encontrar palavras para rebater. A tensão no corredor era tão pesada que eu brevemente considerei pular pela janela. – Faz quanto tempo?

– Mina... – ele começou, balançando a cabeça, e pela primeira vez eu me senti

mal por seu desconforto. Nunca o tinha visto daquela maneira. Era como se até agora ele não tivesse considerado que poderia haver consequências para aquilo, além do nosso drama pessoal.

– Há quanto tempo, Bennett? Chloe? – ela disse, olhando de um para o outro.

– Eu... nós apenas... – comecei a falar, mas falar *o quê*? Como poderia explicar isso? – Nós...

– Cometemos um erro. Isso tudo foi um erro – a voz dele cortou meus pensamentos e olhei em seu rosto, chocada. Por que ouvir aquilo me incomodava tanto? Fora *sim* um erro, mas ouvi-lo dizer em voz alta... doía, por algum motivo.

Não consegui desviar os olhos quando ela começou a falar.

– Erro ou não, isso precisa parar agora. E se fosse a Susan que tivesse subido até aqui? E Bennett, você é o chefe dela! Esqueceu disso? – ela respirou fundo. – Olha, vocês dois são adultos, e eu não sei o que está acontecendo aqui, mas, seja lá o que for, *não* deixem o Elliott descobrir.

Uma onda de náusea me atingiu ao pensar em Elliott descobrindo isso, em como ele ficaria desapontado. Eu não poderia suportar.

– Isso não vai ser um problema – eu disse, evitando o olhar do sr. Ryan. – Eu pretendo aprender com meu erro. Com licença.

Passei por eles e andei até a escadaria, sentindo raiva e dor como um pedaço de chumbo em meu estômago. A força da minha motivação e ética no trabalho sempre me sustentara durante tempos difíceis: fim de namoros, a morte da minha mãe, problemas com minhas amigas. Mas o meu valor para a RMG estava agora manchado com minha insegurança. Será que o sr. Ryan me enxergava de um jeito diferente porque eu estava transando com ele? Agora que ele – *finalmente* – entendera que poderia ser ruim para ele se os outros soubessem o que acontecia entre nós, será que começaria a questionar meus julgamentos de um jeito mais amplo?

Eu era mais inteligente do que isso. Era hora de começar a agir como tal.

Eu me recompus antes de sair para o jardim e retomar meu lugar ao lado de Joel.

– Está tudo bem? – ele perguntou.

Virei e o observei por um momento. Ele era mesmo bonito: cabelo escuro bem

penteado, um rosto amável e os olhos azuis mais lindos que eu já vira. Ele era tudo o que eu deveria procurar em um homem. Olhei para outra direção e vi o sr. Ryan voltando para a mesa junto com Mina, então rapidamente desviei o olhar.

– Acho que não estou me sentindo muito bem – eu disse, voltando a encarar o Joel. – Acho que vou terminar a noite por aqui.

– É mesmo? – ele disse, levantando-se para puxar minha cadeira. – Bom, eu te acompanho até seu carro.

Eu me despedi de todos, e andei para dentro da casa sentindo o toque pouco familiar de Joel em minhas costas. Quando chegamos na garagem, ele sorriu timidamente e tomou minha mão.

– Gostei muito de te conhecer, Chloe. Posso te ligar qualquer dia desses e talvez marcar aquele almoço?

– Me empresta seu celular – eu disse. Parte de mim se sentia mal por fazer isso, afinal, eu tinha acabado de transar com um cara no andar de cima e agora estava passando meu telefone para outro. Mas era hora de deixar tudo isso para trás, e um almoço com um cara legal parecia um bom começo.

Seu sorriso se alargou quando entreguei o celular de volta, e ele me deu seu cartão. Então tomou minha mão e a levou até seus lábios.

– Ligo para você na segunda. Com sorte, suas flores ainda estão te esperando na sua mesa.

– A intenção é o que vale – eu disse, sorrindo. – Obrigada.

Ele parecia tão sincero, tão feliz pela simples possibilidade de me encontrar novamente, e me ocorreu que eu deveria estar suspirando ou ficando corada. Mas o que eu realmente queria fazer era vomitar.

– É melhor eu ir.

Joel assentiu, abrindo a porta do carro para mim.

– É claro. Espero que se sinta melhor. Dirija com cuidado. Boa noite, Chloe.

– Boa noite, Joel.

Ele fechou a porta e eu dei partida no carro. Com os olhos grudados à frente, dirigi para longe da casa da família do meu chefe.



Na manhã seguinte, na aula de ioga, considerei confessar tudo para a Julia. Antes eu me sentia razoavelmente segura de que poderia lidar com tudo isso sozinha, mas, após uma noite inteira encarando o teto e ficando completamente maluca, percebi que precisava conversar com alguém.

Poderia ser com a Sara, e mais do que ninguém ela entenderia a tentação que era meu chefe bonito. Mas ela também trabalhava com o Henry e eu não queria colocá-la numa posição constrangedora lhe pedindo para manter um segredo desses. Eu sabia que a Mina ficaria contente em ajudar, mas o fato de ela fazer parte da família Ryan, além das coisas que poderia ter ouvido, me deixava totalmente desconfortável.

Era em situações assim que eu realmente desejava que minha mãe estivesse viva. Apenas pensar sobre ela já causava uma dor terrível em meu peito e lágrimas em meus olhos. Mudar para esta cidade para passar com ela os últimos anos de sua vida foi a melhor decisão que já tomei. Viver tão longe de meu pai e de meus amigos às vezes era difícil, mas eu sabia que tudo acontece por uma razão. Eu só queria que essa razão surgisse logo e se revelasse.

Será que eu poderia contar para a Julia? Tenho de admitir que estava morrendo de medo do que ela pensaria de mim. Porém, mais do que isso, eu estava morrendo de medo de dizer as palavras em voz alta para alguém.

– Certo, por que você está me encarando assim? – ela perguntou. – Ou você tem alguma coisa para dizer ou eu estou suada de um jeito horrível e embaraçoso.

Tentei dizer que não era nada, que ela estava vendo coisas. Mas não consegui. O peso e a pressão das últimas semanas me esmagaram de tal forma que, antes que eu pudesse me controlar, meu queixo começou a tremer e eu comecei a chorar.

– Foi o que pensei. Vem – ela ofereceu a mão e me ajudou a levantar, pegando nossas coisas e me levando para fora da sala.

Vinte minutos, duas batidas de champanhe e uma crise nervosa depois, eu fiquei observando a expressão chocada da Julia em nosso restaurante preferido. Contei tudo: as calcinhas rasgadas, eu gostar das calcinhas rasgadas, os vários lugares, as sessões de beijos-eu-te-odeio, a Mina nos pegando em flagrante, minha culpa por sentir que estava traindo Elliott e Susan, o Joel, as declarações trogloditas do

sr. Ryan e, finalmente, meu medo de estar no meio da relação mais disfuncional da história do mundo, sem ter qualquer controle sobre isso.

Quando levantei a cabeça para encontrar seu olhar, eu estremeci. Ela parecia ter acabado de assistir um acidente de carro.

– Certo, deixa ver se eu entendi.

Assenti e esperei ela continuar.

– Você está dormindo com seu chefe.

Eu me encolhi ligeiramente.

– Bom, tecnicamente...

Ela levantou a mão, me impedindo de continuar.

– Sim, sim. Isso eu entendi. E esse é o mesmo chefe que você chama tão amavelmente de “cretino irresistível”?

Respirei fundo e assenti novamente.

– Mas você odeia ele.

– Exatamente – murmurei, desviando lentamente os olhos dos dela. – Odeio.

Odeio muito mesmo.

– Você não quer ficar com ele, mas não consegue se afastar.

– Meu Deus, isso soa ainda pior vindo da boca de outra pessoa – soltei um grunhido enquanto mergulhava o rosto nas mãos. – Eu pareço ridícula.

– Mas e as transas? São boas – ela disse, com um toque de humor na voz.

– Isso não chega nem perto de descrever como é, Julia. Fenomenal, intenso, maluco, orgasmavelmente não chega nem perto de descrever.

– Orgasmavelmente nem é uma palavra.

Esfreguei o rosto e suspirei novamente.

– Cala a boca.

– Bom – ela respondeu, pensativa, e então limpou a garganta –, acho que pau pequeno não é o problema dele, afinal...

Deixei minha cabeça cair nos braços em cima da mesa.

– Não. Definitivamente esse não é o problema dele – olhei levemente para cima ao ouvir sua risada abafada. – Julia! Isso não é engraçado!

– Eu tenho de discordar. Você precisa admitir o quanto isso é maluco. Quer dizer, de todas as pessoas que conheço, você é a última que eu imaginaria caindo

numa situação dessas. Você sempre é tão séria, com cada passo da sua vida cuidadosamente planejado. Vamos lá, você teve só alguns namorados sérios, e com todos eles você passou um tempão antes de finalmente transar. Esse seu chefe deve ser realmente uma coisa de outro mundo.

– Eu sei que não tem nada de errado em ter uma relação puramente sexual com alguém... eu consigo lidar com isso. E sei que às vezes eu sou muito controladora, mas o fato é que eu sinto que preciso controlar *a mim mesma* quando estou com ele. Quer dizer, eu nem gosto dele, mas mesmo assim... eu continuo caindo em tentação.

Julia tomou um gole da batida e eu pude praticamente ver as engrenagens girando em sua mente enquanto pensava no que eu falei.

– O que é mais importante para você?

Olhei de volta, entendendo onde ela queria chegar.

– Meu emprego. Minha vida depois disso. Meu valor como funcionária. Saber que minha contribuição é importante.

– Você consegue se sentir bem quanto a essas coisas e continuar trepando com ele?

Dei de ombros, sem conseguir organizar meus pensamentos.

– Não sei. Se eu sentisse que as coisas estavam separadas, então talvez sim. Mas nossas únicas interações acontecem no trabalho. Nunca acontece de ser apenas um ou outro, é sempre trabalho e sexo numa coisa só.

– Então você precisa encontrar um jeito de parar de fazer isso. Você precisa manter distância.

– Não é tão simples – respondi, balançando a cabeça e começando a tagarelar: – Eu trabalho para ele. Não é fácil evitar todas as vezes em que ficamos sozinhos. É ridícula a quantidade de vezes que eu jurei que nunca mais transaria com ele, só para depois transar, horas mais tarde. E ainda por cima temos uma conferência daqui a duas semanas. No mesmo hotel, no mesmo espaço, o tempo todo. Com *camas* para todo lado!

– Chloe, o que há de errado com você? – perguntou Julia, mostrando surpresa na voz. – Você quer continuar com isso?

– Não! É claro que não!

Ela me olhou desconfiada.

– Quer dizer... acontece que eu sou diferente quando estou perto dele. Tipo, eu quero coisas nas quais nunca pensei antes, e talvez seja bom me permitir querer essas coisas. Mas eu queria que fosse outra pessoa provocando essas coisas em mim, alguém legal, como o Joel, por exemplo. Não é muito bom ser o meu chefe quem faz isso comigo.

– O que você gosta é a coisa de ser um chefe mandão? Tipo, dar uns tapas e coisas assim? – Julia riu, mas, quando eu desviei os olhos, ela quase engasgou. – Oh, meu Deus, ele deu umas palmadas em você?

Meus olhos se arregalaram na direção dela.

– Fale um pouco mais alto, Julia. Acho que o cara lá atrás não te escutou – assim que me certifiquei de que ninguém estava olhando, arrumei algumas mechas de cabelo na minha testa e continuei: – Olha, eu sei que preciso parar com isso, mas eu...

Eu parei de falar quando senti um calafrio subir por minha pele. Minha respiração ficou presa na garganta e eu virei lentamente para olhar em direção à porta. Era ele, com um visual desarrumado, vestindo camiseta preta, calça jeans, tênis e o cabelo bagunçado ainda mais sexy do que o normal. Virei novamente de frente para Julia, sentindo todo o sangue sumir do meu rosto.

– O que foi, Chloe? Parece que viu um fantasma – ela disse, esticando o braço para tocar minha mão.

Engoli em seco tentando encontrar minha voz, então olhei para ela.

– Você consegue ver aquele homem perto da porta? Alto e bonitão? – ela levantou a cabeça levemente para olhar e eu dei um chute em sua canela por debaixo da mesa. – Não seja tão óbvia! Esse é o meu chefe.

Os olhos dela se arregalaram e seu queixo caiu.

– O *quê*? – ela engasgou e balançou a cabeça enquanto o olhava de cima a baixo.

– Você não estava brincando, Chloe. Realmente é um cretino irresistível. Eu não expulsaria esse cara da minha cama. Ou carro. Ou provador. Ou elevador, ou...

– Julia! Você não está ajudando!

– Quem é a loira? – ela perguntou, acenando para eles. Eu me virei e vi o sr. Ryan sendo conduzido para uma mesa acompanhado de uma loira alta e de

pernas longas. Sua mão estava pousada nas costas dela. Uma pontada de ciúme atingiu meu peito.

– Mas que *babaca* – eu sussurrei. – Depois do que fez ontem? Ele deve estar de brincadeira – antes que Julia pudesse responder, seu celular tocou e ela abriu a bolsa. O “Oi, meu amor!” que ela soltou me disse que era seu noivo, e que a ligação iria demorar.

Olhei novamente para o sr. Ryan, que estava falando e rindo com a loira. Eu não conseguia tirar os olhos daquela cena. Ele parecia ainda mais atraente naquele clima casual: sorrindo, com os olhos dançando quando ria. *Cretino!* Como se pudesse ouvir meus pensamentos, ele levantou a cabeça e nossos olhos se encontraram. Apertei meu queixo e olhei para o outro lado, jogando o guardanapo na mesa. Eu tinha de sair dali.

– Eu já volto, Julia.

Ela assentiu e acenou distraída, sem parar sua conversa. Fiquei de pé e rapidamente passei pela mesa onde ele estava, evitando olhar em seu rosto. Eu tinha acabado de virar no corredor e encontrado a segurança do banheiro feminino quando senti uma mão forte agarrar meu braço.

– Espere.

Aquela voz enviou um choque elétrico através do meu corpo.

Certo, Chloe, você consegue fazer isso. Apenas se vire, olhe no rosto dele e mande ele ir se foder. Ele é um filho da puta que chamou você de “erro” na noite passada e que agora apareceu com uma loira biscate qualquer.

Endireitando meus ombros, eu me virei para encará-lo. *Merda.* Ele parecia ainda mais bonito de perto. Eu nunca o vi sem estar perfeitamente arrumado, mas ele obviamente não tinha se barbeado pela manhã e eu queria desesperadamente sentir o raspar de sua barba em meu rosto.

Ou nas minhas coxas.

– Que merda você quer? – eu disse com raiva, soltando meu braço de sua mão.

Sem o benefício dos meus saltos, eu senti ele se agigantar sobre mim. Pude enxergar olheiras sob seus olhos. Ele parecia cansado. Ótimo. Se a noite dele foi tão ruim quanto a minha, então eu estava feliz.

Passando as mãos no cabelo, ele olhou ao redor, constrangido.

– Eu queria conversar com você. Para explicar a noite passada.

– O que tem para explicar? – perguntei, acenando com a cabeça para a mesa onde a loira esperava. Meu peito doeu novamente. – *Mudança de ares*. Eu entendi. Na verdade, estou contente em ver você aqui dessa maneira... ajuda a me lembrar por que essa coisa entre nós é uma péssima ideia. Eu não quero ficar indiretamente fodendo com todas as suas outras mulheres.

– Do que você está falando? – ele perguntou, me encarando de volta. – Está falando da Emily?

– Esse é o nome dela? Bom, que você e a Emily tenham um bom almoço, sr. Ryan – eu me virei para ir embora, mas ele agarrou meu braço novamente. – Me. Solte.

– Por que você se importa?

Nossa discussão começou a atrair atenção dos garçons que passavam. Após uma rápida olhada ao redor, ele me puxou para o banheiro feminino e trancou a porta. *Fantástico, outro banheiro*.

Eu o afastei.

– O que você acha que está fazendo? E o que quer dizer perguntando se eu me importo? Você me *fodeu* na noite passada, perguntou como eu poderia sair com o Joel, e agora está aqui com outra mulher? Eu sempre me esqueço que você é um grande galinha. O *seu* comportamento é completamente esperado. É *comigo mesma* que estou brava – eu estava com tanta raiva que minhas unhas estavam praticamente cortando as palmas das minhas mãos.

– Você acha que estou aqui num *encontro romântico*? – ele respirou fundo, balançando a cabeça. – Isso é inacreditável. A Emily é uma amiga. Ela cuida de uma organização de caridade que a Ryan Media apoia. É só isso. Eu precisava me encontrar com ela na segunda-feira para assinar alguns papéis, mas ela teve uma mudança de última hora em seu voo e vai sair do país hoje à tarde. Eu não estive com mais ninguém desde o dia da Jane... – ele parou para repensar as palavras. – Desde que nós... você sabe... – ele concluiu, fazendo um rápido gesto entre nós dois.

O quê?

Ficamos ali parados, encarando um ao outro enquanto eu tentava digerir suas

palavras. Ele não tinha dormido com mais ninguém. Será que isso era possível? Eu sabia por experiência própria que ele era um galinha. Eu tinha testemunhado pessoalmente como ele expandia sua coleção de “troféus” em eventos do trabalho, sem mencionar as histórias que circulavam pelos corredores do escritório. E, mesmo que fosse verdade, nada disso mudava o fato de ele ser meu chefe, e essa coisa toda era errada demais.

– Todas aquelas mulheres se jogando aos seus pés e você não pegou nenhuma?

Oh, estou emocionada – dei um passo até a porta.

– Não é tão difícil de acreditar – ele grunhiu, e eu pude sentir seus olhos queimando minhas costas.

– Quer saber? Não importa. Foi só um erro, não é mesmo?

– Olha, é sobre isso que eu queria falar.

Ele se aproximou e eu senti seu perfume me envolvendo – cheirava a mel e ervas. De repente, senti como se estivesse presa e não houvesse oxigênio suficiente naquele pequeno banheiro. Eu precisava sair, imediatamente. O que foi que a Julia tinha dito há alguns minutos? Que eu precisava manter distância? Bom conselho. Eu gostava da calcinha que estava usando e realmente não queria que ela acabasse em farrapos dentro do bolso dele.

Certo, isso foi uma mentira.

– Você vai encontrar o Joel de novo? – ele perguntou atrás de mim. Minha mão já estava na maçaneta. Tudo que precisava fazer era girar e estaria livre. Mas eu congelei e fiquei encarando a porta por uma eternidade.

– Isso importa?

– Achei que tinha deixado claro na noite passada – ele disse, e eu sentia sua respiração quente em meus cabelos.

– Pois é, muitas coisas foram ditas ontem à noite.

Seus dedos se moveram subindo pelo meu braço e deslizaram a alça da minha camiseta regata para o lado.

– Eu não quis dizer que tudo foi um erro – ele sussurrou contra minha pele. – Eu apenas entrei em pânico.

– Isso não significa que não seja verdade – meu corpo instintivamente se inclinou procurando o dele e minha cabeça pendeu ligeiramente, facilitando seu

acesso. – Nós dois sabemos disso.

– Mesmo assim, eu não deveria ter falado aquilo – ele moveu meu rabo de cavalo para cima do ombro e seus lábios macios passearam pelas minhas costas.

– Vire agora.

Duas palavras. Como era possível que duas simples palavras pudessem me fazer questionar tudo? Uma coisa era ele me apertar contra a parede e me agarrar, mas agora ele estava deixando toda a decisão para mim. Mordendo meu lábio com força, tentei me forçar a girar a maçaneta. Minha mão até tremeu, antes de cair para o lado, derrotada.

Virei-me e encontrei seus olhos.

Sua mão pousou em meu rosto, seu polegar acariciou meus lábios. Nossos olhares grudaram um no outro e, justo quando pensei que não aguentaria esperar mais um segundo, ele me puxou e me beijou.

Meu corpo desistiu de lutar e eu me entreguei por completo. Minha bolsa caiu no chão e minhas mãos mergulharam em seus cabelos, puxando-o para ainda mais perto. Ele me empurrou até a parede e passou as mãos por meu corpo, levantando-me ligeiramente. As mãos entraram dentro da minha calça de ginástica e ele apertou minha bunda.

– Merda. O que você está usando? – ele grunhiu em meu pescoço e suas palmas deslizavam para cima e para baixo no cetim rosa da calcinha. Levantando-me por inteira, ele envolveu sua cintura com minhas pernas e me apertou ainda mais contra a parede. Ele gemeu quando eu mordi sua orelha.

Puxando um lado da regata para baixo, ele tomou um dos meus mamilos em sua boca. Minha cabeça caiu para trás e atingiu a parede quando senti o raspar de sua barba mal feita em meu peito. Um som agudo me tirou daquele transe e ouvi ele xingar. Era meu celular. Colocando-me no chão, ele se afastou e seu rosto voltou a mostrar a irritação de sempre. Eu rapidamente arrumei minha roupa e peguei a bolsa, rangendo os dentes quando vi a foto na tela do celular.

– Julia – atendi, completamente sem fôlego.

– Chloe, por acaso você está no banheiro trepando com aquele pedaço de mau caminho?

– Eu volto em um segundo, tá? – desliguei e joguei o celular de volta na bolsa.

Olhei em seu rosto, sentindo meu lado racional voltar ao lugar após um breve momento fora do ar. – É melhor eu ir.

– Olha, eu... – ele foi interrompido pelo meu celular novamente.

Eu atendi sem sequer me dar o trabalho de olhar para a tela.

– Deus, Julia! Eu não estou aqui trepando com o pedaço de mau caminho!

– Chloe? – ouvi a voz confusa do Joel do outro lado da linha.

– Ah... oi – *merda*. Aquilo não podia estar acontecendo comigo.

– Bom, estou aliviado por saber que você não está... trepando... com um mau caminho? – Joel disse, rindo ligeiramente.

– Quem é? – grunhiu o sr. Ryan.

Pressionei minha mão em seus lábios e lhe lancei o olhar mais raivoso que eu conseguia.

– Olha, eu não posso falar muito agora.

– Pois é, desculpa te incomodar num domingo, mas eu não conseguia parar de pensar em você. E não quero trazer problemas para ninguém, mas quando você foi embora, eu chequei meus e-mails e havia uma confirmação da entrega das flores.

– É mesmo? – perguntei, fingindo interesse. Meus olhos estavam presos no sr. Ryan.

– Bom, parece que quem assinou o recebimento foi Bennett Ryan.

Nove

Diversas expressões passaram pelo rosto da srta. Mills: constrangimento, irritação e... curiosidade? Eu podia escutar vagamente uma voz masculina do outro lado da linha, e comecei a sentir o homem das cavernas dentro de mim acordar. Quem diabos estava ligando para ela?

De repente, os olhos dela se estreitaram, e uma pequena voz na minha cabeça me disse que eu deveria ficar nervoso.

– Bom, obrigada por me contar sobre isso. Sim. Sim, pode deixar. Certo. Sim, eu te ligo quando decidir. Obrigada por ligar, Joel.

Joel? *O maldito Cignoli?*

Ela desligou e guardou vagarosamente o celular na bolsa. Olhando para baixo, ela balançou a cabeça e soltou uma leve risada antes de um pequeno sorriso diabólico surgir no canto de sua boca.

– Você tem alguma coisa para me contar, sr. Ryan? – ela perguntou docemente, e, por alguma razão, isso me deixou ainda mais ansioso. Quebrei a cabeça, mas não consegui pensar em nada. *Do que ela estava falando?*

– Acabei de ter uma conversa muito estranha. Parece que o Joel recebeu um e-mail confirmando a entrega das minhas flores. Você nem imagina o que tinha nessa confirmação.

Ela deu um passo em minha direção, e eu instintivamente dei um passo para trás. Não estava gostando de onde isso estava indo.

– Acontece que alguém assinou a entrega.

Ah, merda.

– O nome no recibo era Bennett Ryan.

Meeerda. Por que diabos fui assinar com meu nome? Tentei pensar em algo para dizer, mas minha mente estava em branco. Obviamente, meu silêncio disse tudo que ela precisava saber.

– Seu filho da puta! Você assinou o recibo e depois mentiu para mim? – ela empurrou meu peito com força, e senti um instinto repentino de proteger minhas bolas. – Por que você fez isso? – minhas costas estavam agora encostadas na parede e eu procurava freneticamente uma saída.

– Eu... o quê? – gaguejei. Parecia que meu coração ia sair pela boca.

– É sério! Você está maluco?

Eu precisava de uma resposta e precisava rapidamente. Passando as mãos pelos cabelos pela centésima vez nos últimos cinco minutos, decidi que era melhor simplesmente dizer a verdade. Mas era difícil.

– Eu não sei, *tá?* – gritei de volta. – Eu só... *merda!*

Ela pegou o celular e começou a digitar uma mensagem para alguém.

– O que você está fazendo? – perguntei.

– Não que seja da sua conta, mas estou dizendo para a Julia continuar sem mim.

Eu não vou sair daqui até que você me diga a verdade – ela me encarou e eu podia sentir sua raiva emanando em ondas. Brevemente considerei ir me explicar com a Emily, mas ela me viu seguindo a Chloe: com certeza já tinha percebido o que estava acontecendo. – Então?

Encontrei seu olhar e soltei um longo suspiro. Não havia absolutamente nenhum jeito para explicar aquilo sem parecer um maluco.

– Certo, sim, eu assinei o recibo.

Ela me encarou. Seu peito subia e descia rapidamente e os punhos estavam tão apertados que a pele estava ficando branca.

– *E?*

– E... joguei as flores fora – enquanto a olhava, percebi que eu merecia cada gota de raiva que ela sentia. Eu estava sendo injusto. Não ofereci nada a ela, mas estava me colocando no caminho de alguém que possivelmente poderia fazê-la feliz.

– Você é inacreditável – ela disse, através dos dentes cerrados. Eu sabia que ela estava se esforçando para não pular em cima de mim e me enganar. – Explique por que você faria uma coisa dessas.

Essa era a parte que eu não sabia responder.

– Porque... – cocei atrás da cabeça. Odiava estar naquela situação. – Porque eu não quero que você saia com o Joel.

– Mas que idiotice. Quem você pensa que é? Só porque transamos não significa que você pode tomar decisões sobre a minha vida. Nós não somos um casal, não estamos namorando. Inferno, nós nem gostamos um do outro! – ela gritou.

– Você acha que eu não sei disso? Sei que não faz sentido. Mas, quando vi aquelas flores... vamos lá, eram *rosas*, caramba!

Ela me encarou como se estivesse pronta para me internar em um sanatório.

– Por acaso você esqueceu de tomar seu remédio? O que tem a ver o fato de serem rosas?

– Você odeia rosas! – quando eu disse isso, seu rosto perdeu a expressão indignada. Continuei: – Eu só vi as flores e reagi. Não parei para pensar. Só de pensar nele tocando você... – apertei meus punhos e minha voz sumiu enquanto eu tentava me recompor. A cada segundo eu ficava com mais raiva: comigo mesmo, por ser fraco e deixar minhas emoções se descontrolarem *de novo*, e com ela, por ter essa inexplicável força sobre mim.

– Certo, olha – ela disse, respirando fundo –, não estou dizendo que concordo com o que você fez. Mas eu até entendo... de certa maneira.

Meus olhos dispararam na direção de seu rosto.

– Eu estaria mentindo se dissesse que não tenho me sentido possessiva ultimamente – ela disse com relutância.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Ela estava realmente admitindo que também se sentia assim?

– Mas isso não muda o fato de que você mentiu para mim. Você mentiu na minha cara. Eu posso até achar que você é um cretino na maior parte do tempo, mas sempre considereei que seria honesto comigo.

Eu estremeci. Ela estava certa.

– Sinto muito – meu pedido de desculpas pairou no ar, e não sei qual de nós dois ficou mais surpreso.

– Prove – ela me olhou tão calmamente, não havia um pinga de emoção em seu rosto. O que queria dizer com aquilo? Mas então eu entendi. *Prove*. Nós não conseguíamos conversar com palavras, pois as palavras apenas levavam a mais problemas. Mas isso? Isso é o que nós éramos, e se ela me desse uma chance para consertar as coisas, eu com certeza faria.

Eu a odiei tanto naquele momento. Odiei saber que ela estava certa e que eu estava errado, e odiei ela estar me forçando a tomar uma decisão. Mas, acima de tudo, odiei o quanto eu a queria.

Diminuí a distância entre nós, pousando minha mão na parte de trás de seu pescoço. Eu a puxei para mais perto, olhando-a nos olhos enquanto nossas bocas se aproximavam. Havia um desafio implícito ali. Nenhum de nós iria recuar ou admitir que isso – seja lá o que isso fosse – estava fora de nosso controle.

Ou talvez tivéssemos acabado de admitir.

No momento em que nossos lábios se tocaram, uma eletricidade familiar percorreu meu corpo.

Minhas mãos mergulharam fundo em seus cabelos, forçando sua cabeça para trás para que ela recebesse tudo que eu tinha para dar. Isto seria para ela, mas eu com certeza iria tomar o controle. Pressionando meu corpo no seu, grunhi ao sentir a

maneira como cada curva dela se encaixava em mim. Eu queria acabar com essa necessidade, ficar satisfeito e seguir em frente, mas cada vez que a sentia, ela parecia melhor do que eu lembrava.

Eu me ajoelhei, agarrei seus quadris e a puxei para mais perto, enquanto movia os lábios por sua calça. Levantei a camisa regata e beijei cada centímetro da pele nua, sentindo seus músculos flexionarem enquanto eu explorava. Olhei para seu rosto, agarrando com os dedos a cintura da calça. Seus olhos estavam fechados e ela mordia os lábios. Senti meu pau endurecer em antecipação ao que eu pretendia fazer.

Abaixei sua calça até as coxas, sentindo ela se arrepiar com o toque dos meus dedos. Suas mãos me agarraram pelos cabelos e puxaram forte, provocando um grunhido em minha garganta enquanto eu a olhava de volta. Percorri a borda do cetim delicado de sua calcinha até chegar na fina alça em seus quadris.

– Essa é quase bonita demais para rasgar – eu disse, agarrando cada alça com uma das mãos. – Quase – com um rápido puxão, o tecido se rasgou facilmente, permitindo que eu arrancasse a calcinha rosa e a guardasse no bolso.

Uma sensação de urgência tomou conta de mim e eu rapidamente libertei uma de suas pernas, colocando-a sobre meu ombro e beijando a pele macia no interior das coxas.

– Oh, merda – ela disse suspirando, passando as mãos em meus cabelos. – Oh, merda, por favor.

Quando eu primeiro raspei a ponta do nariz e depois lambi lentamente seu clitóris, ela puxou meus cabelos e moveu os quadris contra minha boca. Palavras ininteligíveis saíram de seus lábios em uma voz rouca. Observá-la se perder daquela maneira me fez entender que ela estava tão indefesa contra isso quanto eu. Ela estava com raiva de mim, tão brava que parte dela provavelmente queria engancha a perna no meu pescoço e me estrangular, mas pelo menos estava me deixando lhe dar algo que era, de muitas maneiras, muito mais íntimo do que uma simples transa. Eu estava de joelhos, mas era ela quem estava vulnerável e desprotegida.

Estava também quente e molhada, e seu sabor era tão doce quanto sua beleza.

– Eu poderia te comer inteira – sussurrei, e me afastei apenas o suficiente para observar sua expressão. Beijando sua cintura, murmurei: – Isso seria muito melhor se eu pudesse deitar você em algum lugar. Uma mesa de sala de conferência, por exemplo.

Ela puxou meus cabelos novamente, apertando meu rosto contra sua pele enquanto sorria.

– Para mim está bom demais. Não se atreva a parar.

Eu quase admiti em voz alta que não conseguiria, e estava começando a abominar o pensamento de apenas tentar, mas logo eu me perdi em sua pele novamente. Eu queria memorizar cada palavrão e súplica que escapava de sua boca e queria saber que eu era a causa. Gemi contra suas coxas, fazendo-a gritar enquanto torcia o corpo para chegar ainda mais perto. Deslizei dois dedos dentro dela e puxei seus quadris com a outra mão, incentivando-a a se mover no mesmo ritmo. Ela começou a circular os quadris, devagar a princípio, pressionando contra minha boca, e depois mais rápido. Pude sentir sua tensão: as pernas, a barriga, as mãos.

– Tão perto... – ela arfou, os movimentos começando a falhar, quebrando o ritmo e tornando-se selvagens, e isso também me fez sentir descontrolado. Eu queria morder e chupar, enterrar os dedos fundo e consumi-la completamente. Fiquei preocupado por talvez estar sendo duro demais, mas sua respiração se transformou em suspiros curtos e depois em repetidas súplicas. Torci meu pulso, enterrando ainda mais fundo. Ela gritou novamente e suas pernas tremeram quando o clímax tomava conta de seu corpo.

Acariciando sua cintura, eu lentamente abaixei sua perna e fiquei prestando atenção em seu pé, só para o caso de ela decidir que queria me chutar. Corri um dedo sobre meus lábios e observei seus olhos retomando o foco.

Ela me afastou e rapidamente ajeitou as roupas, me olhando ajoelhado à sua frente. A realidade ressurgiu com o som das pessoas almoçando do outro lado da porta, misturado à nossa respiração pesada.

– Você não está perdoado – ela disse. Então pegou sua bolsa, destrancou a porta e saiu do banheiro sem dizer mais nenhuma palavra.

Levantei devagar e observei a porta se fechando atrás dela, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Eu deveria estar furioso. Mas senti o canto da minha boca se levantar num sorriso, e quase ri ante o absurdo da situação.

A maldita srta. Mills conseguiu novamente. Ela estava me derrotando no meu próprio jogo.



Minha noite foi um inferno. Eu mal dormi ou comi, e sofri com uma ereção praticamente constante desde que saíra daquele restaurante. Em meu caminho para o trabalho, eu já sabia o que teria de aguentar. Ela faria tudo o que pudesse para me torturar e punir por ter mentido – mas acontece que... eu até queria que

ela fizesse isso.

Fui surpreendido com sua mesa vazia quando cheguei. *Estranho*, pensei, ela quase nunca se atrasava. Entrei em minha sala e comecei a arrumar as coisas para o dia. Quinze minutos depois, eu estava distraído com um telefonema quando ouvi a porta da frente bater. Bom, com certeza ela não iria me desapontar: eu podia ouvir as gavetas sendo fechadas com raiva e sabia que o resto do dia seria interessante.

Às dez e quinze, fui interrompido pelo interfone.

– Sr. Ryan – sua voz calma preencheu minha sala e, apesar de sua óbvia irritação, soltei um sorriso ao apertar o botão para responder.

– Sim, srta. Mills? – respondi, ouvindo a presunção refletida no meu tom de voz.

– Precisamos estar na sala de conferência em quinze minutos. Você vai precisar sair ao meio-dia para sua reunião com o presidente da Kelly Industries. O Stuart estará esperando na garagem.

– Você não vai me acompanhar? – imaginei se ela estaria evitando ficar sozinha comigo. E não sabia como me sentiria se isso acontecesse.

– Não, senhor. Apenas pessoal da diretoria – ouvi o farfalhar de papéis enquanto ela continuava a falar. – Além disso, eu tenho de cuidar dos preparativos para San Diego.

– Vou sair num minuto – deixei meu dedo deslizar do botão, fiquei de pé e ajeitei a gravata e o terno.

Quando saí da minha sala, meus olhos imediatamente pousaram nela. Qualquer dúvida que eu ainda tivesse sobre ela querer me torturar desapareceu. Ela estava inclinada sobre a mesa usando um vestido de seda azul que exibia perfeitamente suas longas pernas. O cabelo estava preso para cima e, quando ela se virou em minha direção, vi que estava usando óculos. Como eu poderia falar coerentemente, com ela sentada ao meu lado?

– Você está pronto, sr. Ryan? – sem esperar por uma resposta, ela juntou suas coisas e começou a andar pelo corredor. Parecia haver um balanço extra em seus quadris. A safada estava mesmo querendo me provocar.

No elevador lotado, nossos corpos ficaram espremidos um no outro e eu precisei sufocar um murmúrio. Podia ser minha imaginação, mas pensei ter visto a insinuação de um sorriso quando ela “acidentalmente” se esfregou em meu pau semiereto. Duas vezes.

Nas duas horas seguintes, eu vivi um inferno pessoal. Sempre que eu a olhava, ela estava fazendo algo para me deixar louco: olhares insinuantes, mordidas nos lábios, cruzar e descruzar de pernas, mechas de cabelo enroladas nos dedos. Em

certo momento, ela deixou cair a caneta e casualmente pousou a mão na minha coxa quando se abaixou para pegá-la debaixo da mesa.

Na reunião do almoço que se seguiu, fiquei ao mesmo tempo aliviado por escapar de seu tormento e desesperado para voltar. Assenti e falei nos momentos apropriados, mas eu estava muito longe dali. É claro que meu pai percebeu cada segundo do meu péssimo e quieto humor. Na viagem de volta para o escritório, ele começou a falar.

– Você e a Chloe vão ficar juntos em San Diego por três dias, *sem* as paredes do escritório, e não vai ter ninguém para interferir. Eu espero que você a trate com o máximo respeito. E, antes que você fique todo defensivo – ele acrescentou, levantando a mão como se sentisse minha resposta iminente –, eu já conversei com a Chloe sobre isso.

Meus olhos se arregalaram e dispararam na direção de seu rosto. Ele tinha conversado com a srta. Mills sobre a *minha* conduta profissional?!

– Sim, estou ciente de que a culpa não é só sua – ele disse, enquanto entrávamos no elevador vazio. – Ela me assegurou que revida sempre à altura. Por que acha que eu sugeri você como mentor dela no programa de estágio? Na minha mente, não havia nenhuma dúvida de que ela conseguiria lidar com você.

Henry estava de pé em silêncio ao meu lado, com um sorriso de satisfação escancarado em seu rosto. *Maldito*.

Franzi a testa ligeiramente quando percebi uma coisa: ela tinha me defendido. A srta. Mills poderia facilmente me fazer soar como um tirano, mas em vez disso ela aceitou um pouco da culpa.

– Pai, eu admito que minha relação com ela não é convencional – comecei a falar, rezando para ninguém entender o real significado daquela afirmação. – Mas, eu te asseguro, isso não interfere de maneira nenhuma em nossa habilidade de conduzir os negócios. Não há nada para se preocupar.

– Ótimo! – disse ele quando chegamos em meu andar.

Entramos no escritório e encontramos a srta. Mills ao telefone, falando num tom quase inaudível.

– Bom, preciso desligar, papai. Tenho de cuidar de umas coisas e eu te respondo assim que puder. Você precisa dormir um pouco, certo? – ela disse suavemente. Após uma breve pausa, ela riu, mas então passou mais um momento sem dizer nada. Eu e os dois homens ao meu lado não nos atrevemos a dizer qualquer coisa. – Eu também te amo, papai.

Meu estômago se embrulhou com aquelas palavras e com a maneira como a voz dela falhou ao pronunciar aquela frase. Quando se virou na cadeira, ela teve um

sobressalto ao nos encontrar de pé à porta. Começou então a rapidamente juntar os papéis em sua mesa.

– Como foi a reunião?

– Foi tudo bem, como sempre – meu pai disse. – Você e a Sara realmente fazem um ótimo trabalho cuidando de tudo. Não sei o que meus filhos fariam sem vocês duas.

A sobancelha dela se ergueu levemente e eu pude ver o quanto se controlou para não mostrar a satisfação que sentia em ouvir aquilo. Mas então seu rosto se transformou em uma expressão enigmática, e percebi que o tempo todo eu estava sorrindo maliciosamente para ela, esperando ver um pouco de sua ousadia costumeira. Vesti a melhor carranca que eu tinha e entrei na minha sala. Foi só quando fechei a porta que percebi que, desde que voltamos e a ouvimos no telefone, eu não tinha visto ela sorrir nenhuma vez.



Minha mente estava em outro lugar. Eu tinha algumas coisas para mostrar ao sr. Ryan antes de ir embora para casa, precisava pegar alguns documentos para serem assinados, mas sentia como se estivesse andando em areia movediça: a conversa com meu pai ecoava incessantemente em meus pensamentos. Quando entrei na sala do sr. Ryan, observei os papéis nos meus braços, pensando em todas as coisas que eu ainda precisava organizar: passagens de avião, alguém para pegar minha correspondência, talvez até uma secretária temporária para o tempo que eu ficasse fora. E quanto tempo seria mesmo?

Percebi que o sr. Ryan estava dizendo alguma coisa – bem alto – na minha direção. O que seria? Ele entrou em foco na minha frente e ouvi o final de sua ladainha:

– ... mal está prestando atenção. Meu Deus, srta. Mills, eu preciso anotar isso para você?

– Podemos pular essa parte hoje? – eu pedi, cansada de tudo.

– O... o quê?

– Esse showzinho de chefe cretino.

Seus olhos se arregalaram e as sobrancelhas se juntaram.

– *Como é?*

– Eu entendo que você gosta de ser um grande cretino comigo, e admito que às vezes até acho isso sexy, mas estou tendo um dia horrível e gostaria muito se você simplesmente não falasse. Comigo – eu estava à beira das lágrimas, meu peito apertado dolorosamente. – Por favor.

Ele parecia surpreso, piscando rapidamente enquanto me encarava. Finalmente, balbuciou:

– O que foi que aconteceu?

Engoli em seco, arrependida do meu desabafo. As coisas eram sempre melhores com ele quando eu me controlava.

– Eu passei dos limite porque você gritou comigo. Desculpe.

Ele se levantou e começou a andar em minha direção, mas, no último instante, parou, sentou no canto da mesa e começou a mexer em um peso de papel.

– Não, quer dizer, por que seu dia está sendo tão ruim? O que está acontecendo?

– nunca ouvi sua voz tão suave fora de uma transa. Mas desta vez ele estava falando em voz baixa não para manter um segredo, mas porque parecia genuinamente preocupado.

Eu não queria conversar com ele sobre aquilo porque parte de mim achava que ele iria tirar sarro. Mas uma parte ainda maior estava começando a suspeitar que isso não aconteceria.

– Meu pai precisou fazer uns exames. Ele está tendo dificuldades para comer. O rosto do sr. Ryan se desfez.

– Comer? Ele tem uma úlcera?

Expliquei o que sabia: que aquilo tinha começado de repente e que um exame anterior mostrou um pequeno tumor em seu esôfago.

– Você pode ir para casa?

Encarei seu rosto.

– Não sei. Posso?

Ele estremeceu e piscou.

– Você acha que eu sou um babaca tão grande assim?

– Às vezes – eu imediatamente me arrependi de dizer isso, porque não, ele nunca fizera nada que me levasse a pensar que não me deixaria ir para casa com meu pai doente.

Ele assentiu e engoliu em seco enquanto encarava a janela.

– Você pode tomar todo o tempo que precisar, é claro.

– Obrigada.

Fiquei olhando para o chão, esperando que ele continuasse com a lista de tarefas do dia. Mas, em vez disso, o silêncio preencheu a sala. Pude ver pelo canto do olho que ele se virou e agora estava olhando para mim.

– Você está bem? – ele disse, com a voz tão baixa que eu não tinha certeza se

ouvira direito.

Considereei mentir e terminar essa conversa constrangedora. Mas não fiz isso.

– Não, na verdade não estou.

Ele ergueu a mão e passou nos cabelos.

– Feche a porta – ele disse.

Assenti, estranhamente desapontada por ele pedir para eu sair da sala.

– Depois eu trago as anotações nos documentos para...

– Eu quis dizer para fechar a porta, mas ficar aqui.

Oh.

Oh.

Eu me virei e andei pelo chão acarpetado em pleno silêncio. A porta da sala fechou com um som alto.

– Tranque.

Girei a tranca e senti ele se aproximar até que sua respiração quente chegou ao meu pescoço.

– Deixe eu tocar você. Deixe eu fazer alguma coisa.

Ele entendia. Ele sabia o que poderia me dar – distração, alívio, prazer diante de um pânico crescente. Não respondi, pois não era preciso. Afinal, eu tinha fechado e trancado a porta.

Mas então senti seus lábios macios percorrendo meu ombro e subindo pelo pescoço.

– Seu cheiro é... incrível – ele disse, desamarrando o fecho do meu vestido atrás do pescoço. – Seu cheiro sempre fica em mim depois.

Ele não disse se aquilo era uma coisa boa ou não, mas percebi que não importava. Gostei de saber que ele sentia meu cheiro mesmo depois que eu ia embora.

Com suas mãos deslizando até minha cintura, ele me virou e se inclinou para me beijar, em um único e suave movimento. Isso era diferente. Sua boca estava macia, quase suplicante. Não havia nenhuma hesitação – nunca havia hesitação nenhuma em nada do que ele fazia – mas aquele beijo quase parecia mais amoroso e menos como uma batalha sendo perdida.

Ele puxou meu vestido pelos ombros, deixando-o cair aos meus pés enquanto

deu um passo para trás, dando apenas espaço suficiente para o ar frio do escritório apagar seu calor da minha pele.

– Você é linda.

Antes que eu pudesse processar a suavidade daquelas novas palavras, ele soltou um sorriso provocante, se inclinou para me beijar, agarrou minha calcinha e rasgou.

Isso nós conhecíamos.

Estiquei o braço para abrir sua calça, mas ele se afastou e balançou a cabeça. Então moveu sua mão entre minhas pernas, encontrando a pele molhada e macia. Senti em meu rosto sua respiração acelerar enquanto seus dedos conseguiam ser ao mesmo tempo delicados e rudes. Suas palavras soavam profundas, safadas, dizendo que eu era linda, que eu era uma devassa. Dizendo que eu o provocava e que ele gostava disso.

Disse o quanto gostava da minha voz quando eu gozava.

E mesmo quando gozei, ofegante e agarrando seus ombros através do terno, tudo que eu conseguia pensar era que também queria tocá-lo. Queria ouvi-lo se perder igual a mim. E isso me aterrorizava.

Ele retirou os dedos, deslizando sobre meu clitóris sensível e provocando um estremecimento involuntário.

– Desculpe, desculpe – ele sussurrou, beijando meu rosto, meu queixo, minha...

– Pare – eu disse, afastando minha boca da sua. A súbita intimidade que ele ofereceu, além de tudo mais que acontecera naquele dia, era coisa demais para eu aguentar.

Ele pousou sua testa contra a minha por alguns segundos antes de assentir uma vez. De repente, fiquei chocada. Sempre pensara que ele tinha todo o poder e eu não tinha nada, mas, naquele momento, percebi que poderia ter tanto poder sobre ele quanto eu quisesse. Eu só tinha de ter coragem para isso.

– Vou sair da cidade neste fim de semana. Não sei quando volto.

– Bom, então volte ao trabalho enquanto ainda está aqui, srta. Mills.

Onze

Quando a manhã de quinta-feira chegou, eu sabia que nós precisávamos ter algum tipo de conversa. Eu não ficaria no escritório na sexta, então aquele seria o último dia em que nos veríamos antes que ela deixasse a cidade. Ela estivera com seu supervisor do MBA a manhã inteira, e eu me sentia cada vez mais ansioso sobre... tudo. Eu tinha certeza que a interação na minha sala no dia anterior revelara que ela estava lentamente tomando mais e mais de mim. Eu queria estar com ela quase o tempo todo, e não apenas para o sexo. Eu apenas queria estar *perto* dela, e minha necessidade de autopreservação estava me matando.

O que foi que ela disse daquela vez? *Eu não quero querer isso. Isso não é bom para mim.* Foi apenas quando a Mina nos descobriu que eu realmente entendi o que a Chloe quis dizer. Eu odiava meu desejo por ela porque era a primeira vez em minha vida que eu era incapaz de tirar algo da cabeça para poder focar no trabalho. Mas ninguém – nem mesmo minha família – iria me condenar por ser atraído pela Chloe. Ela, por outro lado, ficaria para sempre marcada como a mulher que transou para chegar ao topo. Para alguém tão brilhante e determinada, essa associação seria um constante – e doloroso – espinho. Ela estava certa em querer manter distância. A atração que sentíamos quando estávamos juntos era totalmente doentia. Nada de bom poderia sair disso. Eu decidi mais uma vez usar esse tempo longe dela para recompor meu foco. Quando entrei no escritório após o almoço, fiquei surpreso ao encontrá-la em sua mesa, trabalhando no computador.

– Eu não sabia que você estaria aqui na parte da tarde – eu disse, tentando manter qualquer emoção longe da minha voz.

– Pois é, tive de fazer alguns ajustes de última hora para San Diego, e ainda preciso conversar com você sobre minha ausência – ela disse, sem tirar os olhos da tela.

– Você prefere fazer isso na minha sala?

– Não – ela respondeu instantaneamente. – Acho que podemos fazer isso aqui mesmo – com uma rápida olhadela em minha direção, ela acenou para a cadeira

à sua frente. – Você prefere sentar, sr. Ryan?

Ah, a vantagem de jogar em casa. Sentei na cadeira que ela me ofereceu.

– Já que você ficará fora amanhã, não há razão para eu estar aqui. Sei que não gosta de ter uma assistente, mas arranjei uma temporária para as próximas duas semanas, e já entreguei para a Sara uma lista detalhada da sua agenda e das coisas que você precisa. Tenho certeza que não haverá problemas, mas, só por precaução, ela prometeu ficar de olho em você.

Ela ergueu uma sobrancelha e eu revirei os olhos.

– Se precisar de alguma coisa, você tem meus telefones, inclusive o número da casa do meu pai em Bismarck – ela começou então a descrever uma lista que estava à sua frente, e percebi o quanto a srta. Mills era calma e eficiente. Não que eu já não estivesse ciente dessas coisas, mas, de algum jeito, agora isso estava ainda mais aparente. Nossos olhos se encontraram e ela prosseguiu: – Vou chegar na Califórnia para a convenção algumas horas antes de você, então planejo te pegar no aeroporto.

Continuamos a olhar um para o outro por alguns instantes, e tenho quase certeza que pensávamos o mesmo: San Diego seria um teste colossal.

O clima na sala começou a mudar lentamente, o silêncio dizendo mais do que qualquer palavra. Apertei o queixo quando percebi que sua respiração estava acelerando. Tive de usar cada gota da minha força de vontade para não dar a volta na mesa e beijá-la.

– Faça uma boa viagem, srta. Mills – eu disse, aliviado por minha voz não mostrar o drama que se passava dentro de mim. Fiquei de pé e esperei por um momento, acrescentando: – Então, te vejo em San Diego.

– Sim.

Assenti e entrei na minha sala, fechando a porta atrás de mim. Eu não a vi pelo resto do dia, e nossa breve despedida pareceu completamente errada.



Passei o fim de semana inteiro pensando em como seria ficar sem ela por duas semanas. Por um lado, seria bom trabalhar sem essa distração. Por outro lado, imaginei se seria estranho não tê-la ao meu lado. Ela vinha sendo uma constante em minha vida por quase um ano e, apesar de nossas diferenças, sua presença se tornara reconfortante.

Sara entrou na minha sala às nove em ponto na manhã de segunda-feira, mostrando um largo sorriso ao se aproximar. Atrás dela estava uma atraente

morena de vinte e poucos anos chamada Kelsey, minha nova assistente temporária. Ela me olhou com um sorriso um pouco tímido, e Sara a acalmou pousando a mão em seu ombro.

Decidi usar isso como uma oportunidade para provar a todos que minha reputação era simplesmente resultado de trabalhar com alguém tão obstinada quanto a srta. Mills.

– Prazer em conhecê-la, Kelsey – eu disse, sorrindo abertamente e oferecendo minha mão para um cumprimento. Ela me olhou de um jeito estranho, com uma expressão meio vidrada.

– Igualmente, senhor – ela disse olhando para Sara, que, por sua vez, olhou confusa para minha mão e depois para meu rosto.

Sara então falou para Kelsey:

– Certo. Bom, nós já revisamos tudo que a Chloe deixou. A sua mesa fica aqui – e a conduziu até a cadeira da srta. Mills.

Fui tomado por uma estranha sensação ao ver outra pessoa sentada ali. Senti meu sorriso se desfazer e me virei para Sara.

– Se ela precisar de alguma coisa ela pode falar com você. Eu estarei na minha sala.

Kelsey pediu demissão antes do almoço. Aparentemente, eu fui um pouco “grosso demais” quando ela conseguiu começar um pequeno incêndio no micro-ondas na cozinha do escritório. Na última vez que a vi, ela corria aos prantos para fora da sala, falando algo sobre um ambiente de trabalho hostil.

Por volta das duas da tarde, trouxeram um novo assistente, um jovem chamado Isaac. Ele parecia muito inteligente, e fiquei animado de trabalhar com alguém que não fosse uma garota hipersensível. Tive de sorrir ao pensar nessa súbita mudança na situação. Infelizmente, era cedo demais para comemorar.

Todas as vezes que passei ao lado de Isaac ele estava perdendo tempo na internet, olhando fotos de gatos ou assistindo vídeos. Ele minimizava rapidamente as janelas, mas, infelizmente para o Isaac, eu não era um completo idiota. Eu diplomaticamente disse para ele não se importar em voltar no dia seguinte.

A terceira pessoa não melhorou em nada. Seu nome era Jill. Ela falava demais, suas roupas eram muito justas, e a maneira como ela mordia a ponta da caneta a fazia parecer um animal tentando se libertar de uma armadilha. Não se parecia nem um pouco com a maneira como a srta. Mills prendia a caneta entre os dentes quando estava pensativa. Aquilo era sutilmente sexy, mas isto era mais que obsceno. Era inaceitável. Na terça-feira à tarde, ela já não estava mais lá.

A semana continuou nessa mesma levada. Recebi cinco assistentes diferentes. Mais de uma vez ouvi meu irmão rindo do outro lado do corredor. *Maldito*. Ele nem trabalhava no meu andar! Comecei a sentir que as pessoas estavam gostando demais do meu sofrimento, ou até mesmo achando que eu estava colhendo o que tinha plantado.

Eu não tinha dúvida de que a Sara já informara a srta. Mills do meu pesadelo com as temporárias. Mesmo assim, durante a primeira semana, recebi dela várias mensagens de texto, querendo saber como as coisas estavam indo. Comecei a gostar daquilo, e até checava periodicamente o celular para ter certeza de que não tinha perdido nenhuma. Odeio admitir, mas, nesse ponto, eu venderia até meu carro para tê-la de volta ali, com sua disposição incansável.

Além de desesperadamente sentir falta de seu corpo, eu também sentia falta da guerra entre nós. Ela sabia que eu era um cretino, mas aguentava firme. Não faço ideia do porquê, mas aguentava. Senti meu respeito por seu profissionalismo crescer durante nossa primeira semana separados.

Quando a segunda semana passou sem nenhuma mensagem dela, fiquei imaginando o que a srta. Mills estaria fazendo, e com quem estava fazendo. Imaginei se ela voltara a falar com o Joel pelo telefone. Eu tinha quase certeza que eles não tinham se encontrado novamente, e eu e ela tínhamos chegado a um precário cessar-fogo em relação ao incidente das flores. Mesmo assim, fiquei imaginando se ele teria ligado de novo e se tentaria alguma coisa com ela quando voltasse para casa.

Casa. Será que ela estava em casa agora, com seu pai? Ou considerava que Chicago era sua casa? Pela primeira vez, pensei que, se o pai dela estava realmente doente, ela poderia decidir se mudar para Dakota do Norte para ficar perto dele.

Merda.

Estava arrumando as malas no domingo à noite quando ouvi meu celular tocar, avisando que chegara uma nova mensagem. Senti uma pequena excitação ao ver o nome dela na tela.

Vou te encontrar amanhã às 11h30. Terminal B, perto do portão de desembarque. Envie uma mensagem de texto quando você pousar.

Parei por um momento para digerir o fato de que estaríamos juntos no dia seguinte.

Pode deixar. Obrigado.

De nada. Como foi a sua semana?

/>Fiquei um pouco surpreso por ela perguntar sobre a minha semana. Estávamos pisando em território inexplorado. No trabalho, nós trocávamos e-mails e mensagens frequentemente, mas, geralmente, eram restritos a perguntas do tipo que se responde com sim ou não. Nunca era sobre nada pessoal. Seria possível que a semana dela tivesse sido igualmente frustrante?

Tudo ótimo. E você? Como está seu pai?

Eu ri quando enviei a mensagem, essa situação estava cada vez mais estranha. Menos de um minuto depois, recebi a resposta.

Ele está bem. Eu estava com saudade dele, mas estou ansiosa para voltar para casa.

Casa. Notei aquela palavra e engoli em seco, sentindo um aperto repentino no peito.

Vejo você amanhã.

Acertei o alarme no meu celular, coloquei-o no criado-mudo e sentei na cama, ao lado da minha mala. Eu veria a srta. Mills em menos de doze horas. E não sabia exatamente como estava me sentindo em relação a isso.

Doze

Como eu previra, o voo para San Diego me deu tempo para pensar. Eu me sentia amada e descansada após visitar meu pai. Depois que o gastroenterologista nos aliviou ao constatar que o tumor era benigno, nós passamos um tempo juntos conversando, lembrando da minha mãe, até mesmo planejando uma visita dele a Chicago.

Quando ele me deu um beijo de despedida, eu me senti tão preparada quanto possível, considerando a situação. Estava muito nervosa por reencontrar o sr. Ryan, mas tentei me encorajar o máximo que podia. Fiz compras on-line e agora tinha uma mala cheia de novas calcinhas do poder. Pensei muito sobre minhas opções, e estava certa de que tinha um bom plano.

O primeiro passo seria admitir que o problema era mais do que apenas a tentação causada pela proximidade. Estar a mais de mil quilômetros de distância não tinha ajudado em nada para acalmar minha necessidade. Eu sonhava com ele quase todas as noites, acordando a cada manhã frustrada e solitária. Passei tempo demais pensando sobre o que ele estava fazendo, imaginando se estava tão confuso quanto eu e tentando arrancar de Sara cada pedaço de informação que eu podia sobre como as coisas estavam indo na minha ausência.

Sara e eu tivemos uma conversa interessante quando ela me ligou para contar sobre a situação dos novos assistentes. Ri histericamente ao ouvir sobre a saga dos temporários. É claro que o sr. Ryan teria dificuldades em manter alguém por perto. Ele era um cretino.

Eu estava acostumada com suas mudanças de humor e sua atitude difícil.

Profissionalmente, nossa relação funcionava perfeitamente. O lado pessoal é que era um pesadelo. Quase todos sabiam disso, eles apenas não sabiam a extensão do problema.

Pensei muito sobre o último dia que passamos juntos. Algo em nossa relação estava mudando, e eu não sabia exatamente como me sentia em relação a isso. Não importava quantas vezes disséssemos que não iria acontecer novamente, eu sabia que aconteceria. E me deixava aterrorizada que esse homem, todo errado para mim, tivesse mais controle sobre meu corpo do que eu mesma, não importava o quanto eu tentasse me convencer do contrário.

Eu não queria ser o tipo de mulher que sacrifica suas ambições por causa de um homem.

De pé na frente do portão de desembarque do aeroporto, dei um último discurso motivacional para mim mesma. Eu conseguiria fazer isso. Oh, Deus, esperava que conseguisse. Meu estômago estava mais do que embrulhado e fiquei preocupada pensando que poderia até vomitar.

Seu voo atrasou em Chicago e já passava das seis e meia quando ele finalmente aterrissou em San Diego. Enquanto o tempo do meu voo fora bom para eu pensar, as sete horas extras esperando por ele apenas reacenderam meus nervos. Fiquei na ponta dos pés tentando ver melhor a multidão que desembarcava, mas eu não o encontrei. Olhei para meu celular e li novamente a mensagem que ele enviara.

Acabei de pousar. Te vejo daqui alguns minutos.

Não havia nada de sentimental na mensagem, mas meu estômago se revirou mesmo assim. Nossas mensagens na noite anterior foram iguais. Não dissemos nada de especial: eu simplesmente perguntei como ele passou o resto da semana. Isso não seria considerado incomum em qualquer outra relação, mas era totalmente novo para nós. Talvez houvesse uma chance de superarmos a animosidade e nos tornarmos... o quê? *Amigos?*

Com meu estômago dando vários nós, andei de um lado para outro, tentando fazer minha mente se acalmar e meu coração desacelerar. Sem pensar, parei de repente e me virei em direção à multidão, procurando-o no oceano de rostos desconhecidos. Minha respiração ficou suspensa quando vi um corte de cabelo familiar acima dos outros.

Controle-se Chloe. Deus!

Tentei mais uma vez controlar meu corpo e depois voltei a olhar. *Merda. Eu estou ferrada.* Lá estava ele, parecendo ainda mais lindo. Como alguém consegue ficar mais bonito em nove dias, e saindo de um avião, ainda por cima? Ele era mais alto do que todos ao seu redor, uma altura que se destaca em uma multidão, e eu agradeci ao universo por isso. Seu cabelo escuro estava um pesadelo como sempre, com certeza ele tinha passado as mãos nele centenas de vezes na última hora. Vestia uma calça preta, um blazer cinza e uma camisa branca desabotoada no pescoço. Ele parecia cansado e a barba já estava começando a aparecer, mas não foi isso que fez meu coração disparar. Ele estava olhando para chão e, no momento em que nossos olhos se encontraram, seu rosto se acendeu com o sorriso mais genuíno que eu já vira. Antes que eu pudesse impedir, senti meu próprio sorriso explodir, largo e bobo.

Ele parou na minha frente, com uma expressão um pouco mais tensa do que antes, enquanto nós dois esperávamos o outro dizer alguma coisa.

– Oi – eu disse sem jeito, tentando aliviar um pouco da tensão. Cada parte de mim queria arrastá-lo para o banheiro das mulheres, mas eu duvidava que essa seria uma maneira apropriada de receber seu chefe. Não que isso tivesse importado antes.

– Hum, oi – ele respondeu, com as sobrancelhas levemente franzidas.

Vamos lá, acorda, Chloe! Começamos a andar até a esteira de bagagens, e senti um arrepio se espalhar em mim só por estar ao lado dele.

– Como foi o seu voo? – perguntei, sabendo que ele odiava voar em linhas comerciais, mesmo que fosse de primeira classe. Isso era tão ridículo. Eu queria que ele simplesmente dissesse alguma coisa estúpida, para eu poder voltar a gritar com ele.

Ele pensou um pouco antes de responder.

– Foi tudo bem, depois que decolamos. Eu não gosto de como os aviões ficam cheios demais – nós paramos e esperamos, cercados de pessoas agitadas, mas a única coisa que eu notava era a tensão aumentando entre nós e cada centímetro de espaço entre nossos corpos. – E como está a saúde do seu pai? – ele perguntou, após um momento.

Eu assenti.

– É benigno. Obrigada por perguntar.

– Imagina.

Minutos se passaram em um silêncio desconfortável e fiquei mais que aliviada quando vi sua bagagem aparecer na esteira. Nós tentamos pegá-la ao mesmo tempo e nossas mãos se tocaram brevemente. Afastando-me, olhei para cima e vi que ele estava me olhando.

Meu estômago se tornou um buraco negro quando vi aquele olhar faminto em seus olhos. Murmuramos desculpas e eu desviei o olhar, mas não antes de notar um sorriso no canto de sua boca. Felizmente, era hora de retirar o carro alugado, e nos dirigimos para o estacionamento.

Ele pareceu satisfeito quando nos aproximamos do carro, um luxuoso Mercedes-Benz SLS AMG. Ele adorava dirigir – bom, adorava correr com o carro –, e eu sempre fazia questão de alugar algo divertido quando ele precisava.

– Muito bem, srta. Miles – ele disse, passando a mão pelo capô. – Depois me lembre de pensar em te dar um aumento.

Senti o desejo familiar de socá-lo se espalhar pelo meu corpo e isso me acalmou. Tudo ficava muito mais claro quando ele se comportava como um babaca.

Pressionando o botão para abrir o porta-malas, eu lhe lancei um olhar de reprovação e me afastei um pouco para que ele guardasse suas coisas. Ele tirou o casaco e me entregou. Eu o joguei no porta-malas.

– Cuidado – ele advertiu.

– Eu não sou o carregador de malas do aeroporto. Guarde o seu maldito casaco você mesmo.

Ele riu e se abaixou para pegar a mala.

– Deus, eu só queria que você segurasse um pouco.

– Ah – com meu rosto ficando vermelho, eu peguei o casaco e o alisei no meu braço. – Desculpe.

– Por que você sempre acha que eu estou sendo um idiota?

– Porque você geralmente é.

Com outra risada, ele ergueu a mala.

– Você deve ter sentido muito a minha falta.

Comecei a responder, mas acabei distraída observando os músculos de suas costas esticarem a camisa quando ele pousou sua mala ao lado da minha. De perto, vi que a camisa tinha um sutil acabamento cinza e que fora feita sob medida para seus largos ombros e cintura justa, de forma que não ficava sobrando tecido em nenhum lugar. As calças eram cinza escuro e estavam perfeitamente passadas. Eu tinha certeza de que ele nunca cuidava das próprias roupas – e quem poderia culpá-lo, quando aquelas roupas sob medida o deixavam tão sexy?

Pare. Pare!

Ele fechou o porta-malas com força, arrancando-me daquele transe, e eu coloquei as chaves em sua mão estendida. Ele andou até o lado do passageiro, abriu a porta para mim e esperou eu sentar antes de fechá-la. *Claro, você é realmente um grande cavalheiro*, pensei.

Viajamos em silêncio, o único som vindo do motor e do GPS que dava as direções para chegar ao hotel. Eu me ocupei revendo nossa agenda e tentando ignorar o homem ao meu lado.

Eu queria olhar para ele, queria estudar seu rosto. Queria esticar o braço e tocar a barba crescente em seu queixo, queria dizer para ele parar e me tocar.

Todos esses pensamentos corriam em minha mente, tornando impossível me concentrar nos papéis no meu colo. O tempo que passamos afastados não fora suficiente para diminuir o controle que ele tinha sobre mim. Na verdade, estava ainda mais forte. Eu queria perguntar como ele tinha passado as últimas duas semanas. Eu realmente queria saber como ele estava.

Com um suspiro, fechei a pasta no meu colo e me virei para olhar pela janela. Provavelmente passávamos ao lado do mar, de navios da marinha e de pessoas nas ruas, mas eu não enxergava nada. A única coisa em minha mente era o que estava dentro do carro. Eu sentia cada movimento, cada respiração sua. Seus dedos tamborilavam no volante. O couro chiava quando ele se ajeitava no banco. Seu perfume preenchia o espaço fechado e tornava impossível lembrar por que eu deveria resistir. Ele me cercava completamente.

Eu precisava ser forte e dona do meu próprio caminho, precisava provar que eu controlava a minha vida, mas cada parte de mim desejava estar com ele. Eu teria

de me recompor no hotel antes da conferência, mas, com ele tão perto, todas as melhores intenções escapavam do meu alcance.

– Você está bem, srta. Mills? – tive um sobressalto ao ouvir sua voz e me virei para encontrar seus olhos castanhos. Meu estômago se revirou de novo com a intensidade por trás de seu olhar. Como pudera me esquecer daqueles cílios tão longos? – Chegamos – ele apontou para o hotel, e me surpreendi ao perceber que já estávamos lá. – Está tudo bem?

– Sim – respondi rapidamente. – Tive um dia muito longo, é só isso.

– Hum... – ele murmurou, ainda olhando para mim. Seus olhos pousaram em minha boca, e, *Deus*, eu queria beijá-lo. Eu sentia falta do comando de sua boca na minha, me beijando como se não houvesse nada no mundo que ele quisesse mais. E às vezes eu suspeitava que isso até fosse verdade.

Como se estivesse sendo atraída por ele, eu me inclinei para frente. Eletricidade parecia pairar no ar entre nós, e seu olhar voltou a focar meus olhos. Ele se aproximou de mim e pude sentir sua respiração quente contra minha boca.

De repente, minha porta se abriu e dei um pulo no banco, chocada ao ver a mão do funcionário do hotel estendida para mim. Saí do carro, respirando o ar que não estava permeado pelo cheiro intoxicante daquele perfume. O funcionário pegou as malas e o sr. Ryan pediu licença para atender um telefonema enquanto eu fazia o check-in.

O hotel estava lotado com outros conferencistas e eu vi vários rostos familiares. Eu tinha combinado de encontrar um grupo de outros estudantes do meu MBA. Acenei para uma mulher que reconheci. Seria muito bom sair com alguns amigos, já que estávamos ali. A última coisa que eu precisava era ficar sozinha em um hotel, fantasiando sobre o homem no quarto ao lado.

Após receber as chaves e pedir ao carregador que levasse nossas malas para os quartos, eu me dirigi para o saguão, procurando pelo sr. Ryan. A recepção estava cheia e, quando olhei ao redor, vi que ele estava de pé ao lado de uma morena alta. Eles estavam bem próximos, e sua cabeça estava ligeiramente abaixada enquanto ele a ouvia atentamente.

Eu não conseguia ver o rosto dela e apertei os olhos quando a vi levantar a mão e apertar o braço dele. Ela riu com alguma coisa que ele disse e ele se afastou

ligeiramente, o que me permitiu vê-la melhor.

Ela era linda, com cabelos escuros e longos até os ombros. Enquanto eu observava, ela colocou algo na mão dele e a fechou. Um olhar estranho surgiu em seu rosto quando ele abaixou a cabeça para examinar o objeto em sua mão.

Isso tem de ser brincadeira. Ela... ela acabou de dar a chave do quarto dela?

Observei por mais um momento, e algo dentro de mim estalou enquanto ele encarava a chave, como se estivesse considerando guardá-la. Imaginá-lo olhando para outra pessoa com a mesma intensidade, querendo outra pessoa, fazia meu estômago se torcer de raiva. Antes que pudesse impedir a mim mesma, comecei a andar pelo saguão até chegar ao lado deles.

Coloquei a mão em seu braço e ele piscou quando me viu, mostrando uma expressão de surpresa no rosto.

– Bennett, você está pronto para subir? – perguntei discretamente.

Seus olhos arregalaram e sua boca se abriu em choque. Nunca o vi tão completamente sem palavras.

E então percebi: eu nunca o tinha chamado pelo primeiro nome.

– Bennett? – perguntei mais uma vez, e algo mudou em sua expressão.

Lentamente, o canto de sua boca se ergueu num sorriso e nossos olhos se encontraram por um momento.

Virando de volta para ela, ele sorriu com educação.

– Desculpe – ele disse, com uma voz tão macia que provocou um tremor em mim, discretamente devolvendo a chave. – Como pode ver, eu não estou sozinho.

O sentimento de vitória em meu peito superou completamente o horror que eu deveria sentir no momento. Ele colocou a mão nas minhas costas enquanto nos conduzia para fora do saguão. Mas, quanto mais perto chegávamos dos elevadores, mais meu entusiasmo era substituído por outra coisa. Comecei a entrar em pânico ao perceber a forma irracional como eu agira.

A lembrança de nosso constante jogo de gato e rato me exauriu. Quantas vezes por ano ele viajava? E quantas vezes ele recebia uma chave em sua mão? Eu estaria lá para tirá-lo da situação sempre que acontecesse? E, se não estivesse, será que ele subiria alegremente com outra mulher para seu quarto?

E, realmente, quem diabos eu achava que era para ele? Eu não deveria me importar!

Meu coração acelerava e eu podia ouvir o sangue bombeando em meus ouvidos. Três outros casais entraram no elevador conosco, e eu rezei para conseguir chegar até meu quarto sem explodir. Não podia acreditar no que tinha acabado de fazer. Olhei em seu rosto e vi um sorrisinho triunfante.

Respirei fundo e tentei lembrar a mim mesma que era exatamente disso que eu precisava me afastar. O que eu fiz no saguão não era nem um pouco o que eu era, e não foi nada profissional de nossa parte agir daquele jeito em um local tão público. Eu queria gritar com ele, machucá-lo e provocar nele tanta raiva quanto eu sentia, mas estava cada vez mais difícil encontrar a vontade para isso.

Subimos em meio a um tenso silêncio, até que o último casal saiu, nos deixando a sós. Fechei os olhos, apenas tentando respirar, mas é claro que tudo o que conseguia era sentir o perfume dele. Eu não queria que ele ficasse com mais ninguém, e esse sentimento era tão esmagador que me fazia perder o fôlego. Era aterrorizante, pois, honestamente, eu sabia que ele poderia partir meu coração.

Ele poderia me partir por inteiro.

O elevador parou e as portas se abriram lentamente em nosso andar.

– Chloe? – ele disse, com as mãos em minhas costas.

Saí apressada.

– Onde você está indo? – ele gritou na minha direção. Ouvi seus passos e sabia que teríamos problemas. – Chloe, espera!

Eu não poderia fugir dele para sempre. Eu nem sabia se queria continuar fugindo.

Treze

Um milhão de pensamentos surgiram em minha mente naquele segundo. Nós não podíamos continuar fazendo isso. Ou isso continuaria ou tinha de acabar. *Agora*. Estava interferindo no meu trabalho, no meu sono, na minha cabeça – na minha maldita vida.

Mas, por mais que tentasse mentir para mim mesmo, eu sabia muito bem o que queria. Eu não poderia deixá-la escapar.

Ela praticamente saiu correndo pelo corredor, mas eu fui atrás dela.

– Você não pode fazer uma coisa dessa e depois esperar que eu simplesmente deixe você ir embora!

– Posso sim! – ela gritou sobre os ombros. Quando chegou na frente do quarto, ela se atrapalhou com a chave antes de acertar a fechadura.

Alcancei-a justo quando conseguiu abrir, e nossos olhos se encontraram brevemente enquanto ela tentava fechar a porta com força. Joguei minha mão no vão e abri a porta tão violentamente que ela bateu na parede ao lado.

– Que *merda* você acha que está fazendo? – ela gritou, indo até o banheiro, na parede oposta, e se virando para me encarar.

– Quer parar de correr de mim? – eu a segui, minha voz ecoando pelo pequeno espaço. – Se isso for por causa da mulher lá embaixo...

Ela pareceu ficar ainda mais furiosa com minhas palavras e deu um passo na minha direção.

– Não se atreva a tocar nesse assunto. Eu nunca agi como uma namorada ciumenta – ela balançou a cabeça em desgosto antes de se virar para a pia e começar a revirar a bolsa.

Enquanto eu a observava, ela ficava mais e mais frustrada. Por que mais ela poderia estar assim? Eu estava completamente confuso. A essa altura, a raiva dela geralmente já teria arrancado minhas roupas e me pressionado contra uma parede. Mas agora ela parecia genuinamente brava.

– Você acha que eu me interessaria por uma mulher qualquer que me oferece a chave do quarto? Que tipo de homem você acha que eu sou?

Ela bateu uma escova de cabelo na pia e me olhou furiosa.

– Você está falando sério? Eu sei que você já fez isso antes. Apenas sexo, nada de compromisso... tenho certeza que você recebe chaves o tempo todo.

Para ser honesto, eu tivera sim relações que eram só sexo, mas essa coisa com a Chloe não era *apenas sexo* já fazia um tempo.

Comecei a responder, mas ela me interrompeu.

– Eu nunca fiz nada que fosse nem parecido com isso e não sei mais como agir – ela disse, sua voz ficando mais alta a cada palavra. – Mas quando estou com você, é como se nada mais importasse. Isso... *essa coisa* – ela continuou, fazendo um gesto entre nós –, isso não sou eu! É como se eu me transformasse em outra pessoa quando estou com você, e eu odeio isso! Não posso continuar, Bennett. Eu não gosto disso em que estou me transformando. Eu trabalho duro. Eu me importo com meu emprego. Sou inteligente. E nada disso importaria se as pessoas soubessem o que está acontecendo entre a gente. Vá encontrar outra pessoa.

– Eu já te falei, eu não estive com mais ninguém desde que começamos com isso.

– O que não significa que você não vá aceitar uma chave colocada em sua mão. O que você faria se eu não estivesse aqui?

Sem hesitar, eu disse:

– Eu devolveria.

Mas ela apenas riu, claramente não acreditando.

– Olha. Essa coisa toda me deixou exausta. Eu só quero tomar um banho e ir para a cama.

Era quase impossível imaginar sair dali sem resolver essa questão, mas ela já tinha se afastado e estava abrindo o chuveiro. Quando cheguei na porta para sair, olhei mais uma vez para ela: já cercada pelo vapor do banho, olhando para mim enquanto eu deixava o quarto. E talvez ela nunca admitisse, mas seu rosto mostrava o mesmo conflito que eu sentia.

Sem pensar, atravessei o quarto, tomei seu rosto entre minhas mãos e a puxei para mim. Quando nossos lábios se encontraram, ela deixou escapar um gemido sufocado de entrega, imediatamente mergulhando as mãos em meus cabelos. Eu a beijei com mais força, tomando seus sons como meus, tomando seus lábios como meus, seu sabor como sendo minha propriedade.

– Vamos declarar trégua por uma noite – eu disse, e pressionei três pequenos beijos em seus lábios, um em cada lado e um mais longo no centro, no coração de sua boca. – Eu quero ter você inteira por uma noite, sem amarras, sem inibições. Por favor, Chloe, eu paro de te importunar depois disso, mas faz duas

semanas que não te vejo e... só preciso de uma noite.

Ela me encarou por vários instantes dolorosos, claramente em conflito. E, então, com um breve som suplicante, esticou os braços e me puxou, ficando na ponta dos pés para chegar o mais perto que podia.

Meus lábios exploraram os dela, ferozes e obstinados, mas ela não se afastou, pressionando suas curvas contra mim. Eu não pensava em mais nada além dela. Nós batemos contra a parede, contra a pia, a porta do chuveiro, agarrando e puxando em nosso desespero. O banheiro estava completamente coberto com vapor e nada mais parecia real. Eu podia sentir o cheiro, o sabor e a delicadeza de sua pele, mas nada disso parecia suficiente.

Nossos beijos se tornaram mais profundos, nossos toques, mais selvagens.

Agarrei sua bunda, suas coxas, subi as mãos até os seios, necessitando tomar todas as partes de seu corpo ao mesmo tempo. Ela me empurrou contra a parede e uma cascata de água quente se derramou sobre meus ombros e meu peito, arrancando-me de meu transe. Ainda vestidos, nós tínhamos entrado debaixo do chuveiro. Estávamos ficando ensopados.

E não nos importávamos.

Suas mãos percorreram meu corpo freneticamente, puxando minha camisa de dentro da calça. Com mãos trêmulas, ela começou a desabotoar, arrancando alguns botões apressadamente antes de tirar o tecido molhado dos meus ombros e jogá-lo para fora do chuveiro.

A seda molhada do vestido dela se agarrou contra seu corpo, acentuando cada curva. Toquei o tecido ao longo dos seios, sentindo os mamilos endurecidos. Ela gemeu e pousou sua mão sobre a minha, guiando meus movimentos.

– Fale o que você quer – minha voz estava áspera por causa do desejo. – Diga o que você quer que eu faça com você.

– Eu não sei – ela sussurrou em minha boca. – Só quero ver você desmoronar.

Eu queria dizer a ela que isso já estava acontecendo e, para ser honesto, ela vinha testemunhando isso há semanas, mas minhas palavras sumiram quando deslizei as mãos ao lado de seu corpo e por baixo do vestido. Nós mordemos e provocamos a boca um do outro, e o som do chuveiro abafava nossos gemidos.

Passei a mão para dentro de sua calcinha e senti seu calor em meus dedos.

Desejando ver mais dela, tirei os dedos e agarrei a barra do vestido. Com um único movimento, puxei-o por cima de sua cabeça e quase tive um infarto com a visão do que estava oculto. *Meu Deus*. Ela estava tentando me matar.

Dei um passo para trás e encostei na parede em busca de algum apoio. Ela estava na minha frente, molhada da cabeça aos pés, vestindo uma calcinha branca de

renda com dois laços de cetim nas laterais. Seus mamilos estavam duros e visíveis por baixo do sutiã que combinava, e eu não pude impedir a mim mesmo de tocá-los.

– Merda, você é tão linda! – eu disse, correndo a ponta dos meus dedos ao longo dos seios. Um visível tremor surgiu em seu corpo e minha mão começou a subir, passando pelo peito, pelo pescoço e finalmente chegando no queixo.

Nós poderíamos transar ali mesmo, ensopados e escorregadios, no chão de ladrilho, e talvez mais tarde isso acontecesse, mas primeiro eu queria aproveitar o momento. Meu coração acelerou ao pensar que tínhamos uma noite inteira pela frente. Não era preciso ter pressa ou nos esconder. Nada de brigas ou culpa.

Teríamos uma noite juntos e eu passaria o tempo todo com ela... em uma cama.

Estiquei o braço atrás dela e desliguei o chuveiro. Ela me abraçou de volta, apertando seu corpo ainda mais contra o meu. Tomei seu rosto com as mãos e a beijei demoradamente, deslizando minha língua contra a dela. Seus quadris reboavam contra o meu corpo e eu abri a porta do chuveiro, conduzindo-a para fora.

Eu não conseguia parar de tocar sua pele: em suas costas, na gentil curva da cintura e subindo de volta pelos lados até chegar nos seios. Eu precisava sentir e saborear cada centímetro dela.

Nosso beijo não parou enquanto saíamos do banheiro, tropeçando desajeitados e arrancando o que restava de nossas roupas. Andando de costas pelo quarto, chutei meus sapatos molhados e as mãos dela começaram a tirar meu cinto.

Guiando-a, eu rapidamente fiquei sem calças e cueca. Com pressa, chutei os dois para o lado, onde caíram em uma pilha.

Passei os nós dos meus dedos por suas costelas antes de abrir o fecho do sutiã, praticamente arrancando-o de seu corpo. Puxando-a para mais perto, grunhi em sua boca quando os mamilos endurecidos raspavam em meu peito. As pontas de seus cabelos molhados roçaram em minhas mãos enquanto eu explorava as costas dela, e pude sentir uma eletricidade percorrendo minha pele.

O quarto estava escuro, a única iluminação vinha de uma pequena fresta de luz que escapava da porta do banheiro e da lua que pairava no céu noturno. A parte de trás de seus joelhos encostou na cama e minhas mãos encontraram a última peça de roupa entre nós. Minha boca se moveu de seus lábios para o pescoço, dos seios até a barriga. Plantei beijinhos e mordidas ali até finalmente alcançar a renda branca que escondia o resto.

Deslizando meus joelhos na frente dela, olhei para cima e encontrei seus olhos. Suas mãos estavam em meus cabelos, acariciando com os dedos através das

mechas molhadas.

Levantei minha mão, peguei entre os dedos um dos delicados laços de cetim e puxei, observando o tecido deslizar de sua cintura. Uma expressão de confusão apareceu em seu rosto enquanto eu continuava percorrendo a calcinha com as mãos até o outro lado, onde fiz o mesmo. O tecido caiu inteiro de seu corpo e então ela estava completamente nua na minha frente. Posso não ter rasgado a calcinha, mas eu com certeza planejava levar essa preciosidade comigo.

Ela riu, como se tivesse ouvido meus pensamentos.

Eu a conduzi até sentar na ponta da cama e, ainda ajoelhado à sua frente, abri suas pernas. Passando minhas mãos ao longo de sua pele aveludada, beijei o interior das coxas e entre as pernas. Seu sabor deslizou por minha boca e invadiu minha mente, apagando qualquer vestígio do mundo lá fora. Deus, o que aquela mulher fazia comigo...

Fiz um movimento para deitá-la de costas e então finalmente subi para me juntar a ela, correndo meus lábios e língua ao longo de seu corpo, com suas mãos ainda emaranhadas em meus cabelos, guiando-me para onde ela queria. Deslizei meu polegar para dentro de sua boca, desejando que ela me chupasse, desejando minha própria boca nos seios dela, nas costelas, no queixo.

Seus suspiros e gemidos preenchiam o quarto e se misturavam com os meus. Eu estava mais duro do que imaginava ser possível, e queria me enterrar nela de novo e de novo. Alcancei sua boca e arrastei meu polegar molhado através de seu rosto quando ela me puxou para baixo, alinhando cada centímetro de nossos corpos nus.

Nos beijamos freneticamente, as mãos procurando e agarrando enquanto tentávamos nos aproximar o máximo possível. Nossos quadris se mexiam juntos, meu pau se esfregava nela, procurando seu calor. Cada passada em cima do clitóris causava um gemido nela. Com apenas um pequeno movimento, eu poderia entrar profundamente.

E eu queria fazer isso mais do que qualquer coisa, mas primeiro precisava ouvir uma coisa dela. Quando ela disse meu nome lá embaixo no saguão, algo dentro de mim estalou. Eu ainda não tinha entendido direito, não sabia se estava pronto para entender, mas sabia que precisava que ela dissesse, precisava ouvir que era *eu* quem ela queria. Precisava saber que naquela noite ela seria minha.

– Estou morrendo de vontade de entrar em você agora – sussurrei em seu ouvido. Ela soluçou e um gemido profundo escapou de seus lábios. – É isso que você quer?

– Sim – ela gemeu, com a voz suplicante e os lábios erguidos procurando por

mim. Minha ponta resvalou em sua entrada e eu apertei meu queixo, querendo prolongar aquele prazer. Os calcanhares dela subiam e desciam por minhas pernas até que finalmente agarraram minha cintura. Tomei suas mãos e as coloquei acima de sua cabeça, entrelaçando nossos dedos.

– Por favor, Bennett – ela implorou. – Você está me enlouquecendo.

Abaixei minha cabeça até nossas testas se encontrarem, e então finalmente a penetrei.

– Oh, merda! – ela gemeu.

– Fale de novo – eu estava ficando sem ar quando comecei a entrar e sair.

– Bennett... *merda*.

Eu queria ouvir de novo e de novo. Ergui meu corpo e fiquei de joelhos, aumentando meu ritmo, com nossas mãos ainda entrelaçadas.

– Por favor, não pare! – eu estava chegando perto do clímax e precisava diminuir um pouco. Estive longe dela por tempo demais, e nenhuma das minhas fantasias chegava perto do que eu sentia agora.

– Quero você assim todos os dias – grunhi contra sua pele suada. – Desse jeito, e de quatro na minha mesa. E de joelhos, me chupando.

– Por quê? – ela disse entre os dentes cerrados. – Por que eu amo que você fale comigo desse jeito? Você é um grande *cretino*.

Eu me abaixei sobre ela e ri em seu pescoço.

Nós nos movíamos juntos sem esforço nenhum, nossas peles molhadas deslizando uma na outra. A cada estocada, ela levantava a cintura para me acomodar, com as pernas ao redor dos meus quadris puxando-me mais fundo. Eu estava tão perdido dentro dela que o tempo parecia não existir. Nossas mãos ainda estavam fortemente unidas acima de sua cabeça, e ela começou a apertá-las ainda mais. Ela estava chegando perto, seus gritos se tornavam mais altos e meu nome escapava de sua boca de novo e de novo, me fazendo chegar perto do abismo também.

– Desista – minha voz estava rouca com o desespero que eu sentia. Eu estava tão perto, mas queria esperar por ela. – Não resista, Chloe, goze comigo.

– Oh, Deus, Bennett... – ela gemeu. – Diga mais alguma coisa – *merda. Minha garota gosta de palavras sujas*. – Por favor.

– Você está tão suada e gostosa. Quando está quase gozando – eu ofeguei –, sua pele fica toda corada e sua voz fica rouca. E não há nada mais perfeito do que o seu rosto quando você goza.

Ela me apertou mais forte com as pernas e senti sua respiração falhar, senti seus músculos todos se apertarem ao meu redor.

– Essa sua boca inchada fica ainda mais macia e se abre para mim quando você fica ofegante, seus olhos imploram para eu te foder gostoso e, merda, nada é melhor do que o som que você faz quando está perto de gozar.

Só foi preciso isso. Estoquei mais fundo, praticamente levantando-a da cama com cada movimento. Eu estava quase transbordando e, quando ela gritou meu nome, não pude mais segurar.

Ela abafou seus gritos em meu pescoço quando senti seu orgasmo apertando ferozmente debaixo de mim. Nada no mudo era tão bom quanto aquilo – deixar a onda se precipitar e nos atingir ao mesmo tempo – então eu também me entreguei.

Passados aqueles momentos intensos, eu movi meu rosto para mais perto dela, nossos narizes se tocaram e nossa respiração se encontrava, quente e rápida. Minha boca estava seca, meus músculos doíam e eu estava exausto. Soltei as mãos dela e acariciei seus dedos gentilmente, tentando trazer a circulação de volta.

– Meu Deus! – eu disse. Tudo parecia diferente, mas completamente indefinido. Saindo de cima dela, fechei meus olhos, tentando bloquear o emaranhado de pensamentos.

Ao meu lado, ela estremeceu.

– Está com frio? – perguntei.

– Não – ela respondeu, balançando a cabeça. – Apenas completamente exausta. Eu a puxei para mim e estiquei o braço para nos cobrir com o cobertor. Eu não queria ir embora, mas não sabia se ela queria que eu ficasse.

– Eu também.

O silêncio nos envolveu e os minutos passaram. Pensei que ela tinha adormecido. Mudei levemente de posição e fui surpreendido por sua voz.

– Não vá – ela disse na escuridão. Eu me inclinei, beijei o topo de sua cabeça e respirei fundo, sentindo seu cheiro doce e familiar.

– Eu não vou a lugar nenhum.



Merda, isso foi bom.

Algo quente e molhado envolveu meu pau novamente e eu gemi alto. *Melhor. Sonho. Que já tive.* A Chloe do meu sonho gemeu, enviando ao longo do meu pau uma vibração que percorreu meu corpo inteiro.

– Chloe – ouvi minha própria voz e mudei ligeiramente de posição. Eu já tinha

sonhado com ela centenas de vezes, mas desta vez parecia tão real. O calor desapareceu e eu franzi a testa. *Não acorde, Ben. Não se atreva a acordar.*

– Diga de novo – uma voz macia invadiu minha consciência e forcei meus olhos a abrirem. O quarto estava escuro e eu estava deitado em uma cama estranha. O calor voltou, e meus olhos dispararam para minha cintura, onde uma linda morena se movia entre minhas pernas abertas. Ela colocou meu pau de volta em sua boca.

De uma vez só, a lembrança da noite anterior surgiu em minha mente, e a névoa do sono começou a se dissipar depressa.

– Chloe? – de jeito nenhum eu seria sortudo o bastante para que isso fosse real. Ela devia ter levantado durante a noite para apagar a luz do banheiro – o quarto estava tão escuro que eu mal podia enxergá-la. Minhas mãos procuraram por ela e meus dedos percorreram seus lábios ao redor do meu pau.

Ela subia e descia com a boca, sua língua circulava e os dentes raspavam levemente contra meu pênis a cada movimento. Sua mão tocou minhas bolas e eu gemi alto quando ela gentilmente acariciou usando toda extensão da palma de sua mão.

A sensação de ver meus sonhos e a realidade tornando-se uma coisa só foi tão intensa que eu não sabia se conseguiria aguentar por muito tempo. Ela se ajoelhou e seus dedos tocaram um ponto logo abaixo, me fazendo soltar um gemido entre os dentes cerrados. Ninguém nunca tinha feito isso comigo. Eu quase quis fazer ela parar, mas a sensação foi tão incrível que eu simplesmente não conseguia me mexer.

Enquanto meus olhos se ajustavam à escuridão, corri meus dedos por seus cabelos, rosto e queixo. Ela fechou os olhos e aumentou a sucção, deixando-me cada vez mais perto do abismo. A combinação de sua boca com meu pau e o dedo pressionando logo abaixo era incrível, mas eu a queria em cima de mim, aquela boca na minha, chupando meus lábios enquanto eu me enterrava nela. Eu sentei na cama e puxei-a para meu colo, enlaçando meus quadris com suas pernas. Nossos peitos nus pressionaram um ao outro, tomei seu rosto nas mãos e a olhei nos olhos.

– Esse foi o melhor jeito de acordar de todos os tempos.

Ela riu um pouco, lambendo os lábios até mostrarem um brilho delicioso. Abaixei as mãos e coloquei meu pau em sua entrada, levantando-a levemente. Com um único movimento, entrei nela. Sua testa caiu em meu ombro e seus quadris se impulsionaram para frente, me fazendo penetrar ainda mais fundo. Estar com ela em uma cama parecia irreal. Ela começou a me cavalgar

preguiçosamente, mexendo em pequenos movimentos. Beijou cada centímetro do meu pescoço, chupando e mordendo a pele. Breves frases permeavam cada movimento dos quadris.

– ... gosto de estar em cima de você – ela ofegava. – Você está indo tão fundo. Está sentindo?

– Sim.

– Quer mais rápido?

Balancei a cabeça, absolutamente perdido.

– Não. Deus, não.

Por um tempo, ela continuou devagar, em pequenos círculos, os dentes subindo e descendo em meu pescoço. Mas então, ela se aproximou ainda mais, sussurrando:

– Eu vou gozar, Bennett – e, em vez de soltar uma lista de palavras para descrever o que aquilo me fazia sentir, eu mordi seu ombro e chupei até deixar a pele vermelha.

Mexendo mais rápido, ela começou a falar. Palavras que eu mal conseguia processar. Palavras sobre meu corpo dentro dela, a necessidade que sentia por mim. Palavras sobre meu sabor e o quanto ela estava molhada. Palavras sobre querer meu orgasmo, *precisar* do meu orgasmo.

Com cada passada de seus quadris, a pressão começou a aumentar. Eu a agarrei com força, temendo que fosse deixar marcas a cada movimento das minhas mãos, e aumentei as estocadas. Ela gemia e se contorcia em cima de mim e, justo quando eu achei que não conseguiria mais me segurar, ela gritou meu nome e senti seus espasmos. A intensidade de seu orgasmo desencadeou o meu, e enterrei meu rosto em seu pescoço, abafando um grunhido alto em sua pele.

Ela desabou em cima de mim e eu deitei nossos corpos na cama. Estávamos suados, ofegantes e completamente exaustos. A imagem dela era perfeita.

Puxei-a para mim, com suas costas contra meu peito, e envolvi meus braços ao seu redor, entrelaçando nossas pernas. Ela murmurou alguma coisa que eu não entendi, mas adormeceu antes que eu pudesse perguntar.

Algo mudou nessa noite, e, quando meus olhos se fecharam, o meu último pensamento foi que teríamos muito tempo para conversar no dia seguinte.

Mas quando a luz matinal começou a invadir o quarto, tive uma sensação estranha, ao perceber que o amanhã já tinha chegado.

Capítulo

A consciência bateu à porta da minha mente adormecida, mas tentei mantê-la longe. Eu não queria acordar. Estava contente, confortável e aquecida.

Visões vagas do meu sonho passeavam atrás dos meus olhos fechados. O cobertor que eu abraçava era o mais quente e cheiroso com o qual já tivera o prazer de dormir – pois ele abraçava de volta.

Algo quente se apertou contra mim. Meus olhos se abriram e focaram mechas de cabelos familiarmente desarrumados a apenas alguns centímetros do meu rosto. Centenas de lembranças surgiram naquele segundo, quando a realidade da noite passada desabou sobre meu cérebro confuso.

Merda.

Era real.

Meu coração acelerou quando levantei a cabeça para ver aquele lindo homem abraçado ao meu corpo. Sua cabeça estava deitada em meu peito, sua boca perfeita, levemente aberta, deixando escapar lufadas de ar quente em meus seios nus. Seu longo corpo estava deitado ao meu lado, nossas pernas se entrelaçavam e seus braços fortes envolviam meu torso com força.

Ele ficou.

A intimidade de nossa posição me atingiu com tanta força que eu até perdi o fôlego. Ele não apenas ficara, ele *se agarrara* em mim.

Tive dificuldade para voltar a respirar e para evitar entrar em pânico. Eu estava muito ciente de cada centímetro onde nossas peles se tocavam. Podia sentir a batida poderosa de seu coração contra meu peito. Seu pênis estava pressionado contra minha coxa, semiereto em seu sono. Meus dedos ardiam com a vontade de tocá-lo. Meus lábios desejavam beijar seus cabelos. Aquilo era muito para mim. *Ele* era muito.

Algo mudara na noite anterior e eu não sabia se estava pronta para lidar com isso. Também não sabia o que era essa mudança, mas ela tinha acontecido. A cada movimento, a cada toque, a cada palavra e a cada beijo daquela noite, nós estivéramos juntos. Ninguém nunca me fez sentir assim, como se meu corpo fosse feito para encaixar em outro.

Eu já estivera com outros homens, mas com ele eu sentia como se estivesse sendo arrastada por uma maré invisível, completamente incapaz de mudar a direção. Fechei os olhos, tentando dominar a crescente sensação de pânico. Eu não me arrependia do que acontecera. Tudo fora – como sempre – intenso e definitivamente o melhor sexo que já tivera. Eu apenas precisava de alguns minutos sozinha antes de poder encará-lo.

Pousando uma mão em seus cabelos e a outra nas costas, eu consegui tirá-lo de cima de mim. Ele começou a se remexer e eu congelei. Abracei-o de volta e tentei impedi-lo de acordar. Ele murmurou meu nome antes de sua respiração voltar a se acalmar, então eu deslizei para fora.

Fiquei observando-o dormir por um momento, sentindo meu pânico retroceder um pouco, e mais uma vez fiquei admirada por sua beleza. Em seu sono, sua expressão era tranquila e pacífica, muito diferente do que costumava mostrar na minha presença. Uma mecha de cabelo estava caída sobre sua testa e meus dedos desejavam arrumá-la. Cílios longos, rosto perfeito, lábios macios e um queixo coberto com uma barba por fazer.

Meu Deus, ele é bonito.

Comecei a andar até o banheiro, mas vi de relance meu próprio reflexo no espelho do quarto e parei.

Uau. A imagem de quem acabou de transar. Definitivamente, era assim que eu parecia.

Eu me aproximei e examinei as pequenas marcas vermelhas espalhadas em meu pescoço, ombros, seios e barriga. Uma pequena mordida estava visível debaixo do meu seio esquerdo, além de uma vermelhidão em meu ombro. Olhando para baixo, corri os dedos pelas marcas vermelhas na parte interna das minhas coxas. Meus mamilos endureceram quando lembrei a sensação de sua barba mal feita raspando contra minha pele.

Meu cabelo estava todo desgrenhado, e mordi o lábio quando lembrei de suas mãos mergulhadas nele. A maneira como ele me puxara primeiro para um beijo e depois para seu pau...

Isso não está ajudando.

Fui retirada dos meus pensamentos por uma voz grave e sonolenta.

– Já está de pé e se estressando?

Eu me virei e tive uma rápida visão de seu corpo nu quando ele se ajeitou nos lençóis antes de sentar e cobrir-se, deixando apenas o torso à mostra. Eu nunca me cansaria de ver – e sentir – seu peito largo e musculoso, seu abdômen malhado e aquele caminho da felicidade, que levava para o mais gloriosamente bem dotado homem que eu já conhecera. Quando meus olhos finalmente alcançaram seu rosto, eu franzi a testa ao ver seu sorriso maroto.

– Peguei você olhando – ele murmurou, esfregando a mão no queixo.

Eu não sabia se deveria sorrir ou revirar os olhos. Vê-lo daquele jeito, vulnerável e semiacordado, era desconcertante. Não tínhamos fechado as cortinas na véspera, e agora o sol da manhã emitia seus raios brilhantes contra o emaranhado de lençóis. Ele parecia tão diferente – ainda era meu chefe cretino, mas também parecia outra pessoa: um homem, em minha cama, parecendo pronto para a... quarta? Quinta rodada? Eu já tinha perdido a conta.

Quando seus olhos percorreram cada parte do meu corpo, eu me lembrei que também estava completamente nua. Nesse momento, sua expressão parecia tão intensa quanto seus toques. Pensei brevemente que, se ele continuasse com aquele olhar, minha pele entraria em combustão. Será que aquilo poderia ter sobre mim o mesmo efeito que seu toque?

Mudei minha expressão para esconder o fato de que eu estava mentalmente catalogando cada centímetro de sua pele, então me abaixei para pegar sua camiseta branca no chão. Ela ficara a noite inteira na frente do ar-condicionado e por causa disso estava um pouco fria, mas, graças a Deus, estava praticamente seca. Quando passei o tecido de algodão pela minha cabeça, senti o perfume de ervas da pele dele, então reemergi e encontrei seu olhar sombrio colado em mim. Ele molhou seus lábios com a língua e grunhiu baixinho:

– Venha aqui.

Eu me aproximei da cama com a intenção de sentar ao seu lado, mas ele me puxou para o colo e disse:

– Diga o que você está pensando.

Ele queria que eu resumisse um milhão de pensamentos em uma única frase?

Aquele homem estava maluco.

Então, abri a boca e soltei o primeiro pensamento que surgiu:

– Você disse que não esteve com mais ninguém desde que nós... ficamos juntos – encarei seu peito para evitar seus olhos. – Isso é verdade?

Finalmente, olhei para cima.

Ele assentiu e deslizou os dedos debaixo da camiseta, passando as mãos lentamente na minha cintura e barriga.

– Por quê? – perguntei.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça uma vez.

– Eu não quis ficar com mais ninguém.

Eu não sabia como interpretar aquilo. Ele queria dizer que não encontrara ninguém que quisesse, mas que estava aberto a possibilidades?

– Você sempre escolhe a monogamia quando está ficando com alguém?

Ele deu de ombros.

– Se essa for a expectativa.

Bennett beijou ao longo dos meus ombros, chegou ao peito e subiu pelo pescoço. Estiquei o braço e peguei uma garrafa de água no criado mudo, tomei um gole e ofereci. Ele tomou o resto da água em alguns longos goles.

– Está com sede?

– Sim. E com um pouco de fome também.

– Não é surpresa, nós não comemos desde... – parei quando ele mexeu as sobrancelhas e sorriu com o canto da boca.

Revirei os olhos, mas tive de fechá-los quando ele se aproximou e me beijou docemente nos lábios.

– A expectativa aqui é a monogamia? – eu perguntei.

– Depois do que aconteceu ontem à noite, acho que é você quem precisa me dizer.

Eu não sabia como responder. Eu já não sabia se poderia ficar com ele dessa

maneira, e sabia menos ainda no caso de monogamia. Pensar em como isso poderia funcionar fazia minha mente girar. Será que conseguiríamos ser... amigos? Será que ele diria “bom dia” de verdade? Será que ele se sentiria seguro para criticar meu trabalho?

Ele esticou os dedos sobre minhas costas, pressionando meu corpo ao seu lado e me arrancando dos meus pensamentos.

– Nunca tire essa camiseta – ele sussurrou.

– Trato feito – eu me estiquei para trás, melhorando o acesso de sua boca ao meu pescoço. – Vou vestir isto e nada mais em nossa reunião mais tarde.

Sua risada foi grave e divertida.

– Nem pensar.

– Que horas são? – eu perguntei, tentando enxergar o relógio atrás dele.

– Dane-se o relógio – as pontas de seus dedos encontraram meus seios e ficaram brincando na pele macia da parte de baixo.

No processo de me esticar, eu acabara expondo a pele dele um pouco acima do quadril. *Mas o quê...?*

Aquilo era uma *tatuagem*?

– Isso aqui é...? – eu mal podia formar as palavras. Afastando-o levemente, olhei em seus olhos antes de voltar a encarar a marca. Logo abaixo da cintura havia uma linha de tinta preta, palavras escritas naquilo que eu achava ser francês. Como diabos eu não tinha visto isso antes? Tentei lembrar de todas as vezes em que estivéramos juntos. Sempre fora de forma apressada, no escuro ou apenas seminus.

– É uma tatuagem – ele disse, confuso, afastando-se um pouco e passando os dedos por minha barriga.

– Eu sei que é uma tatuagem, mas... o que está escrito aí? – *o sr. Eu-Não-Brinco-em-Serviço tem uma maldita tatuagem.* Cai o outro pedaço do homem que eu achava conhecer.

– Está escrito *Je ne regrette rien*.

Meus olhos dispararam na direção de seu rosto, e meu sangue ferveu ao som de sua voz se dissolvendo em uma perfeita pronúncia do francês.

– O que você disse?

Ele soltou um sorriso no canto da boca.

– *Je ne regrette rien* – pronunciou as palavras lentamente, enfatizando cada sílaba. Era a coisa mais sexy que eu já tinha ouvido na vida.

Em meio a tudo isso – a tatuagem e sua completa nudez –, eu achei que entraria em combustão espontânea.

– Isso não é uma música?

– Sim, é de uma música – ele assentiu, e riu um pouco. – Você pode achar que eu me arrependo daquela noite, bêbado em Paris, milhares de quilômetros distante de casa, sem um único amigo na cidade, quando decidi fazer uma tatuagem. Mas não, nem mesmo disso eu me arrependo.

– Diga de novo – sussurrei.

Ele se aproximou, encaixando os quadris ainda mais em meu corpo, sua respiração quente em meu ouvido, e sussurrou novamente.

– *Je ne regrette rien*. Você entende?

Assenti.

– Diga mais alguma coisa.

Eu respirava com dificuldade, meus mamilos sensíveis raspando contra o algodão da camiseta.

Inclinando-se ligeiramente, ele beijou minha orelha e disse:

– *Je suis à toi* – sua voz estava ainda mais grave e quase falhando enquanto seu pau se mantinha erguido para mim, então eu acabei com nossa agonia e mergulhei nele com um gemido, novamente amando a profundidade daquela posição. Ele sussurrou uma única e profana sílaba em francês de novo e de novo, encarando meu rosto. Em vez de segurar meus quadris, suas mãos agarraram a camiseta nos dois lados do meu corpo.

Aquilo era tão fácil, tão natural entre nós, que de alguma forma aumentava uma inquietude que eu não conseguia afastar. Em vez de pensar nisso, eu me concentrei em seus grunhidos abafados na minha boca. Concentrei-me na maneira como ele de repente nos colocou sentados e chupou meus seios por cima da camiseta, expondo a pele rosada que havia sob o tecido. Eu me perdi na urgência de seus dedos em minhas coxas e cintura, sua testa pressionada na base do meu pescoço quando ele se aproximou do clímax. Eu me perdi na sensação

de suas coxas embaixo de mim, seus quadris se movendo cada vez mais rápido e com mais força para acompanhar meus movimentos.

Virando meu corpo, ele pousou a mão totalmente esticada sobre meu peito e seus quadris diminuíram a velocidade até parar.

– Seu coração está *acelerado*. Diga o quanto você está gostando disso.

Eu relaxei instintivamente ao olhar para seu sorriso convencido. Será que ele sabia que eu precisaria de ajuda para lembrar quem ele fora há menos de um dia?

– Você está falando daquele jeito de novo. Pare com isso.

Seu sorriso se alargou.

– Você adora quando eu falo assim. Principalmente quando meu pau está dentro de você.

Eu revirei os olhos.

– O que foi que me denunciou? Os orgasmos? O jeito como eu imploro para você? Parabéns, você é praticamente um detetive.

Ele piscou, puxando meu pé para cima do seu ombro e beijando meu calcanhar.

– Você sempre foi desse jeito? – eu perguntei, puxando inutilmente seus quadris. Odiava admitir, mas queria que ele continuasse mexendo. Quando ele parava, eu sentia a provocação, a ardência, a sensação de coisa incompleta. E quando se movia, eu apenas queria que o tempo parasse. – Eu tenho pena das mulheres cujos egos foram destroçados pelo caminho.

Bennett balançou a cabeça, inclinando-se sobre mim e se apoiando nas mãos.

Graças aos céus, ele começou a se mover. Os quadris subiram, entrando profundamente em mim. Meus olhos se fecharam. Ele acertou o ponto perfeito de novo, de novo e de novo.

– Olhe para mim – ele sussurrou.

Olhei para cima, observei o suor em suas sobrancelhas e os lábios se separarem quando ele encarou minha boca. Os músculos dos ombros se apertavam com seus movimentos, seu torso brilhava com uma fina camada de suor. Pousei meu olhar onde ele se movia para dentro e para fora de mim. Não sei o que eu disse quando ele tirou quase tudo para fora e então enfiou com força de volta em mim, mas foi algum murmúrio sujo e instantaneamente esquecido enquanto ele estocava.

– Você me faz sentir convencido. É o jeito como você reage que me faz sentir um maldito deus. Como você pode não enxergar isso?

Eu não respondi e claramente ele não esperava que eu respondesse – seu olhar e os dedos de uma mão exploravam meu pescoço e seios. Ele encontrou um lugar especialmente sensível e eu ofeguei.

– Parece que alguém te deu uma mordida aqui – ele disse, esfregando o polegar na marca de seus dentes. – Você gostou?

Engoli em seco, juntando nossos corpos.

– Sim.

– Garota safada.

Minhas mãos deslizaram por seus ombros e desceram até o peito, passaram pela barriga e pelos músculos dos quadris. Meu polegar acariciou sua tatuagem.

– Eu gosto disso também.

Seus movimentos se tornaram mais selvagens e violentos.

– Oh, merda, Chloe... eu não consigo... não vou aguentar mais.

Ouvir sua voz tão desesperada e fora de controle apenas intensificou meu desejo por ele. Fechei os olhos, concentrando-me na deliciosa sensação que começava a se espalhar por meu corpo. Eu estava muito perto, quase lá. Abaixei a mão entre nós e meus dedos encontraram meu clitóris, que comecei a esfregar vagorosamente.

Ele abaixou a cabeça, olhou para minha mão e praguejou.

– Oh, merda – sua voz estava desesperada, sua respiração saía com dificuldade.

– Vai, se toca, quero ver você se esfregando – suas palavras foram tudo o que eu precisava e, com uma última passada de dedos, senti o orgasmo me dominar.

Gozei com força, apertando-o ao meu redor, as unhas da minha mão livre se enterrando em suas costas. Ele gritou, e seu corpo se descontrolou quando também gozou dentro de mim. Meu corpo todo tremeu nos momentos seguintes, mesmo quando o orgasmo se dissipou. Agarrei seu corpo quando ele parou, afundando em cima de mim. Ele beijou meu ombro e meu pescoço antes de plantar um único beijo em meus lábios. Nossos olhos se encontraram brevemente, e então ele rolou para o lado.

– Meu Deus, garota – ele disse, exalando uma respiração pesada e forçando uma

risada. – Você vai acabar me matando.

Rolamos cada um para um lado, cabeça nos travesseiros, e quando nossos olhos se encontraram eu não pude desviar o olhar. Perdi qualquer esperança de que na próxima vez tudo seria menos poderoso, ou que nossa conexão de alguma maneira diminuísse se simplesmente transássemos até cansar. Aquela “trégua” não ajudara em nada. Eu já queria me aproximar novamente, beijar a barba mal feita e puxá-lo de volta para mim. Enquanto o encarava, ficou claro para mim que iria doer bastante quando isto acabasse.

O medo tomou conta do meu coração e o pânico da noite anterior retornou, trazendo um desconfortável silêncio. Eu me sentei, puxando os lençóis até meu queixo.

– Oh, merda.

A mão dele disparou e agarrou meu braço.

– Chloe, eu não posso...

– Nós provavelmente precisamos nos arrumar – eu interrompi o que poderia ser o começo de um milhão de formas para partir meu coração. – Temos apresentações para ver em vinte minutos.

Ele pareceu confuso por um momento antes de falar:

– Eu não tenho nenhuma roupa limpa aqui. Eu nem sei onde fica o meu quarto. Senti meu rosto corar ao relembrar o quão rápido tudo acontecera na véspera.

– Certo. Vou usar sua chave e trazer alguma coisa.

Entrei no banheiro, tomei um banho rápido e enrolei uma toalha ao redor do meu corpo, pensando que deveria ter trazido um roupão do hotel. Respirei fundo, abri a porta e voltei para o quarto.

Ele estava sentado na cama e seus olhos se ergueram para o meu rosto.

– Eu só preciso... – fiz um gesto na direção da minha mala. Ele assentiu, mas continuou calado. Eu geralmente não sinto vergonha do meu corpo, mas ali, de pé usando apenas uma toalha e sabendo que ele me observava, eu me senti estranhamente tímida.

Peguei algumas coisas e passei apressada por ele, parando apenas na segurança do banheiro. Eu me vesti mais rápido do que achava ser possível, decidindo prender o cabelo para trás e deixar o resto para depois. Peguei a chave sobre a

pia, voltei para o quarto.

Ele não saiu do lugar. Sentado na ponta da cama com os cotovelos apoiados nas coxas, parecia perdido em pensamentos. O que estaria pensando? Pela manhã toda eu estivera uma pilha de nervos, minhas emoções mudando ferozmente de um extremo a outro, mas ele parecia tão calmo. Tão seguro. Mas estava seguro do quê? O que teria decidido?

– Você quer que eu traga alguma roupa em particular?

Quando ele levantou a cabeça, parecia levemente surpreso, como se o pensamento não tivesse ocorrido em sua mente.

– Hum... tenho apenas algumas reuniões esta tarde, certo? – eu assenti. – O que você escolher está bom.

Demorei apenas um segundo para achar o quarto dele, que ficava logo ao lado do meu. Ótimo. Agora eu poderia ficar imaginando ele na cama logo atrás da minha parede. Suas malas já estavam ali e eu parei brevemente, percebendo que teria de mexer em suas coisas.

Levantei a maior delas, coloquei-a na cama e abri o fecho. Seu perfume me envolveu e causou uma grande pontada de desejo em meu corpo. Comecei a procurar pelas roupas perfeitamente dobradas.

Tudo que pertencia a ele era tão arrumado e organizado, e isso me fez imaginar como seria sua casa. Nunca pensara muito nisso, mas de repente me perguntei se algum dia eu a veria, se alguma vez eu estaria em sua cama.

Parei quando percebi que eu queria conhecê-la. Será que ele gostaria de me ver lá?

Desviei esses pensamentos e continuei procurando as roupas. Escolhi um terno Helmut Lang, camisa branca, gravata preta de seda, cueca, meia e sapato.

Após guardar o resto de volta, juntei as roupas que ele usaria e comecei a voltar para meu quarto. Eu não conseguia parar de rir nervosamente quando entrei no corredor, balançando a cabeça por causa do absurdo da situação. Felizmente, me recompus antes de abrir a porta. Então, dei dois passos dentro do quarto e congelei.

Ele estava de pé em frente à janela aberta, coberto pela luz do sol. Cada linha escultural estava acentuada em perfeitos detalhes pelas sombras projetadas em

seu corpo. Uma toalha estava indecentemente enrolada em sua cintura, deixando aparentes as palavras de sua tatuagem.

– Viu alguma coisa de que gostou?

Eu relutantemente voltei minha atenção para seu rosto.

– Eu...

Meus olhos baixaram mais uma vez para sua cintura, como se fossem atraídos por um ímã.

– Eu disse: você viu alguma coisa de que gostou? – ele atravessou o quarto, parando bem na minha frente.

– Eu ouvi da primeira vez – eu disse, sentindo meu rosto corar. – E não, eu estava apenas perdida em pensamentos.

– E o que exatamente você estava pensando? – ele esticou o braço, movendo uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. Apenas esse simples toque fez meu estômago revirar.

– Que temos uma agenda para cumprir.

Ele deu um passo em minha direção.

– Por que eu não acredito em você?

– Porque você é um egocêntrico? – eu disse, encarando-o de volta.

Ele ergueu uma sobrancelha e ficou me observando por um momento antes de pegar suas roupas da minha mão e colocá-las em cima da cama. Antes que eu pudesse me mexer, ele tirou a toalha da cintura e a jogou para o lado. *Meu Deus do céu*. Se existisse no planeta um homem melhor que este, eu pagaria para vê-lo.

Ele pegou sua cueca e começou a vesti-la, mas parou e voltou a me olhar.

– Você não acabou de dizer que temos uma agenda para cumprir? – ele perguntou, olhando para mim como se estivesse se divertindo. – A não ser, é claro, que tenha visto alguma coisa de que gostou.

Filho da...

Apertei os olhos e me virei rapidamente, voltando ao banheiro para terminar de me arrumar. Enquanto secava os cabelos, eu não conseguia evitar a estranha sensação de que ele tentara dizer algo mais além de “olhe para meu corpo nu”. Antes mesmo de desembaralhar meus próprios sentimentos, eu já estava

tentando adivinhar os dele. Estaria eu preocupada se, caso houvesse opção, ele escolheria continuar ali comigo?

Quando saí do banheiro, ele já estava vestido e esperando, olhando para a grande janela. Ele se virou, andou até mim e colocou suas mãos quentes no meu rosto, encarando-me intensamente.

– Eu preciso que você ouça uma coisa.

Eu engoli em seco.

– Certo.

– Eu não quero sair por aquela porta e perder o que encontramos aqui neste quarto.

Suas palavras simples me abalaram. Ele não estava se declarando, não estava prometendo nada, mas disse exatamente o que eu precisava ouvir. Talvez não soubéssemos o que era aquilo entre nós, mas não deixaríamos inacabado.

Deixando escapar uma respiração trêmula, coloquei a mão sobre meu peito.

– Eu também não, mas não quero que sua carreira acabe com a minha.

– Eu também não quero isso.

Eu concordei, sentindo as palavras se emaranharem em meus pensamentos, e fui incapaz de pensar em algo articulado para acrescentar.

– Certo – ele disse, me olhando de cima a baixo. – Então, vamos.

Quinze

O tema da conferência naquele ano era “A próxima geração das estratégias de marketing” e, numa tentativa de atrair as novas gerações, os organizadores marcaram no primeiro dia um painel para estudantes. A maioria dos colegas do programa da Chloe estava lá, de pé ao lado dos painéis que explicavam seus trabalhos. Na verdade, apresentar o trabalho nessa conferência era considerado um requerimento para a bolsa de Chloe, mas eu entrei com um pedido de exceção porque seu projeto principal, a conta da Papadakis, era grande e confidencial. Nenhum outro estudante ali estava gerenciando uma conta milionária.

A diretoria da bolsa ficou feliz em permitir a exceção, praticamente babando com a possibilidade de, assim que pudessem, usar a história de sucesso da Chloe em seu folheto de propaganda.

Mas, embora não fosse apresentar nada, ela insistiu em andar por todos os corredores e visitar todos os estandes. E como eu estava incapaz de me manter a menos de dois metros dela e não tinha nenhuma reunião antes das dez horas, eu a segui o tempo inteiro, contando painéis (576) e olhando para sua bunda (ajeitada, perfeita para um tapa, no momento vestindo lã negra).

Ela mencionou no elevador que sua melhor amiga, Julia, era quem providenciava a maioria das roupas que eu amava/odiava. A seleção daquela manhã continha uma saia justa e uma blusa azul-marinho que agora estavam na minha lista negra. Tentei convencê-la de que precisávamos voltar ao meu quarto para pegar alguma coisa, mas ela apenas levantou uma sobrancelha e perguntou: – Pegar alguma coisa? Ou fazer alguma coisa?

Eu a ignorei, mas agora eu queria ter admitido que precisava de mais uma rodada antes da conferência. Será que ela aceitaria?

– Você teria voltado para o quarto? – perguntei em seu ouvido, enquanto ela lia cuidadosamente um trabalho de graduação sobre o reposicionamento da marca de uma empresa de telefonia celular. Pelo amor de Deus, os gráficos estavam colados numa cartolina.

– Shh.

– Chloe, você não vai aprender nada com esse cartaz. Vamos tomar um café e talvez uma chupada no banheiro.

– Seu pai me disse uma vez que é impossível prever onde você pode achar suas melhores ideias, e que você deve sempre ler tudo que puder. Além disso, esses são os trabalhos dos meus colegas.

Esperei, arrumando a abotoadura da minha camisa, mas ela aparentemente não comentaria a última parte do meu convite.

– Meu pai não sabe mais o que diz.

Ela riu, é claro. Meu pai esteve em todas as listas dos melhores CEOs praticamente desde que nasceu.

– Não precisa ser uma chupada. Eu poderia te comer contra a parede – eu sussurrei, limpando a garganta e olhando em volta para ter certeza de que ninguém iria me ouvir. – Ou eu poderia deitar você no chão, abrir suas pernas e fazer você gozar na minha língua.

Ela estremeceu, sorriu para o estudante perto do cartaz ao lado e se aproximou para ler. O estudante apontou na minha direção.

– Com licença, mas você não é Bennett Ryan?

Eu assenti e distraidamente apertei sua mão enquanto observava Chloe se afastar. Aquele corredor estava praticamente vazio, com exceção dos estudantes ao lado de seus trabalhos. Até mesmo eles começaram a se dirigir para áreas mais interessantes, onde as grandes empresas – a maioria, patrocinadoras do evento – tinham preparado grandes estandes em uma tentativa de incrementar o painel dos estudantes. Vi Chloe escrever algo em seu bloco de anotações:

Reposicionamento para a Jenkins Financial?

Observei sua mão e depois seu rosto, que mostrava uma expressão pensativa. A conta da Jenkins Financial não fazia parte de seu portfólio. Nem era uma conta de que eu cuidava. Era uma conta pequena, geralmente organizada de qualquer jeito por um dos executivos juniores. Será que ela sabia as dificuldades por que essa conta estava passando com o nosso plano de marketing jurássico?

Antes que eu pudesse perguntar, ela se virou e foi para a próxima exposição, e fiquei admirado ao vê-la trabalhando. Eu nunca me permitira observá-la tão abertamente – minha espionagem discreta mostrara que ela era brilhante e obstinada, mas eu nunca percebera o alcance de seu conhecimento da empresa. Eu queria elogiá-la de alguma maneira, mas as palavras se perderam em meu cérebro e fiquei estranhamente defensivo, como se um elogio fosse de alguma forma quebrar minha estratégia.

– Sua caligrafia melhorou.

Ela sorriu para mim, clicando a ponta da caneta.

– Vá se ferrar.

Meu pau acordou dentro da calça.

– Você está me fazendo perder tempo aqui.

– Então por que você não vai até a recepção puxar o saco de algum executivo? Eles servem café da manhã por lá. Tem até aqueles bolinhos de chocolate que você finge que não gosta.

– Porque não é isso que estou com vontade de comer.

Um pequeno sorriso surgiu no canto de sua boca. Ela encarou meu rosto enquanto outra estudante se apresentava para mim.

– Eu sigo sua carreira desde sempre – disse a garota, quase sem fôlego. – Eu assisti sua apresentação aqui no ano passado.

Eu sorri e apertei sua mão o mais breve que pude sem parecer rude.

– Obrigado.

Chloe e eu andamos até o fim do corredor e eu agarrei seu cotovelo.

– Eu tenho mais uma hora antes da minha reunião. Você tem alguma ideia do que está fazendo comigo?

Finalmente, ela olhou para mim. Suas pupilas estavam tão grandes que seus olhos quase pareciam negros, e ela lambeu os lábios, deixando-os ainda mais sedutores.

– Acho que você precisa me levar lá para cima e me mostrar.



Chloe ainda estava procurando uma calcinha nova quando eu já estava cinco minutos atrasado para minha reunião. Seria um encontro com Ed Gugliotti, executivo de marketing de uma pequena empresa em Minneapolis. Nós usávamos a empresa de Ed para realizar trabalhos menores, e eu tinha um projeto significativamente maior que estava considerando passar para ele, para ver como eles se saíam. Quando fechei o zíper da calça, lembrei a mim mesmo que Ed também sempre chegava atrasado para tudo.

Mas não daquela vez. Ele já estava me esperando em uma das salas de conferência do hotel, com dois assistentes ao seu lado, sorrindo abertamente para mim.

Eu odeio me atrasar.

– Ed – eu disse, apertando sua mão. Ele me apresentou para os assistentes,

Daniel e Sam. Eles apertaram minha mão, mas, na vez de Sam, sua atenção estava voltada para a porta atrás de mim.

Chloe tinha acabado de entrar, com o cabelo solto desta vez. Estava extremamente linda, mas de um jeito muito profissional, miraculosamente escondendo o fato de que acabara de ter um imenso orgasmo em cima da mesa em seu quarto.

Gugliotti e seus homens observaram em silêncio quando ela se aproximou, puxou uma cadeira e sentou ao meu lado, virando para mim e sorrindo. Seus lábios estavam vermelhos e inchados, e uma leve marca vermelha estava aparente em seu queixo. Havia sido minha barba mal feita que deixara a marca. Perfeita.

Limpei a garganta até que todos finalmente olharam para mim.

– Vamos começar.

Era uma reunião simples, o tipo de coisa que eu fazia milhares de vezes. Descrevi a conta em termos gerais e não confidenciais, e é claro que Gugliotti me disse que sua equipe conseguiria criar algo excelente. Após conhecer o homem que ele escolheu para a tarefa, eu concordei. Marcamos um novo encontro para o dia seguinte, quando eu apresentaria a conta com todos os detalhes e entregaria o trabalho oficialmente. A reunião acabou em menos de quinze minutos, deixando um bom tempo antes da próxima reunião, que seria às duas horas. Olhei para Chloe e levantei uma sobrancelha, em um questionamento silencioso.

– Almoço – ela disse, rindo. – Vamos comer alguma coisa.



O resto da tarde foi produtivo, mas eu estava completamente no piloto automático. Se alguém me perguntasse algum detalhe das reuniões, eu levaria um bom tempo para me lembrar de alguma coisa. Graças a Deus a Chloe estava lá com sua obsessão por anotar tudo. Encontrei muitos colegas, apertei centenas de mãos, mas o único toque que eu lembrava era o dela.

Ela me distraía o tempo todo, e o que mais me incomodou foi que ali era diferente do normal. Era trabalho, mas era um mundo completamente novo, onde podíamos fingir que as circunstâncias eram as que quiséssemos. O desejo por estar perto dela era ainda maior do que quando eu precisava manter distância. Olhando para o palestrante no pódio, tentei mais uma vez, sem sucesso, redirecionar meus pensamentos para algo produtivo. Eu estava sentado bem em

frente ao palco onde eu mesmo fora palestrante no ano anterior, mas mesmo assim eu não conseguia me concentrar.

Percebi de relance que ela estava se ajeitando e instintivamente virei o rosto para olhar diretamente para ela. Quando nossos olhos se encontraram, todos os outros sons se misturaram e flutuaram ao meu redor, mas sem entrar em minha consciência. Sem pensar, eu me inclinei na sua direção, ela se inclinou na minha, e um pequeno sorriso surgiu no canto de sua boca.

Pensei sobre aquela manhã, e o quanto seu pânico tinha ficado aparente. Mas eu, ao contrário, sentira uma estranha calma, como se tudo que fizemos antes tivesse nos conduzido até aquele preciso momento, quando nós dois podíamos entender o quanto era fácil apenas ser.

Um celular tocou em algum lugar atrás de mim e me tirou daquele transe, me fazendo desviar o olhar. Encostei rapidamente de volta na cadeira, e fiquei chocado ao perceber o quanto eu estava inclinado para frente. Olhei ao redor e congelei quando vi um par de olhos desconhecidos me olhando.

Esse estranho não tinha ideia de quem éramos, ou que a Chloe trabalhava para mim. Ele apenas passou os olhos em nós e rapidamente desviou o olhar. Mas, naquele momento, cada gota de culpa que eu estava reprimindo desabou sobre mim. Todos sabiam quem eu era, ninguém ali a conhecia, e se as pessoas soubessem que estávamos transando, o julgamento de uma comunidade inteira iria segui-la pelo resto de sua carreira.

Uma rápida olhada para a Chloe me mostrou que ela podia ver o pânico em meu rosto. Passei o resto da palestra olhando para a frente.



– Você está bem? – ela perguntou no elevador, quebrando o pesado silêncio que nos acompanhara por quatorze andares.

– Sim, é só que... – esfreguei a nuca e evitei seus olhos. – Estou só pensando.

– Vou sair com alguns amigos hoje à noite.

– Parece uma boa ideia.

– Você tem um jantar com Stevenson e Newberry às sete. Acho que eles vão te encontrar naquele restaurante japonês que você gosta na região do Gaslamp.

– Eu sei – eu disse, relaxando quando caímos nos detalhes corriqueiros do trabalho. – Como é mesmo o nome da assistente? Ela sempre está junto com eles.

– Andrew.

Olhei para ela, confuso.

– Hum, eu não lembrava que ela era um homem.

– Tonto, eles têm um novo assistente.

Como diabos ela sabia disso?

Ela sorriu.

– Ele sentou do meu lado na palestra e perguntou se eu estaria no jantar hoje à noite.

Eu me perguntei se aqueles olhos que me flagraram encarando a Chloe eram dele, e se ele teria perguntado justamente por causa do jeito que eu a estava olhando. Eu gaguejei alguma coisa antes que ela me interrompesse.

– Eu disse a ele que tinha outros planos.

Meu desconforto retornou. Eu a queria comigo no resto da noite. Logo ela não seria mais minha estagiária. Será que então eu poderia ser seu amante? Será que eu ainda poderia ser seu chefe agora?

– Você quer ir?

Ela balançou a cabeça, olhando para as portas quando chegamos ao 30o andar.

– Acho melhor eu continuar com meus planos.



A curta viagem de volta do restaurante foi quieta e solitária, com apenas meus pensamentos confusos como companhia. Caminhei pelo grande saguão até o elevador, e andei automaticamente até o quarto da Chloe antes de lembrar que eu na verdade não estava hospedado lá. Não conseguia lembrar qual era o meu quarto e tentei três portas antes de desistir e voltar para a recepção. Quando subi de volta, percebi que meu quarto ficava logo ao lado do quarto dela.

Os quartos eram idênticos, mas completamente diferentes de um jeito que só eu poderia saber. Esse chuveiro não tinha levado embora todas as nossas inibições na noite passada; não dormimos abraçados um ao outro nessa cama. Essas paredes não ouviram o som dela se acabando debaixo de mim. Essa mesa não estava quebrada por causa de uma rapidinha pela manhã.

Chequei meu celular e vi que tinha duas chamadas perdidas do meu irmão.

Ótimo. Normalmente, eu já teria conversado com meu pai e meu irmão várias vezes, contando sobre as reuniões e potenciais clientes. Mas, até agora, eu ainda não tinha falado com ninguém. Eu estivera com medo de que eles percebessem que naquela semana minha mente estava muito longe dos negócios.

Já passava das onze horas e eu me perguntei se ela ainda estava com seus amigos

ou se já teria voltado. Talvez ela estivesse deitada na cama acordada, obcecada com todas as coisas que eu também estava. Sem pensar, peguei o telefone e disquei o número do quarto dela. Após quatro chamadas, uma voz eletrônica atendeu. Desliguei e tentei o celular dela.

Ela atendeu no primeiro toque.

– Sr. Ryan?

Eu estremei. Ela estava com outros estudantes. É claro que não me chamaria de Bennett agora.

– Oi. Eu... hum, só queria ter certeza que você tem carona para voltar ao hotel.

Ouvi sua risada do outro lado da linha, abafada pelo som de vozes e música alta.

– Deve ter uns setenta táxis lá fora. Vou pegar um quando eu for embora.

– E quando você vai embora?

– Quando a Melissa terminar esse drinque e provavelmente mais um. E quando a Kim decidir que já dançou com todos os gostosões daqui. Então você pode me esperar em algum momento entre agora e as oito da manhã.

– Você está tentando ser engraçadinha? – perguntei, sentindo um sorriso se abrir em meu rosto.

– Sim.

– Certo – eu disse, respirando pesadamente. – Apenas mande uma mensagem quando voltar em segurança.

Ela ficou em silêncio por um instante e então disse:

– Pode deixar.

Desliguei e deixei o telefone na cama ao meu lado, depois encarei o chão por provavelmente uma hora. Eu nem sabia o que fazer comigo mesmo.

Finalmente, levantei e voltei para o saguão.



Eu ainda estava no saguão quando ela voltou às duas da manhã, com o rosto corado e um sorriso ao deixar o telefone cair dentro da bolsa. Meu celular começou a vibrar na minha mão e eu olhei a mensagem.

Voltei sã e salva.

Observei ela passar direto pela recepção e se aproximar de onde eu estava sentado, perto dos elevadores. Ela parou ao me ver com os olhos vermelhos e o terno todo amarrotado. Eu tinha certeza que meu cabelo parecia uma piada,

porque eu estava realmente preocupado. De repente, eu não tinha ideia de por que estava esperando ela chegar como um marido ansioso. Só sabia que eu não queria ser a pessoa que decidiria que aquilo entre nós não funcionaria, porque, lá no fundo, eu queria que funcionasse.

– Bennett? – ela disse, olhando para sua amiga, que acenou e andou até o elevador. Eu não dava a mínima para o que a amiga estava pensando, mas podia sentir seu olhar sobre nós até ela entrar no elevador.

Chloe estava usando um vestido preto curto e salto alto que me fizeram ter vontade de requerer que aquele fosse o novo uniforme das estagiárias. Finas tiras se entrecruzavam desde as unhas dos pés pintadas de rosa até a canela. Eu queria tirar o vestido de seu corpo e foder ela no sofá, usando apenas aqueles saltos como apoio.

– Oi – murmurei, admirado com os quilômetros de pernas nuas na minha frente. Ela se aproximou, parando apenas a alguns centímetros de mim.

– O que você está fazendo aqui?

– Esperando.

Eu lutei para esconder o quanto ela mexia comigo. Naquele momento meus pensamentos mal se separavam da fantasia de agarrar aqueles cabelos, da maneira como meus polegares podiam cobrir completamente seus pequenos mamilos rosados, ou de como seu clitóris era a parte mais macia de qualquer corpo que eu já tocara. Eu queria saboreá-la dos pés à cabeça, dizendo todas as ideias que me ocorressem no processo.

– Você está bêbado?

Balancei a cabeça. Não da maneira como você pensa.

– Uma pessoa me viu te olhando hoje à tarde.

– Eu sei – ela esticou o braço e correu os dedos em meus cabelos. – Na palestra. Eu vi o jeito como você ficou.

– Entrei em pânico.

Chloe não disse nada em resposta. Ela apenas riu, um som rouco e suave ao mesmo tempo.

– Não estou pensando em como isso pode me afetar. Estou preocupado com como isso pode afetar você – eu disse.

Ouvi sua respiração ficar mais pesada, senti seus dedos apertarem meu cabelo. Quando ergui o olhar para seu rosto, ela parecia aturdida.

Como ela poderia não perceber o quanto eu estava envolvido por ela? Eu tinha certeza que ela conseguia ver sempre que eu olhava em seus olhos. Naquele momento, como sempre, eu queria agarrá-la por trás e lhe dar uns tapas quando

ela fizesse algum som. Queria puxar seu cabelo quando eu gozasse. Morder o seio de novo. Correr meus dentes por suas costas. Beliscar a parte de trás de sua coxa e depois acariciá-la com o toque mais suave de todos.

Mas eu também queria vê-la dormindo, e depois vê-la acordar e me ver, e queria medir seus sentimentos naquela primeira reação.

Comecei a perceber que isso não era apenas sexo, e não era apenas uma coisa que eu precisava tirar do meu sistema. Sexo era apenas a via mais rápida para a posse intensa que eu desejava. Eu estava me apaixonando por ela, mais rápido e mais profundamente do que achava ser possível.

E eu estava apavorado por causa disso.

Decidi falar a verdade.

– Eu preciso de mais uma noite.

Ela segurou a respiração e me encarou, e só então me ocorreu que ela pudesse estar sentindo algo muito diferente do que eu estava.

– Sinta-se livre para dizer não. Eu só... – passei a mão no meu cabelo e olhei para seu rosto. – Eu só queria ficar de novo com você esta noite.

– Você está muito guloso, não acha?

– Você não tem ideia.



Em seu quarto, com seu corpo agarrado ao meu entre os lençóis e recebendo tudo que eu tinha para dar, o resto do mundo parecia não mais existir para mim. Seu cheiro e sons preenchiam meu cérebro, me fazendo estocar mais forte e selvagem. Ela estava ensopada em todas as partes: a pele no exterior e a carne no interior, macia e sugando-me mais fundo. Suas pernas envolveram minha cintura e ela me virou, rindo, cavalcando meu corpo com suas costas arqueadas e a cabeça jogada para trás. Sua pele brilhava e eu me sentei debaixo dela, precisando sentir o raspar de seus seios contra meu peito enquanto ela subia e descia. Empurrei-a para trás novamente, ficando mais uma vez por cima, agora com suas pernas apoiadas em meus ombros e sua boca tremendo enquanto ela tentava encontrar palavras.

Suas unhas cravaram em minhas costas e eu gritei, pedindo por mais e querendo que ela me marcasse, que deixasse algo que permaneceria ali no dia seguinte.

Ela gozou uma vez, e então gozou de novo, e mais uma vez, e eu puxei seus cabelos, que estavam completamente selvagens. Eu desabei sobre ela, pronunciando palavras incoerentes enquanto gozava, tentando dizer a ela aquilo

que nós dois já sabíamos: que qualquer coisa que acontecesse fora daquele quarto era irrelevante.

Dezesseis

Nós lentamente voltamos da órbita. Abraçados debaixo dos lençóis, passamos horas conversando sobre nosso dia, sobre a reunião com o sr. Gugliotti, sobre seu jantar e minha noite com as amigas. Conversamos sobre a mesa quebrada e sobre eu ter trazido calcinhas apenas para uma semana, o que significava que ele não poderia rasgar mais nenhuma.

Conversamos sobre tudo, exceto o estrago que ele estava causando em meu coração.

Passei um dedo por seu peito e ele o agarrou, levando até os lábios e dizendo:

– Eu gosto de conversar com você.

Eu ri, arrumando o cabelo em sua testa.

– Você conversa comigo todos os dias. E quando eu digo “conversa”, quero dizer “grita”. Bate as portas. Faz beicinho...

Com os dedos, ele desenhava círculos em minha barriga, me distraíndo.

– Você sabe o que quero dizer.

Eu sabia. Sabia exatamente o que ele queria dizer, e eu queria encontrar uma maneira de fazer esse momento durar mais, ali mesmo, até a eternidade.

– Então, me conte alguma coisa.

Ele subiu os olhos até meu rosto, sorrindo nervosamente.

– O que você quer saber?

– Honestamente? Eu acho que quero saber tudo. Mas vamos começar de um jeito fácil. Conte a história das mulheres de Bennett.

Ele passou o longo dedo por cima da sobrancelha, rindo:

– Vamos começar com um assunto fácil. *Claaaaro* – limpou a garganta e então olhou para mim. – Algumas no colégio, algumas na faculdade, algumas na pós-graduação. Algumas depois disso. E então, um relacionamento longo quando eu

morei na França.

– Detalhes? – enrolei uma mecha de seu cabelo ao redor do meu dedo, esperando não estar forçando muito a barra.

Para minha surpresa, ele respondeu sem hesitar.

– Seu nome era Sylvie. Ela era advogada de uma pequena firma em Paris.

Ficamos juntos por três anos e nos separamos alguns meses antes de eu voltar para casa.

– Foi por causa disso que você se mudou de lá?

Um sorriso se pronunciou no canto de sua boca.

– Não.

– Ela partiu seu coração?

O sorriso se abriu de vez na minha direção.

– Não, Chloe.

– Você partiu o coração dela? – por que eu estava perguntando? Será que eu queria que ele respondesse... que sim? Eu sabia que ele era capaz de partir corações. Na verdade, eu estava quase certa de que partiria o meu.

Ele se inclinou para me beijar, concentrando-se no meu lábio inferior por alguns momentos antes de sussurrar:

– Não. Nós apenas não funcionávamos mais. Minha vida romântica era totalmente sem drama. Até você aparecer.

Eu ri.

– Estou contente por quebrar o padrão.

Pude sentir sua risada vibrar ao longo da minha pele enquanto ele beijava meu pescoço.

– Ah, e você quebrou mesmo – longos dedos percorreram minha barriga, meus quadris, e finalmente chegaram no meio das minhas pernas. – Sua vez.

– De ter um orgasmo? Sim, por favor.

Ele circulou preguiçosamente meu clitóris antes de deslizar o dedo para dentro.

Ele conhecia meu corpo melhor do que eu. Quando foi que isso aconteceu?

– Não – ele murmurou. – É a sua vez de contar sua história.

– De jeito nenhum eu consigo pensar em qualquer coisa enquanto você faz isso.

Com um beijo em meu ombro, ele moveu a mão de volta para minha barriga,

desenhando círculos novamente.

Fiz um beicinho, mas ele não viu, pois estava olhando seu dedo na minha pele.

– Deus, tive tantos homens na minha vida, por onde devo começar?

– Chloe... – ele advertiu.

– Uns dois no colegial, um na faculdade.

– Você só transou com três homens?

Eu me afastei para olhar em seu rosto.

– Ei, Einstein. Eu transei com quatro homens.

Um sorriso convencido se espalhou em seu rosto.

– É mesmo. Eu fui o melhor por uma margem desconcertantemente grande?

– Responda primeiro se eu fui a sua melhor.

Seu sorriso desapareceu e ele piscou, surpreso.

– Sim.

Ele foi sincero. Isso fez algo dentro de mim derreter e se tornar uma pequena vibração quente. Eu me inclinei para beijá-lo no queixo, tentando esconder o que aquela informação tinha feito comigo.

– Bom.

Beijando seus ombros, eu gemi de felicidade. Eu adorava seu sabor, adorava sentir aquele seu cheiro de ervas. Mergulhando meus dedos em seus cabelos, eu o puxei para trás para poder morder seu queixo, seu pescoço, seu ombro. Mas ele se manteve parado, quase imóvel, claramente não me beijando de volta.

Mas o quê?

Ele respirou fundo, abriu a boca como se fosse dizer algo, mas fechou novamente. De algum jeito eu consegui manter minha boca afastada tempo suficiente para perguntar:

– O que foi?

– Eu sei que você pensa que eu sou um galinha cafajeste, mas isso importa para mim.

– O que importa...?

– Eu quero ouvir você dizer.

Eu o encarei, e ele me encarou de volta, seus olhos começando a mostrar um familiar tom castanho-esverdeado de irritação. Mentalmente relembrando os

últimos minutos de conversa, tentei entender o que ele estava falando.

Ah.

– Ah. Sim.

Suas sobrancelhas se juntaram.

– Sim, o quê, srta. Mills?

Senti um calor percorrer meu corpo. Sua voz estava diferente quando ele disse isso. Severa. Mandona. Sexy.

– Sim, você é o melhor por uma margem desconcertantemente grande.

– Acho bom mesmo.

– Pelo menos até agora.

Ele rolou para cima de mim, agarrando meus pulsos e prendendo-os acima da minha cabeça.

– Não me provoque.

– Não provocar? Por favor! – eu disse, perdendo o fôlego. Seu pau pressionou contra minha coxa. Eu queria que estivesse mais para cima. Queria que estivesse entrando em mim. – Tudo o que fazemos é provocar!

Como se quisesse provar que eu estava errada, ele levou a mão livre para debaixo dos lençóis, pegou seu pau e o guiou para dentro de mim, puxando minha perna ao redor de sua cintura. Mantendo-se parado, ele me encarou. Seu lábio superior tremeu.

– Por favor, mexa – sussurrei.

– Você gosta disso?

– Sim.

– E se eu não mexer?

Mordi o lábio e tentei olhá-lo nos olhos.

Ele sorriu e grunhiu:

– *Isto é provocação.*

– Por favor? – tentei mover meus quadris, mas ele seguiu meus movimentos para que eu não conseguisse fricção.

– Chloe, eu nunca *provoco* você. Eu gosto é de *foder* até deixar você maluca.

Eu ri, e seus olhos se fecharam enquanto meu corpo apertava-o ainda mais.

– Não que você seja muito sã, para começo de conversa – ele disse, mordendo

meu pescoço. – Agora, diga o quanto eu faço você se sentir bem – havia algo na voz dele, uma vulnerabilidade no final da frase, que me fez perceber que ele não estava brincando.

– Ninguém nunca me fez gozar antes. Seja com mãos, boca ou qualquer outra coisa.

Ele já estava imóvel antes, e era possível perceber os sinais de que estava reprimindo algo: seus ombros estavam trêmulos e sua respiração entrecortada, como se o corpo inteiro quisesse explodir debaixo dos lençóis. Mas quando eu disse isso ele congelou completamente.

– Ninguém?

– Apenas você – eu me inclinei e mordi seu queixo. – Eu diria que isso te coloca um pouco à frente dos outros.

Ele disse meu nome quando soltou a respiração e mexeu os quadris para frente e depois para trás. E de novo, para frente e para trás. A conversa tinha acabado.

Sua boca encontrou a minha, e depois meu queixo, meu rosto, minha orelha. Sua mão subiu pelo meu corpo, passando pelos seios até finalmente chegar ao rosto. E quando achei que estávamos perdidos no ritmo e eu já sentia meu clímax se aproximando, e enterrei meus calcanhares na bunda dele querendo mais, mais rápido, querendo-o inteiro, e ele sussurrou:

– Eu queria ter descoberto isso antes.

– Por quê? – falei com dificuldade no meio da minha respiração pesada. *Mais rápido*, gritava meu corpo. *Mais*. – Você teria sido menos filho da puta comigo? Ele tirou minhas pernas da sua cintura e me colocou de joelhos.

– Não sei. Só queria saber antes – ele grunhiu, entrando em mim novamente. – Deus. Tão fundo assim...

Seus movimentos eram fluidos, como uma superfície de água ondulante, como um raio de sol percorrendo um quarto escuro. As molas da cama rangiam debaixo de nós, a força de suas estocadas me empurravam pelo colchão acima.

– Quase – agarrei os lençóis e implorei para ele continuar. – Quase. Mais forte.

– *Merda*. Está tão perto. Vai – ele sincronizou cada movimento com o último, sabendo que aquele era o ponto do qual não havia mais volta. – *Vai*.

Seu rosto, sua voz, seu cheiro – cada parte sua preenchia minha mente quando eu

obedientemente gozei debaixo dele.

Ele estocou com força, então todos os seus músculos congelaram e ele se derreteu em mim quando também gozou.

– Merda, merda, *merda*... – ele soltou o ar em meu cabelo antes de cair, pesado e silencioso, em cima de mim.

O ar-condicionado ligou automaticamente e ficou emitindo um zumbido. Após recuperar o fôlego, Bennett rolou para o lado, passando a mão por minhas costas suadas.

– Chloe?

– Hum?

Quando ele falou, sua voz estava tão grave e pesada que eu não tinha certeza se ele estava acordado.

– Eu quero mais do que apenas isto.

Eu congelei e meus pensamentos explodiram em uma bagunça caótica.

– O que você disse?

Ele abriu os olhos, com esforço aparente, e olhou para mim.

– Eu quero estar com você.

Apoiando meu corpo no cotovelo, eu o encarei, completamente incapaz de produzir uma única palavra.

– Tanto sono – seus olhos se fecharam, ele colocou o braço pesado em cima de mim e me puxou para perto. – Garota, venha aqui – ele pressionou o rosto no meu pescoço e murmurou: – Tudo bem se você não quiser. Eu aceito qualquer coisa que você disser. Só me deixe ficar aqui até amanhã, certo?

De repente, eu estava mais do que acordada e fiquei encarando o vazio escuro e ouvindo o zumbido do ar-condicionado. Fiquei apavorada pensando que aquilo mudava tudo, e ainda mais apavorada pensando que talvez ele não soubesse o que estava falando e que aquilo não mudaria nada.

– Certo – sussurrei na escuridão, ouvindo ele respirar lentamente, em um ritmo constante de sono profundo.



Rolei para o lado e abracei um travesseiro, buscando conforto. O cheiro dele me acordou, mas os lençóis frios do outro lado da cama me disseram que eu estava sozinha. Olhei para a porta do banheiro, tentando ouvir qualquer som vindo de dentro. Não havia nenhum.

Continuei deitada ali, abraçando seu travesseiro enquanto meus olhos se tornavam pesados. Eu queria esperar por ele. Precisava da segurança de seu corpo quente ao meu lado e precisava sentir seus braços fortes ao meu redor. Imaginei ele me abraçando, sussurrando que aquilo era real e que nada mudaria naquela manhã. Logo meus olhos se fecharam e voltei a cair em um sono inquieto.

Algum tempo depois, acordei novamente, ainda sozinha. Rolando rapidamente para o lado, olhei para o relógio: cinco e quinze da manhã.

O quê? Procurando na escuridão, vesti a primeira coisa que encontrei e andei até a porta do banheiro.

– Bennett? – sem resposta. Bati na porta suavemente. – Bennett? – ouvi um grunhido e algo se mexendo levemente do outro lado da porta.

– Só vá embora – sua voz estava rouca, ecoando pelas paredes do banheiro.

– Bennett, você está bem?

– Não estou me sentindo bem. Vou melhorar, apenas volte para a cama.

– Posso trazer alguma coisa?

– Estou bem. Apenas, por favor, volte para a cama.

– Mas...

– *Chloe* – ele grunhiu, obviamente irritado.

Eu me virei, sem saber o que fazer, lutando contra uma sensação ruim. Ele estava mesmo doente? Em pouco menos de um ano, eu nunca o tinha visto nem mesmo resfriado. Estava óbvio que ele não me queria encostada na porta, mas também eu não poderia simplesmente voltar para a cama.

Em vez disso, arrumei os lençóis e fui até a sala de estar da suíte. Peguei uma garrafa de água do minibar e sentei no sofá.

Se ele estivesse passando mal, quer dizer, realmente passando mal, não conseguiria participar da reunião com Gugliotti dali a algumas horas.

Liguei a televisão e comecei a zapear entre os canais. Infomercial. Filme ruim.

Nickelodeon. *Ah, quanto mais idiota melhor.* Relaxando no sofá, dobrei as pernas por baixo do corpo e me preparei para esperar. No meio do filme, ouvi a água correndo no banheiro. Sentei e fiquei ouvindo, já que era o primeiro som em mais de uma hora. A porta do banheiro se abriu e voei do sofá, peguei outra garrafa de água e entrei no quarto.

– Você está se sentindo melhor?

– Sim. Acho que só preciso dormir agora – ele desabou na cama e enterrou o rosto no travesseiro.

– O que... o que você teve? – coloquei a garrafa de água no criado-mudo e sentei no canto da cama.

– É o meu estômago. Acho que foi o sushi do jantar – seus olhos estavam fechados e, mesmo sob a fraca luz que vinha do outro quarto, eu podia ver que ele parecia mal. Ele se afastou um pouco de mim, mas eu o ignorei e coloquei uma mão em seu cabelo e a outra em seu rosto. O cabelo estava molhado e o rosto estava pálido e suado. Apesar da reação inicial, ele relaxou com meu toque.

– Por que você não me acordou? – eu perguntei, movendo algumas mechas molhadas de sua testa.

– Porque a última coisa que eu precisava era ter você lá assistindo eu vomitar – ele respondeu, mal-humorado. Eu revirei os olhos, oferecendo a garrafa de água.

– Eu poderia ter feito alguma coisa. Você não precisa ser tão machão.

– E você não precisa ser tão mulherzinha. O que poderia fazer? Comida estragada é uma coisa de que a pessoa precisa cuidar sozinha.

– E então? Eu devo ligar para o Gugliotti?

Ele grunhiu e esfregou a mão no rosto.

– *Merda.* Que horas são?

Olhei para o relógio.

– Sete e pouco.

– Que horas é a reunião?

– Às oito.

Ele começou a se levantar, mas eu facilmente fiz com que ele se deitasse de novo.

– De jeito nenhum você vai para aquela reunião desse jeito! Quando foi a última

vez que vomitou?

Ele grunhiu.

– Alguns minutos atrás.

– Exatamente. Nem pensar. Vou ligar para remarcar.

Ele agarrou meu braço antes que eu pudesse me aproximar da mesa para pegar o telefone.

– Chloe. Você faz a reunião.

Ergui as sobrancelhas quase até a linha do cabelo.

– Como é?

Ele esperou.

– Eu fazer a reunião?

Ele assentiu.

– Sem você?

Ele assentiu novamente.

– Você vai me enviar para uma reunião sozinha?

– Srta. Mills, como você é inteligente!

– Vá se ferrar! – eu disse, rindo e empurrando-o gentilmente. – E eu não vou fazer isso sem você.

– Por que não? Aposto que você conhece a conta tão bem quanto eu. Além disso, se remarcarmos, ele vai acabar fazendo uma viagem para Chicago com tudo pago e depois nos enviar a conta. Por favor, Chloe.

Fiquei encarando seu rosto, esperando que ele começasse a sorrir e dissesse que estava brincando. Mas não estava. E, na verdade, eu conhecia sim a conta, e sabia todo o procedimento. Eu conseguiria fazer isso.

– Certo – eu disse, sorrindo e sentindo que talvez fosse possível resolver a nossa situação, afinal de contas. – Eu topo.

Seu rosto se tornou sério e ele usou uma voz que eu mal tinha ouvido nos últimos dias. Aquilo enviou pequenas ondas de desejo por meu corpo.

– Diga qual é o seu plano, srta. Mills.

Assentindo, eu disse:

– Preciso me certificar que ele sabe os parâmetros e os prazos do projeto. Ficarei atenta com promessas exageradas, sei que o Gugliotti é famoso por fazer isso –

quando Bennett assentiu, sorrindo um pouco, eu continuei. – Vou confirmar as datas do início do contrato e das apresentações.

Quando terminei de contar nos meus dedos esses cinco itens, seu sorriso aumentou.

– Você vai se sair bem.

Eu me inclinei e beijei sua testa suada.

– Eu sei.



Duas horas depois, se você me perguntasse se eu podia voar, eu diria em um instante que sim.

Tudo foi perfeito na reunião. O sr. Gugliotti, que inicialmente não gostou muito de encontrar uma estagiária no lugar de um executivo da Ryan Media, amoleceu depois de ouvir as circunstâncias. E mais tarde pareceu impressionado com o nível de detalhes que eu providenciei.

Ele até me ofereceu um emprego.

– É claro, depois que você terminar com o sr. Ryan – ele disse com uma piscadela, e eu educadamente sorri de volta.

Eu não sabia se queria realmente terminar com o sr. Ryan.

No caminho de volta da reunião, liguei para a Susan e perguntei o que o Bennett gostava de fazer quando estava doente. Como suspeitei, a última vez que ela pudera cuidar dele com canja de galinha e sorvete tinha sido ainda no colégio.

Ela ficou encantada de receber minha ligação, e tive de engolir o sentimento de culpa quando ela perguntou se ele estava se comportando. Assegurei que tudo estava indo bem e que ele tinha apenas uma indigestão e, claro, que eu diria para ele telefonar. Com uma sacola de supermercado nas mãos, entrei no quarto e parei na área da cozinha para guardar a comida e tirar meu casaco de linho.

Vestindo apenas minha roupa de baixo, entrei no quarto, mas Bennett não estava lá. A porta do banheiro estava aberta, mas ele também não estava lá. Parecia que a camareira tinha arrumado o quarto, os lençóis estavam limpos e dobrados, e nossas roupas já não estavam mais espalhadas pelo chão. A porta da varanda

estava aberta, deixando uma brisa entrar. Lá fora, encontrei ele sentado em uma cadeira, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça nas mãos. Parecia ter tomado banho e estava vestindo um jeans escuro e uma camiseta verde de mangas curtas.

Minha pele se arrepiou com sua imagem.

– Oi – eu disse.

Ele olhou para cima e seus olhos percorreram cada curva minha.

– Caramba. Espero que você não tenha usado isso na reunião.

– Bom, eu usei – eu disse, rindo. – Mas usei debaixo de um lindo casaco azul-marinho.

– Bom – ele me puxou para perto, envolvendo completamente os braços em minha cintura e pressionando sua testa em minha barriga. – Eu senti sua falta. Senti uma pequena pontada em meu peito. O que estávamos *fazendo*? Aquilo era real ou estávamos brincando de casinha por alguns dias para depois voltar ao normal? Não sabia se conseguiria voltar ao normal depois daquilo, e não sabia como seria o futuro.

Pergunte para ele, Chloe!

Seu olhar queimou meu rosto enquanto ele esperava que eu dissesse alguma coisa.

– Você está se sentindo melhor?

Covarde.

Seu rosto mostrou um pouco de decepção, mas ele logo escondeu isso.

– Sim. Como foi a reunião?

Embora eu ainda estivesse animada por causa da reunião e morrendo de vontade de contar cada detalhe, ele retirou seus braços da minha cintura e se arrumou na cadeira ao perguntar isso, e eu tive uma sensação irracional de frio e de vazio. Eu queria voltar dois minutos no tempo, quando ele disse que senti minha falta, e então eu poderia responder “Também senti sua falta”. Eu o beijaria e acabaríamos nos distraindo, e eu contaria sobre Gugliotti apenas horas mais tarde.

Mas em vez disso contei todos os detalhes da reunião – como o Gugliotti reagiu ao me ver, e como eu redirecionei seu foco para o projeto. Contei cada aspecto

da discussão com tantos detalhes que, no fim da minha história, Bennett estava rindo baixinho.

– Meu Deus, você fala demais.

– Acho que deu tudo certo – eu disse, dando um passo adiante. *Envolva seus braços em mim de novo.*

Mas ele não fez isso. Recostou-se na cadeira e mostrou um sorriso endurecido, do tipo que fazia quando encarnava o Cretino Irresistível.

– Você foi ótima, Chloe. Não estou nem um pouco surpreso.

Eu não estava acostumada com esse tipo de elogio vindo dele. Melhoraria na caligrafia, uma boa chupada – essas eram as coisas que ele sabia notar. E fiquei surpresa ao perceber o quanto sua opinião importava para mim. Será que sempre fora assim? Será que ele começaria a me tratar diferente se nos tornássemos amantes ao invés de apenas termos umas transas casuais? Eu não sabia se realmente queria que ele fosse um chefe mais educado, ou que tentasse misturar o papel de mentor e amante. A verdade é que eu gostava muito do Cretino Irresistível no trabalho, e também na cama.

Mas, assim que pensei nisso, percebi que agora a maneira como interagíamos antes parecia distante, como um par de sapatos que já não cabia mais nos pés. Eu estava dividida entre querer que ele dissesse algo cretino, me atirando de volta para a realidade, e querer que ele me puxasse para perto e beijasse meus seios através do tecido da lingerie.

De novo, Chloe. Essa é a razão número 750 mil para não transar com seu chefe. Você acaba transformando um relacionamento bem definido numa confusão onde os limites não estão claros.

– Você parece tão cansado – sussurrei quando comecei a passar meus dedos nos cabelos atrás do seu pescoço.

– Eu estou – ele murmurou. – Ainda bem que não fui. Eu vomitei. Bastante.

– Obrigada por me contar – eu ri. Relutantemente, me afastei e pousei as mãos em seu rosto. – Eu trouxe sorvete, refrigerante e bolacha de água e sal. Qual você quer primeiro?

Ele encarou meu rosto, completamente confuso por um momento.

– Você ligou para a minha mãe?



Desci até a convenção por algumas horas durante a tarde para que ele pudesse dormir um pouco. Ele tentava mostrar um exterior forte, mas eu podia ver de longe que só um pouco de sorvete já fazia seu estômago embrulhar. Além disso, naquela convenção em particular ele mal podia dar dois passos sem ser parado e paparicado. Mesmo sem estar doente ele não conseguiria se concentrar em qualquer coisa que valesse a pena.

Quando voltei para o quarto, ele estava esparramado no sofá em uma pose que não tinha nada de irresistível: sem camisa e com a mão dentro da cueca. Havia algo tão comum na maneira como ele estava sentado, entediado, olhando para a televisão. Fiquei grata pela lembrança de que aquele homem era, às vezes, apenas um homem. Apenas outra pessoa, andando pelo mundo, cuidando de suas coisas, sem passar cada segundo ateando fogo na vida dos outros.

E, no meio dessa epifania de que Bennett era apenas Bennett, fiquei com uma sensação louca de que havia a chance de ele estar se tornando o *meu* Apenas Bennett. E, por um instante, desejei isso mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Uma mulher com cabelos impossivelmente brilhantes virou a cabeça e sorriu para nós na televisão. Eu desabei no sofá ao lado dele.

– O que você está assistindo?

– Comercial de xampu – ele respondeu, tirando a mão de dentro da cueca para me tocar. Comecei a fazer uma piada sobre a mão na cueca, mas parei no momento em que ele começou a massagear meus dedos. – Mas *O balconista* acabou de começar.

– Esse é um dos meus filmes favoritos.

– Eu sei. Você estava falando sobre esse filme na primeira vez em que te vi.

– Na verdade, eu estava falando sobre a sequência – esclareci, e depois parei. – Espera, você lembra disso?

– É claro que eu lembro. Você soava como uma adolescente falando, mas parecia uma modelo. Que homem não se lembraria disso?

- Eu daria tudo para saber o que você estava pensando naquela hora.
- Eu estava pensando “Estagiária altamente comível à frente. Recuar, soldado. *Recuar*”.

Eu ri e me encostei em seu ombro.

- Deus, aquele primeiro encontro foi terrível.

Ele não disse nada, mas continuou passando o polegar em meus dedos, pressionando e acariciando. Nunca tinha recebido uma massagem na mão antes, e se ele tentasse começar sexo oral, eu talvez recusasse só para ele continuar com aquilo.

Uau, que grande mentira. Eu aceitaria aquela boca entre as minhas pernas a qualquer hora do dia...

- Como você quer que as coisas fiquem, Chloe? – ele perguntou, tirando minha mente daquele debate interno.

- O quê?

- Quando voltarmos para Chicago.

Encarei seu rosto, sentindo o sangue bombear com força pelas minhas veias.

- As coisas entre nós – ele acrescentou, com uma paciência forçada. – Você e eu. Chloe e Bennett. Gato e rato. Eu sei que isso não deve ser fácil para você.

- Bom, eu tenho certeza que não quero brigar o tempo todo – bati em seu ombro de brincadeira. – Apesar de até gostar um pouco dessa parte.

Bennett riu, mas não pareceu um som completamente feliz.

- Existe muito espaço depois de “não brigar o tempo todo”. Como você quer ficar?

Juntos. Quero ser sua namorada. Alguém que vê o interior da sua casa e fica por lá de vez em quando. Comecei a responder, mas as palavras evaporaram em minha garganta.

- Acho que depende de saber se seria realista pensar que isso pode dar em alguma coisa.

Ele deixou minha mão cair e esfregou o rosto. O filme voltou do comercial e nós caímos naquele que deve ter sido o silêncio mais constrangedor da história do mundo.

Finalmente, ele pegou minha mão de volta e beijou a palma.

– Certo, garota. Eu consigo não brigar o tempo todo.

Fiquei olhando para seus dedos entrelaçados com os meus. Após o que pareceu uma eternidade, consegui dizer:

– Desculpe. Tudo isso ainda parece um pouco novo demais.

– Para mim também.

Caímos no silêncio novamente e continuamos a assistir ao filme, rindo nas mesmas cenas e lentamente mudando de posição até eu praticamente estar deitada em cima dele. Com o canto do olho, espiei o relógio na parede e mentalmente calculei as horas que nos restavam para continuar juntos em San Diego.

Quatorze.

Restavam quatorze horas naquela perfeita realidade em que eu podia ter o Bennett a qualquer hora que quisesse, e não precisava ser em segredo, nem por causa de um desejo incontrolável, nem usando a raiva como nossa única maneira de fazer as preliminares.

– Qual é o seu filme favorito? – ele perguntou, virando meu corpo e pairando sobre mim. Sua pele estava muito quente e eu queria tirar minha blusa, mas não queria que se ele movesse nem um centímetro, nem por um segundo.

– Eu gosto de comédias – comecei. – Gosto de *O Balconista*, mas também gosto do *Mong & Loide*, *Todo mundo quase morto*, *Chumbo grosso*, *Os sete suspeitos*, coisas desse tipo. Mas tenho que dizer que meu filme favorito de todos os tempos provavelmente é *Janela indiscreta*.

– Por causa do Jimmy Stewart ou da Grace Kelly? – ele perguntou, inclinando-se para beijar uma trilha de fogo em meu pescoço.

– Os dois, mas provavelmente mais por causa da Grace Kelly.

– Entendo. Você tem muito em comum com a Grace Kelly – sua mão subiu e ajeitou uma mecha de cabelo que havia se soltado do meu rabo de cavalo. – Ouvi falar que ela também tinha uma boca suja – ele acrescentou.

– Você adora minha boca suja.

– É verdade. Mas eu prefiro quando ela está cheia – ele disse, com o sorrisinho apropriado no rosto.

– Sabe, se você calasse a boca de vez em quando você seria quase perfeito.

– Mas então eu seria um rasgador de calcinhas *silencioso*, o que acho que é bem mais esquisito do que um chefão rasgador de calcinhas.

Eu me dissolvi em risadas enquanto ele fazia cócegas nas minhas costelas.

– Eu sei que você adora isso – ele grunhiu.

– Bennett – eu disse, tentando soar desinteressada –, o que você faz com elas?

Ele me lançou um olhar sombrio e provocante.

– Guardo num lugar seguro.

– Posso ver?

– Não.

– Por quê? – perguntei, apertando os olhos na sua direção.

– Porque você vai tentar pegá-las de volta.

– Por que eu iria querer de volta? Você rasgou todas!

Ele sorriu maliciosamente, mas não respondeu.

– Por que você faz isso, afinal de contas?

Ele me estudou por um momento, obviamente considerando uma resposta.

Finalmente, se apoiou no cotovelo e colocou o rosto perto do meu.

– Pela mesma razão pela qual você gosta quando eu faço isso.

Então ele se levantou e me puxou para o quarto.

Dezessete

Eu tinha experiência com negociações, barganhas e blefes. E lá estava eu, na incomum posição de apostar tudo que tinha, mas em se tratando da Chloe, eu não me importava. Era tudo ou nada.

– Você está contente em voltar para casa? Você está fora faz quase três semanas. Ela deu de ombros, tirando minha cueca sem cerimônia e envolvendo meu pau com a mão quente com uma familiaridade que me fez sentir pontadas no peito.

– Eu me diverti por aqui, sabe.

Eu não me apressei abrindo cada botão da blusa dela e beijei cada centímetro de pele que aparecia.

– Quanto tempo nós temos antes do voo?

– Treze horas – ela disse, sem olhar para o relógio. A resposta foi realmente rápida e, pela maneira como sua pele estava molhada quando deslizei dois dedos dentro de sua calcinha, ela não estava nem um pouco ansiosa para sair daquele quarto de hotel.

Fiz cócegas em suas coxas, provoquei sua língua com a minha boca e esfreguei meu pau em sua perna até sentir ela se arquear na minha direção. Suas pernas deslizaram por minha cintura e ela esticou a mão em meu peito enquanto eu entrava nela, determinado a fazê-la gozar quantas vezes eu pudesse antes do sol nascer.

Para mim, não havia nada no mundo além de sua pele macia e do ar quente de seus gemidos em meu pescoço. De novo e de novo eu me mexia em cima dela, calado em meu desejo, perdido dentro dela. Seus quadris dançavam com os meus, os seios apertavam o meu peito. Eu queria dizer a ela: *Isso que nós temos é a coisa mais incrível que já senti na vida. Você também sente?*

Mas eu não tinha palavras. Eu tinha apenas instinto, o sabor dela em minha língua e a memória de sua risada ecoando em minha cabeça. Eu queria manter esse som para sempre. Eu queria ser tudo para ela: seu amante, seu parceiro de briga, seu amigo. Naquela cama, eu poderia ser qualquer coisa.

– Eu não sei como fazer isso – ela disse num momento estranho, quase gozando

e me apertando tão forte que pensei que deixaria marcas. Mas eu sabia do que ela estava falando, pois era doloroso satisfazer aquele desejo tão grande, mas não ter ideia do que iria acontecer depois. A maneira como eu a queria me fazia sentir saciado e faminto ao mesmo tempo, e meu cérebro não sabia como reagir. Então, em vez de responder ou dizer o que eu achava que deveríamos fazer, eu beijei seu pescoço, coloquei os dedos em sua cintura e disse:

– Eu também não, mas ainda não estou pronto para deixar acabar.

– É tão bom... – ela sussurrou contra minha garganta e eu gemi em uma agonia silenciosa, completamente incapaz de produzir alguma palavra em resposta.

Achei que iria uivar.

Eu a beijei.

Penetrei profundamente, pressionando-a contra o colchão.

Parecia infinito, aquele êxtase explosivo. Seu corpo se erguia para encontrar o meu, sua boca molhada, faminta, mordida e acariciava.



Acordei quando meu travesseiro foi puxado e a Chloe balbuciou alguma coisa incoerente sobre espinafre e cachorro-quente.

A mulher tinha um sono inquieto e agora estava falando enquanto dormia.

Passei minha mão gananciosa em sua bunda antes de rolar para o lado e olhar para o relógio. Já passava um pouco das cinco horas, e eu sabia que precisávamos levantar para conseguir pegar o avião às oito. Por mais que eu odiasse deixar nossa pequena toca dos pecados, lembrei que praticamente não trabalhara a semana toda e comecei a me sentir culpado sobre a carreira que eu essencialmente estava negligenciando. Na última década, minha carreira fora a minha vida e, embora eu me sentisse mais confortável com o efeito que a Chloe causava no meu equilíbrio, eu precisava retomar o foco. Era hora de voltar para casa, vestir o uniforme de chefão e começar a trabalhar.

O sol da manhã já invadia o quarto e cobria com uma luz opaca sua pele clara. Ela estava deitada de lado, de frente para mim, com os cabelos espalhados pelo travesseiro. Seu rosto estava praticamente inteiro no meu travesseiro.

Eu entendia sua hesitação para decidir como nossa relação funcionaria quando estivéssemos de volta à realidade. Aquela bolha em San Diego fora incrível, em parte porque não existiam todos aqueles pontos que complicaram nossa relação a princípio: seu emprego na Ryan Media, meu papel na empresa da família, sua bolsa de estudos, nossos temperamentos fortes. Embora eu quisesse forçar uma

definição dessa coisa entre nós e estabelecer expectativas de acordo com as quais eu poderia agir, a atitude dela – com muito mais precaução – provavelmente era o melhor a fazer.

Os cobertores estavam no chão desde a noite anterior, então aproveitei a chance para observar seu corpo nu. Eu definitivamente poderia me acostumar a acordar com aquela mulher ao meu lado na cama.

Mas, infelizmente, não tínhamos uma manhã daquela em nosso futuro imediato. Tentei acordá-la colocando a mão em seu ombro, depois a beijei no pescoço, até que finalmente dei um beliscão em sua bunda.

Ela deu um forte tapa no meu braço antes que eu pudesse puxá-lo de volta. E nem dava para dizer se ela estava acordada ou não.

– Idiota.

– Temos de levantar e ir embora. Precisamos estar no aeroporto em uma hora.

Chloe rolou para o lado e me encarou. Seu rosto estava cheio de marcas do travesseiro e os olhos estavam desfocados. Ela não se importou em cobrir o corpo como fizera no primeiro dia, mas também não estava sorrindo sem parar.

– Certo – ela disse. Sentou na cama, bebeu água e beijou meu ombro antes de se levantar.

Observei-a entrar no banheiro, mas ela não olhou para trás em nenhum momento. Eu não precisava exatamente de uma rapidinha pela manhã, mas não me importaria em ficar um pouco abraçado, talvez até conversar na cama por algum tempo.

Então provavelmente não deveria ter beliscado sua bunda.

Ela não saiu de lá, e depois de juntar minhas coisas eu bati na porta do banheiro.

– Vou para meu quarto para tomar um banho e fazer a mala.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

– Certo.

– Você pode falar alguma coisa além de “certo”?

Ouvi sua risada do outro lado da porta.

– Acho que eu já disse “idiota” hoje.

Tive de sorrir.

Mas quando me aproximei da porta do quarto para ir embora, ela saiu do banheiro e foi direto para meus braços, envolvendo meu corpo e pressionando o rosto em meu pescoço. Ainda estava nua e, quando olhou para cima, seus olhos pareciam um pouco vermelhos.

– Desculpa – ela disse, beijando meu queixo antes de me puxar para um beijo mais longo e profundo. – Eu fico nervosa antes de voar.

Ela se virou e voltou para o banheiro antes que eu pudesse olhar em seus olhos para descobrir se estava falando a verdade ou não.



O quarto ao lado parecia arrumado demais, mesmo para um hotel de luxo. Não demorei para fazer a mala, tomar banho e me vestir. Mas algo me impedia de voltar para o quarto da Chloe tão cedo. Era como se ela precisasse de um tempo sozinha, para lidar com seja lá que batalha interna estivesse lutando. Dava para perceber que ela estava em conflito, mas qual lado escolheria no final? Será que decidiria tentar? Ou decidiria que não era possível equilibrar o trabalho e nós dois?

Quando a impaciência venceu o cavalheirismo, peguei minha mala, saí para o corredor e bati na porta de seu quarto.

Ela abriu, vestida como uma mulher de negócios safada, e levei uns oito anos para passar os olhos de suas pernas para os seios e depois finalmente para o rosto.

– Olá, linda.

Ela mostrou um sorriso um pouco forçado.

– Oi.

– Pronto para ir? – perguntei, começando a me aproximar para pegar sua mala. A manga do meu terno raspou em seu braço nu e, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, ela agarrou minha gravata e me empurrou para a parede, beijando-me intensamente.

Eu congelei, surpreso.

– Ei, calma! – murmurei em seus lábios.

Com uma mão espalmada em meu peito, ela começou a tirar a gravata e gemeu em minha boca quando sentiu meu pau crescer encostado nela. Seus dedos ágeis jogaram a gravata no chão, mas então lembrei que tínhamos um voo para pegar.

– Chloe... – eu disse, tentando me afastar de seus beijos. – Linda, nós não temos tempo para isso.

– Eu não me importo – ela era toda lábios e dentes, sugando meu pescoço, com mãos famintas tirando meu cinto e agarrando meu pau.

Praguejei enquanto perdia o fôlego, completamente incapaz de resistir ao jeito como ela tomava minhas calças, puxava e arrancava minhas roupas.

– Merda, Chloe, você está totalmente *selvagem*.

Eu a girei e pressionei suas costas contra a parede, enterrei minha mão dentro de

sua blusa e puxei com força o sutiã para o lado. Seu desejo era contagiante, e meus dedos se esbaldaram na maciez de seus mamilos, na firmeza dos seios que ela empurrava de volta contra minha mão. Desci o braço e subi a saia até a cintura, puxei a calcinha para baixo e a levantei do chão.

Eu precisava entrar nela imediatamente.

– Diga que você me quer – ela disse, pronunciando as palavras em meio à respiração entrecortada. Ela estava tremendo e seus olhos estavam fechados com força.

– Você não faz ideia. Eu quero tudo que você tem para me dar.

– Diga que podemos fazer isso – ela abaixou minhas calças até os joelhos e envolveu minha cintura com a perna, enterrando o salto do sapato na minha bunda. Quando meu pau deslizou dentro dela, eu cobri sua boca para abafar o som agudo que ela soltou. Parecia quase um gemido.

Quase um soluço.

Eu me afastei, examinando seu rosto. Lágrimas corriam de seus olhos.

– Chloe?

– Não pare – ela disse, soluçando e inclinando-se para beijar meu pescoço.

Estava se escondendo. Com uma mão, ela tentou abrir espaço entre nossos corpos e alcançar meu pau. Parecia um tipo estranho de desespero. Já tínhamos transado com furor antes, já tínhamos transado com pressa, mas aquilo era algo completamente diferente.

– Pare – eu a abracei e a pressionei contra a parede. – Linda, o que você está fazendo?

Finalmente, ela abriu os olhos, focando meu colarinho. Abriu um botão, e então abriu outro.

– Só preciso sentir você mais uma vez.

– O que você quer dizer com “mais uma vez”?

Ela não olhou em meus olhos e não disse mais nada.

– Chloe, quando sairmos deste quarto, podemos deixar tudo aqui. Ou podemos levar tudo o que existe entre nós. Eu acredito que podemos descobrir um jeito... você acredita?

Ela assentiu e mordeu o lábio até embranquecer a carne. Quando soltou, uma cor vermelha tentadora voltou a aparecer.

– Eu quero acreditar.

– Eu já disse, eu quero mais do que isto. Eu quero *estar* com você. Quero ser seu amante – soltei um palavrão e agarrei meus próprios cabelos. – Estou me apaixonando por você, Chloe.

Ela se abaixou, rindo, com um alívio se espalhando por seu corpo. Quando voltou a se endireitar, ela me puxou para perto novamente e pressionou os lábios em meu rosto.

– Está falando sério?

– Totalmente sério. Quero ser o único cara que transa com você contra a janela, e também quero ser a primeira pessoa que você vê quando acorda de manhã, depois de ter roubado meu travesseiro. Também quero ser a pessoa que compra sorvete para você quando você passa mal. Temos só mais alguns meses antes de isso deixar de ser potencialmente complicado.

Então, com minha boca contra a dela e minhas mãos em seu rosto, eu acho que ela finalmente começou a entender.

– Prometa que você vai me levar para a cama quando voltarmos – ela disse.

– Eu prometo.

– Para a sua cama.

– Com certeza, minha cama. Minha cama é enorme, com uma cabeceira onde posso amarrar você e te dar vários tapas por você ser tão ridícula.

E, nesse momento, nós éramos completamente perfeitos.

No corredor, após um último beijo na palma de sua mão, soltei-a e a acompanhei até o saguão.

Dezoito

Bennett foi até o carro enquanto eu fazia o check-out na recepção. Dei uma última olhada no saguão ao redor, querendo gravar cada memória da viagem. Quando saí, vi Bennett de pé ao lado do manobrista. Meu coração batia acelerado. Eu ainda estava anestesiada. Eu entendia que ele tinha me dado muitas chances de dizer o que eu queria, mas eu estivera muito insegura sobre a possibilidade de ficarmos juntos. Aparentemente, ele era mais corajoso do que eu.

Estou me apaixonando por você.

Meu estômago se revirou deliciosamente.

O sr. Gugliotti avistou Bennett e se aproximou. Eles apertaram as mãos e trocaram amenidades. Eu quis andar até eles e me juntar à conversa como uma igual, mas fiquei com medo de não conseguir esconder o que estava acontecendo em meu coração, e de meus sentimentos por Bennett ficarem estampados em meu rosto.

O sr. Gugliotti olhou para mim, mas aparentemente não conseguiu me reconhecer fora de contexto. Ele voltou a olhar para Bennett, assentindo para algo que ele disse, e essa falta de reconhecimento me fez hesitar ainda mais. Eu ainda não era alguém para ser notada. Os papéis do *check-out*, a lista de afazeres de Bennett e sua pasta estavam na minha mão. Eu era apenas alguém na periferia: uma estagiária.

Mantendo-me longe, tentei aproveitar os últimos momentos da brisa que vinha do oceano. A voz grave de Bennett chegou aos meus ouvidos através dos poucos metros que nos separavam.

– Parece que você ofereceu algumas boas ideias. Estou contente que a Chloe

teve a chance de participar desse exercício.

Assentindo, o sr. Gugliotti disse:

– A Chloe é esperta. Tudo correu bem.

– Tenho certeza que logo vamos poder fazer uma teleconferência para começar o processo de entrega do material.

Exercício? Começar? Não foi isso que eu tinha feito? Eu tinha entregue ao Gugliotti os contratos para ele assinar e enviar de volta pelo correio.

– Bom. Vou pedir para a Annie ligar e marcar as datas. Gostaria de ler os termos com você. Ainda não me senti à vontade para assiná-los.

– É claro.

Meu coração acelerou quando a espiral de pânico e humilhação se espalhou por minhas veias. Era como se a reunião que fiz tivesse sido um mero exercício para mim, e o verdadeiro trabalho aconteceria entre esses dois homens, de volta ao mundo real.

Essa conferência inteira foi apenas uma grande fantasia? Eu me senti ridícula ao lembrar os detalhes que tinha contado para o Bennett, de como estivera orgulhosa por ter cuidado desse trabalho enquanto ele estava doente.

– Henry mencionou que a Chloe recebeu uma bolsa da JT Miller. Isso é fantástico. Ela vai continuar na Ryan Media depois que terminar? – perguntou Gugliotti.

– Ainda não sei. Ela é uma ótima menina. Mas definitivamente precisa amadurecer um pouco.

Perdi meu fôlego repentinamente, como se meu ar tivesse sido aspirado todo para fora. Bennett tinha de estar brincando. Eu sabia, sem que Elliott precisasse me dizer (e ele disse, várias vezes), que eu poderia ter o emprego que quisesse quando terminasse meu MBA. Trabalhara na Ryan Media por vários anos, ralando muito para manter o emprego e conseguir meu diploma. Conhecia algumas das contas melhor do que as pessoas que as gerenciavam. Bennett sabia disso.

Gugliotti riu.

– Madura ou não, eu a contrataria num piscar de olhos. Ela foi muito bem na reunião, Bennett.

– É claro que sim. Quem você acha que a treinou? A reunião com você foi uma ótima oportunidade para dar a ela um pouco de experiência, então agradeço sua ajuda. Com certeza ela vai se dar bem no emprego que tiver. Quando estiver pronta.

Ele não soava como nenhum Bennett Ryan que eu conhecia. Não era o amante que estivera comigo poucos minutos antes, grato e orgulhoso de mim por tomar seu lugar quando fora preciso. E também não era o Cretino Irresistível, elogiando a contragosto. Aquele era alguém completamente diferente. Alguém que me chamava de “menina” e agia como se tivesse feito um favor *para mim*. Senti meu rosto queimar de raiva e voltei para o saguão do hotel, sentindo de repente como se não houvesse oxigênio suficiente em nenhum lugar.

Amadurecer? Eu fora *bem* na reunião? Ele era meu *mentor*? Em *qual* universo? Fiquei encarando os pés das pessoas que passavam na minha frente, entrando e saindo pela porta giratória. Por que eu sentia como se meu estômago tivesse desaparecido, deixando nada além de um buraco cheio de ácido?

Eu trabalhava no mundo dos negócios há tempo suficiente para saber como tudo funciona. As pessoas no topo não chegam lá compartilhando crédito. Eles chegam lá com grandes promessas, grandes afirmações e egos ainda maiores.

“Nos meus primeiros seis meses na Ryan Media, eu consegui uma conta de sessenta milhões de dólares.”

“Eu gerenciei o portfólio de pele da L’Oréal, de cem milhões de dólares.”

“Eu projetei a atual campanha da Nike.”

“Eu transformei uma empresa do interior em uma grande empresa nacional.”

Sempre senti que ele me elogiava contra sua vontade, e por isso eu gostava de provar que ele estava errado, gostava de exceder suas expectativas, quase que para irritá-lo. Mas agora que nós tínhamos admitido que nossos sentimentos se transformaram em algo mais, ele queria reescrever a história. Ele nunca fora um mentor para mim, nunca precisei dele. Bennett não me impulsionara para o sucesso – na verdade, até aquela viagem, ele sempre tinha atravancado meu caminho, agindo como um cretino para tentar me fazer pedir demissão.

Eu me apaixonara apesar de tudo isso, e agora ele estava me jogando debaixo de um ônibus apenas para se desculpar por perder uma reunião.

Meu coração se estilhaçou em mil pedaços.

– Chloe?

Levantei a cabeça e encarei sua expressão confusa.

– O carro está pronto. Achei que você ia me encontrar lá fora.

Pisquei, passei a mão no olho como se tivesse caído algo nele, e não como se estivesse prestes a chorar no saguão do hotel.

– Certo – eu me endireitei, peguei minhas coisas e olhei em seu rosto. – Eu esqueci.

De todas as mentiras que eu já contara para ele, aquela foi a pior, porque ele percebeu. E, pela maneira como suas sobrancelhas se juntaram e ele se aproximou, com olhos ansiosos e tentando entender, ele não fazia ideia de por que eu precisava mentir sobre algo como aquilo.

– Você está bem, linda?

Pisquei novamente. Eu tinha adorado quando ele me chamara assim vinte minutos antes, mas agora parecia errado.

– Apenas cansada.

De novo, ele sabia que eu estava mentindo, mas desta vez não insistiu. Colocou a mão nas minhas costas e me conduziu até o carro.

Dezenove

Eu sabia que as mulheres às vezes trocam de humor sem aviso. Eu até conhecia algumas que se perdiam em pensamentos imaginando trinta anos no futuro e ficavam bravas por alguma coisa que eu supostamente faria.

Mas não era isso que parecia estar acontecendo com a Chloe, e ela nunca foi esse tipo de mulher. Já tinha visto ela brava antes. Inferno, já tinha visto ela brava de todo jeito possível: irritada, irada, raivosa, quase violenta.

Mas nunca a vira machucada.

Ela se enterrou em documentos na curta viagem até o aeroporto. Depois pediu licença e se afastou para ligar para seu pai enquanto esperávamos no portão de embarque. No avião, ela adormeceu quase instantaneamente, ignorando minhas insinuações para nos encontrarmos no banheiro do avião para uma sessão de sexo nas alturas. Ela ficou acordada apenas tempo suficiente para recusar o almoço, mesmo não tendo comido nada desde o café da manhã. Quando acordou durante a aterrissagem, ficou encarando a janela em vez de olhar para mim.

– Você vai me dizer qual é o problema?

Ela não disse nada durante uma eternidade e meu coração começou a acelerar. Tentei pensar em todos os momentos em que eu poderia ter estragado tudo. Sexo com a Chloe na cama. Mais sexo com a Chloe. Orgasmos para a Chloe. Ela teve vários orgasmos, para ser honesto. Então achei que não era esse o problema. Eu tinha acordado, tomado banho, basicamente confessado meu amor. Saguão do hotel, Gugliotti, aeroporto.

Parei. A conversa com Gugliotti tinha me deixado um pouco mal. Eu não sabia por que tinha agido como um idiota possessivo, mas não podia negar que a Chloe causava isso em mim. Ela fora ótima na reunião, como eu sabia que seria, mas eu nunca deixaria ela dar um passo para trás na carreira, indo trabalhar com um cara como o Gugliotti depois que terminasse o MBA. Ele provavelmente a trataria como um pedaço de carne e ficaria olhando o dia todo para sua bunda.

– Eu ouvi o que você disse – sua voz soou tão quieta que eu demorei um pouco para entender que ela tinha falado algo, e demorei mais ainda para processar o *que* ela tinha dito. Meu estômago se revirou.

– O que eu disse *quando*?

Ela sorriu, virando o rosto para finalmente olhar para mim. E, que droga. Ela estava chorando.

– Para o Gugliotti.

– Eu pareci possessivo. Desculpe.

– Você pareceu possessivo... – ela murmurou, virando de novo para a janela. – Você me menosprezou... você me fez parecer ingênua! Você agiu como se a reunião fosse apenas um exercício de treinamento. Eu me sinto ridícula pela maneira como descrevi a reunião para você ontem, pensando que tinha sido algo importante.

Coloquei a mão em seu braço, rindo um pouco.

– Caras como o Gugliotti possuem egos frágeis. Ele precisa sentir que os executivos estão escutando o que ele diz. Você fez tudo que precisávamos. Mas ele acha que precisa receber o contrato oficial das minhas mãos.

– Mas isso é absurdo. E você perpetuou isso, me usando como um peão. Eu pisquei, confuso. Eu fizera exatamente o que ela falou. Mas é assim que se joga o jogo, não é?

– Você é minha estagiária.

Uma risada ríspida escapou de seus lábios e ela se virou novamente para mim.

– Certo. Pois esse tempo todo você sempre se importou com o progresso da minha carreira.

– É claro que sim.

– E como você sabe que eu preciso amadurecer? Até ontem, você mal tinha olhado para meu trabalho.

– Isso não é nem um pouco verdade – balancei a cabeça, começando a ficar um pouco irritado. – Eu sei disso porque observo *tudo* que você faz. Não quero colocar pressão demais pedindo para você fazer mais do pode agora, e por isso estou mantendo o controle da conta do Gugliotti. Mas você fez um ótimo trabalho lá, e fiquei muito orgulhoso de você.

Ela fechou os olhos e deitou a cabeça no encosto do assento.

– Você me chamou de “*menina*”.

– Chamei? – tentei lembrar da conversa e percebi que ela estava certa. – Acho que eu não queria que ele olhasse para você como uma mulher de negócios supergostosa que ele poderia contratar e depois tentar levar para a cama.

– Deus, Bennett. Você é tão idiota! Talvez ele quisesse me contratar porque eu trabalho bem!

– Eu peço desculpas. Estou agindo como um namorado possessivo.

– Essa coisa de namorado possessivo não é nova para mim. O problema é que você está agindo como se tivesse feito um favor para mim. Você está sendo condescendente. Acho que agora não é o melhor momento para entrarmos em mais dessa interação típica estagiária-chefe.

– Eu já disse que acho que você fez um trabalho incrível na reunião.

Ela me encarou e seu rosto começou a ficar vermelho.

– Você nunca teria dito isso antes. Você teria dito “Bom. Agora volte ao trabalho”. E só. E com o Gugliotti você agiu como se eu fosse sua protegida. Antes, você teria fingido que nem me conhecia.

– A gente precisa mesmo discutir por que eu era um idiota antes? Você também não era exatamente a garota mais agradável do mundo. E por que lembrar disso *agora*?

– Eu não estou falando sobre como você era um idiota antes. Estou falando sobre como você está agindo *agora*. Você está tentando compensar. É exatamente por isso que não se deve transar com o seu chefe. Você era um bom chefe antes... deixava eu fazer as minhas coisas e você fazia as suas. Agora você se transformou no mentor sensível que me chama de “menina” depois de eu salvar a sua pele? Inacreditável.

– Chloe...

– Eu posso lidar com você sendo um grande estúpido, Bennett. Estou acostumada, até *espero* isso. É assim que nós funcionamos. Porque debaixo de todas as caras feias e batidas de porta, eu sabia que você me respeitava. Mas a maneira como você agiu hoje... coloca uma nova barreira que antes não existia – ela balançou a cabeça e voltou a olhar pela janela.

– Acho que você está exagerando.

– Talvez – ela disse, inclinando-se para pegar o celular na bolsa. – Mas trabalhei muito duro para chegar onde cheguei... será que estou arriscando tudo isso *agora*?

– Podemos ter as duas coisas, Chloe. Por mais alguns meses, podemos trabalhar juntos e ficar juntos. Isso que está acontecendo hoje? Isso faz parte do amadurecimento de uma relação.

– Não estou tão certa disso – ela disse, piscando e olhando para o nada. – Estou só tentando fazer a coisa certa, Bennett. Nunca questionei meu próprio valor antes, mesmo quando pensei que *você* podia estar questionando. E então, eu achei que você tinha enxergado quem eu realmente sou, mas depois você me menosprezou daquele jeito... – ela levantou a cabeça, mostrando a dor em seu olhar. – Acho que não quero começar a questionar a mim mesma *agora*. Depois

de trabalhar tão duro assim.

O avião aterrissou com um forte solavanco, mas que não me abalou tanto quanto as palavras que ela disse. Eu já liderara discussões com os chefes de alguns dos maiores departamentos de finanças do mundo. Já tinha encarado executivos que pensavam que poderiam passar facilmente por cima de mim. Eu poderia discutir com aquela mulher até o fim dos dias e me sentir mais homem a cada palavra. Mas naquele momento eu não conseguia encontrar uma única palavra para dizer.



Dizer que eu não consegui dormir naquela noite seria um eufemismo. Eu não consegui nem deitar direito. Cada superfície plana parecia ter a marca da Chloe, apesar de ela nunca ter entrado na minha casa. Só o fato de termos conversado sobre isso – e eu ter planejado trazê-la ali em nossa primeira noite após a viagem – me fazia sentir sua presença em todo lugar.

Eu liguei para ela, mas não obtive resposta. Certo, eram três da manhã quando liguei, mas eu sabia que ela também não estava dormindo. Seu silêncio era agravado porque eu sabia que ela sentia o mesmo que eu. Eu sabia que ela estava nisso tão profundamente quanto eu. Mas ela devia pensar o contrário.

Parecia faltar uma eternidade para o amanhã chegar.



Cheguei ao trabalho às seis horas, com intenção de entrar antes que ela chegasse. Peguei café para nós dois e atualizei minha agenda para poupá-la desse trabalho. Enviei o contrato para Gugliotti por fax, dizendo que a versão que ele viu em San Diego era a final, e que o que a Chloe tinha apresentado estava valendo. Dei a ele dois dias para retornar as assinaturas.

E então, esperei.

Às oito horas, meu pai entrou no escritório, com Henry acompanhando-o logo atrás. Era comum ver meu pai de cara fechada, mas raramente era por minha causa. E Henry nunca parecia irritado.

Mas desta vez os dois pareciam querer me matar.

– O que você fez? – meu pai jogou uma folha de papel na minha mesa.

Meu sangue parecia ter se transformado em gelo.

– O que é isso?

– É a carta de demissão da Chloe. Ela entregou para a Sara hoje de manhã.

Passou-se um minuto inteiro antes que eu conseguisse falar. Nesse tempo, o

único som veio do meu irmão, dizendo:

– Ben, cara. O que aconteceu?

– Eu estraguei tudo – eu disse, pressionando meus olhos com as mãos.

O rosto do meu pai voltou ao normal e ele se sentou – na mesma cadeira em que, nem um mês antes, a Chloe também sentara, abrira as pernas e começara a se tocar, enquanto eu tentava manter a compostura ao telefone.

Deus, como deixei a situação chegar a isso?

– Diga o que aconteceu – a voz do meu pai se tornou muito baixa: uma calmaria antes da tempestade.

Afrouxei minha gravata, pois sentia que estava sufocando com o peso do meu próprio peito.

A Chloe me deixou.

– Estamos juntos. Ou estávamos.

Henry gritou “Eu sabia!” e meu pai gritou “Você o *quê?*”.

– Mas não antes de San Diego – eu disse, tentando acalmá-los. – Antes de San Diego nós estávamos apenas...

– Transando? – completou Henry, recebendo um olhar duro do meu pai.

– Sim. Estávamos apenas...

Uma pontada de dor parecia perfurar meu peito. *Sua expressão quando eu me inclinava para beijá-la. A maneira como eu tomava seu lábio entre os dentes. Sua risada em minha boca.*

– E, como vocês dois sabem, eu era um idiota. Mas ela retribuía na mesma moeda – eu disse. – E, em San Diego, aquilo se transformou em algo mais.

Merda – estiquei o braço para pegar a carta, mas desisti. – Ela pediu mesmo demissão?

Meu pai assentiu, com uma expressão totalmente enigmática no rosto. Esse era seu superpoder: quanto mais emocional estivesse, menos emoções ele mostrava.

– É por causa disso que temos nossa política de fraternização, Ben – ele disse, atenuando a voz ao pronunciar meu nome. – Achei que você era mais esperto do que isso.

– Eu sei – esfreguei as mãos em meu rosto, fiz um gesto para Henry se sentar e então contei todos os detalhes de quando tive aquela intoxicação alimentar, da reunião com Gugliotti e de como a Chloe cuidara muito bem de tudo. Deixei claro que tínhamos basicamente decidido ficar juntos, antes de eu encontrar Gugliotti na frente do hotel.

– Você é um filho da puta tão estúpido – disse meu irmão quando terminei de falar. Eu só pude concordar.

Após um duro sermão e a promessa de que discutiríamos novamente todas as maneiras como eu estragara tudo, meu pai voltou ao seu escritório, para pedir que ela trabalhasse com ele até o fim do estágio.

Se a Chloe decidisse continuar na empresa após o estágio, ela poderia facilmente se tornar um dos membros mais importantes de nossa equipe de marketing. Mas a preocupação do meu pai não era apenas com a Ryan Media. Acontece que, se a Chloe fosse embora, ela teria menos de três meses para encontrar um novo estágio, aprender o trabalho e preparar um novo projeto para apresentar à banca examinadora. Por causa da influência da banca na faculdade de administração, a avaliação da empresa seria determinante para Chloe se graduar com honras e receber uma carta de recomendação do CEO da JT Miller.

Isso poderia alavancar ou destruir o começo de sua carreira.

Henry e eu ficamos sentados em completo silêncio. Ele me encarava e eu olhava para a janela. Quase podia sentir o quanto ele queria dar um chute no meu traseiro. Meu pai voltou ao meu escritório, pegou a carta de demissão e a dobrou três vezes. Eu ainda não tinha sido capaz de ler. Era uma carta digitada e, pela primeira vez desde que conhecera Chloe, eu queria ver aquela caligrafia ridícula dela ao invés de uma folha impressa e impessoal com fonte Times New Roman. – Eu disse que esta empresa a valoriza muito, que esta família a ama e que nós queremos que ela fique – meu pai parou e seus olhos caíram sobre mim. – Ela disse que isso era mais uma razão para querer se tornar independente.



Chicago se tornou um universo alternativo, no qual Billy Sianis nunca amaldiçoara os Cubs, a Oprah nunca existira e a Chloe Mills não trabalhava mais para a Ryan Media. Ela se demitira. Ela se afastara de um dos maiores projetos da Ryan Media. Ela se afastara de mim.

Tirei os arquivos da Papadakis de sua gaveta. O contrato fora preparado pelo departamento legal enquanto estávamos em San Diego, só era preciso assinar. A Chloe poderia passar os dois últimos meses de seu MBA aperfeiçoando sua apresentação para a banca examinadora. Em vez disso, ela começaria tudo de novo em outra empresa.

Como ela podia ter aguentado tudo que eu fiz antes, mas desistir *agora*? Era mesmo tão importante eu a tratar como uma igual com um homem como o Gugliotti? Ela sacrificaria tudo entre nós por causa *disso*?

Com um gemido, suspeitei que o motivo para eu fazer essas perguntas era

também o motivo para ela me deixar. Pensei que seria possível manter nossa relação e nossas carreiras, mas isso era porque *eu* já tinha provado o meu valor. Acontece que ela ainda era a estagiária. Tudo que ela queria era a minha garantia de que sua carreira não sofreria por causa de nossa imprudência. Mas fiz exatamente o contrário.

Fiquei surpreso por o escritório não estar pegando fogo com a história do que eu tinha feito, mas parecia que apenas meu pai e Henry sabiam. A Chloe sempre guardou nosso segredo. Eu me perguntei se a Sara sabia e se ela ainda falava com a Chloe.

Logo tive uma resposta. Alguns dias após Chicago mudar, a Sara entrou na minha sala sem bater na porta.

– Essa situação é completamente idiota.

Levantei os olhos, baixei o contrato que estava lendo e encarei seu rosto tempo o bastante para ela estremecer. Então eu disse:

– Quero lembrar a você que *essa situação* não é da sua conta.

– Como amiga dela, é sim.

– Como funcionária da Ryan Media, e como funcionária do Henry, não, não é. Ela me encarou por um momento e então assentiu.

– Eu sei. Eu nunca contaria a ninguém, se é isso que você está dizendo.

– É claro que é isso que estou dizendo. Mas também estou falando sobre seu comportamento. Não quero ver você invadindo minha sala sem bater.

Ela pareceu arrependida, mas não se abalou com meu olhar severo. Comecei a entender por que ela e a Chloe eram tão amigas: as duas tinham temperamento forte e eram ferozmente leais.

– Entendido.

– Posso perguntar por que você está aqui? Você falou com ela?

– Sim.

Esperei. Eu não queria pressioná-la para se tornar minha confidente, mas *Deus*, eu queria apertar aquele pescoço para arrancar cada detalhe que ela sabia.

– Ela recebeu uma oferta de emprego na Studio Marketing.

Soltei um suspiro tenso. Era uma empresa decente, mesmo que pequena. Uma empresa que estava crescendo e que tinha alguns bons executivos juniores, mas verdadeiros filhos da puta no topo.

– Com quem ela está trabalhando?

– Um cara chamado Julian.

Fechei os olhos para esconder minha reação. Troy Julian fazia parte do nosso conselho: era um egocêntrico com fama de ir atrás de garotas jovens. A Chloe

sabia disso. No que então ela estava pensando?

Pense, seu idiota.

Ela provavelmente estava pensando que Julian teria os recursos para lhe dar um projeto substancial, que ela poderia apresentar em três meses.

– Qual é o projeto dela?

A Sara andou até a porta e a fechou.

– Comida de cachorro da Sanders.

Dei um soco na mesa. A fúria tomou conta da minha mente e fechei os olhos para me controlar e não descontar na assistente do meu irmão.

– Essa é uma conta *muito* pequena.

– Ela é só uma estudante de MBA, sr. Ryan. É *claro* que é uma conta pequena.

Apenas alguém apaixonado deixaria ela trabalhar num contrato milionário de dez anos – sem olhar de volta para mim, ela se virou e foi embora.



A Chloe não atendia o celular ou o telefone de casa, nem respondia qualquer e-mail meu. Ela não me ligou, não passou no escritório e nem deu nenhuma indicação de que queria falar comigo. Mas, quando seu peito dói tanto que você nem consegue dormir, você acaba fazendo coisas como procurar o endereço da sua estagiária, dirigir até lá às cinco da manhã de um sábado e esperar ela sair. E, quando ela não apareceu após quase um dia inteiro, eu convenci o porteiro do prédio dizendo que era seu primo e que estava preocupado com sua saúde. Ele me acompanhou até o apartamento e ficou atrás de mim enquanto eu batia na porta.

Meu coração estava quase saindo pela boca. Ouvi alguém se mexendo lá dentro, se aproximando da porta. Eu podia praticamente sentir seu corpo a centímetros do meu, separados apenas pela madeira. Pude ver uma sombra se movendo através do olho mágico. E então, o silêncio.

– Chloe.

Ela não abriu a porta. Mas também não se afastou.

– Linda, por favor, abra a porta. Preciso conversar com você.

Após o que pareceu uma hora, ela disse:

– Não posso, Bennett.

Encostei minha testa na porta e pousei as duas mãos na madeira. Ter superpoderes seria útil ali. Mãos de fogo, sublimação, ou até mesmo a habilidade de encontrar a coisa certa para dizer. Mas agora, isso parecia impossível.

– Desculpe.

Silêncio.

– Chloe... Deus. Eu já entendi, certo? Brigue comigo por ser um tipo novo de idiota. Diga para eu ir me foder. Faça isso do jeito que quiser... só não desapareça.

Silêncio. Ela ainda estava ali. Eu podia sentir.

– Sinto sua falta. Merda, eu sinto muito a sua falta. Sinto *demais*.

– Bennett, só... agora não, certo? Não posso fazer isso agora.

Ela estava chorando? Eu odiava não saber.

– Ei, amigo – o porteiro definitivamente soava como se aquele fosse o último lugar em que ele queria estar, e dava para perceber que estava irritado por eu ter mentido. – Não era por isso que você queria subir. Ela parece bem. Vamos embora.

Fui para casa e comecei a beber uísque. Por duas semanas, fiquei jogando sinuca em um boteco e ignorei minha família. Disse que estava doente e só saí da cama ocasionalmente para pegar uma tigela de cereal, encher meu copo ou usar o banheiro, onde olhava para meu reflexo e mostrava o dedo do meio para mim mesmo. Eu estava na pior e, como nunca experimentara nada assim antes, não fazia ideia de como sair dessa.

Minha mãe apareceu com algumas compras de supermercado e as deixou na minha porta.

Meu pai enviou mensagens diárias com atualizações do trabalho.

A Mina trouxe mais uísque.

Finalmente, Henry apareceu com a única cópia das chaves da minha casa, derramou um balde de água fria na minha cabeça e então me deu um pouco de comida chinesa. Acabei comendo quando ele ameaçou colar fotos da Chloe nas paredes da minha casa se eu não saísse logo dessa e voltasse ao trabalho.

Durante as semanas seguintes, a Sara começou a suspeitar que eu estava ficando maluco e que precisava de uma atualização semanal. Ela manteve tudo em nível profissional, contando como a Chloe estava se saindo no novo emprego com Julian. Seu projeto caminhava bem. O pessoal da Sanders a adorava. Ela mostrara a campanha para os executivos e recebera o aval deles. Nada disso me surpreendeu. A Chloe era de longe melhor do que qualquer pessoa que trabalhava para eles.

Ocasionalmente, Sara deixava escapar algo a mais. “Ela voltou a frequentar a academia”, “Ela parece melhor”, “Ela cortou o cabelo um pouco mais curto e ficou muito bonito”, “Saímos com o pessoal no sábado à noite. Acho que ela se

divertiu, mas foi embora cedo”.

Porque estava com alguém?, eu me perguntei. Então, afastei esse pensamento. Eu não poderia nem imaginar sair com outra pessoa. O que tivemos fora algo muito forte, e eu tinha quase certeza que ela também não estava saindo com mais ninguém.

As atualizações nunca eram suficientes. Por que a Sara não tirava umas fotos escondida com o telefone? Eu tinha esperança de esbarrar na Chloe em uma loja ou na rua. Entrei na La Perla algumas vezes. Mas não a vi durante dois meses. Um mês passa voando quando você está se apaixonando pela mulher com quem está transando. Dois meses se tornam uma eternidade quando a mulher que você ama te deixa para trás.

Então, quando o dia da apresentação da Chloe se aproximou e a Sara disse que ela estava preparada e lidando com o Julian com mãos de ferro, mas que ao mesmo tempo parecia “triste e menos como ela mesma”, eu finalmente tomei coragem.

Sentei à minha mesa, abri o PowerPoint e o arquivo da Papadakis. Ao meu lado, o telefone tocou. Considerei não atender, pois queria me concentrar apenas naquilo.

Mas era um número desconhecido, e uma grande parte do meu cérebro queria pensar que poderia ser a Chloe.

– Aqui é o Bennett Ryan.

A risada de uma mulher ecoou do outro lado da linha.

– Lindo, você é mesmo um Cretino Irresistível.

Vinte

O diretor Cheng e os outros membros da banca examinadora entraram em fila na sala, cumprimentando-me amigavelmente e tomando seus assentos. Chequei minhas anotações, chequei pela terceira vez a conexão entre meu laptop e o projetor, e esperei pelos últimos retardatários que entravam na sala de conferência. As pessoas enchiam copos de água gelada. Colegas conversavam em voz baixa. Algumas risadas ecoavam em meio ao silêncio.

Colegas.

Nunca me senti tão isolada. O sr. Julian nem se incomodou em aparecer para dar apoio à minha apresentação. Grande surpresa.

A sala parecia uma outra sala de conferência, em um prédio que ficava a dezessete quarteirões dali. Eu estivera do lado de fora da Ryan Media Tower mais cedo naquela manhã, silenciosamente agradecendo a todos lá dentro por me transformarem na mulher que sou. E então comecei a andar, contando os quarteirões e tentando ignorar a dor em meu peito, sabendo que Bennett não estaria comigo hoje, calado, ajeitando as abotoaduras, olhos penetrando a calmaria em meu exterior.

Eu estava com saudade do meu projeto. Estava com saudade dos meus colegas de trabalho. Estava com saudade dos padrões exigentes e impiedosos do Bennett. Mas, principalmente, estava com saudade do homem que ele se tornara para mim. Eu odiava sentir que tinha de escolher entre um Bennett e outro e, no fim, não ficar com nenhum.

Uma assistente bateu na porta e colocou a cabeça para dentro. Ela disse para o sr. Cheng:

– Tenho alguns papéis para a Chloe assinar primeiro. Voltaremos num segundo. Sem questionar, eu a segui para fora da sala, balançando minhas mãos para

acalmar os nervos. *Você consegue fazer isso, Chloe.* Vinte míseros slides detalhando uma campanha de marketing medíocre para uma empresa local de comida de cachorro. Moleza.

Eu só teria de passar por isso e depois poderia dar o fora de Chicago e começar de novo em algum lugar longe dali. Pela primeira vez desde que me mudara, Chicago estava me parecendo um lugar completamente estranho.

Mesmo assim, eu ainda esperava que a ideia de ir embora fosse a decisão certa. Em vez de parar na mesa da assistente, nós andamos pelo corredor até outra sala de conferência. Ela abriu a porta e fez um gesto para que eu entrasse na frente. Mas quando entrei, em vez de me seguir, ela fechou a porta atrás de mim, deixando-me sozinha.

Ou nem tanto.

Ela me deixou com Bennett.

Senti meu estômago se evaporar e meu se peito afundar em um espaço vazio. Ele estava de pé junto a uma parede com janelas do chão ao teto, do outro lado da sala, vestindo um terno azul-marinho e a gravata roxa que eu lhe dera no Natal. Estava segurando uma pasta grossa e seus olhos pareciam sombrios e enigmáticos.

– Oi – sua voz falhou naquela única sílaba.

Engoli em seco, desviando os olhos e implorando para minhas emoções continuarem reprimidas. Ficar longe de Bennett vinha sendo um inferno. Muitas vezes ao dia, eu fantasiava sobre voltar para a Ryan Media, ou vê-lo entrando no meu novo cubículo, ou encontrá-lo à minha porta com uma sacola da La Perla pendurada em seu longo e provocante dedo.

Mas eu não esperava encontrá-lo ali, e, depois de tanto tempo sem vê-lo, mesmo aquela mísera sílaba quase me quebrou. Eu sentia falta de sua voz, de seu sorriso malicioso, de seus lábios e suas mãos. Sentia falta da maneira como ele me observava, da maneira como ele esperava por mim, da maneira como eu podia sentir que ele estava se apaixonando.

Bennett estava ali. E parecia estar muito mal.

Ele emagrecera e, embora estivesse bem vestido e com a barba feita, suas roupas pareciam frouxas. Parecia que não dormia há semanas. Eu sabia como era isso.

Havia círculos negros debaixo de seus olhos e nem sinal do sorriso característico. No lugar, havia uma boca fixa numa linha reta. O fogo que eu achava fazer parte de sua expressão tinha simplesmente se extinguido.

– O que você está fazendo aqui?

Ele levantou a mão e passou pelos cabelos, arruinando completamente o penteado patético que tentara fazer para a ocasião. Meu coração bateu mais forte com a visão dos fios bagunçados que eram tão familiares.

– Estou aqui para dizer que você é uma idiota por deixar a Ryan Media.

Meu queixo caiu com o tom de sua voz e uma familiar onda de adrenalina aqueceu minhas veias.

– Fui uma idiota sobre muitas coisas. Obrigada por vir. Foi um encontro muito divertido – eu me virei para ir embora.

– Espere – ele disse, com a voz grave e exigente. Senti velhos instintos e parei, virando novamente. Ele se aproximou um pouco. – Nós dois fomos idiotas, Chloe.

– Nisso nós concordamos. Você está certo em dizer que trabalhou duro para me ensinar. Aprendi a ser uma idiota com o maior idiota de todos. Se aprendi algo de bom, foi seu pai quem ensinou.

Essa última frase pareceu acertá-lo onde doía – ele estremeceu e deu um passo para trás. Eu sentira um milhão de emoções nos últimos meses: muita raiva, um pouco de arrependimento, culpa frequente e até um pouco de orgulho presunçoso, mas percebi que o que disse não era justo e imediatamente me arrependi. Ele *tinha* me ensinado muita coisa, mesmo que às vezes involuntariamente, e por causa disso eu tinha uma dívida com ele.

Mas de pé ali naquela grande sala, com o silêncio crescendo e nos envolvendo como uma praga, eu percebi algo que ignorara completamente até então: foi *ele* quem me deu a chance de trabalhar nos projetos mais importantes. Foi *ele* quem me levou para todas as reuniões. Foi *ele* quem me fez escrever os relatórios essenciais, fazer os telefonemas difíceis e organizar a entrega dos documentos mais sensíveis.

Ele agira como meu mentor – e isso importava muito para ele.

Engoli em seco.

– Eu não quis dizer isso.

– Eu sei. Posso ver em seu rosto – ele passou a mão na boca. – Mas isso é verdade, em parte. Eu não mereço crédito por você ser tão boa no que faz. Acho que gostaria de ter um pouco de crédito mesmo assim, já que sou um egocêntrico. Mas também porque acho você realmente inspiradora.

O nó na minha garganta começou a se espalhar, impedindo minha habilidade de respirar e pressionando meu estômago. Alcancei uma cadeira próxima e repeti:

– Por que você está aqui, Bennett?

– Porque se você estragar essa apresentação, vou pessoalmente garantir que nunca trabalhe para uma grande empresa novamente.

Isso não era o que eu esperava ouvir e minha raiva voltou com toda a força.

– Eu não vou estragar isso, seu cretino. Estou preparada.

– Não é sobre *essa* apresentação que estou falando. Eu tenho seus slides e o material da Papadakis aqui – ele mostrou um pen-drive e uma pasta. – E, se você não fizer uma ótima apresentação para a banca, eu vou acabar com você.

Não havia sorriso malicioso, nem jogo de palavras. Mas, por trás de sua ameaça, algo mais começou a ecoar.

Nós. Isso era nós.

– Isso que você trouxe não é meu – fiz um gesto para o pen-drive. – Eu não preparei os slides da Papadakis. Saí da empresa antes de deixá-los em ordem. Ele balançou a cabeça como se eu fosse completamente idiota.

– Os contratos foram preparados para serem assinados quando você pediu demissão. Eu preparei esses slides usando todo o *seu* trabalho. É isso que você vai apresentar hoje, não uma campanha qualquer para uma droga de comida de cachorro.

Foi humilhante ele jogar aquilo na minha cara, então dei alguns passos para frente.

– Vá se ferrar, Bennett. Trabalhei duro para você e trabalhei duro para o Julian. Vou trabalhar duro em qualquer empresa, seja vendendo comida de cachorro ou organizando campanhas milionárias. Você não vai chegar aqui pensando que pode me dizer como cuidar da minha carreira. Você não me controla.

Ele se aproximou.

– Eu não quero controlar você.

– Mentira.

– Quero ajudar você.

– Não preciso da sua ajuda.

– Sim, Chloe, você precisa. Aceite. Aqui está o seu trabalho – ele estava próximo o bastante para me tocar. Então deu mais um passo à frente. Perto o bastante para eu sentir o calor de seu corpo e o perfume combinado de sua pele e de seu sabonete de ervas. – Por favor. Você mereceu isso. E vai impressionar a banca muito mais.

Um mês atrás, eu queria apresentar aquela conta mais do que qualquer coisa. Aquilo fizera parte da minha vida durante meses. Era minha. Comecei a sentir lágrimas se formando no canto dos meus olhos.

– Eu não quero ficar atrelada a você.

– Isto não é um favor. Estou apenas retribuindo. Estou admitindo que estraguei tudo. Estou dizendo que você tem uma das melhores mentes para os negócios que já conheci – seus olhos relaxaram e sua mão arrumou uma mecha do meu cabelo em meu ombro. – Você não vai ficar atrelada a mim. A não ser que queira isso... de um modo completamente diferente.

– Acho que nunca poderia trabalhar para você novamente – eu disse, forçando as palavras através do nó em minha garganta. Eu estava usando todas as minhas forças para não esticar o braço e tocá-lo.

– Não foi isso que eu quis dizer. Estou dizendo que estraguei tudo como seu chefe – ele engoliu nervosamente e respirou fundo. – E realmente estraguei tudo como amante. Preciso que você aceite estes slides. E preciso que me aceite de volta.

Encarei seu rosto.

– Preciso voltar para a sala de conferência.

– Não, não precisa. Eles estão ocupados – Bennett olhou no relógio. – Cerca de um minuto atrás, eu pedi para o Henry ligar para o Cheng com alguma distração para me dar tempo de te dizer duas coisas: primeiro, que você é uma idiota, e segundo, que eu quero outra chance com você.

Um sorriso começou a se abrir no meu rosto e tive de morder os lábios para

evitar mostrar minha surpresa. Os olhos de Bennett queimavam vitoriosos.

– Eu agradeço pelo que você está fazendo – eu disse com cuidado. – Trabalhei muito nessa conta e realmente sinto como se fosse minha. Se você não se importa, eu gostaria que a banca examinadora visse os detalhes da Papadakis que você trouxe. Mas, mesmo assim, vou apresentar a conta da Sanders.

Ele considerou minha proposta, com os olhos passando por meu rosto. Um músculo de seu queixo tremeu, um sinal claro de impaciência.

– Certo. Apresente para mim agora. Tente me convencer que você não está cometendo suicídio.

Endireitando meu corpo, eu disse:

– A campanha é baseada no programa *Top Chef*. Mas cada episódio, ou anúncio, irá mostrar um ingrediente diferente e terá um desafio para criar um prato de alta gastronomia para animais de estimação.

Os olhos de Bennett ficaram estreitos, mas ele sorriu com sinceridade.

– É uma ideia inteligente, Chloe.

Fiquei orgulhosa com sua honestidade e saboreei o momento.

– Nem tanto. Essa é a piada. Os ingredientes da Sanders são básicos: boa carne. Grãos simples. Os cachorros não se importam se a comida é chique. Eles querem carne. Com osso. Que seja gostosa. Meu pai dava ração gourmet todos os dias para seus cachorros, com arroz integral e erva de trigo. Não estou brincando. E, no aniversário deles, ele dava de presente um osso barato cheio de carne. É o dono que se importa com a comida ser gourmet. Não os cachorros.

O sorriso dele aumentou.

– É uma forma de tirar sarro de nós mesmos por mimar nossos animais e incentivar aquele nosso lado que os trata como parte da família. A Sanders é uma ração com gosto de osso cheio de carne, que você pode usar para paparicar seu cachorro todos os dias. Os “juízes” vão sempre escolher a receita da Sanders.

– Você conseguiu.

– Fazer uma campanha? Esse era o objetivo.

– Sim, mas isso eu sabia que você conseguiria fazer. Quero dizer a maneira como você a apresentou para mim. Você me convenceu.

Eu ri, reconhecendo um elogio do Bennett quando via um.

– Obrigada.

– Me aceite de volta, Chloe. Diga agora mesmo que você vai me aceitar.

Soltei uma risada mais alta e esfreguei as mãos no rosto.

– Sempre um chefe tão cretino.

– Você vai fingir que não sente minha falta? Você também parece acabada, sabia? A Julia me ligou na noite passada, enquanto eu organizava os slides... Meu queixo caiu.

– A Julia ligou para você?

– ... e me disse que você estava na pior e que eu precisava me recompor e ir atrás de você. Eu disse que já estava fazendo isso. Eu faria isso de qualquer maneira, mas a ligação dela facilitou que eu viesse aqui para implorar.

– Você não sabe como implorar por nada – eu disse, sorrindo abertamente desta vez.

Bennett lambeu os lábios, baixando os olhos para a minha boca.

– Provavelmente não. Quer me ensinar?

– Você pode tentar. Quero ver você se ajoelhar.

– Com todo respeito, vou ter que pedir para você ir se ferrar, srta. Mills.

– Apenas se você implorar.

Seus olhos se arregalaram e, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, peguei a pasta da Papadakis de sua mão e fui embora.



Entrei na sala de conferência com Bennett logo atrás de mim. O burburinho cessou imediatamente.

Entreguei a pasta para o diretor Cheng e ele folheou os documentos da Papadakis. Então, sorriu.

– Como você conseguiu terminar dois projetos?

Balbuciei algumas sílabas, completamente despreparada para aquela pergunta.

– Ela é eficiente – disse Bennett, andando ao meu redor e tomando um assento na mesa. – Quando terminamos a conta da Papadakis, nós sugerimos que ela aceitasse um curto estágio em outra empresa até terminar seu MBA. Afinal de

contas, esperamos que ela continue na Ryan Media no futuro imediato.

Quase não consegui esconder minha surpresa. *Que diabos ele está falando?*

– Fantástico! – disse um homem velho do outro lado da mesa. – Trabalhando com a Papadakis?

Bennett assentiu.

– Sim, junto com meu pai. Ele precisa de alguém para administrar essa conta. A Chloe é a escolha mais óbvia, se ela aceitar.

Tive de engolir milhares de reações diferentes. A primeira foi irritação, por ele trazer isso à tona na frente da banca examinadora. Mas no meio disso também havia gratidão, excitação, orgulho. Bennett teria muito a ouvir depois de tudo isso.

– Bom, então vamos começar – disse Cheng, encostando-se na cadeira.

Peguei meu apontador laser e andei até a frente da sala, sentindo como se o chão fosse feito de gelatina. Sentado perto da mesa dos diretores, Bennett limpou sua garganta, chamando minha atenção.

Eu teria de perguntar sobre isso depois. Pois eu tinha quase certeza que, um pouco antes de eu começar a falar, ele mexera os lábios dizendo “eu te amo”.

Cretino sorrateiro.



Eles disseram que minha apresentação era digna de entrar no folheto, no site e no boletim informativo da empresa.

Pediram que eu assinasse alguns papéis, posasse para fotos e apertasse muitas mãos.

Até me ofereceram um emprego na JT Miller.

– Ela já tem emprego – disse Bennett, puxando-me para o lado. Ele me encarou, sem voz, enquanto todos finalmente saíam da sala.

– Então, sobre isso... – eu disse, tentando parecer brava. Eu ainda estava nas alturas por causa da apresentação, da discussão, do dia inteiro. Ter Bennett próximo o bastante para beijá-lo também não era nada mal.

– Por favor, não diga não. Eu meio que estraguei a surpresa do meu pai. Ele vai

te ligar hoje à noite.

– Ele vai mesmo me oferecer o trabalho?

– Você vai aceitar?

Dei de ombros, sentindo que era hora de jogar um pouco de charme.

– Quem sabe? Agora eu quero apenas celebrar.

– Você foi fantástica hoje – ele se inclinou e beijou meu rosto.

– Obrigada. Foi o máximo de diversão que tive em semanas.

– E os documentos que eu arrumei estavam bons também, não é?

Eu revirei os olhos.

– Sim, mas você cometeu um erro crucial.

Seu rosto se fechou.

– O quê?

– Você admitiu que sabe usar o PowerPoint.

Com uma risada, ele tirou meu laptop das minhas mãos e o colocou na cadeira atrás dele, aproximando-se com um sorriso sombrio.

– Eu costumava fazer slides para o meu chefe. Já fui estagiário também, sabe.

Minha pele se arrepiou toda.

– Seu chefe gritava com você?

– Às vezes – ele correu um dedo ao longo do meu braço.

– Criticava a sua caligrafia?

– Constantemente – ele se inclinou e beijou o canto da minha boca.

– O seu chefe beijava você?

– Meu pai gostava mais de apertar a mão, sabe.

Eu ri, deslizando as mãos dentro de seu terno para poder abraçá-lo por inteiro.

– Bom, eu não sou mais sua estagiária.

– Não, você é minha colega.

Eu gemi, adorando o som daquela palavra.

– E minha amante?

– Sim – minha voz tremeu ao dizer essa única sílaba, e de repente entendi completamente a expressão “se afogar em alívio”. Eu tinha certeza que Bennett podia sentir meu coração batendo loucamente contra seu peito.

Ele mordeu minha orelha.

– Vou ter que arrumar novas desculpas para te levar até a sala de conferência e transar com você contra a janela.

Um calor percorreu minhas veias, esquentando meu sangue.

– Mas não precisa de desculpas para me levar para sua casa.

Bennett beijou meu rosto e pressionou um único beijo macio em meus lábios.

– Chloe?

– Sim, Bennett?

– Este flerte que fazemos é muito bom e tal, mas estou falando sério quando digo que você não pode me deixar de novo. Isso quase acabou comigo.

Meu peito pareceu expulsar todo o ar dos meus pulmões com aquele pensamento.

– Acho que eu não conseguiria. Também não quero mais ficar longe de você.

– Mas você precisa me dar uma chance para consertar as coisas que eu estraguei. Você sabe, às vezes eu sou um idiota.

– Às vezes?

Ele sussurrou, quase rugindo:

– E gosto de rasgar lingerie.

Tirei uma mecha de cabelo de sua testa.

– E de guardar depois. Não se esqueça desse hábito esquisito de guardar as calcinhas depois.

– Mas eu te amo – ele disse, encarando-me com olhos arregalados. – E praticamente virei amigo das vendedoras da La Perla. Passei muito tempo na loja choramingando enquanto você estava longe. E também tenho certeza de que sou a melhor transa que você já teve. Então, espero que tudo isso compense meu lado idiota.

– Feito – eu o puxei para mais perto. – Venha aqui – deslizei minha boca contra a dele, mordendo seu lábio. Agarrando as lapelas do seu terno, eu o virei e o pressionei contra a janela, ficando na ponta dos pés para me aproximar ainda mais, o máximo possível.

– Já está se tornando mais exigente agora que é uma profissional?

– Cala a boca e me beija – eu ri em sua boca.

– Sim, chefe.

Agradecimentos

Nossa primeira declaração de amor tem de ser para Holly Root, nossa agente, nossa *cheerleader*, nossa adorável ninja e a maior fodona do pedaço. Se lembra de quando vestimos nossas calças de gente grande e contamos todos os nossos segredos? Você aceitou nosso porquinho com o mesmo entusiasmo que o resto. Obrigada por ser tudo de bom que alguém pode ser. Você é um ser humano incrível.

Gritinhos de fãs para Adam Wilson, nosso editor na Gallery, por entender imediatamente nosso livro, por entender *quem somos* e pelas anotações de rodapé que nos fizeram rir durante dias (literalmente). E também ficamos contentes em saber que pelo menos um homem leu nossa história. Nós prometemos que nunca vamos usar a palavra “vulva”.

Para Dawn, por sua inabalável amizade e entusiasmo quando sugerimos transformar isto em algo novo. Agradecemos a Rachel, por ler cuidadosamente o texto original. Moi, você é uma amiga incrível e a melhor chefe de pesquisa que este projeto poderia ter. E, embora um agradecimento gigante e sincero para todas as fãs que leram o texto original na internet nunca seja suficiente, é o melhor que podemos fazer neste espaço. Tenham certeza de que a contribuição de vocês nesta história é muito maior do que nosso simples agradecimento. Seu amor por estes personagens, mesmo após três anos, manteve o projeto muito vivo. Esperamos que vocês tenham gostado do texto retrabalhado tanto quanto gostaram do original. Que todas vocês tenham suas La Perla rasgadas algum dia. Às leitoras prévias do projeto: Martha, Erin, Kellie, Anne, Myra e Gretchen: retrabalhar o texto com vocês foi uma grande diversão, e adoramos cada comentário, gritinho, edição e contribuição. Sua animação nos fez continuar mesmo quando suspeitamos que estávamos loucas por fazer isto, e

principalmente quando tivemos certeza que estávamos loucas. Obrigada por terem o tempo de ler cada palavra, inclusive aquelas safadas, que fizemos vocês lerem centenas de vezes.

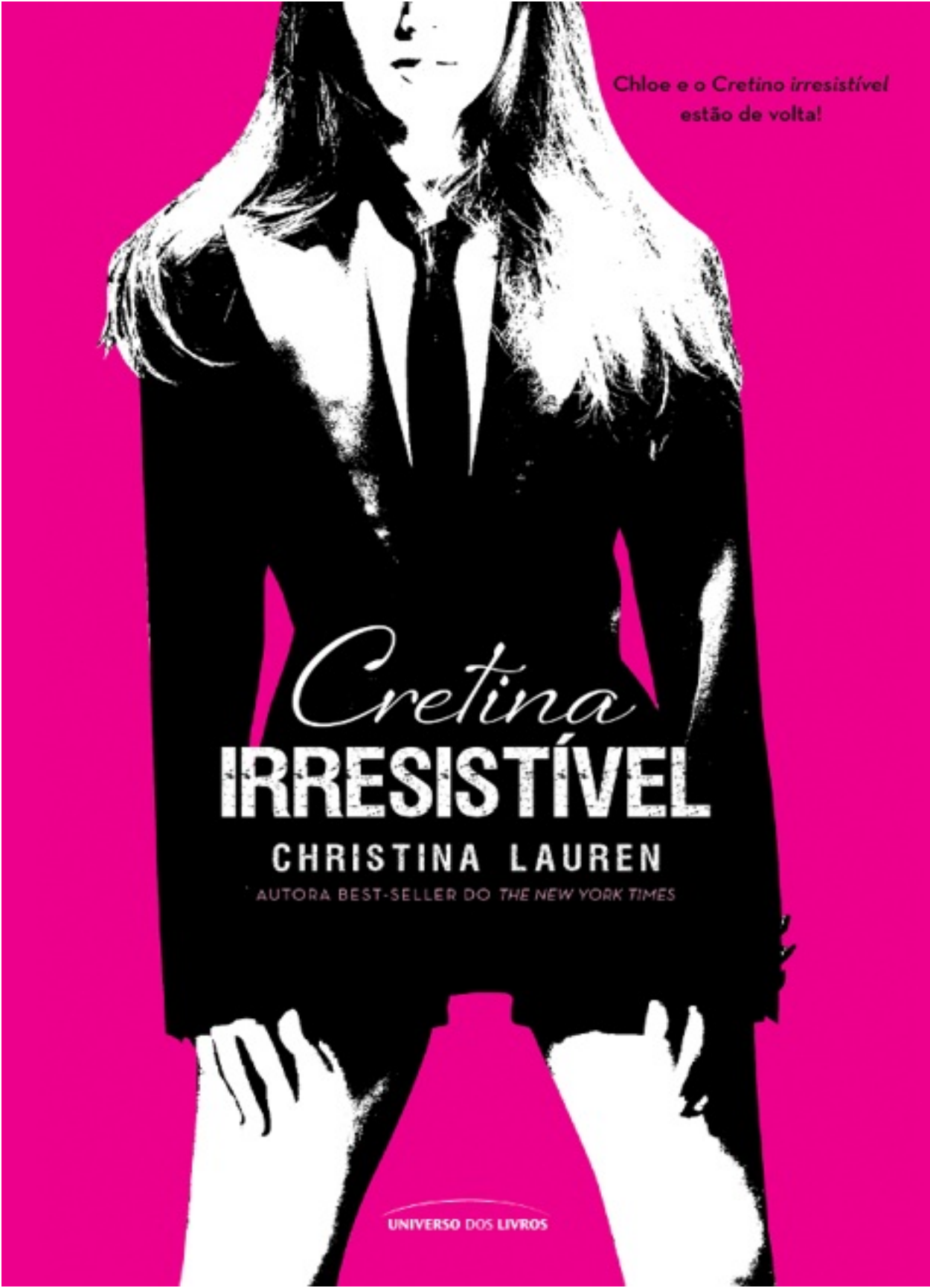
Mas, talvez acima de tudo, queremos agradecer o apoio de nossas famílias. SisterShoes, Cutest, Ninja, Bear, Blondie e Dr. Mister Shoes – vocês nos deram mais do que encorajamento; vocês nos deram seu *tempo* e nos amaram mesmo no ápice de nossas mais bobas obsessões. Obrigada por serem o ponto alto de cada dia e a razão pela qual embarcamos nesta jornada.

Autoras



Cretino Irresistível é um romance erótico escrito por Christina Hobbs e Lauren Billings sob o pseudônimo de Christina Lauren. O livro foi originalmente publicado on-line como uma Fanfic (uma narrativa criada por fãs que reescrevem uma história alterando o enredo original) de Crepúsculo, intitulada de The Office.

O texto começou a se popularizar e, após o sucesso do gênero erótico, as autoras de uniram para publicar um romance incrivelmente sexy. Elas causaram um grande impacto com a obra. Seu cretino é tão irresistível que o livro entrou nas listas de best-sellers do USA Today e do The New York Times, e em sua primeira semana alcançou o terceiro lugar nos mais vendidos da Amazon.

A woman with long, wavy brown hair is shown from the chest up, wearing a black dress with a large white collar. She is looking directly at the camera with a slight smile. The background is a solid, vibrant pink.

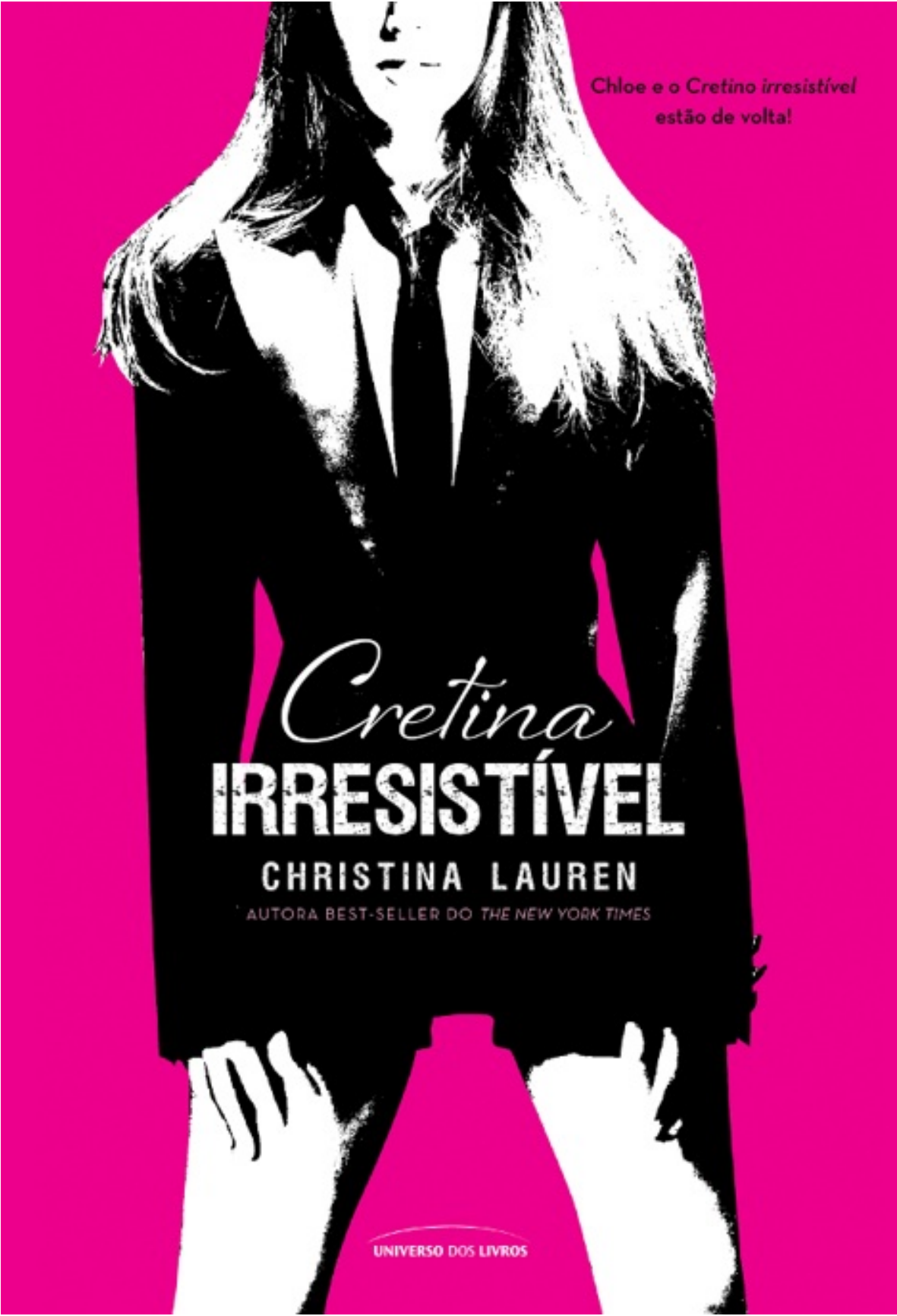
Chloe e o Cretino irresistível
estão de volta!

Cretina
IRRESISTÍVEL

CHRISTINA LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

UNIVERSO DOS LIVROS



Chloe e o Cretino irresistível
estão de volta!

Cretina
IRRESISTÍVEL

CHRISTINA LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

UNIVERSO DOS LIVROS

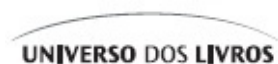
Cretina IRRESISTÍVEL

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

CHRISTINA LAUREN

Cretina IRRESISTÍVEL

São Paulo
2013



Portuguese Language Translation copyright © 2013 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful Bitch

Copyright © 2013 by Lauren Billings and Christina Hobbs

All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher, Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

© 2013 by **Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editores-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Cássio Yamamura, Nathália Fernandes e Raíça Augusto**

Tradução: **Felipe CF Vieira**

Preparação: **Bárbara Prince**

Revisão: **Louise Bonassi**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Fine Design**

Foto: **cokacoka/iStock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412c

Lauren, Christina

Cretina irresistível / Christina Lauren; tradução de Felipe CF Vieira.

– São Paulo : Universo dos Livros, 2013. (Beautiful Bastard).

128 p.

ISBN: 978-85-7930-668-6

Título original: *Beautiful Bitch*

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção

I. Título II. Vieira, Felipe CF

13-0928

CDD 813.6

Para as leitoras que pediram mais, este aqui é para vocês.
Sim, vocês.

Um

Minha mãe sempre me disse para encontrar uma mulher que fosse equivalente a mim, em todos os sentidos.

“Nunca se apaixone por alguém que coloque você em primeiro lugar. Encontre alguém que seja tão destemida e energética quanto você. Encontre uma mulher que faça você querer ser uma pessoa melhor.”

Eu definitivamente encontrei minha cara-metade, a mulher que transformou minha vida em um inferno e que vivia apenas para discutir comigo. A mulher cuja boca eu queria tapar com fita adesiva... ou com um beijo.

Minha namorada, minha ex-estagiária, a srta. Chloe Mills. Uma *cretina irresistível*.

Pelo menos, era assim que eu a enxergava na época em que eu era um cego idiota, perdidamente apaixonado por ela. Eu certamente encontrara a mulher que me fazia querer ser uma pessoa melhor, e estava encantado com aquela garota destemida. Acontece que, na maioria dos dias, eu mal conseguia ficar mais de dois minutos a sós com ela.

Minha vida resumida: finalmente conquistar a garota; nunca conseguir ficar com ela de verdade.

—

Eu passara a maior parte dos últimos dois meses viajando em busca de um bom espaço para a filial que a Ryan Media Group está abrindo em Nova York. Chloe tinha ficado em Chicago, e embora nosso recente – e raro – fim de semana juntos na cidade tivesse sido cheio de amigos, tardes ensolaradas e lazer, o tempo que passamos sozinhos simplesmente não fora o bastante. Encontramos vários amigos o tempo inteiro, desde a manhã até depois da meia-noite, e voltamos exaustos para meu apartamento, mal conseguindo tirar nossas roupas antes de transar em um clima silencioso e sonolento.

A verdade era que o sexo – que com o passar do tempo se tornara mais íntimo e selvagem, nos permitindo só o mínimo de sono – nunca parecia ser suficiente.

Eu esperava sentir, em algum momento, que tínhamos estabilizado nossa vida sexual, encontrado uma rotina sólida. Mas isso nunca aconteceu. Eu permanecia em um constante estado de saudade e desejo. E as segundas-feiras eram os piores dias. Nas segundas havia reuniões o dia inteiro e todo o trabalho da semana pela frente: um trabalho melancólico e desprovido de Chloe.

Ouvi a familiar cadência do salto alto batendo no chão de ladrilhos e ergui a cabeça enquanto esperava a impressora terminar de imprimir alguns documentos. Como se tivesse ouvido minha súplica interna, Chloe Mills se aproximou de mim, vestindo uma saia curta de lã vermelha, uma blusa azul-escuro justa e saltos que, francamente, não pareciam seguros para serem usados fora do quarto. De manhã, quando saí para preparar a reunião das oito horas, a única coisa que ela estava vestindo era um pálido raio de sol que entrava pela janela do quarto.

Segurei um sorriso e tentei não parecer desesperado demais, mas eu nem deveria ter me dado ao trabalho. Ela conseguia ler todas as minhas expressões.

– Então você encontrou a máquina mágica que pega o que você faz no computador e coloca num pedaço de papel, usando *tinta* – ela disse.

Coloquei a mão no bolso da calça, mexi em algumas moedas e senti uma pontada de adrenalina ao ouvir o tom provocador em sua voz.

– Na verdade, descobri essa maravilhosa invenção no meu primeiro dia aqui. Acontece que eu gostava dos momentos felizes de silêncio quando eu mandava você sair da minha sala para buscar documentos em outro lugar.

Ela avançou sobre mim, com um sorriso largo e olhos maliciosos.

– Filho da puta.

Sim, porra. Venha para mim, garota. Dez minutos na sala de xerox? Eu posso facilmente alegrar o seu dia em dez minutos.

– Você vai ter que suar muito hoje à noite – ela sussurrou ao dar um tapinha em minhas costas e continuar andando até o corredor.

Fiquei olhando sua bunda enquanto dava uma reboladinha e esperei que ela voltasse para me torturar mais um pouco. Mas não voltou. *Só isso? É só isso que eu recebo? Um tapinha nas costas, uma conversinha assanhada e uma rebolada?*

Pelo menos hoje vamos ter nossa primeira noite inteira juntos em semanas.

Fazia mais de um ano que tínhamos nos apaixonado, e ainda não tivemos mais do que um fim de semana sozinhos desde a viagem para San Diego.

Suspirei e puxei meus papéis da impressora. Nós precisávamos de umas férias.

De volta à minha sala, deixei os papéis na minha mesa e olhei a tela do computador, que, para minha surpresa, mostrava uma agenda quase vazia. Eu trabalhara até altas horas nos últimos dias apenas para chegar em casa mais cedo hoje e ficar com Chloe, então, com exceção da reunião da manhã com o RH, minha agenda estava livre. Porém, Chloe estava claramente ocupada em sua nova posição.

Eu sentia falta de tê-la como minha estagiária. Sentia falta de mandar nela o dia inteiro. E *realmente* sentia falta dela retrucando minhas ordens.

Pela primeira vez em meses, eu tinha tempo de sentar em minha sala e literalmente não fazer nada. Fechei os olhos e centenas de pensamentos passaram pela minha mente em questão de segundos: a vista dos escritórios vazios em Nova York pouco antes de eu sair para o aeroporto. A perspectiva de empacotar tudo em meu apartamento. A perspectiva muito mais favorável de arrumar tudo em um novo lar com Chloe. E, então, meu cérebro seguiu seu caminho favorito: a visão de Chloe nua em todas as posições possíveis.

O que me fez pensar em uma de minhas lembranças favoritas de nós dois: a manhã seguinte à sua apresentação. Depois que admitimos não estar mais apenas transando casualmente, mas interessados em algo mais, surgiu uma tensão e tivemos uma de nossas maiores discussões. Eu não a via há meses, então apareci de surpresa em sua apresentação final do MBA, para vê-la arrasar. E ela arrasou.

Mas depois disso, apesar de tudo que dissemos na sala de reuniões, ainda havia *tanta* coisa para conversar. A realidade de nossa união ainda parecia algo muito novo, e eu não sabia direito em que página estávamos.

Assim que chegamos na calçada, eu olhei em seu rosto: olhei para os olhos, os lábios, o pescoço, que ainda estava um pouco vermelho dos beijos que eu dera alguns minutos atrás. A maneira como ela passou a ponta do dedo em uma marca que eu havia deixado enviou um impulso elétrico do meu cérebro direto para o meu pau: a conversa está ótima, mas está na hora de levá-la para casa e fodê-la de jeito no colchão.

Mas eu não sabia se estávamos na mesma página quanto a isso.

À luz do dia, ela parecia estar prestes a desmaiar. É claro que estava. Conhecendo Chloe, ela provavelmente se preparara e aperfeiçoara a apresentação pelas últimas setenta e duas horas direto, sem dormir. Mas eu não a via fazia tanto tempo... será que eu poderia me controlar e esperar que ela fosse para casa descansar? Se ela só precisasse tirar uma soneca, eu poderia

ficar por perto e esperar, não é? Eu poderia me deitar ao seu lado e me tranquilizar sabendo que ela realmente estava ali e que nós estávamos acertando os ponteiros e então... Faria o quê? Acariciaria seus cabelos?

Que merda. Será que eu sempre fui um esquisitão assim?

Chloe jogou no ombro a bolsa do computador, e o movimento me tirou dos meus pensamentos. Mas, quando foquei os olhos novamente, vi que ela estava olhando o horizonte, na direção do rio.

– Você está bem? – perguntei, abaixando o olhar para encará-la.

Ela assentiu com um pequeno sobressalto, como se tivesse sido flagrada.

– Estou bem... só me sentindo sobrecarregada.

– Um pouco atordoada?

Seu sorriso exausto despertou um sentimento amoroso em meu peito, mas a maneira como lambeu os lábios soltou uma faísca mais abaixo no meu corpo.

– Eu estava tão triste pensando que não te veria hoje. E de manhã andei o caminho inteiro entre o escritório e aqui pensando como seria estranho fazer isso sem você, ou o Elliott, ou qualquer pessoa da Ryan Media. E então, você apareceu, e claro que acabou me irritando, mas também me fez rir – ela inclinou a cabeça e estudou meu rosto. – A apresentação aconteceu exatamente do jeito que eu queria, e depois vieram as ofertas de trabalho... e você. Você disse que me amava. Você veio.

Ela estendeu o braço e pousou a palma da mão em meu peito. Sei que podia sentir meu coração batendo com toda a força.

– Minha adrenalina está baixando e agora eu só... – Chloe afastou a mão e fez um aceno antes de deixá-la cair como se estivesse totalmente sem energia. – Não sei como a noite de hoje vai funcionar.

Como a noite iria funcionar? Eu sabia exatamente como iria funcionar. Nós conversaríamos até anoitecer, depois transaríamos até o sol nascer. Estendi o braço e envolvi seu ombro. Deus, era tão bom abraçá-la.

– Deixa que eu me preocupo com isso. Agora vou levar você para casa.

Dessa vez, ela balançou a cabeça, voltando a se concentrar no momento.

– Tudo bem se você tiver que voltar para o trabalho, nós podemos...

Franzi a testa e grunhi:

– Não seja ridícula. São quase quatro horas. Não vou voltar para o trabalho. Meu carro está aqui e você vai entrar nele.

Seu sorriso se acentuou nos cantos.

– E eis que surge o Bennett Mandão. Agora eu definitivamente não vou com você.

– Chloe, eu não estou brincando. Não vou deixar você sair da minha vista até o Natal.

Ela apertou os olhos debaixo do forte sol de junho.

– Até o Natal? Isso parece tempo demais para você me deixar amarrada no porão.

– Se você não gosta desse tipo de coisa, nossa relação pode não ser a coisa certa para você, afinal de contas... – eu provoquei.

Ela riu, mas não respondeu. Em vez disso, aqueles profundos olhos castanhos me encararam, sem piscar e difíceis de interpretar.

Eu me senti desacostumado a nossos joguinhos, e mal conseguia esconder minha frustração.

Coloquei as mãos em seu quadril e me inclinei para dar um pequeno beijo em sua boca. Merda, eu precisava de mais!

– Vamos agora. Nada de porão. Apenas nós dois.

– Bennett...

Eu a interrompi com outro beijo, paradoxalmente relaxado por essa pequena discussão.

– Meu carro. Agora.

– Tem certeza que não quer ouvir o que eu tenho a dizer?

– Certeza absoluta. Você pode falar o quanto quiser quando eu tiver meu rosto firmemente plantado no meio das suas pernas.

Chloe concordou e me acompanhou quando eu tomei sua mão e gentilmente a puxei em direção ao estacionamento. Porém, sorriu misteriosamente durante todo o caminho.

—

Durante toda a viagem até seu apartamento, ela passou a ponta dos dedos pela minha coxa, lambeu meu pescoço, passou a mão por cima do meu pau e descreveu a pequena calcinha vermelha que tinha vestido pela manhã, quando pensou que seria bom um impulso na autoconfiança.

– Sua confiança vai se abalar se eu rasgar essa calcinha? – perguntei, me inclinando para beijá-la quando paramos em um semáforo vermelho. O carro atrás de mim buzinou justo quando estava ficando bom: quando seus lábios davam lugar a mordidinhas e seus gemidos preenchiam minha boca, minha cabeça – merda –, meu peito inteiro. Eu precisava tirar sua roupa e montar nela.

A subida no elevador foi selvagem. Ela estava aqui, puta merda, ela estava aqui, e eu tinha sentido tanta saudade dela! Se dependesse de mim, aquela noite duraria três dias. Ela subiu a saia até a cintura e eu a ergui, encaixando suas pernas ao meu redor e pressionando meu pau duro nela.

– Vou fazer você gozar muito – eu disse.

– Humm, promete?

– Prometo.

Impulsionei meu quadril contra ela e Chloe quase perdeu o fôlego ao sussurrar:

– Certo, mas antes...

As portas do elevador se abriram e ela se livrou de mim, colocando os pés de volta ao chão. Com um olhar hesitante, arrumou a saia e seguiu na minha frente até seu apartamento.

Senti um frio na barriga.

Não estivera aqui desde o dia em que enganei o porteiro para ele me deixar subir e falar com ela, na época em que estávamos separados. Eu acabara tendo essa a conversa toda do lado de fora do apartamento. Agora, me sentia estranhamente ansioso. Em nossa noite de reconciliação, eu queria sentir apenas alívio, e não ficar pensando em tudo que perdemos nos meses longe um do outro. Para me distrair, abaixei a cabeça, chupei a pele debaixo de sua orelha e comecei a abrir o zíper da saia enquanto ela procurava as chaves.

Ela abriu a porta com força e se virou para mim.

– Bennett... – ela começou a falar, mas eu a empurrei para dentro até pressioná-la contra a parede mais próxima, silenciando sua voz com minha boca. Merda, ela tinha um gosto incrível, uma mistura da limonada que estivera tomando com o familiar sabor de menta suave e lábios famintos e macios. Meus dedos começaram apenas provocando na parte de trás da saia, mas eu logo perdi a delicadeza e quase arranquei o zíper ao puxar o tecido inteiro para o chão, imediatamente subindo minhas mãos até seu blazer. Por que diabos ela ainda está vestindo essa coisa? Por que não está completamente nua?

Debaixo de sua camisa lilás, os mamilos endureceram sob meu olhar vidrado, e aproximei um dedo para circular aquela perfeição. Ela ofegou profundamente, chamando atenção dos meus olhos.

– Senti falta disso. Senti falta de você.

Sua língua molhou rapidamente os lábios.

– Eu também.

– Merda, eu te amo.

Quando beijei sua garganta, seu peito subiu e desceu rapidamente, e eu não sabia como prosseguir, não sabia como ir mais devagar. Será que eu deveria tomá-la aqui mesmo, rápida e furiosamente, ou deveria carregá-la até o sofá, ajoelhar e apenas saboreá-la? Pensara sobre isso por tanto tempo – imaginando cada cenário possível – e neste momento me sentia paralisado diante da realidade: ela finalmente estava aqui, em carne e osso.

Eu precisava de tudo. Precisava sentir seus gemidos e sua pele, precisava me

perder no conforto de sua mão me envolvendo, precisava observar a gota de suor que descia em sua sobrelanceja enquanto ela me cavalgava, mostrando o quanto também sentia minha falta. Eu perceberia a maneira como quebraria seu ritmo quando estivesse perto do clímax, ou como me apertaria quando eu dissesse seu nome com aquele sussurro que ela tanto gostava.

Minhas mãos tremeram quando abri cuidadosamente um botão da camisa. Uma pequena parte do meu cérebro racional ainda funcionava e me alertou para não destruir a roupa que ela usara na apresentação.

Além disso, eu também queria saborear o momento. Queria saboreá-la.

– Bennett?

– Humm? – abri outro botão e corri a ponta do dedo por sua garganta.

– Eu te amo – ela disse, com olhos arregalados e as mãos tocando meus braços. Meus dedos perderam a força e eu quase parei de respirar. – Mas... você vai odiar o que tenho para dizer.

Eu ainda estava paralisado pelo “Eu te amo”. Meu sorriso parecia um pouco fora de controle.

– O quê...? O que quer que você tenha a dizer, eu tenho certeza de que não vou odiar.

Ela estremeceu, virando para olhar o relógio na parede. Foi a primeira vez que me ocorreu dar uma olhada no apartamento. Dei um passo para trás, surpreso – o lugar não se parecia com nada que eu podia esperar.

Tudo que dizia respeito à Chloe sempre era impecável, elegante, moderno. Mas seu apartamento não poderia estar mais longe disso. A sala de estar estava arrumada, mas cheia de móveis velhos e coisas que não se pareciam com nada que ela pudesse ter. Tudo era marrom e bege; os sofás pareciam confortáveis, mas feitos com o enchimento usado em ursos de pelúcia. Uma pequena coleção de corujas de madeira ficava ao lado de uma televisão minúscula e, na cozinha, o relógio que ela olhou tinha uma grande abelha sorridente que dizia, em letras garrafais, “Seja Feliz!”.

– Isso... não é o que eu esperava.

Chloe seguiu minha atenção ao redor do apartamento e então soltou uma risada alta. Era a mesma risada que costumava soltar antes de me destruir verbalmente.

– O que você esperava, sr. Ryan?

Dei de ombros, sem querer insultá-la, mas curioso sobre essa discrepância.

– Apenas esperava que seu apartamento se parecesse um pouco mais com você.

– O que foi, você não gosta das minhas corujas? – ela perguntou, sorrindo.

– Eu gosto sim, é só que... – comecei a falar, passando a mão no cabelo.

– E os sofás? – ela interrompeu. – Você não acha que poderíamos nos divertir neles?

– Linda, nós poderíamos nos divertir em qualquer superfície deste lugar, estou apenas tentando dizer que eu esperava que seu apartamento fosse menos...

Merda. Por que eu ainda estava falando? Olhei para ela e vi sua mão na frente da boca, tentando disfarçar uma risada.

– Calma – ela disse. – Aqui era o apartamento da minha mãe. Eu amo este lugar do jeito que é, mas você está certo. Nada disso é meu. Quando eu estava na faculdade, não achei que fazia sentido vender essas coisas ou comprar tudo novo.

Dei outra olhada ao redor, curioso.

– Você gasta com calcinhas de cem dólares, mas não com um sofá novo?

– Não seja tão arrogante. Eu não precisava de um sofá novo. Mas frequentemente precisava de calcinhas novas – ela disse baixinho, cheia de insinuação.

– Sim, precisava mesmo.

Com esse perfeito lembrete, dei um passo em sua direção, retomando o gentil ataque aos botões de sua camisa. Empurrei a camisa por seus ombros e braços e olhei para ela na minha frente, agora vestindo apenas um sutiã de renda vermelha e uma calcinha combinando. As duas peças eram minúsculas.

– Diga o que você quer – implorei, sentindo um pouco de desespero ao tirar seu cabelo do caminho para poder chupar seu pescoço, queixo, orelha. – Meu pau? Minha boca? Minhas mãos? Deus, vou fazer tudo isso com você hoje, mas por onde começar? Faz meses que não te vejo e sinto que estou perdendo a cabeça.

Tomei seu braço, trazendo-a para mais perto.

– Linda, coloque as mãos em mim.

Ela correu os dedos em meu pescoço e segurou meu rosto. Eu podia sentir sua tremedeira.

– Bennett.

Apenas quando ela disse meu nome dessa maneira – como se estivesse tímida ou talvez até ansiosa – eu lembrei que ela queria me dizer algo além de eu te amo. Algo de que eu não iria gostar.

– O que foi?

Seus olhos estavam enormes, buscando os meus e cheios de desculpas.

– Acabei de terminar minha apresentação e...

– Ah, merda, eu sou um idiota. Eu deveria te levar para jantar...

– ... prometi para Julia e Sara que nós iríamos sair...

– ... talvez a gente possa sair para jantar depois que eu fizer você gozar... – eu disse, atropelando-a.

– ... para beber depois que eu terminasse.

– ... só preciso ouvir você gozar uma vez, daí podemos ir. Só me dê... – fiz uma pausa enquanto digeriria as palavras dela. – Espera, o quê? Você vai sair com Julia e Sara? Hoje?

Ela assentiu, apertando os olhos.

– Eu não sabia que você iria aparecer. E realmente quero ligar e cancelar. Mas acontece que não posso fazer isso. Não depois de elas terem sido tão boas comigo nos últimos meses... quando eu e você estávamos...

Soltei um grunhido, apertando meus olhos com as mãos.

– Por que você não me disse isso antes que eu tirasse sua roupa? Merda, como posso ir embora agora? Vou ficar duro por horas.

– Eu tentei falar – justiça seja feita, ela parecia tão frustrada quanto eu.

– Será que nós temos tempo para... – balancei a cabeça, olhando ao redor, como se a resposta estivesse enterrada naquela mobília antiga. – Eu poderia dar conta de nós dois provavelmente em, tipo, menos de dois minutos.

Ela riu.

– Não sei se isso é uma coisa da qual você deveria se orgulhar.

Claro que era.

Sua pequena exclamação de surpresa foi roubada por meus lábios quando eu a beijei, com língua e dentes, sem me importar se tínhamos apenas poucos minutos. Poucos minutos seriam suficientes.

Deslizei minha mão sobre a pulsação em seu pescoço, segui para o meio dos seios e descii até a barriga. Baixei ainda mais, encontrando aquele familiar e favorito ponto, onde ela estava quente e escorregadia. Então o céu podia desabar sobre mim e eu não notaria porque, meu Deus, nada existia além dela e de seus gemidos e sussurros que me pediam para continuar, continuar...

– Bennett – ela gemia –, por favor.

Comecei a abrir minha própria calça e tinha acabado de começar a falar quando...

Fui interrompido por uma batida na porta.

Uma voz familiar soou no corredor.

– Já chegamos, srta. Formada em Administração, e estamos prontas para beber uns drinques!

– Isso é uma piada. Diga que isso é uma piada! – eu disse, olhando-a no rosto.

Ela negou com a cabeça, tentando esconder um sorriso.

– Não estou com humor para dividir você agora. Você tem que estar

brincando comigo.

– Quase me esqueci do quanto eu adoro quando você fica bravo assim.

Ela andou até a porta usando apenas a lingerie e abriu uma fresta antes de se virar e correr para o quarto, me deixando sozinho para receber as intrusas.

Mas que grande merda!

– Volto daqui a pouco! – Chloe gritou por cima do ombro, sua bunda quase nua desaparecendo dentro do quarto.

Julia assoviou alto, entrou pela porta e parou por um segundo antes de me ver e cair na risada.

– Uau, eu não esperava que você nos recebesse só de calcinha e sutiã, Chloe

– Sara entrou, com uma mão cobrindo os olhos e a outra estendida tateando cegamente. Ela agarrou minha camisa aberta e soltou um grito quando abriu os olhos e viu quem estava segurando. – Sr. Ryan!

– Olá, garotas – eu disse, sem expressão na voz. Arrumei minha camisa e ajeitei a gravata.

– Ops, nós interrompemos alguma coisa? – Julia perguntou, com olhos arregalados e provocadores.

– Na verdade, sim. Nós estávamos... voltando a nos conhecer melhor.

Chloe gritou do quarto dizendo para nos servimos com o champanhe da geladeira, e eu tentei ignorar a maneira como o olhar de Julia desceu até meu zíper. Fiquei parado, deixando que ela desse uma boa olhada. Minha ereção já tinha acabado, de qualquer maneira.

Ou quase.

– Eu não sabia que seria uma noite só das garotas – eu disse, quando o silêncio pareceu se arrastar eternamente.

Sara deu um passo para trás, lutando para manter o olhar acima dos meus ombros, e explicou:

– Acho que ninguém esperava que você estivesse aqui e... fosse passar a noite.

Eu definitivamente queria passar a noite. Dentro de Chloe, de todas as maneiras.

Julia me estudou por um minuto e então sorriu.

– Admito que eu tinha quase certeza de que Bennett estaria aqui.

Não pude evitar um sorriso igual ao dela. Afinal, fora ela quem me convencera a aparecer na apresentação de Chloe. Ela estava obviamente do meu lado.

Mesmo tendo interrompido minha tentativa de transar com Chloe pela primeira vez em um século.

Eu me virei e fui para a cozinha lavar as mãos. Julia me seguiu, e atrás de

mim eu a ouvi abrir o champanhe. O som da rolha e do borbulhar que veio em seguida me lembrou o quanto eu queria abrir aquela garrafa sobre o corpo nu de Chloe e lambear a espuma se derramando em sua pele.

Julia continuou:

– Acho que nós todos deveríamos sair para celebrar, e ele pode ficar com ela o quanto quiser – ela serviu quatro taças de champanhe e me entregou uma. – Você vai ter que esperar até mais tarde para... voltar a conhecê-la.

Chloe surgiu de seu quarto usando um jeans preto bem justo, salto alto e uma regata azul cheia de brilho, que fazia sua pele parecer dourada.

Se ela sáísse vestindo isso, eu não conseguiria manter minhas mãos longe dela, de jeito nenhum.

– Chloe... – comecei a falar, andando até ela e deixando meu champanhe no balcão da cozinha, com a mão trêmula. Estremeci ao ver seu cabelo preso para trás em um rabo de cavalo.

Seus olhos brilhavam, se divertindo, e ela ficou na ponta dos pés para falar ao meu ouvido.

– Você pode soltar meu cabelo mais tarde.

– Pode contar com isso.

– Você quer agarrar? Puxar? – ela perguntou, beijando a ponta da minha orelha. Confirmei balançando a cabeça, com os olhos fechados. – Ou prefere sentir meu cabelo solto e esparramado na sua barriga enquanto minha boca trabalha no seu pau?

Pequei minha taça de champanhe novamente e tomei um gole.

– Digamos que sim.

Senti uma necessidade se acumular em meu estômago e fiquei dividido entre querer quebrar algo e querer arrastá-la até o quarto e arrancar aquele jeans de suas pernas. Absolutamente nenhuma parte de mim queria passar a noite bebendo vinho, comendo queijos e ouvindo conversa de garotas. Não sabia se conseguiria aguentar.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, ela sussurrou:

– Essa espera só vai fazer nossa noite melhor quando voltarmos.

– Duvido que isso seja possível.

Seus dedos arranharam de leve o meu peito.

– Senti falta dessa carinha ranzinza.

Ignorando-a, eu perguntei:

– Que tal se você for até meu apartamento depois? Saia com suas amigas e se divirta bastante. Estarei lá esperando, quando você estiver pronta.

Ela se esticou e deslizou um longo e macio beijo pela minha boca.

– O que aconteceu com a ideia de não me deixar sair da sua vista até o

Natal?

Achei que íamos a uma boate, talvez algum lugar chique com drinques a vinte dólares, cheio de estudantes em vestidinhos pretos. O que eu não esperava era um bar discreto nos subúrbios, com dardos e o que Julia descreveu como “a melhor carta de cervejas em Illinois”.

Desde que me fizessem um gimlet com vodca e eu pudesse ficar em contato físico constante com Chloe, a noite talvez não fosse um desastre total. Segui as garotas até o interior do bar, lançando olhares intimidadores para todos os outros babacas pelos quais passamos no caminho. Julia sentou em um banco de couro, gritando algo para a barwoman sobre trazer “o de sempre” para elas e “algo rosa” para o “bonitinho aqui”.

Pensando bem, esta seria uma longa noite.

Sara – que claramente ainda estava um pouco nervosa com a minha presença – sentou do outro lado de Chloe e a fez contar todos os detalhes da apresentação. Chloe contou sobre o diretor Clarence Cheng, sobre como eu apareci de surpresa e agi como um idiota, sobre ter apresentado os dois projetos e sobre a oferta de emprego.

– Foram duas ofertas de emprego – eu corriji, encarando-a para deixar claro que eu esperava que ela aceitasse o maldito emprego na RMG.

Ela revirou os olhos, mas ninguém deixou de notar seu sorriso orgulhoso. Elas ergueram suas cervejas e eu ergui meu drinque rosa, e brindamos o sucesso de Chloe.

Ao meu lado, ela tomou a cerveja e então saltou para fora do banco.

– Quem está a fim de jogar uns dardos?

Sara levantou a mão dando um pulinho. Após uma única cerveja, ela já parecia meio alta e relaxada o bastante para não agir mais como se estivéssemos no escritório. Deslizei meu olhar pelo corpo de Chloe. Eu gostei da ideia de assistir ela se esticando naquelas roupas apertadas para jogar os dardos.

– Você vem junto? – ela perguntou, virando para mim e pressionando os seios contra o meu braço.

Safada maldita.

– Daqui a pouco, talvez – deixei meus olhos se demorarem em seus lábios antes de abaixá-los até os seios. Debaixo do tecido leve da regata, os mamilos já se insinuavam.

Sua risada fez minha atenção voltar para seus lábios vermelhos – ela

percebeu e fez um beicinho.

– Bennett está se sentindo meio ansioso?

– Bennett está se sentindo muito ansioso – eu disse, puxando-a entre minhas pernas e beijando a curva de sua orelha. Eu queria ser paciente e deixá-la aproveitar a noite, mas a paciência nunca foi meu forte. – Bennett quer Chloe nua e tocando seu pau.

Com uma risadinha, ela rebolou até os fundos do bar, com o braço enlaçado ao de Sara.

Julia deu um leve soco em meu ombro, olhando rapidamente atrás de nós para ter certeza de que Chloe não podia ouvir.

– Você fez a coisa certa.

Eu me sentia desconfortável discutindo assuntos pessoais com a maioria das pessoas, e essa conversa mais do que pessoal era a última coisa que eu queria ter com uma quase estranha. Ainda assim, Julia se dera ao trabalho de me procurar para ajudar Chloe. Definitivamente, fora preciso coragem para isso.

– Obrigado por me ligar – eu disse. – Mas quero que saiba que eu iria atrás dela de qualquer maneira. Não conseguia mais ficar longe daquele jeito.

Julia tomou um gole da cerveja.

– Imaginei que, se você fosse mesmo igual a ela, estaria prestes a tentar de novo. Eu liguei apenas porque queria te dar a confiança necessária para chegar lá e bancar o cretino do jeito que só você sabe.

– Eu não era tão cretino assim – franzi a testa, pensando naquilo. – Pelo menos, acho que não.

– Claro que não – Julia disse pausadamente. – Você é o respeito em pessoa.

Ignorando a provocação, peguei meu drinque de mulherzinha e tomei de um gole só.

– Ela está tão feliz hoje! – Julia murmurou, quase que para si mesma.

– Ela está magra – olhei para onde Chloe estava, de pé, preparada para lançar um dardo. Ela parecia mesmo feliz, e isso me alegrava, mas a diferença em seu corpo era difícil de ignorar. – Magra demais.

Concordando, Julia disse:

– Ela malhou demais e trabalhou demais – seus olhos buscaram os meus por um instante antes de acrescentar: – A situação não estava boa, Bennett. Ela estava acabada.

– Eu também.

Ela reconheceu isso com um pequeno sorriso. Afinal, a tristeza já era passado agora.

– Então, se você vai mantê-la na cama pelos próximos dias, apenas lembre-se de fazer pit stops para a comida.

Concordei, movendo os olhos para o fundo do bar, onde minha garota se preparou, mirou e jogou um dardo, que mal acertou na placa de madeira atrás do alvo. Ela e Sara caíram na risada, parando apenas para dizer algo que as fez rir ainda mais.

E, enquanto ela jogava e dançava ao som dos Rolling Stones, eu senti o peso do meu amor por ela se transformar em um calor no estômago. Dois meses separados não era nada comparado com o que teríamos pela frente, mas, no contexto de nossa história, parecia uma eternidade. Eu queria compensar passando o máximo de tempo juntos.

Eu precisava voltar a ficar próximo. Acenei para a barwoman e fiz um gesto pedindo a conta.

Julia me impediu, levantando a mão na frente do meu rosto.

– Não estrague tudo. Ela é independente, e está sozinha há tanto tempo que nunca te dirá o quanto precisa de você. Mas ela vai te mostrar o quanto quer isso. Chloe é uma pessoa de ações, não de palavras. Eu a conheço desde que tínhamos doze anos, e você é o cara certo para ela.

Dois braços suaves me envolveram pela cintura, e senti um beijo de Chloe nas minhas costas.

– Sobre o que vocês estão conversando?

Julia e eu respondemos ao mesmo tempo:

– Futebol.

– Política.

Senti sua risada e ela deslizou para debaixo do meu braço.

– Então vocês estavam falando de mim.

– Sim – respondemos juntos.

– Sobre como eu estava acabada antes e agora como pareço feliz, e como é melhor o Bennett não estragar tudo desta vez.

Julia olhou para mim, ergueu sua cerveja em um brinde silencioso e depois nos deixou sozinhos.

Chloe virou seus olhos castanhos na minha direção.

– Ela te contou todos os meus segredos?

– Não mesmo – deixei meu drinque no balcão e passei meu braço em torno dela. – Podemos ir agora? Estive longe de você por tempo demais e estou atingindo o limite do quanto posso te compartilhar. Quero ficar sozinho com você.

Senti sua risada como um pequeno tremor em seu corpo, depois o suave som chegou aos meus ouvidos.

– Você é tão exigente.

– Estou apenas dizendo o que quero.

- Certo. Seja específico. O que você realmente quer?*
- Quero você de joelhos na minha cama. Quero você toda suada e implorando. Quero ver você ficar molhada até eu poder beber em você.*
- Merda – ela sussurrou, com a voz quase sumindo. – Já cheguei nesse ponto.*
- Então, droga, srta. Mills. Entra logo na porra do carro.*

Dois

Com minhas mãos no volante e as dela em tudo o mais – minhas coxas, meu pau, meu pescoço, meu peito –, eu não sabia se chegaríamos em casa com segurança.

Principalmente quando ela levantou meu braço direito para poder se abaixar, abrir o zíper da minha calça, puxar meu pau para fora e arrastar a língua por toda sua extensão. Eu queria chegar até seu apartamento, mas merda, isto já estava bom demais.

– Oh Deus... – ela murmurou, antes de me tomar por inteiro na boca.

– Puta merda – balbuciei, entrando na faixa da direita e diminuindo a velocidade.

Mais uma vez, tudo parecia tão perfeito: suas mãos e boca trabalhando em sincronia, pequenos gemidos vibrando em mim e soando como se não houvesse nada que ela quisesse mais do que me sentir daquela maneira. Ela começou devagar, com longas chupadas e pequenas lambidas provocantes, me olhando de um modo sombrio até eu pensar que perderia a cabeça. Mas ela entendeu minha expressão, como sempre fazia, sabendo quando não parar, quando aumentar a velocidade, quando apertar gentilmente. Sua excitação foi o que me deixou ainda mais louco; seu olhar se tornou suplicante, a respiração entrecortada e os gemidos mais frenéticos. Cedo demais, eu já estava agarrando o volante com força, ofegando e implorando e, finalmente, praguejando alto ao gozar em sua boca.

Não sei como consegui guiar o carro na rua, ou como o estacionei, mas minhas mãos trêmulas de algum jeito realizaram a façanha. Ela beijou minha barriga, então descansou a testa na minha coxa e o carro ficou completamente silencioso. Não foi exatamente como imaginei estar de novo com ela, mas a maneira apressada e espontânea como aconteceu... isso sim era a nossa cara.

Quando ela se apoiou no meu braço para sentar, eu aproveitei para subir meu zíper e fechar o cinto.

– Espera aí – ela disse, olhando pela janela. Seu tom surpreso diminuiu um pouco o clima sensual. – Estamos na sua casa? Por que estamos aqui?

– Você queria ir para o seu apartamento?

Dando de ombros, ela disse:

– Só achei que era para lá que estávamos indo. Não tenho nada meu aqui.

– Eu também não tenho nada no seu apartamento.

– Mas eu tenho escovas de dente extras. Você tem escovas de dente extras?

Do que ela estava falando?

– Você pode usar a minha. Qual o problema?

Suspirando, ela abriu a porta e murmurou:

– Homens!

– Só para esclarecer – eu disse, saindo do carro e a seguindo até a calçada –, eu trouxe você aqui porque era onde eu queria te trazer depois de San Diego. Eu ia amarrar você na cabeceira da cama e te dar tapas a noite inteira. E continuo com a intenção de fazer isso, depois de tudo que você me fez passar.

Chloe parou na minha varanda, com as costas viradas para mim. Ficou assim por vários segundos confusos antes de girar e me encarar.

– O que você disse?

– Você não ouviu? – eu disse, e, quando ela apenas continuou me olhando, expliquei: – Sim, ficamos separados porque eu fui um idiota. Mas você também foi.

Ela apertou os olhos e sua expressão ficou séria. A ideia de que ela fosse explodir e gritar comigo me deixou ao mesmo tempo com medo e excitado. Ela me pressionou contra a porta, agarrou com força a minha gravata e puxou até ficarmos cara a cara. Seus olhos negros estavam arregalados e selvagens.

– Me dê suas chaves.

Levei a mão ao meu bolso, tirei as chaves e coloquei em suas mãos sem questionar.

Observei enquanto ela procurava as chaves e fiquei surpreso quando encontrou a certa na primeira tentativa.

– Tem a tranca de cima e a...

Ela me interrompeu, colocando a ponta do dedo nos meus lábios.

– Shh. Não diga nada.

Tentei entender o que estava acontecendo. Obviamente, ela não esperava que eu brincasse com o fato de ela ter me deixado mal. Talvez ela pensasse que toda essa discussão acabara na sala de conferência onde nos reconciliamos. E acho que, de muitas maneiras, foi isso mesmo que aconteceu. Eu não precisava que ela se desculpasse, e também não sentia mais a necessidade de pedir desculpas. Mas nossa separação resultara em alguns meses horríveis, então também não parecia que a conversa estava completamente terminada. Por isso, pensei que fazer uma sessão de tapas e beijos seria uma terapia muito apropriada para nós

dois.

Sua mão não hesitou ao enfiar a chave na porta. Ouvi o familiar som da fechadura virando, então ela abriu a porta e me empurrou, de costas, para dentro.

– Continue reto e vai encontrar a sala de estar – ofereci. – Ou siga pelo corredor até minha cama.

Senti ela me direcionar para a sala de estar, movendo os olhos entre meu rosto, sua mão na gravata e o resto do ambiente. Afinal, era a primeira vez que ela via a minha casa.

– Belo lugar – ela sussurrou, aparentemente decidindo o que faria comigo. Então me puxou para ainda mais perto. – É tão básica. Parece tanto... com você.

– Obrigado – eu disse, rindo. – Eu acho.

Como se de repente lembrasse que estava me punindo por algo, ela me lançou um olhar severo.

– Fique aqui.

Ela me deixou ali e, embora eu quisesse saber o que estava tramando, segui sua instrução. Após apenas alguns segundos, ela voltou com uma das cadeiras da mesa de jantar. Colocou-a atrás de mim, pressionou meus ombros e me fez sentar.

Então ela virou-se e caminhou até meu rádio, pegou o controle remoto e olhou para os botões.

– Primeiro, ligue o...

– Shh! – sem olhar para mim, ela ergueu a mão para me silenciar.

Fechei a boca, com o queixo tenso. Ela estava abusando um pouco da minha paciência. Se ela não tivesse me mandado sentar – e eu achava que ela não estava para brincadeiras –, eu já teria jogado seu corpo no meu colo com a bunda para cima, pronta para ser estapeada.

Após apenas alguns momentos, um ritmo suave e pulsante preencheu a sala com uma voz rouca feminina. Chloe hesitou ao lado do estéreo, seus ombros se movendo com sua profunda e nervosa respiração.

– Linda, venha até aqui – sussurrei, esperando que ela me ouvisse em meio à música.

Ela se virou, andou até mim e parou tão perto que suas coxas encostaram nos meus joelhos. Meu rosto ficou alinhado com seu peito, e não pude resistir a beijar os seios por cima da camisa. Mas Chloe empurrou meus ombros de volta para trás.

Ela seguiu o movimento do meu corpo, se movendo para montar em meu colo. Com as duas mãos, agarrou e começou a brincar com minha gravata.

– Aquilo que você disse lá fora... – ela sussurrou. – Acho que precisamos conversar melhor.

– Certo.

– Mas se você não quiser fazer isso agora, podemos ir até seu quarto e você pode fazer o que quiser comigo – ela ergueu o olhar até meu rosto, estudando minha reação. – A conversa pode ficar pra depois.

– Podemos conversar sobre qualquer coisa que você quiser – engoli em seco e sorri. – Depois vou te levar para a cama e fazer tudo que eu quiser.

Eu mal conseguia respirar. Comecei a desabotoar minha camisa, mas ela tomou minha mão e a abaixou, erguendo a sobrelanceira em um questionamento silencioso.

Vagarosamente, ela tirou minha gravata e a enrolou no punho como uma luva de boxe. Fiquei tão excitado por ela se mostrar tão poderosa que nem notei quando moveu minhas mãos para o lado da cadeira. Meu pau endureceu em uma posição desconfortável, e movi a cintura para ajustar o ângulo da minha calça, com o coração explodindo debaixo do peito. Que diabos ela estava fazendo?

– Diga que me ama – ela sussurrou.

Meu coração acelerava e meu sangue parecia martelar nas veias.

– Eu te amo. Loucamente. Estou... – eu tinha imaginado isso milhares de vezes, mas o momento parecia pesado demais e minhas palavras saíram em um único sussurro ofegante. Respirando fundo e fechando os olhos, murmurei: – Estou loucamente apaixonado por você.

– Mas ficou bravo comigo quando fui embora.

Senti um nó no estômago. Será que isso se transformaria em uma briga? E, se isso acontecesse, seria algo bom ou ruim?

Chloe se inclinou para frente, beijou meu queixo, meus lábios, meu rosto. Depois deslizou a boca até meu ouvido.

Então senti um aperto nos meus pulsos: ela tinha usado a gravata para amarrar minhas mãos atrás da cadeira.

– Está tudo bem – ela disse. – Não se preocupe. Só quero conversar sobre isso.

Ela queria apenas conversar, queria sentir-se confortável ao ouvir como tudo aquilo me afetara, o quanto eu ficara com raiva. Mas precisava me amarrar? Eu sorri, virando o rosto para beijar seus lábios.

– Sim, fiquei bravo com você. Meu coração estava partido, mas eu estava com raiva também.

– Conte por que você estava com raiva – sua boca se afastou da minha e chegou ao pescoço, onde chupou a pele enquanto eu pensava na resposta.

Senti como se nossa separação tivesse acontecido milhões de anos atrás, mas ao mesmo tempo parecia ter sido ontem de manhã. O fato de Chloe estar aqui, montada em meu colo e me beijando, era um lembrete de que aquilo era, de muitas maneiras, um passado remoto. Mas o jeito como meu peito se contorcia com a memória dela me deixando... mostrava que a ferida ainda era recente e estava aberta.

– Você nunca me deixou explicar ou pedir desculpas. Eu te liguei. Fui até seu trabalho. Eu faria qualquer coisa para consertar tudo.

Chloe não respondeu, nem tentou se defender. Em vez disso, se levantou, deu um passo para trás, e abriu a fivela do salto alto. Ela desceu dos sapatos e voltou até mim, correndo os dedos em meus cabelos e puxando meu rosto contra seu peito.

– Nós sabíamos que não seria fácil fazer a transição entre sexo-raivoso e casal-apaixonado – eu disse, em meio ao tecido macio de sua blusa. – E, na primeira vez que eu fiz uma besteira, você me deixou.

Ela abriu o botão de seu jeans, abaixou lentamente o zíper e então tirou a calça inteiramente. Em poucos segundos, a camisa também foi para o chão. Ela ficou de pé na minha frente, nua, com exceção do sutiã e da minúscula calcinha de renda vermelha. Na sala escura, sua pele parecia seda.

Merda, merda, merda, merda.

– Eu tinha acabado de perceber que estava apaixonado, e que talvez já estivesse apaixonado há algum tempo, e então você sumiu – olhei em seu rosto, torcendo para não ter ido longe demais.

Ela deslizou para meu colo, e eu quis mais do qualquer coisa ter minhas mãos livres para subir por suas coxas perfeitas. Mas só pude ficar olhando para onde suas pernas se abriam em cima de mim, a apenas alguns centímetros do meu pau.

– Sinto muito mesmo – ela sussurrou. Pisquei, surpreso. – Eu não mudaria nada, pois fiz o que precisava fazer na época. Mas eu sei que te machuquei, e sei que não foi justo simplesmente parar de falar com você.

Concordei, levantando meu queixo para ela se aproximar e me beijar. Ela pressionou a boca na minha, de um jeito macio e molhado, e um pequeno gemido escapou de seus lábios.

– Obrigada por aparecer hoje de manhã – ela disse.

– Você teria me procurado? – perguntei.

– Sim.

– Quando?

– Amanhã de manhã. Depois de terminar minha apresentação. Decidi isso faz uma semana.

Soltei um grunhido e me inclinei para beijá-la. Ela se arqueou para trás, então acabei beijando seu queixo e descendo até a garganta.

– Você saiu com mais alguém enquanto estávamos separados?

Parei e a encarei, de queixo caído.

– O quê? Você está falando sério? Não!

Um sorriso se espalhou em seu rosto.

– Eu só precisava ouvir isso.

– Se você deixou outro homem te tocar, Chloe, eu juro por Deus, eu...

– Calma aí, tigrão – ela pressionou dois dedos na minha boca. – Não deixei.

Fechei os olhos, beijando seus dedos e assentindo. Essa imagem ofensiva evaporou lentamente da minha cabeça, mas meu coração não desacelerou nem um pouco.

Senti sua respiração em meu pescoço antes de ouvi-la perguntar:

– Você pensava em mim?

– Várias vezes a cada minuto.

– Você pensava em me comer?

Todas as palavras sumiram da minha mente. Cada palavra existente no dicionário evaporou e eu me ajeitei debaixo de Chloe, desejando-a tão intensamente neste momento vulnerável e silencioso que fiquei com medo de enlouquecer no instante que ela tirasse minha calça.

– No começo, não – consegui dizer finalmente. – Mas depois de algumas semanas, eu tentei.

– Tentou se tocar e pensar em mim? Como se a sua mão pudesse me substituir?

Observei sua expressão se transformar de curiosa para predatória antes de responder:

– Sim.

– Você gozou?

– Meu Deus, Chloe – por que eu me excitava tanto quando ela me pressionava desse jeito?

Ela não piscou nem se mexeu enquanto esperava minha resposta. Ficou apenas me encarando.

– Responda.

Eu mal consegui esconder um sorriso. Ela adorava bancar a mandona.

– Algumas vezes. Não era muito prazeroso, porque você aparecia na minha mente e isso me trazia alívio, mas também frustração.

– Para mim também – ela disse. – Senti tanta saudade que até doía. Sentia saudade no trabalho, em casa, na minha cama, eu quase não conseguia aguentar. Os únicos momentos em que eu conseguia apagar você da minha

mente era quando eu saía para...

– Correr – sussurrei. – Dá pra perceber. Você perdeu peso demais.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Você também.

– E também bebi muito – admiti, lembrando a ela que isso não era uma competição. Ela não precisava provar que se saíra melhor, pois eu tinha certeza de que fora isso que acontecera. – O primeiro mês da nossa separação ainda é um borrão na minha memória.

– Sara me contou sobre o seu estado. Ela disse que eu não estava sendo justa ficando longe de você.

Franzi a testa. É mesmo? Sara disse isso?

– Você fez o que precisava fazer.

Ela se inclinou para trás e olhou para meu corpo, depois para os meus olhos. Fiquei curioso ao perceber que ela parecia um pouco surpresa. E um pouco atrevida.

– Você me deixou te amarrar.

Olhei em seu rosto.

– É claro que sim.

– Eu não sabia se você deixaria. Pensei que tinha te enganado... achei que diria não.

– Chloe, você me ganhou desde o primeiro segundo em que te vi. Eu teria deixado você me amarrar lá na sala de conferência, se você tivesse pedido.

Um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca.

– Eu não teria deixado, se você tivesse me pedido.

– Ótimo – tentei me aproximar para beijá-la. – Você é mais esperta do que eu.

Ela ficou de pé e levou as mãos até as costas para abrir o sutiã, que deslizou por seus braços e caiu no chão.

– Acho que nós dois sempre soubemos que isso é verdade.

Meu desejo por ela era como uma dor forte e constante. Eu estava tão duro que podia sentir em meu pau cada batida do coração, mas também sentia como se minha visão estivesse supersaturada com cores: o vermelho de sua calcinha e dos lábios, o marrom de seus olhos, a brancura da pele. Meu corpo gritava, pedindo por ela, mas meu cérebro não conseguia parar de admirar cada detalhe.

– Deixa eu sentir você.

Ela voltou até mim, levando um seio até minha boca. Eu me inclinei e tomei um mamilo em meus lábios, prendendo-o com os dentes. Sem aviso, ela se levantou e se afastou, ficando de costas para mim e lançando um olhar endiabrado por cima do ombro.

– O que você está fazendo, sua diabinha? – eu disse ofegando.

Seus polegares se engancharam na cintura da calcinha de renda e ela começou a abaixá-la, rebolando lentamente.

Não. De jeito nenhum.

– Não se atreva a fazer isso! – eu disse, livrando minhas mãos do nó frouxo que ela tinha feito. Fiquei de pé, olhando-a de cima para baixo, como uma nuvem de tempestade se formando em minha sala de estar. – Vá até a cama. Se você pensar em tirar essa calcinha, eu vou cuidar de mim mesmo e você só vai poder ficar lá deitada assistindo eu gozar.

Seus olhos se arregalaram no meio da penumbra e, sem dizer uma palavra, ela se virou e correu para meu quarto.

—

E, com essa memória em minha mente, meu dia estava oficialmente perdido. Aquela noite foi a mais íntima da minha vida e mudou o status de nossa relação de “Vamos ver se dá certo” para “Totalmente comprometidos”. Nunca vou me esquecer de como ela transformou sua vulnerabilidade em uma confiança discreta, ou de como, no quarto, ela me deixou virar o jogo, amarrá-la na minha cama e morder cada centímetro de seu corpo.

Soltei um grunhido quando percebi que não fazia ideia de quando teríamos uma noite tão sossegada assim de novo, então peguei meu celular.

Enviei uma mensagem: Almoço?

Ela respondeu: Não posso. Tenho reunião com o Douglas do meio-dia até as três. Me mate.

Olhei para o relógio. Eram onze e trinta e seis. Deixei o celular na mesa e voltei para o artigo que estava escrevendo para o *Journal*. Eu estava imprestável e sabia disso.

Depois de dois minutos, peguei o celular e enviei outra mensagem para ela, desta vez usando nosso código secreto. Bat-Sinal.

Ela respondeu imediatamente: Estou a caminho.

A porta do lado externo do meu escritório se abriu, e pude ouvir os saltos de Chloe batendo no chão do escritório da recepção logo ao lado da minha sala. Esse já fora o lugar onde Chloe trabalhava, mas, quando terminou o MBA e voltou para a Ryan Media Group, ela se mudou para um escritório próprio, na ala Leste. Resultado: minha recepção agora ficava vazia. Tentei trabalhar com outros assistentes, mas nenhum funcionou. Andrea chorava o tempo todo. Jesse batia a caneta na mesa e aquilo me deixava maluco. Bruce não conseguia digitar.

Aparentemente eu deveria ter acreditado quando diziam que Chloe era uma

santa por “me aguentar”.

Minha porta se abriu e ela entrou, com as sobrancelhas franzidas. Usávamos o bat-sinal principalmente para avisar um ao outro sobre crises no trabalho, e por um momento eu me perguntei se teria exagerado.

– O que aconteceu? – ela perguntou, parando a uns trinta centímetros de mim, com os braços cruzados sobre o peito. Dava para ver que ela estava preparada para encarar uma batalha profissional ao meu lado, mas a luta que eu queria que ela enfrentasse era muito mais pessoal.

– Nada com relação ao trabalho – eu disse, coçando o queixo. – Eu...

Perdi o raciocínio enquanto observava cada parte de seu rosto: os olhos concentrados, os lábios macios apertados enquanto prestava atenção, a pele suave. E, é claro, deixei meu olhar cair em direção aos seios, pois ela usava uma blusa apertada e... *meu Deus*.

– Você está olhando meus peitos?

– Sim.

– Você usou o bat-sinal pra ficar olhando os meus peitos?

– Sossega, nervosinha. Usei o bat-sinal porque estou com saudade de você.

Seus braços caíram para os lados e começaram a arrumar nervosamente a blusa.

– Como pode estar com saudade? Dormi na sua casa ontem.

– Eu sei – conhecia esse lado dela. Sempre tentando se preservar.

– E passamos o fim de semana inteiro juntos.

– Sim. Você e eu... e a Julia. E o Scott. E o Henry. E a Mina. Não ficamos sozinhos. Não tanto quanto esperávamos.

Chloe virou a cabeça e olhou para a janela. Pela primeira vez em semanas, tínhamos um perfeito dia de sol, e eu queria ir lá fora com ela e... apenas sentar em algum lugar.

– Ultimamente eu tenho sentido saudades de você o tempo inteiro – ela sussurrou.

O nó em meu peito se afrouxou um pouco.

– É mesmo?

Confirmando, ela se virou para mim.

– Sua agenda de viagens está uma droga – ela se aproximou e ergueu uma sobrancelha. – E você não me deu um beijo de despedida hoje de manhã.

– Na verdade, dei sim – eu disse, sorrindo. – Você ainda estava dormindo.

– Isso não conta.

– Você está procurando uma discussão, srta. Mills?

Ela deu de ombros, tentando esconder um sorriso enquanto estudava cuidadosamente minha expressão.

– Nós podemos pular a briga e você pode simplesmente chupar o meu pau por uns dez minutos.

Sem hesitar, ela se aproximou e passou os braços ao meu redor, esticando o corpo para mergulhar o rosto em meu pescoço.

– Eu te amo – ela sussurrou. – E amei você ter enviado o bat-sinal só porque estava com saudades.

Fiquei sem palavras, provavelmente por tempo demais, até que finalmente consegui balbuciar:

– Eu também te amo.

Não é que Chloe não fosse expressiva; ela *era sim*. Quando ficávamos sozinhos, ela era – fisicamente – a mulher mais expressiva que já conheci. Mas, embora eu frequentemente expressasse meus sentimentos, eu podia contar nos dedos as vezes em que ela pronunciou as palavras “eu te amo”. Eu não precisava que ela falasse mais; porém, a cada vez que dizia, isso me afetava de um jeito mais profundo do que eu esperava.

– Mas, falando sério – sussurrei, lutando para me recompor. – Talvez eu só precise de uma rapidinha em cima da mesa.

Ela riu, balançando a cabeça em meu pescoço e levando a mão até meu pau. Esse jogo eu conhecia, e era perfeitamente possível que ela fizesse algo ameaçador, que iria me excitar na mesma medida que me aterrorizava. Mas, em vez de me encarar com perigo nos olhos, ela virou a cabeça para chupar meu pescoço e sussurrou:

– Não posso ir na reunião com o Douglas cheirando a sexo.

– Você acha que não está sempre cheirando a sexo?

– Nem sempre eu tenho o *seu* cheiro – ela esclareceu, antes de lamber meu pescoço.

– Isso é o que você pensa.

Fazia muito tempo desde a última vez que transamos no escritório e eu já não aguentava mais o desejo de possuí-la. Eu queria rasgar minha calça e arrancar a camisa dela cintura acima, depois arruinar as pilhas de papéis em minha mesa, jogando Chloe por cima de tudo.

Felizmente para mim, ela começou a descer, beijando meu queixo até o pescoço, depois deslizou por meu corpo até o chão, subindo levemente a saia, de um jeito quase inocente, para se ajoelhar na minha frente.

Mas não... uma vez no chão, ela continuou subindo a saia até chegar à cintura. Com uma mão, ela se tocou entre as pernas; com a outra, abriu rapidamente meu cinto e o zíper. Fechei os olhos, precisando acalmar minha mente enquanto ela me libertava e, sem hesitar, tomava meu pau em sua boca. Meu pau estava quase totalmente ereto e, com seu toque, cresceu ainda mais.

Uma sucção quente e molhada desceu e subiu, mais forte da segunda vez, enquanto ela se ajustava à sensação de me ter em sua boca.

Senti sua respiração acelerar em rápidas lufadas em meu umbigo, e podia ouvir o som de seus dedos se movendo em si mesma.

– Você está se tocando?

Sua cabeça se ajeitou levemente quando ela confirmou.

– Você já estava molhada por minha causa?

Ela parou por um segundo, e então levantou a mão acima da cabeça. Eu me inclinei e chupei dois dedos dela.

Merda.

Fui consumido pela percepção tão clara do quanto ela queria aquilo. Eu sabia por experiência própria qual era seu sabor antes de estar realmente pronta para mim – por exemplo, quando eu chegava tarde em casa e a surpreendia, em seu sono, com minha boca. E sabia que tinha um sabor muito diferente depois de provocarmos um ao outro por quase uma eternidade. Agora, em seus dedos, eu sentia sua excitação máxima, e isso fez minha cabeça girar. Desde quando ela estava esperando por isso? O dia todo? Desde que saí, hoje de manhã? Mas ela não me deixou pensar muito, levou a mão de volta para o espaço oculto no meio de suas pernas.

Observei sua cabeça se movendo e seus lábios deslizando sobre mim. Tentei me concentrar nisso para me acalmar. Mas, mesmo quando sua boca estava em mim, ou quando eu estava dentro dela, eu sempre queria *mais*. Era impossível possuí-la de todas as maneiras ao mesmo tempo, mas isso nunca me impediu de imaginar um furacão de posições e gemidos, minhas mãos em seus cabelos e em sua cintura, meus dedos em sua boca e também entre suas pernas, agarrando suas coxas.

Quando eu passava as mãos em seus cabelos ela sabia que eu queria mais rápido, e quando minha cintura começava a se mover, ela sabia que não deveria provocar, nem mesmo um pouco. Pelo menos, não quando ela tinha uma reunião logo em seguida.

Em um pensamento súbito, lembrei que meu escritório não estava trancado; Chloe entrara pensando que iríamos conversar sobre o trabalho. A porta da recepção estava fechada, mas também não estava trancada.

– Oh, merda – murmurei. Por algum motivo, a ideia de que poderíamos ser flagrados deixou tudo ainda mais excitante. – *Chloe...* – sem mais aviso, um orgasmo desceu por minhas costas, eletrizante e ardente, e tão intenso que deixou minhas pernas bambas e meus punhos agarrando seus cabelos. Ela se arqueou com meu puxão, seu braço se movendo rapidamente enquanto tocava a si mesma, fazendo os sons de seu próprio prazer me atingirem, abafados.

Olhando para baixo, percebi que ela estava observando minha reação... é claro que estava. Seus olhos se arregalaram e mostravam uma doçura – ela parecia fascinada. Tenho certeza de que sua expressão era exatamente igual à que eu fazia toda vez que a via gozar com meu toque. Após uma pausa para recuperar o fôlego, eu saí de sua boca e me ajoelhei no chão de frente para ela, levando minha mão para encontrar a dela no meio de suas pernas. Ela se ajeitou e deixou meus dedos tomarem o controle. Deslizei dois para dentro, entrando fundo e de uma vez, e ela quase tombou para trás, seu corpo se apertando em mim. Usei minha outra mão para apoiá-la e beijei seus lábios, gemendo ao sentir que eles estavam um pouco vermelhos, um pouco inchados.

– Estou quase lá – ela disse, passando o braço livre ao redor do meu pescoço.

– Eu gosto dessa sua necessidade de me avisar disso.

Eu imaginava que um dia meu toque se tornasse familiar demais para ela, ou que minha técnica se tornasse cansativa, mas cada vez que meu polegar raspava e pressionava seu clitóris ela parecia ter uma sensação mais intensa do que antes.

– Mais um – ela sussurrou quase sem voz. – Por favor, eu quero...

Ela não terminou o pensamento. E nem precisava. Enfiei três dedos e fiquei olhando enquanto sua cabeça caía para trás, com os lábios separados e o som rouco e silencioso de seu orgasmo-quase-abafado reverberando por seu corpo.

Por alguns segundos, ficamos abraçados enquanto eu respirava em seus cabelos, tentando imaginar que estávamos em outro lugar, talvez em minha sala de estar ou no meu quarto, certamente não no chão do meu escritório de porta destrancada.

Parecendo se lembrar disso ao mesmo tempo que eu, Chloe subiu sua calcinha e baixou a saia no lugar, depois tomou minha mão para eu levantá-la. Como de costume, fui atingido pelo silêncio ao redor, e imaginei se éramos mesmo tão discretos como pensávamos.

Ela olhou ao redor, ainda um pouco fora do ar, e deu um sorriso preguiçoso.

– Agora vai ser ainda mais difícil ficar acordada na reunião.

– Não estou nem aí – eu murmurei, abaixando para beijar seu pescoço.

Quando me endireitei, ela se virou e entrou no meu lavabo, subindo as mangas da blusa para lavar as mãos. Eu me aproximei, pressionando meu peito em suas costas, e coloquei minhas mãos debaixo da água com as dela. O sabonete deslizou entre nossos dedos e ela pousou a cabeça para trás em meu peito. Eu queria passar uma hora tirando seu cheiro de nossos dedos, apenas para poder ficar nessa posição.

– Vamos passar a noite no seu apartamento? – perguntei. Sempre era uma decisão difícil. Minha cama era melhor para brincarmos, mas sua cozinha era mais abastecida.

Ela desligou a água e levou as mãos até a toalha.

– Sua casa. Tenho que lavar roupas.

– Quem disse que o romantismo não existe mais... – também usei a toalha e a beijei novamente. Ela manteve a boca fechada e os olhos abertos, e eu me afastei um pouco.

– Bennett?

– Humm?

– É verdade sim.

– O quê?

– Eu te amo. Talvez eu não diga isso o bastante. Talvez seja por isso que você usou o bat-sinal.

Eu sorri, com meu coração apertado no peito.

– Eu sei. E não foi por isso que enviei a mensagem. Fiz isso porque ultimamente não recebo sua atenção exclusiva, e eu sou um cretino ganancioso. Minha mãe não te avisou que eu nunca fui bom em compartilhar?

– Depois que mudarmos para Nova York, as coisas vão se acalmar e nós vamos ter mais tempo juntos.

– Em *Nova York*? Duvido! – eu disse. – E, mesmo que as coisas se acalmem, não seria legal se viajássemos um pouco antes de tudo isso?

– Quando? – ela perguntou, então olhou ao redor como se sua agenda lotada preenchesse cada superfície do lugar.

– Nunca vai existir uma data perfeita. E depois que mudarmos os escritórios, tudo vai ficar ainda mais corrido, pelo menos por um tempo.

Ela riu e balançou a cabeça.

– Bom, eu não consigo pensar numa hora pior. Talvez no final do verão? – com um beijo rápido, ela se virou, pegou meu celular em cima da mesa e arregalou os olhos quando viu as horas. – Preciso ir! – disse, me beijando mais uma vez antes de ir embora.

E o assunto morreu ali.

Mas a palavra *férias* continuou em minha mente.

Três

Eu tinha grandes planos para hoje à noite: fazer um jantar, comer com Bennett, finalmente decidir qual apartamento alugar em Nova York, discutir o que levar de sua casa e de meu apartamento, descobrir como arranjar tempo para empacotar tudo.

Ah, e passar as oito horas restantes redescobrimdo cada centímetro do corpo do meu cretino irresistível. Duas vezes.

Mas esse era o itinerário antes de ele entrar pela porta de sua casa e me encontrar cozinhando. Antes de jogar o casaco e as chaves no sofá e praticamente correr pela sala. Antes de me agarrar por trás e chupar a pele debaixo da minha orelha como se não me visse há semanas.

Então, nem é preciso dizer que meu planejamento foi reduzido dramaticamente.

Um: jantar. Dois: tirar as roupas.

Mesmo assim, Bennett parecia inclinado a pular passos.

– Nós não vamos conseguir comer nesse ritmo! – eu disse, deixando minha cabeça cair para trás enquanto ele beijava meu pescoço. Senti sua respiração quente em minha pele e a faca que eu segurava caiu na pia.

– E...? – ele sussurrou, pressionando seu quadril na minha bunda antes de me girar para me encarar.

O armário estava duro nas minhas costas. Bennett estava duro na minha frente. Ele se agigantou sobre mim e passou os lábios em meu pescoço.

– E... – eu murmurei. – Comida nem é tão importante assim.

Ele riu suavemente, deslizando as mãos pelas laterais do meu corpo até chegar aos quadris.

– Exatamente. Meu Deus, parece que faz semanas que não toco em você.

– Foi hoje à tarde – eu o corrigi, me afastando apenas o suficiente para olhar em seus olhos. – Foi nesta tarde, lembra? Quando eu chupei você no seu escritório?

– Ah, sim. Acho que lembro de algo desse tipo. Mas minha mente está um borrão só. Quem sabe você não refresca minha memória? Língua... pau...

– Que jeito de falar, Ryan! Sua mãe sabe que você tem a boca tão suja assim? Ele soltou uma risada.

– Pelo jeito como ela olhou para nós dois depois de transarmos no guarda-volumes do casamento do meu primo, eu diria que sim.

– Fazia duas semanas que eu não te via! – eu disse, sentindo meu rosto esquentar. – Não fique tão convencido, seu bundão.

– Sou o *seu* bundão – ele disse, beijando demoradamente meus lábios. – Não finja que você não gosta – isso eu não podia negar. Ultimamente Bennett passou a maior parte do tempo fora de Chicago, mas ele era todo meu. Ele nunca deixou nenhuma dúvida sobre isso. – E por falar em bundas... – ele esticou o braço e apertou forte o meu traseiro – você nem imagina o que vou fazer com a sua hoje à noite...

Comecei a responder – para discutir ou dizer algo espertinho –, mas não consegui pensar em nada.

– Meu Deus. Você ficou sem palavras! – ele disse, os olhos arregalados com a surpresa. – Se eu soubesse que bastava isso para ter um pouco de paz e sossego, eu teria falado há tempos.

– Eu... humm... – abri e fechei a boca algumas vezes, mas nada saiu. Isso era novidade. Quando a campainha do forno tocou, me forcei a dar um passo para o lado, ainda um pouco abalada.

Tirei o pão do forno e escorri a água do macarrão, sentindo Bennett se mover atrás de mim novamente. Ele enganchou o queixo em meu ombro e envolveu minha cintura com os braços.

– Você tem um cheiro muito bom – ele disse. Sua boca voltou a trabalhar em meu pescoço, enquanto suas mãos começaram uma lenta descida até a barra da minha saia. Fiquei mais do que animada para deixá-lo continuar.

Mas, em vez disso, fiz um gesto mostrando a tábua de corte.

– Você pode terminar a salada para mim, por favor?

Ele grunhiu e me soltou, resmungando alguma coisa enquanto começava a trabalhar do outro lado do balcão.

Uma nuvem de vapor com cheiro de alho subiu da tigela quando despejei o macarrão e o molho juntos, tentando limpar minha mente. Como de costume, isso era impossível quando ele estava por perto. Havia algo em Bennett Ryan que parecia aspirar todo o ar ao meu redor.

Fui pega de surpresa pela força com que me apaixonei por ele, e ultimamente sentia muita saudade quando não estávamos juntos. Às vezes, sozinha em meu quarto vazio, eu falava em voz alta: “Como foi o seu dia?” “Meu novo assistente é hilário.” Ou: “Meu apartamento sempre foi silencioso assim?”.

Em outros dias, depois de vestir sua camiseta de dormir por tanto tempo que

seu cheiro já sumira, eu saía e ia até a sua casa. Eu me sentava na grande poltrona com vista para o lago e ficava imaginando o que ele estaria fazendo. Imaginava se era possível ele sentir por mim pelo menos uma fração da saudade que eu sentia por ele. Deus! Eu nunca entendera as mulheres que agiam desse jeito quando os namorados viajavam. Até então, eu achava que era apenas uma ótima oportunidade para uma boa noite de sono e umas horas de tranquilidade.

De algum jeito, Bennett conseguiu se infiltrar em todas as partes da minha vida. Ele ainda era o homem teimoso e obcecado de sempre, e eu adorava o fato de não ter mudado só porque estávamos juntos. Ele me tratava como uma igual e, apesar de eu saber que ele me amava mais do que qualquer coisa, ele nunca me dava qualquer folga. Por isso, eu o amava ainda mais.

Levei os pratos para a mesa e olhei para trás por cima do ombro. Bennett ainda estava resmungando enquanto fatiava os tomates.

– Você ainda está reclamando? – eu perguntei.

– É claro! – ele trouxe a salada e deu um tapa na minha bunda antes de puxar a cadeira para eu sentar.

Ele nos serviu o vinho e sentou na minha frente. Ficou me olhando enquanto eu tomava um gole; olhou para meus lábios e subiu para meu rosto. Um doce sorriso surgiu no canto de sua boca, mas então ele pareceu voltar a se concentrar, como se estivesse lembrando de algo.

– Faz tempo que eu queria perguntar: como vai a Sara?

Sara Dillon tinha se formado no mesmo MBA que eu, mas saíra da RMG para trabalhar em outra empresa. Ela era uma das minhas melhores amigas, e Bennett lhe oferecera o cargo de Diretora de Finanças na nova filial, mas ela recusara, pois não queria deixar sua vida e sua família em Chicago. Ele não a culpou, é claro, mas o grande dia se aproximava e ainda não tínhamos achado ninguém para o cargo, e eu sabia que ele estava começando a se preocupar.

Eu dei de ombros, lembrando da conversa que tivemos mais cedo. O babaca do noivo da Sara foi fotografado beijando outra mulher, e agora parecia que ela finalmente enxergava algo que todos já sabiam: Andy era um traidor idiota.

– Ela está bem, eu acho. Andy continua dizendo que foi uma armação. O nome da outra mulher ainda aparece nos jornais toda semana. Você conhece a Sara. Ela não vai mostrar para o mundo o que está sentindo, mas eu sei que está completamente devastada por causa disso.

Ele concordou.

– Você acha que ela finalmente vai por um fim nisso? Finalmente vai parar de aceitar as desculpas dele?

– Quem sabe? Eles estão juntos desde que ela tinha vinte e um anos. Se não o deixou até agora, talvez nunca deixe.

– Eu queria ter seguido minha intuição e dado um soco na cara dele no evento da Smith House no mês passado. Que babaca estúpido.

– Tentei convencer Sara a se mudar para Nova York, mas... ela é tão teimosa!

– Teimosa? Eu não consigo acreditar que vocês são tão amigas... – ele disse, irônico.

Joguei um tomate nele.



A conversa do jantar foi toda sobre o trabalho, sobre arrumar os novos escritórios e todas as peças que ainda precisavam se encaixar para isso dar certo. Começamos a discutir se a família dele deveria voltar para Nova York antes da abertura da filial, e eu perguntei:

– Quando seu pai voltou para Chicago?

Esperei um momento, mas quando Bennett não respondeu, olhei para ele e fiquei surpresa ao vê-lo mexendo sua comida de um lado para o outro no prato.

– Está tudo bem aí, Ryan?

Alguns segundos de silêncio se passaram antes de ele responder:

– Sinto falta de ter você trabalhando para mim.

Senti meus olhos se arregalarem.

– O quê?

– Eu sei. Também não faz nenhum sentido para mim. Nós éramos péssimos um para o outro e a situação era impossível – caramba, isso era um grande eufemismo. O fato de termos trabalhado no mesmo escritório por dez meses, sem que um banho de sangue acontecesse, *ainda* me causava surpresa. – Mas... – ele continuou, me encarando do outro lado da mesa – eu via você todos os dias. Era algo previsível. Consistente. Eu te provocava e você me provocava. Foi o período mais divertido que eu já tive no trabalho. E eu subestimei a importância daquilo.

Baixei minha taça de vinho na mesa e olhei em seus olhos, sentindo uma esmagadora onda de afeição por aquele homem.

– Isso... faz sentido – eu disse, buscando as palavras certas. – Acho que também não percebi a importância de te ver todos os dias. Mesmo querendo envenenar você em vinte e sete ocasiões diferentes.

– Idem – ele respondeu, com um sorrisinho. – E às vezes eu me sinto culpado pelas minhas fantasias de te jogar pela janela. Mas eu certamente planejo compensar tudo isso hoje – ele pegou sua taça e tomou um longo gole.

– É mesmo?

– Com certeza. Eu tenho uma lista.

Levantei a sobancelha em um questionamento silencioso.

– Bom, primeiro vou tirar sua saia – ele se inclinou para olhar debaixo da mesa. – Eu deveria te xingar por usar essa calcinha de renda só para me torturar, mas nós dois sabemos que eu gosto desse tipo de coisa.

Fiquei olhando enquanto ele se endireitava e se recostava na cadeira, colocando as mãos atrás da cabeça. O peso de sua atenção fez minha pele se arrepiar. Qualquer outra pessoa ficaria intimidada – eu ainda me lembrava do tempo em que isso acontecia também comigo –, mas agora tudo que senti foi adrenalina, uma excitação que partiu do meu peito e chegou ao meu estômago, quente e pesada.

– E essa blusa – ele continuou, com os olhos em meu peito agora. – Eu quero rasgar e ouvir o som desses pequenos botões saltando e se espalhando pelo chão.

Cruzei minhas pernas e engoli em seco. Ele imitou meu movimento, com um sorriso vagarosamente se erguendo nos cantos de sua boca.

– Depois, talvez eu deite você em cima da mesa – ele se apoiou na mesa, testando sua robustez. – Vou colocar suas pernas nos meus ombros e te chupar até você *implorar* pelo meu pau.

Tentei não mostrar reação, tentei fugir de seu olhar. Mas não consegui. Limpei a garganta e senti minha boca seca.

– Você poderia ter feito isso na noite passada – eu disse, provocando-o.

– Não. Ontem estávamos cansados e eu só queria sentir você gozar. Hoje, quero ir devagar, tirar sua roupa, beijar cada lugar do seu corpo... e te foder. E olhar você me fodendo.

Por acaso está ficando quente por aqui?

– Você está muito confiante, não é? – eu perguntei.

– Com toda a certeza.

– E o que faz você pensar que eu também não tenho uma lista? – fiquei de pé, ignorei a sobremesa e andei até ficar de frente para ele. Seu pau já estava duro e apertado contra a calça justa. Ele seguiu meu olhar e sorriu de volta, as pupilas tão negras e dilatadas que quase apagavam o castanho ao redor.

Eu queria rasgar minhas roupas e sentir o calor de seu olhar em minha pele. Queria acordar de manhã exausta, cheia de marcas e ainda com a lembrança de seus dedos pressionando dentro do meu corpo. Como ele conseguia, apenas com um olhar e algumas palavras safadas, fazer eu me sentir assim?

Bennett virou sua cadeira e eu me posicionei entre suas pernas, estendendo o braço para arrumar seu cabelo – aquele eterno cabelo de quem acabou de transar. As suaves mechas deslizaram entre meus dedos e eu inclinei sua cabeça para trás, trazendo seus olhos para os meus. *Senti tanta saudade*, eu queria dizer.

Fique. Não vá para longe de mim. Eu te amo.

As palavras ficaram presas em minha garganta e apenas um “oi” conseguiu escapar.

Bennett pendeu a cabeça para o lado, aumentando seu sorriso enquanto olhava para mim.

– Oi – suas mãos quentes agarraram minha cintura e me puxaram para perto. Ele riu com minha palavra solitária, e eu sabia que ele entendia minha mente como se fosse um livro aberto, enxergando cada pensamento tão claramente como se estivesse escrito na minha testa com tinta. Não é que eu me sentisse desconfortável dizendo “eu te amo”, é só que tudo era tão novo! Eu nunca dissera isso para ninguém, e às vezes me sentia assustada, como se fosse preciso abrir meu peito e entregar meu coração.

Sua mão subiu e pousou em meu seio, o polegar acariciando a parte de baixo.

– Não consigo parar de pensar no que tem debaixo dessa blusinha linda – ele disse.

Eu ofeguei e senti meus mamilos enrijecerem debaixo do leve tecido de caxemira. Ele abriu um botão, depois outro, até a blusa se abrir e seus olhos se moverem para o pequeno sutiã que eu usava. Ele gemeu com aprovação.

– Isso é novo.

– E caro. *Não estrague* – adverti.

Ele não conteve seu sorriso convencido.

– Eu nunca faria isso.

– Você comprou uma camisola de quatrocentos dólares e usou para me amarrar na cama, Bennett.

Ele riu e tirou minha blusa pelos ombros, me desembrulhando devagar, como se fosse um presente. Longos dedos se moveram até a cintura da minha saia e o som do zíper preencheu a sala. Ele fez como prometido, descendo a lã lentamente pelas minhas pernas até os pés, deixando-me apenas com o sutiã de renda e minha calcinha minúscula.

O ar-condicionado ligou automaticamente e um som grave se espalhou pelo apartamento, trazendo uma lufada de ar gelado que envolveu minha pele. Bennett me puxou para o seu colo, com minhas pernas envolvendo seu corpo. O tecido áspero de sua calça raspou contra a nudez de minhas coxas e minha bunda. Eu deveria me sentir vulnerável desse jeito – eu com tão pouca roupa, ele todo vestido –, mas eu apreciei o momento. Parecia muito com nossa primeira noite juntos em sua casa, depois da minha apresentação, depois que admitimos não querer mais ficar separados e ele me deixou amarrá-lo para que eu tivesse coragem de ouvir o quanto eu o machucara.

E então percebi que essa posição era intencional. E suspeitei que ele também

estava pensando sobre aquela noite. Seus olhos brilharam com tanta vontade, tanta adoração, que eu não pude evitar uma sensação de poder, como se não houvesse um pedido meu que aquele homem não atenderia.

Levei as mãos até os botões de sua camisa, querendo vê-lo nu por cima de mim, atrás de mim – em todas as posições. Eu queria sentir seu sabor, marcar sua pele com arranhões e depois percorrer as marcas com meus dedos, lábios e dentes. Eu queria deitá-lo na mesa e transar com ele até que qualquer pensamento sobre sair daquela sala fosse apenas uma memória distante.

Em algum lugar da casa, um celular tocou. Nós congelamos e ficamos em silêncio, apenas esperando, desejando que fosse só um engano e que a chamada parasse rapidamente. Mas aquele toque agudo – um som que já me era muito familiar – voltou a preencher o espaço. Trabalho. Era o toque da emergência. E não uma emergência comum – era uma emergência *de verdade*. Bennett praguejou, pousando a testa em meu peito. Meu coração batia acelerado e minha respiração parecia rápida e alta demais.

– Merda, desculpa – ele disse quando o toque continuou. – Eu preciso...

– Eu sei – fiquei de pé, usando o encosto da cadeira para apoiar minhas pernas bambas.

Bennett esfregou as mãos no rosto antes de se levantar, cruzar a sala e pegar seu celular no bolso do casaco que deixara sobre o sofá.

– Alô – ele disse, e então ficou apenas escutando.

Eu abaixei para apanhar e vestir minha blusa, encontrei minha saia e a puxei até a cintura. Levei a louça até a cozinha enquanto ele falava. Eu estava tentando dar privacidade a ele, mas comecei a ficar preocupada ao ouvir sua voz ficar cada vez mais alta.

– O que você quer dizer com “eles não sabem onde está”? – ele gritou. Encostei na porta e fiquei observando enquanto ele andava de um lado para o outro em frente à ampla parede repleta de janelas. – A reunião é amanhã e alguém *perdeu o arquivo principal*? Não tem mais ninguém para cuidar disso? – uma pausa se seguiu e eu podia jurar que vi a pressão sanguínea dele subir. – *Você está brincando?* – outra pausa. Bennett fechou os olhos com força e respirou fundo. – Certo. Estarei aí em vinte minutos.

Quando desligou o celular, ele parou por um momento antes de olhar para mim.

– Tudo bem – eu disse.

– Não, não está.

Ele estava certo. Não estava tudo bem. Aquilo era uma droga.

– Não tem mais ninguém que possa cuidar disso?

– Quem? Não posso confiar algo tão importante àqueles idiotas

incompetentes. A conta da Timbk2 vai ser lançada amanhã e a equipe de marketing não consegue achar o arquivo com as especificações financeiras – ele parou e balançou a cabeça, depois pegou o casaco. – Deus, precisamos de alguém em Nova York que saiba o que fazer. Desculpa, Chlo.

Bennett sabia o quanto nós dois precisávamos daquela noite, mas ele também tinha um trabalho para cuidar. Eu sabia disso melhor do que ninguém.

– Vá – eu disse, encurtando a distância entre nós. – Vou estar aqui quando você terminar – entreguei-lhe as chaves e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo.

– Na minha cama?

Concordei.

– Vista minha camiseta.

– Só sua camiseta.

– Eu te amo.

Eu sorri.

– Eu sei. Agora vá salvar o mundo.

Quatro

Você tem que estar brincando.

Girei a chave na ignição e acelerei até o indicador de rotações por minuto atingir o vermelho. Eu queria queimar o asfalto, deixando a marca preta dos pneus na rua como um sinal da minha frustração.

Eu estava cansado. *Merda*, eu estava mesmo cansado, e odiava ter que arrumar a bagunça dos outros no trabalho. Eu vinha trabalhando por doze, quinze, inferno, até dezoito horas por dia há meses, e na única noite em que pude deixar tudo de lado e ter um tempo com Chloe em casa, recebo uma ligação de emergência.

Fiz uma pausa quando essa palavra ficou reverberando em minha mente: *casa*.

Fosse na minha casa ou na dela, fosse saindo com os amigos ou indo àquele restaurante chinês de que ela gostava tanto, com ela eu me sentia *em casa*. A parte mais estranha era que a casa que me custara uma fortuna *nunca* parecera um lar até ela começar a passar um tempo por lá. Será que ela também sentia que sua casa era onde quer que estivéssemos juntos?

Ainda nem tivéramos a chance de escolher onde íamos morar em Nova York. Encontramos um bom lugar para a RMG, fizemos um mapa com todos os novos escritórios, desenhamos as plantas, planejamos as reformas e contratamos uma designer... mas não escolhemos um apartamento para morar.

O que era o maior sinal de que velhos hábitos custam a morrer, pois, na realidade, minha relação com ela mudara completamente minha relação com o trabalho. Apenas um ano atrás, eu estava comprometido com apenas uma coisa: minha carreira. Agora, o que mais importava para mim era Chloe, e sempre que minha carreira atrapalhava meu tempo com ela, isso me consumia por dentro. Eu nem sei especificamente quando isso aconteceu, mas suspeito que a mudança surgiu muito antes de eu admiti-la. Talvez tenha sido na noite em que Joel foi jantar na casa dos meus pais. Ou talvez no dia seguinte, quando eu caí de joelhos diante dela e me desculpei da única maneira que eu sabia. Talvez tenha até sido antes de tudo isso, na primeira noite em que eu a beijei, desesperadamente, na sala de conferência, em meu momento de maior fraqueza. Graças a Deus eu fui

tão idiota!

Olhei para o relógio no painel. A data, iluminada em vermelho, me atingiu como um soco no peito: cinco de maio. Exatamente um ano atrás, eu assistira Chloe sair do avião vindo de San Diego, com os ombros curvados de raiva e dor por eu ter praticamente a jogado debaixo de um ônibus depois de ela salvar a minha pele com um cliente. No dia seguinte, ela pediu demissão e me deixou. Eu pisquei os olhos, tentando tirar essa lembrança da minha mente. *Ela voltou*, lembrei a mim mesmo. Nós tínhamos acertado os ponteiros nos últimos onze meses e, apesar de toda minha frustração com a agenda do trabalho, eu nunca estivera tão feliz. Ela era a única mulher que eu queria.

Lembrei da última vez que terminara uma relação, com Sylvie, quase dois anos antes. Nosso namoro começara como uma escada rolante: com um solitário primeiro passo e depois seguindo automaticamente em uma mesma direção. Começamos de um jeito amigável e rapidamente entramos na intimidade física. A situação funcionava perfeitamente para mim, pois ela me oferecia companhia e sexo, e nunca pedia nada além do que eu oferecia. Quando terminamos, ela admitiu que sabia que não daria mais. Disse que, por um tempo, o sexo e a quase-intimidade foram suficientes, mas que não era mais o bastante.

Após um longo abraço e um último beijo, eu a deixei partir. Fui jantar sozinho e em silêncio no meu restaurante favorito, e depois fui direto para a cama, onde dormi a noite inteira. Nada de drama. Nada de coração partido. Tudo acabou e fechei a porta dessa parte da minha vida, completamente pronto para seguir em frente. Três meses depois, voltei para Chicago.

Foi engraçado comparar aquela época à minha reação quando perdi Chloe. Eu praticamente me transformei em um mendigo, sem comer, sem tomar banho e sobrevivendo inteiramente com uísque e autopiedade. Eu lembro de ficar obcecado com cada detalhe que Sara me trazia sobre Chloe – como estava sua aparência, como estava lidando com tudo – a partir do qual eu tentava adivinhar se ela sentia minha falta e se estava tão miserável quanto eu.

O dia que Chloe voltou para a RMG, coincidentemente, foi o último dia de Sara na empresa. Embora tivéssemos feito as pazes, Chloe tinha insistido que deveria continuar a dormir em sua casa e eu na minha, para podermos descansar um pouco. Então, após uma manhã caótica, entrei na sala de descanso e encontrei Chloe atacando um pacote de amêndoas e lendo alguns relatórios de marketing. Sara estava esquentando algumas sobras no microondas, depois de recusar nossas tentativas de preparar um grande almoço de despedida. Eu tinha ido até lá para tomar uma xícara de café, e nós três ficamos quietos por uns quinze minutos.

Então, finalmente, quebrei o silêncio.

– Sara – eu disse, sentindo o volume da minha voz alto demais. Seus olhos se viraram para mim, arregalados e límpidos. – Obrigado por me procurar no dia em que Chloe se afastou. Obrigado por me atualizar sempre que podia. Por isso, e outras razões, eu sinto muito por você ir embora.

Ela deu de ombros, passando a mão nos cabelos e me dando um pequeno sorriso.

– Apenas estou feliz em ver vocês dois juntos de novo. As coisas estavam quietas demais por aqui. E por “quietas”, quero dizer “chatas”. E por “chatas”, quero dizer ninguém gritando ou chamando o outro de megera odiosa – ela tossiu e tomou um gole de sua bebida, de uma forma barulhenta e quase cômica.

Chloe gemeu.

– Isso não vai mais acontecer, eu te asseguro – ela jogou uma amêndoa na boca. – Ele pode não ser mais meu chefe, mas definitivamente ainda adora gritar.

Rindo, dei uma olhada em sua bunda quando ela se abaixou para pegar uma garrafa de água na parte de baixo da geladeira.

– Mesmo assim – eu disse, virando de novo para Sara –, eu te agradeço por ter me mantido atualizado. Sem isso, eu provavelmente enlouqueceria.

Os olhos de Sara relaxaram e, quando começou a mexer os dedos inquieta, eu percebi que ela ficou um pouco desconfortável com a minha rara demonstração de sentimentos.

– Como eu disse, estou feliz por ter funcionado. Vale a pena lutar por esse tipo de coisa – ela ergueu o queixo e deu um último sorriso para Chloe antes de sair da sala.

A felicidade que eu senti após o retorno de Chloe facilitou ignorar os sussurros que nos seguiam pelos corredores da empresa. Eu tinha meu escritório e ela agora tinha o dela, e nós dois estávamos determinados a provar a todos (e a nós mesmos) que conseguiríamos conciliar isso.

Conseguimos ficar separados por quase uma hora inteira.

– Senti saudade de você – ela disse, entrando na minha sala e fechando a porta. – Você acha que eles vão me dar minha antiga sala de volta?

– Não. Por mais que eu goste dessa ideia, seria completamente inapropriado.

– Eu meio que estava brincando – ela revirou os olhos e fez uma pausa, olhando ao redor. Eu quase podia ver as memórias voltando à sua mente: quando abriu as pernas em cima da mesa para mim, quando eu a fiz gozar com meus dedos para distraí-la de suas preocupações e, imagino, todas as vezes que sentamos juntos no escritório, sem falar aquilo que deveríamos ter falado há tanto tempo.

– Eu te amo – eu disse. – Eu te amo faz um bom tempo.

Ela piscou os olhos, se aproximou e me beijou. Então me puxou para o banheiro e implorou para eu fazer amor com ela contra a parede, ao meio-dia de uma segunda-feira.

Enquanto eu entrava na garagem do escritório e estacionava em minha vaga, lembrei das palavras de Sara. *Vale a pena lutar por essas coisas.* Sara seguia seu próprio conselho com o pior mulherengo de Chicago. Ela cuidou de mim quando sabia que eu estava perdido sem Chloe. Em comparação, deixei Sara continuar com um homem que eu sabia ser infiel, tudo porque sentia que interferir não era o meu papel. Onde eu estaria se Sara tivesse pensado o mesmo?

Perguntando-me o que essa atitude dizia sobre mim, saí do carro e entrei no saguão principal. O segurança da noite acenou e voltou a ler seu jornal enquanto eu andava até os elevadores. O prédio estava tão vazio que eu podia ouvir cada som das máquinas ao meu redor. As polias trabalhavam e o elevador soltou um pequeno barulho quando chegou ao 18º andar.

Eu sabia que mais ninguém estava ali. A equipe estava se virando para encontrar a versão mais recente do arquivo, e no meio de seu pânico eles estavam, provavelmente, olhando nos laptops pessoais de todo mundo. Duvido que alguém tivesse pensado em ir até ali e checar os servidores do trabalho.

No fim, tive que deixar Chloe em casa por causa de um trabalho que durou apenas vinte e três minutos, era por isso que meu humor na segunda-feira era terrível. Eu odiava ter que fazer o trabalho dos outros. O contrato fora nomeado errado e – exatamente como suspeitei – colocado na pasta errada do servidor. Na verdade, uma cópia física estava em cima da minha mesa, onde alguém com competência poderia tê-lo encontrado, e poupado essa minha viagem até ali. Enviei o arquivo para um dos meus executivos de marketing e fiz várias cópias do documento, destacando na primeira página os responsáveis e deixando uma cópia na mesa de cada um dos envolvidos antes de finalmente ir embora. De certa maneira, foi um gesto bem cretino da minha parte. Mas isso é o que eles ganham quando me tiram de Chloe.

Eu sabia que esses pequenos inconvenientes me irritavam mais do que o normal, mas é esse tipo de detalhe que define uma equipe. E era exatamente por isso que eu precisaria de uma pessoa extremamente competente no escritório de Nova York. De volta ao carro, resmunguei enquanto dava a partida no motor, sabendo que isso era apenas mais uma das coisas que eu precisaria resolver no mês seguinte.

Com meu humor atual, eu não podia voltar para Chloe. Eu apenas seria uma companhia irritada e ranzinza... e não de um jeito divertido.

Deus, eu só queria *ficar com ela*. Por que isso precisava ser tão difícil? Nós já

tínhamos tão pouco tempo do jeito que as coisas estavam, eu não queria desperdiçar ainda mais tempo por estar estressado com o trabalho, com a busca por um apartamento, com a busca por uma pessoa que conseguisse trabalhar sem precisar de uma babá. Nós reclamávamos por não nos vermos tanto quanto queríamos, por trabalhar tanto... Então, por que simplesmente não... concertávamos isso? Podíamos viajar. Chloe pensava que essa era uma hora ruim, mas quando é que a hora seria boa? Ninguém iria simplesmente nos entregar um tempo livre, e desde quando eu sou o tipo de pessoa que espera algo acontecer?

Foda-se isso. Dê um jeito.

– Acorda para a vida, Ben! – minha voz ecoou no interior do carro e, após uma rápida olhada para o relógio, para me certificar de que não estava ligando tarde demais, peguei meu celular e disquei o número. Dirigi para fora da garagem e entrei na Michigan Avenue.

Após seis chamadas, a voz de Max surgiu nos alto-falantes do carro.

– Fala, Ben!

Eu sorri, acelerando para longe do trabalho e seguindo para um dos lugares mais familiares do mundo para mim.

– Max, como vai você?

– Tudo bem. Tudo ótimo. E o que é essa boataria toda que estou ouvindo sobre você mudar suas coisas para Nova York?

Assenti e disse:

– Pois é, estaremos aí em pouco mais de um mês. Vamos ficar entre a Fifth Avenue e a 50th Street.

– Perfeito, fica perto do meu escritório. Vamos nos encontrar quando você chegar... – sua voz sumiu de repente.

– Sim, sim, com certeza – eu hesitei, sabendo que Max provavelmente estava imaginando por que eu lhe ligara às onze e meia da noite em uma terça-feira. – Olha, Max, eu queria pedir um favor.

– Manda.

– Eu queria viajar um pouco com minha namorada e...

– *Namorada?* – sua risada preencheu o carro.

Eu ri também. Eu tinha certeza de que nunca apresentara ninguém para Max dessa maneira.

– A Chloe, sim. Nós trabalhamos na RMG e estamos entalados até o pescoço com a campanha da Papadakis. Está indo tudo bem até agora, e talvez a gente arrume um tempinho antes de mudarmos... – eu hesitei novamente, sentindo as palavras fugirem de mim. – Seria maluco demais se eu contratasse alguém para fazer a nossa mudança e encontrar um lugar para a gente em Nova York

enquanto nós dois apenas... *fugimos* por algumas semanas? Apenas para sair da cidade?

– Isso não parece loucura para mim, Ben. Na verdade, parece a melhor maneira de se manter são.

– Eu também acho. E sei que é impulsivo, mas eu estava pensando em levar Chloe para a França. Queria saber se você ainda tem aquela casa em Marselha, e se poderíamos alugar por algumas semanas.

Max estava rindo silenciosamente.

– Sim, ainda tenho. Mas esqueça essa coisa de alugar, pode usar sem se preocupar. Vou te passar o endereço agora mesmo e pedir para Inès ir limpar para vocês. O lugar está vazio desde que passei o Natal lá – ele fez uma pausa. – Quando você está pensando em ir?

O aperto em meu peito pareceu dar uma trégua quando o plano começou a se solidificar em minha mente.

– Neste fim de semana?

– Claro, vou cuidar de tudo. Quando tiver os detalhes do seu voo, envie para mim. Vou ligar para ela amanhã de manhã e dizer para encontrar você lá com as chaves.

– Isso é fantástico. Obrigado, Max. Fico devendo uma.

Eu podia praticamente ver seu sorrisinho quando ele disse:

– Vou me lembrar disso.

—

Eu me senti relaxado pela primeira vez em décadas e aumentei o volume do rádio, imaginando nós dois entrando no avião, sem nada pela frente exceto tardes ensolaradas, longas manhãs preguiçosas na cama e a melhor comida e vinho que o mundo podia oferecer.

Mas eu precisava fazer mais uma parada. Eu sabia que era tarde para ir até a casa dos meus pais, mas eu não tinha escolha. Minha mente estava girando com planos e eu não poderia ir para a cama até que cada detalhe estivesse decidido.

Na viagem de vinte minutos até a casa deles, eu liguei e deixei uma mensagem para a minha agente de viagens. Depois deixei um recado para meu irmão Henry dizendo que viajaria por três semanas. E não me permiti imaginar sua reação. Nós tínhamos um novo escritório, tudo no trabalho já estava preparado e o empacotamento podia ficar a cargo de outra pessoa. Deixei uma mensagem para cada um dos meus executivos seniores falando sobre meu plano e o que eu esperava de cada um na minha ausência. E então baixei as janelas e deixei o ar gelado da noite me envolver, levando todo o meu estresse para longe.

—

Estacionando na frente da casa dos meus pais, eu ri ao lembrar da primeira vez que Chloe e eu viemos até ali como um casal.

Três dias haviam se passado desde sua apresentação do MBA. Durante dois desses dias nós pouco saímos da minha casa ou da minha cama. Mas, após as constantes ligações e mensagens da minha família nos convidando para jantar e me pedindo para *compartilhar* um pouco da Chloe, nós concordamos em encontrá-los na casa dos meus pais. Todos estavam com saudade dela.

Nós conversamos bastante durante a viagem, rindo e nos provocando, minha mão livre entrelaçada com a dela. Com os dedos da outra mão, ela distraidamente fazia pequenos círculos no topo do meu pulso, como se quisesse ter certeza de que era tudo real, de que eu era real, de que nós éramos reais. Ainda não tínhamos encarado o mundo exterior, com exceção da primeira noite, em que saímos com suas amigas. A transição com certeza seria um pouco estranha. Mas eu nunca imaginaria que Chloe ficaria ansiosa por causa disso. Ela sempre encarara todos os desafios com sua própria dose de coragem.

Apenas quando já estávamos de pé em frente à casa e eu estava abrindo a porta, percebi que sua mão estava trêmula.

— O que foi? — soltei sua mão e a virei para me encarar.

Ela deu de ombros.

— Nada. Estou bem.

— A quem você quer enganar?

Ela me lançou um olhar irritado.

— Estou bem. Apenas abra logo a porta.

— Uau! — eu disse, surpreso. — Chloe Mills está nervosa de verdade.

Desta vez ela parou para me encarar direto nos olhos.

— Você reparou? Meu Deus, você é um gênio. Alguém deveria te contratar como CEO e te dar um escritório grande e chique — então, ela estendeu o braço para abrir a porta.

Eu a impedi de girar a maçaneta e um sorriso malicioso se espalhou em meu rosto.

— Chloe?

— É que eu não os vi mais desde... você sabe. E eles sabem como você ficou quando... — ela fez um gesto ao redor, e eu entendi que ela queria dizer — quando Bennett estava um completo desastre depois que Chloe foi embora. Só... vamos tentar não fazer nenhum drama, certo? Estou bem — ela completou.

— Estou apenas me divertindo com essa rara visão da Chloe nervosa. Me dê

um segundo, quero aproveitar o momento.

– Vá se foder.

– Você quer me foder? – dei um passo em direção a ela, até seu corpo ficar pressionado contra o meu. – Você está tentando me seduzir, srta. Mills?

Finalmente, ela riu, os ombros desistindo de sua tensa determinação.

– Apenas não quero que seja...

A porta da frente se abriu de repente e Henry apareceu, dando um grande abraço em Chloe.

– Aí está você!

Chloe olhou para mim por cima do ombro do meu irmão e riu.

– ... constrangedor – ela completou, envolvendo os braços ao redor dele.

Meus pais estavam de pé atrás da porta, mostrando os maiores sorrisos que eu já vi. Os olhos da minha mãe estavam estranhamente molhados.

– Você ficou longe por tempo demais – Henry disse, soltando minha namorada e olhando para mim.

Resmunguei em minha mente e percebi que aquela noite poderia rapidamente se transformar em uma reedição da novela “O quanto a pobre Chloe sofreu nas mãos do cruel Bennett” – e a personalidade difícil da srta. Mills seria completamente omitida da história.

Ainda bem que ela estava incrível naquele vestidinho preto. Eu precisava de uma distração.

Eu havia ligado para o meu pai na manhã da apresentação de Chloe, avisando que pretendia aparecer por lá e convencê-la a apresentar a conta da Papadakis. E também disse que pediria para ela me aceitar de volta. Como de costume, meu pai me apoiou, mas de um jeito reservado, dizendo que seja lá o que Chloe respondesse, ele estava orgulhoso de mim por ir atrás daquilo que eu queria.

“O que eu queria” agora estava entrando na casa e abraçando minha mãe e meu pai, antes de olhar para mim.

– Não sei por que eu estava preocupada – ela sussurrou.

– Você estava nervosa? – minha mãe perguntou, com olhos arregalados.

– É que eu sumi tão de repente. Eu me senti culpada por causa disso e por passar tanto tempo sem ver nenhum de vocês...

– Não, não, não, você precisava se entender com Bennett! – Henry disse, ignorando meu suspiro irritado. – Acredite, nós entendemos.

– Vamos lá – eu grunhi, puxando-a de volta. – Não precisamos fazer drama.

– Eu já sabia – minha mãe sussurrou, pousando as mãos no rosto de Chloe. – Eu já sabia.

– Mas que diabos, mãe! – eu me aproximei e a abracei, antes de fazer uma

cara feia para ela. – Você sabia disso mesmo quando combinou o jantar com Joel?

– Você nunca ouviu dizer “use logo ou desocupe a moita”? – Henry disse.

– Essa não é a frase que eu usaria, Henry Ryan – minha mãe lançou um olhar bravo para ele e depois envolveu Chloe com o braço, conduzindo-a pelo corredor. E se virou para falar comigo por cima do ombro. – Pensei que se você não queria enxergar o que estava na sua frente, então outra pessoa merecia uma chance.

– O pobre Joel nunca teve chance alguma – meu pai murmurou, surpreendendo a todos e aparentemente a si próprio. Ele ergueu a cabeça e começou a rir. – Alguém precisava dizer isso.

Saindo do carro, eu sorri com a lembrança do resto da noite: os dez minutos em que todos rimos e compartilhamos nossas histórias sobre ter infecção alimentar em momentos inoportunos, o inacreditável *crème brûlée* que minha mãe serviu no jantar e, mais tarde, o jeito como eu e Chloe mal chegamos em casa e já caímos em um emaranhado de pernas e braços no chão da minha sala de estar.

Girei a maçaneta da porta da frente, sabendo que meu pai estaria acordado, mas esperando não acordar minha mãe. A maçaneta fez um chiado e eu empurrei a porta com o cuidado de sempre, levantando-a um pouco onde eu sabia que a madeira raspava no chão.

Mas, para minha surpresa, minha mãe me recebeu na entrada, vestindo seu velho roupão púrpura e segurando duas xícaras de chá.

– Não sei por quê – ela disse, me oferecendo uma xícara –, mas eu tinha certeza de que você iria aparecer por aqui hoje.

– Intuição de mãe? – eu disse, aceitando a xícara e beijando seu rosto. Eu me demorei um pouco, tentando manter minhas emoções controladas.

– Algo desse tipo – lágrimas desceram de seus olhos e ela se virou antes que eu pudesse dizer alguma coisa. – Venha, eu sei por que você está aqui. Está lá na cozinha.

Cinco

– E você tem certeza de que vamos conseguir as assinaturas a tempo? – perguntei para minha assistente, que checkou seu relógio e escreveu alguma coisa em seu bloco de notas.

– Sim. Aaron está vindo agora mesmo. Elas estarão aqui até o meio-dia.

– Ótimo – eu disse, fechando e devolvendo os arquivos. – Vamos dar uma última olhada antes da reunião e, se tudo der certo...

A porta da recepção se abriu e Bennett entrou com um olhar muito determinado. Minha assistente soltou uma exclamação aterrorizada e eu fiz um gesto dispensando-a. Ela praticamente saiu correndo.

As longas pernas de Bennett o carregaram através da sala em poucos passos. Ele parou em frente à minha mesa e jogou dois envelopes brancos em cima de uma pilha de relatórios de marketing.

Olhei para os envelopes e depois para o seu rosto.

– Algo aqui parece muito familiar – eu disse. – Quem de nós vai escancarar a porta e correr escada abaixo?

Ele revirou os olhos.

– Apenas abra.

– Bom dia para você também, sr. Ryan.

– Chloe, não seja mal-humorada.

– Por quê? Só você tem esse direito?

Seu olhar ficou mais suave e ele se inclinou na mesa para me beijar. Na noite anterior ele voltara tarde para casa, e eu já estava dormindo fazia tempo. Acordei com o som do despertador e encontrei seu corpo quente e nu junto ao meu. Eu merecia algum tipo de medalha por ter conseguido sair daquela cama.

– Bom dia, srta. Mills – ele disse suavemente. – Agora, abra os malditos envelopes.

– Se você insiste. Mas não diga que eu não avisei. Geralmente, quando você joga algo na minha mesa, as coisas nunca ficam bem. Bom, pelo menos não para mim. Talvez você possa corrigir isso...

– *Chloe.*

– Tá bom, tá bom – abri o envelope que tinha meu nome e puxei um papel. – É uma passagem de avião. Chicago para França – olhei em seu rosto. – A empresa vai me enviar para algum lugar?

Bennett parecia brilhar e, francamente, ele ficava tão bonito assim que fiquei aliviada por estar sentada.

– França. Marselha, para ser exato. A outra passagem também está aí.

Passagens aéreas, um envelope para cada um de nós. Saída marcada para sexta-feira. Estávamos na terça.

– Eu... não estou entendendo. Nós vamos para a França? Isso tem alguma coisa a ver com a noite passada? Nós temos uma vida ocupada, Bennett. Esse tipo de coisa sempre vai acontecer. Eu juro que não fiquei brava.

Ele circulou a mesa e se ajoelhou na minha frente.

– Não. Não tem nada a ver com a noite passada. Tem a ver com muitas noites. Tem a ver com colocar em primeiro lugar aquilo que importa. E isto – ele disse, apontando para nós dois –, isto é o que importa. Nós mal nos vemos nos últimos tempos, Chloe, e isso não vai mudar quando chegarmos em Nova York. Eu te amo. Eu *sinto falta* de você.

– Também sinto sua falta. Mas... estou um pouco surpresa. A França é... realmente longe, e ainda temos tanta coisa para fazer e...

– Não é só a França. Vamos para uma casa particular, uma casa de campo. Pertence a um amigo meu, o Max, aquele que fez faculdade comigo, lembra? É uma casa linda, grande e *vazia* – ele acrescentou. – Com uma cama gigante, *várias* camas. Uma piscina. Podemos cozinhar e andar pelados, e nem precisamos atender ao telefone se não quisermos. Vamos lá, Chlo.

– Adorei essa parte de cozinhar-e-andar-pelados – eu disse. – Pois é com esse argumento que você me convenceria de vez.

Ele se aproximou, claramente percebendo que minha resistência se dissolvia.

– Eu me orgulho de sempre conhecer meu oponente, srta. Mills. Então, o que você diz? Vamos? Por favor?

– Meu Deus, Bennett. São dez horas da manhã e você está me matando com esse sonho distante.

– Eu até pensei em drogar você e te carregar daqui em cima do meu ombro, mas seria difícil passar pela alfândega desse jeito.

Respirei fundo e olhei mais uma vez para as passagens.

– Certo, então nós vamos no dia nove e voltamos... Espera aí, isso aqui está certo?

Ele seguiu meu olhar.

– O quê?

– Três semanas? Eu não posso simplesmente jogar tudo para o alto e viajar

para a França por *três semanas*, Bennett!

Ele se levantou, confuso.

– Por quê? Eu consegui arrumar tudo e...

– Você está falando sério? Nossa mudança é daqui a um mês. Um mês! E ainda nem escolhemos um apartamento! E tem a minha melhor amiga, que na semana passada foi traída pelo maior estúpido do mundo. E não vamos esquecer do pequeno detalhe chamado *meu trabalho*. Tenho reuniões e um departamento inteiro para contratar e enviar para Nova York!

Sua expressão murchou completamente; com certeza essa não era a reação que ele estava esperando. O sol aparecia atrás dele e quando virou a cabeça, inclinando-a levemente para o lado, suas sobrancelhas e os contornos do rosto foram iluminados, formando uma bela silhueta.

Droga. Um sentimento de culpa cresceu em meu peito como um balão.

– Merda. Desculpa – eu me encostei nele e deitei a cabeça em seu ombro. – Eu não queria dizer essas coisas desse jeito.

Seus braços fortes me envolveram e senti ele suspirar.

– Eu sei.

Bennett tomou minha mão e me conduziu até a pequena mesa no canto da sala. Ele fez um gesto para eu me sentar e sentou em outra cadeira.

– Vamos negociar? – disse, com um olhar desafiador que eu não via desde que ele entrou na minha sala.

Negociar era algo que eu poderia fazer.

Ele se inclinou para frente, com as mãos juntas e os cotovelos na mesa.

– A mudança – ele começou. – Admito que é algo grande. Mas nós temos nossa agente imobiliária para nos ajudar. Eu visitei as três melhores opções. Você só precisa decidir se quer vê-las também ou se confia em mim para essa escolha. É só deixar a agente cuidar do resto, e podemos pagar para que nossas coisas sejam empacotadas e enviadas – ele ergueu uma sobrancelha esperando minha reação e eu fiz um gesto para ele continuar. – Eu sei o quanto você se importa com Sara. Converse com ela; descubra como ela está lidando com tudo isso. Você disse que nem sabia se ela iria terminar com ele, não é?

– Sim.

– Então nós cuidamos disso quando chegar a hora certa. E quanto ao seu trabalho... Estou muito orgulhoso de você, Chloe. Sei como você trabalha duro e o quanto você é importante. Mas nunca teremos uma oportunidade perfeita. Sempre estaremos ocupados, sempre haverá pessoas querendo nossa atenção e sempre haverá coisas que parecem não poder esperar. Para você, vai ser um bom exercício para delegar as coisas. Eu te amo, mas você é péssima quando se trata de dividir responsabilidades. E tudo vai ficar ainda mais agitado depois da

mudança. Quando será a próxima vez que teremos uma chance? Eu quero ficar com você. Quero falar em francês com você e fazer você gozar numa cama na França onde ninguém vai aparecer no fim de semana ou nos ligar por causa do trabalho.

– Está ficando cada vez mais difícil ser a adulta responsável por aqui – eu disse.

– Ser responsável nem é tão importante assim.

Senti meu queixo cair e não pude fazer nada além de olhar para ele com cara de boba. Eu estava quase perguntando quem era essa pessoa gentil e o que tinha feito com meu namorado, quando ouvi alguém batendo na porta. Tirei os olhos de um namorado muito agradável e vi uma estagiária aterrorizada entrar na minha sala, olhando aterrorizada para Bennett. Com certeza ela perdera no palitinho para ver quem iria chamar o Cretino.

– Humm... Com licença, srta. Mills – ela gaguejou, com o olhar grudado em mim. – Eles estão esperando pelo sr. Ryan na sala de conferência do 12º...

– Obrigada – eu respondi. Ela saiu e eu me virei para Bennett.

– Discutimos isso mais tarde? – ele perguntou baixinho enquanto se levantava. Eu concordei, ainda um pouco desconcertada por sua mudança de atitude.

– Obrigada – eu disse, vagamente mostrando as passagens, mas querendo dizer muito mais.

Ele beijou minha testa.

– Até mais tarde.



Viagens... nunca realmente foram boas para Bennett e eu. San Diego foi perfeita enquanto ainda estávamos dentro de nossa pequena bolha. Então tentamos voltar ao mundo real e tudo começou a dar errado. De um jeito catastrófico.

Depois disso, tentamos planejar uma viagem no Dia de Ação de Graças, mas acabamos cancelando por causa do trabalho. Tentamos novamente em dezembro; Bennett estava soterrado com trabalho de uma grande conta que seria lançada antes do Ano Novo, e nós dois tínhamos o lançamento da Papadakis no começo de janeiro. De algum jeito, eu consegui convencê-lo a prolongar o fim de semana do Natal e viajar comigo.

Para conhecer meu pai.

Bennett a princípio não queria – ele estava nos últimos estágios daquela campanha enorme e tinha também que ficar com a própria família. E eu passara

a maior parte do ano passado reclamando para o meu pai sobre como o meu chefe era um idiota egocêntrico, apenas para depois admitir que estava transando com esse chefe. A viagem tinha todos os ingredientes de um desastre.

Bennett permaneceu quieto na maior parte do voo, eu soube que algo estava errado porque ele não sugeriu uma transa no banheiro do avião.

– Você está respeitoso demais, Ryan. O que está acontecendo? – eu perguntei, depois de pousarmos, enquanto nos dirigíamos para a locadora de carros.

– O que você quer dizer?

– Bom, nas últimas três horas você não fez nenhum comentário inapropriado sobre mim falando de cavalgar, chupar, lamber, tocar, agarrar etc., nem disse nada elogioso sobre seu pau. Está tão quieto que eu praticamente posso ouvir seus pensamentos e, francamente, estou um pouco preocupada.

Ele esticou o braço e deu um tapa na minha bunda.

– Melhorou? E, a propósito, seus peitos ficam ótimos com essa blusa.

– Converse comigo.

– Estou indo conhecer o seu pai – ele disse, arrumando o colarinho.

– E...?

– E ele sabe o idiota que eu fui – limpei minha garganta e ele olhou para mim. – Posso ser.

– “Pode”?

– Chloe.

– Isso faz parte do seu charme que todo mundo conhece – eu disse, piscando minhas pestanas rapidamente para ele. – Desde quando você pede desculpas por causa disso?

Ele suspirou.

– Desde que concordei em conhecer seu pai. E, se ele possui um calendário, já sabe que eu estava dormindo com você enquanto trabalhávamos juntos.

– Eu também tive que encarar sua família depois disso tudo. Tenho certeza de que Mina contou para Henry sobre o Incidente do Banheiro e se o Henry sabe, então o Elliott sabe. E se o Elliott sabe... oh, meu Deus, sua mãe sabe que transamos no banheiro favorito dela... enquanto o Joel estava lá para me conhecer! – bati a palma da mão na minha testa.

– Pois é! Acontece que a minha família adora você de qualquer jeito, já a situação aqui é um pouco diferente.

Chegamos na porta da locadora de carros e eu tomei sua mão, fazendo-o parar.

– Olha, meu pai conhece a filha que tem. Ele sabe que eu posso ser um pouco difícil às vezes...

– Há!

Agora foi a minha vez de encarar seu rosto.

– E ele sabe que eu sempre revido à altura. Você não tem por que se preocupar.

Ele suspirou novamente e se aproximou para encostar sua testa na minha.

– Se você acha mesmo...



No meio da neve, meu pai soltou um assovio enquanto circulava a Mercedes-Benz preta que estacionamos na frente de sua casa.

– Sempre achei que existe apenas uma razão para um homem andar por aí dirigindo um carro desses: compensar algo. Você não concorda, Benson?

– Bennett – ele corrigiu com a voz baixa, antes de sorrir nervosamente para mim.

– É Natal, pai. Todos os carros quatro por quatro já foram alugados.

As coisas não melhoraram durante o jantar.

Enquanto estávamos sentados à mesa, meu pai encarava Bennett como se tentasse reconhecer um rosto que tinha visto na televisão.

– Bennett, humm? – ele disse, lançando-lhe um olhar cético por cima de sua taça de vinho. – Que tipo de nome é esse?

Eu resmunguei:

– Pai.

– Minha mãe era fã de Jane Austen, senhor. O nome do meio do meu irmão é Willoughby, então acho que até que me saí bem dessa.

O rosto do meu pai permaneceu sério.

– Você tem nome de personagem de um romance? Acho que isso explica algumas coisas.

– O seu primeiro nome, Frederick – Bennett disse, com um pequeno sorriso – é um bom nome, se me permite dizer. Frederick Wentworth é um dos protagonistas de Persuasão, um homem que trabalha duro. Minha mãe me fez ler todos os romances da Jane Austen quando eu estava no colégio, e eu geralmente obedeco minha mãe – ele provou o jantar, mastigou e engoliu, antes de dizer: – Os conselhos dela também incluíam namorar a sua filha.

– Humm. Bom, tenha cuidado com ela – meu pai disse, encarando Bennett do outro lado da mesa. – O namorado do meu assistente é da máfia, e eu duvido que alguém sentiria a sua falta.

– Pai!

Meu pai olhou para mim, com olhos arregalados e inocentes.

– O quê?

– O namorado do Mark não é da máfia.

– É claro que é. Ele é italiano.

– Isso não quer dizer nada!

– Confie em mim. Eu o conheci. Ele anda num carro preto com janelas escuras. Mark o chamou de Fat Don na festa do escritório.

– O nome dele é Glen, pai, e ele está estudando para se tornar um contador. Ele não é da máfia.

– Não entendo por que você tem que discutir comigo o tempo todo, Chloe. Só Deus sabe de quem você puxou isso.

Nesse momento, Bennett começou a rir tanto que precisou pedir licença e sair da mesa.

Mais tarde, após conquistar meu pai deixando-o ganhar no Banco Imobiliário

– como alguém acreditaria que Bennett Ryan perdeu um jogo envolvendo dinheiro é algo que eu nunca vou saber –, Bennett saiu do quarto de hóspedes e se esgueirou para minha cama.

– Você vai fazer ele nos pegar – eu disse, ao mesmo tempo em que subia nele.

– Não se você não fizer barulho.

– Humm. Nem sei quantas vezes meu pai me pegou tentando sair de casa à noite quando eu estava no colégio, e eu sempre fui silenciosa.

– Podemos parar de falar do seu pai agora? Isso está tirando minha atenção do quanto vai ser sexy transar com você na sua cama da época do colégio. E, meu Deus, Chloe. Você chama isso de calcinha? – ele disse, agarrando a pequena tira de tecido e puxando. Com força.

– Ah, meu Deus! – eu sussurrei, querendo gritar. – Era uma calcinha novinha e...

– Você adorou – ele completou, sorrindo. – Estou só fazendo minha parte da tradição.

Eu queria discutir, mas: 1) ele estava certo e 2) fiquei distraída quando ele deslizou o tecido rasgado para o lado e enfiou um dedo dentro de mim. Ele tomou minha cintura com a outra mão, encorajando-me a cavalgar nele.

– Isso, desse jeito – ele disse, com os lábios separados e os olhos voltados para o meio das minhas pernas. – Merda... tire a camisa.

Já esquecendo da calcinha rasgada, eu obedeci, tirando minha camiseta e jogando-a para trás. Ele deslizou outro dedo e eu acelerei meus movimentos, fazendo a cama chiar levemente.

Bennett se sentou, sussurrando um “Shh” contra minha boca.

– Sente um pouco.

Eu me apoiei num joelho e fiquei olhando enquanto ele descia seu pijama

pela cintura.

– Nós vamos mesmo fazer isso aqui? – eu sussurrei. A cama era pequena demais, o quarto estava quente e silencioso demais... e meu pai estava no quarto ao lado. Seria estúpido e inconveniente, mas não havia nada nesse mundo que eu quisesse mais do que isso.

Acendi o pequeno abajur para poder enxergá-lo melhor. Seus lábios estavam inchados, o cabelo bagunçado e seu sorriso parecia ridiculamente malicioso quando disse:

– Eu te amo, porra, sua garota safada. Você quer que eu fique olhando?

– Sim.

– Comece a se masturbar – ele ordenou.

Eu obedeci, devagar demais para chegar a algum lugar, mas com a velocidade perfeita para fazer seus olhos se arregalarem antes de ele se esticar para me beijar. Ele murmurou alguma coisa em meus lábios, com a língua se movendo preguiçosamente contra a minha. Ele soltava pequenos sons e passava as mãos por todo meu corpo. Seu pau deslizou sobre meu clitóris antes de entrar vagorosamente em mim.

Tudo se tornou um borrão depois disso, com a sensação de estar preenchida por inteiro, sentindo sua respiração quente e sua pele ainda mais quente. Bennett chupou meu mamilo, raspando os dentes em mim enquanto eu me movia sobre ele. Eu estava tão alheia a tudo que nem percebi o familiar ranger da porta do quarto.

– Oh, pelo amor de Deus! – meu pai gritou, e de repente pernas e braços e lençóis esvoaçaram para todo lado tentando nos cobrir. Ouvi os passos do meu pai enquanto ele se afastava do quarto pelo corredor, resmungando algo sobre sua pequena garotinha e sexo debaixo de seu teto e sinais de um ataque do coração.

Digamos apenas que Bennett e eu nunca fomos tão gratos por nada nesse mundo quanto pelo jogador de futebol que precisou de um tratamento de canal na manhã seguinte e que apenas meu pai poderia fazer. Meu pai já estava em seu consultório, esperando a chegada do jogador, antes mesmo do sol raiar.

Pois é, viagens nunca derem muito certo para nós dois.



Um sentimento de culpa me corroeu pelo resto da manhã. Eu não deveria ter rejeitado tão rapidamente a proposta de Bennett. Lá estava ele, tentando ser flexível, e lá estava eu, dizendo para ele pensar no trabalho. O que havia de

errado comigo? Tentei encontrá-lo no meio das reuniões. Tentei encontrá-lo no almoço. O mais perto que cheguei foi quando cruzei com ele no corredor, acompanhado por um grupo de executivos que tagarelavam ao seu redor como tientes perseguindo uma celebridade.

– Preciso falar com você – eu disse, apenas mexendo os lábios.

– Bat-sinal? – eu *acho* que foi sua resposta.

Concordei com a cabeça.

– Jantar?

Ele assentiu, jogou um beijo para mim e foi embora, carregado pela manada em direção ao elevador.



– Como estão as coisas?

Sara deu de ombros, arrastando outra batata frita pelo ketchup antes de jogá-la na boca, mas definitivamente sem olhar para mim.

– As coisas estão bem.

Fiquei olhando para ela. As coisas sempre estavam “bem” com Sara.

– É sério! – ela insistiu, recostando-se na cadeira. – Tem tanta coisa sendo falada sobre isso tudo. Estou apenas tentando entender o que é verdade e o que não é.

– Parece um bom plano – eu disse.

– Eu o conheço há tanto tempo que fica difícil colocar tudo no lugar. Mas, honestamente, eu estou bem.

– Sara, perdoe minha intromissão, pois acho que tecnicamente isso não é da minha conta, mas isso que você falou é a maior besteira que eu já ouvi.

– *Como é?*

– Você me ouviu! Essa história do Andy é importante demais! Bennett quer viajar comigo para a França e, além das outras duzentas razões óbvias para eu não ir, no topo da lista está você!

– *Como é?* – ela repetiu, desta vez um pouco mais alto. – Bennett quer levar você para a França? Oh, meu Deus, isso é incrível! Mas, espera, o que você quer dizer com essa história de eu estar no topo de uma lista?

– Pois é, ele quer que a gente tire umas férias antes da loucura de Nova York realmente começar – eu disse, antes de amassar meu guardanapo e jogá-lo nela. – Mas eu não quero sumir de repente porque estou preocupada com você!

Sara riu, levantando-se e andando ao redor da mesa para me abraçar.

– Isso é a coisa mais fofa e mais idiota que alguém já disse por mim. Eu te

amo, Chloe.

– Mas eu estou de mudança – acrescentei, apertando-a mais forte. – As próximas semanas seriam nossos últimos dias juntas.

Ela se sentou na cadeira ao meu lado.

– Sou uma garota crescida e sempre posso pegar um avião até a sua cidade. Eu amei, *amei* saber que você queria ficar aqui e cuidar de mim. Mas... acho que Bennett está certo – ela disse, estremeando um pouco. – Vocês precisam disso, e se conseguir arranjar tudo... bom, você deveria jogar umas roupas sexy na mala e arrastar aquele homem até a França.

Eu ri, me apoiando em seu ombro.

– Deus, isso complicaria tudo. Eu teria que encontrar alguém para fazer as entrevistas, participar de todas as minhas reuniões...

– Mas valeria a pena?

Sorri, lembrando de como Bennett parecera animado ao contar sobre a viagem, e como seu rosto murchara quando eu não mostrei o mesmo entusiasmo.

– Sim, valeria.

Seis

Rolei para o lado, agarrei meu celular no criado-mudo e desliguei o alarme com o polegar. Eu estava exausto, tendo dormido apenas duas horas. Trabalhei quase até as duas da madrugada e depois tentei ir para a cama sem acordar Chloe, mas ela se virou e subiu em cima de mim antes que eu pudesse dizer alguma coisa.

Mas até parece que eu iria impedi-la.

Não posso realmente reclamar por isso ter me custado mais uma hora de sono perdido, mas agora, quando sua mão procurava cegamente entre os lençóis, acariciando minha barriga até chegar ao meu pau, eu sabia que não podia deixá-la continuar. Eu tinha um voo para pegar, sozinho.

Ela decidiu ir para a França, mas viajaria um dia depois de mim, insistindo com muita teimosia que precisava de toda a sexta-feira para cuidar das últimas coisas. Eu esperaria por ela, mas, como a viagem foi marcada de última hora, se eu esperasse não haveria nenhum voo direto e nem assentos lado a lado. Decidi então que chegaria mais cedo para preparar nossa estadia na casa de Max.

– Acho que não temos tempo – murmurei em meio aos seus cabelos.

– Não acredito nisso – ela disse, com a voz ainda cheia de sono. – Este cara aqui – ela disse, apertando minha ereção – acha que temos bastante tempo.

– O motorista vai chegar em quinze minutos e, graças ao seu apetite na noite passada, eu preciso tomar outro banho.

– Lembra daquela vez que você só precisou de dois minutos para gozar? Você está me dizendo que não tem dois minutos?

– Sexo pela manhã nunca dura dois minutos – eu a lembrei. – Não quando você está toda sonolenta, macia e quentinha desse jeito – rolei para fora da cama e andei até o banheiro, ouvindo o som de seu gemido abafado no meu travesseiro.

Quando voltei, de banho tomado e já vestido, ela se sentou na cama, ainda abraçando meu travesseiro e tentando fingir que não estava chateada por termos que ir para a França em voos diferentes.

– Não faça beicinho – murmurei, abaixando para beijar o canto de sua boca. – Você vai só confirmar aquilo que eu sempre suspeitei: você não funciona direito

sem mim.

Eu esperava que ela fosse revirar os olhos ou me beliscar, mas apenas desceu os olhos até minha gravata e estendeu o braço para fazer um ajuste desnecessário.

– Eu *funciono* sem você. Mas não gosto de ficar longe. Sinto como se você levasse embora o meu lar.

Bom, que droga.

Joguei a mala na cama e tomei seu rosto em minhas mãos até ela olhar para mim e ver o efeito das próprias palavras. Ela sorriu e molhou os lábios com a língua.

Com um último beijo, eu sussurrei:

– Vejo você na França.

—

Eu perderia um dia na ponte aérea e chegaria no sábado. O voo da Chloe sairia apenas doze horas depois do meu, mas, como não era possível ir direto, ela teria de pegar o último voo do dia para Nova York e de lá sair para Paris no dia seguinte, chegando a Marselha na segunda-feira. Isso me daria tempo para preparar sua chegada, mas, conhecendo Max, a casa estaria impecável e cheia de comes e bebes. Ou seja, eu não teria nada para fazer.

Um Bennett ocioso... e tudo o mais.

Eu me acomodei na cabine de primeira classe, recusei o champanhe e peguei o celular para enviar uma mensagem para a Chloe.

Já embarquei. Vejo você do outro lado do oceano.

Meu celular vibrou poucos segundos depois.

Estou repensando essa viagem. Tem uma liquidação de sapatos na Dillons este fim de semana.

Eu ri e, preferindo ignorar a mensagem, guardei o celular no bolso do casaco. Fechando os olhos enquanto os outros passageiros passavam por mim, lembrei de nossas outras viagens. Nós viajamos juntos apenas algumas vezes, mas as coisas nunca saíram como planejado. Será que eu tinha alguma maldição contra viagens? Parecia que estávamos destinados a viagens que saíam do rumo, que eram feitas separadamente, que produziam discussões terríveis... ou que eram canceladas.

Senti meu estômago revirar quando lembrei de nossa tentativa de tirar férias no Dia de Ação de Graças. Em um fim de semana, por impulso, nós compramos passagens para a ilha de São Bartolomeu, na França, e alugamos uma casa à beira-mar. Deveria ser perfeito, mas ao invés disso acabou sendo a primeira vez

que Chloe parou de falar comigo desde a nossa reconciliação.

—

– Maldito filho da puta idiota!

Levantei a cabeça, erguendo as sobrancelhas até meus cabelos, enquanto Chloe batia a porta e corria até minha mesa.

– Seu pesadelo se tornou realidade novamente, srta. Mills?

– Quase isso. A Papadakis quer adiantar o lançamento.

Eu me levantei tão abruptamente que minha cadeira foi lançada para trás e bateu com força na parede.

– O quê?!

– Aparentemente, agora março é em janeiro. O primeiro comunicado de imprensa está marcado para o dia sete de janeiro.

– Essa é uma época horrível para se lançar algo desse tipo! Todo mundo ainda está bêbado ou limpando as festas de fim de ano. Ninguém sai para comprar apartamentos chiques.

– Foi o que eu disse para o Big George.

– Você também disse para ele continuar simplesmente contando as verdinhas e deixar o marketing com a gente?

Ela riu, cruzando os braços sobre o peito.

– Acho que usei exatamente essas palavras. Junto a outros termos da máfia que eu conheço.

Voltei a me sentar, esfregando as mãos no rosto. Nosso voo estava marcado para a manhã do Dia de Ação de Graças, e agora não poderíamos de jeito nenhum deixar o trabalho.

– Você disse que estava tudo bem?

Do outro lado da mesa, senti que ela permaneceu completamente congelada.

– Que outra opção eu tinha?

– Dizer a ele que não estaríamos prontos!

– Mas seria uma mentira. Nós podemos ficar prontos.

Deixei minhas mãos caírem e fiquei de boca aberta, olhando para ela.

– Sim, mas só se trabalharmos quinze horas por dia durante o feriado, e tudo isso para conseguir fazer o lançamento nessa data idiota!

Ela jogou os braços para cima, com fogo nos olhos.

– Ele está nos pagando um milhão de dólares por um marketing básico e estamos negociando outra campanha, de dez milhões. Você não acha razoável trabalhar quinze horas por dia para manter feliz o nosso maior cliente?

– É claro que sim! Mas ele não é o seu único cliente! A primeira regra do

mundo dos negócios é nunca deixar que o cachorro grande saiba o quanto os outros cachorros são pequenos.

– Mas que droga, Bennett! Eu não vou dizer que não dá pra fazer o que ele quer.

– Às vezes, um pouco de negociação pode ser uma coisa boa. Você está agindo como uma inexperiente, Mills. Se não tinha certeza do que dizer, você deveria ter passado a ligação para mim.

Eu imediatamente quis colocar aquelas palavras de volta na minha boca. Seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu e, merda, suas mãos se fecharam em punhos apertados. Eu levei minha mão para proteger o meio das minhas pernas.

– Você está falando sério? O que mais você quer fazer? Dar de comer na minha boca? Seu maldito egocêntrico!

Não consegui me segurar.

– Só se eu também te ajudar a mastigar.

Seu rosto relaxou e eu pude enxergar sua mente calculando o quanto ela queria chutar o meu traseiro.

– Nós não vamos mais para São Bartolomeu – ela disse secamente.

– Isso é óbvio. Por que você acha que estou irritado?

– Bom, mesmo se ainda fôssemos, você dormiria sozinho, com a sua mão e um tubo de lubrificante.

– Posso me virar com isso. Estas duas mãos sabem como variar de vez em quando.

Ela desviou o olhar, com o queixo apertado.

– Você está tentando me deixar ainda mais brava?

– Claro, por que não?

Seus olhos sombrios voltaram a olhar para mim. Sua voz falhou quando perguntou:

– Por quê?

– Para você sentir o máximo da dor. Porque você deveria ter falado para o George que esse tipo de decisão precisa da confirmação de toda a equipe, e que só responderíamos depois do feriado.

– Como você sabe que eu não disse isso?

– Você veio até aqui contar a notícia. Não agiu como se fosse uma sugestão.

Ela ficou me encarando, com os olhos passando por centenas de reações diferentes. Esperei para ver quantos palavrões ela conseguiria dizer em seguida, mas ela me surpreendeu simplesmente virando e indo embora.

Chloe não passou aquela noite na minha casa. Era apenas a segunda noite que passávamos separados desde sua apresentação do MBA em junho, e eu nem ousei tentar dormir. Em vez disso, fiquei assistindo Mad Men na Netflix e imaginando quem de nós se desculparia primeiro.

O problema era que eu estava certo, e sabia disso.

A manhã do Dia de Ação de Graças chegou com a neve e com um vento tão forte que me empurrou para dentro do prédio enquanto eu andava, sozinho, da garagem até meu escritório.

Nunca pensei que ela me deixaria de novo após nossa briga. Eu achava que ficaríamos juntos por um longo tempo, cujo começo oficial poderia ser amanhã ou daqui a dez anos. Não havia nada que ela pudesse fazer para me afastar.

E, embora eu achasse que Chloe pensava o mesmo, ela raramente fugia de uma discussão. Ela continuava a duelar comigo até eu ficar figurativamente de joelhos, ou até ela ficar de joelhos, mas de um jeito nada figurativo.

Apenas alguns funcionários da RMG foram trabalhar no feriado – os que faziam parte da equipe da Papadakis. E todos olharam para Chloe quando ela andou até o corredor para pegar café. Conhecendo-a bem, ela provavelmente trabalhou até tarde da noite e dormiu debaixo da mesa.

Ela nem olhou para onde eu estava de pé à porta da sala de conferência. Mesmo assim, eu quase podia ouvir seus pensamentos enquanto passava por cada um dos membros mal-humorados da equipe: “Você pode ir se ferrar. E você também. E você? O folgado com essa carranca patética? Você pode realmente ir se ferrar.”

Ela se dirigiu para seu escritório, acomodou-se e deixou a porta aberta.

Era como se dissesse “venha até aqui e reclame se tiver coragem”.

Mesmo que todos realmente quisessem encher sua orelha com reclamações por estragar os planos de todo mundo para o feriado, ninguém se atreveu a sair do lugar. O mundo dos negócios ensinara a cada um de nós uma mesma regra: o trabalho é sagrado. A última pessoa a ir embora é um herói. A primeira pessoa a chegar tem o direito de se vangloriar. Trabalhar nos feriados significa uma passagem para o Céu.

Um executivo mais experiente teria dito ao Papadakis que seu pedido era impossível, mas, como sempre, eu admirava a determinação de Chloe. Ela não estava apenas atingindo um novo patamar. Esse era o lançamento de sua carreira. Era sua fundação. Chloe se parecia comigo alguns anos atrás.

Após todos irem embora ao fim do expediente, eu bati em sua porta, gentilmente alertando-a sobre a minha presença.

– Sr. Ryan – ela disse, tirando seus óculos e olhando para mim. A silhueta da cidade piscava atrás dela, pontos de luz que cobriam toda a sua janela. – Veio até aqui para mostrar o que eu devo fazer para desenvolver um pênis, para conseguir terminar o trabalho?

– Chloe, tenho certeza de que se você quisesse desenvolver um, conseguiria fazer isso sozinha, apenas com sua força de vontade.

Ela se permitiu um meio-sorriso e recostou-se na cadeira, cruzando as pernas.

– Eu queria ter um apenas para mandar você chupar.

Não consegui conter uma risada e desabei na cadeira em frente a sua mesa.

– Eu sabia que você iria dizer isso.

Suas sobrancelhas se juntaram um pouco.

– Bom, antes que você diga mais alguma coisa: sim, eu sei que isso é um saco. E... acho que você estava certo. Poderíamos estar numa praia de São Bartolomeu agora mesmo.

Comecei a falar, mas ela ergueu a mão me pedindo para esperar.

– Mas acontece que, não importa o quanto eu deveria, eu não queria dizer não ao Papadakis. Eu queria fazer o trabalho, porque nós podemos, e nós devemos. Já estava em cima da hora de qualquer jeito e tivemos muito tempo para trabalhar nisso. Senti que não seria honesto dizer que não conseguiríamos.

– É verdade – reconheci –, mas, deixando ele mudar um prazo para o começo do trimestre, você abriu um precedente.

– Eu sei – ela disse, esfregando as têmporas com a ponta dos dedos.

– Mas na verdade, eu não vim até aqui para dizer que você estava errada. Vim até aqui dizer que entendo o que você fez. Não posso te culpar.

Ela baixou as mãos, seus olhos me estudando cuidadosamente.

– Nesse ponto da sua carreira, não posso me surpreender por você dizer sim ao Papadakis.

Sua boca se abriu e eu pude sentir uma fila de palavrões se formando em sua língua.

– Calma lá, sua bravinha – eu disse, erguendo a mão. – Não quero dizer que você é ingênua. E não quero dizer que você ainda precise amadurecer, embora seja verdade, mesmo você não gostando de ouvir isso. Quero dizer que você ainda está construindo sua carreira. Você quer mostrar para o mundo que você é um Atlas e que, para um Titã, aquela maldita esfera celestial não pesa nada. Acontece que isso afetou toda a equipe, e justo num feriado. Entendo por que você fez isso, e também entendo por que está sentindo esse conflito. Sinto muito

por você ter que encarar essa dificuldade, pois eu também já passei por isso – baixei minha voz e me aproximei. – É uma droga.

A sala escureceu, e o sol mergulhou no horizonte no momento em que terminei de falar. Chloe ficou me observando, com o rosto relaxado e praticamente indecifrável.

Bom, indecifrável para qualquer outra pessoa. Qualquer um que não tivesse visto aquele rosto milhares de vezes, uma expressão que dizia que ela queria me estapear, beijar, arranhar e depois me foder.

– Não use esse sorriso convencido – ela disse, com os olhos cerrados. – Sei o que está tentando fazer.

– O que estou tentando fazer?

– Me provocar. Bancando o durão, mas também meu amante. Que droga, Bennett.

– Você vai transar comigo no seu escritório! – eu disse, cheio de surpresa e alegria. – Deus, você é fácil.

Ela se levantou rapidamente, deu a volta na mesa e agarrou minha gravata.

– Droga – ela desfez o nó, cobriu meus olhos com a gravata e amarrou-a atrás da minha cabeça. – Pare de me estudar – ela disse em meu ouvido. – Pare de enxergar tudo.

– Nunca – fechei os olhos atrás do tecido de seda e deixei meus outros sentidos tomarem conta, sentindo o delicado aroma cítrico de seu perfume e estendendo o braço para sentir a pele macia de seus braços. Movi minhas mãos, descendo lentamente por seu corpo, e a virei, puxando-a para o meu peito. – Melhor assim?

Seu suspiro não foi direcionado a mim; foi um som de frustração genuína.

– Bennett – ela murmurou, recostando-se em mim. – Você está me deixando louca.

Agarrei sua cintura, puxando-a ainda mais e fazendo-a sentir a ereção que pressionava sua bunda.

– Pelo menos certas coisas nunca mudam.

—

Pisquei, voltando à realidade, quando a aeromoça se abaixou para me dizer alguma coisa.

– Perdão? – eu disse.

– O senhor gostaria de uma bebida com sua refeição?

– Ah, sim – eu disse, tirando de minha mente a memória do corpo de Chloe enquanto eu a comia sobre sua mesa do escritório. – Só uma dose de Grey Goose

e um pouco de gelo, por favor.

– E o que vai comer? Temos filé mignon ou uma seleção de queijos e azeitonas.

Pedi os queijos e olhei pela janela. A trinta mil pés de altura, eu poderia estar em qualquer lugar. Mas eu tinha a distinta sensação de estar voltando no tempo.

Eu não estivera na França desde meu retorno para os Estados Unidos, quando conheci Chloe em pessoa. Pela centésima vez, percebi como o velho Bennett não parecia nem um pouco familiar.

O Dia de Ação de Graças foi uma revelação porque, antes de me envolver com Chloe, eu também teria aceitado a vontade de George Papadakis sem pensar duas vezes. Chloe era tão semelhante a mim em tantos sentidos... isso era até um pouco assustador.

Sorri quando lembrei do conselho da minha mãe:

“Nunca se apaixone por alguém que coloque você em primeiro lugar. Encontre alguém que seja tão destemida e energética quanto você. Encontre uma mulher que faça você querer ser uma pessoa melhor.”

Bom, eu a encontrei. Agora, tudo que precisava fazer era esperar que ela chegasse até ali, para me certificar de que ela sabia disso.

—

O caminho até nossa casa emprestada era coberto por pequenas pedras lisas. Eram marrons e de tamanho uniforme e, embora fossem claramente selecionadas por sua aparência e pela maneira como combinavam com a paisagem, era óbvio que o local fora feito para se aproveitar, e não para ser tratado como uma preciosa e intocável peça de museu. Vasos de flores e urnas se alinhavam dos dois lados do caminho, transbordando com botões coloridos. Havia árvores por toda parte, e ao longe havia bancos separados do resto do campo por paredes de vinhas que floresciam.

Com certeza, eu nunca vira uma casa de campo tão bonita. O exterior tinha uma tonalidade avermelhada, como a cor de argila, cujo envelhecimento resultava num efeito absolutamente encantador. Cortinas brancas cobriam as grandes janelas do primeiro e segundo andares, e mais flores vibrantes cobriam a moldura das portas. O perfume no ar era uma mistura entre o aroma do oceano e de peônias.

Primaveras subiam por uma treliça e emolduravam a estreita porta dupla inspirada na França provincial. O degrau de cima estava rachado, mas limpo, e havia um simples tapete verde no chão de concreto.

Eu me virei e olhei para o jardim. No canto mais afastado, entre várias

figueiras, uma longa mesa estava coberta por uma toalha laranja e decorada com uma estreita linha de pequenas garrafas azuis de diferentes tamanhos e formatos. Havia pratos brancos limpos espaçados entre si, esperando pelos convidados para uma refeição. Um campo verde se estendia até onde eu estava, sob o estreito pórtico, interrompido apenas por ocasionais arranjos cheios de flores púrpuras, amarelas e rosas.

Peguei a chave em meu bolso e entrei na casa. Do lado de fora, dava para ver que era uma casa grande, mas por dentro o tamanho parecia se expandir quase como uma ilusão de ótica.

Meu Deus, Max, isso parece um pouco excessivo. Eu sabia que sua casa na região de Provença era grande, mas não imaginava que havia *quarto pra caralho*. Da porta da frente, eu podia ver ao menos uma dezena de outras portas conectando-se ao corredor principal, e com certeza havia incontáveis outros cômodos no andar de cima.

Parei na entrada, olhando para a enorme urna que parecia uma versão maior do vaso que minha mãe tinha em sua sala de jantar; a base de cerâmica azul era idêntica, e as mesmas bonitas linhas amarelas percorriam as laterais curvadas. Lembrei de quando Max trouxe o presente para minha mãe na primeira vez em que ele voltou para casa comigo no Natal. Na época não percebi o significado pessoal que tinha aquele presente, mas agora, olhando ao redor de sua casa de veraneio, eu podia ver trabalhos do mesmo artista em toda parte: em pratos pendurados em cima da lareira, em chaleiras moldadas à mão e um conjunto de copos simples em uma bandeja.

Eu sorri e estendi o braço para tocar a urna. Chloe ficaria maluca quando visse isso, aquele vaso era sua peça de decoração favorita na casa da minha mãe. Senti uma forte sensação de que estávamos destinados a nos encontrar aqui.

Após seu jantar de aniversário em janeiro, Chloe hesitou na sala de jantar, olhando para a impressionante coleção de arte da minha mãe. Mas em vez de fazer o óbvio e inspecionar o brilho dos vasos da Tiffany ou os intrincados detalhes das tigelas de madeira entalhada, ela foi direto para o pequeno vaso azul no canto.

– Acho que nunca vi esta cor antes – ela disse, maravilhada. – Achei que essa cor não existisse fora da minha imaginação.

Minha mãe se aproximou e tirou o vaso da prateleira. Sob a suave luz do candelabro, a cor quase parecia cintilar e mudar, mesmo quando Chloe o segurou na mão. Eu nunca tinha notado o quão bonita era aquela peça.

– É uma das minhas favoritas – minha mãe admitiu, sorrindo. – Eu também nunca tinha visto nada com essa cor.

Mas isso não era inteiramente verdade, eu pensei, ao me afastar da urna e me

dirigir até a lareira. O mar dali era dessa cor, quando o sol aparecia alto no horizonte e o céu mostrava um azul límpido. Apenas desse jeito o mar ficava exatamente com aquele mesmo azul, como o coração profundo de uma safira. Um artista que tivesse vivido ali saberia disso.

Em uma prateleira, havia três *santons* feitos à mão – as pequenas estatuetas são uma tradição de Provença. Todas aquelas obviamente haviam sido criadas pelo mesmo artista que fizera o vaso da minha mãe, a urna gigante e o resto da arte que havia na casa. Ele ou ela devia ser um artista local e, estivesse vivo ou já falecido, talvez Chloe tivesse a oportunidade de ver outras peças suas durante nossas férias. A coincidência, a perfeição de tudo, parecia quase surreal.

Os tons de azul e verde no prato montado sobre a lareira refletiam a luz do sol ao entardecer, lançando um suave brilho azul na parede de trás. Com o vento soprando as árvores lá fora e a luz do sol dançando entre as sombras, o efeito era semelhante a olhar a superfície do oceano. Junto à mobília branca e ao resto da decoração minimalista da sala de estar, aquele cenário fez eu me sentir imediatamente mais calmo. O mundo da RMG e da Papadakis, do trabalho, do estresse e do constante tocar do meu celular, tudo isso parecia estar a milhões de quilômetros de distância.

Infelizmente, isso também se aplicava a Chloe.

Como se ela pudesse ouvir meus pensamentos lá do seu voo pelo Atlântico, meu celular tocou em meu bolso e o toque para mensagens dela ecoou pela sala silenciosa.

Pegando o celular, olhei para a tela e li a mensagem: Greve dos mecânicos. Todos os voos cancelados. Estou presa em Nova York.

Sete

– Como assim *cancelado*?! – eu disse, encarando a mulher do outro lado do balcão. Ela parecia ter minha idade, com o rosto cheio de sardas e cabelos ruivos presos em um rabo de cavalo. E também parecia que estava prestes a estrangular não só eu, mas todos os outros passageiros no aeroporto LaGuardia.

– Infelizmente fomos informados de uma greve do sindicato dos mecânicos – ela disse secamente. – Todas as linhas para Provença foram canceladas. Pedimos desculpas pelo transtorno.

Bom, essas desculpas não pareciam muito sinceras. Eu continuei sem saber o que fazer enquanto digeriria suas palavras.

– Desculpa, *o quê*?!

Ela arrumou sua expressão para um sorriso totalmente ensaiado.

– Todos os voos foram cancelados por causa da greve – olhei por cima de seu ombro para a tela com as saídas e chegadas da Provence Airlines. E lá estava a palavra CANCELADO ao lado de cada linha.

– Você está me dizendo que estou presa aqui? Por que ninguém me disse isso em Chicago?

– Faremos o possível para arranjar sua acomodação para esta noite...

– Não, não, não, não, isso é impossível. Por favor, verifique novamente.

– Senhora, como eu já disse, nenhum voo da Provence Airlines vai decolar ou aterrissar. A senhora pode verificar com outras empresas se elas possuem algum voo que possa te acomodar. Não há mais nada que eu possa fazer.

Soltei um grunhido, frustrada, deixando minha testa cair no balcão. Bennett estava esperando por mim, provavelmente sentado em algum lugar tomando sol, com o laptop aberto e trabalhando como o maldito viciado em trabalho que é. *Deus, ele me excita.*

– Isto não pode estar acontecendo – eu disse, me endireitando e implorando com o olhar mais humilde que eu conseguia. – O cretino mais fofo do mundo está me esperando na França e eu não posso estragar essa viagem!

– Ceeerto – ela disse, limpando a garganta e arrumando uma pilha de papel.

Eu estava perdida.

– Quanto tempo? – perguntei.
– Não temos como saber. É claro que eles vão tentar resolver a questão o mais rápido possível. Pode demorar um dia, ou até mais.

Bom, que grande ajuda.

Com um suspiro dramático e alguns palavrões abafados, eu me arrastei para longe do balcão em busca de um canto silencioso de onde pudesse ligar para minha assistente. Ah, e enviar uma mensagem para Bennett. Isso definitivamente não daria certo.



O celular tocou em questão de segundos.

Andei pela multidão, através da manada de passageiros sem voo que tomavam quase todo o terminal da Provence Airlines, e parei em um canto ao lado dos banheiros.

– Oi.

– Que diabos você quer dizer com “presa em Nova York”? – ele gritou.

Eu estremei, afastando o celular da orelha antes de respirar fundo para me acalmar.

– Quero dizer exatamente isso. Todos os voos foram cancelados, ninguém sai e ninguém chega. Pedi para minha assistente verificar com a Delta e outras empresas, mas tenho certeza de que todo mundo já fez isso também.

– Isso é inaceitável! – ele rugiu. – Eles sabem quem você é? Deixe eu falar com alguém.

Eu ri.

– Ninguém aqui sabe ou se importa com quem eu sou. Ou com quem *você* é.

Ele ficou quieto por um momento, longo o bastante para eu ter de verificar se a linha tinha caído. Não tinha. O som de pássaros em revoada preencheu a ligação, com uma chaminé à distância. Quando ele finalmente voltou a falar, usou aquela voz grave e firme que eu conhecia tão bem. Aquela que ainda fazia minha pele se arrepiar. Aquela que usava quando falava *muito* sério.

– Diga para eles colocarem o seu traseiro num avião agora mesmo – ele disse, pronunciando cada palavra lentamente.

– Todos os voos estão lotados, Bennett. O que você quer que eu faça? Pegue carona num barco? Use um tapete voador? Relaxa, vou chegar aí quando eu puder.

Bennett gemeu e eu percebi que ele aceitou o fato de que não poderia sair dessa discutindo ou usando seu charme.

– Mas quando?

– Não sei, meu amor. Amanhã, talvez? No dia seguinte? Em breve, eu prometo!

Com um suspiro resignado, ele perguntou:

– E agora?

Ouvi o som de uma porta se abrindo e fechando, com uma música suave tocando ao fundo.

– Temos que esperar – suspirei. – Vou para um hotel, talvez trabalhar um pouco. Talvez eu possa dar uma olhada nos apartamentos enquanto estou aqui. E depois prometo que entro no primeiro voo disponível. Mesmo que eu tenha que chutar alguns empresários para fora...

– É bom mesmo que faça isso – ele disse.

Balancei a cabeça para expulsar o som daquela voz imponente.

– Então, me conte sobre a casa. É tão bonita quanto imagino?

– Mais ainda. Quer dizer, a sua presença obviamente vai deixar ainda melhor, mas caramba... Max realmente se superou com isso aqui!

– Bom, tente aproveitar. Tome bastante sol, nade, leia alguma bobagem. Ande por aí descalço.

– Andar por aí descalço? Esse é um conselho incomum, mesmo para você.

– Não enche.

– Sim, senhora.

Eu sorri.

– Sabe, acho que gosto desse seu lado. Você fica muito sexy quando recebe ordens, Ryan.

Ele riu suavemente.

– Ah, e... Chloe...

– Humm?

– Espero que não tenha colocado nenhuma calcinha na mala. Você não vai precisar.



Passei o resto do dia no aeroporto, rezando por um milagre ou um voo para a França. Não consegui nenhum dos dois.

Levei horas para localizar minha bagagem, então já estava exausta quando cheguei ao quarto do hotel. Por causa da diferença do fuso horário, já era muito tarde, ou muito cedo, para ligar para Bennett, então enviei uma mensagem enquanto preparava um banho e pedia ao serviço de quarto uma garrafa de vinho

e qualquer coisa que tivesse chocolate.

Eu tinha acabado de entrar na banheira – com uma taça de vinho e um *cheesecake* de chocolate precariamente equilibrados no canto – quando meu celular tocou. Procurei pelo chão até encontrá-lo e dei um grande sorriso quando vi o rosto do Bennett acendendo a tela.

– Pensei que você estava dormindo – eu disse.

– A cama é grande demais.

Sorri ao ouvir sua voz sonolenta. Esse era o Bennett que rolaria para o meu lado durante a noite, com os braços quentes e pesados, sussurrando palavras doces em minha pele. Ele sempre foi melhor nisso tudo do que eu, mesmo no começo.

– O que você está fazendo? – ele perguntou, puxando minha atenção de volta para o celular.

– Banho de espuma – eu disse, sorrindo com o som de seu gemido do outro lado da linha.

– Não é justo.

– E você?

– Revendo alguns documentos.

– Você encontrou meu bilhete?

– Bilhete?

– Eu deixei uma coisa para você.

– É mesmo?

– Sim. Olhe na bolsa do seu laptop.

Ouvi um ranger de couro quando ele se levantou, depois o som de seus passos no chão de azulejos, seguido de uma risada.

– Chloe – ele disse, rindo ainda mais forte –, parece que alguém deixou um pedido de resgate aqui.

– Engraçadinho.

– “Três observações sobre hoje: eu não fiz tudo que estava em minha lista de afazeres, a salada que você me preparou no almoço estava deliciosa e, mais importante, eu te amo” – ele leu, e então ficou em silêncio enquanto lia o resto do bilhete. Quando terminou, murmurou: – Eu... *merda*. Estou ficando maluco sem você aqui.

Fechei os olhos.

– O universo está conspirando contra nós.

– Sabe, parte de mim quer dizer que nada disso aconteceria se você não fosse tão teimosa e tivesse vindo comigo – comecei a protestar. – *Mas* – ele disse, continuando – sua determinação é uma das coisas de que mais gosto em você. Você nunca desiste. Você nunca espera de alguém um trabalho que você mesma

não faria. E, se mudasse isso, você não seria a mulher por quem me apaixonei. Você fez exatamente o que eu teria feito. Como sempre. E é também um pouco estranho perceber o quanto somos parecidos.

Eu me sentei em meio à água morna, levando os joelhos até o peito.

– Obrigada, Bennett. Isso significa muito para mim.

– Bom, estou falando a verdade. E você pode me mostrar sua gratidão quando trazer essa sua bunda gostosa aqui para a França. Combinado?

Revirei os olhos.

– Combinado.



Não fui para a França no dia seguinte. Nem no próximo. E no terceiro dia eu me questioneei se pegar uma carona em um barco seria mesmo uma ideia ruim.

É possível que eu tenha ligado mais para Bennett nesses três dias do que durante todo o resto do nosso namoro. Mesmo isso não era suficiente e não ajudou em nada a aliviar a ansiedade que agora vivia constantemente em meu peito.

Eu me mantive ocupada, mas não podia negar que estava com saudades de casa. Eu não sabia exatamente quando acontecera, mas, em algum ponto, Bennett se transformara no meu lar. Ele se transformara no meu *escolhido*.

E isso era aterrorizante.

Cheguei a essa conclusão quando saí para andar um pouco. Minha assistente tinha me ligado, dizendo que conseguira um lugar em um voo noturno da Air France. Meu primeiro pensamento foi contar imediatamente para Bennett. Quase saí correndo para o quarto do hotel.

Mas então eu parei, com o coração acelerado e os pulmões queimando. Quando foi que ele se tornou a coisa mais importante em minha vida? E fiquei imaginando: seria possível que ele estivesse tentando me dizer que sentia a mesma coisa? Arrumei minhas malas, atordoada, jogando as roupas de qualquer jeito e juntando as coisas que estavam espalhadas pelo quarto. Pensei no quanto ele mudara no último ano. Os momentos de silêncio à noite, a maneira como às vezes olhava para mim como se eu fosse a única mulher no planeta. Eu queria estar junto dele... sempre. E não apenas vivendo no mesmo apartamento, mas de um jeito definitivo.

Nesse momento fui atingida por uma ideia tão maluca, tão insana, que eu explodi em uma risada, quase literalmente. Nunca fui do tipo de mulher que espera as coisas acontecerem, por que isso seria diferente? Então, eu me decidi.

Bennett Ryan não tinha ideia do que estava prestes a atingi-lo.

Oito

Por mais impossível que pareça, eu estava completamente entediado naquela linda e enorme casa de campo francesa. O lugar não requeria manutenção ou limpeza, minha conexão de internet era tão lenta que eu não conseguia entrar no servidor da RMG para realizar qualquer trabalho e – talvez o mais trágico – senti que não deveria fazer certas coisas até Chloe chegar.

Parecia errado mergulhar na piscina infinita sabendo que ela estava presa em Nova York. Eu não queria passear pelos vinhedos ao redor da casa, pois achava que aquilo era algo para descobrirmos juntos. A governanta separara algumas garrafas de vinho para nós, mas só um idiota completo beberia sozinho. Descobrir o resto da casa também era um direito dela. Até então eu abrira apenas a porta de um quarto, onde dormi, sem querer avaliar nossas opções até que ela chegasse. Juntos, decidiríamos onde passar nossas noites.

É claro, se eu contasse algo sobre isso ela riria na minha cara e diria que eu estava sendo dramático. Mas era por isso que eu a queria aqui. Algo monumental acontecera comigo no outro dia, quando usei o bat-sinal, e a sensação de urgência não diminuía desde então – e provavelmente não diminuiria até ela chegar e ouvir o que eu tinha para dizer.

Andei pelos jardins, contemplei o mar e verifiquei meu telefone novamente, lendo pela centésima vez a mensagem mais recente de Chloe:

Parece que a Air France tem um lugar disponível.

Ela enviara a mensagem três horas atrás. Embora parecesse promissor, suas três mensagens anteriores haviam sido semelhantes, e no fim ela ficara de fora desses voos. Mesmo se tivesse decolado há três horas, ela não chegaria a Marselha até amanhã de manhã, na melhor das hipóteses.

Com o canto dos olhos, vi uma pessoa surgir de trás da casa e colocar um prato de comida na mesa perto da piscina. Com outra olhada em meu celular, vi que conseguira matar mais algumas horas e que era finalmente hora do almoço. Na casa havia uma cozinheira, uma mulher de cinquenta e poucos anos chamada Dominique, que assava pães todas as manhãs e, até agora, servira algumas variações de peixe, salada fresca colhida do jardim e figos. A sobremesa

consistia de *macarons* feitos à mão ou bolachinhas com geleia. Se Chloe não chegasse logo, Dominique teria que me rolar até a porta para recebê-la.

Ao lado do meu prato havia uma taça de vinho e, quando olhei para Dominique, ela parou na porta dos fundos, apontou para o vinho e disse:

– Le boire. Vous vous ennuyez, et solitaire.

Bom, que merda. Eu *estava entediado e solitário.* Uma taça de vinho não faria mal algum. Eu não estava celebrando, estava apenas sobrevivendo, certo? Agradei a Dominique pelo almoço e me sentei à mesa, tentando ignorar a brisa na temperatura perfeita, o som do oceano tão perto, a sensação do piso aquecido sob meus pés. Eu não aproveitaria nem um único segundo até que Chloe chegasse.

Bennett, você é um egocêntrico patético.

Como de costume, o peixe estava inacreditável e a salada com pequenas cebolas e cubos de queijo branco tinha tanto sabor que eu nem percebi quando minha taça ficou vazia e Dominique estava ao meu lado, enchendo-a de novo.

Comecei a impedi-la, dizendo que não precisava de mais vinho.

– Je vais bien, je n’ai pas besoin de plus.

Ela piscou para mim.

– Puis l’ignorer.

Então, ignore.

—

Uma garrafa de vinho depois e eu comecei a me perguntar por que eu mesmo não comprara uma casa de campo na França. Afinal, já morara naquele país antes e, embora eu tivesse memórias não muito agradáveis – estava longe dos amigos e família, com uma agenda extenuante de trabalho – vivera ali durante um tempo de minha vida que, em retrospecto, parecia tão curto. Eu ainda era jovem. Ainda estava apenas começando, na verdade. Chloe e eu nos encontramos quando ainda tínhamos toda nossa vida pela frente.

Inferno, se Max podia encontrar um lugar lindo como aquele, eu poderia encontrar outro ainda mais bonito e luxuoso.

O vinho deixou meus membros aquecidos e pesados, e minha cabeça cheia de pensamentos que pareciam não fazer sentido. Imaginei a loucura que seria conhecer Chloe aos meus vinte e poucos anos. Teríamos destruído aquela casa, e provavelmente durado apenas uma semana. Não é incrível como encontramos a pessoa certa no *momento* certo?

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para ela: Estou tão feliz por ter conhecido você naquela época. Mesmo sendo uma enorme cretina, você ainda é

a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Fiquei encarando o celular, esperando sua resposta, mas nada aconteceu. Será que seu telefone estava sem bateria? Ou ela estava dormindo no hotel? Será que podia enviar uma mensagem do avião? Calculei em minha mente e pensei que ela estava a seis... sete horas de diferença? Não, complicado demais. Sorri para Dominique enquanto ela me servia outra taça de vinho e enviei mais uma mensagem para Chloe: Não estou bebendo todo o vinho mas o que toei é delicioso! Prometo guardar um pouco para você.

Eu levantei e tropecei... em algo. Franzi a testa ao olhar para o gramado e imaginei se teria pisado em algum pequeno animal. Descartando esse pensamento, andei até o jardim, me espreguiçando e soltando um longo e feliz suspiro. Eu me sentia relaxado pela primeira vez desde a minha última transa com Chloe, zilhões de anos atrás. Com a barriga cheia e um pouco de vinho na cabeça, lembrei que ainda não tinha planejado a chegada de Chloe. Tínhamos algumas coisas para cuidar antes. Tínhamos uma conversa para ter e planos para fazer.

Será que eu deveria trazê-la para o jardim, ajoelhar com ela no gramado e fazê-la escutar? Ou esperar por um momento de silêncio durante o jantar e então ir até ela, tirando-a da cadeira e trazendo-a para perto de mim? Eu sabia o que queria dizer – ensaiara as palavras milhares de vezes em minha mente durante o voo até ali –, mas ainda não sabia quando as diria.

É melhor deixar ela se acostumar alguns dias aqui antes de jogar a bomba.

Fechei os olhos, recostei a cabeça e olhei para o céu. Então me permiti aproveitar, só por um instante. O clima estava espetacular. A última vez em que eu estivera ao ar livre com Chloe fora durante um churrasco na casa de Henry, no fim de semana anterior, e o clima estava apenas ameno. Após um dia sob o sol e o vento, fomos para casa e fizemos o sexo mais preguiçoso e silencioso de que eu me lembro.

Abri os olhos e imediatamente bati em meu rosto com a palma da mão.

– Ah, *merda*.

Dominique apareceu ao longe.

– Allez – ela disse, apontando para o portão principal e sugerindo que eu fosse até lá. – Se promener. Vous êtes ivre.

Eu ri. Era verdade, eu já estava bêbado. Ela me servira a garrafa de vinho inteira.

– Je suis ivre parce que vous me versa une bouteille entière de vin – acho que foi isso que eu disse.

Com um sorriso, ela ergueu o queixo.

– Allez chercher des fleurs dans la rue. Demandez Mathilde.

Isso era bom. Eu tinha uma tarefa. Encontrar flores. Perguntar pela Mathilde. Eu me abaixei para amarrar o sapato e saí pela porta da frente, seguindo em direção ao centro da cidade. Dominique era uma espertinha, me embebedara e depois me mandara para a cidade, para que eu não ficasse o dia todo em casa sem ter o que fazer. Ela e Chloe se dariam muito bem.

Pouco menos de um quilômetro rua abaixo, havia uma pequena loja cuja entrada transbordava com flores em todo tipo de recipiente: vasos, cestas, caixas, urnas. Sobre a porta havia uma placa na qual estava escrito MATHILDE em letras ornamentais.

Bingo.

Um sino tocou quando entrei e uma jovem loira surgiu na pequena sala principal da loja.

Após me receber em francês, ela rapidamente me olhou de cima a baixo e perguntou:

– Você é o americano?

– Oui, mais je parle français.

– Mas eu também falo inglês – ela disse, com seu forte sotaque carregando cada palavra. – E essa é a minha loja, então quem vai praticar sou eu.

Ela ergueu as sobrancelhas como se estivesse flertando ou me desafiando. Ela era linda, sem dúvida, mas seu contato visual demorado e o sorriso sexy me deixaram um pouco desconfortável.

Foi então que me ocorreu: Dominique sabia que eu estava entediado e solitário, mas provavelmente não tinha ideia de que eu esperava a chegada de Chloe. Ela me encheu de vinho e depois me enviou para a jovem solteira descendo a rua.

Oh, meu Deus.

Mathilde se aproximou um pouco, ajustando algumas flores em um vaso grande e esguio.

– Dominique disse que você está hospedado na casa do sr. Stella.

– Você conhece Max?

Ela riu de um jeito silencioso e discreto.

– Sim, eu conheço Max.

– Ah – eu disse, arregalando os olhos. É claro. – Você quer dizer que *conhece* o Max.

– Não sou a única que o conhece assim – ela disse, rindo novamente. Tirando os olhos de suas flores, perguntou: – Você veio aqui pelas flores? Ou acha que a

Dominique talvez tenha te enviado por outro motivo?

– Minha namorada vai chegar amanhã, ela estava presa em Nova York por causa de uma greve e agora está a caminho – eu disse de uma vez só, constrangido.

– Então você veio por causa das flores – Mathilde fez uma pausa, olhando ao redor da loja. – Que mulher de sorte. Você é muito bonito – seus olhos voltaram a me olhar. – Talvez você fique sóbrio até lá?

Franzi a testa. Então me endireitei e murmurei:

– Não estou tão bêbado.

– Não? – ela ergueu as sobrancelhas e um sorriso divertido se espalhou em seu rosto. Então andou pela loja, coletando uma variedade de flores. – Você é muito charmoso, de qualquer maneira, Amigo do Max. O vinho só deixa as pessoas menos inibidas. Aposto que normalmente você abotoa suas camisas e não gosta de pessoas que andem devagar demais na sua frente.

Franzi ainda mais a testa. Ela até que estava certa.

– Eu levo meu trabalho a sério, mas não sou assim... o tempo todo.

Mathilde sorriu, amarrando um laço nas flores. Então me entregou o buquê e deu uma piscadela.

– Aqui você não está trabalhando. Mantenha sua camisa desabotoada. E não fique sóbrio para sua amante. Existem nove camas naquela casa.

—

A porta da frente estava aberta. Será que Dominique saíra e não fechara? Senti um pânico me dominar. E se alguma coisa acontecera enquanto eu estava fora? E se a casa tivesse sido assaltada? Apesar do conselho da Mathilde, fiquei sóbrio instantaneamente.

Mas não fora assaltada. Estava exatamente do jeito que eu deixara, apenas com um pouco mais de vento entrando pela porta aberta. Mesmo assim... eu não usei essa porta; passei do quintal para o jardim da frente.

Pelo corredor, ouvi água correndo e falei para Dominique:

– Merci pour l'idée, Dominique, mais ma copine arrive demain.

Ela precisava saber o mais cedo possível que eu era uma pessoa comprometida. Quem sabe se começaria a convidar mulheres para vir até ali? Era isso que fazia para Max? *Meu Deus, aquele homem não mudou nem um pouco.*

Enquanto eu me aproximava do primeiro quarto, percebi que a água que eu ouvia era um chuveiro. E que dentro do quarto havia várias malas.

As malas de *Chloe*.

Eu poderia invadir o banheiro e lhe dar um tremendo susto. Ela fora, afinal, idiota o bastante para não fechar direito a porta da frente, permitindo que o vento a abrisse de vez. Então fora tomar banho. Apertei meu queixo e punhos ao imaginar o que poderia acontecer se outra pessoa decidisse entrar na casa.

Merda. Fazia dias que não a via e eu já queria apertar seu pescoço e depois cobri-la de beijos. Senti um sorriso crescer em minha boca. Nós éramos exatamente isso. Uma batalha tão familiar entre amor e frustração, desejo e exasperação. Ela me irritava em todos os sentidos, e então descobria outras maneiras de me irritar, que nem mesmo eu sabia que existiam.

Sua cantoria vazou do banheiro até o quarto onde eu passara a primeira noite ali. Enquanto me aproximava, espiando pela porta, fui saudado pela visão de seus longos e molhados cabelos descendo por seu corpo nu. Então ela se abaixou, deixando a bunda perfeita levantada no ar enquanto depilava as pernas e continuava cantando para si mesma.

Parte de mim queria entrar lá, tomar a lâmina de suas mãos e terminar eu mesmo o trabalho, beijando cada parte macia de sua pele. Outra parte de mim queria invadir e cumprir minha promessa de tomá-la por trás, lenta e cuidadosamente. Mas uma parte ainda maior queria apenas aproveitar a visão. Ela ainda não sabia que eu estava ali, e vê-la daquele jeito – pensando estar sozinha, cantando baixinho, talvez até pensando em mim – era como um copo de água fresca em um dia quente de verão. Eu nunca me cansaria de observá-la, em qualquer cenário. E nua, molhada, debaixo do chuveiro era um dos meus cenários favoritos.

Ela enxaguou as pernas e se levantou, virando-se para tirar o condicionador dos cabelos. Foi quando me viu. Um sorriso explodiu em seu rosto e seus mamilos endureceram. Eu quase destruí o vidro da porta para chegar até ela.

– Desde quando você está aí?

Dei de ombros, olhando o contorno de seu corpo.

– Você é tão perverso.

– *Ainda* sou perverso, você quer dizer – dei um passo para frente, cruzando os braços sobre meu peito ao me encostar na parede. – Quando você chegou, sua sorradeira?

– Meia hora atrás.

– Achei que você tinha acabado de pegar o avião em Nova York. Você achou um tapete mágico, afinal de contas?

Ela riu, inclinando a cabeça para um enxágue final antes de desligar o

chuveiro.

– Peguei o primeiro voo de que te falei. Mas achei que seria divertido fazer uma surpresa – tomando seu longo cabelo nas duas mãos, ela o puxou dos ombros e torceu para tirar o excesso de água, me encarando com olhos que pareciam cada vez mais famintos. – Acho que eu já esperava que você chegasse e me encontrasse nua tomando banho. Talvez seja por isso que eu vim pro chuveiro.

– Admito que é muito conveniente, pois estou pronto para ficar pelado também.

Chloe abriu a porta e veio direto para mim.

– Eu quis essa sua boquinha linda em mim no momento que fiquei sabendo que você estava flertando com a garota das flores.

Fiz uma cara feia.

– Ah, vamos lá – e então fiz uma pausa. – Como você sabia disso?

Ela sorriu.

– A Dominique fala inglês muito bem. Disse que ficou cansada de ver você sem nada para fazer e então te mandou até lá porque você fica muito bonito quando está irritado. Eu concordei.

– Ela... *o quê?*

– Mas estou contente por você não ter trazido Mathilde até aqui. Isso poderia ser constrangedor.

– Ou poderia ser incrível – provoqueei, puxando-a para mim e enrolando uma toalha em seus ombros. Senti a água de seu peito molhar a minha roupa.

Ela está aqui. Ela está aqui. Ela está aqui.

Eu me abaixei e passei os lábios sobre os dela.

– Oi, meu amor.

– Oi – ela sussurrou enquanto me abraçava. – Você já ficou com duas mulheres de uma vez? – ela perguntou, inclinando-se para trás e passando as mãos sob a minha camisa enquanto eu a enxugava. – Não acredito que nunca perguntei isso antes.

– Senti sua falta.

– Também senti sua falta. Responda minha pergunta.

Eu estremei.

– Sim.

Suas mãos estavam frias e as unhas arranharam meu torso.

– E mais de duas de uma só vez?

Balançando a cabeça, eu me abaixei para correr a ponta do nariz ao longo de seu queixo. Ela tinha um cheiro familiar, tinha o cheiro da minha Chloe: seu próprio aroma, cítrico e suave.

- Você não estava dizendo alguma coisa sobre querer minha boca em você?
- Especificamente entre as minhas pernas – ela ordenou.
- Foi o que pensei – eu me abaixei, peguei-a no colo e a carreguei até a cama.

Quando a coloquei no colchão, ela se sentou, se apoiou com as mãos para trás, trazendo os pés até a beira da cama... e abriu as pernas. Então me olhou e sussurrou:

- Tire a roupa.

Meu Deus, essa mulher me mataria com esse tipo de visão. Chutei meus sapatos para longe, tirei as meias e levei minhas mãos até as costas para arrancar a camisa. Após deixá-la admirar meu peitoral por alguns segundos, cocei minha barriga e sorri para ela.

- Gostou de alguma coisa que viu?

– Você está tentando me fazer um show particular? – sua mão subiu pela coxa até o meio de suas pernas. – Também sei fazer isso.

– Você está brincando comigo? – respirei fundo, tentando tirar meu cinto e abrindo os botões da calça com um único movimento. Quase caí tentando tirar a calça.

Ela tirou a mão e estendeu os dois braços para mim.

– Por cima – ela disse, aparentemente desistindo da minha boca. – Em cima de mim, quero sentir o seu peso.

Sem dúvida, isso era perfeito. Nós dois queríamos fazer amor antes de fazer qualquer outra coisa: passear, comer, conversar.

Sua pele estava muito fresca, e a minha ainda estava quente por causa do sol, da caminhada de volta para casa e da excitação de encontrá-la ali de forma tão inesperada. O contraste era incrível. Em baixo de mim, ela não era nada além de pele macia e pequenos e silenciosos gemidos. Suas unhas cravavam em minhas costas, seus dentes raspavam meu queixo, meu pescoço, meu ombro.

- Quero você dentro de mim – ela sussurrou em um beijo.
- Ainda não.

Apesar de soltar um grunhido de frustração, por um momento ela me deixou apenas beijá-la. Eu adorava a sensação de seus lábios na minha língua. Podia sentir com toda a intensidade cada ponto onde nossos corpos se tocavam: seus seios contra meu peito, suas mãos em minhas costas, os tendões de suas coxas pressionando minhas laterais. Quando ela me envolveu com as pernas, suas panturrilhas pareciam uma manta de calor ao meu redor. Levei minha mão para baixo e agarrei a parte de trás de seu joelho, puxando-o para cima em minha cintura até sentir meu pau deslizar em sua pele macia.

Em baixo de mim, ela se arqueou e começou a rebolar, conseguindo o máximo de fricção entre nós sem que eu empurrasse para dentro. Nossos beijos

começaram lentos e provocantes, e então aumentaram de intensidade para uma fome voraz antes de voltar a uma cadência mais lenta e carinhosa. Chloe me deixou prender seus braços acima da cabeça, me deixou chupar e morder seus mamilos quase até doer. Ela me perguntou o que eu queria, do que eu gostava, e se eu queria seu corpo ou sua boca primeiro. Quando estávamos nus juntos, seu primeiro instinto era sempre me dar prazer.

Aquela mulher me surpreendia. Eu tinha perdido a perspectiva de quem ela era fora de nossa relação. Comigo, ela podia ser qualquer coisa. Coragem e medo não eram opostos. Ela podia ser maldosa e doce, safada e inocente. Eu queria ser tudo para ela, da mesma maneira.

– Eu adoro o jeito como nós nos beijamos – ela sussurrou, com as palavras pressionadas em meus lábios.

– Como assim? – eu sabia do que ela estava falando. Sabia exatamente o que ela queria dizer, mas queria ouvi-la falar o quanto tudo era perfeito.

– Só adoro o fato de que beijamos igual. Você sempre parece saber exatamente como eu quero.

– Eu quero ser casado – soltei de repente. – Eu quero que você se case comigo.

Meeeeerrrrda.

E então, todo o meu discurso cuidadosamente ensaiado foi jogado pela janela. O anel da minha avó estava em uma caixinha dentro da gaveta – longe de mim – e meu plano de ajoelhar e fazer tudo direito simplesmente evaporou.

Dentro dos meus braços, Chloe permaneceu completamente imóvel.

– O que você acabou de dizer?!

Estraguei completamente o plano, mas agora era tarde demais para voltar atrás.

– Sei que estamos juntos há pouco mais de um ano – expliquei rapidamente. – Talvez seja cedo demais. Eu entendo se você achar que é cedo demais. É só que, sabe quando você disse que adora o jeito como nos beijamos? Eu sinto o mesmo em relação a tudo o que fazemos juntos. Eu amo tudo. Eu amo entrar em você, amo trabalhar com você, amo ver você trabalhando, amo discutir com você e amo simplesmente sentar no sofá e rir com você. Eu me sinto perdido quando não estou com você, Chloe. Não consigo pensar em nada, ou ninguém, que seja mais importante para mim. Então, na minha mente, isso significa que de certa maneira já estamos casados. Acho que agora eu quero tornar isso oficial de algum jeito. Talvez eu esteja falando bobagem – olhei para ela, meu coração tentando sair pela boca. – Eu nunca pensei que fosse sentir isso por alguém.

Ela me encarou, com olhos arregalados e lábios separados, como se não conseguisse acreditar no que ouvia. Fiquei de pé e fui até o armário, tirando a

caixinha da gaveta e levando até ela. Quando abri e mostrei o antigo anel de diamante e safira da minha avó, ela bateu com a mão sobre a boca.

– Quero me casar – eu disse novamente. Seu silêncio me deixava nervoso e, merda, com minhas palavras atropeladas, eu estragara completamente o momento. – Casar com *você*, quer dizer.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela levou a mão até o rosto, tentando não piscar.

– Você. É. Tão. Idiota.

Bom, isso foi inesperado. Eu sabia que talvez fosse cedo demais, mas... um idiota? Sério? Cerrei meus olhos.

– Um simples “é cedo demais” seria suficiente, Chloe. Deus. Eu abro meu coração desse jeito e você...

Ela saiu da cama e correu até uma de suas malas, vasculhando lá dentro e tirando uma pequena sacola de tecido azul. Trouxe até mim, com o laço pendurado em seu longo dedo indicador, e balançou a sacola na frente do meu rosto.

Eu a peço em casamento e ela me entrega um souvenir de Nova York?

– Que droga é essa, Chloe?

– O que você acha, gênio?

– Não banque a espertinha comigo, Mills. É uma sacola. Até onde eu sei, tem uma barra de cereais aí dentro, ou um absorvente, sei lá.

– É um anel, seu tonto. Para você.

Meu coração estava batendo tão forte e rápido que quase pensei que fosse um ataque.

– Um anel para *mim*?

Ela tirou uma pequena caixa da sacola e me mostrou. Era de platina polida, com uma faixa de titânio no meio.

– Você ia me pedir em casamento? – perguntei, ainda completamente confuso.

– As mulheres fazem isso?

Ela me deu um soco forte no braço.

– Sim, seu machista. E você totalmente roubou o meu momento.

– Então, isso é um “sim”? – perguntei, minha perplexidade aumentando. – Você vai se casar comigo?

– Você é quem tem que responder! – ela gritou, porém estava sorrindo.

– Tecnicamente, você não pediu ainda.

– Mas que droga, Bennett! Você também não!

– Você quer casar comigo? – perguntei, rindo.

– *Você quer casar comigo?*

Com um gemido, peguei a caixinha e a deixei cair no chão. Depois lancei

Chloe de costas na cama.

– Você sempre vai ser impossível assim?

Ela assentiu, com olhos arregalados e o lábio preso nos dentes. *Merda.* Poderíamos resolver isso mais tarde.

– Pegue o meu pau – eu me abaixei, beijei seu pescoço e grunhi quando ela me agarrou. – Guie até você.

Ela aqueceu os quadris debaixo de mim até eu sentir que estava bem na sua entrada. Deslizei para dentro devagar, mesmo que cada músculo e tendão em meu corpo quisesse entrar com força e descontroladamente. Gemi, tremendo por cima dela, sentindo como se estivesse afundando por dentro.

Movendo meus quadris para frente e para trás, senti seus braços me envolverem e seu rosto mergulhar em meu pescoço enquanto ela se erguia para acompanhar meus movimentos. Levou apenas mais dois movimentos para que nos tornássemos mais selvagens e frenéticos.

– Goza pra mim – sussurrei em sua boca, lambendo, implorando. Levantei sua perna, preendi em sua lateral e entrei mais fundo. Meus olhos se fecharam por um momento e senti como se fosse explodir a qualquer instante.

Ela pressionou o rosto de volta no travesseiro, abriu os lábios para tentar respirar e eu aproveitei a oportunidade para deslizar minha língua em sua boca.

– Assim está bom? – sussurrei, apertando sua cintura com a ponta dos dedos. Ela adorava o limiar entre dor e prazer, aquele ponto perfeito que descobrimos cedo em nossa relação. Ela assentiu novamente e eu acelerei os movimentos, enchendo minha cabeça com seu cheiro. Lambi sua garganta, seu pescoço, deixei uma marca de mordida em seu ombro.

– Aqui em cima – ela disse, puxando-me de volta para seu rosto. – Me beija.

Então eu beijei. De novo e de novo, até ela começar a arfar e se contorcer debaixo de mim, implorando para eu acelerar. Senti sua barriga ficar tensa e então suas pernas me apertaram ainda mais, a intensidade de seus gritos aumentando em meu ouvido.

Apertando o queixo, tentei não pensar no meu próprio orgasmo, querendo mais intensidade, mais tempo, querendo sentir ela gozar de novo antes mesmo que eu pensasse em chegar perto do clímax.

Seus gemidos ficaram mais altos. Chloe gritou e então ofegou e tentou se afastar, mas eu sabia que ela poderia gozar de novo. Sabia que ela estava sensível, mas podia aguentar mais.

– Não se afaste. Você ainda não terminou. Não está nem perto de terminar. Goza de novo para mim.

Seus quadris relaxaram em minhas mãos enquanto ela agarrava meus cabelos com mais força.

– Oh – foi apenas um suspiro. Mas havia tanta coisa contida nesse único e silencioso suspiro...

Eu a apertei ainda mais, segurando seus quadris e os inclinando com meus movimentos.

– Isso, assim.

– Vou gozar – ela disse, arfando. – Não posso... não posso...

Seus quadris tremeram e eu a agarrei o mais forte que conseguia.

– Não se *atreva* a parar.

– Me toque... lá – ela disse, e eu sabia o que queria. Beijei seu pescoço antes de lambar meus dedos e deslizar por suas costas, tocando, pressionado.

Com um grito agudo, ela gozou novamente, os músculos, debaixo de sua pele macia, me apertando ainda mais. Respirei fundo e deixei meu orgasmo explodir por minhas costas e percorrer todo o meu corpo. Pontos de luz piscavam atrás dos meus olhos fechados. Eu mal podia ouvir seus gemidos roucos sob o som do sangue latejando em meu ouvido.

– Sim, sim, sim, sim... – ela disse, em delírio, antes de desabar no travesseiro.

Senti como se as paredes tremessem no silêncio que se seguiu. Minha mente sacudia com a necessidade que eu sentia por ela; era desorientador.

– Sim – ela ofegou uma última vez.

Permaneci totalmente imóvel enquanto a consciência voltava lentamente aos meus pensamentos.

– Sim?

Então, com os membros ainda trêmulos e a respiração ofegante, ela me deu um enorme sorriso.

– Sim... Eu também quero me casar com você.

Agradecimentos

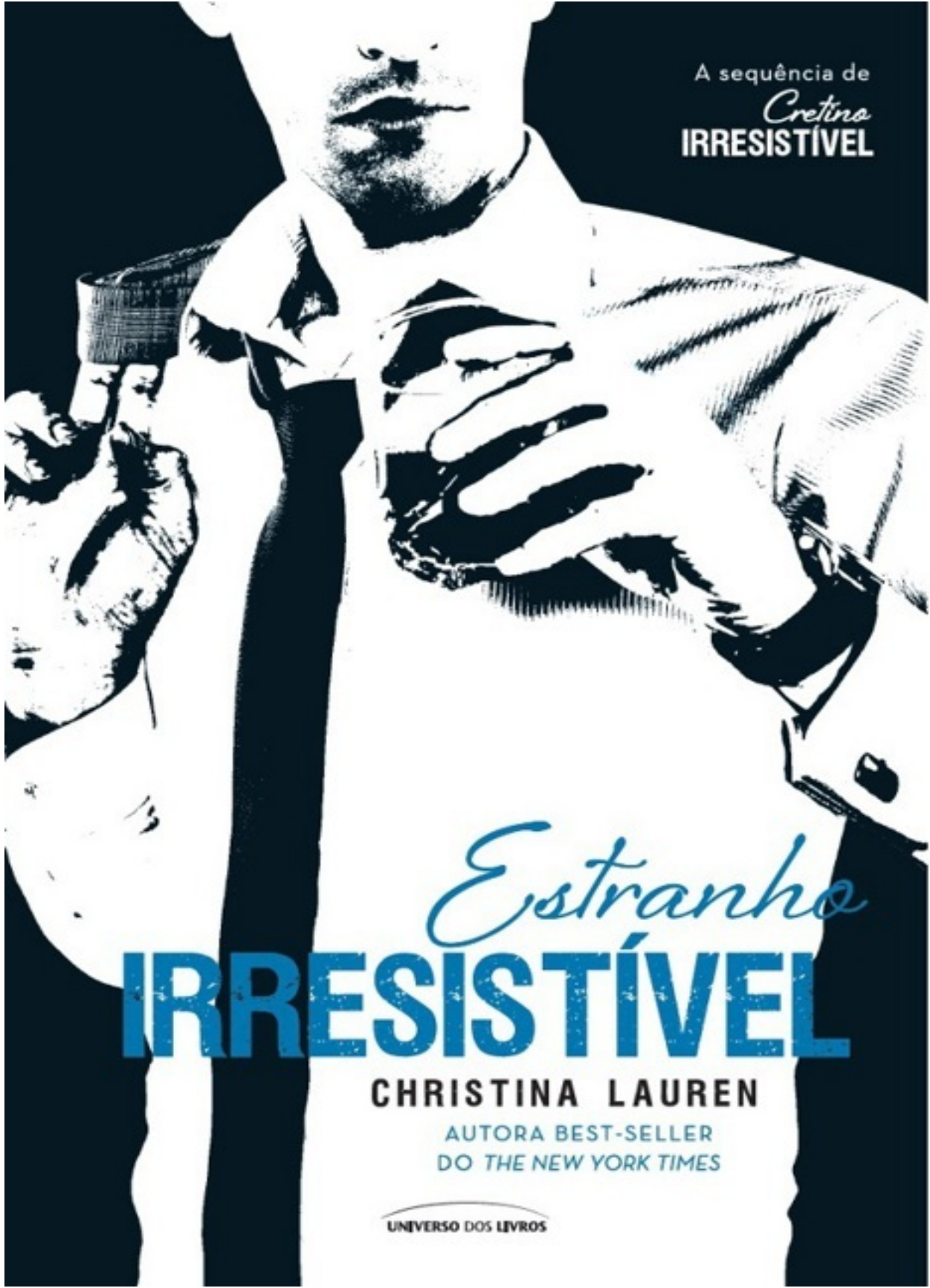
Obrigada às leitoras que também queriam mais desses dois. Os seus tuítes, posts no Facebook, e-mails, comentários e resenhas nos fizeram sentir como as duas garotas mais sortudas do mundo. Sem vocês, não existiria *nada* IRRESISTÍVEL.

Obrigada a Adam Wilson por nos fazer morrer de rir enquanto editávamos o texto, à meia-noite de uma terça-feira. Para duas pessoas que se dizem escritoras, nós somos surpreendentemente inarticuladas quando queremos expressar o quanto valorizamos sua confiança em nós.

Obrigada a todos na Gallery por aceitar nossas palavras bobas e pornográficas.

Holly Root, obrigada por ser sempre calma e estruturada e por continuar nos deixando brincar em todas as caixas de areia. E um obrigada a nossas famílias, por ficarem tão animados com isso quanto nós.

Lo, você coloca o ← nas minhas palavras. Christina, você coloca o → nas minhas histórias. Está na hora de apostar corrida até o estúdio de tatuagens em Paris.



A sequência de
Cretina
IRRESISTÍVEL

Estranho
IRRESISTÍVEL

CHRISTINA LAUREN

AUTORA BEST-SELLER
DO THE NEW YORK TIMES

UNIVERSO DOS LIVROS



A sequência de
Cretina
IRRESISTÍVEL

Estranho
IRRESISTÍVEL

CHRISTINA LAUREN

AUTORA BEST-SELLER
DO THE NEW YORK TIMES

UNIVERSO DOS LIVROS

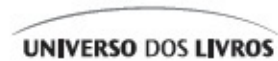
***Estranho* IRRESISTÍVEL**

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

CHRISTINA LAUREN

***Estranho* IRRESISTÍVEL**

São Paulo
2013



Portuguese Language Translation copyright © 2013 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful Stranger

Copyright © 2013 by Lauren Billings and Christina Hobbs
All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher, Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

© 2013 by **Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editores-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Cássio Yamamura e Raíça Augusto**

Tradução: **Felipe CF Vieira**

Preparação: **Bóris Fatigati**

Revisão: **Louise Bonassi**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Fine Design**

Foto: **bart78/Shutterstock Images**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412e

Lauren, Christina
Estranho irresistível / Christina Lauren; tradução de Felice C. F. Vieira.
– São Paulo : Universo dos Livros, 2013. (Beautiful Bastard, v. 2).
288 p.

ISBN: 978-85-7930-574-0
Título original: *Beautiful Bastard*

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção
I. Título II. Vieira, Felice C. F.

13-0814

CDD 813.6

Prólogo

Quando minha antiga vida morreu, não se pode dizer que foi calmamente, durante o sono. Ela levou um tiro.

Para ser honesta, fui eu mesma quem apertou o gatilho. Em apenas uma semana, coloquei minha casa para alugar, vendi meu carro e terminei com meu namorado galinha. E, embora eu tivesse prometido aos meus pais superprotetores que teria juízo, foi apenas quando já estava no aeroporto que liguei para minha melhor amiga para contar que estava me mudando.

Foi nesse momento que a ficha caiu, num perfeito instante de lucidez.

Eu estava pronta para começar de novo.

– Chloe? Sou eu – minha voz estava trêmula enquanto eu olhava ao redor do terminal. – Estou indo para Nova York. Espero que a oferta de emprego ainda esteja de pé.

Ela gritou, deixou cair o telefone e, então, ao fundo, ouvi que ela tentava tranquilizar alguém, dizendo que estava tudo bem.

– A Sara está vindo – ela explicou, e meu coração se apertou só de pensar em estar lá com eles no começo daquela nova aventura. – Ela mudou de ideia, Bennett!

Ouvi um som de celebração, como se alguém estivesse batendo palmas, e ele disse algo que não consegui escutar direito.

– O que ele disse?

– Perguntou se o Andy vem com você.

– Não – parei um pouco para controlar a sensação ruim em minha garganta. Fiquei com o Andy por seis anos, e, por mais feliz que estivesse por finalmente terminar tudo, essa virada dramática em minha vida ainda parecia surreal. – Eu terminei com ele.

Ouvi Chloe quase engasgar:

– Você está bem?

– Melhor do que bem – e estava mesmo. Acho que não tinha percebido exatamente o *quanto* eu estava bem até aquele momento.

– Acho que foi a melhor decisão que você já tomou – ela me disse, e então fez

uma pausa para escutar Bennett falando ao fundo. – Bennett disse que você vai cruzar o país como um cometa.

Mordi meu lábio, segurando um sorriso.

– Quase isso. Estou no aeroporto.

Chloe soltou um grito entusiasmado e prometeu me encontrar no aeroporto LaGuardia.

Eu sorri, desliguei e entreguei minha passagem no balcão de embarque, pensando que um cometa seria algo concentrado demais, obstinado demais. Eu parecia mais uma velha estrela, queimando minhas últimas energias, com minha própria gravidade me puxando para dentro, quase me esmagando. Eu não tinha mais forças para minha antiga vida perfeita, meu emprego previsível, meu relacionamento sem amor – estava exausta, com apenas vinte e sete anos. Como uma estrela, minha vida em Chicago desabou debaixo da força de seu próprio peso, então decidi ir embora. Grandes estrelas deixam buracos negros para trás. Pequenas estrelas deixam anãs brancas. Eu mal estava deixando uma sombra. Toda minha luz estava indo comigo.

Eu estava pronta para começar de novo como um cometa: me reabastecendo, reacendendo e queimando através do céu.

Um

– Você vai usar o vestido prateado ou eu vou te matar – disse Julia na “área da comida”, que era minha nova maneira de chamar aquele espaço. Com certeza não era grande o suficiente para ser chamado de cozinha.

Saí de um grande prédio de estilo vitoriano nos subúrbios de Chicago para um adorável apartamento no East Village do tamanho da minha antiga sala de estar. Parecia ainda menor depois que desfiz as malas, coloquei tudo no lugar e recebi minhas duas melhores amigas. A sala de estar/sala de jantar/área da comida era cercada por grandes janelas que se projetavam para fora do prédio, mas o efeito deixava o espaço menos elegante e mais como um aquário. A Julia ficaria apenas o fim de semana, para uma noite de celebração, mas ela já tinha perguntado ao menos dez vezes por que eu havia escolhido um lugar tão pequeno.

A verdade era que eu tinha escolhido por ser diferente de tudo que já experimentei. E porque apartamentos pequenos são basicamente a única opção em Nova York quando você vai morar lá pela primeira vez.

No quarto, experimentei o pequeno vestido cheio de lantejoulas e fiquei olhando a quantidade de perna branca que eu mostraria à noite. Odiei quando meu primeiro instinto foi pensar se o Andy consideraria revelador demais, enquanto meu segundo instinto foi perceber que eu adorava aquilo. Eu teria que deletar imediatamente todos aqueles pensamentos retrógrados de Andy.

– Diga uma única boa razão para eu não vestir isto hoje.

– Não consigo pensar em nenhuma – Chloe entrou no quarto usando um vestido azul-marinho que parecia flutuar como se fosse algum tipo de aura. Ela estava, como de costume, inacreditável. – Vamos sair para beber e dançar, então mostrar um pouco de pele é essencial.

– Não sei o quanto de pele quero mostrar – eu disse. – Estou dedicada a manter meu status de garota solteira por um tempo.

– Bom, algumas garotas vão mostrar até a bunda, então você não vai se destacar na multidão, se é isso que está te preocupando. Além disso – ela disse, apontando para a rua lá fora –, é tarde demais para trocar de roupa. A limusine já chegou.

– Você deveria mostrar a bunda. Foi você quem passou três semanas na França tomando banho de sol pelada e bebendo o dia inteiro – eu disse, rindo.

Chloe soltou um pequeno sorriso secreto e enlaçou o braço em mim.

– Vamos lá, minha linda. Eu passei as últimas semanas com o meu cretino. Está na hora de ter uma noite com as amigas.

Entramos no carro e Julia abriu o champanhe. Com apenas um gole borbulhante, o mundo inteiro ao meu redor pareceu evaporar e nos tornamos apenas três amigas numa limusine cruzando as ruas para celebrar uma nova vida.

E não iríamos apenas celebrar a minha chegada: Chloe Mills estava noiva, Julia estava nos visitando e a nova Sara solteira tinha um pouco de vida para viver.



A boate estava escura, ensurdecadora e cheia de corpos se contorcendo: na pista de dança, nos corredores, no bar. Uma DJ tocava num pequeno palco, e cartazes cobrindo toda a entrada asseguravam que ela era a mais nova e mais quente DJ que o Chelsea tinha para oferecer.

Julia e Chloe pareciam estar completamente ambientadas. Eu me sentia como se tivesse passado a maior parte da infância e da vida adulta em eventos calmos e formais; agora, era como se tivesse saído de vez da minha silenciosa história em Chicago e entrado no mais típico conto nova-iorquino.

Era perfeito.

Forcei o caminho até o bar; meu rosto estava corado, o cabelo molhado de suor e sentia que minhas pernas não tinham sido usadas daquele jeito em anos.

– Com licença! – gritei, tentando chamar a atenção do barman.

Eu nem sabia o que eram, mas já tinha pedido os seguintes drinques: “mamilos escorregadios”, “mistura de cimento” e “peitos roxos”. Com o clube lotado ao máximo e a música tão alta que até fazia meus ossos tremerem, o barman nem levantava a cabeça para me olhar. É verdade, ele estava realmente superocupado, e fazer os mesmos drinques chatos a toda hora era um trabalho tedioso. Mas eu tinha uma amiga recém-noiva, dançando feito louca na pista e querendo mais bebidas.

– Ei! – chamei, batendo com a mão no balcão.

– Ele está realmente se esforçando para ignorar você, não é?

Olhei para cima – para cima *mesmo* – e vi o rosto do homem que estava encostado em mim no balcão do bar lotado. Ele tinha quase o tamanho de uma árvore e fez um gesto com a cabeça em direção ao barman.

– Você nunca deve gritar com um barman, flor. Principalmente com a bebida

que você vai pedir. Pete odeia preparar drinque de mulherzinha.

É claro. Típico da minha vida: encontrar um homem lindo apenas alguns dias depois de jurar que ficaria solteira. Um homem com sotaque britânico. O universo tinha mesmo um senso de humor hilário.

– Como você sabe o que eu vou pedir? – meu sorriso aumentou, tentando imitar o dele, mas provavelmente parecendo bem menos charmoso. Dei graças a Deus pelos drinques que eu já tinha bebido, pois a Sara sóbria teria respondido com monossílabos, um aceno de cabeça e só. – Talvez eu fosse pedir uma cerveja Guinness. Nunca se sabe.

– Dificilmente. Observei você pedindo esses drinques coloridos a noite toda.

Ele estava me observando a noite toda? Eu não sabia se isso era fantástico ou meio esquisito.

Mudei de posição e ele seguiu meus movimentos. Ele tinha traços angulares, com um queixo quadrado e maçãs do rosto esguias, olhos luminosos e pesadas sobrelhas negras, além de uma covinha profunda do lado esquerdo que surgiu quando seu sorriso se espalhou pelos lábios. Parecia ter mais de um metro e oitenta, com um corpo grande o bastante para minhas mãos explorarem por semanas.

Olá, Nova York.

O barman voltou e ficou olhando para o homem ao meu lado como se estivesse esperando um pedido. Meu estranho irresistível mal levantou a voz, mas era tão grave que foi ouvida sem dificuldade:

– Três dedos de uísque Macallan, Pete. E traga também o pedido desta garota. Ela está esperando faz uma década, sabe?

Ele se virou para mim, com um sorriso que despertou uma sensação quente em minha barriga:

– Quantos dedos você quer?

Suas palavras explodiram em meu cérebro, e minhas veias se encheram de adrenalina.

– O que você disse?

Ingênuo. Ele tentou se mostrar ingênuo suavizando a expressão do rosto. Até que funcionou, mas eu conseguia ver em seus olhos estreitos que não havia uma só célula ingênua em seu corpo.

– Você realmente acabou de me oferecer só três dedos? – perguntei.

Ele riu, esticando em cima do balcão a maior mão que eu já havia visto. Seus dedos eram do tipo que poderiam agarrar uma bola de basquete com apenas uma mão.

– Flor, é melhor você começar com dois.

Olhei mais atentamente para ele. Tinha olhos amistosos e mantinha uma boa

distância, mas estava perto o bastante para me deixar saber que estava ali apenas para conversar comigo.

– Você é bom de insinuação.

O barman bateu com os dedos no balcão e perguntou qual era meu pedido. Limpei a garganta, preparando-me para passar vergonha.

– Três “boquetes”.

Ignorei sua irritação com o pedido e voltei a prestar atenção em meu estranho.

– Você não parece uma nova-iorquina – ele disse, com o sorriso minguando levemente, mas nunca deixando de sorrir com os olhos.

– Nem você.

– *Touché*. Nasci em Leeds, trabalhei em Londres e me mudei para cá há seis anos.

– Cinco dias – admiti, apontando para meu peito. – Sou de Chicago. A empresa em que eu trabalhava abriu um escritório aqui e me trouxe para chefiar o financeiro.

Uau, Sara. Informação demais. Você pode estar incentivando um maluco sequestrador.

Fazia tanto tempo desde a última vez em que eu havia *olhado* para outro homem desse jeito. Claramente, Andy era um mestre nesse tipo de situação, mas infelizmente eu nem sabia mais como paquerar. Olhei para trás tentando ver Julia e Chloe dançando, mas não consegui encontrá-las no meio do emaranhado de corpos na pista. Eu estava tão enferrujada para aquele ritual que praticamente tinha virado uma virgem de novo.

– Financeiro? Eu também sou um cara dos números – ele disse, e esperou eu olhar de volta antes de abrir o sorriso mais um pouco. – É bom ver mulheres nessa posição. Muitos homens mal-humorados de calça comprida fazendo reuniões só para ouvir uns aos outros dizendo as mesmas coisas de novo e de novo.

Sorrindo, eu disse:

– Eu sou mal-humorada às vezes. E também uso calças de vez em quando.

– Aposto que também usa calça de baixo.

Estreitei os olhos.

– Isso significa alguma coisa diferente na Inglaterra, não é? Você está fazendo outra insinuação?

Sua risada se espalhou calorosamente em minha pele.

– Calça de baixo é o que vocês americanos chamam de “roupas íntimas”.

Quando ele disse isso, a palavra *íntimas* soou quase como um gemido que ele soltaria durante o sexo, e isso fez algo dentro de mim derreter. Enquanto meu queixo caía, meu estranho inclinou a cabeça e me observou.

– Você é muito encantadora. E não parece alguém que frequenta muito este tipo de estabelecimento.

Ele estava certo. Mas era tão óbvio assim?

– Não sei como interpretar isso.

– Pense nisso como um elogio. Você é a pessoa mais interessante deste lugar – ele limpou a garganta e olhou para Pete, que voltava com meus drinques. – Por que você está levando todos esses drinques açucarados para a pista?

– Minha amiga acabou de ficar noiva. Estamos fazendo uma noite só de garotas.

– Então é improvável que você saia daqui comigo.

Pisquei, então pisquei de novo, *incrédula*. Aquela sugestão franca estava oficialmente fora do meu eixo. *Muito* fora.

– Eu... o quê? Não.

– Que pena.

– Você está falando sério? Você acabou de me conhecer.

– E já tenho um desejo enorme de devorar você.

Ele pronunciou as palavras lentamente, quase sussurrando, mas elas ecoaram em minha cabeça como uma explosão. Era óbvio que ele não era novato nesse tipo de interação – propor uma noite de sexo sem compromisso – e, embora *eu* fosse novata, quando ele me olhou daquele jeito eu sabia que poderia acabar seguindo-o para qualquer lugar.

Todo o álcool que eu tinha tomado pareceu me acertar de uma vez e trancei as pernas na frente dele. Ele me ajudou a voltar à posição anterior colocando a mão em meu ombro e sorrindo com malícia.

– Cuidado, flor.

Pisquei de novo para clarear a mente.

– Certo, quando você sorri para mim desse jeito, eu sinto vontade de te agarrar. E Deus sabe que faz uma eternidade desde que alguém me pegou devidamente – olhei para ele de cima a baixo, aparentemente jogando toda a civilidade pela janela. – E algo me diz que você poderia fazer esse trabalho muito bem. Quer dizer, *caramba*, olhe para você.

E olhei. De novo. Respirei fundo, e ele respondeu com um sorriso divertido.

– Mas eu nunca fico com estranhos aleatórios em bares, e eu estou aqui com as minhas amigas, celebrando o casamento incrível que vai acontecer, então... – juntei os drinques nas mãos – nós vamos tomar tudo isso aqui.

Ele assentiu uma vez, lentamente, o sorriso se abrindo mais um pouco, como se tivesse acabado de aceitar um desafio:

– Certo.

– Então, vejo você por aí.

- Espero que sim.
 - Aprecie seus três dedos com moderação, estranho.
- Ele riu.
- Aprecie também seus “boquetes”.



Encontrei Chloe e Julia na mesa, acabadas e suadas, e deslizei os drinques na frente delas. Julia colocou um na frente de Chloe e levantou o outro.

– Que todos os seus boquetes desçam redondos assim! – ela envolveu o copo com a boca, levantou as duas mãos para o alto e jogou a cabeça para trás, engolindo tudo de uma só vez.

– Caramba... – murmurei, olhando para ela admirada, enquanto Chloe ria ao meu lado. – É assim que eu tenho que fazer? – abaixei a voz e olhei ao redor. – Como um boquete *de verdade*?

– Já virei mestre em não engasgar – Julia limpou a boca com o braço sem cerimônia e explicou: – É assim que a gente bebia na faculdade. Agora, vamos lá – ela cutucou Chloe. – É a sua vez.

Chloe se inclinou na mesa e tomou o copo com a boca sem usar os braços, como Julia havia feito, e depois chegou a minha vez. Minhas duas amigas se viraram para mim.

– Conheci um cara gostosão – eu disse sem pensar. – *Realmente* gostosão. E, tipo, com uns cinco metros de altura.

Julia deixou o queixo cair.

– Então por que você está aqui tomando boquetes *de mentira* com a gente?

Eu ri, balançando a cabeça. Não sabia como responder. Eu poderia ir embora com ele e a noite poderia mesmo acabar no território dos boquetes – se fosse a vida de outra pessoa bem mais aventureira do que eu.

– Hoje é a noite das garotas. Você só vai ficar aqui por dois dias. Eu estou bem assim.

– Foda-se isso. Vá aproveitar agora.

Chloe veio me socorrer:

– Estou feliz por você achar alguém que considere gostosão. Faz uma eternidade que você não sorri assim por causa de um homem – seu rosto mudou para uma expressão mais séria enquanto reconsiderava o que disse. – Para falar a verdade, acho que nunca vi você sorrir por causa de homem nenhum.

Com a verdade tão exposta naquela mesa, peguei meu drink e, ignorando os protestos de Julia, virei o copo com a mão e bebi tudo de uma vez. Era doce, delicioso e exatamente o que eu precisava para clarear a mente e esquecer o

idiota em Chicago e o estranho bonitão no bar. Então arrastei minhas amigas para a pista de dança.

Em questão de segundos eu me senti com a cabeça leve, como se estivesse flutuando por aí. Chloe e Julia pulavam ao meu redor, gritando a letra das músicas, também perdidas no mar de corpos suados que nos envolvia. Desejei que minha juventude se prolongasse um pouco mais. Longe da minha vida rotineira e cheia de compromissos em Chicago, eu conseguia agora enxergar o quanto tinha deixado de aproveitar. Apenas ali, com a DJ embalando música após música, fui capaz de perceber como eu poderia ter passado meus dias quando tinha vinte e poucos anos: debaixo das luzes, dançando num vestido curtinho, conhecendo homens que desejavam me devorar, vendo minhas amigas agirem como loucas, selvagens e bobas.

Eu não precisava ter ido morar com meu namorado aos vinte e dois anos.

Eu poderia ter vivido uma vida longe do mundo certinho dos sorrisos forçados e das aparências sociais.

Eu poderia ter sido *esta* garota: vestida para matar, dançando até o mundo acabar.

Para minha sorte, ainda não era tarde demais. Abri os olhos e vi Chloe sorrindo para mim e respondi com outro sorriso.

– Estou tão feliz por você estar aqui! – ela gritou.

Comecei a responder com outro juramento de amizade eterna, mas, logo atrás de Chloe, no meio das sombras da pista de dança, estava o meu estranho. Nossos olhos se encontraram e não paramos de olhar um para o outro. Ele estava bebericando seus três dedos de uísque com um amigo – e, vendo como pouco se surpreendeu por ser flagrado me olhando, entendi que vinha observando a noite toda cada movimento que eu fazia.

O efeito dessa percepção foi mais potente do que o álcool. Aqueceu cada centímetro da minha pele, queimou o meu peito e continuou descendo: o calor passou pelas minhas costelas e se concentrou em minha barriga. Ele levantou o copo oferecendo um brinde, tomou um gole e sorriu. Senti meus olhos se fecharem lentamente.

Eu queria dançar para ele.

Nunca em minha vida eu me senti tão sexy, tão completamente no controle daquilo que eu queria. Eu tinha feito pós-graduação, encontrado um bom emprego e até redecorado minha casa com pouco dinheiro. Mas nunca me senti uma mulher madura como estava me sentindo ali, dançando como louca com um belo estranho em pé nas sombras, me observando.

Aquele momento – aquele *exato* momento – seria meu recomeço.

O que significava ser devorada? Será que ele quis dizer aquilo de maneira tão

explícita como parecia? Com sua cabeça entre minhas coxas, braços envolvendo meus quadris e mantendo minhas pernas abertas? Ou ele quis dizer por cima de mim, dentro de mim, chupando minha boca, meu pescoço, meus seios?

Um sorriso se abriu em meu rosto e joguei meus braços para o alto. Eu podia sentir a barra do meu vestido subindo pelas minhas coxas, mas não me importava. Fiquei pensando se ele havia notado. Eu *esperava* que tivesse notado.

Pensei que, se ele fosse embora, então o momento seria arruinado, por isso não olhei de novo. Eu não estava acostumada com o protocolo das paqueras em boates; talvez sua atenção durasse apenas cinco segundos, talvez durasse a noite toda. Não importava. Eu podia fingir que ele estava lá no escuro pelo tempo que eu quisesse. Aprendi a nunca esperar muita atenção do Andy, mas, com aquele estranho, eu queria seus olhos queimando através da minha pele até atingir meu coração, que batia descontrolado em meu peito.

Eu me perdi no ritmo da música e na memória recente de sua mão em meu ombro, seus olhos negros e a palavra *devorar*.

Devorar.

Uma música se misturou com a próxima, depois a próxima, e mais uma, e, antes que eu pudesse tomar ar, os braços de Chloe envolviam meus ombros e ela ria no meu ouvido, pulando para cima e para baixo junto comigo.

– Você atraiu uma plateia! – ela gritou tão alto que eu estremeci e me afastei um pouco.

Ela fez um gesto chamando atenção para o lado, e só então percebi que estávamos cercadas por um grupo de homens usando roupas pretas e apertadas, dançando de um jeito sugestivo. Olhando de volta para Chloe, vi que seus olhos estavam acesos de uma maneira muito familiar: era aquela mulher obstinada que eu conhecia tanto, que trabalhou muito até chegar ao topo de uma das maiores empresas de marketing do mundo e que sabia exatamente o que aquela noite significava para mim. De repente, um vento frio se espalhou em minha pele vindo de ventiladores no teto e eu pisquei de volta para a realidade, ainda incrédula por estar de verdade em Nova York e por estar de verdade começando tudo de novo. E me divertindo de verdade.

Mas, atrás de Chloe, as sombras estavam escuras e vazias; não havia um estranho em pé me observando.

Senti um frio na barriga.

– Preciso ir ao banheiro – eu disse.

Forcei minha saída do círculo de homens e da pista de dança e segui as placas até o segundo andar, basicamente uma sacada que circundava sobre toda a boate. Andei por um corredor estreito até o banheiro, tão iluminado que até feriu meus olhos. O lugar estava estranhamente vazio, e a música no andar de baixo parecia

vir de dentro da água.

Antes de sair, arrumei o cabelo, me parabeneizei mentalmente por ter escolhido um vestido que não amassava e retoquei o batom.

Saí pela porta e dei de cara com uma parede em forma de homem.

Estávamos próximos um do outro no bar, mas não tão próximos assim. Não com meu rosto em sua garganta, seu cheiro me envolvendo. Ele não cheirava como os homens na pista de dança, que pareciam ter tomado banho de perfume. Ele apenas tinha um cheiro limpo, como um homem que lava as próprias roupas, além de um toque de uísque em seus lábios.

– Olá, flor.

– Olá, estranho.

– Eu estava assistindo você dançar.

– Eu vi você – eu mal conseguia respirar. Minhas pernas ficaram bambas, como se não soubessem se deveriam desabar ou voltar a pular no ritmo da música. Mordi meu lábio inferior, tentando esconder meu sorriso. – Você é tão esquisito. Por que não foi dançar comigo?

– Porque eu acho que você preferia dançar sozinha com alguém assistindo.

Engoli em seco, com meu queixo caído, incapaz de parar de olhá-lo. Não conseguia enxergar a cor dos olhos. No bar, pensei que eram castanhos. Mas havia algo mais claro brilhando ali naquela parte da boate, debaixo das luzes que piscavam freneticamente. Tons de verde, amarelo, numa mistura hipnótica. Não apenas eu sabia que ele estava me observando – e tinha gostado –, mas dancei inteiramente pensando na fantasia de ser devorada por ele.

– Você imaginou que eu estava ficando duro?

Pisquei. Eu mal podia acompanhar sua franqueza. Por acaso homens assim sempre existiram? Do tipo que diziam exatamente o que eles – e eu – estavam pensando sem soar amedrontador, rude ou carente? Como ele conseguia isso?

– Uau. Você... *estava*?

Ele se inclinou para frente, tomou minha mão e a pressionou firme contra sua ereção, que já estava se arqueando em minha mão. Sem pensar, envolvi meus dedos ao redor.

– Isso tudo só de *me* observar dançando?

– Você sempre é exibicionista assim?

Se eu não estivesse tão admirada, eu teria rido.

– Nunca.

Ele me estudou, com o sorriso ainda em seus olhos, mas os lábios fixos em algo mais excitante.

– Venha para casa comigo.

Desta vez eu ri.

- Não.
- Venha até meu carro.
- *Não*. De jeito nenhum eu vou sair desta boate com você.

Ele se abaixou e plantou um pequeno beijo carinhoso em meu ombro antes de dizer:

- Mas eu quero tocar você.

Eu não conseguia fingir que não queria também. Estava escuro, com lampejos rítmicos coloridos e uma música tão alta que parecia sequestrar minha pulsação. Que mal poderia acontecer com apenas uma única noite selvagem? Afinal, Andy teve várias.

Eu o conduzi para além dos banheiros, através do corredor estreito até uma pequena alcova abandonada que ficava sobre o palco da DJ. Estávamos confinados num espaço sem saída, sozinhos num canto, mas nem um pouco escondidos. Além da parede que formava os fundos da boate, o resto do espaço ao nosso redor era aberto, e apenas um pequeno muro de vidro evitava que caíssemos na pista de dança abaixo.

- Certo. Você pode me tocar aqui.

Ele levantou uma sobrancelha e correu um longo dedo pela base do meu pescoço, indo de um ombro a outro.

- O que exatamente você está oferecendo?

Olhei aqueles estranhos olhos iluminados que se mostravam interessados em tudo ao seu redor. Ele parecia normal, muito são para alguém que me seguiu através de uma boate e disse tão espontaneamente que queria me tocar. Lembrei de Andy e o quanto ele raramente – exceto para manter as aparências – queria meu toque, minha conversa, meu *qualquer coisa*. Seria assim com ele? Uma mulher o puxaria de lado, se ofereceria, e ele tomaria o que precisasse antes de voltar para casa? Enquanto isso, minha vida tinha se tornado tão pequena que eu mal podia lembrar como preenchia as longas noites solitárias.

Será que eu estava sendo gananciosa demais por querer tudo? Uma carreira incrível e um momento louco aqui e ali?

- Você não é um psicopata, é?

Rindo, ele beijou meu rosto.

- Você está sim me deixando meio maluco, mas não, não sou um psicopata.

– Eu só... – comecei a falar, e então olhei para baixo. Pressionei minha mão aberta em seu peito largo. Sua blusa cinza era incrivelmente macia. Caxemira, pensei. O jeans era escuro e o envolvia perfeitamente. Os sapatos pretos não tinham um arranhão. Tudo nele era meticuloso. – Acabei de me mudar para cá – parecia uma boa explicação para a tremedeira em minha mão.

- E um momento como este não parece muito seguro, não é mesmo?

Balancei a cabeça.

– Não mesmo.

Mas, então, estiquei o braço, agarrei seu pescoço e o puxei para mim. Ele acompanhou o movimento e sorriu, antes de nossos lábios se encontrarem. O beijo foi a combinação perfeita entre suavidade e firmeza, com o úísque esquentando seus lábios contra os meus. Ele gemeu um pouco quando abri a boca e o deixei entrar, e a vibração ateou fogo em mim. Eu queria sentir todos os seus sons.

– Você tem um sabor tão doce. Qual é o seu nome? – ele perguntou.

Com isso, senti a primeira onda real de pânico.

– Nada de nomes.

Ele se afastou um pouco e me encarou, com as sobrancelhas erguidas.

– Então como devo te chamar?

– Do mesmo jeito que você vem fazendo até agora.

– Flor?

Confirmei com a cabeça.

– E como você vai me chamar quando estiver gozando? – ele deu outro pequeno beijo.

Meu coração bateu mais forte com aquele pensamento.

– Acho que isso não importa, não é mesmo?

Erguendo os ombros, ele aceitou:

– Acho que não.

Tomei sua mão e a coloquei na minha cintura.

– A única pessoa que me deu um orgasmo no último ano fui eu mesma – movi seus dedos até a barra do meu vestido e sussurrei: – Você acha que consegue mudar isso?

Pude sentir seu sorriso contra minha boca quando ele me beijou novamente.

– Você está falando sério?

A ideia de me oferecer para esse homem num canto escuro de uma boate era um pouco assustadora, mas não o bastante para me fazer mudar de ideia.

– Estou falando sério.

– Você é um problema.

– Juro que não sou.

Ele se afastou o suficiente para examinar meu rosto. Seus olhos se moveram até que seu olhar voltou a mostrar aquele sorriso.

– Essa coisa de você nem ter ideia do quanto é...

Ele me virou e pressionou meu corpo contra o muro de vidro para que eu olhasse a massa de corpos se contorcendo lá embaixo. As luzes pulsavam, penduradas bem na minha frente em barras de ferro que se estendiam pela boate,

iluminando o andar de baixo, enquanto nosso canto se mantinha praticamente no escuro. Começou a subir um vapor das aberturas na pista de dança, cobrindo até os ombros as pessoas que dançavam; ondas se formavam na superfície seguindo o movimento das pessoas.

Os dedos do meu estranho tocaram na barra do meu vestido por trás, e então ele subiu o tecido, deslizando a mão pela minha calcinha, passando pela bunda e entre minhas pernas, onde eu definitivamente desejava seu toque. Aquela posição vulnerável não me envergonhou: eu me arqueava para trás em sua mão, já completamente perdida.

– Você está muito molhada, flor. O que você gosta? A ideia de que estamos fazendo isso aqui? Ou eu ter te observado enquanto você pensava em transar comigo no meio da pista de dança?

Eu não disse nada, pois fiquei com medo do que poderia ser a resposta, e perdi o fôlego quando ele deslizou um longo dedo dentro de mim. Pensamentos sobre o que eu *deveria* fazer evaporaram enquanto eu pensava sobre a velha e chata Sara em Chicago. A previsível Sara que sempre fazia aquilo que todos esperavam dela. Eu não queria mais ser essa pessoa. Eu queria ser irresponsável, selvagem, jovem. Eu queria viver para mim mesma pela primeira vez na minha vida.

– Você é pequenina, mas, quando está molhada assim, tenho certeza que consegue aguentar três dedos facilmente.

Ele riu num beijo que pressionou por trás do meu pescoço quando uma ponta do dedo circulou meu clitóris, provocando lentamente.

– Por favor – sussurrei. Não sei se ele podia me escutar. Seu rosto estava apertado contra meus cabelos e eu podia sentir seu pau pressionando a lateral da minha cintura, mas, fora isso, eu estava alheia a qualquer outra coisa, pois seu longo dedo deslizava novamente dentro de mim.

– Sua pele é incrível. Principalmente aqui – ele beijou meu ombro. – Você sabia que a parte de trás do seu pescoço é perfeita?

Eu me virei e sorri para ele. Seus olhos estavam arregalados e claros, e, quando encontraram os meus, voltaram a se curvar num sorriso. Nunca olhei alguém nos olhos tão de perto ao ser tocada daquela maneira, e algo sobre aquele homem, aquela noite e aquela cidade fez com que eu imediatamente tivesse certeza de que era a melhor decisão que eu já havia tomado.

Querida Nova York, você é brilhante. Com amor, Sara.

P.S.: Definitivamente não é o álcool falando.

– Eu não tenho muitas oportunidades para olhar o meu pescoço por trás.

– É realmente uma pena – ele retirou a mão e eu senti um frio onde seus dedos quentes estavam. Colocou a mão no bolso e tirou um pequeno pacote.

Uma camisinha. Ele tinha uma camisinha no bolso. Eu nunca teria pensado em levar uma camisinha para uma boate qualquer.

Virando-me para encará-lo, ele nos fez girar e me pressionou contra a parede, beijando primeiro com suavidade, depois com um jeito furioso e faminto. Quando pensei que iria perder o fôlego, ele começou a explorar, chupando meu queixo, minha orelha, meu pescoço, encontrando o ponto onde minha pulsação batia freneticamente. Meu vestido tinha voltado a cobrir minhas coxas, mas seus dedos brincavam com a barra, levantando-a lentamente.

– Alguém pode aparecer aqui – ele me lembrou, dando uma última oportunidade para eu parar aquilo, apesar de já estar abaixando minha calcinha o suficiente para que eu pudesse tirá-la completamente.

Mas eu não me importava. Nem um pouco. E talvez até uma pequena parte de mim queria que alguém aparecesse, para que pudesse ver esse homem perfeito me tocando daquele jeito. Eu mal podia pensar em qualquer outra coisa além do lugar onde ele estava tocando, o jeito como minha saia estava agora levantada até a cintura, a maneira como ele pressionava tão forte e insistentemente em minha barriga.

– Eu não ligo.

– Você está bêbada. Bêbada demais para isso? Quero que lembre que eu comi você.

– Então faça isso de um jeito inesquecível.

Levantou minha perna, deixando-me exposta ao frio do ar-condicionado que soprava acima de nós. Prendeu meu joelho ao redor de sua cintura, e agradei por estar usando salto alto. Coloquei meu braço entre nós e desabotoei sua calça, puxando a cueca para baixo apenas o bastante para deixá-lo livre. Envolvi sua ereção com a mão e a esfreguei por toda a minha pele molhada.

– Droga, flor. Deixe eu colocar isso.

Suas calças estavam abertas, mas tinham caído apenas um pouco abaixo da cintura. Se alguém nos visse por trás, poderia até pensar que estávamos dançando, talvez apenas nos beijando. Mas ele pulsava em minha mão, e a realidade da situação me deixou louca. Ele iria me tomar ali mesmo, pairando sobre a pista de dança lá embaixo. Naquela multidão, havia pessoas que me conheciam como a Sara Boazinha, a Sara Responsável, a Sara do Andy.

Nova casa, novo emprego, nova vida. Nova Sara.

Meu estranho era pesado e muito comprido em minha mão. Eu o desejava, mas também fiquei um pouco assustada com todo aquele tamanho. Não sei se já tinha encarado um homem tão duro.

– Você é grande – eu disse sem pensar.

Ele sorriu, como um lobo realmente pronto para me devorar, e rapidamente

rasgou o pacote da camisinha com os dentes.

– Isso é a melhor coisa que você pode dizer para um homem. Você poderia até dizer que não sabe se vai caber tudo.

Passei a ponta na minha entrada e tremi por causa disso. Ele era tão quente: pele macia envolvendo uma rocha.

– Droga. Vou gozar na sua mão inteira se você não parar com isso – ele tremeu um pouco com a urgência enquanto afastava minha mão para vestir a camisinha.

– Você sempre faz isso? – perguntei.

Parado na minha frente, pronto para a ação, com o sorriso mirando meu rosto, ele disse:

– Isso o quê? Sexo com uma mulher linda que não quer me dizer seu nome e prefere transar num corredor público ao invés de num lugar apropriado como uma cama ou uma limusine? – ele começou a entrar, demoradamente. A luz acendeu em seus olhos e, *meu Deus*, eu não achava que sexo com um estranho pudesse ser tão íntimo assim. Ele observou cada reação em meu rosto. – Não, flor. Tenho que admitir que nunca fiz isso.

Sua voz estava normal, mas então suas palavras começaram a falhar, pois já estava profundamente dentro de mim, ali no meio daquela boate caótica, com luzes e música pulsantes ao nosso redor, com pessoas passando a apenas alguns metros sem saber de nada. E, mesmo assim, todo o meu mundo estava reduzido ao lugar onde ele me penetrava, onde esfregava com firmeza no meu clitóris em cada estocada, onde a pele quente de sua cintura pressionava as minhas coxas.

Não houve mais nenhuma conversa, apenas estocadas que foram aumentando em velocidade e intensidade. O espaço entre nós se preencheu com sons abafados de desejo e súplica. Seus dentes morderam meu pescoço e eu agarrei seus ombros com medo de cair no vão ou em outro lugar que não fosse a pista de dança, mas um mundo onde adorava estar exposta, com meu prazer visível para quem estivesse observando – principalmente se fosse aquele homem.

– Deus, você é linda – ele se inclinou para trás, olhou para baixo e acelerou um pouco. – Não consigo parar de olhar sua pele perfeita e, *droga*, o ponto onde estou entrando em você...

A luz estava claramente jogando no time dele, pois, da minha perspectiva, ele estava iluminado por trás e eu podia enxergar apenas a silhueta do meu estranho. Não distingi nada além de sombras quando olhei para baixo e visualizei apenas a sugestão do movimento: ele dentro de mim, entrando e saindo. Escorregadio e duro, pressionando fundo em cada passada. E, como se tivesse ouvido meus pensamentos, a luz diminuiu para um tom quase negro acompanhando o som de uma batida lenta e oscilante que preencheu a boate.

– Eu filmei você dançando – ele sussurrou.

Demorou alguns instantes para que suas palavras fossem registradas no meu cérebro.

– O... *o quê?*

– Eu não sei por quê. Não vou mostrar para ninguém. É só que... – ele encarou meu rosto, diminuindo a velocidade um pouco, provavelmente para me deixar pensar. – Você estava tão possuída. Eu queria me lembrar. Caramba, sinto como se estivesse confessando meus pecados.

Engoli em seco, ele voltou a se aproximar e me beijou. Eu perguntei:

– Você acha estranho eu ter gostado de você ter feito isso?

Ele riu em minha boca, entrando e saindo novamente com estocadas lentas e deliberadas.

– Apenas aproveite, certo? Eu gosto de observar você. E você estava dançando para mim. Não há nada de errado nisso.

Ele levantou minha outra perna, passando as duas ao redor de sua cintura, e, então, por vários perfeitos segundos na escuridão, começou a mexer de verdade. Rápido e urgente, ele deixou escapar os mais deliciosos gemidos, e não haveria dúvida sobre o que estávamos fazendo se alguém aparecesse em nosso pequeno canto no corredor. Só de pensar nisso – sobre onde estávamos, o que fazíamos e a possibilidade de alguém ver aquele homem me possuindo com tanta força – eu acabei me perdendo. Minha cabeça rolou para trás contra a parede, e eu podia sentir

sentir

sentir

crescendo no meu ventre, tão profunda e pesadamente, uma angústia se acumulando, descendo por minhas costas e explodindo em meu sexo com tanta força que eu tive que gritar, sem me importar se alguém poderia ouvir. E eu nem precisava ver seu rosto para saber que ele estava me observando enquanto eu gozava sem parar.

– Oh, droga – seus quadris perderam o ritmo e então ele soltou um gemido grave, com os dedos enterrados na minha cintura.

Ele vai deixar marcas, pensei. Espero que deixe.

Eu queria uma lembrança desta noite, e *desta* Sara, para melhor diferenciar a nova vida que eu estava tão determinada a construir.

Ele parou, apoiando-se em mim, com os lábios encostando gentilmente em meu pescoço.

– Minha pequena estranha, você acabou comigo.

Senti ele pulsar dentro de mim – eram tremores secundários de seu orgasmo – e eu quis que ele continuasse enterrado daquele jeito para sempre. Imaginei

como seria nossa imagem para o resto da boate: um homem apertando uma mulher contra a parede, com um pedaço das pernas dela visível ao redor da cintura dele no meio da escuridão.

Sua grande mão acariciou minha perna do calcanhar até a cintura, e, então, com um pequeno gemido, ele se retirou, colocou meus pés no chão, deu um passo para trás e tirou a camisinha.

Meu Deus, eu nunca nem cheguei perto de fazer algo tão insano assim antes. Um sorriso tomou meu rosto por inteiro enquanto minhas pernas tremiam quase ao ponto de desabarem.

Não perca a cabeça, Sara. Não perca a cabeça.

Foi perfeito. Tudo aquilo tinha sido perfeito, mas teria que terminar ali. *Faça tudo diferente de antes. Nada de nomes, nada de compromissos. Nada de arrependimentos.*

Ajeitando meu vestido, fiquei na ponta dos pés para beijar seus lábios.

– Isso foi inacreditável.

Ele concordou, gemendo um pouco no meio do beijo.

– Foi sim. Será que podemos...?

– Eu vou descer – comecei a me afastar e dei um tchauzinho.

Ele me encarou, confuso.

– Você está...?

– Bem. Estou bem. Você está bem?

Ele assentiu, parecendo perplexo.

– Então... obrigada.

Com a adrenalina ainda correndo em minhas veias, eu me virei antes que ele pudesse responder e o deixei lá, com a calça aberta e os lábios torcidos num sorriso surpreso.

Minutos depois, encontrei Chloe e Julia, as duas prontas para irem embora. De braços dados, nós saímos da boate, e, só depois de entrarmos na limusine, quando eu estava silenciosamente revivendo cada segundo do que tinha acontecido com aquele homem poderoso e anônimo, me lembrei: tinha deixado minha calcinha no chão aos seus pés, além de um vídeo no qual eu dançava para ele no meio da multidão.

Dois

No sábado, minha vida estava perfeita: uma ótima carreira, um apartamento arrumado, várias mulheres disponíveis para brincar onde e quando eu quisesse. Domingo e segunda: uma completa merda. Eu não conseguia me concentrar e ficava assistindo aquele vídeo compulsivamente, além de ter a calcinha de uma estranha queimando um buraco no chão do meu quarto.

Ajeitando-me na cadeira, passei o polegar na tela, ligando o celular pela milésima vez no dia. O assunto na reunião do almoço tinha se desviado novamente, e tentei fingir interesse nas bobagens que surgiam, mas, assim que começaram a falar de futebol, eu simplesmente desisti.

De qualquer maneira, eu só conseguia pensar nela.

Olhei para o celular e chequei o botão de volume. Hesitei por um momento antes de apertar o *play*.

A tela estava escura, a imagem, tremida, mas eu não precisava ver todos os detalhes para saber o que viria a seguir. Mesmo sem som, eu conseguia lembrar da música pulsante e a maneira como seus quadris se moviam no ritmo enquanto a saia subia cada vez mais pelas coxas. As mulheres americanas não apreciam o valor de uma pele branca e macia, mas a minha estranha tinha a pele mais perfeita que eu já vi. Droga, eu a lamperia desde o calcanhar até a cintura se ela me desse a chance. E agora sei que estava dançando só para mim e sabia que eu estava observando.

E ela adorou.

Deus. Aquele vestidinho. O cabelo curtinho cor de mel e aqueles enormes e inocentes olhos castanhos. Olhos que me deixavam com vontade de fazer coisas muito malvadas enquanto ela me observava.

E a bunda perfeita, e os seios também não eram nada mal.

– Você é um péssimo companheiro de almoço, Stella – Will esticou o braço e pegou uma batata frita do meu prato.

– Hum? – murmurei, com os olhos ainda abaixados, tomando cuidado para manter uma expressão neutra. – Vocês estão discutindo futebol. E eu morrendo de tédio. Estou sentado aqui praticamente morto.

Se tem uma coisa que aprendi nesta profissão é que você nunca, nunca mostra suas cartas, mesmo quando está segurando a pior mão possível. Ou um vídeo de uma garota dançando minutos antes de você ter transado com ela.

– Seja lá o que estiver olhando nesse celular, obviamente é muito melhor do que os Jets vão fazer neste ano. E você não está compartilhando.

Se ele soubesse.

– Estou dando uma olhada no mercado – eu disse, balançando um pouco a cabeça. Quase soltei um grunhido quando fechei o vídeo e guardei o celular no bolso do meu casaco. – Só coisa chata.

Will tomou o resto de sua bebida e riu.

– Eu te odeio por você mentir tão bem – se não fôssemos melhores amigos desde que abrimos uma das mais bem-sucedidas empresas de capital de risco há três anos, eu poderia até ter acreditado nele. – Acho que você está vendo pornografia no seu celular.

Eu o ignorei.

– Ei, Max – James Marshall, nosso conselheiro sênior de tecnologia, se inclinou para o meu lado. – O que aconteceu com aquela mulher com quem você estava conversando no bar?

Normalmente, quando meus melhores amigos perguntam sobre alguma mulher que eu conheci, eu respondo, desinteressado, “Foi só uma rapidinha”, ou apenas diria “Limusine”. Mas, por alguma razão, desta vez eu balancei a cabeça e disse:

– Não aconteceu nada.

Outra rodada de bebidas chegou em nossa mesa e eu agradei o garçom distraidamente, mesmo não tendo nem tocado no meu primeiro copo. Olhei ao redor do restaurante. Havia a típica multidão da hora do almoço: pessoas fazendo reuniões e senhoras almoçando.

Eu queria sumir dali.

James grunhiu, fechando o arquivo que estava olhando e guardando-o de volta em sua pasta. Levantou seu copo e o encostou na testa, estremecendo.

– Por acaso mais alguém vai pagar pelo fim de semana? Estou muito velho para essa porcaria.

Levei meu copo de uísque até os lábios e me arrependi imediatamente. Como uma bebida que eu tomava desde a adolescência poderia de repente me lembrar de uma mulher que vi apenas uma vez?

Olhei na direção de alguém limpando a garganta.

– Ei – disse Will. Segui seu olhar até onde um homem estava cruzando o restaurante. – Aquele não é Bennett Ryan?

– Bom, quem diria – eu disse, enquanto a figura alta do meu velho amigo se

movia entre as mesas.

– Você o conhece? – perguntou James.

– Sim, estudamos na mesma faculdade, moramos juntos durante três anos. Ele me ligou meses atrás pedindo para emprestar a casa de Marseille. Disse que iria pedir sua namorada em casamento lá. Nós também conversamos sobre o novo escritório da Ryan Media em Nova York.

Ficamos observando Bennett parar numa mesa do outro lado do restaurante, sorrindo como um idiota antes de beijar uma bela morena.

– Pelo visto, levá-la para a França funcionou – Will soltou uma risada.

Mas não foi a futura sra. Bennett Ryan quem chamou minha atenção. Foi a linda mulher ao seu lado, segurando uma bolsa. Cabelos cor de caramelo, os mesmos lábios vermelhos que beijei na boate, os mesmos olhos castanhos.

Tentei ao máximo não sair correndo até aquela mesa. Ela sorriu para Bennett e ele disse algo que fez as duas rirem enquanto começavam a se retirar. Não pude fazer nada além de ficar olhando.

Acho que estava na hora de visitar meu velho amigo.



– Max Stella.

Grandes portas de metal que separavam o escritório da recepção se abriram e O Cara Em Pessoa saiu de lá para me encontrar.

– Como vai você?

Eu me afastei das janelas que iam do chão ao teto com vista para a Quinta Avenida e cumprimentei Bennett.

– Estou ótimo – eu disse, olhando ao redor.

O espaço em si tinha ao menos dois andares no átrio, e o chão de mármore brilhava refletindo os raios de sol. Uma pequena sala de espera ficava ao lado, com sofás de couro e um enorme lustre pendurado no teto. Atrás da grande mesa da recepção, uma bela fonte tinha sido construída na parede, com água caindo em cascata sobre ladrilhos de ardósia. Alguns grupos de funcionários corriam dos elevadores para vários escritórios, lançando olhares nervosos para Bennett.

– Parece que você já está acomodado por aqui.

Ele fez um gesto para que eu o acompanhasse.

– Ainda estamos lentamente arrumando tudo. Afinal de contas, Nova York ainda é Nova York.

Segui-o até o seu escritório, uma sala com janelas panorâmicas e uma vista estonteante do Central Park.

– E como vai sua noiva? – perguntei, acenando para uma foto emoldurada em

cima da mesa. – Aposto que ela gostou do Mediterrâneo. Por qual outra razão ela teria aceitado casar com um bobão arrogante como você?

Bennett riu.

– Chloe é perfeita. Obrigado por nos emprestar a casa.

Dei de ombros:

– A casa fica vazia na maior parte do tempo. Fico contente por ter ajudado.

Fazendo um gesto para eu me sentar, Bennett se arrumou em sua cadeira, com as costas viradas para a parede de janelas.

– Faz tempo que não nos vemos. Como estão as coisas?

– Fantásticas.

– Fiquei sabendo – ele passou a mão no queixo, estudando minha expressão. – Eu adoraria que você viesse me visitar agora que mudamos para cá. Conteí tudo sobre você para Chloe.

– Espero que isso seja um exagero seu – de todos os meus amigos em Nova York, Bennett Ryan provavelmente era quem mais sabia sobre os podres do meu passado selvagem.

– Bom – ele concedeu –, conteí apenas o suficiente para ela querer te conhecer.

– Sim, vamos nos encontrar algum dia – olhei para os edifícios na janela atrás dele, hesitando. Não era fácil decifrar o humor de Bennett nesse tipo de situação; isso era uma das razões de seu sucesso naquilo que fazia. – Mas admito que estou aqui para pedir um favor.

Ele se inclinou para frente e sorriu.

– Foi o que pensei.

Já trabalhei confortavelmente com as pessoas mais intimidadoras do mundo, mas Bennett Ryan sempre me fazia escolher cuidadosamente minhas palavras. Principalmente quando eu perguntava algo assim tão... delicado.

– Estou um pouco obcecado por uma mulher que conheci numa boate. Deixei que ela fosse embora sem pedir seu telefone e me arrependi muito. Mas, para minha sorte, eu a vi almoçando com você e sua adorável Chloe ontem à tarde.

Ele me encarou em silêncio por um tempo.

– Você está falando da Sara?

– Sara – eu disse, talvez um pouco triunfante demais.

– Ah, não – ele disse, imediatamente balançando a cabeça. – Sem chance, Max.

– Como assim? – com Bennett eu não conseguia manter uma expressão de inocência por muito tempo. O cara me conhecia apenas pelos meus dias de faculdade. Provavelmente não é minha melhor representação de bom comportamento.

– A Chloe vai me comer vivo se souber que eu deixei você chegar perto da Sara. De jeito nenhum.

Pressionei a mão em meu peito.

– Estou ofendido, meu caro. E se minhas intenções forem as melhores possíveis?

Bennett riu e se levantou para andar até a janela.

– A Sara é... – ele hesitou. – Ela acabou de sair de um namoro muito ruim. E você é... – olhou para mim e ergueu uma sobrancelha. – Você não faz o tipo dela.

– Poxa, Ben. Não sou mais um adolescente tarado.

Ele abriu um sorriso malicioso.

– Certo, mas você está falando com o cara que presenciou quando você pegou três mulheres numa única noite, sem que nenhuma delas soubesse da outra.

Eu tive que rir.

– Você entendeu errado. Elas se tornaram muito íntimas no final da noite.

– Você está brincando?

– Apenas me dê o número de telefone dela. Considere como um agradecimento por eu emprestar a casa naquele vilarejo maravilhoso.

– Você é um grande filho da mãe.

– Acho que já ouvi algo assim antes – eu disse, ficando de pé. – A Sara e eu... tivemos uma conversa muito interessante.

– Uma *conversa*. A Sara teve uma conversa com você. Por que será que estou cético quanto a isso?

– Sim, realmente foi uma conversa muito prazerosa. Ela é uma garota muito intrigante. Infelizmente, fomos interrompidos antes que eu pudesse pedir seu telefone.

– Certo.

– Que sorte a minha dar de cara com vocês no restaurante – ergui minhas sobrancelhas na expectativa de uma resposta.

– Sorte, é claro... – sorrindo, Bennett sentou-se novamente, olhando para mim. – Mas acho que você vai ter que procurar sua sorte em outro lugar. Já disse que não quero irritar a patroa. Não vou facilitar a sua vida assim de graça.

– Você sempre foi um cretino.

– Já ouvi isso também. Almoço na terça?

– Com certeza.



Fui embora do escritório de Bennett com a intenção de dar uma olhada nas

novas dependências da empresa. Eles tomaram três andares do prédio e ouvi dizer que já tinham reformado a maior parte. O átrio espaçoso era de tirar o fôlego, mas a área dos escritórios também era luxuosa, com largos corredores, chão de pedra polida e muita luz natural entrando pelas janelas, paredes de vidro e clara-boias. Cada escritório parecia ter sua própria sala de espera – nada igual à de Bennett, mas perfeitas para conversas que não requeriam a formalidade de uma sala de conferência.

Dito isso, a sala de conferência era realmente incrível: uma parede de janelas com vista para Manhattan, uma grande mesa de nogueira polida para ao menos trinta pessoas, além de tecnologia de última geração para apresentações.

– Nada mal, Ben – murmurei, voltando para o corredor e encarando uma grande fotografia de Timothy Hogan. – Até que você tem um ótimo gosto para arte, para um completo cretino.

– O que você está fazendo aqui?

Virei para encontrar uma Sara completamente surpresa no meio do corredor. Não consegui evitar um sorriso no canto da boca; este realmente era meu dia de sorte.

Ou... não, considerando sua expressão.

– Sara! – eu disse. – Que surpresa agradável. Estou saindo de uma reunião. Aliás, meu nome é Max. É um prazer finalmente associar um nome a um par de... – baixei os olhos e estudei seus peitos, depois o resto do corpo, num vestido preto apertado – olhos.

Deus, ela era gostosa.

Quando olhei de volta em seu rosto, vi que seus olhos estavam arregalados. Honestamente, aquela mulher tinha os maiores olhos que já vi. Se fossem um pouco maiores, ela seria uma lêmure.

Ela agarrou meu braço e me puxou pelo corredor, com suas botas de couro estalando pelo chão de pedra polida.

– É ótimo te encontrar de novo tão rapidamente, Sara.

– Como você me encontrou? – ela sussurrou.

– Foi um amigo de um amigo – fiz um gesto para que ela esquecesse isso e a encarei. Seus cabelos estavam penteados para o lado e presos com uma pequena presilha vermelha que combinava perfeitamente com a cor de seus lábios. Ela parecia ter saído diretamente de alguma fotografia dos anos sessenta. – Sara é um nome muito bonito, sabe?

Ela estreitou os olhos.

– Eu deveria saber que você é um psicopata.

Eu ri.

– Não é bem assim.

Uma jovem mulher passou por nós e murmurou timidamente:

– Boa tarde, srta. Dillon.

E agora temos o nome completo. Obrigado, estagiária aterrorizada.

– Ah, Sara Dillon. Talvez devêssemos continuar esta conversa num local mais sossegado?

Ela olhou ao redor e baixou o tom de voz:

– Eu não vou transar com você no meu escritório, se é isso que está pensando.

Ela era fantástica.

– Na verdade, só vim para dar as boas-vindas do jeito certo. Acho que posso fazer isso aqui mesmo...

– Você tem dois minutos – ela disse, virando o corpo e andando para sua sala.

Passamos por vários corredores até finalmente chegarmos a outra pequena área de recepção com janelas com vista para a cidade. Um jovem sentado numa mesa circular olhou para nós enquanto passávamos.

– Estarei na minha sala, George – ela disse por cima do ombro. – Sem interrupções, por favor.

Com a porta fechada atrás de nós, ela se virou para me encarar.

– Dois minutos.

– Se me sentir pressionado, eu até *poderia* fazer você gozar em dois minutos – dei um passo para frente e passei o polegar em seus quadris. – Mas acho que nós dois sabemos que você prefere que eu me demore um pouco.

– Dois minutos para você explicar por que está aqui – ela esclareceu com a voz falhando um pouco. – E como me encontrou.

– Bom – comecei –, conheci uma garota no sábado. Na verdade, transei com ela contra uma parede. E não consegui parar de pensar nela desde então. Ela era extraordinária. Linda, engraçada e muito sexy. Mas não me deu seu nome e foi embora sem me deixar nada. Exceto a sua calcinha. E isso dificilmente poderia ser considerado uma trilha de migalhas de pão – diminuí a distância entre nós, coloquei uma mecha de seu cabelo atrás da orelha e passei a ponta do meu nariz ao lado de seu queixo. – E quando eu gozei hoje de manhã pensando em como ela era gostosa, eu ainda não sabia que nome gritar.

Limpando a garganta, Sara me afastou e foi para trás de sua mesa.

– Isso não explica como você me encontrou – ela disse, com o rosto cada vez mais vermelho.

Eu a tinha visto sob as luzes da boate, com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados, mas eu queria vê-la ao natural, com os raios de sol que invadiam através das janelas. Queria saber exatamente até onde aquele rubor se espalharia em seu corpo.

Parei de provocar um pouco. Esta Sara era tão diferente daquela ex-moradora

de Chicago que flertou comigo no bar.

– Acontece que eu vi você por acaso ontem enquanto almoçava com o Ben. Somos amigos faz tempo. Simplesmente somei dois mais dois e pensei que poderia encontrar você aqui.

– Você contou para o *Bennett* sobre sábado? – ela disse rispidamente, e o rubor que eu estava admirando sumiu de repente.

– Deus, não. Juro para você, eu não quero morrer cedo. Apenas pedi seu telefone. Ele não quis dar.

Seus ombros relaxaram um pouco.

– Certo.

– Olha, foi uma coincidência encontrar você, e sei que é meio estranho eu aparecer por aqui, mas eu tinha que encontrar Ben de qualquer maneira. Se você por acaso quiser sair para jantar... – coloquei meu cartão em sua mesa e me virei para ir embora.

– O vídeo – ela disse de repente. – O que você fez com o vídeo?

Eu me virei novamente e o desejo de provocar se tornou quase insuportável. Mas, quanto mais eu demorava a responder, mais ela parecia entrar em pânico.

Finalmente, ela disse:

– Por acaso, você colocou no YouTube, no PornTube, ou seja lá onde?

Explodi numa risada que não consegui segurar.

– O quê?

– Apenas diga que não fez isso.

– Deus, é claro que não! Admito que eu assisti aproximadamente umas setecentas mil vezes. Mas, não, eu nunca iria *compartilhar* aquilo.

Ela olhou para as próprias mãos e começou a brincar com as unhas.

– Posso ver?

Tinha algo no tom de voz que ela usou. O que era? Curiosidade? Algo mais?

Dei a volta na mesa para ficar ao seu lado. Ela ainda estava tensa, mas se aproximou de mim. Tirei meu celular do bolso da jaqueta e mostrei o vídeo, segurando a tela em sua direção.

Com o volume ao máximo, a batida da música ecoava através do pequeno aparelho. Ela apareceu na tela, dançando com os braços acima da cabeça, e, assim como na primeira vez que a observei pessoalmente, senti uma ereção iminente.

– Aqui, bem neste momento – eu disse em seu pescoço –, foi quando você se perguntou se eu teria notado seu vestido subindo pelas coxas. Não é? – pressionei meus quadris contra suas costas, para não deixar dúvidas do que ela provocava em mim.

Coloquei o celular em cima da mesa e pousei minha mão em sua cintura.

– E aqui – eu disse, apontando para a tela novamente. Ela pegou o celular e olhou mais de perto. – A maneira como você olhou para mim por cima do ombro, essa é a minha parte preferida. O olhar em seu rosto, parece que você está dançando apenas para mim.

– Oh, Deus – ela sussurrou. Desejei que estivesse lembrando da sensação de ser observada por mim.

Então ela tomou minha mão e dirigiu-a lentamente até a barra de seu vestido, levantando-o até a cintura. Senti sua pele macia debaixo da palma da minha mão. Deslizei a mão até sua barriga, onde senti os músculos se contorcendo sob meu toque.

– Você estava *mesmo* dançando para mim? – perguntei, precisando ouvir a resposta.

Ela confirmou com a cabeça, empurrando minha mão mais para baixo. Deus, essa mulher era um emaranhado de contradições.

– O que mais você pensou lá na pista de dança? – perguntei. – Pensou no meu rosto entre as suas pernas, pensou na minha boca?

Ela confirmou novamente, desta vez mordendo o lábio.

– Eu queria tocar você – eu disse, movendo minha mão para debaixo da calcinha. – Desse jeito.

Seu corpo se contorceu e se curvou contra o meu, debruçando-se na mesa.

– Eu queria sentir o quanto você ficou molhada – eu disse, com a respiração ficando acelerada e a voz grave, quase rouca. – O quanto ficou molhada sabendo que eu gozei hoje de manhã assistindo seu vídeo.

Meus dedos deslizaram mais para baixo.

Ela perdeu o fôlego.

– Você está assistindo? – perguntei, enfiando um único dedo. Ela confirmou e eu deslizei mais um, com meu polegar circulando em seu clitóris. – Você está *tão* molhada – eu disse, passando os dentes em seu ombro.

– Não... não podemos fazer isso aqui – ela disse.

Mesmo assim, ela empurrou seu corpo em minha mão. Enquanto mantinha o ritmo, eu podia senti-la enrijecer e começar a ofegar.

Com um sentimento de culpa, removi a mão e a virei para me encarar. Ela parecia praticamente drogada, com as pálpebras pesadas e os lábios separados.

– E infelizmente meus dois minutos acabaram.

Beije seu rosto, o canto de sua boca e, quando ela fechou os olhos, beije também cada uma das pálpebras. Então, tomei meu celular de sua mão e fui embora do escritório.

Três

Um estranho me filmou dançando.

E depois, ele descobriu onde eu trabalho – pois aparentemente ele é amigo do *meu chefe* –, e eu pedi para ver o vídeo.

Depois disso, eu o fiz colocar a mão dentro da minha *calcinha* – de novo, só que desta vez foi no meu *escritório* – e confirmei para nós dois o quanto a ideia de ele se tocando enquanto assistia o meu vídeo me deixava excitada.

– Ai, meu Deus.

– Essa é a décima vez que você disse isso nos últimos quinze minutos, Sara. Venha aqui e me conte tudo – meu assistente, George, apareceu na minha porta. – A não ser que seja tão escandaloso a ponto de eu precisar entrar e fechar a porta.

– Não é nada. É só que... – ajeitei as canetas na minha mesa e alinhei alguns papéis. – Não é nada.

Ele curvou os lábios num sorriso cético.

– Você é uma péssima mentirosa.

– É sério. Isso é um nada gigantesco e lamentável.

George entrou na minha sala e desabou na cadeira em frente à minha mesa.

– Por acaso esse Nada aconteceu na comemoração de noivado da Chloe?

– Possivelmente.

– E foi um Nada do tipo masculino?

– Potencialmente.

– Esse Nada Masculino por acaso é aquele pedaço de mau caminho do Max Stella que acabou de sair da sua sala?

– O quê? Não! – menti sem nem piscar. Eu até me daria os parabéns por causa dessa reação quase perfeita. George estava certo: eu era uma péssima mentirosa. Mas aparentemente a minha vergonha da Situação do Sexo em Público foi suficiente para despertar habilidades desconhecidas. – E como você sabe quem é o Max Stella?

George estudava cuidadosamente os homens bonitões que circulavam por aí, mas, como tinham chegado a Nova York apenas uma semana antes de mim – ou

seja, era um nova-iorquino de treze dias –, eu não achava que ele conseguiria trabalhar tão rápido assim.

– Mudando de assunto, deixa eu perguntar – ele começou –, qual foi a primeira coisa que você fez quando chegou e se instalou no seu apartamento?

– Encontrei a fonte mais próxima de vinho e *cupcakes*, é claro – eu disse. Obviamente.

Ele riu.

– Obviamente. Mas, como meu objetivo não é me tornar uma velha bêbada solteirona, o que *eu* faço é checar as baladas. Onde estão os lugares divertidos para sair, dançar, festejar.

– E conhecer todos os homens – acrescentei.

Ele concordou com uma piscadela.

– *Todos* os homens. Eu tento descobrir tudo que posso, e, fazendo isso, também descubro o Quem é Quem na cidade – ele se inclinou para frente e me deu um grande sorriso aberto. – E, nesta cidade, Max Stella é um Quem.

– Um *quem*? Como assim?

Ele riu.

– Ele é figurinha fácil das colunas sociais, minha querida. Veio da velha Londres alguns anos atrás. Um mestre brilhante do capital de risco, sempre comendo alguma celebridade ou princesinha da sociedade. Um sabor diferente de namorada-troféu a cada semana. E essa coisa toda.

Ótimo. Consegui selecionar o mesmo tipo de homem galinha que gosta de aparecer, igual meu último namorado. Mas aqui, não apenas o Max era um mulherengo conhecido, como era também um alto investidor de capital de risco, com quem eu certamente iria cruzar várias vezes no trabalho. E que tinha um vídeo onde eu dançava como uma stripper enquanto imaginava sua boca no meio das minhas pernas.

Gemi de novo.

– Ai, meu santo Deus.

– Calma. Você parece que vai desmaiar. Já almoçou?

– Não.

– Olha. Você está adiantada com o trabalho hoje. Temos apenas quatro contratos que precisam de atenção e, se aquilo que o Henry contou sobre você for verdade, aposto que você já fez centenas de revisões. Chloe ainda nem recebeu os móveis do escritório, a assistente dela ainda não apareceu em Nova York e o Bennett foi grosso com apenas três pessoas hoje. Claramente, não tem nada muito urgente aqui que precise da sua atenção. Temos tempo de sobra para você relaxar um pouco e comer alguma coisa.

Respirei fundo, sorrindo agradecida.

– Henry treinou você muito bem.

George foi contratado como assistente de Henry Ryan depois que eu recebi meu diploma de administração e saí dali por ter sido contratada por outra grande empresa. Quando Bennett me ligou para oferecer o cargo de diretora financeira na nova filial, Henry me enviou um e-mail dizendo que, se eu me juntasse ao escritório de Nova York, ele pediria ao Bennett que passasse o George para mim, já que ele estava morrendo de vontade de ser transferido.

George sorriu de volta e fez um pequeno gesto de agradecimento.

– Henry me contou que você era insubstituível e eu nem deveria tentar. Então tive que provar meu valor.

– Você é incrível.

– Ah, garota, eu sei – ele disse. – E considero parte da minha função como assistente ter certeza de que você sabe aonde ir para se divertir. Seja para *cupcakes*, vinho ou *outras coisas*.

Minha mente revisitou instantaneamente a imagem da boate no sábado, lotada de gente e vibrando com o volume da música, das vozes, dos pés batendo no chão. Mais uma vez, o rosto de Max apareceu em meus pensamentos, com o som que fez ao gozar e todo seu tamanho na minha frente, pressionando-me contra a parede, erguendo meu corpo, entrando e saindo de mim.

Enterrei o rosto nas mãos. Agora que eu sabia quem ele era, e sabia que ele queria me ver de novo... Eu estava ferrada.

George se levantou, andou até meu lado da mesa e me ergueu pelo braço.

– Tá. Vai, coma alguma coisa. Vou arrumar os contratos da Agent Provocateur para você trabalhar com eles quando voltar. Respire, Sara.

Com má vontade, fui até o armário e peguei minha bolsa. George estava certo. Com exceção da noite com as garotas e as noites em claro desfazendo as malas, passei todo meu tempo no escritório, tentando organizar meu trabalho. A maior parte dos três andares que alugamos no luxuoso edifício no centro da cidade ainda estava vazia, e, sem o resto do meu departamento ou a equipe de marketing, não podíamos ainda realizar nossa missão: criar as melhores campanhas de marketing do mundo.

Chloe permaneceu na Ryan Media depois que eu saí, administrando várias contas com Bennett. Mas foi seu brilhante trabalho com a enorme conta da Papadakis que catapultou a empresa para um período de trabalho frenético, e logo ficou claro que seria necessário abrir uma filial em Nova York. Bennett, Henry e Elliott passaram duas semanas na cidade para encontrar o espaço perfeito, e então tudo entrou nos trilhos: a Ryan Media Group teria outra casa no centro da cidade.

A Avenida Michigan, em Chicago, era movimentada, mas não chegava nem

perto da Quinta Avenida em Manhattan. Eu me senti soterrada por uma infinita série de ruas, gigantescas massas de arquitetura e o interminável desfile de pessoas, trânsito e barulho. Buzinas soavam ao meu redor e, quanto mais parada eu ficava, mais os sons da cidade se tornavam ensurdecedores. Será que eu tinha virado à esquerda ou à direita para achar o restaurante chinês que Bennett gostava? Como se chamava mesmo? Garden alguma coisa? Fiquei parada tentando me recompor, enquanto uma manada de homens e mulheres de negócios passava por mim como água fluindo ao redor de uma rocha perdida no meio de um rio.

Mas, assim que peguei meu celular para enviar uma mensagem para Chloe, vi uma figura familiar entrar por uma porta do outro lado da rua. Olhei para o pequeno letreiro acima: Hunan Garden.



O restaurante estava escuro, praticamente vazio e tinha um cheiro maravilhoso. Não conseguia lembrar a última vez que tinha comido qualquer coisa mais substancial que uma barra de granola. Fiquei com água na boca e, por um momento, até esqueci que deveria estar em alerta máximo.

Mudei para Nova York para ter um novo começo. Um novo começo significava colocar minha carreira em primeiro lugar e encontrar a *mim mesma* – não cair em outro relacionamento conformista. E isso dizia tudo. Eu iria almoçar ali, mas apenas depois de falar para Max que ele nunca deveria aparecer no meu local de trabalho daquela maneira. E dizer também que, quando coloquei a mão dele debaixo do meu vestido, foi apenas um acidente. Um completo lapso. Totalmente não intencional.

– Sara?

Meu nome parecia um som erótico e suave no sotaque dele. Virei em direção à sua voz. Ele estava numa mesa ao canto, olhando por cima de um cardápio em suas mãos. Ele o abaixou, claramente surpreso, mas então sorriu e me fez querer dar um tapa nele por me deixar tão inquieta. Sua beleza parecia ainda mais acentuada debaixo da pouca luz do restaurante. E parecia ainda mais perigosa.

Andei até sua mesa e ignorei a maneira como abriu espaço para que eu sentasse ao seu lado. Seu cabelo estava curto nas laterais e mais comprido no topo. A franja caía em seus olhos quando ele se mexia e eu queria tocá-la para saber se era tão macia quanto parecia debaixo daquela luminária. Droga.

– Não estou aqui para almoçar com você – eu disse, endireitando os ombros. – Apenas queria esclarecer umas coisas.

Ele levantou a mão aberta.

– É claro.

Respirando fundo, eu disse:

– Com você na boate, eu tive a noite mais divertida de que posso me lembrar...

– Eu também.

Fiz um gesto para ele me deixar continuar.

– Mas eu me mudei para esta cidade para começar tudo de novo. Queria fazer algo maluco, e fiz, mas aquela não sou eu de verdade. Amo meu trabalho e meus colegas. Não posso ter você entrando no meu escritório para flertar comigo a toda hora. Não posso nunca agir daquele jeito no trabalho de novo – eu me aproximei e abaixei o tom de voz: – E não posso acreditar que você guardou aquele vídeo.

Ele teve a presença de espírito para ao menos se mostrar arrependido.

– Desculpe. Eu realmente tinha a intenção de apagar – apoiando-se nos cotovelos, ele disse: – Acontece que não consigo parar de assistir. Olhar o vídeo é melhor do que uma maldita dose de uísque para acalmar meus nervos. É melhor do que o filme pornô mais sujo.

Uma vibração se espalhou pela minha barriga até o meio das minhas pernas.

– E suspeito que você goste de saber disso. Também suspeito que a flor selvagem que eu conheci na boate é uma parte muito maior da Sara Dillon do que você gostaria de admitir.

– Ela não é – balancei a cabeça. – E não posso continuar com isso.

– Isso – ele disse –, é simplesmente um almoço. Junte-se a mim.

Não saí do lugar.

– Vamos lá – ele suspirou. – Você deixa eu te comer no sábado, você coloca minha mão debaixo das suas roupas alguns minutos atrás, e agora você não me acompanha no almoço. Você sempre se esforça assim para parecer tão confusa?

– Max.

– Sara.

Hesitei por um longo momento antes de sentar ao lado dele, e senti o calor irradiante de seu longo e sólido corpo próximo ao meu.

– Você está linda – ele disse.

Olhei para o vestido preto simples que eu usava. Minhas pernas apareciam logo depois da barra, um pouco acima dos joelhos. Ele correu um dedo desde o meu ombro até o pulso, provocando calafrios em minha pele.

– Não vou mais aparecer no seu escritório daquele jeito – ele disse, com a voz tão baixa que precisei me inclinar para conseguir ouvir. – Mas quero te encontrar de novo.

Balancei a cabeça, observando seus longos dedos em minha pele.

– Acho que isso não seria uma boa ideia.

Quando o garçom parou em nossa mesa, os dedos de Max se demoraram em minha mão e, quando eu não consegui pensar em nada para pedir, ele escolheu para nós dois.

– Espero que você goste de camarão – ele disse, sorrindo.

– Gosto – sua mão pousada na minha, sua perna tão próxima que encostava em minha coxa, e o que eu estava pensando? Não queria ficar constantemente distraída por uma força da natureza como o Max, mas não conseguia escapar de sua órbita. – Desculpe, estou um pouco distraída.

Sua outra mão cruzou seu corpo debaixo da mesa. Senti um leve raspar de seus dedos em minha coxa.

– Distraída por minha causa? Ou é o trabalho?

– No momento, por sua causa. Mas eu *deveria* estar distraída por causa do trabalho.

– Você vai ter bastante tempo para isso. Aposto que foi seu assistente quem mandou você comer alguma coisa.

Eu me ajeitei na cadeira para olhar em seu rosto.

– Andou espionando?

– Não precisei. Ele parece esforçado, e você parece uma pessoa que raramente se lembra de almoçar – seus dedos empurraram a barra da minha saia cada vez mais para cima, quase até a cintura. – Posso fazer isso? – seu sotaque fez o final da frase ser quase sussurrado.

Podia fazer o que quisesse, mas meu coração batia com uma mistura de excitação e ansiedade. Mais uma vez, eu estava deixando-o roubar toda minha razão e escondê-la num canto escuro onde eu não conseguia mais encontrá-la.

– Estamos num restaurante.

– Sei disso – ele puxou a renda ensopada da minha calcinha e deslizou um dedo por cima do meu clitóris, mergulhando em minha umidade. – Meu Deus, Sara. Eu adoraria deitar seu corpo nesta mesa e comer *você* no almoço.

Por um breve momento, minha pele se incendiou.

– Você não pode dizer essas coisas.

– Por quê? Estamos sozinhos no restaurante, com exceção daquele velho no outro canto, do garçom e do cozinheiro nos fundos. Ninguém pode me ouvir.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Não posso dizer essas coisas por causa do que você sente quando escuta? – ele perguntou.

Confirmei balançando a cabeça, incapaz de dizer qualquer coisa depois que ele entrou com dois dedos dentro de mim.

– Temos talvez dez minutos antes da comida chegar. Será que consigo fazer

você gozar assim tão rápido?

Não era como se ele já não estivesse com dois dedos em mim, mas por alguma razão, quando falou dessa maneira, fiquei completamente consciente de onde estávamos. Era um tormento: saber o que eu deveria fazer num restaurante silencioso – tomar meu chá, comer o almoço – e o desejo de fazer algo completamente diferente da minha pessoa: deixar aquele homem me tocar quando qualquer um poderia passar e nos ver.

Era a mesma fantasia louca da boate acontecendo novamente: o potencial de ser flagrada com este lindo estranho e conseguir me safar.

Ele começou a mover o polegar em pequenos círculos, mas manteve os dedos parados bem no fundo. Seu braço mal se movia acima da mesa, mas embaixo, onde a toalha encostava em nossas cinturas, uma explosão se anunciava.

Observei seu braço, vi sua camisa aparecendo debaixo do terno e pude sentir seu olhar em meu rosto, assistindo cada respiração que eu soltava, cada suspiro e cada mordida que eu dava em meu lábio, tentando impedir os sons dos meus gemidos. Seu toque confiante e firme concentrou uma dor gostosa entre minhas pernas e eu me pressionei contra ele, querendo mais e mais forte. Ao longe, um prato caiu no chão, mas o som do meu nome sussurrado por Max eclipsou imediatamente qualquer outra coisa.

Nosso garçom surgiu vindo da cozinha e começou a andar em nossa direção.

– Olhe para você – Max disse, beijando meu pescoço logo abaixo da orelha. Sua respiração aquecia minha pele e fiquei dividida entre me concentrar em seu toque e a aflição que senti por causa do homem que se aproximava. A combinação do prazer e do medo quase me despedaçou por inteira.

Como se tivesse sentido isso, Max murmurou:

– Ninguém aqui sabe que você está prestes a gozar na minha mão.

Achei que ele iria parar e colocar a mão em cima da mesa, mas simplesmente congelou o polegar no lugar quando o garçom chegou. Ele encheu seu copo d'água – o gelo tilintou no vidro e uma gota de condensação deslizou até a toalha da mesa, onde se espalhou e cresceu enquanto mais gotas desciam. Era como se o copo estivesse derretendo junto comigo. Por cima da mesa, parecia apenas que Max estava com a mão em minha perna. Ele então deslizou uma vez o polegar em meu clitóris, e eu ofeguei.

– A comida deve sair num minuto – disse o garçom, com um pequeno sorriso.

Max pressionou o polegar fortemente e eu apertei os dentes para não soltar um grito. Ele sorriu para o garçom.

– Obrigado.

– Você gosta assim? – ele sussurrou em meu ouvido, roçando a palma da mão enquanto enfiava um terceiro dedo. Com isso, ele me abriu até o delicioso limite

da dor e eu me senti indecente, como se estivesse fazendo algo irrevogavelmente depravado. Ele continuou me observando, enquanto eu pedia por muito mais.

– Oh, merda, Sara. Você gosta, não é?

Minhas unhas afundaram no couro do assento e Max arriscou ser notado quando começou a estocar com os dedos, fazendo seus ombros se mexerem. Minha cabeça caiu para trás e soltei o menor gemido que consegui, completamente desproporcional ao orgasmo que se espalhou por meu corpo.

– Oh, Deus – continuei gemendo enquanto ele prolongou o prazer empurrando o dedo ainda mais fundo. Virei para pressionar meu rosto em seu ombro, onde abafei um grito.

Ele diminuiu a velocidade, beijou minha testa e retirou os dedos. Levantando a mão, pressionou os dedos em sua boca uma vez, brevemente, antes de limpá-los com um guardanapo.

Então, lambeu os lábios, olhando para mim.

– Sua língua tem um sabor muito doce, mas acabei de descobrir um sabor ainda melhor – ele se inclinou e me beijou profundamente. – Quero que seja meu pau dentro de você na próxima vez.

Sim, por favor.

Deus, quem era essa mulher possuindo meu cérebro? Mas eu queria também. Mesmo após o que ele tinha acabado de fazer, eu queria montar nele e recebê-lo por inteiro dentro de mim.

Antes que essa linha de pensamento me trouxesse ainda mais problemas, meu celular tocou dentro da minha bolsa. Era uma mensagem de Bennett.

Já voltei da reunião. Vamos nos encontrar às 14h.

O relógio na tela dizia que já era 13h45.

– Preciso ir.

– Estamos estabelecendo um padrão desse jeito, Sara. Você goza e vai embora.

Respondi com uma mistura de sorriso e estremecimento. Quando o garçom voltou com a comida, entreguei uma nota de vinte e pedi para embrulhar para viagem.

– Gostaria de ter seu telefone – Max disse, colocando a nota de volta na minha bolsa.

– Absolutamente não – respondi rindo.

Não sei como aquilo aconteceu. Certo, isso era mentira, eu sabia exatamente como aconteceu – ele começou sussurrando com aquele sotaque irresistível e depois usou os dedos em mim –, mas eu não seria boba de me envolver com

Max. Primeiro, ele era um mulherengo, e de jeito nenhum eu entraria nessa de novo. Segundo, o meu trabalho. Eu tinha que colocar minha carreira como prioridade.

– Alguma hora eu vou conseguir com o Ben, sabe? Nós temos muita história juntos.

– O Bennett não vai dar meu telefone sem minha permissão. Poucas pessoas querem quebrar a cara do meu ex-namorado mais do que eu, mas o Bennett é um deles – beijei Max no queixo, senti aquela barba mal feita e me levantei. – Obrigada pelo aperitivo. E apague o vídeo.

– Posso considerar fazer isso se você sair comigo de novo – ele disse, com os olhos brilhando.

Fui embora e voltei para a Quinta Avenida, tentando esconder um sorriso.

Quatro

Três dias depois de dar a ela um orgasmo como almoço, eu não estava nem um pouco menos obcecado.

– Então, quem você vai trazer hoje à noite? – Will perguntou distraidamente, com os olhos grudados no jornal.

A viagem de volta para o escritório depois de passarmos no alfaiate foi silenciosa até então, com exceção do barulho do motor e ocasionais buzinas no trânsito. Continuei lendo os arquivos que tinha trazido comigo – fotografias de uma nova exposição no Queens – quando respondi:

– Na verdade, eu vou sozinho.

Ele olhou para mim.

– Você não tem ninguém para te acompanhar?

– Não – olhei de volta a tempo de ver suas sobrancelhas se erguerem com a surpresa. – O que foi?

– Desde quando nos conhecemos, Max?

– Seis anos, acho.

– E, nesse tempo todo, você alguma vez já participou de algum evento social sem ter uma garota ao seu lado?

– Realmente não me lembro.

– Talvez você possa checar as colunas sociais. Tenho certeza de que pode descobrir por lá – ele concluiu, sarcástico.

– Muito engraçado.

– É estranho, só isso. É nosso maior evento do ano e você não vai levar ninguém.

– Isso realmente importa?

Ele riu.

– Você está falando sério? “Quem Max Stella vai levar na festa” é a primeira coisa que as pessoas perguntam quando temos um evento desses.

– Eu acho engraçado quando você me descreve como um lobo mau que persegue a mulherada, enquanto você é um grande modelo de virtude e honra.

– Ah, eu nunca falei nada sobre ser um modelo... – ele disse por cima do

jornal. – Estou apenas sugerindo que as pessoas vão se perguntar se você vai levar alguém, só isso.

Voltei a olhar meus arquivos enquanto considerava o que ele falou. Na verdade, não tinha chamado ninguém para o evento de arrecadação de fundos. Não tinha chamado ninguém porque não estava interessado em sair com ninguém.

O que era mesmo estranho. Talvez Will estivesse certo. Desde que tinha conhecido Sara, as outras mulheres pareciam previsíveis e domesticadas demais.



Will também estava certo quando disse que o Baile Anual de Caridade Stella & Sumner era nosso maior evento do verão. Acontecia sempre no Museu de Arte Moderna e todas as pessoas importantes de Nova York apareciam por lá. Com o baile, o jantar e o leilão, nós conseguíamos arrecadar todos os anos centenas de milhares de dólares para uma fundação pediátrica contra o câncer.

O céu acinzentado da tarde havia clareado, mas o cheiro de temporal ainda pairava no ar quando meu carro alcançou os bloqueios em frente ao museu. Um manobrista abriu minha porta e saí do carro, ajeitando meu terno antes de continuar. Ouvi meu nome ser chamado em várias direções e câmeras começaram a disparar como uma pequena tempestade de raios na área de imprensa.

– Max, onde está sua acompanhante?

– Max, uma foto rápida aqui!

– Os rumores da doação para o Smithsonian são verdadeiros?

Sorri e posei para os fotógrafos, acenando até entrar no museu. Senti como se estivesse no piloto automático e fiquei aliviado por ter mantido a imprensa do lado de fora. Eu simplesmente não tinha energia para aquilo.

Os convidados eram acompanhados através do museu até o jardim do lado de fora, onde a maior parte da festa aconteceria. Multidões de pessoas bem-vestidas perambulavam com seus drinques na mão, discutindo dinheiro, suas próprias vidas e as fofocas da semana. Uma série de tendas brancas foram erguidas, cada qual iluminada por um conjunto de luzes coloridas. Uma orquestra ficava numa ponta do jardim e uma cabine de DJ estava a postos na outra ponta.

O ar estava pesado e úmido – a noite parecia se agarrar à minha pele de um jeito quase desconfortável. Caminhei até uma linha de grandes mesas brancas repletas de cristal. Quando peguei uma taça de champanhe, senti alguém se aproximar de mim.

– Perfeito como sempre, Max. Você realmente conseguiu se superar.

Pisquei ao ver Bennett ao meu lado.

– Está quente demais aqui, isso sim – eu disse, fazendo um gesto com a cabeça em direção aos drinques que ele segurava em cada mão. – Veio com a Chloe, eu presumo.

– E você veio com...?

– Vim sozinho hoje. Sabe como é, estou ocupado cumprindo o papel de anfitrião.

Bennett riu e tomou um gole de champanhe. Ele não disse nada, mas foi impossível não notar a maneira como seus olhos se focaram em algo atrás do meu ombro.

Eu me virei bem a tempo de ver Chloe e Sara voltando do banheiro. Sara estava incrível, com um vestido verde-claro cravejado de cristais que desciam dos ombros até a saia. Saltos prateados davam as caras abaixo da barra do vestido.

Levei um instante até conseguir dizer alguma coisa.

– Ela veio acompanhada, Max.

Virei para Bennett com o queixo caído e olhei ao redor, tentando encontrar o acompanhante.

– É mesmo? Com quem?

– Eu.

– Como é? Sem chance.

– Deus, estou brincando. Olhe para você mesmo – ele passou a mão no queixo e acenou casualmente para alguém do outro lado do salão. Eu legitimamente queria dar uma porrada nele.

– Max – ele disse, agora com a voz grave e séria. – Sara é a melhor amiga de Chloe e um membro importante da minha equipe. Confio em sua intuição para os negócios mais do que em qualquer pessoa, mas seu histórico com as mulheres não é exatamente impecável. Sei que sou a última pessoa que pode dar conselhos, mas aqui vai: não faça nenhuma idiotice.

– Calma. Não é como se eu estivesse querendo arrastar a moça pra uma rapidinha num closet ou qualquer coisa do tipo.

– Não seria a primeira vez – ele disse, com um sorriso, enquanto terminava o champanhe.

– Nem para você, meu amigo – eu respondi.

Bennett pareceu quase aliviado quando o deixei lá, e por um breve momento, eu quase me senti culpado por ter mentido. A verdade era que, embora eu *quisesse* arrastá-la para o closet mais próximo, eu também queria um momento para apenas observá-la.

Atravessei o jardim, cumprimentei algumas pessoas e agradei outras por suas

doações, mantendo Sara em minha visão periférica o tempo todo. Parei ao lado da grande escultura de Lachaise e fiquei observando à distância, cativado por sua beleza naquela noite.

Sara usava um vestido longo e justo, acentuando perfeitamente a silhueta e enfatizando algumas de minhas curvas favoritas.

Lembrei de sua imagem na boate, selvagem naquele vestido curto demais e nos saltos altos demais, e comparei com a sofisticada mulher que agora estava diante de mim. Percebi que o que fizemos naquela noite não era algo comum para ela. Mas acho que, até aquele momento, eu não tinha entendido exatamente o *quanto* aquilo não fazia parte de sua personalidade. Ela parecia equilibrada e delicada... embora, ainda assim, houvesse algo mais, um tipo de atrevimento que se escondia debaixo daquele exterior altivo.

Meus olhos tracejaram a linha que descia de seu pescoço até os seios, e imaginei o que ela estaria usando debaixo do vestido. Tentei pensar o que libertou aquela mulher que transou comigo num canto de uma boate cheia de gente.

Eu tinha certeza de que Bennett não estava de brincadeira quando sugeriu que eu ficasse longe de Sara. Ou que sua noiva iria comê-lo vivo – e a mim também – se descobrisse nosso caso. Bennett estava obviamente ciente de que eu tinha um interesse pela Sara mais do que casual, mas nós éramos muito amigos e, apesar de seus protestos, ele nunca interferiria se isso fosse o desejo de Sara.

Mas Chloe... era uma questão completamente diferente. Ela parecia muito esperta, seu olhar parecia muito observador. Eu conhecia pouco a futura sra. Ryan, mas sabia muito bem que, se Bennett tinha encontrado sua cara-metade, eu não deveria cutucar essa onça com vara curta.

E, apesar disso tudo, eu estava gostando bastante desse joguinho que eu e Sara estávamos jogando.



Quando a orquestra começou a tocar uma música lenta, fiquei olhando algumas pessoas saírem de suas mesas para se aventurar na pista de dança. Andei ao redor do jardim, fiquei atrás de Sara e toquei-a em seu ombro nu.

Ela se virou e seu sorriso minguou quando me viu.

– Bom, oi para você também – eu disse.

Sara tomou um longo gole de seu champanhe antes de responder.

– Como vai você nesta noite, sr. Stella?

Sr. Stella? Eu tive que sorrir.

– Então você fez uma pesquisa básica sobre mim, não é? Devo ter causado

uma impressão e tanto.

Ela retribuiu com um sorriso educado.

– Uma rápida busca no Google pode revelar muitas coisas interessantes para uma garota.

– Você nunca ouviu falar que a internet está cheia de rumores e falsidades? – eu me aproximei e passei os nós dos dedos ao longo de seu braço. A pele estava macia e suave, e notei a maneira como ela se arrepiou. – A propósito, você está linda hoje.

Ela encontrou meu olhar e tentou decifrar minha expressão. Apesar de se afastar um pouco, murmurou:

– Você também não está nada mal.

Fingi estar surpreso.

– Você acabou de me elogiar?

– Talvez.

– Seria um desperdício para nós dois termos caprichado no visual e não dançarmos ao menos uma vez. Você não concorda? – Sara olhou ao redor do jardim e eu acrescentei: – Apenas uma dança, flor.

Ela tomou o resto do champanhe e colocou a taça na bandeja de um garçom que passou por nós.

– Apenas uma dança.

Pousei minha mão em suas costas e a conduzi até um canto escuro da pista de dança.

– Gostei do nosso almoço naquele dia – eu disse, tomando-a em meus braços. – Talvez possamos repetir. Quem sabe com um cardápio diferente.

Ela sorriu com o canto da boca e olhou por cima do meu ombro.

Puxei seu corpo para mais perto, provocando aquele levantar de sobrancelha que eu estava começando a gostar tanto.

– Então, o que está achando de Nova York?

– Diferente – ela disse. – Muita gente. Muito barulho – ela inclinou a cabeça e finalmente olhou para mim. – E os homens são um pouco atrevidos demais.

Eu ri.

– Você fala como se isso fosse uma coisa ruim.

– Acho que depende do homem.

– E quanto a *este* homem?

Ela desviou os olhos e sorriu com educação novamente. Percebi que Sara era uma mulher acostumada a ser observada em público.

– Olha, estou lisonjeada por sua atenção. Mas por que você está tão interessado em mim? Será que não podemos apenas admitir que tivemos uma noite divertida e deixar as coisas como estão?

– Eu gosto de você – eu disse, dando de ombros. – Gosto muito quando você mostra seu lado pervertido.

Ela riu.

– Meu lado pervertido? Essa eu nunca ouvi antes.

– Bom, é uma pena. Agora conte para mim, o que você pensa quando fantasia? Você pensa sobre sexo gentil e doce?

Ela me lançou um olhar de desafio.

– Às vezes, sim.

– Mas também pensa em ser tocada no meio de um restaurante sem ninguém perceber? – eu me inclinei e sussurrei em seu ouvido: – Ou em dar numa boate?

Senti quando ela engoliu em seco e sua respiração ficou trêmula, quando ela se endireitou e colocou uma distância socialmente aceitável entre nós.

– Às vezes, é claro. Quem não tem esse tipo de fantasia?

– Muitas pessoas não têm. E ainda mais pessoas não realizam.

– Por que você está tão obcecado com isso? Tenho certeza que poderia mirar esse sorriso para qualquer mulher e levá-la para alguma sala vazia neste museu.

– Porque, infelizmente, eu não quero nenhuma outra mulher. Você se tornou um grande mistério para mim. Como pode esconder um paradoxo tão grande por trás desses olhos castanhos? Quem era aquela mulher que transou comigo na frente de todas aquelas pessoas?

– Talvez eu apenas quisesse sentir como era fazer algo tão maluco quanto aquilo.

– E foi incrível, não é?

Ela não hesitou quando olhou para mim:

– Sim. Mas veja só – ela disse, dando outro passo para trás. Meus braços caíram para o lado. – Não estou interessada em ser o brinquedinho de ninguém agora.

– Na verdade, sou eu quem quer ser o seu brinquedinho.

Balançando a cabeça, ela tentou esconder um sorriso e depois voltou a olhar para mim.

– Pare de ser charmoso assim.

– Venha me encontrar no andar de cima.

– O quê? Não.

– No salão vazio ao lado dos banheiros. É só subir as escadas e virar à direita – eu me aproximei e beijei seu rosto como se estivesse agradecendo pela dança.

Comecei a me afastar justamente quando a música parou e foi anunciado que o jantar seria servido no lado de dentro, seguido imediatamente pelo leilão. Fiquei imaginando se ela me encontraria. Se arriscaria deixar seus amigos e sumir sem dar explicação. Se sentia a mesma adrenalina que eu.

O som das conversas aumentou quando saí do ar úmido da noite e entrei no ar condicionado do museu. Subi a larga escadaria e serpentei pelo corredor até o salão vazio e escuro. As vozes foram sumindo enquanto eu fechava a porta atrás de mim, deixando apenas uma fresta aberta.

Esperei lá dentro por um momento, ouvindo os sons abafados da festa que continuava no andar de baixo, prestando atenção para ter certeza que estava sozinho no salão escuro.

Ocasionalmente alguém andava pelo corredor acarpetado e entrava no salão vazio para fazer breves telefonemas ou procurar pelos banheiros. Parecia que cada som que eu fazia ecoava pelo corredor, meus sapatos batiam no chão de madeira enquanto eu vasculhava o local. O salão era longo, mas não muito largo, e a cidade brilhava do outro lado das janelas. Ao longo de uma parede, ficava uma mesa retangular parcialmente coberta por uma tela ornamentada. Fora isso, o salão estava completamente vazio. Andei até a mesa e me encostei nela, atrás da tela e fora do alcance de qualquer vista. Então, esperei.

Mais de quinze minutos depois que a deixei – e depois de quase desistir de esperar – a fresta na porta se expandiu e um fecho de luz se estendeu pelo chão. Observei a figura de seu corpo através da tela, iluminada pela luz que vinha do corredor. Eu sabia que na escuridão eu permanecia invisível para ela e aproveitei a oportunidade para observá-la procurar ao redor. Eu podia imaginar a pulsação em sua garganta batendo com nervosismo e excitação. Saindo de trás da tela, finalmente permiti que ela me visse, como uma silhueta marcada pelas luzes da cidade.

Ela cruzou o salão com os olhos colados nos meus enquanto lentamente diminuía a distância entre nós. Estava difícil decifrar sua expressão no meio da escuridão, então esperei que ela falasse algo, me mandasse para o inferno ou pedisse para transar com ela de novo. Mas não disse nada. Apenas parou a centímetros de mim, hesitando por um momento antes de agarrar meu casaco e me puxar para perto.

Seus lábios estavam quentes e insistentes, e tinham sabor de champanhe. Imaginei-a tomando uma taça inteira de uma só vez, tentando encontrar a coragem para subir até aqui. Esse pensamento me fez gemer e fechar os olhos enquanto ela abria a boca para mim, com a cabeça inclinada para trás e a língua pressionada contra a minha. Toquei um seio com uma mão e agarrei fortemente sua cintura com a outra.

– Tire isso – ela disse, com as mãos mexendo na minha gravata e os dedos nos botões da camisa.

Conduzi a nós dois andando de costas e abri o zíper de seu vestido, que deslizou de seu corpo e se derramou em seus pés no chão. Ela estava

completamente nua debaixo do vestido.

– Você estava assim o tempo todo? – perguntei, tomando um mamilo em minha boca e olhando para cima, para os seus olhos.

Ela confirmou com um gesto de cabeça, os lábios separados enquanto passava as mãos em meus cabelos, sussurrando palavras como *mais e use os dentes e por favor*. Eu a guiei até a mesa, segurando-a por trás dos joelhos para empurrá-la em direção à borda.

Meus dedos percorreram suas costelas e chegaram em sua barriga. Olhei em seus olhos, erguendo uma sobrancelha enquanto passava minhas mãos nos saltos de seus sapatos.

– Vamos deixar estes no lugar – eu disse, olhando para seu corpo nu. Ela era perfeita: pele macia, seios maravilhosos, mamilos rosados.

Inclinei seu corpo e percorri com a língua um caminho descendo por seu pescoço até os seios, pressionando meu polegar numa marca que eu aparentemente deixei nela no sábado.

– Aposto que você olhou para essa marca todos os dias – eu disse, admirando meu trabalho e pressionando um pouco mais forte.

– Você está falando demais – ela disse, abrindo minha camisa. – Você está vestido demais.

Raspei meus dentes em seu mamilo, chupei e assoprei.

– Me toque – eu disse, pressionando sua mão em meu pau.

Ela apertou e eu mergulhei o rosto em seu ombro.

As mãos dela tremiam enquanto desabotoavam minha calça, abaixando-a imediatamente. Ela se inclinou na mesa, esticando o corpo e deixando que as sombras delineassem as curvas de seu peito.

– Max – ela sussurrou, cheia de desejo nos olhos.

– Sim? – eu estava distraído por seu pescoço, pelos seios e pela mão que envolvia meu pau.

– Você tem uma câmera?

Como ela fazia isso? Como alguém tão comportada, tão naturalmente refinada, podia se soltar completamente daquela maneira? Enfieei a mão em meu casaco – que ainda estava pendurado em meu ombro – e puxei meu celular, segurando-o na frente de seu rosto.

– Essa aqui serve?

– Tire fotos de nós.

Pisquei desconcertado. Então pisquei de novo. Será que ela estava brincando?

– Uau. Com certeza.

– Sem mostrar o rosto.

– É claro.

Um instante de silêncio se passou enquanto nós dois considerávamos o que eu poderia fazer com aquele celular na mão. Ela queria fotos daquilo que estávamos fazendo. Adorei saber que ela se excitava com isso tanto quanto eu. Eu percebia em sua pulsação acelerada e em seu olhar lascivo.

– E ninguém nunca poderá ver – ela disse.

Eu sorri.

– Não gosto da ideia de compartilhar qualquer parte de você. É claro que ninguém poderá ver.

Ela se inclinou para trás e eu levantei o celular, mirando nela. A primeira foto foi de seu ombro. A segunda foi de sua mão em cima do seio, com o mamilo preso no meio dos dedos. Um gemido suave escapou de seus lábios enquanto eu acariciava sua coxa até chegar ao meio das pernas.

Ouvimos vozes ecoando no corredor, que nos arrancaram daquela fantasia e nos trouxeram para a realidade de que precisaríamos eventualmente voltar lá para baixo. Coloquei uma camisinha e passei o polegar em seus lábios, deslizando para dentro de sua boca.

Ela respondeu sem palavras, envolvendo minha cintura com suas pernas e tentando me puxar para mais perto. Observei a mim mesmo deslizando para dentro dela exatamente no momento em que a porta do salão começou a se abrir.

Assim como antes, o brilho do corredor invadiu o salão, atravessando a tela e pintando seu corpo com uma faixa de luz. Ela parou de respirar, mas eu não interrompi meus movimentos; ao invés disso, levantei seu queixo e fiz um gesto para fazer silêncio enquanto eu entrava nela novamente. Um calor subiu do meu pau até minhas costas com a sensação de ser envolvido por ela.

Ela fechou os olhos com força e eu agarrei sua cintura para me apoiar, enfiando com vigor, empurrando-a ainda mais contra a mesa. O brilho que vinha da cidade foi suficiente para eu capturar uma foto escura e sensual da minha mão na sua pele. Passos cruzaram o salão em direção à janela, e suas pernas me apertaram como se quisessem impedir que eu fugisse.

Olhei seus mamilos se enrijecerem e seus lábios se abrirem em excitação. *Não se preocupe, pensei sorrindo. Não vou parar.*

Meus movimentos eram curtos e eu agarrei um seio, apertando o mamilo.

– Eles estão logo ali – sussurrei, inclinando meu corpo para beijar seu pescoço e sentir o ritmo selvagem de sua pulsação debaixo dos meus lábios. – Eles poderiam nos ver se quisessem.

Ela ofegou e eu apertei novamente, mais forte desta vez.

– Não vou tirar. Apenas quero enfiar cada vez mais fundo, sem parar.

– Mais forte – ela suplicou no meio de um suspiro.

– No seio ou aqui em baixo?

– Nos dois.

Praguejei na pele de seu pescoço.

– Você é uma depravada, sabia disso?

Sua boca se abriu num grito silencioso quando aumentei a velocidade, desejando ir ainda mais fundo. Senti sua barriga tensionar contra mim e sua cintura pressionar de volta com mais insistência. Merda, ela era quente e lisinha, e, se ela não gozasse logo, eu não aguentaria muito mais. Felizmente, com um gemido, ela enterrou as unhas dolorosamente no meu ombro, com seu corpo enrijecendo enquanto se derramava em mim. Senti a cabeça leve, uma euforia, como se algo dentro de mim estivesse prestes a explodir.

O som de passos voltou, e então parou logo atrás da tela. Senti meu orgasmo se acumular, quente e forte o bastante para me fazer ver estrelas. Minha vista se escureceu quando enfiei uma última vez, com a cabeça enterrada em seu pescoço, perdido para qualquer outra sensação enquanto gozava profundamente dentro dela.

E então veio o silêncio, no momento em que nós dois tentávamos conter nossa respiração acelerada e não ousávamos nos mover.

Fiquei vagamente ciente de um som de respiração do outro lado da tela, como se alguém estivesse ali esperando. Escutando. Virei a cabeça e vi os olhos arregalados de Sara, com os dentes enterrados no lábio inferior. Alguns instantes se passaram até que os passos voltaram a soar, e a luz sumiu de nossos corpos suados quando a porta se fechou.

Cinco

Na segunda-feira de manhã, encontrei Chloe em seu escritório, olhando pela janela. Os móveis e todas as suas coisas haviam finalmente chegado, e a inquietude dela me mostrou o quanto estava sobrecarregada com a tarefa de arrumar tudo.

Passei a maior parte do fim de semana alternando entre o horror e a celebração daquilo que fiz no baile, e fui para o trabalho tentando fazer minha mente parar de relembrar os detalhes e escrutinar minhas ações. Fiquei até a meia-noite no sábado e, infelizmente, tratei de todos os contratos e arquivos que eu teria a semana inteira para resolver. Com exceção de alguns telefonemas, agora eu não tinha mais nada para fazer e, nos últimos dias, uma Sara ociosa não era uma coisa boa.

– Precisa de ajuda?

Chloe riu, desabando no sofá.

– Eu nem sei por onde começar. Acabamos de arrumar nosso apartamento. Além disso, parece que empacotei tudo isso ontem mesmo.

– Comece com a estante de livros. Eu nunca sinto que tudo está organizado até ver linhas de livros arrumadinhos um do lado do outro.

Suspirando, ela deslizou do sofá e rastejou até uma pilha de caixas.

– Você se divertiu no baile?

Abri uma caixa e peguei um estilete.

– Definitivamente.

Pude sentir seu olhar em cima de mim, e aquela atenção estranha parecia queimar meu rosto. Eu provavelmente deveria ter explicado melhor, mas minha mente foi tomada por um completo branco. O que mais tinha acontecido? Nós chegamos. Comemos alguns aperitivos. Max e eu dançamos, e então pedi para ele tirar fotos enquanto transava comigo em cima da mesa.

Assim que me lembrei do resto – o jantar que perdemos, o leilão do qual ele foi participar, o lindo jardim para onde eu escapei depois do nosso... *encontro*; tempo demais tinha se passado para que eu respondesse com uma única palavra.

– Bom – ela disse, com um tom de voz insinuante. – Estou feliz que você

tenha decidido ir. Max e Will aparentemente organizam esse baile todos os anos e arrecadam um monte de dinheiro para caridade. Acho isso incrível.

– Incrível – murmurei, lembrando de Max vestido daquele jeito. Meu bom Deus, aquele homem tinha nascido para usar smoking. E também não parecia nada mal pelado.

Olhei pela janela, lembrando de sua respiração quente em meu pescoço.

– *Não vou tirar – ele grunhiu, esticando sua mão enorme sobre meu seio. – Apenas quero enfiar cada vez mais fundo, sem parar.*

Meus seios não eram pequenos, mas o tamanho de sua mão fez eu me sentir pequena, como se ele pudesse me erguer e me partir em duas. Mas, ao invés de ficar com medo, eu abri ainda mais as pernas, recebendo-o ainda mais fundo.

– *Mais forte.*

Ele se afastou um pouco para olhar em meus olhos.

– *No seio ou aqui em baixo?*

– *Nos dois – admiti, e então ele voltou a mergulhar em meu pescoço, mordendo minha pele.*

Comecei a pensar nas fotos que ele tirou e estremeci um pouco. Tentei não imaginá-lo olhando para elas. Talvez até se tocando...

Chloe limpou a garganta e tirou alguns livros da caixa. Pisquei, com força, e olhei para os livros na minha frente. *Deus, de onde vinham essas coisas?*

– Eu vi você conversando com Max – ela disse. – E vocês dançaram juntos por, tipo, umas três músicas. Você já conhecia ele antes?

Por acaso ela podia ler mentes? *Mas que diabos, Chloe?*

Não olhei para ela. Em vez disso, apenas murmurei:

– Não, conheci ele no... – fiz um gesto no ar – na sexta-feira.

– Ele é lindo – ela disse.

Só faltou dar uma piscadela.

Eu podia sentir seu olhar sobre mim. Chloe era a pessoa menos sutil do mundo. Ela soltava uma insinuação como se fosse um avião bombardeiro.

– Você não acha ele deslumbrante?

Finalmente, olhei para ela e revirei os olhos.

– Para com isso. Não vou ficar suspirando por Max Stella na sua frente. Ele parecia legal, só isso.

Ela riu e guardou alguns livros na estante.

– Certo. Estou apenas me certificando de que você não foi enfeitiçada por ele. O Max parece um cara muito legal, mas, sabe, ele definitivamente é um jogador. Pelo menos ele não esconde isso.

Ela ficou me observando por um minuto enquanto eu tentava não mostrar reação. Foi uma indireta sobre o Andy que parecia justa, e o tipo de coisa que

poderíamos rir juntas daqui a um ano ou dois.

Mas, agora, suas palavras apenas se dissolveram num silêncio constrangedor.

– Desculpe – ela murmurou. – Péssima hora. Você sabia que Max e Bennett estudaram juntos?

– Sim, ele mencionou algo sobre isso. Eu não sabia que Bennett tinha feito faculdade na Inglaterra.

Ela assentiu.

– Cambridge. Max foi seu companheiro de quarto desde o primeiro dia. Ele não me contou muitas histórias, mas as que contou... – ela se perdeu no pensamento e balançou a cabeça, voltando a prestar atenção nos livros.

Eu supostamente deveria estar desinteressada, completamente desinteressada nisso tudo, não é? Fiquei olhando para meu polegar, e só então percebi que tinha sofrido um corte de papel.

Controle-se, Sara. Seu cérebro está tão fixado em Max que você já nem sente mais dor? Isso é patético.

Então, como fingir que eu não me importava com as histórias que Chloe poderia ter escutado? Quer dizer, obviamente o fato de ele não ter contado *muitas* histórias significava que ele contou ao menos *algumas*.

Certo?

Organizei vários periódicos em ordem alfabética, fingindo estar concentrada. Por fim, a pergunta parecia que estava me sufocando, e eu não resisti:

– Então, que tipo de coisas eles faziam?

– Coisas de homens – ela disse, distraída. – Jogavam rúgbi. Faziam a própria cerveja e davam festas malucas. Pegavam o trem para Paris e blá, blá, blá, travessuras.

Eu queria estrangular a Chloe.

– Travessuras?

Ela olhou para mim de repente, como se tivesse se lembrado de alguma coisa, e seus olhos negros definitivamente brilharam com alguma malícia.

– Ei, isso me lembrou de uma coisa. Falando sobre travessuras...

Meu estômago congelou.

– Você desapareceu na sexta-feira durante o baile por, tipo, uma hora! Onde você estava?

Meu rosto esquentou e tive que limpar a garganta, franzindo a testa como se não conseguisse lembrar direito.

– Ah, eu me senti meio cansada. Eu, humm... fui dar uma volta no jardim.

– Que pena – ela suspirou. – Eu achei que você tinha esbarrado em um garçom gostoso e tinha ido transar em cima de alguma mesa.

Uma tosse seca explodiu em minha garganta, e de repente minha boca ficou

tão seca que eu não conseguia parar de tossir.

Chloe se levantou e foi buscar um copo de água na recepção. Quando voltou, tinha um sorrisinho no rosto.

– Te peguei! Você sempre começa a tossir quando fica nervosa assim.

– Estou bem.

– Mentiras. Mentirosa cheia de mentirinhas e mentironas. Agora, conte tudo.

Eu absolutamente me recusei a olhar para ela. Algo naqueles olhos negros e no sorriso paciente apontados diretamente para mim me faziam confessar qualquer coisa.

– Não tem nada para contar.

– Sara, você desapareceu, só voltou uma hora depois e parecia... – ela colocou uma longa mecha de cabelo atrás da orelha e revelou o sorriso mais malicioso do mundo. – Você sabe como estava parecendo. Como se tivesse acabado de transar.

Com o estilete, abri uma caixa, tirei uma pilha de revistas e entreguei para ela.

– E foi uma coisa maluca demais para explicar.

– Você está brincando? Você está falando com a mulher que transou com o chefe na escadaria do décimo oitavo andar.

Levantei a cabeça com surpresa e comecei a rir. Tomei um pouco de água para tentar parar de tossir.

– Caramba, Chloe. Eu não sabia *desse* detalhe – pensei naquilo por um instante. – Deus, ainda bem que eu nunca usava as escadas. Que indecência. Isso teria sido muito constrangedor.

– Nós éramos ridículos. Nada poderia ser mais louco do que aquilo – ela deu de ombros e voltou a me olhar de um jeito estranho. – Ou será que poderia? O que você me diz?

– Certo – eu disse, encostando no sofá. – Lembra do cara que eu conheci na boate na semana passada? O gostosão?

– Sim?

– Ele estava lá na sexta-feira.

Os olhos dela se estreitaram e praticamente pude ver as catracas girando em seu cérebro.

– No baile?

– Pois é. Ele me encontrou na frente dos banheiros – olhei o céu lá fora para que ela não visse a mentira em meus olhos. – Nós ficamos. Acho que é por isso que eu parecia... humm... amarrotada.

– Quando você diz “ficamos”, você quer dizer...?

– Isso mesmo que você está pensando. Num salão vazio – olhei para seu rosto e encarei seus olhos. – Em cima de uma mesa.

Ela soltou uma exclamação e bateu as mãos juntas.

– Olhe só para você, toda selvagem em Nova York.

Aquilo parecia algo que Max diria, mas saiu de um jeito tão diferente que, por um momento, me deixou sem palavras. Era desorientador desejá-lo tanto assim, imaginar o que ele estaria fazendo, se estaria olhando para as minhas fotos neste exato instante.

– Eu sempre soube que, lá no fundo, você era assim, Sara – ela acrescentou.

– Acontece que eu realmente não quero outra relação séria. E, mesmo que quisesse, fiquei com a impressão de que essa não é a praia dele – parei antes que acabasse revelando demais. Se eu mencionasse mais um pouco da reputação de Max nas colunas sociais, Chloe iria com certeza descobrir sobre quem eu estava falando.

Ela concordou enquanto ouvia e arrumava uma pilha de revistas.

– Mas ele é divertido, Chloe. E você sabe como as coisas eram com Andy.

Ela parou de arrumar, mas continuou brincando com o canto de uma página.

– Bom, aí é que está, Sara. Eu na verdade *não* sei. Quer dizer, vamos lá: nesses três anos que nós duas nos conhecemos, eu apenas jantei com vocês umas cinco vezes. Aprendi mais sobre ele lendo os jornais do que ouvindo as poucas histórias que você contava. Você mal falava sobre ele! Sempre fiquei com a impressão de que ele usava a reputação da sua família para criar uma imagem de pessoa bem relacionada...

Eu me senti culpada, e um constrangimento se instalou em meu peito como se fosse um peso de chumbo.

– Eu sei – respirei fundo lentamente. Uma coisa era imaginar como as pessoas me viam, outra era ouvir com todas as letras. – Eu sempre achava que, se contasse algo sobre ele, eu seria mal interpretada e acabaria arruinando sua imagem pública. Além disso, nós não éramos como você e Bennett. Nós não nos divertíamos muito na época em que eu te conheci. O Andy era um falso e um grande babaca. Levei tempo demais para perceber isso. O que aconteceu na sexta-feira foi apenas diversão.

Chloe olhou para mim.

– Ei, tudo bem. Eu sabia que era algo assim – ela abriu outra caixa. – Então, esse cara novo é legal, é diferente do Andy?

– Sim.

– Então você quer dizer que ele *gosta* de você?

– Ao menos fisicamente, o que é suficiente para mim nesse momento.

– Então, qual é o problema? Parece a situação perfeita.

– Ele é meio intenso. E eu não confio muito nele.

Colocando os livros de lado, ela se virou para me encarar.

– Sara, o que vou dizer agora pode parecer estranho, mas apenas escute.

– Claro.

– Quando o Bennett e eu começamos... aquilo que estávamos fazendo, cada vez que acontecia eu dizia para mim mesma que seria a última vez. Mas acho que eu sempre soube que continuaria acontecendo até que a situação se esgotasse. Para a nossa sorte, acho que nunca vamos parar de sentir a mesma paixão das primeiras vezes. Mesmo assim, eu não confiava nele. Eu nem mesmo *gostava* dele. E ainda por cima ele era meu *chefe*. Quer dizer, tem algo mais inapropriado do que isso? – ela riu, e, seguindo seu olhar em direção à mesa, eu vi que a primeira e única coisa que ela tinha arrumado era uma foto dos dois na França, onde ele a pediu em casamento. – Mas acho que, se eu tivesse me permitido aproveitar pelo menos um *pouco*, talvez aquilo não tivesse me consumido tanto.

Comecei a entender exatamente o que ela queria dizer sobre sentir-se consumida. E sabia também que eu estava conscientemente lutando contra Max, contra a *ideia* de Max. Mas as minhas razões eram diferentes. Não era uma relação entre patrão e funcionário, ou qualquer outro tipo de disputa por poder. Era o simples fato de que eu não queria ser de mais ninguém. Eu queria ser dona de mim mesma por um tempo. E, embora essa coisa com o Max fosse insana e completamente diferente de qualquer coisa que eu já tivesse sentido antes, *eu* era diferente – e estava gostando disso. Gostando muito.

– Eu gosto sim dele – admiti cuidadosamente. – Mas não acho que ele seria um bom namorado. Na verdade, eu *sei* que não seria. E eu mesma definitivamente não seria uma boa namorada no momento.

– Certo, então talvez vocês devessem apenas se encontrar de vez em quando para transar casualmente. Você sabe, como parceiros sexuais.

Eu ri, mergulhando o rosto em minhas mãos.

– Fala sério. Que vida é essa?

Ela olhou para mim como se quisesse afagar meu cabelo.

– Sara, essa é a *sua* vida.



George estava lendo o jornal na minha sala com os pés na minha mesa quando eu voltei.

– Trabalhando muito? – provoquei, sentando no canto da mesa.

– É hora do almoço. E você recebeu um pacote, minha querida.

– Você foi até a sala de correspondência?

Ele balançou a cabeça negativamente e levantou um pacote que estava em seu colo.

– Para ser entregue em mãos. Foi deixado aqui por um mensageiro muito bonito, devo dizer. Tive que assinar e prometer não abrir.

Peguei o pacote e fiz um gesto mostrando a porta, mandando George ir passear um pouco.

– Você nem vai me dizer o que é?

– Não tenho visão de raio X e não quero você aqui quando abrir. Então suma logo daqui.

Com uma bufada de protesto, ele tirou os pés da minha mesa e foi embora, fechando a porta depois de sair.

Fiquei olhando para o pacote por vários minutos, sentindo um formato retangular dentro do envelope. Um porta-retratos? Meu coração começou a acelerar.

Dentro havia um embrulho e um cartão que dizia:

Flor,

Abra isto com descrição. É a minha favorita.

Seu estranho.

Engoli em seco, sentindo como se estivesse prestes a libertar uma coisa que eu não seria mais capaz de conter. Olhando a porta para ter certeza de que estava bem fechada, abri o pacote, com as mãos tremendo ao perceber que realmente era um porta-retratos. Feito de madeira, havia apenas uma foto: era a imagem da minha barriga e a curva da minha cintura. A mesa preta debaixo de mim estava visível. As pontas dos dedos de Max também apareciam em baixo, como se estivessem me prendendo na mesa pela cintura. Uma tênue faixa de luz se estendia através da minha pele, como uma lembrança da porta que se abriu e da pessoa que andou pelo salão do outro lado da tela.

Ele deve ter tirado a foto logo após se enterrar em mim.

Fechei os olhos, lembrando a sensação de quando gozei. Eu me senti como um fio desencapado plugado na parede, com a carga elétrica que iluminaria o salão passando diretamente por mim. Ele descobriu meu clitóris com os dedos e continuou entrando em mim. Eu quis fechar as pernas por causa daquela intensidade, mas ele grunhiu e me manteve aberta com o bater de seus quadris.

Enfiei o porta-retratos de volta no envelope e escondi tudo na minha bolsa. Um calor se espalhou em minha pele e eu nem podia ligar o ar-condicionado ou abrir uma janela num andar alto como aquele.

Como ele sabia?

Senti o peso daquilo me pressionando: o quanto eu queria que fosse uma foto

de nós dois, o quanto eu queria ser vista. Ele entendia, talvez até melhor do que eu mesma.

Tropeçando na minha mesa, sentei e tentei avaliar a situação. Mas, exatamente na minha frente, estava o *New York Post*, aberto na seção de colunas sociais.

E bem no meio da página tinha uma história intitulada

MAX STELLA, O DEUS DO SEXO, EM VOO SOLO

O playboy milionário tentou algo novo no Museu de Arte Moderna.

Não, ele não começou a investir em arte, e com certeza não estava lá para arrecadar fundos (sejamos honestos: o cara já arrecada mais dinheiro do que um caça-níquel em Las Vegas). No sábado à noite, em seu baile anual para arrecadar fundos para a Alex's Lemonade Stand Foundation, Max Stella chegou... sozinho.

Quando questionado sobre onde estava sua acompanhante, ele disse simplesmente “Espero que ela já esteja lá dentro”.

Infelizmente para nós, os fotógrafos foram proibidos de entrar no evento.

Mas nós vamos pegar você na próxima, Mad Max.

Fiquei olhando o jornal, sabendo que George o tinha deixado lá para que eu visse, e provavelmente agora estava em algum lugar dando risada por causa disso.

Minhas mãos ainda estavam tremendo quando dobrei e guardei o jornal na gaveta. Por que não me ocorreu que um fotógrafo poderia estar lá? Não ter nenhum fotógrafo era um milagre. E, embora Max com certeza soubesse disso, eu não sabia, e nem mesmo *pensei* nisso.

– Merda – sussurrei. E então percebi, com uma clareza súbita, que essa coisa entre nós precisava acabar totalmente ou eu precisaria de algum controle. Senti um pouco de alívio em retrospecto por esse descuido, pensando que já tinha evitado três desastres na minha primeira semana.

Liguei meu notebook e busquei no Google o endereço da “Stella & Sumner”.

Não pude evitar um sorriso.

– É claro.

Rockefeller Plaza, número trinta.



A Stella & Sumner preenchia metade do septuagésimo segundo andar do

Edifício GE, um dos prédios mais icônicos da cidade. Até eu o reconhecia ao longe.

Porém, para uma empresa de capital de risco tão conhecida, fiquei surpresa com o pouco espaço que ocupava de fato. Por outro lado, não era preciso muita gente para gerir uma empresa que basicamente apenas arrecada e investe dinheiro: Max, Will, alguns executivos juniores e vários tipos de gênios da matemática.

Meu coração batia tão rápido que precisei contar até dez, e então corri para o banheiro ao lado dos escritórios para me recompor.

Chequei cada cabine para ter certeza de que estavam vazias, depois fui me olhar no espelho.

– Se você vai fazer isso com ele, lembre-se de três coisas, Sara. Primeiro, ele quer a mesma coisa que você. Sexo sem compromisso. Você não deve mais nada para ele. Segundo, não tenha medo de pedir aquilo que você quer. E terceiro... – eu me endireitei e respirei fundo: – seja jovem. Divirta-se. Desligue o resto.

De volta ao corredor, as portas de vidro da Stella & Sumner abriram automaticamente quando me aproximei, e uma velha recepcionista me cumprimentou com um sorriso sincero.

– Estou aqui para falar com Max Stella – eu disse, sorrindo de volta. Ela tinha um rosto familiar. Olhei para a placa onde estava seu nome: Brigid Stella.

Meu Deus, a recepcionista era a *mãe* dele?

– Você tem hora marcada, meu amor?

Seu sotaque era igual ao dele. Voltei minha atenção para seu rosto.

– Não, na verdade não. Eu gostaria só de um minuto.

– Qual é o seu nome?

– Sara Dillon.

Ela sorriu – mas não um sorriso de quem sabe de alguma coisa, *graças a Deus* –, olhou em seu computador e pegou o telefone.

– Estou com Sara Dillon na recepção. Ela quer dar uma palavrinha com você – ela escutou por alguns segundos e depois disse: – Certo.

Quando desligou, ela já estava acenando com a cabeça.

– É só seguir pelo corredor e virar à direita. A sala dele é a última.

Agradei e segui pelo corredor. Quando me aproximei, vi que Max estava esperando na porta, encostado no batente e mostrando um sorriso tão convencido que eu parei a uns bons três metros de distância.

– Não fique tão convencido – sussurrei.

Ele começou a rir, virando-se e entrando na sala.

Eu o segui e fechei a porta atrás de mim.

– Não estou aqui para fazer o que você está pensando – então, fiz uma pausa,

reconsiderando meu discurso. – Certo, talvez eu esteja *sim* aqui por causa disso. Mas não exatamente. Quer dizer, não aqui, e não aqui *hoje*, com a sua mãe logo ali fora! Meu Deus, quem contrata a própria mãe para ser sua *recepcionista*?

Ele continuou rindo, com aquela maldita covinha aparecendo em seu rosto, e, a cada palavra enrolada que eu dizia, ele parecia rir ainda mais forte. Caramba, ele era completamente adorável, brincalhão... irritante... e *estúpido*!

– Para de rir! – eu gritei e então bati com a mão na minha boca quando percebi que minhas palavras ecoaram ao redor. Ele se esforçou para mudar a expressão, andou até mim e me beijou uma vez, de um jeito tão doce que eu literalmente esqueci por um momento o que estava fazendo ali.

– Sara – ele disse com a voz baixa. – Você está linda.

– Você sempre diz isso – respondi. Fechei os olhos e senti meus ombros relaxando. Não conseguia lembrar de uma única vez nos últimos três anos em que Andy havia me elogiado em algo que não fosse minha escolha para o vinho no jantar.

– Isso é porque eu não sou nada se não for honesto. Mas o que você está vestindo?

Abri os olhos e olhei minha blusa branca, a saia azul-marinho e o cinto vermelho. Max estava olhando diretamente para meu peito, e senti meus mamilos endurecerem sob seu olhar.

Ele sorriu com o canto da boca. Ele sabia.

– Estou vestindo... roupa de trabalho.

– Você está parecendo uma estudante safada.

– Tenho vinte e sete anos – fiz questão de lembrar. – Você não está sendo um pervertido olhando para os meus peitos.

– Vinte e sete – ele repetiu, aumentando o sorriso. Ele agia como se todas as informações que eu passasse fossem uma pérola que ele juntava para formar um colar. – Quantos dias dá tudo isso?

Estreitei os olhos.

– O quê? Isso dá... – olhei para cima por alguns segundos. – Cerca de nove mil, oitocentos e cinquenta. Um pouco mais, já que meu aniversário é em agosto. Então dá quase dez mil dias.

Ele gemeu e pressionou a mão no peito de um jeito dramático.

– Droga. Ela é boa com números e se veste desse jeito. Não posso resistir aos seus encantos.

Não pude evitar sorrir de volta. Ele nunca foi rude ou mal-educado comigo e já tinha me dado mais orgasmos em uma semana do que qualquer outro homem em... *Oh, Sara, que deprimente. Vamos mudar de assunto.*

Ele olhou para mim mais uma vez e disse:

– Bom, eu certamente mal posso esperar para que você diga qual é o motivo desta visita tão inesperada. Mas me deixe responder sua pergunta mais recente. Sim, minha mãe é a minha recepcionista e parece mesmo um pouco estranho. Mas eu desafio você a tentar tirá-la de lá. Eu juro, você vai acabar sem uma orelha na cabeça.

Ele deu um passo para frente e, de repente, já estava muito perto. Perto demais. Eu podia ver as pequenas listras no casaco de seu terno, podia ver os vestígios da barba crescendo em seu queixo.

– Eu vim até aqui para conversar com você – eu disse.

Minha voz deve ter soado minúscula e precisei buscar forças para dizer as palavras que eu tinha ensaiado tanto. Eu não queria ser a mesma pessoa que ficou com o Andy no começo: alguém em quem se passava por cima facilmente. Depois de seis anos, percebi que o problema era que eu não me importava de verdade em lutar por qualquer coisa.

Ele sorriu.

– Suspeitei desde o princípio. Você quer sentar?

Balancei a cabeça negativamente.

– Quer algo para beber? – ele andou até um minibar e levantou uma garrafa de cristal com um líquido âmbar. Sem pensar, aceitei, e ele preparou dois copos.

Ao entregar, sussurrou:

– Apenas dois dedos hoje, flor.

Não contive uma risada.

– Obrigada. Desculpe, toda essa situação... está me consumindo.

Ele ergueu uma sobrancelha, mas pareceu desistir de jogar mais uma insinuação na conversa.

– Também sinto isso.

– Com você, sinto como se estivesse nadando num lugar que não dá pé para mim – comecei dizendo.

Ele riu, mas não de um jeito rude.

– Dá para perceber.

– Entende? Antes do que aconteceu na boate... estive com o mesmo cara desde os meus vinte e um anos.

Max tomou um gole de seu drinque e depois ficou olhando para a bebida, apenas escutando. Considerei o quanto eu realmente queria contar sobre Andy, sobre mim e sobre como nós éramos como um casal.

– Andy era mais velho. Mais estabelecido, mais experiente. Nosso namoro era bom – eu disse. – Tudo estava sempre *bom*. Acho que muitas relações terminam desse jeito, apenas... bom. Fácil. Sei lá. Ele não era meu melhor amigo, e nem era realmente meu amante. Nós apenas morávamos juntos. Tínhamos uma

rotina.

Eu era fiel; ele saía transando por toda Chicago.

– Então o que aconteceu? Quem apertou o gatilho?

Fiz uma pausa, olhando para ele. Eu já tinha usado essa expressão com Max? Tentei lembrar e concluí que não. Usei esse termo para descrever minha vida depois que fui embora, mas nunca falei desse jeito com ele. Senti um arrepio percorrer meus braços. Um milhão de respostas cruzaram minha mente, mas a que usei foi:

– Eu estava cansada de ser tão velha sendo tão jovem.

– É isso? Você só vai me contar isso? Você é um completo enigma, Sara.

Olhando para ele, eu disse:

– Considerando o que nós fizemos juntos, você não precisa saber nada além disso. Eu deixei muita infelicidade em Chicago e não estou querendo me envolver com ninguém no momento.

– Mas então você me encontrou na boate – ele disse.

– Se me lembro bem – respondi, passando a ponta do dedo pela sua camisa –, foi você quem me encontrou.

– Certo – ele disse, e sorriu, mas, pela primeira vez, seus olhos não sorriram primeiro. Ou mesmo depois. – E aqui estamos nós.

– Aqui estamos nós – repeti. – Decidi que era minha hora de ser um pouco selvagem – olhei para a janela, para as nuvens flutuantes no céu, que pareciam tão sólidas e convidativas, como se eu pudesse pular em uma e sair voando por aí, para qualquer lugar, um lugar onde eu estaria segura daquilo que estava prestes a dizer. – Mas encontrei você algumas vezes desde então e... eu gosto de você. Apenas não quero que as coisas fiquem malucas ou saiam dos trilhos.

– Eu entendo perfeitamente.

Será que entendia mesmo? Era impossível que ele entendesse. E, na verdade, não importava se entendia, ainda mais importante do que minha vida permanecer nos trilhos era minha necessidade de *não* ter uma vida tão segura quanto era em Chicago. A segurança era um pesadelo. A segurança era uma mentira.

– Uma noite por semana – eu disse. – Serei sua uma noite por semana.

Ele me encarou com aquela expressão calma e pensativa e eu percebi que, todas as vezes que o vi antes disso, ele mostrava as cartas que tinha. Seu sorriso era completamente honesto. Sua risada era perfeitamente real. Mas esta expressão era sua máscara.

Minha barriga deu um nó doloroso.

– Quer dizer, se é que você quer me ver de novo.

– Eu definitivamente quero – ele me assegurou. – Só não sei exatamente o que você quer dizer.

Levantei e andei até a janela. Senti ele se mover atrás de mim e disse:

– Sinto que a única maneira de conseguir lidar com isso agora é estabelecer um limite muito claro. Além dessa fronteira, estou aqui para trabalhar, para construir uma vida. Mas dentro desse limite... – fiquei em silêncio, fechando os olhos e apenas deixando a ideia no ar. A ideia das mãos de Max. A ideia de sua boca. Seu corpo esculpido e sua grossura pressionando contra mim de novo e de novo. – Podemos fazer qualquer coisa. Quando eu estiver com você, não quero me preocupar com mais nada.

Ele se moveu para o lado, de um jeito que eu virei meu rosto apenas levemente e vi que ele me olhava diretamente nos olhos. Ele sorriu. A máscara tinha sumido, o sol da tarde batia na sala, e seus olhos pareciam arder em chamas.

– Você está oferecendo apenas seu corpo para mim.

– Sim – fui a primeira a desviar os olhos.

– Você realmente vai me dar apenas uma noite por semana?

Estremeci.

– Sim.

– Então você quer... o quê? Um caso sem compromisso, mas com compromisso?

Eu ri e disse:

– Eu certamente não gosto da ideia de você saindo por aí pegando várias mulheres. Então, sim, isso faz parte do acordo. Se é que você faz esse tipo de coisa.

Ele coçou o queixo, sem responder minha proposta.

– Qual noite da semana? Sempre a mesma noite?

Eu não tinha pensado nesses detalhes, mas concordei com a cabeça.

– Às sextas-feiras.

– Se eu não posso sair com outras mulheres, o que acontece quando eu tiver um evento na quinta ou no sábado onde preciso levar uma acompanhante?

Meu peito se torceu de ansiedade.

– Não. Nada de aparições públicas. Acho que você vai precisar levar sua mãe nessas ocasiões.

– Você é uma garota exigente – seu sorriso seguiu suas palavras e cresceu lentamente, como uma fogueira que se acende devagar. – Isso parece tão organizado. Nosso modus operandi não tem sido assim até agora, flor.

– Eu sei. Mas esta é a única maneira que parece sã para mim. Não quero aparecer nos jornais com você.

Suas sobrancelhas se juntaram.

– Por que isso especificamente?

Balançando a cabeça, percebi que tinha falado demais. Então murmurei:

– Apenas não quero.

– Eu não tenho nenhuma voz nisso? – ele perguntou. – Vamos apenas nos encontrar no seu apartamento e transar a noite inteira?

Passei a ponta do dedo pelo seu peito novamente, descendo ainda mais, até chegar em seu cinto. Esta era a parte que eu esperava que ele aceitasse, e a parte que eu mais temia. Depois da boate, do restaurante e do baile, eu estava começando a me sentir viciada em adrenalina. Não queria abrir mão disso.

– Acho que nos saímos muito bem até agora. Não quero usar meu apartamento. Nem o seu. Vou esperar você me enviar uma mensagem de texto dizendo onde eu devo te encontrar e o que esperar no geral, para que eu possa me vestir de acordo. Não me importo com o resto.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei. Comecei apenas provocando, mas então o beijo ficou tão intenso que eu quase desejei retirar tudo que disse e ficar com ele todas as noites da semana. Mas ele se afastou primeiro, respirando pesadamente.

– Eu posso evitar os fotógrafos, mas estou obcecado em tirar fotos com você. É minha única condição. Sem mostrar os rostos, mas fotos são permitidas.

Um arrepio subiu pelas minhas costas e eu encarei seu rosto. Só de pensar em ter provas dele tocando minha pele nua e depois olhando fotos de nós transando fez um calor se espalhar do meu peito até o rosto. Ele percebeu, sorrindo e acariciando meu queixo.

– Quando isso terminar, você vai precisar apagar as imagens – eu disse.

Ele assentiu imediatamente.

– É claro.

– Te vejo na sexta, então – coloquei minha mão dentro de seu casaco, aproveitando para passear nas linhas duras de seu peito antes de tirar seu celular do bolso interno e discar meu número. Meu celular tocou na minha bolsa. Senti seu sorriso sem nem precisar olhar em seu rosto. Guardei o telefone de volta no bolso dele, virei e fui embora, sabendo que, se eu olhasse para trás, não resistiria e voltaria.

Eu me despedi de sua mãe e fiz a longa viagem de elevador até o saguão no térreo, pensando na câmera de seu celular o tempo todo.

Depois de andar dois quarteirões, meu celular tocou dentro da minha bolsa.

Me encontre na sexta, entre a 11th e a Kent no Brooklyn. 18h. Vá de táxi e espere até eu abrir a porta. Você pode ir direto do trabalho.

Seis

Quando eu era jovem e inocente, Demitri Gerard foi o segundo cliente que tive. Ele tinha uma empresa pequena, mas rentável, que comercializava antiguidades no norte de Londres. No papel, o negócio não tinha nada de especial: ele pagava as contas no prazo, tinha uma lista de clientes fiéis e, em um ano, fazia mais dinheiro do que gastava. Mas o ponto realmente excepcional era sua habilidade incrível de farejar achados que poucas pessoas sabiam existir. Peças que, nas mãos certas, eram vendidas por pequenas fortunas para colecionadores do mundo todo.

Ele precisava de capital para expandir e, eu soube mais tarde, para bancar uma longa lista de informantes que o mantinham atualizado sobre o que se descobriria por aí. Informantes que permitiram que ele se tornasse um homem muito, muito rico. Legalmente, é claro.

De fato, Demitri Gerard se tornou tão bem-sucedido que era dono de doze galpões apenas em Nova York, sendo que o maior deles ficava entre a Décima Primeira e a Kent.

Tirando o papel do meu bolso, digitei o código que Demitri tinha me passado por telefone pela manhã. O alarme tocou duas vezes antes da fechadura da porta se abrir com um som metálico. Com um rápido gesto para o meu motorista, abri a porta pesada, ouvindo meu carro partir enquanto eu entrava lá dentro.

Um elevador de carga me levou até o quinto andar e eu tirei meu casaco, dobrando a manga da camisa e olhando ao redor. Paredes e chão de cimento liso, luminárias penduradas nas vigas do teto. Demitri usava esses prédios para guardar coleções que seriam vendidas mais tarde em leilões ou transportadas para vários negociantes. Ainda bem que esta coleção ainda não tinha sido vendida.

A luz do sol ainda entrava pelas janelas sujas e rachadas que se alinhavam em duas paredes do galpão, e fileiras e mais fileiras de espelhos cobertos de panos preenchiam o espaço. Cruzei o galpão, provocando nuvens de poeira a cada passo, e levantei uma cobertura de plástico da única peça de mobília do lugar: um sofá de veludo que eu tinha mandado entregar mais cedo. Sorri, passando as

mãos na curva do assento, imaginando se Sara estivesse ali, nua e implorando.

Perfeito.

Passei a hora seguinte cuidadosamente tirando a cobertura de cada espelho e os movendo ao redor, direcionando-os para o sofá que coloquei no meio de tudo. Alguns espelhos eram ornamentados, com grandes molduras douradas e vidros que envelheceram nas bordas com o passar do tempo. Outros eram mais delicados, com detalhes esculpidos em madeira reluzente.

O sol havia se posto atrás dos prédios ao redor quando terminei, mas ainda brilhava o suficiente para que eu não tivesse que ligar as lâmpadas fluorescentes. Uma luz tênue entrava pelas janelas, e, olhando meu relógio, percebi que Sara chegaria a qualquer momento.

Pela primeira vez desde que pensei neste plano, considerei a possibilidade de que ela poderia não aparecer e o quanto isso seria decepcionante. O que era estranho. É fácil desvendar a maioria das mulheres, que me querem por causa do meu dinheiro ou a notoriedade de serem vistas comigo. Mas não Sara. Nunca precisei me esforçar desse jeito para conseguir a atenção de uma mulher antes, e não sei como eu me sinto em relação a isso. Eu era mesmo um clichê tão grande assim? Apenas querendo o que não posso ter? Eu me acalmei pensando que nós dois éramos adultos, nós dois queríamos aquilo e logo iríamos nos cansar e seguir em frente. Sem problemas.

Simple assim.

E o fato de ser uma transa incrível também não era nada mal.

Meu celular vibrou do outro lado do galpão e, com uma última olhada ao redor, entrei no elevador e desci a curta distância até o térreo.

Ela levantou o olhar ao ouvir o barulho da porta, e meu pau endureceu com a visão dela parada ali, esperando, incerta.

Calma, cara. Deixe ela entrar antes de pular em cima dela.

– Oi – eu disse, beijando seu rosto. – Você está linda.

O cheiro dela já era familiar, algo que lembrava o verão e frutas cítricas. Andei até o táxi e paguei o motorista, virando para ela enquanto o carro ia embora.

– Isso foi realmente presunçoso da sua parte – ela disse, erguendo a sobrancelha. Seu cabelo estava levemente ondulado, preso na frente com uma pequena presilha prateada. Imaginei como ficaria mais tarde, sem a presilha, todo embaraçado depois de eu transar com ela. – Principalmente se você considerar que eu já tinha pago.

Olhei em direção ao táxi e balancei a cabeça com um sorriso.

– Vamos apenas dizer que falta de autoestima nunca foi um defeito meu.

– Então qual é o seu defeito? – ela perguntou.

– Acho que não tenho nenhum, na verdade. Talvez seja por isso que você goste de mim.

– *Gostar* é uma palavra muito forte – ela disse, curvando o canto da boca num pequeno sorriso.

– *Touché*, garota malvada – também sorri ao abrir a porta, fazendo um gesto para ela liderar o caminho.

Ficamos em silêncio enquanto andávamos até o elevador e durante a subida, mas uma pesada sensação de antecipação era palpável entre nós.

O elevador abriu as portas que davam direto no galpão, mas, ao invés de entrar, Sara se virou para me encarar.

– Antes de entrarmos aí – ela disse, acenando com a cabeça – eu preciso que você diga que não vou encontrar nenhuma corrente e, tipo, *apetrechos* aí dentro.

Eu ri, enxergando apenas agora o quanto a situação parecia estranha e o quanto ela estava confiando em mim. Prometi a mim mesmo que faria tudo valer a pena.

– Nada de algemas ou chicotes, prometo – eu me aproximei e beijei sua orelha. – Talvez alguns tapas de leve, mas vamos primeiro ver como a noite progride, certo? – dei um tapa em sua bunda antes de liderar o caminho para fora do elevador.

– Uau – ela disse, com o rosto ficando um pouco vermelho enquanto andava.

Tantas contradições.

Fiquei assistindo enquanto ela olhava ao redor lentamente. Usava um vestido cor de vinho, mostrando as longas pernas que terminavam em grandes saltos pretos.

– Uau – ela repetiu.

– Ainda bem que você aprovou.

Ela correu um dedo na superfície de um grande espelho de prata, com os olhos encontrando os meus através do reflexo.

– Estou percebendo um tema aqui.

– Se está se referindo ao fato de que eu me excito observando você, então, sim, esse é o tema – sentei em uma das grandes janelas, esticando as pernas na minha frente. – Adoro assistir você gozando. Porém, mais do que isso, adoro o jeito como *você* se excita ao ser observada – seus olhos se arregalaram como se aquilo que eu disse fosse algo surpreendente.

Fiz uma pausa. Será que a julguei errado? Para mim, estava claro que ela era ao menos um pouco exibicionista e mais do que um pouco fascinada com a adrenalina de ser vista.

– Você sabe que eu gosto de olhar as fotos de você nua. Sei que você gosta de sexo em público. Por acaso eu me enganei com alguma dessas coisas?

– É que ouvir isso em voz alta é estranho – ela andou pelo galpão, olhando para cada espelho enquanto passava. – Acho que sempre pensei que outro tipo de pessoa gosta dessas coisas, não eu. Percebi que isso parece ridículo.

– Só porque você vivia de um jeito diferente antes, não significa que você gostasse.

– Acho que não entendo direito o *que* eu gosto – ela disse, virando para me encarar. Acho que não vivi o suficiente para saber de verdade.

– Bom, aqui está você, no meio de um galpão vazio, apenas com um sofá cercado de espelhos antigos. Eu adoraria ajudar você a se descobrir.

Ela riu, aproximando-se novamente de mim.

– Este prédio não é seu.

– Continuou pesquisando minha vida, não é?

Ela deixou a bolsa encostada na parede e sentou no sofá, cruzando as pernas.

– Eu precisava descobrir coisas além das colunas sociais. Para ter certeza que não iríamos recriar uma cena de *O massacre da serra elétrica*.

Balancei a cabeça, rindo, surpreso com alívio de saber que ela teve o bom senso de pesquisar antes de aparecer.

– Este prédio é de um cliente meu.

– Um cliente com fetiche por espelhos?

– Não sei o quanto você descobriu nas suas pesquisas – eu disse. – Mas tenho dois sócios, e cada um de nós tem sua própria área de especialização: Will Sumner é especialista em biotecnologia, James Marshall em tecnologia. Eu me concentro nas artes: galerias e...

– Antiguidades? – ela disse, fazendo um gesto para os espelhos.

– Sim.

– O que nos traz para o motivo de estarmos aqui.

– Terminou com o questionário?

– Por enquanto.

– Satisfeita?

– Hum... ainda não.

Cruzei o galpão e me ajoelhei na frente dela.

– Tudo bem com isso tudo?

– Com você transando comigo num galpão cheio de espelhos? – ela passou uma mecha do cabelo atrás da orelha e deu de ombros, num gesto cheio de inocência. – Surpreendentemente, sim.

Pousei minha mão atrás de seu pescoço.

– Estive pensando nisso o dia todo. Em como você ficaria ao sentar aqui – sua pele era tão macia, e deixei meus dedos passearem por sua garganta até o peito. Dei um beijo com pressão em seu pulso, sentindo a batida com a minha língua.

Ela sussurrou meu nome, com as pernas se abrindo enquanto me puxava para perto.

– Eu quero você nua – eu disse, não perdendo tempo e abaixando a frente de seu vestido. – Quero você nua e molhada e implorando para eu te foder – encontrei seu seio, chupei e mordi o mamilo por cima da renda do sutiã. – Quero que você grite tão alto até que as pessoas no ponto de ônibus lá na rua saibam meu nome.

Ela ofegou e agarrou minha gravata, desfazendo o nó e puxando-a para fora do meu pescoço.

– Eu poderia amarrar você com isso – eu disse. – Dar uns tapas. Chupar sua boceta até você implorar para eu parar – observei enquanto ela se atrapalhava com os botões da minha camisa, com um olhar faminto nos olhos ao tirá-la dos meus ombros.

– Ou eu poderia amordaçar você – ela provocou, com um sorriso no canto da boca.

– Promessas, promessas – sussurrei, tomando seu lábio inferior em minha boca. Beije seu queixo, lambi seu pescoço.

Ela me agarrou por cima da calça, meu corpo respondendo imediatamente, meu pau endurecendo em sua mão.

Desabotoei seu vestido e o abri, tirando-o por seus braços e jogando-o para o lado. Então tirei o sutiã.

– Diga o que você quer, Sara.

Ela hesitou, olhando para mim, antes de sussurrar:

– Me toque.

– Onde? – eu perguntei, subindo um dedo pela sua coxa. – Aqui?

Sua pele parecia branca como leite em contraste com o vermelho do sofá – a imagem era melhor do que qualquer fantasia que eu tinha pensado – e mordi sua cintura enquanto deslizava a pequena calcinha de renda para a parte inferior de suas pernas. Mergulhando um dedo, quase perdi a respiração ao sentir o quanto ela já estava molhada. Circulei o polegar em seu clitóris, com nós dois olhando para onde eu a tocava. Observei seus músculos da barriga se apertarem, ouvi os suaves gemidos enquanto eu mexia em sua pele molhada.

Fiquei de pé e abri minha calça, jogando uma camisinha no sofá antes de abaixar minhas roupas pela cintura. Ela não perdeu tempo, sentou e tomou meu pau em sua mão, passando a língua ao longo da cabeça. Fiquei olhando enquanto ela chupava a ponta, com lábios quentes e macios.

Olhei para cima por um segundo e vi nosso reflexo nos espelhos. Ela segurava meus quadris, com seus lindos cabelos cor de caramelo entrelaçados nos meus dedos, a cabeça subindo e descendo. Forcei a mim mesmo a não olhar para

baixo, sabendo como seus cílios escuros pareceriam por esse ângulo, pousados sobre seu rosto rosado.

Ou melhor, seus olhos escuros abertos e me encarando.

Senti a maneira como cada um de seus dedos me apertava, senti o raspar macio de seus cabelos contra minha barriga, o calor de sua boca e a vibração de cada gemido encorajador. Aquilo era muito bom. Bom *demais*.

– Ainda não – eu disse, ofegando, mas conseguindo me afastar de algum jeito. Corri meus dedos por seus lábios. Era muito tentador apenas observá-la chupando meu pau e gozar em sua garganta. Mas eu tinha outros planos. – Vire-se. Quero você de joelhos.

Ela fez o que pedi, olhando por cima do ombro enquanto eu me posicionava atrás dela.

Aquele olhar quase me fez gozar e eu tive que pensar em planilhas e arquivos – até mesmo nas piadas ruins do Will – enquanto pegava a camisinha e rasgava a embalagem, vestindo-a imediatamente. Agarrei seus quadris e guiei meu pau até sua entrada, esfregando a ponta antes de pressionar e penetrar fundo.

Sua cabeça caiu para frente, escondendo seu rosto da minha vista. Isso não poderia ficar assim.

Estiquei os braços, entrelaçando meus dedos em seus cabelos, então puxei, trazendo sua cabeça de volta.

Ela ofegou, com olhos arregalados de surpresa e desejo.

– Pronto – eu disse, recuando levemente e deslocando-a para frente. – Aí mesmo – acenei com a cabeça para os espelhos na nossa frente. – Quero que você olhe exatamente ali.

Ela lambeu os lábios, assentindo o melhor que pôde.

– Você gosta disso? – perguntei, segurando mais forte.

Ela murmurou um sim.

Aumentei a velocidade, olhando-a com admiração. Claramente ela estava deixando eu liderar, tomar o que quisesse. Minha mente continuava pensando, tentando imaginar como eu poderia excitá-la, como poderia deixá-la tão louca de desejo quanto eu me sentia perto dela.

– Viu como fica muito melhor assim? – eu disse, assistindo cada movimento no espelho enquanto eu continuava entrando e saindo de seu corpo apertado. – Viu como fica perfeito assim? – circulei com o quadril e aumentei ainda mais o ritmo. – E ali? – guiei sua cabeça para a direita, para outro espelho virado em nossa direção. – Merda. Veja como seus peitos balançam enquanto eu enfio em você por trás. Veja a curva das suas costas. Veja essa bunda perfeita.

Movi minhas mãos de seus cabelos para os ombros, agarrando-os, usando-os como apoio. Apertei o músculo, com meus polegares cobrindo a curva de suas

costas. Sua pele estava molhada de suor, o cabelo começava a grudar na testa. Dobrei meus joelhos para mudar o ângulo e ela se arqueou sob minhas mãos, com o corpo batendo de volta contra o meu.

Ela transferiu o peso do corpo para seus cotovelos e soltou um grito, pedindo mais força, os dedos agarrando o tecido do sofá. Segurei os quadris com cada uma de minhas mãos, enfiando fundo, puxando-a para trás com violência em cada estocada.

– Max – ela gemeu, afundando o rosto na almofada. Ela parecia tão desconcertada, tão completamente perdida para qualquer outra coisa além de nossos corpos se encaixando...

Minhas pernas começaram a arder e o prazer começou a se espalhar por todo o meu corpo. Senti uma pressão se acumulando em minha barriga e então inclinei para frente, envolvendo sua cintura com meus braços para mudar nossa posição. Ela esticou a mão para trás, segurando meus quadris, puxando-me ainda mais para dentro dela.

– Isso – eu disse em meio à respiração ofegante, cada vez mais próximo, sentindo-a começar a se apertar e me envolvendo, com minhas próprias súplicas abafadas em seus ombros. – Você está perto?

– Muito perto – ela disse, com olhos fechados e dentes cerrados. Movi minha mão para tocar seu clitóris, mas seus próprios dedos escorregadios já estavam lá. O sofá chiava embaixo de nós e eu brevemente considerei a possibilidade de que fosse quebrar. – Max, mais rápido.

Olhei ao redor novamente, vendo a nós dois em diferentes espelhos, em diferentes ângulos, nossos dedos se movendo em sua pele enquanto mexíamos. Eu sabia que nunca tinha visto nada igual aquilo. Sabia que era apenas um jogo, mas, droga, eu não queria parar de jogar nunca.

Voltei os olhos para Sara novamente enquanto ela dizia meu nome várias vezes. Então sua cabeça tombou para trás em meu ombro e ela gozou forte, apertando ainda mais meu corpo. Tudo parecia quente e elétrico, com meu coração batendo violentamente dentro do meu peito.

– Não feche os olhos, não se atreva a fechar os olhos. Estou quase lá – então eu a segui, meu corpo tremendo enquanto gozava, enchendo a camisinha. Caí para frente, apoiando com minhas mãos em sua cintura, sentindo o sangue bombeando em minhas veias.

– Minha nossa... – ela disse, olhando de volta para mim com um pequeno sorriso.

– Realmente – consegui me levantar e jogar a camisinha fora, depois sentei com ela no sofá. Sara estava relaxada, esparramada, e sorriu preguiçosamente enquanto se encostava na almofada com um suspiro.

– Não sei se consigo andar – ela disse, tirando uma mecha de cabelo da testa suada.

– De nada.

Ela piscou olhando para mim.

– Sempre tão convencido.

Eu sorri maliciosamente, fechando os olhos enquanto tentava recuperar o fôlego. Ou pelo menos até conseguir sentir minhas pernas novamente.

Um longo silêncio se estendeu por vários minutos. Carros buzonavam nas ruas lá fora, um helicóptero viajava para algum lugar ao longe. O galpão tinha escurecido, e então senti um movimento. Olhei para cima e vi Sara de pé, começando a juntar suas roupas.

– Que planos você tem para o resto da noite? – perguntei, rolando de lado e assistindo-a colocar novamente o vestido.

– Vou para casa.

– Nós dois precisamos comer – estiquei o braço e acariciei sua coxa macia. – Certamente esse exercício todo abriu nosso apetite.

Ela gentilmente afastou minha mão e ajoelhou no chão procurando seu outro sapato. Eu nem lembrava quando ela os tirou.

– O que temos entre nós dois não funciona assim.

Franzi a testa. Acho que eu deveria sentir algum tipo de alívio sabendo que ela não estava entrando em território desnecessariamente emocional. Mas ela era um mistério tão grande para mim. Obviamente inexperiente, obviamente ingênua. Mas tinha ido até ali, de um jeito até bem irresponsável, e estava confiando em mim.

Por quê?

Todo mundo joga um jogo. Qual era o jogo dela?

Sara vestiu os sapatos, endireitou-se e pegou uma escova na bolsa. Seus olhos estavam iluminados, seu rosto estava mais corado do que o normal, mas, fora isso, ela estava perfeitamente apresentável.

Tenho que me esforçar mais da próxima vez.

Sete

Talvez fosse por isso que Andy conseguia fazer tanta coisa num dia só. Nada clareia mais a mente que gozar gritando com um lindo estranho que não esperava que eu fosse lavar e passar suas roupas depois. Na segunda-feira de manhã, eu me senti energizada e completamente concentrada na reunião de departamento das nove horas.

Os outros executivos e suas assistentes tinham finalmente chegado ao novo escritório e, graças ao trabalho de Bennett, nós fomos inundados com a perspectiva de vinte novos clientes. Fui soterrada com trabalho. No lado positivo, agora eu teria pouco tempo para fantasiar com bonequinhos de vodu do Andy e técnicas de castração.

Mas, no meio da correria – pulando de reunião em reunião, uma parada no banheiro e um momento de sossego após um telefonema –, eu lembrei de minha noite com Max, seu corpo malhado e nu atrás de mim, minhas pernas pesadas com uma deliciosa exaustão e suas mãos agarrando meus cabelos.

“Não feche os olhos, não se atreva a fechar os olhos. Estou quase lá.”

Apesar da diversão daquela noite, eu me senti meio fora do ar no sábado de manhã. Não exatamente arrependida, mas um pouco envergonhada por ter realmente feito aquilo. Comecei a pensar que eu estava passando uma má impressão para Max, aparecendo num local desconhecido e disposta a deixá-lo fazer o que quisesse comigo na frente de centenas de espelhos, onde provavelmente ninguém poderia me ouvir se eu precisasse de ajuda.

Acontece que, mesmo debaixo daquela fina camada de mortificação, eu sabia que nunca havia me sentido tão viva. Ele fez com que eu me sentisse segura, por mais estranho que possa parecer, e como se eu pudesse pedir qualquer coisa. Como se ele tivesse visto algo em mim que mais ninguém viu. Ele não pareceu nem um pouco surpreso ou crítico quando exigi meus termos em seu escritório. E nem piscou quando eu disse que não transaríamos em nenhuma cama.

Recostei-me na cadeira em minha sala, fechando os olhos à medida que a lembrança da última vez em que transei com Andy, mais de quatro meses atrás, voltava. Nós tínhamos desistido de discutir por causa dos seus horários ou dos

meus. A falta de intimidade em nossa relação parecia uma sombra negra que crescia para cobrir o quarto.

Tentei apimentar as coisas, aparecendo em seu escritório tarde da noite vestindo apenas um sobretudo e saltos altos. Mas seria melhor se eu tivesse usado uma fantasia de patinho, de tão constrangido que ele pareceu ao me ver.

– Não posso transar com você *aqui* – ele disse rispidamente, olhando por cima do meu ombro.

Talvez ele tenha dito aquilo porque só podia transar com outras mulheres no escritório. Eu me senti humilhada.

Sem dizer nada, virei e fui embora.

Mais tarde, naquela noite, ele voltou para casa e tentou compensar: me acordou, me beijou, tentando ir devagar e fazer direito.

Mas não foi bom.

Meus olhos se abriram quando a realidade pareceu me acertar nesse momento totalmente aleatório. Max fazia com que eu me sentisse tão bem, e Andy apenas fazia com que eu me sentisse horrível. Estava na hora de amadurecer e parar de pedir desculpas por fazer as coisas que eu queria.



Embora eu ainda o desejasse desconfortavelmente muito, saber que Max iria me contatar em algum momento me fez não ficar a semana inteira pensando em como e onde iria acontecer. Mas, quando chegou a hora do almoço na sexta-feira e ele ainda não tinha entrado em contato, pensei que, se ele quisesse acabar as coisas entre nós, só precisaria parar de enviar as mensagens. Não combinamos nenhuma regra sobre isso. Na verdade, a maneira como eu arranjei tudo significava que o jeito mais gracioso de se afastar seria simplesmente desaparecer. Havia algo de reconfortante sobre um compromisso que era tão tênue a ponto de poder evaporar.

Mesmo assim, eu queria encontrá-lo de novo.

Deixei meu celular na gaveta da minha mesa, determinada a não levá-lo comigo para a reunião da tarde. Mas, depois de dez minutos discutindo sobre uma campanha de marketing para uma marca de lingerie, e com a lembrança de Max tirando minha calcinha ainda passando em minha mente, pedi licença e fui até minha sala atrás do celular.

Sem mensagem. Droga.

De volta à reunião, encontrei Bennett mostrando slides rapidamente. Não foi um problema para mim, pois eu já tinha visto a apresentação antes, mas pude perceber que os executivos juniores recém-chegados estavam com cara de quem

vai pôr o almoço para fora.

– Vai mais devagar, Bennett – eu me aproximei e disse em voz baixa.

Ele voltou sua atenção para mim, claramente irritado:

– *O quê?*

Engoli em seco. Colegas ou não, ele ainda era totalmente assustador.

– Acho que você passou pela segmentação de marketing rápido demais – expliquei. – Você terminou isso ontem, mas esses caras acabaram de descer do avião. Deixe eles digerirem a informação.

Ele assentiu rapidamente e olhou de volta para a tela. Eu quase podia vê-lo contando até dez em sua mente enquanto esperava os executivos lerem o slide. Olhei para Chloe do outro lado da mesa. Ela estava observando-o, mordendo a caneta e tentando não cair na risada. Eu duvidava que Bennett tivesse qualquer simpatia pelos funcionários da Ryan Media que tinham acabado de ser transplantados de suas vidas e precisavam memorizar dezessete tabelas com números de marketing em apenas vinte e quatro horas.

– Pronto? – ele perguntou, clicando o próximo slide sem esperar uma resposta.

Entre na onda ou faça as malas. Foi isso que ouvi Bennett falar para um novo sócio de marketing chamado Cole.

Meu celular vibrou alto em cima da mesa e eu o peguei, pedindo desculpas pela interrupção. Graças a Deus, pelo Bennett e por seu perfeccionismo impaciente, eu tinha esquecido de pensar por dois minutos inteiros se o Max ainda estaria interessado em mim.

A Biblioteca Pública de Nova York possui alguns volumes fascinantes. Edifício Schwartzman. 18h30. Use uma saia, seus saltos mais altos e nada de calcinha.

Eu sorri olhando o celular, pensando que Max era um maldito sortudo, pois tudo que eu precisava fazer era tirar a calcinha antes de encontrá-lo. Quando olhei para cima novamente, Chloe ainda mordida a caneta, mas desta vez estava olhando para mim, com as sobrancelhas erguidas.

Voltei a encarar Bennett e me esforcei para ignorar o olhar de Chloe. Mas eu não conseguia parar de sorrir.



Nova York é cheia de prédios icônicos. Cada prédio parece familiar ou carregado de história. Mas poucos são tão imediatamente reconhecíveis quanto a Biblioteca Pública de Nova York, com suas estátuas de leões e sua vasta escadaria.

Eu o tinha visto quatro vezes desde a primeira vez que transamos e, apesar de este encontro ter sido planejado, eu ainda sentia como se minha respiração fosse sugada para fora quando olhava para meu estranho irresistível. Ele era mais alto do que qualquer outra pessoa ao redor, e, enquanto procurava por mim na multidão, tomei alguns segundos para apenas aproveitar a visão daquele homem.

Terno preto, camisa cinza, sem gravata. Seu cabelo tinha crescido nas últimas semanas e, embora ele o mantivesse mais longo no topo, eu gostava do jeito bagunçado de agora e o imaginava se movendo entre minhas pernas.

Ele criou uma verdadeira trilha na multidão ao andar pelos degraus com seu grande corpo. *Eu quero ver você pelado durante o dia, pensei. Quero ver fotos de nós dois em plena luz do sol.*

Max me viu, e me pegou em flagrante olhando abobalhada para ele. Um sorriso safado se abriu em seu rosto e ele fez um gesto com o dedo pedindo para eu me aproximar.

Quando cheguei mais perto, ele provocou:

– Você estava me olhando vidrada.

Eu ri, desviando os olhos.

– Não, não estava.

– Para quem gosta de ser observada em seus momentos mais íntimos, você fica tímida demais quando é flagrada bancando a voyeur.

Senti meu sorriso diminuir enquanto algo acontecia dentro de mim. Sem pensar, eu disse:

– Apenas estou feliz por te ver.

Isso claramente o pegou desprevenido. Recuperando-se, ele abriu um grande sorriso.

– Pronta para jogar?

Assenti, estranhamente nervosa, apesar do calor que se espalhou por minha pele. Tivemos uma plateia de centenas de espelhos na última semana, mas, fora isso, estávamos sozinhos. Agora, mesmo às seis e meia de uma sexta-feira à noite, a biblioteca estava lotada.

– Isso parece interessante – murmurei, virando para nos conduzir para dentro quando ele pressionou dois dedos sutis em minhas costas.

– Confie em mim – ele disse, inclinando-se para frente e sussurrando. – Isso aqui é a sua praia.

Uma vez lá dentro, ele tomou a dianteira, andando na minha frente como se fôssemos apenas dois estranhos passando pela entrada da biblioteca e indo na mesma direção. Enquanto eu o seguia, notei algumas pessoas olhando para ele; duas delas apontaram e assentiram uma para a outra. Apenas no centro de Manhattan um gênio investidor seria tão imediatamente reconhecível.

Continuei seguindo seus passos, prestando mais atenção na maneira como seu casaco envolvia seus ombros largos do que para onde estávamos indo.

Diminuindo a velocidade, Max perguntou:

– O quanto você sabe sobre a Biblioteca Pública de Nova York, Sara? Sobre esta seção, especificamente?

Busquei em minha memória por detalhes que eu podia ter visto em algum filme.

– Com exceção da primeira cena de *Os Caça-fantasmas*? Não muito – admiti. Max riu.

– Esta biblioteca é diferente das outras porque se mantém basicamente com filantropia. Os doadores, como eu – ele acrescentou com um sorriso –, têm um interesse especial em certas coleções e fazem doações generosas; muito generosas, em alguns casos; e, às vezes, ganham alguns mimos em retribuição. Discretamente, é claro.

– É claro – eu repeti.

Ele parou e se virou para sorrir na minha direção.

– Esta é a sala que a maioria das pessoas reconhece, a Rose Main Reading Room.

Olhei ao redor. O salão estava aconchegante e convidativo, cheio de vozes sussurrantes, passos amortecidos e o som de páginas viradas. Meus olhos seguiram até o teto ornamentado que imitava o céu, passando pelas janelas arqueadas e os lustres brilhantes no alto, e, por um instante, eu me perguntei se Max estava planejando transar comigo numa das grandes mesas de leitura que preenchiam o cavernoso e *muito lotado* salão.

Acho que deixei escapar uma insegurança em minha expressão, pois Max riu suavemente ao meu lado.

– Relaxa – ele disse, pousando a mão em meu ombro. – Nem eu não sou tão ousado assim.

Ele pediu para que eu esperasse enquanto cruzava o salão para falar com um senhor do outro lado, que parecia saber exatamente quem ele era. O homem olhou para mim por cima do ombro de Max e eu senti meu rosto corar, desviando rapidamente o olhar. Alguns momentos depois, eu estava seguindo Max por uma escada estreita até uma pequena sala cheia de estantes e mais estantes de livros.

Max sabia exatamente para onde ir, e eu não pude deixar de imaginar se ele vinha sempre ali ou se teria encontrado o lugar durante a semana que passou. Na verdade, gostei das duas ideias: o Max que conhecia a biblioteca intimamente, e o Max que ficou pensando nisso tanto quanto eu.

Ele parou num canto silencioso, no meio de duas estantes cheias de livros.

Parecia que as estantes nos apertavam dos dois lados; o espaço pequeno dava a impressão de que as paredes se fechavam em cima de nós. Ouvi alguém tossindo e percebi que havia ao menos mais uma pessoa na sala.

Uma ansiedade se acumulava em minha barriga.

Max tirou um livro da estante sem nem olhar o que era.

– Você gosta de ler pornografia, Sara?

Eu soube por sua risada diante da minha reação que meus olhos provavelmente quase saltaram do meu rosto. Eu não era uma santinha e não estava fechada para a ideia da literatura erótica; mas eu simplesmente nunca fui atrás para ler.

– Não leio muito.

– Não lê muito? Ou não lê nada?

– Já li algumas histórias românticas...

Nem terminei de falar e ele já estava balançando a cabeça.

– Não estou falando de livrinhos com homens sem camisa na capa. Estou falando de livros que contam como uma mulher se sente quando é penetrada pelo homem. O quanto ela se derrete quando ele desliza a língua dentro dela. Como ele descreve seu sabor quando ela pede. Estou falando de livros que descrevem um casal *fodendo* de verdade.

Meu coração começou a acelerar diante da maneira casual com a qual ele falava sobre coisas que faziam eu querer fechar os olhos e estremecer.

– Então, não. Nunca li nada assim.

– Bom, então – ele disse, entregando o livro para mim – ainda bem que estou aqui para esta ocasião memorável.

Olhei para a capa. Anaïs Nin. *Delta de Vênus*. Eu conhecia o nome e, como todo mundo, conhecia também a reputação.

– Ótimo, vamos emprestar este aqui – virei o livro, procurando por algum tipo de código de barras ou número de catálogo. Mas a capa era de couro, com páginas douradas. Obviamente era uma edição rara. – Podemos levar embora...?

– Oh, não, não, não. Ninguém pode tirar estes livros da biblioteca. E, além disso, onde estaria a diversão nisso? A acústica aqui dentro é tão agradável, com a madeira, o teto e tudo mais...

– O quê? Aqui? – meu coração quase parou. Por mais que eu adorasse a ideia de ler algo picante com Max ao lado, eu adorava ainda mais a ideia de ficar completamente selvagem com ele à noite.

Ele assentiu.

– E você vai ler para mim.

– Vou ler coisas eróticas para você *aqui*?

– Sim. E eu provavelmente vou sentir a necessidade de comer você aqui

também. Eu permiti a você fazer barulho da última vez. Mas, nesta semana – ele arrumou uma mecha do meu cabelo que caía em meu rosto – você vai precisar gozar quietinha.

Engoli em seco, sem saber se isso era algo que eu queria ouvir ou se era algo que me aterrorizava. Sua mão acariciando minha nuca era reconfortante. A palma estava quente, os dedos eram longos o bastante para quase chegar até minha garganta.

– Afinal, foi você quem me deu apenas as sextas-feiras, e nada de camas – ele disse. – Considerando as circunstâncias, eu quero fazer algo com você que tenho absoluta certeza que você nunca experimentou antes.

– E você? – comecei a reconsiderar os motivos para ele conhecer aquela sala tão bem.

Ele balançou a cabeça.

– A maioria das pessoas não pode entrar aqui. E, posso garantir a você, eu nunca transei com uma garota na biblioteca antes. Por mais que você pense que sou um especialista nesse assunto, a maioria das minhas aventuras acontece em limusines no caminho para deixar alguém em casa. Sou mais um cretino do que um galinha, se parar para pensar.

Havia liberdade em sua solteirice proposital; eu não precisava fingir que significava mais do que isso. Mas, embora fosse apenas sexo, e embora ele fosse o primeiro homem com quem me envolvi e que não precisava realmente *conhecer*, eu passei a semana inteira desejando seu toque.

Estiquei o braço e puxei seu rosto para mais perto.

– Tudo bem. Eu não preciso que você seja um cara legal.

Ele riu e me beijou.

– Serei muito legal com você, prometo. Até aqui, você se recusou a transar na minha limusine e no meu escritório. Você está me fazendo quebrar todos os meus hábitos.

Graças às estantes de livros ao redor, estávamos invisíveis para o resto da sala, mas, se alguém andasse até nosso pequeno canto escuro, ficaríamos totalmente expostos. Algo dentro de mim começou a arder daquela doce e pesada maneira que fazia minhas costas se arquearem e meu coração bater mais forte.

Max deu um passo para frente e se abaixou para me beijar, começando com o canto da minha boca, gemendo com o contato e sorrindo.

– Estou seguindo as suas regras, mas isso significa que eu fico duro o tempo todo. Apaguei o vídeo, mas admito que me arrependi. Você vai me deixar tirar umas fotos hoje?

Era preciso pouca coisa para ele me fazer sentir como se eu não fosse mais sólida, como se estivesse me tornando uma geleia quente e molhada.

– Sim.

Ele sorriu para mim de um jeito que me fez temer ter entregue minha alma para o diabo. Mas então ele beijou meu queixo, sussurrando:

– Você sabe que eu nunca mostraria para ninguém. Odeio a ideia de qualquer outro homem te vendo assim. Quando você me deixar, o próximo coitado vai ter que descobrir sozinho como excitar você.

– Quando *eu* deixar *você*?

Ele deu de ombros, com os olhos arregalados e atentos.

– Ou quando terminar com isto. Você decide como descrever nossa situação.

– Eu quase pensei hoje que você simplesmente não iria mandar uma mensagem. Pensei que talvez fosse acabar assim.

– Acho que isso seria uma merda – ele disse, franzindo a testa. – Se um de nós quiser terminar tudo, vamos ter a cortesia de dizer um para o outro, certo?

Concordei, surpresa com meu próprio alívio. Suspeito que, mesmo tendo combinado comigo mesma que isso seria apenas sexo, se tudo acabasse eu ainda sentiria falta disso – sentiria falta dele. Max não era apenas um ótimo amante, ele também era *divertido*.

Mas ele era um jogador, e levava nossa relação tão a sério quanto eu... ou seja, nem um pouco.

– Agora que isso está resolvido...

Ele me virou para que eu ficasse de frente para as estantes. Passando um braço ao redor de mim, ele abriu o livro, virando as páginas até encontrar uma passagem específica, e então moveu minha mão para segurar o livro aberto. Com ele me apertando por trás e a estante na minha frente, eu me senti completamente escondida, como se tivesse sido enterrada por esse homem grandioso. Ou melhor, como se estivesse sob sua proteção.

– Leia – ele sussurrou, sua respiração quente em meu pescoço. – Comece aqui.

Ele indicou com o dedo um parágrafo no meio de um capítulo. Eu não sabia o que estava acontecendo, nem quem era o narrador. Mas entendi que isso não importava.

Molhando os lábios, comecei a ler.

– “Quando ele e Louise se encontraram, saíram juntos de imediato. Antonio estava fortemente fascinado pela brancura de sua pele, a abundância dos seios, a cintura esguia...”

As mãos de Max subiram por baixo do meu vestido, passando por meus quadris, pela barriga, até chegar aos seios.

– Você é tão macia.

Uma de suas mãos deslizou pela lateral e chegou ao meio das minhas pernas,

provocando naquele ponto molhado.

Foi difícil me concentrar nas palavras diante de mim, mas continuei lendo. Max tirou as mãos e minha mente clareou por apenas um momento, pois, atrás de mim, eu podia sentir seu corpo se mexendo, podia ouvir o tilintar do cinto se abrindo. Eu mal processava as palavras enquanto as pronunciava e, em vez disso, fiquei ouvindo os sons que *ele* fazia.

Será que conseguiria continuar com aquilo? Não era a mesma coisa que dançar loucamente numa pista de dança, com luzes frenéticas e corpos contorcidos; não era um restaurante e uma mão debaixo da mesa. Estávamos na mais famosa biblioteca pública, cheia de volumes raros, chão de mármore... *história literária*. Desde que entramos, não tínhamos nem falado em voz alta. E iríamos transar? Uma coisa era imaginar, outra era estar ali, prestes a realizar uma fantasia.

Eu estava nervosa.

Inferno, eu estava apavorada. Mas também estava elétrica, cada neurônio disparando ao mesmo tempo, o sangue bombeando violentamente em minhas veias. Minha voz foi sumindo enquanto eu lia.

– Concentre-se, Sara.

Pisquei olhando para o livro, lutando para manter minha atenção nas palavras da página.

– “Tudo o que fazia rir. Ele passava a impressão de que o resto do mundo havia desaparecido e apenas aquele banquete sensual existia – não haveria mais amanhã ou encontros com outras pessoas, havia apenas este quarto, esta tarde, esta cama.”

– Leia essa parte de novo – ele grunhiu e então levantou minha saia. – “Este quarto, esta tarde, esta cama.”

Quando eu estava prestes a ler, e sem qualquer aviso, ele deslizou para dentro de mim – eu estava tão molhada que ele nem precisou provocar ou acariciar. Foi apenas preciso um livro, os toques mais breves e o som de sua calça abrindo. Eu gemi, querendo que ele encontrasse uma maneira de entrar por inteiro em mim. Eu estava convencida de que ser rasgada em duas por ele seria o maior prazer que eu poderia experimentar.

– Silêncio – ele me lembrou, saindo e entrando demoradamente em mim. Ele era tão duro, tão longo. Lembrei da forte pontada quando ele me penetrou quase de quatro na semana passada em frente aos espelhos. Lembrei do quanto eu temia e adorava cada estocada brutal. Quando ele viu meu rosto durante o orgasmo em cem diferentes espelhos, ficou completamente maluco. Mais do que qualquer outra coisa, vê-lo daquele jeito foi o clímax da minha noite.

Estávamos no final de um corredor escuro, mas eu podia ouvir os sons

abafados de outra pessoa na sala. Mordi o lábio enquanto Max baixava sua mão por minha cintura até chegar no meio das pernas, onde começou a brincar com meu clitóris.

– Continue lendo.

Senti meus olhos se arregalarem. Estava falando sério? Se eu permitisse que minha garganta fizesse sons, não me responsabilizaria pelo resultado.

– Não posso – eu disse ofegando.

– É claro que pode – ele disse, como se estivesse sugerindo para que eu simplesmente respirasse fundo. Seus dedos passaram novamente por meu clitóris. – Ou podemos parar por aqui.

Joguei um olhar irritado sobre meu ombro e ignorei sua risada silenciosa. Eu nem sabia mais onde tinha parado, ou o que estava acontecendo na história, apenas sabia que Antonio estava rasgando o vestido de Louise, mas deixou um cinto com uma grande fivela no lugar. Eu mal conseguia respirar, mas comecei a ler de novo numa cadência lenta e gaguejante que parecia deixar Max louco. Seus dedos se enterraram na minha cintura e ele cresceu dentro de mim.

– Por favor... – implorei.

– Deus – ele ofegou. – Continue.

De algum jeito, consegui pronunciar as palavras em sequência, e o texto ficava cada vez mais quente e selvagem. Tão descritivo. Falava de sua parte molhada como cheia de “mel”. O homem lambia e chupava cada pedaço do corpo daquela mulher, explorando e provocando, até que eu comecei a sentir o peso do meu desejo e do dela. Para meu horror, eu podia sentir minha própria umidade descer por minhas coxas, deslizando entre nós com a força de seus movimentos.

– Sara. *Merda*. Toque a si mesma.

Eu cuidadosamente mantive o livro aberto com um braço e levei uma mão para o meio das minhas pernas. Eu estava tão quente, tão pressionada com o peso do meu orgasmo que se anunciava que comecei a gozar em poucos segundos. Minhas últimas palavras saíram entrecortadas.

– “... pensou que... ficaria l-louca... com uma raiva e um p-prazer...”

Quando meus músculos pararam de tremer, ele enfiou com força em mim mais algumas vezes e então parou, abafando um gemido com sua boca em meu pescoço.

A sala estava completamente silenciosa, e então percebi que não tínhamos noção do barulho que na verdade estávamos fazendo. Eu sabia que tinha sussurrado cada palavra que li. Mas, quando gozei, será que deixei escapar outros sons? Eu me perdia completamente junto dele.

Ele se retirou de mim, soltando um grunhido silencioso. Então sussurrou:

– Volto já.

Fiquei ali parada, ouvindo-o desaparecer atrás de mim enquanto eu arrumava minhas roupas. Depois ele voltou, beijando meu pescoço.

– Humm. Linda.

Eu me virei para olhar seu rosto.

– E pelas suas regras – ele disse, olhando para mim enquanto abotoava o casaco do terno –, acho que está na hora de cada um ir para o seu lado.

Arrumei meu vestido, que já estava arrumado. Esse era nosso acordo – fui *eu* quem exigiu assim – mas parecia... estranho. Ele continuou olhando para mim com um brilho nos olhos, quase como quem diz *Acabei de te dar um orgasmo insano e você parece um pouco fora do ar, mas, enfim, foi você quem criou essas regras tontas!*

E acho que ele estaria correto.

– Certo. Perfeito. Ainda bem que estamos na mesma página – eu disse, quase sem pensar.

Ele riu enquanto guardava o livro na estante.

– E ainda bem que essa página não faz parte de nenhuma coluna social, não é? Uma transa tão sensacional e ninguém nunca vai saber. Com certeza estamos de acordo.

– Você não se cansa disso, às vezes? – perguntei. – Das pessoas olhando para você? – lembrei do quanto eu odiava os comentários do Andy sobre meu cabelo ou as minhas roupas, a especulação sobre se eu tinha engordado ou não, ou sobre com quem eu tinha me encontrado. Imaginei se Max sentia a mesma coisa.

– Não é como se eu fosse uma celebridade de verdade. As pessoas aqui apenas gostam de saber o que eu estou fazendo. Acho que a maioria das pessoas que leem as fofocas apenas querem pensar que estou me divertindo.

Aquilo pareceu otimista demais.

– Está falando sério? Eu acho que eles querem é pegar você de calças curtas.

– Espere um pouco, não é isso que *você* quer? – ele riu quando eu revirei os olhos, e continuou: – A imagem de homem galinha é conveniente para eles. Mas não saio por aí transando com uma garota diferente por noite.

Eu me inclinei para beijá-lo e acrescentei:

– Bom, pelo menos não ultimamente.

Algo passou por seus olhos, como uma pequena expressão de confusão que sumiu rapidamente.

– É isso mesmo – ele se aproximou e me beijou docemente, com as mãos segurando meu rosto. – Então, vamos embora?

Assenti, um pouco atordoada. Max fez um gesto para eu ir na frente e então subimos as escadas, voltando para o andar principal da biblioteca. Nada havia

mudado: o som dos sussurros e páginas viradas ainda preenchia o ar e ninguém olhou em nossa direção. Senti uma excitação com o que fizemos e o fato de que ninguém percebeu.

Estávamos chegando na saída quando Max agarrou meu braço e me puxou para um canto escuro.

– Só mais um – ele disse, colando os lábios nos meus. Foi um beijo suave, doce e demorado, como se ele não quisesse ser quem pararia o beijo.

Engoli em seco quando olhei em seus olhos novamente.

– Até a semana que vem, flor.

E então, ele se foi. Fiquei observando enquanto ele cruzava o salão e ganhava a rua, e me perguntei o quanto eu me arrependeria disso quando tudo terminasse.

Oito

Na tarde de segunda-feira, meu humor estava péssimo. Fazia um calor de matar lá fora e minha irmã mais velha estava me enchendo a paciência para que eu tentasse convencer nossa mãe a se mudar de volta para Leeds e a sala de Will tinha uma vista melhor.

– Você é um cretino – eu murmurei, espetando o frango no meu prato.

Will soltou uma risada e abocanhou um enorme pedaço de seu almoço.

– Você está falando da minha vista de novo?

– Que porcaria – apontei os pauzinhos na cara dele, mal conseguindo entender o que ele dizia enquanto mastigava. – Como foi mesmo que você acabou ficando com aquela sala?

– Você se atrasou no dia da mudança. Eu coloquei a placa com meu nome na porta. Simples assim.

Certo. Foi a primeira vez que eu tinha transado com uma mulher na casa dela desde que havia me mudado para Nova York. E, como eu já esperava, acabei ficando preso com ela e me atrasei. Normalmente, eu prefiro transar no meu apartamento, onde sempre posso dar uma desculpa para que ela não fique a noite inteira. Mas, na casa dela, a mulher acaba oferecendo chá, ou algo assim, e, no fim, pede para eu dormir lá.

Eu não era um completo babaca. Sempre fui aberto a ter um relacionamento estável como qualquer pessoa normal. Mas ainda não tinha encontrado uma mulher que me fizesse querer dormir em outra cama que não fosse a minha. As mulheres que eu encontrava sempre vinham até mim sabendo quem eu era, sabendo quem elas achavam que queriam. Para uma cidade grande, Nova York às vezes parecia minúscula.

Olhei pela janela, para a fantástica vista – maldito Will – e pensei em Sara. Ela era minha distração permanente nas últimas semanas. Aquela garota era um mistério. Se uma mulher quisesse que um homem pensasse nela constantemente, ela deveria dizer que ele só poderia se encontrar com ela uma vez por semana. Só isso. E diga adeus à sua concentração.

Então, ali estava eu me perguntando: se ela pedisse que eu dormisse na casa

dela numa noite dessas, o que eu diria?

Você sabe a resposta disso, seu tonto. Você diria sim.

Transei com algumas dezenas de mulheres desde que me mudei para a América, mas, ultimamente, estava com dificuldades para lembrar dos detalhes. Cada memória sobre sexo me fazia pensar em Sara. Ela era ao mesmo tempo doce e selvagem. Ela se escondia tanto, mas, mesmo assim, deixava que eu fizesse *qualquer* coisa. Nunca encontrei uma mulher tão paradoxal: ela se mantinha em segredo, mas, de certa forma, também se abria totalmente.

– Cara, eu conheci uma garota.

Will enfiou os pauzinhos de volta na comida chinesa e deslizou para mais perto.

– Então você resolveu falar?

– É. Talvez.

– Você tem se encontrado com ela já faz um tempo, não é?

– Pois é, faz algumas semanas.

– Apenas ela?

Assenti.

– Ela é uma transa incrível e pediu para eu não dormir com mais ninguém.

Will fez uma expressão de surpresa. Eu ignorei.

– Mas ela é diferente. Existe algo nela... – esfreguei minha boca, olhei pela janela. *Que merda está acontecendo comigo hoje?*

– Não consigo tirá-la da minha mente.

– Eu a conheço?

– Acho que não – tentei lembrar se Will tinha sido apresentado à Sara no baile. Fiquei com ele na maior parte da noite depois de deixá-la para ajeitar o vestido e retocar a maquiagem, e acho que não os vi conversando em nenhum momento.

– Então você não vai me dizer quem ela é – Will soltou uma risada e se recostou na cadeira. – Por acaso ela capturou sua alma, jovem amante?

– Vai se ferrar – peguei o saco plástico e joguei as embalagens dentro. – Eu gosto dela. Mas estamos apenas transando, por enquanto. Foi um acordo mútuo.

– O que é bom – ele disse, cuidadosamente. – Ela não parece estar atrás do seu dinheiro.

– Você acha que sou um cretino por pensar que isso é estranho? Ela não quer *algo mais*. E, mesmo que *eu* quisesse, acho que ela iria simplesmente sumir. Ela vive morrendo de medo de ser vista em público comigo. Ela não quer nada de mim além do meu pau. Você acha que é por causa disso que eu gosto tanto dela?

E, como sempre faço quando penso em Sara, comecei a imaginar quais eram suas verdadeiras intenções.

Will assoviou baixinho.

– Ela parece fantástica. Mas não posso imaginar por que estaria interessada no seu pau. Com essa coisinha você nunca vai ser metade do homem que sua mãe é.

– Por acaso você acabou de insultar a Brigid? Você é um filho da puta.

Ele deu de ombros e abriu um biscoito da sorte.

– Você abaixa o assento da privada para mijar, não é? – perguntei, com um sorriso no canto da boca.

– Não. Não gosto de molhar meu pinto.

– Will. A única maneira de você conseguir dar prazer para uma mulher é entregando seu cartão de crédito para ela.

E, de alguma maneira, no meio da sequência de insultos que se seguiu, Will conseguiu fazer eu deixar de agir como um tonto patético sobre a coisa toda e parei de me preocupar achando que Sara estava apenas brincando com a minha cabeça.



Depois do almoço, saí do escritório, tomando um táxi quase que imediatamente para dar um pulo até uma instalação de arte que estava sendo preparada no Chelsea. Ajudei um antigo cliente a encontrar e abrir uma galeria, e ele estava montando uma exposição com fotografias raras de E.J. Belloq por apenas algumas semanas. Só foi preciso um e-mail dele – dizendo “Chegaram!” – para que eu interrompesse o resto dos meus afazeres. Eu estava louco para ver as inéditas fotos reconstruídas com os negativos da coleção *Storyville*, de Belloq. Embora eu tivesse encontrado seu trabalho já tardiamente ao longo da minha formação, foi a sua arte que despertou minha fascinação por fotografias do corpo humano, com seus ângulos, simplicidade e sua vulnerabilidade cotidiana.

Apesar de que, até conhecer Sara, eu nunca havia tirado uma foto minha com uma amante.

Acontece que minhas fotos com Sara de maneira nenhuma imitavam a arte de Belloq, mas, ainda assim, aquelas fotos antigas me lembravam dela. Lembravam sua cintura fina, sua barriga macia e a gentil curva de seus quadris.

Olhando para meu celular, desejei pela milésima vez ter guardado ao menos uma foto de seus olhos quando estávamos fazendo amor.

Merda.

Transando. Quando estávamos transando.



O clima estava quente mas não extremamente úmido lá fora, e, após ver as

fotos, eu quis caminhar um pouco para conter minha excitação. O trajeto entre Chelsea e o centro da cidade foi agradável, mas, quando cheguei na Times Square, percebi que um homem com uma câmera estava me seguindo.

Sempre pensei que os paparazzi eventualmente descobririam que eu não sou tão interessante quanto eles pensam, mas isso ainda não tinha acontecido. Eles me perseguiam nos fins de semana, nos eventos sociais, em cada aparição pública. Fazia quase quatro anos desde que algo interessante tinha acontecido comigo – com exceção dos ocasionais namoros com mulheres semifamosas – mas, quase sempre que eu me atrevia a andar por Manhattan, alguém acabava me encontrando.

E, de repente, meu bom humor desapareceu; eu estava pronto para voltar para casa e assistir um pouco de Monty Python e beber umas cervejas. Ainda era terça-feira e eu já estava louco para encontrar Sara.

– Vai se ferrar – falei por cima do ombro.

– Apenas uma foto, Max. Uma foto e um comentário sobre o rumor de você com a Keira.

Merda. De novo com esse lixo? Eu a encontrara uma vez, num show há um mês.

– Sim. Estou totalmente comendo a Keira Knightley. Você acha mesmo que eu sou a melhor pessoa para pedir uma confirmação?

De repente, quase morri do coração quando um táxi freou ao meu lado e a porta se abriu. Um braço feminino se esticou e freneticamente acenou para que eu entrasse, até que Sara se inclinou para fora e disse:

– Entra logo!

Levei vários segundos até que meu cérebro se conectasse com minha boca e minhas pernas.

– Merda. Ótimo. Maravilha.

Entrando no táxi, joguei minha pasta no chão e olhei para ela.

– Oi, Max. Você parecia meio... perseguido.

– Você percebeu isso muito bem – eu disse, encarando seu rosto.

Ela deu de ombros, soltando aquele sorriso estranho e elusivo.

– Malditos paparazzi – murmurei.

Sara cruzou as pernas e deu de ombros.

– Coitadinho de você. Quer um abraço?

Ela tinha um fogo nos olhos que eu não tinha visto desde a noite na boate quando ela me arrastou pelo corredor.

Você está ferrado, amigo.

Ela estava usando um vestido vermelho curto com alguns botões abertos na parte da frente. Entendi onde ela queria chegar. Olhei para o seio esquerdo e vi a

renda preta do sutiã aparecendo.

– É bom te ver – eu disse para seu decote. – Tive um dia cheio. Posso mergulhar meu rosto em você?

– Nada de sexo no meu táxi! – gritou o motorista. – Para onde vamos agora?

Olhei para Sara esperando uma resposta, mas ela apenas ergueu uma sobrancelha e sorriu.

– Continue em direção ao parque – murmurei. – Ainda não sei direito para onde vamos.

Ele deu de ombros, virou a direção e murmurou alguma coisa que não consegui ouvir.

– Você está linda – eu disse para Sara, me inclinando para beijá-la.

– Você sempre diz isso.

Eu sorri e lambi seu pescoço. *Meu Deus*. Ela tinha o sabor de chá de ervas e laranjas.

– Venha para casa comigo.

Ela balançou a cabeça, rindo.

– Não. Tenho ingresso para um show às oito.

– E você vai com quem?

– Comigo mesma – ela disse, endireitando-se e olhando para a janela. Busquei sua mão e entrelacei nossos dedos.

– A banda vai tocar outro dia. O que significa que você deveria ir para casa comigo e cavalgar meu pau.

Os olhos de Sara se arregalaram enquanto ela olhava rapidamente para o motorista. Ele olhou para nós pelo retrovisor, mas não disse nada.

– Não – ela sussurrou, com os olhos procurando os meus. Ela tentou soltar minha mão, mas eu não deixei. – Mas posso pedir uma coisa?

Com uma mecha de cabelo atrás da orelha e parecendo tão pequenina ao meu lado no banco de trás, senti um pânico totalmente estranho: será que nossa relação era algo errado para ela? Nos momentos em que se mostrava vulnerável, ela parecia tão inocente.

– Qualquer coisa – eu disse.

– Estive pensando sobre isso. Por que você é tão famoso por aqui, afinal? Sim, você é lindo e bem-sucedido. Mas Nova York está cheia de lindos e bem-sucedidos. Por que os fotógrafos perseguem você pela rua numa terça-feira qualquer?

Ah. Eu sorri, percebendo que, embora tenha pesquisado sobre mim na internet, ela não tinha cavado muito fundo.

– Pensei que você tinha feito a lição de casa.

– Fiquei entediada depois de três páginas com fotos de você vestindo smoking

rodeado de mulheres.

Tive que rir.

– Eu garanto, não é por isso que eles me perseguem – parei por um instante, pensando em por que eu estava falando sobre isso naquele momento, depois de ter ficado tanto tempo calado. – Eu me mudei para cá já faz quase sete anos – e comecei a falar. Ela assentiu, claramente sabendo dessa parte – e, cerca de um mês depois de chegar, conheci uma mulher chamada Cecily Abel.

Suas sobranceiras se juntaram.

– Conheço esse nome... Eu conheço essa pessoa?

Dei de ombros.

– Talvez conheça, mas não me surpreenderia se não conhecesse. Ela era famosa na Broadway, mas, como é frequente com os atores do teatro nova-iorquino, sua fama não se estendia muito para o resto da América.

– O que você quer dizer com *era* famosa na Broadway.

Olhei para seus dedos entrelaçados aos meus.

– Acho que Cecily e sua dramática saída da cena teatral são a razão de eu ser “famoso”. Ela deixou Nova York bruscamente, depois de enviar uma carta que foi publicada no *New York Post*. A carta falava de todos os pontos negativos desta cidade, incluindo – fiz sinal de aspas – “diretores safados, políticos mulherengos e investidores gananciosos que não sabem perceber uma coisa boa quando encontram uma”.

– Ela amava você?

– Sim. E, como é tão comum na vida, não era correspondida.

Os olhos da Sara tornaram-se um pouco mais sombrios e sua boca parou de sorrir.

– Você parece que não leva isso muito a sério.

– Acredite em mim, eu levava Cecily muito a sério. Mas ela está bem agora. Tem um casamento feliz na Califórnia. Mas, por um tempo, precisou ficar aos cuidados de um médico – antes que ela pudesse dizer alguma coisa, eu acrescentei: – Ela era uma boa amiga, e sua decisão de deixar tudo para trás mostrou que ela não era muito... estável. Na verdade, existiam várias razões para ela deixar a cidade e eu fui apenas a gota d’água. Eu simplesmente não a amava do jeito que ela me amava.

Sara olhou para o teto do carro e parecia estar considerando o que eu falei.

– Foi melhor você ter sido honesto com ela.

– É claro. Em última instância, o estado mental dela não dependia de saber se eu a amava ou não. Ela era complicada de qualquer jeito... mas isso não é uma boa história para os jornais, entende?

Sara olhou de novo para mim com os olhos relaxados e o sorriso de volta.

– Então as pessoas ficaram interessadas em saber quem era esse homem que partiu o coração da estrela local e a levou à loucura.

– E assim, eu me tornei um mistério. A imprensa adora um playboy malvado, e a carta dela foi muito dramática. O jeito como eles me retratam é verdadeiro, mas ao mesmo tempo não é. Eu realmente amo as mulheres e realmente amo sexo. Mas minha vida raramente é tão interessante quanto os tabloides gostariam. Aprendi a não me importar muito com o que as pessoas falam de mim.

Nosso táxi desviou de um garoto numa bicicleta e o motorista buzinou alto. No movimento, o peito de Sara pressionou meu braço e eu apertei de volta, sorrindo com o canto da boca, enquanto ela erguia uma sobrancelha numa exasperação simulada.

– Existem *muitas* fotos de você na internet.

– Algumas dessas mulheres eram amantes, outras não – passei o polegar pela curva do seio, e ela baixou os olhos para observar, vidrada. – Eu não tenho nenhuma aversão incomum a compromissos sérios. Apenas faz tempo que não me envolvo com ninguém dessa maneira.

Sua cabeça subiu de repente, e eu pude ver com perfeita clareza suas pupilas se dilatando e seus lábios deixando escapar um pequeno sorriso.

– Sim – admiti, rindo. – Acho que nosso acordo é tipo um compromisso. Só que não conta se você não aceita sair num encontro de verdade comigo.

Seu sorriso encolheu um pouco.

– Acho que nós não somos bons em nada além do que já temos.

– Bom, certamente somos bons naquilo que fazemos. Falando nisso, conversei sobre você com o Will – eu disse, deixando que o vibrante calor de sua irritação se concentrasse em meu rosto por um momento. Era divertido provocar essa garota, tenho que admitir. – Sem dizer nomes, flor. Sossega.

Esperei ela perguntar o que eu disse.

E esperei mais um pouco.

Finalmente, olhei para seu rosto e a encontrei ainda me observando cuidadosamente. Estávamos parados num sinal vermelho e tudo dentro do táxi parecia completamente quieto.

– Então? – ela disse, abrindo lentamente um sorriso maldoso quando o carro começou a acelerar. – Você disse para Will que encontrou uma mulher que gosta de transar em público?

– Não no meu táxi – o motorista gritou tão alto que nós dois tivemos um sobressalto e começamos a rir. Ele freou e gritou de novo: – Não no meu táxi!

– Não se preocupe, meu amigo – eu disse. Virei para Sara e murmurei: – Ela não transa comigo em carros. Nem nas terças-feiras.

– Não mesmo – ela sussurrou, embora tenha me deixado beijá-la novamente.

– É uma pena – eu disse em sua boca. – Sou bom em carros. E especialmente bom nas terças-feiras.

– Então, sobre essa conversa com Will – ela disse, esticando o braço e enfiando a mão debaixo do casaco dobrado no meu colo. – Se você não falou meu nome, então o *que* você contou para ele? – ela pressionou a palma da mão em meu pau e apertou.

Será que ela iria me masturbar no táxi?

Perfeitamente brilhante.

– Vá para o cruzamento da rua 65 com a Madison – eu disse para o motorista.

– E vá pelo caminho mais longo.

O motorista jogou um olhar para mim, provavelmente pensando que eu estava louco por querer passar pela Columbus Circle na hora do rush, mas assentiu e virou na rua 57 em direção à Broadway.

– Nada de sexo no táxi – ele disse, de um jeito mais calmo desta vez.

Eu me virei para Sara.

– Mencionei para Will que conheci uma mulher que eu estava comendo feliz da vida. Posso também ter mencionado que essa mulher era diferente de qualquer outra que já conheci.

Sara abriu meu zíper, habilmente tirou meu pau para fora e então apertou fortemente. Um calor estranho se espalhou por minhas costas, quando percebi, ao mesmo tempo que ficava duro, que ela estava aprendendo a me tocar com muita familiaridade.

– Sou diferente como? – ela se inclinou, chupou minha orelha e então sussurrou: – As outras mulheres não agarram seu pau dentro de táxis?

Eu a encarei, tentando entender quem era essa mulher, tão jovem, tão inocente e tão gostosa, mas que não precisava de nada de mim além de uma boa transa. Será que ela estava me enganando? Será que tudo isso era real?

Ou será que ela iria tirar a máscara após alguns orgasmos e admitir que não gostava mais do nosso acordo e queria algo mais?

Provavelmente. Mas, enquanto eu olhava para ela – em seus lábios vermelhos e nos grandes olhos castanhos, tão brincalhões e tão depravados – de jeito nenhum eu iria desistir dela antes que ela desistisse de mim.

– Não contei muita coisa para ele, na verdade. Conversas sérias com o Will geralmente descambam para insultos sobre tamanho de pênis.

– Bom, então tenho certeza que você pegou leve com ele. “Eu me recuso a entrar nessa discussão com um homem desarmado” – ela disse, rindo em meu pescoço e começando a me acariciar.

– É verdade – sussurrei, me virando para beijá-la. – Mas vou ser honesto: não

tenho ideia do tamanho do pau dele.

– Se você quiser mesmo saber, eu posso descobrir e depois te contar.

Eu ri, gemendo em sua boca.

– É bom conversar com uma mulher que não sente necessidade de exibir sua inteligência o tempo todo.

– Nada de sexo – gritou novamente o motorista, olhando para nós pelo retrovisor.

Levantei as mãos e sorri para ele.

– Não estou tocando nela, amigo.

Aparentemente ele decidiu nos ignorar, aumentando o volume do rádio e abaixando a janela para deixar entrar a brisa do entardecer e os incessantes barulhos da cidade. A mão de Sara começou a subir devagar, torcendo na ponta, e então desceu novamente.

– Eu chuparia se achasse que ele não iria notar – ela sussurrou. – Quer dizer, você merece o melhor. Ao menos você é lindo *por dentro*, Max. E é isso que conta.

Explodi numa risada, pressionando meu rosto em seu pescoço para abafar o gemido que se seguiu quando ela concentrou seus esforços na minha ponta.

– Merda, isso é bom. Um pouco mais rápido, meu amor. Pode ser?

Ela vacilou ao ouvir o termo carinhoso, e então virou o rosto para beijar meu queixo, com seu punho fechado fortemente e se movendo com velocidade em meu pau. Ela olhou para o motorista, mas ele estava absorto ouvindo o rádio e gritando para o trânsito.

– Assim? Você gosta assim? – ela perguntou.

Eu assenti, sorrindo ao lado de seu rosto.

– Nunca imaginei que você fosse tão boa nisso.

Sua risada vibrou ao longo do meu pescoço e debaixo da pele. Até então não tinha escutado ela soltar um som tão bobo e indelicado. Era outra muralha erguida por ela que eu penetrava. Senti uma vitória em meu peito e, por um breve momento, eu quis gritar para o mundo que ela estava começando a me aceitar.

Sara lambeu meu pescoço até chegar à boca, onde abocanhou meu lábio inferior com os dentes.

– Você tem um pau perfeito – ela disse. – Você está me fazendo querer também nas terças-feiras.

– Merda.

Quando gozei, apertando os punhos e o queixo, percebi que Sara também me fez esquecer essa coisa toda de pensar que ela estava apenas brincando com minha mente.

Ela pegou a bolsa, encontrou um lenço e limpou a mão sem tirá-la de dentro, fazendo-me sorrir enquanto eu escondia a evidência do motorista. Então ela se inclinou e me beijou de um jeito tão doce que me fez querer jogá-la no banco e fazê-la gozar em minha língua apenas para ouvir seus gemidinhos roucos.

– Está se sentindo melhor? – ela perguntou calmamente, os olhos vasculhando tudo.

Aprendi outra coisa sobre Sara com aquela expressão: seu instinto primário – aquele que ela constantemente combatia – era se esforçar para me agradar.

Mas então paramos a um quarteirão do meu apartamento e ela se ajeitou no banco, sorrindo prazerosamente.

– É aqui que você vai descer?

Eu hesitei, imaginando se ela gostaria de ficar comigo.

– Acho que sim, a não ser que você queira...

Sua voz saiu baixinha, o que entendi ser uma tentativa de amaciar suas duras palavras:

– Vejo você na sexta-feira, Max.

Tínhamos terminado. Eu estava dispensado.

Nove

– Então, vamos conversar sobre isso hoje?

Eu me virei em cima da escada e olhei para Chloe. Ela segurava um pincel na altura da cintura e ergueu os olhos para me encarar.

– Sobre...?

– Sobre você terminar o namoro. Sobre a sua mudança repentina. Sobre Andy e esse homem misterioso com quem você está transando e sobre o quanto sua vida está diferente de como estava há dois meses.

Mostrei um sorriso fingido.

– Ah, isso? O que tem pra falar?

Ela riu, mas então passou seu delicado pulso na testa, deixando uma leve mancha de tinta. Bennett estava viajando a negócios e Chloe estava determinada a pintar todo seu apartamento gigantesco enquanto ele não poderia interferir. Ela parecia exausta.

– Por que você simplesmente não contratou alguém para fazer isso? – eu perguntei, olhando ao redor. – Deus sabe que você pode pagar.

– Porque eu sou muito controladora – ela disse. – E pare de tentar mudar de assunto. Olha, eu sei como aquele namoro trouxe você para baixo aos pouquinhos, mas eu me sinto estranha por não saber mais sobre o *verdadeiro* Andy. Bennett o conhecia por meio dos eventos da cidade, mas eu nunca o conheci muito bem e...

– Isso é porque – eu disse, interrompendo-a – você teria percebido na hora quem ele era. Assim como Bennett – senti uma familiar pontada no estômago só de pensar em Andy.

Chloe começou a dizer alguma coisa, mas eu ergui a mão num gesto para que ela não continuasse.

– Vamos lá. Eu sei que Bennett sabia de Andy desde o início, mesmo que pensasse que não deveria interferir. E acho que, quando eu te conheci, até mesmo eu suspeitava que Andy estava me traindo. Eu não queria ele perto de você, pois você seria capaz de ver até onde eu tinha afundado.

Seus olhos se abaixaram e eu sabia exatamente o que ela iria dizer.

– Meu amor, eu não precisava conhecer Andy pessoalmente para saber que ele era um traidor babaca. Ninguém precisava. A única coisa que o ajudava a parecer minimamente decente era você.

Engoli em seco algumas vezes, tentando evitar as lágrimas.

– Você acha que isso diz algo sobre mim, tipo, como eu sou tão estúpida e cega por ter passado tantos anos com ele?

Lembrei de nosso primeiro aniversário no restaurante Everest, quando ele chegou meia hora atrasado e cheirava fortemente a perfume de mulher. Tão clichê. Quando perguntei se estava com outra pessoa, ele respondeu: “Querida, quando não estou com você, estou sempre com outra pessoa. A minha vida é assim. Mas estou aqui agora”.

Na hora entendi que ele estava sempre trabalhando quando estava longe de mim. Mas, na verdade, aquela foi provavelmente a única vez em que ele foi honesto comigo sobre outras mulheres.

– Não – disse Chloe, balançando a cabeça. – Você era jovem; ele deve ter parecido irreal para você quando se conheceram. Ele era realmente muito charmoso, Sara. Mas não é saudável mudar tudo de repente e não conversar sobre isso. Você está mesmo bem?

Assenti.

– Na verdade, estou sim.

– Andy liga para você de vez em quando?

Fiquei encarando o pincel na minha mão e então o deixei cair no balde de tinta.

– Não.

– Isso incomoda você?

– Talvez um pouco. Quando parti, eu queria que ele percebesse o quanto estragou tudo. Seria legal vê-lo rastejar de volta. Mas a verdade é que eu provavelmente não atenderia o telefone, de qualquer forma. Eu nunca voltaria para ele.

– O que ele fez quando você contou que estava indo embora?

– Gritou. Ameaçou – olhei lá fora pela janela e lembrei do rosto de Andy distorcido pela raiva. Seu ódio geralmente me deixava mais calma, mas, naquela última vez, algo dentro de mim estalou. – Ele jogou minhas roupas na rua. E me empurrou para fora.

Chloe me surpreendeu ao jogar o pincel na lata sem nem olhar onde cairia. Ela se aproximou e me abraçou fortemente.

– Você podia destruir a vida dele.

– Suspeito que ele vai fazer isso consigo mesmo, eventualmente. Eu apenas queria sumir de lá – sorri em seu ombro. – E fiz o advogado da minha família

expulsá-lo ele da casa. Acho que os jornais gostaram dessa parte. A maldita casa era minha, lembra?



Foi bom ter colocado tudo para fora. Chloe sabia como é ter o coração partido, e durante nossa conversa sobre Andy, lembrei da época em que ela deixou abruptamente a Ryan Media e se isolou em seu apartamento. Quando finalmente ligou para mim, contou tudo que acontecera entre ela e Bennett – como eles tinham começado um caso secreto e como tinha decidido que precisava se afastar dele.

Foi um momento revelador para mim, mas de um jeito completamente errado. Sua decisão de deixar o emprego e potencialmente sacrificar seu relacionamento apenas aumentou minha vontade de discutir a relação com Andy. Eu quis me esforçar por nós dois para manter o namoro. Acontece que Bennett era o cara certo para Chloe trabalhar a relação. Andy nunca seria isso para mim.

Pensar no meu ex-namorado sempre me deixava com uma dor de cabeça, mas falar sobre ele trouxe uma bola de chumbo no meu estômago que não desaparecia, não importava quantos quartos eu ajudasse Chloe a pintar ou quantos quilômetros eu corresse no parque mais tarde naquele dia.

Por um breve momento, considerei ligar para Max, mas a resposta para um problema nunca está em criar outro. Embora ele quisesse jantar comigo na outra noite, isso não significava que quisesse algo a mais. Ele também não seria o cara certo para eu discutir minha vida.

A segunda e terça-feira voaram. Na quarta-feira, tivemos várias reuniões com novos clientes e parecia que cada minuto durava uma eternidade. A quinta-feira foi pior de um jeito completamente oposto: Chloe e Bennett foram viajar para o feriado prolongado de 4 de julho, e George foi para sua casa em Chicago. Um silêncio baixou nos escritórios e, apesar de nossa empresa estar prosperando, minha equipe inteira tinha trabalhado estranhamente *bem demais*. Eu não tinha nada para fazer e os corredores pareciam ecoar ao meu redor.

Por que estou aqui?, enviei em uma mensagem para Chloe, sem esperar uma resposta

Eu te perguntei a mesma coisa antes de ir embora ontem.

Meus passos ecoaram no corredor quando fui buscar mais café. Já tomei cafeína suficiente para ficar acordada por um mês.

Então envie uma mensagem para aquele seu estranho irresistível. Use essa energia para algo útil.

Não funciona desse jeito.

Meu telefone vibrou imediatamente.

O que isso quer dizer? Então como é que funciona?

Joguei meu celular de volta para dentro da bolsa e suspirei, encarando a janela. Não contei mais nada para Chloe sobre o acordo com meu estranho, mas eu podia perceber que a paciência dela estava se esgotando. Felizmente ela não estava na cidade; eu podia desligar o celular e manter o segredo por mais alguns dias.



O clima no mês de junho em Nova York estava lindo, mas, no momento que julho chegou, tornou-se insuportável. Comecei a sentir como se não fosse capaz de escapar do labirinto de arranha-céus e estivesse sendo cozida num forno de tijolos. Pela primeira vez desde que me mudei, senti saudades de casa. Senti falta do vento que soprava do lago, com correntes de ar tão fortes que podiam até derrubar você enquanto andava. Senti falta do céu esverdeado das tempestades de verão, quando eu me aninhava no porão dos meus pais e ficava jogando fliperama com meu pai por horas.

Porém, o lado bom de viver em Manhattan era que eu podia andar aleatoriamente por aí e sempre esbarrar em alguma coisa interessante. A cidade tinha de tudo: entrega de yakisoba às três da manhã, homens que encontravam galpões cheios de espelhos para aventuras sexuais e fliperama num bar perto do trabalho. Quando vi o piscar das luzes pela vitrine, quase tive um ataque, sentindo que a cidade tinha me presenteado exatamente com aquilo de que eu precisava.

Talvez mais vezes do que eu podia admitir.

Entrei no bar pouco iluminado e senti o familiar cheiro de pipoca e cerveja. No meio de uma quinta-feira ensolarada, o bar estava escuro o bastante para me fazer sentir que já era meia-noite lá fora e que quem não estava dormindo estava ali bebendo e jogando sinuca. A máquina que eu tinha visto na frente do bar era nova, com botões polidos e música emo que não me interessava. Mas, no canto

de trás, havia uma máquina antiga do Kiss, com toda a glória de seus rostos pintados e a língua gigante de Gene Simmons.

Comprei fichas, pedi uma cerveja e me dirigi no meio das pessoas até a máquina nos fundos.

Meu pai gostava de colecionar coisas. Quando eu tinha cinco anos e queria um cachorro, ele comprou um dalmata, depois comprou outro, e então, de repente, acabamos com uma casa cheia de cachorros surdos latindo uns para os outros.

Depois começou a colecionar carros antigos, com os clássicos Corvairs, a maioria apenas com a carroceria. Meu pai alugava uma garagem apenas para guardá-los.

Em seguida vieram os trompetes antigos. Depois vieram as esculturas de um artista local. E, por último, máquinas de fliperama.

Meu pai tinha quase setenta máquinas num depósito e outras sete ou oito na sala de jogos da nossa casa. Na verdade, foi durante um passeio pela sala de jogos que meu pai e Andy ficaram amigos. Embora meu pai não soubesse que ele nunca tinha jogado fliperama, Andy agiu como se a coleção fosse a coisa mais incrível do mundo e conseguiu parecer ter jogado a vida inteira. Meu pai ficou fascinado, e, na época, eu fiquei muito contente com isso. Eu tinha apenas vinte e um anos e não sabia como meus pais reagiriam com um namorado quase dez anos mais velho. Mas meu pai imediatamente fez tudo que pôde – com seu tempo e talão de cheques – para apoiar nosso namoro e as ambições de Andy. Não era difícil convencer meu pai e, uma vez conquistado, era quase impossível perder sua estima.

A não ser, é claro, que ele esbarrasse em você num restaurante tendo um jantar romântico com uma mulher que não era sua filha. Apesar do que meu pai me contou e de seu pedido para eu tentar enxergar o verdadeiro Andy ao invés da imagem pública que ele tanto cultivava, eu decidi acreditar em Andy: ele disse que a mulher era uma pessoa de sua equipe de trabalho que estava deprimida por causa do término de seu namoro e apenas precisava conversar com alguém, só isso.

Que chefe bondoso ele era.

Dois meses depois, o jornal local o flagrou me traindo com outra mulher.

Coloquei uma ficha na máquina e segurei os botões de cada lado enquanto a bolinha prateada aparecia no lançador. Aparentemente, o som estava desligado, pois a máquina permaneceu estranhamente silenciosa quando comecei a jogar. Eu estava enferrujada e jogando muito mal, mas não me importava.

Tive alguns momentos iguais a esse nas últimas semanas, momentos de quietude que parecia se cristalizar ao redor. Momentos em que eu simultaneamente registrava o quanto amadureci e o quanto não sabia sobre a

vida e os relacionamentos. Alguns desses momentos aconteceram enquanto eu observava Bennett e Chloe, e o jeito como eles provocavam e adoravam um ao outro na mesma medida. Outro momento foi ali mesmo, jogando fliperama sozinha, sentindo um contentamento que há muito tempo não sentia.

Alguns homens vieram conversar comigo – eu estava acostumada com a maneira como os homens parecem não resistir a uma mulher que joga videogame sozinha. Mas, após quatro partidas, senti que havia uma pessoa me observando.

Era como se a pele atrás do meu pescoço estivesse sendo pressionada apenas com a força de uma respiração. Tomando um gole da cerveja, virei e vi Max de pé do outro lado do bar.

Ele estava com outro cara, alguém que eu não conhecia, mas que também estava vestido formalmente e se destacava no bar da mesma maneira que eu com meu vestido cinza e saltos vermelhos. Max olhou para mim por cima de sua cerveja, e, quando o localizei, ele sorriu e ergueu levemente o copo fazendo um cumprimento.

Terminei meu jogo depois de uns vinte minutos e andei até onde eles estavam, tentando evitar um sorriso besta. Eu estava com vontade de encontrá-lo e nem sabia.

– Oi – eu disse, deixando escapar um pequeno sorriso.

– Oi também.

Olhei para seu amigo ao lado, um homem mais velho, com um rosto triste e olhos castanhos bondosos.

– Sara Dillon, este é James Marshall, um colega de trabalho e grande amigo. Estiquei o braço e o cumprimentei.

– Prazer em conhecê-lo, James.

– Igualmente.

Max tomou um gole de sua cerveja e então apontou para mim com o copo.

– Sara é a nova mandachuva do financeiro na RMG.

Os olhos de James se arregalaram e ele balançou a cabeça, impressionado.

– Ah, é mesmo?

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, olhando ao redor. – Isso aqui não parece um lugar para se fazer negócios no meio da tarde.

– Fugi do trabalho mais cedo, igual todo mundo faz nesta cidade. E você, senhorita? Tentando se esconder? – perguntou Max, com um olhar malicioso em seus olhos.

– Não – respondi, aumentando meu sorriso. – Nunca faria isso.

Seus olhos se arregalaram ligeiramente, então virou o rosto para o bar e fez um gesto com a cabeça para o barman.

– Eu venho aqui porque é sujo e geralmente vazio, além de servirem chope da Guinness.

– E eu venho aqui porque tem sinuca e eu gosto de fingir que posso detonar o Max – disse James antes de tomar toda sua cerveja num longo gole. – Então, vamos jogar.

Entendi aquilo como sendo minha deixa e pendurei minha bolsa no ombro, sorrindo um pouco para Max.

– Divirta-se. Vejo você por aí.

– Deixe eu acompanhá-la até a saída – então virou para o James e disse: – Peça mais um chope para mim e depois eu encontro você na mesa.

Com sua mão nas minhas costas, nós saímos do bar e ganhamos a rua ensolarada.

– Oh, droga – ele grunhiu ao ser atingido pela forte luz do sol. – Lá dentro está melhor. Por que você não fica e joga com a gente?

Balancei a cabeça.

– Acho que vou voltar para casa e lavar algumas roupas.

– Trocado por roupas sujas. Que situação.

Eu ri, mas então olhei ao redor ansiosa quando ele levantou a mão e tocou meu rosto. Então tirou rapidamente e murmurou:

– Certo, certo.

– James sabe sobre nós? – perguntei quase sussurrando.

Ele olhou para mim, levemente desapontado.

– Não. Meus amigos sabem que estou saindo com alguém, mas não sabem quem é.

Um constrangimento surgiu entre nós por um instante e eu não sabia qual era o protocolo numa situação dessas. Era exatamente por isso que nosso acordo sobre as sextas-feiras era ideal: não era preciso pensar muito nem negociar amigos, sentimentos e limites.

– Você já reparou como é estranho a gente se esbarrar tanto por aí? – ele perguntou, com uma expressão enigmática no rosto.

– Nunca pensei nisso – admiti. – Não é assim que o mundo funciona? Numa cidade de milhões, você sempre vê a mesma pessoa.

– Mas quantas vezes isso acontece com a pessoa que você *mais* quer ver?

Desviei o olhar, sentindo uma mistura entre desconforto e excitação em meu estômago.

Ele ignorou meu silêncio embaraçado e continuou.

– Ainda vamos nos encontrar amanhã, certo?

– Por que não iríamos?

Ele riu, baixando os olhos até meus lábios.

– Porque é feriado, flor. Não sei se tenho privilégios nos feriados.
– Não é feriado para você.
– Claro que é – ele disse. – Nós comemoramos o dia que nos livramos dos americanos irritantes.
– Engraçadinho.
– Felizmente para mim, nenhum feriado vai cair em sexta-feira até o fim do ano, então não preciso me preocupar em perder meu dia favorito da semana.
– Você estudou o calendário? – senti meu corpo se aproximar dele, perto o bastante para sentir seu calor mesmo debaixo de mais de trinta graus.
– Não, acontece que sou meio gênio com números.
– Um gênio idiota?
Ele riu, fazendo uma careta engraçada.
– Algo desse tipo.
– Então, onde devo encontrar você amanhã?
Ele ergueu a mão novamente e passou um dedo em meu lábio inferior.
– Vou enviar uma mensagem.
E enviou mesmo. Logo após eu dobrar a esquina e entrar no metrô, meu celular vibrou no bolso com as palavras: 11ª Avenida c/ rua 24. Tem um arranha-céu do outro lado do parque. 19h.
Sem indicação sobre qual edifício, qual andar ou mesmo o que eu deveria vestir.



Quando cheguei lá, ficou claro que ele só poderia estar se referindo a um certo prédio. Era todo de vidro e mármore e ficava em frente ao Chelsea Waterside Park. Também tinha uma vista ridícula do rio Hudson. O saguão estava vazio, com exceção de um único segurança na portaria, e, após eu hesitar por um minuto, ele me perguntou se eu era a amiga do sr. Stella.

Desconfiada, hesitei mais um pouco.

– Sim.

– Ah, bom. Eu deveria ter perguntado antes! – ele ficou de pé, com seu corpo quase tão largo quanto alto, e acenou para os elevadores. – Ele pediu para que eu deixasse você subir.

Encarei-o por um segundo antes de acompanhá-lo até o elevador. O segurança usou uma chave para abrir um painel e apertou o botão C.

Era o botão da cobertura.

Estávamos indo para a *cobertura*?

Com um aceno amigável, ele saiu do elevador.

– Feliz 4 de julho – ele disse, enquanto as portas se fechavam.

Havia vinte e sete andares no prédio, mas o elevador era claramente novo e muito rápido, e eu mal tive tempo de pensar no que poderia estar me esperando lá em cima.

Quando as portas se abriram, me encontrei num pequeno corredor de frente a alguns degraus que davam numa porta com uma placa: “Acesso à cobertura. Somente pessoal autorizado”.

O que mais eu poderia fazer além de pensar que, somente naquele dia, essa placa não valia para mim? Afinal, era uma ideia do Max. Eu tinha a impressão que ele respeitava regras apenas até encontrar um modo de quebrá-las apropriadamente.

A porta se abriu com um chiado metálico e bateu pesadamente atrás de mim. Eu me virei e tentei abrir de novo, mas não consegui. O dia estava quente, com muita ventania, e eu estava presa na cobertura de um prédio.

Droga. É melhor que Max esteja aqui em cima ou eu vou ficar maluca.

– Estou aqui! – gritou Max em algum lugar à minha direita.

Soltei um suspiro aliviado e andei ao redor de uma grande caixa de eletricidade. Lá estava Max, sozinho, com um cobertor, travesseiros e vários tipos de comida e cerveja aos seus pés.

– Feliz Dia da Independência, flor. Está pronta para transar ao ar livre?

Ele estava incrível, vestido casualmente com jeans e camiseta azul, bronzeado, com seus braços fortes e toda sua altura caminhando em direção a mim. Sua presença física, debaixo do sol, com o vento soprando em sua camiseta e delineando seu peitoral... meu Deus. Vamos apenas dizer que isso provocou coisas em mim.

– Perguntei se você está pronta para transar ao ar livre – ele disse com a voz baixa, inclinando-se para me beijar. Seu beijo tinha gosto de cerveja e maçãs e algo intangível que era próprio dele. Excitação, sexo, conforto... ele era meu vício, aquela coisa que você precisa consumir de vez em quando, sem culpa, sabendo que vai te acalmar, mesmo não sendo muito bom para você.

– Sim – eu disse. – Então você não está preocupado com helicópteros ou câmeras ou... – olhei atrás dele, apontando para as pessoas que estavam em outra cobertura ao longe – com aquela gente ali com binóculos?

– Não.

Estreitei meus olhos e corri minhas mãos em seu peito até o pescoço.

– Por que você nunca se preocupa em ser visto?

– Por que eu não seria eu mesmo se me preocupasse. Eu ficaria paranoico dentro de casa e não sairia para transar com você numa cobertura. Considere a tragédia que isso seria.

– Uma grande tragédia.

De repente me ocorreu que ele era indiferente tanto para ser visto quanto para não ser visto. Ele não buscava a fama, mas também não a evitava. Apenas vivia na realidade em torno disso. Era uma maneira tão diferente de interagir com a imprensa e o público que até fiquei um pouco abalada. Parecia tão simples.

Ele abriu um sorriso e beijou a ponta do meu nariz.

– Vamos comer.

Ela havia trazido pães, queijos, salsichas e frutas. Bolachinhas com geleia e pequenos e perfeitos *macarons*. Numa bandeja, havia tigelas com azeitonas, amêndoas e pepinos franceses. Num balde de metal, havia várias garrafas de cerveja escura.

– Bela seleção.

Ele riu.

– Eu sei – sua mão passou por minha barriga e seios. – Espero receber sua gratidão.

Ele me puxou para o cobertor, abriu uma cerveja e serviu dois copos.

– Você mora neste prédio? – eu perguntei, mordendo uma maçã. A ideia de estar tão perto de seu apartamento me fez sentir um pouco nervosa.

– Eu moro no prédio que você me deixou depois de passearmos de táxi naquele dia. Tenho um apartamento aqui, mas é minha mãe quem usa – ele ergueu a mão antes que eu pudesse protestar. – Ela está visitando minha irmã em Leeds por algumas semanas. Ela não vai aparecer aqui na cobertura.

– E por acaso *alguém* vai?

Ele deu de ombros e jogou uma azeitona na boca.

– Acho que não. Mas não tenho certeza – mastigando, ele me encarou por um instante, sorrindo com os olhos. – Como você se sente sobre isso?

Uma apreensão aqueceu meu estômago e eu olhei para a porta fechada, imaginando como seria ficar debaixo de Max no cobertor, sentindo-o me penetrar, e de repente ouvir o som daquela porta abrindo e fechando.

– Estou tranquila – eu disse, sorrindo.

– Temos a melhor vista para os fogos – ele explicou. – Eles fazem quatro shows simultâneos ao longo do rio, que nós poderemos ver. Achei que você gostaria disso.

Eu o puxei para perto e beijei seu queixo.

– Estou mais interessada em ver você completamente pelado.

Com um pequeno gemido, Max empurrou os travesseiros para o lado e me deitou em cima do grosso cobertor. Ele sorriu, fechou os olhos e me beijou.

Droga, por que ele tinha que ser tão gostoso? Seria mais fácil ter algo casual – embora certamente menos satisfatório – se Max fosse um amante medíocre, ou

se me tratasse apenas como uma forma conveniente de tirar o atraso uma vez por semana. Mas ele era doce, atencioso e tão seguro de si mesmo a esse respeito que era muito fácil me fazer ficar a seus pés, desejá-lo e implorar silenciosamente por ele.

Ele adorava quando eu implorava. Ele me provocava para ter mais disso. E eu implorava para ele me provocar ainda mais.

Em momentos como esse, quando ele me beijava, correndo as mãos em minha pele e beliscando em locais sensíveis e famintos, eu tinha dificuldades em não compará-lo com o único outro amante que já havia tido. Andy era rápido e desconfortável. Após um ano de sexo recreativo, nosso contato nunca foi realmente sobre explorar ou compartilhar. Transávamos em nossa cama, às vezes no sofá. Uma ou outra vez na cozinha.

Mas aqui, Max passava um morango em meu queixo e depois lambia. Ele murmurava dizendo que iria sentir meu sabor e me foderia até que meus gritos ecoassem pelas ruas lá em baixo.

Ele me fotografou enquanto eu tirava minha camisa e depois sua camiseta. Mais fotos enquanto eu lambia descendo por sua barriga, abria sua calça e tomava seu pau duro em minha boca. Eu queria que ele me deixasse ir até o fim desta vez.

Ele sussurrou:

– Mantenha os olhos abertos. Olhe para mim – e então tirou uma foto. Eu estava perdida o suficiente naquele momento para não me importar.

Por fim, seu celular caiu no cobertor e suas mãos agarraram meus cabelos, guiando meus movimentos e os deixando mais lentos. Minha boca se movia tão devagar que achei impossível Max gozar desse jeito. Mas ele não me deixava acelerar, e seus olhos se tornaram sombrios, famintos, e finalmente o senti inchar.

– Tudo bem? – ele perguntou, com a voz trêmula. – Vou gozar.

Murmurei um sinal positivo, observando seu rosto corar e sua boca se abrir um pouco enquanto ele encarava meus lábios, que o envolviam. Os sons que ele fez quando gozou foram graves, roucos, com as palavras mais depravadas que já ouvi. Engoli rapidamente, focando na expressão de seu rosto.

– Merda – ele grunhiu, sorrindo. Esticou os braços e me puxou para cima em seu peito.

O dia já estava acabando. O pôr do sol primeiro pintou o céu de rosa, depois em tom de lavanda, e nós ficamos olhando as nuvens desfilando. Sua pele estava quente, macia, e virei meu rosto para encará-la, sentindo seu cheiro.

– Eu gosto do desodorante que você usa.

Ele riu.

– Ora, muito obrigado.

Beijei seu ombro e hesitei, com medo de arruinar o momento. Mas eu precisava dizer.

– Você tirou fotos do meu rosto.

Senti mais do que ouvi sua risada.

– Eu sei. Vou apagar agora. Apenas quero olhar mais algumas vezes – seu braço pesado começou a procurar cegamente ao redor. O celular estava debaixo da minha cintura, então o peguei e entreguei.

Juntos, olhamos as fotos. Minha mão em sua camiseta, em seu peito. Meus seios, meu pescoço. Paramos na foto das minhas mãos desabotoando seu jeans e tirando seu pau para fora. Quando chegamos na foto em que meu polegar acariciava a ponta de sua ereção, ele se virou por cima de mim, duro novamente.

– Não, espere – eu disse, com as palavras morrendo em minha garganta enquanto ele me beijava. – Apague as fotos com meu rosto, Max.

Com um gemido, ele rolou de volta e mostrou as fotos para mim. Eu não podia negar que era a coisa mais sensual que já vi: meus dentes enterrados em sua cintura, minha língua tocando a ponta de seu pau e, finalmente, minha boca o envolvendo enquanto eu olhava diretamente para a câmera. Meus olhos ficaram tão sombrios que claramente eu continuaria chupando até não poder mais. Com uma foto dessas, eu permaneceria nessa posição para sempre.

Ele apertou o botão para apagar e confirmou.

– Isso foi a coisa mais sexy que já vi – ele disse, rolando de volta para cima de mim e beijando meu pescoço. – Eu realmente odeio essa regra de proibir os rostos.

Eu não disse nada. Em vez disso, tirei sua calça e ele tirou meu short, puxando minhas pernas ao redor de seus quadris.

– Pegue uma camisinha – murmurei em seu pescoço.

– Na verdade – ele começou, afastando apenas o suficiente para olhar em meus olhos –, eu estava pensando que a gente podia acabar com a regra da camisinha.

– Max...

– Eu trouxe isto – ele puxou uma folha de papel que estava embaixo do cobertor. *Ah, a tão romântica folha com resultados de testes.* – Eu não transo sem camisinha desde o colegial – ele explicou. – Não estou transando com mais ninguém e quero transar sem camisinha com você.

– Como você sabe que estou tomando pílula?

– Porque eu vi a cartela na sua bolsa na biblioteca – ele se aproximou de novo, posicionando seu corpo e mexendo os quadris. – Tudo bem?

Concordei, mas tive que perguntar:

– Você não está preocupado com o *meu* histórico?

Ele sorriu, beijou meu ombro e subiu a mão até encontrar meu seio.

– Conte para mim.

Engoli em seco, desviando os olhos. Ele encostou um dedo no meu queixo e virou meu rosto de volta.

– Eu tive apenas um outro parceiro – admiti.

Os olhos de Max pararam de sorrir.

– Você esteve com apenas *uma* outra pessoa?

– Mas ele transou com todo mundo em Chicago enquanto nós estávamos juntos.

Ele praguejou baixinho.

– Sara...

– Então, se você considerar que eu estive com todas as mulheres que ele comeu, então foi bem mais que uma pessoa – tentei sorrir para suavizar as duras palavras que dizia.

– Você fez algum teste desde então?

– Sim.

Acomodei meus quadris em cima dele, querendo isso mais do que imaginava. Andy tinha começado a usar camisinha no meio do nosso namoro; só esse fato já deveria ter me alertado de alguma maneira. Na época pareceu um distanciamento deprimente, apesar de Andy ter dito que era para nos certificar de não termos filhos antes de estarmos prontos. Percebia agora que ao menos ele tinha me concedido essa delicadeza.

Mas Max estava fazendo do jeito oposto. Distanciamento primeiro, e depois lentamente navegando por esta estranha monogamia que nós inventamos.

Merda, Sara. É assim que a maioria das pessoas faz.

Eu me apoiei em seus quadris e subi para chupar seu pescoço.

– Certo.

Max se moveu para trás, levou a mão entre nós e deslizou para dentro com um gemido grave. Devagar, muito devagar, ele foi me preenchendo. E então cobriu meu corpo com o seu, beijou subindo por meu pescoço e pressionou os lábios nos meus.

– Meu Deus, isso é bom – ele sussurrou. – Nada é melhor que isso.

Um estranho desespero tomou conta de mim. Nunca havia sentido seu peso tão completamente, percebendo cada pedaço de pele com tanta intensidade. Parecia um tipo totalmente novo de posse. Seus ombros eram tão largos, cada músculo flexionava e se definia sob as minhas mãos. Por cima e dentro de mim, Max parecia me consumir de corpo e alma.

Ele continuou a me beijar enquanto mexia, começando tão devagar, deixando

que eu sentisse cada centímetro.

– Alguém poderia olhar para nós. Ver você debaixo de mim, com as pernas abertas, seus pés descalços em minhas costas – ele se apoiou nos cotovelos e olhou para meus seios. – Acho que gostariam de ver isso.

Fechei meus olhos e arqueei as costas para que ele tivesse uma visão melhor. Deus, havia uma segurança tão estranha com Max. Ele nunca fazia parecer estranho ou errado eu gostar da ideia de ter alguém nos observando. Era como se ele adorasse isso tanto quanto eu. E até quisesse ser flagrado.

– O que acha de ter alguém assistindo você transar algum dia desses? – ele perguntou, acelerando um pouco.

Soltei toda minha honestidade quase sem fôlego:

– Gosto da ideia de pessoas verem *você* desse jeito comigo.

– É mesmo?

– Eu não sabia que eu gostava disso antes de conhecer você.

Ele praticamente se deitou em cima de mim, com seu corpo pesado e quente.

– Quero dar a você tudo que quiser. Amo o jeito como você se transforma quando estou transando com você e observando ao mesmo tempo. Quando tiro as fotos, você perde essa sua barreira misteriosa e se abre por inteira, como se estivesse finalmente respirando.

Eu me estiquei debaixo dele, puxando-o o mais perto que pude, e olhei para o céu escurecido no momento em que os primeiros fogos de artifício disparavam acima do rio. O som veio depois da luz, e a explosão fez a cobertura vibrar debaixo das minhas costas.

Mais fogos explodiram em cascatas tão brilhantes e tão perto que senti como se o próprio céu pegasse fogo. O edifício vibrava debaixo de mim, fazendo meus ossos tremerem e ecoarem em meu peito.

– Meu Deus – ele disse, rindo e mexendo mais forte, estocando com força, cada vez mais fundo. Eu já conhecia muito bem seus sinais a essa altura. Ele mal conseguia se segurar. O barulho era quase ensurdecedor por estarmos tão perto do rio, e o ar ficou pesado com toda a fumaça e as luzes. Ele apoiou a mão ao lado da minha cabeça, ergueu seu corpo nos joelhos e penetrou mais forte, tirando uma foto de onde nos juntávamos enquanto as luzes banhavam minha pele com cores em azul, vermelho e verde.

Respirei fundo e deixei o mundo acabar com um grito agudo, mas meu som se perdeu no meio do estrondoso espetáculo ao nosso redor.



Max puxou um cobertor e nos cobriu, talvez menos por estar frio e mais

porque tínhamos acabado nosso showzinho para um público imaginário. Ficamos apenas bebendo cerveja e assistindo aos fogos de mãos dadas.

– Você disse que faz tempo que não tem um relacionamento sério, então você acha estranho ser monógamo com uma parceira de sexo casual? – eu perguntei, me virando para encarar seu rosto.

Ele riu e levou a cerveja até a boca.

– Não. Eu não sou um babaca tão grande que não poderia ficar com apenas uma pessoa, se for isso o que ela quer.

– O que *ela* quer? Você não se importaria se eu ficasse com outro homem?

Ele balançou a cabeça e olhou de volta para o rio, onde a fumaça estava começando a baixar.

– Na verdade, acho que me importaria sim – levantou a cerveja novamente e esvaziou a garrafa num único gole. – Nós não usamos camisinha hoje, se você se lembra. Eu não poderia fazer isso se você estivesse ficando com outros homens.

Ele esticou o braço para pegar outra cerveja e o cobertor deslizou em seu ombro, revelando suas costas nuas, cada músculo delineado perfeitamente. Eu me inclinei e beijei o caminho entre sua coluna até o pescoço.

– Quando foi a última vez que você teve uma namorada? Cecily foi uma namorada?

– Na verdade, não – ele voltou a ficar ao meu lado e me abraçou debaixo do cobertor. – Fiquei com algumas mulheres exclusivamente desde que me mudei para cá. Mas faz uma eternidade desde que me apaixonei por alguém, se é isso que você quer dizer.

– Sim, acho que é isso que eu quis dizer.

– Tive uma namorada séria por um tempo na faculdade. Ela me trocou por um amigo meu. Acabou casando com ele. Fiquei com um pouco de raiva das mulheres por um tempo depois disso. Agora sei que relacionamentos precisam de muito trabalho, energia e tempo – tomou mais um gole. – E não tenho muito disso ultimamente, enquanto estou tentando cuidar da empresa. Não me oponho à ideia de ter alguém, mas é difícil encontrar o par certo, o que pode soar estranho numa cidade com milhões de pessoas.

Não senti absolutamente nada quando ele disse isso, nenhuma esperança de o par certo ser eu, nem preocupação de que Max estivesse procurando outra pessoa. Para alguém como eu, que era um poço de sentimentos, isso foi chocante. Esse vazio parecia se espalhar em meu peito.

– Acho que é melhor eu ir – eu disse, alongando meu corpo e deixando o cobertor cair.

Max olhou para minha nudez antes de encontrar meus olhos.

– Por que você sempre tem pressa para ir embora?

– Nós não passamos as noites juntos – eu o lembrei.
– Nem mesmo nos feriados? Eu não me importaria de ter uma transa matinal. Podemos usar o quarto de hóspedes da minha mãe.
– Então ligue para o Will. Ele é bonitinho.
– Eu ligaria, mas ele sempre insiste em ficar abraçado na cama depois. Isso é embaraçoso – ele fez uma pausa. – Espere. Você acha o Will bonitinho?
Eu ri, tomando o último gole da minha cerveja e pegando minhas roupas.
– Sim, mas você faz mais o meu tipo.
– Elegante? Bem-dotado no meio das pernas? Divino?
Olhei para ele e ri mais um pouco.
– Eu ia dizer que você tem uma ótima boca suja.
Seus olhos se tornaram sombrios, e ele me beijou.
– Fique até amanhã. Por favor, minha flor. Quero comer você pela manhã, quando estiver ainda meio sonolenta.
– Não posso, Max.
Ele me encarou por um longo momento e então desviou o olhar, tomando um gole da cerveja e murmurando:
– Ele realmente causou um estrago em você.
Senti meu sorriso murchar.
– É melhor não tentar entender uma mulher que deseja que sexo seja apenas sexo. Sim, Andy causou um estrago em mim, mas não é por isso que eu não quero ficar.
Eu o observei por um momento, quando me lembrei de estampar um sorriso no rosto novamente.
– Mal posso esperar para saber o que você vai inventar da próxima vez.



Quando cheguei ao meu apartamento, a excitação de estar com Max se transformou em uma estranha dor no meu peito. Joguei minhas chaves e a bolsa na mesa e me encostei na parede, encarando a escuridão da sala de estar. Meu apartamento era pequeno, mas, nos poucos meses que estive em Nova York, eu já o sentia mais como um lar do que o grande apartamento que dividi com Andy por quase cinco anos.

Mas, nesta noite, com a música e os fogos de artifício ecoando por entre os prédios e o som das celebrações nas calçadas lá fora, meu pequeno espaço parecia solitário pela primeira vez desde que me mudei.

Sem acender nenhuma luz, tirei minhas roupas enquanto caminhava até o banheiro. Entrei no chuveiro, fiquei debaixo da água quente e fechei os olhos,

com esperança de que o som da água abafasse o barulho em minha mente.

Não funcionou. Meus músculos estavam tensos e doendo, e o súbito desejo que surgiu no meio das minhas pernas deixou quase impossível que meus pensamentos não girassem em torno de Max.

Nunca fui o tipo de garota que fica obcecada por um homem, mas isso definitivamente parecia estar acontecendo agora. Max não era apenas lindo, ele era *legal* também. E eu sabia que era o sexo que nos tornava compatíveis. Eu ainda tentava entender minha nova obsessão de ser observada por ele – talvez até por outras pessoas –, mas essa necessidade surgia como um vapor debaixo da minha pele: era quente, excitante e impossível de ignorar.

E Max parecia aceitar, até mesmo incentivar, de um jeito tão fácil quanto tudo o mais que fazia.

Enquanto meu relacionamento com Andy existiu apenas para exposição pública, Max parecia explorar meu desejo pouco familiar de ser observada ao mesmo tempo em que respeitava minha necessidade de privacidade. Por mais que fosse um playboy e parecesse tão errado para mim em todos os sentidos, ele permitia que eu experimentasse algo que nunca sentiria segurança de fazer com Andy. Será mesmo que era tão simples assim? Será que eu estava mantendo Max por perto porque era o oposto de tudo que tive com Andy? Meu namoro com Andy tinha uma falsa profundidade e nenhuma excitação. Meu relacionamento com Max era intencionalmente simples, e mesmo vê-lo à distância me fazia sentir como se uma tocha se acendesse em meu peito.

Desliguei a água que, subitamente, ficou quente demais. Por um instante, eu me arrependi por não estar com Max. Joguei fora a chance de tocar sua pele, ouvir seus sons e sentir seu peso sobre mim a noite toda.

Mas, quando entrei em meu quarto e olhei meu reflexo no espelho, senti que minha imagem parecia estranha para mim. Minha postura estava melhor, eu piscava menos, observava mais. Eu podia perceber até mesmo uma sabedoria nos meus olhos que não existia antes.

Dez

– Ainda não entendi por que você está me acompanhando hoje.

Tentei impedir meu sorriso quando vi a expressão irritada de Will na porta espelhada do elevador, ignorando os olhares curiosos dos outros passageiros ao redor. Ele apertou o botão do décimo oitavo andar.

Minha atenção caiu na etiqueta ao lado: “Ryan Media Group”.

– Você sabe o quanto eu gosto de ver você em ação. É como atirar num peixe dentro de um barril, não é isso que vocês americanos dizem?

– Em primeiro lugar – ele disse, com a voz mais baixa –, você está usando essa expressão de um jeito errado e ninguém mais fala isso. Em segundo lugar, você está tramando alguma coisa. Você tem outras cem reuniões essa semana; eu sei que está até aqui de trabalho. Por que diabos resolveu me acompanhar hoje? Eu não preciso de você aqui.

– Você está certo, tecnicamente eu não preciso estar aqui, mas já vi você nesse tipo de reunião antes, meu amigo. Alguém começa a falar sobre neurotransmissores e pontes químicas e, de repente, parece que você fumou um baseado. Estou aqui apenas para ter certeza de que não vai falar besteira e acabar concordando com algum orçamento ridículo.

– Eu nunca falo besteira.

– Não, é claro que não – eu disse. – Mas não era você quem estava interessado em grandes contatos? Vou passar um tempo conversando com Bennett enquanto estivermos aqui e matar dois passarinhos com uma pedra só, certo?

Nem eu conseguia acreditar na minha desculpa esfarrapada; não estava acostumado a me sentir tão fora d’água em relação a uma mulher. Certamente não estava acostumado a me esgueirar por aí como um adolescente apenas para conseguir alguns minutos a sós com ela. Essa coisa com a Sara tinha sido construída para ser simples, mas, recentemente, parecia o oposto. Algumas horas antes, eu achava que tinha pensando em tudo: ir junto à reunião na RMG, usar Bennett como desculpa caso Will perguntasse, e, se tivesse sorte, esbarrar em Sara numa segunda-feira em vez de esperar até sexta. Passar um tempo com ela fora de nosso arranjo acabou me deixando mal-acostumado. E receber uma

mãozinha no táxi também não tinha sido nada mal. Mas agora eu me sentia em conflito, imaginando se estaria procurando problemas por embaçar as fronteiras desse jeito.

As portas se abriram e Will se virou para mim.

– Como você sabe, este show é meu. Portanto, apenas sente lá com cara de inteligente.

– Sr. Sumner, sr. Stella – disse a recepcionista. – Bem-vindos – ela nos conduziu pelo corredor para a grande sala de conferência cheia de janelas, com Nova York ao fundo no horizonte como se fosse um cartão postal. – O sr. Ryan está a caminho.

– Parece um desperdício você passar sua tarde livre aqui quando poderia visitar sua misteriosa parceira de sexo casual – Will disse quando ficamos sozinhos novamente.

Andei até a janela e olhei para o trânsito na rua lá fora.

– O que faz você pensar que ela estaria livre no meio da tarde?

Will começou a revisar seus papéis e eu tomei um lugar na longa mesa, deixando minha mente divagar e lembrar a última vez que eu estivera naquele prédio. Eu também estava correndo atrás dela naquele dia, e tenho que admitir que pouca coisa tinha mudado. Claro, já passei um tempo com ela, comi, chubei e toquei praticamente cada pedaço daquele corpo, mas ainda não conseguia entender o que se passava naquela linda cabecinha.

O som de vozes surgiu pelo corredor e levantei meus olhos no instante em que Bennett entrou na sala.

– Will – ele disse, esticando o braço para cumprimentá-lo. – Obrigado por vir – ele jogou um sorriso curioso para o meu lado. – Max. Não esperava ver você aqui hoje. Vai se juntar à nossa conversa sobre a B&T Biotech?

Era impossível não notar a expressão de satisfação presunçosa no rosto de Will. Tanto ele quanto Bennett sabiam que eu só passei em química na faculdade por ter flertado com o professor, o dr. William Haverston. Eles adoravam lembrar o meu “quase namorado”.

– Ele é cheio de surpresas – disse Will.

– Com certeza – Bennett concordou. Eu não tinha considerado o lado de Bennett. Algumas semanas já tinham se passado desde o baile, mas não sei se ele percebeu que eu estava lá mais por causa de Sara do que para conversar sobre as últimas novidades na manipulação de proteínas.

– Vocês são dois idiotas – murmurei.

A sala começou a encher enquanto os outros empresários entravam; infelizmente, para minha tentativa de manter a calma, Sara apareceu repentinamente, e foi a última a entrar. Ela estava incrível, e, enquanto Bennett

fazia as apresentações, deixei meus olhos passearem pelas curvas de seu corpo. Saia azul-marinho, pequena blusa rosa envolvendo os seios e um pescoço que eu queria chupar por horas.

– Esta é Sara Dillon, diretora de nosso departamento financeiro – Bennett disse para Will.

Will deu um passo para frente.

– Sim, nós trocamos alguns e-mails. Que bom finalmente conhecê-la, Sara. Acho que não nos encontramos no baile do mês passado.

Eles conversaram um pouco, até que ela virou o rosto em direção a mim, quando seus olhos se arregalaram por uma fração de segundo. Ela se aproximou, estendeu a mão e não parecia muito feliz em me ver.

– Acho que nos conhecemos no baile – ela disse, com um sorriso pregado no rosto. – Max Stella, não é mesmo?

Tomei sua mão e passei meu polegar gentilmente em seu pulso.

– Estou lisonjeado por você lembrar de mim, Sara.

Ela puxou a mão de volta, forçando o sorriso e se dirigindo para sua cadeira.

Prossegui com os cumprimentos e apertei a mão de Chloe, jogando um pouco de conversa fora e aceitando um vago convite para jantarmos nas próximas semanas. Estava muito claro a razão de Bennett ficar tão encantado: ela era linda e obviamente inteligente. Não deixei de notar a maneira como trocou olhares com Bennett, como se estivessem conversando sem palavras. Em certo momento, ele revirou os olhos e abriu um sorriso diferente de tudo que já o vi mostrar. O pobre coitado estava mesmo enfeitiçado.

Quando a reunião começou, sentei no único lugar vazio, bem ao lado de Sara. Considerando a expressão que fez, não fiquei convencido de que isso era uma boa ideia.

Os minutos pareciam se arrastar e, meu Deus, era realmente a coisa mais chata que já tive que aguentar: ciência e estratégias sobre ciência. Em certo momento, eu podia jurar que vi os olhos de Will se fecharem em êxtase.

Sara ainda estava praticamente soltando fumaça ao meu lado. O que a fez ficar tão tensa? Eu podia sentir cada centímetro de espaço que separava seu corpo do meu. Tive que conscientemente evitar tirar as mãos do meu colo. Prestei atenção em cada movimento que ela fazia, cada vez que se ajeitava na cadeira ou tomava um gole de água. Eu podia sentir seu cheiro. Não tinha percebido o quanto seria difícil ficar tão perto assim e não poder passar minha mão por sua pele, ou fazer algo tão simples como ajeitar uma mecha de seu cabelo.

Por que diabos eu de repente queria ajeitar uma mecha do cabelo dela? Meu plano oficialmente foi por água abaixo.

Imediatamente após Will ter apresentado o portfólio, Sara pediu licença e foi

embora antes que eu pudesse falar com ela. Quando eu finalmente escapei de uma conversa sobre a melhor maneira de acentuar a tecnologia da nossa empresa no plano de marketing, praticamente saí correndo em direção ao seu escritório.

– Olá – disse seu assistente, olhando para mim de cima a baixo atrás do computador.

– Estou aqui para ver a srta. Dillon – eu disse, continuando o caminho até sua sala.

– Boa sorte, porque ela não está aí – ele disse por trás de mim. Eu me virei e o encontrei de volta olhando para suas planilhas.

– Sabe para onde ela foi?

Sem tirar os olhos do computador, ele respondeu:

– Provavelmente foi dar uma volta. Ela acabou de sair daqui correndo como se alguém tivesse ateado fogo nos sapatos dela – virou o rosto para mim. – Ela geralmente vai até o parque quando está com vontade de esganar alguém.

Ah, que merda.

Corri para o elevador, ignorando os olhares que recebi no caminho, e fiquei observando os andares passarem. Que diabos deu errado? Eu mal falei duas palavras com ela. O calor da tarde me atingiu como uma parede quando pisei na rua, mesmo debaixo das sombras sufocantes dos prédios ao redor. Olhei para os dois lados e virei em direção ao parque. As calçadas estavam cheias de turistas e pessoas levando o cachorro para passear, mas eu esperava que os sapatos de salto dela diminuíssem a velocidade o suficiente para eu alcançá-la.

Foi uma sensação muito estranha sair das ruas e entrar no parque, onde o cheiro de asfalto e fumaça foi substituído por cheiro de árvores, terra e água.

Vi um relance cor de rosa no final da trilha e acelerei o passo, chamando seu nome.

– Sara!

Ela parou e se virou para me encarar.

– Mas que droga, Max. O que você estava pensando?

Parei de repente.

– O quê?

– Lá na apresentação! – ela disse, quase sem fôlego. – Eu não sabia que vocês financiam a B&T! Eles não precisam revelar isso nessa altura das negociações. Você não entende? Isso é um conflito de interesses!

Esfreguei meu rosto, desejando que nosso acordo tão simples parasse de ser tão complicado.

– Não achei que seria um problema.

– Deixe eu explicar para você – ela disse. – A diretora financeira da empresa que cuida do marketing da B&T está transando com o dono da empresa de

investimentos que paga o marketing da B&T. Você acha que tem algum conflito aqui? Você acha que eu preciso de você para conseguir trabalhos? Ou talvez você prefira ter certeza de que seu novo investimento de risco tenha o melhor preço possível com suas estratégias de marketing?

Será que ela estava brincando com essa besteira? Senti meu rosto esquentar com indignação.

– Meu Deus, Sara! Não estou levando trabalho para você por que me preocupo, nem estou transando para me certificar que você vai fazer seu trabalho direito!

Ela suspirou e ergueu as mãos.

– Eu não acho isso de verdade. Mas é assim que vai parecer. Desde quando você está fazendo isso? Você não sabe como essas coisas se espalham? Esse é um emprego novo para mim. Mas você é o *dono* do próprio negócio, e as pessoas estão famintas por qualquer detalhe sobre a sua vida. Veja o quanto a imprensa persegue você, mesmo cinco anos após Cecily deixar a cidade.

Ela era hipersensível sobre publicidade e a manipulação dos fatos, e isso era desconcertante. Era tudo uma grande besteira, e eu podia perceber que ela sabia disso. Ela desviou os olhos, com os braços cruzados e os ombros encolhidos. A verdade era que eu não me importava com quem me visse com Sara. Cinco anos após o drama da Cecily, eu aprendi que você não pode controlar o que as pessoas vão dizer. Sara nunca entenderia isso.

Andei até um salgueiro, desviei da cortina de folhas e me sentei com as costas apoiadas no tronco.

– Não acho que isso seja um problema tão grande quanto você está imaginando.

Ela se aproximou, mas continuou de pé.

– Meu argumento é que precisamos ser discretos. Com ou sem um potencial conflito de interesses, eu não quero que Bennett pense que eu transo com clientes rotineiramente.

– É justo, mas não acho que Bennett tem moral para nos criticar.

Observei suas pernas se aproximarem, dobrarem, e então ela estava sentada ao meu lado na grama macia.

– Não havia razão nenhuma para você estar lá. Eu não estava esperando ver você, e isso me desconcentrou.

– Que droga, Sara. Eu não iria tentar bolinar você por baixo da mesa, só queria participar da reunião e ter uma chance de te ver e dizer oi. Você podia tentar ser mais flexível, sabe?

Ela riu um pouco, e então parou. Mas alguns segundos se passaram e eu percebi que ela começou a rir de novo: silenciosamente, a princípio, depois

estava segurando a barriga, dobrada ao meio, praticamente chorando de rir.

– Você acha? – ela disse com dificuldade.

Eu não tinha ideia do que falei para causar essa reação, então apenas fiquei sentado, pensando que provavelmente menos é mais quando você está sentado ao lado de uma mulher que pode ou não estar ficando maluca.

Ela se acalmou, limpando os olhos e suspirando.

– Sim, eu poderia ser mais flexível. Depois de transar com um cara numa boate, num salão de festas, num galpão, numa biblioteca...

– Ah, Sara. Eu não quis dizer...

Ela ergueu a mão.

– Não, isso é apenas uma boa lição para mim. Ampliar meus horizontes é um processo constante. Assim que paro e penso em como estou lidando bem com uma coisa, eu vejo o quanto ainda sou rígida com outra.

Segurei um pouco da grama em minha mão, considerando o que ela disse.

– Eu deveria ter enviado uma mensagem.

– Provavelmente.

– Mas, sabe, eu ficaria contente se esbarrasse em você aleatoriamente numa reunião na Stella & Sumner.

– E você também quer me levar para jantar, e quer que eu durma no quarto de hóspedes da sua mãe, e provavelmente quer até assar umas bolachinhas comigo ou algo assim.

– Porque eu não me importo em sermos vistos juntos – eu disse, cada vez mais frustrado. – Por que você se importa?

– Porque as pessoas vão se intrometer – ela disse, virando-se para olhar em meu rosto. – As pessoas vão falar, vão construir uma história com a nossa relação. Vão especular, pesquisar nossas vidas, vão tentar descobrir o que queremos. Relacionamentos debaixo do olhar público não funcionam, e se você ousar admitir que se importa, isso vai te perseguir para sempre.

– Certo – eu disse, assentindo uma vez.

Fiquei ouvindo o vento soprando entre a cortina de folhas. Gostei de ficar dentro daquela caverna de quietude, escondido das pessoas, dos passarinhos, de qualquer coisa que pudesse testemunhar nossa conversa e minha silenciosa crise. Coisas demais estavam fervendo dentro de mim: a percepção de que eu queria Sara, que eu sempre quis Sara – desde o primeiro dia que a conheci. Também aceitei a verdade de que eu esperava que Sara eventualmente quisesse algo mais, e então seria eu quem estabeleceria os limites, e não ela.

– Max, estou perdendo a cabeça – ela sussurrou.

– Você vai pelo menos me dizer o motivo?

– Não hoje – ela disse, olhando para os galhos acima que filtravam os raios de

sol.

– Estou feliz com o que estamos fazendo, mas nem sempre é fácil ser mantido por perto sem poder realmente ter você.

Ela riu um pouco, sem muita vontade.

– Eu sei – então se aproximou e pressionou os lábios nos meus.

Eu esperava apenas um beijinho, um ato discreto em público para apaziguar as coisas depois que eu admiti que deveria ter avisado sobre minha visita e ela admitiu que exagerou na reação. Mas acabou sendo algo muito mais profundo: as mãos em meu rosto, a boca aberta e faminta por mais, e de repente ela subiu em mim, montando em minhas coxas.

– Por que você é tão legal? – ela sussurrou, e então me beijou novamente, abafando qualquer resposta que eu pudesse dar.

Mas esse beijo continuou. Parecia grande demais para ser interrompido levando minha mão até sua calcinha ou pressionando-a contra a árvore.

– Sou legal porque eu realmente gosto de você.

– Você conta mentiras de vez em quando? – ela perguntou, com olhos curiosos.

– É claro que sim. Mas por que eu seria desonesto com você?

Seu rosto perdeu a expressão e ela ficou pensativa. Após uma longa pausa, suspirou.

– É melhor eu voltar.

Meu humor mudou imediatamente de intimista e caloroso para resignado e irritado. Essa garota era um bumerangue.

– Certo.

Ela ficou de pé e limpou a grama dos joelhos e da saia.

– Provavelmente é melhor não voltarmos juntos.

Só consegui balançar a cabeça concordando, com medo de deixar escapar uma ladainha de frustração sobre as regras de descrição dela, particularmente após ter acabado de montar em meu colo debaixo de uma árvore.

Ela me observou por um tempo e plantou cuidadosamente um beijo em meu rosto.

– Também gosto de você.

Observei enquanto ela ia embora, com o queixo erguido e as costas retas, tentando mostrar para o resto do mundo que estava apenas voltando de uma caminhada pelo parque.

Olhei ao redor como se meu próprio coração estivesse em pedaços no meio da grama.

Onze

Dizer que minha interação com Max no parque foi estranha seria um eufemismo. Eu sei que reagi de um jeito exagerado, mas, francamente? Ele também. Aquela preocupação com minha reação na sala de reunião? Sair correndo atrás de mim? O que nós estávamos *fazendo*?

Na noite de segunda-feira fui para casa e passei duas horas cozinhando bolinhos dinamarqueses para o jantar. Um bolinho frito e coberto de açúcar que tradicionalmente é servido no café da manhã, mas que se dane. Eu precisava de algo elaborado. Era uma receita da minha avó, e me concentrar em prepará-los com perfeição me deu tempo para refletir.

Não tive muito tempo para pensar ultimamente.

Mas cozinhar algo tão associado à minha família também me deixou com saudades de casa, dos meus pais, da segurança de uma vida previsível, por mais depressiva ou falsa que seja.

Peguei meu celular, sem me importar com a sujeira em minhas mãos. Minha mãe atendeu no sétimo toque. Típico dela.

– Oi, meu docinho! – ouvi algo cair no chão ao fundo e ela soltou um palavrão.

– Você está bem? – perguntei, sorrindo ao ouvir sua voz. É incrível como algumas poucas palavras podiam me fazer sentir segura.

– Sim, apenas deixei cair meu iPad. Você está bem, querida? – e quando ela perguntou isso, lembrei que eu já tinha ligado pela manhã quando estava indo para o metrô.

– Apenas queria ouvir sua voz.

Ela fez uma pausa.

– Está sentindo saudades de casa?

– Um pouco.

– Converse comigo – ela falou, e imediatamente lembrei das centenas de vezes que ela me disse exatamente isso, incentivando para eu me abrir com ela.

– Conheci um homem.

– Hoje?

Estremeci. Tinha falado com meus pais algumas vezes por semana desde que me mudei e nunca tinha mencionado Max. E o que tinha para contar? Eles não queriam saber da minha vida sexual mais do que eu queria compartilhar.

– Não. Algumas semanas atrás.

Eu podia praticamente ouvir sua mente pensando na melhor estratégia para responder. Dando apoio, mas sendo protetora. Como se deve reagir quando sua filha começa a se encontrar de novo com alguém depois de uma terrível separação pública?

– Quem é ele?

– É um investidor. Aqui da cidade. Mas não nasceu aqui – eu disse, balançando a cabeça e querendo começar de novo. – Ele é britânico.

– Ah, um estrangeiro, que incrível! – ela disse rindo, usando seu forte sotaque do sul. Então, parou. – Você está me contando isso porque é um namoro sério?

– Estou contando porque não faço ideia.

Eu adorava a risada da minha mãe. Sentia falta da sua frequência.

– Essa é a melhor parte.

– É mesmo?

– Com certeza. Não se atreva a desperdiçar. Não deixe que aquele babaca do seu ex-namorado a impeça de se divertir.

Suspirei.

– Mas me sinto tão sem rumo. Eu sempre soube o que esperar com Andy – assim que disse isso, eu me arrependi, e o silêncio dela em resposta foi ensurdecedor.

– Sabia mesmo?

Ela me conhecia tão bem. Eu podia praticamente ver seus braços cruzados e sua expressão de eu-vou-chutar-uns-traseiros.

– Não. Não sabia.

– Você sente que conhece esse cara?

– Essa é a parte estranha. Às vezes acho que sim.



Não importava o quanto eu pensasse nisso ou o quanto ficasse acordada naquela noite, eu ainda não fazia ideia do que se passava na cabeça de Max depois do que aconteceu na segunda-feira. Nossa dinâmica acontecia ao contrário: era *ele* quem deveria saber como fazer essa coisa de relação casual. *Eu* deveria saber como fazer um relacionamento sério.

E nenhum de nós deveria querer qualquer outra coisa que não fosse sexo. Mas, por vários motivos, nunca foi assim. O desejo de conhecer melhor um ao

outro começou a surgir desde o primeiro dia, e eu sabia que, por mais que quisesse ficar com uma pessoa que pudesse manter a relação apenas no campo sexual, eu mesma nunca conseguiria fazer isso.

Lembrei do pânico em seu rosto quando ele correu atrás de mim, e senti um pouco de culpa.

Sara, você é um fracasso completo em matéria de sexo sem compromisso.

Na quarta-feira ele enviou uma foto de nossa noite na biblioteca. Era uma imagem que mostrava a barra do meu vestido, erguida até a base das minhas costas. Uma foto simples, mas ele usou um filtro preto e branco, e a foto original era tremida o bastante para eu reconhecer que foi tirada perto do fim, quando minha leitura tinha se tornado totalmente inarticulada e ele me seguiu num orgasmo, com um gemido abafado em meu pescoço.

Na quinta-feira, enviou uma foto que eu lembro ter visto enquanto ele passava pelos arquivos em seu celular no 4 de julho. Era uma imagem das minhas mãos desabotoando sua calça. Eu havia abaixado o suficiente para enxergar a forma de seu pau apertado contra o tecido da cueca.

As duas fotos foram enviadas na hora do almoço – eu as recebi enquanto trabalhava para finalizar dois grandes contratos. Tentei convencer a mim mesma que estava me sentindo estimulada por causa dos contratos em vez da perspectiva de encontrá-lo.

Eu era uma grande mentirosa.

– Deixa eu perguntar – disse George, entrando na minha sala sem bater na porta. – Você tem certeza que Max Stella é hétero? Estive pensando nisso desde quando ele veio aqui na segunda-feira.

Pisquei os olhos devagar, tentando entender se eu tinha acabado de dizer seu nome em voz alta ou se George estava fazendo a mesma coisa que Chloe desde a reunião da Stella & Sumner: jogando referências ao nome dele e prestando atenção na minha reação.

– Tenho certeza.

– Talvez ele seja bi?

Olhei para ele e deixei minha caneta em cima do contrato em minha mesa.

– Honestamente? Duvido.

George ergueu duas sobrancelhas curiosas.

– Você sabe disso por experiência própria?

Joguei o olhar mais intimidador que eu conseguia... que, para dizer a verdade, não era lá muito intimidador. Eu não iria deixar George jogar esse joguinho hoje.

– Você conseguiu as assinaturas do Miller e do Cortez para a campanha da Agent Provocateur?

Meu assistente apertou o olhar em direção a mim.

– Certo. Não vou mais perguntar. Mas saiba que eu acho isso suspeito. *Muito* suspeito. Parecia que a sua calcinha tinha começado a pegar fogo quando você o viu na segunda-feira. E sim, eu já peguei as assinaturas.

– É bom mesmo.

Logo que falei, meu celular vibrou na minha mesa e eu rapidamente o virei, lembrando a mim mesma pela milionésima vez que precisava da configuração de previsualização, para o caso de Max enviar outra foto.

A expressão de George foi impagável: sua contenção parecia causar dor física.

– Você é adorável, mas está na hora de ir embora – eu disse.

– Quem está enviando mensagens para você?

– Até que você se case comigo e pague minhas contas, essa pergunta nunca será apropriada, meu querido. E, mesmo nesse caso, eu provavelmente não responderia.

– Certo – com o dedo do meio erguido, ele saiu da minha sala.

Olhei para a tela do celular, prendendo a respiração. *Era* uma mensagem do Max, e minha pulsação explodiu numa batida frenética.

Meu escritório vai ser pintado e acarpetado no final de semana. Preciso encaixotar tudo na sexta-feira depois do trabalho, então acho que vou ficar preso aqui.

Digitei rapidamente: Então só vou te ver na semana que vem? Assim que apertei o botão para enviar, percebi o quanto eu parecia desesperada.

Alô, Sara. Você parece desesperada porque está desesperada.

Após alguns minutos, ele respondeu:

Acho que você lembra onde fica meu escritório, não é? Vejo você às seis, flor.



Assim como muitos dos andares em nosso prédio, os escritórios da Stella & Sumner ficavam quase desertos depois das seis horas numa sexta-feira. A mãe de Max não estava na recepção e apenas algumas pessoas permaneciam em suas baias enquanto eu andava pelos corredores até a sala dele.

Bati suavemente na porta e ouvi sua voz grave pedir que eu entrasse.

Estou perdidamente apaixonada por este homem, pensei quando o vi, sentado atrás de sua mesa com as mangas da camisa enroladas e usando óculos de aros grossos. Sua expressão era de tanta concentração que quase perdi o fôlego.

Acontece que sua expressão de focado-no-trabalho era muito parecida com sua expressão de concentrado-em-fazer-a-Sara-gozar.

– Tranque a porta, por favor – ele murmurou, sem desviar os olhos da tela do computador.

Eu me virei, apertei a tranca e então olhei ao redor em sua sala. Por quanto tempo ficaríamos ali? E quando ele levantaria o olhar e diria que eu estava linda? Nossos hábitos já estavam tão enraizados.

Sua sala não aparentava nem um pouco estar prestes a ser pintada. Ele mal tinha começado a encaixotar suas coisas: havia livros e pilhas de papel alinhados numa parede e ao menos vinte caixas vazias num canto, esperando para serem preenchidas.

– Tenho certeza que vai ser chato para você ficar aqui comigo, e eu sou um maldito egoísta por pedir para fazer isso, mas vá em frente e tire logo suas roupas.

Senti meu queixo cair e arregalei os olhos.

– Como é?

– Tire. As. Roupas – ele disse, puxando os óculos até a ponta do nariz e finalmente olhando em minha direção. – Você achava que iria ficar vestida? – balançando a cabeça, ele ajustou os óculos e voltou a atenção para o computador.

– Eu odeio empacotar coisas. Ver você nua vai ser a única coisa boa desta noite.

– Humm – murmurei, tentando formar uma resposta. A verdade era que a velha Sara nunca nem pensaria em sentar casualmente nua na frente de alguém. O que era exatamente a razão para eu querer fazer isso. Andei até o sofá e tirei minha blusa de lã. Em seguida, tirei minhas sandálias azuis com a bandeira britânica bordada em cima, e então tirei meu jeans escuro, murmurando: – Você nem reparou nos meus sapatos.

– Claro que reparei. Deus salve a rainha – ele disse secamente, piscando para mim. – Eu reparo em tudo em você, Sara.

– É mesmo?

– Faça um teste.

– Onde fica minha marca de nascença?

– Do lado direito, logo abaixo das costelas.

– Você tem alguma marca preferida?

Pergunta complicada, pensei. Não tenho muitas marcas.

– Aquela no seu pulso – olhei para a marca em questão, impressionada.

– O que eu falo quando estou quase gozando?

– Quando está gozando, você solta só umas palavras ininteligíveis. Mas quando está quase chegando lá, você apenas sussurra “por favor” várias vezes... como se eu fosse negar uma coisa dessas.

– Qual é o sabor do meio das minhas pernas? – perguntei, e seus olhos dispararam em minha direção. Mordi os lábios tentando segurar um sorriso enquanto começava a tirar minha calcinha.

– Mulher tem gosto de mulher. Mas você tem sabor de mulher *gostosa* – levantou e andou até onde eu estava. – Deite no sofá com a cabeça aqui – ele posicionou minha nuca no braço do sofá de couro. Até que era bem confortável, para um couro tão firme como aquele. – E levante os joelhos e abra as pernas.

Meus olhos se arregalaram, mas fiz o que ele pediu, sorrindo quando ajeitou a franja dos meus cabelos e ajustou minha postura como se eu fosse uma obra de arte que estivesse pendurando na parede.

– Me desenhe como uma de suas garotas francesas, Jack – eu disse, olhando em seus olhos.

Ele esticou o braço e beliscou minha bunda.

– Atrevida.

Para testá-lo, fechei um pouco as pernas quando começou a se afastar.

– Deixe aberta – ele disse por cima do ombro.

Eu ri e voltei à posição que ele queria.

Max retornou com um livro e me entregou.

– Isto é para você se entreter enquanto eu trabalho.

– Você não vai ficar pelado também?

– Você está louca? Tenho que empacotar minhas coisas.

Olhei para o livro em minhas mãos. Havia um homem sem camisa na capa com um gato e uma mulher a seus pés. *A garra do gato*.

– Isso parece... interessante – eu disse, virando para ler a contracapa. – O cara tem duas parceiras. Uma é a mulher chamada Gata, e ela tem um... meu Deus... um “gato-homem”, tipo, um gato que se transforma em gente. Sério. É isso que está escrito aqui. Eu não estou inventando – olhei para ele. – E o “gato-homem” é o *bicho de estimação* dela. E os *dois* transam com essa coisa.

– Parece um livro realmente inteligente.

– Você comprou isso numa banca de revistas lá na esquina, não é?

– Como você sabia? É tão óbvio assim? Mas o livro parece cheio de sexo explícito barato, então achei que você iria gostar – ele se virou e começou a tirar as coisas de cima da mesa. – Agora, faça silêncio, flor. Estou muito ocupado.

A princípio parecia quase impossível me concentrar no livro em minhas mãos, mas conforme os minutos passavam, e Max aparentemente se absorvia cada vez mais no empacotamento, comecei até a esquecer eu estava deitada em seu sofá.

Sozinha.

E totalmente pelada.

O livro que ele me deu era ridiculamente erótico e longo como o inferno; era

muito mal escrito, mas, afinal, acho que o objetivo não era esse. Havia vários homens, várias mulheres; muitas histórias paralelas, mas, de novo, isso não importava. O objetivo era o sexo a toda hora, e o mais descritivo possível. Todo mundo tinha uma parte do corpo que estava dura ou pingando. Ou os dois. As pessoas gritavam e – às vezes, literalmente – arranhavam as coisas.

E, num canto, o herói simplesmente sentava e observava.

– Você está ficando corada – ele guardou uma pilha de livros e se encostou na mesa olhando para mim. – Você está lendo isso faz quinze minutos e alguma coisa que acabou de ler deixou seu rosto todo vermelho.

Olhei para ele e estremei.

– Foi a palavra que começa com “b”. Isso me surpreendeu, só isso.

– Boceta?

Confirmei balançando a cabeça, surpresa desta vez com minha própria excitação ao ouvir a palavra com o sotaque dele. Por algum motivo, seu sotaque britânico suavizou o impacto. Deixou a palavra muito mais sexy.

– Eu adoro essa palavra. É tão feia. *Boceta*. Soa tão depravada, não é mesmo? – ele esfregou o queixo, estudando minha reação. – Leia o trecho para mim...

– Eu não...

– Sara.

Senti meu rosto queimar ainda mais.

– Ele agarrou suas coxas, abriu-as forçosamente e ficou encarando sua molhada e brilhante... boceta.

– Uau – ele disse, rindo. – Isso sim é que é literatura de qualidade – ele voltou a se sentar na cadeira e começou a organizar uma pilha de papel. – Depois, durante o jantar, você vai me contar quais foram suas partes favoritas – comecei a protestar, mas ele ergueu um dedo na frente dos lábios e me silenciou: – Leia.

Encarei a página e o mar de palavras. Que tipo de mulher não gostaria de um jantar?

O tipo de mulher, Sara, que reconhece que um jantar leva a dormir juntos, o que leva a passar todas as noites juntos. E isso leva a fazer uma cópia das chaves, e depois a mudar para a casa dele. E então vêm as desculpas, e o sexo silencioso, e depois o sexo morre com as conversas. E, no fim, resta só a esperança de algum evento social para eu poder passar um tempo com ele.

Por outro lado, eu me arrependi de não ficar a noite toda com Max no 4 de julho. E estava começando a sentir falta dele no meio da semana.

Droga.

Tossi um pouco, apertando os olhos.

– Tudo bem? – Max murmurou do outro lado da sala.

– Sim.

Após outros vinte minutos e outras vinte cenas de sexo, Max se aproximou, passou a mão do meu queixo até os joelhos e sussurrou:

– Feche os olhos. Não abra até eu mandar.

– Você está muito mandão hoje – eu disse, apesar de abaixar o livro e obedecer ao seu comando. Quase imediatamente, minha audição pareceu se intensificar. Ouvi o som de seu cinto, seu zíper e depois um grande suspiro.

Será que ele...?

Eu podia ouvir o som de sua mão se movendo, o ritmo começando lento e então acelerando, mais rápido, mais firme. Ouvi a maneira como sua respiração saía em rápidos e curtos suspiros.

– Deixe eu assistir – sussurrei.

– Não – sua voz quase falhou. – *Eu* estou assistindo você.

Nunca tinha ouvido uma pessoa se masturbar antes, e manter os olhos fechados foi uma tortura. Os sons eram provocantes, e, no meio de seus gemidos quietos, ele me dava instruções para abrir mais as pernas, para tocar meus seios.

– Você ficou molhada com o livro – ele comentou, e então ouvi sua mão acelerar em seu pau. – Muito ou pouco?

Levei minha mão até minhas coxas, com os olhos ainda fechados, e me toquei para descobrir. Eu nem precisei dizer nada; ele apenas gemeu e então soltou um palavrão com sua familiar voz grave enquanto gozava.

Eu queria olhar seu rosto, mas mantive os olhos fechados enquanto meu coração batia cada vez mais forte.

A sala ficou silenciosa de repente, com exceção do ritmo pesado de nossa respiração. Comecei a prestar atenção no ar-condicionado, que soprava um ar gelado que cobria minha pele ardente.

Finalmente, ele subiu o zíper da calça e fechou o cinto.

– Volto já. Vou me limpar.

Ouvi seus passos se afastando, e, quando a porta se abriu, ele riu baixinho.

– Você pode abrir os olhos agora – ele disse ao sair.

Senti como se a sala tivesse escurecido nos últimos dez minutos. Minha mão ainda estava no meio das minhas pernas, e o som de seu orgasmo ainda ecoava em meus ouvidos. Experimentei um toque mais audacioso e percebi o quão rápido eu gozaria. Talvez em menos de um minuto. Certamente antes que ele voltasse.

Sem hesitar mais, eu arqueei as costas e me toquei com vontade, lembrando dos sons de sua mão, a velocidade de seus movimentos, seus pequenos gemidos e instruções, a facilidade com que ele dizia exatamente o que queria.

Tínhamos um entendimento tão fácil. Um equilíbrio tão perfeito.

Era tão *fácil*.

Com esse pensamento, meu orgasmo subiu pelas minhas coxas e explodiu em meu corpo, jogando faíscas em minha visão e me deixando sem fôlego.

A porta se abriu e subi rapidamente a mão até o pescoço, onde minha pulsação batia selvagem. Engoli em seco e tentei em vão diminuir meus suspiros. Não sei por que, mas depois do que ele acabou de fazer, senti como se tivesse sido flagrada com a mão dentro do jarro de biscoitos.

Max sorriu, andou até onde eu estava e sentou no sofá. Eu me ajeitei para dar espaço e ele apoiou o corpo com a mão no encosto enquanto se inclinava e colocava meus dedos em sua boca.

– Continuou a farra sozinha, flor?

– Se você estivesse aqui não teria que perguntar – eu disse, lutando contra o calor que subia até meu pescoço.

– Não importa – ele murmurou em minha garganta, chupando gentilmente –, eu assisto ao vídeo depois – ele ficou de pé, andou até um armário aberto e apertou um botão numa câmera que eu nem tinha reparado que estava ali.

– Você... *o quê?*

Ele se virou, com um sorriso totalmente malicioso no canto da boca.

– Você filmou tudo? – perguntei. Nunca senti um conflito tão grande. Se fosse flagrada... era *aterrorizante*. Se fosse observada... era *excitante*.

– Sim.

– Max, meu rosto...

Suas sobrancelhas se juntaram.

– Posicionei a câmera mais para baixo e coloquei você exatamente onde precisava. Eu não filmaria seu rosto – ele se aproximou e se ajoelhou ao lado do sofá. – O que é uma pena, na verdade, porque adoro assistir você gozar.

Ele passou a ponta do dedo em meu pescoço, estudando meu rosto antes de piscar e aparentemente voltar à realidade.

– Agora, para o jantar, eu estava pensando num restaurante tailandês, mas você é alérgica a amendoim e meu restaurante favorito coloca amendoim em *tudo*. Então, que tal comida da Etiópia? Você se importa em comer com as mãos?

Ele voltou a mostrar um sorrisinho.

– Juro que ninguém lá vai saber quem diabos eu sou.

Meu queixo caiu e esqueci completamente que iria discutir com ele sobre esse jantar.

– Como você sabe que eu sou alérgica a amendoim?

– Você usa um bracelete para alérgicos.

– Você leu?

Ele me olhou genuinamente confuso.

– Você usa justamente para que ninguém precise *ler*, não é?

Balançando a cabeça, sentei e passei as mãos nos meus cabelos. O homem que eu amei mal me conhecia de verdade. O homem que eu apenas queria para o sexo notava tudo sobre mim.

Para minha surpresa, eu sussurrei:

– Restaurante etíope parece ótimo.



Max me levou até os fundos do prédio, onde um carro preto nos esperava num beco.

– Sério? – perguntei enquanto ele abria a porta. – Os paparazzi seguem você até sua casa?

Ele riu e gentilmente me conduziu para o banco de trás.

– Não, flor. Não sou tão famoso assim; eles apenas me procuram em eventos e às vezes na rua. Estou sendo discreto porque *você* é paranoica, não eu – depois de entrar e se sentar ao meu lado, ele disse ao motorista: – Vamos até o Queen of Sheba. Fica na Hell’s Kitchen – virando para mim, Max continuou: – Obrigado por me fazer companhia enquanto eu empacotava minhas coisas. Você transformou uma tarefa chata em algo realmente divertido.

– Mas você não fez quase nada. Não foi uma noite muito produtiva para você, não é mesmo? – eu me aproximei e mostrei a sobancelha mais cética que eu conseguia fazer.

Ele sorriu e ficou encarando minha boca.

– Você me pegou. Eu queria que você viesse até aqui hoje para que eu pudesse guardar na memória a imagem de você nua no meu sofá. Contratei uma pessoa para empacotar meu escritório amanhã de manhã antes dos pintores chegarem – ele diminuiu a distância entre nós e me beijou docemente. – Às vezes, no trabalho, eu fico pensando que queria te ver mais vezes. Gostei de ver você na minha sala hoje.

Eu me ajeitei no banco, sentindo um pouco como se o mundo tivesse virado de cabeça para baixo.

– Nunca pensei que existissem homens como você por aí – eu disse sem pensar. – Honesto. Fácil de conviver – olhei para seu rosto.

– Eu já te disse. Eu *gosto* de você.

Ele envolveu meu corpo e me puxou para mais perto, e ficamos nos beijando pelo resto do caminho. Pode ter durado um minuto, uma hora, ou uma semana. Eu não tinha ideia. Mas quando chegamos em Hell’s Kitchen, eu não queria sair do carro, e certamente não me importava por estar quase desejando que ele me

convidasse para passarmos o resto da noite juntos.



A garçonete colocou uma grande bandeja na nossa frente, com diferentes tipos de pratos vegetarianos dispostos lado a lado.

– Use o pão de *injera* como se fosse um talher – disse Max, arrancando um pedaço do pão que parecia um tipo de panqueca e mostrando como fazer.

Fiquei assistindo-o lambendo os dedos, mastigar e depois sorrir para mim.

– O que foi? – ele perguntou.

– Humm... – murmurei, apontando para seu rosto – sua boca.

– Você gosta da minha boca? – sua língua surgiu novamente, lambendo o canto dos lábios, e então levantou o copo e tomou um gole de vinho.

Ele me fazia sentir mais do que bêbada. Eu me sentia desorientada, até mesmo irresponsável. Fechei meus punhos debaixo da mesa, pensando na fantasia de pedir a ele que me tirasse dali, me levasse até sua casa e me tocasse.

Com exceção dos beijos no carro, ele mal me tocou pelo resto da noite. Será que foi intencional? Será que estava tentando me deixar maluca? Pois, se fosse isso, então sua missão estava cumprida.

Olhei para a bandeja e repeti o que ele fez: arranquei um pedaço do pão, peguei algumas lentilhas e dei uma mordida. A comida era apimentada, quente e deliciosa. Fechei os olhos e soltei um gemido de satisfação.

– Muito bom.

Eu podia sentir seus olhos em mim, e, quando olhei de volta, ele sorriu.

– O que foi? – perguntei.

– Você sabe qual é o meu trabalho, sabe que minha mãe trabalha na minha empresa e que tenho ao menos uma irmã. Você sabe o que aconteceu com Cecily. E tudo que *eu* sei sobre você, além do fato de ser uma transa incrível, é que você mudou de Chicago há pouco mais de um mês, deixou um verdadeiro babaca para trás e trabalha com o Ben e a noiva dele.

Uma aflição surgiu em meu estômago e tive que forçar para engolir a comida.

– Não sei, você parecia saber bem mais que isso algumas horas atrás.

– Ah, eu tenho uma coleção de *observações*. Mas agora estou falando sobre conhecer você.

– Você sabe onde eu moro. Sabe onde trabalho e que sou alérgica a amendoim.

– Já faz algumas semanas que saímos juntos, Sara. É esquisito você ainda me manter por perto sem deixar que eu realmente me aproxime – ele desviou o olhar. – Não sei se consigo ser um estranho para sempre.

– Mas nós somos bons em sermos um casal de estranhos – brinquei, e, quando seu rosto não respondeu como eu esperava, tive que ceder. – Certo. O que você quer saber?

Ele voltou a olhar para mim e então fechou os olhos como se estivesse pensando com cuidado. Ele era tão lindo; meu sangue parecia preencher todo o meu rosto e eu podia sentir minha pulsação acelerando com ansiedade.

Abrindo os olhos, ele perguntou:

– Você já teve um cachorro?

Uma riso explodiu em minha boca.

– Sim. Meu pai sempre teve dálmatas, mas minha mãe está atualmente obcecada com *labradoodles*.

– Como é?

– É uma mistura de labrador com poodle.

Ele balançou a cabeça, com um sorriso no canto da boca.

– Vocês americanos sempre estragam nossas raças canônicas – levei minha taça de vinho até os lábios e tomei um gole enquanto ele perguntava: – Por que você tem tanto medo de ter um relacionamento sério com alguém?

Gaguejei algumas palavras sem sentido até ele começar a rir, gesticulando para que eu parasse.

– Certo, estou apenas testando até onde posso ir com as perguntas. Você tem irmãos?

Balancei a cabeça negando, sentindo um alívio.

– Sou filha única. Meus pais são malucos, então graças a Deus eles só tiveram uma filha. Outra criança teria acabado com eles.

– Por quê?

– Meus pais são... excêntricos – expliquei, sorrindo enquanto pensava neles.

Excêntricos era pouco para descrevê-los. Imaginei minha mãe e suas perucas e joias. E meu pai com seus óculos de aro grosso, camisas de manga curta e gravatas borboleta. Eles vieram de outra época – quase outro planeta –, mas suas excentricidades apenas faziam você os amar ainda mais.

– Meu pai sempre trabalhou muito, mas, quando não está no trabalho, ele fica obcecado com algum passatempo. Minha mãe gosta de se manter ocupada, mas meu pai nunca quis que ela trabalhasse fora de casa. Ela cresceu no Texas e conheceu meu pai na faculdade, onde ela estudava matemática. Quando casaram, ela começou a vender cosméticos, depois vendeu umas roupas de algodão malucas que não amassavam. E, mais recentemente, voltou a vender produtos de beleza.

– Seu pai trabalha com o quê exatamente?

Hesitei, pensando, *Como ele poderia perguntar isso? Ele realmente sabia*

tudo sobre mim?

– Então, meu sobrenome é Dillon, certo?

Ele assentiu, interessado.

Max é britânico. Ele provavelmente nunca ouviu falar da loja Dillons.

Contar isso me fez sentir como se tivesse levantado uma pesada cortina de ferro. Às vezes eu pensava que seria bom tirar esse peso das costas, mas no fim achava mais fácil deixar tudo como estava. Durante minha vida inteira as pessoas me olhavam diferente quando eu contava quem era a minha família; eu ficava pensando se Max seria diferente.

Respirei fundo e olhei em seus olhos.

– Minha família é dona de uma cadeia de lojas de departamento. É uma cadeia de lojas do Centro-Oeste e, tipo, não são lojas conhecidas nacionalmente, mas fazem sucesso no interior.

Ele estreitou os olhos.

– Espere. *Dillons*? A mesma daquela propaganda “Você deve amar viver”?

Confirmei com um aceno de cabeça.

– Uau. Nossa. Sua família é dona da Dillons. Quem diria – Max passou a mão no rosto e riu para si mesmo, balançando a cabeça. – Merda, Sara. Eu... não tinha ideia. Estou me sentindo um idiota.

– Eu gosto do fato de você não saber quem eu era – senti meu estômago embrulhar, percebendo que agora que sabia que sou *alguém*, ele provavelmente pesquisaria minha vida. Então descobriria Andy e perceberia o quanto fui estúpida por não saber aquilo que a cidade inteira já sabia.

Max descobriria que eu fui o capacho de outro homem antes de me tornar seu mistério de estimação.

Desviei os olhos, sentindo meu humor murchar. Eu não queria conversar sobre minha vida, família, histórico. Tentei desesperadamente achar um novo assunto.

Mas ele voltou a falar antes que eu pudesse pensar em algo.

– Sabe o que eu acho fascinante sobre você? – ele perguntou, servindo outra taça de vinho para mim.

– O quê?

– Na primeira noite em que nos conhecemos, e depois, em nossa primeira noite no galpão: as coisas que você me deixou fazer. Mas hoje você ficou corada por causa da palavra *boceta*.

– É verdade – eu ri, tomando um gole do vinho.

– Gosto disso em você. Gosto do seu conflito interno, gosto da sua doçura. Gosto de saber que você tem essa família tão insanamente rica, mas já vi você usar o mesmo vestido algumas vezes – Max lambeu os lábios e mostrou um sorriso predatório. – Mas, principalmente, gosto de ver o quanto você é uma

pessoa claramente boa, porém deixou que eu fizesse coisas tão más com você.

– Não acho que são coisas ruins.

– Ah, mas aí é que está. A maioria das pessoas acharia uma loucura você se encontrar comigo no galpão. Você é uma herdeira americana e deixou um britânico depravado tirar fotos de você nua. Deixou filmar você se masturbando no meu escritório apenas pela excitação de saber que vou assistir. Mas isso é o que *você* me pediu.

Ele se recostou na cadeira e me encarou. Parecia tão sério, quase perplexo.

– Sou um homem de sangue quente e nunca negaria esses pedidos. Mas nunca pensei que mulheres como você existiam. Tão ingênua de maneiras tão óbvias, mas ao mesmo tempo tão sexual que uma rapidinha amigável num colchão nunca seria suficiente.

Ergui minha taça e tomei um gole enquanto ele observava minha boca. Lambendo os lábios, devolvi o mesmo sorriso que ele lançou anteriormente.

– Acho que você vai descobrir que a maioria das mulheres não fica satisfeita com uma rapidinha amigável num colchão.

Max riu e murmurou:

– Touché.

– E é *por isso* que as câmeras e as mulheres correm atrás de você – eu disse, olhando por cima da minha taça. – É mais do que a história com Cecily. Se fosse só isso, eles teriam perdido o interesse após algumas semanas. Mas você é o homem que está sempre nas colunas sociais com uma mulher diferente por noite. Aquele que ninguém consegue pegar. O homem que obviamente sabe como conquistar as mulheres.

Os olhos de Max se arregalaram, as pupilas se dilataram.

– Ultimamente, não tenho ficado com uma mulher por noite.

Eu o ignorei e concluí meu pensamento.

– Nós, mulheres, nem sempre queremos ser tratadas como se fôssemos delicadas, ou raras, ou preciosas. Queremos ser *desejadas*. Queremos que o sexo seja tão visceral quanto vocês querem. Você é o cara que sabe disso.

Ele se apoiou nos cotovelos e começou a estudar meu rosto.

– Mas por que sinto que é *você* quem está dando algo especial para mim? Algo que nunca deu para mais ninguém?

– Porque é exatamente isso que estou fazendo.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas então meu celular tocou, vibrando em cima da mesa. E, quando olhamos para a tela, eu sabia que vimos o nome no mesmo instante.

ANDY CEL

Doze

Coloquei Sara num táxi e fiquei olhando enquanto o carro desaparecia no meio do trânsito.

Merda.

Ela ignorou a chamada no restaurante, olhando a tela de relance antes de parar a vibração, mas não antes que eu pudesse ver quem era, e definitivamente não antes que eu pudesse ver sua tentativa de esconder sua reação.

ANDY CEL

Nunca vi alguém se fechar daquela maneira; era como se alguém tivesse apertado um botão e a luz tivesse apagado de seu rosto. Ela voltou a comer em silêncio e respondia apenas com monossílabos pelo resto do jantar. Tentei aliviar o clima, contei algumas piadas e flertei com ela desavergonhadamente, mas... nada. Após dez minutos, ela acabou com nossa situação, fingindo uma dor de cabeça e insistindo em voltar para casa de táxi. Sozinha.

Merda.

Continuei olhando para a rua enquanto meu carro era estacionado atrás de mim. Acenei para o motorista, abri a porta e entrei.

– Para onde vamos agora, sr. Stella?

– Vamos para casa, Scott – eu disse. Ganhamos a rua e fiquei observando a cidade passar diante de mim como um borrão. Meu humor piorava a cada quarteirão que passávamos.

As coisas estavam indo tão bem. Ela finalmente estava começando a se abrir, deixando eu entrar naquele cofre que era sua mente. Eu ainda estava digerindo sua revelação de que os pais eram donos de uma das maiores cadeias de lojas de departamento do país. E então, “Andy cel”. *Maldito celular do Andy.*

Uma raiva explodia em meu peito, e, por um breve momento, comecei a pensar qual era a frequência com que eles se falavam. Seis anos é um longo tempo e significava que eles tinham uma história juntos que seria difícil simplesmente varrer para debaixo do tapete. Não sei por que eu pensei que ele estava completamente fora de sua vida. Fazia sentido ela não querer outro relacionamento, mas seu distanciamento forçado parecia ir muito mais longe.

Talvez ele a quisesse de volta.

Franzi a testa enquanto deixava esse pensamento tomar conta da minha mente.

É claro que ele a queria de volta; como não? Pela centésima vez eu me encontrei pensando no que teria realmente acontecido entre eles e por que ela resistia tanto a me contar.

Estávamos quase no meu prédio quando meu celular vibrou em meu bolso.

Já cheguei em casa. Obrigada pelo jantar. Bjs.

Bom, esta noite realmente foi maluca.

Reli a mensagem e considerei ligar, sabendo que seria uma causa perdida. Ela era tão teimosa. Digitei ao menos dez respostas diferentes, apagando uma por uma antes de enviar.

O problema era que eu queria conversar sobre isso e ela não queria. E o problema era também que eu estava completamente sem coragem.

– Você se importa de dirigir por aí um pouco, Scott? – eu perguntei. Ele balançou a cabeça, virando e seguindo em direção ao parque. Procurei o número de Will e liguei. Após duas chamadas, ele atendeu.

– E aí?

– Você tem um tempo? – perguntei, olhando as ruas pela janela do carro.

– Claro, espere só um segundo – ouvi um barulho ao fundo e depois uma porta se fechou. – Está tudo bem?

Encostei a cabeça no banco, sem saber por onde começar. Apenas sabia que precisava desabafar um pouco sobre essa confusão com alguém e, infelizmente para ele, essa pessoa em minha vida era o Will.

– Não tenho ideia.

– Bom, isso não ajuda muito. Não recebi nenhum e-mail sobre algum incêndio, então acho que não é sobre o trabalho, certo?

– Seria melhor se fosse.

– Certo... Ei, você não disse que tinha planos para o jantar?

– Na verdade, esse é o motivo pelo qual estou ligando – passei a mão em meu queixo. – Deus. Não acredito que estou fazendo isso. Acho que apenas preciso de alguém para... escutar. Tipo, se eu falar em voz alta, talvez faça mais sentido.

– Bom, isso pode ser interessante – ele disse, rindo no telefone. – Deixe eu me ajeitar por aqui.

– Sabe a mulher com quem estou saindo?

– Comendo. A mulher que você está comendo.

Fechei os olhos.

– Will.

– Sim, Max. Sua maravilhosa transa. Essa situação que é exclusivamente sobre sexo com uma mulher que não quer ser fotografada e onde nada poderia

sair errado.

Suspirei.

– Então, sobre isso. Quer dizer... isso fica só entre nós, certo?

– É claro – ele disse, soando um pouco ofendido. – Posso ser um filho da mãe, mas sou um filho da mãe confiável. E você não deveria estar aqui para que a gente pudesse, sei lá, fazer as unhas um do outro enquanto conversamos sobre seus sentimentos?

– É a Sara Dillon.

Silêncio. *Bom, isso fez ele calar a boca.*

– Will?

– Puta merda.

– Pois é – eu disse, esfregando minhas têmporas.

– Sara Dillon. Sara Dillon da Ryan Media Group.

– Exatamente. Começou antes de eu saber que ela trabalhava com o Ben.

– Uau. Quer dizer, ela é linda, não me entenda mal, mas ela parece meio... reservada? Quem diria que ela era assim...

E porque me senti tão bem apenas por pronunciar aquelas palavras, eu continuei.

– Começamos apenas ficando numa boate. Dava para perceber que ela estava me usando para se divertir e explorar um pouco.

– Explorar?

Cocei meu queixo e estremeci ao admitir:

– Ela gosta de transar em público.

– O quê? – ele disse, rindo. – Isso não parece a Sara Dillon que eu conheço.

– E ela deixa eu tirar fotos.

– Espera aí... como é?

– Fotos, às vezes até mais. De nós dois.

– De vocês...?

– Transando.

Outro silêncio se passou por alguns momentos e juro que eu podia ouvir seus olhos piscando incrédulos. Então limpou a garganta e disse:

– Certo, transar em público é incrível, mas todas as pessoas que eu conheço tiram fotos quando transam com uma garota.

– E qual é o seu argumento, seu tonto?

– Que você está atrasado nessa moda, seu *idiota*.

– Will, estou falando sério aqui.

– Certo, então qual é o problema?

– O problema é que hoje foi a primeira vez que consegui levá-la até um restaurante. E acabei descobrindo que os pais dela são donos da Dillons, Will.

Sabe? A loja de departamentos? São coisas que eu nem sabia antes de ontem.

Ele ficou quieto por um instante e então riu baixinho.

– Certo.

– Então, tipo, nós estávamos conversando de verdade pela primeira vez, mas então o babaca do ex-namorado dela ligou.

– Certo.

– E parece óbvio que ele bagunçou a cabeça dela, pois Sara se fechou e praticamente saiu correndo do restaurante. Ela transa comigo até as pernas ficarem bambas, mas não me conta por que levou mais de um mês para aceitar jantar comigo.

– Certo, certo.

– Então, os pais dela são donos dessa loja e ela cresceu em Chicago. E o que mais? Eu não sei nada sobre ela.

– Entendi.

– Will, você está me escutando?

– É claro que sim. Você disse que não sabe nada.

– Certo.

– Então... você já pesquisou no Google?

– É claro que não.

– Por quê?

Soltei um grunhido.

– Achei que já tínhamos conversado sobre isso depois da novela com Cecily. Nada de bom sai de uma pesquisa pessoal no Google.

– Mas, profissionalmente, se vai trabalhar com uma pessoa nova, você faz uma pesquisa antes, não é?

– É claro.

– Bom, *eu* pesquisei a Sara assim que soube que ela seria um dos meus contatos na RMG. E com certeza foi informativo.

Minha garganta se fechou e segurei inutilmente em meu colarinho.

– Conte o que descobriu.

Ele riu.

– Sem chance. Tome vergonha na cara e pesquise você mesmo. E, aproveitando a deixa, nossa conversa está muito legal, mas eu preciso ir. Tenho companhia.



Pedi ao Scotty que me levasse de volta para casa. Assim que subi, não demorei nem cinco minutos para pular na frente do computador e digitar o nome

“Sara Dillon”.

Meu Deus.

Não havia apenas algumas citações aqui e ali; havia páginas e mais páginas de resultados, possivelmente mais do que apareceria com meu próprio nome. Respirei fundo e cliquei primeiro na página de imagens, onde havia fotos que cobriam pelo menos os últimos dez anos de sua vida. Ela parecia tão jovem em algumas delas, com o cabelo castanho alisado em algumas fotos e bagunçado em outras. Em todas, seu sorriso era genuíno e inocente.

E não era apenas uma coleção de fotos de família ou autorretratos; eram fotos em alta definição, vendidas e compradas por jornais e revistas sensacionalistas, tiradas por paparazzi com grandes e caras lentes de aproximação. Havia até vídeos de reportagens de telejornais. Havia festas e casamentos, eventos de caridade e férias, e, quase sempre, com o mesmo homem ao lado.

Ele era apenas alguns centímetros mais alto do que ela, com cabelo preto e feições retas. Seu sorriso brilhante cheio de dentes parecia tão sincero quanto eu imaginava que seria, ou seja, era completamente falso.

Então, este era Andy. Para o resto do mundo era Andrew Morton. Congressista democrata, servindo o sétimo distrito de Illinois.

De repente, muita coisa começou a fazer sentido.

Com um suspiro resignado, cliquei no que parecia ser uma foto recente; seu cabelo estava igual ao atual e havia uma árvore de natal ao fundo. A legenda na foto dizia:

Sara Dillon e Andrew Morton no baile anual do Chicago Sun-Times, onde o congressista anunciou seus planos para concorrer ao senado dos Estados Unidos no próximo outono.

Cliquei no link e li o artigo inteiro, confirmando que a história tinha sido escrita no último inverno, e isso significava que ele provavelmente já estava no meio da campanha em Illinois. Voltei para a página de fotos e olhei os primeiros resultados onde, ao lado de várias fotos semelhantes, havia uma foto de Sara correndo no meio de uma multidão de paparazzi, cobrindo o rosto com o casaco. Ignorei essas fotos a princípio porque seu rosto não estava visível. Cliquei no link da reportagem associada à foto, cuja data era apenas algumas semanas antes de eu conhecê-la. Um artigo do *Chicago Tribune* surgiu.

O congressista democrata Andrew Morton foi flagrado na noite passada num encontro íntimo com uma mulher que não é sua noiva, Sara Dillon. A morena,

identificada como Melissa Marino, é uma estagiária de seu escritório em Chicago.

A foto em questão estava no meio do artigo e mostrava um homem – que obviamente era Andy – beijando apaixonadamente uma mulher – que obviamente não era Sara.

Dillon e Morton estão juntos desde 2007, e o casal, que se transformou nos queridinhos da cena social de Chicago desde então, noivou em dezembro, pouco depois do anúncio de sua intenção de concorrer ao senado. Sara Dillon, diretora financeira da empresa Nieman & Shimazawa, é filha única de Roger e Samantha Dillon, fundadores da conhecida cadeia de lojas encontrada em dezessete estados e principais financiadores da campanha de Morton.

O porta-voz da família Dillon não foi encontrado para comentar o caso, mas um assessor da campanha de reeleição de Morton respondeu às perguntas do Tribune dizendo apenas que “a vida privada do sr. Morton nunca foi objeto para consumo público”.

Infelizmente, os rumores da vida pessoal do político playboy parecem finalmente ter vindo à tona.

Rumores da vida de playboy. Filho da puta.

Eu me recostei na cadeira enquanto olhava Sara e Andy juntos. Uma raiva começou a queimar em meu peito. Ela era o tipo de mulher que os homens gostariam de conquistar, de conhecer melhor do que qualquer outro homem, de paparicar, e em defesa da qual até levariam um tiro. Olhei por todos os ângulos possíveis. Ela tinha um sorriso luminoso em todas as fotos anteriores ao mês de abril. Tinha um jeito natural na frente das câmeras, e o brilho de seu sorriso pouco mudou com o passar dos anos.

E esse idiota traiu Sara – várias vezes, segundo o artigo.

Ele até tinha boa aparência, apesar de ser obviamente mais velho que ela. Cliquei em outro artigo que dizia que ele tinha trinta e sete anos, ou seja, dez anos mais velho.

De acordo com um artigo publicado há apenas dois meses, era um “segredo” que todo mundo sabia: Andy a traiu várias vezes no ano anterior, e havia uma percepção crescente de que ele a usava apenas por causa do nome de sua família e por seu dinheiro, explorando o interesse da imprensa local em seu romance sempre que sua reputação precisava de um impulso de relações públicas.

Olhei mais algumas fotos antes de sair irritado da frente do computador.

Aquele filho da puta a usou. Ele a pediu em casamento e depois foi foder por aí. Deus, não era à toa que ela parecia problemática. E também não era à toa que ela era tão avessa aos paparazzi.

Meu apartamento estava escuro quando desliguei o computador e saí do quarto. Fui até o bar, acendendo algumas luzes no caminho, e me servi uma dose de uísque. A bebida desceu queimando, imediatamente espalhando um calor em minhas veias.

Não ajudou em nada, mas bebi até o fim mesmo assim.

Servi mais uma dose e fiquei imaginando o que ela estaria fazendo. Será que estava em casa? Será que ligou para o traidor maldito? Após olhar aquelas centenas de fotos, eu podia imaginar a história dos dois. E se ele ligou para pedir desculpas? E se ela estivesse num avião indo para Chicago agora mesmo? Será que me contaria? Olhei as horas e fiquei imaginando como seria se eu fosse atrás dela, jogando-a nos meus ombros e trazendo-a de volta. Então transaria com ela na cama até eu ser o único homem que ela lembraria.

Claramente, eu precisava de uma distração, e a bebida não era a resposta.

Levei menos de cinco minutos para tirar meu terno e vestir um calção e uma blusa de moletom. Peguei o elevador até a academia no vigésimo andar e andei até a esteira. Como de costume nessa hora da noite, felizmente a academia estava vazia.

Corri até sentir meus pulmões pegando fogo e minhas pernas dormentes. Corri até apagar praticamente todos os pensamentos da minha mente, exceto um: eu estaria perdido se ela voltasse para ele.

Fui até o vestiário, tirei minhas roupas suadas e desabei num banco, deixando minha cabeça cair nas mãos. O silêncio só foi interrompido pelo som do meu celular tocando dentro do armário. Levantei a cabeça imediatamente; fiquei surpreso por alguém ligar àquela hora. Cruzei o vestiário e congelei quando vi a foto de Sara preencher a tela – uma foto que eu tirei de sua mão no pescoço, com uma mecha do cabelo castanho em contraste com a pele branca.

– Sara?

– Oi.

– Você está bem?

Ouvi uma buzina ao fundo e ela limpou a garganta.

– Sim, estou bem. Olha, você está ocupado? Eu poderia...

– Não, não. Acabei de correr um pouco. Onde você está?

– Na verdade – ela disse, rindo suavemente – estou na frente do seu prédio.

Pisquei lentamente.

– Como é?

– Pois é. Posso subir?

– É claro. Me dê só uns minutos e eu te encontro...

– Não. Posso encontrar você aí em cima? É só que... estou com medo de perder a coragem se tiver que esperar.

Bom, isso foi estranho. Senti um frio na barriga.

– Sim, é claro, flor. Vou avisar o porteiro.

Alguns minutos depois, Sara entrou pela porta do vestiário e me encontrou vestindo nada além de uma toalha ao redor da cintura.

Ela parecia cansada, com olhos vermelhos e o lábio inferior rachado e inchado. Parecia uma versão mais jovem e suave da Sara, uma que eu apenas tinha visto nas fotos que pesquisei. Ela sorriu sem muita vontade, fazendo um pequeno aceno enquanto a porta se fechava atrás dela.

– Oi – eu disse, cruzando o vestiário. Dobrei os joelhos para me abaixar e manter nossos olhos na mesma altura. – Você está bem? O que aconteceu?

Ela suspirou, balançou a cabeça e, de repente, algo se acendeu em sua expressão.

– Eu queria ver você.

Eu sabia que ela estava evitando minha pergunta, mas senti meu sorriso se abrir no rosto antes que eu pudesse evitar. Não consegui manter minhas mãos paradas e segurei seu rosto, acariciando sua face com os polegares.

– Bom, isso definitivamente vale uma viagem até o vestiário dos homens.

– Estamos sozinhos, certo?

– Completamente.

– Nós não terminamos o que estávamos fazendo no seu escritório – ela disse, empurrando meu corpo até os chuveiros.

Senti meu coração acelerar com a sensação de tê-la em meus braços novamente. Ela ficou na ponta dos pés e suas mãos pousaram em minha toalha enrolada na cintura.

– Humm – eu disse, gemendo em sua boca. Senti sua mão se esticar atrás de mim e ligar o chuveiro, deixando a água quente escorrer pelas minhas costas –, você quer fazer isso aqui?

Ela respondeu sem usar palavras, tirando a camisa e depois a calça.

Acho que isso é um sim.

– Meu apartamento é logo ali... – eu disse, tentando fazê-la ir mais devagar. Eu podia imaginar como seria transar com ela ali, escutar seus gritos ecoando pelas paredes, mas pelo menos uma vez eu não queria nada além do seu corpo nu na minha cama, com os lençóis e cobertores atirados numa pilha ao lado. Talvez com suas mãos amarradas acima da cabeça e presas na cabeceira da cama.

Ela me ignorou, agarrando meu pau e se inclinando para morder meu ombro. Tentei clarear minha mente, lembrando de sua expressão enquanto entrava pela

porta. Não era incomum ela evitar minhas perguntas, mas agora não parecia dura e nervosinha como de costume; ela parecia selvagem pelos motivos errados. Seus olhos estavam vazios, seu rosto não mostrava expressão. Ela tinha vindo apenas em busca de distração.

Minha garganta secou de repente e passei a língua em meus lábios, sentindo o sabor de cereja de seu batom.

Eu estava um pouco surpreso pelo catálogo de informações sobre Sara que compilei sem nem perceber. Eu sabia como seu rosto ficava quando gozava, a maneira como seus mamilos endureciam e como suas pálpebras fechavam apenas no último segundo, como se quisesse observar cada momento até não conseguir mais.

Eu sabia qual era a sensação de sua mão curvada ao redor da minha cintura, suas unhas enterradas nas minhas costas e arranhando para cima e para baixo.

Eu sabia os sons que ela fazia e a maneira como sua respiração falhava quando eu movia meus dedos do jeito que ela gostava.

E havia coisas novas, coisas que eu notava e queria ver de novo e de novo. O pequeno sorriso quando ela sabia que tinha acabado de dizer algo engraçado e esperava eu perceber. Era uma coisa muito sutil, apenas um leve movimento dos lábios e dos olhos. Era um desafio.

A maneira como mordia docemente o lábio inferior enquanto lia.

A maneira como me beijou naquele dia na cobertura, devagar, preguiçosamente, como se não existisse mais nada no mundo, mais nenhum outro lugar para se estar.

Mas eu não conhecia esta Sara. Sempre suspeitei que aquele jeito briguento que eu adorava tanto era uma forma de autopreservação. Mas nunca imaginei como eu me sentiria quando percebesse que esse jeito já não estava mais lá. Era como um soco no estômago que tirava todo o ar dos meus pulmões.

Juntei suas mãos e dei um passo para trás.

– O que está acontecendo? – perguntei, estudando sua expressão. – Converse comigo.

Ela se inclinou em mim novamente.

– Não quero conversar.

– Sara, eu não me importo em ser sua distração, mas ao menos seja honesta comigo sobre isso. Algo está errado.

– Estou bem.

Mas não estava. Ela não teria vindo até mim se estivesse tudo bem.

– Mentira. Você está quebrando suas próprias regras apenas estando aqui. Isto é melhor, isto é *real*, mas também é diferente, e eu quero saber o porquê.

Ela se afastou e olhou em meu rosto.

– Andy ligou para mim.

– Eu sei – eu disse, sentindo a tensão no meu queixo.

Ela sorriu desculpando-se.

– Disse que me queria de volta. Disse todas as coisas que um dia eu quis que dissesse, sobre o quanto ele mudou, o quanto estragou tudo e nunca mais me magoaria de novo.

Fiquei observando enquanto falava. Então ela mergulhou o rosto em meu pescoço molhado, tomando coragem.

– Ele só está preocupado com a campanha. Nosso namoro foi uma grande mentira.

– Sinto muito, Sara.

– Eu pesquisei sobre Cecily.

Pisquei os olhos, confuso.

– Humm. É mesmo?

– O nome dela parecia familiar, e, depois do que você me contou, eu queria saber como ela era – afastando-se, Sara olhou em meus olhos. – Achei que já tinha ouvido falar dela, mas só agora a ficha caiu. Conheci muitas pessoas por causa do Andy, e geralmente esqueço os rostos dois segundos depois de cumprimentar... mas eu me lembrava dela.

Senti meu estômago revirando, mas deixei que ela continuasse.

– Então fui para casa e pesquisei o nome dela antes de retornar a ligação para Andy – ela fez uma pausa e sua voz começou a tremer levemente. – Ele ficou falando sem parar por meia hora sobre o quanto sentia muito, que aconteceu apenas uma vez e nunca seria capaz de perdoar a si mesmo. Então eu perguntei sobre Cecily. E sabe o que ele falou?

– Cecily... o quê?

– Ele disse: “Merda, Sara. Precisamos fazer isso agora? Isso já é passado”. Ele transou com ela, Max. Andy era o político que ela mencionou na carta. Andrew Morton, o congressista mulherengo de Illinois transando até chegar ao sétimo distrito. Eles transaram no dia que eu a conheci, num evento de campanha do Schumer.

Soltei um gemido. Estive naquele evento, mas não como acompanhante dela. Cecily estava brava comigo durante a noite toda e foi embora com raiva, mas eu nunca soube a razão.

Sara se encolheu em meus braços.

– Lembro de encontrar Andy saindo do banheiro, começamos a conversar e ele estava tentando me tirar dali, mas eu disse para esperar porque eu precisava ir ao banheiro. E então ela saiu de dentro do banheiro dos homens, olhou para ele, olhou para mim, e foi muito constrangedor, e não entendi por que ela saiu

correndo. Mas agora entendi que ela estava lá dentro *com ele*.

Abracei seu corpo enquanto a água caía ao nosso redor, formando um casulo protetor à prova de som. O mundo era realmente pequeno; menor até do que imaginei quando a vi jogando fliperama, ou quando ela me puxou para a privacidade do banco de trás de um táxi no meio da tarde. Este era um mundo onde, anos atrás, Cecily transou com o namorado de Sara porque estava brava *comigo*. Eu não estava arrependido de ter a Sara em meus braços; não estava arrependido de ter desistido do relacionamento com Cecily. Mas não conseguia parar de me sentir culpado.

– Desculpe – sussurrei.

– Não, você não entendeu – ela olhou para mim, com respingos de água escorrendo por seu rosto. – Àquela altura, nós estávamos juntos por apenas alguns meses. Até hoje eu achava que ele não tinha me traído desde o começo. Pensei que tinha começado apenas recentemente. Mas ele nunca foi fiel. Nunca.

Apertei ainda mais o abraço, sussurrando em meio a seus cabelos:

– Você sabe que isso não teve nada a ver com você, não é? Apenas mostra o quanto ele é um ser humano desprezível. Homens não são tão horríveis assim.

Ela se ajeitou, olhou para mim e pude ver que estava segurando um sorriso. Seus olhos ainda brilhavam por causa das lágrimas, mas a gratidão neles era real. Algo vibrou em meu peito com a maneira como ela olhou para mim, pois nosso sexo safado e casual era ótimo – na verdade, era fantástico – mas isso... isso era algo inteiramente novo.

– Fiquei com ele por um longo tempo. Parte de mim ainda pensava que talvez tivesse sido apenas uma traição e eu estava sendo injusta. Mas estou feliz agora por saber que estava certa em deixá-lo. Acontece que... agora estou pronta para algo melhor – ela disse.

Engoli essa nova emoção e tentei me recompor, lembrando que sentimentos e afeto não deveriam fazer parte de nosso acordo, tentando me concentrar em onde estávamos e o fato de que seu corpo nu ainda estava pressionado contra o meu.

– Existem muitos homens que matariam para ter uma mulher como você – eu disse, tentando manter minha voz firme, completamente despreparado para o pavor que senti quando a imaginei com outra pessoa. Com essa constatação, desliguei o chuveiro e peguei uma toalha que estava pendurada ao lado. – Me deixe secar você, está muito frio aqui.

– Mas... você não quer...?

– Você teve um dia muito difícil – eu disse, acariciando seus cabelos. – Permita que eu seja um cavalheiro hoje. Serei um depravado na próxima vez – eu queria pedir para ela que ficasse, mas não sabia se conseguiria aguentar receber um não. – Você está bem?

Ela confirmou com a cabeça, pressionando o rosto em meu peito.

– Acho que apenas preciso dormir um pouco.

– Vou pedir para Scott levar você para casa.

Nos vestimos em silêncio, olhando um para o outro sem cerimônia. Parecia uma sedução ao contrário assistir Sara vestindo o jeans, colocando o sutiã, cobrindo os seios com a blusa. Mas acho que nunca a desejei mais do que naquele momento, enquanto observava ela se recompor diante dos meus olhos.

Eu estava me apaixonando. E estava completamente ferrado.



No sábado de manhã, eu comecei a ligar para Sara umas vinte vezes antes de desligar sem completar a chamada. Minha mente dizia que era melhor dar a ela um pouco de distância. Mas, merda, eu queria vê-la. Eu estava agindo como um maldito adolescente.

Ligue para ela, seu idiota. Convide-a para sair hoje. Não aceite um não como resposta.

Desta vez eu até me afastei do celular, pois um homem que diz esses clichês para si mesmo não merece ligar para mulher alguma.

Criei desculpas pelo resto da manhã, pensando que ela provavelmente estava ocupada. Inferno, eu nem sabia se ela tinha outros amigos além de Chloe e Bennett. Eu não poderia exatamente perguntar isso, não é? Merda, não. Ela daria um chute no meu traseiro. Mas o que exatamente ela fazia quando não estava no trabalho? Eu jogava rúgbi, bebia cerveja, corria, visitava galerias de arte. Tudo que sabia sobre ela era relacionado a como transava ou a vida que tinha deixado para trás. Eu sabia muito pouco sobre a vida que ela tinha começado a construir nesta cidade. Talvez ela fosse gostar de fazer alguma coisa comigo depois do dia horrível que teve ontem.

Hora de criar vergonha na cara, Max.

Finalmente, tomei coragem e deixei o telefone chamar.

– Alô? – ela atendeu, parecendo confusa. *É claro que ela está confusa, seu idiota. Você nunca ligou para ela antes.*

Respirei fundo e comecei a falar o discurso mais incoerente que já fiz na vida:

– Certo, olha, antes que você diga alguma coisa, sei que não estamos fazendo essa coisa de namorado-namorada, e depois de todas as puladas de cerca do Andy eu entendo totalmente sua aversão a relacionamentos, mas na noite passada você foi me ver e deixamos as coisas num clima ruim, e se você quiser fazer alguma coisa hoje... não que você precise fazer alguma coisa, e, mesmo se precisasse, não estou tentando insinuar que você não tem outras opções, mas, se

quiser, você podia assistir meu jogo de rúgbi hoje – fiz uma pausa, tentando ouvir qualquer evidência de vida do outro lado da linha. – Nada é melhor para espiares a cabeça do que assistir um bando de ingleses suados e cobertos de lama tentando quebrar a perna um do outro.

Ela riu.

– O quê?

– Rúgbi. Venha assistir eu jogar hoje. Ou, se preferir, venha tomar uns drinques depois com a gente no Maddie's, que fica no Harlem.

Ela ficou em silêncio por, sei lá, uma semana?

– Sara?

– Estou pensando.

Andei até a janela e fiquei brincando com a cortina e olhando para a vista do parque.

– Pense em voz alta.

– Vou ao cinema com uma amiga hoje à tarde – ela começou a falar e senti a tensão no meu estômago se aliviar quando mencionou uma amiga. – Mas acho que eu poderia aparecer para beber alguma coisa mais tarde. Que horas você acha que seu jogo vai acabar?

Até mais patético do que antes, dei um soco no ar comemorando a vitória e quis imediatamente chutar meu próprio traseiro.

– Provavelmente vai acabar às três. Você pode nos encontrar no Maddie's lá pelas quatro horas.

– Eu vou. Mas...?

– Sim?

– Você acha que seu time vai ganhar? Não quero beber com um bando de ingleses deprimidos e cobertos de lama.

Rindo, assegurei a ela que iríamos acabar com o outro time.



Nós acabamos com o outro time. Eu raramente me sentia mal pelos adversários – a maioria dos times eram formados por americanos e, embora não fosse culpa deles não terem o rúgbi no sangue, geralmente era engraçado dar uma surra neles. Mas desta vez foi uma exceção. Nós paramos de tentar marcar pontos na metade do jogo. Eu tive que atribuir minha generosidade, em parte, a saber que encontraria Sara mais tarde. Mas apenas em parte. Ao final da partida, parecia que estávamos jogando contra garotos da oitava série no meio da lama. Senti um pouco de culpa.

Invadimos o bar, carregando o Robbie nos ombros e gritando uma versão

depravada da canção “Alouette”. A barwoman e proprietária, Madeline, acenou quando nos viu, alinhou doze copos de cerveja e começou a encher.

– Ei, mocinha! – Robbie gritou para sua esposa. – Uísque!

Maddie mostrou dois dedos invertidos (a versão britânica do dedo do meio), mas pegou um punhado de copos de uísque mesmo assim, murmurando alguma coisa sobre o coitado do Robbie ter que dormir no sofá sozinho e bêbado mais tarde.

Olhei ao redor do bar procurando Sara, mas não a encontrei. Engolindo minha decepção, fui até o balcão e tomei um longo gole de cerveja. Nosso jogo atrasou para começar; já eram quase cinco horas e ela não estava no bar. Eu deveria estar surpreso? E então, pensei numa coisa horrível: será que ela tinha vindo, esperado e ido embora?

– Merda – murmurei.

Maddie deslizou uma dose de uísque para mim e eu virei de uma vez, praguejando novamente.

– O que está errado? – a voz suave e familiar veio de trás. – Vocês não ganharam o maldito jogo?

Girei no banco do bar e soltei um sorriso enorme ao ver Sara. Ela usava um vestido amarelo-claro e uma pequena presilha verde nos cabelos.

– Você está linda – seus olhos se fecharam por um instante e eu murmurei: – Desculpe pelo atraso.

Ela acenou para sua mesa, dizendo:

– Pelo menos tive tempo de tomar uns drinques.

Eu não a vi bêbada desde a noite na boate, mas reconheci um brilho familiar em seus olhos. Era um brilho de quem está pensando em fazer travessuras. Só de pensar que *aquela* Sara estava de volta era fantástico.

– Você está bêbada?

Suas sobrancelhas se juntaram por um breve momento e então seu rosto suavizou.

– Sim, estou um pouco alta – ela ficou na ponta dos pés e então... me beijou.

Putá. Merda.

Ao meu lado, Richie se intrometeu:

– O quê... Max. Tem uma garota na sua cara.

Sara se afastou e seus olhos se arregalaram ao perceber.

– Ah, merda.

– Calma – eu disse a ela discretamente. – Ninguém aqui se importa com quem nós somos. Eles mal se lembram do meu nome.

– Isso é completamente falso – Richie disse. – Seu nome é Tonto.

Fiz um gesto com a cabeça em direção a ele, sorrindo para Sara.

– Não falei?

Ela estendeu a mão para Richie e mostrou seu grande sorriso para ele.

– Eu sou Sara.

Ele a cumprimentou e eu percebi o momento em que realmente olhou para ela e registrou o quanto era ridiculamente linda. Ele imediatamente olhou para seu peito.

– Eu sou Richie – murmurou com sua voz de bêbado.

– Prazer em conhecê-lo, Richie.

Ele olhou para mim, apertando os olhos.

– Como diabos você conseguiu uma mulher assim?

– Não faço ideia – eu a puxei para perto, ignorando seu leve protesto dizendo que sujaria o vestido. Mas então ela se desvencilhou e virou para Derek, que estava do meu outro lado.

– Eu sou Sara.

Derek baixou sua cerveja e limpou a boca com a mão imunda.

– Com certeza, você é.

– Ela está comigo – murmurei.

E desse jeito, Sara Altinha andou pelo bar, se apresentando para cada um dos meus colegas. Enxerguei nela a esposa de um político que quase chegou a ser, porém, mais do que isso, percebi que Sara era uma garota realmente encantadora.

Quando voltou para mim, ela beijou meu rosto e sussurrou:

– Seus amigos são legais. Obrigada por me convidar.

– Imagina.

Perdi minha capacidade de formar pensamentos coerentes. Quase nada em minha vida me fazia sentir do jeito que *ela* me fazia sentir – tão fantasticamente bem. Eu não sofria de autodepreciação, mas admito que fui um cretino em certos momentos; trabalhei em investimentos que, francamente, dependiam de pessoas perdendo dinheiro tanto como de outras ganhando dinheiro, e cultivei poucas amizades de verdade desde que me mudei para cá. Meu amigo mais próximo era Will, e, na maior parte do tempo, nós apenas chamávamos um ao outro com palavrões variados.

Diga para ela, seu idiota. Leve-a para o outro lado do bar, dê um bom beijo e diga que você a ama.

– Tire esse blues velho do som, Maddie – gritou Derek do outro lado do bar.

E justo quando eu estava prestes a tocar o ombro de Sara e pedir a ela que me acompanhasse, ela se endireitou.

– Isso não é blues – ela disse.

Derek se virou, com uma sobranalha erguida.

– Esse é o Eddie Cochran. Isso é *rockabilly* – ela disse. Debaixo do olhar estranho dele, ela pareceu murchar um pouco. – Não é a mesma coisa.

– Você sabe dançar essa coisa? – ele perguntou, olhando-a de cima a baixo novamente.

Para minha surpresa, ela riu.

– Você está me convidando?

– Claro que não, eu...

Mas antes que ele pudesse terminar de falar, ela começou a arrastar todo aquele corpanzil do Derek até a pista de dança.

– Minha mãe é do Texas – ela disse, com os olhos brilhando. – Tente me acompanhar.

– Você está brincando? – ele disse, olhando para nós. O bar inteiro cheio de ingleses parou de falar e começou a assistir aos dois com interesse.

– Vá em frente! – gritei.

– Não seja uma mocinha, Derek – gritou Maddie, e todos começaram a aplaudir. Ela aumentou a música. – Faça um show para a gente.

O sorriso de Sara aumentou e ela colocou a mão dele em seu ombro, balançando a cabeça quando ele protestou.

– É a pose tradicional. Você coloca uma mão nas minhas costas e a outra no meu ombro.

E enquanto eu assistia, Sara mostrou ao Derek como fazer o resto da dança: dois passos rápidos, dois passos lentos. Demonstrou como deveria rapidamente girá-la no sentido anti-horário. Com apenas uma música, eles já estavam dançando bem, e, no meio da segunda, os dois estavam arrasando, dançando juntos como se fossem parceiros há anos.

Talvez fosse isso sobre a Sara. Qualquer pessoa que a conhecesse queria conhecê-la *de verdade*. Ela não era atraente apenas para mim, com sua inocência se sobressaindo mesmo considerando suas fantasias mais selvagens. Ela era irresistível para todo mundo.

E, nesse momento, não havia nada que eu quisesse fazer mais do que socar a cara idiota de Andy. Ele desperdiçou seu tempo com ela, desperdiçou *ela*.

Eu me levantei, andei até a pista de dança e interrompi os dois.

– Agora é a minha vez.

Aqueles olhos castanhos profundos olharam para mim com ternura, e, em vez de arrumar minhas mãos, como fez com Derek, ela deslizou os braços ao redor do meu pescoço, beijou meu queixo e sussurrou:

– Sempre é a sua vez.

– Pensei que essa dança precisava de um pouco mais de distância entre a gente – eu disse, sorrindo enquanto me abaixava para beijá-la.

– Não com você.

– Ótimo.

Ela abriu um sorriso brincalhão e bêbado.

– Mas estou morrendo de fome. Quero um hambúrguer do tamanho da sua cabeça.

Uma risada explodiu em minha garganta e beijei sua testa.

– Tem um lugar aqui perto que você vai gostar. Vou enviar uma mensagem com o endereço. Que tal eu ir para casa tomar um banho e encontrar você lá daqui uma hora?

– Jantar em duas noites seguidas? – ela perguntou, parecendo mais cuidadosamente ansiosa do que qualquer outra coisa. Onde estava aquela mulher distante e avessa que eu encontrei há apenas alguns dias? Evaporou. Sempre suspeitei que a Sara Distante era apenas uma fantasia.

Fantasia dela, não minha.

Confirmei, sentindo meu sorriso diminuir. Eu estava farto de fingir que ainda tínhamos qualquer fronteira. Uma única palavra hesitante saiu da minha boca.

– Sim.

Ela mordeu o lábio para não deixar um sorriso escapar, mas foi impossível não notar.

Treze

Eu estava em Nova York há dois meses e até então não sabia dizer como passava meu tempo fora do trabalho. Eu corria. Tinha alguns amigos com quem me encontrava para ir a shows, tomar café ou beber alguma coisa. Conversava com meus pais algumas vezes por semana. Não me sentia solitária; certamente minha vida estava mais cheia aqui do que no final do meu tempo em Chicago. Mas a maior parte da minha vida fora do trabalho tinha a ver com Max.

Como diabos isso foi acontecer?

Sexo casual: você está fazendo isso errado.

Por outro lado, da parte dele, Max nunca pareceu surpreso com nada que acontecia entre nós. Não se surpreendeu quando o coagi a transarmos na boate, ou quando fui até seu escritório oferecendo sexo e nada mais, e nem mesmo quando fui atrás dele em seu prédio e acabei caindo em lágrimas debaixo do chuveiro, implorando para transar comigo e fazer todo o resto desaparecer.

Até mesmo seus amigos eram incríveis. Derek era provavelmente o maior ser humano que já conheci, e, embora não fosse exatamente ligeiro com os pés, dançar com ele foi uma das coisas mais divertidas que fiz nos últimos tempos... com exceção de todas as horas que passei com Max, é claro.

Eu me despedi de Derek e ele piscou para mim, acenando com a cabeça para onde Max estava e lembrando aquilo que me disse na pista de dança:

– Esse cara aí é um tonto.

Debaixo da única luz da pista de dança, Derek parecia ainda mais coberto de lama que antes. Olhei para meu vestido e notei algumas impressões digitais em meu ombro.

– Ele não é tão ruim assim.

Rindo, Derek afagou minha cabeça.

– Ele é o pior, é legal com todo mundo e nunca faz nada de errado. Sempre está lá para os amigos, nunca age como um filho da mãe – ele piscou. – Que maldito pesadelo.

Depois de agradecer à Maddie quando saímos, ainda ouvi a cantoria bêbada do resto do time enquanto Max chamava um táxi e abria a porta para mim.

– Vejo você daqui a pouco – ele disse, antes de fechar a porta e acenar levemente pela janela enquanto o motorista acelerava.

Olhei pela janela de trás. Max estava de pé, observando meu táxi desaparecer pela avenida Lenox.



Decidimos por algo mais simples para o jantar: hambúrguer numa pequena e silenciosa lanchonete no East Village.

O silêncio era bom. A quietude iria ajudar a abafar o caos na minha mente. Meu plano de apenas me divertir, ser selvagem e manter as coisas separadas tinha ido para o espaço.

Fui para casa e tomei um banho para tirar a lama depois de dançar com Derek e Max, depois escolhi um vestido azul simples. As canções do bar ainda ecoavam em meus ouvidos e deixei minha mente imaginar como seria encontrar seus amigos de novo: abraçada com Max no sofá de um amigo assistindo um filme com eles, ou tomando uma xícara de café em uma partida de rúgbi. Cada uma das fantasias parecia agradável, mas parei de pensar nisso quando as catracas da minha mente começaram a agir como o advogado do diabo, analisando demais e criando preocupações demais.

Saí e tranquei meu apartamento, lembrando a mim mesma: *Uma coisa por vez. Ninguém está obrigando você a fazer nada disso.*

Mesmo numa noite de sábado, com as pessoas saindo para desfrutar o preguiçoso pôr do sol, o Village estava menos agitado do qualquer dia que passei no centro da cidade. Quando foi que este lugar se tornou tão aconchegante? Max escolheu um restaurante perto do meu prédio – eu não precisava mais ler cada placa de rua para me localizar.

Fios com pequenas lâmpadas amarelas iluminavam a entrada e um sininho soou quando abri a porta. Max já estava lá, de banho tomado e sentado nos fundos lendo o *New York Times*. Presenteei a mim mesma com um momento para observar aquela imagem: camiseta bordô e jeans velho com um rasgo na coxa. Cabelo castanho, quase dourado debaixo da luz. Tênis britânico chique ao final de suas longas e esticadas pernas. Óculos escuros em cima da mesa.

É apenas seu magnífico parceiro de sexo, passando o tempo na lanchonete, esperando por você.

Fechei os olhos, respirei fundo e andei até ele.

As fronteiras estavam desaparecendo. Depois desse dia, eu não podia mais fingir que não queria nada dele além de orgasmos. Não podia mais fingir que meu coração não se contorcia deliciosamente quando eu o via, ou doía quando

ele ia embora. Não podia mais fingir que não tinha sentimentos por ele.

Comecei a pensar se era tarde demais para sair correndo.

Foi apenas quando ele riu que percebi que eu o encarava de boca aberta e ele estava me olhando por... sei lá quanto tempo. Um sorriso surgiu no canto de sua boca.

– Você parece muito animada para essa cerveja – ele empurrou um copo de cerveja em minha direção e levantou o seu próprio. – Tomei a liberdade de pedir um hambúrguer do tamanho da minha cabeça e chips – ele sorriu e esclareceu: – Também conhecidas como “fritas”.

– Perfeito. Obrigada – deixei minha bolsa numa cadeira vazia e sentei de frente para ele. Seus olhos sorriram e se abaixaram para olhar meus lábios.

– Então – eu disse, tomando um gole da cerveja e analisando-o por cima do copo.

– Então.

Ele parecia contente com nossa situação. Não sou uma pessoa controladora, mas estava acostumada a ter uma vida previsível, e, nos últimos dois meses, não consegui prever nada do que aconteceu comigo.

– Obrigada por me convidar para o bar hoje.

Ele assentiu, coçando a nuca.

– Obrigado por aceitar.

– Seus amigos são legais.

– São um bando de filhos da mãe.

Eu ri, sentindo meus ombros relaxarem.

– Engraçado. Foi isso que eles disseram sobre você.

Ele pousou os cotovelos na mesa e se inclinou para frente.

– Tenho uma pergunta.

– Sim?

– Estamos num encontro?

Quase engasguei com a cerveja.

– Pelo amor de Deus, garota, calma! Queria apenas saber se você quer voltar com as regras. Vamos relembrar nosso acordo.

Concordei e limpei a boca com um guardanapo.

– Claro.

Ele colocou sua bebida na mesa e começou a contar minhas regras em seus dedos longos.

– Uma noite por semana, nada de outros amantes, sexo preferencialmente em público, definitivamente *não* na minha cama, fotos são bem-vindas, mas nada de rostos, e nada de publicidade – levantou seu copo, tomou um longo gole e então se inclinou para frente de novo, sussurrando: – E nada entre nós além de sexo. É

só uma questão de matar uma vontade. É isso mesmo?

– Parece correto – meu coração queria sair pela boca quando percebi o quanto fomos longe em apenas um dia.

O garçom trouxe duas cestas com os dois maiores sanduíches que já vi, além de duas enormes pilhas de batatas fritas.

– Nossa – eu disse, olhando para toda aquela comida. – Isso é...

– Exatamente o que você queria? – ele disse, pegando um frasco de vinagre.

– Sim, mas é muito mais do que consigo comer.

– Que tal deixarmos isso aqui mais interessante? Quem conseguir comer mais vai poder estabelecer novas regras.

Com um sorriso, ele fechou o vinagre e o colocou de volta na mesa. Nós dois sabíamos que ele tinha quase o dobro do meu tamanho. De jeito nenhum eu iria comer tudo aquilo.

Mas ele estava *com fome*? Talvez tivesse enchido a barriga tomando cerveja e sabia que eu iria comer mais do que ele? Ou será que *queria* fazer as regras?

– Meu Deus, garota. Pare de pensar tanto – ele disse, pegando seu sanduíche e dando uma mordida enorme.



Fiquei encarando Max enquanto ele limpava as mãos no guardanapo, jogando-o na cesta vazia depois de amassá-lo.

– Isso foi bom – ele murmurou, finalmente olhando para mim e começando a rir ao ver o patético progresso com meu sanduíche. Consegui comer pouco mais que um quarto e praticamente nem toquei nas batatas.

Coloquei o lanche na cesta e gemi:

– Estou cheia.

– Ganhei.

– E você tinha alguma dúvida disso?

– Então, por que aceitou o desafio? – ele perguntou, empurrando a cadeira para se afastar da mesa. – Você poderia ter dito não.

Dei de ombros, depois me levantei e me virei para ir embora antes que ele me pressionasse por uma resposta. Talvez eu estivesse curiosa sobre o que ele queria entre nós, mas ainda não estava pronta para admitir.

O efeito da cerveja que tomei antes no bar estava diminuindo, e, com o peso do sanduíche na barriga, eu poderia deitar na calçada e dormir um pouco. Mas ainda eram oito e meia e eu não estava pronta para terminar a noite. A ideia de esperar até sexta-feira para encontrá-lo parecia impossível... a não ser que ele mudasse essa regra.

O East Village estava cheio de jovens de vinte e poucos anos atrás de uma

noite de bebidas e diversão. Max tomou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Por força do hábito, comecei a protestar dizendo que não iríamos andar na rua de mãos dadas, mas ele me surpreendeu e me puxou para um bar pouco iluminado ao lado.

– Sei que comeu bastante, mas sente aqui comigo, tome uma bebida e você ficará mais acordada. Não estou nem perto de deixar você ir embora.

Deus, gostei de onde isso estava indo.

Sentamos pertinho um do outro numa mesa afastada num canto escuro, eu tomando vodca e tônica, ele bebendo cerveja e me contando sobre sua infância em Leeds, seus pais católicos irlandeses e como foi crescer no meio de sete irmãs e três irmãos. Eles mantinham três irmãos por quarto – era tão diferente da minha infância que mal pisquei o tempo inteiro em que ele me deliciou com histórias do tempo em que decidiram formar uma banda, ou quando sua irmã mais velha, Lizzy, foi flagrada transando, *consensualmente*, com um padre no Volvo da família. O irmão mais velho de Max, Daniel, saiu de casa depois do colégio para se juntar a uma missão católica em Mianmar e acabou voltando para casa como um monge budista da escola teravada. A irmã mais nova, Rebecca, casou logo depois da faculdade e, aos vinte e sete anos, já tinha seis filhos. Os outros tinham histórias igualmente fascinantes: o irmão que nasceu apenas dez meses depois de Max, Niall, era o segundo na hierarquia de comando do metrô de Londres; uma das irmãs do meio era professora de química em Cambridge e tinha cinco filhos, todos homens.

Max admitiu que às vezes ele se sentia medíocre comparado aos irmãos:

– Estudei Arte na faculdade e depois fiz pós-graduação em Administração para poder *vender* arte. Aos olhos da minha família, eu era um fracasso total, tanto na minha escolha de carreira quanto na minha incapacidade de produzir filhos católicos antes dos trinta anos.

Mas, quando ele disse isso, começou a rir, como se ser um fracasso total não fosse tão importante assim para seus pais no final. Seu pai, um fumante inveterado, morreu de câncer no pulmão uma semana depois de Max terminar a pós-graduação, e sua mãe acabou decidindo que precisava de uma mudança, então partiu com ele para os Estados Unidos.

– Nenhum de nós conhecia uma única alma por aqui. Eu tinha alguns contatos indiretos dos tempos da faculdade e alguns da pós-graduação, amigos de amigos em Wall Street, mas sabia apenas que queria estar envolvido com o comércio de arte em Nova York e queria formar uma parceria com alguém que conhecesse ciência e tecnologia. Foi assim que conheci o Will.

Ele relaxou na cadeira e terminou sua cerveja. Realmente, ele sabia beber. Perdi a conta de quantas cervejas tomou, mas não parecia nem um pouco

afetado.

– Bom, conheci ele num pub, é verdade, mas nos demos bem imediatamente e começamos nosso projeto de estimação quase no dia seguinte. Alguns anos mais tarde, trouxemos o James para dirigir nosso setor de tecnologia, pois Will não queria mais lidar com as duas coisas ao mesmo tempo.

– Como é possível você não ter uma barriga de cerveja gigante? – eu perguntei, rindo. Aquilo era injusto. Ele era um “tanquinho”, como Julia dizia, e seu torso tinha músculos que eu nem sabia que existiam.

Ele pareceu confuso por um instante antes de olhar para o copo vazio.

– Você está me sacaneando?

– Com certeza – eu disse, sentindo os efeitos da minha segunda vodka com tônica. Meu rosto estava quente e meu sorriso parecia que não acabava mais. – Estou definitivamente te sacaneando.

– Humm... – ele murmurou, balançando a cabeça. – Essa frase não soou correta com sotaque americano.

– Você gosta ou não do sotaque americano? Porque esse seu sotaque britânico me faz querer fazer coisas muito depravadas com essa sua boquinha.

Max lambeu rapidamente os lábios e até ficou um pouco vermelho.

– Sotaque americano não é particularmente sexy. Mas gosto do seu jeito de falar de Chicago. Principalmente quando você já está altinha. É tão agudo, é tipo assim... – ele fez um horrível som esquisito que eu queria acreditar que não era nada igual ao meu jeito de falar.

Eu estremeci e ele riu.

– Eu definitivamente não falo desse jeito.

– Certo, isso saiu um pouco exagerado – ele disse. – Mas o que acho sexy *mesmo* é o seu cérebro, seus olhos castanhos gigantes, seus lábios macios, seus gritinhos quando você está gozando e particularmente suas coxas e seios maravilhosos.

Limpei a garganta, sentindo um calor se espalhar pelo meu peito até a ponta dos dedos.

– Minhas coxas?

– Sim. Acho que já mencionei que sua pele é incrível. E a pele nas suas coxas é incrivelmente macia. Talvez você não se lembre. Suspeito que poucas pessoas beijaram suas coxas tanto quanto eu.

Pisquei, incrédula. Ele sabia que Andy tinha sido meu único amante, mas estava mais certo do que imaginava. Andy mal beijava abaixo do meu peito.

– Quais são as novas regras? – perguntei, sentindo-me um pouco atordoada. Por causa da bebida ou por causa do homem, não tinha certeza.

Um sorriso de predador apareceu em seu rosto.

- Pensei que nunca iria perguntar.
- Eu deveria estar com medo?
- Ah, devia.

Estremeci, mas foi mais por causa do calor que subia por minha barriga do que por medo. Afinal, eu poderia simplesmente dizer não para qualquer coisa que ele dissesse.

Mas eu sabia que não diria.

– Regra número um, as sextas-feiras continuam como estão, mas adicionamos mais dias sempre que quisermos. Você pode dizer não, mas nesse cenário eu não preciso me sentir um idiota por pedir outro dia. E... – ele disse, esticando o braço e tirando uma mecha de cabelo dos meus olhos – *você pode pedir. E pode admitir que também quer me ver mais vezes. Não precisa pedir desculpa por ir atrás de mim quando está chateada. Sexo não é tudo, sabe?*

Soltei um suspiro e concordei.

– Certo...

– Regra número dois, *você tem que me deixar ficar com você numa cama. Uma cama gigante com uma cabeceira onde eu possa amarrar você. Talvez comer você até afundar no colchão com um par dos seus lindos sapatos de salto nos meus ombros. Não precisa ser a minha cama e não precisa ser agora. Eu adoro comer você em público – e vamos falar mais disso daqui a pouco –, mas quero ter você inteira para mim de vez em quando. E ter tempo para fazer coisas com você.*

Ele esperou minha resposta, e, depois de um momento, eu finalmente concordei novamente.

– Prometo continuar tirando fotos de você porque isso é excitante para nós dois. Não vou pedir para você ser vista comigo em público até se sentir pronta; tudo bem por mim. E, se você nunca quiser, tudo bem também. Mas estou fascinado por você, Sara, e sua necessidade de privacidade e sua necessidade de ser observada. Agora eu entendo, acho. E amo isso. Quero brincar mais com isso. Explorar essa coisa que nós dois gostamos – ele abriu as mãos e deu de ombros, antes de se aproximar e beijar rapidamente meus lábios. – Tudo bem?

– Só isso?

Rindo, ele perguntou:

– O que você achou que eu iria dizer?

– Não sei – peguei meu copo e terminei meu drinque em poucos e longos goles. A vodca deslizou por minha barriga e me esquentou ainda mais, desencadeando uma eletricidade em meus membros. – Mas... acho que gosto dessas regras.

– Achei que gostaria.

- Você é meio convencido, sabia?
- Sou meio *esperto* – ele corrigiu, rindo. – E... Sara?
- Levantei os olhos das minhas mãos e encontrei seu olhar.
- O quê?
- Obrigado por confiar em mim para ser sua primeira decisão louca.

Eu o encarei, observando sua expressão se transformar de brincalhona para curiosa, depois para levemente ansiosa. E talvez fosse aquela expressão, ou talvez fosse a calma música pulsante que tocava ao fundo, ou o fato de que eu estava enxergando Max de um jeito diferente – com profundidade, e uma história cheia de familiares e pessoas que ele amava e mantinha por perto em cada momento de seu dia a dia –, mas acontece que eu estava começando a querê-lo mais perto de mim. Perto não apenas em proximidade.

Pousando minhas mãos em seu rosto, eu me inclinei e disse para ele:

- Deixe eu refazer minha frase anterior: você é meio *maravilhoso*.

Ele sorriu, balançando levemente a cabeça:

- E você já bebeu meio demais.
- Posso estar um pouco alta, mas isso não afeta o fato de você ser maravilhoso
- pressionei um único beijo em sua boca. – Apenas me faz *expressar* isso mais do que o comum – chupei seu lábio inferior, sentindo o sabor. E, meu Deus, em qualquer outro dia eu preferiria sabor de gasolina a cerveja, mas, nos lábios dele, o gosto era fantástico.

- Sara... – ele murmurou no meio do meu beijo.

– Diga de novo. Eu adoro quando você diz meu nome com esse sotaque. Sakhhrhhh.

– Sara – ele repetiu, obediente, antes de se afastar. – Linda, você sabe que estamos num lugar onde as pessoas podem nos ver.

- Não me importo – fiz um gesto com minha mão.

– Mas você pode se importar amanhã, quando estiver menos... expressiva.

– Não estou *tão* bêbada. E honestamente não me importo. Percebi na noite passada que fui fotografada pelo país inteiro com um homem que não se importava com nada além do meu nome. E você está aqui, sendo legal e querendo me ver mais vezes e refazendo minhas regras idiotas...

- Sara...

Pressionei um dedo em seus lábios.

- Não me interrompa, estou no meio de um discurso inspirado.

– Dá para perceber – ele sorriu contra meu toque.

– Então, meu argumento é que você é maravilhoso e quero beijar você dentro de um bar. Não me importo se alguém me ver e pensar *Uau! Aquela mulher quer ser a sra. Stella, que patético! Ela não sabe que ele come uma mulher por noite?*

– Eu não faço isso.

– Mas eles não sabem disso, e acontece que – respirei fundo, colocando minha mão em seu peito e olhando diretamente em seus olhos curiosos – agora não me importo mesmo com o que eles pensam. Estou cansada de me importar com o que as pessoas pensam. Eu gosto de você.

– Eu gosto de você também. Gosto muito. Na verdade...

Eu me inclinei e o beijei de novo. Foi um beijo louco: mãos nos cabelos e praticamente subindo em seu colo ali mesmo no meio daquele bar estúpido, mas eu não me importava. *Eu não me importava*. Suas mãos se moveram até meu rosto, e seus olhos – quando dei uma espiadela – estavam abertos, suplicantes, e havia *algo* neles. Algo que eu não conseguia distinguir exatamente o que era.

– Minha doce Sara – ele murmurou no meio do beijo. – Uma coisa por vez. Vamos levar você para casa.



Ainda bem que minha cabeça parou de latejar na segunda-feira de manhã, pois eu tinha muito trabalho a fazer. A primeira coisa era a estratégia de preços da nova linha da Provocateur. A segunda coisa era passar o trabalho inteiro da B&T Biotech para a Samantha. E definitivamente *não* constava na minha lista ficar obcecada por Max e ficar pensando em como toda a dinâmica da nossa relação tinha mudado nas últimas trinta e seis horas.

O trabalho vinha em primeiro lugar. Haveria muito tempo para ficar maluca depois.

Pelo menos, foi isso que eu pensei.

– Saaaaaraaaaa – George chamou, conseguindo de algum jeito esticar meu nome em dezessete sílabas diferentes. Parei de repente quando entrei na minha sala, deixando meu notebook cair numa cadeira e digerindo a cena diante de mim: George, sentado na minha cadeira, com os pés na mesa e um jornal aberto em seu colo.

– Por que você está na minha mesa?

– Porque achei que seria o melhor lugar para ler a coluna social com você. Está pronta?

Minha barriga congelou.

– Pronta para o quê? – eram sete horas da manhã de uma segunda-feira. Eu mal estava pronta para respirar conscientemente.

George virou o jornal para mim e, numa foto gigante, em preto e branco, aparecia metade do rosto de Max. A outra metade estava coberta pela minha cabeça. Isso é que eu chamo de *déjà-vu*.

– O que é isso?

– Um jornal, minha linda – disse George, balançando o jornal na mão, e a palavra *linda* lançou um nó em meu estômago. Fiquei repassando essa palavra durante todo o dia anterior, lembrando como me senti quando Max me chamou desse jeito. – Uma foto de Max beijando, oh, veja só, uma “mulher misteriosa” – ele virou de novo para si e leu a legenda: – O playboy milionário Max Stella foi visto tomando um drinque com uma misteriosa loira...

– Eu não sou loira!

George olhou para mim com um grande sorriso.

– Obrigado por confirmar! E eu concordo. Seu cabelo está mais para um castanho claro. Mas me deixe continuar: “O casal começou a noite com pequenos sorrisos e provocações, e terminou com um beijo ardente no canto escuro de um bar”.

George começou a gargalhar e passou o jornal para mim. Então seu rosto começou a ficar sério.

– Você não precisava mentir para mim sobre você e Max, chefe. Estou ofendido.

– Não é da sua conta – eu disse, praticamente arrancando o jornal das mãos dele. Era obviamente o Max na foto, mas com apenas a parte de trás da minha cabeça e parte do meu braço e mão visíveis, minha identidade seria praticamente impossível de discernir por qualquer pessoa que não me conhecesse.

– Dá para ver seu bracelete de alergia e seu cabelo adorável – George completou. – Quanto tempo faz?

– Não é da sua conta.

– Ele é bom de cama? É sim, não é? Oh, Deus, não me conte ainda, deixe eu criar uma boa imagem mental antes – ele fechou os olhos e começou a gemer.

– Não é da sua conta – eu repeti, colocando a mão na testa. *Inferno*. Bennett e Chloe iriam ver isso. E meus colegas de trabalho. Alguém poderia mandar isso para meus pais. – Oh, Deus.

– Você estão, tipo, namorando? – ele perguntou, exasperado e batendo a mão na minha mesa.

– Meu Deus! Já disse que não é da sua conta. Agora suma do meu escritório!

Ele se levantou e lançou um olhar irritado que era tão genuíno quanto o sorriso de um político. Ele parecia mais animado do que qualquer outra coisa. Talvez até um pouco excitado.

– Certo – ele resmungou. – Mas é melhor você me contar cada detalhe depois que se acalmar.

– Nem pensar. Agora, *suma*!

– E, a propósito, isso tudo é demais – ele disse com um jeito sério desta vez. –

Você merece um bonitão na sua vida.

Fiz uma pausa na minha crise nervosa por um momento e olhei para George. *Ele* não estava pirando. *Ele* não estava pensando no pior. Ele estava sendo um total pervertido e adorando cada minuto do meu tormento, mas, ao mesmo tempo, entendia que eu estava me divertindo, sendo feliz e agindo como uma mulher solteira de vinte e poucos anos. Ele estava espelhando meus pensamentos da noite de sábado – *este homem é bom para você, Sara* –, os mesmos pensamentos que eu queria tanto que fossem verdade.

Mas, por algum motivo, na luz do dia de uma segunda-feira, ser jovem, selvagem e confiante de que eu não me dirigia para outro desastre estava mais difícil do que eu esperava.

– Obrigada, George.

– Imagina. Mas Chloe está vindo para cá, portanto fique esperta.

Na verdade, ela estava mais perto do que imaginávamos e de repente surgiu e empurrou meu assistente do caminho antes de entrar na minha sala e bater a porta na cara dele.

– *Max*?

– Pois é.

– O cara misterioso é o *Max*?

– Chloe, desculpe não ter contado...

Ela me interrompeu levantando a mão.

– Eu perguntei se era o Max. Você mentiu para mim de um jeito muito convincente. Não sei se deveria estar impressionada ou irritada.

– Impressionada é uma boa escolha – sugeri, mostrando o sorriso mais sarcástico que eu conseguia.

– Oh, meu Deus. Não seja engraçadinha – ela andou até meu sofá perto da janela e sentou-se. – Explique tudo para mim.

Atravessei a sala e sentei ao seu lado, respirando fundo antes de contar tudo: como conheci Max na boate e como ficamos juntos. Contei sobre o restaurante chinês e como fui atrás dele para tentar dizer que não me procurasse mais, porém acabei deixando-o me fazer gozar. Admiti que ele era o homem com quem fiquei no baile de arrecadação, e como foi ela quem me fez perceber que seria uma boa distração explorar esse meu novo lado aventureiro com um homem que praticamente era especialista em relações casuais.

– Mas se tornou mais do que isso – ela disse, interrompendo. – Nos últimos, o quê? Dois meses? Isso se tornou mais do que uma relação casual, não é?

– Para mim, acho que sim. Acho que para ele também. Talvez.

– Bennett viu as fotos hoje de manhã – ela disse. – Quase surtei, pois tentei esconder, mas ele viu o *New York Post* no metrô.

– Oh, não.

Ela sorriu um pouco.

– Honestamente, ele pareceu mais preocupado com a minha reação. Mas disse que conhece o Max, e, se ele prometeu que ficaria apenas com você, então vai cumprir a promessa. O que é bom, pois, se te machucar, eu vou atrás dele para quebrar aquele rostinho lindo, se é que você me entende.

– O problema não é esse – eu disse. – O que é uma ironia, porque – aponte para meu peito – olááá, fui traída durante seis anos. O que me incomoda é que eu não queria *querer* alguém. Essa coisa toda era para ser apenas uma distração para mim. Mas e se ele gostar de mim porque fui clara sobre o que *não quero* dele? Dei a ele um objetivo: me fazer *querer* ele. Acho que Max nunca admitiria isso, talvez nem perceba, mas tenho medo que não seja habituado a ter alguém ditando limites. Talvez isso seja o que o atraiu tanto: o desafio.

Ela deu de ombros e fez um gesto com as mãos.

– Por experiência própria posso dizer que existe uma primeira vez para tudo e todos. Você já contou para ele como se sente?

De repente, ouvimos um barulho na recepção, seguido por um grito frenético do George dizendo:

– Visita chegando!

Max irrompeu pela porta, com George todo atrapalhado vindo atrás.

– Por acaso ele é surdo? – George perguntou.

– Geralmente, não – Max respondeu, parando imediatamente quando viu o jornal em minhas mãos. – Você já viu.

– Pois é – eu disse, jogando o jornal em cima da mesa.

Ele atravessou a sala com uma expressão sombria.

– Olha, não é uma foto muito boa, duvido que...

– Está tudo bem – eu disse, passando uma mecha de cabelo para trás da orelha. – Eu...

– Bom, eu não diria que está tudo *tão* bem – Chloe interrompeu, circulando minha mesa. Ela cruzou os braços e ficou de pé entre nós dois. – Concordo que não é uma foto muito boa, mas eu sabia que era você. Bennett também.

– E eu também – George acrescentou, com a mão levantada.

– Por que você ainda está aqui? – eu perguntei, olhando para ele. – Vai trabalhar.

– Você é sensível demais – ele disse, se afastando.

– Ora, veja só – ao ouvir isso, todos viraram a cabeça em direção à porta. – Estou feliz que todos resolveram se encontrar aqui – Bennett disse enquanto entrava, parecendo ter ganho a aposta mais ridícula do mundo. – Bela foto, Stella. Um *bar*?

Senti meus olhos se arregalarem.

– O que foi? Você acha que seria melhor na escadaria do décimo oitavo andar? Ele virou imediatamente a cabeça para Chloe.

– Sério, Chloe? Você contou isso para ela?

– É claro que sim – ela fez um gesto com uma mão impaciente e Max começou a rir ao seu lado.

– Você fez isso, Ben? Você comeu sua estagiária no trabalho?

– Algumas vezes – Chloe disse, sussurrando.

Max esfregou as mãos, obviamente adorando o desenrolar dos acontecimentos.

– Isso é muito, muito interessante – ele disse, olhando para Bennett. – Engraçado você não ter mencionado isso enquanto estava basicamente me chamando de galinha no outro dia.

– Ah, isso é ótimo. O roto falando do rasgado – Chloe disse, gesticulando entre os dois homens.

– Acho que já terminei por aqui – Bennett resmungou. – Max, dê um pulo no meu escritório antes de ir embora – ele beijou rapidamente Chloe nos lábios antes de sair da minha sala.

Chloe se virou para Max:

– Queria saber como é trabalhar com a sua mãe quando esse tipo de notícia chega aos jornais. Por acaso ela surtou?

Max deu de ombros.

– Ela finge que eu não tenho uma libido ativa. É melhor assim.

– Do que é que nós estamos falando? – eu murmurei. – Chloe, eu amo você, mas saia da minha sala. George!

A cabeça dele surgiu na porta numa fração de segundo após meu grito.

– Pare de bisbilhotar. Leve a Chloe até a sala de descanso e compre um chocolate para ela – finalmente, olhei nos olhos de Max. – Preciso falar a sós com Max.

Chloe e George desapareceram no corredor e Max fechou e trancou a porta da minha sala.

– Você está brava comigo?

– O quê? Não – suspirei e desabei na minha cadeira. – Se lembro corretamente, fui eu quem pulou em você no bar. Acho que você até me alertou para não fazer aquilo.

– É verdade – ele disse, mostrando sua covinha quando soltou um sorriso ao levantar o jornal com a foto. – Mas até que me saí bem nessa situação. Quer dizer, essa nuca só pode pertencer a uma mulher incrivelmente em forma.

Tentei evitar uma risada, mas não consegui. Ele se inclinou para que

ficássemos cara a cara.

– Estamos passando bastante tempo juntos, Sara. Era só uma questão de tempo antes de sermos fotografados.

Concordei.

– Eu sei.

Ele se endireitou e olhou pela janela, soltando um profundo suspiro.

– Acho que teremos que manter nossas escapadas apenas em quartos e limusines daqui para frente.

Ele disse isso com um sorriso no canto dos lábios, mas senti um nó na barriga, e não por que eu era avessa à ideia de ter Max numa cama. Acontece que eu ainda não tinha terminado de ter Max em todos os outros lugares.

Queria manter essa nova Sara viva por mais algum tempo.

– Isso não parece uma cara feliz – ele comentou.

– Eu gosto do que fazemos.

Seu rosto entristeceu levemente.

– A loucura dos lugares públicos?

Concordei com a cabeça.

– E sentir que posso fazer qualquer coisa que eu quiser com você.

Ele fez uma pausa e parecia estar pensando em algo.

– Isso não precisa mudar, Sara. Não importa o local onde decidirmos ser depravados.

Sorri.

– Eu sei.

– Mas você entende que, se continuarmos desse jeito, e não sou contra, é possível que eventualmente sejamos flagrados de novo.

Ele estava certo, e a realidade da situação era suficiente para fazer minhas esperanças diminuírem um pouco.

– Nós vamos pensar em algo – eu disse, mas sei que ele podia ouvir minha falta de convicção.

– Sara, é possível nos divertirmos mesmo com regras mais normais para relacionamentos.

Concordei novamente e mostrei o sorriso mais convincente que eu conseguia fazer.

– Eu sei.

Mas a verdade era que eu não sabia. Apenas sabia que não queria nada que fosse igual à minha antiga vida.

Quatorze

Às três da manhã, acordei com uma ideia tão absurda que eu sabia que teria que me levantar para tomar uma dose de uísque se quisesse voltar a dormir.

Mas não me levantei, não tomei uísque e, definitivamente, não voltei a dormir.

Fiquei acordado pelo resto da noite, com minha mente remoendo uma solução para a necessidade paradoxal da Sara de continuar em segredo, mas ao mesmo tempo explorar seu lado selvagem comigo. Admito que ela ficou mais relaxada com as fotos no jornal do que eu esperava, mas tivemos sorte, pois eles não conseguiram capturar seu rosto ou algo mais comprometedor. Qualquer coisa mais reveladora poderia assustá-la de vez, se é que isso já não tinha acontecido. Eu podia perceber que ela tinha sentimentos por mim além de nossas aventuras atrás de orgasmos em público e nosso fetiche exibicionista, mas isso estava longe de ser algo duradouro, e ainda mais longe daquilo que eu realmente sentia por ela.

Sentei na cama, iluminado por uma ideia na cabeça e imaginando se eu seria louco o bastante para tentar isso com ela. Ao mesmo tempo, eu sentia que era a solução perfeita. Sara claramente se excitava com a ideia de ser vista, com a ideia de alguém assisti-la transando. Eu queria mostrar que sexo poderia ser divertido, selvagem e vivo, mesmo num relacionamento que se aprofundava cada vez mais. Mas ela ainda queria se manter anônima, e eu certamente não queria ser pego com as calças curtas – literalmente – no metrô, ou no cinema, ou num táxi. Ela rapidamente perdoou as fotos no jornal desta vez, mas minha preocupação é que ela não seria tão compreensiva se acontecesse de novo.

Olhei para o relógio e sabia que não era cedo demais para ligar. Do jeito que eu o conhecia, sabia que Johnny French ainda não tinha nem ido dormir.

O telefone chamou uma vez antes de sua voz grave e rouca responder com um simples “Max”.

– Sr. French, espero não estar ligando muito cedo.

Ele soltou uma risada profunda.

– Ainda não fui para a cama. O que posso fazer por você?

Respirei fundo, aliviado ao perceber de repente que isso talvez fosse mesmo a

melhor solução.

– Estou numa situação que provavelmente requer sua ajuda.



Quando Sara atendeu ao telefone, eu quase pude ver seu sorriso através de sua voz.

– Hoje é quarta-feira – ela disse. – E não são nem oito horas. Acho que vou gostar dessas novas regras.

– Acho que estamos nos enganando se ainda pensarmos que estamos num relacionamento determinado por regras – eu disse.

Um longo momento se passou antes que ela respondesse, mas, finalmente, murmurou:

– É, acho que você tem razão.

– Você continua sem se importar com as fotos no jornal?

Outra pausa, desta vez pequena.

– Na verdade, sim.

– Pensei em você durante todo o dia ontem.

Novamente, ela ficou em silêncio e fiquei pensando se fui longe demais. Então, ela disse:

– Tipo, isso tem acontecido bastante comigo também, ultimamente.

Tive que rir, pois sabia exatamente o que ela estava dizendo.

– É, comigo também.

O silêncio se estendeu por mais alguns instantes e eu me preparei para a possibilidade de ela dizer não para minha proposta.

– Sara, eu acho que devemos ter mais cuidado sobre onde escolhemos transar. Até agora, nós fomos cuidadosos, mas tivemos sorte na maior parte do tempo. Agora minha preocupação de protagonizarmos um escândalo cresceu.

– Eu sei. Também me preocupo.

– Mas, ao mesmo tempo...

– Eu também não quero parar com isso – ela riu.

– Você confia em mim?

– É claro. Deixei você me levar para um galpão vazio...

– Quero dizer, confia *mesmo*, Sara? Estou planejando levar você para um lugar muito diferente.

Desta vez, ela não hesitou.

– Sim.



Considerarei que uma quarta-feira seria o dia ideal para começar. Com certeza Johnny tinha clientes todas as noites da semana, mas ele me alertou que às sextas e sábados o lugar ficava cheio, e as quartas-feiras eram geralmente mais tranquilas.

Enviei uma mensagem avisando que a pegaria em seu apartamento depois que ela voltasse do trabalho e comesse alguma coisa. Será que eu estava sendo covarde por não levá-la para jantar com medo que desistisse se tivesse tempo para pensar na minha proposta?

Sim. Com certeza.

Uma morena saiu do prédio de Sara, com a cabeça baixa, como se estivesse procurando algo na bolsa. Era verdade que nos últimos tempos eu tinha olhos apenas para Sara, mas até mesmo eu fui incapaz de não olhar para essa morena. Ela vestia uma blusa escura, saia e saltos altos. Seus cabelos brilhavam debaixo da iluminação dos postes e eram curtos – batiam no queixo. Ela olhou para a direita e pude ver um longo e delicado pescoço, pele macia e seios perfeitos. Eu conhecia aquele pescoço, conhecia aquelas curvas.

– Sara? – chamei. Ela se virou e senti meu queixo cair. *Meu Deus!*

Ela sorriu quando me viu encostado no carro. Fiz um gesto para Scotty voltar para dentro e deixar que eu mesmo abrisse a porta para ela.

Ela pousou o dedo debaixo do meu queixo e fechou minha boca.

– Pelo jeito você gostou – ela disse, sorrindo maliciosamente enquanto entrava no carro.

– Isso seria um eufemismo – respondi ao sentar ao lado dela e tirar uma mecha de cabelo moreno de seu rosto. – Você está mais do que linda.

– Ficou demais, não é? – ela perguntou, virando a cabeça para os lados. – Pensei que, já que vamos levar a sério essa coisa de viver em segredo, então eu podia pelo menos me divertir um pouco – ela tirou os sapatos e cruzou as pernas em cima do banco. – Então, você vai me dizer para onde estamos indo?

Assim que me recuperei, eu me aproximei e beijei seus lábios vermelhos.

– Vai demorar um pouco para chegar. Vou contar tudo enquanto isso.

Ela focou os olhos em mim e tive que me segurar para não transar com ela ali mesmo. Eu deveria prepará-la um pouco para isso. Estar bêbada numa boate escura era uma coisa; o que estávamos para fazer era outra completamente diferente.

– Um dos meus primeiros clientes era um cara chamado Johnny French. Tenho quase certeza que é um pseudônimo; ele parece o tipo de cara que possui várias identidades diferentes, se é que você me entende. Ele me procurou pedindo ajuda para abrir uma boate num prédio quase abandonado. Ele já tinha feito algo assim antes, com sucesso, mas queria explorar como isso funcionaria

com uma empresa de investimentos que teria mais conexões legítimas com o mercado publicitário.

– Qual é o nome da boate?

– Silver – respondi. – Ainda existe, e os negócios vão muito bem. Na verdade, fizemos muito dinheiro com essa colaboração. Enfim, Johnny mantém seus hábitos muito discretos, mas, no processo de nossa parceria, ele nos explicou que precisava de um negócio maior e bem-sucedido para financiar seus interesses menores.

Sara se ajeitou no banco, como se entendesse que eu estava chegando na parte interessante.

– Johnny possui vários outros negócios. Ele possui um cabaré no Brooklyn que vai muito bem.

– O Beat Snap?

Confirmei, um pouco surpreso.

– Então você já ouviu falar.

– Todo mundo já ouviu falar. Dita Von Teese fez um show lá no mês passado. Nós fomos com a Julia.

– Certo. E o Johnny também possui alguns investimentos menos conhecidos. O lugar aonde vamos hoje é um clube muito reservado e protegido chamado Red Moon.

Ela balançou a cabeça. Mesmo se tivesse nascido em Nova York, eu tinha quase certeza que ela não reconheceria o nome. Procurei no bolso do meu casaco e tirei um pequeno pacote. Seus olhos estavam focados em minhas mãos enquanto eu o abria e tirava uma máscara de penas azuis.

Estiquei o braço e coloquei a máscara em seu rosto. Então olhei para ela e quase perdi minha determinação de não comê-la ali mesmo. Seus olhos ficaram visíveis, mas seu rosto estava coberto desde as sobrancelhas até as bochechas, e os lábios vermelhos se curvaram num leve sorriso debaixo do meu exame minucioso. Pequenas pedras preciosas percorriam a curva dos olhos, e atrás da máscara, seus olhos pareciam brilhar.

– Bom, estou me sentindo muito misteriosa – ela sussurrou.

Eu gemi.

– Você parece saída de um sonho erótico – seu sorriso aumentou, e eu continuei: – O Red Moon é um clube de sexo.

Na fraca luz do carro, pude ver um estremecimento percorrer seu corpo. Lembrando uma de nossas primeiras noites juntos, eu assegurei:

– Não vai ter algemas ou chicotes... quer dizer, pelo menos essas coisas não são obrigatórias. O clube é voltado a um público voyeurístico muito sofisticado. Pessoas que gostam de assistir outras pessoas transando. Estive lá apenas uma

vez, durante o processo de confirmação da parceria, e tive que jurar sigilo absoluto. No andar principal, Johnny possui algumas dançarinas realmente estonteantes que fazem um show e tanto. O resto do clube possui quartos onde, através de janelas ou espelhos, você pode assistir uma coisa ou outra.

Limpei a garganta e olhei em seus olhos.

– Johnny ofereceu um quarto para nós dois brincarmos, se você quiser.



Para todos os efeitos, era um prédio comum que abrigava vários tipos de empresas, incluindo um restaurante italiano, um salão de beleza e um mercado asiático. Da única outra vez que visitei o local, Johnny me deixou entrar pelos fundos. A porta que ele me recomendou usar desta vez era aparentemente a entrada principal, uma desprestigiada porta de aço ao lado, no beco, e era preciso usar a chave que ele tinha enviado mais cedo para o meu escritório.

– Quantas pessoas possuem essa chave? – eu perguntei a ele no telefone.

– Quatro. Você é a quinta pessoa. É assim que mantemos o controle de quem entra. Não é qualquer pessoa que pode usar o clube. Temos uma lista para cada noite. Os convidados ligam para Lisbeth na recepção e ela envia o segurança para acompanhá-los – ele fez uma pausa. – Você tem sorte por ser um cara legal, Max, ou teria que esperar por meses.

– Eu agradeço, John. E, se tudo der certo hoje, tenho certeza que você vai gostar se eu levar essa garota todas as quartas-feiras.

Pegando a chave e encarando a realidade do que estávamos para fazer, comecei a ficar cada vez mais animado. Conduzi Sara pelo beco, segurando sua mão suada na minha.

– Podemos ir embora na hora que você quiser – lembrei pela milésima vez.

– Estou excitada e nervosa ao mesmo tempo – ela me assegurou. – Mas não estou com medo – puxando meu braço para me encarar, ela ficou na ponta dos pés e passou os lábios nos meus, mordendo e lambendo. – Estou tão excitada que quase me sinto bêbada.

Dei um último beijo e tive que me afastar para não ceder ao impulso de transar com ela naquele beco – algo pelo que Johnny prometeu que me colocaria na lista negra para o resto dos meus dias. Então coloquei a chave na fechadura.

– Tem outra coisa que eu queria mencionar. Bebidas. Existe um limite de dois drinques por pessoa. Eles querem que tudo seja o mais seguro, consensual e calmo possível.

– Não sei se posso prometer a calma. Ficar perto de você me deixa meio insana.

Mostrei um sorriso malicioso.

– Acho que ele quer dizer entre os clientes. Tenho certeza que várias coisas não serão calmas entre os exibicionistas.

Quando a porta soltou um suave clique, eu a abri e nós entramos. Seguindo as instruções de Johnny, passamos por uma segunda porta apenas três metros adiante, depois descemos uma longa escadaria que dava num elevador de carga. As portas se abriram imediatamente quando apertei o botão para descer, e, após digitar o código que ele me passou, descemos mais dois andares, indo cada vez mais fundo nas entranhas de Nova York.

Tentei explicar para Sara o que ela veria – mesas em semicírculo ao redor de uma pista aberta, pessoas socializando como se estivessem num bar – mas eu sabia que minha explicação não faria justiça. Para ser honesto, fiquei tão fascinado com o lugar quando o visitei pela primeira vez com Johnny que apenas minha ética como parceiro de negócios me impediu de continuar explorando. Por mais que quisesse voltar, achei melhor não fazer isso.

Mas, com Sara se tornando uma parte inegável da minha vida, a possibilidade de ela precisar de algo como isso, junto ao meu novo desejo de dar tudo que ela quisesse, acabaram me fazendo mudar de ideia.

As portas do elevador se abriram e entramos na pequena área da recepção. Uma iluminação quente banhava a sala, e uma linda ruiva estava sentada atrás de um balcão, trabalhando com um discreto computador preto.

– Sr. Stella – ela disse, levantando-se para nos cumprimentar. – O sr. French me contou que você viria esta noite. Meu nome é Lisbeth – cumprimentei-a com um aceno de cabeça e ela fez um gesto mostrando o caminho. – Por favor, me sigam.

Ela se virou e nos conduziu por um corredor curto, sem nunca questionar a máscara de Sara ou pedir seu nome. Numa pesada porta de aço, ela inseriu uma longa chave em forma de caveira, abriu a porta e nos mostrou o caminho.

– Por favor, lembre-se, sr. Stella, nós permitimos apenas dois drinques por pessoa. Não use nomes e mantenha um segurança na porta dos quartos de exibição para o caso de vocês precisarem de alguma assistência – como que para enfatizar a última instrução, um grande segurança deu um passo atrás dela.

Lisbeth se virou para Sara e finalmente falou com ela.

– Você está aqui por escolha própria?

Sara confirmou com a cabeça, mas depois acrescentou “Com certeza”, quando Lisbeth deixou claro que esperava uma resposta verbal.

Então, ela piscou para nós.

– Divirtam-se. Johnny disse que às quartas-feiras o Quarto Seis será de vocês pelo tempo que quiserem.

Pelo tempo que quisermos?

Virei e conduzi Sara pelo clube, sentindo minha mente girar. Tinha visto apenas alguns quartos na minha visita anterior. Passei a maior parte do tempo no bar principal, bebendo uísque e assistindo duas mulheres transando em cima da mesa ao meu lado enquanto Johnny andava ao redor cumprimentando os clientes. Andamos pelo corredor para ver alguns dos quartos, mas eu me senti estranho vendo aquelas coisas com um cliente homem da minha empresa. Acabei dizendo que estava cansado e fui embora, mas me arrependi de não explorar o que cada quarto continha.

– O que é o Quarto Seis? – Sara perguntou, envolvendo ambas as mãos em meu braço enquanto andávamos pelo bar.

– Não faço ideia – admiti. – Mas, se lembro corretamente, acho que Johnny nos deu esse quarto porque fica no fim do corredor.

O bar consistia num grande salão aberto com uma linda decoração minimalista: iluminação leve e acolhedora, mesas para duas ou quatro pessoas, sofás e poltronas posicionados elegantemente pelo salão. Pesadas cortinas de veludo desciam do teto e as paredes eram cobertas com um rico papel de parede preto que exibia um padrão dourado que mal se destacava sob as luzes tremulantes das velas.

Ainda era cedo; havia apenas alguns clientes nas mesas, conversando em voz baixa e observando uma mulher e um homem dançarem no centro do salão. Enquanto caminhávamos para o bar, o homem tirou a camisa da mulher e a usou para prender o braço dela e girá-la ao redor. Joias em seus mamilos cintilaram debaixo das luzes.

Sara ficou encarando o casal e depois desviou o olhar quando percebeu que eu a flagrei. Ela arrumou uma mecha de cabelo atrás da orelha, num gesto que aprendi a interpretar como um tique nervoso, e eu podia imaginar seu rosto corado atrás da máscara.

– Aqui, ficar olhando sempre é permitido – lembrei-a num sussurro. – Quando as coisas ficam realmente interessantes, você vai perceber que ninguém consegue desviar o olhar.

Pedi um *gimlet* com vodca para ela e uma dose de uísque para mim antes de conduzi-la até uma pequena mesa ao canto. Fiquei olhando para Sara enquanto ela absorvia o espaço. Ela tomou um gole de seu drinque e passou um tempo estudando os arredores. Fiquei imaginando se ela percebia o quanto sua figura chamava a atenção da clientela.

Em seu pescoço, eu podia ver sua pulsação acelerada. Observei a pele branca, queria me aproximar e chupar até deixar uma marca. Eu me endireitei na cadeira e imaginei como seria fazê-la gozar com minha mão enquanto o salão inteiro

assistia.

Max. Você está ferrado.

– O que você está pensando? – perguntei a ela.

Ela ergueu o queixo, indicando os dançarinos que se beijaram, se afastaram e se uniram novamente.

– Por acaso eles vão transar ali?

– Provavelmente, de um jeito ou de outro.

– Então, por que eles têm os quartos?

– É uma questão de variedade. Se me lembro bem, os cenários nos quartos tendem a ser mais selvagens. E são menores, mais íntimos.

Ela assentiu, levantando seu copo e tomando mais um gole enquanto observava meu rosto.

– Ninguém aqui sabe quem eu sou, mas mesmo assim sou a única usando uma peruca e uma máscara.

Sorrindo, eu respondi:

– Bom, até onde sei, você é que sempre quis se manter anônima.

– Você faria isso por mim? Deixar as pessoas nos assistirem?

– Tenho a impressão de que eu faria quase qualquer coisa por você – quando não consegui decifrar no meio da escuridão como minhas palavras haviam afetado Sara, eu acrescentei: – Enfim, fazer isso foi uma decisão tão apressada para mim quanto está sendo para você.

Ela deslizou a mão em minha coxa debaixo da mesa.

– Mas as pessoas aqui *conhecem* você. Conhecem o seu rosto.

– Existem pessoas neste salão muito mais famosas do que eu. O homem naquele canto é um jogador de futebol americano de um time que o Will está sempre comentando. E aquela mulher? – fiz um gesto sutil para uma mesa perto do bar. – É da televisão.

Seus olhos se arregalaram levemente quando reconheceu a atriz ganhadora do Emmy.

– Mas eles não estão considerando transar no Quarto Seis – ela mencionou.

– Não, mas estão aqui para assistir. Ninguém vai me julgar por estar aqui com você. E, mais importante, todo mundo sabe que não se deve quebrar o sigilo do Johnny French. Ele sabe os podres de todo mundo. Ou pode descobrir.

– É, talvez você tenha razão.

– Nada sai desse salão, Sa... – comecei a dizer seu nome, mas ela pressionou um dedo nos meus lábios.

– Nada de nomes, estranho – ela me lembrou.

Eu sorri e beijei a ponta de seu dedo.

– Nada sai desse salão, *flor*. Eu prometo.

– A primeira regra do Clube da Luta? – ela perguntou, sorrindo.

– Exatamente – tomei mais um gole do meu uísque. – Diga o que mais você está pensando.

Ela se aproximou para me beijar, mas eu me afastei.

– Não posso tocar você aqui?

Balancei a cabeça confirmando.

– Infelizmente, essa é outra das regras. Apenas os exibicionistas podem ter contato sexual.

– E no Quarto Seis?

– Sim, obviamente.

– Droga.

Ela se ajeitou na cadeira e ficou assistindo os dançarinos por um tempo. Eles já tinham tirado as roupas e o homem segurou um arreio que desceu do teto para que sua parceira pudesse montá-lo. Uma vez amarrada, suas pernas foram abertas e uma polia subiu seu corpo até seus quadris ficarem na altura do rosto do homem. Ele começou a girá-la no ritmo da música, andando ao redor enquanto ela balançava com a cabeça caída para trás.

– Que horas são? – Sara perguntou após alguns minutos, sem parar de olhar para o dançarino, que havia interrompido abruptamente o giro da mulher e agora pressionava sua boca aberta entre as pernas dela.

– Nove e quarenta e cinco.

Ela suspirou, mas eu não conseguia dizer se estava tão impaciente quanto eu. A tortura do clube era saber que, se eu quisesse tocá-la, apenas poderia fazê-lo num local onde outros pudessem ver. Onde outros pudessem nos usar para suas necessidades da mesma maneira que nós os usaríamos para as nossas. Eu queria mais do que qualquer coisa fazer com ela o que o homem na pista de dança fazia com sua parceira: lambe, provocar, foder com os dedos.

Quando o homem girou a mulher novamente, um garçom se aproximou da nossa mesa.

– Boa noite, senhor – ele serviu água e começou a falar sem alterar sua expressão ou posição. – O proprietário mencionou que o senhor já esteve aqui, mas sua acompanhante não. Gostaria que eu contasse um pouco sobre o que pode esperar?

– Isso seria ótimo – eu respondi.

Ele se virou para Sara.

– O clube troca as atrações dos quartos a cada duas semanas. Nosso objetivo é sempre manter um ambiente renovado para os clientes. Você vai encontrar uma variedade de cenas ao explorar os quartos.

Olhei para Sara e fiquei imaginando como aquela doce garota do Centro-

Oeste americano estava encarando tudo isso debaixo daquela máscara.

O garçom continuou:

– As apresentações começam às dez horas e duram até a meia-noite. Fui informado que o seu quarto é o Seis. Considerando que é a sua primeira vez, sinta-se livre para observar um pouco os outros exibicionistas antes de decidir se quer participar – ele sorriu. – Também fui informado que o proprietário gostaria muito de adicionar algo um pouco mais íntimo e sincero para as exibições regulares. Nunca tivemos um casal que olha um para o outro como vocês fazem.

Senti meus olhos se arregalarem e Sara se aproximou de mim. Podia sentir o calor de sua coxa encostada em minha perna. Eu realmente estava explodindo com o desejo de tocá-la.

O garçom fez uma leve reverência.

– Por favor, não se sinta pressionada.



Às dez horas, o corredor se iluminou com uma discreta luz dourada. Outros clientes pelo salão terminaram seus drinks e se levantaram lentamente. Mas Sara agarrou meu braço e me puxou para fora da cadeira.

O corredor tinha quase seis metros de largura, com mesas e assentos perto das janelas com vista para os quartos. No Quarto Um, o primeiro à esquerda, um jovem e musculoso homem estava de pé num canto vestindo apenas uma calça jeans. No chão, de quatro, estava outro homem de cabelo escuro com um rabo de cavalo enfiado na bunda. O homem no canto estalou fortemente um chicote no ar.

A mão de Sara voou para a frente de sua boca enquanto eu a empurrava pelo corredor, murmurando:

– Estão brincando de cavalinho, querida. Isso não é para qualquer um.

No Quarto Dois, havia uma linda mulher, sozinha e nua num sofá, apenas começando a se masturbar olhando um filme pornográfico projetado na parede oposta.

No Quarto Três, havia um enorme e pálido homem usando uma máscara de teatro grego e se preparando para comer por trás uma mulher amordaçada. Ao meu lado, pude sentir Sara ficando cada vez mais tensa.

– Isso parece... – ela fez um gesto vago para a estranhamente fascinante cena.

– Ousado? – sugeri. – Você precisa entender que as pessoas pagam muito dinheiro para vir até aqui. Eles não querem ver coisas que podem ver na televisão.

Pousei minha mão em suas costas e a lembrei:

– Outra coisa que você não acha na televisão é intimidade de verdade.

Ela olhou para mim e então sua atenção se voltou para minha boca.

– Você acha que nós somos íntimos de verdade?

– Você não acha?

Ela concordou.

– Quando foi que isso aconteceu?

– E por acaso em algum momento nós não fomos íntimos? Você só tentou ignorar esse fato.

Ela desviou o olhar, mas se aconchegou em meu braço, e voltamos a andar.

O Quarto Quatro possuía três mulheres que se beijavam e riam enquanto tiravam as roupas umas das outras numa cama branca gigante.

No Quarto Cinco, havia um homem amarrando uma mulher com uma corda, enquanto outro homem, também amarrado e usando um cinto de castidade, ficava ao canto apenas olhando.

– Nós vamos entediar essas pessoas – ela sussurrou com olhos arregalados.

– Você acha mesmo?

Sara não respondeu, pois havíamos chegado ao Quarto Seis, que estava vazio. Sem nem mesmo olhar para mim, ela virou no fim do corredor e se aproximou da entrada dos fundos do quarto.

A porta abriu facilmente e Sara entrou.

Após alguns instantes, nossos olhos se ajustaram e pude enxergar um bar no canto e um grande sofá de couro com uma pequena mesa de centro na frente. Mesmo no escuro, o quarto parecia muito com um canto da minha própria sala de estar, e, de repente, suspeitei que *era* uma réplica daquele espaço.

Sem pensar em primeiro perguntar à Sara, eu acendi a luz. E vi que estava certo. Paredes claras com detalhes em madeira escura, um largo sofá preto e o tapete felpudo como o que comprei em Dubai. Abajures da Tiffany decoravam as duas mesinhas de canto. O quarto era bem menor que minha sala de estar, que eu usava para grandes eventos, mas a semelhança era inegável. A janela gigante pela qual as pessoas podiam nos observar possuía a mesma cortina do meu apartamento, mas de onde estávamos, apenas parecia uma janela com vista para um espaço negro e vazio.

Johnny esteve em minha casa apenas uma vez, mas, em apenas um dia, ele transformou um dos quartos de seu clube para mim, sem dúvida pensando que seria familiar para nós dois e isso nos deixaria mais à vontade. Ele não tinha ideia de que Sara nunca tinha estado em meu apartamento.

– O que foi? – ela perguntou ao se aproximar. Quando percebeu que já podia me tocar ali dentro, envolveu minha cintura com os braços.

– Ele construiu uma réplica da minha sala de estar para nós.

– Isso é... – ela olhou ao redor, arregalando os olhos. – Isso é loucura.

– O que é realmente louco é que esta é a primeira vez que você está vendo meu apartamento. De dentro de um clube de sexo.

O absurdo da situação nos atingiu ao mesmo tempo e Sara começou a rir enquanto pressionava o rosto em meu peito.

– Isso é a coisa mais esquisita que alguém já fez em todos os tempos.

– Nós podemos ir embora se você quiser...

– Não. Vai ser a primeira vez que transamos no *lugar certo* – ela disse, sorrindo. – Você acha que vou perder essa oportunidade?

Merda. Essa mulher poderia pedir para eu me ajoelhar e beijar seus pés e eu obedeceria.

Eu quase disse *eu te amo*. As palavras ficaram tão próximas de escapar que eu literalmente precisei me virar e andar até o bar para preparar um drinque.

Mas ela me seguiu.

– E provavelmente é tarde demais para perguntar, mas o que estamos fazendo aqui?

– Acredito que estamos tentando encontrar um jeito de aproveitar esse aspecto da nossa relação sem colocar em risco nossas carreiras ou ter nossas fotos estampadas em colunas sociais.

Levantei a garrafa de uísque, oferecendo em silêncio. Ela negou com a cabeça, arregalando os olhos por trás da máscara enquanto me observava servir uma dose.

– Três dedos – ela sussurrou. Pude praticamente *ouvir* o sorriso em sua voz.

– Apenas um, por enquanto.

Sara se aproximou depois que eu tomei um gole e ficou na ponta dos pés para me beijar, chupando minha língua.

Ela tinha um sabor incrível.

As penas de sua máscara raspavam de leve em meu rosto.

– Três – ela insistiu.

Quando ela beijou meu pescoço e passou a mão na frente da minha calça, segurando meu pau, eu olhei por cima de seu ombro para a janela escura. Lá fora, os clientes provavelmente já estavam sentados e assistindo, curiosos sobre o que poderia acontecer. Ou talvez estivéssemos realmente sozinhos ali, no final do corredor. Mas a ideia de que *não estávamos*, a mera possibilidade de que outros poderiam ver a maneira como ela me tocou... entendi pela primeira vez como Sara podia se sentir outra pessoa quando ficava comigo. Ela podia brincar. Podia ser selvagem, aventureira e correr riscos.

E eu também. Ali, eu poderia ser, pela primeira vez na minha vida, o homem que está desesperadamente apaixonado.

– Você quer mesmo fazer umas safadezas aqui? – perguntei, sentindo minha própria franqueza.

Mas ela confirmou.

– Estou um pouco nervosa. O que é levemente insano, considerando nossa história.

Ela riu e começou a arranhar meu abdômen. *Merda*. Nunca senti uma mistura tão angustiante de proteção, adoração e uma necessidade maluca de possuir completamente outra pessoa de um jeito físico. Ela era tão linda e confiava tanto em mim – e era toda minha.

Eu me abaixei, beijei seu queixo e abri os primeiros botões de sua camisa.

– O que você imagina quando lembra que estamos sendo observados?

Ela hesitou, brincando com a barra da minha camisa.

– Imagino alguém vendo seu rosto e a maneira como você olha para mim.

– Humm – chupei seu pescoço. – E o que mais?

– Imagino uma mulher que deseja ficar com você, mas vendo você comigo. Vendo o quanto você me quer.

Eu gemi em sua pele, empurrando a camisa para fora de seus ombros e desabotoando o sutiã.

– Continue.

Quando beijei seu pescoço, pude sentir sua garganta engolindo em seco contra meus lábios. Sua voz saiu num sussurro quando ela admitiu:

– Imagino alguma pessoa sem rosto que viu Andy me tratando mal. Imagino a mulher que foi flagrada com ele vendo o quanto você me quer.

Aí está.

– E?

– E ele. Imagino ele vendo o quanto estou feliz – ela balançou a cabeça, agarrando minha camisa e me puxando para perto como se eu pudesse escapar. – Não acho que vai durar para sempre, mas odeio ainda sentir tanta raiva.

Seus olhos subiram até os meus.

– Mas você faz eu me sentir incrível, desejada e, sim, parte de mim ainda quer esfregar isso na cara dele.

Não consegui evitar um sorriso convencido. Eu adorava a ideia daquele bastardo me ver comendo Sara como se não houvesse amanhã. Pois o maior erro de sua vida – a infidelidade – foi o que me deu a melhor parte da minha vida.

– Eu também. Adoraria que ele visse a cara que você faz quando está gozando. Já que aposto que ele não teve muitas chances de ver isso antes.

Ela riu, lambendo minha garganta.

– Não.

E, merda, pela primeira vez em minha vida, desejei ser *o único* para alguém.

Eu a levei até o sofá, então me ajoelhei no chão entre suas pernas.

Suas mãos mergulharam nos meus cabelos.

– O que você quer que eu faça? – ela sussurrou, olhando para baixo em meus olhos, sempre tão disposta a me dar qualquer coisa.

O que eu quero? Lutei para encontrar uma resposta, completamente sobrecarregado pela enormidade daquela questão.

Quero você por cima.

Quero você por baixo.

Quero sua risada em meus ouvidos.

Quero sua voz em meu peito.

Quero sentir você molhada com meus dedos.

Quero sentir seu sabor em minha língua.

Quero saber se você sente o mesmo que eu sinto.

– Apenas quero que você se divirta essa noite.

Eu me inclinei para frente e pressionei minha boca no meio de suas pernas. Seu cheiro era inebriante, seu sabor era bom demais, a vista era mais do que linda. Os sons que Sara deixava escapar eram sussurrados, angustiados, e pareciam feitos inteiramente para meus ouvidos. Seus dedos correram por cima da minha cabeça, arranhando minha pele levemente antes de puxar a própria perna mais para cima, abrindo-se ainda mais, melhorando meu acesso. Ela não se movia com sensualidade exagerada; ela sabia ser devagar e calma, era facilmente o ser mais sensual que existe neste planeta.

Eu me concentrei em dar prazer a ela, imaginei como estava sua imagem vista de fora daquele quarto, com meus dedos dentro dela, minha boca devorando-a e suas costas arqueadas no sofá. Tinha me acostumado tanto a vê-la com a máscara que já não provocava mais estranhamento nem distanciamento; a maneira como ela olhava para mim por trás da máscara me fazia sentir como se tivesse ganhado o mundo todo. A peruca preta e macia enquadrava seu rosto perfeitamente e deixava sua pele ainda mais alva, os lábios ainda mais vermelhos. Aqueles mesmos lábios se abriram enquanto ela começava a implorar silenciosamente, me pedindo para que acelerasse, não parasse de chupar, fodesse com mais força usando os dedos.

Quando ela estava perto do clímax, sua mão subiu por seu corpo, chegou aos seios, passou pelo pescoço até o rosto, onde tirou a máscara, expondo o último pedaço de pele que ainda estava coberto.

Seus grandes olhos castanhos estavam focados em meu rosto, os lábios ainda abertos ofegando silenciosamente.

Quando gozou, em nenhum momento desviou o olhar, em nenhum momento voltou sua atenção para as janelas atrás de mim.

Alguém estava atrás, do outro lado daquele vidro. Eu podia sentir. Mas não acho que poderíamos estar mais sozinhos naquele quarto mesmo se estivéssemos de verdade em meu apartamento. Nada neste mundo existia além de nós dois e a maneira como ela pressionou minha boca, gritando quando o orgasmo arrebatou-a.

E então, ela suspirou, agarrou meus cabelos, e riu.

– Meu *Deus*.

Talvez, se um dia eu encontrar esse tal de Andy, eu não darei um soco naquela cara idiota dele, afinal de contas. Talvez eu apenas darei meus cumprimentos por ele estragar tudo com Sara de um jeito tão épico que a fez se mudar para Nova York e parar de ser uma mulher que agia conforme as regras e começar a ser uma mulher que fazia qualquer coisa que quisesse.

Subi um caminho beijando seu corpo e deixei-a sentir o próprio sabor em minha boca, minha língua e meu queixo. Embaixo de mim, ela estava quente e vagarosa; seus braços me envolveram preguiçosamente, sua risada se esvaiu em meu pescoço.

– Acho que isso foi a coisa mais divertida que já fiz – ela sussurrou.

E suspeitei que eu faria qualquer coisa para poder passar o resto da minha vida cuidando da felicidade dessa mulher.

Quinze

Eu sabia que não seria bom ter cada noite da semana preenchida com Max, pois isso destruiria minha habilidade de pensar em qualquer outra coisa. Durante a manhã, fiquei imaginando as fantasias mais malucas que já criei em minha mente: pensei em me arrastar debaixo da mesa de Max e chupá-lo enquanto ele falava ao telefone, ou transar com ele no elevador subindo até seu apartamento.

Foi divertido finalmente permitir a mim mesma desfrutar desses devaneios eróticos, e comecei a não me importar por ele ter desestabilizado tanta coisa na estrutura da minha vida. E, depois do que fez comigo no clube, percebi que eu andaria em cima de brasas por aquele homem.

Fiquei nervosa, é verdade. O clube exalava um clima de prazeres sombrios e era frequentado por clientes que já se esbaldavam nesse tipo de fantasia sexual provavelmente por mais tempo do que eu tenho de vida. E eu não tinha certeza se havia regras implícitas que eu deveria seguir. Não falar em voz alta. Não cruzar as pernas. Não manter contato visual. Não beber o drinque rápido demais.

Meus pais pareciam tão ingênuos comparados a esse mundo. A ideia deles de uma noite selvagem era ir ao teatro assistir aos *Monólogos da Vagina* e depois jantar em algum restaurante asiático da moda. Até hoje, meu pai considera comer sushi uma aventura um pouco radical demais para seu gosto.

E lá estava eu entrando num clube secreto e, na minha primeira noite, deixei Max me chupar num lugar onde todo mundo podia assistir.

No fim, nunca soube se alguém de fato assistiu. Saímos pela porta dos fundos do quarto, onde o amigo de Max, Johnny, nos encontrou e deixou que fôssemos embora por uma entrada de serviço. Max ficou me estudando a noite inteira, como se estivesse avaliando se eu sairia correndo ou teria uma crise nervosa. Mas, na verdade, eu estava tremendo tanto porque tudo ao meu redor parecia muito certo. Max ficou de joelhos entre as minhas pernas e não permitiu que eu retribuísse. Em vez disso, ele apenas me beijou por longos minutos, ajudou a me vestir e jogou um olhar tão cheio de significado que um arrepio se espalhou em

meu corpo.

Brincar numa biblioteca era uma coisa diferente, mas, comparando com o clube da noite anterior, aquilo pareceu inofensivo. E, no caminho de casa, com a mão de Max em meu joelho e seus lábios em meu pescoço, orelha, boca e – finalmente – seu corpo por cima e dentro de mim, completamente selvagem no banco de trás da limusine, eu percebi o quanto minha vida estava louca.

Loucamente boa.

Loucamente maravilhosa.

Fazia tanto tempo que eu não me sentia enfeitiçada assim... que até tinha esquecido como era.

– Você está suspirando – George disse na quinta-feira de manhã enquanto eu caminhava para minha mesa. Ele mordeu a ponta de sua caneta e murmurou: – Você está pensando no seu Max.

Como diabos ele sabia disso? Será que eu estava sorrindo como uma idiota?

– O quê?

– Você gosta dele.

Eu me rendi.

– Sim, eu gosto.

– Eu vi o jeito como ele olha para você quando esteve aqui na segunda-feira. Ele praticamente entregou uma coleira na sua mão.

Fiz uma careta e abri a porta da minha sala.

– Prefiro quando ele fica sem coleira, se é que você me entende.

– Ele veio aqui hoje de manhã – George acrescentou com um jeito casual.

Congelei no meio do caminho para minha sala, esperando que ele continuasse.

– Pareceu triste por não te encontrar, mas eu disse que você é uma troglodita pela manhã antes de tomar suas dezessete xícaras de café e raramente chega antes das oito horas.

– Obrigada– eu resmunguei.

– Sem problemas – ele se endireitou na cadeira e mostrou um envelope em sua mesa. – Ele deixou isto aqui.

Levei o envelope para minha sala. A caligrafia de Max era um garrancho miúdo.

Sara,

Preciso viajar na sexta e participar de uma conferência em San Francisco. Posso te encontrar hoje à noite?

Max.

Peguei meu telefone, arrastei o dedo pela tela e pressionei seu nome.

Ele atendeu depois de apenas meio toque.

– Você ainda está no modo troglodita?

Eu ri.

– Não. Acabei de tomar a décima sexta xícara de café.

– Seu assistente é uma figura. Tivemos um conversa muito interessante sobre você. Fiquei satisfeito em saber que é improvável ele dar em cima de você enquanto eu estiver de viagem.

– Acho que ele é mais fã de você do que de mim. Se você tivesse qualquer propensão a jogar no outro time, ele nunca mais sairia do seu pé.

– Eu ouvi isso! – George gritou da sua mesa.

– Então pare de bisbilhotar! – gritei de volta, sorrindo ao telefone. – E, sim, estou livre hoje à noite.

– Onde?

Hesitei por um instante antes de sugerir:

– Meu apartamento?

Ele ficou em silêncio.

Ouvi a satisfação em sua voz quando ele finalmente respondeu:

– Na sua cama?

– Sim – minhas mãos estavam tremendo. Inferno, tudo mudou na noite passada. A ideia de ficar com Max numa cama parecia a aventura mais louca de todas. Fiquei imaginando se poderíamos sobreviver a isso.

– Posso encontrar você lá às oito? Hoje vou ter que ficar até mais tarde falando ao telefone com a Costa Oeste.

– Perfeito.



Mudei de roupas três vezes antes das oito horas – casual? sexy? casual? sexy? – até que finalmente vesti de novo a roupa que usei no trabalho. Arrumei minha cama, tirei o pó do apartamento inteiro e escovei os dentes duas vezes. Não fazia ideia do que estava fazendo e tinha certeza que estava tão nervosa quanto no dia em que perdi minha virgindade.

Eu ainda estava tremendo quando ele bateu na porta. Max nunca tinha visto meu apartamento, mas, quando entrou, ele mal olhou ao redor. Suas mãos buscaram meu rosto e ele me empurrou contra a parede, com a boca firme na minha, aberta, chupando meus lábios e língua. Não havia nada de gentil no jeito como ele me beijou. Foi algo áspero e desesperado, com mãos apertando ombros e puxando roupas que pareciam existir apenas para atrapalhar e lábios quase

machucados com o quanto aquilo parecia *real*. Ele tinha uma bolsa pendurada em seu peito, que deslizou e atingiu a parede com força.

– Estou ficando maluco – ele disse em minha boca. – Estou perdendo a cabeça, Sara. Onde fica o seu quarto?

Andei de ré, puxando-o com seus beijos pelo pequeno corredor. Apenas o abajur ao lado da cama estava aceso, e uma luz amarela e calorosa se espalhava até o teto. Paredes brancas, cama grande, janelas gigantes – tudo dentro de um espaço minúsculo.

Ele riu, olhando ao redor e deixando as mãos caírem de meu rosto.

– Seu apartamento é pequeno.

– Eu sei.

Passando sua bolsa por cima da cabeça, ele a jogou na cama.

– Por quê? Você pode pagar algo maior.

Dei de ombros, hipnotizada com a pulsação em seu pescoço. Por que estávamos falando do meu apartamento? Eu queria saber o que tinha dentro da bolsa. Ele sempre carregava apenas a carteira, o telefone e as chaves de casa.

– Não preciso mais do que isso por enquanto.

Seus olhos procuraram os meus e ele assentiu uma vez, com os lábios se curvando num pequeno sorriso.

– Você é uma mulher complicada, Sara Dillon.

Às vezes, quando corria um pouco, eu ficava tão eufórica depois que não conseguia fazer mais nada além de voltar e correr mais um pouco. Eu acumulava tanta energia em meu sangue que não conseguia ficar parada. Era assim que me sentia agora.

– Max, eu... – levantei a mão e mostrei o quanto tremia. – Não sei o que fazer agora.

– Tire as roupas para mim – ele abriu sua bolsa e tirou uma câmera grande e cara. – Quero fotos de tudo hoje – ele disse, olhando para mim através da lente. O som do obturador fez meu coração acelerar dentro do meu peito. Senti uma tontura e a cabeça leve.

– Incluindo nossos rostos – eu disse num sussurro.

– Sim – ele disse, com a voz rouca. – Exatamente.

Olhei para minhas roupas: uma camisa branca com pequenos botões de pérola e uma saia preta lisa.

Tire as roupas para mim.

Gosto de ter uma tarefa para me concentrar. O peso da noite passada ainda pressionava meu coração, e a visão dele no meu quarto quase acabou comigo.

Levei minhas mãos para o primeiro botão da camisa.

Meus dedos ainda tremiam.

Era diferente desse jeito, no meu apartamento, sozinhos apenas com sua câmera como testemunha. O que eu mostraria nesta noite? Meu corpo? Ou tudo debaixo da minha pele: meu coração, meus medos, minha loucura e meu desejo sem fim por ele?

Ouvi o clique na câmera seguido pela voz grave de Max:

– O jeito como você parece nervosa me faz pensar que não sabe que eu estou apaixonado por você.

Olhei para ele, com olhos arregalados e mãos congeladas.

Clique.

– Eu te amo, flor. Já faz um tempo que sei disso, mas tudo mudou para mim na noite passada.

Fiz um gesto com a cabeça, concordando e sentindo uma tontura.

– Certo.

Ele mordeu o lábio, depois o soltou e mostrou um sorriso malicioso.

– *Certo?*

– Isso – voltei aos meus botões, abrindo um de cada vez. Lutei para não deixar escapar o maior sorriso do mundo.

Clique.

– Você não tem nada mais a dizer além de “certo”? – ele perguntou, levantando os olhos da câmera. – Eu digo que te amo e você nem diz um “obrigado” ou “que adorável”?

Deixei minha camisa cair no chão e virei de costas para ele, alcançando o fecho do sutiã – *clique* – e também deixando-o cair.

Clique. Clique.

Abri o zíper da minha saia e deixei que se juntasse às outras peças de roupa no chão enquanto eu me virava para encará-lo.

– Eu também te amo – *clique*. – Mas estou apavorada.

Ele abaixou a câmera, com os olhos colados em mim.

– Eu não queria me apaixonar por você – eu disse.

Ele deu um passo para frente.

– Se isto fizer você se sentir melhor, eu sei que você lutou bravamente contra isso.

Ele não colocou a câmera de lado quando deu outro passo em direção a mim para me beijar. Apenas moveu a mão para o lado e pousou a outra em meu rosto, pressionando os lábios nos meus.

– Também estou com medo, Sara. Tenho medo de ser apenas uma vingança contra seu ex-namorado. Tenho medo de estragarmos tudo. Tenho medo que você se canse de mim. Mas acontece que – ele disse, sorrindo – não quero mais ninguém. Você me estragou para qualquer outra mulher.

Ele deve ter tirado centenas de fotos de mim enquanto eu terminava de me despir, subia na cama e o observava enquanto ele espreitava ao redor, continuando a dizer o que sentia: distraído, insaciável, como se quisesse agradecer ao Andy e depois matá-lo, e que estava sinceramente preocupado que nunca conseguiria ficar longe de mim. Ele capturava cada reação minha como se estivesse completamente obcecado.

Pairando sobre mim, ele apontou a câmera no meu torso, onde seu corpo roçava no meu. Fechei os olhos, perdida na sensação e nos suaves sons da câmera. Quando abri novamente, meus olhos encontraram imediatamente os dele.

Estiquei o braço e movi a câmera para meu pescoço. Ele tirou a foto, deixando que eu guiasse a lente cada vez mais para cima. Então olhou para mim através da câmera.

Suas mãos tremiam enquanto ajustava o foco, tirando fotos e mais fotos do meu rosto, de seus dedos tracejando meu queixo e sentindo meu rosto. Depois segurou a câmera afastada para capturar nossos beijos.

De repente, tudo naquele momento parecia concentrado na sensação de sua boca em mim, de seus cabelos em minhas mãos, sua língua se movendo por minhas curvas, seus lábios pressionando palavras em minha pele. Eu sentia cada suspiro e cada som que ele fazia. Podia sentir sua boca se tornando cada vez mais faminta e urgente enquanto descia por meu corpo. Vagarosamente, ele empurrou dois dedos dentro de mim e chupou meu clitóris com vontade, como se me desafiasse a gozar. Mas fiquei quieta. Não queria ouvir minha voz dentro da minha mente. Queria apenas senti-lo.

– Você é linda – ele sussurrou. Não aguentei mais, soltando um grito. Quando terminei, ele subiu por cima de mim e me beijou profundamente. – É incrível o quanto você mexe comigo.

Subi minhas mãos e corri as unhas em seu peito, pedindo que usasse meu corpo do jeito que quisesse, para sentir tudo que fosse possível sentir. Minhas mãos se moviam por vontade própria, explorando e arranhando, puxando-o e afastando-o para que eu pudesse vê-lo quando se posicionou sobre mim. Minha barriga se arrepiou ao sentir seus músculos debaixo da ponta dos meus dedos.

Sussurrei:

– Por favor.

Ele gemeu, suspirando enquanto baixava o corpo e me penetrava fundo. A sensação foi incrível. Senti tudo ao mesmo tempo: seu peito em cima do meu, seu rosto contra meu pescoço, meus braços envolvendo sua nuca, mãos puxando os cabelos, seus quadris girando enquanto se movia dentro de mim.

Por favor, não deixe isso acabar nunca. Não quero que este momento termine.

Estávamos sem palavras, cobertos de suor e *isto*, pensei, *isto sim é fazer amor*.

Ele me virou, me colocou por cima e observou meu rosto até que eu não aguentasse mais e fechasse os olhos, sentindo o orgasmo se aproximando. Ouvi um clique e então o som pesado da câmera caindo no colchão. Max de repente já estava por cima de novo, com ainda mais vontade, pressionando minhas coxas com as mãos e mostrando no rosto toda sua concentração.

Imagens de luzes e sombras atacavam minhas retinas, mas, desta vez, eu me recusei a fechar os olhos.

Ele caiu em cima de mim com todo seu peso; sua boca buscou a minha e as mantivemos abertas, respirando juntos enquanto chegávamos ao ápice. Ele moveu seus lábios abertos sobre minha boca enquanto se movia por cima de mim e nós dois começamos a falar silenciosamente.

Vou gozar, dissemos juntos, implorando um ao outro. *Vou gozar*.



Acabamos não jantando, então fiquei assistindo com muita atenção enquanto Max assaltava a cozinha.

Ele estava usando apenas uma cueca, e, de repente, me dei conta que nunca tinha ficado *apenas olhando* seu corpo. Obviamente, Max era alto e malhado, mas também ficava à vontade quando estava relaxado. Gostei de ficar assistindo-o coçar a barriga enquanto examinava o conteúdo da minha geladeira. Meus pensamentos se perderam na maneira como seus lábios se moviam enquanto ele estudava tudo que havia nas prateleiras.

– Mulheres são incríveis – ele murmurou, encantado com a variedade de queijos que eu tinha. – Na minha geladeira deve ter mostarda e só. Talvez um pouco de batata.

– Fiz compras ontem mesmo – vesti sua camiseta e a puxei até o nariz para sentir seu cheiro. Cheirava a sabonete, desodorante e o inerente aroma da pele de Max.

– Acho que a última vez que eu fiz isso foi... em maio.

– O que você está procurando?

Ele deu de ombros, pegando uma tigela com uvas.

– Petiscos – também pegou um pacote de seis cervejas e as levantou para mim, sorrindo. – Stella Artois. Bela escolha.

– É minha preferida.

Ele empilhou uvas, nozes e algumas fatias de queijo numa bandeja e fez um gesto com a cabeça mostrando o quarto.

– Petiscos na cama.

De volta ao cobertor, ele serviu uma uva entre meus lábios e depois abocanhou algumas, murmurando:

– Então, estive pensando.

– Pode contar.

– Vou sediar no meu apartamento, daqui a duas semanas, uma festa para arrecadar fundos. Que tal se usarmos esse evento para oficializar nosso namoro? Max e Sara: apaixonados um pelo outro – ele mordiscou algumas nozes e estudou minha reação antes de acrescentar: – Vou até impedir a imprensa de participar.

– Você não precisaria fazer isso.

– Não precisaria, mas eu faria.

Demorei para saber o que eu queria responder, e, enquanto pensava, Max continuou comendo pacientemente. Era um contraste tão grande com Andy, que sempre queria uma resposta imediata assim que perguntava alguma coisa. Mas acontece que minha cabeça não funcionava desse jeito. Os políticos são acostumados a perguntas e respostas rápidas como num jogo de tênis. Eu sempre precisei de tempo para formular aquilo que queria dizer. E, no caso do Max, parecia que demorava meses para eu entender o que estava sentindo.

– Quer dizer, o motivo que me fez não gostar de fotos públicas por tanto tempo é que isso lembrava muito minha relação com Andy. E essas fotos sempre estarão lá, fáceis de achar para quem quiser ver. Sempre me sinto humilhada quando vejo meu sorriso ignorante... e o sorriso mentiroso dele também.

Ele terminou de mastigar antes de responder:

– Eu sei.

– Então, acho que você está certo. Talvez seja melhor sem a imprensa dessa vez. Talvez seja melhor apenas ficarmos com os seus convidados e ver o que acontece.

Max se inclinou e beijou meu ombro.

– Acho uma boa ideia.

Ele me deu outra uva na boca e depois guardou a bandeja no criado-mudo ao lado da cama antes de tirar a camiseta.

O sexo foi menos apressado dessa vez, quando a noite já estava em seu ápice e os ventos sopravam do outro lado das janelas abertas. Com minhas pernas ao redor de sua cintura e seu rosto mergulhado em meu pescoço, nós encontramos um único ritmo, com ele por baixo, apenas sentindo e observando.

Nunca nada chegou perto disso.

Nada.



Quando o sol mal tinha começado a raiar, Max estava abraçado ao meu corpo. Sua imagem era incrível. Cabelo desarrumado e o calor de seus braços e pernas enrolados ao meu redor. Ele estava duro e pressionando contra mim; faminto e honesto e pedindo por contato mesmo antes que sua mente acordasse.

Ele não disse uma única palavra quando percebeu que eu estava observando-o. Apenas esfregou o rosto, olhou para meus lábios e pegou a garrafa de água no criado-mudo. Ofereceu para mim e então tomou um gole, antes de guardá-la novamente para poder passar as mãos em meus seios.

Eu me perdi instantaneamente na sensação enquanto ele se virava por cima de mim, beijando meus lábios e dando bom-dia. Nós dois ainda estávamos sonolentos e ele começou a descer por meu corpo chupando pele, costelas, cintura. Deslizei meus braços e pernas ao seu redor, querendo me sufocar na extensão de sua pele. Eu o queria nu por cima de mim, queria seu rosto entre minhas pernas, queria seus dedos por toda a parte.

Suas mãos pareciam calmas e deliberadas: ele estava me provocando. A faísca que se iniciou estava se concentrando debaixo da minha pele como uma lenta queimação. Senti seus beijos em todos os lugares, dando prazer com mãos, boca e palavras; perguntando o que eu gostava como se não tivéssemos feito aquilo inúmeras vezes. Mas eu entendi: era diferente aqui, na minha cama. Tudo se desfez na noite passada, e eu não conseguia enxergar nada além da sensação de finalmente abrir meu coração para ele.

Dezesseis

Olhei para ela na cama, banhada pelo sol da manhã, toda sonolenta com o rosto no travesseiro e o cabelo esparramado ao redor. Meus olhos se moveram por seu corpo, junto à curva dos seios, até as costas, onde o lençol cobria seus quadris.

Existe uma lista de coisas que você aprende sobre uma pessoa na primeira vez que passam uma noite juntos: se ela rouba o cobertor, se ronca, se gosta de dormir abraçada.

Sara gostava de se esparramar: braços e pernas para todo lado, seu corpo todo parecia uma estrela do mar para mim.

Fizemos amor novamente quando o céu começou a se iluminar, com tons de azul, rosa e lilás surgindo no horizonte. Então, ela se deitou por cima de mim, relaxada e sorrindo, e imediatamente caiu no sono de novo.

Então já passava das dez horas e eu percorri meu dedo por seu braço, não querendo acordá-la e certamente não querendo ir embora. Minha câmera ainda estava no criado-mudo e estiquei o braço para pegá-la, sentando cuidadosamente na ponta do colchão enquanto começava a ver as fotos. Tirei centenas na noite passada, algumas de quando se despiu, porém tirei ainda mais quando estava ansiosa e se retorcendo debaixo de mim. Os sons de nossos corpos se movendo juntos e os suaves gritos dela em meio aos cliques ficariam para sempre marcados na minha memória.

Voltei para as fotos do começo da noite e fiquei olhando para sua expressão no momento em que admiti meu amor. Ela me deixou tirar tantas fotos de seu rosto na noite passada; eu me delicieei com a lembrança do momento em que tocou no assunto. Era nossa última regra que ainda não tinha sido quebrada. Sua permissão disse mais do que quaisquer palavras poderiam. Enquanto eu clicava pelas séries, sua expressão passava de desesperada para aliviada e depois para brincalhona numa rápida sucessão.

E as fotos das horas seguintes, em sua cama, pareciam tão íntimas e carnis quanto eu lembrava que tinham sido.

Eu me levantei em silêncio, atravessei o quarto e peguei meu notebook. Levou apenas um instante para iniciar e logo conectei o cartão da câmera. Entrei no

meu site favorito de fotografia, de uma pequena e discreta empresa especializada em impressão profissional de fotos. Enviei as imagens de que mais gostei, apaguei os arquivos do notebook e depois removi o cartão e o guardei na minha bolsa.

Com tudo guardado exceto a câmera, eu me inclinei sobre ela e sussurrei em seu ouvido:

– Preciso ir – sua pele se arrepiou e ela se ajeitou na cama. – Tenho que pegar o avião.

Ela murmurou algo, então se espreguiçou e eu fiquei observando seus olhos se abrirem lentamente.

– Não quero que você vá – ela disse, virando para olhar em meu rosto. Sua voz estava rouca e sonolenta, e imediatamente pensei numa centena de coisas que queria dizer a ela.

Ela estava tentadora demais, com olhos ainda cansados e marcas de travesseiro no rosto, mas foram seus seios nus que ganharam minha atenção total. Coloquei as mãos em cada lado de seu rosto e me aproximei.

– Você fica fenomenal pela manhã. Sabia disso?

Corri um polegar pelo seu mamilo e precisei respirar fundo, quase sufocado pela proximidade imediata de seu corpo, parecendo preencher todo o espaço dentro do meu peito.

– É mesmo? – ela sorriu, erguendo uma sobrancelha e tocando meu lábio inferior. Eu queria chupar e morder seu dedo. Sua expressão pareceu acordar de vez e ela me olhou novamente, procurando meus olhos. – A noite passada realmente aconteceu?

– Você quer saber se eu realmente comi você com vontade e basicamente disse que você é minha dona? Sim, aconteceu.

– Mas o que “eu te amo” significa de verdade? É estranho o quanto pode parecer diferente dizer três palavras. Quer dizer, eu já falei antes, mas nunca pareceu algo tão... *grande*, entende? Não sei se antes significou a mesma coisa. Tipo, eu era jovem demais para entender. Isso é loucura? Você deve achar que eu sou maluca. Mas não sou. Acontece que... isso é novidade para mim, eu acho. Honestamente, acho que isso é novidade para mim.

– Eu sei que você está dizendo algo profundo, mas fica difícil eu me concentrar vendo seus peitos assim tão de perto.

Sara revirou os olhos e tentou me empurrar, mas não saí do lugar. Em vez disso, eu me inclinei e a beijei, abafando seu protesto enquanto tentava dar forma a cada sentimento louco e selvagem que eu tinha naquele beijo.

Percebi a aproximação de uma tempestade de verão quando pingos de chuva começaram a atingir as janelas e trovões soaram ao longe. Em algum lugar no

fundo da minha mente, pensei brevemente nas ruas molhadas e todo mundo tentando chamar um táxi ao mesmo tempo e o quanto iria demorar para chegar ao aeroporto. Mas, quando ela enlaçou minha coxa com sua perna e me puxou para cima dela, os pensamentos sobre o clima se evaporaram da minha cabeça.

Seus lábios se moveram da minha boca para minha orelha e me fizeram esquecer completamente o motivo que eu tinha para ir embora.

– Estou dolorida de um jeito muito bom – ela disse, arrastando os quadris sobre mim. – Quero mais.

Se ainda tinha algum sangue no meu cérebro, ele escoou totalmente para meu pau.

– Isso provavelmente foi a melhor coisa que alguém já me disse.

Sara empurrou meu peito e eu gemi quando ela me fez deitar de costas.

– Não vá – ela disse, subindo em cima de mim. O lençol caiu de seu corpo e eu agarrei seu torso, com meus polegares raspando a base dos seios. Ela pegou minha câmera e apontou para mim, olhando através da lente. – Quero tirar fotos do seu rostinho bonito no meio das minhas pernas.

– Meu Deus, Sara – eu disse, deixando minha cabeça cair nos travesseiros e meus olhos se fecharem com força. – E eu pensando que você era uma pequena garota ingênua e eu era o grande Lobo Mau.

Ela começou a rir e eu apenas fiquei olhando.

– Eu te amo – eu disse, agarrando sua nuca e trazendo sua boca até a minha. Passei a mão na lateral de seu corpo, sentindo a pele nua, macia e coberta de arrepios.

– Realmente estamos fazendo isso, não é? – ela perguntou, afastando-se apenas o suficiente para olhar em meus olhos.

– Realmente estamos fazendo isso.

– Oficialmente.

– Cem por cento. Jantares, eventos, apresentando você como minha namorada. A coisa toda.

– Acho que gosto para onde isso está indo – ela disse, com o rosto corado. Sara arrastou as unhas em meus cabelos e eu me derreti, virando o corpo para tocá-la. Eu não queria estar em nenhum outro lugar no mundo.

Mas...

Olhei de relance as horas no relógio ao lado.

– Merda. Eu realmente tenho que ir – eu disse, fechando os olhos.

– Certo...

Senti o calor de seus lábios contra minha boca, não se movendo ou fazendo algo em particular, apenas parados num beijo recatado que acentuou as coisas depravadas que fizemos apenas horas antes.

Eu gemi, agarrando minha gravata e jogando-a por cima do ombro. Fiquei de joelhos e olhei para ela enquanto desabotoava minha camisa.

– Mas o seu voo – ela disse, apesar de seguir meu pensamento e começar a abrir meu cinto. Um sorriso maldoso surgiu lentamente em seu rosto.

– Eu pego o próximo.



Depois de uma correria no aeroporto JFK – que valeu a pena totalmente – e outras cinco horas voando, eu finalmente cheguei em São Francisco. Consegui dormir apenas duas ou três horas na noite anterior e apenas alguns minutos aqui e ali no avião: agora eu realmente estava sentindo o peso do sono.

Bocejei e tirei minhas malas do compartimento de bagagem, saindo do avião para o terminal e direto para a primeira xícara de café que encontrei.

Era imprudente perder meu avião para ter uma hora a mais com Sara; eu sabia disso mesmo enquanto olhava para ela e transava com ela. Mas nunca tinha sentido nada parecido com isso antes e ainda estava um pouco difícil digerir tudo o que dissemos.

Uma mensagem do Will apareceu enquanto eu esperava minha cafeína.

Alguma foto sexy nova, seu garanhão?

Vai se ferrar. Você nunca teria coragem de usar uma câmera.

Depois de responder, guardei o celular na bolsa. Mais tarde eu ligaria para o Will para contar sobre a reunião e a situação com Sara.

Com um sorriso em meu rosto e meu café finalmente na mão, eu me afastei do balcão e abri a tampa para acrescentar o creme. Senti um toque em meu ombro e me virei.

– Acho que você deixou cair isto – um homem baixinho de cabelo loiro ralo estava atrás de mim, segurando uma carteira preta de couro.

Balancei a cabeça.

– Não é minha, amigo. Desculpe – fiz um gesto em direção a um segurança perto da escada rolante. – Tente um daqueles caras – comecei a me virar e ele segurou meu braço.

– Tem certeza?

– Sim, tenho certeza – eu disse, tirando minha própria carteira e mostrando para ele. – Mas boa sorte em tentar achar o dono. Até.

Ele já estava dando um passo para trás e eu fiquei observando enquanto ele se afastava rapidamente em direção à escada rolante. Depois de já ter perdido tempo demais naquele dia, fechei meu café e me abaixei para pegar minha mala que estava aos meus pés.

Meu coração parou.

A mala havia sumido.



– Que tipo de mala era mesmo, senhor? – uma funcionária entediada do aeroporto olhou para mim de trás de um balcão. O crachá em sua camisa apertada dizia que seu nome era Elana June. Ela fez uma bola com seu chiclete enquanto esperava minha resposta.

Olhei para o monitor suspenso na parede atrás dela e vi meu próprio reflexo na tela, certo de que estava em alguma pegadinha da televisão.

– Senhor? – ela perguntou novamente, com um tom ainda mais entediado.

Passei a mão nos cabelos, lembrando a mim mesmo que estrangular aquele pescoço não iria ajudar em nada.

– Era uma mala Hermès. Cinza e marrom.

– O senhor pode identificar todos os pertences de dentro?

Engoli e senti um gosto de bile.

– Meus arquivos. Meu notebook. Meu celular. Merda. Tudo.

Pensei em todas as informações de clientes que perdi, todas as senhas que teriam de ser trocadas imediatamente. Quanto tempo tudo isso levaria e quanto problema poderia causar. E eu nem tinha meu maldito celular para poder ligar para Will.

Ela me passou um formulário e uma caneta presa ao balcão por uma corrente.

– Você parece estar precisando de um tempo. Apenas preencha isso e marque os quadrados necessários.

Peguei a caneta e preenchi meu nome e endereço, marcando os espaços para *notebook*, *celular* e *itens pessoais*. Olhei para o relógio e imaginei se havia um espaço para *sanidade*, pois eu sabia que estava perto de também perder isso totalmente. Estava quase terminando quando vi uma opção que quase me fez vomitar ali mesmo.

Câmera. Eu não trouxe minha câmera, mas tinha guardado o cartão na bolsa, pensando que apagaria assim que tivesse uma oportunidade.

Não existiam palavras suficientes no mundo.

Olhei para o balcão nojento e notei a superfície envelhecida. Havia uma rachadura cobrindo toda a extensão e pensei que era a metáfora mais irônica de

todos os tempos.

– Meu cartão de memória – eu disse para ninguém em particular.

– De uma câmera? – Elana June perguntou.

Engoli em seco. Duas vezes.

– Sim. O cartão, com todas as imagens – praguejei e me afastei do balcão, lembrando o que Sara tinha me deixado fazer na noite passada e em como ela havia confiado em mim.

Merda merda merda.

Uma mulher mais velha com cabelo armado se aproximou.

– Sr. Stella? – ela perguntou.

Interrompi minha crise para confirmar e ela continuou.

– Nós olhamos a gravação. Parece que havia duas pessoas. Uma delas o distraiu enquanto o outro pegava a mala. Ele já estava na escada rolante e quase fora do terminal antes de você perceber.

Imaginei se era possível o chão se abrir e me engolir. Fiquei rezando que fosse.



Depois de ter feito tudo que era possível no aeroporto, fui de carro para o hotel. Sem tempo para substituir meu celular antes da reunião, liguei para o serviço de informações e pedi uma ligação para meu escritório. Will não estava lá, mas sua assistente me assegurou que mudaria minhas senhas pessoalmente e explicaria tudo ao Will assim que fosse possível. Depois de prometer uma dúzia de rosas e um aumento, desliguei e sentei na cama, encarando o telefone enquanto decidia se contaria para Sara.

Aceitando que não haveria um jeito fácil de escapar, liguei para o serviço de informações novamente e pedi uma ligação para o escritório de Sara.

George atendeu e fechei os olhos. Eu até gostava do cara, mas não estava a fim de lidar com ele hoje.

– Escritório de Sara Dillon – ele disse.

– A srta. Dillon, por favor.

Ele fez uma pausa longa o suficiente para se tornar constrangedora, até que disse:

– E boa tarde para o senhor também, sr. Stella. Um momento, por favor.

Ouvi um clique quando fui conectado e esperei que ela atendesse.

Três chamadas depois, ela atendeu.

– Aqui é Sara Dillon – ela disse. Senti um calor se espalhar em meu peito.

– Oi.

– Max? Não reconheci o número.

– Então. Estou ligando do hotel. Você está bem? Parece que está um pouco estressada.

– Pois é, tenho uma pilha gigantesca de pesquisa de preços na minha mesa. Eu deveria ter chegado ao trabalho antes do almoço, mas não posso dizer que me arrependo da minha manhã preguiçosa.

Ela fez uma pausa e eu fechei os olhos novamente, lembrando de seu rosto quando gozou na última vez.

– Como foi seu voo?

– Bom. Longo – eu disse. Fiquei de pé e andei até onde o fio do telefone permitia. Olhei pela janela e vi as pessoas lá em baixo perambulando completamente perdidas em seus próprios mundos. – Estou com saudades de você.

Ouvi quando ela se levantou e fechou a porta antes de sentar de novo.

– Eu também.

– Você conseguiu dormir?

– Um pouco – ela riu. – Alguém me cansou bastante.

– Deve ter sido um sortudo.

Ela gemeu com satisfação e eu tentei imaginar o que estava fazendo, o que estava vestindo. Decidi que usava uma saia, sem calcinha, e botas de cano longo.

Péssima ideia, Max. Ela está do outro lado do país e agora você está duro.

– Você vai ficar fora a semana inteira? – ela perguntou.

– Sim. Volto na sexta-feira de tarde. Você vai passar a noite comigo?

– Com certeza.

Respirei fundo, lembrando a mim mesmo que não tinha motivo algum para ficar preocupado. Provavelmente o ladrão iria apenas pegar meu telefone e notebook para vender.

– Então, minha mala foi roubada no aeroporto.

– O quê? – ela quase engasgou. – Isso é terrível! Quem faz uma coisa dessas?

– Filhos da puta.

– Qual mala? A que tinha suas roupas?

– Não, minha mala de mão – respirei fundo de novo. – Meu notebook, meu celular. Já mandei mudar as senhas de tudo relacionado ao trabalho, mas, Sara... o cartão de memória que usei à noite estava lá e eu ainda não tinha apagado tudo. No meu celular também.

– Certo – ela disse, suspirando. – Certo – ouvi o som de couro e pude imaginar ela ficando de pé e andando pela sala. – Presumo que o ladrão não foi preso.

– Não... Eram apenas dois malditos moleques, pelo que eu pude perceber.

Alguns instantes de silêncio preencheram a ligação, e lembrei do porquê eu sou péssimo com telefonemas. Eu queria vê-la, estudar sua expressão e avaliar se ela parecia preocupada ou aliviada.

– Bom, provavelmente eles apenas estavam atrás de um dinheiro fácil, não é? – ela finalmente disse. – Provavelmente vão penhorar o notebook e o celular e jogar fora o cartão. Até onde podemos supor, eles já devem ter apagado tudo e o cartão já está dentro de alguma lixeira.

Encostei minha testa na janela e suspirei, com minha respiração formando uma nuvem de condensação no vidro.

– Meu Deus, eu te amo. Eu estava completamente neurótico sobre como você iria reagir.

– Apenas volte logo para podermos tirar mais fotos, certo?

Sorri ao telefone.

– Combinado.



A exposição de arte no sábado e a conferência no domingo foram completamente insanas. Encontrei vários clientes pessoalmente com quem tinha conversado por meses apenas pelo telefone, e aceitei participar de algumas reuniões em Nova York para discutir possíveis investimentos. O ritmo do fim de semana manteve minha mente afastada do fato de que eu não tinha nenhuma foto de Sara para me distrair.

Na segunda-feira, eu acordei num dia de céu cinzento com croissants e café do serviço de quarto. Por mais estranho que fosse admitir, eu até que aproveitei esse desligamento forçado causado pelo roubo da minha mala. Consegui um novo celular naquela manhã, e passaria bem o resto da semana sem um notebook; e, com exceção das fotos perdidas, foi bom me desligar um pouco das constantes ligações de trabalho.

Então notei que, ao lado da minha cama, uma luz vermelha piscava no telefone do quarto. Será que eu tinha perdido uma ligação?

Checando o aparelho, percebi que o som estava desligado. Peguei o fone e apertei o botão do correio de voz.

A voz séria de Will surgiu do outro lado da linha:

– Max. Veja o *New York Post* e depois me ligue assim que possível. Temos vários incêndios para apagar por aqui.

Dezessete

A segunda-feira chegou desabando com outra tempestade de verão e um céu tão azul-esverdeado que até parecia que o oceano tinha tomado o lugar das nuvens. Corri, debaixo de um guarda-chuva, até a estação de metrô e quase perdi meu trem das 7h32.

Por um milagre, havia um assento vazio, onde sentei, guardei meu guarda-chuva e fechei os olhos para pensar em tudo que precisava fazer hoje. Pesquisa de preços, algumas reuniões antes do almoço, depois uma reunião com minha equipe.

Quando olhei para cima e vi de relance o jornal que uma mulher ao lado estava lendo, todos esses planos foram por água abaixo.

Olhando para mim no meio da coluna social, havia uma foto de Max ao lado da manchete: “As várias amantes de Mad Max”.

– Como é? – me levantei involuntariamente e me aproximei para ler o artigo, sem me importar se estava invadindo o espaço pessoal da mulher. – Posso ler isso? – perguntei, e a mulher me entregou o jornal, provavelmente pensando que eu era louca.

Li o mais rápido que pude.

*Max Stella é um amante das artes e de mulheres bonitas. E não é surpresa para ninguém que seu “segredo” é sua inclinação por combinar esses hobbies: fotografar a si mesmo em suas aventuras semanais. Flagrado apenas há uma semana com uma linda loira num bar, novas fotos vazaram de Max devorando uma igualmente deliciosa morena. Enquanto a maioria das fotos é, digamos, **picante** demais para publicação, uma foto do rosto da mulher a identifica claramente como sendo a atriz Maria de la Cruz. A foto da “parceira” do investidor foi tirada apenas dias atrás, como mostra a data do arquivo.*

Vamos lá, Max. Apenas nos dê logo um vídeo de sexo para acabarmos com isso, certo?

Depois de ler pela décima vez, o trem parou e eu saí correndo, tropeçando pelo caminho e andando transtornada pelas ruas.

Depois de andar os últimos quarteirões até nosso prédio, não fiquei nem um pouco surpresa de encontrar Chloe me esperando de pé dentro da minha sala.

Com as mãos trêmulas, eu levantei o jornal.

– Preciso que você me explique o que estou vendo aqui. Isso é apenas fofoca? Quem é essa mulher?

Ela deu um passo em direção a mim e me entregou seu celular. A tela mostrava o site *Celebritini*, que aparentemente foi quem deu o furo. No topo da página, havia uma foto que eu já tinha visto algumas semanas atrás, na cobertura do prédio de Max. Era uma foto dos meus quadris, com sua mão aberta sobre minha pele.

Ao lado da foto do obviamente meu corpo nu havia outra foto do rosto de uma mulher. Ela tinha cabelos escuros e não dava para ver a cor de seus olhos, pois sua cabeça estava caída para trás e os olhos fechados. Na parte de baixo, havia um pedaço do cabelo do homem cujo rosto estava pressionado contra o pescoço dela.

Ela estava muito provavelmente tendo um *orgasmo*.

– Esta foto estava no celular dele – li rapidamente o artigo que falava de quantas mulheres o Max tinha fotografado. – Aparentemente havia muitas fotos de outras mulheres.

Chloe pegou uma tesoura em minha mesa.

– Volto daqui a pouco. Tenho que cortar um par de bolas.

– Ele está fora da cidade.

Ela parou e respirou fundo.

– Bom, pelo menos isso vai impedir que eu seja presa.

– O que Bennett disse?

Chloe desabou no meu sofá.

– Ele disse que deveríamos tentar ser cautelosas. Disse que não sabemos a história inteira. Que a imprensa publica muitas mentiras. E lembrou que eu pensava que ele estava transando com todo mundo no escritório antes de ficarmos juntos.

Apontei para a foto de sua *atriz espanhola*.

– O artigo diz que esta é a foto mais recente e que existem muitas outras. E a minha foto foi tirada há poucas semanas. Então ele ficou com ela nesse meio-tempo.

Chloe não respondeu. Fiquei olhando para a parede e considerei dar um soco, então quase ri pensando nessa imagem. Max poderia quebrar a parede com um soco. Eu não deixaria nem uma marca e provavelmente quebraria a mão.

– Estou cansada de me sentir uma idiota.
– Então não se sinta. Dê um chute no traseiro dele.
– Essa é exatamente a razão porque eu não queria me envolver com ninguém. Pois estou sempre vendo o melhor das pessoas e acabo sempre me frustrando quando a verdade vem à tona.

Chloe continuou em silêncio, apenas me observando do outro lado da sala. Max nem tinha um celular ou notebook. Eu não podia simplesmente ligar para descobrir qualquer coisa.

E nem sabia se queria. Peguei meu celular e o desliguei.

– O que temos na agenda hoje? – apertei a barra de espaço no meu computador para sair da proteção de tela e olhei meus compromissos. Então, voltei a olhar para Chloe.

Ela esticou o braço e desligou meu monitor.

– Nada urgente. George? Cancele tudo e arrume suas coisas. Vamos sair para beber.



Ao meio-dia eu já estava bêbada, animada com a jukebox do bar que escolhemos no Queens, e ainda mais animada com o dono do bar, que gostava de músicas dos anos oitenta tanto quanto eu. Era um dos prazeres da minha mãe, e tocar “Twisted Sister” várias vezes de alguma maneira fez com que eu me sentisse em casa.

– Ele foi brilhante na cama – murmurei por cima do meu copo. – Bom – corriji, levantando a mão –, pelo menos na única noite que transamos numa cama. Minha cama. E naquela cama ele foi *brilhante*. Acho que transamos umas sete mil vezes naquela noite.

– Vocês transaram numa cama só uma vez? – George perguntou, de pé ao lado de uma mesa de sinuca e segurando um taco para se apoiar.

Chloe suspirou alto e o ignorou, jogando alguns amendoins altamente suspeitos na boca:

– Odeio ver que você sente que precisa desistir disso tudo. Nada é melhor para manter uma relação do que sexo fantástico. Ah, e honestidade. Quer dizer, isso é importante também – ela coçou o queixo e acrescentou: – E, tipo, ter diversão juntos. Quer dizer, sexo, honestidade e diversão. É, aí está o segredo do sucesso.

– Nós tínhamos o sexo e a diversão.

Chloe parecia que estava a caminho da terra do sono eterno.

– Bennett também é maravilhoso na cama – ela murmurou.

– Minha completa falta de atividade sexual também é fantástica – George resmungou. – Obrigado por perguntar. As mulheres realmente falam só de sexo o

tempo todo desse jeito?

Chloe disse “Sim” ao mesmo tempo em que eu disse “Na verdade, não”.

Depois mudei de ideia e disse “Talvez”, bem quando ela disse “Pelo visto, não”.

Caímos uma na outra rindo, mas minha risada rapidamente se dissolveu quando um homem alto entrou no bar. Eu me ajeitei, com o coração na mão. Ele tinha ombros largos, a mesma cor de cabelo...

Mas não era Max.

Meu peito parecia pequeno demais para tudo que havia dentro dele.

– Ai – gemi, esfregando o coração. – Da última vez, eu estava tão além da tristeza que apenas me sentia brava. Mas, agora, sinto *dor*.

Chloe jogou um braço ao redor dos meus ombros.

– Homens são uns estúpidos.

Seu celular tocou e ela atendeu com apenas um toque.

– Estou num bar – fez uma pausa, escutou, depois disse: – Pois é, estamos bebendo no meio do dia... Ela está triste e eu quero castrar ele... eu sei. Eu vou... prometo. Não vou vomitar no tapete novo, calma. Vejo você depois – ela terminou a ligação e mostrou o dedo do meio para o celular. – Ele é tão mandão.

E então ela se apoiou em mim.

– Você merece um cara como Bennett.

George se inclinou e nos olhou de um jeito estranho antes de balançar a cabeça.

– Vocês duas já estão acabadas. Amanhã à noite vamos animar a Sara ao estilo gay.



Na noite de terça-feira, George nos levou para um bar gay, lotado de uma parede a outra, com música no último volume. Era exatamente o tipo de lugar que eu gostaria que ele me levasse em tempos mais felizes, mas agora apenas me lembrava do quanto eu estava infeliz. E a verdade era que eu realmente não estava a fim de sair para me divertir. Eu não queria estar no meio da pegação de um monte de homens. Eu queria apenas encontrar uma maneira de acelerar o tempo e chegar ao ponto onde Max não importava mais.

O que me assustou mais foi que quase não tive tempo de parar de *amar* Andy, pois tinha conhecido Max apenas uma semana depois. Mas suspeitava agora que levaria bem mais tempo para esquecer desta vez.

Por fim, liguei meu celular apenas na quinta-feira de manhã e encontrei dezessete chamadas perdidas de Max, mas ele não deixou nenhuma mensagem

de voz. Enviou quase vinte mensagens de texto na segunda e terça-feira que diziam:

Ligue para mim.

Sara, eu vi o Post. Ligue para mim.

Havia outras variações do mesmo tema: ligue, envie mensagem, confirme que recebeu etc. E, bem quando eu estava para ligar, vi a última mensagem que acionou uma barreira instintiva ao redor do meu coração.

Sara, eu sei que parece realmente ruim. Mas não é o que você está pensando.

Ah, perfeito. Quantas vezes ouvi isso na minha antiga vida? Acontece que, se alguém precisa dizer isso, quase sempre acaba sendo exatamente o que você estava pensando. Levei uma eternidade para aprender essa lição, e não seria um aprendizado que eu simplesmente apagaria da minha mente.

Desliguei o celular novamente, desta vez determinada a deixar assim.



Max voltou na sexta-feira, eu sabia disso, mas mesmo assim não liguei. Ele não foi me ver em meu escritório, e, quando liguei novamente meu celular alguns dias depois de checar as mensagens de texto, percebi que ele havia desistido de me ligar.

O que era pior? O clichê de sua insistência em dizer que eu tinha interpretado errado? Ou seu silêncio?

Será que eu estava mesmo sendo justa? Odiava essa indefinição, onde a raiva se encontra com a incerteza. Vivi nessa situação por tanto tempo com Andy, sempre sentindo que algo estava acontecendo pelas minhas costas, mas nunca sabendo com certeza. Eu estava no meio de uma horrível batalha entre um sentimento de culpa e ter certeza que ele estava me traindo.

Mas agora minha angústia era muito pior. Pois, desta vez, eu realmente pensei que Max era um homem que valeria a pena conhecer. Em comparação, percebi que nunca senti isso em relação ao Andy. Talvez eu apenas quisesse *transformar* ele num homem que valesse a pena.

Qual era a história com a outra mulher? Será que era alguém com quem ele tinha ficado uma vez antes da nossa relação ficar mais séria? Será que eu poderia realmente condená-lo, mesmo depois de combinarmos nossa monogamia? Mas

quando a foto foi tirada? Será que foi realmente apenas dias antes de passarmos a noite em meu apartamento?

– Sarinha. Eu posso praticamente ouvir você pensando aí dentro – George chamou de sua mesa. – Seus pensamentos estão estridentes e cada vez mais histéricos. Já está na hora de se acalmar um pouco. Guardei um cantil na sua gaveta. É rosa e cheio de brilhantes, mas não se apegue demais. Estou apenas emprestando.

Abri a gaveta.

– O que tem dentro?

– Uísque.

Fechei a gaveta com força e soltei um grunhido.

– Nem pensar. Isso é a marca registrada de Max Stella.

– Eu sei disso.

Olhei para a parede, querendo que ele sentisse sua nuca queimando com meu olhar.

– Você é um cretino.

– Você não ligou para ele, não é?

– Não. Eu deveria? – passei a mão no rosto. – Não responda. Ele está explorando o menu espanhol. É claro que eu não deveria ligar.

Eu me levantei e fechei a porta, mas, quando me sentei de novo, alguém bateu de leve três vezes.

– Você pode entrar, George – resmunguei. – Mas não vou beber uísque.

Bennett entrou em minha sala, preenchendo o espaço como apenas Bennett Ryan conseguia. Eu me ajeitei na cadeira e olhei para minha mesa procurando instintivamente algum trabalho.

– Oi, Bennett. Eu estava totalmente brincando sobre o uísque. Imagina, nunca bebi no trabalho.

Ele sorriu.

– Eu não a culparia se bebesse.

– Certo... – eu disse, imaginando o que ele estava fazendo ali. Nós raramente tínhamos motivos para interagir no trabalho.

Ele estudou minha expressão por um tempo antes de dizer:

– Em Chicago, quando eu atingi o fundo do poço, você entrou na minha sala e gritou comigo.

– Ah.

Ah, merda.

– Você me deu perspectiva e insinuou que meus sentimentos não eram surpresa para ninguém. Deixou claro que todos sabiam que eu era duro com ela porque a respeitava mais do que qualquer um.

Sorri quando percebi que ele não tinha vindo me dar bronca.

– Eu lembro. Vocês dois estavam completamente deprimidos.

– Estou aqui para devolver o favor. Conheço o Max há muito tempo – Bennett sentou na cadeira do outro lado da minha mesa. – Ele sempre teve um lado playboy. Nunca se apaixonou, eu acho. Até você aparecer – acrescentou, erguendo uma sobrancelha. Eu sabia que não importava há quanto tempo eu conhecesse Bennett, eu sempre me sentiria intimidada por ele, especialmente quando mexia a sobrancelha. – Ele não me contou o que está acontecendo, mesmo quando eu quebrei minha regra de não me envolver e acabei perguntando, mas Max respondeu que você ainda não falou com ele. E, pelo que soube do Will, ele não está bem. Se você realmente teve sentimentos por ele, então você tem obrigação de pelo menos dar uma chance para ele se explicar.

Soltei um gemido.

– Às vezes acho que você está certo, mas então lembro que ele é um babaca.

– Olha, Sara. A maneira como Andy tratou você era inconcebível. Todos enxergavam isso e me arrependo de não ter defendido você. Mas agora você tem a opção de decidir como vai usar isso para amadurecer. Se for pensar que todos os homens são iguais a ele, então você não merece o Max. Ele não é um cara desses.

Ele ficou me observando por um tempo e eu não sabia como responder. Mas a maneira como meu coração se apertou ao ouvir que eu não merecia o Max foi uma indicação de que Bennett estava certo.

E que eu precisava encontrar um vestido para o evento em seu apartamento.



Chloe e Bennett foram me buscar de carro, e, quando ele abriu a porta, eu tomei um segundo para apreciar a visão de Bennett vestindo smoking. Honestamente, aquele homem era tão lindo que até parecia um pouco injusto. Já dentro do carro, Chloe brilhava ao seu lado num vestido longo cheio de pérolas. Ela revirou os olhos quando ele sussurrou algo em seu ouvido e, depois, respondeu:

– Você é um cachorro.

Ele riu em silêncio e beijou seu pescoço.

– É por isso que você me ama.

Eu adorava ver os dois tão felizes, e não era cínica o bastante para pensar que não existia alguém assim para mim. Mas percebi, ao olhar para meu próprio vestido, que tinha passado mais de uma hora me arrumando para o evento. E realmente queria que o meu alguém fosse o Max.

Virei o rosto e olhei pela janela, tentando não lembrar da última vez que estive em seu prédio e como me senti segura com ele debaixo do chuveiro. Então senti uma mistura de horror e alívio quando chegamos, pois o porteiro se lembrou de mim e sorriu.

– Boa noite, srta. Dillon – ele nos acompanhou até o elevador e apertou o botão da cobertura antes de se afastar e nos deixar sozinhos. – Divirtam-se.

Eu agradeci enquanto as portas se fechavam, e senti como se fosse desmaiar.

– Estou realmente com medo de ter um ataque do coração – sussurrei. – Alguém pode me lembrar o que estou fazendo aqui?

– Respire – Chloe sussurrou de volta.

Bennett se ajeitou e olhou para mim.

– Você está aqui para mostrar o quanto é linda e mostrar que está muito bem sem ele. Se isso for a única coisa que acontecer hoje, já estará de bom tamanho.

Fiquei tão encantada com as palavras de Bennett que até esqueci de me preparar para ver a sala de estar de Max. Quando as portas do elevador se abriram, a visão de seu apartamento me acertou como um soco no peito e até dei alguns passos para trás.

A seção que foi reproduzida no clube do Johnny era uma parte minúscula da sala – uma pequena área que ficava num canto e obviamente feita para pequenas reuniões. Mas, para mim, aquilo parecia um farol. Mesmo com o vasto espaço aberto e o que pareciam quilômetros de chão de mármore entre eu e aquela memória, eu mal conseguia desviar os olhos. Alguns homens estavam por lá, bebericando e olhando pela janela. De alguma maneira aquilo parecia invasivo, como se estivessem do lado errado do vidro.

Sem perder tempo, Chloe enlaçou meu braço e me puxou quando um senhor alto nos acompanhou pelo saguão de entrada até a sala de estar.

– Você está bem? – Chloe perguntou.

– Não sei se isso foi uma boa ideia.

Ouvi quando ela suspendeu a respiração e disse:

– Na verdade, você pode estar certa.

Levantei o olhar e segui sua atenção através da sala para onde Max tinha acabado de entrar, logo atrás de Will.

Ele vestia smoking, parecido com o que usou no baile do museu algumas semanas antes. Mas, nesse dia, o colete debaixo do casaco era branco e seus olhos estavam vazios. Sua boca sorria cumprimentando todos ao redor. Mas o sorriso desta vez não se espalhava até os olhos.

Havia talvez centenas de outras pessoas observando suas obras de arte, indo até a cozinha em busca de vinho, ou de pé no centro da sala, conversando. Mas eu me sentia congelada perto da parede.

Por que escolhi um vestido vermelho? Eu estava me sentindo uma sirene no meio dos outros convidados que vestiam basicamente cores neutras. O que eu pensava que ganharia com isso? Por acaso eu queria que ele me visse?

Se queria ou não, isso não importou, pois ele não me viu. Ao menos, foi o que pareceu. Max andava pela sala, conversava com os convidados, agradecendo a presença de todos. Tentei fingir que não estava observando cada movimento que ele fazia, mas era uma causa perdida.

Eu estava com saudades dele.

Não tinha certeza de como me sentia, o que era real e o que não era. Não sabia o que realmente fomos um para o outro.

– Sara.

Eu me virei ao ouvir a voz grave de Will.

– Oi, Will – odiei vê-lo tão sério. Eu raramente via Max ou Will sem um sorriso no rosto. Isso parecia totalmente errado.

Ele estudou minha reação por um instante, depois murmurou:

– Ele sabe que você está aqui?

Olhei para onde Max estava falando com duas senhoras.

– Não sei.

– Você quer que eu avise?

Balancei a cabeça negando e ele suspirou.

– Ele tem sido um cretino muito inútil nos últimos dias. Estou contente por você ter vindo.

Rindo um pouco, eu admiti:

– Ainda não sei se foi uma boa ideia.

– Sinto muito por tudo que aconteceu – ele disse suavemente.

Olhei em seus olhos.

– Você não precisa se desculpar pelas indiscrições do Max.

Ele ergueu a sobrancelha e balançou a cabeça uma vez.

– Ele não te contou?

Meu coração afundou e imediatamente começou a bater mais forte.

– Contou o quê?

Mas ele deu um passo para trás, aparentemente desistindo de dizer qualquer coisa.

– Ah, você realmente não falou com ele ainda.

Franzi a testa e ele olhou por cima do meu ombro, para onde Max estava. Will pousou a mão em meu ombro.

– Não vá embora antes de falar com ele, certo?

Concordei e olhei de novo para Max, que estava conversando com uma bela morena. Ela tocava seu braço e ria de algo que ele disse. E ria de um jeito muito

exagerado.

Quando virei de volta, Will já tinha sumido.

Senti uma repentina falta de ar e procurei o corredor mais próximo, onde não houvesse garçons com bandejas de comida ou convidados socializando. Encontrei um largo corredor cheio de portas fechadas. Entre eles, havia lindas fotografias de árvores, neve, lábios, mãos e costas.

Para onde eu estava indo? Haveria ainda mais coisas sobre o Max para eu descobrir? Será que eu encontraria um quarto cheio de coisas de mulher? Será que a razão para ele sempre ter aceitado tão bem minha exigência de ficar longe de seu apartamento era o fato de que isso o permitia ter privacidade com outra pessoa?

Por que diabos eu estava ali, afinal de contas?

Ouvindo passos se aproximando, eu rapidamente me escondi num quarto no fim do corredor.

Dentro, longe das pessoas, o silêncio era tanto que eu podia ouvir minha própria pulsação batendo em meu ouvido.

E então, olhei ao redor.

Era um quarto enorme, com uma grande cama no centro. No criado-mudo, onde estava o único abajur aceso, havia uma foto minha num porta-retratos.

Na foto, eu estava de pé encarando a câmera, com meus dedos em cima dos botões da camisa e os lábios separados. Olhei para aquilo sentindo surpresa e alívio ao mesmo tempo.

Eu sabia exatamente que foto era aquela. Ele tinha acabado de dizer que me amava.

Virei e olhei a parede atrás de mim. Havia mais fotos: minhas costas enquanto eu desabotoava o sutiã. Meu rosto sorridente olhando para baixo e desabotoando a saia. Meu rosto olhando para ele debaixo do sol da manhã.

Comecei a andar cambaleando, querendo escapar da percepção de que eu tinha estragado tudo. De que havia mais coisas ali para eu entender. Mas, quando passei por outra porta, eu me deparei com um grande closet e, se ainda era possível, tudo piorou.

O lugar estava explodindo com intimidade. Havia provavelmente trinta fotos de nós dois, todas em preto e branco, de diferentes tamanhos, artisticamente penduradas na parede.

Algumas eram recatadas e simplesmente lindas. A imagem de seus lábios pressionados no topo do meu pé. Seu polegar em cima de um pequeno espaço de pele enquanto levantava minha camisa.

Algumas eram eróticas, mas discretas, sugerindo momentos onde nos perdíamos um no outro, mas sem mostrar demais. Meus dentes mordendo sua

orelha, onde apenas minha boca e queixo eram visíveis, mas meu estado de clímax era claro. Minha barriga debaixo de seu corpo. Minhas unhas se enterrando em seus ombros, minhas coxas levantadas para o alto.

Outras fotos eram totalmente depravadas. Minha mão agarrando seu pau duro. Seu corpo desfocado e contorcido por trás de mim.

Mas aquela que me fez congelar ali mesmo era uma foto tirada na noite em que transamos em meu apartamento. Eu nem tinha percebido que Max tinha programado o timer, com a câmera em cima do meu criado-mudo. Na foto, Max estava por cima, com os quadris flexionados enquanto me penetrava. Uma das minhas pernas enlaçava sua coxa. Ele se apoiava nos braços e se abaixava para me beijar. Nossos olhos estavam fechados, mas os rostos não mostravam qualquer tensão.

Aquilo era nossa essência, capturada numa única e perfeita imagem de nós dois fazendo amor.

E, ao lado, havia mais uma foto de seus lábios abertos em meu seio, com seus olhos focados em meu rosto mostrando uma completa adoração.

– Oh, meu Deus – sussurrei.

– Ninguém pode entrar aqui.

Pulei de susto, pressionando meu peito ao ouvir sua voz. Fechando os olhos, perguntei:

– Nem mesmo eu?

– *Principalmente* você.

Eu me virei para olhar em seu rosto, mas isso foi um erro. Eu deveria ter respirado fundo e me preparado para encarar sua imagem de perto: todo arrumado e incrivelmente lindo.

Mas, por dentro, ele parecia vazio. Linhas escuras circulavam seus olhos, que não sorriam. Os lábios estavam duros e pálidos.

– Estava difícil ficar lá fora – admiti. – A sala, o sofá...

Ele olhou para mim com olhos endurecidos.

– Foi difícil para mim também quando voltei para casa depois de São Francisco, sabe? Pensei em jogar fora toda a mobília.

Nós caímos num pesado silêncio até que ele finalmente desviou o olhar. Eu não sabia por onde começar. Tive que me lembrar que seu celular tinha fotos de outras mulheres, algumas mais recentes do que as minhas. Mas ali, naquele quarto, ele parecia mais machucado do que eu.

– Não entendo o que está acontecendo agora – admiti.

– Eu não preciso que minha humilhação seja jogada na minha cara desse jeito – ele disse, fazendo um gesto para as fotos. – Acredite em mim, Sara, eu já me sinto bastante patético sem você vir até aqui sem ser convidada – ele olhou para

a foto onde meus lábios beijavam sua cintura. – Fiz um acordo comigo mesmo. Iria deixar as fotos penduradas por duas semanas, e depois tiraria.

– Max...

– Você disse que me *amava* – seu exterior calmo se partiu levemente; nunca o vi tão bravo antes.

Eu não sabia o que dizer. Ele usou o verbo no passado. Mas nada parecia tão presente quanto meus sentimentos por ele, principalmente naquele quarto, cercada pela evidência daquilo que nos tornamos naquela noite.

– Você tinha fotos de outra mu...

– Mas se você me amasse da mesma maneira que eu te amo – ele me interrompeu, – teria dado uma chance para eu explicar o que você viu no *Post*.

– Mas quando explicações são necessárias, geralmente já é tarde demais.

– Você deixou isso bem claro. Mas por que presume que eu fiz algo errado? Por acaso eu já menti para você alguma vez? Eu *confiei* em você. E você presume que eu nunca me machuquei e que a confiança vem fácil para mim. Você fica ocupada demais protegendo seu coração para perceber que talvez eu não seja o filho da mãe que todos esperam que eu seja.

Qualquer resposta que eu pudesse dar se dissipou quando ele disse isso. Max estava certo. Depois do que me contou sobre Cecily e sua vida romântica depois dela, eu presumi que *tinha sido* fácil para ele, e também pensei que ele não tinha experiência com o lado difícil do amor.

– Você poderia ter me deixado explicar – ele disse.

– Estou aqui. Então me explique agora.

Seu rosto ficou ainda mais fechado, mas concordou.

– A pessoa que roubou minha mala vendeu as fotos como se fossem dela. Os idiotas do *Celebritini* encontraram cento e noventa e oito fotos suas. Estavam no meu cartão, no meu celular e num pen drive. Se tivessem descoberto a senha do meu laptop, teriam encontrado outras duzentas fotos. Mas, mesmo assim, eles decidiram publicar uma foto dos seus quadris e a foto de uma mulher que eu nunca vi antes.

Senti minhas sobrancelhas se curvarem sem entender; meu coração batia desesperadamente em meu peito.

– Você quer dizer que eles simplesmente colocaram lá no site? A foto não era sua?

– A foto *estava* no meu celular – ele disse, olhando de volta para mim. – Mas eu não sei quem ela é. Era uma foto que o Will tinha me enviado naquela manhã, um pouco antes da minha mala ter sido roubada. Era de uma mulher com quem ele ficou algumas vezes, vários anos atrás.

Balancei a cabeça, ainda sem entender.

– Por que ele enviaria isso?

– Eu contei a ele sobre as fotos artísticas que tirei de você e como tudo isso era novo para mim. E, como sempre, ele fez piada dizendo que obviamente já tinha feito isso antes. Tirar fotografias de amantes, fotografias artísticas. Era uma piada entre melhores amigos. Ele estava tirando sarro de mim. Percebeu que eu estava sendo sincero e amava você de verdade – Max deu um passo para trás e se encostou na parede. – E estava fazendo piada sobre isso no dia anterior à viagem. Ele perguntou se eu tinha enchido meu celular com pornô da Sara. E enviou aquela foto só porque estava sendo um cretino e tirando sarro. Mas não podia ter sido numa hora pior.

– O artigo dizia que havia fotos de várias mulheres.

– Foi uma mentira.

– Por que você não me disse isso? Por que não deixou uma mensagem de voz ou de texto falando a verdade?

– Bom, primeiro porque achei que iríamos conversar cara a cara como dois adultos. Foi preciso muita confiança para tudo o que fizemos juntos, Sara. Pensei que eu já tinha superado as dúvidas com você. Mas, além disso – ele passou a mão nos cabelos e praguejou –, eu teria que admitir que contei ao Will sobre você deixar eu tirar as fotos. Teria que admitir que traí nosso segredo. Teria que revelar que ele me enviou uma foto privada de uma mulher que confiou nele. Deixei meus advogados lidarem com o controle de danos, mas, honestamente, isso tudo nos fez parecer dois idiotas.

– Não tanto quanto ver a foto dela nos jornais.

– Mas você não vê que isso era exatamente o que eles queriam? Uma história sobre eu e minhas várias mulheres? Eles encontraram centenas de fotos de nós dois, mas decidiram mostrar apenas uma? E tinha *uma* imagem de outra mulher e pronto! Agora eles têm uma história. Eu disse a você que não estava saindo com mais ninguém; por que isso não foi suficiente?

– Porque estou acostumada com homens que dizem uma coisa e fazem outra.

– Mas você esperava que eu fosse diferente – ele disse, com os olhos procurando os meus. – Caso contrário, por que admitiria que me ama? Por que me daria uma noite como aquela?

– Acho que quando as fotos saíram no jornal... pensei que a noite não tinha significado tanto para você quanto para mim.

– Isso é besteira. Você estava lá também. Está olhando agora mesmo para as fotos. Você sabe exatamente o que aquilo significou para mim.

Estendi a mão para ele, mas reconsiderarei. Max parecia realmente bravo, e minha frustração comigo mesma, com ele e com toda a situação simplesmente *explodiu*. Eu ainda lembrava da facada no coração que senti quando vi a foto da

outra mulher.

– *O que eu deveria pensar?* Parecia razoável que você estivesse me traindo. Tudo entre a gente sempre pareceu tão fácil para você.

– Porque *foi* fácil. Me apaixonar perdidamente por você foi algo *realmente fácil*. E não é assim que deve acontecer? Só porque não tive meu coração despedaçado nos últimos anos não significa que sou incapaz de me apaixonar. Merda, Sara! Passei as últimas duas semanas no fundo do poço. Completamente destruído.

Pressionei a mão em minha barriga, como se tivesse que fisicamente me manter inteira.

– Eu também.

Ele suspirou, olhou para o chão e não disse mais nada. Em meu peito, meu coração se apertava cada vez mais.

– Eu quero ficar com você – eu disse.

Ele assentiu uma vez, mas não tirou os olhos do chão e nem respondeu.

Eu dei um passo para frente, fiquei na ponta dos pés e fui beijar seu rosto, mas cheguei apenas até o queixo, pois ele continuou parado como uma estátua.

– Max, eu sinto sua falta – admiti. – Sei que tirei conclusões precipitadas. Acontece que... eu pensei... – parei de falar, odiando a maneira como ele se mantinha parado.

Sem olhar para trás, saí do closet, atravessei seu quarto e voltei para a festa.



– Quero ir para casa – eu disse para Chloe, assim que consegui, quase discretamente, puxá-la de uma conversa com Bennett e Will.

Os dois homens nos observaram da maneira óbvia como os homens fazem quando nem tentam esconder o que estão fazendo. Estávamos na parte da sala que parecia exatamente igual ao quarto no clube. As memórias lançaram pontadas de dor em meu peito. Eu queria tirar o vestido, lavar o rosto e mergulhar numa banheira cheia de sorvete.

– Pode nos dar uns vinte minutos? – ela perguntou, tentando olhar em meus olhos. – Ou você precisa ir embora agora mesmo?

Eu gemi, olhando ao redor da sala. Max ainda não tinha saído de seu quarto e eu não queria mais estar na festa quando saísse. Certamente não queria estar de pé exatamente onde eu estava, lembrando de como ele foi amoroso comigo no clube de Johnny e em cada segundo depois disso. Eu me sentia horrorizada, confusa e, acima de tudo, loucamente apaixonada por ele. A lembrança da maneira como ele exibiu a beleza de nossas fotografias ainda pulsava como um

eco vívido em minha mente.

– Acabei de ter a conversa mais constrangedora possível com Max. Eu me sinto uma estúpida e ele está agindo com muita frieza, e tem todo o direito porque eu sou uma idiota e quero ir embora. Vou chamar um táxi lá fora.

Will colocou a mão em meu braço.

– Não vá embora ainda.

Não pude deixar de lançar um olhar de ódio para cima dele.

– Você também é um idiota, Will. Não posso acreditar que fez aquilo. Eu mataria o Max se ele enviasse uma foto minha para você.

Ele concordou, mostrando-se arrependido.

– Eu sei.

Minha atenção se voltou para o corredor que dava para o quarto de Max. Ele tinha saído de lá sem que eu visse. Estava agora encostado na parede, tomando um gole de uísque. Olhava diretamente para mim. Era a mesma expressão intensa que tinha usado na noite em que nos conhecemos, enquanto me observava dançando.

– Sinto muito – eu disse apenas movimentando os lábios e com os olhos lacrimejando. – Estraguei tudo.

Will estava dizendo algo, mas não prestei atenção. Eu estava focada demais na maneira como Max lambia os lábios. E, então, seus olhos sorriram de um jeito muito familiar, e ele movimentou os lábios dizendo:

– Você está linda.

Will tinha perguntado algo. *O que foi que ele disse?*

Assenti e murmurei:

– Sim...

Mas ele riu, balançado a cabeça.

– Isso não foi uma pergunta de sim ou não, minha querida Sara.

– Eu... – tentei me concentrar. Mas, atrás dele, Max deixou o drinque de lado e começou a andar diretamente para mim. Arrumando meu vestido, eu ajetei minha postura e tentei manter meu rosto impassível. – O que você perguntou mesmo?

– Max está vindo para cá, não é mesmo? – Will disse, olhando para mim com visível diversão.

Assenti de novo.

– Humm.

Eu não havia percebido o quanto estava perto da parede até estar pressionada contra ela, com a boca de Max quente e macia me beijando e sussurrando meu nome de novo e de novo. Eu queria dizer alguma coisa, queria fazer piada por ele me beijar daquele jeito no meio de sua própria festa, mas fiquei tão absorvida

pela intensidade do meu próprio alívio que apenas fechei os olhos, abri a boca e deixei sua língua deslizar contra a minha.

Ele arranhou meu queixo com os dentes, chupou meu pescoço. Por cima de seu ombro, vi que todos na sala tinham parado de conversar e agora nos encaravam com olhos arregalados. Alguns já estavam discutindo no ouvido um do outro o que viam.

– Max – sussurrei, agarrando seus cabelos para puxar sua cabeça de volta. Eu não conseguia parar de sorrir; sentia como se meu rosto fosse se partir ao meio. Ele olhou para meus lábios, com olhos semicerrados, como se estivesse bêbado por minha causa. – Nós temos uma plateia.

– Não é esse o seu fetiche? – ele se inclinou e me beijou mais uma vez.

– Eu gosto de um pouco mais de anonimato.

– Problema seu. Acho que já tínhamos concordado que esta festa serviria para anunciar nosso namoro.

Eu me afastei, estudando seus olhos enquanto se tornavam mais sóbrios.

– Eu sinto muito mesmo.

– Acho que já está óbvio que eu também quero ficar com você. Eu apenas precisava... de um momento para me recompor – ele disse num sussurro.

– Entendo totalmente.

Max sorriu e beijou meu nariz.

– Pelo menos tiramos isso da frente. Mas agora eu já mereço o direito de um julgamento justo. Não quero mais ver a Sara Desconfiada.

– Eu prometo.

Ajeitando-se, ele enlaçou meu braço e se virou para seus convidados perplexos. Então, anunciou para todos ouvirem:

– Desculpe a interrupção. Acontece que eu não via minha namorada fazia duas semanas.

As pessoas sorriram em nossa direção como se fôssemos a coisa mais charmosa do mundo. Era uma atenção muito familiar, do tipo que recebi por vários anos. Mas desta vez era *real*. Aquilo que descobri com Max não tinha nada a ver com pesquisas de eleitorado ou imagem pública. Pela primeira vez em minha vida, o que acontecia na intimidade era mil vezes melhor do que as pessoas de fora podiam enxergar.

E ele era meu.



Max ainda estava lá fora se despedindo dos últimos convidados quando entrei em seu quarto para olhar as fotos novamente. Elas revelavam tanto de nossas

emoções que quase faziam com que eu me sentisse completamente nua.

Ouvi quando ele entrou no quarto e fechou a porta silenciosamente.

– Como você conseguiu aguentar?

– Aguentar o quê? – ele se aproximou e se abaixou para beijar meu pescoço.

– Ver essas fotos todos os dias – aponte para a parede. – Se estivessem na minha parede enquanto estávamos separados, isso teria me machucado tanto que eu acabaria enrolada no cobertor, sobrevivendo apenas de chocolate.

Ele riu e me virou para encará-lo.

– Eu ainda não estava pronto para desistir de você. Eu estava me sentindo horrível, mas ficaria ainda pior se admitisse que tudo estava acabado.

E esse foi o presente que ele me deu, um lembrete de que o copo não estava apenas cheio pela metade, estava transbordando.

– Isso vai esgotar você às vezes – eu disse. – Essa coisa de você ser otimista por nós dois.

– Ah, mas eventualmente eu vou fazer você enxergar o meu lado das coisas – ele estendeu a mão atrás de mim, abriu o zíper do meu vestido e o deslizou por meus ombros. O tecido caiu aos meus pés e senti o prazer de ter seus olhos pousados em minha pele.

Quando olhei para seu rosto, ele parecia tão sério que até fez meu estômago doer.

– O que foi?

– Você poderia partir meu coração. Você sabe disso, não é?

Confirmei, engolindo em seco.

– Eu sei.

– Quando eu digo “eu te amo”, não estou querendo dizer que amo o que você faz pela minha carreira, ou que amo o fato de você sempre estar disposta para uma transa. Quero dizer *eu te amo*. Amo fazer você dar risada, amo suas reações, amo descobrir as pequenas coisas sobre você. Amo quem eu sou ao seu lado, e estou confiando que você não vai me machucar.

Talvez por ser tão alto, e largo, e estar constantemente sorrindo, e ser impossível de ofender, Max *parecia* tão formidável, como se nada pudesse abalar sua pessoa. Mas acontece que ele também era apenas um ser humano como todos nós.

– Eu entendo – sussurrei. Era tão estranho estar do outro lado, ser a pessoa que estragou tudo e a pessoa que recebeu uma nova chance.

Ele me beijou e se afastou, tirando o casaco e o pendurando num gancho. Eu vi sua câmera numa prateleira do outro lado do quarto e fui até lá. Achei o botão para ligar, levantei e ajustei a lente.

Enquadrei Max, que estava me observando e abrindo a gravata.

– Eu também te amo – eu disse, aproximando o zoom e fechando em seu rosto. Cliquei algumas fotos em rápida sucessão enquanto ele continuava me encarando com uma expressão faminta. – Tire as roupas.

Ele tirou a gravata e a deixou cair, com os olhos cada vez mais sombrios. Em seguida, começou a abrir os botões da camisa.

Clique.

– Um aviso – murmurei por trás da câmera enquanto ele abria a camisa. – Eu provavelmente vou precisar lamber cada centímetro do seu peito hoje.

Um sorriso surgiu no canto de sua boca. *Clique.*

– Por mim tudo bem. Mas talvez eu insista para que você desça um pouco mais.

Tirei uma foto de sua mão sobre o cinto, de suas calças no chão e de seus pés, ao ficarem bem na minha frente.

– O que você acha que está fazendo? – ele perguntou, tirando a câmera das minhas mãos.

– Tirando fotos para o *meu* quarto.

Ele riu e balançou a cabeça.

– Já para a cama, flor. Aparentemente você precisa se lembrar de como isto funciona.

Subi na cama, sentindo os lençóis frios e o colchão afundando com meu peso. Ele estendeu um braço, ajustou minhas pernas e me estudou.

Clique.

– Olhe para mim – ele murmurou.

A luz do horizonte de Manhattan banhava meu corpo, iluminando uma faixa de pele em meu peito. Seu dedo percorreu minha coxa quando olhei em seu rosto, que estava parcialmente coberto pela câmera.

Clique.

Suspirei, fechando os olhos e sorrindo.

Nova vida. Novo amor. Nova Sara.

Agradecimentos

Nenhuma palavra deste livro poderia ser escrita sem o apoio de nossos maridos, Blondie e dr. Mister Shoes. Nós continuamos chocadas por, coincidentemente, termos encontrado os dois melhores homens deste planeta. Obrigada por tudo que vocês fazem para apoiar esse nosso trabalho maluco.

Nossa agente, Holly Root, provavelmente nasceu da mistura de magia, *cupcakes*, poeira das estrelas e lágrimas de unicórnio. É claro, não temos certeza disso, mas simplesmente parece impossível que uma pessoa tão maravilhosa possa ter surgido deste nosso humilde planetinha.

Agradecemos a Adam Wilson, nosso hilário editor e o nome que mais amamos ver em nossas margens. A lista das expressões dele (os Adamnismos) que são nossas favoritas está ficando tão longa que precisamos criar uma planilha. Obrigada por aguentar nosso estilo ridículo e por nos levar a querer fazer direito pela primeira vez.

Agradecemos a Mary McCue e Kristin Dwyer, nossas assessoras na Simon & Schuster Gallery. Seu entusiasmo e apoio já nos impulsionou demais, e, agora, queremos apenas sentar em sua sala e ficar olhando com cara de bobas para vocês. Agradecemos também a todos na Gallery: Jennifer Bergstrom, Ellen Chan, Natalie Ebel, Julia Fincher, Liz Psaltis: obrigada por tudo que fizeram para editar, promover e apoiar *Cretino irresistível* e *Estranho irresistível*. A Simon & Schuster deve ser um lugar fantástico para trabalhar, porque todas vocês são preciosas.

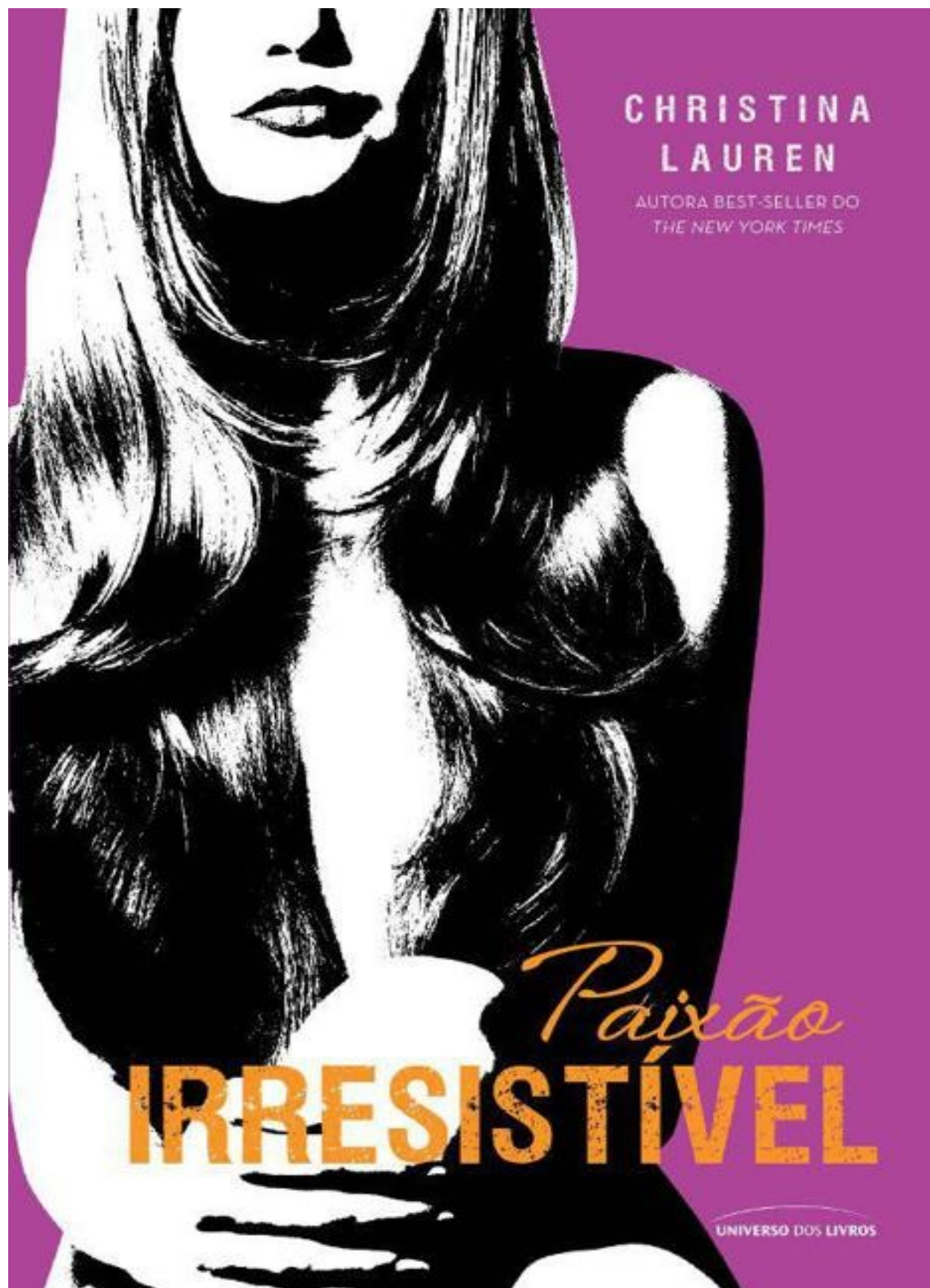
Para nossas colegas escritoras e leitoras Erin, Martha, Kellie, Anne, Myra, Amy, Tonya e Moi: graças a Deus vocês gostaram logo de cara, porque acho que não conseguiríamos reescrever em apenas uma semana. Há! Há! ::um brinde:: Nós não adoramos os nossos livros até consertarmos tudo o que vocês dizem que está errado.

Alison e Anya, agradecemos demais por sua ajuda com a cidade de Nova York, mesmo que talvez vocês fiquem horrorizadas com o que fizemos com suas informações. (A quem estamos enganando? Vocês sabiam desde o começo.) Helen, obrigada por nos ajudar com as expressões britânicas. E, Ian, obrigada

por beber tanto com a Lo que agora ela consegue imaginar todos os palavões com o seu sotaque! Spangly, sua ajuda com o mundo das artes foi inestimável porque, se ficássemos apenas com o nosso conhecimento, só poderíamos falar da *Mona Lisa* e imaginar esculturas feitas de maquiagem e esmalte de unhas. Lauren Suero, agradecemos eternamente por todo o trabalho de promoção. Você é um poço de sabedoria (e possui sapatos incríveis).

Todo nosso amor para as nossas leitoras, tanto as antigas quanto as recentes. Obrigada pela torcida e por continuarem nos apoiando. Não poderíamos fazer nada disso sem vocês. Se preferirem manter suas calcinhas intactas, ao menos esperamos que tenham um momento depravado numa biblioteca.

E, finalmente: Christina, você é a calma no meio do meu furacão. Lo, você é o furacão ao redor da minha calma. Fazer isto juntas é a maior diversão. Agora, é hora de comer o bolo.



CHRISTINA
LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES

Paixão
IRRESISTÍVEL

UNIVERSO DOS LIVROS

Paixão
IRRESISTÍVEL

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

CHRISTINA LAUREN

Paixão
IRRESISTÍVEL

São Paulo
2014



UNIVERSO DOS LIVROS

Portuguese Language Translation copyright © 2014 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful Bombshell

Copyright © 2013 by Lauren Billings and Christina Hobbs
All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher, Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

© 2014 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Cássio Yamamura, Nathália Fernandes e Raíça Augusto**

Tradução: **Felipe CF Vieira**

Preparação: **Ana Luiza Candido**

Revisão: **Isabela Norberto**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Fine Design**

Foto: **Mayer George/Shutterstock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412p

Lauren, Christina

Paixão irresistível / Christina Lauren; tradução de Felipe CF Vieira. –
São Paulo : Universo dos Livros, 2014. (Beautiful Bastard, 5).
112 p.

ISBN: 978-85-7930-685-3

Título original: *Beautiful Bombshell*

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção

I. Título II. Vieira, Felipe CF

14-0094

CDD 813.6

Para Martha, nossa própria poderosa irresistível (e guerreira do câncer).

Um

BENNETT RYAN

– Na dúvida, deixe Max Stella planejar sua despedida de solteiro.

Olhei para meu irmão, Henry, depois de ele ter praticamente *cantado* isso. Ele estava recostado numa poltrona de couro, segurando um *gimlet* com vodca, após ter voltado de uma sessão “privada” numa misteriosa sala dos fundos, e exibindo o maior sorriso cretino que eu já tinha visto. Ele não estava olhando para mim quando falou; estava assistindo a três lindas mulheres num palco dançando e tirando a roupa guiadas por um ritmo lento e pulsante.

– Eu pretendo ter apenas uma – eu murmurei, tomando um gole do meu drinque.

– Bom – Will Sumner, sócio e melhor amigo de Max, inclinou-se para chamar a atenção de Henry. – Mas *you* pode acabar precisando de outra despedida de solteiro se a sua atual esposa descobrir sobre as dançarinas profissionais que estão de olho em você agora. Pelo jeito deste lugar, elas não fazem só uma dança privada, se é que você me entende.

Fazendo um gesto de desdém, Henry disse:

– Foi realmente só uma dança privada – depois, ele sorriu para mim: – Embora tenha sido *ótima*.

– Teve final feliz? – eu perguntei, meio curioso e enojado.

Henry sacudiu a cabeça rindo e, em vez de responder, apenas tomou um gole de seu drinque. Eu conhecia muito bem o meu irmão para saber que nunca trairia sua esposa, Mina, mas ele era muito mais da turma do “o que os olhos não veem, o coração não sente” do que eu.

Max escolhera uma boate de luxo para começar o final de semana, que com certeza seria de farra. Embora meu casamento com Chloe fosse em junho, o único fim de semana em que Max, Henry, Will e eu poderíamos nos encontrar para minha despedida de solteiro era o segundo fim de semana de fevereiro. Esperávamos ter uma luta ferrenha com as mulheres para que elas nos deixassem viajar para Las Vegas, ainda mais para ter um final de semana numa data que coincidia com o dia dos namorados, mas, como de costume, elas nos

surpreenderam: nem pestanejaram e simplesmente planejaram entre elas uma viagem para as montanhas de Catskills, em Nova York.

Esta boate com certeza não era algo que encontraríamos na internet ou dando uma volta por Las Vegas. Para ser honesto, a boate Black Heart não chamava muita atenção à primeira vista. Ficava enterrada em um prédio de escritórios qualquer, a um quarteirão do trânsito pesado da Las Vegas Boulevard. Mas, lá dentro, depois de três portas trancadas e de duas seguranças que eram quase do tamanho do meu apartamento em Nova York, no interior escuro do prédio, havia uma boate elegante e que tinha uma atmosfera altamente sexual.

A parte principal era um salão enorme com pequenas plataformas elevadas, cada uma com sua dançarina vestindo uma lingerie prateada brilhante. A boate ostentava quatro bares de mármore negro, um em cada canto do salão, e cada um especializado num tipo diferente de bebida. Henry e eu nos dirigimos para o bar de vodcas, onde também pedimos um pouco de caviar, *gravlax* e *blinis*. Max e Will foram direto para o bar que servia uísque. Os outros bares serviam vários tipos de vinho e destilados.

A mobília era toda de couro escuro, incrivelmente macio, e cada poltrona era grande o bastante para duas pessoas... caso algum de nós aceitasse uma oferta de dancinha no salão principal. Garçonetes vestindo todo tipo de biquínis, algumas até nuas, carregavam bandejas com drinques. Nossa anfitriã, Gia, havia começado a noite com um conjunto de chemise e calcinha de renda vermelha, além de joias elaboradas nos cabelos, orelhas e ao redor do pescoço, mas parecia remover alguma peça sempre que falava conosco.

Eu não costumava frequentar esse tipo de lugar, mas até mesmo eu sabia que aquele não era um clube de strip comum. Era impressionante em todos os sentidos.

– A questão é: – disse Henry, interrompendo meus pensamentos – quando o noivo vai receber seu tratamento especial?

Ao meu redor, os outros responderam com várias palavras de incentivo, mas eu já estava negando com a cabeça.

– Eu dispenso. Não curto muito essa coisa de dança privada.

– Como você pode não gostar de ter uma mulher gostosa dançando no seu colo? – Henry perguntou, incrédulo. Meu irmão e eu nunca havíamos visitado uma boate daquele tipo em nenhuma de nossas viagens de negócios. Acho que fiquei tão surpreso com o entusiasmo dele quanto ele ficou com minha aversão àquilo tudo. – Você não tem sangue quente?

Eu assenti.

– Tenho. Acho que é justamente este o motivo de eu não gostar disso.

– Isso é besteira – Max disse, colocando seu drinque na mesa e acenando para

alguém num canto escuro do outro lado do salão. – Esta é a primeira noite da sua despedida de solteiro, e uma dança privada é obrigatória.

– Talvez vocês se surpreendam, mas eu concordo com Bennett – Will disse. – Dança privada de mulheres estranhas não são legais. Onde você coloca a mão? Onde você olha? Não é a mesma coisa do que estar com uma namorada. É muito impessoal.

Enquanto Henry argumentava que Will obviamente nunca tivera uma boa dança privada, Max se levantou para falar com um homem que pareceu se materializar do nada. Ele era mais baixo que Max – o que não era incomum – e tinha cabelos grisalhos nas têmporas. Seu rosto e olhos exibiam o tipo de calma que me dizia que ele já havia visto muita coisa, e fizera ainda mais. Seu terno era escuro e impecável, e seus lábios estavam apertados formando uma linha fina. Entendi que deveria ser o infame Johnny French que Max mencionara durante o voo até Las Vegas.

Embora eu tivesse pensado que eles estavam falando sobre arranjar uma dança privada para mim, fiquei observando enquanto Johnny murmurava algo e Max se virava para a parede, com nervosismo estampado em seu rosto. Eu podia contar nos dedos da mão as vezes em que presenciei Max parecer qualquer coisa que não fosse relaxado, então me inclinei, tentando entender o que estava acontecendo. Henry e Will permaneciam distraídos, voltando sua atenção para as dançarinas que já estavam nuas no palco. Finalmente, os ombros do Max relaxaram como se tivesse chegado a alguma conclusão, e então ele sorriu para Johnny, murmurando:

– Certo. Obrigado, cara.

Com um tapinha no ombro de Max, Johnny se virou e foi embora. Max sentou-se novamente e apanhou seu drinque. Sinalizei com meu queixo em direção à porta que Johnny usou para sair, atrás de uma cortina preta.

– Sobre o que vocês estavam conversando?

– Sobre o quarto que está sendo preparado para você.

– Pra *mim*? – pressionei a mão no peito e sacudi a cabeça. – Eu já disse, Max. Vou dispensar.

– De jeito nenhum.

– Você está falando sério?

– Com certeza estou falando sério. Ele me disse que você precisa cruzar aquele corredor – Max apontou para outra porta – e se dirigir para Netuno.

Eu gemi, recostando-me na poltrona. Embora a boate parecesse ser a melhor da cidade – ou de qualquer outro lugar – eu não pretendia receber um tratamento especial de uma dançarina qualquer de Las Vegas.

– Apenas vá lá e deixe a mulher se esfregar em você – Max me encarou com

os olhos cerrados. – Você está tirando sarro da minha cara com essa choradeira? Essa é sua maldita *despedida de solteiro*. Aja como o homem que você costumava ser.

Eu o estudei, imaginando por que estava tão firmemente plantado em sua poltrona enquanto me forçava a sair da minha.

– Johnny também preparou um quarto para você? Você não vai pedir uma dança?

Ele riu, encostando o uísque nos lábios e murmurando.

– É só uma dança privada, Ben. Não é uma ida ao dentista.

– Filho da mãe – erguendo meu drinque, fiquei olhando para a bebida. Eu sabia, quando entrei nessa, que haveria mulheres, bebidas e provavelmente atividades questionáveis, mas a verdade era que Chloe sabia disso também. Ela disse para eu me divertir e não mostrou nenhuma indicação de preocupação ou desconfiança. E nem precisava.

Tomei um gole e murmurei um “dane-se” antes de me levantar e ir em direção ao corredor. Meus amigos surpreendentemente não aplaudiram minha saída, mas mesmo assim eu podia sentir a atenção deles em minhas costas enquanto eu andava até o corredor do lado esquerdo do palco principal.

Assim que passei pela porta, percebi que o carpete mudara de preto para um azul-escuro, e o espaço parecia ainda menos iluminado que o do bar. As paredes eram forradas com o mesmo veludo preto, e havia luz suficiente apenas para mostrar o caminho à frente. De um lado do longo corredor havia portas com os nomes dos planetas: Mercúrio, Vênus, Terra... No final, na porta em que havia uma placa escrita “netuno”, eu hesitei. Será que já haveria uma mulher lá dentro? Será que haveria uma poltrona para mim, ou pior, uma *cama*?

A porta era decorada e pesada, parecia ter saído de um castelo ou algum porão gótico. *Maldito Max!* Estremeci e girei a maçaneta, suspirando de alívio quando vi que não havia vestígio de chicotes e algemas, e nenhuma mulher lá dentro, apenas um grande sofá com uma pequena caixa de prata em cima. Amarrado à caixa com uma fita de seda vermelha havia um cartão branco com o nome “Bennett Ryan” escrito numa caligrafia ornamentada.

Ótimo. A dançarina safada de Vegas já sabe meu nome.

Dentro da caixa havia um venda de cetim preto e um cartão com as palavras “Vista isto”.

Eu deveria vedar meus olhos para uma dança privada? Por quê? Apesar de não querer uma hoje, não significava que nunca havia experimentado isso antes. A menos que o procedimento tenha mudado nos últimos anos, espera-se que em uma dança privada você possa olhar, mas não tocar. Que diabos eu deveria fazer se estivesse com os olhos vendados quando ela entrasse? Com certeza eu não iria

tocá-la.

Deixei a venda no sofá e ignorei a instrução. Os minutos se passaram e cada vez mais eu me convencia de que de jeito nenhum ficaria vendado naquele quarto.

Eu quase podia ouvir o som da minha própria irritação aumentando. Soava como um rugido de ondas quebrando nas pedras. Fechando os olhos, respirei fundo três vezes e depois olhei os arredores com mais cuidado. As paredes eram cinza claro e o sofá azul-escuro. O quarto parecia mais um provador de alguma loja chique do que um quarto em que diversos homens recebiam muito mais do que *apenas uma dança*. Passei a mão sobre o couro do sofá, e só então percebi um segundo cartão no fundo da caixa. Com a mesma caligrafia, havia outra frase.

“Vista a maldita venda, Ben, não seja covarde.”

Com um gemido, apanhei a venda, levei-a até a cabeça e hesitei por um segundo antes de cobrir meus olhos. Eu já estava planejando uma maneira de me vingar de Max. Ele me conhecia a mais tempo do que qualquer outra pessoa em minha vida, com exceção da minha família, e sabia o quanto eu valorizava fidelidade e controle. Então, pedir que eu entrasse num quarto desconhecido e vendasse os olhos foi o jeito que ele arranhou para me sacanear.

Eu me recostei no sofá e esperei, ainda sentindo minha irritação aumentar. Comecei a ouvir sons que não tinha notado antes: a música abafada dos outros quartos, o som de portas abrindo e fechando com cliques pesados. E então, ouvi a maçaneta girando e a porta do meu quarto se abrindo, sendo arrastada gentilmente pelo piso acarpetado.

Meu coração começou a acelerar.

Assim que senti o perfume desconhecido, minhas costas se enrijeceram com desconforto. Com exceção do cheiro, eu nada sabia sobre quem estava ali e eu odiava não ser capaz de ver o que se aproximava de mim. Ela fez algo contra a parede: ouvi um farfalhar, um leve clique, e depois uma música calma e rítmica encheu o quarto.

Mãos quentes e suaves apanharam meus pulsos e gentilmente posicionaram minhas mãos ao lado do meu corpo. *Não pode tocar? Sem problema.*

Permaneci sentado sem me mexer quando ela se abaixou sobre mim. Seu hálito cheirava a canela, seus quadris raspavam no meu colo, as mãos pressionavam meu peito. Então, seria assim: eu ficaria vendado, ela dançaria em cima de mim, depois eu iria embora? Comecei a relaxar. A mulher se mexia, passando a cintura sobre minhas coxas, as mãos se movendo gentilmente sobre meu peito. Eu podia sentir seu corpo o suficiente para que a venda não fosse tão absurda assim, mas se eu fosse o tipo de homem que gosta dessas coisas, estar

privado de minha visão teria sido um obstáculo.

Mas talvez Max soubesse que assim seria a única maneira de essa experiência não ser insuportável para mim. Essa ideia me fez querer chutar seu traseiro com um pouco menos de intensidade.

A dançarina rolou por cima de mim, exalando ar quente em meu pescoço, e embora não fosse totalmente desagradável, logo ficou constrangedor. Meu medo inicial de manter contato visual, ou ter que sorrir, ou parecer que estava ali voluntariamente, se dissolveu. Comecei a entender que a dança não era para *nenhum de nós dois*. Certamente ela não estava tirando nada além de dinheiro daquela situação e, por causa da minha venda, eu nem precisava fingir que estava gostando. Comecei a me concentrar na música que estava tocando. Não era nenhuma que eu conhecia, mas era fácil de acompanhar e eu soltei o resto da minha tensão quando a música entrou em sua previsível parte final. Em cima de mim, a pobre mulher diminuiu o ritmo e pousou as mãos em meus ombros.

Quando a música terminou, o único som que restou no quarto era a respiração acelerada da stripper.

Ela vai embora? Eu tenho que falar alguma coisa?

Sentindo meu estômago congelar, entendi muito bem que talvez o show estivesse apenas começando.

– Olá, senhor Ryan – sua respiração aqueceu minha orelha e eu me assustei com o som. *Mas que diabos?* Fechei meus punhos com força. – Está tão quente aqui e eu fiz a minha melhor dança, mas você não ficou nem um pouco duro – ela se aproximou e lambeu meu pescoço enquanto baixava os quadris sobre meu pau. – Bom – ela riu –, *agora* está.

Chloe “Filha da mãe” Mills.

Minha mente explodiu com várias reações: alívio e raiva, choque e constrangimento. Mas pelo menos consegui fazer aquilo que sempre faço em *quase* todas as minhas relações de negócios: *esconda sua reação até transformá-la na reação desejada*. Chloe estava aqui, em Las Vegas, e não esquiando nas montanhas de Catskills. Ela entrou no quarto e me encontrou vendado e esperando por uma dançarina que iria fazer exatamente o que ela acabara de fazer: dançar nas minhas coxas e se esfregar no meu pau.

Mas ela estava certa: em nenhum momento fiquei excitado. Eu queria tirar a venda e me gabar disso, mas hesitei, sem ter certeza de como ela iria querer terminar tudo isso.

Contei até dez antes de perguntar:

– Isso foi algum tipo de teste?

Ela se aproximou e beijou minha orelha.

– Não.

Eu não iria explicar por que estava naquele quarto; não havia feito nada de errado. Mesmo assim, senti uma estranha guerra dentro de mim: uma excitação por ela ter preparado tudo isso e uma raiva por ter me enganado.

– Você está encrencada, senhorita Mills.

Ela pressionou um dedo nos meus lábios, depois o prendeu entre nossas bocas com um breve beijo.

– Estou apenas feliz por estar certa. Max me deve cinquenta dólares. Eu disse a ele que você odiaria receber uma dança privada de uma estranha. O limite da sua ereção é a infidelidade.

Engoli com dificuldade e assenti.

– Usei todas as minhas armas, mas não consegui *nada*. Não se mexeu nem um pouquinho. É bom mesmo você não saber que era eu, ou então, para ser honesta, vou me sentir insultada.

Sacudindo a cabeça, eu murmurei:

– Não. Esse perfume... É estranho. Você odeia chiclete de canela. E eu não consigo te ver nem te sentir.

– Você pode agora – ela disse, levantando minhas mãos e colocando-as em suas coxas nuas. Subi acariciando até a cintura e senti pequenas pedrinhas em sua calcinha. *Que diabos ela está usando?* Eu estava morrendo de vontade de tirar a venda, mas já que ela ainda não o tinha feito, suspeitei que isso era outra coisa que deveria esperar que ela fizesse.

Passei as mãos em suas coxas, descendo pelas pernas, e repentinamente quis transar naquele quarto de boate de Las Vegas. Meu alívio por ser a Chloe naquele momento comigo e não uma estranha qualquer em meu colo provocou uma injeção de adrenalina em meu sangue.

– Sinta-se livre para me foder aqui neste quarto, senhorita Mills. Ela se inclinou e beijou meu maxilar.

– Hum... talvez. Quer uma segunda chance para desfrutar de uma dança privada?

Eu assenti e suspirei quando ela retirou a venda e expôs seu... *visual*. Ela vestia um sutiã minúsculo com alças de cetim que parecia totalmente feito de pedras preciosas com o mínimo de tecido possível. A calcinha era igualmente frágil e ainda mais fascinante. As amarras de cetim nas laterais diziam que eu provavelmente não deveria destruir essa calcinha.

Passando o dedo por seu torso, ela sussurrou:

– Gostou da minha nova lingerie?

Fiquei vidrado nas pedras preciosas decorando sua pele, cintilando tanto como diamantes. Ela parecia uma obra de arte.

– Serve – eu murmurei antes de beijar a área entre os seios.

– Você quer me tocar?

Assenti novamente, olhando em seu rosto e sentindo meus olhos tornarem-se sombrios diante da maneira como ela me observava, com fome e incerteza ao mesmo tempo.

Ela sorriu e lambeu os lábios.

– Isso não foi um teste. Mas – ela disse, olhando para minha boca – o fato é que você veio até este quarto esperando uma desconhecida dançar para você. Você vestiu uma venda e qualquer outra mulher poderia ter entrado aqui e tocado aquilo que é meu – ela ergueu o queixo e analisou meu rosto. – Acho que eu mereço alguma compensação.

Com certeza.

– Concordo.

– E, de acordo com as normas – ela apontou para uma pequena placa na parede que sugeria que os homens que tocassem nas garotas seriam jogados de cima da Represa Hoover –, você ainda não tem permissão para me tocar livremente.

Eu não sabia o que ela queria dizer com “livremente” e eu ainda estava preso em baixo dela, então simplesmente deixei minhas mãos caírem em suas coxas e aguardei as instruções. Meu corpo estava tenso e pronto para o que ela quisesse. Tudo que precisava fazer era mandar e então eu jogaria sua calcinha, intacta, no chão e tiraria minha calça num segundo.

Ela se levantou, andou até o aparelho de som e a música começou de novo.

Eu realmente era um cara de sorte. Eu tinha a namorada mais gostosa do mundo inteiro. Lambendo meus lábios, assisti enquanto ela voltava para mim.

Chloe subiu em cima de mim, montando em minhas coxas.

– Tire minha calcinha.

Puxei os laços delicados de cada lado e lentamente a tirei de seu corpo, jogando-a para o lado.

– Agora, ponha as costas da mão na sua coxa e levante quantos dedos você quiser que eu foda – ela sussurrou.

Eu pisquei.

– *O quê?*

Ela riu, mordendo os lábios antes de acrescentar bem lentamente:

– Ponha as costas da sua *mão* na sua *coxa*, e levante quantos *dedos* você quiser que eu *foda*.

Ela estava falando sério? Sem tirar os olhos dela, eu deslizei a mão até minha coxa, virei a palma para cima e ofereci meu dedo do meio.

– Que tal este?

Ela olhou para baixo e riu.

– Pode ser, mas talvez seja melhor pelo menos mais um. Preciso de algo mais parecido com seu pau.

– Você realmente vai foder só os meus *dedos*? Meu pau já está pronto e esperando, e você não pode fingir que essa não é a melhor opção para todos os envolvidos.

– Você estava prestes a receber uma dança de uma stripper de Las Vegas – ela retrucou, erguendo uma sobrancelha. – Seu pau nem estava interessado há cinco minutos.

Suspirando, eu fechei os olhos e levantei três dedos.

– Quanta generosidade – ela sussurrou, erguendo os quadris e pairando sobre a ponta dos meus dedos. – Você vai ser um marido fabuloso se continuar assim.

– Chloe... – abri os olhos quando ela vagorosamente desceu sobre meus dedos. Ela já estava molhada, e eu a observei de cima a baixo, com suas coxas macias abertas sobre minha calça escura, toda nua, com exceção do sutiã minúsculo.

Chloe envolveu meu pescoço com as mãos e começou a se mexer, erguendo o corpo e rebolando ao descer novamente, raspando o clitóris na palma da minha mão. De novo, de novo, e de novo. Eu impulsionava meu quadril para cima, buscando algum contato. Eu podia sentir seu aroma no ar, podia ouvir cada um de seus sons afogados. Entre os seios, o suor deixava sua pele brilhando. De jeito nenhum eu admitiria o quanto eu adorava assisti-la usando meu corpo para seu próprio prazer.

– Sua maldita provocadora – eu rosnei, adorando o peso de seus braços forçando meus ombros para baixo. A visão dela era demais para meu corpo, e eu tinha certeza de que conseguiria gozar se ela se abaixasse só mais um pouco e raspasse a coxa em meu pau duro dentro da calça. – Vou sair daqui ainda excitado e cheirando a mulher.

Circulando os quadris, ela sussurrou:

– Não me importo.

Porém, quando ouviu minha voz, eu notei seus mamilos enrijecidos dentro do sutiã. Ela sabia o quanto eu estava duro, e ela se importava *muito* com isso.

Chloe ofegou quando eu enrolei meus dedos e levei minha outra mão às suas costas para guiar seus quadris. Pressionei meu polegar em seu clitóris, sentindo que eu mesmo estava quase explodindo só de assisti-la. Seu corpo ansioso apertou meus dedos. Mesmo num quarto estranho com sabe-se-lá-o-quê acontecendo ao redor, eu conseguia fazê-la gozar em questão de minutos. Ela era tão contraditória: generosa e provocante, determinada e tímida.

– Você *acaba* comigo, Chloe.

– Percebeu que eu vou gozar logo? – nossos olhos não desgrudavam um do

outro. Passei a mão ao lado de seu corpo, arrastando a ponta dos dedos por suas costelas.

– Sim – eu sussurrei.

– E ainda assim isso te deixa louco? Sabendo que faz isso comigo tão rápido?

Eu assenti, e subi a outra mão até seu ombro e o pescoço. Apertei sua jugular, querendo sentir seu pulso acelerar quando gozasse.

– Adoro saber que mais ninguém te deixa tão molhada assim.

Seus olhos castanhos ficaram pesados de desejo.

– Acho que eu te provoco assim porque preciso que me deseje todos os segundos do dia. Você é o único que eu permitiria me possuir deste jeito.

A palavra “possuir” provocou uma faísca em meu peito, um sentimento selvagem que eu não podia mais controlar. Seus lábios estavam tão perto dos meus, exalando aquele aroma de canela, sua pele coberta com aquele perfume diferente... A realidade do quão longe ela fora capaz de ir para me enganar foi como gasolina jogada numa fogueira. Eu impulsionei meu corpo para frente e me desintegrei: meu beijo foi profundo e foi um castigo, liberando toda a fome por seu sabor e seu corpo.

Ela se afastou apenas o suficiente para ofegar e dizer:

– Você quer me ouvir?

– Quero que a boate inteira te ouça.

Suas mãos agarraram os cabelos em minha nuca e seus quadris vacilaram, prendendo meus dedos profundamente dentro dela enquanto cavalgava loucamente loucamente em minha mão.

– Oh, Deus – mordendo os lábios, ela se arqueou para trás e eu me inclinei sobre seu pescoço, chupando, mordendo sua maldita pulsação.

Senti o martelar de sua veia em meus lábios, senti cada uma de suas respirações ofegantes, senti Chloe tencionar sobre mim e ao meu redor quando gozou. Com um grito rouco, Chloe disse meu nome e sua voz enviou uma vibração à minha língua, enquanto eu lambia sua garganta.

Ela parou e se aninhou em meu corpo, saciada e relaxada, segurando meu pescoço com as duas mãos. Seus polegares apertaram gentilmente meu pulso e ela chupou meus lábios antes de mordê-los de um jeito louco. Soltei um rosnado surpreso, e não sabia o que isso dizia sobre mim, mas, por um segundo, pensei que aquela mordida me faria gozar em minha calça.

– Isso... – ela sussurrou – foi *inacreditável*.

Erguendo-se cautelosamente de minha mão, ela se levantou e ficou de pé com as pernas trêmulas. Eu beijei a pele suada entre os seios e puxei sua mão até ela agarrar meu pau por cima da calça.

– Você fica tão linda quando goza, Chloe. Sinta o quanto você me deixa duro.

Ela apertou e começou a mexer lentamente.

Meus olhos se fecharam e eu implorei:

– Agora, quero você de joelhos. Quero sua boca em mim.

Mas, para meu horror absoluto, ela tirou a mão e foi pegar a calcinha no chão.

– O que você está fazendo?

Ela amarrou os laços de cetim de cada lado da cintura e apanhou um roupão de um gancho na parede, vestiu-o e sorriu para mim.

– Satisfeito?

Eu retribuí seu olhar sóbrio.

– Você está falando sério?

Ela se voltou para mim, erguendo minha mão esquerda até sua boca, deslizando meu dedo anelar entre os dentes e envolvendo-o com a delicada suavidade de sua língua. Depois, soltou meu dedo com uma piscadela, sussurrando:

– Estou falando sério.

Meus braços tremiam de tensão, meu pau pulsava com o eco de sua boca e a gentil sucção.

– Então... não, ainda não estou satisfeito, Chloe. Nem mesmo um pouco.

– Mas eu estou – ela disse, sorrindo docemente. – Eu me sinto *fantástica*.

Espero que você aproveite o resto de sua despedida de solteiro.

Eu me recostei, observando-a amarrar o roupão na cintura. Minha pele estava quente, febril, e enquanto se vestia, ela não tirava os olhos de mim, adorando minha frustração.

Tentei esconder minha necessidade, decidindo fingir que eu estava bem. Gritar iria apenas deixá-la mais satisfeita consigo mesma. Distanciamento frio sempre funcionava melhor quando Chloe se comportava como uma provocadora cretina. Mas quando aliviei a expressão em meu rosto, ela riu baixinho, nem um pouco surpresa.

– O que você vai fazer agora? – por alguma razão, eu nem tinha pensado o que ela faria quando fosse embora. Será que viajaria direto para casa?

Encolhendo os ombros, ela murmurou:

– Não sei. Jantar. Talvez assistir a algum show.

– Espere. Você está aqui com mais alguém?

Ela olhou para mim e encolheu os ombros novamente.

– Que merda, Chloe? Você pelo menos vai me dizer onde está *hospedada*?

Ela me olhou de cima a baixo, demorando-se mais no meio das minhas pernas. Então sorriu.

– Num *hotel* – ela se endireitou e ergueu uma sobrancelha. – Ah, e feliz dia dos namorados, senhor Ryan.

E com isso, ela saiu do quarto e entrou no corredor.

Dois

MAX STELLA

Bennett Ryan parecia estar prestes a devolver o almoço em cima da mesa.

– Eu dispenso. Não curto muito essa coisa de dança privada.

Seu irmão, Henry, se inclinou, horrorizado.

– Como você pode não gostar de ter uma mulher gostosa dançando no seu colo? Você não tem sangue quente?

Bennett murmurou alguma desculpa, e eu não poderia realmente culpá-lo porque eu também não queria ter uma mulher desconhecida subindo no meu pau. Mas ele não tinha a menor ideia do que o esperava lá atrás. Praticamente tive que arrastá-lo da poltrona até o quarto para que ele pudesse começar a noite do jeito certo.

– Isso é besteira – eu disse, gesticulando para Johnny, que esperava meu sinal perto do corredor. – Esta é a primeira noite da sua despedida de solteiro, e uma dança privada é obrigatória.

Johnny assentiu e encerrou sua conversa com os seguranças antes de se aproximar lentamente. Cada segundo que se passava contribuía para minha impaciência. Quanto mais Johnny demorasse, mais tempo levaria para que Ben tomasse coragem e fosse até o quarto, e mais tempo minha garota teria que esperar.

Quando finalmente chegou, Johnny sorriu para mim.

– Ei, Max. O que posso fazer por você?

– Acho que já está na hora de começar as festividades.

Johnny assentiu e apanhou algo em seu bolso.

– Chloe está em Netuno. É só atravessar o Corredor Azul, à esquerda do palco.

Eu assenti e esperei. Finalmente, quando ele não ofereceu mais nenhuma informação, eu perguntei:

– E a Sara?

– Ela está no Quarto Verde do Corredor Preto. À *direita* do palco – disse Johnny. Ele se aproximou para acrescentar: – Posicionada do jeito que ela pediu.

Eu me surpreendi, escondendo em meu bolso meu punho fechado.

– Ela pediu para ser *posicionada*? – que diabos aquilo significava?

– Só um lacinho aqui, outro ali – Johnny ficou me olhando com um pequeno sorriso, mostrando o quanto ele se divertia com a minha reação.

Olhei ao redor do salão escuro para os clientes espalhados nos sofás de couro ou no bar de granito negro. Eu podia sentir minha pulsação em meu maxilar de tanto apertar os dentes numa expressão que eu sabia que não me era característica.

Eu estava em conflito; curioso com esse aumento de confiança entre eles, mas precisando saber o que ele vira, e *onde* tocara. Sempre que Sara ficava amarrada no Red Moon, era eu quem fazia a tarefa.

– Ela te deixou tocá-la?

Johnny olhou para mim, aumentando o sorriso.

– Pois é.

Ele não vacilou diante do meu olhar. Apenas me deixou boiando em meu ciúme, sabendo que eu estava cheio de gratidão mais do que qualquer outra coisa. Nos últimos nove meses, Johnny havia feito muito por nós, e embora meu olhar fosse de raiva, eu sabia que não era um simples favor que ele estava me concedendo hoje, com Chloe e Sara tomando um espaço valioso em sua boate lotada.

Eu o encarei de volta e devolvi o sorriso.

– Certo. Obrigado, cara.

Johnny deu um tapinha em meu ombro ao se retirar e murmurou:

– Divirta-se, Max. Você tem uma hora antes do próximo show no Quarto Verde – com isso, ele voltou para o Corredor Preto, o mesmo onde eu encontraria Sara, *posicionada, amarrada*.

Senti um desejo frenético crescer em meu peito. Um aperto, igual sinto no começo de uma partida de rúgbi... porém, mais profundo dentro de mim. Espalhava-se do meu peito até todos os membros, pulsando em todas as pontas dos dedos. Eu precisava chegar até ela e dar-lhe aquilo que ela implorara fazer em Las Vegas.

Quando contei à Sara que o único fim de semana em que poderíamos fazer a despedida de solteiro do Bennett seria o mesmo do dia dos namorados, sua primeira reação foi dar risada e me lembrar que ela odiava o dia dos namorados. Andy sempre estragava esse dia, ela disse, e eu fiquei secretamente satisfeito por ela não querer fazer nada de especial. Nós celebrávamos nossa relação quase todas as noites em minha cama, e *precisamente* toda quarta-feira em nosso quarto no Red Moon. O dia dos namorados era só uma mancha insignificante comparado àquilo.

Mas a segunda reação de Sara foi chegar mais perto, passar as mãos em meu peito e perguntar se poderia viajar também.

– Prometo não estragar o resto da festa – ela sussurrou, com olhos arregalados combinando misteriosamente incerteza e luxúria. – A despedida de solteiro pode continuar como planejada; eu quero só brincar no Black Heart uma vez.

Antes que eu pudesse responder, eu a beijei, e aquele beijo se transformou nas mãos dela em meu cabelo e minha boca em seu seio. E terminou em sexo forte e rápido na mesa da cozinha. Depois, eu desabei sobre ela, ofegando contra a pele molhada de seu pescoço.

– Sim, com certeza você pode ir a Las Vegas.

Relaxando meu rosto, voltei a me sentar e senti a atenção de Bennett sobre mim quando apanhei minha bebida.

– Sobre o que vocês estavam conversando? – ele perguntou, observando Johnny desaparecer no corredor.

– Sobre o quarto que está sendo preparado para você.

– Pra *mim*? – Bennett apertou o peito com a mão, já resistindo à ideia. – Eu já disse, Max. Vou dispensar.

– De jeito nenhum.

– Você está falando sério?

Nós discutimos mais um pouco até eu perceber que ele cederia. Seu rosto se tornou determinado e ele hesitou, contemplando sua vodca, depois tomou tudo num gole só.

– Dane-se – disse Bennett, que levantou de uma vez e marchou determinado até o corredor.

Eu me forcei para não fazer a mesma coisa. O nome de Sara ecoava em meus ouvidos. Eu a amava tão loucamente que era até surpreendente que esta não fosse a minha despedida de solteiro também. O número de vezes em que eu quase a pedi em casamento era absurdo. Mas de algum jeito, eu sabia que ela podia ver em meu rosto: aquele momento quando eu começava a implorar para ela viajar comigo, casar comigo, se mudar para minha casa... e então pensava duas vezes. Em todas essas ocasiões ela me perguntava o que eu estava prestes a dizer, e então eu dizia que ela estava linda em vez de “eu não vou sossegar até você se casar comigo”.

Várias vezes eu precisava me lembrar de que estávamos juntos há apenas seis meses – quase nove, contando nosso arranjo inicial – e Sara estava arisca sobre qualquer assunto matrimonial. Ela continuou com seu apartamento, mas francamente, não sei por quê. Nos dois primeiros meses depois de nossa reconciliação, nós dividíamos o tempo entre nossas duas casas, mas a minha era maior, mais bem mobiliada, e a iluminação do meu quarto era melhor para

nossas fotografias. Logo Sara estava em minha cama todas as noites da semana. Ela seria minha para sempre, mas eu precisava me lembrar de que não precisava ter pressa.

Depois de esperar um tempo após a saída de Bennett, deixei meu copo na mesa e olhei para Will e Henry.

– Cavalheiros, agora é a minha vez de deixar uma linda dançarina usar meu colo como palco.

Os dois mal tiraram os olhos das outras *strippers* e eu tinha certeza de que eles não se importavam em qual corredor eu estava entrando.

O corredor à esquerda do palco era de quartos privados, cada um nomeado com o nome de um planeta. Era destinado principalmente para danças privadas, igual à que Bennett estava recebendo naquele momento. Em minha opinião, a única coisa interessante naqueles quartos hoje era o fato de que ele estava com Chloe.

Mas os quartos à direita do palco, identificados simplesmente com cores, serviam para outro propósito. Ninguém podia entrar neles, com exceção de alguns funcionários e de um grupo muito seleto de clientes. A seção separada por um cordão era para clientes que pagavam pelo privilégio de assistir a atos sexuais. Igual ao Red Moon em Nova York, o Black Heart em Las Vegas servia uma parte da população que era muito rica e altamente voyeurística.

Assim como eu esperava, nenhum dos meus amigos me olhou quando levantei, dei a volta em nossa mesa e fui até os fundos do salão. Mesmo não olhando, eu não queria chamar a atenção deles andando direto para o corredor privado.

Andei ao longo da parede até a frente, onde estava um homem com quase o dobro da minha altura, usando um terno preto e fones de ouvido. Assentindo, ele desenganchou o pesado cordão preto de seda e me deixou passar pela grossa cortina de veludo.

Eu tinha acesso irrestrito. Porém, nenhum dos meus amigos poderia entrar aqui atrás, independentemente da lábia dos irmãos Ryan. Eu fiz Johnny prometer que eles não iriam encontrar acidentalmente comigo e com Sara.

Já estive no Red Moon com ela vezes suficientes para saber o que acontecia nos outros quartos.

No Quarto Vermelho, havia uma mulher nua sendo chicoteada por um homem enquanto outro derramava cera quente em seus seios.

No Quarto Branco, a mão de um homem desaparecia dentro de uma mulher amarrada em cima da mesa com pernas e braços estendidos.

No Quarto Rosa, vi de relance três mulheres transando ao mesmo tempo com um cara.

O carpete era grosso, silenciando meus passos. Aqui, diferente do Red Moon, as janelas para o quarto eram menores, porém, havia mais delas. Dava a sensação de assistir a um show diferente em cada uma, ou com um ângulo diferente da mesma cena: coisa típica do voyeurismo. Aprendi nos últimos meses que os exibicionistas – embora ousados e fetichistas – raramente mostravam algo que não fosse sexo extremo. O que não era ruim; de acordo com Johnny, a maioria dos clientes queria ver coisas que não encontraria em outros lugares, muito menos em seus próprios quartos.

Mas havia uns poucos que frequentavam o Red Moon às quartas-feiras especificamente para assistir a mim e à Sara. Nossas noites lá eram mais importantes do que quase qualquer outra obrigação, fosse trabalho, amigos ou família; o Red Moon nos permitia expressar algo de que nós dois precisávamos. Nos últimos meses, assumimos totalmente nosso fetiche exibicionista, conversando sobre isso por horas quando voltávamos para a minha cama ou para a dela.

Ainda não havia ninguém assistindo nosso quarto quando cheguei, então pude entrar sem ser notado. Como sempre, a porta para o Quarto Verde estava destrancada. Nenhum cliente se atreveria a testar uma maçaneta numa das boates do Johnny.

Era um quarto pequeno, igual aos outros, com apenas uma cadeira de metal e uma mesa. A decoração simples dizia que toda minha atenção – e a atenção de todos assistindo do corredor – seria voltada para a mulher que estava deitada em cima da mesa.

Ela estava vendada. A curva de sua bunda perfeita estava erguida no ar. Suas costas estavam retas e relaxadas. Quando a porta se fechou atrás de mim, ela mordeu os lábios e eu pude ver um estremecimento percorrer seu corpo.

– Sou eu, minha flor.

Ela nem precisava me ouvir dizer isso. Eu percebia só de olhar sua postura que ela sabia que era eu, mas eu quis confirmar mesmo assim. Sara estava completamente relaxada, com a cabeça virada para o lado, o rosto apoiado na mesa, e eu me permiti um momento para admirá-la.

Cada tornozelo estava amarrado a uma perna da mesa, abrindo-a o suficiente para que eu pudesse tomá-la do jeito que quisesse. Ela estava com a cintura dobrada e as mãos amarradas nas costas com a fita que Johnny mencionara. Sua pele estava macia e impecável, a boca molhada e levemente aberta. Olhei novamente para seu corpo, e como se pudesse sentir minha atenção, Sara ergueu a bunda mais um pouco.

Eu me aproximei, passando a mão entre seus ombros. Ela deu um leve sobressalto, gemendo de prazer enquanto minha mão deslizava por suas costas.

– Você está absolutamente *linda*.

– Sua mão está fria – ela sussurrou. – A sensação é ótima.

Realmente, sua pele estava quente. Acho que ela estava febril por causa da excitação e da ansiedade por não saber quando eu chegaria, e não saber quem poderia vê-la antes que eu pudesse colocar os olhos nela. Deslizei um dedo entre a bunda até chegar à fonte de sua umidade. Ela já estava molhada. Meu pau endureceu diante da visão e da sedução em meus dedos. Quando deslizei dois dedos para dentro, Sara se contorceu na mesa e fiquei aliviado ao ver que Johnny não a havia amarrado com muita força.

Sara conheceu Johnny sob a luz do dia logo após nossa reconciliação, em agosto passado. Embora tivessem se encontrado brevemente após nossa primeira noite na boate, Sara queria poder conversar com ele longe daquele mundo; ela disse que se sentiria mais confortável se pudesse conhecer o homem por trás daquilo tudo. Nós o encontramos numa pequena cafeteria no Brooklyn. Johnny – assim como todo mundo – ficou encantado no momento em que Sara o cumprimentou com um beijo no rosto, agradecendo por tudo que ele fizera por nós.

Eles simplesmente combinaram instantaneamente. Johnny a entendia de um jeito que pensei que apenas eu fosse capaz. Ele a adorava e era muito protetor, e com certeza seria o único outro homem que ela permitiria que a tocasse. A confiança que ela estendeu a ele era também um testemunho de sua confiança em mim.

Olhei para suas curvas molhadas, o contraste da fita vermelha envolvendo os pulsos e os tornozelos, a forte e suave extensão de suas costas. Meu peito se apertou com um desejo tão profundo que quase perdi a voz.

– Desde quando você está aqui?

Ela encolheu os ombros levemente.

– Johnny saiu faz uns dez minutos. Disse que você chegaria logo. Eu me abaixei para beijar seu ombro.

– E aqui estou eu.

– Aí está você.

– Foi difícil esperar?

Sara lambeu os lábios antes de responder.

– Não.

– Algumas pessoas estão assistindo o quarto ao lado – eu disse, beijando suas costas. – Acho que eles passaram e viram você aqui sozinha, esperando por mim.

Ela estremeceu e engoliu um suspiro afogado.

– Aposto que você sabia disso. Aposto que você *adorou*.

Ela confirmou.

– Você sabe o quanto eu te amo?

Novamente, ela confirmou silenciosamente, e seu pescoço e costas coraram. Mais do que qualquer coisa, Sara adorava saber que tinha alguém assistindo nossa transa. Nem sempre eu a amarrava; às vezes, era ela quem comandava, subindo sobre meu corpo e me cavalgando, ou me tomando em sua boca. Nessas vezes, ela gosta de olhar em meu rosto. Seus olhos ficavam vidrados em cada uma de minhas reações fascinadas, como se ainda não acreditasse no poder que possui sobre mim.

Mas outras vezes – em algumas poucas noites na boate do Johnny – ela pedia para ser vendada, apenas imaginando minha expressão enquanto eu a olhava, sentia, fodia.

Estendi o braço e desatei o nó em seus pulsos. Senti quase como se estivesse abrindo um presente. Sara flexionou as mãos e colocou os braços para trás, agarrando a beirada da mesa.

– Eu iria sugerir que você fizesse exatamente isso.

Ela sorriu sobre o ombro na minha direção, com a venda ainda impedindo que ela me enxergasse.

– Foi o que pensei.

Então, nós dois ouvimos ao mesmo tempo: um barulho no corredor, como se alguém tivesse deixado cair uma bandeja inteira de bebidas. Nós nunca tínhamos certeza de quando estávamos sendo observados. No Red Moon, os quartos eram à prova de som; aqui, as paredes eram grossas, mas o som não era tão abafado.

Na minha frente, Sara estremeceu, arqueando as costas.

– Aparentemente, eles vão ficar tempo o bastante para tomarem um drinque – deslizei minhas mãos entre a mesa e o corpo dela até chegar aos seios. – Linda – beijei o ombro, o pescoço, as costas, levando minhas mãos até o meio de suas pernas. Lambendo, mordendo, eu não conseguia resistir àquela pele perfeita.

– Que ótimo – sussurrei, puxando a cadeira perto o bastante para eu sentar e morder a curva de sua bunda. – Acho que só temos tempo para uma pequena degustação – com minhas mãos na parte de trás de suas coxas, eu a abri e beijei seu clitóris, sentindo o sabor de onde ela estava mais quente e doce.

– Max – ela estava quase sem voz.

– Sim? – fechei os olhos e a chupei de novo. – Você é tão perfeita aqui – eu a beijei no exato lugar onde ela me receberia. – Precisamente *aqui*.

– Por favor. Agora – suas coxas tremiam em minhas mãos.

– Você não quer gozar na minha boca? – eu perguntei, já me levantando para abrir meu cinto.

– Sei que não temos muito tempo. Quero sentir você dentro de mim antes que precise ir embora.

Baixando minha cueca, eu a provoquei um pouco em sua entrada, deslizando meu pau por cima de seu clitóris.

– Antes de começarmos, preciso saber sua opinião sobre uma coisa. Ela gemeu, empurrando seu corpo contra mim.

– Precisa saber onde colocar?

Eu me abaixei e beijei suas costas, rindo.

– Não, sua safada. Vai ser rápido demais para isso.

Sara lambeu os lábios, esperando.

Bem posicionado em sua entrada, eu perguntei:

– O que você acha de fazer sem proteção? Eu tenho uma camisinha no bolso. Sua respiração acelerou.

– Sem nada.

Meu peito se apertou e fiquei olhando para ela, querendo absorver o momento apenas mais um pouco. Ela estava amarrada numa mesa, nua e pronta para mim. Nunca usávamos camisinha em casa, mas na boate e com a noite toda pela frente era um pouco diferente.

Eu me abaixei sobre ela, entrando tão lentamente que senti cada centímetro dela se abrindo para me receber. Sara gritou, erguendo os quadris para me acomodar mais profundamente. Nessa posição, com nossa diferença de altura, eu podia me abaixar sobre todo seu corpo e sussurrar em seu ouvido.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Pois acabei de entrar em você sem proteção, minha flor. Se eu *gozar* dentro de você, o pessoal que está tomando os drinques lá fora vai saber que você pertence a mim.

Ela gemeu, agarrando com força a beirada da mesa.

– E daí?

– Daí que você vai ficar com meu orgasmo dentro de você depois que eu sair. Gosta disso?

– Você vai saber... – ela sussurrou, mexendo no mesmo ritmo que eu. – É *disso* que eu gosto. Quando você estiver lá fora, sentado com seus amigos, ou jantando em algum lugar, você ficará pensando sobre como eu ainda posso te sentir dentro de mim.

– Com certeza – coloquei minha mão entre suas pernas e esfreguei em toda a parte.

Comecei lentamente, apenas provocando, assistindo a mim mesmo mergulhar e emergir. Mas a realidade da noite estourou minha pequena bolha particular e me lembrei de que não teria horas para desfrutar daquilo. Seria um prazer rápido; eu teria tempo para outras coisas só mais tarde.

Ela ofegou quando saí por inteiro e entrei novamente com força, começando um ritmo tão forte e rápido que fez a mesa chiar contra o chão. Sara recebeu tudo com sua bunda perfeita levantada no ar, empurrando de volta tão forte e rápido quanto eu investia para frente.

Com um gemido quieto, ela sussurrou:

– Max, estou quase lá.

Circulei meus dedos sobre seu clitóris, pressionei com força, mexi com rapidez. Eu conhecia o corpo daquela mulher tão bem quanto o meu próprio; sabia a velocidade que ela queria, a força que desejava. Sabia o quanto ela adorava o som de seu nome em minha voz.

– Minha flor – eu gemi. – Estou morrendo de vontade de sentir você gozar no meu pau.

Jogando a cabeça para trás, ela pressionou a nuca em meu ombro, soltando um gemido suave e demorado.

– Mais. Mais.

– Eu te amo demais, Sara.

E isso foi a gota-d’água; seus dedos agarraram a mesa com tanta força que até embranqueceram, e seu orgasmo se acumulou ao meu redor, explodindo no mesmo ritmo que seus suaves sons eróticos.

– O que você está sentindo? – eu disse, quase sem voz em seu ouvido. – Poder? Controle? Aqui está você, vendada e amarrada numa mesa e eu estou completamente *perdido* em você. Tão perdido que mal consigo respirar.

Expirando pesadamente, ela pareceu se derramar na mesa, totalmente saciada.

– Amor.

Meu orgasmo se anunciava e meus quadris aceleraram.

– Amor? – eu repeti. – Você está amarrada depois de gozar na frente de sabe-se-lá-quem, e você sente amor? Você deve estar perdida em mim do mesmo jeito que eu estou com você.

Ela virou a cabeça e capturou meus lábios. Sara me entregou sua boca, sua língua, seus gemidos roucos e famintos, e isso me levou à loucura e me fez perder o ritmo, com meus quadris batendo nela com força até que meu corpo finalmente se rendeu ao orgasmo.

Eu parei, sentindo tonturas e desfrutando de seus beijos lentos e lânguidos após o êxtase. O quarto desapareceu, e por mais clichê que possa soar, o tempo parou. Tudo naquela noite era seu corpo, seus lábios, seus olhos se abrindo e me encarando enquanto nos beijávamos.

Lentamente, eu saí de dentro dela, e forcei seus lábios a diminuir seu ataque para que eu pudesse apenas curtir o formato de sua boca. Passei dois dedos sobre seu sexo, adorando a maneira como ela tremia sob meu toque. Entrando com os

dois dedos, eu ainda podia sentir o calor da fricção, a evidência do meu prazer.

– Safada – eu sussurrei, entrando profundamente dentro dela.

Puxei meus dedos de volta e sorri quando seu corpo pareceu não querer me soltar. Mas ela precisava se levantar e se alongar; e eu precisava continuar a minha noite.

Fiquei de pé e fechei minha calça, depois me ajoelhei para desamarrar suas pernas. Ela se endireitou e se espreguiçou antes de virar e se sentar na mesa, puxando meu corpo pela camisa para ficar entre suas pernas.

– O que vocês vão fazer agora? – ela perguntou, passando as mãos em meu peito.

– Jantar, eu acho – eu me afastei apenas para buscar seu roupão no canto do quarto. As outras pessoas já a haviam olhado o suficiente. – E vocês?

– Jantar – ela disse, dando de ombros. – Depois, não sei – ela me encarou com um sorrisinho provocador. – Talvez a gente vá para outra boate.

– Fazer o quê? – eu perguntei, rindo. – Assistir uns caras de fio dental balançar a bunda na sua frente? Não, minha flor.

Os olhos dela se arregalaram, levemente desafiadores.

– Bom, vocês vão se divertir do seu jeito, nós vamos nos divertir do nosso.

Sorrindo, eu a beijei, deixando-a passar as mãos em meu rosto até chegar à nuca.

– Eu poderia foder por horas – ela sussurrou em minha boca, e eu quase fiquei louco; era raro ouvir Sara provocar, mas quando fazia, ela sempre me deixava duro. – Eu sinto um vazio pensando no quanto eu quero você hoje à noite.

Eu gemi e pressionei meu rosto em seu pescoço.

– Eu sei, eu sei – ela murmurou, e quando apertou meu peito com as mãos, eu dei um passo para trás para que ela pudesse levantar. – Tenho certeza de que Chloe já acabou. É melhor irmos.

Sáímos pela mesma porta que usei para entrar; era a única maneira de sair ou entrar no quarto. Eu preferia a saída separada do Red Moon. Uma coisa era saber que havia pessoas lá fora, outra bem diferente era possivelmente encontrar com elas.

Mas por sorte, quem estava lá fora já havia debandado, provavelmente depois de ter me visto envolver Sara com o roupão. Quando passamos pelo corredor, nós nos misturamos entre os outros clientes, e eu não pude deixar de imaginar se eles teriam nos visto.

Três

BENNETT RYAN

Eu não conseguia decidir se estava me sentindo muito bem – afinal, eu basicamente havia feito minha noiva gozar em três minutos num quarto dos fundos de uma boate de Las Vegas – ou se estava mais frustrado do que já estive em muito tempo. Maldita Chloe. A maneira como ela foi embora parecia uma punição por eu estar em Las Vegas no dia dos namorados. Mas que merda! Do jeito que eu conheço minha noiva, eu sabia que – independentemente de nossos papéis no mundo do marketing – ela considerava esses feriados criados pelo mercado totalmente ridículos. É claro que ela havia apenas aproveitado a oportunidade para fazer um joguinho e me deixar no seu estado favorito: irritado e excitado.

E maldito *Max*, também. Ele sabia que Chloe me provocaria desse jeito? E, se sabia... bom, isso é meio pessoal demais e um pouco constrangedor. Vou ter que chutar seu traseiro ou escrever “babaca” com caneta permanente na testa dele quando ele estiver dormindo.

Mas minha vingança teria que esperar. Quando voltei, Max havia sumido, e Henry e Will já estavam com cara de quem havia bebido e se divertido demais com as mulheres da boate.

– Como estão as coisas por aqui? – eu perguntei, sentando em minha poltrona e apanhando o que pensei que fosse um drinque quase vazio. Mas não. O drinque era novo e meu prato de comida estava cheio. Olhei para Gia do outro lado do salão e ergui meu copo para ela. Apesar das atividades depravadas da boate, os funcionários certamente trabalhavam muito bem. Ela assentiu para mim, sorrindo, depois desapareceu atrás do bar. Não pude deixar de notar que, enquanto eu estive fora, ela havia retirado toda sua roupa e agora servia as mesas completamente nua.

Eu esperava que ela gostasse disso. Para mim, aquilo parecia com um dos meus pesadelos recorrentes.

– Como foi lá atrás? – Henry perguntou, sem tirar os olhos do palco. Eu provavelmente poderia colocar fogo em sua poltrona e ele não notaria até que

seu cabelo queimasse e a fumaça bloqueasse sua visão.

Eu o estudei, tentando descobrir se ele sabia sobre Chloe, mas Henry não mostrou nenhum sinal de que participara da conspiração e nem parecia muito interessado na minha resposta. Will também apenas olhou para mim com um pouco de curiosidade.

– Foi tudo bem.

– E rápido – Will comentou.

Eu sorri. Com certeza foi rápido. Eu quase quis que um deles *soubesse* o que havia acontecido, para que eu pelo menos pudesse me gabar.

– Tem umas mulheres incríveis por aqui – Henry murmurou. – Eu poderia assistir a isso pelo resto da noite.

Will se espreguiçou, olhando o relógio.

– Estou faminto. Não temos reservas para o jantar? Já são quase dez horas.

– Cadê o Max? – eu perguntei, novamente olhando ao redor do salão. Seria impossível encontrá-lo sem checar todos os cantos e bares.

– Sei lá – Will disse, encolhendo os ombros e tomando seu uísque. – Desapareceu logo depois de você.

Demorei um segundo para que tudo se encaixasse em minha mente: Sara também estava aqui. Chloe não respondeu quando perguntei se estava sozinha, mas é impossível ela ter vindo até aqui só para isso. A menos que tenha planejado voltar para um quarto de hotel e tomar um longo banho de espuma, ela com certeza tinha outros planos. Se eu havia recebido um quarto apenas para ficar com Chloe, com certeza Max também estava se divertindo com sua namorada em algum lugar.

Depois de eu ter tomado outro drinque inteiro, Max voltou para a mesa, chegando por trás de nós. Não consegui vê-lo se aproximar.

– Caras! – ele exclamou, batendo nas minhas costas. – Vocês estão gostando de todos esses mamilos expostos?

Cada um murmurou uma variação desinteressada de “sim, claro, é demais”. Com uma risada que denunciava o quanto estava relaxado, Max se sentou na poltrona ao meu lado.

– Como foi sua dança, Ben? – ele perguntou, com os olhos brilhando. – Não foi nada mal, não é?

Dei de ombros e observei seu sorriso bêbado. Ele parecia tão relaxado quanto eu estava irritado.

– Você acabou de transar, não é, seu maldito filho da mãe.

Seus olhos se arregalaram e ele se aproximou.

– E você não?

– Merda nenhuma – eu sussurrei, sacudindo a cabeça. Max explodiu numa

risada. – Ela cuidou de si mesma, depois foi embora.

Ele soltou um assovio baixo, depois suspirou.

– Pelo jeito você vai ter que compensar isso quando voltar pra casa...

Ele estava falando sério? Ele esperava que eu a liberasse pelo resto da noite – talvez até pelo resto do fim de semana – depois de ter feito uma coisa daquelas?

– Para onde elas vão? – eu perguntei em voz baixa.

Max encolheu os ombros, apanhando um pouco de caviar com um *blini* do meu prato.

– Na verdade, eu não sei. Acho que elas vão embora amanhã de manhã.

– Onde estão hospedadas?

– Sei lá. Sara cuidou de tudo – ele parecia tão menos preocupado com tudo isso do que eu... mas é claro que na verdade também deveria estar. Ele claramente havia acabado de transar em algum quarto dos fundos enquanto eu assistia Chloe se masturbando com a minha mão.

Olhei para a parede oposta bem no momento em que Chloe e Sara saíam do corredor preto, rindo juntas e de braços dados. Max seguiu meus olhos e suspirou longamente.

– Meu Deus, elas são adoráveis.

– Queria saber para onde estão indo – eu murmurei.

Max olhou para mim, sacudindo a cabeça como se pudesse ler minha mente.

– Nós temos uma longa noite planejada, meu amigo.

– Tenho certeza que sim.

– E elas estão se divertindo do jeito delas.

– Também tenho certeza disso

Max fez uma pausa quando Sara percebeu que ele a estava olhando. Havia algo no olhar dela, algo pesado e suplicante. Atrás dela, Chloe estava revirando a bolsa e olhou em nossa direção. Seus lábios se abriram e suas mãos seguraram o peito. Em seus olhos eu podia ver uma preocupação genuína. Talvez até um toque de culpa.

– Você está bem? – ela disse apenas movimentando a boca.

Se ela se sentisse culpada depois do que fizera, eu ficaria feliz.

– Não.

Mas qualquer sinal de culpa se apagou quando Chloe sorriu maliciosamente, jogando um beijo e puxando Sara pelo braço. Juntos, Max e eu ficamos apenas olhando enquanto elas deixavam a boate.

– Merda – Max sussurrou. – Nós somos dois malditos sortudos.

Eu suspirei.

– É verdade.

Nós nos encaramos. Eu sabia que ele tinha planos para a noite toda. Mas ainda

era sexta-feira e ficaríamos em Vegas até terça. Seria mesmo tão ruim se eu escapasse por apenas uma hora?

Ele se aproximou, agarrou meu braço e começou a rir.

– Nem *pense* nisso, Bennett.

Depois da atmosfera sombria da boate, estar do lado de fora era quase como ser atingido por holofotes. Grandes hotéis ocupavam o céu noturno e, mesmo de longe, nós podíamos ver o brilho das luzes de neon de cada cassino. E havia barulho em toda parte. O som do trânsito chegava até nós enquanto esperávamos por nosso motorista. Carros paravam do outro lado da rua, deixando passageiros e apanhando outros antes de seguir. Pessoas de todos os tipos e tamanhos andavam de um lado para o outro. Buzinas e sirenes ecoavam.

E havia água em todos os lugares – desde pequenas fontes em estacionamentos, até as enormes cachoeiras dos grandes hotéis, onde todos os turistas jogavam moedas – até mesmo onde estávamos, longe da agitação e do glamour dos grandes cassinos.

Como se tivesse lido minha mente, Henry se aproximou de uma fonte de três andares, olhou para o fundo antes de atirar uma ficha de pôquer para ricochetear na superfície.

– Quem diria que haveria tanta água no deserto?

Will vinha andando atrás de nós, tirando seu casaco, embora estivesse frio.

– Água é uma necessidade para a vida – ele disse. – Para uma sociedade sobreviver, é preciso água para manter a população. Um uso tão arrogante e extravagante de um recurso necessário mostra que a comunidade está prosperando. Uma população que prospera faz as pessoas se sentirem otimistas, e um turista otimista gasta mais dinheiro e impulsiona a economia – ele encolheu os ombros e jogou um chiclete na boca. – Além disso, até que é bonito, você não acha?

Henry ficou boquiaberto.

– Você realmente é um nerd.

– Não é mesmo? – Max disse, sorrindo com diversão.

Will levantou o queixo em direção a Henry.

– Não fui eu quem acabou de jogar uma ficha de cem dólares numa fonte por ter sido condicionado a isso. Então, obrigado por provar minha teoria.

Henry arregalou os olhos e correu até a fonte.

– Filho da mãe.

Will se recostou na parede, com as mãos no bolso e o casaco enrolado no braço.

– Então, como vai ser o resto do nosso fim de semana? Jantar e o que mais?

Pular de paraquedas? Sacrificar uma virgem? Tatuagens comemorando a castração do Ben?

Eu sorri com o canto da boca. Will se tornara parte de nossas vidas desde que Max e Sara haviam se reconciliado. Nós cinco nos encontrávamos várias vezes por semana para almoçar, jantar e sair. Will era o solteirão do grupo e sempre gostava de lembrar que Max e eu éramos dois escravos eunucos.

– O que você não consegue entender, Will, é o benefício de transar só com uma mulher. Ela acaba aprendendo *exatamente* o que fazer. Estou mais do que feliz em entregar meu pau numa bandeja para Chloe.

Henry voltou da fonte e se aproximou de Will.

– Além disso, aposto cem dólares que você não consegue achar uma virgem por aqui.

Will olhou para a mão estendida de Henry e riu.

– Nós acabamos de sair da boate e você já jogou fora uma ficha de cem dólares e ofereceu uma aposta de cem dólares. Mal posso esperar para ver o que você faz num cassino.

– Eu ganho dinheiro – Henry disse, batendo no peito exageradamente e depois estremecendo.

Eu gemi, esfregando o rosto.

– Eu não posso te trazer pra lugar nenhum.

– Você acabou de ganhar uma esfregada de uma stripper, Benny – Henry disse, apertando meus ombros. – Como você pode estar mal-humorado? Você deveria estar com um sorriso de orelha a orelha.

Virei na direção da risada do Max.

– Deixa ele. Nosso Ben está apenas um pouco frustrado, só isso.

Max idiota. Com as mãos no bolso e aquele sorrisinho bobo no rosto, ele era o retrato da indiferença, exatamente o oposto do que eu estava sentindo.

Eu poderia estrangular a Chloe agora – uma sensação que já havia se tornado muito familiar desde o dia em que a conheci. Depois de todo esse tempo ela *ainda* conseguia me irritar como ninguém. Para ser honesto, não sei qual de nós é mais cretino: ela por se excitar em me provocar desse jeito, ou eu, por gostar tanto disso.

– Então, quais são os planos? – Will repetiu, saindo da parede. – Vamos ficar aqui a noite todo assistindo a irritação do Ben ou...?

Max checkou o relógio.

– Jantar. Minha mãe fez reservas para nós no Craftsteak do MGM. Dizem que é um dos melhores.

Procurando nosso motorista, virei para olhar a rua e um lampejo verde chamou minha atenção. *Chloe.* A última vez que a vi ela estava com Sara, toda

sorridente e provocante enquanto saíam da boate. Agora, elas esperavam na calçada tentando pegar um táxi.

Olhei rapidamente para Max, que estava ocupado discutindo com Will e Henry sobre a possibilidade de se comer uma bisteca de um quilo em menos de quinze minutos. Perfeito.

Avistei nosso carro, que virava a esquina, e percebi que teria de agir rápido. Apenas com uma vaga ideia do que fazer, eu fiz uma careta e apertei meu estômago.

– Você está passando mal, Bennett? – Will perguntou, erguendo uma sobrancelha.

– Estou bem. É só meu estômago que está um pouco irritado... deve ser minha úlcera de novo.

Max cerrou os olhos.

– Você tem uma úlcera?

– Sim – eu respondi, prendendo a respiração para melhorar a cena.

– Você. Uma úlcera.

Eu me endireitei um pouco.

– Qual o problema?

Ele coçou a testa e olhou para mim cético.

– Só acho um pouco estranho que o grande e poderoso Bennett, aquele cuja pressão sanguínea mal se altera, mesmo nas reuniões mais estressantes, e que não se importa com a opinião alheia, incluindo a nossa, possa ter uma úlcera.

Nosso carro estacionou no mesmo momento que um táxi parou para Chloe e Sara.

– Bom, eu tenho – eu retruquei, olhando em seus olhos. Nosso motorista abriu a porta e esperou. *Todos* esperaram, olhando para mim e para Max alternadamente.

– Por que esta é a primeira vez que estou sabendo desse negócio de úlcera? – Henry perguntou.

– Porque você não é meu médico nem minha mamãe – eu respondi. Todos ficaram olhando para mim em silêncio com diferentes níveis de preocupação, e no caso do Max, com desconfiança. – Olha, por que vocês não entram no carro enquanto eu dou um pulo numa farmácia? Vi uma logo ali na rua.

Max continuou me olhando por cima da porta do carro.

– Por que você não vem com a gente e paramos no caminho?

– É melhor não – eu disse, dispensando-o. – Vou precisar da minha receita e não quero que ninguém fique esperando por minha causa. Vão na frente. Eu encontro vocês no restaurante.

– Por mim tudo bem – Henry disse, entrando no carro.

– Podemos esperar – Will ofereceu, mas sem muito entusiasmo. Claramente os outros não se importavam em deixar um cara buscar seu maldito remédio sozinho, menos o Max.

– Não, ele sabe se virar – Max disse, com um sorrisinho maroto. – Acho que o pobre Ben na verdade está com dor de barriga e está com medo de fazer na calça – ele se virou para mim. – Encontramos você no restaurante.

Eu o encarei com o rosto fechado. Ele tinha sorte por eu não ter tempo para discutir. E tinha sorte por eu não ter tempo de ir até lá e dar um soco na cara dele.

– Encontro vocês lá.

—

Esperei apenas o suficiente para o carro sair antes de me virar e enxergar o táxi de Chloe e Sara parado no sinal vermelho. Se eu corresse, ainda dava tempo de alcançá-las. Consegui chamar outro táxi, e quando embarquei, prometi uma pequena fortuna ao motorista se ele me levasse para onde elas estavam indo. Eu não sabia direito o que faria ou como ficaria sozinho com ela, mas eu estava operando no piloto automático: alcançar Chloe, ficar sozinho com ela, ter um orgasmo.

Minha noiva havia me surpreendido com uma dança privada numa boate, agora eu subia num táxi para uma perseguição de carro. Minha despedida de solteiro tinha começado oficialmente.

—

O táxi delas parou logo depois e as duas saíram. Paguei meu motorista, mas continuei no carro, observando por um momento enquanto elas conversavam, cada uma apontando para um lado diferente – Sara para o Planet Hollywood, e Chloe para o Cosmopolitan. Quando chegaram a uma decisão, elas se despediram com um beijo no rosto e cada uma seguiu para uma direção.

Perfeito.

Desci do carro e segui Chloe em meio à multidão de turistas, até ela entrar num cassino. O interior parecia confuso e demorou um pouco até que eu me acostumassem. Cores vibrantes, luzes piscando e os sons dos caça-níqueis preenchiam o ambiente enquanto eu olhava ao redor. Eu a avistei perto da entrada, virando para subir as escadas.

Milhares de gotas de cristal penduradas no teto seguiam a curva da imensa escadaria. Do meu ponto de vista, parecia que Chloe estava sumindo dentro de um gigantesco lustre.

Eu a segui, permanecendo longe o bastante para poder admirar sua bunda perfeita e tentando entender o quê exatamente ela estava fazendo ali. Será que iria se encontrar com alguém? Embora nunca houvesse mencionado, talvez ela

tivesse amigos em Las Vegas. Ou talvez estivesse apenas esperando Sara terminar o que estava fazendo do outro lado da rua. Meu sangue se aqueceu só de pensar no *mistério* de Chloe; nós morávamos juntos, trabalhávamos juntos, e para todos os efeitos, nossas vidas eram completamente entrelaçadas. Mas gostei de saber que ela nunca abriria totalmente o jogo. Por causa de sua forte independência, eu nunca iria saber tudo que se passava em sua mente. Mesmo que fosse inteiramente *minha*, Chloe sempre seria um desafio.

Quando nos aproximamos do terceiro andar, seu destino ainda não estava claro, e a malandragem de seu joguinho estava me causando um aperto no peito. Eu me rendi, faminto pela nossa rotina na qual eu discuto com ela e depois faço o que quiser com seu corpo. Com apenas alguns passos mais largos, eu me aproximei e agarrei seu braço.

– Você está muito encrocada – eu rosnei em seu ouvido.

Senti seu corpo endurecer por um momento antes de relaxar e se recostar em meu peito.

– Fiquei pensando quanto tempo levaria até você me encontrar.

– Você – eu disse, enquanto continuávamos subindo a escada – já falou demais por hoje. Estávamos completamente no meio da cortina de cristais, que parecia nos envolver por todos os lados, cintilando sob a luz suave. – Chegou a hora de você fechar essa boca... até eu mandar abrir.

Chegamos ao terceiro andar, onde havia um bar impressionante, cujas prateleiras eram repletas de garrafas incrustadas de joias e as paredes eram forradas com ainda mais cristais. Seguindo em frente, eu a conduzi até um canto escuro. Sorrindo, notei uma placa sobre uma porta: eu precisava ficar sozinho com Chloe sob as minhas condições e, honestamente, sempre nos saímos muito bem em banheiros.

Um senhor idoso com os cabelos tingidos de preto ergueu os olhos e se surpreendeu quando entramos no banheiro dos homens. Estendi a mão para cumprimentá-lo e pressionei uma nota dobrada em sua palma.

– Muito barulho lá fora – eu disse, indicando a direção do cassino e do bar do outro lado da porta. – Talvez você possa nos dar uns minutos para conversarmos sozinhos?

Ele olhou para o dinheiro, arregalou os olhos e depois sorriu para mim.

– Conversar?

– Sim.

Seu olhar recaiu sobre Chloe.

– Tudo bem com você, senhorita? Talvez hoje não pareça, mas quando eu era jovem eu podia acertar um engomadinho desses sem ele nem saber o que o atingiu.

Ao meu lado, Chloe riu.

– Algo me diz que o senhor ainda consegue – ela disse com uma piscadela. – E, acredite em mim, eu também sou perfeitamente capaz de acertar esse engomadinho.

– Disso eu não duvido – seu sorriso se abriu, revelando dentes muito brancos. – Sabe – ele disse, olhando para o relógio. –, acabei de perceber que está na hora do meu intervalo – ele apanhou um chapéu pendurado num gancho e piscou ao virar lá fora uma placa que dizia “Fechado para limpeza”. Olhei para Chloe por um momento quando a porta se fechou, depois cruzei o banheiro para trancá-la.

Chloe pulou no grande balcão de mármore e sentou-se enquanto me olhava, cruzando as longas pernas. O banheiro era luxuoso, parecia mais uma sala de estar com cabines adjacentes do que um banheiro tradicional. O chão tinha o mesmo estilo de mármore negro e dourado que o resto do cassino, com três poltronas numa parede e um sofá de couro no meio. Um enorme lustre de cristal ficava pendurado no centro da sala, refletindo luzes coloridas para todo o lado.

– Então, estou encrencada? – ela perguntou, com um olhar esperançoso.

– Muito encrencada.– dei um passo em sua direção.

– Isso parece um tema recorrente.

– Pois é.

– Você vai me dizer o que eu fiz de errado? – ela me olhou com os olhos arregalados e o rosto corado. Ela era linda demais. – Por acaso eu deveria ter usado minha própria mão?

– Isso não é engraçado – meu coração martelava em meu peito e a adrenalina queimava em minhas veias. O olhar dela não se abalou quando eu cruzei a sala para abrir suas pernas e me posicionar no meio de suas coxas.

Passei um dedo na pele macia de sua perna até agarrar o tornozelo. – Esses sapatos não parecem muito apropriados – eu disse, raspando o polegar sobre o couro macio.

Ela continuou me encarando, com aqueles lábios vermelhos, macios e tão tentadores.

– Talvez eu não esteja sendo muito sensata neste fim de semana. É por isso que estou encrencada?

– Você está encrencada porque você é impossível!

Ela ergueu o queixo.

– Apreendi com o melhor.

Subi seu pé até minha cintura e lentamente movi a mão acariciando sua coxa até chegar debaixo da saia. Apertei meu queixo e uma nova onda de frustração percorreu meu corpo quando me lembrei de como ela havia me deixado na boate, do quanto estava orgulhosa em ter me deixado naquele estado, e de como

noventa por cento de nossas discussões poderia ser resumida em um de nós tentando arrancar alguma reação do outro. Era uma situação realmente complicada.

Ainda.

E naquele momento, tudo que eu conseguia pensar era empatar o jogo.

Agarrando sua bunda com as duas mãos, ignorei sua reclamação quando a joguei para a beira do balcão.

– Você... – ela começou a protestar, mas eu a interrompi, pousando um dedo em sua boca. Seu perfume ainda era estranho, tinha um aroma floral, não cítrico como de costume, mas debaixo da maquiagem pesada e do perfume, havia algo suave em seu olhar, algo que era inerente à Chloe. Ela podia brincar de se vestir do jeito que quisesse, mas a mulher que era minha sempre estaria lá. Percebendo isso, tive a sensação de que estava me afogando, então me inclinei para frente, substituindo meu dedo por meus lábios e rapidamente me perdi em seus pequenos sons e gemidos. Seu beijo parecia uma droga invadindo minha corrente sanguínea. Agarrei seus cabelos e puxei sua cabeça para trás, querendo mais do que sua língua entre nossas bocas.

Com minha palma contra seu peito, eu a empurrei até deitá-la no balcão, posicionando-a do jeito que eu queria e sem me preocupar com gentilezas. Mas ela estava solícita, os olhos bem abertos reconhecendo nosso jogo, abrindo a boca com a respiração ofegante. Ela se apoiou nos cotovelos e olhou para mim, esperando para saber o que eu faria em seguida.

O tecido leve da saia não parecia nada em minhas mãos quando a subi até a cintura, expondo longas pernas e uma calcinha de cetim diferente. Deixei meus dedos pressionarem sua pele, querendo mantê-la no lugar, marcá-la e ouvi-la implorar por aquilo que desejava.

– Vou te foder com minha boca – eu disse, ajoelhando entre suas coxas e raspando meus lábios sobre o fino tecido da calcinha. – Vou foder com minha língua até você implorar por meu pau. Talvez eu te dê. Talvez não.

Chloe ofegou e agarrou meus cabelos, tentando me puxar.

– Não me provoque, Bennett – ela disse.

Afastei suas mãos, rindo enquanto olhava para ela.

– Você não pode tomar nenhuma decisão hoje, Chloe. Não depois do que fez na boate – respirei no meio de suas pernas, lambendo por cima do clitóris até deixar a calcinha molhada. – Você me beijou, deixou que eu saboreasse seus seios, *gozou na minha mão*, depois foi embora e me deixou lá. Isso não foi nada legal.

– Eu... O quê? – ela disse, com olhos desfocados enquanto olhava para mim e o pescoço cada vez mais vermelho.

Impulsionando para frente, eu presei seus quadris no balcão, beijando e mordiscando o cetim até deixar a calcinha inteira molhada. Sua cabeça caiu para trás e ela gemeu, sussurrando meu nome na sala vazia.

– Mais alto – eu mandei. – Quero ouvir você.

– Tira a calcinha e me chupa de verdade.

A carência em sua voz enviou um lampejo de eletricidade que atravessou meu corpo. Agarrei a calcinha e puxei, querendo sumir com ela para que não existisse mais nada entre nós.

Ela gritou e se arqueou contra mim no primeiro toque da minha língua em sua pele, com seus dedos enterrados em meus cabelos e sua voz ecoando ao nosso redor.

O lugar não era confortável, mas não importava, e até tinha suas vantagens, pois quando olhei para o lado, enxerguei seu reflexo no espelho e a vi mordendo os lábios e olhando para nós. Encontrei seus olhos enquanto a saboreava, deslizando minha língua ao redor e lá dentro.

Acrescentei um dedo, depois dois, e fiquei olhando eles entrarem e saírem, molhados com todo o desejo dela por mim. Sua voz não era nada mais do que um sussurro enquanto repetia meu nome sem parar, pedindo por mais e abrindo as pernas totalmente. Eu podia sentir seu calor e sua tremedeira quando ela se aproximava do clímax.

– Está gostando? – eu perguntei, fazendo minha voz reverberar nela. Chloe assentiu, quase sem fôlego, levando as mãos aos próprios cabelos.

– Muito bom. Oh, Bennett, estou muito perto.

Aquilo era uma tortura para mim também, pois eu queria vê-la perder o controle, mas também queria *sentir, precisava* sentir.

Tentei esconder meu desespero quando agarrei sua cintura e praticamente a joguei numa poltrona, subindo em cima dela para lambar um caminho do umbigo até o sutiã minúsculo. Desabotoei a parte de cima da minha camisa, abri rapidamente o cinto e a calça. Libertei meu pau e quase gritei quando ela deu um tapa na minha mão e agarrou minha ereção.

– Não – eu disse, virando-a até que ficasse de joelhos. – Você teve sua oportunidade para brincar. Agora é minha vez – ela gemeu quando eu levantei sua bunda no ar, estapeando com força.

Ela ofegou e se virou para olhar em meu rosto.

Lancei um olhar sombrio, acariciando sua pele.

– Você quer que eu pare?

Ela cerrou os olhos.

– Você pode me parar quando quiser – eu murmurei. – Tenho certeza de que isso é uma tortura para você.

Raspei a ponta do meu pau onde ela estava mais molhada e desci até o clitóris, circulando e provocando.

– Você é um filho da mãe – ela disse quase sem voz, e eu dei outro tapa em sua bunda, ainda mais forte. Mas desta vez, ao invés de ficar surpresa, ela gemeu, rouca e faminta.

E então, o resto veio naturalmente: Chloe e os sons que fazia, a maneira como pedia para eu entrar nela e foder de uma vez. E quando fiz isso, estapeando sua bunda de novo, ela implorou por mais e por mais força.

Mas quando tomei o que queria, não achei suficiente; nunca seria. Eu podia sentir o peso disso em meu estômago: o absoluto amor que eu sentia por ela, a constante necessidade de tocar, sentir, tomar e marcar, por dentro e por fora.

Agarrei o tecido de sua camisa e puxei para poder ver os seios balançando enquanto eu metia. Os cabelos caíram em suas costas e eu passei a mão por baixo deles, sentindo os fios gelados contra minha pele. Observei a maneira como ela ia de encontro a meus movimentos, com a saia erguida sobre sua bunda rosada e a cintura fina.

– Eu sinto falta disto – eu disse, cobrindo a marca que fiz. – O tempo todo.

Ela concordou e disse meu nome. Eu pude ouvir a frustração em sua voz quando ela tentou se apoiar em algo e levar a mão entre as pernas.

– Isso mesmo – eu disse, olhando ela se tocar. – Goze.

Isso era o que ela precisava, pois soltou um grito, dobrou as costas para trás e empurrou seu corpo contra meus movimentos. Eu também estava muito perto, mal conseguia pensar, tão faminto por ela que nem respirava direito. Minhas pernas queimavam e os músculos protestavam enquanto eu investia dentro dela. A poltrona rangia no chão e o couro chiava debaixo de nós.

– Bennett. Merda, *Bennett*! – ela gritou. Eu senti um calor se acumular em meu estômago até começar a pulsar através de mim. Minha vista escureceu quando eu finalmente gozei.

Cada parte de mim entrou em colapso de uma vez quando eu desabei, ofegando, e usei a poltrona para me apoiar.

– Puta merda – a sala girava e estava tão silenciosa que minha voz e respiração pareciam ecoar no chão de mármore. Fiquei pensando se alguém poderia nos ouvir.

Ela se levantou, cambaleando levemente enquanto ajeitava suas roupas e entrava numa cabine para se limpar.

– Você sabe que eu vou precisar andar por aí depois? – disse ela.

Eu sorri.

– É claro.

– Você fez isso de propósito.

Deitei de costas e pisquei olhando para o lustre.

– Provavelmente.

Eu sabia que deveria ajeitar minhas roupas e sair para encontrar os caras, mas agora tudo que eu queria era dormir.

Ela se aproximou e se abaixou para me beijar.

– Você precisa comer alguma coisa, ou estará bêbado demais à meia-noite.

Eu gemi, tentando puxá-la para mim, mas ela escapou ao pressionar o dedo entre minhas costelas.

– Mas esse não é o objetivo?

– Tenho certeza que eles estão querendo saber onde você está.

– Eu disse que tinha uma úlcera e falei para eles seguirem sem mim.

– E eles acreditaram em você?

– Sei lá.

– Bom, vá convencê-los de que você já melhorou da sua doença totalmente inacreditável e eu vou achar a Sara.

– Certo – eu disse, levantando e subindo minha calça. Fiquei olhando para ela enquanto penteava os cabelos. – Aliás, onde ela foi?

– Ela está se encontrando com uma amiga que mora aqui. Acho que é uma dançarina. Algum tipo de stripper ou dançarina de cabaré no Planet Hollywood.

– Parece interessante.

Chloe olhou para mim através do espelho com uma sobrancelha erguida.

– Enfim, eu tinha a sensação de que estava sendo seguida, então falei para ela continuar sozinha.

– Uma sensação?

Ela encolheu os ombros, passando o batom.

– Uma esperança.

Fechando o estojo de maquiagem, Chloe o guardou na bolsa e eu a segui até a porta, onde acariciei seu rosto.

– Eu te amo de qualquer jeito.

– Eu também te amo de qualquer jeito – ela disse, beijando minha boca antes de dar um tapa na minha bunda. Um tapa *forte*.

Eu ainda podia ouvir sua risada depois que ela saiu pela porta.

Quatro

MAX STELLA

Fiquei olhando Bennett pelo vidro traseiro enquanto ele andava na calçada a passos largos. Ele olhou por cima do ombro e chamou um táxi assim que pensou que nós já estávamos fora de sua vista.

Caramba. Para alguém conhecido por ser inabalável, ele parecia ferrado. Nem continuou com o fingimento por tempo o bastante para que virássemos a esquina.

Eu me ajeitei no banco, olhando pela janela enquanto as luzes e os turistas passavam como um borrão. Voltei a pensar em Sara. Ela disse que sentia um vazio de tanto me desejar e, *Deus*, só a lembrança daquelas palavras era suficiente para acabar comigo de novo. Ela raramente exigia algo, e mesmo durante nossas semanas mais ocupadas quando mal nos víamos, ela era a mais paciente de nós dois, sempre insistindo para compensarmos o tempo perdido nos fins de semana, ou numa quarta-feira. Ficou quase impossível dizer não quando ela pediu por mais hoje. Mas eu podia ver em seus olhos a maneira como ela havia se arrependido imediatamente, como se soubesse que eu ficaria dividido.

Meu celular vibrou com uma mensagem dela: “Estou bem, de verdade. Desculpe por distraí-lo”.

Eu sorri quando digitei minha resposta: “Bem, você é minha distração favorita”.

“Divirta-se com os garotos”, ela respondeu.

Um estouro chamou minha atenção e olhei para Henry e Will, que tinham acabado de abrir uma garrafa de champanhe.

– Levante a mão quem acha que o Bennett precisava tocar uma no banheiro – Will disse, oferecendo uma taça de champanhe. Eu recusei, preferindo tomar um drinque de verdade no restaurante.

– Bom, nós acabamos de sair de um clube de strip, então dê uma folga ao cara – Henry disse, mostrando seu lado de irmão protetor.

Eu me esforcei para manter minha expressão neutra. Will e Henry não sabiam sobre as garotas, mas estavam perto demais de sacar.

– Henry tem razão – eu acrescentei, surpreso comigo mesmo por defender Bennett depois de ele ter nos abandonado para transar com sua noiva durante a primeira noite de sua despedida de solteiro. – Talvez ele apenas precisasse de um tempo sozinho. O cara é nitidamente comandado por seu próprio pau.

– Ah! – Will exclamou. – Adoro essa sugestão de que você é muito diferente.

Não importava que ele estivesse certo: desde o encontro com Sara eu não havia pensado em mais nada além do que ela estaria fazendo, o que estava vestindo e, claro, onde eu poderia transar com ela. Mas meu lado que adorava discutir com Will não conseguia resistir a responder.

– Admito que Sara ocupa uma grande parte de meus pensamentos – eu comecei dizendo.

– Compreensível – Will interrompeu, lançando um olhar conhecedor.

– *Porém* – eu continuei, ignorando-o –, sou perfeitamente capaz de manter a cabeça focada quando é necessário.

Sem se abalar, ele assentiu e tomou o champanhe, recostando-se no banco de couro.

– Sim. Um empresário focado como você nunca nem sonha em fugir das responsabilidades ou, digamos, das amizades, por uma mulher.

Eu concordei sem muito entusiasmo, sentindo uma armadilha.

– E quando você não foi me buscar no aeroporto quando eu voltei da China porque teve uma “emergência” – ele disse, fazendo aspas no ar –, o que, claro, significava ser chupado pela Sara no banco de trás do seu carro, isso também é um exemplo de você mantendo a cabeça focada, não é?

Senti o peso do tapa de Henry em minhas costas.

– Seu cachorro filho da mãe – ele disse.

Pisquei para o Henry, sabendo que Will ainda estava longe de terminar.

– E quando você me deixou sozinho com três dos clientes mais chatos do planeta por duas horas porque estava comendo a Sara na biblioteca da casa do James... isso também era você mantendo a cabeça focada. Pois é, Ryan podia mesmo aprender com você a como parar de pensar com o próprio pau.

– Acho que você já provou seu argumento – eu ri.

– Estou apenas me certificando – ele disse com um sorriso charmoso, oferecendo um brinde com o champanhe.

Paramos num sinal vermelho pouco depois do MGM, e embora eu estivesse ansioso para jantar, desejei ter pensado em “dar um pulo na farmácia” antes de Bennett.

– Se você mantivesse uma boa agenda – Will continuou –, não ficaria tão desesperado para transar sempre que consegue um tempo livre.

– Agenda? – Henry perguntou.

Eu me inclinei para frente, sorrindo.

– Ele está falando da sua agenda de mulheres. Nosso amigo Will pode estar solteiro, mas certamente não significa que não tenha muitas companhias. Ele mantém seus “relacionamentos” organizados e regulados na sua agenda.

Will franziu o rosto enquanto Henry olhava para nós dois, obviamente confuso.

– Espera aí. Você está dizendo que organiza suas ficadas numa agenda?

– Não – Will respondeu, olhando feio em minha direção. – Significa que as mulheres com quem eu saio sempre sabem umas das outras. Também sabem que eu não estou interessado em nada mais por enquanto, o que funciona perfeitamente porque elas também pensam assim. Todo mundo sai ganhando – ele jogou as mãos para cima e deu de ombros. – Mas você não vai me ver correndo para a farmácia, ou comendo uma garota no meio de uma reunião de trabalho porque eu não consigo encontrar outro horário na minha agenda.

– Certo – Henry e eu falamos ao mesmo tempo.

O carro parou de repente e nós olhamos pela janela.

– Acho que finalmente chegamos – Will disse. – Jesus, por que demorou tanto? Estamos literalmente a três quarteirões de onde saímos.

A porta abriu e nós descemos, olhando a cena ao redor. Era um caos absoluto. Filas de carros parados na rua, muitos ainda ligados e com as portas abertas. Várias pessoas se juntavam em grupos, obviamente sem saber o que fazer.

– Parece que tem um hidrante quebrado – nosso motorista disse, gesticulando por cima do ombro. – Posso deixar vocês aqui, mas vai demorar pelo menos uma hora até eu conseguir voltar.

Henry e Will deram a volta no carro para se juntar a nós e eu suspirei, olhando para o relógio.

– Não deve ser um problema – eu disse. – Vamos jantar e algo me diz que não vai ser rápido – eu estava dividido entre querer uma noite com meus amigos e querer saber se Sara estava bem. Eu estava cada vez mais ansioso e inquieto, apesar do tempo que passara com ela há apenas uma hora.

O motorista assentiu e nós entramos no cassino, seguindo as placas até encontrarmos o restaurante. Havia uma boate ao lado e a batida da música podia ser sentida através das paredes e do chão enquanto cruzávamos o restaurante até nossa mesa. A música que pulsava era semelhante à tensão que se acumulava dentro de mim, como se houvesse uma batida dizendo *Sara, Sara, Sara*.

Olhei para meu celular pela centésima vez e franzi as sobrancelhas quando vi que não havia mais nenhuma mensagem. Onde ela estava? Será que Bennett havia encontrado Chloe? E, se fosse o caso, por que Sara não me enviara uma mensagem?

Comecei a olhar algumas fotos recentes no meu celular: nós dois abraçados na cama; uma foto dela deitada debaixo de mim, relaxada e satisfeita depois de uma boa transa; um *close* dos seios; minha mão em sua bunda enquanto eu a comia por trás em meu escritório tarde da noite.

Percebi que tinha perdido o fio da conversa quando a voz de Will me tirou de meu transe enquanto eu estudava uma foto dos lábios vermelhos de Sara envolvendo meu pau.

– Max – Will disse, batendo na mesa com a mão.

Levantei os olhos, surpreso por encontrar o garçom ao nosso lado e rapidamente desliguei a tela.

– Gostaria de algo para beber, senhor?

– Desculpe – eu murmurei. – Uísque Macallan, puro.

– Doze, dezoito ou vinte e um anos, senhor?

Arregalei meus olhos.

– Vinte e um. *Perfeito*.

Após anotar os pedidos, ele foi embora e eu tentei voltar para o meu celular, mas fui interrompido novamente por Will.

– Compartilhe com os colegas ou guarde essa coisa. Eu sei muito bem o que você tem aí, seu bastardo doente. Nada de garotas, lembra-se do que combinamos?

Henry assentiu e jogou um pedaço de pão em mim.

– Apenas os caras – ele concordou.

– A promessa de eu não ficar segurando vela para vocês foi a única razão para eu ter aceitado viajar até aqui.

Suspirei e guardei o celular, sabendo que ele estava certo. Quando ergui o rosto, me deparei com ninguém menos que Bennett se aproximando de nós.

– Ora, ora, veja quem apareceu – eu disse.

Henry puxou a cadeira para seu irmão.

– Está se sentindo melhor?

Bennett desabotoou o casaco e se sentou.

– Muito – ele disse, sorrindo como um bobo. Exatamente, Bennett Ryan estava sorrindo igual um idiota.

Nossas bebidas chegaram e eu apanhei o meu uísque, olhando para o líquido no copo.

– E nem demorou muito, não é? – eu disse, sentindo uma satisfação quando o rosto dele se fechou apenas pelo tempo suficiente para me olhar feio. – Certas coisas são melhores quando são rápidas. Tipo, visitar a *farmácia*.

– Nada como eficiência para deixar um homem feliz – ele disse com um sorrisinho cretino.

– E você é um rei entre os plebeus – eu disse, rindo e erguendo meu uísque para ele brindar com sua água. – Peça um drinque para celebrar a eficiência das farmácias em todo o país.

– Por que eu tenho a impressão de que estou entendendo só metade dessa conversa? – Will perguntou, parecendo confuso entre nós. Ele cerrou os olhos. – Está acontecendo alguma coisa que nós não sabemos?

Eu soltei uma risada.

– Não sei do que você está falando, meu amigo. Estou só tirando sarro da cara dele.

Henry começou a estudar o cardápio, mas Will não parecia convencido, desviando os olhos apenas quando Henry chamou sua atenção para um carrinho de filé flambado chegando à nossa mesa.

Quando vi que eles estavam distraídos, eu me aproximei de Bennett.

– Onde está Sara?

– Você adoraria saber, não é?

Fechei o rosto.

– Cretino.

– Ei, foi você quem começou tudo isso – Bennett disse, estendendo o braço para apanhar meu drinque.

Eu dei um tapa em sua mão.

– Eu? Do que você está falando?

– Você sabe: a Chloe? Aqui? Por mais grato que eu esteja, não venha me dizer que não foi você quem sugeriu toda aquela coisa de dança privada.

– Para *você*.

– Para mim – ele disse, ainda com um sorrisinho. – Certo. Para que eu ficasse distraído e você pudesse ficar com Sara na boate.

Talvez ele tivesse razão e continuou.

– Se a Sara ficasse provocando você por quarenta minutos eu tenho certeza de que você também correria para encontrá-la e... consertar as coisas. Mesmo se tivesse no meio de uma noite com os amigos.

Eu ri.

– É verdade – baixando ainda mais a voz, eu disse: – Este jantar vai demorar pelo menos duas horas. Eu poderia voltar em vinte minutos.

Desta vez, quando ele tentou apanhar meu drinque, eu deixei.

– Ela está visitando uma amiga – ele sussurrou.

Fiz uma pausa.

– Visitando... o quê?

– Ah, isso te incomoda? Te deixa deslocado? Não sei se eu deveria ter contado – ele disse, estudando meu rosto. – Está muito claro que o começo desta noite foi

muito melhor pra você do que pra mim. Talvez você devesse se concentrar mais na minha despedida de solteiro em vez de pensar no seu pau.

– Ou – eu comecei – eu poderia contar para o Henry sobre aquela vez que você comeu duas garotas na cama dele quando ele estava preso trabalhando pra você no Natal.

Isso o deixou mais esperto.

– Ela tem uma amiga que dança em algum show no Planet Hollywood. Chloe comentou alguma coisa sobre Sara ter ido lá durante a passagem de som ou entre os shows.

Era só isso que eu precisava saber. Empurrando a cadeira para trás, eu me levantei. Will e Henry olharam para mim.

– Onde você está indo? – Henry perguntou. – Eles têm uma bisteca de um quilo aqui!

– Banheiro – eu disse, colocando a mão na barriga. – Eu... humm... não estou me sentindo bem.

– Você também? – Will perguntou.

Eu assenti, hesitando apenas por um segundo antes de dizer que voltaria logo.

Então praticamente saí correndo do restaurante, sentindo meu sangue martelar quente em meu corpo e aquela necessidade de estar com ela zumbindo debaixo da minha pele.

O cheiro do asfalto atingiu meu rosto enquanto eu andava acelerado pela calçada, procurando a direção do Planet Hollywood em meu celular.

A área de *valet* ainda estava uma bagunça: alguns carros ainda estavam parados no mesmo lugar desde que chegamos e não havia nenhum táxi à vista. *Merda*, como eu chegaria lá? Olhei para o carro ao meu lado: porta aberta, chave pendurada na ignição. Levei menos de cinco segundos para decidir que havia passado minha vida inteira sem nunca ter roubado um carro e isso não poderia continuar assim.

Emprestado, eu pensei. Eu estaria emprestando o carro.

Olhando rapidamente ao redor, entrei e girei a chave. Havia um chapéu preto no banco ao lado. Eu o apanhei e o vesti. *Bom, se você está em Roma...*

Eu não tinha ideia do que estava fazendo quando acelerei pela rua, mas pensei que àquela altura nada mais poderia dar errado.

—

Descobri que dirigir uma limusine roubada – *emprestada* – era tão difícil quanto você pode imaginar. O carro virava igual um tanque e também era discreto como um . Mas o trânsito parecia menos carregado do que eu esperava e logo cheguei ao cassino.

Com os dedos cruzados, entrei no estacionamento subterrâneo, jogando o

chapéu e as chaves do meu carro emprestado para o primeiro manobrista que encontrei. Outro item que posso tirar da minha lista de coisas para fazer antes de morrer: emprestar o carro de um estranho durante uma despedida de solteiro em Las Vegas.

Dei de cara com várias escadas rolantes quando entrei no prédio. Sem paciência para esperar a subida, eu corri pelos degraus de dois em dois. Fileiras de neon púrpura preenchiam o teto, junto a um grande lustre brilhante. Segui as placas até os fundos do cassino, parando em frente ao teatro Peep Show.

Dentro do auditório escuro, olhei ao redor. As luzes do palco cobriam todo o lugar com mais luzes roxas – o carpete, os assentos, até as pessoas que andavam pelo palco. Estava silencioso, obviamente era um intervalo entre as apresentações, e havia luz suficiente apenas para eu enxergar Sara no nível inferior e começar a me dirigir até ela. Desci lentamente, observando-a enquanto se sentava, sem perceber minha presença. Ela estava olhando para alguém e sorrindo. Sara ainda conseguia tirar meu fôlego, e ali, banhada de púrpura, eu queria memorizar tudo daquele momento: o brilho em seus cabelos, a suavidade de sua pele. Eu queria uma foto daquele exato instante.

Quando o ensaio começou, a música tomou conta do espaço, as luzes diminuíram enquanto eu descia os últimos degraus até ela. Eu mal podia enxergar minha própria mão na frente do rosto, mas como se ela soubesse que eu estava ali o tempo todo – ou talvez esperasse que eu estivesse – Sara mal reagiu. Um simples olhar, um pequeno sorriso e o pingente dourado que havia lhe dado no Natal balançando entre seus delicados dedos. Pousei a mão em sua coxa, senti seu calor, acariciei a pele e fiz um gesto silencioso para o palco.

Um homem marcava o ritmo enquanto garotas vestindo collants cheios de brilhantes alongavam as pernas e se equilibravam na ponta dos pés. Senti tonturas só de olhar. Elas dançavam, circulando umas às outras até pararem debaixo de um feixe de luz concentrado para se beijarem.

Apertei sua coxa, passei o polegar na barra da saia e ouvi sua respiração se prender levemente. Não havia ninguém além de nós na escuridão dos assentos e me perguntei se o fetiche da Sara de ser observada também valeria para observar outra pessoa.

Minha mão subiu por sua coxa e eu me inclinei para beijar sua orelha. Ela suspirou, inclinando a cabeça quando movi seus cabelos e passei a língua pela curva de seu pescoço.

Ela se afastou para olhar em meu rosto, jogando os olhos rapidamente para as dançarinas numa comunicação silenciosa. *Aqui?*, ela estava perguntando. *Enquanto elas dançam e se tocam no palco?*

Outra dançarina girava num poste dourado debaixo de um holofote que

acentuava cada movimento acrobático de seus braços e pernas graciosos enquanto seu corpo dançava sob o ritmo da música que tocava ao fundo. A cena era realmente erótica e eu senti meu pau endurecer tanto pelo show como pela reação de Sara.

Eu sorri e me ajeitei na cadeira para sussurrar em seu ouvido.

– No que você está pensando?

– Você precisa perguntar?

– Talvez eu queira ouvir você falar.

Ela engoliu em seco.

– Nós vamos fazer? – havia um desejo em sua voz. Uma ponta daquela pequena inflexão que eu tinha ouvido mais cedo no Black Heart.

– Talvez não *tudo*, minha flor – eu disse, deixando meus dedos subirem ainda mais, puxando a calcinha para o lado e acariciando as dobras suaves de seu sexo.

– Você ainda está molhada por minha causa?

Ela voltou a engolir com dificuldade e lambeu os lábios.

– Sim.

Mergulhei um dedo dentro dela.

– Você gostou da nossa transa hoje? Ainda consegue me sentir dentro de você? – pressionei mais fundo e ela teve um pequeno soluço, deixando os lábios entreabertos e brilhantes debaixo da luz suave.

– Alguém pode nos ver – ela murmurou, deixando a cabeça cair para trás e fechando os olhos. Sara não conseguia encontrar palavras quando acrescentei outro dedo, empurrando os dois ao mesmo tempo. Eu sorri ao vê-la perder o fôlego e imediatamente se tornar incoerente.

– E não é esse o objetivo?

– Câmeras...

Olhei para cima e encolhi os ombros.

– E o que você faria, minha doce Sara? Se alguém a visse desse jeito? Isso deixaria as coisas mais quentes? Você gozaria na minha mão assim que ouvisse passos no corredor?

Ela gemeu baixinho e eu não conseguia parar de olhar para o discreto movimento das minhas mãos debaixo da saia e o jeito como ela abria mais as pernas para me acomodar. Eu gostava de quando ela se amolecia para mim, permitindo que eu a posicionasse do jeito que quisesse. Mas também gostava dela daquele jeito, desesperada e não se importando com nada.

Eu gemi, apertando meu pau sob a calça porque, *Deus*, será que sempre seria assim? Será que eu sempre a desejaria desse jeito que me deixava febril e completamente estúpido?

Eu queria colocá-la em meu colo para que ela me cavalgasse, queria escutar

seus gemidos e que gritasse meu nome de novo e de novo, queria ouvir o eco reverberando no grande espaço até o teto. Seus gritos nos envolveriam, chegariam até as pessoas no palco e todas as dançarinas saberiam que ela era minha.

Claro, não podíamos fazer isso, e quando um pequeno gemido escapou dos lábios dela, eu me inclinei e sussurrei um “shh” em seu ouvido. Seus olhos estavam presos no palco onde uma garota dançava com os seios à mostra, e no meio da escuridão do auditório eu mal conseguia enxergar o rosto de Sara. O farfalhar do tecido chamou minha atenção para seus seios, os quais ela apertava, beliscando o mamilo em uma parte da camisa que estava levemente aberta. E o fato de que ela estava excitada com o quê e onde estávamos fazendo – sendo observada e também observando – bom, só de pensar eu já ficava duro, quase gozando na minha calça.

Meu coração martelava contra meu peito e eu segurei meu pau, olhando e ouvindo Sara chegar cada vez mais perto do clímax. Sob o brilho das luzes do palco eu podia ver o suor em sua testa, podia sentir suas contrações em meus dedos. Seus sons mudaram, cada vez mais longos a cada círculo do meu polegar sobre seu clitóris.

Senti meu orgasmo se acumulando.

– Sara – eu disse, mas ela imediatamente tomou minha boca num beijo desesperado. Eu queria poder registrar o momento com alguma câmera, quando ela mordeu meu lábio e puxou, e sua língua apareceu para sentir meu sabor.

Sua respiração acelerou e senti seu corpo se contrair, senti seu orgasmo percorrer seus membros, quente e selvagem, com seus gemidos abafados pela música do palco. Ela estendeu o braço para abrir meu zíper, mas eu já estava fazendo isso.

– Oh, sim – eu disse, praticamente me derretendo no assento. Minha cabeça caiu para trás e eu me entreguei para a sensação. – Vai, minha flor, mais rápido. Mais forte.

Não demorou e senti meu prazer subir por minhas costas e explodir em luzes em meus olhos fechados quando gozei, pulsando na mão da Sara.

A música de repente parecia ensurdecadora e eu abri os olhos, sentindo um calor escapar por meu pau antes de finalmente retornar para meu corpo. Pisquei várias vezes até enxergar o sorriso de Sara, com aquela expressão satisfeita de que conseguira provar mais uma vez que me possuía completamente.

– Posso riscar mais um item da minha lista – eu disse, olhando novamente para as dançarinas que ainda estavam no palco. Vi Sara procurar alguma coisa dentro da bolsa e tirar um lenço de papel para limpar as mãos. – Pelo jeito voltamos aos velhos tempos? Agora você me diz que acabou e que eu tenho que

ir embora?

Sara riu.

– Afinal, como você conseguiu escapar dos seus amigos?

– Eu disse que ia ao banheiro e saí de lá.

Ela ergueu as sobrancelhas e se recostou no assento enquanto ria.

– E você desapareceu por todo esse tempo?

– É, acho que eles devem estar tentando descobrir a verdade agora. Dane-se – terminei de ajeitar minhas roupas e me inclinei sobre ela, tomando seu rosto nas mãos e passando a ponta de um dedo sobre seu nariz.

– Preciso ir.

– Sim, você precisa.

– Eu te amo, minha flor.

– Eu também te amo, meu estranho.

Cinco

BENNETT RYAN

Tinha certeza de que eu parecia um idiota. Will e Henry continuaram tomando suas bebidas e analisando o cardápio, indiferentes ao fato de eu estar sentado na frente deles, rindo à toa e sorrindo sem parar como um bobo.

Apesar da saída repentina de Max, eu ainda estava excitado por causa da diversão que havia sido perseguir Chloe, depois estapear sua bunda e comê-la no banheiro. E ela seria minha esposa.

Eu não tinha ideia de como poderia ser tão sortudo.

– Os senhores estão prontos para pedir? – o garçom perguntou, retirando os copos vazios e empilhando-os numa bandeja. Will e Henry tiraram os olhos do cardápio pela primeira vez em dez minutos e piscaram olhando ao redor da mesa.

– Max ainda não voltou? – Will perguntou, surpreso.

Sacudi a cabeça, redobrando meu guardanapo para tentar evitar seus olhares.

– Parece que não.

– Será que deveríamos esperar por ele ou...? – Henry perguntou. – Eu não me importaria de gastar uns minutos apostando no cassino enquanto esperamos.

Olhei para meu relógio e soltei um gemido; a desculpa esfarrapada de Max estava perdendo credibilidade a cada minuto que passava. Não que eu me importasse se Max fosse flagrado – isso provavelmente deixaria a noite mais divertida –, mas se ele fosse pego, então eu também seria. Tínhamos o resto do fim de semana com os caras, e Will nos infernizaria se soubesse que estávamos nos encontrando com as garotas.

E, verdade seja dita, Will era o único solteiro do grupo e era o mais focado em se divertir com os amigos. Senti uma pontada de culpa, pois, dos três que preferiam mulheres em vez de apostas, ele seria o único que *não* transaria naquele fim de semana inteiro.

– Com certeza ele vai voltar a qualquer momento – eu disse. – Acho que não estava se sentindo bem.

– Que diabos vocês dois comeram, afinal? – Henry perguntou.

Tentei pensar numa resposta e me lembrei do garçom apenas quando ele suspirou.

– Vou dar mais um tempo para os senhores decidirem – ele disse e foi embora de novo.

Will cerrou os olhos.

– É verdade, o que está acontecendo aqui? – ele disse lentamente. – Não é possível alguém ter tanta diarreia assim e sobreviver.

– Obrigado pela observação de muito bom gosto – deixei o guardanapo no prato e me levantei. – Vou até lá para saber quanto tempo ele vai demorar. Vocês dois podem pedir por nós. Vou querer o filé. Mal passado – comecei a me afastar e parei, virando para eles novamente. – Ah, e peçam mais uns drinques – acrescentei um sorriso. – É por minha conta.

O clima no restaurante mudava com o avanço da noite. As luzes no teto e ao redor do salão trocaram de brilho e agora inundavam a tudo com tons de dourado. A música estava mais alta, não o bastante para atrapalhar as conversas, mas o suficiente para se sentir uma batida no peito como se fosse um segundo coração. Agora estava parecendo mais uma boate do que um restaurante e isso facilitou minha saída discreta para enviar uma mensagem a Max.

Onde diabos você está?

Fiquei andando de um lado a outro na porta do restaurante, tentando pensar se conseguiria sair de lá sem que ninguém percebesse. Meu celular vibrou pouco mais de um minuto depois.

Já estou chegando. Só mais uns dois minutos.

Precisamos conversar, eu respondi. Encontro você na entrada

Olhando para trás para ter certeza de que Will e Henry não estavam me seguindo, eu descii as escadas para encontrá-lo.

O térreo do cassino estava agitado. O som de risadas e comemorações pairava sobre as mesas de apostas e uma dupla de policiais estava de pé na entrada, conversando com um grupo de manobristas.

Max apareceu na porta e parou na minha frente, abotoando o casaco e ajeitando a gravata.

– Sempre tão impaciente – ele disse, olhando duas vezes para os policiais antes de agarrar meu braço. – Podemos conversar deste lado? – Ele me guiou para longe dali.

– Ah, isso é reconfortante. Você está fugindo da polícia agora? Jesus Cristo, o que está acontecendo? Por acaso agora eu sou seu cúmplice? – disse eu, passando a mão nos meus cabelos.

– Quando menos você souber, melhor, meu amigo. Acredite em mim.

– E a história do banheiro, Max? Sério? Essa foi a melhor desculpa que você

conseguiu pensar?

– E por acaso a sua foi muito melhor? Uma úlcera? Você está perdendo seu jeito. O Ben que eu conheci na faculdade ficaria envergonhado. O amor suavizou você.

Suspirei, olhando para trás.

– Você sumiu há quase uma hora. Por que diabos demorou tanto?

Ele abriu um grande sorriso. E parecia feliz. Mais do que feliz, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo inteiro. Eu conhecia essa expressão; eu mesmo estava assim dez minutos atrás.

– Acabei de dar um orgasmo sensacional para minha cara metade, meu amigo.

– Certo, certo. Eu não precisava saber disso.

– Olha só quem fala – Ele alongou o pescoço. – Então, como estão os garotos?

– Substituindo o sangue por vodca e discutindo a beleza dos diferentes cortes de carne.

– Então, vamos voltar para o jantar?

Ele começou a passar por mim, mas eu o impedi segurando seu braço.

– Olha, você sabe o que eu estive fazendo e eu sei o que você esteve fazendo. Em Nova York, dez minutos com Chloe já bastam para eu me sentir sortudo. Elas ficarão aqui apenas esta noite. Vamos ajudar um ao outro.

Seu rosto ficou sério e ele assentiu.

– Por acaso sou o único que acha irônico hoje ser dia dos namorados e *nós* é que estamos correndo atrás delas feito idiotas?

– Sim, isso já me ocorreu – eu disse. Aquelas duas nos deixavam malucos. – Precisamos de um plano. Não vai ser difícil jogar nossos amigos num coma alcoólico, mas isso não vai durar muito. E o Will está suspeitando cada vez mais.

– Concordo – ele disse. – Até onde você acha que ele sabe?

– Não sei. Henry não parou de beber ou de olhar para as fichas de pôquer em seu bolso a noite toda, mas Will... acho que ele desconfia que nós dois estamos sofrendo de algum horrível problema intestinal.

Max gemeu.

– Eu vou precisar encontrá-la de novo, cara. Tenho que ser honesto. Ela está aqui e... bom, eu gostaria de comparecer mais uma vez – Ele me encarou e eu assenti, compreendendo muito bem o que ele estava passando. – Will nunca vai parar de me pentelhar se descobrir que eu não consigo passar nem um único fim de semana sem encontrá-la. Você o ouviu na limusine. Eu gosto muito dele, mas às vezes ele é um pé no saco, e não quero dar mais motivos além daqueles que ele já tem.

– Exatamente. Meu irmão também adora pegar no meu pé sobre a Chloe e o fato de eu ter dormido com ela enquanto ainda trabalhava para mim. Se ele

descobrir sobre isso, nunca mais haverá um Natal em que a família inteira não vai ficar discutindo sobre *aquela vez na despedida de solteiro*. Nem pensar.

– Certo.

– Então, e agora? Como podemos encontrá-las sem que ninguém saiba.

Max andou de um lado a outro em frente à recepção antes de se virar para mim.

– Acho que já sei.

– Diga.

– Acho que... – ele estava olhando para o chão, ainda juntando as peças. – Acho que... precisamos distraí-los, não é? Mas também queremos que Will se divirta bastante.

Concordei.

– Mas não pode ser mais bebidas. Aqueles dois beberam a noite inteira e ainda estão de pé. Não quero que eles desmaiem por aí.

– Obviamente – Max puxou seu celular e começou a procurar em seus contatos. Eu estava inquieto e olhava para todos os lados, esperando que Henry fosse aparecer e me arrastar pelo colarinho de volta para a mesa.

Quando virei de volta para Max, ele havia escolhido um número.

– Para quem você está ligando?

– Para o Sr. Johnny French.

– Afinal, como você conhece esse cara? É algum velho amigo?

Max riu.

– Eu não o chamaria de amigo. Acho que *ele* não chamaria ninguém de amigo, na verdade. Mas ele me deve favores, e como você já sabe, o Johnny conhece o tipo de gente que pode nos ajudar.

– Estou com medo de pensar no que isso vai dar.

– Tenha um pouco de fé, meu amigo. Will é um cara que gosta de mulheres. Então nós vamos apenas... ajudar um pouco.

– Ajudar?

Max deu de ombros.

– Você quer dizer, arrumar uma *prostituta*? – eu praticamente gritei.

Max me silenciou e olhou ao redor.

– Quer falar um pouco mais alto? Além disso, eu não sabia que você era tão puritano. Estou um pouco surpreso – ele disse. – Uma distração. Estamos arranjando uma *distração* para ele.

– Mas...

Ele ergueu um dedo para me silenciar e ligou o viva-voz no celular. A ligação chamou algumas vezes e um homem de voz grossa atendeu. Era o próprio Johnny French.

- O que posso fazer por você, Max? Mais uma vez – ele disse.
- Como vai sua noite, senhor French? – Max perguntou.
- Continua tudo bem.
- Espero não ter te acordado.

Uma risada rouca preencheu a linha.

– Engraçado. Muito engraçado. E quanto a você? Encontrou tudo como esperava?

Max sorriu e ergueu uma sobrancelha, e então percebi que eu realmente não tinha ideia do que exatamente Max fizera na boate. Eu sabia que envolvia Sara, mas agora eu estava começando a imaginar se os detalhes seriam... mais sórdidos do que eu havia pensado originalmente.

– Foi ótimo. Mais do que ótimo. Claro, como de costume. Você tem um belo estabelecimento por aqui.

- Bom, estou feliz que tenha gostado. Agora, desembucha logo.
- Queria pedir um favor.
- Disso eu sabia.
- Então, acontece que estamos com uma dificuldade e precisando de uma ajuda.
- Estou ouvindo.
- Precisamos de uma distração.
- Uma distração.
- Sim. Sara está aqui, como você já sabe. Mas nossos amigos também estão.
- Entendo... E você quer se livrar deles.
- Não exatamente. Queremos apenas... que eles fiquem entretidos. Um amigo em particular. Queremos que ele fique seguro, mas... ocupado para o resto da noite.

– Para que vocês possam correr para os braços das suas garotas no maldito dia dos namorados.

Max sorriu.

– Algo desse tipo.

O silêncio preencheu a linha e nós dois nos olhamos sem saber o que fazer.

– Ele desligou? – eu disse apenas mexendo os lábios.

Max encolheu os ombros.

– Você ainda está aí? – ele perguntou.

– Estou aqui. E, claro, sem problema. Eu tenho a distração perfeita para o seu amigo.

—

– Eu não confio nele – eu disse enquanto voltávamos para o restaurante.

– Pare de se preocupar. O Johnny é um cara de palavra, acredite em mim.

– Ele não parecia exatamente feliz em falar com você.

Max fechou o rosto.

– Ele não é tipo de cara que manda flores e dá beijinhos.

– Ele parecia achar que nós éramos dois filhos da mãe importunando ele.

– Mas nós *somos* dois filhos da mãe.

Nisso ele tinha razão.

– Então, e quanto ao Henry? – eu perguntei, parando na escada em frente ao restaurante.

– Você acha que ele vai ser um problema?

– Acho que se eu enfiar mil dólares em seu bolso nós só vamos reencontrá-lo na terça-feira de manhã.

– Ótimo. Então vamos aproveitar o jantar, esperar o Johnny enviar alguém e depois vamos encontrar as garotas. Se tudo der certo, só vou ver a sua cara feia de novo amanhã, daí nós começaremos esse fim de semana do jeito certo.

– Combinado – apertamos as mãos e entramos com um novo objetivo. Will e Henry estavam no mesmo lugar de antes, agora cercados por uma montanha de pratos e tigelas. Havia filé e peixe, salada com bacon, vegetais e alguns dos maiores crustáceos que eu já tinha visto.

– Uau – Max exclamou, olhando para uma quantidade de comida que provavelmente alimentaria umas dez pessoas. – Com fome?

– Nós não sabíamos o que vocês queriam – Henry disse dando de ombros. – Além disso, quem está pagando é o Ben, então...

– Está se sentindo melhor? – Will perguntou ao Max com um olhar cético.

– Muito melhor, obrigado. E absolutamente faminto.

Nós nos sentamos e Max chamou o garçom.

– Por favor, outro Macallan.

– E um Belvedere gimlet para mim – aponte para Henry e Will. – E traga para eles mais do que estiverem tomando.

– Então, o que eu perdi? – Max perguntou, cobrindo seu prato com algum tipo de batata. – Vocês finalmente pararam de bancar os difíceis e decidiram fugir juntos? Tem uma capela no andar de baixo. Vocês podiam aproveitar.

– Ah, na verdade estávamos discutindo sobre quem seria o próximo. E eu assegurei ao Henry que a *única* resposta possível era você.

– Ah, não sei – Max disse. – Nunca se sabe o que pode acontecer com uma das suas amantes.

Will deu uma risada.

– O que você acha, Stella? Acha que pode acontecer com você e Sara? – Henry perguntou.

Max sorriu, mas era um sorriso ensaiado que sempre usava quando falava

sobre Sara.

– Ainda não tive essa conversa com ela, e com certeza não vou ter com vocês.

– Mas você já considerou – eu acabei afirmando. Nunca havia visto Max tão apaixonado por alguém quanto pela Sara. E eu conhecia esse sentimento. Ele deve ter ao menos considerado a opção.

– É claro – ele respondeu. – Mas estamos juntos há pouco tempo. Temos tempo.

Outra rodada de bebidas chegou e Max apanhou seu drinque, levantando-o para um brinde.

– Ao Bennett e à Chloe. Que suas discussões sejam raras, e, se não forem, o que é mais provável, ao menos que terminem em sexo selvagem.

Brindamos e bebemos. O salão parecia expandir e encolher, então dei um tempo na vodca e apanhei minha água.

– Bom, mal posso esperar para fazer umas apostas – Henry disse, esfregando as mãos juntas. – Conversei com alguns dos crupiês mais cedo. Fiquei um pouco desapontado por eles usarem probabilidades livres e não existir aposta de fogo, mas enfim, não dá para ganhar todas.

– Uau. Parece que você... realmente estudou o assunto – eu disse, considerando por um momento se deveria me preocupar de fato.

Ele encolheu os ombros e cortou seu filé. Fiz uma anotação mental que se ele mostrasse qualquer sinal de que perderia o controle, eu teria de intervir. Quem disse que não sou um bom irmão?

Continuamos com o jantar e Max e eu compartilhamos alguns olhares conspiratórios. Justo quando Will pediu licença para ir ao banheiro, Max recebeu uma mensagem no celular.

– Ela chegou – Max sussurrou. Ele digitou algo e enviou. – Eu descrevi o que o Will está vestindo e disse que ele estará perto da entrada do restaurante. É hora do show.

– Está fácil demais – eu disse, olhando ao redor, sentindo um frio na barriga. – Desde que conheci Chloe, nada na minha vida tem vindo fácil assim.

– Relaxa. Não estamos trapaceando na bolsa de valores, estamos apenas arrumando um jeito de dar uma escapadinha para transarmos. Calma.

– Uau.

Levantei os olhos quando ouvi a voz de Henry e segui seu olhar pelo salão. Uma mulher havia parado Will quando ele voltava para nossa mesa. Ela era linda, com longos cabelos ruivos e maquiagem tão bem aplicada que até parecia uma obra de arte. Ela usava um vestido curto incrustado de joias e sorriu ao vê-lo, pousando a mão em seu braço.

Mas...

Cutuquei Max e aponteí, recostando na cadeira para ele poder ver melhor.

– Será que é *ela*? – seus olhos se arregalaram, depois ele apertou o olhar, como se estivesse tentando ver mais de perto e entender o que não estava se encaixando.

– Mas o que... – Henry exclamou e eu concordei. Max começou a digitar furiosamente no celular enquanto eu e Henry continuamos a observar Will. Ela era quase da mesma altura que ele e o levou até o bar. Parecia que Will iria oferecer um drinque para ela.

– Estou confuso. Aquela é uma...?

Will olhou para nossa mesa e encontrou meus olhos. E de repente, eu explodi numa risada quando entendi tudo. Johnny tinha nos sacaneado, e Will sabia exatamente o que nós tínhamos feito. Nosso plano estava oficialmente indo para o ralo.

– Aquele filho da mãe – Max praguejou. Mas eu não tive tempo de perguntar, pois parecia que a ruiva estava prestes a fisgar o Will.

Ficamos olhando em silêncio quando a ruiva se aproximou e sussurrou algo em seu ouvido. A mão dela era grande – maior do que a minha – e ela acariciou seu peito. Ele riu, sacudindo a cabeça antes de assentir para nós na mesa.

Com um sorriso sedutor, ela agarrou a camisa dele e o puxou, beijando-o profundamente. Pois é.

Ele se levantou cambaleando um pouco e voltou para nossa mesa. Quando se sentou, nós olhamos uns para os outros, sem ter certeza do que havia acontecido realmente. Will ficou em silêncio por um momento, piscando várias vezes antes de apanhar seu drinque. Ele tomou a bebida num gole só e depois respirou fundo.

– Vocês são um bando de filhos da mãe – ele disse, recostando-se na cadeira e jogando um camarão na boca. – Mas em se tratando de beijar um cara, até que não foi tão ruim assim.

—

– Eu estou bêbado demais ou nós acabamos de contratar um travesti para distrair nosso amigo? – eu perguntei ao Max.

Ele não respondeu, apenas mostrou a tela do celular com a mensagem mais recente. Era uma foto da mão do Johnny, com o dedo do meio levantado. Perfeito.

Eu tive que rir, baixando meu drinque na mesa com mais força que pretendia.

– Não vou dizer que eu te avisei, mas eu te avisei.

– Vá se ferrar – Max passou as mãos nos cabelos. – Isso não vai ficar assim – ele disse. Will estava vasculhando a bandeja de sobremesas, rindo muito ainda. – Ele esperou pelo momento certo só para nos ferrar completamente. Você tem

ideia do que eu já fiz hoje para ficar com a minha garota? Eu escapei da despedida de solteiro do meu melhor amigo. Eu roubei uma limusine. Contratei uma *drag queen* para o meu outro melhor amigo, Bennett.

Talvez fosse o álcool no meu sangue, ou o absurdo da situação, mas comecei a rir e não consegui parar.

– Acho que o Ben finalmente enlouqueceu – Henry disse. – Quem apostou que seria hoje? – ele tirou um pedaço de papel amarrotado do bolso com as apostas de cada um. – Droga. Foi o Max.

Eu me recostei na cadeira e esfreguei o rosto. Max estava certo, aquilo definitivamente não poderia ficar assim.

Seis

MAX STELLA

O barulho misturado das vozes no bar, dos copos tilintando e das máquinas caça-níqueis era ocasionalmente interrompido pela risada do maior sacana de todos os tempos: Will.

– Agora fico pensando se *you* já recebeu uma chupada de um travesti sem nem perceber – ele disse num tom provocador.

Eu dei de ombros, sentindo o humor da situação se acumular até eu também começar a rir sem parar.

– Aposto que, se recebi, deve ter sido *fantástico*.

– Uma sucção mais firme – Bennett concordou, rindo.

– Uma língua maior para o equipamento, se é que *you* me entende – eu acrescentei.

– Mas que droga. Agora *you* está me fazendo achar que eu deveria ter dado uma chance a ela – Will levantou seu copo vazio para o garçom. – Para onde vamos agora?

– Pensei em dar um pulo no bar do Chandelier – eu sugeri, e Bennett se endireitou instantaneamente. – Ou voltar para o Bellagio?

– Alguém sabe onde está o Henry? – Bennett perguntou, olhando ao redor por apenas alguns segundos antes de se decidir que não se importava o bastante para se levantar.

Mas, de repente, Chloe e Sara apareceram vindo de um canto, de braços dados e indo direto para uma mesa de *blackjack* apenas a alguns metros do bar. Bennett se ajoelhou instintivamente, o que chamou a atenção de Will.

– Vocês devem estar brincando comigo – Will gemeu, seguindo o olhar de Bennett. Murmurando um obrigado para o garçom, ele apanhou seu drinque. – Elas nem sabem que vocês estão aqui, não é? Meu Deus, elas sabem. É por isso que vocês têm agido feito idiotas a noite inteira. É como se vocês quatro tivessem um imã implantado no meio das pernas – ele suspirou. – Tudo faz sentido agora.

Eu me levantei com Bennett, alongando os braços acima da cabeça antes de

enfiar a camisa para dentro da calça. Will poderia me sacanear o quanto quisesse, mas eu iria encontrar Sara.

– Bom, pelo menos você vai ficar aqui tempo o suficiente para terminar sua bebida – eu disse, apontando para o drinque de Will. – Cavalheiros, se me permitem, eu vou tentar minha sorte nas mesas de *blackjack*.

Saí do bar e me dirigi para a mesa onde as garotas estavam. Encontrando um lugar ao lado de Chloe, olhei para Sara nos olhos, sentada do outro lado, e dei uma piscadela.

– Max – ela disse com um sorriso.

– Minha flor – eu a cumprimentei com um aceno de cabeça.

Tirando algumas fichas do meu bolso, pedi ao crupiê para trocar por fichas menores e apostei algumas.

– Está na hora de fazer um pouco de dinheiro – Chloe informou à mesa.

– Eu adoraria ver isso – eu murmurei, franzindo o rosto quando o crupiê mostrou minha carta. Um cinco de copas.

– Eu também – Bennett se sentou na última cadeira vazia da mesa, do lado oposto de Chloe e ao lado de Sara. Entre Sara e eu havia um homem magro usando um enorme chapéu de caubói branco e um bigode fantástico.

Quando minhas cartas somaram vinte e cinco, eu me virei para olhar o homem mais detalhadamente.

– Cara, esse bigode é *brilhante*.

Ele agradeceu mexendo na aba do chapéu antes de perder a mão somando vinte e dois.

Chloe não pediu nenhuma carta, e o crupiê revelou que ela tinha um às e um valete de espadas. A casa tinha um valete na ascendente, mas quando virou a carta do furo, revelou um rei. O crupiê pagou Chloe, depois recolheu as cartas com um único movimento.

– Não disse? – Chloe cantou, dançando na cadeira e jogando um beijo para Bennett. – Hoje é meu dia de sorte.

Ele respondeu erguendo levemente uma sobrancelha.

Olhando pelo salão até o bar, eu avistei Will, que estava tomando seu drinque e mexendo no celular. Ele ergueu os olhos e me flagrou, enviando um silencioso gesto de “vá se ferrar”. Eu respondi com um tchauzinho, dizendo que voltaria logo.

Acontece que o *blackjack* estava divertido. Chloe estava ganhando tudo. E embora Bennett e eu estivéssemos perdendo sistematicamente todo nosso dinheiro, nós não nos importamos nem um pouco. O crupiê era simpático, a risada de Sara era contagiante e o Bigode começou a contar as melhores piadas sem graça do mundo.

– Um médico entra no consultório – ele disse, correndo os dedos sobre o bigode e piscando para Chloe –, cumprimenta o paciente na sala de espera e pega um bloco para anotar alguma coisa.

O crupiê passou nossas cartas com a face para baixo e todos olharam para a mesa a tempo de ver as cartas de face para cima chegarem.

– Ele percebe que está segurando um termômetro e franze o rosto. “Mas que droga”, ele diz, “algum cuzão ficou com a minha caneta”.

E, por causa de seu senso de humor fácil de agradar, Sara explodiu numa risada, caindo no veludo verde da mesa e parecendo mais adorável do que nunca. Ela já estava corada por causa da bebida, porém mais do que isso, ela parecia estar no céu. Quando levantou o rosto e me flagrou olhando para ela, seu sorriso diminuiu como se um calor líquido tivesse se derramado em suas veias. Seus olhos baixaram até minha boca. Encontrá-la no teatro foi a melhor decisão da minha noite.

Pensando bem, fora a única boa decisão. Dei uma piscadela e lambi meus lábios.

– Vocês dois vieram aqui para transar ou jogar cartas? – Chloe perguntou, decidindo manter seu nove de copas; a mesa tinha um seis e ela acabou perdendo quando o crupiê virou um sete e depois um nove.

– Fecha essa matraca – eu disse num tom de brincadeira.

– Um jovem entra num bar – disse o Bigode quando o crupiê limpou a mesa, e eu decidi que ele era o melhor estranho para se dividir uma mesa de *blackjack*. O crupiê começou a embaralhar as cartas. – Ele pede dez doses de uísque. O barman diz, “Vai devagar, garoto”, mas serve as dez doses mesmo assim.

Eu gostava do Bigode por causa do bigode, é claro, mas também pelo fato de que ele parecia passar muitos aniversários sozinho. Ele tinha um jeito que misturava sossego e desespero, mas aqui estava ele, contando piadas sujas com um requinte perfeito para um bando de estranhos. Eu nem me importei quando seu olhar passou a ficar cada vez mais bobo e carregado quando olhava e sorria para Sara. Não podia culpá-lo; eu mesmo não tive escolha a não ser me apaixonar por ela; Sara era tão irresistível quanto a gravidade.

– Então, lá estavam as dez doses em frente ao garoto magricela. Ele vira uma atrás da outra sem nem piscar. “Uau”, diz o barman, “o que você está comemorando?”.

Sara já estava rindo, e eu me virei para observá-la, maravilhado. Ela nunca deixaria de ser um mistério para mim, como agora, antecipando piadas sujas de um estranho de bigode em Las Vegas.

O Bigode riu, sacudindo a cabeça.

– “Minha primeira chupada”, diz o garoto. O barman olha surpreso e diz:

“Nesse caso, deixe-me oferecer mais uma dose”.

O Bigode parou, olhando para Sara com expectativa.

Com as duas mãos no ar fazendo uma dancinha da vitória, Sara gritou:

– O garoto dispensa. “Não, obrigado. Se dez doses não conseguiram tirar o gosto, mais uma não vai fazer diferença!”

Ao nosso redor, todos riram e eu percebi que estávamos atraindo uma pequena multidão. Chloe estava numa sequência de sorte, o Bigode era engraçado, já eram quase duas da madrugada e nossa mesa era claramente a mais divertida no cassino inteiro. Sara e o Bigode bateram as mãos enquanto o crupiê dava as cartas, mostrando um sorrisinho divertido.

O carteado se transformou num borrão de bebidas e piadas, com as comemorações de Chloe apenas interrompidas pelas risadas histéricas de Sara. Voltando de repente para a realidade, eu me virei, procurando por Will no bar. Já fazia um tempo desde que eu havia dito que voltaria logo. Eu havia perdido completamente a noção do tempo.

Ele já não estava mais lá.

Puxei meu celular, olhando com resignação para minhas duas últimas fichas de vinte e cinco dólares, e enviei uma mensagem para ele.

Já acabamos. Onde você está?

Ele respondeu logo depois.

Encontro vocês no Chandelier. Estou recebendo um trato da travesti.

– Filho da mãe – eu murmurei, enquanto o Bigode começava outra piada.

Mas o som de sua voz se perdeu quando uma mão tocou em meu ombro.

– Senhor Stella?

Olhei para cima e encontrei um homem de terno preto com uma expressão muito séria.

– Sim?

– Gostaria que o senhor e o senhor Ryan me acompanhassem, por favor.

Sem questionar, nós nos levantamos, trocando expressões confusas e seguindo o homem para longe da mesa. Eu me virei, mostrei um sorriso tranquilizador para Sara e disse que estava tudo bem apenas movimentando a boca.

Afinal, o que havíamos feito de errado?

—

Ele nos conduziu por uma porta de serviço e por um longo corredor vazio, depois entramos por outra porta. Entramos em uma sala branca em que havia

uma mesa de metal não muito diferente daquela na boate de Johnny, e três cadeiras dobráveis.

– Sentem-se – o homem indicou uma cadeira para cada um de nós, depois se virou para sair.

– O que está acontecendo? – Bennett perguntou. – Nós seguimos você até aqui por educação. O mínimo que você poderia fazer é nos dizer por que pediu para deixarmos nossa mesa.

– Esperem pelo Hammer – o homem fez um gesto para a cadeira vazia e saiu.

Eu me recostei na cadeira e Bennett se levantou, andando inquieto por alguns momentos antes de suspirar e se sentar de novo. Ele pegou o celular e digitou alguma coisa, provavelmente para Chloe.

– Isso é ridículo – ele murmurou.

Eu concordei, mas quando fui acrescentar algo, ouvimos passos vindos do corredor.

Dois caras entraram pela porta, vestindo terno preto, com cabelo raspado e mãos do tamanho de melancias. Acho que nenhum deles era mais alto do que eu, mas eu tinha a nítida impressão de que possuíam mais treinamento em combate corpo a corpo do que eu.

Eles nos encararam por aquilo que pareceu vários minutos de silêncio. Analisando, senti uma gota de suor frio escorrer por minha testa, pensando se eles eram os donos da limusine que eu havia... *emprestado*. Eles definitivamente ou eram motoristas de limusine ou mafiosos.

Ou, talvez, fossem policiais disfarçados que vieram nos repreender por contratar uma prostituta. Nós chegamos a pagar? Será que ela poderia nos encontrar? Ou talvez alguma câmera tenha nos flagrado em nossas escapadas públicas? Eu fiz mentalmente uma lista dos telefonemas que precisaria fazer caso fosse acusado de atentado ao pudor. Advogado, Sara, mãe, sócio sacana, irmãs histéricas. Depois pensei em todas aquelas fotos que saem nos jornais de pessoas que são flagradas transando em carros, pontes, escolas, e lembrei que era *por isso* que Sara e eu apenas usávamos os estabelecimentos do Johnny. Nosso fetiche era muito mais sofisticado.

Agora que os homens entraram na sala, Bennett estava sentado em sua cadeira parecendo tão relaxado quanto estaria numa reunião de cúpula da empresa. Colocou uma das mãos no bolso, a outra em cima da coxa, e encarava os dois homens sem piscar.

– Boa noite, senhores – eu disse, decidindo que alguém deveria começar a festa. Os homens eram grandes, brutos, valentões, parecendo que haviam saído de alguma história em quadrinhos ou de algum filme do Tarantino. Eu quase fiz

uma piada, só umazinha.

O primeiro a falar foi o mais baixo – embora não *muito* mais baixo – e sua voz era tão grave quanto a de uma garotinha de cinco anos.

– Eu sou o Hammer. Este aqui é o Kim.

Ao meu lado, Bennett Ryan estava bêbado o bastante para dizer:

– Gostei da ironia. Nos dois casos.

O cara que se apresentou como Hammer encarou Bennett por um bom tempo antes de perguntar:

– Sabem por que pedimos para o Leroy trazer vocês dois aqui?

Eu respondi “Humm, não”, ao mesmo tempo que Bennett disse “Bom, definitivamente não foi porque ganhamos tudo nas mesas”.

Quando ele disse isso, e pela primeira vez desde que entramos na sala, me ocorreu que estávamos ali mais provavelmente por alguma coisa relacionada ao jogo do que por causa de carros roubados ou indecência pública. Em vez de sermos fichados e liberados, teríamos nossos dedos quebrados por um eunuco chamado Hammer e um bruto chamado Kim. Perfeito.

Hammer sorriu e disse:

– Vocês têm ideia de quantos cretinos como vocês nós trazemos até aqui?

Saindo num fim de semana com seus amigos babacas, pensando que vão usar o cartão de crédito do papai para ganhar uns trocados nas mesas e tentar impressionar suas namoradas feias?

Limpando a garganta, Bennett perguntou:

– Você acha mesmo que nós parecemos dois homens que ficariam excitados ganhando apenas uns trocados?

Kim, que de algum jeito conseguia ser maior, mas menos intimidador por causa de seus dois brincos de rubi, se inclinou para frente, batendo o punho na mesa e fazendo a sala inteira tremer. Não deixei de notar que Bennett praticamente não havia se abalado. Eu com certeza tive um sobressalto; achei que a mesa fosse quebrar com a porrada.

– Você acha que está na casa da sua mamãe? – Kim rosnou, com sua voz que era tão grave e masculina quanto a do Hammer era fina e feminina. – Você acha que isso é um maldito jogo?

Bennett continuou impassível.

O homem se virou para mim, com as sobrancelhas erguidas como se eu tivesse que falar por nós dois.

– Não – eu disse, mostrando meu melhor sorriso relaxado. – Se eu estivesse na casa da minha mãe, ela nos ofereceria cerveja Guinness e batata frita.

Ignorando minha piadinha, Hammer deu um passo para frente.

– O que você acha que a casa faz quando flagra um contador de cartas?

– Cara, eu não saberia contar as cartas nem se fosse treinado pelo próprio Rain Man. Agora, o que a casa faria? Sei lá.

– Você se acha engraçado?

Eu me recostei na cadeira, exalando pesadamente. Aquilo era uma loucura.

– Eu acho que estou *confuso*. Perdi todas as minhas fichas. Mesmo se estivéssemos contando as cartas, então não somos muito bons nisso. Eu não consigo nem imaginar o que estamos fazendo aqui.

– Os melhores contadores perdem de propósito de vez em quando. Você acha que contando vai ganhar sempre?

Eu suspirei, inclinando para frente e apoiando os cotovelos nos meus joelhos. Não estávamos chegando a lugar algum com aquelas perguntas retóricas.

– Posso contar um segredo?

Hammer pareceu surpreso e se endireitou.

– Diga.

– Eu nunca havia jogado *blackjack* na minha vida. E esse cara aqui? – eu disse, gesticulando para Bennett. – Ele negocia os preços de todos os drinques, apesar de serem *de graça*. Ele nunca *aposta* em nada.

Rindo, Kim disse alguma coisa que tinha a ver com as regras do *blackjack*, mas eu obviamente não entendi e já era muito tarde da noite para eu tentar entender.

Bennett se inclinou, genuinamente curioso.

– O que foi que você acabou de falar?

Pela primeira vez desde que havíamos entrado ali, eu vi o canto da boca de Kim se curvar, como se estivesse reprimindo um sorriso. Ou um rosnado. Não tinha certeza exatamente.

– Vou dar duas opções – Hammer disse. – Um, eu quebro os seus dedos. Ou dois, eu quebro a sua cara.

Eu pisquei incrédulo, sentindo um breve momento de orgulho por ter previsto corretamente nossa punição. Mas alguma coisa não se encaixava. Só porque nunca havia jogado *blackjack* em Las Vegas, não significava que eu vivia debaixo de uma pedra. Quebrar dedos e caras parecia um pouco extremo para dois homens suspeitos de contar cartas.

– Me dê suas mãos – Kim disse, batendo na mesa.

– Você deve estar brincando – Bennett respondeu, rindo com incredulidade.

– Vou começar com o mindinho – Hammer disse. – Ninguém precisa do mindinho.

– Vá se ferrar – eu rosnei, sentindo uma mistura de impaciência e indignação crescendo em meu peito. – Posso ter sotaque britânico, mas sou cidadão norte-americano, seu filho da mãe. Se você vai começar a falar em violência, é melhor

trazer um policial ou um advogado até aqui.

A porta se abriu com violência, e o maldito *Will* apareceu, aplaudindo lentamente. Senti minhas veias congelarem e relaxei na cadeira.

– Seu maldito filho da mãe – eu disse, suspirando.

– Foi perfeito! – ele sorriu para Hammer e Kim, e eu gemi, deixando minha cabeça cair na mesa. Eu deveria saber. – Você estava com raiva, mas foi convincente – ele disse para mim. – Você poderia ter batido na mesa com indignação para dar o efeito completo, mas gostei quando invocou seus direitos americanos. Realmente me comoveu – ele bateu no peito, fazendo uma cara de choro.

Enquanto Hammer e Kim davam um passo para o lado, rindo, Bennett se levantou e andou até Will. Por um segundo pensei que ele fosse dar um soco ou chutar as bolas dele, mas então percebi que ele estava sorrindo. Olhou em seus olhos por três segundos, depois deu um tapinha em seu ombro antes de simplesmente sair pela porta.

– Mandou bem – ele murmurou antes de desaparecer no corredor.

Hammer e Kim se aproximaram de mim, estendendo a mão e sorrindo com simpatia.

– Desculpa, cara – Hammer disse. – O senhor. Johnny French estava disposto a dar uma ajudinha ao Will. Nós só queríamos sacanear você um pouco.

– Parecia a maneira mais fácil de afastar vocês das garotas – Will disse, balançando-se nos calcanhares.

– Bom, enquanto você nos manteve aqui, tenho certeza de que Chloe ganhou tudo lá na mesa.

– Ela se saiu muito bem – Will concordou. – Ganhou pelo menos alguns milhares.

– Vamos lá – Kim disse, ajudando a me levantar e batendo em minhas costas. – Volte para lá e beba alguma coisa.

– Uma coisa eu posso garantir – eu respondi, apertando sua mão –, ficarei longe de qualquer jogo de cartas.

—

– *Sou cidadão norte-americano!* – Will gritou, depois desabou no sofá, rindo histericamente. Era provavelmente a décima vez que ele gritava isso nos últimos quinze minutos.

– Então. Você pagou cem dólares para aqueles homens nos darem um susto. Valeu mesmo a pena?

– Bom, vocês claramente não ficaram assustados – Will admitiu. – Mas seu grito de guerra patriótico no final vai me acompanhar pelo resto dos meus dias.

– Foi realmente incrível – Bennett concordou.

Sentamos ao redor de uma mesa de vidro baixa num elegante bar do Bellagio, relaxando em sofás macios de camurça e bebendo aquilo que parecia ser nossa milésima rodada de drinques. O álcool começou a me afetar finalmente; até então, eu ainda não me sentia bêbado de verdade. Mas com minha adrenalina sumindo devagar das minhas veias, e sabendo que as garotas estavam seguras dormindo em algum hotel, meus membros se tornaram pesados com os efeitos de nossas aventuras e do álcool acumulado.

Ao nosso redor, o bar estava silencioso; já eram mais de duas da madrugada, e a maioria das pessoas estava nos cassinos ou em algum dos bares mais chamativos.

Com o canto do olho, enxerguei um homem se aproximar de nossa mesa. Ele vestia terno, um fone de ouvido, parecia um segurança diferente; os garçons abriram caminho para ele e o cumprimentaram nervosamente. Com certeza, alguém importante estava vindo em nossa direção, e já que Will estava sentado conosco, achei que ele não tivesse nada a ver com isso dessa vez.

– Cavalheiros – o homem disse, de pé ao lado da mesa. – Vocês devem ser Bennett, Max e Will.

Nós confirmamos.

– O Sr. Ryan, seu irmão, se juntou a nós na sala das altas apostas – o homem disse. Então, era lá que Henry estava. – Mas seu celular está sem bateria e ele pediu para que eu checasse como vocês estão. Meu nome é Michael James Hawk, e sou vice-presidente de relações com clientes aqui do Bellagio.

Olhei para meus amigos para ver quando eles perceberiam que, para algumas pessoas, esse homem era conhecido como Mike Hawk. E claro, em inglês isso é um nome meio absurdo. Soa como “my cock”, “meu pau”. Ha, ha. Enfim, Will fechou os olhos por um momento, engoliu com dificuldade e depois abriu de novo, tentando se conter. Bennett assentiu, e para minha completa fascinação, precisou morder os lábios para reprimir qualquer reação.

– Eu queria me assegurar que vocês estão aproveitando sua estadia – o senhor Hawk continuou, olhando para cada um de nós em sequência.

– Tem sido ótima – eu respondi, sem conseguir tirar os olhos de Bennett. Eu não via nada assim com ele há mais de uma década: seu lábio tremia, ele cobria com um dedo, e seus olhos começaram a lacrimejar. Finalmente, ele olhou para mim... e então *explodiu* numa risada.

Com a mão espalmada em frente ao rosto, Ben se recostou no sofá e tremia de tanto rir, bêbado e cansado o suficiente da insanidade da noite para perder completamente a compostura diante de Mike Hawk. Ao seu lado, Will estava com o rosto vermelho coberto pelas duas mãos.

– Desculpe – Will disse entre os dedos. – Não queremos parecer mal-

educados, senhor Hawk. Mas é que tivemos uma longa noite.

Eu sorri e acrescentei:

– Muito obrigado por checar como estamos. Diga ao Henry que estamos bem.

O senhor Hawk não era um homem alto e não parecia tão intimidador quanto os executivos de cassino nos filmes de Hollywood. Ele tinha uma altura média, com um rosto redondo e amigável, e olhos cheios de compreensão. Ele riu um pouco, sacudindo a cabeça antes de ir embora apenas dizendo para aproveitarmos nossa estadia.

– Gostaria de deixar registrado – eu comecei a dizer quando ele saiu – que eu fui o único que conseguiu manter a cara séria.

– Mike Hawk! – Bennett praticamente gritou para mim, baixando a mão e revelando os olhos vermelhos de tanto rir. – Como é possível manter a compostura diante disso? É quase como encontrar um maldito *unicórnio*.

Will concordou e depois suspirou, deixando a cabeça cair no encosto do sofá.

– Puta merda, isso provavelmente foi o ponto alto da minha noite.

– A noite é uma criança – disse Bennett lentamente enquanto se recuperava. Então, olhou para o copo vazio de Will. – Peça outro.

– Não. Já está muito tarde para você me deixar bêbado e tentar me levar para a cama.

– Garçom! – eu gritei, sorrindo maliciosamente. – Um uísque para o rabugento aqui. E traga a garrafa inteira.

– Já disse, Max, não vou beber isso – Will desviou o rosto fingindo estar bravo. – É tarde demais para você fingir que me ama.

O garçom deslizou a dose de uísque em frente ao Will e, com uma piscadela, deixou a garrafa inteira ao lado.

Will olhou para mim, olhou para a garrafa, depois sacudiu a cabeça.

– Não.

—

– Acontece que – Will disse, tropeçando nas palavras e jogando o braço por cima do meu ombro. – As mulheres são *complicadas* – ele sacudiu o dedo em frente ao meu rosto. – Quantas vezes você já encontrou uma garota com quem quisesse passar um tempo igual ao que estamos passando *agora*? – ele arrastou o “agora” por uns cinco segundos, depois lançou o braço para frente e tentou apanhar a bebida. Precisou de umas duas tentativas até conseguir.

– Apenas uma vez – eu admiti. – E mesmo com Sara, é diferente do que me divertir com vocês. Eu tento não falar tantos palavrões – esfreguei meu queixo, pensando. – Mais ou menos.

– Você maneirando nos palavrões é igual eu manear em... – Will perdeu o fio da meada e ficou pensando. – ... alguma coisa. Estou com fome – ele

esfregou o rosto e olhou para o relógio. Fiz a mesma coisa, com meu celular. Já eram quase quatro e meia da madrugada. – Na verdade, estou cansado. Vamos nos encontrar para o café da manhã às dez horas e recomeçar essa coisa de despedida de solteiro amanhã.

Nós três nos levantamos, pagamos a conta e nos dirigimos para os elevadores, cada um buscando sua chave no bolso para mostrar ao segurança.

Ficamos em silêncio quando as portas se abriram. Eu já estava bem alegre por causa da bebida e pronto para um amasso com minha garota lá em cima. Eu mal podia esperar para saber o que aprontaríamos no dia seguinte.

Sete

BENNETT RYAN

A voz de Will quebrou o silêncio no elevador.

– Será que não deveríamos estar pelo menos um pouco preocupados com Henry lá na sala de altas apostas?

Coloquei a mão no bolso do meu casaco e tirei o cartão de crédito do meu irmão – o único que sua esposa, Mina, permitiu que ele levasse quando saiu de casa.

– Não faço ideia do que ele está jogando, mas é melhor continuar ganhando ou seu dinheiro vai acabar e o único cartão em seu bolso vai ser aquele que abre a porta do quarto do hotel.

– Perfeito – Max murmurou, encostando na parede do elevador. – Estou acabado.

Will suspirou, observando os números aumentarem na tela dos andares.

– Sabe, apesar de vocês serem dois cretinos, até que conseguiram planejar uma noite divertida.

– Boate de strip, emergências médicas de mentira, um jantar fantástico, roubo de carro, um travesti, Chloe ganhando dinheiro e quase fomos espancados por dois capangas – Max disse, endireitando-se. – Nada mal, hum?

Will se virou para encará-lo.

– E não se esqueça do Mike Hawk. Eu acho que, principalmente para vocês dois, Mike Hawk foi uma figura proeminente nas atividades da noite – Will soluçou quando as portas do nosso andar se abriram. – Eu diria que vocês são dois escravos das suas mulheres, mas talvez sejam até pior do que isso.

Fiquei olhando quando o sorriso de Max mudou de satisfeito para sacana.

– Will. Meu *querido* – ele colocou a mão em seu rosto. – Mal posso esperar pela garota que vai fazer o chão sumir dos seus pés. Você acha que sabe de tudo. Você acha que está contente com seu apartamento discreto, suas corridas de triatlo e seu esquema de amantes. Quando a garota certa aparecer, vou gritar que eu avisei e não vou poupá-lo quando você se tornar um romântico incorrigível. – com um tapinha em seu rosto, Max se afastou, rindo pelo corredor. – Mal posso

esperar, meu amigo.

Will observou Max se arrastando, depois olhou para mim como se eu fosse acrescentar algo ao sermão. Mas eu só encolhi os ombros.

– Eu assino em baixo. Quando você encontrar a garota certa, nós ficaremos felizes por você, mas também ficaremos felizes em sacanear você como se não houvesse amanhã.

– É por isso que eu gosto de vocês – ele murmurou, dando um leve soco no meu peito antes de se dirigir para o lado oposto ao corredor.

Depois de me despedir, andei até meu quarto, desejando saber onde Chloe estaria hospedada. Mesmo exausto e bêbado, eu ainda pegaria um táxi para encontrá-la.

Assim que entrei, parei no closet para pendurar meu casaco. E então, eu congelei. Pendurado num cabide de madeira estava a lingerie que Chloe usara na boate, cujas pequenas joias brilhavam debaixo da luz fraca que invadia o quarto pela janela.

Continuei pelo quarto, esperando confirmar aquilo que meu coração acelerado já havia concluído: ela estava aqui, em minha cama, esperando por mim. E realmente, lá estava um montinho no formato da Chloe, dormindo em meio aos cobertores e travesseiros da enorme cama.

Tirando minhas roupas e descartando-as pelo chão, eu subi por cima dela, apoiado nos meus braços e pernas. Sem tocá-la, ainda, apenas olhando: um emaranhado de cabelos castanhos contra os lençóis brancos, olhos fechados e pálpebras tremendo enquanto sonhava, lábios úmidos, vermelhos e implorando para serem beijados. Tudo debaixo do pescoço estava coberto por seu casulo de cobertores, e quando olhei para o ritmo constante de sua pulsação no pescoço delicado, eu me senti um pouco como um predador. A excitação de poder fazer isso – beijá-la, acordá-la, fodê-la – ainda era tão intensa quanto há quase dois anos, quando, pela primeira vez, pudemos finalmente passar um tempo a sós num hotel.

Erguendo as cobertas, eu deslizei ao seu lado e percebi que ela não estava vestindo nada além da minha camiseta. Debaixo, seu corpo estava nu. Era uma das minhas situações favoritas com Chloe: quando seus membros estavam pesados e lentos por causa do sono, assim como sua voz, mais suplicante e profunda.

Comecei a me cobrir quando Chloe percebeu que eu estava na cama com ela. Notei que ela havia tomado banho: o estranho perfume fora substituído pelo aroma de seu sabonete. Beije a curva dos seios sobre a camiseta e levantei o tecido para lambar uma linha entre o umbigo até a doçura de seus quadris.

Dedos curiosos correram em meus cabelos e as pontas tracejaram meu queixo até chegarem aos lábios.

– Pensei que estava sonhando – ela sussurrou.

– Isto não é um sonho.

Agarrando meus cabelos, ela abriu as pernas debaixo das cobertas porque sabia agora que eu estava ali e daria aquilo que ela mais adora no mundo. Me mexi até ficar com o meu rosto no meio de suas pernas, então soprei uma lufada de ar quente entre elas, provocando e adorando a maneira como se contorceu, implorando por mim, oferecendo seus pequenos gemidos de prazer. Era uma dança que eu adorava: beijando os quadris, as coxas, respirando tão próximo daquele doce pedaço de pele. O quarto estava frio, mas sua pele já estava úmida de suor, e com um único dedo eu facilmente deslizei pelo calor de seu sexo. Minha Chloe gritou, numa mistura de alívio e necessidade.

Chloe não implorou para eu acelerar, pois já sabia que eu faria mais lento, só para provocar. Ela estava em minha cama, em meu quarto, já sendo minha esposa para todos os efeitos, e eu não tinha intenção alguma de me apressar, pois havia passado a noite toda pensando nela e não tinha nenhum compromisso logo de manhã, a não ser ficar com ela.

Deixei que sentisse minha respiração e meus dedos, beijei sua barriga, provei sua pele. *Meu Deus, ela é linda*, eu pensei, com seus braços esticados sobre minha cabeça, buscando uma âncora que o resto de seu corpo não encontrava. Seus quadris mexiam na minha frente, procurando, até que eu não aguentei a sua sedução, seu calor e sua doçura. Eu a beijei gentilmente apenas uma vez, fechando meus olhos contra a intensidade de tudo isso.

Eu queria mais. Eu queria, como sempre, achar um jeito de chupá-la e fodê-la ao mesmo tempo, e no momento em que minha língua deslizou por cima de seu clitóris eu enlouqueci, abrindo a boca e devorando-a inteira. Com um grito, ela mergulhou as mãos ainda mais em meus cabelos, raspando os quadris em mim até encontrarmos um ritmo fácil e perfeito. Ela era doce e quente, as pernas subiram por meus ombros e deslizaram para as costas, fechando-se sobre mim até que a única coisa que eu conseguia ouvir era o som abafado de suas súplicas e o farfalhar dos lençóis enquanto ela se movia contra minha boca.

Seu corpo não conseguia decidir o que queria – língua ou a pressão dos meus lábios, então eu decidi por ela, faminto após uma noite de sexo apressado e escondido, com tão pouca intimidade. Eu a envolvi com minha boca, chupando e lembrando-a de que *é assim que eu te amo, suave e loucamente ao mesmo tempo*.

Eu me perco completamente em você.

Seu corpo já era tão familiar para mim, todas as curvas e detalhes, o sabor de

seu sexo enquanto ela progredia de sonolenta para selvagem. E embora eu tivesse começado querendo provocá-la, eu não conseguia mais; seu orgasmo era sempre um precursor do meu próprio. Ela gozou rapidamente, deixando as pernas caírem para os lados, curvando as costas até seus gemidos silenciarem e as coxas pararem de tremer. Chloe se ergueu, apoiou-se nos cotovelos e ficou me observando.

Eu a beijei subindo pelo umbigo, empurrando a camiseta por seu corpo e expondo toda a maciez dos seios.

– Olá, meus queridos.

– Você se divertiu hoje? – ela perguntou, ainda com a voz rouca de prazer e sono.

– Definitivamente foi uma noite interessante – meus dentes encontraram a parte de baixo de um seio, depois minha língua subiu pela curva até chegar ao mamilo.

– Bennett?

Fiz uma pausa em meu ataque gentil a seu seio e flagrei uma incerteza em seu rosto.

– Humm?

– Tudo bem mesmo que a gente tenha feito isso? Ter invadido sua despedida de solteiro? Quer dizer, isso basicamente dominou sua noite.

– Você acha mesmo que eu não fiquei totalmente surpreso por você ter invadido a boate?

Ela fechou os olhos, sorrindo um pouco. Bem pouco.

– Ficar surpreso não é a mesma coisa que ficar contente.

Terminei de tirar a camiseta puxando por seus braços, depois preendi seus pulsos sobre a cabeça usando a própria camiseta para amarrá-la.

– Nós temos todo o fim de semana para celebrar o fim da solteirice.

Realmente não vejo problema algum no que você fez – eu me abaixei e chupei seu pescoço. – Na verdade, se você parar de fazer loucuras como essa só para me agradar, você pode me decepcionar um pouco.

– Um pouco? – eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

Olhando para seu rosto, para os cabelos espalhados no travesseiro, os olhos pesados com desejo e satisfação em igual medida, tive a sensação de voltar no tempo. Como diabos havíamos chegado ali? Aquela mulher em minha cama era a mesma que eu odiara por vários meses, a mesma com quem eu transava com tanta necessidade e raiva. E agora, ela estava em meu quarto, no fim de semana da minha despedida de solteiro, usando o anel da minha avó, com as mãos amarradas com minha camiseta favorita, a mesma que ela declarara posse algum tempo atrás.

Chloe inclinou a cabeça, olhando em meu rosto.

– Ei, para onde você foi?

Fechei os olhos, engolindo com dificuldade.

– Estava apenas lembrando.

Ela esperou, estudando minha expressão.

– Estava lembrando de tudo e...

– E...?

– Pensando em como nós começamos... e como era antes. Estava tentando me lembrar da última mulher com quem fiquei antes de você. Acho que eu nunca contei sobre aquela noite.

Debaixo de mim, ela riu.

– Isso tem potencial para uma conversa tão romântica – Chloe se ajeitou um pouco, raspando sua pele molhada em meu pau.

– Apenas ouça – eu murmurei e a beijei. – Ela era minha acompanhante na festa de arrecadação de fundos da Millenium Organics. Você também estava lá...

– Eu lembro – ela sussurrou, observando meus lábios.

– Você estava usando um vestido... – eu suspirei. – Nossa. Aquele vestido. Era...

– Vermelho.

– Sim. Mas não era só vermelho. Era um vermelho vibrante. Um vermelho ardente. Você parecia uma maldita sirene diabólica... O que na verdade até combina bem com você. Enfim, a Amber era minha acompanhante e...

– Loira. Alta. Peitos de plástico? – ela perguntou, claramente se lembrando daquela noite. Fiquei um pouco satisfeito por saber que ela prestava atenção mesmo naquela época.

– Exatamente. E ela era... – eu suspirei, lembrando-se da minha completa apatia durante toda aquela noite. – Era legal. Mas não era *você*. Eu estava obcecado por você, mas de um jeito realmente *ferrado*. Eu adorava encontrar maneiras para te irritar só para ver sua reação. Eu adorava quando você ficava brava comigo, porque eu achava que significava que eu era o foco de seus pensamentos naquele momento, por mais que fossem pensamentos de raiva.

Ela riu de novo, esticando-se para beijar meu pescoço, chupando de leve.

– Seu psicopata.

– Naquela noite, você estava pegando um drinque no bar, e eu me aproximei e fiz alguma piadinha. Nem lembro mais o que eu disse. Mas tenho certeza de que era uma piada pesada e desnecessária – eu fechei meus olhos, lembrando-me de seu rosto, o jeito como ficou me olhando cética, sem nenhum traço de interesse.

– Você olhou para mim e *riu* antes de apanhar seu drinque e ir embora. Aquilo me devastou, eu acho, embora só tenha percebido muito mais tarde. Eu já estava

acostumado ao seu jeito de reagir aos meus insultos com pequenas indicações de mágoa, raiva ou frustração. Mas quando não vi absolutamente nada além de indiferença... Ah, merda! Aquilo foi o fim da linha para mim.

– Eu também não me lembro do que você falou – ela admitiu. – Mas tenho certeza de que eu me esforcei muito para não esboçar reação.

– Nós fomos embora pouco depois. Amber e eu – acariciei o corpo de Chloe, passando pelos seios até chegar ao rosto. Eu a olhei nos olhos e admiti: – Eu transei com ela. Mas foi horrível. Você ficava aparecendo na minha mente. Eu fechava os olhos e imaginava como seria te tocar. Tentei imaginar os sons que você faria quando gozasse e a sensação de estar dentro de você. Foi assim que *eu* gozei. Mordi o travesseiro para não gritar seu nome.

Chloe expirou longamente, e então percebi que ela estava prendendo a respiração.

– Foi na casa dela ou na sua?

Olhei novamente em seus olhos. Por que aquilo era relevante?

– Na casa dela. Por quê?

Encolhendo os ombros, ela sussurrou:

– Curiosidade.

Continuei analisando seu rosto e pude ver as engrenagens girando com alguma curiosidade privada em seus pensamentos.

Beijando-a novamente, eu perguntei:

– O que você está pensando, sua diabinha?

Ela sorriu para mim, como se tivesse sido flagrada.

– Estava pensando... em que posição você estava.

Senti uma onda gelada percorrer meu sangue.

– Você está gostando de ouvir sobre isso porque quer me imaginar com outra mulher?

Ela sacudiu a cabeça imediatamente e seus olhos se tornaram sombrios. Suas mãos se fecharam em punhos ao redor do nó acima de sua cabeça.

– Gostei de ouvir que você estava pensando em *mim*. Eu só... quero ouvir mais sobre isso.

– Eu estava em cima dela – eu murmurei, desconfiado. – Foi a primeira e única vez que transamos. Tenho certeza de que ela não se impressionou nem um pouco com meu desempenho.

Chloe se ajustou, mudando a posição de suas mãos e continuando a me observar com fascínio. *Pensando, pensando, pensando.*

– Antes de você transar com ela – Chloe disse, olhando para minha boca. – Quando vocês estavam na casa dela. Ela chupou você?

Encolhendo os ombros, eu admiti:

– Acho que sim. Um pouco.

– E você?

– Se eu chubei ela? – eu perguntei, e Chloe confirmou. – Não.

– Você usou camisinha?

– Eu sempre usei camisinha – eu disse, rindo. – Antes de você.

Ela sorriu e revirou os olhos.

– Certo – mas então, suas pernas subiram pela minha cintura. – Antes de *mim* – tudo que eu precisava fazer era mexer meus quadris um pouco e conseguiria entrar nela. Porém, conversar sobre isso desse jeito, nu por cima dela, parecia perfeito. Não tínhamos segredos. – Ela gozou?

Suspirando, eu admiti:

– Ela fingiu.

Chloe riu, pressionando a cabeça contra o travesseiro para me enxergar melhor.

– Tem certeza?

– Sim. Foi um show impressionante, mas um pouco exagerado.

– A pobre garota não sabia o que estava perdendo.

– Aconteceu só alguns dias antes da nossa primeira vez na sala de conferência – eu sussurrei, beijando o canto de sua boca. – Acho que eu já estava apaixonado por você. Mas agora, quando me lembro daquela noite com a Amber, sinto como se fosse uma traição. Acho que é por isso que estou te contando agora.

O rosto dela ficou sério.

– Amor, *não* foi uma traição.

– Eu nunca faria isso, sabe – eu disse, quase perdendo a voz. Estendendo meu braço, eu a desamarrei e esfreguei seus pulsos delicadamente. – Eu não poderia.

Ela assentiu e eu beijei uma trilha começando no pescoço até chegar aos lábios inchados. Inchados por minha causa. *Putz, ela deve estar toda dolorida.* Mesmo assim, Chloe baixou os braços, agarrou meu pau e esfregou em sua entrada quente.

Quando me beijou, ela gemeu silenciosamente contra minha língua.

– Sua boca agora tem o meu sabor.

– Como isso pôde acontecer? – eu disse ironicamente, mordiscando seu lábio inferior.

Erguendo os quadris, ela me puxou para dentro, sentindo uma urgência repentina.

– Calma, diabinha – eu sussurrei, tirando e mergulhando de novo lentamente, gemendo em seu pescoço. – Não vá tão rápido – a sensação era como mergulhar num mel, muito liso e muito doce. – Tão bom. Você é gostosa demais, Chloe.

– Como você sabia?

Eu parei por um instante e puxei meus quadris para trás, tentando interpretar sua pergunta.

– Como eu sabia que você estava dolorida?

Ela assentiu.

Esse era seu jogo predileto, no qual eu contava todos os detalhes que percebia. Eu prestava atenção, e ela adorava isso.

– Você cavalgou meus dedos com bastante força na boate.

Ela admitiu, fechando os olhos e correndo as mãos em minhas costas.

– E eu não fui muito delicado lá no banheiro.

– Não mesmo – ela sussurrou, virando a cabeça para lambar meu ombro.

Comecei a mexer num ritmo lento e suave dentro dela.

– Então, quando te chupei, não fiquei surpreso por sentir que você estava um pouco inchada.

– Por favor, mais rápido – ela ofegou, mas eu não obedeci.

– Nada de ir mais rápido – eu disse em seu ouvido –, é o sexo devagar que me deixa louco. É quando eu consigo sentir você melhor, ouvir cada som que você deixa escapar. Posso imaginar como estamos debaixo das cobertas. Posso pensar em quantas vezes vou fazer você gozar. Não tenho tempo de pensar nisso tudo quando estou comendo você com força numa boate ou num banheiro de cassino.

Ela ofegou e depois prendeu a respiração, silenciosamente implorando para gozar. Chloe correu as mãos em minhas costas, meu pescoço e rosto. Senti o toque gelado de seu anel de noivado, pensando, *putz, essa mulher vai ser minha esposa, vai ter meus filhos, vai compartilhar minha casa e minha vida. Ela vai me ver envelhecer e provavelmente enlouquecer. E vai prometer me amar no meio disso tudo.*

Eu levantei meu corpo para poder ver o que estava fazendo. Mas as mãos dela apanharam meu rosto e voltaram minha atenção para seus olhos.

– Ben?

Tentei recuperar meu fôlego e senti o suor pingando da minha testa.

– Sim?

Chloe lambeu os lábios e engoliu com dificuldade.

– Estou muito apaixonada por você – seu polegar deslizou para dentro da minha boca e eu a mordi, arrancando um gemido de dor. – E qualquer coisa que aconteça fora disso, fora de nós dois dessa maneira...

– Eu sei.

Nós compartilhamos um olhar desesperado, um acordo mútuo e silencioso onde concordávamos que nunca seria o bastante, que talvez a vida ideal fosse exatamente como agora, sozinhos e nos tocando, mas nossa realidade nunca seria viver assim exclusivamente. Por isso ela invadiu minha festa de solteiro,

mas não iria embora amanhã. Por isso eu não conseguiria ficar longe, sabendo que ela estava na mesma cidade.

E aqui ela estava – minha – com os membros pesados e febris debaixo de mim, os quadris pressionando de volta para ter aquilo que precisava. Chloe sempre pertenceria a mim – em casa, no trabalho, na cama – e esse pensamento despertou meu orgasmo que se acumulava.

Ela estava perto do clímax, mas infelizmente, eu estava ainda mais perto.

– Vai, minha linda. Eu... Eu não vou conseguir...

Suas mãos agarraram meus quadris, a cabeça afundou no travesseiro.

– Por favor.

Meu corpo todo se flexionou, os quadris impulsionavam loucamente, meu orgasmo retido apenas por um fio.

– Vamos senhorita Mills, goze!

Era a voz que eu usava com parcimônia para que nunca perdesse o efeito sobre ela. Com o peito corado, ela se arqueou sobre a cama, puxando as coxas sobre seu corpo para que eu entrasse mais fundo. Com seus lábios abertos num grito sufocado, ela se dissolveu num orgasmo debaixo de mim.

Nunca vou me cansar da visão de Chloe gozando. A pele corada, os olhos cerrados, a boca formando meu nome. Tudo isso sempre me lembrava de que eu era o único homem que dava prazer a ela daquela maneira. Chloe então deixou os braços caírem exaustos e molhou os lábios com a língua.

– Nossa – ela sussurrou, tremendo.

Um alívio correu através de mim, abrindo as comportas e permitindo a meu corpo continuar, cego para tudo que não fosse a sensação de estar dentro dela. Estava tão macia, tão molhada... Minhas costas se curvaram quando eu gozei, gritando no meio do quarto silencioso.

Meu grito ecoou no teto quando desabei em cima dela, suado e pesado. Eu queria mergulhar o rosto em seu pescoço e dormir por ao menos três dias.

Ela riu, gemendo com o meu peso.

– Sai de cima de mim, incrível Hulk.

Rolei para o lado, praticamente afundando no colchão ao lado dela.

– Putz, Chloe. Isso foi...

Ela se aninhou em mim.

– Muito, *muito* bom – mordendo meu queixo, ela disse: – Vou precisar de ao menos dez minutos antes de começar de novo.

Eu ri, e então comecei a tossir quando a ficha realmente caiu.

– Meu Deus, mulher. Acho que vou precisar de um pouco mais do que isso. Vamos só ficar aqui abraçados por um tempo.

Com um pequeno beijo em meu pescoço, ela sussurrou:

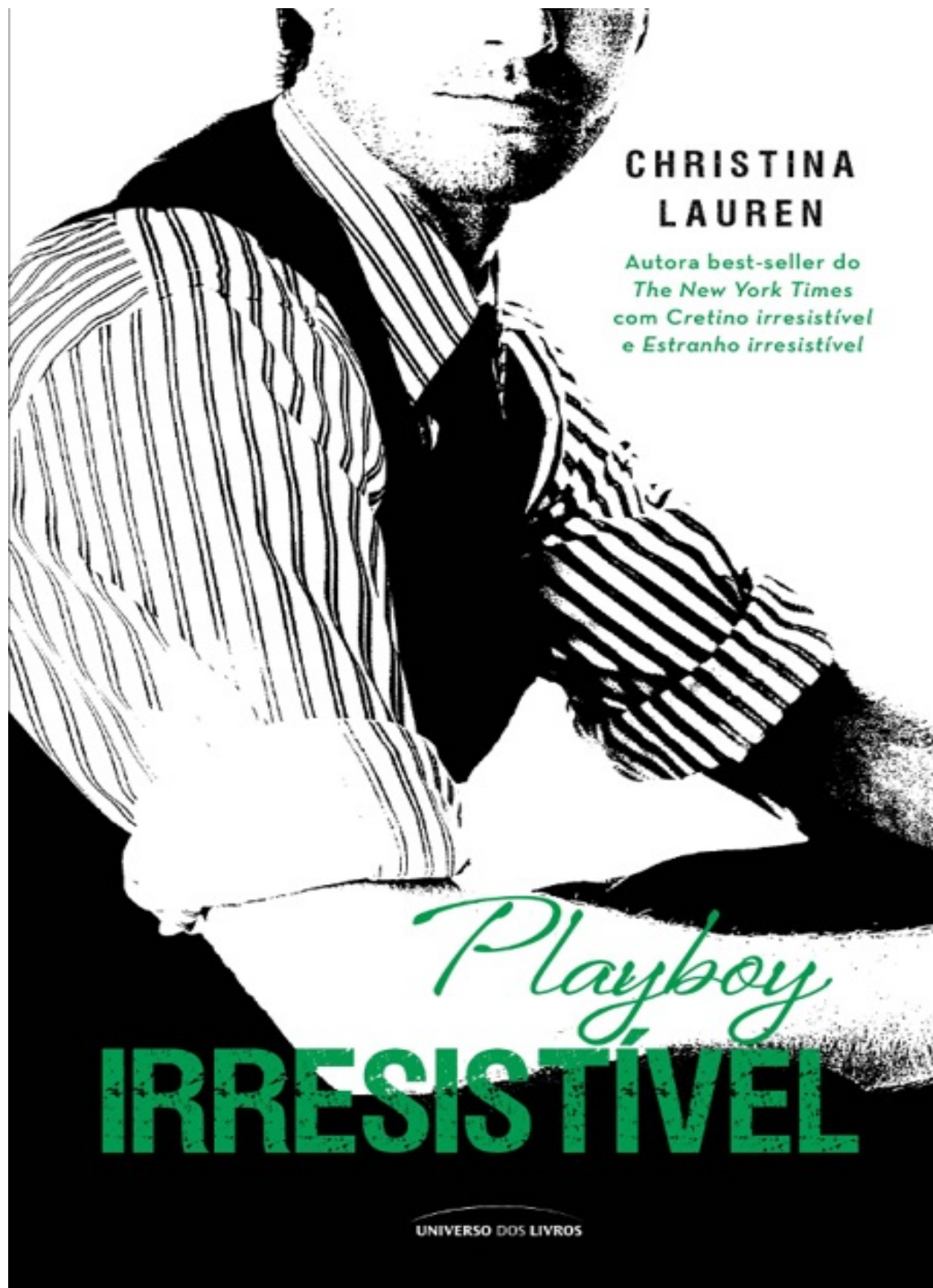
– Mal posso esperar para você se tornar o senhor Bennett Mills.
Abri meus olhos imediatamente.
– Como é?
Sua risada foi profunda e rouca.
– Você me ouviu.

Agradecimentos

Queremos agradecer a nossa agente, Holly Root, nossos parceiros de crime (maridos e filhos), nossos leitores fantásticos e nossos amigos e familiares que aguentam nossos olhares vidrados quando pensamos sobre um novo capítulo no meio de um almoço.

Obrigada a todas as pessoas maravilhosas da Gallery Books. Obrigada, Jen e Lauren.

E agradecemos muito ao nosso editor, Adam Wilson, que entende que calcinhas são melhores aos montes.

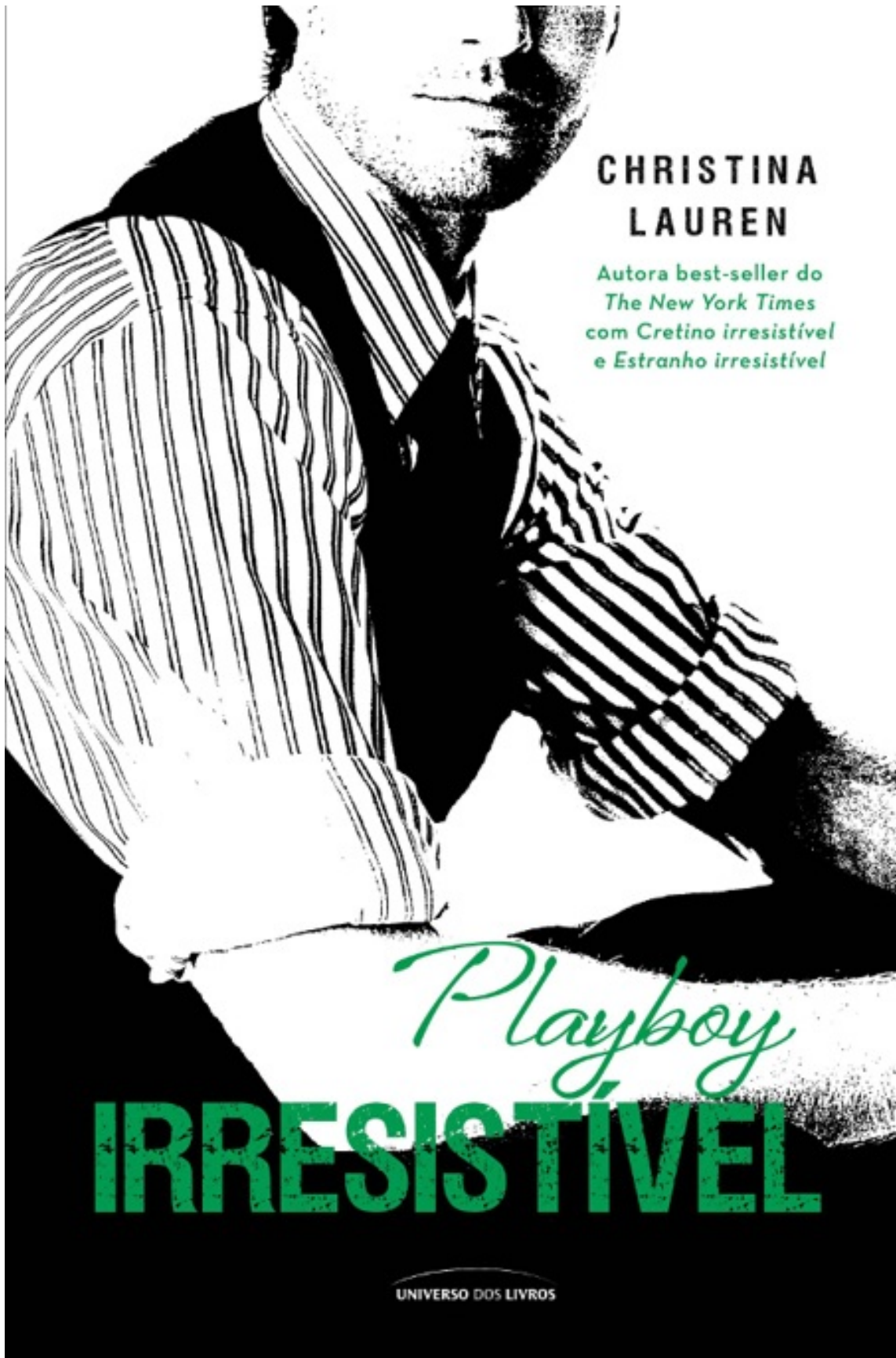


CHRISTINA
LAUREN

Autora best-seller do
The New York Times
com *Cretino irresistível*
e *Estranho irresistível*

Playboy
IRRESISTÍVEL

UNIVERSO DOS LIVROS



CHRISTINA
LAUREN

Autora best-seller do
The New York Times
com *Cretino irresistível*
e *Estranho irresistível*

Playboy
IRRESISTÍVEL

UNIVERSO DOS LIVROS

CHRISTINA LAUREN

Playboy IRRESISTÍVEL

São Paulo
2014



Portuguese Language Translation copyright © 2014 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful Player

Copyright © 2013 by Lauren Billings and Christina Hobbs
All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher, Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

© 2014 by **Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editores-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Cássio Yamamura, Nathália Fernandes e Raíça Augusto**

Tradução: **Felipe CF Vieira**

Preparação: **Thiago Augusto**

Revisão: **Louise Bonassi e Viviane Zeppelini**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Fine Design**

Foto: **Digital Vision/Getty Images**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412p

Lauren, Christina
Playboy irresistível / Christina Lauren; tradução de Felipe CF Vieira.
– São Paulo : Universo dos Livros, 2013. (Beautiful Bastard, v. 3).
360 p.

ISBN: 978-85-7930-674-7
Título original: *Beautiful Player*

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção
I. Título II. Vieira, Felipe CF

13-1079

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Prólogo

Nós estávamos no apartamento mais feio de toda Manhattan, e o problema não era meu cérebro estar desligado de qualquer senso de apreciação artística: *todos* aqueles quadros eram mesmo objetivamente horrorosos. Em um deles havia uma perna peluda crescendo dentro de um vaso, como uma flor. Em outro havia uma boca com macarrão escorrendo pelos cantos. Ao meu lado, meu irmão mais velho e meu pai se mostravam pensativos, como se entendessem aquilo que viam. Tive que forçá-los a continuar andando; afinal, essa era a regra social implícita: os convidados de uma festa precisam primeiro andar ao redor do apartamento apreciando as obras de arte do anfitrião, e só depois podem se esbaldar nos comes e bebes.

Mas lá no fundo, sobre a grandiosa lareira e entre dois candelabros extravagantes, havia um quadro com o desenho de uma dupla hélice – a estrutura da molécula de DNA –, e cobrindo toda a tela havia uma citação de Tim Burton: *Todos nós sabemos que romance entre espécies é algo estranho.*

Eu tive que rir e dizer para Jensen e meu pai:

– Certo. *Aquele* é legal.

Jensen suspirou.

– É *claro* que você tinha que gostar desse aí.

Olhei de novo para o quadro e depois encarei meu irmão.

– Como assim? Só porque é a única coisa neste lugar que faz algum sentido?

Ele se virou para meu pai e os dois trocaram olhares, como se algum tipo de permissão entre pai e filho tivesse sido concedida.

– Precisamos conversar sobre sua relação com seu trabalho.

Demorei um pouco antes de digerir suas palavras, seu tom de voz e sua expressão determinada.

– Jensen – eu disse. – Nós vamos mesmo ter essa conversa *aqui*?

– Sim, aqui – seus olhos verdes se estreitaram. – É a primeira vez que vejo você fora do laboratório nos últimos dois dias, com exceção de quando você está dormindo ou comendo alguma porcaria com pressa.

Eu nunca deixava de notar como os traços de personalidade mais fortes dos meus pais – vigilância, charme, cautela, impulsividade e obstinação – pareciam

distribuídos precisamente entre seus cinco filhos.

Vigilância e obstinação iriam agora travar uma batalha no meio de uma festinha em Manhattan.

– Estamos numa festa, Jens. As pessoas esperam que a gente converse sobre toda essa arte maravilhosa ao nosso redor – eu disse, mostrando vagamente as paredes da sala de estar cheia de opulência. – E sobre o escândalo que é... sei lá, alguma coisa – eu não fazia ideia de qual era a fofoca do momento, e essa minha última demonstração de ignorância social apenas confirmou o argumento do meu irmão.

Não pude deixar de perceber a força que ele fez para não revirar os olhos.

Meu pai me entregou um aperitivo que parecia uma lesma numa bolachinha, e eu discretamente o dispensei numa bandeja quando uma garçonete passou por perto. Meu vestido novo me pinicava, e eu desejei ter perguntado às minhas colegas de trabalho sobre essa nova meia-calça Spanx que eu estava usando. Assim que a vesti, pensei que ela tinha sido criada pelo Satã em pessoa, ou por algum homem que era magro demais até para aqueles jeans apertados que estão na moda.

– Você não é apenas inteligente – Jensen continuou a conversa. – Você é engraçada. Você é social. Você é uma garota bonita.

– Mulher – eu corrigi, resmungando. – Mulher bonita.

Ele se aproximou, mantendo nossa conversa apenas entre nós. Que Deus nos acudisse se alguém da *high society* de Nova York ouvisse sua lição de como me tornar mais socialmente depravada.

– Então eu não entendo por que estamos aqui visitando você por três dias e as únicas pessoas com quem eu saí foram os meus próprios amigos.

Sorri para meu irmão e deixei minha gratidão por sua vigilância superprotetora se esvaír antes de sentir uma irritação se espalhar pelo meu corpo; era como tocar num ferro de passar quente, um reflexo rápido seguido de uma dor pulsante prolongada.

– Estou quase acabando a faculdade, Jens. Vou ter muito tempo para viver depois disso.

– Acontece que a vida é *agora* – ele disse, com olhos arregalados e urgentes. – Quando eu tinha a sua idade eu mal pensava no meu diploma, apenas ficava feliz se acordava de manhã sem estar de ressaca.

Meu pai estava em silêncio ao meu lado, ignorando o último comentário, mas aprovando o consenso geral de que eu era uma perdedora sem amigos. Joguei um olhar para ele querendo dizer: “*Tenho que aguentar isso do cientista workaholic que passava mais tempo no laboratório do que na própria casa?*”. Mas ele permaneceu impassível, mostrando a mesma expressão de quando um

composto que esperava que fosse solúvel acabava como uma suspensão viscosa flutuando no topo de um tubo de ensaio: ele parecia confuso, talvez até um pouco ofendido por uma questão de princípio.

Meu pai me passou sua *obstinação*, mas acho que sempre pensou que minha mãe também me passou um pouco de seu charme. Talvez por eu ser mulher, ou talvez porque ele pensasse que cada geração deveria aperfeiçoar a anterior, e por isso eu deveria equilibrar carreira e vida pessoal melhor do que ele conseguiu. No dia que meu pai fez cinquenta anos, ele me levou até seu escritório e disse: “As pessoas são tão importantes quanto a ciência. Aprenda com os meus erros”. E então ele arrumou alguns papéis em sua mesa e ficou encarando as próprias mãos até eu me entediar o bastante para me levantar e voltar para o laboratório.

Claramente, eu falhei nesse quesito.

– Eu sei que sou superprotetor – Jensen sussurrou.

– Um pouco – concordei.

– E sei que me intrometo demais.

Lancei um olhar irônico e sussurrei de volta:

– Você é minha própria Athena Polias.

– Só que não sou grego e tenho um pênis.

– Eu tento não pensar nisso.

Jensen suspirou e, finalmente, meu pai percebeu que esse era um trabalho para duas pessoas. Os dois vieram para me visitar e, embora parecesse uma estranha combinação para uma visita aleatória em pleno mês de fevereiro, eu não tinha pensado muito nisso até agora. Meu pai me abraçou, apertando. Seus braços eram longos e finos, mas ele sempre teve muito mais força do que aparentava.

– Ziggs, você é uma boa garota.

Sorri diante da tentativa do meu pai de me encorajar.

– Nossa, obrigada.

Jensen acrescentou:

– Você sabe que te amamos.

– Eu amo vocês também. Na maioria das vezes...

– Mas... considere isso uma intervenção. Você está viciada no trabalho. Está viciada na ideia desse atalho que você acha que sua carreira precisa seguir. Talvez eu sempre me intrometa com palpites sobre a sua vida...

– *Talvez?* – interrompi. – Você decide tudo, desde quando o pai e a mãe tiraram as rodinhas da minha bicicleta, até o horário em que eu podia voltar para casa quando eu era adolescente. E você nem morava mais com a gente, Jens. Eu tinha *dezesseis* anos.

Ele ficou parado me encarando.

– Juro que não vou dizer o que você deve fazer... – ele fez uma pausa,

olhando ao redor como se alguém estivesse segurando uma placa mostrando quando acabar a frase. Pedir para o Jensen não se intrometer na minha vida era como pedir para alguém parar de respirar por apenas dez minutinhos. – Apenas ligue para alguém.

– *Alguém?* Jensen, seu argumento é que eu não tenho amigos. Isso não é *exatamente* verdade, mas para quem você acha que eu devo ligar para começar essa coisa de sair-e-viver-a-vida? Alguma colega cheia de pesquisa para fazer como eu? Nós somos estudantes de engenharia biomédica. Não é exatamente um lugar cheio de socialites.

Ele fechou brevemente os olhos, depois ficou encarando o teto até que algo lhe ocorreu. Suas sobrancelhas se ergueram quando olhou de volta para mim, e uma esperança encheu seus olhos junto a uma irresistível bondade fraternal.

– E quanto ao Will?

Agarrei a taça de champanhe das mãos do meu pai e tomei de um gole só.



Eu não precisava que Jensen falasse de novo. Will Sumner era o melhor amigo do meu irmão na faculdade, foi ex-estagiário do meu pai e objeto de todas as minhas fantasias adolescentes. Enquanto eu sempre fui a irmãzinha nerd e amigável, Will era o gênio bad boy de sorriso maroto, piercing na orelha e olhos azuis que pareciam hipnotizar todas as garotas que ele conhecia.

Quando eu tinha doze anos, Will estava com dezenove. Nessa época, ele nos visitou com Jensen durante alguns dias no Natal. Ele tinha um visual desleixado, mas mesmo assim delicioso, e passou todo o feriado tocando baixo no porão com Jensen e flertando com minha irmã mais velha, Liv. Quando eu tinha dezesseis anos, ele já era recém-formado e trabalhou com meu pai durante o verão. Ele exalava um carisma tão brutalmente sexual que eu acabei dando minha virgindade para um garoto qualquer da minha classe apenas para tentar aliviar o desejo que eu sentia só de ficar perto de Will.

Eu tinha quase certeza que minha irmã o *beijou* – e Will era velho demais para mim, de qualquer maneira –, mas lá no fundo do meu coração eu admitia que Will Sumner foi o primeiro garoto que eu senti vontade de beijar, e foi o primeiro garoto que me fez brincar debaixo do lençol, pensando nele no meio da escuridão do meu quarto.

Pensando naquele sorriso safado e naquele cabelo que teimava em cair sobre seu olho direito.

Pensando em seus braços musculosos e na pele morena e macia.

Pensando em seus longos dedos e até em sua pequena cicatriz no queixo.

Enquanto os garotos da minha idade soavam todos iguais, a voz de Will era grave e discreta. Seus olhos eram pacientes e sábios. Suas mãos nunca se mostravam inseguras e trêmulas; geralmente ficavam descansando em seus bolsos. Will lambia os lábios quando observava as garotas, e fazia comentários discretos e conhecedores sobre peitos, pernas e línguas.

Pisquei de volta à realidade e olhei para Jensen. Eu não tinha mais dezesseis anos. Eu tinha vinte e quatro, e Will tinha trinta e um. A última vez que o vi foi há quatro anos, no malfadado casamento de Jensen, e seu sorriso carismático estava ainda mais intenso e enlouquecedor. Lembro de observá-lo fascinada enquanto ele escapava para dentro de um closet com duas damas de honra da minha cunhada.

– Ligue para ele – Jensen implorou, tirando-me de minhas lembranças. – Ele equilibra bem o trabalho e a vida social. Ele mora aqui e é um cara legal. Apenas... saia um pouco, certo? Ele vai cuidar de você.

Tentei reprimir a excitação que vibrou por minha pele quando meu irmão mais velho disse isso. Eu não sabia exatamente *como* eu queria que Will cuidasse de mim: apenas como o amigo do meu irmão, ajudando a equilibrar minha vida? Ou eu queria ter um olhar adulto sobre o objeto das minhas mais depravadas fantasias?

– Hanna – meu pai insistiu. – Você ouviu o que seu irmão disse?

Uma garçonete passou com uma badeja repleta de taças de champanhe, e eu troquei a minha taça vazia por uma cheia do precioso líquido borbulhante.

– Eu ouvi. Certo, não vou mais discutir. Vou ligar para o Will.

Um

Uma chamada. Duas.

Parei de andar em círculos apenas o suficiente para abrir uma fresta da cortina e olhar pela janela. Franzi a testa quando vi o céu ainda escuro, mas pensei que estava mais para azul-escuro do que para cinza, começando a mostrar tons de rosa e púrpura no horizonte. Ou seja, tecnicamente, já era de manhã.

Três dias se passaram desde o sermão de Jensen e, conseqüentemente, essa era minha terceira tentativa de ligar para Will. Mas mesmo eu não tendo ideia do que iria falar – nem mesmo do que meu irmão *esperava* que eu falasse –, quanto mais eu pensava nisso, mais percebia que Jens estava certo: eu nunca saía do laboratório. O conteúdo da minha geladeira era salada, sobras de comida chinesa e comida congelada. Toda a minha vida até esse ponto girava em torno de acabar a faculdade e me lançar numa perfeita carreira como pesquisadora. Foi um chamado para a realidade perceber o quão pouco eu tinha fora desse círculo.

Aparentemente, minha família percebeu isso primeiro, e por algum motivo eles pensavam que a solução para me salvar da solteirice era Will.

Quanto a mim, estava menos confiante nessa solução. Muito menos.

Admito que nossa história juntos era bem pequena, e era totalmente possível que ele nem se lembrasse mais de mim. Eu era a pequena irmãzinha, apenas um pano de fundo para suas muitas aventuras com Jensen e seu breve caso com minha irmã. E agora eu estava ligando para ele para... o quê? Me levar para sair? Jogar Banco Imobiliário? Me ensinar como...

Eu nem conseguia terminar esse pensamento.

Pensei em desligar. Pensei em voltar para a cama e dizer para meu irmão ir se ferrar e parar de me encher. Mas no meio da quarta chamada, e apertando o telefone com minha mão já embranquecida, Will atendeu.

– Alô? – sua voz era exatamente como eu me lembrava, encorpada e profunda, mas ainda mais grave. – Alô? – ele repetiu.

– Will?

Ele respirou fundo, e eu ouvi um sorriso se estender por sua voz quando ele falou meu apelido:

– Ziggy?

Eu tive que rir; é claro que ele se lembraria de mim desse jeito. Apenas minha família ainda me chamava assim. Ninguém sabia o que o nome significava – em retrospecto, eles deram poder demais ao Eric, que tinha apenas dois anos quando escolheu o apelido da sua irmãzinha recém-nascida.

– Pois é. É a *Ziggy*. Como você sabia...?

– Eu falei com Jensen ontem. Ele me contou tudo sobre a visita e o chute-no-traseiro verbal que ele deu em você. E também mencionou que você talvez ligasse para mim.

– Bom, aí está – eu disse, boba de tudo.

Ouvi um gemido e o farfalhar de lençóis. Eu absolutamente não tentei imaginar o tipo de nudez que estava do outro lado da linha. Mas o nó em meu estômago subiu direto para minha garganta quando a ficha caiu: ele parecia cansado porque estava *dormindo*. Certo, então acho que tecnicamente *ainda* não era de manhã.

Dei outra olhada pela janela.

– Eu não acordei você, não é?

Eu nem tinha olhado para o relógio ainda, e agora estava com medo de olhar.

– Tudo bem. Meu alarme está prestes a tocar, de qualquer maneira... – ele fez uma pausa e bocejou. – ... daqui a uma hora.

Segurei um gemido de mortificação.

– Desculpe. Acho que eu estava um pouco... ansiosa.

– Não, não, tudo bem. Não acredito que esqueci que você agora mora aqui na cidade. E ouvi dizer que você se enfurnou num laboratório nos últimos três anos.

Meu estômago se revirou um pouco ao ouvir a maneira como sua voz ficou mais rouca ao me provocar.

– Pelo jeito você está do lado de Jensen.

Seu tom de voz suavizou.

– Ele só está preocupado com você. Sendo seu irmão mais velho, esse é o trabalho favorito dele.

– É o que dizem...

Voltei a andar em círculos pelo quarto, precisando fazer alguma coisa para conter meu nervosismo. Adorei ele ter notado esse lado de Jensen.

– Eu deveria ter ligado antes...

– Eu também.

Ele se ajeitou e pareceu ter se sentado. Ouvi seu gemido quando se espreguiçou e fechei meus olhos. Parecia exatamente, precisamente e perturbadoramente como *sexo*.

Respire pelo nariz, Hanna. Fique calma.

– Você quer fazer alguma coisa hoje? – eu falei de uma vez só. E a minha

calma foi para o espaço.

Ele hesitou, e eu quase dei um soco em mim mesma por não ter pensado que ele poderia ter outras coisas para fazer. Como trabalho. E depois do trabalho, talvez tivesse planos para sair com uma namorada. Ou uma esposa. De repente, fiquei congelada esperando ouvir qualquer som que quebrasse aquele silêncio.

Após uma eternidade, ele perguntou:

– O que você tem em mente?

Pergunta difícil.

– Jantar?

Will fez uma pausa que durou vários dolorosos segundos.

– Humm, eu tenho uma reunião até tarde hoje. Que tal amanhã?

– Tenho laboratório. Marquei uma maratona de dezoito horas com umas células que estão crescendo superlentamente e vou me matar se eu estragar tudo e tiver que começar de novo.

– Dezoito horas? Isso é um dia bem longo, Ziggs.

– Eu sei.

Ele pensou um pouco antes de perguntar:

– Que horas você precisa chegar lá agora de manhã?

– Mais tarde – eu disse, olhando para o relógio e estremecendo. Eram apenas seis horas. – Lá pelas nove ou dez.

– Você quer ir até o parque comigo para correr?

– Você corre? – perguntei. – Tipo, de propósito?

– Sim – ele disse, praticamente rindo. – Não como se estivesse fugindo de algo, mas, você sabe, como se estivesse me exercitando.

Fechei meus olhos com força, com um familiar sentimento de obrigação, como se fosse um desafio ou uma tarefa idiota da escola. Maldito Jensen.

– Quando?

– Daqui meia hora?

Olhei novamente pela janela. O sol mal estava nascendo. Tinha neve na rua. *É hora de mudança*, lembrei a mim mesma. E com isso, fechei os olhos e disse:

– Mande uma mensagem com o lugar. Eu te encontro lá.



Estava frio. Mais precisamente, frio de congelar a bunda.

Reli a mensagem de Will, que dizia para eu encontrá-lo no Engineers Gate, na Quinta Avenida com a Rua 90, no Central Park, e fiquei andando em círculos novamente para tentar me aquecer. O ar da manhã queimava meu rosto e atravessava o tecido da minha calça. Eu deveria ter trazido um chapéu. Eu

deveria ter lembrado que estamos no mês de fevereiro e em Nova York, e apenas os malucos vão para o parque no mês de fevereiro em Nova York. Eu não conseguia sentir meus dedos e estava legitimamente preocupada que o ar frio e o vento gelado pudessem fazer minhas orelhas caírem.

Havia apenas um punhado de pessoas ao redor: alguns corredores superdeterminados e um jovem casal abraçado num banco debaixo de uma árvore gigante, cada um segurando um copo de algo que parecia quentinho e delicioso. Um bando de pássaros cinzentos bicava o chão, e o sol apenas espiava sobre os arranha-céus ao longe.

Na maior parte da minha vida eu vivi entre ser socialmente apropriada e ser uma *geek* que fala pelos cotovelos, então é claro que eu já me senti fora da minha praia antes: quando recebi o prêmio pela minha pesquisa na frente de centenas de pais e estudantes no MIT; quase em todas as vezes que saio para fazer compras; e, no momento mais memorável, quando Ethan Kingman queria uma chupada no colegial e eu absolutamente não tinha ideia de como fazer isso e respirar ao mesmo tempo. E agora, enquanto o céu ficava cada vez mais claro, eu encararia sem reclamar qualquer uma dessas lembranças só para poder escapar desta situação.

Não é que eu não estivesse a fim de correr... tá bom, na verdade, era isso mesmo. Eu *não* queria sair correndo por aí. E não estava com medo de encontrar Will. Eu estava apenas *nervosa*. Eu me lembrava de como ele era – sempre havia algo de hipnótico sobre sua atenção. Algo sobre ele que exalava sexo. Eu nunca tive que interagir com ele sozinha e fiquei preocupada de simplesmente não possuir a compostura para isso.

Meu irmão me passou uma tarefa – vá viver sua vida mais intensamente – sabendo que se existia um jeito de assegurar minha dedicação em alguma coisa, era me fazer pensar que eu estava falhando. E embora eu soubesse que essa não era sua intenção quando sugeriu isso, eu precisava entrar na cabeça de Will, aprender com o mestre e me tornar mais parecida com ele. Eu apenas precisava fingir que estava numa missão secreta: entrar, sair e escapar ilesa.

Diferente de minha irmã.

Depois que minha irmã de dezessete anos ficou com Will, baixista, piercing na orelha e com dezenove anos, naquele Natal, eu aprendi muito sobre o que acontece quando uma adolescente fica caidinha por um bad boy. E Will Sumner era o bad boy em pessoa.

Todos eles queriam a minha irmã, mas Liv nunca quis ninguém do mesmo jeito que ela queria Will.

– Zig!

Girei a cabeça imediatamente em direção àquela voz e tive que olhar duas

vezes enquanto o homem em questão andava na minha direção. Ele parecia mais alto do que eu lembrava e tinha o tipo de corpo que era longo e esguio, um torso que parecia não acabar mais e membros que deveriam deixá-lo desajeitado, mas que por algum motivo não deixavam. Sempre existiu *algo* sobre ele, algo magnético e irresistível que não tinha nada a ver com um visual simétrico clássico, mas minha memória de Will de apenas quatro anos atrás não era nada diante do homem que tinha acabado de chegar.

Seu sorriso ainda era o mesmo: levemente torto, como se estivesse escondendo algo, e sempre duradouro, deixando uma constante sensação de malícia em seu rosto. Enquanto se aproximava, ele olhou de relance para o lado e eu reparei o contorno de seu queixo e o longo pescoço bronzeado que desaparecia debaixo da gola de sua blusa.

Quando ele se aproximou, seu sorriso aumentou.

– Bom dia – ele disse. – Achei que era você quando vi de longe. Lembro que você costumava andar de um lado para o outro desse jeito quando ficava nervosa sobre a escola ou algo assim. Deixava sua mãe maluca.

E, sem pensar, dei um passo para frente e o abracei. Acho que nunca tinha ficado tão perto dele assim. Pude sentir o calor e os músculos de seu corpo; fechei os olhos quando senti seu rosto pressionado no topo da minha cabeça.

Sua voz grave parecia reverberar através de mim.

– É muito bom ver você de novo.

Relutantemente, dei um passo para trás, inalando o ar fresco misturado com o perfume de seu sabonete.

– É bom ver você também.

Seus olhos azuis claros olharam para mim debaixo de um gorro preto, que mal cobria as mechas de seu cabelo escuro. Ele se aproximou e colocou algo na minha cabeça.

– Achei que você podia precisar disso.

Passei a mão e senti um gorro de lã grossa. Uau, isso foi inesperadamente encantador.

– Obrigada. Acho que minhas orelhas não vão cair, afinal de contas.

Ele sorriu e se afastou novamente, olhando-me de cima a baixo.

– Você parece... diferente, Ziggs.

Eu ri.

– Ninguém além da minha família me chama assim, *faz tempo*.

Seu sorriso murchou e ele observou meu rosto por um momento, como se procurasse meu nome verdadeiro tatuado na minha testa. Ele só me chamava de Ziggy, igual meus irmãos – Jensen, claro, mas também Liv, Niels e Eric. Até sair de casa, eu *sempre* fui Ziggy.

– Bom, então como é que seus amigos te chamam?

– Hanna – eu disse silenciosamente.

Ele sorriu para mim e continuou a me encarar. Olhou meu pescoço, meus lábios, e então pareceu inspecionar meus olhos. A energia entre nós era palpável... mas não. Eu provavelmente estava errando minha interpretação da situação. Esse era precisamente o perigo com Will Sumner.

Lembre-se, você é uma agente secreta, Hanna.

– Então – comecei a falar, erguendo minhas sobrancelhas. – E essa tal corrida? Will piscou de volta para a realidade.

– Ah, é.

Ele assentiu e puxou seu gorro até cobrir as orelhas. Will parecia tão diferente – todo arrumado e bem-sucedido – mas, olhando bem, eu ainda podia enxergar as marcas quase apagadas onde ficavam seus brincos.

– Primeiro – ele disse, e eu rapidamente voltei a atenção de volta para seu rosto –, eu quero que você fique atenta com o gelo sujo. Eles fazem um bom serviço limpando as trilhas, mas se você não prestar atenção, pode realmente se machucar.

– Certo.

Ele apontou para o caminho estreito em torno da água congelada.

– Este é o circuito inferior. Ele dá a volta no reservatório e é perfeito para nós, porque tem poucas inclinações.

– E você corre aqui todos os dias?

Will soltou uma risada, balançando a cabeça.

– Não. Esta pista tem apenas dois quilômetros e meio. Já que você está apenas começando, vamos andar pelo começo e pelo fim da pista, e correr só no meio.

– Por que não corremos na sua pista de sempre? – perguntei, não gostando da ideia de mudar sua rotina por minha causa.

– Porque eu corro quase dez quilômetros.

– Eu consigo fazer isso também – eu disse. Dez quilômetros não pareciam ser tão difíceis. Quer dizer, são dez mil metros... e então senti meu sorriso se esvaír quando considerei isso.

Ele acariciou minha cabeça com uma paciência exagerada.

– É claro que consegue. Mas primeiro vamos ver como você se sai hoje, depois conversamos.

E depois disso? Ele deu uma piscadela.



Então, aparentemente eu não sou uma boa atleta.

– Você faz isso todo dia? – eu disse, arfando.

Ele confirmou, como se estivesse apenas aproveitando um passeio leve pela manhã. Eu sentia que estava prestes a cair morta no asfalto.

– Falta quanto?

Ele olhou para mim, usando um sorriso convencido – e delicioso.

– Meio quilômetro.

Oh, Deus.

Eu me endireitei e ergui o queixo. Eu chegaria até o final. Eu era jovem e tinha... relativa boa forma. Passava o dia inteiro de pé, corria de sala em sala no laboratório, e sempre usava as escadas quando chegava em casa. É claro que eu sobreviveria até o final.

– Bom... – eu disse. – Eu me sinto ótima.

– Não está mais com frio?

– Nem um pouco.

Eu podia sentir o sangue bombeando em minhas veias e a potência do meu coração dentro do peito. Nossos pés batiam com força na pista, e não, eu definitivamente não estava mais com frio.

– Além de ficar ocupada o tempo todo – ele perguntou, sem perder nem um pouco do fôlego –, você gosta do seu trabalho?

– Amo – respondi ofegando. – Adoro trabalhar com o Liemacki.

Conversamos um pouco sobre meu projeto e as outras pessoas no laboratório. Ele conhecia a reputação do meu orientador de pós no campo da vacinação, e eu fiquei impressionada ao ver que Will lia bastante; mesmo sobre um campo que ele mesmo disse que nem sempre é a melhor aposta no mundo dos investimentos de risco. Mas ele estava curioso sobre outras coisas além do meu trabalho; ele queria saber sobre a *minha vida*, e perguntou sem rodeios.

– Minha vida é o laboratório – eu disse, olhando de relance para ver seu nível de julgamento. Ele mal piscou. Tive alguns amigos na faculdade, e um exército de professores da pós pedindo trabalhos. Mas, com exceção das duas pessoas no laboratório que eram mais próximas de mim, eu não tinha realmente aquilo que se chamaria de amigos. – Eles são ótimos – expliquei, engolindo em seco antes de tomar um grande fôlego. – Mas os dois são casados e têm filhos. Não são de sair depois do trabalho para beber e jogar sinuca.

– Acho que as mesas de sinuca não ficam abertas depois do seu trabalho, de qualquer maneira – ele disse em tom provocador. – Não é por isso que você está aqui? Para tentar sair da sua rotina?

– Certo – eu ri. – Apesar de ter ficado irritada quando Jensen disse na minha cara que eu precisava de uma vida, ele não estava exatamente *errado* – fiz uma pausa, correndo mais alguns passos. – Estive tão focada no trabalho por tanto

tempo, tentando superar o próximo obstáculo, e depois o próximo, que acho que nunca parei para simplesmente aproveitar um pouco.

– Sei – ele concordou silenciosamente. – Isso não é bom.

Tentei ignorar a pressão de seu olhar e mantive meus olhos colados na trilha à nossa frente.

– Você às vezes sente que as pessoas de quem mais gosta não são as pessoas com quem você mais *convive*?

Quando ele não respondeu, eu acrescentei:

– Ultimamente, sinto que não estou colocando meu coração onde realmente importa.

Com minha visão periférica, eu vi seu rosto desviando o olhar e assentindo. Demorou uma eternidade para ele dizer algo, mas, quando respondeu, apenas murmurou:

– É, eu entendo isso.

Um momento depois, olhei para ele ao ouvir sua risada. Era um som profundo que vibrou pela minha pele e pelos meus ossos.

– O que você está *fazendo*? – ele perguntou.

Segui seus olhos até onde meus braços estavam cruzados sobre meu peito.

– Meus peitos estão doendo. Como vocês homens conseguem correr desse jeito?

– Bom, para começar, nós não temos... – e ele fez um gesto vago mostrando meu peitoral.

– Mas e quanto às outras coisas? Tipo, vocês correm usando cueca *boxer* por acaso?

Putá merda, o que há de errado comigo? Problema número um: não tenho um filtro verbal. Nunca fui muito boa quando se trata de sutilezas, mas algo sobre estar perto de Will me fazia perder qualquer conexão inibidora entre meu cérebro e minha boca.

Ele olhou para mim de novo, confuso, e quase tropeçou num galho caído no chão.

– Como é?

– *Boxer* – repeti bem lentamente. – Ou vocês usam alguma coisa para proteger suas partes masculinas e evitar...

Ele me interrompeu com uma risada alta que ecoou pelas árvores no meio do ar gelado.

– Meu Deus...

– Estou apenas curiosa – eu disse.

– Então, nada de cuecas *boxer* – ele continuou, depois de se recuperar da risada. – Teria coisas demais se movendo de um lado para o outro.

Principalmente no meu caso.

– Por quê? Você tem mais de um saco? – provoqueei.

Ele me jogou um olhar divertido.

– Se você quer mesmo saber, eu uso cuecas próprias para esportes. São bem justas para manter tudo no lugar com segurança.

– É, acho que as garotas têm sorte nesse sentido. Nada naquele lugar para – movi meus braços ao redor – balangar para todo lado. Nós somos compactas ali embaixo.

Chegamos numa parte plana da pista e começamos a caminhar. Will estava rindo baixinho ao meu lado.

– Percebi.

– Bom, você é o especialista no assunto.

Ele jogou um olhar cético.

– Como é?

Por uma fração de segundo, meu cérebro tentou filtrar os pensamentos, mas era tarde demais.

– Humm... especialista em xanas – sussurrei, quase sem pronunciar direito o final da frase.

Seus olhos se arregalaram, seus passos diminuíram o ritmo.

Eu parei totalmente e tentei recuperar o fôlego.

– Foi você mesmo quem disse.

– Quando foi que eu disse que era um *especialista em xanas*?

– Você não se lembra de quando falou isso para nós? Você disse que o Jensen era bom com as palavras. E você era bom com as ações. E depois ficou mexendo as sobrancelhas.

– Isso é *horrível*. Como diabos você se lembra disso?

Eu me endireitei.

– Eu tinha doze anos. Você era um amigo gostosão do meu irmão de dezenove anos que ficava fazendo piada sobre sexo na nossa casa. Você era praticamente uma criatura mítica.

– Então por que eu não me lembro de nada disso?

Dei de ombros, olhando para a pista, que agora estava cheia.

– Provavelmente pela mesma razão.

– Também não me lembro de você ser tão engraçada. Ou assim, tão... – ele levou um instante para me olhar de cima a baixo – ... crescida.

Eu sorri.

– Eu não era.

Will levou as mãos até as costas e puxou a blusa de moletom por cima da cabeça. Ele usava uma camisa regata por baixo e, quando seus braços ficaram

expostos, senti uma pontada no meio do meu peito.

Ele coçou seu pescoço, sem perceber a maneira como meus olhos percorriam seu braço. Eu tinha muitas memórias de Will daquele verão em que ele trabalhou para o meu pai e morou conosco: lembro-me de sentar no sofá com ele e Jensen para assistir filmes, lembro-me dele passando pelo corredor durante a noite usando apenas uma toalha enrolada na cintura, lembro-me de quando ele devorava o jantar após um longo dia de trabalho no laboratório. Mas, com certeza por influência de alguma magia negra, por algum motivo, eu tinha me esquecido das tatuagens. Vendo-as agora, eu podia me lembrar de um pássaro azul em seu ombro, uma montanha e as raízes de uma árvore entrelaçadas em seu bíceps. Mas as outras eram novas. Redemoinhos de tinta formavam uma dupla hélice descendo até o centro de um de seus antebraços; no outro lado, havia o desenho de um fonógrafo visível debaixo da manga da camiseta. Will permaneceu em silêncio, e quando olhei em seu rosto, vi que ele estava sorrindo para mim.

– Desculpe – murmurei, sorrindo timidamente. – Percebi que você tem tatuagens novas.

Sua língua molhou rapidamente seus lábios.

– Não se desculpe. Eu não teria feito se não quisesse que as pessoas olhassem para elas.

– E você não tem problemas? Com o trabalho e tudo mais?

Ele murmurou, dando de ombros:

– Mangas longas, terno. A maioria das pessoas não sabe que elas existem.

O problema com isso era que não me fazia pensar na *maioria das pessoas* que ignorava as tatuagens. Fazia-me imaginar quem eram as pessoas que conheciam cada linha de tinta em sua pele.

Os perigos de Will Sumner, eu me lembrei. *Basta uma frase e você já está pensando nele pelado*. Pisquei de volta para o presente, tentando pensar em outro assunto.

– Então, e como vai a *sua* vida?

Ele me olhou, cauteloso.

– O que você quer saber?

– Você gosta do seu trabalho?

– Na maioria dos dias.

Respondi com um sorriso.

– Você viaja para ver sua família de vez em quando? Sua mãe e sua irmã moram em Washington, não é?

Lembrei que Will tinha duas irmãs bem mais velhas que moravam perto da mãe.

– Oregon – ele corrigiu. – E sim, umas duas vezes por ano.

– Você está saindo com alguém? – eu disse num impulso.

Ele apertou as sobrancelhas como se não tivesse entendido a pergunta direito. Depois de um instante, ele respondeu:

– Não.

Sua adorável reação confusa me ajudou a esquecer o quanto minha pergunta era inapropriada.

– Você realmente precisou pensar para responder?

– Não, sua espertinha. E não, não existe ninguém que eu apresentaria a você dizendo: “Ei, Ziggy, esta aqui é a fulana-de-tal, minha *namorada*”.

Respondi com a cabeça, estudando-o.

– Que evasiva específica.

Ele tirou o gorro e correu os dedos pelos cabelos. As mechas estavam molhadas com suor e espetadas em todas as direções.

– *Nenhuma* mulher chamou sua atenção?

– Algumas, sim.

Ele virou os olhos para mim, não querendo fugir da minha interrogação. Disso eu me lembrava sobre Will: ele nunca sentia a necessidade de se explicar para ninguém, mas também não fugia de nenhuma pergunta.

Caramba, eu me esqueci do quanto sua personalidade era magnética. Olhei para seu peito, que subia e descia com respirações rápidas, e para os ombros musculosos, que terminavam no pescoço bronzeado e macio. Seus lábios se abriram e sua língua apareceu para molhá-los novamente. Seu queixo era esculpido e coberto com uma barba rala. Senti uma súbita e esmagadora vontade de tocar aquela barba com minhas coxas.

Meus olhos seguiram para seus braços fortes novamente, passaram pelas mãos relaxadas ao seu lado – e puta merda, aqueles dedos provavelmente sabiam fazer muitas coisas –, seguiram pela barriga lisinha e chegaram na frente da calça de corrida que me dizia que Will Sumner, mesmo quando relaxado, não tinha nada a esconder debaixo da cintura. Meu bom Deus do céu, eu queria transar com ele até tirar aquele sorrisinho convencido de seu rosto.

Um silêncio se estendeu entre nós, e o constrangimento apareceu. Lembrei que eu não vivia atrás de um vidro espelhado: Will podia ver cada uma das reações no meu rosto. Seus olhos se tornaram sombrios ao me estudar, e ele percebeu exatamente o caminho que minha mente tomou. Ele se aproximou, observando-me de cima a baixo como se inspecionasse um animal preso numa armadilha. Um lindo e mortal sorriso surgiu em sua boca.

– Qual é o veredito?

Engoli em seco, fechando os punhos das minhas mãos suadas, e apenas disse:

– Will?

Ele piscou, e então piscou de novo, dando um passo para trás e parecendo se lembrar de nossa situação. Eu podia praticamente ver sua mente maquinando: “Esta é a irmãzinha do Jensen... Ela é sete anos mais nova do que eu... Eu fiquei com a Liv por um tempo... Esta garota é uma nerd, pare de pensar com o seu pau”. Will estremeceu de leve.

Eu relaxei, achando sua reação divertida. Will tinha uma infame expressão indecifrável... mas não aqui, e não comigo. Essa percepção enviou um raio de confiança em meu peito: ele pode ser quase irresistível e o homem mais naturalmente sensual do planeta, mas esta garota aqui consegue, sim, lidar com Will Sumner.

– Então – eu disse –, ainda não está pronto para casar e sossegar?

– Definitivamente, não – seu sorriso aumentou num canto da boca, e ele parecia completamente destrutivo. Meu coração e minhas partes íntimas não sobreviveriam uma noite sequer com este homem.

Ainda bem que isso não é uma opção, vagina. Sossega aí.

Voltamos para o começo da trilha, e Will encostou-se a uma árvore.

– Então, por que você está entrando no mundo dos vivos agora?

Ele inclinou a cabeça ao voltar o foco da conversa para mim.

– Sei que Jensen e seu pai querem que você tenha uma vida social mais ativa, mas vamos lá. Você é uma garota bonita, Ziggs. Não é possível que ninguém tenha pedido para sair com você.

Mordi meu lábio por um segundo, achando divertido que Will pensasse que, para mim, tudo se resumia a sexo. Mas a verdade era que... ele não estava de todo errado. E não havia julgamento em sua expressão, nem um distanciamento estranho com um assunto tão pessoal.

– Não é que eu não tenha saído com alguns caras. Acontece que eu não sou boa nessa coisa de encontros casuais – eu disse, lembrando-me do meu mais recente e completamente entediante encontro. – Sei que pode ser difícil enxergar por trás de todo esse meu constrangimento charmoso, mas eu não sou muito boa nesse tipo de situação. O Jensen me contou suas histórias. Você conseguiu se formar no doutorado com todas as honras enquanto ao mesmo tempo transava sem parar. E aqui estou eu, num laboratório com pessoas que parecem considerar o constrangimento social um campo de estudo. Eles não são muito de experimentar a fruta, se é que você me entende.

– Você é jovem, Ziggs. Por que está se preocupando com isso agora?

– Não estou *preocupada* com isso, mas já tenho vinte e quatro anos. Meu corpo funciona plenamente, e minha cabeça está cheia de pensamentos interessantes. Eu apenas queria... explorar. Você não pensava nessas coisas

quando tinha minha idade?

Ele deu de ombros.

– Não me lembro de ficar estressado por causa disso.

– É claro que não. Você erguia uma sobrancelha e as calcinhas automaticamente caíam no chão.

Will lambeu os lábios e coçou o pescoço.

– Você é uma figura, sabia?

– Sou uma *cientista*, Will. Se vou mesmo fazer isso, preciso aprender como os homens pensam, preciso entrar na cabeça deles – respirei fundo e o observei com cuidado antes de dizer: – Me ensine. Você disse para meu irmão que me ajudaria. Então ajude.

– Tenho certeza de que ele não quis dizer: “Ei, mostre a cidade para minha irmãzinha, veja se ela não está gastando demais no aluguel e, a propósito, ajude ela a transar por aí” – suas sobrancelhas negras se juntaram quando algo pareceu lhe ocorrer. – Você está pedindo para eu apresentar algum amigo meu?

– Não. *Deus me livre* – não sei se eu queria rir ou cavar um buraco para me esconder até a *eternidade* passar. – Quero sua ajuda para aprender... – dei de ombros e cocei meu cabelo debaixo do gorro. – *Como* me comportar em encontros. Me ensine as regras.

– Não sei se sou o mais qualificado para ajudar você a conhecer caras.

– Você estudou em Yale.

– Sim, e daí? Isso foi há anos atrás, Ziggs. E acho que isso não fazia parte da grade curricular.

– E você tocava numa banda – continuei, ignorando seu último comentário.

Seus olhos mostravam seu divertimento.

– E daí?

– E daí que eu estudei no MIT e jogava Dungeons & Dragons e Magic. E daí que ex-estudantes de Yale que jogavam *lacrosse* e tocavam numa banda podem ter mais ideias de como melhorar a vida sexual de *geeks* nerdísticos e quatro olhos.

– Você está tirando sarro de mim?

Ao invés de responder, cruzei os braços sobre meu peito e fiquei esperando pacientemente. Foi a mesma postura que adotei quando deveria ter ficado vagando de laboratório em laboratório para escolher minha pesquisa de mestrado. Mas eu não queria ficar vagando de laboratório em laboratório; eu queria mesmo iniciar a minha pesquisa com Liemacki, imediatamente. Fiquei de pé em frente ao seu escritório, depois de explicar por que sua pesquisa estava perfeitamente posicionada para se afastar de vacinas virais rumo a parasitologia, e o que eu pensava que poderia funcionar para a minha tese. Depois de apenas

cinco minutos ele cedeu.

Will olhava para o horizonte. Eu não sabia se ele estava considerando o que eu tinha dito ou se estava decidindo se deveria simplesmente começar a correr e me deixar para trás ofegando.

Finalmente, ele suspirou.

– Certo, bom, a regra número um para ter uma vida social mais abrangente é nunca ligar para ninguém, com exceção de um taxista, antes do sol nascer.

Rindo, eu murmurei:

– Pois é. Foi mal.

Ele me estudou, no fim gesticulou para minhas roupas.

– Vamos correr. Vamos sair e fazer coisas – ele estremeceu e gesticulou novamente para meu corpo. – Não quero dizer que você precise fazer algo, mas... merda, sei lá. Você está usando a blusa de moletom do seu irmão. Me corrija se eu estiver errado, mas tenho a sensação de que esse é seu jeito normal de se vestir, mesmo quando não sai para correr – ele franziu a testa. – Apesar de ter lá o seu charme.

– Não vou me vestir como uma vadia.

– Você não precisa se vestir como uma *vadia* – ele se endireitou e mexeu nos cabelos antes de colocar o gorro de novo. – *Deus*. Você é tão esquentadinha. Você conhece Chloe e Sara?

Neguei com a cabeça.

– São garotas com quem... você *não* está saindo?

– Ah, nossa, não – ele riu. – Elas são as garotas que laçaram meus melhores amigos pelas bolas. Acho que seria bom você conhecê-las. Juro que vão se tornar melhores amigas ao final da noite.

Dois

– Então, espera aí – Max disse, puxando sua cadeira para se sentar. – Essa é a irmã que você comeu?

– Não, essa foi a Liv – sentei-me de frente para ele e ignorei seu sorriso maldoso e a pontada no meu estômago. – E eu não *comi* ela. Apenas ficamos algumas vezes. A irmã mais nova é a Ziggy. Ela era apenas uma criança na primeira vez que passei o Natal com Jensen.

– Ainda não consigo acreditar que ele levou você para passar o Natal em casa e você beijou a irmã dele no quintal. Eu chutaria o seu traseiro – mas ele reconsiderou, coçando o queixo. – Ah, dane-se isso. Eu não daria a mínima.

Olhei para Max e tive que rir um pouco.

– Pois é, então, na verdade eu era mesmo um filho da mãe.

Ao nosso redor, taças tilintavam e pessoas conversavam num murmúrio discreto. Almoço de terça-feira no Le Bernardin tinha se tornado uma rotina para nosso grupo nos últimos seis meses. Max e eu geralmente éramos os últimos a chegar, mas aparentemente hoje os outros se atrasaram por causa de alguma reunião.

– *Era* um filho da mãe? Seu uso do verbo no passado é adorável – Max murmurou, olhando para o cardápio antes de fechá-lo com força. Na verdade, não sei por que ele o abriu em primeiro lugar. Ele sempre pedia caviar de entrada e um peixe tamboril como prato principal. Eu recentemente concluí que Max guardava toda a sua espontaneidade para a sua vida com Sara; com comida e trabalho, ele era uma criatura de hábitos. – Eu acho que você ainda é um pouco filho da mãe.

– Eu sei que acha isso. Acontece que você sempre se esquece de como você era antes de conhecer Sara.

– Não é verdade – ele protestou com seu sorriso grande e fácil. – Eu *sei* que eu era um cretino. Mas, enfim, me conte sobre essa irmãzinha.

– Ela é a mais nova dos cinco filhos da família Bergstrom, e está fazendo pós-graduação aqui na Universidade Columbia. Ziggy sempre foi ridiculamente inteligente. Terminou a graduação em três anos e agora trabalha com o Liemacki. Sabe? Aquele que trabalha com vacinas?

Max balançou a cabeça e deu de ombros como se dissesse: “Quem diabos é esse cara?”.

Eu continuei:

– É uma pesquisa de ponta que está sendo desenvolvida na faculdade de medicina. Enfim, no último fim de semana em Las Vegas, quando você estava atrás da sua garota nas mesas de *blackjack*, Jensen me enviou uma mensagem avisando que iria visitá-la aqui na cidade. Acho que ele fez todo um discurso para ela dizendo que não deveria passar o resto da vida vivendo entre os tubos de ensaio.

O garçom se aproximou para encher nossos copos, e dissemos que estávamos esperando outras pessoas.

Max olhou de volta para mim.

– Então você está planejando se encontrar novamente com ela?

– Pois é. Acho que vamos sair e fazer alguma coisa nesse fim de semana. Acho que vamos correr de novo.

Não deixei de perceber a maneira como seus olhos se arregalaram.

– Está deixando alguém entrar no seu mundinho privado das corridas matinais? Isso parece mais íntimo do que sexo, William.

Fiz um gesto de repúdio.

– Nada a ver.

– Mas foi divertido? Reencontrar a irmãzinha e tal?

Na verdade, foi, *sim*, divertido. Não foi nada selvagem, ou mesmo algo de muito especial – meu Deus, apenas saímos para *correr*. Mas eu ainda me sentia um pouco abalado pela maneira como ela tinha mudado. Fui até lá pensando que deveria haver uma razão para seu isolamento, além de suas longas horas de trabalho. Esperava que ela fosse desajeitada, ou feia, ou uma típica pessoa socialmente inepta.

Mas não era nada disso, e ela definitivamente não parecia ser a “irmãzinha” de alguém. Ela era ingênua e um pouco desbocada, mas realmente apenas trabalhava muito e se tornou refém de uma série de hábitos dos quais ela já não gostava. Ou nem mesmo se identificava.

Conheci os Bergstroms no Natal do meu segundo ano na faculdade. Eu não tinha dinheiro para viajar até minha casa naquele ano, e aparentemente a mãe de Jensen teve um troço só de pensar que eu ficaria sozinho na moradia estudantil. Então ela foi nos buscar pessoalmente só para ter certeza de que eu voltaria com ele. A família era tão amorosa e barulhenta quanto você esperaria de uma família com cinco filhos com quase exatamente dois anos de diferença entre eles. Suspeitei desde o princípio de que Johan Bergstrom era a pessoa mais organizada e estruturada do planeta.

Como era do meu feitio naquele estágio da minha vida, eu os agradeci ficando com sua filha mais velha, Liv, no quintal da casa deles.

Alguns anos mais tarde, trabalhei como estagiário para Johan e morei em sua casa. Foi um verão quieto: apenas eu, Jensen e a filha mais nova, Ziggy. A casa deles se tornou o meu segundo lar. Mas, embora tenha ficado três meses por lá, eu me lembrava muito pouco dela. Mais tarde, fui o padrinho do casamento de Jensen, do qual Ziggy, então com vinte anos, foi a madrinha. Mas ela era sete anos mais nova do que eu e estava no último semestre da faculdade. Assim, sempre que não estávamos ocupados com os preparativos, ela estava afundada nos estudos. Acho que não conversei com ela em nenhum momento daquele fim de semana. Então, quando ela me ligou ontem, foi um pouco difícil até de lembrar como era seu rosto.

Mas quando a vi no parque, lembrei-me de mais coisas do que imaginava. Ziggy aos doze anos, com o nariz cheio de sardas escondido atrás de livros. Ela apenas mostrou um ocasional sorriso tímido do outro lado da mesa de jantar – na maior parte do tempo, apenas evitou contato comigo. De qualquer maneira, eu tinha dezenove anos e nem reparei nela. Depois, lembro-me dela aos dezesseis anos, toda desengonçada, com o cabelo embaraçado descendo por suas costas. Ela passava as tardes vestindo shorts curtos e tomara que caia, lendo em cima de uma coberta no jardim enquanto eu trabalhava com seu pai. Lembro-me de reparar nela como o fazia com qualquer outra mulher, como se estivesse catalogando partes de corpos. A garota tinha curvas, mas era silenciosa, e obviamente ingênua em relação à paquera, o que acabou merecendo meu desinteresse. Na época, minha vida estava cheia de curiosidade e safadezas: mulheres jovens e mais velhas dispostas a experimentar de tudo ao menos uma vez.

Mas, nesta tarde, uma bomba foi detonada em minha cabeça. Ver seu rosto me fez sentir como se estivesse em casa novamente, mas ao mesmo tempo como se estivesse conhecendo uma linda garota pela primeira vez. Ela não se parecia em nada com Liv ou Jensen, que tinham cabelos claros e eram muito altos, quase uma cópia carbono um do outro. Ziggy parecia com seu pai, para o bem ou para o mal. Ela tinha a combinação paradoxal dos longos membros de seu pai e as belas curvas de sua mãe. Ela herdou os olhos cinza, o cabelo moreno-claro e as sardas de Johan, mas o sorriso aberto era de sua mãe.

Eu hesitei quando ela se aproximou, passou os braços ao redor do meu pescoço e me abraçou. Foi um abraço confortável, quase íntimo. Com exceção de Chloe e Sara, eu não tinha muitas mulheres em minha vida que eram estritamente *amigas*. Quando eu abraçava uma mulher daquele jeito – apertando bem próximo –, geralmente havia algum elemento sexual. Ziggy sempre foi a

irmãzinha, mas ali, nos meus braços, eu percebi perfeitamente que ela já não era mais uma criança. Ela era uma mulher de vinte e poucos anos com mãos quentes no meu pescoço e o corpo colado ao meu. Ela cheirava a xampu e café. Cheirava como uma *mulher*, e debaixo daquela blusa de moletom e a jaqueta pateticamente fina, eu podia sentir o formato dos seios apertados contra meu peito. Quando ela se afastou e olhou em meu rosto, eu imediatamente *gostei* dela: ela não tinha caprichado no visual, não tinha colocado maquiagem ou vestido roupas esportivas caras. Ela vestia a blusa de Yale de seu irmão, calças pretas que eram curtas demais e um par de tênis que definitivamente tinha visto dias melhores. Ela não estava tentando me impressionar, apenas queria me *ver*.

“Ela é tão ingênua, cara”, Jensen disse quando me ligou na semana passada. “Sinto que falhei por não antecipar que ela seria obcecada com trabalho igual ao meu pai. Nós vamos fazer uma visita a ela. Eu nem sei o que fazer.”

Voltei à realidade quando Sara e Bennett se aproximaram da nossa mesa. Max se levantou para cumprimentá-los, e eu desviei os olhos quando ele beijou o pescoço de Sara e sussurrou em seu ouvido: “Você está linda, minha Flor”.

– Você está esperando Chloe? – perguntei depois de todos se sentarem. Se minha pergunta soou um pouco brusca, é porque estive convivendo com esses dois casais e suas demonstrações públicas de afeto por vários meses, embora eu não soubesse por que justo hoje isso fez eu me sentir desconfortável.

Bennett falou por trás do cardápio:

– Ela está em Boston até sexta-feira.

– Ufa, graças a Deus – Max disse. – Porque eu estou faminto e aquela mulher demora décadas para escolher o que vai pedir.

Bennett riu baixinho, baixando o cardápio de volta para mesa.

Fiquei aliviado também, não porque estava com fome, mas porque estava finalmente tendo um descanso de segurar vela para os outros. Meus quatro amigos-namorados estavam quase chegando na estrada da Presunção e já tinham passado *faz tempo* pela esquina do vamos-nos-meter-na-vida-amorosa-do-Will. Eles se convenceram de que eu estava quase tendo meu coração despedaçado pela mulher dos meus sonhos e estavam ansiosos para assistir ao espetáculo.

E, apenas para aumentar sua obsessão, ao voltar de Las Vegas na semana passada eu cometi o erro de mencionar casualmente que estava sentindo um distanciamento das minhas duas amantes regulares, Kitty e Alexis. As duas não tinham problemas com sexo sem compromisso, e uma não se importava com a existência da outra – ou com qualquer outro caso ocasional que eu tivesse –, mas ultimamente eu sentia que apenas estava seguindo uma rotina:

Tirar a roupa.

Tocar.

Transar.

Orgasmo.

(Talvez um pouco de conversa na cama.)

Beijo de boa-noite.

Então eu ia embora, ou elas iam embora.

Será que eu estava me cansando dessa rotina fácil? Ou será que estava me cansando de sexo sem nada mais?

E por que diabos eu estava pensando nisso tudo de novo, *agora*? Eu me endireitei na cadeira e esfreguei o rosto. Nada em minha vida mudou de ontem para hoje. Tive uma manhã prazerosa com Ziggy, só isso. Na verdade, foi exatamente *isso*. O fato de ela parecer tão inesperadamente genuína, engraçada e linda não deveria me abalar desse jeito.

– Então, do que estávamos falando? – Bennett perguntou, agradecendo o garçom quando recebeu seu gimlet com vodca.

– Estávamos discutindo o reencontro do Will de hoje de manhã – Max disse, e depois acrescentou com um sussurro exagerado: – Com uma *amiga*.

Sara riu.

– Will se encontrou com uma mulher hoje? E onde está a novidade?

Bennett ergueu a mão.

– Espere, hoje não é o dia da Kitty? E você se encontrou com outra mulher pela manhã? – ele tomou um gole de seu drinque, olhando para mim. – Seu cachorro safado.

Na verdade, Kitty era a razão para eu sugerir a Hanna que nos encontrássemos pela manhã em vez de à noite: *Kitty* era minha “reunião” até mais tarde. Mas quanto mais eu pensava nisso, a ideia de passar minha terça-feira de sempre com ela parecia menos e menos atraente.

Soltei um gemido, e tanto Sara quanto Max explodiram numa risada.

– Por acaso é estranho a gente saber a Agenda Amorosa Semanal do Will? – Sara perguntou.

Max olhou para mim, com olhos sorridentes.

– Você está pensando em cancelar os planos com Kitty, não é? Acha que isso vai trazer problemas?

– Provavelmente – admiti.

Kitty e eu fomos namorados há alguns anos, e terminamos de modo amigável quando ela disse que queria algo mais. Mas quando nos encontramos num bar alguns meses atrás, ela disse que dessa vez queria apenas se divertir. E é claro que eu aceitei. Ela era linda, e sempre disposta a fazer qualquer coisa que eu quisesse. Ela insistia que não se importava com uma relação que não passasse de sexo. Mas acontece que nós dois sabíamos que ela estava mentindo: sempre que

eu precisava cancelar um encontro, ela se tornava insegura e carente em nosso encontro seguinte.

Alexis era quase que o completo oposto. Ela era fechada, tinha um fetiche de ser amordaçada – coisa que eu não compartilhava, mas não via problemas em satisfazer – e raramente ficava para conversar depois de transar.

– Se você está interessado nessa garota nova, então você provavelmente deveria terminar com Kitty – Sara disse.

– Gente – eu protestei, passando o garfo pela minha salada. – Não existe nada com Ziggy. Nós só fomos *correr*.

– Então por que ainda estamos falando nisso? – Bennett perguntou com uma risada.

Eu concordei.

– Exatamente.

Mas eu sabia que estávamos conversando sobre isso porque eu estava tenso, e quando eu estava tenso eu não conseguia esconder de ninguém. Minhas sobrancelhas se juntavam, meus olhos ficavam mais sombrios e minhas palavras saíam atravessadas. Eu me tornava um filho da mãe.

E Max *adorava* isso.

– Ah, estamos conversando sobre esse assunto – Max disse – porque Will está ficando nervoso, e isso é uma das coisas que eu mais gosto no mundo. E também é muito interessante ver o quanto ele está pensativo depois de passar a manhã com essa tal irmãzinha. Will geralmente não parece que está pensando tanto até doer.

– Ela é a irmã mais nova de Jensen – eu expliquei para Sara e Bennett.

– Ele teve um caso com a irmã mais velha quando eram adolescentes – Max acrescentou.

– Você sempre tem que jogar a merda no ventilador, não é? – eu disse rindo. Liv foi um caso rápido, eu mal conseguia me lembrar de muita coisa além de uns beijos mais quentes e, depois, de minha escapada fácil quando voltei para New Haven. Comparado com alguns de meus relacionamentos da época, o que aconteceu com Liv mal foi registrado na minha escala de sexo. Depois ela passou todo o verão na faculdade quando eu trabalhei com seu pai. A última vez que vi uma das irmãs Bergstrom foi no casamento de Jensen, alguns anos mais tarde. – Isso aconteceu faz uma eternidade.

Nossas entradas chegaram e comemos em silêncio por um instante. Minha mente começou a vagar. No meio da nossa corrida, eu parei de resistir e comecei a checar seu corpo inteiro. Olhei para o rosto, os lábios, a mecha de cabelo que se soltou e pousou na pele macia de seu pescoço. Nunca escondi minha apreciação sobre as mulheres, mas não é qualquer mulher que me atrai. Então, o

que tinha de especial em Ziggy? Ela era bonita, mas definitivamente não era a garota mais linda que eu já vi. Ela era sete anos mais nova do que eu, tão verde quanto uma maçã, e mal saía do trabalho para respirar. O que ela poderia me oferecer que eu não poderia achar em outro lugar?

Ela olhou para mim e me flagrou; a energia entre nós era palpável, e também era uma coisa confusa. E quando ela sorriu, seu rosto inteiro se acendeu. Ela parecia uma pessoa muito acessível, e apesar da temperatura, algo se aqueceu em minhas veias. Era uma velha e familiar fome. Um desejo que eu não sentia faz tempo, onde meu sangue se enchia de adrenalina e eu queria ser o único a descobrir os segredos de uma garota. E a pele de Ziggy reluzia, seus lábios estavam inchados e pareciam tão macios... O animal dentro de mim queria olhar mais de perto suas mãos, sua boca, seus seios.

Levantei meu rosto quando senti Max me observando enquanto mastigava pensativo.

Ele ergueu o garfo e apontou para o meu peito.

– Só é preciso uma única noite com a garota certa. E não estou falando de sexo. Uma única noite poderia mudar você, meu amigo...

– Ah, para com isso – eu resmunguei. – Você está sendo muito idiota agora.

Bennett se endireitou e entrou no assunto.

– O negócio é encontrar a mulher que faz você ficar pensando. É *ela* quem vai mudar sua mente sobre tudo.

Eu levantei minhas mãos.

– É um pensamento muito bonito, caras. Mas Ziggy realmente não faz o meu tipo.

– E qual é o seu tipo, afinal? Uma mulher que faz sombra? Que mija sentada?
– Max perguntou.

Eu ri.

– Acho que ela é um pouco jovem demais. Ainda está verde.

Os caras se entreolharam e concordaram, mas eu podia sentir Sara me observando.

– Vai, fala logo o que você está pensando – eu disse para ela.

– Bom, estou apenas pensando que você ainda não encontrou alguém que faça você *querer* ir mais fundo. Você sempre escolhe certo tipo de mulher, um tipo que sabe que vai encaixar na sua estrutura, suas regras, seus limites. Como ainda não se cansou disso? Você está dizendo que essa irmã...

– Ziggy – Max ofereceu.

– Certo – ela disse. – Você está dizendo que Ziggy não faz o seu tipo, mas na semana passada você disse que estava sentindo um distanciamento das mulheres que transam com você sem nenhum tipo de compromisso – ela garfou um

pedaço de seu almoço e deu de ombros enquanto levava a comida até a boca. – Talvez você precise reavaliar qual é o *seu tipo*.

– Isso é ilógico. Posso estar perdendo interesse nas minhas amantes, mas isso não significa que preciso refazer todo o sistema – eu disse resmungando e continuei a mexer na minha comida. – Embora, na verdade, eu tenha, sim, um favor para pedir.

Sara engoliu e disse:

– É claro.

– Eu estava pensando se você e Chloe poderiam levá-la para sair. Ela não tem amigos aqui na cidade e vocês...

– É claro – ela disse rapidamente. – Mal posso esperar para conhecê-la.

Olhei para Max com o canto do olho e não me surpreendi ao vê-lo mordendo os lábios e me olhando como um gato que pegou um canário. Mas Sara aprendeu uma coisa ou outra com Chloe e já sabia como controlá-lo, pois, ao menos uma vez na vida, ele estava estranhamente quieto.

Você às vezes sente que as pessoas de quem você mais gosta não são as pessoas com quem você mais convive? Ultimamente, sinto que não estou colocando meu coração onde realmente importa.

Quando disse isso, sua voz e os olhos grandes e honestos me fizeram sentir preenchido e vazio ao mesmo tempo, como se sentisse algo tão forte que eu não sabia se era dor ou prazer.

Ziggy queria que eu mostrasse como sair e namorar, como conhecer pessoas interessantes... e a realidade era que eu mesmo não estava fazendo isso. Posso não ser a pessoa que vive sozinha entre a casa e o trabalho, mas isso não significava que eu estava feliz.

Pedi licença para ir ao banheiro, peguei meu celular e digitei uma mensagem para o número que ela me passou:

O Projeto Ziggy ainda está de pé? Se sim, estou dentro. Corrida amanhã, planos para o fim de semana. Não se atrase.

Fiquei olhando para a tela por alguns segundos, mas quando ela não respondeu imediatamente eu voltei para meu almoço e amigos.

Porém, mais tarde, quando deixei o restaurante, notei que havia chegado uma única mensagem, e eu tive que rir, lembrando que Ziggy mencionou um antigo celular que ela quase não usava mais.

Ót9iimo!11Naoconsigoacharobotaodeespaço=maseu teligodepois



Entre as agendas malucas de Ziggy, Chloe e Sara, as três só poderiam se encontrar no fim de semana. Mas graças a Deus elas conseguiram dar um jeito, pois ver Ziggy correr todas as manhãs com os braços cruzados sobre o peito já estava fazendo os *meus* peitos doerem.

Naquele sábado à tarde, Max estava sentado numa mesa do Blue Smoke quando eu cheguei, ofegando e faminto depois de correr meus dez quilômetros. Como sempre acontecia com nosso grupo, o planejamento aconteceu sem qualquer ajuda minha, então acordei com uma mensagem de Chloe dizendo que eu deveria levar Ziggy para encontrá-las para tomar café da manhã e fazer compras, o que significava que eu correria sozinho pela primeira vez em vários dias.

Eu não me importei. Até achei bom. Ziggy precisava sair, mas também precisava de algumas coisas. Precisava de tênis de corrida. Precisava de roupas de corrida. Até poderia comprar umas roupas normais, se estava mesmo levando a sério essa coisa de sair em encontros, pois a maioria dos caras são idiotas superficiais que se importam apenas com as primeiras impressões. Ziggy não era muito boa nesse departamento, mas parte de mim não queria forçar demais. Eu gosto de olhar mulheres bem-vestidas, mas, por mais estranho que seja, com Ziggy, o mais intrigante é que ela não se importa muito com essas coisas. Pensei que ela provavelmente iria apenas continuar fazendo o que sempre fazia.

Sem nem mesmo olhar para mim, Max tirou o jornal que estava sobre minha cadeira e chamou a garçonete para eu fazer meu pedido.

– Água – eu disse, usando um guardanapo para limpar o suor das minhas sobancelhas. – E talvez apenas uns amendoins por enquanto. Mais tarde eu peço o almoço.

Max pegou minha mochila e voltou para o seu jornal, entregando para mim a seção de Negócios do *New York Times*.

– Você não tinha saído com as garotas hoje de manhã? – ele perguntou.

Agradei a garçonete quando ela trouxe minha água e tomei um grande gole.

– Levei Ziggy até elas. Eu não sabia se ela conseguiria encontrar qualquer lugar que não fosse dentro do campus da Columbia.

– Que mamãe-ganso amorosa você é.

– Ah, nesse caso, eu deveria contar amorosamente para você que Sara acidentalmente enviou uma foto da bunda dela para o Bennett.

Não havia nada que eu adorasse mais do que pegar no pé do Max por causa da obsessão deles em tirar fotos safadas.

Ele olhou para mim por cima do jornal e seu rosto relaxou quando viu meu sorriso maroto.

– Cuzão – ele murmurou.

Folhee a seção de Negócios por alguns minutos antes de voltar minha atenção para o caderno de Ciência e Tecnologia. Por trás de seu muro de jornal, o celular de Max tocou.

– Oi, Chlo – ele fez uma pausa e baixou o jornal na mesa. – Não, só eu e o Will almoçando. Talvez o Ben esteja correndo.

Ele assentiu e então me entregou o celular. Eu atendi, surpreso.

– Oi... está tudo bem?

– A Hanna é adorável – Chloe disse, e então riu silenciosamente. – Ela não compra roupas desde a faculdade. Juro que não a tratamos como uma boneca, mas ela é a coisa mais fofa que existe. Por que você demorou tanto para nos apresentar?

Senti meu estômago se apertar. Chloe não estava no almoço onde discutimos o assunto Ziggy.

– Você sabe que ela não é uma namorada, não é?

– Eu sei, você está só comendo, que seja. Will...

Comecei a interrompê-la, mas ela continuou:

– ... eu apenas queria que você soubesse que está tudo indo bem. Ela parecia que ia se perder na Macy's se não ficássemos atrás dela.

– Foi exatamente isso que eu disse.

– Certo, foi isso mesmo que entendi. Apenas liguei para ver se Max sabia onde Bennett está. Temos mais compras para fazer.

– Viu, espera um pouco – eu disse, antes de realmente considerar o que estava para pedir. Fechei os olhos e lembrei da corrida com Ziggy nos últimos dias. Ela era relativamente magra, mas, caramba, havia muita “bagagem” na frente.

– O que foi?

– Se vocês estão fazendo compras, não se esqueça de comprar... – olhei para Max, confirmando que ele estava absorto em seu jornal antes de completar sussurrando: – uns sutiãs. Sabe? Daqueles esportivos? Mas talvez também... tipo... uns normais. Certo?

Eu senti, em vez de ouvir, o silêncio do outro lado da linha. Foi um momento pesado que pressionou meu peito enquanto o constrangimento aumentava. E aumentava. Quando dei uma olhada para frente, vi Max me encarando, tentando não soltar uma risada explosiva.

– Você tem sorte de eu não ser o Bennett agora – Chloe disse, finalmente. – O tamanho do chute no seu traseiro seria algo de outro planeta.

– Não se preocupe, Max está aqui, e eu posso ver que ele vai me importunar o suficiente para todo mundo ficar satisfeito.

Ela riu.

– Então, pode deixar. Sutiãs para suportar os grandes seios da sua não

namorada. Deus, você é tão cafajeste.

– Obrigado.

Ela desligou, e eu devolvi o telefone para Max, evitando olhar em seu rosto.

– Oh, *Victoria* – ele disse num tom gozador. – Você tem um *segredo*? Você é boa em ajudar mulheres a encontrar roupas íntimas apropriadas para várias ocasiões?

– Vá se ferrar – eu disse, rindo. Sua expressão era como se o maldito time de futebol dele tivesse ganhado a copa do mundo. – Ela está correndo comigo, e usa umas blusas... sei lá. Mas não usa sutiã esportivo. E os sutiãs que ela tem fazem aquele... – fiz um gesto para o meu peito. – Aquele apertão esquisito quando parece que tem quatro seios, sabe? Apenas pensei que já que elas foram fazer compras, então...

Max pousou o queixo nas mãos e sorriu para mim.

– Deus, você é tão bonzinho, William.

– Você sabe o que eu penso sobre seios. É um assunto muito sério.

Além disso, pensei sem dizer em voz alta, Ziggy tem as curvas de uma *pin-up*.

– Realmente – ele concordou, levantando novamente o jornal. – Apenas acho engraçado o jeito como você está fingindo que não gostaria de uma garota com quatro seios.



Cerca de meia hora depois, a porta se abriu atrás de Max e eu olhei para o emaranhado de cabelos sedosos e sacolas de compras que entrou e se aproximou de nossa mesa. Max e eu nos levantamos e ajudamos Ziggy a descarregar sua bagagem numa das cadeiras.

Ela vestia uma blusa de moletom azul-claro, calça jeans escura bem justa e sandálias verdes. Não estava vestida como se tivesse saído de uma passarela, mas parecia confortável e estilosa. Seu cabelo estava... diferente. Cerrei meus olhos, estudando-o enquanto ela deslizava a bolsa de seu ombro. Ela havia cortado, ou talvez tivesse apenas soltado os cabelos em vez de usar daquele jeito bagunçado de sempre. As mechas caíam pelos ombros, lisas, grossas e macias. Mas, apesar da mudança nas roupas e cabelos, ela, felizmente, ainda se parecia com Ziggy: apenas um pouco de maquiagem, um sorriso luminoso e sardas banhadas pelo sol.

Ela estendeu a mão para Max, sorrindo.

– Eu sou Hanna. Você deve ser Max.

Ele a cumprimentou e disse:

– Prazer em conhecê-la. Você teve uma boa manhã com aquelas duas

malucas?

– Tive, sim.

Ela se virou para mim, envolveu os braços ao redor do meu pescoço e eu tentei não gemer quando ela o apertou. Eu amava e odiava seus abraços ao mesmo tempo. Eram apertados, quase sufocantes, mas surpreendentemente calorosos. Quando soltou, ela desabou na cadeira.

– Mas aquela Chloe gosta mesmo de lingerie. Acho que passamos uma hora só naquela seção.

– Por que não estou surpreso com isso? – eu murmurei, enquanto discretamente olhava para o peito de Ziggy ao me sentar novamente. Os seios estavam maravilhosos como sempre; cheios e empinados. Tudo perfeitamente no lugar certo. Ela deve ter comprado alguma lingerie.

– E falando nisso... – Max se levantou e guardou a carteira no bolso de trás da calça. – Acho que está na hora de encontrar minha flor e ver o resultado das compras dela. Foi um prazer te conhecer, Hanna.

Ele deu um tapinha em meu ombro, piscando para ela.

– Tenha um bom almoço.

Ziggy acenou para Max, então se virou para mim, com olhos arregalados.

– Uau. Ele é... *gostoso*. Conheci Bennett também. Vocês parecem o clube dos gostosões de Manhattan.

– Não existe uma coisa dessas – eu disse, sorrindo. – E a propósito, você está ótima – sua cabeça virou de repente para mim, com olhos surpresos, e eu rapidamente acrescentei: – Ainda bem que não deixou que elas cobrissem você de maquiagem. Eu sentiria falta das suas sardas.

– Você sentiria falta das minhas *sardas*? – ela perguntou num sussurro. – Que homem diz uma coisa dessas? Você está tentando me fazer ter um orgasmo agora mesmo?

Tentei com todas as forças não olhar novamente para seus seios quando ela disse isso. Olhando de relance para as sacolas de compras, eu murmurei: – Eu... humm... parece que você comprou um monte de tênis de corrida.

Abaixando-se, ela vasculhou procurando por algo.

– Acho que comprei de tudo. Nunca na minha vida fiz compras desse jeito. A Liv provavelmente vai estourar um champanhe quando souber – seus olhos estudaram meu rosto, meu pescoço, meu peito, como se apenas agora tivessem notado minha presença. – Você foi correr hoje de manhã?

– E andei de bicicleta.

– Você é tão *disciplinado* – ela se inclinou para frente com as mãos apoiando o queixo e piscou os cílios para mim. – Isso faz maravilhas com seus músculos.

Rindo, eu disse:

– Isso me acalma. E evita que... – tentei encontrar as palavras, sentindo um calor subir por meu pescoço – que eu aja como um estúpido.

– Não era isso que você iria falar – ela disse, ajeitando-se na cadeira. – Evita o quê? Tipo, que você saia por aí brigando em bares? É um jeito de aliviar a tensão e a ansiedade masculina?

Decidi testá-la um pouco. Não sei de onde veio esse impulso, mas ela era uma confusa mistura entre ser ingênua e selvagem, e isso fazia eu me sentir impulsivo, quase bêbado.

– Evita que eu fique por aí querendo transar o tempo todo.

Ela mal piscou.

– Mas por que você prefere correr em vez de transar?

Conversar com ela sobre isso parecia perigoso. Eu não sabia dizer exatamente como, mas era tentador olhar para ela mais do que eu deveria, e Ziggy não fugiu da minha inspeção. Ela me encarou de volta.

– Não sei por que eu disse isso – admiti.

– *Will*. Eu não sou uma virgem nem uma mulher tentando transar com você. Nós podemos conversar sobre sexo sem problemas.

– Humm, não sei se isso é uma boa ideia.

Levei meu suco até meus lábios, tomando um gole enquanto a observava tomando sua água, com olhos presos aos meus. Ela não estava tentando transar comigo? Nem mesmo um pouco?

Eu me senti um pouco desapontado. O ar entre nós parecia pesado – eu queria estender meu braço e passar os dedos em seu lábio inferior.

– Estou apenas dizendo – ela começou – que você não precisa fazer rodeios comigo. Gosto de como você sempre vai direto ao assunto.

– E você sempre é aberta assim com as pessoas?

Ela balançou a cabeça.

– Acho que faço isso especificamente com você. Sei que normalmente eu falo demais, mas me sinto especialmente idiota quando estou perto de você, e não consigo parar de falar besteiras.

– Eu não quero que você pare de falar besteiras.

– Você sempre foi tão obviamente sexual e aberto sobre o assunto. Você é tipo um jogador gostoso que não pede desculpa por gostar de mulher. Quer dizer, se eu notei isso sobre você quando tinha *doze* anos, então era mesmo *óbvio*. Gosto de você sendo quem você é.

Não respondi, pois não sabia o que dizer. Ela gostava daquilo que todas as outras mulheres queriam domar em mim, mas eu não sabia se gostava que essa fosse sua impressão de quem eu *era*.

– Chloe me disse que você pediu que elas me levassem para comprar sutiãs.

Olhei para seu rosto bem quando ela desviava o olhar da minha boca. Seu pequeno sorriso se transformou em algo malicioso.

– Como você é atencioso, Will. Que bom que você fica pensando nos meus seios.

Dei uma mordida no meu sanduíche e murmurei:

– Não precisamos discutir isso. Max já fez o favor de chutar o meu traseiro.

– Você é um homem misterioso, Will Jogador – ela ergueu o cardápio e avaliou as opções antes de colocá-lo de volta na mesa. – Mas, que seja. Vou mudar o assunto. Sobre o que você quer conversar?

Engoli, observando-a. Nunca poderia imaginar uma garota assim, tão jovem, parecendo uma mistura entre a intensidade e a compostura de Chloe e Sara.

– Sobre qualquer coisa que vocês garotas tenham conversado hoje – sugeri.

– Bom, Sara e eu tivemos uma conversa divertida sobre como é se sentir quase virgem de novo depois de passar um tempão sem sexo.

Eu quase engasguei.

– Uau. Isso... eu nem imagino como seria isso.

Ela me observou, divertindo-se.

– Mas, falando sério. Tenho certeza de que é diferente para os homens. Mas para as mulheres, depois de um tempo, você acaba pensando: virgindade cresce de novo? É tipo um limo numa caverna?

– Que imagem bonitinha.

Ela me ignorou e se ajeitou na cadeira, parecendo mais animada.

– Na verdade, isso é perfeito. Você é um cientista, então vai gostar da teoria que eu pensei.

Eu me preparei para ouvir algo maluco.

– Você acabou de fazer uma analogia horrível com limo numa caverna. Honestamente, agora fiquei com medo de ouvir qualquer teoria sua.

– Desencana. Então, sabe como a virgindade de uma garota é considerada algo sagrado?

Eu ri.

– Sim, conheço o conceito.

Ela coçou a cabeça e mexeu um pouco no nariz cheio de sardas.

– Minha teoria é a seguinte: os homens das cavernas estão retornando. Todo mundo quer ler sobre o cara que amarra a garota, ou fica violento de ciúmes se – Deus nos livre – ela veste uma roupa sexy fora de casa. As mulheres supostamente gostam disso, não é? Bom, eu acho que a nova moda vai ser a revirgindade. Elas querem que seus homens sintam que eles são os primeiros. E você pode imaginar como as mulheres farão isso?

Observei seus olhos cada vez mais animados esperando minha resposta. Algo

sobre sua sinceridade, sua consideração séria do assunto, me fez sentir um aperto no peito.

– Humm, com mentiras? Eu honestamente não saberia se uma garota é virgem, a não ser que ela...

– Primeiro com cirurgia, provavelmente. Vamos chamar isso de “restauração de hímen”.

Baixando meu sanduíche, soltei um gemido.

– Meu Deus, Ziggs. Estou comendo. Vamos deixar a conversa sobre hímens para depois...

– E então... – ela batucou na mesa, fazendo crescer o suspense – ... todos estão esperando para ver o que as células-tronco podem fazer por nós. Mas... não acho que eles vão começar com lesão de medula ou mal de Parkinson. Sabe o que eu acho que vai ser a primeira grande aplicação?

– Mal posso esperar para saber – eu disse, em tom de brincadeira.

– Aposto que vai ser a restauração da, você sabe, *honra* das mulheres.

Quase engasguei de novo.

– Honra?

– Você disse para não falar mais em hímen, então... mas estou certa, você não acha?

Antes que eu pudesse responder e dizer que até que era uma boa teoria, ela continuou.

– Quantias ridículas de dinheiro são gastas nesse tipo de coisa. Viagra para pau duro. Quatrocentos tipos de peito de plástico. Enchimento na calcinha e sutiã. O mundo é dos homens, Will. As mulheres nem vão pensar duas vezes em colocar *células programadas para crescer* dentro da *vagina*. No ano que vem, uma de suas não namoradas vai reconstruir o hímen, e ela vai dar sua nova virgindade para você, Will.

Ela abaixou a cabeça, colocou os lábios no canudo e sugou, com os olhos cinzentos grudados nos meus. E com aquele olhar demorado e brincalhão, senti meu pau endurecer. Soltando o canudo, ela sussurrou:

– Para você. E você vai apreciar esse presente? Esse sacrifício?

Seus olhos dançaram, e então ela inclinou a cabeça para trás e soltou uma risada. Caramba, eu gostava dessa garota. Gostava muito.

Apoiei meus cotovelos na mesa e limpei a garganta.

– Ziggy, ouça bem, porque isso é importante. Vou compartilhar um pouco da minha sabedoria.

Ela se endireitou e apertou os olhos.

– Nós já cobrimos a regra número um: nunca ligue para alguém antes do sol nascer.

Seus lábios se torceram num sorrisinho culpado.

– Certo. Já registrei.

– E a regra número dois – eu disse, balançando levemente a cabeça. – Nunca discuta reconstrução de hímen durante o almoço. Ou, tipo... nunca.

Ela se dissolveu em risos e então deu espaço para a garçonete que trazia sua comida.

– Não seja tão rápido em tirar sarro disso. Essa é uma ideia de um bilhão de dólares, senhor eu-sei-tudo-sobre-dinheiro. Se isso um dia chegar à sua mesa, você pode me agradecer.

Ela atacou sua salada com uma enorme mordida, e eu tentei não estudá-la. Ela não era igual às outras garotas que eu conhecia. Ela era bonita – na verdade, era linda –, mas não era contida ou egocêntrica. Ela era boba, confiante, e com uma personalidade tão cativante que quase fazia o resto do mundo parecer preto e branco. Eu não sabia se ela própria se levava a sério, mas certamente não esperava que eu levasse.

– Qual é o seu livro favorito? – eu perguntei, sem saber de onde tirei essa pergunta.

Ela mordeu o lábio inferior enquanto pensava, e eu voltei a mastigar meu sanduíche.

– Isso vai parecer clichê.

– Eu sinceramente duvido, mas vamos ver.

Ela se inclinou para frente e sussurrou:

– *Uma breve história do tempo*.

– Stephen Hawking?

– É claro – ela disse, quase ofendida.

– Isso não é clichê. Clichê seria se você dissesse *O morro dos ventos uivantes*, ou *Mulherzinhas*.

– Por que eu sou uma mulher? Se eu perguntasse a você, e você dissesse algo do Stephen Hawking, então seria clichê?

Considere o que ela disse por um momento. Eu me imaginei respondendo que esse era meu livro favorito e recebendo alguns *é isso aí, cara* dos meus amigos da faculdade.

– Provavelmente.

– Isso é uma grande besteira, essa coisa de ser clichê para você e não para mim porque eu tenho uma vagina. Mas, enfim – ela disse, dando de ombros e mordendo uma alface. – Eu li quando tinha doze anos e...

– *Doze?*

– Isso, e aquilo explodiu minha cabeça. Não tanto pelas coisas que ele disse – porque acho que não entendi tudo na época –, mas mais pela maneira como ele

pensava. Ou o fato de que existiam pessoas que passavam a vida inteira tentando entender essas coisas. Abriu todo um mundo para mim.

Ela fechou os olhos, respirou fundo e depois sorriu, mostrando um pouco de culpa quando abriu os olhos de novo.

– Estou falando demais.

E com uma piscadela, ela se inclinou para frente e sussurrou:

– Mas talvez você goste disso?

Minha mente espontaneamente foi invadida por fantasias de seu pescoço arqueado, a boca aberta numa súplica rouca enquanto eu lambia um caminho entre sua garganta e o queixo. Imaginei a dor aguda de suas unhas cravadas em meu ombro... e então pisquei e me levantei tão rápido que acabei jogando a cadeira para trás. Pedi desculpas para o homem sentado atrás de mim, pedi desculpas para Ziggy e praticamente saí correndo para o banheiro.

Tranquei a porta e olhei meu reflexo no espelho.

– Que *merda* foi essa, Sumner?

Eu me abaixei e joguei um pouco de água fria em meu rosto.

Apoiando o corpo na pia, encontrei meus olhos no espelho de novo.

– Foi apenas uma imagem mental. Não significa nada. Ela é uma garota legal. Ela é bonita. Mas, primeiro: ela é a irmã de Jensen. Segundo: ela é irmã de Liv, e só faltou você comê-la nos bons e velhos tempos. Acho que você já gastou sua oportunidade de ficar com uma irmã Bergstrom. E terceiro... – baixei a cabeça e respirei fundo. – Terceiro. Você usa demais calça esportiva perto dela e ficar tendo fantasias sexuais a toda hora pode ser um problema. Esse assunto acaba aqui. Vá para casa, chame Kitty ou Alexis, transe um pouco e depois vá dormir.

Quando voltei para a mesa, Ziggy já estava com o prato vazio e agora olhava distraidamente as pessoas indo e vindo na calçada lá fora. Ela olhou para mim quando sentei, com uma expressão de preocupação.

– Problemas estomacais?

– O quê? Não. Não, eu... precisava fazer uma ligação.

Merda. Que coisa babaca de se dizer. Estremeci e depois suspirei.

– Na verdade, acho que preciso ir, Ziggs. Estou aqui faz quase duas horas e tenho ainda umas coisas para fazer.

Merda dupla. Isso soou ainda mais babaca.

Ela tirou sua carteira da bolsa e colocou algumas notas de cinco na mesa.

– É claro, nossa, eu também estou cheia de coisas para fazer. Obrigada por me encontrar aqui. E obrigada mesmo por me apresentar Chloe e Sara.

Com mais um sorriso, ela se levantou, jogou a bolsa no ombro, juntou todas as sacolas de compras e andou até a porta.

Seus cabelos claros brilharam e caíram por suas costas. Sua postura estava

reta, sua passada era regular. A bunda parecia fantástica naquele jeans apertado.
Caralho, Will. Você está completamente fodido.

Três

Essa coisa de correr realmente não estava ficando mais fácil.

– Essa coisa de correr vai ficar mais fácil – Will insistiu, olhando para onde eu estava sentada, arfando exausta. – Tenha um pouco de paciência.

Arranquei algumas folhas de grama verde do chão, resmungando para mim mesma exatamente o que Will podia fazer com sua paciência. Ainda era muito cedo, o céu ainda estava escuro e cinza, e nem mesmo os pássaros pareciam dispostos a se aventurarem no ar gelado. Nós estávamos correndo juntos quase todas as manhãs na última semana e meia, e eu sentia dores em lugares que nem sabia que existiam. Mas graças à ajuda de Chloe e Sara para comprar roupas esportivas, ao menos eu estava aquecida e não sentia como se meus seios estivessem sendo arrancados do meu corpo.

– E pare de ser mimada – ele acrescentou.

Virei meu rosto para ele, com olhos cerrados, e perguntei:

– Como é?

– Eu disse: levante esse traseiro daí.

Fiquei de pé e dei alguns passos preguiçosos antes de voltar a correr. Ele olhou para mim, avaliando meu corpo.

– Ainda sente dores?

Dei de ombros.

– Um pouco.

– Igual sentiu na sexta-feira?

Considereei aquilo, girando meus ombros e esticando os braços acima da cabeça.

– Na verdade, não.

– E você ainda sente seu peito – como é mesmo que você falou? – como se alguém tivesse jogado gasolina nos seus pulmões e ateado fogo?

Olhei para ele com desdém.

– Não.

– Viu? E na semana que vem vai ficar ainda mais fácil. E na outra semana, você vai querer correr igual às vezes em que fica com uma vontade louca de comer chocolate.

Abri minha boca para mentir, mas ele me fez ficar quieta com um olhar de quem sabe o que está falando.

– Nesta semana vou chamar alguém para manter você na linha, e antes de perceber você...

– Como assim “vou chamar alguém”?

Aumentei minha passada para não perder seu ritmo. Ele jogou uma olhadela para mim.

– Alguém para correr com você. Tipo, um *personal trainer*.

As árvores faziam um bom trabalho nos isolando do mundo exterior, pois, embora eu pudesse enxergar o topo dos edifícios ao longe, os sons da cidade pareciam a milhares de quilômetros de distância. Nossos pés esmagavam as folhas caídas e o cascalho solto na trilha, que se estreitou o bastante para eu precisar ajustar a passada. Meu ombro raspava no dele – eu estava tão perto que podia sentir seu cheiro, um aroma de sabonete, hortelã e uma pitada de café em sua pele.

– Estou confusa, por que não posso continuar correndo com você?

Will soltou uma risada e fez um gesto apontando o ar ao nosso redor.

– Porque isso não é exatamente uma corrida para mim, Ziggs.

– Bom, é claro que não; mal estamos praticando *jogging*.

– Não, eu quis dizer que na verdade eu deveria estar treinando.

Olhei para nossos pés e depois para seu rosto, com olhos cheios de significado.

– E isso não é treinamento?

Ele riu de novo.

– Vou participar do Ashland Sprint deste ano. Por isso preciso correr mais do que dois quilômetros alguns dias da semana para me preparar.

– O que é o Ashland Sprint? – eu perguntei.

– Uma corrida de triatlo em Boston.

– Ah.

O ritmo de nossos passos ecoava em minha mente e senti meus membros esquentarem; quase podia sentir o sangue bombeando pelo meu corpo. Não era algo totalmente ruim.

– Então, eu posso simplesmente acompanhar você.

Ele me olhou, com olhos apertados e um largo sorriso no rosto.

– Você sabe o que é um triatlo?

– É claro que eu sei. É aquele negócio em que você nada, depois corre e depois atira num urso, ou algo assim.

– Bom chute – ele disse, num tom de brincadeira.

– Certo, então me diga o que é, playboy. Exatamente quanto dura esse triatlo

da masculinidade?

– Depende da distância. Tem o Sprint, Olímpico, Ironman e Ultraman. E nada de ursos, sua tonta. Natação, corrida e *ciclismo*.

Dei de ombros, ignorando a queimação nas minhas pernas quando chegamos numa subida.

– Então, qual desses você vai fazer?

– O Olímpico, que é a distância intermediária.

– Certo – eu disse. – Não parece tão difícil.

– Você tem que nadar por um quilômetro e meio, pedalar por mais quarenta quilômetros e correr os últimos dez quilômetros.

Minha confiança murchou um pouco.

– Humm, sei.

– Sacou? E é por isso que não posso continuar aqui na trilha dos coelhos com você.

– Ei! – eu disse, empurrando-o forte o bastante para desequilibrá-lo.

Ele riu, endireitando-se antes de me olhar com um sorriso.

– É sempre fácil assim provocar você?

Ergui as sobrancelhas e os olhos dele se arregalaram.

– Deixa pra lá.



O sol finalmente rompeu a penumbra da manhã quando paramos de correr e começamos a andar. O rosto de Will estava cor-de-rosa por causa do frio, e as pontas de seus cabelos formavam caracóis debaixo de seu gorro. Uma sombra de barba cobria seu queixo, e eu comecei a estudá-lo, tentando reconciliar a pessoa na minha frente com o cara do qual eu achava que me lembrava tão bem. Ele estava tão *homem* agora. Aposto que poderia se barbear duas vezes por dia e ainda assim ficava com aquela aparência de barba a fazer. Virei meu rosto em tempo de flagrá-lo olhando os meus seios.

Eu me abaixei para olhá-lo nos olhos, mas ele ignorou minha tentativa de redirecionar sua atenção.

– Odeio perguntar o óbvio, mas o que você está olhando?

Ele inclinou a cabeça, olhando para mim num ângulo diferente.

– Seus peitos parecem diferentes.

– Eles estão ótimos, não é? – segurei um seio na mão. – Como você sabe, Chloe e Sara me ajudaram a escolher novos sutiãs. Os peitos sempre foram um problema para mim.

Os olhos de Will se arregalaram.

– Peitos nunca são problema para ninguém, em nenhum lugar. Nunca.
– O que é você sabe sobre isso? Você não tem seios. Seios são apenas funcionais. Só isso.

Ele me olhou com um fogo genuíno nos olhos.

– Com certeza eles são funcionais. Fazem seu trabalho direitinho.

Eu ri, gemendo.

– Eles não são funcionais para você, garanhão.

– Quer apostar?

– Sabe, o problema com os peitos é que se você tem seios grandes, nunca vai parecer magra. Você fica com marcas nos ombros por causa das alças do sutiã, e fica com dor nas costas. E a menos que esteja usando para aquilo que eles foram feitos, os seios sempre acabam atrapalhando.

– Atrapalham o quê? Minhas mãos? Meu rosto? Não diga blasfêmias na minha presença – ele olhou para o céu. – Ela não teve a intenção, meu Senhor. Eu juro.

Ignorando-o, eu disse:

– É por isso que fiz uma redução quando tinha vinte anos.

E foi nesse momento que sua expressão se transformou de brincalhona para horrorizada. Se alguém estivesse nos vendo, pensaria que eu acabara de dizer que gosto de fazer picadinho com carne de cachorrinhos e gatinhos.

– Por que diabos você faria uma coisa dessas? É como se Deus desse um presente, e você agradecesse chutando as bolas dele.

Eu ri.

– Deus? Pensei que você era agnóstico, um homem da ciência.

– Eu sou. Mas se eu pudesse enfiar a cara em seios perfeitos como os seus, acho que acabaria no céu e teria que me converter.

Senti um rubor se espalhar pelo meu rosto.

– Você acha que vai encontrar Deus nos meus seios?

– Não mais. Agora seus peitos são pequenos demais para ele se sentir confortável aí dentro – ele balançou a cabeça, e eu não conseguia parar de rir. – Você é tão egoísta, Ziggs – ele disse, sorrindo com tanta malícia que eu até perdi um pouco do equilíbrio.

Nós dois viramos a cabeça ao mesmo tempo quando ouvimos uma voz.

– Will!

Olhei para a loira que corria se aproximando de nós, depois olhei para Will, depois de novo para a loira.

– Oi! – ele disse, acenando enquanto ela passava.

Ela se virou de costas, ainda correndo, e gritou para ele:

– Não se esqueça de me ligar. Você me deve uma terça-feira.

Ela jogou um sorrisinho antes de continuar pela trilha.

Esperei por uma explicação, mas não recebi nenhuma. O queixo de Will ficou tenso, e seus olhos pararam de sorrir enquanto focavam a trilha em frente.

– Ela é bonita – eu disse, tentando provocar alguma resposta.

Will apenas assentiu.

– É uma amiga?

– Sim. Essa é a Kitty. Nós... passamos um tempo juntos de vez em quando.

Passam um tempo. *Sei*. Eu vivi tempo o bastante em faculdades para saber que isso é um código para *nós transamos de vez em quando*.

– Então, não é alguém que você apresentaria como sua namorada.

Seus olhos dispararam para o meu rosto.

– Não – ele disse, quase ofendido. – Definitivamente não é uma namorada.

Andamos em silêncio por alguns momentos, e eu olhei para trás, começando a entender melhor. Ela era uma não namorada.

– Ela claramente conhece Deus.

Will explodiu numa risada e depois passou os braços ao redor dos meus ombros.

– Vamos apenas dizer que encontrar a religião custou muito dinheiro a ela.



Mais tarde, quando acabamos de correr e Will estava se alongando no chão ao meu lado, com os braços esticados até tocar os pés, eu olhei de relance para ele e disse:

– Então, eu tenho uma coisa hoje à noite.

E então eu estremeci.

Debaixo de sua calça esportiva, eu podia ver o contorno dos músculos da coxa e quase não percebi quando ele repetiu:

– Uma coisa?

– Pois é. É tipo uma coisa... do trabalho. Bom, na verdade, não. Tipo, é um encontro social, mas para o trabalho. Eu nunca vou nesses eventos, mas seguindo o espírito dessa empreitada de não-querer-morrer-sozinha, pensei que não custa tentar. É na quinta-feira, então tenho certeza de que não vai ser nada muito selvagem.

Ele riu, balançando a cabeça enquanto trocava de posição.

– Vai ser no Ding Dong Lounge – fiz uma pausa, mordendo meu lábio. – Tipo, isso é um nome de verdade?

– Sim, é um bar na Avenida Columbus – Will levou a mão ao queixo e coçou a barba rala. – Na verdade, não fica longe do meu escritório.

– Bom, alguns dos meus colegas de trabalho vão estar lá, e dessa vez, quando perguntaram se eu iria, eu disse sim, e agora percebi que tenho que pelo menos aparecer por lá e ver do que se trata, e quem sabe, pode até ser divertido, sei lá.

Ele olhou para mim por atrás de seus grossos cílios.

– Você conseguiu respirar enquanto falava isso?

– Will – olhei para baixo e o encarei. – Você não quer ir se divertir, aproveitar, desfrutar e gozar a noite?

Ele riu baixinho, balançando a cabeça enquanto voltava a se alongar.

Demorou um instante para eu entender por que ele estava rindo.

– Seu pervertido – soltei um grunhido e dei um soco em seu ombro. – Você sabe o que eu quis dizer. Você quer ir aproveitar, se divertir e gozar *comigo*? – ele olhou para cima ao ouvir o som da minha mão batendo na minha testa. – Meu Deus, isso soou ainda pior. Apenas me envie uma mensagem se estiver interessado. Estremeci de novo e me virei para entrar na trilha que levava ao meu prédio, e eu basicamente queria que o chão se abrisse e me transportasse para Nárnia, ou algo assim. – Ah, esquece!

– Eu gosto quando você me pede para gozar! – ele gritou atrás de mim. – Mal posso esperar para gozar hoje à noite, Ziggy! Devo gozar lá pelas oito? Ou você prefere que eu goze lá pelas dez? Talvez eu devesse gozar duas vezes?

Mostrei o dedo do meio para ele e continuei andando pela trilha. Graças a Deus ele não podia enxergar meu enorme sorriso.

Quatro

Minhas pernas queimavam por ficar sentado na frente do computador o dia todo e, além disso, eu estava louco para ir logo até o Ding Dong Lounge – nunca pensei que diria isso –, sentar ao lado de Ziggy e apenas... relaxar. Fazia muito tempo desde a última vez que me diverti tanto com uma mulher sem que ela tirasse a roupa.

Infelizmente para mim, quanto mais tempo eu passava com Ziggy, mais eu queria transformar nossa diversão em algo que envolvia nudez. Talvez fosse meu cérebro e meu corpo querendo cair na familiar rotina de sexo em vez de explorar um labirinto emocional. Ziggy estava me provocando, mesmo que não soubesse; ela me fazia questionar tudo em minha vida, desde meu trabalho até a maneira como eu continuava transando com mulheres que não amava. Fazia uma eternidade desde que eu desejei dominar e reescrever a história sexual de uma mulher com minhas mãos, pau e boca. Mas com Ziggy, eu não sabia se era porque o sexo seria algo mais fácil do que a maneira como ela bagunçava o meu cérebro, ou se era porque eu queria que ela me bagunçasse de outras maneiras.

Então esperei até por volta das dez horas, pensando em deixá-la socializar e passar um tempo com os amigos do laboratório. Quando cheguei, o bar já estava meio vazio e não foi difícil achá-la. Sentei ao seu lado no balcão e bati meu ombro no dela.

– Ei, garota, você vem sempre aqui?

Ela olhou para mim e seus olhos se encheram de alegria.

– Oi, Will Jogador.

Depois de uma pausa cheia de inspeção mútua, ela murmurou:

– Obrigada por... se *encontrar* comigo.

Segurando uma risada, eu perguntei:

– Você já jantou?

Ela confirmou com a cabeça.

– Fomos a um restaurante de frutos do mar descendo a rua. Comi mexilhões pela primeira vez em anos.

Quando fiz uma careta, ela me empurrou em tom de brincadeira.

– Você não gosta de mexilhões?

– Odeio mariscos.

Ela se aproximou e sussurrou:

– Bom, estavam *deliciosos*.

– Tenho certeza que sim. Aquela carne molenga, escorregadia e com gosto de água do mar suja.

– Estou feliz em te ver – ela disse, mudando de assunto abruptamente. E não recuou de sua proclamação quando eu a encarei. – Você sabe, fora das nossas corridas.

– Bom, estou feliz por ser visto.

Ela olhou em meus olhos, meu rosto, meus lábios por um longo tempo antes de voltar para meus olhos.

– Esse seu olhar ardente vai acabar me matando, Will. E o mais engraçado é que acho que você nem sabe que olha para as mulheres desse jeito.

Eu pisquei.

– O meu *o quê*?

– Posso trazer algo para vocês? – Jack, o garçom, perguntou, assustando-nos quando colocou dois descansos de copo na nossa frente. Todos os amigos de Ziggy já tinham ido embora, e o Ding Dong estava estranhamente silencioso; geralmente, Jack anotava meu pedido em alguma mesa longe do bar enquanto servia alguém ao lado.

– Guinness – eu disse, depois acrescentei: – E uma dose de Johnny Gold.

Jack olhou para Ziggy.

– Algo para você?

– Outro chá gelado, por favor.

Suas sobrancelhas se ergueram, e ele sorriu para ela.

– Só isso?

Ziggy riu e deu de ombros.

– Qualquer coisa mais forte vai me fazer dormir em quinze minutos.

– Tenho certeza de que existe algo forte atrás do balcão que pode deixar você acordada por horas.

O que ele disse me fez recuar para avaliar a reação de Ziggy. Se ela se mostrasse horrorizada eu teria que chutar o traseiro de Jack.

Mas ela apenas riu, um pouco constrangida por sua “nerdice” ter sido flagrada num bar.

– Você quer dizer um café com um toque de Bailey’s ou algo assim?

– Não – Jack disse, apoiando-se nos ombros bem na frente dela e me bloqueando. – Eu tinha outra coisa em mente.

– Só o chá gelado, Jack – eu interrompi, sentindo minha pressão sanguínea subir uns sete mil milímetros. Com um sorrisinho, Jack se endireitou e foi buscar

nossas bebidas.

Eu podia sentir Ziggy olhando para mim e tive que pegar um guardanapo para ter algo que pudesse meticulosamente destruir com as mãos.

– O que foi esse tom de voz durão, William?

Soltei um suspiro.

– Ele não me viu sentado aqui com você? Que cara de pau.

– É, que atrevimento! Perguntar o que eu queria para beber? Que *babaca*.

– Foi uma insinuação – eu expliquei. – Tenho certeza de que você sabe o que é isso.

– Com certeza você está brincando.

– “*Tenho certeza de que existe algo forte atrás do balcão que pode deixar você acordada por horas?*”

Sua boca se entortou enquanto ela parecia finalmente ter entendido. Então ela sorriu.

– Mas não é esse o objetivo de nosso projeto? Eu ter um pouco mais de insinuação em minha vida?

Jack voltou com nossos drinques e piscou para Ziggy antes de ir embora.

– É, acho que sim – murmurei, tomando um gole da minha cerveja.

Ao meu lado, eu a vi se endireitar e virar seu banco para poder me encarar de frente.

– Não querendo mudar de assunto, mas eu assisti um pouco de pornografia ontem à noite.

Quase cuspi a cerveja.

– Deus, Ziggs, você não filtra nada que surge nessa sua cabeça?

Ergui meu copo de uísque e virei tudo de uma vez.

– Você não assiste pornografia?

Fiquei olhando para o copo vazio por um momento, antes de admitir:

– É claro.

– Então, por que é estranho se eu assistir?

– Você assistir não é estranho. É estranho ser o começo de uma conversa. Eu ainda... estou me acostumando com isso. Antes do Projeto Garota Sexy, eu apenas conhecia você como a irmãzinha nerd. Agora você é essa... mulher que assiste pornografia e que fez redução de seios. Eu preciso me ajustar.

E, além disso, eu acho você quase totalmente irresistível, pensei.

Ela fez um gesto com a mão me desprezando.

– Enfim, eu tenho uma pergunta.

Olhei para ela com o canto do olho.

– Acho que nem quero ouvir.

– As mulheres fazem mesmo aqueles sons na cama?

Fiquei parado e apenas sorri para ela.

– *Que sons, Ziggy?*

Ela pareceu não perceber que eu estava brincando, então fechou os olhos e sussurrou:

– Tipo, *oh, ah, Wiiiilll, eu preciso do seu pau, e mais forte, mais forte, oh, Deus, me fode seu gostosão...* e esse tipo de coisa.

Sua voz ficou macia e quase ofegante, e fiquei horrorizado ao sentir meu pau começar a endurecer. De novo. Isso tinha o potencial de se tornar um problema.

– Algumas fazem.

Ela explodiu numa risada.

– Isso é ridículo.

Tentei esconder um sorriso, adorando sua confiança natural mesmo num assunto sobre algo em que ela provavelmente não tinha muita experiência.

– Talvez elas precisem *de verdade* do meu pau. Você não gostaria de desejar tanto uma pessoa até *precisar* do pau?

Ela tomou um longo gole de seu chá gelado, considerando o que eu disse.

– Na verdade, então, acho que eu nunca desejei tanto alguém até precisar implorar. Se fosse um biscoito? Pode ser. Mas um pau? Acho que não.

– Teria que ser um biscoito e tanto.

– Ah, mas era.

Rindo, eu perguntei:

– Qual filme você assistiu?

– Humm – ela olhou para o teto. Sem corar o rosto, sem constrangimento. – *Frisky Freshman?* Algo desse tipo. Tinha um monte de universitárias transando com um monte de universitários. Era até um pouco fascinante, na verdade.

Fiquei em silêncio, perdido numa trilha de pensamentos que começava em colegas de faculdade, passava por Ziggy trabalhando no laboratório, pela esperança de Jensen de que ela fosse fazer novos amigos, e chegava a Jack, jogando uma cantada para cima dela bem na minha frente.

– O que você está pensando? – ela perguntou.

– Nada.

Ela abaixou o chá gelado e se virou no banco para me olhar.

– Como isso é possível? Como os homens podem dizer que não estão pensando em nada? O Niels também faz isso – ela disse, referindo-se ao mais tímido dos irmãos Bergstrom. – Às vezes ele fica parado me olhando depois de eu dizer alguma coisa, daí eu pergunto o que ele está pensando e ele responde: *nada*.

– Talvez você o deixe sem palavras, acontece bastante comigo quando estou perto de você.

– Muito engraçado.
– Não estou pensando nada substancial. Melhorou?
– Estamos conversando sobre pornografia e você não está pensando nem um pouco em sexo?

– Estranhamente, não – eu disse. – Estou pensando em como você é ingênua e fofa. Estou pensando no que concordei em fazer aqui quando disse que iria ajudar você a entender melhor o mundo do sexo sem compromisso. Estou com medo de transformar você na mais vulnerável gostosa na história do planeta.

– Você pensou nisso tudo nos últimos dois minutos?

Confirmei com a cabeça.

– Uau. Isso é algo substancial – sua voz se tornou praticamente um sussurro. Quase igual à sua voz pornográfica, mas com palavras reais, e emoções reais. Quando olhei para ela, Ziggy estava olhando para a janela. – Mas não sou ingênua nem fofa, Will. Sei o que você quer dizer, mas eu sempre fui meio obcecada com sexo. Principalmente a mecânica da coisa. Tipo, por que diferentes coisas funcionam com diferentes pessoas? Por que algumas pessoas gostam de sexo de um jeito, e outras gostam de outro jeito? É uma questão de anatomia? É algo psicológico? Nossos corpos são realmente organizados de forma tão diferente? Coisas desse tipo.

Eu literalmente não sabia como responder, então apenas bebi. Nunca pensei sobre essas coisas; em vez disso, sempre preferi apenas tentar de tudo e qualquer coisa que uma mulher quisesse, mas gostei de saber que Ziggy pensava assim.

– Mas, ultimamente, estou meio que descobrindo do que *eu* gosto – ela admitiu. – Isso é divertido, mas fica difícil se você não tem um jeito de experimentar em primeira mão. E é aí que entra a pornografia.

Ela tomou um longo gole e então abriu um estranho sorriso para mim. Duas semanas atrás, se Ziggy falasse algo desse tipo para mim, eu ficaria constrangido por ela ser tão aberta sobre sua inexperiência. Mas, agora, eu sentia que queria proteger essa inocência, mesmo que só um pouco.

– Não acredito que estou encorajando essa conversa, mas... fico preocupado que a pornografia possa lhe dar uma falsa impressão do que o sexo deve ser de verdade.

– Como assim?

– Porque o sexo que você vê em filmes pornôs não é muito realista.

Rindo, ela perguntou:

– Você quer dizer que a maioria dos homens não tem uma lata de Pringles dentro da calça?

Desta vez eu não engasguei.

– Sim, essa é uma das diferenças.

– Eu já fiz sexo antes, Will. Apenas não fiz muitas variações. Pornografia é um bom jeito de ver o que ainda acende aquela velha chama, se é que você me entende.

– Você me surpreende, Ziggy Bergstrom.

Ela não respondeu por um longo momento. Então disse:

– Esse não é meu nome, sabe?

– Eu sei. Mas é assim que eu chamo você.

– Você sempre vai me chamar de *Ziggy*?

– Provavelmente. Isso incomoda você?

Ela deu de ombros, girando novamente no banco até me encarar.

– Um pouco, sabe? Quer dizer, isso já não encaixa mais comigo. Apenas minha família ainda me chama assim. Mas não, tipo, meus amigos.

– Eu não considero você uma criança, se é isso que você está pensando.

– Não, não é isso que estou pensando. Todo mundo já foi criança e acaba aprendendo a se tornar adulto. Sinto que eu sempre soube como ser uma adulta, e só agora estou aprendendo a ser criança. Talvez Ziggy fosse meu nome de adulta. Talvez agora eu queira me liberar um pouco.

Puxei de leve sua orelha e ela soltou um gritinho, afastando-se.

– Então você começou a se liberar assistindo pornografia?

– Exatamente – ela estudou a lateral do meu rosto. – Posso fazer umas perguntas pessoais?

Rindo, eu perguntei:

– Agora você precisa da minha permissão?

Ela também riu e empurrou-me no ombro.

– Estou falando sério.

Tirei o copo de cerveja da frente e me virei para encontrar seus olhos.

– Você pode me perguntar qualquer coisa que quiser se me pagar outra cerveja.

Ela ergueu a mão e chamou a atenção de Jack imediatamente. Apontando, ela disse:

– Outra Guinness – então se virou de novo para mim: – Você está pronto?

Dei de ombros.

Inclinando-se para frente, ela perguntou:

– Homens realmente gostam de fazer o anal, não é?

Com meu recém-adquirido conforto com Ziggy, eu nem pisquei.

– É só anal. Não o anal.

– Mas eles gostam, não é? – ela repetiu.

Suspirando, esfreguei o rosto. Será que eu deveria mesmo discutir essas coisas com ela?

- Bom, acho que, talvez. Quer dizer, sim.
- Então você já fez?
- Ziggy.
- E você não fica pensando, tipo, que está entrando...

Levantei minha mão.

- Não.
- Você nem sabe o que eu ia falar!
- Sei, sim. Conheço você, Ziggs. Sei exatamente o que você ia dizer.

Ela fez uma careta, virando-se para a televisão que mostrava o jogo do Knicks contra o Heat, e disse:

– Homens conseguem simplesmente desligar certas partes do cérebro. Eu não entendo isso.

- Então você nunca fez sexo tão bom que até acaba desligando o cérebro.
- Eu acho que *you* desliga o cérebro mesmo com sexo medíocre.

Rindo, eu admiti:

– Provavelmente. Quer dizer, você comeu mexilhões no jantar. Isso é tipo uma... gosma viscosa que sai do mar. Mas, mesmo assim, você pode me chupar e eu não vou ficar pensando que você acabou de engolir mexilhões.

Detectei um leve rubor em seu rosto.

- Você ficaria pensando em como eu sei chupar muito bem.

Eu a encarei.

- Eu... o quê?

Ela começou a rir, balançando a cabeça.

– Viu? Você já está sem palavras e eu nem fiz nada ainda. Homens são tão fáceis.

- É verdade. Homens fodem qualquer orifício que eles encontram.
- Qualquer orifício *possível* de foder.

Agora fui eu quem se virou no banco para encará-la.

- Como é?

– Bom, não é qualquer orifício que pode ser fodido. Tipo um nariz. Ou uma orelha.

- Você obviamente nunca ouviu falar do Homem de Nantucket.
- Não.

Ela franziu o nariz e eu vislumbrei suas sardas. Hoje seus lábios pareciam especialmente vermelhos, mas eu podia perceber que ela não estava usando maquiagem. Era apenas... um rubor natural.

- *Todo mundo* conhece. É uma rima suja.

– Comigo? – ela apontou para seu peito e eu fiz força para não olhar. – Isso não aumenta as chances.

– É mais ou menos assim: era uma vez um homem em Nantucket. Cujo pinto ele podia chupar porque era muito grande. Ele disse sorrindo, com porra no queixo escorrendo, que se sua orelha fosse uma xota, ele foderia feliz.

Ela continuou olhando para mim em silêncio.

– Isso... foi meio nojento.

Rindo, eu murmurei:

– Concordo.

– Você não chuparia seu próprio pau se pudesse, não é?

Comecei a dizer *de jeito nenhum*, mas então reconsiderei. Mesmo se fosse possível, eu provavelmente faria pelo menos uma vez, só de curiosidade.

– Claro, provavelmente sim. Você está certa.

– Você engoliria?

– Meu Deus, Ziggs, você realmente está me fazendo pensar aqui.

– Você precisa *pensar* sobre isso?

– Acho que eu soaria como um babaca se dissesse que de jeito nenhum eu engoliria, mas, de verdade, de jeito nenhum eu engoliria. Quer dizer, estamos falando de uma situação hipotética onde eu consigo chupar meu próprio pau, e eu gosto quando as *garotas* engolem.

– Mas não é toda garota que engole.

Meu coração começou a acelerar e bater mais forte, como se estivesse me socando por dentro. Essa conversa parecia que estava rapidamente fugindo do controle.

– E *você* gosta?

Ela me ignorou e perguntou:

– Mas os homens não gostam muito de chupar a mulher, não é? E pode ser honesto.

– Eu gosto de chupar certas garotas. Mas não todas, e não pelos motivos que você está pensando. É algo íntimo, e nem todas as mulheres ficam relaxadas com isso, o que acaba deixando a diversão mais difícil. Não sei, para mim, quando elas chupam é igual quando tocam uma punheta para mim, só que muito melhor. Mas se eu chupo a garota? Sinto que isso acontece quando a relação já está mais amadurecida. É preciso confiança.

– Eu nunca fiz nenhuma dessas duas coisas. As *duas* parecem bastante íntimas para mim.

Fiquei quieto e sorri para Jack quando ele trouxe a cerveja, mas eu não sabia como impedir o sentimento de vitória que estava percorrendo meu sangue. Que diabos era isso? Não era como se eu fosse ser sua primeira chupada. Não era como se eu pudesse chegar a esse ponto com ela. Além disso, Ziggy era tão aberta sobre as coisas que desejava... meu estômago se apertou quando percebi

que se ela me quisesse dessa maneira, provavelmente já teria falado. Ela teria se aproximado, colocado a mão em meu peito e então diria: “Você pode me foder, por favor?”.

– Viu? – ela disse, chegando mais perto para chamar minha atenção. – O que você está pensando *agora*?

Levando a garrafa até minha boca, eu murmurei:

– Nada.

– Se eu fosse uma mulher violenta, minha mão estaria dando um tapa no seu rosto agora mesmo.

Isso me fez rir.

– Certo. Eu estava pensando que parece um pouco... incomum você ter transado antes, mas nunca ter feito ou recebido sexo oral.

– Quer dizer – ela começou, endireitando-se um pouco no banco –, acho que, tipo, eu chupei um cara uma vez, mas eu literalmente não sabia como fazer, então acabei simplesmente voltando para a área do rosto.

– Homens funcionam de um jeito muito fácil: você sobe e desce e a gente goza.

– Não, eu quero dizer... isso eu entendo. Mas, tipo, como respirar e não ficar preocupada em morder, entende? Você já entrou numa loja que vende porcelana chique e de repente sente um pânico momentâneo achando que vai tropeçar e quebrar tudo?

Comecei a rir. Essa garota era totalmente *irreal*.

– Então você fica preocupada que se tiver um pau na boca você vai... morder?

Ela riu também e então, sem que eu percebesse, estávamos gargalhando juntos. Mas, quase ao mesmo tempo, nossa risada diminuiu e eu a flagrei olhando para minha boca.

– Alguns homens gostam de dentes – eu disse quase em silêncio.

– Alguns homens... tipo você?

Engolindo em seco, eu admiti.

– Sim, eu gosto quando as garotas se tornam um pouco selvagens.

– Tipo, arranhar, morder e afins?

– Sim.

Um arrepio carregado de excitação percorreu meu corpo só de ouvi-la dizendo aquelas palavras. Eu engoli em seco, pensando quanto tempo se passaria até que eu conseguisse tirar da minha cabeça a imagem dela *fazendo* essas coisas.

– Com quantos caras você já transou? – eu perguntei.

Ela tomou um gole do chá gelado antes de responder.

– Cinco.

– Você nunca fez sexo oral, mas já transou com *cinco* caras?

Meu estômago caiu num abismo e, embora eu soubesse que minha irritação era totalmente hipócrita, eu não conseguia controlar.

– Puta merda, Ziggs, *quando*?

Ela revirou os olhos, rindo na minha cara.

– Perdi minha virgindade quando eu tinha dezesseis anos. Na verdade, foi no verão que você trabalhou com meu pai.

Cobrindo minha boca quando comecei a protestar, ela acrescentou:

– Nem começa, Will. Sei que você provavelmente perdeu a sua quando tinha uns treze anos.

Fechei a boca e relaxei no banco. Ela acertou. Com um sorriso de cumplicidade, ela continuou:

– E *por favor*. Cinco não é muito. Transei com mais alguns caras nos anos seguintes e então percebi que eu estava fazendo errado. Não era nada interessante. Tive um namorado na faculdade por um tempo, mas... sinto que deve ter algo de errado comigo. Sexo parece divertido até chegar a hora de transar de verdade. Daí meu cérebro entra em modo científico e eu fico pensando: “Humm, será que tenho células suficientes na placa para atingir a dosagem de resposta de que eu preciso para amanhã?”.

– Isso é patético.

– Eu sei.

– Sexo *não* é entediante.

Ela estudou meu rosto e depois deu de ombros.

– Eu não acho que *deve* ser entediante. Acho entediante porque a maioria dos caras da minha idade não faz ideia do que fazer com o corpo feminino.

Ela balançou a cabeça quando Jack perguntou se queria mais alguma coisa.

– Mas não estou culpando eles. Nós mulheres somos bem complicadas lá embaixo – ela fez um gesto apontando para sua cintura. – É que faz tempo que não conheço ninguém que me faça querer saber realmente o que estou perdendo.

Ela olhou para meus lábios antes de virar o rosto e começar a estudar a prateleira de bebidas do bar.

Jack deslizou outra cerveja para mim, e eu fiquei virando o copo sem saber o que fazer. É claro que ela estava certa, e eu conhecia muitas mulheres que transavam por outros motivos que não tinham nada a ver com prazer. Kitty me disse uma vez que se sentia mais próxima de mim sempre que a gente transava. Ela disse isso no momento em que eu começava a mentalmente catalogar minha geladeira. Eu me sentia mais próximo da Hanna agora do que já me senti com Kitty antes, durante ou depois do sexo.

Algo sobre ela me fazia sentir faminto, como se quisesse ser tão honesto e calmo sobre tudo em minha vida do mesmo jeito que ela era. Eu queria conhecer

Hanna e ouvir seus pensamentos sobre *tudo*.

Parei com a cerveja no meio do caminho até minha boca e percebi que pensei nela como Hanna. Senti como se tivesse soltado um longo suspiro.

Ziggy era a irmã de Jensen. *Ziggy* era a menina que eu conhecia.

Hanna era essa mulher engraçada e bem resolvida na minha frente que agora eu tinha certeza de que iria provocar um terremoto em meu mundo.

Cinco

Cheguei a uma decisão: se eu iria mesmo monopolizar o tempo de Will e insistir em treinar com ele, então eu teria que... você sabe... *treinar* de verdade.

Decidi levar tudo a sério, parar de pensar nisso como se fosse um jogo e começar a realmente tratar tudo como um experimento. Comecei a ir dormir num horário decente para levantar, correr com ele e ainda conseguir chegar cedo ao trabalho para um dia inteiro de experimentos. Expandi minha coleção de roupas esportivas com itens de qualidade e um par extra de tênis de corrida. Parei de pensar no Starbucks como um grupo alimentício e parei de reclamar. E com muita insegurança da minha parte e muito incentivo da parte dele, nós nos inscrevemos para uma meia-maratona em abril. Eu estava apavorada.

Mas, no fim, Will estava certo: as coisas ficaram mais fáceis. Com apenas algumas semanas, meus pulmões já não queimavam mais, minhas canelas já não pareciam duas varas finas, e eu já não queria vomitar quando chegávamos ao final da trilha. Na verdade, nós conseguimos aumentar a distância e começamos a correr em sua trilha de sempre. Will disse que se eu conseguisse aguentar dez quilômetros por dia e correr dezesseis quilômetros duas vezes por semana, ele não precisaria treinar sem mim.

Não é que apenas comecei a me sentir bem. Comecei a *ver* a diferença também. Graças à genética, sempre fui relativamente magra, mas nunca fui o que se chamaria de *em forma*. Minha barriga era meio mole, meus braços pareciam gelatina quando eu acenava e sempre havia os pneus saltando para fora do jeans se eu não os puxasse para dentro. Mas agora... as coisas estavam mudando, e eu não fui a única que notou.

– Então, o que está acontecendo aqui? – Chloe perguntou, olhando para mim de dentro do meu closet. Ela apontou um dedo e girou no ar. – Você parece... diferente.

– Diferente? – eu perguntei.

O objetivo do Projeto Ziggy na verdade não era passar o máximo de tempo com Will – mesmo ele se tornando rapidamente minha pessoa favorita –, mas me ajudar a encontrar equilíbrio e ter uma vida fora do laboratório. Nas últimas duas semanas, Chloe e Sara tinham se tornado uma parte importante do projeto,

arrastando-me para jantares ou me visitando só para conversar por algumas horas no meu apartamento.

Nesta quinta-feira em particular, elas me trouxeram comida chinesa e nós acabamos no meu quarto, onde Chloe assumiu a tarefa de mexer no meu guarda-roupa, decidindo o que deveria ficar ou o que seria jogado fora.

– Diferente de um jeito bom – ela esclareceu, e então se virou para Sara, que estava deitada na minha cama folheando documentos do seu trabalho. – Você não acha?

Sara olhou para cima e seus olhos se estreitaram enquanto ela considerava meu corpo.

– Definitivamente bom. Feliz, talvez?

Chloe já estava concordando.

– Eu ia dizer isso. Definitivamente você tem um brilho aí no seu rosto. E a sua bunda está fantástica nessa calça.

Olhei para meu reflexo, chequei a parte da frente e me virei para olhar a parte de trás. Minha bunda parecia mesmo muito feliz. Minha frente também não estava nada mal.

– Minha calça está um pouco frouxa – eu notei, checando o tamanho. – E olha, nada de barriguinha!

– Bom, isso sempre é lucro – Sara riu, balançando a cabeça e voltando para seus documentos.

Chloe começou a colocar algumas roupas em cabides e outras em sacos plásticos.

– Você está entrando em forma. O que vocês dois estão aprontando?

– Estamos apenas correndo. E fazendo muito alongamento. Will acredita muito em se alongar. Semana passada ele adicionou flexões para a nossa rotina, e tenho que dizer o quanto odeio aquilo – continuei olhando meu reflexo e acrescentei: – Não consigo me lembrar da última vez que comi bolacha, e isso parece um crime.

– Ainda está treinando com Will, humm? – Chloe perguntou, e eu não pude deixar de perceber a troca de olhares entre ela e Sara. O tipo de olhar de quem adorou saber de uma novidade picante e vai analisar tudo até eu implorar por misericórdia.

– Pois é. Todas as manhãs.

– Will treina com você *todas* as manhas? – Chloe perguntou. E mais uma troca de olhares.

Eu confirmei e comecei a recolher algumas coisas pelo chão.

– Nós nos encontramos no parque. Você sabia que ele faz triatlo? Ele está muito em forma.

Parei de falar imediatamente, gemendo por dentro. Aparentemente, minha falta de filtro vocal não acontecia exclusivamente com Will.

Chloe ergueu uma sobrancelha e ajeitou uma grossa mecha de seu cabelo escuro.

– Então, sobre o William.

– O que tem ele? – eu disse, dobrando um par de meias.

– Você se encontra com ele fora dessa rotina de exercícios?

Eu podia sentir a atenção delas como se fosse um raio laser no meu rosto, então eu apenas assenti sem olhar ninguém.

– Ele é muito bonito – Chloe acrescentou.

Perigo, perigo, meu cérebro alertava.

– É, sim.

– Vocês já se viram pelados?

Meus olhos dispararam em direção a Chloe.

– O quê?

– Chloe – Sara disse com uma voz séria.

– Não – eu insisti. – Somos apenas amigos.

Chloe riu, andando até o closet com algumas roupas penduradas no braço.

– Sei.

– Nós corremos pela manhã e às vezes nos encontramos para tomar café. Às vezes é café da manhã – eu disse, dando de ombros e ignorando a maneira como meu medidor de honestidade parecia apontar o vermelho. Ultimamente, estávamos tomando café da manhã quase todos os dias, e conversávamos pelo menos mais uma vez durante o dia. – Apenas amigos.

Olhei para Sara. Seus olhos estavam colados nos papéis, mas ela estava sorrindo e balançando a cabeça.

– Mentirosa – Chloe disse quase cantarolando. – Will Sumner não possui nenhuma mulher em sua vida que é *apenas* amiga, com exceção da família e de nós duas.

Ela apontou para si mesma e para Sara.

– Isso é verdade – Sara concordou com relutância.

Eu não falei mais nada, apenas me virei e comecei a procurar uma blusa em minhas gavetas. Mas eu podia sentir Chloe me olhando, podia sentir a pressão de seu olhar contra minha nuca. Nunca tive muitas amigas mulheres – e definitivamente nunca tive uma amiga como Chloe Mills –, mas até mesmo eu era esperta o bastante para ter um pouco de medo dela. E tinha a forte impressão de que até o Bennett tinha um pouco de medo dela.

Encontrei meu suéter de lã favorito e o vesti, fazendo o melhor para manter minha expressão neutra e a mente livre de qualquer coisa relacionada a Will que

escapasse da zona de amizade. Algo me dizia que essas duas iriam perceber o quanto eu estava transparente.

– Desde quando vocês dois se conhecem? – Sara perguntou. – Ele e Max são amigos faz muito tempo, mas eu só o conheço desde que me mudei para Nova York.

– Eu também – Chloe acrescentou. – Abre o jogo, Bergstrom. Ele é convencido demais e nós precisamos de um pouco de munição.

Comecei a rir, aliviada pela mudança de assunto.

– O que vocês querem saber?

– Bom, você o conhecia quando ele estava na faculdade. Ele era nerd? Por favor, diga que ele frequentava o clube de xadrez ou algo assim – Chloe disse com um tom esperançoso.

– Há! Não *mesmo*. Ele era o tipo de cara que faz dezoito anos e de repente todas as mães dos amigos querem pegar – franzi a testa, considerando. – Na verdade, acho que foi o Jensen quem me contou essa história...

– Max me contou que ele ficou com a sua irmã, é verdade? – Sara perguntou.

Mordi meu lábio e balancei a cabeça.

– Eles ficaram uma vez no Natal, mas acho que só se beijaram. Ele conheceu meu irmão mais velho, o Jensen, no primeiro dia da faculdade, e depois de formado trabalhou com o meu pai. Eu era a irmã mais nova, então não ficava muito com eles.

– Pare de fugir do assunto – Chloe disse, cerrando dos olhos. – Você deve saber muito mais.

Eu ri.

– Vejamos, ele também é o irmão mais novo. Ele tem duas irmãs que são bem mais velhas que ele, mas eu nunca as encontrei. Tenho a impressão de que ele sempre foi muito mimado. Eu me lembro quando ele contou que seus pais são médicos e se divorciaram bem antes de ele nascer. Anos mais tarde, eles se encontraram numa conferência médica, beberam muito e tiveram uma última noite juntos...

– E pronto. Will veio ao mundo – Sara acrescentou.

Confirmei lentamente.

– Isso. Então, suas irmãs são doze e quatorze anos mais velhas. Ele foi o bebezinho delas.

– Bom, isso explica por que ele acha que as mulheres existem apenas para satisfazê-lo – Chloe disse, sentando na cama ao lado de Sara.

Isso não me pareceu correto, então eu também sentei, balançando a cabeça e olhando para o nada.

– Não sei se isso é verdade. Acho que ele simplesmente gosta, tipo, *muito* de

mulheres. E elas parecem gostar dele também. Ele cresceu cercado de mulheres, então sabe como elas pensam, o que gostam de ouvir.

– Ele definitivamente sabe como jogar o jogo – Sara disse. – Nossa, o Max me contou cada história dele.

Eu me lembrei do casamento de Jensen, quando vi Will escapar sem ser notado com duas mulheres ao mesmo tempo. Eu tive certeza de que aquela não foi a primeira nem a última vez que algo desse tipo aconteceu.

– As mulheres sempre o adoraram – eu disse. – Eu me lembro de ouvir algumas amigas da minha mãe conversarem sobre ele quando ele trabalhava com meu pai. Deus, as coisas que elas fariam com ele...

– Tigresas! – Chloe gritou, divertindo-se. – Adoro!

Rindo, eu disse:

– É, todas as garotas eram apaixonadas por ele. Tive algumas amigas na escola – eu tinha doze anos quando ele ficou em casa com o Jensen –, e elas ficavam arranjando os motivos mais malucos para me visitar. Umas delas fingiu que precisava devolver uma blusa na noite de Natal, só que a blusa era *dela*. Quer dizer, imagine o Will agora, mas como um cara de dezenove anos, cheio de charme, falsa inocência e aquele maldito sorriso presunçoso. Ele tocava numa banda, tinha tatuagens... ele era puro sexo ambulante.

Acordei de minhas lembranças e percebi que Sara e Chloe estavam me olhando com um sorriso de orelha a orelha.

– O que foi?

– Sua descrição foi bem lasciva, Hanna – Sara disse.

Sorrindo maliciosamente para ela, eu perguntei:

– Por acaso você acabou de usar a palavra “lasciva”?

– Ela com certeza usou – Chloe disse. – E eu concordo. Parece que acabei de assistir a um filme pornô.

Eu gemi, levantando da cama.

– Então, claramente, a Hanna adolescente tinha uma quedinha pelo Will – Sara disse. – Porém, mais importante, o que a Hanna de vinte e quatro anos pensa do Will hoje?

Tive que pensar nisso por um momento, pois, sendo sincera, eu pensava bastante sobre o Will, de todo jeito possível. Pensava sobre seu corpo e sua boca suja e, é claro, todas as coisas que poderia fazer com ela, mas também pensava sobre seu cérebro e seu coração.

– Eu acho que ele é surpreendentemente doce. Ele é, sim, um jogador, mas, debaixo disso tudo, ele é genuinamente um cara legal.

– E você nunca pensou em transar com ele?

Olhei para Chloe.

– Como é?

Ela me encarou de volta.

– Como é o quê? Vocês dois são jovens, bonitos e têm uma história em comum. Aposto que seria uma transa incrível.

Centenas de imagens surgiram em minha mente em apenas alguns segundos. Tive que me esforçar para responder.

– Eu absolutamente *não* vou transar com Will.

Sara deu de ombros.

– Ainda.

Eu me virei para ela.

– Achei que você era a pessoa decente entre nós.

Uma risada explodiu na boca de Chloe, e ela balançou a cabeça, lançando um olhar brincalhão para Sara.

– Decente? Acredite em mim, as mais depravadas são aquelas que *parecem* as mais santinhas.

– Bom, de qualquer maneira – eu disse –, Will me considera apenas como uma irmãzinha.

Chloe se endireitou e lançou um olhar sério para mim.

– Posso dizer por experiência própria que, quando um homem encontra uma mulher, ele a coloca em duas categorias: amiga inequívoca ou possível candidata para o sexo.

– Mas ele tem suas parceiras regulares, não é? – eu perguntei, franzindo meu nariz. Eu gostava da ideia de encontros casuais, mas não estava certa quanto à estrutura e os limites de algo tão fluido e sem forma como o sexo. Era a única área da minha amizade com Will onde meu filtro na verdade funcionava... ou quase.

Sara confirmou.

– Nas terças-feiras é a vez da Kitty. Nos sábados é a vez da Alexis. E tenho certeza de que outras aparecem aqui e ali.

Chloe lançou um olhar para Sara, que a encarou de volta.

– Não estou sugerindo que ela se apaixone – Chloe disse. – Apenas que transe loucamente com ele de vez em quando.

– Apenas estou me certificando de que todo mundo sabe qual é situação por aqui – Sara respondeu, com um desafio nos olhos.

– Bom – eu comecei –, isso não importa, na verdade. Por ele ser o melhor amigo do meu irmão, acho que podemos concordar que estou presa definitivamente no território da amizade.

– Ele já conversou com você sobre os seus peitos? – Chloe perguntou.

Senti um rubor subir pelo pescoço. Will conversava, olhava e parecia idolatrar

meus seios.

– Humm... sim.

Chloe sorriu, toda convencida.

– Eu encerro meu caso.



Na manhã seguinte, eu tive certeza de que Will pensava que eu estava tomando algum remédio que altera o humor... ou que eu precisava tomar. Eu estava distraída em nossa corrida, pensando sobre minha conversa com Sara e Chloe. Não apenas eu estava pensando sobre o quanto Will olhava os meus peitos, gesticulava para os meus peitos, falava com meus peitos, eu também estava, infelizmente, pensando nele com as outras mulheres em sua vida: o que ele fazia com elas, como se sentiam quando estavam juntos, e se elas se divertiam com ele tanto quanto eu. Além disso, eu pensava no fato de que ele provavelmente passava muito tempo... pelado com elas.

Isso, é claro, me fez pensar sobre Will nu, o que não ajudou em nada na minha concentração, ou minha habilidade de correr numa linha reta. Will provavelmente pensou que eu estava bêbada.

Forcei meus pensamentos para longe do homem correndo num silêncio fácil ao meu lado, e comecei a pensar no trabalho que me esperava no laboratório, o relatório que eu precisava terminar, os exames que eu precisava fazer para Liemacki.

Mais tarde, quando Will pairou sobre mim para me ajudar a alongar minha perna, depois de eu basicamente ter sentado na trilha sentindo câibras, ele me encarou de um jeito tão intenso, com os olhos se movendo lentamente sobre meu rosto, que fez os pensamentos que eu tentava banir voltarem todos de uma só vez. Meu estômago se apertou, e um calor delicioso se espalhou do meu peito até a ardência que eu negligenciava entre minhas pernas. Senti como se estivesse derretendo no chão gelado.

– Você está bem? – ele perguntou em voz baixa.

Só consegui assentir. Suas sobrancelhas se juntaram.

– Você está tão quieta hoje.

– Estou apenas pensando – murmurei.

Seu pequeno sorriso sexy apareceu, e eu senti meu coração acelerar em meu peito.

– Bom, espero que você não esteja pensando em pornografia, ou chupadas, ou como você quer experimentar com sexo, porque se acha que vai conseguir esconder isso de mim, você está encrencada. Agora nós estamos em sincronia,

Ziggs.

Tomei um banho particularmente longo depois daquela corrida.



Nunca fui de enviar mensagem de texto – na verdade, antes de Will, minhas únicas mensagens consistiam de palavras únicas para a família e colegas de trabalho.

Você já está chegando? Sim.

Você pode pegar um vinho no mercado? Claro.

Você vai trazer um convidado? Ignore.

Até a semana passada – quando eu finalmente abri o iPhone que Niels me deu no Natal –, eu ainda usava um celular velho que Jensen dizia que era o primeiro celular do mundo. Quem tem tempo de ficar digitando centenas de mensagens quando eu podia ligar e encerrar o assunto em menos de um minuto? Definitivamente, não parece muito eficiente.

Mas com Will era divertido, e eu tinha que admitir, o novo celular facilitava as coisas. Ele me enviava pensamentos aleatórios durante o dia, enviava fotos de seu rosto quando eu fazia alguma piada sem graça ou uma foto de seu almoço quando o peito de frango em seu prato parecia um pênis. Então, depois do meu... banho relaxante, quando meu celular vibrou no outro quarto, não fiquei surpresa ao ver que era Will.

Mas o que me surpreendeu foi a pergunta.

O que você está vestindo?>

Senti minhas sobrancelhas se juntarem, confusas. Era algo aleatório, mas nem de longe a coisa mais estranha que ele já me perguntou. Nós iríamos nos encontrar para o café da manhã em meia hora, e talvez ele estivesse preocupado que eu fosse aparecer como uma universitária desleixada, como ele costumava dizer.

Olhei para a toalha ao redor do meu corpo e digitei:

Jeans preto, top amarelo, suéter azul.

Não, Ziggy. Estou dizendo [insinuação aqui] O QUE VOCÊ ESTÁ VESTINDO?

Agora eu realmente estava confusa.

Heim??? Não entendi.

Estou tentando começar uma seção de sexting, sua tonta.

Parei e fiquei olhando para o celular por alguns segundos antes de responder.

Como é?

Ele digitava muito mais rápido do que eu, e sua resposta apareceu quase imediatamente.

Isso não é nem um pouco sexy se eu tenho que explicar, mas lá vai. Nova regra: você precisa pelo menos ter alguma competência na arte do sexting.

De repente uma luz se acendeu no meu cérebro e eu entendi o que ele estava fazendo.

Ah! Saquei. “Sexting.” Faz sentido, Will.

Embora eu agradeça seu entusiasmo e o fato de pensar que eu sou esperto o bastante para criar esse termo, eu não inventei essa palavra. Ela faz parte da cultura popular faz um tempo, sabe? Agora, responda a pergunta corretamente.

Andei de um lado para o outro, pensando. Certo. Era uma tarefa. Eu consigo fazer isso. Tentei pensar em todas as insinuações que já ouvi nos filmes, mas, é claro, não consegui criar nada. Tentei me lembrar de todas as cantadas que meu irmão Eric usava... e então franzi a testa.

Tive um branco total.

Bom, na verdade eu ainda não estou vestida. Eu estava aqui tentando decidir se ficar sem roupa de baixo vai contra as regras, pois acho que minha saia fica toda marcada, mas eu odeio usar fio dental.

Fiquei encarando o celular enquanto os pontinhos indicavam que ele estava respondendo.

Isso até que não foi nada mal, garota. Mas não diga roupa de baixo. Isso não é sexy.

Não tire sarro de mim. Eu não sei o que dizer.

Eu me sinto uma tonta aqui pelada trocando mensagens com você.

Fiquei esperando a resposta.

Alguns momentos se passaram até meu celular se acender novamente.

Ok. Então você obviamente já pegou o jeito. Agora diga algo safado.

Safado?

Estou esperando.

Oh, Deus. Será que dava tempo de usar o Google? Não. Vasculhei minha mente e digitei a primeira coisa meio safada que pensei:

Às vezes, quando estamos correndo e você fica controlando a respiração todo concentrado, eu fico pensando que tipo de som você faz quando está transando.

Certo, talvez isso tenha sido um pouco mais do que “meio safado”. Ele ficou uma eternidade sem responder. Oh, Deus. Baixei meu celular, convencida de que Will se afastaria e nunca mais falaria comigo. Ele provavelmente queria algo que fosse de brincadeira e não algo tão... *honesto*.

Entrei no banheiro, escovei meus cabelos e os preendi acima da cabeça. No quarto, ouvi o celular vibrar em cima da escrivaninha.

A primeira mensagem:

UAU.

A segunda mensagem:

Dessa vez você... acertou em cheio. Ok, vou precisar de um minuto por aqui. Talvez cinco.

MEDUSDESSCUPA, comecei a digitar, com meus dedos idiotas tremendo, pronta para me enterrar num buraco e morrer. QUERDIZER DESCULPA NAOACREDITOQUEESCREVISSO.

Você está brincando? Isso foi melhor que um presente de Natal. Claramente eu preciso ficar à sua altura. Espera um pouco, acho que preciso me alongar primeiro.

Girei meus olhos.

Estou esperando.

Seus seios estavam demais hoje.

Só isso?

Honestamente, ele já tinha dito coisas bem mais depravadas para mim. E para

os meus seios.

Sério? Você não gostou?

Zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz

Então posso pelo menos ver os seios na próxima vez?

Certo. Senti um calor em meu rosto, mas de jeito nenhum eu admitiria.

Você está me dando sono, digitei. Eu sorria como uma idiota olhando para o celular.

A bolha de texto apareceu na janela mostrando que ele começou a digitar. Eu esperei. E esperei. Finalmente, ele postou:

Posso tocar? Posso morder?

Ajeitei a toalha em meu peito e engoli em seco, tremendo. Meu rosto já não era mais a única coisa que estava se aquecendo. Eu respondi:

Isso foi um pouco melhor.

Posso lamber e depois foder?

Deixei o celular cair e me atrapalhei toda para pegar de volta.

Agora sim, eu digitei, com as mãos trêmulas. Fechei os olhos, tentando *não* imaginar os quadris de Will se movendo em meu peito, seu pau deslizando entre os seios.

Eu quase podia sentir sua determinação através do celular quando ele disse:

Me avise quando precisar de um minuto SOZINHA. Já está pronta?

Não. Absolutamente não.

Sim.

Você usou uma camiseta no outro dia. Uma camiseta rosa. Os seios estavam fantásticos naquele dia. Cheios e macios. Eu podia ver os mamilos quando o vento soprava mais forte. Tudo que eu podia pensar era como seria tomar você em minhas mãos e sentir os mamilos na minha língua. Como seria o meu pau raspando na sua pele e como seria gozar por todo o seu pescoço.

Putá meeerda.

Will? Posso te ligar?

Por quê?

Porque é difícil digitar com uma mão.

Ele não respondeu por um minuto inteiro, e eu me permiti imaginar que desta vez foi *ele* quem deixou cair o celular. Mas então ele enviou:

SIM! Você está se tocando?

Eu ri e digitei: Te peguei!, e então joguei o celular para o lado e fechei os olhos. Porque, sim. Eu absolutamente estava.



Quando terminamos de brincar, concordei em encontrá-lo para o café da manhã na Sarabeth's. Apesar da temperatura e da neve que começava a cair, senti meu rubor durante todo o caminho até a Rua 93, e fiquei imaginando se era possível eu me sentar na frente dele e fingir que não tinha me masturbado lendo suas mensagens. As coisas pareciam estar saindo do rumo e tentei pensar quando isso aconteceu. Será que foi na corrida de hoje de manhã, quando ele me alongou, como se estivesse pronto para montar em cima de mim? Ou tinha sido algumas semanas atrás, naquele bar, quando começamos a conversar sobre pornografia e sexo? Talvez tenha sido até antes disso, no primeiro dia que saímos para correr e ele colocou um gorro na minha cabeça, mostrando um sorriso que me fez sentir como se tivesse sido bem comida contra uma parede.

Isso não estava indo bem. *Amigos*, eu me lembrei. *Missão de agente secreto. Aprenda as estratégias do ninja e depois escape ilesa.*

Mantive minha cabeça abaixada enquanto pisava nas camadas brancas de gelo que cobriam o chão, praguejando contra o frio de março, sentindo flocos de neve se agarrarem nas pontas dos meus cabelos. Um jovem casal estava saindo do restaurante, e eu entrei pela porta que eles abriram.

– Zig.

Ouvi meu nome e olhei para Will, que estava sorrindo para mim sentado na área de descanso. Acenei antes de andar até as escadas, tirando meu gorro e cachecol no caminho.

– Que bom ver você de novo – ele disse, levantando-se quando me aproximei da mesa.

Comecei a ficar cada vez mais irracionalmente irritada com suas boas maneiras, e ainda mais com seu cabelo ainda úmido e a maneira como sua blusa dobrava no meio de seu torso gigantesco. Ele usava uma camiseta branca por baixo, e com as mangas enroladas até o cotovelo, as linhas das tatuagens apareciam debaixo do tecido. Um *filho da mãe* lindo.

– Bom dia – eu disse.

– Parece um pouco mal-humorada? Talvez um pouco tensa?

Fiz uma careta e respondi:

– Não.

Ele riu enquanto nós sentávamos.

– Já pedi sua comida.

– O quê?

– Seu café da manhã. Panquecas de limão com amoras, não é? E aquele suco de flores?

– Certo – respondi, olhando para ele do outro lado da mesa. Peguei meu guardanapo e o desdobrei antes de deitá-lo no colo.

Ele se abaixou para encontrar meus olhos, parecendo um pouco ansioso.

– Você queria outra coisa? Posso chamar a garçonete.

– Não...

Respirei fundo, abri a boca e fechei de novo. Eram coisas tão pequenas – a comida que eu sempre pedia, o tipo de suco de que eu gostava, a maneira como ele soube exatamente como alongar minha perna hoje de manhã –, mas tudo isso parecia gigante, importante. Eu me senti um pouco mal por ele ser tão doce comigo e eu não conseguir parar de pensar em sexo com ele.

– Não acredito que você se lembrou disso tudo.

Ele deu de ombros.

– Não é grande coisa. É só o café da manhã, Ziggs. Não estou doando um rim.

Tentei não me concentrar na atitude cretina em sua voz.

– Bom, foi realmente legal. Às vezes você me surpreende.

Ele pareceu um pouco surpreso.

– Como assim?

Suspirei, murchando um pouco em minha cadeira.

– Apenas pensei que você me trataria mais como uma criança.

Quando eu disse isso, percebi que ele não gostou. Ele se recostou na cadeira e soltou um longo suspiro, então eu continuei tagarelando:

– Sei que você está sacrificando sua paz ao me deixar correr com você. Sei que cancelou planos com suas não namoradas e precisou reorganizar as coisas para ter tempo para mim, e eu apenas... quero que saiba que estou agradecida. Você é um ótimo amigo, Will.

Suas sobrancelhas se juntaram, e ele começou a olhar para a sua água gelada em vez de olhar para mim.

– Obrigado. Você sabe, só quero ajudar a... irmãzinha do Jensen.

– Certo – eu disse, sentindo minha irritação se acender novamente. Eu queria pegar a água e derramá-la inteira na minha cabeça. O que era essa irritação?

– Certo – ele repetiu, lançando os olhos para mim e mostrando um sorrisinho

brincalhão que imediatamente dissolveu minha loucura e fez minhas partes femininas acordarem de novo. – Pelo menos essa é a história que vamos contar para todo mundo.

Seis

Eu não conseguia me lembrar da última vez que passei uma noite de sábado sozinho. Era como se toda a minha rotina tivesse sido quebrada, começando com minhas corridas matinais com Hanna.

Algo havia mudado nos últimos dias e agora havia um peso invisível entre nós. Começou numa de nossas corridas, quando ela parecia quieta e distraída, e acabou se abaixando no chão quando sentiu câibras. No café da manhã, ela claramente estava irritada, mas foi fácil entender: ela estava lutando contra alguma coisa. Estava irritada como eu, como se estivéssemos lutando contra a força de um imã que parecia nos puxar para um lugar diferente.

Um lugar fora da zona de amizade.

Meu celular vibrou na mesa de centro, e eu quase dei um pulo quando vi a foto de Hanna na tela acesa. Tentei ignorar o quente zumbido que senti ao ver que era ela quem estava ligando.

– Oi, Ziggs.

– Venha para uma festa comigo hoje – ela disse simplesmente, pulando qualquer cumprimento tradicional. Era o sinal clássico de seu nervosismo. Ela fez uma pausa e depois acrescentou num tom de voz baixo: – A não ser que... merda, hoje é sábado. A não ser que você esteja com uma das suas não namoradas.

Ignorei a segunda pergunta implícita e considerei apenas a primeira, imaginando uma festa numa sala de conferência no departamento de biologia da faculdade, com garrafas de refrigerante de dois litros, salgadinhos e docinhos.

– Que tipo de festa?

Ela ficou em silêncio por um instante do outro lado da linha.

– Uma festa de estreia de uma nova casa.

Eu sorri ao telefone, cada vez mais desconfiado.

– Casa de *quem*?

Do outro lado, ela soltou um gemido de rendição.

– Tá bom, certo. É uma festa numa república da faculdade. Um cara do meu departamento e seus amigos acabaram de se mudar para um apartamento. Tenho certeza de que é uma espelunca. Eu quero ir, mas quero que você vá comigo.

Rindo, eu perguntei:

– Então vai ser uma festa de *república*? Vai ter barril de cerveja e Baconzitos?

– Will – ela suspirou. – Não seja tão esnobe.

– Não estou sendo esnobe – eu disse. – Estou apenas sendo um cara de trinta anos que já passou do tempo da faculdade e agora considera uma noite de farra quando consegue convencer o Max a gastar mais de mil dólares numa garrafa de uísque.

– Apenas vá comigo, prometo que você vai se divertir.

Suspirei, olhando para a garrafa de cerveja quase vazia na minha frente.

– Eu vou ser a pessoa mais velha nessa festa?

– Provavelmente – ela admitiu. – Mas tenho certeza de que também vai ser o mais gostoso.

Tive que rir, e depois considerei minha noite sem essa opção. Eu tinha cancelado com Alexis, mesmo sem saber exatamente por quê.

Isso é mentira. Eu sabia exatamente a razão. Eu me sentia estranho, como se talvez estivesse sendo injusto com Hanna ficando com outra mulher quando ela parecia estar se dedicando tanto a mim. Quando eu disse para Alexis que precisava desmarcar, eu sei que ela percebeu algo na minha voz. Ela não perguntou a razão, nem tentou remarcar para outro dia, como Kitty faria. Suspeitei de que eu não dormiria mais com essa loira em particular.

– Will?

Suspirando, eu me levantei e andei até onde tinha deixado meus sapatos, ao lado da porta da frente.

– Certo, então tá, eu vou. Mas use uma camisa que mostre bem os seus seios para eu ter algo para me entreter se eu ficar entediado. Ela riu, conseguindo soar ao mesmo tempo sapeca e sedutora.

– Combinado.



Era exatamente o que eu esperava: um apartamento barato para estudantes sem dinheiro e uma cena bem familiar. Fui atingido por uma pequena onda de nostalgia quando entramos naquele lugar apertado. Os dois “sofás” eram apenas colchões velhos no chão, cobertos com lençóis manchados. A televisão ficava em cima de uma tábua equilibrada entre duas caixas de madeira. A mesa de centro parecia que tinha visto dias melhores, e só *depois* foi doada para esses caras a estragarem ainda mais. Na cozinha, uma horda de estudantes *hipsters* barbados cercava um barril de cerveja, e havia uma variedade de garrafas de bebida barata pela metade no balcão.

Mas, pela expressão no rosto de Hanna, qualquer um poderia pensar que tínhamos acabado de entrar no céu. Ao meu lado, ela deu um pulinho e agarrou minha mão.

– Estou tão feliz por você ter vindo comigo!

– Falando sério, você já esteve em alguma festa antes? – eu perguntei.

– Uma vez – ela admitiu, puxando-me para o meio da confusão. – Na faculdade. Bebi quatro doses de Bacardi e vomitei no sapato de um cara. Até hoje não sei como voltei para casa.

A imagem fez meu estômago embrulhar. Já vi esse tipo de garota – ingênua, tentando ser *selvagem* – em virtualmente todas as festas que frequentei no tempo da faculdade. Odiei pensar em Hanna como esse *tipo de garota*. Aos meus olhos, ela sempre era mais esperta e consciente do que isso.

Ela ainda estava falando e eu precisei me inclinar para ouvir.

– ... a gente passava a maioria das noites jogando Magic no salão da moradia e bebendo ouzo. Bom, todo mundo bebia, menos eu. Mal podia sentir o cheiro sem ficar com vontade de vomitar – ela olhou de volta para mim e esclareceu: – Minha colega de quarto era grega. Ouzo é uma bebida típica da Grécia.

Hanna me apresentou para um grupo de pessoas, a maioria homens. Tinha um Dylan, um Hau, um Aaron, e acho que um Anil, ou algo assim. Um deles entregou um coquetel feito com um saquê de ameixa que estava na moda e água com gás.

Eu sabia que Hanna não era de beber muito, e senti meu instinto protetor me dominar.

– Você não prefere tomar algo não alcoólico? – eu perguntei, alto o bastante para os outros ouvirem. Que babacas, achando que ela queria ficar bêbada.

Eles esperaram sua resposta, mas ela tomou um gole e soltou um assobio.

– Isso é bom. *Caramba!* – aparentemente, ela gostou. – Apenas não me deixe passar de um – ela sussurrou para mim, encostando-se ao meu lado. – Ou não serei responsável pelos meus atos.

Oh, merda. Com essa única frase, ela conseguiu destruir meu plano de agir como um irmão mais velho protetor no resto da noite.

Hanna bebeu seu coquetel mais rápido do que eu esperava. Um rubor se espalhou em seu rosto e seu sorriso parecia não acabar mais. Ela me olhou nos olhos, e eu podia ver sua felicidade como uma aura ao seu redor. *Deus, ela é linda*, eu pensei, desejando que estivéssemos a sós em meu apartamento assistindo a um filme. Fiz uma anotação mental para fazer isso acontecer algum dia. Olhei ao redor da sala e percebi que a festa estava bem mais cheia agora. A cozinha estava cada vez mais lotada. Outra estudante se juntou ao nosso círculo no meio de uma conversa sobre os professores mais malucos do departamento.

Ela se apresentou para mim e se enfiou à minha direita, entre Dylan e eu. À minha esquerda, eu podia sentir Hanna observando minha reação. Eu me senti meio travado, enxergando a mim mesmo através dos olhos dela. Hanna estava certa quando disse que eu sempre notava as mulheres, mas, embora essa garota fosse bonita, ela não me causava nada, principalmente com Hanna por perto. Será que ela realmente pensava que eu transava com alguém sempre que saía de casa?

Encontrei os olhos de Hanna e devolvi um olhar bravo.

Ela riu e disse apenas movimentando os lábios:

– Eu conheço você.

– Não, não conhece – eu murmurei. E, merda, não aguentei e disse: – Você ainda tem muito o que aprender.

Ela ficou olhando para mim por vários e pesados segundos. Eu podia ver a pulsação em seu pescoço, a maneira como seu peito subia e descia com a respiração que acelerava. Ela olhou para baixo, colocou a mão no meu braço e correu a ponta dos dedos sobre a tatuagem de um fonógrafo que eu fiz quando meu avô morreu.

Juntos, deixamos o grupo para trás, compartilhando um sorrisinho secreto. *Merda, essa garota faz eu me sentir transtornado.*

– Me conte sobre essa aqui – ela sussurrou.

– Fiz essa tatuagem no ano passado, quando meu avô morreu. Foi ele quem me ensinou a tocar baixo. Ele ouvia música todos os dias, em todas as horas.

– Conte sobre alguma que eu ainda não vi – ela disse, voltando sua atenção para meus lábios.

Fechei os olhos por um instante, pensando.

– Tenho a palavra *não* escrita debaixo da última costela do meu lado esquerdo.

Rindo, ela chegou mais perto, o suficiente para eu sentir o cheiro de ameixa em seu hálito.

– Por quê?

– Fiz quando estava bêbado na faculdade. Eu estava numa fase antirreligiosa e não gostava da ideia de que Deus fez Eva com a costela de Adão.

Hanna jogou a cabeça para trás, soltando minha risada preferida, aquela que vinha de sua barriga e tomava todo o seu corpo.

– Você é linda *demais* – murmurei, sem pensar, passando meu polegar em seu rosto.

Ela subiu a cabeça novamente, começando a abrir um sorriso. Com um olhar suspenso em minha boca, Hanna me puxou para fora da cozinha, com aquele pequeno sorriso no rosto que a fazia parecer uma diabinha.

– Para onde estamos indo? – perguntei, deixando-a me conduzir por um

corredor cheio de portas fechadas.

– Shh. Vou perder a coragem se eu disser antes de chegarmos lá. Apenas venha comigo.

Mal sabia ela que eu a seguiria mesmo que o corredor estivesse pegando fogo. Afinal de contas, até aceitei vir nessa festa de república.

Numa porta fechada aleatória, Hanna parou, bateu e esperou. Pressionou o ouvido contra a porta, sorriu para mim e, ao não ouvirmos nada, girou a maçaneta e soltou um gritinho de excitação.

O quarto estava escuro, felizmente vazio e ainda relativamente intocado pela mudança recente. Uma cama estava feita no meio do quarto, e um guarda-roupa estava encostado num canto, mas a parede oposta ainda estava cheia de caixas alinhadas.

– De quem é este quarto? – eu perguntei.

– Acho que é do Denny, mas não tenho certeza.

Passando o braço por trás de mim, ela trancou a porta e então começou a me encarar, sorrindo.

– Oi.

– Oi, Hanna.

Sua boca se abriu e seus lindos olhos se arregalaram.

– Você não me chamou de Ziggy.

Sorrindo, eu sussurrei:

– Eu sei.

– Fala de novo?

Sua voz parecia rouca, como se estivesse pedindo para eu *tocá-la* de novo, para eu beijá-la. E talvez, quando a chamei de Hanna, foi quase como um beijo. Com certeza, foi assim que me senti. E parte de mim – uma grande parte de mim – decidiu que eu já não me importava mais. Eu não me importava por ter beijado sua irmã doze anos atrás e por seu irmão ser um dos meus amigos mais próximos. Eu não me importava que Hanna fosse sete anos mais nova que eu e, de muitas maneiras, uma garota inocente. Eu não me importava que eu provavelmente fosse estragar tudo, ou que meu passado pudesse incomodá-la. Nós estávamos sozinhos num quarto escuro, e cada centímetro da minha pele parecia zumbir com a necessidade de sentir o toque dela sobre mim.

– Hanna – eu disse num tom de voz baixo. As duas sílabas preencheram minha cabeça e tomaram minha pulsação.

Ela soltou um sorriso todo secreto e então olhou para minha boca. Sua língua molhou seus lábios.

– O que você está pensando? – eu sussurrei. – O que estamos fazendo neste quarto tão escuro, trocando olhares maliciosos?

Ela ergueu as mãos e soltou palavras com a respiração ofegante.

– Este quarto é Las Vegas. Entendeu? O que acontece aqui, permanece aqui. Ou, melhor dizendo, o que é *dito* aqui não sai daqui.

Eu ri.

– Certo...?

– Se ficar estranho, ou se eu cruzar um limite da nossa amizade que por algum milagre eu ainda não tenha cruzado, apenas me diga, e daí vamos embora, e tudo vai voltar ao mesmo nível de ridículo que era antes.

Eu suspirei e assenti, dizendo “Certo”, e fiquei observando enquanto ela respirava fundo. Hanna já estava um pouco alta, e com certeza nervosa. Uma ansiedade subia por minhas costas.

– Eu fico tão atrapalhada quando estou perto de você – ela disse em voz baixa.

– Apenas comigo? – eu disse, sorrindo.

Ela deu de ombros.

– Eu quero você... me ensinando coisas. Não apenas sobre como me comportar na presença de outros homens... mas como *ficar* com um homem. Penso nisso o tempo todo. E sei que você é bom nessas coisas sem precisar estar num relacionamento e... – ela perdeu a voz, olhando para mim no meio do quarto escuro. – Somos amigos, não é?

Eu sabia exatamente para onde isso estava indo, então murmurei:

– Seja lá o que for, eu farei.

– Você nem sabe o que estou pedindo.

Rindo, eu sussurrei:

– Então, *peça*.

Ela chegou mais perto, colocou a mão em meu peito e eu fechei os olhos enquanto a palma de sua mão quente deslizava por minha barriga. Eu me perguntei por um segundo se ela podia sentir meu coração acelerando. *Eu* sentia minha pulsação por toda parte, batendo em meu peito e reverberando em minha pele.

– Eu assisti outro filme – ela disse. – Outro pornô.

Meus olhos se abriram com surpresa. Talvez eu não estivesse tão certo de onde isso estava indo, afinal.

– Aqueles filmes são bem ruins, na verdade – ela disse baixinho, como se estivesse preocupada em não ofender minhas sensibilidades masculinas.

Rindo, eu concordei.

– É mesmo.

– As mulheres são muito exageradas. Na verdade – ela disse, reconsiderando –, os homens também são, na maior parte do tempo.

– Na maior parte do tempo?

– Não no final – ela disse, com a voz quase sumindo de vez. – Quando o cara gozou, ele tirou de dentro dela e gozou *em cima* dela.

Seus dedos se moveram para debaixo da minha camisa, acariciando a linha de pelos que descia da minha barriga até dentro da calça. Ela segurou a respiração e subiu a mão até meu peito, onde começou a explorar.

Merda. Eu estava tão excitado que mal conseguia manter minhas mãos longe de seus quadris. Mas eu queria que ela liderasse a conversa. Ela me trouxe até aqui, ela começou tudo isso. Eu queria que ela confessasse tudo antes de me entregar o bastão. E então, eu não iria me conter.

– Isso é bem comum em filmes pornôs – eu disse. – Os caras não gozam dentro das mulheres.

Ela olhou para mim.

– Eu *gostei* daquela parte.

Senti minha ereção acordar de vez dentro da minha calça e minha garganta secou imediatamente.

– É mesmo?

– Acho que estou apenas agora descobrindo essas coisas. Nunca realmente tentei antes... ou, talvez, acho que nunca quis explorar com os caras com quem eu fiquei. Mas desde que comecei a sair com você, não consigo parar de pensar nesse tipo de coisa.

– Isso é bom.

Estremeci no meio do quarto escuro, querendo não ter respondido tão rápido, parecendo tão desesperado. Eu queria mais do que qualquer coisa que ela me pedisse para carregá-la até a cama e transar com ela tão alto que a festa inteira saberia onde estávamos e o que ela estava recebendo.

– Eu não sei do que os homens realmente gostam. Sei que você diz que os homens são fáceis, mas não é verdade.

Ela tomou minha mão e, com os olhos colados em meu rosto, levou-a até os seios. Debaixo da minha palma, ela era exatamente como imaginei centenas de vezes. Cheia de curvas macias e pele cremosa sob as minhas carícias. Era tudo que eu podia fazer para tentar resistir à tentação de erguê-la e esmagá-la com meu corpo contra a parede.

– Eu quero que você me mostre como fazer – ela disse.

– Como fazer *o quê*?

Ela fechou os olhos por um segundo, engolindo em seco.

– Quero tocar você até você gozar.

Respirei fundo e olhei para a cama no meio do quarto.

– Aqui?

Ela seguiu meus olhos e balançou a cabeça.

– Não ali. Ainda não numa cama. Apenas... – ela hesitou, e depois disse quase sem voz: – Isso é um *sim*?

– Humm, é claro que estou dizendo sim. Não sei se conseguiria dizer não para você mesmo se eu devesse.

Ela mordeu o lábio tentando evitar um sorriso e deslizou minha mão até sua cintura.

– Você quer bater uma para mim? É isso que você está pedindo?

Dobrei meus joelhos para olhar em seus olhos. Eu me senti um idiota sendo tão direto, e essa conversa parecia *completamente* irreal, mas eu precisava deixar claro o que estava acontecendo antes de eu me soltar e levar isso longe demais.

– Só quero ter certeza de que estou entendendo.

Ela ficou tímida de repente, e então assentiu.

– É isso mesmo.

Cheguei mais perto e, quando o leve aroma botânico de seu xampu me atingiu, percebi o quanto eu estava realmente ansioso. Nunca fiquei nervoso antes, mas agora eu estava apavorado. Eu não me importava se seria bom para mim – ela podia ser atrapalhada e desastrada, muito devagar ou muito rápida, muito mole ou muito apertada –, mas eu sabia que iria gozar muito em suas mãos. Apenas queria que ela continuasse sendo tão aberta assim comigo em todos os momentos. Eu queria que o sexo fosse *divertido* para ela.

– Você pode me tocar – eu disse, tentando equilibrar cuidadosamente minha necessidade de ser gentil com minha tendência a ser dominador.

Ela tocou meu cinto, abriu a fivela, e eu deslizei meus dedos de sua cintura, subindo até o botão de sua camisa. Seu sorriso era quase brincalhão – ela tentou abaixar a cabeça para escondê-lo, mas não conseguiu. Eu não tinha ideia de como *eu* parecia, mas imaginei meus olhos arregalados, boca aberta e mãos trêmulas abrindo os botões. Puxando sua camisa pelos ombros, notei a maneira como ela hesitou na minha braguilha, com dedos incertos, antes de dar um passo para trás e deixar a camisa cair no chão.

E lá estava ela, na minha frente vestindo um simples sutiã branco de algodão. Levei minhas mãos até suas costas, olhando-a nos olhos como se pedisse permissão antes de abrir o fecho e deslizar a peça de roupa íntima por seus braços. Eu não estava preparado para a visão de seus seios nus, então apenas fiquei ali parado, olhando, feito um bobo.

– Só para você saber – ela sussurrou –, você não precisa fazer nada para mim.

– Só para você saber – eu disse, também sussurrando –, manter minhas mãos afastadas de você seria algo impossível agora.

– Quero prestar atenção.

Soltei um gemido; ela estava me matando.

– Que aluna obediente – eu disse, abaixando para beijar a junção do ombro com o pescoço. – Mas de jeito nenhum eu vou ficar aqui parado sem olhar para esses peitos. Acho que você já percebeu que sou um pouco obcecado por eles.

Sua pele era macia e tinha um cheiro maravilhoso. Abri a boca e mordi gentilmente, testando. Ela ofegou e pressionou o corpo contra mim; foi a *melhor* reação possível. Minha mente foi inundada por imagens de suas unhas cravando nas minhas costas, minha boca aberta, pressionando com força e com fome seus seios.

– Me toque, Hanna.

Tomei o peso de um seio nas mãos, subi e apertei. *Putá merda, eu podia mordê-la por inteiro.*

Ela voltou a colocar as mãos na minha braguilha, mas apenas ficou por lá, imóvel.

– Você me mostra como é que se faz?

Foi provavelmente a coisa mais sexy que já ouvi uma mulher dizer. Talvez fosse o tom de sua voz, um pouco rouca, um pouco faminta. Talvez fosse saber o quanto ela é inteligente e o quanto essa tarefa era tão fora de sua zona de conforto, mas ela pediu para *eu* ajudar. Ou talvez fosse simplesmente porque eu estava louco por ela, e mostrar para Hanna como me dar prazer me fez sentir como se estivesse gritando para o universo: “Esta aqui pertence a mim”.

Movi suas mãos para a cintura do meu jeans, e juntos descemos a calça e a cueca pelos meus quadris, libertando meu pau entre nós.

Deixei que ela me observasse enquanto eu passava seus cabelos para trás do pescoço e me abaixava para beijar sua garganta.

– Seu sabor é incrível.

Eu estava tão duro que até sentia a pulsação em meu pau. Eu precisava de alívio para essa tensão.

– Merda, Hanna, agora me agarre.

– *Mostre* como, Will – ela implorou, correndo as duas mãos em minha barriga e depois abaixando-as, apenas raspando a ponta da minha ereção.

Tomei sua mão quente e a envolvi no meio meu do pênis. Depois a fiz subir e descer pela extensão, soltando um longo e intenso gemido.

Ela também gemeu, discreta – um som contido e excitado –, e eu quase gozei ali mesmo. Mas ao invés disso, fechei os olhos com força, abaixei de novo para beijar um caminho subindo pelo pescoço, e a guiei. Bem devagar. Fazia muito tempo desde que recebi uma punheta, e cem por cento das vezes eu preferia uma chupada ou sexo propriamente dito, mas isso, neste instante, era a coisa mais sexy que fiz em muitos anos.

Na verdade, era *a* coisa mais sexy.

Seus lábios estavam muito próximos. Eu podia sentir sua respiração, podia sentir a doçura do coquetel de ameixa que ela tomou.

– Você acha estranho eu tocar você desse jeito sem nem ter te beijado ainda? – ela sussurrou.

Neguei com a cabeça, olhando para onde seus dedos me envolviam. Engoli em seco, mal conseguindo pensar.

– Não existe certo nem errado aqui. Não existem regras.

Ela ergueu os olhos, saindo de minha boca até encontrar meu olhar.

– Você não precisa me beijar.

Fiz uma expressão de surpresa.

– Oh, Hanna. Sim, eu preciso.

Ela molhou os lábios.

– Se você quer mesmo.

Foi isso mesmo que eu quis dizer, mas ao mesmo tempo não era. De um modo geral, era estranho ter uma garota querendo me fazer gozar num quarto qualquer sem nem mesmo trocarmos uns beijos. Porém, mais do que isso, era estranho ficar com Hanna desse jeito tão honesto e íntimo e *não* beijar. Eu queria beijá-la fazia muito tempo.

Eu me abaixei de novo, ainda guiando sua mão para cima e para baixo, apenas aproveitando. Seus lábios estavam a alguns centímetros dos meus, soltando pequenos sons sempre que ela chegava até a ponta do meu pau e eu gemia. Estava bom demais para ser apenas uma punheta. Tudo isso, de repente, transformou-se em algo íntimo demais para apenas dois *amigos*.

Olhei para seus olhos, depois para a sua boca, antes de me acabar com aquele último centímetro e finalmente beijá-la.

Ela era tão doce e quente, nosso primeiro beijo foi surreal: apenas um toque dos meus lábios sobre os dela, como se eu pedisse: *Deixe-me fazer isso. Deixe-me fazer isso, e deixe-me ser gentil e cuidadoso com cada parte do seu corpo*. Eu a beijei algumas vezes, apenas com os lábios, com todo o cuidado para que ela soubesse que eu faria tudo no ritmo dela.

Quando abri minha boca o bastante para sugar seu lábio inferior, uma excitação correu meu corpo ao som de seu gemido contido. *Deus*, eu queria erguê-la, foder sua boca com minha língua e tomá-la contra a parede, com a festa acontecendo lá fora e meus olhos grudados em seu rosto, observando cada reação.

Quando afastou a cabeça, ela estudou minha boca, meus olhos, minha testa. Ela *me* estudou; eu não sabia se era uma fascinação geral com aquilo que estava aprendendo ou se era algo específico deste momento. Mas nada me arrancaria do meu transe. Nem fogos de artifício lá fora, nem um incêndio no corredor. Minha

necessidade de algum dia entrar nela – de possuí-la por inteiro – preencheu meu corpo todo e começou a pressionar dentro do meu peito.

– Me avise se não estiver bom, certo? – ela pediu, num tom de voz baixo.

Eu ri, praticamente sem fôlego.

– Ah, não se preocupe. Está bom demais, e você só está usando a mão.

Parecendo insegura, ela perguntou:

– As... outras não fazem isso?

Engoli em seco, odiando a menção de outras mulheres. Antes, eu quase queria que a presença delas fosse sentida, como uma lembrança para as partes envolvidas sobre o que poderia ou não acontecer num momento como este. Mas com Hanna, eu queria apagar aquelas sombras da existência.

– Shh.

– Quer dizer, você geralmente faz apenas sexo?

– Eu gosto do que nós estamos fazendo. Não quero mais nada agora. Por favor, apenas se concentre no pinto que você está segurando.

Ela riu, e eu estremei em sua mão, adorando o som de sua risada.

– Certo – ela sussurrou. – Acho que eu preciso começar do básico.

– Eu gosto de saber que você quer aprender como me tocar.

– Eu gosto de tocar você – ela murmurou contra minha boca.

Agora estávamos nos mexendo mais rápido; mostrei a força que ela podia usar, ensinando até onde apertar e dizendo que eu precisava que ela começasse a ir mais rápido e mais forte que pensava.

– Aperte – eu sussurrei. – Eu gosto que você aperte forte.

– Isso não machuca?

– Não, isso está me *matando*.

– Vou tentar – ela sussurrou de volta, gentilmente tirando meu braço com sua mão livre.

Isso me permitiu tocar seus seios, então me abaixei para chupar um mamilo, soprando de leve por cima.

Ela gemeu, desacelerando seu ritmo por um momento antes de acelerar de novo.

– Posso continuar fazendo isso até você gozar? – ela perguntou.

Eu ri silenciosamente em sua pele. Eu estava praticamente vibrando, lutando para não me perder a cada vez que sua mão deslizava para baixo e depois subia até a ponta do meu pau.

– Era isso mesmo que eu queria.

Chupeí seu pescoço, fechando os olhos e pensando se ela me deixaria marcá-la, para eu poder ver no dia seguinte. Para que todo mundo pudesse ver. O mundo inteiro parecia girar ao meu redor. Sua mão era fantástica, é claro, mas a

realidade de ser *ela* era absolutamente incrível para mim. O sabor e o cheiro de sua pele firme e macia, os sons de prazer que ela fazia apenas por estar me tocando, tudo isso era inebriante. Ela era uma criatura sexual, sensível e curiosa, e eu não sabia se alguma vez já fiquei mais excitado do que agora.

A familiar tensão se acumulou em minha barriga e comecei a estocar em sua mão.

– Hanna. Oh, merda, um pouco mais rápido, por favor.

As palavras pareciam tão mais íntimas dessa maneira: sussurradas em sua pele, com minha respiração acelerada.

Ela hesitou apenas por um segundo antes de reagir, acelerando cada vez mais, e eu estava muito próximo – constrangedoramente próximo –, mas não me importava nem um pouco. Seus longos dedos magros me agarravam com força, e ela me deixou chupar seu lábio inferior, seu queixo, seu pescoço. Eu sabia que ela teria um sabor incrível em *qualquer lugar*.

Eu queria mostrar a ela como era ser fodida de verdade.

Com esse pensamento, de agarrá-la e entrar dentro dela, fazendo-a gozar com meu corpo, eu me inclinei sobre ela, implorei para me morder, morder meu pescoço, meu ombro... *qualquer coisa*. Não me importava como soava; de algum jeito eu sabia que ela não iria recusar, nem fugir da realidade dessa confissão.

Sem hesitar, ela inclinou-se, abriu a boca em meu pescoço e pressionou os dentes em mim. Meus pensamentos se tornaram um borrão, tudo parecia quente e selvagem; por um momento, senti como se todas as sinapses do meu corpo tivessem queimado e se apagado. Sua mão deslizava em mim rapidamente, meu orgasmo represado não aguentou mais e eu gozei com um gemido silencioso, com o calor subindo por minhas costas e derramando em sua mão e sobre sua barriga nua.

Bem quando eu precisava, ela parou de mexer, mas não soltou. Eu podia sentir seus olhos colados onde sua mão me agarrava, e eu estremeci quando ela se mexeu para baixo novamente, como se estivesse experimentando.

– Não mais – eu disse ofegando, quase sem voz.

– Desculpe.

Ela deslizou o polegar da mão livre onde eu havia gozado em sua mão e esfregou sobre sua cintura, com olhos arregalados e fascinados. Ela respirava com tanta força que seu peito quase tremia com o movimento.

– Puta merda – eu disse soltando o ar dos pulmões.

– Isso foi...?

O quarto ficou preenchido com sua pergunta inacabada e minha respiração pesada. Senti um pouco de tontura, e desejei deitar no chão com ela e desmaiar.

- Isso foi incrivelmente irreal, Hanna.
- Adorei seu gemido quando você gozou.

O mundo caiu dentro de um abismo quando ela disse isso, porque aqui estou eu, amolecendo em sua mão, e tudo que eu queria era descobrir se isso tudo a deixou molhada.

Eu me inclinei em seu pescoço e perguntei contra sua pele macia:

- Agora é a minha vez?

Com um suspiro trêmulo, ela sussurrou:

- Sim, por favor.
- Você quer as minhas mãos? Ou prefere outra coisa?

Ela soltou uma risada nervosa.

– Acho que ainda não estou pronta para outra coisa... mas acho que as mãos também não funcionam comigo.

Eu me afastei apenas o suficiente para mostrar meu olhar mais cético, enquanto desabotoava o primeiro botão de sua calça, como se a desafiasse a me impedir.

E ela não impediu.

– Só acho que não sei se consigo gozar com dedos, tipo, lá dentro – ela esclareceu.

– Bom, é claro que não, apenas com dedos lá dentro. Seu clitóris não fica lá dentro – deslizei minha mão debaixo de sua calcinha de algodão e quase congelei com a sensação de sua pele macia e nua. – Humm, Hanna? Nunca pensei que você gostava de se depilar.

Ela tremeu um pouco, constrangida.

- Chloe estava falando sobre isso. Fiquei curiosa...

Deslizei um dedo entre seus lábios; *Deus do céu*, ela estava encharcada.

- Nossa – eu gemi.

– Gostei disso – ela admitiu, beijando meu pescoço. – Gostei da sensação.

- Você está brincando? Você é tão macia; quero lambe cada parte disso.

– *Will...*

– Eu cairia de boca em você em dois segundos se não estivéssemos no quarto de uma festa de república.

Ela tremeu com meu toque, soltando um gemido silencioso.

- Nem sei quantas vezes eu sonhei com isso.

Caralho. Senti meu pau endurecer de novo.

- Acho que você iria derreter igual açúcar na minha língua. O que acha disso?

Ela riu um pouco, apoiando-se nos meus ombros.

- Acho que estou derretendo agora mesmo.

– Acho que está mesmo. Acho que você vai derreter inteira na minha mão, e

eu vou lambar tudo depois. Você grita alto, minha pequena Ameixa? Você grita alto quando está gozando?

Um pequeno som sufocado escapou antes de sua resposta.

– Quando estou sozinha, eu sou bem silenciosa.

Merda. Era isso que eu queria ouvir. Eu poderia criar fantasias por uma década apenas pensando em Hanna, com as pernas abertas no sofá ou deitada na cama, tocando a si mesma.

– Quando você está sozinha, como você faz? Apenas toca o clitóris?

– Sim.

– Com um brinquedo ou...?

– Às vezes.

– Aposto que consigo fazer você gozar desse jeito – eu disse, deslizando cuidadosamente dois dedos dentro dela, sentindo seus músculos me apertarem. Raspei meu nariz contra o dela. – Diga. Você gosta dos meus dedos aqui? Fodendo você?

– Will... você é tão *safado*.

Eu ri, mordiscando seu queixo.

– Eu acho que você *gosta* de safadeza.

– Eu acho que gostaria da sua boca safada no meio das minhas pernas – ela disse suavemente.

Eu grunhi e comecei a mover minha mão cada vez mais rápido e mais forte nela.

– Você pensa sobre isso? – ela perguntou. – Pensa em me beijar ali?

– Sim, penso muito – admiti. – Penso nisso e fico imaginando todas as técnicas que posso usar.

Tão molhada. Ela estava tremendo inteira em minha mão, soltando pequenos sons desesperados que me faziam querer devorá-la. Tirei os dedos, ignorando sua reclamação, e tracei uma linha molhada subindo por seu queixo até os lábios, seguindo quase imediatamente com minha língua e cobrindo sua boca com a minha.

Caralho.

Seu sabor era todo feminino, suave e inebriante, e sua língua ainda estava açucarada por causa do coquetel. Era um sabor de ameixa madura, macia, pequenina em minha boca. Eu me senti como um maldito rei quando ela implorou para eu continuar, soltando um pequeno som de surpresa quando disse que estava quase gozando.

Voltando a ela, arranquei com força sua calça e sua calcinha. Agora ela estava completamente nua, e meus braços tremiam com a necessidade de deslizar para dentro de sua maciez e de seu calor.

Ela agarrou meu braço e levou minha mão de volta para o meio de suas penas.

– Mas que garota faminta.

Seus olhos se arregalaram com constrangimento.

– Eu apenas...

– Shh – eu a calei com minha boca, chupando seus lábios e lambendo sua doce língua. Então, sussurrei: – Eu gosto disso. Quero fazer você explodir.

– Eu vou mesmo – ela tremeu novamente em minha mão quando deslizei meus dedos entre suas pernas e por cima do clitóris. – Nunca senti isso.

– Tão molhada.

Sua boca se abriu num grito silencioso quando enfiei os dedos novamente. Ela encarava meus lábios, meus olhos, cada reação minha. Eu adorava ela ser tão curiosa que não conseguia nem desviar os olhos.

– Quero um favor seu – eu pedi. Ela assentiu. – Quando estiver para gozar, me diga. Eu vou saber, mas quero ouvir as palavras.

– Sim – ela disse, ofegando. – Eu falo, eu vou... por favor.

– Por favor o quê, minha pequena Ameixa?

– Por favor, não pare.

Enfiei mais fundo, mais rápido, pressionando o polegar contra seu clitóris em círculos cada vez menores. *Sim, caralho, ela está tão perto.*

Eu estava ereto novamente, esfregando meu pau em sua barriga nua onde eu já tinha me derramado um minuto atrás, e agora estava quase chegando lá mais uma vez.

– Agarre meu pau. Apenas segure. Você está tão molhada, e seus gemidos, eu...

E então, ela obedeceu, segurando meu pau com tanta força que eu consegui foder seu punho cerrado, e todos os meus pensamentos foram sequestrados pela sensação macia de sua pele em meus dedos, e o sabor de ameixa dos lábios e língua, e os dedos apertando com força.

Ela começou a se dissolver, com o corpo se desmanchando na minha frente. Ela ofegava discretamente, dizendo a mesma coisa de novo e de novo – “Ah, meu Deus” –, e eu estava pensando a mesma coisa.

– Diga.

– Eu vou... – ela hesitou, apertando meu pau ainda mais enquanto eu a fodia de volta.

– *Diga!*

– Will. Meu Deus – suas coxas começaram a tremer, e eu envolvi sua cintura com meu braço livre para não deixá-la cair. – Vou gozar.

E com um violento movimento dos quadris, ela gozou, tremendo e molhada, o orgasmo enviando ondas através dos meus dedos enquanto ela gritava, cravando

as unhas nos meus ombros. Era exatamente o que eu precisava, *como ela sabia disso?* Com um grunhido profundo, senti meu segundo orgasmo explodir, quente e líquido, em sua mão.

Merda. Minhas pernas fraquejaram, e eu me inclinei sobre ela, pressionando-a contra a parede.

Fizemos muito barulho. Barulho demais? Estávamos no final do corredor, separados da festa por vários quartos, mas eu ainda não tinha noção de que existia um mundo exterior, pois o meu mundo havia se desfeito nos braços de Hanna.

Sua respiração saía quente e adocicada em meu pescoço, e eu cuidadosamente retirei meus dedos, passando levemente a mão em seu sexo macio, aproveitando mais alguns momentos de sua pele sensível e convidativa.

– Foi bom? – murmurei em seu ouvido.

– Sim – ela sussurrou, envolvendo os braços em meus ombros e pressionando o rosto em meu pescoço. – *Deus*, foi muito bom.

Deixei minha mão onde estava, com minha mente ainda em marcha lenta enquanto eu gentilmente corria meus dedos em seu clitóris, passando de volta por sua entrada e sentindo todas as curvas. Possivelmente, esta foi a melhor primeira vez que tive com uma mulher.

E tudo aconteceu apenas com nossas mãos.

– Provavelmente é melhor a gente voltar para a festa – ela disse, com a voz abafada em minha pele.

Relutantemente, eu retirei minha mão, e imediatamente estremeci quando ela acendeu a luz. Enquanto eu vestia minha calça, fiquei olhando para ela, que ainda estava completamente nua no meio do quarto.

Meu Deus. Seu corpo estava em forma e saudável, com seios fartos e uma gentil curva nos quadris. A pele ainda brilhava por causa do sexo. Não pude deixar de reparar o rubor que se espalhou em seu rosto quando eu olhei para sua barriga molhada com meu orgasmo.

– Não fique olhando – ela disse, abaixando-se para pegar uma caixa de lenços de papel. Hanna olhou para sua barriga, limpou-se e depois jogou o lenço numa lata de lixo.

Fechei meu cinto e então sentei na ponta da cama, observando enquanto ela se vestia. Ela era incrivelmente sexy, mas nem sabia disso.

O quarto cheirava a sexo, e eu sabia que ela podia sentir minha atenção, mas nem por isso se apressou. Na verdade, ela parecia perfeitamente contente em me deixar olhá-la de cada ângulo, cada curva, enquanto subia a calcinha pelas pernas, entrava na calça apertada, vestia o sutiã, abotoava vagarosamente a camisa.

Olhando para mim, ela lambeu os lábios e meu coração acelerou quando registrei que ela podia sentir o próprio sabor. Fiquei pensando que eu mesmo iria me lembrar daquele gosto pelo resto dos meus dias.

– E agora? – eu perguntei, levantando da cama.

– Agora... – ela buscou meu braço, tracejando a dupla hélice do meu cotovelo até o pulso. – Nós voltamos para a festa e tomamos outro drinque.

Meu sangue esfriou um pouco ao ouvir sua voz voltar ao normal. Não estava mais ofegante e excitada, hesitante e esperançosa. Ela voltou ao seu modo atrapalhado de sempre, a mesma Hanna que todo mundo enxergava. Não era mais a minha Hanna.

– Então tá.

Ela olhou para meu rosto por vários segundos, nos meus olhos, boca e queixo.

– Obrigada por não deixar ficar estranho.

– Você está brincando? – eu me abaixei e beijei seu rosto. – O que poderia ser estranho nisso?

– Acabamos de tocar as partes privadas um do outro – ela sussurrou.

Eu ri, arrumando o colarinho de sua camisa.

– Isso eu percebi.

– Acho que eu gostaria de tentar essa coisa de ter uma amizade colorida. Parece tão fácil, tão relaxado. Vamos simplesmente voltar para lá – ela disse, sorrindo abertamente para mim. E com uma piscadela, acrescentou: – E apenas nós dois vamos saber que você gozou na minha barriga e eu gozei na sua mão.

Ela girou a maçaneta, abriu a porta e deixou os sons da festa entrarem no quarto. Ninguém poderia ter nos escutado. Nós poderíamos fingir que nada aconteceu.



Já fiz isso antes, dezenas de vezes. Fiquei com uma mulher e depois voltei para uma festa, entrando na multidão e me perdendo em outro tipo de diversão. Mas apesar do grupo genuinamente divertido de pessoas, eu não conseguia parar de seguir Hanna com meu olhar para saber onde ela estava e o que estava fazendo. Primeiro foi na sala de estar, falando com um cara asiático e alto que eu lembrava ser o Dylan. Depois, entrou pelo corredor, acenando para mim antes de entrar no banheiro. Então, foi tomar água na cozinha. Agora, olhava para mim do outro lado da sala.

Dylan encontrou Hanna novamente, sorriu ao se abaixar e disse algo em seu ouvido. Ele tinha um sorriso largo, roupas que sugeriam que tinha uma vida fora da faculdade, e também parecia realmente gostar dela. Observei o sorriso dela

aumentar, e depois se tornar um pouco hesitante. Ela o abraçou e ficou olhando enquanto ele entrava na cozinha. Eu não sabia o que estava acontecendo, apenas adorava vê-la se divertindo com os amigos. Mas o desejo de algo mais começou a se espalhar em minha pele, e depois de duas horas de festa pós-sexo manual, eu percebi que queria levá-la para casa, onde poderíamos sentir um ao outro de verdade pelo resto da noite.

Tirei meu celular do bolso e escrevi uma mensagem para ela.

Vamos sair daqui. Venha para minha casa e fique comigo esta noite.

Movi meu polegar para o botão “Enviar”, antes de notar que ela também estava escrevendo algo em nossa janela do iMessage. Então apenas esperei.

O Dylan acabou de me chamar para sair.

Fiquei olhando para meu celular antes de levantar a cabeça para encontrar seus olhos ansiosos do outro lado da sala.

Apaguei o que escrevi e pensei em outra mensagem.

O que você disse para ele?

Seu celular vibrou e ela abaixou o olhar, então respondeu.

Eu disse que responderia na segunda-feira.

Ela estava pedindo orientação, talvez até pedindo permissão. Apenas algumas semanas atrás, eu estava transando regularmente com duas ou três mulheres diferentes por semana. Agora eu não tinha ideia de onde minha cabeça estava em relação a Hanna; meus pensamentos estavam bagunçados demais para que eu pudesse ajudá-la a traduzir as próprias emoções.

Meu celular vibrou novamente, e eu olhei para baixo.

Isso é estranho demais, depois do que fizemos?? Não sei o que fazer, Will.

É disso que ela precisa, eu disse a mim mesmo. *Amigos, encontros, uma vida fora da faculdade. Você não pode ser a única coisa nessa equação.*

Pela primeira vez em minha vida eu estava buscando algo complicado, enquanto ela queria algo simples.

Não é estranho. Assim é o mundo dos encontros.

Sete

Bem debaixo da minha janela, havia um maldito gato no cio. Os sons – os miados, a choradeira, os gemidos – começaram há uma hora e apenas pioraram desde então, até que o gato sexualmente frustrado chegasse a praticamente arranhar a janela do meu quarto.

E eu sabia exatamente como ele se sentia.

Com um lamento, eu me revirei na cama, procurando um travesseiro para abafar o som. Ou usar para me sufocar e acabar com essa miséria. Já fazia três horas que tinha voltado do meu encontro com Dylan, e não consegui dormir nem um minuto.

Eu estava acabada, revirando na cama desde que cheguei, encarando o teto como se o segredo para todos os meus problemas estivesse escondido em algum lugar no meio do reboco. Por que tudo tinha que ser tão complicado? Não era isso que eu queria? Encontros? Uma vida social? Ter orgasmos na companhia de outra pessoa?

Então, qual era o problema?

A maneira como Dylan acionava a vibração *apenas-amigos* era o problema. O fato de que fomos a um dos meus restaurantes favoritos e eu fiquei com a cabeça completamente em outro lugar, pensando sobre Will quando deveria estar suspirando por Dylan, era outro grande problema. Eu não estava pensando no sorriso de Dylan quando ele foi me buscar, ou na maneira como ele abriu a porta para mim ou em seu adorável olhar durante todo o jantar. Em vez disso, eu estava obcecada com o sorriso provocador de Will, a expressão em seu rosto quando ele me viu tocar seu pau, os sons que fez quando gozou, e como eu fiquei toda coberta depois.

Irritada, deitei de costas e chutei o cobertor. Estávamos em março, choveu o dia todo e eu estava *suando*. Eram duas horas da madrugada, e eu estava completamente acordada e frustrada. *Realmente* frustrada.

A parte mais difícil de digerir era o jeito como Will foi doce comigo na festa, o quanto foi gentil e carinhoso, e como eu tinha certeza de que aquilo tudo acabaria facilmente em sexo. Ele era encorajador, dizendo tudo que eu precisava ouvir, mas nunca pressionando, nunca pedindo mais do que eu estava disposta a

dar. E, nossa, ele era gostoso... aquelas mãos. Aquela boca. A maneira como chupava minha pele, beijando como se estivesse há muito tempo sem transar. Eu queria que ele me comesse, provavelmente mais do que qualquer coisa que já desejei, e era o mais lógico próximo passo do mundo: estávamos os dois juntos, estava escuro, ele estava excitado e Deus sabe que eu estava prestes a explodir, havia uma cama... mas não parecia correto. *Eu* não me sentia pronta.

E ele não fez pressão. Na verdade, quando eu esperava que fosse ficar estranho, não ficou. Ele era a única pessoa com quem eu queria falar sobre Dylan: e ele me encorajou. Dentro do táxi, na viagem de volta para casa, ele me disse que eu precisava sair e me divertir. Disse que não iria a lugar algum, e o que fizemos foi perfeito. Disse para eu explorar e ser feliz. *Deus*, isso me fez gostar ainda mais dele.

Admitindo que meu sono era uma batalha perdida, eu me levantei e fui até a cozinha. Olhei dentro da geladeira, fechando os olhos quando o ar frio atingiu minha pele aquecida. Eu estava molhada entre as pernas, e apesar de terem se passado seis dias desde que Will me tocou, eu ainda sentia o *desejo*. Ainda podia sentir o eco de cada movimento de seus dedos.

Andei até a sala de estar e olhei pela janela. O céu estava escuro, mas com um tom acinzentado, e os telhados cintilavam com a geada que caía. contei as luzes dos postes da rua e calculei quantos havia entre a minha casa e a dele. Fiquei imaginando se havia alguma chance de ele também estar acordado, sentindo ao menos uma fração daquilo que eu sentia agora.

Meus dedos encontraram a pulsação em meu pescoço, e eu fechei os olhos, sentindo a batida constante debaixo da minha pele. Eu disse a mim mesma que deveria voltar para a cama. Talvez agora fosse uma boa oportunidade para experimentar o conhaque que o meu pai sempre guardava na sala. Eu disse a mim mesma que ligar para Will era uma péssima ideia e que nada de bom poderia sair disso. Sempre fui uma pessoa racional e lógica que nunca agia por impulso.

Eu estava tão cansada de pensar.

Ignorando os alarmes em minha mente, peguei minhas coisas, saí lá fora e comecei a andar. A neve que caiu durante o dia formava uma grossa camada por cima da calçada. Minhas botas faziam barulho a cada passo, misturando-se com a bagunça que povoava minha cabeça.

Quando percebi, eu já estava em frente ao prédio de Will. Nem me lembro de andar tanto.

Minhas mãos tremiam quando peguei meu celular e digitei a única coisa que consegui pensar: Você está acordado?

Quase deixei o celular cair quando uma resposta apareceu apenas alguns

segundos depois: Infelizmente.

Me deixa entrar?

Honestamente, será que eu queria que ele dissesse sim? Ou será que era melhor ele me mandar de volta para casa? A essa altura, eu nem sabia direito.

Onde você está?

Eu hesitei.

Em frente ao seu prédio.

O QUÊ? Estou descendo.

Mal tive tempo de considerar o que estava fazendo – olhei para o caminho que eu havia percorrido até aqui e fiquei sem saber o que pensar. De repente, a porta se abriu e Will apareceu.

– Caramba, está muito frio! – ele gritou, e então olhou para a calçada vazia atrás de mim. – Meu Deus, Hanna, pelo menos você veio de táxi?

Tremendo, eu admiti.

– Vim andando.

– *Às três da manhã?* Você está maluca?

– Eu sei, eu sei. É que...

Ele balançou a cabeça e me puxou para dentro.

– Entre aqui. Você é maluca, sabia? Quero estrangular você agora. Você não pode andar por essa parte de Manhattan sozinha às três da manhã, Hanna.

Meu estômago se aqueceu quando o ouvi dizer meu nome, e fiquei pensando em maneiras de fazê-lo dizer novamente, talvez de um jeito mais desesperado. Mas Will me lançou um olhar de aviso, e eu assenti enquanto ele me guiava até o elevador. As portas se fecharam, e ele ficou me encarando na parede oposta.

– Então, você chegou agora do seu encontro? – ele perguntou, com um visual todo sonolento e sexy que era demais para meu estado de espírito. – Na sua última mensagem, você estava entrando no táxi para ir encontrá-lo no restaurante.

Balancei minha cabeça e pisquei olhando para o tapete, tentando entender o que exatamente eu estava pensando quando decidi vir até aqui. Acontece que eu não estava pensando, esse era o problema.

– Cheguei lá pelas nove horas.

– *Nove?* – ele perguntou, parecendo não estar nem um pouco impressionado.

– Pois é.

– E?

Seu tom de voz era neutro, seu rosto estava impassível, mas a velocidade de suas perguntas me disse que ele estava irritado com alguma coisa.

Passei o peso do meu corpo de pé em pé, sem saber exatamente o que dizer. O encontro não foi um completo desastre – longe disso, na verdade. Dylan foi amável e interessante, mas eu estava totalmente com a cabeça na lua.

Fui salva de precisar responder quando o elevador chegou ao seu andar. Eu o segui pelo corredor, observando suas costas e ombros se flexionarem a cada passo. Ele vestia uma calça de pijama azul, e era possível ver o desenho de algumas de suas tatuagens debaixo do tecido fino de sua camiseta branca. Tive que me controlar para não tracejar aquelas linhas com meu dedo e arrancar sua camiseta para vê-las por inteiro. Obviamente havia mais tatuagens do que naqueles anos atrás, mas o que significavam? Que histórias se escondiam debaixo da tinta em sua pele?

– Então, você vai me contar? – ele perguntou.

Paramos em frente à sua porta, e meus olhos encontraram os dele.

– Contar o quê? – eu perguntei, confusa.

– Sobre o encontro, Hanna.

– Ah – desviei os olhos tentando organizar o caos em minha mente. – Saímos para jantar e bla, bla, bla, peguei um táxi e voltei para casa. Você tem certeza de que eu não te acordei?

Ele soltou um longo e profundo suspiro, gesticulando para eu entrar.

– Infelizmente, não – depois de me seguir para dentro, ele me jogou um cobertor que estava no sofá. – Ainda não consegui dormir.

Eu queria prestar atenção, mas de repente me vi cercada por várias peças da vida de Will. Seu apartamento ficava num dos prédios mais recentes da vizinhança – era moderno, mas modesto. Ele apertou um interruptor e uma pequena lareira se acendeu, jogando uma iluminação alaranjada pelas paredes da sala.

– Se esquite um pouco enquanto eu preparo algo para você beber – ele disse, mostrando o tapete em frente à lareira. – E conte mais sobre esse encontro que terminou às nove horas.

Era possível ver a cozinha da sala de estar, e fiquei observando-o abrir e fechar armários, encher uma chaleira antiga e acender o fogo. Seu apartamento era menor do que eu imaginava, com chão de madeira e estantes lotadas de livros. Dois sofás de couro dominavam a sala de estar e quadros de molduras simples preenchiam as paredes. Havia revistas numa cesta no chão, uma pilha de correspondências em cima da lareira e um jarro de vidro cheio de tampinhas de garrafa sobre uma prateleira.

Tentei me concentrar apenas em uma coisa, mas tudo parecia tão interessante, como se fossem pequenas peças do quebra-cabeça de seu passado.

– Não tenho muito para contar – eu disse, distraída.

– Hanna.

Soltei um gemido, tirei meu casaco e o dobrei em cima do encosto de uma cadeira.

– Minha cabeça estava fora do ar, sabe? – eu disse, parando ao ver a expressão em seu rosto. Seus olhos estavam arregalados, a boca aberta e seu olhar se movia lentamente sobre meu corpo. – O que foi?

– O que você está ves... – Will limpou a garganta. – Você andou até aqui vestindo *isso*?

Olhei para mim mesma e, se é que isso era possível, fiquei ainda mais horrorizada do que já estava. Antes de ir para a cama eu usava apenas shorts e camiseta regata e, quando saí, só coloquei uma calça de pijama, minhas botas peludas e o casaco gigante de Jensen. Minha camiseta não deixava nada para a imaginação e meus mamilos estavam eretos, completamente visíveis debaixo do tecido fino.

– Ah. Ops – e cruzei os braços sobre meu peito, tentando esconder o fato de que estava muito, *muito* frio lá fora. – Eu provavelmente deveria ter prestado mais atenção, mas acontece que... eu só queria ver você. Isso é estranho? É estranho, não é? Provavelmente estou quebrando umas doze regras agora.

Ele piscou.

– Eu... humm... acho que temos uma cláusula em algum lugar que aceita uma roupa dessas como justificativa para qualquer coisa – ele disse, conseguindo tirar os olhos dos meus seios tempo suficiente para terminar o que estava fazendo na cozinha. Senti uma estranha sensação de poder quando percebi o quanto ele ficou desconcertado, e tentei não parecer muito convencida quando ele voltou para a sala carregando duas canecas fumegantes. – Quer conversar sobre isso?

Sentei no chão em frente à lareira, com as pernas esticadas à minha frente.

– Eu tinha outras coisas em mente.

– Tipo?

– Tiiiiiipo... – eu disse, arrastando a palavra tempo suficiente para decidir se realmente queria entrar no assunto. – Decidi que sim. Tipo a festa.

Um momento de longo e pesado silêncio se estendeu entre nós.

– Sei.

– Pois é.

– Bom, caso você não tenha notado – ele disse, olhando para mim –, eu não estava exatamente dormindo aqui.

Assenti e me virei para o fogo, sem saber como proceder.

– Sempre fui capaz de controlar meus pensamentos, sabe? Se é hora de estudar, então eu estudo. Se é hora de trabalhar, então me concentro no trabalho. Mas, ultimamente – eu disse, balançando a cabeça –, minha concentração está uma porcaria.

Ele riu baixinho ao meu lado.

– Sei exatamente como você se sente.

– Não consigo me concentrar.

– U-humm.

Ele coçou a nuca, olhando para mim por trás daqueles grossos cílios negros.

– Não estou dormindo bem.

– Idem.

– Estou tão ansiosa que não consigo parar quieta – admiti.

Ouvi o som de seu longo e comedido suspiro, e apenas então percebi o quanto tínhamos nos tornado próximos. Levantei o rosto e o flagrei olhando para mim. Seus olhos percorriam cada centímetro do meu rosto, e fiquei imaginando o que ele enxergava, o que se passava em sua mente.

– Não sei... se já fiquei tão distraído assim por causa de uma mulher – ele disse.

Eu estava *tão perto*, perto o bastante para enxergar cada um de seus cílios debaixo da luz da lareira, perto o bastante para enxergar as pintinhas espalhadas acima do seu nariz. Sem pensar, eu me inclinei, raspando meus lábios nos dele. Seus olhos se arregalaram, e ele ficou tenso, congelado por um instante antes de relaxar os ombros.

– Eu não deveria querer isso – ele disse. – Não tenho ideia do que estamos fazendo.

Não estávamos nos beijando, não de verdade, estávamos apenas provocando e respirando o mesmo ar. Eu podia sentir o cheiro de seu sabonete e o aroma da pasta de dente. Podia ver meu próprio reflexo em sua pupila. E então, ele intensificou as carícias, mais forte, mais longo, e eu tive que agarrar sua camiseta para não perder o equilíbrio.

Ele inclinou a cabeça e fechou os olhos, aproximando-se o suficiente para me beijar uma vez, com os lábios separados.

– Diga para eu parar, Hanna.

Eu não podia. Em vez disso, envolvi seu pescoço com meus braços e o trouxe para mais perto. Ele abriu a boca, chupando meu lábio inferior, minha língua. Um calor surgiu em minha barriga e senti como se fosse dissolver, derreter, até eu não ser mais nada além de um coração acelerado e membros que se retorciam junto aos membros dele, puxando nós dois para o lado até cairmos de vez no chão.

Senti o formato de sua ereção raspar contra minha cintura e imaginei por quanto tempo ele estava assim, se estava pensando nisso tanto quanto eu. Eu queria tocá-lo e observá-lo gozar como na festa, como ele fazia em minhas fantasias sempre que eu fechava os olhos.

Passei minha mão debaixo de sua camiseta e senti os músculos fortes de suas costas e de seus braços enquanto ele nos virava e ficava por cima de mim. Eu disse seu nome, odiando a maneira como minha voz parecia fraca e diferente, mas havia algo diferente agora, algo selvagem e desesperado, e eu queria mais.

– Eu sempre ficava imaginando isto – admiti, sem saber de onde vinham as palavras. Ele deitou seu corpo sobre mim, acomodando os quadris entre minhas pernas abertas. – Quando você ficava conversando com meu irmão na sala de estar. Quando tirava a camiseta lá fora para lavar o carro.

Ele gemeu, passando a mão em meus cabelos, usando o polegar para acariciar meu rosto.

– Não me fale essas coisas.

Mas era só isso que eu conseguia pensar no momento: as lembranças que eu tinha dele naquela época, comparadas com a realidade dele *agora*. Perdi a conta do número de vezes que imaginei como ele seria sem roupa, os sons que faria quando estivesse dentro de mim. E aqui estava ele, pesado sobre mim, ereto entre minhas pernas. Eu queria catalogar cada tatuagem, cada linha de seus músculos, cada centímetro de seu queixo quadrado.

– Eu costumava ficar observando você da janela do meu quarto – eu disse, ofegando quando ele se ajeitou e sua ereção pressionou exatamente contra meu clitóris. – Deus, quando eu tinha dezesseis anos, você era a estrela de todos os meus sonhos eróticos.

Ele se afastou apenas o suficiente para me olhar nos olhos, claramente surpreso.

Engoli em seco.

– Eu não deveria ter contado isso?

– Eu... – ele começou a falar e lambeu os lábios. – Não sei – Will parecia confuso e atordoado. Eu não conseguia tirar os olhos de seus lábios. – Sei que não deveria achar isso sexy, mas, caramba, Hanna. Se eu gozar na minha calça você será a única culpada.

Eu conseguia fazer isso? Suas palavras agiram como uma centelha em meu peito, e eu quis contar tudo a ele.

– Eu me tocava debaixo do cobertor – admiti num sussurro. – Às vezes eu podia ouvir você conversando... e então eu ficava fantasiando... e imaginando como seria se você estivesse comigo. Eu gozava e fingia que era você.

Ele praguejou, abaixando-se novamente para me beijar, mais forte e mais

intenso, arrastando os dentes em meu lábio inferior.

– O que eu dizia?

– Como eu era gostosa e o quanto você me queria – murmurei. – Eu não era muito criativa na época, e tenho quase certeza de que você tem uma boca bem mais suja do que aquilo.

Ele riu, o som saindo tão grave e repentino que era como uma pressão física sobre meu pescoço onde ele respirava.

– Então, vamos fingir que você tem dezesseis anos – ele disse, movendo a boca por cima da minha, com a voz saindo um pouco hesitante. – Mostre como seria.

Eu não sabia direito o que responder, pois queria tanto isso, imaginei por tanto tempo como seria tê-lo nu em cima de mim, dentro de mim. Passei minha mão em seus cabelos e puxei-os com força, ouvindo sua respiração enquanto ele embalava contra mim, cada vez mais rápido.

– Droga, Hanna – ele disse, puxando minha camiseta acima do meu peito. Ele agarrou um seio, apertou e tomou o mamilo em sua boca. O ar escapou dos meus pulmões, e meus quadris se arquearam, buscando, desejando. Arranhei sua pele, ouvindo-o praguejar contra minha pele a cada deslizar das minhas unhas.

– Isso – ele disse. – Não para.

Sua boca seguia suas mãos por toda parte e eu fechei os olhos, sentindo o calor de sua língua que se movia sobre mim. Ele beijou meus lábios, minha garganta. O desejo entre minhas pernas aumentou, e eu podia sentir o quanto eu estava molhada, o quanto eu me sentia vazia, querendo muito sua boca em mim, seus dedos lá dentro. Seu pau.

– Muito perto – eu ofeguei, surpresa ao vê-lo olhando para mim, com a boca aberta e o cabelo caindo sobre sua testa.

Seus olhos se arregalaram, ardendo de excitação.

– Está? Então, gosta assim?

Confirmei, sentindo o resto do mundo desaparecer enquanto a sensação entre minhas pernas crescia, tornando-se mais quente, mais urgente. Eu queria cravar minhas unhas em minha pele e implorar para ele tirar minhas roupas, para me foder e me fazer continuar implorando.

– Não acredito que estamos nos beijando no chão da minha sala. Isso deve ser a coisa mais sexy que já fiz na vida – ele disse, mexendo os quadris contra mim, fazendo a perfeita combinação de pressão e calor exatamente onde eu precisava.

– Parece ser um tema recorrente quando estou com você.

Soltei um gemido e agarrei sua camiseta quando senti um orgasmo iminente que subia por minhas costas até explodir em meu peito. Dei um grito, dizendo seu nome e sentindo-o acelerar os movimentos. Seus dedos pressionavam com

força minha cintura enquanto ele estocava uma, duas vezes, gemendo em meu pescoço até finalmente gozar também.

Meus membros foram acordando de sua dormência um a um. Eu me sentia pesada e acabada, tão exausta que mal conseguia manter os olhos abertos. Will desabou ao meu lado, soltando sua respiração quente em meu pescoço, com sua pele úmida de suor aquecida pelo fogo da lareira.

Ele se apoiou nos cotovelos e olhou para mim, com o rosto sonolento e uma expressão doce e um pouco tímida.

– Oi – ele disse, mostrando seu sorriso característico.

Soprei as mechas de cabelo em minha testa e sorri de volta.

– Oi.

– Eu... humm – ele começou, e depois riu. – Não quero apressar nada, mas, tipo... preciso ir me limpar.

O absurdo de toda a situação surgiu do nada, e eu comecei a rir. Estávamos deitados em seu chão, acho que um dos meus sapatos estava debaixo das minhas costas e ele tinha gozado na calça.

– Ei – ele disse. – Não ria. Eu disse que a culpa seria toda sua.

Senti uma repentina sede e então lambi meus lábios.

– Então vai logo – eu disse, dando um tapinha em suas costas.

Ele me beijou suavemente, duas vezes nos lábios, antes de se levantar e ir até o banheiro. Fiquei no chão por um momento, sentindo o suor secar em minha pele e meu coração voltar a bater normalmente. Eu me sentia ao mesmo tempo bem e mal.

Will voltou para a sala vestindo um pijama diferente, cheirando a sabonete e pasta de dente.

– Chamei um táxi – eu disse, jogando um olhar do tipo *não se preocupe*. Seu rosto de repente mostrou uma decepção imensa – mas aconteceu tão rápido que eu não sabia se podia acreditar em meus olhos.

– Bom – ele murmurou, andando até mim e me entregando minha blusa –, acho que agora vou conseguir dormir.

– Precisava apenas do orgasmo – eu disse, sorrindo.

– Na verdade – ele disse, com a voz grave –, isso não estava funcionando até você chegar...

Putá merda. Essa imagem de Will se tocando iria ficar grudada na minha cabeça para o resto da noite. Acho que nunca mais vou conseguir dormir.

Ele me acompanhou até o saguão, beijou minha testa e ficou olhando enquanto eu saía na rua e entrava no táxi.

Meu celular se acendeu com uma mensagem dele.

Me avise quando você chegar em casa.

Eu morava a apenas alguns quarteirões de distância do seu prédio; cheguei em casa em questão de minutos. Subi na cama e abracei meu travesseiro.

Já cheguei, sã e salva.

Oito

Como eu vivia muito perto da Universidade Columbia, a promessa de multidões sempre foi uma realidade, mas, misteriosamente, o Dunkin' Donuts perto do meu prédio sempre parecia mais cheio nas quintas-feiras. Mas mesmo num dia menos agitado, eu provavelmente não teria reconhecido Dylan esperando na fila, bem à minha frente.

Quando ele se virou, então, arregalando os olhos ao me reconhecer e soltando um amistoso: “Ei! Você é o Will, não é?”, eu levei um susto.

Hesitei por um segundo, completamente despreparado para esse encontro. Apenas duas noites atrás eu estava pensando em levar as coisas com Hanna para outro nível, quando ela apareceu de repente no meu apartamento no meio da noite e nós acabamos transando – e gozamos sem tirar a roupa. A lembrança dessa noite se tornou um dos meus passatempos preferidos: praticamente em cada momento silencioso que eu tinha eu revivia aqueles momentos, fantasiando sobre outras possibilidades, outros caminhos, outras conclusões. Fazia anos que eu não transava de roupa, mas, caramba, quase me esqueci do quanto isso podia ser excitante e proibido.

Mas a visão desse garoto na minha frente – o cara com quem Hanna estava *saindo* – foi como um balde de água gelada na minha cabeça.

Dylan parecia como qualquer outro estudante universitário do lugar: vestido de maneira que você não sabia se ele tinha acabado de sair da cama ou se era um mendigo mesmo.

– É, sou eu – eu disse, estendendo a mão para cumprimentá-lo. – Oi, Dylan. Como é que vai?

Demos um passo para frente quando a fila andou, e o constrangimento foi lentamente tomando conta da situação. Eu não tinha percebido na festa o quanto ele parecia jovem: ele tinha aquele jeito de quem está sempre animado com alguma coisa. Ele balançava muito a cabeça e olhava para mim como se estivesse falando com um superior.

Olhando entre nós, percebi o contraste entre as duas maneiras de se vestir: de repente eu me senti tão formal no meu terno. Desde quando eu era o cara que veste ternos? Desde quando eu era o cara que não tinha paciência para

estudantes idiotas de vinte anos? Provavelmente, desde o dia em que Hanna tocou uma para mim numa república tosca e acabou sendo o melhor sexo da minha vida.

– Você se divertiu no Denny?

Fiquei olhando para ele por um longo momento, tentando lembrar quando foi a última vez que estive num restaurante Denny's.

– Eu...

– A festa, não o restaurante – ele completou, rindo. – Aquele apartamento era de um cara chamado Denny.

– Ah, certo. A festa.

Eu imediatamente me lembrei do rosto de Hanna enquanto eu deslizava meus dedos por baixo de sua calcinha e entre sua pele molhada. Eu me lembrava com perfeita clareza de sua expressão quando estava prestes a gozar, parecendo como se eu tivesse feito algo mágico, como se ela estivesse descobrindo uma sensação pela primeira vez.

– É, a festa foi legal.

Ele começou a mexer no celular enquanto olhava para mim, e parecia que estava se preparando para dizer algo.

– Sabe – ele disse, chegando mais perto –, essa é a primeira vez que eu conversei com alguém que, tipo, está saindo com a mesma garota que eu estou saindo. Isso é meio estranho, você não acha?

Eu segurei uma risada. Bom, ele certamente tinha a mesma cara de pau de Hanna.

– O que faz você pensar que eu estou saindo com ela?

Dylan imediatamente ficou branco.

– Eu achei que... tipo, na festa parecia...

Eu mostrei um sorriso torto e me aproximei antes de dizer:

– E mesmo assim você convidou ela para sair?

Ele riu como se também não acreditasse na própria audácia.

– Eu estava tão bêbado que nem pensei no que estava fazendo.

Eu quis dar um soco nele. E então percebi que eu era o maior hipócrita do mundo. Eu não tinha absolutamente nenhum direito de me sentir indignado sobre nada daquilo.

– Tudo bem – eu disse, tentando me acalmar.

Nunca estive deste lado da conversa antes, e por um instante imaginei se as minhas amantes já trombaram entre si em lugares como este. Isso seria constrangedor. Tentei imaginar o que Kitty ou Lara – que estão sempre alegres – e Natalia ou Kristy – que estão sempre ranzinhas – fariam se estivessem numa situação como esta.

Dando de ombros, eu disse a ele:

– Hanna e eu temos muita história juntos. Só isso.

Ele riu, assentindo como se isso respondesse todas as suas questões implícitas.

– Ela disse que apenas quer continuar saindo por enquanto. Eu entendo isso. Ela é uma garota muito divertida, faz tempo que eu queria chamá-la para sair, então eu aceito qualquer coisa que vier, entende?

Eu olhei para a garota no caixa, implorando silenciosamente para que a maldita fila andasse depressa. Infelizmente, eu sabia exatamente o que ele queria dizer.

– Sei.

Ele assentiu novamente, e eu fiquei com vontade de dizer para ele a regra do silêncio: *às vezes, um silêncio constrangedor é bem menos embaraçoso do que uma conversa forçada.*

Então finalmente chegou a vez dele na fila, e eu pude voltar para a segurança da tela do meu celular. Eu não olhei em seus olhos enquanto ele pagava e se afastava, mas eu sentia que meu estômago estava revestido de chumbo.

Que merda eu estava fazendo?

A cada passo até meu escritório, eu me sentia cada vez mais desconfortável. Na última década, os limites sempre foram estabelecidos antes do sexo com todas as minhas amantes. Às vezes, a conversa acontecia enquanto nós saíamos de um evento juntos, outras vezes o assunto surgia casualmente quando elas perguntavam se eu tinha namorada, e então eu respondia: “Estou apenas saindo, mas não exclusivamente com uma pessoa só”. Nas poucas vezes em que o sexo se tornou algo mais, sempre fiz questão de deixar claro qual era minha posição, qual era a opinião dela, e então discutíamos – abertamente – o que nós dois queríamos.

Só agora percebi o quanto fui surpreendido pelo surgimento de Dylan – no meu mundo e, principalmente, no mundo de Hanna. Pela primeira vez na vida, eu tinha pensando que, quando ela me puxou para aquele quarto, ela queria explorar sexo comigo... e *apenas* comigo.

Carma é mesmo uma merda.



Naquela manhã, eu mergulhei no trabalho, destrinchando três documentos de prospecção e uma pilha de papéis que eu estava evitando há mais de uma semana. Retornei ligações e fiz os preparativos de uma viagem de negócios para Bay Area, em São Francisco, onde eu visitaria algumas empresas novas de biotecnologia. Eu mal parei para respirar.

Mas quando a tarde caiu – e eu estava sem comer fazia tempo, com meu nível de cafeína no chão –, Hanna deu um jeito de voltar aos meus pensamentos.

A porta do meu escritório se abriu e Max entrou, jogando um enorme sanduíche na minha mesa antes de desabar na cadeira à minha frente com seu próprio sanduíche.

– O que está acontecendo, William? Parece que você acabou de descobrir que o DNA é uma dupla hélice.

– Uma dupla hélice torta para a esquerda – eu respondi com ironia.

– Igual o seu pau?

– Exatamente.

Peguei o sanduíche e abri a embalagem. Só percebi o quanto estava com fome quando senti aquele cheiro delicioso.

– Eu estava só pensando bastante.

– Então por que você está com essa cara de quem comeu e não gostou? Pensar muito é o seu superpoder, meu amigo.

– Não sobre esse assunto – esfreguei o rosto, optando por honestidade em vez de mais piadas. – Estou meio confuso sobre uma coisa.

Ele deu uma mordida em seu sanduíche e me estudou. Após alguns longos instantes, Max perguntou:

– Você está falando da Peitos, não é?

Olhei para seu rosto, com uma expressão séria.

– Você *não* pode chamá-la assim, Max.

– É claro que não. Pelo menos não na cara dela. Quer dizer, eu chamo a minha Sara de Linguinha, mas ela também não sabe disso.

Apesar do meu péssimo humor, eu tive que rir.

– Não, você não faz isso.

– Não – seu sorriso deu lugar a uma testa franzida com ironia. – Isso seria de mau gosto, não é?

– *Muito* mau gosto.

– Mas eu não consigo deixar de notar que Hanna possui um fantástico par de peitos.

Rindo novamente, eu murmurei:

– Maximus, você não faz ideia.

Ele se ajeitou na cadeira.

– Não, não faço. Mas pelo jeito *você* faz. Você já viu os peitos dela? Eu não sabia que as coisas tinham progredido para além daquela coisa de você ensiná-la a viver e tal.

Quando olhei para ele, eu sabia que Max conseguia enxergar tudo em meu rosto: eu estava afogado até o pescoço em Hanna.

– Sim, eu vi. As coisas... humm... *progrediram* na outra noite. E então aconteceu de novo, uns dias atrás – peguei meu sanduíche. – Nós não transamos, mas... Bom, veja que ótimo, hoje ela vai sair de novo com um cara.

– Então ela está cumprindo a missão de sair mais em encontros, humm?

Eu assenti.

– Pois é, parece que sim.

– Ela sabe que você está andando por aí com uma nuvem cinza de paixonite em cima da cabeça?

Dei uma mordida no sanduíche e lancei um olhar sério para ele.

– Não – eu murmurei. – Idiota.

– Ela parece ser bem legal – ele disse cuidadosamente.

Limpei minha boca no guardanapo e me recostei na cadeira. *Legal* não parecia ser um adjetivo suficiente para Hanna. Na verdade, nunca conheci nenhuma garota igual a ela.

– Max, ela é uma mulher completa. Engraçada, doce, honesta, linda... Eu me sinto muito fora da minha zona de conforto com ela.

Assim que as palavras saíram da minha boca eu senti o quanto elas pareciam esquisitas ditas por mim. Um estranho silêncio preencheu a sala, e eu sabia que uma montanha de piadas estava prestes a desabar sobre mim. Estava evidente no sorrisinho de Max.

Merda.

Ele ficou me encarando por mais um tempo antes de pedir para eu esperar enquanto puxava seu celular de dentro do casaco.

– O que você está fazendo? – eu perguntei, desconfiado.

Ele disse para eu ficar quieto e apertou o botão do viva voz, para que nós dois pudéssemos ouvir a chamada. A voz de Bennett surgiu do outro lado da linha:

– Max.

– Ben – Max respondeu, recostando-se na cadeira com um sorriso gigante no rosto. – Finalmente aconteceu.

Eu gemi, apoiando minha cabeça com as mãos.

– Você menstruou? – Bennett perguntou. – Parabéns.

– Não, seu cretino – Max disse, rindo. – Estou falando do Will. Ele está apaixonado por uma garota.

Ouvimos um som alto ao fundo, e eu imaginei Bennett dando um tapa entusiasmado em sua mesa.

– Fantástico! Ele parece todo miserável?

Max fingiu me estudar.

– Com toda a certeza, sim. E – e! – ela vai sair com outro cara hoje à noite.

– Uau, isso é foda. E o que nosso amigo vai fazer? – Bennett perguntou.

– Andar por aí cabisbaixo e deprimido, eu acho – Max respondeu por mim, e então ergueu as sobrancelhas mostrando que agora eu podia falar.

– Vou ficar em casa – eu disse. – E assistir a NBA. Tenho certeza de que Hanna vai me contar tudo sobre o encontro depois. Amanhã. Na hora da nossa corrida matinal.

Bennett disse do outro lado da linha:

– Humm, acho que é melhor eu informar as garotas.

Eu gemi.

– Não informe as garotas.

– Elas vão querer ir até seu apartamento para cuidar de você – Bennett disse. – E eu e Max temos um jantar de negócios. Não podemos deixar você sozinho nesse estado patético em que você se encontra.

– Eu não estou patético. Estou bem! Deus... – eu murmurei. – Por que eu fui abrir a minha boca?

Ignorando minha reclamação, Bennett disse:

– Max, pode deixar que eu cuido disso. Obrigado por me deixar informado.

E então ele desligou.



Chloe praticamente invadiu meu apartamento. Ela estava carregando um monte de pacotes de comida.

– Por acaso você vai dar uma festa no meu apartamento hoje? – eu perguntei.

Ela me lançou um olhar sobre o ombro e desapareceu na cozinha.

Atrás dela, Sara hesitava no corredor, segurando um pacote de cerveja e água com gás.

– Eu estava com fome – ela admitiu. – Fiz Chloe pedir uma coisa de cada.

Empurrei mais a porta para deixá-la entrar e a segui até a cozinha, onde Chloe estava ocupada abrindo pacotes de comida para umas setenta pessoas.

– Eu já comi – admiti. – Eu não sabia que você estava trazendo jantar.

– Como você pôde achar que a gente não traria o jantar? Bennett disse que você está na pior. Quando a gente fica na pior a gente precisa de comida tailandesa, *cupcake* de chocolate e cerveja. Além disso, eu sei como você se alimenta – ela disse, mostrando o armário onde eu guardo os pratos. – Você deve comer mais.

Resignado, eu peguei três pratos, talheres e uma cerveja. Andei até a sala de estar e arrumei tudo na mesa de centro. As garotas se juntaram a mim: Chloe se sentou no chão, Sara se espremeu ao meu lado no sofá, e então atacamos a comida. Sentamos e comemos em frente à TV, assistindo ao basquete no meio de

uma confortável conversa intermitente.

Depois de tudo, fiquei feliz por elas aparecerem. Elas não me importunaram com um milhão de perguntas sobre meus sentimentos: apenas chegaram, jantaram comigo e fizeram companhia. Conseguiram manter minha mente longe de tudo. Eu sabia que não era a primeira vez que alguém com quem eu estava ficando saía com outra pessoa, mas era a primeira vez que eu me importava.

Eu estava feliz por Hanna estar saindo e se divertindo. Essa era a parte mais estranha disso tudo – eu queria que ela tivesse aquilo que ela queria. Só que eu queria que ela quisesse *apenas* a mim. Isso faz sentido? Eu queria que ela viesse até meu apartamento hoje, admitisse que preferia apenas transar comigo e parasse com essa besteira de sair em encontros casuais. Só isso. É pedir demais? Eu sei, isso é ridículo e eu sou o maior idiota do mundo por pensar nisso, principalmente porque no passado eu fiz uma centena de garotas se sentirem da mesma maneira. Mas era isso que eu queria.

E, merda, eu me sentia inquieto. Assim que terminei de comer, comecei a checar o relógio e meu celular obsessivamente. Por que ela ainda não me enviou uma mensagem? Ela não tinha nenhuma pergunta para fazer? Nem mesmo queria dizer “oi”?

Deus, eu me odeio.

– Ela já se manifestou hoje? – Chloe perguntou, percebendo minha ansiedade.

Neguei com a cabeça.

– Está tudo bem. Tenho certeza de que ela está bem.

– Então, como Kitty e Kristy reagiram? – Sara perguntou, pousando seu copo de água na mesa.

– Reagiram a quê? – eu perguntei.

O silêncio preencheu o espaço entre nós, e eu pisquei, confuso.

– Reagiram a quê? – eu repeti.

– A você *terminar* com elas – Sara finalmente disse.

Merda. Meeeerrrda.

– Ah – eu disse, coçando o queixo. – Na verdade, tecnicamente, eu ainda não terminei com elas.

– Então você está caidinho pela Hanna, mas ainda não contou para as suas duas amantes que está começando a ter sentimentos reais por outra pessoa?

Peguei minha cerveja e fiquei olhando para o fundo da garrafa. Não era só o aborrecimento de ter aquela conversa constrangedora com Kitty e Kristy. Se eu fosse honesto comigo mesmo, também tinha a ver com a segurança de saber que elas poderiam me oferecer uma distração se essa coisa com Hanna fosse por água abaixo.

Deus, isso soou mais babaca do que o meu normal.

– Ainda não – admiti. – Tudo entre nós é tão casual. Talvez nem seja preciso ter essa conversa.

Chloe se inclinou para frente, colocou sua garrafa sobre a mesa e esperou até que eu olhasse em seus olhos.

– Will, eu te amo. Amo mesmo. Você será parte do nosso casamento. Será parte da nossa vida. Quero que tudo de bom aconteça com você – então ela cerrou os olhos, e eu senti minhas bolas se preparando para levar um chute. – Mas mesmo assim eu nunca diria para uma amiga minha tentar alguma coisa com você. Eu diria para ela transar loucamente com você, mas deixar os sentimentos longe disso, porque você é um maldito idiota que não sabe de nada.

Eu estremeci, tentei rir um pouco, e então balancei a cabeça.

– Agradeço a honestidade.

– Estou falando sério. Sim, você sempre abre o jogo com suas amantes. Não, você não tem nada para esconder. Mas de onde vem toda essa neura com relacionamentos?

Joguei meus braços para cima e disse:

– Eu não tenho nada contra relacionamentos!

Sara entrou na conversa:

– Você já toma por certo desde o primeiro dia que não vai querer nada mais sério do que apenas sexo conveniente – então, ela acrescentou: – E me deixa dizer uma coisa do ponto de vista de uma mulher. Quando você é jovem, você quer o garoto que sabe jogar o jogo, mas, quando você fica mais velha, você quer o homem que sabe quando isso não é mais um jogo. E você ainda nem sabe disso, e já tem quantos, trinta e um anos? A Hanna pode ser jovem, mas ela é muito madura para a idade e logo vai perceber que o seu modelo não é o melhor para ela. Você está ensinando à Hanna como equilibrar vários amantes, mas você deveria ensinar a ela como é se sentir *amada* de verdade.

Eu sorri para ela, e então esfreguei o rosto com as duas mãos, gemendo.

– Vocês duas vieram até aqui para me dar sermão?

Sara disse “Não” ao mesmo tempo em que Chloe disse “Sim”.

Então, Sara riu e corrigiu:

– Sim – ela se aproximou e pousou a mão no meu joelho. – É verdade que você não sabe de nada, Will. Você é tipo nosso mascote bobão que nós adoramos.

– Isso é horrível – eu disse, rindo. – Nunca repita isso.

Voltamos a assistir ao jogo. Aquilo não foi embaraçoso. Eu não me sentia defensivo. Eu sabia que elas estavam certas; eu só não sabia direito o que eu poderia fazer sobre isso, já que Hanna estava agora mesmo num encontro com o maldito *Dylan*. Era fantástico que eu conseguisse admitir que eu queria algo

mais com ela e que também não queria que ela ficasse com mais ninguém, mas tudo isso não importava nem um pouco enquanto eu e ela estivéssemos em páginas diferentes sobre esse assunto. E a verdade era que eu queria que ela transasse apenas comigo, mas também não queria que as coisas entre nós mudassem.

Ou queria?

Olhei pela milésima vez meu celular para ter certeza de que não tinha perdido nenhuma mensagem nos últimos dois minutos.

– Deus, Will. Envia logo uma mensagem para ela! – Chloe disse, jogando um guardanapo em mim.

Eu me levantei abruptamente, menos para obedecer a Chloe Mandona e mais para apenas *fazer alguma coisa*. O que Hanna estaria fazendo agora? Onde eles estavam? Já eram quase nove horas. O jantar deles já não deveria ter terminado?

Na verdade, levando em conta o histórico dele, ela provavelmente já estava em casa... a não ser que eles tivessem ido para a casa dele.

Senti meus olhos se arregalarem. Será possível que ela esteja na cama dele? Transando com ele? Fechei os olhos, apertando meu queixo enquanto me lembrava de como foi sentir seu corpo debaixo do meu, suas curvas, a sensação de seus joelhos apertando minhas laterais. E pensar que agora ela poderia estar com aquele garoto idiota? *Nua?*

Foda-se isso.

Virando-me, cruzei o corredor em direção ao meu quarto, parando quando o celular vibrou na minha mão. Acho que nem o reflexo do meu joelho seria tão rápido quanto minha reação à tela se acendendo. Mas era apenas Max.

Sua garota está aqui no restaurante comigo e o Ben. Parabéns pelo Projeto Hanna, Will. Ela está uma gostosa.

Eu gemi, encostando-me na parede enquanto digitava.

Ela está beijando o cara?

Não, Max respondeu. Mas ela fica olhando para o celular a toda hora. Pare de enviar mensagens para ela, seu idiota. Lembre-se que agora ela está “explorando a vida”.

Ignorando sua óbvia tentativa de me irritar, eu olhei para a mensagem de novo e de novo. Eu sabia que era a única pessoa que constantemente enviava mensagens para ela, e eu não tinha enviado nada até agora. Seria possível que ela estava checando o celular tão obsessivamente quanto eu?

Continuei pelo corredor e entrei no banheiro, com a desculpa de usá-lo normalmente, mas acabei apenas sentando na beira da banheira. Isso *não* era um jogo com ela. Sara estava errada nesse ponto; eu *sabia* que não era um jogo.

Acredite em mim, não havia nada de divertido nesse momento. Meu tempo longe de Hanna variava muito entre alegria maluca e ansiedade obsessiva. É assim que as coisas acontecem? Correr esse tipo de risco, abrir seu coração e esperar que a outra pessoa tenha bastante cuidado para não destroçar os seus sentimentos?

Meus polegares pairaram sobre as letras por vários longos segundos enquanto meu coração batia forte. Então, digitei uma única frase que li e reli, checando o ritmo, o tom, e tentando ter certeza de que não passaria a sensação de *meu-deus-eu-estou-totalmente-obcecado-com-a-sua-noite*.

Finalmente, fechei os olhos e enviei a mensagem.

Nove

Eu não vou enviar uma mensagem para o Will.

– ... e daí talvez morar no exterior algum dia...

Eu não vou enviar uma mensagem para o Will.

– ... talvez na Alemanha. Ou talvez na Turquia...

Pisquei de volta para a conversa e assenti para Dylan, que estava sentado à minha frente e que praticamente tinha citado o planeta inteiro durante nossa conversa.

– Isso parece realmente fascinante – eu disse, com um sorriso esticado no rosto.

Ele olhou para a toalha da mesa, com o rosto levemente corado. Certo, ele até que era fofo. Como um cachorrinho.

– Eu costumava pensar que gostaria de morar no Brasil – ele continuou. – Mas adoro viajar para lá, sabe, e eu não queria que se tornasse um lugar familiar, entende?

Assenti novamente, tentando ao máximo prestar atenção e controlar meus pensamentos, focando no meu encontro e não no fato de que meu celular esteve silencioso por toda a noite.

O restaurante que Dylan escolheu era legal, não romântico demais, porém muito confortável. Iluminação suave, janelas grandes, nada muito sério ou muito sóbrio. Nada que gritasse *namoro*. Pedi o linguado; Dylan pediu um filé. Seu prato estava praticamente vazio; eu mal toquei no meu.

Sobre o que ele estava falando? Um verão no Brasil?

– Quantas línguas você disse que fala mesmo? – eu perguntei, torcendo para ainda estar dentro do assunto.

Provavelmente estava, pois ele sorriu, obviamente contente por eu ter me lembrado desse detalhe. Pelo menos, que esse detalhe existia.

– Três.

Eu me recostei na cadeira, genuinamente impressionada.

– Uau, isso é... realmente incrível, Dylan.

E eu nem estava exagerando. Ele *era* incrível. Dylan era bonito, inteligente, e tinha tudo que uma garota esperta procuraria num homem. Mas quando o

garçom parou em nossa mesa para encher nossas bebidas, nada daquilo impediu que eu olhasse rapidamente para o celular de novo, franzindo a testa ao ver a tela ainda apagada.

Nada de mensagens, nada de ligações perdidas – nada. Que droga.

Passei o dedo sobre o nome de Will e reli algumas de suas mensagens anteriores.

Pensamento aleatório: eu adoraria ver você chapada. Maconha amplifica traços de personalidade, então você provavelmente falaria tanto que sua cabeça explodiria, embora eu ache impossível você falar coisas mais malucas do que já fala normalmente.

E outra:

Acabei de ver você no cruzamento da Rua 81 com a Amsterdam. Eu estava num táxi com Max e vi você atravessando a rua na nossa frente. Você estava usando calcinha debaixo daquela saia? Eu planejo colocar sua resposta na minha lista de mensagens safadas, então cuidado com o que vai responder.

A última mensagem veio pouco depois da uma hora da tarde, mais de seis horas atrás. Olhei mais algumas antes de apertar o botão para escrever uma nova mensagem. O que ele poderia estar fazendo agora? Ou com *quem* ele poderia estar? Senti minha testa franzir ainda mais.

Comecei a digitar e apaguei quase imediatamente. *Eu não vou enviar uma mensagem para o Will. Eu não vou enviar uma mensagem para o Will. Sou uma ninja. Um agente secreto. Vou roubar os segredos e escapar ilesa.*

– Hanna?

Tirei os olhos do celular; Dylan estava me encarando.

– Humm?

Suas sobrancelhas se juntaram por um momento antes de soltar uma pequena risada hesitante.

– Você está bem? Parece um pouco distraída.

– Pois é – eu disse, horrorizada por ter sido flagrada. Mostrei meu celular. – Estou apenas esperando uma mensagem da minha mãe.

Eu menti. Horivelmente.

– Mas está tudo bem?

– Com certeza.

Com um pequeno suspiro de alívio, Dylan pôs o prato de lado e se inclinou para frente, apoiando os braços na mesa.

– Então, e quanto a você? Parece que só eu estou falando. Conte um pouco da

sua pesquisa.

Pela primeira vez na noite, eu relaxei a força com que segurava o celular. Isso eu poderia fazer. Conversar sobre meu trabalho, faculdade e ciência em geral? Com certeza.

Tínhamos acabado de terminar a sobremesa e minha explicação de como eu estava colaborando com outro laboratório para criar vacinas para o *Trypanosoma cruzi*, quando senti alguém tocando meu ombro. Era Max, de pé, atrás de mim.

– Oi! – eu disse, surpresa por vê-lo.

Ele tinha quase dois metros, mas mesmo assim não parecia desengonçado nem quando se abaixou para beijar meu rosto.

– Hanna, você está absolutamente linda hoje.

Uau. Aquele sotaque britânico iria acabar comigo ali mesmo. Eu sorri.

– Bom, você pode passar o elogio para a Sara; foi ela quem escolheu este vestido.

Achei que era impossível ele ficar ainda mais atraente, mas o sorriso orgulhoso que se espalhou em seu rosto realizou o impensável.

– Pode deixar. E quem é esse? – ele disse, virando-se para Dylan.

– Ah! Desculpe, Max, esse é Dylan Nakamura. Dylan, esse é Max Stella, o sócio do meu amigo Will.

Os dois apertaram as mãos e trocaram umas palavras, e eu tive que me segurar para não perguntar sobre Will. Eu estava no meio de um encontro, afinal de contas. Não deveria nem estar pensando nele em primeiro lugar.

– Bom, vou deixar vocês dois a sós.

– Mande um “oi” para a Sara por mim.

– Pode deixar. Aproveitem o resto da noite.

Observei Max voltando para sua mesa, onde um grupo de homens o esperava. Fiquei imaginando se ele estava num jantar de negócios e, se fosse esse o caso, por que Will não estava junto. Percebi que eu não sabia muito sobre seu trabalho, mas eles não faziam esse tipo de coisa juntos?

Alguns minutos depois, assim que a conta chegou, meu celular vibrou no meu colo.

Como vai sua noite, minha pequena Ameixa?

Fechei os olhos, sentindo aquela palavra vibrar através do meu corpo como uma corrente elétrica. Lembrei-me da última vez em que ele me chamou assim e senti meu interior se liquefazer.

Tudo certo. Max está aqui, você o enviou para me espionar?

Há! Como se ele fosse fazer isso por mim. Ele acabou de me enviar uma mensagem. Disse que você está bonita hoje.

Não sabia que eu ficava tão corada até conhecer Will, mas desta vez *senti* o calor se espalhar em meu rosto.

Ele também está bonitão hoje.

Isso não é engraçado, Hanna.

Você está em casa?

Um segundo depois de enviar a mensagem, eu segurei minha respiração. O que eu faria se ele dissesse que não?

Sim.

Eu realmente precisava ter uma conversa comigo mesma; saber que Will estava em casa e falando comigo não deveria me deixar tão feliz assim.

Corrida amanhã?

Claro.

Tirei rapidamente o sorriso do meu rosto quando percebi que Dylan estava olhando para mim e guardei o celular. Will estava em casa, e eu podia descansar e tentar aproveitar o resto da minha noite.



– Então, como foi o seu encontro? – ele perguntou, se alongando ao meu lado.

– Tudo bem – eu disse. – Normal.

– Normal?

– Isso – dei de ombros, sem conseguir dar uma resposta mais animada. – Normal – repeti. – Tudo bem.

Decididamente, eu me senti pior sobre minha dependência de Will nesta manhã do que na noite passada. Eu tinha que me recompor e lembrar: *agente secreto. Ninja. Aprender com o melhor.*

Ele balançou a cabeça.

– Que avaliação entusiasmada.

Não respondi, apenas andei até uma árvore próxima para pegar a água que eu havia guardado. Estava frio – tão frio que a água já estava congelando. Estávamos fazendo o alongamento pós-corrida, quando Will fazia um discurso incentivador e depois falava algo inapropriado sobre meus peitos, daí eu

reclamava do frio e da falta de banheiros acessíveis em Manhattan.

Mas eu não estava a fim de ter essa conversa hoje, ou de admitir que, embora eu até gostasse de Dylan, eu não passava os dias sonhando em beijar sua boca ou chupar seu pescoço ou vê-lo gozar na minha cintura, como eu fazia com certa pessoa. Eu não queria contar que ficava constantemente distraída em nossos encontros e tinha dificuldade em me importar. E eu também me recusava a admitir que estivesse falhando nessa coisa de encontros, e que talvez eu nunca aprendesse como levar a vida casualmente, apenas aproveitando, sendo jovem e experimentando as mesmas coisas que Will fazia.

Ele se abaixou para encontrar meus olhos, e eu percebi que ele estava repetindo uma pergunta.

– Que horas você voltou?

– Um pouco depois das nove, acho.

– Nove? – ele disse, rindo. – De novo?

– Acho que foi um pouco mais tarde. Por que isso é tão engraçado?

– Dois encontros seguidos terminando às nove horas da noite? Por acaso ele é o seu avô? Por acaso ele te levou para assistir à matinê?

– Para sua informação, eu tive que passar no laboratório logo cedo pela manhã. E quanto à sua noite selvagem, playboy? Participou de alguma orgia? Talvez uma festa ou duas? – perguntei, decidida a mudar de assunto.

– Fiz algo tipo Clube da Luta – ele disse, coçando o queixo. – Só que sem homens e sem socos – ao ver meu olhar confuso, ele esclareceu: – Basicamente, jantei em casa com Chloe e Sara. Ei, você está dolorida?

Eu imediatamente me lembrei da deliciosa dor que seus dedos deixaram após a festa da república e de como minha pélvis ficou depois de cavalgá-lo no chão de seu apartamento.

– Dolorida? – repeti, piscando rapidamente em sua direção.

Ele sorriu com malícia.

– Dolorida por causa da *corrida* de ontem. Deus, Hanna. Você tem a mente muito suja. Você chegou em casa às nove horas, sobre o que *mais* eu poderia estar falando?

Tomei outro gole da minha água e estremeci ao sentir o frio nos dentes.

– Tudo bem.

– Outra regra, minha Ameixa. Você só pode usar *tudo bem* algumas vezes numa conversa antes de ficar evidente que você está tentando fugir do assunto. Encontre adjetivos melhores para descrever seu estado de espírito pós-encontro.

Eu não sabia exatamente como lidar com Will nesta manhã. Ele parecia um pouco inquieto. Eu achava que já tinha sacado ele por inteiro, mas meus pensamentos também estavam meio rebeldes, um problema que só aumentava

quando ele estava por perto. Ou, julgando pela noite passada, quando ele estava longe também. Será que ele não se importava nem um pouco por eu estar saindo com Dylan?

E será que eu queria que ele se importasse?

Droga. Encontros casuais são muito complicados, e eu nem podia dizer se Will e eu estávamos tecnicamente saindo. Parecia uma das poucas coisas que eu *não* conseguia perguntar a ele.

– Bom – ele disse, deslizando seu olhar até mim com um sorrisinho diabólico.

– Só para deixar clara a teoria dos encontros casuais, talvez você devesse sair com outra pessoa. Só para ter uma ideia de como funciona. Que tal outro cara daquela festa? Aaron? Ou o Hau?

– O Hau tem namorada. O Aaron...

Ele assentiu me encorajando.

– Ele parecia apto.

– Ele é apto – concordei, ainda meio hesitante. – Mas ele é um pouco... SN2...

As sobrancelhas de Will se juntaram.

– Como é?

– Você sabe – eu disse, gesticulando para todo lado. – Tipo quando acontece a quebra de uma ligação C-X, e o nucleófilo ataca o carbono num ângulo de 180 graus em relação ao grupo lábil.

Minhas palavras saíram numa única frase esbaforida.

– Meu Deus. Você acabou de usar uma referência de química orgânica para me dizer que o Aaron parece melhor de costas do que de frente?

Eu gemi e desviei os olhos.

– Acho que acabei de bater algum recorde nerd.

– Não, isso foi sensacional – ele disse, parecendo genuinamente impressionado. – Eu queria ter pensando nisso anos atrás.

Sua boca se dobrou para baixo enquanto ele considerava o que tinha falado.

– Mas, de verdade, quando você diz uma coisa dessas é sensacional. Se fosse eu, soaria como se eu fosse um idiota gigante.

Engoli em seco, definitivamente *não* olhando torto para seu calção.

Apesar da baixa temperatura e do horário, mais pessoas do que o normal decidiram enfrentar o frio. Dois universitários bonitinhos chutavam uma bola, com gorros pretos cobrindo as cabeças e dois copos de café fumegante esperando ao lado. Uma mulher com um carrinho de bebê gigante passou por nós, e mais um punhado de gente corria nas outras trilhas. Olhei bem a tempo de observar Will se abaixar na minha frente até tocar a ponta do pé.

– Tenho que admitir. Estou mesmo impressionado com o quanto você está se

dedicando e trabalhando duro – ele disse para mim por cima do ombro.

– Pois é – murmurei, alongando os tendões da maneira que ele me ensinou, e definitivamente não para olhar sua bunda. – Duro.

– Como é?

– Trabalho duro – repeti. – Duro mesmo.

Ele se endireitou, e eu segui seu movimento, forçando meus olhos a se desviarem para outro lugar.

– Não vou mentir para você – ele disse, alongando as costas. – Fiquei surpreso por você não desistir na primeira semana.

Eu deveria encará-lo e ficar irritada por ele achar que eu desistiria tão rapidamente, mas, em vez disso, apenas assenti, tentando olhar para qualquer coisa além do pedaço da barriga que ficou exposta quando ele alongou os braços acima da cabeça, ou dos músculos que dividiam os dois lados de seu abdômen.

– Talvez você até consiga chegar entre os cinquenta primeiros na corrida se continuar assim.

Meus olhos grudaram na pequena faixa de pele e no panorama de músculos abaixo. Engoli em seco novamente, lembrando-me de como me senti com seus dedos dentro de mim.

– Definitivamente vou continuar assim – murmurei, desistindo de disfarçar e olhando direto para seu corpo.

Limpando minha garganta, eu me virei e voltei a andar no sentido oposto da trilha, porque, francamente, aquele corpo era simplesmente *obsceno*.

– Então, que horas vai ser o seu encontro hoje? – ele perguntou, aumentando as passadas para me alcançar.

– Amanhã – eu disse.

Ele riu ao meu lado.

– Certo, que horas vai ser o seu encontro *amanhã*?

– Humm... às seis?

Cocei meu nariz, tentando me lembrar.

– Não, às oito.

– Você está animada?

Dei de ombros.

– É, um pouco.

Rindo, ele envolveu meus ombros com o braço.

– Ele trabalha com o quê mesmo?

– Com drosófilas e afins – murmurei.

Ele me deu uma deixa para falar sobre ciência, e eu nem isso conseguia fazer hoje. Eu estava acabada.

– Um cara da genética! – ele disse, num tom brincalhão. – Thomas Hunt

Morgan nos deu o cromossomo, e agora os laboratórios ao redor do mundo dão mosquinhas de fruta para outros laboratórios pequenos – ele estava tentando ser jovial, mas sua voz era tão grave e sensual que, mesmo quando ele tentava falar algo nerd, meu corpo inteiro se arrepiava. – E Dylan, é legal? É engraçado? É bom de cama?

– Claro.

Will parou, com um olhar explosivo.

– *Claro?*

Olhei seu rosto.

– Quer dizer, claro que é.

Então, a ficha caiu.

– Bom, exceto a parte de ser bom de cama. Ainda não testei essas qualidades dele.

Will voltou a andar, em silêncio, e eu dei outra olhada nele.

– Falando nisso, posso perguntar uma coisa?

Ele olhou para mim com o canto do olho, desconfiado.

– Sim – ele disse lentamente.

– O que significa “etiqueta do terceiro encontro”? Pesquisei no Google, mas...

– Você *pesquisou* no Google?

– *Sim*, e o consenso parecia dizer que o terceiro encontro é quando acontece o sexo.

Ele parou, e eu tive que me virar para encará-lo. Seu rosto estava vermelho.

– Ele está pressionando você para transar?

– O quê?

Fiquei olhando para ele, desnorteada. De onde ele tirou essa ideia?

– É claro que não.

– Então por que você está perguntando sobre sexo?

– Calma – eu disse. – Eu posso ficar na expectativa sem que ele me pressione. Caramba, Will, só quero estar *preparada*.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

– Você me deixa maluco às vezes.

– Idem – e fiquei olhando para o horizonte, pensando alto. – É que parece que existem etapas de progressão. Tipo, os dois primeiros encontros foram quase iguais. Mas como a gente passa daquilo para o sexo? Um manual de instruções com certeza facilitaria muito.

– Você não precisa de um manual – ele tirou o gorro da cabeça e puxou o cabelo para trás. Eu praticamente podia ver as catracas girando em seu cérebro. – Certo, então... o primeiro encontro é tipo uma entrevista. Ele estudou o seu currículo – Will jogou um olhar cheio de insinuação e ergueu as sobrancelhas,

com os olhos caindo direto em meus peitos –, e agora é hora de saber se você está à altura do cargo. Primeiro tem uma seção de perguntas e respostas, depois a análise do tipo “Essa pessoa pode ser um *serial killer*?”, depois, é claro, tem a outra decisão crucial, “Eu quero transar com essa pessoa?”. E sejamos honestos: se um homem convidou você para sair, ele já sabe se quer transar com você.

– Certo – eu disse, olhando para ele com ceticismo. Tentei imaginar Will nesse cenário: conhecendo uma mulher, levando-a para sair, decidindo se queria ou não transar com ela. Eu tinha 97% de certeza de que eu não gostava disso. – E o segundo encontro?

– Bom, o segundo encontro é a etapa seguinte no processo de seleção. Você passou da triagem preliminar. Então o outro lado obviamente gosta do que você tem para oferecer, e agora é hora de dar sequência. É hora de levar para os recursos humanos para saber se as suas respostas charmosas e personalidade magnética eram apenas fogo de palha ou não. E também para ter certeza de que eles ainda querem transar com você. E, de novo, isso já é óbvio.

– E o terceiro encontro?

– Bom, aí é quando as coisas ficam sérias. Vocês já saíram duas vezes e obviamente gostam um do outro; a outra pessoa possui todos os requisitos necessários, então agora é hora de colocar tudo em ação. Vocês são compatíveis em algum nível, e geralmente é nesse ponto que vocês tiram a roupa, para ver se “funcionam bem juntos”. Os homens geralmente tentam caprichar: flores, elogios, restaurantes românticos.

– Então... sexo.

– Às vezes. Mas nem sempre – ele reforçou. – Você não precisa fazer nada que não queira, Hanna. Em nenhum momento. Eu vou arrancar as bolas de qualquer pessoa que pressionar você.

Senti meu interior se aquecer e tremer. Meus irmãos diziam quase a mesma coisa em diferentes ocasiões, e posso assegurar que soava bem diferente ouvir isso da boca de Will.

– Eu sei disso.

– Você *quer* transar com ele?

Will tentou soar casual, mas falhou miseravelmente. Ele mal conseguia olhar para mim, então apenas ficou olhando para o cordão que puxava na gola de sua camisa. Senti um arrepio descer por minhas costas ao perceber que talvez ele não estivesse ok quanto a isso.

Respirei fundo e pensei um pouco. Meu primeiro instinto foi dizer *não* automaticamente, mas apenas dei de ombros, tentando parecer desinteressada. Dylan era bonito, e eu o deixei me dar um beijo de boa-noite em frente ao meu prédio, mas aquilo não foi *nada* comparado ao que experimentei com Will. E

isso era cem por cento problema meu. Eu tinha certeza de que a razão por me sentir tão bem com Will era sua experiência. Mas também era exatamente por isso que ele estava fora do meu alcance.

– Honestamente – admiti. – Não tenho certeza. Acho que vou decidir na hora.



Qualquer dúvida que eu tivesse sobre o protocolo de Will sobre terceiros encontros se esclareceu rapidamente assim que eu e Dylan entramos no restaurante que escolhi.

Dylan queria me levar para algum lugar em que eu nunca estive – algo não muito difícil, já que passei três anos em Nova York e praticamente nunca saí do laboratório. Ele sorriu orgulhoso quando o táxi estacionou e nós descemos em frente ao restaurante Daniel, na Rua 65.

Se me pedissem para descrever um restaurante romântico, o resultado seria exatamente o seguinte: paredes cor de creme, com tons prateados e marrons, arcos e colunas gregas que envolviam o salão principal. Mesas redondas com toalhas suntuosas, vasos cheios de plantas viçosas em toda parte, e tudo isso debaixo de lustres de cristal gigantescos. Era o completo oposto do local do nosso segundo encontro. Agora era para valer.

Mas eu não estava preparada.

O jantar começou bem. Escolhemos os aperitivos, e Dylan pediu uma garrafa de vinho, mas a partir daí tudo foi por água abaixo. Prometi a mim mesma que não trocaria mensagens com Will, mas, perto do fim, quando Dylan pediu licença para ir ao banheiro, eu cedi.



Acho que vou tomar bomba na matéria sobre o terceiro encontro.

Ele respondeu quase imediatamente.

Como assim? Impossível. Você não confia no seu professor?

Ele pediu um vinho caro e daí ficou ofendido quando eu não quis tomar. Você nunca se importou por eu não beber.

O ícone mostrou que ele estava digitando – e parecia ser bastante coisa, pois a resposta estava demorando –, então esperei e olhei ao redor para ter certeza de que Dylan não estava voltando.

Isso é porque eu sou um gênio e entendo das coisas: eu ofereço

meia taça e você finge tomar pelo resto da noite, então o resto da garrafa é minha. Aí está, é a prova de que sou o cara mais esperto do mundo.

Tenho certeza de que ele não enxerga a situação dessa maneira.

Então diga que você é muito mais divertida quando está acordada e não babando de sono. E por que você está falando comigo? Onde está o príncipe encantado?

Banheiro. Já estamos indo embora.

Um minuto inteiro se passou antes de sua resposta.

Ah, é?

Pois é, vamos para minha casa. Ele está voltando. Depois eu conto como foi.

A viagem até meu apartamento foi constrangedora. Eu estava odiando aquelas regras estúpidas, e as minhas expectativas estúpidas, e o Google estúpido, e, claro, em primeiro lugar, o idiota do Will por mexer com a minha cabeça.

Eu não entendia o que estava acontecendo. Eu não *queria* Will de verdade. Will tinha um monte de amantes e um passado nebuloso. Will não queria compromissos nem relacionamentos, mas eu queria ao menos estar aberta à possibilidade. Will não era uma opção ou parte do plano. Eu gostava de sexo e queria fazer de novo com outra pessoa. E não era assim que isso acontecia? Garoto encontra garota, garota gosta do garoto, garota decide deixar o garoto fazer coisas com ela. Eu definitivamente estava pronta para deixar alguém fazer coisas comigo. Então, onde estava a excitação, o calor subindo por minhas pernas, o desejo que eu sentia só de pensar em levar Will para o banheiro? O sentimento que me fez sair pela rua às três da manhã e a sensação de que eu poderia explodir no momento em que seus dedos tocavam minha pele?

Eu certamente não sentia nada disso agora.

A neve estava começando a cair lá fora quando chegamos ao meu prédio. Após subirmos, acendi um abajur, e Dylan parou à porta, constrangido, até eu convidá-lo para entrar. Eu estava agindo no piloto automático. Sentia um nó no estômago, e minha mente estava tão cheia que eu quis colocar a música mais chata possível só para bloquear meus pensamentos.

Será que eu devo? Será que eu não devo? Será que eu quero mesmo?

Ofereci uma saideira – eu até disse a palavra “saideira” –, e ele aceitou. Fui até a cozinha, tirei algumas taças, enchi com um pouco para mim e muito para ele, torcendo para que ele ficasse com sono. Eu me virei para entregar sua taça e

fui surpreendida quando vi que Dylan já estava quase em cima de mim, completamente dentro do meu espaço. Uma estranha sensação de que aquilo estava errado surgiu em meu peito.

Dylan tirou a taça da minha mão sem dizer nada e a colocou no balcão. Dedos suaves acariciaram meu rosto e meu nariz. Ele tomou meu rosto nas mãos. Os primeiros beijos foram inseguros, demorados, exploradores. Depois um pequeno estalinho antes de voltar para outro beijo. Fechei os olhos com força no primeiro toque de sua língua, senti meu coração acelerar e desejei que fosse por excitação, e não por aquela sensação de pânico que estava subindo pela minha garganta.

Sua língua era macia demais e insegura demais. Lábios meio moles. Seu hálito cheirava a batatas. Minha mente se concentrava no som do relógio na mesa e em alguém gritando lá fora. Quando beijei Will não me lembro de notar mais nada ao redor. Notei apenas seu cheiro, sua pele e como pensei que fosse explodir se ele não me tocasse fundo *lá*. Mas nada tão comum quanto o barulho do caminhão de lixo andando na rua.

– O que foi? – Dylan perguntou, dando um passo para trás. Toquei meus lábios; eles estavam bem, nem inchados nem abusados. Não estavam completamente arruinados.

– Acho que isso não vai dar certo – eu disse.

Ele ficou em silêncio por um momento, com os olhos procurando os meus, obviamente confuso.

– Mas eu pensei que...

– Eu sei. Desculpe.

Ele assentiu, dando outro passo para trás antes de passar as mãos no cabelo.

– Acho que... se isso é por causa do Will, diga a ele parabéns por mim.



Fechei a porta depois que Dylan saiu e me encostei na madeira fria. Meu celular parecia pesado no meu bolso, então eu o peguei, busquei o nome *Daquele-que-efetivamente-sequestrou-meu-cérebro* e comecei a digitar.

Digitei e apaguei uma dezena de vezes antes de finalmente escolher uma mensagem. Digitei e esperei um momento antes de enviar.

Onde você está?

Dez

Honestamente, eu não tinha ideia do que estava fazendo. Eu estava andando – andando como quem precisa ir a algum lugar. Mas, na realidade, eu não precisava ir a lugar algum, e eu *realmente* não precisava ir direto para o prédio de Hanna.

Pois é, vamos para minha casa. Ele está voltando.

Depois eu conto como foi.

Fechei meus punhos com força só de me lembrar da mensagem – as palavras estavam impressas na minha memória – e da imagem dela com Dylan. Isso fazia meu peito literalmente doer. E me deixava com vontade de sair quebrando tudo pela frente.

Estava frio; tão frio que eu podia ver minha própria respiração, e a ponta dos meus dedos estavam ficando dormentes mesmo dentro do bolso da calça. Assim que recebi sua mensagem, saí correndo de casa, sem luvas, com um casaco fino demais, tênis de corrida e nada de meias.

Por sete quarteirões, fiquei furioso por ela fazer isso comigo. Minha vida estava ótima até ela aparecer toda desastrada com sua boca grande e olhar malicioso. Tudo estava indo *bem* até ela se infiltrar na minha rotina, e eu quase queria que Dylan sumisse de seu apartamento para eu poder subir e dizer o quanto ela era um pé no saco e o quanto eu estava irritado por ela tirar meu chão, que era tão estável até então.

Mas quando me aproximei e vi as luzes acesas em sua janela e sombras de pessoas andando de lá para cá, senti apenas alívio por ela ainda não estar na cama, debaixo dele.

Puxando meu gorro para baixo, eu grunhi entre os dentes, procurando alguma cafeteria na rua ou qualquer outra coisa para fazer. Mas havia apenas mais prédios residenciais, lojas que já haviam fechado e, ao longe, um pequeno bar. A última coisa de que eu precisava agora era álcool. E se fosse para ficar a dois quarteirões do prédio dela, então era melhor ficar em casa.

Por quanto tempo eu esperaria aqui? Até ela enviar outra mensagem? Até de manhã, quando eles saíssem juntos, cansados e sorrindo com as lembranças da

noite passada – da perfeição de Hanna e da inexperiência patética de Dylan?

Soltei um gemido e olhei bem no momento em que um homem saiu do prédio, com a cabeça abaixada por causa do vento e o colarinho para cima. Meu coração quase parou. Definitivamente era Dylan, e embora meu sangue tenha se aquecido sentindo um alívio, o fato de eu conseguir reconhecê-lo tão facilmente à distância fez eu me sentir o maior esquisitão do mundo. Esperei para ver se ele voltaria, mas continuou andando sem nunca diminuir o ritmo.

É isso, eu disse para mim mesmo. Você cruzou um limite e agora precisa achar um jeito de voltar para o outro lado.

Mas e se ela precisasse de mim? Eu provavelmente deveria ficar para ter certeza de que ela estava bem antes de voltar para casa. Olhei para meu celular, franzindo a testa. Se eu fosse embora, iria para o parque correr um pouco. Eu não me importava por já serem quase onze horas da noite e o clima estar congelante; eu iria correr por vários malditos quilômetros. Eu estava tão elétrico com alívio, frustração, nervosismo, que eu mal conseguia parar de tremer e abrir uma caixa de mensagens no celular.

Respirei fundo quando vi que ela já estava escrevendo uma mensagem.

Senti o tempo passar em câmera lenta enquanto esperava e segurava o celular com toda a força do meu corpo. Finalmente, a mensagem chegou, e em vez dos parágrafos que eu estava esperando, havia apenas uma frase.

Onde você está?

Tive que rir, passando as mãos no cabelo.

Certo, não fique brava. Estou na frente do seu prédio.



Hanna desceu até a rua vestindo um casaco pesado sobre um vestido leve azul, com as pernas de fora e pantufas do Caco, o sapo. Ela se aproximou, e eu não conseguia me mexer, não conseguia nem respirar.

– O que você está fazendo aqui? – ela perguntou, parando na minha frente e se apoiando num hidrante.

– Não sei – murmurei.

Estendi meus braços e a puxei para perto, pousando minhas duas mãos em sua cintura. Ela tremeu de leve quando eu a apertei – *que diabos eu estou fazendo?* –, mas, em vez de se afastar, ela se recostou no meu corpo.

– Will.

– Sim?

Finalmente olhei em seu rosto. Ela estava linda *demais*. Usava só um pouco de maquiagem e seus cabelos estavam soltos em grandes ondas macias. Os olhos estavam pesados com a mesma luxúria de quando eu estava por cima dela no chão do meu apartamento, ou de quando deslizei meus dedos sobre a gentil curva de seu clitóris. Quando minha atenção se voltou para sua boca, a língua fez uma aparição, molhando seus lábios.

– Eu *realmente* preciso saber por que você está aqui.

Dando de ombros, eu me inclinei para frente, pousando minha testa em seu peito.

– Eu não tinha certeza se você gostava mesmo dele, e saber que ele voltou com você estava me deixando inquieto.

Ela deslizou os dedos para dentro da minha blusa e acariciou minha nuca.

– Acho que o Dylan pensou que iríamos transar hoje.

Sem pensar, apertei ainda mais minhas mãos em sua cintura.

– Tenho certeza de que sim.

– Mas... bom, eu não sei como lidar com isso, pois deveria ser uma coisa fácil, não é? Deveria ser fácil curtir um tempo com as pessoas que eu gosto. Quer dizer, eu acho ele atraente. Eu me divirto com ele! Ele é legal e atencioso. Ele é engraço e bonito.

Permaneci em silêncio, tentando esconder qualquer reação.

– Mas, sabe, quando ele me beijou eu não me senti perdida igual eu me sinto com você.

Eu me afastei e olhei em seu rosto. Ela deu de ombros, como se pedisse desculpas.

– Ele foi legal comigo, hoje – ela sussurrou.

– Acho bom mesmo.

– E nem ficou bravo quando eu pedi para ele ir embora.

– Ainda bem, Hanna. Se ele fizesse alguma coisa, eu juro que...

– Will.

Fechei a boca, mais calmo por causa de sua interrupção. Eu faria qualquer coisa que ela quisesse, mesmo que tivesse que engatinhar. Se ela pedisse para eu ir embora, eu iria. Se pedisse para ajudar com seu zíper, eu também ajudaria.

– Sobe comigo?

Meu coração subiu até minha garganta. Fiquei observando-a por alguns segundos, e ela não desviou o olhar. Apenas me estudou, esperando uma resposta. Eu me endireitei, e ela deu um passo para trás me dando espaço, mas não muito. Então correu suas mãos em minhas laterais, até chegar à minha cintura.

– Se eu subir com você...

Ela já estava concordando.

– Eu sei.

– Não sei se vou conseguir ir devagar.

Seus olhos se tornaram sombrios, e ela me abraçou.

– Eu sei.



Uma das luzes do elevador estava queimada, lançando uma estranha sombra no interior. Hanna estava encostada num dos cantos, olhando para mim em silêncio no lado mais escuro.

– O que você está pensando? – ela perguntou. Sempre bancando a cientista, tentando me dissecar.

Eu estava pensando *tudo*: desejando tudo e sentindo um pânico, imaginando se estava perdendo a última linha de controle das minhas emoções que ainda me restava. Pensava sobre o que eu faria com esta mulher quando a levasse para cama.

– Muitas coisas.

Mesmo nas sombras, eu podia ver seu pequeno sorriso.

– Pode ser mais específico?

– Não gostei daquele cara subir até seu apartamento.

Ela inclinou a cabeça, analisando meu corpo.

– Achei que isso fazia parte do protocolo dos encontros. Em algum momento um cara vai subir até meu apartamento.

– Eu sei disso – murmurei. – Mas foi você quem perguntou o que eu estava pensando.

– Ele é um cara legal.

– Tenho certeza de que é. E ele pode continuar sendo um cara legal sem beijar você.

Ela se endireitou um pouco.

– Você está com *ciúmes*?

Eu a encarei de volta e confirmei.

– Do *Dylan*?

– Não gosto da ideia de outras pessoas ficando com você.

– Mas durante todo esse tempo você continuou se encontrando com Kitty e Kristy.

Achei melhor não corrigi-la por enquanto.

– O que você estava pensando durante seu encontro com ele hoje?

O sorriso dela murchou.

– Fiquei pensando basicamente em você. Imaginando se você estaria com alguém.

– Não encontrei ninguém hoje.

Ela pareceu abalada com isso e ficou quieta por um bom tempo. Chegamos ao seu andar, as portas se abriram, ficaram abertas, depois se fecharam. O silêncio tomou o elevador, que ficou parado esperando ser chamado de novo.

– Por quê? – ela perguntou. – É sábado. É sua noite com a Kristy.

– Por que você sabe disso? – eu rebati, tentando controlar minha frustração com seja lá quem tivesse passado essa informação a ela. – E eu fiquei com você nos dois últimos sábados.

Ela olhou para seus próprios pés, pensando por um momento, e então voltou a olhar em meu rosto.

– Hoje fiquei pensando nas coisas que eu quero que você faça comigo. E nas coisas que eu quero fazer com você. E como eu não queria nada disso com o Dylan.

Dei um passo para frente na penumbra e passei minha mão em sua lateral até a curva do seio.

– Diga o que você quer agora. Diga o que você está pronta para receber.

Eu podia sentir o subir e descer de seu peito enquanto sua respiração acelerava. Passei a ponta do polegar sobre seu mamilo ereto.

– Quero ver você me chupando – ela disse, com a voz um pouco trêmula. – Quero gozar na sua boca.

– Obviamente – sussurrei, rindo um pouco. – Quando eu chupar, você vai gozar mais de uma vez.

Sua boca se abriu levemente, e ela agarrou meu pulso, pressionando minha mão mais forte em seu seio.

– Quero que você suba em cima de mim, se masturbando, e então quero que goze no meu peito.

Eu já estava muito duro, mas aquilo foi demais.

– Continue.

Balançando a cabeça, ela acabou dando de ombros e desviando os olhos.

– Quero *tudo*. Sexo em todos os lugares do meu corpo. Quero morder você e sentir o quanto isso é bom. Vamos transar e eu vou fazer tudo que você quiser, e não quero que seja bom apenas para mim, quero que seja bom para você também.

Fiquei sem palavras, surpreso com aquilo.

– Você está preocupada com isso? Que talvez eu esteja apenas tentando *agradar* você?

Ela ergueu os olhos.

– É *claro*, Will.

Eu me aproximei ainda mais até encostar em seu corpo e ela precisar inclinar a cabeça para manter contato com os olhos. Mostrei um sorriso e empurrei minha ereção contra sua barriga.

– Hanna. Não sei se alguma vez já quis algo mais do que quero você. Na verdade, eu tenho certeza disso. Eu penso em ficar beijando você por horas. Sabe esse tipo de beijo? Quando é o suficiente para você passar um bom tempo sem pensar em fazer qualquer outra coisa?

Ela balançou a cabeça, e eu senti sua respiração rápida em meu pescoço.

– Eu também não conhecia esse tipo de beijo, porque eu nunca quis isso com outra pessoa.

Hanna deslizou as mãos debaixo da minha blusa e da minha camiseta. As mãos estavam quentes, e os músculos do meu abdômen ficaram tensos sob seus dedos.

– Eu penso em você em cima do meu rosto – eu disse. – E depois penso em tomar você no chão da sala do meu apartamento, porque não consigo esperar para te levar a um lugar mais confortável. Ultimamente, não quero ficar com mais ninguém, e isso significa que passo muito tempo saindo para correr em horários aleatórios, ou com a mão no meu pau imaginando que é você.

– Vamos sair do elevador – ela disse, empurrando-me gentilmente pela porta até o corredor.

Ela se atrapalhou um pouco com a chave, e minhas mãos também tremiam enquanto passeavam por seu corpo. Precisei de todo o meu autocontrole para não tomar a chave e eu mesmo abrir logo aquela porta.

Quando ela finalmente conseguiu abrir, eu a empurrei para dentro, fechando a porta atrás de mim com violência e pressionando-a contra a parede mais próxima. Eu me abaixei, chubei seu pescoço, seu queixo e corri as mãos por baixo de sua saia para sentir a pele macia de suas coxas.

– Você vai precisar pedir para eu parar se estiver indo rápido demais.

Ela passou as mãos nos meus cabelos e agarrou com força.

– Não vou pedir.

Beijei subindo pelo queixo até a boca, chupando e lambendo, degustando cada milímetro de seus lábios macios e a doce língua faminta. Eu queria que ela me lambesse, deixasse marcas em meu peito e queria sentir a força de seus dentes na minha cintura, coxas, dedos. Eu me sentia como um criminoso que fugiu da cadeia, chupando e mordendo, dando um passo para trás apenas tempo o suficiente para arrancar nossas blusas, tirar minha camiseta, abrir o zíper de seu vestido e puxá-lo até o chão. Com um movimento dos meus dedos, seu sutiã se abriu e ela o tirou, voltando em seguida para meus braços. Os seios se apertaram

contra a minha pele, e eu quis apenas me esfregar nela e depois *entrar* fundo de uma vez.

Ela me puxou pela mão e me guiou pelo corredor até seu quarto, jogando um sorriso por cima do ombro.

O quarto estava arrumado e era espaçoso. Uma grande cama ficava encostada numa parede, e com exceção da própria Hanna, era tudo que eu podia enxergar no momento. Lá estava ela, apenas de calcinha, o cabelo solto e macio sobre os ombros enquanto olhava vidrada em meu peito, subindo até o pescoço para chegar no meu rosto.

O quarto estava inteiro preenchido por um silêncio ansioso.

– Imaginei isso tantas vezes – ela disse, correndo as mãos em minha barriga e depois arranhando de leve os pelos em meu peito. Ela traçou as curvas da minha tatuagem em meu ombro esquerdo, depois desceu pelo braço raspando a ponta do dedo. – Deus, parece que passei uma eternidade pensando nisso. Mas ter você aqui de verdade... me deixa muito nervosa.

– Não precisa ficar nervosa.

– Ajuda quando você me diz o que fazer – ela admitiu, com a voz quase sumindo.

Tomei um seio com a mão, levantando-o e me abaixando para chupar com vontade. Ela ofegou, e suas mãos desceram em meus cabelos. Eu sorri enquanto mordida a curva abaixo do mamilo.

– Você pode começar tirando minha calça.

Ela abriu meu cinto e desabotoou a calça. Eu estava obcecado com a maneira como suas mãos tremiam quando ela estava excitada desse jeito, até um pouco nervoso. Observei seu corpo nu banhado pela leve luz da rua que invadia o quarto: o pescoço e os seios, a curva da cintura e as longas e macias pernas. Estendi o braço e corri dois dedos pelo umbigo até o meio das coxas, raspando de leve sobre o tecido da calcinha.

Deslizando a ponta do dedo debaixo da renda e no meio da inebriante pele, eu sussurrei:

– Amo sua pele, amo sentir você tão molhada.

– Termina de tirar a calça – ela disse, com um jeito tímido. – E você pode me tocar a noite toda.

Pisquei de volta à realidade, percebendo que minha calça estava abaixada até os tornozelos e que eu estava ali de pé apenas de cueca. Ela não havia tocado nesse último limite; fosse por estar ainda nervosa, ou por ter mais uma peça de roupa para tirar depois, para mim estava ótimo. Chutei a calça para o lado e a puxei para a cama. Ela se deitou e se espalhou até a cabeceira enquanto eu rastejava por cima dela. Os olhos cinzentos de Hanna estavam arregalados e

atentos – como se fosse minha bela e ofegante presa.

Sua calcinha era azul claro, acentuando a brancura de sua pele, fazendo-a parecer feita de cristal. Apenas uma pequena pinta no umbigo denunciava que ela era real.

– Você escolheu essa calcinha para ele? – perguntei, antes de meu cérebro ter tempo de pensar no que estava dizendo.

Ela olhou em meu rosto, e eu levantei meus olhos até seus belos e espetaculares seios, enquanto ela dizia:

– Eu nem deixei ele tirar minha camisa. Então, não, eu não escolhi para ele.

Beijei sua barriga e descii até a barra da calcinha. Hanna nunca foi tímida ou defensiva, mas agora tudo era novo. Ela se apoiou nos cotovelos e ficou observando. Debaixo de mim, ela tremia e seu coração batia tão rápido que eu podia ver a pulsação em seu pescoço. Isso não parecia nosso joguinho de sempre do professor-e-aluna-do-sexo. Agora tudo parecia real, e Hanna estava perfeita deitada quase nua na minha frente. Eu chutaria meu próprio traseiro por uma eternidade se estragasse esta noite.

– Bom, então vou fingir que você escolheu a calcinha para mim.

– Talvez seja verdade.

Puxei a faixa de elástico com os dentes e soltei deixando estalar em sua pele.

– E também vou fingir que, vestida ou nua, você sempre pensa em mim.

Ela me olhou com aqueles grandes olhos cheios de revelações.

– Ultimamente, acho que isso é verdade também. Isso preocupa você?

Eu não sabia o que ela queria dizer com isso; na verdade, eu não sabia o que isso entre nós poderia ou não ser, e pela primeira vez eu não queria definir antes de começar. Subindo um pouco para que meu rosto pairasse acima do dela, eu me abaixei e a beijei, sussurrando:

– Não sei por onde começar.

Eu me sentia selvagem e um pouco rude, querendo chupá-la e fodê-la e sentir aqueles lábios me envolvendo. Tive um lampejo de medo de que isso fosse apenas uma loucura de momento, uma única noite de sexo sem compromisso onde eu tivesse poucas horas para fazer tudo que queria.

– Não vou deixar você dormir hoje.

Seus olhos se arregalaram, e ela mostrou um pequeno sorriso.

– Eu não quero dormir – e inclinando a cabeça, ela acrescentou: – E comece com a primeira coisa que eu pedi no elevador.

Beijei o caminho entre seu pescoço, peitos, costela, barriga. Cada pedaço dela estava tenso e macio e trêmulo debaixo dos meus lábios, *querendo*. Ela não fechou os olhos, nem uma única vez. Já fiquei com mulheres que gostavam de observar, mas nunca dessa maneira tão intensa e sentindo uma conexão como

essa.

Enquanto eu me aproximava do meio de suas pernas, eu podia ver seus músculos se apertando, podia ouvir sua respiração acelerando. Virei o rosto e chupei o interior de sua coxa.

– Vou perder minha cabeça com você na minha boca.

– Will, me diga o que fazer – ela disse, com a voz presa na garganta. – Eu nunca...

– Eu sei. Você é perfeita. Gosta de assistir?

Ela confirmou, meio tímida.

– Por que, minha pequena Ameixa? Por que você observa tudo que eu faço?

Ela hesitou, segurando alguma verdade enquanto engolia em seco.

– Você sabe como...

Ela deixou as palavras morrerem e terminou o pensamento apenas dando de ombros.

– Você quer dizer que gosta de me observar porque sei como fazer você gozar muito?

Ela confirmou novamente, arregalando ainda mais os olhos quando eu comecei a tirar sua calcinha, puxando-a pela cintura abaixo.

– Você pode gozar com a mão. Você observa sua mão quando toca a si mesma?

– Não.

Puxei a calcinha até o fim de suas pernas e a joguei atrás de mim antes de voltar para meu lugar entre suas pernas.

– Você tem um vibrador?

Ela confirmou, com olhos vidrados.

– Isso pode fazer você gozar bastante. Olhar para seu vibrador deixa você molhada assim?

Mergulhei um dedo lá dentro, levantando meu corpo e subindo por cima dela de novo, oferecendo o mesmo dedo para ela chupar. Hanna gemeu, chupando forte e me puxando para me beijar. Seus lábios tinham sabor de sexo, e eu já não aguentava mais de vontade de saboreá-la diretamente.

– É porque você gosta de me observar fazendo isso com você?

– Will...

– Não fique tímida agora – eu a beijei, chupando seu lábio inferior. – Você está usando sua mente científica? Está imaginando a mecânica de como um homem chuparia sua boceta? Ou é apenas a imagem da *minha* boca fazendo isso?

Ela correu as mãos em meu peito e agarrou meu pau por cima da cueca, apertando devagar e forte.

– Eu gosto de observar *você*.

Gemendo, quase não consegui responder.

– Gosto quando *você* fica me olhando. Nem consigo pensar direito quando vejo seus dois grandes olhos grudados em mim.

– Por favor...

– Agora, me solte e volte a olhar minha boca.

– Will.

Sua voz parecia ainda mais trêmula.

– Sim?

– Depois de hoje... por favor, não me machuque.

Fiz uma pausa, tentando entender sua expressão. Ela parecia com medo de que eu fosse machucá-la emocionalmente, porém seu rosto estava ainda mais faminto.

– Não vou – eu disse, beijando e descendo por seu pescoço, passando pelos seios, chupando e mordiscando. Desci ainda mais por seu corpo, e suas coxas tremeram quando as separei e soprei diretamente em sua pele quente.

Ela se apoiou novamente nos cotovelos, e eu sorri antes de mergulhar a cabeça e abrir minha boca sobre sua doce entrada. Meus olhos se fecharam ao sentir seu calor, e eu gemi, chupando gentilmente.

Com um gritinho afogado, sua cabeça caiu para trás, e os quadris se arquearam sobre a cama.

– Oh, *Deus*.

Eu sorri enquanto a lambia de cima a baixo antes de cobrir o clitóris com minha língua, circulando várias vezes.

– Não pare – ela sussurrou.

Eu não pararia nem se pudesse. Acrescentei meus dedos à brincadeira, deslizando para onde ela estava mais molhada e doce, e a pressão de dois dedos a fez cair para trás e agarrar a cabeceira da cama com todas as forças. Enquanto eu a observava, ela virou a cabeça e tomou a franha do travesseiro com os dentes. Pequenos sons de súplica e prazer escapavam de seus lábios, e eu fiz tudo que podia para não diminuir a intensidade nem por um maldito segundo.

Ela estava à beira do abismo. Fodendo com dois dedos, eu entrei ainda mais fundo e chupei ainda mais forte, olhando para os seios perfeitos e seu longo pescoço. Girei meu punho, e ela pressionou os quadris contra minha boca. Hanna começou a gritar de novo e de novo enquanto se contraía em meus dedos.

Foi o primeiro de muitos desta noite.

Eu estava tão duro que praticamente estava fodendo o colchão. Eu podia sentir os tendões de suas coxas se apertando, ouvia sua voz se tornando aguda e trêmula, sentia suas mãos agarrando meus cabelos, e então ela começou a se

esfregar em mim, com as pernas abertas e os quadris rápidos, fodendo meu rosto de um jeito quase inconsciente por vários e perfeitos minutos. Nunca senti o sexo oral parecer tanto quanto sexo de verdade. E eu me dediquei totalmente, devorando-a com toda a vontade acumulada nesses últimos tempos.

Com um grito, ela gozou de novo, agarrando meus cabelos tão forte que pensei que até fosse gozar com ela. Eu não conseguia fechar meus olhos, não conseguia desviar o olhar nem por um segundo. Eu chupei e chupei sua pele aveludada, completamente perdido em seu sabor delicioso.

– Por favor – ela ofegou, com as pernas tremendo e com os olhos sombrios e pesados de um jeito que eu nunca tinha visto. Ela colocou seu peso num dos cotovelos e me puxou pelo cabelo. – Venha aqui.

Tirei minha cueca e arrastei o peso do meu pau por cima de sua perna, beijando e lambendo seu umbigo, os seios e os mamilos eretos.

Eu queria foder cada parte dela: o vale entre os seios e sua boca gostosa, a bunda redonda e macia, e aquelas mãos habilidosas. Mas agora, o que eu mais queria era deslizar para dentro de seu sexo quente. Suas pernas se abriram ainda mais quando ela se esticou para pegar uma caixa de camisinhas no criado-mudo. Fiquei olhando a pele corada entre os seios, tocando meu pau sem nem perceber até que ela me entregou a caixa.

– Vamos começar com uma – ela disse, rindo um pouco.

Empurrando a caixa na minha mão, ela acenou com a cabeça, com olhos arregalados e suplicantes.

– Então, pegue uma – eu disse.

– Não sei como colocar – ela reclamou de um jeito adorável, tentando abrir a caixa toda atrapalhada. Quando abriu, rasgando o papelão de um jeito desastrado, várias camisinhas caíram sobre sua barriga.

Rasguei a embalagem de uma e entreguei a ela, jogando as outras para o lado.

– Não é difícil. Tire da embalagem e desenrole no meu pau.

Suas mãos tremiam, e eu esperava que fosse de antecipação e não de nervosismo, mas rapidamente fiquei aliviado quando ela se aproximou do meu pau e cobriu a cabeça com a camisinha.

Mas imediatamente percebi que estava do lado errado; ela não estava conseguindo desenrolar. Hanna só percebeu depois de alguns dolorosos segundos, jogando a camisinha fora e pegando outro pacote enquanto praguejava baixinho.

Eu estava duro e inchado e tão pronto que até podia sentir meus dentes raspando uns nos outros enquanto ela tirava outra camisinha, estudando com cuidado, e desta vez colocando do lado certo. Suas mãos estavam quentes e seu rosto estava tão perto do meu pau que eu podia sentir sua respiração excitada em

minhas coxas.

Eu precisava fodê-la desesperadamente.

Ela desenrolou desajeitada, com dedos hesitantes e leves, e o processo pareceu levar uma eternidade. Foi cobrindo com pequenos avanços, como se eu fosse feito de vidro e não estivesse prestes a transar com ela de um jeito que faria a cama cair no apartamento de baixo.

Quando ela alcançou a base, Hanna suspirou aliviada, deitando-se novamente e encostando os quadris em mim. Mas com um sorriso maldoso, eu tirei a camisinha e joguei para o lado.

Apertando os dentes em agonia, eu disse:

– Faça de novo. Não hesite tanto. Coloque a camisinha no meu pau para eu poder foder você logo.

Ela me encarou, com olhos cheios de confusão. Então, relaxou, como se pudesse ouvir meus pensamentos: *Eu não quero que você tenha um segundo sequer de incerteza. Nunca estive tão duro quanto agora na minha vida. Acabei de te chupar até você gritar, e eu não sou um cara delicado.*

Com os olhos colados aos meus, ela ergueu a embalagem até a boca, rasgou com os dentes e tirou a camisinha. Sentindo o formato, ela virou em sua mão e desenrolou em meu pau, de uma só vez, apertando forte quando chegou na base. A mão desceu ainda mais e raspou gentilmente em meu saco até chegar na coxa.

– Melhor assim? – ela sussurrou, acariciando a pele sensível, sem sorrir, sem franzir a testa, genuinamente querendo saber.

Confirmei, estendendo o braço e tocando seu rosto.

– Você é perfeita.

Com um sorriso de alívio, nós nos ajustamos, e eu deslizei meu pau pelo calor de seu sexo, provocando a nós dois, sentindo uma tontura de tanto desejo por ela. Meus quadris estavam tensos, pronto para estocar e explodir dentro dessa mulher.

Eu estava despreparado para a sensação do meu peito nu sobre o dela e das suas coxas envolvendo minha cintura. Aquilo era demais. *Hanna* era demais.

– Me coloque para dentro.

Ela ofegou, colocando a mão entre nós, mas eu não cedi muito espaço. Soltei todo o meu peso sobre ela, pele contra pele, mas ela me encontrou e me guiou até eu sentir sua entrada. Então me direcionou mais para cima, deslizando e provocando meu pau sobre seu clitóris e as dobras macias de seu sexo.

– Acho que não vou conseguir ser gentil.

Ela respirou fundo e disse:

– Bom. Bom.

Fiquei olhando enquanto ela me esfregava sobre sua pele. Seus olhos se

fecharam e um pequeno gemido escapou de sua boca.

– É que... faz tempo – ela sussurrou.

Subi os olhos até seu rosto e a flagrei lambendo os lábios, com os olhos semicerrados para poder enxergar o espaço entre nós e observar a si mesma brincando comigo.

– Quanto tempo? – perguntei.

Seu olhar voltou para meu rosto, enquanto sua mão continuou trabalhando.

– Uns três anos – ela franziu a testa levemente e completou: – Transei com cinco caras, mas provavelmente foram só umas oito transas. Eu realmente não sei o que estou fazendo, Will.

Engoli em seco, abaixando para beijar seu queixo.

– Então é melhor eu não pegar tão pesado – sussurrei, mas ela riu, balançando a cabeça.

– Também não quero que você seja gentil.

Olhei para os seios, a barriga e a mão que me segurava entre suas pernas. Eu queria sentir sua pele nua no meu pau. Nunca transei sem camisinha, mas desta vez eu queria tanto senti-la por inteiro que acabei ficando ainda mais ereto.

– Vou fazer direito – eu disse em seu pescoço. – Apenas deixe eu te sentir.

Hanna se ajeitou e me pressionou em sua entrada, fechando os olhos quando sentiu meu movimento para frente.

Um arrepio subiu por seu pescoço e seus lábios se abriram num suspiro demorado. Para mim, aquilo era demais, ver sua ficha caindo e entendendo que *realmente* iríamos transar de verdade. Quando abriu os olhos novamente, seu olhar pousou em meus lábios e se acalmaram momentaneamente. Ela subiu as mãos por meu peito e então tocou meu pescoço.

– Oi.

Aquele olhar, aquela ternura nos olhos, me fizeram perceber pela primeira vez o que estava acontecendo comigo: eu estava me apaixonando.

– Oi – eu disse com voz rouca, antes de abaixar e beijar sua boca.

Foi um alívio tão grande que fez o ar em meus pulmões sumirem. Intensifiquei o beijo, imaginando se ela podia sentir em meus toques que acabei de entender que estávamos *fazendo amor*, ou se ela simplesmente sentia seu próprio sabor em minha língua e não percebeu que meu mundo inteiro havia saído de órbita.

Afastei meu rosto, mas empurrei meus quadris para frente, desejando sentir a maciez de seu corpo pressionado ao meu; eu apenas queria entrar nela e permanecer lá no fundo.

Merda.

Puta que o pariu, caralho!

Ela olhou para mim enquanto eu deslizava fundo, mas Hanna não parecia capaz de enxergar meu rosto. Seus olhos estavam vidrados, sobrecarregados, e sua respiração imediatamente se tornou entrecortada. Uma leve indicação de dor passou por sua expressão. Entrei apenas alguns centímetros, senti o quanto ela era apertada, e aquilo foi bom demais.

Ouvi minha própria voz no ar, mas parecia vir de muito longe.

– Se abra para mim, minha pequena Ameixa. Mexa junto comigo.

Hanna relaxou, subindo mais as pernas por minha cintura, facilitando para eu ir mais fundo, e então nós dois soltamos um gemido ao mesmo tempo. Ela experimentou mexer os quadris, puxando-me inteiramente para dentro, e a sensação de suas coxas quentes pressionadas contra meus quadris me fez soltar um gemido alto.

– Não acredito que estamos fazendo isso – ela sussurrou, parando de repente em baixo de mim.

– Eu sei – e beijei seu queixo, o rosto, o canto dos lábios.

Ela concordou e me puxou para cima, inconscientemente dizendo com seu corpo que desejava que eu me mexesse.

Comecei num ritmo fácil, mergulhando na sensação de seu calor. Aumentei a passada, chupando seu pescoço com força, gemendo como um selvagem, então diminuí a velocidade até parar, beijando-a profundamente, sentindo a maneira como suas mãos exploravam minhas costas, minha bunda, meus braços, meu rosto.

– Você está bem? – eu perguntei, voltando a me mexer devagar. – Está doendo?

– Estou bem – ela sussurrou, virando o rosto em minha mão quando eu arrumei uma mecha de cabelo molhado em sua testa.

– Você está tão perfeita debaixo de mim.

Eu queria intensificar seu desejo e fazê-la gozar com uma explosão. Ela começou a tremer quando acelerei, mas gemeu frustrada quando diminuí a velocidade novamente. Mas eu sabia que ela confiava em mim, e eu queria mostrar o quanto poderia ser melhor se não houvesse pressa, se não tivéssemos mais nada para fazer além de sexo nas próximas *horas*.

Eu a beijei, chupei sua língua, roubei cada som de sua boca, engolindo-os com toda a minha ganância. Eu adorava seus gemidos roucos, suas súplicas intermináveis e a maneira como ela me deixava conduzir nossa transa. A realidade de *estar com ela*, suada e solícita, acabou com minha calma, e eu tive que acelerar dentro dela de um jeito desesperado. Ela respondeu espelhando meus movimentos, se arqueando em mim, e eu sabia que ela estava chegando perto de outro orgasmo, mas agora eu não conseguia parar nem ir mais devagar.

– Está gostando? – eu disse entre meus dentes, pressionando meu rosto em seu pescoço.

Ela apenas confirmou com a cabeça, sem conseguir usar palavras, com as mãos agarrando minha bunda e as unhas cravadas em minha pele. Puxei sua perna para cima até o joelho chegar ao ombro, então enfiei o mais rápido e forte e próximo de seu corpo que eu conseguia.

A maneira como seu orgasmo se anunciou foi selvagem, irreal, *explosiva*, primeiro como um rubor, depois com seus músculos tencionando até ela tremer, suada e implorando com palavras ininteligíveis.

– É isso – sussurrei, lutando para segurar meu próprio prazer. – Vai, minha Ameixa, você está quase lá...

Vi seus olhos se fecharem com força, sua boca se abrir e seu corpo se arquear enquanto ela gritava no clímax. Continuei me mexendo, dando a ela o máximo de prazer que eu conseguia arrancar do meu corpo.

Seus braços caíram para o lado, pesados, e eu me apoiei em minhas mãos, olhando agora para onde nos juntávamos, sentindo seus olhos sobre meu rosto.

– Will – ela disse ainda ofegando, com um tom de felicidade sensual em sua voz. – Meu *Deus*.

– Oh, merda, isso é bom demais. Você está tão molhada.

Hanna estendeu um braço e deslizou um dedo na minha boca para eu sentir seu sabor. Levei minha mão entre nós e massageei seu clitóris, sabendo que ela logo ficaria dolorida, mas precisando senti-la gozar comigo mais uma vez.

Após apenas alguns minutos, ela se dobrou novamente e seus quadris começaram a se mexer mais rápido com meu ritmo.

– Will... eu...

– Shh – eu sussurrei, olhando para a minha mão se movendo sobre ela e meu pau deslizando para dentro e para fora. – Me dê mais um.

Fechei os olhos, deixando minha mente mergulhar nas sensações de suas coxas tremendo agarradas a mim e dos apertos rítmicos de seu sexo, enquanto ela gozava de novo com um grito rouco e surpreso. Soltei meu último limite de autocontrole, entrando mais fundo e mais forte, prolongando o orgasmo dela com meu polegar em seu clitóris. Hanna jogou a cabeça para trás no travesseiro, ainda com as mãos na minha bunda, puxando-me para frente enquanto ela se mexia contra mim. Seus olhos estavam fechados com força, os lábios bem abertos e os cabelos se derramavam para todos os lados pelo travesseiro. Nunca vi nada mais lindo em toda a minha vida.

Hanna arrastou as unhas pelas minhas costas, olhando meu rosto, fascinada. Aquele toque áspero, o corpo macio e os olhos arregalados e extasiados foram demais para mim.

– Diga que isso é bom – ela sussurrou, com lábios inchados e molhados, rosto corado e cabelos úmidos de suor.

– Muito bom – respondi, quase grunhindo como um animal. – Não consigo... não consigo nem pensar direito.

Ela cravou ainda mais as unhas, e com aquela dor e prazer que ela me proporcionava eu sabia que não aguentaria por muito mais tempo. Senti o orgasmo chegando pelas minhas veias, quente e frenético.

– Mais forte – implorei.

Ela se inclinou em mim, mordendo meu ombro até chegar ao peito.

– Goze agora – ela disse, ofegando e arranhando as unhas em minhas costas de uma maneira possessiva. – Quero *sentir* você gozando.

Foi como se eu fosse ligado a uma tomada, cada centímetro da minha pele se acendeu com uma eletricidade fantástica. Olhei subindo por seu corpo: os seios se movendo com a força das minhas estocadas, a pele perfeita molhada de suor, marcas vermelhas dos meus dentes por todo o pescoço, ombros e queixo. Mas quando olhei em seus olhos, eu me perdi de vez. Ela estava me encarando, aquela garota que eu via todas as manhãs, por quem eu me apaixonava cada vez mais sempre que ela abria a boca.

Aquilo era *real*. Com um grito, eu desabei sobre ela, cheio de um prazer tão intenso que eu mal registrei o calor de seus braços envolvendo meus ombros, nem seu beijo em meu pescoço, quando fiquei imóvel em cima dela, ou o sussurro em meu ouvido:

– Quero que você fique assim para sempre.

– Nunca deixe de ser tão sincera – eu murmurei, arrastando meu olhar para seu rosto. – Nunca deixe de pedir tudo que você quer.

– Pode deixar – ela sussurrou. – Hoje eu te peguei de jeito, não é mesmo?

E assim, de repente, Hanna se tornou minha dona.

Onze

Acordei com o colchão se movendo e o som das molas chiando enquanto Will se levantava da cama.

Uma luz azul fraca entrava pela janela, e eu pisquei na escuridão, tentando reconhecer o espaço ao redor – enxerguei a porta, o armário e a silhueta de Will desaparecendo no banheiro.

Sem acender nenhuma luz, ouvi a água correndo e a porta do chuveiro abrindo e fechando. Considerei me juntar a ele, mas eu não conseguia me mexer: meus músculos pareciam de borracha, meu corpo estava pesado e afundando no colchão. Havia uma sensação profunda e diferente entre minhas pernas, e eu me espreguiceei, apertando as coxas juntas para sentir aquilo de novo. Para lembrar depois. Meu quarto tinha cheiro de sexo e de Will: eu sentia até uma tontura com o perfume inebriante e a ideia de que ele estava nu tão perto de mim, apenas do outro lado da parede. Braços, pernas e barriga, duros como granito. Qual era o protocolo para momentos como este? Será que eu teria sorte o bastante para ele voltar e começarmos tudo de novo? É assim que isso funciona?

Meus pensamentos voaram até Kitty e Kristy, e fiquei imaginando se nossa noite juntos foi igual a todas as noites que ele passou com tantas outras mulheres. Se ele pegou do mesmo jeito, fez os mesmo sons, ofereceu as mesmas promessas. Will não passava *todas* as noites comigo, mas é verdade que nos encontrávamos bastante. Então, quando ele se encontrava com elas? Uma parte de mim queria perguntar, para que eu soubesse especificamente como ele encaixava todas nós em sua vida. Mas uma parte maior achava melhor não saber.

Passei a mão em meus cabelos emaranhados e pensei na noite passada: em Dylan e no nosso encontro desastroso, em Will e em como eu me senti ao perceber que ele ficou o tempo todo na frente do meu prédio. Preocupado. Esperando. Querendo. Pensei nas coisas que fizemos e em como ele fez eu me sentir. Eu não sabia que sexo podia ser assim tão bom: ao mesmo tempo rude e carinhoso e demorando uma *eternidade*. Foi algo selvagem; suas mãos e dentes me deixaram deliciosamente marcada, e houve momentos em que pensei que fosse me despedaçar em milhões de pedaços se não o sentisse entrar ainda mais fundo.

Ouvi o som familiar da torneira se fechando e virei meu rosto em direção à porta do banheiro. O barulho da água se extinguiu, e o silêncio voltou a tomar o quarto. Fiquei ouvindo enquanto ele pegava uma toalha e secava o corpo.

Não consegui tirar os olhos dele quando ele apareceu, seu corpo nu movendo-se por uma faixa de luz da lua. Eu me sentei na beira da cama. Ele parou bem na minha frente, com seu pau acordando enquanto eu olhava vidrada.

Will estendeu o braço e acariciou meus cabelos bagunçados. Depois correu a ponta do dedo por meu rosto até chegar aos lábios, onde tracejou cada curva. Ele não se abaixou para me olhar nos olhos. Era como se ele soubesse que eu estava estudando-o. Como se *quisesse* que eu apenas olhasse.

Juro que podia ouvir meu próprio coração batendo forte. Eu queria tocá-lo. Mais do que isso, eu queria sentir seu *sabor*.

– Parece que você quer colocar sua boca em mim – ele disse, com a voz rouca e grave.

Engolindo em seco, eu confirmei.

– Quero saber qual é o seu gosto.

Ele deslizou a mão por sua extensão e deu um passo a frente, raspando a cabeça do pau nos meus lábios, pintando minha pele com a umidade que havia ali. Quando estiquei a língua para sentir o gosto, ele soltou um gemido grave, passando a mão para cima e para baixo em sua base enquanto eu envolvia a cabeça com minha boca, lambendo de leve.

– Isso – ele sussurrou. – Assim... isso é *muito* bom.

Não sei o que eu estava esperando, mas não era isto: ficar tão excitada pelo ato em si, ou o quanto eu me senti poderosa por ser a pessoa que fazia este homem lindo gemer tanto. As mãos dele mergulharam no meu cabelo, e eu fechei os olhos. Sua respiração se tornou entrecortada enquanto eu movia a boca engolindo-o cada vez mais. E então, ouvi Will engolir e perder a respiração ofegando fortemente.

– Pare, pare – ele disse, dando um passo para trás. Parecia que ele tinha acabado de correr uma maratona. – Você não faz ideia do quanto gosto de ver você brincando desse jeito. Essa sua boca, a língua, Hanna... – ele acariciou meu queixo com o polegar. – Mas quero ter cuidado com você na primeira vez que você me toma na boca, e agora estou me sentindo maluco demais, e egoísta demais.

Eu sabia exatamente como ele se sentia. Meu corpo todo vibrava, minha pulsação batia forte em meu pescoço e apertei minhas coxas juntas novamente, sentindo aquele desejo impaciente voltar a crescer a cada segundo.

Ele se abaixou e me beijou, sussurrando:

– Vire-se, minha Ameixa. Quero você com o rosto no travesseiro e a bunda

para cima.

Só consegui assentir, girando meu corpo de barriga para baixo, com minha mente enevoada demais para formular alguma resposta. O colchão afundou e senti Will atrás de mim, ajeitando-se entre minhas pernas abertas. Suas mãos deslizaram pelo interior das minhas coxas e sobre minha bunda. Ela agarrou minha cintura, pressionando os dedos na minha pele enquanto me puxava até eu me apoiar nos joelhos e ficar na posição que ele queria. Eu podia sentir o quanto estava molhada, sentia nas pontas de seus dedos enquanto ele os movia pelo meu corpo. Meu coração batia com força em meu peito e tentei desligar qualquer outra sensação além do calor de sua pele, o raspar de seus lábios e os cabelos nas minhas costas.

Sempre entendi por que as mulheres queriam Will. Ele não era bonito como Bennett ou carinhoso como Max. Will era visceral e imperfeito, sombrio e *conhecedor*. Ele passava a impressão de que olhava para uma mulher e entendia imediatamente todas as necessidades dela.

Mas agora eu sabia por que as mulheres realmente perdem a cabeça por causa dele. Porque no final, ele *conhece mesmo* todas as necessidades de uma mulher, inclusive as minhas. Ele me arruinou para qualquer outro homem, mesmo antes do primeiro toque. E quando se inclinou atrás de mim, raspando os lábios na minha orelha – não exatamente num beijo –, e perguntou: “Você acha que vai gritar de novo quando gozar dessa vez?”, eu *enlouqueci* completamente.

Will estendeu o braço e pegou uma camisinha. Ouvi a embalagem sendo rasgada e o desenrolar em seu pau. Eu ainda lembrava os detalhes daquela fina camada de látex tão impossivelmente apertada cobrindo toda a extensão de seu membro. Eu queria que ele se apressasse. Queria que fosse logo e me comesse, que apagasse esse fogo que eu sentia.

– Posso ir mais fundo desse jeito – ele disse, abaixando-se para beijar minhas costas novamente. – Mas me avise se estiver machucando, certo?

Assentindo freneticamente, empurrei meu corpo para trás em suas mãos, implorando para ele matar a minha fome.

A palma de sua mão estava mais fria do que eu esperava, e eu ofeguei surpresa quando ele pressionou a base das minhas costas, estabilizando meu corpo. Eu estava tremendo? Na escuridão, eu podia ver minha mão contra a brancura do lençol, agarrando o tecido com toda a força que eu tinha.

– Quero que você apenas aproveite – ele disse, como se pudesse ouvir meus pensamentos, com a voz tão grave que parecia mais vibração do que som. – Agora quero você só para mim.

Senti os músculos sólidos de suas pernas e a ponta de seu pau enquanto ele se ajeitava. Em cada raspar de nossas peles, eu me arqueava mais, erguendo minha

bunda para mudar o ângulo e torcendo para que desta vez, *desta vez* ele pudesse entrar dentro de mim.

Senti também sua boca em meu ombro, descendo pelas costas e arranhando as costelas. Ainda era muito cedo, meu quarto estava muito frio, e eu tremia quando o ar tocava a pele onde ele havia acabado de beijar, lamber e morder.

E quando ele sussurrou em meu ouvido dizendo o quanto eu ficava incrível nessa posição e o quanto ele me desejava, pensei que meu coração fosse explodir em meu peito. Era tão diferente dessa maneira, com ele atrás de mim, longe da minha vista. Eu não conseguia avaliar sua expressão nem tinha a segurança de seu olhar vidrado em meu rosto. Tive que fechar os olhos e prestar atenção em suas mãos, no quanto elas tremiam, em quão rígidas pareciam quando ele acariciava meu clitóris. Ouvi atentamente sua respiração acelerada e seus curtos grunhidos, pressionei meu corpo nele e senti meu peito se contorcer de prazer quando o contato entre suas coxas e minha bunda o fez soltar um longo gemido.

Ele era tão grosso, tão *duro*. Quase perdi minha respiração enquanto ele se posicionava contra minha pele sensível e – *finalmente* – entrava devagarinho em mim.

– Ah!

Foi um som que parecia arrancado da minha garganta, pois era a única palavra que eu conseguia pensar.

Ah, eu não sabia que seria assim.

Ah, dói, mas de um jeito delicioso.

Ah, por favor, não pare nunca. Quero mais, mais.

Como se ele ouvisse essas palavras, Will se ajeitou ainda mais contra minha pele, movendo-se mais devagar, mais fundo. Estávamos apenas começando, mas já era bom demais, perfeito demais. Eu o sentia se arrastar até o fundo, muito perto daquele ponto especial, deixando-me à beira de uma pequena explosão.

– Você está bem? – ele perguntou, e eu confirmei em silêncio, completamente em êxtase.

Will começou a se mover novamente, desta vez com pequenas estocadas do quadril que me empurravam cada vez mais para frente no colchão, levando-me para o ponto onde tudo dentro de mim ameaçava se despedaçar.

– Merda, olhe para você.

Senti sua mão em meu ombro e depois em meus cabelos, com os dedos entrelaçando nas mechas e puxando para me manter exatamente onde ele queria.

– Abra mais as pernas – ele gemeu. – Apoie nos cotovelos.

Obedeci imediatamente, soltando um grito com a profundidade da posição. Um calor se acumulou em meu estômago e entre minhas pernas diante da ideia de Will usar meu corpo do jeito que quisesse para sentir prazer. Eu tinha absoluta

certeza de que nunca em minha vida me senti tão sexy.

– Eu sabia que seria assim – ele disse.

Eu nem conseguia compreender direito as palavras. Eu sentia como se fosse desmaiar, então deslizei os braços para frente, pressionei meu rosto no travesseiro e levantei ainda mais minha bunda enquanto ele continuava me comendo. A franha estava fria contra meu rosto, e fechei os olhos, lambendo os lábios enquanto ouvia os sons de nossos corpos se movendo juntos. Ele era tão bom. Estiquei meus braços e agarrei com força a cabeceira da cama: eu sentia meu corpo tão alongado debaixo dele que era como se fosse se partir em dois quando eu gozasse.

Seus cabelos molhados raspavam minhas costas, e fiquei imaginando como ele estaria: pairando sobre mim, com os braços suportando seu peso enquanto ele se inclinava sobre meu corpo trêmulo, entrando em mim repetidamente, fazendo minha cama balançar debaixo de nós.

Eu me lembro de quando costumava me esconder debaixo dos lençóis e imaginar exatamente isto, tocando a mim mesma, ainda inexperiente, até gozar. Parecia igual – tão safado e proibido, mas ainda melhor do que qualquer fantasia ou sonho secreto.

– Diga o que você quer, minha Ameixa – ele disse, com a voz tão rouca que estava quase inaudível.

– Mais – eu disse sem nem perceber. – Mais *fundo*.

– Toque a si mesma – ele respondeu. – Não vou gozar sem você.

Deslizei minha mão entre o colchão e meu corpo suado e encontrei meu clitóris, macio e inchado. Ele estava tão perto de mim, perto o bastante para eu sentir o calor de sua respiração e sua pele molhada. Podia sentir os músculos tremendo, as mudanças na respiração e os sons cada vez mais altos enquanto ele mudava o ângulo dos quadris e entrava tão fundo que minhas costas se arquearam até o limite, quase involuntariamente.

– Goze para mim, Hanna – ele disse, acelerando os movimentos.

Levou apenas um instante e mais algumas carícias dos meus dedos para eu gozar, com sons presos na garganta, e tomada por uma onda que se abateu em mim tão fortemente que juro que senti até meus ossos tremendo.

Um zumbido surgiu em meus ouvidos, mas então senti a batida de sua pele contra a minha e como seus músculos tencionaram atrás de mim um pouco antes de soltar um longo gemido em meu pescoço.

Eu estava exausta; sentia os membros soltos e as juntas prestes a se partirem. Minha pele formigava de calor, e eu estava tão cansada que nem conseguia abrir os olhos. Senti Will segurar a base da camisinha antes de sair de mim. Ele se levantou da cama e foi até o banheiro. Então, ouvi novamente o barulho da água.

Quando o colchão afundou e o calor de seu corpo retornou, eu mal estava consciente.



Abri meus olhos ao sentir o cheiro de café e ouvir o som da louça tilintando na cozinha. Pisquei olhando para o teto enquanto os últimos resquícios do meu sono profundo davam lugar à realidade da noite passada.

Ele ainda está aqui, foi meu primeiro pensamento, seguido de: *E agora, o que é que eu faço?*

A noite passada aconteceu naturalmente; eu desliguei meu cérebro e fiz o que era gostoso, fiz o que eu queria. E o que eu queria era *ele*, e por algum motivo ele me queria de volta. Mas agora, com o sol entrando pela janela e o mundo acordado e girando lá fora, eu fui preenchida por incertezas, sem saber quais eram os novos limites entre nós.

Meu corpo estava dolorido nos lugares mais aleatórios possíveis. Sentia como se tivesse feito mil flexões. Minhas coxas e ombros doíam. Minhas costas estavam travadas. E entre minhas pernas eu estava sensível e latejando, como se Will tivesse entrado em mim por horas e horas durante o breu da noite.

Quem diria.

Saí lentamente da cama, entrei no banheiro na ponta dos pés e cuidadosamente fechei a porta, estremecendo quando o clique da fechadura pareceu mil vezes mais alto do que o normal.

Eu não queria que as coisas ficassem estranhas entre nós, nem queria arruinar o clima confortável que sempre sentimos um com o outro. Não sei o que seria de mim se eu perdesse isso.

Depois de escovar os dentes e pentear o cabelo, vesti um calção e uma camiseta regata e andei até a cozinha, decidida a dizer que eu conseguia fazer isso e nada precisava mudar.

Will estava de pé em frente ao fogão vestindo apenas sua cueca preta, com as costas viradas para mim, preparando o que pareciam ser panquecas.

– Bom dia – eu disse, cruzando a cozinha e indo direto para o café.

– Bom dia – ele disse, sorrindo para mim. Will se aproximou e agarrou o tecido da minha camiseta, puxando meu corpo para me dar um rápido beijo nos lábios. Ignorei o calor em meu estômago e peguei uma caneca, tomando cuidado para manter um bom espaço entre nós.

Minha mãe fazia nosso café da manhã todos os domingos nesta cozinha quando passávamos as férias juntas, e sempre insistiu que fosse espaçosa o bastante para acomodar a crescente família. A cozinha era duas vezes maior do

que qualquer outro local do prédio, com armários cor de cereja e piso acolhedor. As grandes janelas tinham vista para a Rua 101; o balcão era enorme e acomodava bancos para todos. O topo de mármore do balcão sempre me pareceu grande demais para o apartamento e um desperdício de espaço, agora que apenas eu morava aqui. Mas com a memória da noite passada se repetindo em minha mente, e com seu corpo quase nu tão perto de mim, eu sentia como se estivesse dentro de uma caixa de sapatos, como se as paredes estivessem se fechando e me empurrando para cada vez mais perto desse homem estranho e sexy. Eu definitivamente precisava de um pouco de ar.

– Faz tempo que você acordou? – eu perguntei.

Ele deu de ombros, flexionando os músculos dos ombros e costas. Eu podia ver a ponta da tatuagem que envolvia suas costelas.

– Um pouco.

Olhei para o relógio. Ainda era cedo, cedo demais para acordar num domingo, principalmente depois de uma noite como a nossa.

– Não conseguiu dormir?

Ele virou uma das panquecas e colocou mais duas num prato.

– Mais ou menos.

Enchi minha caneca de café sem desviar os olhos do líquido negro que fumegava em meio a um raio de sol. A mesa do balcão estava posta, com dois pratos e copos de suco de laranja. A imagem de suas outras *não namoradas* me atingiu por um instante e fiquei pensando se isto era parte de sua rotina lapidada com o passar dos anos: preparar o café da manhã antes de deixá-las sozinhas em seus apartamentos vazios com pernas bambas e um sorriso bobo no rosto.

Sacudi minha cabeça de leve e ajeitei meus ombros.

– Estou feliz por você ainda estar aqui – eu disse.

Ele sorriu e raspou o resto da massa de panquecas da tigela.

– Legal.

Ficamos num silêncio confortável enquanto eu adicionava creme e açúcar antes de me sentar num dos bancos.

– Quer dizer, eu me sentiria ridícula se você tivesse ido embora. Assim é mais fácil.

Will virou a última panqueca e falou sobre o ombro:

– Mais fácil?

– Menos embaraçoso.

Eu sabia que precisava manter a casualidade e impedir que isso se tornasse uma *coisa* entre nós. Eu não queria que ele pensasse que eu não conseguiria lidar com o que fizemos.

– Não sei se estou entendendo, Hanna.

– É mais fácil fazer essa parte agora, a parte constrangedora do *eu-vi-você-pelado*, em vez de fazer depois, vestidos e tentando esconder a vergonha.

Eu o vi parar e olhar para a tigela vazia, obviamente confuso. Will não concordou ou riu, nem agradeceu por eu falar isso antes que ele precisasse dizer. E agora era eu quem estava claramente confusa.

– Você me acha um cafajeste, não é? – ele disse, finalmente se virando para me encarar.

– Por favor. Você sabe que para mim você praticamente caminha sobre as águas. Não quero que você fique encanado ou pensando que eu espero que as coisas mudem entre nós.

– Eu *não* estou encanado.

– Estou só dizendo que eu sei que a noite passada significou coisas diferentes para nós dois.

Ele franziu a testa.

– E o que significou para você?

– Para mim, foi algo maravilhoso. Um lembrete de que, mesmo falhando miseravelmente com o Dylan, eu consigo me divertir com um homem. Eu consigo me desprender e apenas aproveitar. Sei que provavelmente isso não mudou quem você é, mas sinto que alguma coisa mudou para mim. Então, eu agradeço.

Os olhos de Will se arregalaram.

– E quem exatamente você acha que eu sou?

Andei até ele e me estiquei para beijar seu queixo. Seu celular tocou em cima do balcão, e o nome “Kitty” apareceu na tela. Então, isso foi a resposta que ele queria. Respirei fundo e tomei um tempo para encaixar tudo em minha mente.

E então eu comecei a rir, acenando para o celular que continuava a vibrar.

– Um homem que é bom de cama por uma razão.

Sua expressão estava séria quando pegou o celular e o desligou.

– Hanna – ele disse, puxando-me de volta e beijando demoradamente meu rosto. – A noite passada...

Suspirei com a facilidade com que nossos corpos se encaixavam e o quanto meu nome soava perfeito em sua boca.

– Você não precisa explicar, Will. Desculpa por deixar as coisas esquisitas.

– Não, eu...

Pressionei dois dedos em seus lábios.

– Deus, você deve odiar o clima pós-sexo, mas juro que eu não preciso de nada. Eu consigo lidar com isso, Will.

Seus olhos buscaram meu rosto, e fiquei imaginando o que ele enxergava. Será que não acreditava em mim? Beijeí suavemente seu queixo, sentindo a

tensão sumir de seu corpo.

Suas mãos pousaram na minha cintura.

– Estou feliz por você estar bem – ele finalmente disse.

– Estou, prometo. Sem clima estranho.

– Sem clima estranho – ele repetiu.

Doze

Eu só deixava de correr se estivesse mortalmente doente ou se tivesse um avião para pegar logo cedo. Então, na segunda-feira de manhã, eu me odiei um pouco por desligar o alarme e continuar na cama. Eu simplesmente não queria encontrar Hanna.

Mas assim que esse pensamento me veio, tive que reconsiderar sua validade. Eu não queria encontrar *Ziggy*, com seus peitos pulando e falando pelos cotovelos, como se não tivesse me destruído no sábado com seu corpo e palavras e necessidades, tudo isso disfarçado de *Hanna*. E eu sabia que se *Ziggy* aparecesse agindo como se nada tivesse acontecido, isso iria me levar ainda mais para o fundo do poço.

Fui criado por mãe solteira, com duas irmãs mais velhas que não me davam outra escolha a não ser entender as mulheres, conhecer as mulheres, *amar* as mulheres. Em um dos meus dois relacionamentos sérios que já tive, conversei com minha namorada sobre a possibilidade de esse conforto com as mulheres ter funcionado muito bem para mim quando cheguei à adolescência e por isso acabei querendo transar com todas as garotas que eu encontrava. Acho que essa namorada tentou me dizer de um jeito não muito discreto que eu manipulava as mulheres fingindo que ouvia os problemas delas. Não pensei muito nisso desde então; nós terminamos o namoro pouco depois.

Mas esse conforto com o sexo oposto parecia que não ajudava muito em relação a Hanna. Ela parecia uma criatura diferente, de uma *espécie* diferente. Tornava toda a minha experiência completamente inútil.

Por algum motivo, quando voltei a dormir, comecei a sonhar que estava transando com ela em cima de uma pilha gigante de material esportivo. Um taco de lacrosse batia em minhas costas, mas eu não me importava. Apenas fiquei observando ela me cavalgar, com olhos colados aos meus, as mãos se movendo por todo meu peito.

Meu celular tocou ao meu lado e eu acordei de repente. Olhando para o relógio, percebi que dormi demais; eram quase oito e meia. Atendi sem olhar, pensando que era Max perguntando onde diabos eu estava.

– Calma, cara. Vou chegar dentro de uma hora.

– Will?

Merda.

– Ah, oi.

Meu coração se apertou tanto que eu soltei um grunhido que precisei abafar com a mão.

– Você ainda está dormindo? – Hanna perguntou. Ela parecia sem fôlego.

– Eu *estava*.

Ela fez uma pausa, onde pude até ouvir o vento do outro lado da linha. Ela estava ao ar livre *e* sem fôlego. Foi correr sem mim.

– Desculpa te acordar.

Fechei os olhos e pressionei meu punho em minha testa.

– Esquece.

Ela permaneceu quieta por um longo e doloroso tempo, e nesse intervalo imaginei várias conversas entre nós. Uma em que ela me dizia que eu era um idiota. Uma em que ela se desculpava por insinuar que eu fui insensível em relação à nossa noite juntos. Uma em que ela tagarelava sem nenhum assunto em particular, bem ao estilo Ziggy. E uma em que perguntava se podia vir até meu apartamento.

– Acabei de correr um pouco – ela disse. – Achei que você já tinha começado e então pensei em encontrar você pela trilha.

– Você achou que eu começaria sem você? – eu perguntei, rindo. – Isso seria uma falta de educação.

Ela não respondeu, e então percebi que o que eu fiz – não aparecer e nem avisar – era tão ruim quanto.

– Merda, Ziggs, desculpa.

Ela ofegou de um jeito exagerado.

– Ah, então eu sou a Ziggy hoje. Interessante.

– Pois é – murmurei, e então odiei a mim mesmo imediatamente. – Não. *Merda*, não sei quem você é hoje – e chutei meus lençóis para longe, forçando meu cérebro a acordar de uma vez. – Minha cabeça fica bagunçada quando chamo você de Hanna.

Me faz pensar que você é minha, pensei, sem dizer em voz alta.

Rindo alto, ela começou a andar novamente, fazendo o vento bater ainda mais forte no telefone.

– Supere logo sua ansiedade masculina, Will. Nós transamos. Você é o cara que sabe melhor do que ninguém como lidar com nossa situação. Não estou pedindo uma chave do seu apartamento.

Ela fez uma pausa e meu coração quase parou quando percebi como ela estava avaliando o meu distanciamento. Ela achava que eu estava esfriando as coisas.

Abri minha boca para esclarecer tudo, mas as palavras dela surgiram antes.

– Não estou nem pedindo para repetirmos a dose, seu idiota egocêntrico.

E com isso, ela desligou.



Pedi para mudarmos nosso almoço de sempre das terças-feiras para a segunda-feira dizendo que eu tinha perdido minha coragem e minha cabeça, e ninguém reclamou. Cheguei num nível de coração partido que já não era mais engraçado para meus amigos.

Encontramo-nos no Le Bernardin, pedimos o de sempre, e a vida parecia prosseguir normalmente. Max beijava Sara até ela o afastar. Bennett e Chloe fingiam odiar um ao outro por causa da salada que ela insistia em oferecer a ele, encenando aquela esquisita sessão de preliminares que eles sempre faziam. A única coisa que parecia diferente era minha bebida alcoólica, que terminava em menos de cinco minutos, e o garçom me olhava feio quando eu pedia outra.

– Acho que eu sou Kitty – eu disse, assim que o garçom foi embora. Quando a conversa parou de repente, percebi que meus amigos estavam conversando alegremente sobre qualquer coisa enquanto meu cérebro lentamente derretia ao lado.

– Com a Hanna – esclareci, buscando algum tipo de compreensão em seus rostos. – *Eu* sou Kitty. Eu sou a pessoa dizendo que não se importa em apenas transar sem nada mais sério, só que na verdade eu me importo sim. Eu sou a pessoa dizendo que aceita transar só nas terças-feiras, em dias ímpares, só para ter um tempo com ela. *Ela* é a pessoa dizendo que não precisa de um relacionamento sério.

De repente, Chloe colocou a palma da mão na frente do meu rosto.

– Espera aí, William. Você está *transando* com ela?

Eu me ajeitei na cadeira, arregalando os olhos num tom defensivo.

– Ela tem vinte e quatro anos, não é mais nenhuma adolescente, Chloe. Qual é o problema?

– Eu não me importo que você esteja transando com ela, eu me preocupo porque vocês transaram e ela não ligou para nós imediatamente. Quando isso aconteceu?

– Calma. Foi no sábado. Dois dias atrás – eu murmurei.

Ela se recostou e sua expressão se acalmou um pouco.

Relaxando, estendi o braço para pegar meu drinque assim que o garçom o colocou na mesa. Mas Max foi mais rápido, tirando-o do meu alcance.

– Temos uma reunião hoje à tarde com Albert Samuelson e preciso que você

esteja sóbrio.

Concordei, esfregando os olhos.

– Eu odeio todos vocês.

– Por estarmos certos? – Bennett resumiu corretamente.

Eu o ignorei.

– E você afinal terminou com Kitty e Kristy? – Sara perguntou gentilmente.

Merda. De novo isso?

Balancei a cabeça.

– Por que eu terminaria? Não existe nada entre Hanna e eu.

– Não existe nada, exceto os seus *sentimentos* por ela – Sara pressionou, juntando as sobrancelhas. Eu odiava sua reprovação. De todos os meus amigos, Sara só me repreendia quando eu realmente merecia.

– Só acho que é melhor não criar mais drama – eu disse, mesmo sabendo que era uma desculpa esfarrapada.

– A Hanna disse mesmo que não quer nada sério com você? – Chloe perguntou.

– Isso ficou bem óbvio depois do jeito que ela se comportou no domingo de manhã.

Max acrescentou:

– Odeio dizer o óbvio, meu amigo, mas por que você não fez aquilo que sempre faz e deixou as coisas claras antes de transar? Não é isso que você sempre diz sobre seus encontros casuais? Que é melhor discutir tudo antes para não sofrer depois?

– Não fiz isso porque é fácil ter essa conversa quando você sabe o que quer e o que não quer.

– Bom, então o que você *sabe*? – Max perguntou, virando de lado para dar espaço para o garçom colocar seu pedido na mesa.

– Sei que não quero que Hanna transe com mais ninguém – eu disse entredentes.

– Bom – Bennett interrompeu –, e se eu disser que vi Kitty claramente saindo com outro cara?

Senti um alívio me atingir.

– Você viu?

Ele balançou a cabeça.

– Não. Mas a sua reação diz muita coisa. Conserte as coisas com Hanna. Esclareça tudo com Kitty – e apanhando seu garfo, ele terminou dizendo: – E agora cale a boca e deixe a gente comer.



No dia seguinte, eu já estava de pé às cinco e quinze da manhã na frente do prédio de Hanna. Eu sabia que agora que ela tomou gosto pela corrida, ela não deixaria de sair para correr. Eu tinha que consertar as coisas com ela... apenas não sabia direito como fazer isso.

Ela parou de repente quando me viu, arregalando os olhos antes de vestir uma expressão calma no rosto.

– Ah. Oi, Will.

– Bom dia.

Ela começou a passar por mim, sem tirar os olhos da calçada. Seu ombro raspou no meu, e eu percebi que não foi de propósito.

– Espera – eu disse. Ela parou, mas não se virou para mim. – Hanna.

Ela suspirou.

– E hoje sou a Hanna de novo.

Andei até onde ela parou, fiquei em sua frente e pousei as mãos em seus ombros. Não deixei de notar a maneira como ela tremeu um pouco com meu contato. Era raiva ou a mesma excitação que eu sentia?

– Você *sempre* foi a Hanna.

Os olhos dela ficaram sombrios.

– Mas não ontem.

– Ontem eu estraguei tudo, certo? Quero me desculpar por não ter aparecido para nossa corrida e por ter feito papel de idiota.

Ela ficou me observando, com olhos desconfiados.

– Um idiota *épico*.

– Sei que sou eu quem deveria saber como me comportar nessa situação, mas eu preciso admitir que o sábado foi uma noite diferente para mim – ela suavizou o olhar e os ombros relaxaram. Eu continuei, com a voz num tom mais baixo: – Foi algo intenso, certo? E eu sei que parece loucura, mas fui pego de surpresa quando você agiu toda casual na manhã seguinte.

Soltei seus ombros e dei um passo para trás. Ela me olhou como se um chifre tivesse saído da minha cabeça.

– E como é que eu deveria agir? Esquisita? Raivosa? *Apaixonada*? – e balançando a cabeça, ela disse: – Não sei o que fiz de errado. Achei que tinha lidado bem demais. Achei que tinha agido exatamente como você me diria para agir se eu tivesse transado com qualquer outra pessoa.

Seu rosto ficou vermelho, e eu tive que me segurar para não abraçá-la.

Respirei fundo. Este era o momento em que eu poderia dizer: *Eu estou gostando de você de um jeito novo para mim. Estou lutando contra esses sentimentos desde o primeiro dia que te vi. Não sei o que esses sentimentos*

significam, mas quero descobrir.

Mas eu não estava pronto para isso. Olhei para o céu. Eu me sentia perdido, sem saber o que fazer. Até onde eu sabia, talvez isso tudo viesse apenas do fato de que eu conhecia sua família há séculos: um sentimento de proteção, um desejo de ser cuidadoso com nossos sentimentos. Eu precisava de mais tempo para entender tudo isso.

– Conheço sua família há tanto tempo – eu disse, voltando a olhar em seus olhos. – É diferente de quando eu fico com uma garota qualquer, não importa o quanto quisermos que tudo seja casual. Você é mais para mim do que uma simples mulher com quem eu quero transar e... – esfreguei o rosto. – Estou apenas tentando ser cuidadoso, entende?

Eu queria chutar meu próprio traseiro. Eu estava agindo como um covarde. Tudo que eu disse era verdade, mas era apenas uma meia-verdade. Não era apenas porque eu a conhecia fazia tanto tempo. Era porque eu queria continuar a conhecê-la, desse jeito, por muitos anos.

Ela fechou os olhos por um instante e, quando os abriu de novo, estava olhando para o lado, para um ponto qualquer no horizonte.

– Certo – ela murmurou.

– Certo?

Finalmente ela olhou para mim e sorriu.

– Isso.

Hanna acenou com a cabeça para começarmos a andar. Nossos passos logo encontraram o mesmo ritmo, mas eu não fazia ideia de qual era a conclusão a que chegamos com essa conversa.

Pela primeira vez em meses, o dia estava lindo e, embora ainda estivesse muito frio, a sensação de primavera já estava no ar. O céu estava limpo, sem nuvens, apenas luz, sol e ar fresco. Após três quarteirões, comecei a ficar com calor e diminuí o passo, tirando minha camisa de manga longa e amarrando-a na cintura.

Ouvi o som de um tropeço e, antes de entender o que aconteceu, Hanna já estava estatelada no chão e parecia não conseguir respirar.

– Caramba, você está bem? – perguntei, ajoelhando ao seu lado e ajudando-a a sentar.

Levaram vários segundos desesperadores para ela conseguir respirar direito. Odiei a sensação mais do que qualquer coisa. Ela tropeçou num grande buraco na calçada e caiu feio, com os braços pressionados contra as costelas. A calça se rasgou no joelho e sua mão segurava o tornozelo.

Ela começou a gemer sem parar.

– Merda – eu murmurei, passando o braço debaixo dos joelhos e ao redor da

cintura para erguê-la do chão. – Vou levar você para casa e colocar gelo nesse machucado.

– Estou bem – ela conseguiu dizer, tentando impedir que eu a carregasse.

– *Hanna*.

Agarrando minha mão, ela implorou:

– Não me carregue, Will, você vai quebrar os braços.

Eu tive que rir.

– Duvido. Você não é pesada, e o seu prédio fica logo ali.

Ela cedeu e envolveu os braços ao redor do meu pescoço.

– O que aconteceu, como você caiu?

Hanna ficou em silêncio, e quando abaixei a cabeça para olhar em seu rosto, ela riu.

– Você tirou a camisa.

Confuso, eu murmurei:

– Eu estava usando outra camiseta por baixo, sua boba.

– Não, estou falando das tatuagens – ela deu de ombros. – Fez frio nas últimas semanas. Eu apenas vi suas tatuagens algumas vezes, mas no sábado pude olhar *bastante* e fiquei pensando... e agora fui olhar de novo...

– E por isso você caiu? – eu perguntei, rindo, apesar da situação.

Gemendo, ela sussurrou:

– Sim. E cale a boca.

– Bom, você pode olhar as tatuagens enquanto eu te carrego – eu disse. – E sinta-se livre para morder minha orelha enquanto isso – eu sussurrei, sorrindo. – Você sabe que eu gosto dos seus dentes.

Ela riu, mas não por muito tempo, e assim que eu percebi o que acabei de dizer, a tensão entre nós se tornou algo pesado. Carreguei Hanna pela calçada, e a cada passo, em silêncio, a tensão monstruosa crescia. Eu tinha citado tão casualmente o fato de que ela sabia do que eu gostava na cama, e agora nós dois sabíamos exatamente que estávamos indo até seu apartamento, onde transamos loucamente apenas três dias atrás.

Tentei pensar em alguma coisa para dizer, mas as únicas palavras que surgiam tinham a ver com *nós*, e *aquela noite*, e *ela*. Eu a coloquei no chão quando chegamos ao elevador e apertei o botão. As portas se abriram, e ajudei Hanna a mancar para dentro.

As portas se fecharam, apertei o botão do vigésimo terceiro andar e o elevador começou a subir. Hanna se encostou no mesmo canto da última vez em que estivemos nesta mesma situação.

– Você está bem? – eu perguntei num tom de voz baixo.

Ela assentiu, e tudo aquilo que dissemos neste mesmo elevador parecia

preencher o silêncio como fumaça subindo do chão. *Quero ver você me chupando. Quero gozar na sua boca.*

– Você consegue mexer o tornozelo? – perguntei de repente, sentindo meu peito se apertar de tanto desejo de agarrá-la.

Ela assentiu novamente, com os olhos colados em mim.

– Está doendo, mas acho que está tudo bem.

– Mesmo assim – eu sussurrei. – É melhor colocar gelo.

– Certo.

As engrenagens do elevador chiavam; algo acima de nós se encaixou com um grande ruído.

Quero que você suba em cima de mim, masturbando-se, e então quero que goze no meu peito.

Lambi os lábios, finalmente deixando meus olhos se moverem até sua boca, com minha mente divagando com a lembrança de seus beijos. O eco de suas palavras era tão alto que parecia que eu as ouvia de verdade: *Sexo em todos os lugares do meu corpo. Quero morder você e sentir o quanto isso é bom.*

Eu me aproximei, imaginando se ela se lembrava de dizer: *Vamos transar e eu vou fazer tudo que você quiser, e não quero que seja bom apenas para mim, quero que seja bom para você também.* E se lembrava, fiquei pensando se ela podia ver em meus olhos que foi, *sim*, bom demais para mim; e isso me fazia querer ajoelhar na sua frente agora mesmo.

Chegamos ao seu andar e acabei deixando-a mancar sozinha pelo corredor, depois de muita insistência sua; foi uma maneira de tentar quebrar a tensão entre nós. Dentro do apartamento, peguei um saco de ervilha congelada e levei até seu quarto, fazendo-a se sentar no banheiro enquanto eu procurava debaixo da pia por algum antisséptico. Acabei achando apenas água oxigenada.

Sua calça estava rasgada apenas em um joelho, mas o outro joelho estava sujo o bastante para eu ter certeza de que os dois estavam machucados. Subi cada perna da calça, ignorando quando ela deu tapas na minha mão porque ainda não tinha se depilado.

– Eu não sabia que você iria tocar minhas pernas hoje – ela disse, rindo um pouco.

– Ah, para com isso.

Cuidando dos machucados com algodão, fiquei aliviado ao ver que não era tão grave. Estava sangrando, mas nada que não cicatrizasse em alguns dias sem deixar marcas.

Finalmente, ela olhou para baixo, esticando uma perna enquanto eu cuidava da outra.

– Parece que eu estava andando por aí de joelhos. Que desastre.

Peguei mais algumas bolas de algodão e passei a água oxigenada, tentando – mas falhando – esconder um sorriso.

Ela se abaixou um pouco para ter uma vista melhor do meu rosto.

– Você é tão perverso, sorrindo para os meus joelhos machucados.

– Você que é perversa, pensando por que estou sorrindo.

– Você gosta da ideia de deixar meus joelhos machucados? – ela perguntou, aumentando seu próprio sorriso safado.

– Desculpa – eu disse, balançando a cabeça com absoluta insinceridade. – Mas eu gosto, *sim*.

Seu sorriso se dissolveu lentamente, e ela correu um dedo em meu queixo, estudando a pequena cicatriz que eu tenho.

– O que aconteceu aqui?

– Foi na faculdade. Uma garota estava me chupando e de repente ela ficou maluca e mordeu meu pau. Daí eu bati a cabeça na cabeceira da cama.

Os olhos dela se arregalaram, horrorizados: era seu pior pesadelo sexual.

– *Sério?*

Comecei a rir, sem conseguir levar a história mais longe.

– Não, sua boba. Um cara me acertou com um taco de lacrosse no colegial.

Ela fechou os olhos, fingindo que não tinha achado graça, mas eu podia perceber que ela estava segurando uma risada. Então, ela olhou para mim.

– Will?

– Sim?

Joguei o último algodão fora e fechei o frasco de água oxigenada antes de soprar gentilmente seus joelhos. Depois da minha limpeza, achei que nem iria precisar de Band-Aid.

– Entendo o que você quis dizer sobre ser cuidadoso por causa da nossa história. E peço desculpas por ter agido de um jeito casual demais.

Eu sorri para ela, acariciando sua perna distraidamente, antes de perceber o quanto isso parecia familiar.

Ela mordeu o lábio inferior por um momento antes de sussurrar:

– Não consigo parar de pensar sobre sábado desde então.

Na rua, alguém buzinou, os carros andavam com pressa e as pessoas corriam para o trabalho. Mas no apartamento de Hanna, o mundo parecia feito apenas de silêncio. Nós dois apenas encarávamos um ao outro. Seus olhos pareciam cada vez mais ansiosos, e percebi que ela estava constrangida por eu demorar tanto para responder.

Eu não conseguia passar nenhum ar por minha garganta. Só depois de muito tentar, consegui apenas dizer:

– Eu também.

– Nunca pensei que poderia ser daquele jeito.

Eu hesitei, preocupado que ela não fosse acreditar quando repeti:

– Eu também.

Hanna ergueu a mão, fez uma pausa no ar e então estendeu o braço. Deslizando os dedos em meus cabelos, ela se aproximou e, com olhos abertos, pressionou a boca sobre a minha.

Meu coração batia com toda a força, minha pele esquentava e meu pau endurecia; meu corpo inteiro ficou tenso instantaneamente.

– Tudo bem? – ela perguntou, afastando-se com um olhar ansioso.

Eu a desejava com tanta força que até fiquei com medo de não conseguir ser gentil com ela.

– Merda, sim, está tudo bem. Eu estava preocupado que nunca mais teria você para mim.

Ela se levantou com as pernas trêmulas e tirou a camiseta. Sua pele brilhava com uma fina camada de suor, seus cabelos estavam desarrumados, mas eu não queria mais nada neste mundo além de me enterrar nela e senti-la se entregando para mim por horas.

– Você vai se atrasar para o trabalho – eu sussurrei, olhando vidrado enquanto ela tirava o sutiã.

– Você também.

– Dane-se.

Em seguida, ela tirou a calça. Rebolando para mim, ela se virou e mancou até o quarto.

Eu tirei minhas roupas enquanto andava atrás dela, chutando a calça para o lado e deixando tudo em pilhas pelo corredor. Hanna deitou na cama por cima das cobertas.

– Você precisa de mais primeiros socorros? – perguntei, sorrindo enquanto subia por cima dela, beijando o caminho entre a barriga e os seios. – Sente dor em mais algum lugar?

– Sim. E dou uma chance para você adivinhar onde.

Sem precisar pedir, estiquei o braço até o criado-mudo onde ficavam as camisinhas. Em silêncio, abri uma embalagem e entreguei a ela. Sua mão já estava aberta esperando.

– A gente devia fazer umas preliminares antes – eu disse em seu pescoço, mesmo sentindo ela começar a desenrolar a camisinha em mim.

– Na minha mente, estamos nas preliminares desde o domingo de manhã – ela sussurrou. – Acho que não preciso criar mais nenhuma expectativa.

Ela estava certa. Depois de me posicionar, Hanna voltou a me beijar e me puxou para dentro num único e demorado movimento dos quadris, agarrando

minha bunda e me conduzindo cada vez mais rápido e forte.

– Gosto quando você está faminta assim – murmurei em sua pele. – Sinto que minha dose de você nunca é suficiente. Quero você sempre assim, por baixo, por cima, de todo jeito.

– Will...

Ela continuou me conduzindo, agora com as mãos em meus ombros.

Eu ouvia o farfalhar dos lençóis e os sons dos nossos corpos. Nada mais. O resto do mundo parecia não existir.

Hanna também estava quieta, olhando fascinada para onde eu entrava e saía dentro dela.

Deslizei a mão entre nós e acariciei onde ela era mais sensível, amando a maneira como arqueou as costas para fora da cama e agarrou a cabeceira procurando por algum apoio.

Com minha mão livre, agarrei seus pulsos e senti meu corpo se dissolver dentro dela, nós dois trabalhando no mesmo ritmo, totalmente molhados de suor. Chupei e mordi um seio, apertando seus pulsos e sentindo a familiar pressão do meu orgasmo surgindo de um jeito incontrolável. Comecei a estocar ainda mais forte e mais rápido, adorando o som dos meus quadris batendo contra suas coxas.

– Ah, minha Ameixa.

Seus olhos se abriram, cheios de excitação ao saber que meu orgasmo estava próximo.

– Quase – ela sussurrou. – Estou quase lá.

Massageei seu clitóris mais rápido, esfregando com três dedos, ouvindo seus pequenos gritos roucos cada vez mais altos e presos, o pescoço cada vez mais vermelho. Hanna livrou os pulsos para então gozar com um grito agudo, movendo os quadris loucamente junto comigo.

Eu me segurei por um fio, entrando fundo e forte até ela amolecer e relaxar, e só então eu me soltei, pronto para gozar.

Saí de dentro dela, tirei rapidamente a camisinha e a joguei para o lado antes de agarrar meu pau e começar a me masturbar.

Os olhos de Hanna ardiam com antecipação; ela se apoiou nos cotovelos, olhando diretamente para onde minhas mãos trabalhavam. Sua atenção e o óbvio prazer que sentia ao me observar... tudo isso foi demais para mim.

Um calor queimou subindo por minhas pernas, e eu dobrei minhas costas num movimento repentino. Meu orgasmo pulsou através de mim com uma força incrível, causando um grunhido em minha garganta enquanto eu gozava. Em minha mente, eu enxergava imagens de Hanna, com as coxas separadas debaixo de mim, a pele molhada, os olhos abertos dizendo sem palavras o quanto isso era

bom. O quanto ela me queria.

Pulsando sem parar... até meu corpo não ter mais nada a oferecer.

Minhas mãos pararam e abri os olhos, sentindo tontura e perdendo o fôlego.

Seus olhos pareciam perdidos, cinzentos e sombrios. Hanna estava fascinada enquanto passava os dedos pela barriga e estudava meu orgasmo em sua pele.

– Will.

Meu nome surgiu em sua boca como uma súplica. Com certeza não iríamos parar agora de jeito nenhum.

Apoiei a mão no travesseiro ao lado de sua cabeça e a olhei de cima.

– Você gostou?

Ela assentiu, com o lábio inferior preso maliciosamente entre os dentes.

– Mostre. Toque a si mesma para mim.

Ela hesitou inicialmente, mas então sua incerteza se transformou em determinação. Fiquei olhando sua mão descer por seu corpo, encostando brevemente em meu pau ainda duro antes de deslizar dois dedos em seu clitóris, gemendo com o contato.

Passei minha mão lentamente pela lateral de seu corpo até chegar aos seios, onde chupei com vontade antes de dizer em seu ouvido para gozar para mim.

– Me ajuda – ela disse, com o olhar pesado.

– Eu não ajudo quando você está sozinha. Quero ver como você faz. Acontece que eu também gosto de observar.

– Quero que você observe *enquanto* ajuda.

Ela ainda estava tão quente por causa da fricção de nosso sexo; a pele macia e tão molhada. Com meus dedos dentro e os dela fora, nós encontramos um ritmo – ela esfregava enquanto eu entrava –, e aquilo foi a coisa mais incrível que já vi. Hanna se liberou intensamente, alternando seu olhar entre meu orgasmo em seu corpo e meu pau crescendo novamente.

Não demorou muito para ela chegar lá; logo estava pressionando contra minha mão, as pernas apertadas ao lado e lábios separados, quando explodiu num grito.

Ela ficava linda quando gozava, com a pele brilhando e os mamilos duros. Eu não resistia a tudo isso e precisava sentir o sabor de sua pele, mordiscando a parte de baixo dos seios e diminuindo a velocidade da minha mão enquanto ela relaxava.

Depois de tudo isso, ela tomou consciência de nossa aparência: cobertos de suor e meu orgasmo todo em cima dela.

– Acho que precisamos de um banho.

Eu ri.

– Acho que você está certa.

Mas não chegamos nem perto disso. Começamos a levantar, mas então eu beijei seu ombro, ela mordeu meu pescoço, e cada vez que tentávamos sair da cama, nós voltávamos imediatamente. E nessa brincadeira, a manhã se foi e o relógio já marcava onze horas. A essa altura, nós dois já tínhamos desistido de ir trabalhar.

Depois dos beijos pegarem fogo novamente, e depois de gozarmos juntos de novo, eu desabei ao seu lado, e ela ficou olhando para mim enquanto brincava com meu cabelo molhado.

– Você está com fome?

– Um pouco.

Ela começou a se levantar, mas eu a puxei de volta, beijando sua barriga.

– Mas não o suficiente para deixar você sair daqui.

Quando vi uma caneta no criado-mudo, não pensei duas vezes e a peguei, murmurando para ela não se mexer enquanto eu tirava a tampa com a boca e pressionava a ponta em sua pele.

Ela havia deixado uma fresta da janela aberta, e ficamos ouvindo os sons da rua enquanto eu desenhava em sua pele macia abaixo dos quadris. Ela não perguntou o que eu estava fazendo e nem parecia se importar. Suas mãos ainda acariciavam meus cabelos, depois desceram pelos ombros e percorreram meu queixo. Ela cuidadosamente tracejou meus lábios, minhas sobrancelhas, meu nariz. Seria assim que ela me tocaria se fosse cega, explorando minhas feições para entender como tudo se encaixava.

Quando terminei, eu me afastei para admirar meu trabalho. Escrevi um fragmento da minha frase preferida, descendo pela cintura até quase as coxas.

Raridades para os raros.

Adorei a tinta negra em sua pele branca. Adorei ver minha caligrafia em seu corpo.

– Quero tatuar isto na sua pele.

– Nietzsche – ela sussurrou. – É uma boa citação, até.

– Até? – eu repeti, acariciando a pele abaixo, considerando tudo que eu podia fazer ali.

– Ele era um pouco misógino, mas até que escreveu alguns bons aforismos.

Caramba, o cérebro dessa mulher era demais.

– Por exemplo? – perguntei, soprando a tinta ainda molhada.

– A sensualidade ultrapassa muitas vezes o crescimento do amor, de forma que a raiz permanece fraca e arranca-se facilmente.

Uau. Olhei a tempo de ver seus dentes soltando o lábio e os olhos brilhando

com satisfação. Isso foi interessante.

– Cite outra.

Ela correu a ponta do dedo na cicatriz em meu queixo e estudou meu rosto cuidadosamente.

– Nem tudo que brilha é ouro. Um brilho suave caracteriza o metal mais precioso.

Senti meu sorriso diminuir um pouco.

– No fim, você ama o desejo, não o desejado – ela inclinou a cabeça enquanto continuava a acariciar meus cabelos. – Você acha que isso é verdade?

Engoli em seco, sentindo-me encurralado. Eu estava perdido demais em meus próprios pensamentos para descobrir se ela estava selecionando frases que descreviam meu passado ou se estava apenas citando um pouco de filosofia clássica.

– Acho que às vezes é verdade.

– Mas “raridades para os raros”... – ela disse quase sussurrando, olhando para a própria cintura. – Gostei.

– Ainda bem.

Eu me debrucei sobre ela novamente para reforçar uma ou outra letra, cantarolando baixinho.

– Você ficou cantando essa música enquanto escrevia em mim – ela sussurrou.

– Fiquei?

Eu nem percebi o que estava fazendo. Depois de pensar um pouco, lembrei que a música se chamava “She talks to angels”.

– Humm, é velha, mas é legal – eu disse, soprando sua barriga para secar a tinta.

– Eu me lembro da sua banda tocando essa mesma música.

Olhei para ela, tentando entender como isso podia ser possível.

– Uma gravação? Acho que nem *eu* tenho isso.

– Não – ela continuou sussurrando. – Ao vivo. Eu estava visitando o Jensen em Baltimore no fim de semana em que sua banda tocou. Ele disse que vocês sempre faziam *cover* de uma música diferente em cada show, daí nunca mais tocavam ela de novo. Fui lá só para ouvir essa música.

Havia uma hesitação em seus olhos quando ela disse isso.

– Eu nem sabia que você estava lá.

– Você me cumprimentou antes do show. Você já estava no palco, ajustando os instrumentos – ela sorriu, lambendo os lábios. – Eu tinha dezessete anos, e isso foi logo depois de você trabalhar com meu pai, durante o feriado de outono.

– Ah.

Fiquei imaginando o que a Hanna de dezessete anos pensou sobre aquele

show. Até hoje eu me lembro desse dia. Nós tocamos muito bem, e a plateia foi incrível. Provavelmente foi um dos melhores shows que fizemos.

– Você estava tocando baixo – ela disse, traçando pequenos círculos em meu ombro. – Mas foi você quem cantou essa música. Jensen disse que raramente você cantava.

– É verdade.

Nunca fui um bom cantor, mas com essa música eu não me importava. A emoção era tudo.

– Vi você paquerando uma menina gótica na frente do palco. Foi engraçado. Nunca fiquei com tanto ciúme antes na vida. Acho que era porque você morou na nossa casa, e eu sentia que você era só nosso, ou algo assim – ela sorriu. – Deus, naquele dia, eu quis tanto ser aquela garota.

Observei seu rosto enquanto ela revivia aquela memória, esperando ouvir como a noite terminou para ela. E para mim. Não me lembro de encontrar Hanna em Baltimore. Passei milhares de noites como aquela, em algum bar com a banda, com alguma garota gótica, ou uma universitária, ou uma hippie, em baixo ou em cima de mim.

Hanna lambeu os lábios novamente.

– Perguntei se iríamos encontrar você mais tarde, e o Jensen apenas riu.

Balancei a cabeça e subi minha mão por sua coxa.

– Não me lembro do que aconteceu depois daquele show.

Percebi tarde demais o quanto isso soou idiota, mas a verdade era que Hanna iria eventualmente descobrir todo o meu passado selvagem se fôssemos mesmo ficar juntos.

– Aquele era mesmo o tipo de garota de que você gosta? Que pinta os olhos tão pretos como a noite?

Suspirei, subindo em seu corpo para ficarmos cara a cara.

– Eu gostava de todos os tipos de garota. Acho que você sabe disso.

Tentei enfatizar o verbo no passado, mas percebi que falhei quando ela sussurrou:

– Você é um jogador e tanto.

Hanna disse isso com um sorriso, mas eu odiei ouvir. Odiei o tom cínico em sua voz, pois sabia que era assim mesmo que ela me enxergava: um cara que transa com quem aparecer pela frente, e que agora estava transando com *ela*.

No fim, você ama o desejo, não o desejado.

E eu não tinha como me defender. Isso foi verdade durante muito tempo.

Ela esticou o braço e agarrou meu pau semiereto, mexendo e apertando.

– E qual é o seu tipo hoje?

Ela estava me dando uma saída. Hanna também não queria que essa verdade

continuasse. Beije seu rosto e seu queixo.

– Meu tipo hoje tem mais a ver com loiras gostosas que gostam de batida de ameixa.

– Por que você ficou incomodado quando eu te chamei de jogador?

Soltei um gemido, rolando para longe de seu toque.

– Estou falando sério.

Cobri meus olhos com o braço, tentando organizar meus pensamentos. Finalmente, eu disse:

– E se eu não for mais esse cara? Faz mais de doze anos que não sou assim. Eu deixo claro para as minhas amantes o que eu quero. Eu não *jogo* com ninguém.

Ela se afastou um pouco e olhou para mim, com um sorriso divertido no rosto.

– Isso não faz você parecer receptivo e profundo, Will. Ninguém disse que um jogador é necessariamente um idiota.

Esfreguei meu rosto.

– Acontece que eu acho que a palavra “jogador” não se encaixa em mim. Eu sempre tento ser bom com as mulheres e sempre converso sobre nosso relacionamento.

– Bom – ela disse. – Você ainda não conversou *comigo* sobre o que você quer.

Hesitei por um momento, sentindo meu coração bater como louco. Eu ainda não tinha conversado com ela porque tudo parecia tão diferente entre nós. Ficar com Hanna não tinha a ver apenas com um intenso prazer físico; também me deixava mais calmo, animado, e como se alguém me entendesse de verdade. Eu não queria conversar com ela porque não queria que nenhum de nós tivesse a chance de limitar isso.

Respirando fundo, eu murmurei:

– Não conversei porque, com *você*, não sei se o que eu quero é *sexo*.

Ela se afastou e sentou-se lentamente. O lençol descobriu seu corpo, e ela pegou uma camiseta na beira da cama.

– Certo. Isso é... embaraçoso.

Ah, merda. O que eu disse não soou correto.

– Não, não – eu disse, sentando atrás dela e beijando seu ombro.

Tirei a camiseta de suas mãos e a joguei no chão. Lambi suas costas, envolvendo sua cintura com meu braço e pousando minha mão em seu coração.

– Estou tentando encontrar um jeito de dizer que quero *mais* do que sexo. Tenho sentimentos por você que vão muito além de sexo.

Ela ficou completamente congelada.

– Não, isso não é verdade.

– Não é verdade? – perguntei. Fiquei olhando para suas costas rígidas,

sentindo meu coração acelerar de raiva em vez de ansiedade. – O que você quer dizer com isso?

Hanna se levantou, enrolando o corpo com o lençol. Gelo preencheu minhas veias, esfriando meu corpo inteiro. Eu me endireitei, olhando fixamente para ela.

– Você... o que você está fazendo?

– Desculpe. Eu tenho... tenho umas coisas para fazer – ela foi até o armário e começou a tirar roupas de uma gaveta. – Preciso ir trabalhar.

– Agora?

– Sim – ela disse.

– Então eu abro meu coração para você, e você me chuta para fora?

Ela girou para olhar em meu rosto.

– Preciso ir agora mesmo, certo?

– Estou vendo – eu disse, e ela mancou até o banheiro.

Eu me senti humilhado e furioso. E morrendo de medo que terminasse aqui. Quem diria que eu estragaria tudo com uma garota me apaixonando por ela? Eu queria sumir logo, queria pular da cama, queria tirá-la do banheiro.

Talvez precisássemos mesmo de um tempo para pensar.

Treze

Fechei a porta atrás de mim e comecei a respirar fundo. Eu precisava de espaço. Precisava de um minuto para recompor meus pensamentos e entender o que diabos estava acontecendo. Hoje de manhã achei que fui descartada como uma das muitas conquistas de Will, e agora ele estava dizendo que queria algo mais?

Que merda foi essa?

Por que ele estava complicando tudo? Uma das coisas de que eu gostava em Will era que todo mundo sabe quais são as regras que ele segue. Para o bem ou para o mal, você sempre sabia qual era o jogo. Nada sobre ele era complicado: sexo sem compromisso. Fim da história. Era mais fácil quando eu não tinha a opção de considerar algo mais.

Ele era o *bad boy*, o cara gostosão que ficou com a minha irmã no quintal de casa. Ele era o objeto das minhas primeiras fantasias. E a questão não era que eu passei minha juventude sofrendo por ele – na verdade, foi o contrário –, pois saber que eu podia desejá-lo, mas nunca ter uma chance *de verdade*, facilitava tudo.

Mas agora? Podendo tocá-lo e ser tocada por ele, e depois ouvi-lo dizendo que queria algo mais sem que houvesse qualquer possibilidade de isso ser verdade... apenas complicava tudo.

Will Sumner não conhece o significado de *algo mais*. Não foi ele mesmo quem admitiu que nunca teve um relacionamento monogâmico sério? Não foi ele quem nunca encontrou alguém que o interessasse por tempo suficiente? Não foi ele quem recebeu uma mensagem de uma de suas não namoradas *na manhã seguinte de nossa primeira noite de sexo*? Não, obrigada.

Pois por mais que eu gostasse de passar um tempo com ele, e por mais divertido que fosse fingir que eu poderia aprender com ele, eu sabia que nunca me tornaria uma jogadora. Se eu o deixasse entrar em minha vida de verdade – se eu entregasse meu coração e me apaixonasse –, eu com certeza iria *afundar*.

Percebi que realmente precisava ir trabalhar, então abri o chuveiro e fiquei olhando o vapor preencher o banheiro. Soltei um gemido quando entrei debaixo da água, deixando meu queixo cair em meu peito e o som do banho afogar o caos em meus pensamentos. Abri os olhos e olhei para meu corpo e a mancha de

tinta que escorria pelas minhas pernas.

“Raridades para os raros.”

As palavras que ele escreveu com tanto cuidado em minha cintura estavam agora escorrendo umas nas outras. Havia outras marcas de tinta que borraram em sua mão em todo meu pescoço, entre os seios, nas costelas, e até mais embaixo.

Por um momento, eu me permiti admirar o gentil desenho de sua caligrafia, lembrando-me da expressão determinada em seu rosto enquanto ele escrevia. Suas sobrancelhas se juntaram, o cabelo caiu em cima de um olho. Fiquei surpresa por ele não arrumar a mecha rebelde – um hábito que eu achava encantador –, mas ele estava determinado, concentrado naquilo que fazia, meticulosamente escrevendo cada letra em minha pele. E então ele arruinou tudo perdendo a cabeça. E eu me apavorei.

Peguei minha esponja e a cobri com sabonete demais. Comecei a esfregar as marcas; metade delas já tinha desaparecido com a água do chuveiro, o resto se dissolvia junto ao sabonete e descia por meu corpo até o ralo.

Com os traços de Will e sua tinta fora da minha pele e a água esfriando, eu saí do chuveiro e me arrumei rapidamente em meio ao ar frio.

Abri a porta e o encontrei andando de um lado para o outro em meu quarto, já vestido com as roupas de corrida e o gorro na cabeça. Parecia que estava considerando ir embora ou não.

Will tirou o gorro e ficou de frente para mim.

– Até que enfim – ele murmurou.

– Como é? – eu disse, começando a ficar nervosa de novo.

– Você não é a única que tem direito a ficar brava aqui – ele disse.

Meu queixo caiu.

– Eu... você... *como é?*

– Você sumiu – ele disse num tom ríspido.

– No banheiro – esclareci.

– Mas não acertamos as coisas, Hanna.

– Eu precisava de *espaço*, Will.

E para ilustrar meu argumento, saí do quarto e entrei no corredor. Ele me seguiu.

– Você está fazendo de novo – ele disse. – Regra importante: não se apavore e deixe alguém falando sozinho *na sua própria casa*. Você sabe o quanto isso foi difícil para mim?

Parei na cozinha.

– Para *você*? Você tem ideia do tamanho da bomba que você soltou de repente? Eu precisava pensar!

– Não dava para pensar no quarto?

– Você estava pelado.

Ele balançou a cabeça.

– O quê?

– Não consigo pensar quando você está pelado! – eu gritei. – Aquilo era demais – fiz um gesto para seu corpo, mas rapidamente percebi que foi uma péssima ideia. – Eu estava... eu me apavorei, certo?

– E como você acha que eu me senti?

Ele encarou meu rosto, apertando os músculos do queixo. Quando eu não respondi, ele balançou a cabeça e olhou para baixo, enfiando as mãos nos bolsos. Isso foi uma péssima ideia. A cintura da calça se abaixou, e a barra da camiseta subiu. E aquele pedaço de barriga sarada definitivamente não ajudou.

Forcei a mim mesma a me concentrar na conversa.

– Você acabou de me dizer que não sabe o que quer. E depois falou que tem sentimentos por mim que vão além do sexo. Tenho que ser honesta, acho que você não está entendendo nada do que se passa entre nós. Na primeira vez que transamos você logo me afastou, e agora você diz que quer *algo mais*?

– Ei! – ele gritou. – Eu não afastei você. Eu já disse, fiquei abalado quando você agiu toda casual...

– Will – eu disse, com a voz firme. – Por doze anos eu vivi ouvindo as histórias sobre você e meu irmão. Eu vi como a Liv ficou depois que você foi embora. Ela sofreu por *meses* e aposto que você nem sabia disso. Vi você escapar com damas de honra e desaparecer de reuniões de família. *Nada* mudou. Você passou a maior parte da sua vida adulta agindo como um cara de dezenove anos, e agora você acha que quer algo mais? Você nem sabe o que isso significa!

– E você sabe? De repente, você sabe de tudo? Por que você está tão certa de que eu sabia que essa coisa com a Liv tinha sido tão monumental assim? Não é todo mundo que discute seus sentimentos e sexualidade e sei lá mais o quê igual você. Nunca conheci uma mulher como você.

– Bom, estatisticamente falando, isso que você acabou de dizer é realmente alguma coisa.

Eu nem sabia de onde isso surgiu, e no instante em que as palavras saíram da minha boca eu sabia que fui longe demais.

De uma só vez, sua vontade de discutir desapareceu: seus ombros caíram e o ar sumiu de seus pulmões. Ele me encarou por um longo momento, com os olhos perdendo o fogo até ficarem totalmente... sem vida.

E então, ele foi embora.



Andei de um lado para o outro no velho tapete da sala de jantar por tantas vezes que praticamente deixei um rastro no caminho. Minha mente estava uma bagunça, meu coração acelerava a cada minuto. Eu não entendia direito o que acabou de acontecer, mas meu corpo inteiro estava tenso, com medo de ter arruinado a melhor amizade e o melhor sexo que já tive.

Eu precisava de algo familiar. Precisava da minha família.

O telefone chamou quatro vezes antes de Liv atender.

– Ziggy! – minha irmã disse. – Como é que vai minha rata de laboratório preferida?

Fechei os olhos, recostando no batente da porta entre a sala e a cozinha.

– Bem, bem. Como vai a fábrica de bebês? – perguntei, acrescentando rapidamente: – E eu definitivamente não estou me referindo à sua vagina.

Ela explodiu em risadas do outro lado da linha.

– Então você ainda não aprendeu a filtrar as palavras. Algum dia você ainda vai deixar algum homem por aí superconfuso.

Ah, se ela soubesse.

– Como você está? – perguntei, levando a conversa para águas mais calmas. Liv estava casada e muito grávida do primeiro e muito esperado neto da família Bergstrom. Eu até estava surpresa por minha mãe sair do lado dela por mais de dez minutos.

Liv suspirou, e eu pude imaginá-la sentada à mesa de jantar em sua cozinha amarela junto de seu labrador gigante deitado a seus pés.

– Estou bem – ela disse. – Cansada, mas bem.

– A criança está te tratando bem?

– Sempre – ela respondeu. Pude praticamente ouvir o sorriso em sua voz. – O bebê vai ser perfeito. Espera só.

– Claro que vai. Quer dizer, veja só a tia dele.

Ela riu.

– Exatamente o que eu estava pensando.

– Vocês já escolheram o nome?

Liv estava decidida a não saber o sexo do bebê até o nascimento. Assim ficava mais difícil paparicar meu novo sobrinho ou sobrinha.

– Acho que chegamos a algumas alternativas.

– E?

Eu estava intrigada. A lista de nomes unissex da minha irmã e seu marido era totalmente cômica.

– Nem vem, não vou contar.

– O quê? Por quê?

– Porque você sempre encontra algo de errado com os nomes.

– Isso é ridículo.

Embora... ela até que estava certa. Suas escolhas eram péssimas. Por algum motivo eles tiveram a brilhante ideia de que nomes de pássaros e árvores eram unissex e, portanto, cabíveis. Alguém precisava defender essa criança, e esse alguém sou eu.

– Mas e você? O que conta de novo? – ela perguntou. – Como sua vida melhorou desde seu confronto épico com o chefão no mês passado?

Eu ri, sabendo que ela estava falando de Jensen e não do meu pai, nem mesmo de Liemacki.

– Comecei a praticar corrida de manhã e estou saindo mais de casa. Quer dizer, nós chegamos a um... acordo?

Liv não perdeu tempo:

– Um acordo. Com o Jensen?

Conversei com Liv algumas vezes nas últimas semanas, mas não citei minha crescente amizade, relacionamento ou *sei lá o quê*, entre eu e Will. Por razões óbvias. Mas agora eu precisava da opinião da minha irmã sobre tudo isso, e meu estômago se apertava numa grande bola de ansiedade.

– Bom, você sabe que Jens sugeriu que eu precisava sair mais – fiz uma pausa, correndo os dedos na madeira entalhada da cristaleira antiga na sala de jantar. Então fechei os olhos, tomei coragem e disse: – Ele sugeriu que eu deveria ligar para o Will.

– Will?

Um instante de silêncio se passou em que fiquei imaginando se ela estava se lembrando do mesmo universitário lindo de que eu me lembrava.

– Espera... Will *Sumner*?

– Esse mesmo.

Só de falar nele meu estômago dava nó.

– Uau. Por essa eu não esperava.

– Nem eu – murmurei.

– Então, e aí?

– E aí o *quê*? – perguntei, imediatamente me arrependendo do jeito que soou.

– Você *ligou* para ele? – ela disse, rindo.

– Liguei. E é meio por causa disso que estou ligando para você agora.

– Humm, isso parece *deliciosamente* perigoso – ela disse.

Eu não sabia como fazer isso, então comecei com o detalhe mais simples e inócuo.

– Bom, ele mora aqui em Nova York.

– Acho que me lembro disso. E então? Faz séculos que eu não o vejo, tipo, adoraria saber como ele está hoje. Ele continua bonito?

– Ah, ele continua... bonito – eu disse, tentando soar o mais neutra possível. – A gente tem se encontrado de vez em quando.

Houve uma pausa do outro lado da linha, um momento em que eu praticamente podia ver Liv franzindo a testa e cerrando os olhos enquanto tentava encontrar o significado oculto do que acabei de dizer.

– Se encontrado? – ela repetiu.

Eu gemi, esfregando o rosto.

– Oh, meu Deus, Ziggy! Você está transando com o Will?

Gemi de novo, e Liv começou a rir. Afastei o telefone do ouvido e olhei para o chão.

– Isso não é engraçado, Liv.

– Sim, é engraçado, sim.

– Ele era... seu namorado.

– Ah, não, não era. Nem mesmo um pouquinho. Acho que no máximo ficamos por uns dez minutos.

– Mas... você sabe, existe um código de honra entre as garotas.

– É verdade, mas também existe um limite de tempo. Ou um limite de bases. Tipo, acho que a gente mal passou da primeira base. Apesar de que, na época, eu estava completamente preparada para deixar ele ir até o montinho do rebatedor, se é que você me entende.

– Eu achava que você tinha ficado devastada depois daquele feriado.

Ela começou a rir muito.

– Calma lá. Em primeiro lugar, nós nunca fomos um casal. Apenas demos uns beijos safados escondidos no quintal de casa. Deus, eu mal me lembro daquilo.

– Mas eu lembro que você ficou tão abalada que nem apareceu em casa no verão em que ele trabalhou com o papai.

– Eu não apareci em casa porque passei o ano inteiro empurrando minhas notas com a barriga e precisei correr atrás de créditos no verão – ela disse. – E eu não contei para você porque a mãe e o pai iriam descobrir e iriam me matar.

Pressionei a mão em meu rosto.

– Estou tão confusa.

– Não fique – ela disse, mostrando preocupação na voz. – Apenas me diga o que está acontecendo entre vocês.

– Estamos passando muito tempo juntos. Eu realmente gosto dele, Liv. Quer dizer, ele provavelmente é meu melhor amigo aqui. Daí nós transamos, e ele ficou todo esquisito no dia seguinte. Depois começou a falar sobre sentimentos, e parecia que ele estava me usando como cobaia de algum experimento emocional. Tipo, eu achava que ele não tinha um bom histórico com as garotas Bergstrom.

– Então você chutou o traseiro dele porque na sua mente ele era o homem dos meus sonhos e despedaçou meu coraçãozinho e nunca mais olhou para mim, a coitadinha.

Suspirei.

– É, isso fez parte dos meus motivos.

– E o que mais?

– Bom, o fato de que ele é um galinha. O fato de que não se lembra de nem uma fração das mulheres que já comeu. O fato de que vinte e quatro horas depois de me dar um gelo ele veio falando de sentimentos e que queria algo mais do que sexo.

– Certo – ela disse, considerando meus argumentos. – Mas ele quer mesmo algo mais? E *você* quer?

Suspirei.

– Não sei, Liv. Mas mesmo que ele queira... e mesmo se *eu* quisesse... como eu poderia confiar nele?

– Não quero que você seja uma idiota, então vou compartilhar um pouco de sabedoria aqui. Está pronta?

– Nem um pouco.

Ela continuou mesmo assim:

– Antes de eu conhecer o Rob, ele era um tremendo galinha. Juro por Deus que o pau dele esteve em todos os lugares possíveis. Mas hoje? Ele simplesmente é outro homem. Ele venera o chão onde eu piso.

– Sim, mas ele queria casar – eu disse. – Você não estava apenas transando com ele.

– Quando ficamos pela primeira vez era, sim, só uma transa qualquer. Olha, Ziggy, um monte de coisas acontecem com uma pessoa entre os dezenove e os trinta e um anos. Tudo muda.

– *Nisso* eu acredito – murmurei, imaginando a voz mais grave de Will, seus dedos se tornando especialistas, seu peito mais largo e másculo.

– Não estou falando apenas do corpo dele, sua tonta – ela fez uma pausa e depois acrescentou: – Embora isso também mude, é verdade. E agora que pensei nisso, você precisa me enviar uma foto do Will Sumner de trinta e um anos o mais rápido possível.

– Liv!

– Brincadeira! – ela riu por um tempo. – Mas então, estou falando sério. Mande uma foto. Mas eu realmente odiaria ver você perder a oportunidade de passar um tempo com ele só porque espera que ele aja como um garoto de dezenove anos. E fale a verdade. Você não acha que também mudou bastante desde que passou dos dezenove?

Eu não disse nada, apenas mordi os lábios e continuei tracejando a madeira da cristaleira da minha mãe.

– E isso foi apenas há cinco anos para você. Pense em como ele se sente. Will já tem trinta e um anos. Você ganha muita experiência em doze anos, Ziggs.

– Humm. Odeio quando você está certa.

Ela riu.

– Pelo jeito você está usando seu cérebro como um escudo protetor contra o charme do Will.

– Mas aparentemente não estou sendo bem-sucedida.

Fechei os olhos e me recostei na cadeira.

– Ai, Deus, isso é incrível. Estou tão feliz por você ter me ligado. Minha barriga está gigante, e estou morrendo de tédio. E você me dá uma história sensacional dessa?

– Você não acha estranho conversar sobre ele?

– Bom... acho que até poderia ser estranho, mas honestamente? Will e eu... ele foi o primeiro garoto que me deixou excitada de verdade, mas ficou só nisso. Superei ele dois segundos após o Brandon Henley colocar um *piercing* na língua.

Apertei meus olhos com a mão.

– Ah, *credo*.

– Pois é, não contei sobre esse caso porque não queria arruinar sua vida, e não queria que *você* arruinasse meu caso pesquisando como o *piercing* pode inflamar e tal...

– Bom, essa conversa está fazendo um estrago emocional no meu cérebro. Posso ir agora?

– Ah, para com isso.

– Eu realmente estraguei tudo – eu disse gemendo e esfregando os olhos. – Liv, eu fui uma idiota com ele.

– Parece que você vai ter que puxar um pouco de saco. Ele gosta desse tipo de coisa hoje em dia?

– Ai, meu Deus! Vou desligar!

– Certo, certo. Olha, Zig. Não olhe para o mundo com os olhos de uma garota de doze anos. Ouça o que ele tem para dizer. Tente lembrar que Will tem um pinto, e isso faz dele um idiota por definição. Mas um idiota fofo. Até mesmo você não pode negar isso.

– Pare de fazer tanto sentido.

– Impossível. E agora vá vestir sua calcinha de gente grande e corra para consertar as coisas.



Passei a caminhada inteira até o prédio de Will tentando dissecar cada lembrança que eu tinha daquele Natal e tentando juntá-las com as coisas que Liv disse.

Eu tinha doze anos e era fascinada por ele, fascinada pela ideia dos dois juntos. Mas agora que ouvi a versão de Liv dos eventos daquela semana e do que veio depois, fiquei imaginando o que era real e o quanto meu cérebro melodramático aumentou os acontecimentos. E ela tinha razão. Essas memórias facilitaram muito eu classificar Will como um garanhão cafajeste e deixaram quase impossível eu enxergá-lo de outro jeito. Então será mesmo que ele queria algo mais? Será que era capaz disso? Será que eu era?

Eu tinha muitas desculpas para pedir.

Will não atendeu a porta quando eu bati. Também não respondeu nenhuma das mensagens que enviei enquanto estava de pé ali.

Então fiz a única coisa que consegui pensar e comecei a enviar mensagens com piadinhas sujas e sem graça.

Qual é a diferença em um pênis e um cartão de crédito?

Quando ele não respondeu, eu continuei.

Uma mulher sempre vai querer o seu cartão de crédito.

Nada.

O que um seio disse para o outro?

De novo, nada de resposta.

Somos amigas do peito.

Deus, o que eu estava fazendo? Decidi tentar mais uma.

O que vem depois de um 69?

Usei seu número favorito, torcendo para ele morder a isca. Quase derrubei o celular quando a pergunta “O quê?” apareceu na tela.

Cepacol.

Caramba, Hanna. Essa piada foi horrível. Entre logo e para de deixar a gente constrangido.



Eu praticamente corri até o elevador.

A porta estava destrancada, e quando entrei, vi que ele estava preparando o jantar, com panelas fumegando e o balcão da cozinha cheio de ingredientes. Will vestia uma velha camiseta da banda Primus e um jeans velho e rasgado – mais sexy impossível. Ele não tirou os olhos do que estava fazendo quando eu entrei, apenas continuou usando a faca na tábua de carnes.

Meus pés hesitantes me levaram da sala até a cozinha, onde parei atrás dele e encostei meu queixo em seu ombro.

– Não sei como você me aguenta – eu disse.

Respirando fundo, eu queria memorizar seu cheiro. E se eu realmente tivesse estragado tudo? E se ele já não aguentasse mais a tonta da Ziggy e suas perguntas idiotas e seu sexo desastrado e suas conclusões precipitadas? Eu mesma teria dado um pé na minha bunda há tempos.

Mas ele me surpreendeu baixando a faca e se virando para me encarar. Will parecia acabado. Senti uma culpa me consumindo por dentro.

– Você pode ter interpretado mal as coisas com a Liv – ele disse –, mas isso não significa que não houve outras. Algumas eu nem lembro direito – sua voz era sincera, até mesmo com um tom de desculpa. – Fiz algumas coisas de que não me orgulho. Acho que tudo está voltando agora.

– Acho que foi por causa disso que fiquei tão aterrorizada com a ideia de você querer algo mais – eu disse. – Você teve tantas mulheres no passado que tenho certeza de que nem sabe quantos corações você partiu. Talvez não tenha nem ideia de como *não* partir corações. Quero pensar que eu sou esperta demais para cair nessa armadilha.

– Eu sei – ele disse. – E tenho certeza de que isso faz parte do seu charme. Você não está aqui para me transformar. Você está aqui apenas para ser minha amiga. Você me faz pensar mais sobre minhas decisões, e isso é uma coisa boa – ele hesitou. – E admito que me animei um pouco demais em nosso momento pós-coito... Eu me empolguei.

– Tudo bem.

Eu me estiquei para beijar seu queixo.

– Apenas amigos está bom para mim – ele disse. – Amigos que transam de vez em quando fica ainda melhor – seus olhos encontraram os meus. – Mas acho que esse é um bom lugar para ficarmos por enquanto, certo?

Tentei decifrar sua expressão e entender por que ele estava considerando tão cuidadosamente cada palavra que usava.

– Desculpe pelas coisas que falei – eu disse. – Entrei em pânico e falei uma coisa maldosa. Eu sou uma idiota.

Ele estendeu a mão e enganchou um dedo no meu cinto, puxando-me para

mais perto. Soltei meu corpo e senti o peso de seu peito contra o meu.

– Nós dois somos idiotas – ele disse, baixando os olhos para minha boca. – E só para você saber, estou prestes a te beijar.

Fiquei na ponta dos pés. Não foi exatamente um beijo, mas não sei que outra palavra usar para descrever. Seus lábios raspavam nos meus, a cada passada com mais pressão do que a anterior. Sua língua lambeu de leve, mal tocando antes de me puxar para mais perto. Senti seus dedos entrarem debaixo do tecido da minha camiseta e pousarem na minha cintura.

Minha mente começou a girar de repente com ideias sobre o que eu queria fazer com ele, o quanto eu queria estar mais perto dele. Eu queria sentir seu sabor por inteiro. Queria memorizar cada linha e cada músculo.

– Quero chupar você – eu disse. Ele afastou o rosto, apenas o suficiente para analisar minha expressão. – De verdade, desta vez. Tipo, fazendo você gozar e tudo mais.

– Quer mesmo?

Confirmei, passando a ponta dos dedos na linha de seu queixo.

– Me ensina como fazer de um jeito incrível?

Rindo, ele disse num tom baixo entre os beijos:

– Meu *Deus*, Hanna.

Eu podia sentir sua ereção contra minha cintura e então deslizei a mão por seu corpo até chegar ao seu pau.

– Pode ser?

Com olhos arregalados e confiantes, ele tomou minha mão e me conduziu até o sofá. Will hesitou um momento antes de se sentar.

– Vou acabar desmaiando se você continuar me olhando desse jeito.

– Mas não é esse o objetivo?

Não esperei sua deixa e me ajoelhei no chão entre suas pernas.

– Diga como você quer que eu faça.

Seus olhos ficaram pesados olhando para mim. Ele me ajudou com seu cinto, ajudou-me a puxar e tirar a sua calça, e depois ficou olhando enquanto eu me abaixava e beijava a ponta de seu pau.

Ele fez uma pausa quando eu me ajeitei esperando suas ordens. Will estudou meu rosto e então agarrou a base do pau.

– Quero ver você lambendo da base até a ponta. Comece devagar. Provoque um pouco.

Eu me debrucei, subindo minha língua por toda sua extensão, passando pela grossa veia e vagarosamente lambendo a ponta endurecida. Ele vazava um pouco no topo e sua doçura me surpreendeu. Beije a ponta, chupando por mais.

Ele gemia.

– De novo. Comece na base. E chupe um pouco na ponta de novo.

Beije seu pau e sussurrei com um sorriso no rosto:

– Que ordens específicas.

Mas ele parecia incapaz de sorrir de volta; seus olhos azuis começaram a arder de intensidade.

– Foi *você* quem pediu – ele grunhiu. – Estou descrevendo passo a passo aquilo que imaginei centenas de vezes.

Comecei de novo, amando cada segundo, amando vê-lo desse jeito. Ele parecia um pouco perigoso. Ao seu lado, sua mão livre se fechou num punho. Eu queria que ele se liberasse, agarrando meus cabelos e enfiando com força em minha boca.

– Vai, continue chupando.

Ele assentiu quando eu o envolvi com meus lábios, depois com toda minha boca, usando também a língua.

– *Chupa* mais. Com força.

Fiz o que ele pediu, fechando os olhos por um momento e tentando não entrar em pânico, com medo de engasgar e perder o controle. Mas, aparentemente, eu estava fazendo certo.

– Ah, merda, sim, desse jeito – ele gemeu quando apertei os lábios. – Bem molhado... use um pouco dos dentes.

Olhei em seu rosto para confirmar antes de raspar meus dentes em sua pele. Will praticamente soltou um rugido e jogou os quadris para frente, acertando a parte de trás da minha garganta.

– Isso. Tudo que você faz é *bom* demais.

Era o elogio que eu precisava ouvir para me dedicar ainda mais e liberar a *mim mesma* .

– Sim, ah...

Seus quadris se moviam com rapidez e intensidade. Os olhos estavam grudados em meu rosto, e as mãos agarravam meus cabelos exatamente do jeito que eu queria.

– Mostre o quanto você está gostando disso.

Fechei os olhos, soltando sons de prazer enquanto chupava com toda a vontade. Eu sentia meus próprios gemidos escaparem da minha garganta, e tudo que eu podia pensar era *sim, mais, goze para mim* .

Seus gemidos graves e sua respiração entrecortada eram como uma droga para mim, e senti meu próprio desejo se intensificando enquanto seu prazer crescia e crescia. Entramos num único ritmo, minha boca e minha mão trabalhando com os movimentos de seus quadris. Percebi que ele estava se segurando, tentando durar o máximo que podia.

– *Dentes* – ele me lembrou num tom áspero, e então gemeu de alívio quando obedeci.

Com uma mão, ele usou a ponta do dedo para traçar meus lábios. A outra mão permaneceu enterrada em meus cabelos, guiando minha cabeça e eventualmente me segurando no lugar enquanto ele cuidadosamente estocava em minha boca. Contra minha língua, ele inchou, e sua mão puxou meus cabelos com força.

– Vou gozar, Hanna. Vou gozar.

Eu podia sentir os músculos de sua barriga e das coxas se tencionarem. Chupei uma última e longa vez antes de tirar a boca, tomando-o em minhas mãos e subindo e descendo rapidamente, agarrando e apertando do jeito que ele gostava.

– Ah, merda.

Ele soltou o ar numa respiração pesada e gozou em minhas mãos. Eu o conduzi por todo o processo, continuando a apertar lentamente até ele não aguentar mais e tirar minhas mãos, sorrindo enquanto me puxava para cima.

– Caramba, você aprende rápido – ele disse, beijando minha testa, meu rosto, os cantos da minha boca.

– É claro. Tenho um excelente professor.

Ele riu, pressionando seu sorriso ao meu.

– Posso assegurar que não aprendi *isso* por experiência própria – Will afastou o rosto e seus olhos vagaram por todo o meu rosto. – Fique e jante comigo, por favor?

Eu me aninhei em seus braços e concordei. Não havia outro lugar no mundo em que eu preferia estar.

Quatorze

Fazia tanto tempo que eu não ficava deitado no sofá com uma mulher que até tinha esquecido o quanto isso é bom. Mas com Hanna, era algo divino poder curtir ao mesmo tempo uma cerveja, um jogo de basquete, uma conversa nerd e uma garota linda cheia de curvas. Terminei a cerveja com um longo gole e então olhei para Hanna, que parecia estar caindo no sono.

Fiquei decepcionado comigo mesmo por ter recuado diante de sua reação hoje de manhã. Mas eu estava descobrindo rapidamente que faria tudo por esta mulher. Se ela quisesse manter as coisas num tom casual, então eu faria isso. Se ela quisesse uma amizade colorida, então eu poderia fingir ser apenas amigo. Eu posso ser paciente. Posso dar tempo a ela. Tudo que eu quero é estar com ela. E por mais patético que seja, eu me contento com o que ela quiser me dar.

Por ora, eu estava satisfeito em ser a Kitty desta relação.

– Tudo bem? – murmurei, beijando o topo de sua cabeça.

Ela assentiu, apertando a garrafa de cerveja em sua mão com mais força. Sua garrafa estava praticamente cheia e, a essa altura, provavelmente quente, mas achei legal ela pedir uma mesmo assim.

– Não gostou da cerveja? – perguntei.

– Essa aqui tem gosto de folha seca.

Rindo, tirei meu braço de baixo dela e me estiquei para colocar minha garrafa no chão.

– É por causa do lúpulo.

– Isso é aquela coisa que eles usam para fazer roupas de maconha?

Tive que rir.

– Não, eles usam cânhamo, Hanna. Caramba, você é incrível.

Quando olhei para ela, Hanna estava sorrindo, e eu percebi, claro, que ela estava brincando.

Ela deu tapinhas na minha cabeça como se eu fosse um cachorrinho.

– Esqueci por um segundo que você provavelmente decorou os nomes de todas as plantas que existem.

Hanna se espreguiçou, tremendo de leve os braços acima da cabeça enquanto soltava um gemido de prazer. Naturalmente, aproveitei a deixa para olhar seus

peitos. Ela estava usando uma camiseta do *Doctor Who* que eu nem tinha notado antes.

– Está checando o material? – ela disse, abrindo um dos olhos e me flagrando.

Balancei a cabeça.

– Sim.

– Peitos sempre foram sua preferência? – ela perguntou.

Aquilo estava claramente se tornando um padrão, então ignorei a pergunta implícita sobre minhas outras mulheres, decidindo que eu não iria falar mais nada sobre esse assunto delicado... pelo menos por enquanto. Ao meu lado, ela ficou totalmente parada e em silêncio. Eu sabia que a mesma pergunta implícita pairava em nossas mentes: *já encerramos esse assunto?*

Fomos salvos pelo gongo ou, no caso, pelo meu celular vibrando em cima da mesa. Uma mensagem de Max apareceu na tela.

Estou indo na Maddie tomar uma cerveja. Topa?

Mostrei o celular para Hanna, em parte porque queria mostrar que não era uma mulher tentando falar comigo numa noite de terça-feira, e em parte para ver se ela queria ir junto. Ergui minhas sobrancelhas numa pergunta silenciosa.

– Quem é Maddie?

– Maddie é uma amiga do Max que tem um bar chamado Maddie's, no Harlem. É um lugar geralmente vazio, mas tem ótimas cervejas. Max gosta por causa da comida horrível típica de pub inglês.

– Quem mais vai?

Dando de ombros, eu disse:

– O Max. Provavelmente a Sara.

Fiz uma pausa, considerando a situação. Era uma terça-feira: Sara e Chloe provavelmente queriam saber se eu estava com Kitty. Então eu tive quase certeza de que essa mensagem era uma armadilha para saber o que eu estava fazendo.

– Aposto que Chloe e Bennett também vão aparecer.

Hanna inclinou a cabeça, analisando meu rosto.

– Vocês frequentam bares no meio da semana? É um hábito estranho para homens de negócios como vocês.

Suspirei, fiquei de pé e a puxei junto comigo.

– Acho que eles estão querendo saber da minha vida sexual.

Se ela sabia que os sábados eram reservados para Kristy, então provavelmente também sabia que as terças-feiras geralmente eram de Kitty. Achei melhor ser honesto sobre o quanto meus amigos são abelhudos.

Sua expressão continuou indecifrável, e eu não sabia se ela tinha ficado

irritada, ciumenta, nervosa ou apenas realmente neutra. Eu queria tanto entender o que se passava em sua mente, mas eu não podia recomendar o *assunto* e assustá-la de novo. Sou um homem; um homem perfeitamente capaz de aceitar sexo de uma mulher mesmo sob as mais delicadas circunstâncias emocionais. Principalmente quando essa mulher era Hanna.

Eu me abaixei para apanhar as duas garrafas de cerveja.

– Vai ser estranho se eu for junto? Eles sabem sobre nós?

– Sim, eles sabem. Não, não vai ser estranho.

Ela parecia cética. Então envolvi seu ombro com meu braço e disse:

– Aqui vai uma regra: as coisas apenas ficam estranhas se você deixar que fiquem.



Como o bar ficava perto do meu prédio, nós decidimos ir andando. O final de março em Nova York geralmente é cinza e frio, mas por sorte a neve já havia desaparecido e estávamos vivendo uma primavera confortável.

Após andarmos um quarteirão, Hanna segurou minha mão.

Entrelacei meus dedos nos dela e apertei nossas mãos juntas. Por algum motivo, sempre esperei que o amor fosse primariamente um estado mental, então eu ainda estava desacostumado com as manifestações físicas dos meus sentimentos por ela: o jeito como meu estômago dava nó, minha pele sentia a necessidade de seu toque, meu peito se apertava, meu coração batia rápido e forte.

Ela também apertou nossas mãos e perguntou:

– E afinal, você gosta de meia-nove? Tipo, falando sério.

Olhei para ela incrédulo, se possível me apaixonando ainda mais e rindo muito.

– Sim. Adoro.

– Mas... eu sei que você vai odiar o que vou dizer agora...

– Você vai arruinar isso para mim, não é?

Ela olhou em meu rosto, quase tropeçando num buraco na calçada de novo.

– E isso é possível?

Pensei um pouco.

– Provavelmente, não.

Abrindo a boca, ela começou a falar, mas então desistiu. Finalmente, ela disse de uma só vez:

– Seu rosto fica praticamente na *bunda* da outra pessoa.

– Não, não fica. O rosto fica no pau ou na xana, dependendo do ponto de

vista, é claro.

Ela já estava balançando a cabeça antes mesmo que eu terminasse de falar.

– Não. Vamos dizer que eu estou por cima de você e...

– Gostei dessa hipótese.

Fiquei esperando ela morder a isca e responder com algo safado. Na verdade, gostei tanto de ouvir isso que precisei discretamente me arrumar dentro da minha calça.

Ignorando minha dica, ela continuou:

– Então isso significa que você fica embaixo de mim. Minhas pernas ficam abertas no seu rosto, então minha bunda... fica ao nível dos *olhos*.

– Por mim tudo bem.

– É a minha *bunda*. Na altura dos seus *olhos*.

Soltei sua mão e arrumei uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

– Isso não vai ser uma surpresa, mas eu tenho zero aversão a bundas. Acho que a gente deveria experimentar isso.

– Não é constrangedor?

Virei meu rosto para olhar em seus olhos.

– Por acaso fizemos alguma coisa até agora que foi constrangedora?

Seu rosto ficou vermelho, e Hanna começou a olhar para o chão, murmurando um “Não”.

– E você acredita em mim quando digo que vou fazer *tudo* ser bom para você?

Ela voltou a olhar para mim, com olhos suaves e confiantes.

– Sim.

Segurei sua mão novamente, e continuamos a andar.

– Então, está combinado. Um meia-nove estará no seu cardápio no futuro.

Caminhamos em silêncio por vários quarteirões, ouvindo os pássaros, o vento, os carros passando pelas ruas.

– Você acha que algum dia eu vou ensinar alguma coisa para você? – ela perguntou um pouco antes de chegarmos ao bar.

Eu sorri para ela.

– Com certeza.

Então abri a porta do bar e fiz um gesto para Hanna entrar.

Meus amigos, sentados numa mesa ao lado da pista de dança, nos viram assim que entramos. Chloe, de frente para a porta, foi a primeira a notar, formando um “O” com a boca que quase imediatamente escondeu. Bennett e Sara se viraram e se esforçaram para não mostrar reação nenhuma. Mas o maldito do Max tinha um sorriso enorme no rosto.

– Olha só – ele disse, levantando-se para dar um abraço em Hanna. – Veja só quem apareceu.

Hanna sorriu, cumprimentando a todos com pequenos abraços e acenos. Então puxou uma cadeira e sentou-se no fim da mesa. Fiz Max se mexer para eu poder me sentar ao lado dela, e não deixei de perceber seu sorrisinho e a palavra “apaixonado” dita no meio de uma tossida.

Maddie em pessoa se aproximou da mesa, jogando dois porta-copos na nossa frente e perguntando a Hanna o que ela iria tomar. Ela ouviu as marcas de cerveja, e como eu sabia que ela não iria gostar de nenhuma, eu me aproximei e disse:

– Eles também têm outros tipos de drinques, ou refrigerante.

– Refrigerante é expressamente proibido – Max interrompeu. – Se você não gosta de cerveja, pode pedir uísque.

Hanna riu, fazendo uma careta.

– Você tomaria vodca com 7-Up? – ela perguntou para mim, antecipando nossa rotina em que ela pedia, mas eu quem tomava no final.

Balancei a cabeça e também fiz uma careta, praticamente encostando minha testa na dela.

– Provavelmente não.

Ela pensou mais um pouco.

– Jack e Coca-Cola?

– Isso eu beberia – e olhei para Maddie e disse: – Jack e Coca-Cola para a moça, e para mim um Green Flash.

– Uau, o que é isso? – Hanna perguntou.

– É uma cerveja bem amarga – eu disse, beijando o canto de sua boca. – Você não iria gostar.

Assim que Maddie nos deixou, eu me afastei de Hanna e olhei ao redor, encontrando quatro rostos muito interessados olhando para nós na mesa.

– Vocês dois parecem bem confortáveis um com o outro – Max disse.

Com um pequeno aceno, Hanna explicou:

– Faz parte do nosso sistema: eu só tomo uns goles do meu drink e depois ele termina. Ainda estou aprendendo o que ele gosta de tomar.

Sara soltou um sonzinho animado, e Chloe sorriu como se nós fôssemos a coisa mais fofa do mundo. Eu respondi com um olhar ameaçador. Quando Hanna perguntou onde ficava o banheiro e depois seguiu na direção, eu me debrucei sobre a mesa e olhei cada um deles nos olhos.

– Gente, isso aqui não é o show do Will e da Hanna. Nós estamos num momento esquisito. Apenas ajam normalmente.

– Certo – Sara disse, mas então ela cerrou os olhos. – Mas só para constar, vocês dois ficam muito bem juntos, e já que todo mundo sabe que vocês estão transando, ela realmente é corajosa por sair com você numa noite com seus

amigos.

– Eu sei.

Maddie voltou com minha cerveja, e eu tomei um longo gole. O sabor amargo desceu quase imediatamente com um final forte e agradável. Fechei os olhos, gemendo um pouco enquanto os outros conversavam.

– Will? – Sara chamou, desta vez com voz mais discreta, para que apenas eu ouvisse. Ela se virou e olhou ao redor antes de continuar: – Por favor, apenas faça isso com Hanna se tiver certeza de que é o que você quer.

– Eu agradeço a intromissão, Sara, mas pare de se intrometer.

O rosto dela ficou sério de repente, e eu percebi meu erro. Hanna era um pouco mais velha do que Sara era quando ela começou a namorar aquele congressista idiota de Chicago, mas eu tinha a mesma idade que ele tinha: trinta e um. Sara provavelmente sentia ser seu dever proteger outras mulheres que poderiam cair na mesma armadilha.

– Ah, Sara, desculpe. Eu entendo a intromissão. Acontece que... agora é diferente. Você sabe disso, não é?

– Sempre é *diferente* no começo. Isso é o que a paixão faz com a pessoa. Você acaba prometendo qualquer coisa.

Não era como se eu nunca tivesse me apaixonado por uma mulher; eu tinha. Mas sempre mantive meus pensamentos para mim mesmo, sabendo até onde eu podia levar as coisas fisicamente, mas mantendo o lado emocional sob controle. Mas com Hanna? Eu sentia vontade de abandonar esse modelo e mergulhar de cabeça na relação, onde as coisas são mais incríveis e aterrorizantes ao mesmo tempo.

Hanna voltou, sorrindo para mim antes de se sentar e tomar um gole de seu drinque. Ela quase engasgou e então olhou para mim, com olhos lacrimejando como se a garganta estivesse queimando.

– Ah, é – eu disse, rindo. – Maddie capricha nos drinques. Eu deveria ter avisado.

– Continue bebendo – Bennett sugeriu. – Fica mais fácil depois que sua garganta se acostuma.

– Isso é o que ele acha – Chloe brincou.

A risada de Max ecoou pela mesa enquanto eu revirava os olhos, torcendo para Hanna não perceber a piada interna deles.

Aparentemente, ela não percebeu, tomando outro gole e reagindo de um jeito normal dessa vez.

– Certo. Nada mal. Putz, vocês devem achar que estão assistindo a alguém tomar álcool pela primeira vez na vida. Juro que às vezes eu bebo, só que...

– Só que não de um jeito muito eficiente – eu completei, rindo.

Por baixo da mesa, Hanna pousou a mão em meu joelho e subiu pela coxa. Ela encontrou minha mão, e nós entrelaçamos os dedos novamente.

– Eu me lembro da primeira vez que bebi – Sara disse, balançando a cabeça. – Eu tinha quatorze anos e fui até o bar no casamento da minha prima. Pedi uma Coca-Cola, e a mulher ao meu lado pediu uma Coca com algum tipo de destilado. Eu acidentalmente peguei a bebida dela e voltei para minha mesa. Eu não entendi por que meu refrigerante tinha um gosto estranho, mas, no fim, aquela foi a primeira vez em que esta garota aqui tentou dançar break numa pista de dança.

Todos riram, principalmente por causa da imagem da doce e reservada Sara dançando como uma louca na frente de todo mundo. Quando as risadas diminuíram, pareceu que havia apenas um assunto faltando, pois todos se viraram de uma vez para Chloe.

– Como estão os preparativos do casamento? – eu perguntei.

– Sabe de uma coisa, Will – ela disse, com um sorrisinho irônico. – Acho que essa é a primeira vez que você pergunta sobre o casamento.

– Passei quatro dias em Las Vegas com esses caras – eu disse, acenando para Bennett e Max. – Eu sei muito bem o que está se passando. O que mais você quer? Que eu dê o nó nos lacinhos dos arranjos de flores?

– Não – ela disse, rindo. – E os preparativos estão... indo bem.

– Ou quase isso – Bennett murmurou.

– Quase bem – Chloe concordou.

Eles trocaram um olhar, e ela começou a rir novamente, recostando-se em seu ombro.

– O que isso quer dizer? – Sara perguntou. – Vocês ainda estão discutindo o fornecedor dos comes e bebes?

– Não – Bennett disse, antes de tomar um gole de sua cerveja. – O fornecedor já está decidido.

– Graças a Deus – Chloe acrescentou.

Bennett continuou:

– É inacreditável o que um casamento faz com as famílias. Todo tipo de drama surge por causa dos detalhes. Juro por Deus, se conseguirmos casar sem que aconteça um banho de sangue nós deveríamos ganhar um prêmio.

Ponderando aquilo, eu apertei a mão de Hanna.

Após uma pequena pausa, ela apertou de volta, virando-se para me encarar. Seus olhos encontraram os meus, e então se acenderam num pequeno sorriso.

Eu estava pensando sobre nós dois. Pensei sobre sua família e como nos últimos anos eles se tornaram minha família postiça na costa leste, e como eu conseguia enxergar um futuro em que eu me apaixonava, casava e começava

uma família.

Soltei sua mão esfregando minha coxa, sentindo minha pulsação explodir em meu pescoço. *Put a merda, o que aconteceu com minha vida?* Em apenas alguns meses, quase tudo mudou.

Bom, nem tudo. Meus amigos continuavam os mesmos, minha vida financeira também. Eu ainda corria (quase) todos os dias e ainda assistia ao basquete na TV. Mas...

Eu me apaixonei. Isso não é algo que se pode prever.

– Você está bem? – ela perguntou.

– Sim, tudo bem – eu sussurrei. – É só que... – mas não consegui dizer mais nada. Concordamos em continuar apenas amigos. Eu disse que também queria isso. – É estranho ver seus amigos passando por essas coisas – eu disse, mostrando Chloe e Bennett. – Para mim isso é outro mundo.

E com isso, todos estavam olhando para nós de novo, com olhos vidrados em cada gesto e olhar que se passava entre nós dois. Olhei para cada um deles e então me levantei. Minha cadeira chiou alto, deixando meu constrangimento ainda mais evidente. Eu não me importava em ser o centro das atenções desse grupo, fosse tirando sarro deles ou vice-versa. Mas agora parecia diferente. Eu podia rir das piadas sobre minha agenda romântica ou sobre meu passado nebuloso, mas agora eu me sentia *vulnerável* nesta nova situação com Hanna. Eu não estava acostumado a ficar deste lado dos olhares curiosos.

Limpei minhas mãos suadas na minha calça.

– Vamos... sei lá.

Olhei para o bar desesperado. Nós deveríamos ter ficado em meu sofá, talvez transado de novo na minha sala. Deveríamos nos manter discretos até as coisas entre nós ficarem menos em evidência.

Hanna olhou para mim, com uma expressão divertida no rosto.

– Vamos...?

– Vamos dançar.

Eu a tirei da cadeira e a puxei para a pista de dança vazia, percebendo tarde demais que isso seria bem pior que aquilo de que eu estava tentando escapar. Eu nos tirei da segurança de uma mesa e nos coloquei num *palco*. Ela se aproximou, colocou meus braços ao redor de sua cintura e depois correu as mãos em meu peito e cabelos.

– Respire, Will.

Fechei meus olhos e respirei fundo. Nunca me senti tão constrangido em minha vida. Para falar a verdade, nunca me senti constrangido antes.

– Você está engraçado – ela disse, rindo em meu ouvido. – Nunca te vi tão desconcertado. Tenho que admitir, isso é muito fofo.

– Estou tendo um dia realmente estranho.

Maddie estava tocando uma música lenta qualquer. Era uma melodia instrumental bonita, quase um pouco melancólica, mas que tinha o ritmo perfeito para o tipo de dança que eu queria ter com Hanna: uma dança lenta e agarradinha. Do tipo que eu podia fingir que dançava, mas na verdade estava apenas de pé a abraçando por alguns minutos fora da mesa.

Numa volta lenta, eu me virei e pude ver que meus amigos já não estavam mais olhando para nós; tinham voltado a conversar. Chloe estava falando animada sobre alguma coisa, agitando os braços acima da cabeça. Eu tinha certeza de que ela estava encenando algum fiasco do casamento. Agora que a Patrulha do Will havia terminado, fiquei dividido entre continuar ali com Hanna ou voltar para a mesa e me atualizar com as aventuras de Bennett e Chloe. Eu tinha certeza de que eles tinham histórias épicas para contar.

– Gosto de estar com você – Hanna disse, interrompendo meus pensamentos.

Talvez fosse a luz do bar, ou talvez fosse seu humor, mas seus olhos pareciam mais azuis do que o normal. Isso me fez pensar que a primavera havia chegado com toda a força em Nova York. Eu queria o inverno longe daqui. Acho que precisava que tudo ao meu redor se transformasse, para que eu não sentisse que era o único passando por mudanças.

Ela fez uma pausa, e seus olhos focaram meus lábios.

– Desculpe por dizer aquelas coisas.

Rindo, eu sussurrei:

– Você já se desculpou. Se desculpou com palavras. E depois se desculpou com a boca no meu pau.

Ela riu, mergulhando o rosto em meu pescoço. Eu fingia que estávamos sozinhos, apenas dançando na minha sala de estar ou no meu quarto. Só que se isso fosse verdade, não estaríamos dançando. Apertei meus dentes, tentando evitar que meu corpo reagisse a esse lembrete de que ela estava pressionada contra mim e tinha me dado a melhor chupada da minha vida, e que eu poderia ainda convencê-la a voltar comigo para meu apartamento mais tarde. Mesmo que só quisesse dormir abraçada comigo. Depois de todo o drama de hoje, eu realmente não queria que ela fosse para casa sozinha.

– Acho que não sei realmente o que fazer – ela admitiu. – Sei que já conversamos, mas tudo parece ainda meio estranho.

Suspirei.

– Mas por que tem que ser tão complicado? – perguntei.

As luzes da pista jogavam sombras em seu rosto. Ela estava tão linda, eu sentia que estava perdendo minha cabeça. Uma pergunta ficou presa em minha garganta até eu não aguentar mais:

– Não está bom do jeito que está agora?

Eu sorri para que ela soubesse que eu achava que sim; talvez até acreditasse que eu não estava inseguro e precisava de sua confirmação.

– Sim, na verdade isso é maravilhoso – ela sussurrou. – Sinto como se não conhecesse você de verdade antes, embora *achasse* que sim. Você é um cientista brilhante, com todas essas tatuagens incríveis e cheias de significados. Você corre em triatlos e tem uma relação muito próxima com suas irmãs e sua mãe – suas unhas arranharam de leve meu pescoço. – Sei que você sempre foi um animal sexual, realmente sexual. Desde a primeira vez que te conheci, quando você tinha dezenove anos, até hoje, doze anos depois. Eu realmente gosto de passar meu tempo com você também por essa razão, porque você me ensina coisas que eu nem sabia sobre meu próprio corpo. Eu acho que o que temos agora é mesmo perfeito.

Eu estava a um milímetro de beijá-la, correndo a mão ao seu lado e sentindo as curvas de sua cintura. Eu queria jogá-la no chão e senti-la debaixo de mim. Mas estávamos num bar. *Will, seu maldito idiota*. Desviei os olhos e sem querer olhei para meu grupo de amigos. Os quatro tinham voltado a nos observar. Bennett e Sara até viraram suas cadeiras para não precisarem torcer o pescoço enquanto assistiam ao show. Mas assim que perceberam que eu os flagrei, eles desviaram a atenção: Max olhou para o bar, Sara para o teto, Bennett para seu relógio. Apenas Chloe continuou nos observando, com um grande sorriso no rosto.

– Vir até aqui foi uma péssima ideia – eu disse.

Hanna deu de ombros.

– Acho que não. Acho que foi bom sair de casa e conversar um pouco.

– Foi isso que fizemos? – eu perguntei, sorrindo. – Conversamos sobre o quanto não precisamos conversar sobre isso?

Sua língua molhou seus lábios.

– Exatamente. Mas acho que agora quero voltar para seu apartamento e fazer coisas enquanto nós conversamos.



Tirei as chaves do meu bolso e procurei a chave certa.

– Você não vai subir apenas para tomar um chá e voltar para casa.

Ela concordou.

– Eu sei. Mas preciso ir trabalhar amanhã. Acho que nunca faltei sem explicação igual fiz hoje.

Abri a porta e a deixei entrar. Ela foi direto para a cozinha.

– Lado errado.

– Não vou embora depois de tomar chá – ela disse sobre o ombro. – Mas eu quero, sim, tomar um pouco. Aquele drinque me deixou com sono.

– Você tomou só *dois* goles.

Deixamos seu Jack com Coca praticamente intocado na mesa, enquanto Bennett e os outros tentavam nos convencer a ficar não apenas para terminar o drinque, mas para pedir outros.

– Acho que isso é o meu equivalente a sete doses.

Andei até o fogão, peguei a chaleira e comecei a encher com água.

– Então você não aguenta nada. Se eu tomasse sete doses eu acabaria tirando a roupa em cima da mesa.

Ela riu, abrindo a geladeira e analisando o conteúdo até escolher uma cenoura. Hanna andou até o balcão e sentou-se em cima dele, ao meu lado, com um pulinho. Apesar dessa situação tão nova, parecia que ela já era da casa.

Seu penteado começou a se desfazer e algumas mechas caíram em pequenas ondas ao lado do rosto e atrás do pescoço. O calor dentro do bar, ou talvez os dois goles do drinque, deixaram seu rosto corado e seus olhos pareciam brilhar ainda mais. Ela piscou lentamente enquanto me observava.

– Você está bonita – eu disse, debruçando-me sobre o balcão ao lado dela.

Ela mordeu a cenoura.

– Obrigada.

– Acho que vou comer você loucamente daqui a alguns minutos.

Dando de ombros e fingindo desinteresse, ela murmurou:

– Beleza.

Mas então ela esticou a perna e me puxou para o meio de suas coxas.

– Apesar daquele aviso que eu dei sobre *trabalhar amanhã*, acho que você provavelmente vai conseguir me manter acordada por toda a noite de novo, se é isso mesmo que você quer.

Estendi a mão e abri o primeiro botão de sua camisa.

– O que você quer que eu faça hoje?

– Qualquer coisa.

Ergui uma sobrancelha.

– Qualquer coisa?

Ela reconsiderou, e então sussurrou:

– Tudo.

– Adoro isso – eu disse, dando um passo à frente e raspando a ponta do meu nariz em seu pescoço. – O tipo de sexo no qual eu posso aprender tudo que você gosta. Posso descobrir todos os seus sons.

– Não sei... – hesitando, ela fez um círculo no ar com a cenoura. – O melhor

sexo não é aquele que você faz com a pessoa com quem já está há tempos? Tipo, ela vai para cama, adormece, e então ele entra no quarto, e ela por instinto rola para ele, entende? E, tipo, o rosto dela procura o pescoço quente dele, e as mãos dele fazem carinho nas costas dela, daí ela tira a calça e ele começa a entrar nela antes mesmo dela tirar a camisa. Ele sabe o que tem ali embaixo. Talvez ele nem consiga esperar para entrar nela. E nem precisa mais tirar toda a roupa dela.

Afastei meu rosto e fiquei olhando enquanto ela dava outra mordida na cenoura. Aquela foi uma imagem realmente vívida. Pessoalmente, eu nunca diria que sexo familiar é o melhor tipo de sexo. Claro, é um bom tipo. Mas o jeito como ela descreveu... o jeito como sua voz baixou o tom e seus olhos quase se fecharam... sim, ela me convenceu que poderia ser o *melhor* sexo. Eu conseguia enxergar uma vida assim com Hanna, onde dividíamos uma cama, uma cozinha, as contas da casa, e até discutíamos juntos. Eu podia enxergar um cenário onde ela ficava brava comigo, e então eu a encontrava mais tarde e compensava com algum ataque repentino que eu teria aprendido com o tempo porque ela era *minha*, e sendo a Hanna, ela não conseguia evitar e botava para fora todos os pensamentos e desejos e loucuras.

Ela não era sexy em nenhum jeito convencional. Ela era sexy porque não se importava que eu estivesse vendo-a comer uma cenoura, ou que seu cabelo estivesse com um rabo de cavalo todo desarrumado. Hanna se sentia tão confortável sendo ela mesma, tão confortável sendo *observada* – nunca conheci uma mulher como ela. Hanna nunca pensava que eu estava olhando e julgando. Ela pensava que eu estava olhando porque estava ouvindo com interesse. E eu estava mesmo. Eu podia ouvi-la tagarelando sobre sexo familiar e sexo anal e pornografia para todo o sempre.

– Você está olhando para mim como se eu fosse comida – ela mostrou a cenoura, sorrindo com ironia. – Quer uma mordida?

Balancei a cabeça.

– Quero você.

Hanna começou a desabotoar a camisa até tirá-la pelos ombros.

– Diga do que você gosta – eu disse, chegando ainda mais perto e beijando sua garganta.

– Eu gosto de quando você goza em mim.

Deixei escapar uma risada baixinha em seu pescoço.

– Disso eu sei. E o que mais?

– Gosto de quando você fica olhando quando enfia em mim.

Balancei a cabeça novamente, dizendo:

– Diga algo de que você gosta que eu faça em *você*.

Hanna deu de ombros, correndo a ponta dos dedos por meu peito antes de

puxar minha camisa sobre minha cabeça.

– Gosto quando você me pega e me joga na cama. Gosto quando usa meu corpo como se fosse seu.

A chaleira começou a apitar, ecoando pela cozinha, e eu me afastei apenas o suficiente para pegar uma caneca e jogar um pouco de água quente sobre um saquinho de chá.

– Quando eu toco em você – eu disse, baixando a chaleira –, seu corpo é meu. É meu para beijar, para foder, para chupar.

Hanna ergueu uma sobrancelha e sorriu para mim.

– Bom, quando *eu* toco em *você*, seu corpo também é meu, sabe?

Perdi completamente minha cabeça quando ela se debruçou no balcão, pegou o mel e despejou um pouco na caneca.

Tirando o mel de sua mão, limpei um pouco de excesso na tampa do frasco e depois passei meu dedo melado na ponta de um seio. Ela ficou apenas olhando, aparentemente se esquecendo do chá por inteiro.

– Então assumo o controle – eu disse, beijando seu queixo. – Diga o que eu devo fazer em seguida.

Ela hesitou por apenas um segundo.

– Limpe com a língua.

Gemi ao ouvir sua ordem, lambendo o mel antes de chupar sua pele com tanta força que até deixei uma pequena marca vermelha.

– O que mais?

Suas mãos alcançaram o fecho do sutiã em suas costas, soltando-o no momento em que minha língua passava por sua pele. Segui para o mamilo, soprando de leve antes de tomá-lo em minha boca. Ofegando, ela sussurrou:

– Deixe bem molhado.

Chegando mais perto, fiz exatamente o que ela pediu, lambendo os seios, chupando com força, usando minha língua até deixar sua pele brilhando.

– Logo vou foder essas duas maravilhas.

– Dentes – ela suspirou. – Use os dentes.

Com um gemido, fechei os olhos, mordendo pequenos círculos nos mamilos, encontrando vestígios de mel ainda em sua pele. Minhas mãos desceram devagar até sua cintura, onde abri o zíper e desci a calça e a calcinha até seus calcanhares para que ela pudesse chutar os dois para longe.

Suas mãos agarram meus ombros, as pernas se abriram completamente.

– Will?

– Sim?

Continuei provocando em suas costelas, erguendo os dois seios em minhas mãos. Eu já conhecia seu tom de voz; sabia o que ela estava prestes a implorar.

– Por favor.

– Por favor, o quê? – eu perguntei, pressionando os dentes com cuidado em seu mamilo. – Por favor, me passe o chá?

– Me toque.

– *Estou tocando você.*

Ela soltou um pequeno grunhido raivoso.

– Me toque entre minhas pernas.

Mergulhei meu dedo no frasco de mel e depois pressionei seu clitóris, esfregando em sua pele enquanto mordida o seio delicado. Ela gemeu, jogando a cabeça para trás e trazendo os pés até o balcão, com as pernas totalmente abertas.

Eu me abaixei e passei a língua sobre ela, mas não provocando, pois eu nem conseguiria. O mel estava quente em sua pele, e o sabor era incrível.

– Puta merda – sussurrei, chupando gentilmente sua pele macia.

Sua mão encontrou meus cabelos, puxando, agarrando, mas não por prazer. Ela me ergueu até seu rosto e me beijou. Ela havia colocado mel em sua língua, e eu soube num instante que para sempre esse sabor me lembraria de Hanna.

Seus pequenos gemidos preencheram o espaço entre nossos lábios e línguas, ecoando levemente, cada vez mais agudos quando deslizei meus dedos sobre sua pele novamente, brincando onde ela estava mais molhada e quente. O balcão era um pouco maior do que a altura da minha cintura, mas eu conseguiria dar um jeito se ela quisesse transar ali mesmo.

– Vou pegar uma camisinha.

– Certo – ela disse, tirando a mão dos meus cabelos.

Entrei no corredor enquanto desabotoava minha calça. Peguei um pacote no armário e me virei para voltar à cozinha, mas Hanna estava de pé na porta do meu quarto.

Estava completamente nua e, sem dizer nada, andou até minha cama e subiu nela. Hanna sentou-se no meio da cama, apoiando a mão num joelho, apenas esperando por mim.

– Quero que seja aqui.

– Certo – eu disse, tirando minha calça de vez.

– Na sua cama.

Entendi, pensei. Está óbvio que você quer transar na minha cama, é só olhar a camisinha na minha mão e a sua completa falta de roupas. Mas então entendi que ela estava tentando me perguntar algo. Queria saber se minha cama estava fora dos limites, se eu era algum tipo de *playboy* que nunca levava as garotas para a própria cama.

Será que seria sempre assim? Com perguntas implícitas, com sua incerteza sobre aquilo que eu oferecia? Não era suficiente eu secretamente oferecer a

chance de partir meu coração?

Eu me juntei a ela na cama, começando a abrir a embalagem da camisinha com os dentes até que ela a tomou de minhas mãos.

– Merda – murmurei, observando enquanto ela se abaixava e passava de leve a língua na ponta do meu pau. – Puta merda, eu adoro essa sua boca safada.

Ela beijou a ponta, correndo a língua sobre a extensão e me tomando inteiro em sua boca.

– Adoro observar você – balbuciei. Eu estava tão duro, e a visão dela fazendo isso... eu não sabia se conseguiria aguentar muito. – Acho que vou gozar.

– Eu mal estou tocando você – ela disse, claramente orgulhosa de si mesma.

– Eu sei. Mas eu... isso é demais.

Hanna pegou a camisinha e a desenrolou em mim, depois se deitou na cama.

– Está pronto?

Subi por cima dela, olhando para nossos corpos antes de me posicionar e entrar dentro dela. Hanna estava tão quente, tão molhada, e eu queria durar e estender o momento ao máximo. Puxei levemente meus quadris para trás, batendo gentilmente meu pau contra seu clitóris.

– Will – ela gemeu, arqueando os quadris.

– Você tem ideia do quanto está molhada?

Com a mão trêmula, ela alcançou entre nós e começou a se tocar.

– Ah, Deus.

– Isso é por minha causa? Acho que nunca estive tão duro.

Eu sentia meu pulso reverberando por meu pau.

Ela me agarrou e parecia nem conseguir respirar quando sussurrou:

– Por favor.

– Por favor, o quê?

Seus olhos se abriram e ela sussurrou:

– Por favor... entre.

Eu sorri, adorando sua agonia urgente.

– Você já não aguenta mais de tesão?

– Will.

Debaixo de mim, ela se movia, procurando com suas mãos e quadris. Levei seus dedos para minha boca e chubei cada um para sentir sua doçura. Então, levei minha mão entre nós, circulando um dedo ao redor de sua entrada molhada.

– Perguntei se você já não aguenta mais.

– Sim...

Ela se ergueu, tentando usar meu dedo, mas eu o deslizei por cima do clitóris, provocando um gemido alto em sua garganta. Desci o dedo novamente e entrei naquela inacreditável umidade.

– Está sentindo o desejo aqui entre suas coxas? E aqui em cima? – comecei a chupar um mamilo, provocando com minha língua. – Está pronta e querendo também?

Meu Deus, esses peitos. Tão macios e tão quentes.

– Deus, Hanna – sussurrei, sentindo um desespero tomar conta de mim. – Hoje vai ser tão bom. Vou fazer você gozar *muito*.

Ela se arqueou quase totalmente para fora da cama, com as mãos puxando meu cabelo, arranhando meu pescoço, marcando minhas costas. Descendo o dedo por seu clitóris e mais para baixo, eu pressionei onde sabia que ela queria.

– Aposto que você faria qualquer coisa agora. Eu poderia até enfiar aqui.

– Qualquer coisa – ela concordou. – Por favor...

– Você... está implorando?

Ela assentiu freneticamente e então se virou para meu rosto, com olhos arregalados e selvagens. Seu pulso retumbava em seu pescoço.

– Will. Sim.

– Então, aquelas garotas nos filmes pornôs que você gosta tanto – eu sussurrei, sorrindo enquanto movia meus quadris. Soltamos um gemido ao mesmo tempo quando a cabeça do meu pau passou por cima de seu clitóris. – Aquelas que imploram. Elas dizem que *precisam*...

Inclinei minha cabeça, apertando o queixo, tentando resistir minha urgência de entrar nela e fodê-la até afundar na cama.

– Você diria agora que também *precisa*?

Ela gemeu, arrastando as unhas em meu peito e descendo tão forte que até deixou um rastro de marcas vermelhas.

– Vou fazer qualquer coisa que você quiser hoje, apenas me faça gozar logo.

Sem conseguir continuar provocando, eu apenas sussurrei:

– Me coloque para dentro.

Suas mãos voaram até meu pau, agarrando minha ereção e esfregando por toda parte antes de me deslizar para dentro, empurrando seus quadris para me receber cada vez mais fundo. Minha pele se aqueceu, e com um grunhido inesperado comecei a acompanhar seu ritmo, entrando fundo e empurrando suas pernas para cada lado, pressionado até o fim, esfregando onde eu sabia que ela precisava.

Fechei meus punhos agarrando o lençol acima de seus ombros, lutando para me controlar. Ela estava tão molhada. Estava *tão* quente. Fechei meus olhos com força, sentindo meu sangue bombear em minhas veias enquanto eu entrava e saía repetidamente.

Seus sons – pequenos gemidos e grunhidos que me enlouqueciam – me faziam querer mergulhar mais fundo, mais forte, e fazê-la gozar de novo e de novo até

ela nunca mais querer outra pessoa dentro dela. Agora ela sabia que eu continuaria a noite toda: a nossa primeira vez não foi uma exceção. Eu *sempre* a manteria acordada por horas. Com Hanna, eu raramente deixaria que tudo acabasse rapidamente.

Ela era perfeita, linda, selvagem – as mãos em meu rosto, polegar na minha boca, implorando com pequenos gemidos e grandes olhos suplicantes.

Mas quando aqueles olhos se fecharam, eu parei, rosnando alto e ordenando:

– Abra os olhos. Quero que você olhe para mim. Não vou ser gentil hoje.

Hanna olhou em meu rosto – não para meu pau –, então a deixei observar cada sensação que eu sentia: a maneira como minhas estocadas não eram suficientes e eu sentia a necessidade de arranhar toda a sua pele; a maneira como eu adorava os movimentos que ela fazia contra mim, começando a mexer de um jeito *perfeito* que me fez até rir no meio de um grunhido enquanto seu primeiro orgasmo se anunciava; a maneira como eu queria desacelerar, aproveitar o longo deslizar do meu pau dentro dela, sentindo a vibração em meu sangue, correndo meu dedo entre os seios, desfrutando seu suor, esperando ela me implorar novamente por muito, muito mais.

Ela agarrou meus ombros, querendo que eu fosse mais *rápido*.

– Tão mandona – eu sussurrei, tirando meu pau e virando-a de bruços para lambe suas costas, morder sua bunda, suas coxas. Deixei um caminho de marcas vermelhas por toda a sua pele.

Eu a puxei para a ponta da cama, dobrando-a sobre o colchão, então mergulhei nela novamente, tão fundo que nós dois gritamos ao mesmo tempo. Fechei meus olhos, precisando me controlar um pouco. Antes, com todas as outras mulheres, eu sempre mantinha os olhos abertos. Eu precisava desse estímulo visual quando estava pronto para gozar. Mas, com Hanna, isso era demais para mim. *Ela* era demais. Eu não conseguia olhar para ela quando estava perto assim. Era como ela se arqueava, ou quando olhava para mim por cima do ombro, com olhos cheios de dúvidas e esperança e aquela doce adoração que me atingia diretamente no meio do peito.

Hanna começou a se apertar em mim, e me perdi na sensação de como ela ficou ainda mais molhada quando agarrei seus cabelos, depois agarrei os seios em minhas mãos famintas, e ainda dei um tapa em sua bunda para ouvir o estalo alto, seguido por seu gemido de prazer. Seus sons passaram de gritos agudos para uma respiração difícil enquanto eu mordida seu ombro e dizia para *gozar agora*. E quando ela começou, tentei me segurar, tentei bloquear a imagem de nós dois juntos. Apertei com uma mão sua cintura, a outra mão empurrando seu ombro enquanto eu enfiava com força em cada estocada até eu chegar tão perto que podia sentir meu orgasmo na iminência de se derramar.

Ela gritou meu nome, pressionou contra meu corpo e de repente senti como se estivesse caindo numa escuridão sem fim. Abri rapidamente os olhos, com minhas duas mãos agarrando-a com força enquanto eu gozava e enchia a camisinha com um urro. Continuei estocando dentro dela, fodendo enquanto ela ainda gozava, sentindo minhas pernas queimarem e minha cabeça latejar. Senti como se eu fosse feito de borracha e mal conseguia sustentar meu próprio corpo.

Tirei meu pau e joguei a camisinha fora, assistindo enquanto ela se derramava no colchão. Ela parecia tão perfeita em minha cama, sua pele toda marcada por meus dentes, corada e suada, ainda com alguns vestígios do mel espalhados aqui e ali. Subi na cama, desabando atrás dela e envolvendo sua cintura com meus braços. Havia algo tão familiar nisso. Era a primeira vez que ela dormia em minha cama, mas a sensação era de que esse sempre foi o seu lugar.

Quinze

Acordei na manhã seguinte numa cama estranha e o cheiro de Will ainda marcando minha pele. A cama parecia uma zona de guerra. Os lençóis não encaixavam no colchão e se enrolavam em meu corpo; os travesseiros estavam jogados no chão. Minha pele estava coberta de marcas de mordidas e dedos poderosos, e eu não tinha a menor ideia de onde estavam minhas roupas.

Uma olhada no relógio me disse que já se passava pouco mais das cinco horas. Virei para o lado, puxando o emaranhado dos meus cabelos e piscando os olhos na penumbra. O outro lado da cama estava vazio e apenas insinuava a marca do corpo de Will. Ergui a cabeça ao som de passos e o vi andando em minha direção, sorrindo e sem camisa, carregando duas canecas fumegantes em cada mão.

– Bom dia, dorminhoca – ele disse, deixando as canecas no criado-mudo. O colchão afundou quando ele se sentou ao meu lado. – Tudo certo? Doendo em algum lugar? – sua expressão era afetuosa, com um sorriso no canto da boca. Eu tive que me perguntar se algum dia me acostumaria com a realidade de Will me olhando de um jeito tão íntimo. – Não fui particularmente suave com você ontem.

Fiz uma avaliação mental: além das marcas que ele deixou por todo o meu corpo, minhas pernas estavam fracas, parecia que meu abdômen havia feito centenas de flexões e, entre as pernas, eu ainda sentia o eco de seus quadris me castigando.

– Doendo nos lugares certos.

Ele coçou o queixo, deixando os olhos passearem por meu rosto antes de caírem em meus peitos. Típico.

– O que você acabou de dizer agora é minha frase preferida sua. Você podia até me enviar isso numa mensagem mais tarde. Se estiver se sentindo generosa, podia também incluir uma foto dos seus peitos.

Tive que rir, enquanto Will pegava uma caneca e me entregava.

– Alguém esqueceu o chá ontem.

– Humm. Alguém ficou distraída.

Balancei a cabeça, fazendo um gesto para ele colocar a caneca de volta. Eu

queria ter minhas duas mãos livres. Will era predatório e sedutor em cada minuto do dia; mas, pela manhã, deveria haver uma *lei* contra ele.

Ele sorriu, entendendo aonde eu queria chegar, lentamente passando as mãos por meus cabelos, alisando-os pelas costas. Eu tremi ao ver a emoção em seus olhos, ao sentir a eletricidade na ponta de seus dedos, produzindo um calor já familiar entre minhas pernas. Eu gostaria de saber o que exatamente eu enxergava naqueles olhos: amizade, ternura, algo mais? Engoli de volta a pergunta que estava na ponta da minha língua, sem ter certeza se nós dois estávamos prontos para ter uma conversa tão honesta tão cedo, depois daquele último desastre.

Pela fresta na janela, vi o céu num tom azul-escuro e cheio de nuvens, deixando cada linha em sua pele ainda mais delineada, cada tatuagem contrastando com o tom claro de sua pele. O pássaro azul parecia quase negro; as palavras que envolviam suas costelas pareciam quase esculpidas numa escrita delicada. Estendi a mão para tocá-las, pressionando meu polegar nos vales e morros de seu abdômen. Ele respirou fundo quando deslizei um dedo debaixo do elástico de sua cueca.

– Quero desenhar em você – eu disse, piscando rapidamente para medir sua reação. Ele ficou surpreso, mas, mais do que isso, ele parecia *faminto*, com os olhos azuis pesados e escondidos nas sombras.

Ele deve ter concordado, pois se virou para procurar uma caneta no criado-mudo e voltou com um marcador preto. Will passou por cima de mim e se deitou de costas, esticando-se no meio de sua cama.

Eu me sentei, sentindo o lençol escorregar por meu corpo e o ar frio me lembrou do quanto eu estava nua. Não me permiti tempo para pensar no que estava fazendo e engatinhei até subir nele, montando-o com minhas coxas envolvendo seu corpo.

O ar no quarto pareceu condensar. Will engoliu em seco, com olhos arregalados enquanto eu tirava a caneta de sua mão e abria a tampa. Pude sentir sua ereção abrindo caminho em minha bunda. Mordi os lábios segurando um gemido quando ele flexionou as coxas e levantou os quadris numa tentativa de se esfregar em mim.

Olhei para ele, sem saber por onde começar.

– Adoro sua garganta – eu disse, descendo meus dedos por seu pescoço.

– Garganta, humm? – ele repetiu, usando uma voz doce, mas rouca.

Arrastei minhas unhas em seu peito, tentando não mostrar meu sorriso de satisfação por deixar sua respiração acelerada e excitada com meu toque.

– *Adoro* seu peito.

Ele riu, murmurando:

– Posso dizer o mesmo de você.

Mas seu peitoral era perfeito. Definido, mas não musculoso demais. Seu peito era largo, com a pele macia. Tracei uma linha com a ponta do dedo. Ele não raspava o peito como aqueles modelos de revistas. Will era um *homem*, com cabelos negros no peito, barriga lisinha e aquela trilha suave descendo por seu umbigo até...

Eu me abaixei, passando minha língua por aquele caminho da felicidade.

– Bom – ele grunhiu, ajeitando-se impacientemente debaixo de mim. – Ah, Deus, sim.

– E adoro este lugar bem aqui – eu disse, desviando minha boca de onde ele mais queria e voltando para sua cintura. Puxando sua cueca apenas um pouco, escrevi a letra *H* abaixo de seu quadril, e a letra *B* sem seguida. Levantei a cabeça para examinar meu trabalho, abrindo um grande sorriso. – Gostei.

Ele também ergueu a cabeça para ver onde escrevi minhas iniciais em sua pele.

– Também gostei.

Lembrei-me das palavras que esfreguei do meu corpo durante o banho no outro dia e comecei a pintar meu polegar até ficar molhado de tinta. Pressionei em sua pele, logo abaixo do osso do quadril, apertando com tanta força que ele precisou segurar a respiração. Então tirei a mão, deixando a impressão do meu polegar.

Eu me recostei e admirei.

– Merda – ele disse entredentes, com olhos fixos na marca preta. – Isso provavelmente foi a coisa mais sexy que alguém já fez comigo, Hanna.

Suas palavras mexeram em algo dentro do meu peito, como uma lembrança de que havia outras mulheres: outras que fizeram coisas *sexys*, outras que o fizeram sentir prazer.

Desviei meu rosto de seu olhar penetrante, tentando evitar que ele enxergasse os pensamentos que surgiam no fundo da minha mente – pensamentos sobre suas não namoradas. Will era bom para mim. Eu me sentia sexy e divertida; eu me sentia *desejada*. Eu não podia estragar tudo com pensamentos sobre o que se passou antes de mim ou, pior ainda, sobre o que aconteceria a seguir. Inferno, inclusive o que teria acontecido nos dias em que ficamos separados. Ele nunca disse nada sobre terminar com as outras mulheres. Eu o encontrava na maioria das noites da semana, mas não em *todas* as noites. Se existe uma coisa que eu sei sobre Will é que ele gosta de variedade, e era pragmático o bastante para sempre ter um plano de emergência.

Mantenha distância, lembrei a mim mesma. Agente secreto. Entre e saia, sem nunca ser atingida.

Will sentou-se debaixo de mim, chupando meu pescoço antes de mover sua boca até minha orelha.

– Preciso comer você.

Deixei minha cabeça cair para trás.

– Você não fez isso na noite passada?

– Mas isso foi há várias *horas*.

Senti um arrepio percorrer meu corpo, e meu chá foi esquecido mais uma vez.



O ar ainda estava gelado, mas já era possível sentir a primavera. Havia folhas verdes e flores se abrindo, pássaros cantando nas árvores e o azul do céu prometendo melhores climas pela frente. O Central Park na primavera sempre foi meu lugar preferido; era incrível como uma cidade deste tamanho e com tanta indústria poderia esconder essa joia cheia de cores, água e vida selvagem bem no meio de seu coração.

Eu queria pensar no que precisava fazer nos próximos dias, ou no fim de semana da Páscoa que se aproximava, mas eu estava dolorida, cansada, e ter Will correndo ao meu lado era algo que me distraía cada vez mais.

O ritmo de seus pés no asfalto, a cadência de sua respiração... tudo que eu conseguia pensar tinha a ver com sexo. Eu me lembrava dos músculos sob minhas mãos, o jeito provocante que ele usava para pedir que eu o mordesse, como se estivesse fazendo por mim, sabendo que eu também precisava liberar algo dentro dele, e que talvez esse algo estivesse debaixo de sua pele. Eu me lembrava de sua respiração perto do meu ouvido no meio da noite, quando ele tentava se segurar por horas enquanto me fazia gozar várias e várias vezes.

Ele ergueu a camiseta e limpou a testa enquanto corria. Meu pensamento imediatamente recordou seu suor em minha barriga e seu orgasmo em minha cintura na festa da república.

Will baixou a camiseta, mas eu não conseguia tirar os olhos do pequeno pedaço onde sua barriga ficou exposta.

– Hanna.

– Humm?

Finalmente, consegui acordar do meu transe e voltei a olhar a pista na nossa frente.

– O que você está pensando? Você está com uma expressão boba no rosto.

Respirei fundo e apertei meus olhos por um instante.

– Não é nada.

Seus pés pararam, e a cadência de seu sexo e quadris estocando em mim foi

interrompida de repente. Mas a sensibilidade entre minhas pernas não sumiu quando ele se virou para me olhar nos olhos.

– Não faça isso.

Enchi meus pulmões, e as palavras escaparam com a minha respiração.

– Certo, eu estava pensando em você.

Olhos azuis analisaram meu rosto antes de me olharem por inteiro: mamilos duros sob a camiseta, que era dele e grande demais para mim; pernas quase desabando e, entre elas, músculos tão tensos que eu precisava apertar ainda mais para tentar aliviar um pouco a dor.

Um pequeno sorriso se abriu em seu rosto.

– Está pensando em mim neste exato momento?

Desta vez, quando fechei meus olhos, eu os mantive fechados. Ele disse que a minha força estava na minha honestidade, mas na verdade estava no jeito como ele me fazia sentir quando eu contava a verdade.

– Nunca me senti distraída com uma pessoa desse jeito antes.

Sempre fui regida pela *obstinação*. Mas agora, eu sentia *luxúria*, *vontade*, *desejo*, eu me sentia uma *aluna insaciável*.

Ele ficou em silêncio por tempo demais, e quando olhei de volta, vi que ele estava me observando, considerando suas opções. Eu precisava que ele fizesse alguma piada, que me provocasse, dissesse algo safado e nos trouxesse de volta para os bons tempos de *Will e Hanna*.

– Conte mais – ele sussurrou, finalmente.

Abri os olhos, encarando-o diretamente.

– Nunca tive dificuldade em me concentrar antes em alguma tarefa. Mas... agora fico pensando em você... – parei abruptamente. – Penso em sexo com você o tempo todo.

Nunca senti meu coração tão pesado, batendo com tanta força. Eu adorava essas reações que ele causava em meu corpo, lembrando que meu coração é um músculo e meu corpo é, em parte, feito para ser selvagem e animalesco. Mas não para as emoções. Eu definitivamente não me dava bem com emoções.

– E? – ele pressionou.

– E isso é loucura.

Seu lábio tremeu num sorriso reprimido.

– Por quê?

– Porque você é meu amigo... você se tornou meu *melhor* amigo.

A expressão dele suavizou.

– E por acaso isso é uma coisa ruim?

– Eu não tenho muitos amigos, e não quero estragar tudo com você. Para mim, isso é importante.

Ele sorriu, tirando uma mecha molhada de cabelo do meu rosto.

– É sim.

– Tenho medo de que essa coisa de amizade colorida acabe, como diria Max, indo por água abaixo.

Ele riu, mas não respondeu nada.

– Você não tem medo? – perguntei, tentando encontrar seus olhos.

– Não pelos mesmos motivos que você.

E o que isso queria dizer? Eu adorava a habilidade de Will de se manter contido, mas agora fiquei com vontade de estrangular seu pescoço.

– Mas não é estranho que, mesmo você sendo meu melhor amigo, eu não consiga parar de pensar em você pelado? E eu pelada? *Nós dois* pelados, e o jeito que você me faz sentir quando estamos pelados? O jeito como *eu* espero fazer você se sentir quando estamos pelados? Eu fico pensando muito nessas coisas.

Ele chegou mais perto, pousando uma mão na minha cintura e a outra em meu rosto.

– Não é estranho. E Hanna?

Quando ele acariciou meu pescoço com o polegar, eu sabia que estava tentando dizer que entendia o quanto isso me assustava. Engoli em seco e sussurrei:

– Sim?

– Você sabe que eu sempre achei importante deixar as coisas claras.

Assenti.

– Mas... você quer mesmo conversar sobre isso agora? Se você quiser, nós podemos conversar – ele disse, apertando minha cintura para me acalmar –, mas não precisamos necessariamente.

Um pequeno raio de pânico atravessou meu corpo. Já tivemos essa conversa antes, e o final não foi nada bom. Entrei em pânico, e ele retirou o que disse. Seria diferente agora? E como eu responderia se ele dissesse que me queria, mas que não queria *apenas* eu? Mas eu sabia, sim, o que eu diria. Eu diria que isso não funcionava mais para mim. E que eventualmente... eu me afastaria.

Sorrindo, balancei a cabeça.

– Pelo menos, não agora.

Ele se aproximou ainda mais e disse em meu ouvido:

– Certo. Mas nesse caso é melhor eu avisar: *ninguém* me faz sentir como você faz – ele pronunciou cada palavra cuidadosamente, como se precisasse inspecionar cada uma antes de deixá-las sair. – E eu também penso sobre sexo com você. Penso *muito*.

Não é que fiquei surpresa por ele pensar em sexo comigo; isso estava bem claro, considerando os comentários que sempre fez. Mas eu suspeitava de que

ele quisesse estar comigo de alguma maneira esclarecida, quase contratual, como faz com suas outras mulheres, com quem discutia tudo com antecedência numa espécie de acordo mútuo estéril. Eu simplesmente não sabia se para Will isso significava um compromisso com sexo ou... sexo sem muito compromisso. Afinal de contas, se ninguém fazia ele se sentir assim, então obviamente havia outras pessoas lá fora tentando, não é?

– Entendo que você possa ter... *planos* para o fim de semana – comecei a dizer, e as sobrancelhas dele se juntaram em frustração ou confusão, eu não tinha certeza de qual, mas continuei mesmo assim: – Mas se tiver e não quiser ter planos, ou se não tiver planos, mas *gostaria* de ter planos, então você poderia viajar comigo para a casa da minha família no feriado da Páscoa.

Ele se afastou apenas o suficiente para olhar meu rosto.

– Como é?

– Quero que você passe o feriado comigo. Minha mãe sempre faz um café da manhã de Páscoa delicioso. Podemos ir no sábado e voltar no domingo de tarde. Você *tem* planos?

– Humm... não. Nada de planos. Você está falando sério?

– Seria estranho para você?

– Não seria estranho. Seria ótimo encontrar Jensen e os seus pais – e um fogo acendeu em seus olhos. – Entendo que a gente não vá contar para sua família sobre nossas recentes aventuras sexuais, mas pelo menos vou poder ver seus peitos enquanto estivermos lá?

– Na privacidade? Talvez.

Ele bateu a ponta do dedo no queixo repetidas vezes, fingindo considerar o acordo.

– Humm. Isso vai soar esquisito, mas... pode ser no seu quarto?

– No quarto da minha *infância*? Você *é* um pervertido – eu disse, balançando a cabeça. – Mas... talvez.

– Então eu topo.

– Só precisa disso? Peitos? Você *é fácil* assim?

Ele se aproximou, beijou minha boca e disse:

– Se precisa perguntar, então você *ainda* não me conhece tão bem.



Will apareceu no meu apartamento no sábado de manhã, estacionando um velho Subaru Outback verde na frente do meu prédio. Ergui minhas sobrancelhas olhando de um para o outro, enquanto ele girava as chaves no dedo com uma expressão orgulhosa.

– Belo carro – eu disse, pegando minha mala em frente à porta.

Ele tirou a mala da minha mão e beijou meu rosto, sorrindo com minha aprovação.

– Não é mesmo? Eu deixo guardado numa garagem. Sinto falta desse carro.

– Quando foi a última vez que você o dirigiu?

Ele deu de ombros.

– Faz um tempo.

Eu o segui pelas escadas, tentando não pensar sobre onde estávamos indo. Convidar Will pareceu uma grande ideia na hora, mas agora, menos de uma semana depois, fiquei pensando como o pessoal iria reagir – e se eu conseguiria esconder meu sorrisinho idiota e manter as mãos longe de sua calça. Quando forcei meus olhos para longe de sua bunda, percebi que as chances não eram muito boas.

Ele estava inacreditável em seu jeans favorito, uma camiseta velha do Star Wars e tênis verdes. Ele parecia tão relaxado quanto eu estava nervosa.

Nós realmente não conversamos sobre o que aconteceria quando chegássemos lá. Minha família sabia que estávamos passando um tempo juntos – foi ideia deles, afinal de contas –, mas isso que está acontecendo entre nós certamente *não* era parte do plano. Eu confiava em Liv para manter segredo, pois se Jensen soubesse as coisas que Will fez com sua irmãzinha, havia uma boa chance de uma briga ou, no mínimo, uma conversa realmente constrangedora. Era fácil manter essa realidade escondida enquanto estávamos aqui em Nova York. Mas lá em casa, a realidade era que Will era o melhor amigo de Jensen. Eu não podia agir da mesma maneira, como se... como se ele pertencesse a *mim*.

Will colocou minha bagagem no porta-malas e depois abriu a porta para mim, mas não sem antes me pressionar contra o carro e me dar um longo beijo.

– Está pronta?

– Sim – eu disse, me recuperando de uma pequena epifania. Eu *gostava* de sentir que ele pertencia a mim. Ele me olhou e sorriu até que nós dois percebemos que tínhamos algumas horas no carro para nos desfazer dessa confortável intimidade.

Ele me beijou mais uma vez, gemendo contra meus lábios e passando gentilmente a língua na minha boca antes de dar um passo para trás para que eu pudesse entrar no carro.

Andando até o outro lado, ele sentou no banco do motorista e imediatamente disse:

– Sabe, a gente podia perder um minutinhos e dar umazinha no banco de trás, o que você acha? Eu posso baixar o banco para facilitar para você. Sei que gosta de ter espaço para abrir bem as pernas.

Revirei os olhos, sorrindo largamente. Jogando os ombros para cima, Will girou a chave e deu a partida. O carro pegou com um rugido e Will engatou a primeira marcha, piscando para mim antes de acelerar. Começamos a andar até o carro parar de repente alguns metros à frente.

Ele franziu a testa, mas deu a partida novamente e conseguiu entrar no trânsito sem problemas. Peguei seu celular no porta-copos e comecei a buscar entre suas músicas. Ele me jogou um olhar desaprovador, mas não disse nada, apenas voltou a olhar a estrada.

– Britney Spears? – perguntei, rindo.

Ele estendeu o braço sem olhar, tentando pegar o celular.

– Minha irmã – ele murmurou.

– *Claaaaaro*.

Paramos num semáforo na Broadway, e o carro morreu de novo. Will tentou dar outra partida, o carro pegou, mas morreu de novo alguns minutos depois.

– Você tem certeza de que consegue dirigir essa carroça? – perguntei, sorrindo com ironia. – Você já é um nova-iorquino há tanto tempo que nem sabe mais dirigir?

Ele me jogou um olhar bravo.

– Seria muito mais fácil se tivéssemos transado no banco de trás. Ajuda a clarear a mente.

Olhei ao redor e de volta para ele, sorrindo enquanto eu me abaixava e começava a abrir o zíper de sua calça.

– Quem precisa do banco de trás?

Dezesseis

Desliguei o carro e o motor tilintou no silêncio que se seguiu. Ao meu lado, Hanna estava dormindo, com a cabeça encostada na janela do passageiro. Estávamos na frente da casa da família Bergstrom, nos subúrbios de Boston. Na frente, havia uma grande varanda branca envolvida por tijolos expostos, venezianas azul-marinho cobriam as janelas da frente, e pesadas cortinas cor de creme eram visíveis lá dentro. A casa era grande, bonita, e continha tantas das minhas próprias memórias que eu sequer podia imaginar o que era para Hanna retornar aqui.

Fazia uns dois anos que eu não vinha até aqui, desde que acompanhei Jensen em sua visita aos pais num fim de semana qualquer. Nenhum de seus irmãos estava na casa naquela ocasião. Foi uma visita relaxante, durante a qual passamos a maior parte do tempo no quintal lendo e tomando gim e tônica. Mas agora eu estava estacionado na frente da casa deles, sentado ao lado da irmã do meu amigo, que havia me dado duas chupadas sensacionais durante a viagem, a última terminando menos de uma hora atrás com minhas mãos segurando o volante com força e meu pau tão enterrado em sua garganta que até senti quanto ela engoliu. Hanna realmente tinha talento com a boca. Ela achava que ainda precisava de mais instruções, e eu não me importei de continuar com a brincadeira enquanto ela praticava em mim mais algumas vezes.

Na cidade, no meio do nosso dia a dia, era fácil esquecer a conexão com Jensen, a conexão *familiar*. A conexão *eles-me-matariam-se-soubessem-o-que-estamos-fazendo*. Fui surpreendido quando ela citou Liv, pois essa era uma história muito antiga. Mas agora eu teria que encarar tudo isso neste fim de semana: minha história como a grande paixão de Liv, como o melhor amigo de Jensen e o estagiário de Johan. E teria que encarar tudo isso tentando esconder minha paixão por Hanna.

Toquei em seu ombro e sacudi de leve.

– Hanna.

Ela se assustou um pouco, mas a primeira coisa que viu quando abriu os olhos foi meu rosto. Hanna estava sonolenta e não totalmente consciente, mas sorriu como se estivesse olhando para a sua coisa favorita no mundo, e então

murmurou:

– Oi.

E, com sua reação, meu coração explodiu.

– Oi, minha Ameixa.

Ela sorriu timidamente, virando a cabeça para olhar pela janela enquanto se espreguiçava. Quando viu onde estávamos, ela se assustou novamente, ajeitando-se no assento e olhando ao redor.

– Ah! Já chegamos.

– Estamos aqui.

Quando se virou para mim, seus olhos pareciam levemente em pânico.

– Vai ser esquisito, não é? Vou ficar olhando para a sua braguilha e o Jensen vai perceber e daí você vai olhar para os meus peitos e alguém também vai perceber! E se eu tocar você? Ou... – seus olhos se arregalaram – e se eu *beijar* você?

Sua crise nervosa iminente me acalmou demais. Apenas um de nós podia surtar por vez. Balancei a cabeça e disse:

– Vai dar tudo certo. Estamos aqui como amigos. Estamos visitando sua família como *amigos*. Não vai ter nada de admiração pública de paus ou peitos. Combinado?

– Combinado – ela repetiu sem muito entusiasmo. – Apenas amigos.

– Porque é isso que *somos* – eu a lembrei, ignorando o órgão dentro do meu peito que se retorceu quando eu disse isso.

Endireitando-se, ela assentiu e levou a mão até a maçaneta, cantarolando:

– Amigos! Amigos visitando minha casa na Páscoa! Vamos encontrar seu velho amigo, meu irmão mais velho! Obrigada por me trazer até aqui desde Nova York, amigo Will, meu amigo!

Ela riu enquanto saía do carro e dava a volta para pegar sua bagagem no porta-malas.

– Hanna, acalme-se – sussurrei, pousando suavemente a mão em suas costas. Senti meus olhos baixarem de seu pescoço até chegarem aos peitos. – Não seja lunática.

– Olhos aqui em cima, William. É melhor começar desde já.

Rindo, eu sussurrei:

– Vou tentar.

– Eu também – e com uma piscadela, ela sussurrou: – E lembre-se de me chamar de Ziggy.



Helena Bergstrom tinha um abraço tão bom que poderia ser facilmente confundida com alguém do noroeste americano. Apenas seu leve sotaque e as feições europeias denunciavam sua origem norueguesa. Ela me cumprimentou e me puxou logo que entrei pela porta para um familiar abraço. Assim como Hanna, ela era alta, e envelheceu muito bem. Beije seu rosto, entregando as flores que compramos quando paramos para abastecer.

– Você é sempre tão gentil – ela disse, recebendo as flores e gesticulando para entrarmos. – Johan ainda está trabalhando. Eric não poderá vir. Liv e Rob estão aqui, mas Jensen e Niels ainda estão na estrada – ela olhou para a janela e franziu a testa. – Vai chover, então espero que eles cheguem para o jantar.

Para ela, dizer os nomes de todos os seus filhos era tão fácil quanto respirar. Fico imaginando como foi sua vida criando tantas crianças. E com cada um também se casando e tendo filhos, a casa ficaria cada vez mais cheia.

Senti um desejo estranho de participar de tudo isso de algum jeito, então desviei os olhos tentando limpar minha mente. Este fim de semana tinha potencial para ser estranho o suficiente sem ter essas novas emoções no meio.

Lá dentro, a casa parecia a mesma das minhas memórias, apesar de ter passado por uma reforma. Ainda era confortável, mas, em vez da decoração azul e cinza de que eu me lembrava, agora os tons predominantes eram marrons e vermelhos com sofás macios e paredes cor de creme. Por toda a entrada e corredor eu percebi que, com ou sem reforma, Helena ainda abraçava o estilo de vida americano com uma boa dose de citações posando de arte nas paredes. Eu sabia o que veria pelo resto da casa:

No corredor: “Viva, ria, ame!”.

Na cozinha: “Uma dieta equilibrada é ter um biscoito em cada mão!”.

Na sala de estar: “Nossos filhos: nós damos as raízes para eles alçarem voo!”.

Ao me flagrar lendo a frase perto da entrada – “Todos os caminhos levam para casa” –, Hanna piscou, mostrando um sorriso no canto da boca.

Quando ouvi passos descendo pela escada de madeira ao lado da entrada, ergui o olhar e encontrei os olhos verdes de Liv. Meu estômago esfriou num instante.

Não havia motivo para eu deixar que as coisas ficassem estranhas com Liv; já a encontrei várias vezes desde que ficamos, mais recentemente no casamento de Jensen alguns anos atrás, quando tivemos uma agradável conversa sobre seu emprego numa pequena firma comercial em Hanover. Seu noivo – atual marido – parecia um cara legal. Lembro-me de nem pensar duas vezes sobre qualquer coisa entre nós.

Mas isso era porque eu não considerava que nosso breve romance tivesse significado algo para ela; eu não sabia que Liv tinha ficado com o coração

partido quando voltei para Yale naquele Natal. Era como se alguém tivesse reescrito uma grande parte da minha história com os Bergstrom – e me transformado no vilão. Agora que eu estava aqui, percebi que não fiz nada para me preparar mentalmente para isso.

Enquanto fiquei de pé como uma estátua, ela se aproximou e me abraçou.

– Oi, Will – ela disse. Senti a pressão de sua barriga grávida e ela riu, sussurrando: – Me abrace de volta, seu bobo.

Relaxe e envolvi seu corpo com meus braços.

– Olá. Acho que estou um pouco atrasado, mas parabéns mesmo assim.

Ela deu um passo para trás, esfregando a barriga e sorrindo.

– Obrigada.

Liv parecia estar se divertindo com meu embaraço, e então eu me lembrei de que Hanna tinha ligado para ela depois de nossa discussão, ou seja, provavelmente ela sabia *exatamente* o que se passava comigo e sua irmãzinha.

Meu estômago voltou a dar um nó, mas me esforcei para superar o desconforto e não estragar o fim de semana inteiro.

– Você está esperando um menino ou uma menina?

– Vai ser uma surpresa – ela disse. – Rob quer saber, mas eu não. Então, claro, isso significa que não vamos saber até lá.

Rindo, ela abriu espaço para seu marido me cumprimentar.

Trocamos mais algumas amenidades no hall de entrada; Hanna atualizou sua mãe e Liv com as últimas notícias da pós-graduação, Rob e eu conversamos um pouco sobre basquete antes de Helena apontar para a cozinha.

– Preciso voltar para o fogão. Venham tomar um drinque depois de se acomodarem um pouco.

Peguei nossa bagagem e acompanhei Hanna até o andar de cima.

– Ponha Will no quarto amarelo – Helena disse.

– Esse era o meu quarto? – perguntei, enquanto olhava para a bunda perfeita de Hanna. Ela sempre esteve em forma, mas nossas corridas estavam fazendo maravilhas com suas curvas.

– Não, você ficava no quarto de hóspedes branco – ela respondeu, e então se virou para me jogar um sorriso sobre o ombro. – Não que eu me lembre de cada detalhe daquele verão ou algo assim.

Eu ri e entrei no quarto em que eu deveria passar a noite.

– Onde fica o seu quarto? – a pergunta saiu antes mesmo de eu considerar se era bom ou não eu saber, e certamente antes de eu checar se alguém poderia nos ouvir.

Ela olhou sobre o ombro e então entrou no quarto, fechando a porta.

– Na segunda porta do corredor.

O espaço entre nós parecia encolher. Ficamos parados, encarando um ao outro.

– Oi – ela sussurrou.

Foi a primeira vez desde que deixamos Nova York que considere que talvez isso fosse uma péssima ideia. Eu estava apaixonado por Hanna. Como poderia esconder isso todas as vezes que eu olhava para ela?

– Oi – eu disse, quase sem voz.

Inclinando a cabeça, ela perguntou:

– Tudo bem?

– Sim – e cocei meu pescoço. – Só que... eu quero te beijar.

Ela chegou mais perto até poder passar as mãos debaixo da minha camiseta e sobre meu peito. Eu me abaixei, plantando um único e simples beijo em sua boca.

– Mas eu não deveria – falei contra seus lábios quando ela voltou para outro beijo.

– Provavelmente não.

Sua boca passou para meu queixo, descendo pela garganta, chupando, mordendo. Debaixo da minha camiseta, ela arranhava meu peito e deslizava as unhas suavemente sobre meus mamilos. Em apenas alguns segundos, eu já estava rígido, pronto, sentindo minha pele se aquecer e meus músculos queimarem.

– Não sei se vou conseguir ficar apenas nos beijos – eu disse, ao mesmo tempo alertando para ela parar e incentivando para continuar.

– Temos um pouco de tempo antes do resto do pessoal chegar – Hanna disse, afastando-se apenas o suficiente para desabotoar minha calça. – Podemos...

Eu segurei suas mãos, sentindo meu lado cauteloso vencer minha luta interna.

– Hanna. É melhor não.

– Não vou fazer barulho.

– Esse não é o único problema de *comer* você na *casa dos seus pais* no *meio do dia*. Não acabamos de ter essa conversa lá fora?

– Eu sei, eu sei. Mas e se agora for o único momento que teremos sozinhos? – ela perguntou, com um sorriso malicioso. – Você não quer brincar um pouco comigo aqui?

Ela estava louca.

– Hanna – eu disse, fechando os olhos e soltando um grunhido quando ela abaixou minha calça e cueca e agarrou meu pau com sua mão quente. – Realmente não podemos.

Ela parou, segurando meu pau gentilmente.

– Podemos ser rápidos. Para variar um pouco.

Abri os olhos e a encarei. Eu não gostava de pressa, em nenhuma situação, mas principalmente com Hanna. Gosto de ir devagar. Mas se ela estava se oferecendo a mim e tínhamos apenas cinco minutos, eu poderia usar esses cinco minutos. O resto da família ainda não havia chegado; talvez tudo desse certo. E então eu me lembrei:

– Merda. Não tenho nenhuma camisinha. Não trouxe nenhuma. Por *motivos óbvios*.

Ela praguejou.

– Nem eu.

A pergunta pairou sobre nós quando Hanna me olhou, com olhos arregalados e suplicantes.

– *Não* – eu disse, sem nem precisar ouvir suas palavras.

– Mas eu tomo pílula há anos.

Fechei os olhos e apertei meu queixo. *Merda*. Gravidez era a única coisa que realmente me preocupava. Mesmo nos meus dias mais selvagens, nunca fiz sexo sem camisinha. E de qualquer maneira, fiz testes regulares para tudo nos últimos anos.

– *Hanna*.

– Não, você tem razão – ela disse, passando o polegar na ponta do meu pau, espalhando a umidade ali. – Não é só por causa de gravidez. É uma questão de segurança...

– Nunca transei sem camisinha – respondi imediatamente. O que é que eu estava fazendo?

Ela congelou.

– Nunca?

– Nunca nem esfreguei por fora. Sou muito paranoico.

Seus olhos se arregalaram.

– Nem mesmo “só a pontinha”? Eu achava que todo cara fazia essa coisa de “só a pontinha”.

– Sou paranoico e cuidadoso. Sei que só precisa de uma vez para tudo dar errado.

Sorri para ela, sabendo que entenderia a referência: eu mesmo surgi de uma gravidez indesejada. Seus olhos se tornaram sombrios e grudaram na minha boca.

– Will? Então hoje seria sua primeira vez desse jeito?

Ah, *merda*. Quando ela me olhava desse jeito, quando sua voz ficava nesse tom rouco e sussurrante, eu não conseguia aguentar. Não havia apenas uma atração física entre nós. Claro, já fiquei atraído por mulheres antes. Porém, havia algo mais com Hanna, uma química em nosso sangue, algo entre nós que se

acendia como uma centelha, que me fazia sempre querer um pouco mais do que eu poderia ter. Ela me ofereceu sua amizade, eu quis seu corpo. Ela me ofereceu seu corpo, eu quis sequestrar seus pensamentos. Ela me ofereceu seus pensamentos, eu quis seu coração.

E aqui estava ela, querendo me sentir dentro dela – apenas eu, apenas ela –, e era quase impossível dizer não. Mas eu tentei.

– Realmente, acho que não é uma boa ideia. Precisamos ter um pouco mais de cuidado com essa decisão.

Principalmente se você pensa em ter outros caras em seu “experimento”, pensei, mas não falei.

– Apenas quero sentir. Eu também nunca transei sem camisinha – ela sorriu e me beijou. – Só um pouco. Só por um segundo.

Rindo, eu sussurrei:

– Só a pontinha?

Ela deu um passo para trás e encostou-se à beira da cama, subindo a saia até a cintura e tirando a calcinha. Hanna me encarou, abriu as coxas e deitou-se no colchão apoiando-se nos cotovelos, deixando os quadris suspensos para fora da cama. Tudo que eu precisava fazer era me aproximar e entrar nela. Ao natural.

– Sei que é loucura e sei que é estúpido. Mas, Deus, é assim que você me faz sentir – sua língua deslizou e molhou o lábio inferior. – Prometo não fazer barulho.

Fechei meus olhos, sabendo que assim que ouvi aquilo, eu me decidi. A pergunta mais importante era se *eu* conseguiria não fazer barulho. Baixei ainda mais minha calça e me posicionei entre suas pernas, segurando meu pau e me inclinando sobre ela.

– Merda. O que estamos fazendo?

– Apenas sentindo.

Meu sangue martelava em minha garganta, em meu peito, em cada centímetro do corpo. Era como a última fronteira do sexo; era até estranho pensar que já fiz de tudo, menos isso. Parecia tão simples, quase inocente. Mas nunca quis sentir nada tanto quanto queria senti-la, pele com pele. Era como uma febre tomando posse da minha mente e minha razão, dizendo como seria bom enterrar nela por apenas um segundo, apenas para sentir um pouco, e isso seria suficiente. Ela poderia voltar para seu quarto, desfazer as malas, descansar, e eu bateria uma, mais forte e mais rápido do que jamais fiz na vida.

Estava decidido.

– Venha aqui – ela sussurrou, estendendo a mão para meu rosto.

Baixei meu peito, abrindo a boca para beijar seus lábios, chupando sua língua, engolindo seus sons. Eu podia sentir sua pele lisa contra a parte de baixo do meu

pau, mas não era ali que eu queria sentir. Eu queria senti-la me envolvendo por inteiro.

– Está gostoso? – perguntei, levando a mão entre nós para esfregar seu clitóris.
– Posso fazer você gozar primeiro? Não acho que devemos terminar assim.

– Você consegue tirar antes?

– Hanna – sussurrei, mordendo seu queixo. – Não era para ser “só a pontinha”?

– Você não quer saber como é? – ela retrucou, deslizando as mãos até minha bunda e mexendo os quadris. – Você não quer saber como é *me* sentir?

Soltei um grunhido, mordendo seu pescoço.

– Você é uma garota muito safada.

Ela tirou meus dedos de seu clitóris e agarrou meu pau, esfregando por toda a sua pele macia e molhada. Gemi mergulhado em seu pescoço.

E então ela me guiou até sua entrada, segurando e esperando eu mexer meus quadris. Empurrei para frente, depois para trás, sentindo a sutil entrega de seu corpo quando a cabeça do meu pau deslizou alguns centímetros para dentro. Continuei entrando, apenas mais um pouco, até sentir ela se esticar para envolver todo o meu pau, e então parei, gemendo.

– Rápido – eu disse. – Em silêncio.

– Prometo – ela sussurrou.

Eu esperava que ela estivesse quente, mas não estava preparado para o quanto estava macia, quente, *molhada*. Eu estava despreparado para a tontura que senti, a sensação de sua pulsação, músculos apertando, sons famintos e afogados em meu ouvido dizendo o quanto também era diferente para ela.

– Merda – grunhi, sem conseguir resistir a entrar até o fim. – Não posso... não posso transar desse jeito ainda. É bom demais. Vou gozar muito rápido.

Ela segurou a respiração, com as mãos apertando meus braços com tanta força que até doía.

– Tudo bem – ela disse com dificuldade, antes de soltar a respiração de uma vez. – Você sempre aguenta por tanto tempo. Quero que seja tão bom a ponto de você não conseguir se segurar.

– Você é tão malvada – eu disse entredentes. Hanna riu, virando a cabeça para capturar minha boca num beijo.

Estávamos apoiados na beira da cama, ainda vestindo nossas camisetas, minha calça abaixada até os tornozelos e a saia dela erguida até a cintura. Deveríamos estar desfazendo as malas, descansando, nos situando. O que estávamos fazendo era muito *errado*, mas de algum modo não fazíamos nenhum barulho, e eu me convenci de que conseguiria me controlar, talvez transar devagar para impedir que a cama chiasse. Mas então percebi que eu estava *dentro* dela, completamente

ao natural, na casa dos *pais dela*. Quase gozei só de olhar para onde eu enterrava nela.

Retirei quase tudo para fora – revelando o quanto ela estava molhada – e entrei novamente, então repeti a dose, de novo e de novo. E, *merda*, eu estava arruinado. Nunca mais poderia transar com mais ninguém, nunca mais poderia usar camisinha com esta garota.

– Aqui vai uma decisão executiva – ela sussurrou, com a voz rouca e a respiração acelerada. – Esqueça as corridas matinais. Precisamos fazer *isto* cinco dias por semana.

Sua voz estava tão fraca que precisei encostar meu ouvido em sua boca para ouvir. Mas tudo que eu entendia no meio do meu transe eram frases quebradas com palavras como “duro” e “pele” e “fique dentro depois de gozar”.

Foi essa última ideia que me pegou de vez, que me fez pensar sobre gozar dentro dela, beijando-a até ela sentir sua própria urgência, e então ficando duro novamente e sentindo ela se apertar ao redor de mim. Eu poderia foder, ficar por lá, depois foder de novo antes de cair no sono dentro dela.

Aumentei a força, segurando sua cintura, encontrando aquele ritmo perfeito que não balançava a estrutura da cama, nem batia a cabeceira na parede. O ritmo em que ela poderia continuar em silêncio, em que eu poderia tentar me segurar até ela chegar lá... mas era uma batalha perdida, e mal tinham se passado alguns minutos.

– Ah, merda, Hanna – eu grunhi. – Desculpe. Desculpe.

Joguei minha cabeça para trás, sentindo meu orgasmo se acumular entre minhas pernas, chegando rapidamente. Tirei de dentro, socando meu pau com força enquanto ela correu com as mãos entre as pernas, pressionando os dedos em seu clitóris.

Ouvi passos no corredor e meus olhos voaram para o rosto de Hanna para saber se ela também tinha ouvido, apenas uma fração de segundo antes de alguém bater na porta.

Minha visão ficou turva e senti meu orgasmo começando.

Merda. Meeeeeeerda.

Jensen gritou:

– Will! Ei, já cheguei! Você está no banheiro?

Hanna sentou-se abruptamente, com olhos arregalados como se pedisse desculpas, mas já era tarde demais. Fechei os olhos, gozando em minha mão e em sua coxa nua.

– Espera um pouco – gritei de volta, olhando para meu pau ainda pulsando em minha mão.

Eu me dobrei sobre a cama, apoiando com a mão livre no colchão. Quando

olhei para Hanna, ela parecia não conseguir desviar os olhos de onde meu orgasmo atingiu sua pele e – *ah, merda* – toda sua saia.

– Estou me trocando. Daqui a pouco eu saio – consegui dizer, com o coração quase saindo pela boca com a adrenalina repentina que invadiu meu corpo.

– Beleza. Espero você lá em baixo – ele disse, e então seus passos retrocederam.

– Merda, sua saia...

Eu me afastei, correndo para me vestir logo, mas Hanna não se mexeu.

– Will – ela sussurrou, e eu enxerguei aquela fome familiar em seus olhos sombrios.

– Ah, não.

Aquilo foi por pouco. A porta nem estava trancada.

– Acho que... – comecei.

Mas ela se recostou, puxando-me para cima de seu corpo. Ela estava completamente despreocupada sobre seu irmão nos flagrar. Mas ele *foi* embora, não é mesmo?

Esta garota me deixa maluco.

Com meu coração ainda acelerado, eu me abaixei, enfiando dois dedos dentro dela e passando minha língua entre suas pernas enquanto ela fechava os olhos. Suas mãos buscaram meus cabelos, os quadris se levantaram em minha boca, e em questão de segundos ela começou a gozar, abrindo a boca num grito silencioso. Sob meu toque, ela tremia, erguendo cada vez mais os quadris e agarrando meus cabelos com toda a força.

Com seu orgasmo terminando, continuei lentamente movendo meus dedos dentro dela, mas fui beijando um caminho gentil entre seu clitóris, o interior da coxa e o quadril. Finalmente, deitei minha testa em seu umbigo, ainda tentando recuperar meu fôlego.

– Ah, Deus – ela sussurrou assim que suas mãos soltaram meus cabelos, subindo até os seios. – Você me deixa *maluca*.

Tirei meus dedos de dentro dela e beijei a parte de trás de sua mão, sentindo o cheiro de sua pele.

– Eu sei.

Hanna permaneceu parada na cama durante um minuto silencioso e então abriu os olhos, me encarando como se tivesse recobrado a razão.

– Uau. Essa foi por pouco.

Rindo, eu concordei.

– *Muito* pouco. É melhor nos trocarmos e descermos logo – e acenei para sua saia, dizendo: – Desculpe por isso.

– É só esfregar que sai.

– Hanna – eu disse, segurando uma risada frustrada. – Você não pode descer com uma mancha gigante de porra na sua saia.

Ela considerou a situação por um instante e então me ofereceu um sorriso bobo.

– É verdade. É que... até que gosto dela.

– Tão safada...

Ela sentou-se enquanto eu puxava minha calça de volta e beijou minha barriga através da camiseta. Envolvi seus ombros e a abracei forte, apenas me concentrando em tê-la nos meus braços.

Eu estava perdidamente apaixonado por ela.

Após alguns segundos, o sol passou atrás de uma nuvem, jogando sombras por toda a parte e criando um momento lindo. Sua voz pequenina, quase falhando por inteiro, quebrou o silêncio.

– Você já se apaixonou?

Congelei, com medo de ter falado em voz alta em vez de apenas pensar. Mas quando olhei para baixo, ela estava me observando com genuína curiosidade e olhos calmos. Se fosse qualquer outra mulher que me perguntasse isso após uma rapidinha, eu sentiria um pânico e a necessidade de sumir imediatamente.

Mas, com Hanna, a pergunta parecia até apropriada para o momento, principalmente considerando o quanto fomos descuidados. Nos últimos anos, eu me tornei cada vez mais cauteloso sobre quando e onde eu transava e – com exceção do casamento de Jensen – raramente entrava em situações que precisassem de uma saída rápida ou explicações. Mas, ultimamente, estar com Hanna me fazia sentir levemente em pânico, como se houvesse um número limitado de vezes que eu poderia tê-la dessa maneira. Só de pensar que eu poderia perdê-la fazia meu estômago embrulhar.

Houve apenas duas outras amantes em minha vida por quem senti algo maior do que apenas afeto, mas eu nunca disse “eu te amo” para uma mulher. Sei que é esquisito, e sei que, aos trinta e um anos, essa omissão faz de *mim* um esquisito, mas nunca senti o peso dessa estranheza até este momento.

De repente, pensei em todos os comentários maldosos sobre amor e comprometimento que fiz em conversas com Max e Bennett. Não é que eu não acreditasse nisso; acontece que nunca consegui me identificar com esses sentimentos. Amor era sempre algo que eu achava que encontraria num futuro distante, quando eu estivesse de algum jeito mais sossegado e menos aventureiro. A criação da minha imagem como um jogador era como o depósito de minerais sobre vidro com o passar do tempo: nunca me importei com a formação, até ser tarde demais e impossível enxergar através disso.

– Pelo jeito não – ela sussurrou, sorrindo.

Balancei a cabeça.

– Eu nunca falei *eu te amo* antes, se é isso que você quer saber.

Mas era engraçado. Hanna nunca saberia sobre todas as vezes em que eu disse isso em minha mente para ela, em segredo, quase todas as vezes em que nos tocamos.

– Mas você já se sentiu?

Eu sorri.

– Você já?

Ela deu de ombros, então acenou para a porta do banheiro que eu tinha certeza de que se conectava com o quarto de Eric.

– Vou me limpar.

Concordei, fechando os olhos e desabando na cama depois que ela saiu. Agradei a todo o universo pela sorte de Jensen não ter simplesmente entrado no quarto. Seria um desastre. Se quiséssemos manter tudo em segredo – e eu tinha certeza de que Hanna ainda queria manter as coisas na base da amizade colorida –, teríamos que ter muito mais cuidado daqui para frente.



Chequei meu e-mail do trabalho, enviei algumas mensagens e então me arrumei no banheiro, com água, sabonete e muita esfregação. Hanna me encontrou na sala de estar, com um sorriso tímido no rosto.

– Queria me desculpar – ela disse suavemente. – Não sei o que me deu – ela piscou, pousando a ponta do dedo nos meus lábios antes que eu pudesse fazer uma piada óbvia. – Não diga nada.

Rindo, olhei para a cozinha atrás dela para ter certeza de que ninguém podia nos ouvir.

– Aquilo foi incrível. Mas, caramba, podia ter terminado *muito* mal.

Ela parecia constrangida, então ofereci um sorriso e uma careta boba. Com o canto do olho, vi uma pequena estátua de Jesus numa mesa. Peguei e a segurei entre os peitos de Hanna.

– Ei! Olha! Encontrei Jesus no seu decote, afinal de contas.

Ela olhou para baixo, rindo muito e começando a balançar os peitos, como se estivesse deixando Jesus desfrutar do mais perfeito dos lugares.

– Jesus está no meu decote! Jesus está no meu decote!

– E aí, gente?

Quando ouvi a voz de Jensen pela segunda vez no dia, meus braços dispararam para longe dos peitos de Hanna num reflexo atrapalhado. De repente, como se fosse em câmera lenta e eu estivesse olhando de fora do meu corpo,

assisti a pequena estátua de Jesus voar da minha mão, apenas entendendo o que fiz quando a peça atingiu o chão e se despedaçou em milhares de pedaços.

– Ah, meeeerda – gritei, correndo até o massacre. Eu me ajoelhei, tentando apanhar os cacos maiores. Era um esforço inútil. Alguns dos cacos eram tão pequenos que praticamente tinham virado pó.

Hanna também se abaixou, sem conseguir parar de rir.

– Will! Você quebrou o Jesus!

– O que vocês estavam *fazendo*? – Jensen perguntou, ajoelhando-se para me ajudar.

Hanna saiu da sala para buscar uma vassoura, deixando-me sozinho com a pessoa que testemunhou a maior parte das minhas galinhagens na juventude. Dei de ombros para Jensen, tentando não parecer como se tivesse acabado de brincar com os peitos de sua irmãzinha.

– Eu estava só olhando. Quer dizer, olhando para a estátua. Olhando para o formato e... quer dizer, olhando para *Jesus*.

Passei a mão na testa e percebi que estava suando um pouco.

– Sei lá, Jens. Você me assustou.

– E por que você está tão assustado? – ele disse, rindo.

– Acho que é porque vim dirigindo. Fazia tempo que eu não dirigia – e dei de ombros, ainda sem conseguir olhar para ele.

Com um tapa nas minhas costas, Jensen disse:

– Acho que você precisa de uma cerveja.

Hanna voltou e nos afastou para varrer os cacos numa pá, mas não sem antes me jogar um olhar arregalado.

– Eu disse para minha mãe que você quebrou isso, e ela nem se lembrava de qual tia deu o Jesus de presente. Ou seja, não se preocupe.

Gemi de frustração, seguindo-a até a cozinha e pedindo desculpas para Helena com um beijo no rosto. Ela me entregou uma cerveja e disse para eu relaxar.

Em algum momento na última meia hora, quando eu estava lá em cima transando com Hanna, ou talvez quando estava tentando desesperadamente lavar seu cheiro do meu pau e dedos e *rosto*, seu pai havia chegado. *Meu Deus*. Com a cabeça mais clara e longe de Hanna pelada, percebi o quanto isso foi completamente maluco. Que diabos estávamos *pensando*?

Virando-se de onde estava procurando por uma cerveja na geladeira, Johan se aproximou e me cumprimentou com seu jeito embaraçado e acolhedor de sempre. Ele era bom de contato visual, mal com as palavras. Isso geralmente significava que ele ficava encarando a pessoa até ela pensar em algo para dizer.

– Oi – eu disse, apertando sua mão e deixando ele me puxar para um abraço. – Desculpa pelo Jesus.

Ele deu um passo para trás, sorriu e disse “Que é isso”, e então parou e começou a pensar em algo.

– A não ser que agora você tenha se tornado religioso.

– Johan – Helena chamou, interrompendo nosso momento. Eu poderia ter dado outro beijo nela. – Querido, você pode checar o assado? O feijão e o pão estão prontos.

Johan andou até o fogão, tirando um termômetro de carnes da gaveta. Senti Hanna aparecer ao meu lado e ouvi seu copo de água bater na minha garrafa de cerveja.

– Tim, tim – ela disse, com um sorriso fácil. – Está com fome?

– Faminto – admiti.

– Não enfie apenas a ponta, Johan – Helena disse para ele. – Enfie até o fim aí dentro.

Eu tossi de repente, sentindo a cerveja queimar em minha garganta quase chegando até o nariz. Com a mão na minha boca, forcei minha garganta a abrir e engolir. Jensen apareceu atrás de mim, batendo nas minhas costas e mostrando um sorrisinho de quem sabe das coisas. Liv e Rob já estavam se sentando à mesa e percebi que estavam segurando uma risada.

– Puta merda, essa vai ser uma longa noite – Hanna murmurou.



A conversa se espalhou pela mesa, formando pequenos grupos e depois voltando a incluir a todos. No meio da refeição, Niels chegou. Enquanto Jensen era extrovertido e um dos meus amigos mais antigos, e Eric – apenas dois anos mais velho que Hanna – era o malquinho da família, Niels era o filho do meio, o irmão silencioso e o único que eu realmente não conhecia direito. Aos vinte e oito anos, ele era um engenheiro numa grande empresa de energia e quase uma cópia carbono de seu pai, com exceção do contato visual e dos sorrisos.

Mas hoje ele me surpreendeu: Niels se abaixou para beijar Hanna antes de se sentar e sussurrou:

– Você parece incrível, Ziggs.

– É mesmo – Jensen disse, apontando o garfo para ela. – O que está diferente?

Eu a analisei do outro lado da mesa, tentando enxergar o que eles viam e sentindo uma misteriosa irritação com a sugestão. Para mim, ela estava do mesmo jeito de sempre: confortável consigo mesma. Sem exagerar nas roupas, cabelos ou maquiagem. E sem *precisar* exagerar. Ela era linda quando acordava de manhã. Era radiante depois de uma corrida. Era perfeita debaixo de mim, suada e satisfeita.

– Humm – ela disse, dando de ombros e espetando uma ervilha com o garfo. – Sei lá.

– Você está mais magra – Liv sugeriu, inclinando a cabeça.

Helena terminou de mastigar e então disse:

– Não, é o cabelo.

– Talvez Hanna esteja apenas *feliz* – eu ofereci, olhando para meu prato enquanto cortava um pedaço de carne. A mesa ficou completamente silenciosa e eu ergui a cabeça, nervoso quando vi a coleção de olhos arregalados olhando para mim. – O que foi?

Só então percebi que usei seu nome em vez do apelido.

Mas ela consertou a situação com habilidade:

– Estou correndo todos os dias, então, sim, estou mais magra. E também estou usando um novo corte de cabelo. Mas tem mais. Adoro meu emprego. E agora eu tenho amigos. O Will está certo. Estou, *sim*, feliz – ela olhou para Jensen e mostrou um sorriso no canto da boca. – No fim, você estava certo. Agora podemos parar com o interrogatório?

Jensen ficou com um ar todo satisfeito, e o resto da família murmurou sua aprovação, voltando então para a comida, mais quietos desta vez. Eu podia ver o sorriso de Liv direcionado a mim, e quando olhei diretamente em seu rosto, ela piscou.

Ah, merda.

– O jantar está delicioso – eu disse para Helena.

– Obrigada, Will.

O silêncio cresceu, e eu me senti como se estivesse sendo *inspecionado*. Fui flagrado. E não ajudava o fato do Jesus decapitado me olhar de um armário num canto, me julgando. Ele sabia. “Ziggy” era um apelido tão arraigado na família como a obsessão de seu pai com o trabalho, ou a tendência de Jensen de ser superprotetor. Eu nem sabia qual era o nome de Hanna quando saímos para correr pela primeira vez, quase dois meses atrás. Mas que se dane. A única coisa que eu podia fazer agora era abraçar a situação. Eu precisava dizer de novo.

– Vocês sabiam que Hanna vai publicar um artigo na revista *Cell*?

Não fui particularmente discreto; seu nome soou mais alto do que as outras palavras, mas agora não tinha volta, então sorri para o resto da mesa.

Johan ergueu o rosto, com olhos arregalados. Virando-se para Hanna, ele perguntou:

– Isso é verdade, *sötnos*?

Hanna confirmou.

– O artigo é sobre o projeto de mapeamento de epítomos que eu estava te falando. Foi uma coisa totalmente aleatória que fizemos, mas acabou ficando

algo muito legal.

Isso levou a conversa a um território menos constrangedor, então pude voltar a respirar com calma. Aparentemente, a única coisa mais estressante do que conhecer os pais era esconder tudo da família. Flagrei Jensen me olhando com um sorrisinho, mas eu simplesmente retribuí e voltei para olhar meu prato.

Nada de interessante aqui, meu amigo.

Mas num dos intervalos da conversa, encontrei os olhos de Hanna grudados em mim, e pareciam surpresos e pensativos. Ela discretamente fez um movimento dos lábios:

– Você.

– O quê? – eu respondi, com o mesmo movimento sem som.

Ela balançou a cabeça lentamente, finalmente desviando os olhos para seu prato. Eu queria esticar minha perna e tocar seu pé debaixo da mesa para chamar sua atenção novamente, mas havia um campo minado de pernas que não eram dela, e a conversa já tinha prosseguido.

—

Depois do jantar, Hanna e eu nos oferecemos para lavar a louça enquanto os outros relaxavam na sala de estar. Ela estalou a toalha em mim, e eu joguei espuma nela. Eu estava prestes a me inclinar e beijar seu pescoço quando Niels apareceu para pegar outra cerveja e olhou para nós como se tivéssemos trocado de roupa um com o outro.

– O que vocês estão fazendo? – ele perguntou, com um tom de desconfiança na voz.

– Nada – respondemos juntos e, para piorar, Hanna repetiu: – Nada. Apenas lavando a louça.

Ele hesitou por um segundo antes de jogar a tampinha da garrafa no lixo e voltar para a sala.

– É a segunda vez hoje que você quase foi flagrado – ela sussurrou.

– Terceira – eu a corrigi.

– Seu nerd – ela disse, balançando a cabeça na minha direção. Seus olhos se acenderam com diversão. – Eu provavelmente não deveria arriscar entrar no seu quarto hoje à noite.

Comecei a protestar, mas parei quando percebi a curva maliciosa em seu sorriso.

– Você é diabólica, sabia? – eu murmurei, estendendo a mão para passar o polegar sobre seu mamilo. – Não é à toa que Jesus não quis ficar no seu decote.

Ofegando, ela deu um tapa na minha mão e olhou por cima do ombro.

Estávamos sozinhos na cozinha, podíamos ouvir a conversa na outra sala, e tudo que eu queria era agarrá-la e beijá-la.

– Não faça isso – ela disse. Seus olhos se tornaram sérios e as palavras seguintes saíram trêmulas, como se ela não tivesse ar suficiente nos pulmões: – Não vou conseguir parar.

Depois de ficar acordado por algumas horas conversando com Jensen, finalmente fui para a cama. Fiquei olhando para a parede por uma hora antes de desistir de esperar os sons dos passos macios de Hanna no corredor e o chiado da porta enquanto ela entrava no meu quarto.

Então, cochilei e acabei perdendo o momento quando ela fez isso de verdade, depois tirou a roupa e subiu nua na minha cama. Acordei sentindo seu corpo quente se aconchegando ao meu lado.

Suas mãos acariciaram meu peito, a boca chupou meu pescoço, meu queixo, meus lábios. Eu já estava duro e pronto para outra antes mesmo de acordar totalmente, e quando soltei um gemido Hanna pressionou a mão em minha boca, lembrando que deveríamos ficar em silêncio.

– Que horas são? – murmurei, sentindo o doce perfume de seus cabelos.

– Duas e pouco.

– Tem certeza de que ninguém ouviu você?

– As únicas pessoas que poderiam ouvir aqui no fim do corredor são Jensen e Liv. O ventilador do Jensen está ligado, então eu sei que ele está dormindo. Ele não consegue ficar mais do que dez minutos acordado quando aquela coisa está ligada.

Eu ri, porque sabia que ela estava certa. Morei com ele por vários anos e sempre odiei aquele maldito ventilador.

– Rob está roncando – ela murmurou, beijando meu queixo. – E Liv precisa dormir antes que ele comece a roncar.

Satisfeito por ela ter sido sorrateira – e sabendo que era improvável que alguém batesse à porta no meio da nossa transa –, rolei para o lado e a puxei mais para perto.

Ela estava aqui para transar, óbvio, mas não parecia que queria apenas uma rapidinha. Havia algo mais, algo borbulhando debaixo da superfície. Percebi isso na maneira como ela manteve os olhos abertos na escuridão, no jeito como beijava desesperadamente, e em cada toque hesitante, como se estivesse pedindo permissão. Percebi na maneira como ela puxou minha mão para onde mais queria: em seu pescoço, descendo até os seios e pousando em seu coração, que martelava loucamente. Seu quarto ficava perto, ela não estava sem fôlego por causa do esforço de se deslocar. Estava sem fôlego por outro motivo. Sua boca se abria e se fechava debaixo da luz da lua, como se quisesse falar, mas não tivesse ar para isso.

– O que está errado? – sussurrei em seu ouvido.

– Você ainda tem outras? – ela perguntou.

Afastei meu rosto e fiquei olhando para ela, confuso. *Outras mulheres?* Eu quis ter esta conversa antes centenas de vezes, mas sua evasão súbita sempre acabava com minha necessidade de clareza. Era *ela* quem queria continuar se encontrando com outras pessoas, era *ela* quem não confiava em mim, era *ela* quem achava que não deveríamos tentar ser exclusivos. Ou será que eu entendi tudo errado? Para *mim*, não havia mais ninguém.

– Pensei que era isso que você queria – respondi.

Ela se esticou para me beijar. Sua boca já parecia tão familiar, encaixando-se na minha num ritmo fácil de beijos suaves que de repente pegavam fogo, e imaginei por um segundo como ela poderia pensar em ficar com qualquer outra pessoa.

Ela me puxou para perto, buscando com a mão entre nós para me deslizar sobre sua pele.

– Existe alguma regra sobre sexo desprotegido duas vezes no mesmo dia?

Mordi sua orelha e sussurrei:

– Eu acho que a regra deveria ser que *não* podem existir outros amantes.

– Então devemos quebrar essa regra? – ela perguntou, erguendo os quadris.

Dane-se isso. Dane-se essa interferência.

Abri minha boca para protestar, para dizer que eu já não aguentava mais essa discussão em círculos que não chegava a lugar nenhum, mas então ela soltou um som faminto e quieto e se arqueou contra mim para que eu entrasse por inteiro dentro dela. Mordi meus lábios para segurar um gemido. Aquilo era surreal; já transei milhares de vezes, mas nunca, *nunca* foi tão bom assim.

Senti o gosto do meu sangue na boca e senti o fogo em minha pele em cada toque dela. Mas, então, Hanna começou a mexer os quadris em círculos, encontrando seu prazer debaixo de mim, e as palavras se dissolveram em minha mente.

Sou apenas um homem, caramba. Não sou um deus. Não consigo resistir a transar com Hanna agora e deixar todo o resto para depois.

Eu me senti como se estivesse trapaceando; ela não me entregava seu coração, mas me entregava seu corpo, e talvez, se eu tomasse seu prazer o suficiente para acumulá-lo, eu poderia fingir que isso era algo mais.

Agora já não importava o quanto eu poderia me arrepender mais tarde.

Dezessete

Nunca foi assim, nunca. Tão devagar. Quase tão lento que eu nem sabia se um de nós chegaria ao clímax, mas eu não me importava. Nossos lábios estavam quase encostados, compartilhando nossa respiração, sons e os sussurros de *Sentiu isso? Está sentindo isso?*

Eu sentia, sim. Sentia cada uma das batidas de seu coração debaixo da minha mão, e a maneira como seus ombros tremiam por cima de mim. Sentia os vestígios de palavras em seus lábios, como se estivesse tentando dizer algo... talvez até fosse a mesma coisa que eu queria dizer desde que entrei em seu quarto escuro. Mesmo antes disso.

Ele parecia não entender o que eu estava perguntando.

Nunca pensei que seria tão difícil abrir meu coração. Nós fizemos amor – de um jeito que parecia ser o verdadeiro sentido da frase; sua pele, minha pele, nada mais entre nós. Ele me chamou de Hanna na mesa de jantar... acho que ninguém nunca disse esse nome em voz alta nesta casa antes. E embora Jensen – o melhor amigo de Will – estivesse na sala ao lado, Will ficou comigo lavando a louça. Ele me jogou um olhar cheio de significado antes de subir para seu quarto e me enviou uma mensagem de boa-noite, dizendo que a porta do seu quarto permaneceria destrancada.

Parecia que ele era *meu* quando estávamos numa sala cheia de pessoas. Mas aqui, sozinhos entre quatro paredes, tudo de repente parecia tão confuso.

Você ainda tem outras?

Pensei que era isso que você queria.

Eu acho que a regra deveria ser que não podem existir outros amantes.

Então devemos quebrar essa regra?

... Silêncio.

Mas o que eu estava esperando? Fechei os olhos, abraçando-o ainda mais forte quando ele tirou quase tudo para fora e então deslizou lentamente para dentro, centímetro por centímetro, gemendo em silêncio no meu ouvido.

– Tão bom, minha Ameixa.

Ele virou para cima de mim, passando a mão por minha cintura até chegar ao seio e simplesmente segurá-lo, raspando o polegar em meu mamilo.

Eu adorava os sons graves e derretidos de seu prazer, e isso ajudava a me distrair da realidade de que ele não me ofereceu as palavras que eu queria hoje. Eu queria que ele dissesse: “Não existem outras mulheres”. Eu queria que ele dissesse: “Agora que estamos fazendo isso sem proteção, não podemos mais quebrar essa regra, nunca mais”.

Mas foi ele quem iniciou essa conversa antes, e fui eu quem o impediu de continuar. Era mesmo verdade que ele não estava mais interessado em outra coisa além da amizade colorida? Ou será que ele simplesmente não queria ser a pessoa que iniciaria essa conversa de novo? E por que eu estava sendo tão *passiva*? Era como se meu medo de estragar tudo com ele tivesse roubado todas as minhas palavras.

Ele arqueou seu pescoço para trás, gemendo baixinho enquanto deslizava para dentro e para fora, dolorosamente lento. Fechei meus olhos, afundando meus dentes em seu pescoço, mordendo, oferecendo todo tipo de prazer que eu conseguia pensar. Eu queria que ele me desejasse tanto que não importaria se eu era inexperiente. Eu queria achar um jeito de apagar de sua memória todas as outras mulheres que vieram antes de mim. Eu queria sentir – queria *saber* – que ele pertencia a mim.

Imaginei, por uma fração dolorosa de segundo, quantas outras mulheres pensaram a mesma coisa.

Quero sentir como se você me pertencesse. Empurrei seu peito, fazendo-o rolar para o lado para que eu pudesse subir nele. Nunca fiquei por cima com Will, não numa transa, e então olhei para baixo, insegura, guiando suas mãos até meus quadris.

– Nunca fiz isso.

Ele agarrou sua base e me guiou com a outra mão, gemendo quando me abaixei.

– Apenas faça o que achar gostoso – ele murmurou, olhando para meu corpo.
– Agora você é quem faz o ritmo.

Fechei os olhos, tentando diferentes coisas e lutando para não me sentir boba em minha inexperiência. Fiquei tão encanada com meus movimentos que comecei a achar que havia algo de errado comigo, que eu não sabia ser despreocupada e sexy. Eu não sabia se ele estava gostando.

– Mostre como devo fazer – eu sussurrei. – Sinto que estou fazendo errado.

– Está brincando? Você é perfeita – ele murmurou em meu pescoço. – Quero durar a noite toda.

Eu estava suada, não por causa do esforço, mas por estar tão nervosa que achei que fosse explodir. A cama era velha e fazia barulho; não podíamos nos mexer do jeito que estávamos acostumados, de um jeito selvagem por horas,

usando todo o colchão, o estrado e os travesseiros. Antes de perceber o que estava acontecendo, Will me levantou, carregou até o chão e sentou-se debaixo de mim para que eu pudesse cavalgá-lo novamente. Ele conseguiu ir tão mais fundo desse jeito; Will estava tão duro que eu podia sentir sua pressão num lugar até então desconhecido e sensível. Sua boca aberta se movia por meu peito, e ele abaixou a cabeça para chupar e soprar meus mamilos.

– Apenas me foda – ele grunhiu. – Aqui embaixo você não precisa se preocupar com o barulho.

Ele achou que eu estava preocupada com a cama barulhenta. Fechei meus olhos, mexendo sem muita confiança, e exatamente quando pensei que eu fosse parar, que eu fosse dizer que essa posição não estava funcionando para mim, que eu estava me afogando em palavras e perguntas não respondidas, ele começou a beijar meu queixo, meu rosto, meus lábios, e sussurrou:

– Onde você está? Volte para mim.

Parei em cima dele e descansei minha testa em seu ombro.

– Estou pensando demais.

– Sobre o quê?

– Fiquei nervosa de repente, e às vezes eu sinto que você é meu, mas só por alguns momentos. Pelo jeito eu não gosto disso tanto quanto pensei que gostaria.

Ele deslizou um dedo debaixo do meu queixo e levantou minha cabeça para que eu o olhasse nos olhos. Will me beijou e disse:

– Serei seu por todos os segundos, se é isso que você quer. Você apenas precisa me dizer, minha pequena Ameixa.

– Não me machuque, certo?

Mesmo na escuridão eu podia ver suas sobrancelhas se juntando.

– Você já me disse isso. Por que acha que eu a machucaria? Você acha mesmo que eu *poderia* fazer isso? – sua voz soou tão triste que algo dentro de mim também se apertou.

– Eu acho que você *poderia*. Mesmo que não tivesse a intenção, acho que você *poderia*.

Ele suspirou, pressionando o rosto em meu pescoço.

– Por que você não me dá aquilo que eu quero?

– E o que é que você quer? – perguntei, mudando de posição para deixar meus joelhos mais confortáveis, mas, no processo, eu deslizei por seu pau para cima e de volta para baixo. Ele me forçou no lugar com suas mãos na minha cintura.

– Não consigo pensar quando você faz isso – e respirando fundo várias vezes, ele sussurrou: – Quero apenas *você*.

– Então... – sussurrei, acariciando o cabelo em sua nuca. – Você ainda vai ter outras?

– Acho que *você* tem que dizer isso para *mim*, Hanna.

Fechei os olhos, pensando se isso seria bom o bastante. Eu poderia dizer a ele que não sairia com mais ninguém, e imaginei que ele diria o mesmo. Mas eu não queria que fosse *eu* quem decidisse. Se Will fosse fazer isso e ficar com apenas uma pessoa, teria que ser de um jeito que não fosse negociável para ele – tinha que ser ele querendo acabar com as outras por causa de seus sentimentos por *mim*. Não poderia ser uma decisão qualquer, na base do *talvez-sim-talvez-não* e do *você-quem-sabe*.

Então sua boca encontrou a minha, e ele me deu o mais doce e gentil beijo que já recebi.

– Eu já disse que queria tentar – ele sussurrou. – Foi *você* quem disse que achou que não iria funcionar. *Você* sabe quem eu sou; *você sabe* que eu quero ser diferente com *você*.

– Também quero.

– Certo.

Ele me beijou, e nosso ritmo recomeçou, com pequenas estocadas dele e pequenos círculos meus. Seus suspiros eram a minha respiração; seus dentes deslizaram deliciosamente em meus lábios.

Nunca me senti tão próxima de outro ser humano na vida. Suas mãos passeavam por toda a parte: meus seios, meu rosto, minhas coxas, meus quadris, entre minhas pernas. Sua voz retumbava grave e encorajadora em meu ouvido, dizendo o quanto estava bom, o quanto ele estava perto, o quanto precisava disso e sentia que trabalhava todos os dias apenas para voltar para *mim*. Disse que estar comigo era como estar no conforto de casa.

E quando gozei, eu não me importei se parecia desastrada ou inadequada, se eu era inexperiente ou ingênua. Eu me importava apenas com seus lábios pressionados firmemente em meu pescoço e seus braços me apertando tão forte que a única maneira possível de eu me mover era para mais perto dele.



– Você está pronta? – Will perguntou no domingo de tarde, entrando em meu quarto e beijando rapidamente meu rosto. A maior parte da manhã foi assim: um beijo escondido num corredor vazio, uma agarrão apressada na cozinha.

– Quase. Estou arrumando algumas coisas que minha mãe quer que eu leve.

Senti seus braços envolverem minha cintura com força e me recostei nele. Nunca percebi o quanto Will me tocava até ele não poder fazer isso livremente. Ele sempre foi uma pessoa tátil – pequenas carícias com a ponta dos dedos, a mão pousando em meu quadril, seu ombro raspando no meu –, mas eu estava tão

acostumada com isso e me sentia tão confortável que praticamente nem notava mais. Neste fim de semana senti falta de cada um desses pequenos momentos, e agora queria cada vez mais. Eu já estava tendo um debate interno sobre quantos quilômetros pela estrada eu deveria esperar passar antes de pedir para ele cumprir sua promessa de me tomar no banco de trás.

Will empurrou meu rabo de cavalo para o lado enquanto seus lábios subiam por meu pescoço, parando um pouco abaixo da orelha. Ouvi o tilintar das chaves em sua mão e senti o metal frio contra minha barriga, onde minha camiseta havia subido um pouco.

– Eu não deveria estar fazendo isso – ele disse. – Acho que o Jensen está tentando me encurralar desde o café da manhã, e eu não quero morrer tão cedo.

Suas palavras gelaram meu sangue, e então eu me afastei, pegando uma camiseta do outro lado da cama.

– Isso é típico do Jensen – murmurei, erguendo os ombros. Eu sabia que seria estranho para meu irmão mais velho. Inferno, também seria estranho para Will e eu se a minha família descobrisse –, mas durante toda a manhã eu fiquei relembrando a conversa da noite anterior. Eu queria perguntar na luz do dia: *você estava mesmo falando sério quando disse que queria apenas a mim?* Pois eu estava finalmente pronta para cruzar a linha.

Fechei minha mala e comecei a carregá-la para fora da cama.

Will esticou o braço ao redor do meu corpo e agarrou a alça.

– Posso cuidar da mala?

Senti seu calor e o perfume de seu xampu. Quando ele se endireitou, Will não se afastou, não se moveu para colocar distância entre nós. Fechei meus olhos e comecei a sentir uma tontura com a maneira como sua proximidade sugava todo o ar ao redor. Ele baixou o queixo e pressionou os lábios na minha boca, apenas um toque macio e demorado. Eu me inclinei para frente, perseguindo aquele beijo.

Ele sorriu.

– Vou guardar a mala no carro e então podemos ir embora, certo?

– Certo.

Will passou o polegar em meu lábio inferior.

– Logo chegaremos em casa – ele sussurrou. – E não vou para meu apartamento.

– Certo – eu repeti, com as pernas tremendo um pouco.

Ele sorriu maliciosamente, levantou a mala e eu fiquei apenas olhando, mal conseguindo ficar de pé, enquanto ele saía do quarto.

Quando descí as escadas, encontrei minha irmã na cozinha.

– Já está indo embora? – Liv perguntou, circulando o balcão para me abraçar.

Eu me aninhei em seus braços e confirmei.

– Will já está lá fora?

Olhei pela janela da cozinha, mas não o vi. Eu estava ansiosa para pegar logo a estrada e dizer tudo que eu queria, durante a luz do dia, onde minhas perguntas não poderiam ser ignoradas.

– Acho que ele foi lá atrás se despedir do Jensen – ela disse, voltando para a tigela de cereais que estava limpando. – Vocês dois formam um casal muito fofo.

– O quê? Não.

Havia uma travessa de biscoitos esfriando no balcão e eu enfiei um punhado numa sacola de papel.

– Já disse, as coisas não são assim, Liv.

– Diga o que quiser, Hanna. Aquele cara está apaixonado. Francamente, duvido que eu seja a única que reparou.

Começando a sentir um calor subir pela garganta, eu balancei a cabeça. Tirando dois copos de isopor do armário, eu os enchi de café, adicionei açúcar e creme para o meu e apenas creme para o de Will.

– Acho que a gravidez afetou seu cérebro. Não é nada disso.

Minha irmã não é idiota; tenho certeza de que ela ouviu a mentira em minha voz tão bem quanto eu.

– Talvez não seja para você – ela disse, com um gesto cético. – Embora eu ache que também não é o caso.

Fiquei olhando fixamente para a janela. Eu sabia em que pé estávamos... pelo menos, achava que sabia. As coisas mudaram nos últimos dias, e agora eu estava ansiosa para definir essa relação. Antes, eu tinha medo de definir limites porque achava que queria espaço para respirar. Achava que eu ficaria magoada em saber como ele me encaixou em sua rotina igual fazia com as outras mulheres. Ultimamente, meu desejo de evitar essa conversa tinha mais a ver com manter meu coração preservado do que com a liberdade que ele sentia sobre isso. Mas era um exercício inútil. Eu sabia que dessa vez precisávamos ter a conversa até o fim – a mesma que ele tentou antes. A mesma que apenas arranhamos na noite passada.

Eu teria que me expor e me arriscar. Já era hora.

Uma porta se fechou com força em algum lugar e eu me assustei, piscando de volta para o café que eu estava mexendo. Liv tocou meu ombro.

– Mas eu tenho que bancar a irmã mais velha por um momento. Tenha cuidado, certo? – ela disse. – Afinal, estamos falando do infame Will Sumner.

E era exatamente por isso que eu estava morrendo de medo de estar cometendo um grande erro.



Com café e biscoitos para a viagem, comecei a me despedir de todo mundo. Minha família estava espalhada por toda a casa, mas os únicos que eu não conseguia encontrar eram meu irmão mais velho e minha carona.

Fui até a frente da casa para checar o carro, esmagando o cascalho debaixo dos meus pés. Cheguei perto da garagem e parei quando ouvi vozes carregadas pelo ar frio da manhã se juntarem ao canto dos pássaros e ao estalar das árvores acima.

– Estou apenas querendo saber o que se passa entre vocês dois – ouvi meu irmão dizer.

– Nada – Will disse. – Estamos apenas passando um tempo juntos. Aliás, exatamente como você queria.

Franzi as sobrancelhas, lembrando-me daquele ditado que diz que você não deve escutar a conversa dos outros porque pode não gostar do que vai ouvir.

– Por acaso “passar um tempo” é um código para alguma coisa? – Jensen perguntou. – Vocês parecem muito íntimos.

Will começou a falar, mas parou. Eu dei um passo para trás para ter certeza de que minha longa sombra não estava entrando na garagem.

– Estou saindo com algumas garotas – Will voltou a dizer, e eu podia praticamente ver sua mão coçando o queixo. – Mas não, a Ziggy não é uma delas. Ela é apenas uma boa amiga.

Senti como se tivesse mergulhado num balde de gelo, com arrepios se espalhando por minha pele. Embora eu soubesse que ele estava apenas seguindo as regras que combinamos, meu estômago se embrulhou.

Will continuou:

– Na verdade, estou... interessado em explorar algo mais com uma das mulheres com quem estou saindo.

Meu coração começou a martelar e pensei em entrar lá para impedi-lo de falar demais. Mas então, ele acrescentou:

– Então acho que eu deveria terminar com as outras mulheres. Acho que pela primeira vez na vida eu realmente quero ir além... mas essa garota é arisca, e está sendo difícil dar o próximo passo e acabar com a velha rotina, entende?

Meus braços amoleceram, e eu me encostei no portão, tentando me equilibrar. Meu irmão respondeu alguma coisa, mas eu já não estava mais escutando.



Dizer que o clima no carro estava tenso seria um eufemismo. Já estávamos na estrada por quase uma hora e eu mal consegui juntar duas palavras.

Você está com fome?

Não.

A temperatura está boa? Está com frio? Está com calor?

Está bom assim.

Você pode acertar o GPS?

Claro.

Se importa se fizermos uma parada para o banheiro?

Beleza.

A pior parte era que eu tinha certeza de que estava sendo mimada e injusta. Will estava apenas seguindo as regras que eu pedi quando conversou com Jensen. Nunca esperei que ele fosse exclusivo antes da noite passada.

Abra a boca, Hanna. Conte para ele o que você quer.

– Você está bem? – ele perguntou, abaixando a cabeça para encontrar meus olhos. – Você está monossilábica demais.

Eu me virei e fiquei observando seu perfil enquanto ele dirigia: seu queixo com a barba por fazer, os lábios curvados num sorriso de quem sabia o que eu estava olhando. Will olhou para mim algumas vezes, alcançando minha mão e apertando. Aquilo era muito mais do que sexo. Ele era meu melhor amigo. Era a pessoa que eu queria chamar de *namorado*.

A ideia dele com outras mulheres me deixava enjoada. Eu tinha certeza de que, depois desse fim de semana, ele não ficaria mais com elas, já que – *meu Deus* – transamos sem camisinha. Se isso não garantia uma conversa muito séria, então não sei o que faria.

Eu me sentia tão próxima dele; eu realmente sentia que nos tornamos muito mais do que amigos.

Apertei meus olhos com a mão, sentindo ciúme, nervosismo e... *Deus*, eu estava impaciente para terminar logo com essa conversa *agora*. Por que era tão fácil conversar com Will sobre qualquer sentimento, menos sobre aqueles que precisávamos declarar um para o outro?

Quando paramos num posto para abastecer, eu me distraí olhando sua lista de músicas em seu celular, pensando na sequência certa de palavras em minha mente. Quando encontrei uma música que eu sabia que ele odiava, eu sorri, observando-o guardar a bomba de gasolina e andar de volta para o carro.

Will entrou e segurou a chave na frente da ignição.

– Garth Brooks?

– Se você não gosta, então por que colocou no seu celular? – eu provoquei. Isso era bom, era um começo. Conseguir dizer algumas palavras já era um passo na direção certa. *Inicie o assunto devagarinho, prepare uma aterrissagem suave e então pule.*

Ele me jogou uma careta, como se tivesse mordido um sanduíche estragado, e então deu a partida no carro. As palavras circulavam em minha mente: *Quero ser sua. Quero que você seja meu. Por favor, diga que você não esteve com mais ninguém nas últimas duas semanas, quando as coisas pareciam tão bem entre nós. Por favor, diga que eu não estou imaginando tudo isso.*

Abri seu iTunes e voltei a vasculhar suas músicas, procurando algo ainda melhor, algo que deixasse meu humor mais leve e me desse mais confiança. E então, uma mensagem apareceu na tela.

Que pena que eu não estive lá ontem! Sim! Estou livre na terça-feira à noite e mal posso esperar para te encontrar. Minha casa?
xoxox

Kitty.

Acho que fiquei sem respirar por um minuto inteiro.

Desligando a tela, eu me afundei no banco, sentindo como se alguém tivesse virado meu estômago pelo avesso. Minhas veias se aqueceram com adrenalina, com embarço, com raiva. Em algum momento entre me comer sem camisinha na casa dos meus pais ontem e beijar meu pescoço hoje de manhã, Will enviou uma mensagem para Kitty marcando um encontro para terça-feira.

Olhei pela janela enquanto deixávamos o posto e soltei o celular gentilmente em seu colo. Alguns minutos depois, ele olhou para o celular antes de guardá-lo sem dizer uma palavra. Will claramente viu a mensagem de Kitty, mas não disse nada. Não pareceu nem estar *surpreso*.

Eu queria me enfiar num buraco.



Chegamos em meu apartamento, mas ele não fez menção de subir comigo. Carreguei minha mala até a porta e ficamos parados num silêncio constrangedor.

Ele tirou uma mecha rebelde do meu rosto e então rapidamente baixou a mão quando eu estremeci.

– Tem certeza de que você está bem?

Eu assenti.

– Apenas cansada.

– Então, amanhã nos encontramos? – ele perguntou. – A corrida é no sábado, então é melhor treinarmos uma corrida mais longa no começo da semana para poder descansar depois.

– Parece correto.

– Então, vejo você pela manhã?

Senti uma súbita vontade de tentar de novo, de dar a ele uma chance para achar uma maneira de confessar tudo e talvez esclarecer um mal-entendido gigantesco.

– Acho que sim... E eu estava pensando que você poderia me encontrar aqui na terça-feira à noite – eu disse, pousando minha mão em seu braço. – Sinto que deveríamos conversar, sabe? Sobre tudo que aconteceu no fim de semana.

Will olhou para minha mão e esticou o outro braço para entrelaçar nossos dedos.

– Você não pode conversar agora? – ele perguntou, franzindo as sobrancelhas e claramente confuso. Afinal de contas, ainda eram sete horas da noite de um domingo. – Hanna, o que está acontecendo? Parece que você está escondendo alguma coisa.

– A viagem foi longa e estou cansada. Amanhã vou ficar até mais tarde no laboratório, mas minha terça-feira está livre. Você pode me encontrar na terça?

Fiquei imaginando se minha voz soava tão suplicante na frente dele quanto dentro da minha cabeça. *Por favor, diga sim. Por favor, diga sim.*

Will lambeu os lábios, olhou para seus pés e para onde segurava minha mão. Eu podia sentir os segundos passando no ar que estava tão pesado que eu quase não conseguia respirar.

– Na verdade – ele disse, e então fez uma pausa, como se ainda estivesse considerando o que iria dizer –, eu tenho um... compromisso à noite. Do trabalho. Tenho um jantar de negócios na terça – ele balbuciou. *Ele mentiu.* – Mas eu posso te encontrar durante o dia ou...

– Não, tudo bem. A gente se vê amanhã de manhã.

– Tem certeza?

Meu coração parecia congelado.

– Sim.

– Certo, bom, então... – ele fez um gesto para a porta. – Acho que já vou indo. Tem certeza de que está tudo bem?

Quando eu não respondi e apenas fiquei olhando para seus pés, ele beijou meu rosto antes de ir embora. Subi para meu apartamento, tranquei a porta e fui direto para meu quarto. Eu não queria pensar em mais nada até amanhã de manhã.



Dormi como os mortos, acordando apenas quando meu despertador tocou às cinco e quarenta e cinco. Apertei o botão de soneca e fiquei deitada na cama, olhando para o *display* iluminado. Will mentiu para mim.

Tentei usar a razão, tentei fingir que não me importava, pois talvez as coisas

ainda não fossem oficiais entre a gente, talvez ainda não estivéssemos realmente *juntos*... mas, por algum motivo, isso também não parecia ser verdade. Pois, por mais que eu tentasse me convencer de que Will era um jogador e não era confiável, lá no fundo... eu acreditei mesmo que aquela noite de sábado havia mudado tudo. Caso contrário, eu não me sentiria dessa maneira agora. Ainda assim, aparentemente ele não tinha problemas em se encontrar com outras mulheres até que sentássemos para oficializar tudo de um jeito *oficialmente oficial*. Eu nunca conseguiria separar emoção de sexo como ele. A simples percepção de que eu queria ficar apenas com Will já era suficiente para me deixar esperançosa.

Nós dois éramos criaturas inteiramente diferentes.

Os números na minha frente já estavam desfocados, então pisquei para afastar o princípio de lágrimas quando o alarme quebrou o silêncio no quarto. Era hora de levantar e correr. Will estaria esperando por mim.

Mas eu não me importava.

Eu me sentei por tempo o suficiente para tirar o alarme da tomada e então deitei de novo. Eu queria apenas dormir.



Passei a maior parte da segunda-feira no trabalho com meu celular desligado, e apenas voltei para casa bem depois do sol já ter se posto.

Na terça-feira, eu já estava de pé antes do alarme tocar e fui correr nas esteiras da academia perto de casa. Não era a mesma coisa que a trilha no parque com Will, mas, a essa altura, eu não me importava. O exercício me ajudava a respirar. Ajudava a pensar e a clarear a mente, e me dava um breve momento de paz, longe dos pensamentos sobre Will e seja lá o que – ou *com quem* – ele faria hoje à noite. Acho que nunca corri com tanta vontade na minha vida. E mais tarde, no laboratório, onde mal tive tempo de respirar o dia todo, tive que sair mais cedo, perto das cinco horas, pois eu não tinha comido nada além de um iogurte e sentia que estava quase desmaiando.

Quando cheguei em casa, Will estava esperando na porta do meu prédio.

– Oi – eu disse, diminuindo minha passada ao me aproximar. Ele se virou, enfiou as mãos no bolso e ficou um longo tempo apenas olhando para mim.

– Por acaso seu celular parou de funcionar? – ele finalmente perguntou.

Senti uma breve pontada de culpa antes de me endireitar e encará-lo nos olhos.

– Não.

Dei um passo para o lado para destrancar a porta, mantendo uma distância

entre nós.

– Que merda está acontecendo? – ele perguntou, me seguindo para dentro.

Certo, então é a hora do confronto. Olhei para suas roupas. Will obviamente veio direto do trabalho, e eu tive que me perguntar se ele apenas estava de passagem antes de se encontrar com... *ela*. Você sabe, para marcar presença e ajeitar as coisas antes de sair com outra pessoa. Acho que eu nunca poderia entender como ele conseguia ser tão selvagem comigo ao mesmo tempo em que transava com outras mulheres.

– Achei que você tinha um jantar de negócios – murmurei, jogando as chaves na mesa.

Ele hesitou, piscando várias vezes antes de dizer:

– Eu tenho. Às seis horas.

Rindo, eu murmurei:

– Certo.

– Hanna, que diabos está acontecendo? O que foi que eu fiz?

Eu me virei para encará-lo... mas me acovardei e fiquei olhando para sua gravata solta e a camisa listrada.

– Você não fez nada – comecei, partindo meu próprio coração. – Eu deveria ter sido honesta sobre meus sentimentos. Ou... a falta de sentimentos.

Seus olhos se arregalaram.

– *Como é?*

– As coisas ficaram muito estranhas na casa dos meus pais. E ficar tão perto e quase ser flagrada? Acho que minha excitação veio daí. Acho que eu me empolguei demais com tudo que dissemos no sábado à noite.

Eu me virei, mexi numa pilha de cartas em cima da mesa e senti as camadas secas do meu coração se esvaírem, deixando nada para trás além de um buraco vazio. Forcei um sorriso no rosto e ergui os ombros casualmente.

– Tenho vinte e quatro anos, Will. Apenas quero me divertir.

Ele ficou parado e piscou, balançando um pouco, como se eu o tivesse atingido com algo mais pesado do que meras palavras.

– Não consigo entender isso.

– Desculpe. Eu deveria ter ligado ou... – balancei a cabeça, tentando tirar o som de estática em meus ouvidos. Minha pele estava quente; meu peito doía como se minhas costelas estivessem implodindo. – Pensei que conseguiria fazer isso, mas eu estava errada. O fim de semana apenas confirmou isso. Desculpe.

Will deu um passo para trás e olhou ao redor como se tivesse acabado de acordar e percebido onde estava.

– Entendo.

Observei enquanto ele engolia em seco e passava as mãos no cabelo. Como se

tivesse lembrado de algo, Will ergueu os olhos.

– Isso significa que você não vai correr no sábado? Você treinou tanto e...

– Estarei lá.

Ele assentiu uma vez antes de se virar, sair pela porta e desaparecer, provavelmente para sempre.

Dezoito

Havia um morro perto da casa da minha mãe, um pouco antes do caminho de entrada. Era uma subida íngreme seguida de uma descida em curva fechada. Nós aprendemos a buzinar sempre que passávamos por lá, mas, quando as pessoas dirigem ali pela primeira vez, elas nunca estão preparadas para a loucura do lugar.

Acho que deveríamos ter colocado um espelho curvado em algum ponto, mas nunca fizemos isso. Minha mãe dizia que gostava de usar apenas a buzina: ela gostava daquele momento de fé, em que conhecia a curva tão bem que nem precisava olhar o que tinha pela frente para saber que o caminho estava livre. Acontece que eu nunca soube se adorava ou odiava esse sentimento. Odiava ter que esperar para saber se podia avançar, odiava não saber o que estava por vir, mas adorava a incrível sensação da descida livre.

Hanna me fazia sentir dessa maneira. Ela era minha curva cega, minha subida misteriosa, e nunca consegui evitar a suspeita de que ela me enviaria algo na direção oposta que iria se espatifar contra mim. Mas quando eu estava com ela, perto o bastante para tocar, beijar e ouvir suas teorias malucas sobre virgindade e amor, nunca senti algo igual, como uma combinação eufórica de calma, alegria e fome. Naqueles momentos, eu não me importava com uma eventual trombada de frente.

Eu queria considerar o fora que ela me deu hoje como uma anomalia, um desvio assustador que logo se resolveria, e minha relação com ela não estava acabada antes mesmo de começar. Talvez fosse sua juventude; tentei me lembrar de quando eu tinha vinte e quatro anos e tudo que vi foi um jovem idiota, trabalhando demais num laboratório e depois passando noite após noite com diferentes mulheres. De certa maneira, Hanna era muito mais madura do que eu fui com vinte e quatro anos; era quase como se não pertencêssemos à mesma espécie. Ela estava certa quando disse que sempre soube como ser uma adulta e agora precisava aprender a ser uma criança. Ela acabou de dar seu primeiro fora imaturo com completa falta de comunicação.

Parabéns, minha Ameixa.

Chamei um táxi para Kitty e voltei para o escritório por volta das oito horas,

decidido a mergulhar em algum livro e tentar fugir da minha própria cabeça por algumas horas. Mas quando passei pela sala de Max, enquanto seguia para a minha, vi que as luzes ainda estavam acesas e ele estava lá dentro.

– O que você ainda está fazendo aqui? – perguntei, parando debaixo da porta e me encostando no batente.

Max estava apoiando a cabeça nas mãos e ergueu os olhos quando entrei.

– Sara saiu com Chloe. Decidi trabalhar até um pouco mais tarde – ele me analisou e franziu as sobrancelhas. – E pensei que você tinha ido embora algumas horas atrás. Por que voltou? Hoje é terça-feira...

Ficamos nos encarando por um momento, com a pergunta implícita pairando sobre nós. Fazia tanto tempo que eu não passava uma terça-feira com Kitty, acho que nem Max sabia o que estava perguntando direito.

– Encontrei a Kitty hoje – admiti. – Foi um encontro rápido.

Ele fez uma careta irritada, mas eu ergui a mão e tentei explicar:

– Pedi para me encontrar com ela para tomarmos um drinque depois do trabalho e...

– É sério, Will, você é um completo baba...

– Para *terminar* com ela, seu idiota – eu disse entredentes, frustrado. – Embora eu sempre tenha deixado claro que nosso relacionamento era apenas casual, eu queria terminar oficialmente com ela. Fazia tempo que eu não a encontrava, mas ela ainda me envia mensagens todas as segundas-feiras. O fato de ainda pensar que existe alguma possibilidade me fez sentir como se estivesse traindo Hanna.

Falar seu nome em voz alta já fez meu estômago dar um nó. Nossa última conversa foi um completo desastre. Nunca a vi com o olhar tão distante, tão fechada em si mesma. Olhei para a noite escura lá fora.

Eu sabia que ela estava mentindo; apenas não sabia a *razão*.

A cadeira de Max chiou quando ele se recostou.

– Então o que você está fazendo aqui? Onde está a sua Hanna?

Olhei de volta para ele e finalmente percebi sua aparência. Ele parecia cansado, abalado e... diferente, mesmo para o final de um longo dia de trabalho.

– O que deu em você? – perguntei. – Parece que você passou por um triturador de lixo.

Ele riu, balançando a cabeça.

– Cara, você não faz ideia. Vamos chamar o Ben e tomar umas cervejas.



Chegamos ao bar um pouco antes de Bennett, mas não muito. Assim que

sentamos na mesa dos fundos, perto dos jogos de dardos e da máquina de caraoquê quebrada, Bennett entrou vestindo seu terno preto e com uma aparência de total exaustão. Fiquei pensando por quanto tempo ficaríamos conscientes.

– Você está me fazendo beber muito em dias da semana, Will – Bennett murmurou enquanto se sentava.

– Então peça um refrigerante – eu disse.

Nós dois olhamos para Max, esperando seu típico discurso sobre a blasfêmia que é pedir uma Coca diet num pub inglês, mas ele apenas permaneceu quieto, encarando o cardápio e então pediu o de sempre: uma Guinness, um x-burger e batatas fritas.

Maddie anotou o resto dos nossos pedidos e desapareceu. Estávamos de volta em mais uma noite de terça-feira e, assim como antes, o bar estava quase vazio. Um estranho silêncio parecia envolver nossa mesa. Era como se nenhum de nós estivesse no clima para jogar conversa fora.

– Mas então, falando sério, o que aconteceu com você? – perguntei novamente para Max.

Ele sorriu para mim – um genuíno sorriso do Max –, mas então balançou a cabeça.

– Pergunte de novo depois que eu tomar umas duas cervejas – e sorrindo para Maddie enquanto ela servia nossas bebidas, ele piscou para ela. – Obrigado, meu amor.

– A mensagem de Max dizia para encontrar vocês no bar para uma *noite das garotas* – Bennett disse, e então tomou um gole de cerveja. – Então, sobre qual garota do Will nós vamos falar hoje?

– Agora só tem uma garota – murmurei. – E a Hanna terminou comigo hoje mais cedo, então acho que tecnicamente não tem garota *nenhuma* – os dois olharam para mim, com olhos preocupados. – Ela disse essencialmente que não queria isso.

– Que merda – Max murmurou, esfregando o rosto.

– Mas acontece que eu *acho* que ela está mentindo.

– Will...

Bennett me olhou com uma expressão de cautela.

– Não – eu disse, sentindo uma onda de alívio, como se tivesse compreendido melhor depois de pensar um pouco. Sim, ela estava brava em sua casa hoje – e eu ainda não sabia a razão –, mas me lembrei de como foi fazer amor no chão durante o fim de semana, no meio da noite, e a fome em seus olhos, como se o que sentia por mim não fosse mais apenas desejo, mas *necessidade*.

– Eu sei que ela também sente o mesmo que eu. Algo aconteceu entre nós no fim de semana – eu disse a eles. – O sexo sempre foi incrível, mas na casa dos

seus pais tudo foi ainda mais intenso.

Bennett tossiu.

– Desculpe. Você disse que transou na *casa dos pais* dela?

Escolhi acreditar que seu tom de voz ambíguo significava que estava impressionado, então continuei:

– Parecia que ela iria finalmente admitir que havia mais entre nós do que apenas sexo e amizade – levei meu copo de água até os lábios e tomei um gole. – Mas na manhã seguinte, ela se fechou. Ela está tirando a si mesma da nossa relação.

Os dois consideraram por um momento. Finalmente, Bennett perguntou:

– Vocês chegaram a conversar sobre exclusividade? Desculpe se não estou entendendo o mapa da sua relação direito. Seu histórico não é dos melhores, se é que me entende.

– Ela sabia que eu queria que fosse exclusivo, mas então concordei em manter um relacionamento aberto, porque era isso que ela queria. Para mim, ela é a única mulher que eu quero – eu disse, sem me importar se eles iriam tirar sarro de mim por ter sido enlaçado de vez. Eu até merecia, e o mais engraçado é que eu estava *gostando* da ideia de pertencer a Hanna. – Vocês sabiam que isso iria acontecer, e eu não tenho problemas em admitir que vocês estavam certos. Ela é engraçada e linda. Ela é sexy e muito inteligente. Quer dizer, ela é *totalmente* a mulher que eu quero. Tenho que pensar que hoje foi apenas um obstáculo no caminho, ou então vou sair por aí socando paredes até quebrar meus punhos.

Bennett riu, erguendo seu copo para brindar com o meu.

– Então, vamos brindar a esperança de que ela volte para você.

Max também ergueu sua cerveja, sabendo que não tinha muito que acrescentar. Ele estremeceu um pouco, desculpando-se, como se tudo isso fosse de alguma forma culpa dele simplesmente porque desejou brincando que meu coração fosse partido apenas alguns meses atrás.

Após meu pequeno discurso, o silêncio retornou, junto com o clima estranho. Eu estava lutando para não ficar mais deprimido. É claro que eu estava preocupado com a possibilidade de não conseguir ganhar Hanna de volta. Desde a primeira vez que ela deslizou os dedos debaixo da minha camiseta no quarto daquela festa, eu estava perdido para qualquer outra garota.

Inferno, mesmo antes disso. Acho que me apaixonei no instante em que puxei seu gorro para baixo em sua adorável cabecinha de vento em nossa primeira corrida.

Mas apesar da minha certeza de que ela tinha mentido sobre seus sentimentos, e de que sentia, sim, algo por mim, a dúvida voltava a me consumir. Por que ela mentiu? O que aconteceu entre fazermos *amor* escondidos no meio da noite e o

momento em que entramos no carro na manhã seguinte?

Bennett interrompeu minha queda no abismo falando de seus próprios problemas:

– Bom, já que estamos botando para fora nossos sentimentos, é a minha vez de compartilhar. O casamento está enlouquecendo nós dois. A minha família inteira vai viajar para San Diego para a cerimônia. Todo mundo *mesmo*. Incluindo tias-avós, primos de décimo-terceiro grau e pessoas que eu não vejo desde os cinco anos. Do lado da Chloe é a mesma coisa.

– Isso é ótimo – eu disse, e imediatamente me arrependi quando vi o olhar gélido de Bennett. – Não é uma coisa boa quando as pessoas aceitam seu convite?

– É, sim, mas muitas dessas pessoas não foram convidadas. A maioria da família dela mora na Dakota do Norte, e a minha está espalhada pelo Canadá, Michigan e Illinois. Todos estão buscando uma razão para tirar umas férias na praia – e balançando a cabeça, ele continuou: – Então, na noite passada, Chloe decidiu que queria fugir de tudo isso. Ela quer cancelar tudo, e está tão obcecada que estou com medo de que ela ligue para o hotel para cancelar, e aí, sim, vamos nos ferrar completamente.

– Ela não faria isso, cara – Max murmurou, quebrando seu silêncio atípico. – Não é mesmo?

As mãos de Bennett deslizaram para seus cabelos e se fecharam em punhos, os cotovelos apoiados na mesa.

– Honestamente, eu não sei. Essa festa está se tornando *gigante*, e agora sinto que está saindo do controle. Nossas famílias estão convidando cada vez mais pessoas, como se fosse uma grande boca livre para todo mundo. E já nem é mais uma questão de dinheiro, é uma questão de espaço, de fazer aquilo que *nós* queremos. Imaginamos um casamento com uns cento e cinquenta convidados. Agora, temos quase trezentos – ele suspirou. – Será apenas um dia. Um *dia*. Chloe está tentando não enlouquecer, mas para ela é mais difícil, porque não tem muita coisa que eu possa... – ele riu, então se endireitou e olhou para nós dois. – Eu não me importo com a maioria dos detalhes. Pela primeira vez na vida, não sinto a necessidade de controlar tudo. Não me importo com as cores, nem com os malditos arranjos. Não me importo com as flores. Eu me importo com tudo que virá depois, quando vou poder comer a Chloe por uma semana em Fiji e depois passar o resto da vida casado com ela. É isso que importa. Talvez seja melhor eu deixá-la cancelar tudo, casar neste fim de semana mesmo e ir logo para a lua de mel.

Abri minha boca para protestar e dizer para Bennett que eu tinha certeza de que todo casal passa por esse tipo de crise, mas a verdade era que eu não tinha

ideia. Mesmo no casamento do Jensen – no qual fui o padrinho –, a única coisa que me deixou acordado na cerimônia era a ideia de levar as duas damas de honra para transar no closet. Não prestei muita atenção no lado emocional daquele dia.

Então, fechei a boca, passando a mão nos lábios e sentindo uma dose de autoaversão me atingir. *Merda*. Eu já sentia falta de Hanna, e estar com meus dois melhores amigos que já tinham encontrado as mulheres de suas vidas deixava tudo pior. Não é que eu sentisse que precisava alcançar a mesma etapa da vida que eles; eu simplesmente queria aquele conforto de saber que eu podia sair com meus amigos e voltar para casa para os braços *dela*. Eu sentia falta do conforto de sua companhia, da maneira como ela ouvia tudo cuidadosamente, da maneira como dizia qualquer coisa que vinha à mente quando estava comigo, coisa que notei que não fazia com mais ninguém. Eu adorava o quanto ela se sentia bem consigo mesma – tão impetuosa e confiante e curiosa e esperta. E eu sentia falta do seu corpo, de ter prazer com ela e dar prazer a ela sem parar.

Eu queria deitar com ela na cama à noite e lamentar as dificuldades de se planejar um casamento. Eu queria tudo isso.

– Não cancele – eu disse, finalmente. – Sei que sou o último que pode dizer algo sobre isso, e tenho certeza de que minha opinião não significa nada, mas também tenho certeza de que todos os casamentos passam por essas coisas em algum momento.

– É que parece ser tanto trabalho para um único dia – Bennett murmurou. – Existe muito mais vida além desse único dia.

Max riu um pouco e ergueu seu copo, então reconsiderou e o deixou de novo na mesa, antes de começar a rir novamente, mais forte desta vez. Nós dois viramos para ele.

– Você estava agindo como um zumbi – eu disse –, mas agora voltou a ser o Max Palhaço. Hoje é dia de abrir o coração. Eu levei um fora da Hanna, Bennett está lutando contra a loucura de planejar um casamento. Agora é a sua vez.

Ele balançou a cabeça, sorrindo para seu copo vazio.

– Certo – e fez um gesto para Maddie, pedindo outra Guinness. – Mas, Ben, você está aqui hoje apenas como meu amigo. Não como o chefe da Sara. Entendido?

Bennett concordou, juntando as sobrancelhas.

– É claro.

Erguendo um dos ombros, Max murmurou:

– Bom, caras, acontece que eu vou ser papai.

O relativo silêncio de antes parecia agora um barulho infernal comparado com o vácuo que se seguiu. Bennett e eu congelamos, e então fizemos uma breve

troca de olhares.

– Max? – Bennett começou, com uma delicadeza atípica. – A Sara está grávida?

– Pois é, cara – Max levantou os olhos, com o rosto vermelho e os olhos arregalados. – Ela vai ter um bebê.

Bennett continuou olhando para ele, provavelmente analisando cada reação no rosto de Max.

– Isso é bom – eu disse cuidadosamente. – Não é? Isso é uma coisa boa.

Max assentiu, virando-se para mim.

– É bom *demais*. Eu estou... aterrorizado, para dizer a verdade.

– Grávida de quanto tempo? – Bennett perguntou.

– Um pouco mais de três meses.

Nós dois começamos a responder com surpresa, mas ele ergueu a mão e impediu nossa reação.

– Ela estava estressada e pensou... Ela fez um teste no fim de semana, mas só hoje soube quanto tempo se passou. Então hoje, quando eu estava fora em reuniões... fizemos um ultrassom para medir o bebê – ele pressionou as mãos nos olhos. – Caramba, o *bebê*. Acabei de descobrir que Sara está grávida e hoje eu vi que tem uma *criança* lá dentro. A gravidez já está tão avançada que o técnico acha que é menina, mas só vamos saber com certeza em alguns meses. Isso tudo é... tão irreal.

– Max, por que diabos você está aqui com a gente? – perguntei, rindo. – Você não deveria estar em casa tomando champanhe e escolhendo nomes?

Ele sorriu.

– Ela queria um tempo longe de mim, eu acho. Eu estive insuportável nos últimos dias, querendo reformar o apartamento e conversar sobre quando será o casamento e essas coisas. Acho que ela queria contar para Chloe. Além disso, temos um jantar marcado para amanhã – ele fez uma pausa, franzindo as sobrancelhas em preocupação. – Mas agora que o dia acabou, estou apenas *exausto*.

– Você não está preocupado com isso, não é? – Bennett perguntou, estudando Max. – Quer dizer, isso é inacreditável. Você e Sara vão ter um *bebê*.

– Não, apenas a mesma preocupação que qualquer um teria – Max disse, limpando a boca. – Será que vou ser um bom pai? Sara não é de beber muito, mas será que fizemos alguma coisa nos últimos três meses que pudesse machucar o bebê? E, carregando minha prole gigantesca por aí, será que Sara vai ficar bem?

Não consegui me segurar. Levantei e puxei Max para um abraço.

Ele estava tão apaixonado pela Sara que mal conseguia pensar direito quando

ela estava por perto. E embora eu tirasse sarro dele por causa disso, era algo muito legal de se presenciar. Eu sabia muito bem, sem ele precisar dizer, que Max estava totalmente pronto para isso, pronto para sossegar e bancar o marido e pai dedicado.

– Você vai ser incrível, Max. É sério, parabéns, cara.

Dei um passo para trás e observei quando Bennett se levantou, apertou a mão de Max e depois o puxou para um breve abraço.

Caramba.

A ficha começou a cair sobre a enormidade disso tudo, e eu desabei de volta na cadeira. Isso aqui era a vida. Era a vida começando para nós: casamentos e família e encarar decisões e se tornar o homem da vida de alguém. Não tinha nada a ver com nossos trabalhos ou as emoções aleatórias que buscávamos ou algo assim. A vida é construída com os tijolos dessas conexões e etapas e momentos quando você conta aos seus dois melhores amigos que está prestes a se tornar pai.

Puxei meu celular e enviei uma mensagem para Hanna.

Não consigo parar de pensar em você.

Dezenove

Quando eu era pequena, eu deixava minha família maluca porque eu não dormia por dias antes de feriados ou grandes eventos. Ninguém entendia a razão. Minha mãe exausta sentava ao meu lado noite após noite, implorando para eu dormir.

– Ziggy – ela dizia. – Meu amor, se você dormir, o Natal chega mais cedo. O tempo passa mais rápido quando você está dormindo.

Mas isso nunca funcionava comigo.

– Não consigo dormir – eu insistia. – Minha mente está muito cheia. Não consigo parar de pensar.

Eu passava a contagem regressiva para aniversários e férias totalmente acordada e ansiosa, andando de um lado para o outro nos corredores da nossa casa em vez de dormir no andar de cima. Nunca consegui me livrar desse hábito.

Sábado não era Natal ou o primeiro dia das férias de verão, mas eu estava contando cada dia, cada minuto, como se fosse. Pois, por mais patético que pareça, e por mais que eu odiasse estar animada com isso, eu sabia que veria Will. Só esse pensamento já era suficiente para me deixar de pé à noite, completamente acordada olhando para a janela, contando os postes de luz até seu prédio.



Sempre ouvi dizer que a primeira semana após uma separação é a pior de todas. Eu torcia para ser verdade. Pois receber a mensagem de Will na terça à noite – “Não consigo parar de pensar em você” – foi uma tortura.

Será possível que ele tenha enviado a mensagem para o número errado? Ou será que disse isso porque acabou sozinho, ou porque estava com outra mulher, mas pensando em mim? Eu não podia exatamente ficar brava, e minha indignação inicial pela possibilidade de Will ter enviado a mensagem enquanto estava com Kitty logo se desvaneceu; lembrei que eu também enviei mensagens para ele enquanto estava num encontro com Dylan.

A pior parte é que eu não tinha ninguém para conversar sobre isso. Bom, na verdade, eu tinha, mas a única pessoa com quem eu queria conversar era o próprio Will.

O sol já havia se posto na sexta-feira enquanto eu andava os últimos quarteirões para encontrar Chloe e Sara para tomar uns drinques.

A semana inteira eu tentei manter uma frente corajosa, mas na verdade eu estava muito deprimida e já não conseguia esconder direito. Eu parecia triste. Eu parecia exatamente como me sentia. Eu tinha tanta saudade que sentia em cada respiração, em cada segundo que se passava sem ele.

O Bathtub Gin era um pequeno bar com visual retrô no Chelsea. Os visitantes são recebidos com uma frente discreta e uma placa dizendo “Stone Street Coffee”. Se você não souber o que está procurando, ou se passar durante a semana quando não existe uma longa fila na entrada, poderia nem perceber do que se trata. Mas se você sabe o que tem lá, não terá problemas em encontrar a porta iluminada por uma única lâmpada vermelha. Uma porta que se abre para um clube da época da Lei Seca, completo com luz ambiente, jazz ao vivo e até uma grande banheira de cobre no meio do salão.

Encontrei Chloe e Sara sentadas no balcão, com drinques já esperando por elas e um lindo homem de cabelo preto ao seu lado.

– Oi, gente – eu disse, ocupando o banco ao lado delas. – Desculpe pelo atraso.

Os três viraram para mim e me olharam de cima a baixo antes do homem dizer:

– Ah, meu amor, conte tudo sobre o homem que fez isso com você.

Pisquei olhando de volta para eles, confusa.

– Humm.. oi, sou eu, a Hanna.

– Ignore ele – Chloe disse, deslizando o cardápio para mim. – Nós também ignoramos. E peça uma bebida antes de falar. Parece que você precisa de uma.

O homem misterioso ficou propriamente ofendido, e os três começaram a discutir enquanto eu analisava os vários coquetéis e vinhos, escolhendo a primeira coisa que combinava com meu humor.

– Quero um Tomahawk – eu disse para o bartender, notando com o canto do olho a maneira como as duas se entreolharam, surpresas.

– Então a coisa está nesse nível, humm?

Chloe fez um gesto pedindo outro drink e então tomou a minha mão, conduzindo a todos nós para uma mesa.

Na realidade, eu provavelmente apenas deixaria meu coquetel intocado a noite inteira, aproveitando apenas o conforto da opção de poder ficar completamente bêbada. Mas eu sabia que queria correr amanhã, e de jeito nenhum eu iria competir de ressaca.

– Aliás, Hanna – Chloe disse, gesticulando para o homem que agora me olhava com olhos curiosos. – Este é George Mercer, assistente da Sara. George,

esta é a adorável e prestes-a-ficar-chapada Hanna Bergstrom.

– Ah, uma peso leve – George disse. – O que é que você está fazendo com essa bêbada de carteirinha? Ela deveria ter uma etiqueta de aviso para garotas como você.

– George, você já está merecendo um chute na bunda – Chloe disse.

George mal piscou.

– Com um salto desse tamanho?

– Credo, só você gosta dessas coisas – Chloe gemeu.

Rindo, George disse pausadamente:

– Mentirosa.

Sara se inclinou com os cotovelos na mesa.

– Ignore esses dois. É como assistir Bennett e Chloe, com a diferença de que os dois preferem transar com o Bennett do que um com o outro.

– Estou vendo – murmurei. Uma garçonete serviu nossos drinques e eu tomei um gole hesitante. – *Putz!* – comecei a tossir, sentindo a garganta pegar fogo.

Tomei quase um copo inteiro de água enquanto Sara olhava para mim.

– Então, como vão as coisas? – ela perguntou.

– Esse drink é tão apimentado.

– Não foi isso que ela quis saber – Chloe disse sem rodeios.

Olhei para meu copo, tentando focar nos pedacinhos de páprica flutuando em vez de exagerar o vazio em meu peito.

– Vocês conversaram com Will recentemente?

As duas balançaram a cabeça, mas George se animou.

– Will Sumner? – ele esclareceu. – Você está transando com *Will Sumner*? – ele chamou a garçonete novamente. – Vamos precisar de outra taça, minha querida. E é melhor trazer a garrafa também.

– Na verdade, eu não falo com ele desde segunda-feira – Sara disse.

– E eu desde terça-feira – Chloe completou. – Mas sei que ele teve uma semana maluca.

– Humm. Ele não viajou com você no feriado?

George respirou fundo.

– Uau, sério?

E agora eu era *aquela* garota, aquela com a história da separação que eu não queria nem na minha mente, muito menos como assunto numa mesa cheia de bebidas. Como poderia explicar que o fim de semana foi perfeito? Que acreditei em tudo que ele falou? Que eu me apaixo... Interrompi esse pensamento, pois não estava pronta nem para pensar nessa palavra.

– Hanna, meu amor?

Sara tocou levemente em meu braço.

– Sinto que sou uma idiota.

– Linda – ela disse, com olhos cheios de preocupação. – Você sabe que não precisa falar sobre isso se não quiser.

– Ah, precisa, sim – George interrompeu. – Como vamos depois transformar a vida dele num inferno se não soubermos todos os detalhes sórdidos? Mas é melhor começarmos do começo e ir devagar até a parte horrível. Primeira pergunta: o pau dele é tão épico quanto eu ouvi dizer? E os dedos... ele são mesmo abre-fecha-aspas mágicos? – ele se inclinou mais perto, sussurrando: – E o maior rumor é que o cara poderia vencer um concurso de chupar manga, se é que você me entende.

– *George* – Sara exclamou, enquanto Chloe jogava um olhar gélido para ele. Quanto a mim, eu tive que sorrir.

– Não, eu não sei do que você está falando – sussurrei de volta.

– Procura no YouTube – ele disse. – Você vai entender vendo a imagem.

– Certo, voltando para a parte onde Hanna está *triste* – Sara disse, olhando fixamente para George.

– Então, acontece que... – respirei fundo, procurando as palavras certas. – O que vocês podem me dizer sobre Kitty?

– Ah – Chloe se ajeitou na cadeira e olhou para Sara. – *Ah*.

Eu me inclinei sobre a mesa, juntando as sobancelhas.

– O que esse “*ah*” significa?

– Essa é aquela... quer dizer, essa Kitty é *uma* das... – George parou de falar e ficou gesticulando como um maluco.

– Sim – Sara disse. – Kitty é uma das amantes do Will.

Revirei os olhos.

– Você sabe se ele ainda está se encontrando com ela?

Chloe começou a considerar sua resposta cuidadosamente.

– Bom... não sei *oficialmente* se ele terminou as coisas com ela. Mas, Hanna. Ele adora você. Qualquer um pode...

– Mas ele ainda está se encontrando com ela – eu afirmei.

Ela suspirou com relutância.

– Honestamente, eu não sei. Sei que nós sempre cobramos dele para terminar com as outras, mas não posso... com certeza dizer que ele parou de se encontrar com ela.

– E você, Sara? – perguntei.

Balançando a cabeça, Sara murmurou:

– Desculpe, eu honestamente também não sei.

Fiquei imaginando se era possível um coração se partir pouco a pouco. Eu tinha certeza de que senti a primeira fissura quando li a mensagem de Kitty. O

segundo pedaço caiu quando ele mentiu sobre a noite de terça-feira. E durante o resto da semana, eu me senti machucada, senti cada pedacinho que ainda restava cair na escuridão, até o ponto de não saber mais o que era aquilo que batia em meu peito.

– Eu o ouvi conversando com meu irmão sobre querer algo mais sério com alguém, mas estar com medo de terminar com as outras. Mas então eu pensei que talvez ele quisesse dizer terminar *oficialmente* com elas. As coisas pareciam boas entre nós. Mas daí Kitty enviou uma mensagem – eu disse. – Eu estava mexendo em seu celular e ela respondeu uma mensagem que ele obviamente enviou para ela, dizendo para se encontrarem na terça à noite.

– Por que você não perguntou para ele? – Chloe disse.

– Eu queria que ele me dissesse por iniciativa própria. Will sempre gostou de honestidade e comunicação, então imaginei que se eu o convidasse para jantar na terça-feira ele me diria que tinha um encontro com Kitty.

– E então? – Sara perguntou.

Suspirei.

– Ele disse que tinha um *compromisso*. Uma reunião de noite.

– Nossa – George exclamou.

– Pois é – eu murmurei. – Então terminei tudo ali mesmo. Mas fiz isso muito mal, porque eu não sabia o que falar. Eu disse que estava ficando pesado demais, que eu tinha apenas vinte e quatro anos e não queria nada sério. Disse que não queria mais isso.

– Caramba, menina – George sussurrou. – Quando você quer terminar as coisas, você cava um buraco e joga uma bomba.

Eu gemi, pressionando as mãos nos meus olhos.

– Deve ter uma explicação – Sara disse. – Will nunca diz que tem uma reunião quando vai se encontrar com uma mulher. Ele apenas diz que vai se encontrar com uma mulher. Hanna, eu nunca o vi desse jeito antes. O próprio Max nunca o viu desse jeito. É óbvio que ele adora você.

– Mas isso importa? – eu perguntei, deixando meu drinque totalmente de lado.

– Ele mentiu sobre a reunião, mas fui eu quem disse que deveríamos manter o relacionamento aberto. Acontece que para mim isso significava a *possibilidade* de outra pessoa. Para Will, isso era uma realidade que ele já vivia. E todo o tempo ele sempre insistia em algo mais entre nós.

– Converse com ele, Hanna – Chloe disse. – Confie em mim. Você precisa dar uma chance para ele se explicar.

– Explicar o quê? Que ele ainda estava se encontrando com ela, de acordo com as regras que eu estabeleci? E depois? O que acontece?

Chloe tomou minha mão e apertou.

– Daí você ergue a cabeça e manda ele se ferrar pessoalmente.



Eu me vesti assim que os primeiros raios de sol apareceram lá fora e andei os dez quarteirões até a corrida num nervosismo só. A competição aconteceria no Central Park, e o circuito percorria vinte quilômetros entre as trilhas e os caminhos do parque. Várias ruas ao redor foram fechadas para abrigar os caminhões e tendas dos patrocinadores, além da multidão presente, tanto de corredores quanto de espectadores.

Agora isso era real. Will estaria lá, e eu teria que decidir se conversava com ele ou apenas deixava tudo como estava. Eu não sabia se aguentaria qualquer uma das opções.

O céu tinha começado a clarear e um frio ainda pairava no ar. Mas meu rosto estava quente, meu sangue se aquecia correndo pelas veias e por meu coração, que batia rápido demais. Eu tinha que me concentrar para puxar o ar em meus pulmões e depois soprar de volta.

Eu não sabia para onde estava indo, ou o que estava fazendo, mas o evento parecia bem organizado e, assim que cheguei perto, vi as placas que indicavam onde eu deveria me apresentar.

– Hanna?

Ergui os olhos para ver meu antigo parceiro de treinamento, meu antigo amante, de pé ao lado da mesa de inscrição, olhando para mim com uma expressão que eu não conseguia decifrar. Eu esperava que a minha memória tivesse exagerado sua beleza e o quanto era difícil apenas ficar do lado dele. Mas não era exagero. Will continuou olhando em meus olhos, e fiquei imaginando se eu iria começar a rir descontroladamente, chorar ou talvez sair correndo se ele chegasse mais perto.

– Oi – ele finalmente disse.

Abruptamente, estendi minha mão como se ele fosse... fazer o quê? Cumprimentar com um aperto de mão? *Meu Deus, Hanna!* Mas agora era tarde demais, e minha mão trêmula ficou estendida entre nós enquanto Will olhava para ela.

– Ah... então nós... é assim que vai ser? – ele murmurou, limpando a mão na calça antes de apertar minha mão. – Certo. Bom, oi. Como vai você?

A situação era comicamente ruim, e só piorava o fato de que eu gostaria de analisar as minúcias disso com Will, apenas com Will. De repente, pensei em milhões de perguntas sobre o protocolo pós-separação-constrangedora, e se um aperto de mão é sempre uma má ideia ou era só nesse momento mesmo.

Eu me abaixei sem jeito e assinei meu nome antes de receber um pacote de informações de uma mulher sentada atrás da mesa. Ela me deu instruções que eu mal compreendi; eu me sentia como se estivesse debaixo d'água.

Quando terminei, Will ainda estava lá de pé, com a mesma expressão nervosa e esperançosa de antes.

– Você precisa de ajuda? – ele sussurrou.

Balancei cabeça.

– Não, tudo bem.

Era uma mentira; eu não fazia ideia do que estava fazendo.

– Você precisa ir até aquela tenda – ele disse com um tom de voz gentil, sabendo exatamente o que eu estava pensando, como sempre, e colocando a mão em meu braço.

Eu me afastei e forcei um sorriso.

– Pode deixar. Obrigada, Will.

Enquanto o silêncio continuava, uma mulher que eu nem tinha notado começou a falar.

– Oi – ela disse. Eu pisquei e a vi sorrindo com a mão estendida para mim. – Acho que ainda não fomos apresentadas. Eu sou Kitty.

Levei um tempo para juntar as peças, e quando tudo se encaixou, eu mal contive meu choque. Senti minha boca se abrir e meus olhos se arregalarem. Como ele poderia pensar que isso era remotamente apropriado? Olhei para ela e para Will, e logo percebi que ele estava tão surpreso quanto eu ao vê-la parada ali. Ele não percebeu sua aproximação?

O rosto de Will era a própria definição da palavra *desconfortável*.

– Ai, Deus – e olhou para nós duas antes de murmurar: – Ah, merda, humm... oi, Kitty, esta é a... – Will virou-se para mim, suavizando os olhos. – Esta é a minha Hanna.

Pisquei incrédula. *O que foi que ele disse?*

– Prazer em conhecer você, Hanna. Will me contou tudo sobre você.

Eu sabia que eles estavam se falando, mas as palavras não penetravam o eco daquela frase que se repetia em minha mente. *Esta é a minha Hanna. Esta é a minha Hanna.*

Foi um lapso. Só pode ser isso. Ele estava apenas desconfortável. Apontei para trás.

– Eu preciso ir.

Virando, saí andando desajeitadamente em direção à tenda das mulheres.

– Hanna! – ele chamou atrás de mim, mas eu não olhei para trás.

Eu ainda estava um pouco tonta quando entreguei minha ficha de informações, peguei meu número e andei até um lugar vazio para me alongar e

amarrar meu tênis. Quando ouvi o som de passos, levantei a cabeça, com medo do que iria encontrar. Ver Kitty parada ali foi pior do que pensei.

– Ele é mesmo uma figura – ela disse, pregando seu número na frente da camiseta.

Desviei os olhos e ignorei o fogo que ardia em meu estômago.

– É, pois é.

Ela sentou-se num banco e começou a abrir uma garrafa de água.

– Sabe, achei que isso nunca iria acontecer – Kitty começou a rir. – Todo esse tempo ele sempre usou a desculpa “Não é você. Sou eu que não quero nada sério com ninguém”. Mas agora que ele finalmente terminou tudo entre nós, é porque *quer* algo mais. Só que com outra pessoa.

Eu me endireitei e olhei em seus olhos.

– Ele terminou com você?

– Sim. Bom... Nesta semana foi o fim *oficial*, mas não nos encontrávamos desde... – ela olhou para cima, tentando lembrar uma data. – Desde fevereiro? E desde então ele só cancela nossos encontros.

Eu não sabia o que dizer.

– Pelo menos, agora eu entendo a razão.

Acho que eu fiquei com cara de quem não estava entendendo nada, pois ela sorriu e chegou um pouco mais perto.

– Porque ele está apaixonado por você. E se você é mesmo tão incrível quanto ele diz, você não vai estragar tudo.



Não me lembro de cruzar o parque até onde os outros corredores estavam reunidos. Meus pensamentos estavam bagunçados e inquietos.

Fevereiro?

Nós começamos a correr em...

... março. Foi quando começamos a transar...

Terça à noite... para poder terminar as coisas pessoalmente.

Como um ser humano decente, como um bom homem. Fechei meus olhos quando a força dessa descoberta me atingiu: ele disse tudo isso a ela mesmo *depois* que eu dei o fora nele.

– Você está pronta?

Eu me assustei, surpresa ao ver Will de pé ao meu lado. Ele pôs a mão em meu braço, oferecendo um sorriso hesitante.

– Você está bem?

Olhei ao redor, como se pudesse escapar para algum lugar e apenas... *pensar*.

Eu não estava pronta para ele ficar tão perto ou conversar como se fôssemos amigos de novo. Eu tinha um pedido de desculpa tão grande para fazer, e ainda queria reclamar muito por ele ter mentido... eu nem sabia por onde começar. Encontrei seus olhos e procurei por qualquer sinal que dissesse que poderíamos consertar tudo isso.

– Acho que sim.

– Hanna? – ele começou, dando um pequeno passo em minha direção.

– Sim?

– Você... você vai se sair muito bem – seus olhos procuraram os meus, pesados de ansiedade, e isso fez meu estômago se retorcer com culpa. – Sei que as coisas estão estranhas entre nós. Apenas tire tudo da cabeça. Você precisa estar aqui, com a cabeça na corrida. Você treinou muito para isso e vai conseguir se sair muito bem.

Suspirei e senti a primeira onda de nervosismo pré-corrida, que não tinha nada a ver com Will. Massageando meus ombros, ele murmurou:

– Está nervosa?

– Um pouco.

Pude ver o momento em que ele entrou no modo treinador e senti um pouco de conforto nisso, aproveitando essa familiaridade platônica.

– Lembre-se de cadenciar o ritmo. Não comece rápido demais. A segunda parte é a pior, e você precisa reservar um pouco de energia para o final, certo?

Concordei com a cabeça.

– Lembre-se, esta é a sua primeira corrida e seu objetivo é cruzar a linha de chegada. Não se importe com a posição de chegada.

Lambendo meu lábios, eu respondi:

– Certo.

– Você já correu quinze quilômetros antes; você consegue correr vinte. Estarei ao seu lado, então... vamos fazer isso juntos.

Olhei para ele surpresa.

– Você pode chegar numa boa posição, Will. Isso não é nada para você... Você deveria ficar lá na frente.

Ele balançou a cabeça.

– Essa corrida não é sobre isso. A minha corrida é daqui a duas semanas. Esta aqui é sua. Já disse isso antes.

Assenti novamente, um pouco atordoada, sem conseguir desviar os olhos de seu rosto: olhei para a boca que me beijou tantas vezes, e queria beijar *apenas* a mim. Olhei para os olhos que me olhavam atentamente sempre que eu dizia alguma coisa, sempre que eu o tocava. Olhei para as mãos que agora tocavam meus ombros, as mesmas que já tocaram todos os centímetros da minha pele. Ele

disse para Kitty que queria ficar comigo, apenas comigo. Ele já tinha falado isso para mim. Mas eu não tinha acreditado.

Talvez o jogador realmente não existisse mais.

Com um último olhar, Will tirou as mãos dos meus ombros e pressionou a palma nas minhas costas, conduzindo meu corpo para a linha de partida.



A corrida começou no canto sudoeste do parque, perto do Columbus Circle. Will fez um gesto para eu acompanhá-lo, e então comecei a rotina: alongamento da perna, dos quadris, das costas. Ele observava em silêncio meus movimentos e mantinha um contato tranquilizador.

– Segure um pouco mais – ele disse, pairando sobre mim. – Respire fundo.

Eles anunciaram que era hora de começar e tomamos nosso lugar. O estampido da pistola ecoou no ar, e os pássaros voaram das copas das árvores. A súbita corrida de centenas de corpos criou um som único que preencheu tudo ao redor.

A rota da maratona começava na rotatória do Columbus Circle e seguia pela pista exterior do Central Park, fazendo uma curva perto da Rua 72 e voltando para o começo.

O primeiro quilômetro é sempre o mais difícil. No segundo, a visão começa a embaçar nos cantos e você apenas escuta o som abafado das passadas na trilha e o sangue bombeando em seus ouvidos. Nós mal nos falamos, mas eu podia ouvir cada passo de Will atrás de mim, além do ocasional contato de seu braço contra o meu.

– Você está indo muito bem – ele disse na altura do quarto quilômetro.

No décimo quilômetro, Will me lembrou:

– Já estamos na metade, Hanna, e você está chegando ao seu melhor ritmo.

Senti cada centímetro do último quilômetro. Meu corpo doía; meus músculos passaram de endurecidos para molengas, depois pareciam queimar até quase ter câimbras. Eu podia sentir minha pulsação martelando em meu peito. A batida pesada espelhava cada passada, e meus pulmões gritavam para que eu parasse.

Mas minha mente estava calma. Era como se eu estivesse debaixo d'água, com vozes abafadas juntando-se até formar um único zumbido constante. Mas uma voz era clara:

– Já estamos no último quilômetro. Você vai *conseguir*. Você é incrível, minha Ameixa.

Quase tropecei quando ele me chamou assim. Sua voz estava doce e carente, mas, quando olhei para ele, seu queixo estava apertado, com olhos colados à

frente.

– Desculpe – ele disse, rouco e imediatamente arrependido. – Eu não deveria... Desculpe.

Balancei a cabeça, lambi os lábios e voltei a olhar para frente, cansada demais até para estender o braço e tocá-lo. Fui atingida pela percepção de que este momento era provavelmente mais difícil do que qualquer prova que fiz na faculdade, e qualquer noite de pesquisa no laboratório. A ciência sempre veio fácil para mim – eu estudava muito, é claro, fiz minha lição de casa –, mas nunca tive que ir tão fundo e fazer tanto esforço para continuar quando tudo que eu queria era desabar na grama e ficar lá. A Hanna que encontrou Will naquela manhã gelada nunca conseguiria correr vinte quilômetros. Ela tentaria sem muito entusiasmo, ficaria cansada e, após concluir que esse não era seu forte, teria voltado para o laboratório e seus livros e seu apartamento vazio cheio de refeições congeladas para uma pessoa.

Mas não *esta* Hanna, não agora. E *ele* me ajudou a chegar até aqui.

– Quase lá – Will disse, ainda me encorajando. – Sei que está doendo, sei que é difícil, mas, veja só – ele apontou para um grupo de árvores ao longe –, você está quase lá.

Tirei o cabelo do meu rosto e continuei, respirando para dentro e para fora, querendo que ele continuasse falando, mas ao mesmo tempo querendo que ele calasse a boca. Sangue bombeava pelas minhas veias, cada parte de mim parecia ligada a um fio elétrico, levando um choque de mil volts que vazava do meu pé para o chão em cada passada.

Nunca estive tão cansada em minha vida, nunca senti tanta dor, mas também nunca me senti tão viva. Era uma loucura, mas mesmo com membros que pareciam pegar fogo, e com cada respiração mais difícil do que a anterior, eu mal podia esperar para fazer de novo. A dor valeu o medo de falhar ou de me machucar. Eu desejei algo, corri os riscos e mergulhei de cabeça.

E com esse último pensamento em minha mente, segurei a mão de Will quando cruzamos a linha de chegada juntos.

Vinte

Alguns metros depois da linha de chegada, Hanna andava em pequenos círculos, então se abaixou e apoiou as mãos nos joelhos.

– Nossa – ela ofegava, olhando para o chão. – Eu me sinto incrível. Isso foi *incrível*.

Voluntários nos entregaram barrinhas de cereais e garrafas de Gatorade, que bebemos de uma vez. Eu estava tão orgulhoso dela que não me contive: eu a puxei para um abraço suado e sem fôlego, beijando o topo de sua cabeça.

– Você foi incrível – e fechei meus olhos, mergulhando meu rosto em seus cabelos. – Hanna, estou muito orgulhoso de você.

Ela congelou em meus braços e então deslizou as mãos ao redor do meu corpo, simplesmente me abraçando de volta, com o rosto em meu pescoço. Eu podia sentir sua respiração, podia sentir suas mãos tremendo contra mim. Por alguma razão, achei que aquilo não era apenas por causa da adrenalina da corrida.

E então, eu sussurrei:

– É melhor arrumarmos nossas coisas.

Oscilei tanto entre estar confiante e estar devastado durante toda a semana que agora que estava com ela eu não queria mais perdê-la de vista. Começamos a andar de volta para as tendas; com a corrida serpenteando pelo Central Park, a linha de chegada ficava a poucos quarteirões do começo. Fiquei ouvindo sua respiração e observando seus pés enquanto andava. Ela estava obviamente exausta.

– Imagino que você já sabe sobre a Sara – ela disse, olhando para baixo e mexendo em seu número da corrida. Ela descolou o papel e olhou para ele.

– Pois é – eu disse, sorrindo. – É incrível.

– Encontrei com ela na noite passada. Ela está tão aninada.

– Conversei com Max na terça-feira – e engoli em seco, sentindo um nervosismo repentino. Ao meu lado, Hanna hesitou por um segundo. – Saí com os caras naquela noite. Ele estava com a esperada expressão de alegria e medo no rosto.

Ela soltou uma leve risada, genuína. *Droga*, eu sentia tanta falta disso.

– O que você vai fazer agora? – perguntei, abaixando para fazê-la olhar para mim.

E quando olhou, lá estava, aquele *algo mais* que eu sabia que não tinha imaginado no último fim de semana. Eu ainda podia senti-la deslizando sobre mim naquele quarto escuro, ainda podia ouvi-la implorando num sussurro: “Não me machuque”.

Foi a segunda vez que ela me disse isso, mas, no fim, quem se machucou fui eu.

Ela deu de ombros e desviou os olhos, caminhando pela densa multidão enquanto alcançávamos as tendas da linha de partida. Um pânico começou a surgir em meu peito; eu ainda não estava pronto para me despedir.

– Provavelmente vou para casa, tomar um banho e almoçar – ela franziu as sobrancelhas. – Ou almoçar no caminho. Acho que não tem nada comestível na minha cozinha.

– Velhos hábitos custam a morrer – eu disse ironicamente.

Ela fez uma careta culpada.

– Pois é. Fiquei mergulhada no laboratório a semana inteira. Sabe como é... precisava de uma boa distração.

Minhas palavras saíram apressadas com minha falta de ar:

– A gente podia almoçar juntos, eu tenho ingredientes para sanduíches, ou saladas. Você podia voltar comigo para meu apartamento e... – Hanna parou de andar e se virou para me encarar, com uma expressão de surpresa e então... pareceu aceitar o convite.

Piscando várias vezes, senti meu peito se apertar. Tentei segurar a impossível esperança que subia por minha garganta.

– O que foi? – eu perguntei, soando mais irritado do que pretendia. – Por que está olhando para mim desse jeito?

Sorrindo, ela disse:

– Você provavelmente é o único homem que conheço que mantém sua geladeira tão bem abastecida.

Senti minhas sobrancelhas se juntarem em confusão. Foi isso que a fez parar e me olhar desse jeito? Coçando minha nuca, eu murmurei:

– Tento manter coisas saudáveis em casa para não ter que sair e comer porcarias.

Ela se aproximou até o ponto onde pude sentir um fio de seu cabelo raspar em meu pescoço com o vento. Perto o bastante para sentir o cheiro suave de seu suor e lembrar o quanto foi incrível fazê-la suar desse jeito. Baixei meus olhos para seus lábios, querendo tanto beijá-la que até fazia minha pele doer.

– Eu acho você incrível, Will – ela disse, lambendo os lábios debaixo da

pressão da minha atenção. – E pare de me olhar desse jeito. Só posso aguentar ficar perto de você até certo ponto.

Antes que eu pudesse processar tudo isso, ela se virou e andou em direção à tenda das mulheres para pegar suas coisas. Atordoado, fui para a direção oposta pegar minhas chaves, minhas meias extras e a papelada que enfiei em minha jaqueta. Quando voltei, ela estava esperando por mim, carregando uma pequena bolsa esportiva.

– Então – comecei a dizer, tentando manter distância. – Você vem comigo?

– Eu realmente deveria tomar um banho... – ela disse, olhando para a rua atrás de mim que levava para seu prédio.

– Você pode tomar banho no meu apartamento...

Não me importei se isso soou estranho. Eu não a deixaria escapar. Eu sentia sua falta. As noites eram insuportáveis, mas as manhãs eram ainda piores. Sentia falta de sua conversa sem fôlego e a maneira como eventualmente ela sincronizava com o ritmo de nossos pés na calçada.

– E emprestar umas roupas limpas? – ela perguntou, mostrando um sorriso malicioso.

Concordei sem hesitar.

– Sim.

Seu sorriso diminuiu quando ela percebeu que eu estava falando sério.

– Venha comigo, Hanna. Apenas para almoçar. Eu prometo.

Bloqueando o sol com a mão sobre a testa, ela estudou meu rosto por um momento.

– Tem certeza?

Em vez de responder, eu inclinei minha cabeça e me virei para começar a andar. Ela entrou no ritmo ao meu lado, e a cada vez que nossos dedos acidentalmente se tocavam, eu quis segurar sua mão e puxá-la para a árvore mais próxima.

Nos últimos poucos minutos a velha Hanna brincalhona esteve de volta, mas a Hanna silenciosa reapareceu enquanto andávamos pelos dez quarteirões de volta ao meu prédio. Segurei a porta quando entramos, passei por ela para apertar o botão do elevador e então fiquei ao seu lado perto o bastante para sentir o contato de nossos braços enquanto esperávamos. Por três vezes ouvi sua respiração interrompida quando fazia menção de olhar para mim, mas então desviava os olhos no último momento, olhando para os sapatos, para as unhas, para a porta do elevador. Em qualquer lugar, menos em meu rosto.

Já em meu apartamento, minha cozinha espaçosa parecia encolher sob a tensão entre nós, causada pelos resquícios de nossa horrível conversa na terça à noite, as centenas de coisas não ditas hoje e a atração latente que sempre estava

presente. Entreguei a ela um Powerade azul, pois era meu favorito, e enchi um copo com água para mim, virando-me para observar seus lábios, sua garganta, sua mão envolvendo a garrafa enquanto tomava um longo gole.

Você é linda demais, eu não disse.

Eu te amo tanto, eu não disse.

Quando baixou a garrafa no balcão, sua expressão estava repleta de todas as coisas que ela também não estava dizendo. Eu sabia que estavam lá, mas não tinha ideia do que essas coisas poderiam ser.

Enquanto nos reidratávamos em silêncio, eu não conseguia parar de tentar olhar para seu corpo discretamente. Mas essa discricção era em vão. Eu podia ver seus lábios se curvando num sorriso de quem sabe que está sendo observada. Meus olhos se moveram de seu rosto para o queixo, descendo para a pele ainda úmida em seu peito, onde o contorno dos seios era visível debaixo do sutiã esportivo... ah, *merda*. Até agora eu consegui não olhar diretamente para seu peito, mas de repente senti um desejo familiar se espalhar por mim. Seus seios eram meu lugar favorito: eu queria sentar e pressionar meu rosto ali.

Soltei um grunhido e esfreguei meus olhos. Convidá-la até aqui foi uma péssima ideia. Eu queria tirar sua roupa, ainda suada, e sentir o deslizar de seu corpo sobre mim.

Quando apontei para o banheiro e perguntei se ela queria tomar banho primeiro, Hanna inclinou a cabeça, sorriu e perguntou:

– Você estava olhando para os meus peitos?

E por causa da familiaridade, do conforto e da maldita *intimidade* da pergunta, senti uma raiva fervendo em meu sangue.

– Hanna, não comece. Não seja a garota que mexe com a cabeça dos outros. Não faz nem uma semana que você me deu um fora.

Eu não esperava que fosse soar desse jeito, e no meio da cozinha silenciosa meu tom de voz raivoso ecoou entre nós.

Ela ficou branca, parecendo devastada.

– Desculpa – ela sussurrou.

– Merda – eu gemi e apertei novamente os olhos. – Não peça desculpas, apenas não... – abri os olhos para olhar em seu rosto. – Não brinque comigo.

– Não estou tentando brincar – ela disse, com a voz quase falhando. – Desculpe por desaparecer nesses últimos dias. Desculpe ter agido de um jeito tão horrível. Eu pensei que...

Puxei um banco e sentei. Correr uma meia-maratona não me deixava exausto tanto quanto isto. Meu amor por ela era uma coisa pesada, pulsante, *viva*, e me deixava maluco, ansioso, faminto. Eu odiava vê-la estressada e assustada. Eu odiava vê-la nervosa e com raiva, mas pior do que isso era saber que ela possuía

o poder de partir meu coração e tinha pouca experiência em ser cuidadosa sobre isso. Eu estava totalmente à sua desajeitada e inexperiente mercê.

– Sinto sua falta – ela disse.

Meu peito se apertou.

– Eu também sinto tanto a sua falta, Hanna. Você não tem ideia. Mas ouvi o que você disse na terça-feira. Se você não quer isto, então precisamos achar uma maneira de voltarmos a ser amigos. Perguntar se estou olhando para seus peitos não ajuda a superarmos isso.

– Desculpa – ela repetiu. – Will...

Hanna começou a falar, mas as palavras se perderam e ela baixou o olhar para seus pés.

Eu precisava entender o que tinha acontecido, precisava saber a razão de tudo ter implodido tão abruptamente depois de fazermos amor de um jeito tão íntimo e selvagem apenas uma semana atrás.

– Naquela noite – comecei a dizer, e então reconsiderarei. – Não, Hanna, em *todas* as noites. Tudo sempre foi intenso entre nós. Mas naquela noite da semana passada... achei que tudo tinha mudado. Achei que *nós* mudamos. Mas, então, no dia seguinte... E na viagem de volta? Merda, nem sei dizer o que aconteceu.

Ela se aproximou, chegou tão perto que eu podia puxá-la para ficar de pé entre minhas pernas, mas não fiz isso, e suas mãos lentamente baixaram até pararem totalmente.

– O que aconteceu foi que ouvi o que você disse para o Jensen – ela disse. – Eu sabia que havia outras mulheres em sua vida, mas eu pensava que você tinha terminado com elas. Sei que evitei conversar sobre isso, e sei que não é justo eu querer isso, mas pensei que você tinha terminado com elas.

– Eu não tinha terminado oficialmente, Hanna, mas ninguém esteve em minha cama desde que você me puxou para aquele quarto e pediu para eu tocar em você. Merda, nem antes disso.

– Mas como eu deveria saber? – Hanna baixou a cabeça e ficou olhando para o chão. – Ouvir o que você falou com Jensen não era tão ruim, eu sabia que precisávamos conversar, mas daí eu vi a mensagem no carro. Apareceu quando eu estava olhando suas músicas – ela chegou mais perto, encostando as coxas nos meus joelhos. – Transamos sem camisinha na noite anterior, mas daí a mensagem apareceu e parecia como... como se você estivesse querendo se encontrar com ela logo depois. Entendi que Kitty ainda esperava poder se encontrar com você, e eu estava tentando...

– Eu não transei com ela na terça, Hanna – eu a interrompi, sentindo um pânico invadir meu sangue. – Sim, eu enviei uma mensagem para nos encontrarmos, mas era para terminar com ela pessoalmente. Não era para...

– Eu sei – ela disse, suavemente me interrompendo. – Ela me falou hoje que fazia tempo que vocês não se encontravam.

Deixei a ficha cair por um instante e depois suspirei. Não sabia se queria saber o que Kitty contou para Hanna, mas, no fim, isso não importava. Eu não tinha nada para esconder. Sim, como uma pessoa que gosta de deixar tudo sempre claro, eu deveria ter terminado com Kitty assim que disse para Hanna que queria algo mais, mas eu nunca menti para nenhuma deles, nem uma única vez. Não menti para Kitty quando disse, há tantos meses, que não queria nada mais sério. E não menti para Hanna no mês passado quando disse que queria ir além com ela, e apenas com ela.

– Eu estava apenas tentando jogar com as *suas* regras. Eu não queria falar em relacionamento sério de novo porque você tinha decidido que eu não era capaz disso em primeiro lugar.

– Eu sei – ela sussurrou. – Eu sei.

E ficamos nisso. Seus olhos encontraram os meus, esperando eu dizer... o quê? O que eu poderia dizer que já não tivesse dito antes? Já não deixei claro o suficiente?

Com um suspiro cansado, eu me levantei.

– Você quer tomar banho primeiro? – eu perguntei. As coisas estavam tão esquisitas entre nós que mesmo quando ainda éramos praticamente desconhecidos um para o outro, correndo naquela primeira manhã gelada, mesmo naquele dia eu não senti tamanha estranheza.

Ela precisou se afastar para me deixar passar.

– Não, tudo bem. Pode ir.



Liguei o chuveiro no mais quente que aguentava. Eu ainda não estava dolorido por causa da corrida – provavelmente nem sentiria nenhuma dor –, mas estressado por querer fazer amor com Hanna ao mesmo tempo em que queria estrangulá-la, e a água quente e o vapor me ajudaram a me acalmar.

Era possível que ela quisesse que as coisas voltassem como antes: com sexo, mas apenas amigos. Um conforto sem muitas expectativas. E eu a queria tanto que sabia como seria fácil cair nessa de novo e aproveitar seu corpo e sua amizade em medidas iguais, sem nunca precisar ou esperar ir além.

Mas eu não queria mais isso. Nem com ninguém, e principalmente não com ela. Passei o sabonete, fechei os olhos e senti o vapor, limpando a corrida e o suor do meu corpo. Desejando que pudesse limpar também a bagunça dentro de mim.

Ouvi o clique suave da porta do chuveiro apenas uma fração de segundo antes de sentir a rajada de ar frio atingindo minha pele. Adrenalina correu em minhas veias, bombeando em meu coração, enchendo minha cabeça com uma loucura que me deixou tonto. Apoiei a mão na parede, com medo de me virar e encará-la e sentir toda a minha determinação se esvair. Havia apenas uma fração de mim que eu sabia que resistiria. O resto daria tudo que ela pedisse.

Ela sussurrou meu nome, fechando a porta e chegando perto o bastante para eu sentir os seios pressionando em minhas costas. Sua pele estava fria, e então deslizou as mãos subindo por minhas costelas.

– Will – ela repetiu, passando as mãos em meu peito e descendo pela barriga.
– Olhe para mim.

Agarrei seus pulsos para impedi-la de continuar descendo e sentir o quanto eu estava duro com apenas esse pequeno contato. Eu me sentia um cavalo de corridas, contido apenas por uma porta frágil pronta para se abrir a qualquer momento. Os músculos em meu braço estavam tensos e flexionados; segurar seus pulsos servia tanto para eu me restringir quanto para manter suas mãos longe de mim.

Encostando minha testa na parede, fiquei parado até ter certeza de que conseguiria encarar seu rosto sem imediatamente agarrá-la em meus braços. Finalmente, eu me virei, soltando um pouco seus pulsos.

– Não posso fazer isso – sussurrei, olhando em seus olhos.

Seu cabelo estava solto, as mechas molhadas grudavam em seu rosto, pescoço, ombros. As sobrancelhas se juntavam mostrando sua confusão, e eu sabia que ela não entendia minha posição. Mas, então, ela pareceu entender, e uma onda de humilhação se espalhou em seu rosto, e ela fechou os olhos com força.

– Descul...

– Não – eu disse, interrompendo-a. – Quero dizer que não posso fazer o mesmo de antes. Não posso compartilhar você. Não posso fazer isso se você ainda quiser se encontrar com outros homens.

Hanna abriu os olhos e suavizou a expressão em seu rosto.

– Não posso culpá-la por querer experimentar – eu disse, apertando seus pulsos só de pensar nisso –, mas não vou conseguir impedir que meus sentimentos por você se tornem ainda maiores, e não vou querer fingir que somos apenas bons amigos. É muita mentira para mim. Enfim, nem mesmo com o Jensen. Sei que eu aceitaria qualquer coisa que você me oferecer, porque eu quero muito você, mas eu viveria arrasado se fosse apenas sexo para você.

– Acho que nunca foi apenas sexo para mim – ela disse.

Soltei seus pulsos, estudando seu rosto e tentando entender o que ela estava oferecendo.

– Quando você me chamou de *sua* Hanna hoje – ela começou e então parou, pressionando a mão contra meu peito. – Eu quis que fosse verdade. Eu quero ser sua.

Minha respiração se transformou num tijolo em minha garganta. Debaixo da delicada pele de seu pescoço, eu podia enxergar sua pulsação martelando.

– Quer dizer, eu *sou* sua. Isso já é fato.

Hanna ficou na ponta dos pés, com olhos arregalados enquanto cuidadosamente tomava meu lábio inferior, chupando levemente. Ela ergueu minha mão, colocou-a em seu seio e se arqueou com meu toque.

Se o que eu sentia agora fosse apenas uma fração do medo que ela sentiu esse tempo todo em que eu a machuquei, então eu repentinamente entendi porque ela passou tanto tempo afastada. Estar apaixonado dessa maneira é algo assustador.

– Por favor – ela implorou, beijando-me novamente, agarrando minha outra mão e tentando me fazer abraçá-la. – Quero tanto estar com você que mal consigo respirar direito.

– Hanna.

Eu ofeguei e me abaixei involuntariamente, oferecendo melhor acesso aos meus lábios e pescoço. Agarrei o seio e passei o polegar em seu mamilo.

– Eu te amo – ela sussurrou, beijando meu queixo e descendo pelo pescoço. Eu apertei meus olhos, sentindo meu coração martelar em meu peito.

Quando ela disse isso, minha resistência se despedaçou e eu abri a boca, grunhindo quando senti sua língua deslizando sobre a minha. Ela gemeu, arranhando meus ombros, meu pescoço, pressionando a barriga contra minha ereção.

Hanna ofegou ao sentir os azulejos frios quando eu a virei e apertei contra a parede, e então ofegou de novo quando eu me abaixei e ergui o seio até minha boca, chupando com toda a minha fome. Não é que eu tivesse perdido o medo; na verdade, ouvi-la dizer que me amava era infinitamente mais amedrontador, pois também trazia a esperança de que nós conseguiríamos de algum jeito navegar cegamente por esta elusiva *primeira vez*.

Voltei para sua boca, mergulhando nesta loucura, perdido na febre de seus beijos e sabendo sem precisar perguntar que parte da água em seu rosto não era apenas do chuveiro. Eu também sentia esse alívio redentor, seguido imediatamente pelo desejo ardente de estar dentro dela, de mexer dentro dela, de senti-la por inteiro.

Baixei minha mão e agarrei a parte de trás de suas coxas, erguendo-a até ela poder envolver minha cintura com as pernas. Senti o calor macio de seu sexo e entrei ali, pressionando lá dentro e saindo de novo, me apaixonando mais uma vez, ouvindo seus gemidos impacientes e roucos.

– Nunca fiz isto antes – murmurei contra a pele de seu pescoço. – Não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

Ela riu, mordendo meu pescoço e agarrando meus ombros com força. Lentamente, entrei dentro dela, parando quando nossos quadris se encontraram e sabendo que isto acabaria num instante. Sua cabeça caiu para trás, encostando na parede, e seu peito subia e descia com pequenas respirações entrecortadas.

– Ah, meu Deus, Will.

Tirando para fora, eu sussurrei:

– Você também sente isso?

Hanna soluçou, implorando para eu mexer, apertando contra mim tanto quanto podia, presa entre a parede e meu corpo.

– Isto não é apenas sexo – eu disse, chupando sua garganta. – Sabe, esta sensação que é tão boa que até dói? Sempre foi assim em todas as vezes que eu estive dentro de você, minha Ameixa. É o que acontece quando você faz sexo com alguém que você absolutamente *adora*.

– Alguém que você ama? – ela perguntou, com os lábios pressionados em minha orelha.

– Sim.

Entreí com tudo e tirei novamente, sabendo que eu estava tão perto que precisaria levá-la para minha cama, chupar entre suas pernas e então foder mais um pouco até nós dois desabarmos de exaustão. Era intenso demais, e assim que comecei a mexer, eu sabia que nunca me acostumaria com a sensação de estar dentro dela sem nenhuma barreira entre nós.

Eu mexia com ela, adorando seus gemidos e sussurrando um pedido de desculpas em seu pescoço.

– É intenso demais...

Aquilo era irresistível: a sensação dela me envolvendo, suas palavras, a certeza de que ela era realmente minha agora.

– Estou perto demais, minha Ameixa, não consigo...

Suas unhas arranhavam a pele em meu ombro e seus dentes mordiam minha orelha.

– Eu gosto quando você não consegue se segurar. É assim que eu sempre me sinto com você.

Com um gemido, eu parei de resistir e senti como se estivesse na beira de um penhasco...

caindo

caindo

... pressionando cada vez mais fundo e mais forte até ouvir a gentil batida de nossas coxas e suas costas na parede. Senti meu corpo se aquecer e gozei dentro

dela tão forte que meu grito de prazer ecoou pelas paredes entre nós.

Acho que nunca gozei tão rápido em minha vida, e me senti ao mesmo tempo eufórico e um pouco horrorizado.

Hanna puxava meus cabelos, silenciosamente implorando por minha boca, mas depois de apenas um pequeno beijo eu me retirei dela soltando um grunhido e caí de joelhos. Eu a abri com as mãos e tomei seu clitóris com toda a minha boca, chupando forte. Fechei os olhos e apenas aproveitei seu doce gemido e a sensação de seu sexo em minha língua. Suas pernas tremiam: afinal, ela estava exausta pela corrida e provavelmente também por causa do tratamento rude que eu a submeti contra a parede – então deslizei meus braços debaixo dela, abrindo suas pernas e erguendo as coxas até ela poder se apoiar em meus ombros, com minhas mãos segurando sua bunda.

Hanna soltou um grito procurando por algum apoio até finalmente agarrar minha cabeça entre as coxas e segurar meus cabelos, olhando fascinada para mim enquanto eu a chupava.

– Estou muito perto – sua voz falhava e as mãos tremiam.

Eu gemi e sorri para ela, movendo minha cabeça lentamente de cima a baixo enquanto chupava. Nunca fiz isso antes e senti que estava *amando* alguém de verdade, fazendo amor de todo jeito possível. Meu peito se aqueceu intensamente quando algo me ocorreu: isto era nosso começo. Exatamente aqui, parcialmente escondidos pelo vapor d'água, era onde deixávamos tudo muito claro para nós dois.

Pude ver o momento quando ela começou a gozar, com a vermelhidão subindo por seu peito e alcançando o rosto bem quando seus lábios se separaram num suspiro afogado.

Nunca vou me cansar disso. Nunca vou me cansar *dela*. Com o prazer mais possessivo que já senti, observei enquanto seu orgasmo retumbava por seu corpo, provocando um grito agudo em sua garganta.

Parando quando suas coxas relaxaram, eu cuidadosamente a coloquei de volta ao chão com suas pernas trêmulas. Eu me levantei e olhei em seu rosto por um momento, até que ela envolveu meu pescoço e se esticou para me abraçar.

Seu corpo estava macio e quente. Molhada com a água aquecida, ela parecia se derreter em meus braços.

E tudo era tão diferente. Nunca foi assim – como se eu estivesse completamente conectado a ela –, mesmo quando estávamos em nossos momentos mais íntimos como “apenas amigos”.

Aqui, ela era, enfim, minha.

– Eu te amo – sussurrei em seus cabelos antes de esticar o braço e pegar o sabonete. Cuidadosamente, lavi cada pedaço do seu corpo, seus cabelos e a

delicada pele entre suas pernas. Lavei meu orgasmo de seu corpo e beijei seu queixo, suas pálpebras e seus lábios.

Sáímos do chuveiro e eu a embrulhei numa toalha antes de envolver minha cintura com outra. Eu a conduzi até o quarto, coloquei-a na beira da cama e sequei seu corpo, antes de deitá-la carinhosamente no colchão.

– Vou trazer algo para você comer.

– Vou com você.

Ela lutou contra meus braços e tentou se sentar, mas eu balancei a cabeça e me abaixei para chupar seu mamilo.

– Apenas fique aqui e relaxe – sussurrei contra sua pele. – Quero manter você aqui na cama por toda a noite, então é melhor você comer algo antes.

Água pingou dos meus cabelos molhados em sua pele nua, e Hanna ofegou, com olhos arregalados e as pupilas negras dilatadas apagando o cinza de sua íris. Ela deslizou a mão até meus ombros, tentando me puxar para baixo, e *merda*, eu estava pronto para outra... mas precisávamos de comida. Eu já estava começando a sentir tonturas.

– Vou preparar alguma coisa rápida.



Comemos sanduíches, sentados nus na cama, e depois conversamos por horas sobre a corrida, sobre o fim de semana com seus pais, e finalmente sobre como foi quando nós dois pensamos que tudo estava acabado.

Nós fizemos amor até o sol se pôr lá fora, e depois dormimos, acordando no meio da noite famintos por mais. E então foi selvagem, intenso e exatamente como sempre foi quando tudo ia bem entre nós: foi honesto.

No momento, eu estava saciado, então estiquei o braço para pegar uma caneta no criado-mudo. Voltando para seu lado, desenhei a tatuagem de volta em seu quadril – “Raridades para os raros” –, com esperança de que eu pudesse ser aquilo que Hanna merecia: uma raridade, um animal domado, um jogador reabilitado.

Epílogo

A aeromoça passou por nós fechando os compartimentos de bagagem acima dos assentos antes de se abaixar e perguntar:

– Suco de laranja ou café?

Will pediu café. Eu balancei a cabeça com um sorriso.

Ele bateu em meu joelho e esticou a palma da mão.

– Me dê seu celular.

Eu entreguei, mas reclamei mesmo assim:

– Por que eu preciso disso? Vou dormir durante o voo inteiro.

Nunca mais o deixaria marcar um voo às seis da manhã de Nova York para a Costa Oeste.

Will me ignorou, digitando um código no navegador do meu celular.

– Se você não percebeu, eu estou com sono. *Alguém* me deixou acordada a noite inteira – eu sussurrei, usando seu ombro como travesseiro.

Ele parou o que estava fazendo e me jogou um olhar malicioso.

– Tem certeza de que foi isso que aconteceu?

Senti uma adrenalina descer do meu peito para minha barriga até chegar entre minhas pernas.

– Sim.

– Você não chegou do trabalho, digamos... um pouco excitada demais?

– Não – eu menti.

Sua sobrancelha se ergueu e um sorriso apareceu no canto da boca.

– E você não interrompeu minha preparação do jantar romântico que eu estava planejando?

– Quem, eu? Imagina.

– E não foi você quem me puxou para o sofá e pediu para eu “fazer aquela coisa com a boca”?

Segurei minha mão na frente do peito.

– Eu *nunca* faria isso.

– Então não foi você quem ignorou o cheiro delicioso vindo da cozinha e me

puxou para o quarto e pediu para eu fazer umas coisas muito, *muito* safadas?

Fechei os olhos quando ele aproximou o rosto e raspou os dentes em meu queixo, murmurando:

– Eu amo tanto você, minha doce e safada Ameixa.

Imagens da noite anterior me fizeram cair novamente naquele lugar faminto e ansioso onde eu praticamente vivia sempre que estava ao lado de Will. Lembrei de suas mãos rudes, sua voz dominante dizendo exatamente o que queria. Lembrei-me daquelas mãos agarrando meus cabelos, seu corpo se movendo por cima do meu por horas, sua voz finalmente falhando e implorando por meus dentes, minhas unhas. Lembrei-me de seu peso desabando sobre mim, suado e exausto e adormecendo quase instantaneamente.

– Talvez tenha sido eu – admiti. – Trabalhei o dia inteiro presa na sala esterilizada, então tive tempo o bastante para pensar nessa sua boquinha mágica.

Ele me beijou e então voltou para meu celular, sorrindo ao terminar o que estava fazendo e me entregando de volta.

– Tudo certo.

– Vou dormir mesmo assim.

– Bom, pelo menos se Chloe precisar de você, seu celular estará funcionando.

Olhei para ele, confusa.

– Por que ela precisaria de mim? Não estou ajudando no casamento.

– Você não conhece Chloe? Ela é tipo um temível general que poderia te convocar a qualquer momento – ele disse, segurando a parte de trás do pescoço do jeito que sempre fazia quando estava desconfortável. – Mas, enfim. Durma sossegada.

– Estou com um pressentimento sobre esta viagem – murmurei, recostando em seu ombro. – Quase como uma premonição.

– Quem diria que você é uma vidente? – ele disse, irônico.

– É sério. Eu acho que vai ser incrível, mas também sinto que estamos neste tubo de aço gigante voando em direção a uma semana completamente insana.

– Tecnicamente, aviões são feitos de uma liga de alumínio – Will olhou para mim, beijou meu nariz e sussurrou: – Mas disso você já sabia.

– E você? Já sentiu algum pressentimento sobre alguma coisa?

Ele confirmou e me beijou de novo.

– Uma ou duas vezes.

Olhei para seu rosto e os familiares cílios pretos e olhos azuis escuros, a barba por fazer, mesmo sendo de manhã, e o sorriso bobo que ele não tirou do rosto desde que eu o acordei, *de novo*, quatro horas atrás com minha boca em seu pau.

– Você está se sentindo emotivo, Dr. Sumner?

Ele deu de ombros e piscou, tentando disfarçar o brilho apaixonado em seus

olhos.

– Estou apenas animado por sair de férias com você. Animado com o casamento. Animado por nosso grupinho ganhar um bebê.

– Tenho uma pergunta sobre uma regra – sussurrei.

Ele aproximou o rosto como se fosse ouvir um segredo e sussurrou:

– Não sou mais o seu professor de relacionamentos. Não existem mais regras, exceto aquela que diz que nenhum outro cara pode tocar em você.

– Mesmo assim. Você é especialista nessas coisas.

Com um sorriso, ele murmurou:

– Certo. Manda.

– Nós estamos juntos apenas por dois meses e...

– Quatro – ele corrigiu, sempre insistindo que eu era dele desde nossa primeira corrida.

– Que seja. Quatro meses. Você acha de bom tom ouvir depois de quatro meses que eu acho que você é meu para sempre?

Seu sorriso diminuiu e seus olhos percorreram meu rosto de uma maneira que parecia um carinho. Ele me beijou uma vez, depois beijou novamente.

– Eu acho de *extremo* bom tom – Will permaneceu olhando para mim por um bom tempo. – Agora durma, minha Ameixa.



Meu celular vibrou em meu colo, e eu acordei assustada. Eu me endireitei no assento e pisquei para a tela, onde uma mensagem de Will aparecia. Ao meu lado, eu quase podia sentir seu sorriso.

Li a mensagem: O que você está vestindo?

Apertei meus olhos ainda sonolenta enquanto digitava.

Uma saia, sem calcinha. Mas não tenha nenhuma ideia brilhante, ainda estou um pouco dolorida por causa do que meu namorado fez na noite passada.

Ele fez um som solidário ao meu lado.

Aquele bruto.

Por que você está enviando mensagens para mim?

Will balançou a cabeça ao meu lado, suspirando de um jeito exagerado.

Porque eu posso. Porque a tecnologia moderna é incrível. Porque estamos a 30 mil pés de altitude e a civilização progrediu ao ponto que eu posso transmitir a você uma proposta obscena a

partir de um satélite no espaço em um “tubo de aço” voador.

Virei para olhar em seu rosto, erguendo minhas sobrancelhas.

– Você me acordou para perguntar o que eu estou vestindo?

Ele balançou a cabeça e continuou digitando. Em meu colo, meu celular vibrou de novo.

Eu te amo.

– Eu também te amo – eu disse. – Estou bem aqui, seu nerd. Não vou digitar uma resposta.

Ele sorriu, mas continuou digitando.

Você também é minha para sempre.

Fiquei olhando para o celular, com meu peito de repente tão apertado que eu mal conseguia respirar. Ergui o braço e ajustei a corrente de ar acima de nós.

E talvez eu peça você em casamento num futuro muito próximo.

Meus olhos grudaram na tela, lendo a mensagem várias e várias vezes seguidas.

– Certo – eu sussurrei.

Então me avise se você não for aceitar, pois estou levemente aterrorizado.

Eu me aninhei em seu ombro, e ele guardou o celular, segurando minha mão.

– Não fique – sussurrei. – A gente consegue fazer isso sem problemas.

Agradecimentos

Quando começamos a trabalhar neste livro, nós apenas conhecíamos nosso editor, Adam Wilson, por oito meses, mas juntos já tínhamos lançado dois livros (o *Cretino* e o *Estranho*), com mais quatro marcados para o mesmo ano. Esse tipo de cronograma para uma combinação tão recente de autor-editor é um pouco como um acampamento de verão: os dias são malucos e passam como um borrão na sua frente, e as pessoas não têm o luxo de irem se conhecendo aos poucos. Assim como com tudo na vida, às vezes essas experiências intensas funcionam, às vezes não, mas com Adam nós tivemos muita sorte. Quando finalmente nos encontramos em julho, soubemos imediatamente: ele é *nosso tipo de gente* e tão maluco quanto nós (ou finge muito bem que é, pois enviamos *cupcakes* tanto reais quanto metafóricos para ele). Trabalhar com ele tem sido uma das melhores experiências que nós duas já tivemos em todos os tempos, e mal podemos esperar para ver o que vamos fazer em seguida.

Quando começamos o processo de encontrar uma editora, nós lemos centenas de blogs que falavam sobre a importância de encontrar um agente que se identifique com você. A questão não é apenas encontrar um agente, mas encontrar o agente certo. E na verdade, Holly Root não é apenas a agente certa para nós, ela é também uma das melhores pessoas que já encontramos. Sem ela, estes livros nunca encontrariam a casa perfeita na Gallery, ou o editor perfeito, Adam. Ela ainda diz que, desde a primeira vez que falou com ele sobre o projeto, soube que seria o par perfeito para nós. É esse tipo de relacionamento que nos faz sentir eternamente gratas.

Mas também foi o envolvimento de nossas leitoras beta – Erin, Martha, Tonya, Gretchen, Myra, Anne, Kellie, Katy e Monica – que nos fez perceber que o processo de escrita é muito mais do que apenas colocar palavras no papel: é também encontrar a comunidade de pessoas que vai ajudar a combater a loucura nos dias difíceis, e vai celebrar com você nos bons dias. Se você já enviou seu trabalho para alguém ler, sabe como essa experiência pode ser vulnerável, e para cada uma de nossas leitoras que nos ajudaram com os livros *Irresistíveis*, obrigada por equilibrar tão perfeitamente as críticas e os elogios. E pedimos desculpas por matar alguns de seus neurônios. Anne, obrigada pelas ótimas

referências a Nietzsche e pela incrível citação dele. Jen, obrigada um milhão de vezes pela divulgação e a torcida. Lauren, obrigada para sempre por cuidar das mídias sociais e por ficar animada com cada capa, trecho e e-mail. Nós amamos todas vocês.

Vamos construir um monumento ereto (há! “ereto”...) em honra de nossa fabulosa casa na S&S/Gallery Books. OBRIGADA Carolyn Reidy, Louise Burke, Jen Bergstrom, Liz Psaltis, o maravilhoso departamento de arte, Kristin Dwyer (logo vamos sequestrar você), Jean Anne Rose, Ellen Chan, Natalie Ebel, Lauren McKenna, Stephanie DeLuca e, claro, Ed Schlesinger, por rir das piadas da Hanna. Vocês nos fazem sentirmos parte de uma família. Nós já estamos merecendo um sofá-cama no escritório, vocês não acham?

Escrever não é um emprego em que você trabalha das nove às dezoito horas, de segunda à sexta. É um trabalho que você faz em todos os minutos acordado, e também é um trabalho escravo da inspiração, então, se você estiver sem tempo (típico), mas com um monte de ideias na cabeça, você deve parar tudo que estiver fazendo para colocar esses pensamentos no papel antes que eles desapareçam. Às vezes isso significa sair correndo da frente do fogão para o computador, e às vezes significa que o maridão vai levar sozinho as crianças para o zoológico para que a mamãe consiga trabalhar um pouco. Mas, enfim, escrever é um processo que requer muita paciência e apoio de todos na vida do escritor, e por isso nós olhamos com coraçõezinhos nos olhos para os amores de nossas vidas: Keith e Ryan. E nossos filhos: Bear, Cutest e Ninja, esperamos que um dia vocês entendam o quanto foram pacientes, e o quanto essa paciência permite agora que passemos muito mais tempo juntos. Obrigada a nossas famílias e amigos por aturarem nossa loucura: Erin, Jenn, Tawna, Jess, Joie, Veena, Ian e Jamie.

E por último, mas com certeza não menos importante, escrever estas histórias não significaria nada sem as maravilhosas pessoas que as leem. Até hoje não acreditamos quando alguém nos diz que ficou acordada a noite toda lendo, ou fingiu ficar doente para poder passar algumas horas trancada no banheiro porque não conseguia parar de ler. Seu apoio e encorajamento significam mais para nós do que poderíamos colocar em palavras. Obrigada. Obrigada por continuar a comprar nossos livros, por amar nossos personagens tanto quanto nós amamos, por compartilhar nosso senso de humor e nossa mente suja, e obrigada por cada tuíte, e-mail, comentário, análise e abraço. Esperamos poder um dia abraçar cada uma de vocês.

Bennett gostaria de ver cada uma de vocês em seu escritório.

Lo, você é muito mais do que uma coautora, você é minha melhor amiga, a lua em minha vida, o chocolate do meu... você já sabe onde quero chegar. Amo

you more than the combination of all the *boy band*, *glitter* and *gloss* that exist.

PQ, you are so beautiful today! I love you, despite making me wet my pants from laughing. In truth, I love you more than I love Excel, GraphPad and SPSS combined. Your necklace is itching?



CHRISTINA
LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES COM A
SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

Noiva
IRRESISTÍVEL

O CASAMENTO DE CHLOE COM O CRETINO IRRESISTÍVEL
NUNCA ESTEVE TÃO PRÓXIMO

UNIVERSO DOS LIVROS

A black and white photograph of a woman in a wedding dress, looking down. She is wearing a floral headband and holding a bouquet of flowers. The background is a solid light blue.

**CHRISTINA
LAUREN**

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES COM A
SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

Noiva **IRRESISTÍVEL**

O CASAMENTO DE CHLOE COM O CRETINO IRRESISTÍVEL
NUNCA ESTEVE TÃO PRÓXIMO

UNIVERSO DOS LIVROS

***noiva* IRRESISTÍVEL**

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

CHRISTINA LAUREN

noiva **IRRESISTÍVEL**

São Paulo
2014


UNIVERSO DOS LIVROS

Portuguese Language Translation copyright © 2014 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful Beginning

Copyright © 2013 by Lauren Billings and Christina Hobbs
All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher, Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

© 2014 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editores-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Nathália Fernandes, Rafael Duarte e Raíça Augusto**

Tradução: **Felipe CF Vieira**

Preparação: **Marina Constantino**

Revisão: **Viviane Zeppelini**

Direção de arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Fine Design**

Foto: **David Cervan/Getty**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412n

Lauren, Christina
Noiva irresistível / Christina Lauren; tradução de Felipe CF Vieira.
– São Paulo : Universo dos Livros, 2014. (*Beautiful Bastard*, 6).
160 p.

ISBN: 978-85-7930-721-8
Título original: *Beautiful Begining*

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção I. Título II.
Vieira, Felipe CF

14-0241

CDD 813.6

Para nossas colegas de *fanfic* – cada uma de vocês – e para as histórias reais que vocês compartilharam. Começamos a escrever porque era algo que precisávamos fazer, mas continuamos por causa de vocês.

C & Lo

Um

– Estou prestes a assassinar alguém – eu disse, empurrando minha parte do trabalho para longe. Bennett nem se dignou a olhar para mim, então acrescentei:
– E por *alguém*, quero dizer *você*.

Pelo menos isso arrancou um sorrisinho do rosto dele. Mas eu sabia que, mesmo depois de uma hora, ele continuava no modo “preparativos do casamento” e não pararia de trabalhar roboticamente até que a pilha inteira de papel-cartão desaparecesse. Nossa normalmente imaculada mesa de jantar estava repleta de programas de casamento. Na minha frente, Bennett dobrava metodicamente cada um antes de passar para a pilha dos “terminados”.

Era um processo simples:

Dobrar, mover.

Dobrar, mover.

Dobrar, mover.

Dobrar, mover.

Mas eu estava ficando maluca. Nosso voo para San Diego sairia às seis horas na manhã seguinte, e nossas malas estavam todas prontas, com exceção dos quatrocentos programas de casamento que precisávamos dobrar. Soltei um gemido quando me lembrei de que, *além disso*, precisávamos amarrar quinhentas fitinhas azuis em quinhentos saquinhos cheios de doces.

– Sabe o que poderia melhorar muito esta noite? – perguntei.

Seus olhos castanhos olharam para mim por uma fração de segundo antes de voltarem para os programas.

Dobrar, mover.

– Uma mordaca? – ele sugeriu.

– Engraçadinho – eu disse, mostrando o dedo do meio. – Não. O que faria esta noite muito melhor seria entrar num avião para Las Vegas, casar por lá mesmo e depois transar a noite inteira numa cama gigante de hotel.

Ele não respondeu, nem mesmo com um sorrisinho. Certo, certo, admito que provavelmente tinha repetido isso um milhão de vezes nos últimos meses.

– Então tá – respondi para o silêncio dele. – Mas estou falando sério. Ainda não é tarde demais para largar tudo isso e fugir para Las Vegas.

Ele parou um instante para coçar o queixo, depois voltou a dobrar um programa.

– Claro que não é tarde demais, Chloe.

Eu estava só brincando – ou nem tanto – até aquele momento, mas suas palavras realmente me irritaram. Bati na mesa de jantar e ele me olhou por um segundo novamente antes de, adivinhe, voltar a dobrar os papéis.

– Não fale comigo como se eu fosse uma idiota, Ryan.

– Certo. Pode deixar.

Apontei o dedo para ele.

– *Desse jeito.*

Meu noivo me deu um olhar seco, depois piscou.

Maldita piscadela sexy. Minha raiva se dissipou e em seu lugar surgiu uma pontada de desejo. Ele estava me ignorando e me tratando como uma idiota. E eu estava sendo uma cretina.

Era o cenário perfeito para eu ter vários e vários orgasmos.

Olhei em seus olhos e mordi os lábios. Ele vestia uma camiseta azul-escura velha, com o colarinho já todo desgastado e – embora não conseguisse ver – eu sabia que havia um pequeno furo logo acima da barra por onde meu dedo entrava direitinho para sentir a pele quente de seu abdômen. Ele havia usado a mesma camiseta na semana anterior, e eu pedira para que ele continuasse com ela enquanto me comia encostada na pia do banheiro, só para que eu tivesse algo para agarrar.

Me ajeitei na cadeira para aliviar um pouco o formigamento entre minhas pernas.

– Cama ou chão. Você escolhe – fiquei olhando para Bennett enquanto ele permanecia impassível, depois acrescentei num sussurro: – Ou você prefere que eu engatinhe debaixo da mesa para chupar você primeiro?

Deixando escapar um sorrisinho, Bennett respondeu:

– Você não vai se livrar de ajudar nas preparações do casamento usando sexo.

Parei de me insinuar e disse:

– Que tipo de homem diz uma coisa dessas? Você já não é mais o mesmo.

E então ele me deu um olhar sombrio e faminto.

– Juro que ainda sou o mesmo. Só quero terminar isso logo para depois me concentrar em comer você até dizer chega.

– Faça isso *agora* – exclamei, levantando da cadeira e andando até ele.

Deslizei os dedos entre seus cabelos e os puxei. Senti a adrenalina em minhas veias quando os olhos de Bennett se fecharam e ele segurou um gemido. – Onde está todo o dinheiro que você fala que tem? Por que não contratamos alguém para fazer isso?

Rindo, ele agarrou meu pulso e tirou meus dedos de sua cabeça. Após beijar minha mão, ele deliberadamente a reposicionou ao lado da minha cintura.

– Você quer contratar alguém para *dobrar programas* na última noite antes de irmos para San Diego?

– Sim! Daí podemos transar!

– Mas não é legal assim também? Apenas desfrutando da companhia um do outro – ele disse, depois ergueu a taça de vinho para tomar um gole de um jeito dramático – e conversando como os noivos felizes que somos?

Fiquei encarando seu rosto e sacudindo a cabeça com sua tentativa de fazer eu me sentir culpada.

– Eu ofereci sexo. Ofereci sexo quente e selvagem no *chão*. E ofereci uma chupada. Você quer dobrar *papel*. Quem é o estragaprazeres aqui?

Ele ignorou minha pergunta e começou a olhar um dos programas.

– Frederick Mills – ele leu, e eu comecei a tirar minha camiseta –, com Elliott e Susan Ryan agradecem sua presença no casamento de seus filhos, Chloe Caroline Mills e Bennett James Ryan.

– Sim, sim, é tão romântico – sussurrei. – Venha aqui e passe a mão em mim.

– Celebrado pelo ilustre ministro James Marsters.

– Até parece – suspirei e deixei a camiseta cair no chão antes de começar a baixar minha calça. – Vou fingir que é o Spike quem vai fazer a cerimônia, e não aquele velho hilário e demente que encontramos em novembro.

– O ministro James Marsters casou os meus pais há mais de trinta anos – Bennett me repreendeu levemente. – Isso é importante para mim. O fato de ele ter esquecido de fechar o zíper é um lapso que poderia acontecer com qualquer um.

– Três vezes?

– Chloe.

– Tá bom – eu me senti um pouco culpada por fazer piada disso, e por um minuto fiquei quieta, deixando minha memória revisitar nosso encontro com aquele senhor. Ele nos encontrara quando fomos visitar o local do casamento pela primeira vez e tinha conseguido se perder nas três vezes que foi ao banheiro, voltando com a braguilha aberta em cada uma delas. – Mas você acha que ele vai se lembrar dos nossos no...

Bennett me interrompeu com um olhar duro antes de perceber que eu estava apenas de calcinha e sutiã, então sua expressão mudou completamente.

– Eu estava apenas dizendo – comecei a falar enquanto levava as mãos até as costas para abrir o sutiã – que seria pelo menos um *pouco* engraçado se ele se esquecesse do que estava fazendo no meio da cerimônia.

Ele conseguiu voltar a atenção para sua tarefa antes de os meus seios

aparecerem, então dobrou o próximo programa passando o polegar com força no papel.

– Você está sendo uma cretina agora.

– Eu sei. E não me importo.

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou para mim.

– Estamos quase acabando.

Eu contive minha resposta, pois queria dizer que dobrar programas era o menor de nossos problemas; a próxima semana, com nossas famílias juntas, tinha potencial para ser um desastre de proporções bíblicas, e transar agora mesmo não seria muito melhor do que ficar se preocupando com isso? Só meu pai e suas duas irmãs malucas já conseguiam nos enlouquecer, mas acrescenta a família do Bennett, o Max e o Will, então teríamos sorte de sairmos de lá sem um ou dois boletins de ocorrência.

Ao invés de dizer isso, eu apenas sussurrei:

– Só uma rapidinha? Podemos fazer uma pausa?

Ele se inclinou para frente, respirando entre meus seios antes de se mover para o lado e beijar meu peito esquerdo até chegar ao mamilo.

– Quando eu começo algo, não gosto de parar.

– Você não gosta de interrupções, eu não gosto de esperar para gozar. Quem de nós você acha que ganha?

Bennett passou a língua sobre o meu mamilo, depois chupou forte enquanto suas mãos circularam minha cintura, agarraram minha calcinha e a rasgaram com só um puxão.

Uma centelha de divertimento acendeu seus olhos quando ele olhou para mim enquanto chupava o outro mamilo e seus dedos roçavam a junção entre meu quadril e minha coxa.

– Pelo jeito, minha linda noivinha, você vai conseguir o que quer, como sempre, e eu vou terminar de dobrar os programas mais tarde, quando você estiver na cama dormindo como um anjinho travesso.

Agarrando seus cabelos, eu sussurrei:

– Não se esqueça de amarrar os saquinhos de doce.

Ele riu levemente.

– Não vou esquecer.

E então aquela sensação me atingiu novamente: eu o *amava* loucamente. Amava cada centímetro dele, cada emoção que passava por seus olhos, cada pensamento que eu sabia que estava em sua mente, mas que ele não dizia em voz alta:

Primeiro, fui eu quem insistiu para que nós mesmos fizéssemos o máximo possível dos preparativos.

Segundo, fui eu quem assegurou não ter problema que cada parente distante nesse planeta conseguisse um lugarzinho no casamento.

Terceiro, eu nunca, jamais, desistiria da oportunidade de usar meu vestido de noiva no litoral de Coronado.

Mas ao invés de apontar o óbvio – que era ele quem estava levando tudo na esportiva, não eu, e que apesar da minha cretinice eu nunca ficaria satisfeita com um casamento rápido em Las Vegas –, ele se levantou e se virou em direção ao quarto.

– Certo. Você venceu. Mas esta é a última noite em que vou comer você antes do casamento.

Fiquei tão excitada pela parte de “ser comida” que só depois que ele havia desaparecido no corredor minha ficha caiu em relação ao resto da frase.



Bennett já estava se despindo quando me juntei a ele no quarto; fiquei olhando enquanto ele desabotoava a calça e a tirava com a cueca. Ele agarrou a barra da camiseta, com as sobancelhas levantadas numa pergunta silenciosa – *vai ficar aí só olhando?* – antes de a tirar completamente. Andou até nossa cama, deitou-se de costas, olhou para mim.

– Vem logo – ele disse num rosnado baixo.

Eu me aproximei, mas fiquei fora de seu alcance.

– Quando você diz “a última noite que vou comer você antes do casamento”, você quer dizer que vamos transar só durante o dia nesta semana?

Um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca.

– Não. Quero dizer que, depois desta noite, quero me abster até você se tornar minha esposa.

Um pânico pouco familiar cresceu em meu peito, e eu não sabia se deveria levá-lo a sério ou não. Subi na cama e engatinhei sobre ele, me curvando para beijar seu peito.

– Achei que eu sabia o que *abstinência* significa, mas nesse contexto parece que você está me dizendo, em plena terça-feira, que vamos ficar juntos toda a semana e *não* vamos transar até sábado.

– É exatamente isso o que estou dizendo – dedos fortes se emaranharam em meus cabelos e puxaram minha cabeça mais para baixo, para onde seu pau latejava, rígido e liso de excitação.

Parei de beijá-lo na região de sua cintura, que se erguia do colchão numa tentativa de alcançar minha boca.

– Por que diabos você quer se abster?

– Caramba, Chloe, pare de provocar e ponha logo meu pau na sua boca.

Ignorando-o, eu me sentei em suas coxas para que ele não pudesse se mexer caso eu decidisse lhe aplicar algum castigo corporal.

– Você deve estar *maluco* se acha que vou ficar sem sexo por quatro dias seguidos no meio da loucura do casamento.

– Não estou maluco – ele insistiu, tentando deslocar meu corpo para que suas partes tivessem acesso às minhas partes. – Quero que seja especial. E não era você que queria uma rapidinha antes de terminar os preparativos? – ele agarrou minha cintura e me ergueu, colocando-me exatamente sobre seu pau. – Então, pare de resistir.

Mas eu escapei apertando o único lugar em que ele sentia cócegas, entre duas de suas costelas, e com o espasmo ele me soltou e empurrou minhas mãos com força.

Então me inclinei e beijei sua linda boca perfeita.

– Isso foi antes de você sugerir que meu acesso ao seu maravilhoso corpo vai expirar quando bater meia-noite. Sábado será nossa noite de *núpcias*. Até onde sei, essa é uma noite única. Como poderia não ser especial, mesmo se transarmos como coelhos a semana inteira?

– Talvez eu queira deixar você com um pouco de apetite – ele sussurrou, sentando-se debaixo de mim. Sua boca encontrou meu pescoço, minha clavícula, meus seios. – Quero que você fique tão excitada que nem consiga pensar direito – ele aumentou as carícias, agarrando minha cintura, chupando minha pele. Eu estava ciente demais de sua ereção pressionada contra minhas coxas, e queria muito senti-lo dentro de mim e ouvir seus gemidos enquanto ele se perdesse num desejo urgente.

Mas então um pensamento cruzou minha mente.

– Entendi. Você quer me deixar excitada o bastante para não me importar quando você rasgar a lingerie caríssima que comprei para a noite de *núpcias*, não é?

Ele riu em meus seios.

– É uma boa teoria, mas não é isso.

Eu conhecia Bennett Ryan bem o suficiente para saber que eu não venceria essa batalha. Não aqui, não agora. Dele eu nunca ganhava com palavras; ganhava apenas com ações. Eu me ajoelhei sobre ele e sorri ao ouvir seu pequeno grunhido de frustração. Mas então virei meu corpo para poder prender seu rosto entre minhas pernas ao mesmo tempo em que tomava seu pau com minha boca. Ele estendeu os braços com avidez, agarrando minha cintura e me puxando com força.

Meus olhos se fecharam com o primeiro toque quente de sua língua

deslizando em meu sexo, seguido da sucção de seus lábios. Rapidamente me perdi na vibração de seus gemidos, nas palavras abafadas, nas brincadeiras com os dentes antes da sucção voltar mais desesperada. Debaixo de mim, ele impulsionava o corpo para cima e eu envolvi a base de seu pênis com a mão, admirando sua extensão, apreciando sua forma e textura. Eu adorava senti-lo impulsionando os quadris impacientemente.

Com um sorrisinho malicioso, soprei a ponta de seu pau e sussurrei:

– Sua boca é maravilhosa.

Ele gemeu, empurrando ainda mais os quadris, mas eu simplesmente deixei minha boca onde estava, arfando sobre sua grande cabeça, deixando-o sentir o calor da minha respiração. Deslizei uma mão para baixo, envolvendo e acariciando gentilmente um dos sacos enquanto a outra mão trabalhava na base do pau. Na ponta, eu apenas continuei soprando ar quente.

Ele conseguia me fazer gozar mais rápido com sua boca do que com qualquer outra parte, e eu sentia que já estava chegando lá. A sensação combinou com o prazer da minha travessura e se transformou num calor urgente, o meu tipo preferido de orgasmo: a boca de Bennett entre minhas coxas junto do prazer de provocá-lo. Meu êxtase ardeu como chamas descendo por minhas costas e subindo por minhas pernas, explodindo até eu realmente perder toda a noção dos meus movimentos. Eu estava praticamente fodendo seu rosto e puxando seu pau sem ritmo nem propósito.

Ele desacelerou quando meu corpo se acalmou, depois beijou meu clitóris, minha cintura, minha coxa, antes de gentilmente me empurrar e me deitar de costas. Subi minha mão pela minha barriga, passando pelos seios até pousar em meu coração. Não me esqueci de que estava encrocada por ter oferecido a preliminar favorita de Bennett sem ter dado nada em troca, mas nossa, eu precisava de um minuto para desfrutar dos efeitos da boca maravilhosa de Bennett Ryan.

– Isso foi bom demais – eu murmurei, recuperando o fôlego. – Eu acho que a sua boca deve ser alguma divindade grega.

Ele subiu em cima de mim, com os olhos pegando fogo.

– Eu sei o que você está fazendo.

Abri meus olhos e deixei seu vulto entrar em foco antes de perguntar:

– O que eu estou fazendo?

Ele montou sobre minhas costelas e eu sorri, passando as mãos sobre suas coxas quando ele agarrou seu próprio pau e o puxou lentamente para baixo. Sua voz soou como gelo seco quando disse:

– Você acha que vai vencer essa batalha.

– Que batalha?

Ele riu e apoiou a mão no colchão ao lado da minha cabeça, preparando-se enquanto pairava sobre mim. Seu pau estava a apenas alguns centímetros da minha boca quando ele se inclinou para frente e, com a mão livre, fez sua ponta roçar sobre meus lábios. Sem pensar, deslizei a língua para fora, sentindo o sabor de sua umidade. Minha boca salivou e meus mamilos se endureceram. Eu o queria dentro da minha boca, queria vê-lo se mexer para dentro e para fora.

Mas Bennett se afastou um pouco, então tive que me contentar em assistir enquanto ele se masturbava na minha frente.

– Posso ver a pulsação em seu pescoço.

Engolindo em seco, eu perguntei:

– E daí?

– E *daí* que posso ver o quanto você quer isto – ele se inclinou para frente de novo, mal encostando o pau em meus lábios antes de recuar. – Você quer dentro da sua boca – sua mão começou a mexer mais rapidamente, e sua respiração também acelerou. – Você quer em sua língua.

Ele estava certo. Eu queria tanto que sentia minha pele apertada e queimando.

– Não tanto quanto você quer – retruquei, com minha voz entrecortada. – Você não consegue passar nem um dia sem sexo.

Ele ficou parado e então começou a se afastar. Por um único e perfeito instante eu achei que ele fosse abrir minhas pernas para me comer com raiva, mas em vez disso ele apenas inclinou a cabeça para o lado, olhou para mim e depois se levantou.

– O que você está fazendo? – eu perguntei, apoiando o cotovelo no colchão para poder enxergá-lo vestindo a cueca.

– Provando que você está errada.

Ele andou até a porta e desapareceu.

– *Por que você é tão teimoso?* – gritei, e tudo que ouvi de volta foi uma risada no fim do corredor. – E não se esqueça de que eu chupei você hoje de manhã no banho, então tecnicamente você *já* transou hoje!

Ele vai voltar, eu pensei. *Cem por cento de certeza. Eu posso esperar.*

Fiquei deitada olhando para o teto. Minha pele estava corada, e eu sentia uma ansiedade febril entre minhas pernas. Meu corpo ainda não havia sincronizado com meu cérebro e ainda queria correr atrás dele e implorar para que me tomasse de verdade.

O som da geladeira se abrindo quebrou o silêncio no quarto e eu me levantei imediatamente. Ele estava preparando um maldito *lanche*?

Antes que eu pudesse pensar direito, já estava correndo pelo corredor, completamente nua. Meus pés batiam no chão de madeira e entrei na cozinha bem quando ele fechava a geladeira com a mão cheia de comida.

– Você está brincando comigo? – eu disse, parando ao seu lado enquanto ele começava a preparar um sanduíche. – Você vai fazer um maldito sanduíche de peru?

Ele se virou e olhou para mim, movendo os olhos do meu rosto para cada uma das minhas curvas – o cretino não conseguia nem esconder o quanto ele queria me comer – e depois voltou a olhar para meu rosto.

– Já que minha noiva não para de agir como uma maldita provocadora eu vou comer outra coisa enquanto isso.

– Mas... – comecei a pensar na melhor maneira de sugerir para ele *me* comer sem provocar sua raiva sexualmente frustrada. Mas não pensei em nada. – *Seu bruto.*

– Se você quer sexo, vai ter que jogar com as minhas regras. Hoje é o dia, Srta. Mills. Na verdade – ele disse, mostrando um sorrisinho satisfeito –, hoje é o último dia em que vou comer você enquanto ainda tem esse nome.

Ah, não, isso eu não poderia deixar passar.

– Ainda não decidimos nada sobre nomes, Sr. Ryan. Meu voto ainda vai para Chloe Myan e Bennett Rills.

– Avise quando estiver pronta, Chloe – ele me encarou por vários segundos, depois aproximou tanto o rosto que tudo que eu precisava fazer era me inclinar um centímetro para beijá-lo. Comecei a fazer isso, mas ele se afastou. – Quando você disser “Por favor, Bennett, eu *preciso* de você”, só então vou foder você tão forte que não vai conseguir sentar por vários dias sem se lembrar de como foi.

Minha boca abriu e fechou algumas vezes sem que nenhuma palavra se formasse. Com um sorrisinho sacana, Bennett voltou a preparar seu sanduíche.

Ele estava sem camiseta e seu torso nu parecia não ter fim. Sua pele era macia, lisa e bronzeada por causa das corridas matinais. Os músculos em seus braços ficaram aparentes quando abriu um jarro de mostarda, pegou uma faca na gaveta e abriu o saco de pão. Tarefas tão simples, mas observá-lo parecia como assistir ao melhor e mais erótico filme pornô do mundo. Eu adorava seus ombros, seus cabelos pretos, sua pele bronzeada, seus músculos definidos.

Que filho da mãe.

Assisti à sua língua molhar os lábios. Os cabelos estavam desarrumados e caíam sobre a testa. Quando deixei meus olhos descerem por seu corpo, encontrei a única reação que ele não conseguia esconder. Bennett ainda estava tão duro que seu pau pressionava o tecido fino da cueca.

Meu Deus.

Abri minha boca mais uma vez e, sem olhar para mim, ele se inclinou um pouco para o lado e deixou o ouvido perto dos meus lábios. Sem fôlego, fechei meus olhos com força.

– Bennett...?

– O que você falou? – ele perguntou. – Não ouvi direito.

Engolindo com dificuldade, sussurrei:

– Por favor.

– Por favor, o quê?

Por favor, Bennett, vá se ferrar era a frase que estava na ponta da minha língua. Mas a quem eu estava querendo enganar? Eu queria que ele me comesse logo. Então respirei fundo e admiti:

– Por favor, Bennett, eu preciso de você.

O estrondo veio antes que eu pudesse registrar direito: com um único movimento do braço, Bennett limpou o balcão jogando tudo o que ele havia tirado da geladeira para o chão. O jarro se espatifou e a faca voou longe. Bennett me agarrou e me beijou, forçando sua língua em minha boca, e me permitiu a satisfação de ouvir seu longo gemido de alívio.

Já não era mais uma brincadeira, não era gentil nem cuidadoso. Eram seus braços me jogando em cima da mesa, uma mão puxando meu corpo no mármore frio e me mantendo imóvel com a palma sobre meu peito. Sua outra mão abrindo minhas pernas e puxando a cueca para baixo. E antes que eu pudesse dizer o quanto eu queria isso, antes que pudesse pedir desculpas por provocá-lo tanto – pois eu *queria* pedir desculpas, e alguma coisa em vê-lo tão selvagem me assustou deliciosamente –, antes de tudo isso, ele estava facilmente entrando em mim, tão fundo e tão forte, depois saindo rapidamente, movendo os quadris com perfeitos golpes de punição.

Tirando o peso da mão sobre meu peito, ele agarrou minhas pernas e deu um passo à frente, puxando-as para cima de seus ombros e acertando aquele ponto tão fundo que eu sentia sua força reverberando por todo meu corpo. Ele deslizou as mãos até minha cintura e me segurou no lugar enquanto me comia, com a cabeça jogada para trás, alcançando o *seu* prazer agora. O balcão era firme o bastante para aguentar a força de seus movimentos, mas eu estiquei os braços e agarrei a beirada para poder jogar meu corpo ainda mais contra o dele. Não era suficiente; eu precisava de mais, mais fundo, mais molhado, mais forte. Ele havia dito que eu não poderia ter isso por vários dias e sabia muito bem que seu toque era a *única* coisa que me mantinha sã naquele furacão de estresse. Eu precisava tê-lo mais fundo dentro de mim do que jamais tinha tido, e fiquei obcecada com a ideia de que conseguiria, de algum jeito.

– Meu Deus, você está completamente *encharcada* – ele gemeu, abrindo os olhos para me encarar. – Como vou conseguir não transar com você? Você não tem ideia do quanto eu preciso disto.

– Então por quê? Por que dizer que não podemos?

Ele se abaixou, fazendo minhas pernas dobrarem até minhas coxas pressionarem meu peito.

– Porque é a única vez em minha vida que poderei parar, relaxar e apenas aproveitar ficar perto de você – ele suspirou e lambeu meu pescoço; a língua, os dentes, o toque, foi como fogo queimando minha pele. – Quero não ficar pensando o tempo inteiro sobre onde eu poderia levar você para ficarmos sozinhos por dez, quinze minutos, uma hora. Não quero ficar com raiva de ninguém por nos manter separados enquanto estão lá para festejar – ele disse, ofegando em silêncio. – Estou obcecado por você, com *isto*. Quero mostrar a você que eu posso me conter.

– E se não for isso o que *eu* quero?

Bennett enterrou o rosto em meu pescoço e diminuiu a velocidade, mas eu conhecia seu corpo bem o bastante para saber que ele estava na beira do abismo, quase atingindo o ápice. Ele se esfregou em mim, encontrou aquele ponto perfeito e o ritmo que me distraía da minha pergunta e me fazia querer me concentrar na sensação entre minhas pernas.

Eu estava presa debaixo dele e Bennett começou a se concentrar em meu prazer, penetrando tudo dentro de mim, levando-me às alturas até eu agarrar seus ombros e enterrar as unhas em sua pele. Minhas costas estavam doloridas por causa do tampo de mármore, duro e frio, mas a crescente urgência de seus movimentos fazia eu não me importar. Eu poderia ficar marcada, mas não tinha problema. Eu não queria mais nada além de gozar com ele.

Quando meu orgasmo me atingiu, a sensação que tomou meu corpo disparou um lampejo de eletricidade por minha pele, deslizando para dentro e para fora até eu não saber se aguentaria mais a sensação de ser preenchida, de ser atacada, e de gozar tão forte que tudo se escureceu. Eu gritei e puxei seu corpo contra o meu, precisando sentir todo seu peso sobre mim.

Seus movimentos aceleraram e se tornaram mais selvagens, depois ele se arqueou e também gritou, sua voz ecoando pelo teto enquanto gozava até a última gota.

Apesar do frio do tampo, nós estávamos suados e sem fôlego. Bennett se endireitou e continuou a me penetrar, agora mais devagar. Como se não quisesse parar mesmo que precisasse, ele entrava e recuava, observando toda a minha pele corada.

Ele já havia gozado, mas parecia que ainda não tinha *terminado*. Ao invés disso, ele parecia um predador que provou rapidamente sua presa e agora queria se empanturrar antes de voltar para a selva. Eu adorava esse seu lado: o Bennett que parecia mal conseguir se controlar, tão diferente do jeito contido do dia a dia. Seus olhos estavam sombrios e quase fechados. Mãos famintas tocavam o

ponto aquecido entre minhas pernas, subindo por minha cintura, chegando aos seios, onde beliscou meus mamilos com força. As mãos tomaram meus seios e os apertaram em direção à sua boca quando ele se abaixou e chupou minha pele com vontade.

– Não me deixe marcada, seu bruto – eu disse, e minha voz saiu pequenina e rouca. – Meu vestido...

Afastando o rosto, ele me encarou com uma expressão de quem acabara de entender que vivemos num mundo com outras pessoas, e que precisaríamos interagir com essas pessoas num futuro próximo em nosso casamento. Um casamento em que eu usaria um vestido tomara que caia que mostraria todas as mordidas e chupões que ele estava prestes a fazer.

– Desculpe – ele sussurrou. – Eu só queria...

– Eu sei – agarrei seus cabelos e o puxei, desejando poder ficar assim para sempre: eu de costas na mesa da cozinha, ele de pé e inclinado sobre mim.

Bennett exalou profundamente, prendendo-me debaixo do peso de seu corpo. De repente, ele parecia exausto. Nos últimos meses ele não apenas ajudou em cada estágio do planejamento, mas também fez tudo o que podia para me manter sã: e tudo isso *tinha* que deixá-lo exausto. Mergulhei os dedos em seus cabelos e fechei os olhos, adorando esse vislumbre do Bennett como mero mortal, como um homem que era capaz de se exaurir ou que precisava de um lembrete para ser mais gentil. Ele era o amante perfeito, o chefe perfeito, o amigo perfeito. Como conseguia isso? Tenho certeza de que, de vez em quando, ele só queria uma namorada tranquila, uma mulher que não discutisse com cada pensamento que ele tivesse. Uma pontinha de dúvida passou por minha mente, mas então parei e comecei a sorrir.

Bennett Ryan era um filho da mãe perfeccionista, teimoso, exigente e faminto por poder. Nenhuma outra mulher sobreviveria mais do que dois segundos com ele.

Caramba, às vezes eu também adoraria ter um homem dócil e educado, mas de jeito nenhum eu trocaria meu cretino irresistível.

Ele se levantou, beijou entre meus seios e, com um gemido relutante, saiu de dentro de mim. Abaixando-se, apanhou a cueca e a vestiu antes de olhar mais uma vez para meu corpo ainda corado e suado.

– Vou terminar os programas e amarrar os malditos saquinhos de doce – ele disse, passando a mão no rosto. – Você tem uma cozinha para limpar se quiser mais disso na cama depois.

– Humm, não – eu protestei, apoiando um cotovelo. A cozinha estava um desastre. – Eu termino os programas.

– Você vai arrumar a cozinha – ele disse, com a voz firme. – E se apresse,

Srta. Mills. Mostarda deixa mancha.

Dois

Estávamos em San Diego há exatas duas horas e eu já estava arrependido de não ter aceitado a proposta de Chloe de fugirmos para Las Vegas.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, essa mesma mulher se virou no assento ao meu lado. Eu podia sentir sua atenção, a pressão de seu olhar enquanto me observava e tentava dissecar todos os meus grunhidos de insatisfação.

– Por que você está nervoso? – ela finalmente perguntou.

– Estou bem – eu respondi, tentando parecer desinteressado, mas falhando miseravelmente.

– Não é o que parece, considerando a força com que você está segurando o volante.

Franzi ainda mais o rosto e imediatamente parei de segurar a direção com tanta força. Estávamos a caminho do jantar em que a maior parte de nossas famílias iria se encontrar pela primeira vez. Parentes vieram de toda parte: Michigan, Flórida, Nova Jersey, Washington, até mesmo do Canadá. Muitos deles eu não via há mais de vinte anos. Ao todo, mais de trezentas e cinquenta pessoas chegariam nos próximos dias. Só Deus sabia o que teríamos pela frente. Num bom dia, eu odiava conversa fiada. Na semana anterior ao maior evento da minha vida, eu estava morrendo de medo de me comportar como o maior cretino do mundo e fazer todo mundo ir embora antes mesmo da cerimônia.

Inclinando-se para frente para que eu olhasse para ela, Chloe perguntou:

– Você não está entusiasmado para essa semana?

– Sim, é claro. Estou apenas com medo de hoje à noite. Não sei como vou lidar com ter que fazer todo o social.

– Meu palpite é que você não vai lidar muito bem – ela disse, dando um soquinho em meu ombro.

Eu ri um pouco e lancei um olhar de desdém.

– Valeu, ajudou muito.

– Olha, apenas espere até você conhecer minhas tias – ela disse, beijando meu ombro no mesmo lugar onde havia dado o soco. – Vai ser a distração de que você precisa.

O pai de Chloe havia viajado da Dakota do Norte com suas duas irmãs excêntricas. As duas haviam recentemente passado por divórcios, e Chloe prometera que elas tinham o potencial para ser o maior desastre da semana. Eu achava que era cedo para entregar esse troféu: Chloe ainda não conhecia meu primo Bull.

– Você vai se esquecer de tudo e só se preocupar com o que elas vão aprontar em seguida, e de quanto dinheiro você vai precisar para pagar a fiança – Chloe começou a mexer no rádio, parando numa música pop estridente. Virei para ela, concentrando uma vida inteira de ódio à música pop em meu olhar.

Satisfeita por me deixar irritado o bastante, ela se recostou no banco.

– Então, o que mais está irritando você? Você não está tendo dúvidas sobre se casar comigo, não é?

Respondi com outro olhar que dizia *Você está maluca?*

– Certo – ela riu. – Então, fale comigo. Diga o que está se passando nessa sua cabecinha.

Peguei sua mão e entrelacei nossos dedos.

– Só estou preocupado com o caos que se anuncia – eu disse, encolhendo os ombros. – Este casamento se tornou uma coisa tão *enorme*. Você sabia que minha mãe enviou quatorze mensagens de texto desde que entramos no avião? *Quatorze*. Com coisas tipo *onde podemos tomar café em San Diego*, até *será que o Bull pode depilar as costas no hotel?* Como se eu soubesse! Você disse isso ontem: o casamento se tornou uma entidade. Não acredito que estou falando isso, mas agora estou pensando se você estava certa quando sugeriu que fôssemos para Las Vegas.

Ela me respondeu com seu clássico sorrisinho de satisfação.

– Na verdade, acho que eu disse “correr” para Las Vegas. Tipo, fugir mesmo.

– Certo.

– Sabe, não estamos tão longe do aeroporto – ela lembrou, fazendo um gesto para a janela por onde ainda podíamos ver aviões decolando e pousando. – Não é tarde demais para escapar.

– Não me tente – eu disse, pois por mais que suspeitasse estarmos indo em direção a um desastre, eu não queria ir embora de verdade. San Diego sempre foi especial para nós: foi onde eu parei de ser um idiota e finalmente me permiti amar Chloe. Foi onde a *Chloe* finalmente me deixou amá-la. E, meu Deus, já tinham realmente se passado dois anos? Como isso era possível? Parecia que ontem mesmo eu estava discretamente checando a bunda da Srta. Mills no escritório.

Nós tínhamos estado aqui mais uma vez, claro, para escolher o local da cerimônia. E aquela viagem tinha sido tão atrapalhada, mas desta vez o peso era

muito maior. Estávamos ali para nosso *casamento*. Apesar de sua invasão à minha despedida de solteiro, apesar de termos comprado um apartamento juntos em Manhattan, e apesar do anel no dedo de Chloe, foi só naquele estranho momento de nervosismo que a ficha começou a cair. Estávamos nos casando. Quando eu fosse embora dali de novo, Chloe seria minha *esposa*.

Putá merda.

Passei minha mão trêmula em minha testa suada.

– Você está quieto demais. Por acaso esse silêncio significa que você está *mesmo* considerando fugir? – Chloe perguntou.

Eu sacudi a cabeça.

– Claro que não – disse, apertando sua mão. – Estamos aqui. E não existe chance alguma de você não andar até o altar. Eu lutei demais por você.

– Pare com isso, Bennett. É muito mais fácil lidar com você quando está se comportando como um cretino.

– E eu já aguentei você demais – eu acrescentei, sorrindo quando senti seu punho acertando meu ombro mais uma vez. – Mas sinto que deveria avisar você de novo. Alguns membros da minha família são um pouco...

– Malucos? Do tipo que constroem uma fábrica de vitaminas na garagem? Do tipo que pagam milhares de dólares para anunciar em revistas de geriatria?

Franzi o rosto.

– Como é? Quem fez isso?

– Seu primo Bull – ela respondeu. – Henry me contou algumas histórias no telefone. Aparentemente é sua nova empreitada. Ele vai tentar encontrar investidores oferecendo o negócio para o Will e o Max.

– Por que eu estou surpreso?

Ela deu de ombros.

– Famílias são sempre um problema, Bennett. Se não fosse assim, ninguém nunca sairia de casa. E os meus familiares não são lá muito normais também. Você sabe que minhas tias são um pouco... Vamos apenas dizer que elas realmente vão se dar bem com os Ryan. Espero que você tenha trazido seu tênis de corrida.

– Bom... – eu comecei a dizer, mas parei quando ela cruzou as pernas. – Chloe?

Ela mexia na perna, arrumando uma meia que não existia.

– Humm?

– Que diabos você está *usando*?

– Gostou? – ela disse, erguendo o pé e o movendo de um lado a outro. Seus sapatos pareciam realmente perigosos. Saltos muito altos e couro muito azul-escuro.

– Você estava usando isso quando saímos do hotel?

– Sim. Você estava ao telefone com seu irmão.

Nunca fui de prestar muita atenção no que Chloe vestia, mas a movimentação dentro da minha calça me dizia que eu definitivamente já tinha visto esses sapatos antes – sobre meus ombros, se eu não estava enganado. – Onde eu já vi esses sapatos?

– Ah, sei lá – maldita mentirosa. – Em casa?

Em casa, em nosso quarto.

Com a caixa que guardávamos debaixo da cama. E as coisas que fazíamos quando tirávamos a caixa de lá.

Lembrei da noite em que ela tinha usado esses sapatos, quase dois meses antes. Nós não nos víamos há semanas e eu não conseguia tirar as mãos dela. Ela apanhara os sapatos junto a algo novo que queria tentar: um frasco de cera quente. Eu ainda podia sentir o calor de quando ela despejara a cera sobre a minha pele e os arrepios que irradiaram pelo meu corpo quando a cera se acumulava num ponto. Ela me provocou por tanto tempo que eu cheguei a prometer que lhe daria café da manhã na boca de joelhos no dia seguinte. Gozei tão forte que quase apaguei naquela noite.

– Você está fazendo isso para me ferrar, não é? Por causa da abstinência até o casamento, certo?

– Com certeza.

Encontramos uma vaga para estacionar a apenas um quarteirão do restaurante Barbarella, no bairro de La Jolla, e desci do carro para abrir a porta para Chloe. Tomei sua mão e fiquei olhando enquanto ela saía, com suas pernas bronzeadas que não acabavam mais e os sapatos que poderiam facilmente empalar uma pessoa.

– Você é diabólica – eu disse. – Eu me sinto como uma noiva defendendo minha virgindade antes do casamento.

– Bom, então sinta-se à vontade para desistir dessa ideia – ela disse, ficando na ponta dos pés para me beijar.

Eu gemi, mas de algum jeito consegui me afastar. Então, nós dois olhamos na direção do restaurante.

– Aqui vamos nós...

–

Antes de chegarmos nós já podíamos ouvir nossos pais conversando em uma mesa no pátio do restaurante.

– Você precisa se certificar de que elas vão sentar juntas – dizia o pai de Chloe.

– Besteira, Frederick, elas vão ficar bem – meu pai, sempre o diplomata. –

Susan pensou bastante sobre a disposição dos lugares e ela sabe o que está fazendo. Tenho certeza de que suas irmãs são encantadoras. Vamos deixar que os outros tenham uma chance de conhecê-las.

– Você quer que elas fiquem sozinhas com outras pessoas? Acho que você não entendeu bem a situação, Elliott. Minhas irmãs são *malucas*. As duas acabaram de se divorciar e estão loucas para conhecer solteiros. Elas vão caçar todos os homens disponíveis em um raio de dez quilômetros se você permitir.

Segurei Chloe na porta do restaurante, pousando minhas mãos em seus ombros e olhando em seus olhos castanhos.

– Você está pronta para isso? – perguntei.

Ela subiu na ponta dos pés de novo e beijou meu rosto.

– Não, não estou.

Tomei sua mão e entramos no restaurante a tempo de ver meu pai rindo.

– Você não acha que está exagerando um pouco?

Frederick suspirou.

– Queria estar. Eu...

– Ah, até que enfim – Henry disse, interrompendo a conversa e se dirigindo até mim. Nossos pais olharam em nossa direção enquanto Henry continuou: – Eu já estava ficando preocupado, achando que vocês dois não apareceriam e eu teria que arrastá-los pelados daquele hotel.

– Que imagem horrível – eu disse, abraçando meu irmão. – E por causa disso, vou banir você do meu andar.

– Bennett – meu pai disse e me abraçou em seguida. – Frederick e eu estávamos discutindo o arranjo dos lugares.

– E o desastre que seria deixarmos Judith e Mary separadas – Frederick acrescentou, direcionando as palavras para Chloe.

Chloe abraçou meu pai e depois foi abraçar o dela.

– Susan não vai gostar do que vou falar agora – ela disse para meu pai –, mas tenho que concordar com o meu pai. Deixe as duas juntas; é melhor que não dominem mais espaço do que o necessário. Teremos menos fatalidades assim.

Com isso resolvido, puxei meu pai para o lado para deixar Chloe ter um momento a sós com Frederick.

O restaurante ficava à beira-mar, e minha mãe havia fechado o lugar inteiro. Eu tinha que admitir que era perfeito. Escondido numa pitoresca vizinhança, o restaurante era inteiro cercado de jardins meticulosamente cuidados, e toda superfície parecia coberta com adoráveis plantas. Naquele momento, com o sol se pondo, a grande área ao ar livre onde ficavam as mesas cintilava com linhas de pequenas luzes brancas. As mesas estavam começando a ficar cheias, e eu percebi que não conseguia identificar nem metade das pessoas que estavam

sorrindo em nossa direção.

– Quem diabos são essas pessoas?

– Quer falar um pouco mais alto? Sua tataravó provavelmente não ouviu. E eles são da família. Primos, tias... sobrinhos de quarto grau – ele franziu as sobrancelhas quando olhou para a fila que se formava no bar. – Na verdade, nem eu sei direito. Aqueles ali já estão bebendo, então eles devem ser da família da sua mãe – ele apertou meu ombro. – Não diga a ela que eu falei isso.

– Ótimo. Mais alguém?

– Acho que sim – meu pai disse. – Seus tios estão aqui. Ainda não vi seus primos.

Eu estremeci por dentro. Henry e eu passamos a maior parte de nossos verões com nossos dois primos, Brian e Chris. Brian era o mais velho dos quatro primos, e o mais sério e calado, bem parecido comigo. Éramos muito próximos. Mas Chris – ou Bull, como insistia em ser chamado – fazia qualquer um querer fugir. Minha mãe costumava dizer que o Chris apenas queria ser igual a nós, e gostava desse apelido para poder se juntar ao time do “B”: Brian, Bennett, Bull. Sempre achei que isso era besteira. Afinal de contas, Henry começava com “H”, e a capa térmica de cerveja personalizada que Brian sempre levava para as festas, com suas camisas desabotoadas e correntes de ouro, sugeriam que ele não se importava nem um pouco em ser uma pessoa única. Chris gostava da ideia de ser chamado de Bull simplesmente porque ele era um idiota.

– Tenho certeza de que o Bull está animado para encontrar você – meu pai disse com um sorrisinho.

– Vou ficar de olho – disse. – E tenho certeza de que Lyle se lembrou de um monte de novas histórias da marinha para contar durante o jantar. Talvez até fale sobre os resultados do exame de próstata.

Meu pai assentiu, segurando uma risada enquanto acenava para alguém do outro lado do pátio. O irmão mais velho de meu pai, Lyle, pai do Bull, parecia não ter noção de nada. Ao longo dos anos, perdi a conta de suas histórias absurdas sobre a marinha, funções corporais nojentas, pessoas no campo que mantinham “relações” com animais e as várias verrugas que sua esposa precisou remover das costas.

– Talvez eu devesse sugerir que ele conte uma dessas histórias durante o brinde, o que você acha?

Rindo, eu disse:

– Eu darei a você um dólar inteiro se você fizer isso, pai.

Minha mãe se aproximou, beijando meu rosto antes de lambar o polegar e esfregar o que imaginei que fosse uma grande mancha de batom. Desviei e apanhei um guardanapo na mesa.

– Por que você não vestiu seu terno azul-marinho? – ela perguntou, arrancando o guardanapo da minha mão para ela mesma limpar meu rosto.

– Oi, mãe. Você está linda.

– Oi, querido. Eu gosto do terno azul-marinho muito mais do que desse. Olhei para o terno Prada cinza que eu usava alisando o paletó.

– Eu gosto deste – *além disso, arrumei minhas malas às duas da madrugada embriagado pelo sexo*, pensei.

– Azul seria mais apropriado para hoje – ela estava praticamente tremendo de tão nervosa. – Com esse parece que você está indo para um funeral.

Meu pai ofereceu seu coquetel e ela tomou tudo de um gole só antes de voltar para a mesa.

– Bom, isso foi divertido – eu disse e meu pai riu.

Chloe se juntou a nós – claramente um pouco exasperada por ter lidado com seu pai – e começamos a circular pelo pátio, cumprimentando a todos e reencontrando velhos amigos e familiares. Um pouco depois, minha mãe anunciou que o jantar seria servido, então todos começaram a entrar no salão.

Encontrei nossos lugares perto do centro do salão. Chloe sentou-se à minha direita, com seu pai ao seu lado. Meu pai aparentemente aceitou o conselho de Frederick, pois as tias da Chloe – Mary e Judith – estavam sentadas juntas, rindo muito e fazendo um escarcéu. Chris... *Bull* fez sua grande entrada enquanto todos se sentavam, gritando meu nome e erguendo sua lata de cerveja – com a velha capa térmica, é claro. Seus olhos mediram Chloe mais devagar do que seria humanamente possível, e depois ele fez sinal de “joia” para mim.

Pensei em depois pedir a um amigo que trabalha na Receita para colocá-lo na malha fina.

Só de brincadeira, é claro. Ou não.

O jantar consistia em filé de salmão ao molho *beurre blanc*, purê de batata e tomate. O prato estava perfeito, e quase conseguia me distrair de toda a conversa ao redor.

– Você está brincando? – Bull gritou do outro lado do salão para uma tia de segundo grau da família de minha mãe. – Você só pode estar brincando. Os torcedores dos Eagles passam a vida inteira sentindo que não recebem o crédito que merecem. Você quer atenção e elogios? Então vença pelo menos *um jogo*! É isso que estou tentando dizer – Bull tomou um gole gigante de cerveja e segurou, mas não muito, um grande arroto. – E outra coisa, você é velha, então deve saber a resposta para isso: por que diabos o programa *Roda da Fortuna* ainda existe? Você sabia que eles têm até um site onde você pode vestir a Vanna White, com se ela fosse uma maldita boneca? Não que eu mesmo tenha entrado no site... – ele olhou para cada um dos infelizes ao redor que escutaram ou não seu deslize.

– Mas que diabos é tudo aquilo? E vou dizer uma coisa, ela já está meio velha, mas a verdade é que se eu encontrasse uma mulher tão gostosa daquele jeito para andar por aí acenando para os carros como ela faz na tevê... – ele imitou o gesto com as mãos. – Você sabe, eu faria uma fortuna.

– Meu Deus – Chloe sussurrou em meu ouvido. – Já temos o primeiro desastre da noite.

Tomei um gole da minha bebida.

– Eu avisei.

– Você cresceu com esse cara?

Confirmei, estremecendo enquanto tomava o resto da bebida num único gole que desceu queimando.

– Ele sempre foi assim?

Confirmei de novo, suspirei e depois limpei a boca com o guardanapo. Chloe olhou ao redor do salão, primeiro para meu primo Brian, que sempre esteve em forma e era considerado um homem bonito por todos. Depois olhou para meu pai e seus irmãos, Lyle e Allan, os dois ainda muito bonitos para sua idade. Também olhou brevemente para Henry e para mim, antes de voltar a olhar para Bull. Eu podia praticamente ver sua mente mapeando os genes da família Ryan.

– Você tem certeza de que ninguém pulou a cerca na sua família? Tipo, não há chance de ele ser filho do leiteiro...?

Eu explodi numa risada tão alta que quase todo mundo no restaurante olhou para mim.

– Preciso de outra bebida – eu disse, momentaneamente inclinando a cadeira apoiada nas duas pernas de trás.

Meu celular começou a vibrar no meu bolso e, quando apanhei, estava cheio de mensagens da minha mãe.

Querido, seu cabelo está uma bagunça.

Eles estão servindo o DeLoach Pinot? Achei que tínhamos deixado o Preston Carignane na mesa de vinhos.

Diga para seu pai parar de apresentar a tia Joan como a Garimpeira. Não sei por que ela está usando tanto ouro, mas ele está sendo deselegante.

Escapei para o bar em busca de uma dose de Johnny Black. Também aproveitei para verificar por onde poderia escapar se fosse preciso – eu amo minha família, mas, meu Deus, essas pessoas são malucas. Alguns instantes depois, senti um toque em meu ombro.

– Então, você é o cara que está se casando com Chloe.

– Isso se ela não cair na real e fugir correndo... – disse, virando para as duas mulheres atrás de mim. Imediatamente eu identifiquei quem eram. – Vocês devem ser as tias da Chloe, certo?

Uma delas assentiu, e todo seu cabelo armado balançou junto.

– Eu sou Judith – ela disse, depois apontou para sua irmã. – Esta é Mary.

Judith tinha um cabelo que parecia algum tipo de doce: armado e com muita tintura vermelha, igual a um algodão doce. Poderia ser apenas impressão, mas juro que ela também cheirava a morango. Sua pele ainda era relativamente lisa considerando sua idade – sessenta e pouco, se Chloe estava certa – e os olhos castanhos pareciam sagazes enquanto olhavam para mim. Mary possuía as mesmas feições de sua irmã, mas seu cabelo era muito mais controlado e discreto. E embora Judith fosse tão alta quanto Chloe, batendo no meu queixo, Mary não tinha mais do que um metro e meio.

Estendi a mão para cumprimentá-las.

– É um prazer finalmente conhecê-las – disse, sorrindo educadamente. – Chloe me contou histórias maravilhosas sobre vocês.

Em vez de apertar minha mão, as duas me puxaram ao mesmo tempo para um *longo* abraço.

– Mentiroso – Mary disse com um sorriso. – Nossa sobrinha diz muitas coisas, mas não fica fazendo elogios falsos por aí.

– Ela me contou que costumava passar os verões com você. A frase que ela mais usava era “elas são muito divertidas” – achei melhor não acrescentar “e malucas”.

– Bom, nisso eu posso acreditar.

– Vocês estão gostando de San Diego? – eu perguntei ao me recostar no bar. Eu podia ver a Chloe com o canto do olho, e como eu esperava, Bull havia sentado em meu lugar para fazer companhia a ela. Parte de mim queria ser seu cavaleiro e resgatá-la, mas uma parte maior pensava diferente: se havia uma mulher no mundo que não precisava ser resgata, essa mulher era Chloe.

– Oh, estamos nos divertindo muito – Judith disse, trocando olhares com sua irmã. – E vamos continuar assim. Você sabia que essa é a primeira vez em trinta anos que nós duas estamos solteiras? Esta cidade não sabe o que a espera. Nós vamos compensar o tempo perdido... ou morrer tentando.

Não consegui evitar uma risada. Estava começando a perceber que aquela honestidade brutal era um traço da família Mills.

– Então, qual é o plano? – perguntei. – Vocês vão passar um tempo na praia e conquistar alguns corações?

– Algo desse tipo – Mary disse, dando uma piscadela.

Judith ficou ao meu lado e baixou o tom de voz.

– Conte sobre sua família – ela pediu, ansiosa e olhando o salão com atenção.
– Você só tem um irmão? E tios? Algum solteiro?

Eu sacudi a cabeça, rindo novamente. Frederick realmente estava certo.

– Apenas um irmão. E desculpe, mas com exceção daquele que está falando com minha noiva – elas olharam para Bull e desanimaram um pouco – todos os homens estão comprometidos.

– Oh, meu *Deus* – ouvi a voz da Judith, repentinamente suave. Segui seu olhar até a porta da frente, por onde Will e Hanna tinham acabado de entrar. Num instante, Chloe e Sara praticamente pularam em cima de Hanna, deixando Will com aquele sorrisinho estúpido que agora nunca saía de seu rosto. Eu sentia falta de seu jeito irônico. Sentia falta de suas piadinhas sobre casais. Deus, agora ele mesmo estava totalmente enlaçado.

Ele me encontrou e aparentemente leu meus pensamentos, pois me mostrou o dedo do meio. E de repente, mesmo sabendo que era errado e que Chloe iria me matar se descobrisse, comecei a pensar num plano.

Quer dizer, era impossível não fazer isso.

– Quem é aquele ali? – Judith perguntou quase sem voz e com jeito de quem estava prestes a ter um ataque de asma.

– Aquele é o Will. Ele trabalha com o Max, aquele britânico com a noiva grávida.

– Ele está disponível?

Judith perguntou ao mesmo tempo em que Mary dizia:

– Ele é hétero?

Eu podia sentir minha consciência tentando me dizer alguma coisa. Uma pequena parte de mim estava tentando me impedir de fazer o que eu estava prestes a fazer, insistindo que essa não era uma boa ideia.

– Ah, ele é definitivamente hétero – eu disse. *E não era mentira.* – E ele é muito divertido. Muito, muito divertido – *tecnicamente também não era mentira.*

Mary apertou meu braço e perguntou:

– Quem é a garota com ele?

– Aquele é a Hanna. Ela é... uma velha amiga da família – *ainda não era mentira.* – Vocês deveriam ir se apresentar.

– Ele não é casado? – Mary perguntou, com seu estojo de maquiagem nas mãos e retocando o batom. Aquelas mulheres eram determinadas.

– Casado? *Nãããooo.* Definitivamente não é casado – *também não era mentira.*

– Ótimo – as duas disseram juntas.

Olhei rapidamente para os lados antes de envolver as duas em meus braços e dizer baixinho:

– Vou contar um segredo para vocês, mas vocês não podem contar para ninguém que fui eu quem falou – olhei para cada uma e elas assentiram, com olhos arregalados e animados. – Nosso amigo Will é um cara selvagem. Ele é insaciável e tem reputação de ser bom naquilo, se é que vocês me entendem. Só que tem uma coisa. Ele gosta de mulheres *experientes*. E gosta quando elas vêm em pares.

As duas pararam de respirar e se entreolharam. Tive a sensação de que uma longa conversa telepática aconteceu antes de elas voltarem a olhar para mim.

– Entenderam? – eu perguntei.

– Oh, nós entendemos – Mary disse.

Eu vou acabar no inferno por causa disso.

Fiquei olhando enquanto Judith e Mary foram em direção ao Will. Hanna, Chloe e Sara já não estavam mais com ele.

Ele estava sozinho e vulnerário, perfeito.

Me ocorreu que, para fazer isso funcionar, teria que ganhar tempo com a pessoa mais importante para essa missão. Procurei por Hanna e a encontrei voltando dos fundos, ajeitando seu vestido azul-safira.

Eu praticamente corri até ela.

– Como você está? – eu falei alto demais e com muito entusiasmo para alguém que acabou de sair do banheiro.

Ela se surpreendeu e parou imediatamente.

– Bennett – ela disse, pressionando a mão no peito. – Você me assustou.

– Oh, desculpe. Só queria uma chance de conversar com você antes de as garotas a sequestrarem de novo.

– Humm, *ceeeerto*... – ela disse, olhando ao redor e claramente confusa com minha concentração nela.

– Como foi o seu voo? – eu perguntei.

Ela relaxou e sorriu, tentando olhar sobre meu ombro para onde Will estava sentado, provavelmente no meio das coroas. Dei um passo para o lado para bloquear sua visão.

– Foi... – ela começou a dizer.

– Bom, bom – eu disse, percebendo tarde demais que nem a deixei terminar de responder. – Olha, eu queria falar uma coisa para você – *seja casual, Bennett. Aja como se não fosse nada demais. Fique calmo.*

Seus lábios se curvaram num sorriso curioso.

– Certo.

– Você sabe como o Will é cheio de querer pregar peças – ela assentiu e eu continuei. – Eu acabei de fazer uma coisa para me vingar e eu juro – disse, pousando uma mão em seu ombro –, eu juro, Hanna, que você vai achar

hilário... eventualmente.

– Eventualmente?

– Com certeza. Eventualmente.

Ela me olhou com os olhos cerrados.

– É só uma pegadinha, né? Nada de cabeça raspada ou cicatrizes?

Eu me afastei e olhei em seu rosto.

– Isso foi uma pergunta muito específica. *Cicatriz?* Não, não, não. É uma pegadinha inocente – mostrei meu melhor sorriso, aquele que a Chloe dizia que fazia calcinhas irem direto para o chão. Mas aparentemente isso apenas deixou Hanna mais desconfiada.

Seus olhos ficaram ainda mais cerrados.

– O que eu preciso fazer?

– Nada – eu disse. – Provavelmente você vai testemunhar umas coisas estranhas, mas... apenas aja naturalmente.

– Então basicamente eu tenho que fingir que não sei de nada.

– Exatamente.

– E isso vai ser engraçado?

– Vai ser hilário.

Ela pensou por uns dez segundos antes de estender a mão.

– Combinado.

—

O Hotel Del Coronado foi construído em 1888 nas areias finas das praias de Coronado Island. Com seus incríveis telhados vermelhos e construções branquíssimas, visitar o local era como ser jogado no meio de um cartão-postal da era vitoriana. Chloe e eu já havíamos ficado aqui alguns meses antes, enquanto procurávamos por possíveis locais para o casamento. Apenas uma olhada para o oceano da nossa janela foi suficiente para nos convencer: era aqui que queríamos nos casar.

Na viagem de volta ao hotel após o jantar, meus nervos continuavam à flor da pele, mas por uma razão inteiramente diferente. Chloe era esperta – mais esperta do que eu, na verdade – e ela me observou durante toda a noite e me estudou cuidadosamente. Agora, ao nos aproximarmos do hotel, ela podia estar sentada em silêncio ao meu lado, mas de jeito nenhum estava apenas admirando a paisagem. Se eu a conhecia tão bem quanto pensava, ela estava silenciosamente planejando como me pegar.

E era por isso que eu tinha meu próprio plano.

Viramos a última curva e chegamos ao hotel. Os prédios estavam iluminados por todos os ângulos e se destacavam contra o céu negro da noite. Apalpei o pequeno frasco em meu bolso e olhei para o relógio, pensando que era a coisa

mais esperta ou a coisa mais estúpida que já tinha feito. Descobriríamos em breve.

Estacionei, peguei minha garrafa de água e praticamente pulei do carro, desesperado por ar fresco, livre do perfume da Chloe, e por um momento para esclarecer meus pensamentos. Tomei um gole gigante de água pensando no Plano. Eu tinha provavelmente dez minutos antes de chegar ao quarto.

Respirando fundo, entreguei as chaves para o manobrista e contornei o carro, sorrindo para Chloe quando apanhei sua mão.

O murmúrio de vozes e uma gentil música nos receberam quando entramos no saguão e seguimos para o elevador. Não pude deixar de pensar sobre a última vez em que Chloe e eu estivemos ali juntos: quando eu a comi naquele colchão gigante até ela gritar meu nome, e depois a chupei na varanda, e os únicos sons que disfarçavam seus gemidos eram o barulho das ondas e o farfalhar das palmeiras.

Eu a segui para dentro do elevador, meus olhos atraídos por sua bunda fantástica. Ela sabia disso, pois balançava decididamente seus quadris. Senti o início de uma ereção e percebi que se meu plano desmoronasse, eu estaria fodido. Literalmente.

Concentre-se, Ben, disse a mim mesmo, apertando o botão do nosso andar. Não poderia ser tão difícil: eu deveria ficar distante, manter os olhos acima da linha dos ombros dela o tempo inteiro, e pelo amor de Deus, não discutir sobre *nada*.

– Tudo certo por aí, Ryan? – minha adversária disse, recostandose na parede. Ela cruzou os braços e os seios ficaram ainda mais juntos. *Perigo, perigo*. Eu rapidamente desviei os olhos.

– Claro – eu conseguiria. Eu sou um gênio.

– Você parece muito orgulhoso por alguma coisa. Despediu alguém hoje? Chutou algum cachorrinho?

Ah, eu sei o que você está tentando fazer, Srta. Mills. Mantive meus olhos fixados nas portas espelhadas e respondi:

– Estou apenas pensando no cartão que a Sofia fez para nós. Ela deve ter usado aquele conjunto de arte que compramos para ela no aniversário de quatro anos. Mas acabei de perceber que a caligrafia dela parece muito com a sua.

Um sorrisinho apareceu em sua boca e ela assentiu, olhando para o número dos andares que se sucediam.

Quase como se um peso tivesse sido colocado em meus ombros, uma sonolência começou a tomar conta do meu corpo; meus braços pareciam atingidos por uma pesada onda de fadiga. Sorri ainda mais.

O elevador parou em nosso andar e deixei Chloe sair primeiro. Ela esperou

enquanto eu abria a porta do quarto e depois foi direto para o banheiro.

– O que você está fazendo? – perguntei. Mas o que eu estava esperando? Que ela pulasse em cima de mim e me forçasse a transar com ela? E por que isso parecia tão atraente?

– Apenas me arrumando para dormir – ela disse sobre o ombro, e então fechou a porta do banheiro.

Fiquei parado por um momento antes de abrir a varanda e sentir o primeiro bocejo chegando. O jantar foi melhor do que o esperado. Bom, mais ou menos. Bull fez um brinde de quinze minutos de enrolação sobre minha família, contando várias histórias sobre algumas interações questionáveis que ele tinha tido com uma das minhas namoradas do colégio antes de falar um tempão sobre o quanto a Chloe era linda. Minha mãe tinha enviado mais sete mensagens, que eu ainda não tinha lido. Judith e Mary acabaram sentando no colo do Will, e Henry circulou pelo salão depois da sobremesa, fazendo um monte de apostas secretas com os convidados.

Mas a polícia não precisou ser chamada e não houve nenhuma emergência, então a primeira noite foi um sucesso, considerando esse grupo de pessoas malucas. Pelo menos o caos tirou da minha mente Chloe, os sapatos que ela só tinha usado antes durante o sexo e seu vestido que parecia mostrar tudo, mas que na verdade não mostrava nada – o que era infinitamente mais sexy.

Nunca imaginei que eu tentaria evitar sexo na semana do nosso casamento. Mas tive muito tempo para pensar enquanto dobrava aqueles milhões de programas, e decidi que pela primeira vez em nossa relação eu queria desfrutar *dela*: sua risada, suas palavras e a mera presença de sua companhia. Eu queria poder olhar para ela sem pensar na próxima vez em que ficaria nua para mim. Na hora pareceu uma boa ideia, e eu estaria mentindo se dissesse que isso também não tinha um pouco a intenção de irritá-la, pois eu sabia que regular sexo teria esse efeito...

Olhei para a porta do banheiro. Onde diabos ela estava? Enquanto minhas pálpebras ficavam cada vez mais pesadas e Chloe não aparecia, eu não sabia se teria forças para lutar contra ela se ela quisesse sexo.

Sentei no sofá da sala de estar, apanhei uma revista e senti o cansaço aumentar a cada minuto. Olhei quando ouvi a porta do banheiro se abrindo e quase caí no chão. Chloe estava encostada na parede, com os cabelos soltos sobre os ombros e descendo pelas costas. Seus lábios estavam brilhantes e rosados, e eu podia imaginar aquela boca manchando meu peito e descendo até meu pau. Ela estava vestindo de longe a lingerie mais sexy e complicada que eu já tinha visto. As taças pretas do sutiã mal cobriam os seios; o resto consistia de uma série de fitas de cetim cruzando estrategicamente seu torso e entre suas pernas. Precisei de

duas tentativas para conseguir falar alguma coisa.

– Tinha alguém com você lá dentro? – eu disse, arrastando as palavras.

Suas sobranças se juntaram e ela sacudiu a cabeça.

– Como assim?

– Porque... não entendo como você conseguiu vestir isso sozinha – minha voz estava grave e rouca. – Inferno, nem sei como eu faria para tirar tudo isso – ergui minhas mãos e as senti pesadas e dormentes. Eu não conseguiria nem rasgar um papel naquele momento.

– Isso soa como um desafio – ela disse com um sorriso. Meus olhos passaram por cada centímetro de seu corpo e eu não conseguia parar de olhar. Ela era incrivelmente *linda*. Suas pernas eram longas, *muito longas*, e os pés ainda traziam os mesmos sapatos azuis que ela tinha usado no jantar.

Chloe deu um passo em minha direção, depois outro.

– Lembra da última que vez em que estivemos aqui? – ela perguntou.

– Estou tentando não lembrar.

Ela pressionou a mão em meu peito e facilmente me empurrou no sofá antes de montar em meu colo.

– Você me comeu no chão... – ela aproximou o rosto e beijou meu queixo. – E na varanda... – Chloe beijou meu pescoço. – E na cama, e no chão, e na cama e no chão de novo.

– E não se esqueça da poltrona no canto – eu murmurei, ofegando quando ela arranhou minha barriga e agarrou minha gravata.

– E se eu disser que quero recriar um pouco daquela noite? – ela sussurrou em meu ouvido. – E se eu pedir para você me amarrar com isto aqui? E me dar uns tapas. E me comer na...

Eu bocejei. *Muito*.

Ela afastou o rosto de repente e olhou para mim, percebendo meu estado letárgico e que meus olhos mal conseguiam ficar abertos.

– O que você fez? – ela perguntou, desconfiada.

Dei um sorriso estúpido e sonolento.

– Tomei uma espécie de medida de segurança – disse, arrastando as palavras.

– A propósito, você está linda e eu realmente gostei dessa... dessa coisa que você está vestindo e gostaria de pedir que você a vestisse novamente para mim... algum outro dia.

– O que você *fez*, Ryan? – ela repetiu, mais alto, depois se levantou e colocou as mãos na cintura enquanto me olhava feio.

– Apenas tomei um remedinho para dormir – eu disse, bocejando e tirando o pequeno frasco do meu bolso para mostrar a ela.

Eu tinha uma prescrição para esse remédio para viagens internacionais, mas

nunca tinha usado. Na verdade, fiquei impressionado com a rapidez do efeito, e um pouco incomodado por ele não ter controlado meu estado de excitação. Principalmente porque Chloe parecia que estava prestes a me castrar.

– Seu filho da mãe! – ela gritou, empurrando meu peito. Mas foi um movimento contraproducente, pois eu apenas caí para trás, mergulhando de cabeça nas almofadas. Ela começou a gritar sobre... alguma coisa, mas eu já não conseguia entender direito. Pensei que um dia ela entenderia que eu estava fazendo isso por ela.

A última coisa que vi antes de fechar os olhos foi ela correndo para fora da sala, gritando algo sobre se vingar.

Finalmente, Bennett: 1, Chloe: 0.

Três

Ele não cedeu e não me comeu até dizer chega na noite anterior. Na verdade, ele teve a audácia de tomar um remédio para apagar. Claramente estava na hora de jogar pesado.

Passei a maior parte do jantar da noite passada assistindo ao Bennett ser adoravelmente endiabrado ao jogar minhas tias na direção de Will. Assisti a ele ficar enciumado e irritado quando Bull me encheu de histórias sobre quantos carros ele vendera e quantas mulheres comera. Assisti ao Bennett com adoração enquanto ele cumprimentava sua família, esperava o prato de sua mãe chegar antes de começar a comer, agradecia pessoalmente o garçom e se levantava quando eu me levantava para ir ao banheiro.

Bennett Ryan era um cretino, mas era um cretino encantador, e naquele dia – com ou sem essa estúpida abstinência – eu iria cavalgá-lo como uma amazona.

Eu tinha uma mala cheia de lingerie e roupas que com certeza o deixariam aos meus pés. Eu estava reservando as peças mais provocantes para nossa lua de mel, mas eu suspeitava que nem precisaríamos de roupas quando chegássemos ao resort em Fiji.

De certa maneira, era legal ter uma nova missão. Ao invés de me estressar com os parentes e com o caos em que estávamos mergulhando, eu podia me concentrar no fato de que Bennett realmente precisava me comer algumas vezes por dia. Era um objetivo simples, na verdade. Eu não podia controlar o humor ou a insanidade de nossas famílias, mas eu podia definitivamente controlar o pau desse homem.

Will havia nomeado esta noite como a “Última Noite de Liberdade”. Apesar de ser quinta-feira e o casamento ser apenas no sábado, ele declarou que o ensaio na sexta-feira selaria o destino de Bennett como um homem casado, então ele e Max planejaram uma noite para os amigos no bairro de Gaslamp Quarter. Iríamos a alguns bares, tomaríamos uns drinques. Max descreveu assim: “Hoje vamos nos embriagar direito e fingir que Chloe não nos entregou uma lista de tarefas de cinco metros”.

Mandei os homens se arrumarem em nossa suíte, e as garotas – Sara, Hanna, minha amiga de infância Julia, minha quase cunhada Mina e eu – foram se

arrumar no quarto da Julia. Fiz isso em parte para ter um tempo com minhas amigas antes de sairmos todos juntos, mas também para que Bennett não me visse até que chegássemos ao bar. Se ele visse o que eu queria usar, ele me amarraria na cama com as fitas dos meus sapatos e trocaria minhas roupas por mim.

Se pelo menos ele me amarrasse para me *comer*, eu me arrumaria sem problemas na suíte nupcial ao lado dele. Mas eu conhecia Bennett, e sabia o quanto ele ficava determinado uma vez que tomava uma decisão. Eu precisava atacar sorrateiramente. Eu precisava seduzir meu noivo, e para fazer isso, eu precisava jogar sujo.

Julia e Mina estavam trabalhando no zíper quebrado de Hanna, e eu me sentei na cama da Julia e cuidadosamente amarrei as fitas do meu sapato de salto alto que subiam pela perna. Os sapatos da noite passada funcionaram bem, mas obviamente não bem o suficiente. Para aquela noite eu tinha escolhido um vestidinho preto, brincos brilhantes e os mesmos sapatos que tinha usado na noite em que saímos para dançar quando Bennett e eu estivemos aqui em San Diego juntos para a conferência da JT Miller no começo de nossa “relação”.

Amarrei a fita de cetim atrás da batata da perna e fiquei lembrando daquela noite e do estado em que Bennett estava quando entrei no saguão do hotel nas primeiras horas da manhã e o encontrei sentado num sofá, me esperando.

Seu cabelo estava um desastre, e eu sabia, sem precisar perguntar, que ele esteve quase arrancando os fios. Pensando agora, era óbvio que estávamos apaixonados já naquela época, mas eu me lembro do quanto fiquei surpresa quando ele admitiu que precisava de outra noite comigo. Eu queria isso mais do que qualquer coisa, mas nunca esperei que ele pedisse tão abertamente.

Eu o segui até meu quarto e nós fizemos amor por horas, trocando palavras sobre histórias reais, desejos reais, sentimentos reais. A partir dali, nossa relação chegou a um ápice – ele ficou doente e eu precisei assumir uma reunião sozinha, e fiz isso muito bem. Quando ele se recuperou, nós decidimos ficar juntos, como um casal, sem nos esconder mais.

– Chlo? – Sara disse, abaixando a cabeça para encontrar meus olhos e me arrancando de meus pensamentos. – Você está bem?

Comecei a me concentrar no outro sapato e assenti.

– Sim, estava só me lembrando de quando eu e Bennett estivemos aqui pela primeira vez.

Ela se sentou e colocou o braço sobre meus ombros.

– Você acha estranho se casar aqui?

Encolhendo os ombros, admiti:

– Um pouco. Temos muitas lembranças aqui, umas boas, outras nem tanto.

– Quando você descobriu que o amava?

Fechei os olhos e me encostei nela enquanto pensava na resposta.

– Acho que eu provavelmente *sentí* amor por ele antes de *saber* que o amava. Mas, você lembra quando nós estivemos aqui para a conferência e ele ficou com intoxicação alimentar?

Ao meu lado, Sara assentiu.

– Bom, depois de fazer a apresentação do Gugliotti e voltar para contar ao Bennett, eu desci para a conferência e deixei ele descansar. Quando voltei para meu quarto, Bennett estava sentado no sofá. Ele sempre estava bonito, é claro – eu disse, rindo quando Julia mexeu as sobrancelhas para mim –, mas naquela hora ele parecia um cara *comum*. Estava sem camisa e com os cabelos despenteados. Estava assistindo à TV com a mão dentro da cueca. E tive a epifania de que ele *era* um cara comum, e que estava se transformando no *meu* cara comum, entende? – ao meu redor, todas as minhas amigas assentiram. – Acho que esses são os momentos em que eu mais o amo, quando olho para ele e enxergo muito mais do que um cretino irresistível. Às vezes ele ainda parece inatingível e intimidador, até mesmo para mim. Não me entendam mal, eu também amo esse lado. Mas quando estamos sozinhos ele baixa a guarda e eu posso ver *todos* os seus lados, e aquele dia foi a primeira vez que isso aconteceu. Acho que foi então que descobri que eu o amava.

– Acho que foi antes disso – Mina disse, vasculhando o frigobar. – Eu vi seu rosto quando flagrei vocês no banheiro da casa dos pais dele. Bennett disse que ficar com você foi um erro. A sua reação foi a de uma mulher com *emoções*.

Franzi o nariz, considerando isso.

– Deus, mas ele era um filho da mãe tão grande naquela época.

– Ele *ainda* é um filho da mãe – Mina me lembrou. – E tenho certeza de que se não fosse mais, você encontraria um jeito de irritá-lo até ele voltar a ser.

– Eu gosto de assistir a vocês dois – Hanna disse. – Nunca vi um casal assim. É sério, aposto que o sexo é surreal.

Hanna passava tanto tempo com a gente que sua honestidade brutal já nem surpreendia mais... exceto a Mina, que ainda não a conhecia.

– Não preciso ouvir isso – Mina cobriu as orelhas. – De novo.

Hanna estava linda usando um vestido cinza que chegava até acima dos joelhos. Julia havia prendido o cabelo de Hanna num penteado complicado, e seu pescoço, longo e liso, estava decorado simplesmente com um pequeno pingente de diamante. Eu mal esperava para ver a cara do Will quando a visse.

– Você precisa me deixar pedir todas as bebidas hoje – Sara disse, levantando-se e ajustando seu brilhante vestido azul que cobria sua imensa barriga de grávida. – Juro pode Deus, quero só ver a cara do barman quando eu pedir dez

doses de tequila.

– A gravidez combina muito bem com você, Sara – Julia disse, cruzando o quarto para apanhar seus sapatos. Ela sentou na beira da cama e os calçou, ainda olhando para Sara. – Gostei da barriga e da atitude.

– Concordo – disse. – Ela está se tornando uma gata ferina.

Sara riu e estudou seu reflexo no espelho antes de se aproximar de mim para que eu fechasse seu colar.

– Eu realmente adoro meu corpo desse jeito. Isso é estranho? Adoro minhas novas curvas.

– O alfaiate com certeza não gostou – Julia acrescentou, rindo. – Ainda não acredito no escarcéu que ele fez quando descobriu que teria que alterar o vestido dela.

Eu gemi. *O vestido*. Julia havia encontrado os mais perfeitos vestidos de madrinha que eu já tinha visto. Tinham uma coloração linda em degradê que começava no azul Tiffany que combinava com a decoração do casamento e terminava num belo azul-marinho. Os vestidos foram feitos com chiffon cravejado e tinham uma delicada alça presa em um dos ombros, mas o vestido de Sara, claro, teve que ser alterado para acomodar sua nova barriga. Etienne, o estilista, surtou. Ele fez um discurso sobre simetria, tecidos, linhas. Depois de muita reclamação dele, muito dinheiro meu e seis alterações depois, o vestido finalmente ficou pronto. E eu mal podia esperar para ver minha linda e rechonchuda madrinha.

– Aposto que o Max também gosta do seu corpo atual – Mina disse, sorrindo para Sara.

– Ah, gosta sim – eu respondi por ela, fechando o colar atrás do pescoço de Sara. – Às vezes sinto que estou assistindo algo indecente só de ver ele servir água para ela.

O rosto de Sara ficou vermelho e eu ri, amando o jeito como a gravidez deixava impossível esconder seu rubor.

– Estamos prontas para sair? – Julia perguntou, tomando o resto de sua tônica e vodka do frigobar. – Já está na hora de começar a beber.

Nós nos dirigimos para a porta e saímos uma de cada vez. No saguão, Mina pediu para o manobrista chamar um carro para nós, e quando entrei no veículo e fechei a porta, vi os rapazes surgirem no saguão do hotel.

– *Meu Deus*, Chloe – Julia disse, olhando para Bennett, na frente do grupo. – Olhe aquele homem.

Mordendo o lábio, eu pude apenas balançar a cabeça para concordar. Como sempre, seus cabelos estavam desarrumados com aquele célebre jeito de quem acabou de transar. Ele estava rindo de algo que o Will dissera, e quando ergueu o

queixo para chamar o manobrista, pude ver a linha perfeita de seu maxilar. Ele vestia jeans e uma camiseta preta que não era apertada, mas mesmo assim delineava o corpo definido debaixo do suave tecido de algodão. Eu conhecia essa camiseta muito bem; eu a havia comprado para ele pensando em roubá-la para mim quando ele a deixasse no perfeito estado de desgaste que eu tanto adorava.

Seduzi-lo hoje seria *muito* divertido.

Minhas pernas estavam escondidas de sua vista, e tudo que Bennett podia ver era a parte de cima do meu vestido preto.

– Você está encrencada demais – Sara murmurou ao meu lado, olhando para meus sapatos. – Quero só ver a reação dele.

– É verdade! – eu disse, rindo.

A sobancelha do Bennett se ergueu numa pergunta silenciosa e eu acenei para ele: não, nós não iríamos esperar por eles.

– Encontramos vocês no Sidebar! – Julia gritou pela janela, e Bennett acenou de volta, exibindo seu sorrisinho patenteado.



O Sidebar era incrível, com grandes poltronas de couro vermelho e preto, espelhos enormes e fotos sensuais de pessoas nuas penduradas nas paredes, além de grandes gaiolas penduradas no teto. O bar principal era espaçoso, cheio de mármore brilhante com um simples padrão decorando a frente. Quando chegamos, o local estava cheio, mas não lotado, e imediatamente pedimos duas grandes mesas aos fundos.

Os rapazes não chegaram tão rápido quanto nós, então tivemos tempo de pedir bebidas e voltar para nossa mesa antes de eles chegarem. Olhei para a porta bem quando Bennett entrou conduzindo o grupo formado por Max, Will, Henry e os primos de Bennett, Chris e Brian. Quando eu me levantei para recebê-los, e o Bennett pôde me olhar de cima a baixo, desde meus lábios vermelhos até as unhas dos pés, soube que estava muito, muito encrencada.

Ignorei seu olhar da melhor maneira que consegui, mas com ele isso era quase impossível. Sua atenção era quase uma presença física, um peso em meu pescoço, meus seios, e principalmente, em minhas pernas expostas. Nós nos levantamos quando eles se aproximaram, e eu senti um aperto em meu peito e meu coração acelerou diante da diversão que era reunir a todos. Beijeí Brian, Will e Max, e cumprimentei o Bull com um breve e educado abraço.

Foi só então que olhei Bennett com mais calma, e senti o familiar calor se espalhar em meu estômago e descer entre minhas pernas. Apoiando na ponta dos

pés, beijei o canto de sua boca.

– Oi. Você está tão gostoso que dá vontade de lamber.

Ele retribuiu meu beijo de um jeito sério, depois falou em meu ouvido:

– Que diabos você está vestindo?

Olhando para baixo, eu passei a mão sobre meu vestidinho apertado.

– É novo. Você gostou?

Antes que eu pudesse olhar para cima para ouvir sua resposta, Bennett agarrou meu braço e me puxou para um corredor escuro, onde me apertou contra a parede. Mesmo sob a luz fraca, eu podia ver a fúria e o desejo em seu rosto. Era meu Bennett favorito. Eu também fiquei excitada; cada pedaço da minha pele ansiava por sentir o toque bruto de seus dedos.

– O que você acha que está fazendo? – ele rosnou.

– Você poderia ser mais específico? Eu estou tomando uma bebida, saindo com os amigos, estou...

Ele agarrou meus ombros com as mãos. Soltei um gemido contido, e ele cerrou os olhos ainda mais.

– Os sapatos, Chloe. Explique os malditos *sapatos*.

– Eles são especiais para mim – disse, lentamente baixando meus olhos até sua boca. Lambi meus lábios e ele chegou ainda mais perto. – Uma peça nova, uma peça velha. Usei esses sapatos quando estivemos juntos aqui em San Diego, lembra?

Como eu desconfiava, seu rosto se tornou impossivelmente mais faminto.

– É *claro* que eu lembro. E o “uma peça nova, uma peça velha” é uma tradição apenas para o casamento, não para a semana anterior, quando eu estou tentando manter minhas mãos longe de você.

– Estou praticando – eu disse, quase sem fôlego. – Na verdade, tem muitas outras coisas que eu gostaria de praticar antes do casamento, Bennett. Tipo, fazer um “garganta profunda”.

– Você está realmente tentando me enlouquecer?

Sacudi a cabeça com grandes olhos inocentes, mas disse:

– Sim. Realmente estou.

Ele soltou um pouco meus ombros e encostou sua testa na minha.

– Chloe... Você sabe o quanto eu quero você em cada segundo.

– Eu também quero você. Então, pensei que talvez mais tarde nós pudéssemos voltar para o hotel e eu não tiraria os sapatos, o que você acha? Você poderia me comer deitada de costas, com as pernas para o ar... – virei o rosto e beijei a ponta de sua orelha. – Além disso, estou usando um corselete incrível por baixo do vestido...

Bennett se afastou e virou, praticamente fugindo do corredor.

Aproveitei a oportunidade para passar no banheiro e checar minha maquiagem, além de cumprimentar a mim mesma no espelho pela batalha ganha. Mas meu Martini estava esperando e eu estava no meio da missão de seduzir meu noivo, então não demorei muito.

Bennett parecia mais calmo quando voltei para a mesa, e estava sentado com Max e Will enquanto os outros homens pediam suas bebidas no bar e as garotas dançavam na pista. O braço de Bennett estava apoiado no encosto e eu deslizei ao seu lado, correndo minha mão de seus joelhos até a coxa.

– Oi – eu disse de novo. – Está se divertindo?

Ele me jogou um olhar que causaria danos a um adversário menos preparado, mas eu apenas sorri, beijando seu pescoço e sussurrando:

– Mal posso esperar para você gozar na minha boca mais tarde.

Ele tossiu, praticamente derramando seu gimlet de vodka na mesa e recebendo olhares curiosos do Will e do Max.

– Tudo certo aí, Bennett? – Will perguntou, sorrindo maliciosamente. Será que Bennett tinha contado sobre essa história de abstinência? Eu esperava que sim; ninguém ficaria mais feliz em me ajudar do que Will e Max.

– Só engasguei um pouco – Bennett explicou.

– Eu ainda estou ensinado a ele como não engasgar – eu disse num sussurro, e os dois explodiram numa gargalhada. Will até se inclinou para me cumprimentar.

– Ele contou a vocês sobre sua nova virgindade? – perguntei.

– Ele mencionou que está desfrutando do esporte de deixar você esperando – Max disse. – Mas só para constar, Chloe, eu gostaria de dizer que seus sapatos são realmente bonitos.

– Eu concordo! – disse, sorrindo para meu noivo.

A mesa era grande o bastante para acomodar várias pessoas, e após pedirem suas bebidas, Brian e Bull se juntaram a nós. Ficamos alguns momentos em silêncio enquanto bebericávamos os drinques, e Max e eu trocamos um sorriso divertido quando ouvimos Sara tagarelar do outro lado do salão.

– Essa é a sua garota – eu disse.

Ele ergueu sua bebida como se estivesse brindando, e com o rosto corado, murmurou:

– Com certeza.

Olhei para Sara e ri.

– Na verdade, é a sua garota com um barrigão... trazendo uma bandeja de drinques.

Ele a avistou e soltou um gemido, levantando-se para encontrá-la no caminho. Enquanto se distanciava, conseguimos ouvi-lo dizendo:

– Sara, meu amor, isso é pesado demais...

– Ele parece o cachorrinho dela – Will murmurou.

– Não comece, Sumner – Bennett disse, sacudindo a cabeça. – Você mal consegue manter a língua dentro da boca quando está perto da Hanna.

Will encolheu os ombros e se recostou na cadeira, sem nem tentar esconder a maneira como olhou para sua namorada e estudou cada centímetro de suas pernas expostas.

Olhei para cada um dos homens da mesa e fiquei pensando se estavam em silêncio porque queriam que eu fosse embora para poderem conversar sobre assuntos de homens, como pênis, basquete e banheiros. Mas eu estava muito confortável, e o peso do braço do Bennett sobre meu ombro estava perfeito demais para eu sair dali. Eu só me moveria para pular em seu colo e rebolar um pouquinho.

Comecei a executar essa ideia brilhante, mas ele me impediu apertando meu ombro.

– Não se *atreva*.

– Você está duro? – eu perguntei em seu ouvido.

Ele me deu um olhar.

– Não.

Eu lambi meus lábios e senti meu coração acelerar quando seus olhos desceram para minha boca e ele aproximou o rosto.

– E agora?

– Você é impossível, mulher – ele se afastou, apanhando seu drinque.

Um grande rosto de mulher tatuado no braço do Bull chamou a minha atenção e eu me encostei em Bennett novamente, mas outra vez ele se afastou.

– Não, vem aqui – eu disse, puxando sua camiseta. – Quero perguntar uma coisa. Juro que não vou lambar sua orelha – ele aproximou o rosto relutantemente. – Quem é aquela no braço do Bull?

Ele olhou por um segundo antes de responder num sussurro:

– Acho que é a namorada dele, ou ex-namorada. Maisie. Eles estão sempre terminando e reatando desde a adolescência.

Pensei um pouco enquanto absorvia a informação: Bull poderia estar namorando e ao mesmo tempo dando em cima de todas as mulheres do casamento.

– Você está brincando?

– Não mesmo.

Tentei parecer o mais casual que podia: a última coisa que queria era chamar a atenção do Bull e o fazer pensar que estava interessada nele. Mas a tatuagem era enorme, praticamente do tamanho da minha mão, e incrivelmente detalhada. No jantar da noite anterior ela havia ficado escondida debaixo de sua camisa, mas

agora o desenho inteiro estava visível, com todas as cores. Era, basicamente, o rosto e o pescoço da tal Maisie, parando bem onde os seios começavam.

Virando de volta para Bennett, sussurrei:

– Meu Deus. Ela deve ser incrível na cama. Eu sei chupar um pau, mas ninguém nunca tatuou meu rosto.

Bennett congelou, parando a mão no ar quando ia pegar sua bebida.

– Calma, eu não quero que você tatue o *meu rosto* no seu braço, Sr. Ryan.

Ele suspirou pesadamente, trazendo o copo aos lábios e dizendo:

– Ótimo.

– Mas eu gostaria de chupar seu pau tão forte que você prometeria fazer uma mesmo assim – eu disse enquanto ele colocava a mão nas minhas costas e me empurrava para fora da mesa, mandando eu ir brincar um pouco com minhas amigas.

Nós dançamos e bebemos; Hanna e Mina dançavam de um jeito muito engraçado e nós rimos muito até nossas barrigas doerem. Foi uma noite perfeita: no bar com todas as minhas pessoas favoritas, cercada por minhas amigas enquanto o amor da minha vida exalava seu intenso amor e ódio por mim.

Max e Will estavam ao meu lado nessa coisa ridícula de abstinência e por isso vieram dançar comigo, provocando, me levantando e me carregando até Bennett para trocarmos um beijo de ponta-cabeça, cheio de segundas intenções.

– Eu amo você de qualquer maneira – disse quando Bennett me olhou feio. – E vou pegar você de jeito hoje.

Ele sacudiu a cabeça e soltou o sorriso que estava tentando esconder.

– Eu também te amo de qualquer maneira. E você pode tentar o seu melhor, mas não vai funcionar. Você não vai ter o meu pau até que estejamos casados.



Escovamos os dentes lado a lado e estudamos um ao outro pelo espelho. Eu estava usando um roupão grosso sobre minhas armas de sedução em massa, mas Bennett estava apenas de cueca, então fiquei um tempo apreciando seu torso nu. Eu adorava seus mamilos de homem, os pelos no peito e a definição de seus ombros, peitoral, estômago. Depois fiquei olhando o caminho de pelos que descia de seu umbigo até desaparecer debaixo da cueca. Eu queria lambe aquela linha e depois sentir o sabor da pele suave de seu pau.

– Você tomou outro remédio para dormir?

Ele sacudiu a cabeça enquanto escovava os dentes de trás.

– Eu gosto do seu corpo – disse, com a escova de dentes na boca.

Ele abriu um sorriso cheio de pasta de dente.

– Igualmente

– Posso chupar você?

Ele se abaixou para cuspir e enxaguar a boca antes de simplesmente responder:.

– Não.

– Quer me comer rapidinho por trás?

Bennett secou o rosto com a toalha e depois deu um beijinho em minha testa.

– Não.

– Punhetinha?

– Não.

Lavei meu rosto e o segui até o quarto. Ele já estava debaixo das cobertas, lendo um livro sobre política.

– Vou tentar não ficar ofendida por ter um militar na capa desse livro depois de você recusar uma chupada.

– Depois me conte se você conseguiu – ele disse, dando uma piscadela.

Encolhendo os ombros, tirei meu roupão e fiquei de pé ao seu lado, vestindo uma calcinha fio-dental verde com uma saínda de seda, além de um sutiã combinando. Uma cinta-liga prendia as meias mais macias que já tinha usado.

Ele me mediu de cima a baixo e suspirou.

– O que foi? É só meu confortável pijama – eu disse, pulando para a cama e entrando debaixo das cobertas. – Adoro dormir ao seu lado quando estou usando cinta-liga de seda e essa calcinha pequeninha e *muito* cara.

Bennett ajustou seu travesseiro e voltou para o livro, mas eu consegui contar até cem antes de ouvir ele virar a página, então tenho certeza de que não estava lendo nada.

Puxando as cobertas para baixo para expor minhas coxas, eu me aninhei ao seu lado.

– Você deveria sentir estas meias. São tão *delicadas*. Aposto que você conseguiria rasgá-las só de olhar.

Bennett tossiu, depois sorriu pacientemente para mim.

– Tenho certeza de que sim. Fui eu que as comprei para você, afinal de contas.

– Mas não tenho certeza se deveria dormir com elas – Franzi o rosto, pensativa. – Você pode me ajudar a tirá-las?

Ele hesitou por um longo tempo olhando para seu livro antes de guardá-lo cuidadosamente no criado-mudo. Depois me descobriu inteira e me analisou sob a luz fraca do abajur.

– Você é linda demais – ele murmurou, beijando meu pescoço, minha clavícula e o topo dos meus seios.

Uma sensação de vitória explodiu em minhas veias e eu fechei os olhos,

arqueando as costas para que ele pudesse abrir o sutiã, erguendo minha bunda para que pudesse cuidadosamente tirar a pequena saia que envolvia minha calcinha. Mas abri os olhos e o observei tirar gentilmente minhas meias, dando apenas um único beijo em cada joelho.

Algo estava errado.

Bennett olhou para mim e sorriu maliciosamente antes de agarrar minha calcinha e a deslizar pelas minhas pernas, jogando-a *inteira* no chão ao lado da cama.

– Melhor assim? – ele perguntou, segurando uma risada.

Fiquei olhando para ele, tentando machucá-lo com o meu olhar.

– Você é um idiota.

Ele revirou os olhos.

– Eu sei.

– Você sabe o quanto quero sentir você em cima de mim? Você não viu a calcinha? Era ridícula! Você poderia rasgar com os *dentes*!

– Era mesmo incrível – Bennett se abaixou e beijou minha boca tão docemente, tão profundamente que meu peito se apertou de tanto prazer. – Sei o quanto você quer. Eu também quero – ele assentiu em direção à cueca, onde estava tão duro que eu podia ver a ponta da ereção pressionando o tecido. – Estou pedindo que você confie em mim.

Ele estendeu o braço para apagar a luz, depois virou para ficar de lado olhando para mim.

– Diga que você me ama.

Passei minhas mãos em seu peito nu e subi até seus cabelos.

– Eu te amo.

– Agora, durma. Amanhã será um longo dia. O resto dos convidados vai chegar, nós vamos ensaiar nosso casamento, e eu estarei a apenas um dia de me tornar seu marido. Depois disso, nunca mais vou negar ter você.

Ele me beijou lentamente, com firmeza e lábios quentes, sem língua, sem sons, apenas sua boca sobre a minha, sugando docemente e me acalmando até eu me sentir serena, adorada, e até mesmo sonolenta o bastante para imaginar que poderia adormecer ao lado deste homem sem precisar estar fatigada por muitos orgasmos.



Acordei numa cama vazia. Não era uma ocorrência rara, e quase caí no sono outra vez antes de lembrar que Bennett não estaria de pé para trabalhar; estávamos em San Diego para nosso casamento. Meu coração explodiu em

pânico e uma sensação de *déjà vu* surgiu em meu peito. E se o Bennett estivesse doente?

Eu me sentei na cama imediatamente e olhei por baixo da porta do banheiro procurando por alguma luz em nosso quarto escuro. Cruzei a sala de estar da suíte e entrei no banheiro social. Podia ver que a luz estava acesa por debaixo da porta, e eu segui na ponta dos pés, sem saber se deveria chamá-lo ou apenas voltar para cama e torcer para estar tudo bem.

Dei um passo para trás e me lembrei da única vez em que vi Bennett doente – a intoxicação alimentar que tinha comentado com Sara na noite anterior.

– *Por que você não me acordou? – eu perguntei a ele.*

– *Por que a última coisa que eu precisava era ter você lá, me vendo vomitar.*

– *Eu poderia fazer alguma coisa. Você não precisa ser tão machão.*

– *E você não precisa ser tão mulherzinha. O que você que poderia fazer?*

Intoxicação alimentar é uma coisa para se cuidar sozinho.

Resolvi deixá-lo em paz e comecei a voltar para o quarto...

Até que ouvi um gemido baixo.

Meu coração se apertou e minha pulsação acelerou. Andei até a porta e pousei a mão contra a madeira. Quando eu estava quase o chamando para perguntar se queria algum remédio, ele gemeu e soltou sons de prazer com a voz rouca.

- Ai, caralho...

Tirei minha mão da porta e a coloquei sobre minha boca, abafando uma exclamação de surpresa. Será que ele estava...? Será que ele escapou para o banheiro da sala para...?

Ouvi a torneira sendo aberta do outro lado da porta e fiquei olhando como se pudesse desenvolver uma visão de raios X se me concentrasse bastante. Com que frequência ele fazia isso? Será que sempre se masturbava no meio da noite? A água parou e eu me virei, correndo de volta para o quarto.

Pulei no colchão e puxei as cobertas para que Bennett pensasse que eu ainda estava dormindo. *Dormindo* enquanto ele batia uma na sala!

Rolei meu rosto no travesseiro para abafar uma risada. Na outra parte da suíte, a porta do banheiro se abriu e uma fresta de luz cortou o tapete antes de tudo voltar a ficar escuro.

Fiquei ouvindo com atenção, tentando diminuir minha respiração enquanto ele andava sobre o carpete de volta para o quarto. Bennett cuidadosamente subiu as cobertas e se deitou ao meu lado, abraçando meu corpo e beijando minha testa.

– Eu te amo – ele sussurrou, passando suas mãos frias sobre minha pele quente.

Eu ainda não tinha decidido se continuaria fingindo que estava dormindo ou se admitiria o flagra para poder jogar isso na cara dele. Então rolei em sua

direção, subindo minha mão por seu peito até o coração. Sua pulsação estava praticamente *martelando*.

Como se tivesse acabado de ter gozado escondido.

Aproximei meu rosto de seu ouvido e sussurrei:

– Você nem gemeu meu nome. Estou ofendida.

Ele congelou.

– Pensei que você estava dormindo.

Eu ri.

– Obviamente – mordisquei seu maxilar. – Você teve um bom orgasmo solitário?

Finalmente, ele admitiu.

– Sim.

– Por que você foi até lá? Tenho uma mão e vários orifícios à disposição.

Rindo, ele apenas disse meu nome.

– *Chloe*.

– Você faz isso sempre? – fiquei com medo que ele pudesse ouvir a pitada de ansiedade em minha voz.

– Nunca faço quando estou com você. Eu só... – Bennett levou minha mão até sua boca e a beijou. – Você está nua. Estava duro... – rindo, ele começou a reformular o que iria dizer. – Estava *difícil* dormir com você assim.

Eu adorava sua voz no meio da noite, tão rouca e grave. Adorava ainda mais depois de um orgasmo... mesmo que tenha sido escondido no banheiro. Sua voz sempre ficava mais grave após gozar, suas palavras pareciam mais lentas. Ele ficava impossivelmente mais sexy.

– Você estava pensando em quê?

Ele parou, acariciando minha mão com o polegar.

– Sobre suas pernas abertas sobre meu rosto e sua boca no meu pau. Como na outra noite, só que sem suas provocações.

– Quem gozou primeiro?

Com um gemido, ele disse:

– Não sei. Eu não estava...

Dei um tapinha em seu peito.

– Ah, não vem com essa. Eu sei o quanto suas fantasias são específicas.

Virando-se para mim no escuro, ele disse:

– Você gozou primeiro. Claro que foi você. Certo? Podemos voltar a dormir?

Eu o ignorei.

– Você gozou na minha boca ou na...

– Na boca. Durma, Chloe.

– Eu te amo – disse, depois o beijei.

Por um momento ele me deixou abocanhar seu lábio e chupar, morder. Mas então afastou o rosto e envolveu minha cintura com os braços, movendo minha cabeça para mais perto de seu peito.

– Eu também te amo.

– Eu não quero levantar e ir ao banheiro – eu disse, sorrindo na escuridão.

Ouvi sua boca se abrir, mas demorou alguns segundos até ele produzir algum som.

– Como assim?

Rolei de costas e abri minhas pernas, deixando uma delas sobre sua coxa.

– *Chloe...* – ele gemeu.

Eu já estava molhada só de pensar no que ele tinha feito e no que esteve pensando. Estava molhada só de lembrar de sua voz no banheiro quando gozou: era o som de alívio misturado com arrependimento, e o fato de que era mais necessidade do que diversão deixou tudo muito mais sexy. Deslizei meus dedos sobre minha pele até chegar ao meio das pernas.

Ao meu lado, Bennett ficou parado até eu soltar meu primeiro gemido silencioso, e então ele estremeceu e se espalhou ao meu lado, rolando até quase cobrir meu corpo e beijando de meu pescoço até meus seios.

– Me conte o que você está pensando – ele sussurrou enquanto me beijava. – Conte cada pensamento nessa sua mente suja.

– É a sua mão – eu disse, sentindo meu coração bater mais forte com meus próprios toques –, e você está me provocando.

A voz dele estava tão grave que parecia apenas uma vibração quando perguntou:

– Como?

Engolindo em seco, eu disse:

– Quero você tocando meu clitóris, mas você está apenas circulando os dedos ao redor.

Ele riu, tomando um mamilo na boca antes de soltá-lo com um beijo melado.

– Deslize apenas um dedo. Continue provocando. Quero ouvir você implorar.

– Eu quero mais – meu dedo era muito menor que o dele, e apenas um dele nunca era suficiente. Um dos meus era um tormento com aquela voz em meu ouvido e aquela respiração em minha pele. – Quero mais rápido, e maior.

– Que corpinho exigente você tem – ele disse, chupando meu queixo. – Aposto que você está escorregadia e quente. Aposto que sei exatamente qual é o seu sabor agora.

Meus dedos circulavam, ainda provocando, sabendo que era isso que ele faria. Era o que ele *queria* que eu fizesse. Pressionei minha cabeça de novo no travesseiro, sussurrando:

– Mais rápido. Por favor, mais *qualquer coisa*.

– Use as duas mãos – ele sussurrou. – Dois dedos dentro e os outros trabalhando fora. Quero ouvir você gemendo.

Deslizei minha outra mão por meu corpo e me inclinei para seu lado, sentindo sua nova ereção contra minha cintura. Com as duas mãos, eu continuei me tocando, desfrutando seu cheiro de suor e sabonete ao meu lado, sentindo sua barba raspar meu pescoço quando ele me beijou faminto, sussurrando:

– Vai, Chloe. Quero ouvir você.

Quase perdi o fôlego quando ele deslizou a palma da mão sobre meu seio, apertando-o com força antes de abaixar a cabeça e tomar um mamilo com a boca. Adorei o som que ele fez quando me chupou. Era desesperado e retumbante; um som tão intenso que eu podia senti-lo por dentro do meu corpo.

– Ohhh – gemi. – Estou quase...

Ele soltou o mamilo e descobriu o meu corpo, expondo minha pele ao ar gelado do quarto de hotel e ao fogo de seus olhos.

– É a minha mão que você está fodendo – ele rosnou. – Mostre como você gosta – ergui meus quadris, querendo agradá-lo, querendo que ele cedesse e subisse em cima de mim e me possuísse.

Mas ao invés disso, Bennett levantou uma das minhas pernas para poder alcançar minhas costas e me dar um beijo.

– Eu faria muito melhor; minha mão iria foder você muito melhor do que isso. Eu faria você *gritar*.

Aquilo foi suficiente, e com seus lábios pressionados em minha orelha dizendo que iria me comer tanto e tão forte no sábado, o suficiente para que no dia seguinte eu desejasse que tivesse sido apenas minha mão no lugar, que eu acabei gozando, quente e sentindo minha pulsação em meus dedos.

Mas não chegou nem perto do que ele me fazia sentir.

Nós desabamos nos travesseiros num silêncio ofegante e insatisfeito.

Eu queria sentir seu prazer quando ele gozasse *dentro* de mim, ou em cima de mim, ou simplesmente junto comigo. Eu queria testemunhar cada vez que ele sentia aquele momento de alívio. Ele era meu; seu prazer era meu, e seu corpo era meu. Por que ele estava me fazendo esperar?

Mas quando ele passou aquela mão grande e possessiva de minha cintura até meu ombro, parando em cada curva pelo caminho, eu entendi o que ele estava fazendo.

Estava me dando algo além do casamento para pensar.

Estava fazendo uma abstinência idiota para que eu ficasse o atormentando.

Estava me fazendo atormentá-lo e fingindo que estava odiando.

Estava se certificando de que esta semana seria *nossa*, e de que poderíamos

aparentar que estávamos nos concentrando em outras pessoas, enquanto por dentro estávamos concentrados apenas um no outro, em cada piscadela, em cada quarto escuro, em cada pensamento íntimo.

Bennett estava se certificando de que olháramos um para o outro no altar e saberíamos que fizemos a melhor escolha de nossas vidas.

– Você é muito inteligente, sabia? – eu perguntei, aninhando meu corpo sobre o dele e passando a mão em seus cabelos.

Ele pressionou os lábios em meu pescoço e o sugou.

– Você pode me agradecer depois, Einstein.

Bennett virou a cabeça para me beijar e eu soltei um gemido com seu toque. Seus lábios eram tão firmes, tão dominantes que eu me entreguei quando ele colocou a língua profundamente.

Estremeci quando suas mãos voltaram a me tocar, quentes e ásperas, sentindo cada curva do meu corpo. Sua ereção batia em minha barriga e eu tentei rolar meu corpo para cima de mim.

– Quero você dentro – disse. Ouvi minha própria voz, rouca e suplicante. Passei minhas mãos em seu pescoço e segurei seu rosto, tentando trazê-lo para mais perto.

Mas ele suspirou, virou e tomou meus dedos em sua boca.

– Cacete...

Bennett gemeu enquanto chupava cada um deles, saboreando meu sexo. Então empurrou minha mão e soltou um gemido frustrado:

– Boa noite...

– Ben...

Antes que eu pudesse segurá-lo e prendê-lo no lugar, ele rolou para fora da cama e voltou para o banheiro, batendo a porta com força.

Quatro

Eu mal conseguia abrir os olhos na manhã seguinte.

O brilho forte do sol entrava através da varanda aberta, e a luz atingia a cama, esquentando minha pele. Eu podia sentir a maresia no ar e ouvir as ondas quebrando na praia. Podia sentir o calor do corpo de Chloe ao meu lado. Nua.

Ela murmurou algo em seu sono, passou uma perna sobre a minha e chegou mais perto. Os lençóis exalavam seu perfume, mas mais do que isso, exalavam seu *aroma*.

Com um gemido, eu me soltei dela e cuidadosamente a virei para o outro lado. Coloquei meus pés no chão e me levantei, olhando para meu pau totalmente ereto e egoísta. *Sério?*, pensei. *De novo?* Tinha ido ao banheiro em duas ocasiões distintas na noite passada – antes e depois do showzinho da Chloe. Mas mesmo assim, lá estava eu, duro como pedra.

Chloe disse que eu era brilhante por nos fazer esperar até sábado, quando na realidade eu estava começando a pensar que essa tinha sido a pior ideia que já tivera. Eu me sentia ansioso e com os nervos à flor da pele: parecia um insistente formigamento e uma necessidade de transar até me exaurir por inteiro.

Sob circunstâncias normais eu cortaria minha mão direita antes de considerar sair de uma cama quente com a Chloe nua. Mas as circunstâncias do momento não eram nada normais, e francamente, minha mão direita se provou muito valiosa nos últimos dias.

Eu quase tinha cedido na noite passada, e nessa altura do campeonato, seria como me render ao inimigo. Eu precisava sair dali.

Encontrei meu celular na sala de estar e digitei uma mensagem para Max.

Preciso de uma corrida matinal. Topa?

Sua resposta veio menos de um minuto depois.

Com certeza. Vou chamar o Will e te encontro na piscina às 10h, certo?

Beleza. Encontro vocês lá.

Respondi, e joguei meu telefone no sofá.

Eu tinha tempo para bater uma, tomar banho e escapar do quarto antes que Chloe acordasse.

—

Max definitivamente transou na noite passada. Fiquei olhando para ele enquanto se aproximava da piscina, com o cabelo desarrumado e os membros relaxados. Seria fácil odiar esse cara se eu não estivesse tão feliz por ele.

Certo, certo. Eu ainda o odeio um pouco.

— Você parece muito satisfeito consigo mesmo — eu disse, sentando numa cadeira debaixo de um grande guarda-sol azul.

— E você parece justamente o contrário — ele respondeu com um sorrisinho. — Está tendo problemas com sua virgindade?

Eu suspirei, alonguei meu pescoço e senti a tensão que parecia atacar todos os meus músculos.

— Já é sábado?

Max sacudiu a cabeça, rindo.

— Ainda não. Estamos quase lá.

— Onde está Will?

— Ainda com Hanna, acho. Ele disse pra gente esperar e que desceria logo — Max sentou-se na minha frente e abaixou-se para amarrar os sapatos.

— Bom, então vou aproveitar e falar com você sobre uma coisa.

— O que foi?

— Lembra quando Will contratou aquele palhaço esquisito para cantar no meu aniversário? — perguntei, sentindo um arrepio subir por minhas costas. Esse tipo de coisa se tornou comum entre nós três. Depois de ter acidentalmente contratado um travesti para Will em Las Vegas, ele retaliou enviando uns capangas que fingiam terem nos flagrado roubando nas cartas. A partir dali, as coisas apenas aumentaram. Chloe insistia que era apenas questão de tempo até que um de nós acabasse no hospital ou na cadeia. Eu apostava que seria na cadeia.

Max gemeu.

— Merda. Achei que já tinha apagado aquilo da minha mente. Muito obrigado por me lembrar.

Olhei para o hotel para ter certeza de que Will não tinha chegado.

— Estou planejando uma retribuição.

— Certo...

— Por acaso você conheceu as tias da Chloe ontem?

— Aquelas que pareciam uma dupla de hienas circulando uma gazela indefesa? Sim, são duas senhoras adoráveis, se é que você me entende.

— Sou parcialmente responsável por aquilo — disse, esperando por sua reação.

Ele nem piscou.

– *Parcialmente?*

– Certo, certo, completamente.

Ele sacudiu a cabeça tentando segurar uma risada.

– Você não acha que elas têm alguma esperança real, não é?

– Tive a impressão de que elas estão apenas querendo se divertir. Acabei dizendo que ele gostava de mulheres experientes e gostava de duas ao mesmo tempo. O que é verdade, diga-se de passagem.

Max ergueu a sobrancelha.

– *Tecnicamente* verdade – corrigi. – Eu vou pro inferno, não é?

– Você avisou a Hanna?

– Claro que sim – quando ele não abaixou a sobrancelha, eu o ignorei e continuei: – Bom, eu sugeri que ela fingisse não saber de nada. E ela concordou.

– Só isso? Ela é mais fácil do que eu imaginava – ele respondeu. Que namorada concordaria com um plano tão maléfico? Claramente, Hanna era um gênio.

– Precisei convencê-la um pouco de que ele não se machucaria, mas sim, ela concordou. A propósito, eu realmente gosto dela.

– Eu também.

– Então, o que você acha? Devo cancelar tudo? Para ser honesto, estou me sentindo meio culpado desta vez. São as *tias* da Chloe.

Ouvimos passos e nós dois viramos a cabeça, encontrando Will vindo em nossa direção.

Max aproximou o rosto rapidamente e sussurrou:

– Se você contar eu te mato.

—

Havia alguns surfistas espalhados pela praia e alguns corredores passaram por nós quando saímos do hotel.

– Então, por que você acordou tão cedo? – Max perguntou à minha direita, mantendo um ritmo constante comigo. Will, o corredor *semiprofissional*, já estava a vinte metros na nossa frente, gritando insultos sobre o ombro.

– Foi só... tudo – admiti. – Acho que nunca estive tão exausto e ansioso ao mesmo tempo. Você provavelmente não quer ouvir isso, mas não sei se preferiria dormir ou transar por dez horas seguidas.

Max deu um tapinha em meu ombro.

– Sei como se sente – ele disse.

– Sabe nada – eu retruquei, olhando para ele.

Ele tentou não rir.

– Desculpa, cara. Não quero tirar sarro da sua dor, e o que vou dizer agora

provavelmente é mais do que você gostaria de ouvir... mas eu nunca olhei para a Sara desse jeito. Ela sempre... Como posso dizer? – ele coçou o queixo, pensando. – Ela sempre foi faminta. Mas agora que está grávida? Meu Deus. Eu mal consigo acompanhar.

Fiquei com vontade de jogar ele no mar, mas admito que foi engraçado vê-lo escolhendo as palavras tão cuidadosamente.

– Isso provavelmente foi a coisa menos articulada que já ouvi você dizer.

– Pois é.

– Estou realmente tentando não te odiar.

– Então, fora o óbvio – Max disse, tentando soar sério. – Como estão as coisas?

– Normais. Minha mãe envia mensagens a cada meia hora com suas preocupações. O pai da Chloe nunca sabe onde precisa estar e a Julia precisa ficar sempre em cima dele. Bull está esperando a Chloe decidir que precisa de uma última noitada. E eu provavelmente vou acabar me internando ao fim do dia.

– E a Chloe? – ele perguntou.

– A Chloe é a Chloe. Ela é sexy, irritante e sempre me deixa na dúvida sobre o que está pensando. Eu achei que fosse estrangular ela ontem, mas acabamos conversando. Acho que finalmente chegamos a um acordo.

– Parece ótimo – ele disse, mas eu não pude deixar de perceber que a resposta dele não foi sincera.

– O que foi?

– Nada.

– Se você tem algo para dizer, Max, diga logo.

Will percebeu que já não estávamos mais atrás dele, então voltou para nos encontrar.

– E aí? – ele disse, usando a camiseta para limpar o suor da testa enquanto olhava para nós dois, claramente confuso.

– Estamos falando sobre o Plano de Castidade – Max explicou.

– Ah, ótimo – Will disse, virando para me olhar. – Se me permite, esse embargo deve ser a coisa mais idiota que eu já ouvi.

– Eu...

– Concordo – Max interrompeu. – Entendo que tudo é um joguinho com vocês, mas quem viaja para a Califórnia para se casar, aluga uma maldita suíte na praia e depois não transa o tempo inteiro com a noiva?

– Alguém estúpido – Will respondeu.

Max me jogou um olhar fulminante.

– Alguém idiota.

– Alguém que é um constrangimento para a raça dos homens...

– *Eu sei, tá!* – gritei, fazendo minha voz ecoar pela praia. – Eu sei que não faz sentido! Mas na hora que pensei, fazia. Pensei em fazer algo especial. Pensei em deixar a tensão aumentar. Eu queria que ela lembrasse o quanto foi divertido ficar irritada comigo. Eu queria que ela lembrasse que realmente existe apenas um homem que consegue lidar com ela, e que esse homem sou *eu*! Agora, parece a pior ideia na história das ideias. Mas agora já foi. Agora não posso voltar atrás.

Meus dois amigos me olharam sem saber o que dizer.

– Eu comecei com isso, agora preciso terminar. Estamos falando da *Chloe*. Ela já tem uma das minhas bolas em sua mão, então ao menos me deixem ficar com a outra. Se eu transar com ela antes de sábado, ela vai pensar que possui as duas e que pode me controlar quando quiser. Ela vai querer que eu *agradeça* depois de chupar meu pau! Vai pensar que é ela quem está *deixando* eu dar uns tapas em sua bunda! Vai usar sapatos no trabalho que ninguém usaria nem num quarto! – retomei meu fôlego e baixei o tom de voz. – E então, vou passar o resto da vida tentando convencê-la de que ela é uma maldita cretina que precisa ser amarrada na cama e fodida até *ela* agradecer por minha existência.

Limpei meu queixo e fechei os olhos, sentindo meu peito queimar.

– Você *realmente* precisa transar – Will sussurrou.

Max pousou a mão em meu ombro.

– Ele está certo, cara. Isso é mais sério do que eu pensava.

– Ah, cala boca – joguei sua mão para longe e comecei a andar na praia. – Pode ter sido um erro, mas vocês também estão ferrados. Se Chloe vencer nesta semana, vocês também vão sofrer. Todos os homens no mundo vão sofrer como nunca antes sofreram. Eu não gosto disso, não planejei isso, mas é isso que está em jogo.

Max sacudiu a cabeça, me acompanhando na caminhada.

– Não é só você que precisa transar, Ben. Chloe também não tem sido ela mesma nos últimos dias. Talvez sua estratégia esteja errada.

Diminuí os passos até parar.

– Do que você está falando? Você a viu na noite passada; ela estava agindo como uma grande cretina. Como isso não é “ela mesma”?

– Todo esse negócio de casamento deixou mesmo você mais molenga se você pensa que *aquela* era a Chloe sendo uma cretina – Max disse. – Vocês dois são as pessoas mais voláteis que eu já conheci. Tem dias que parece que estou assistindo a uma briga de desenho animado. E a Chloe Mills de quem ouvi histórias iria arrancar suas bolas e fazer você comê-las para conseguir o que ela quer. Ela amarraria você numa cadeira para te torturar até que você implorasse para transar com ela. O que ela fez ontem? Usou um vestido curto? Balançou os

peitos na sua direção? Essa é a mesma mulher que te chicoteava quando trabalhavam juntos? Nem de longe.

– Mas... – comecei a falar, mas as palavras fugiam da minha boca.

– Will, conte sua teoria nerd. Você vai gostar, Ben, é brilhante.

Will se aproximou.

– Sabe aquela coisa sobre a calmaria antes da tormenta? Aquele momento que antecede um tornado ou um furacão, quando tudo fica calmo?

– Sei – eu disse, não gostando de onde isso estava indo e como isso se relacionava com Chloe, mas, mesmo assim, curioso. – Continue.

Will ficou com uma expressão intensa, como se o que estava prestes a dizer fosse a coisa mais fascinante que eu já tivesse ouvido. Ele meio que dobrou os joelhos, usando as mãos para gesticular para todo lado, dramaticamente ilustrando seus argumentos.

– Então, o vapor e o calor sobem para a atmosfera, atraídos pelo centro da tempestade. As correntes de ar que sobem removem um pouco do ar saturado, forçando-o para cima, além das nuvens mais altas. Você está entendendo até aqui? – ele perguntou. Eu confirmei, sentindo uma ansiedade surgir em meu peito.

– Ele está chegando na parte fascinante – Max observou.

– Então, você tem todo aquele ar subindo, mas ele se comprime enquanto cai, tornando-se mais quente e mais seco. É a *calmaria* – ele disse, fazendo uma pausa dramática –, resultando numa massa de ar estável, favorecendo a formação das nuvens e deixando o ar totalmente parado. É a calmaria antes da tormenta.

Max já estava assentindo e dando um tapinha nas costas do Will como se ele tivesse acabado de ter feito a analogia mais inteligente de todos os tempos.

Eu franzi o rosto.

– O que você está tentando dizer?

Max chegou mais perto e envolveu meus ombros.

– O que estamos dizendo, meu amigo, é que *você* pensa que está tudo sob controle. Mas todos nós estamos esperando para ver quando você vai explodir de vez.

–

Fiquei vigiando Chloe como um gavião pelo resto do dia, e embora eu não quisesse admitir, Max e Will estavam certos.

Ela nem tentou discutir ou me atacar quando voltei para o quarto, apenas foi ao banheiro e tomou banho sozinha. Quando beijei seu ombro nu, ela sorriu para mim, mas sem aquele olhar de quem vai me devorar mais tarde. Ela estava envolvida numa toalha, com a pele ainda úmida do banho enquanto secava o cabelo. Não comentou o fato de estar nua, não pediu “ajuda” para se vestir. Não

pediu nem uma vez para que eu transasse com ela.

Ela estava gentil e amorosa, e eu fiquei completamente confuso.

Quando o garçom errou seu pedido no café da manhã, ela não reagiu. Quando suas tias insistiram em segui-la por todo lado com uma câmera, ela se manteve calma. Quando minha mãe sugeriu que ela usasse o cabelo solto na cerimônia em vez de preso para cima, Chloe apenas respondeu com um sorriso forçado.

Nessa altura eu podia praticamente sentir o cheiro de tempestade no ar, e o ensaio nem tinha começado.

—

— Como assim “um pequeno acidente”? — perguntei, olhando para a coordenadora do casamento antes de olhar rapidamente para Chloe. Ela estava na praia a uns dez metros, andando de um lado a outro. Alguns palavrões ecoaram até nós, mas agora ela estava estranhamente em silêncio, com os braços cruzados sobre o peito enquanto andava nervosamente na areia.

Franzi o cenho, mas logo voltei minha atenção para nossa coordenadora, a Kristin, quando ela tentou se explicar.

— Vai dar tudo certo, Bennett — ela dizia, com palavras que deveriam me acalmar, mas apenas me irritavam ainda mais. Quando as coisas não dão certo, você grita com alguém. Você deixa bem claro que espera nada menos do que a perfeição. Você bate portas e demite pessoas. Você não fica parada com seu blazer azul dizendo para a noiva robô e o noivo bobão que *vai dar tudo certo*.

— Aconteceu um probleminha com as roupas do casamento.

Um pequeno acidente. Um probleminha. Esses adjetivos não descreviam direito o medo que começou a subir por minha garganta.

— As roupas foram entregues hoje de manhã, mas quando abrimos os pacotes, percebemos que houve algum problema de comunicação e nada estava passado. É uma coisa *pequena*, Bennett. Eu nem incomodaria você se a própria Chloe não tivesse visto.

Então Chloe já tinha visto os pacotes de roupas amassadas e mesmo assim não tinha explodido. Eu suspirei e olhei para a praia, onde alguns bancos foram colocados para servir de descanso temporário aos convidados. As tias de Chloe estavam sentadas uma de cada lado do Will, que estava com as mãos dobradas no colo e parecia... tenso. Na verdade, parecia que estava prestes a sair correndo. Hanna estava conversando com Mina, mas ocasionalmente olhava para Will, e seu pequeno sorriso aumentava quando fazia isso. Ela seria uma excelente aliada no futuro.

Max e Sara estavam... em algum lugar. Revirei meus olhos quando percebi que eles ainda nem tinham descido do quarto. Maldito. Minha família estava conversando e esperando o ensaio começar.

– Então, e agora? – eu perguntei.

Kristin sorriu.

– Já enviamos tudo para a lavanderia para deixarem pronto amanhã de manhã. Eles prometeram entregar antes da uma hora.

– O casamento começa às *quatro* – eu disse, passando a mão em meus cabelos. – Você não acha meio apertado?

– Não deveria...

– Isso não é bom o bastante – eu a interrompi. – Eu mesmo vou buscar.

– Mas...

Meu irmão ouviu tudo e pousou a mão no ombro da Kristin.

– Apenas aceite – Henry disse. – É mais fácil assim, acredite.

–

O resto dos convidados chegou e eu fui buscar Chloe. Ela havia parado de andar nervosamente e estava agora sentada num banco com os pés enterrados na areia.

– Está pronta para o ensaio? – eu perguntei, testando seu humor. Ofereci meu braço e a ajudei a se levantar, tomando sua mão quando começamos a andar em direção aos outros. – Você está silenciosa demais.

Chloe sacudiu a cabeça.

– Estou bem – ela disse simplesmente, depois se dirigiu para onde Kristin indicou.

Então tá. Olhei para o céu, esperando ver nuvens se formando acima de nós.

O que sempre me deixava maluco com Chloe era que eu não conseguia ignorá-la, estivesse ela no mesmo espaço que eu ou não. Sempre foi assim desde o dia em que nos conhecemos. Eu a desejava a cada segundo de cada dia, e isso me irritava demais. Eu soltava os cachorros para cima dela para me distrair e ela cuspiu tudo de volta. Isso apenas aumentava meu desejo por ela. Sempre.

Mesmo agora, de pé em lados opostos do altar enquanto ouvíamos o ministro James Marsters explicando nossas posições, eu não conseguia tirar os olhos dela.

– Bennett? – ouvi alguém me chamar e então olhei ao redor, surpreso ao perceber que todos estavam olhando para mim e esperando minha reação. O som da risada do Max soou pelo salão e eu mentalmente mandei ele se ferrar. – Você está pronto? – Kristin disse, lentamente, perguntando pela segunda vez.

Franzi meu rosto, irritado comigo mesmo por ter me distraído. Eu tinha certeza de que era importante saber o que diabos estava acontecendo.

– É claro.

– Certo. E vocês? – Kristin perguntou. – Os convidados poderiam formar uma fila, por favor?

Um murmúrio nos envolveu e viramos para observar enquanto todos se

dirigiam para seus lugares no começo do corredor.

Henry, o primeiro padrinho, ficou na frente, oferecendo o braço para Sara.

– Certo, pessoal – Kristin anunciou –, vou explicar como vai ser. Eles puxarão cada um uma fila deste lado do jardim. As cadeiras vão começar aqui – ela disse, andando pelo corredor e gesticulando para um lugar perto da grama –, e continuarão até chegar na praia. Serão aproximadamente trezentas e cinquenta cadeiras – Kristin puxou Henry e Sara e os posicionou. – Certo, agora a próxima madrinha e padrinho?

Julia deu um passo para frente, e Max e Will fizeram o mesmo.

Max olhou feio para o Will e agarrou o braço da Julia.

– Esta adorável senhorita é minha, cara.

– Mas eu pensei que... Onde está a minha madrinha?

– Estou aqui, bonitão – olhei para trás do Will e lá estava nossa quarta madrinha: George, o assistente da Sara. Ele entrou na fila e agarrou o braço do Will.

– Você deve estar brincando – Will disse, depois quase pulou quando uma das tias da Chloe passou por ele e beliscou sua bunda.

– Pelo jeito você vai ter duas oponentes de peso – Max disse para George. – Aquelas duas não vão deixar barato se você roubar a presa delas.

– Ah, não – George disse. – Aquelas duas tiazonas que se cuidem, pois até que o gostosão e a rainha do gelo se casem, o Will aqui vai ser só *meu*.

– E meu também – Mina disse, tomando o outro braço do Will. – Este sortudo vai ficar com nós duas.

George sorriu para Mina.

– Você está disposta a se comportar mal?

Mina deu uma piscadela.

– A cada segundo de cada dia.

Chloe se virou para a Kristin.

– Podemos colocar um bar no altar. Só pra mim?

– O que está acontecendo por aqui? – Will disse, olhando para cada um de nós e depois para as duas tias. – Por acaso eu estou bêbado? Hanna, elas acabaram de beliscar minha bunda, e esse cara aqui – ele gesticulou para o George – quer me levar para casa depois da festa. Eu preciso de ajuda!

Hanna tomou um gole de sua bebida de mulherzinha, completada com um minúsculo guarda-chuva cor-de-rosa.

– Não sei, para mim parece que você está se dando muito bem aí em cima – ela disse, depois tomou outro grande gole com o canudinho. Hanna não era de beber muito; eu podia apostar com qualquer um que logo ela estaria dormindo de cara na areia.

– Meu Deus, na verdade, vocês é que devem estar bêbados – Will resmungou, enlaçando o braço de George. – E não tente conduzir – ele disse, depois ofereceu o outro braço para a Mina.

– Agora que isso está resolvido – Kristin disse com um suspiro –, os outros podem formar a fila. – Os convidados tomaram seus lugares e, finalmente, prestaram atenção em silêncio. – Certo, ótimo. Chloe, você começa aqui atrás. Onde está o pai da noiva?

Frederick tomou seu lugar ao lado de Chloe e a cerimônia continuou. Graças a Deus tudo que eu precisava fazer era conduzir minha mãe até seu lugar, pois tudo parecia muito complicado, e os peitos de Chloe estavam demais com aquele vestido rosa.

Quando minha noiva finalmente alcançou o altar, eu tomei suas mãos e nós viramos para o ministro, aquele velhinho quase senil de cabelos brancos e olhos azuis que mal parecia nos enxergar.

Chloe estava estranhamente quieta, prestando atenção e respondendo quando era preciso, mas nada além disso. Parte de mim estava começando a se preocupar que isso fosse mais do que nervosismo antes do casamento. Decidi chamá-la de lado quando tudo acabasse, mas então o ministro disse:

– E então vou pronunciar vocês Sr. e Sra. Ryan, daí o Bennett...

Observei a Chloe levantar a cabeça de repente como se tivesse ouvido algo errado.

– O que você disse? – ela perguntou, esperando atentamente, e por um momento eu pensei: *Sim, aí está aquele fogo, a mulher de quem Max estava falando hoje de manhã.*

E então entendi o que o ministro disse que a irritou tanto. *Lá vamos nós*, pensei.

– Que parte, senhorita? – ele perguntou, passando os dedos em seu livro gasto, tentando encontrar alguma frase que tivesse pulado ou lido errado, algo que pudesse causar aquela resposta imediata.

– Você disse “senhor e senhora Ryan”? – ela esclareceu. – Ele permanece um homem, mas eu serei sempre conhecida como algo que pertence a ele? Eu vou perder minha identidade e existir apenas com a *esposa* de alguém?

Ouvi a voz de Max por cima de uma onda de murmúrios.

– Mais alguém está sentindo cheiro de chuva?

O ministro estendeu o braço e tocou o ombro de Chloe, exibindo um sorriso paternal.

– Eu entendo, minha querida... – ele disse, virando os olhos para mim como se estivesse pedindo ajuda. – Não foram essas palavras que você pediu, Bennett?

Ela girou a cabeça na minha direção com um olhar fulminante.

– *Como é?*

– Chloe – eu disse, apertando sua mão. – Eu entendo o que você está dizendo e podemos mudar isso. Eles me perguntaram se eu tinha alguma preferência na cerimônia, e eu apenas...

Ela deu um passo para trás, sacudindo a cabeça como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

– *Você?!* – ela gritou com a voz mais exagerada possível, e fiquei até um pouco impressionado em ver tanta raiva e irritação numa única palavra. – Você disse isso para ele? Essas são palavras que *você* escolheu?

– Eu não escolhi essa frase especificamente – eu disse, horrorizado, mas ao mesmo tempo um pouco excitado com sua respiração furiosa. – Mas essa parte estava na...

– Eu não preciso que você me explique nada. Ele está lendo um livro arcaico que promove essa ideia idiota de propriedade patriarcal. Uma versão que *você* escolheu. Foda-se isso. Eu não fiz faculdade, e pós-graduação, e um estágio enquanto aguentava sua cretinice apenas para depois perder minha identidade e ser conhecida como uma esposinha. E outra coisa – ela disse, tomando fôlego e virando para Kristin, que estava congelada. – Que tipo de lavanderia de quinta entrega milhares de dólares em vestidos e ternos como se tivessem passado por um moedor de carne?

Excitação, luxúria e raiva embaçaram os limites da minha visão.

– Que diabos você quer dizer com *minha* cretinice? Se você não fosse uma maldita garota mimada e egocêntrica que acha que o mundo inteiro gira em torno de você talvez eu fosse um chefe mais agradável.

– Isso é piada, né? E você preferia que eu fosse uma idiota submissa que traz o seu café e bolinhos e finge que você não fica olhando direto pros meus peitos?

– Quem sabe eu não olharia tanto pros seus peitos se você não ficasse em cima de mim a toda hora.

– Quem sabe eu não ficaria tanto em cima de você se você não me chamasse para aquele seu maldito escritório do inferno pra qualquer coisinha. “Srta. Mills, eu não consigo ler sua caligrafia no relatório. Srta. Mills, eu pedi especificamente que os documentos estivessem em ordem alfabética. Srta. Mills, eu derrubei minha caneta no chão, venha até aqui e fique de quatro porque eu sou um *maldito perverso!*”

– Eu nunca disse pra você ficar de quatro!

Ela se aproximou e apontou o dedo para mim.

– Mas você *pensou*.

Com certeza, isso eu admito.

– Também pensei em despedir você umas setecentas vezes. Espero ter tomado

a decisão certa por não ter ouvido meus instintos.

– Você é um filho da mãe muito egocêntrico.

– E você ainda é uma cretina pé no saco! – eu gritei de volta. E por Deus, isto era tão familiar e tão bom, era exatamente do que nós precisávamos. Eu queria jogá-la no chão e rasgar suas roupas para poder morder e marcar toda sua pele.

Segurei seus cabelos e ela deu um tapa em minha mão, depois agarrou minha camisa e me puxou, beijando muito forte e com mais língua do que seria apropriado, considerando onde estávamos. Um fato que apenas me lembrei quando ouvi o burburinho ao nosso redor.

– *Meu Deus* – ouvi alguém dizer.

– Eu acho... acho que eles se estressaram muito nas últimas semanas – minha mãe murmurou.

– Nossa, isso é muito constrangedor – outra pessoa disse.

– Eles vão transar lá em cima ou...? – esse com certeza foi o George.

– Quem apostou que seria hoje? – Henry perguntou. – Will? Foi você?

A essa altura, Chloe já havia me jogado no chão e estava subindo em cima de mim.

– Certo, certo! – a voz do meu pai cortou o salão e eu me apoiei num joelho, tentando tirar minhas mãos dos cabelos de Chloe e as mãos dela do meu cinto. – Acho que já está bom de ensaio. Kristin? Você pode chamar os carros lá para frente? Já está na hora do jantar do ensaio. Ei, todo mundo, vamos embora!

Cinco

Eu sentia como se minha pele fosse pegar fogo. Bennett estava ao meu lado na limusine enquanto nos dirigíamos para o jantar, olhando e-mails em seu celular, extremamente calmo. Depois que o ensaio implodiu em caos, fui até o quarto para me trocar, lavar o rosto e recuperar minha sanidade. Mas assim que voltei para junto dele, eu queria encontrar mais alguma coisa para poder gritar. Eu queria começar outra briga homérica. Infelizmente para nós, brigas significavam sexo, mas nós concordamos com a regra idiota da abstinência.

Em vez de brigar de novo, ficamos sentados em silêncio, com a lembrança do ensaio desastroso pairando entre nós como uma grossa névoa.

Bennett pigarreou e, sem olhar para mim, perguntou:

– Você trouxe suas pílulas?

Olhei para ele e bati em sua mão que segurava o celular. Ele o guardou.

– O que você acabou de perguntar?

– Suas pílulas contraceptivas – ele esclareceu. – Você. Trouxe. As. Pílulas?

Eu virei no banco para encarar seu rosto, sentindo a adrenalina disparar em minhas veias.

– Você está brincando comigo?

– Eu *pareço* estar brincando?

– Eu tomo pílula há dez anos sem a sua ajuda, viajei praticamente toda semana no último ano e nunca me esqueci de trazê-las em nenhuma viagem, você acha que precisa verificar isso comigo *agora*?

Ele desviou os olhos e pegou o celular de novo.

– Um simples “sim” ou “não” teria sido suficiente.

– E o que você acha de um “vai se foder”?

Virando a cabeça para mim, ele disse num tom muito baixo:

– Acho que você está brincando com fogo, Srta. Mills.

Um calor desceu por minha barriga até o meio das minhas pernas quando percebi que ele estava me provocando de propósito. Por mais calmo que parecesse, ele estava tão excitado quanto eu. Eu me ajeitei no banco e murmurei:

– Idiota egocêntrico.

– Cretina temperamental.

Eu me inclinei para cima dele e pontuei cada palavra com um toque do meu dedo em seu peito.

– Seu. Arrogante. Tirânico. Insuportável. *Estúpido*.

Minhas costas atingiram o chão da limusine com força e Bennett colocou todo peso de seu corpo sobre mim, com seu pau pressionando o espaço negligenciado entre minhas coxas. Subindo minha saia até a cintura, ele se esfregou em mim, sua boca cobriu a minha e forçou meus lábios para que pudesse correr a língua para dentro. Eu senti mais do que ouvi seu gemido, o som vibrando por minha língua e descendo pela garganta; minha boca, minhas mãos, meu sexo sentiam o vazio. Eu o queria em *todos os lugares*.

Puxei seu cabelo com força até ele grunhir de dor. Bennett apanhou meu pulso, prendendo meu braço sobre minha cabeça enquanto levava a outra mão entre nossos corpos.

Ele precisou de dois puxões para rasgar minha calcinha – afinal de contas, por que eu usaria uma fraquinha se não esperava que ele fosse me tocar lá embaixo? – e depois ele abriu seu zíper, libertando seu pau e se posicionando.

– Por favor – eu implorei, tentando libertar meu pulso para poder colocar as duas mãos em sua bunda e assim controlar seus movimentos.

– Por favor, me coma? – ele perguntou, chupando meu queixo e pescoço. – Por favor, me faça gozar?

– *Sim*.

Seus lábios se moveram sobre meu pescoço, chupando, lambendo.

– Você não merece isso agora. Eu só quero... – Bennett olhou para mim com um olhar tenso. – Eu quero...

– E o casal de noivos acabou de chegar! – escutei uma voz abafada surgindo do nada.

Nós nem percebemos que estávamos estacionados até que a porta da limusine se abriu e vimos Max, sorrindo para nós até nos ver no chão enganchados um no outro. Seu rosto passou de feliz para horrorizado num segundo, e ele fechou a porta com força. Lá fora, eu o ouvi dizer:

– Parece que os noivos precisam de um tempinho para terminar uma conversa.

Bennett se apressou em sair de cima de mim e colocou o pau e a camisa para dentro da calça. Eu me sentei, empurrando minha saia para baixo e apanhando minha calcinha rasgada.

Com um rosnado irritado, eu joguei a calcinha na cara dele.

– Fala sério, Bennett! Você não consegue controlar seu fetiche nem por uma maldita noite?

Ele sacudiu a cabeça e guardou a calcinha no bolso.

Levei um minuto para checar a maquiagem no meu espelhinho enquanto

Bennett apoiava os cotovelos no joelho e quase arrancava os cabelos.

– Merda! – ele gritou.

– Foi você quem inventou essa regra estúpida.

– É uma *boa* regra.

– Eu também achei. Mas agora já não tenho tanta certeza. Você transformou a nós dois em um casal de homens das cavernas.

Quase com o mesmo ritmo, nós respiramos fundo várias vezes. Encostei a mão na porta e olhei para ele.

– Pronto?

Ele soltou os cabelos e se virou para me encarar. Bennett examinou meu rosto e meus cabelos, e deixou o olhar cair até meus peitos e minhas pernas antes de voltar a focar meus olhos.

– Quase – ele chegou mais perto, tomou meu rosto com as mãos e me beijou. Puxou meu lábio inferior em sua boca e o chupou. Sem nunca piscar, Bennett olhou diretamente para mim, com seus olhos passando de duros e frios para acolhedores e amorosos. Soltando meu lábio, ele repetiu: – Quase – depois beijou meu queixo, meu pescoço, voltando para um último e demorado beijo na boca.

Ele estava pedindo desculpas por ser um cretino. E o meu pedido de desculpas foi permitir que ele fizesse isso.



O restaurante Bali Hai ficava a quilômetros do nosso hotel, mas era um dos lugares favoritos de Bennett em San Diego. Localizado na ponta mais ao norte de Shelter Island, o restaurante possuía uma vista incrível de toda a enseada e da maior parte da praia de Coronado. O prédio, remanescente do estilo tiki, da Polinésia, tinha dois andares, com um famoso restaurante no andar de cima e um grande salão privado de eventos ao nível do mar.

Desci da limusine e pisei na calçada que agora estava vazia (aparentemente Max decidira que era melhor sermos recebidos lá dentro) e dei um grande sorriso. Embora eu tivesse visto fotos e escutado muito sobre o cardápio, eu ainda não tinha visto o lugar com meus próprios olhos; Bennett quis organizar este jantar para mim, assim como eu tinha organizado a lua de mel. Alugamos todo o primeiro andar e a festa já se espalhava pela varanda afora. Um bar foi montado de frente para o mar, e um *bartender* já misturava algumas bebidas lá dentro. Garçons carregando aperitivos andavam pela multidão, e todos os convidados estavam aqui para este jantar antes do grande dia. Quando pisamos no salão, todos olharam para nós dois.

Foi engraçado... essas pessoas eram nossos familiares e melhores amigos, mas ao meu lado, Bennett forçava um sorriso, agradecendo a todos. Eu não podia culpá-lo por sentir esse constrangimento. Vai saber quantas pessoas tinham nos visto no chão da limusine, com Bennett prestes a me penetrar...

Quando os cumprimentos diminuíram, ouvi a distinta voz de tia Judith quebrar o silêncio quando ela praticamente gritou:

– Aquele homem poderia me comer até eu voltar a ter vinte anos.

Murmúrios e risadas constrangidas surgiram, mas Judith nem ligou por ter sido flagrada assediando o noivo. Ela apenas encolheu os ombros e disse:

– O que foi? É verdade. Não finjam que vocês não sabem do que eu estou falando. Só estou dizendo que é melhor nossa Chloe ter algumas cartas na manga, só isso.

– Bom, meu rosto não está tatuado no braço dele – murmurei, sorrindo docemente para Bennett.

Com o cenho franzido, ele me conduziu pelo salão, indo direto para o bar.

– Eles fazem um coquetel chamado Mai Tai aqui, que é muito forte – ele alertou antes de pedir um. – Quer dizer, é puro álcool.

– Você diz isso como se fosse uma coisa ruim – eu me apertei nele, enganchando seu braço. Sorrindo para o *bartender*, eu disse: – Quero um igual.

– Nós estamos dirigindo demais nesta semana – resmungou o tio do Bennett, Lyle, que chegou atrás de nós. – Não sei por que não podemos ficar simplesmente num lugar só.

Minhas sobrancelhas se ergueram enquanto eu encarava Bennett. Não apenas estávamos pagando para sua família inteira se hospedar no Del, como também contratamos carros para conduzir a todos. Ele apertou meu braço como se pedisse paciência: *nossa família é maluca*.

Pigarreando, Bennett disse:

– Temos vários pontos turísticos para visitar, Lyle. Nós não queríamos que vocês perdessem nada.

Bull chegou perto de nós, com sua famosa capa térmica para cerveja envolvendo uma lata, e fez um sinal de aspas no ar.

– Eu sei que “ponto turístico” eu gostaria de visitar – ele deu uma piscadela para mim. Era como se ele tivesse apertado um gatilho em minha direção.

“ESSA MULHER AÍ.”

– Bull, você é sempre um cavalheiro... – Bennett disse secamente.

Bull fez um tchauzinho e foi direto para a pista de dança vazia. O DJ estava apenas começando a tocar, mas isso não parecia importar. Bull começou a dançar como um maluco, olhando para todas as mulheres ao redor com um olhar que provavelmente só ele achava sexy.

– Hoje eu sou um solteirão, garotas. Quem vai ser a primeira?

Praticamente todo mundo desviou a atenção.

Peguei meu Mai Tai e dei um gole. Imediatamente tossi.

– Uau, você não estava brincando – Bennett esfregou minhas costas enquanto eu tomava ar. – Isso aqui é *realmente* forte.

– Ah, por favor, Chloe – George disse quando se aproximou, batendo sua cintura em mim. – Você é homem o suficiente para aguentar.

– Mais homem do que você – concordei, olhando para ele. George havia se trocado e agora estava vestindo um par de jeans e uma camisa incrustada de brilhantes. Ele estava *fantástico*. Fiquei um pouco triste quando percebi que ele não teria ninguém divertido para flertar, exceto Will, que estava usufruindo de um descanso merecido com Hanna num canto. Will parecia um pouco exausto por causa das Aventuras de Judith e Mary – ele finalmente cedeu e começou a gostar das estranhezas das duas, permitindo que elas dessem morango em sua boca no café da manhã enquanto Hanna ria ao lado. Mas continuar a brincadeira com o George seria demais. – Parece que o primo do Bennett está procurando alguém para dançar. Você está pronto para laçar o Bull?

George levantou uma sobrancelha ao olhar para ele, que ainda estava dançando sozinho tentando seduzir todo o mulhério ao redor.

– Essa é minha única opção de diversão neste fim de semana?

– Infelizmente, acho que sim. A menos que você esteja disposto a continuar tentando converter o Will. Mas acho que você vai ter muita competição nessa luta, e eu soube que a Hanna está tentando quebrar o pênis dele neste fim de semana.

George pegou minha bebida e tomou vários goles antes de estremecer e me devolver apenas pela metade.

– Nossa, isso é forte.

– Se você acha que *isso* é forte – Lyle disse, apontando para o George –, você deveria experimentar as bebidas que tomávamos na marinha.

Um sorrisinho surgiu no canto da boca do George.

– Aposto que eu teria adorado tudo na marinha.

– E todos os marinheiros – Bennett acrescentou discretamente enquanto tomava um gole. Ele correu sua mão livre pelas minhas costas até chegar à minha bunda.

Lyle continuou como se ninguém tivesse falado nada:

– Aquelas bebidas... Você toma um gole e depois pensa que gasolina é igual a água. E como a gente ficava animado depois... – Ao meu lado, Bennett se mexeu, gemendo baixinho. Lyle assentiu, apontando para mim. – Eu tinha que andar por aí até achar alguma mulher solícita, às vezes precisava pagar, mas eu

não me importava – Lyle olhou ao redor do salão, erguendo seu drinque para Elliott e Susan. – A bebida era forte assim, o que mais eu podia fazer?

Tapei minha boca tentando não rir.

– Ah, não sei, Lyle – Bennett disse. – Talvez você pudesse não apontar para minha noiva quando fala sobre contratar prostitutas?

– Isso é o que eu provavelmente faria – George concordou.

Sem nem perceber sua gafe, Lyle continuou.

– Eles colocavam um pau de canela no natal. Para celebrar a ocasião. Mesmo assim, era puro veneno.

– Veneno de canela – eu acrescentei.

– Nas bebidas ou nas prostitutas? – George perguntou.

Lyle não achou nem um pouco engraçado.

– Nas bebidas.

– Bom, podia ser um ou outro, né? – eu disse para o George.

– Eu não sei qual é o sabor de uma mulher, com ou sem canela – George sussurrou para mim. – Talvez seja algum fetiche.

– Tinha um cara no quartel – Lyle recomeçou, voltando a lembrar do passado.

– Qual era mesmo o nome dele? – Tomou outro gole, fechou os olhos e depois abriu de repente. – Bill. Ah, aquele Bill, vou te contar. Ele era uma figura. Teve uma noite que ele bebeu tanto que voltou vestindo calcinha e sutiã. Acabou sendo perseguido no quartel a noite inteira.

Nós ficamos em silêncio, contemplando aquela imagem quando o George disse:

– Foi o que eu disse. A marinha parece ser a minha praia.

Então, nós todos viramos ao mesmo tempo quando ouvimos um grito. Do outro lado do salão, Will estava segurando sua bunda com as duas mãos e olhando feio para minha tia Mary. Ele começou a andar em direção a ela enquanto Mary cobria a boca.

George olhou para mim.

– Eu deveria estar com ciúme por outra pessoa estar assediando meu garotão?

– Sim, muito ciúme – Bennett disse com um sorrisinho. – Estou surpreso pelas tias da Chloe ainda não o terem enlaçado.

– Bom, então acho melhor ir atrás dele e dizer que uma vez que experimentar a fruta, vai descobrir que não tem nada melhor. Acho que ele vai ficar interessado em saber o que minhas mãos mágicas podem fazer – Ele mexeu os dedos sugestivamente.

Lyle se virou, segurando sua bebida, e olhou para George confuso.

– Com um teclado. Minhas mãos são mágicas para tocar teclado – George acrescentou, piscando para mim antes de cruzar o salão.



No jardim, Bennett e eu observávamos o oceano e conversávamos com alguns primos que ele não via há anos. Eles eram legais, mas a conversa entrou no território familiar da maioria das conversas nesta semana:

Como é o tempo em _____?

Você trabalha com o quê mesmo?

Quando foi a última vez que você encontrou com Bennett?

O tempo todo, sua mão agarrava minha cintura, como se estivesse me punindo por alguma coisa.

Seu toque bruto me irritava ao mesmo tempo em que excitava. Deslizando minha mão sobre a dele, eu cuidadosamente enterrei as unhas nas costas de sua mão. Ele me apertou mais forte e eu as enterrei mais ainda. Com um pequeno ganido, ele me soltou e me olhou feio.

– Mas que droga, Chloe.

Eu sorri para ele com doçura, satisfeita por ter vencido essa pequena batalha. Então senti a grande mão de Max em meu ombro enquanto se enfiava entre mim e Bennett para dizer aos primos, que a essa altura estavam com os olhos arregalados sem entender nada:

– Não liguem para eles. É assim que eles demonstram amor.

O DJ anunciou que o jantar estava sendo servido, e todos se dirigiram para as mesas. Bennett e eu ficamos na cabeceira da mesa, espremidos entre nossos pais e de frente para todos os convidados.

Eu ainda podia sentir a força da mão de Bennett apertando minha cintura, e *doía*. Mas mais do que isso, eu sentia o lugar vazio e frio. Ele era o único homem que eu desejava tão desesperadamente que o atormentava apenas para desfrutar da satisfação de conseguir quebrar seu ímpeto e observá-lo cedendo a mim.

Elliott e meu pai se levantaram e andaram até a frente do salão. Elliott sorriu para o DJ e pediu o microfone.

– Bennett é meu filho mais novo e ele sempre levou uma vida obstinada e equilibrada. Quando Chloe apareceu em minha vida, Bennett ainda morava na França. Na época, eu não fazia ideia do que ela causaria na compostura do meu filho.

O salão se encheu de leves risadas e murmúrios concordando.

– Mas eu tinha uma esperança – ele disse, olhando para mim. – Foi difícil conhecer você, minha querida, e não querer que pertencesse a nós de algum jeito. Mas, principalmente com esses dois, você não pode forçar nada. Eles são forças da natureza. Estou muito feliz por vocês dois, e muito feliz por mim e

Susan, Henry e Mina. Sentimos como se o mundo tivesse tomado o caminho certo quando vocês dois se juntaram.

Meu pai tomou o microfone em seguida. Fez um chiado horrível e todos estremeceram. Meu pai pediu desculpas com a voz trêmula e depois limpou a garganta.

– Chloe é minha única filha, e sua mãe faleceu vários anos atrás. Acho que estou aqui representando a nós dois, mas eu nunca fui bom nesse tipo de coisa. Tudo que quero dizer é que estou muito orgulhoso de você, minha filha. Você encontrou a pessoa que não apenas consegue lidar com você, mas *quer* lidar com você. E, Ben, eu gosto de como você olha para minha filha. Gosto do que vejo em você, e também tenho orgulho de poder chamá-lo de filho.

Elliott percebeu que meu pai estava começando a se emocionar, então ele apanhou o microfone de volta.

– Nós fizemos um vídeo com as fotos desses dois crescendo. Vamos deixar passando durante o jantar. Por favor, divirtam-se e aproveitem a ocasião.

Os convidados aplaudiram e depois gemeram em uníssono quando fotos de nossa infância começaram a passar no telão. Eu sorri diante das minhas fotos nos braços da minha mãe e brincando com meu pai. Eu parecia tão *pateta*. Em cada uma de suas fotos, Bennett estava arrumadinho e lindo, mesmo em seus anos de adolescência constrangedora.

– Por acaso você *nunca* foi nem um pouco feio? – perguntei. Uma foto minha apareceu e todos riram: era o ano do pior corte de cabelo de todos os tempos (franjinha e *mullet*) e eu ainda usava aparelho.

– Espere e verá – Bennett murmurou.

Logo depois que ele disse isso, apareceu uma foto de Bennett segurando um certificado. Ele claramente havia espichado; suas calças estavam curtas, o cabelo longo e despenteado, e a fotografia o flagrou no meio de uma risada nem um pouco atraente. Mas ele parecia apenas um pouco menos bonito, e nem de longe estava feio.

– Eu odeio você – eu disse.

Ele se aproximou e me beijou.

– Eu sei.

O vídeo tinha algumas fotos recentes, e terminou com uma imagem que Susan mantinha num porta-retratos em sua casa: Bennett sussurrava algo em meu ouvido e eu ria. Eu virei para o lado e beijei o rosto do meu pai, depois me levantei e abracei Elliott e Susan.

As fotos começaram a se repetir e todos começaram a beber. Olhei para os convidados em nossa mesa. Sara disse algo para Max, que a beijou em seguida. Will jogou uma amêndoa para Hanna, que tentou apanhar no ar com a boca, mas

errou por um quilômetro. George e Julia discutiam sobre o retorno na moda dos jeans rasgados. A sobrinha do Bennett, Sofia, subiu no colo de Henry e Elliott serviu água para Susan, que olhou para mim e sorriu, tão feliz que eu praticamente podia ver toda a história de Chloe e Bennett em seus olhos, e o quanto ela queria isso para o seu filho. Ao meu lado, Bennett passou a mão debaixo da mesa e subiu por minha coxa e debaixo da saia.

Meu coração se apertou tanto que parecia ter parado de vez, depois acelerou de repente batendo fortemente.

O ensaio fora tão desorganizado que só ali, naquele momento, eu senti toda a força de nosso casamento iminente.

Eu iria me casar no dia seguinte.

Com o Bennett Ryan.

O homem que me fez amá-lo de tanto me comer com raiva.

Eu me lembrei...

– *Srta. Mills, trabalhar com você seria muito mais fácil se você não insistisse em ignorar todas as regras gramaticais em nossos relatórios.*

– *Sr. Ryan, notei que a empresa está oferecendo treinamento de comunicação para os administradores. Posso inscrever o senhor?*

– *Leve estes documentos para a contabilidade. O que foi, Srta. Mills? Você precisa de um mapa?*

Apanhei minha água com a mão trêmula e tomei um grande gole.

– Você está bem? – Bennett sussurrou em meu ouvido. Eu assenti freneticamente, exibindo o sorriso mais calmo que eu conseguia fingir. Com certeza eu parecia uma lunática. Eu podia sentir o suor escorrendo em minha testa, e meus talheres tilintaram no prato quando tentei apanhar o guardanapo. Bennett ficou me olhando fascinado, como se estivesse observando uma tempestade se anunciando ao longe.

– *É bom ver que você finalmente está cuidando da sua forma física, Srta. Mills.*

Maldito cretino irresistível.

– *E depois você vai compensar sua hora de atraso fazendo uma apresentação da conta da Papadakis para mim na sala de conferência às seis.*

E também lembrei...

– *Peça para eu fazer você gozar. Diga por favor, Srta. Mills.*

– *Por favor, vá se foder.*

Bennett deslizou a mão em meu pescoço para me acalmar. Olhei para ele e pisquei rapidamente.

– Eu te amo – sussurrei, sentindo meu coração como se estivesse preso em uma pipa carregada pelo vento. Era quase impossível não ficar grudada nele,

implorando por seu toque.

– Eu também te amo – ele chegou mais perto e raspou os lábios sobre minha boca. Ao nosso redor, as pessoas urraram e aplaudiram. Mas, muito cuidadosamente, ele pressionou a boca em meu ouvido e murmurou: – Não se atreva a me provocar agora, Srta. Mills. Este não é o lugar para testar minha força de vontade.

Tentei explicar que eu não estava jogando, que eu não estava tentando seduzi-lo agora, mas nenhuma palavra saiu.

Ele sorriu, arrumando uma mecha do meu cabelo, mas o gesto amoroso foi traído por seu sussurro:

– Se você tentar me provocar com meu pai sentado aqui do lado, amanhã eu não vou me preocupar em ser gentil e vou comer você apenas forte e rápido. Vou deixar você com fome e insatisfeita em nossa noite de núpcias – ele afastou o rosto, deu uma piscadela, e depois passou a cesta de pão para Elliott, que estava ao seu lado.

Lembrei de uma vez, durante uma reunião, quando Henry encontrou os botões da minha blusa no chão da sala de conferência e Bennett me provocou, perguntando se eram meus. Foi *ele* quem arruinou aquela blusa, mas ficou lá fingindo inocência. Lembrei como fiquei magoada, com raiva e aterrorizada quando pensei que ele também queria arruinar a minha carreira diante de sua família.

Mas na verdade não era nada disso. Assim como eu, ele estava simplesmente tentando formar uma conexão, mas sem saber como, e completamente à mercê do fogo entre nós.

Lembro-me de ter saído correndo daquela reunião, extremamente irritada, assim que ela terminou. Aquela lembrança ainda estava tão fresca em minha memória que eu praticamente podia ouvir as portas do elevador se fechando e o calor de sua respiração em meu pescoço.

– *Por que você de repente está tão mais irritada do que o normal?*

– *Porque você me fez parecer uma vadia que transa para subir na vida na frente do seu pai.*

– Nós vamos nos casar amanhã – eu disse, suspirando. – Não é?

– Isso mesmo – Bennett tocou minha mão, sorrindo para mim, mas eu sacudi a cabeça, agarrando seu braço. Meu pulso acelerou ainda mais e senti minhas mãos suadas.

– *Eu tenho o poder? Foi você que se apertou contra o meu pau no elevador. É você quem está fazendo isso comigo.*

– Nós vamos nos casar. *Amanhã.* Diga isso para mim.

O sorriso dele diminuiu um pouco e seus olhos me olhavam confusos.

– Nós vamos nos casar amanhã.

Eu fechei meus olhos, lembrando-me agora de como sua expressão mudara naquela ocasião e seu coração ficara exposto para mim pela primeira vez.

– *O que você está fazendo comigo?* – ele perguntou.

– Você está mesmo bem? – Bennett sussurrou, olhando e sorrindo para o garçom que havia acabado de servir a entrada em nossa mesa.

– *Eu não quero sair por aquela porta e perder o que encontramos nesta sala.*

Empurrei minha cadeira para trás, levantei e saí correndo entre as mesas me dirigindo para os banheiros.

Subi as escadas e entrei na salinha reservada para os convidados, sem nem me preocupar em acender a luz. A sala era apertada e estava cheia de flores que deixavam o ar carregado de perfume. Respirei fundo, olhando para meu reflexo nos espelhos que forravam toda a parede em minha frente.

Era como se eu pudesse sentir cada emoção que já experimentei com Bennett, tudo de uma vez. Ódio, luxúria, medo, arrependimento, necessidade, fome, amor,

amor

amor

amor *incontrolável*.

Puxei meu colar, sentindo-me sufocada pela nostalgia, antecipação e, acima de tudo, necessidade de que tudo acabasse logo, que se tornasse oficial para que o destino não pudesse repentinamente decidir tomar um caminho diferente e de algum jeito nos transformar em inimigos em vez de amantes.

– Respire, Chloe – sussurrei.

A porta se abriu e um raio de luz cortou o quarto antes de tudo voltar à escuridão. As grandes mãos quentes de Bennett deslizaram por minhas costas e pousaram em minha cintura.

– Ei – ele disse, beijando minha nuca, sua voz grave se espalhando como uma corrente elétrica por minha pele.

Eu fechei os olhos e me endireitei, virando de frente para ele. Mergulhando meu rosto em seu pescoço, senti o cheiro de sua loção pós-barba, abri minha boca e chupei sua pele com vontade. Eu me sentia em casa com ele.

Bennett gemeu silenciosamente, arrastando os dedos por minha cintura, apertando, *tremendo*.

Mas com a lembrança da abstinência pela qual ele estava nos fazendo passar, uma onda de raiva, calor e frustração tomou conta de mim e eu bati em seu peito.

– *Você fez isso comigo! Você e sua regra estúpida e seu sorrisinho provocador e o pau gigante que você não quer compartilhar! E seus dedos longos e a sua língua que faz aquela... aquela coisa que você sabe fazer! Você!* – tomei fôlego e continuei: – *Você é um perfeito filho da mãe teimoso e mandão! Vai se foder,*

Bennett! Por que você tem que ser tão esperto e tão bom em tudo? Por que você me ama? Por que eu tenho tanta sorte? Você está me transformando numa louca! Eu pensei que fosse começar a chorar lá fora!

Ele riu em silêncio e eu podia sentir seu desdém.

– Duvido. Você já chorou uns dois anos atrás. Acho que só vai chorar de novo daqui uns...

Eu o interrompi com um beijo que eu pretendia ser firme e apaixonado para fazê-lo calar a boca – para que *eu* calasse a boca – e agradecê-lo por ele ser *ele* quando eu mais precisava. Mas o beijo passou de firme para febril assim que ele abriu a boca, permitiu que eu deslizasse a língua sobre seu lábio inferior e contribuiu com sua própria língua.

Com um gemido, ele me ergueu e me pressionou contra a parede, com suas mãos subindo pela saia e os dedos agarrando minhas coxas.

– Você não está se arrependendo, não é?

– Não! – eu disse, deixando minha cabeça cair para trás e batendo na parede quando ele posicionou o pau entre minhas pernas.

– Pois eu arrastaria você até o altar pelos cabelos se fosse preciso.

Eu ri, e minha risada se transformou num gemido quando seus lábios subiram por meu pescoço até chegar ao meu queixo.

– É engraçado você pensar que poderia me arrastar para onde quisesse – eu disse.

Quando ele se voltou para mim, afastei meu rosto e empurrei seus ombros.

– Fique de joelhos.

Ele ficou me olhando.

– Como é?

– De *joelhos* – repeti.

Se um olhar pudesse matar, eu estaria dura no chão a essa altura. Mas sem dizer nada, Bennett me colocou de volta no chão e se ajoelhou na minha frente. Não foi preciso mais instruções; ele simplesmente colocou uma de minhas pernas sobre seu ombro, inclinou-se para frente e colocou a língua em meu clitóris.

O único objetivo de Bennett era me fazer gozar em tempo recorde. Não houve nenhuma preliminar; nada de provocações ou beijinhos safados. Havia apenas sua boca aberta, chupando e, finalmente, pressionando os dedos na entrada da minha vagina, girando e juntando todo o líquido dela.

Mas ele não fez o que eu estava esperando. Ele deslizou o polegar em cima de mim e arrastou os dedos molhados para minha parte de trás, onde cuidadosamente enfiou apenas um dedo. Soltei o gemido mais desesperado e patético da minha vida, agarrando seus cabelos para poder impulsionar minha

virilha contra seu rosto. Bennett não me penetrava ali frequentemente, mas quando fazia – fosse com os dedos ou com o pau – sempre me deixava saciada e amortecida por vários dias.

Sua boca chupava e puxava minha pele sensível, e seu polegar e os outros dedos pressionavam e depois relaxavam ao mesmo tempo, provocando um grande prazer pulsante. A sensação era ao mesmo tempo demais e insuficiente. Eu queria que tudo que o que ele estava fazendo fosse mais profundo, mais forte, maior, até quase doer. Meu prazer se concentrou em meu estômago, num formigamento que latejava entre minhas pernas. Eu temia que a explosão iria me frustrar, com tanta coisa acontecendo lá fora, do outro lado da porta. Eu achava que nada além do corpo nu de Bennett seria suficiente, pesado e dominador, penetrando em mim.

Mas então, como se tivesse lido meus pensamentos, ele enfiou outro dedo lá atrás, e me fodeu mais forte e rápido até minhas coxas tremerem e o prazer explodir num calor delicioso que arrancou um gemido afogado da minha garganta.

Bennett não parou até eu ficar sem fôlego, apoiada em seus ombros e tentando empurrá-lo para longe. Então, gentilmente, ele beijou meu sexo e se recostou, olhando para mim.

– Você acha que agora consegue aguentar até amanhã?

Encostei minha cabeça na parede, sentindo minhas pernas moles como geleia.

– Com certeza.

– Parece que você foi comida de jeito.

Suspirando, eu murmurei:

– Eu me sinto comida de jeito. Você e essa sua boquinha mágica e seus dedos safados sabem o que estão fazendo.

– Eu sabia que iria funcionar – ele se levantou e ajeitou o casaco.

Baixei a minha mão e segurei seu pau, massageando e sentindo a ponta grossa de sua ereção.

– Um de nós deveria voltar para lá. Nós sumimos... já faz alguns minutos. Mas é sério, Bennett, isso foi incrível.

Ouvi seus dentes rangerem e olhei para seu maxilar se movendo de um lado a outro.

– Eu sei.

– Sinto muito não termos tempo para eu devolver a gentileza – sussurrei, beijando seu queixo.

– Vá se ferrar.

– Bom – eu disse, dando um tapinha em seu rosto –, você precisa se limpar, de qualquer maneira. Aproveite para bater uma no banheiro – dei um beijinho em

seus lábios e acrescentei: – *De novo.*

Ele mergulhou sua cabeça em meu pescoço e inspirou meu perfume antes de bater com a mão na parede ao lado da minha cabeça e sair correndo da sala. Eu acendi a luz e examinei meu reflexo. Arrumei meu cabelo com minha presilha de brilhantes e sorri para a minha imagem antes de voltar para o corredor.



Will saiu do banheiro logo após Bennett entrar apressado. Virando-se para mim, ele riu e perguntou:

– O que deu nele?

Eu encolhi os ombros e respondi simplesmente:

– A culpa é toda dele.

Will assentiu ironicamente.

– Você está pronta para amanhã?

– Nem um pouco.

Ele envolveu meu ombro com seu braço.

– Vai ser perfeito. E mesmo que não seja perfeito, teremos álcool à vontade.

– Eu sei. Na verdade, não estou nervosa, estou apenas...

– Mamãe, esse é o homem com o pipi grande! Eu vi ele no banheiro!

Nós dois nos viramos e vimos o filho pequeno da prima de terceiro grau de Bennett, a Kate.

Tive que tapar minha boca para não explodir em uma risada. Will levantou as mãos e seu rosto parecia aterrorizado.

– Eu juro que não mostrei...

– Ah, eu sei que não – Kate o acalmou, com olhos arregalados e pedindo desculpas. Ela mordeu os lábios, olhando um pouco demoradamente demais para Will. Um silêncio longo e constrangedor se estendeu até ela se lembrar de sua própria existência. – Ele está aprendendo a usar o banheiro sozinho e meu marido disse que ele ficou analisando você – ela estremeceu o corpo todo, depois acrescentou: – Quer dizer, não o meu *marido*. Entendeu? Não foi o meu marido que ficou olhando para você no banheiro. Isso seria estranho. Mas ele mencionou que nosso filho estava andando por aí e... Oh, Deus, é melhor eu parar de falar, nada de bom pode sair dessa história – Kate então apanhou a mão de seu filho e entrou no banheiro das mulheres.

Olhando para o Will, eu perguntei, incrédula:

– O que foi isso?

Ele deu de ombros, rindo um pouco.

– Aquele garoto estava andando pelo banheiro enquanto o pai dele lavava as

mãos. Não foi nada de mais.

– Por que as mulheres perdem a habilidade de falar quando estão perto de você?

– Tem certeza de que isso acontece? – ele perguntou, sorrindo para mim. – Você consegue falar.

– Isso é porque eu sou mais leoa do que mulher – respondi com uma piscadela.

– *Touché* – olhando para mim, seus olhos faiscaram de repente, como se fosse um cachorro que avistou um osso suculento. – Tem uma coisa que eu queria conversar com você.

– William – eu disse, me apoiando na parede –, estou lisonjeada, mas se você me criticar por alguma coisa, vou chutar o seu traseiro tão forte que o seu nariz vai sangrar.

Ele suspirou, olhando intensamente para mim.

– Chloe, eu sei que você é a única mulher que conseguiria fazer isso comigo. Mas não quero falar sobre você. Quero falar sobre seu futuro marido.

– O que é que ele aprontou dessa vez?

Will exalou lentamente. Ele era um adversário e tanto.

– Eu acho que você sabe o que ele fez.

Olhando para ele, eu podia ver traços de batom em seu rosto e arranhões provavelmente feitos por unhas postiças. Will era o mestre da sedução e do blefe. Na verdade, era fascinante enxergar sua armadura cedendo.

– Ah, qual é, a Judith e a Mary são adoráveis.

– Certo – ele disse, rindo um pouco. – E eu sei que foi o Bennett quem as encorajou a agir assim. Vou dizer uma coisa, Chloe, eu vou me comportar pelo resto do fim de semana. Mas assim que vocês voltarem da lua de mel, eu vou me vingar. Entendeu?

Eu sorri com entusiasmo.

– Aquele palhaço psicótico que eu enviei no aniversário dele não vai ser nada comparado com o que vou fazer. O laxante que ele colocou na minha comida? Vai parecer brincadeira de criança. Se você achou que foi ruim quando eu enviei aquele currículo falso para a vaga de assistente e depois uma stripper apareceu na entrevista, você ainda não viu nada.

– Mal posso esperar, Dr. Sumner.

Ele cerrou os olhos e disse:

– É um pouco estranho ver o quanto você parece *animada* com isso.

Eu me endireitei e belisquei seu rosto.

– Eu *estou* animada. Gosto de ver que a única coisa que vai mudar depois desta semana é que o Bennett vai ter um anel no dedo e o meu sobrenome na

identidade. Gosto de saber que vocês vão continuar com essa guerra de testículos. Você e Hanna vão continuar adoráveis, Max e Sara vão continuar apaixonados. Bennett vai continuar me deixando maluca e me amando ao mesmo tempo. É a vida do jeito que deveria ser.

Nesse momento, Bennett saiu do banheiro com uma expressão muito mais calma. Ele deu uma piscadela para mim.

Will olhou feio para ele antes de se virar e voltar para o andar de baixo.

– E então? – perguntei quando Bennett beijou meus lábios.

– Então o quê?

– Está se sentindo melhor?

Ele deu de ombros.

– Um pouco.

– Qual foi a fantasia?

Seus olhos castanhos ficaram duros quando olhou para minha boca.

Inclinando-se para frente, ele murmurou:

– Você estava amarrada e amordaçada. Eu comi você por trás e não deixei você gozar.

Quando ele beijou meu rosto e apanhou minha mão para voltarmos ao jantar, eu sabia que estava dizendo a verdade. E, de repente, eu já não me senti tão saciada quanto antes.



O jantar já estava terminando e os convidados começaram a pedir coquetéis, conversando em pequenos grupos e se aventurando na pista de dança. Da nossa mesa, Bennett e eu ficamos apenas observando. Seu longo braço esticava-se na cadeira atrás de mim, e ele brincava com meus cabelos.

– Você é muito irritante – ele sussurrou.

– Bom, não ouvi você reclamar quando estava me violando lá no banheiro.

Rindo um pouco, ele completou:

– Você não tem vergonha na cara.

– Não tenho mesmo.

Ele sacudiu a cabeça e apanhou sua bebida.

Olhei para Judith e Mary “ensanduichando” Will.

– Você vai se encenar por causa daquilo – disse. – Will me contou que vai se vingar à altura.

– Eu já esperava por isso.

As mãos delas exploravam cada canto possível de Will. Ele estava tentando levar na boa, mas, meu Deus, até mesmo o cara mais calmo do mundo não

aguentaria aquilo.

– Vocês duas, parem de se comportar mal! – meu pai gritou do outro lado do salão.

– Estamos apenas brincando, Freddy, relaxa! – Judith gritou de volta. Quando ela agarrou a bunda de Will, ele cuidadosamente se levantou e se aproximou da mesa do DJ, onde agarrou o microfone.

– Hanna! – o microfone chiou e todos cobriram os ouvidos. O DJ parou a música abruptamente e o silêncio tomou conta do salão. Will parecia absolutamente calmo. – Hanna. Olhe para mim.

Todos se viraram para ela, que conversava com Mina. Seus olhos se arregalaram e ela sacudiu a cabeça levemente.

– Oh, Deus – ela sussurrou.

– Lembra do que eu mencionei no avião? – ele perguntou, com os olhos grudados nela.

Um pequeno sorriso surgiu em sua boca.

– Refresque minha memória.

Ele fechou os olhos com força, respirou fundo, e quando abriu de novo, disse:

– Case-se comigo.

Eu claramente não fui a única pessoa surpresa. Acho que o salão inteiro ofegou ao mesmo tempo. Bennett, antecipando minha necessidade, pegou seu lenço no bolso e o ofereceu para mim. Do outro lado do salão, vi Max fazendo a mesma coisa para Sara. Mas enquanto ela aceitou e agradeceu, eu dei um tapa na mão do Bennett.

– Desculpe, Chloe – Will disse, parecendo nem estar ciente de que outras cinquenta pessoas podiam nos ouvir. – Eu sei que o momento é péssimo para fazer isso.

– Não se atreva a quebrar o clima falando comigo! Continue! Isso é a melhor coisa que aconteceu hoje.

Bennett apertou meu ombro, rindo disfarçadamente.

– Você vai pagar por essa.

Hanna começou a andar na direção de Will, e as pessoas na pista de dança abriram caminho para ela.

– Você está dizendo isso porque está com medo das mãos bobas das tias de Chloe?

– Um pouco – Will admitiu, com a voz quase falhando. Ele engoliu em seco e repetiu: – Um pouco. Eu quero dizer isso todos os dias, mas todos os dias fico com medo – erguendo a mão antes que ela pudesse entender errado, ele acrescentou: – Não por não ter certeza. Mas porque quero que você tenha tanta certeza quanto eu.

Hanna cruzou o salão, tomou o microfone das mãos trêmulas de Will e o devolveu para o DJ. Então, ela se esticou para beijar Will depois de dizer algo que ninguém mais ouviu, mas que fez Will Sumner abrir o maior sorriso de sua vida.

Os convidados começaram a aplaudir e Bennett sinalizou para os garçons servirem champanhe para todos. A música voltou a tocar e a pista de dança se encheu de novo.

Bennett se levantou e olhou para mim.

– Vamos dançar, Quase Srta. Ryan.

– Só se você me deixar conduzir, Quase Sr. Mills.

Seis

– Então, será que é o efeito dos dois Mai Tai que eu tomei – Chloe perguntou –, ou o Will realmente pediu a Hanna em casamento hoje?

– Pediu mesmo – eu respondi, fechando a torneira. – No meio do nosso jantar do ensaio. Com um *microfone*. Na frente das nossas famílias, e provavelmente até as pessoas no andar de cima ouviram. E pelo jeito, ela disse *sim*.

– Então, tá – ela disse enquanto escovava os dentes. Olhei para seu corpo quando ela se dobrou para enxaguar a boca, erguendo a bunda sugestivamente, e senti meu coração acelerar.

– Você deveria se apressar – eu disse, jogando a toalha na pia.

– Por acaso temos algum lugar para ir? – ela se levantou e me encarou, vestindo uma fina camisola rendada. Seus olhos estavam arregalados e fingindo inocência, como se não fosse a mesma mulher que me fez chupá-la num restaurante enquanto os convidados do nosso casamento se divertiam no andar de baixo. Eu fiquei aliviado por ela finalmente voltar a ser a *minha* Chloe, a mulher que era tão gananciosa quanto eu.

Mas agora era minha vez de brincar.

– Não. Você vai chupar o meu pau e depois eu vou comer você até alguém aparecer dizendo que está na hora do casamento – eu disse, desabotoando minha camisa.

Ela se endireitou e seus olhos grudaram no meu corpo enquanto eu expunha cada centímetro de pele após abrir cada botão.

– É mesmo?

Eu a pressionei contra a parede e passei minhas mãos por suas curvas até agarrar sua bunda.

– Você pode não conseguir andar direito amanhã.

– E quanto à sua regra?

– Regras são para idiotas que não vão transar hoje – afundei meu rosto em seu pescoço e lambi sua pele, depois a ergui e passei suas pernas ao redor da minha cintura. Eu a levei até o quarto e apaguei a luz quando entramos. – E já estou cansado de ser um idiota, Srta. Mills.

– Você chegou a essa conclusão antes ou depois de me fazer gozar? – ela

perguntou, depois gemeu quando a joguei no colchão.

– Por que você ainda está falando? – rosnei.

Beijei sua boca com raiva e toda a frustração que senti na última semana. Absorvi seus gemidos e senti um arrepio quando os dedos dela puxaram minha camisa e seus pés empurraram minha calça para baixo.

– Você vai me chupar – eu disse. – E depois eu vou comer você de quatro no chão – de repente, ouvi um som na outra sala e levantei minha cabeça na escuridão. – Você ouviu isso? – perguntei, quase certo de que tinha ouvido passos no sala de estar.

– Com certeza – ela suspirou, sem perceber do que eu estava falando, ainda arranhando minhas costas com as unhas. – Diga o que mais você vai fazer...

– *Chloe!*

Ouvimos uma voz masculina:

– Perto, mas não muito, minha querida.

Eu me levantei imediatamente, com o coração saindo pela boca e pronto para lutar quando alguém acendeu a luz.

– Meu Deus, George. Nós mandamos você bater na porta! – uma mulher disse.

Corri para esconder a quase nudez da Chloe.

– *Mina?* – disse, estremecendo e praticamente cego pela luz repentina.

Alguém jogou uma camiseta para mim, mas ela sumiu antes que eu pudesse pegar.

– Não se atreva! – George alertou, correndo para ficar na minha frente. – Eu vou pessoalmente bater em quem entregar qualquer roupa para este homem. E, caramba, Mina. Você disse que ele estaria pelado.

– Ah, foi mal – ela disse, sorrindo. – Esqueci que ele está guardando sua virtude e tentando permanecer puro antes do casamento. Acho que esqueci de mencionar isso. Porém, pela aparência da situação – ela olhou para minha cueca – ele estava prestes a desistir desse plano. É melhor você cobrir isso, Ben. Sua mamãe está chegando.

De repente me dei conta que eu estava de cueca... e *duro*.

– Vão embora! – eu disse, apanhando um travesseiro para me cobrir. Chloe puxou um roupão. Os intrusos estavam vestidos de preto da cabeça aos pés e pareciam um bando de bandidos de desenho animado. Tenho certeza de que se a situação fosse outra, eu acharia hilário.

– Calma, Bennett – minha mãe disse, entrando no quarto com Sara e Julia. – Estamos aqui para levar Chloe.

– *O quê?* Como vocês conseguiram a chave? – eu perguntei.

– Você *não* quer saber, acredite em mim – George disse.

Minha mãe contornou a cama e segurou a mão da Chloe.

– Você conhece a regra, Bennett: o noivo não pode ver a noiva no dia do casamento. E estamos a exatos cinco minutos disso acontecer – ela chegou mais perto de mim e sussurrou: – Eu enviei uma mensagem para você avisando que iríamos invadir o seu quarto para roubá-la.

– *Mãe!* – gritei, perdendo a paciência. – Eu não tenho tempo de ler quinhentas mensagens por dia sobre a calça do papai, o ar condicionado no seu quarto ou o seu prato favorito!

– Humm, alguém se importa com o que *eu* acho? – Chloe perguntou.

– Não – George e Mina responderam ao mesmo tempo.

– Que seja – ela disse, amarrando o roupão. – Vocês têm sorte por eu estar exausta, ou eu chutaria o traseiro de todo mundo. Apenas me arrumem uma cama. Nem quero saber onde. Pode até ser a sua – ela disse, apontando para George.

– Sem chance, princesinha.

Desde quando o mundo se tornou um manicômio?, pensei.

– Sara – eu disse, virando para encará-la. – Como eles convenceram você disso? Você é a mais certinha de todos. Elas vão levar você para o mau caminho, fuja enquanto é tempo...

Ela encolheu os ombros.

– Até que está sendo divertido. Com essa história de castidade nós esperávamos encontrar vocês dois jogando damas ou tricotando. Mas isso foi muito mais engraçado.

– Vocês são todas malucas – eu disse. – Todas vocês. Até você, mãe.

– Dois minutos! – George alertou. As mulheres começaram a correr freneticamente pelo quarto, vasculhando gavetas, armários e malas para encontrar tudo o que precisaria para amanhã. O banheiro foi revirado e todas as coisas da Chloe foram retiradas.

– Ah, para de ser tão preocupado, Bennett. Isso é tradição, e amanhã quando você a vir caminhando até o altar, vai perceber que tudo valeu a pena. Já temos tudo? – minha mãe disse.

Várias vozes confirmaram que sim, tudo estava em ordem para o rapto da minha noiva, e após mais um furacão de atividade na sala de estar, Chloe foi levada de mim sem nem mesmo um beijo de despedida, e o silêncio tomou conta da suíte.

–

Precisei de horas para conseguir dormir. O quarto estava quieto demais, a cama vazia demais, e eu excitado demais. De novo. Minha mão já não era o bastante.

Acordar sozinho é uma droga. É de se pensar que eu estaria acostumado com isso – com nossas agendas cheias, era difícil conciliar nossos horários – mas agora que eu tinha me acostumado a acordar com a Chloe quente e solícita ao *meu lado*, a cama vazia parecia errada, como se uma parte vital de mim estivesse faltando.

Ainda estava escuro lá fora; era cedo o bastante para ainda haver um ar frio e úmido pairando no ar, e os pássaros estavam relativamente quietos. Com a calma lá fora, o oceano soava mais alto do que nunca. Eu estava ereto e sozinho, e Chloe estava em algum lugar perto, mas longe demais para poder ser tocada. Meu estômago se revirou e eu fechei os olhos, apanhando um travesseiro para tentar esquecer tudo.

Vai ser um longo dia.

Eu me forcei a me levantar, e fui até o banheiro para tomar banho e me vestir. Nós vamos nos casar hoje. *Casar*. E minha lista de tudo o que precisava ser feito era tão longa quanto as horas que faltavam para o dia terminar.

Havia relógios demais ali. Eu usava um de pulso que a Chloe me deu quando abrimos a filial da RMG em Nova York. Havia um relógio sobre o bar, um sobre a TV e outro ao lado da cama. De quase qualquer lugar na suíte eu conseguia ver quantas horas faltavam até Chloe acordar, até eu poder vê-la de novo, até ela se tornar minha esposa.

—

Will e Max estavam esperando por mim no térreo perto da lareira no saguão, enquanto analisavam um mapa no celular de Max.

– Fica na University – Will dizia,

– Não, não fica – Max argumentou. – Fica na Robinson – ele percebeu minha presença, olhou para minha cara fechada e sacudiu a cabeça. – Bom dia, flor do dia. Pelo jeito você não dormiu muito bem ontem, não é?

Eu revirei meus olhos.

– Você deve saber muito bem, já que a sua namorada grávida invadiu meu quarto ontem.

– Como é? – Will disse.

– Todas as amigas dela, incluindo o George e a minha mãe, sequestraram minha noiva para que eu não a visse antes da cerimônia. Imagino que agora ela esteja amarrada e amordaçada em alguma parte desse hotel enquanto elas a cobrem com rendas e purpurina – nesse momento, percebi o estado do Will: com olheiras, ombros caídos e bocejando sem parar. – O que aconteceu com você?

– Hanna – ele disse, bocejando de novo. – Não sei se é por causa do assédio das tias de Chloe, mas não consegui ter uma noite inteira de sono desde que chegamos.

– Eu odeio vocês dois por isso – eu disse.
– Ainda bem que seu humor está muito bom hoje – Max ironizou.
– Vá se ferrar – eu disse, passando por ele e me dirigindo para o balcão. Max e Will me seguiram.

A recepcionista olhou para nós quando nos aproximamos. Falei meu nome e entreguei minha identidade e cartão de crédito, e esperei enquanto ela preparava o aluguel do carro. Eu tinha reservado uma van para nossa ida até a lavanderia, pois queria ter certeza de que tudo chegaria em perfeitas condições. Apanhei as chaves e finalmente tive uma pequena sensação de estar no controle de ao menos *uma* coisa. Assim é a vida: se você quer algo direito, faça você mesmo.

– Sr. Ryan!

Eu me virei ao escutar o familiar som de saltos batendo no chão de mármore.
Merda.

– Kristin – eu disse. – Estamos de saída.

– As roupas – ela respondeu, olhando para as chaves na minha mão.

– Você tem alguma coisa para me dizer?

– Ah... – ela começou a falar com o sorriso mais forçado que já vi. Meu estômago, instintivamente, deu um nó. – Aconteceu uma coisinha.

Minha respiração começou a acelerar.

– Coisinha? – eu repeti. *Pequeno acidente. Probleminha. Coisinha. Será que ela consegue ser mais irritante do que isso?*

– Uma coisa boba. Insignificante.

– Lá vamos nós... – Will murmurou.

Nós a seguimos até a porta dos fundos, atravessamos o pátio e descemos até o jardim onde já estavam arrumando tudo para o casamento. Ou tentando. Meu sapato afundou na grama molhada no primeiro passo.

– Oh, Deus – lamentei, olhando ao redor. – *Meeeeerda* – a área inteira estava inundada. Cadeiras estavam caídas por toda a parte, os pés das mesas afundavam na lama, trabalhadores se apressavam em pânico.

– Um cano da irrigação quebrou no meio da noite – ela disse cuidadosamente.
– Eles conseguiram desligar a água, mas como você pode ver...

– Nossa – Will exclamou, tocando uma poça com a ponta do tênis.

Eu esfreguei o rosto e senti Max apertando meu ombro.

– Ele conseguem arrumar isso – ele disse, percebendo que eu estava a dois segundos de explodir.

– Ah, com certeza – Kristin tentava me tranquilizar, mas eu já não estava mais ouvindo nada do que ela dizia.

Meu celular vibrou em meu bolso e eu entrei em pânico pensando se Chloe já tinha recebido a notícia.

Mas era apenas a minha mãe.

Querido, você sabe se o seu pai trouxe os sapatos pretos? Eu não consigo achá-los aqui no quarto, mas ele jura que colocou na mala.

Guardei o celular no bolso e me virei para Kristin enquanto ela dizia:

– Eles consertaram o encanamento, então vamos nos concentrar

– Eles consertaram o encanamento, então vamos nos concentrar em secar a área ou levar tudo mais para frente na praia.

Max se virou para mim, com seu sorriso charmoso no rosto.

– Viu? Não há nada para se preocupar. Vamos pegar as roupas, comer alguma coisa... ou talvez beber alguma coisa, e tudo vai estar resolvido quando voltarmos. E, se não se importa, eu fico com isto – ele agarrou as chaves da minha mão.

– O que você acha que está fazendo?

– Desculpe, Ben, mas acho que é melhor para todo mundo. Você vai acabar passando por cima dos pedestres e isso estragaria ainda mais a festa.

– Eu consigo dirigir com raiva sem matar ninguém, Max. Me entregue a maldita chave.

– Você já se olhou no espelho hoje? Aquela veia está saltando na sua testa – ele disse, tentando tocar em minha testa, mas eu estapeei sua mão.

Will estava rindo atrás de mim, e então eu me virei e o encarei com raiva. Ele ergueu as mãos.

– O Max está certo.

Virei de novo para Max.

– Você nem sabe dirigir direito.

– Claro que sei.

– Nos *Estados Unidos*?

Ele fez um gesto de desdém.

– Faixa da direita, faixa da esquerda. Que diferença faz?

—

Max nos conduziu pelo hotel até o estacionamento. Durante todo o trajeto nós discutimos sobre quem iria dirigir. Enquanto isso, Will parecia um zumbi sonolento nos seguindo.

Um manobrista nos abordou imediatamente, ignorando nossa discussão enquanto checava a etiqueta na chave. Nós o seguimos até uma van branca estacionada debaixo da sombra de algumas palmeiras. Entreguei sua gorjeta e o dispensei quando ele se ofereceu para explicar o caminho.

– Certo, vamos rever nosso plano – Max disse, esperando um segundo antes de virar para trás e bater no ombro do Will, que acordou assustado.

– Você está bem?

– Sim, caramba, estou só um pouco cansado.

– Bom, tome um pouco de café e acorde de vez – Max disse. – Você vai com a gente até a lavanderia, depois você vai pegar um táxi para apanhar as alianças.

– Por acaso você acha que eu sou seu assistente pessoal? Por que o Henry não pode ajudar com isso?

– Porque o Henry fala demais e você é muito mais bonito. E vai saber, talvez a gente precise seduzir algumas atendentes na lavanderia, e quem melhor do que você para ganhar o coração de algumas velhinhas?

Will bocejou, claramente cansado demais para discutir.

– Certo, certo, que seja.

Max deu a volta na van, parando ao lado da porta do passageiro.

– Ben, sua carruagem o espera.

– Vá se foder – eu disse, dando um soco em seu ombro antes de entrar.

Eu podia ouvir sua risada enquanto dava a volta e entrava pelo outro lado.

– Tudo certo aí atrás, William?

– Sim, sim – ele resmungou. – Vocês são dois filhos da mãe, sabiam?

Max colocou as chaves na ignição e o motor ganhou vida. Após sorrir triunfalmente para mim, ele tentou engatar a marcha, mas tudo o que conseguiu foi um horrível som de engrenagens rangendo.

– Ah, isso só pode ser um bom sinal, Max – eu disse, com o tom mais irônico que eu conseguia fazer.

– Pare de ser um pé no saco e relaxa. Está tudo sob controle.

– Estamos vendo.

A van deu um tranco para frente e eu preendi o cinto de segurança dramaticamente. Os pneus cantaram quando viramos a primeira esquina e eu tentei me segurar em qualquer coisa que podia. Will não teve tanta sorte, e o som de seu corpo batendo por toda a parte preencheu o silêncio na van.

– Quando foi a última vez em que você dirigiu um carro? – perguntei, me preparando para outra curva.

Ele franziu a testa e pensou um pouco.

– Em Las Vegas, na sua despedida de solteiro – ele disse, ignorando completamente as buzinas atrás de nós.

– Las Vegas? Eu não me lembro de você dirigindo em Las Vegas.

Ele checkou o trajeto em seu celular, passou correndo por um sinal amarelo e quase bateu no carro da frente.

– Eu peguei um carro emprestado quando vocês estavam ocupados.

– Pegou um carro *emprestado*?

– Pois é. Na verdade... era uma limusine, não um carro. Mas isso não importa.

Eu cheguei aonde precisava, são e salvo.

– E você não notou nada? Nenhum xingamento? Ou a polícia?

Após várias quase batidas com carros bem menores, chegamos à lavanderia. Max olhou para mim com uma expressão presunçosa.

– Oh, Deus, alguém me tire daqui – Will gemeu. Eu desci e abri a porta de trás, observando Will cambaleiar para fora e imediatamente correr para vomitar nos arbustos. Aparentemente, eu tinha ganhado aquela discussão.

A lavanderia era pequena e ficava entre um restaurante chinês e uma loja de gibis. Max fez um gesto para eu ir na frente e nós paramos diante da porta, olhando para a placa de neon que dizia “*Satisfação Garantida*”.

– Ironia é o que não falta no seu casamento – Max murmurou.

Graças a Deus as roupas estavam prontas. Nós abrimos cada pacote para ter certeza de que nada estava faltando – seis vestidos, oito ternos – e colocamos tudo na van. Max manteve a promessa que fez à minha mãe e me impediu de ver o vestido de Chloe.

– De jeito nenhum você vai voltar dirigindo – disse para Max quando terminamos de colocar tudo no carro.

– Você ainda está pensando nisso?

– Você não percebeu que dirige muito mal? Depois de *vomitar*, Will estava praticamente beijando o chão de alívio – peguei as chaves de suas mãos.

– E você acha que pode fazer melhor? Até minha avó dirige mais que você, Bennett. E ela tem oitenta anos e sofre de *glaucoma*.

– Desculpe, eu não ouvi o que você disse por causa dos helicópteros da polícia atrás de você – eu disse, depois praguejei quando Max arrancou as chaves da minha mão de novo.

Will entrou no meio e agarrou as chaves.

– Por que vocês dois não calam a boca? Já não basta eu ter que ficar fugindo daquelas malucas, ainda tenho que aguentar vocês dois? Ben, você dirige – ele disse, empurrando as chaves para mim. – Max? Comporte-se e espere a sua vez. Meu táxi já chegou. Vou buscar as alianças e encontro vocês no hotel – ele olhou para nós dois, esperando algum tipo de protesto.

– Certo – eu disse.

– Tá bom, tá bom – Max suspirou.

– Ótimo. Agora, tentem não matar um ao outro no caminho de volta.

–

Digitei o endereço do hotel em meu celular e esperei o trajeto aparecer. Max estava sentado em silêncio ao meu lado.

– Obrigado – eu disse, depois dei a partida. Apesar de discutirmos o tempo inteiro, Max lidou com a situação com sua calma e otimismo de sempre. Eu

tinha que admitir que a essa altura eu estaria bêbado e despedindo pessoas que nem eram meus funcionários se ele não tivesse tomado conta da situação.

– Você é um idiota – ele respondeu. Eu sorri e acelerei para fora do estacionamento.

Sábado à tarde em San Diego significava trânsito, muito trânsito. Nós tivemos sorte na ida, mas agora a pista expressa já estava totalmente tomada. Max insistia que eu estava indo na direção errada quando seu celular tocou.

– Fala, Will – ele disse, depois fez uma pausa antes de ligar o viva voz. – Continue.

– Quem de vocês dois estava encarregado de fechar a maldita porta da van?

– *O quê?* – eu perguntei, depois olhei pelo retrovisor. Claro, uma das portas estava completamente aberta.

– Merda! – então, de repente tudo ficou ainda mais complicado, com carros passando em alta velocidade ao nosso lado e buzinando enquanto eu tentava parar no acostamento. Pelo retrovisor eu vi o vento mexer a alça de um dos pacotes, que ficou balançando como se fosse feito de papel. Max lutou com seu cinto de segurança antes de pular no banco de trás e esticar os braços para salvar o pacote em perigo. Mas era tarde demais. Um solavanco na estrada foi o bastante para o vento puxar o pacote, que voou para fora do carro levando outros, e então quase todos atingiram o asfalto.

Foi um pandemônio. Juro. Fechei um grande caminhão ao virar de repente para a direita e frear até parar no acostamento. Abri minha porta, gritando para o Max quando nós dois descemos, olhando horrorizados os carros passarem voando pela pista expressa com os pacotes entre eles.

– Ali! – gritei, avistando o pacote maior, o que continha o vestido da Chloe, perto da pista do meio.

O táxi do Will freou logo atrás e nós nos dividimos, cada um se movendo em uma direção, correndo e desviando do trânsito para resgatar os pacotes um por um.

Os carros buzonavam ao nosso redor e o ar cheirava a pneu queimado. Meu coração martelava e o sangue pulsava em minha cabeça, e meu único pensamento era salvar o vestido da Chloe. Tentei não pensar no que aconteceria se eu falhasse.

Ignorei os palavrões que ouvia e consegui chegar à faixa do meio. Olhei para o pacote da Chloe, freneticamente analisando o exterior em busca de qualquer dano. Parecia intacto, com exceção de um pequeno rasgo na base.

Voltei para o acostamento e empurrei o pacote para Max.

– Cheque o vestido – eu disse, dobrando os joelhos e enchendo meus pulmões de ar, rezando para que o vestido estivesse inteiro.

– Está tudo certo – Max disse, com um alívio em sua voz. – Está perfeito.
Eu suspirei, também aliviado.

– Graças a Deus. Já pegamos todos os pacotes? – voltei para a van para contar quantos não tinham caído.

Will contou os que estavam em seus braços.

– Tenho quatro aqui.

– Eu tenho seis – Max acrescentou.

– Tem mais quatro dentro da van – eu disse. – Qual é o total mesmo?

– Quatorze. Contando nossos ternos, o do Henry, o do pajem, do seu pai, do pai da Chloe e o do Georde, os vestidos das garotas, da sua mãe e da daminha de honra. Certo? – Wil perguntou, contando em seus dedos.

Eu assenti.

– Vamos embora daqui.

Desta vez, ninguém discutiu sobre quem iria dirigir.

–

Eu sentia como se tivesse corrido uma maratona quando voltamos ao hotel. Entregamos o carro para o manobrista e Kristin já estava nos esperando na calçada, pronta para assumir a partir dali. Ela me assegurou que quase tudo já estava seco e perguntou se eu queria ver como estava indo o resto dos preparativos. Eu recusei, querendo apenas tomar banho, tirar um cochilo e esperar a hora de encontrar Chloe no altar. Olhei para o relógio: faltavam três horas.

Will chegou ao mesmo tempo, pagou o taxista e desceu do carro. Quando olhamos, ele ergueu um pacote no ar.

– As alianças chegaram – Max disse, dando um tapinha em meu ombro. – Agora é oficial, você não concorda?

Eu assenti, aliviado demais até para fazer qualquer piadinha.

– Bom, veja só quem é a única pessoa que não fez besteira hoje... – Will disse um segundo antes de tropeçar na calçada e cair. A sacola voou de suas mãos, as caixas voaram da sacola e, claro, minha aliança recém-polida acabou atingindo a calçada.

Não sei quem foi o primeiro a mergulhar no chão, mas no fim foi o Max quem agarrou meu anel, que agora tinha um amassado na parte de platina. Fiquei irritado, é claro, mas depois do dia que tive, parecia um lembrete perfeito para o resto da minha vida: “Lembra quando você quase destruiu o vestido da sua esposa?” Acho que é melhor sentir esse amassado do que a ira da Chloe nos próximos sessenta anos.

– Não parece tão ruim – Max disse. Ele o colocou em seu dedo e exibiu a mão. – Mal dá para ver.

Nós todos assentimos.

– Sabe o que faria isso desaparecer completamente? – Will perguntou.

– O que, William, o que faria isso desaparecer completamente? – Max ironizou.

– Álcool.

—

Eu não fiquei *completamente* bêbado. Afinal, era o dia do meu casamento. Mas após uns drinques com meus amigos, eu me sentia bem. E estava pronto para fazer esse maldito show continuar.

Foi estranho me arrumar sozinho. Banho, barba, roupa. Tudo na suíte vazia. Para qualquer outro evento, Chloe estaria ao meu lado, alegremente falando sobre qualquer coisa que estivesse em sua mente. Mas para o maior evento de nossas vidas, eu estava me vestindo sozinho. Já tinha usado smokings dezenas de vezes, e nem precisava me olhar tanto no espelho antes de sair. Mas agora, enquanto encarava o meu reflexo, eu não conseguia parar de pensar que a Chloe iria me olhar do outro lado do altar, caminhar até mim e aceitar se casar comigo. Eu queria estar exatamente como ela sempre imaginou que seu marido estaria. Tentei arrumar o cabelo com os dedos e ter certeza de que não tinha deixado de barbear nenhum canto do rosto. Chequei se não havia qualquer sinal de pasta de dente em minha boca e apertei minhas abotoaduras.

E pela primeira vez na semana, eu enviei uma mensagem para minha mãe, e não o contrário.

Qualquer dúvida que eu tinha sobre a Kristin se dissipou no momento em que saí e vi a cerimônia montada. Fileiras de cadeiras brancas enfeitadas com fitas azuis se estendiam na minha frente e pétalas brancas cobriam o caminho até o altar. Um mar de mesas cheias de cristal e prata e mais laços azuis cobriam a área do jardim. As flores favoritas da Chloe – orquídeas – estavam em toda a parte: vasos, arranjos e decorações. O sol estava começando a se pôr e os convidados já estavam em seus lugares. Tomei um momento para me recompor, apoiando no ombro do Henry enquanto digeriria toda a cena.

Kristin acenou mostrando que estava na hora de começar, e eu assenti, vagamente registrando a música serena que tocava, o pôr do sol inacreditável e o *passo incrivelmente gigante* que eu estava prestes a dar. Ofereci meu braço para minha mãe e comecei a conduzi-la até o altar.

– Você perguntou se eles trouxeram...

– Agora não, mãe – murmurei entre os dentes cerrados enquanto sorria para os convidados.

– Você está bem, querido? – ela perguntou quando chegamos ao seu assento e eu beijei seu rosto.

– Quase – eu a beijei mais uma vez e tomei meu lugar no altar, com meu coração subindo pela garganta.

A música principal começou e Sara e Henry foram os primeiros a desfilar pelo corredor. Mesmo de longe, eu podia ver o quanto ela estava absolutamente linda. Seu sorriso era enorme, e parecia estar quase rindo enquanto se aproximava de mim. A primeira coisa que notei foi o suave som de sucção quando seu salto afundava a cada passo no chão encharcado. Respirei fundo, sabendo que poderia ter sido bem pior. E a Sara *estava* rindo. Isso só poderia ser um bom sinal, não é?

A segunda coisa que notei foi a onda de risadinhas que começou nas fileiras de trás e aumentou enquanto Sara e o Henry chegavam mais perto de mim. Olhei para Henry, que parecia mal estar se segurando, e depois olhei para Sara, cerrando meus olhos quando vi o seu corpo inteiro.

Oh

meu

Deus.

Um par de marcas de pneu cruzava seu vestido bem em cima de sua barriga grávida.

Fui tomado por uma onda de pânico quando lembrei dos pacotes caídos na pista expressa enquanto os carros passavam em alta velocidade. Parecia que a Sara tinha sido atropelada por um caminhão. Senti todo o sangue do meu rosto desaparecer.

– Ah, não – eu gemi. Tudo que me importava na hora era o estado do vestido de Chloe. Nem me preocupei em olhar os outros vestidos.

Como se tivesse lido meus pensamentos, Sara sacudiu a cabeça e gesticulou para trás, dizendo com os lábios:

– Ela está perfeita.

Fechei os olhos por um momento, tentando me acalmar. *Chloe está bem. Ela não vai andar até o altar querendo me matar. Acalme-se, Bennett.*

A música mudou e eu ouvi o som de trezentas e cinquenta pessoas se levantando. Abri meus olhos ao mesmo tempo em que todos se viravam para trás.

A minha Chloe.

Pela primeira vez em minha vida, tudo pareceu se encaixar e absolutamente nada mais importava. Nada de prazos ou trabalho, apenas *isto*. Meu cérebro – que funcionava com tabelas, datas e com organização de cada detalhe da minha vida e da vida daqueles ao meu redor – se tornou silencioso. Não de um jeito ruim, mas de um jeito que finalmente dizia: *relaxe e preste atenção, pois este momento é maior do que você e do que todas as decisões que você já tomou.*

Chloe estava com o queixo abaixado e com o braço enlaçado ao do seu pai.

Na outra mão ela trazia um buquê de orquídeas. O cabelo estava preso para cima. Normalmente, eu já estaria pensando em como desarmá-lo para mergulhar meus dedos e agarrar cada fio, mas naquele momento, tudo que eu conseguia pensar era como gostaria de deixar tudo do jeito que estava. Eu podia ver cada centímetro de seu rosto, e ela estava linda. Eu queria congelar esse momento para que durasse para sempre.

Estava claro que a Chloe, até no último instante, estava tramando algo. Seus olhos estavam fechados e ela parecia concentrada em pensamentos. E também ficou claro o momento quando ela compreendeu tudo. Erguendo a cabeça, seus olhos lentamente se moveram até me encontrarem, e o tempo parou e o mundo desapareceu. Eu podia sentir meu próprio sorriso se abrindo e sendo refletido em seu rosto quando nossos olhos se cruzaram.

Então, fiz a única coisa que podia pensar.

Sussurrei as palavras:

– Venha até aqui.

Sete

Inspire.

Respire.

São apenas trezentas e cinquenta pessoas olhando para você.

É apenas um rio de lama no caminho até o altar.

É apenas uma marca de pneu no vestido da minha madrinha.

É apenas uma cerimônia, é apenas um dia. É apenas o amor da sua vida esperando no altar.

Meu pai me deu o braço e pousou seus dedos sobre os meus.

– Está pronta, minha querida?

Eu engoli em seco, assentindo, e disse:

– Não.

– Por acaso você está pensando melhor sobre casar com esse tal de Benson?

Olhei para ele e ri diante da provocação.

– Não, não estou pensando melhor sobre esse *Benson*. É só que... do jeito que foram os dois últimos dias, estou preocupada que um furacão passe por cima de nós antes de chegarmos até o altar, ou um tsunami, ou um...

– Bom, talvez aconteça um terremoto, talvez aconteça um tsunami. Mas você não pode controlar a natureza mais do que pode controlar quem você ama. Então, vamos fazer esse casamento ou vamos fugir para tomar uns drinques em algum abrigo?

Apertei sua mão e dei um passo à frente, saindo do chão de concreto do pátio para a lama do jardim. Meu sapato afundou na grama e fez um barulho de esponja quando levantei o pé. Ao meu lado, meu pai quase perdeu o equilíbrio.

– Pense que você é uma pena – meu pai sussurrou, e nós dois rimos. – Mais leve do que o ar.

Mas então nós viramos a esquina e eu tive uma visão geral do que vinha pela frente.

Os convidados.

A cerimônia.

O homem que se tornaria meu marido em questão de minutos.

Seus olhos se encontraram com os meus e ele exibiu o maior sorriso que já vi

em seu rosto. Por vários segundos, eu não consegui andar. Mal conseguia respirar. A única coisa que eu podia fazer era olhar para o Bennett de pé no altar. Ele vestia um smoking perfeitamente cortado, e um sorriso perfeitamente devastador. Ele parecia estar se sentindo como eu me sentia: extasiado, sobrecarregado, à beira de um colapso.

Vi sua boca sussurrar:

– Venha até aqui.

De repente, senti uma urgência para alcançá-lo. Puxei meu pai, ignorando sua risadinha por causa da minha pressa, ignorando a sucção da lama em meus sapatos, ignorando que eu estava indo mais rápido do que nós ensaiamos e a música não estaria no ponto certo quando eu chegasse ao altar. Nada importava. Eu queria me juntar ao Bennett, apanhar sua mão, apressar os votos e chegar à parte do “Sim” o mais rápido possível.

Eu me abaixei e tirei os sapatos cheios de lama dos meus pés. Jogando-os para o lado, ignorei o barulho que fizeram quando acertaram uma poça, depois levantei a saia do meu vestido acima dos tornozelos. Sorri quando as pessoas começaram a rir e a aplaudir, e puxei meu pai ainda mais rápido, praticamente correndo. Ele me parou no meio do caminho, na fronteira entre o gramado e a areia da praia.

– Isto é a metáfora perfeita – meu pai sussurrou, beijando minha testa. – Eu levei você até a metade do caminho, minha querida; agora, o resto é com você – ele beijou meu rosto e depois me soltou para que eu pudesse correr pelo resto do caminho e me jogar nos braços de Bennett.

Vários flashes disparavam loucamente ao nosso redor, e os convidados gritaram de aprovação quando Bennett me girou no ar, com meu rosto enfiado em seu pescoço e sua boca encostada em meu ombro.

Eu imaginava nossa aparência: nem casados ainda, nos agarrando como se nossas vidas dependessem disso, meus pés descalços enquanto Bennett me girava, as manchas de lama na barra contrastando com o perfeito branco do resto do vestido.

Ele me colocou no chão cuidadosamente e me encarou.

– Oi.

Eu engoli um som que provavelmente era o cruzamento entre um gemido e um choro. Só depois consegui responder:

– Oi também.

Nós não nos víamos desde que fui sequestrada quando estávamos prestes a nos atacar, e eu podia ver em seus olhos: ele queria me beijar. Queria me beijar com tanta vontade que nós dois parecíamos vibrar, olhando para a boca um do outro, lambendo os lábios ao mesmo tempo.

– *Quase lá* – eu sussurrei.

Ele assentiu levemente e nos viramos para o ministro, o ilustríssimo James Marsters, que parecia estar perplexo.

Ele se inclinou e murmurou:

– Nós já terminamos a cerimônia? – seus olhos úmidos pareciam confusos enquanto olhava para suas anotações.

Com a doçura de sua expressão e a perfeita sincronia de sua pergunta, eu mordi meus lábios para não explodir em risos. Bennett me olhava como quem também queria rir, depois se virou para o ministro.

– Não. Desculpe... minha noiva e eu nos empolgamos um pouco – ele aproximou o rosto e completou num sussurro: – E não foi a primeira vez, nem será a última.

– Pelo menos sabemos onde estamos nos metendo – eu disse, e ao meu lado Sara riu. Eu entreguei meu buquê para ela e voltei a encarar Bennett quando ele segurou minhas mãos.

E uma vez que eu estava no altar com ele, eu quis aproveitar cada segundo. O ministro leu seu discurso sobre o amor e o casamento, e eu absorvi cada palavra enquanto ao mesmo tempo me perdia na intensidade da expressão de Bennett.

Enquanto eu recitava meus votos, eu o senti chegar mais perto, com seu calor se espalhando por minha pele.

Quando chegou a vez dele, fiquei observando seus lábios:

Prometo ser seu amante e amigo...

Seu aliado nos conflitos e seu cúmplice nas travessuras...

Seu maior fã e seu maior adversário...

Quando ele disse isso, seus olhos ficaram ainda mais brilhantes e ele passou o polegar pela palma da minha mão; depois, lentamente, Bennett olhou para minha boca e lambeu os lábios.

Cretino.

Então seus olhos se tornaram sombrios e sua voz ainda mais grave quando ele repetiu:

Prometo ser fiel e colocar suas necessidades acima de tudo... Estes são meus votos para você, Chloe, minha única amante e a única pessoa à minha altura em todas as coisas.

De repente, senti meu vestido apertado demais. A brisa do oceano parecia fraca demais.

O ministro se virou para mim e perguntou:

– Chloe, você aceita este homem como seu legítimo esposo? Para sempre amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença?

Na primeira tentativa de soltar as palavras, minha garganta se fechou com a emoção. Finalmente, depois de segundos de contemplação, eu disse:

– Sim.

O ministro se virou e repetiu a pergunta, e sem hesitar, a voz grave de Bennett pronunciou facilmente a palavra que mudaria nossas vidas:

– Sim.

Nós dois nos viramos, eu para Sara, ele para Henry, para apanhar nossas alianças. E enquanto o ministro falava sobre o significado dos anéis e eu deslizava a aliança do Bennett em seu dedo, a única coisa que eu enxergava era o brilho de seu sorriso.

Aquele anel ficava muito bem em seu dedo. Agora, ele era oficialmente *meu*. Se meu rosto não estava tatuado em seu braço, pelo menos a aliança seria um ótimo prêmio de consolação. Passei a ponta do dedo para sentir o frio do metal, mas ele afastou a mão, resistindo ao meu toque e arregalando os olhos bem quando toquei um enorme arranhão na platina.

Puxei a mão para olhar mais de perto. O que era aquilo? Sua aliança estava *amassada*?

Quando olhei para seu rosto novamente, ele estava sacudindo a cabeça.

– Está tudo bem – ele sussurrou.

– Que diabos é isso? – murmurei.

– Mais tarde eu explico.

Senti o fogo em meus olhos e ele mal conseguiu segurar sua risada quando o ministro disse:

– Se existe alguém aqui presente que se opõe a este casamento, por favor, fale agora ou se cale para sempre.

Os convidados ficaram quietos e Bennett e eu olhávamos um para o outro quando a buzina ensurdecadora de um navio quebrou o silêncio. Tapei meus ouvidos e todos se assustaram. Algumas pessoas gritaram. O som era longo, reverberando pela praia até se chocar com o hotel.

– Bom – Bennett disse, sorrindo –, acho que o universo não deixaria de enviar um último alerta para nós.

Com isso, todos começaram a rir e a aplaudir, e com um sorriso enorme, o ministro finalmente declarou:

– Muito bem. Pelo poder investido a mim pelo estado da Califórnia, eu vos declaro *marido e mulher*. Chloe, você pode beijar o noivo.

Fiz uma dancinha com essa pequena vitória. Bennett soltou um grunhido de derrota, mas depois aproximou o rosto e eu fiquei na ponta dos pés, descalça e muito menor do que meu marido – *marido* – e então eu o puxei para mim.

Eu não me importava que houvesse pessoas olhando.

Eu não me importava que a expectativa fosse que nos beijássemos rapidamente para mais tarde aproveitar muitos outros beijos longos.

Agora, este homem era meu maldito *marido*, e eu precisava ter certeza de que tudo ainda estava normal entre nós.

Adorei a maneira como seus braços me envolveram tão intensamente que eu quase perdi a respiração. Adorei a pressão firme de sua boca sobre a minha, os lábios abertos, a língua deslizando gentilmente sobre a minha... uma, duas, três vezes, e a última vez foi mais profunda até eu sentir a vibração de seus gemidos e o *sabor* de sua urgência. Sua respiração saía entrecortada, e seus sussurros – *ah, Chloe, precisamos ficar sozinhos* – finalmente fizeram eu me afastar antes que arrancasse suas roupas ali mesmo no altar.

Sem ar e sorrindo como dois idiotas, nós viramos para os convidados, que estavam com as mãos paradas no ar, prontos para aplaudir, mas com uma expressão de choque no rosto.

Aparentemente nós fomos um pouco selvagens demais em nosso primeiro beijo como marido e mulher.

– É isso aí, garota, toma aquilo que é seu! – George gritou, enquanto ao mesmo tempo tia Judith gritava:

– É assim que se beija uma mulher! – com isso, os convidados acordaram e começaram a aplaudir.

– Senhoras e senhores – o ministro gritou sobre a balbúrdia dos aplausos. – É com muito prazer que eu vos apresento Bennett e Chloe Ryan!

Chloe Ryan?

Eu me virei com o olhar mais puro de ódio para Bennett e seu sorriso gigante quando um caos tomou conta de tudo ao nosso redor. Os braços da Sara me envolveram, depois vieram a Julia, o George e a Mina. Senti as mãos do meu pai em meu rosto e seu beijo na minha bochecha. Fui abraçada pelo Elliott e a Susan ao mesmo tempo, erguida pelo Henry e pelo Max, beijada no rosto pelo Will e depois senti a mão macia do Bennett apanhando meu braço e me conduzindo para longe do altar e dos convidados.

Nós começamos a correr, tropeçando pela lama, deixando pegadas por todo o pátio. Lá dentro, Bennett me puxou para a cozinha, onde os funcionários congelaram em seus lugares; os sons da cozinha pararam de repente quando o Bennett me jogou contra uma parede, beijando meu pescoço, queixo, orelha, lábios. Ele correu a mão pelo meu corpo, agarrando um seio sobre o vestido, e eu senti sua ereção se formando contra meu estômago.

– Hoje à noite – ele rosnou, voltando para meu pescoço. – Hoje à noite eu vou consumir este casamento tão forte que você vai andar pelas praias de Fiji mancando.

Eu explodi numa risada, abraçando-o enquanto ele beijava do meu ombro até meu rosto.

– Promete? – eu perguntei.

Ele suspirou e deu um beijo rápido em meus lábios.

– Prometo. Agora, quantas horas eu vou precisar passar bancando o educadinho com nossa família maluca antes que eu possa levar você para o quarto e arrancar o seu vestido?

Olhei sobre seus ombros, procurando por um relógio na cozinha, mas tudo que achei foram vinte pares de olhos arregalados e bocas abertas. Um dos garçons parecia tão surpreso que uma pilha de pratos lentamente deslizou de suas mãos e se espatifou no chão.

Após o som ensurdecer dos pratos se quebrando, a cozinha finalmente voltou ao normal, com pessoas correndo com vassouras e o chefe gritando com todo mundo. Bennett e eu pedimos desculpas, saímos da lá e entramos na varanda, onde podíamos ver os convidados se juntando para os aperitivos no jardim cheio de lama.

Cheguei perto do ouvido do Bennett e disse:

– Nós acabamos de nos casar. Isso significa que você é legalmente meu escravo agora.

Seus longos dedos tocaram meu corpo dos dois lados, fazendo cócegas enquanto subiam para apanhar uma taça de champanhe de uma bandeja e me oferecer. Bennett apanhou uma taça para si mesmo e brindamos.

– A nós, minha esposa.

– A nós.

Ficamos olhando os convidados começando a se posicionar para as fotos e Max acenou para nos juntarmos a eles. Sara se virou, rindo de alguma coisa que o George tinha dito, e então eu pude ver o tamanho do estrago em seu vestido.

Bennett deve ter visto aquilo ao mesmo tempo, pois ouvi quando ele quase engasgou. Ele tomou minha mão e me conduziu até a área onde o fotógrafo havia montado seu equipamento.

– Sobre aquilo... – comecei.

– Pois é – ele disse, com um pouco de tristeza em sua voz. – Sobre aquilo.

– Que diabos aconteceu, Sr. Mills?

Ele deslizou os olhos sobre mim ao me ouvir usar meu sobrenome daquela forma e disse:

– Aparentemente, a porta da van estava aberta quando saímos da lavanderia – ele sorriu para os convidados perdidos que passaram ao nosso lado e me conduziu por um caminho mais vazio até o fotógrafo. – E antes que você pergunte, Will tropeçou e derrubou meu anel no estacionamento. Estou prestes a

jogar você num banheiro e forçar sua boquinha no meu pau, então se ficar irritada comigo por causa dos vestidos, do anel ou do jardim encharcado, você vai apenas me convencer de que precisa de um pau na boca, e também vai estragar toda a agenda do resto do casamento: fotos, dança, comida, bolo, sexo. Então, tome cuidado com o que fala, Sra. Ryan.



Quando voltamos para a festa, a música pulsava nos grandes altofalantes na varanda e eu me sentia animada, bêbada, completamente *feliz* por causa deste dia e do homem ao meu lado. Ele não soltava minha mão para nada, mas mesmo se tentasse, eu não deixaria. Eu estava adorando a pressão de sua aliança (amassada) entre os meus dedos, e a maneira como ele ficava levantando minha mão para beijá-la, mas na verdade queria apenas ter certeza de que o anel estava mesmo lá.

Andamos ao redor e passamos as próximas duas horas cumprimentando a todos e nos perdendo em conversas banais. Os convidados comiam os aperitivos, e todos estavam começando a se embriagar e a se divertir um pouco demais. Para falar a verdade, não era fácil lidar com toda aquela gente. Quando o jantar foi servido, a multidão se agitou ainda mais e a cada dez minutos alguém batia com a faca numa taça de champanhe tentando propor um brinde apenas para que Bennett me beijasse.

A cada vez, o beijo se tornava um pouco mais safado até eu achar que ele iria me jogar na mesa e me comer ali mesmo. Mas quando a Kristin nos disse que a banda logo chamaria a primeira dança, e uma sinfonia de facas em taças de champanhe continuou tocando, Bennett simplesmente chegou perto do meu ouvido e sussurrou:

– Se você enfiar sua língua na minha boca de novo, vou sequestrar você e usar a primeira cama que eu encontrar, Sra. Ryan.

– Bom, então vou só beija-lo inocentemente, Sr. Mills. Pois quero provar o bolo.

Seus olhos se fecharam e ele chegou ainda mais perto, gentilmente beijando meus lábios. Como ele conseguia ser doce e dominador ao mesmo tempo?

Andamos até o centro da pista de dança em meio ao silêncio de expectativa de todos. As primeiras notas da música soaram e Bennett exibiu um sorriso diabólico antes de me puxar com as duas mãos e agarrar minha bunda. O salão explodiu em aplausos e eu olhei para ele, sacudindo minha cabeça como se aquilo tivesse me irritado.

Mas é claro que não era verdade. Eu tinha adorado.

Descalça, eu era muito mais baixa do que ele e odiava não poder encará-lo no mesmo nível, mesmo dançando em nosso casamento. Fiquei na ponta dos pés e me entreguei aos seus braços, e após pouco mais de meio minuto, eu o senti agarrar minha cintura e me erguer para que ficássemos cara a cara, com meus pés pendurados acima do chão.

– Melhor assim? – ele perguntou, com a voz áspera.

– Muito – agarrei seus cabelos e beijei sua boca.

Os flashes dispararam ao nosso redor e eu podia imaginar centenas de fotos do Bennett me abraçando, girando meu corpo lentamente e meus pés sujos contando para todos no futuro o tipo de casamento que tivemos: o casamento perfeito.

A música acabou, mas Bennett demorou vários segundos antes de me colocar no chão.

– Eu te amo – ele disse, vasculhando meu rosto até chegar aos meus lábios.

– Eu também te amo.

– Nossa. Você é minha *esposa*.

Rindo, eu disse:

– Estamos casados. Isso é *insano*. Quem deixou isso acontecer?

Ele não sorriu nem um pouco. Ao invés disso, seu olhar se tornou denso e sua voz ficou ainda mais grave.

– Não vejo a hora de *violar* você até dizer chega.

Toda a superfície do meu corpo se esquentou e se arrepiou.

Ele me soltou, deixando meu corpo deslizar até o chão, gemendo baixinho quando minha cintura raspou a extensão de seu pau que já estava semiereto.

– Eu pretendia violar você agora – ele disse. – Mas minha esposa quer provar o *bolo*.

Nós nos separamos quando outra música começou e eu senti a mão do meu pai tocar minhas costas. Bennett se virou, tomando sua mãe nos braços. Enquanto dançávamos com nossos pais, nossos olhos se cruzavam e sorríamos um para o outro. Eu quis fechar meus olhos e soltar o grito mais feliz da minha vida.

– Sua mãe teria adorado o dia de hoje – meu pai disse, beijando meu rosto.

Eu concordei, sorrindo. Eu ainda sentia muita saudade de minha mãe. Ela nunca foi o tipo de mãe divertida, ou a mãe que sempre andava na moda; ela era a mãe doce, aquela que sempre abraçava, aquela que sempre protegia. Ela teria odiado o Bennett no começo, e essa ideia me fez rir um pouco. Minha mãe teria pensado que ele era um idiota e que eu poderia encontrar alguém muito mais agradável, bondoso, mais acessível emocionalmente. Mas depois ela o veria olhando para mim num momento de distração, passando a ponta do dedo da minha testa até meu queixo, ou beijando minha mão quando achava que

ninguém estava olhando, e então ela perceberia que eu tinha encontrado o único homem, com exceção do meu pai, que me ama mais do que qualquer coisa neste planeta.

Flagrar o Bennett nesses momentos íntimos foi o que fez meu pai mudar de ideia em relação a ele. Após nossa desastrosa visita no natal, na qual meu pai pegou pesado com ele e acabou nos flagrando enquanto eu o cavalgava como uma vaqueira, meu pai foi nos visitar em Nova York por uma semana. Bennett, claro, passou os primeiros dias trabalhando como um maluco, e meu pai resmungava sem parar sobre como um homem deveria servir sua família não apenas com trabalho, mas também com sua presença.

Mas então, numa certa noite, quando Bennett havia chegado muito depois da meia-noite e meu pai se levantou para tomar um copo d'água, ele nos encontrou no sofá, com minha cabeça sobre o colo de Bennett enquanto ele gentilmente acariciava meus cabelos e me ouvia descrever todos os detalhes do meu dia. Bennett estava exausto, mas, como sempre, insistiu que eu passasse um tempo com ele, fosse a hora que fosse. Meu pai admitiu no dia seguinte que ficou nos olhando, admirado, por mais de cinco minutos antes de lembrar que queria tomar água.

Percebi no meio da dança que meu pai olhava para Bennett sobre meu ombro, depois ouvi a risada grave do meu marido – aquela risada que surgia do fundo de sua barriga e terminava com o som mais feliz e silencioso que ele conseguia fazer.

– O que vocês dois estão aprontando? – perguntei, afastando meu rosto para encarar seus olhos.

– Estou apenas dando um conselho não verbal para meu novo filho.

Dei um olhar de alerta para meu pai e depois olhei para Bennett. Meu pai parecia estar se divertindo.

– Pergunte ao seu marido depois o que foi isso.

Depois de um último beijo e um abraço do meu pai, Bennett ficou ao meu lado e sussurrou:

– Seu pai acabou de indicar que deseja cinco netos.

Meu gemido de horror foi sufocado pelo som dos alto-falantes, indicando aos convidados que a verdadeira festa estava começando. As pessoas correram para a pista de dança e nós aproveitamos a oportunidade para beber um pouco de água. Will passou por nós, com minhas duas tias ao seu lado.

Elas agarravam seus braços e nós o ouvimos gritar:

– Hanna, pelo amor de Deus, onde você está?

Do outro lado do salão ela baixou seu drinque, levantou a mão mostrando a linda aliança de noivado e disse:

– Então é isso o que este anel significa? Que eu preciso te resgatar sempre que você chamar?

Ele assentiu fervorosamente, gritando:

– Sim!

Finalmente, após olhar por vários momentos para o pobre rapaz, Hanna andou até ele e o soltou dos braços das minhas tias, que por sua vez riram sem parar. Eu sorri e me virei para Bennett.

– Podemos ir embora agora? – ele perguntou, com os olhos vidrados na minha boca.

Eu sabia que a festa provavelmente continuaria por pelo menos duas horas, mas agora tudo o que eu queria era subir para nosso quarto e tirar esse *smoking* do meu marido.

– Mais uma hora – eu disse, puxando a manga de seu casaco para olhar em seu relógio. Eram apenas oito e meia da noite. – Apenas mais uma hora, e então eu serei toda sua.



Após o que acabou sendo três horas – três horas de dança e brindes bêbados, três horas do Max e Will carregando Bennett até o bar para uma “última saideira”, três horas de pura celebração – Bennett chegou por trás de mim no bar onde eu estava conversando com Henry e Mina, e deslizou os braços ao redor da minha cintura.

– *Agora* – ele sussurrou, beijando minha orelha.

Eu me recostei nele, sorrindo para meus cunhados.

– Acho que chegou a minha hora.

Nada de pétalas de rosas, nem grãos de arroz em nossa partida. Will e Henry pegaram guardanapos e jogaram sobre nós enquanto nos despedíamos de todos.

– Boa noite! Obrigada por terem vindo! – eu disse por cima da onda de gritinhos e assovios.

Bennett me puxou, acenando sobre seu ombro.

– Vamos logo.

– Foi muito bom ver todos vocês – eu gritei, ainda acenando para nossas famílias e amigos.

Ele praticamente me arrastou antes de me levantar do chão e me colocar sobre o ombro. A aprovação de nossos convidados veio com uma onda de aplausos e mais guardanapos voando sobre nós.

Ele me carregou até o saguão e depois me desceu por seu corpo, beijando meu pescoço, queixo, lábios.

– Está pronta?

Eu assenti.

– Pronta demais.

Mas quando eu me virei para os elevadores, ele me parou, agarrando meu braço com sua grande mão. E então, sua outra mão puxou uma venda de seu bolso.

– O que...? – eu perguntei, com um sorriso desconfiado se espalhando em meu rosto. – O que você está fazendo com isso aqui no *saguão*?

– Agora sou eu quem vai te sequestrar.

– Mas nós temos um quarto lá em cima – reclamei com a voz baixa. – Com uma cama enorme e várias gravatas que você pode usar para me amarrar – baixei ainda mais o tom de voz – e o frasco de lubrificante na gaveta.

Ele riu, aproximando o rosto e beijando meu queixo.

– Também temos uma mala na limusine cheia com minhas gravatas, lubrificante e outras coisinhas.

– Que outras coisinhas?

– Confie em mim.

– Para onde vamos? – eu perguntei, quase tropeçando quando ele puxou minha mão para me fazer andar.

– Confie em mim.

– Por acaso vamos entrar em um avião?

Ele deu um tapa em minha bunda e rosnou:

– Já falei para *confiar em mim*.

– Eu vou ter orgasmos ainda hoje?

Ele me puxou para junto de seu corpo e disse, olhando em meus olhos:

– Esse é o objetivo. Agora, cale a boca.

Oito

Bennett me ajudou a entrar na limusine, depois colocou a venda sobre meus olhos, amarrando com firmeza um nó atrás da minha cabeça. Era uma venda grande e *apertada*; o cretino sabia que eu tentaria olhar, por isso ela cobria quase meu rosto inteiro. Eu estava completamente no escuro.

Mas eu senti quando ele chegou mais perto de mim, e senti seu cheiro quando ele beijou meu pescoço.

– Você vai me comer aqui no carro? – perguntei, procurando por ele com as mãos. Encontrei seu braço e o puxei para mim.

Sua risada reverberou por meu corpo, de um lado a outro, e eu senti sua mão agarrando a barra do meu vestido e lentamente subindo por minhas pernas.

Seus dedos raspam meu joelho, passaram pela parte interna da minha coxa e chegaram ao tecido frágil da calcinha que mal cobria meu sexo. Ele deslizou a ponta dos dedos para debaixo da renda, sentindo minha pele já molhada esperando pelo prato principal.

– Oh, Chloe – colocando a calcinha de lado, Bennett deslizou dois dedos dentro de mim, penetrando fundo. – Não estou me sentindo muito gentil hoje.

Jogando minha cabeça para trás, eu melhorei o acesso de sua boca à parte mais vulnerável de meu pescoço e sussurrei:

– Ótimo. Não quero você muito devagar e bondoso.

– Mas é nossa noite de núpcias – ele argumentou com uma sinceridade fingida. – Você não acha que eu deveria deitar você gentilmente em nossa cama macia e fazer amor até o sol raiar?

Eu agarrei sua mão e a pressionei com mais força em mim.

– Você pode fazer isso depois que eu estiver toda marcada e dolorida.

Sua risada foi muito sombria, mostrando o quanto ele estava se segurando, e isso provocou um arrepio em minhas costas. Senti sua respiração em minha orelha quando ele perguntou:

– Então, eu tenho sua permissão para ser bruto?

Confirmei, sentindo minha garganta repentinamente seca.

– Tem até meu incentivo.

– E quem sabe um pouco mais safado do que o normal? O que acha disso? –

quando eu respondi com um aceno de cabeça, ele rosnou: – Responda com *palavras*.

Soltei minha respiração tensa.

– Eu quero você safado. Quero você selvagem e impaciente. Pois é assim que me sinto agora.

Ele girou o pulso e enfiou um terceiro dedo em mim, tão fundo que pude sentir o frio da aliança contra minha pele. Soltei um grito com a sensação fria do metal e de ser esticada daquela maneira. Seu polegar circulava ao redor do meu clitóris, provocando sem tocar onde eu realmente queria. O som do trânsito lá fora aumentou, depois diminuiu até acabar de vez.

– Estamos saindo de Coronado?

– Sim.

– Por acaso vamos entrar em um avião? – eu perguntei de novo.

– Você não está gostando da minha mão? – havia uma irritação em sua voz.

– ... o quê? – eu perguntei, confusa.

– Você está distraída com o trânsito em vez de se concentrar nos três dedos com que estou *fodendo* você agora.

– Eu...?

Ele retirou a mão e agarrou meus ombros, puxando meu corpo até fazer eu me ajoelhar no chão do carro. Bennett se ajeitou para me puxar mais perto, então percebi que ele queria me colocar entre suas pernas. O som de seu cinto, o zíper e a calça abrindo cortou o silêncio ao nosso redor.

– Venha aqui – ele disse, quase sem fôlego, agarrando minha cabeça. – Agora, *chupa*.

Apesar da única palavra bruta, seu toque era cuidadoso quando comecei a envolvê-lo com a boca, como se estivesse incerto sobre como deveria misturar seu desejo acumulado como nosso recente casamento. Nós já havíamos conversado por muitas horas sobre como as coisas seriam neste exato momento – nós dois finalmente sozinhos, casados, encarando o fato de que as coisas poderiam mudar – mas agora que era real, eu podia sentir que Bennett estava um pouco dividido.

Lembro quando dissemos que *de jeito nenhum* iria ser diferente: eram apenas dois anéis e um pedaço de papel.

Dissemos que nunca deixaríamos de irritar um ao outro de propósito, nem começar a nos ofender facilmente.

Havíamos prometido que, dentro do quarto, tudo sempre seria permitido. Juramos que nunca nos conteríamos, nem teríamos medo de pedir por qualquer coisa que quiséssemos.

Mas enquanto eu usava meus lábios para dar prazer a ele, eu podia sentir que

os punhos de Bennett estavam fechados ao seu lado, e não agarrando meus cabelos, como de costume. Seus quadris estavam encostados firmemente no banco, ao invés de impulsionando seu pau em minha boca.

Então eu fiz a primeira coisa que pensei: com um estalo, tirei minha boca de seu pau e me afastei.

Sua respiração saía em rápidas rajadas de ar, mas com exceção do barulho da estrada, o carro caiu num silêncio mortal.

Finalmente, sua voz quebrou o silêncio num rosnado controlado:

– O que foi?

O que foi? Que jeito comportado de falar, Bennett, pensei.

Nesse momento, odiei não ver seu rosto habitual, mas então percebi que ele tinha entendido meu argumento silencioso.

– Por que *diabos* você parou?

Ah, sim, bem melhor.

– Você sabe por quê.

Mãos fortes me empurraram até minha bunda atingir o chão e minhas costas atingirem o banco da frente. Um dos joelhos de Bennett se apoiou no banco ao lado da minha cabeça e, sem dizer uma palavra, ele pressionou a ponta da ereção em meus lábios, forçando minha boca a abrir.

– *Chupa* – ele disse, e desta vez a palavra estava cheia de fúria e desejo. Eu mal tive tempo de me ajustar e logo senti sua mão agarrando meus cabelos para me segurar no lugar enquanto ele penetrava minha boca com golpes rápidos, não muito profundos, ao menos não ainda. E então, as mãos soltaram meus cabelos para segurar meu rosto no lugar quando chegou a vez das investidas longas e fortes.

A limusine parou e Bennett socou o botão do intercomunicador, dizendo “espere aqui” antes de voltar para meu rosto, gemendo com sua voz grave.

Seu rosnado acendeu minha luxúria, então eu agarrei sua cintura e comecei a gemer baixinho, como se estivesse reclamando, enquanto ele forçava cada vez mais rápido e eu sentia sua bunda se contraindo com minhas mãos.

Eu não conseguia enxergar nada, mas a cada vez que ele se movia e eu sentia seus pelos macios em meu rosto, eu queria chupá-lo mais forte para dar o máximo de prazer que eu conseguia. Eu estava desesperada para fazer isso.

– É bom demais – ele disse, com a voz áspera, e seus movimentos diziam que ele estava quase gozando. – Sua boca é perfeita. Sua língua é perfeita.

Deslizei a mão por ele, segurei a base do seu pau e comecei a provocá-lo.

– Sim – ele sussurrou.

Com um último impulso, ele gozou, despejando seu orgasmo em minha garganta. Bennett urrou enquanto eu o engolia, diminuindo os movimentos até

que apenas a ponta da ereção ficou sobre minha língua. Levantei minha cabeça em sua direção quando ele se retirou e senti a carícia de seu polegar em meu lábio inferior.

Sem dizer nenhuma palavra, ele ajustou a venda em meus olhos antes de se abaixar e me beijar profundamente, deslizando sua língua contra a minha.

– Diga que você gosta do meu sabor – ele sussurrou.

– Eu *amo* o seu sabor.

Então, ele puxou meu vestido para cima, movendo a mão entre minhas pernas e debaixo da minha calcinha, como se quisesse confirmar que eu estava dizendo a verdade.

– E eu *amo* a sua boca – ele se inclinou para frente, rindo contra meus lábios.

– E amo foder essa boca.

Seu toque estava mais gentil agora, explorando em vez de dar prazer. Ele grunhiu baixo, afastando as mãos de mim, e eu ouvi o farfalhar do tecido quando ele subiu a calça e ajeitou suas roupas.

Tomando minha mão, ele murmurou:

– Vamos, Sra. Ryan. Já chegamos.



Definitivamente, estávamos em um hotel. Eu sabia por causa do barulho de elevadores e de malas rolando pelo chão. Eu podia ouvir as vozes diminuindo quando passávamos e fiquei imaginando a cena: Bennett carregando uma noiva descalça e vendada junto de uma mala cheia de sabe-se-lá-o-quê sobre o ombro.

– Estamos num hotel?

– Shh – ele sussurrou. – Estamos quase chegando.

Ele me carregava como se eu não pesasse nada, com passos firmes e decididos. Pressionei meus lábios em seu pescoço e perguntei:

– As pessoas estão olhando para nós?

Ele virou a cabeça, rindo discretamente em meu ouvido.

– Com certeza.

Assim que entramos no elevador, eu senti o cheiro familiar. Será possível que estávamos de volta ao Del Coronado e ele estava apenas tentando me despistar? Mas por que faria isso?

Subimos em silêncio e eu me ajeitei em seu colo, tentando contar os andares. Sua mão esquerda apertou debaixo dos meus joelhos tentando me tranquilizar.

– Você está bem? – ele perguntou.

Eu confirmei ao mesmo tempo em que as portas do elevador se abriram, mas Bennett não se mexeu. Percebi que havia mais alguém conosco ali. Imaginei o

que essa pessoa deve ter pensado ao nos ver, sabendo que claramente estávamos nos dirigindo para nossa noite de núpcias.

Quando chegamos a outro andar, Bennett saiu e me carregou por um longo corredor.

– Eu quero você dentro de mim – disse, com meus lábios grudados na pele quente de seu pescoço.

– Em breve.

– Você vai me fazer esperar?

– Quero só chegar logo e tirar a sua roupa. O resto é fácil de prever.

Algo sobre sua maneira de andar e a posição do corpo me parecia familiar. E então, eu me lembrei.

É claro.

É claro.

Ele parou e se abaixou para tirar uma chave do bolso, depois abriu a porta.

Eu nem precisava tirar a venda para saber.

Cuidadosamente, ele me colocou no chão e eu libertei meus olhos. Sim. Era o quarto em que tínhamos ficado no hotel W há dois anos – exatamente o mesmo quarto. O mesmo sofá, a mesma cama, a mesma varanda, a mesma cozinha. A única diferença era que a escrivainha não estava mais quebrada.

Era o quarto onde descobrimos pela primeira vez que eu era dele, e ele era meu.

Eu podia sentir Bennett me olhando, analisando minha reação, mas eu estava tão emocionada que me sentia um pouco entorpecida; era como se meu cérebro estivesse se desligando depois de tudo que passamos durante a semana inteira.

Ele se encostou ao meu lado e beijou meu pescoço.

– Você está bem?

– Sim.

– Nós nunca perdemos o que encontramos neste quarto – ele disse, abaixando-se e beijando meu ombro. – Na verdade, nós transformamos isso na relação de amor e ódio mais feliz de todos os tempos.

– É verdade – eu me virei para encarar seu rosto, imaginando se aquele seria o momento em que ele finalmente arrancaria meu vestido e me jogaria no chão para me comer com toda a vontade deste mundo.

Mas seus olhos estavam focados, cuidadosos. Ele deu um passo para frente e beijou meu queixo.

– Adoro seu cheiro.

– O que está acontecendo? Pensei que você seria rude.

– Foder a sua boca ajudou a me aliviar um pouco.

Eu fechei meus olhos, deixando memórias tomarem meus pensamentos:

– *Eu nunca fiz nada parecido com isto e não sei com agir.*

– *Eu já falei. Não fiquei com mais nenhuma mulher desde que começamos com isto.*

– *Isso não significa que você não aceita uma chave de quarto se uma mulher oferecer.*

– *Vamos fazer uma trégua por uma noite. Eu apenas preciso de uma noite* – ele implorou e me deu três beijos desesperados.

Abri meus olhos.

– Quanto da nossa primeira noite aqui nós vamos recriar?

Ele encolheu os ombros, e quando sorriu, sua expressão se tornou tão jovial, quase inocente.

– Acho que podemos pular a briga no banheiro, mas eu definitivamente espero que você me acorde com sua boca no meu pau – ele chegou mais perto, beijando meu rosto uma vez e depois se afastando para me estudar. – É sério, Chloe, apenas quero você sem esse vestido. Sinto como se nossas peles não se tocassem por meses.

Eu assenti sem dizer nada, sobrecarregada de emoções e respirando aliviada quando suas grandes mãos deslizaram por minhas costas, desabotoando e abrindo meu vestido, segurando-o apenas o suficiente para que eu pudesse pisar por sobre a saia. Eu me virei para encará-lo, vestindo apenas um pequeno sutiã tomara-que-caia e a menor calcinha que já usei em minha vida.

Sem dizer nada, ele agarrou a calcinha imediatamente e a rasgou como se sua vida dependesse disso. Depois agarrou o sutiã, e o despedaçou com igual selvageria. Por reflexo, cruzei meus braços sobre meu corpo, sentindo meu coração martelar como nunca.

– Você queria usar outras coisas para mim hoje? – ele perguntou, acenando com a cabeça para a mala que ele havia deixado na entrada.

– Sim...

Ele já estava sacudindo a cabeça.

– Você não vai precisar de nada. Talvez amanhã de manhã, mas não agora.

Bennett beijou meu ombro, passando suas mãos impacientes sobre meus seios, minha cintura, minhas coxas.

– Tire minhas roupas.

De repente, parecia surreal estar na frente dele dessa maneira. Ele já tinha me visto nua centenas de vezes, e Deus sabe que já tinha sido assim dominador comigo ainda mais vezes. Mas aquele momento parecia tão *carregado*. Não era o sexo por instinto de todas as noites. Era Bennett tirando minhas roupas e exigindo que eu tirasse as dele para que pudéssemos ter *Sexo no Matrimônio*, numa *Cama Chique*, num *Quarto Emocionalmente Relevante*.

As palavras *noite de núpcias* martelavam em minha mente. Talvez seja exatamente isso o que ele estava sentindo na limusine: a pressão para que fosse inesquecível.

Tentei ignorar a tremedeira em minha mão quando puxei sua gravata, mas ele percebeu e agarrou meus dois pulsos com apenas uma mão. A outra desceu por minha barriga até chegar ao meu sexo, onde me abriu e deslizou um longo dedo sobre o clitóris.

– Por que você está *tremendo*, Sra. Ryan?

Com uma pontada de irritação, eu mordi seu lábio inferior quando ele chegou mais perto para me beijar. Mas depois fechei os olhos, desfrutando por alguns momentos a maneira como ele acariciava meu sexo, até que parou, pacientemente esperando minha resposta.

– Estou um pouco nervosa, *Sr. Mills* – admiti.

Seus olhos se arregalaram e ele soltou meus pulsos.

– Você? *Você* está nervosa? – ele parecia prestes a gritar ou rir, uma das duas coisas. – *Você* está nervosa *comigo*?

Encolhendo os ombros, eu disse:

– É só que...

– *Você* está *nervosa*? – seu tom de voz mudou desta vez. Ele definitivamente estava prestes a rir.

Retirei suas abotoaduras, deixando-as cair no carpete aos nossos pés.

– *Você* está tirando sarro de mim?

Ele sacudiu a cabeça lentamente enquanto dava um sorriso malicioso.

– Sim.

Eu puxei a abertura de suas camisas e os botões caíram um a um no chão.

– *Você* está tirando sarro da sua noiva na sua *noite de núpcias*?

Sua expressão voltou a ficar séria quando passei meu dedo faminto por seu peito.

– É claro que sim.

– Que tipo de monstro é você? – provoquei, arranhando de leve seu estômago.

Sua resposta veio num sorriso que levantou metade de sua boca perfeita.

– O tipo que vai comer você tão forte que mal vai se aguentar de pé amanhã.

Eu ri, dando um soco brincalhão em sua barriga, e Bennett tentou conter seu sorriso antes de se abaixar e de me beijar apaixonadamente, enfiando a língua em minha boca, chupando, mordendo meus lábios.

– Vamos lá, Chloe. Nós dois sabemos que eu sou muito fácil de agradar – ele murmurou. – Cuide do meu pau e a noite será um sucesso.

Corri minhas mãos por seu abdômen, sentindo a rigidez de cada curva, e estremei quando ele chupou meu queixo, rosnando em meu pescoço. Eu o

abraçei, amando a sensação de suas mãos famintas nas minhas costas, agarrando minha bunda.

– Supere logo esse seu nervosismo ridículo e *tire* as minhas roupas – ele insistiu, chutando os sapatos e abaixando para tirar as meias.

Dei um puxão impaciente em seu zíper e abaixei sua calça e sua cueca até o chão. Com suas mãos em minha cintura, Bennett me empurrou contra a cama. Então, ajoelhou-se diante de mim, inclinouse para frente e beijou meu umbigo. Sua aliança de casamento brilhava sob a luz fraca do banheiro.

– Estamos casados – ele sussurrou, repetindo o beijo. – Eu sou seu porto seguro. Sempre fui seu porto seguro.

Passei minhas mãos em seus cabelos, puxando-os gentilmente e sabendo que ele estava certo. Este homem me aturou no meu melhor e no meu pior momento, e seu amor por mim apenas cresceu durante o tempo em que estivemos juntos. Nenhum outro lugar era tão seguro para mim quanto estar ao seu lado.

Ele moveu sua boca de um lado até o outro da minha cintura, subiu pelas costelas, passou a língua em meus seios, mordeu gentilmente meus mamilos. E então, Bennett se levantou e beijou meu pescoço até se agigantar na minha frente, com a franja caindo sobre seus olhos sombrios e predatórios.

– Quantas vezes já ficamos juntos deste jeito?

Encolhi os ombros.

– Um milhão?

– Você ainda está nervosa? – ele perguntou num tom de voz baixo, erguendo minha mão esquerda e beijando minha aliança.

Observei sua língua aparecer e lambeu meu dedo. Eu respondi num sussurro:

– Não mais.

Sua expressão se tornou mais séria.

– Você está feliz por termos feito isso?

Assentindo, respondi quase sem voz:

– Sinto que estou flutuando – ele se abaixou e me beijou, e eu acrescentei diante de seu sorriso: – Acho que você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida.

– Você acha? – Bennett segurou meu rosto com as duas mãos, deslizando o polegar para dentro da minha boca. Seus lábios se abriram em um sorriso sombrio e provocador. – Você *acha*?

Eu confirmei e mordi seu dedo.

– *Chupa* – ele rosnou, depois estremeceu quando eu o envolvi com os lábios e contornei o polegar com minha língua.

Ele estava tão duro que seu corpo inteiro estava tenso e suas mãos tremiam em meu rosto.

– Olhe para mim.

Eu parecia incapaz de tirar os olhos de sua ereção.

– *Olhe para mim* – ele repetiu.

Meus olhos acordaram e dispararam para seu rosto. Bennett deslizou o polegar mais fundo em minha boca, pressionando minha língua. Ele gemeu baixinho quando lentamente retirou o dedo; eu apertei meus dentes para raspar sua pele enquanto saía.

Um calmo silêncio recaiu sobre nós. A expressão de Bennett se tornou séria e ele simplesmente ficou analisando cada parte do meu rosto enquanto acariciava meu lábio com o polegar molhado.

– Casados – ele sussurrou, como se estivesse apenas falando para si mesmo.

Eu amava seus olhos castanhos, tão expressivos e honestos, e seu queixo esculpido com teimosia. Amava os cabelos desarrumados e o jeito como o pomo de adão ficava quando ele engolia. Amava o peitoral largo, os braços definidos e os dedos mais safados do mundo. Amava o abdômen, os quadris e a extensão muito rígida e longa que se pressionava urgentemente entre nós.

Porém, mais do que tudo isso, eu amava sua inteligência, sua postura, sua lealdade, seu senso de humor. E eu amava o quanto ele me amava.

Inclinando a cabeça, ele perguntou:

– O que você está pensando, Sra. Ryan?

– Estou pensando que esse seu corpo magnífico é perfeito para compensar seu cérebro decepcionante.

Ele agarrou minha cintura e me ergueu, jogando meu corpo no colchão.

– Se você acha que eu vou tolerar suas piadinhas agora que estamos casados... – ele começou, subindo na cama e pairando sobre mim.

– Então eu estou certa? – completei, abraçando seu pescoço.

Ele me beijou, depois sorriu com o canto da boca.

– É, na verdade, está sim.

Quando ficava sozinha com Bennett, frequentemente tinha uma sensação de que o tempo *derretia* e o mundo lá fora simplesmente desaparecia. Estava nervosa com a expectativa desta noite, mas assim que seu peso pousou sobre meu corpo – e sua boca cobriu meu pescoço de beijos, meus ombros, meus seios – o instinto tomou conta de mim. Passei minhas mãos em suas costas e ombros e quase perdi o fôlego quando ele voltou a beijar minha boca, encostando nossas línguas de um jeito dominador e exigente. Os sons de sua excitação vibravam por minha garganta enquanto ele se tornava cada vez mais agitado, precisando beijar e saborear tudo ao mesmo tempo.

Eu suspeitava de que conhecia este homem mais do que conhecia minha própria mente. Eu sabia como tocá-lo, como amá-lo, como levá-lo a fazer

qualquer coisa que eu quisesse com meu corpo. E então, quando suas mãos abriram minhas coxas, os polegares circularam meu clitóris e os olhos focaram meu rosto quando seus lábios tomaram um mamilo – estudando, dominando, faminto por prazer – eu fiquei livre de qualquer sensação de ansiedade e entendi que para sempre seríamos esta combinação febril de Bennett e Chloe. O Sr. Ryan e a Srta. Mills. Sr. Mills e Sra. Ryan. Marido e mulher. Cretino e cretina.

Ajoelhando-se entre minhas pernas, suas mãos pegaram meus quadris e ele deslizou seu pau sobre minha pele molhada até pousar a ponta da ereção em meu umbigo. Eu podia sentir meu pulso martelando em minha garganta, e então ergui os quadris, repentinamente sentindo uma impaciência, querendo seu peso sobre mim e seus sons desesperados ecoando pelo quarto.

– Você acha que eu devo dizer algo profundo antes de começar? – ele perguntou, sorrindo para mim.

– Você pode tentar – eu respondi, arranhando seu estômago. – Mas não quero que você queime sua cabecinha tentando pensar em alguma coisa.

Com um leve beliscão em meu mamilo, ele se abaixou e mordiscou meu queixo.

– Eu te amo.

Quando ele me penetrou, meu corpo todo tremeu e eu soltei um grito de alívio.

– Eu também te amo.

– Você é gostosa *demais*.

– Eu sei.

Apertei sua bunda, sentindo os músculos se contraindo, puxando-o para mais fundo dentro de mim e erguendo a cintura para sincronizar nossos movimentos. Seus lábios se moviam sobre meu rosto desesperadamente, beijando orelhas, boca, queixo, pescoço. Suas palavras saíam entrecortadas e aflitas.

Tão bom...

Oh, Deus, Chloe, eu não...

Quero ouvir...

Quero ouvir você...

Diga o que está sentindo, diga...

Diga o que você quer...

Chuí seu pescoço, observando seus ombros se moverem enquanto ele me penetrava.

– Eu quero mais rápido. Mais perto. Mais. *Por favor*.

Ele se ajoelhou, agarrando minhas coxas e abrindo ainda mais as minhas pernas.

– Chloe, você é linda demais.

Soltei um gemido, sentindo sua rigidez me invadindo profundamente; meu prazer foi amplificado pela maneira como seus olhos pareciam acariciar minha pele.

– Use suas mãos – ele sussurrou. – Sinta onde estou entrando em você.

Fiz o que ele pediu, deixando seu pau se mover sob meu dedo enquanto entrava e saía.

Ele se aproximou e sussurrou:

– Diga o que está sentindo.

– Molhado – respondi olhando em seus olhos. – Duro.

Seu olhar praticamente queimava meus dedos sobre ele. Bennett então sorriu, parecendo perigoso, e isso fez meu coração bater ainda mais forte no peito.

– Eu sei – ele disse, agarrando meus cabelos, apanhando um dos meus pés e colocando meu tornozelo sobre sua cintura. – Você é uma garota muito gananciosa.

Ele diminuiu a velocidade, tirando seu pau quase todo para fora quando entrei em pânico e envolvi sua cintura com minhas pernas. Era como se um fósforo queimasse dentro da minha barriga, espalhando fogo entre minhas pernas, servindo apenas para aumentar a impaciência que eu sentia.

Prevendo o quanto eu estava perto de gozar, Bennett me penetrou mais uma vez, concentrando-se agora em me dar um orgasmo. Ele estava suado, o cabelo molhado sobre os olhos, e uma gota caiu de sua testa em meu peito, depois outra.

– Diga o quanto você está gostando – ele disse, com a voz grave e dominadora.

– Eu... eu...

Com um forte golpe dos quadris, ele penetrou fundo.

– Diga, Chloe, o quanto você está *gostando*.

Eu não conseguia responder, pois já estava começando a me dissolver. Ele estava selvagem: toques ásperos e golpes fortes, virando meu corpo na cama e fazendo tudo o que queria comigo. Meus olhos se fecharam e meu rosto se escondeu nos cobertores quando suas mãos agarraram meus cabelos, forçando minha cabeça para trás. Sua boca encontrou meu pescoço, e sua respiração enviava ondas de ar quente sobre minha pele úmida. Bennett beijou meus ombros, usando a língua para sentir meu sabor e os dentes para me arranhar. Arqueei minhas costas, levantando meus quadris para ir de encontro a cada um de seus movimentos. Minhas mãos agarravam os lençóis e meu corpo inteiro tremia com a necessidade de gozar.

Mas ele não me deu o que eu queria, não imediatamente. Em vez disso, ele me provocou e se permitiu ser egoísta por alguns instantes, tomando todo o prazer que também ansiava há muito tempo, até que, finalmente, com um desespero que

raramente se mostrava em seus olhos, Bennett se aproximou, me *entregando* um orgasmo tão intenso que me deixou tremendo e a ponto de derramar lágrimas em seus braços. A sensação que se anunciava em meu ventre explodiu se espalhando por meu corpo e derramando uma onda de calor sobre ele. Fazia tanto tempo que eu não me sentia assim, com meu corpo gozando por causa *dele*, tentando absorvê-lo, faminto por cada centímetro daquele homem dominador. Achei que meu coração fosse romper minhas costelas de tão forte que batia.

O alívio que veio da epifania – de que ele *não* mudaria e *sempre* seria aquele cretino dominador por quem eu me apaixonei – foi tão intenso que eu finalmente perdi a luta contra minhas emoções e o abracei com força para recuperar meu fôlego. Mas quando perguntei o que ele queria de mim, e Bennett gemeu, dizendo “quero que assuma o controle, quero que acabe comigo”, eu apenas sorri, lentamente subindo em seu corpo.

Ele estava suado, com os cabelos pingando no travesseiro, os músculos definidos e rígidos debaixo de sua pele suave e bronzeada. Seus olhos apenas enxergavam a mim, nada mais, queimando com a expectativa do que eu faria com ele. Apenas fiquei olhando por um momento: cabelos de quem acabou de transar, olhos castanhos e inteligentes, lábios avermelhados de tanto receberem meus beijos. Eu podia ver sua pulsação acelerada em seu pescoço, e passei um dedo pelo centro suado de seu peito, descendo até o umbigo, depois segui a trilha de pelos que conduziam até seu pau, ainda molhado por minha causa, ainda duro e perfeito e praticamente pulsando enquanto esperava por meu toque.

– Não – eu disse, levando minhas mãos de volta para seu abdômen, desfrutando da sensação de tê-lo sob meu domínio. Não era mesmo justo. Num mundo perfeito, Bennett Ryan seria um galinha e mais mulheres poderiam apreciar seu corpo.

Mas, sejamos honestos: *foda-se*.

– Não? – ele repetiu, cerrando os olhos.

– Você me deixou exausta – eu disse, encolhendo os ombros. – Estou cansada.

– Chloe. Enfie o maldito *pau* na sua maldita *boca*.

– Aposto que você adoraria isso, não é?

Seu rosto se fechou e seus quadris se arquearam buscando meu corpo como se tivessem vida própria.

– Agora, Chloe.

– Diga *por favor*.

Sentando-se repentinamente debaixo de mim, ele rosnou:

– Chloe, *por favor*, engula o meu pau.

Eu explodi numa risada e deslizei minhas mãos naquele cabelo suado e maravilhoso. Chegando mais perto, cobri sua boca com a minha, chupando seus

lábios, faminta por seu sabor. Eu o beijei por me fazer rir, por me fazer gritar. Eu o beijei por ser a única pessoa que realmente me entendia, por ser tão impossivelmente igual a mim que era admirável que conseguíssemos concordar em qualquer coisa. Eu o beijei por ser Bennett Ryan, o *meu* cretino irresistível.

Contra meus lábios, eu o senti sorrir e senti as vibrações de sua risada abafada por minha boca.

– Eu te amo – ele disse.

Afastando o rosto, eu sussurrei:

– Eu também. Eu te amo de um jeito que até assusta.

– Então, falando sério, Sra. Ryan – ele disse. – Coloque meu pau na sua boca.

Agradecimentos

É surreal terminar a série do *Cretino* menos de um ano após vendê-la para a editora Gallery. Estamos animadas para seguir em frente com novidades, mas ao mesmo tempo tristes porque realmente nos divertimos muito escrevendo esses livros picantes, e vamos sentir saudades desses personagens malucos.

Queremos começar agradecendo a todas vocês que nos acompanharam nesta jornada. Obrigada, honestamente, por comprar e ler nossos livros. Continuamos escrevendo com a mesma paixão com que começamos esta aventura. Nós sinceramente esperamos que vocês amem o que vem a seguir.

Nossa agente, Holly Root, tinha uma intuição sobre Adam Wilson, da Gallery; nós achamos que ela simplesmente sabia que ele seria perfeito para estes livros e para nós duas. Já dissemos nos volumes anteriores, mas não custa repetir: obrigada a vocês dois por serem exatamente quem são, pois são exatamente o que precisamos. Holly, você está sempre à disposição quando precisamos, e sempre disposta a nos deixar fazer do nosso jeito. Adam, você melhorou muito estes livros e nos distraiu imensamente com suas anotações hilárias (e precisas). Aguardem muitos bolinhos enviados por nós. Gostamos de vocês. Gostamos muito de vocês.

O que Jen Bergstrom nos disse em Orlando é verdade: a Gallery da Simon & Schuster funciona como uma grande família, e sentimos isso desde o primeiro dia. Obrigada ao Adam por nos apresentar. E a Carolyn Reidy, Loise Burke, Jen Bergstrom: obrigada por nos receber com tanto entusiasmo e investimento. Obrigada a Kristin Dwyer e Mary McCue, do marketing, por seu trabalho incansável nestes seis romances em apenas dez meses (e também por serem incríveis e irresistivelmente adoráveis). Obrigada a Liz Psaltis e a Ellen Chan, pelo trabalho maravilhoso de propaganda. Obrigada a Carly Sommerstein, nosso editor de produção, a quem nós provocamos inúmeras batalhas com nossas reviravoltas. Amamos cada capa – obrigada Lisa Liwack e John Vairo! –, o departamento de arte da Gallery realmente fez um ótimo trabalho. Obrigada a nosso primeiro editor pela piada que nunca vai deixar de ser engraçada. E um obrigado antecipado para quem se voluntariar a fazer o Adam comer o bolinho com o osso de chocolate. Sim, fizemos doze.

Lauren Suero, você foi muito boa conosco desde o primeiro dia. Obrigada por cuidar de nosso website, seguir cada notícia do *Cretino* e nos manter focada em nosso trabalho. Jennifer Grant, obrigada pela ajuda no marketing e no website. O que fez por nós é realmente incrível. Obrigada a todos os bloggers que falaram sobre nossos livros. O seu apoio significa muito para nós!

Para as nossas lindas pré-leitoras – Erin, Martha, Tonya, Myra, Tawna, Anne, Kellie, Katy e Gretchen – obrigada por nos darem seus olhos, seu tempo, seus pensamentos. Estes livros foram ridiculamente divertidos de escrever, e esperamos que vocês tenham sentido ao menos uma fração disso. Nós realmente amamos quando vocês encham nossos e-mails com reações felizes e críticas construtivas. Esperamos que seus olhos não estejam cansados, pois temos muitos outros livros pela frente.

É claro, queremos agradecer ao *fandom*, pois foi onde nos encontramos e onde ainda permanecemos. Nos últimos quase cinco anos, vocês se tornaram mais do que uma comunidade em que nos juntamos para ler e escrever *fanfic*. Vocês se tornaram algumas de nossas amigas mais próximas e um grupo de mulheres de quem gostamos demais. Obrigada por ficarem animadas por nós e por compartilhar suas próprias vitórias. Esperamos que vocês se sintam orgulhosas em nossos momentos mais felizes assim como nós nos orgulhamos de vocês. Adoramos todas vocês!

Nossas famílias e amigos tiveram que nos ouvir falar apenas sobre uma coisa no último ano e sempre se mantiveram animados, nos dando todo o apoio. Agradecemos demais por termos tanta sorte. Obrigada por se orgulharem de nós e por se divertirem nesta jornada tanto quanto nós. A animação de vocês é completamente adorável; ou são atores realmente bons.

Maridos: nós amamos vocês. E agradeceremos melhor pessoalmente. (E falando nisso, obrigada por nos darem filhos tão fofos e maravilhosos.)

Para Christina, {insira aqui um mensagem sentimental que na verdade é apenas uma desculpa para cheirar seu cabelo}.

Para Lo, {insira aqui um pensamento espertinho e adorável, incluindo o quanto eu poderia assistir você colorir tabelas o dia todo}.

Contents

1. [Capa Página](#)
2. [Página de Título](#)
3. [Direitos Autorais Página](#)
4. [Um](#)
5. [Dois](#)
6. [Três](#)
7. [Quatro](#)
8. [Cinco](#)
9. [Seis](#)
10. [Sete](#)
11. [Oito](#)

List of pages

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)

20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)

59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)

98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131
132.	132
133.	133
134.	134
135.	135
136.	136

37.	137
38.	138
39.	139
40.	140
41.	141
42.	142
43.	143
44.	144
45.	145
46.	146
47.	147
48.	148
49.	149
50.	150
51.	151
52.	152
53.	153
54.	154
55.	155
56.	156
57.	157
58.	158
59.	159
60.	160



**CHRISTINA
LAUREN**

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES COM A
SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

Sempre
IRRESISTÍVEL

MAX E SARA ESTÃO DE VOLTA, APAIXONADOS
E COM UMA PEQUENA NOVIDADE

UNIVERSO DOS LIVROS

CHRISTINA LAUREN

Sempre
IRRESISTÍVEL

Para nossas leitoras. Obrigada por sentirem saudades do Max e da Sara, e por pedirem mais.

Um

A louça estava lavada, o apartamento arrumado, e Sara havia começado a cantar baixinho para nossa pequena princesa em seu quarto. Fiz uma rápida prece para o deus do sono das crianças, pois, no caminho para lá, Sara tinha me lançado aquele olhar.

O olhar *não caia no sono antes de eu voltar para a cama.*

O olhar *ainda não superei a visão da nossa bebezinha dormindo em seu peito nu.* O olhar *você vai se dar muito, muito bem hoje à noite.*

Eu adorava minha vida. Pra caralho.

Na mesinha do outro lado da sala, meu celular se acendeu com uma chamada. Quando olhei o nome na tela, tive que abrir um largo sorriso.

– Você ligou pro cara mais feliz do planeta – eu disse para meu irmão, em vez de atender de um jeito adequado.

A resposta foi um pesado silêncio, e depois:

– Impossível você ser mais convencido do que isso.

– Verdade. Mas fala rápido. Estou prestes a ser atacado pelos nativos. – Meu Deus do céu, parecia uma eternidade desde que demos uns amassos antes de desmaiar por exaustão.

Eu estava até considerando fazer um bom alongamento antes.

Meu irmão mais novo, Niall, soltou uma risada.

– Nesse caso, espero que sobreviva, pois na semana que vem vou te visitar e eu ficaria terrivelmente desapontado se não receber aquele *tour* que você sempre me prometeu.

– Ótimo! – Bati na mesa com a palma da mão. A noite estava ficando cada vez melhor. Uma promessa de sexo por duas noites seguidas com minha linda esposa e uma visita do meu irmão na próxima semana. – Realmente ótimo. – Eu não via o Niall desde a última vez que estive em casa, quase um ano atrás, e ele esteve ocupado demais para nos visitar. – Então você vai ter uma folga no trabalho?

– Mais ou menos. – Ele fez uma pausa. – Certo. Então, é isso. Já está tarde. Liguei só pra avisar. Vou visitar a pequena Annabel, e não vocês.

Rindo, eu disse:

– Entendido.

– Chego na terça. Vou embora no domingo.

Anotei os detalhes e desliguei. Então fui procurar a Sara para contar as novidades.

Ela tinha parado de cantar. Para minha completa falta de surpresa, encontrei minha linda esposa dormindo na cadeira de balanço ao lado do berço, com a bebê em seus braços. Tirei a pequena Amada de sua mãe e a acomodei cuidadosamente no berço. Embora ultimamente Annabel dormisse só umas duas ou três horas por vez, quando pegava no sono não acordava por nada no mundo.

Eu suspeitava que não teria a mesma sorte com o próximo.

O próximo?

Pisquei forte, um pouco bravo comigo mesmo por ter pensado nisso. Só conseguimos um pouco de sono decente nas últimas duas semanas.

Depois de acomodar a bebê, atravessei o quarto para acordar a Sara. Seus olhos se abriram quando a toquei, e ela respirou fundo, piscando para mim.

– Ah. Acho que cochilei.

Eu me abaixei diante dela, usando o polegar para afastar uma mecha de cabelo em seu rosto e dizendo:

– Esse não era o plano.

– Não. Eu ia arrancar as suas roupas.

– Isso ainda é uma opção.

Sara apanhou minha mão e se levantou, puxando meu corpo na direção do corredor.

– No que você estava pensando enquanto olhava pra mim? – perguntou.

– Estava só sentindo o quanto amo minha vida, só isso.

– Bom, cáí no sono imaginando se nosso segundo filho vai dormir tão bem quanto a primeira.

Ela olhou para mim com um sorriso no rosto, e eu deixei meu queixo cair, olhos arregalados e incrédulos. Como ela sabia que esse exato pensamento cruzou minha mente apenas alguns minutos antes?

– Você acha que a Anna *dorme bem*? – perguntei.

– Ultimamente, sim – ela esclareceu. – Precisamos só dar um tempo pra ela se acostumar.

Observei o cabelo da Sara deslizar sobre seus ombros quando ela se endireitou e sacudiu a cabeça. Seu cabelo estava mais longo, mais encorpado, e a maneira como deslizava sobre sua pele me fazia querer agarrá-lo com força e foder seu corpinho contra a cabeceira da cama.

Mas fazia uma eternidade desde a última vez que fizemos algo assim selvagem.

Engoli em seco e fechei os olhos, tentando acalmar minha fome quando ela se sentou na beira do colchão e lentamente abriu as pernas.

– Você está louca – eu disse com um sorriso safado.

– Provavelmente. – Sara encolheu os ombros de um jeito sexy que dizia que aquilo era uma meia verdade, e uma malícia profunda se insinuou sob a superfície.

Posicionando meu corpo entre suas coxas, ajudei a tirar sua camiseta regata e a deitei na cama para deslizar seu short de algodão por toda a extensão das pernas.

Devagar, Max.

Minha mente voava com ideias de jogar suas coxas para cima, morder seu pescoço e ir descendo até a barriga, chupar e lambe a doçura entre suas pernas até seus gritos sacudirem as paredes. Em vez disso, beijei seu umbigo, cintura, passei pelas costelas e subi até os seios firmes. Eles já estavam cheios, e ficavam cada vez mais enquanto a bebê dormia. Eu me abaixei, chupando a delícia rosada de seus mamilos.

– Você gosta de olhar para eles tanto assim? – A voz dela era apenas um sussurro. – Você gosta do sabor?

Eu *adorava* o corpo dela assim, mas não sabia como admitir. Adorava os quadris, os seios. Adorava assisti-la amamentando e depois se aninhando ao meu lado. Parecia que tudo no mundo estava no lugar certo depois da chegada da nossa filha. Mas eu ainda sentia um pouco de vergonha por querer que seu corpo ficasse assim depois de um parto tão difícil.

Eu me inclinei para frente com cuidado, pressionando meu pau dentro da cueca sobre a pele quente entre suas pernas.

Sara me puxou sobre si e deslizou a boca pelo meu pescoço.

– Você acha estranho eu querer continuar assim? – ela perguntou quando eu agarrei sua cintura. – E encher nossa casa com um monte de pimpolhos?

Eu ri em seu ombro.

– A falta de sono está comendo o seu cérebro.

– Eu sei que você quer uma família grande – ela disse. – E eu nunca estive mais apaixonada por você do que quando te vi como papai... – Ela percebeu que minha atenção tinha voltado para a firmeza dos seus seios, onde minha boca se fechava sobre um mamilo. – Eles ficam assim sempre que...

Beije um caminho que subia até seu pescoço.

– Eles me dão uma experiência muito espiritual.

– Então você gosta do meu corpo desse jeito? – ela sussurrou.

Havia um tom diferente em sua voz, uma vulnerabilidade que me chocou. Sara sabia que eu adorava seu corpo, adorava cada centímetro de sua pele perfeita e macia.

Ou não sabia?

Afastei meu rosto para olhar em seus olhos.

– Eu *amo* o seu corpo. Amo o jeito como a maternidade deixou você feliz. Você parece radiante ultimamente. – Abaixando, continuei falando entre o calor dos seus seios. – Também adoro o quanto seus peitos estão cheios.

Ela agarrou meus cabelos e me puxou para cima, rindo.

– Finalmente, ele admitiu!

– O que você quer dizer com isso?

Ela franziu um pouco as sobrancelhas enquanto estudava meu rosto, movendo os olhos afetuosos para absorver cada aspecto da minha expressão. Sara fazia isso frequentemente: ela me estudava de um jeito discreto, mas intenso. Ela passou a ponta do dedo sobre meu queixo, olhando fixamente para meus lábios.

– Quero que você não se preocupe tanto – ela sussurrou. – Eu quero mais filhos, talvez não agora, mas algum dia. E quando falo isso, vejo o terror em seus olhos.

Engoli no meio da secura em minha garganta.

– A maternidade não é tão difícil em meu corpo quanto é para você.

– Meu corpo está lidando bem com tudo isso. Logo vou voltar para o trabalho.

Olhe pra gente. Nós *conseguimos*.

Eu me abaixei, saboreando sua pele novamente. Beijando sua barriga.

Ela me levantou e sussurrou em meu ouvido:

– Diga que você não adorou ter seu bebê aqui.

Rindo, eu admiti:

– Com certeza foi mais fácil cuidar dela aí dentro.

Sara voltou a olhar para o meu rosto enquanto eu me movia sobre ela, separando suas coxas com meu joelho e me posicionando ali, sentindo meu pau crescer com sua sensação macia e quente debaixo de mim.

– Tudo certo, meu amor?

Sua respiração começava a acelerar, soprando quente contra meu pescoço. Suas mãos deslizaram pelas minhas costas, empurrando a cueca cintura abaixo.

– Sim.

Passei um dedo para dentro de sua boca, molhando-o com a sua língua antes de baixar para tocá-la entre nós dois. Eu gemi e me esfreguei em sua coxa.

– Tem certeza? Você não está dolorida?

Ela me encarou, mudando a expressão para algo que eu não conseguia decifrar direito.

– Tenho *certeza*.

– Nós transamos ontem também. Não quero machucar você – eu expliquei. Ela fechou os olhos, puxando minha cabeça para seu pescoço.

– Eu sei, amor.

Eu deslizei para dentro, lentamente, e pressionei minha boca em seu queixo, gemendo. Acontecia sempre... sempre que a penetrava, eu sentia que nunca me acostumaria com essa sensação. Suas unhas se fincaram em minhas costas e ela soltou um gemido aliviado.

– Meu Deus! Você é o paraíso quando está debaixo de mim, minha flor... – Apanhando um seio com a mão, apertei, saboreando o fio de leite que escorreu em minha palma. – Caralho... – eu disse quase sem voz. – Isso é *demais*...

– Isso é algo novo – ela sussurrou, arranhando minhas costas.

Apertei meu queixo, lutando contra a confissão que queria escapar de mim.

– Eu adoro seus seios desse jeito. Desculpe... sei que pra você deve ser

desconfortável... mas, porra. Adoro seus peitos assim, Flor.

Senti que ela ficou tensa debaixo de mim, então parei os movimentos para olhar em seu rosto.

– O que foi? – perguntei. – O que foi que eu disse?

Ela não parecia brava, era apenas uma mistura de decepção e curiosidade. Deslizando as pernas em cada lado do meu corpo, ela sussurrou:

– Desde quando você precisa se desculpar comigo?

Sorrindo, voltei a me abaixar e beijei seus lábios, cheios e doces. Meu coração estava batendo um pouco rápido demais; eu ainda não tinha certeza sobre o que tinha feito de errado.

– Você não precisa pedir desculpas por ficar excitado com isso – ela sussurrou em minha boca. – Sinto falta de ver você perdido em mim, sem se importar com mais nada.

Meu instinto imediato era *mostrar* a ela o quanto eu realmente estava perdido: queria erguer seus braços acima de sua cabeça e bombear forte, adorando a visão dos seios se movendo junto comigo, adorando seu peso e a excitação que eu sentia quando eles vazavam em minha pele. Mas, em vez disso, comecei a me mover lentamente sobre ela, tendo cuidado para dar prazer com cada pressão do meu corpo.

Sara agarrou meu traseiro, exigindo que eu aumentasse a velocidade e a força, e tentei dar mais a ela, mas era quase como se um novo instinto dentro de mim tomasse conta dos meus movimentos.

Vá com calma. Vá devagar.

Vá com calma.

Vá devagar.

Nós já transamos muitas vezes desde que a bebê nasceu, mas ainda não voltamos à selvageria de antes, quando transávamos no chão da cozinha ou em cima da mesa, ou quando fazíamos um showzinho suado e maluco na boate. Naqueles dias, nós brincávamos de amarrar e de espancar. Naqueles dias, eu comia a Sara de todos os jeitos imagináveis, às vezes com estranhos nos assistindo, às vezes apenas com minha câmera como testemunha. Uma vez, eu mordi seu ombro com tanta força que ela sangrou, e isso a deixou louca de tesão.

Antes – e durante – a gravidez, nunca me ocorreu o quanto ela era *frágil*.

E então ela teve a minha filha: quase quatro quilos e mais de vinte e quatro horas de parto. Nos dois meses após a chegada de Annabel, nós nos viramos como pais de primeira viagem, nos apaixonamos por nossa filha, nos apaixonamos novamente um pelo outro e tiramos alguns cochilos sempre que podíamos. Eventualmente, também encontramos maneiras de manter uma intimidade cuidadosa com mãos e bocas, palavras safadas e brinquedos.

E então, quase dois meses atrás, a Sara disse que estava pronta para fazer amor de novo.

A princípio, fiquei aterrorizado, mas um beijo levou a outro e logo fiquei mais duro do que estive em semanas. O som que ela soltou quando a penetrei vai ficar para sempre marcado em meus pensamentos. Foi um som excruciante, um grito de dor e surpresa. Eu parei imediatamente, e embora ela jurasse que não sentia dor *agora*, eu não conseguia deixar de pensar que precisava lidar com ela de um jeito diferente. Estava sendo cuidadoso com um tesouro que apenas recentemente descobri que podia ser quebrado...

Ainda não tínhamos voltado para a boate.

Ainda não tínhamos nem apanhado a câmera para qualquer outra coisa que não fosse tirar fotos de nossa filha.

Ainda não tínhamos nem desarrumado os lençóis transando, muito menos quebrado móveis com nossa paixão.

Mas, aqui, em nossa cama, com a Sara debaixo de mim, faminta, gemendo baixinho, suas palavras ecoavam – martelavam – em minha mente como marreta atingindo concreto.

Sinto falta de ver você perdido em mim, sem se importar com mais nada.

Ela estava deixando que eu fosse gentil. Estava pacientemente esperando que eu percebesse que ela estava pedindo mais, estava pronta para sexo de verdade, de novo e de novo.

Ela dissera antes: *Você quer fazer um filme hoje?*

Não, minha flor, sentir você já é suficiente pra mim.

Você não sente falta da boate?

Não, minha flor, eu adoro estar aqui mesmo onde estamos, com nossa filha dormindo no quarto ao lado.

Você gosta de olhar para eles tanto assim? Você gosta do sabor?

Eu queria facilitar as coisas para ela. Eu queria que se sentisse segura e adorada. Fechei meus olhos, absorvo com as sensações paradoxais de alívio quando Sara começou a gozar discretamente debaixo de mim, e com a dor no meu coração ao entender que, em algum lugar do caminho, eu tinha esquecido do que ela precisava.



Às quatro da manhã, sentei no chão do berçário enquanto a Sara amamentava a Annabel. O céu lá fora exibia um profundo azul-escuro, e mesmo a essa hora no Upper East Side, as ruas estavam relativamente quietas.

– Você não precisava se levantar – ela sussurrou.

Sara dizia a mesma coisa todas as manhãs, preocupada com a minha falta de sono e o longo dia de trabalho pela frente. Mas isso, bem aqui, era minha parte favorita do dia.

– Vou colocá-la para dormir e depois vou sair e correr um pouco quando você terminar. Ela me observou na escuridão e disse:

– Eu te amo.

Engoli em seco, assentindo enquanto lutava contra o nó na garganta para retribuir o sentimento. Eu mal conseguira dormir na noite passada, depois de perceber que eu estava tão focado em desfrutar a Sara-Mamãe que acabei não prestando atenção na Sara-Mulher.

– O que foi? – ela sussurrou, vendo minha dificuldade.

– Acho que precisamos fazer um acordo para voltarmos ao normal antes de você engravidar de novo.

– “Normal”?

– Acho que entendi o que você estava tentando dizer ontem.

Suas sobrancelhas se juntaram e percebi que ela não tinha entendido o que eu estava falando.

– Hã?

– Quero ser o marido que você precisa novamente. Quero tirar fotos. Quero filmar. Quero sentir que estou te dando aquilo que você precisa.

– E o que eu preciso?

– Aquilo que *nós* precisamos.

Sara lambeu os lábios, baixando os olhos para a bebê.

– Você é muito mais do que eu poderia esperar. Você sabe disso.

– Eu gostaria de me superar de vez em quando – eu disse, e ela riu, levando a mão para a boca quando a bebê soltou seu seio de repente.

– *Shhh, shhh* – Sara murmurou para ela. – Venha aqui, meu amor. – O que você acha de deixar minha mãe cuidando da nossa pequena Amada enquanto saímos pra jantar? E depois podemos lentamente evoluir para algo mais, quem sabe?

Ela voltou a me olhar, desta vez com olhos arregalados.

– Como a boate?

Fiquei observando-a segurar nossa filha e senti um instinto de proteção tão violento que me fez questionar se eu conseguiria deixar que outras pessoas a vissem assim, tão vulnerável, tão *gostosa*.

– Se é isso que você quer – eu disse, meio sem vontade.

Ela assentiu, gentilmente respondendo à questão insinuada no meu tom de voz. – Sim, é.



Dobrei o carrinho e o guardei no armário da sala antes de arrancar minha camisa. Embora o inverno estivesse ameno, ainda estávamos em janeiro, e a camisa de manga longa que eu vestia para não congelar lá fora imediatamente me fez sentir claustrofóbico ao voltar para o apartamento.

Eu me abaixei, abri o canguru e puxei a bebê toda agasalhada lá de dentro.

– Gostou do passeio? – murmurei, beijando sua bochecha rosada. Ela estava quentinha e sorrindo, com seus enormes olhos castanhos franzidos iguais aos da mãe. – Foi uma boa corrida, não foi?

Sentei no sofá e deitei Annabel sobre meu peito enquanto recuperava o fôlego.

– Você está suado e sentado no sofá, não é? – Sara gritou do nosso quarto.

Mostrei a língua para a Anna e ela tentou agarrá-la.

– Muito suado – respondi para minha esposa. – Bem nojento, na verdade.

Os saltos da Sara se lançavam pelo corredor e ela congelou quando nos viu.

– Max.

– Depois eu limpo, flor...

– Dane-se o sofá – ela disse, aproximando-se. – Você está sem camisa com a bebê mais doce do mundo deitada sobre seus músculos. Coloque uma camisa, seu animal, ou não serei responsável por minhas ações.

Eu adorava quando ela olhava para mim daquele jeito.

– Imagine como me sinto quando você está dando de mamar.

Sara abriu um sorriso radiante quando se abaixou e beijou a perninha gorda da Anna.

– Ela parece um pêssego em cima de você.

Olhei para suas roupas e imediatamente me perguntei se conseguiríamos fazer a bebê tirar um cochilo tão cedo pela manhã. Fazia meses que eu não via a Sara vestindo roupas de trabalho, e só agora percebi o quanto eu sentia falta disso. Sua sainha preta chegava pouco acima dos joelhos, mostrando só uma fresta de pele sob as botas de couro. Seus peitos pareciam irreais com o suéter cinza que ela escolhera.

Seguindo minha atenção, ela olhou para os seios.

– Acho que preciso fazer umas compras hoje. Tudo que tenho fica apertado demais no peito. – Não ouse tirar essa blusa.

Sara mordeu os lábios, piscando para mim. – Você acha?

– Sim – murmurei, e o momento pareceu ganhar um peso extra. – Você está linda, minha flor.

– Mas... você não acha inapropriado? Quer dizer, o jeito como você está me olhando me faz pensar que essa blusa já não é muito profissional.

– Acho que depende de onde você está indo.

Ela encolheu os ombros, sentando-se ao nosso lado.

– Pensei em dar um pulinho no escritório, só pra não ficar muito perdida na semana que vem. Vou encontrar as garotas pra tomar café antes de ir.

Eu beijei o topo da cabeça da Anna.

– Quer que eu a leve comigo?

– Pode ser. Ou eu posso levar.

O que era aquilo no rosto da Sara naquele momento que me fazia sentir tanta coisa ao mesmo tempo e era tão arrebatador? Com ela vestida e se dirigindo para

a porta, era como se eu estivesse vendo essa combinação pela primeira vez: minha amante, minha esposa e também uma mãe, uma provedora e... *caralho*, uma gostosa com os melhores peitos que eu já vi.

Ao me levantar, fiz um gesto para ela me seguir de volta para o corredor. Apanhei o assento musical da Annabel no berçário e o coloquei ao lado da penteadeira em nosso quarto, de frente para o conjunto de fotografias de árvores que ela adorava, e depois guiei Sara para a cama.

– *Max...*

– Só um minuto. – Peguei minha câmera no armário, montei o tripé e programei fotos automáticas a cada cinco segundos. A respiração da Sara estava rápida e curta quando eu me abaixei, beijei seu pescoço e disse: – Não vou demorar.

– A Anna está bem – ela disse, puxando meu corpo. – Pode me usar o quanto quiser.

Deitando-a de costas, empurrei sua saia até a cintura e comecei a beijá-la subindo pela barriga, sentindo meu pau endurecer com cada clique nostálgico da câmera e a sensação de suas mãos agarrando meus cabelos. Puxei sua blusa para cima, revelando a pele macia da barriga. Ela tinha o sabor da chuva, de frutas, e tinha o mesmo aroma doce que eu sempre adorei em seu corpo. Levando minhas mãos para suas costas, abri o sutiã e o puxei de cima dos seios.

Eu sempre adorei os seios da Sara, mas nunca fui do tipo que prefere peitos. Isso mudou recentemente. O peso deles, o cheiro suave da pele e a estranha faísca que eu sentia no meu abdômen sempre que ela amamentava... era um estranho reflexo querer olhar para eles, tocá-los desse jeito, e só agora percebi que estive lutando contra esse reflexo nos últimos meses.

Você não precisa pedir desculpas por ficar excitado com isso.

Minha boca se fechou sobre o mamilo, usei a língua para sugá-lo mais fundo, e então soltei um gemido. Ela estava quente, firme, tão cheia...

Eu fiz isso...

Eu a deixei assim...

E quando ela agarrou minha calça e a empurrou para baixo da cintura para tomar meu pau em sua mão, o momento se dissolveu num turbilhão frenético.

Eu podia imaginá-la olhando as fotos mais tarde, vendo o quanto eu adorei a sensação de tê-la em minha boca, de sentir seu sabor em minha língua. E então

ela saberia, só de olhar para o meu rosto, o quanto eu amava o fio de leite em minha mão, o jeito como seus quadris pareciam espalhados sobre mim. Eu a venerava.

Eu venerava completamente essa mulher.

Impulsionei meu pau em seu punho, gemendo com a sensação de sua boca sugando meu pescoço e seus pequenos gritos desesperados em minha pele. Puxando a calcinha de lado, lambi minha mão e a usei para deixá-la molhada e poder penetrar com um único movimento dos meus quadris.

Ela ofegou, arregalando os olhos com excitação e alívio – ela estava *aliviada*, como se eu tivesse desaparecido e voltado, e talvez fosse isso mesmo. Eu retirei e entrei de novo, fodendo tão forte e rápido que eu sabia que gozaria num minuto; gozaria antes de levá-la ao êxtase, antes mesmo de considerar se ela queria que eu gozasse dentro antes de ela sair para o trabalho. Eu apenas... queria com tanta intensidade, com aquele desejo incontrolável que eu não sentia há muito tempo.

O cuidado e a doçura tinham ficado de lado, só por agora, e foram substituídos por algo antigo e familiar: uma profunda necessidade de possuí-la.

Levei a mão para baixo, tocando-a até ela se curvar em minha mão, ofegando e apertando-se ao redor do meu pau. Ela gritou, três súplicas agudas para conduzi-la por seu prazer, e então caiu em silêncio, puxando-me para cima e respirando fortemente em meu pescoço.

Ela me via todos os dias; nós nos abraçávamos, conversávamos, ríamos, adormecíamos na mesa de jantar juntos, fazíamos todo tipo de intimidade. Mas o alívio deste momento foi profundo. Agora eu sabia exatamente o que ela queria dizer quando sussurrou:

– Senti sua falta.

E tudo que eu pude responder de volta foi: – Também senti sua falta.



Minha mãe já estava na recepção quando cheguei no escritório carregando a Annabel no canguru preso em meu peito. Ela pulou de repente, deu a volta na mesa e se aproximou da neta sem nem mesmo olhar para mim.

– Mãe – eu disse, rindo ao segurar seus ombros para que ela não acordasse a bebê. – Ela está dormindo. Calma, mulher. Você vai ficar com ela daqui a pouco

quando eu começar a reunião com o Levinson.

Minha mãe olhou para mim e trocou a cara de leve desaprovação por um sorriso doce.

– Bom dia, meu amor.

Nunca fui um filhinho da mamãe, mas tê-la trabalhando na Stella & Sumner nesses anos era uma das minhas coisas preferidas no campo profissional. Desde que tivemos Annabel, fico cada vez mais agradecido com a proximidade de nossas famílias, já que elas sempre nos avisavam quando nós dois estávamos agindo como uma dupla de neuróticos.

E embora minha mãe tenha criado seus dez filhos com muita competência, eu me preparei para receber uma reprimenda ao lhe pedir – pela primeira vez – que tomasse conta da bebê para que eu e Sara pudéssemos sair. Nós sempre levávamos nossa filha junto conosco, mas agora... bem, agora era totalmente diferente.

– Mãe – eu comecei a falar enquanto ela voltava para sua mesa. – Eu estava pensando em levar a Sara pra jantar fora na sexta. Você se importa de cuidar da Annabel?

O rosto dela ficou branco.

– Max, você esqueceu.

Soltei um gemido. *Merda*. Era a segunda vez que uma mulher me dizia isso em menos de 24 horas.

– Esqueci o quê?

– Amanhã vou viajar pra Leeds, meu amor. Vou visitar a Karen por três semanas. – Ah, droga.

– Posso cuidar dela hoje.

– Não, você precisa arrumar as malas e nós não planejamos nada ainda. Acho que seria uma operação militar para nós dois.

– Você está louco. Estou repetindo a mesma coisa pra você há semanas: leve sua esposa pra jantar, pelo amor de Deus. Depois que você, o Niall e a Rebecca chegaram, eu e o seu pai estávamos dispostos a deixar o cachorro cuidando de vocês para sairmos um pouco à noite. Rindo, eu concordei. – Não duvido.



– Que diabos é isso?

Olhei para a Annabel, que ainda dormia no canguru, e respondi para o Will:

– Isso aqui é um carregador de bebês.

Ele me seguiu até o escritório e se sentou no sofá.

– Parece que você foi saltar de paraquedas e esqueceu de tirar o equipamento. Bennett entrou atrás de mim.

– Você parece um marsupial.

– É só um carregador de bebês, seus idiotas – eu ri, e depois sussurrei para a Annabel: – Não é mesmo? Você é minha filhotinha, não é? – Olhei para meus amigos e só então somei dois mais dois. – Bennett, que diabos você está fazendo aqui?

– Will e eu tivemos uma reunião com o Gross e o Barrett às oito. Você esqueceu?

– Puta que pariu, me dá um tempo! Não durmo faz uns quatro meses!

Os dois olharam para mim com olhos arregalados, por vários segundos de silêncio. – Seus mamilos estão doendo? – Will perguntou.

Sacudi minha cabeça, rindo.

– Idiota.

Com todo o cuidado, abri o canguru atrás do meu pescoço e o soltei para deitar a Anna no sofá ao lado do Will. Ela se assustou, movendo braços e pernas para todo lado, mas logo voltou a dormir.

Da sua parte, Will agiu como se eu tivesse colocado um ovo frágil e gigante perto dele. Suas mãos estavam firmes no colo e os olhos voltados para a bebê como se ela pudesse rolar e explodir a qualquer momento. Ele esteve perto da Anna quase todos os fins de semana desde o nascimento, mas ainda olhava para ela como se fosse a coisa mais frágil do mundo.

– Desde quando você é um idiota perto de crianças? – perguntei.

– Eu adoro crianças – ele disse, olhando para mim. – Acontece que ela é tão *pequena*.

– Não é não – retruquei. – Ela é enorme.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Olha – eu disse, sentando numa poltrona perto da minha mesa. – Preciso

pedir um favor. Quero levar a Sara pra jantar na sexta-feira...

Bennett interrompeu:

– Você finalmente vai deixar alguém cuidar da Anna?

Fechando o rosto, expliquei:

– É mais fácil falar que fazer. Enfim, minha mãe vai viajar para Leeds amanhã, então ela não pode me ajudar. Será que um de vocês...?

Os dois me olharam com terror nos olhos.

– Ora, vamos lá, não é tão difícil. Só por algumas horas. Você e sua garota só precisam dar algumas mamadeiras, trocar algumas fraldas, depois ela dorme e nós voltamos.

– Eu não posso – Bennett disse, estremeando com a desculpa. – Chloe e eu vamos para o Hudson Valley.

– Neste fim de semana? – Will perguntou, assentindo várias vezes, como se estivesse tentando convencer a si mesmo. – Eu provavelmente poderia fazer isso.

– Ótimo – eu disse. – Valeu, cara.

– Nunca troquei uma fralda. Ou dei mamadeira. A Hanna brinca dizendo que a única garota que não consegui conquistar foi a filha da Liv, a Aspen. – Encolhendo os ombros, ele acrescentou: – Mas tenho certeza que é uma questão de instinto, não é? – Ele contou as regras nos dedos: – Não queimar a Anna no banho, não deixar o leite no micro-ondas por muito tempo. – Will fez uma pausa como se continuasse a contar em sua mente. – Ah, e não deixar ela cair.

Eu me imaginei saindo do escritório agora e deixando a Annabel nas mãos do Will por um minuto; meu estômago revirou e eu quis vomitar.

– Você não pode levar a Hanna?

– Ela tem compromissos na faculdade nesse fim de semana.

Esfregando a mão no queixo, eu perguntei:

– Que tal... se você jantasse com a gente hoje pra dar uma olhada e aprender como faz?

Ele assentiu, mas engoliu em seco. Para ser justo, eu sabia que estava pedindo algo grande. Uma coisa era passar um tempo com a gente e a Annabel, outra bem diferente era ficar sozinho com a bebê.

– Você não pode simplesmente levar isso junto no restaurante? – Bennett perguntou.

- Mas o objetivo é justamente o contrário. E a Annabel não é “isso”.
- Eu não a chamei de “isso”.

Eu e o Will respondemos ao mesmo tempo:

- Chamou, sim.

Esfregando o rosto, murmurei:

- Foda-se. Venha jantar com a gente e tomar umas cervejas.

Nós pensaríamos em algo. Tínhamos que pensar.

Dois

Dobrei a 56th Street e vi o Parker Meridien quase no fim do quarteirão.

A fachada de granito cinza parecia tão sombria quanto o céu; as nuvens lá em cima estavam carregadas com neve que certamente cairia a qualquer momento. Depois do Natal, o inverno em Nova York era um horror: frio e molhado, cheio de lama suja e dias a fio sem nem uma fresta de céu azul. Mas este ano foi abençoado com um inverno mais leve, quente o bastante para que Max pudesse passear regularmente com o carrinho de bebê junto com Will e Hanna enquanto eles corriam pelo parque.

Meu celular vibrou no bolso da frente do casaco. Eu não precisava nem olhar para saber que era a Chloe, enviando a terceira mensagem na última hora.

Cadê vc? Não vá dar cano na gente, Sara!

Sim, talvez eu tenha perdido alguns almoços com as meninas desde que Anna chegara; não era fácil sair de casa com uma recém-nascida que não queria largar do meu peito de jeito nenhum.

Ignorei o celular, minha cabeça ainda cheia com a lembrança da manhã com o Max. A Chloe podia esperar.

Mas, claro, apenas dois passos mais tarde fui tomada por um medo de que a mensagem não fosse da Chloe. Talvez o Max dizendo que a Anna estava doente ou tinha se machucado ou...

Saí da calçada e, debaixo de uma marquise, tirei o celular do bolso. Era uma mensagem do Max.

Talvez o Will apareça para jantar. Tudo bem pra vc?

Respondi que tudo bem e guardei o celular. A cada passo, minhas botas favoritas esmagavam o sal espalhado pelas calçadas. A Chloe queria me levar para fazer compras antes que eu voltasse a trabalhar, mas eu disse que não. Queria o conforto da minha saia favorita, os saltos que davam um leve balanço ao meu andar, além do suéter que deixou o Max sem palavras e acabou *consumindo* esta manhã. Precisava sentir que eu era eu mesma.

Ajeitei meu casaco e apertei a bolsa que Max tinha comprado no meu

aniversário. Era uma bolsinha Burberry, não uma sacola de fraldas. Eu ainda não tinha saído de casa sem minha filha – muito menos sem fraldas, mamadeiras, paninhos e uma muda de roupas – desde que ela nascera, por isso o couro macio da bolsa parecia leve demais na minha mão.

Apenas algumas horinhas longe dela, só hoje, eu disse a mim mesma. *Só para sentir como é.*



Sorri para o porteiro quando entrei no saguão de mármore. O assoalho era branco e reluzente, encrustado com blocos negros e brilhantes, as paredes feitas de pedra polida. As pessoas se reuniam nos bancos e se sentavam debruçadas sobre seus celulares. As conversas fluíam pelo grande espaço e ecoavam pelas paredes. Passei por um arco gigante e virei para a esquerda, subindo as escadas que levavam para o restaurante Norma. Como sempre, pude ouvir a Chloe antes mesmo de vê-la.

– Aí está ela – Chloe disse, levantando-se com suas botas longas, cabelos ondulados e uma expressão que dizia que eu não escaparia de uma reprimenda por estar atrasada. – Até que *enfim*, porra.

– Eu sei, eu sei – eu disse, cruzando o assoalho de madeira até elas. – Desculpe. Acredite em mim, o tempo voa quando você tem um filho. Você acha que vai conseguir sair na hora, mas, quando se dá conta, já está meia hora atrasada.

– Tem certeza de que não foi porque o Max te viu com essas roupas e ficou meio empolgado? – Hanna perguntou ao lado da Chloe.

– Bom, você vive com um homem que ama peitos, então deve saber – eu disse, rindo.

Eu adorava a Hanna, mas o Max em particular passou a gostar muito dela no último ano, dizendo que qualquer garota que conseguia segurar Will Sumner pelas bolas só podia ser uma ótima pessoa. – Ignore a esquentadinha aqui – meu assistente e bom amigo George disse, apontando Chloe. – Essa mulher não fica feliz se não estiver mandando em alguém.

– Pode apostar – disse Chloe.

Abracei todos e pendurei meu casaco no encosto da cadeira antes de me sentar.

– Como está a princesa? – Chloe perguntou, soprando sua xícara. – *Onde* está a princesa?

– Está ótima. Está com o papai hoje. – Um sorriso orgulhoso se espalhou no meu rosto. – Como está o Bennett?

– Um pesadelo – ela respondeu, igualmente orgulhosa.

– E quais as novidades entre você e o Will? – perguntei ao me virar para a Hanna. – Parece que nunca mais vejo vocês, mesmo agora que o Max decidiu invadir suas corridas no parque. Aliás, sobre isso, eu sinto muito mesmo.

Hanna apoiou um cotovelo na mesa e sorriu.

– Adoro quando ele aparece. E, julgando pelo olhar pateta no rosto do Will quando ele vê aquele carrinho de bebê vindo em nossa direção, posso garantir que ele também não se importa.

– Ótimo. Apesar de me sentir culpada, a hora extra de sono faz com que eu me sinta *bem* melhor durante o dia.

– Acho que eu deveria acompanhar essas corridas também – George comentou. – O Will corre sem camisa na primavera?

– George – Hanna disse, ignorando-o –, você não vai contar pra Sara sobre o bofe que está pegando?

– *Estava* pegando – ele corrigiu. – No passado. Foi um rompimento estágio um. Não quero falar sobre isso.

– Que estágio? – Chloe perguntou.

– *Estágio um* – ele esclareceu. – Jura que sempre tenho que ser o dicionário urbano gay para vocês? Primeiro estágio é quando você termina com alguém por mensagem de texto tentando não parecer um total babaca. O estágio dois é quando você diz para a pessoa “Olha, não está mais dando certo pra nós dois. É melhor a gente terminar”. O estágio três é quando não está mais dando certo e você deixa acabar com o tempo. É doloroso porque, nesse estágio, a pessoa já se tornou um hábito. A pessoa sabe como você toma seu café, quais dias você pode comer carboidratos e quais não pode... bom, é um fim triste.

– Claro que sim – eu disse, mexendo meu café. – Restrições alimentares podem ser muito românticas.

George deu um soco brincalhão em meu ombro.

– Vou deixar passar seu sarcasmo porque você está amamentando e isso está

claramente comendo o seu cérebro. Mas onde eu estava? Ah, sim, o estágio quatro. Bom... o quatro é quando uma pessoa ainda está apaixonada enquanto a outra... já superou. É horrível, certo? Daí o estágio um não parece tão ruim assim, mas, na minha opinião, é o pior estágio depois do quarto. Se uma pessoa se sente confortável terminando por mensagem de texto, você claramente não alcançou aquele ponto onde pode fazer várias perguntas, e definitivamente não pode ligar pra pessoa dizendo “Ah, oi, sou eu, o cara que usou a roupa de látex com você, lembra? Você pode me dizer o que aconteceu?”.

Todas nós concordamos solidárias, e George ficou olhando para a tigela de bolinhos no centro da mesa antes de pegar um.

– Agora estou compensando minha tristeza com comida.

– Ah, George. Você estava apaixonado por ele? – Hanna perguntou.

– Não, imagina, menina – ele disse rindo. – Eu nunca me apaixono, a menos que o sobrenome dele seja Sumner.

O garçom parou em nossa mesa, servindo mais café para mim antes de anotar nossos pedidos.

– Quero um *waffle* com frutas e creme Devonshire – eu disse.

– Não consigo entender como você está assim – Chloe disse, apontando para o meu corpo – e ainda come desse jeito. Você não corre com a Hanna, e eu sei que não aparece na academia do escritório há meses.

– É um dos benefícios da amamentação. Tenho que ingerir mais calorias para manter meu leite.

E isso era verdade. Eu ainda malhava quando tinha tempo, mas a gravidez e a maternidade me deixaram com este novo corpo com o qual eu estava me acostumando só agora: uma cintura um pouco mais larga e curvas que nunca estiveram tão cheias. Sempre fui magra, mas agora me sentia mais macia, com quadris arredondados e peitos que surpreenderam até a mim mesma. Além disso, eu adorava quando o Max ficava vidrado neles, completamente incapaz de tirar os olhos. Eu estaria mentindo se não dissesse que esses momentos faziam com que eu me sentisse uma rainha.

– Qual é o seu plano pra voltar ao trabalho? – Hanna perguntou. Ela deu uma olhada em minhas roupas e acrescentou: – É pra lá que você está indo agora, não é?

Confirmei e tomei um gole do café.

– Eu não volto oficialmente até a semana que vem, mas pensei que seria mais fácil se eu desse uma passadinha hoje.

– Você vai mesmo entrar no escritório e se sentar atrás da mesa hoje? – George perguntou.

George foi um presente dos céus durante minha licença. Fiquei fora por dezesseis semanas, mas eu não queria me sentir desconectada com minha carreira na Ryan Media Group, então aparecia regularmente, embora tudo o que precisasse ser cuidado por mim pudesse ser levado para minha casa. Sem conversar muito sobre isso, nós criamos um sistema: Anna e eu encontrávamos George no escritório, ele me entregava os arquivos e as mensagens que precisavam da minha atenção, e eu deixava com ele o trabalho que fazia em casa.

Eu nunca entrava em meu escritório, e ele nunca perguntava o motivo.

O que era ridículo, se você pensar um pouco. Eu era Sara Stella, capaz de lidar com campanhas multimilionárias e gerenciar todo um departamento de finanças.

Mas eu ainda não sabia como fazer tudo isso e também ser uma mamãe.

– Você ainda não entrou no seu escritório? – Hanna perguntou. – Você acha que vai ser estranho voltar?

– Sei lá, acho que não. Quer dizer, eu quero voltar ao trabalho. Eu *preciso*. É uma parte muito importante de mim e preciso dessa parte de volta. Mas a Anna... a ideia de ficar longe dela oito horas por dia ainda me enche de culpa, como se eu estivesse arruinando sua vida de algum jeito, ou como se eu não tivesse um instinto materno que me fizesse querer ficar em casa. Além disso, sei que vou querer mais filhos em algum momento, mas como tudo isso vai funcionar? Será que é justo eu querer mais filhos quando tenho certeza de que sempre vou precisar *daquele* lado também?

– Isso é besteira – Chloe disse. – Você acha que os homens sofrem com isso? Claro que não. Você se matou pra chegar onde está. Se conseguir ter as duas coisas, então tenha as duas coisas. Pode ser preciso alguns ajustes, mas e daí? Você ajeita tudo com o tempo. – Ela inclinou a cabeça e acrescentou: – Você não vê o Max querendo ficar em casa.

– Na verdade... – eu disse, e foi suficiente para ganhar a atenção da Chloe. Ela deixou a xícara na mesa e se recostou na cadeira, esperando. – Não sei direito o que se passa com ele no momento. Sei que ele me quer tanto quanto antes da

Anna chegar, mas acho que ele está precisando se adaptar mais do que ele pensou que precisaria com essa ideia de eu ser esposa *e* mãe. Está cuidadoso demais, como se não soubesse como me tratar.

– E quem pode culpá-lo? – George disse, e nós viramos para ele. – Você já viu o que um parto pode fazer com uma vagina? – Ele estremeceu de corpo inteiro.

– *George!* – Chloe exclamou, sacudindo a cabeça.

– O que foi? – ele gritou.

– Cala a boca! – ela respondeu.

– Por pior que seja essa lembrança – eu disse –, o George tem razão. Acho que o Max está preocupado pensando que vai me machucar, e eu não sei como mostrar que sou a mesma Sara de antes. Que *quero* as mesmas coisas de antes.

Chloe encolheu os ombros e apanhou seu café.

– Não sei, Sara. Antes ele tinha você por inteiro, agora precisa ficar assistindo enquanto você aprende a ser mãe. Não acho uma surpresa ele precisar reprogramar o cérebro para essa nova situação.

– O problema não é ter que me dividir... – comecei a dizer, mas a Chloe ergueu a mão.

– O que eu quero dizer é que a visão dele sobre você mudou – ela disse, levantando uma sobrancelha arqueada. – Primeiro, você era a luxúria em sua vida; agora, você é a mãe de sua filha.

Mordi os lábios, concordando.

– Ele está preocupado achando que estou mais frágil agora.

– Exatamente – ela disse, com um tom um pouco mais gentil. – Ter a Anna foi traumático. Não foi um parto fácil como vocês esperavam. Você já deixou isso pra trás, mas talvez ele ainda precise superar o trauma.

Chloe estava certa. O sexo desta manhã fora selvagem e bruto, como se o desejo por mim tivesse sequestrado a parte do cérebro do Max que dizia para ir mais devagar. E era *isso* que eu realmente queria.

– Quando foi a última vez que vocês dois saíram sozinhos? – George perguntou.

– Desde a Anna? Ainda não saímos.

Agora era ele quem erguia uma sobrancelha sabichona.

– Bom, aí está uma parte do seu problema, meu docinho de coco.

– Você está se referindo só a sexo selvagem? – Chloe perguntou. – Pois, convenhamos, a Anna nunca vai saber o que se passa...

– Verdade – George disse –, mas provavelmente é bem mais difícil transar igual dois coelhos comum bebê dormindo no quarto ao lado. É preciso um pouco de espaço.

Ele tinha razão.

– Amo minha filha mais do que qualquer coisa no mundo, mas eu quero horas e horas. Quero transar com meu marido até ele não conseguir mais lembrar do próprio nome.

Um silêncio se estendeu pela mesa durante alguns segundos.

– Falei demais? – perguntei, rindo.

– Nunca – George disse rapidamente. – Só precisamos de um tempo pra trabalhar essa imagem mental.

– Deus, eu pareço uma desesperada – eu disse, pousando o queixo no punho. – Talvez seja melhor começar com um jantar? Acho que o Max vai pedir pra mãe dele cuidar da Anna neste fim de semana.

– Bennett e eu podemos ajudar no próximo – Chloe disse.

– Ei, calma lá – George interrompeu. – E quanto a mim? Estou aqui só por causa do meu charme? Do meu rostinho lindo? Eu posso cuidar da bebê pra você. Chloe virou a cabeça dramaticamente.

– *Você?*

– Para sua informação, minha mãe tinha uma creche, e eu dei aula na pré-escola durante todo o tempo que passei na faculdade. Até trabalhei no berçário durante o ensino médio. – Chloe ia dizer alguma coisa, mas George ergueu a mão antes. – Quieta, Mills. – Ele se virou para mim. – Eu posso cuidar da Anna. Posso cuidar dela hoje mesmo, se você quiser.

– Você cuidaria dela? – perguntei. – Você poderia mesmo fazer isso?

– Até de olhos fechados. Além disso – ele disse, voltando a olhar para os bolinhos –, eu não tenho vida social mesmo. Minhas noites estão sempre livres.



O cheiro do lar me atingiu antes mesmo de eu passar pela porta. Minha conversa com as garotas e o George fez maravilhas, e passei muito bem pelo dia

sem nenhuma crise de estresse, sem lágrimas, e apenas um incidente com leite materno, quando uma ligação demorou demais e eu não consegui pegar minha bomba de extrair leite a tempo. Da próxima vez, vou fazer enquanto estiver ao telefone mesmo.

E pronto. Minhas amigas estavam certas; eu ajeitaria tudo com o tempo.

Basicamente, eu estava me sentindo uma força da natureza quando entrei na sala, pronta para dizer ao Max sobre nosso jantar. Mas então dei de cara com ele sem camisa – de novo – enrolado numa toalha, com minha bebezinha dormindo em seus braços, e estava pronta para esquecer esse negócio de jantar e deixar que ele me engravidasse de novo naquele mesmo segundo.

Controle-se, Sara.

– Vou levar você pra jantar – eu disse. – Surpresa! E não acredito que vou dizer isso, mas você precisa colocar umas roupas de verdade ou nunca conseguiremos sair desse apartamento.

Max me olhou, confuso.

– Jantar? Como você...? – Sentando-se, ele disse: – Eu queria ter ligado pra você hoje. Eu queria levar você pra jantar esse fim de semana, mas minha mãe vai viajar pra Leeds amanhã. Esqueci completamente disso.

– É isso que estou dizendo: o *George* vai cuidar da Anna *hoje*.

– Hoje? E por acaso o George já viu algum bebê na vida?

Atravessei a sala e dei um beijo suave em sua boca.

– Oi – eu disse, depois dei outro beijo. – Sei o que você está pensando, mas ele é perfeito. – Tomei a Anna de seus braços e encostei meu rosto em sua cabecinha, aspirando o máximo que eu podia. Ela com certeza tinha o cabelo do Max, apenas um pouco mais escuro do que o meu, mas já um pouco ondulado. Seu cheirinho de bebê me atingiu e eu senti meus peitos ficarem mais pesados, meu leite descendo quase imediatamente.

A poltrona que o Max mandara trazer da Inglaterra para mim estava debaixo da janela, no quatinho da Anna. Era meu lugar preferido no apartamento, onde eu podia olhar para a cidade enquanto amamentava. Ajeitei minha filhinha, depois olhei para ele.

Ele claramente achava que eu estava louca.

– Estamos falando sobre o mesmo George?

– Tomei café com as garotas hoje de manhã antes do trabalho. Você sabia que a mãe do George tinha uma creche? Ele trabalhou lá quando estava no ensino médio e depois na faculdade. Ele trabalhou com *bebês*.

Max exibiu sua expressão mais cética.

– Estamos falando do mesmo cara de vinte e poucos anos que saiu no Halloween vestindo uma fantasia de Jesus com um queijo na cabeça dizendo que era o “Cheesus”?

– O próprio – eu disse, rindo ao lembrar da cena. – Ele provavelmente está mais preparado pra cuidar dela do que nós dois juntos. Além disso, nós não estaremos longe. O restaurante fica logo ali na esquina. Ele pode ligar e voltaremos em menos de três minutos.

– Mas...

– Nada de “mas”. Isso é exatamente o que precisamos. Agora vá se vestir. Ele vai chegar em quinze minutos.



George apareceu exatamente quatorze minutos depois.

Do banheiro, pude ouvir o Max abrindo a porta para deixá-lo entrar e logo depois começar a questionar suas qualificações.

– E a mamadeira? – Max perguntou, claramente querendo provar que estava certo e que George não sabia de nada.

– A Sara está amamentando, então você deve ter leite já extraído no freezer? Ou mesmo leite fresco? – George disse, mais para si mesmo do que para o Max, eu tinha certeza. – Do que estou falando? Honestamente, acho que vi mais os peitos da Sara nos últimos quatro meses do que os meus próprios. – Ouvi a porta do freezer abrindo e fechando, e entrei na sala para assistir o George respondendo as questões de Max uma a uma. Que parecia impressionado, embora a contragosto.

– Eu diria que ela está recebendo o leite a cada três horas? – George continuou. – Vou esquentar o leite gelado primeiro, com água quente, nunca com o micro-ondas. Mata as propriedades benéficas, sabia? E vou usar o leite congelado só se precisar. Vocês provavelmente vão voltar antes disso...

– Nós temos um aquecedor de mamadeira – Max disse, franzindo as sobrancelhas numa expressão confusa. George realmente parecia saber mais

sobre cuidar de um bebê do que nós. – E as fraldas?

– Ora, Maxwell. Você é tão fofo. Eu poderia colocar uma fralda em você durante o seu sono e você nem perceberia. Sou um profissional.

– Pelo menos foi o que eu ouvi – eu disse, dando um beijo em seu rosto. – Desculpe, a Chloe não está aqui, e eu não podia deixar passar essa piada. Obrigada por nos ajudar.

– Sem problema. A princesinha e eu provavelmente vamos sentar aqui no sofá e chorar assistindo *Diário de uma paixão*. Por razões bem diferentes, é claro.

Entre beijos, abraços e instruções de última hora, levou mais quinze minutos para o George nos chutar para fora do apartamento.



Mas nós não fomos para o restaurante na esquina. George aparentemente causou uma impressão tão boa que o Max fez reservas de última hora num pequeno restaurante italiano que ficava um pouco mais longe. Eu estava nervosa com a ideia de deixar nossa filha sem realmente precisar, mas também estava animada. Aquilo era um *encontro*; apenas nós dois, e o ritmo do meu pulso não baixava por nada.

Fiquei observando seu perfil durante a viagem para o restaurante, enquanto as luzes da cidade destacavam a maciez dos seus lábios e as linhas do seu queixo. E me lembrei do nosso primeiro encontro *de verdade* – se é que posso chamar aquilo de encontro. Ele tinha me levado para o Queen of Sheba e eu não conseguia parar de olhar para sua boca. Eu *ainda* não conseguia parar de fazer isso.

A imprensa não perseguia mais Max como antes de ficarmos juntos mas, desde que Anna nascera, houve um aumento das fotos estilo Papai Gostosão Max Stella nas páginas sociais e em vários sites de fofoca. Não podia culpá-los, por mais mágoa que eu ainda guardasse por eles terem me ferrado em primeiro lugar.

Fechei os olhos, sentindo meu coração apertado ao voltar no tempo para nossa primeira noite juntos depois das fotos nos jornais, que me deixaram pensando que ele havia me traído. Max tinha dado uma festa, e, após não responder suas chamadas por mais de uma semana, eu apareci na casa dele, finalmente pronta para conversar. Mas não foi tão simples quanto eu imaginava – ele ficara realmente magoado –, e eu tive que me desculpar.

Eu me lembrava do pequeno sorriso contrariado que Max deixara escapar quando nós acordamos juntos na manhã seguinte; ele havia entregado o último pedacinho de si mesmo que restava.

Lembrava do quanto aquele sorriso apertara meu coração, dolorosamente. Ele estava com medo de me deixar voltar e, debaixo da forte luz matinal, nós dois suados e cansados, não pudemos mais nos esconder com nossos rostos pressionados na pele um do outro, ou no joguinho de esconde daquelas fotos. Ele me olhou diretamente, ousadamente, e então não havia mais nada entre nós.

– Fique – ele disse, abaixando para sugar a pele logo abaixo da minha orelha.
– Fique comigo. Está tudo bem, minha flor. Somos *nós*. É tão fantasticamente bom, e se você fugir de novo, vai acabar me destruindo para sempre.

– Não vou fugir.

– Eu te amo, você sabe disso, não é?

Eu assenti, com meu coração preso em algum lugar entre minha garganta e o céu.

– Eu também te amo.

– Então está decidido. Não há mais dúvida sobre o que eu sinto por você. Você vai ficar aqui.

No fim, foi fácil assim. Sempre foi fácil assim. E aprendi a confiar.

Mas agora era diferente. Sim, o peso era maior, e era também mais complicado, e a facilidade de tudo – Max e Sara, naquele ritmo que nos ricocheteava como se fosse uma única batida de coração – agora estava martelando forte demais para que eu pudesse aguentar.

Porque eu sentia *tudo*. Era como se uma torneira tivesse sido aberta dentro de mim, enchendo minha alma com calor e orgulho e excitação e terror e vulnerabilidade e força e fraqueza e luxúria, e a torneira nunca fechava. Eu estava sendo preenchida cada vez mais até ter certeza de que explodiria, mas como eu poderia reclamar por sentir demais? Como eu poderia explicar que, se qualquer pessoa tentasse ferir meu homem ou minha filha, eu a rasgaria do avesso com minha fúria?

Como eu poderia reclamar que muitas vezes era difícil ficar dividida no meio do desejo de ser mãe e amante em partes iguais para as duas pessoas mais importantes que minha própria necessidade de respirar?

Max segurava minha mão enquanto dirigia, até que uma mensagem do

George me tirou das lembranças.

– Ah, que lindinha – eu disse, virando a tela do celular para o Max. Era uma foto da Anna dormindo no ombro do George, pressionando sua mãozinha contra sua boca perfeita.

– Talvez devêssemos enviar flores para ele na semana que vem, em agradecimento – Max disse, e depois eu reconheci a curva no canto de sua boca, sinalizando sua verdadeira intenção. – E dizer que são do Will.

– Não se atreva – eu disse, salvando a foto antes de guardar o celular. – Se funcionar hoje, nós vamos usar o George mais vezes. Talvez eu até mude seu cargo de assistente para babá e lhe dê um aumento.

– Acho que vou aceitar isso – ele disse, depois levou minha mão até a boca e deu um beijo. – Talvez assim eu possa roubar você por um fim de semana. Em algum lugar onde possamos ficar trancados o tempo todo, sem nenhuma roupa por perto. Que tal?

– Parece perfeito.

Meu celular vibrou na bolsa, e paramos por tempo suficiente para eu alcançá-lo e encontrar outra mensagem do George com uma foto da Anna dormindo profundamente no berço e vários emojis de coração.

Veja como ela está linda!

– Isso está fácil demais – eu disse. – Mas, em vez de questionar, vou guardar o celular de vez e aproveitar a noite ao máximo. E talvez, se você tiver sorte, vou deixar me comer quando voltarmos pra casa.

– Isso, minha flor, é a coisa mais incrível que ouvi hoje. – Max pousou a mão atrás do meu pescoço e me puxou. Deixei-me levar sem resistência, minha mente girando com o que poderia acontecer depois do jantar, aonde poderíamos ir e as deliciosas safadezas que ele poderia fazer comigo. Era isso o que estava faltando para nós. Max e Sara. A noite seria perfeita.

Max estacionou na frente do Granduca di Sicillia e um manobrista veio abrir a minha porta.

– Pode deixar, amigo – Max disse, dando a volta no carro e oferecendo a mão para eu descer.

Ciente de que estava de vestido, eu cuidadosamente joguei meus pés no chão para só então me levantar. A mão do Max estava quente e segura. Dei um passo

para frente com a intenção de segui-lo para o restaurante. Mas não consegui.

Mas o quê... eu quase engasguei quando percebi que estava presa. Ou, para ser mais precisa, meu *vestido* estava preso. A renda da minha saia tinha enganchado na trava interna da porta da bmw do Max.

– Espera um pouco... – eu disse, soltando Max para tentar enxergar melhor o estrago. – Meu vestido ficou preso.

Ele se ajoelhou do meu lado, mas eu dispensei sua ajuda.

– Não, só um segundo, eu vou...

A essa altura, o manobrista com a chave do Max tinha percebido que algo estava errado, e alguns outros funcionários também.

– Talvez se você tentar tirar aquele pedaço ali da trava – um deles disse.

– Não, isso só vai piorar. Está vendo aquele pedaço de renda? Vai ficar preso. Eu tenho uma tesoura. Posso ir lá pegar – disse outro.

– Caramba, está *mesmo* preso – disse o supervisor. – Como você conseguiu isso?

Quatro pares de mãos tentaram me soltar, mas eu afastei todos.

– Não. Por favor. É uma saia *vintage*. – Havia irritação em minha voz enquanto eu puxava um fio, tomando cuidado para não rasgar mais. Maldição, a saia não queria soltar de jeito nenhum, e eu já estava praticamente suando. – Foi um presente da minha mãe – acrescentei. – Deixa que eu dou um jeito...

– Oh – eles disseram ao mesmo tempo, e Max soltou um palavrão.

Então a saia rasgou. Tipo, realmente rasgou. Agora, em vez de um furo pequeno e fácil de esconder, havia um rasgo que começava na parte de baixo e subia até o topo da minha coxa. – Não acredito que isso acabou de acontecer – Max disse.

– Mas aconteceu – eu respondi.

– Sinto muito, flor. Você quer voltar pra trocar de roupa?

– Não é nada – eu disse, levantei e beijei seu pescoço. – É só o destino pregando uma peça depois que eu disse que estava fácil demais. É *claro* que alguma coisa daria errado.

– Eu estaria mentindo se dissesse que não gostei dessa pequena alteração – ele falou, olhando para minha coxa exposta.

– Está obsceno demais? – perguntei, sentindo uma excitação passar pelo meu

estômago diante de seus olhos arregalados.

– Absolutamente não. – Ele correu a mão sobre meu quadril e tocou a pele nua em minha coxa na frente de todos, na porta do restaurante.

Um calor correu em minhas veias. Será que ele iria brincar um pouco hoje? Será que me tocaria debaixo da mesa?

– Olha – ele disse, beijando meu pescoço –, o que você acha de ir ao banheiro consertar o que for possível, talvez checar com George como ele está se saindo, e enquanto isso eu confirmo nossa reserva?

Aceitei imediatamente.

– Acho ótimo – eu disse, apertando sua mão.

Não liguei para o George, achei melhor enviar uma mensagem e não arriscar acordar a Anna.

Sei que não preciso checar, então só quero dizer um oi. Oi.

Sua resposta veio em menos de um minuto.

Se vcs dois ainda não estão pelados, vou ficar desapontado.

Eu ri secamente enquanto digitava de volta.

Não, definitivamente não estamos pelados. Como está minha bebê?

Ele respondeu:

Perfeita. Está acordando agora, já coloquei o leite pra esquentar. Depois é hora de mamar e assistir a um filme.

Você é um salva-vidas.

Diga algo que eu não sei.

Olhei para o enorme espelho no banheiro e percebi que Max estava certo. O estrago não era tão grande. Satisfeita, fui procurar meu marido, digitando uma resposta no caminho.

Como poderei retribuir, George?

Traga algo brilhante pra mim.

Pode deixar.

E por “brilhante” quero dizer uns bofes vestindo sunga prateada.

Obviamente.

Sua última resposta apareceu um segundo depois:

É por isso que nós somos amigos.



Fomos conduzidos para nossa mesa pouco depois. Por causa do jeito que o Max me olhava – como se nada fosse dar mais prazer a ele do que me jogar naquela mesa na frente de todo mundo e jantar a *mim* –, eu não sabia como aguentaria as próximas duas horas.

Escolhi um risoto de mexilhões com bacon e cebolinha, e ele pediu um fettuccine com aspargos. O garçom trouxe uma garrafa de *pinot noir* e a ofereceu para Max inspecionar. Ele sorriu e fez um gesto para o garçom mostrar a garrafa para mim – o que era ridículo, considerando que eu mal bebia –, mas meus olhos se arregalaram ao reconhecer o rótulo. Era o mesmo vinho que tomamos no discreto jantar depois do nosso casamento na prefeitura. Meu marido ganharia uma *bela* recompensa mais tarde.

– Perfeito – eu disse.

O garçom sorriu e começou a retirar a rolha.

– É uma ótima escolha – ele disse, colocando a garrafa entre os joelhos para segurar com mais firmeza. Riu nervosamente e forçou o saca-rolha, mas a garrafa não parecia querer abrir. – Uau, realmente está apertado.

– Talvez se eu... – Max disse, mas a rolha saiu de repente com um som molhado, e tanto Max quanto o garçom olharam desconfiados. A rolha estava preta com uma gosma.

– Oh – nós dissemos juntos. Max parecia realmente desapontado.

– Essa é uma baita de uma metáfora sombria – brinquei, mas a expressão de Max dizia que ele não tinha achado nada engraçado.

– Sinto muito – o garçom disse, depois olhou ao redor como se alguém

estivesse ali para ajudá-lo.

– Esta garrafa claramente já venceu. Vou trazer outra. – Ele fez uma pausa, e eu percebi imediatamente que não era um bom sinal. – Ai, acabei de lembrar. Essa era a última.

– Não se preocupe, amigo – Max disse, olhando para o cardápio de vinhos. – Acontece nas melhores famílias. Vamos ficar com o MacRostie mesmo.



O vinho foi servido e eu apanhei um pedaço de pão enquanto esperávamos nossos pratos.

– Então, como a Anna se comportou hoje? – perguntei.

Max me olhou sobre a borda da taça de vinho, curvando a boca num sorriso provocador.

– Acho que combinamos em deixar de lado qualquer conversa sobre bebês hoje, sra. Stella – ele disse. – Mas como gosto de aproveitar todas as oportunidades para falar sobre nossa filha, posso dizer que ela foi perfeita, como sempre. Minha mãe gosta muito de ficar com ela. Sem falar do Will, embora ele não faça nada além de caretas ridículas pra ela.

Como se fosse combinado, meu celular vibrou ao lado do prato e eu olhei para a mensagem na tela.

Sua filha não está impressionada com Ryan Gosling. Isso claramente é culpa do DNA do seu marido.

Junto com a mensagem havia uma foto dos dois no sofá, com a Anna fazendo uma careta hilária para a câmera.

Mostrei para o Max e digitei uma resposta rápida antes de colocar o celular – com a tela para baixo – de volta sobre a mesa.

Max pegou minha mão, esfregando o polegar sobre minha aliança.

– Eu não me importo de você olhar o celular, sabe? Esta é nossa primeira noite sem ela. É normal sentir um pouco de ansiedade. *Eu* estou um pouco ansioso.

– Não parece – eu disse. – Você nunca parece ansioso. Juro que você tem o rosto mais enigmático que já vi.

– Acho que isso não é verdade. Eu sentia que não conseguia esconder nada de você. Tinha certeza de que você já sabia que eu estava louco por você logo depois de nos conhecermos.

– Mas você bancou o difícil muito bem. Até mesmo eu... – Meu celular vibrou novamente e eu segurei um gemido de frustração.

Eram mais comentários sobre o filme e, honestamente, se não fossem as fotos adoráveis e se não o amasse tanto por fazer isso por mim, eu provavelmente chutaria seu traseiro para que parasse de me importunar nos próximos quarenta e cinco minutos.

A Anna estava mais agitada do que o normal? Ou fazendo esse movimento em que puxa o corpo pra cima antes de chutar e chorar?

– A Anna estava agitada hoje? – perguntei para o Max, sentindo uma súbita preocupação de perder algo importante por estar longe.

– Talvez um pouco, mais para o fim do dia, mas nada demais. Achei que estava pronta pra voltar pra casa, só isso. – Digitei:

A gente não notou nada. Por quê? Ela está bem?

Tenho certeza de que não é nada. A barriga dela parece um pouco mais barulhenta que o normal, vou fazer uma pequena massagem nela. Tentar tirar todas essas bolhas de gás.

Foi a resposta de George.

– Ela não está se sentindo bem. Quer dizer, ele acha que são só gases, mas não sei.

– Você acha melhor a gente ir embora, flor? – Max perguntou, a preocupação visivelmente crescendo em suas feições.

– Não sei.

E não sabia mesmo. Não sabia se este era um desses momentos nos quais eu precisava dizer para o meu lado superprotetor se acalmar, ou se deveria me entregar à preocupação crescendo em meu peito. Um bebê começou a chorar no restaurante e eu fechei os olhos com força. É claro que isso aconteceria agora. Eu já conseguia sentir meus seios cada vez mais pesados e sensíveis. Meu leite estava começando a descer e eu não tinha um bebê nem uma bomba por perto. A noite estava começando a despencar, e rápido.

Um movimento chamou minha atenção, e senti meus ombros relaxarem quando vi o garçom se aproximando com nossos pedidos.

– Graças a Deus – Max disse. – Você acha melhor pedir pra embrulhar?

O celular vibrou na mesa de novo, tão perto dos talheres que causou um tilintar. Ao servir meu prato, o garçom me olhou de lado.

Então, a Anna está se sentindo melhor agora. Infelizmente, ela se sente melhor pq vomitou em cima de mim. E no seu sofá. Mas pelo menos foi uma evacuação útil.

– Ela vomitou na camisa italiana do George. Talvez seja melhor enviar flores e chocolate – eu disse. – E definitivamente vamos pedir para embrulhar.

Existem momentos em que você tem certeza de que o universo está dotado de senso de humor, quando você jura que alguém lá em cima está fazendo piada com a sua vida. Meu celular vibrou de novo, fazendo meus talheres tilintarem outra vez. Fui pegar o telefone no segundo em que o garçom apanhava o prato do Max, e no *exato instante* a pessoa na mesa ao lado se levantou, empurrando a cadeira. Eu peguei o celular, a cadeira bateu no garçom e o prato do Max cheio de molho branco saiu voando e... caiu em seu colo.

Água espalhou-se por toda parte, sobre a mesa, dentro do meu celular, na calça do Max... onde uma mistura gosmenta estava fumegando. Eu me afastei do caos, arregalando os olhos de horror. Uma criança perto de nós começou a chorar; olhei para o Max e a enorme lambança em seu colo.

– Está tudo bem – ele me acalmou, pegando um guardanapo e tentando limpar a calça. Meu celular vibrou na mesa com outra foto do George.

– Está tudo bem, flor. Pode deixar.

Eu me sentei, tremendo.

– Isso é um desastre. Só quero voltar pra casa e ver minha filha. – Fiz uma pausa quando o Max parou de se limpar e olhou para os meus peitos. Senti meu pescoço e rosto aquecendo de humilhação.

– Ah, *merda*.

Quando o Max olhou para mim e percebeu que meu leite tinha vazado através do vestido vermelho, criando dois grandes círculos molhados, percebi que sua paciência tinha se *esgotado*.

Jogando algumas notas de vinte sobre a mesa, ele se aproximou e me ajudou a levantar, envolvendo meu corpo em seu casaco.

– Vamos pra casa.

Eu me ajeitei ao lado dele e andamos rapidamente, em silêncio, até chegarmos lá fora. Não aguentei e comecei a rir loucamente.

– A gente podia ter jantado cereal, de pijama no sofá!

– Exatamente – ele respondeu, entregando o tíquete para o manobrista buscar nosso carro. Frustração e um sentimento de proteção transbordavam em seus gestos. – Uma tigela gigante de Sucrilhos e...

– Senhor – o manobrista interrompeu, olhando para o tíquete. Seu rosto estava branco. – Nossas sinceras desculpas, mas preciso lhe informar que houve um pequeno acidente...

Três

Eu podia ouvir o choro da Anna ainda no elevador e imediatamente soube que o George não tinha conseguido dar a mamadeira a ela.

Sara disparou correndo e se atrapalhou toda com as chaves até eu chegar e abrir a porta. Lá dentro, George entregou a bebê e – decifrando corretamente a expressão de Sara – insistiu dizendo que ela estava bem, que tinha acabado de acordar, mas que não queria a mamadeira e que já tinha tomado uma antes.

Não importava saber que ela já tinha jantado. Sara agradeceu num sussurro cheio de pânico e a levou para o berçário para dar de mamar. – Você teve um acidente? – George disse, apontando para minha calça.

Quando Sara desapareceu no corredor, eu me virei para ele.

– O garçom teve um acidente, pouco antes de Sara ter um acidente, pouco antes do manobrista enfiar meu carro num pilar de concreto.

– Então o jantar foi ótimo, hein?

– Uma noite maravilhosa. – Só depois de olhar novamente para ele é que registrei a camisa que estava vestindo. – Essa camisa é minha?

George desceu a mão pelo peito até os quadris.

– Em mim parece mais um vestido. – Ele agarrou o tecido sobrando e fechou o punho. – Quase usei uma das echarpes da Sara como se fosse um cinto.

– Então... sua noite teve um pouquinho de vômito?

Ele confirmou, soltando a camisa.

– Foi quase uma cena do Exorcista.

– Foi mal – murmurei, sentindo uma exaustão súbita. – Juro que às vezes ela parece vomitar mais do que comeu.

– Não foi nada, sério. Foi muito melhor do que quando um cara que eu ia pegar vomitou em mim, porque pelo menos a Anna dormiu abraçadinha comigo depois.

– Valeu, cara. Tomar conta da minha filha hoje foi algo realmente generoso.

George deu um tapinha em meu ombro.

– Vou deixar vocês dois a sós. Diga a Sara que eu a vejo na semana que vem.

– Pode deixar.

Depois de fechar a porta quando ele saiu, joguei minha calça na máquina de lavar e atravessei o corredor na direção do quarto da bebê, sentando em meu lugar de sempre no carpete macio perto da cadeira de balanço.

– Como está minha garota?

Sara sorriu olhando para Anna.

– Ela está bem.

Eu lambi os lábios, estudando seu rosto. Ela tinha relaxado assim que colocou nossa filha em seus braços.

– Eu quis dizer minha esposa.

Seus enormes olhos castanhos se encontraram com os meus e ela riu.

– Eu também estou bem.

Sara voltou a olhar para Anna e começou a cantar baixinho, acariciando seu rosto com o polegar.

Fiquei olhando a pequena mão procurar cegamente até encontrar o dedo indicador de Sara e apertar.

Esticando meu braço, segurei o calcanhar da minha esposa e fechei os olhos.

Tudo que eu podia ouvir era o cantarolar de Sara e os leves sons da nossa filhinha. Nosso mundo estava infinitamente melhor assim, mas tínhamos que aceitar que, pelo menos por enquanto, também estava muito menor.



Um toque em meu ombro me fez acordar assustado. O chão do quarto, eu dormi no chão do quarto da Anna...

Olhando para cima, fui agraciado com a visão de Sara vestindo um sutiã de renda que apertava seus peitos até eles quase derramarem para fora. Meu olhar foi descendo até ser capturado pela calcinha minúscula que completava o conjunto.

– Pijama novo? – perguntei, apoiando-me no cotovelo.

– Presente da Chloe.

– Pra você ou pra mim?

– Pros dois. – Ela fez um gesto com o dedo me chamando para perto enquanto

saía do quarto de costas. Eu me levantei, seguindo seus passos até ela parar no meio do caminho, em cima do tapete macio no corredor.

– Aqui? – perguntei, chegando mais perto e me abaixando para beijar seu pescoço.

Ela exalava um leve toque de perfume – um aroma familiar que parecia uma mistura de floral e cítrico, que ela sabia que me enlouquecia. Vendo a Sara desse jeito, vestindo somente lingerie, com os cabelos longos e soltos chegando até a metade das costas, bem escovados, me fez pensar que fazia uma eternidade desde a última vez que tínhamos nos preparado assim. Nós costumávamos transar freneticamente ou nos perder num jogo luxurioso.

Agora, havia apenas sexo frenético ou exausto, e eu não conseguia parar de pensar que deveria levá-la para o nosso quarto e tratá-la com gentileza e paciência.

– Sim, aqui – ela sussurrou, subindo na ponta dos pés para raspar os dentes sobre meu queixo. – Lembra daquela vez quando jantamos na frente da televisão e eu te fiz uma surpresa colocando um filme de nós dois? – Sara arrastou os dentes em minha orelha. – Você ficou tão excitado que acabou me comendo aqui mesmo no corredor. Eu com a bunda empinada, as mãos na parede e as pernas abertas. Lembra?

Eu definitivamente lembrava. Já transamos várias vezes no corredor – o tipo de sexo desvairado pré-gravidez, quando não conseguíamos nem chegar no quarto. Aquelas vezes eram rápidas e malucas, um borrão de movimentos selvagens até cairmos no chão, suados e seminus. No dia do filme, eu tinha me assistido dominando e estapeando a Sara, e fiquei tão excitado que acabamos recriando a cena no corredor mesmo.

Mas hoje, com Annabel dormindo profundamente, por que iríamos...?

– Eu gosto desse tapete – ela explicou, deslizando pelo meu corpo até se ajoelhar. Meu cérebro teve um curto-circuito quando ela olhou para cima com uma expressão safada. – É macio e grosso e não machuca meus joelhos. – Ela puxou minha cueca para baixo e libertou meu pau, observando-o crescer enquanto fechava o punho em volta da base. Sara delineou um lento círculo na ponta usando a língua. – E eu também gosto do seu sabor – ela continuou, sorrindo para mim. – Você acha estranho? Abri a boca, procurando algum som, até que finalmente soltei um grunhido.

– Não.

Ela mordeu os lábios, observando sua mão trabalhar um pouco antes de chupar a cabeça novamente. Soltei um gemido, sentindo o prazer dos movimentos da sua língua.

– Eu gosto da doçura – ela sussurrou, olhando para mim. – Relaxa. A noite foi um desastre, mas foi um desastre *engraçado*. E eu quero mais.

Sara me apertou, tirando gotas da ponta e lambendo.

– Como é me assistir fazendo isso?

Minha boca se abriu e tentei falar alguma coisa, mas só consegui soltar mais grunhidos. Sua língua passou sobre a parte logo abaixo da cabeça do meu pau, e minha mão apertou sua nuca; o ar estava preso na minha garganta.

Afastando os lábios com um beijo molhado, ela perguntou:

– Quando foi a última vez que você gozou na minha boca?

Eu sabia a resposta sem precisar pensar demais: duas semanas depois da bebê nascer, quando ainda não podíamos transar. Estávamos delirando por causa do sono atrasado e sentindo uma euforia por causa de nossa vida perfeita. Gozei em seus lábios não porque ela brincou comigo por muito tempo, mas porque não nos tocávamos fazia várias semanas e eu estava carregado.

– Tem um tempinho – admiti.

Ela concordou, fazendo beicinho antes de sorrir e beijar um caminho pela extensão do meu pau.

Eu queria suas mãos em mim, agarrando e puxando, desesperada, como quando ainda tínhamos energia para algo assim. Eu queria aquelas lambidas sobre minha pele e a vibração dos sons de seu prazer, queria aquela velha urgência. Ela se abaixou, lambendo outro caminho molhado da ponta até as bolas, sorrindo com os olhos, encarando-me, até esticar a língua e fazer vários círculos sobre a cabeça do meu pau.

Caralho.

Meus dedos entrelaçaram-se nos seus cabelos, massageando, guiando os movimentos enquanto eu falava coisas sem sentido; encorajando, implorando, elogiando sua perfeita boquinha doce.

– Adoro essa boca. Adoro quando você faz isso. – Desci um dedo da testa até seus lábios, sentindo a Sara deslizar para frente e para trás sobre mim. – Aposto que você consegue aguentar até o fundo, não é mesmo? – eu disse, sucumbindo ao que eu tanto queria.

Ela aumentou a intensidade até seus olhos começarem a lacrimejar, e então finalmente me soltou, recobrando o fôlego enquanto me encarava. Eu estava mais duro do que estive em meses, praticamente tremendo com a necessidade que sentia por ela.

Eu precisava de seus profundos olhos castanhos, precisava de sua voz discreta e rouca e de suas mãos, ao mesmo tempo suaves e fortes. Eu queria suas costas arqueadas e o sabor delicioso entre suas pernas e o aperto que ela dava ao gozar de repente com um grito de surpresa. Já transamos centenas de vezes, e em cada uma dessas vezes ela foi uma mulher diferente – uma nova descoberta –, revelando algo novo de si mesma.

Com meu pau entre os lábios, Sara levou as mãos até suas costas e abriu o sutiã, deixando-o escorregar pelos braços até cair no chão.

Seus olhos brilhavam ao olhar para mim e, quando Sara começou a tocar seus mamilos, atingi meu limite.

Uma perfeita sucção, sua bunda gostosa perfeitamente à vista... *meu Deus*. Fechei os olhos e me entreguei ao impulso que se acumulava em minhas coxas, subindo e endurecendo...

Ouvimos uma leve batida no quarto ao lado: era a Anna rolando no berço. Ela tossiu algumas vezes.

Comecei a me mexer, mas a Sara plantou as mãos nos meus quadris com uma urgência discreta. – Ela está bem. Você está tão perto, meu amor, não saia daqui.

E então a bebê começou a chorar.

Sara deslizou a boca para baixo novamente, chupando forte e rápido, implorando com os olhos para eu relaxar, gozar e manter o momento vivo, mas como diabos eu deveria foder sua boca com nossa filhinha chorando no quarto ao lado?

É *choro de fome*, a Sara uma vez me disse. *Você consegue ouvir?*, ela perguntara. *Como soa diferente?*

Eu sabia, sem nem precisar perguntar, que seus peitos estavam pesados e cada vez mais desconfortáveis.

Desta vez, quando dei um passo para trás, ela não me impediu.

Passei meu polegar de sua testa até seu rosto, pousando em sua boca macia e molhada.

– Flor. Pode ir.

Com um sorriso de desculpas, ela tomou minha mão e se levantou. Ela estava tão linda na minha frente, com os seios à mostra, vestindo apenas a calcinha de renda, as pernas torneadas e lisas. Sara se esticou e me deu um beijo lento e suave, prendendo meu pau entre nós dois.

– Mais tarde terminamos?

– É claro – murmurei, beijando sua testa.

Sua bunda, quando ela se virou para entrar no berçário, estava sublime. E então ela se abaixou, apanhou a bebê e se dirigiu para a cadeira de balanço.

Em vez de me sentar aos seus pés como de costume, fui até nosso quarto para deixar meu corpo esfriar.

Vinte minutos depois, senti a Sara subir na cama atrás de mim. Sua mão estava quente, deslizando pelo meu peito. Sua boca estava macia e molhada sobre a pele nua do meu ombro.

– Você está acordado? – ela sussurrou, deixando a mão descer pela minha barriga, debaixo das cobertas. Meu corpo começou a responder quando ela me agarrou, mas eu estava tão perto de dormir, estava tão exausto. Segurei sua mão e a levei até meu peito, dizendo sem palavras que deixaríamos para depois.



– Bom dia, flor do dia. – Will estava sentado na minha cadeira, com os pés sobre a minha mesa. Olhei para ele e fechei a porta do meu escritório.

– Você está confortável aí?

– A minha sala é melhor. Como foi sua noite épica?

– Levemente frustrante.

Sua expressão divertida diminuiu com a minha resposta, provavelmente honesta demais. Will se endireitou e plantou os cotovelos sobre os joelhos.

– O que aconteceu?

Deixei minha bolsa com o laptop sobre a mesa e me sentei na sua frente.

– O George foi bom, o problema foram as mensagens que não paravam de chegar, os acidentes no restaurante e o sexo que acabou não acontecendo.

– Que tipo de acidentes?

– Molho branco e água na minha calça, os peitos da Sara vazando através do vestido, o manobrista raspando meu carro. Você sabe, coisas normais que

acontecem quando você sai pra jantar fora.

Will levantou a mão.

– Espera aí. Explica melhor essa coisa dos peitos e do vestido... Eu suspirei.

– William. Às vezes você me decepçiona com a sua previsibilidade.

Mas ele já estava sacudindo a cabeça.

– Estou honestamente curioso. Eles... *vazam*?

Senti minhas sobrancelhas se juntarem.

– Bom... sim. Claro que sim. Você sabe de onde vem o leite, não é? Sabe pra que serve? Sabe que a fonte não existe só pro seu prazer?

– Não tire sarro, Max – ele disse, apontando um dedo ameaçador. Ele parecia um pouco confuso. –E eles *vazam*, tipo, *constantemente*?

– Não constantemente, seu idiota. Só quando ela passa muito tempo sem amamentar ou se ouve a Anna chorando... – Eu estremeci e olhei em seus olhos.

– Ou qualquer bebê chorando, aparentemente.

Para ser honesto, isso foi algo que eu não tinha previsto.

Eu não sabia o que dizer. Eu não achava que estava traindo a privacidade da Sara conversando sobre isso; era como se eu tivesse acesso a uma sala secreta no clube dos homens e não deveria entregar a senha para o Will até que chegasse sua vez. Ele deveria sofrer um pouco.

Mostrei meu sorriso mais condescendente.

– Muitas coisas acontecem com o corpo de uma mulher que até mesmo você nunca viu. Ele revirou os olhos.

– Não banque o espertinho comigo.

– Por quê? – Ergui uma das minhas sobrancelhas. – Fazer isso me dá tanta alegria.

Will inclinou a cabeça, como se estivesse considerando me contar ou não uma coisa. Ele cerrou seus olhos azuis e um pequeno sorriso tomou conta de metade da sua boca.

Esperei até ver que ele não aguentaria mais. Continuamos nos encarando por pelo menos mais dez segundos.

– Certo. Aqui vai – ele disse, soltando um suspiro. – Eu já fiquei com uma mulher grávida antes.

Fiz uma careta involuntária.

– Bom, já que eu sei que você nunca engravidou ninguém, vou ser direto: isso é bem esquisito.

– Pois é... Já fiz muita merda no passado que não faria hoje. Mas nunca fiquei com uma mulher que... – Ele olhou para o seu próprio peito e depois voltou a me encarar, com as sobrancelhas levantadas.

– Certo, certo – eu disse, esfregando a nuca. Will era um conhecido adorador de peitos femininos, então achei estranho ele nunca ter demonstrado pensar nessa vantagem da maternidade antes. – E como é o sabor? – ele perguntou de repente.

Eu gemi e esfreguei os olhos.

– William.

– *Maximillian*. Nem tente fingir que você nunca experimentou.

Eu me lembrei da conversa que tive com a Sara na primeira semana em que voltamos para casa. Nós estávamos sob o efeito dos primeiros dias, com pilhas de louça suja na pia e vestindo as mesmas roupas do dia anterior. Sara estava sentindo dores, e eu fiz o que pude para ajudar: com minhas mãos, com minha boca. Ela ficou me olhando, com olhos arregalados, agradecida, arranhando as unhas gentilmente sobre minha cabeça, e então perguntou qual era o sabor.

Pisquei de volta para o presente.

– O sabor é... doce – admiti.

Ele gemeu, fechando os olhos.

– Acho que preciso chamar a Hanna pra almoçar em casa...

– Deus, você é patético.

Ele abriu os olhos e me estudou.

– Você gostou.

– Os peitos dela são gloriosos. É *claro* que eu gostei.

– Não só isso. Você gostou da *coisa*. – Ele se inclinou para frente, forçando meus olhos a encará-lo. – Gostou sim! Você gosta quando eles vazam e acha isso esquisito. Está sentindo vergonha, Gigante Gentil?

Eu me afastei, sacudindo a cabeça.

– Absolutamente não.

– E por “absolutamente não” você quer dizer “estou absolutamente horrorizado por gostar do...”.

– Estou perto de chutar o seu traseiro até você sumir da minha sala.

Ele riu, inclinando a cadeira nas pernas de trás.

– O que significa que estou perto de desvendar a verdade.

– A *verdade*, seu mané idiota, é que agora existe um equilíbrio esquisito. – Hesitei por um instante, tentando organizar meus pensamentos. – Sim, é claro que há coisas surpreendentemente excitantes. Mas antes éramos só *nós*. Max e Sara, morando juntos, ainda conhecendo um ao outro. É como você e a Hanna agora: vocês podem ficar fora de casa o quanto quiserem, podem ser escandalosos na cama, podem viajar no fim de semana sem avisar ninguém. Nós estávamos no meio disso tudo, e agora existe uma garotinha em minha vida que é mais importante do que qualquer coisa. E... – Eu apertei minha nuca. – Eu não esperava isso. Não esperava sentir tantas coisas ao mesmo tempo. Sinto como se estivesse andando por aí com meu coração pra fora do corpo, e agora é ainda mais intenso por causa da Sara. Eu não sabia o quanto seria difícil presenciar sua energia dividida. Então, pois é, o fato é que eu basicamente quero transar com ela o tempo todo, mas fico preocupado que vou...

Ele ficou em silêncio, apenas ouvindo. E, como eu não sabia mais como explicar a estranha tensão dentro de mim, acrescentou:

– Você se sente culpado.

– Um pouco. – Passei a mão sobre a boca. – Quer dizer, veja só. Não tenho muita utilidade no momento. A Sara alimenta e dá conforto a ela. A Anna quer sua mamãe, entende? Posso trocar as fraldas, cantar pra ela, levá-la pra um passeio, mas ela ainda não precisa de *mim*. – Abri um sorriso triste, odiando a maneira como aquilo soava. – Mas eu preciso de muito mais. Parece egoísta querer que o sexo seja tão épico quanto era antes. Agora as coisas não são mais apenas sobre mim. – Engraçado você não mencionar o que a *Sara* quer.

Soltei um gemido frustrado.

– Ela quer que eu volte a ser um pouco mais intenso, acho.

Ele congelou do outro lado da mesa.

– Então qual é o problema, porra? Vocês dois querem a mesma coisa, seu pateta. – Will se inclinou para frente, com uma expressão deliberadamente neutra. – Vocês ainda estão fazendo... o negócio na boate do Johnny?

Eu sempre me perguntei o quanto o Will realmente sabia sobre isso. Aparentemente, ele sabia bastante.

– Faz muito tempo que não fazemos isso – admiti, quase sussurrando. – Não desde que ela engravidou. Mas ela quer voltar.

– E você não quer? – ele perguntou, surpreso.

– Você gosta da ideia de deixar alguém assistir você com a Hanna?

Ele começou a assentir, mas parou.

– Sim e não. Eu gosto da ideia de estranhos assistindo enquanto eu faço o que quiser com ela, mas não quero realmente que outros homens fiquem fantasiando sobre ela desse jeito.

– Então, acontece que eu não me importo com isso. Mas considere sua opinião agora e depois imagine quando a Hanna tiver um filho seu. Quando ela for mãe, quando estiver amamentando, quando estiver sempre cansada e miúda igual a Sara. Sim, eu gosto pra caralho do corpo dela do jeito que está, mas sinto que isso é algo privativo, e se o mundo se intrometesse, eu poderia ir longe demais, e isso poderia acabar machucando-a. Nunca pensei assim quando ela estava grávida porque não existia nada de vulnerável em Sara, mesmo quando ela estava prestes a dar à luz. Ela se comportava como se soubesse que estava maravilhosa. Agora, se alguém não gostasse de sua aparência, eu chutaria o traseiro dessa pessoa até seus dentes voarem para fora.

Will olhou para mim com uma expressão vazia e soltou um bocejo fingido.

– Então você acha que estou sendo superprotetor demais.

– Igual um babaca – ele disse. – Você mesmo falou que isso é a sua fantasia. Pode não ser a minha, mas se a Sara gosta, por que você acha que deve ser diferente só porque agora tem um bebê em casa?

Eu me recostei na cadeira e sacudi a cabeça para ele.

– Essa conversa está intensa demais. Leite materno, fantasias sexuais, casamento. Você consegue mesmo continuar? Desde quando você se tornou um homem, William?

– Rá. Isso não é nada comparado com certos assuntos que a Hanna quer discutir comigo – ele disse, depois começou a rir. – Quer dizer, olha só. A Annabel tem só quatro meses. Sabe quando você sai do cinema ainda de dia e fica cego e desorientado por alguns segundos até seus fotorreceptores...

– *Will*. Concentre-se no assunto, porra.

– O que estou tentando dizer é que você ainda está preso nesses segundos. Você saiu da sala escura e não tem ideia de como é o exterior.

– Certo. Boa metáfora.

– Você está tentando reconhecer alguma coisa da sua vida de antes. Você quer sexo desesperado. Você quer sexo do tipo que destrói os móveis da casa. Você quer sexo na boate. *E* você quer fazer tudo isso com aqueles peitos maravilhosos.

Mordi meus lábios e depois admiti.

– É verdade.

– Deixa a gente cuidar da Anna. Afinal, somos os padrinhos, não é mesmo? – Ele ergueu a mão, impedindo que eu respondesse. – Quer dizer, sei que você ainda não se decidiu, mas nós seríamos muito melhores que a Chloe e o Bennett porque, sejamos sinceros, eles são uns cretinos.

Eu explodi numa risada.

– Mas o Bennett sabe lidar com crianças. Ele tem uma sobrinha.

– Ele morre de medo de recém-nascidos. O Henry disse que ele segurava a Sophia como se fosse uma bomba prestes a explodir, e só depois passou a lidar melhor com ela. Ele acha que vai quebrar a Anna só de olhar. E, pra ser honesto, eu não duvido disso. Às vezes ele também é um bebê chorão. Já a Hanna e eu... a gente vai dar um jeito. – Chegando mais perto, ele deu uma piscadela. – Afinal, somos *cientistas*.

–

Quatro

Por mais que Max, Bennett e Will fossem parecidos, suas diferenças eram ainda maiores. O primeiro instinto do Bennett era *sempre* liderar, encontrando a maneira mais rápida de ficar na frente e nunca largando o osso. Max era o charmoso – um grande empresário, mas também um docinho de coco –, o cara que sabia que você pegava mais moscas com mel do que com vinagre. E o Will era o pensador, aquele que destrinchava uma situação até entender exatamente qual era o problema para poder consertá-lo. Foi por isso que, quando o Max sugeriu que o Will e a Hanna cuidassem da Anna enquanto nós tentávamos o Jantar Desastroso pela segunda vez, eu acabei concordando. Will e Hanna eram duas das pessoas mais inteligentes que eu conhecia; se havia alguém que pudesse desvendar o segredo dos bebês, seriam eles dois.

Nós já estávamos prontos para sair quando eles chegaram em nosso apartamento, na sexta-feira seguinte.

Will estava vestindo uma camiseta de alguma banda que eu nunca tinha ouvido falar, e tinha uma expressão desconfiada no rosto. A Hanna, como sempre, parecia estar se divertindo atazanando o Will.

– Você não está com medo de um bebezinho, não é? – ela perguntou quando eles entraram.

– É claro que não – Will disse, desenrolando um cachecol azul do pescoço. – Só que entre oito e quarenta por cento dos bebês sentem cólicas, Hanna. Quarenta por cento. É quase a metade, no cenário mais pessimista, e se você considerar isso junto com o número de bebês que nascem todos os anos, as chances da Annabel são...

– Ela não sofre de cólicas, seu mané – Max disse, puxando-o para dentro até poder fechar a porta. – Hanna, espero que ele seja brilhante com seu imposto de renda, ou pelo menos que seja uma boa transa.

– Na verdade, ele é as duas coisas – ela disse, depois entregou seu casaco para o Max. – E não se preocupe, eu já fui babá centenas de vezes quando era mais jovem. Provavelmente cuidei de todas as crianças da minha vizinhança. Sou muito boa com bebês.

Will se posicionou ao seu lado, envolveu-a com os braços e plantou um

pequeno beijo em seu nariz.

– Como isso foi possível quando você estava tão ocupada sonhando comigo?
– ele perguntou, sorrindo.

Hanna sacudiu a cabeça e deu tapinhas no rosto do Will.

– É tão bonitinho quando você acha que tudo é sobre você – ela disse, e Max começou a rir. Willera nosso notório mulherengo, e era incrível saber que ele finalmente tinha encontrado uma mulher que conseguia domá-lo.

– Obrigada de novo, vocês dois – eu disse, empurrando o Will para poder abraçar a Hanna. – Nem sei se deveria ser otimista, então acho que apenas vou desejar boa sorte.

– Não seja boba – Will disse. – Nós, e por “nós” eu quero dizer a Hanna, vamos cuidar de tudo. Estou aqui apenas para abrir potes, matar aranhas e trocar lâmpadas, se necessário.

Hanna concordou.

Mesmo assim, fiz questão de mostrar onde tudo estava, passei uma lista de telefones de emergência e depois agradei pela centésima vez.

– Ela acabou de mamar e já trocou de roupa. Tenho certeza de que vai se comportar... na verdade, essa é a hora em que ela geralmente dorme, então não deve acordar até mais tarde, quando nós já estivermos de volta. Mas, só por precaução, estaremos no restaurante da esquina.

Hanna assentiu e apanhou uma roupinha da Annabel de uma pilha no sofá.

– Não se preocupe – ela disse, ajeitando a pilha novamente. – Mesmo se ela acordar, tenho certeza de que o maior problema vai ser impedir que Will fique fazendo caretas pra ela.

Max vestiu seu casaco e me ajudou com o meu.

– Crianças, nada de convidar garotos – ele disse. – Nada de filmes eróticos também. Deixamos o dinheiro para a pizza em cima da mesa.

Will revirou os olhos e nos empurrou porta afora.

– Eu já disse, vai ficar tudo bem – ele repetiu, acenando para nós da porta. – Eu sou treze vezes maior do que ela. Treze vezes! O que poderia dar errado?



Não queríamos nenhum restaurante chique ou garrafas de vinho sentimentais.

Em vez disso, paramos num pequeno restaurante descendo a esquina e nos sentamos na primeira mesa que encontramos.

Havia uma sensação de urgência no ar, como se um relógio estivesse contando os minutos em algum lugar, como se de jeito nenhum conseguíssemos passar ilesos por esta noite, talvez nem mesmo pelo jantar, sem Will ou Hanna ligando para nós com algum tipo de emergência real ou imaginária.

– Você acha que vai ficar tudo bem? – perguntei, dobrando e redobrando o guardanapo na minha frente.

Seus olhos se encontraram com os meus atrás do cardápio e ele encolheu os ombros.

– É claro que sim. A disposição da Annabel é igual à da mãe dela. Não posso imaginá-la causando problemas pra ninguém.

Eu ri.

– É possível que você esteja errado nessas duas afirmações, sr. Stella.

O garçom parou diante da mesa e fizemos nosso pedido, embora eu não soubesse bem por quê. Estávamos num restaurante por mera formalidade, só para fingir ser um encontro normal, antes que eu arrancasse suas calças.

Algo que eu queria fazer naquele instante.

Nossa comida chegou, e demorou apenas mais quinze minutos antes do celular do Max vibrar na mesa e ele atender, sorrindo antes de virar a tela para mim.

– Olha só pra ele – Max disse. Era uma foto do Will segurando a Anna, com uma expressão tão orgulhosa que parecia que ele tinha acabado de alcançar a fissão nuclear, e não trocado uma fralda.

Ele estava fazendo um joinha para a câmera.

Um joinha muito branco, para ser exata. Hanna escreveu:

Ele conseguiu!

– Isso é...? – comecei a perguntar, cerrando os olhos e me inclinando para frente, tentando ver melhor. – Isso é talco de bebê?

– Acho que sim – Max disse, olhando a foto de novo. Parecia que um bolinho cheio de açúcar de confeitiro tinha explodido sobre ele. Tinha talco no cabelo, nas sobrancelhas, espalhado no rosto e cobrindo as duas mãos, a que segurava a bebê e a que fazia joinha para a câmera.

– Ele vai se divertir limpando tudo isso – eu disse, sacudindo a cabeça antes de terminar meu hambúrguer.

– Vai ser bom pra ele – Max disse, enviando uma resposta para a Hanna antes de guardar o celular.

– Você acha que o Will e a Hanna estão prontos para terem um filho?

– Acho que o Will estaria pronto pra qualquer coisa que a Hanna quisesse. Deus, se ela pedisse pro Will entrar num grupo de tricô, ele responderia perguntando que tipo de lã combina melhor com a pele dele. É hilário ver esse cara tão amarrado. Algo me diz que a situação de hoje é exatamente o que eles precisavam.

– Então você acha possível que a gente consiga mais umas horinhas?

Max limpou a boca e jogou o guardanapo sobre o prato.

– Não quero chamar o azar, mas acho que sim.

Já fazia dez minutos desde a última mensagem do Will – um intervalo muito maior do que o George conseguiu – e eu tive uma ideia. Tudo estava bem em casa e eu *não* iria desperdiçar uma oportunidade de ouro como esta.

– O que você está fazendo aí, flor? – Max perguntou, apontando para meu celular.

– Ah, só procurando uma coisa.

– Uma “coisa”?

– Uh-hum.

– Não quer explicar melhor?

Em vez de falar, eu virei o celular para que ele pudesse enxergar a tela. Percebi em seu rosto o momento exato que ele entendeu.

– As coisas estão indo tão bem em casa que nós seríamos uns idiotas se não aproveitássemos...Estou reservando um quarto onde você poderá gritar o quanto quiser sem se preocupar em manter um ouvido no monitor da Anna. Quer dizer, se você estiver interessado... – eu acrescentei, abrindo um sorriso malicioso.

– Interessado? Vou pagar a conta de todo mundo no restaurante se isso for nos tirar daqui mais rápido – ele disse, fazendo um sinal para o garçom trazer a conta. – Já mencionei o quanto eu amo você?

– Uma vez ou outra – eu disse, sorrindo quando o garçom colocou a conta sobre a mesa. Continuei minha busca no celular até encontrar o que estava

procurando.

– Então, agora nós somos o tipo de casal que aluga quartos por hora? – Max brincou, levantando-se para levar nossa conta até o caixa. Ele esfregou o queixo.
– Estou surpreendentemente confortável com isso.

Era impossível não sentir como se estivéssemos fazendo uma travessura quando chegamos ao pequeno hotel do outro lado do quarteirão. Não tínhamos bagagem, a reserva tinha menos de quinze minutos, e eu tinha certeza de que a maneira como olhava para o Max – como se fosse jogá-lo sobre o balcão a qualquer minuto – pode ter sugerido para quem quisesse ver que nossa intenção não era apenas tirar um cochilo no quarto.

Sem mencionar que a carteira de motorista que Max usou como identidade mostrava um endereço que ficava a menos de dez minutos dali. Dane-se. Eu estava indo transar com meu marido; eles podiam pensar o que quisessem.

– Se possível, gostaríamos de um quarto na parte mais vazia do hotel – Max disse. – Nossa intenção é fazer barulho.

O funcionário olhou para a identidade do Max por um segundo, depois voltou a olhar para ele.

Com uma expressão entediada e revirando os olhos, ele passou nosso cartão.

Dentro do elevador, Max me pressionou contra a parede, enterrando a mão em meus cabelos.

– Me diz o que você quer, minha doce Sara – ele disse, passando a ponta do nariz sobre meu queixo. – Esta é a sua noite, e quero fazer todas as coisas safadas que povoam essa sua mente suja.

– Eu quero você. Por cima, por trás.

Ele gemeu sobre minha pele, e eu senti toda minha ansiedade derreter. Ele não estava pensando demais. Não estava me tratando como algo delicado. – E...? – ele disse.

Eu inclinei a cabeça e olhei para nosso reflexo no espelho do teto do elevador. A visão de nossos corpos juntos – mesmo vestidos – enviou um calafrio para minhas costas.

– Quero seu rosto entre as minhas pernas – eu disse. – Quero você selvagem.

Ele respirou fundo e soltou um pequeno gemido de excitação.

– Você sabe o quanto eu adoro o seu sabor. Você vai me deixar te lamber,

minha flor?*Deus.*

– Sim.

– Vai me deixar ser guloso e te chupar com meu rosto enterrado em você? Ou prefere que eu vá devagar?

– Quero tudo. Com força no começo, depois devagar. Saboreando – eu disse, embora não soubesse quanto tempo realmente teríamos. Fiquei observando quando o Max abriu o colarinho da minha camisa para revelar o topo dos meus seios. Eu podia facilmente imaginar nossa imagem daquele ângulo: eu nua de costas, de pernas abertas, com o Max entre elas. Eu veria seus músculos flexionados enquanto ele me devorava, com meus dedos entre seus lindos cabelos puxando-o para mantê-lo no lugar certo. Meus dedos dos pés flexionados enquanto meu orgasmo subia pelo meu corpo. Enquanto eu gritava.

O elevador parou e Max tomou minha mão, praticamente me puxando pelo corredor em direção ao quarto.

– Tudo – ele disse, colocando a chave na fechadura. – Farei de tudo com você.
– A luz ficou verde quando a tranca se abriu e ele empurrou a porta. Lá dentro, foi minha vez de pressioná-lo contra a parede. Subi na ponta dos pés para alcançar sua boca, beijando-o com força e não perdendo tempo ao abrir seu cinto e puxar a camisa para fora da calça.

– Quero tirar fotos de você – eu disse, e ele me afastou apenas o suficiente para olhar em meus olhos.

– De mim?

Confirmei e comecei a chupar seu lábio inferior.

– Quero tirar fotos quando você estiver lambendo minha... boceta.

Max gemeu e deixou a cabeça cair para trás contra a porta.

– Você não tem ideia do que faz comigo quando fala assim. – Eu me perguntava se isso ajudaria, se o que Chloe disse era verdade. Talvez fosse mais fácil para ele se soltar se *eu* fosse mais incisiva primeiro.

Passei a mão sobre seu umbigo e descí até a ereção que se forçava contra o tecido da calça. Agarrei seu pau, apertando o polegar sobre a ponta.

– Acho que tenho uma ideia sim.

Max começou a me conduzir, parando ao lado da cama. Ele puxou o celular do bolso e o colocou em minha mão.

– Vamos rezar pra isso aqui continuar em silêncio, e que seja porque o Will encontrou seu instinto materno, e não porque nossa filha descobriu como escravizar aqueles dois pra fazerem qualquer coisa que ela quiser.

Soltei uma risada e deixei o celular sobre o criado-mudo.

– Então, o que você vai fazer com essas fotos, minha doce flor? – ele perguntou, abrindo os botões da minha camisa um por um e deixando-a deslizar por meus ombros.

– Vou olhar para elas. E me lembrar.

– Quando? No trabalho? – ele disse, abrindo meu sutiã, empurrando as alças pelos braços e jogando a peça distraidamente na cadeira ao lado. – Talvez numa reunião, quando todos estiverem conversando ao seu redor enquanto você olha pro celular? Eles vão pensar que você está checando sua agenda, talvez lendo algum e-mail. Nunca saberão que você está olhando para as fotos onde meu rosto aparece entre as suas pernas, minha língua pressiona o seu clitóris.

– Oh, Deus – soltei, com suas palavras espelhando *exatamente* o que estava imaginando. Os olhos do Max percorreram meu rosto e desceram pelo pescoço. Meus seios se eriçaram, os mamilos endurecendo com o peso daquele olhar sobre mim. Minha pele se aqueceu e o resto das minhas roupas parecia me apertar demais.

– Isso deixaria você molhada, minha flor?

Eu assenti, primeiro tirando sua camisa, depois sua calça, encontrando a cabeça do seu pau escapando pela cueca. Ele estava muito duro, com a ponta já úmida sob a luz suave do quarto. Eu lambi os lábios, quase sentindo seu peso em minha boca, duro e macio contra minha língua.

– Tire o resto – Max disse, antes de puxar a coberta da cama e revelar lençóis brancos e impecáveis. A pilha de travesseiros caiu para o lado e ele apanhou um, colocando-o no meio da cama.

Eu tirei minha saia e calcinha a tempo do Max se virar e acenar em aprovação.

– Aqui – ele disse, mostrando o travesseiro. – Quero você aberta e pronta pra mim aqui.

Mesmo agora, depois da boate, do casamento, do bebê e tudo mais que fizemos juntos, eu senti meu rosto corar ao obedecer e subir na cama, tomando cuidado para deixar o travesseiro embaixo dos meus quadris. Eu me senti

exposta, com as coxas separadas e o ar frio correndo sobre minha pele. Eu sabia que estava molhada e inchada, com meu clitóris sensível para o mais leve dos toques.

Mantive os olhos grudados nele enquanto Max terminava de tirar a cueca e subia na cama, lentamente avançando sobre mim. Estiquei meu braço para tocá-lo, querendo senti-lo dentro de mim e...

O celular vibrou no criado-mudo. *Merda.*

Tentei alcançá-lo cegamente, incapaz de desviar os olhos do Max e seu pau perfeito pairando entre nós. Acabei derrubando o relógio e o cardápio do serviço de quarto, até que finalmente encontrei o aparelho e o segurei na frente dele.

– Sara – Max disse, e eu precisei forçar minha atenção para longe do seu corpo.

– Sim?

– O celular? Você leu? – ele perguntou, colocando a mão sobre meu joelho, descendo a palma macia por minha pele até chegar no meio das pernas. – Estou um pouco ocupado aqui, e a menos que o quarto esteja pegando fogo ou nossa filha esteja passando mal, eu não quero ver uma mensagem de *ninguém* agora. Então responda você.

– Responder enquanto você...? – Minha voz sumiu e ele confirmou.

Minha garganta estava seca e precisei me concentrar muito no que estava fazendo, em vez de me concentrar na maneira como Max posicionou a mão sobre meu clitóris.

– É o Will – eu disse, olhando para a mensagem. Era uma foto do rosto da Anna, com o nariz franzido e fazendo biquinho com os lábios. Uma ponta de seu cobertor amarelo cobria um pedaço da bochecha, então assumi que ela ainda estava no berço, dormindo. O texto dizia:

Que cara é essa?

Momentaneamente distraída dos dedos do Max deslizando sobre mim, eu perguntei:

Ela estava chorando?

Não. Só fazendo uns gemidos. Como um cachorrinho, ou algo assim. Ela está bem, eu estava apenas curioso.

Às vezes ela fica um pouco inquieta quando está dormindo.

Digitei a última mensagem, mas precisei parar quando senti os dedos do Max sendo substituídos pelo ar quente de sua respiração.

Ela geralmente se acalma sozinha! Não precisa se preocupar!

Acho que minha mensagem saiu um pouco mais animada do que deveria.

Esperei um pouco, mas quando o Will não respondeu, deixei o celular cair na cama e soltei um gemido, jogando a cabeça para trás.

– Oh, meu Deus – eu disse, agarrando os cabelos do Max.

– Gostou? – ele sussurrou, lambendo com movimentos longos e lentos.

– *Sim!*

– Você é tão gostosa, minha flor – ele disse, circulando a língua ao redor do clitóris e murmurando as palavras contra mim.

Abri ainda mais as pernas e o segurei no lugar, impulsionando meus quadris contra seu rosto até praticamente estar fodendo sua boca.

– Mais – eu disse, olhando para ele. – Dedos?

Max me obedeceu, e senti quando ele deslizou primeiro um dentro de mim, depois outro.

– A câmera, flor – ele disse, então me lembrei do celular ao meu lado sobre o colchão. Max pressionou a boca em mim novamente, com os lábios envolvendo meu clitóris, chupando e chupando, soltando gemidos que reverberavam por mim. Minhas mãos tremiam quando aponte a câmera, tocando a tela com dedos trêmulos e tirando várias fotos.

Max gemia a cada clique da câmera, e a ideia de que era isso que o excitava – saber que depois eu olharia as fotos lembrando dos sons e tudo mais – tornava difícil não pular sobre ele ali mesmo.

Com dois dedos trabalhando dentro de mim, ele virou a cabeça, chupando e beijando a pele sensível da minha coxa. Eu estava quase gritando ao sentir sua barba de um dia raspando contra minha pele. Aquilo era demais. Max olhou para mim, encontrando meus olhos enquanto sua língua passeava. Tentei focar a câmera novamente para capturar o momento, mas uma nova mensagem apareceu na tela.

Como você esquentar o leite? A Hanna disse pra fazer em banho-maria, mas eu disse que podemos usar o micro-ondas se tivermos um termômetro digital e esquentarmos até a temperatura corporal de 37 graus. QUEM ESTÁ CERTO, SARA?

Precisei de três tentativas até conseguir digitar um simples a hanna antes de jogar o celular para o lado e morder meu próprio braço para não gritar alto.

Max se afastou um pouco, pensando que algo estava errado, mas eu o tranquilizei.

– Está tudo bem – eu disse, embaraçosamente sem fôlego. – Não-pare-meu-Deus-por-favor. Continue... – comecei a dizer, mas tive que lambe os lábios e aspirar mais uma lufada de ar. – Continue, por favor, por favor, por favor. Estou muito perto.

Max redobrou os esforços, lambendo e chupando meu clitóris. Em algum lugar, no meio da loucura, eu o ouvi gemendo, ouvi o som de sua mão trabalhando em seu pau.

– Oh, Deus... você está? – eu disse, tentando levantar minha cabeça para olhar, mas o celular vibrou de novo.

Soltei um gemido frustrado, estava tão perto que podia chorar.

Ela não está tomando. Tem certeza que ela precisa comer tanto assim? De jeito nenhum um humano precisaria comer tudo isso. Quando você considera seu tamanho em comparação com a quantidade de fluidos que consome...

– Que porra ele quer agora? – Max disse, apoiando seu corpo com as mãos.

– A Anna não quer tomar o leite – eu respondi, e o Max deixou seu rosto cair sobre minha cintura. – Max, estou começando a achar que isso não vai dar certo. Nunca mais vou gozar e você vai ter que se acostumar a viver com as bolas roxas...

– De jeito nenhum – ele disse. – Me dá mais uns cinco minutos, eu consigo, eu juro.

Mas era inútil. Eu o queria – *Deus, eu precisava dele* –, mas agora só conseguia pensar na minha filhinha chorando em casa, com fome.

Nós ficamos deitados ali por um tempo, tentando acalmar nossa respiração e... outras coisas, antes de levantar.

– Vamos dar um jeito nisso, flor – Max disse, subindo sobre meu corpo e beijando minha testa. – Temos todo o tempo do mundo.

Peguei o celular para enviar uma mensagem para o Will dizendo que estávamos voltando, mas congelei horrorizada quando olhei para a tela. De algum jeito, enquanto eu me atrapalhava com a câmera e as mensagens... *puta merda, enviei para o Will uma foto da cabeça do Max entre as minhas pernas!*

– Oh... oh, meu Deus... – eu gemi, entregando o celular para o Max para que visse o que eu tinha aprontado. – Acho melhor eu não ser responsável pela câmera daqui em diante.

Rolei para o travesseiro soltando outro gemido enquanto Max lia a resposta do Will e explodia numa risada:

Certo... isso foi inesperado, mas entendi o recado. Não tenham pressa. A gente se vira com o leite.

Cinco

Eu já tinha visto fotos de Niall Stella, então é claro que estava preparada para a semelhança entre meu cunhado e meu marido – o mesmo cabelo castanho-claro, os mesmos olhos afetuosos, bonito *demais* para ser sincera –, mas não estava preparada para o impacto de ter não um, mas *dois* homens da família Stella diante da porta do nosso apartamento.

Niall deslizou pelos ombros sua bolsa de couro do laptop e se endireitou em todo seu esplendor antes de sorrir ironicamente para seu irmão.

Ele era tão alto quanto Max, porém um pouco mais magro. Anos jogando rúgbi deixaram Max com ombros e braços mais fortes e pernas definidas por músculos torneados. Niall definitivamente também tinha um corpo esculpido, mas esbelto, do tipo que exhibe ombros largos e quadris finos. Um corpo perfeito para ternos.

Observando o jeito como entrou no apartamento, estava claro o quanto ele se sentia confortável consigo mesmo, mas era uma pessoa mais discreta, que não despertava a eletricidade no ar como seu irmão. Em vez disso, havia uma gentil confiança e um toque de vulnerabilidade que me fazia querer empurrar Max para longe e abraçar o Niall.

Ele não tinha conseguido vir para os Estados Unidos para nosso pequeno casamento de última hora – estava no meio de um divórcio e um emprego novo –, mas havia prometido nos visitar assim que possível. Eu sabia que ele e Max, com apenas dez meses de diferença, eram irmãos muito próximos, e Max estava mais animado com a visita do que gostaria de admitir.

Max adorava Will e Bennett – e não havia situação no mundo em que ele não faria qualquer coisa para ajudar seus amigos –, mas isso não se comparava com seu carinho em relação ao irmão. Os dois se abraçaram com força, e talvez fossem os hormônios me afetando, mas é possível que seus olhos fechados e seus sorrisos tenham deixado meus olhos marejados. Talvez.

Max sussurrou algo no ouvido do Niall que eu não pude entender, depois bateu em suas costas e o conduziu para dentro. Ficou claro que Max estava ainda mais preocupado com seu irmão do que ele mesmo pensou.

– Faz muito tempo que a gente não se vê – Max disse, apanhando a mala de

Niall antes de fechar a porta.

– Com certeza – Niall disse, e uau. Dois britânicos sob o meu teto. Eu não tinha chance contra isso.

Saí do corredor, entrei na sala e acenei de leve para Niall quando ele me viu.

– E você deve ser a adorável Sara – ele disse, atravessando a sala para beijar meu rosto. – É muito bom finalmente te conhecer.

Niall sabia abraçar muito bem, dobrando os joelhos e envolvendo os braços completamente ao meu redor. Quando me soltou para olhar em meus olhos, eu quase suspirei.

– Agora entendo porque ele se apaixonou tanto assim – Niall disse.

– Pode acreditar – Max acrescentou.

– Acho melhor vocês dois pararem de ser tão fofos. Desse jeito eu não vou aguentar.

– Faremos o possível, flor – Max disse com uma piscadela, depois conduziu Niall para a sala de estar. – Você está ótimo. O divórcio realmente te fez bem.

Max tinha me explicado as circunstâncias do divórcio de Niall e Portia, contando que se casaram logo depois da escola e ficaram juntos até o verão passado, quando decidiram que não estava mais funcionando. Max também me disse que “não está mais funcionando” era eufemismo para “a Portia era uma megera”.

Se o comentário do Max irritou Niall, ele não deixou transparecer. Em vez disso, afundou-se no sofá e suspirou como se fosse a primeira vez que relaxava em muito tempo.

– Você sabe que eu nunca falaria mal da Portia – Niall disse, sacudindo a cabeça com um sorriso –, mas sim. Eu me sinto muito melhor agora.

Um pequeno gemido ecoou do monitor de Anna em cima da mesa. Eu me levantei, explicando que estava na hora de pegá-la depois da soneca.

Eu podia ouvir os dois conversando enquanto trocava a fralda, batendo as garrafas de cerveja e dando risadas, e sorri para minha filha.

– Está pronta para conhecer seu titio? – sussurrei. Ela sorriu para mim, chutando o ar com seu pezinho coberto pela meia. Eu a levantei e a levei para a sala de estar, e os dois pararam de conversar imediatamente. O Max parecia o papai mais orgulhoso do mundo, e Niall estava completamente maravilhado.

– Ela é maravilhosa – disse, deixando a garrafa na mesa e se levantando. – Ela é absolutamente linda, Sara. Parabéns.

– É uma gatinha, não é? – Max cruzou a sala para tirá-la de mim, beijando minha testa antes de se sentar ao lado do irmão.

– Mamãe deve estar nas alturas – Niall disse, passando um dedo sobre a borda do cobertor.

– Você não tem ideia. Não demora nem cinco minutos para ela tirar a Anna de mim quando a visitamos.

Meu coração se apertou enquanto observava os três juntos. Discretamente, retirei-me para a cozinha para deixá-los sozinhos enquanto colocavam o papo em dia.



Cansado depois de um longo dia de viagem, Niall pediu licença e se retirou para o quarto quando fui colocar Annabel para dormir.

Com o silêncio sobre o apartamento, apaguei as luzes e chequei a porta uma última vez antes de encontrar Max em nosso quarto, dobrando roupinhas de bebê e colocando-as numa cesta sobre a cama. Deitei-me ao seu lado e fiquei assistindo.

– Você fica muito sexy fazendo tarefas domésticas – disse para ele, acariciando sua coxa.

– Se você acha isso sexy, então precisa me ver trocando uma fralda.

– Na verdade, já vi. Por que acha que me casei com você? Por isso e por causa do seu sotaque.

Ah, sem esquecer do seu pênis gigante.

– Exatamente – ele disse, depois se abaixou e me beijou. – E eu casei com você porque você é linda e inteligente e extremamente sexy. Sem falar que consegue desafiar o mundo e ganhar.

– Desafiar o mundo – repeti, dobrando um par de meias. – Acho que logo vou voltar a fazer isso. Max deixou a cesta de lado e se ajoelhou no chão de frente para mim.

– Você não está pronta ainda, minha flor?

Apanhei uma camiseta da Anna, uma que servia algumas semanas atrás mas

que já estava na hora de mandar embora. Eu mal conseguia me lembrar dela vestindo essa camiseta. O que mais eu perderia enquanto estivesse trabalhando? E mesmo assim...

– Estou pronta – eu disse, honestamente. – Acontece que é um pouco difícil calar aquele sentimento de culpa de *querer* voltar ao trabalho.

– Mas por que diabos você quer calar isso? Permita a si mesma sentir todas as coisas, Sara. Depois olhe ao redor e perceba que você pode fazer qualquer coisa que quiser. Você pode desafiar o mundo e mesmo assim continuar sendo a melhor mãe e esposa que existe. A Annabel vai crescer te vendo fazer todas essas coisas e sabendo que ela também poderá fazer isso, se quiser.

Max se aproximou e se sentou ao meu lado na cama.

– E estive pensando. Sei que você quer voltar para a boate, e quero que saiba que eu também quero isso. Estava pensando sobre uma coisa que conversamos outro dia, sobre como houve um tempo em que parecia que a Annabel nunca dormia. Mas com o tempo, nós superamos isso, não é mesmo?

Eu confirmei.

– Talvez aquilo sirva como uma nova regra. A gente se vira quando as coisas acontecerem.

– Sabe, eu estava pensando a mesma coisa. Estive tão obcecada em provar que eu, que *nós* continuamos iguais. Mas não precisamos ser. Eu amo essa nova vida e amo a nova versão de você, assim como amava a antiga versão também. Talvez até mais.

Max chegou mais perto e ergueu meu queixo para me encarar antes de beijar longamente meus lábios.

– Gosto disso. Então você vai voltar pro trabalho, e nós vamos continuar a fazer isso. – Ele beijou os dois lados do meu rosto e depois fez um gesto entre nós dois. – Fazendo o que é melhor para *nós*. Na verdade, estou animado pra ficar com ela mais tempo no escritório. E minha mãe, e até mesmo o Will, ficarão felizes.

Puxei Max para se deitar ao meu lado, e encaixei minhas pernas entre suas coxas.

– Sabe, todos estão dormindo.

– Você acha que poderia ficar em silêncio com o que eu faria com você? Isso é um insulto – ele disse, sorrindo contra minha boca.

– Não sei. Mas eu certamente estaria disposta a tentar. Talvez se você me amordaçar?

Max arregalou os olhos, depois começou a desabotoar meu vestido.

– Acho que podemos tentar algo. Na verdade...

Como se fosse combinado, a Annabel escolheu aquele exato instante para começar a chorar.

– Vamos esperar um pouco. Talvez ela volte a dormir – eu disse, afundando meu rosto em seu pescoço. Ele cheirava tão bem, igual o Max que eu sempre conheci, mas também com um toque da Anna. Ele iria se dar *muito* bem.

Dois minutos de choro se passaram. Eu tinha acabado de sair dos braços do Max quando o silêncio voltou.

Olhamos um para o outro. De repente, algo no corredor chamou nossa atenção.

– O que foi isso? – Max perguntou.

Fiquei ouvindo, sem conseguir entender o canto suave que vinha da sala de estar. Nós nos levantamos e nos vestimos rapidamente antes de entrar no corredor andando na ponta dos pés. Viramos a esquina e o Max parou tão de repente que acabei trombando em suas costas.

– O que foi? – sussurrei.

Max deu um passo para o lado e lá estava Niall: sem gravata, a camisa desabotoada, descalço e andando de um lado para o outro, falando suavemente para uma Annabel de olhos vidrados nele.

– Tô ferrado – Max disse. – Não demorou muito pra ela se apaixonar por ele. Não que isso me surpreenda.

– É isso mesmo, gatinha – Niall murmurou, beijando suavemente seu rostinho gorducho.

Anna continuou a olhar maravilhada para ele, e Max e eu nos encaramos.

– O Niall tem talento pra isso – sussurrei.

Ele olhou de volta para o irmão e em seguida para mim.

– Você está pensando o mesmo que eu?

–

Seis

Fiquei olhando para o meu irmão na manhã seguinte enquanto ele mordida uma torrada e passava a vista pelo jornal, alheio à minha inspeção. Fazia muito tempo desde a última visita – nunca ficamos tanto tempo longe um do outro. Casamentos começando e acabando, carreiras deslanchando, bebês nascendo, obrigações familiares e muitos outros obstáculos impediram que eu fosse para a Inglaterra e ele viesse para os Estados Unidos. Embora eu fosse apenas dez meses mais velho, encontrá-lo agora trouxe de volta aquela velha sensação protetora que seu calmo estoicismo sempre despertava em mim.

Já que raramente falava de si mesmo, eu precisava ter certeza de que ele realmente estava bem.

Niall parecia mais magro, mas ao mesmo tempo mais em forma. Eu não estava brincando quando disse que o divórcio fez bem a ele. Em vez de parecer deprimido, era como se literalmente um peso tivesse saído de seus ombros. Seu rosto estava menos cansado, a boca menos estressada. Ele voltou a sorrir facilmente.

De todos os meus irmãos, Niall e eu éramos os que mais se pareciam fisicamente, porém éramos muito diferentes mentalmente. Éramos altos, tínhamos porte atlético e o cabelo castanho-claro do nosso pai. Mas, enquanto eu demorei anos para colocar a cabeça no lugar sobre escola e o que fazer da vida, Niall já nasceu pensando como um engenheiro: lógico, calmo, metuculoso. Eu saí com praticamente todas as mulheres solteiras em Manhattan; ele se casou com a primeira garota que beijou. Eu nem tinha encontrado um único emprego que gostava até conhecer o Will e abrir a nossa empresa; Niall alcançou sucesso na engenharia civil tão cedo que se tornou o segundo no comando do metrô londrino quando tinha apenas 28 anos, pouco antes de ser seduzido pelo setor privado. Eu falava muito, me abria fácil demais, era indiscreto quando amava. Niall pensava muito antes de falar, mantinha os sentimentos para si mesmo e nunca ficou com uma mulher que o permitisse amar descaradamente.

– Como vai a ex-megera? – perguntei.

– A Portia continua fazendo seja lá o que ela faz – ele disse, rindo discretamente. – Às vezes manda umas mensagens me pedindo para consertar alguma coisa no apartamento.

Senti o familiar fogo da proteção inflamando meu peito.

– Ela pode chamar alguém pra fazer essas coisas. Deus sabe que ela tem muito dinheiro, além do seu.

– É verdade – ele concordou, com o genuíno sorriso de um homem que se sentia finalmente livre.

Eu odiava o que a Portia fez com Niall. Ela pegou um adolescente doce e devotado e nos entregou uma versão emocionalmente reservada do mesmo homem. Eu não me importava com essa reserva, nem mesmo com sua nova disciplina emocional. Mas sentia falta do cara com o sorriso fácil e enormes olhos curiosos.

Mas foda-se. Ele estava aqui, na minha casa, finalmente voltando à vida.

– Você deveria ter comido a Teena Smith naquela festa do Robbie – eu disse.

Ele respondeu imediatamente.

– Ei, isso de novo? Eu já estava com a...

– Foda-se a Portia. A Teena daria pra você até cansar.

Ele riu, esfregando o queixo.

– Verdade, ela era um pouco assanhada demais, não acha?

– Assanhada e com uma boquinha de veludo e peitos enormes.

– Peitos enormes – ele concordou tristemente. – Peitos realmente enormes.

– Quem tinha peitos enormes? – Sara perguntou, entrando na cozinha para pegar seu café.

– A Teena – Niall e eu respondemos ao mesmo tempo.

– Aquela que eu deveria ter comido – Niall acrescentou.

– E infelizmente não comeu – expliquei. – A Portia teria se casado com aquele babaca do Richard, e o Niall teria se transformado num Deus do sexo na faculdade, em vez de virar escravo de uma esposa e de uma hipoteca.

Ele concordou, soprando seu chá enquanto voltava a olhar para o jornal.

– Talvez.

Sara olhou para nós com um sorrisinho curioso antes de sair da cozinha. – Então... – Levei minha xícara de café até meus lábios. Ele sorriu sem me olhar.

– Quê?

– É bom receber uma visita sua.

Meu irmão concordou, tomando um gole do chá.

– Faz tempo.

– Está tudo bem lá do outro lado do oceano?

Encolhendo os ombros, ele disse:

– Na mesma. Talvez eu volte pra cá daqui umas semanas pra participar de um congresso.

– É mesmo? – eu disse, um pouco mais animado do que pretendia. Ele confirmou.

– Vou ficar por perto um pouco mais do que pensava, entende? Então é melhor desembuchar logo o que tem aí na sua mente inquieta.

– Oh, você quer dizer aquela coisa sobre você cuidar da Anna pra que eu possa levar minha mulher pra se divertir um pouco hoje à noite?

Niall levou a torrada até os lábios e sorriu.

– Sim, essa coisa.

– Vamos ficar fora até tarde – alertei.

– Espero que sim. – Ele não desgrudou os olhos de mim enquanto mastigava e engolia, sabendo exatamente qual era minha intenção.

– Não vou contar o que vamos fazer, se é isso que está pensando.

Ele riu, sacudindo a cabeça enquanto servia mais um pouco de chá.

– Bom, até você dizer isso eu achava que vocês iriam apenas jantar. Agora acho que é melhor não saber.

Sara trouxe a Annabel até a cozinha e se aproximou de mim, mas o Niall limpou a boca e as mãos no guardanapo e estendeu os braços na direção da nossa filha.

– Venha aqui, meu amor. Adivinha quem vai cuidar de você hoje?

Sara entregou a bebê e se virou para a geladeira, pegando uma mamadeira. – Tem certeza?

Ele assentiu.

– Vou chutar vocês daqui eu mesmo, se for preciso.

Ela sorriu agradecida.

– Bom, vou sair lá pelas seis horas, mas tem bastante mamadeira aqui para o resto da noite – ela disse, olhando para ele sobre o ombro. – Usamos esse

aquecedor aqui, tá? – Ela posicionou a mamadeira e apertou o botão. Ficamos olhando até começar a soltar vapor e apitar quando ficou pronto. – Fácil.

– Nós vamos ficar bem – ele disse, tirando a mamadeira e sacudindo-a com habilidade para esquentar o leite por igual enquanto olhava para a Anna de novo. – Não é mesmo, princesa?

Presenciando aquilo, percebi o quanto ele era mais experiente com bebês do que eu: entre nossos oito irmãos, tínhamos dezessete sobrinhos e sobrinhas, e Niall era o tio favorito de todos eles. Sara tocou em seu ombro.

– Obrigada por fazer isso.

Ele dispensou o agradecimento, soltando um dos seus grunhidos que eram sua marca registrada.

– Esse som que você ouviu é o jeito britânico envergonhado de dizer “não tem de quê” – eu disse, rindo enquanto esperava Anna rejeitar a mamadeira e começar a chorar pela Sara.

Niall olhou para ela enquanto oferecia o leite.

– É isso aí, garota. Quem é uma boa garotinha? – Ele se abaixou e beijou sua testa. – Ah, ela tem muita fome, não é mesmo?

Meu queixo caiu quando ela agarrou o polegar dele e começou a tomar o leite com vontade.

Mas que diabos.

Se minha filha tivesse um superpoder, seria a habilidade de localizar sua mãe a vários quartos de distância. Se Sara estivesse em algum lugar da casa, a Anna não ousaria tomar mamadeira comigo. Fechei o rosto para o Niall.

– Você deve cheirar igual a uma mulher.

– Vá se danar – ele disse para mim, usando a mesma voz suave que usava com a Annabel. – Porque o seu pai é um bobão, hein? Eu tenho centenas de sobrinhas e sobrinhos e ele acha que eu não consigo dar uma mamadeira pra você?

Rindo, levantei e comecei a tirar a mesa.

– Minha garotinha já sabe qual titio vai paparicá-la até não poder mais – Niall sussurrou alto o bastante para eu escutar. – Quem quer um pônei? Você? Você quer? Então vou te dar um pônei.

Eu gemi de frustração, dando um tapa em sua cabeça quando passei ao seu

lado para ir atrás da Sara.

– Não precisa agradecer, seu energúmeno – ele cantarolou baixinho.



Encontrei a Sara no banheiro, colocando o par de brincos que seu pai tinha lhe dado de presente depois do nascimento da Anna.

Abaixando para beijar seu pescoço, eu disse:

– Vou pedir para o Scott nos pegar aqui às oito...

– Não. – Ela se virou para me encarar, passando as mãos pela minha camisa e ajeitando o colarinho. – Não faça isso.

Eu pisquei incrédulo, inclinando a cabeça e sentindo meu estômago congelar. Será que ela tinha mudado de ideia?

– Você não quer mais ir?

Seu doce sorriso foi tranquilizador.

– É claro que sim. Mas quero encontrar você lá. O Scott pode me levar. Você vai de outro jeito. Ela queria ir para a boate em carros separados?

– Mas nós sempre fomos juntos.

– Não quero que nada atrapalhe quando sairmos. Se o Scott nos pegar aqui, vamos acabar conversando sobre deixar a Anna com o Niall e ficar falando sobre isso no carro. Acho que vou sair às seis com ela e fazer umas compras pra minha volta ao trabalho, depois vou pra casa da sua mãe. Vou combinar com o Niall. Scott pode me levar lá e eu encontro você na boate. Podemos voltar a sermos *nós* hoje.

– Tem certeza?

Ela mordeu os lábios e sorriu antes de sussurrar: – Sim, tenho certeza.

Inocência, expectativa, luxúria e algo mais doce que açúcar. Era tudo que eu amava em Sara numa única equação.

– Certo, então. Te encontro lá às nove horas.

Fui para o trabalho de manhã, esperando encontrá-la no almoço, ou mesmo receber uma ligação dela como de costume, mas sabia que isso poderia não acontecer. Suspeitava que ela queria um pouco de distância hoje para ajudar a entrar no clima, e estava certo. Uma mensagem de texto chegou quando o escritório já estava fechando, dizendo que o Niall iria apanhar a Annabel no

apartamento da minha mãe e ela me encontraria na boate, como planejado.

Essa distância era estranha, mas ao mesmo tempo excitante.

Fui para casa, tomei banho e me vesti, andando em meio ao vazio do apartamento. Niall havia ligado dizendo que logo voltaria com a Anna, e eu tinha que concordar com Sara: seria melhor eu sair antes que ele voltasse. Annabel estava em excelentes mãos, e papai Max e mamãe Sara poderiam se dar uma folga por algumas horas.

Não havia mais nada a fazer; era hora de encontrar minha esposa.

Meu celular vibrou quando eu estava saindo. Era uma mensagem do Johnny, o dono da boate:

Use a porta da frente.

Nós sempre entrávamos pela porta dos fundos e seguíamos direto para o quarto seis. Depois de termos nos apresentado dezenas de vezes na boate, Sara e eu éramos reconhecíveis para qualquer pessoa que frequentasse as noites de quarta-feira. E Johnny queria que ela entrasse no meio de todo mundo?

Meu instinto protetor me inflamou. Respondi:

Foi a Sara que pediu isso?

Cala a boca. Estou numa reunião, porra.

Isso queria dizer *sim*; se fosse por qualquer outra razão, ele teria dito que não.

Rindo, eu respondi em sete mensagens diferentes:

Que

Pena

Que

Você

Tem

Pau

Pequeno

Depois de confirmar com nosso motorista Scott que ele pegaria a Sara no apartamento da minha mãe, chamei um táxi para me levar para a boate Red Moon. Escolhi roupas simples, pois não sabia como Johnny arrumaria o quarto para o nosso retorno. Vesti calça preta e uma simples camisa cinza. Fazia tanto tempo que não usávamos a discreta entrada da frente que isso me deixou nervoso, querendo ter certeza de que me lembrava como chegar lá: usando uma chave e descendo vários lances de escada até a recepção. Só que, na recepção, não encontrei a Lisbeth como de costume, mas uma incrível ruiva que deu a volta na mesa e estendeu a mão para mim.

– Eu sou a Trin – ela disse, sorrindo para mim. – Você deve ser o sr. Stella.

Eu comia minha esposa na frente de todo mundo na boate. Essa formalidade me pareceu um pouco estranha.

– Por favor, me chame de Max.

– É um prazer conhecê-lo. – Ela fez um gesto para a pesada porta de aço que levava para a boate.

– O sr. French está muito animado por ter você e a sra. Stella de volta como atração na boate.

Eu sorri, arqueando uma sobrancelha.

– Os chicotes e os grupais estão começando a cansar o público?

Ela riu, sacudindo a cabeça.

– Acho que os clientes regulares gostam da história de vocês – ela disse. – É romântico. É diferente do resto que temos aqui.

É claro que era. Que outro casal deixaria que seus momentos mais íntimos fossem expostos assim para completos estranhos? Quem mais convidaria o mundo para dentro da sua vida sexual?

Mas estar de volta, mesmo nesta antessala pouco familiar que precedia o evento principal, parecia deliciosamente surreal. Eu podia sentir o cheiro de lustra-móveis e couro que emanava do salão. Podia ouvir a batida da música atravessando a barreira da enorme porta. Foi um gatilho sensorial para mim, estar aqui, sabendo que a Sara ficaria excitada por se exhibir, e sabendo que eu me excitaria ao presenciar sua sensualidade desabrochando. Nunca vou deixar de ficar maravilhado por saber que sua maior fantasia é se exhibir, uma vez que em

nosso dia a dia ela era tão linda mas discreta, brilhante mas infinitamente humilde.

– Como está o bebê? – Trin perguntou, tirando minha atenção da porta e trazendo-a de volta para seu rosto.

– Está ótima – eu disse, sentindo meu sorriso se abrir. – Está em casa com meu irmão. Suas sobranceiras se ergueram de um jeito malicioso.

– Você tem um irmão?

– Sim – eu disse, em meio a uma risada. – Ele é alto, um gênio, e sua sexualidade está reprimida o bastante pra abastecer toda a boate. Eu deveria te dar o número dele.

Trin baixou a cabeça antes de apanhar um cartão na gaveta da recepção com seu nome e telefone.

– Entregue isso a ele. – Ela se virou e fez um gesto na direção da porta. – A sra. Stella está lá dentro. Não quero atrasar você.

Porta adentro, a boate se abria num grande salão principal, com luminárias discretas e um papel de parede luxuoso com intrincados padrões de listras e curvas. Cortinas de veludo enfeitavam o ambiente, ao lado de pequenas alcovas que cercavam mesas baixas, deixando o salão com um clima ao mesmo tempo luxuoso e levemente medieval. Havia um pequeno bar no canto, onde eu me lembrava, mas o salão havia sido modificado para que o palco ficasse diretamente no centro, em vez de no canto mais afastado do grande espaço.

Sara estava esperando numa alcova no meio de uma longa parede, bebericando um coquetel e, para minha surpresa, parecendo bastante confortável sozinha. Ela assistia à apresentação: uma mulher tirando as roupas ao ritmo da música enquanto um homem atrás dela estava amarrado, nu, em uma cadeira.

Foi surreal a rapidez com que meu cérebro pulou da realidade das fraudas e investidores, mamadeiras e contratos, para a realidade presente de um espaço privado – e muito ilegal – onde apenas os clientes mais ricos e com as melhores conexões podiam se esbaldar em suas fantasias voyeurísticas mais secretas. Não parecia estranho que a mulher no palco agora vestisse apenas um longo colar de pérolas entre os seios pequenos, ou que o homem agora implorasse discretamente por prazer. Ao nosso redor, as pessoas bebericavam seus drinques e conversavam em voz baixa, ou simplesmente apenas assistiam ao show principal, esperando que as salas individuais se abrissem para a plateia.

Havia mais outros seis quartos na boate, conectados ao salão principal por um longo corredor. O esquema era simples: cada quarto possuía uma cena diferente, com mesas do outro lado da janela. Os clientes pediam seus drinques enquanto desfrutavam de uma vista perfeita para algumas das fantasias mais sombrias, doces e safadas que ganhavam vida nos quartos.

Algumas das pessoas que se apresentavam ali eram frequentes – dominadores experientes, artistas da Broadway ganhando um dinheiro a mais, ou dançarinas dispostas a tentar qualquer coisa –, e algumas eram conhecidas de Johnny que imploravam pela oportunidade de se apresentar numa boate de prestígio. Sara e eu éramos os únicos amigos dele com permissão para usar um horário fixo: as noites de quarta-feira eram nossas no quarto seis pelo tempo que quiséssemos.

Embora nunca aceitássemos dinheiro – diferentemente de alguns outros que se “apresentavam” na boate –, as quartas do quarto seis se tornaram um dos shows mais populares do lugar, e bastante rentáveis para o Johnny. Nós só sabíamos disso porque ele nos contou. Nunca víamos rosto nenhum da plateia; com exceção da primeira noite e de hoje, nunca usamos a porta da frente.

E só de andar pelo curto caminho entre a porta e a mesa, eu podia sentir o burburinho ao redor, as pessoas se endireitando nas cadeiras ao perceber quem eu era. Podia sentir os gestos sutis e ouvir os sussurros discretos dizendo “Eles voltaram”.

Será que a Sara também sentiu?

Será que gostou? Um calafrio subiu pelas minhas costas; senti meu coração começar a martelar com a ideia de que ela estava sentada ali, pensando em quantas vezes essas pessoas nos assistiram transando. Pensando em quanto estava ficando molhada apenas com a *ideia* disso tudo.

Sara ergueu os olhos quando Trin me conduziu até sua mesa, depois se levantou, fazendo minhas veias congelarem de repente.

Ela usava um vestido preto curto, simples, mas com detalhes encrustados que davam um leve toque cintilante. Percebi que aquele vestido ficaria incrível sob as luzes, depois sorri quando notei que ficaria ainda melhor quando estivesse *fora* dela, num emaranhado de tecido ao chão. Seus olhos estavam delineados com um leve marrom, a boca com um vermelho comestível. Não havia nada particularmente especial sobre seu visual, mas o calor em seus olhos – aquele fogo diabólico, a curva maliciosa nos lábios, a maneira como olhou para meu rosto por apenas um segundo antes de checar meu corpo todo – causou um

incêndio sobre minha pele.

Eu me abaixei e beijei seu rosto.

– Olá, minha flor. – Aspirei a doçura de seu perfume, arrastando meus lábios até seu ouvido. – Você está absolutamente *linda*.

– Olá, estranho. – Ela se sentou e olhou para o assento ao lado, como se indicasse que eu deveria ficar imediatamente ao seu lado, e não de frente para ela na mesa. Havia regras rígidas na boate: dois drinques no máximo, os clientes não podiam se tocar, a presença era sempre por escolha própria e qualquer evidência do contrário resultaria no punho de Deus – também conhecido como Johnny – caindo sobre você.

Eu sabia que não deveria tocá-la aqui no salão principal, mas será que as regras se aplicavam a nós, uma vez que estava claro que fazíamos parte do show? Havia mais pessoas olhando para nós dois do que para a mulher nua que engolia o pau do homem amarrado na cadeira no meio do palco. Eu me sentei ao seu lado e cheguei mais perto, sugando seu pescoço.

– Max – ela alertou.

– Eles estão nos observando – eu disse. – Você acha que eles querem me ver entrar aqui e seguiras regras? – Beijei um caminho até chegar em sua boca, abrindo seus lábios com os meus e chupando sua língua profundamente antes de sussurrar: – Não vi você o dia todo. Vou fazer o que bem entender agora. Foda-se o Johnny e suas regras.

E provando que eu estava certo, ninguém apareceu em nossa mesa pedindo para que nos retirássemos. Ninguém fez sinal algum de alerta do outro lado do salão. Em vez disso, parecia que o salão inteiro prendia a respiração enquanto nos assistia.

– Faz tempo que você chegou?

Ela encolheu os ombros, passando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Isso era outra coisa que tinha mudado no último ano. Seu cabelo tinha crescido, curvas apareceram.

– Uns dez minutos antes de você.

Estudei seu rosto: o rubor nas bochechas, a respiração acelerada, os olhos que não conseguiam desviar da minha boca.

– Você sentiu as pessoas olhando pra você?

Ela confirmou.

– Achou estranho?

Ela sacudiu a cabeça lentamente antes de sussurrar um “não”.

Deslizei minha mão debaixo da mesa, subindo por sua coxa nua até a renda macia da calcinha. Eu podia sentir o calor aquecendo meus dedos.

– Ficou molhada?

Ela observava minha boca.

– Sim.

– O que você acha que eles se lembram mais? – Esfreguei um dedo sobre seu clitóris por cima da calcinha, beijei seu rosto, depois cheguei nos lábios, beijando na parte mais exuberante de sua boca perfeita.

– Talvez aquela vez em que eu amarrei você – ela disse, tomando meu rosto nas mãos para inclinar minha cabeça e raspar os dentes sobre meu queixo. – Ou talvez a primeira vez que nós... – Ela deixou o resto no ar, sorrindo maliciosamente.

Eu concordei. A primeira vez que fizemos sexo anal foi aqui. Por algum motivo, parecia mais seguro, mais cadenciado. Sua fome, sua surpresa, seu prazer foram muito intensos. Eu tive certeza, assim que ela disse, que se alguma pessoa aqui esta noite presenciou aquilo, essa pessoa nunca mais vai esquecer a suave curva de sua boca quando entrei por inteiro dentro dela, e quando ela teve o orgasmo que me pareceu o mais forte de sua vida.

A atenção no salão diminuiu e depois voltou, ricocheteando entre o palco e nós dois. Éramos a opção mais discreta; *sempre* fomos a opção mais discreta na boate. O que oferecíamos não era nenhuma fantasia extrema, era simplesmente *nós mesmos* – uma relação que se aprofundava, uma confiança que se intensificava, uma exploração sexual que amadurecia. O que recebíamos em troca era um lugar seguro para experimentar de tudo. O foco da plateia era um tipo paradoxal de respeito: eles observavam quase todos os movimentos que fazíamos, mas adoravam isso. Estavam hipnotizados.

Normalmente, nós não bebíamos muito antes das apresentações, mas já que esta ocasião em particular era sobre quebrar regras – chegando separadamente, entrando pela porta da frente e nos tocando no salão principal –, eu fiz um gesto sutil para a garçonete. Ela me trouxe uma vodca *gimlet* e a Sara pediu um *club soda* com limão.

Eu estava tão animado com o que aconteceria a seguir que minha mão tremeu

ao levar o drinque até a boca, o que era mais uma razão para fazer isso. Eu precisava me acalmar e me acostumar com a atmosfera antes de entrarmos em nosso quarto. Ficamos bebendo enquanto observávamos as pessoas ao redor, e concordamos sem palavras que guardaríamos o verdadeiro show para o quarto seis.

Uma mulher alta vestindo uma camisola rosa e esvoaçante, com nada além de um tapa-sexo brilhante por baixo, se aproximou de nossa mesa, sinalizando que estava na hora.

Eu me levantei depois de Sara, e senti a maneira como o salão congelou. Enquanto nos dirigíamos para o corredor, podia ouvir o discreto movimento das cadeiras e as pessoas nos seguindo a uma distância respeitável.

– Você está pronta?

– Sim – ela respondeu, com um sorriso que despontava em sua voz.

Meu coração parecia querer sair pela boca. Passamos pelos outros quartos à nossa esquerda.

Uma orgia de homens.

Uma mulher mais velha masturbando um rapaz cujo rosto parecia tão jovem que provavelmente atingira a maioridade apenas hoje.

Fiquei observando a Sara andando com confiança entre a clientela que a olhava como se a conhecesse. Depois, senti os olhos deles sobre meu rosto.

À nossa esquerda, uma mulher atrás do vidro estava amarrada e sendo preparada para penetração anal.

Enxerguei nossa porta à frente e meu corpo ganhou vida.

Eu nunca sabia o que esperar da decoração do quarto; às vezes Johnny decorava-o com simplicidade, com uma cama e nada mais. Outras vezes, a decoração lembrava minha sala de estar, um luxuoso quarto de hotel ou até mesmo um bangalô tropical.

Hoje, o sr. French escolheu novamente a simplicidade: um bar prateado com uma garrafa de uísque e alguns chocolates, um tapete felpudo cobrindo a maior parte do chão de madeira, e uma enorme cama no meio do quarto. Lençóis cor de ameixa eram a única coisa cobrindo o colchão.

Andei até o bar, olhando sobre o ombro para a Sara. A excitação de estar aqui já me sobrecarregava; eu precisava me distrair com alguma atividade que não fosse jogá-la no colchão e arrancar suas roupas.

– Você quer um drinque? – perguntei. Servi uma dose de uísque para mim e olhei para ela.

– Por que não? Uma dose pequena disso aí. – Ela acenou para a garrafa em minha mão. Sara nunca tomava bebidas fortes, mas, como disse, hoje a regra era quebrar regras. Ela estava tão confortável em seu elemento, animada para caralho. Eu podia ver no rubor em seu pescoço o quanto andar até o quarto sob os olhos de todos a deixou excitada.

Servi um pouco de uísque e ela tomou o copo das minhas mãos antes de mergulhar um dedo nele e desenhar uma linha molhada sobre seu pescoço.

Era um convite.

– Então, vamos começar?

Sua risada foi discreta e rouca.

– Nós começamos faz uma hora.

Tomei o uísque num gole só, cheguei mais perto e abaixei a cabeça para chupar seu pescoço.

– Na última vez que estivemos aqui, eu estava grávida – ela sussurrou, e eu imaginei o quanto ela sentia a atenção através do vidro espelhado.

– Você estava maravilhosa – corrigi.

– Conte o que fizemos naquela noite.

– Nós estávamos deitados – eu disse, olhando para o outro lado do quarto, onde a cama estava naquela ocasião, logo abaixo da janela com vidro espelhado que permitia aos clientes observarem enquanto nós não víamos nada lá fora. – Eu me acomodei atrás de você e te comi assim.

– Gentilmente – ela interrompeu, rindo.

Eu sorri sobre seu ombro, depois mordi sua pele.

– Apesar dos seus esforços, sim, eu estava sendo gentil. Mas vi, através do espelho e com a mesma clareza que as pessoas lá fora, quando você gozou soltando um grito.

Seus dedos subiram pelo meu peito e tocaram a pele abaixo do colarinho da minha camisa.

– E então, o que aconteceu?

Respirando fundo, fechei meus olhos quando a lembrança fez meu coração disparar. – Sua bolsa rompeu no carro na volta pra casa.

– E depois disso?

Depois disso.

Depois nós demos meia-volta, dirigimos até o hospital no meio de uma névoa de terror e alegria, e eu invadi a emergência, carregando Sara nos braços e gritando por ajuda como se ela estivesse baleada, e não simplesmente parindo.

– E então Annabel Dillon Stella nasceu, trinta horas depois.

– Nossa *filha* nasceu, Max. – Seu queixo se ergueu junto com um sorriso orgulhoso e poderoso. Sorri para ela, sentindo meu peito se expandir até consumir todo o mundo.

– Sim, nós conseguimos.

Ela desceu a mão sobre meu torso e segurou a ponta inchada do meu pau, puxando e lentamente acariciando através da minha calça. Assim, de repente. Sem precisar mudar de assunto. Sem precisar se distanciar da lembrança de ter uma filha. Sem separações entre a Sara mãe e a Sara amante.

– E aqui estamos novamente – ela disse, beijando minha garganta. – Só de estar aqui neste quarto me deixa louca. Eu amo isso.

Fechei meus olhos e soltei um gemido.

– E eu amo *você*.

– Eu também te amo. – Senti seu corpo se esticar e seus dentes rasparem meu pescoço. – O que você acha que eles vão sentir ao nos ver aqui hoje?

Ergui meus olhos sobre o ombro dela e olhei para o espelho gigante.

– Acho que vão sentir uma versão um pouco menor daquilo que nós vamos sentir ao *estar* aqui hoje.

– É quase como se eles fizessem parte da nossa jornada.

– Sim – concordei. – Você percebeu quando eles nos seguiram pelo corredor?

– Sim, todos eles. – Ela inclinou a cabeça para trás, passando as mãos em meus cabelos enquanto eu a beijava, descendo por sua garganta até o topo do vestido. – Eu sempre soube que muitas pessoas assistiam. Só não sabia que era quase *tudo mundo*.

Abri o zíper do seu vestido e fui descendo lentamente o tecido pelos seus ombros, como se estivesse vendo seu novo corpo pela primeira vez através dos olhos deles. Sabendo que eles podiam enxergar aquilo que eu via – os seios maiores, o retorno da cintura mais fina. Eles a veriam hoje sem o benefício da

transição – de grávida e cheia para seu corpo atual: magra, madura, incrivelmente sexy. Ela era uma deusa seminua em seu delicado vestido, as unhas pintadas com um rosa suave, os lábios exuberantes e vermelhos. Macia. Tudo sobre ela era tão *suave*.

Desviei os olhos, mas não antes de vislumbrar rapidamente o espelho onde as pessoas estavam assistindo, sabendo que cada um deles podia perceber minha grande possessividade e orgulho.

Olhem para ela, eu pensei enquanto abria o sutiã. *Olhem para essa mulher maravilhosa*.

Os seios estavam firmes quando os toquei, e uma torrente de calor pulsou através de mim quando percebi que ela não tinha usado a bomba de leite antes de sair.

– Meu Deus, Sara.

– É isso mesmo, Stella. – Ela puxou minha camisa de dentro da calça exibindo um sorrisinho safado. – Se vamos brincar hoje, então vamos brincar *de verdade*. – Sara desabotoou minha calça e deslizou a mão para dentro da cueca. – Aqui você não tem permissão pra fingir que não fica louco de vontade de chupar e molhar a mão. Você não tem permissão pra fingir que meu corpo desse jeito é só pra ela. É pra você também. Você fez isso. Então *use* aquilo que é seu.

Ela apertou meu pau e soltou um gemido discreto. Eu estava tão duro que já não reconhecia mais a fronteira entre o prazer e o desconforto. Era isso que ela fazia comigo: arrancava cada pensamento e sensação para me preencher com nada além de um profundo desejo agudo por ela.

– Eles vão assistir e imaginar qual é a sensação – ela disse. – Vão imaginar se você gosta. – Sua voz se tornou um sussurro quando passou a unha do dedo indicador sobre minha garganta. – Vão se perguntar se você fode meus peitos com frequência.

Eu mal conseguia olhar para ela desse jeito – excitada e sexy e possuída – sem sentir um pesado turbilhão de emoções em meu peito. Engoli em seco, tremendo as mãos enquanto empurrava o vestido para baixo da cintura. Sua necessidade era algo tangível, crescendo e preenchendo o quarto, e isso começou a me consumir também, sabendo o que encontraria na fenda no meio de suas pernas. O quanto estaria molhada e lisa entre meus dedos.

O tecido se acumulou no chão – numa visão tão sexy quanto eu tinha imaginado –, e não me dei ao trabalho de tirar sua calcinha antes de enfiar a mão

por dentro, com meus dedos procurando e encontrando um paraíso molhado.

– *Nossa.*

– Eles estão se perguntando por que sua boca não está no meu peito – ela sussurrou, puxando minha cabeça para baixo até eu lamber um mamilo rosado e sentir uma doçura se espalhar em minha língua. Eu gemi, apertando o seio com a mão um pouco gananciosa demais, um pouco selvagem demais. Ela, por sua vez, deslizou as mãos sobre minhas costas. – Eles estão imaginando como seria brincar com meus peitos assim.

Chuei e gemi, virando-a de frente para o espelho, para que pudesse ver o mesmo que eles viam: eu, dobrado na cintura para alcançar os seios, lambendo até brilharem sob a luz, lambendo até crescerem cada vez mais exuberantes e apertados.

– Eu vou foder esses peitos – sussurrei.

– Sim – ela ofegou.

– Vou gozar nessa boquinha linda e depois vou chupar sua boceta tão fundo que eles vão enxergar no meu rosto o quanto você é doce.

Ela me empurrou até a cama, eu me sentei. Sara montou sobre mim e beijou minha boca. Deixei escapar uma mistura de gemido e apelo, querendo mais quando sua língua invadiu minha boca, pequena e doce, mas faminta e dominadora. Eu adorava minha Sara desse jeito, tomando o controle, poderosa, agarrando meus cabelos para posicionar minha cabeça do jeito que ela queria. Ela mandava em cada célula do meu corpo, cada suspiro, cada reflexo.

Eu não conseguia tirar minhas mãos dos seios dela, apertando e massageando, amando a sensação encorpada em minhas mãos e o molhado nas palmas. Eu a virei para que suas costas ficassem de frente para o espelho e eles pudessem ver minhas mãos deslizando sobre suas costelas, sobre as costas, até chegar na bunda.

Ela se esfregou em meu pau e depois me deitou de costas para tirar minha calça e cueca num único puxão determinado e desesperado.

– Meias – eu ordenei, e ela riu enquanto terminava de me despir.

Minha esposa me olhou de um jeito que mostrava suas intenções pervertidas antes de começar a lamber subindo por minhas pernas, abrindo-as para arrastar a língua sobre minhas bolas.

– Garota safada – eu disse em meio a uma risada, fechando os olhos enquanto

ela subia a língua quente até meu pau. Agarrei seus cabelos com força e guiei sua cabeça enquanto ela me chupava com voracidade. Apoiado nos cotovelos, estiquei o braço para dar um tapa em sua bunda e acabei gemendo quando ela impulsionou o corpo sobre meu pau, engolindo a ponta até o fundo em sua garganta.

Estava bom *demais* – muita sucção, muito calor, eu não duraria desse jeito –, então deitei Sara de costas, sorrindo diante de sua surpresa quando montei sobre suas costelas e puxei seus peitos ao redor do meu pau. Eu ainda estava molhado por causa de sua boca e comecei a mexer, fodendo com um tipo de abandono selvagem que há tempos não me permitia. Eu podia até deixar marcas e sentia que nenhum de nós se importava com isso. Eu podia gozar sobre seu pescoço, podia fazer qualquer coisa, podia sentir a ponta do meu pau tocando a pele delicada de sua garganta, e podia ver em seu rosto que esse era o tipo de comportamento bruto e possessivo que ela precisava.

Ela sentia falta de me ver agindo dessa maneira. Sentia falta de me ver obcecado e faminto por ela, selvagem e fora de mim. Será que ela realmente precisava dessa confirmação? Todos os dias eu dizia o quanto ela era linda. Todas as noites ela sentia meu desejo quando se aninhava em meu corpo. Mas é claro, aqui era diferente: aqui, de algum jeito, nós estávamos mais nus do que em nosso próprio quarto, como se tentássemos constantemente superar nossos limites sobre o quanto estávamos dispostos a compartilhar com as pessoas do outro lado do espelho.

Nós dávamos a eles um show, mas não era encenado. Era como se fosse um jogo onde podíamos revelar cada pensamento pervertido e devasso em nossas mentes sujas, cada impulso indecente, cada vulnerabilidade que precisava de atenção.

Entendeu?, ela disse com os olhos. *Você se esqueceu do quanto eu adoro te ver selvagem por mim. Você se esqueceu de que nós vivemos para explorar nossos fetiches e limites.* Mas eu me lembrava.

E era um jogo *fantástico*. Percebi o momento em que ela também sentiu, pois seus lábios se abriram num grande sorriso e ela começou a rir, deslizando os dedos sobre mim e arqueando as costas para pressionar meu pau mais forte sobre sua pele.

Eu estava perto de gozar, podia sentir a força se acumulando atrás do umbigo e descendo até eu enlouquecer. Apoiei a mão ao lado de sua cabeça enquanto eu

metia vorazmente, movendo os quadris cada vez mais rápido e forte sobre ela até ouvir minha própria voz como um grunhido, alertando, implorando, anunciando onde e quão forte seria o meu orgasmo.

O pescoço dela.

Os seios dela.

Os lábios dela e o queixo dela quando ela se ergueu, de olhos arregalados, vidrada em meu pau enquanto eu gozava.

Ainda ofegando, deslizei sobre seu corpo, acariciando sua pele molhada e pousando a mão sobre sua barriga. Eu me ajeitei entre suas pernas, beijando o quadril, a coxa e, finalmente, encontrando a doçura entre suas pernas. Suas mãos agarraram meus cabelos novamente e começaram a puxar ao mesmo tempo em que ela erguia os quadris do colchão, rebolando enquanto eu chupava e lambia, sabendo quando acelerar e quando ir mais devagar, sabendo como arrancar os gemidos roucos de sua garganta e fazendo-a gozar, para em seguida diminuir o ritmo cada vez mais, sorrindo diante de seus olhos fechados de alívio e seus lábios brilhantes de suor.

Eu me ajoelhei e deslizei meus dedos dentro dela, olhando de cima enquanto a penetrava. Já vira Sara nua de todo jeito possível – aberta debaixo de mim, tomando banho sozinha, implorando por mais prazer ou menos dor, perdida em meu toque e ignorando minha proximidade – e havia algo tão íntimo, tão *seguro*, em compartilhar essa visão dela, sendo o único privilegiado que podia tocá-la e conhecer cada um desses momentos mais discretos. Ninguém a veria dando à luz nossa filha ou se abaixando para depilar as pernas no banho. Ninguém a veria dormindo, abraçada a um travesseiro em nossa cama ou dando de mamar às quatro da manhã. Os donos de cada par de olhos lá fora observando-a gozar com meu toque nunca, nem em um milhão de anos, seriam capazes de dar a ela aquilo que eu dei. Para Sara, nada a excitava mais do que minha total e profunda adoração.

Cada segundo que a amei – uma história de amor inesquecível condensada em menos de dois anos – se concentrava neste único toque. Minha mão diminuiu a velocidade, tirei os dedos cuidadosamente e me abaixei para cobrir seu corpo com o meu, depois sua boca com a minha. Eu estava quase duro novamente e então a penetrei, querendo estar dentro dela quando ela explodisse em êxtase.

Suas pernas envolveram meus quadris, as mãos deslizaram por minhas costas enquanto ela soltava seus perfeitos gemidos em meu ouvido, dizendo que estava

quase lá, pedindo para ir mais rápido, para chupar, para ir mais forte e mais forte.

Ela estava melada com meu orgasmo, leite, suor e uísque. O prazer se acumulou gota a gota até ultrapassar aquela sensação que era intensa demais para simplesmente ser chamada de prazer, e quase dolorosa de tão boa. Eu a beijei mais uma vez, num gentil grunhido e uma leve mordida antes do meu controle evaporar e eu enlouquecer por completo, fodendo com investidas molhadas e selvagens.

Eu me esfregava nela, sentindo a tensão se acumular até explodir, gozando com um grito. Embaixo de mim, Sara soltava gemidos baixinhos que seguiam o ritmo de seus espasmos ao redor do meu pau.

– Max... – ela sussurrou enquanto me abraçava, num movimento que raspou sua pele sensível em meu corpo, causando-lhe calafrios. Comecei a me retirar, mas ela me impediu deslizando as mãos sobre minhas costas suadas. – Fique aqui dentro.

Recuperei meu fôlego na pele macia ao lado de seu pescoço, quase sem conseguir manter meu peso fora dela. Suas unhas arranharam de leve para cima e para baixo em minhas costas, suas pernas ainda enlaçadas em meus quadris.

– Tudo bem?

Ao meu lado, ela assentiu.

– Isso foi divertido – murmurei, depois senti seu sorriso quando ela beijou meu rosto. – Bem-vindos de volta, sr. e sra. Stella – ela disse.



Na volta, sentamos juntos no banco de trás do carro enquanto Scott dirigia pelas ruas de Manhattan. Eu me sentia solto, capaz de liberar a tensão pela primeira vez em meses, e só agora percebi o quanto estive aterrorizado: eu não sabia se um dia encontraríamos o caminho que nos unia ou se, de agora em diante, sempre haveria algo mais – filhos, carreira, a vida em si – fazendo essa ponte entre nós dois.

Não teria sido uma tragédia se isso tivesse acontecido, se o segredo que compartilhamos sumisse com o tempo nos forçando a encontrar nossa intimidade de outras maneiras. Mas saber o quanto era fácil voltar para isso, e que poderia acontecer quando bem entendêssemos, aliviou uma culpa e um peso que havia dentro de mim.

– O que você está pensando? – ela perguntou, como sempre fazia, justamente quando eu menos queria admitir meus pensamentos.

– Algo não muito louvável.

– Ah, então agora você *precisa* me contar.

Eu me virei para ela e tomei sua mão na minha.

– Eu estava pensando o quanto estou aliviado por ainda termos isso. Pensei que se acabasse, ficaria tudo bem, mas acho que eu me sentiria um pouco devastado a princípio. Posso compartilhar você com vários filhos, desde que exista um pedaço de você que seja apenas meu.

– Existe muito mais do que um pedaço que é apenas seu – ela disse, olhando para mim um pouco surpresa. – É o nosso casamento. É algo entre nós que precisamos cultivar, sabendo que um dia vamos acabar sozinhos novamente naquele apartamento enorme.

– Se você quiser mais filhos, sabe que não poderemos ficar em Manhattan pra sempre – eu disse.

Sara pousou os dedos sobre meus lábios, dizendo:

– Shhh. Vamos curtir essa nova fase por enquanto.

Nós nos endireitamos e percebemos ao mesmo tempo que o celular não tinha tocado nenhuma vez durante toda a noite.

– Merda – ela sussurrou, procurando na bolsa. – Será que eu desliguei o celular sem querer?

– Eu não desliguei o meu – eu disse, apanhando meu telefone no bolso. Não havia mensagens nem ligações perdidas. Nada.

Eu rapidamente digitei para o Niall:

Está tudo bem? Estamos voltando.

Sua resposta veio quase imediatamente.

Tudo está bem. Anna está dormindo. Até.



Niall estava esparramado sobre o sofá de couro na sala de estar, assistindo John Oliver na televisão. Nossa pequena Anna estava dormindo no meio de suas

longas pernas, com uma das mãos na boca e a outra segurando seu cobertor com estampa de leões.

– Então a noite foi boa? – ele perguntou com a voz baixa, olhando para nós enquanto pendurávamos os casacos.

– Foi ótima – eu disse, registrando aquela cena. – Você tem certeza que não quer ser meu vizinho? Tem um apartamento à venda. Seria bastante conveniente para nós.

Ele riu.

– É tentador. Seu prédio é muito luxuoso, e esta pequenina aqui é sensacional.

– Valeu, cara – eu disse discretamente. – Você permitiu que a gente se esquecesse das preocupações.

Ele sorriu para mim, olhando daquele jeito que dizia que eu era um bobão sentimental, depois pousou a mão sobre a barriga da Anna.

– Foi realmente legal. Talvez algum dia você possa retribuir o favor. – Seu sorriso apagou por uma fração de segundo, e nesse instante eu senti todo o peso da sua decepção com o casamento.

– Sem dúvida – completei.

A Sara foi se trocar e eu apanhei a Anna com a confiança de um pai que espera que a filha continue dormindo. Mas não continuou; desta vez ela acordou, e seu rostinho lindo se fechou quando ela começou a chorar.

– Ah, desculpe, desculpe – sussurrei, balançando-a gentilmente. – Só mais um pouquinho e sua mamãe já vem.

Ela não queria ser balançada nos braços de ninguém; ela queria a Sara, e o som de seu choro frustrado causou dor em meu peito. Mas não me afetou do mesmo jeito que me afetaria apenas alguns dias atrás. Eu me sentia recarregado como uma bateria, cheio de paciência, calma e paz, resultantes de um contentamento genuíno.

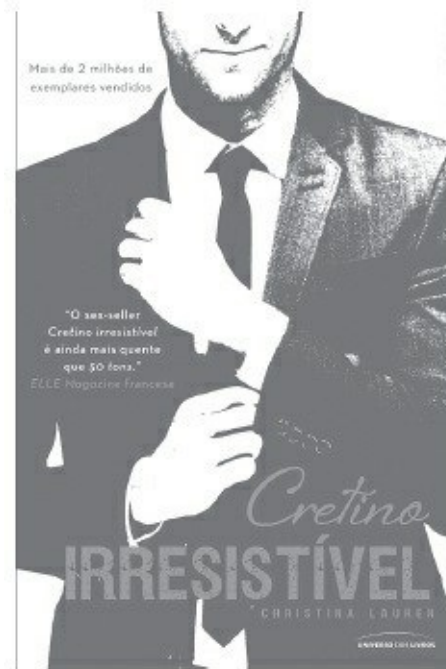
Sara apareceu no corredor e tirou a Anna de mim, e eu as segui até o berçário, observando as duas se ajeitando na cadeira de balanço.

– Que bela visão, minhas duas garotas juntas.

– Ela provavelmente é a bebê mais linda do mundo – Sara disse, sorrindo para mim. Tão relaxada, tão contente. Era como se ela soubesse o tempo todo que terminaríamos bem aqui, nesta noite.

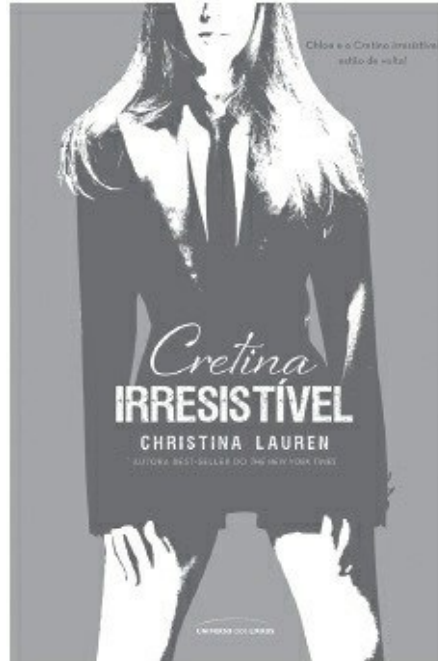
Eu me aproximei e beijei o rostinho macio de Annabel enquanto ela se acalmava e começava a mamar.

– Você puxou o lado sensível do seu papai – sussurrei. – Foi mal aí, garotinha. Mas também puxou-o lado forte da sua mamãe, então, no final das contas, você vai se dar bem na vida.



Uma estagiária ambiciosa. Um executivo perfeccionista. E um relacionamento ardente e totalmente perigoso!

Esperta, dedicada, prestes a cursar um MBA, Chloe Mills tem apenas um único problema: seu chefe, Bennett Ryan. Ele é exigente, insensível, sem consideração – e completamente irresistível. Um belo cretino. Bennett acaba de retornar da França para assumir um cargo importante na empresa de comunicações de sua família. Mas o que ele não poderia imaginar era que a pessoa que o ajudava enquanto ele estava no exterior era essa criatura linda, provocadora e totalmente irritante que agora ele tem de ver todos os dias. Ele nunca foi do tipo que se envolve em relacionamentos no ambiente de trabalho, mas Chloe é tão tentadora que ele está disposto a flexibilizar essa regra – ou quebrá-la de uma vez – para tê-la. Por todo o escritório! Mas o desejo que um sente pelo outro cresce tanto que Bennett e Chloe terão de decidir o que estão dispostos a perder para ganhar um ao outro.



Uma forte atração. Nenhum tempo para ficarem sozinhos. E uma misteriosa disputa entre quatro paredes...

O intenso relacionamento entre Chloe Mills e Bennett Ryan de *Cretino Irresistível* continua ainda mais ardente e sensual.

Agora que a carreira de Chloe está decolando, ela não tem tempo para mais nada e insiste em recusar as investidas de Bennett para passarem um tempo a sós. Ele nunca foi do tipo que aceita um não como resposta e essa disputa resulta em uma ardente relação de amor e obsessão.

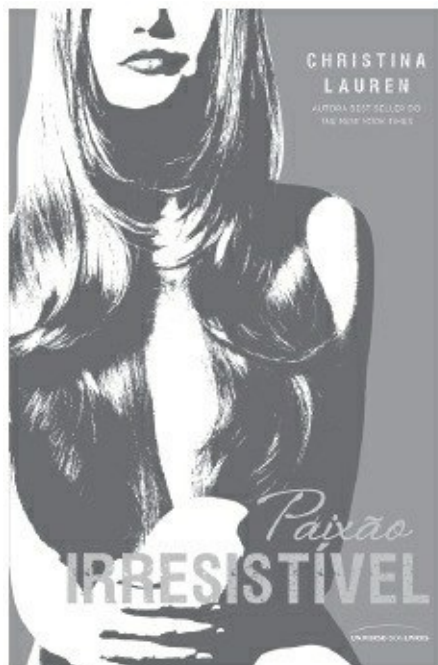


Um charmoso playboy britânico. Uma garota determinada a finalmente viver. E uma ligação secreta revelada em cores quentes...

Após ser traída, Sara Dillon se muda para Nova York em busca de agitação e paixão sem compromisso. É assim que ela encontra um sexy e irresistível britânico dançando em uma boate que não deveria significar nada além de uma noite de diversão. Mas a maneira – e a velocidade – com a qual ele acaba com suas inibições está prestes a transformar essa relação em algo arrebatador.

A cidade inteira sabe que Max Stella ama as mulheres. Isso não significa que ele tenha encontrado uma que realmente desejasse manter por perto. Apesar de atrair muito com seu charme de *bad boy* da Wall Street, é só quando Sara aparece em sua vida que ele começa a se perguntar se existe alguém para estabelecer uma relação fora do quarto.

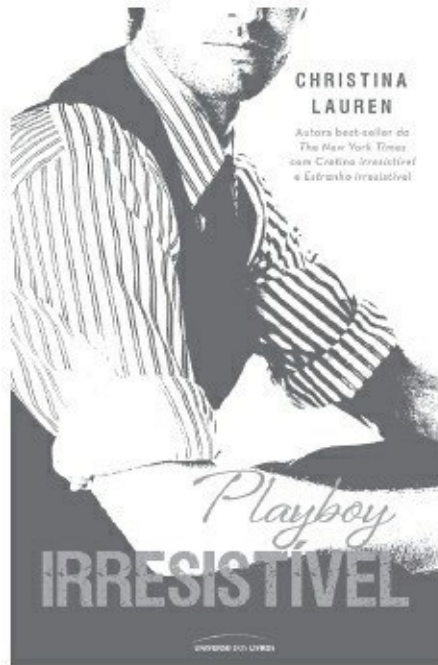
Encontrando-se em lugares onde qualquer um pode vê-los, o que assusta Sara mais do que ser pega em público é ter Max muito próximo...



O que acontece em Las Vegas... fica em Las Vegas!!!

Quando os amigos de Bennett finalmente o arrastam para sua despedida de solteiro, sua primeira parada não acontece exatamente como esperado. Seus planos para um fim de semana apenas com os caras desmoronam completamente quando Bennett e Max fazem de tudo para se encontrarem secretamente com as mulheres que amam. Mas quando o solteirão Will Sumner começa a desconfiar, os dois percebem que terão que unir forças se quiserem mais algumas escapadinhas sexys em Las Vegas.

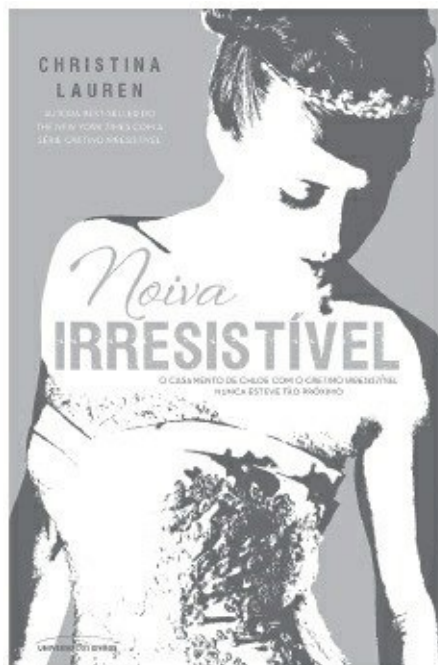
Chloe Mills e Bennett Ryan estão de volta para uma última aventura antes do casamento – mas talvez eles não queiram nunca mais ir embora!



Uma linda nerd. Um incorrigível Don Juan. E uma aula de química só para maiores...

Quando Hanna Bergstrom escutou de seu irmão que ela precisava ter uma vida social e se libertar um pouco da faculdade, ela jurou que iria cumprir essa tarefa: sair mais, fazer amigos, começar a namorar. E quem melhor para transformá-la na garota dos sonhos de todo homem do que o lindo melhor amigo de seu irmão, o investidor e playboy assumido Will Sumner?

Will ganha a vida assumindo riscos, mas a princípio ele não bota fé na transformação daquela garota desajeitada... até que numa noite selvagem, sua inocente pupila o seduz e acaba ensinando uma lição sobre o que é ficar com uma garota ardente e... inesquecível. Agora que Hanna descobriu o poder de seu próprio *sex appeal*, resta a Will provar que ele é o único homem que ela precisa.



Uma noiva irresistível. Um noivo apaixonante. E um tórrido romance de escritório que se transformou em amor verdadeiro.

Em *Noiva irresistível*, Chloe Mills e Bennett Ryan mal podem esperar pelos sinos matrimoniais. Chloe, exasperada e estressada por todos os arranjos de última hora, está prestes a dizer “sim” para uma fuga até Las Vegas. Por sua vez, Bennett teve a brilhante ideia de evitar sexo antes do casamento, regra que apenas piorou o mau humor dos dois. Quando seus familiares malucos chegam para o grande dia, os fogosos amantes irão descobrir se um casal que discute tanto pode continuar junto tempo o bastante para trocarem alianças – e não apenas provocações.

Chloe e Bennett, o casal favorito das fãs, passaram por muita coisa juntos desde aquela noite ardente na sala de conferência em *Cretino Irresistível* – agora, junte-se a eles para o casamento do século.

A man in a dark suit, white shirt, and patterned tie. His beard is replaced by a Union Jack flag. The background is a solid blue color.

CHRISTINA
LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES COM A
SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

Surpresa
IRRESISTÍVEL

RUBY E NIALl VÃO PARA NOVA YORK A TRABALHO,
MAS A VIAGEM PROMETE PEGAR FOGO

UNIVERSO DOS LIVROS

CHRISTINA LAUREN

**Surpresa
IRRESISTÍVEL**

Para Kresley: A primeira linha – e tudo que segue – é para você.

Um

– Não vou dizer que aposto que ele tem pau enorme, mas também não vou *negar*.

– *Pippa* – eu disse, cobrindo o rosto horrorizada. Pelo amor de Deus, eram sete e meia da manhã de uma quinta-feira. Ela não podia estar bêbada tão cedo assim.

Tentei jogar um sorriso de desculpas para o homem de olhos arregalados na nossa frente e fiquei desejando poder acelerar o elevador com o poder da minha mente.

Quando olhei feio para ela, Pippa fez um movimento com os lábios dizendo “o que foi?”, e depois mostrou com as mãos o tamanho que ela tinha em mente. Então, sussurrou:

– Igual a um *cavalo*.

Fui salva de precisar me desculpar de novo quando paramos no terceiro andar e as portas se abriram.

– Você percebeu que tinha mais gente no elevador, não é? – eu disse num tom bravo, seguindo Pippa pelo corredor e virando em outro. Paramos na frente de uma porta com o nome Richardson-corbett gravado no vidro fosco.

Ela ergueu os olhos de sua bolsa enorme, onde procurava as chaves, enquanto os braceletes no seu pulso tilintavam como sininhos que balançam com o vento. Sua bolsa tinha uma forte cor amarela e era cravejada com metal brilhante. Debaixo da luz fluorescente, seu longo cabelo ruivo parecia feito de neon.

Meu cabelo era loiro-escuro e eu carregava uma bolsa bege: sentia-me um biscoito de caramelo ao lado dela.

– Tinha mais gente?

– Sim! Aquele cara do financeiro estava bem na sua frente. Tenho que ir lá mais tarde, e graças a você vou sofrer um momento constrangedor quando olharmos um para o outro e lembrarmos-nos de você falando *pau*.

– Eu também disse “igual a um cavalo”. – Ela se sentiu momentaneamente culpada antes de voltar a atenção para a bolsa. – Os caras do financeiro precisam relaxar um pouco, de qualquer maneira. – Então, com um gesto dramático

mostrando o corredor escuro à nossa frente, ela disse: – Agora estamos sozinhas o bastante pra você?

Fiz uma reverência irônica para Pippa.

– Por favor. Você primeiro.

Ela assentiu, juntando as sobancelhas como se estivesse se concentrando.

– Quer dizer, logicamente ele *tem* que ser enorme.

– *Logicamente* – eu repeti, tentando segurar um sorriso. Meu coração batia loucamente como sempre fazia quando conversávamos sobre Niall Stella.

Especular sobre o tamanho do seu pênis seria a minha ruína.

Jogando o braço no ar num movimento vitorioso, Pippa sacudiu as chaves do escritório antes de enfiar a maior delas na fechadura.

– Ruby, você já reparou nos dedos dele? Nos *pés*? Sem falar que ele tem uns três metros de altura.

– Dois metros – eu corriji discretamente. – Mas o tamanho da mão não quer dizer nada. – Fechamos a porta atrás de nós e acendemos as luzes do escritório. –

Muitos caras têm mãos grandes, mas não são especialmente dotados lá onde importa.

Continuei seguindo a Pippa pelo corredor estreito até uma sala cheia de escrivaninhas, num canto menor e menos opulento do terceiro andar. Apesar do aperto, nossa pequena seção do escritório era pelo menos confortável, uma sorte, considerando que eu passava mais tempo ali, trabalhando, do que no meu pequeno apartamento alugado em South London.

A Richardson-Corbett Consultoria podia ser uma das maiores e mais bem-sucedidas empresas de engenharia da Europa, mas oferecia apenas poucas vagas de estágio. Logo depois de me formar na UC San Diego, fiquei extremamente animada quando consegui uma vaga na empresa. As horas eram longas e o pagamento acabou com meu vício de comprar sapatos, mas o sacrifício já estava valendo a pena: depois de completar os primeiros noventa dias do estágio, uma placa de metal substituiu a fita crepe com o nome Ruby Miller, e me mudaram – daquilo que não passava de um armário no segundo andar para um dos escritórios adjuntos do terceiro andar.

Passei sem problemas pelo colégio e sobrevivi à faculdade com apenas alguns surtos ocasionais. Mas me mudar para o outro lado do mundo e conviver com alguns dos melhores engenheiros da Inglaterra? Nunca trabalhei tão duro por

nada em minha vida inteira. Se terminar o estágio tão bem quanto comecei, eu provavelmente conseguiria uma vaga dos sonhos na pós-graduação da Oxford. É claro, *terminar bem* significa não ficar falando sobre o pau dos executivos no elevador...

Mas a Pippa estava apenas começando.

– Lembro de ter lido que você deve medir do punho até a ponta do dedo do meio... – ela acrescentou, usando os dedos para medir a própria mão, depois mostrou para mim tentando ilustrar o argumento. – Se for verdade, o cara do seu sonho deve ser muito bem-dotado.

Eu confirmei, pendurando meu casaco no encosto da cadeira.

– Acho que sim.

Pippa deixou a bolsa sobre a cadeira e me olhou com uma expressão mordaz.

– Adoro quando você tenta parecer toda desinteressada. Como se não ficasse olhando para o pau dele sempre que ele aparece num raio de três metros de você.

Tentei fingir indignação.

Tentei parecer horrorizada e argumentar qualquer coisa.

Não consegui pensar em nada. Nos últimos seis meses, joguei tantos olhares disfarçados na direção do Niall Stella que se alguém pudesse ser considerada uma especialista na topografia da sua virilha, essa seria eu.

Enfiei minha bolsa na gaveta debaixo da minha mesa e fechei soltando um suspiro resignado. Aparentemente, meus olhares disfarçados não foram muito eficazes no quesito “disfarce” como eu pensava.

– Infelizmente, tenho certeza que o pau dele nunca esteve, nem vai estar, tão perto de mim assim.

– Não se você nunca falar com ele. Quer dizer, olha só, assim que eu tiver uma chance, vou pular no pescoço daquele ruivo do RH. Você deveria pelo menos *falar* com ele, Ruby.

Eu já estava sacudindo a cabeça quando ela bateu com sua echarpe em mim.

– Pense nisso como uma pesquisa para sua aula de Integridade Estrutural. Diga a ele que você precisa testar a resistência à tração da barra de aço dele.

Soltei um gemido frustrado.

– Ótimo plano.

– Certo, então pense em outra pessoa. Tipo aquele loiro da sala de

correspondência. Ele sempre fica de olho em você.

Fiz uma careta.

– Não me interessa.

– Então o Ethan, do financeiro. Ele pode ser baixinho, mas é *sarado*. E você viu quando ele fez aquele truque com a língua no pub?

– Deus, não. – Eu me sentei, afundando sob o peso da investigação dela. – Estamos mesmo tendo essa conversa? Não podemos só fingir que minha enorme paixonite não existe?

– Não mesmo. Você não está interessada em nenhum dos outros caras, mas também não consegue ir atrás do

Sr. Certinho – ela suspirou. – Não me entenda mal. O Stella é realmente gostosão, mas um pouco certinho demais, você não acha?

Passei minha unha sobre a beira da mesa.

– Eu meio que gosto disso nele – falei. – Ele é estável.

– Careta – ela retrucou.

– *Contido* – eu insisti. – É como se ele tivesse saído de um romance da Jane Austen. Ele é o Mr. Darcy. – Achei que isso ajudaria no meu argumento.

– Não entendo isso. O Mr. Darcy é curto e grosso com a Elizabeth, quase chegando à grosseria. Por que você quer alguém que daria tanto trabalho?

– Por que você acha que isso dá mais trabalho? – perguntei. – O Mr. Darcy não fica jogando elogios baratos sem significado. Quando ele diz que a ama, é porque ama *mesmo*.

Pippa desabou na cadeira e ligou o computador.

– Acontece que eu gosto de um pouco de flerte.

– Mas um flerte é igual com todo mundo – argumentei. – O Mr. Darcy é desajeitado e difícil de entender, mas quando você conquista seu coração, ele se torna apenas seu.

– Para mim, isso parece trabalhoso demais.

Eu sei que sempre fui um pouco romântica demais, mas a ideia de ver o herói contido se entregando por completo de um jeito que ninguém conseguia fazer – sem inibições, faminto, sedutor – tornava difícil pensar em outras coisas quando Niall Stella aparecia na minha frente.

O problema era que eu ficava totalmente idiota quando ele estava por perto.

– Como é que eu posso pensar em ter uma conversa de verdade com ele? – perguntei. Eu sabia que nunca daria o primeiro passo, mas gostei de finalmente conversar sobre isso com alguém que o conhecia, alguém que não fosse a London e a Lola, minhas amigas que estavam do outro lado do oceano. Eu continuei:

– Sabe, uma conversa em que nós dois soubéssemos que era *aquela* tipo de conversa? Na reunião da semana passada, o Anthony me pediu para apresentar uns dados sobre o projeto da Diamond Square e eu estava *arrasando* até que ergui os olhos e vi que ele estava atrás do Anthony. Você sabe quanto tempo eu trabalhei duro naquilo? Foram *semanas*. Mas foi preciso só um vislumbre do Niall Stella para destruir minha concentração.

Por alguma razão, eu não conseguia falar dele usando apenas o primeiro nome. Dizer “Niall Stella” era um tipo de honra, como Príncipe Harry ou Jesus Cristo.

– Fiquei muda no meio de uma frase – eu continuei. –Quando ele está perto de mim, acabo soltando algo ridículo ou perco completamente a fala.

Pippa riu antes de cerrar os olhos e me olhar de cima a baixo. Ela apanhou o calendário e fingiu que estava analisando.

– Engraçado, acabei de perceber que hoje é *quinta-feira* – ela disse, quase cantando. – Isso explica por que o seu cabelo está particularmente sexy hoje e você está usando essa minissaia devassa.

Passei a mão sobre meu cabelo curto e repicado que chegava até o queixo.

– Está do jeito que fica todos os dias.

Pippa riu. Na verdade, passei tempo demais me arrumando pela manhã, mas eu precisava de uma confiança extra hoje.

Pois, assim como ela disse, hoje era quinta-feira, meu dia favorito da semana.

Nas quintas-feiras eu me encontrava com ele.



No geral, as quintas-feiras não deveriam ser motivo para ficar animada. A lista de afazeres para hoje, em particular, incluía coisas mundanas como regar a pequena figueira que a Lola insistiu que eu contrabandeasse de San Diego à Londres, digitar um orçamento e enviar pelo correio e colocar o lixo reciclável

na calçada. Uma vida glamorosa. Mas no topo da lista das quintas-feiras havia o encontro do grupo de engenharia do Anthony Smith, onde, por uma hora toda semana, eu tinha uma visão sem obstruções do Niall Stella, Vice-Presidente, Diretor de Planejamento e, meu Deus, o Cara Mais Gostoso do Mundo.

Se pelo menos eu pudesse incluí-lo na minha lista de “coisas” a fazer.

Uma hora de observação privilegiada do Niall Stella era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição, pois eu *estava* interessada de verdade no que acontecia com a empresa e achava fascinante a maioria das conversas entre os sócios majoritários. Eu tinha 23 anos, não doze. Tinha um diploma de engenharia e seria a chefe *deles*, algum dia, se tudo desse certo. A ideia de que um único indivíduo possuía o poder de sequestrar minha atenção era mais do que horripilante. Normalmente, eu não era desajeitada ou medrosa, e eu namorava, sim. Na verdade, namorei mais desde que me mudei para Londres do que no tempo em que morava em casa porque, bom, Garotos Ingleses. Isso diz tudo.

Mas este Garoto Inglês em particular estava, infelizmente, além do meu alcance. Quase literalmente: Niall Stella tinha uns dois metros de altura e uma educação refinada, cabelos morenos perfeitamente arrumados, olhos castanhos cheios de vida, largos ombros musculosos e um sorriso tão lindo que, nas raras vezes em que dava as caras no escritório, fazia minha linha de raciocínio despencar num abismo.

De acordo com os rumores do escritório, ele terminou a faculdade ainda um menino, para depois se tornar um urbanista lendário. Mas só descobri que isso era verdade quando comecei a trabalhar com o grupo de engenharia da Richardson-Corbett e testemunhei a maneira como ele aconselhava tudo, desde diretrizes de construção até a composição química de aditivos do concreto. Ele era praticamente a palavra final em Londres sobre todas as pontes e construções comerciais e de transporte. Para minha completa decepção, ele até sumiu no meio de uma quinta-feira para dirigir uma equipe de construção quando um trabalhador em pânico ligou dizendo que outra empresa havia errado no projeto da fundação e o concreto já estava sendo despejado. Nada em Londres era erguido sem uma opinião do Niall Stella em algum ponto.

Ele tomava seu chá com leite (sem açúcar) antes de qualquer coisa, tinha um escritório enorme no terceiro andar – longe do meu –, claramente nunca tinha tempo para televisão, mas era torcedor fanático do Leeds United. E, apesar de ter sido criado em Leeds, fez faculdade em Cambridge, depois Oxford, e agora morava em Londres. Em algum ponto do caminho, Niall Stella adquiriu um

sotaque muito elegante.

Além disso tudo: era recentemente divorciado. Meu coração mal podia aguentar.

Enfim, seguindo em frente.

Número de vezes em que o Niall Stella me olhou durante as reuniões de quinta? Doze. Número de conversas que tivemos? Quatro. Número de eventos desses de que ele se lembra? Zero. Estive lutando contra minha paixãoite pelo Niall Stella por seis meses, mas tinha certeza de que ele não sabia distinguir se eu era funcionária da empresa ou se estava lá apenas entregando comida.

Ele era sempre um dos primeiros a chegar ao escritório, mas hoje curiosamente ainda não havia chegado. E eu chequei – *várias vezes* – esticando meu pescoço para enxergar através das pessoas sonolentas que lentamente enchiam a sala de conferência.

Nossa sala de reuniões tinha uma parede de janelas, cada uma com vista para a rua movimentada lá embaixo. Minha caminhada matinal para o trabalho foi relativamente seca, mas, como quase sempre acontecia por aqui, uma garoa começou a cair do céu pesado com nuvens. Era o tipo de chuva que parecia uma névoa inocente, mas aprendi a não me deixar enganar: se eu demorasse mais que três minutos, acabaria encharcada. Mesmo se tivesse crescido em algum lugar mais chuvoso que o sul da Califórnia, eu nunca estaria preparada para o jeito como o ar londrino, entre outubro e abril, parece saturado com água, pesado e úmido. Como se uma nuvem de chuva envolvesse meu corpo e penetrasse até meus ossos.

A primavera havia apenas começado em Londres, mas a pequena praça na Southwark Street ainda estava vazia e decepcionante. Ouvi dizer que no verão a praça ficava cheia de cadeiras cor-de-rosa e mesinhas de um restaurante nos fundos. No momento, tudo que se via era concreto, galhos pelados e folhas marrons dançando pelo chão.

Ao meu redor, as pessoas continuavam a reclamar do clima enquanto abriam seus notebooks e terminavam seus chás. Tirei os olhos da janela a tempo de ver os últimos retardatários chegando apressados. Todos queriam estar acomodados antes que Anthony Smith – meu chefe e diretor de engenharia da empresa – descesse do sexto andar.

Anthony era... bom, certo, ele era um sujeito meio idiota. Ele ficava secando as estagiárias, adorava ouvir a si mesmo e nada que falava soava sincero. Em

todas as manhãs de quinta ele gostava de fazer um exemplo da última pessoa que entrava, comentando rispidamente com um sorriso falso sobre suas roupas ou o cabelo para que todo mundo na sala ficasse olhando em silêncio, enquanto a pessoa buscava um lugar para sentar, toda envergonhada.

A porta rangeu enquanto abria. *Emma*.

Mas ela ficou segurando a porta para outra pessoa. *Ah! Karen*.

Vozes soaram do corredor, aumentando quando entraram na sala. *Victoria e John*.

E então, lá estava ele.

– É hora do show – Pippa murmurou ao meu lado.

Vi o topo da cabeça do Niall Stella quando ele entrou logo atrás do Anthony, e era como se o ar sumisse da sala. As pessoas e o burburinho se transformaram num borrão até sobrar apenas *ele*, com uma expressão neutra enquanto instintivamente analisava quem estava presente e quem não estava, os ombros cobertos num terno escuro, uma das mãos casualmente dentro do bolso da calça.

Aquela sensação urgente e fogosa em meu peito aumentou.

Havia algo no Niall Stella que fazia você querer olhar para ele. Não porque fosse chamativo ou espalhafatoso, mas porque não era. Havia uma confiança discreta nele, um jeito de se portar que exigia atenção e respeito, e a sensação de que enquanto não estava falando, ele estava observando, estudando cada pessoa.

Todos, exceto a mim.

Por ter crescido numa família de terapeutas que discutiam *tudo*, nunca fui do tipo silencioso. Meu irmão e até a Lola me chamavam de tagarela quando eu não parava de falar. Então, o fato de que eu, entre todas as pessoas, não conseguia articular uma simples palavra com Niall Stella por perto não fazia nenhum sentido. O que eu sentia por ele era um tipo de encanto que impedia qualquer concentração.

Ele nem precisava comparecer às reuniões de quinta-feira; ele apenas *aparecia*, pois queria ter certeza de que havia “consenso entre os departamentos”, então sua divisão de planejamento “poderia ao menos ter um vocabulário de engenharia em comum”, já que era sua responsabilidade coordenar a engenharia com as políticas públicas e seu próprio departamento de planejamento.

Não que eu decorasse tudo que ele dizia nas reuniões.

Hoje ele vestia uma camisa azul-clara debaixo do terno escuro. A gravata exibia um desenho hipnotizante em amarelo e azul, e meus olhos subiram pelo nó Windsor duplo até a pele macia do pescoço, passando pela curva pesada do pomo de adão, chegando ao queixo quadrado. Sua normalmente impassível boca estava curvada para baixo em consternação, e quando cheguei nos olhos... percebi, horrorizada, que ele estava olhando para mim – enquanto eu o comia com os olhos como se fosse meu trabalho.

Oh, Deus.

Baixei os olhos para meu notebook, e a tela se tornou um borrão sob a intensidade do meu olhar. A cacofonia de telefones e impressoras do escritório lá fora invadia pela porta aberta, o volume aumentando até se transformar num caos sonoro, e então alguém fechou a porta, sinalizando o começo da reunião. E como se a sala fosse isolada a vácuo, todo o barulho silenciou abruptamente.

– Sr. Stella – Karen disse num cumprimento.

Cliquei em meu e-mail, tentando focar minha audição em sua resposta. Respirei fundo. Mais de uma vez. Digitei minha senha. Forcei meu coração a se acalmar.

– Karen – ele disse, finalmente, em sua perfeita voz grave e discreta. Um sorriso se espalhou inconscientemente em meu rosto. E não foi um simples sorriso, foi um *largo* sorriso, como se alguém tivesse me oferecido uma fatia gigante de bolo.

Meu Deus, estou profundamente perdida.

Mordendo o interior da minha bochecha, fiz força para endireitar a expressão. Julgando pelo toque do cotovelo de Pippa nas minhas costelas, tive certeza de que falhei.

Ela chegou mais perto.

– Calma lá, garota – ela sussurrou. – Foram apenas duas sílabas.

A porta se abriu e Sasha, outra estagiária, entrou rapidamente.

– Desculpe o atraso – ela sussurrou. Uma olhada para o relógio do notebook me disse que, na verdade, ela foi perfeitamente pontual, mas Anthony, claro, não deixaria passar.

– Tudo bem, Sasha – ele disse, observando enquanto ela se espremia entre a longa fila de cadeiras e a parede, sob um silêncio constrangedor. – Que blusa bonita. É nova? Azul fica bem em você. – Sasha tomou seu lugar, o rosto todo

vermelho. – E, a propósito, bom dia – ele acrescentou com um grande sorriso.

Fechei meus olhos, respirando fundo mais uma vez. Ele era *tão* babaca.

Finalmente, a reunião em si começou. Anthony passou sua lista de questões para cada um de nós, papéis foram distribuídos, e quando eu me virei na cadeira para entregar a pilha de papéis para a próxima pessoa, olhei para a mesa. E quase engoli minha própria língua.

Niall Stella estava a apenas duas cadeiras de mim.

Por debaixo de meus cílios, olhei para ele, para o ângulo de seu queixo – sempre perfeitamente barbeado, nunca nem mesmo um resquício de barba –, para seus olhos de cílios negros e perfeitos, as sobrancelhas castanhas, a impecável camisa e a gravata. Seu cabelo parecia tão suave sob a leve iluminação da sala de reunião. Acabei franzindo as sobrancelhas quando notei que provavelmente também era macio – tinha que ser, é *claro* – e imaginei pela centésima vez como seria passar minhas mãos ali, agarrar, puxar e...

– Ruby? Já recebemos notícias da Adams e Avery? –Anthony perguntou.

Endireitei-me na cadeira e olhei para o notebook. Passei a noite em claro trabalhando naquele arquivo.

– Ainda não – eu disse, minha voz quase normal. – Eles já estão com nossos planos prontos para a assinatura. Mas checarei de novo com eles se eu não receber nenhum telefonema até o fim do dia.

E, sim, isso até que foi bem articulado, considerando a maneira como Niall Stella voltou toda sua atenção para o meu rosto.

Muito satisfeita comigo mesma, digitei um rápido lembrete e apoiei o cotovelo na mesa, puxando uma mecha de cabelo enquanto passava o olho em meu calendário.

Mas algo parecia errado. Eu me sentava nesta cadeira por uma hora todas as semanas, e tinha quase certeza de que nunca tive a sensação de agora. Era uma pressão na lateral do meu rosto, como se fosse o *peso físico* da atenção de alguém.

Enrolei o cabelo em meu dedo e casualmente olhei para Pippa. Não, nada.

Com aquilo que eu imaginava ser uma sutil inclinação para frente, estiquei o pescoço olhando para a direita e imediatamente congelei.

Ele ainda estava olhando para mim. Niall Stela estava olhando para mim. Olhando *de verdade*. Olhos castanhos claros encontraram os meus, algo que não

poderia ser descrito como uma simples olhada, mas sim como uma completa *encarada*. Sua expressão era de curiosidade, como se eu fosse um móvel novo que acabaram de deixar aleatoriamente na sala.

Meu coração disparou, martelando a pulsação em minhas veias. Dentro do meu peito, tudo parecia líquido e maluco, e se alguém gritasse “fogo!” eu acabaria explodindo, pois não conseguia controlar nenhum aspecto do meu corpo.

– Niall – Anthony disse.

Niall Stella piscou antes de desviar os olhos do meu rosto.

– Sim?

– Você se importaria de nos informar a situação da proposta na Diamond Square? Quero que minha equipe tenha alguns parâmetros até o fim da semana, mas não sabemos a dimensão do espaço compartilhado...

Eu me distraí quando o Anthony, como sempre, fez sua pergunta de um jeito que era sete vezes mais complexo do que deveria ser.

Quando a questão terminou, Niall Stella sacudiu a cabeça.

– As dimensões – ele disse, depois começou a revirar uma pilha de papéis na sua frente. – Não tenho certeza se tenho os números aqui...

– Eles marcaram de terminar as dimensões hoje de manhã – eu respondi e expliquei que as permissões seriam entregues no máximo até amanhã. – Pedi ao Alexander para enviar uma cópia da planta à tarde.

A sala ficou tão silenciosa que pensei que tinha perdido a habilidade de ouvir.

Acontece que todos estavam olhando para mim. *Oh, Deus, o que foi que eu fiz?*

Eu interrompi sem pensar.

Respondi a uma questão que claramente não era para mim.

Respondi a uma questão que *ele* claramente sabia a resposta.

Senti minhas sobrancelhas franzirem. Mas por outro lado, por que ele não havia respondido?

Inclinei-me para frente e olhei para ele.

– Bom – ele disse. Discreto. Profundo. Perfeito. Depois de se ajeitar na cadeira, olhou-me nos olhos e exibiu o vestígio de um sorriso agradecido. – Encaminha pra mim depois?

Meu coração voou completamente para fora do meu corpo.

– É claro.

Ele ainda olhava para mim, claramente tão confuso quanto eu sobre o que acabara de acontecer, mas satisfeito, de um jeito misterioso. Não sei o que me fez falar aquilo. Em um minuto Niall Stella estava olhando para mim, no minuto seguinte ele estava todo atrapalhado procurando uma informação para responder a uma questão que eu tinha certeza de que ele poderia responder até mesmo dormindo.

Era como se sua mente estivesse viajando em outro lugar. Algo que nunca vi acontecer antes.

– E agora, a boa notícia – Anthony disse, olhando para uma pilha de papéis antes de passá-la adiante e se levantar. Ergui meus olhos, apreensiva por causa do seu tom de voz. Anthony adorava ter a atenção da sala e, pelo visto, estava se preparando para algo grande.

– O sistema de metrô de Nova York foi construído com a ideia de que tempestades perfeitas acontecem apenas uma vez a cada cem anos. Infelizmente, a realidade não é essa. Desastres como o furacão Sandy provam que aquilo que era esperado uma vez a cada século tem acontecido muito mais frequentemente. Os Estados Unidos estão gastando *bilhões* com projetos para entradas elevadas e comportas contra enchentes e, já que trabalhamos bastante com o metrô de Londres, eles também querem nossa opinião. Então, viajarei por um mês para participar da Conferência Internacional sobre Preparação Emergencial para transportes públicos, viagens aéreas e infraestrutura urbana.

– *Um mês?* – uma das engenheiras disse, ecoando aquilo que todos provavelmente estavam pensando. Imaginei se mais alguém estava ecoando minha comemoração mental com a ideia de ficar livre do Anthony por um bom período.

Ele fez um gesto na direção dela.

– Serão três conferências diferentes. Nem todos os convidados ficarão durante todo o tempo, mas já que nossa empresa é especialista tanto em infraestrutura urbana quanto em transporte público, Richard decidiu que gostaria que nós ficassemos por toda a duração do evento.

– Nós? – perguntou um dos executivos do departamento do Niall.

– Isso mesmo – Anthony disse, inclinando a cabeça para sua esquerda. – Niall

irá me acompanhar.

– Vocês *dois* vão ficar fora por um mês? – eu disse de repente, instantaneamente desejando poder agarrar minhas palavras e enfiá-las de volta na minha garganta. Eu era uma estagiária. Uma das regras veladas do Anthony era que nós não deveríamos falar nada, com exceção a perguntas diretas. Eu podia sentir o peso dos olhos de todos sobre mim novamente. E, pior do que isso, podia sentir os olhos *dele* pressionando minha pele, analisando.

– Hum, sim, Ruby – Anthony disse, claramente confuso. Ele deu a volta em sua cadeira para ficar de pé ao meu lado, com as mãos no bolso da calça. – Mas não se preocupe, sei que seu projeto da Oxford Street está quase pronto, minha ausência não irá afetar a liberação. Se você precisar de alguma coisa, é só ligar.

– Oh – eu disse, sentindo o calor lentamente sumir do meu rosto. – É bom saber disso, obrigada. – É claro que o Anthony pensou que minhas palavras vomitadas eram porque eu estava preocupada por *ele* – meu *chefe* – viajar, e que talvez sua ausência pudesse de alguma forma interferir no meu trabalho.

– Isso foi muito sutil – Pippa disse, enquanto suas longas unhas digitavam no teclado.

– Cala a booooca – gemi, afundando na cadeira.

Eu não sabia se o Niall Stella ainda estava olhando na minha direção, e a parte de mim que ainda tinha doze anos queria arrastar Pippa até o banheiro para que ela descrevesse a cena, segundo a segundo.

Mas eu sabia que isso seria um erro. Era o primeiro dia que ele reparava em mim de verdade e estraguei tudo, agindo como uma psicopata. Eu não aguentaria ouvir dela que ele fez *aquela* cara na minha direção, quando ele fechava o rosto como se alguém tivesse derramado chantilly em seu terno caro.

Eu achava melhor voltar para os tempos em que ele não sabia que eu existia.



Ao fim do dia, eu estava em nossa longa mesa compartilhada organizando uma pilha de permissões. Minha Coca diet já estava morna e eu contava os minutos para um banho quente e um livro (ainda mais quente) quando meu e-mail piscou com uma nova mensagem.

– Finalmente – suspirei. Estive esperando pela confirmação do número o dia todo, e agora, talvez, eu poderia ir para casa.

Ou talvez não.

Pippa bocejou ao meu lado e espreguiçou os braços sobre a cabeça. Já estava escuro lá fora e a caminhada até o metrô seria fria e molhada.

– Podemos ir agora?

Meus ombros caíram.

– Na verdade, é um e-mail do Anthony – eu disse a ela, franzindo as sobrancelhas diante da tela. – Ele quer me ver em seu escritório antes de eu ir embora. Posso pensar em pelo menos umas cem coisas que eu preferia fazer a isso.

– O quê? – ela disse, chegando mais perto para olhar meu monitor. – O que ele quer?

Eu sacudi a cabeça.

– Sei lá.

– Ele não tem relógio? Nossa hora já passou faz vinte minutos.

Digitei uma resposta rápida, dizendo que estava a caminho, depois comecei a arrumar minhas coisas.

– Espera por mim? – eu pedi.

Parando antes de fechar a gaveta com violência, ela fez uma cara triste.

– Tenho que correr, desculpa, Rubes. Esperei o máximo que podia, mas tenho muito que fazer à noite.

Eu disse que estava tudo bem, mas senti um pouco de desconforto por ficar sozinha no escritório, tarde assim, com Anthony.

Os corredores estavam vazios quando peguei o elevador para o sexto andar.



– Ruby, Ruby, entre – ele disse, parando de arrumar algumas coisas sobre sua mesa e as colocando dentro de uma caixa de papelão. *Será que ele foi despedido? Será que isso é um sonho?*

– Feche a porta e sente-se – ele continuou.

Senti minha boca querendo se curvar para baixo.

– Mas não tem ninguém aqui – eu disse, deixando a porta aberta e me sentando na cadeira em frente à mesa.

– Por que seus pais te deram esse nome, Ruby? – ele perguntou, analisando

meu rosto lentamente.

Minha careta aumentou. *O quê?*

– Hum... não sei direito. Acho que eles simplesmente gostavam do nome. – Anthony tinha vários hábitos do mundo dos negócios, incluindo manter uma garrafa de uísque numa mesa atrás de sua escrivaninha. Será que ele tinha bebido?

– Eu já contei a você qual era o nome da minha avó?

Olhei para o uísque, tentando lembrar o quanto estava cheio na última vez que estive aqui.

Anthony deu a volta na mesa e se sentou na beirada mais perto de mim. Sua coxa pressionou contra a lateral do meu braço e eu me ajeitei na cadeira.

– Não, senhor. Nunca me contou.

– Não, não me chame de “senhor” – ele disse, balançando a mão em protesto.
– Isso me faz sentir como se eu pudesse ser o seu pai, lembra? Me chame de Anthony.

– Certo. Desculpe... Anthony...

– Não sou o seu pai, sabe? – ele disse, enquanto se inclinava na minha direção. Houve uma pausa pesada. – Nem perto dessa idade.

Tentei disfarçar o estremecimento que se espalhou por meu corpo. Tenho certeza que, se fosse possível, Anthony literalmente se derreteria numa poça aos meus pés. E depois olharia debaixo da minha saia.

– Mas não foi por isso que chamei você aqui. – Ele se endireitou e puxou um arquivo de uma pilha em sua mesa. – Chamei você aqui porque houve uma mudança nos planos. Acontece que surgiu uma coisa e não vou poder ir para Nova York.

O que isso tinha a ver comigo? Ele achava mesmo que eu estava tão preocupada com sua ausência que precisava me atualizar pessoalmente?

Engoli em seco, tentando parecer interessada.

– Não vai poder?

– Não – ele disse, sorrindo, tentando ser generoso, até mesmo indulgente. – *Você vai.*

Dois

Apoiei o celular entre meu ombro e a orelha para juntar uma pilha de papéis com as duas mãos na minha frente.

— Entendo.

Um silêncio tomou o outro lado da linha.

— *Entende?* — Portia repetiu, numa voz que se tornou fina e apertada. — Você está me ouvindo?

Ela sempre soou tão impaciente comigo assim?

Infelizmente, acho que a resposta era sim.

— É claro que estou ouvindo. Você disse que está presa. Mas não vejo o que eu poderia fazer sobre isso, Porsh.

— Foi o que nós combinamos, Niall. Você concordou em me deixar ficar com o cachorro se *eu* concordasse em deixar você cuidar dele quando eu saísse de férias. Vou sair de férias e agora preciso que você cuide dele.

Mas se for um *transtorno* para você... — A voz dela sumiu, mas o eco reverberou através da linha, como ácido pingando em metal.

— Sob circunstâncias normais, cuidar do Davey não seria problema algum — respondi calmamente. Sempre calmo, sempre paciente, mesmo quando discutíamos quem deveria cuidar do cachorro enquanto ela viajava para Mallorca por uma semana para se recuperar do estresse da finalização do nosso divórcio. — A questão é que eu estarei fora do *pais*, meu amor.

Soltei um palavrão na minha mente, estremecendo.

Amor.

Depois de quase dezesseis anos juntos, alguns hábitos não morrem facilmente.

Seu silêncio em resposta foi pesado e denso. Dois anos atrás, essa mudez ao telefone teria me deixado em pânico. Um ano atrás, teria deixado meu estômago revirado.

Agora, nove meses após eu me mudar da casa onde morávamos juntos, seu silêncio irritadiço simplesmente me cansava.

Ergui os olhos para a quantidade de e-mails em minha caixa de entrada,

depois olhei para os contratos em minha mesa, e então para o relógio, que me dizia que já passava em muito da hora de ir para casa. Lá fora o céu havia escurecido. Assim que voltasse para casa teria que começar a arrumar as malas para Nova York e mal conseguiria avançar com o trabalho.

— Portia. Desculpe. Eu realmente preciso ir. Sinto muito pelo cachorro, mas não posso cuidar dele na próxima semana.

— Certo — ela suspirou. — Vai se *foder*.

Fiquei olhando para minha mesa por vários segundos depois que ela desligou, sentindo um pouco de enjoo, antes de baixar meu celular. Tive apenas uns dois segundos para me recuperar antes da porta abrir de repente e Tony entrar.

— Más notícias, cara.

Olhei para ele, erguendo uma sobrancelha num questionamento silencioso.

— Minha esposa está no hospital e as contrações começaram.

Já acompanhei a gravidez de muitos irmãos para saber que ainda não era hora disso com a esposa do Tony.

— Ela está bem?

Ele encolheu os ombros.

— Vai ficar de cama até a chegada do bebê. Ou seja, vou ficar em Londres.

Um alívio se espalhou em meu sangue. Tony era um colega de trabalho decente, mas uma viagem de negócios com ele geralmente significava visitas noturnas a boates de *strip* e, honestamente, isso era a última coisa que eu queria fazer durante um mês em Nova York.

— Então vou sozinho — eu disse, com uma voz mais suave do que antes.

Tony sacudiu a cabeça.

— Vou enviar a Ruby.

Demorei alguns segundos para entender de quem ele estava falando. A Richardson-Corbett não era uma empresa muito grande, mas o Tony contratava o máximo de estagiárias bonitas que o orçamento permitia. Havia várias em sua equipe e eu nunca conseguia distingui-las direito.

— Aquela morena da região de Essex?

Sua expressão de inveja frustrada parecia tão óbvia que foi quase audível.

— Não. Aquela maravilha da Califórnia.

Oh. Eu sabia quem era. Aquela que me socorreu hoje quando tive um raro caso de perplexidade.

Ironicamente, essa bobeira foi causada pela visão dela.

Aquela garota era *adorável*.

Porém...

— Aquela que parecia preocupada por você ficar ausente por um mês?

Eu praticamente podia ver o ego de Tony crescendo, e ele então sorriu todo orgulhoso.

— Exatamente.

— Mas você acha mesmo necessário enviar alguém? — perguntei. — A maioria das reuniões será sobre logística, de qualquer maneira. Os engenheiros estarão lá apenas para aconselhar.

— Ah, seu cachorro. Tenho certeza que conseguirá convencê-la a ir com você nas baladas.

Eu gemi por dentro.

— Não foi isso que eu quis...

— E, além disso — ele interrompeu —, ela é gostosa demais. Você nem vai precisar de um inferninho se der em cima da Ruby. Boas pernas, bons peitos, rosto *fantástico*.

— Tony — eu disse com uma calma extrema —, não vou “dar em cima” de uma estagiária.

— Mas talvez devesse. Se eu não fosse casado, com certeza experimentaria isso. — Ele deixou o silêncio reverberar pela sala, e eu tentei esconder minha aversão por ele parecer mais frustrado por não poder comer a Ruby do que preocupado por sua esposa ter entrado em trabalho de parto cedo demais. — Desde quando você não dá uma?

Desviei os olhos de sua expressão desafiadora e olhei para minha mesa. Não saí com nenhuma garota desde o divórcio e, com exceção da mão-boba que recebi no pub algumas semanas atrás, fazia uma eternidade que eu não ficava com uma mulher.

— Certo, então você vai ficar — mudei de assunto — e a Ruby vai me acompanhar em Nova York. Você passou a agenda para ela?

— Eu disse que a agenda era levar você até lá, sair nos bares, beber bastante e

transar um monte.

Passei a mão no rosto, gemendo.

— Maldição.

Ele riu, virando e se dirigindo para a porta.

— É claro que passei a agenda. Estou só brincando com você. Ela é uma boa estagiária, Niall. Ela pode até impressionar alguém como você.



Eu estava sozinho no elevador, indo embora para casa, quando Ruby entrou um pouco antes de as portas se fecharem. Nossos olhos se encontraram, eu tossi com força, ela quase engasgou... e na descida, o silêncio pesado se tornou imediatamente horrível.

O elevador descia devagar demais.

A quietude parecia enorme.

Nós viajaríamos juntos a negócios, e ao olhar para ela agora — jovem, cheia de energia e, admito, incrivelmente linda — lembrei que teríamos que conversar e nos conhecer, e havia poucas coisas em que eu era pior do que falar com mulheres.

Ela abriu a boca para falar, e então parou, voltando a ficar em silêncio. Quando olhava para mim e eu olhava de volta, ela desviava os olhos. Quando as portas para o saguão se abriram, fiz um gesto para ela ir em frente, e em vez de se mexer, ela quase gritou:

— Parece que vamos viajar juntos!

— É verdade — eu disse, mas meu sorriso deve ter parecido forçado.

Tente, Niall. Tente sair do modo robô por ao menos uma conversa.

Nada. Meu cérebro deu um branco, completamente despido de habilidades sociais. E ela ainda não havia saído do elevador.

Este momento precisava acabar. Sempre fui horrível em conversas casuais e, de perto, ela era ainda mais atraente do que eu esperava. Vários centímetros mais baixa do que eu, mas nem de longe baixinha, Ruby era esbelta e sarada, o cabelo curto e dourado, rosto bronzeado... e uma boca realmente perfeita.

Ruby era mesmo extraordinária. Por algum estranho instinto, segurei minha respiração.

Ela encolheu os ombros levemente, sorrindo.

— Sou americana, mas nunca estive em Nova York. Estou realmente animada.

— Ah. Bem... — Procurei uma boa resposta, olhando ao redor do pequeno espaço antes de acabar soltando um “Que legal”.

Gemi de frustração em minha mente. Isso foi ruim, mesmo para mim.

Seus olhos eram enormes, verdes e tão claros que percebi com apenas uma olhada que ela provavelmente não era uma boa mentirosa: todo o seu mundo se revelava através dos olhos, e no momento ela estava extremamente ansiosa.

Eu era o vice-presidente da empresa. É claro que ela ficaria nervosa perto de mim.

— Vamos nos encontrar no aeroporto na segunda-feira de manhã? — ela perguntou, voltando a olhar para mim. Sua língua apareceu para molhar os lábios e fixei minha atenção no meio de sua testa.

— Sim, acho que sim — comecei a falar, mas depois parei. Será que eu deveria arranjar um carro para nós dois? Meu Deus, se passar três minutos num elevador já era esse desastre, eu nem podia imaginar o quanto seria claustrofóbica a viagem de 45 minutos até o aeroporto de Heathrow. — A não ser que...

— Eu não...

— Você...

— Oh, desculpe — ela disse, com o rosto corado. — Eu te interrompi. Pode falar.

Suspirei.

— Não, por favor, continue.

Isso era horrível. Eu queria que ela se movesse para o lado para simplesmente me deixar passar. Ou que o chão se abrisse e me engolisse por inteiro.

— Posso encontrar você no aeroporto. — Ela ergueu sua bolsa sobre o ombro, fazendo um gesto inexplicável para trás. — Quer dizer, no portão. Vai ser muito cedo, você não precisa...

— Não vou. Quer dizer, eu não *faria*.

Ela piscou, compreensivelmente confusa. Eu já tinha perdido completamente o fio da meada de nossa conversa.

— Certo. Bom. É claro, você não... faria.

Olhei sobre seu ombro para a gloriosa liberdade lá atrás, depois olhei de novo em seu rosto.

— Desse jeito está bom.

A porta do elevador começou a vibrar enquanto eu continuava segurando-a aberta, numa trilha sonora perfeita para aquilo que deveria ser um dos encontros mais constrangedores da história da humanidade.

— Então, vejo você na segunda. — Sua voz deixou transparecer nervosismo e eu senti um suor frio descendo por minha testa. — Estou muito animada para isso — ela acrescentou.

— Certo. Bom.

Com um leve inclinar da cabeça e um último rubor que explodiu de um jeito muito gracioso em seu rosto, ela saiu do elevador.

Sem realmente ter a intenção, meus olhos pousaram em sua bunda enquanto ela andava. Era redonda, empinada, perfeitamente enorpada em sua saia macia e escura. Imaginei a curva em minha mão e ainda podia sentir o perfume de rosas que ela deixou como rastro.

Entrei no saguão e a segui em direção à saída. Sem esforço, minha mente viajou em pensamentos sobre como seria tocar os seios e sentir sua boca em mim enquanto eu agarrava sua bunda. Eu não era ruim na cama, era? E apesar da Portia ter sempre tratado o sexo como se estivesse fazendo um favor para mim, ela nunca deixou de aproveitar...

Esse lampejo inconsciente de interesse foi interrompido quando Tony apareceu descendo as escadas, soltando uma piscadela para mim e levantando a sobrancelha enquanto murmurava “sexo total” depois da Ruby sair de vista. Em seu lugar ficou uma ponta de vergonha por ter permitido que sua sugestão invadissem minha cabeça.



Crescer numa casa com doze pessoas significava que viagens aéreas não eram muito frequentes e, quando acontecia — em rápidos pulos para a Irlanda e, uma vez, quando sobramos apenas eu e a Rebecca em casa, nossos pais nos levaram até Roma para ver o Papa —, a casa inteira se transformava numa grande confusão. Tínhamos roupas formais que não eram tão elegantes quanto as roupas de Natal, mas mesmo essas não chegavam perto das roupas para viajar de avião.

Era um hábito difícil de matar, mesmo precisando me vestir antes do sol nascer, mas essa história explica por que eu acabei no aeroporto de Heathrow vestindo terno às quatro e meia da manhã de segunda-feira.

Em contraste, Ruby apareceu correndo na hora em que eu entrava em pânico — quando o embarque havia começado — vestindo uma blusa de moletom rosa, calça de lycra preta e tênis azul. Vi as pessoas reagindo a ela numa onda discreta percorrendo a multidão. Não sei se ela percebeu, mas quase todos os olhares masculinos — e muitos femininos também — a seguiram enquanto ela passava pelo portão de embarque.

Ela estava casual, mas disposta, o rosto corado por causa da corrida. Seus lábios rosados se abriam enquanto ela recuperava o fôlego.

Ruby parou de repente e arregalou os olhos quando me encontrou na multidão.

— Merda. — Ela bateu com a mão na boca. — Quer dizer, *droga* — ela murmurou. — Nós temos alguma reunião logo depois de desembarcar? — Ela começou a procurar algo no celular. — Eu decorei a agenda e podia jurar que...

Senti minhas sobrancelhas franzirem.

— Não...? — Ela decorou a agenda?

— Eu... você está realmente arrumado para o voo. Eu me sinto uma indigente em comparação.

Eu não sabia se deveria me sentir lisonjeado ou insultado.

— Você não parece uma indigente.

Ela gemeu, cobrindo o rosto.

— Vai ser um longo voo. Achei que fôssemos dormir o tempo todo.

Eu sorri por educação, embora a ideia de dormir ao lado dela no voo tenha criado uma ansiedade esquisita em meu estômago.

— Tenho algumas coisas do trabalho para fazer antes de chegarmos. Me sinto melhor vestido para a ocasião, só isso.

Eu não tinha certeza sobre quem de nós tinha errado na roupa, mas olhando para a maioria dos outros passageiros, comecei a entender que o errado era eu.

Com uma última olhada para o meu terno, ela se virou e começou a andar pelo corredor do avião, depois colocou sua bolsa de mão no compartimento acima. Fiz todo o esforço do mundo para não olhar sua bunda de novo... mas

falhei.

Deus do céu. Era inacreditável.

Sem perceber nada, Ruby se virou e chamou minha atenção para o seu rosto enquanto gesticulava entre os assentos.

— Você quer o corredor ou a janela? — ela perguntou. — Qualquer um está bom.

Tirei o casaco do terno e entreguei para a comissária, observando enquanto a Ruby se sentava na janela e guardava seu iPad e livro, mantendo o notebook no colo.

Após sentar do lado dela, e mesmo com o resto dos passageiros ainda embarcando, um pesado silêncio recaiu sobre nós. *Cristo*. Não apenas tínhamos seis horas de voo pela frente, mas depois mais quatro semanas em Nova York, juntos, durante toda a conferência.

Quatro semanas. Senti-me levemente enjoado.

Acho que deveria perguntar se ela estava gostando da Richardson-Corbett, ou quanto tempo fazia que morava em Londres. Ela não trabalhava no meu departamento, mas sim com o Tony, então eu tinha certeza de que o tempo que passou com ele deve ter sido... agitado. Eu poderia perguntar onde ela cresceu — embora eu soubesse pelo Tony que foi na Califórnia. Ao menos podia quebrar um pouco o gelo.

Mas então teríamos que continuar conversando, e isso definitivamente não estava funcionando. Era melhor deixar do jeito que estava.

— Gostaria de alguma bebida antes da decolagem? — a comissária perguntou antes de me entregar um guardanapo.

Fiz um gesto para Ruby, que se inclinou para falar com a mulher em meio ao barulho das pessoas embarcando. Um seio encostou em meu braço sobre a camisa, e senti meu corpo inteiro enrijecer, tomando cuidado para não parecer que era eu quem estava me encostando nela.

— Eu gostaria de um pouco de champanhe — Ruby disse.

A comissária sorriu desconfortavelmente ao assentir — com certeza não era algo que eles geralmente serviam antes das cinco da manhã — e depois se virou para mim.

— Eu... — comecei a falar, mas parei. Será que eu deveria pedir champanhe também para não parecer estranho para ela? Ou será que eu deveria dar o

exemplo de profissionalismo e pedir um suco? — Bom, acho que se não for muito trabalho eu também gostaria de... Ruby ergueu a mão.

— Estou totalmente brincando. Desculpe. Piadinha bombástica! Quer dizer, não! Nada de bomba, eu nunca brincaria sobre... isso. — Ela fechou os olhos e gemeu. — Quero só um suco de laranja.

Olhei para a comissária com a mesma expressão confusa que ela tinha.

— Eu gostaria de um suco de uva, por favor.

Depois de anotar nossos pedidos, a comissária se virou para a esquerda e a Ruby se virou para mim. Algo em seu rosto, com aquela honestidade indefesa em seus olhos... despertou um sentimento de proteção em mim ao qual eu estava totalmente desacostumado.

Ela desviou os olhos, olhando agora tão forte para sua bandeja que achei que fosse quebrar com a intensidade.

— Está tudo bem? — perguntei.

— É só que... desculpe por aquilo. E, sim. Eu... — Ela parou, depois tentou de novo. — Eu não iria pedir champanhe. Você achou mesmo que eu pediria?

— Bem. — Ela *tinha* pedido, mesmo que fosse piada. — Não? — Eu esperava que isso fosse a resposta certa.

— E aquela coisa da bomba — ela sussurrou, balançando a mão na frente do rosto como se tentasse jogar o pensamento fora. — Eu fico tão idiota quando estou perto de você.

— Então é só comigo?

Ela se encolheu, percebi como aquilo tinha soado.

— Não. Eu... digo, eu não concordo com o que você falou: nunca vi você agindo como idiota perto de mim.

— E no elevador?

Sorrindo, eu tive que ceder.

— Bom...

— E agora mesmo?

Isso fez algo revirar dentro de mim.

— Posso fazer alguma coisa sobre isso?

Ela virou para meu rosto e me olhou com um tipo familiar de afeto.

Depois piscou, sacudiu a cabeça, e aquela expressão sumiu.

— Vou ficar bem. Estou só um pouco nervosa de viajar com o diretor de planejamento e *blá, blá, blá...* Querendo acalmá-la um pouco, perguntei:

— Onde você fez sua graduação?

Ela respirou fundo e depois se virou completamente para mim.

— UC San Diego.

— Engenharia?

— Sim. Com o Emil Santorini.

Eu reagi, erguendo levemente uma sobrancelha.

— Ele é difícil.

Ela sorriu abertamente.

— Ele é *incrível*.

Uma pontada de interesse reverberou por mim.

— Só as pessoas brilhantes acabam pensando assim.

— Ou vai ou racha — ela disse, encolhendo os ombros e sorrindo enquanto apanhava o suco de laranja da comissária. — Foi isso o que ele disse na primeira semana do laboratório. E ele não estava errado. Havia mais dois alunos quando começamos. Fui a única que sobrou no final do primeiro ano.

— Por que você está em Londres? — perguntei, embora suspeitasse já saber.

— Estou querendo entrar para o programa de engenharia civil na Oxford. Já entrei na engenharia geral, mas ainda não recebi a resposta da Margareth Sheffield se consegui entrar em seu grupo.

— Ela só decide um pouco antes do começo do semestre. Se bem me lembro, isso deixa os alunos completamente malucos.

— Nós engenheiros gostamos de tudo planejado com antecedência. Acho que não somos a categoria mais paciente do mundo.

Eu sorri.

— Como eu disse, completamente malucos.

Ela mordeu o canto do lábio e sorriu de volta.

— Você não estudou com ela.

— Não oficialmente, mas ela foi mais mentora minha do que meu mentor de

verdade.

— O Petersen se aposentou quanto tempo depois de você se formar?

Senti meus olhos se arregalarem. Quanto ela sabia sobre meu antigo departamento? E sobre mim?

— Suspeito que você já saiba a resposta.

Ela tomou um gole do suco e pediu desculpas discretamente depois de engolir.

— Eu sabia que você foi seu último aluno, mas acho que estava curiosa para saber o quanto foi difícil.

— Foi horrível — admiti. — Ele era um bêbado e, mais do que isso, uma pessoa realmente ruim. Mas isso foi há quase dez anos. Você era uma criança. Como sabe disso tudo?

Ela apertou levemente os lábios e eu senti minha pele se aquecer. *Cristo*. Ela era tão linda.

— Uma das repostas é que — ela começou a dizer com um pequeno sorriso — fiquei sabendo do trabalho da Maggie Sheffield no meu segundo ano e fizemos um tour pelo edifício Stately. Fiquei um pouco obcecada em estudar com ela antes que se aposentasse. Quando perguntei para o Emil sobre ela, ele também contou um pouco da história do seu antigo departamento. — Encolhendo os ombros, ela acrescentou: — Ouvi algumas histórias sobre o Petersen.

Inclinei minha cabeça, imaginando quais histórias ainda flutuavam por aí.

— É verdade que ele jogou uma garrafa num aluno? — ela perguntou.

Ah. O boato que nunca morria.

— Sim, mas não foi em mim. O pior que recebi dele foi um xingamento verbal... ou uns dez.

Ruby assentiu, parecendo aliviada.

Ela disse que *uma* das respostas era essa.

— E qual é a outra resposta? — perguntei.

Ela olhou para a janela por alguns segundos antes de continuar.

— Comecei a trabalhar na Richardson-Corbett e descobri que você estudou na Oxford, então fiquei pensando se você tinha estudado no programa da Maggie. Descobri que não, mas... pesquisei um pouco mais sobre você mesmo assim.

Parecia que havia uma camada oculta sob aquilo que estava dizendo, e pensei por um segundo que agora entendia o olhar de afeto familiar que ela exibiu alguns momentos atrás. Então ela virou para frente, com um sorrisinho docemente diabólico no rosto.

— Você se surpreenderia com o quanto consegue notar apenas prestando atenção.

— Me dê um exemplo.

Endireitando-se no assento, ela disse:

— Você veio depois de trabalhar no metrô de Londres para começar uma divisão de urbanismo. Estudou em Cambridge na graduação, Oxford na pós e foi o mais jovem executivo da história do metrô — Ruby sorriu timidamente. — Você quase se mudou para Nova York para trabalhar com o Gabinete de Transporte

Metropolitano, mas recusou a oferta em favor da RC.

Erguendo uma sobrancelha, murmurei:

— Impressionante. O que mais você sabe?

Ela desviou os olhos, corando ainda mais.

— Você cresceu um Leeds. E era uma das estrelas do time de futebol de Cambridge enquanto esteve por lá.

Será que ela tinha estudado tudo isso na noite passada? Ou sabia disso tudo antes da viagem? E qual resposta eu preferia? Acho que eu sabia qual delas aumentaria esse frio no estômago que senti.

— E o que mais?

Hesitando, ela disse:

— Você tem um Ford Fiesta, o que acho infinitamente engraçado, já que provavelmente ganha mais dinheiro do que a rainha. Você é conhecido por ser um ferrenho defensor do transporte público, então nunca usa o carro. E, além disso? Não tenho ideia de como você caberia num Fiesta. E, também, você se divorciou recentemente.

Meu queixo se apertou quando qualquer divertimento com sua pesquisa foi rapidamente extinguido.

— Eu achava que esse detalhe não seria discutido no trabalho, nem estaria disponível facilmente numa pesquisa da internet.

— Desculpe — Ruby disse, e percebi quando ela afundou mais um pouco no assento. — Eu sempre esqueço que nem todo mundo cresceu com dois psicólogos. Nem todo mundo é um livro aberto.

— Estou sentindo uma tentação de perguntar como você sabe do meu divórcio, mas acho que a fofoca do trabalho...

— Acho que tudo estava sendo finalizado quando comecei a trabalhar lá, então as pessoas estavam comentando... — Ela se endireitou e olhou para mim com grandes olhos que pediam desculpas. — Não é um assunto frequente, eu juro.

Eu podia apenas imaginar meu humor sombrio na época em que ela entrou na empresa. Naquele ponto eu estava tão irritado com os dramas de Portia que facilmente teria me mudado para dentro de um barril de cerveja, se fosse possível. Decidi trocar o assunto.

— Você tem irmãos ou era só você com os terapeutas?

— Um irmão — ela disse, depois tomou outro gole de suco. — E você?

— O quê? Quer dizer que ainda não sabe?

Ela riu, mas ainda parecia um pouco constrangida.

— Se eu tivesse pesquisado ainda mais... poderia acabar num território esquisito.

Com uma piscadela, eu murmurei:

— *Poderia.*

Ela ficou me olhando com expectativa, e quando o avião começou a acelerar, notei suas mãos agarrando os braços do assento. Ela estava tremendo.

Continuar conversando para distraí-la parecia uma boa ideia.

— Na verdade, tenho nove irmãos — eu disse.

Seu queixo caiu.

— Nove?

Eu me acostumei tanto com essa reação que nem piscava mais.

— Sete irmãs e dois irmãos. Sou o segundo mais novo.

Ela franziu a testa enquanto pensava mais um pouco.

— Minha casa era tão silenciosa e calma. Eu... não conseguiria imaginar como foi a sua infância.

Rindo, eu disse:

— Acredite em mim, isso é verdade. Você não conseguiria.

— Oito irmãos mais velhos — ela disse para si mesma. — Aposto que às vezes você sentia que eram oito pais.

— Às vezes — admiti. — Meu irmão mais velho, o Daniel, era o pacificador. Sérió, ele mantinha todo mundo na linha. Acho que ajudou o fato de termos mais meninas do que meninos; de modo geral, nós até que éramos bem-comportados. Meu irmão do meio, o Max, era geralmente quem aprontava mais, só que sempre escapava das broncas porque era tão charmoso. Pelo menos, é assim que ele descreve. Eu era quieto e estudioso. Um pouco chato, na verdade.

Ela ficou em silêncio por um momento enquanto me observava, depois disse:

— Conta mais?

Encostei minha cabeça no assento, respirei fundo, calmamente. Fazia *anos* que eu não conversava tão casualmente assim com uma mulher que não fosse a Portia, uma irmã, ou esposa de um amigo. Seu interesse era genuíno e me deu uma sensação de confiança que eu não sentia há muito tempo.

— Fazíamos a maioria das nossas aventuras juntos. Formamos uma banda de sopro. Escrevemos um livro de memórias. Uma vez pintamos a lateral da casa com os dedos.

— Eu honestamente não consigo imaginar você com tinta nas mãos.

Encolhi os ombros dramaticamente e sorri para sua risada. Havia algo ali, um alívio em seus olhos, algo lá no fundo que me fazia sentir um afeto em relação a ela.

Continuei falando de um jeito totalmente não característico, mas ela ouvia com toda a atenção, fazendo perguntas sobre o Max, sobre minha irmã Rebecca, sobre nossos pais. Ela perguntou sobre minha vida fora do trabalho, e quando eu disse com um sorriso provocador que ela já sabia sobre o divórcio, Ruby perguntou como eu e minha esposa nos conhecemos. Curiosamente, não achei estranho contar que eu e a Portia nos conhecemos quando tínhamos dez anos de idade, nos apaixonamos aos catorze e nos beijamos aos dezesseis.

Mas não admiti a ela que a mágica começou a morrer apenas três anos mais tarde, no dia do nosso casamento.

— Deve ser estranho passar tanto tempo com uma pessoa e depois acabar tudo — ela disse discretamente, virando para a janela. — Não posso nem

imaginar. — Sua franja caiu sobre os olhos; um pequeno brinco de diamante decorava delicadamente a curva de sua orelha. Quando voltou a me olhar, ela disse: — Sinto muito as pessoas comentarem sobre isso no trabalho. Isso deve parecer uma invasão de privacidade tão grande.

Desviei os olhos e não respondi. Todas as potenciais respostas que eu tinha pareciam honestas demais.

Não é tão estranho, e talvez isto seja o mais estranho.

Estou solitário há bastante tempo. Então por que só agora isso começou a me incomodar tanto?

Nunca imaginei querer falar sobre isso com alguém, mas aqui estamos nós. Você pode perguntar o que quiser.

Mas quando fiquei em silêncio, o constrangimento voltou. Porém, com sua atenção voltada para a janela e seu corpo relaxado, eu percebi com alívio que era constrangedor apenas para mim. A tensão da decolagem havia dissipado, algo dentro dela se acalmara.

Fiquei surpreso ao pensar no quanto eu gostava de ficar perto dela.

—

Ruby acabou caindo no sono, lentamente se inclinando para o meu lado até sua cabeça pousar em meu ombro. Eu me virei, dizendo a mim mesmo que estava olhando para a janela, mas aproveitei para sentir o aroma floral de seus cabelos. De perto, sua pele era perfeita. Pálida, com uma leve porção de sardas sobre o nariz e uma linda aparência cheia de frescor. Seus lábios estavam molhados onde ela havia passado a língua, e os cílios negros contrastavam com o rosto corado.

Na mão, ela segurava um pequeno caderno de anotações da Richardson-Corbett e uma caneta. Eu o tirei delicadamente de suas mãos e — contrário a meu melhor julgamento — não resisti à curiosidade e abri na primeira página, onde havia anotações do trabalho. Nossa agenda, alguns recursos para empresas de engenharia e projetos na área, uma lista de pessoas que ela encontraria em Nova York e uma lista de pensamentos sobre como poderia usar a conferência para escrever sua proposta de tese para Margareth Sheffield. Percebi que ela anotou cuidadosamente tudo que Tony havia passado.

No final, escrito com sua bonita caligrafia, havia o seguinte:

Anotação da Agenda nº 1: Não seja idiota perto do Niall Stella. Não fique

olhando vidrada, não gagueje, não fique muda. Você consegue. Ele é apenas humano.

Só agora me ocorreu que esse caderno poderia ser algum tipo de diário em vez de uma agenda profissional. Ela estava tão ansiosa em viajar com o vice-presidente da empresa que escreveu um encorajamento para si mesmo.

Depois de devolver o caderno em suas mãos, fechei os olhos, inclinando a cabeça em sua direção, enquanto silenciosamente pedia desculpas por desta vez ter sido *eu* quem invadiu sua privacidade.

Sonhei com uma pele macia descansando sobre meu peito nu e beijos com sabor de champanhe.

Três

Acordei com a voz da comissária no sistema de som dizendo que logo aterrissaríamos em Nova York.

Abri os olhos devagar e imediatamente estremeci. Um jato frio de ar seco soprava diretamente em meu rosto, e parecia que um motor roncava ao fundo. Eu estava deitada de um jeito estranho no assento, sem mencionar a vontade desesperada de ir ao banheiro, mas por algum motivo...

Eu estava tão confortável. Seja lá quem estivesse ao meu lado era tão quente e firme e tinha um cheiro delicioso e...

Endireitei-me de repente, desenroscando meu braço de Niall Stella, e – *oh, Deus* – eu tinha enlaçado sua *coxa* com minha perna?

Já foi ruim o bastante no elevador, e agora isso? *Oh, Deus*. Será que eu chutei algum cachorrinho numa vida passada? Por que estava sendo punida desse jeito?

Cuidadosamente soltei seu corpo e olhei ao redor, percebendo que não tinha ideia de que horas eram. A cabine ainda estava escura e notei que as pessoas estavam dormindo com as janelas abaixadas para bloquear a luz. Arrumando o cabelo, tentei alongar meus músculos. Meu pescoço ficaria bem, mas a urgência do banheiro realmente precisava ser resolvida. Imediatamente.

Recostei-me, passei minhas mãos suadas em minhas coxas e me permiti um momento para acordar. Ontem, Niall Stella não sabia que eu existia. Hoje, eu praticamente voei para Nova York em seu colo. Em 24 horas passei de *Ruby Miller: Admiradora Secreta e Semiassediadora*, para *Ruby Miller: Companheira de Viagens Internacionais*.

Sem mencionar o fato de que dormi em cima dele e partes dele definitivamente dormiram sobre mim. E bem, isso iria para meu diário ainda *hoje*.

Ele não se moveu ainda. O que era ruim, por causa da situação do banheiro, mas ao mesmo tempo era incrível, afinal, quando eu teria outra oportunidade assim? Com exceção daquela hora semanal, nunca tinha chance de olhar para ele desse jeito. Em reuniões, sempre havia muitas pessoas ao redor ou passando rapidamente nos corredores. Uma vez, fiquei atrás dele na fila do bufê numa festa da empresa, mas tudo que consegui foi uma boa olhada em sua bunda sob a

calça do terno. Não que eu esteja reclamando, é claro. Niall Stella jogava futebol e remava com seus companheiros no Rio Tamisa todos os sábados. Suas costas faziam parte da minha lista de Dez Partes Favoritas do Corpo do Niall Stella (e por enquanto eu deixava o primeiro lugar vago).

Mas aqui eu estava tão perto que podia contar os cílios dele se quisesse. E meio que fiz isso.

Niall Stella não era *tão* mais velho que eu – apenas sete anos –, mas parecia tão jovem desse jeito. Seu cabelo estava levemente despenteado atrás, a franja caía em sua testa brilhante e macia. Sua camisa verde-clara já estava amassada e no ombro havia uma mancha escura no tecido.

Onde eu havia babado.

Oh, Deus.

Limpei meu rosto, praguejando por ele ser tão quentinho e macio e me fazer dormir tão pesado que acabei babando em seu terno chique das quatro da manhã. Socorro. Olhei ao redor e não encontrei nada além de um guardanapo amassado na minha bandeja. Apanhei o guardanapo e passei cuidadosamente, esperando que talvez eu pudesse consertar tudo antes que ele notasse. Mas não estava funcionando. Não só isso: o movimento fez seus olhos abrirem para encontrar meu rosto a apenas alguns centímetros dele.

Eu sorri.

– Oi.

Ele piscou algumas vezes antes de acordar de vez, passando os olhos do guardanapo em minha mão e depois para o ombro.

– Foi mal – murmurei, seguindo com uma risada trêmula e nervosa. – Meu sono é delicado.

Ele sorriu e eu vi um lampejo gracioso de covinhas.

– Acontece.

Queria dar um tapa em mim mesma pelo pensamento que veio a seguir, um desejo de subir em cima dele e montar naquela cintura fina e sarada. Maldição, Ruby. Você não leu a anotação número um da sua agenda? *Não seja idiota perto do Niall Stella.*

Ele se espreguiçou, sem perceber que eu estava surtando.

– Acho que eu também cochilei, então... também peço desculpas.

– Oh, Deus, não. Não peça desculpas. Você estava adorável... – comecei a falar, mas fechei a boca imediatamente. – Vamos aterrissar logo, então vou trocar rapidinho de roupa.

Sem esperar que ele se mexesse, levantei do assento, subindo em seu colo no processo. Ele tentou se levantar antes de perceber que eu estava determinada a escapar, e se ele se levantasse, sua virilha iria entrar em contato direto e constrangedor com a minha bunda, então ele simplesmente agarrou os braços do assento como se sua vida dependesse disso. E isso significou que minha bunda ficou diretamente na frente do rosto dele, mas acho que isto era preferível a uma encoxada.

Botão interno de sobrevivência? Temos um problema aqui.

Nem olhei para ele enquanto tirava minha bolsa de mão do compartimento acima e comecei a andar o mais rápido que minhas pernas permitiam até o banheiro mais próximo.

Trancada em segurança lá dentro, respirei fundo pela primeira vez em uns dez minutos. Por que era tão impossível agir como um ser humano normal quando eu ficava perto dele?

– Controle-se – falei para mim mesma automaticamente, e abri a bolsa com força. Tinha tudo que eu precisava ali dentro; infelizmente, a teoria de trocar de roupa num banheiro de avião era muito mais fácil do que a prática.

Bati a cabeça na pia quando me abaixei para descer a calça. O avião balançou com uma turbulência quando ergui meu pé para entrar na saia, e quase pisei dentro da privada antes de cair para trás batendo na porta com força. Demorei dez minutos para me vestir e pentear, e com certeza todas as pessoas na primeira classe – e provavelmente nas outras classes – olharam na direção do banheiro, tentando entender o que diabos se passavam ali dentro. Mas saí com a cabeça erguida e voltei para o meu lugar.

O fato de Niall Stella estar notadamente parado não acalmou meus nervos.

Ele não olhou na minha direção, mas manteve os olhos diretamente para frente e murmurou um “está tudo bem?” quando apertei o cinto.

– Perfeito – menti. – Já que estava presa num lugar minúsculo, decidi que era uma boa hora para dançar um pouco.

Um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca antes de ele abaixar e começar a rir de verdade.

– Eu fiz um pouco disso também enquanto você estava lá.

Algo dentro de mim derreteu e me segurei para não virar, capturar seu rosto nas mãos e beijá-lo como se não houvesse amanhã.



O avião pousou dez minutos antes da hora marcada. Os passageiros começaram a levantar e apanhar a bagagem nos compartimentos, e fiquei de pé na frente do Niall enquanto esperávamos para entrar no corredor até a saída.

Olhei sobre meu ombro para ele, querendo ter certeza que estava pronto. Mas ele não baixou os olhos para mim. Ele estava olhando com determinação para o teto do avião.

Alguma coisa estava errada.

Por seis meses trabalhei no mesmo prédio de Niall Stella e ele nunca havia me notado antes. Mas agora era diferente. Ele não estava me evitando sem perceber, como antes; era deliberado. Ele estava inquieto e afobado e, se fosse aceitável sair correndo para o táxi e fugir dali, acho que ele faria isso.

A primeira classe e a classe econômica estavam saindo pela mesma porta e virei de novo, sorrindo para ele enquanto esperávamos as pessoas na frente se moverem.

– Chegamos um pouco cedo, o motorista pode não estar aqui.

Ele olhou para mim rapidamente, depois desviou os olhos.

– Certo – ele disse.

Ceeeeerto.

Virei e continuei a andar pelo corredor, quando uma mulher perto de mim me agarrou pela camisa.

– Aviso de amiga, aviso de amiga – ela sussurrou, e a olhei confusa. – Sua saia está presa na calcinha.

MINHA O QUÊ?

Ela chegou mais perto e eu senti o sangue sumir do meu rosto.

– Mas, cá entre nós, acho que o cara atrás de você gostou disso.

Levei a mão para trás e não senti nada além de pele. Puxei freneticamente a saia para soltá-la da posição que estava expondo minha bunda inteira.

Botão interno de sobrevivência? Sou eu de novo, a Ruby.

Agradei a mulher e desci a escada, carregando minha bagagem de mão, rezando para o chão se abrir e me engolir inteira. Quando entramos no terminal, fingi procurar algo dentro da bolsa para que Niall Stella andasse na minha frente e eu não precisasse lutar contra o impulso de ficar constantemente checando a saia.

Ele viu minha bunda.

Por que você escolheu usar fio dental?

Ele viu sua bunda pelada, Ruby.

Ficamos lado a lado enquanto esperávamos nossa bagagem e, honestamente, eu não tinha certeza de quem de nós estava mais horrorizado. Era impossível ele não ter visto. Eu sabia que ele tinha visto. E ele sabia que eu sabia que ele tinha visto.

Fiquei olhando para a esteira, esperando minha mala aparecer, quando o senti chegar mais perto.

Ele cheirava a sabonete e creme de barbear e, quando sussurrou, seu hálito tinha cheiro de hortelã.

– Ruby? Desculpe sobre... Eu não sou muito bom com... – Ele parou e eu me virei para encará-lo. Estávamos tão próximos. Seus olhos castanhos possuíam toques verdes e amarelos, e senti meu coração subir pela garganta quando ele olhou rapidamente para minha boca. – Não sou muito bom com...mulheres.

Minha humilhação foi substituída por algo mais calmo, mais quente e infinitamente mais doce.



Já estive em cidades grandes – San Diego, San Francisco, Los Angeles, Londres –, mas tinha certeza de que não eram nada comparadas a Nova York.

Todas as construções eram enormes, tomando o mínimo de espaço no chão possível enquanto se erguiam para o alto. Os edifícios lotavam o céu, deixando apenas uma faixa azul-acinzentada diretamente acima de nós. E era barulhento. Nunca ouvi tanta buzina ao mesmo tempo – não que alguém nas ruas notasse. O ar era preenchido com uma mistura de buzinas e gritos, e enquanto andamos do terminal quatro do JFK para o nosso carro, e do carro para as portas giratórias do Parker Meridien, não vi uma única pessoa incomodada com o barulho.

Niall me seguiu a uma distância apropriada quando entramos no saguão – perto o bastante para deixar claro que estávamos juntos, mas não *juntos* – e fomos para nossos respectivos quartos. Eu estava ali como colega dele, não como sua funcionária ou assistente, ou mesmo... sua amiga, então não recebi nenhuma informação sobre qual era seu quarto ou, digamos, qual era o tamanho da cama dele. Nem recebi uma despedida formal; quando o celular dele tocou, Niall apenas acenou educadamente e desapareceu num corredor.

Certamente fiquei parecendo como se tivessem roubado meu cachorrinho, e então tive um sobressalto quando o funcionário tossiu ao meu lado, claramente esperando para me levar até o quarto.

Uma vez dentro do elevador, o peso do dia me atingiu como um caminhão, e me ocorreu que eu estava acordada desde as três da manhã, mais um cochilo no ombro do Niall. Uma tela na parede do elevador mostrava um desenho animado antigo: Tom acertou Jerry na cabeça com um martelo, e, enquanto eles corriam ao redor de um barril, o elevador subia até o décimo andar e senti meus olhos cada vez mais pesados.

Segui o funcionário pelo corredor e fiquei olhando enquanto ele abria a porta. No centro do quarto havia uma cama Box grande o bastante para umas quatro pessoas, em frente a uma televisão enorme. Havia um conjunto de cadeiras *art déco* num dos cantos e uma janela que cobria toda a parede oposta, com uma longa escrivaninha embaixo.

A cama realmente parecia um sonho – lençóis imaculados e travesseiros fofinhos. Meu corpo amoleceu com a vontade de desabar de cara no colchão. Infelizmente, eu já havia aprendido da maneira mais difícil o quanto o *Jet lag* pode ser um problema, então, por mais que eu quisesse, tirar um cochilo era exatamente o que eu *não* deveria fazer.



Droga.

Era a segunda vez no mesmo dia que eu acordava de repente depois de um sono profundo. Babando.

O quarto à minha volta estava quase completamente escuro, e por um momento eu não sabia onde estava. E então lembrei: Nova York. O hotel.

Niall Stella.

Lembrei de ter tomado banho e vestido um roupão, depois decidi descansar os

olhos apenas enquanto o serviço de quarto não chegava e... bom, aqui estamos.

Levantei-me, sentindo os músculos endurecidos enquanto esfregava o rosto na manga do roupão. Cara, quando dormia, eu dormia *mesmo*.

Enquanto meus olhos se acostumavam, abri as cortinas e me forcei a encontrar o celular. Havia duas mensagens da minha mãe, querendo saber se eu já tinha chegado, e uma da Lola. Depois de passar o dia todo longe da internet, prendi a respiração antes de checar os e-mails.

Reunião amanhã: *preciso ler*.

Ideias do Tony: *isso pode esperar até amanhã*.

Liquidação na Victoria's Secret: *oooooh, vou marcar como importante para mais tarde*.

Aviso da assistente do Niall... *Espera aí, o quê?*

Ela anexou nossa agenda atualizada para o dia seguinte, junto com a hora para nos encontrarmos no saguão e alguns pontos que ele queria passar. Também havia o número de seu celular, “caso surgisse algo problemático”.

Fiquei olhando para a tela.

Eu tinha o número do celular de Niall Stella.

Será que ousaria ligar? Já que certamente dormi enquanto entregavam minha comida, eu poderia enviar uma mensagem para ver se ele queria sair para comer alguma coisa. Mas isso não se encaixava na categoria *problemático*, por mais fome que eu tivesse. E se ele não pediu para sua assistente perguntar quais eram meus planos para o jantar, então eu tinha que assumir que ele tinha seus próprios planos, e eu deveria fazer os meus.

Foi só agora que percebi que estava *mesmo* imaginando as próximas quatro semanas: Niall Stella e eu, *juntos*, no escritório temporário de Nova York ou passeando pela Broadway, ou discutindo animadamente sobre o trabalho durante refeições em restaurantes ótimos recomendados pelos próprios nova-iorquinos. Antes, eu havia imaginado *inconscientemente* como seria sua risada quando eu fizesse alguma piada enquanto tomávamos cerveja no fim do dia, e como trocaríamos olhares durante a correria das reuniões.

Mas a realidade era que eu provavelmente ficaria sentada ao fundo de uma sala de reunião fazendo anotações, depois voltaria para o hotel sozinha e passaria um mês pedindo comida no quarto.

Eu não podia enviar uma mensagem para ele, e definitivamente não queria

chamar o serviço de quarto de novo.

Olhei para meu reflexo no espelho do banheiro e – *nossa* – o cabelo parecia um ninho de passarinho, a maquiagem estava borrada, o rosto todo marcado pelas linhas do travesseiro. Eu parecia melhor do que isso até quando ficava a noite toda acordada na faculdade. A menos que estivesse disposta a gastar um tempo para ficar minimamente apresentável, eu teria que me conformar com salgadinhos e refrigerante de alguma máquina no corredor.

Com um rolo de notas e algumas moedas no bolso do meu roupão, abri a porta lentamente e olhei para o corredor. Estava escuro e pouco familiar (obrigada, *Jet lag*): o papel de parede tinha padrões escuros e cada porta estava iluminada com uma pequena placa de neon e campainhas.

Avistei uma placa iluminada de uma máquina de gelo ao longe e comecei a andar hesitante, deixando a porta se fechar atrás de mim. Senti o carpete macio e grosso contra as solas dos pés, e isso me lembrou de que eu estava completamente nua debaixo do roupão. Tentei, mas não consegui ouvir nenhum burburinho de vozes nos quartos, nem mesmo o zumbido de alguma tevê ligada. Tudo estava quieto demais, parado demais. O corredor se estendia ameaçadoramente na escuridão à frente. Dei alguns passos para longe do meu quarto, cerrando os olhos e me preparando para a chegada de qualquer coisa inesperada.

– Ruby?

Soltei um gritinho de surpresa e pulei de susto, depois fechei os olhos com força quando reconheci a voz, pensando se deveria ou não me virar. Talvez eu pudesse sair correndo. Talvez pudesse fingir ser outra pessoa e ele perceberia seu erro e voltaria para o seu quarto, seja lá qual fosse.

Mas, óbvio, não deu certo.

– Ruby? – ele perguntou de novo, com um toque de incredulidade na voz, já que pessoas normais não andam descalças em corredores de hotéis usando apenas um roupão. E, olha só, considerando a brisa que entrou por baixo do roupão, o ar-condicionado tinha acabado de ser ligado também.

Que ótimo detalhe, universo, muito obrigado.

– Oi! – eu disse, animada demais, alto demais, e depois me virei.

Assustado, Niall Stella deu um passo para trás, quase batendo na porta aberta que, a propósito, ficava do lado da minha.

Então iríamos compartilhar uma parede... Talvez até a parede do banheiro... Onde ele tomava banho... Pelado.

Concentre-se, Ruby!

Tentei parecer casual.

– Por que você está no corredor? Eu estava procurando algo para comer... – eu disse, girando o cinto do roupão antes de perceber o que estava fazendo.

Soltei como se estivesse pegando fogo.

– Algo para comer? – ele repetiu.

Coloquei a mão na parede e me apoiei ali.

– Isso.

Niall Stella olhou ao redor do corredor e depois voltou a me olhar, inspecionando meu roupão. E talvez, apenas talvez, se meus olhos não estavam mentindo, ele deu uma olhada em meus peitos. Onde o roupão estava aberto, possivelmente expondo um seio.

Aparentemente chegamos a essa conclusão ao mesmo tempo.

Seus olhos dispararam para minha testa e eu agarrei o tecido. Se continuasse assim, Niall Stella me veria totalmente nua até o fim da semana.

– Da máquina – expliquei, e passei uma mecha de cabelo atrás da orelha, gemendo quando lembrei como estava minha aparência. – Eu estava apenas indo pegar umas batatinhas.

Ele fingiu que estava olhando ao redor.

– Não sei se um lugar desses teria batatinha – ele disse, corando um pouco junto com um leve sorriso no canto dos lábios. – Talvez barrinhas de cereal? Caviar, com certeza. Ainda bem que você está vestida para a ocasião.

Ele estava me *provocando*.

Meu irmão era meu melhor amigo, seus amigos eram meus amigos, e eu era boa *nisso*. Piadinhas. Ser marota com os caras. Eu conseguia fazer isso sem parecer uma idiota. E sem pensar no quanto eu queria levar ele para a cama. Talvez. Mas ele estava usando um terno cinza – meu favorito – e uma camisa escura sem gravata. Nunca vi Niall Stella sem gravata, e foi preciso uma força sobre-humana para manter meus olhos em seu rosto e não na pequena faixa de pele exposta sobre o colarinho aberto.

Ele tinha cabelo no peito e meus dedos formigaram de vontade de tocar. Mas

ele ainda estava esperando minha resposta.

– Sorte sua eu pelo menos ter vestido isto – eu disse.– Geralmente como batatinha só de calcinha no sofá.

Sua sobrancelha subiu de um jeito gracioso enquanto o rosto permaneceu estoico.

– Na verdade, eu sei que isso faz parte dos dez mandamentos dos salgadinhos. Infelizmente, o mesmo não é verdade quando se trata de caviar.

– Ou barrinhas de cereal – acrescentei, e ele riu.

– Verdade.

Encolhendo os ombros, olhei de volta para a porta do meu quarto.

– Acho que vou dar mais uma olhada no cardápio do serviço de quarto.

– Vou deitar – ele disse – e fazer você gozar.

Arregalei os olhos e virei para ele imediatamente.

– Você vai... *o quê?*

Juntando as sobrancelhas com um olhar confuso, ele disse lentamente:

– Vou descer, você quer me acompanhar?

– Oh – eu disse, tentando respirar fundo. – Você vai jantar lá embaixo?

– Você disse que era sua primeira vez? – Niall começou a falar, e nossos olhos se arregalaram antes de ele acrescentar rapidamente: – Em Nova York. Sua primeira vez em Nova York.

– Hum, sim – respondi, apertando o roupão na altura do pescoço.

– Talvez você... – ele começou a falar, mas parou de novo, levando a mão na garganta como se quisesse afrouxar uma gravata que não estava lá. Depois baixou as mãos. – Vou encontrar meu irmão. Ele mora com a esposa aqui na cidade. Vou jantar com ele e alguns parceiros lá embaixo. Você quer vir junto?

O irmão dele morava aqui? Guardei essa informação no fundo da minha mente, junto com o quanto eu queria ir, e – certa de que iria me odiar mais tarde por isso – sacudi a cabeça, negando. Não queria ser intrometida.

– Acho que provavelmente vou...

– Você estaria me fazendo um favor, na verdade. Às vezes é difícil lidar com todo o entusiasmo do meu irmão Max. – Niall parou novamente, como se estivesse reconsiderando, depois sacudiu a cabeça levemente e continuou: –

Você será uma distração bem-vinda.

Já que eu sou a Capitã Sem-Noção e insisto em pintar cada interação entre nós com toques de nudez ou constrangimento, fiquei parada ali, muda, piscando por muito mais tempo do que seria socialmente adequado.

– É claro, se não quiser...

– Não, não! Desculpe, eu... Você pode me dar uns dez minutos pra me trocar e...? – Fiz um vago gesto mostrando o desastre na minha cabeça.

– Você só precisa de dez minutos? – ele perguntou com um tom cético.

Deus, ele está me provocando de novo.

– Dez minutos – confirmei com um sorrisinho. – Doze, se não quiser minha saia presa na calcinha.

Niall soltou uma risada que surpreendeu a nós dois, antes de se recompor.

– Então está combinado. Vou esperar no saguão. Nos vemos em *dez* minutos.



Nunca na história deste planeta alguém se arrumou tão rápido quanto eu.

No momento que as portas do elevador se fecharam atrás dele, saí correndo. Joguei o roupão no chão, arranquei o vestido azul da mala e corri para o banheiro. Passei um pano úmido no rosto e juntei minha maquiagem. Passei hidratante e pó na velocidade da luz. Passei um pouco de creme no cabelo e liguei o secador, penteando mecha por mecha. A prancha aqueceu em questão de segundos, e depois de algumas passadas, tirei da tomada e a guardei. Escovei os dentes, apliquei blush, passei rímel e gloss. Coloquei o vestido com cinco minutos sobrando. Infelizmente, esqueci de vestir a calcinha, então usei o tempo restante para apanhar uma na mala, encontrar um carregador para o meu celular e colocar um sapato razoável.

Apanhei a bolsa, chequei novamente se todas as partes do vestido estavam no lugar, e depois de tomar fôlego e rezar um pouco, andei até o elevador.

Quatro

Levantei do meu lugar, olhar vidrado no ponto de onde ela saía do elevador, completamente sem palavras. Ela se trocou em dez minutos, mas estava... Deslumbrante. Imediatamente fiquei ao mesmo tempo animado por estar perto dela e um pouco ressentido por essa complicação — Ruby — invadir aquilo que seria uma viagem rotineira, chata e *fácil*.

Engolindo em seco, fiz um gesto para a entrada de um dos bares do hotel, o Knave.

— Vamos comer algo?

— Sim, por favor — ela disse, com seu enorme sorriso e a longa silhueta vibrando levemente com empolgação, atraindo todos os pensamentos que restavam em minha mente. — Eu poderia comer uma vaca inteira agora. Espero que eles tenham um filé do tamanho do seu tórax.

Ergui uma sobrancelha achando aquilo divertido.

Ela riu enquanto procurava algo na bolsa, murmurando para si mesma:

— Juro que normalmente sou mais inteligente que isso.

Eu queria dizer que ela era divertida e entusiasmada. Mas segurei a língua; dessa vez, parecia que sua observação não a afetara tanto assim.

— Meu irmão estará lá — lembrei-a. — E seus amigos. Espero que não se importe. Eles são legais, mas são...

— Caras? — ela completou.

— De certa maneira, sim — eu disse com um sorriso.

— Oh, eu sei lidar com caras — ela disse, começando a andar junto comigo. Eu notei, talvez não pela primeira vez, que ela possuía a habilidade de dizer coisas que, se fosse outra pessoa, poderiam soar convencidas, mas quando ela dizia era apenas divertido.

— Imagino que sim.

Virando-se para olhar meu rosto quando chegamos na frente do bar, ela disse discretamente:

— Isso é um elogio?

Seus olhos cintilavam sob as luzes, e novamente ela parecia já saber que, fosse ou não um elogio, com certeza não era um insulto. A verdade é que foi sim um elogio. O que eu deveria ter dito é que ela parecia saber lidar com quase qualquer coisa.

— Eu nem sonharia em insultar suas qualidades.

— Viu? — Ela sacudiu a cabeça levemente. Com um sorriso provocador, disse: — Eu nunca sei se você está tirando com a minha cara. Você é tão sisudo. Acho que vou te dar uma placa pra sinalizar ironia.

Eu sorri em resposta e me virei para a anfitriã do bar.

— Viemos encontrar nossos amigos. — E enquanto eu falava, avistei meu irmão e seus amigos lá dentro. — Ah, ali estão eles.

Sem pensar, enlacei o cotovelo da Ruby e comecei a conduzi-la para uma mesa cercada por sofás de veludo e poltronas macias. Seu braço estava quente e firme, mas quando percebi o quanto isso parecia um flerte, soltei-a. Era assim que eu conduziria uma *namorada* para a mesa, não uma colega de trabalho.

Eles notaram nossa aproximação quando ainda estávamos longe, e os homens sentados — Max, Will, Bennett e George — pararam de falar para nos ver chegando. Ruby era alta e magra, quase desengonçada, mas não de um jeito ruim. Sua postura era perfeita, o queixo sempre erguido. Ela tinha a graciosidade de uma mulher de longas pernas que mal havia entrado na idade adulta.

Quatro pares de olhos se moveram do rosto da Ruby para seu corpo esbelto, descendo para os pés e depois subindo, antes de se virarem para mim com um brilho renovado.

Maldição.

Eu sabia, sem precisar ouvir palavra nenhuma, o que meu irmão idiota estava pensando. Sacudi a cabeça discretamente, mas seu sorriso sacana apenas aumentou.

Todos se levantaram, cumprimentando a mim e se apresentando, um a um, para Ruby. Mãos foram apertadas, nomes foram ditos e amabilidades trocadas. Fui tomado por um nervosismo. Isso já não parecia mais um jantar de negócios, ou mesmo um jantar social com meus amigos. Senti que a Ruby estava sendo mostrada, como se eu a estivesse exibindo para eles. Como se fosse sua *apresentação*.

— Isso parece uma entrevista de emprego — ela disse ao tomar seu lugar ao

lado do George num sofá de veludo vermelho. — Todos esses *ternos*.

Eu engoli em seco, sentindo meu rosto se aquecer com constrangimento e alívio quando percebi que ela não sentia o mesmo que eu. Não havia flerte entre nós.

Sempre fui péssimo para entender os sinais das pessoas.

— Esse é o problema do centro da cidade — Bennett disse com um sorriso fácil, depois fez um gesto para a garçonete.

— Um gim e tônica com bastante limão — Ruby disse, depois olhou rapidamente para o limitado cardápio do bar. — E um sanduíche de presunto serrano, por favor.

Uma mulher que gosta de gim e tônica, meu drinque favorito? Deus do céu. Até o Max percebeu, erguendo as sobrancelhas na minha direção.

— O mesmo para mim — eu disse, entregando o cardápio para a garçonete. — Mas com pouco limão.

— Então, de onde vocês todos se conhecem? — Ruby perguntou ao Max.

— Bom — ele inclinou a cabeça na minha direção —, esse cara aqui é meu irmão mais novo, claro.

Ruby sorriu.

— Ouvi dizer que não é o único.

— É verdade — Max disse com uma pequena risada. — Somos dez irmãos. — Ele apontou para os outros ao redor. — O Bennett aqui eu conheci na faculdade; o Will eu conheci quando me mudei para Nova York, e tivemos a péssima ideia de abrir um negócio juntos...

— Sim, péssima, sua carteira reclama até hoje — Will disse ironicamente.

— O George aqui trabalha com minha esposa, Sara — Max finalizou.

— Sou o Faz-tudo dela — George esclareceu. — Arrumo sua agenda, encho as garrafas no escritório e escondo as páginas sociais quando ela e o Max são flagrados fazendo alguma coisa que não deviam.

Passadas as apresentações, voltamos nossa atenção, obviamente, para a Ruby, embora no meu caso acho que isso aconteceria de qualquer maneira. Sob a fraca luz de velas e contra o cenário de paredes espelhadas, pesadas cortinas de veludo e o chão de madeira dramaticamente polido, ela parecia quase brilhar.

— Há quanto tempo você mora em Londres? — Bennett perguntou. — Você

claramente não é britânica.

— Sou de San Diego — ela disse, enquanto passava uma mecha de cabelo para trás da orelha.

Bennett ergueu uma sobrancelha.

— Minha esposa e eu nos casamos no Hotel Del Coronado.

— Que lindo! — O sorriso da Ruby poderia iluminar o salão mesmo no breu da noite. — Já participei de alguns casamentos lá, e foram maravilhosos. — Ruby agradeceu à garçonete quando ela trouxe nossos pedidos e tomou um gole de seu drinque. — Eu me formei em junho passado e me mudei para Londres em setembro, então já faz uns seis meses. Entrei no programa de estágio de um ano na Richardson-Corbett, mas vou cursar a pós em Oxford no outono.

— Ah, teremos mais uma urbanista? — Max perguntou, olhando para mim.

— Não — Ruby disse, sacudindo um pouco a cabeça.

— Engenheira de materiais.

Meu irmão suspirou, fingindo alívio.

— Então você vai concordar comigo que urbanismo é a profissão mais entediante que existe?

Rindo, Ruby sacudiu a cabeça outra vez.

— Odeio desapontar você, mas minha tese na faculdade foi sobre urbanismo e políticas públicas. — Max gemeu ironicamente. — Espero voltar algum dia para a Califórnia vestindo um uniforme de super-heroína e revolucionar completamente o sistema de transportes de lá, ou a falta de um.

Acabei me inclinando um pouco em sua direção para ouvi-la melhor.

— O sul da Califórnia está lotado de carros — ela disse, quando o silêncio continuou. — Todo mundo viaja entre as cidades usando carro ou trem, mas não existe um jeito fácil de andar dentro das cidades sem dirigir. Los Angeles cresceu muito, e muito rápido, sem um sistema integrado de transporte, então o projeto seria redesenhar um cenário urbano que já é complicado.

Olhando para mim, ela acrescentou:

— É por isso que quero trabalhar com a Maggie. — Tomando um gole e depois voltando para os outros, Ruby explicou: — Margareth Sheffield, a mulher com quem quero estudar, ajudou a criar infraestruturas ao redor de velhas estações de metrô, em espaços urbanos apertados. Ela é genial.

Até o Bennett se juntou ao resto de nós olhando para ela com uma mistura de curiosidade e deslumbramento.

— Jesus. Quantos anos você tem, Ruby? — George perguntou.

Fiquei grato por George estar ali. Ele estava disposto a fazer todas as perguntas que eu queria mas nunca teria coragem de fazer.

Ela arrumou a mecha de cabelo de novo, fazendo um gesto que agora eu reconhecia como sendo seu sinal de desconforto.

— Vinte e três.

— Você é praticamente um zigoto — George disse, suspirando. — Toda essa ambição e você não têm nem um quarto de século ainda.

— Bom, e quantos anos *you* tem? — ela perguntou, com seu sorriso brilhante tomando todo o seu rosto. — Você não parece muito mais velho do que eu.

— Não quero falar sobre isso — George reclamou. — É depressivo. Estou praticamente alcançando a idade do Viagra.

— Ele tem *vinte e sete* — Will respondeu, empurrando.

o George de brincadeira.

— Mas, falando sério. Vamos direto ao assunto — George disse. — Você tem namorado, adorável-garota-de-vingte-e-três-anos-Ruby? — Virei o rosto imediatamente para baixo e fiquei olhando para o meu drinque. — E ele possui um amigo gay igualmente adorável?

— Eu tenho um irmão — ela desconversou, e depois franziu as sobrancelhas como se pedisse desculpas. — Acho-o adorável, mas, infelizmente, ele é hétero. Eu poderia ter feito uma fortuna cobrando das minhas amigas para dormir em casa durante o colégio.

Bennett assentiu e disse:

— Gosto do seu espírito empreendedor.

George chegou mais perto, dizendo:

— Não pense que não percebi o jeito como você escapou da pergunta do namorado. Por acaso eu preciso bancar o cupido enquanto você estiver em Nova York?

— Honestamente, acho que você não quer fazer isso. — Ruby levantou seu drinque e colocou o canudo na boca enquanto olhava em meus olhos. — Esse cara aqui pode confirmar, apenas meia hora atrás eu parecia uma indigente.

— Pelo contrário — argumentei. — Ninguém veste um roupão de hotel com mais dignidade que você.

Ela riu e depois tossiu, tentando engolir.

— Você é meu mentiroso favorito.

— Estou sendo sincero — eu disse, baixando meu drinque sobre a mesa. — Também fiquei impressionado com o jeito como você conseguiu deixar o cabelo espetado para todos os lados. Poucas pessoas conseguem isso apenas cochilando na cama do hotel.

Ela encolheu os ombros, sorrindo ainda mais com nossa troca de piadinhas.

— Muitos tentaram me ensinar os caminhos do cabelo alisado. Muitos falharam.

Todos na mesa estavam nos olhando cheios de insinuação. Eu definitivamente teria que aguentar as provocações do Max mais tarde.

— Então, sem namorado — George disse, sorrindo de um jeito mordaz.

— Exato — ela respondeu.

— E não está interessada em ninguém em particular?

Ruby abriu a boca e depois imediatamente fechou, enquanto seu rosto corava. E depois olhou ao redor da mesa com olhos apertados.

— Não me diga que vocês se encontram para falar de relacionamentos? Qual é o próximo assunto? Sapatos?

Bennett inclinou a cabeça na direção do George.

— O culpado é esse cara aqui. É só levar ele junto nos bares e isso acontece.

— Eu já disse centenas de vezes, Ben-Ben — George respondeu. — Você é o chefão durante o dia, eu comando quando a noite cai.

Bennett o encarou friamente, e fiquei olhando para o George enquanto ele lutava para não desabar sob a pressão.

— George — ele disse, finalmente, tentando não rir —, você nunca me disse isso.

Explodindo numa risada de alívio, George respondeu:

— Eu sei, mas achei que seria divertido falar. Estou só tentando impressionar a Ruby.

— Ruby, você vai acabar roubando o George de mim — Will disse, sorrindo.

— Dificilmente. — George esticou a mão e tocou o nariz do Will com cada palavra: — Ela. Não. Tem. As. Partes. Certas.

— Certo, certo — Bennett disse, apanhando seu drinque e tomando um longo gole. — Voltamos a discutir anatomia. Tudo está normal.

—

Um silêncio recaiu sobre a mesa quando todos se viraram para olhar a Ruby se retirar do bar e subir para o quarto. Ela foi absolutamente charmosa durante o jantar, e o grupo suspirou ao mesmo tempo quando ela pediu licença para ir embora por causa de nosso trabalho logo cedo. Também fiquei triste.

— Olha só, quem diria.

Olhei para a expressão convencida do meu irmão.

— Agora que estamos sozinhos — Will começou —, acho que não precisamos mais fingir que nossa conversa será civilizada, não é? — Cada um deles concordou e, ao meu lado, com seu drinque na mão, Will tomou um pequeno gole de uísque. — Também acho que podemos concordar que o Bennett será um importante consultor neste caso.

Max riu.

— A conferência? — perguntei, confuso.

— Isso acontece sempre — Bennett acrescentou ironicamente. — Estagiária gostosa. Chefe em negação. Vou escrever um passo a passo para você não se ferrar no caminho.

Pisquei incrédulo, engolindo em seco quando entendi o que eles queriam dizer.

— Ela não é minha estagiária. Não tenho nada a ver com a carreira dela. — Sacudi a cabeça, frustrado, porque isso era exatamente o que eu *não* deveria ter falado. — Não estou... quer dizer, ela não está interessada. E nem eu.

Os quatro riram ao mesmo tempo.

— Niall — Will disse, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Ela quase derrubou o drinque em você quando o George perguntou se estava interessada em alguém.

— Eu ia dizer a mesma coisa — Bennett comentou.

— E algo me diz que ela seria a primeira a se voluntariar para limpar — Will acrescentou.

— Bom, talvez seja porque ela está interessada em alguém que trabalha com a gente na RC.

— Exatamente. *Você*. — Max levantou seu copo e terminou o resto do líquido âmbar.

— Sinceramente — eu disse, lutando contra um sorriso. — Ela é uma garota fantástica, mas certamente não é uma opção romântica para mim.

Inclinando a cabeça, Bennett perguntou:

— Qual é a cor dos olhos dela?

Verdes, mas não falei nada. Balancei a cabeça como se não soubesse.

— O que ela estava vestindo? — Will perguntou.

Um vestido azul que chegava só até o joelho, mas também não falei nada. *Uma delicada corrente de ouro ao redor do pescoço e um anel no dedo anelar direito – que tive que resistir para não mencionar até o George lançar a bomba sobre o namorado*.

Revirei os olhos, e meu irmão riu novamente, desta vez apontando seu drinque para mim.

— Caras não notam essas coisas a menos que estejam *interessados*.

— Ou se for o George — Will acrescentou, e o George agarrou sua nuca e tentou puxá-lo para um beijo.

— Bom, está óbvio que não preciso pensar mais sobre isso — eu disse. — Vocês todos já decidiram por mim.

— Essa é a nossa função — Will disse, ajustando o colarinho da camisa e se ajeitando na cadeira. — É um vício, nós sabemos.

— Honestamente, eu até achava que tínhamos perdido o dom — George disse.

— É um alívio saber que ainda estamos na ativa. As garotas ficarão tão orgulhosas. — Max bateu os dedos na mesa quando se levantou. — Bom, é melhor eu ir embora. Tenho uma nova rotina: a Sara coloca a bebê para dormir e eu dou mamadeira depois da meia-noite.

— Então sua filha finalmente está aceitando quando você dá a mamadeira? Aposto que agora você também cheira igual a uma mulher — eu disse para o Max, lembrando da piadinha que ele fez na minha última visita.

Max riu e deu um tapinha nas minhas costas, e todos levantaram, num acordo

silencioso que dizia que era hora de ir para casa. Fiquei olhando meu irmão juntar suas coisas e se despedir, sentindo uma mistura de orgulho e um pouco de inveja daquilo que ele encontraria em casa: uma esposa, uma filha. Um lar.

— Dê um beijo nas garotas por mim — pedi, enquanto ele saía do bar. Ele acenou, depois desapareceu de vista. O bar do hotel pareceu completamente deserto, silencioso de um jeito opressor, agora que os quatro tinham ido embora.

Deixe-me descrever melhor a inveja que senti. Não era uma amargura ou nada ruim desse jeito. Acontece que eu havia percebido, quando visitei o Max e a Sara há algumas semanas, que eu *sabia* o que eu queria — estabilidade, uma esposa, uma família — mas agora estava muito longe disso. Nunca fui bom com mudanças, e parecia assustador encarar a ideia de alterar minhas expectativas sobre a vida e meu futuro pós divórcio.

Não tinha percebido até agora o quanto eu havia evitado até mesmo *pensar* sobre como a vida seria daqui em diante e como eu gostaria que ficasse. Eu simplesmente apertei o botão PAUSE. Por sete meses, segui em frente no automático: centrado no trabalho, no futebol e no remo nos fins de semana; saindo à noite ocasionalmente com meus amigos, Archie e Ian.

Porém, para conseguir o que eu queria, seria preciso me expor e conhecer alguém.

E agora, através do poder da sugestão — do Tony, Max, Will e do Bennett, até do George — ou talvez, simplesmente, por estar na presença de uma mulher linda e doce, meu cérebro imediatamente começou a imaginar se a Ruby *poderia* ser o tipo de mulher com quem eu sairia.

Mas eu não queria investir em Ruby simplesmente porque os outros pensavam que eu deveria, ou porque possuía esse espaço vago em minha vida. É claro que eu a achava atraente, e — em alguns lugares secretos da minha mente — podia facilmente me imaginar tentando algo com ela.

Será que eu conseguiria ter uma relação com paixão e honestidade, com um grau de lealdade que nunca senti com Portia? Minha lealdade sempre fora primeiro para ela, mas a dela nunca deixou de ser primeiro para seus pais, deixando-me num distante segundo lugar. Nunca me ocorreu que isso era estranho, mas olhando agora eu sabia que isso significava que nunca seríamos capazes de uma verdadeira parceria em nosso casamento.

No último ano ou dois, entendi que estava resignado em ter a Portia como minha parceira simplesmente porque ela era grande parte da minha história.

Mas, apesar da minha hesitação e reserva, fui criado numa casa cheia de amor, crianças e as mais absurdas aventuras. Embora não fosse eu quem criasse a espontaneidade e a animação, precisava disso ao meu redor, daquela maneira passiva que as pessoas precisam de ar ou calor.

O rosto divertido e sapeca da Ruby pairava em meus pensamentos quando peguei o elevador para meu andar.

Era como se ela tivesse aparecido para mim no momento perfeito. Não necessariamente para que eu pudesse me aproximar com intenções românticas, mas para eu adquirir uma perspectiva sobre quantos tipos diferentes de mulheres existem por aí — e de que nem todas são iguais à Portia.

Desfazer uma vida compartilhada com ela foi um processo gradual e excruciante. Primeiro, o apartamento: quase sem discussão, decidimos que ficaria com ela. Depois, o carro: também dela. Portia ficou com o cachorro, a mobília e uma grande parte da poupança. Deixei tudo para trás, surpreendentemente aliviado.

Ela foi meu primeiro beijo, meu primeiro amor, meu primeiro tudo. Casamos com dezenove anos, e eu queria continuar casado, apesar do martírio, por mais que isso estivesse fora de moda.

Acontece que num certo dia nosso tormento alcançou o ponto onde eu não conseguia enxergar uma razão para continuar.

Não conseguia mais enxergar ela sendo ardente comigo de novo, e também para mim o sexo há muito havia se transformado em algo mecânico e indiferente. Há anos não falávamos sobre crianças e, para ser justo, eu não conseguia imaginar a Portia amando seus filhos da maneira como minha mãe nos amava: com beijos entusiasmados em nossa barriga e constantes lembretes físicos de adoração maternal. Agora, meses após o divórcio, eu me pergunto como pude imaginar uma vida com ela: numa casa asséptica, fria, com tudo perfeitamente arrumado.

No fim, nosso divórcio foi desencadeado por algo tão inócuo quanto remarcar um almoço. Eu havia recebido um aviso de uma reunião que ultrapassaria a hora em que deveríamos nos encontrar no restaurante. Portia geralmente trabalhava em casa, mas uma hora de flexibilidade foi pedir demais.

— Você alguma vez já considerou o *meu* dia? — ela perguntou. — Alguma vez já considerou o que *eu* coloco de lado para passar tempo com você?

Pensei em todas as férias românticas que ela havia cancelado, e os jantares de

comemoração que havia perdido porque ficou até tarde na casa das amigas, ou porque esqueceu; ou quando estendeu suas férias com as amigas porque estava se divertindo demais.

— Eu tento considerar.

— Mas não considera, Niall. E, honestamente, estou cansada disso.

Sendo a Portia, ela precisava ter a última palavra. E, naquele momento, com uma lucidez que eu não estava esperando, conformei-me com a ideia de aquela ser a última palavra. Eu simplesmente queria uma saída.

— Eu entendo, Portia. Todo mundo tem seu limite.

Ela se assustou um pouco quando usei seu nome; eu só a chamava de “amor”.

— Já chega — ela disse, irritada. — Niall, estou me afogando. Eu simplesmente não consigo viver minha vida e carregar o peso de tudo isso.

Tudo isso, ela disse, significando: nós. Significando: o peso de um casamento sem amor.

Ela me olhou, movendo os olhos por meu rosto, descendo pelo pescoço, chegando onde minhas mãos descansavam confortavelmente nos bolsos da calça.

Eu nunca conseguia evitar a suspeita de que, quando me olhava daquele jeito, ela estava me comparando a outra pessoa. Alguém mais elegante, menos alto, mais americano, menos paciente com ela.

Após minutos de intenso silêncio, ela voltou a falar.

— Nós não nos parecemos mais — começou a dizer, com a voz indiferente — naturais, como antes.

E foi assim.

Cinco

Quando meu despertador tocou às seis da manhã, parecia que eu tinha acabado de fechar os olhos.

Com o rosto debaixo do travesseiro, podia perceber que o quarto ainda estava escuro. Mesmo assim, também ouvia o eco das buzinas na cidade lá fora, o burburinho das pessoas que já encaravam a manhã fria a caminho do trabalho, faculdade ou seja lá o que os adultos fazem a essa hora.

Rolei para o lado, calculando em minha mente quantas vezes poderia apertar o botão de soneca sem me atrasar, quando lembrei exatamente *onde* eu estava...

E com *quem* estava...

E o quanto me *diverti* na noite passada.

E a cama de *quem* provavelmente estava do outro lado, separada apenas por uma insignificante parede.

Ele poderia estar na cama neste exato instante. Fechei os olhos e me permiti imaginar isso. De repente, levantar e me arrumar para um dia inteiro com ele parecia mais importante do que dormir.

Pulei da cama e corri para o banheiro, tomando cuidado para evitar qualquer espelho no caminho. Hoje seria meu primeiro dia na conferência. Meu primeiro dia trabalhando ao lado do Niall Stella, aprendendo e sendo parte daquilo que ele fazia, e não apenas um vulto em seu campo visual.

Depois da noite passada, passei a enxergá-lo de um jeito muito diferente. Ele ainda era o homem que preferia ficar a distância, observando e tomando nota sobre que estava sendo dito e *como* foi dito, mas também sabia ser um cara simples, relaxado e engraçado, saindo com outros caras e tomando drinques num bar. Sabia descontraí, ser sociável, rir de si mesmo e dos outros com sua maneira gentil.

Ele me provocou de novo – na frente de seu irmão – com seus olhos escuros brilhando com diversão e ternura. Senti meu estômago dar um nó e o coração martelar no peito só de lembrar. Será que ele seria assim durante toda a viagem? E se fosse, como eu resistiria a não cair a seus pés declarando meu amor?

Ah!

Eu poderia pensar em centenas de maneiras para estragar tudo num dia normal de trabalho. Mas hoje? Cansada e sofrendo os efeitos do *Jet lag*? Quem sabe o que poderia acontecer?

Eu praticamente sentia as bolsas pesadas debaixo dos meus olhos, mas mesmo assim um lampejo de adrenalina disparou por minhas veias. Meu coração acelerava quando eu imaginava nós dois trabalhando pertinho um do outro, debruçados sobre algum arquivo na mesa, nossos ombros se tocando lado a lado e seu cabelo macio caindo sobre a testa.

Isso acabaria num desastre, com certeza.

Comida era a última coisa em minha mente, mas eu precisava dar o meu melhor hoje. Liguei para o serviço de quarto e adorei ouvir a campainha apenas alguns minutos depois de sair do banho.

O cheiro de café da manhã invadiu o quarto, e qualquer ideia sobre não estar com fome desapareceu imediatamente. Corri para a porta, parando para checar se estava tudo certo com meu roupão, pois era cedo demais para acharem graça de qualquer gafe com meu vestuário.

Assinei a conta e estava fechando a porta, quando Niall Stella apareceu saindo do elevador.

Deus do céu. Ele estava malhando.

– Bom dia, Ruby.

Mantenha a compostura. Você consegue.

– Bom dia. Acordou cedo – eu disse.

Número de Vezes Em Que Vi Niall Stella Suado: uma.

Tentei olhar discretamente, mas era impossível ser sutil. Eu achava que o Niall Stella sabia usar um terno, mas ele usava camiseta como se tivesse nascido para isso. Eu queria agradecer aos céus por aquela camiseta azul extremamente apertada. Ele a vestia de um jeito tão casual. Totalmente sem malícia. Conhecendo a pessoa, deve ter escolhido por algum benefício aerodinâmico complicado. E, Deus do céu, a camiseta fazia maravilhas com seu peitoral.

Ele tinha ótima postura, a barriga era reta, o peito definido e volumoso. Vestia um calção de futebol, e as pernas eram musculosas, como eu imaginava. Vê-lo assim desse jeito me deixou impressionada com seu tamanho novamente. Eu sempre fui alta e nunca estive perto de um homem que me fazia sentir tão miúda e feminina. Com essa proximidade e o frescor de seu suor entre nós, fiquei ciente

demaís das minhas próprias curvas, minha boca, e o quanto ele se sobrepunha a mim por vários centímetros. Sem esforço, tudo nele era drasticamente masculino.

– Você pediu batatinha no serviço de quarto? – ele provocou, fazendo um gesto para meu roupão.

Olhei para baixo e comecei a rir.

– Eu estava pensando em vestir isso durante o mês inteiro, espero que não se importe. – Segurei o nó do cinto e percebi seus olhos seguindo o movimento.

Meu Deus.

Eu queria esticar os braços e agarrá-lo, usando a gola da camiseta para puxá-lo para a cama. Ou talvez pudesse agarrar a barra suada da camiseta e usar para me apoiar enquanto ele me comia por trás...

Oh.

Senti meu rosto corar.

Ele apoiou seu largo ombro na parede e me encarou.

– O vestido que você usou ontem era muito bonito.

Você podia alternar entre os dois.

Eu ri.

– Eu...

Espera um pouco, o quê?

Meus olhos se arregalaram enquanto eu processava aquilo. Seu rosto também estava corado, mas ele não desviou os olhos. *Não fique afobada, Ruby. Não estrague tudo.*

– É uma boa ideia – eu disse, sentindo um sorriso enorme invadir meu rosto. Fingi arrumar a saia do roupão descendo até as coxas. – Entra vento demais por aqui.

Concordando, ele pareceu morder a parte de dentro da bochecha para impedir um sorriso.

– É o que parece.

Apontei meu polegar para a porta atrás de mim.

– Então... acho que vou vestir umas roupas de verdade.

– Certo. Vou tomar banho e encontro você lá embaixo, pode ser? – ele

perguntou quando me virei para entrar no quarto.

Secretária Imaginária, por favor, acrescente “assistir ao Niall Stella tomando banho” na minha lista de coisas a fazer antes de morrer. E ponha no primeiro lugar, se não for muito trabalho.

– Bom plano.

Ele assentiu uma vez.

– Vou ser rápido.

– Não – eu disse, alto demais, rápido demais. Fechei os olhos, respirando fundo para me acalmar. – Não tenha pressa.

Ele parou com o cartão de acesso inserido na maçaneta da porta de seu quarto e olhou sobre o ombro para mim. Seu pequeno sorriso mostrou que ele leu cada pensamento em minha mente antes que eu tivesse a chance de colocar tudo em ordem.

– Está tudo bem? – ele perguntou num tom baixo.

– Sim. Só preciso de café.

Seus olhos brilharam com um deleite misterioso.

Como se gostasse do meu absoluto e desesperado tormento.

– Certo, então. Vejo você lá embaixo. *Que comecem os jogos, Mr. Darcy.*



A descida do elevador foi a mais longa da minha vida. contei cada andar que passava na tela, sentindo meus nervos aumentarem enquanto me aproximava do térreo. Niall estaria esperando por mim e depois andaríamos até o escritório temporário. Apenas nós dois. Sem distrações. Sozinhos. Nada de mais.

Só que era, *sim*, algo enorme. Era o começo de uma das experiências profissionais mais empolgantes da minha vida, e também um dia cheio com a pessoa que eu tinha certeza que era o Homem Mais Maravilhoso do Planeta.

Ajeitei meu vestido, endireitei o colarinho da jaqueta e chequei tudo novamente: bolsa, notebook, celular, bunda e calcinha, tudo certo. Apesar do nervosismo, eu ainda estava cansada. A bolsa do notebook parecia mais pesada do que de costume, a combinação de fadiga e tensão me deixava um pouco inquieta.

Chequei meu reflexo outra vez e subitamente comecei a questionar meu

visual. Lá fora estaria frio, mas dentro do escritório provavelmente estaria quente demais, com o aquecedor ligado para compensar o clima de março. Escolhi botas que subiam até o joelho e com um salto considerável; seriam, ao mesmo tempo, confortáveis para andar e quentes o bastante, caso tivérmos que ir até a cidade para vistoriar as muitas estações de metrô sob nossa supervisão. Imprimi todos os arquivos e relatórios que precisaria. Eu estava pronta.

Mas ainda aterrorizada.

Cheguei ao saguão, comecei a procurar por Niall e logo o encontrei. Ele estava atrás de mim, perto da recepção e – *Jesus, me salve* – junto com o casaco dobrado no braço, seu terno era de outro mundo.

– Putz, você fica bem de terno.

Pensei essas mesmas palavras centenas de vezes nos últimos meses. Milhares. Eu as dizia para mim mesma quando passava por ele nos corredores; provavelmente possuía mais de uma fantasia sexual que começava com esse exato comentário. Mas nunca, em nenhuma delas, ele engolia em seco, olhava para meu corpo e respondia com um:

– E você fica bem com qualquer coisa.

E então senti que imediatamente queria enfiar as palavras de volta na garganta e morrer.

Perdão?

Quando eu era pequena, eu tinha uma Lousa Mágica. Passava horas olhando para aquela moldura vermelha e tela cinza, girando os botões para rabiscar sempre que meu ônibus atrasava ou quando voltava para casa. A maioria das pessoas fazia desenhos ou jogava algum jogo, mas eu tinha obsessão em desenhar meu próprio nome e aperfeiçoar a arte de desenhar cada letra sem deixar aparecer as linhas que as conectavam.

Minha mãe dizia para desenhar outra coisa, que eu iria marcar a tela com aquelas letras se continuasse a fazer a mesma coisa toda vez. E ela estava certa. No fim, por mais que eu sacudisse a moldura querendo apagar a imagem, uma sombra das letras permanecia na tela.

Eu sabia que agora seria exatamente a mesma coisa: essa frase ficaria marcada em minha alma para sempre.

E você fica bem com qualquer coisa.

Niall Stella realmente falou isso? Será que eu estava tendo um derrame? Será

que conseguiria pensar em qualquer outra frase pelo resto da vida?

Quando acordei do transe, percebi que ele já tinha começado a andar e estava quase saindo. Acelerei meus passos e o segui para fora do hotel, virando à esquerda na Rua 56.

E você fica bem com qualquer coisa.

– ... recebeu tudo? – ele disse, e pisquei de volta para a realidade.

– Desculpe, o que você disse? – perguntei, tentando acompanhar suas longas passadas. É sério, andar ao lado dele era como galopar ao lado de uma girafa.

– Perguntei se minha assistente, Jo, enviou tudo para você. Se tudo chegou bem. Normalmente eu não enviaria coisas para você, já que não está trabalhando para mim aqui, mas achei que seria melhor se estivéssemos no mesmo compasso.

– Oh, sim, sim – eu disse, concordando. – Os e-mails chegaram ontem logo depois que aterrissamos. Ela é muito... eficiente.

Niall Stella olhou para mim com seus cílios obscenamente longos.

– É verdade.

– Desde quando ela trabalha com você? – perguntei, minha voz soando um pouco distraída, até mesmo para meus próprios ouvidos. Nunca estive com ele sob a luz do dia desse jeito, e estava me sentindo um pouco atrapalhada com o quanto ele era bonito: sua pele era maravilhosa, clara, macia e absolutamente impecável. Estava óbvio que ele se barbeou sem pressa e tudo era perfeito, até mesmo as costeletas. Fiquei imaginando se ele media com uma régua.

Ele pensou um pouco.

– Quatro anos em 12 de setembro.

– Uau. Isso foi... específico.

Ele sorriu e pegou seu celular.

E você fica bem com qualquer coisa.

O ar estava gelado em meu rosto e fechei os olhos, agradecida pela brisa matinal. Ajudou a clarear minha cabeça enquanto andávamos pelos primeiros quarteirões antes de virar à direita na Sexta Avenida.

Apenas agora me ocorreu que esta era minha primeira manhã em Nova York. Londres era enorme e você se sentia numa cidade grande. Mas sempre tive a sensação de ser um lugar que existia há séculos, que as árvores e os prédios e até

mesmo as calçadas não haviam mudado desde que foram criados. Nova York claramente tinha seus prédios antigos, mas muitas coisas eram modernas e novas, muito aço e vidro se estendendo até as alturas. Parecia um constante ciclo de renascimento. Andaimos envolviam a maioria das calçadas e nós simplesmente passávamos por baixo ou seguíamos setas para contorná-los.

Tentei usar esse tempo para revisar o que poderia acontecer hoje: marcar reuniões com as autoridades locais, apanhar a agenda completa de todos os palestrantes e compilar uma lista de quais estações precisam mais de reforma.

Mas eu não conseguia me concentrar, e sempre que o som do trânsito diminuía e meus pensamentos finalmente começavam a se organizar, Niall desviava de alguém e raspava meu ombro. Ou apontava para uma tábuia solta na calçada e tocava meu braço para avisar. Andamos por cinco minutos, e se alguém perguntasse em que eu estava pensando, eu gaguejaria algo sem sentido e ficaria rindo sem graça.

Chegamos à esquina e esperamos o sinal abrir. Niall guardou o celular no bolso e ficou a uma distância respeitável de mim, mas perto o bastante para que o braço de seu casaco tocasse em mim quando ajeitei minha bolsa no ombro. A manhã estava fria e sua respiração soltava uma nuvem de condensação sempre que exalava. Precisei me forçar para não ficar olhando vidrada os seus lábios, e a maneira como a língua aparecia para umedecê-los.

Quando o sinal abriu, a multidão começou a andar na nossa frente, e senti sua mão pressionando nas minhas costas para que eu andasse.

Sua mão nas minhas costas... a apenas alguns centímetros da minha bunda. E se fosse pegar na minha bunda, era basicamente o mesmo que se tocasse entre as pernas. Então, sim, meu cérebro reagiu como se o Niall Stella estivesse tocando meu clitóris e eu quase tropecei e caí de cara na rua.

Chegamos no outro lado, e ele pareceu fazer um esforço consciente para diminuir o passo.

– Você não precisa ir mais devagar – eu disse. – Consigo acompanhar.

Niall Stella sacudiu a cabeça.

– Perdão? – ele perguntou, fingindo que não tinha entendido. Então, primeiro: ele estava tentando ser educado e não apontar que minhas pernas curtas não conseguiam acompanhar as dele. E segundo: ele era um péssimo mentiroso.

– Você tem uns dois metros, com pernas que são o dobro das minhas. É claro

que vai andar mais rápido que eu. Mas eu consigo acompanhar, prometo que não vou fazer você ir mais devagar.

Seu rosto ganhou um toque de vermelho e ele sorriu.

– Você quase caiu ali atrás – ele provocou, mostrando a rua atrás de nós. Meu coração acelerou, e não tinha nada a ver com a corrida pelas ruas de Nova York.

– Eu estava tentando fingir que aquilo não aconteceu – eu disse, rindo. Ainda bem que ele manteve o olhar para a frente, pois meu sorriso se abriu tanto que podia até rachar meu rosto em dois. – Para o inferno estes sapatos chiques, da próxima vez vou usar tênis.

– Não são nada mal – ele disse, fazendo um gesto com a cabeça em direção às minhas botas. – São bonitos, na verdade. Eu lembro que a Portia usava o salto mais alto possível, mesmo em viagens. Ela... – Ele parou, olhando para mim como se percebesse que eu não saberia de nada disso. – Desculpe. Vou não chatear você com os detalhes daquilo.

Espera aí, como é?

Mesmo de perfil, eu podia ver suas sobrancelhas se juntando. Ele claramente não pretendia despertar nenhuma lembrança, mas eu não podia negar que uma parte secreta de mim adorou esse desliz. Esse lampejo em que ele se permitiu entrar num lugar confortável onde baixava suas defesas, mesmo que fosse por apenas um momento.

– A Portia era sua esposa? – perguntei, mantendo um tom de conversa casual. Definitivamente sem mostrar que eu estava destrinchando cada palavra dita. Ele havia mencionado ela antes no avião, mas não tinha falado o seu nome.

Andamos mais alguns passos antes de ele assentir, sem acrescentar mais nada. Apenas tive contato com a ex - Sra. Stella de passagem, mas não sabia quem era e, portanto, não pude notar cada detalhe. Ouvi histórias aqui e ali, mas nada de mais. Era como se houvesse uma regra implícita sobre fofoca no escritório: um pouco pode ser aceitável, mas muitos detalhes seria mau gosto.

Passamos por um trio de lindas estátuas de bronze em frente a um arranha-céu, uma delas ao lado do edifício, e duas no outro lado.

– Estas estátuas representam a Vênus de Milo – eu disse, apontando para elas.
– São chamadas de *Mirando sempre a avenida*.

Ele seguiu meu olhar.

– Mas elas não têm cabeça – ele notou. – Não estão mirando nada.

– Não falei isso – eu disse. – Os peitos é que são ótimos.

Niall fez um som como se estivesse engasgando.

– O que foi? – perguntei, rindo da sua expressão. –São mesmo! A cidade recebe um monte de reclamações por causa disso.

– Por causa dos peitos ou da falta de cabeça? – ele perguntou.

– Talvez as duas coisas.

– Como diabos você sabe tudo isso? Você disse que nunca esteve aqui.

– Minha mãe tem uma fascinação romântica por Nova York. Eu poderia ser sua guia turística e ficar enchendo sua paciência com um monte de informações aleatórias.

– Parece ótimo – ele disse, mas o tom de voz saiu estranho. Ele estava sendo sarcástico, ou...?

Oh, meu Deus.

Parei de repente, e Niall Stella precisou se virar.

– O que foi? – ele perguntou, olhando para a frente, tentando enxergar o que havia chamado minha atenção. – Está tudo bem?

– É o Radio City Music Hall – ofeguei, continuando a andar mais rápido.

– Icônico – ele concordou, com um toque de confusão em sua voz e facilmente alcançando minhas passadas.

– Eles fazem um show aqui no natal e minha mãe vai morrer quando souber que estive tão perto. – Minhas luvas deixavam quase impossíveis conseguir pegar qualquer coisa enquanto eu buscava meu celular no bolso do casaco. – Você tira uma foto pra mim?

Pela reação dele, parecia que eu tinha pedido para me desenhar nua.

– Não posso... – ele disse, depois sacudiu a cabeça, olhando ao nosso redor. – Quer dizer, não podemos simplesmente *parar* aqui.

– Por que não?

– Por que...

Ele não disse “não vale a pena”, mas seu rosto dizia tudo.

Olhei para as pessoas ao redor fazendo exatamente a mesma coisa.

– Ninguém está prestando atenção em nós. Poderíamos provavelmente nos beijar loucamente e ninguém iria notar.

Seus olhos se arregalaram antes de suspirar e apanhar seu celular.

– Vou tirar com o meu e depois envio pra você. O seu celular tem pedrinhas femininas demais pro meu gosto. – Um pequeno sorriso surgiu no canto de sua boca. – Olhe pra mim, sou masculino demais para ser visto segurando seu celular.

Tive um vislumbre disso na noite passada, mas adorei ver de novo: Niall Stella era educado, brilhante, refinado e discreto, é verdade, mas Niall Stella era capaz de ser um *cara*, e sabia *muito bem* ser charmoso.

Eu sabia que estava abusando da sorte, mas, putz, ele ficou tão fofo parado ali, no meio de um mar de turistas passando ao redor enquanto preparava a câmera. Ele podia até ter protestado, mas a expressão em seu rosto quando tirou a primeira foto o fez parecer... Encantado?

– Certo – ele disse, depois virou o celular para me mostrar. – Ficou boa.

– Venha aqui. – Ele se aproximou e eu apanhei seu celular, examinando a foto. – Vamos tirar uma juntos – eu disse, segurando o celular na nossa frente.

– O quê... – ele começou a falar, mas pensou melhor. – Seu braço não é longo o bastante.

– Você está brincando? Sou ótima em tirar selfies. Só... dobre um pouco o joelho para minha cabeça não ficar grudada no seu ombro, o que não é algo ruim, não me entenda mal, mas...

– Não acredito que estou fazendo isso – ele disse, tirando o celular da minha mão.

– Prometo que não vou contar ao Max que você tirou uma selfie na Sexta Avenida – sussurrei, e ele virou a cabeça, me olhando nos olhos.

Ele ficou apenas alguns centímetros do meu rosto. Ficamos praticamente casados ali.

Niall olhou em meus olhos por mais alguns segundos antes de limpar a garganta.

– Vou cobrar isso.

Foi preciso tentar algumas vezes até encontrar o ângulo certo, e para a última, ele envolveu o braço na minha cintura e me apertou forte.

E foi assim. Eu mentalmente acrescentei um número “um” para o “Número de Vezes Em Que Niall Stella Envolveu os Braços na Minha Cintura e Me Puxou

Para Perto”. Fiquei sabendo naquele instante como seria celebrar o natal e os aniversários, e as promoções de trabalho e ter o melhor orgasmo da minha vida, tudo ao mesmo tempo.

Ele olhou para a foto e virou a tela para que eu pudesse ver. Era uma boa foto, uma ótima foto, na verdade. Nós dois sorrimos; a câmera nos pegou no meio de uma risada quando ele tentou bater a foto com luvas.

– Qual é o número do seu celular? – ele perguntou, olhando para a tela. Percebi seu rosto corar ainda mais do que já estava por causa do frio.

Passei o número enquanto ele digitava. Ele apertou o botão *enviar* e sorriu para mim: um pouco tímido, um pouco divertido, um pouco algo mais que eu não sabia se estava pronta para acreditar. Naquele momento, ele não se parecia em nada um vice-presidente, ou uma paixonite intimidadora, ou um homem que terminou a faculdade antes dos vinte anos. Apenas parecia um cara lindo, no meio da rua, ali comigo.

No bolso do meu casaco, meu celular tocou.

Tentei não pensar no fato de que agora ele tinha fotos minhas, e de nós dois juntos, em *seu celular*. Tentei não pensar no fato de que agora ele tinha meu número de telefone. Tentei não pensar no quanto nos divertimos quando parei de me preocupar sobre como agir perto do Niall Stella, e apenas comecei a aproveitar esse momento espontâneo com o Niall. Apenas Niall.

Quando ele guardou o celular e fez um gesto para eu segui-lo ao atravessar a rua, notei seu enorme sorriso.

Tentei não pensar sobre o quanto ele também parecia estar muito animado com tudo isso.



Nosso escritório temporário ficava num andar vazio de um grande edifício comercial. Toda a suíte fora alugada como escritório temporário para consultores visitantes pelo Gabinete de Transporte Metropolitano. É verdade que a cavalo dado não se olha os dentes, mas honestamente: nosso escritório tinha o tamanho do banheiro do meu hotel, e o aquecedor estava claramente ligado no modo “expição dos pecados no inferno”. A janela não abria, e descobrimos isso só depois do Niall passar uns cinco minutos tentando abrir. Ele definitivamente roubou minha atenção durante esse tempo. Seus ombros largos precisavam de um nome próprio: Niall Stella e os Deltoides.

E você fica bem com qualquer coisa.

Um escritório pequeno demais significava que Niall ficaria perto de mim o dia todo, tornando impossível me concentrar em qualquer tarefa simples. E quente demais significou que em menos de uma hora ele tirou o blazer do terno e – depois de ficar visivelmente consternado – afrouxou a gravata e abriu um botão da camisa. Também dobrou as mangas até o cotovelo. Se eu pudesse, provavelmente subiria o termostato mais uns dez graus para dar uma olhada em seu peito nu. Nota relevante: nunca me deixe no comando de nada.

Nunca vi seus braços antes (o que tirou o zero na coluna “Número de Vezes Em Que Vi os Braços Nus do Niall Stella”) e, como esperado, sua pele era perfeita: braços torneados e pulsos terminando em dedos longos e finos. Sendo o mais discreta possível, observei os músculos flexionando quando ele digitava, quando girava a caneta enquanto pensava, como os tendões das mãos se apertavam quando ele batucava os dedos no braço da cadeira.

Niall Stella era uma pessoa inquieta.

Não conversamos muito enquanto trabalhávamos em nossas respectivas mesas, abrindo caixas e arrumando as coisas. Para o almoço, descemos na rua e topamos com um vendedor de cachorro-quente na esquina. Foi preciso um pouco de persuasão da minha parte.

– Precisamos ficar na fila mais longa – expliquei, esperando pacientemente pela minha vez. – Você nunca assistiu o Food Network? Você percebeu que na outra barraquinha tem apenas duas pessoas, mas nesta aqui tem um fila grande? O da fila pequena provavelmente vende churrasquinho de gato.

Ele suspirou, murmurando algo com seu sotaque delicioso sobre como estaria morto até o fim do dia, e também lançando um “Você chama isso de batatinha?”.

– Realmente, não sei *como* o seu irmão sobrevive numa cidade com tão pouco a oferecer – provoquei.

– Nem eu.

– O que você está fazendo? – perguntei, impedindo que ele passasse uma mostarda chique com cor de vômito em cima do pão. Pelo amor de Deus, tinha até *sementes* naquilo.

Ele arregalou os olhos para mim, segurando o frasco no ar como se não estivéssemos falando a mesma língua.

– Você não pode passar isso num cachorro-quente de rua – eu disse. – Você

vai preso.

– Você pode gostar dessa “mostarda” genérica com cor artificial – ele disse, e eu podia praticamente ver as aspas suspensas no ar – e eu vou usar a *minha* mostarda. – Nosso recém-casamento já precisava de um pouco de terapia.

Soltei vários gemidos de satisfação enquanto comia o cachorro-quente, só para provar meu argumento: o meu era muito melhor do que o dele.

Niall fechou os olhos para esconder uma risada e sacudiu a cabeça para mim.

– Sabe – eu disse, depois de engolir uma mordida gigante –, se eu não flagrasse ocasionalmente esse sorrisinho que você tenta esconder, eu acharia que você é a pessoa mais disciplinada do planeta, ou é um replicante, ou então usa botox.

– É botox. – Ele deu uma grande mordida no cachorro-quente.

– Eu sabia. Você mal consegue esconder sua vaidade.

Ele riu e quase engasgou, depois roubou o guardanapo da minha mão.

– Exatamente.



Quando voltamos para o escritório, com as linhas de telefone ainda desconectadas e o aquecedor ainda forte demais (acho que cheguei a reclamar que estava derretendo), não conseguimos realmente trabalhar. As reuniões começavam no dia seguinte e arrumamos algumas caixas de arquivos, mas nós dois estávamos distraídos – por razões diferentes, tenho certeza. Às duas da tarde ele já estava se preparando para ir embora.

Niall tinha planos para revisar e telefonemas a fazer, e tudo isso podia ser feito no hotel.

Caminhamos de volta em silêncio, do outro lado da rua do Radio City, mas eu podia jurar que seus lábios quase sorriram quando passamos por lá.



Na manhã seguinte, acordei antes do despertador, ansiosa para começar o dia e – patética, do jeito que sou – caminhar até o trabalho com um certo alguém. Mas no meu celular, ao lado de uma mensagem do meu irmão e três da Lola, havia uma mensagem desse Alguém:

Chame um carro e vá sem mim. Tenho algumas coisas para fazer e chegarei

mais tarde.

A esperança dentro do meu peito esfarelou-se como uma bolacha seca. Respondi que o encontraria lá e depois caminhei os poucos quarteirões ao invés de chamar um carro, escolhendo um caminho diferente e tirando algumas fotos para minha mãe. Quando cheguei, o escritório ainda estava sufocante, e dei graças a Deus por ter escolhido uma blusa de manga curta e por ter sido esperta e deixado o *collant* de lado. Afinal, não precisaria parecer levemente mais magra para ninguém, de qualquer maneira.

Ficar sozinha na sala foi realmente entediante, mas o telefone estava funcionando e finalmente pude trabalhar um pouco, assegurando ao Tony que tínhamos chegado e tudo estava em ordem, além de conhecer algumas das outras pessoas que compartilhavam o escritório. Niall apareceu e entrou na sala por volta do meio-dia, carregando várias sacolas.

Ele descarregou tudo sobre sua mesa e cadeira, e eu fiquei olhando com curiosidade.

– Bom dia – ele disse, pendurando o casaco num gancho perto da porta. – Ou melhor, boa tarde. E pelo visto ainda está quente como o inferno aqui.

– Liguei para a administradora e amanhã alguém virá para consertar, mas pelo menos não tirei minha calça ainda, então você está com sorte.

– Isso é discutível – ele murmurou.

Ou pelo menos foi o que achei que ouvi.

– *Como?*

Ele me ignorou, colocando uma grande sacola de compras sobre a mesa e se distraindo com o conteúdo. Hoje ele estava usando óculos. Bom Deus. Em qualquer outra pessoa, aquela armação em particular – com aros pretos e uma tira cromada nas hastes – significaria uma certa atitude cuidadosamente escolhida de acordo com a moda. Mas eu sabia que o Niall Stella se vestia impecavelmente porque comprava só as melhores coisas, e provavelmente tinha um alfaiate extremamente perfeccionista – e não porque prestava atenção em modinhas.

– Uma mulher escolheu a armação dos seus óculos – eu disse, apontando para seu rosto.

Ele tirou os olhos da sacola e deixou uma pasta na mesa, parecendo confuso.

– Desculpe?

– Uma vendedora escolheu essa armação. Você entrou numa loja, ela apareceu numa fração de segundo porque... – olhei para ele de cima a baixo mostrando a razão óbvia – ... e ela insistiu em encontrar a armação certa para você.

Ele me estudou por alguns segundos e depois ergueu sua mão gigante e esplêndida para baixar os óculos e perguntou:

– O que significa *isso*? – Ele repetiu meu gesto, com seus olhos sobre meu corpo e a boca tentando impedir um sorriso.

– Significa “um gostosão entrou na loja e ele não tem uma aliança no dedo?”. É como amarrar cachorro com língua.

– Como você sabe que quando comprei os óculos eu não estava usando aliança?

Ele estava me testando. E se divertindo. Putz, Niall Stella *ainda* estava flertando hoje.

– Você está menosprezando minhas habilidades de dedução. Está achando que eu não conheço a sua linha do tempo? Achei que você já sabia que minha esquisitice ultrapassa todos os limites.

Ele ergueu uma sobrancelha como se pedisse para eu continuar.

– Você comprou esses óculos em novembro. – Ele esperou pela próxima informação. Aquela que me fazia parecer completamente insana. – Certo, aqui vai – eu gemi. – Você parou de usar aliança em setembro.

Ele riu, colocando os óculos de volta e voltando a vasculhar a sacola.

– Você acha que eu sou esquisita? – perguntei com a voz mais fraca do que pretendia.

Ele ajeitou os óculos de novo e passou os olhos sobre meu rosto antes de murmurar:

– Sim, esquisita num bom sentido. Acho que você é inesperada, e eu raramente me surpreendo com as pessoas. Acho você uma pessoa realmente rara.

Rara? Isso era definitivamente um adjetivo interessante.

Antes de ter uma chance de responder – e, sejamos honestos, eu provavelmente demoraria uma década – ele se levantou, sorrindo.

– Eu trouxe uma coisa para você. Percebi que já era hora do almoço, então... – Ele apanhou uma sacola branca e melada e tirou um cachorro-quente lá de dentro. Coberto com mostarda normal.

– Você se rebaixou até o meu tipo de mostarda barata– eu murmurei, aceitando o cachorro-quente.

– Como não poderia? Você gemia de prazer em cada mordida ontem.

Só agora me ocorreu como aquilo devia ter soado.

– Eu...

– E até que o cara da manutenção apareça... – Ele puxou uma caixa da sacola para revelar um grande ventilador de mesa.

– Você trouxe um ventilador?

– Não queremos que você se derreta toda, não é mesmo?

E foi assim. Finalmente com coragem suficiente, eu me levantei, dei a volta em sua mesa e fiz aquilo que há meses eu queria fazer: arrumei sua gravata. Não me apressei, usando a oportunidade para ajeitar o nó e alisar o tecido sedoso descendo pelo peito.

Ele segurou a respiração e eu esperei, achando que tinha passado dos limites, achando que tinha estragado esse pequeno progresso sendo ousada demais. O silêncio se agigantou sobre nós, crescendo cada vez mais pesado com cada tique do relógio.

– Obrigada pelo almoço – sussurrei.

– Imagina. – Um breve sorriso, um lampejo da covinha, e depois sua expressão ficou séria e seus olhos encontraram os meus durante uma pequena eternidade.

Finalmente – e enquanto meu pulso martelava na garganta – Niall tomou minhas mãos e as moveu subindo por seu corpo. Pude sentir seu torso, os planos definidos da barriga sob o tecido da camisa, e então o peitoral rígido.

Agora foi a minha vez de segurar a respiração. A possibilidade de algo acontecer entre nós passou de uma adorável pequena fantasia para um novo tópico da minha agenda chamado “Número de Vezes Em Que o Niall Stella Levou Minha Mão ao Seu Peito”. O que estávamos fazendo?

O leve aroma de seu perfume pairava no ar, além de um toque do café quente e a tinta fresca de um escritório em algum ponto no mesmo andar. Cheguei mais perto lentamente, meu corpo se movendo por impulso, meu cérebro já não estava mais no controle de nada.

Ele também se aproximou, em pequenos movimentos hesitantes que fez o

espaço entre nós desaparecer. Seu nariz raspou na ponta do meu e pude enxergar seus cílios, sentir sua respiração sobre meus lábios. Fechei os olhos, sem saber se poderia ficar tão perto assim, vendo essas coisas, e continuar sendo a mesma pessoa depois disso.

– Você vai me beijar? – perguntei, surpreendendo a mim mesma quando as palavras escaparam da minha boca.

Seu peito estava pressionado contra o meu, mas ele não fez o que eu esperava que faria. Ele se afastou apenas o suficiente para olhar em meus olhos.

– Acho que eu não conseguiria parar – ele suspirou.

Botão interno de sobrevivência? Este não é um exercício.

– Talvez eu não queira que você pare. – Suas sobrancelhas se ergueram, mas ele não disse nada, apenas esperou que eu continuasse. Eu não sabia se conseguiria falar, mas no fim consegui. – Já pensei muito sobre este exato momento, e o que eu faria ou diria.

Ele se afastou ainda mais para estudar meu rosto.

– Você pensou?

Fechando os olhos, admiti.

– Já faz vários meses.

Dessa vez suas sobrancelhas desaparecem sob a franja e continuei:

– Eu achava que sempre seria apenas uma paixonite. Nunca realmente achei que iríamos passar qualquer tempo significativo juntos. Mas aqui estamos nós, juntos por bastante tempo e nosso flerte é divertido, mas estou prestes a enlouquecer completamente... – Levantei o rosto, encontrando seus olhos arregalados. Minha boca havia se adiantado e deixado o cérebro para trás. Fechei os olhos novamente, gemendo de frustração. – E agora eu deixei você constrangido.

Quando olhei novamente para o Niall, ele ainda estudava o meu rosto, com uma expressão suave.

– Não deixou. De jeito nenhum. Estou apenas... Desacostumado.

– Desacostumado com garotas admitindo que gostem de você? – Tentei rir casualmente, mas a risada saiu completamente constrangedora, mais um latido do que uma risada. – Difícil de acreditar.

– Bom – ele disse, dando um passo atrás e encolhendo os ombros como se

pedisse desculpa –, mas é verdade.

Como já disse antes, a Portia é a única mulher com quem... quer dizer, nunca tive mais ninguém, entende? – Ele passou a mão em sua nuca. – Além de estarmos numa situação de trabalho e que acabamos de nos conhecer, tem *esse* fato. Eu me sinto um pouco fora do meu ambiente aqui.

Meu queixo caiu. Quer dizer que o Niall Stella, o cara charmoso com um corpo que gritava Transei-Com-Todas-As-Deusas-Do-Sexo-Do-Mundo estava diante de mim dizendo que ficou com apenas uma mulher a vida inteira? Eu sabia que ele conheceu a Portia quando era pequeno, mas a ficha de que ele tinha transado apenas com ela não tinha caído. Nada de namoros no colégio. Nada de anos na faculdade cheios de sexo selvagem. Nada de passar os vinte e poucos anos com uma mulher diferente a cada noite. Zero sementes plantadas.

Eu podia praticamente sentir minhas sinapses se reorganizando.

– Então, veja só – ele disse, sorrindo um pouco –, se tiver algum interesse em mim de verdade, você tem que entender que estou praticamente tateando no escuro.

E nesse momento, quando eu esperava que ele fosse continuar me olhando nos olhos, que fosse pegar na minha mão e apertar, ou fazer qualquer outra coisa para manter o clima – ou ao menos reconhecer que um clima *aconteceu* –, ele desviou os olhos, virou para sua mesa e começou a ler um relatório até que murmurei algo sobre precisar usar o banheiro e saí da sala.

Seis

Venha nos encontrar para uma cerveja.

Eu tinha acabado de voltar para meu quarto, mente e estômago dando nó, quando a mensagem do Max chegou. A única coisa que eu queria mais do que cair de cara no colchão era tomar uma cerveja.

Na verdade, o que eu mais queria era estar com a Ruby.

Como é possível, pensei, me apaixonar numa questão de dias? Num espaço de tempo que ainda podia ser facilmente medido em horas?

Havia uma pequena parte de mim que parecia estar se expandindo, dobrando de tamanho dentro do meu peito a cada dia. Esse espaço secreto, um núcleo romântico inexplorado, dizia que o fato da Ruby ter se infiltrado tão facilmente em minha alma era algo importante. E não porque ela seria uma distração ou algo casual, mas porque ela combinava comigo. Eu queria confiar nessa sensação estranha que me atingia quando ficava perto dela, não porque a sensação era familiar, mas porque *não* era.

E mesmo assim, quando tive a chance de explorar as coisas, fechei-me imediatamente.

Era melhor mergulhar meu nariz numa caneca de cerveja.

Os caras estavam no Knave de novo, como se fosse seu bar de sempre. Mas eu conhecia meu irmão bem o bastante para saber que ele estava se esforçando para ficar de olho em mim. Aposto que sentia que algo estava estranho comigo.

Ele e seus amigos estavam na mesma mesa de antes, cada um com um drinque já pela metade e petiscando os aperitivos na mesa. Já eram quase onze horas e eu ainda não tinha comido nada.

— Seja um bom amigo e olhe para o outro lado enquanto eu devoro os aperitivos — eu brinquei, sentando ao lado do Max e enchendo minha mão de castanhas.

Ele riu.

— Imaginei que você estaria faminto.

— Ei? — Bennett disse, olhando ao redor como se estivesse procurando por algo. — Nada da Ruby? Tenho que admitir que estou um pouco decepcionado.

— Ah... — comecei a falar, mas coloquei uma enorme fatia de presunto serrano na boca para não precisar responder.

— Você acha que talvez ela também queira comer alguma coisa? — Will perguntou.

Engolindo, murmurei:

— Mas que droga, vocês são mesmo discretos. Mas tenho certeza que ela chamou o serviço de quarto. E, já que estamos no assunto: por que vocês ficam me enchendo tanto? Não estou vendo nenhuma das suas mulheres por aqui.

— Tenha cuidado com o que deseja — George disse. — Chloe, a Bárbara, está vindo para nos encontrar aqui.

— Chloe, a... Desculpe, você está falando da *esposa* do Bennett? — perguntei, achando que não tinha entendido direito.

Mas o Bennett fez um gesto para eu não me preocupar.

— A Hanna e a Sara estão em alguma festa. A Chloe deve chegar daqui a pouco. E não se preocupe — ele disse. — Elas usam apelidos muito piores entre elas.

George encolheu os ombros e depois se inclinou sobre a mesa.

— A Chloe e eu temos uma ligação especial. Somos tão terríveis que ninguém quer ficar com a gente. — Bennett limpou a garganta e George voltou a olhar par mim. — Com exceção desse cara aí, mas ele próprio é um cretino, então você sabe...

E como se fosse combinado, uma das mulheres mais lindas que eu já conheci apareceu no bar. Ela não era alta, mas certamente se portava como se estivesse acima de qualquer mero mortal. Cabelos negros se estendiam até o meio das costas, e usava um vestido preto agarrado e salto tão alto que eu não sei como os tornozelos aguentavam.

— Falando do diabo — Bennett disse, depois se levantou, observando sua esposa se aproximar com um sorriso orgulhoso.

— É melhor desviar os olhos — Will disse quando ela chegou.

Confuso, olhei para cada um deles antes de voltar os olhos rapidamente para Bennett e Chloe. Imediatamente entendi, e realmente precisei desviar os olhos. Dizer que o beijo foi apaixonado seria um grande eufemismo, e mais uma vez eu senti a pontada de dor da minha relação fracassada, e o fato de que eu mal tinha tirado a cabeça da areia para me juntar ao mundo, além de precisar fazê-lo

sozinho.

Will gemeu de frustração.

— Arrumem um quarto, vocês dois.

Chloe beijou seu marido mais uma vez antes de voltar a atenção para nós.

— Você está com ciúme porque sua noiva está sentada com um monte de mulheres falando sobre livros em vez de aqui, olhando apaixonada para você.

— Falando assim... é, você tem razão — Will disse.

— E por que mesmo você não está com elas?

Chloe pediu um drinque para a garçonete e sentou-se.

— Porque hoje é a única noite livre que tenho esta semana, e pretendo passá-la transando com meu marido. Falando nisso — ela olhou para Bennett com uma expressão dominadora —, termine logo a sua bebida.

Bennett ergueu o corpo.

— Sim, madame.

— Que nojo — George comentou.

— George — a Chloe disse, cumprimentando-o com um sorriso.

— Dominatrix sombria — ele respondeu.

— E você deve ser o Niall — ela disse, voltando a atenção para mim.

— Sim — eu disse, oferecendo a mão. — É um prazer conhecê-la.

Chloe apertou a minha mão com firmeza.

— Você também. Onde está a garota?

— Garota? — perguntei, olhando para os caras.

Chloe sorriu, e eu tinha que admitir que o efeito era realmente encantador — apesar de um pouco assustador também. Eu podia apenas imaginar o terror que essa mulher poderia infligir às pobres almas que cruzavam seu caminho.

— Imagino que ela está falando sobre a sua Ruby — Max disse.

— Ela não é a *minha* Ruby — corriji.

— Claro que não — Chloe disse. — Isso é o que eles dizem.

Enquanto eu estava ocupado engolindo um pedaço de batata frita trufada, a ficha caiu. Eu quase *a beije no trabalho*.

— Certo, vocês já decidiram sobre isso na outra noite.

— Claro que sim — George continuou. — Só você estava confuso. Você se transforma num robô quando está perto dela...

— Para ser justo, ele sempre foi um pouco robótico — Max interrompeu.

— Valeu, cara — resmunguei sarcasticamente. — Engraçado como sou o único aqui que parecia não saber disso.

O drinque da Chloe chegou e ela ergueu a taça.

— Isso é porque os homens são idiotas — ela disse. — Quer dizer, não me entenda mal, as mulheres também podem ser estúpidas e são tão capazes de estragar tudo quanto os homens. Mas, pela minha experiência, quando essas coisas dão errado, geralmente quem errou foi a pessoa com pênis. — Ela olhou para mim com sua expressão de certeza antes de acrescentar: — Sem ofensa.

— Falou tudo — Max disse, enquanto ria.

Eles me estudaram por alguns segundos antes de voltarem a conversar entre si. Todos, com exceção da Chloe, que continuou a me olhar.

— Você não explicou por que você e as garotas não podem viajar com a gente no fim de semana — Bennett disse para o Max.

— A Sara está redecorando o apartamento — Max disse, passando a mão sobre o topo da cabeça. — A decoradora vai fazer uma visita. Acho que vamos derrubar umas paredes e... Você sabe...

— Max, é melhor você cuidar disso — Bennett disse. — Você lembra quando a Chloe pintou nosso apartamento? Uma criança com lápis de cor teria feito um trabalho melhor.

— Cuidado com o que fala, Mills — ela alertou.

— Não começa, *Ryan* — ele respondeu. Eu estava completamente confuso. — Aquela cozinha verde? Até você precisa admitir que foi uma péssima ideia.

— Nunca vou admitir nada. Foi um processo eliminatório; eu precisava experimentar umas coisas antes de decidir o que eu realmente queria — ela disse, sorrindo docemente para ele. Estava muito claro que eles não estavam falando sobre tons de tinta.

George já estava balançando o dedo para os dois.

— Não, não, não. Nem comecem com as suas preliminares aqui na mesa.

— Essa coisa de decoração da Sara é uma situação... — Max continuou, cuidadosamente, para não criticar a esposa. — Uma situação que ainda está se

desenrolando.

— Uma situação delicada — Will acrescentou.

Rindo, meu irmão murmurou:

— Um pouco.

O garçom trouxe minha cerveja e perguntou se queríamos mais alguma coisa. Eu me antecipei e já pedi outra — é melhor estar preparado, afinal de contas. O garçom olhou para cada um de nós e, vendo que ninguém queria mais nada, se virou para ir embora.

Will se inclinou sobre a mesa e eles começaram a sussurrar.

— *George*. E quanto a ele? Ele é bonito... Não é?

— Não! — George exclamou. — Isso seria como transar com carne desidratada.

— Bom Deus — Bennett murmurou, passando a mão sobre o rosto. — Ninguém está falando sobre transar. Só uma festa.

— Espera — Will disse, sacudindo a cabeça. — George, você é *ativo*?

Gemendo, Max disse:

— Pelo amor de Deus, William, para de falar.

Não consegui mais aguentar.

— O que está acontecendo?

George nos ignorou.

— É sério, ele parece tostado! Ele está tão bronzado que tenho certeza que queimou até os órgãos internos.

— Preciso que alguém me explique o que está acontecendo — repeti.

— Esses dois idiotas — Chloe disse para mim. — O George precisa encontrar um par para uma festa da RMG, o Will aqui está sugerindo que ele convide o garçom. Obviamente o George está certo de que ele não é um candidato viável.

— Desculpe, “RMG”? — perguntei.

— Ryan Media Group — George disse. — Bennett decidiu oferecer um *soirée*, e aqui estou eu, sem ninguém pra me acompanhar. Os garotos estão tentando me ajudar. É algo embaraçoso para todos nós. Eu realmente prefiro conversar sobre o que você vai fazer com a Ruby.

Eu sabia que voltaríamos a esse assunto. Na verdade, parte de mim precisava

conversar sobre isso... estranhamente. Nunca senti vontade de falar sobre meu divórcio, mas a história da Ruby me afetava de um jeito pouco familiar.

— Eu... — Olhei para minha cerveja. — Na verdade, eu não sei.

Um silêncio caiu sobre a mesa. Finalmente, admiti:

— Ela disse que gosta de mim. Na verdade — eu disse, erguendo os olhos —, disse que gosta de mim faz tempo.

— Só de olhar para ela eu já sabia disso — Bennett comentou.

— Eu também — George acrescentou.

— Idem — Will disse.

O Max foi o último a comentar.

— Nem preciso dizer nada, não é mesmo?

— Nós quase nos beijamos no escritório hoje — eu disse sem pensar, e por alguma razão todos eles se viraram para o Bennett, que reagiu mostrando o dedo do meio, fazendo um lento arco pela mesa. — Nem preciso dizer que está acontecendo rápido demais pra mim. Eu só, bom, nós trabalhamos juntos por meses, mas eu a *conheço* apenas há alguns dias.

— Então, o que você vai fazer? — Chloe disse.

— Bom, eu... — comecei a falar, e ela ficou olhando para mim como se eu não falasse coisa com coisa. — Como disse antes, eu...

— Ela disse que gosta de você. Vocês quase se beijaram. Você disse que está acontecendo rápido demais, então eu suponho que é por isso que você está aqui e ela não.

— Isso — eu disse a ela.

— Então, ou você está interessado ou não está.

— Não é tão simples assim — eu disse. — Nós trabalhamos juntos.

Chloe ergueu a mão.

— Nada disso importa. — Quando todos fizeram uma expressão de surpresa, ela continuou: — O que foi? Não importa mesmo! Obviamente eu não conheço todos os detalhes, mas pelo que ouvi, ela é uma garota bonita e inteligente, e eventualmente alguém bem mais esperto que você vai notar que ela existe. Não seja idiota.

Eu ri, tomando um gole da cerveja.

— Certo, certo.

— Como de costume, a Chloe vai direto ao assunto. — Meu irmão tocou meu braço gentilmente. — Apenas ligue para ela. Pergunte se ela quer descer e se juntar a nós.

Concordando, eu me levantei, andei para uma área mais silenciosa do bar e disquei seu número no celular.

Enquanto tocava, lembrei que eu nunca havia ligado para ela.

Lembrei que não tínhamos feito planos para hoje à noite.

Lembrei que ela poderia ter planos, e talvez a Chloe estivesse certa e alguém mais esperto *já tinha* notado sua existência.

— Alô?

Assustei-me, pois já tinha decidido que ela não atenderia o celular. Por dentro, eu estava extremamente nervoso.

— Alô? — Uma pausa. — Sr. Stella?

Estremeci ao ouvir sua voz.

— Ruby. Me chame de Niall, ok?

— Está tudo bem?

— Você não quer descer para comer alguma coisa?

Ela hesitou no outro lado da linha por uma eternidade.

— A menos que você tenha... — Eu parei, procurando pelas palavras certas.
— Quer dizer, um agente... de... prazer no seu quarto.

Oh, meu Deus, o que foi que eu falei?

— Um agente de prazer? — ela perguntou, e pude ouvir a risada em sua voz, assim como um leve arrastar causado por álcool.

Eu gemi discretamente.

— Quer dizer, companhia. Ou planos. Ruby, não quis insinuar nada. Nem sei se você está...

Ela me interrompeu com uma risada suave.

— É quase meia-noite. Estou sozinha aqui, eu prometo. Mas acabei de sair da banheira, tomei um drinque ou dois e pedi serviço de quarto.

Meu cérebro viajou na imagem da Ruby na banheira. Nua. Já um pouco alta por causa da bebida. Com a pele macia e quente. Os músculos relaxados.

— Ah, certo.

Ruby fez outra pausa.

— Quer dizer, acho que eu poderia... — Suas palavras sumiram.

— Não, Ruby, não quero... só queria ter certeza que você jantou. Foi um longo dia. E nós... — Fechei os olhos, murmurando: — Nós... ou melhor, *eu* fiquei preocupado pensando que você ficou brava...

Eu podia ouvi-la respirando, tão rápido e superficial. Senti uma pontada em meu peito por pensar que ela estava ansiosa de novo, sofrendo de alguma forma por minha causa. Eu sabia que poderia fazer algo por ela... eu simplesmente não sabia como começar.

— Estou bem, eu prometo. Obrigada.

Ficamos quietos na linha por longos segundos.

— Certo, então. Boa noite, Ruby.

— Boa noite... Sr. Stella.

Voltando para a mesa, sentei e levei minha segunda caneca de cerveja aos lábios. Eu me sentia pior do que antes; fui horrível no telefone, o que era algo notável, já que eu era horrível pessoalmente também. Quando o Max perguntou sem palavras se a Ruby iria se juntar a nós — erguendo a sobrancelha com expressão de expectativa —, neguei com a cabeça. Eu não sabia se estava aliviado ou decepcionado por ela não querer descer. Depois decidi que estava mesmo aliviado, pois eu sabia que não seria capaz de ficar longe dela, querendo sua mão na minha perna, querendo olhar em seus olhos e enxergar o mesmo desejo ali; mas eu seria horrível na hora de demonstrar que queria tudo isso.

Que merda.

Bennett e Chloe já tinham ido embora, espantados pelo George, que disse que preferia atear fogo em si mesmo a ficar assistindo aos dois se beijando. Eu pedi um gim e tônica, depois outro, contribuindo para a conversa antes de me perder em meus próprios pensamentos conturbados. Passei de confuso para calmo; e de bêbado para finalmente convencer a mim mesmo que seria uma boa ideia, à uma da manhã, subir e bater em sua porta.

— Onde você está indo? — Max perguntou. — Hoje é minha única noite livre do mês. De jeito nenhum você vai embora cedo.

— Tenho um dia cheio de reuniões amanhã. Boa noite.

Ignorei os protestos e continuei andando até o elevador, subindo para o décimo andar e me dirigindo para a porta do quarto dela.

Meus dedos bateram pesadamente na madeira; Jesus, até minha batida na porta parecia bêbada.

Depois de alguns segundos tensos, a porta se abriu e Ruby apareceu diante de mim, usando uma pequena camiseta regata cor-de-rosa e um shorts combinando que mal cobria sua...

Meu Deus.

Ela se encostou à porta.

— Está tudo bem, Sr. Stella?

Limpei minha garganta uma vez, depois de novo.

— Caramba. Você sempre dorme vestindo isso?

— Sim... — ela disse, e eu podia ouvir seu sorriso na voz quando acrescentou — ... a menos que eu tenha um *agente de prazer* aqui comigo.

Finalmente consegui tirar meus olhos de seus peitos, nus debaixo da camiseta.

— Você adora me provocar.

A língua dela apareceu para molhar os lábios.

— Com certeza.

Fiquei na frente da porta, sentindo que estava olhando para ela do jeito que um homem olha para uma mulher que ele deseja sem ter jantado, dormido ou se masturbado por dias.

— Você quer entrar? — ela perguntou. — Mas preciso avisar: tomei alguns drinques. Mas ainda sobrou alguma coisa no minibar se você gostar de Midori ou Jägermeister.

— Eu não deveria tocar você — falei sem pensar, e imediatamente fechei os olhos com força. — Desculpe. Eu também estava bebendo e... — Abrindo os olhos, olhei para seu rosto. Ela estava sorrindo, parecendo... *Aliviada*. — Não sei por que estou aqui. Não consegui parar de pensar em você hoje, e em quanto eu queria ver você de novo. Mas eu realmente não deveria tocar você, Ruby.

Eu podia enxergar sua pulsação no pescoço. Podia perceber que ela estava *tremendo*.

— Não deveria? — ela perguntou. — Ou não quer?

Sem responder e sem realmente pensar no que estava prestes a fazer, dei um passo para a frente, entrando no quarto. Ela deu um passo atrás, deixando a porta se fechar atrás de mim. O som da batida reverberou pelo quarto vazio.

— É mesmo verdade aquilo que você disse antes? — perguntei. — Você pensa em fazer isso? Comigo?

Ela corou, do pescoço até o rosto, mas mesmo assim conseguiu soar corajosa.

— Sim.

Ela parou de se mover, mas eu não. Continuei me aproximando até ficar a quase um centímetro dela. Na verdade, eu podia até sentir sua respiração em meu pescoço. Podia sentir a doçura do suco de laranja e o toque de vodka em seus lábios.

Isso é estúpido, Niall. Saia já desse quarto.

— O que *você* pensa em fazer? — perguntei.

— Em ter você no meu quarto do hotel. — Ela sorriu, olhando para meus lábios. — Como um agente de prazer. Rindo um pouco, passei a mão no rosto, admitindo:

— Nos últimos dias... eu também penso nisso. Você sequestrou meu cérebro.

— Isso é algo ruim?

Olhei para ela. Ruby parecia nervosa, mas também confiante; eu estava em seu quarto, ela havia reconquistado ao menos um pouco do poder entre nós.

— Não, não é algo ruim. Apenas não tenho certeza se sei o que fazer com você. — Não sei por que disse isso, mas ela não pareceu nem um pouco abalada.

— Podemos descobrir juntos.

Olhando em seus olhos, eu perguntei:

— Podemos?

Ruby confirmou, esticando o braço e pousando a mão em meu peito.

— Eu entendo você. E acho que você também me entende.

Engoli em seco, sem ter palavras.

— Vou dizer o que gosto — ela sussurrou. — E você me diz o que *você* precisa.

Ela passou a mão descendo por meu peito, sobre a barriga, e então — pouco antes de alcançar meu cinto — ela deixou a mão cair.

Eu deveria ir embora. Deveria voltar para meu quarto e deixar nós dois dormirmos para esfriar a cabeça.

Olhando para mim, ela perguntou:

— Então, do que você precisa?

— Disto — eu disse. — A estranha certeza que sinto quando estou tão perto assim de você. A maneira como você olha para mim.

Seus grandes olhos buscaram os meus.

— Muitas mulheres olham pra você desse jeito.

— Não, você está errada. Talvez elas olhem para mim como os homens olham você, quando te desejam e pensam de um jeito sexual. Mas você não faz isso comigo. Sinto que você consegue me enxergar além da fachada exterior. — Depois de fazer uma pausa, acrescentei: — Além disso, nunca fui de querer ficar com um monte de mulheres.

Seu sorriso foi tão radiante que me fez esquecer aquilo que eualaria depois.

Meu coração batia tão forte no peito que quase me causava tonturas. Isso não misturava bem com o álcool, mas eu não queria que a sensação acabasse. Nunca experimentei algo igual. Ela estava tão perto, cheirando a perfume de rosas e um indescritível aroma de mulher. Ela encaixaria tão perfeitamente em meu peito, debaixo do meu queixo. Ou me cavalgando, com as pernas enlaçando meu quadril, o peito molhado com nosso suor.

— Ruby, o que você está fazendo?

Ela passou uma mecha de cabelo para trás da orelha, rindo um pouco.

— Foi você quem entrou no meu quarto. Acho que nós dois estamos um pouco bêbados. Então, você me diz o que estamos fazendo.

— Eu... eu gostaria de explorar isto.

Seu sorriso se transformou em algo mais sério.

— Eu também.

— Mas talvez agora não seja a melhor hora. Eu não deveria tocar em você. — *Talvez se eu repetisse um milhão de vezes, eu me convenceria.* — Nós bebemos um pouco. Quero estar sóbrio se...

Ela fechou os olhos, e a decepção ficou evidente em seu rosto. E então, uma transformação ocorreu: Ruby abriu os olhos, olhou para o meu rosto e, num instante, transformou-se de resguardada a maliciosamente tímida. Ela se virou,

andando pelo quarto até apanhar uma camisola sobre a cama.

— Mas *se* você me tocasse, como faria? — ela perguntou, dobrando o tecido cuidadosamente e guardando numa gaveta.

Eu nem precisava pensar na pergunta antes da resposta escapar dos meus lábios.

— Desesperadamente. — Dei um passo em sua direção.

— Bruscamente?

— Eu... Não. Eu nunca...

— Eu *gosto* de pensar em você me tocando com força — ela interrompeu, me acalmando com um sorriso. Outra peça de roupa estava sobre a cama, uma regata, eu acho, e ela apanhou, examinando a barra antes de também guardar na gaveta. — Imagino as suas mãos grandes tremendo, precisando me tocar, e você tão *impaciente*.

— Eu ficaria, sim — admiti, e quando ela olhou para mim, pedindo com olhos por mais, murmurei: — Já estou. — Eu mal conseguia respirar e minhas mãos tremiam. — Eu tentaria ser cuidadoso, mas seria um esforço inútil.

Ela fechou a gaveta empurrando com o quadril, depois deu um passo na minha direção.

— Você arrancaria suas roupas antes mesmo de chegarmos na cama — ela concordou, continuando a brincadeira quando ergueu a mão e segurou a alça da camisola, esperando que eu a impedisse.

Mas eu não podia fazer isso, nem em um milhão de anos.

Descendo as mãos sobre os seios e além, chegando na barra da camisola, ela começou a levantar o tecido sobre a cabeça até... tirar por inteiro.

Meu coração parou, e quando voltou a bater, estava dez vezes maior, dez vezes mais rápido.

Ruby deixou o tecido cair no chão sem tirar os olhos do meu rosto.

Seu peito estava nu para mim, curvas exuberantes, pequenos mamilos rosados e a perfeita pele branca. Engoli em seco, lutando contra o ritmo selvagem da minha pulsação. Eu queria tocá-la, beijá-la. Queria deitar sobre ela e entrar dentro dela.

Ruby deu um passo atrás, depois virou, afastando-se de mim e seguindo para a cama.

— Ruby. — Eu não tinha nada para dizer. Falei seu nome apenas por instinto, quase uma súplica.

— Você tocaria meus seios como se os conhecesse. — Ela se virou para me encarar de novo, passando as mãos sobre os seios, apertando-os juntos, beliscando com força os mamilos. — Você chuparia. Com se estivesse faminto.

Cristo.

— Eu estou faminto.

— Você amaria os meus seios e faria o que quisesse com eles. Você se lambuzaria todo.

Eu quase engasguei. Nunca em minha vida participei de um jogo igual a esse.

— É mesmo?

— Sim. Você esfregaria seu corpo neles.

Senti minha pele corar e a pulsação acelerar dentro da calça.

— Meu... corpo?

— O seu pau.

Minha boca se encheu de saliva e fiquei olhando para seus lábios, imaginando beijá-la ali.

— Mas agora, você me quer nua... — Era uma pergunta, inocentemente disfarçada com ousadia.

Ela enlaçou o shorts com os polegares, mais uma vez me desafiando a impedi-la.

Quase precisei enfiar meu punho na boca para não gemer alto. A bebida me deixou corajoso.

— Eu quero.

Ela deslizou o shorts para baixo dos quadris, rebolando sedutoramente para mim, descendo a seda por suas coxas. Estava sem calcinha, e sua nudez era suave e macia. Nunca vi nada mais lindo em minha vida.

— Você gosta de olhar pra mim — ela disse, mas desta vez não era uma pergunta. Com certeza minha expressão denunciava todas as ideias em minha mente.

A ideia de montar sobre ela, e ser tão faminto e safado com seu corpo quanto ela sugeriu.

A ideia de fazer algo tão inocente quanto tocar o ponto escorregadio no meio de suas pernas.

Engolindo com dificuldade, eu disse:

— Você é a única coisa que eu quero olhar, minha querida.

Ruby sentou na cama, arrastando o corpo pelo colchão, depois se deitou, deixando os joelhos caírem para os lados.

— Então... olhe.

Sem sentir vergonha, fixei meus olhos entre suas pernas abertas. Meus ouvidos martelavam e me encostei no armário, procurando um apoio.

— *Nossa.*

Ela passou os dedos sobre as pernas, do joelho até a coxa. Depois, enquanto eu olhava, Ruby passou os dedos de uma mão sobre a pele molhada de seu sexo.

— Você também adoraria sentir meu sabor — ela sussurrou.

Consegui apenas engolir e assentir. *Nada no mundo me daria mais prazer.*

— Mas você estaria me provocando.

Olhei para o seu rosto ao ouvir a voz dengosa, sentindo minhas sobrancelhas se juntarem.

— É mesmo?

— Sim — ela gemeu docemente. — Seria horrível. Você me faria implorar por sua boca no meu clitóris.

No... clitóris? Passei a mão no rosto, voltando a sentir tonturas. Tudo isso estava girando rápido demais e saindo de controle.

— O quê... quer dizer, *como* eu faria isso?

Encolhendo levemente os ombros, ela disse:

— Você beijaria minhas coxas, depois meus lábios bem aqui. — Ela circulou os dedos entre suas pernas. — Você também lamperia onde estou molhada. — Seu dedo ficou brilhando com sua excitação. — Está vendo onde fiquei molhada?

Quase pulei na cama. Minha voz quase não saiu.

— Estou vendo onde, e quanto.

— Mas é assim que você me provocaria. Você não me lamperia aqui. — Ela subiu os dedos, circulando o clitóris. — Não até eu estar quase gritando para

você lamber.

Dei um passo na direção da cama.

— Isso me parece tortura.

Ruby riu levemente, soltinha pela bebida, sorrindo para mim.

— Parece mesmo, não é?

Com sangue bombeando nas veias, comecei a sentir o poder que eu tinha sobre seu corpo. *Simplesmente olhe para ela*. Era impossível ignorar suas reações.

— Mas isso é apenas porque eu adoro ver a sua pele corada quando você começa a precisar de mim, minha querida.

Ela abriu a boca e deixou um suspiro escapar com força.

— Mas eu *preciso*.

— Não... por enquanto você apenas *quer* — eu a corrigi. — Como punição, vou sentir apenas o sabor das suas coxas.

Seus quadris se ergueram na cama, os dedos se moveram obedientes para a coxa.

Meu coração martelava contra o peito. Eu queria tanto me juntar a ela nesse jogo.

— Você tem os peitos mais perfeitos que eu já vi.

Ela gemeu, fechando os olhos.

— Eu deixaria uma mão sobre um seio enquanto beijo você aqui.

— Sim — ela concordou, deslizando a mão sobre seu corpo e tocando o seio com a palma. — Eu adoro isso. Mas a sua provocação me enlouquece. Por favor, deixa eu sentir você.

— Apenas um beijinho, minha querida.

Com um gemido aliviado, Ruby passou os dedos sobre o clitóris novamente, soltando um pequeno grito abafado.

— Deixe eu enfiar a língua em você.

Seus olhos se abriram de repente e ela observou meu rosto enquanto penetrava um dedo, que fiquei olhando desaparecer dentro dela, para dentro e para fora, e voltei a olhar seu rosto. Ela parecia estar à beira das lágrimas.

Eu me perdi naquele jogo, enfeitiçado pela imagem dela. Eu já não era o

mesmo. Não era alguém que reconhecesse. Ela me deixou assim.

— Será que eu gosto do seu sabor?

Com um esforço aparente, ela disse:

— Você sabe que sim.

— Isso me deixou maluco, não é mesmo? Me deixou...

— Duro — ela completou.

Eu ri, dando um passo à frente até meus joelhos encostarem o colchão, apenas a alguns centímetros dela. Abaixando, coloquei cada mão ao lado de seu quadril, tomando cuidado para não tocá-la.

— Já estou dolorosamente duro, minha querida. E eu ia dizer que isso me deixou *possessivo*. Querendo acabar com qualquer outro homem que tenha saboreado você.

Ela deixou escapar um suspiro entrecortado.

— Você está duro?

— Bom, veja você mesma.

Os olhos dela desceram até o zíper da minha calça, encontrando o volume que pressionava ali.

— Deixa eu ver — ela disse, lambendo os lábios.

Eu sacudi a cabeça, mas passei a mão sobre a frente do zíper, deixando que ela visse meu volume.

Céus! O que está acontecendo? O que estou fazendo?

— Não hoje — sussurrei.

Ela começou a se sentar na cama, perplexa, a expressão lentamente esfriando.

— Pois eu não conseguiria parar — tranquilizei-a rapidamente. — Mal consigo me segurar, Ruby, por favor, não pare o que está fazendo.

— Está bom assim? — ela perguntou. Seu rosto corou.

Eu concordei, querendo não atrapalhar o momento.

— Está mais do que bom. É como um sonho.

— Eu quero tocar você — ela disse, quase sem voz.

— Mas não pode.

Seus olhos buscaram meu rosto.

— Nunca?

— *Shh* — murmurei, inclinando-me sobre ela. — Estou te beijando entre as pernas. Como pode pensar em qualquer outra coisa agora?

Com seus olhos grudados nos meus, ela voltou a se tocar, lentamente, como se estivesse esperando que eu dissesse exatamente o que fazer.

— Isso mesmo. Deixa eu chupar você, sim... ali mesmo. Quero ouvir você gozando.

Ruby se arqueou sobre a cama, deslizando os dedos em pequenos círculos.

— Eu... eu...

— Mas já? — eu sussurrei, lutando contra a vontade de me abaixar e chupar a pele debaixo de sua garganta que estava apenas começando a brilhar com suor.

— Estou insana por você — ela ofegou.

— Adoro sentir você com minha língua — murmurei. — Meus sentidos estão inundados com você.

Aquela visão era irreal; facilmente a visão mais erótica da minha vida. Suas coxas eram macias e torneadas, abertas ali diante de mim. Eu precisaria apenas me abaixar e colocar a boca nela para tornar esse jogo realidade. Pressionei as palmas contra minha calça e soltei um gemido torturado.

Seus olhos se abriram de repente quando ela gozou, separando os lábios, com a voz apertada e desesperada.

Eu soube naquele instante que nunca tiraria o som de seu orgasmo da minha mente. Os pequenos sons ofegantes, o grito agudo.

Seu peito inteiro corou, mamilos enrijeceram enquanto ela se acariciava preguiçosamente, sorrindo para mim. Fiquei com inveja de seus dedos, deslizando por aquela suavidade tão luxuriante.

— Deixa eu tocar você — ela sussurrou. — Por favor.

— Você está me tocando — respondi, inclinando-me sobre ela novamente. — Sua mão está me apertando cada vez mais.

Um sorriso provocador surgiu em seus lábios.

— *Minha mão?* Que retribuição fraca.

— Bom. — Encolhi os ombros. — Agora a sua boca está faminta pela minha boca.

Seus olhos brilharam quando ela entendeu.

— *Oh*.

— Você está adorando sentir o próprio sabor na minha língua.

Sua expressão pegou fogo, os lábios se abriram ofegando fortemente.

— Sim, adoro.

— E eu adoro dar aquilo que você quer — eu disse, e ela concordou. — Além disso, você adora sentir meu peso em suas mãos.

A garganta da Ruby se movia com o frenesi de sua pulsação.

— Sim — ela disse, sem fôlego e selvagem. — E eu poderia beijar sua boca exigente por dias.

— Às vezes você faz isso, mesmo.

— Deus, por que você não está *dentro* de mim?

Eu sorri diante do som gentil de sua reclamação.

— Porque ainda não fizemos amor.

Seus olhos se arregalaram com essa súbita revelação em nosso estranho e surreal joguinho.

— Ainda não?

Sacudi a cabeça.

— Estamos esperando.

Ela riu, e o som foi tão doce que quase me abaixei para experimentar o eco em seus lábios.

— Mas fazemos todo o resto?

Eu confirmei.

— Quase.

Seus olhos ainda estavam tão arregalados, tão genuinamente famintos, quando perguntou:

— O que estamos esperando?

— Ter certeza.

E finalmente estiquei meu polegar, acariciando a pele nua de seu quadril.

— Certeza sobre mim? — ela sussurrou.

Fiquei olhando para seus doces lábios e para a leve ansiedade em sua

expressão, antes de dizer:

— Certeza sobre *mim*. Certeza sobre tudo isso antes de não ser mais possível voltar atrás. E isso não é nada fácil.

— Eu sei — ela sussurrou. — Eu posso esperar.

A verdade estava estabelecida. E que estranho ter acontecido após a visão mais erótica da minha vida. Eu me sentia inseguro, como se os últimos vinte minutos tivessem sido apenas um sonho.

Poderia ter sido constrangedor; éramos colegas de trabalho e, menos de uma semana atrás, ela era apenas uma estranha para mim. Agora Ruby estava completamente nua e tinha acabado de se masturbar enquanto eu a comandava. Poderia ter sido o momento mais aterrorizante da minha vida. Mas com o álcool em nosso sangue, e a satisfação relaxando o corpo dela, não foi.

Criei coragem e deslizei a palma sobre seu quadril.

Ela esticou o braço e tocou minha mão.

— Como podemos dormir juntos depois disso?

— Comigo abraçando você por trás — eu disse, depois engoli em seco. — Você encaixa em mim perfeitamente.

— Mas você não me acorda para sexo.

— Eu acordo você para tocá-la novamente, pois sou insaciável por você, mas não ainda por aquilo. — Será que ela entendeu? Ou será que eu parecia estranho por pensar, em pleno século XXI, que o sexo muda tudo? Que significa algo.

Ela fechou os olhos, movendo as mãos até parar em seu coração acelerado.

— Você sabe o quanto eu quero sentir você?

— Sim, eu sei — sussurrei.

— Espero que você me beije algum dia.

Engoli em seco, sentindo a pressão da realidade voltando.

— Eu também.

— Você sempre me dá beijo de boa-noite quando vai embora? — ela perguntou, voltando para nosso joguinho. Seus olhos, tão grandes e vulneráveis, eram um alerta para que eu fosse cuidadoso. Eles me diziam que, talvez, até mesmo Ruby não sabia o quanto eu precisava ser cuidadoso com seu coração.

— Sempre. — Mas não faria isso hoje. Eu não poderia, ao menos não em sua

boca. Em vez disso, abaixei e dei um único beijo na pele logo ao lado da minha mão, sobre a maciez de seu umbigo. Suas mãos passaram brevemente por meus cabelos, enviando um pulso de calor renovado pelo meu corpo.

Quando me levantei, Ruby sentou. Observando enquanto eu apanhava meu casaco, ela não se deu ao trabalho de se vestir.

— Será que amanhã vai ser estranho? — ela perguntou, com a voz baixa e os olhos voltando ao normal. — Será que já estraguei tudo?

Meu instinto era sair correndo e beijá-la loucamente para tranquilizá-la. Não sei como fui capaz de resistir a isso.

— Pelo contrário.

Ruby sorriu um pouco, mas suspeitei que ela queria o mesmo que eu: que passássemos a noite juntos. Mesmo sem tocá-la, era melhor ficar perto dela do que em qualquer outro lugar.

— Boa noite, Ruby, minha querida.

— Boa noite, Sr. Stella.

Seu nome se transformou num constante eco em meus pensamentos, mas em nenhum momento eu a ouvir me chamar de Niall.

Sete

Abri os olhos com o sol invadindo a janela, o celular tocando o alarme e uma dose amarga de “Putá merda, o que foi que eu fiz?”.

Sabe como é, apenas uma manhã comum depois de eu ter me masturbado bêbada na frente do Niall Stella.

Rolei de cara no travesseiro e soltei um gemido.

Enquanto os detalhes voltavam com a força que a ocasião merecia, não me senti exatamente constrangida. Eu me lembro do joguinho. Lembro do quanto ele estava duro e ofegante. Lembro de como ele ficou olhando vidrado para minha mão entre minhas pernas, sem um pinga de vergonha por simplesmente *olhar*. Vê-lo ali, faminto daquele jeito, completamente aberto para seu desejo... me transformou numa mulher *possuída*.

Meu medo era que, após algumas horas sozinho para meditar sobre o que tínhamos feito, ele ficasse horrorizado. Se a sugestão de um beijo no escritório ontem o deixou congelado e silencioso, o que aconteceu na noite passada poderia fazê-lo voltar para sua concha e nunca mais sair.

Quantas vezes eu fantasiei sobre algo acontecendo entre nós? Inúmeras vezes. E em cada fantasia, eu tinha coragem de dizer a ele o que eu queria, e isso despertava algo nele que o fazia entender que poderia confiar em mim.

Que eu entendia sua personalidade reservada e permitiria que ele se afastasse quando precisasse.

E então na noite passada – de repente – ele *apareceu*. E, pela primeira vez, não fiquei muda, não fiquei toda atrapalhada.

Ele estava tão lindo, com os olhos pesados e o rosto corado pelo álcool, sua figura discreta se segurando por apenas um fio. Ele tinha receio de estar sendo atrevido demais, ou de estar tirando vantagem de mim, mas estava errado.

Eu queria ver essa última barreira se desfazer. Eu queria vê-lo por *inteiro*. Queria tanto que mal conseguia respirar. Minha pele parecia queimar, tão sensível que eu poderia me transformar em cinzas com um mero toque. Ele pode ter pensado que manter a distância foi um benefício para ele, mas nós dois bebemos e ele queria ter total controle sobre seus sentidos quando seguíssemos em frente – mas, por algum motivo, isso era exatamente o que *eu* precisava.

Aposto que ele achava que intimidade acontece em estágios ordenados: admirando, flertando, chegando a um consenso sobre os sentimentos – mas sem muita conversa – permissão para tocar, beijando, mãos tirando camisas, mãos tirando calças, o “eu te amo”, e então, finalmente, o sexo. Eu me pergunto se, em sua mente, aquilo que fizemos – ou que não fizemos – na noite passada ainda permitia uma certa distância emocional.

Como ele poderia não saber que aquilo foi mais íntimo do que qualquer sexo que eu já experimentei?

Como eu poderia mostrar a ele?

Eu sabia que precisava levantar e me arrumar, mas eu ainda não estava pronta. Meu estômago estava todo amarrado e os músculos tremiam com uma onda de nervosismo grande demais para minha pele. Eu sentia falta dos meus amigos e de ter alguém para conversar. Sentia falta de não fazer nada num domingo de manhã e tomar café com as garotas enquanto conversávamos sobre nossas vidas, trabalho, faculdade e homens.

Puxando o cobertor ao meu redor, rolei para o lado e procurei meu celular. Eu estava três horas à frente da Califórnia, mas pensei que isso seria muito melhor do que a diferença de horário para Londres, onde eu acordava quando todos estavam indo dormir. Fiquei acordada noites a fio para poder ouvir a Lola ou a London desabafarem comigo; agora era a vez delas emprestarem seus ouvidos. *Eu precisava conversar com alguém.*

Sem pensar duas vezes, enviei uma mensagem para nosso grupo. Lola passava a maioria das noites trabalhando, então eu duvidava que ela fosse responder. Ela era a nossa voz da razão, aquela-que-nasceu-para-o-sucesso, e provavelmente teria desligado o celular horas atrás. Mia e Ansel raramente atendiam o celular depois do sol se pôr, e a Harlow geralmente já estava acordada em Vancouver Island com seu marido Finn, os dois passando os primeiros dias de casados.

London, minha melhor amiga, era minha última esperança.

Tem alguém acordada? Preciso de ajuda

:(

Quase imediatamente veio a resposta da London:

Você tem um celular, então SABE que horas são.

Prendi a respiração, escrevi e apertei *enviar*.

Eu sei e peço desculpa. Mas... Aconteceu uma coisa.

Uma coisa ou uma ~coisa~?

Não sei qual coisa usar...

O celular vibrou com uma ligação alguns segundos depois, e atendi antes mesmo do primeiro toque terminar.

– Imagino que seja algo relacionado ao Niall Stella.

Soltei um gemido.

– É claro.

– Então, quando eu digo *uma coisa* – London começou a falar, soando cansada e grogue. Ela trabalhava como bar tender, e fiquei imaginando que horas teria saído do trabalho pela manhã. Ela limpou a garganta e, se eu não estivesse tão agradecida por ouvir sua voz, talvez me sentisse um pouco culpada por acordá-la –, o que quero dizer é: uma coisa tipo tomar um café juntos? Ou *uma coisa*, tipo ele viu a sua vagina?

Rolei de costas no colchão, piscando para o teto.

– Hum... – Na verdade, ela praticamente acertou em cheio. Será que ela percebia pela minha voz? Havia algo na maneira como eu falava que gritava *fiquei pelada na frente dele ontem, mas, você sabe, ele só olhou para minha vagina*.

– Oh, meu Deus, sua tonta. Você transou com ele?

Levei a mão até minha testa.

– Não exatamente – respondi com sinceridade.

– Não *exatamente*? Ruby, meu amor. Você sabe que eu te amo, mas não dormi direito a semana inteira por causa do trabalho. Preciso de sono, não de um enigma.

– Certo – eu disse, tentando encontrar uma maneira de explicar exatamente o que aconteceu. – Imagine sexo por telefone, mas presencialmente.

Ouvi o farfalhar de lençóis do outro lado da linha, como se a London estivesse se ajeitando na cama, ou sufocando a si mesma com o travesseiro. Honestamente, poderia ser qualquer uma das alternativas.

– Você passou de “ele não sabe que eu existo” para “masturbando na frente um do outro” em menos de uma semana?

– Bom... Tecnicamente só eu me masturbei – eu disse, imaginando o rosto dela enquanto me ouvia. – E, aliás, nunca mais quero ouvir você falar a palavra

“masturbando”, começando agora.

O barulho dos lençóis parou.

– Espera. Espera, espera, espera. Ruby Miller, você está me dizendo que deu um showzinho para o seu bofe dos sonhos?

– É. Acho que sim. Quer dizer, obviamente.

– Você não parou de falar sobre esse cara nos últimos, o quê? Cinco meses? Imagino que está saltitando de alegria por causa de toda essa masturbação.

– London, você acabou de quebrar sua promessa.

– Eu disse “masturbação”, uma palavra diferente. E por que você está me ligando às quatro e meia da manhã? Está querendo receber parabéns a distância ou quer alguém para ouvir você se derretendo de vergonha?

– Talvez as duas coisas? – gemi. Nem *eu* sabia direito como estava me sentindo, como poderia esperar que outra pessoa me ajudasse? – Não me arrependi, mas não sei como vai ficar agora. Não estamos *juntos*, somos apenas colegas. Na verdade, nem sei se somos amigos. Além disso, ele estava bêbado e eu estava bem bêbada, e hoje eu quase posso ouvi-lo surtando do outro lado da parede.

– Surtando como se *ele* estivesse arrependido? – ela perguntou.

– Não sei. – Mordi o lábio, pensando sobre aquilo. –Espero que não.

– Mas ele gosta de você?

– É, sim. Acho. Sei lá. Gosta, considerando que tudo foi tão rápido. Ele passou por um divórcio difícil e isso o deixou um pouco...

– Ruby, sei que isso foi seu jeito para fazer ele notar que você existe, mas o que você achou que iria acontecer?

– Hum... – Na verdade, eu não estava realmente *pensando* naquele momento.

Deixei um suspiro escapar. Por acaso eu achava que ele descobriria que me amava? Que admitiria que estava me procurando por toda sua vida e lá estava eu, disposta a gozar na frente dele durante todo esse tempo? Hum, provavelmente não.

– Não sei direito – respondi. – Acho que pensei que seria um primeiro passo.

A London bocejou e ouvi o som dos lençóis novamente enquanto ela se ajeitava na cama.

– E que primeiro passo. Mas agora você precisa fazer isso funcionar. Vá para

o escritório hoje, olhe para ele como se você fosse o tipo de mulher que se masturba... foi mal, foi mal... na frente do amor de sua vida e não se arrepende disso. Você sabe que eu não tenho muita fé na população masculina, mas se ele for metade do homem que você descreve, ele será esperto o bastante para entender. Vai lá pegar ele, Ruby.



Fazer da noite passada o primeiro passo foi um pouco mais complicado do que eu esperava. Pelo jeito, Niall Stella se esforçaria ao máximo para deixar tudo extremamente normal entre nós. Ele chegou cedo e já estava guardando seu notebook para uma reunião quando eu cheguei. E estava com o celular grudado na orelha. Ele me cumprimentou com um leve aceno de cabeça, um sorriso, depois passou por mim e entrou no corredor para ter um pouco de privacidade.

Uma coisa era dissecar tudo que ele dizia nas reuniões, quando havia zero chances de ele estar falando mim. Mas agora? De jeito nenhum ele estaria pensando em outra coisa que não a noite passada. *Tudo* significava algo hoje.

Fiquei ouvindo enquanto ele falava no corredor. Será que estava me esperando? Parecia que estava arrumando as coisas para sair; será que voltaria na sala antes de ir embora?

– Isso não faz sentido – ele disse no celular, seu sotaque charmoso como a única coisa impedindo que soasse irritado de verdade. – O prazo que recebemos para o término estimado era de seis meses antes da data que você está me dando hoje. A alternativa é inaceitável.

Fiquei apreensiva ouvindo aquilo; nunca o vi bravo antes.

Ele ficou em silêncio enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha, e tive uma estranha sensação, com se ele estivesse me observando. Tirei minha echarpe e meu casaco e pendurei os dois no gancho atrás da porta.

Sua atenção pesou sobre minha pele e eu sacudi a cabeça, deixando meu cabelo cair para frente e esconder o calor que surgia em meu rosto.

– Tony, eu não sou o líder do projeto na Diamond Square porque digo “sim” para qualquer coisa, sou o líder porque sei do que estou falando. Diga isso a eles, ou melhor ainda, deixe-me falar com eles. Não terei problema nenhum em ir direto ao assunto – ele disse, seguido pelo distinto som de um suspiro frustrado.

Tony. *Credo*.

Apanhei meu caderno e me aproximei dele.

– Está tudo bem?

Ele assentiu, mas guardou o celular no bolso e não se deu ao trabalho de explicar a ligação para mim.

– Além da reunião com os engenheiros da amt hoje de manhã, eu gostaria de visitar algumas estações e dar uma olhada nas obras. – Ele mostrou mais um sorriso educado.

Niall voltou para sua concha.

Com um gesto na direção das escadas, ele perguntou:

– Você gostaria de me acompanhar?



A estação em South Ferry foi uma das mais atingidas pelo Furacão Sandy. Com uma entrada da rua apenas 100 metros acima do nível do mar, o túnel foi inundado em questão de minutos. A água do mar destruiu praticamente tudo em seu caminho, danificando fiação e equipamentos e enchendo as câmaras com tanta água que os trabalhadores podiam nadar ali. Era por isso que estávamos aqui, para nos anteciparmos à Mãe Natureza e criar um sistema para prevenir catástrofes como a que aconteceu aqui.

O trânsito corria ao nosso redor enquanto eu seguia o Niall pela estação recém-aberta, meus olhos grudados em seus ombros largos enquanto ele descia as escadas na minha frente. Ele parecia muito sério hoje. Sua expressão havia permanecido neutra durante a viagem de táxi até a estação, apenas com o mínimo de conversa. Ele vestia um terno escuro com um sobretudo preto, com sua echarpe de casimira marrom caindo sobre um ombro. Havia um tom decidido em sua voz.

Alguns engenheiros já estavam lá para nos encontrar, e Niall nos apresentou, tomando o nome de cada um e ouvindo atentamente enquanto eles nos conduziam de um lado a outro no túnel. Era incrível vê-lo desse jeito – tão conhecedor e à vontade em seu elemento – enquanto simultaneamente eu me lembrava de como ele ficou na noite passada. Durante seis meses eu juntei um catálogo de memórias do Niall Stella, mas as lembranças que produzi desde que cheguei em Nova York pareciam eclipsar todas as outras.

Niall me chamou para ficar ao seu lado, e fiquei olhando quando ele se abaixou, tirou medidas e inspecionou uma das entradas propostas. Meu cérebro estava uma bagunça: eu queria prestar atenção e absorver tudo ao meu redor,

mas estar tão perto dele depois da noite passada me transformou numa completa louca varrida. *Será que ele está pensando sobre isso? Será que está fingindo que não aconteceu?*

Um pensamento horrível me ocorreu: *Será possível que ele nem se lembre?*

Ele pediu números e várias anotações enquanto trabalhava, mas o lugar era barulhento, o som dos trens e pessoas tornava difícil ouvi-lo. Eu precisava ficar perto, tão perto que ele ocasionalmente encostava na minha perna.

Achei que não era intencional, e tentei não reagir enquanto minha pele se arrepiava. Mas na segunda ou terceira vez, comecei a me perguntar.

– Ruby – ele disse, olhando para mim. – Você reparou que esta foi a última das estações a reabrir?

Eu assenti. É claro que tinha reparado. Mas considerando o quanto isso parecia importante para ele, anotei a informação de novo, mas parei com a caneta no papel quando senti sua mão envolver meu calcanhar. O toque durou apenas um momento, os dedos subiram lentamente na direção do meu joelho, apertando levemente antes de soltarem.

Cada nervo em meu corpo disparou, começando onde ele havia me tocado e terminando bem no meio das minhas pernas. Meus pés vacilaram, os mamilos enrijeceram e os seios ficaram pesados, quando um desejo subiu por minhas coxas.

Meu coração se apertou. Ele se lembrava; apenas precisava de um tempo para processar tudo em sua mente.

Quanto mais tempo passávamos juntos, mais ele parecia relaxar comigo, e seu flerte silencioso apenas aumentou no resto da tarde: sua mão pressionou minhas costas quando saímos da estação, os dedos arrumaram o cabelo em minha testa na fila para o café e, uma vez, seu polegar raspou meu lábio inferior, indo e vindo quando o metrô passou por um túnel escuro.

Eu não conseguia respirar. Mal conseguia ficar de pé.

Quando um assento ficou vago e Niall insistiu que eu sentasse, ele se aproximou até a fivela do cinto ficar a apenas alguns centímetros do meu rosto. Na minha frente estava a longa extensão de seu torso, com a camisa enfiada dentro da calça. E, mais abaixo, o claro contorno de seu pau apertando contra a coxa, semiereto.

Deus do céu.

Levantei a mão e enganchei um dedo numa das alças do cinto enquanto ele olhava para mim em silêncio e vidrado.

Ao chegarmos na estação, ele veio por trás de mim quando parei para apanhar minhas coisas. Suas grandes mãos agarraram meu quadril e ele pressionou o corpo contra mim.

Eu o *senti*.

Quer dizer, eu o senti.

Perdi o fôlego quando sua boca se aproximou da minha orelha e ele simplesmente disse:

– Nós vamos para a esquerda.

Quando voltamos para o escritório eu estava prestes a explodir. Eu me sentia tensa e inchada entre as pernas, a pele da minha coxa estava molhada e lisa. Meus sentidos pareciam aguçados ao máximo, e mesmo as coisas mais básicas – a renda do sutiã raspando em meus seios – pareciam eróticas.

Mas quando pensei que estávamos chegando a algum lugar... nada aconteceu. Em vez de fechar a porta do escritório e me tocar – eu não me importava nem um pouco de ser no trabalho – ele foi para sua mesa e começou a estudar alguns arquivos, enquanto fiquei ali, excitada, confusa e sem palavras.

Aquilo era uma tortura. Estar encantada, sentir seu interesse crescer, mas ao mesmo tempo vendo ele se fechar depois de cada pequeno progresso. Eu queria simplesmente *perguntar*, mas fiquei com medo de que ele se fechasse ainda mais.

E meu corpo *ardia*. Foi uma tarde inteira de preliminares discretas e gentis, e eu me sentia como um ferro em brasa recebendo o golpe de uma marreta. Eu estava praticamente vibrando.

Nosso banheiro era privado, graças a Deus, e ao entrar lá dentro eu tranquei a porta, respirando fundo pela primeira vez no dia. Eu podia sentir o cheiro suave de sua colônia, como se estivesse marcada em meus sentidos. Quando cruzei o banheiro até o pequeno banco de couro que ficava debaixo da janela, me permiti imaginar como seria seu cheiro de perto, com meu nariz pressionado diretamente em sua pele.

Com essa imagem na mente, eu me sentei e deslizei minha calcinha pelas pernas enquanto imaginava o calor daquela pele sob meu toque. Meus dedos se transformaram nos dedos dele, e então subiram por minha coxa até o meio das

pernas. Se eu escutasse com atenção, podia ouvir sua voz enquanto ele falava com alguém no telefone. Fingi que ele falava apenas comigo.

Eu estava tão sensível, tão molhada, que o menor toque, o raspar de um dedo sobre meu clitóris, fez meu quadril ser impulsionado para a frente, querendo mais. Com os olhos fechados, fiquei ouvindo sua voz, com seu sotaque curvando as palavras em algo que enviava uma corrente elétrica dos meus mamilos até meu sexo. Imaginei suas palavras descendo por meu pescoço; o subir e descer de sua voz se tornando o ritmo de uma penetração, entrando e saindo de mim. Imaginei sua presença do outro lado da porta, sabendo que eu estava me tocando, e implorando para que ele me tocasse da próxima vez.

Só de pensar nisso, minha excitação foi ao limite, e eu gozei na minha própria mão, meu corpo inteiro dobrando sobre meu toque.

Só então percebi o quanto estava silencioso lá fora, e que talvez eu tivesse feito barulho demais. Eu podia até ouvir o tique do meu relógio e o leve zumbido do trânsito na rua lá embaixo, mas nenhuma outra voz, nenhum passo andando pelo escritório.

Assim que minhas pernas voltaram a ter firmeza, eu me levantei e ajeitei as roupas, andando até a pia para retocar a maquiagem.

Ao sair do banheiro, entrei no corredor e quase trombei com ele.

– Desculpa! – exclamei, tentando apanhar uma pilha de arquivos que caíram no chão. – Deixa que eu pego! – eu disse, definitivamente enfatizando meu constrangimento.

Niall me ignorou e se abaixou para juntar os papéis.

Tentei evitar olhá-lo nos olhos, tendo a certeza que aquilo que eu acabara de fazer estava escrito na minha testa com tinta neon.

Ajeitei minha saia e passei o cabelo para o lado antes de olhar para ele. Niall estava me estudando, com a cabeça inclinada.

– O que foi? – perguntei, fingindo inocência.

– Você está bem?

– É claro que sim.

– Você está vermelha. Tem certeza que não está se sentindo mal? Posso cuidar de tudo sozinho hoje se...

– Estou bem – eu disse ao me afastar um pouco, sentindo uma pequena

pontada de irritação.

Ele me seguiu até minha mesa, seu olhar atento quase queimando um buraco em minha cabeça.

– Tem certeza que você não estava... correndo pelas escadas? – ele perguntou com um tom hesitante, como se soubesse que eu não estava muito bem.

– Não, eu... – Considerei mentir, mas sabia que ele nunca acreditaria. – Jesus, você não desiste. Podemos mudar de assunto?

Seus olhos suavizaram enquanto analisavam meu rosto, e depois ele respirou fundo, olhando sobre meu ombro como se tivesse lembrado de onde estávamos.

– Vamos lá. Fale de uma vez.

– Eu estava... – comecei a falar, querendo que o chão se abrisse e me engolissem inteira. É sério, esse nosso joguinho estava começando a ficar um pouco desigual. – Estava só...

– Você estava... – Suas sobrancelhas se juntaram e seu olhar rapidamente pousou em minha mão sobre minha garganta quando ele pareceu entender. – No banheiro das mulheres? Agora?

– Sim.

– No *trabalho*?

Oh, Deus.

– Desculpe... depois da noite passada e depois de hoje de manhã...

– Espera – ele disse, engolindo em seco. – Você estava pensando em *mim* lá dentro?

– É claro, eu... – Parei de repente, fechando os olhos e respirando fundo. Como ele conseguiu ficar tão quieto, tão parado? – Você me tocou, mas depois se fechou de novo. Esses sinais conflitantes estão me deixando maluca.

E agora eu me sentia maluca e um pouco humilhada.

Quase pulei de susto quando senti o toque gentil de seus dedos no meu queixo.

– Você gozou, minha querida?

Um fogo percorreu minhas veias, e quando olhei para ele, vi a mesma chama queimando em seus olhos.

Lambi meus lábios e assenti.

- Diga para mim especificamente em que estava pensando.
 - Em tocar você – eu disse, com minha boca secando de repente. – Em beijar.
- Ele assentiu e seus olhos desfocaram quando olharam para os meus lábios.

Era o convite que eu precisava. Subi na ponta dos pés, raspando o nariz na pele quente de seu pescoço. Ele soltou um som que foi uma mistura entre gemido e grunhido, e tentou diminuir o espaço entre nós ao máximo. Olhando para mim, ele parecia estar lutando contra centenas de coisas diferentes. Percebi imediatamente que ele estava dividido. Acho que eu estava certa, e após o divórcio, ele sentia um pouco de medo do jogo. Talvez estivesse achando que tudo estava indo rápido demais. Ou talvez apenas não estivesse confortável fazendo as coisas do meu jeito: mergulhando de cabeça naquilo que certamente seria muito sexo fantástico e ficar na cama o dia inteiro até nosso voo de volta para Londres.

Naquele momento, senti que eu aceitaria qualquer coisa, mesmo se isso significasse dez anos de flerte terminando num único e cuidadoso beijo.

- Você está bem? – sussurrei.
- Estou só pensando se eu deveria... – Ele engoliu em seco, estremecendo um pouco.

- Me enviar de volta para Londres e nunca mais falar comigo?

Ele riu, mas negou com a cabeça.

- É claro que não.

- Conversar sobre o que aconteceu na noite passada?

Ele ergueu a mão e acariciou meu queixo com o polegar.

- Sim.

Alívio e ansiedade se misturaram em meu peito.

- Minha mãe sempre disse que, se você não conseguir conversar sobre alguma coisa, então não deveria estar fazendo essa coisa.

Ele ergueu uma sobrancelha e estudou meu rosto, curvando os lábios no sorriso mais doce e esperançoso que eu já vi.

- Combinado, então. Vamos sair para jantar a sós.



Niall me encontrou em meu quarto do hotel, vestindo novamente o terno cinza

que é meu favorito. O terno foi cortado para vestir perfeitamente seu corpo longo e musculoso, e a cor cinza destacava o amarelo em seus olhos castanho-claros. Aqueles olhos focariam em mim a noite toda. Apenas em mim.

Talvez eu entre em combustão.

Tomamos um táxi para o Perry St., um restaurante que ficava no alto de um arranha-céu envidraçado na (advinha) Perry Street. Era elegante e chique, com janelas que iam do chão ao teto e decoração minimalista. Mesas repletas de comida preenchiam o grande salão principal, e de repente achei que talvez não conseguíssemos uma mesa.

– Mesa para dois – ele disse para a hostess. – Reserva em nome de Stella.

Tentei ignorar a batida mais forte do meu coração quando o imaginei fazendo uma reserva para nós dois.

Seguimos a hostess até uma mesa no canto mais afastado do salão.

– Meu Deus, este lugar é lindo – eu disse, olhando para a incrível vista do rio Hudson. – Como você descobriu este restaurante?

– Com o Max, é claro – ele disse, sentando-se.

– Certo. O Max – eu disse, rezando para que não soasse tão inseguro para seus ouvidos quanto soava para mim. Ele ligou para o irmão perguntando sobre o jantar. Se eu não sentisse seu pé pressionando o meu debaixo da mesa, eu poderia sair flutuando por aí. – Faz tempo que ele mora aqui?

Ele confirmou, tomando um gole d'água.

– Alguns anos.

– Ele parece *tão* feliz – eu disse. – Todos eles parecem.

Niall sorriu.

– E são mesmo. Max e a Sara acabaram de ter um bebê, sabe? – Eu assenti, e ele hesitou por um momento antes de perguntar: – Quer ver uma foto?

– Eu adoraria. – *Adoraria* era um eufemismo nesse caso, eu estava *morrendo* de curiosidade.

Niall apanhou seu celular e começou a buscar em suas fotos.

– Aqui está ela – ele disse, todo carinhoso, passando o dedo pela tela. Era uma foto do Niall segurando algo todo empacotado em um cobertor, com uma pequena mão saindo de lá de dentro e segurando seu polegar. Mas não foi a linda bebê que fez meu coração despencar até as profundezas do meu estômago,

embora ela fosse mesmo linda; foi a expressão de adoração em seu rosto enquanto olhava para ela. O Niall da foto estava feliz, praticamente cintilando. Ele estava relaxado e sorrindo e absolutamente maravilhado com a garotinha.

– Qual é o nome dela? – perguntei, olhando em seu rosto e encontrando a mesma expressão da foto.

Deus do céu.

Ovulação em 3... 2... 1...

– Annabel Dillon Stella. Coisinha linda, não acha?

Meus olhos se arregalaram quando seu sotaque suavizou.

– Linda. Ela parece um pouco com você, eu acho. Olha esse nariz.

Como se fosse possível, sua expressão ficou ainda mais feliz.

– Você acha?

Eu confirmei.

– É o nariz da família Stella, olha só.

O garçom apareceu e perguntou se gostaríamos de pedir bebidas antes do jantar. Nós rimos e depois nos olhamos. Com a menção a bebidas, a memória da noite passada surgiu com força entre nós.

Eu preendi a respiração.

– Talvez um pouco de vinho? – Niall sugeriu discretamente, buscando minha aprovação e depois estudando rapidamente o menu de vinhos. Ele pediu uma garrafa de *pinot noir* e me entregou o cardápio. – Alguns minutos antes de pedirmos, concorda?

Após o garçom desaparecer, Niall ficou prestando atenção na condensação de seu copo por alguns instantes.

– Eu sei que ontem foi realmente maluco para nós dois– eu disse, encarando o elefante sentado na mesa –, mas espero que você não tenha se arrependido. Eu me sentiria horrível.

Sua cabeça ergueu de repente, as sobrancelhas se juntaram.

– De jeito nenhum – ele disse, e eu respirei aliviada. –Se você lembra, eu é quem fui atrás de você no seu quarto.

Eu lembrava *sim*.

Os segundos passaram e ele baixou a cabeça, olhou para suas mãos e não

disse mais nada. Com cada momento silencioso, não pude deixar de pensar, *será que era só isso?* Mordi os lábios, estudando seu rosto.

Ele respirou fundo, rindo um pouco de si mesmo.

– Isso é tudo muito novo para mim, Ruby. Me perdoe se eu precisar de um tempo para encontrar as palavras.

Eu queria ser paciente, mas o silêncio era uma tortura. Em situações profissionais, Niall era confiante e capaz. Nas poucas vezes em que relaxou o bastante para me tocar, mostrou dominância e controle. Mas quando chegava nesta conversa – em situações pessoais onde precisava se expressar verbalmente – ele parecia incapaz de comunicar um único pensamento particular. Talvez a Pippa estivesse certa e esse tipo de reserva emocional era sexy apenas em livros ou filmes. Aqui, era uma tortura para minha pulsação que martelava.

– Deve ter sido estranho – eu disse, sem conseguir estender mais o silêncio. – Fazer aquilo. Quer dizer, *assistir* a mim fazendo aquilo.

Oh, Deus.

Ele olhou para mim, esperando para ver onde eu queria chegar. Inferno, *eu* estava esperando para saber onde eu queria chegar.

– Com alguém totalmente diferente, depois do divórcio– tagarelei. – Ou, voltar para o mundo dos solteiros... *daquele* jeito. Comigo.

Droga, se isso fosse um jogo de futebol, seria o tipo de partida onde eu me atrapalho com a bola, daí a bola explode e o estádio inteiro pega fogo.

Ele passou um dedo sobre a sobrancelha e mostrou um pequeno sorriso.

– De volta ao mundo dos solteiros – ele repetiu. – Não sei se o que venho fazendo desde o divórcio pode entrar nessa classificação.

O garçom voltou à nossa mesa para anotar nosso pedido, e nós dois abrimos o cardápio, olhando rapidamente.

Eu pedi a primeira combinação de palavras que consegui juntar.

– Quero o salmão.

Niall ficou olhando as opções antes de fechar o cardápio de repente e entregar ao garçom, dizendo apenas “filé” distraidamente. O garçom abriu a boca para listar as opções, mas ele o interrompeu e apenas disse para trazer qualquer um que recomendasse.

Esperamos pacientemente ele ir embora, e depois nossos olhos voltaram a se encontrar.

– Onde estávamos? – ele perguntou.

– Estávamos analisando o significado de “voltar ao mundo dos solteiros”.

Ele riu.

– Certo.

– Você não tem o hábito de sair com garotas de vez em quando?

Niall considerou a pergunta, ajeitando os talheres e limpando uma gota condensada em seu copo d’água.

– Na verdade, não.

– Por quê? Você é lindo e bem-sucedido. Você... – Eu parei, querendo que alguém tapasse minha boca. – Resumindo: você é um partidão.

Ele soltou uma pequena risada.

– Eu nunca, quer dizer... eu sei que não sou... mas eu nunca me descreveria assim.

Ele estava de brincadeira?

– Você deve estar brincando. Já se olhou no espelho? Já ouviu sua própria voz? Acho que vou chamar a hostess aqui para você ler o cardápio pra ela. Tenho certeza que ela se jogaria aos seus pés antes que chegasse nas saladas.

Quando ele riu, uma covinha apareceu.

– Você gostou da noite passada, não é? – ele perguntou.

Ah. Aí está.

– Tenho certeza que nós dois sabemos muito bem que eu *gostei* da noite passada. – Lutando contra o calor em meu rosto, continuei me concentrando no assunto mais delicado. – Mas depois, quando você me tocou hoje... – Tomei um gole do vinho, sentindo a boca seca de repente. – Passei o dia todo sem saber em que você realmente estava pensando.

– Eu também não sei – ele admitiu. – Meu corpo parecia me impulsionar, mas ainda estou hesitante. Não porque não sinta atração por você. Eu sinto. E achava que isso era óbvio. Mas não sei se posso confiar na minha habilidade de lidar com um relacionamento.

– Só tem um jeito de descobrir – eu disse honestamente. – Eu também não sei

lidar direito com relacionamentos. Além disso, seu casamento durou mais de uma década. Você deve ter feito *alguma* coisa direito.

– Acho que mesmo quando eu e a Portia estávamos juntos, nem sempre foi...
– Ele perdeu o rumo, limpando a garganta antes de recomeçar: – Com a Portia, você sempre fica com a impressão que fez tudo errado.

O que foi que ela fez com ele? Eu imaginava uma loira de cabelo preso, toda arrumada e com uma constante expressão de nojo. E um marido sentindo que tudo que fazia era errado.

– Bom, o nome dela era *Portia*. Isso já não é um bom começo.

Ele exibiu um pequeno sorriso.

– Acho que encontramos um ritmo no dia a dia. Era algo silencioso, mas previsível. – Ele tomou outro gole de vinho. – Mas com você, quando tudo parece tão intenso e avassalador... quando fico sozinho depois, acabo pensando demais sobre tudo e remoendo cada detalhe.

Deus, ele era tão adoravelmente retraído que eu mal conseguia aguentar. Já presenciei alguns lampejos que mostravam o quanto ele podia ser divertido – quando ele me flagrou no corredor, quando tiramos uma *selfie* na frente do Radio City, quando falou sobre sua sobrinha. Niall apenas precisava relaxar um pouco.

– Acho que fica melhor entre nós quando não pensamos demais. Tem sido bem legal quando apenas passamos um tempo juntos.

– Concordo. Porém... quando se trata de intimidade, eu não sou tão bom. Então...

– Você quer dizer sexo? – eu disse, tentando ser franca.

Ele sacudiu a cabeça para mim, um sorriso paciente curvando sua boca.

– Não só o sexo. Mas também a intimidade que vai além disso. Nós não transamos ontem, mas foi uma das experiências mais íntimas que eu já tive. Ainda estou digerindo tudo isso.

Prendi minha respiração, concordando lentamente.

Então ele *entendia* o quanto ontem foi diferente, o quanto aquilo foi muito mais profundo do que uma rapidinha numa cama de hotel.

Niall coçou o queixo, contemplando sua taça de vinho.

– Você pode achar que – ele disse cuidadosamente – muito disso pode parecer um retrocesso para você, se estiver acostumada a combinar com antecedência

como será uma relação, ou como irá proceder. Mas para mim, nada disso é familiar. A Portia decidiu que ficaríamos juntos, então ficamos. Depois disso, era mais comum conversarmos sobre o clima do que sobre emoções. E quanto ao sexo... acho que *nunca* conversamos sobre isso. Então o mero fato de eu e você estarmos aqui juntos, discutindo o que fizemos ontem... apesar de nem termos nos beijado ou tocado... é meio que uma revelação para mim.

– Uma boa revelação? – perguntei, sem conseguir esconder minha esperança.

– Sim, uma boa revelação – ele concordou, assentindo lentamente. – Eu gosto da sua companhia. Apenas quero explorar isso da maneira certa. – Ele fez uma pausa, olhando em meus olhos. – Já compartilhamos uma grande intimidade sem nem nos conhecermos direito.

Eu concordei, engolindo com dificuldade. Mas uma sensação estranha me abateu, pois eu sentia que já conhecia o Niall. Porém, pensando melhor, aquilo era verdade; ele não *me* conhecia ainda.

– Podemos recuar um pouco. E conhecer melhor um ao outro.

Sacudindo a cabeça, ele murmurou:

– Mas essa é a questão. Não sei se quero recuar, nem se *preciso* recuar. Por que preciso saber tudo sobre você antes de nos divertirmos fisicamente? Eu gosto de você. Isso não é suficiente?

Encolhi os ombros, sentindo meu estômago se contorcer enquanto o observava.

– Pra mim é suficiente. Mas não precisa ser pra você.

– Eu quero que seja. Sinto uma liberdade diferente quando estou perto de você.

Sorrindo para o vinho, perguntei:

– É mesmo?

– Você me faz sentir aventureiro e interessante... e *divertido*.

– Divertido? – repeti, fingido estar chocada. – Sr. Stella, como ousa pensar assim?

Sua risada veio profunda e calorosa, enviando um calafrio sobre minha pele.

– Você também me faz pensar sobre coisas que eu não considero gentis ou recatadas ou apropriadas.

– Tipo o quê?

Ele procurou meus olhos.

– Acho que prefiro *mostrar*. Apenas preciso dar permissão a mim mesmo, se você concordar.

Não parecia possível que meu peito ficasse mais apertado, mas aconteceu.

– Sim.

Seus olhos estavam tão sinceros e expressivos quando perguntou:

– Você vai continuar sendo tão aberta comigo como foi ontem?

Eu concordei, levando a taça de vinho aos lábios com a mão trêmula. Como isso estava acontecendo...?

Como?

– Nesse caso – ele disse, tentando controlar o nervosismo –, sei que pode ser difícil explicar essas preferências, ou seja, é difícil vocalizar coisas que são mais da ordem das reações físicas... – ele tagarelou num único fôlego, até que finalmente olhou para mim. – Mas ajuda saber.

Fiquei completamente boiando, sem entender.

– Saber? Saber o quê?

Niall engoliu em seco e olhou rapidamente para os lados para confirmar que ninguém podia ouvir.

– Saber o que funciona – ele disse, hesitando. – Francamente, eu não sei se ela alguma vez...

– Gozou? – sugeri.

– Ah, não... ela sempre gozava – ele disse, esfregando o queixo com o dedo indicador. – Mas eu nunca soube se ela *queria* sexo. Se ela queria a *mim*.

Senti como se uma pedra despencasse em meu estômago, e precisei de um momento – e de um pouco de vinho – para limpar qualquer sinal de dó em minha voz antes de responder.

– Bom, então ela realmente é uma besta. Como eu disse antes, você já se olhou no espelho ultimamente?

Ele riu e depois pareceu se arrepender imediatamente. Eu me senti horrível.

– Ruby, não quero falar mal dela. Você tem que entender que ela é a única mulher com quem já fiquei. O que estou tentando dizer é que nós não explorávamos muito. Existe muita estrada entre chegar a um lugar e aproveitar a

jornada. – Ele me olhou e sorriu. – A noite passada, com seu showzinho desinibido, foi uma experiência completamente nova pra mim.

Fiz uma pausa, olhando para a água enquanto considerava como responder. Não era de se estranhar que ele vivesse atrás de uma barreira. Ela havia construído uma fortaleza ao redor da vida sexual deles há uma década.

– Você ainda a ama? – perguntei.

– Não. Meu Deus, não. Mas, sem dúvida nenhuma, nossa relação me influenciou muito. Ela deixava muito claro que fazia sexo comigo apenas para *mim*. Nunca para ela.

Ergui minha taça.

– Bom, se você se sentir melhor, não tenho problema nenhum que o sexo seja apenas para o meu prazer – eu disse, querendo aliviar o clima.

– Quanta generosidade – ele disse, exibindo meu sorriso e covinha favoritos.
– Mas também não é tão fácil. Do que as mulheres realmente gostam? Pornografia não ajuda em nada a responder isso.

– Nem sempre – eu corrigi. – Nós gostamos sim de pau grande e de escutar sacanagem.

Seu novo conforto comigo passou no teste quando ele nem piscou.

– Mas, por exemplo, sexo oral... – ele começou e depois deixou o resto no ar, simplesmente erguendo as sobrancelhas.

– Na verdade, a maioria das mulheres é fã do sexo oral.

Ele ajeitou os talheres de novo e depois olhou para mim do outro lado da mesa.

– Recebendo?

– Isso é uma pergunta séria?

– Infelizmente, sim. – Ele sorriu para mim, e naquele breve instante Niall pareceu tão jovem e brincalhão. – E dando?

Mordi o lábio, imaginando como seria bom passar minha língua sobre a ponta de seu pau enquanto ele gemia.

– Oh, sim.

Ele olhou ao redor do salão, apenas o suficiente para ter certeza que ninguém estava ouvindo.

– As mulheres gostam de engolir?

A conversa oficialmente despencou desfiladeiro abaixo. Eu mal conseguia me conter.

– Vou fazer um chute completamente não científico e dizer que setenta por cento *não é* a favor de engolir.

Seus olhos se acenderam junto com um sorriso provocador.

– E em qual categoria você se encaixa? Nos setenta por cento, ou nos outros trinta?

– Com você? – eu disse num sussurro, inclinando-me sobre a mesa. – Nos trinta.

Niall respirou fundo, jogando a cabeça um pouco para trás. O salão parecia encolher até eu sentir que havia apenas nós dois na mesa, olhando um para o outro.

– Eu também quero – ele admitiu.

A imagem, a ideia, diminuiu ainda mais o espaço entre nós até sobrar apenas uma coisa viva e pulsante.

– Diga algo safado – eu sussurrei, me sentindo toda corajosa. Sentindo que estava insana. – Diga a coisa mais louca e safada que você consegue pensar. Me deixe sem palavras.

Ele assentiu como se eu tivesse feito um pedido normal, e olhou para suas mãos juntas sobre a mesa por vários segundos antes de piscar de volta para mim. Seus olhos castanhos tinham uma cobertura tão grossa de cílios e mais uma vez ele parecia um *homem*, e não a paixonite intimidadora que eu idealizei por vários meses.

Eu o queria ainda mais.

Ele chegou mais perto, dizendo:

– Eu gosto muito de...

– Mais safado – interrompi. – Pare de pensar tanto.

Seus olhos ficaram sombrios quando olhou em minha boca.

– Eu *quero*.

– Quer o quê? Não filtre nada.

– Quero você chupando meu pau, chupando com tanta fome que você implora

com os olhos para eu deixar você engolir.

Oh.

Niall Stella aprendia rápido.

O garçom chegou com nossa comida, colocando na mesa antes de perguntar se queríamos mais alguma coisa. Eu queria pedir um balde de gelo. Para pôr no meu colo.

Segurei uma risada, mas o Niall respondeu com um sorriso.

– Por enquanto, não. Obrigado.

– Uau. Boa jogada – murmurei quando ficamos sozinhos de novo, ainda abalada. – Não sei como vou conseguir comer agora.

O barulho ao nosso redor pareceu retornar de uma só vez, lembrando que não estávamos sozinhos como no quarto do hotel. Estávamos inclinados na direção um do outro, quase nos beijando sobre a mesa.

– O que estamos fazendo um com o outro? – ele sussurrou.

Eu encolhi os ombros.

– Estamos... tentando?

Ele ergueu seu garfo e faca, cortando o filé.

– Na verdade, agora fiquei com fome.

– Fome pós-sexo? – brinquei.

– Não mesmo – ele grunhiu, dando uma mordida.

Niall olhou para mim enquanto mastigava. Observei seu queixo flexionando com o movimento e os lábios se apertarem juntos. Como ele conseguia *mastigar* de um jeito sexy? Isso não era justo.

Depois de engolir, ele perguntou:

– O que foi?

– Nada. Acontece que você é sexy até quando come. É uma distração, depois de ouvir aquilo que você falou sobre sexo oral.

Ele apertou os lábios numa reação adoravelmente dúbia antes de perguntar:

– Então, vamos voltar a algum assunto normal?

– Boa ideia. – Finalmente, experimentei meu salmão.

– Palavra favorita? – ele perguntou.

– *Boceta* – eu disse sem hesitar.

Ele deixou o queixo cair, fingindo estar horrorizado.

– Você roubou a minha palavra.

Eu quase engasguei.

– Eu não consigo nem imaginar você pensando essa palavra, muito menos *dizendo*.

Rindo, ele sacudiu a cabeça enquanto cortava mais um pedaço do filé antes de mastigar e engolir.

– Acho que tenho várias outras coisas que penso, mas nunca digo. Eu adoro essa palavra. Mas é verdade que eu nunca falo isso.

– Qual é o contexto favorito?

Depois de pensar um pouco, ele acabou dizendo:

– Gosto de usar quando é para xingar alguém num jogo de futebol, entende? Tipo, “para de agarrar minha camisa, boceta”. – Ele comeu algumas ervilhas e nem percebeu meu suspiro diante daquele sotaque incrível. Niall engoliu, limpou a boca com o guardanapo e depois acrescentou: – Qual é o seu contexto favorito?

Tomei quase metade da taça de vinho.

– Provavelmente algo mais grosseiro do que isso.

– É mesmo? – ele disse, sorrindo. – Eu achava que os americanos odiavam essa palavra.

– *Eu* não odeio.

Niall levou sua taça até os lábios e tomou um longo gole.

– Vou me lembrar disso.

Oito

Aquela conversa descontraída se transformou em algo menos picante quando terminamos de comer. A conversa fluía na mesma medida do vinho. Ruby tinha uma atitude liberal quanto ao sexo, mas, quanto a relações em si, ela podia ser curiosamente conversadora. Admitiu, entre o jantar e a sobremesa, que, apesar de todo aquele flerte, não gostava da ideia de sexo sem algum tipo de conversa antes.

Estudei a Ruby — boca macia, olhos arregalados, mãos gesticulando docemente enquanto enfatizava suas ideias — e fiquei maravilhado com o quanto tudo isso parecia natural nela. Ruby era paciente com minha inexperiência e hesitação. De fato, nem parecia surpresa com isso.

Depois do jantar e das bebidas, ela apanhou sua bolsa e se levantou. Observei suas mãos envolvendo o couro, e o pescoço se esticando quando ela soltou o colar que estava preso na gola do vestido. Jogou os cabelos para trás da orelha e depois se virou para me olhar.

Ruby me flagrou de olhos vidrados nela; eu estava hipnotizado por cada movimento seu.

— O jantar estava ótimo — ela disse, sorrindo.

Meu Deus do céu.

— Cada mordida — concordei, ajudando-a com seu casaco.

— E você morde? — ela perguntou, enquanto saía do restaurante e ganhava a rua.

O ar estava carregado com o vapor dos exaustores e os barulhos que surgiam da rua.

— Imagino que sim — eu disse, depois viramos na Greenwich. — Dependendo das circunstâncias.

Minha pele vibrava, meus dedos se moviam inquietos, até que finalmente criei coragem para tocar em suas costas. Debaixo do toque, ela se endireitou e estremeceu, antes de esticar o braço e tomar a minha mão.

Seus longos e magros dedos se entrelaçaram com os meus e ela me puxou para o seu lado.

— Você está preocupado por causa do trabalho? — ela perguntou discretamente.

— O trabalho...? — perguntei confuso.

— Sobre *nós*. E o trabalho.

Senti minha sobrancelha se erguer quando entendi.

— Ah. Bom, por enquanto não. — Levantei a mão e chamei um táxi, segurando a porta para ela. — Acho que precisamos deixar claro o que estamos fazendo, e depois nos esforçar para que isso não interfira em nosso trabalho, mas... — Eu a segui para dentro do carro, notando seu sorriso divertido enquanto eu tagarelava. — Não acho que seja proibido pelas regras da empresa.

— Não é — ela disse, apoiando-se ao meu lado e olhando para mim. — Eu já chequei isso faz tempo.

— *Faz tempo?*

Ela mordeu o lábio enquanto sorria.

— Uns quatro meses?

Ficamos em silêncio enquanto o táxi andava alguns quarteirões.

— Quatro meses atrás eu nem sabia...

— Que eu existia — ela completou. — Eu sei. Acho que eu queria me convencer a esquecer de você — ela disse, rindo. — Se eu descobrisse que era proibido, então, bom, então já era.

— Ou talvez isso fizesse você querer ainda mais — eu disse, acariciando seu queixo com meu polegar.

— Talvez — ela respondeu, virando o rosto para minha palma. — Quando você me notou?

— O dia que o Tony disse que você me acompanharia nesta viagem foi o primeiro dia que eu *realmente* notei você...

Ela tocou meu queixo e atraiu meus olhos de volta para seu rosto.

— Você está ficando nervoso desnecessariamente. Sei que eu era invisível pra você antes. Isso não me incomoda.

Engoli em seco, olhando para sua doce boquinha rosa e os calmos olhos verdes.

— Você não era invisível para mim, mas... — Olhá-la nos olhos não era fácil.

— Acontece que, e isso tem que ficar apenas entre nós... o Tony sugeriu que eu usasse a viagem para “dar uma escapadinha”.

— “Dar uma escapadinha” — ela repetiu, sem entender direito. Fiquei olhando para ela, sorrindo constrangido, até que a ficha caiu e ela começou a rir.

— Aquele cara é um nojento.

Sua reação me acalmou imediatamente, até que um pensamento me ocorreu.

— Ele nunca tocou em você, não é?

Inclinando a cabeça, ela disse:

— Não, é só um perverso. Às vezes ele olha para mim e para a Pippa de um jeito... — Ela sacudiu a cabeça, estremecendo.

Eu apenas sorri. Não queria confirmar que concordava com ela e também percebia a maneira inadequada com que ele olhava as mulheres do escritório. Em mais de uma ocasião quase avisei o RH para ficar de olho nele.

— Mas eu adoro essa frase — ela disse, desviando os olhos. — “Dar uma escapadinha”. É uma frase sexy, de um jeito meio grosseiro. Gosto da ideia de você me levar para uma escapadinha aqui e ali.

Fechei os olhos, respirando fundo para me acalmar.

— Olha, eu nem cheguei a considerar a sugestão dele. Mas, afinal de contas, sou um homem. E mesmo se ele não tivesse falado aquilo, só de saber que viajaríamos juntos já fiquei completamente desconcertado. — Ela riu, e percebi novamente o quanto ela me conhecia bem, o quanto havia aprendido apenas observando. — E então esbarrei em você no elevador. — E eu parecia uma *louca*.

— Sim, parecia. Uma psicopata, na verdade — provoqueei. — Mas eu queria sair dali apenas porque senti algo desorientador perto de você.

— Meu poder de constrangimento foi demais para você?

— Sem dúvida — murmurei, passando uma mecha de seu cabelo para trás da orelha. — Você está brincando, mas eu não estou. Havia algo em você...

Ela fechou os olhos e eu descí meus dedos lentamente por seu pescoço até a garganta. Sob meu toque, sua pele estava muito macia e fresca por causa do ar noturno. Eu mal podia imaginar como seria intenso beijá-la, muito menos fazer amor com ela. Eu provavelmente rasgaria suas roupas, como ela havia sugerido ontem mesmo. E com certeza eu morderia.

— Mas eu notei você antes, sim. Nas reuniões, nós já havíamos trocado uns olhares...

Ruby abriu os olhos novamente e sua expressão dizia que ela duvidava disso, como se eu estivesse brincando com ela.

— Não tem problema se você não me notou antes. Também não tem problema se você quiser apenas experimentar como seria sair com outra pessoa que não seja a Portia. Prometo que vou me comportar como uma perfeita adulta.

— Não é isso... — comecei a falar, mas parei quando o táxi estacionou.

Conduzi a Ruby para dentro do hotel até o elevador, que estava cheio. Descemos em nosso andar em silêncio e andamos pelo corredor até nossos quartos, ouvindo os passos ecoando no vazio.

Quando chegamos em minha porta, eu disse a ela:

— Nunca nem considereei ficar com alguém só por ficar. Com exceção daquela interação bêbada, sexo apenas pelo sexo nunca me interessou.

Ruby lambeu os lábios e exibiu um sorrisinho hesitante.

— Então você precisa de sexo de verdade.

Ela continuou me olhando com paciência, aqueles olhos sapecas, e o momento se arrastou pesadamente.

— Eu acho que sem dúvida eu preciso de sexo de verdade — admiti num sussurro.

Suas sobrelhas ergueram-se sugestivamente e ela inclinou a cabeça na direção de seu quarto.

— Eu me diverti muito no jantar...

Ruby me deu mais dez segundos para fazer ou dizer alguma coisa antes de chegar mais perto e beijar meu rosto, quase sobre o canto da boca.

— Boa noite, minha paixonite secreta, sexy e hesitante.

Fiquei olhando quando Ruby se virou e andou os dez passos até seu quarto. Ela entrou e a porta se fechou levemente atrás dela, antes de eu murmurar:

— Boa noite, minha garota linda e exuberante.

—

— Que tipo de imbecil é você? — perguntei ao meu reflexo no espelho do banheiro. — Você poderia ter beijado. Poderia ter se divertido com ela. E, no

mínimo, poderia tê-la convidado pra entrar. — Fechei os olhos, inspirando profundamente pelo nariz. Eu sentia como se minha pele pegasse fogo e, com exceção de entrar debaixo do chuveiro ou derrubar sua porta e finalmente transar com ela, não sabia como acabar com essa sensação.

Juro que conseguia me lembrar de cada sorriso dela hoje, ou cada risada onde jogava a cabeça para trás e fechava os olhos. Ruby parecia se divertir em cada pequeno instante de sua vida. Havia algo sobre ela que me fazia querer ficar ao seu lado, colocá-la num pedestal e me banhar com sua energia e doçura desinibida.

Diga algo safado, ela disse. Diga a coisa mais louca e safada que você consegue pensar. Me deixe sem palavras.

Andando até o armário, tirei meu casaco, a gravata e a camisa. Pendurei as roupas, sentindo-me quente, sensível e excitado até o ponto onde achei que fosse explodir. E me sentia estúpido. Ruby não teria dito “não” se eu avançasse, tomasse seu rosto nas mãos e a beijasse. Ela nem teria negado se eu simplesmente pedisse “Posso entrar? Você poderia me mostrar como fazer isso de verdade? Tenho medo de estragar tudo.”

Porque, sinceramente, eu nunca avancei na vida desse jeito. Profissionalmente, sim: me lancei por aí e busquei aquilo que queria. Mas na vida pessoal tudo meio que aconteceu por acaso. Quando tínhamos dezesseis anos, Portia me encontrou numa floresta perto da minha casa e sugeriu que eu a beijasse. Quanto tínhamos dezoito, ela me informou que estava pronta para fazer amor. Sendo a Portia, ela foi incapaz de aguentar e contou para sua mãe, e sendo a família Windson-Lockharts, seus pais imediatamente sugeriram que nos casássemos. A partir daí, tudo aconteceu de um jeito comportado: um grande casamento, um apartamento com dinheiro emprestado de seu pai (e que paguei em menos de quatro anos), um carro, um cachorro e uma vida a dois construída sob demanda.

Coisas que eu nunca quis novamente.

Então, precisava de um novo plano. Eu libertaria esse outro lado de mim — o lado secreto que estive dormindo por muito tempo: o romântico, passional, desesperado para me aventurar com alguém que fosse só um pouco mais selvagem do que eu — e não permitiria que isto se voltasse para a rotina, para a educação, para a conveniência.

Se a Ruby realmente quer que eu me abra, então farei qualquer coisa possível.

Eu pedirei o que quero a ela.

Eu aprenderei a jogar.

Mostrarei que posso dar aquilo que ela precisa.

Após essa decisão, uma sensação de alívio se apoderou do meu corpo e sentei de cueca à mesa, com a intenção de ouvir a pilha de mensagens de voz do escritório de Londres. Com meu gravador de voz, eu registrava observações após cada mensagem: aquelas que precisavam de retorno imediato, aquelas que eu poderia passar para minha assistente, aquelas com informações importantes. Mas, depois de apenas quinze mensagens, minha mente voltou ao jantar.

O hábito da Ruby de sorrir com sua língua entre dentes, combinado com a doçura do sorvete de abacaxi que ela pediu, me deixou quase grogue de curiosidade: será que a língua ficou fria? Fria e doce? Será que ela gostava de sentir sua língua sendo chupada e lambida?

Como seria se ela tomasse o sorvete e depois me lambesse, com a língua fria deslizando pelo...

Eu me permiti imaginar a Ruby diante da minha porta, vestindo seu calção de seda e camisola, os seios duros nas pontas, a curva dos quadris estreita e lisa. Ela entra em meu quarto, segurando uma taça de água gelada em uma mão e usando a outra para pressionar meu peito e me empurrar até a cama.

– Não se sente – ela me alerta.

Sem palavras, eu obedeço. Estou usando apenas minha cueca, e ela não diz mais nada, nem mesmo me beija; mas ela morde aquela língua rosa entre dentes, sorrindo para mim, e depois desce até os joelhos, puxando minha cueca no caminho.

Deslizei minha cueca pela cintura, deixando a fantasia crescer.

Estou duro, impulsionando-me em sua direção e observando vidrado quando ela toma um cubo de gelo na boca, chupando e depois deslizando o gelo por meu abdômen e sobre o quadril.

– Ah – eu começo a ofegar quando ela passa a mão livre na parte de dentro da minha coxa, apanhando tudo no caminho, testículos e pau de uma vez só, segurando com força. Eu finalmente crio coragem para segurar a cabeça dela e depois deslizo os dedos para dentro de seus cabelos. É macio, assim como imaginei, e ela geme baixinho quando eu agarro e puxo.

Ela não esperava isso, ela deixa o cubo de gelo cair de sua boca.

Eu seguro meu pau, puxando para baixo e gemendo.

— Lambe — eu digo, com minha voz soando estranhamente alta no quarto.

Os olhos da Ruby passam de acesos e sapecas para cerrados e docemente obedientes. Posso senti-la fazendo força contra minha mão que agarra seus cabelos, tentando me alcançar.

— Você é tão linda — gemi, movendo minha mão cada vez mais rápido, imaginando como seria sentir a mão dela agarrando a cabeça do meu pau, e sua língua macia lambendo... Soltei um gemido.

— Vá mais devagar — eu disse. — Quero sua língua brincando comigo antes de você mostrar como fica quando implora.

Sua língua apareceu, lambendo o líquido que vazava ali, chupando e querendo mais. Garota insaciável e safada. Eu me afasto, passando meu pau sobre seus lábios, e pergunto:

— Você ficou pensando nisso? Quando lambeu a sobremesa da colher ou quando chupou a cobertura no seu dedo, você ficou imaginando meu pau na sua boca?

Ela confirma, abrindo a boca e olhando para mim com os lábios separados, esperando por mais.

— Você quer?

Confirmando novamente, ela move os lábios apenas o suficiente para sussurrar “por favor”.

Com um gemido agudo, eu deslizo fundo, adorando a sensação de sua língua, de sua boca me envolvendo e vibrando com seu gemido de surpresa. Seus olhos se arregalam apenas por um instante com a abrupta invasão antes de relaxar, lambendo e gemendo gostoso, olhos fixos nos meus. Eu deslizo para dentro e para fora, respirando com dificuldade, quando digo:

— Assim...

... e...

— Oh, minha garotinha doce... me chupa...

... e...

— Nunca vou tirar essa imagem da minha cabeça.

Suas mãos se aproximam para me segurar mais embaixo, puxando e acariciando... e isso é o paraíso. É bom demais, e é cedo demais. Quero olhar

em seu rosto quando ela me sentir gozando.

Fechei meus olhos para a fantasia. Não recebo sexo oral há mais de sete anos, e estava obcecado com a boca e a língua da Ruby, e suas palavras obscenas e corajosas.

Eu toco em seu queixo com um dedo, sussurrando:

— Estou gozando. Ruby. Ruby. Por favor... por favor, deixe eu gozar dentro.

E com uma estocada em sua boca eu finalmente gozo. O prazer sobe por minhas pernas e costas até pulsar quente em minha pele, formigando e e e

— Ohhh...

Gozei em meus dedos, gemendo seu nome.

—

Precisei de quase um minuto até minha visão clarear e eu poder usar a cueca para limpar a mão e o chão. O quarto parecia quieto demais, como se eu estivesse em algum palco, atuando.

Sobre a mesa, meu relógio batia alto no meio do silêncio.

Olhei para a mesa e senti meu rosto queimar de vergonha.

O gravador de voz esteve ligado o tempo todo.

Meu dedo pairou sobre o botão *delete*. Nada no mundo poderia ser mais aterrorizante do que ouvir a si próprio masturbando. Eu poderia apagar tudo.

Mas algo me desafiou a hesitar, e deixei o gravador sobre a mesa, olhando silenciosamente para a parede que separava nossos quartos.

A oportunidade de progredir com a Ruby escapou de mim hoje, mas eu não deixaria que acontecesse novamente. Ela era meu porto seguro; estranhamente, após apenas alguns dias eu sentia que nos conhecíamos melhor do que eu conhecia Portia após quase onze anos de casamento.

Eu *podia* dar à Ruby o que ela precisava.

Apertei o botão para gravar novamente. Apanhei meu celular, disquei seu número e esperei tocar uma vez...

Meu coração está batendo tão forte.

... duas vezes...

Continue, Niall. Continue.

... e então ela atendeu, limpando a garganta antes de dizer:

— Niall?

— Oi, Ruby.

Depois de uma pausa, ela suspirou.

— Está tudo bem?

Meu coração martelava no peito, e então me ocorreu que eu estava no meio do meu quarto, *pelado*, falando ao telefone com ela.

— Sim, tudo bem — murmurei. Fechando os olhos, imaginei-a ouvindo a gravação do que eu acabara de fazer, e depois ela saberia que liguei logo em seguida. Sorrindo, eu disse: — Queria apenas confirmar que você estará presente na reunião de amanhã, às oito e meia.

Outra pausa, e quando respondeu, ela pareceu levemente decepcionada.

— É claro. Encontro você no saguão às sete e quinze?

Olhei para o relógio. Já era quase meia-noite. Apenas uma questão de horas antes de vê-la novamente.

— Sete e quinze — eu disse. — Perfeito.

— Boa noite...

— Boa noite, querida.

Desliguei, depois apertei o botão e parei a gravação.

Nove

Na manhã seguinte, preendi a respiração durante toda a descida do elevador até o saguão. Eram 7:43 e eu sabia, sem nenhuma dúvida, que o Niall já estaria solenemente lá embaixo. Terno: impecável; cabelo: imaculado; corpo: sexy. O que eu não sabia era exatamente *qual* Niall encontraria.

Seria o provocador e quase-meu-namorado Niall da noite passada? Aquele que enviou minhas mãos diretamente para minha calcinha segundos após a porta se fechar? Ou seria aquele Sr. Stella estranhamente sóbrio e abrupto que me ligou uma hora depois?

O cérebro do Niall parecia ser seu pior inimigo, incapaz de desligar ou ficar em silêncio o suficiente para ele simplesmente se *divertir*. No jantar, ele baixou os escudos, provocando e sendo safado do outro lado da mesa junto comigo. Mas ele só precisava de uma hora em seu quarto, sozinho com seus pensamentos, para jogar um balde de água fria em qualquer encantamento que eu estivesse sentindo.

Uma pequena voz me alertava para que eu prestasse atenção e ouvisse os sinais de alerta – por mais fracos que fossem – ecoando em minha cabeça. Embora parecesse um homem que carregava o mundo na palma da mão, Niall também era uma pessoa que remoia todos os pensamentos e detalhes, e talvez eu devesse controlar meu desejo de mergulhar de cabeça.

Com certeza, um bom conselho.

Mas quando as portas do elevador se abriram e eu vi Niall Stella em pessoa do outro lado do saguão, esse conselho foi facilmente ignorado.

Como sempre, minha pulsação acelerou, minha pele se arrepiou e quase ficou quente demais para o toque. Ele olhou em minha direção e encontrou meus olhos. As pessoas andavam em fila na minha frente e os segundos pareciam passar em câmera lenta enquanto eu esperava uma reação dele – qualquer reação. Meus sapatos batiam no chão de mármore enquanto eu andava, e precisei desviar os olhos, ajustar o cinto em meu sobretudo e me forçar a manter os ombros retos. Afinal de contas, Niall era apenas um homem, e pelo que disse ontem, eu tinha mais experiência nesse tipo de situação do que ele. A vantagem era *minha*.

Você adora mentir para si mesma, não é?

Com o casaco dobrado no braço, ele checkou o relógio e ergueu uma sobrancelha quando voltou a me olhar.

– Pontual, como sempre.

Uma provocação. Respirei aliviada e ajeitei os ombros.

Eu sabia como provocar de volta.

– Pontualidade é uma virtude crucial – eu disse.

– Concordo plenamente. E acho isso *muito* atraente. – Sua voz parecia mais grave hoje, mais confiante. Havia algo na maneira como seu sotaque acentuava a palavra “muito”, transformando a frase em algo safado que enviava calafrios pelos meus braços. Se fosse qualquer outra pessoa, eu ficaria desconfiada pensando que ele estava tramando algo, mas o Niall era o Sr. Certo. Eu tinha certeza que ele não iria me agarrar num saguão de hotel ou no meio de uma reunião com o Gabinete de Transportes de Nova York.

Eu sabia que ele tomaria cuidado para manter tudo entre nós estritamente profissional no trabalho, mas, após a noite passada, quando sugeriu que gostaria de me mostrar as coisas que não considerava “gentis, ou recatadas, ou apropriadas”, a questão sobre o que estávamos fazendo ainda se mantinha de pé, e eu estava tentando de todo jeito que ele mostrasse o quão rápido poderíamos avançar ou não. Você poderia *pensar* que ele quisesse começar imediatamente. Você poderia *pensar* que ele ao menos me daria um beijo de boa noite.

Olhei para ele com expectativa quando fez um gesto para que eu fosse na frente. – Podemos ir?



No meio da primeira reunião, decidimos fazer uma pausa. Eu me sentia bem inútil durante essas discussões sobre orçamento e percepção pública, em vez dos detalhes das estruturas em si. Mas eu ouvia, sabendo que as conversas que pareciam mais difíceis agora eram as que eu mais deveria prestar atenção para o futuro.

Porém, até mesmo o Niall Stella parecia distraído, repetidamente olhando para a mesma página em sua agenda, e duas vezes precisando de um toque quando chegava sua vez de falar. Ele mal olhava em minha direção, mas aconteceram alguns toques mais demorados quando eu entregava papéis para

ele. Sua perna se encostou um pouco confortavelmente demais contra a minha, e com certeza isso foi intencional.

Na verdade, sua falta de concentração estava quase cruzando o limite do tolerável, então fiquei aliviada quando ele me puxou de lado, perguntando se eu me importaria de sair da reunião para lhe fazer um favor.

– Sei que isso é terrivelmente rude da minha parte –ele disse, mostrando o celular em suas mãos –, mas acabei de checar minhas mensagens e tenho que cuidar de algumas coisas. Nada muito urgente, mas a Jô enviou alguns nomes e datas que preciso para uma chamada em conferência com o Tony. Você poderia... – Ele fez uma pausa e seus olhos pareciam pedir desculpas. – Sei que você não é minha assistente, nem está sob minha guarda aqui, mas você se importaria de ouvir a mensagem e anotar as informações para mim?

Soltei um suspiro de alívio, tanto por existir uma razão para sua distração, quanto por ser poupada de outras duas horas naquela reunião chata.

– Com prazer – eu disse, tomando seu celular. – Esses encontros entre as equipes não tem nada a ver com meu departamento. Preciso de algo para fazer, *qualquer* coisa, antes que eu fique louca.

A parede de vidro que separava a sala de conferência da sala menor de espera tinha cerca de seis metros e vidro do chão ao teto. Dentro do espaço havia um par de sofás brancos de couro, algumas mesas de metal e duas poltronas combinando. Uma parede de janelas exteriores tinha vista para uma rua cheia de restaurantes e árvores floridas. Sentei no sofá, puxei um caderno e caneta e comecei a abrir seu celular.

– Só mais uma coisa.

Quase me assustei com sua voz vinda da porta.

– A senha é o meu aniversário...

– Zero, seis, zero, nove, eu sei – eu disse sem pensar, depois percebi que ele ficou me olhando com cara de surpresa. Abri um lento sorriso hesitante. – Você provavelmente sabe que eu quero que o chão abra e me engula agora – eu disse. – Pois acabou de me flagrar na minha mais terrível paranoia com você.

Ele riu.

– Acho que não sou muito esperto com senhas.

– Acho que se ficar olhando vidrada para alguém por tempo o suficiente você acaba pescando essas coisas – eu disse, fingindo uma tosse para tentar aliviar o

clima.

Mas Niall apenas riu de novo, sacudindo a cabeça e agradecendo mais uma vez antes de se virar para sair.

– Ah, e Ruby? – ele disse, parando na porta.

– Sim?

– Ouça tudo. Algumas das mensagens são bem longas... tem uma no final que é particularmente importante.

– Pode deixar – eu disse, e nem me dei ao trabalho de fingir que não estava olhando para sua bunda quando ele finalmente saiu.



Do sofá, eu podia vê-lo perfeitamente. Ele parou na mesa de comes e bebes para tomar água antes de voltar a sentar, e fiquei pensando se era a luz que estava deixando seu rosto corado ou só minha imaginação.

Já que as mensagens seriam longas, apanhei minha bolsa e procurei por meu fone de ouvido jogado no fundo. Inseri o plugue e coloquei um dos fones no ouvido, depois digitei a senha. Quatro mensagens. A primeira, como previsto, era da Jô, e fiquei ouvindo enquanto ela ditava uma lista com nomes e datas correspondentes, anotando cuidadosamente. A segunda e terceira mensagens eram parecidas, e em menos de três minutos uma folha inteira do meu caderno foi preenchida.

Levantei os olhos para checar a reunião de novo, encontrando Niall discutindo algo com uma pessoa ao lado. Sem o benefício de sua voz, eu podia *ver* a maneira como sua boca formava as palavras de um jeito diferente dos outros: seu sotaque era visível mesmo a distância. Ele usava mais os lábios, segurava o formato das palavras por mais tempo. Fiquei imaginando como seria ouvir essa voz em casa, encostada em meu ouvido enquanto dava ordens, dizendo o que eu deveria fazer.

Algum dia eu escreveria um romance repleto com todas as coisas que eu imaginava sobre aquele homem.

Apertando o *play* novamente, flagrei os olhos do Niall por apenas um segundo antes que desviasse o olhar. A última mensagem começou e eu esperei, tentando entender o que estava exatamente ouvindo. Alguém respirando... o zumbido de um ar-condicionado... o leve som do trânsito? O farfalhar de tecido – como se uma peça de roupa estivesse sendo esfregada sobre o telefone. Olhei para o

celular, checando a conexão para ter certeza que eu não tinha feito nada de errado.

Mas então ouvi um “ahhh”... e *isso*... bom, definitivamente eu não estava esperando.

“Você é tão linda.”

Eu conhecia essa voz. Passei os últimos seis meses treinando meus ouvidos para reconhecê-lo saindo do elevador para entrar no meu andar e durante as reuniões. E ouvindo-o falando *comigo*. Era a voz do *Niall*, e ele estava... eu acho...

“Vá mais devagar. Quero sua língua brincando comigo antes de você mostrar como fica quando me implora.” *Oh, meu Deus.*

Fiquei branca de medo. Será que eu tinha topado com algo que não deveria ouvir? Era mesmo o Niall? Parecia impossível ele gravar algo assim, muito menos deixar que eu ouvisse.

A não ser que ele não soubesse que estava gravando. Será que ele estava... *com outra pessoa*? Será que eu deveria contar que tinha ouvido essa gravação?

“Você ficou pensando nisso?”, ele disse na gravação. “Quando lamber a sobremesa da colher ou quando chupou a cobertura no seu dedo, você ficou imaginando meu pau entre seus lábios?”

Sobremesa? Ela estava falando sobre o...?

Eu me ajeitei e olhei para a sala de conferência, sem saber se deveria estar surpresa por encontrá-lo olhando para mim. Não sei quanto tempo ficou me olhando, mas, quando assenti lentamente, tive a certeza que ele sabia exatamente o que eu estava ouvindo, e que havia tramado isso desde o começo.

“Você quer?”

“Assim...”

“Oh, minha garotinha doce... me chupa...”

Ele estava se masturbando, pensando em mim chupando...

Ele deve ter feito isso ontem depois do jantar. *Putá merda!*

O ar-condicionado estava no máximo no escritório, mas eu estava suando.

Niall não parou de me olhar nem por um instante, e juro que a situação só poderia ficar mais indecente se ele me jogasse numa mesa e abrisse minhas pernas. E mesmo assim, seria só um pouco mais erótico. Como ele conseguiu

isso? Nós mal nos tocamos, mas parecia que ele já havia me tocado de maneiras que ninguém nunca fez.

“Nunca vou tirar essa imagem da cabeça.”

Cruzei e pressionei as pernas juntas e me ajeitei no sofá. Eu podia sentir o quanto estava molhada, o quanto meu corpo estava pronto para fazer exatamente as coisas que ele estava descrevendo.

“Estou gozando. *Ruby. Ruby.* Por favor... por favor, deixe eu gozar dentro.”



Quando a reunião parou para o almoço, notei a maneira como o Niall hesitou para sair. Ele teria que me encarar agora – agora que tinha ouvido sua gravação pervertida – sem a segurança da parede de vidro e quinze engenheiros da autoridade de trânsito entre nós. Ele estava nervoso, e isso foi a coisa mais fofa que já vi.

Sem conseguir enrolar mais, ele juntou suas coisas e saiu da sala.

– Está com fome? – ele perguntou.

– Faminta – eu disse, imaginado se ele entendeu minha indireta. Na verdade, *querendo* que ele tivesse entendido.

Julgando pela maneira como ajeitou o nó da gravata, eu diria que ele entendeu.

Inclinei a cabeça na direção do corredor.

– Me acompanha?

Andamos para fora do escritório e por um longo corredor vazio. Um homem da reunião nos parou no caminho.

– Estão oferecendo almoço no andar de cima. Hoje é dia nacional do taco, ou algo assim. Se estiverem com fome, esse almoço deve ser... Interessante.

Bom, a coisa mais interessante no dia *desse cara*.

– Precisamos entrar em contato com o escritório de Londres – Niall disse suavemente. – Mas vamos subir assim que possível.

Eu tive que admitir, fiquei impressionada.

Assentindo, o intrometido foi embora e nós continuamos, dobrando o corredor e passando por outro, até que o som das vozes se transformou num mero zumbido na direção oposta.

– Então nós vamos ligar para Londres? – perguntei.

– Não exatamente. – Niall olhou para mim, sorrindo. –

Imagino que você está me levando para algum lugar tranquilo para conversar?

– *Conversar?* – sorri.

Ele apertou seus lábios incríveis.

– Talvez.

– Falando nisso, aqui estão as suas anotações – eu disse, entregando o caderno.

– Ah. Obrigado.

Havia uma sala escura no fim do corredor, e eu o levei para dentro, fechando a porta atrás de nós. Então, encostando na madeira fria da porta, eu disse:

– Suas mensagens foram muito... contagiantes.

– Contagiantes? – Ele deu um passo em minha direção.

– Elas me afetaram – eu disse, rindo um pouco. – Muito.

Inclinando sua cabeça e exibindo um sorriso delicioso, ele murmurou:

– De que maneira?

Eu também me aproximei, querendo dizer algo engraçado e provocante, mas quando nossos olhos se encontraram, todos os pensamentos racionais sumiram da minha mente. Meu coração começou a bater forte quando eu subitamente entendi que isso não era uma fantasia, que não era apenas um simples flerte. Eu não estava no meio de uma reunião imaginando isso.

Passamos por tantos itens da lista Momentos Com o Niall Stella que parei de contar.

O Número de Vezes Em Que o Niall Stella... Tocou Minha Perna; Arrumou Meu Cabelo Atrás da Orelha; Olhou em Meus Olhos; e Perguntou Se Eu Tinha Gozado.

Disse que Queria que Eu Engolisse Quando Gozasse.

Gravou a Si Mesmo Se Masturbando Para Me Mostrar Depois.

Estava Prestes a Me Beijar.

Isto era algo. *Nós* éramos algo.

– Responda.

Por um momento, perdi a capacidade de entrar no jogo e baixei a cabeça.

– Não aguento *mais*.

– Então me diga – sua voz pareceu ao mesmo tempo gentil e dominadora quando ele se abaixou e beijou meu pescoço. – Quando você não aguenta mais, o que isso quer dizer?

Ele sabia muito bem. Tinha que saber. Ele queria que eu colocasse em palavras.

– Significa que estou molhada.

Ele respirou fundo enquanto raspava o nariz subindo por meu pescoço e queixo.

– Maldição, Ruby, olhe para mim e me *beije*.

Inclinei a cabeça, completamente sem fôlego e sentindo o coração esmurrando meu peito. O cheiro de sua colônia permeava a escuridão, e eu me senti quase bêbada por sua causa, sua proximidade e a percepção de que eu iria realmente tocá-lo. *Beijá-lo*. E ele iria me beijar de volta.

Ele se abaixou para me encontrar, com lábios abertos e a respiração entrecortada. Niall esperava um beijo pequeno, um leve raspar dos lábios. Eu sabia disso porque o conhecia melhor do que deveria a essa altura, mas também por causa da maneira cuidadosa com que se abaixou para mim, e o toque gentil de suas mãos em minha cintura.

Mas eu não conseguiria beijar de leve e discretamente. Eu queria isso há tempo demais. O alívio – sua presença, seu aroma e o calor da pele – subiram por minhas costas, atravessaram meus braços e eu o puxei para mim. Meu beijo foi tudo, menos pequeno e discreto. Meus lábios deslizaram sobre os dele, puxando seu lábio inferior, e ele soltou a respiração contra mim num gemido.

Eu queria engolir tudo, queria consumir seus sons e mantê-los dentro de mim para ouvi-los mais tarde infinitamente.

Sua boca era irreal: lábios firmes e aquela perfeita combinação de macio e duro, entregando e comandando. Meu mundo girava. Mergulhei as mãos em seus cabelos, pressionei os seios naquela parede sólida que era seu peito e deixei escapar o som de alívio e desejo mais ridículo do mundo.

Ele gemeu mais alto, com a surpresa e excitação fazendo suas mãos me agarrarem, como num reflexo, antes de deslizarem por minhas costas e me apertarem, puxando para mais perto.

Perto o bastante para que eu dobrasse para trás enquanto ele se curvava sobre mim, abrindo os lábios apenas para deixar escapar outro gemido quando sua língua deslizou em minha boca, degustando meu sabor.

Perto o bastante para ele sentir meu coração martelando no peito.

Perto o bastante para eu sentir seu volume aumentando, endurecendo, pressionando minha barriga.

Eu estava tão faminta e delirante por ele, por isto, que soltei pequenos gemidos ao sentir sua língua deslizando sobre a minha. Mal consegui processar o que estava dizendo antes de deixar escapar um “Niall, por favor...”.

– Por favor o quê? – Ele deslizou a língua em minha orelha, beijando e soltando lufadas de ar. – Qualquer coisa.

– Apenas... me beije.

Senti uma pequena risada.

– Achei que *estava* fazendo isso.

– Então me toque. Em *qualquer lugar*. Eu sinto...

– Mostre pra mim – ele sussurrou contra minha boca. – Mostre onde você mais quer.

Não consegui impedir o pequeno gemido que escapou da minha garganta, então afastei o rosto apenas o bastante para olhar em seus olhos.

Virando minha mão para que nossas palmas se tocassem, entrelacei os dedos com ele, trazendo sua mão para cima para beijá-la. Seus olhos rapidamente olharam para minha boca antes de voltarem para meu rosto, e ele assentiu lentamente. Com as mãos ainda entrelaçadas, levei as duas para baixo até chegarem juntas à barra da minha saia.

– Sim – ele gemeu, sentindo a pele nua enquanto subíamos juntos, finalmente raspando o tecido molhado da minha calcinha. Dei um passo atrás, depois outro, trazendo-o junto comigo até minhas costas tocarem a porta.

Ele me seguiu, passando a ponta dos dedos por baixo da renda e alisando a pele macia e molhada por sua causa.

– Mas já? – ele sussurrou, indo e vindo com muita facilidade.

Confirmei, mas não consegui formar nem mesmo uma única palavra para responder. Eu o queria tanto que até doía, e agora ele estava me tocando, *finalmente*, com seu longo dedo indicador alisando minha pele sensível,

rodeando e depois voltando pelo meio, finalmente caindo onde eu mais queria.

Ali mesmo.

Oh, Deus, ali.

Oh, é tão bom.

Entreguei-me ao desejo antes mesmo de estar consciente disso.

Ele traçou o mesmo caminho novamente, ao redor da minha entrada e subindo de novo até o clitóris com um toque muito competente para alguém que nem sabia se a mulher com quem passou uma década gostava ou não das noites que passavam juntos. Seus lábios se moveram do canto da minha boca para o queixo e depois subiram, finalmente percorrendo a curva da orelha.

– Isso é o que eu quero – ele sussurrou. – É o que eu sempre pensei. O que pensei ontem. Pensei em sua língua macia, como seria tocar aqui. Como seria deslizar para dentro de você, para dentro de sua boca. Penso nisso quase obsessivamente.

Eu me pressionei contra a porta, querendo escapar da urgência de seu toque, ou precisando do suporte que me oferecia, eu não tinha certeza. Apenas sabia que estava perdida, apenas a um instante de me desfazer tão completamente que ele poderia nunca mais conseguir me juntar de novo.

– Dentro – sussurrei, quase sem voz. – Quero gozar com você dentro de mim.

– Quando você fala assim... – ele disse, e então me obedeceu. Enfiou um dedo em mim, depois outro, bombeando profundamente. – Maldição...

A sensação aumentava, deixando minhas pernas fracas e meus beijos distraídos e molhados sobre seus lábios, seu queixo. Meus sons desesperados não passavam de sua boca antes que ele os consumisse. Seu polegar circulou, firme e seguro de si, enquanto os dedos entravam e saíam. Eu podia jurar que chegava mais fundo a cada entrada, alcançando algo dentro de mim que era selvagem e intocado.

E então, a sensação cresceu até transbordar e gozei, meu corpo arqueando sobre sua mão. Sua boca encontrou a minha novamente, e ele sussurrou coisas que eu mal consegui entender.

– Quero ouvir seus gemidos – ele disse. – Quero poder lembrar deles hoje à noite.

Mas tínhamos a noite toda juntos, lembrei. Nenhuma reunião, nenhum jantar planejado com alguém da conferência. Ninguém para nos interromper. Será que

ele sabia disso também? Talvez fosse mais fácil fazer isto aqui, com os sons distantes do escritório vindo até nós pelas salas ao redor, lembrando-nos que não poderíamos ir longe demais. Talvez...

– Não acredito que *eu* vou dizer isso a *você* – ele disse, passando a ponta do nariz sobre o meu –, mas pare de pensar.

– É só que... uau – eu disse, querendo me derramar como mel quente pelo chão. Infelizmente, ele tirou a mão da minha saia e envolveu meu corpo com seus braços, impedindo que eu caísse.

– “Uau” é bom. Eu aceito um “uau”.

– Precisamos fazer isso de novo – eu disse, sentindo meu sorriso estúpido.

– Você se desfez tão rápido em meus braços...

– Nem me fale.

Niall olhou para a porta, sua expressão entristecendo levemente.

– Mas já desaparecemos por algum tempo; é melhor voltarmos.

– Você... – comecei a falar, baixando os olhos até seu pau.

Ele ainda estava duro – impressionantemente duro –, mas segurou minha mão quando tentei abrir seu cinto.

– Já estou acostumado a essa altura, posso lhe assegurar.

Franzi as sobrancelhas.

– Mas eu posso...

Como se fosse combinado, uma voz chamou do outro lado do corredor. Nosso tempo havia acabado.

Por enquanto, pensei. Tínhamos uma noite inteira, e eu planejava aproveitar cada segundo.

Dez

Pelo jeito que a Ruby me olhava, eu sabia que ela estava tramando algo.

— O que foi? — eu disse, apenas fazendo o gesto com a boca, quando ela mordeu aquele seu lábio rosado e finalmente olhou para meu rosto depois de ficar vidrada em meu pescoço, braços e mãos.

Ela encolheu os ombros.

— Nada — ela respondeu, também sem usar a voz, e sua língua apareceu entre dentes por uma fração de segundo.

Ela *sabia*. Tinha que saber o que aquela língua fazia comigo.

Forcei meus olhos a voltarem para a mulher que liderava a reunião sobre verbas de socorro a desastres com furacões. Ao redor de toda a sala, olhos piscavam sonolentos e mãos rabiscavam em cadernos. Da minha parte, eu achava as reuniões da semana previsivelmente intensas, mas fascinantes. Eu adorava meu trabalho, adorava o assunto sobre prevenção de desastres e os detalhes que precisávamos escrutinar. Eu gostava de trabalhar, e suspeitava que meus colegas sentissem o contrário: mas este emprego era o meu escape, a minha paixão. Então fiquei um pouco consternado quando percebi que eu mesmo estava olhando para o relógio, minha mente voltando para a Ruby e o que aconteceria à noite.

Não tínhamos reuniões, nem compromissos sociais. Das cinco da tarde até a manhã seguinte, não tínhamos nada além de tempo... juntos.

Com a Portia, tínhamos todo o tempo do mundo; onze anos, precisamente. Porém, mesmo no começo, mais tempo na companhia um do outro nunca era algo que realmente desejávamos. Tudo parecia mais importante do que almoçarmos juntos; mesmo algo simples como algumas horas assistindo televisão juntos sempre perdia para o trabalho ou algum projeto pessoal. Mas a Ruby parecia praticamente vibrar com a possibilidade de algumas horas sozinha... *comigo*.

Claramente, aquilo que aconteceu no almoço era uma confissão de que precisávamos avançar, sair da zona do flerte que gostávamos de jogar durante o dia e entrar em algo mais pessoal e íntimo à noite.

Eu simplesmente não sabia se conseguiria me sair bem fazendo isso. Eu não

tinha muita experiência em falar francamente sobre minhas emoções, e ainda menos em me entregar sexualmente para outra pessoa. Eu sabia que a faria gozar. Sabia que poderia dar muito mais prazer a ela do que dei hoje. Não era isso o que me preocupava. O problema era saber que ela daria a mim exatamente aquilo que eu queria dela.

Se eu quisesse fazer amor com ela hoje à noite, eu poderia. Se quisesse saber como era a sensação de me enterrar em sua garganta, eu poderia. Se quisesse limites, precisaria ditá-los *eu mesmo*. Mas será que eu realmente queria limites, ou apenas *pensava* que devia querer limites?

Senti um nó no estômago e olhei de novo para a mulher na cabeceira da mesa. Com o canto do olho, percebi a Ruby inclinar a cabeça e olhar para mim, e suspeitei que ela enxergava todos os meus pensamentos como se estivessem escritos em meu rosto. Comecei a achar que ela possuía um decodificador escondido e era a única pessoa, com exceção do meu irmão e irmã mais nova, que podia olhar para mim e simplesmente saber o que eu estava escondendo.

Virei o rosto e olhei em seus olhos.

Ela me estudou brevemente, com a expressão suavizando enquanto sorria e mexia os lábios, dizendo “não se preocupe” antes de voltar a olhar para suas anotações e depois para a anfitriã.

Ao mesmo tempo, meus ombros e meu queixo relaxaram.

Deixe estar, sua voz sussurrava em meus pensamentos. *Nós vamos descobrir tudo juntos*.

—

Caminhamos de volta para o hotel, e a Ruby tagarelava docemente sobre a reunião, o estranho clima quente, a banda que estava morrendo de vontade de assistir ao vivo na cidade. Ela conversou comigo sobre todas as banalidades maravilhosas que eu queria ouvir, distraindo minha mente de minha própria neurose sobre a noite iminente.

No Parker Meridien, Ruby nos conduziu para o elevador, depois pelo corredor, e parou na frente da porta do meu quarto. Virando seus olhos verdes para mim, ela sussurrou:

— Então. É hora da decisão. Você quer passar um tempo comigo hoje à noite?
— Ela pressionou as palmas em meu peito. — Sem pressão. Posso voltar para o meu quarto e me masturbar assistindo a algum filme do Ryan Gosling, e você

pode voltar para o seu e bater uma pensando nos meus peitos, mas a escolha é inteiramente sua.

Engoli em seco, respirando fundo algumas vezes para me acalmar antes de dar um beijo que começou no canto de sua boca e deslizou sobre o rosto, terminando na orelha.

— Sim, por favor — murmurei.

— Então — ela disse, arrastando o som da palavra. — Jantar fora ou dentro?

Não demorei mais do que três segundos para responder “dentro”, e com um largo sorriso ela apanhou o cartão da minha mão e abriu a porta, cruzando toda a extensão do quarto. Ruby chutou os sapatos para longe, pulou na cama e rolou até seu rosto cair sobre meu travesseiro.

— Droga, eles trocaram os lençóis. Esse travesseiro não tem o seu cheiro. — Ela virou de costas e abraçou o travesseiro mesmo assim.

— Vou pedir para eles deixarem os lençóis amanhã.

E então, imitando minha voz, ela disse:

— Excelente ideia — e assentiu de um jeito exagerado, trazendo um sorriso para meus lábios. Sorrindo de volta para mim, ela apanhou o cardápio do serviço de quarto. — Você está com vontade de comer o quê?

Eu me encostei na mesa e fiquei olhando para ela. Estava adorando vê-la em meu quarto, na minha cama, tão leve e confortável no papel de... *minha namorada*.

Sentando para desamarrar meus sapatos, murmurei:

— Hum. Talvez um hambúrguer?

— Você está perguntando pra mim? — Ela voltou a olhar para o cardápio. — Eles têm algumas opções.

Cheeseburger e fritas?

— Perfeito. E alguma cerveja escura.

Ela jogou o cardápio no chão e apanhou o telefone. Ouvi o eco da voz do outro lado da linha e Ruby riu, colocando a mão sobre o bocal. Com uma voz escandalizada e divertida, ela disse:

— Eles me chamaram de Sra. Stella.

Sorri e tirei meus sapatos. A Sra. Stella era minha mãe ou — num tempo longínquo — a Portia. “Sra. Stella” não poderia ser essa criatura vivaz

esparramada na minha cama com a saia subindo pelas longas e sinuosas pernas.

Mas esse era o problema, não é? Eu estava preso pensando que a ela era um pouco divertida demais, bonita demais, aventureira demais para alguém como eu. Minha ideia sobre uma pessoa que eu merecia, que poderia gostar de mim, era muito diferente de Ruby.

Se ela pudesse ouvir esse pensamento, tenho certeza que arrancaria o telefone da parede e o jogaria em minha direção.

Fiquei ouvindo enquanto ela fazia o pedido. Tudo isso era tão comum, tão fácil, tão confortável; meus ombros relaxaram, meu estômago se acalmou.

Ela deu uns tapinhas na cama, erguendo as sobrancelhas num sorriso sedutor.

— Temos aproximadamente quarenta minutos para brincar.

— Ruby...

Seu sorriso fraquejou por um segundo antes de voltar ao normal.

— Por que você tem tanto medo de ficar numa cama comigo? — ela disse, e eu podia ouvir o constrangimento em sua risada. — Prometo que não vou roubar sua virtude.

— A questão não é o medo. Eu... — Parei de repente, tirando a gravata e a deixando sobre a cadeira. Sempre que eu queria me explicar, dizer algo importante — ... algo pessoal. — As palavras em minha mente viravam uma bagunça. É por isso que, com a Portia, eu desistira de falar por muito tempo.

Eu sabia que precisava parar de comparar tudo ao meu casamento. A Ruby estava tentando me ajudar a encontrar meu verdadeiro “eu” novamente, e era preciso deixar que ela ajudasse.

Uma nova relação. Um novo padrão.

— Conte pra mim.

Fechei meus olhos, formando a frase antes de continuar falando.

— Sinto que mal processei a ideia de ficar com você e o que isso significa, mas aqui estamos nós, num quarto com uma cama. Embora não exista um “normalmente” em minha experiência com mulheres, gosto de pensar que “normalmente” eu levaria você para jantar algumas vezes, beijaria na despedida, seria muito mais cuidadoso em minhas interações. Ao menos é isso que minha versão de dezoito anos faria naquela época — eu disse, junto com uma risada discreta e meio forçada. — Porém, aqui estamos, num quarto de hotel, eu enfiei

meus dedos em você hoje, e tudo que quero agora é me juntar a você na cama e aliviar esse desejo que senti durante o dia. Eu também fico surpreso em perceber que meu corpo e meu coração estão mais avançados que meu cérebro.

Ruby ficou de joelhos para se arrastar até o pé da cama. Esticando o braço, ela deslizou o dedo para dentro da alça do meu cinto e me puxou para perto.

— Por que as pessoas agem como se o coração e o corpo não respondessem ao cérebro?

Ela desabotoou o primeiro botão da minha camisa e passou para o seguinte. E depois o próximo. Os dedos faziam cócegas quando raspavam meu peito.

— Quando você me quer? — ela perguntou. — Isso é o cérebro que decide. Quando você gosta de ficar perto de mim, adivinha? — Ela me olhou, com aquele sorriso em que a língua ficava presa entre os dentes. — Também é por causa do cérebro.

— Mas você entende o que quero dizer? — perguntei num sussurro. Nossos rostos estavam muito próximos; eu precisava apenas me abaixar para beijá-la. — Tenho medo de você ser jovem demais. Tenho medo por eu ser neurótico demais. Como podemos fazer funcionar e ficar longe disso tudo?

— Na verdade — ela disse, juntando as sobrancelhas numa seriedade fingida —, acho que seria mais fácil pra você se estivéssemos na Inglaterra. Em seu espaço, com as suas rotinas. Eu diria que o mais difícil pra você é estar longe de casa, e sou apenas mais uma peça jogada no meio desse caos.

Suas palavras acalmaram minha mente e diminuíram minha onda de ansiedade.

— Você tem certeza que não é uma mulher experiente de sessenta anos com um belo cirurgião plástico? Você parece incrivelmente sábia.

— Tenho muita certeza — ela disse, sorrindo para mim. — Mas também tenho certeza que você não precisa fazer nada que não queira, Niall. Você tem o direito de não querer isso.

Olhei para seu pulso, imaginando como seria sentir sua pulsação em meus lábios.

— Tenho certeza que... O que quero dizer é... — suspirei, frustrado por meus próprios pensamentos. — Eu quero, sim, fazer isso — disse, finalmente.

Ruby riu um pouco, caindo de costas na cama e me puxando para cima dela. Caímos suavemente no colchão e eu facilmente rolei para o seu lado, tirando

minha camisa. Quase como se fosse planejado — como um antigo hábito nosso —, ela dobrou os joelhos, levando as pernas para cima das minhas e deixando os pés debaixo das minhas coxas quando eu me virei de lado sobre ela.

Olhei para nossa posição e fiquei sem palavras.

— Nós encaixamos — Ruby observou num sussurro. — E olha só. Desta vez eu consegui trazer você pra cama. — Ela usou a mão para alisar as linhas que se formaram em minha testa. — Para deixar claro, eu quero só passar um tempo com você e ficar abraçadinha enquanto conversamos — ela me assegurou. — Não precisamos tirar a roupa antes do jantar. Nem depois.

Eu sorri e acariciei sua barriga perto da cintura.

— Conte-me sobre sua família.

— Vejamos... — Ela passou a mão por meu pescoço até meus cabelos. — Tenho um irmão, que é meu gêmeo...

— Você tem um irmão gêmeo? — perguntei. Como pude beijá-la, observá-la gozando na cama, fazer ela gozar com minha mão e passar os últimos cinco dias com ela sem saber uma informação tão básica?

— Pois é, ele estuda medicina na UCLA. Seu nome é Crain.

— Crain? Não é um nome que se ouve todo o dia.

— Bom, todo mundo chama ele pelo sobrenome, Miller, sabe como é. — Ela passou os dedos sobre minha cabeça, perdida em pensamentos. — Ele é um cara legal.

— E seus pais?

— São casados — ela disse, olhando em meus olhos.

— Eles moram em Carlsbad, que fica ao norte de San Diego. Acho que já mencionei que os dois são psicólogos, não é?

Afastei um pouco meu rosto para estudá-la.

— Como é possível que seus *dois* pais sejam psicólogos e você pareça ser tão... normal?

Rindo, ela fingiu empurrar meu peito.

— Esse é um estereótipo tão estúpido. Faz mais sentido pensar que se os dois pais são bons psicólogos, então seus filhos seriam mais bem ajustados, e não menos.

— Talvez... — Senti meus lábios se apertarem num sorriso contido. Ela... ela

era *inacreditável*. — Então você cresceu em Carlsbad antes de fazer faculdade em San Diego?

— Isso — ela disse, focando onde seu dedo subia e descia sobre meu peito. — Foi uma infância feliz. Pais legais. Irmão gêmeo que apenas de vez em quando saía com as minhas amigas... — Ela parecia distraída, e confirmou isso quando se esticou e beijou minha garganta. — Sou uma garota de sorte.

— Nenhum demônio interior, então? — murmurei.

Ruby se afastou lentamente, seus olhos sombrios por uma fração de segundo.

— Sem demônios.

Estudei seu rosto, deslizando minha mão sobre suas costelas antes de dizer com a voz baixa:

— Isso não foi muito convincente. — Não sei por que tinha perguntado, mas agora eu precisava saber. Meu peito se apertou com um desejo de mergulhar fundo, de transformar isso em mais do que um simples flerte e uns amassos. Era isso, bem aqui, que eu precisava, mas também morria de medo de buscar: intimidade com palavras antes da ação.

— Certo — ela disse, sorrindo um pouco. — Mas você primeiro.

Pisquei, surpreso. Apesar de ter pedido por isso, não esperei que a pergunta se virasse contra mim.

— Bom, acho que minha infância foi feliz também. Olhando hoje, entendo que nós éramos bem pobres, mas as crianças não notam esse tipo de coisa quando estão felizes com o que têm. Meu casamento, como já mencionei, foi bem... *quieto*. Principalmente comparado com uma infância cheia de irmãos e irmãs barulhentos. Nós não discutíamos muito, não ríamos muito. No final, não havia quase nada nos mantendo juntos.

Ruby levou a mão até meu queixo, seguindo o formato com a ponta dos dedos enquanto me ouvia.

— Acho que meus demônios pessoais são o fato de eu ser reservado demais, e meu medo de ter passado a melhor parte da adolescência e dos meus vinte anos com uma mulher que provavelmente não vou mais ver até o fim da vida. Acho que foi um desperdício.

— Você se acha reservado? — ela perguntou com a voz baixa.

Confirmando, murmurei:

— Sempre me pergunto se as pessoas me veem do jeito que quero ser visto.
— E como você quer ser visto?
— De um jeito amistoso. Interessado — eu disse. — Responsável.
— Você parece responsável. — Os lábios dela se torceram num sorrisinho. — Talvez um *pouco* distante.

Rindo, admiti:

— É justo. Sempre fui o cara quieto, um pouco embaraçado. O Max e a Rebecca, que são mais próximos da minha idade, eram os palhaços da turma. Eu era o contido, mas isso também significava que eu podia me safar de coisas que eles não podiam.

— Isso parece uma história que eu preciso ouvir...

Sacudindo a cabeça, abaixei para beijar seu queixo, falando sobre sua pele.

— Agora é sua vez.

Quando afastei o rosto, ela olhou para o meu queixo, fazendo círculos com o dedo sobre minha garganta.

— Ruby?

Subindo os olhos para me encarar, continuei olhando enquanto ela respirava fundo.

— Tive um namoro ruim no meu primeiro ano de faculdade — ela disse, simplesmente. As palavras foram vagas o bastante para não me deixarem entender o que ela queria dizer. Será que era um namorado violento?

Instável?

— Como assim...?

— Acho que chamá-lo de namorado não seria exatamente correto — ela disse, inclinando a cabeça no travesseiro enquanto considerava as palavras. — Nós saímos algumas vezes e ele quis sexo antes de mim. Conseguiu o que queria.

Quando entendi o que ela estava me dizendo, meu coração quis subir pela garganta, então minhas palavras saíram bagunçadas:

— Ele machucou você? — Quando olhei para seu corpo magro, o queixo delicado, os lábios cheios e os grandes olhos honestos, um fogo tomou conta do meu peito; fui consumido por uma onda de raiva e vingança que nunca senti antes.

Ela encolheu os ombros.

— Um pouco. Não foi uma violência dramática, foi apenas desagradável. Não foi minha primeira vez, mas... Minha sobrancelha se ergueu.

— Mas doeu mesmo assim.

Ela confirmou, focando a atenção em meu queixo novamente.

— Pois é. Então, você perguntou sobre demônios pessoais. Acho que esse é o meu.

Eu não sabia o que dizer. Senti minha boca se abrir e fechar novamente. Queria socar uma parede, tomá-la em meus braços e cobrir seu corpo com o meu. Mas então tirei a mão de suas costelas, repentinamente preocupado.

— Pare — ela disse, junto com uma risada desconfortável. — É por isso que eu não gosto de falar sobre isso. Foi uma noite ruim, mas um dos muitos benefícios de ter dois ótimos *pais psicólogos* é que você aprende a conversar sobre essas coisas, o que me ajudou muito.

Ruby parecia tão saudável, tão segura de si, me ajudando com minhas neuroses. Dito isso, a ideia de se aventurar sexualmente com alguém parecia ótima, mas isso me fez considerá-la com mais seriedade como uma pessoa com boas e más experiências, que não apenas queria lidar comigo cuidadosamente, mas que também precisava de cuidado.

— Apenas pergunte — ela disse, lendo corretamente minha expressão. — Se vamos fazer isso — ela fez um gesto entre nós —, então você precisa saber essas coisas sobre mim.

— Você não é... — Comecei a falar com um tom constrangido. Engoli em seco, depois engoli de novo, tossindo um pouco.

— Niall — ela disse, se esticando para me beijar, deixando os lábios demoradamente sobre o canto da minha boca. — *Pergunte*.

— Sexo... não é um problema para você. — Não foi uma pergunta, e eu quis fechar meus olhos e desaparecer quando senti a onda de constrangimento que se arrastou por minha pele. Ela era tão aberta, tão confortável sendo sexual.

Ruby não pareceu se importar com minhas palavras fortes.

— No começo era — ela disse. — Quer dizer, talvez ainda seja, às vezes. No primeiro ano depois de acontecer eu fiquei um pouco... maluca. Saí com um monte de caras, quase como se dissesse “ei, universo, eu escolhi fazer isso. E *isso*, e *isso*”. Mas meu terapeuta me ajudou bastante. O que o Paul fez não era

nada sobre sexo. Ele estava perdido. Quando fiquei com outros caras depois dele foi muito diferente. Não sinto como se ele tivesse acabado comigo, mas mostrou que algumas pessoas são simplesmente... ruins.

— Você pensa muito sobre isso?

Ela sorriu para mim e tocou meus lábios com o dedo indicador num gesto que foi ao mesmo tempo doce e extremamente sedutor.

— Acho que sim. Depende de que momento estou passando na vida.

Eu me afastei um pouco, instintivamente.

— Mas, principalmente em momentos como este, onde fico preocupada que você fique cuidadoso demais comigo, ou hesitante... — Seus olhos buscaram os meus, como se implorasse. — Prometa que nada vai mudar.

Eu queria prometer, mas essa história simplesmente reforçou meu desejo de ir mais devagar.

— Eu...

Fomos interrompidos por uma batida na porta: nossa comida tinha chegado. Levantei-me e vesti a camisa para deixar o funcionário entrar no quarto. Assinei a conta e ele deixou o carrinho ao lado da cama. O quarto foi preenchido pelo silêncio; o eco de nossa conversa ainda pairava no ar.

Ruby sentou-se na cama, dobrando as pernas sobre o corpo quando tirou a tampa das bandejas de prata. A porta se fechou atrás do funcionário e eu me sentei ao seu lado na mesa.

— Com fome?

— Faminta — ela murmurou, despejando ketchup em seu prato. Ruby chegou mais perto e beijou meu rosto. Nada parecia abalar seu humor. — Obrigada pelo jantar, bonitão.

E, quando ela atacou a comida, ficou claro que, por enquanto, o assunto havia terminado.

—

Ruby desabou na cama com um gemido de satisfação.

— Seja lá o que acontecer hoje, saiba que você estará competindo com aquele cheeseburger.

— Acho que a cozinha do hotel ganha de mim em experiência.

— Então aposte em suas habilidades de sedução, Sr. Stella — ela provocou.

O jantar foi bom, mas não prestei muita atenção e fiz tudo no piloto automático. Eu sabia, sem dúvida nenhuma, que eu não queria ir rápido demais, e por causa de sua honestidade comigo, também queria ser muito cuidadoso com suas emoções.

Tirei a mesa do lado da cama e voltei para ela, subindo e pairando sobre seu corpo.

— Bom começo — ela sussurrou, movendo as mãos para desabotoar minha camisa. De novo.

Meus dedos brincaram com o botão no topo de sua camisa de seda.

— Você está se arrependendo? — ela perguntou, provavelmente porque demorei demais para abrir o botão.

Eu neguei com a cabeça e pensei um pouco. Seus olhos verdes estudaram meu rosto, com paciência, mas intensidade.

— Acho que apenas gostaria de esclarecer ao máximo o que estamos fazendo — admiti. — Fiquei um pouco abalado com a história que me contou.

Sua testa relaxou ao entender meu receio, e ela virou a cabeça para me olhar melhor.

— Sobre o Paul.

— E sua resposta ao acontecido, correndo atrás de vários parceiros sexuais.

Um lampejo de mágoa cruzou seu rosto, mas ela escondeu a expressão rapidamente.

— Faz muito tempo que não faço algo desse tipo.

Eu sorri diante dessa afirmação. Ela tinha 23 anos. *Muito tempo* era uma coisa tão relativa.

— Não estou tentando julgar você, Ruby. Ir mais devagar pode ser uma boa ideia, inclusive para mim.

— Você quer dizer, nada de sexo.

Olhando em seus olhos, assenti.

— Sou um cara antiquado, eu sei, mas isso é algo que quero fazer apenas quando estiver apaixonado.

Seu rosto refletiu uma emoção confusa e ela se preparou para dizer alguma coisa, mas preferiu simplesmente assentir.

Eu queria esclarecer minhas palavras, sabendo como ela deve ter interpretado: que a nossa relação não era desse tipo, que não estávamos seguindo nessa direção. Mas como eu poderia saber se estávamos na direção certa? Em meus momentos de lucidez ao seu lado, me ocorreu que tudo isso parecia impossivelmente fácil. Eu queria aproveitar nosso tempo e não esperar demais. Meu cérebro sempre parecia ser tão *sincero* sobre tudo isso. Talvez nossa relação fosse apenas algo adorável e fácil, mas, no fundo, essencialmente sexual.

E temporário.

A maioria das pessoas passa por várias relações em suas vidas; eu gostava da ideia de ter algo mais permanente com a Ruby, mas eu a conhecia há apenas duas semanas.

— Posso praticamente ouvir você pensando — ela sussurrou, puxando minha cabeça para me beijar docemente. — Por que ficar sozinho comigo neste hotel dispara seu alarme de pânico? Ninguém está nos julgando. — Era como se ela pudesse ler meus pensamentos. — Eu gosto de você. Quero ficar perto de você, seja lá o que isso signifique no momento.

Seja lá o que isso signifique no momento.

Essas palavras me libertaram, e eu me inclinei sobre seu toque, adorando a sensação de suas mãos subindo por meu pescoço e chegando aos cabelos. Eu adorava quando ela puxava e arranhava. Adorava os sinais de paixão que sempre estiveram ausentes em minha vida romântica.

Os lábios da Ruby estavam cheios, quentes, e eu podia sentir o sabor de Sprite e do chocolate de menta que veio junto com o jantar. Sua boca se abriu, a língua deslizou sobre seus lábios até os meus, mergulhando em minha boca e deixando eu sentir as pequenas vibrações de seus gemidos.

Eu *estava* pensando demais; eu sempre pensava demais sobre tudo. Deslizei minha mão sobre suas costelas, sobre os seios, voltando para o botão que tinha causado aquela pausa em meu cérebro.

Abri o primeiro, depois o seguinte, e mais outro, até a Ruby tirar a camisa e deitar-se debaixo de mim com seu sutiã amarelo-claro.

Meu Deus, eu podia mergulhar meu rosto naquela pele e nunca mais precisar de qualquer outra coisa.

— Você tem os seios mais perfeitos que já vi.

Ela congelou e depois levou as mãos ao rosto, como se quisesse se esconder.

Olhei para ela. O que eu tinha dito? Que tinha seios perfeitos? Será que eu não podia fazer nenhum comentário?

— Ruby?

— Estou passando por um momento, apenas me dê um segundo — ela disse, com a voz abafada pelas mãos.

— Fui direto demais?

— Não — ela disse, tirando as mãos e olhando para mim com aqueles olhos lindos. — Acabei de ter uma experiência extracorpórea. Niall Stella acabou de tirar minha camisa e admirou meus seios.

— Você precisa notificar alguém? — eu disse, forçando uma risada.

— Só preciso lembrar de acrescentar esse tópico para minha planilha de Momentos com Niall Stella — ela brincou, e puxou meu rosto novamente. Tracejei a linha de um ombro a outro.

Ela se arqueou debaixo de mim.

— *Niall*.

Eu sorri levemente e pedi paciência a ela.

A alça do sutiã era fina, apenas um fiapo de tecido sustentando seios tão perfeitos. Eu quase não queria revelá-los; a expectativa era sublime demais.

— Você já me viu completamente nua — ela me lembrou.

— Mas ainda não *toquei* em você completamente nua. — Olhando seu rosto, sorri. — E nunca fui diretamente responsável por *deixar* você completamente nua.

Ela fingiu um olhar exasperado e brincalhão, mas atrás dos olhos eu podia enxergar sua urgência, e isso despertou um fogo em mim.

— Você poderia me deixar completamente nua *agora*?

— Você é linda demais para eu me apressar. — Eu me abaixei, cheirando seu pescoço. — Sua pele precisa ser saboreada. Seu tesão precisa ser revelado com cuidado, precisa ser acumulado, crescer dentro de você. — Olhando para ela, eu disse: — Vou fazer amor com você hoje usando apenas minhas mãos, mas quero que você goze com tanta violência nos meus dedos que vai acordar no meio da noite desesperada para recriar isso... — Beijeí seu ombro e murmurei: — Mas não vai conseguir.

Sua boca se abriu.

— Você não vai conseguir o ângulo certo, entende? — Passei um dedo sobre seu queixo. — Nem o tamanho certo do dedo, nem a profundidade. Mas principalmente não vai conseguir ter um prazer igual ao que vou dar porque não conseguirá ser *paciente*.

Ela gemeu, mergulhando as mãos em meu cabelo e me puxando.

Passei meu dedo de sua garganta até o peito.

— Você não vai querer perder tempo nos lugares perfeitos: a pele quente aqui, a única pinta no torso bem aqui. Você não conseguirá beijar a própria costela.

Eu desci e beijei logo abaixo do sutiã antes de deslizar minha mão debaixo dela, soltando o fecho e deixando o sutiã solto no lugar enquanto ela se contorcia e gemia na cama. A alça esquerda escorregou no ombro e eu beijei o pequeno novo ponto revelado.

— Você não vai tirar? — ela sussurrou, apoiando no colchão.

— Ainda não.

Ela parou, respirando pesadamente quando chupei a pele logo abaixo do seio, minha mão trabalhando para desabotoar a saia e deslizar por sua cintura.

— Niall?

— Sim?

— Não aguento *mais*.

Minha risada saiu como uma lufada de ar em sua pele.

— É mesmo?

— Você pode *provocar* o quanto quiser, mas *pegando* em mim.

— Vou usar a mão quando eu estiver pronto. Confie em mim. — Nunca pude ir devagar desse jeito e apenas aproveitar, saborear. Comparado com meu tempo com a Ruby, minha experiência sexual até hoje parecia como instruções de computador executando um programa.

Eu me abaixei, chupando a ponta inchada de um seio. Tão cheio e firme. Pressionei os dentes na pele, gemendo. Eu queria morder e chupar e consumir. Aqueles seios me faziam querer me transformar num animal, montando e mordendo e... nossa, *fodendo*. Imaginei-me subindo sobre seu corpo, apertando os seios ao redor do meu pau e impulsinando, buscando de um jeito egoísta o prazer que eu tanto desejei ao estar perto de sua pele, seu aroma, seus gemidos roucos e ofegantes.

Uma pequena parte de mim quis recuar instintivamente diante de um pensamento tão selvagem, mas a voz da Ruby em minha mente era mais alta: *Relaxe*, ela dizia, *mostre o que você quer. Pegue aquilo que precisa*.

Com um grunhido, subi sobre seu corpo, tomando os seios sobre o sutiã e apertando-os juntos, chupando a pele onde eles se tocavam, deslizando a língua para dentro e ao redor daquele decote delicioso.

Debaixo de mim ela ofegava e se arqueava, as mãos puxando meu cabelo, as pernas envolvendo meu corpo, arrastando meu quadril para que ela pudesse se esfregar em mim.

Puxei as alças do sutiã por seus braços, jogando a peça de roupa longe antes de voltar para ela. Os mamilos tinham a mesma cor rosada dos lábios, e sem pensar — sem nem mesmo hesitar — abaixei-me, puxando um para dentro da minha boca, chupando faminto enquanto minha palma apertava o outro seio.

Ruby arqueou o corpo no colchão, gritando e puxando meu cabelo tão forte que a sensação oscilou entre a dor e o prazer.

— Niall — ela ofegou. — Oh, Deus. Oh, *Deus*.

A intensidade de sua resposta me abalou; *eu* estava causando isso por simplesmente lamber o seio e cobrir seu corpo com o meu. Queria capturar essa reação dela, envolvê-la cuidadosamente e esconder só para mim. Meus pensamentos mudaram o foco, passando do meu próprio prazer para dar a ela mais desse prazer. Eu precisava me alimentar com suas reações até ela ficar suada e gritando debaixo de mim.

Sua pele parecia brilhar sob meu toque; meus lábios seguiram as linhas saradas de seu abdômen, o perfeito círculo do umbigo, a curva do quadril. Raspei os dentes sobre cada uma dessas descobertas, seguindo com a ponta dos dedos, faminto para conhecer cada centímetro. Empurrando meu quadril sobre o colchão, eu me desesperiei por alívio.

Ruby se pressionava contra minhas mãos, perdida e implorando; uma fina camada de suor surgiu em seu peito. Meu cabelo estava todo desarrumado por causa de suas mãos, que puxavam e arranhavam.

Oh, ela era uma maravilha.

— Quero sentir seu sabor — ela implorou. — Quero *tocar* você.

Suas palavras enviaram uma onda elétrica por minhas costas até meu pau.

— Espere, querida.

— Não *consigo*.

Puxei o elástico da calcinha para o lado, beijando a pele macia do umbigo.

Ela sussurrou um *sim* e ofegou quando deslizei a renda fina por debaixo do quadril e coxas, terminando de tirar toda sua roupa.

Ruby estava completamente nua, e ela era *perfeita*.

Senti seus olhos sobre mim enquanto eu subia a mão por sua perna, observando meus dedos se moverem sobre sua pele, a minha mais escura do que a dela, meu bronzeado contra sua palidez. A parte interna das coxas tinha a pele mais macia que já senti, e meus dedos tremeram quando os movi mais para cima. Dentro do peito, meu coração martelava. Eu já havia tocado o meio de suas pernas antes, é claro, mas no escritório foi diferente: apressado e intenso. Agora, eu tinha horas. Podia deixá-la acordada a noite toda com minhas mãos dando prazer e minha boca nos seios, costelas, barriga.

Meus dedos alcançaram a junção onde o quadril encontrava a coxa e parei ali, a meros centímetros de onde ela mais queria. Sob meu toque, ela tremia, empurrando o quadril para fora da cama.

— Você está me matando com essa provocação — ela sussurrou, segurando meu pulso. — Juro que vou gozar assim que você me tocar.

A maneira como ela disse “gozar” e a ideia de que estava excitada assim — que meu toque podia fazer isso tão facilmente —, tudo isso me enlouqueceu. Com um sorriso pressionado em seu quadril, deslizei meus dedos sobre ela, gemendo ao ouvir seu grito agudo. Ela estava *encharcada* e lisa e quente, e tive que lutar para não cair de boca ali ou — ainda mais tentador — erguer meu corpo sobre ela e simplesmente enfiar tudo. Eu não conseguia nem imaginar como seria.

Dei graças a Deus pela barreira da minha calça e a hesitação que ainda existia em meus pensamentos, numa constante lembrança para *ir mais devagar*.

Era impossível não comparar aquela experiência com a única outra que eu realmente tive — com exceção de alguns amassos nos bares da vida —, embora o sentimento de culpa tentasse afastar esses pensamentos. Eu sabia que não deveria pensar na Portia agora, nem mesmo como um alívio para minha independência, mas com a Ruby nua em minha cama e meu cérebro obcecado pela ideia de dar prazer a essa criatura divina, eu não tinha a disciplina mental com a qual estava acostumado. A Ruby me libertava, abria algo dentro de mim e me fazia querer ser mais transparente comigo mesmo e com ela.

E enquanto eu a tocava e lhe dava prazer, primeiro com dois dedos, depois com três, deixei meus pensamentos correrem por minha mente. *É assim que deve ser na intimidade, dar prazer a alguém que deseja isso ardentemente, os dois parceiros se entregando.* Ela se abriu para mim hoje — era esse o propósito de sua confissão, entendo isso agora —, e em troca me deu a liberdade para relaxar com ela, com *isto*. A cada círculo da minha mão e cada gemido que escapava de seus lábios, minha confiança se multiplicava até eu me convencer que nenhum outro homem desejou uma mulher mais do que eu desejava a mulher em minha cama agora.

Eu queria beijar e lambe e foder, mas uma parte mais básica de mim — um pedaço sombrio que nunca reconheci — queria uma dominância maior sobre seus lábios, a pele brilhante, os gemidos, as coxas macias. Tive que admitir para mim mesmo que era a boceta mais linda e molhada que já tinha visto. Queria olhar para ela com uma sensação profunda de que ela era *minha*.

Ruby começou a ter espasmos sob meus movimentos, e minha excitação aumentou ainda mais. *Que estranho, pensei, que meu corpo inteiro sinta o desejo por seus ombros, a curva da barriga e a pulsação acelerada ao lado do pescoço.*

Assisti-la se derreter sob meu toque parecia literalmente fazer meu coração subir pela garganta. Tirei meus olhos de onde a tocava para subir e chupar enlouquecidamente os seios quando ela começou a relaxar — com a respiração profunda e lenta —, e então jogou a cabeça de volta para o travesseiro, quase gritando quando seu orgasmo explodiu e pressionou meus dedos em seu interior.

Ela parou por apenas um segundo antes de me puxar pelo cabelo para ficarmos cara a cara e eu poder passar a língua sobre a respiração rápida e aliviada que escapava de seus lábios.

— *Putá merda.* — Ela fechou os olhos, relaxando ao meu lado. — Eu só...

— Você fica linda quando goza — sussurrei, chupando seu queixo, pescoço e boca.

— Isso... — Ela começou a dizer, olhando para mim. — Nesse exato instante você parece algo saído da minha imaginação quando fico acordada à noite.

Passei meus dedos molhados sobre sua barriga até as costelas, discretamente dando voz ao pensamento carnal que invadiu minha mente, compartilhando meu lado mais íntimo:

— Adoro seu cheiro. Acho que vou perder minha cabeça quando finalmente

saborear você com a língua.

Após as palavras saírem da minha boca, Ruby me puxou de volta com mãos ansiosas e um desejo renovado. Eu estava me sentindo selvagem, e ela estava quase maluca — suada, passando a boca molhada sobre a minha. Dentes raspavam queixos, beijos tornaram-se desleixados, e ela arrancou meu cinto, raspando minha barriga em sua pressa para tirar minha calça.

Estranhamente, a dor apenas aumentou minha excitação.

Com minha calça abaixada até os joelhos, Ruby tocou em mim, com a mão forte e quente quando agarrou meu pau.

— Caramba — ela disse. — Você é...

Afastei meu rosto, olhando para ela com olhos selvagens. Ruby era apenas a terceira mulher em minha vida que havia tocado meu pau, e eu honestamente não me importava como ela terminaria aquela frase; eu pulsava em sua mão, praticamente implorando para que me desse algum alívio.

— Grande — ela disse, olhando para mim. — *Nossa*. — E então ela deslizou a mão sobre a cabeça com uma pressão tão perfeita que eu quase não ouvi suas palavras entre meu gemido alto e aliviada. — Nunca fiquei com um cara que não fosse...

Minha mente embaçou com a sensação de seus lentos movimentos, subindo e descendo. Que não fosse o quê? Americano? Disposto a ir devagar? Experiente com várias mulheres?

E então entendi, quando ela parou com a mão na ponta, explorando.

— Que não fosse circuncidado?

Ela confirmou, baixando a cabeça para beijar meu pescoço.

— Imagino que seja a mesma coisa, talvez um pouco mais fácil, de certa maneira.

— Mais fácil? — Ela parecia tão extasiada quanto eu.

Se você mexer a mão um pouco mais rápido, vai entender o que eu quis dizer.

Segurei sua mão para guiar seus movimentos. Eu podia sentir a tensão quente em minhas costas, minha crescente necessidade de foder sua mão, foder *qualquer coisa*, e ela gemeu baixinho quando a ficha caiu: a pele do meu pau deslizava mais facilmente sobre a cabeça quando ela movimentava para cima.

— Que tesão — ela gemeu. — Oh, merda, não acredito que estou fazendo

isso. Não acredito...

— *Shh* — sussurrei, querendo que ela se perdesse em mim. Não tinha ideia do que estávamos fazendo. Isto era a realidade: eu estava sobre ela, meu pau preso em sua mão, minha boca em seu pescoço e meu coração lentamente sangrando para dentro do coração dela. — Continue assim.

Minhas palavras se transformaram num mantra contínuo que apenas repetia

Assim

Assim

Oh, merda, Ruby, Ruby

Continua

Não para...

... eu nem sabia direito o que estava dizendo.

Continue me dando prazer e suas palavras honestas e a confirmação de que isto é real. Continue dando a liberdade para minhas palavras fluírem facilmente. Continue dando a permissão para relaxar e me abrir do jeito que há tanto tempo eu preciso. Continue dando um lugar onde eu sinta segurança e onde eu possa simplesmente ser eu mesmo.

Sua mão diminuiu a velocidade, deslizando o polegar sobre a cabeça lisa e molhada, arregalando os olhos enquanto me observava. E eu observava de volta. A visão de sua mão me envolvendo causava gemidos em minha garganta e me fazia impulsionar em sua palma.

— Adoro saber que eu deixei você duro assim — ela sussurrou.

— Você sempre deixa — admiti. — Duro o bastante para me deixar louco, o tempo todo.

Eu parecia desesperado. Inferno, eu me *sentia* desesperado.

Ela olhou para minha boca e eu baixei o rosto para beijá-la, chupando seu lábio molhado.

Seus mamilos enrijeceram, a pele se arrepiou, e então percebi que ela se comportava como se tudo isso fosse para ela, como se meu prazer fosse algum tipo de presente. Eu tinha que admitir que me senti quase bêbado por ser desejado desse jeito, com tanta devoção e abandono. Ao mesmo tempo, queria que ela sentisse a mesma calma comigo em nossa intimidade quanto sentia no trabalho ou simplesmente caminhando pela Quinta Avenida.

Passei um dedo sobre seu lábio, prendendo-o num beijo e adorando o sabor dela em minha pele.

Sua mão continuava subindo e descendo com perfeita habilidade.

— Posso sentir seu sabor no meu dedo — murmurei em sua boca enquanto me ajeitava, começando a mover meus quadris enquanto beijava seu peito.

Eu inchei em sua mão, sentindo a pressão subir por minhas pernas e descer sobre minhas costas até eu começar a foder sua mão com desespero, minha boca chupando ferozmente um seio até deixá-lo vermelho enquanto ouvia seus gemidos implorando para *gozar, gozar, gozar...*

Com um profundo gemido, parei de lutar, gozando em sua mão, quadril, umbigo, e até sobre o seio que eu havia marcado com a boca. Mesmo depois de o meu orgasmo acabar e minha respiração pesada ser o único som no quarto, Ruby não me soltou. Ela subiu a outra mão e tocou sua pele onde eu havia gozado.

Apenas quando me acalmei sobre ela percebi o quanto fomos selvagens com nossos toques e beijos. Seu peito estava vermelho por causa do raspar da minha barba; seus lábios pareciam inchados e abusados. Suor cobria nossa pele. Sem beijá-la entre as pernas, sem ter feito amor com ela, eu havia acabado de ter a experiência sexual mais louca da minha vida.

Ela fechou os olhos antes de admitir:

— Estou morrendo de medo que meus sentimentos por você se tornem algo grande demais para...

Eu a silencieei com um beijo, chupando seu lábio e levando meus dedos para o meio de suas pernas novamente.

Eu mal havia escapado do caos em meus próprios pensamentos. Isso foi mais intenso do que qualquer coisa em meu casamento. Foi mais intenso do que qualquer coisa que já experimentei; *ponto final*.

Mas algo sobre isso parecia aterrorizante e errado.

Eu precisava mergulhar de volta na sensação antes que o pânico dessa emoção enorme inchasse e me deixasse mudo.

Onze

Eu achava que ele dormia do jeito que trabalhava – todo formal, levando a noção de ser *adulto* até as últimas consequências. Mas a realidade era outra. Ele dormia de bruços, com as mãos debaixo do travesseiro e o rosto sobre o braço. Como uma criança ou um universitário bêbado, completando com ocasionais palavras murmuradas e a respiração entrecortada.

O braço no qual eu estava apoiada começou a formigar, e com um gemido quieto rolei de costas, tomando cuidado para não acordá-lo. Eu queria continuar olhando para ele. Queria manter essa sensação viva – de total satisfação – apenas mais um pouquinho. Se eu achasse que um monte de remédios para dormir pudesse esticar o momento, eu até consideraria essa opção. Os lençóis tinham seu cheiro, minha pele ainda vibrava com a lembrança de seus dedos, lábios e – caramba – seu *sêmen* em todo lugar. Se fechasse os olhos, eu ainda podia sentir a pressão leve dos dedos se movendo entre minhas pernas.

Mas junto com os discretos sons do Niall dormindo veio aquela dúvida familiar. Ainda era leve o bastante para ignorar, como se fosse uma pessoa gritando do outro lado de uma parede, mas fiquei pensando por quanto tempo continuaria assim. Se havia uma coisa que meus pais encorajavam era ouvir seu instinto e prestar atenção quando algo parecia errado ou amedrontador. E isso definitivamente era amedrontador. Aterrorizante.

Niall lidava com nossa relação aos trancos e barrancos. Eu sabia que ele não se sentia confiante com sua capacidade de ser um bom parceiro, mas será que era só isso?

O quarto ainda estava escuro e eu rolei novamente até me acomodar no espaço quente ao seu lado. Sua pele tinha um leve aroma de sabonete e sua respiração era calma e suave. Fechei os olhos, pensando que era cedo demais para me preocupar com coisas que eu não podia controlar. Haveria muito tempo para isso depois.

Quando voltei a abrir os olhos, estava sozinha, olhando para o teto lá em cima.

As cortinas azuis brilhavam, iluminadas pelo sol matutino do outro lado, e a luz do banheiro invadia o carpete perto da porta do quarto.

Eu podia ouvir a água correndo e o som de algo batendo na pia.

– Niall? – eu disse, apoiando num cotovelo. A água parou e uma cabeça de cabelos escuros apareceu na porta.

– Bom dia – ele disse, com um lado do rosto ainda coberto por uma camada de creme de barbear. – Acordei você?

Fiz uma careta quando percebi que ele estava sem camisa – *sim!* –, mas de calça – *não!*

– Onde você está indo? – perguntei em meio a um bocejo.

Ele voltou para o banheiro e ouvi sua voz junto com a água.

– Acordei com uma mensagem do Tony – ele disse, e revirei os olhos como sempre fazia ao ouvir aquele nome. – Ele marcou uma reunião hoje cedo e eu preciso ir.

– Às... – olhei para o relógio – ... sete da manhã?

– Infelizmente, sim.

Achei que fôssemos tomar café da manhã juntos. Na verdade, pensei em pedir o serviço de quarto e depois participar de uma sessão de sexo vigoroso no chuveiro.

– Certo – eu disse, sem muito entusiasmo. A cama pareceu subitamente menos vazia quando minhas dúvidas sobre a noite passada voltaram e se acomodaram entre os lençóis.

Niall saiu do banheiro e enfiou os braços nas mangas da camisa. Fiquei olhando para seu torso desaparecer a cada botão fechado.

– Você me encontra depois no escritório? – ele perguntou.

– É claro. – Apoiei-me em dois travesseiros e um pensamento me ocorreu. – A noite passada foi...?

Mas o que eu queria dizer? *A noite passada foi incrível? Confusa? Aterrorizante?*

Todas as alternativas anteriores?

– Foi o bastante pra você? – ele perguntou, e eu sabia que ele não estava querendo elogios baratos nem um afago no ego; honestamente queria saber.

– Mais do que suficiente. Acho que as pessoas não dão o devido valor a uma boa dedada.

Ele riu, sacudindo a cabeça enquanto dava o nó na gravata.

– Você diz cada coisa...

– É sério. Quando você é jovem, cada passo é um marco na vida. Primeiro, você beija, depois pega no peito, e *depois* – eu disse, ignorando o modo como ele me olhava. Dobrei meus joelhos até o peito e envolvi meus braços ao redor. – Se eu pudesse voltar no tempo e dar uns conselhos para a Ruby Adolescente... bom, primeiro eu diria para usar mais protetor solar, mas a segunda coisa mais importante seria ir mais devagar e aproveitar todas essas primeiras vezes. *Aproveitar* a expectativa. Depois que você transa, todas as boas coisas se tornam um meio para um fim. Ninguém mais quer *apenas* dar uns amassos.

Niall levantou os olhos e sorriu do outro lado do quarto.

– Obrigado.

– Por quê?

– Por ser paciente comigo, com tudo isso. Eu sei que, às vezes, posso parecer um pouco... reprimido. Mas eu lhe asseguro que... estou começando a gostar muito de você, Ruby.

Mordi os lábios para segurar um sorriso.

– Eu também *gosto muito* de você, Niall Stella.

Ele se aproximou da cama e se abaixou, beijando minha testa.

– Vejo você daqui a pouco, querida.



Não me apressei ao me arrumar no quarto – escolhendo um vestidinho preto, alisando o cabelo e passando meu batom favorito para ocasiões especiais – e tomei um rápido café da manhã antes de me dirigir para o escritório. Precisava de uma camada extra de confiança hoje, e essa combinação sempre funcionava. Estava frio em Manhattan, então apertei meu casaco – vermelho, para combinar com o batom – fechando um pouco mais na garganta.

Decidi caminhar hoje, escolhendo um caminho diferente depois de encontrar no Google um lugar que minha mãe adoraria ver numa foto. Lembrei de uma velha cópia de *Love Story* que ficava em seu criado mudo quando eu era pequena, e a capa era inspirada em uma versão da escultura que fica na Sexta Avenida.

Foi fácil de achar. Grupos de turistas se acotovavam ao redor, recriando

poses icônicas enquanto tiravam fotos. Era simples: caracteres maiúsculos vermelhos com toques azuis, as letras L e o em cima de v e E. Puxei meu celular, querendo tirar uma foto rápida para ela.

– Olá, Miss Miller. – Ouvi o sotaque tão familiar que enviou calafrios por meus braços.

– Max! – eu disse, e *meu Deus*, os homens dessa família eram lindos. Era óbvio que o Max e o Niall eram irmãos, mesmo o cabelo do Max sendo um pouco mais claro e os olhos algo mais verdes. Eles tinham o mesmo nariz estreito, o mesmo queixo esculpido e o mesmo sorriso com covinhas, embora o sorriso do Max aparecesse mais vezes. E, nossa, os dois eram muito altos.

Espero que ele tenha achado que o rubor em meu rosto era porque ele tinha me flagrado tirando uma *selfie* em Nova York, e não porque tinha acabado de perceber o quanto sua família era feliz no quesito genética. Mas então eu notei o Will – *Jesus amado, Will parecia o pecado vestido de terno* – de pé, atrás dele, falando no celular e acenando para mim.

– Onde está meu irmãozinho querido hoje? – Max perguntou.

– Uma reunião de última hora. Vou encontrar com Eleno escritório mais tarde.

Max deu uma piscadela e tirou a luva de couro da mão. Uma grande aliança brilhou sob a luz da manhã.

– Bom, então posso convidar você para um café? –ele perguntou.

Will terminou sua ligação e ficou ao seu lado, sorrindo e concordando com o convite. Como suas mulheres conseguiam fazer qualquer coisa era algo que eu nunca saberia.

Eu já tinha tomado café, mas como poderia recusar?

– Claro. Vamos lá.

– Ótimo. William?

– Hum?

– Está pronto?

– Estou sempre pronto – ele disse, oferecendo o braço para mim.

Aceitei quase sem acreditar, e a coisa só piorou quando o Max enlaçou meu outro braço. No que eu estava me metendo?



No pequeno café dobrando o quarteirão, segui os dois até uma mesa perto dos fundos do lugar, que estava cheio de turistas e homens de negócios tomando café antes do trabalho. Nossas bebidas chegaram quase imediatamente, e eu não conseguia parar de pensar sobre o que o Niall acharia se soubesse que eu estava tomando café com seu irmão.

– Vi uma foto da Annabel – eu disse. – Ela é maravilhosa. Parabéns.

Max, que estava tirando um cachecol do pescoço, ficou radiante.

– O Niall te mostrou minha princesinha?

Eu confirmei:

– Ela se parece muito com você.

Will franziu as sobrancelhas enquanto abria o saquinho de açúcar.

– De jeito nenhum, não esse cara. A Sara é linda e aquela menina é a coisa mais bonita que eu já vi. Ela vai ter seu tio Will com uma espingarda montando guarda em sua porta caso algum garoto sequer ouse *olhar* para ela.

– Sossega, William. Mas eu não podia ter dito melhor.

A mãe dela, a Sara, é maravilhosa. Se minha pequena Amada tiver a metade da vivacidade e do charme... estarei completamente ferrado.

– Ah, com certeza – Will disse, erguendo seu café.

– E você, tem filhos? – perguntei ao Will.

Max riu e quase engasgou com sua garrafa d'água.

– Hum, não – Will respondeu, diminuindo o sorriso. – Por enquanto, nada de rebentos para nós. – Não por falta de prática – Max disse.

– Isso é verdade – Will completou, com a devida expressão de orgulho.

Colocando creme em seu café, Max virou seu sorriso para mim. Até onde eu sabia, o Max estava *sempre* sorrindo – principalmente quando provocava alguém – e tinha o tipo raro de charme que me fazia querer revelar todos os meus segredos e falar sobre *tudo*... e algo me dizia que ele estava morrendo de vontade de ouvir.

– Então, como o Niall está tratando você? – ele perguntou.

– Ótimo – eu respondi, mexendo meu café. Mantive os olhos na xícara, observando a espuma desaparecer no centro do turbilhão, tentando soar casual e completamente normal. Eu não tinha nada para confessar. Não, não. Nadinha de nada. – Quer dizer, ele é ótimo... *não*, ele está me tratando de forma ótima...

bem, está me tratando muito bem.

Perfeita como sempre, Ruby.

– É mesmo? – Max disse, arrastando as palavras e sorrindo com o canto da boca.

– Pare com isso – Will disse, apontando a xícara para o Max. – Não pense que não conheço essa cara. Você é pior que a minha mãe; deixe a pobre garota em paz.

Max ergueu as sobrancelhas com uma inocência exagerada.

– A sua mãe é uma mulher adorável. Essa comparação é um elogio.

– Ignore-o – Will disse para mim. – Ele é um fofoqueiro que adora saber os segredos das pessoas só para ficar fazendo gracinha. Não conte nada. Deixe-o sofrer.

Max parou uma garçonete que estava passando.

– Desculpe, querida. Você acha que pode trazer um pouco de cereal pra esse cara aqui? – ele disse, mostrando o Will. – Ele está muito irritável hoje e um pouco de fibra pode ajudar, sabe como é.

A garçonete olhou para os dois e assentiu constrangida antes de ir embora. Will apenas riu um pouco em sua xícara.

Eu estava começando a entender que isso era *normal* entre eles, e que era exatamente por isso que Niall me disse que seu irmão era uma peça. Eu poderia passar o dia todo assistindo àquilo.

– Vocês gostariam de ficar sozinhos? – perguntei finalmente. – Posso emprestar meu quarto no hotel, se quiserem.

Os dois me olharam; Max já estava rindo.

– Essa garota entende o seu jeito – Max disse para o Will. – Não seria nada mal tê-la por perto.

– Tem certeza que o seu querido irmão está pronto? –

Will disse. – Ela não é nada fácil e o Niall...

– Ah, ele é legal, não é mesmo? – Max interrompeu, docemente querendo proteger o irmão. – Ele só precisa limpar o sistema daquela outra. Você sabe, a megera.

Niall gosta de aventura, como qualquer pessoa.

Eu concordei, sem saber o que dizer.

– Acho que você está certo – Will disse. – O que foi mesmo que você tinha falado sobre energia sexual reprimida?

– Ele tem o bastante para energizar a cidade inteira – Max disse. – É aí que sua experiência com urbanismo

seria útil... você sabe, para achar uns atalhos... Will disfarçou uma risada em sua xícara.

– Bom, funcionou com a Chloe e o Bennett. Um chefinho, uma estagiária gostosa...

– O Niall *não é* meu chefe – eu disse, talvez um pouco enfática demais. Era como se alguém tivesse embrulhado todo o constrangimento do mundo e soltado bem no meio da nossa mesa.

Felizmente, eles foram educados a bastante e não retrucaram. Apenas tomaram goles de café, ajeitaram os talheres e olharam para o relógio. Sutileza não era seu forte.

– Certo – eu disse com um suspiro, incapaz de tolerar aquele silêncio por mais tempo. – Eu gosto dele. *Muito*.

O sorriso enorme do Max voltou e, meu *Deus*, assim como seu irmão, era um sorriso encantador.

– Agora você se ferrou de vez – Will disse. – Esse cara não vai mais largar do seu pé. É melhor você convidá-lo de uma vez para morar junto. Pode ir planejando o casamento, escolhendo o nome dos filhos...

– Apenas seja paciente com ele – Max disse, ignorando o Will. – Ele é um ovo um pouco difícil de descascar.

– Estou descobrindo isso – eu disse. – Ele não é muito bom na arte de compartilhar sentimentos.

Max riu e ergueu a xícara em resposta.

– Ele pode não dizer muito, mas posso assegurar que para cada pensamento que ele verbaliza, existem ao menos seis correndo em sua mente. Foi assim a vida inteira.

– Que ótimo – eu disse ironicamente, baixando a cabeça e olhando para o resto da espuma flutuando em meu café.

Do outro lado da mesa, Max baixou sua xícara.

– Permita-me bancar o irmão protetor por um segundo.

Olhei para ele e sua expressão suavizou quando murmurei:

– É claro.

Até o Will percebeu o quanto a conversa se tornou séria, e então se inclinou para ouvir.

– Meu irmão é o cara mais leal que você já conheceu, sempre foi. Seja com a gente, com seu trabalho ou com uma mulher. Não sei o quanto você sabe sobre o divórcio... – ele disse, deixando a pergunta implícita, “o que ele já contou?”, pairando no ar.

– Nós conversamos sobre isso – respondi, querendo ser honesta, mas sem trair a frágil confiança do Niall. –

Um pouco. Tive a impressão que ela era... *Como terminar essa frase?*

– Talvez um pouco difícil? – eu disse delicadamente.

– Exato – Max disse com uma piscadela. – Acho que a lealdade foi o motivo para ele aguentar por tanto tempo. E também o motivo por ele sentir, de várias maneiras, que fracassou... ou que deveria ter feito algo diferente e a deixado antes. Nada poderia fazer aquela mulher feliz, mas essa é uma verdade difícil de aceitar.

Ele sentiu isso em primeira mão este ano.

– Percebi.

– Dê um pouco de tempo a ele. Talvez você precise descascar um pouco do lado de fora, mas prometo que vai valer a pena.



Niall estava em sua mesa quando entrei no escritório e fechei a porta. Sua caneta parou de escrever imediatamente e ele tirou os óculos para me olhar. Seus olhos se moveram do meu salto alto de couro até o topo da minha cabeça. Um calor se acumulou em meu estômago e se derramou mais embaixo.

– Onde você esteve? – ele perguntou. Não acusando, não bravo. Apenas querendo saber.

– Tomei café com o Max e o Will. – Quando suas sobrancelhas se ergueram, acrescentei: – Eles me encontraram tirando *selfies* na Sexta Avenida.

– Você se divertiu?

– Eles são... legais. – Arrumando o cabelo atrás da orelha, acrescentei discretamente: – Nós conversamos sobre você. Seu irmão mais velho é seu fã.

O sorriso do Niall curvou um lado de sua boca e ele se levantou, dando a volta na mesa para me encarar. Achei que ele fosse perguntar o que Max falou, mas não. Simplesmente ficou olhando atentamente para o meu rosto. Tenho certeza que estava óbvio que conversamos sobre sentimentos, sobre o Niall e eu juntos, e eu podia sentir meu rosto se aquecendo.

– Como foi sua reunião? – perguntei, quase sem fôlego. E não era por causa de exercício físico: subi de elevador. Era a proximidade dele, a maneira como me olhava como se estivesse lembrando de cada toque da noite passada. Pela manhã ele fora tão brusco; com a intensidade de seu olhar agora, percebi que ele saiu como se estivesse fugindo da cena de um crime.

Mas será que eu estava certa?

Será que ele simplesmente queria sentir uma familiaridade? Ou será que precisava saber que eu estava bem, que *isto* não era um problema para mim?

– Foi tudo bem – ele disse. – Estamos quase fechando nossa proposta. – Seus olhos mal desviaram da minha boca.

– Isso é bom – concordei.

– Muito.

Mordi meu lábio, segurando um sorriso nervoso antes de dizer:

– Você parece um pouco distraído.

Niall assentiu, levantando o braço e tocando cuidadosamente o meu lábio inferior.

– Nunca vi você usar essa cor.

– Está vermelho demais? – perguntei.

Ele piscou lentamente, sacudindo a cabeça com dois pequenos movimentos.

– Não. Não está vermelho demais.

Era assim que eu deveria descascar do lado de fora? Lembrando-o a toda hora que eu não era igual a Portia, que queria ficar com ele e que ele tinha permissão para querer ficar *comigo*?

Com meu coração martelando, fui até a porta e a tranquei com o máximo de discrição antes de voltar. Abri minha bolsa e peguei um batom. Eu ainda não sabia o que estava fazendo, apenas sabia que ele estava vidrado na cor em minha

boca, e eu não queria redirecionar sua atenção.

Enquanto ele me observava, encantado, tirei a tampa, rolei o bastão e apliquei mais uma camada.

– Você não pode ser real – ele sussurrou.

Meu pulso batia tão violentamente que eu ainda não tinha conseguido recuperar o fôlego. Deixei o batom na mesa atrás dele, depois tirei sua gravata e abri os dois primeiros botões da camisa. Ele ficou completamente parado quando me abaixei e pressionei a boca na pele quente acima de seu coração.

Levantei a cabeça para olhar seu rosto, flagrando sua expressão de espanto.

– De novo – ele sussurrou.

Inclinei-me para a frente, beijando mais embaixo, abrindo outro botão e depois o seguinte. Beije uma costela, depois abaixei ainda mais para beijar no lugar onde o peito se transformava em barriga.

Olhei para as marcas vermelhas que desciam por seu torso, começando a gostar da ideia do Niall andando por aí pelo resto do dia com meus beijos debaixo da camisa. Mas eu não queria terminar a brincadeira ali, e ele também não.

– Posso continuar – eu disse.

Ele quer meu beijo ali. Posso ver em seus olhos.

Meus dedos brincaram com seu cinto, os olhos estudaram sua expressão. Se ele mostrasse qualquer sinal de retração, eu pararia.

Mas, em vez disso, enxerguei alívio, permissão, até mesmo algo próximo de desespero.

O cinto saiu com um pequeno som de metal contra metal. O barulho do zíper preencheu a sala. E então esperei, meus dedos segurando sua calça aberta. A ponta de seu pau pressionava contra o elástico da cueca. O silêncio era interrompido a cada vez que ele exalava com força.

Vi seus olhos virarem rapidamente para a porta e depois voltarem para mim.

Sacudi a cabeça.

– Posso parar se...

Seu “*não*” ficou óbvio quando ofegou bruscamente.

Com um pequeno aceno, beije e lambi a suave trilha de pelos em seu abdômen.

– Meu Deus – ele ofegou.

Deslizei a mão para dentro da cueca e não deixei de notar a maneira como ele engoliu em seco e deixou a cabeça cair para trás. Fiquei maravilhada mais uma vez por seu peso quando puxei toda sua extensão para fora ao mesmo tempo em que me ajoelhava.

– Acho que preciso de mais batom – sussurrei.

Niall se esforçou para levantar a cabeça, olhando para mim e depois piscando de volta à realidade.

– É claro. – Seus dedos procuraram atrás na mesa, derrubando canetas e papéis no chão até encontrar o tubo prateado.

A tampa se abriu com um pequeno estalo e Niall focou os olhos nas próprias mãos, tremendo diante de mim enquanto girava o bastão para revelar o vermelho intenso.

Com uma das mãos segurando meu queixo, ele passou o batom em meu lábio inferior, cuidadosamente deslizando do meio para a esquerda, do meio para a direita, depois repetindo o ritual no lábio de cima.

– Ruby.

Eu sorri, encarando-o de volta quando me abaixei para beijar o meio do seu pau.

O grunhido do Niall foi áspero e suas mãos agarraram a mesa atrás dele.

– *Deus.*

– Está tudo bem?

Ele assentiu.

Fui beijando e descendo, deixando perfeitas marcas da minha boca até a base.

Estudei seu corpo de um jeito que não tive tempo na noite passada, notando a maneira como ele impulsionava para frente, enchendo minhas mãos.

– Você é tão perfeito que eu não sei direito o que fazer com você.

O que eu queria dizer era: *conte como você quer e me use.*

– L-lambe – ele disse com a voz rouca. *Ele entendeu.* – Por favor, querida.

Eu sorri, botando minha língua para fora e passando por seu pau. Niall soltou um gemido grave e quebrado.

– Aqui? – eu perguntei.

– Não. Não, por favor.

Sorri e beijei novamente o meio do pau.

– Onde?

Seus olhos focaram por um segundo quando ele engoliu em seco, depois disse:

– Na cabeça. – Ele me encarou de novo. – Lamba a cabeça.

Eu me sentia quase num estado líquido, meu peito batendo forte com o desejo, a necessidade pulsando selvagem entre minhas pernas. Quando deslizei a língua sobre a larga cabeça, senti o salgado e o doce, a terra e o homem, e senti mais do que ouvi seu gemido aliviado.

Longos dedos correram sobre meu queixo e agarraram meu cabelo quando abri a boca e envolvi toda a ponta, chupando alguns centímetros e depois soltando, deixando o jogo de lado em favor de dar a ele aquilo que eu suspeitava ser sua primeira chupada em anos.

E que desperdício. Ele era grosso, tão longo que chegava a ser intimidador, mas enquanto seu pau parecia quase voraz em seu tamanho e desejo, suas mãos eram gentis com meus cabelos, tremendo enquanto ele docemente me encorajava.

Subindo e descendo, chupando e molhando. Eu não me importava com os sons que fazia ou com o fôlego que perdia quando ia fundo demais, voltando com olhos lacrimejando e uma boca molhada e ofegante. Ele olhava para mim como se eu fosse uma estrela brilhante no meio da sala, e isso me fez querer dar o máximo de prazer que fosse possível dar a um homem.

Minha mão o segurou mais embaixo, a outra agarrou seu quadril, silenciosamente dizendo para ele *fazer o que quisesse*. Eu o incentivei a impulsionar em mim e ele fez isso, primeiro num raso movimento de alívio, depois cada vez mais fundo e fundo, com cuidadosa precisão, auxiliando minha boca a chupar e a soltar, usar a língua e apertar com os lábios.

Fiquei me perguntando se ele gostava dos sons tanto quanto eu, se gostava dos meus gemidos que escapavam quando ele chegava fundo, quando perdia o controle, quando puxava meu cabelo em lampejos de delírio. Tudo soava molhado e gostoso, e os estalos que fazia quando entrava e saía da minha boca nos deixavam malucos.

Niall se permitiu aproveitar – diminuindo a velocidade, acelerando, depois

diminuindo de novo – até que se tornou mais determinado: os joelhos dobraram, os quadris mexiam facilmente. Fiquei olhando seu rosto enquanto ele aumentava cada vez mais a pressão contra minha língua, com uma expressão de quase dor, as mãos agarrando e puxando meu cabelo.

– Oh – ele ofegou. Lembrei de suas palavras, e podia ver em seus olhos que ele também lembrou: *Quero você chupando meu pau, chupando com tanta fome que você implore com os olhos para que eu te deixe engolir.*

Então fiz exatamente isso e implorei.

– Oh, querida, eu... oh. *Oh, Deus.*

Sim

Sim

– Oh. Oh, Deus, aqui eu... oh, eu vou...

Seus olhos se fecharam, o pau inchou imensamente contra minha língua até que ele gozou com um gemido desamparado, quente e fundo dentro da minha boca.

Suas mãos relaxaram antes de caírem em meus ombros. Tirei a boca, engolindo enquanto beijava a ponta, depois me sentei sobre os calcanhares.

Ele abriu os olhos, respirando fundo enquanto olhava para mim.

– Bom. Certo. Isso foi...

Olhei para seu pau ainda duro e fora da calça, depois olhei para as marcas de batom sobre o torso e a expressão de felicidade curvando sua perfeita boca.

– Eu me sinto como uma criminosa deixando um rastro de evidências pra trás – eu disse.

Ele riu, olhando para seu próprio corpo marcado.

– Eu certamente não me sinto como vítima de um crime. – Suas grandes mãos se abaixaram e manobram seu pau de volta para dentro da cueca. – Nem sei o que dizer.

– Ótimo. – Passei um dedo ao lado da minha boca, sorrindo toda orgulhosa para ele.

Niall alcançou meu cotovelo e me ajudou a levantar.

– Seus joelhos...?

– Estão bem.

Em silêncio, nós trabalhamos juntos para abotoar os botões da sua camisa, e depois alisei as mangas enquanto ele dava o nó na gravata. Eu queria que ele me puxasse em seus braços e me beijasse, sentindo o próprio prazer em meus lábios.

– Ruby?

Olhei para seu rosto.

– Hum?

– Obrig...

Toquei seus lábios, meu coração disparando.

– Não faça isso.

– Você não quer que eu agradeça? – ele perguntou, ainda com meus dedos sobre sua boca.

– Não.

Niall ficou sem entender por um momento, até que gentilmente tirou minha mão.

– Mas foi incrível.

– Pra mim também.

Seu olhar ia e vinha ao encontro dos meus.

– De verdade?

– Quando você quer uma pessoa tanto quanto eu quero você, dar prazer é quase melhor do que receber.

Ele ficou em silêncio e seu polegar começou a acariciar meu lábio, que provavelmente já não tinha nenhum resquício de batom.

– Eu estou uma bagunça? – perguntei.

– Hum... – ele murmurou, abaixando e me beijando. –Muito. E eu gosto disso.

Ele voltou e me beijou mais profundamente, abrindo os lábios, chupando e, finalmente, deslizando a língua sobre a minha.

Quando terminou, ele ficou circulando um dedo sobre minha garganta.

– Ainda estou um pouco atordoado com a... – Ele parou e sacudiu a cabeça um pouco antes de pressionar os lábios.

– Intensidade – sugeri.

– Sim. A intensidade. Mas eu nunca sei o que...

Esperei que terminasse, mas Niall simplesmente assentiu em silêncio.

De repente, entendi o que o Max queria dizer sobre descascar no lado de fora. Em primeiro lugar, não tinha nada a ver com seduzir o Niall. Tinha a ver com não deixar que ele voltasse para sua concha imediatamente depois.

– Vou me limpar. – Estiquei-me e beijei seu rosto antes de me dirigir para a porta. Depois de abrir, olhei para o corredor antes de correr para o banheiro.

Lá dentro, encarei meu reflexo: olhei para minha boca inchada, a leve mancha vermelha ao redor, a maquiagem borrada pelas lágrimas enquanto eu chupava.

Eu não precisava que o Niall terminasse aquele pensamento. Eu sabia o que ele diria, mesmo se ele próprio não soubesse: *Ainda estou um pouco atordoado com a intensidade... Mas eu nunca sei o que fazer com você depois.*



Se o Niall passou a tarde distraído igual a mim, escondeu muito bem. Sua atenção não foi desviada da anfitriã enquanto ela descrevia planejamento atrás de planejamento. Ele tomou nota de tudo, e mal olhou em minha direção. Eu ainda podia sentir seu volume em meus lábios, podia ouvir a respiração ofegante quando gozou. Mas não podia acreditar que fizemos isso em nosso escritório. Minha imprudência estava aumentando.

Nunca me arrependeria por querer algo sexual, mas também não queria que esse desejo me transformasse numa irresponsável.

Porém... depois de hoje de manhã, depois da chupada, depois de sua volta para dentro da concha, eu me sentia insegura. E eu *odiava* me sentir insegura.

Debaixo da mesa, deslizei o pé até tocar o pé dele. Com um sobressalto, Niall olhou para mim e pude ver sua expressão quando ele entendeu que *eu precisava saber que ele não estava bravo comigo.*

E da mesma maneira que meus beijos estavam escondidos sobre suas roupas caras, seu calcanhar se entrelaçou com minha perna debaixo da mesa. Um segredo que apenas nós dois compartilhávamos.

Nunca pensei em quantos nervos existem num pé humano, mas pelas duas horas seguintes eu podia senti-los todos. Notei cada movimento de sua perna, cada raspar de tecido. Sentia o calor de seu corpo tão perto, mas não podia *fazer* nada. Era enlouquecedor. Quando ele se levantou para fazer sua parte na

apresentação, meus olhos focaram nos lugares que eu sabia que estavam marcados em vermelho. Mantive meu rosto impassível, mas, por dentro, eu queimava.



Estar de volta à América não significava que minhas responsabilidades na Inglaterra diminuíssem. Quando eu não estava com o Niall, precisava fazer hora extra. Meu trabalho na pós estava terminado, mas se eu quisesse entrar no programa da professora Sheffield no outono, teria que correr atrás. Não podia negligenciar nada a essa altura, e era exatamente por isso que, ao fim do dia, decidi não comparecer a um jantar em grupo, mesmo significando que eu perderia um tempo com o Niall.

Como líder global da equipe, ele não podia perder o jantar. Então, com um pequeno olhar de desculpas em minha direção, disse a todos que chegaria ao restaurante dentro de meia hora.

Andei até o elevador e senti um calafrio quando ele chegou por trás de mim. Passáramos quase o tempo todo juntos nas últimas semanas, mas hoje à noite seria diferente. Eu me senti um pouco petulante por não querer dividi-lo com ninguém.

– Está tudo bem? – ele perguntou discretamente quando algumas pessoas entraram no elevador atrás de nós.

– Sim, tudo bem. – Sorri para ele por cima do ombro. – Só tenho que ser uma adulta nas próximas horas, mas meu lado adolescente birrenta não quer saber disso.

Ele não podia exatamente me beijar ou fazer qualquer coisa minimamente física. Acontece que tudo ainda parecia tão precário. Nossa relação começava a parecer um grande castelo de cartas, e de um jeito que me fazia entender a razão para ele querer ir devagar com o lado físico: ainda não havia um *nós* estabelecido. Nenhum momento onde eu sentia algo do tipo *uau, esse cara é meu namorado*.

Havia também uma pequena parte de mim que

suspeitava que eu havia complicado ainda mais as coisas quando mencionei Paul. Eu estava sendo sincera quando disse que ainda pensava sobre o que aconteceu de vez em quando, mas sempre acabava sentindo um orgulho por ter superado aquilo e não deixado que ditasse o resto da minha vida. Precisava ter

certeza de que ele sabia disso.

– Você vai ficar no hotel trabalhando? – ele perguntou.

Assenti e ele me seguiu para fora do prédio.

– Vou acompanhá-la até lá.

Sorrindo para ele, sussurrei:

– Obrigada.

Alguns táxis passaram por nós, buzinando. O vento frio de março parecia nos envolver com seu toque gelado. Niall passou o braço sobre o meu ombro, nos conduzindo de um jeito um pouco constrangedor pela multidão, abaixando para falar em meu ouvido.

– Antes que eu me esqueça, preciso dizer que me ajuda imensamente se você for honesta. E, só para deixar registrado, não acho que você está sendo birrenta. Eu mesmo estou emburrado por dentro.

E assim, do nada, senti aquele friozinho gostoso no estômago.

Conversamos sobre a reunião e os próximos dias na convenção. Ele segurou minha mão e eu percebi, com certo orgulho, que fiquei acostumada com nossas caminhadas; nós andávamos facilmente no mesmo ritmo. Mas ainda havia a *coisa* entre nós.

– Você quer honestidade? – sussurrei durante a viagem no elevador do hotel, usando a desculpa para chegar mais perto.

– Sim.

Inclinei a cabeça para olhar em seu rosto.

– Você acha que eu avancei demais hoje?

Ele engoliu em seco, entendendo imediatamente.

– Talvez um pouco. Mas não sei se eu queria parar você, ou se conseguiria.

Fechei meus olhos, sentindo-me um pouco enjoada.

– Ou se *deveria* – ele acrescentou rapidamente, movendo meu queixo para voltar a encará-lo. – Ruby, aquilo foi fantástico.

Concordei, forçando um sorriso.

– Você vai passar no meu quarto mais tarde? Quando voltar do jantar?

Niall me olhou nos olhos por um longo momento, depois confirmou assentindo e me deu um doce beijo.

– Você pode entrar sem bater, se quiser – eu disse, entregando meu cartão extra. – Tenho muitas coisas pra fazer, então vou ficar acordada a noite inteira ou... quem sabe talvez eu cochile na mesa no meio de uma poça de baba.

Ele riu, e eu adorei tanto o Niall nesse momento que foi quase como receber um soco no estômago. Com mais um beijo em meus lábios, ele guardou o cartão no bolso. Desci do elevador e acenei, olhando para ele enquanto desaparecia entre as portas que se fechavam.



Acordei com o som da tranca da porta se abrindo e um fecho de luz que desapareceu atrás da porta se fechando novamente. Assim como havia planejado, trabalhei até não conseguir deixar os olhos abertos, arrastando o corpo da mesa apenas o suficiente para tirar a roupa e vestir uma camiseta antes de desabar na cama.

Observei a silhueta do Niall se mover em frente à janela, silenciosamente tirando seu casaco e camisa antes de se sentar perto dos meus pés. Senti o colchão afundar com seu peso e esperei que ele dissesse algo. O silêncio se estendeu junto com os tiques de seu relógio até que ele finalmente falou.

– Você está acordada? – sussurrou na escuridão. A quietude no quarto deu um nó em meu estômago. O que aconteceu depois que eu o deixei no elevador? Será que ele passou a noite pensando e remoendo e tendo dúvidas sobre o que estava acontecendo entre nós? Sentia-me congelada no lugar, minhas palavras presas no peito, e brevemente imaginei o que aconteceria se eu não respondesse. Será que ele deitaria na cama e me envolveria em seus braços? Ou será que se levantaria, vestiria as roupas novamente e voltaria para seu quarto?

Eu estava com medo de descobrir. – Ruby?

– Que horas são? – finalmente perguntei.

– Quase uma.

Eu me sentei, trazendo o joelhos até o peito.

– Você voltou só agora?

– Não – ele disse, e embora eu não pudesse enxergar seu rosto ou a expressão que o acompanhava, percebi quando ele passou a mão no cabelo. – Fiquei sentado no saguão por duas horas.

Meu coração bateu mais forte, e eu não sabia se a escuridão era uma benção

ou uma maldição. Ele ficou lá embaixo por duas horas?

– Por quê?

Niall riu sem muito entusiasmo.

– Fiquei pensando no que fizemos hoje.

– Oh.

– Você não está surpresa?

Tirei o cabelo do meu rosto e me perguntei o quanto deveria ser honesta.

– Acho que ficaria mais surpresa se não tivesse pensado.

– Sou tão previsível assim?

– Eu diria *consistente*. – Mais um silêncio se estendeu até eu não aguentar mais. – Quer conversar sobre isso?

Ele ficou quieto por um momento até se manifestar outra vez.

– Acho que sim. É, pode ser.

Sorri no escuro, percebendo o avanço que isso significava para ele.

– Eu estava pensando sobre o quanto você deve estar confusa. E como eu provavelmente deixei você maluca com todos esses sinais conflitantes sobre nossa relação física. – Ele parou e tomou a minha mão, acariciando minha palma com um dedo.

– Eu disse a você que queria ir mais devagar, mas depois... – Ele se virou, apoiando o joelho no colchão para me encarar de frente. – Depois reagi daquele jeito, passei o batom em você e...

– Eu gostei daquilo – admiti. – Sei que nem sempre podemos saber com antecedência como vamos reagir. Às vezes fazemos coisas no calor do momento e depois questionamos tudo. Desde que sejamos honestos um com o outro, acho que não existe uma maneira certa ou errada para fazer isso ou aquilo.

Ele pensou por um momento antes de oferecer um simples “obrigado”.

– E você não é o único que fica pensando demais nas coisas – eu disse. – Acontece que eu sou um pouco melhor em falar de uma vez o que sinto ou fazer as coisas que quero.

– Saber disso me faz sentir melhor.

Houve um momento de silêncio.

– Já que estamos sendo honestos, posso fazer uma pergunta?

Ele apertou minha mão.

– É claro.

– Parte do seu desejo de ir mais devagar tem a ver com aquilo que eu contei ontem?

Ele ficou em silêncio por mais um momento e eu senti seu corpo se ajeitar no colchão.

– Depois do que ele fez com você – ele disse –, sinto que eu *preciso*...

– É melhor você parar agora mesmo. – Eu estava certa. Não era apenas sua hesitação sobre mergulhar de cabeça; ele não queria *me* apressar também. – Conte sobre o Paul porque confio em você, e porque você pediu. Quero que tenha uma ideia das peças que formam a minha pessoa, assim como eu quero conhecer você. O que aconteceu comigo nunca vai desaparecer, pois faz parte do meu passado, mas não quero que você me trate diferente por causa disso. Não sou delicada e não preciso que você tenha cuidado comigo. Não desse jeito.

Você precisa confiar que eu direi quais são meus limites, assim como preciso que me diga quais são os seus.

Ele se inclinou para frente, esfregando as mãos no rosto.

– Mas aí é que está. Eu me sinto longe da zona de conforto. Poder conversar sobre essas coisas tão cedo na relação é algo muito novo para mim. Meu casamento era um lugar solitário, para nós dois, tenho certeza – ele acrescentou rapidamente. – E tenho muito medo que aquilo não seja apenas uma coisa do Niall e da Portia, tenho medo de que o problema seja apenas *comigo*. Eu sei que não sou de falar muito, e meu medo é que você... que *alguém* possa se cansar de precisar arrancar as coisas de mim a todo instante.

– Niall...

– E se você perceber que eu não sou tudo aquilo que esperava depois que a excitação da conquista passar? Eu... não sei como lidaria com isso.

– Sei que podemos ser muito diferentes nesse ponto –eu disse a ele. – Você sente que não compartilha seus sentimentos e eu sou o oposto disso. – Ele riu, acariciando meu rosto com o nó dos dedos. – E já que estamos sendo honestos... é, *sim*, frustrante quando tenho que tentar decifrar o que você está pensando. Tipo hoje de manhã. Não estou dizendo que preciso saber de todos os pensamentos dentro da cabeça de um homem... mas preciso de alguém que possa conversar comigo. Que possa sair um *pouco* da sua zona de conforto. Isso

é o que eu quero para mim.

O quarto foi preenchido com um silêncio tão pesado que era como uma terceira pessoa pairando sobre nós.

Aqueles momentos onde tenho que decifrar seus pensamentos? Agora era um deles. E então a ficha caiu e eu me perguntei se deveria considerar sua insegurança e esclarecer que quando eu disse *alguém*, eu queria dizer *ele*.

Mas o Niall parecia pronto para dar um salto no escuro. Chegando mais perto, ele puxou meu pescoço até nossas testas se encostarem.

– Vou tentar. Por você, vou tentar.

Doze

Eu realmente nunca conheci uma mulher como a Ruby. Em vez de precisar de passos gigantes para provar meu comprometimento, na semana seguinte ela parecia se importar mais com as pequenas coisas: a pressão da minha palma sobre suas costas enquanto esperávamos na plataforma do metrô, um olhar mais demorado na fila do cachorro-quente, apenas beijar por horas durante o pôr do sol. Mas enquanto nossa relação física recuou alguns passos tranquilizadores, ela nunca pressionou para mais nada, e também não pediu que eu me explicasse mais do que já havia explicado naquela noite no quarto do hotel.

Eu queria *mesmo* tentar. Sabendo isso, ela parecia contente em apenas estar perto de mim.

Ruby também me surpreendia de outras maneiras. Ela era esperta, muito mais esperta do que eu inicialmente pensei, e absorvia detalhes como se fosse um superpoder. Eu sempre tomava nota de tudo e geralmente podia lembrar de qualquer informação rapidamente se fosse preciso, mas durante a semana que se seguiu eu me surpreendi em mais de uma ocasião quando alguém perguntava algo numa reunião e a Ruby respondia imediatamente. Foi realmente impressionante.

Nós caímos numa rotina agradável de trabalho e refeições, e à noite cumpríamos um ritual de conversa na cama entre beijos até adormecermos abraçados um ao outro. Era uma amostra de uma vida de fantasia — creio que nós dois sabíamos disso — onde morávamos num hotel luxuoso, comíamos em qualquer lugar e passávamos o dia de trabalho abertamente como um casal, funcionando muito bem juntos.

Então foi estranho quando percebi, no meio de uma terça-feira, que ainda não tinha visto a Ruby nenhuma vez desde que saiu do meu quarto logo de manhã. Estive numa sequência interminável de discussões e conversas ao telefone para terminarmos a primeira fase da conferência. Daqui em diante até voltarmos para Londres, meus dias seriam muito mais relaxados, já que eu praticamente apenas seria um consultor de plantão. Achei isso bom e ruim ao mesmo tempo. Por um lado, eu queria mais liberdade durante o dia para pensar em tudo que estava acontecendo entre nós. Por outro lado, eu não sabia se precisava de mais tempo pensando sobre essa nova relação, o contraste com minha vida passada, e como

eu lidaria com essa mudança abrupta quando voltasse para Londres.

Finalmente a Ruby me encontrou no saguão, conversando com um dos engenheiros-chefes da cidade, e parecia que ela estava praticamente vibrando de expectativa. Quando me despedi do Kendrick e ele foi embora, ela mostrou a mão que estava escondida em suas costas.

Ela segurava dois ingressos.

— O que é isso? — perguntei, tirando um de suas mãos.

BITTER DUSK

BOWERY BALLROOM, 29 DE MARÇO, 8:30 PM.

Um show hoje à noite?

— O que é isso? — repeti, olhando para seu enorme sorriso. Com certeza ela não esperava que...

Ela se virou para começar a andar na direção do elevador, depois apertou o botão.

— É o show que eu estava falando para você. E por uma *enorme* coincidência, também é nosso programa para hoje à noite.

Estremeci um pouco, já imaginando um lugar lotado de corpos suados, dançando e sacudindo ao meu redor, apertando nós dois enquanto guitarras estridentes atacavam nossos ouvidos.

— Ruby, acho que isso não é muito a minha praia.

— Ah, definitivamente não é a sua praia, e vai ser ruim igual você está pensando — ela disse, batendo com o ingresso na minha testa e rindo. Entramos no elevador e fiquei aliviado quando percebi que subiríamos sem mais ninguém.

— Talvez até pior — ela continuou. — O bar é pequeno para uma banda tão grande e vai estar lotado. Americanos suados e bêbados *em todo lugar*. Mas eu quero que você vá mesmo assim.

— Confesso que você não está me convencendo.

— Vou deixar você bêbado, já que não precisa trabalhar amanhã e — ela se esticou para beijar meu queixo — aposto cem dólares que você vai se divertir muito e vai querer me recompensar com muitos orgasmos depois.

— Eu quero recompensar você com orgasmos *agora*.

— Então considere o show como motivação. — Ela me jogou um olhar que

eu sabia que dizia “isso é exatamente o que conversamos, faça isso comigo”.

Suspirei, fingindo irritação, e saí do elevador atrás dela. Por mais que minha pele queimasse para senti-la deslizando sob os lençóis agora — e por mais estranho que fosse admitir —, gostei de pensar em *sair* um pouco.

— Por acaso eu vou conhecer alguma música?

— É bom que conheça — ela disse, virando para me jogar um olhar divertido sobre o ombro. — E se não conhecer, logo vai. É minha banda favorita.

Quando alcancei seu ritmo, ela me olhou, cantando alguns versos de uma música que eu até conhecia de tanto escutar por aí. A voz da Ruby era fraca e desafinada — horrível, na verdade —, mas ela não se importava nem um pouco. Deus, será que existia uma única coisa nessa garota que eu não achava infinitamente adorável?

— Aposto que você está pensando que eu canto pessimamente — ela disse, cutucando minha costela.

— Sim — eu admiti —, mas eu *conheço* a música.

Então vou conseguir tolerar a atividade dessa noite.

Ruby lançou uma expressão de espanto.

— Que gesto nobre da sua parte.

—

O exterior do Bowery Ballroom me lembrava uma antiga estação de bombeiros: tijolos expostos, grande arco central, dois luminosos em neon verde indicando as entradas de cada lado. Quando saímos do metrô logo na frente do local, Ruby deu um pulinho de excitação ao meu lado e me puxou para a entrada. Lá dentro o espaço se expandia por uma pista bem menor do que eu esperava, posicionada a menos de um metro de um palco estreito cercado por cortinas de veludo. Logo entendi por que a Ruby estava tão animada por causa dos ingressos: num lugar como este, ela ficaria extremamente perto de sua banda favorita.

Subindo as escadas, um balcão envolvia as laterais e os fundos do salão, com vista diretamente para o palco e a pista, e já estava começando a encher com algumas pessoas segurando bebidas. A pista também já estava quase cheia, e o ar úmido criado por mais de uma centena de pessoas disparou minha claustrofobia. Como se pudesse sentir meu pânico iminente, Ruby puxou a manga da minha camisa e me levou para o bar.

— Dois gimlets com muito limão! — ela gritou para o bartender. Com um aceno, ele apanhou dois copos e os encheu com gelo. — E não estou brincando quando digo *muito* limão — ela acrescentou com um sorriso charmoso.

O bartender sorriu de volta para ela, olhando demoradamente para sua boca e depois para seus peitos.

Sem pensar, passei meu braço sobre seu ombro, puxando-a de volta para a minha frente. O movimento a surpreendeu. Percebi isso por causa da maneira como se equilibrou segurando meu braço com as duas mãos e a risada que soltou. Arqueando sobre mim, ela passou as mãos atrás das minhas costas para me puxar para mais perto.

Ela virou a cabeça, apoiando no meu peito, e eu me abaixei para que sua boca ficasse perto do meu ouvido.

— Passei meses louca por você — ela me lembrou com uma pequena mordida em meu queixo. — Ver você com ciúme de mim foi a coisa mais incrível da minha vida.

— Não gosto de dividir nada — alertei discretamente.

— Eu também não.

— E eu não jogo charme por aí.

Ela fez uma pausa quando pareceu entender a profundidade da minha reação. Droga, nem *eu mesmo* entendia minha reação. Nunca fui ciumento com a Portia; mesmo quando ela tentava me provocar, dançando em alguma festa ou bebendo e flertando com os amigos. Mas com a Ruby... foi uma questão de instinto, um desejo de declarar minha posse que me deixou ao mesmo tempo inquieto e excitado.

— Sei que às vezes posso parecer um pouco saidinha demais — ela admitiu, estudando meu rosto —, mas eu nunca trairia ninguém desse jeito.

E por algum motivo, eu sabia disso. Sob a luz fraca do bar e no meio de uma multidão tão barulhenta, nossa conversa pareceu ainda mais íntima.

— Estou me divertindo com você mais do que em qualquer outra ocasião que eu me lembre — eu disse a ela. — Confio em você, embora às vezes eu sinta que sei muito pouco sobre você, e em outras vezes eu me lembro que somos quase apenas conhecidos.

Eu precisava constantemente lembrar que a Ruby tinha só 23 anos, que tinha mais experiência sexual do que eu, e muito mais experiência em flertar —

mas nunca teve um relacionamento de longa duração, nada que mostrasse como entrar em algo que precisa ser tratado inicialmente com fragilidade. Eu queria equilibrar sua tendência de pular de cabeça nas coisas e a minha tendência de esconder a cabeça na areia.

— Não somos “quase apenas conhecidos” — ela disse com certa irritação, beliscando minhas costas. — Só porque essa relação é nova não quer dizer eu não conheço você de maneiras que mais ninguém conhece. E de que outro jeito podemos começar? Não dá para saber tudo logo de cara.

O bartender voltou com nossas bebidas e eu soltei a Ruby e paguei antes que ela pudesse pegar sua carteira na bolsa. Ela me jogou um olhar petulante, depois se virou, subindo na ponta dos pés e me puxando para um beijo que eu esperava que fosse apenas um raspar dos lábios, mas imediatamente se tornou um beijo profundo, com sua língua deslizando em minha boca, deixando claro que ela também queria declarar sua posse sobre mim.

E por um momento, eu me esqueci que estávamos longe da privacidade do hotel ou da segurança de Londres. Com minha mão tocando seu pescoço e suas palmas pressionadas em meu peito, havia apenas ela e eu, como amantes, despencando nessa *coisa* que havia me capturado tão imediatamente.

Afastei o rosto para recuperar o fôlego e diminuir minha pulsação, voltando para a realidade dos corpos nos apertando ao redor no bar lotado, os olhos sobre nós tentando disfarçar seu interesse, o lampejo de um smartphone capturando nossa paixão. O bartender deixou meu troco sobre o balcão com um movimento que dizia que ele também estava nos observando. E a Ruby não estava nem aí. Ela apanhou seu copo, ergueu as sobrancelhas para mim e tomou um longo gole.

— Você beija como se não houvesse amanhã — ela disse.

Com um pequeno sorriso, tirei uma das muitas fatias de limão em meu drinque e a joguei sobre um guardanapo. Gosto de limão em meu drinque igual a todo mundo, mas a minha Ruby parecia gostar mesmo é de um drinque de limão com um pouco de gim.

Minha Ruby.

Engoli em seco, olhando para ela enquanto lambia o limão dos meus dedos. *Minha Ruby.* Ela observou minha língua deslizar sobre meus dedos com olhos arregalados e fascinados.

— Agora — comecei a dizer com um sorriso — você está imaginando até onde eu posso enfiar minha língua em você, ou quantos dedos cabem?

Ela ficou sem fôlego e seus olhos queimaram por um segundo antes de um sorriso confiante tomar o centro do palco.

— Na verdade, estou imaginando se você gostaria de me olhar lambendo seus dedos tanto quanto eu gosto de olhar *você* fazendo isso.

Engoli com dificuldade, encarando seus lábios semiabertos. Estavam brilhando por causa da bebida e seu hábito de lambê-los frequentemente, e imediatamente eu me lembrei de como eles ficaram quando envolveram meu pau na única vez em que ela fez isso: inchados e molhados.

— Eu prefiro olhar você chupando outra coisa — admiti, sentindo um calor descer por meu peito, a adrenalina sendo bombeada até meus dedos, e então acrescentei: — Outra vez.

Enquanto ela me encarava, ouvi a voz de uma mulher murmurando logo atrás dela:

— É verdade. Aposto que eles transam todo dia.

Os olhos da Ruby se arregalaram, um sorriso se espalhou em seu rosto quando inclinou um pouco a cabeça para ouvir.

— Aposto que ela *vive* com o pau dele dentro dela.

Suas sobrancelhas se ergueram e eu desviei os olhos só por um instante para não explodir em risada. Ruby ainda estava sorrindo quando voltei a olhar.

— Elas estão falando sobre a gente? — ela sussurrou.

Eu confirmei. Estavam definitivamente falando sobre nós.

Ruby olhou para seu próprio corpo e depois para mim, sussurrando:

— Hum... não. Não está dentro de mim agora.

Deslizei a mão dela sobre minha barriga até chegar ao volume do meu pau.

— Não, especificamente agora, não.

Mas Deus, não havia nada que eu quisesse mais nesse mundo.

A banda de abertura subiu ao palco e uma parte da multidão imediatamente começou a migrar para a pista. Ruby agarrou minha mão, bebendo metade do drinque em alguns goles e gesticulando para eu fazer o mesmo. Enquanto ela me olhava, virei todo meu drinque num gole só, deixei o copo no balcão e ergui uma sobrancelha para ela. Sacudindo a cabeça levemente, ela inclinou seu copo sobre os lábios e bebeu o resto, estremecendo e batendo com o copo no balcão.

Quando puxou minha mão, eu não deixei que ela saísse do lugar, pois estava

gostando demais daquele momento para terminar tão rápido.

— Minha condição para o resto da noite é você ficar conversando aqui comigo enquanto a banda de abertura toca.

Ela inclinou a cabeça, sorrindo misteriosamente para mim.

— É engraçado quando você diz que não joga charme por aí — ela disse, passando as costas da mão sobre sua boca.

Sinalizando para o bartender nos trazer mais dois drinks, eu perguntei a ela:

— O que você quer dizer?

— “Você está imaginando até onde eu posso enfiar minha língua em você?” — ela repetiu minha frase forçando um sotaque britânico —, “ou quantos dedos cabem?”. — Encostando o queixo em meu peito e olhando para mim, ela disse: — Isso, *meu querido*, é provavelmente a coisa mais charmosa e safada que alguém já me falou.

Fiquei olhando em seus olhos quando deslizei mais uma nota de vinte sobre o balcão para pagar as bebidas.

— Ah, minha linda, você não pode me culpar por fazer uma simples pergunta — eu disse.

Ela riu afastando o rosto e batendo em meu peito de um jeito brincalhão.

— Não se faça de inocente comigo. Já conheço você muito bem. Um homem calmo e estoico em público, mas dentro de quatro paredes, insaciável.

Fiquei parado, olhando para a Ruby. Era assim que ela me enxergava? Pensei sobre a semana passada junto com ela nessa nova e fácil relação e tive que admitir que meu comportamento estava tão longe do normal que eu próprio não me reconhecia. Mas ao mesmo tempo, desempenhar esse papel ao lado dela parecia algo muito natural.

— Sabe quando você permite a si mesmo aproveitar? — ela disse, com a voz mais discreta agora enquanto as pessoas se apressavam para assistir a banda tocar. — É quase demais para eu aguentar. Eu não sabia que homens como você existiam. — Entrelaçando nossos dedos, ela completou: — Conte o que está pensando nesse instante.

Desviei os olhos, lutando contra meu reflexo de fugir desse tipo de pergunta e dizendo a mim mesmo o quanto era importante para ela que fôssemos abertos um com o outro.

— Estou contente por você ter insistido que eu viesse.

Ela ficou em silêncio, claramente esperando por mais.

— Bom, você quer honestidade, não é?

Confirmando, ela disse:

— É claro.

— A semana passada, desde que concordamos em levar as coisas mais devagar, foi ótima. No começo, uma parte de mim se preocupava que você achasse que nossa relação seria puramente sexual.

— Eu quero muitas coisas sexuais de você — ela admitiu —, mas quero isso porque quero *você*. Não porque o sexo seja a coisa mais importante ou que eu esteja tentando superar algo. — Ela desviou o rosto e olhou para a multidão e o palco.

Demorou um minuto para eu perceber que havia irritado sua paciência, que aquilo que disse havia magoado seus sentimentos.

— Eu não duvido que você possui sentimentos genuínos por mim — eu disse. — Espero que sinta o mesmo afeto de mim em relação a você.

Ela riu, se esticando para beijar meu queixo.

— Você é tão adoravelmente formal que eu mal consigo aguentar.

Tomamos nossa segunda rodada um pouco mais devagar desta vez, e quando pedi a terceira, eu já podia sentir a onda quente do álcool atravessando meu corpo. O rosto da Ruby estava vermelho, sua risada saindo fácil dos lábios enquanto eu contava histórias da minha infância em Leeds: Max correndo para casa aos quinze anos sem as calças depois de ser flagrado comendo a filha do executivo-chefe do Conselho da Cidade no meio do Pudsey Park; o casamento da minha irmã mais velha Lizzy, quando sua dama de honra derramou uma taça inteira de vinho vermelho sobre seu vestido de casamento e o Tio Philip ficou tão bravo que caiu sobre o bolo dos noivos; o famoso mau humor da minha outra irmã, Karen, e sua reputação no colegial como a melhor (não oficialmente) boxeadora de Leeds.

Quando a banda de abertura — um grupo absurdo de homens estridentes chamados Sheriff Goodnature — terminou o show, as pessoas começaram a voltar para o bar, pedindo mais bebidas antes da atração principal. Ruby deixou seu drinque pela metade sobre o balcão e pediu licença para usar o banheiro. Segui-a até um dos muitos corredores estreitos do lugar, e a encontrei de novo no

saguão quando ela voltou, notando seu grande sorriso quando me abaixei para beijá-la.

— Não conseguiu me esperar voltar? — ela perguntou com o rosto corado.

— Certo, eu admito — murmurei em sua boca. — Você é absolutamente linda.

Com um gritinho de excitação, ela me puxou de volta para o salão principal até o meio da multidão suada e pulsante que esperava ansiosa pelo Bitter Dusk. Os membros da banda surgiram e começaram a plugar os instrumentos, testar os microfones, entrando e saindo dos bastidores. Eu podia sentir a Ruby vibrando ao meu lado e fiquei olhando enquanto ela absorvia cada movimento que eles faziam. Tinha muito barulho para eu poder falar com ela, mas embora o salão lotado não fosse minha praia e eu tinha certeza de que reclamaria do barulho depois, ver a Ruby feliz assim apagou qualquer desconfiança que eu tivesse. Eu poderia passar a noite inteira olhando para ela e amaria cada segundo.

Um silêncio caiu sobre a plateia e o vocalista se aproximou do microfone. Ele não disse nada, apenas olhou para seus companheiros e assentiu. O baterista contou um, dois, três.

Era bateria, baixo e guitarra juntos de um jeito que apenas poderia ser descrito como pura beleza. Num instante, essa combinação pulsou por minhas veias e deixou minha pele arrepiada. A música era incrível: cheia e rica, com uma guitarra com raízes no blues, uma bateria precisa e vocais que me surpreenderam. Eu sabia que no fim da noite meus ouvidos ficariam tinindo e a Ruby precisaria gritar dentro do meu cérebro para ser ouvida, mas era um tipo de mágica que eu nunca havia imaginado: senti a música como uma presença física sobre toda a minha pele e por dentro do corpo.

Ruby não havia me avisado sobre o que esperar, e talvez ela pensasse que eu já tinha feito isso antes — mas a verdade era que eu nunca fiz. Já assisti sinfonias, balé e musicais intermináveis com a Portia na cena teatral de Londres, mas nunca experimentei nada visceral como isso.

A voz do vocalista às vezes era rouca e crua, em outras era doce e suave. As letras excitaram minha imaginação de um jeito que eu nunca sonhei, fizeram coisas crescerem em meu peito, como arrependimento e culpa, expectativa e alívio. Senti-me estranhamente nostálgico pelos meus anos perdidos e extremamente esperançoso sobre o que a vida poderia ser, começando neste exato ponto no tempo. Era quase demais, intenso demais com as luzes

explodindo pela plateia e a Ruby erguendo os braços sobre a cabeça e cantando cada palavra das canções.

Na minha frente, ela dançava balançando os quadris e ombros e me deixando louco por ela, querendo agarrá-la e puxar seu traseiro diretamente sobre meu pau. Meus dedos agarraram seus quadris, meus olhos se fecharam e fiquei ouvindo o som penetrando cada centímetro do espaço no salão, sentindo cada movimento sedutor da Ruby contra mim. Suas mãos procuraram e agarraram meu cabelo, puxando meu rosto para o lado de seu pescoço.

Eu chupei e mordi, gemendo para ela, e então — quando comecei a ficar duro, minha mente esquecendo a música e focando somente na linda criatura na minha frente — tive que decidir se a puxaria para uma das muitas pequenas alcovas ao redor ou se ficaria com ela aqui aproveitando o show. Eu me ajeitei e decidi simplesmente deixar o momento me carregar.

A banda encaixava música atrás de música praticamente sem pausa, parando apenas para cumprimentar a plateia e tomar um gole de cerveja. Era diferente de tudo que já vi ou ouvi, e senti como se pudesse ver um lampejo do coração da Ruby: seu amor por energia e aventura, espontaneamente conseguindo ingressos para ver sua banda favorita numa cidade desconhecida. Admirei a confiança que tinha em seus próprios instintos ao me trazer aqui.

Ela sabia que minha reação à música, luzes, e o ritmo pulsante de centenas de pessoas pulando ao meu redor seria profunda.

Com meus quase dois metros de altura, eu me acostumei a me curvar para ouvir as pessoas falarem, e a me abaixar para passar em portas, e a ficar fora de círculos para as pessoas não sentirem que eu estava excluindo alguém. Mas na viagem de metrô de volta para casa, enquanto estávamos de pé balançando junto com o movimento do trem, eu podia sentir que a Ruby queria que eu me esticasse em toda minha altura, segurando a barra no alto para que ela pudesse se apoiar em mim, praticamente escalando meu corpo em sua excitação pós-show.

Sua barriga raspou sobre meu pau de novo, e de novo, enquanto suas mãos deslizaram para dentro do meu casaco e debaixo da camisa para que pudesse pressionar as palmas frias sobre meu estômago. Os dedos provocaram sobre os cabelos em meu umbigo e a fivela do cinto. Senti ela deslizar o dedo indicador para dentro da minha calça.

E, meu Deus, ela sabia exatamente o que estava fazendo. Eu podia ver no

brilho safado em seus olhos. Seu sorriso era malicioso, deslizando para o lado, empurrando os lábios para cima enquanto eu a ouvia falar sobre o show, a plateia, as músicas. Minha mente se perdia a cada vez que ela raspava as unhas sobre meu estômago, a cada vez que apertava seu corpo macio em meus quadris. Aguentei aquela tortura em silêncio, sem nunca tirar os olhos de seu rosto, absorvendo o tesouro oferecido em cada palavra cheia de alegria. Com cada sacudida do metrô, cada curva do trem, eu mentalmente calculava quanto tempo até eu poder devorá-la na cama.

Emergimos da estação e ela fez uma pausa para respirar fundo. Uma pausa longa o bastante para eu pressioná-la contra a parede de um prédio perto do nosso hotel e respirar o aroma de mel e rosas de sua pele.

— O que você está fazendo comigo? — sussurrei.

— Hum... — Ela se espreguiçou como uma gata em meus braços.

— Onde está a disciplina do meu cérebro? Onde está o juízo que me diz para ser cuidadoso com você?

— Você *não* precisa.

— Você está bagunçando todos os meus pensamentos. Estávamos indo tão bem nas últimas semanas.

Suas mãos subiram até meu pescoço e me puxaram para um beijo tão íntimo que senti algo latejar em meu peito. A maciez de sua boca me destruiu, o jeito como oferecia os lábios e língua era tão sincero junto com os gemidos discretos quando me sentia lambe seu lábio, chupando entre dentes.

— Ainda estamos nos saindo bem. Não vou fazer amor com você até *ser* amor para você — ela disse.

Não, não disse... ela me *reassegurou*. Ruby estava me dizendo que sabia que havia roubado minha mente, possivelmente meu coração, e trataria as duas coisas com cuidado.

Por algum motivo essa promessa que não faríamos amor até eu ter certeza apenas aumentou meu delírio. Comecei a puxar ela pela rua.

Dois segundos dentro do quarto e eu arranquei seu casaco, joguei o meu no chão e a pressionei de costas contra a porta. Seu tênis foi jogado em algum lugar perto da cama; a calça jeans foi arrancada pelas pernas e jogada de lado.

Nunca senti uma fome assim; minha pele me apertava e praticamente vibrava. Ruby me encarava, banhada apenas pela luz que vinha da rua pela janela, os

olhos arregalados com excitação. Sua expectativa e a rigidez do meu pau pressionavam igualmente em meus pensamentos. Em algum lugar lá no fundo da minha mente eu sabia que precisava me segurar, mas no momento, com o coração martelando tão forte que eu podia ouvi-lo, eu não conseguiria me conter mais, nem que minha vida dependesse disso.

— O que você está... — ela começou a dizer quando eu abaixei minha própria calça até os joelhos e caí pesadamente sobre ela, com minha cueca e sua calcinha sendo as únicas barreiras me impedindo de tomá-la pela primeira vez, ali mesmo, no chão.

Entre suas pernas, meu pau pressionava sua entrada através do tecido fino, e pude sentir o quanto ela estava molhada debaixo da renda. Gemendo, impulsionei o quadril contra ela várias vezes, com pressa e desespero, puxando sua camisa e sutiã para cima dos seios para poder agarrá-los.

Eu podia imaginar como seria — *como será* — com suas pernas envolvendo minha cintura e seus quadris gulosos puxando e raspando, para cima e para baixo, acompanhando cada uma das minhas investidas famintas. As mãos da Ruby agarraram minhas costas, implorando para ir mais rápido e mais forte.

Segurei meu peso sobre ela, apoiei sobre meus cotovelos e a beijei loucamente; meus dentes deslizavam sobre sua pele, a boca chupava sua língua, os lábios, o pescoço. Ela não se importava com meu desespero — isso parecia excitá-la ainda mais — e seus gemidos e lábios e mãos me faziam sentir *selvagem*.

Eu já estava tão perto de gozar — *perto demais* —, mas dane-se, eu poderia ir mais devagar depois. Eu precisava de alívio da loucura que se instalou em mim por ficar tão perto dela, saboreando, sentindo-a debaixo de mim. A necessidade de alívio se acumulou em minhas costas, disparando eletricidade até que, jogando com força meus quadris para frente, eu gozei, gritando no meio do quarto escuro.

Ruby ofegou, agarrando meu cabelo quando eu imediatamente me afastei, arrancando a calcinha de suas pernas e me abaixando para pressionar minha boca naquela doçura molhada, enterrando minha língua entre suas pernas.

Ah, o alívio disso, de tomá-la, saboreá-la dessa maneira.

Seu grito saiu sufocado, seus quadris subiram do chão e, em algum lugar no fundo da minha mente, eu sabia que precisava ser gentil e carinhoso, mas enquanto eu abria seu sexo com os dedos, chupava e fodia com minha língua, ela

se tornava cada vez mais agitada.

— Niall... — Meu nome se desintegrou em seu grito desesperado. Ela puxou meus cabelos, tirando minha boca dela. — Me leve para a cama — ela disse quase sem ar. — Quero olhar você me chupando.

Eu me levantei, chutando minha calça e tirando minha camisa antes de erguê-la, carregando-a até o colchão e ajudando a tirar o emaranhado de sua camisa. Meu corpo havia esfriado o bastante para eu poder simplesmente olhar para ela, beijando seu pescoço até ela me puxar para seu rosto.

— Adoro isso — ela sussurrou entre beijos, repetindo minhas palavras de nossa primeira noite íntima em seu quarto do hotel. — Adoro sentir meu sabor em sua língua.

Senti seus arrepios em minhas mãos e fechei os olhos, apenas curtindo os doces beijos que ela me dava, a maneira como tomou minha mão e a levou para o meio de suas pernas.

Afastando meus lábios, eu descí para seu pescoço, o peito, dando atenção aos seios e barriga, antes de me acomodar entre suas coxas, beijando o quadril.

Ela correu os dedos em meus cabelos, estudando meu rosto enquanto eu olhava seu corpo nu de cima a baixo. — Você ficou tão quieto de repente — ela sussurrou.

Eu abri seu sexo com os dedos e adorei a sensação em meu polegar, molhado por ela, esfregando para cima e para baixo em seu clitóris.

— Estou me concentrando.

E por que eu falaria em meio aos deliciosos gemidos roucos e respiração ofegante?

Desenhei vários círculos com o polegar e seu quadril se ergueu do colchão.

— Eu... — sua voz sumiu junto com o ar dos pulmões.

— *Shh...* — Eu me abaixei, pressionando minha boca sobre meu polegar, lambendo e acariciando com o mesmo ritmo. Por muito tempo em minha vida eu não fantasiei sobre sexo oral — dando ou recebendo —, já que nunca foi algo que a Portia quisesse fazer depois de nossos primeiros anos juntos. Ela só queria papai-e-mamãe, uma música ao fundo para que nossos sons não fossem tão óbvios, olhos fechados, luzes apagadas.

Mas eu adorava o sabor de uma mulher, adorava como esse ato era ao mesmo tempo carinhoso e safado. Beijar uma mulher aqui sempre me pareceu o auge da

sensualidade febril: um homem querendo saborear a fonte de seu prazer. E aqui, na cama, a Ruby se apoiou nos cotovelos para me assistir de olhos arregalados, os cílios tão grossos e sombrios e parecendo puxar as pálpebras com o peso.

Enquanto eu circulava o polegar e língua, seu peito subia e descia com a respiração forçada, sua boca levemente aberta, a língua deslizando para dentro e fora do lábio inferior.

— Você gosta de fazer isso comigo? — ela perguntou, com a voz quase inaudível.

— Acho que “gostar” não faz jus àquilo que eu sinto — eu disse, beijando-a e provocando. — Acho que nada no mundo me daria mais prazer agora.

Sua respiração diminuiu, os quadris subiram e congelaram quando tirei a boca. *Tão perto.*

— *Niall.* Por favor.

— Por favor, o quê, minha querida? — Mordisquei a coxa e a delicada pele ao lado da minha mão, diminuindo os movimentos do polegar.

— Ponha a boca de volta... *ali.*

Lutei contra um sorriso.

— Ali onde, exatamente?

Seus olhos encontraram os meus, suavizando.

— Você sabe onde.

— Bem aqui? — sussurrei.

Ela se contorceu.

— Eu preciso.

— Você ainda apenas *quer* — eu disse, adorando voltar para nosso joguinho agora que eu podia tocá-la de verdade e cumprir minha promessa de fazê-la gozar em meu beijo.

Vi seu lábio tremer antes de mordê-lo, exibindo um olhar de súplica para mim.

Foi fácil trazê-la até aqui, até este ponto. Nada era capaz de mostrar com tanta nitidez o quanto ela fantasiou sobre este momento do que a maneira como seu corpo se derramou tão facilmente sob meu toque.

— Diga pra mim — sussurrei, abaixando e respirando sobre seu clitóris.

Ela fechou os olhos com força e agarrou meu pulso, com urgência e desespero. Ela estava tão molhada; Ruby tremia em minha mão, o corpo todo tenso, a respiração presa na garganta.

Eu estava delirando com seu prazer, perdido na visão de sua boca aberta, a pulsação martelando na garganta, o sabor de seu sexo ainda em meus lábios.

— Diga pra mim, minha linda.

Deslizei a língua sobre ela, de novo e de novo.

Suas coxas tremiam ao lado da minha cabeça.

— Estou muito perto.

— Não, quero que você *fale* — repeti em sua pele, tirando a boca novamente.

Ela precisou forçar os olhos a abrirem, e eles me olharam, confusos.

— Por favor, eu...

— Tenho vários dedos para brincar — eu disse, com um pequeno sorriso. — Seria um desperdício se não fizessem nada. Diga pra mim... você quer que eu faça algo com eles?

Ela gemeu quando eu comecei a lambar desesperado, fazendo seu corpo todo tremer, e eu podia sentir como minha pergunta a deixou à beira do precipício.

Eu simplesmente quis que ela soubesse o que estava por vir, e sem hesitar, pressionei os dedos juntos para dentro dela, fundo, forte, enquanto a chupava para dentro da minha boca. Quase perdi a cabeça quando ela gritou, arqueando as costas e gozando violentamente, fechando as pernas sobre meus ombros, as coxas tremendo ao meu redor.

—

Carreguei Ruby até o banheiro, com suas pernas ao redor da minha cintura e os lábios em meu pescoço, beijando, confessando discretamente que nunca sentiu nada igual.

E eu também não.

Ruby tremia em meus braços, fraca e em êxtase, e eu cuidadosamente baixei seu corpo no chuveiro, protegendo-a do jato d'água enquanto ensaboava cada centímetro de sua pele. Ela pousou as mãos sobre minha cintura, observando meus movimentos em silêncio, com olhos cheios de uma emoção que, de repente, fiquei aterrorizado que ela expressasse em voz alta. Os olhos da Ruby não escondiam nada: eu sabia, sem dúvida nenhuma, que ela estava apaixonada

por mim, e não era apenas o prazer da minha boca agora, ou a ideia de minha personalidade reservada se abrindo sob seu charme, mas apaixonada de verdade. Por mim.

E se fosse simples assim, eu faria amor com ela agora mesmo, pois sabia que meus sentimentos rapidamente passaram de uma atração inicial para uma emoção muito mais profunda. Amor, talvez. Mas depois de passar tanto tempo com a Portia sob a desculpa daquilo que eu sinceramente achava ser amor, como eu poderia confiar em minha própria definição? Sim, eu me dedicava a ela. Era extremamente leal. Mas amor? Eu já não tinha tanta certeza.

Uma lembrança me atingiu de repente, da noite do meu casamento, enquanto dançávamos na frente dos convidados e eu me senti estranhamente efervescente e esperançoso.

— Sabe por que acho tão atraente você vestindo branco? Porque é como um segredo — eu disse naquele dia antes de beijar seu pescoço. — *Nosso* segredo.

— Como assim? — ela perguntou. Se eu fosse um homem mais esperto, poderia ter percebido a tensão em sua voz e a expressão que passei a conhecer tão bem e que me dizia para ter muito cuidado.

Mas eu não era um homem esperto.

— Eu já fiquei com você, meu amor — eu disse. — Vou ficar de novo e de novo hoje à noite.

Portia congelou em meus braços, deixando seu corpo ser levado por meus movimentos pelo salão. A música terminou e os convidados aplaudiram.

Olhei para seu rosto, frio e endurecido sob o calor das luzes penduradas na tenda.

— O que foi?

Ela forçou um sorriso, se esticou para beijar meu rosto e disse:

— Você acabou de me chamar de vadia em nosso casamento.

O começo. Embora não tenha sido assim sempre, mas

a maior parte foi. Pedi a Portia em casamento com uma aliança que comprei numa confeitaria e ela riu tanto que até chorou, depois me beijou na frente das pessoas que passavam pela Piccadilly Circus.

Nosso noivado era uma lembrança que se perdia frequentemente no meio de todas as memórias entediantes e sem emoção que se seguiram. Eu me forçava a

lembrar os bons tempos sempre que precisava falar com a Portia ultimamente e me apegava a essas lembranças com uma estranha dedicação para um homem que não tinha desejo algum de se reconciliar com a ex-mulher. Eu as revivia porque precisava lembrar que existiu um tempo quando casar com ela não era apenas uma clara expectativa, mas uma ideia adorável.

Eu estava chocado pelas coisas que sentia pela Ruby — desejo infinito, admiração, respeito e uma vontade de me abrir completamente —, coisas que nunca senti antes, mesmo com a mulher com quem me casei.

Uma culpa apertava meu peito — culpa por achar que desperdicei meu tempo, que eu poderia dar mais à Portia do que dei. Culpa por estar pensando tudo isso enquanto banhava o corpo da mulher por quem eu estava me apaixonando.

Ruby me fazia sentir exultante, mas eu estava aterrorizado. Com medo da velocidade do que estava acontecendo, com medo que realmente não fosse algo passageiro.

Acaricieei seus seios, quadril, costas e cada uma das pernas até chegar aos pés. Meu corpo vibrou por ela novamente, insaciável, e mais do que qualquer coisa, eu estava aterrorizado pela ideia de já estar viciado na maneira como ela me olhava, viciado em seu afeto e devoção de um jeito que nunca senti com a Portia. E que sabia que nunca sentiria, não importa quantos anos fôssemos sofrendo juntos.

Levantei-me, virando a Ruby sob a água para enxaguá-la, incapaz de tirar as mãos daquelas curvas e — quando ela terminou — guiei sua mão para onde eu estava rígido entre nós, praticamente implorando, sem palavras, por sua boca sobre a minha.

Ela se esticou para me beijar, puxando-me até nossas bocas se encontrarem debaixo d'água, sua outra mão se movendo sensualmente sobre minha ereção.

Com seus olhos fechados com força e pequenos gemidos escapando de sua garganta, seus lábios tremeram quando ela me beijou. Eu não seria capaz de distinguir lágrimas da água que corria em seu rosto, mas eu soube que a amava quando registrei o quanto eu adorava vê-la tão entregue a mim. E um segundo pensamento me ocorreu, com uma única pontada afiada em meu coração, quando percebi que se o afeto da Ruby algum dia se esfriasse, isso me destruiria.

Treze

O fato de eu estar apaixonada pelo Niall Stella era segredo apenas em teoria. Ele sabia, ele sabia. O fato de que ainda faltava pronunciar as palavras era apenas uma formalidade. Eu enxerguei em seu rosto quando a ficha caiu – uma expressão adorável, apesar de um pouco amedrontada – se comportando como se eu fosse uma taça de cristal que podia ser estilhaçada em vários pedaços e ele precisasse consertar tudo depois.

Essa sensação pairou no espaço ao nosso redor e foi difícil não sentir um início de irritação. Minha adoração selvagem, sua constante desconfiança; eu não sabia o que era pior. Minha confissão silenciosa estava escrita em meu peito com letras enormes, mas mesmo assim ele não disse nada.

Então, eu também não.

Niall nos envolveu em toalhas e caímos quase imediatamente na cama. Na cama dele? Na minha? Eu já nem sabia mais. E importava? Meu orgasmo me deixou muito relaxada, mas eu estava completamente sem sono. – Se você pudesse estar em qualquer lugar agora, onde seria?

Já fazia um tempo que estávamos quietos, com as luzes apagadas e apenas o som da rua lá fora ou um ocasional barulho no corredor para invadir nossos pensamentos. Ele se posicionou como de costume – esticado sobre a barriga, agarrando um travesseiro – e olhou para mim no escuro. Eu adorava o fato de que sabia como ele dorme. Era algo tão íntimo, saber como uma pessoa se arranja para cair no sono, e uma parte de mim se deliciava por eu ser uma das poucas pessoas que conhecia esse pequeno segredo dele.

– E não pode dizer “aqui mesmo” – acrescentei, passando um dedo sobre seu braço. Sua pele ainda estava macia e aquecida pelo banho. Apertei um pouco, massageando o músculo, e ele suspirou de prazer. – Qualquer outro lugar.

A lua estava alta no céu, e uma luz cortava a cama, passando sobre seu corpo. Observei suas sobrancelhas se juntarem enquanto ele pensava na resposta.

Eu nem sabia por que fiz essa pergunta. Talvez estivesse me sentindo vulnerável depois do banho, e aquela pequena semente de dúvida estava me deixando com saudades de casa. Talvez fosse a parede que eu sentia que fora derrubada hoje, vendo o Niall se entregando para a música e a multidão ao redor.

Ou talvez fosse apenas meu jeito de tentar entrar naquela cabeça complicada dele. Sei lá.

– Hum, qualquer lugar?

Eu confirmei. Os lençóis mantinham minha pele fresca, mas eu podia sentir o calor de seu corpo ao meu lado.

– Por que não posso dizer “aqui mesmo”? – ele perguntou, esticando o braço para acariciar a ponta do meu nariz.

Dei de ombros e ele mexeu a perna, enganchando sobre a minha para me trazer ainda mais perto. Foi um pequeno gesto que me deixou sorrindo no travesseiro.

– Quando éramos pequenos, nosso pai tinha um amigo que trabalhava no Elland Road, o estádio de futebol em West Yorkshire. O Max já tinha idade para dirigir e às vezes ele me levava junto... eu, o irmãozinho irritante. Ele nos levava até lá e ficávamos batendo uma bola. O Leeds United joga no Elland Road – ele disse, todo reverente –, o time que eu assisti minha vida inteira pela televisão em casa. Também torci por eles na arquibancada, mas lá estava eu, no meio da mesma grama usada pelos homens que eu adorava. Eu gostaria de voltar lá um dia com meu irmão. Ver se eu ainda sentiria tanta emoção.

– Eu gostaria de ver isso também – eu disse, sorrindo ainda mais. – Você e o Max, adolescentes correndo pelo campo. Os dois sem camisa, não é?

Niall cerrou os olhos para mim com uma intensidade que me fez explodir em risada.

– E você, onde estaria, Srta. Ruby?

– Sinto falta de San Diego.

– Você não gosta de Londres?

– Eu *amo* Londres, morar lá foi a realização de um sonho, mas é um lugar caro, chove muito e eu sinto saudade de todo mundo.

– Todo mundo?

– Minhas colegas de quarto, Lola e London. E principalmente meu irmão.

– Deve ser difícil ficar longe deles.

– O fuso horário é uma porcaria – eu disse, gemendo. – Tipo, a gente só tem quatro horas onde todo mundo fica acordado no mesmo dia, e isso é logo de manhã ou tarde da noite.

Niall assentiu, continuando a correr os dedos sobre minha franja. Comecei a sentir meus olhos pesados.

– Mas você vai ficar em Londres, não é? – ele perguntou, e eu pensei ter ouvido uma certa ansiedade em sua voz.

– Pelo menos até terminar a pós.

– Então, mais alguns anos.

As palavras queimaram na ponta da minha língua.

– Espero que sim – acabei dizendo.

– Então, conte sobre San Diego. Como foi crescer por lá?

– Você já esteve na Califórnia? – perguntei.

– Já estive em Los Angeles – ele disse. – Muito sol e muitas palmeiras. E muita gente loira.

– Los Angeles não é San Diego – eu disse, sacudindo a cabeça, mas sentindo meu peito aquecer só de pensar em casa. – Los Angeles é só cimento, carros e pessoas. Em San Diego você encontra palmeiras, céu azul e mar em todo lugar. Quando eu era pequena, Crain e eu visitávamos a casa de um amigo que ficava perto da praia. Carregávamos as cestas em nossas bicicletas e passávamos o dia todo por lá.

– E vocês faziam o quê? – ele perguntou.

– *Nada* – eu disse com um suspiro. – Apenas deitávamos na areia o dia todo, jogávamos vôlei ou ficávamos lendo ou conversando, ouvindo música. Quando ficava calor demais, pulávamos na água, às vezes emprestavamos a prancha de alguém, quando dava fome comíamos um lanche. Minha mãe nos via pela manhã e só nos encontrava de novo depois do sol se pôr.

– Parece ótimo. Fico só imaginando a imagem da Ruby adolescente – ele disse, enrolando o dedo numa mecha de cabelo e puxando. – O cabelo queimado pelo sol e o nariz cheio de sardas. Pele morena e biquíni apertado. – Ele pensou um pouco sobre isso antes de limpar a garganta e acrescentar: – Vamos imaginar o Niall adolescente nesse cenário também.

Eu ri, puxando o lençol sobre meu corpo.

– Carlsbad foi um lugar incrível para crescer, sabe? Antes de sair dos Estados Unidos eu estava dividindo um ótimo apartamento com duas das minhas melhores amigas. A sala de estar tinha vista para o mar – eu disse, sentindo tanta

falta delas naquele momento que era como uma dor física. – Entre nossos trabalhos, parecia que nunca nos encontrávamos, mas quando finalmente conseguíamos ficar todas juntas, preparávamos cappuccinos para ficarmos acordadas a noite inteira conversando, às vezes até assistindo o sol nascer sobre a marina. Acho que foi por isso que foi tão fácil ir embora... Estávamos sempre tão ocupadas que nunca nos encontrávamos.

– Talvez. Ou talvez você soubesse que algo maior estava à espera. À espera de você.

Olhei para ele por um longo tempo depois que disse isso, imaginando se ele se referia à minha pós, ao trabalho ou algo mais.

– Você deveria visitar algum dia. Deitar na areia, visitara Disney, andar na Space Mountain.

Niall franziu o nariz desaprovando minha ideia, mas eu o beijei mesmo assim.

– Disney?

– Você também achou que não ia gostar do show, lembra? Às vezes é divertido fazer alguma coisa boba.

Ele ficou em silêncio por um tempo antes de assentir uma vez e inclinar o queixo na minha direção para outro beijo.

– E o que achou de Nova York? Você gostou?

– É grande e barulhenta, mas... é excitante. Nunca vou esquecer – eu disse, com os olhos ainda sobre o edredom.

– Talvez você volte algum dia.

Encolhi levemente um ombro.

– Talvez. Mas pode não ser a mesma coisa sem a companhia.

– Quem compraria cachorro-quente pra você e faria graça com a sua mostarda?

– Quem me iria encoxar no metrô?

– Exatamente. Então, primeiro a pós, depois o quê? Voltar para San Diego?

Estávamos sendo tão honestos hoje e eu não queria parar agora.

– Não sei – eu disse. – Depende de um monte de coisas.

– Tipo?

Estudo, encontrar trabalho, encontrar um apartamento. Você. Eu.

– Estudo – eu disse. – Um emprego que pague o suficiente para morar lá.
– Tenho certeza que nenhuma dessas coisas vai ser problema.
– Eu ainda não consegui a vaga no programa da Maggie, sabe?
– Mas vai conseguir. Margareth Sheffield seria malucas e não aceitasse alguém como você. Você é brilhante, Ruby.
– Mas estou momentaneamente *distraindo* – corriji.
Ele alisou minhas costas até a curva da bunda e parou nos quadris.
– Ah, mas logo vamos voltar para casa, não é?
– Acho que nós dois sabemos que Nova York não é a causa da minha distração – eu disse honestamente.
– Acho que isso é verdade para nós dois – ele disse, acariciando minha pele com o polegar.

– E o que vai acontecer quando voltarmos? – eu disse, fazendo a pergunta que estávamos evitando. A volta seria dali a dois dias. As passagens já estavam compradas. O e-mail de confirmação chegaria em menos de 24 horas. Tudo aconteceu tão rápido, mas será que continuaria? Concordamos em não avançar fisicamente a relação até ele saber que me amava, mas o que isso significava? Já podíamos nos considerar um casal? Podíamos contar para os outros?

Ele olhou em meu rosto e percebi que o Niall não estava esperando isso, que eu perguntasse tão diretamente.

– Nós vamos dar um jeito – ele disse. – É claro que as coisas serão diferentes no trabalho, mas fora isso, tudo pode continuar como estamos agora.

Sua expressão ficou tensa, igual à minha. Eu não sabia qual dessas frases eu odiava mais. *Vamos dar um jeito* parecia que mal estávamos sobrevivendo, que *nós* éramos algo que precisava ser suportado. *As coisas serão diferentes no trabalho*. É claro que sim, como não poderia ser? E *continuar como estamos agora*. Acontece que não é isso que eu queria. Não queria que tudo continuasse igual, eu queria mais. Eu queria o Niall por inteiro.



Quase três dias depois pisamos na calçada do Heathrow. O céu estava cinza como sempre, o ar frio e cheirando a pedra úmida e fumaça, mas estávamos em casa, afinal. Niall segurou minha mão pela maior parte do voo, cada vez mais confiante para me tocar, e mesmo agora estava tão perto que a lateral de seu

corpo encostou em mim.

Ele sugeriu que fôssemos para seu apartamento, mas estávamos exaustos e, honestamente, não dormiríamos nem um pouco se estivéssemos juntos. Passamos semanas longe e tínhamos pessoas para encontrar, correspondência para abrir e, depois de nove horas viajando, não havia nada que eu quisesse mais do que um bom banho e minha própria cama. Principalmente porque o Tony havia pedido para eu aparecer no dia seguinte no trabalho e apresentar um relatório de tudo que aconteceu e, além disso, ele “não via meu rostinho lindo fazia um mês”.

Niall e eu definitivamente deveríamos ter conversado mais, ao menos discutido algum tipo de plano para o trabalho, mas em vez disso tentamos aproveitar ao máximo os últimos minutos a sós. Ele não largou minha mão enquanto a paisagem lá fora passava dos campos ingleses na estrada para as ruas lotadas de Londres, e quando o táxi parou em frente ao meu prédio, tudo que pude fazer foi dar um beijo de despedida – embora um pouco entusiasmado demais, considerando que estávamos no banco de trás de um táxi – e depois cambaleei com minhas malas até a porta da frente.

À noite, a chuva começou a cair lá fora, acertando com força as janelas do meu apartamento. Por algum motivo isso pareceu correto, chover em nossa primeira noite de volta a Londres, num retorno bem-vindo para a normalidade.

Fui para a cama logo depois do banho, vestindo meu pijama favorito quando meu celular vibrou no cria do mudo.

Sinto falta de ver seu rosto no travesseiro ao meu lado.

Algo estalou em meu peito. Ele estava fazendo isso – estava tentando – assim como disse que faria. Digitei de volta, já sorrindo com a resposta que eu sabia que receberia:

Sinto falta de ouvir aqueles gemidinhos que você solta quando está dormindo.

Sou masculino demais para soltar “gemidinhos”, Srta. Miller.

Eu ri alto depois de ler aquilo e meu coração disparou.

Acho que preciso ver você totalmente pelado de novo, só pra ter certeza.

Nenhuma resposta veio por um minuto inteiro, e então o balãozinho apareceu, indicando que ele estava escrevendo.

Mal posso esperar p/ ver você de novo, esta cama é grande demais para uma pessoa.

Meus dedos tremeram no teclado enquanto eu digitava uma resposta, meu rosto já doendo de tanto sorrir. Ele realmente estava fazendo isso. *Nós* estávamos fazendo isso.

Eu também mal posso esperar para ver vc de novo.

Então até amanhã. Durma bem, querida.

Se um coração pode explodir de felicidade, o meu estava chegando lá.

Finalmente dormi com o som da chuva, um sorriso no rosto e o celular debaixo do travesseiro. A voz em minha cabeça estava quieta.

Quatorze

É fascinante a rapidez com que a mente humana incorpora novos hábitos. Apesar de estarmos de volta a Londres, apesar de nunca ter compartilhado esta cama com ela, acordar sem a Ruby foi estranho.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para ela.

Conseguiu dormir?

Quase nada. Acho que vou precisar de alguém atrás de mim mexendo meus braços e boca para conseguir trabalhar hoje.

Então vejo você no escritório, minha linda marionete.

Tomei café da manhã, li o jornal, vesti meu terno e saí. Poderia ser um dia qualquer... acontece que não era. Minha vida parecia milhares de vezes maiores.

Ruby estava em sua pequena sala compartilhada quando cheguei. Geralmente eu entro antes das oito, mas tenho certeza que nunca cheguei antes dela. Mas hoje eu tentei. Queria pelo menos um momento sozinho com ela, um momento de entrega antes que a realidade batesse. Infelizmente, não aconteceu. O escritório já estava vibrando com o burburinho da manhã, e apenas consegui dar um pequeno sorriso e uma piscadela para a Ruby, reparando em seus lábios molhados cor-de-rosa.

— Oi — ela disse, apenas movendo os lábios.

Fiquei olhando mais um pouco, querendo simplesmente me aproximar e beijar sua boca, mas apenas assenti e continuei andando até minha sala.

Ouvi as duas batidas de sempre do Tony em minha porta e, como de costume, ele entrou sem esperar resposta.

— E aí, tudo certo? — ele disse antes de sentar na cadeira em frente à minha mesa.

Eu me recostei na cadeira, sorrindo e tentando parecer relaxado.

— Tudo certo.

Ele cruzou as pernas e sorriu maliciosamente para mim.

— Imagino que fez uma boa viagem.

Nunca senti tanto como se estivesse num jogo de xadrez.

— Sim, ótima.

Anthony me olhou com olhos cerrados e os dedos formando uma pirâmide sob o queixo. Olhei para meu monitor fingindo checar os e-mails. Eu ainda não tinha decidido o que diria ao meu colega. Por um lado, eu não queria esconder o que estava acontecendo entre mim e Ruby, e se eu a conheço bem — e acho sinceramente que conheço — eu sabia que ela não conseguiria esconder nosso envolvimento. Por outro lado, eu queria que nossa privacidade fosse preservada, e o Tony adorava fazer piada com esse tipo de situação.

— Algo está diferente — ele disse, apontando um dedo para mim. — Seus olhos estão sorrindo. — Ele fez um gesto para sua própria sobrancelha. — Tem um brilho pairando sobre você.

— É mesmo?

— Você se deu bem em algum clube de Nova York?

Sua grosseria caiu pesadamente sobre a sala.

— Tony, não começa.

Ele pensou um pouco.

— Comeu uma daquelas dançarinas do Radio City?

— Não enche.

Ele me olhou de cima a baixo de novo, depois sorriu.

— Então, finalmente comeu a Ruby?

Engoli em seco, pego de surpresa, fingindo olhar algo em minha mesa.

— Ah, não. Isso... bom, eu, quer dizer, não comi. Não.

Tecnicamente, era verdade. Tecnicamente, ainda não tinha feito sexo com a Ruby.

Tony bateu na mesa com a mão.

— Seu cachorrão!

Senti o sangue sumir do meu rosto. Essa era exatamente a reação que eu queria evitar.

— Não, Tony, não é isso...

— Você comeu ela sim, não é? Você pegou a minha Ruby!

Eu agarrei os braços da minha cadeira, sentindo uma tempestade se acumulando em meu peito.

— A “sua” Ruby?

— Então comeu mesmo — ele disse, batendo as mãos juntas, numa palmada violenta que ecoou pela sala.

Olhei para a porta e falei irritado:

— Fala baixo, seu idiota.

Ele fingiu limpar uma lágrima do olho. Tony adorava tirar sarro dos colegas, mas agora havia uma diversão extra em seu tom de voz.

— Ah, assistir a você se constrangendo todo no escritório por causa disso vai facilitar muito a espera pela nova temporada de *Game of Thrones*.

— Para de falar merda.

Seus olhos negros se arregalaram.

— Olha só, até palavrão ele está usando! Ouso dizer que ela conseguiu fazer você se soltar. Acho que vou até lá agradecer por essa proeza.

Respirei fundo, fechando os olhos.

— Tony, *não* faça isso.

— Ah, vamos lá, então me conta — ele disse, se ajeitando na cadeira, sua voz voltando para um tom um pouco mais sincero. — O que aconteceu?

Olhei para ele com uma expressão de quem não estava para brincadeira.

— Certo, já parei de sacanear, Niall — ele me assegurou, sorrindo mais honestamente. — Desculpa. Acontece que nunca imaginei que...

— Não é o que você está pensando — eu o interrompi, apoiando os cotovelos na mesa. Eu precisava ter algum controle de volta. E eu tinha que admitir que ajudaria se o Tony soubesse de modo geral o que estava acontecendo entre eu e a Ruby, mas com certeza ele não precisava de mais informação do que isso. — Acontece que ela gostava de mim e, bom... — Não consegui encontrar um jeito de articular onde minha cabeça estava em relação à Ruby, então apenas acrescentei: — Eu gosto da companhia dela.

Tony podia claramente enxergar o eufemismo nas minhas palavras.

— Hum, é claro.

— E agradeço se você não mencionar isso por aí.

Ele assentiu, fazendo um gesto ridículo de zíper sobre a boca e depois dando uma piscadela para mim.

—

Ruby estava sentada na pequena sala de descanso com sua amiga Pippa quando entrei para pegar meu almoço na geladeira. Nossos olhos se encontraram, e ela rapidamente desviou o olhar, mas um rubor se espalhou por seu pescoço subindo até o rosto.

— Ruby. Pippa — eu disse, cumprimentando-as.

— Olá, Sr. Stella — Pippa respondeu, num tom de voz alegre. Alegre *demais*. Será que a Ruby também passou por um interrogatório?

— Sr. Stella — Ruby disse, olhando de volta para mim junto com um sorrisinho cúmplice. Seus dentes morderam a ponta da língua e eu precisei respirar fundo, lembrando do último beijo que ela me deu antes de nos despedirmos ontem. Sua boca tinha o sabor da bala de hortelã que ela chupou na volta do aeroporto. Limpei a garganta e abri a porta da geladeira.

— Já se ajustou ao fuso horário? — eu perguntei, olhando sobre o ombro para ela.

Ruby sorriu ainda mais, encolhendo os ombros.

— Tentando.

Pippa ficou olhando atentamente para seu prato enquanto a Ruby me olhava nos olhos.

Senti o ar sumir dos pulmões e quase não consegui respirar. De volta para nosso cotidiano, a realidade de que agora havia algo entre nós fazia cada parte de mim doer de tanto desejá-la. Com a Ruby tão perto o dia inteiro, será que eu conseguiria me concentrar no trabalho? Concentrar em qualquer coisa?

Se pensasse em suas feições uma de cada vez, talvez não ficasse tão perdido. Seus olhos eram intensos demais; eles me diziam que ela estava tão desesperada para ficar sozinha quanto eu. Sua língua apareceu para umedecer os lábios. O pescoço era longo, suave, e imaginei levá-la para casa, beijando a curva daquela garganta enquanto desabotoava cada uma das pequenas pérolas que se alinhavam na frente da...

— Hum... Sr. Stella? — ela disse, arregalando os olhos e inclinando a cabeça na direção da minha mão... que ainda estava tocando a porta aberta da geladeira. O ar frio invadia a sala e batia em meu peito.

— Ah — eu disse, voltando à realidade e apanhando minha salada. Peguei um garfo numa gaveta e corri de volta para minha sala.

Como suspeitava, eu não conseguia me concentrar e sabia que precisaria encontrar uma maneira para acalmar a bagunça em minha mente. Isso certamente não era do meu feitio; era desorientador. Eu precisava saber qual seria nossa agenda: ela dormiria na minha casa hoje? Como poderíamos continuar indo devagar fisicamente... ou já era tarde demais para isso? E será mesmo que eu ainda queria isso? A essa altura, o sexo parecia mera formalidade. Tudo que fizemos até agora parecia infinitamente mais íntimo, mas assim que pensei sobre isso, eu soube que ficar com a Ruby dessa maneira significaria mais para mim do que um simples próximo passo na relação.

Será que era isso que eu queria? Quando fizesse sexo com ela, será que conseguiria manter qualquer tipo de proteção ao redor do meu coração, caso eu não seja aquilo que ela realmente queria?

Eu achava que a Portia era o amor da minha vida, mas desde o primeiro momento em que a Ruby se esticou e me beijou com tanta coragem e ousadia, eu soube que estava errado.

Meu celular vibrou sobre a mesa e me arrancou de minha análise obsessiva.

Vamos jantar na minha casa ou na sua?

E antes de responder, lembre-se q tenho uma colega de quarto e uma cama pequena e sou a pior cozinheira do universo. PS: Pare de pensar tanto.

Rindo, respondi:

Nesse caso, a única opção é o meu apartamento. Moro sozinho, tenho uma cama enorme e acho q sou um pouco mais capaz na cozinha (mas só um pouco). Talvez eu peça delivery.

No lado de fora da minha sala ouvi uma voz de desenho animado gritando “Bundovski!” e depois a mesma voz rindo. Alguém bateu na minha porta imediatamente depois.

— Pode entrar — eu disse.

Ruby apareceu, sorrindo para seu celular.

— Combinado.

Meu coração inchou ao vê-la novamente.

— Combinado?

Ela fechou a porta.

— Combinado, vou jantar na sua casa, já que você insiste tanto.

Foi só então que entendi que o som que ouvi antes era seu alerta de mensagens.

— Aquilo foi...? — Recostei-me na cadeira e sorri para ela. — Por acaso seu alerta de mensagem disse “Bundovski!”?

Ela encolheu os ombros e qualquer traço do rubor de antes desapareceu quando ficamos sozinhos na minha sala.

— Especificamente, é o alerta para as *suas* mensagens. É dos minions. Sabe, do filme? — Ela sacudiu a cabeça e se aproximou. — Precisamos fazer você sair mais. Mas enfim, acho que combina. Você tem a melhor bunda deste lado do Atlântico.

— “Deste lado do Atlântico?”. Isso quer dizer que quando estávamos em Nova York você achou uma bunda melhor que a minha?

Ela franziu os lábios, fingindo que estava pensando.

— Não tive chance de fazer uma pesquisa detalhada, mas aquele amigo do Max, o Will, é bem sarado e...

Eu me inclinei sobre a mesa, grunhindo.

— Termine essa frase, Ruby Miller, e vou jogar você no meu colo e estapear a *sua* bunda.

Ela jogou a cabeça para trás, rindo do meu jeito favorito.

— Se você acha que espancar minha bunda seria uma puni...

Ouvimos duas batidas na porta e o Tony entrou de repente, sorrindo. O sorriso congelou e se desfez, e seu rosto ficou sério quando ele olhou para a Ruby, que se inclinava casualmente sobre minha mesa. Ela se ajeitou imediatamente, fingindo arrumar alguma coisa na saia.

— Olá, Anthony — ela disse discretamente.

— Olá, Ruby — Tony respondeu, com as sobrancelhas juntas. Ele olhou para mim, depois de novo para ela. — Como estão os cálculos da Barclay

Industrial?

Seu rubor voltou e seus olhos se fixaram no carpete.

— Estão prontos, só preciso escrever o e-mail.

Desculpa, eu estava só conversando com o Niall... — Ela quase pulou do chão — ... com o *Sr. Stella* sobre a viagem.

— Ruby, tenho certeza que é um alívio saber que ele agora está ciente da sua paixonite — Tony respondeu com frieza —, mas o Niall é um vice-presidente nesta empresa, e certamente ele tem muito trabalho acumulado depois da viagem.

Senti os olhos arregalados da Ruby se virarem para mim, e meu queixo se apertou com raiva reprimida.

Que diabos ele estava fazendo?

Tony continuou:

— Talvez seja melhor você deixar a porta aberta quando entrar aqui, e deixar a *conversa* para suas horas fora do trabalho.

Com um leve aceno de cabeça e murmurando um pedido de desculpa, ela passou rapidamente por ele e saiu da minha sala.

— Tony — eu rugi, olhando para ele com raiva. Meu sangue se aqueceu nas veias, o coração martelava no peito. — Tinha alguma necessidade disso? Ela está no horário de almoço. E “paixonite”? Ela não estava aqui me *assedando*. Estou tão envolvido quanto ela, e não tem nada de imoral acontecendo entre nós. Ela não é minha funcionária.

— Não — ele concordou —, ela é *minha* funcionária.

— Tony olhou, com uma expressão tensa, para onde a Ruby havia saído pela porta. — Acho que não imaginei que seria difícil para ela manter o profissionalismo.

Meus olhos se arregalaram quando finalmente entendi: o Tony estava com *ciúmes*.

— Por favor, diga que você está brincando — eu disse, com o máximo de indiferença que consegui. Algo se incendiou em meu peito por causa de suas palavras. Tony não era meu superior; pelo contrário. Tecnicamente, eu estava sendo sondado para a posição que me faria chefe dele. — *Você...* aquele que sugeriu que eu deveria dar em cima da Ruby, quem disse, com as seguintes palavras, que ela tinha “belas pernas e belos peitos”. *Você*, que só contrata as estagiárias mais bonitas do programa da Oxford. *Você* está aqui querendo dar lição de moral para *nós* sobre profissionalismo?

Ele piscou, clareando a vista quando olhou de volta para mim.

— Estou simplesmente dizendo que espero não encontrá-la aqui quando eu entrar novamente na sua sala. — Assentindo levemente, ele se virou e saiu.

Demorou uns dez minutos até meu pulso voltar ao normal. Eu estava extremamente bravo: comecei a andar de um lado para o outro, pensando se deveria contar para o Richard e ter certeza que todos ficassem sabendo que nada de impróprio estava acontecendo, e também falar para o Richard que o jeito que o Tony falou com a Ruby era inaceitável.

Mas eu estava com muita raiva. Uma das minhas regras era não conversar com ninguém nesse estado: a ideia de falar indignado em vez de manter um certo profissionalismo era inaceitável. A questão aqui era o comportamento do Tony, e meu lado se enfraqueceria se eu aparecesse falando no calor da emoção.

Também por essa razão esperei mais quinze minutos antes de enviar uma mensagem para a Ruby de novo. Eu não queria que ela pensasse que a opinião do Tony importava o bastante para me deixar com raiva.

O Tony passou dos limites.

Eu sei. Foi horrível.

Sinto muito, minha linda.

Demorou vários minutos para ela responder, mas quando a mensagem chegou, eu podia ouvir as palavras na voz sempre paciente da Ruby:

Não sinta. Vamos apenas curtir o seu apartamento vazio, sua cama enorme e a comida que vamos pedir.

Sorri para o celular, digitando:

Vou esperar ansioso.

E era verdade. Eu mal podia esperar para agarrá-la em meus braços e lembrá-la que nossa relação se estendia para muito mais longe do que as paredes do escritório.

—

Ruby foi para sua casa pegar o que precisava para o trabalho no dia seguinte, então usei esse tempo para comprar o jantar no meu restaurante indiano preferido que fica logo na esquina.

Quando chegou, ela olhou ao redor da entrada e depois passou por mim, entrando na sala.

Meu apartamento estava, talvez previsivelmente, muito arrumado e decorado com simplicidade, com um sofá de couro preto macio e largas poltronas combinando, uma mesinha de centro de mármore e um grande tapete felpudo.

— Se eu precisasse desenhar o seu apartamento, seria exatamente assim.

Rindo, eu cheguei mais perto dela.

— Estou feliz por nunca surpreender você.

Ruby se virou e se encaixou em meus braços.

— O fato de nunca me surpreender é uma das razões para eu amar você.

Nós dois congelamos.

— Eu acabei de falar isso em voz alta? — ela perguntou, fechando os olhos com força e estremecendo. — Por favor, diga que essas palavras estavam só na minha mente.

Eu aproximei meu rosto e beijei sua testa.

— Você é amável.

Algo dentro de mim acertou meus pulmões, num forte golpe por não conseguir dizer algo melhor.

Eu te amo.

Você é amável.

Não é que eu tenha ficado surpreso com suas palavras, então por que não me antecipei e preparei algum tipo de resposta? Era oficial: sou o maior idiota do mundo.

Ruby ficou tensa e começou a se afastar, mas puxei-a de volta, beijando seu pescoço enquanto buscava desesperadamente a coisa certa para dizer.

— Ruby.

— Está tudo bem — ela disse, suspirando levemente quando me abraçou e pousou o rosto em meu pescoço. Ela não parecia nem um pouco bem. Eu queria olhar em seus olhos para saber o que encontraria ali, mas eu não conseguia me mexer. Ela respirou fundo, e após um momento, relaxou visivelmente. — Sei que estou bem mais avançada no quesito emoções. Desculpe ter jogado essa bomba de constrangimento.

— Por favor, não é isso... — mas não consegui terminar a frase, não consegui encontrar palavras para descrever o que eu sentia por ela. Com exceção de amor.

Eu a amava?

Eu já não tinha mais ideia de como era o amor conjugal; parecia uma língua estrangeira. Praguejei contra a Portia por sua frieza, por me fazer questionar

todos os meus gestos, por desfazer uma infância cheia de declarações exuberantes de adoração, de provocações divertidas com meus irmãos e constante afeto por nossa mãe. Praguejei contra mim mesmo por permitir que eu me tornasse um anão emocional.

Eu não sabia como chamar meus sentimentos, mas sabia que estavam se expandindo, e eram profundos, e *aterrorizantes* — afinal de contas, perder a Portia foi como me livrar de correntes, mas a ideia de perder a Ruby era tão horrível que algo dentro de mim se apertou.

Posso apenas imaginar a força que ela precisou para expressar seus sentimentos tão abertamente e depois continuar aqui no meio do meu silêncio, esperando *eu* encontrar palavras... Eu queria dar tudo que podia, queria que ela soubesse o quanto eu era absolutamente maluco por ela.

Passei os lábios pelo seu queixo até o pescoço, chupando, mordendo. *Sinta isso*, pensei. *Deixe-me mostrar as coisas que não consigo dizer*.

Puxei o casaco de seus braços, jogando-o para o lado e levando meus dedos aos botões da camisa, silenciosamente implorando que olhasse em meus olhos. Ruby olhou com uma hesitação em suas feições, mas então percebeu algo em meu rosto — uma súplica angustiada, uma necessidade esperançosa — e pareceu exalar um mundo de tensão, trazendo meu rosto para mais perto.

— Você está sugerindo adiar o jantar? — ela perguntou contra meus lábios.

Confirmei, envolvendo meus braços ao redor de sua cintura e conduzindo-a para uma das largas poltronas sem braços na sala de estar.

Minhas mãos estavam impacientes: abrindo o zíper da saia com pressa, puxando sua calcinha pelas pernas, passando minhas mãos famintas por cada parte de sua pele nua. As curvas da Ruby eram suaves, pálidas, absolutamente impecáveis, e eu me dobrei, chupando seu ombro, sentindo seus suspiros em minha palma.

Com muito mais cuidado, ela desabotoou minha camisa, prestando atenção na minha reação.

— Não precisamos fazer isso... — ela começou a falar, mas eu a interrompi com um beijo.

Relaxe.

Ruby deslizou minha camisa pelos ombros, abriu meu cinto e lentamente baixou minha calça pelas pernas até eu poder chutar tudo para longe.

Pegando em meu pau, ela começou a se abaixar até ficar de joelhos diante de mim.

Eu sacudi a cabeça, levantando-a e pressionando meus lábios sobre os dela, abrindo-os, degustando-os. Sua língua estava doce e pequena em minha boca, empurrando e mexendo com um súbito desespero. Suas mãos magras e firmes apertaram meu peito, jogando meu corpo na poltrona, e depois ela me seguiu, subindo sobre mim e enterrando as mãos em meu cabelo enquanto me beijava: com fome, mordendo, gemendo e implorando enquanto minhas mãos deslizavam ao lado de seu corpo, entre as pernas, sentindo sua pele mais macia e vulnerável.

— Você quer ir? — ela perguntou, com os lábios molhados, os olhos pesados.

Ela quis dizer... dentro dela?

— Eu... sim? — arqueei meu corpo debaixo dela, buscando contato.

Ruby chegou mais perto para me beijar de novo e sussurrou:

— Eu quis dizer, você quer ir para sua cama?

Fechei os olhos, lutando contra a maneira como meu cérebro queria dissecar essa pergunta nos mínimos detalhes. Se eu me levantasse e nos levasse para o quarto, poderia arruinar este momento de luxúria e alívio. Eu não queria me mexer nem um centímetro. Ficaria pensando demais sobre o que significava, o que eu sentiria, pensaria que nunca transei naquela cama e que não fazia nem quatro semanas desde que realmente conheci a Ruby.

Meu cérebro queria ter certeza sobre todas essas coisas.

Pare.

Não.

Não.

— Não. — Eu me abaixei, beijando seu pescoço enquanto minhas mãos a traziam para mais perto, apertando-a, quente e macia, contra o meu pau. — Não quero me mexer.

Seu quadril rebolou e ela subiu um pouco até eu ter certeza que um simples movimento dos meus quadris empurraria meu pau para dentro dela.

— *Deus* — eu gemi.

Eu já havia esquecido — ou talvez nunca tenha realmente conhecido — o quanto o desejo pode ser desesperador, angustiante e *selvagem*. Eu não me reconhecia. Eu era um homem que queria prazer, queria *foder*, e estava livre para

fazer isso pela primeira vez em minha vida.

— Merda. Proteção — eu disse, quase sem voz.

— Eu me cuido — ela disse enquanto ofegava.

Seus olhos se encontraram com os meus, a questão pairou no ar.

— Venha pra mim, minha linda — sussurrei.

Com um gemido, eu me ergui ao mesmo tempo em que ela se abaixou. Ruby afogou um gemido na garganta que soou tanto como dor e prazer que eu quase enlouqueci.

— Espera — ela sussurrou, com sua voz tão fraca que precisei olhar em seu rosto. Ela encarava minha boca, seus próprios lábios molhados e separados... e ela estava *sublime*.

— Deixe... só... me acostumar... um pouco... — Seus olhos se fecharam e ela deixou escapar gemidos deliciosos e roucos a cada centímetro no qual ela se abaixava.

Eu mal conseguia ficar parado, meus pensamentos enevoados por sentir sua maciez... seu corpo

tencionando, tão apertada... sua respiração ofegante... as mãos puxando minha cabeça para seu peito.

Quando entrei por completo ela começou a mexer em pequenos e perfeitas reboladas *enlouquecedoras*. As unhas cravaram em meu pescoço e ela apertou os seios contra meu rosto, sussurrando coisas desconexas em meu ouvido:

Niall

Oh, Deus

Não vou

É tão

Ela estava usando meu corpo para seu prazer, e então começou a subir cada vez mais e a descer com força. Seus dedos agarraram meu cabelo, a boca quente chupou a curva do meu pescoço. Seu cheiro e seu sabor, o calor das coxas e os seios raspando sobre mim, a sucção e o aperto em meu pau; era como mergulhar por completo e nunca precisar ou querer tomar ar.

E os sons... *meu Deus*. Nunca ouvi uma expressão de prazer tão honesta, implorando e gemendo em meu ouvido. O som e a sensação — o êxtase que ela se permitiu sentir — destruíram minha pobre noção do que é o sexo e minha

francamente ridícula experiência. O prazer era dela tanto quanto era meu, e a realidade disso — o que sexo deveria ser, uma intimidade para ser compartilhada mais do que tolerada — causou uma febre por meu corpo, queimando minha pele.

E eu também nunca estive tão duro ou faminto para agarrar e sentir e consumir. Bem quando pensei que não poderia haver mais do que isso, ela se inclinou para frente e para trás, enterrando ainda mais fundo, sugando ainda mais. Tomei um mamilo em minha boca, chupando e apertando o outro seio, louco para que ela me cavalgasse, mas querendo que continuasse buscando a euforia que eu enxergava em seu rosto, que chegasse lá antes que eu me perdesse.

Pois eu sabia que, com a Ruby, eu me *perderia*.

Eu podia sentir a tensão se acumulando em minhas coxas, a necessidade de me enterrar e *foder*, e tomar, e me entregar. Podia sentir esta fera selvagem querendo escapar de mim, querendo um sexo que eu nunca tive, mas sempre precisei: sem inibições, suado, forte.

Os movimentos da Ruby se tornaram irregulares e ela puxou minha boca para um beijo, de lábios abertos e molhados, simplesmente se esfregando sobre mim, oferecendo gemidos e a respiração ofegante enquanto ela me fodia. Seu quadril perdeu o ritmo, as mãos me agarraram e senti seu aperto antes de se arquear, gritando enquanto gozava. Seu calor, a sensação de seus espasmos sobre mim e finalmente — *finalmente* — a maneira como ela me cavalgou forte quando o orgasmo chegou ao ápice, tudo isso desfez meu último pingo de controle. O prazer para mim era impossível de segurar, então me dobrei, pressionando os dentes sobre a maciez firme do mamilo e gemendo sobre sua pele.

Ela desabou sobre meu peito e, de uma vez só, eu a baixei até o tapete, puxei seus quadris do chão e deslizei para dentro dela com um longo movimento do quadril.

Ruby perdeu o fôlego — ela estava tão apertada que era como um punho me agarrando — e ficou olhando quando comecei a perder a cabeça, perder meu *coração*. Eu já não sabia mais quem era: este homem que se ajoelhou entre suas pernas e segurou o quadril para não afundá-la no chão de tanto foder. Eu não reconheci o homem que disse a ela:

Olha aqui

Olha bem onde estou fodendo

Você está tão molhada e macia

Você é tão quente e encharcada e perfeita

O prazer se derramava em cascata por minhas costas enquanto ela se tocava onde eu tirava a cada estocada, implorando com os olhos para eu me entregar, para mostrar o quanto pode ser bom.

Eu não podia fechar os olhos. Nem em um milhão de anos eu fecharia os olhos na primeira vez em que ela me visse gozar sobre ela, *dentro* dela. Minhas investidas eram brutais, minha respiração entrecortada junto com grunhidos de tanta força física. Eu me entreguei para essa espiral, perdendo meu ritmo quando gritei no meio do silêncio da sala.

Nunca antes conheci um prazer tão intenso.

Fiquei parado, meu peito suado subindo e descendo com minha falta de fôlego. Os seios da Ruby estavam eriçados e brilhando, o rosto corado e lábios separados enquanto também tentava acalmar a respiração.

— Niall... — ela disse, passando a mão trêmula sobre meu peito.

Meu instinto falou mais alto: uma sensação de pânico e obrigação. Eu me levantei com as pernas fracas e corri para o banheiro, onde apanhei uma toalha e a molhei sob a água quente.

Voltando para ela, eu me abaixei, passando a toalha quente entre suas pernas, com carinho e limpando meu...

— Niall — ela disse, parando minha mão com os dedos.

Eu me sentei nos calcanhares e olhei para o seu rosto.

— Está doendo?

Ela franziu as sobrancelhas, confusa.

— Não! — Ruby tirou a toalha da minha mão e me puxou de volta sobre seu corpo. — Você não precisava sair correndo para me limpar. Eu só queria curtir uns beijos pós-sexo. Eu *quero* me sentir marcada por você.

Constrangido, eu estremeci, beijando-a levemente no rosto.

— Certo. Desculpe.

— Não se desculpe. É sério, o senhor merece os parabéns. — Suas pernas envolveram meu quadril e eu me apoiei nos cotovelos sobre ela. — A posição papai-e-mamãe é claramente seu superpoder. Anotado.

Eu sorri.

— Deve ser mesmo. Foi só o que pratiquei por onze anos. Honestamente, com você por cima... — Eu parei, sentindo meu estômago desabar num abismo quando percebi o que tinha acabado de falar.

Debaixo de mim, a Ruby congelou imediatamente.

— Maldição... Ruby. Isso foi uma coisa terrível para se dizer e foi o pior momento possível. Eu sou um imbecil.

Ela passou as mãos em minha nuca e me beijou, possivelmente querendo me fazer parar de falar.

— Está tudo bem.

— Não, não está — eu disse com outro beijo.

— Está sim — ela insistiu, num incomum tom de voz endurecido. — Tenho certeza que deve ser estranho ficar com alguém pela primeira vez depois de passar tanto tempo com apenas uma pessoa.

— Não é isso... — comecei a falar mas parei, deixando o pensamento inacabado. Eu precisava consertar isso. Já foi ruim o bastante quando fiquei mudo depois que ela disse que me amava; eu não podia deixar que isso também se tornasse um desastre. — Ruby, meu *timing* foi horrível e peço desculpas por isso, mas sinto que preciso explicar o quanto isso é diferente para mim.

Ela concordou, relaxando um pouco. Enquanto eu buscava palavras, lutei para manter a clareza de apenas alguns minutos atrás, quando me senti completamente unido a ela, como se a *conhecesse*. Ela me deu algo tão raro — um vislumbre do que é fazer amor de verdade — e eu estraguei tudo.

— Logo no começo da minha relação, a Portia leu um artigo explicando que os homens precisam de sexo pelo menos uma vez por semana para evitar que saiam por aí traindo. Era uma besteira, mas se tornou parte de seu manual de relacionamento. Sexo uma vez por semana. Não mais, não menos. Ela era muito organizada, entende? — eu disse, querendo aliviar um pouco o clima. — Reunião da equipe às segundas. Sexo com o marido às terças. Levar o lixo para fora às quartas.

Seus olhos relaxaram com simpatia.

— Ai.

— Não era tão ruim — eu disse, depois inclinei a cabeça, considerando a situação. — Acontece que também não era tão bom. — Olhei em seus olhos e engoli seco quando as palavras começaram a se formar em minha mente. —

Então, veja só... Por favor, entenda que eu não me sinto confortável falando sobre isso, principalmente por causa de nossa circunstância *atual*. — Olhei para nossos corpos para enfatizar meu argumento, e ela sorriu. — Como regra, eu não converso sobre minha vida pessoal. Mas agora, você é minha vida pessoal. Quero que conheça todos os meus lados e o quanto sou diferente com você. E, infelizmente, isso muitas vezes significa saber coisas sobre meu relacionamento com a Portia. De algum jeito a visão dela transformava o sexo em algo ao mesmo tempo especial e um fardo.

Ruby passou um dedo sobre meu lábio, tracejando o formato da boca enquanto dizia:

— Você chegou a falar alguma coisa sobre isso com ela? Quando acabou?

Eu franzi minhas sobrancelhas.

— Não tive chance. Ou talvez, o mais certo seria dizer que estávamos tão exaustos naquele ponto que foi mais fácil simplesmente nos afastarmos.

A pergunta da Ruby despertou alguns pensamentos que eu já havia enterrado há muito tempo. Por que nunca conversamos sobre essas coisas? Certamente, se eu estava infeliz, a Portia também estava. Posso apenas imaginar como a Ruby enxergaria — com seus pais psicólogos e necessidade de sempre se expressar — minha reação ao divórcio. Não houve tentativa de reconciliação, nenhuma tentativa de consertar o que estava errado, nenhuma busca para colocar um ponto final. Simplesmente arrumei minhas coisas e fui embora. A decisão de terminar teve o mesmo entusiasmo do resto do casamento.

Sempre capaz de ler minhas expressões, Ruby inclinou meu rosto de volta para ela.

— Ei, não estou dizendo que você deveria ter conversado com ela, cada pessoa lida do seu jeito com as coisas. Vi o seu rosto antes e depois do divórcio. Sei que você está feliz comigo. Não perguntei aquilo porque estou com ciúme. Odeio pensar que você não teve o tipo de adoração que merece, mas... e por mais horrível que isso possa parecer... fico excitada por saber o quanto *eu* posso dar a você. — Sua mão desceu por minha barriga e envolveu a parte do meu corpo que parecia voltar à vida. — Você ficou tão diferente agora há pouco. — Ela fechou os olhos, pensando enquanto me acariciava distraidamente. — Tipo... dominador e brutal.

Assim que abri a boca para pedir desculpa por instinto, ela me parou com um olhar direto, depois disse:

— Eu gostei.

Sem palavras, voltei para ela, pressionando nossos peitos enquanto nos beijávamos.

Senti sua mão me guiar para dentro dela novamente e, de repente, estávamos nos movendo juntos com desespero, gemendo, ofegando. Tentei me segurar, tentei ser gentil, mas o aperto em meu peito por causa de sua confissão me deixou exigente, possessivo, desesperado para merecê-la.

Quinze

Abri os olhos e pisquei confusa para as paredes, o teto e os lençóis escuros me envolvendo. Tudo parecia completamente estranho. Por um momento, fiquei completamente desorientada. Não estava no quarto de hotel em Nova York. Não estava em meu apartamento.

Ah.

Eu estava com o Niall, em sua cama, *pelada*, com seu braço pesado sobre meu quadril.

Uma olhada para o relógio me disse que faltava um minuto para as sete horas, e no tempo que levou para os números avançarem, lembrei: Niall Stella me comeu sem piedade ontem.

Quase rolei sobre o travesseiro para gritar.

Fechei meus olhos e curti a memória: eu por cima do Niall, grosso e rígido dentro de mim, o quadril arqueando desesperado para chegar mais fundo. E depois que gozei: Niall me jogando no chão sobre o tapete, Niall cada vez mais brutal e selvagem com as mãos prendendo minha cintura no chão enquanto metia, metia, metia...

Meus olhos se abriram de repente quando a lembrança do *resto* me atingiu... aquilo que aconteceu antes do sexo perfeito e devastador. Mais especificamente, quando deixei escapar que o amava, e depois a maneira como ele ficou piscando em silêncio, os lábios formando uma centena de diferentes desculpas antes de beijar minha testa e declarar: “Você é amável”.

Você. É amável.

Esse foi facilmente o evento mais horrível da minha vida. Seguido de perto pela vez em que ele citou a Portia meros segundos depois de estar dentro de mim.

Número de Vezes Em Que Eu Disse Que Amava o

Niall Stella e Ele Fez Sexo Comigo Para Despistar o Fato Que Não Disse Eu Te Amo de Volta: uma.

Número de Vezes Em Que o Niall Stella Arruinou o Clima Pós-Sexo Mencionando Sexo Com a Ex-Mulher:

também uma.

Bom, tecnicamente, ele transou comigo duas vezes.

Tomando cuidado, deslizei para fora do peso de seu braço. Meu corpo estava arrasado, os membros e juntas alongados, os seios sensíveis de um jeito maravilhoso. Com cada passo em direção ao banheiro, a dorzinha nos músculos e entre as pernas me lembrava *exatamente* o quão bom foi sentir todo aquele desejo e luxúria acumulados sendo liberados de uma vez. O Max tinha razão, Nova York definitivamente deveria considerar tirar um pouco de energia do Niall.

Mas a sensação que veio depois? Não foi tão boa. Na verdade, quando ele a mencionou, meu primeiro instinto foi dar uma joelhada nas partes sensíveis. O casamento do Niall atrapalhou seriamente sua ideia sobre relacionamentos, e parecia que só agora ele estava começando a perceber isso. Aquilo que funciona para um casal pode não funcionar para outro e, felizmente, ele estava deixando essas ideias para trás.

Meu corpo... meu corpo estava exausto e ainda vibrando com aquilo que foi facilmente o sexo mais intenso que já tive. Meu *corpo* sabia que foi bom para nós dois.

Mas meu coração tinha suas dúvidas. Eu odiava a sensação de que se não tivesse declarado meus sentimentos ontem, nós teríamos nos beijado, abraçado, masturbado um ao outro e depois dormido contentes. Niall era meu gigante gentil e cauteloso, e eu sabia que seu desejo de tratar o sexo com reverência foi eclipsado por seu novo desejo de tentar ser aquilo que eu precisava.

Levei apenas alguns minutos para usar o banheiro e lavar o rosto e as mãos. O sabonete, as toalhas, o lugar inteiro cheirava como o Niall. Tenho certeza que se cheirasse minha própria pele, também sentiria seu cheiro em mim.

Saí do banheiro na ponta dos pés e fui para a sala, onde nossas roupas estavam espalhadas pelo chão. A poltrona estava vazia no meio da sala – uma lembrança de que ele não me levou para sua cama, mas preferiu me comer ali mesmo na sala de estar. Duas vezes. Tentei não pensar muito nisso. Talvez ele simplesmente quisesse me possuir ali, naquele momento. Ou talvez sexo em sua cama fosse uma fronteira muito nova e amedrontadora.

Meu sutiã estava pendurado num dos braços da poltrona, minha saia estava caída no tapete ao lado. Juntei tudo, relembrando os momentos a cada peça que apanhava.

Seus olhos quando tirou minha camisa.

A imagem de sua boca chupando meu seio.

Os lábios quando tirei seu cinto.

A sensação quando ele finalmente – *finalmente* – entrou dentro de mim.

O lampejo de medo em seu rosto quando eu disse que o amava.

Percebi o Niall acordando enquanto eu me arrumava; eu queria ir embora antes que ele se levantasse. Eu me sentia constrangida. E sabia que *ele* nunca conversaria sobre termos transado na noite passada muito antes do que esperávamos, então, claro, *eu* teria que tocar no assunto.

Mas nem mesmo eu, que tenho compulsão em conversar sobre tudo, queria ter a conversa que precisávamos ter.

Então, sobre ontem... eu acabei, sem querer, manipulando você pra transar comigo? Ou você está tão relutante em confiar em seus instintos que acabou fazendo aquilo só porque achava que era o que eu queria?

– Ruby? – ele chamou, com a voz ainda sonolenta.

Voltei para o corredor com pés descalços, andando sem fazer barulho sobre o chão de madeira. Ele se sentou quando entrei no quarto, cobrindo a cintura com os lençóis quando me viu vestida e segurando meus sapatos.

– Oi – ele disse, mas foi quase uma pergunta. Sua expressão ainda carregava o peso do sono, mas havia um claro toque de dúvida em seus olhos. Culpa e irritação brigavam em meu estômago e apertei minha barriga, dizendo para os dois pararem com isso.

– Esqueci uma coisa – eu disse. Era mentira, e seu rosto me dizia que ele percebeu. – Preciso passar em casa antes do trabalho.

– Agora? – Ele se sentou na beira do colchão, seu cabelo adoravelmente bagunçado e pernas intermináveis até o chão. – Posso levar você de carro.

– Não, tudo bem, eu...

– Ruby, para com isso – ele disse, agora com a voz firme. – Deixa só eu me arrumar.

Niall se levantou, completamente nu, e por algum instinto educado eu desviei os olhos – muito obviamente – em vez de olhar para o outro lado do quarto.

Ele percebeu, *claro* que percebeu. Eu estava agindo como uma maluca de novo.

– Você está bem? – ele perguntou, vestindo uma calça esportiva. – Você nunca desvia o olhar quando estou pelado. Na verdade, você fica sempre olhando igual a uma pervertida.

Ele estava me provocando. Bom, estava *tentando*.

Encolhi os ombros, virando para ele, mas conseguindo apenas olhar em seu rosto.

– É só um pouco de pânico, nada de mais.

Apenas percebendo que falei que te amava depois de só quatro semanas juntos e a parte mais louca é que isso não era mentira.

Apenas percebendo que acho que você transou comigo por piedade ontem.

Apenas percebendo que estou provavelmente agindo como uma louca por nenhuma razão e realmente deveria apenas ir embora e tomar um pouco de café, antes de fazer algo estúpido como falar tudo isso ao invés de só pensar.

– Você quer sentar na minha cama e me contar por que está sentindo “um pouco de pânico” depois de eu comer você loucamente só umas horas atrás? Achei que estaria esgotada demais para conseguir pensar direito antes das sete e meia da manhã. Eu com certeza estou.

Olhei para ele e seu tom provocador, e sorri um pouco.

– Talvez no jantar à noite?

Ele concordou, cerrando os olhos enquanto me estudava. E assim, de repente, sua obsessão voltou. A obsessão do tipo puta-merda-o-que-aconteceu-ontem.

– Certo.

Merda.

Coloquei os sapatos e passei a mão no cabelo, tentando domá-lo quando o celular do Niall tocou sobre o criado-mudo.

Ele se esticou, olhando para a tela e depois para o relógio. Hesitando, ele murmurou:

– É melhor eu atender. Você se importa...?

Niall ergueu um dedo, pedindo para eu esperar, depois entrou no banheiro e fechou a porta.

Bom, isso foi constrangedor. Se fosse uma ligação do trabalho, ele atenderia na minha frente.

Tudo que precisei ouvir foi sua voz gentil dizendo “Portia? São sete da manhã. O que foi, meu amor?”. Apanhei minha bolsa e fui embora dali.



Uma das coisas mais incríveis de Londres é que você não precisa dirigir para lugar algum. Quer café? Tem dezenas de cafeterias descendo a rua. Precisa dar uma passadinha na Selfridges na hora do almoço? O metrô na Oxford Street fica logo ali. Os tradicionais ônibus vermelhos param em praticamente qualquer esquina, e tem até o River Bus para você navegar pelo rio Tamisa. Precisa evitar uma viagem de táxi constrangedora com alguém que você pode ou não ter manipulado para transar? Felizmente, só precisa de uma curta viagem de metrô e a parada em Southwark fica só a uns metros do meu escritório!

Ainda chovia quando pisei na rua, é claro. Tomei um banho rápido em casa, mas nem precisaria. Meus sapatos encharcaram imediatamente pelas poças e a chuva constante, e agora faziam barulho a cada passo.

Carros espirravam água nas calçadas estreitas e até meu guarda-chuva não era páreo para a tempestade.

Felizmente, se andasse colada na parede, os vários toldos das lojas ajudavam um pouco.

Quando cheguei ao prédio da Richardson-Corbett, estava encharcada. Torci o excesso de água da minha camisa e casaco, lembrando a mim mesma que meu cabelo secaria como sempre secava todos os dias. E, além disso, o banho em casa, a caminhada para o trabalho – tudo isso me deu tempo para me acalmar.

O incidente eu-te-amo-você-é-amável não foi nada. Foi algo normal entre nós. Era isso que fazíamos: eu mergulhava de cabeça; ele molhava só o pé e depois tirava para ficar julgando se a água estava fria demais. É por isso que funcionava, e não havia motivo para questionar isso.

Eu também precisava me acalmar sobre o jeito como ele citou a Portia, e depois quando foi no banheiro atender a chamada. Para ser honesta, meu cérebro teve mais trabalho com essa última situação e fiquei loucamente tentando achar uma explicação. Ele ficou só com uma mulher a vida inteira, e foi casado com ela por mais de uma década. É claro que seria estranho, certo?

Pippa me encontrou no corredor com olhos arregalados que me olharam de cima a baixo antes de me entregar sua xícara de café.

– Pareço ruim assim? – perguntei.

– Já se olhou no espelho?

– Bom, isso responde minha pergunta – eu disse, continuando para nossa mesa compartilhada. – Obrigada pelo café.

Pippa assentiu e se sentou na cadeira oposta.

– Está tudo bem?

– Sim, tudo bem. – Olhei para a luz que piscava no meu celular mostrando que havia novas mensagens. Destravei a tela e falei para ela: – Ainda não são nem nove horas e hoje já aconteceu de *tudo*. Acabei de surtar tão epicamente que parecia algo saído de uma série de TV... – Fiz uma pausa, ouvindo a mensagem, depois soltei um palavrão. – O Anthony quer me ver assim que eu chegar. *Merda*. Por que ele está aqui tão cedo?

– Não pode ser tão ruim assim. Eu vi o e-mail parabenizando a equipe em Nova York. E aquela renovação da ponte em que você trabalhou foi vendida sem problema nenhum. Ele provavelmente percebeu que está chovendo e quer dar uma conferida na sua camisa molhada, se é que você me entende.

– Que nojo – eu disse, desabando em minha cadeira. Abri minha gaveta para pegar minha bolsa de maquiagem e meu casaco de emergência. – Certo, vou me retocar um pouco e depois acabar logo com isso. – Força lá – ela disse.



– Você queria me ver? – perguntei, olhando para dentro da sala ainda na porta. Ele estava arrumando algo perto da prateleira de livros e se virou para mim.

– Srta. Miller, sim. Entre.

Srta. Miller?

Entrei na sala e ele acrescentou:

– Feche a porta, por favor.

Meu estômago congelou.

Fechei a porta e cruzei a sala para ficar de frente à mesa, parando ao lado da cadeira extra.

– Pois não? – eu disse, sentindo um calafrio percorrer minhas costas.

– Acho que preciso conversar com você sobre algo muito sério. – Ele empurrou um livro enorme de volta na prateleira e se aproximou da mesa. – Você

vai precisar fazer uma escolha.

Já vi o Anthony assim antes: com uma seriedade estranhamente tímida, tentando fazer com que eu tirasse a resposta dele.

Continuei de pé e sorri.

– Que escolha, Anthony?

Ele me encarou com olhos cerrados.

– “Sr. Smith”, por favor.

Quase engasguei nas palavras que eu queria dizer: *Em meu primeiro dia aqui você ficou olhando meus peitos e me disse para chamá-lo de Anthony*. Mas em vez de dizer isso, eu simplesmente respondi:

– Desculpe. Hum, Sr. Smith.

Anthony abriu os botões do casaco do terno e se sentou, puxando uma pilha de papéis, contratos marcados em vermelho e amarelo onde ele precisava assinar.

– Por causa do seu comportamento pouco profissional em Nova York e desde então... – ele começou a falar, e meu estômago se evaporou. – Ou melhor, por causa da sua fascinação de *longa data* com um dos vice presidentes da empresa e seu recente assédio...

– Meu *assédio*?

Ele folheou alguns arquivos, sem nem mesmo olhar para mim enquanto falava.

– Tenho a obrigação de perguntar se você quer manter sua relação com o Sr. Stella puramente profissional, ou deixar o programa de estágio da Richardson-Corbett.

– O quê? – eu disse, baixando meu corpo trêmulo até sentar na cadeira. – *Por quê?*

– Está claro para muitos de nós na gerência que você se comportou de forma pouco profissional – ele disse, apanhando uma caneta. – Você esteve distraída, e seu trabalho tem sido medíocre. Acho que não preciso dizer mais do que isso.

– Mas isso não é j...

Justo, eu quase disse, mas fechei a boca imediatamente. Eu não queria que ele acrescentasse “comporta-se igual a uma adolescente” para minha lista de transgressões.

Tentando de novo, eu disse:

– Você poderia, por favor, explicar por que esse assunto é relevante para qualquer outra pessoa que não seja eu e o Sr. Stella? Não infringimos nenhuma regra!

– Srta. Miller, por favor, não tenha a presunção de questionar qualquer decisão que eu tome sobre esta empresa, muito menos quem escolho contratar. – Ele assinou um contrato e o som foi suficiente para deixar meus nervos à flor da pele. – Como estagiária, você se qualifica como funcionária temporária no Reino Unido e, portanto, não sou obrigado a explicar nada a você. Mas já que você é tão jovem – e *aí* estava, aquele hábito nojento de achar uma forma de insultar você na sua cara –, espero que isso seja uma oportunidade para você crescer. Sua conduta ultimamente, embora não seja necessariamente uma falta grave, tem sido aquém do esperado. Com essa última... distração com o vice presidente da empresa...

– Não fiz nada de errado – repeti. – Não foi algo esperto, admito. Mas não foi totalmente contra as regras. Não sou subordinada ao Niall.

– *Niall* – ele repetiu, sorrindo para seus papéis. – Sim. Bom, independentemente disso, esse é o tipo de situação que pode fugir do controle, e nós da gerência achamos que é melhor você terminar sua relação ou desistir do estágio.

Eu podia sentir meu rosto queimando com lágrimas de raiva. *Garotinhas* choram; eu não queria justificar seu insulto. Pisquei várias vezes, determinada a não dar a satisfação de ver o que ele estava causando em mim.

– Posso falar com o Sr. Corbett? – eu disse com a voz mais suave possível. – Acho que preciso de outra pessoa para me explicar o que está acontecendo.

– Richard me deu poder para tomar qualquer decisão sobre o meu departamento.

Um fogo queimou em minhas veias. Eu não conseguia mais me segurar.

– Então, para deixar claro, você incentivou o Niall a *se dar bem em cima de mim*, e agora está me despedindo porque acha que ele fez exatamente isso.

Anthony levantou a cabeça imediatamente, com olhos cheios de autoridade.

– Repita isso se tiver coragem.

– Claramente – eu disse, com o coração fervendo –, eu escolho deixar o programa de estágio. Esta foi uma das conversas mais absurdas da minha *vida*.

– Nesse caso – ele disse casualmente, assinando outro contrato –, vou deixar uma carta em seu arquivo. Você terá uma cópia antes de ir embora.



A chuva havia parado e fui caminhar um pouco para clarear a mente. Andei tanto que pude até ouvir as badaladas do Big Ben ao longe. Por instinto, toquei o bolso para encontrar o celular, mas então lembrei que não estava ali. Deixei sobre minha mesa antes de falar com o Anthony, pensando que iria apenas dar um pulo em sua sala, mas depois corri para fora da empresa e nem pensei em pegar o celular. Agora, eu estava pensando se o Niall já tinha chegado, se tinha me procurado, se tinha ligado.

Foi então que percebi o quanto eu estava longe, e que talvez houvesse um pouco de verdade naquilo que o Anthony disse. Meu primeiro pensamento não foi sobre meu emprego ou o fato de que estava a oito mil quilômetros de casa. Também não foi onde eu viveria. Como compraria comida e pagaria a luz? Também não foi sobre a maldita vaga na Oxford, ou o quanto trabalhei duro, ou o quanto me sacrifiquei para chegar aqui. Meu primeiro pensamento foi sobre Niall Stella.



O objeto do meu afeto estava andando de um lado para o outro em sua sala quando voltei e cruzei o corredor em direção ao meu cubículo. Ele pulou quando me viu e esticou os braços para me puxar para dentro.

– Onde você estava? – ele perguntou, fechando a porta atrás de nós.

Acho que eu parecia pior do que pensava, pois seus olhos se moveram do meu cabelo molhado e rosto pálido, até minhas roupas úmidas e postura triste.

– Depende – eu disse. – Primeiro, andei até o trabalho debaixo de chuva, porque fiquei surtando no meu apartamento pensando que tinha manipulado você para transar comigo.

Ele começou a falar, com olhos arregalados e incrédulos, mas eu levantei a mão, pedindo que esperasse.

– Depois, fiquei na sala do Anthony levando sermão. E, mais recentemente, saí para andar um pouco.

– Certo, vamos deixar essa coisa de “manipulação” para mais tarde. É sério, Ruby. – Ele respirou fundo, dando um passo em minha direção. – O que você

quer dizer com “levar sermão do Anthony”?

– Não quero falar sobre isso aqui. Agora só quero ir para casa, beber um pouco, dormir um pouco, depois jantar com meu namorado.

Ele estremeceu.

– Sobre isso... – Niall passou a mão no rosto e depois olhou em meus olhos. – Acho que preciso adiar o jantar para outro dia.

Desabei numa das poltronas perto da janela. Não queria conversar com ele sobre a demissão e o *porquê*. E certamente não queria ficar sozinha com meus pensamentos depois disso tudo.

– Sério? Você não pode cancelar? Preciso surtar mais um pouco, por isso preciso do seu cérebro por perto para servir de equilíbrio.

Ele se sentou na minha frente, parecendo... honestamente? Ele parecia *petrificado*.

– O que foi? – perguntei.

Ele engoliu em seco e olhou para mim.

– Você foi embora hoje de manhã quando a Portia ligou.

– Sim – eu disse, estremecendo. – Isso foi parte do meu surto.

– Eu entendo completamente. – Niall se inclinou mais perto. – Acontece que... acho que foi bom você ter ido embora. A conversa foi um pouco longa.

– Está tudo bem?

Ele não respondeu de imediato e meu coração se apertou dolorosamente. Primeiro fiquei um pouco brava por ele não dizer que ligaria para ela depois. Niall deve ter ouvido a porta da frente se fechando e nem se deu ao trabalho de ir atrás de mim. Mas agora, aqui em sua sala, me ocorreu que algo péssimo pode ter acontecido enquanto estávamos em Nova York. Será que a Portia estava doente?

Umedecendo os lábios, ele disse com a voz muito baixa:

– Ela me ligou porque quer reatar. – Niall fez uma cara, como se eu devesse achar graça do constrangimento inesperado da situação...

Mas em vez disso, meu mundo parou, se partiu em dois, depois se despedaçou em milhões de pedacinhos.

Pisquei incrédula várias vezes.

– Ela quer o quê?

– Ela quer reatar – ele repetiu, suspirando pesadamente. – Estou tão surpreso quanto você, acredite. Ela disse que teve várias revelações e quer conversar comigo.

– E...? – comecei a falar, sentindo meu estômago querendo subir pelo peito e empurrando o coração pela garganta. – Você *concordou*?

– Não em voltar – ele disse rapidamente. – Mas onze anos é um longo tempo. Ficamos juntos quando éramos adolescentes. Depois da nossa conversa de ontem, e depois de ouvir você perguntar se já tínhamos conversado sobre tudo isso, eu me senti obrigado a, pelo menos, ouvir o que ela tem a dizer.

Ele fez uma pausa dando tempo para eu responder, mas honestamente, eu não tinha palavras em minha mente. Absolutamente nenhuma.

– Considerando como as coisas estão entre nós, achei que precisava contar a você que vou jantar com ela hoje – Niall continuou falando cuidadosamente –, e deixar você ciente de que a Portia quer conversar comigo sobre por que ela pensa que merece uma nova chance.

– E quais *são* as chances dela? Uns cinquenta por cento?

Ele riu desconfortavelmente, pois o que eu disse foi constrangedor e direto. Mas eu não me arrependia da irritação em minha voz.

– Deus, não, Ruby.

– Mas você vai *mesmo assim*? – eu disse, chocada. – Quer dizer, estamos falando de chance zero de vocês voltarem, não é?

Sua expressão ficou séria como se não tivesse pensado sobre isso dessa maneira. Claramente, Niall apenas havia considerado o jantar como uma cortesia. Mas se fosse mesmo só cortesia, e não havia chance de que fosse aceitá-la de volta, então por que não disse a ela que era tarde demais? Por que simplesmente não disse a ela que sua namorada tinha acabado de ir embora de seu apartamento no meio de uma crise histérica e que, por favor, ligasse outra hora para conversarem *apenas* pelo telefone?

– Bom, nem consigo imaginar voltar para ela...

– Então você vai se encontrar com ela apenas por educação?

Ele fechou olhos e suspirou.

– Falando assim, soa terrível.

– Então *não vai* ser só por educação?

– Eu não...

– Fale de uma vez! – gritei. – Porque parece que você está falando que transou comigo ontem e hoje vai voltar para sua ex-mulher! – Senti lágrimas queimando meus olhos e a essa altura eu estava cansada demais para limpar.

– Ruby, não vou jantar com ela para voltar pra ela.

– Mas isso *pode* acontecer.

Ele fechou os olhos.

– Não posso nem imaginar isso acontecendo. Mas Ruby, sei que você é jovem e que nunca...

– Não começa – eu o interrompi, com um tom de voz que até eu achei assustador. Sem perceber, minhas mãos se fecharam em punhos; eu estava com minha paciência no limite. – Não fala isso. A questão não é minha idade. Eu *nunca* fui ingênua com você. Até agora fui muito compreensiva enquanto você lida com sua enorme... *bagagem emocional*.

Niall limpou a garganta e concordou, parecendo arrependido.

– Você tem razão, desculpe. Acontece que acho que seria uma crueldade não ter a conversa que deveríamos ter tido há tantos anos. Você, que sabe tão bem como se expressar, precisa entender. Acho que isso pode aliviar algo entre Portia e eu por simplesmente conversar de uma vez.

Meu coração doía tanto que eu mal conseguia respirar.

Ele esticou o braço e tocou minha mão, mas eu a tirei de seu alcance. A dor em seus olhos foi quase insuportável. *O que ele estava fazendo?* Tínhamos uma coisa tão boa entre nós. *Será que eu o assustei tanto assim?*

– Querida – ele disse calmamente, e algo em meu cérebro se arrepiou sobre aquela palavra –, quero aliviar sua ansiedade, mas não quero ser leviano sobre o que significa meu encontro com minha ex-mulher. Percebo agora que seria desonesto se eu dissesse a você que não é nada de mais e depois me encontrasse com ela de mente aberta.

– E sua mente *está* aberta?

Sua resposta partiu meu coração.

– Acho que estou tentando manter aberta. Ao menos, devo isso a ela.

Eu assenti, ficando em silêncio. Eu podia ver seu tormento e meu coração

também doía por ele, mas doía ainda mais por mim. Niall queria conversar com ela para acalmar algo dentro de si e conseguir colocar um ponto final nessa parte de sua vida. Mas eu sabia que existia uma pequena parte dele, a parte que não conseguia conversar com ela apenas pelo telefone, que também se perguntava se ela *tinha* mesmo mudado. Se eles talvez pudessem encontrar algo confortável juntos, e melhor do que tinham antes.

– Então encontrarei você aqui amanhã? – ele perguntou. – Talvez almoçar juntos?

Quase ri com o absurdo da situação. “Almoçar juntos”, quase como se eu fosse uma cliente. Eu acabei de jogar meu emprego fora para ficar com o Niall, mas ele estava prestes a jantar com sua ex-mulher para conversarem sobre uma reconciliação.

Isso estava mesmo acontecendo?

Eu assenti, com o queixo apertado, incapaz de olhar para ele.

– Claro.

Inclinando a cabeça, Niall perguntou:

– Você poderia me contar o que aconteceu com o Tony? Nós conversamos mais cedo. Ele disse ao Richard que iria enviar uma carta com palavras fortes para mim. Acho que vou receber a pior parte do que aconteceu entre nós em Nova York.

Entre nós. Em Nova York.

Não na noite passada. Não na noite em que o pressionei tanto que acabei fazendo você considerar voltar para a mulher que o deixou infeliz por onze anos, mas que não importunava sua concha.

– Ah, sim – eu disse casualmente, mergulhando num estranho torpor. Levantei-me e andei até a porta. – Ele basicamente só me deu uma carta também.

Dezesseis

Apesar da minha sugestão de nos encontrarmos em algum lugar neutro, a Portia insistiu que eu fosse até seu apartamento — nosso velho apartamento — para jantar. Eu sentia um estranho peso na consciência desde que falei com a Ruby, uma espécie de arrependimento por nossa conversa. Enviei uma mensagem quando saí do escritório, dizendo que ligaria mais tarde ou passaria em sua casa, mas ela não respondeu. Eu sabia que ela estava um pouco ofendida por eu querer conversar com a Portia, e não podia culpá-la. Mas esperava que entendesse a intenção por trás disso. Afinal de contas, eu não esperava me reconciliar com a Portia; eu estava com a *Ruby* agora. Nós éramos um *casal*.

Mas a Ruby tinha um bom argumento: por que eu estava me encontrando com minha ex-mulher para jantar? Será que eu podia honestamente dizer que a única razão de concordar com isso era para deixar Portia falar o que queria para que pudessemos realmente seguir em frente? Será que existia uma parte de mim — por menor que fosse — que se perguntava se poderíamos encontrar um lugar melhor juntos, com mais comunicação? Nós já conhecíamos nossos ritmos, afinal de contas. Seria fácil voltar para a rotina.

Mas essa ideia azedou em minha mente e a culpa subiu pela garganta. Eu já *tinha* seguido em frente. Não relembrava meu casamento com qualquer tipo de nostalgia. Foi solitário e sem paixão. Nem parecia um casamento com a melhor amiga; era quase como apenas morar com uma colega.

O que eu esperava que ela dissesse para que minha visão mudasse? Será que aceitei o jantar apenas porque, em minha nova felicidade, eu simplesmente me sentia mal por minha ex-mulher?

Eu queria ligar para a Ruby antes de sair para o jantar, queria dizer que não, a Portia honestamente não tinha chance alguma, e que talvez fosse errado deixar que ela pensasse que tinha, mas uma parte sombria e furtiva de mim estava simplesmente *curioso*: Portia nunca em nossa relação pareceu tão sincera e suplicante como no telefonema pela manhã.

Quando desci do elevador, já pude sentir o cheiro do macarrão de Portia — meu favorito, com salsicha, pimenta e ervas. Podia ouvir a música tocando — minha gravação preferida da Filarmônica de Viena tocando Brahms. A porta da frente estava destrancada e ainda precisava da combinação familiar de empurrão

com o ombro e um chute para abrir.

Eu me abaixei para fazer um carinho no Davey quando ele correu pela sala até mim, apoiando nas patas traseiras e querendo subir por minhas pernas.

— Bom garoto — eu disse, coçando atrás de suas orelhas.

Ouvindo o som dos pratos na mesa, ergui os olhos. Portia estava descalça em nossa cozinha, vestindo uma calça de algodão, uma camiseta e um avental. Eu pisquei incrédulo. Dificilmente eu via aquela mulher sem suas pérolas.

Quando se virou para mim, ela exibiu seu grande sorriso encantador. Fiquei imediatamente tenso.

— Olá — ela disse, apanhando uma segunda taça de vinho e se aproximando para me entregar, depois se esticou para beijar meu rosto. — Bem-vindo de volta ao lar.

Eu quase quis ir embora imediatamente. Estar aqui era desleal. Senti minha pele eriçando por toda parte. Era errado, eu sabia. E Ruby também sabia.

— O *seu* lar — lembrei-a, deixando a taça com cuidado sobre a mesa. — Moro a várias estações de metrô daqui.

Ela fez um gesto com a mão dispensando meu comentário e voltou para a cozinha, onde separava o macarrão em dois pratos.

— Ainda não vi seu apartamento.

— Não tem muito pra ver — eu disse, encolhendo os ombros.

Ela acenou com a cabeça na direção da sala de jantar e me assustei um pouco. Eu mal havia entrado e ela já estava me levando para a mesa como se eu tivesse simplesmente chegado em casa depois do trabalho. Nenhum cumprimento, nenhuma conversa casual. Certamente, nenhuma troca de gracinhas.

Eu a segui. Foi surreal ver a mesa posta com velas, flores e as toalhas que ganhamos da família Wynn de presente de casamento. E o candelabro que seus pais nos deram em nosso quinto aniversário. Quando morávamos aqui juntos, Portia cozinhava de vez em quando, mas sempre era claramente comunicado como uma produção especial e usado como moeda de troca no quesito *olheo-quanto-eu-faço-todos-os-dias* em nosso casamento.

Apalpei o celular no bolso, agora pensando desesperadamente que deveria ter ligado para a Ruby.

Depois de sentarmos, Portia me passou a pimenta e depois arrumou o

guardanapo em seu colo. Davey deitou no chão, pousando a cabeça em meus pés. Lá fora, os carros passavam nas ruas molhadas pela chuva. Aqui dentro, como sempre, o silêncio reinava supremo na mesa de jantar.

— Como foi seu dia? — ela perguntou finalmente, olhando com interesse para seu prato de macarrão.

Meu *dia*? Que tal meu mês ou, melhor ainda, os últimos onze anos da minha vida?

— Foi... — comecei a falar, mas parei. Uma revelação me atingiu quase como um golpe físico: não havia mistério a ser desvendado aqui. Não havia segredo no isolamento silencioso do nosso casamento. Tinha sido e sempre seria assim entre nós.

Portia estava solitária e com dificuldade para encontrar uma nova vida. De certo modo, eu também passei por isso. Eu me concentrei em uma rotina e enterrei meu tempo livre nos esportes. Mal saí da minha concha tempo suficiente para perceber a Ruby me observando, encantada, por vários meses.

E agora quem me observava era Portia, querendo que eu completasse meu pensamento.

— Foi um dia estranho.

Minha resposta foi perfeita para que ela perguntasse mais. Porém, o silêncio voltou e eu tentei comer um pouco. O som da mastigação dela era tão familiar quanto o cheiro da madeira da estante ou o aspecto frio de pedra do chão da cozinha.

— E como foi o *seu* dia? — perguntei de volta, tentando uma conversa normal. Mas não iria funcionar. A comida que engoli desceu como chumbo em meu estômago, e minha cabeça tinha espaço apenas para a Ruby. — Portia, eu não posso... — comecei a dizer, mas ela já estava falando.

Acontece que ela não disse o que eu estava esperando.

— Nós éramos péssimos juntos, não é mesmo?

Finalmente, uma risada se libertou no meio do desconforto em meus pensamentos.

— Os piores.

— Achei que podíamos... — Ela parou, e pela primeira vez desde que cheguei pude enxergar um cansaço, uma vulnerabilidade em seus olhos. Ela esfregou a mão no rosto. — Sinceramente, não sei o que eu estava pensando, Niall,

convidando você para jantar e conversar. Eu queria ver você. Sabe, eu senti saudades. Acho que nunca te dei valor suficiente para sentir saudade antes.

Levei a taça de vinho aos lábios e não disse nada. Tentei dizer com os olhos que eu entendia, que uma parte de mim também estava feliz por vê-la.

Claramente, nunca fui bom em fingir sentimentos. Fechei os olhos, lembrando da noite passada. E aqui, nesta sala de jantar que costumava ser minha sala de jantar, com uma esposa que também costumava ser minha, soube que havia apenas uma razão para o meu mal-estar com toda aquela situação.

Eu amava a Ruby.

— Acontece que — ela continuou, tocando a comida com o garfo — agora que você está aqui, eu não sei o que dizer. Não sei por onde começar. Tem muita coisa, não é mesmo? — Ela olhou para mim. — Temos o hábito de não conversar muito.

Foi mais uma agulha em meus pensamentos. Ruby conversava sobre seus sentimentos, seus medos, sonhos e aventuras. Ela queria ouvir os meus também. Ela se preocupava em transformar essa conversa em hábito, e eu a elogiei por isso. Disse a ela que agradecia por sua honestidade.

Agradecia, mesmo quando ficava aterrorizado. Mais cedo, ela me disse que precisava conversar sobre algo comigo — disse que precisava de *mim*. Fui incapaz de sair de dentro da minha própria cabeça para estar presente para ela.

— Nem preciso perguntar o que você está pensando para saber que seus pensamentos estão muito longe daqui — ela disse em voz baixa, me arrancando da minha revelação. — Você está aqui por educação.

Não respondi, mas meu silêncio valeu como resposta.

— Agradeço por isso, de verdade. Nem sempre fui uma boa esposa para você Niall, sei disso agora. E eu estava errada pensando que poderíamos nos reconciliar. Eu pensava que poderíamos encontrar algo que não tínhamos antes, mas ter você aqui agora, parecendo tão cansado desse jeito... agora entendo isso também. Realmente, tudo está acabado entre nós.

— Desculpe, Portia — eu disse, baixando meu garfo. — Eu queria escutar o que você tinha a dizer porque sentia que lhe devia isso. E devia isso a mim também. Eu queria entender o que você pensava durante nosso casamento. Mas é verdade: hoje tenho outras coisas na minha cabeça.

— Percebi. É até chocante ver você assim, tão... abalado.

Eu me desculpei de novo.

— Não foi justo eu ter vindo apenas por...

— Você lembra — ela me interrompeu — quando você se mudou? Você parecia completamente equilibrado. A última coisa que me disse foi um “até mais”. Entreguei a pasta com seu passaporte e documentos e você disse calmamente “até mais”. Isso não é incrível?

Apoiei minha cabeça nas mãos.

— Não foi tristeza que senti quando terminamos o casamento, Portia, mas senti, sim, *algo*. Simplesmente não sei como chamar esse algo, ou como expressar. Fracasso, talvez. Ou arrependimento. — Olhei para ela e admiti: — Alívio, também.

— Oh — ela disse com um suspiro. — Eu também senti isso. E depois culpa, por estar tão aliviada. E fiquei passando de um para outro nos meses seguintes. Como pude passar tanto tempo da minha vida com alguém que fiquei tão aliviada por deixar? Como eu poderia ter melhorado as coisas?

Eu sorri com tristeza, concordando.

— Bom — ela disse, dobrando o guardanapo sobre a mesa —, por mim, eu gostaria de...

— Portia, estou apaixonado — as palavras saíram tão de repente e cruas que imediatamente desejei puxá-las de volta. Baixei a cabeça, estremecendo.

Demorou vários longos segundos para ela falar.

— Niall? — Sem olhar para ela, pude ouvi-la engolindo em seco e recuperando o fôlego. — Diga que ela não machucou você.

— Muito pelo contrário. Acho que *eu* a machuquei.

— Oh, Niall.

Deixei minha cabeça cair para trás e fiquei olhando para o teto.

— Desculpe. Não queria dizer isso tão diretamente.

— Algo dentro de mim sente alívio por você ter seguido em frente, mesmo que seja um pouco difícil ouvir isso. — Ela parou para respirar fundo. — Posso ouvir em sua voz, ver em seus olhos. Uma urgência, uma tensão. Eu nunca poderia arrancar esse tipo de reação de você. Às vezes meu comportamento era horrível, sei disso. Mas você me tratava com tanta calma e passividade. Você pode imaginar o quanto é horrível saber, com toda a certeza, que eu nunca

conseguiria arrancar uma resposta passional assim de você?

Olhei para aquela mulher que eu maltratei tanto, e que me maltratou tanto.

— Desculpe, Portia.

Ela sorriu um pouco.

— Não peça desculpas. Não foi culpa sua.

— Então você vai ficar bem? — perguntei discretamente.

— Em geral, sim — ela disse. — Tive altos e baixos. Nos primeiros meses depois do divórcio fiquei um pouco maluca. Gastando muito dinheiro, encontrando homens a toda hora.

Nada. Não senti nada quando ela me disse isso.

— Recentemente, estava me encontrando com um cara mais seriamente. — Ela ficou mexendo no guardanapo. — Acho que foi isso que me deixou em pânico nos últimos dias. É difícil ficar com alguém diferente, com medo de repetir os erros do passado. Ficamos juntos por tanto tempo, Niall, que parecia errado sair com outra pessoa, como se eu estivesse traindo você.

Olhei para ela. Pessoalmente, nunca senti que estava traindo, mas entendia o que ela disse sobre ser difícil ficar com uma novo. E ficar com medo. E descobrir novos ritmos e necessidades. E se preocupar constantemente com o fracasso.

— Eu já o conhecia antes. — Portia hesitou. — Do trabalho.

Uma ficha caiu em minha mente.

— Stephen?

Portia pareceu se sentir culpada quando admitiu.

— Sim, ele. O Stephen.

Eu já tinha percebido a maneira como ele a olhava. Foi só então que me ocorreu o quanto estive apático em jantares de negócios e no escritório dela, quando eu aparecia para deixar o almoço ou alguma coisa que ela havia esquecido. Stephen não conseguia parar de olhar para a Portia, pelo menos não quando eu estava por perto.

Se alguém olhasse para a Ruby como o Stephen olhava para Portia, eu ficaria maluco.

Meu pensamento se partiu, meu sangue ferveu: o *Tony* tinha olhado para ela desse jeito.

— Nada aconteceu antes — ela disse. — Prometo, Niall.

— Acredito em você. E não estou surpreso, Porsh. Percebi quando ele olhava para você.

Ela riu.

— Sim. Igual àquela garota no seu escritório, quando passei lá para deixar os papéis do divórcio. Ela tinha dois coraçõezinhos nos olhos, observando você.

Senti algo dentro de mim se apertar. *Cristo*. Até a Portia tinha percebido.

— A Ruby? — eu perguntei, e dizer seu nome enviou uma onda de calor através do meu peito.

— Alta e bonita? Americana?

Eu precisava de um drinque. Confirmando, levei a taça de vinho até a boca e disse:

— Exatamente.

Seus olhos se arregalaram.

— É com ela que você está ficando? — Portia fez uma pausa. — É ela que você ama?

Mais uma vez, confirmei, sem nenhuma hesitação, sem nenhuma dúvida.

— Ela gosta de você faz tempo e agora vocês ficaram finalmente juntos? — ela falou, igual a uma adolescente. E era uma prova da nossa distância ela ter me convidado até ali para discutirmos uma reconciliação e o assunto ter morrido tão rápido. — Niall, isso é tão romântico.

— Igual a você e o Stephen?

— Bom, não sei se ainda somos um casal, mas assim é a vida. — Ela chegou mais perto, inclinando a cabeça quando falou: — Conte-me o que aconteceu.

E assim, com a cabeça nas mãos e o pulso martelando em minha garganta, contei tudo para a Portia.

Contei sobre Nova York, sobre o Tony não poder ir e a Ruby tomar seu lugar. Contei sobre ela gostar de mim por meses antes que eu percebesse, contei sobre sua beleza, humor e como conseguia me acalmar tão rápido. Contei sobre meus medos, meus desejos, minha hesitação. E, embora não precisasse, contei sobre como ela precisava mais de mim — mais comunicação, mais intimidade — e

que eu sinceramente tentei fazer tudo certo.

— E então vim jantar com você aqui — admiti. — Não consegui dizer para ela que não era nada sem sentir que estava mentindo, porque eu pretendia mesmo ouvir o que você tinha a dizer, Portia, mas também não queria que ela pensasse que eu estava voltando para você. Ela ficou *devastada* — gemi de frustração, lembrando de sua expressão vazia e o jeito como saiu da sala e do prédio numa única caminhada. — Acho que estraguei tudo.

— Niall — ela disse, com uma voz tranquilizadora. — Você sabe que precisa consertar isso.

Concordei, sentindo um grande mal-estar. Eu não sabia se seria tão fácil assim. Fiz uma enorme besteira.

Ela fez uma pausa.

— Eu te amo, sabe?

Sua voz tinha um raro tom de sinceridade. Ela disse isso apenas algumas vezes durante nosso casamento, mas agora as palavras saíram muito mais naturalmente.

Sorrindo para ela, eu disse:

— Também te amo, Porsh.

E então, o familiar tom controlador voltou:

— Conserte isso.



Desci correndo os degraus até a rua, já discando o número da Ruby.

Chamou e chamou.

Nunca tinha ouvido sua gravação da caixa postal antes, e ouvir sua voz enquanto meu coração se apertava em pânico apenas me deixou com mais urgência.

“Oi, aqui é a Ruby! Deixe um recado e eu provavelmente vou escrever uma mensagem para você porque sou horrível para ligar de volta, mas se você está ligando para este número provavelmente já sabe disso e já me perdoou.”

Depois do sinal, comecei a falar:

— Ruby, sou eu, o Niall. Eu... — Minha voz sumiu e eu já estava querendo arrancar os cabelos. — Acabei de sair da casa da Portia. Ruby, não sei por que

fui até lá. Não deveria ter ido. Por favor, me liga. Quero encontrar você hoje à noite. Isso tudo foi um absurdo. Eu *preciso* encontrar você.

Mas, passada uma hora, ela não ligou, nem enviou mensagem.



Admito que cheguei cedo demais no trabalho na manhã seguinte, mas mesmo assim fiquei surpreso quando percebi que a Ruby não estava em sua mesa.

Mas sua amiga Pippa estava, e quando me aproximei — sabendo muito bem que ela sabia da nossa relação —, ela desviou os olhos e fechou a cara.

— Pippa?

Ela olhou para mim e me estudou com o rosto sério.

— Sim?

— Você sabe onde está a Ruby ou quando ela vai chegar?

Sua expressão mudou de irritada para surpresa.

— Quando vai chegar?

— Aqui, no trabalho — esclareci, achando que era um pouco desnecessário.

— Você está louco?

Gaguejei algumas sílabas até finalmente dizer:

— Hum... não?

Pippa ficou olhando para mim por alguns segundos.

— Você realmente não sabe, não é? — ela perguntou, levantando para me encarar. — A Ruby foi *demitida*, seu tonto.

Pisquei incrédulo.

— Desculpe. Demitida?

— Demitida.

— Ela foi demitida?

Pippa riu forçadamente e depois sacudiu a cabeça.

— Ela precisou escolher entre o estágio ou a relação com você. Ela queria contar pra você ontem, mas acho que você tinha *outros* planos.

Oh.

Oh.

Mas... que... maldito inferno.

Senti o pânico tomar meu corpo, apertando o coração até explodir numa batida frenética.

— Ela... — Perdi o fôlego, olhando ao redor como se pudesse encontrá-la de algum jeito. Como se tudo não passasse de um joguinho cruel.

O Tony obrigou que ela escolhesse entre o trabalho ou sua relação comigo.

Ela escolheu a mim.

E, até onde ela sabia, eu escolhera a Portia.

— Estou *fodido* — sussurrei para mim mesmo.

Pippa riu com desprezo.

— Com certeza.



Invadi a sala do Tony com fogo nos olhos.

— Você só pode estar brincando comigo.

Ele se assustou e levantou imediatamente.

— Niall.

Uma estagiária que eu nem tinha reparado se levantou da cadeira na frente dele, ajeitando a saia e pedindo licença antes de sair.

Nós dois a olhamos enquanto ela andava; sua beleza e juventude dispararam outra explosão em meu peito. Mal esperei que fechasse a porta para me virar para o Tony, com um tom de voz grave cheio de fúria.

— Me dê uma razão pra não esmagar sua cabeça na mesa agora mesmo.

Tony ergueu as mãos.

— É a política do meu grupo, Niall. Segundo as regras que eu passei verbalmente para a Ruby quando ela começou em *meu grupo*, não posso permitir relações desse tipo.

— Desde quando? — Fiz um gesto para a porta. — Você criou essa regra antes ou depois que contratou aquela ali? — Cheguei um pouco mais perto. — Foi antes ou depois que você sugeriu que eu ficasse com a Ruby? Foi antes ou depois de ficar admirando os peitos e as pernas dela?

Tony engoliu em seco.

— Não sei a qual conversa você está se referindo, mas se conseguir encontrá-la por escrito, ficarei feliz em discuti-la com você.

Eu ri secamente.

— Então você já passou no RH.

Tony fechou os olhos, repetindo:

— Segundo as regras que eu passei verbalmente para a Ruby quando ela começou em *meu grupo*, não posso permitir essa relação.

Fumegando, eu disse:

— Você é uma piada. Espero que a Ruby o processe até arrancar suas calças.



Se alguém me dissesse apenas um mês atrás que eu conheceria uma mulher no trabalho, me apaixonaria e a perderia, tudo antes que a primavera chegasse a Londres, eu acharia uma maluquice.

A Ruby não passou no escritório naquela manhã, nem mesmo para retirar suas coisas. Sua ausência causou um vazio enorme: nem sinal da sua risada boba ou dos olhos verdes brincalhões. Então, às nove e meia da manhã — depois da minha briga com o Tony e minha pressão sanguínea que teimava em não baixar — eu não conseguia me concentrar numa única tarefa à minha frente.

Enviei uma mensagem para ela:

Você não vai me ligar de volta? Sei que estraguei tudo, estou desesperado para falar com você.

A produtividade no trabalho se tornou impossível depois que apertei o botão *enviar*. Eu olhava para o celular a cada dez segundos, aumentando o volume ao máximo. Normalmente, deixava o celular na gaveta quando fazia reuniões, mas agora carreguei junto comigo, deixando-o o mais perto possível. Com exceção de aparecer de surpresa em sua porta, o telefone era minha única conexão com ela.

Logo depois do almoço, ouvi meu alerta de mensagens e me atrapalhei todo tentando apanhar o celular na mesa. Uma esperança se acendeu, imediata e pesada, deixando quase impossível respirar. Não demorei nem um segundo para ler; meu coração se sentiu quase perfurado. Sua mensagem apenas dizia “Procurando emprego”. Digitando furiosamente, eu pedi a ela:

Por favor, me liga. Pq não me contou o que aconteceu com o Tony?

Uma hora se passou. Duas, três, cinco. Ela não respondeu.

Interpretei a mensagem como a rejeição que eu sabia que ela pretendia me dedicar, então desliguei o celular, para não implorar numa série de mensagens inúteis. Sem conseguir trabalhar, fiquei andando no corredor como um lunático, ignorando os olhares culpados do Tony em minha direção e os olhares incertos do Richard.

Assim que entrei em meu apartamento, corri para o escritório e liguei para ela. O telefone chamou uma vez — meu coração estava preso na garganta —, e mais uma, e finalmente uma terceira vez até ela atender.

— Oi — ela disse, com uma voz pequena e fraca.

Quase sem voz, eu disse:

— Ruby, querida.

Imediatamente imaginei seu estremecimento quando respondeu:

— Por favor, não me chame assim.

Respirei fundo, sentindo a dor irradiar por meu peito.

— É claro, desculpe.

Ela não disse nada em resposta.

— Eu gostaria que você tivesse contado sobre a conversa com o Tony — eu lhe disse, distraidamente dobrando um papel em minha mesa. — Eu não tinha ideia do que aconteceu.

— Eu queria contar, mas fora do escritório. Não queria chorar lá. — Ela fungou, limpou a garganta e depois voltou a ficar em silêncio. Obviamente, ela não estava com a mesma disposição de sempre para falar, e isso aumentou ainda mais minha dor, como se um pedaço do meu pulmão fosse arrancado vivo, me deixando sem ar. De fato, com exceção de alguns suspiros do outro lado da linha, ela estava estranhamente quieta; parte de mim se perguntou se estivera chorando.

— Está tudo bem, Ruby? — perguntei num sussurro.

— Estou bem — ela murmurou —, estou só olhando uns anúncios de emprego.

— Ah. — Então, minhas opções eram falar enquanto ela estava distraída ou perder a única conexão que eu tinha com a mulher que amava.

Contei sobre o jantar inútil com a Portia, deixando claro que no final não

havia nada para discutir. Soube disso no instante que entrei em nosso velho apartamento.

— Tenho certeza que foi horrível para você — ela disse, com certo tom de ironia.

Pressionei minha testa e murmurei:

— Não consigo conversar sobre tudo isso no telefone. Tenho tantas coisas pra dizer. — *Eu te amo. Fui um idiota.* — Ruby, por favor, venha jantar comigo.

— Não posso — ela disse simplesmente.

Então, para mantê-la na linha, falei até esgotar todos os assuntos, sentindo-me perdido e atrapalhado pela primeira vez com ela. Descrevi a distração no meu dia, a caminhada de volta para casa, o jantar simples que pretendia preparar. Conte sobre a conversa que tive com o Max mais cedo, que me contou que Sara já estava esperando outro bebê. Continuei falando até esgotar os assuntos normais e comecei a tagarelar sobre qualquer coisa: meias, a nova construção na Euston Road, meu alívio com a diminuição da chuva.

Eu queria que ela me culpasse, que gritasse comigo. Queria que ela jogasse na minha cara o quanto estava decepcionada comigo. Seu silêncio era desesperador, porque era tão diferente. Eu preferia ouvir um milhão de xingamentos do que um único momento de seu silêncio.

Sua opinião e estima já eram fundamentais para mim, mesmo após apenas um mês. A simples verdade era que nunca me senti tão *identificado* com ela, e tão perdido mesmo com apenas um dia de ausência. Ela era diferente de qualquer pessoa.

Mas, por fim, sob o peso de sua quietude estendida, desisti de continuar implorando para que me ligasse quando se sentisse pronta.

Mais dois dias se passaram sem nenhuma palavra dela, e eu não conseguia nem sair de casa, não tinha fome e só queria dormir. Eu sabia que estava encarando o tipo de tristeza profunda que eu antes apenas imaginava que poderia combater com o próprio estoicismo.

Ruby era a única mulher que já desejei, e a ideia de tê-la em minha vida por apenas as últimas semanas era tão deprimente que algo dentro de mim se tornou amargo.



No primeiro fim de semana após eu destruir a confiança da Ruby e forçá-la silenciosamente a terminar nossa relação, consegui sair de casa para juntar uns arquivos e relatórios no escritório. Queria ao menos que parecesse que estava trabalhando em casa. Não me barbeava fazia tempo e estava usando a mesma calça jeans surrada e camiseta que vesti nas últimas trinta e seis horas. Acho que nem me olhei no espelho antes de sair.

Ainda estava escuro lá fora, tão cedo que as ruas ainda estavam lindamente vazias, oferecendo um tipo de calma externa que me deixou desesperado para tentar puxá-la para dentro de mim. Os carros permaneciam estacionados nas calçadas; as lojas só abririam horas mais tarde. O saguão do prédio estava silencioso como um cofre.

Tirei as chaves do bolso em frente às portas de vidro, olhando curiosamente para a única luz dentro da empresa.

Estava num canto aos fundos. Perto da antiga sala da Ruby.

Abri a porta automaticamente. Lá no fundo, pude ouvir o som de papéis sendo arrumados e porta-retratos sendo guardados. E livros jogados em caixas.

— Olá? — chamei, dobrando a coluna e congelando quando percebi que era a Ruby em sua sala, com a mão suspensa no ar quando me viu.

Ela teve a mesma ideia: passar na empresa cedo no fim de semana para evitar a todos. Mas, ao invés de apanhar trabalho para fazer na privacidade de casa, Ruby estava arrumando suas coisas para não voltar mais.

Meu estômago subiu até o peito, apertando a garganta com várias emoções.

— Ruby? Você está aqui.

Ela fechou os olhos e voltou a arrumar as coisas.

— Estou quase acabando.

— Por favor, não vá embora correndo. Eu... eu queria falar com você. Falar de verdade, não ficar tagarelando igual àquela vez no telefone.

Ela concordou, mas não disse nada. Fiquei lá de pé, olhando para ela sem saber o que fazer.

Seu rosto estava rosado, o lábio inferior molhado e fino sob a pressão dos dentes que o mordiam.

— Ruby.

— Por favor — ela disse quase sem voz e erguendo a mão. — Não faça isso,

tá bom?

Era uma pergunta, como se não estivesse mais certa sobre continuar com aquele silêncio horrível. Nunca tive meu coração destroçado antes, *nunca*, e isso era uma percepção gigante para alguém que passou toda sua vida adulta em uma única relação. O peso disso apertou cada parte vital do meu corpo.

Eu queria me aproximar, virá-la para me encarar e depois beijá-la. Simplesmente beijar e dizer que ela era a única mulher que iria querer para o resto da vida. Se ela me deixasse, talvez eu pudesse implorar um pouco. Na verdade, poderia até colocar em palavras as coisas que sentia.

Devoção e desculpas. Adoração, desespero e medo.

E, acima de tudo: amor.

Entretanto, o instinto me dizia para dar espaço a ela.

Virei e andei até meu escritório. Atrás de mim, sua arrumação acelerou e estremei, querendo que fosse mais fácil do que isso. Eu estava errado? Será que meu instinto estava me enganando o tempo todo? Apertei minha cabeça com as duas mãos, me perguntando que diabos deveria fazer.

Distraidamente, apanhei um arquivo em minha mesa e mais alguns no armário. Eu mal conseguia me concentrar na tarefa diante de mim, sabendo que a Ruby estava a apenas alguns metros de distância.

Saindo da minha sala, soltei um longo suspiro reprimido quando vi que ela ainda estava no prédio fechando a pequena caixa com suas coisas. Seu cabelo estava mais despenteado do que o normal, como se não tivesse se arrumado antes de sair. As roupas estavam amassadas e soltas: uma saia bege, um casaco marrom. Parecia que veio arrastada por uma nuvem de chuva.

Eu sentia tanta saudade dela. Uma saudade que deixava feridas profundas em meu peito, num lugar que eu não alcançava, empurrando coisas que eu precisava para respirar e viver, para andar no mundo de um jeito que um dia já foi reflexivo. Nunca fui de fazer drama com nada, mas, neste caso, a comisseração que eu sentia por mim mesmo estava me matando. Nunca precisei conquistar ninguém em minha vida, ao menos não conscientemente, e agora me sentia totalmente despreparado para isso.

— Sei que você quer ficar sozinha — eu disse, tentando não pensar na maneira como ela estremeceu quando ouviu minha voz — e sei que magoei você de um jeito que vai ser impossível reparar. Mas, eu sinto muito mesmo. E se

significar algo, eu queria dizer...

— Acho que vou perder minha vaga em Oxford — ela interrompeu com o tom de voz mais fraco do mundo.

Senti meu corpo inteiro congelar.

— Como é?

— Além de ser demitida, o Tony também acrescentou uma carta em meu arquivo. Ele me enviou uma cópia, apesar de não saber por que diabos achou que eu fosse querer ler, e essencialmente a carta diz que eu era uma funcionária medíocre, porque meus sentimentos por você me distraíam e, segundo ele, afetaram a qualidade do meu trabalho.

Dei um passo atrás, sentindo o sangue bombear tão rápido nas veias que meu peito doía.

— Isso é totalmente absurdo. Ouvi o Tony elogiando você em mais de uma ocasião. E além disso, ele não sabia dos seus sentimentos antes da nossa viagem!

— Eu sei. Obrigada por espalhar isso por aí — ela disse secamente, devolvendo a fita adesiva na gaveta vazia de sua mesa.

— Ruby, mencionei aquilo espontaneamente, de um jeito bem idiota, simplesmente porque eu ainda estava encantado por você ter...

— Niall? — ela interrompeu de novo. Eu podia ver as lágrimas brilhando sob seus olhos. — Não comece, ok? Eu entendo. Você não teve intenção de contar pra ele, ou no mínimo não queria que soasse daquele jeito. Na verdade, não me importo de você ter contado para o Tony que eu gostava de você antes da viagem; acho que isso não importa. O Tony é um idiota por ter feito aquilo. Meu problema com isso tudo — ela disse, gesticulando entre nós — é que ele não está inteiramente errado. Eu *estava* distraída. Eu *estava* inquieta. Deixei claro que faria qualquer coisa para ficar com você... mas você voltou pra ela.

— Mas não voltei. Eu sabia, antes de encontrá-la, que eu não tinha intenção alguma de...

— O jeito que você saiu na semana passada... — ela disse, a voz rouca com um choro reprimido — parecia que você estava dando uma nova chance para ela.

— Ruby...

— Eu me *joguei* em você. Eu estava tão apaixonada, estive por tanto tempo, que ignorei todos os sinais que diziam que você não estava pronto. Eu disse que te amava depois de só umas semanas, e você claramente não estava pronto para

transar comigo, mas transou mesmo assim...

— Ruby, por favor, pare. — Eu me sentia nauseado. Não conseguia continuar, mas suas palavras se tornaram ainda mais fortes e tóxicas em meus ouvidos.

— ... e no dia seguinte você saiu para conversar com a Portia sobre reconciliação, pensando que eu estava tão desesperada por sua atenção que ainda estaria disponível se decidisse não voltar pra ela. — Quando olhou para mim, as lágrimas em seus olhos finalmente caíram. — Acho que você pensou isso porque eu sempre quero conversar sobre tudo, achou que eu entenderia o quanto você queria ouvir o que ela tinha a dizer, e que isso iria superar minha necessidade de me sentir importante para você.

Abri minha boca, mas fechei de novo.

— Você pensou que eu acharia que era uma grande ideia porque, claro, acontece que a Portia não é um robô e tem sentimentos, e finalmente quer compartilhar isso com você. — Ruby limpou uma lágrima do rosto. — Mas eu *não* achava uma boa ideia. Eu *queria* que você dissesse que ela teve onze anos para conversar sobre essas coisas e que agora você tem uma namorada que carrega o privilégio de conversar sobre o que acontece no seu coração e na sua mente.

Ela respirou fundo para recuperar o fôlego antes de continuar.

— Meu Deus, antes eu queria tanto ouvir tudo que você tinha a dizer. Mesmo se isso significasse ouvir sobre sua vida sexual com a Portia logo depois de fazermos amor pela primeira vez — ela riu forçadamente, sem humor algum. Nunca vi uma emoção tão brutal. Ruby não estava se segurando por mim; ela estava apenas despejando tudo antes que se arrependesse.

— Você poderia ter oferecido um almoço se ela quisesse mesmo colocar as coisas para fora, ou, melhor ainda, poderia ter pedido para ela escrever um maldito email. Mas encontrá-la na primeira noite depois que fizemos amor? E relutar tanto em deixar claro que você estava comigo? — Ela sacudiu a cabeça, limpando ainda mais lágrimas. — Apesar da nossa relação ser esquisita e impetuosa e, às vezes, andar aos trancos e barrancos, era muito melhor. Nós tínhamos uma coisa legal, tínhamos algo *real*, e você sabe disso.

— Nós tínhamos — eu disse. — E *temos*.

Cheguei mais perto e pousei as mãos em sua cintura. Para meu alívio profundo, ela não se afastou, então baixei meu rosto, beijando seu pescoço.

— Ruby, eu sinto muito.

Ela assentiu, com os braços soltos ao meu redor.

— Você me magoou.

— Fui um idiota.

Afastando-se, Ruby fechou os olhos para se recompor e então, para meu absoluto horror, ela apanhou sua caixa e andou na direção oposta a mim, dobrou paredes de cubículos e saiu do escritório antes que eu pudesse encontrar as palavras certas para impedir que fosse embora.



Levar as pastas para casa foi uma futilidade. Passei o resto do fim de semana tão improdutivo quanto antes.

Dormir. Comer. Beber até desmaiar. Olhar para a parede.

Meu celular estava silencioso demais. Achei ótimo não receber ligações do Tony, da família, da Portia. Mas fiquei devastado sempre que olhava a tela e não havia nada de Ruby.

Então, quando começou a vibrar algumas horas depois, sobre um travesseiro no chão do quarto, demorou algumas chamadas até eu acordar do meu transe.

Eu me atrapalhei todo para destravar a tela, então atendi.

— Max.

— Conversei com a Rebecca hoje — ele disse, ao invés de me cumprimentar de volta.

— Hum?

— Mamãe já está adorando. Rebecca já lhe disse que acha que a Ruby vai ser a pessoa certa para você.

Minha irmã.

— Ela nunca nem *viu* a Ruby.

— Aparentemente, não importa.

Eu falava com meu copo de gim nos lábios.

— Pelo menos vocês dois nunca mergulharam de cabeça em alguma coisa.

— Você parece irritado.

Olhando meu drinque, eu disse:

— E extremamente infeliz.

— Ora, vamos lá. O que aconteceu?

— A Ruby terminou comigo.

Max ficou em silêncio por vários minutos.

— Sério?

— Pois é, sério. Nosso caso em Nova York custou seu emprego, enquanto eu recebi só uma reprimenda. E ela acha que não vai mais conseguir a vaga na pós.

Ele suspirou fundo.

— Que merda.

— E eu jantei com a Portia no dia seguinte depois de finalmente transarmos, sem saber que o Tony havia lhe dado um ultimato: ou eu, ou o estágio.

— E ela escolheu você — meu irmão disse.

Eu ri sobre a bebida.

— Exatamente.

— Seu *idiota*.

— Pois é. — Terminei o drinque e deixei o copo cair no chão. — Então, nem preciso dizer, ela terminou comigo de um jeito bem definitivo.

— Então você vai ficar bebendo no sofá, sentindo pena de si mesmo?

— Você sabe como era minha vida com a Portia — eu disse. — E com a Ruby... Nunca pensei muito sobre filhos ou encontrar aquilo que você tem com a Sara, mas com ela eu pensei nisso tudo. — Olhei para o céu lá fora e as folhas novas que balançavam com a brisa da primavera chegando. — Mas nunca vou voltar ao normal depois disso. Ela me transformou e eu... não quero voltar a ser o que era. — A linha ficou quieta por um momento e eu apanhei meu copo para servir outra dose. — Então, beber até esquecer aquilo que perdi... parece correto.

— Ou então — ele sugeriu com uma risada que dizia “seu idiota” — você podia tirar esse traseiro estúpido do sofá e ir conversar com a Maggie. Caramba, Niall, até parece que você já esgotou todas as possibilidades. Descubra o que você pode consertar e conserte. É *assim que funciona*, meu irmão.

—

Eu tinha um pouco de tempo para refletir — finalmente sóbrio — sobre o que eu queria dizer enquanto viajava no trem de Londres para Oxford. Margaret

Sheffield era uma das minhas heroínas, depois de participar da banca julgadora da minha tese e ter feito o papel de mentora melhor do que o alcoólatra do meu orientador oficial. Apesar de sua especialidade ser engenharia civil, ela era consultora em design e supervisora de construção de muitos prédios comerciais famosos de Londres, e eu idolatrava o jeito como sua carreira englobava facilmente engenharia, arquitetura e urbanismo. Um dos momentos mais orgulhosos da minha vida profissional foi quando um colega me apresentou numa conferência como “a Margaret

Sheffield da nossa geração”.

Mas nunca fiz uma visita com um assunto tão pessoal.

Na verdade, com exceção de quando invadi a sala do Tony na semana passada, nunca encontrei ninguém da minha vida profissional para tratar de um assunto pessoal. Então, apesar do vento frio que soprava enquanto eu descia a Parks Road na direção do Thom Building, eu estava suando de nervosismo.

Maggie já merecia um escritório emérito em algum dos prédios principais, mas ela preferia ficar mais perto da ação. Seu prédio era estranho, uma estrutura hexagonal, mas com uma linda vista do parque da universidade, ao leste. Só de estar aqui de novo, perto do prédio da Engenharia e Ciência de Materiais, senti uma pesada nostalgia. Eu era jovem quando morei aqui. Jovem e casado, e por essa razão sempre um pouco diferente dos meus colegas, que passavam os dias trabalhando muito, e as noites festejando ainda mais.

Bati em sua porta aberta, aliviado quando ela olhou para mim e sorriu abertamente.

— Niall! — Ela se levantou, deu a volta na mesa e me deu um firme abraço. Maggie nunca foi de apertar as mãos, mas com determinação ela me treinou ao longo dos anos a me entregar para seus gestos de afeto.

Quando me soltou, perguntei:

— Você tem um tempinho para conversar?

— É claro — ela sorriu. — Seu e-mail me deixou curiosa pela completa falta de detalhes.

— E... se não for muito trabalho, você acha que podemos sair para tomar um café?

Suas sobrancelhas se ergueram e os olhos brilharam com interesse.

— Parece que isso não é uma conversa estritamente profissional, não é?

— Não, não é. Mas... é, também. — Suspirando, expliquei: — Prefiro a flexibilidade de um café.

Ela riu, apanhando seu casaco.

— Bom, estou chocada. Uma conversa pessoal com Niall Stella. Com certeza posso arrumar tempo para isso.

Andamos para um pequeno café na Pembroke Street, usando a caminhada para nos atualizar sobre os últimos dois anos. O assunto do futuro da Ruby pairava pesadamente sobre o ar, e apesar do esforço de Maggie para conversarmos casualmente, minhas respostas para suas perguntas benignas foram todas breves e um pouco secas. Fiquei aliviado quando chegamos no café e pedimos chá e *croissants*, antes de sentarmos numa pequena mesa de canto.

— Então — ela começou, sorrindo para mim. O vapor do chá subia de sua xícara —, chega de papo, já captei. Qual é a razão da sua visita?

— É sobre uma aluna que se inscreveu para seu programa e que era estagiária na Richardson-Corbett.

Ela assentiu.

— Você quer dizer Ruby Miller?

— Sim — eu disse, surpreso por ela saber imediatamente quem era, mas então percebendo que eu disse “*era* estagiária”. Claramente a Maggie já tinha lido a carta do Tony. — Não trabalhei diretamente com ela. Como você sabe, ela era subordinada do Tony.

— Eu recebi a carta dele — ela confirmou, franzindo o rosto. — Ele não gostou nem um pouco dela.

Meu sangue ferveu e cheguei mais perto, percebendo assim que ela me olhou que minhas mãos estavam fechadas em punhos.

— Bom, esse é o problema — eu disse. — Acho que ele, na verdade, gostava um pouco *demais* dela.

— Maldito Tony. — A expressão da Maggie voltou ao normal quando ela entendeu a situação. — E você era a distração que ele mencionou.

— Por favor, entenda — eu disse com urgência —, eu nunca conversaria com você se não achasse que isso afetaria uma decisão profissional sua. O Tony lidou muito mal com a situação. E acho que eu também. Mas estou preocupado achando que você pode perder uma estudante maravilhosa se ouvir o conselho dele. A Ruby é inteligente e dedicada.

Maggie me estudou enquanto tomava o chá.

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

Engolindo, assenti:

— Atrapalhei o seu dia pedindo para vir até aqui. É claro que você pode perguntar qualquer coisa.

— Você veio falar comigo porque a Ruby merece uma vaga no meu programa ou porque está apaixonado por ela?

Engoli em seco e lutei para olhar em seus olhos quando disse:

— Os dois.

— Então o afeto não era unilateral?

— Era, depois não era mais. Eu não sabia que ela gostava de mim, e ela admitiu isso apenas depois que comecei a gostar dela também.

Maggie assentiu, olhando atrás de mim para um grupo de estudantes que passava na rua.

— Nunca imaginei que conversaria com você a respeito de uma namorada. Não sei se estou mais surpresa ou animada.

— Mas ela não está — eu disse. Maggie se virou para me encarar, confusa. — Ela não é mais minha namorada — esclareci. — A perda do emprego, a perda da vaga na pós, minha incapacidade de lidar com emoções... Acho que tudo isso a fez repensar suas prioridades.

— Repensar as prioridades? Perda da pós?

— Tony achou que seria uma boa ideia enviar uma cópia da carta para ela. Já que ele é seu ex-aluno e completar um estágio de engenharia é um requisito importante para sua consideração, ela me disse que acha que não vai conseguir entrar em seu programa.

— Niall — ela disse, baixando a xícara de chá —, me perdoe por ser direta, mas, por favor, não me insulte sugerindo que eu descartaria uma boa estudante só por causa de uma paixão no trabalho.

— De jeito nenhum, Maggie, eu não quis...

— Ou por ser jovem e não conseguir sempre deixar o lado pessoal em favor do profissional. Agradeço por ter conversado comigo, mas o resultado da conversa foi minha satisfação em ver você apaixonado de verdade por uma mulher, e não ajudar a Ruby. O currículo dela é brilhante. Suas outras cartas de

recomendação são muito positivas. Suas notas são perfeitas e a deixam no topo da lista. Sua carta de apresentação foi uma das melhores que já li. — Chegando mais perto, ela sacudiu a cabeça para mim. — Veja só, a vaga dela nunca ficou a perigo por causa da carta do Tony. Você não acha que eu já topei com vários Tonys por aí nos últimos quinze anos? Ele é um engenheiro brilhante, e também um completo idiota.

Fechei meus olhos, rindo.

— *Touché*.

— E, se me permite, eu gostaria de esquecer meu profissionalismo por um segundo.

— É claro — eu disse, sentindo uma súbita fome por sua sabedoria, de um jeito que não esperava sentir. — Por favor.

— Você me conheceu como sua instrutora, depois como quase mentora, e agora como uma colega de confiança. Mas sou uma mulher, em primeiro lugar, Niall. Casei aos vinte anos, passei cinco anos casada, depois me divorciei. Casei de novo ao final dos meus trinta. Com a distância da idade e da razão, posso dizer, com o máximo de gentileza possível, que sua razão para esta visita é extremamente presunçosa. A Ruby não precisa de você falando por ela. Além de todos esses méritos que já citei, ela também já veio me encontrar. — Seus olhos sorriram. — Realmente, ela é maravilhosa.

Senti minhas sobrancelhas subirem até minha franja.

— É verdade.

— A Ruby não precisa de um cavaleiro de armadura. Ela precisa de um parceiro. Precisa saber que é notada. E amada. E, ocasionalmente, precisa saber a mecânica interna de *como* é amada. Ela é uma engenheira. Mostre a ela como você funciona por dentro. Mostre a fiação, os parafusos e a planta dos seus pensamentos sempre que puder.



Não me dei ao trabalho de voltar para casa ou para o trabalho depois da conversa com Maggie. A viagem de uma hora de trem foi um tipo de tortura. Desejei poder voar ou me teleportar. Aquilo que a Maggie disse era verdade e era tão óbvio: eu precisava contar à Ruby como me sentia.

Subi os degraus de seu prédio, hesitando em frente à porta por um longo tempo, até que prendi a respiração e bati na madeira.

Ela abriu a porta, vestindo uma longa saia e uma blusa de moletom com um decote que mostrava o contorno dos seios. Não posso nem imaginar como ficou minha expressão quando olhei para ela por inteiro, mas, quando a olhei nos olhos, encontrei uma ternura que me surpreendeu e me animou.

— Ruby.

— Você está bem? — ela perguntou, vendo meu estado.

Tentei respirar fundo para me acalmar, mas não consegui.

— Não.

— Você parece horrível.

Concordei, soltando uma risada curta e seca.

— Tenho certeza que você está certa.

Ruby olhou sobre meu ombro, com o rosto fechado de angústia.

— Por que você está aqui?

— Porque eu precisava te ver.

Ela voltou a me olhar, estudando meu rosto.

— Parte de mim quer puxar você pra dentro e te beijar loucamente. Sinto falta disso e não posso fingir o contrário.

— Então, me mande embora — implorei, dando um passo em sua direção. — Ruby, eu deveria ter contado o que sinto por você na noite em que fizemos amor. Eu *senti*; só não sabia como descrever aquilo, nem se confiava em mim para acreditar.

Ruby estava sacudindo a cabeça, os olhos cheios de lágrimas, e eu podia ver que ela não queria que eu dissesse, mas eu precisava dizer.

— Eu te amo — sussurrei com a voz fina por causa da urgência que eu sentia.
— Estou desesperadamente apaixonado por você.

— Niall...

— Eu soube disso na casa da Portia. Eu me senti mal por estar lá. Não sei por que fui, mas pelo menos aquela situação esclareceu tudo para mim.

Ela riu, um pouco forçadamente.

— Também esclareceu as coisas pra mim.

Eu gemi, frustrado.

— Por favor, Ruby, me perdoe.

— Eu quero perdoar. Quero *mesmo*. Mas não sei como superar a humilhação e essa enorme frustração que sinto. Não sei mais como lidar com tudo aquilo: primeiro tentando entender o que você precisava, tentando ser tudo para você em todos os momentos. Depois dizendo que te amava e ouvindo de volta “você é amável”. Depois perdendo o emprego e então, pior de tudo, ouvindo você dizer que jantaria com a Portia para discutir seu casamento... ainda sinto tudo isso na pele.

— Acho que eu sentia que precisava fechar aquela porta — tentei explicar. — Ou, talvez, acho que nunca ouvi Portia parecer tão emocional, e uma parte muito sombria de mim ficou morbidamente curiosa. Mas não considerei os seus sentimentos até chegar lá, e foi horrível para mim. Assim que cheguei, percebi que não havia conversa nenhuma para ter, nenhuma verdade escondida a ser compartilhada. Eu me senti infiel com você só de estar lá...

— Porque você *foi*.

Fechei os olhos. Era devastador vê-la dessa maneira.

— Sinto muito mesmo.

— Sei que sente — ela disse. — E acho que entendo.

Mas não consigo evitar. Estou brava com você.

Passando a mão sobre minha barba rala, sussurrei:

— Por favor, me deixe entrar.

Olhando para mim, ela disse com a voz muito baixa:

— Você acha estranho eu sentir que preciso dizer não? Tipo, preciso ter certeza que *posso*? Eu dei tempo para você lidar com todas as suas hesitações. Tentei ser compreensiva e paciente, mas assim que teve uma chance, você não teve a mesma consideração com os meus sentimentos. Eu me perdi em algum ponto nos últimos meses. Eu disse para você confiar que eu diria onde ficavam os meus limites. Agora, este é um limite. Você me menosprezou, e tão *obviamente*. — Ela baixou ainda mais a voz, olhando diretamente em meus olhos. — Eu achava que esse não era mais o tipo de relação que você queria.

Isso foi como uma facada em meu peito, então afastei-me. E embora seus lábios e mãos tremessem, embora eu pudesse ainda enxergar toda a emoção em seus olhos, ela não voltou atrás em sua reprimenda, não com palavras, nem com a expressão.

Eu poderia insistir. Eu enxergava isso agora, e algum outro homem — um

homem mais agressivo — talvez pudesse ter se aproximado e tirado vantagem da dor em seus olhos. Se eu a beijasse agora mesmo, ela me beijaria de volta. Eu sentia isso na maneira como olhava para minha boca, a maneira como continuava tremendo.

Ruby ainda me amava, e eu a amava de volta.

Eu poderia insistir e entrar, poderia colocar minhas mãos sobre seu corpo, poderia tirar suas roupas e dar prazer a ela, saboreando seu suor. Com minha boca e mãos e palavras, talvez eu pudesse até ser capaz de convencê-la por uma noite que eu realmente a amava.

Mas Ruby já estava lutando contra o quanto de si mesma havia perdido tendo sentimentos por mim. Eu não poderia manipulá-la ainda mais.

Puxei meus próprios cabelos, completamente dividido.

— Diga o que devo fazer. Se eu for embora, você vai pensar que não gosto de verdade de você. Se ficar, não estarei ouvindo o seu desejo.

— Niall — ela sussurrou. — Mal posso ficar perto de você assim sem sentir que eu lhe daria tudo. É a sua vez de ser paciente.

Engoli em seco e dei dois passos para trás sem me virar.

— Venha pra mim — eu disse, implorando discretamente. — Quando estiver pronta. Estarei esperando por você. Se é o que precisa, deixe-me sofrer por você. Mas a distância não vai acabar com o que sinto.

Ela concordou com os olhos marejados.

— Prometa que vai me procurar quando estiver pronta. Mesmo se for para dizer que tudo acabou.

Ruby concordou novamente.

— Prometo.

Dezessete

O mês de abril foi um inferno, mas maio foi pior. Ao menos em abril eu podia reviver, de novo e de novo, a lembrança de como Niall estava quando apareceu no meu apartamento, com olhos selvagens e ansiosos. Ainda podia escutar como sua voz soou – tão profunda e rouca e desesperada – quando disse que me amava.

Mas em maio, já fazia um mês que eu não o via, e foi quase impossível convencer a mim mesma que seu afeto não começara a se dissolver.

Número de Dias Que Eu Precisei Para o Niall Stella Me Dar Espaço: desconhecido.

Tinha me sentido como uma garota carente e maluca, esperando-o jantar com a ex-mulher e depois decidir se eu era a melhor opção. Nunca fiquei tão desesperada por um telefonema tarde da noite como no dia em que ele jantou com ela, mas quando o celular finalmente tocou... eu não atendi. Foi só quando ele percebeu aquilo que eu sempre soube – que a Portia nunca foi boa para ele, e que *eu* era a melhor coisa para sua vida – que também percebi o quanto estava... brava, realmente *brava*.

Sei que às vezes sou capaz de superar as coisas rapidamente, de um jeito que surpreende o Niall. Passei a vida inteira surpreendendo as pessoas nesse sentido. Mas essa regularidade não significa que nunca fico magoada, que nunca sinto raiva, que nunca me sinto traída.

De algum jeito, mesmo com uma pesada pulsação da tristeza a cada passo que eu dava, consegui remendar pequenos pedaços da minha vida. Fiquei determinada a salvar minhas chances de ser aceita no programa da Margaret Sheffield. Então, no começo de abril, após vários dias de muito sono e silêncio, de muitos sanduíches de queijo com pão amanhecido, eu me arrumei de verdade e tomei o trem para Oxford.

Lá, a professora Sheffield me assegurou que a carta do Anthony tinha um peso limitado, e que minhas notas e reputação de San Diego eram impressionantes. Mas embora não tenha dado nenhuma indicação de que a *distração* mencionada por meu antigo chefe impediria minha aceitação no programa, ela também não disse que eu seria aceita com certeza.

Enquanto esperava a lista final do programa, fiquei em Londres. Tive a sorte de achar uma empresa em South Bank que precisava de um engenheiro para cobrir uma licença-maternidade. Foi uma solução fácil e pagava bem, mas no primeiro dia decidi voltar para casa caminhando, em vez de pegar o metrô, e só depois percebi que passaria a dois quarteirões do apartamento do Niall.

Senti um frio no estômago.

Então, claro, se tornou impossível escolher o metrô em vez de caminhar. Todos os dias eu sentia meu corpo sendo atraído para aquela direção, como se fosse puxado por um enorme imã em formato de coração. E quando seguia em frente em vez de virar à esquerda, meu peito voltava a doer.

Sua distância e reserva realmente eram difíceis de aceitar; tudo fora lógico para ele: a Portia estava pronta para falar, então ele a ouviria. Eu sempre o encorajei a se comunicar comigo, então, claro, isso também se aplicaria à Portia.

Eu me senti obrigado a, pelo menos, ouvir o que ela tem a dizer.

Acho que estou tentando manter a mente aberta. Ao menos, devo isso a ela.

Naquele último dia, parecia que a emoção não atingiu o Niall até ser tarde demais. Mas para mim, foi quase impossível me livrar daquela dor que ecoava em minha mente.

Mesmo quando ele me encontrou no escritório arrumando minhas coisas e me implorou para perdôá-lo. Mesmo quando foi até meu apartamento e disse que me amava.

Fui uma idiota por mandá-lo embora. Eu sabia disso. Mas, mais do que isso, sabia que se o deixasse entrar em minha casa naquele dia, haveria um pedaço orgulhoso de mim que se perderia e eu nunca mais teria de volta.

Mas o silêncio parecia interminável.

Número de Dias Que Passei Sem Falar Com Niall

Stella:

Um.

Sete.

Quinze.

Trinta e dois.

Cinquenta e nove.



Em junho, recebi minha carta de aprovação no programa da Maggie.

O envelope discreto estava esperando por mim quando cheguei do trabalho. Alguns dias eram mais difíceis de resistir à caminhada para o prédio do Niall. Em outros dias eu fingia estar concentrada em alguma música ou lendo algo em meu iPhone, e isso aliviava o aperto no peito por saber que, se quisesse, eu poderia sentar nas escadas e esperar que ele chegasse em casa. Mas hoje o debate mental fora uma tortura. Será que eu já tinha superado minha raiva? E se tivesse, e se fosse para sua casa, será que ele me receberia constrangido e diria que eu estava certa em terminar as coisas? Será que diria que nossa relação foi apenas uma impulsividade? Que sua vida era melhor com um sistema ordenado do que com uma garota maluca e emocional?

O problema era que eu podia imaginar ele me rejeitando tão vividamente quanto me aceitando. Eu conhecia sua agenda, os fatos de sua vida e até preferências de comida, café e roupas. Mas não tinha certeza quanto ao seu coração.

Abri o envelope, com o coração apertado e aliviado numa estranha combinação, e li a carta três vezes, apertando os papéis com as mãos trêmulas. Por uma eternidade, não consegui piscar nem respirar, porque *estava acontecendo*. Eu iria estudar em Oxford com a Maggie! Aquele idiota do Anthony não conseguira arruinar minha vida.

Li a carta mais uma vez para memorizar as datas em minha agenda mental. As aulas começavam em setembro. Isso significava que eu poderia trabalhar pelo resto de junho, julho e começo de agosto, e usar a primeira parte do mês seguinte para encontrar um novo apartamento em Oxford.

É claro que meu primeiro instinto foi ligar para o Niall.

Ao invés disso, liguei para minha amiga London.

– Ruby!

– Você nunca adivinharia o que aconteceu! – eu disse, sorrindo pela primeira vez em mais de cinquenta e nove dias.

– Harry Styles é seu novo colega de quarto e você comprou uma passagem para eu te fazer uma visita?

– Muito engraçado, tente de novo.

Ela pensou um pouco.

– Bom, você parece bem mais feliz do que nos últimos meses, então eu diria que finalmente ligou para o Niall Stella, ele a recebeu de braços abertos, e agora você está deitada no meio de uma poça de satisfação pós-sexo. E por “poça de satisfação” quero dizer...

Meu peito doeu e eu a interrompi, sem conseguir entrar na brincadeira.

– Não.

Seu tom de voz suavizou.

– Mas esse cenário até que seria legal, não acha?

Sim, eu concordava. Mas ver o Niall não poderia ser melhor do que o papel em minhas mãos.

Será mesmo?

Mas assim que ela disse isso, eu soube que voltar para o Niall seria *tão bom quanto*. Eu o queria tanto quanto estudar com a Maggie. E, pela primeira vez desde que fui demitida, não senti vergonha por isso ter acontecido, nem senti que estava traindo o lado feminista em mim ao admitir o quanto meus sentimentos eram fortes. Se voltasse para o Niall, em certos dias ele seria minha vida. Em outros dias, o estudo seria minha vida. E em outros dias as duas coisas ocupariam o mesmo espaço. E saber disso – que eu *poderia* encontrar equilíbrio, que talvez precisasse *mesmo* separar o coração da mente – aliviou a tensão que parecia tomar conta do meu peito.

– Entrei no programa da Maggie. Acabei de receber a carta.

London gritou, bateu os pés, provavelmente dançando do outro lado da linha, deixou o telefone cair e depois voltou e gritou mais um pouco.

– Você vai estudar em Oxford!

– Sim, eu vou!

– Você vai estudar com a sua professora dos sonhos!

– É verdade!

Ela soltou o ar com força como se tivesse caído de costas no sofá.

– Ruby, preciso perguntar uma coisa, e você não precisa responder. Mas, sinceramente, aguentei você choramingando por vários meses, então mereço uma resposta.

Gemi, sabendo aonde ela queria chegar.

– Não podemos continuar falando sobre Oxford?

Ignorando meu apelo, ela perguntou:

– Eu era mesmo a primeira pessoa pra quem você quis ligar quando recebeu a carta?

Não respondi, apenas fiquei puxando uma linha solta em minha blusa.

– Por que simplesmente você não conta pra ele? – ela perguntou gentilmente.

– Ele ficaria muito feliz por você.

– Ele pode nem lembrar mais de mim.

Ela riu incrédula, depois rosnou de frustração.

– Você me deixa *insana*.

Andei até o sofá e me sentei.

– Estou nervosa. O que eu falo para ele? “Ah, oi, já não estou mais brava, você ainda me quer?”

– Um bom jeito para começar a conversa seria “Oi, vou estudar com a Maggie, você tem algum conselho?”.

Fechando os olhos, eu disse:

– Mesmo com tudo que sei sobre ele, não faço ideia de *como* ele me receberia se eu ligasse...

– Então *não ligue*, meu amor. Vá até o prédio dele, como você sonha fazer todos os dias quando volta pra casa, e espere na escada até ele aparecer, ver você e ficar de pau duro, daí você conta que entrou no grupo da Maggie e, oh, a propósito, você o ama e quer ter um monte de bebês gigantes com ele.

– E se eu for até lá e a Portia atender a porta?

– Isso não vai acontecer.

– Ou, sei lá, ele pensou em tudo que eu disse e decidiu que, logicamente, eu estava certa. Pronto, emoções canceladas.

– Você ouviu alguma coisa do que eu falei? – Havia um tom de frustração em sua voz, e eu conhecia a London bem o bastante para saber que ela estava prestes a surtar. Ela sempre demorava um pouco para chegar nesse ponto, mas quando perdia a paciência, não tinha como voltar atrás.

– *Sim*. Estou ouvindo, mas...

London começou a apertar os botões no telefone, enchendo a linha com vários

bipes até eu ser forçada a calar a boca e ouvir.

– Você já terminou? – ela perguntou, quando voltou para a linha.

– Sim.

– Então, ouça: isso é a vida real, Ruby. Não é um filme onde duas pessoas solteiras começam uma relação com experiências ruins que são hilárias e bonitinhas, que no fim as ajudam a ser pessoinhas melhores e saudáveis e tudo fica bem no final. Na vida real, os relacionamentos vêm acompanhados de ex-mulheres e ex-maridos e filhos de outro casamento e bichinhos de estimação perdidos no meio desse furacão. Às vezes as pessoas ficam magoadas e elas não possuem dois pais psicólogos que ajudam a sair dessa sem muitas feridas. Não é fácil superar uma ex-mulher, principalmente uma que destruiu qualquer confiança que ele tinha em si mesmo.

Engolindo em seco, eu disse:

– Eu sei. Deus, eu sei.

– Então, você pode, por favor, perdoá-lo por ter sido um idiota e desejado colocar um ponto final em seu casamento? Você sabe que sempre estou aqui para dar apoio e sou a presidente do fã-clubes da Ruby 99% do tempo, mas acho que já está na hora de você ir atrás dele para resolver se vocês podem ficar juntos ou se você precisa seguir em frente. Você está apaixonada por ele. E foi *você* quem deixou a situação suspensa no ar.

– Eu sei, eu sei.

– Ele disse que também te amava – ela me lembrou, já que eu só lhe contara isso umas 700 vezes. – Eu nunca encontrei o Niall Stella, mas não acho que ele é o tipo de cara que diria isso e depois negaria dois meses mais tarde.

Fiquei sem palavras, olhando para a parede, sabendo que ela estava certa.



No fim, não era tão simples quanto descer a rua e esperar na escada do prédio. A ideia de vê-lo novamente me deixava ao mesmo tempo animada e dolorosamente nervosa.

Felizmente – ou não –, o trabalho tomou a decisão por mim na segunda e na terça-feira da semana seguinte: tivemos um arquiteto visitante e precisavam que eu ficasse por perto para trazer café quase de madrugada, pedir comida e qualquer outra tarefa noturna que apenas uma estagiária podia fazer.

A tensão dentro de mim estava aumentando e ignorei as ligações da London na noite de segunda e na manhã de terça. Na quarta-feira à tarde, ela já estava gritando comigo por mensagem:

VOCÊ JÁ FOI ENCONTRAR O SEU HOMEM? PELO AMOR DE DEUS, APENAS ASSINALE UMA

DAS ALTERNATIVAS, RUBY: S / N

Com um pequeno gemido, finalmente escrevi, e ela foi rápida na resposta:

Vou lá depois do trabalho hj. Não deu pra ir antes.

O q vc vai vestir?

Não pensei muito nisso.

HAHAHAHAHA. Então, sério, o q vai vestir?

Olhei para minhas roupas e senti o frio na barriga voltar antes de tirar uma *selfie* constrangedora com minha saia azul e minha camisa de seda favorita, azul de bolinhas vermelhas. O ângulo ficou estranho e mostrava só meus peitos, mas enviei mesmo assim. A London conhecia meu guarda-roupa tão bem quanto seu próprio. Sua reação foi perguntar:

Uau. Você está usando os saltos vermelhos?

Sim.

Deus, o pau duro dele vai ficar ENORME.

Sorrindo para a tela, digitei um “espero que sim”, depois joguei o celular na bolsa. Eu não queria me permitir ter a esperança de que nossa noite fosse algo assim. Eu já ficaria feliz com um mero sorriso, um beijo no rosto, uma afirmação de que ainda estava interessado em tentar, se eu quisesse. Eu precisava fingir que não estava querendo mais, querendo tudo, querendo-o por inteiro.

E o dia de trabalho, meu Deus. Você sabe do que estou falando. Os segundos parecem minutos, os minutos parecem horas e o dia inteiro passa como uma década. Quando terminou, eu havia pensado sobre a noite tantas vezes que comecei a suspeitar que tudo não passava de fantasia e que Niall Stella era apenas um fragmento da minha imaginação.

Finalmente, às 17h30, o escritório começou a esvaziar. Passei no banheiro para checar minha maquiagem e roupas, e de repente a realidade me colocou em completo pânico.

Minha camisa de seda estava totalmente amassada e,

Jesus amado, o que eu estava pensando hoje de manhã? Minha saia agora parecia *extremamente* curta. Safadamente curta. “Quanto-custa-uma-noite” curta.

Gemi de frustração e cheguei mais perto do espelho. O rímel estava borrado... basicamente no rosto inteiro. O blush já tinha saído todo.

Fiz o possível para consertar a bagunça, mas o problema era que eu estava tão nervosa que achei que fosse devolver meu almoço à base de bolacha e água. *Será melhor ficar no banheiro, caso eu queira vomitar? Será que devo levar uma bolsa extra?* Por que demorei tanto para decidir encontrá-lo? E se eu não conseguir falar nada?

Mas então a coisa mais estranha aconteceu: comecei a rir. Eu estava surtando porque veria o Niall Stella. Checava a maquiagem e pensava se vomitaria, e me preocupava se poderia ficar muda ou gaguejar.

Isso era normal. Era o que eu sempre fazia.

Com mais uma olhada no espelho, peguei minha bolsa e saí do banheiro.

Corredor, elevador, rua. Dezesete quarteirões, uma ponte e pronto. Na esquina, tomando uma decisão.

Foi então que meu coração decidiu explodir e meu sangue evaporou e perdi controle do meu cérebro.

Ele não sabia que eu estava chegando. Não vi nem falei com ele em mais de dois meses. Pedi que me desse tempo e ele me deu... Fiquei agradecida e brava com isso ao mesmo tempo. E se ele tivesse seguido em frente?

Isso me machucaria ainda mais do que apenas não saber. Eu podia continuar andando e voltar para minha casa confortável. Podia jantar uma tigela de cereal e assistir *Community* até a hora de dormir, depois levantaria e repetiria a mesma coisa amanhã. Podia continuar trabalhando naquele emprego fácil e tedioso até chegar o momento de mudar, depois podia desaparecer da cidade sem nunca precisar encarar isto. Então algum dia eu poderia esquecer o Niall Stella.

Ou poderia virar à direita, andar dois quarteirões até seu prédio, sentar na escada e esperar por ele. Poderia dizer a ele que ainda queria tentar e então deixar que dissesse sim ou não. Se dissesse não, eu voltaria para casa e para o cereal, série de tv e os eventuais curativos no coração. Mas se dissesse sim...

Não havia realmente escolha.

Fiquei olhando para a calçada enquanto andava, olhando para meus sapatos vermelhos sobre o concreto cinza. Era mais fácil me mover olhando para alguma

coisa. contei o Número de Rachaduras Entre a Esquina da Verdade e o Prédio do Niall (vinte e quatro), o Número de Vezes Em Que Considerei Dar Meia-Volta e Correr Para Casa (umas oito) e fiquei repassando mentalmente o que eu queria dizer:

Oi. Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

Seja simples, eu pensei. Ponha tudo para fora e deixe que ele se decida.

Eu tinha quase certeza que ele não estaria em casa, mas apertei seu interfone mesmo assim. Quando ninguém respondeu, fiquei olhando para a escada por alguns segundos antes de me sentar, já preparada para esperar, e voltei a repetir minha fala.

Oi. Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

O sol descia relutante no céu. Carros passavam, estacionavam, vizinhos entravam e saíam depois de me olharem com curiosidade pelo máximo de tempo que a educação britânica permitia. Esse movimento pós-trabalho acabou abruptamente, depois as luzes se acenderam lá dentro. Um cheiro de comida invadiu a rua. E mesmo assim, nada do Niall.

Toda vez que eu começava a pensar que deveria ir embora – *talvez ele tivesse saído com os amigos?* – eu pensava: *Mas e se ele chegar um minuto depois que eu sair?*

Eu achava que iria esperar uma meia hora, mas fiquei sentada por uma hora, depois duas, três, e finalmente estava esperando por quatro horas sem nenhum sinal dele quando algo me ocorreu: Niall pode ter saído com alguma garota.

Essa ideia era tão azeda que tive que gemer. Apoiando os braços nos joelhos e pressionando a testa ali, concentrei-me em inspirar e expirar. Inspirar e expirar.

Acho que fiquei desse jeito por mais meia hora, ou talvez três, já nem sei mais. Quando olhei para cima, foi por causa de uma sensação estranha, uma mudança na atmosfera. Os sons ao meu redor sumiram e então pude ouvir: o leve som de sapatos masculinos batendo na calçada. Eram os passos longos e decididos do Niall

Stella.

Número de Vezes Em Que Fiquei Esperando os Passos do Niall Stella: infinito.

Virei à cabeça em direção à rua e vi sua longa figura. O que aconteceu dentro de mim pode ser descrito em algum livro médico de diagnósticos como “enjoo de amor”: meu coração evaporou e depois voltou como uma coisa enorme e bestial que parecia bater rápido e forte demais. Pulsava em meus ouvidos e enviava sangue aquecendo minhas mãos e pés até formigarem. Fiquei com tontura, cerrei os olhos para enxergá-lo através da minha vista embaçada e tive certeza que iria vomitar.

Ele estava usando seu terno azul-escuro – eu podia ver ao longe, sob a luz intercalada dos postes – e ele parecia... Incrível. Forte, confiante e andando com sua postura de sempre: ombros para trás, braços ao lado do corpo, cabeça erguida.

E então, parou o peito caindo um pouco, a mão tocando a nuca.

Com pernas trêmulas, eu me levantei, passando as mãos em minha saia. Se minhas roupas já estavam amassadas do trabalho, eu nem podia imaginar como estariam depois de sentar num degrau de concreto por mais de quatro horas no meio do ar úmido de junho.

Quando ele deu um passo para frente, o movimento foi hesitante o suficiente para me fazer também me mover em sua direção. Vê-lo de novo quase doía. Eu o amava tanto. Amava suas feições esculpidas e as longas pernas. Amava a grande extensão de seu peito, os profundos olhos castanhos e os lábios tão macios e beijáveis. Amava as mãos que eram maiores que minha cabeça e os braços que podiam envolver várias vezes o meu tamanho. Amava sua aparência arrumada mesmo depois das dez da noite, e amava o ritmo calculado de seus passos.

Eu queria correr para os seus braços e dizer que já tive tempo demais e agora eu o queria para mim.

Oi. Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

Ele andou lentamente, eu andei lentamente, e então ficamos a apenas alguns centímetros de distância, e meu coração estava batendo tão forte que eu não sabia como minhas costelas aguentavam.

– Ruby?

– Oi.

– Oi. – Ele engoliu em seco, e só agora, de perto, pude perceber que estava

mais magro, mais abatido. O queixo estava mais fino, os olhos mais escuros. Será que também enxergava isso em mim? Que senti tanta falta dele que fiquei fisicamente doente nos últimos dois meses?

Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

Mas antes que eu pudesse dizer minha fala, ele perguntou “O que você está fazendo aqui?”, e eu não consegui decifrar o tom de sua voz.

Foi um tom controlado – *ele* estava controlado –, e engoli nervosamente antes de responder:

– Eu... sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio.

Como era mesmo o resto?

Niall olhou para trás de mim e perguntou:

– Desde quando você está aqui?

– Desculpe não ter ligado – falei de um jeito automático.

Ignorando meu pedido de desculpas, ele chegou mais perto e perguntou de novo, desta vez mais gentil.

– Desde quando você está aqui?

Encolhendo os ombros, respondi:

– Faz um tempo.

– Desde que saiu do trabalho na Anderson?

Ele sabe onde eu trabalho. Ele sabe que horas eu saio de lá.

Pisquei de volta para o seu rosto, mas foi um erro. Ele era a pessoa mais bonita que já vi, e eu conhecia seu rosto. Era o rosto que eu via quando fechava os olhos, quando precisava sentir conforto ou alegria, apoio ou excitação. O rosto do Niall Stella era como um lar para mim.

– Sim, desde que saí do trabalho – admiti.

– Então... *horas* – ele disse, sacudindo a cabeça. – Eu não sabia... quer dizer, eu já não volto cedo para casa. Não tem...

Antes que me mandasse embora, ou dissesse que não era uma boa ideia eu estar aqui, ou qualquer uma das centenas de rejeições possíveis, eu comecei a falar:

– Então, eu... – Olhei para o lado, esquecendo completamente o que iria dizer.

Algo sobre querer vê-lo de novo? – Veja só, acontece que... – Voltei a olhar para ele antes de soltar de repente: – Eu realmente, *realmente*, te amo.

Num segundo ele estava na minha frente, no segundo seguinte estava me agarrando contra a parede do prédio, erguendo meu corpo do chão, os braços envolvendo minha cintura. Ofeguei, olhando para seu rosto. Niall olhava para mim com uma intensidade sombria que fez meu peito se apertar dolorosamente.

– Fale isso de novo.

– Eu te amo – sussurrei, sentindo a garganta quase apertada demais para falar.
– Senti sua falta.

Sua expressão embranqueceu enquanto olhava em meus olhos mais uma vez e então ele se abaixou, apertando o rosto em meu pescoço. Sua boca... *oh, Deus...* com um gemido profundo, minha boca favorita beijou meu pescoço, meu queixo, e eu não conseguia recuperar o fôlego, não conseguia impedir o nó que subia cada vez mais em minha garganta.

– Niall...

Ele falou contra minha pele:

– Querida, fale de novo. Não sei se posso acreditar que isso está acontecendo de verdade.

Em meio a um soluço, consegui repetir:

– Eu te amo.

Num lampejo de pânico, eu também não soube se isso realmente estava acontecendo ou se eu tinha dormido na escada e agora sonhava o melhor dos sonhos. Mas então seus lábios voltaram a se mover, no queixo, no rosto, depois pressionando meus lábios – com o melhor tipo de maciez, o melhor tipo de força. Engoli outro soluço quando senti sua língua deslizar para dentro e seus sons vibraram em mim enquanto ele gemia em seus beijos.

Atrapalhando-se todo, ele começou a colocar para fora seus pensamentos desconexos sobre o quanto sentiu saudade, que os últimos meses foram um inferno, que pensou que nunca mais me veria. Niall segurou meu rosto e seus beijos se alternaram entre pequenos e fortes, macios e rápidos, e então passou os polegares em meu rosto, limpando uma grande bagunça de lágrimas, mas, honestamente, eu não me importava nem um pouco.

– Você vai subir agora – ele rosnou, movendo a boca até meu ouvido. – Vai ficar comigo hoje.

– Sim.

– Hoje e todas as outras noites.

Concordei, sorrindo enquanto apertava meu rosto em seu pescoço.

– Bom. Até eu me mudar para Oxford.

Afastando-se, Niall me encarou.

– É verdade? Então você recebeu uma carta da Maggie?

– Recebi na semana passada. Eu queria ligar pra você.

Ele sorriu um pouco, incapaz de parar de me olhar, sem nem mesmo piscar.

– Você devia ter ligado.

– Achei que queria ver você mais do que apenas falar.

Assentindo levemente, ele baixou os olhos, entrelaçando nossos dedos.

– Já é tarde. Você ficou sentada aqui por muito tempo.

Está com fome?

– Não muito – admiti. – Só queria...

– Deitar na minha cama? – Sua voz foi um rosnado gentil.

Eu sussurrei:

– Sim. A não ser que *você* precise comer.

– Não. De jeito nenhum quero comer antes.

Foi realmente simples assim, e não houve nenhum traço de hesitação. Eu sabia que precisava senti-lo.

Precisava ser coberta por ele.

Niall se virou e me conduziu até a escada, e eu o segui para dentro até chegarmos ao seu apartamento. Ele me puxou e me apertou contra a porta enquanto beijava meu queixo.

– Vamos conversar mais tarde, certo?

– Certo.

Seus dentes raspavam meu pescoço.

– Ótimo, pois sei que precisamos conversar. Mas no momento, quero colocar minha boca em você e cantar “God Save The Queen”.

Finalmente, uma risada escapou da minha garganta.

Ah, o alívio disso. Quase comecei a chorar de novo.

– Acho que você pode perder sua cidadania por isso.

– Valeria a pena. Beijar entre suas pernas é igual a beijar sua boca, mas ainda mais macio.

Eu estava arrepiada da cabeça aos pés. Como podia ser tão fácil voltar assim?

– Bônus: eu tenho orgasmos quando você me beija ali.

Niall me olhou com uma expressão fingida de escândalo.

– Você quer dizer que não tem orgasmos quando beijo sua boca?

– Já faz um tempinho. Por que não tenta descobrir?

Ele rosnou com um sorriso de predador, e aqui – bem *aqui* – estava meu homem sexy e provocador. A versão dele que apenas eu teria. O mundo ficaria com aquele exterior calmo e contido. Eu teria esta versão bem aqui, que apanhou as chaves no bolso e começou a abrir a porta enquanto me beijava. Suas mãos se atrapalharam com a fechadura e nós rimos em nossas bocas, com dentes batendo e beijos molhados.

Ouvi a fechadura abrir e seu gemido de alívio enquanto mordida meu lábio.

– Nunca mais me deixe sozinho – ele disse, enquanto a mão tocava a maçaneta. – Foi um tempo horrível, Ruby.

– Eu não deixei você. – Olhei-o nos olhos. – Você me deixou. Então, se vamos... – Sacudi a cabeça. – Nunca mais volte para a Portia.

Eu tinha que dizer isso. Mesmo se fosse absurdo, isso nunca fora um medo, até se tornar um.

– Eu nunca... – Ele fechou os olhos com força. – Por favor, acredite quando digo que estou sendo sincero. Foi um erro terrível.

Agarrei sua gravata e o puxei de volta para mim, raspando meus lábios sobre sua boca.

– Eu entendo.

Seu braço envolveu minha cintura, segurando meu corpo para que eu não caísse quando ele abriu a porta do apartamento.

Não caí, mas fiquei de costas no chão quase imediatamente após entrarmos, com o Niall sobre mim enquanto subia minha saia até o quadril, e antes que eu pudesse lembrá-lo que ele deveria estar beijando minha boca primeiro, seus dedos já estavam impacientemente deslizando minha calcinha para o lado para

pressionar a boca sobre o meu clitóris.

Oh, aquela sensação molhada, a vibração das palavras que ele repetia e que eu nem entendia direito. Os beijos suaves e o calor da respiração sobre mim. Outro lampejo de incredulidade me atingiu e precisei agarrar seu cabelo para me ancorar naquela sala, naquele chão, com aquela coisa que ele fazia com a língua e lábios e – puta merda – até os dentes.

A porta nem estava fechada e percebi isso apenas quando ele a chutou, grunhindo alto em minha pele. Seus olhos estavam fechados, os dedos apertando minha cintura enquanto me chupava e falava em minha pele, e tive que me apoiar nos cotovelos para assistir àquela cena maravilhosa. Seria um crime desperdiçar a oportunidade. Era como se cada lambida e gemido aliviado desatasse algo profundo dentro dele. Eu queria dizer a ele, *isto, agora mesmo, é como sei que você é meu. Você não está pensando em nada, exceto nisto. Nem tenho certeza se está fazendo para o meu prazer.*

Mas eu não conseguia dizer palavra alguma, muito menos uma sequência coerente delas; todos os meus sons eram gemidos que imploravam dizendo *isso, sim, ali, mais e*

oh merda eu vou gozar

O gemido que ele soltou em resposta enviou tremores por meu corpo, e a maneira como murmurou “Sonhei tanto com este sabor”, destruiu qualquer autocontrole que ainda me restava. Caí de costas, com os braços sobre a cabeça, pressionando meu quadril contra ele, esfregando e circulando até meu corpo tencionar e se apertar, meu orgasmo usando todos os músculos ao mesmo tempo até me consumir inteira, se espalhando de onde ele me beijava até o resto do meu corpo: para a ponta dos dedos, para o meu rosto corado, para os dedos dos pés apertados.

Agarrei nas costas do casaco que ele ainda não havia tirado e tentei achar o colarinho para puxá-lo sobre mim. Eu precisava dele nu e dentro de mim. Precisava de seu peso por cima e a sensação de sua cintura entre minhas coxas.

Ele se sentou, sem nem se dar ao trabalho de limpar o rosto enquanto se livrava do casaco, tirava a gravata e a camisa. De onde estava no chão, eu podia ver o subir e descer de seu peito, mas apenas em minha visão periférica. Não conseguiria tirar os olhos de seu rosto até que alguém me retirasse fisicamente daquele apartamento e daquele homem.

Eu estava exausta. Minha pele vibrava, os músculos relaxaram, o cérebro não

passava de uma enorme zona de satisfação. Niall tirou minha calcinha, depois tirou a saia, tomando seu tempo para me despir, beijando cada centímetro de pele revelada. Achei que fosse subir por cima de mim e me penetrar imediatamente – senti o quanto ele estava duro quando beijou meu pescoço e pressionou minha coxa. Mas ele me surpreendeu, passando um braço sob meus joelhos e outro ao redor dos ombros para me carregar pelo corredor.

– Onde estamos indo? – perguntei.

– Não quero fazer amor com você no chão de novo.

Chupando seu pescoço, eu disse:

– É isso que vamos fazer?

Ele confirmou.

– A noite toda, e uma grande parte de amanhã também.

Nunca tive tempo para examinar seu quarto antes, já que na única vez que estive aqui acordei e fui embora correndo. As janelas eram largas e altas, as paredes eram brancas com apenas algumas fotografias de Ansel Adams. *Autografadas*. Meus olhos se arregalaram olhando para o resto. Sua cama era enorme, perfeitamente arrumada, com lençóis escuros e um cobertor também escuro. Ao fundo ficava um pequeno banheiro e um único abajur aceso em cima de uma mesa perto da cama. Era um quarto masculino, sem muita decoração.

Niall chegou perto de mim, as mãos passando sobre meus ombros e descendo até a cintura nua, seu peito apertando-se contra minhas costas.

– Suba na cama. – Sua ordem foi suavizada pelo beijo em meu pescoço.

Subi na cama e fiquei olhando ele me seguir com movimentos predatórios até se ajeitar novamente entre minhas coxas.

– Vem me beijar – implorei baixo.

– Ainda não.

Ele se abaixou, deslizando a língua entre minhas pernas outra vez. Foi tão diferente de antes; seus beijos eram lentos e gentis, mais expressivos e carinhosos do que diretos.

– Ou você realmente gosta de fazer isso ou está *realmente* querendo pedir desculpas.

– Ainda me sinto um perverso fazendo isso – ele admitiu, beijando a parte interna da minha coxa. – É safado olhar para os seus peitos, bem safado olhar

você se masturbando, extremamente safado colocar meus dedos dentro de você... mas finalmente enfiar a língua aqui? – Niall me lambeu, gemendo. – Esse ponto gostoso que só eu posso olhar? Bom, isso é sublime de tão safado.

– Acho que você quer dizer possessivo.

– Isso também. Admito que gosto da ideia de este corpo me pertencer.

– Tecnicamente, pertence a mim.

– Que seja, meu amor.

– Cuidado – provoquei. – Não use a palavra com a sem pensar. – Será que ele podia sentir o quanto eu precisava que ele dissesse?

– Como é? – ele perguntou, subindo os olhos por meu corpo até encarar meu rosto. – Você não me ouviu repetir várias vezes que te amo quando falei em sua pele agora há pouco?

Sorri, abrindo a boca para fazer uma piada antes de perceber que ele não estava brincando. E que ele havia falado. Niall sussurrou *eu te amo* várias vezes no chão, com reverência.

– Oh.

Seu sorriso foi surreal: sedutor e pervertido.

– Você precisa que eu fale de novo em seu ouvido?

Mordi o lábio, encolhendo os ombros para ele.

– Eu gosto de onde sua boca está agora, mas tenho que admitir que não me importaria de ouvir isso um pouco mais de perto...

Ele subiu por meu corpo me beijando, com os lábios molhados por mim, as mãos apertando, os dentes raspando. Cada toque ecoava as palavras.

Ele era tão longo sobre mim, tão enorme, bloqueando tudo mais. A segurança que eu sentia debaixo do Niall era diferente de qualquer coisa. Ele viu meu lado mais maluco e meu lado mais equilibrado – dois estados causados por meus sentimentos por ele. Nos meses em que o amei de longe e nas curtas quatro semanas em que o amei de perto, ele se tornou mais do que um amante; ele era meu novo melhor amigo.

– Sempre me senti como a única pessoa no mundo que não conhecia a própria mente desde cedo. Meus irmãos, todos eles nasceram já sabendo quem eram. Eu não. Mas com você, eu sei quem sou. Quero confiar nisso. Na verdade, *preciso* confiar. Então, é verdade, foi preciso apenas um mês depois de te conhecer

oficialmente no elevador para eu arruinar tudo e você fugir de mim... mas aqui estamos. E eu te amo.

Senti um calafrio se espalhar por meus braços.

– Eu te amo – ele repetiu num sussurro e depois beijou minha orelha. – Eu te *adoro*.

Abri seu cinto e ele ajudou a empurrar a calça pela cintura até eu poder chutá-la. Não queria esperar mais; sentia um desejo pulsante de ficar com ele, de ser preenchida por ele. Em toda parte que me tocava, sua pele estava quente e suave, os pelos macios das pernas raspando contra minhas coxas, o peito apertando meus seios quando subiu em mim.

– Isso é tão bom – sussurrei.

– Eu sei. Isso... – Niall sacudiu a cabeça. – Sinto que não prestei atenção suficiente na primeira vez que ficamos íntimos assim – ele admitiu e me beijou. – Fiquei focado demais em não surtar. Agora quero sentir cada segundo.

Levei a mão entre nossos corpos, agarrando seu pau e olhando seu rosto. Sua boca se abriu, os olhos se tornaram pesados.

– Você ainda toma pílula? – ele perguntou, beijando meu pescoço.

– Sim.

– E não ficou... – Ele fez uma pausa, perdendo o fôlego quando olhou em meus olhos. – Não ficou com...?

Me coração quase parou.

– Mal saí do meu apartamento, com exceção do trabalho. Você quer mesmo perguntar isso?

– Não – ele admitiu. – Acho que só quero ouvir. Fiquei muito mal, Ruby. Pensando em você com outra pessoa enquanto estávamos separados... foi horivelmente doloroso.

Ele pairou sobre mim, bloqueando toda a luz do quarto até que a única coisa que eu podia ver, sentir ou cheirar era sua pele.

– Achei que você poderia transar com a Portia naquela noite – eu disse. E por que essa conversa era tão mais fácil quando eu podia sentir o calor, a extensão grossa deslizando sobre mim, apenas a um centímetro da minha entrada? – Quando saí do escritório naquele dia, era a única coisa que eu conseguia pensar, que você ficaria com ela de noite. Acho que nunca chorei tanto.

– Ruby...

– Acontece que levou um tempo até eu conseguir tirar isso da cabeça. E não me sentir zangada ou traída. E não precisar que, sempre que ficássemos juntos, você reafirmasse os seus sentimentos.

Ele abriu a boca, mas parei suas palavras com um dedo em seus lábios.

– Eu não preciso que você me tranquilize. Você tinha *muita* história com ela, e praticamente *nenhuma* história comigo. Quero deixar aquela noite pra trás.

Sua voz saiu fraca e apertada.

– Eu queria nunca ter ido lá.

– Eu também.

Ele estremeceu e apertou seu rosto em meu pescoço.

– Ruby, droga, desculpe... sei que estamos conversando... mas vou gozar se você não parar de apertar meu pau.

Soltei imediatamente, explodindo numa risada.

– Oh, meu Deus! Niall! Eu estava toda séria esperando você me ouvir enquanto ficava masturbando e me esfregando em você...

Ele me interrompeu com um beijo que não começou com nenhuma ternura. Foi imediatamente profundo, explorador, e o movimento de seus quadris deslizando sobre meu clitóris me dizia que a conversa estava acabada.

Movi as mãos para sua barriga, para o peito, sentindo a maciez, a firmeza, os músculos se apertando enquanto se esfregava sobre mim, cada vez mais rápido, com mais pressão, até eu sentir um toque de suor em seu peito e a respiração cada vez mais presa.

– Estou perto – ele sussurrou, fechando os olhos com força.

– Eu também.

Niall olhou entre nossos corpos, entrando lentamente em mim e soltando um “Oh, Deus!” quando seu quadril encostou completamente em minhas coxas.

Eu já havia esquecido a sensação, então segurei sua cintura, pedindo silenciosamente para me dar um segundo para me acostumar.

– Está tudo bem? – ele sussurrou, os braços tremendo ao lado da minha cabeça.

– Sim. – Eu me estiquei para beijar sua garganta e depois rolei meu quadril

debaixo dele, sentindo meu coração acelerar descontroladamente quando ele se retirou e começou a penetrar de novo. Primeiro, lentamente, depois, quando percebeu que eu estava bem, quando deslizou tão fácil para fora e para dentro, Niall acelerou e seus *sons...* oh, os sons. Seus gemidos discretos, palavras fragmentadas que faziam eu me sentir possuída e aflita.

Seus olhos se moviam sobre meu rosto, descendo até o peito para seguir os movimentos dos seios com cada batida de sua cintura.

– Ah, nossa, meu amor.

Ele se abaixou e me beijou, mas não foi realmente um beijo. Foi sua boca, macia e distraída, aberta e deslizando sobre a minha. Foi sua respiração, quente sobre meus lábios, minha língua.

– Eu te amo. – Eu estava tão profundamente apaixonada. Era como se meu destino fosse amar o Niall Stella.

Sua mão cobriu meu seio, apertando gentilmente quando se abaixou para chupar, antes de deslizar sobre minhas costelas até a cintura, a bunda, a coxa, levantando minha perna sobre seu quadril. Ele estava impaciente, claramente perdido na sensação, com olhos abertos, mas tão distantes que pude sentir todo o poder que eu possuía sobre ele.

Eu o apertei e seus olhos se fecharam quando um profundo gemido escapou de seus lábios.

– Diga para mim – ele ofegou. – Diga o que fazer.

– Mais rápido.

Seu quadril se moveu com decisão, batendo forte contra mim, as mãos agarrando a parte de trás do meu joelho com tanta força que pude sentir a pressão de cada dedo.

– Quero ver você.

Niall piscou, com seus longos cílios negros raspando em seu rosto antes de olhar para mim e me puxar, assim que entendeu. Senti toda sua extensão se retirar de mim.

Ele estava molhado, tão duro que apontava diretamente para cima, e estiquei o braço para tocá-lo, para trazer a cabeça até meu clitóris e usar sua ponta grossa para circular e circular e circular contra mim. Eu não queria seus dedos ou boca. Queria a pele macia e a carne rígida me levando ao orgasmo.

Na beira do abismo, quando a sensação parecia se acumular entre minhas

pernas, esperando para transbordar e me afogar, eu o deslizei de volta para dentro e senti seu gemido, senti o êxtase daquilo. Assim que seu quadril bateu contra o meu Niall se descontrolou, puxando para fora e dando a mim exatamente o que eu queria: ser fodida – *com força* – em sua cama.

Demorou vários segundos antes de perceber que os gritos que eu escutava eram *meus*, que a pele que eu sentia rasgando sob minhas unhas era *dele*, e que ele estava se movendo tão rápido que sua cama batia fortemente contra a parede.

Suas costas estavam molhadas de suor e seus dentes mordiam meu ombro quando o prazer tomou conta de mim, surgindo fundo em meu corpo. Bem quando comecei a me desfazer, ele começou a gozar, seus dedos apertando minhas coxas enquanto soltava um som rouco de alívio que nunca ouvi antes, e que agora sabia que passaria todas as noites de nossas vidas tentando arrancar dele novamente.

Devagar, ele recuperou o fôlego, deslizando preguiçosamente para dentro e para fora, com os lábios pressionados em meu queixo.

– Essa foi uma bela foda.

Concordei com um som ininteligível.

– É todo seu, sabe?

Piscando para o teto sem entender, perguntei:

– O quê?

– Meu coração, é claro, mas meu corpo também. – Niall continuava ofegando.

– Minhas mãos, meus lábios, meu pau. Eu confio tudo isso a você, confio em você mais do que em mim mesmo.

Meu peito parecia se apertar com tanta força que quase perdi a respiração. Até mais íntimo do que o som de seu orgasmo foi o jeito como ele disse isso tão diretamente, tão sinceramente, depois de já ter gozado:

– Gostei quando você usou meu pau para brincar com seu corpo. Essa ideia de você gozar me esfregando em você toda...?

– Sim? – perguntei.

– Caramba. Adorei. E também o quanto você queria mais forte. Quero que você me incite a ser um pouco mais safado com você.

– Só um pouco? – perguntei em tom de brincadeira.

Niall olhou diretamente em meus olhos e percebi um toque de vulnerabilidade

ali. Eu sabia que esta conversa parecia uma linguagem completamente estranha para ele.

Eu me estiquei para beijá-lo, desesperada para tirar o tom de provocação do momento.

– O que você quer tentar?

– Tudo – ele admitiu num sussurro. – Mas acho que principalmente eu... Estou um pouco encantando com a ideia de ficar íntimo de alguém e ao mesmo tempo apaixonado. Não quero mais me esconder disso. É tão novo para mim, é até um pouco absurdo o quanto é diferente.

– Você quer dizer fisicamente?

– Quero dizer, tudo. Falar abertamente enquanto fazemos amor. A *sensação* de fazer amor.

Ele ainda estava por cima, dentro de mim, pedindo aquilo que precisava, e por um longo momento não consegui respirar direito. Estávamos fazendo isso. Ele estava inteiro dentro de mim. Estávamos em sua cama, em seu apartamento, e ele disse *sim*.

– O que você está pensando? – ele perguntou, beijando meu pescoço.

– Só que... estou tão aliviada por estarmos juntos de novo que acho que vou explodir.

– Acho que prefiro você inteira, principalmente debaixo de mim, nua e molhada como um lago.

Envolvi seu pescoço com meus braços.

– Então preciso manter você por cima a noite inteira.

Ele riu, depois me beijou.

– Eu te amo, Ruby.

Número de Vezes Em Que Niall Stella Usou Meu Nome Quando Disse que Me Amava:

Uma, e contando.

Agradecimentos

Alguns livros saem facilmente de nossos dedos, enquanto outros precisam de uma combinação dos seguintes fatores: (1) ficar num canto escuro quase chorando, (2) bolo, (3) acorrentar a si mesma no computador, (4) lágrimas, (5) sangue, (6) álcool, (7) deitar no chão, (8) Ryan Gosling e/ou (9) sacrifício de uma virgem.

Não estamos dizendo que *Surpresa Irresistível* precisou de todas essas estratégias, mas também não estamos *negando* nada.

Então, nosso primeiro e mais importante agradecimento vai para nosso editor, Adam Wilson, e nossa agente, Holly Root, por nos ajudar a trazer este livro à vida. Sem vocês dois, a CLo não existiria, e não se passa nem um dia em que não sentimos isso. Este livro aconteceu apenas com o melhor tipo de esforço em equipe.

Agradecemos à Kristin, nossa Preciosa, nossa rocha, nossa guerreira. Obrigada por escutar tudo, por manter nossa loucura controlada com o Honest Trailers, e por ajudar a colocar todos aqueles livros nas mãos certas. Você é *muito* boa para nós.

Obrigada, Erin, por sempre, sempre, sempre nos assegurar que façamos tudo certo. Obrigada Tonya, por suas leituras honestas, suas opiniões necessárias e todos aqueles gifs pornôns. Obrigada, Sarah J. Maas, pelo entusiasmo que nos permitiu respirar e as instruções finais que deram verniz para nossas páginas. Agradecemos também nossas Captain Hookers – Alice Clayton e Nina Bocci – por nos manter insanas, pelas *selfies* feias e as mensagens que nos ajudaram mesmo nas horas mais estressantes. Obrigada, Drew, por cuidar das tarefas do Team CLo todos os dias; obrigada, Jen, pelos melhores convites de promoção que duas garotas poderiam querer; obrigada, Helen, por nos ajudar com nossos diálogos britânicos e a geografia de Londres; e obrigada, Heather Drawn, por ser a Deusa do Design.

Para nossa família na Gallery: obrigada, Jen

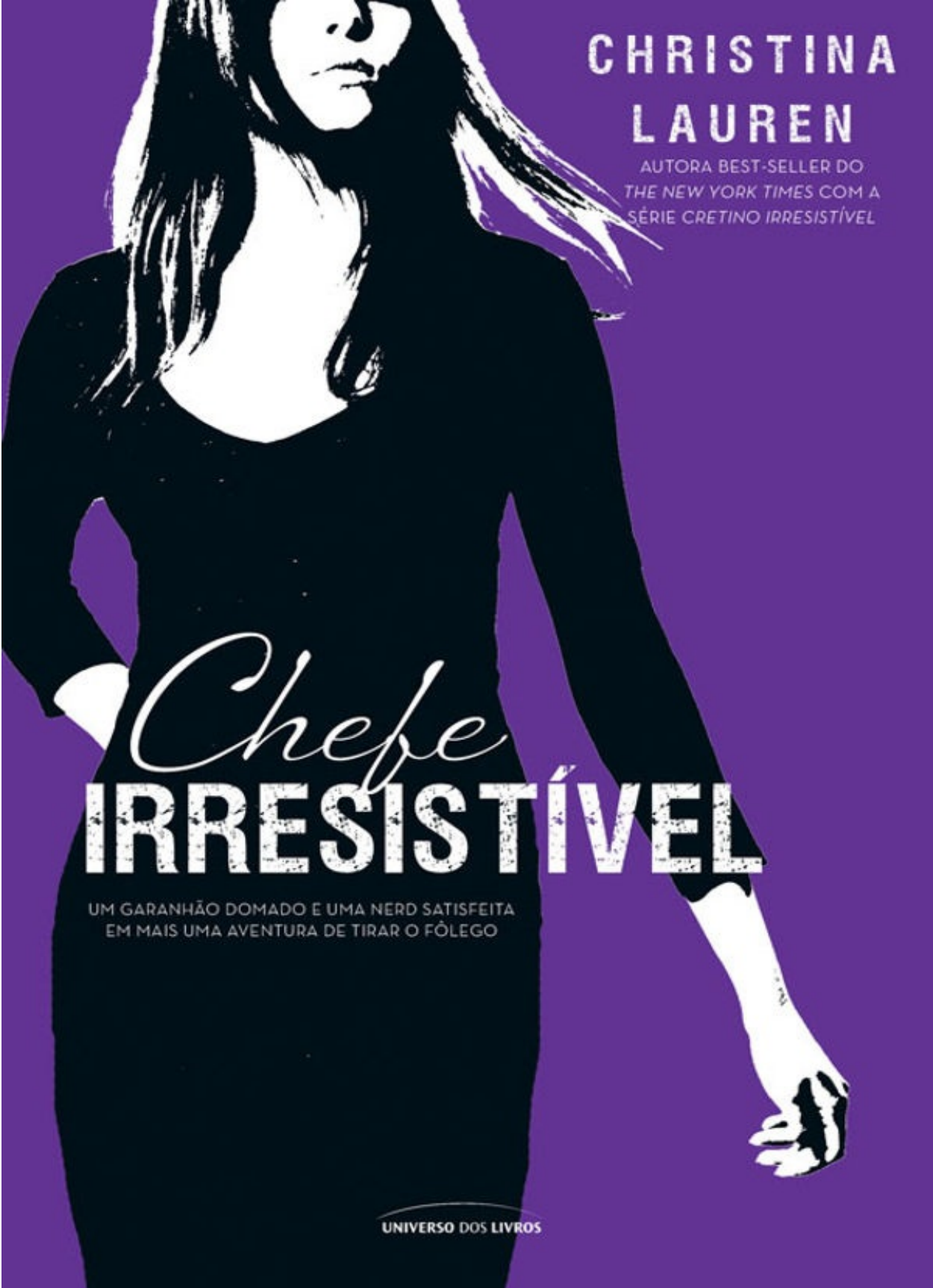
Bergstrom, Louise Burke e Carolyn Reidy, por serem as Melhores Heroínas de Garotas Que Escrevem Livros Sexy e Inteligentes. Obrigada, Jen Robinson, Liz Psaltis, Diana Velasquez, Trey WASSUP Bidinger, John Vairo,

Lisa Liwack, Ed Schlesinger, Abby Ziddle, Jean Anne Rose, Lauren McKenna, Stephanie DeLuca e – apesar de vocês terem nos deixado – Jules Horbachevsky e Mary McCue: esperamos que sintam nossa adoração.

Sinceramente, é preciso muito esforço para ser esquisito assim, mas vocês todos valem a pena.

Bloggers, críticos, leitoras, tradutores e colegas escritores: vocês transformam a comunidade de escritores na melhor das caixas de areia. Obrigada por nos deixarem brincar.

Finalmente, obrigada aos nossos sempre pacientes maridos, aos filhos mais fofos – que sabem que não devem falar os títulos de nossos livros na escola – e obrigada a essa Parceria em Safadezas que faz da escrita destes livros o melhor emprego do mundo.



CHRISTINA
LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES COM A
SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

Chefe
IRRESISTÍVEL

UM GARANHÃO DOMADO E UMA NERD SATISFEITA
EM MAIS UMA AVENTURA DE TIRAR O FÔLEGO

UNIVERSO DOS LIVROS

CHRISTINA LAUREN

Chefe
IRRESISTÍVEL

São Paulo
2016


UNIVERSO DOS LIVROS

Portuguese Language Translation copyright © 2016 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful Boss

Copyright © 2016 by Christina Hobbs and Lauren Billings
All Rights Reserved.

© 2016 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editores-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Eloise De Vylder**

Preparação: **Mariane Genaro**

Revisão: **Sandra Scapin e Alexander Barutti**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Fine Design**

Imagens de capa: **SensorSpot/Getty Images e Viorel Sima/Shutterstock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412c

Lauren, Christina

Chefe irresistível / Christina Lauren ; tradução de Eloise de Vylder. – – São Paulo : Universo dos Livros, 2016. (Beautiful Bastard, 9)

112 p.

ISBN: 978-85-503-0011-5

Título original: Beautiful Boss

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3. Ficção I. Título II. Vylder, Eloise de.

16-0267

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Um

Uma viagem para Boston.

Um jantar, um jantar de véspera de casamento, e uma noite de farra com os amigos.

O casamento amanhã, e uma noiva dormindo... no fim do corredor.

Eu tinha a sensação de que esse arranjo não duraria muito. Hanna odiava dormir longe de mim nas viagens que vinha fazendo para entrevistas para cargos docentes. E eu também. E, justo na noite anterior ao nosso casamento, a mãe dela nos reserva quartos separados... para seguir a tradição, aumentar o suspense?

Deixa para lá.

Aquilo não duraria muito.

Estendi a mão para trás, afofando os travesseiros e me estiquei na cama *king-size* gigante.

Meu celular vibrou no criado-mudo e eu ri, dizendo “eu sabia” para o quarto vazio, antes de atender:

– Hanna, meu amor.

Ela nem disse alô.

– Estou nervosa.

Eu sorri ao telefone.

– Isso não me deixa surpreso. Você vai jurar me obedecer e ser minha escrava sexual pelo resto da sua vida. Você sabe que não vou te dar moleza.

Ela nem se deu ao trabalho de rir.

– Posso ir para o seu quarto?

– É claro – eu disse. – Estava aqui imaginando você me fazendo um...

– Não! – ela interrompeu bruscamente. – Não, não posso. Isso foi um teste, Will. Você deveria me dizer que dá azar.

– Mas eu sou ateu – lembrei-lhe. – Não acredito em sorte. Acredito em intenção. Acredito em descoberta. Acredito em sexo na véspera do casamento. Na verdade, só penso que você está a três portas de mim, totalmente

enlouquecida, quando poderia vir para cá e conversar. E deixar eu enfiar meu pau dentro de você. E vou olhar para você o tempo todo e ainda assim o casamento amanhã vai ser o melhor do...

– Meus peitos parecem enormes dentro do vestido.

Suspirei, cobrindo o rosto com o braço.

– Você está tentando me matar? – perguntei.

– Eu só queria te avisar – a voz dela ficou indistinta e logo imaginei que estivesse roendo as unhas de nervoso. – Acho que talvez esteja muito exagerado. Eu queria que fosse uma coisinha só nossa, a sua obsessão por peitos, o nosso casamento; quer dizer, você...

– Hanna – eu a interrompi –, prometo fazer o possível para não enfiar a cabeça nos seus peitos no altar!

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Ameixa. *Respire*. – Eu a ouvi inspirar profundamente e soltar o ar devagar. – Fala para mim o que está querendo dizer? – respondi em voz baixa.

– Só que... E se eu parecer...

– Perfeita? – sugeri.

Ela soltou o ar com força e admitiu rápido:

– Peituda. Uma noiva peituda e vadia.

Segurei o riso porque, embora isso fosse ridículo para mim, sabia que não era para ela.

– Você está mesmo falando sério? É este o seu surto de véspera de casamento? Que seus peitos vão estar lindos demais amanhã?

Hanna tinha planejado o casamento com tranquilidade, delegando os detalhes finais para sua mãe enquanto viajava para as entrevistas de emprego. Ela tinha sido chamada por faculdades de quase todos os cantos do país, chegou a visitar até dois lugares diferentes em uma única semana, e nunca reclamou da loucura dos últimos meses, nem uma vez. Eu sabia que minha Hanna era sossegada, mas, *Jesus*, levando tudo isso em conta, eu esperava que acontecesse... *alguma coisa*. Um colapso emocional enquanto fazíamos as malas, mas não: entramos numa divertida guerra de roupas na lavanderia e terminamos fazendo sexo no corredor. Talvez uma discussão boba no caminho para Beantown, também conhecida como Boston, mas não: dessa vez ela me fez um boquete. Ou ainda um acesso de raiva ao chegarmos ao hotel, mas nada: ela sorriu, ficou na ponta dos pés para me beijar e gritou: “Aqui vamos nós!”.

Olhei para o quarto vazio do hotel e disse:

– Acho que tirei a sorte grande.

Ela resmungou e fez minha boca se curvar num sorriso, que logo desapareceu quando sua voz saiu aguda e estressada.

– E se meu vestido for só peitos e você for o único que não vai achar obsceno?

– Se você fizesse um *topless* no altar eu não acharia nada mal. E a minha opinião é a única que importa amanhã.

– Então por que convidamos cento e sessenta e quatro pessoas?

– Hanna. Pare de falar agora. Venha para o meu quarto para a gente transar.

O telefone ficou mudo num clique, e alguns segundos mais tarde ouvi o barulho de passos na frente da porta, uma longa pausa e depois uma batida discreta.

– Feche os olhos – ela disse do corredor.

Fui até lá com os olhos bem fechados e abri a porta.

– Fique com os olhos fechados – ela alertou.

Obediente, eu os apertei ainda mais.

As mãos dela tocaram meu pescoço e deslizaram para o rosto, desajeitadas pelo nervosismo, até que conseguiu amarrar algo em torno dos meus olhos. E então Hanna ficou em silêncio. Eu não podia vê-la nem senti-la.

Estendendo as mãos, encontrei sua cintura e puxei-a para o meu peito nu.

– Fala para mim: o que está acontecendo de verdade?

– Eu não gosto de ficar longe de você na véspera do nosso casamento – ela confessou, encostada à minha pele. – Preciso de você.

Sem enxergar, deslizei as mãos pelos lados do seu corpo, passando pelos ombros e pelo pescoço e, por fim, segurei seu rosto. Meus dedos encontraram a seda macia e fui tateando o tecido até chegar ao nó atrás da cabeça.

Hanna também tinha amarrado um lenço em volta dos próprios olhos. Ah, essa mulher...

Rindo, beijei-a no topo da cabeça.

– Então fique aqui comigo.

Ela suspirou.

– Essa tradição é um saco, mas acho que, se há alguma tradição que eu deva seguir, é essa, para não estragar o casamento. Não podemos nos ver até amanhã.

Segurei seu rosto entre as mãos, inclinando-o para que eu pudesse beijá-la. Meus lábios encontraram primeiro a ponta do seu nariz e seguiram para seu alvo mais abaixo.

– Não há como estragar isso – eu disse, com os lábios encostados nos dela. Mesmo que a gente não case amanhã, você é o amor da minha vida. Vou ficar com você até nós dois morrermos, ao mesmo tempo, quando eu tiver cem anos e

você, noventa e três.

Com uma risadinha, ela me virou, guiou-me até a cama e me sentou com cuidado. Então, empurrou-me até eu deitar de costas e sentou-se sobre a minha virilha.

– Seus olhos estão abertos agora? – perguntei, provocando-a.

– Levantei minha venda por um segundo, mas já fechei os olhos de novo. Alguém tinha de nos levar para a cama em segurança.

– Quer dizer, acho que a regra é que o noivo não pode ver a noiva, certo? Você pode olhar para mim – eu sussurrei.

Ela fez uma pausa.

– Verdade?

– Sim, querida.

Depois de hesitar um pouco, ouvi a venda deslizar enquanto ela a retirava e o som suave de sua respiração.

– Aí está você. – Ela acariciou meu peito e meu pescoço e percorreu o traçado da minha boca com a ponta do dedo. – *Marido*. Isso não é uma loucura?

Minha pele se incendiou, faminta.

– Ahn...

Sua boca encostou-se à minha, calando-me. Seus lábios, tão carnudos e molhados... As mãos dela desciam pelos meus quadris, tirando a cueca. Hanna lambeu meu pescoço, enquanto seus cabelos arrepiavam minha pele à medida que ela descia até o peito e chegava à barriga...

– Dá boa sorte fazer um boquete antes do casamento. – Pude confirmar isso quando ela me segurou, lambendo-me perto da base e arrastando a língua até a ponta. – Então estamos no caminho certo.

A risadinha dela fez meu pau vibrar enquanto ela o beijava e chupava, lambendo-o e prendendo-o com toda força entre os lábios.

– Meu Deus! – sussurrei, com os quadris arqueados na cama. – Ameixa, essa venda... essa sua língua. *Caralho!*

Ela brincou comigo o suficiente para me fazer ondular na cama, então a senti mudar de posição, puxar a camisola para cima dos quadris e montar em mim.

Sua boca veio direto na minha orelha.

– Sem pegar nos meus peitos.

– O que você quiser – jurei imediatamente. – Só não pare.

– Você tem o dom de deixar chupões nos meus seios. E meu vestido é bem decotado.

– Você mencionou isso.

– Se deixar alguma marca, não vou te chupar por um ano.

Embora, provavelmente, ela estivesse brincando – eu *acho?* –, a ideia fez meu coração parar por umas três batidas.

Respondi com um reverente “eu *juro*”.

Ela pegou meu pau e o esfregou na pele perfeita e molhada entre suas pernas. Minhas mãos agarraram o lençol de ambos os lados do meu corpo.

– Hanna? – perguntei, ofegante.

Ela fez uma pausa e respondeu:

– O quê?

– Posso pegar na sua bunda, né?

Senti quando ela parou em cima de mim e então começou a rir.

– Que tipo de vestido neste mundo mostraria a minha bunda?

– Desculpa, desculpa – falei, rindo –, não estou pensando. Caralho, Ameixa, sobe logo no meu pau!

Mas ela não fez isso. Senti seu calor, tão perto, e ela lentamente se sentou nas minhas coxas, acariciando minha barriga.

– Você está bem? – perguntei, enquanto desajeitado, saía de baixo do corpo dela, procurando seu rosto com as mãos. – Você está surtando por causa do vestido de novo? – Tentei passar os dedos discretamente debaixo dos seus olhos para ter certeza de que não estava chorando, mas ela se afastou.

– Não estou chorando!

Balancei a cabeça e fiquei em silêncio, tentando ser cuidadoso.

– Só estou nervosa – ela disse.

Meu peito ficou apertado.

– Você sabe que não vai mudar nada entre nós só porque vamos casar, não é? Continuaremos sendo Will e Hanna. Continuaremos sendo nós.

– Já parece diferente – ela disse e deslizou a ponta dos dedos pelos meus lábios quando abri a boca para protestar, e logo acrescentou: – Não em um sentido ruim. Quer dizer, parece mais profundo. Parece mais importante. Antes, eu olhava para o seu corpo e pensava: “uau, posso brincar com isso a noite inteira!”. Agora, olho para o seu corpo e penso: “uau, posso brincar com isso e... *ai, meu Deus, se alguma coisa acontecer com ele e...*”.

– Hanna, respire – eu disse com carinho, entre seus dedos.

Ela respirou fundo e deslizou a mão pelo meu pescoço, quase como se traçasse uma linha até o meu coração.

– Eu só tenho vinte e cinco anos – ela comentou depois de uma longa pausa – e sei que minha vida acabaria se eu te perdesse.

Pensar nisso foi uma facada no estômago.

– Você nunca vai me perder.

Ela não disse nada, só desenhou pequenos círculos no meu peito com os dedos.

– Ameixa, não fique assim... Nós já cuidamos tão bem um do outro... Isso aqui só irá oficializar as coisas.

O dedo dela subiu de novo e passou de um lado para o outro do meu lábio inferior. Meu sangue ferveu nas veias.

– Eu cuido de você? – ela perguntou.

– Cuida, sim. E quando não sabe direito o que fazer, você pergunta.

Depois de algumas inspirações em silêncio, ela disse:

– Como agora?

Eu amava e odiava a escuridão de estar vendado. Queria ver o rosto de Hanna, mas só pela voz eu podia imaginar: os dentes mordendo delicadamente os lábios, os olhos fixos onde seus dedos tocavam minha pele com um cuidado enlouquecedor. Foi assim que começamos: ela perguntava e eu dizia o que fazer.

– Você não sabe como cuidar de mim agora?

– Só estou ansiosa nesta noite... – ela sussurrou. – Ajuda quando você me diz o que quer que eu faça.

Meu coração pareceu parar e depois explodir. Já fazia um tempo que não entrávamos nesse jogo.

– Sente-se de novo em cima de mim – eu a instruí, com a voz rouca.

Ela se mexeu, e senti seu calor intenso, quase encostando no meu pau. Segurei um gemido.

– Coloque para dentro. Devagar. Me provoque um pouco.

A mão dela me segurava firme, à medida que ela se posicionava em cima de mim, se esfregando e abaixando, pouco a pouco.

Que tesão do caralho!

Quase não me segurei.

– Assim, assim.

– Will...

Já tínhamos feito amor umas mil vezes, talvez mais, e sempre me chocava o fato de eu ter de contar até dez e me distrair para não explodir logo que a penetrava.

– Para cima e para baixo – eu disse. – Não provoque. Quero sentir cada milímetro.

O hálito quente dela me arrepiava o pescoço, seus cabelos roçavam nos meus

ombros, e ela fez exatamente o que pedi. Mas podia facilmente ter me deixado entrar de uma só vez. Ela estava molhada como o oceano.

Meus pensamentos saíram dos trilhos com toda aquela intensidade, e tudo pareceu vir à tona num lampejo: ali estávamos nós, à beira dessa aventura maluca, e eu nunca tinha desejado nada com tanta força em toda minha vida.

Enquanto Hanna se movia lentamente sobre mim, mais rápido e cada vez mais confiante, esquecendo-se de si mesma e se perdendo, eu não parava de pensar na verdade daquilo. Quanta gente encontra uma pessoa a quem deseje tanto, de quem queira estar junto, a quem queira pertencer? Quantos homens se casam com a sua melhor amiga, com a pessoa que mais admiram no mundo?

Tirei minha venda e vi seu rosto no momento em que ela se deixou cair: os olhos fixos nos meus, os lábios abertos num gemido ofegante. O alívio tomou conta de sua expressão quando nossos olhos se encontraram – ela precisava ver isso, precisava me ver, ser acalmada pelo meu olhar –, e eu sabia que ela podia ler meus pensamentos com a mesma clareza com que eu lia os dela.

Não confie na tradição dos outros, pensei, sentindo meu corpo se mexer mais para cima, mais perto dela. Confie em mim. Confie em nós para encontrarmos nosso próprio caminho.

A necessidade e o prazer desciam se debatendo pela minha espinha, quentes e urgentes. Meus dedos se afundaram em seus lábios, empurrando-a com força para a frente e para trás em cima de mim, até que senti que estava perto, quase lá, e o sussurro dela – *adoro ver você gozar* – me fez perder o controle.

Gozei dentro de Hanna com um gemido forte, com os meus olhos presos desesperadamente aos seus.

– Viu? – ela sussurrou, com o rosto encharcado de suor quando o pressionou contra o meu pescoço. – Eu precisava disso. Amanhã é uma mera formalidade. Parece que nos casamos agora mesmo.

– Amanhã será uma formalidade desde que você me bateu uma punheta naquela festa nojenta de estudantes.

Em cima de mim, ela riu.

—

Hanna não estava mais lá quando acordei mas sim um bilhete escrito por ela às pressas e deixado no meu travesseiro – *Vejo você às duas!* – que me fez rir alto no quarto vazio.

Minha noiva: que romântica!

A manhã foi movimentada: café da manhã com os padrinhos homens; recepção dos convidados que chegavam ao hotel; minha mãe e minhas irmãs me chamando o tempo todo para checar de novo a disposição das mesas, as instruções de entrega e os pedidos para os músicos. Percebendo minha necessidade de simplesmente me enfiar no chuveiro e me aprontar para o casamento, Jensen entrou em ação e as levou para o Centro de Comando, e a mãe de Hanna, Helena, ficou mais do que feliz delegando tarefas o dia inteiro.

Depois de tomar um banho quente, fazer bem a barba e tomar três xícaras de café, ouvi uma batida na porta do meu quarto. Uma parte de mim se perguntava se poderia ser Hanna, mas percebi que isso só seria possível se ela tivesse fugido de sua irmã Liv, de sua mãe, de George e de Chloe e Sara, mais conhecidas como “a matilha”, como Jensen gostava de chamá-las, como se fossem um bando de leões. Se Hanna tivesse conseguido tudo isso, com certeza haveria corpos em algum lugar, e me ver antes do casamento seria a última de nossas preocupações.

– Sou eu – ouvi meu futuro cunhado dizendo.

Deixei Jensen entrar na suíte. Ele já estava vestido, usava o smoking de praxe e estava com uma aparência ótima. Estivéramos juntos durante todo o dia anterior, mas, de certa forma, no frenesi da véspera do casamento, não percebi que ele tinha perdido uns dez quilos desde a última vez que tínhamos nos visto.

– Você tem se exercitado? Você está bonito, cara.

– Você vai casar com minha irmã – disse ele, passando por mim. – Por favor, não dê em cima de mim hoje.

Rindo, virei-me para o espelho para apertar a gravata borboleta. – Casar – ele repetiu, deixando escapar um assobio.

– Eu sei.

Hanna ia ser minha esposa. Eu ia apresentá-la deste jeito:

Esta é minha esposa.

Eu não conseguia parar de repetir a palavra na minha cabeça. *Esposa*. A sensação era boa. Parecia concreto. Fez com que eu quisesse subir em cima dela e repetir a palavra “esposa” sem parar em seu ouvido, tatuando-a em seus pensamentos.

Você é minha esposa, Ameixa.

Jensen sacudiu-me desse fluxo de pensamentos quando me deu um tapinha no ombro.

– Casado, Will.

Olhei-o, repetindo com um sorriso curioso.

– Eu *sei*, Jensen.

– Com minha irmãzinha. – Seus olhos se estreitaram enquanto ele apontava o dedo do meio, ameaçador, para mim. – É estranho, não é?

Já havíamos tido essa conversa antes, durante um jantar, depois que Jensen nos pegou de surpresa uma vez: eu embaixo do balcão, Hanna inclinada sobre mim, com o velho vestido de formatura enrolado na cintura enquanto eu a chupava. Por sorte, Jensen não viu muita coisa... Mas com certeza viu o suficiente para deduzir o que estava acontecendo. Bem ao estilo de Hanna, ela não tirou o vestido, calçou o tênis e fez com que a levássemos para comer num restaurante vietnamita, para acabar com qualquer tipo de constrangimento. Jensen tinha se mostrado surpreendentemente inabalável até o meio do jantar, quando deixou cair os pauzinhos com um barulho discreto na tigela e anunciou:

– Caralho. *Você vai ser meu cunhado!*

Hanna e eu sabíamos que íamos nos casar um dia, mas ainda não estávamos prontos para isso. Naquela época, demos risada. Mas certamente estamos prontos *agora*.

Jensen foi até uma das poltronas de couro perto da janela e se sentou.

– Você já tinha imaginado esse dia? O dia do seu casamento, você se aprontando junto a mim, ela lá no salão se aprontando com a “matilha”?

Encolhi os ombros.

– Eu sabia que ia encontrar a mulher certa para mim, ou então não me casaria. Acho que não tinha pensado muito nisso. – Levantei o queixo, inspecionando minha gravata no reflexo. – Agora parece impossível que em algum universo paralelo eu não me encontrasse com Hanna. E se ela nunca me ligasse? E se eu nunca tivesse ido correr naquela manhã? – Virando-me para encará-lo, pisquei. – Deus, isso é aterrador.

Ele podia ter me provocado por causa dessa visão sentimental rara, mas não o fez.

– Posso garantir que não era *exatamente* isso que eu tinha em mente quando sugeri que ela ligasse para sair com você – disse ele, passando o dedo pela sobrancelha. – Mas aqui estamos. Da próxima vez que a vir, ela estará subindo ao altar.

Olhei para ele, depois de, nos últimos dias, pensar várias vezes em como ele se sentia com o evento. Hanna e eu nos casaríamos no mesmo jardim privado onde Jensen tinha se casado com sua namorada da faculdade. E onde a irmã mais velha de Hanna tinha se casado com seu marido, Rob. Infelizmente, o casamento

de Jensen com aquela que fora sua namorada por nove anos tinha durado apenas dois meses.

Jensen interrompeu meus pensamentos antes que eu pudesse pensar no que dizer.

– Você está imaginando como é que vai ser? – ele indagou.

– É claro. Estou me perguntando se ela não vai tropeçar antes de chegar ao altar ou parar no meio do caminho para abraçar alguém que não vê há anos. Hanna *sempre* me surpreende.

– Ou se ela vai desistir de andar e começar a correr na sua direção. – Ele riu baixo. – E nunca vai deixar de ser estranho você chamá-la de Hanna.

– Não consigo me imaginar chamando-a de Ziggy – admiti, sentindo um arrepio. – Parece muito pervertido.

– Porque é – disse ele. – Você tinha dezessete quando ela tinha dez. Quando minha irmãzinha tinha dez, você estava dormindo com a mãe de um de seus colegas de banda.

Dei um olhar enojado para ele.

– Está tentando me fazer passar mal?

– Estou – ele riu, levantando-se para me dar outro tapinha no ombro, no exato momento em que Bennet e Max batiam à porta do quarto.

Dois

Dei um passo para trás e olhei meu reflexo no espelho.

– Isso... é branco demais – murmurei, alisando a saia do vestido. Atrás de mim, mamãe e Liv suspiravam emocionadas.

– Vocês têm certeza de que eu não deveria ter escolhido azul? Vermelho? Alguma coisa que transmitisse a mensagem “eu trepo com esse homem todo dia” em vez de “virgem”.

Mamãe disse meu nome em voz baixa.

– O quê? Ninguém lá embaixo vai ver Will de smoking e acreditar que eu não fiz de tudo com... – parei no meio da frase ao ver o rosto de Chloe atrás de mim.

– Você está... Ah, meu Deus, Chloe. Você... você está *chorando*?

Chloe alcançou uma caixa de lenços de papel – uma das muitas espalhadas pela espaçosa suíte de núpcias – e puxou um deles, batendo-o de leve debaixo de seus olhos perfeitamente delineados.

– Não – ela ironizou. – Está empoeirado aqui.

Liv fez uma pausa, com o modelador de cachos no ar, e olhou por cima do ombro.

– Sei que sou novata aqui, mas algo me diz que isso não é normal – ela sussurrou.

Tive de segurar a risada. Minha irmã só tinha visto Chloe em duas outras ocasiões breves e já tinha percebido que, tratando-se da senhora Ryan, chorar de alegria não era normal.

– Bem, isso não é verdade – disse George para Liv, gesticulando para ela se afastar enquanto separava alguns dos cachos que tinha acabado de fazer no meu cabelo. – Podemos sair para ver o filme mais emotivo do mundo, que ela sai com os olhos sequinhos. Mas, quando o salto do seu Prada vermelho quebrou ao atravessar a 7th Avenue, foi um verdadeiro chafariz.

Chloe riu, batendo no braço dele.

– Eu não o demiti hoje de manhã?

– Duas vezes – respondi por ele. – Você o demitiu em nome de Sara, no

elevador, quando ele se referiu a você como “Amante das Trevas” na frente daquele padre, e uma segunda vez quando ele se ofereceu para ajudar Jensen a se aprontar mais tarde.

Mamãe deixou escapar um gritinho de surpresa.

– Sempre tão prestativa, Hanna, obrigado – disse George, puxando um pouco forte demais um cacho do meu cabelo. – Em minha defesa, ele parecia muito ocupado. Eu só estava tentando ser eficiente. Mas só uma observação: eu deveria ter sido alertado de que o irmão de Hanna era tão adorável, porque... realmente! Alto, escandinavo e solteiro? Acho que fui o injustiçado aqui.

Liv se inclinou, e nossos olhos se cruzaram no espelho.

– Seus amigos são estranhos – disse ela.

– Se por estranhos você quer dizer incríveis, então são mesmo – eu disse e sorri para ela antes de olhar para Chloe. – Eu amo o fato de você ficar emocionada no meu casamento, viu. É como se eu tivesse conquistado algo na vida.

Chloe secou os olhos e assoou o nariz no lenço de papel.

– Deus, que diabos há de errado comigo? Isso tudo é tão... romântico.

– Será que Bennett finalmente... derreteu seu coração? – George perguntou com um tom dramático.

– Vou te dar uma martelada – ela disse, encarando-o. – Até mesmo nesse terno chique.

– Isso é incrível para mim! – disse Sara, que apareceu atrás de Chloe e a abraçou. – Normalmente sou eu que choro.

– Porque você está sempre grávida – Chloe disse, virando-se para acariciar a barriga enorme e redonda de Sara, carregando a Bebê Stella Número Dois.

– Com certeza é assim que me sinto. – Sara deu um beijo no rosto de Chloe. – Mas veja... – Ela levantou o queixo e olhou para mim pelo espelho: – Você distraiu Hanna, ela não está mais nervosa.

– Que motivo ela poderia ter neste mundo para ficar nervosa? – perguntou Liv, puxando um grampo da minha mão e entregando-o a George para colocar no meu cabelo. – Você e Will são atenciosos, inteligentes e responsáveis. Serão *ótimos* como marido e mulher.

Nossos olhos se encontraram e, quando ela sorriu para mim, tive que morder o lábio para não chorar também.

– Se algum homem um dia me olhar do jeito que Will olha para você – acrescentou George –, eu pediria para ele se casar e ter filhos comigo na mesma hora. Will mal pode esperar por esse casamento. Estou surpreso que ele não a

convenceu a fugir para Vegas até hoje.

Liv olhou para ele por cima da minha cabeça.

– Eu não estou. Se ele tivesse sugerido isso, nossa mãe teria cortado as partes dele de que mais gosto.

Juntos, viramo-nos para olhar mamãe, que estava parada em silêncio perto da janela, do outro lado do quarto, assistindo a toda a conversa. Ela concordou de forma decisiva e praticamente explodi de rir.

George levantou a mão com autoridade e disse:

– Ai de mim, acho que não posso deixar isso acontecer. Concordei em deixar Hanna se casar com o homem dos nossos sonhos hoje, desde que ela me conte todos os detalhes íntimos. Nós *precisamos* saber dessas partes.

Eu vou me casar hoje. Euzinha – pensei.

Quase me belisquei, mas, se isso fosse um sonho, eu jamais ia querer acordar.

Olhei para a porta, na direção do quarto de Will, e senti o mesmo aperto no peito da noite passada.

– Ainda é surpresa para onde vocês vão nessa noite? – perguntou Sara.

– Sim. Você sabe? – Olhei para ela com ansiedade, mas Sara só sacudiu a cabeça.

– Ah, não – disse ela, sorrindo –, e mesmo que soubesse, você não tiraria essa informação de mim. Mas eu não sei. Não foi você quem pediu a ele para surpreendê-la?

– Sim, mas... No fim das contas, a ideia da surpresa é muito melhor do que ficar esperando – admiti. Organizar o casamento tinha sido relativamente fácil; mas a lua de mel foi um verdadeiro balde de água fria. Tínhamos planejado tudo: uma semana numa casa linda no Maine, sem nenhuma roupa para passar todos aqueles dias. Mas, daí, surgiram algumas entrevistas que eu achei que eram improváveis de acontecer e, quando me dei conta, eu tinha entrevistas marcadas por todo o país e nenhuma ideia de onde eu queria estar de verdade. Depois de várias discussões e centenas de conflitos de agenda, decidimos postergar a lua de mel. Minha próxima entrevista seria em dois dias; então aproveitaríamos ao máximo a noite do casamento em algum lugar próximo e voltaríamos para casa na manhã seguinte.

Eu não tinha problemas com isso. Daríamos um passo de cada vez – uma entrevista por vez – e tudo daria certo. Emprego novo, cidade nova, casamento novo. Eu só precisava respirar. Will e eu estaríamos juntos. Mas o “onde” e o “como” eram detalhes com os quais uma outra Hanna poderia se preocupar depois.

Eu estava prestes a me casar com o homem dos meus sonhos. Todo o resto se encaixaria no seu devido lugar.



Um casamento.

Uma noiva tagarela e nervosa. Um noivo sorridente e com lágrimas nos olhos.

Duas alianças de platina nos dedos.

Um *monte* de amigos bêbados.

E estávamos casados!

Do jeito que eu tinha imaginado, o casamento e a recepção foram praticamente uma grande névoa. Fiquei feliz pelos cliques constantes das câmeras, porque precisaria daquelas fotos para me lembrar de tudo o que aconteceu enquanto eu andava até o altar, na direção de Will, com o coração tentando passar pela boca e sair do meu corpo para encontrar o dele. Mal notei as flores ou a festa de casamento, ou os convidados. Mal percebi que era um dia perfeito de outono e que as folhas estavam vibrando nas árvores da forma mais idílica imaginável. Mal senti a pressão dos lábios do meu pai no meu rosto quando ele entregou minha mão à de Will.

Tudo o que vi foram os olhos azuis intensos de Will e a alegria que irradiava deles enquanto desciam até o decote cavado do meu vestido. Tudo o que ouvi foi o som grave e reverente da voz dele quando repetiu os votos de me respeitar, cuidar de mim e me amar pelo resto de nossa vida. E tudo o que senti foi o contraste entre o metal frio e a pele quente quando ele colocou a aliança no meu dedo.

Foi tudo o que eu consegui assimilar... Quer dizer, até ele me beijar. Porque o beijo apagou tudo o que tinha acontecido antes.

Agora você pode beijar a noiva.

O mundo se desfez. De verdade. Éramos somente nós dois naquele ponto minúsculo da Terra, parados em silêncio e olhando um para o outro, na iminência de selar o compromisso que fizemos.

Eu não parava de sorrir.

Suas mãos tocaram meu rosto, e ele deixou escapar um sorriso silencioso e emocionado. Nos olhos dele, pude ver o filme de cada memória que construímos juntos: nossa primeira corrida, nosso primeiro beijo, a primeira vez que fizemos amor, nossa primeira briga, o fim de semana em que ele me pediu em casamento – duas vezes – e cada momento de riso e silêncio entre nós até ali.

Então meu marido se inclinou e cobriu meus lábios com os dele. Eu devia saber que ele não me daria um selinho. O beijo continuou, e continuou, até os gritos de protesto dos nossos amigos ficarem mais fortes. Mas, apesar da alegria compartilhada, eu podia ter largado a festa inteira ali mesmo. Eu podia ter levado Will pela mão e puxado-o para dentro de um *closet* e o beijado por dias, para, por horas a fio, selar a promessa mais importante de nossa vida.

Depois do “sim”, saímos no jardim de árvores altas e luzes brilhantes ao som dos aplausos de nossos parentes e amigos. Minhas bochechas doíam de tanto sorrir e apertei mais forte a mão de Will, porque ele era a única coisa que me ancorava ao chão. Sem o toque firme dele, tinha certeza de que sairia flutuando e desapareceria no céu noturno como um balão.

Fiquei contente de ter ouvido um conselho que me lembrava de que, dali a vinte anos, eu só me lembraria dele. Porque era verdade: seus olhos mal desgrudaram de mim a noite inteira, e quando o fizeram, foi porque ele me puxou para perto e suas mãos assumiram o controle, passeando carinhosas pelos meus braços, minhas costas, minha cintura. A recepção inteira pareceu uma longa e interminável sessão de preliminares e, quando joguei o buquê, estava praticamente vibrando por poder ficar sozinha com Will.

Foi só quando estávamos na limusine, a caminho do destino surpresa da nossa noite de núpcias, que tivemos um momento para respirar.

– Mal posso acreditar que consegui sobreviver à coisa toda sem estragar nada – eu disse. Eu estava sorrindo sem parar fazia horas. Minhas bochechas doíam e meu coração acelerado me deixava com uma sensação constante de euforia no peito.

– Não sei sobre a coisa toda – Will provocou, escapando com facilidade de um tapinha no braço. – Estou brincando. – Com um dedo sob meu queixo, ele levantou meu rosto. – Eu não disse que tudo seria perfeito?

– Você disse – falei, esticando-me para beliscar seu rosto. – Aparentemente, grandes eventos sociais nos quais eu sou o centro das atenções me deixam um pouco estressada. Quem imaginaria isso?

Ele riu.

– Ei, sabe o quê?

– O quê?

– Você é o meu favorito.

Ele demonstrou seu sentimento com um beijo nos meus lábios, e um beijo se transformou em outro e mais outro até que ouvimos o motorista tossindo seco no banco da frente. Com uma risada envergonhada, afastei-me um pouco de Will.

Eu não ia ceder à tentação no banco de trás do carro, a caminho do hotel; eu teria a noite inteira com ele. E planejava desfrutar cada momento.

– Você notou quanto champanhe Jensen bebeu? – perguntei.

Meu irmão mais novo pode ter aquele ar de Irmão Responsável, mas já tinha tocado numa banda com Will, afinal de contas. Eu tinha certeza de que Jensen não era tão inocente quanto dizia ser.

– Eu o vi falando com aquela ruiva que trabalha no seu laboratório – concordou Will. – Acho que vai ser difícil ele encontrar o caminho de casa sozinho. – Will se inclinou e me beijou no rosto, no queixo e depois no pescoço. – Talvez eu não seja o único sortudo desta noite.

Fiz uma careta.

– Vou fingir que você não acabou de fazer uma referência ao meu irmão dormir com alguém na noite do meu casamento. – Will deu risada no meu pescoço, deixando-me inteira arrepiada com seu hálito quente. – Nós dois sabemos que meu irmão não faz sexo, porque, você sabe, é nojento – acrescentei, tentando conter minha tagarelice ansiosa. – Por que você não começa a falar sobre como meu pai estava todo pegajoso com minha mãe hoje à noite?

Will recuou e olhou para mim, achando graça.

– Quanto champanhe você bebeu hoje à noite? – ele perguntou, agarrando meus quadris. – Bom, você não está dormindo no chão, então acho que não foi muito.

– Liv me interrompeu depois de meio copo. Ela disse que era o presente dela para você e que você podia agradecê-la no Natal.

Will riu e nós dois olhamos pela janela quando o carro desacelerou e reduziu até parar suavemente. Ele deslizou para o outro lado do banco e me olhou com um sorriso.

– Você está pronta? – ele perguntou, e imaginei se essas três palavras já tinham tido tanto significado.

Se eu estava pronta? Nem em um milhão de anos! Eu mal estava preparada para dar conta de Will Sumner num dia normal, imagine então num quarto de hotel, de smoking, na noite do nosso casamento, e com aquele olhar...

Era um olhar que sugeria que eu era uma presa. Um olhar que me dizia que eu não tinha nenhuma chance. A porta se abriu, e Will saiu, virando-se rapidamente para me dar a mão. Eu o segui e fui imediatamente recebida pela vista e pelos sons do porto de Rowes Wharf e da cidade de Boston, um pouco mais além.

– Então foi isso que você esteve planejando? – eu disse enquanto admirava os

barcos balançando suavemente no píer, ao brilho do prédio todo iluminado à nossa frente. – Você guardou o segredo deste lugar para mim, seu danadinho.

Ele sorriu.

– Você me pediu para surpreendê-la.

– Como é que... – comecei a falar, mas só balancei a cabeça, tomada por uma onda de nostalgia tão grande que me deixou sem palavras. Eu tinha estado no Boston Harbor Hotel quando era criança e sempre quis voltar, mas não fazia ideia de como ele sabia disso. – Minha mãe falou para você sobre esse lugar?

– Bom, ela me ajudou a organizar um pouco as coisas, mas não, ela não disse nada. Você me falou – ele disse, colocando a mão na minha cintura e me acompanhando até a entrada.

– Eu digo umas trezentas coisas aleatórias para você por dia. Não fazia ideia de que conseguisse se lembrar nem mesmo de uma fração delas.

Nossas malas tinham sido enviadas mais cedo para o hotel, então, depois que pegamos as chaves, fomos direto para o elevador.

Depois de pressionar o botão, Will se inclinou para dar um beijo demorado em meu rosto.

– Seu pai a trouxe aqui para o chá da tarde quando você tinha oito anos, e sua mãe a fez usar um vestido terrível e meias-calças que ficavam – se eu me lembro bem dos seus “hannaísmos” – *raspando nas suas partes delicadas*? Pode ser que eu esteja parafraseando, é claro.

Dei risada ao lembrar.

– Eu odiava aquele vestido. Era da Liv, e o zíper estava todo emperrado e enroscava no meu cabelo. – Ele balançou a cabeça devagar, mostrando que se lembrava de tudo isso... e eu esquentei por dentro. – Havia pétalas de rosa na toalha de mesa.

– Rosas cor-de-rosa – ele acrescentou, desenhando círculos lentos nas minhas costas com a palma da mão.

Eu assenti, com os olhos fixos nos dele antes de admirar sua boca maravilhosa. Eu queria beijar aquela boca, sentir o gosto da sua saliva, esticar-me numa cama gigante enquanto ele *me* saboreava. Tínhamos feito amor na noite passada e ainda assim parecia que fazia muito tempo.

– Sinto que quase não consegui falar com você hoje – sussurrei. – Não é estranho? Foi o nosso casamento, ficamos do lado um do outro a noite toda, e mesmo assim parece que passamos a maior parte do dia falando com outras pessoas.

– Eu sinto a mesma coisa – disse ele, e sua voz grave vibrou na minha

espinha. – Entre os convidados e as fotos, sua família, minha família, e todos os caras roubando você para dançar... Eu só fiquei olhando para você a noite toda.

Eu o puxei para outro beijo e senti-o gemer baixo na minha boca.

– Quer ficar sozinho comigo agora? – perguntei. – Quero te mostrar o quanto gostei da surpresa.

– Estou um pouco dividido entre querer te olhar nesse vestido mais um tempo e querer arrancá-lo de você.

As portas do elevador se abriram e entramos. Fomos para o fundo, para dar lugar a algumas outras pessoas, que sorriram para nós e murmuraram congratulações.

Cada vez que eu me lembrava de que Will era meu *marido* agora, bombas minúsculas explodiam em meu peito.

Pressionei meu rosto contra seu ombro, sentindo seu cheiro enquanto o elevador começava a subir. Ele cheirava tão bem, o aroma de orquídeas que havia enchido o salão de festas se impregnara nele. Fiquei um pouco zonha por um segundo. O nervosismo e a excitação tinham passado, e o *desejo* puro e simples corria pelas minhas veias.

Dei uma olhada rápida para me certificar de que ninguém estava prestando atenção, então fiquei na ponta dos pés para poder sussurrar no ouvido dele.

– Sei que vamos para casa cedo amanhã – eu disse, já temendo o alarme que soaria às oito da manhã para nos levar ao aeroporto. – Então precisamos aproveitar ao máximo o nosso tempo. Na cama, no chão, no sofá... Quero que me possua em todos os lugares. – Fiz uma pausa e acrescentei, ainda mais baixinho: – Quero *sentir* você em todos os lugares.

Will se endireitou com uma inspiração rápida e olhou em volta.

– Jesus... Hanna.

– O quê? Estou sussurrando...

Will se segurou para não rir.

– Você por acaso já se ouviu sussurrando? Parece um sussurro de palco, só para efeito cômico, feito para até a última fileira ouvir.

Balancei a cabeça.

– De jeito nenhum – eu disse, apontei para o peito e acrescentei: – É muito sutil.

A risada de Will foi interrompida quando as portas se abriram no segundo andar e todos foram para a esquerda para um casal idoso sair. Eu odiava admitir, mas, a julgar pelos olhares enviesados que todos nos deram, Will estava certo. Eles tinham ouvido tudo.

Quando começamos a subir de novo, Will se inclinou e encostou a boca no meu ouvido.

– Mas, honestamente, gosto muito da ideia.

– Tenho uma lista e quero ter certeza de que vamos fazer tudo.

– Você tem uma *lista*?

Olhei para ele, piscando, e disse:

– Você não?

– Hanna – disse ele, rindo. – Você é incrível!

Uma campainha indicou que tínhamos chegado ao nosso andar e as portas se abriram. Mal dei um passo para fora do elevador quando ele me agarrou, carregando-me em seus braços e rindo enquanto o meu gritinho de surpresa reverberava pelo corredor vazio.

– Você está me carregando?

– Estou carregando você.

Passei os braços em volta de seu pescoço.

– Achei que você não era muito fã de tradições.

Pude ouvir os passos dele no carpete, mas não conseguia tirar os olhos de seu rosto. Eu estava fascinada com sua boca e seus cílios e com a facilidade com que meus dedos corriam pelos seus cabelos.

– Algumas tradições devem ser baseadas em pesquisa – disse ele, sorrindo para mim. – Todo mundo que já fez isso antes de mim com certeza descobriu como a sensação é heroica.

Virei para ele e disse:

– Eu não sou baixinha, e esse vestido tem cerca de vinte quilos de pedras. Olhe só para você: nem ficou sem fôlego. Estou impressionada!

Encolhendo os ombros, comigo nos braços, ele acrescentou em voz baixa:

– Além disso, seus peitos estão lindos apertados assim. Nós dois saímos ganhando.

Soltei uma risada, surpresa.

– Ah, essa é a verdade, então.

Will parou diante do quarto e, de algum jeito, conseguiu passar o cartão e girar a maçaneta, de forma que a porta se abrisse à nossa frente.

– Bem, senhora Sumner-Bergstrom, aqui estamos. – Ele fez uma pausa e deu um beijo suave na minha boca para marcar aquele momento; em seguida, me carregou para dentro.

Então me dei conta de novo: estávamos casados. Will era meu marido – *meu marido*.

Nos últimos três meses, não importava o quanto nossa vida estivesse atribulada – no trabalho, em casa, com amigos –, mas sempre alguma questão relacionada ao casamento acabava entrando em todas as conversas. Fiquei feliz de seguir o conselho de todos e pensar que aquele seria apenas mais um dia, e boa parte dele passaria como uma névoa. Eu não me lembrava muito das flores ou dos lugares dos convidados no salão nem mesmo quando foi que conseguimos comer. Mas me recordava do rosto de Will quando o vi pela primeira vez no altar, esperando por mim. Lembrava-me de como ele parecia estar feliz enquanto me viu caminhar em sua direção, de como a vergonha que eu tinha sentido pelo meu vestido e pelos meus peitos, ou por estar na frente de toda aquela gente, tinha simplesmente desaparecido quando vi seus olhos percorrendo todo o meu corpo. Eu teria corrido nua até o altar se ele tivesse me pedido. A voz dele estremeceu quando declarou os votos, e nunca vou me esquecer das lágrimas em seus olhos quando disse *sim*.

– Estou pronta para fazer sexo agora – disse a ele, sem querer esperar nem um minuto.

Will sorriu e balançou a cabeça, dando os últimos passos que nos levariam ao quarto da suíte máster.

– A vida nunca será chata com você por perto, Ameixa.

Eu tinha certeza de que nosso quarto era maravilhoso – carpete felpudo, janelas largas e móveis elegantes, assim como o restante do hotel –, mas não vi nada, não conseguia tirar os lábios do pescoço de Will enquanto ele me deitava na cama, amarrotando o vestido entre nós dois.

Will estendeu a mão e acendeu um abajur de cristal ao lado da cama, e lá estava ele, pairando sobre mim.

– Eu te amo – sussurrei.

– Eu também te amo.

Eu estava tão ansiosa para essa noite de núpcias... mas ele não se movia. Esperei, virei para o lado e olhei para ele de novo. – Está tudo bem?

– Tudo está absolutamente perfeito.

Outro momento se passou. Admirei seu sorriso suave, a forma como seus olhos passavam por cada parte de meu rosto antes de focar em minha boca. – Então... o que você está fazendo?

– Olhando para você. Olhando para a minha *esposa*.

– Isso não chega nem perto de fazermos sexo.

Will riu e balançou a cabeça.

– Nós estamos *casados*, Hanna – disse ele, e pareceu que ainda estava se

maravilhando com aquilo também.

– Então, eu estava me perguntando o que você está fazendo nesse smoking. – Enrolei meus dedos em sua gravata e puxei, trazendo-o para perto de mim. – A menos que você seja um homem muito, muito elegante. Mas daí você tem essa aliança no dedo também...

– Quero ser carinhoso com você – ele disse e segurou meu ombro com a palma da mão, deslizando-a para os meus seios. Pude sentir o peso, a pressão de seu toque através das camadas finas de tecido. Apesar da suavidade em sua voz, ela gritava de luxúria, querendo me possuir. – *Sinto* que devo ser carinhoso hoje à noite.

A luz delicada lançava sombras em seu rosto e puxei sua gravata novamente, parando quando sua boca encostou-se à minha.

– Você é sempre carinhoso comigo, Will. Você me faz sentir amada, respeitada e adorada todos os dias. Eu amo esse seu lado.

Pude perceber em sua voz, mesmo no escuro, que o sorriso dele havia se alargado.

– Estou sentindo um grande “mas” vindo aí, Ameixa.

– Mas temos só *oito horas* e depois precisamos acordar.

Suas sobrancelhas se ergueram de surpresa.

– Oito horas *inteiras* – ele disse.

– Isso mesmo. Então você pode ser carinhoso na segunda vez.

Era tudo o que ele precisava ouvir. Ver Will perder o comedimento foi como ver um fusível queimar. Ele se inclinou para a frente, e o pouco espaço que nos separava desapareceu de repente. O calor de seu corpo se irradiou pelo meu, e gemi, puxando seu paletó.

– Tire – murmurei entre os beijos, o sabor de sua língua e a mordida incisiva de seus dentes – a roupa! – Puxei a gravata e a camisa, enroscando os dedos nos botões à procura de sua pele.

Will concordou, ajudou-me a tirar a camisa e depois me colocou sentada o suficiente para abrir o zíper do meu vestido e puxá-lo para baixo. Eu queria pedir para ele ter cuidado, lembrá-lo de quantas horas passei procurando aquele vestido com minha mãe, de que o tecido era muito delicado e que podia rasgar facilmente. Mas nunca me importei tão pouco com as roupas em toda minha vida. De repente, eu estava fora de mim, como quando a faculdade e o trabalho exigiam demais e eu sentia que meus músculos iam explodir se não saísse e corresse, se não me *mexesse*.

Foi necessário um pouco de contorcionismo de nossa parte, mas com um

puxão final Will conseguiu passar o vestido pelos meus quadris e pelas minhas pernas. Saltei sobre os joelhos, procurando com os lábios a sua pele e tentando, com mãos vorazes, puxá-lo de volta para mim.

– Eu te amo tanto – eu disse entre beijos. – Foi tão perfeita esta noite... Tudo isso... Você...

Pude sentir seu sorriso contra os meus lábios, nosso beijo desajeitado com os dentes à mostra e palavras sussurradas de tanta felicidade por estarmos finalmente ali, juntos.

– Você não faz ideia do quanto esperei por isso – ele disse, segurando meu rosto suavemente com as mãos.

– Desde a noite em que você foi ao meu apartamento? – eu perguntei, mas ele já estava balançando a cabeça.

– Antes disso. Talvez desde aquele dia na trilha? Com o moletom largo do seu irmão e...

– E aquele sutiã horrível? – eu disse, rindo com o rosto colado ao dele. – Sempre vou rir do fato de você ter feito Chloe me levar às compras. Você deve ter ficado horrorizado.

– Você tinha que ficar segurando os peitos e isso me deixou muito triste por eles. Eu queria me oferecer para segurá-los para você, oferecer o meu suporte, pedir desculpas por você ter sido tão malvada com eles – disse ele, passando o polegar no meu mamilo.

– Deus, eu teria perdido a cabeça! – exclamei, e minha risada se transformou num gemido suave enquanto ele aumentava a pressão. Veio um beijo, depois outro, um em cada canto da boca antes que ele inclinasse minha cabeça, com o polegar em meu queixo.

Ele desceu pelo meu corpo e o ouvi dizer um palavrão quando percebeu o que eu estava vestindo, enquanto seu dedo subia para tocar a renda delicada que mal cobria meus peitos.

– Chloe – expliquei, sem precisar dizer mais nada.

Ele engoliu seco e limpou a testa com o braço; então respirou longa e profundamente, sem que seus olhos desgrudassem dos meus peitos, apertados sob o tecido sedoso.

– Lembre-me disso quando for aniversário dela – ele falou.

– Estou basicamente me derramando para fora dele – afirmei.

– Esse é o ponto – disse ele, deitando-me com delicadeza e pressionando meu corpo contra a cama. Minhas pernas se abriram e ele ficou de joelhos, com os quadris entre minhas coxas e sua silhueta enquadrada pelas janelas amplas. Eu o

observei, encantada mais uma vez com o fato de ele ser bem maior do que eu e pela forma como seus ombros largos e costas amplas eram suficientes para encobrir as luzes da cidade atrás dele.

Estendi as mãos, sentindo sua forma ainda dentro das calças, e o apertei, com um pouco de força, do jeito que ele gostava.

Com um gemido, ele baixou a cabeça e se inclinou para me dar um beijo de tirar o fôlego. O teto ficou borrado e fechei os olhos, perdida na sensação de sua boca e seus dentes, no arranhar do seu queixo, na pressão de seus dedos abrindo caminho dentro de meu corpo.

Suspirei, fazendo um arco com as costas na cama e passando as unhas por seu ombro e suas costas, com a medida certa de força. Não tinha certeza se ele já estava preparado. Will gostava quando doía de vez em quando, ele pedia por isso. Era o tipo de coisa que o levava ao clímax quando estava tão perto que mal conseguia respirar ou pensar, ou mesmo dizer o que queria. Ele só sabia que queria *mais*.

Will deve ter percebido a dúvida em meus olhos, porque engoliu em seco e respirou trêmulo.

– Faça doer – ele pediu.

Enrolei meus dedos em seus cabelos de um jeito desesperado e profundo, e rude o suficiente para fazer com que seus quadris se lançassem para a frente, de surpresa.

Fiz Will rolar e ficar de costas para a cama e levantei minha perna para cavalgar em cima dele. Na luz suave, notei a surpresa em seu rosto e a forma como ele mordeu o lábio inferior quando tirei o sutiã.

O ar fresco envolveu os meus seios, e meus mamilos ficaram duros. Will se livrou das calças e puxou minha calcinha para baixo, tirando-a. Sua pele estava quente debaixo de mim, suas coxas firmes e cobertas de pelos macios. Seu pau duro estava deitado sobre a barriga.

Fiquei de joelhos e o posicionei onde eu queria, esfregando-o em mim, provocando-o.

– Você quer isso? – perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça no travesseiro, agarrando meus quadris com os dedos. Abaixei-me bem

devagar

devagar

até que ele entrou inteiro dentro de mim.

Will gemia sem se conter, metendo fundo enquanto eu rebojava em cima dele. Ele estendeu as mãos e agarrou meus peitos, levantando-os e espremendo-os; então, se levantou e colocou meu mamilo na boca.

– Will...

Ele gemeu enquanto me chupava mais forte e depois soltava, desenhando com a língua círculos em volta do bico. Ele estava tão fundo dentro de mim, que eu não pensava em mais nada além de sentir sua pele e ouvir sua voz. Sua barriga molhada de suor encostava na minha; suas coxas firmes encostavam na minha bunda. Seus dedos me faziam subir e descer, e escorregaram quando ele me segurou mais forte, tentando mexer mais rápido.

Com um gemido, ele nos virou e me jogou de costas na cama. De cabeça baixa e os cabelos caindo sobre a testa, ele olhava enquanto se mexia dentro de mim, para dentro e para fora. Mais forte. Mais rápido.

Uma eternidade, mas nunca o suficiente.

– Caralho, Ameixa! – ele exclamou e me beijou até ficar insuportável e meus lábios ficarem quase em carne viva. Com uma mão, ele levantou minha perna e empurrou-a contra o meu peito.

– Que tesão! – ele gemeu, movendo-se como um pistão, ainda mais rápido, cada estocada pressionando algo dentro de mim que me fazia ver estrelas.

Estendi os braços e agarrei a cabeceira da cama; precisava me segurar em algo... Cada movimento de seus quadris me empurrava mais para cima no colchão e mais para o fundo daquele lugar na minha mente onde só havia estática. A tensão crescente na parte de baixo do meu ventre, a fricção e o calor entre as minhas pernas ficaram impossíveis de ignorar.

– Will... – sussurrei e respirei em sua boca aberta. Eu ia gozar, e queria gozar junto a ele. Queria *senti-lo* gozar dentro de mim, nos meus peitos, na minha barriga, na minha boca.

Will segurou na extremidade do colchão e empurrou minha perna ainda mais para cima. O calor explodiu entre minhas pernas e ricocheteou em cada parte do meu corpo. Meus pés se contraíram. Eu gozava tão forte que mal conseguia gritar ou dizer seu nome. Ele meteu dentro de mim mais uma vez, tão fundo que fiquei sem ar e pude sentir seus músculos tensos quando gozou dentro de mim.

Will caiu de costas na cama e me puxou para junto dele, aninhando-me ao seu lado.

– Meu Deus!

Olhei para o teto e pisquei algumas vezes, esperando minha respiração voltar

ao normal. Meus ossos pareciam de borracha; o ar esfriava minha pele febril. Olhei para Will e alcancei o relógio do lado da cama. Ainda temos seis horas e vinte e dois minutos. Nada mal.

Sentei-me na cama, peguei a garrafa de água gelada que estava no criado-mudo e enchi dois copos. Esvaziei o meu lentamente e me sentei em cima de Will.

Seus olhos se voltaram para o meu corpo nu e ele pegou o outro copo da minha mão. Eu o observei enquanto bebia, maravilhada com sua garganta ao engolir, seu peito nu, seu cabelo desgrenhado. Aquele corpo era meu... Quando ele terminou, guardei o copo vazio e o empurrei de volta no travesseiro.

– Agora – falei, levantando uma sobrancelha –, quanto àquela lista...

Três

– Você tem certeza de que não se importa em adiar a lua de mel? – No sofá, ao meu lado, Hanna virou o rosto para mim, piscando com o sol do fim da tarde que penetrava pela janela da sala. – Você não acha que pode ser um pouco... brochante?

Um casamento frenético, uma noite de núpcias insone, mais uma entrevista riscada da lista, e lá estávamos nós: uma semana depois, já de volta ao nosso apartamento, de volta à nossa vida cotidiana.

Havia algo de reconfortante em dar aquele passo monumental e voltar imediatamente ao nosso ritmo de vida. Isso reafirmava o que eu dissera a Hanna o tempo todo: o “nós” por trás de tudo aquilo não precisava mudar. Podíamos ser exatamente quem éramos antes. Pessoas casadas definitivamente ficavam de cuecas, curtindo a preguiça numa tarde de sábado.

– Não ligo de esperar. – Beijei o nariz dela e a puxei para perto. – Desde que não marque mais nenhuma entrevista de trabalho nesse meio-tempo.

Nossa nova viagem de lua de mel já estava marcada para pouco mais de um mês depois do casamento – no fim de outubro –, sem entrevistas de trabalho na semana anterior para dar tempo de fazer as malas, terminar algum trabalho importante no laboratório e fazer reuniões inadiáveis. Eu queria o máximo de tempo possível com Hanna.

Percebi que ela hesitou um pouco, retraindo-se.

– Hanna?

– Nem mesmo para a Caltech? – ela perguntou com jeitinho.

Que sentimento estranho: eu estava cansado daquilo, querendo bufar quando minha mulher – caramba, minha mulher – recebia um convite de entrevista para a C-a-l-t-e-c-h!

– E quando seria isso? – perguntei.

– No fim de outubro... Ainda teríamos uns dias para nos preparar para a viagem. – O sorriso dela foi tão doce, tão esperançoso e genuíno, como eu poderia dizer não?

Como eu poderia, de qualquer forma? Era a carreira dela, o sonho dela. Hanna estava sendo disputada por instituições acadêmicas do mundo inteiro. Suas primeiras entrevistas haviam sido em universidades próximas: Princeton, Harvard, MIT, Johns Hopkins. Mas então os convites se espalharam: Cal, em Stanford, Max Plank, na Alemanha, Oxford, na Inglaterra, e agora a Caltech.

O problema era que ainda não tínhamos conversado sobre como seria se ela quisesse se mudar. Estávamos em modo de espera, presos numa conversa em pausa.

Respondi com mais um beijo em seu nariz.

– Isso significa que sim? – ela perguntou, estudando-me com um sorrisinho.

– Significa que nunca vou dizer não para você, Ameixa. Acho que deve visitar todas as universidades nas quais gostaria de trabalhar. – Beijando sua boca, perguntei: – Você acha que tem alguma favorita até agora?

Ela torceu o nariz.

– Humm... Acho que não...

Hanna piscou algumas vezes, com um vestígio de pânico vibrando em sua respiração. O processo era intimidante. Lembro-me de quando passei por esse momento: havia terminado o pós-doutorado e estava pronto para embarcar na próxima fase da minha carreira, mas ainda assim não conseguia acreditar que aguentaria entrar e sair todo santo dia de um laboratório, não importavam quão bons fossem meus artigos ou quantas entrevistas eu tivesse feito. Pesquisa é algo assustador, e a pesquisa acadêmica é cruel.

Esse foi um dos motivos pelos quais fui para a indústria: eu confiava mais na minha capacidade de reconhecer se uma tecnologia podia gerar lucro – e, consequentemente, fazer algo para obtê-lo – do que na minha capacidade de criar algo inovador por si só.

Da mesma forma, Hanna conhecia seus pontos fortes: sua criatividade técnica era quase infinita e ela tinha uma capacidade rara de integrar tudo o que lia no contexto científico mais amplo. Seria uma excelente professora. Eu só temia que aquilo lhe exigisse muito mais do que ela imaginava.

Melhor atravessar a ponte quando chegarmos a ela.

Ela respirou fundo e desviou o olhar para o teto.

– A chefe de departamento da Caltech parece incrível. Ela parece muito feliz! Fico imaginando um departamento cheio de nerds velhos e estranhos, mas aparentemente não é nada assim.

– Não?

– Bom, pelo menos não a princípio. Tenho certeza de que ainda tem *muitos*

velhos nerds e estranhos. – Balançando a cabeça, ela continuou: – O nome dela é Linda Albert. Ela me fez acreditar que vou ter muito tempo para outras coisas fora do laboratório, o que *nunca* ouvi nesses telefonemas. Ela perguntou de você, do seu trabalho e como você está encarando todo esse processo de entrevistas.

– Perguntou?

Hanna assentiu, tomou um gole de chá e se esticou para colocar a xícara na mesa de centro. Então voltou a se aninhar nos meus braços.

– Eu disse que você é sensacional. Falei que é o homem mais competente que conheço.

Afastei-me, olhando-a. Minha boca se abriu num sorriso.

– Você falou assim mesmo?

Hanna mexeu a cabeça, confusa.

– Assim como?

– Como se houvesse categorias de competência, e um *homem* competente é uma categoria inferior.

Ela riu, levantando as mãos.

– Não, não... Eu...

Eu me inclinei, fiz cócegas em sua cintura, e ela se encostou de volta no sofá.

– Como, por exemplo... Até que não dirijo mal... para um cachorro.

Ela riu mais alto, lutando contra os meus dedos em meio a um ataque de cócegas.

– Basicamente, você disse à chefe de biotecnologia da Caltech que seu marido é um esquilo que faz esqui aquático.

Ela sorriu, e parei com as cócegas, inclinando-me para beijá-la. Deslizei meus lábios pelos dela, sentindo sua boca se abrir em contato com a minha.

Subi minha mão por sua cintura e pousei dois dedos acima da clavícula, sentindo sua pulsação ali.

– Amo você – ela murmurou com a voz lânguida e os olhos fechados.

– Também amo você.

Ela relaxou no sofá, ao som dos carros e das pessoas do lado de fora. A brisa precoce de outono entrou pela janela, refrescando à medida que a noite se aproximava.

– É tão bom no silêncio – disse Hanna.

– É *sempre* bom. – Eu sorri e cantarolei distraído uma canção que eu sabia que ela gostava, enquanto ouvia o ritmo de sua respiração.

Ela passou a ponta do dedo na tatuagem de meu braço e deslizou-a para baixo, até a letra H preta no meu quadril, sua favorita.

– O que você quer fazer hoje à noite? – ela perguntou.

Encolhi os ombros e passei os dedos entre seus cabelos, levemente embaraçados.

– Isso. Estar casado. Talvez ver um filme. Pedir comida. Ir para a cama e trepar por um tempo.

– Posso mudar um pouco essa ordem? – ela perguntou, passando os dedos sob o elástico da minha cueca.

Mas, como se o universo tivesse escutado nossos planos e dado risada dessa bobagem, ouvimos o barulho de passos do lado de fora, no corredor, e uma sinfonia de batidas na porta.

Hanna assustou-se e levantou num pulo.

– Que raios? – ela exclamou, virando-se para mim.

– Bergstrom-Sumner! – Max gritou do corredor. – Abram a porta!

– Acho que eles adotaram Sumner-Bergstrom – ouvi George corrigi-lo.

Meu estômago deu um nó.

Antes do casamento, não tínhamos tido tempo para festas: Hanna estava viajando, eu trabalhando, a vida estava muito corrida para aquela bobagem de despedida de solteiro. E, para ser franco, nenhum de nós precisava daquilo; não precisávamos de nenhuma despedida dos dias de solteirice – para a frustração dos nossos amigos, que fizeram um drama. Na semana anterior, tínhamos voltado à rotina e planejado um fim de semana pós-casamento sossegado, em casa. Hanna queria que ficássemos juntos no apartamento antes de entrar no frenesi das viagens de trabalho.

Nossos amigos sabiam disso.

Eles sabiam que estávamos em casa.

Merda.

Eles tinham nos prometido uma festa depois do casamento.

– Acho que sei o que é isso. – Levantei, fui até a porta e nem me importei por estar só de cueca. Eles chegaram sem avisar? Então iam ver o que não queriam.

A porta se abriu e revelou Chloe e Bennett, Max e Sara e George, segurando um monte de bebida nos braços.

– *Surpresa!* – todos gritaram em jargal.

Todos, menos George, que olhava para a minha cueca.

– É como se você soubesse que eu estava chegando! – ele exclamou.

– Uau! Oi, pessoal! – falei, sem muito entusiasmo.

– Vocês não têm escolha a não ser se embriagar com a gente – disse Chloe, com os braços cheios de lingerie rendada. – Algumas dessas são para Hanna,

mas a maioria delas George escolheu para você.

– Tá bom, então, entrem logo! – eu disse, abrindo caminho.

Max e Bennett se demoraram no corredor, com cara de culpados. Levantei as sobrancelhas e olhei para eles com expectativa.

– Vocês vão entrar ou...

Eles hesitaram e olharam um para o outro.

– Nossas mulheres acharam... – Max começou a falar, observando meu traje minimalista.

– Não, tudo bem, não tem problema – eu disse, com um grande sorriso falso no rosto. – Minha mulher e eu estávamos prestes a desfrutar do sexo de recém-casados, mas, olha só, isso aqui é *muito* melhor.

– Viu, talvez nós devêssemos ter ligado antes, mas Chloe... – disse Bennett.

– *Ligado antes?* – eu ri, segurando-os pelos ombros com força e puxando-os para dentro. Aqueles tontos iam ficar tão bêbados que não iam conseguir voltar para casa. – Não precisa telefonar! Vocês são bem-vindos para chegar em casa sem avisar e ficar aqui comigo e minha mulher de roupas íntimas a qualquer hora!

Max ficou envergonhado e riu baixo.

– Puxa, que merda.

– Primeiras doses para estes cavalheiros – eu disse, colocando um braço sobre o ombro de cada um deles. – Eles gostariam de começar logo essa festança!

Chloe seguiu George até a cozinha, enquanto Sara foi para a sala abraçar Hanna, que ainda estava surpresa, e colocar uma música. Um rock agitado invadiu o apartamento, e as duas voltaram para onde estávamos reunidos.

Hanna abraçou minha cintura, olhando-me nos olhos.

– O que acabou de acontecer? – ela perguntou, rindo.

Em sua expressão, eu podia ver a pergunta: *Nós estamos a fim disso?*

E, na verdade, nós tínhamos uma vida inteira de tranquilas noites de domingo juntos. E era difícil de resistir ao entusiasmo no rosto de nossos amigos.

Inclinei-me e dei-lhe um beijo.

– Acho que essa noite vai sair do controle muito rápido – falei, com a boca encostada na dela.

Ela riu.

– Acho que você pode estar certo.

Chloe saiu da cozinha com uma bandeja cheia de copos de tequila e entregou um para mim, um para Hanna e um para George. Bennett e Max receberam dois copos cada.

– Boa esposa – eu disse a Chloe.

Sara tirou a tampa de sua garrafa de água, e Chloe nos chamou mais para perto.

– Agora venham aqui e levantem esses malditos copos!

Todos os copos tilintaram juntos.

– Aos recém-casados, Will e Hanna Sumner-Bergstrom. Preparem-se para uma vida inteira de muita sacanagem!

A tequila esquentou o percurso entre meus lábios e o estômago. Olhei para Hanna e vi seu primeiro arrepio à medida que a bebida descia, seguido de um tremor de aversão.

– Oh, Deus, isso é horrível! – ela reclamou.

– Então você só precisa tomar mais – disse George, que correu para a cozinha e voltou alguns minutos depois com outra rodada.

– Isso é loucura – eu disse a eles. – Vocês chegaram aqui faz cinco minutos e estão na entrada de casa, virando doses como um bando de estudantes idiotas.

Bennett concordou balançando a cabeça, mas tomou sua terceira dose assim mesmo.

– Você não deixou que o torturássemos com uma despedida de solteiro... – Max observou, levantando o copo. – Bennet teve uma em Vegas. Vocês todos fizeram a minha naquela espelunca de bar do Meatpacking District.

– Uma descrição adequada, se não me falha a memória – Bennett acrescentou.

– Acho que muitos clientes fizeram sexo no banheiro aquela noite.

– Além disso, quando foi a última vez que todos nós chapamos juntos?

O grupo ficou em silêncio.

– Acho que nunca! – Hanna sugeriu e virou mais uma dose, engasgando e apertando os olhos. – Acho que não gosto de tequila.

Observei suas bochechas rosadas e seus lábios molhados da bebida e fui até a cozinha pegar um limão e o saleiro.

– Aqui – eu disse, puxando-a para perto de mim.

– *Aí, sim!* – George ronronou atrás de nós. – Já vamos entrar na brincadeira das doses no corpo!

– Dê uma lambida no meu pescoço – falei para ela, e Hanna já estava tão tonta que fez isso na frente dos nossos amigos, sem hesitar. – Coloque um pouco de sal agora.

Senti uma cascata de sal cair pelo meu peito nu.

– Ok – disse Hanna. – E agora?

– Lamba o sal, tome a dose e depois chupe o limão na minha boca.

– Será que podemos registrar que Will ainda está de cueca? – Sara falou, do outro lado da sala, onde aumentou o volume do som estéreo. – Alguém mais está um pouco constrangido?

– Meu Snapchat está bombando hoje! – George murmurou e tirou uma foto antes que eu me esticasse e arrancasse o telefone da mão dele com um tapa.

A boca de Hanna se aproximou do meu pescoço em meio a assovios e palmas, então ela tomou a dose e se inclinou, chupando o limão preso entre meus lábios.

Ai, caralho.

Ela deu um passo para trás enquanto chupava a metade do limão e sorria para mim com os olhos.

– Melhor? – perguntei.

Ela tirou o limão da boca e balançou a cabeça.

– Não, ainda é nojento.

Ela me beijou, e sua boca tinha gosto de tequila e limão. Eu podia ficar saboreando seus lábios o dia inteiro e ainda pedir mais.

Mas ela colocou uma mão no meu peito, empurrando-me suavemente.

– Vá vestir suas calças. Você está... um pouco entusiasmado. – Ela sorriu para mim e apontou com a cabeça para minha cueca, e percebi que estava a caminho de uma ereção bem no meio da sala, cercado pelos meus amigos.

Bennett riu, virando-se.

– Fodam-se vocês! – eu falei, batendo no ombro dele e saindo para o quarto.

–

Não demorou quase nada e todos, menos Sara, estavam bêbados de cair. Até Hanna, que eu já tinha visto alegrinha em mais de uma ocasião, só parava de rir quando era tomada por uma onda de soluços de sacudir o corpo. A mesa de centro estava coberta de canudinhos de coquetel, baralhos, copos de tequila e garrafas de cerveja. Um pacote de salgadinhos de milho estava a um palmo de uma tigela quase vazia, e ninguém parecia se importar com o fato de a mesa estar cheia de molho respingado.

– Hanna. Para que tantas entrevistas de emprego? – Bennett perguntou, no seu melhor estilo bêbado-inconveniente.

Hanna levantou três dedos e falou:

– Tenho mais duas entrevistas.

– Onde? – Sara perguntou, empurrando um copo de água para perto dela.

Minha esposa, adoravelmente bêbada, fez um esforço para se concentrar em seus dedos, dobrando um a um:

– Berkeley. Caltech.

Chloe fez uma careta de raiva.

– Se vocês se mudarem para a Costa Oeste, vou fazer uma arma com isso aqui – ela disse bêbada, sacudindo um canudinho no ar e olhando para o resto da mesa –, e com esses amendoins e esse copo, e vou atirar no seu pau, Will!

Estremeci com a imagem.

– Uau! – exclamei.

– No pau, Will!

– Tá bom, uau! Deu para imaginar. Mas não sou eu quem está fazendo entrevistas de trabalho.

– Mas sua opinião tem peso – Max me lembrou.

– Não importa – abanei uma mão bêbada, sentindo um pânico silencioso começar a crescer em mim.

– Hanna vai praticamente morar no laboratório, de qualquer jeito.

– Uau... – Ela virou a cabeça para mim de um jeito lânguido. – Isso não é justo.

– Mas é verdade. – Apoiei um cotovelo na mesa, descansando o queixo sobre a mão fechada. Era como se eu tivesse um lençol cobrindo a pilha de preocupações que só aumentavam na minha cabeça, e o álcool o tivesse retirado e jogado de lado. – Queria que você escolhesse um emprego só de professora para que eu pudesse vê-la de vez em quando. Mas você não está atrás disso.

Ela jogou a cabeça para trás, fechando um pouco os olhos.

– Eu não *quero* um emprego “só de professora”. Também quero coordenar um laboratório.

– Eu sei – falei, erguendo os ombros. – Entendo. Mas é a escolha que você está fazendo.

A minúscula parte do meu cérebro que não estava bêbada mandou um sinal de alerta. Uma pequena voz no fundo da minha mente me disse que eu estava sendo um babaca.

Mas não liguei. Era verdade, não era? A ideia de Hanna assumir um cargo em uma grande instituição de pesquisa me assustava. Era um dos motivos pelos quais eu mesmo não tinha aceitado um emprego assim: a pressão para publicar em revistas bem conceituadas é cruel. Não deixa tempo para mais nada.

Até que ela tivesse estabilidade – o que poderia levar *anos* –, sua vida inteira seria o laboratório.

Além disso, ela havia feito entrevistas por todo canto e ainda não tinha me dado nenhuma indicação de onde ela gostaria de ir. Talvez tivéssemos de desmontar toda a nossa casa em questão de meses a fim de mudar para o outro lado do país, e eu ainda não tinha ideia do lugar para onde iríamos.

Estávamos casados havia uma semana, e eu já estava me preparando para ficar em segundo lugar em relação à carreira dela.

– Vamos continuar o Verdade ou Desafio – sugeri George, falando bem alto e tirando-nos de uma possível briga.

– É sua vez – disse Bennett para Hanna.

– Tá bom – falou Hanna, olhando para mim –, mas nós não terminamos de discutir isso...

– Vocês podem esperar a gente ir embora, pelo menos? – perguntou Bennett. – Desculpe por eu ter perguntado.

– Falou o homem que briga e transa com a mulher em público todo santo dia – respondeu Max.

Hanna bateu palmas, chamando nossa atenção de volta ao jogo.

– Verdade ou desafio, senhor Sumner-Bergstrom?

Inclinei-me para a frente, sorrindo.

– Aaaah, desafio!

Hanna não conseguiu segurar sua risadinha de satisfação.

– Eu desafio você a beijar George.

Todos nós viramos para George, que tinha ficado branco como papel.

– O quê? – disse ele. – *Espere*. O que foi que ela disse?

– Vem cá... – eu murmurei, encenando para a turma.

George sacudiu a cabeça, sem acreditar, dizendo:

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus...

Agarrando seus cabelos, inclinei-me e virei sua cabeça para perto da minha. Os olhos dele se arregalaram.

Mordisquei seu lábio inferior.

– Respire, George.

– Você quer acabar comigo? – ele me perguntou, com a voz aguda e rouca.

– Com certeza, vou tentar – disse a ele, e então movi-me para a frente, cobrindo sua boca com a minha, e – caralho, como eu estava bêbado! – passei a língua lá dentro para provocar um pouquinho.

Colado em mim, George pareceu derreter-se, com a boca ainda aberta quando recuei.

Todos aplaudiram com entusiasmo.

– Você está bem? – perguntei.

– Vou ficar bem *para sempre* agora – disse ele, pasmo.

Virei-me para trás e olhei para Hanna, que parecia querer me devorar. Cheguei mais perto dela e dei-lhe um beijo. – Está bom pra você?

Ela assentiu, fingindo indiferença.

– Nada mal.

Seu pescoço estava corado; sua respiração, curta e irregular. Que safadinha a minha mulher...

– Você deve estar bem molhadinha agora – eu disse em voz baixa.

Ela assentiu novamente, curvando sua boca num sorriso lento.

– Ainda está brava comigo? – perguntei.

Seus olhos ficaram frios quando ela se lembrou.

– Não quero falar sobre isso agora. Estou muito bêbada.

Na verdade, eu não tinha me preocupado muito com a coisa toda até ela dizer isso. Hanna e eu brigávamos em trinta segundos: um dizia alguma coisa, o outro discordava, e então decidíamos se valia a pena discutir ou não.

Hanna odiava conflito mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Nós não gritávamos.

Nós não deixávamos para discutir alguma coisa mais tarde.

Nós simplesmente não brigávamos; mas parte de mim queria *muito* que isso acontecesse.

Senti meu estômago embrulhar na hora.

–

Seguiram-se horas de bebedeira, ou assim me pareceu. Chloe e Sara tinham planejado todo tipo de brincadeiras adolescentes, entre elas uma partida barulhenta de Duvido (Max ganhou), um jogo de dardos totalmente fajuto (não se sabe quem venceu) e uma brincadeira de Eu Nunca, que deixou todos nós com medo de que Chloe ou Bennett derramassem sangue no nosso tapete persa novinho.

Às três da manhã, todos já estávamos com o olhar perdido no teto, deitados com as pernas emaranhadas embaixo da mesa de centro.

– Temos que ir – Bennett balbuciou, levantando-se com um esforço óbvio. – Só temos trinta horas para recuperar uma aparência profissional plausível.

– Vou ficar de ressaca – Chloe resmungou. – Quem eu posso pagar para voltar

no tempo e desfazer três doses de tequila? Talvez quatro...

Sara, que tinha dormido em nossa cama, saiu do quarto se alongando.

– Acabei de chamar uns táxis. Vamos lá, seus bêbados.

Na porta, Hanna parou e abraçou um a um.

– Obrigada por isso. Foi mesmo muito divertido fazer bobagem com vocês por umas horas.

– Estamos todos felizes por vocês – Max acenou da porta.

– E vocês quase nunca recebem os amigos em casa – acrescentou Chloe. – Fico contente que tenham tirado uma noite para relaxar um pouco.

Com um tapinha na cabeça de Hanna, ela se virou e acompanhou os outros para fora de casa.

Hanna se aproximou e encostou a cabeça no meu ombro.

– Eu trabalho mesmo tanto assim? O tempo todo?

Encolhi os ombros e beijei o topo da sua cabeça.

– Mais ou menos – respondi. A frustração que eu havia sentido mais cedo se dissipara.

Era uma das coisas que eu admirava em Hanna: ela estava entrando como um furacão no mundo acadêmico. Mas era também a coisa que mais perturbava a minha visão para o nosso futuro. Por mais que eu odiasse admitir, adorava a ideia de Hanna estar em casa comigo à noite, Hanna grávida dos nossos filhos no futuro, Hanna sempre comigo depois do trabalho.

Ela não tinha vocação para ser esposa em primeiro lugar, acima de tudo, e *sabia* disso – sempre soube e, caramba, eu nunca imaginei que fosse *querer* isso numa mulher –, mas alguma parte pouco evoluída de mim desejava mais tempo e mais atenção dela, antes mesmo de perdê-los.

– Achei que tinha consertado isso no ano passado – disse ela. – Jensen pegou tanto no meu pé. Achei que tinha saído um pouco do laboratório, conseguido um homem, feito alguma coisa.

Virei-me e acompanhei Hanna até o banheiro para escovarmos os dentes.

– Os velhos hábitos são os mais difíceis de mudar.

Ela balançou a cabeça enquanto enfiava a escova de dentes na boca, apertando os olhos.

– Não quero falar sobre isso nesta noite.

As palavras saíram abafadas, e ela escovou os dentes com força. Mas, de qualquer forma, acabou falando:

– Você me deixou brava quando disse que eu deveria aceitar um emprego de professora.

Inclinando-me para cuspir, perguntei:

– O que há de errado em ser professora? Você provavelmente teria um horário mais regular, o que seria melhor para *nós*.

Ela olhou para mim com a boca cheia de espuma, os olhos arregalados e vidrados, e então se virou para cuspir na pia e lavar a boca.

– Você vai fazer eu me sentir culpada por isso?

– Não – respondi, mas tive que ser honesto. – Mas acho que eu tenho uma opinião sobre isso, afinal de contas. Sinto que não tenho ideia de qual é o plano. Sim, eu posso trabalhar de qualquer lugar, mas seria bom ter uma região em mente.

Ela limpou a boca com a toalha e ficou parada, respirando fundo, de olhos fechados.

– Está bem. Não vamos falar sobre isso agora. Meu cérebro está todo bêbado.

Com um gesto decisivo com a cabeça, ela olhou de volta para mim.

– Vamos deixar isso de lado agora.

Dei um passo em sua direção e inclinei-me para beijá-la.

– Vamos deixar de lado.

Quando minha língua tocou a sua, ela recuou, rindo.

– Ai, meu Deus, acabei de lembrar que fiz você beijar George!

– Fez mesmo.

– Ele gostou.

Isso me fez rir.

– Você acha?

– E você, o que acha?

– Quer dizer, não foi *horrível*. Mas não era você.

Eu a segui até o quarto, e entramos debaixo das cobertas.

– Você acha que ele está apaixonado por você?

Balancei a cabeça.

– Não. Mas acho que ele quer que eu transe com ele!

Hanna riu e subiu em cima de mim, beijando meu peito nu.

– Aposto que ele ia adorar isso. – Ela desceu pelo meu corpo, tirou minha cueca e jogou-a no chão do quarto. Sua boca tocou a cabeça do meu pau, provocando-me com a língua. – Adoro lamber você. – Ela me chupou, bêbada e ousada. – Como você está molhado! É como se o seu corpo estivesse implorando para gozar.

Senti meu coração disparar num trovão e gemi:

– Hanna.

– Nossa, Will. Como está duro. – Ela me masturbou, batendo meu pau em sua língua. – Ele é tão reto e liso. George ia perder a cabeça.

– Eu quero somente a *sua* boca.

Ela olhou para mim com um jeitinho malicioso.

– Mas eu gosto de ter você quando outras pessoas o desejam. Isso faz com que eu me sinta poderosa.

– E é assim que eu sei que você confia no meu amor. Você não teria dito isso um ano e meio atrás.

Ela riu, soltando o ar quente no meu pau.

– Você está usando a minha aliança. Você tatuou o *meu* nome. Dão em cima de você o tempo todo e você fica todo desajeitado. Eu o envenenei para as outras mulheres.

Meus quadris se levantaram na cama, sedentos.

– Não fale comigo sobre outras pessoas agora. Eu gosto dessa selvagem que está brincando comigo neste momento. Quero que a safadinha da minha mulher chupe o meu cacete.

Ela arrastou os dentes para baixo no meu pau.

– Assim?

– Isso.

– Você gosta que eu fale como adoro te lambe? Tão duro e liso ao mesmo tempo. – Ela me sugou com força, soltando com um ruído de sucção, e disse: – Quero chupar até você gozar.

– Caralho. – Hanna bêbada tinha uma boquinha bem suja.

– E aqui embaixo? – Ela lambeu as minhas bolas. – Você adora ser tocado aqui. Acho que você é muito mau, William. Acho que gosta da ideia da minha língua aqui não só porque é gostoso, mas porque gosta de *ver* uma sacanagem.

Respondi com um gemido. Ela fechou os olhos e voltou a me abocanhar de novo, mais fundo, para cima e para baixo, apertando-me com os lábios. Ela sabia, conhecia meu corpo tão bem que estar com ela daquele jeito era como respirar.

A conversa que precisávamos ter estava esquecida por enquanto, à espera.

Mas era fácil deixar a preocupação de lado quando ela estava lá, quente e molhada, escorregando sobre mim, com gemidinhos que faziam meu pau vibrar. Eu disse o que ia fazer com ela depois que terminasse, como ia cair de boca e chupá-la inteira, como ia pegá-la de jeito e deixá-la mole de tanto prazer.

O desespero arranhava como uma fera por baixo da minha pele.

Fiquei um pouco assustado por perceber que eu não estava me acostumando

com isso. Ao contrário, estava cada dia mais desesperado por ela. Eu a *tinha*. Eu vivia com ela. Havia me casado com ela. Mas a intensidade de meus sentimentos por Hanna era estranha para mim, e o nosso futuro *desconhecido* me deixava inquieto.

Fechei os olhos e agarrei seus cabelos, sentindo sua presença sólida sobre mim. Eu precisava de algo maior e mais profundo do que qualquer coisa que ela pudesse me dar nesta noite.

Quatro

Ainda meio dormindo, pisquei com a luz. Era quase de manhã, cedo o bastante para que os primeiros indícios de claridade no céu começassem a se infiltrar nas sombras, mas muito, *muito* cedo para acordar.

Joguei o cobertor sobre a cabeça, enterrando o rosto no travesseiro e fechando bem os olhos. As ruas lá fora estavam relativamente calmas, e Will dormia tranquilo ao meu lado, mas eu quase podia *ouvir* minha dor de cabeça.

Desisti e rolei para o lado, procurando com os dedos a pele morna de Will entre os lençóis e...

Ai. Aquela não era uma boa ideia. contei até dez e respirei pelo nariz enquanto esperava o quarto parar de girar. Meu estômago definitivamente não tinha gostado da mudança de posição.

Resmunguei e esfreguei meus olhos fechados, enquanto me sentava na cama. Parecia que eu tinha um pedaço de algodão na boca, e por pouco não botei para fora tudo o que tinha bebido na noite anterior. Mas assim era melhor... A vertical era definitivamente uma escolha melhor.

Will murmurou alguma coisa e virou de lado, e olhei-o por sobre o ombro. Ele respirava suavemente, com o travesseiro entre os braços, dormindo tranquilo de novo. A aliança reluzia em contraste com sua pele bronzeada; estendi a mão e passei um dedo sobre o metal frio. Uma semana – ele estava usando aquela aliança havia uma semana, e eu tinha plena certeza de que podia passar um milhão de semanas como aquela.

Fiz um esforço para levantar e me arrastei até o banheiro.

Usei a privada e lavei minhas mãos, escovei os dentes – *graças a Deus* – e bebi pelo menos um litro de água diretamente da torneira. Nunca mais queria ver tequila na vida!

Sentindo-me um pouco melhor, voltei para o quarto e olhei ao redor, seguindo a trilha de roupas descartadas que levava da porta até a cama. *A noite passada foi louca*, pensei. Eu me lembrava do álcool – *muito* álcool –, dos nossos amigos, e tinha uma vaga lembrança de Will beijando George e de eu ter ficado totalmente

excitada com isso?! Definitivamente, eu teria que perguntar para Sara, que estava sóbria. E me lembrava da sugestão de Will, de que eu devia escolher um cargo de professora.

E assim, minha mente ficou clara de repente. Senti a pele começar a coçar quando me lembrei dos comentários de Will sobre eu passar a vida no laboratório, como se ele tivesse certeza de que isso aconteceria. Por que não era um problema se *ele* trabalhasse muito? E se ele dedicasse tudo à sua carreira? Will sempre me dava muito apoio e ficava orgulhoso do que eu tinha conquistado... De onde vinha essa queixa? Nós nos casamos, sim, mas nunca assinei um contrato para me transformar numa Amélia dona de casa nem para deixar de ser quem eu era. Sacrifiquei minha vida inteira pela minha carreira e estava muito orgulhosa do equilíbrio que eu tinha conquistado desde que conheci Will e me apaixonei, e *casei* com ele. Será que ele tinha tão pouca confiança na minha capacidade de conciliar as duas coisas?

Irritada de novo, fui até a cômoda, peguei umas roupas e as vesti tentando fazer o mínimo de barulho. Achei meus sapatos debaixo da cama e meu telefone, chaves e carteira de motorista espalhados pelo apartamento, no meio dos vestígios da bebedeira da noite anterior. Coloquei tudo no bolso da jaqueta e fechei o zíper, voltei para o quarto e desliguei o despertador de Will.

Eu ia correr sozinha; Will podia ficar em casa.



Da mesma forma que naquela primeira corrida com Will, mais de um ano atrás – se é que se pode chamar aquilo de corrida –, fiquei andando para a frente e para trás, esperando. Ao longo do ano, eu tinha mudado a nossa rota, começando em pontos diferentes para subir as colinas no começo da corrida em alguns dias e no final em outros. Em vez de entrar no parque pelo Portão dos Engenheiros, na 5th Avenue, fiquei andando para cá e para lá num trecho da trilha próximo ao Columbus Circle.

Andar é natural para mim. Eu fazia isso em casa sempre que estava estressada com alguma coisa, e tenho quase certeza de que gastei o piso entre a porta da frente do laboratório e a parede oposta. Quando eu era pequena, meu pai dizia que ia prender o cortador de grama em mim, pelo menos assim a grama ficaria cortada, e eu não pisotearia o tapete da cozinha até estragá-lo. Imaginei que Max já estivesse acordado por causa de Annabel e, logo que saí do apartamento, mandei uma mensagem de texto para ele. Felizmente, ele estava, e não se

queixou de começar nossa corrida um pouco mais cedo. Embora “pouco” talvez tivesse sido um eufemismo.

Ainda estava escuro – principalmente dentro do parque –, o céu nublado cor de ameixa ia ficando iluminado perto do horizonte à medida que o sol se levantava, lentamente, por trás das árvores.

Eu adorava aquele lugar a esta hora da manhã, quando o ar ainda estava frio e fresco e não havia quase ninguém para ver; nada a fazer a não ser desligar meu cérebro e movimentar meu corpo. Will e eu corremos por essas trilhas quase todos os dias desde aquela primeira manhã, e Max passou a nos acompanhar com Annabel pouco tempo depois que ela nasceu. Ele dizia que a menina dormia pesado nos dias em que ele a levava para correr, mas nós sabíamos o verdadeiro motivo. Max adorava esses momentos com a filha, e Sara, por sua vez, adorava as manhãs livres sem a menina.

Ouvi as rodas do carrinho de bebê antes de ver Max vindo na minha direção.

– Bom dia, senhora Sumner-Bergstrom – disse ele, parando na minha frente. E, apesar da minha irritação com Will, senti um friozinho na barriga ao ouvir meu nome de casada.

– Bom dia! – Minhas bochechas esquentaram quando afastei a coberta e me ajoelhei para dar um beijo naquela bebê adorável, presa ao requintado carrinho para corrida. – E bom dia para você, senhorita Anna. Como vai a menininha mais bonita de Nova York? Como ela está?

Annabel deu uma risadinha e agarrou as pontas soltas do meu cabelo para me puxar para perto.

– Bem descansada – disse Max. – Infelizmente, não se pode dizer o mesmo do resto da família...

Suspirei, dramática.

– Você acordou os adultos de ressaca, bebezinha linda? – perguntei para ela, fingindo devorar seu pezinho.

Max resmungou.

– Acordou com o primeiro raio de sol e depois dormiu o caminho inteiro até aqui. Agora está feliz como ninguém.

– Bem, por que não estaria? – eu disse e me levantei. Tentando dar um jeito no meu cabelo, alisei as mechas embaraçadas para trás com os dedos e usei um elástico que estava no pulso para prendê-lo no topo da cabeça. – Tem alguém empurrando-a pelo Central Park e satisfazendo todas as suas vontades. Todos nós devíamos ter essa sorte.

– Concordo com você nesse ponto. Embora imagino que William faria o

mesmo se você pedisse com jeitinho.

– Ah! – Eu olhei para o lado, na direção de uma fileira de árvores que parecia infinita.

– Falando nele... Onde está Will hoje? – Max perguntou, seguindo meu olhar pelo parque.

– Ah... ele... ainda está dormindo – eu disse, tirando a poeira dos meus joelhos de um jeito exagerado e me virando em direção à trilha. Percebi a irritação na minha própria voz... Tinha certeza de que Max também. Will ainda estava dormindo porque eu queria correr sem lutar contra a vontade de empurrá-lo no lago. Eu definitivamente não ia mencionar isso para Max.

– Ainda dormindo – Max repetiu, com um ar satisfeito. Não era preciso ser nenhum gênio para saber que mais tarde Max ia ou parabenizar Will ou lhe dar uma bronca épica.

– Pronto para ir? – perguntei, e Max assentiu, educado o bastante para ignorar minha estranheza.

Começamos na estátua USS *Maine* – com Max e Anna ao meu lado –, pelo caminho que levava à via principal. A trilha seguia por uma ladeira e continuava com a subida leve e constante de Cat Hill. Eu ouvia o zumbido dos pneus do carrinho no asfalto perto de mim, enquanto me preparava para subir Harlem Hill.

Harlem Hill sempre foi um bom barômetro para dias ruins como este. Numa manhã decente eu conseguia chegar até o topo e ainda xingava algumas vezes no meio do caminho – o suficiente para fazer Will dar risada. Se minha semana tivesse sido particularmente difícil, eu subia sem dizer nenhuma palavra, com o cérebro vazio exceto por um pensamento: *corra até cair de cansaço*.

Will me conhecia bem o suficiente para avaliar meus humores e aparentemente Max também.

– Ei, ei! Espere um pouco aí, campeã olímpica! – ele exclamou, atrás de mim.

Eu estava correndo como uma velocista pela trilha e o pobre Max estava com dificuldades em me acompanhar.

– Desculpa – murmurei e reduzi a velocidade para que ele me alcançasse. – Eu meio que esqueci que você estava aí. *E* empurrando um carrinho. Deus, sou uma babaca.

Max fez um gesto de “deixa para lá” e começamos a caminhar um ao lado do outro, para esfriar um pouco.

– Posso não estar com uma forma tão boa como o sei-lá-como-ele-chama, mas, Jesus, Hanna, você estava correndo como se o seu traseiro estivesse em chamas. Qual é o problema?

– Fiquei um pouco perdida em meus pensamentos – eu disse, e foi só quando desaceleramos que percebi meus quadris queimando e meu estômago embrulhado. – Ah... Acho que eu vou vomitar.

– Está com um pouco de ressaca hoje, imagino – Max comentou, rindo baixo.

Eu resmunguei e respondi:

– Pode-se dizer que sim.

– Ressaca da tequila ou do marido?

– Dos dois.

Ele soltou um “hum” do fundo da garganta, compreensivo.

Anna começou a ficar inquieta e Max ajustou suas cobertas.

– Parece que tem algo aí.

– Não estou acostumada a ficar irritada com Will. Nós nunca brigamos, então talvez seja por isso que estou um pouco... inquieta com a situação.

– É compreensível – disse ele, abrindo caminho e sorrindo para um homem que passou por nós. – Mas, para ser honesto, o que eu ouvi na noite passada não pareceu muito uma briga para mim.

– Nós nos damos tão bem. Não estou nem um pouco acostumada com o fato de ele ficar irritado comigo. Meu cérebro entra em pane quando acontece algo assim.

– Hanna, casar é estressante. Procurar emprego é estressante. Mudar de casa é extremamente estressante. E fazer tudo isso junto pode deixar você louca, com diagnóstico e tudo mais. Dê um tempo para vocês, certo?

Concordei e chutei uma pedra que estava na minha frente.

– Eu sei. Só é estranho quando não resolvemos as coisas com facilidade.

Max balançou a cabeça.

– Eu nunca achei que fosse encontrar um casal que combinasse de um jeito tão estranho quanto Bennett e Chloe... Mas você e Will podem ter superado os dois. Embora seja possível que vocês dois sejam robôs. Pensando bem...

– Muito engraçado – falei e dei um soquinho no ombro dele. – Não acredito que Will pensa que eu aceitaria um trabalho sem nenhum componente de pesquisa – acrescentei. – Ele não sabe que eu amo o laboratório? Ele não sabe que a vida inteira eu sonhei em *coordenar* um laboratório?

– Bom, ele é maluco por você, e estar apaixonado transforma até os homens mais inteligentes em idiotas. Com certeza vocês, cientistas, têm um jargão para isso. – Ele olhou para mim e riu alto. – Têm, não têm?

– Quer dizer, existe uma neuroquímica básica da paixão, ou do tédio, na verdade, e foi demonstrado que isso afeta o funcionamento do cérebro... – eu

percebi o que estava fazendo e sorri para ele, culpada.

– Vocês dois são absolutamente perfeitos um para o outro.

Não disse nada e olhei para o caminho à nossa frente. Max estava certo; Will e eu *éramos* perfeitos juntos. Pelo menos eu sentia isso, e nunca fui tão feliz em toda minha vida quanto no tempo em que estávamos juntos. Mas minha carreira também era importante para mim e, se *alguém* tivesse que compreender isso, achei que seria ele. O laboratório era importante para mim, assim como minha pesquisa. E ele também.

Por que eu não poderia ter ambos?

– Então, como estão indo as entrevistas? – Max perguntou, chamando minha atenção de volta para a conversa. Estávamos perto de Columbus Circle de novo, e o número de pessoas na trilha e no parque tinha aumentado.

– Bem – respondi –, viajo na quarta-feira para Berkeley.

– Um campus maravilhoso.

– Você já esteve lá?

Ele fez que sim.

– Tenho alguns clientes que moram por aqueles lados. É lindo, então tento passar mais uma noite ou duas quando posso... Ultimamente não tanto – ele acrescentou, sorrindo com carinho para a bebê.

– Eu só estive lá algumas vezes, em viagens de família. Pode ser bom – falei.

– Então, não é sua favorita?

– Eu não tenho uma favorita, para ser honesta. – O som de uma sirene atravessou o ar a alguns quarteirões dali, ficando cada vez mais alto à medida que se aproximava do parque, antes de desaparecer a distância. Quando parou, olhei para Max e encolhi os ombros, acrescentando: – Acho que estou tentando passar pelas entrevistas primeiro e, ao mesmo tempo, imaginar onde Will gostaria de morar.

– Acredite em mim, seu marido acha você fora de série. Você poderia dizer que escolheu uma faculdade na Antártida que ele perguntaria se já podiam começar a fazer as malas.

– É... Acho que sim... – eu falei. – Quer dizer, sei que ele me ama, é claro, mas o resto... Escolher onde nós vamos morar? É uma decisão tão importante...

– Bom, antes que tudo isso acontecesse, quer dizer, Will e o casamento, onde você se imaginava?

Soltei o ar com força e vi uma nuvem branca se condensar na frente dos meus lábios. O que eu *queria* antes de Will? Eu tinha um plano – eu *sempre* tinha um plano –, mas era difícil me lembrar da época antes de Will. Eu conseguia ver,

mas tudo parecia empoeirado e distorcido, de certa forma, sem graça.

– Eu nunca me imaginei em uma faculdade *específica* – respondi. – Sempre gostei de Harvard... Caltech, talvez...

– Massachusetts – disse ele, e fez uma pausa, pensativo, unindo as sobancelhas enquanto considerava. – Harvard certamente seria interessante. Imagine quantas vezes eu poderia lembrar Will da vez que ele tentou transar com você na casa dos seus pais.

Quase engasguei com a palavra *tentou*.

Will fez mais do que *tentar* naquela viagem a Massachusetts, e eu basicamente o ataquei logo que entramos no meu antigo quarto.

Meu coração deu um salto ao me lembrar daquela noite. Olhando para trás, percebi que Will tinha basicamente declarado seu amor por mim, e eu tinha sido tão tapada, ou estava deslumbrada demais pelo sexo sensacional que fizemos no chão, que nem ouvi. Meu rosto ficou quente e vermelho, e logo mudei de assunto.

– Então não vai ser *mesmo* um problema para a Stella & Sumner? Se nós mudarmos?

Max olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer algo absurdo.

– As coisas seriam um pouco mais complicadas, mas precisam fazer o que for melhor para vocês. Nós faremos o resto funcionar. – Então ele deu um sorriso largo. – Esta é a vantagem de sermos os chefes.



Depois de deixar Max e Annabel no parque, eu ainda não estava pronta para voltar para casa e encarar Will. Na verdade, não estava certa do que diria para ele. Em vez disso, virei a esquina na direção da 59th Street e da estação Columbus Circle e decidi pegar o metrô para o laboratório.

Só duas coisas tinham sido fáceis na minha vida até então: uma era a ciência e a outra era Will. Fora do meu círculo normal, eu nunca tinha sido muito boa com pessoas. Eu tinha a tendência de me abrir demais, e meu filtro verbal entrava em curto-circuito noventa e oito por cento das vezes. Mas com Will, de certa forma, isso não teve importância. Ele gostava do fato de eu falar sem parar, e nunca tive que ser outra pessoa com ele a não ser eu mesma. Sempre foi fácil.

Mas na noite anterior... Não tenho certeza de onde veio tudo aquilo. Eu sabia que Will não gostava do meu horário imprevisível, mas isso fazia parte de coordenar um laboratório. Sempre pensei que, como ele próprio era um cientista,

entenderia isso. Will queria que eu assumisse um cargo de professora, mas isso é algo que você faz quando sua carreira está desacelerando, não quando está começando. Eu queria fazer pesquisa e publicar artigos, contribuir com o conhecimento científico mais amplo. Queria fazer diferença. Todo o começo do nosso relacionamento não foi baseado em Will me ajudar a encontrar o equilíbrio? Eu fiz isso naquela época, então por que ele duvidaria de mim agora?

Destranquei a porta e entrei na sala escura, quebrando o silêncio com o barulho de vidro estilhaçado debaixo dos meus pés.

Estava claro o suficiente para ver que uma prateleira perto da porta tinha caído e todo seu conteúdo tinha se esparramado pelo chão.

– Que maravilha – murmurei, jogando minhas chaves no balcão e acendendo a luz. Imediatamente me arrependi de estar lá. Havia vidro e papéis por todo o chão, alguns cacos menores tinham voado até o outro lado da sala. E como eu era a única ali àquela hora, parecia que a presidente da equipe de limpeza seria eu.

A despensa no fim do corredor tinha uma vassoura, uma pá e alguns sacos de lixo para tudo o que teria de ser jogado fora. Levei mais tempo do que imaginava para limpar, reorganizar e guardar tudo em outros lugares, mas me senti bem fazendo algo que não exigisse pensar, assim podia esvaziar a cabeça.

Depois que terminei, coloquei os materiais de limpeza de volta no armário, sentei à minha escrivaninha e liguei o computador. Havia alguns e-mails para responder, alguns detalhes de último minuto para finalizar e uma série de dados que eu precisava checar. Havia até mesmo outro pedido de entrevista que eu tinha arquivado até poder checar minha agenda e ver onde poderia encaixá-lo. Eu não tinha mencionado esse para Will e, por um segundo, hesitei, me lembrando da nossa conversa da noite anterior.

Mas tudo daria certo. Eu poderia fazer todas as entrevistas e conversaríamos sobre isso quando eu tivesse ofertas de verdade para discutir, em vez de ficarmos estressados por causa de um monte de variáveis hipotéticas.

Resolvido isso, fui até a capela do laboratório para alimentar algumas células e checar algumas culturas, sem me dar conta de que não tinha comido nada nem tomado uma xícara de café. Quando finalmente voltei a mim foi por causa do som do meu estômago roncando na sala vazia. Já tinha passado da hora do almoço, e quando olhei em volta pela primeira vez depois de horas, percebi que ainda estava sozinha. Levei um tempo para perceber o porquê disso: era domingo.

O resto do mundo provavelmente tinha tomado café tarde ou passado a manhã

de pijama, vendo TV sem pensar, abraçado a alguém – ou seja, não num laboratório, tentando ignorar a ressaca e fazer cálculos que poderiam facilmente ser deixados para segunda-feira.

Droga. Talvez Will estivesse certo.



O apartamento estava silencioso quando cheguei em casa. E, logo notei, sem nenhum lixo da festa. Franzi a testa, sentindo-me uma idiota por ter deixado a bagunça para ele limpar, e fiz uma nota mental para me lembrar de agradecê-lo mais tarde.

Deixei a porta fechar suavemente atrás de mim e espiei a sala. Ainda estava bem parecida com o que era antes de Will se mudar: estantes e livros por toda parte, fotos de família em todas as prateleiras e a velha escrivaninha do meu pai num canto. Mas agora os livros de Will se misturavam aos meus: meu primeiro sofá de verdade da vida adulta ao lado das poltronas de couro dele, em frente à televisão que compramos juntos – nossa primeira compra de casal. As fotografias da minha família ainda estavam penduradas na parede do corredor, mas as dele agora estavam ao lado das minhas, e logo acrescentaríamos as fotos do nosso casamento.

Quer dizer, até começarmos a fazer as malas para onde quer que eu nos levasse, e... eu mal conseguia pensar nisso naquele momento. Ignorava a pilha cada vez maior de caixas de papelão que tinham sido entregues e que parecia tomar mais e mais espaço a cada dia, mas sabia que não podia evitá-la por muito tempo. Eu estava chegando ao fim das minhas entrevistas, o que significava que estava quase na hora de tomar uma decisão, mas – aí – eu só queria me perder no corpo de Will por algumas horas. Varrer tudo do meu cérebro exceto o toque, o cheiro e a voz dele...

A descarga soou no fim do corredor, seguida pelo som de água corrente e depois pelo ruído da porta se abrindo. Os passos seguiram pelo chão de madeira, e então Will apareceu e parou na entrada, com os olhos arregalados.

– Você chegou – ele disse, sem se mover.

Coloquei minhas chaves na mesa perto da porta e tirei os sapatos.

– Sim... Desculpe.

– Meu Deus, Ameixa – disse ele, cruzando a sala e me envolvendo com os braços. – Onde, diabos, você esteve?

Senti que afundava em seu corpo, perdida no aroma reconfortante e familiar

de sua pele, e o abracei também.

– Fui correr.

– De manhã. Você foi correr *de manhã* – ele disse, afastando-se o suficiente para ver meus olhos. – Faz horas que eu falei com Max.

Coloquei minhas mãos em seu peito e senti seus músculos rígidos por baixo dos meus dedos e o calor da sua pele contra o tecido.

– Depois fui para o laboratório – expliquei.

– Por que você não me ligou nem respondeu a minhas mensagens e meus telefonemas?

– Ah... O telefone estava no bolso da jaqueta, acho, talvez no modo silencioso. Mas eu te mandei uma mensagem dizendo que ia sair por um tempo.

– Meus olhos desceram para o pescoço dele e tive que resistir à vontade de diminuir a distância entre nós de novo e enterrar meu rosto ali.

Ele suspirou e viu o jeito com que minhas mãos espelhavam o movimento do seu torso.

– Hanna – disse ele cansado.

– Desculpa, eu devia ter tido mais consideração.

Ele concordou.

Passei a mão em sua barriga.

– Eu ainda estava chateada.

Will se desvencilhou de mim e sentou no braço do sofá, esperando.

– Por causa da noite passada?

– É. Não gostei de você ter assumido que eu devia escolher um cargo de professora numa faculdade pequena.

– Ameixa, eu não assumi nada. É o que eu *prefiro*? Acredite ou não, eu *gosto* de você. Gosto de passar meu tempo com você. – Ele balançou a cabeça, rindo um pouco. – Quer dizer, hoje é um ótimo exemplo do que eu estou falando.

– Admito que eu não deveria ter saído o dia todo, mas te avisei, e eu precisava pensar.

– Bom, não quero ser um babaca e dizer o óbvio, mas você sempre vai para o laboratório aos domingos. Não só quando precisa pensar. E nós nos casamos faz uma semana.

Ai... Tudo bem, essa doeu um pouco. Dei um passo para trás, abri o zíper da jaqueta e a coloquei sobre a poltrona.

– Ir para o laboratório é o meu trabalho.

– Sei que é o seu trabalho, e eu amo o fato de você levá-lo a sério e de ser *muito boa* nele. Mas também estou tentando expressar o quanto *eu* também

quero o seu tempo. E gostaria que você levasse isso em consideração quando analisar tudo isso. Queria que falasse comigo sobre isso.

Minha cabeça caiu para trás e eu olhei para o teto.

– Nós vamos brigar de novo?

Senti seu silêncio estupefato antes de ele dizer:

– O que aconteceu ontem não foi uma *briga*. Nós podemos discutir alguma coisa – até de um jeito acalorado – sem que seja uma briga. Dito isso, o que há de errado em discutir? Não significa que estamos mal só porque somos duas pessoas com opiniões diferentes sobre como lidar com algum assunto.

– Se eu fosse homem, estaríamos tendo essa mesma discussão? Será que um homem teria que escolher um cargo de professor em vez de coordenar um grande laboratório acadêmico?

Seus olhos se arregalaram de choque.

– Sim! Você não está dizendo seriamente que isso tem a ver com o fato de você ser mulher, está?

– Não, quero dizer... claro que não. Eu sei que você não faria isso. Eu só quero... Não quero que a gente brigue por uma coisa sem saber exatamente sobre o motivo de estarmos brigando ou discutindo... Sei lá! – eu disse frustrada. – Nem sei quais são todas as opções, então como é que dá para ter uma *discussão* lógica sobre isso? Não podemos simplesmente esperar? Por favor?

Will suspirou, estendendo a mão para tirar uma mecha de cabelo do rosto. Ele olhou para mim com um olhar suave e paciente e então concordou, segurando minhas mãos.

– Venha cá – disse ele, e dei alguns passos em sua direção.

Era *isto* que eu queria: essa proximidade, a certeza que senti quando ele me envolveu em seus braços. O resto das coisas estava no ar, mas isto, isto era a minha constante.

– Senti sua falta – ele disse, segurando-me contra seu corpo, alisando meu cabelo com a mão. – Não gosto de acordar sem você aqui, principalmente com a dor de cabeça que eu estava hoje de manhã. – Ele se afastou e colocou as mãos no meu rosto, examinando-o. – Deus, deve ter sido uma corrida puxada!

– Max tem sorte que eu não o atrolei – confessei, virando minha cabeça para beijar a palma da mão dele e depois sua aliança. – Eu não quero beber nunca mais. Sou péssima nisso.

– Você é mesmo – ele concordou, me observando. – Mas você está bem agora?

– Muito bem – falei. – Muito – beijo – muito – beijo – bem. – Ele inspirou

curto quando pressionei meus lábios contra o seu pulso, primeiro de um jeito casto, depois mais molhado, chupando, abrindo minha boca para sentir seus batimentos na minha língua.

Sua reação veio na forma de uma inspiração forte, e meu olhar flutuou ao encontro do dele.

– Isso... – ele falou, e arranhei sua pele com os dentes, pressionando até que suas sobancelhas se levantassem um pouco com a dor. – Aqui mesmo?

Concordei, dei um passo para trás e tirei minha camiseta. Os olhos dele acompanharam o movimento, e observei suas feições se relaxarem, até o último vestígio de tensão deixar seu rosto.

– Aqui mesmo – respondi.

Nós dois sabíamos do que o outro gostava. Will curtia que eu fosse um pouco rude às vezes, e eu gostava de ser guiada, que ele me dissesse onde me queria e o que queria que eu fizesse.

Will agarrou sua camisa pelo colarinho e a tirou num puxão, jogando-a displicentemente no sofá.

– Vire-se, então – ele disse, girando o dedo no ar.

Fiz o que ele pediu, virando-me de frente para a velha poltrona de couro atrás de mim. Eu adorava aquela poltrona, e ele também. Adorava me enrodilhar nela enquanto trabalhava, com as pernas cruzadas e o *laptop* equilibrado no braço da poltrona. Eu adorava quando Will sentava nessa poltrona e eu na outra e nós dois ficávamos em silêncio, sem precisar falar, enquanto líamos ou assistíamos à TV. E eu adorava especialmente quando ele me deixava sentar no seu colo, enfiando-me debaixo da coberta, para ver um filme. E apesar de ter feito sexo em quase todos os móveis da casa, nunca tínhamos transado ali, numa das coisas que ele mais gostava – a poltrona que levou consigo de casa em casa durante toda sua vida adulta.

Dei um passo para a frente.

– Assim? – perguntei, afundando-me na poltrona, com os joelhos pressionando a almofada e as costas viradas para ele.

– Assim mesmo. – As mãos quentes de Will soltaram meu sutiã e o puxaram do meu corpo. Os dedos dele fizeram cócegas nas minhas costelas e depois passaram para o elástico da minha calça, brincando com ele por um momento antes de puxá-la junto com a calcinha pelas minhas coxas, até os joelhos.

O ar frio tocou a minha pele e me senti nua para ele, exposta. Fechei os olhos enquanto seus dedos tamborilavam na minha coluna, contando cada vértebra, registrando cada arrepio. Quando chegou ao pescoço, passou a mão pelo meu

cabelo, torcendo o rabo de cavalo meio solto no alto da cabeça, agarrando-o firme e usando-o para me empurrar para a frente, até me deixar com o tronco, a barriga e os peitos encostados no couro frio.

– Bom... – ele murmurou e, pelo farfalhar das roupas, percebi que havia se afastado e se despia atrás de mim. Eu queria virar e olhar, mas, quando finalmente tive coragem de fazer isso, a almofada afundou de novo e ele estava lá, quente, em contato com a parte de trás do meu corpo. Seus lábios encontraram meu ombro, meu rosto. Senti Will chupar meu pescoço (com certeza ia deixar uma marca). – Amo você.

Virei-me para beijá-lo e ofeguei ao sentir o contraste entre o couro frio na minha barriga e seios e o calor incendiário de seu corpo nas minhas costas.

Will estendeu a mão entre nós dois e pegou seu pau, passando a cabeça – quente e um pouco molhada na ponta – entre as minhas pernas para esfregar meu clitóris. Para a frente e para trás, para a frente e para trás.

– Quero que abra as pernas – disse, e eu fiz como ele instruiu. – Um pouco mais.

Afastei meus joelhos o máximo que pude, encostando-os nos braços da poltrona. Satisfeito, ele deu um beijo suave no meu nariz.

– Você quer isso? – ele perguntou, parado bem onde eu precisava dele, apenas a cabeça escorregando para dentro e para fora de mim. – Quer que eu brinque um pouco ou simplesmente meta em você?

– Mete em mim! – implorei, balançando o quadril em busca daquela sensação, tentando fazê-lo mover-se. – Will.

– Quietinha – disse ele. – Eu tenho você.

Ele me provocou de qualquer forma, lambuzando-se todo em mim antes de avançar.

Will costumava perder um pouco o controle de si quando me penetrava, às vezes xingava ou dizia meu nome, sussurrava incoerências na minha pele, como se estivesse tão tomado pelo fato de *estar* dentro de mim que podia gozar a qualquer segundo. Dessa vez não foi uma exceção, e ele gemeu nos meus cabelos, com a respiração curta e explosões de tesão enquanto se movia devagar, centímetro por centímetro, até que sua pélvis estivesse encostada à minha bunda, sua barriga musculosa pressionada contra a curva das minhas costas.

– Está tão bom – ele disse, mordiscando meu ombro e movendo os quadris em círculos lentos e provocantes. – Tão quente e gostoso... – Ele chupou minha pele e pegou meus peitos com as mãos, apertando-os, pinçando meus mamilos. Então, deslizou a mão entre as minhas pernas.

Eu estava molhada e escorregadia, e seus dedos migraram para baixo, bem lá onde eu os queria.

– Aí.

– É? – Will perguntou e eu fiz que sim, gemendo enquanto sentia meu corpo o apertando. Tentei me movimentar ao contrário, tentei segurá-lo dentro de mim antes que ele tirasse de novo. Nós nos movíamos juntos assim, preenchendo a sala com o som do sexo, interrompido apenas por um baque ocasional ou pela voz de pessoas nos apartamentos vizinhos.

Ele acelerou, incansável, e procurei algo em que me segurar, para me ancorar de alguma forma. Estendi a mão para trás e agarrei seu quadril com uma mão enquanto a outra caía por cima do encosto da poltrona; meu rosto virado e encostado no couro frio. Sua pele estava escorregadia de suor e enterrei minhas unhas nele, sabendo que isso só o deixaria mais excitado.

Will xingou com a respiração ofegante e quente nas minhas costas, e implorei, sem me importar se as pessoas no apartamento de cima podiam ouvir, se as pessoas do outro lado das paredes podiam ouvir.

– Mais forte. Mais forte, Will. Por favor.

– Caralho, Ameixa. – Ele acelerou, frenético, e pude ouvir os estalos de sua pele batendo na minha, o barulho da poltrona à medida que as pernas de trás saíram da borda do tapete e raspavam no chão de madeira.

– Ai, meu Deus – eu gemi –, ai... Ahhhh...

Fechei os olhos, sentindo uma onda de calor se irradiar do meio das minhas pernas e pela superfície da minha pele antes de tudo explodir em sensações. Will mordida meu pescoço, e suas mãos seguravam meus peitos, seus gemidos selvagens me diziam que ele ia gozar a porra toda a qualquer segundo, então ele ficou mais brutal e frenético e meteu tão fundo em mim que seu corpo pressionava toda a extensão do meu, das coxas aos ombros.



Deitamos pelados no sofá, eu de costas, com a cabeça de Will descansando na minha barriga.

– Desculpe eu ter saído hoje de manhã – falei, enrolando os dedos no seu cabelo. – Eu sei que você disse que tudo bem, mas eu queria pedir desculpas de novo.

Ele olhou para cima, descansando o queixo perto do osso do meu quadril.

– Eu sei, Ameixa. E, para deixar registrado: você tem o direito de ficar brava e

de precisar do seu espaço.

– Eu desliguei o alarme. Não fui muito legal.

Ele riu e se esticou sobre o braço do sofá e pegou minha mochila.

– Tenho certeza de que vamos dizer ou fazer coisas não muito legais um para o outro nos próximos cinquenta anos. Se todas elas forem tão abomináveis quanto dar ao outro umas horas a mais de sono, acho que vamos nos sair muito bem.

– O que você está fazendo? – perguntei, observando enquanto ele xeretava o bolso da frente da mochila. Ele pegou uma caneta e colocou a mochila no chão, e então tirou a tampa. – Vai me decorar de novo?

Ele respondeu com a boca fechada e começou a desenhar.

Uma árvore, raízes que começavam na ponta do osso do quadril e desciam se espalhando. Ele preencheu o desenho, com os olhos estreitos de concentração, enquanto a ponta fina da caneta se movia para cima e para baixo, até as extremidades da figura.

Levantei a cabeça, espiando meu corpo para ver melhor.

– É igual à sua – eu falei, apontando para a árvore em seu bíceps, cujas raízes se enrolavam em volta do músculo.

– Um pouco.

– Nós devíamos mesmo procurar uns livros de colorir para você – falei, sorrindo e descansando a cabeça sobre meu braço.

– Não seria a mesma coisa, não é?

Passei meus dedos pelos cabelos dele de novo, observando a forma como as cores mudavam à luz do entardecer. Eu sentia a caneta se mover, o cheiro da tinta e, quando olhei novamente, vi que ele estava desenhando cada folha com todo cuidado.

– Agora, quando você for embora na quarta-feira, ainda estarei com você – disse ele.

– Você está sempre aqui – respondi, tocando seu rosto, dando batidinhas leves para que ele olhasse para mim.

Os olhos azuis de Will estavam quase negros nessa luz, tão abertos e honestos que eu não tinha certeza se conseguiria sair pela porta de manhã, quanto mais entrar num avião e voar até a Califórnia em três dias.

Cinco

Hanna foi embora antes de o sol nascer na quarta-feira, inclinando-se para beijar minha testa antes de sair.

– Tchau, meu lindo – ela sussurrou, pensando que eu ainda estava dormindo. – Vejo você na sexta-feira.

Ela se virou para ir embora, mas levantei-me e fui atrás dela até a porta da frente, onde já estava com a mala e o *laptop* prontos para sair.

– Posso te fazer um café? – murmurei, piscando para ela. – Coloco na xícara para viagem.

Ela riu quando eu me cocei por cima da cueca, desatento. Sacudindo a cabeça, ela me falou:

– Volte para a cama, seu dorminhoco.

– Acho que vou sair para correr.

Ela deu um passo à frente e me beijou, e não foi rápida o suficiente para fugir quando a puxei para perto, pela cintura, segurando-a com força contra o meu corpo.

Hanna sorriu enquanto me beijava, com os braços em volta de meu pescoço.

– Você está tão quente.

– Quando você volta para casa na sexta-feira? – perguntei, beijando-a.

– Humm... tarde. Por volta das dez...

Dei um passo para trás, coçando os olhos.

– Espere. Para onde você vai nessa viagem?

Rindo novamente, ela se esticou para beijar meu queixo.

– Berkeley. – Ela me deu mais um beijinho e se afastou. – Meu táxi está esperando lá fora. Te ligo quando chegar lá.

–

– Você está muito quieto aí.

A voz de Jensen tirou-me de meus pensamentos e pisquei para ele do outro

lado da mesa. Ele tinha vindo de Boston e encontramos Max e Bennett para um almoço no Le Bernardin, no começo da tarde.

– Só estou pensando em como Hanna está se saindo – falei. – Ela está fazendo aquela entrevista de trabalho neste exato momento. – Virei meu pulso e olhei para o relógio, corrigindo: – Não, terminou há cerca de uma hora. – Peguei meu telefone e percebi que ela não tinha nem mesmo mandado uma mensagem para dizer se havia chegado bem.

– O que ela disse? – perguntou Bennett, interpretando mal minha atenção ao celular.

– Ah, só que... – Fiz um gesto de deixa para lá, balançando a cabeça. – Nenhuma notícia ainda. Tenho certeza de que foi muito bem.

– Tenho certeza de que estão implorando para ela aceitar uma oferta – disse Max, sorrindo de um jeito reconfortante. Entre os três, era ele quem tinha me observado mais de perto durante o dia e ouvido Hanna e eu falarmos constantemente sobre a procura de emprego, a ideia de nos mudarmos, a ideia de ficar e sobre como seria nossa vida alguns meses depois.

Max certamente não queria que nos mudássemos, mas também não parecia muito preocupado com isso. Eu podia fazer meu trabalho de qualquer lugar, embora isso fosse mais fácil em algumas cidades do que em outras.

– Ela não acredita em mim quando digo que a escolha será dela – disse a eles.

– Bem – disse Jensen –, onde você acha que ela vai parar?

Dei de ombros.

– Na verdade, não sei.

– E quando vocês estão planejando se mudar? – perguntou Bennett.

– Bom, pode ser que nem...

Bennett fez um gesto para esquecer aquilo.

– Quero dizer, quando ela espera começar onde quer que seja?

– Provavelmente no próximo outono. Embora pareça que algumas faculdades querem começar no período de inverno.

– Will – Max disse, direto. – No inverno? Isso é em *outubro*.

Concordei, mexendo em meu prato.

– É em outubro – ele repetiu –, e alguns lugares querem que ela comece em janeiro. E vocês não têm nem ideia do lugar para onde vão?

– Ela não visitou todas as faculdades ainda. – A explicação pareceu pouco convincente até para os meus ouvidos, mas foi a única que ela me deu todas as vezes.

Meus amigos concordaram como se tudo fizesse sentido e, graças a Jensen,

mudamos de assunto, mas dispersei-me depois de algumas opiniões sobre uma fusão entre duas grandes companhias farmacêuticas.

Hanna e eu tínhamos estado tão focados no casamento e no começo da carreira dela que, na verdade, não tínhamos discutido o *como*.

Tudo parecia tão frenético que o mote “resolver isso depois do casamento” foi um jeito fácil de postergar qualquer decisão.

E ali estávamos nós, casados, apaixonados e prestes a mudar praticamente tudo em nossa vida. E ainda assim não fazíamos ideia de como seria isso.

—

Peguei uma cerveja da geladeira, tirei a tampa e ouvi satisfeito o barulho do gás saindo.

— Você não está bebendo meu refrigerante de baunilha, está? — Hanna perguntou do outro lado da linha.

— Acha mesmo que vou roubar seu refrigerante? — respondi, acomodando-me no sofá. — Posso ser novo nisso, mas eu sei como funciona um casamento.

Ela riu.

— Bom. Eu estava guardando para mim.

— Sabe — eu disse a ela, sentindo falta do calor do seu corpo junto ao meu no sofá —, mesmo que ele acabe, *you can always buy another*.

— Ah... Eu gosto da expectativa.

— Eu sei que você é assim — resmunguei.

— *Will...* — Meu nome, sozinho, era um pedido silencioso, um tiro de largada no começo de uma corrida.

Dobrei o braço sobre o rosto, tentando não me distrair com a ideia de fazer sexo por telefone.

— Vamos brincar daqui a pouco. Conte como foi o seu dia.

Ela respirou fundo e soltou o ar e começou a contar.

— *Beeeem*. Vejamos. Acho que minha entrevista foi bem. Tivemos discussões muito interessantes. E gosto do espaço do laboratório que eles sugeriram.

Esperei-a falar mais.

Hanna ficou em silêncio.

— E? — eu instiguei. — Você gostou da faculdade?

— Parece ótima!

Mudando meu braço de posição, olhei para o teto.

- Hanna?
- O quê?
- Você não está nem um pouco entusiasmada com esse processo?
- De verdade? – ela perguntou incrédula. – Estou *extasiada*.
- É que não é do seu feitio ficar tão calada assim.

Ela suspirou e disse:

- Estou tentando ser mais *contida*.
- Comigo?

Eu quase podia vê-la dar de ombros, sem saber o que dizer.

– Estou tentando guardar as opiniões momentâneas para mim. Pensei que falaríamos sobre isso depois de termos todas as informações.

– Sim, você mencionou isso, mas eu ainda prefiro saber de tudo à medida que acontece – falei para ela. – Quer dizer, sei que você tirou todo o domingo para pensar, Hanna, mas não me disse muita coisa sobre o que esteve pensando, além do fato de estar irritada comigo. É uma mudança grande – fiz uma pausa e acrescentei – para nós dois.

– Max me lembrou de me preocupar com o emprego, não com o lugar – ela disse. – Quer dizer, você pode trabalhar de qualquer canto.

Sentei-me, passando rapidamente de uma conversa relaxada para a irritação.

– Ah, então *Max* disse isso?

– Bom, você também disse – ela acrescentou rápido. – No começo, você falou para não nos preocuparmos com o lugar e apenas esperar para ver como tudo se desenrolaria.

– Talvez porque eu esperasse falar sobre isso com você à medida que as coisas acontecessem – argumentei, levantando-me para andar pela sala. – Mas toda vez que o assunto vem à tona, você diz: “vamos esperar e ver quais são as opções”. Nesse ponto, Hanna, as opções estão por toda a porra do globo. Podemos pelo menos eliminar algumas? Começar a fazer um plano?

– Eu ainda não sei qual lugar tem a melhor oferta! – ela respondeu irritada.

Soltei um riso incrédulo.

– Bom, podemos avaliar o quadro até agora. Quer dizer, minha opinião não conta em nada?

– É claro, mas nem temos as ofertas de todas as faculdades ainda.

– Hanna, podemos assumir que todos os lugares aos quais você foi são uma opção!

Era um *saco* ter essa conversa por telefone, mas eu estava muito ansioso para esperar o retorno dela. Depois de ver a reação dos meus amigos no almoço, eu

sabia que era absurdo que ainda não tivéssemos nenhuma ideia do local para onde iríamos. Eu não queria mais adiar.

Ouvi Hanna respirar para se acalmar e dizer:

– Sinto que planejar agora é colocar o carro na frente dos...

– Ah, pelo amor de Deus! – eu a cortei. – *Você é a porra do carro! Você é a porra do boi! Você está dirigindo isso. Todas as faculdades querem você!*

– *Will.*

Suspirei, apertando a base do meu nariz. Ela parecia tão vulnerável, mas seu tom pacificador acabou com a pouca paciência que me restava.

– O quê?

– Não grite comigo. Eu não quero brigar.

Eu estava muito irritado para deixar isso de lado imediatamente.

– Nesse ponto, parar de falar comigo no telefone ou deixar o assunto de lado não significa que não estamos brigando. O fato de você já ter feito oito entrevistas e de eu não ter ideia do que você quer já é um problema. Quero falar sobre isso.

Hanna ficou em silêncio do outro lado da linha e por fim soltou um “tudo bem” seco.

Tentando me acalmar, falei:

– Querida, não há nada de errado em brigar. Às vezes nós não concordamos. Às vezes *discordamos* muito sobre como lidar com algo. Precisamos encarar numa boa o fato de ter uma briga.

– Bom, nós brigamos neste fim de semana também. E esta briga agora parece grande – ela falou.

– Porque é! – respondi, com um riso incrédulo – Quer dizer, é só o nosso futuro, né?

Ela não respondeu. Tudo o que pude ouvir foi um barulho do outro lado: o hábito nervoso de Hanna bater a caneta na perna.

Encostando-me na parede, falei:

– Hanna, preciso que me diga *alguma coisa*.

– Não tenho certeza do que dizer porque não sinto que posso tomar uma decisão ainda. Eu não fui à Caltech. Também não tive resposta de Harvard, Berkeley ou Rice ainda.

– E tudo bem – eu falei para ela. – Tudo o que estou pedindo é para *conversarmos* sobre isso, porque você *tem* ofertas de cinco faculdades, mas nem discute as hipóteses comigo. Você amou Harvard, amou Princeton, mas ficou em dúvida quanto a trabalhar em Hopkins e no MIT. Certo?

– Certo.

E então ela não disse mais nada.

– Você só tem mais uma entrevista – lembrei-a, mais calmo. – Você já teve resposta de todas as faculdades, exceto três. Então, quais são suas três favoritas?

– Baseado em quê? – ela perguntou, ficando claramente irritada. – Localização? Recursos? Salário? Quantidade de aulas? Como você quer que eu avalie essas coisas?

Deixei minha cabeça cair para trás contra a parede com um baque surdo.

– Jesus, Hanna. É como se você fosse patologicamente incapaz de tomar uma decisão. Você pode avaliar isso comigo, passo a passo.

– Mas é *complicado*, Will. Este não é um processo simples. Há milhões de fatores aqui.

– Jura que você vai dar uma de superior comigo agora? – falei, irritado, desencostando-me da parede para andar pelo apartamento. – Eu sei quais faculdades está visitando quando sai de casa, e você geralmente me conta os detalhes das entrevistas quando volta, mas me diz o que achou depois? Não! Então, sim, *eu* sei que é um processo complicado, mas *você* parece não saber.

– Talvez eu esteja simplesmente tentando manter a mente aberta.

– Foda-se a mente aberta! – gritei. – Tenha a mente aberta quando estiver na entrevista. Dentro desse casamento, quero que me conte todos os apertos, medos e esperanças. Não preciso da versão bonitinha. Quero saber das coisas grandes e pequenas, das coisas ruins e sensacionais. Agora, sei quais perguntas fizeram para você nas entrevistas, qual seria o tamanho do laboratório, qual seria o financiamento inicial, mas não tenho nenhuma ideia do que você *gostou*. E você não me perguntou nenhuma vez onde eu gostaria de morar, o que eu gostaria de fazer. Eu vou segui-la para qualquer lugar, Hanna, mas quero fazer isso como seu *parceiro*.

Ela ficou muito quieta, e por alguns instantes me perguntei se tivera o desprazer de desligar na minha cara. Mas então ouvi um pequeno soluço e percebi que estava chorando.

– Não estou querendo ser egoísta – disse ela. – Você sabe disso, certo?

– Claro que sei – falei, mais calmo. – Mas, olha só, você tem de resolver isso comigo, como o casal que somos. O seu desejo de manter a mente aberta significa que não está se permitindo gostar de nenhum lugar. E sua incapacidade de expressar uma preferência, não importa quão preliminar seja, está tornando totalmente impossível a possibilidade de eu me envolver nesse processo. – Ouvi-a assoar o nariz ao fundo. – E, agora, sua falta de vontade de lidar com qualquer

tipo de confronto está deixando de ser ingenuidade e se transformando em falta de consideração. Eu não gostava do jeito que você evitava lidar com as coisas, isso quase terminou com o nosso relacionamento antes mesmo de começarmos, e odeio isso agora.

Ela fungou.

– Só quero desligar o telefone.

Meu coração parou.

– Hanna. O que é isso?

– Você está me fazendo sentir como se eu fosse uma criança. Vejo você na sexta à noite.

Ouvi o clique do telefone, e nada além do silêncio chegou pela linha. Ela havia desligado. Gritei com ela e ela desligou. Parabéns, Will.

Atravessei a sala com o peito cheio de culpa, irritação e puro medo e joguei-me de volta no sofá. Minha cerveja ainda estava na mesa de centro à minha frente, ainda cheia, e a água havia se condensado em torno da garrafa e escorrido pelo vidro até formar uma poça na madeira. Peguei-a e levei-a à boca.

Aquela ia ser uma noite muito longa.

—

Jensen corria ao meu lado na trilha.

– Sim, eu provavelmente sou a pior pessoa para você falar sobre isso – disse ele. – Tive que aguentar a Hanna enfiar a cabeça na areia durante anos.

– Não, então... – eu falei, olhando para ele. – É nessa hora que você tem que me dizer que é normal ter uma briga assim uma *semana* depois de se casar.

Isso fez ele rir, seco, e só então percebi o que eu tinha dito.

Parei de repente, no meio da trilha.

– Jens, desculpe, eu não quis dizer...

– Você quer que *eu* fale o que é normal uma semana depois do casamento? – ele perguntou, inclinando-se e colocando as mãos nos joelhos, enquanto recuperava o fôlego.

– Desculpe – falei, balançando a cabeça. – Cara, isso foi muita falta de consideração. Sou um babaca mesmo.

Ele fez um gesto de deixa para lá e se levantou.

– Levando em conta que minha mulher, que foi minha namorada por nove anos, me disse uma semana depois do nosso casamento que não tinha certeza se

deveríamos ficar juntos, eu diria que você e Hanna estão muito bem. Que estão enfrentando um período muito estressante, só isso.

– Acho que sim. – Olhei para a trilha mais à frente e para a fila de mães com carrinhos de bebê vindo em nossa direção. Fazia horas que eu estava me sentindo nauseado.

Sáímos do caminho, pisando na grama, e Jensen tirou uma garrafa de água do seu desajeitado cinto de corrida.

– Hanna tem uma concentração de raio laser – disse ele, tomando um gole. – É por isso que é tão boa no que faz e péssima em fazer várias coisas ao mesmo tempo. Acho que você devia dar algum crédito a ela por ser sempre tão coerente.

Não aguentei e dei risada.

– Ela está só tentando ser adulta – disse ele. – Talvez ache que é assim que os adultos lidam com as coisas. De um jeito meio imperturbável.

Resmunguei, sabendo que ele estava certo, e espantado com a facilidade com que tinha chegado a essa conclusão.

– Bom, isso faz sentido; ontem à noite ela reclamou que eu a estava tratando como criança.

A risada de Jensen retumbou no ar frio da manhã.

– Boa sorte com isso aí, Will! – Ele fingiu que estava secando uma lágrima. – Caramba, acho que ver vocês dois com dificuldades no casamento sempre vai ser uma novidade.

–

Acordei assustado, com o celular tocando no criado-mudo. Peguei o telefone, passei o dedo pela tela e vi o relógio: três e pouco da manhã.

A última vez que eu tinha olhado para o relógio fazia apenas quinze minutos.

– Ei, Ameixa.

– Ei, você.

Uma onda de alívio percorreu meu corpo.

– Você está bem? – perguntei.

Ela deixou escapar um soluço e disse, chorosa:

– Não muito... – e fez uma pausa. – Você estava dormindo? Sua voz está bem sonolenta.

Sacudindo a cabeça, falei:

– Dei uma cochilada alguns minutos atrás.

Ela começou a pedir desculpas, e a interrompi.

– Não, não, estou feliz que você ligou.

– Também não conseguia dormir – ela admitiu, com a voz um pouco abafada, como se estivesse deitada de lado. – Sinto sua falta e odeio o fato de estarmos brigando.

Deixei minha cabeça cair no travesseiro e passei a mão no rosto.

– Desculpe. Fui um idiota hoje.

– Você não foi... Você estava certo.

Balancei a cabeça, com a mão no rosto. Eu *estava* certo e sabia disso, mas poderia ter sido mais gentil. Como Hanna era tão equilibrada em vários aspectos, era fácil esquecer que tinha apenas vinte e cinco anos e estava prestes a escolher em qual universidade de prestígio deveria trabalhar. Falar com Jensen ajudou a me lembrar de que Hanna tinha passado voando pela faculdade em três anos, pela pós-graduação em outros três e tinha feito um pós-doutorado em apenas um ano, e ainda estava aprendendo como administrar escolhas de carreira que muitos de nós só tivemos de fazer muito mais tarde.

– Então, como foi o resto do seu dia? – perguntei à minha mulher.

Ajeitei-me de novo na cama enquanto ela respirou fundo e começou uma descrição detalhada da entrevista de trabalho: o que perguntaram durante a conversa, as reuniões com outros docentes depois e, mais tarde, o jantar com o chefe de departamento em um restaurante japonês pequeno, mas aparentemente fantástico, em São Francisco.

Ela falou sobre o que comeram, sobre as fofocas inocentes que compartilharam e as estranhas coincidências ao longo do dia, que, francamente, eram comuns nos círculos de pesquisa.

Enquanto ela falava sem parar, eu a ouvia e tentava nos imaginar lá.

Eu tentava visualizar nós dois *morando* lá.

Como cresci no Noroeste do Pacífico, podia imaginar uma mudança para a baía de São Francisco. Só não tinha certeza de que *queria* me mudar para a Califórnia. Eu gostava das nossas estações. Gostava do nosso caos urbano. Não queria ter de dirigir para todo lugar.

Eu não queria mesmo deixar a Costa Leste, e foi só neste momento que percebi que esse sentimento era muito forte.

Merda.

– Mas eu não sei – disse ela, tirando-me dos meus pensamentos. – Não consigo nos imaginar lá! – Ela fez uma pausa, e perguntei-me se eu não tinha dito nada daquilo acidentalmente. – Não consigo imaginar você aqui – ela

acrescentou.

Engoli em seco, tentando colocar as palavras na ordem certa, de forma que eu não concordasse muito rápido e a fizesse sentir que não poderia escolher uma faculdade na Califórnia. Eu tinha falado a verdade, a seguiria para qualquer lugar, mas não tinha como negar que uma grande parte de mim esperava não ter que segui-la para *lá*.

– Não consegue? – perguntei, cauteloso.

– Não – ela disse e pareceu se virar na cama. – Você precisa estar numa cidade grande, maior que Berkeley.

– Você ainda tem um monte de opções de cidades – lembrei-a.

– Tenho.

– Então, Berkeley está fora? – perguntei com cuidado.

Ela respirou fundo e, por fim, sussurrou:

– É... Acho que sim. Gostei daqui, mas não o bastante.

Ficamos em silêncio e imediatamente fiquei sonolento ao ouvir o som de sua respiração tranquila. De vez em quando, eu ficava assustado ao perceber como tinha ficado dependente dos sons dela dormindo ao meu lado.

– Eu amo tanto você – ela murmurou.

– Eu também te amo – declarei-me. – Volte para casa.

Então dormimos, sem nos preocupar em desligar o telefone.

–

Sem falar nada, cancelei o carro que Hanna tinha agendado para buscá-la no aeroporto e eu mesmo fui encontrá-la. Num rompante, decidi dirigir o velho Subaru de Manhattan até o JFK.

A realidade dessa ideia estúpida – o trânsito, a simples logística de estacionar no aeroporto – reafirmou minha vontade de não ter de dirigir todo santo dia.

Mas quando ela desceu as escadas rolantes, exausta, linda e amarrotada... Caramba! Eu teria atravessado qualquer congestionamento para encontrá-la. Surpresa, ela correu para os meus braços, com um perfume doce e quente que pedia sexo.

– O que você está fazendo aqui? – ela perguntou, com a voz abafada pela minha jaqueta.

– Vim levar você.

– Para casa? – ela perguntou.

Fiz que não.

– Nós vamos passar o fim de semana no interior.

Afastando-se para olhar para mim, ela perguntou:

– Por quê?

Peguei sua mala e a guiei para a saída.

– Quando desligamos o telefone de madrugada – acrescentei, rindo –, não consegui parar de pensar sobre como eu queria que você estivesse em casa para que pudéssemos conversar e relaxar e voltar à normalidade. Era essa estranha apreensão e percebi... que nossa vida vai mudar. E preciso saber que podemos conversar sobre tudo isso em outro lugar que não na nossa casa. Preciso saber que podemos ser *nós dois*, não importa onde estivermos.

Ela se virou, esticando-se para me beijar, ao lado do carro, e lutei contra a tentação de não abrir a porta de trás para transar com ela naquele estacionamento nada seguro.

A viagem para o interior foi uma tortura, com a mão dela brincando na minha calça jeans aberta, fingindo que ia me masturbar, sem chegar às vias de fato. Em vez disso, ela me provocava com os dedos e com a boca no meu pescoço, depositando depois o peso de sua cabeça em meu ombro enquanto descansava deixando a mão quente na minha barriga enquanto cochilava.

Já era tarde quando finalmente chegamos na pousada e fizemos o *check-in*, deixamos a conversa de lado e atravessamos o corredor nas pontas dos pés, tentando não fazer barulho, até nosso quarto.

O quarto era arejado e cheirava a grama molhada recém-cortada. Lá fora, grilos cantavam e o vento fazia ranger os galhos das árvores ao lado da janela. De fato, não era nada parecido com o nosso apartamento em Manhattan. E então os olhos de Hanna se encontraram com os meus e ela sorriu.

O mundo inteiro se abriu.

Tirei suas roupas com as mãos trêmulas e a joguei na cama barulhenta. Sua boca se curvou num sorriso e seus braços pálidos me convidaram sobre as cobertas.

O cheiro dela, o gosto da sua pele nos meus lábios.

Acendi o abajur para vê-la melhor; o calor subiu pelo seu pescoço quando coloquei meu rosto entre seus peitos, gemendo.

Os músculos de sua barriga se contraíram sob os meus lábios enquanto eu descia pelo seu corpo, beijando, lambendo e chupando até que Hanna me puxou pelos cabelos para cima dela, arrancando minhas roupas com mãos sedentas e impacientes.

Foi rápido e... caralho! Provavelmente um pouco rude demais. Mas adorei o jeito como os peitos dela se mexeram quando segurei suas mãos acima da cabeça e a fodi com toda a força.

Eu não sabia o que tinha dado em mim.

Uma chave havia sido ligada, um gatilho antigo havia sido puxado. Ela tinha viajado. E eu precisava lembrá-la, lembrar minhas mãos, minha boca e meu cacete de que isso era o normal: *nós dois*. O lugar pouco importava.

Ela gozou, mas só depois de mim. Não sei como consegui fazê-la chegar lá sem cair de cansaço. Ela arranhou meu pescoço quando estava perto, tirando sangue e me fazendo ver estrelas.

Caí sobre ela, pesado, e consegui não esmagá-la com os cotovelos, enfiados no colchão perto da sua cabeça.

– Fizemos muito barulho? – ela perguntou, ofegante.

– Não tenho energia para me preocupar com isso.

Ela riu debaixo de mim.

– Amanhã teremos um café da manhã constrangedor na pousada.

Eu a virei, passando a mão por seu tronco suado.

– Você acha que vou deixá-la sair deste quarto?

Ela acomodou seu corpo junto ao meu, beijando o arranhão que tinha deixado na minha pele.

– Maridinho querido?

Meu sangue vibrou com suas palavras.

– Hum?

– Nós estamos bem?

Agora, isso – isso me fez rir.

– Ameixa – estiquei-me para beijá-la. – Não importa o que acabamos de fazer nesta cama minúscula, nós *sempre* estamos bem.

Levantando-se, Hanna andou até a porta, tirou um caderno da bolsa e voltou para a cama.

– Vire-se – ela disse, empurrando meu ombro.

Fiquei de bruços e descansei o rosto no braço dobrado. Ela colocou o caderno frio nas minhas costas e levei um pequeno susto.

– O que está fazendo?

– Preciso fazer uma lista do que a Caltech precisa me oferecer para superar Harvard.

Virei o rosto, mal conseguindo vê-la por sobre o ombro. Eu gostava do fato de ela acreditar que todas as faculdades a queriam. Mas também não queria que

ficasse mal se não recebesse uma oferta de sua favorita.

Perguntei-me se a havia pressionado demais para que elencasse as suas preferidas, como se tivesse a chance de escolher.

– Quando você acha que terá uma resposta de Harvard?

Ela sorriu, esticando-se para beijar meu rosto.

– Eles me ligaram hoje.

Seis

Eu sabia que era errado ligar para Will tão tarde, mas não tinha conseguido falar com ele até então e não queria esperar até de manhã de jeito nenhum. O telefone só tocou uma vez antes de ele atender.

– Ei, Ameixa.

– Ei, você.

– Isso está se tornando um hábito – disse ele em meio aos rangidos da cama.

– Eu sei, temos até diálogos prontos e tudo mais.

– Como foi seu dia? – ele perguntou, com a voz rouca e grave. Nós estávamos bem quando saí para a Caltech, então imaginei que provavelmente estaria dormindo, e não tentando dormir. Olhei para o relógio e senti-me ainda mais culpada por ligar tão tarde.

– Foi ótimo – eu disse, notando, em seguida, a pausa do outro lado da linha. Sempre suspeitei que esse assunto em particular deixava Will ansioso, mas foi só depois daquela última explosão que eu soube exatamente o quão ansioso e o porquê.

Olhando para trás, admito que estava muito concentrada na minha busca de emprego. Eu tinha uma lista de possíveis candidatas e fui eliminando-as, uma a uma, sem tentar formar nenhum tipo de opinião sobre o resultado até que tivesse o máximo de informação possível. Eu estava analisando a situação com o lado lógico do meu cérebro e, francamente, essa parte do meu cérebro era babaca e insensível. Mas agora, levando o ponto de vista de Will em consideração, vi como tinha sido injusta e como aquilo era algo que precisávamos fazer juntos, como um casal, em vez de eu comunicar para ele quando tivesse decidido.

Já fazia um bom tempo que eu suspeitava que Will preferia uma faculdade longe da Califórnia – ou de qualquer lugar na Costa Oeste, na verdade – mas, como é típico dele, Will estava guardando sua opinião até que eu tivesse a chance de expressar a minha. Max estava certo; Will provavelmente faria as malas e me seguiria até a Antártida se eu arranjasse um emprego que adorasse lá.

– Foi ótimo – ele repetiu, com a voz cuidadosa demais. – Bom, isso é... *ótimo*

então, não é?

– Sim, quer dizer, eles foram bastante atenciosos. Acho que também fizeram a pesquisa deles, porque sabiam qual era minha banda favorita na cidade. Eles me levaram para um show no Rose Bowl. De camarote. Quem faz isso?

Ele riu devagar, com seu jeitinho sonolento, e pude imaginá-lo passando a mão no rosto.

– Acho que uma faculdade que quer muito você, Ameixa. Você se divertiu?

– Foi incrível! – eu disse. – Pasadena é muito bonita.

– É mesmo.

O campus era bonito, as casas eram belas, o clima era agradável, mas, assim como em Berkeley, eu não conseguia imaginar meu marido no meio daquilo tudo. Will e palmeiras simplesmente não combinavam. Eu o via à sombra de arranha-céus, parando um táxi e me puxando no meio da multidão e do trânsito enquanto eu falava Deus sabe o quê, sem prestar atenção em tudo o que acontecia ao redor. Ele precisava de restaurantezinhos obscuros e de adrenalina, de uma cidade com história e cultura, quatro estações e invernos que nos permitissem correr na neve. De um lugar em que eu reclamasse do frio e ele fizesse alguma coisa engraçada para me distrair, e onde pudéssemos ver a fumacinha da nossa risada no ar frio. E, enquanto eu pensava sobre isso, percebia que eu também precisava. Pasadena era ótima, mas não era certa para nós.

– Foi incrível – repeti. – Mas acho que não é o lugar para nós.

– Ok, então isso reduz as opções a...

– Acho que decidi – falei para ele. – Se você estiver pronto para ter essa conversa, é claro. Eu sei que está tarde aí. Ou cedo? Para uma cientista, sou mesmo muito ruim com a matemática do fuso horário.

Ouvi o farfalhar do lençol e percebi que Will estava sentando na cama. Eu o imaginei nu, com o lençol bem na altura do quadril e sua pele quente de sono.

Eu estava com tanta saudade que mal podia aguentar.

– Não, não. Definitivamente estou pronto para conversar – disse ele. – Entusiasmado até.

– Está bem – concordei com um suspiro. Eu podia sentir meu pulso acelerado no peito e sabia que este era um momento importante.

– Você tem certeza de que não quer esperar eu voltar? Para falarmos pessoalmente...

– *Hanna* – ele disse, rindo. – Estou pronto para começar o resto da minha vida com você. Fale comigo.

– Certo, certo. Sim... Como eu disse antes, não consigo imaginar você em Berkeley. E tenho certeza de que não consigo vê-lo em Pasadena. A Caltech é ótima, mas não é para mim. Não é para *nós*. Tudo bem para você?

– Mais do que bem, Ameixa.

– Sei que ainda estamos esperando algumas respostas, mas acho que gosto de Harvard. O programa deles é incrível e, é claro, a faculdade é excelente. Paga um pouco menos que Princeton, mas acho que tenho espaço para negociar lá, embora eu saiba que Nova Jersey seria muito mais fácil em termos de arranjar onde morar e da mudança toda em nossa vida.

– Você sabe que isso não é um fator importante para mim – disse ele. – Você não passou toda sua vida adulta construindo uma carreira para escolher o que é mais fácil.

– Eu sei e agradeço por você entender isso. E você vai ganhar muitos boquetes no futuro por ser um marido tão incrível e compreensivo. Eu amo você.

– Também te amo – ele fez uma pausa. – Então... Harvard? – ele perguntou, e foi impossível não perceber a empolgação em sua voz.

– Acho que sim. Eles querem mesmo que eu trabalhe lá e acho que eu teria mais flexibilidade, o que é... é uma coisa que quero muito. Equilíbrio. Você se lembra disso, não? – eu disse, sorrindo no quarto escuro do hotel.

– Equilíbrio soa maravilhoso para mim. Então vamos nos mudar para Boston?

– Se você achar que podemos ser felizes lá...

– Acho que eu poderia ser feliz em qualquer lugar que você escolhesse – ele falou, e tive a certeza de que ele também estava sorrindo naquele momento.



Se essa coisa de Harvard não desse certo, Will e eu definitivamente não nos daríamos bem abrindo uma empresa de mudança.

No primeiro fim de semana depois da Caltech e a três dias da nossa lua de mel, acordamos, fizemos café juntos, saímos para correr, encontramos os amigos para um *brunch* e voltamos para casa. Dali para a frente, tudo se dissolveu num caos.

Às onze da manhã, não tínhamos feito nada além de cobrir a sala com caixas de papelão dobradas. Não sei como, mas consegui grudar meu rabo de cavalo numa caixa e, quando Will finalmente me encontrou tentando tirar a fita adesiva do cabelo, ele acabou me chupando em cima da mesa de centro.

Eu não sei muito bem como aconteceu.

Não que eu estivesse reclamando.

No nosso quarto, decidimos encaixotar a coleção de gibis de Will.

O criado-mudo é onde a maioria das pessoas guarda pornografia. Enquanto eu via Will tirar suas edições preciosas, uma atrás da outra, e empilhá-las com reverência em cima da cama com um olhar vidrado, percebi que sua reação à pornografia era idêntica.

Joguei-me na cama e comecei a folhear um gibi. Na minha visão periférica, podia ver Will me observando, com as sobrancelhas franzidas e o canto da boca torcido.

– Hanna – disse ele, retirando com cuidado algumas revistas nas quais eu podia, sem querer, deitar-me em cima. – Cuidado, querida. Algumas dessas são mais velhas que você.

– Ah, sim. Desculpe.

Will começou a guardá-las com cuidado nas caixas, e peguei um exemplar com uma heroína especialmente peituda na capa.

– Sério, Will? – eu disse, levantando-a para ele ver. Com um decote enorme, ela estava praticamente se derramando para fora da roupa. – Já vi muitas roupas de gosto duvidoso nessas garotas, mas esta é ridícula, beira o obsceno. Como alguém pode lutar contra o crime vestido assim?

– Ah, uau... – ele falou, ignorando totalmente minha crítica e começando a folhear as páginas. – Faz anos que eu não via essa...

– Que raio de poder ela tem? Ela bate nos bandidos com os peitos? Que roupa é essa que ela está usando? Acho que fico mais coberta do que ela quando tomo banho.

– Essa é a Power Girl, e a roupa dela é assim por um motivo.

– O motivo é fazer adolescentes se masturbarem sem ter de comprar pornografia?

Ele não disse nada, e eu arregalei os olhos.

– Ah, meu Deus! – falei.

– Acho que entendo isso – ele murmurou, enquanto guardava os quadrinhos nas caixas com muito menos cuidado do que um minuto antes.

Rolei na cama, aos risos.

– Espere até eu contar para Max que você se masturbava lendo gibi.

– Hanna, a *maioria* dos caras se masturbava lendo gibi. É o bê-á-bá da masturbação.

– Tá bom, você fez isso parecer muito menos divertido para mim, mas devo dizer que seu fetiche por peitos faz muito mais sentido agora.

E foi assim que, meio-dia e meia, acabamos transando sobre uma pilha de gibis. Ele pode nunca admitir isso, mas acho que o Will adolescente tinha acabado de ticar um item da lista.

Às cinco, Will estava olhando uma caixa de livros na sala quando passei por ele a caminho da cozinha.

– Precisa de ajuda? – ele perguntou, colocando de lado um livro gigante de biologia estrutural e apontando para a caixa que eu carregava.

– Não, esta está leve. São só roupas íntimas, mas percebi que quero experimentar algumas – falei para ele. – Você não está com um exemplar da Power Girl aí no meio, está?

– Que engraçadinha – ele resmungou, virando-se e me seguindo pela sala.

– Posso te deixar sozinho por alguns minutos – ofereci, generosamente.

Coloquei a caixa no aparador e comecei a mexer no conteúdo. Will ficou do meu lado.

– Ah, eu me lembro dessa – ele disse quando eu tirei uma calcinha de seda.

– Lembra?

– Você estava usando na casa dos seus pais quando fui visitá-la na Páscoa.

Ah, sim, a visita fatídica da Páscoa, quando ninguém na minha família sabia que Will e eu estávamos saindo juntos. Eu o atraí para o meu quarto e o convenci a fazer sexo sem camisinha enquanto minha família estava toda reunida lá embaixo.

Deus. A vida inteira de Will passou pelos seus olhos quando Jensen bateu à porta.

– Você não se lembra de comprar sabão em pó, mas se recorda disso? – perguntei.

– Sim. Bem... – Will é bem mais alto que eu, e mesmo estando atrás de mim ele conseguia ver sobre os meus ombros. – Posso? – ele perguntou, mexendo no conteúdo da caixa.

– Divirta-se! – falei e fui até o freezer, voltando com um pote de sorvete. Com a colher na mão, subi no aparador ao lado dele e abri a tampa.

Ele tirou uma calcinha após a outra da caixa, levantando as sobrancelhas e me beijando com vontade sempre que alguma o fazia ter uma lembrança feliz. Aparentemente, tirar as coisas das caixas era muito mais divertido do que guardá-las.

– Espere – disse ele, demorando-se à medida que chegava às mais básicas, no fundo. – Por que nunca vi você usando nenhuma dessas até agora?

Enfiei a colher no pote de sorvete e coloquei na boca.

– Porque essas são as calcinhas para “aqueles dias”.

Os olhos dele voaram para os meus.

– Que dias?

– Menstruação.

Will balançou a cabeça, indiferente, enquanto voltava a olhar a caixa.

– Entendi.

– Você é tão compreensivo às vezes que chega a ser um pouco esquisito.

Bonitinho, mas esquisito.

Ele olhou para mim de novo, com um sorrisinho torto.

– Você tem calcinhas especiais para quando está menstruada e eu que sou esquisito?

Dei de ombros.

– Bom, é...

Ele piscou algumas vezes.

– Por que você se importa?

– Hoje em dia eu não quero estragar as minhas calcinhas boas, mas na época do colégio eu não *tinha* calcinhas boas. – Resfoleguei enquanto pegava outra colherada. – *Ninguém* via minhas calcinhas na época. Sabe, eu até me lembro de uma empresa que um cara abriu chamada Calcinhas Menstruais. Elas tinham nomes, como Semana do Tubarão e Conde Drácula. Acho que tinha até uma que se chamava Rambo: Programado para Sangrar, com um unicórnio que tinha acabado de sair de uma briga de bar ou algo do tipo. – Coloquei outra colher de sorvete de chocolate na boca enquanto Will me observava. Fiz uma pausa.

– O que foi? – perguntei.

– Não consigo me decidir se isso é horrível ou absolutamente genial.

Concordei, engoli o sorvete e disse:

– Se eu me lembro bem, servia para não ter que espantar os avanços indesejados naquela semana. Então, em vez de dizer “desculpa, querido, estou naquela época do mês”, você podia simplesmente colocar esse aviso perto da vagina e mostrar suas calcinhas menstruais.

Fiz o que parecia um movimento em V com a colher em cima da minha virilha e peguei outra colherada de sorvete.

– Você sempre foi estranha assim? – Will perguntou.

Olhei para ele, sem expressão.

Ele pegou umas calcinhas azuis de algodão.

– O que há de errado com essas?

Saltando do balcão, peguei-as e joguei de volta na caixa.

– Bom, nada, na verdade. Exceto que parecem algo que minha mãe usaria.

– Ah, tá, agora você estragou tudo.

Eu ri, jogando uma calcinha nele.

– Estraguei o quê? Eu sou tão preguiçosa que, se não fosse por Chloe, provavelmente usaria a mesma calcinha até o elástico lacear. Mas nenhum cara acha isso sensual *de verdade*.

– Você obviamente não entende nada de homens. Ou, mais especificamente, *deste aqui*.

Eu soltei uma risada.

– Não entendo?

– Não – disse ele, pegando uma calcinha amarela. – Eu não tenho medo de menstruação e você poderia andar por aí com *cinco pares* das piores calcinhas já vistas e eu ainda assim ia querer transar com você.

– É mesmo?

Will pegou minha colher de sorvete e colocou na boca.

– Com certeza.



Vinte minutos depois, saí do quarto – quase nua, exceto por uma regata branca e cinco pares das calcinhas mais feias para “aqueles dias que eu tinha” – e me sentei no sofá, na frente da TV.

Will parou de fechar a caixa com fita adesiva e olhou para mim.

– Uau, Ameixa.

Cruzei as pernas, peguei o controle remoto e liguei a TV.

– William?

Ele se endireitou, colocou o rolo de fita na estante e levou a caixa para uma pilha perto da porta. Então veio na direção do sofá e sentou-se na beirada da mesa de centro, na minha frente.

– O que você está fazendo?

– Só vendo televisão.

Ele olhou para a tela e para mim.

– Mas não fala espanhol.

Pisquei para ele, encarando-o, e mudei de canal.

– Eu estava lendo a legenda.

Will inclinou a cabeça para o lado, passeando com seus olhos da ponta dos meus pés até o meu rosto.

– Você está bonita.

Eu não tinha muita certeza do que eu estava fazendo e na verdade estava começando a suar um pouco. Por que eu sempre decido provar o meu ponto de vista e só depois refletir sobre ele?

– Obrigada – respondi.

A mão dele se curvou em volta do meu tornozelo, passando o polegar na parte de cima do meu pé. Tirei o pé do lugar e me levantei para ir à cozinha, tentando me lembrar de tudo o que Chloe tinha me dito sobre ser sensual. Acho que rebolei um pouco, mais parecendo que estava com câibra.

– Você quer uma cerveja? – perguntei, sem chegar ao final da frase.

Will caiu na risada, dobrando-se de gargalhar, e me jogou de volta no sofá.

– Você está tentando provar seu ponto de vista aqui, Ameixa?

– *Sim!* – gritei, tentando escapar. – Admita que não acha isso nada sensual. Admita!

– Você está brincando? – disse ele, enfiando a cabeça no meu pescoço e cobrindo-me de beijos. Ele fez cócegas na minha barriga e levantou minha blusa até as costelas. – Já faz um tempinho, eu poderia fazer de novo agora.

– *Você está falando sério?* – gritei, rindo e tentando me esquivar dos dedos dele.

Sobre a blusa, ele beijou todo meu colo e entre os seios. Seus dedos desceram até o elástico das calcinhas e, lentamente, ele tentou tirá-las. *Tentou* é a palavra certa, porque cinco pares de calcinhas não se ajustam do mesmo jeito que um só...

– Mas que diabos é isso? – ele exclamou, puxando o tecido.

– É só... Ai, meu Deus, Will – eu me dobrei para o lado de tanto rir, com lágrimas nos olhos. Ele conseguiu tirar o primeiro par, segurando-o vitorioso antes de começar a tirar o segundo.

– Caramba! – disse ele, tentando puxar as calcinhas para baixo sem esgarçá-las ou estragar o elástico.

– Você colocou algum tipo de cola nelas?

– Não!

– Ok... Acho que esta não foi a minha melhor ideia. E você, fique parada! É como tentar descascar uma cebola girando!

– Vou morrer de rir e, quando a polícia finalmente chegar aqui, ainda vou estar com essas calcinhas horrorosas. Por que você simplesmente não tira todas de uma vez?

– Você não espera que eu pense quando todo o meu sangue está no meu pau!

– Eu falei que não era sensual. Admita que eu estava certa que eu tiro todas. Admita que sou mais inteligente que você.

– Tá bom, você com certeza é mais inteligente que eu, e elas são sensuais, sim! – ele falou. – E não vejo nenhuma forma de sair perdendo dessa situação. – Ele levantou minha blusa por cima da cabeça e pegou meus peitos em suas mãos.

– Nós nunca vamos conseguir encaixotar as coisas nesse ritmo – falei, observando enquanto ele chupava um mamilo e depois o outro.

– Eu disse que gostaria de ter contratado alguém, mas isso está sendo divertido. Hoje... – Ele beijou meu peito novamente e depois olhou para mim. – Hoje foi um dia sensacional!

– E você não está preocupado em perder isso? Quando nos mudarmos?

Will balançou a cabeça, colocando um cotovelo em cada um dos meus ombros e olhando para mim.

– Lembra-se de San Diego, no casamento de Ben e Chloe?

– Você quer dizer, quando nós mal saímos do quarto?

Will sorriu.

– Exatamente. Você vai detonar em Harvard e será a melhor professora que eles já tiveram. Eu vou resolver as coisas com Max, talvez até abrir um segundo escritório, e tudo vai dar certo. Como sempre dá, Ameixa.

Agarrei seus quadris, apertando o H tatuado ali, e percebi que ele estava certo.

Isso? Isso era uma constante. Nós podíamos nos mudar para o outro lado do mundo e nada mudaria.

Nós iríamos ficar bem.

Sete

Max e Jensen bateram na mesa com as mãos, rufando os tambores.

– Como foi a lua de mel? – Sara perguntou, e todos suspiraram. – Não quero saber da maldita lua de mel! – Max exclamou. – Já ouço o suficiente sobre a vida sexual deles num dia normal. Diga para onde vocês vão se *mudar*!

– Não sei se aguento – disse Chloe, segurando os dois lados da cadeira. – Juro por Deus que vou perder as estribeiras de um jeito violento se estiverem pensando em se mudar para a Costa Oeste.

– Nós decidimos – disse Hanna para a mesa –, e vamos mudar para...

Ela olhou para mim, e nós dois falamos juntos:

– Cambridge!

Eles comemoraram em coro, parabenizando Hanna por ter sido chamada por Harvard. Levantamos os braços num brinde, tilintando alto os copos.

– Em Boston? – disse Chloe, depois de colocar a taça de vinho na mesa. – Isso fica a trezentos quilômetros daqui!

– Você está feliz ou irritada? – perguntei para ela. – Não sei dizer...

– Eu... também não sei. – Chloe admitiu, com a testa enrugada. – Eu estava me preparando para alguma coisa muito traumática. – Ela piscou para nós. – Boston é uma distância chata. É muito longe para ir dirigindo sempre, mas não faz sentido ir de avião. Além do mais, é *Boston*.

– Não para mim – disse a eles. – Vou ficar lá três dias por semana.

Sara me passou a bebê e foi procurar alguma coisa menos barulhenta para Anna brincar do que a colher que ela estava batendo na mesa. Eu a virei para me olhar e estiquei os lábios para lhe dar um beijo.

Anna agarrou minha boca com sua mão gordinha.

– Vocês vão passar o fim do ano lá? – Sara perguntou. Ela voltou com um chocalho de plástico e percebeu que Anna agarrava meu rosto com força, enquanto Max assistia se divertindo, é claro. – Ai, puxa, Will, isso deve estar doendo!

Sara convenceu a filha a trocar minha boca pelo brinquedo, e Annabel não

demorou em usá-lo como um martelo na minha cabeça.

– Ei! – Max falou, finalmente se inclinando para segurar a mãozinha dela. – Ai, ai, pequena, não faça assim. Isso machuca o tio Will.

– Acho que Anna não está muito entusiasmada com Boston – disse Bennett, de forma direta.

– Tudo bem – falei para Sara, inclinando-me e beijando a bochecha de Anna. – Ela precisa aprender esses movimentos. Ela tem um ano agora; você nunca sabe quando ela vai brigar no beco atrás da creche. – Dei um beijo no narizinho dela. – O fim do ano depende do que os pais de Hanna vão querer fazer – eu disse e olhei para Hanna, que encolheu os ombros.

– Chloe e eu vamos receber os amigos – Bennett interveio. – Meus pais vão passar o mês na Nova Zelândia; então, vamos fazer o Natal lá em casa. E não quero que Sara faça muito esforço com um bebê de um mês.

Todos nós olhamos intrigados para Bennett por um momento e decidimos não questionar seu sentimentalismo repentino.

Olhei para a barriga protuberante de Sara.

– Você parece que está com uma barriga falsa!

Ela suspirou.

– Eu sei. Tire ela daqui de dentro, por favor!

– Para quando que você está esperando mesmo? – perguntou Hanna.

– Para ontem. – Sara piscou, amável. – Eles dizem que o segundo normalmente chega antes. *Mentirosos!*

– Você sabe o que costuma ajudar a induzir o trabalho de parto... – Chloe disse, cantarolando, e Sara olhou fixo para ela.

– Já tentamos isso. – Ela levantou a mão e disse, contando nos dedos: – tentamos sexo, comida apimentada, caminhadas... A única coisa que resta, eu juro, é um bisturi.

Max estremeceu ao lado dela, e Hanna se inclinou do outro lado, colocando um braço em volta dos ombros de Sara.

Ouvi enquanto minha mulher contava os detalhes do pacote de contratação de Harvard e me recostei na cadeira, fazendo caretas para minha afilhada. Era inevitável sentir o nó na garganta de emoção. Nós construímos uma vida aqui, e eu não queria perder esses amigos. Não queria ficar muito longe das pessoas que amávamos.

Tínhamos procurado casas pela internet e tínhamos falado sobre como nossas agendas se casariam. Tínhamos discutido a necessidade de ficar perto de nossa família: tanto da dela quanto da família escolhida, que estava conosco à mesa.

Em Cambridge, ficaríamos tão perto dos Bergstrom que seria a vez de Hanna encher o saco de Jensen para ele namorar, e perto o bastante desses idiotas para passarmos os feriados juntos.

Olhei para Hanna enquanto ela conversava animada, alegre como nunca. Ela pegou um guardanapo e desenhrou o *layout* do laboratório; depois olhou culpada para mim, virou o guardanapo e desenhrou a planta da casa de que tinha gostado.

Massachusetts não tinha ideia do que estava por vir, mas eu tinha.

Aquela chefe irresistível do outro lado da mesa estava prestes a tomar conta do Estado inteiro.

Agradecimentos

Quando os leitores pedem mais histórias de alguns casais, para nós é divertido tentar transformar isso em realidade. E, com frequência, a sensação é de uma reunião de família quando nos sentamos e escrevemos mais um pequeno vislumbre sobre o seu mundo.

Will e Hanna têm um lugar especial no nosso coração, porque foi o primeiro livro que escrevemos juntas quando, de fato, nos sentimos *autoras*, em vez de mulheres de outra profissão que também escreviam livros. E acho que esta constatação repercutiu com os leitores de uma forma realmente duradoura. Então, antes de mais nada, agradeço a cada leitor e blogueiro que escolheu e leu nossos livros e depois nos contou do que gostou, do que não gostou, e do que gostaria de ler mais. Sem vocês, nós não existiríamos.

Agradeço àquelas pessoas essenciais do nosso pequeno mundo: Holly Root (agente extraordinária), Adam Wilson (editor com os melhores comentários nas margens do texto e links do YouTube), Kristin Dwyer (nossa queridinha, e também relações públicas – hehe), e todo mundo da família Gallery: Jen Bergstrom, Louise Burke, Carolyn Reidy, Diana Velasquez, Theresa Dooley, nossa incrível equipe de vendas (sério, queremos pagar um jantar e drinques para todos vocês), e todos que tiveram de corrigir nossas vírgulas e/ou questionar as “exclamações sexuais” com um tom profissional. Vocês merecem um bônus. Tem um à espera de cada um de vocês no escritório de Adam.

Seríamos um monte de lixo incoerente sem Erin Service e Tonya Irving. Nossa mídia social seria uma paisagem deserta sem Lauren Suero pilotando o navio e Heather Carrier tornando as coisas bonitas. Nossas famílias nos fazem sorrir sempre e manter a sanidade, mas você, querido leitor, faz com que tudo isso seja o melhor trabalho do mundo.

IRRESISTÍVEIS

A SÉRIE MAIS SEXY DE
TODOS OS TEMPOS CHEGA
AO EPISÓDIO FINAL...

CHRISTINA
LAUREN

UNIVERSO DOS LIVROS

IRRESISTÍVEIS

**CHRISTINA
LAUREN**

São Paulo
2017

UNIVERSO DOS LIVROS

Portuguese Language Translation copyright © 2017 by Universo dos Livros Editora Ltda.

Beautiful

Copyright © 2016 by Christina Hobbs and Lauren Billings
All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher, Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

© 2017 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editores-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Mauricio Tamboni**

Preparação: **Clarisse Cintra | BR75**

Revisão: **Cely Couto e Alexander Barutti**

Adaptação de capa: **Francine C. Silva**

Arte: **Francine C. Silva, Valdinei Gomes, Carlos Roberto e Vanúcia Santos**

Design original da capa: **Fine Design**

Foto de capa: **Volodymyr Leshchenko**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412i

Lauren, Christina

Irresistíveis / Christina Lauren ; tradução de Mauricio Tamboni. – – São Paulo: Universo dos Livros, 2017. (Beautiful Bastard, 10)

384 p.

ISBN: 978-85-503-0092-4

Título original: Beautiful

1. Literatura norte-americana 2. Literatura erótica 3. Ficção I. Título II. Tamboni, Mauricio

17-0572

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

A A. K. W., por cada sorriso paciente e cada batalha enfrentada.

Um

PIPPA

Tentei não me mostrar amargurada demais por existir uma correlação próxima entre o entendimento e a análise retrospectiva.

Por exemplo, somente quando está diante da prova final é que você se dá conta de que poderia ter estudado um pouco mais.

Ou, talvez, olhando para o cano de uma arma apontada para a sua cabeça você pense: “Deus, eu fui mesmo um idiota.”

Ou talvez você esteja olhando para a bunda branca do seu namorado idiota enquanto ele mete em outra mulher na cama, e aí pense com um toque de sarcasmo: “Ah, então foi por isso que ele nunca consertou as escadas. Elas eram o alarme de que Pippa estava chegando.”

Arremessei minha bolsa contra ele, golpeando-o e acertando-o diretamente nas costas. O barulho foi como o de cem batons atingindo uma parede de alvenaria.

Para um traidor, mentiroso e pé no saco de 40 anos, Mark realmente estava em forma.

– Seu filho da puta! – bufei enquanto ele tentava, sem a menor elegância, sair de cima dela.

Os lençóis haviam sido arrancados da cama – o cara era preguiçoso pra caramba, é claro que não iria querer levar as roupas de cama para a lavanderia da esquina antes de eu chegar em casa – e seu pau ricocheteou na barriga.

Ele o cobriu com a mão.

– Pippa!

Em sua defesa, devo dizer que a mulher, mortificada, escondeu o rosto atrás das mãos.

– Mark! – ela arfou. – Você não me disse que tinha uma namorada.
– Que curioso! – respondi por ele. – Ele não me disse que tinha *duas*.

Mark deixava escapar gemidos de terror.

– Vamos – disse a ele, erguendo o queixo. – Pegue suas coisas e vaze daqui.

– Pippa – ele conseguiu pronunciar. – Eu não sabia...

– Que eu viria para casa no horário do almoço? – perguntei. – Sim, eu imaginei que não soubesse, queridinho.

A mulher se levantou, humilhada, tentando encontrar suas roupas. Acho que a atitude decente a tomar seria me virar e deixá-los se vestir em seu silêncio cheio de vergonha. Mas, na verdade, se eu fosse ser justa, a atitude decente a ser tomada pela mulher não seria alegar não saber que Mark tinha namorada quando tudo naquele maldito quarto era decorado com tons de turquesa e os abajures ostentavam enfeites de rendas.

Ela achou que estava visitando o apartamento da mãe dele? Ah, dá um tempo, porra.

Mark vestiu as calças e se aproximou de mim com as mãos erguidas, como se estivesse chegando perto de um leão.

Dei risada. Naquele momento, eu era muito mais perigosa do que um leão.

– Pippa, minha querida, eu sinto muito.

Ele deixou as palavras se espalharem no espaço entre nós como se elas pudessem realmente ser suficientes para aliviar a minha raiva.

Em um instante, um discurso inteiro tomou conta da minha cabeça, totalmente formado e articulado. Um discurso sobre eu trabalhar quinze horas por dia para apoiar a *start-up* dele, sobre ele viver e trabalhar no meu apartamento, mas não ter lavado um copo sequer em quatro meses, sobre ele se dedicar muito mais a divertir essa mulher do que a *me* fazer feliz nos últimos seis meses. Porém, concluí que Mark não merecia nem esse tanto da minha energia, por mais glorioso que o discurso fosse.

Além disso, seu desconforto – que aumentava a cada segundo que passava sem que ele ouvisse uma única palavra minha – era maravilhoso. Olhar para ele não me fazia mal algum. Talvez você pense que ficar olhando não me traria nenhum alívio em uma situação assim. Mas longe disso: olhar para ele incendiava alguma coisa dentro de mim. Imaginei que talvez fosse o meu amor por ele, queimando como uma folha de jornal colocada junto a um fósforo aceso.

Ele deu um passo mais para perto.

– Não consigo imaginar como você está se sentindo agora, mas...

Inclinando a cabeça e sentindo a fúria ferver dentro de mim, eu o interrompi:

– Ah, não consegue? Shannon deixou você para ficar com outro homem. Então, tenho a impressão de que sabe *exatamente* o que eu estou sentindo.

Quando falei isso, as memórias dos primeiros dias tomaram forma, memória de quando nos conhecemos no pub, de quando éramos apenas amigos e tínhamos longas conversas sobre as minhas aventuras românticas e os seus fracassos amorosos. Lembrei-me de quando percebi que ele realmente amava a esposa e do quão arrasado ficou ao perdê-la. Tentei evitar me apaixonar por ele – por seu senso de humor afiado, os cabelos ondulados e negros, os olhos castanhos luminosos –, mas não consegui. E aí, para minha imensa alegria, uma noite se transformou em algo mais.

Três meses depois, ele se mudou para a minha casa.

Seis meses depois disso, pedi para ele arrumar uma tábua que estava rangendo na escada.

Dois meses depois *disso*, desisti e eu mesma consertei a escada.

Foi ontem.

– Pegue as suas coisas no armário e vá daqui.

A mulher passou apressada por nós, sem nem olhar. Eu conseguiria lembrar como era seu rosto? Ou só me lembraria de Mark metendo nela e de seu pau ricocheteando com força enquanto ele me olhava em pânico?

Ouvi a porta principal bater alguns segundos depois, mas Mark continuava parado.

– Pippa, ela é só uma amiga. É a irmã do Arnold, do futebol, e se chama...

– Não me diga o maldito nome dela – gritei, rindo incrédula. – Estou pouco me fodendo para como ela se chama.

– Mas e...?

– E se for um nome bonito? – interrompi. – E se, algum dia no futuro, eu estiver casada com *um cara muito legal* e tivermos uma filha e meu marido sugerir esse nome? Aí vou ter que dizer “Ah, é um nome lindo, mas, infelizmente, Mark trepou com uma garota que tinha o mesmo nome na minha cama, com os lençóis empurrados para o lado porque ele é um tarado preguiçoso. Então, não, acho que não é um nome legal para a nossa filha.” – Encarei-o. – Você arruinou o meu dia. Talvez a minha semana. – Pensativa, inclinei a cabeça. – Mas sem dúvida não arruinou o meu mês, porque aquela bolsa da Prada que comprei na semana passada é maravilhosa, e nem você ou o seu rabo branquelo e infiel podem acabar com isso.

Ele sorriu, tentando não dar risada.

– Mesmo agora – falou baixinho, com adoração. – Mesmo depois que eu a traí desse jeito, você é *tão divertida*, Pippa.

Fiquei boquiaberta.

– Mark. Caia fora do meu apartamento.

Ele piscou os olhos como se o gesto fosse um pedido de desculpas.

– Mas é que eu tenho uma teleconferência às quatro da tarde com os italianos, entenda, e eu pensei que pudesse fazê-la daqui...

Dessa vez foi minha mão em sua cara que o interrompeu.



Coco trouxe uma xícara de chá para mim e acariciou meus cabelos.

– Ele que se foda – sussurrou, para o terror de Lele.

Lele adorava motocicletas, mulheres, rúgbi e Martin Scorsese. Mas não gostava, conforme já havíamos descoberto, que sua esposa falasse palavrões em casa.

Enterrei meu rosto em meus braços cruzados.

– Mãe, por que os homens são tão babacas?

O “mãe” era para as duas, porque é o título pelo qual as duas atendem. No início, foi confuso – gritar por uma e as duas se virarem para responder – e o motivo pelo qual, assim que aprendi a falar, Colleen e Leslie me deixaram chamá-las de Coco e Lele, em vez de “mãe”.

– São babacas porque... – Coco começou, mas logo se conteve, refletindo: – Bem, nem todos eles são babacas, são?

Imagino que ela tenha olhado para Lele em busca de uma confirmação, pois sua voz voltou mais forte quando ela disse:

– E sejamos claras: as mulheres também podem ser babacas.

Lele veio em seu socorro:

– O que podemos dizer é que Mark sem dúvida é um babaca e todas nos sentimos um pouco pegadas de surpresa por isso, não é verdade?

Era triste também para minhas mães. Elas gostavam de Mark. Apreciavam o fato de ele ter algo entre a minha idade e a idade delas. Apreciavam o gosto sofisticado que ele tinha para vinhos e o fato de ouvir Bob Dylan e Sam Cooke. Enquanto estava comigo, Mark gostava de fingir que tinha vinte e poucos anos. Quando estava com elas, facilmente se transformava no melhor amigo de lésbicas de cinquenta e poucos. Agora me pergunto qual versão de si mesmo ele usava com a vagabunda sem nome.

– Sim e não – admito, sentando e secando o rosto. – Em retrospectiva, eu me pergunto se talvez Mark tenha ficado tão furioso com Shannon porque *ele mesmo* nunca pensou em trair.

Observo os olhos arregalados e preocupados das duas.

– Quero dizer, ele nem sabia que era uma *opção* até trair. Talvez seja uma opção terrível se você está infeliz, mas mesmo assim é uma opção. – Senti o sangue deixando o meu rosto. – Talvez tenha sido a forma mais rápida e simples

de terminar comigo.

Elas me encaram, atônitas ao testemunharem o terror ganhando força dentro de mim.

– Será? – insisti, deslizando o olhar de uma para a outra. – Ele estava tentando terminar e eu estava cega demais para ver? Será que dormiu com uma mulher na minha própria cama para tentar me afastar? – Passo a mão sobre a boca. – Será que Mark é um enorme covarde com um pau incrível?

Coco cobriu a própria boca para tentar segurar o riso. Lele parecia pensar no assunto.

– Não posso comentar sobre o pau, meu amor, mas eu diria, sem dúvida, que o cara é um covarde.

Lele segurou meu cotovelo e me guiou com sua pegada sólida para que eu ficasse em pé e a acompanhasse até o sofá macio. Então me puxou junto ao seu corpo alto e rígido, e, em uma fração de segundo, as curvas de Coco também estavam ali, me aquecendo do outro lado.

Quantas vezes já tínhamos nos sentado assim? Quantas vezes fizemos essa coisa de sentar juntas em um sofá para pensar sobre o mistério do comportamento dos meus namorados? Juntas, discutíamos justamente isso. Nem sempre chegávamos a respostas, mas em geral nos sentíamos bem melhor depois de um bom abraço no sofá.

Dessa vez, elas não se esforçaram muito para criar suas hipóteses. Quando sua filha de 26 anos vem para casa enfrentando problemas com um homem e você é parte de um casal de lésbicas cujo primeiro amor dura mais de trinta anos, não há muito a dizer além de “ele que se foda”.

– Você está trabalhando demais – murmurou Lele, beijando meus cabelos.

– E odeia o seu trabalho – Coco sussurrou, concordando e massageando meus dedos.

– E vocês sabem que foi justamente por isso que fui almoçar em casa. Eu estava com vontade de rasgar minhas pilhas de tabelas e jogar o café de Tony na cara dele, então imaginei que um bom café caseiro e alguns biscoitos pudessem melhorar o meu dia. Que ironia.

– Você pode pedir demissão do trabalho e vir morar aqui com a gente – Coco lançou a proposta.

– Ah, mãe, eu não quero – falei baixinho, ignorando o fato de a sugestão acender uma pequena chama dentro de mim. – Eu não faria isso.

Estudei a sala de estar à nossa frente. A pequena televisão que era usada mais como um suporte para os vasos cheios de flores de Coco e menos para sua finalidade ideal; o tapete azul e áspero que costumava ser um campo minado de sapatos de Barbie escondidos; o assoalho meticulosamente manchado saindo por

debaixo dele.

Eu odiava o meu trabalho. Odiava o meu chefe, Tony. Odiava o tédio infernal das intermináveis horas analisando números. Odiava o transporte público e o caminho até o escritório e não tinha nenhum amigo ali depois que Ruby foi embora, quase um ano e meio atrás.

Odiava o fato de cada dia parecer grudar no dia seguinte e tudo formar uma massa confusa.

Mas talvez eu seja uma sortuda, lembrava a mim mesma. Pelo menos eu tenho um emprego, não é? E amigos, embora a maioria deles passe mais tempo fofocando no bar do que fazendo qualquer outra coisa. Tenho duas mães que me amam mais do que tudo e um guarda-roupa que faria a maior parte das mulheres babar de inveja. Sério, Mark às vezes era um amor, mas, se eu for ser justa, também era um saco. Pau legal, língua preguiçosa. Em forma, mas meio desajeitado, agora que penso no assunto. Quem precisa de um homem? Eu não.

Eu tinha tudo isso – uma vida boa, de verdade. Então, por que me sentia um lixo?

– Você precisa de férias – Lele sugeriu.

Senti algo dentro de mim estourar: uma pequena explosão de alívio.

– Isso! Férias!



O Heathrow estava uma loucura infernal na manhã de sexta-feira.

“Voe na sexta”, Coco disse.

“Vai ser tranquilo”, ela disse.

Parece que eu não devia aceitar conselhos de uma mulher que não pisa em um avião há quatro anos. Todavia, ela parecia um modelo de sabedoria se comparada a mim: seis anos haviam se passado desde o meu último voo. Eu nunca viajava a trabalho. Tomei um trem para Oxford para visitar Ruby, e tomei um trem para Paris com Mark quando quisemos férias rápidas para nos fartar com comidas e vinhos e uma aventura sexual selvagem com a Torre Eiffel ao fundo.

Sexo. Deus, como sinto falta de sexo.

Porém, eu tinha coisas mais importantes em minha mente e agora me perguntava se neste exato momento havia mais gente no Heathrow do que em toda a cidade de Londres.

As pessoas não trabalham mais?, pensei. Está claro que eu não sou a única viajando antes de a semana de trabalho chegar ao fim, em umas não férias aleatórias em pleno outubro para escapar do tédio infernal do meu trabalho e

da traição, do golpe que...

– Vamos logo – uma mulher rosnou atrás de mim.

Ela me assustou e me afastou dos pensamentos que rolavam em minha cabeça enquanto eu esperava na fila para passar pela segurança.

Dei três passos para a frente e olhei por sobre o ombro.

– Melhor assim? – perguntei indiferente agora que estávamos paradas exatamente na mesma ordem, apenas mais perto da agente verificando os passaportes.

Trinta minutos depois, eu estava no meu portão. E precisava de... algum passatempo. Os nervos se repuxavam em meu estômago, o tipo de ansiedade que me fazia sentir em dúvida se era melhor comer ou ficar com fome. Não que eu nunca tivesse tomado um voo antes... eu só não tinha voado *muito*. Para ser mais clara, eu me sentia normal na minha vida cotidiana. Tinha uma loja preferida em Maiorca, aonde eu ia para comprar saias novas. Tinha uma lista de cafés em Roma que eu poderia apresentar a qualquer um que fosse visitar a cidade pela primeira vez. Mesmo assim, eu me sentia um peixe fora d'água no Heathrow, justamente no Heathrow. Ali tudo era sério e nada de perder tempo ou bloquear plataformas e passagens do metrô, nada de ficar parada do lado errado da escada rolante, mas, de alguma maneira, pensei que o aeroporto fosse ser mais acolhedor – a porta de entrada para uma aventura.

Parece que não. Era enorme e, mesmo assim, as multidões se mostravam surpreendentemente gigantes. O agente no nosso portão gritava informações ao mesmo tempo que outro agente em outro portão emitia anúncios parecidos. As pessoas embarcavam e tudo parecia um caos, mas, quando olhei em volta, ninguém além de mim parecia se incomodar com tudo aquilo. Olhei para o meu cartão de embarque, agarrado na mão. Minhas mães tinham comprado uma passagem de primeira classe para mim – um mimo, disseram – e eu sabia o quanto isso havia lhes custado. É claro que o avião não partiria sem mim, não é mesmo?

Um homem parou ao meu lado, usando um terno azul-marinho e sapatos perfeitamente polidos. Parecia muito mais seguro de si do que eu parecia.

Fique ao lado dele, pensei. Se ele não embarcou, certamente ainda não chegou a minha hora de embarcar.

Deixei meus olhos vagarem por seu pescoço até seu rosto e senti uma leve vertigem. É claro que eu estava vendo o mundo pela lente de alguém que acabava de sair de um relacionamento, mas o cara era *lindo*. Os cabelos eram pesados, loiros; os olhos verdes profundos analisavam o cartão de embarque em sua mão; o maxilar estava no ponto para eu morder.

– Com licença – falei, tocando em seu braço. – Poderia me ajudar?

Ele olhou para onde eu toquei e lentamente me encarou e sorriu.

Os cantos de seus olhos se repuxaram e uma única covinha brotou em sua bochecha esquerda. Ele tinha dentes perfeitos, americanos. E eu estava suada e esbaforida.

– Você poderia me ensinar como as coisas funcionam por aqui? – pedi. – Faz muitos anos que não viajo de avião. Agora é minha hora de embarcar?

Ele acompanhou meu olhar, apontado para a passagem em minha mão, e a inclinou um pouquinho para conseguir ler.

Unhas limpas e curtas. Dedos longos.

– Ah! – falou, dando uma risadinha. – Olhando para o portão de embarque, acrescentou: – Agora é o embarque prioritário, de pais com crianças de colo e pessoas que precisam de um pouco mais de tempo. A primeira classe vem em seguida. Quer me acompanhar?

Eu o acompanharia até para atravessar o portal do inferno, senhor.

– Seria ótimo – falei. – Obrigada.

Ele assentiu e se virou outra vez na direção do atendente.

– A última vez que viajei de avião foi para a Índia, seis anos atrás – contei a ele, que voltou a olhar para mim. – Eu tinha 20 anos e fui a Bangalore com minha amiga Molly, que tinha uma prima trabalhando em um hospital lá. Molly é um amor de pessoa, mas somos péssimas viajando juntas e quase embarcamos por acidente em um avião com destino a Hong Kong.

Ele deu uma risadinha. Eu sabia que estava tagarelando nervosamente e ele estava sendo apenas educado, mas não consegui não concluir a história inútil.

– Uma mulher muito gentil no portão de embarque nos ajudou e saímos correndo para o outro terminal, para onde nosso voo tinha sido transferido. Não prestamos atenção aos anúncios porque estávamos bebendo cerveja no restaurante, e conseguimos chegar ao avião pouco antes de fecharem o embarque.

– Sortudas – ele murmurou. Erguendo o queixo na direção da passarela quando o funcionário anunciou que o embarque da primeira classe estava aberto, ele me disse: – Agora é a nossa vez. Vamos.

O homem era alto e, enquanto ele andava, seu traseiro me fez lembrar Patrick Swayze em *Dirty Dancing*. Deslizando o olhar por seu corpo, cheguei a me perguntar quanto tempo um homem levava para polir um sapato com tanta perfeição. Se eu procurasse um único fio solto em seu terno, uma única fibra de tecido fora do lugar, certamente sairia de mãos vazias. Ele era meticuloso, mas não era rígido.

O que ele faz?, eu me perguntava enquanto enfim entrávamos no avião. *Homem de negócios. Provavelmente está aqui a trabalho, tem uma amante em*

algum apartamento requintado de Chelsea. E a deixou hoje de manhã, amuada na cama, usando a lingerie que ele comprou ontem para ela para se desculpar por uma reunião que se estendeu até muito tarde. Ela ofereceu o jantar para ele sobre lençóis de seda e depois o amou durante toda a noite, até ele levantar da cama às quatro da manhã para começar a polir os sapatos...

– Moça – disse, como se tivesse repetido pelo menos uma vez.

Dei um salto, estremecendo, me desculando.

– Desculpa, eu...

Ele acenou para que eu me sentasse próximo à janela e então coloquei a bolsa abaixo da cadeira à minha frente.

– Desculpa – repeti. – Eu tinha me esquecido de como os embarques podem ser *organizados*.

Acenando para que eu não me preocupasse, ele disse:

– É que eu viajo muito de avião. Fico no piloto automático, por assim dizer.

Observei enquanto ele meticulosamente pegava seu iPad, fones de ouvido com cancelamento de ruído e um pacote de lenços antissépticos. Usou um deles para limpar o apoio de braço, a mesinha de refeições e as costas da cadeira à sua frente antes de puxar outro lenço para limpar as mãos.

– Você veio preparado – murmurei, sorrindo.

Ele riu como quem se sentia observado.

– Como eu disse...

– Você viaja muito de avião – terminei para ele, dando risada. – Você é sempre tão... vigilante?

O homem olhou para mim como quem estava se divertindo.

– Em uma palavra, sim.

– E você recebe provocações por causa disso?

Seu sorriso era uma rara combinação de homem reservado e travesso e fez brotar uma leve e deliciosa reação em meu rosto.

– Sim.

– Bem, que bom. É uma coisa legal, mas digna de um pouco de zoeira.

Ele deu risada e voltou a cumprir sua tarefa, jogando os lenços usados em um saquinho de lixo.

– Anotado.

A comissária se aproximou e entregou um guardanapo para cada um de nós.

– Meu nome é Amelia e vou atendê-los durante este voo. Gostariam de beber algo antes da decolagem?

– Água tônica e limão, por favor – meu colega de assento rapidamente pediu.

Amelia olhou para mim.

– Hum... – comecei, estremecendo um pouquinho. – Quais são as opções?

Ela riu, mas com gentileza.

– O que a senhora quiser. Café, chá, suco, refrigerante, coquetéis, cerveja, vinho, champanhe...

– Ah, champanhe! – exclamei, batendo as palmas das mãos. – Parece uma forma muito apropriada de dar início às férias!

Inclinei o corpo para mexer na bolsa.

– Quanto é?

O homem me deteve, apoiando a mão em meu braço e dando um sorriso confuso.

– É *de graça*.

Olhando para ele por sobre o ombro, percebi que Amelia já tinha saído para buscar nossas bebidas.

– *De graça?* – repeti embasbacada.

Ele assentiu.

– Em voos internacionais, eles servem bebidas de graça. E, bem, na primeira classe, tudo é sempre de graça.

– Ah, *merda* – proferi, ajeitando-me. – Eu sou uma idiota. – E usei os dedos do pé para empurrar a bolsa outra vez para debaixo da cadeira. – É a primeira vez que viajo na primeira classe.

Ele se aproximou um pouquinho e sussurrou:

– Eu nem tinha percebido.

Não consegui resistir à sua voz e olhei para ele, que piscou os olhos em tom de brincadeira.

– Mas percebeu que estou fazendo tudo errado? – brinquei, sorrindo.

Com ele tão próximo e seu cheiro de homem e amaciante de roupas e cera de sapatos, meu coração batia como um tambor em minha garganta.

– Não tem jeito errado de fazer as coisas.

O que foi que ele disse? Meu sorriso ficou ainda maior.

– Você não vai me deixar esquecer todas as minhas garrafas de bebida espalhadas aqui, vai? – sussurrei.

Ele ergueu três dedos.

– Palavra de escoteiro.

Ajeitando o corpo, colocou o pequeno saco de lixo em sua pasta e a colocou próximo a seu pé.

– Está voando para casa? Ou voando para longe? – perguntei.

– Para casa – veio a resposta. – Eu sou de Boston. Passei a última semana em Londres a trabalho. Você disse que está de férias, então imagino que esteja partindo rumo ao seu destino?

– Estou, sim. – Ergui os ombros para respirar fundo. – Estou voando para

longe. Precisava de uma pausa da minha realidade aqui.

– Uma pausa nunca é ruim – murmurou, olhando diretamente para mim. Seu foco calmo era um pouco enervante, para dizer a verdade. O homem era claramente escandinavo. Seus olhos eram tão verdes, seus traços tão definidos. Era quase como se um foco de luz me engolisse quando ele voltava sua atenção para mim. O que me deixava vertiginosa e ligeiramente constrangida. – O que especificamente a leva a Boston?

– Em primeiro lugar, meu avô mora lá – respondi. – E aparentemente muitos amigos também. – Dei risada. – Vou conhecer todos eles em um passeio pelas vinícolas da Costa Leste. Literalmente *conhecer* um grupo de pessoas pela primeira vez, mas, nos últimos dois anos, uma amiga falou tanto deles que sinto como se já os conhecesse.

– Parece uma aventura e tanto. – Ele olhou muito rapidamente para os meus lábios antes de voltar a fitar meus olhos. – Jensen – falou, apresentando-se.

Estendi o braço, estremecendo ao sentir o toque frio das minhas pulseiras de metal, e apertei sua mão estendida.

– Pippa.

Amelia trouxe nossas bebidas e nós a agradecemos antes de levantar nossas taças e fazer um brinde.

– Aos que estão voando para casa e aos que estão voando para longe – propôs Jensen com um leve sorriso. Brindamos antes de ele continuar: – De onde vem esse nome, Pippa? É um apelido?

– Pode ser – expliquei. – Costuma ser um apelido para Phillipa, mas, no meu caso, é só Pippa. Pippa Bay Cox. Minha mãe, Coco, é americana. Coco Colleen Bay, e é daí que vem o meu sobrenome. Ela sempre adorou o nome Pippa. Quando minha mãe Lele engravidou do irmão de Coco, Coco prometeu que, se eu fosse menina, elas me chamariam de Pippa.

Jensen deu risada.

– Desculpa, mas... Sua mãe ficou grávida do *irmão* da sua outra mãe?

Ah, céus. Sempre me esqueço de explicar essa história de uma maneira mais delicada...

– Não, não, não diretamente. Foi inseminação – expliquei, também rindo. Que imagem mental eu estava criando. – Na época, as pessoas não eram tão abertas quanto hoje à ideia de alguém ter duas mães.

– Sim – ele concordou. – É provável que não. Você é filha única?

... porque a história sempre toma esse caminho.

– Sim, sou – confirmei, assentindo. – Você tem irmãos?

Jensen sorriu:

– Tenho quatro.

– Ah, Lele adoraria ter tido mais filhos – comentei, balançando a cabeça. – Mas, enquanto ela ainda estava grávida de mim, tio Robert conheceu tia Natasha, encontrou um Deus todo cheio de julgamentos e chegou à conclusão de que o que havia feito era pecado. Ele acha que eu sou uma abominação. – Tentando melhorar o clima, acrescentei: – Vamos torcer para tio Robert nunca precisar de medula ou de um rim, não é mesmo?

Jensen pareceu levemente horrorizado.

– Isso.

Sentindo um pouco de culpa, percebi que estávamos sentados juntos havia menos de cinco minutos e eu já tinha contado toda a minha história.

– Mas enfim – resolvi concluir o assunto. – Elas tiveram que ficar apenas comigo. Ainda bem que eu as mantive muito ocupadas.

Sua expressão ficou mais suave.

– Posso apostar que sim.

Ergui a taça, tomei um gole de champanhe e observei as bolhas se formando.

– Agora elas querem ter netos, mas, graças ao Babacão, vão ter que esperar mais um pouco.

E terminei a bebida com um último gole.

Quando Amelia olhou para mim, ergui a taça.

– Temos tempo para mais uma antes de decolar?

Com um sorriso, ela pegou a taça para enchê-la outra vez.



– Veja como Londres é enorme! – murmurei, olhando pela janela enquanto o avião subia. A cidade se estendia lá embaixo e era lentamente engolida pelas nuvens. – Maravilhosa.

Quando olhei para Jensen, ele rapidamente tirava o fone de um dos ouvidos, segurando-o delicadamente na mão.

– Desculpe, não ouvi.

– Ah, não é nada. – Senti minhas bochechas esquentarem e não sabia se era de constrangimento por estar falando demais, dividindo coisas demais com meu colega de assento, ou por causa do champanhe. – Eu não tinha percebido que você estava com fones. Só estava comentando que Londres é enorme.

– É mesmo enorme – falou, inclinando-se um pouquinho para olhar. – Você sempre morou aqui?

– Fiz faculdade em Bristol – contei. – Depois voltei, quando arrumei um emprego na firma.

– Na firma? – perguntou, agora retirando os dois fones dos ouvidos.

– Isso. Empresa de engenharia.

Impressionado, Jensen arqueou as sobrancelhas e eu rapidamente voltei a falar para ver se ele voltava ao normal.

– Sou uma sócia minoritária – expliquei. – Minha formação é em matemática, então fico analisando números para ter certeza de que não estamos usando a quantidade errada de concreto.

– Minha irmã é engenheira biomédica – contou orgulhoso.

– São coisas bem diferentes – esclareci, sorrindo. – Ela faz coisas bem pequenininhas e a gente faz coisas enormes.

– Mesmo assim, o seu trabalho é impressionante.

O comentário me fez sorrir.

– E você?

Jensen respirou fundo deliberadamente e eu passei a suspeitar que a última coisa que queria era falar de trabalho.

– Sou advogado. Trabalho com direito empresarial e cuido dos passos que precisam ser dados quando acontecem fusões de empresas.

– Parece complicado.

– Sou bom com detalhes. – Encolheu o ombro. – Meu trabalho tem muitos detalhes.

Olhei outra vez para ele: o vinco perfeito nas calças, aqueles sapatos marrons brilhando, os cabelos penteados sem um fio sequer fora de lugar. Sua pele parecia muito cuidada, as unhas perfeitamente aparadas. Sim... Eu podia ver que ele era um homem de detalhes.

Olhei para as minhas roupas: um vestido básico, meia calça listrada de roxo e preto, botas de salto alto até os joelhos e o braço cheio de pulseiras. Meus cabelos estavam presos em um coque bagunçado e eu não tivera tempo de me maquiar antes de sair correndo para pegar o metrô.

Éramos um par e tanto.

– Há momentos em que desejo que tivéssemos mais mulheres bonitas na empresa – falou, acompanhando o meu olhar. Ficou em silêncio para respirar e, por fim, acrescentou: – Uma pena não precisarmos de ninguém com formação em matemática.

Eu me permiti aceitar esse elogio enquanto ele rapidamente – e quase desajeitadamente – voltava a ouvir música e a ler. Somente quando Jensen disse isso percebi que tinha começado a me sentir meio maçante. Não conseguia manter a atenção do meu namorado. Não conseguia reunir a energia necessária para avançar na carreira. Não tinha tirado férias havia meses, não tinha saído e me irritado com minhas amigas havia ainda mais tempo. Nos últimos meses, sequer me preocupava em tingir meus cabelos loiro-avermelhados de alguma cor

que me agradasse. Eu estava presa à rotina.

Estava.

Não mais.

Sorrindo, Amelia se aproximou.

– Mais uma?

Entreguei minha taça para ela, sentindo as férias, a aventura, o escape tomarem conta do meu sangue.

– Sim, por favor.



O champanhe traçava seu caminho, fazendo espuma ao passar por meu peito, chegando aos meus membros. Eu praticamente sentia pequenos fragmentos do meu corpo relaxando, desde os dedos até o braço e os ombros, e olhava para minhas mãos – droga, esmalte descascando – conforme o calor deslizava pela tatuagem de pássaro em meu ombro.

Inclinei a cabeça para trás, suspirando com alegria.

– Isso é tão melhor do que andar pelo apartamento tentando encontrar as coisas que o Tarado deixou para trás quando foi embora.

Ao meu lado, Jensen pareceu assustado.

– Desculpe, como? – perguntou, puxando um fone do ouvido.

– Mark – esclareci. – O Tarado. Eu não contei para você?

Parecendo contente enquanto deixava seus olhos deslizarem por meu rosto – concluindo que eu estava bêbada, sem dúvida, mas eu não dava a mínima –, Jensen falou gentilmente:

– Você não tinha comentado nada, não.

– Na semana passada, fui para casa e encontrei meu namorado fodendo uma boceta inominável.

E soluzei.

Jensen mordeu o lábio para conter o riso.

Eu já estava tão bêbada assim? Só tinha tomado... contei nos dedos. Puta merda! Tinha tomado quatro taças de champanhe com o estômago vazio.

– Aí eu o expulsei – contei, ajeitando o corpo e me esforçando para soar mais sóbria. – Mas, no fim das contas, não é tão simples assim. Ele disse que, depois que você vive com alguém por oito meses, é impossível arrumar a mudança em um dia. Falei para ele levar o que conseguisse e eu queimaria o resto.

– Você obviamente estava muito nervosa – Jensen falou baixinho, tirando o outro fone do ouvido.

– Eu estava furiosa, e magoada... Porra, eu tenho 26 anos, ele tem mais de 40.

Não deveria procurar uma trepada em outro lugar! Você não concorda? Aposto que sua amante londrina que fica de lingerie enquanto lhe serve comida na cama é mais nova, em forma e perfeita, não é?

Um leve sorriso brotou em seu rosto.

– Minha amante londrina?

– Não que eu seja perfeita, e sei muito bem que jamais servi comida na cama, mas eu serviria... se ele insistisse ou quisesse ficar o dia todo na cama. Mas o cara tinha que trepar com a amiguinha na hora do almoço, então por que iria querer ficar o dia todo na cama comigo?

E aí fiquei furiosa outra vez. Esfreguei a mão no rosto. Eu tinha certeza de que minhas palavras não estavam fazendo o menor sentido.

Jensen permaneceu em silêncio, mas, quando ergueu o olhar, parecia ainda estar ouvindo.

Era como estar com minhas mães no sofá, mas aqui havia certa distância e eu não tinha que me preocupar com a possibilidade de elas ficarem preocupadas comigo. Aqui eu tinha a oportunidade de fingir que meu trabalho enfadonho e meu ex-namorado tarado eram coisas que eu podia deixar para trás de uma vez por todas.

Ajeitei-me na cadeira pra olhar para Jensen e falar tudo o que eu tinha a dizer.

– Talvez eu fosse um pouco desleixada diante dele, não é? – arrisquei, assentindo distraidamente quando Amelia perguntou se eu gostaria de mais uma taça de champanhe. – Mas, quando conheci Mark, pensei que ele tivesse sido feito para mim. Você sabe como são as coisas no começo...

Jensen assentiu vagamente.

– Sexo em todos os cantos do apartamento, certo? – esclareci. – Eu voltava do trabalho e me sentia como uma criança correndo escada abaixo na manhã do Natal.

Ele riu das minhas palavras.

– Comparar sexo à infância... Me dê um minuto para processar isso.

– Mas todo dia era assim – murmurei. – A esposa o havia traído e abandonado e eu o vi passar por tudo aquilo e... Bem, por muito tempo, tive esperança de que ele voltaria a viver normalmente. E ele voltou... Voltou à vida *comigo*. E ficamos muito tempo juntos... Quero dizer, uns onze meses, o que é uma eternidade para mim. E foi tão bom no começo... até que, de repente, deixou de ser. Ele não limpava a casa, não consertava nada que eu pedia e era eu quem sempre pagava as compras, os jantares e as contas e, antes que eu pudesse perceber, já estava arcando com as contas da nova empresa dele. – Olhei para Jensen e seu rosto pareceu tremer um pouquinho. – E eu não tinha problema nenhum com isso. De verdade! Eu o amava, então eu lhe daria o que ele

quisesse. Mas acho que dar a ele uma amante para foder na minha cama com a roupa de cama empurrada para o lado para ele não ter que lavá-la antes de eu voltar para casa era um pouco demais para mim.

Jensen apoiou sua mão sobre a minha.

– Você está se sentindo bem?

– Estou com vontade de enfiar essa bota no rabo dele, mas, fora isso, eu...

– Às vezes, quando estou no avião... – ele falou, me interrompendo gentilmente. – Eu tomo um drinque, talvez dois, e ocasionalmente acabo esquecendo como isso me afeta quando pousamos. A altitude, ela faz as coisas... piorarem. – E inclinou o corpo ligeiramente para a frente, de modo que eu conseguisse focar em seu rosto, acredito. – Não estou dizendo isso para julgá-la por você querer tomar champanhe, porque esse tal de Mark parece mesmo ser um idiota, mas só quero deixar claro que voar e beber é uma experiência diferente.

– Talvez eu devesse tomar água, então? – soluzei, e aí,
para o meu horror,
eu arrotei

Santo Deus!

Putaquepariu!

– *Caralho!!!* – consegui dizer, batendo a mão na boca.

Aposto que um homem como Jensen não saía por aí arrotando em público feito um mendigo.

Ou saía com garotas que fizessem isso.

Ou falassem palavrões.

Ou soltassem gases.

Ou sequer deixassem um fiapo em seu terno.

Murmurando um pedido de desculpas, passei por ele e fui ao banheiro, onde pude lavar o rosto, respirar até me acalmar e dar um sermão em mim mesma diante do espelho.

Depois de alguns minutos, quando voltei ao meu assento, Jensen tinha dormido.



O pouso foi violento e fez o corpo de Jensen se levantar ao lado do meu. Ele tinha passado quase quatro horas dormindo, mas eu não consegui fechar os olhos. O álcool deixava meus amigos com sono, mas me acordava. Fui muito infeliz nesse voo porque eu preferiria ter dormido a ficar sentindo saudades de Mark e ter me passado por louca com um desconhecido.

O Logan International se estendia, cinza e sem vida, à nossa frente, e Amelia fez o que acredito serem os anúncios de sempre sobre permanecermos sentados e retirarmos as bagagens com cuidado e obrigado por voar conosco.

Arrisquei uma olhadela para Jensen e o movimento fez um gongo metálico ecoar em minha cabeça.

– Ai! – gemi, apoiando a mão na testa. – Eu odeio champanhe!

Ele sorriu educadamente para mim.

Deus, como aquele homem era lindo. Imaginei que ele tivesse alguém o esperando em casa para ele contar sobre a inglesa louca e desajeitada a bordo.

Mas, quando recebemos autorização para nos levantarmos, ele puxou o celular da capa do notebook e franziu a testa ao ver a longa lista de notificações.

– Voltou para a vida normal? – perguntei com um sorriso.

Ele não ergueu o olhar na minha direção.

– Divirta-se na sua viagem.

– Obrigada.

Literalmente mordi os lábios para me conter e não começar a dar uma longa explicação sobre por que tagarelei incessantemente com ele e arrotei. Em vez disso, segui seu traseiro perfeito, dez passos atrás, até o terminal.

Depois de atravessar os corredores, indo buscar as malas, encontrei meu avô esperando na base da escada rolante. Ele usava uma camiseta do Red Sox, calças cáqui desbotadas e suspensórios.

Seu abraço lembrava o de Coco: pegada firme, suavidade calorosa, sem muitas palavras ao cumprimentar.

– Como foi o voo? – perguntou, guiando-me ao seu lado, mantendo um braço em meu ombro.

Minhas pernas estavam fracas, instáveis. Eu daria tudo por um banho quente.

– Tomei champanhe demais e falei até deixar um cara cansado de tanto ouvir.

Inclinei o queixo, apontando para o homem de negócios alto que andava alguns passos à nossa frente, já falando ao celular.

– Ah, entendo – falou meu avô.

Olhei para ele, mais uma vez impressionada por eu ter vindo de uma família tão gentil e cuidadosa com as palavras. Dois anos já haviam se passado desde sua última visita a Londres, e antes disso eu o via nos principais feriados. Meu avô não tocava no assunto, mas seu apoio a Lele e Coco era claro.

– É muito bom vê-lo – afirmei. – Senti saudades do seu rosto e dos suspensórios.

– Quanto tempo você fica aqui antes de cair na estrada? – meu avô perguntou em resposta.

– Tenho uma festa amanhã. Depois, no domingo cedo, partimos para as

vinícolas. Mas, no final da viagem, volto para passar alguns dias com o senhor.

– Está com fome?

– Morrendo – respondi. – Mas não quero nem pensar em álcool.

Apressei-me em prender outra vez meus cabelos bagunçados e passar a mão no rosto antes de prosseguir:

– Nossa, eu estou acabada!

Meu avô me analisou e, quando nossos olhares se encontraram, percebi que ele só enxergava o que havia de melhor em mim.

– Você está linda, minha Pippa!

Dois

JENSEN

Eu conseguia me lembrar perfeitamente do único voo mais desconcertante do que aquele.

Foi no mês de junho depois do meu primeiro ano da faculdade e cerca de dez meses depois de eu conhecer Will Sumner. Ele havia chegado a Baltimore, o cara sorridente, presunçoso e, certamente nós dois seríamos comparsas. Para alguém como eu, cuja vida havia sido, até esse ponto, tranquila e protegida, Will Sumner era o melhor tipo de bola demolidora.

Naquele verão, fomos às Cataratas do Niágara com sua família e, digamos... Bem, nós *nos deparamos com* uma fita VHS contendo um pornô muito amador. Nada de música, rostos, mas tudo filmado com uma câmera estática. Mesmo assim, assistimos várias e várias vezes, até ficarmos insensíveis ao conteúdo, recitando as falas sacanas em uníssono e comendo Pringles.

Foi a primeira vez que vi alguém fazendo sexo *de verdade*, e achei incrível pra caralho... até a bela tia de Will, Jessica, entrar em pânico no aeroporto, sem conseguir encontrar seu “filme caseiro” na bagagem de mão.

Sentei-me ao lado da tia Jessica o voo todo, e devo dizer que não me senti nada à vontade. Nada, mesmo. Eu era todo palmas suadas e monossílabos e consciência constante de que eu sabia como ela era nua. E sabia como ela ficava enquanto *transava*. Meu cérebro não conseguia lidar com esse tipo de informação.

Will se mostrou tão compassivo quanto o esperado, jogando em mim amendoins e bolinhas de papel feitas com seu guardanapo.

– Por que você ficou todo travado, Jens? – gritava do outro lado do corredor. – Parece que alguém viu *você* pelado.

Pippa foi um tipo totalmente diferente de desconforto. Era o tipo de desconforto no qual beleza e charme tomam forma em maquiagem borrada e um tagarelar incessante, fruto do milagre do álcool. O tipo em que você finge dormir por mais de três horas quando seu cérebro, em pânico, encontra uma lista de formas mais interessantes de passar tempo no avião.

Enquanto seguíamos rumo às esteiras para pegar as bagagens, o leve zumbido do aeroporto se espalhava à minha volta. Era quase tão familiar quanto o barulho do meu aquecedor ligando à noite ou da minha própria respiração. Eu podia sentir Pippa atrás de mim, conversando distraidamente com seu avô. Sua voz soava agradável, trazia um sotaque pesado que misturava a polidez de Londres com a informalidade das ruas de Bristol. Seu rosto estava ótimo, olhos brilhantes e maliciosos; na verdade, foram esses olhos que me atraíram imediatamente, pois eram de um azul impressionante e muito expressivos. Mas eu sentia medo de fazer contato visual e ela começar a falar outra vez. Quase senti seu pedido de desculpas borbulhando enquanto eu saía correndo do avião, e imaginava que, se eu desse abertura, ela sem dúvida voltaria a falar.

Esfreguei os olhos e avistei minha mala vindo na esteira. Havia algo quase comicamente intenso na mensagem que eu sentia estar recebendo. Justamente quando comecei a pensar se estava procurando mulheres nos lugares errados, se eu estava errado quanto ao meu tipo, se deveria me aventurar mais nos encontros, o universo me prende em um avião com uma tagarela linda, excêntrica, *completamente insana*.

Não vamos dar um passo maior do que a perna, Jens. Escolha o que você já conhece.

Talvez a Emily do softball não fosse tão ruim, no fim das contas.

Minha motorista segurava uma placa com meu nome e eu assenti, sem dizer nada, seguindo-a para fora do aeroporto. O carro era escuro e frio e imediatamente peguei o celular outra vez, deixando meu cérebro deslizar novamente para dentro daquele espaço familiar, onde eu vivia e respirava trabalho.

Eu telefonaria para Jacob na segunda-feira para definir um horário para revisarmos os arquivos da Petersen Pharma.

Eu precisava enviar um e-mail para Eleanor, do RH, dizendo que teríamos de contratar alguém para substituir Melissa no escritório de San Francisco.

O carro parou junto ao meio-fio em frente à minha casa e senti como se algo me puxasse.

O outono estava chegando, o vento deslizava entre as árvores, que soltavam suas folhas pelas ruas, deixando tudo mais colorido antes de as cores desaparecerem durante os intermináveis meses de inverno. Do lado de fora, o ar

era gelado. Fui até a motorista atrás do carro e lhe dei uma gorjeta considerável por ter enfrentado a hora do rush de Boston com tanta eficiência.

Essa viagem a Londres havia durado apenas uma semana, mas parecia ter se estendido por toda uma eternidade. Fusões eram uma coisa. Fusões internacionais eram outra. Mas fusões internacionais com problemas? Brutais. Burocracia infinita. Detalhes infinitos, com pedidos a fazer e informações a registrar. Viagens infinitas.

Olhando para minha casa – um sobrado simples, dois pontos de luz nas janelas da sacada, porta principal emoldurada por vasos de plantas –, permiti-me relaxar. Por mais que eu viajasse, no fundo eu era muito caseiro, e, porra!, como era bom estar perto da minha própria cama. Sequer me sentia constrangido ao perceber que Netflix e ligar para pedir comida me deixavam um pouco embriagado.

A casa se acendeu com um único toque em um interruptor e, antes de fazer qualquer coisa, desfiz e guardei a mala – no mínimo para esconder as evidências de que eu sem dúvida voltaria a viajar em breve. *Negação, você é minha amante favorita.*

Mala desfeita, jantar encomendado, Netflix no ponto e, como se por acaso, minha irmã mais nova, Ziggy – Hanna, para quem não é da família – usou sua cópia da chave para abrir a porta.

– Oi! – cumprimentou.

Como se ela não tivesse motivo para bater à porta antes de entrar.

Como se ela soubesse que eu estaria sentado aqui, de moletom e chinelo.

Sozinho.

– Oi! – respondi, observando enquanto ela jogava as chaves em uma vasilha na mesinha próxima à porta de entrada e errava o alvo por pelo menos uns sessenta centímetros. – Está bem de mira, hein? Que fracasso!

Ela deu um tapa em minha cabeça enquanto passava.

– Chegou agora?

– Sim. Foi mal. Eu ia ligar para você depois de comer.

Ela parou e se virou para lançar um olhar questionador na minha direção.

– Por quê? Eu sou a pessoa para quem você liga para dizer “amor, estou em casa”?

Ziggy deu meia-volta e eu olhei suas costas enquanto ela ia buscar uma cerveja para mim e um copo de água para si.

Quando ela voltou, resmunguei:

– Que coisa mais horrível de se dizer.

– Estou errada?

Ela soltou o corpo ao meu lado no sofá.

– O que é que você está fazendo aqui?

Ziggy era casada com meu melhor amigo Will, de quem eu era amigo há mais de quinze anos – o mesmo Will da tia Jessica – e os dois moravam a menos de cinco minutos de casa, no fim da rua, em um imóvel muito maior e muito mais confortável.

Ela ajeitou os cabelos e sorriu para mim.

– Alguém sugeriu que eu “dou passos pesados de um lado para o outro pela casa” e, por isso, “atrapalho os telefonemas de trabalho à noite”. – Ziggy deu de ombros e tomou um gole de água. – Will tem uma conferência importante com alguém na Austrália, então achei melhor ficar aqui até eles terminarem.

– Está com fome? Pedi comida tailandesa.

Ela assentiu.

– Você deve estar cansado.

Dei de ombros.

– Meu relógio biológico está um pouco desregulado.

– Tenho certeza de que uma noite tranquila é boa ideia. E sei que não tem ninguém que você esteja louco para ver agora que chegou em casa.

Com a cerveja já inclinada na direção dos lábios, fiquei congelado e deslizei meu olhar na direção dela.

– Pare com isso.

Para ser justo, toda a minha família parecia preocupada demais com o que acontecia na vida dos outros e eu já tinha feito o papel de irmão protetor em mais de uma ocasião. Mas eu não queria ver minha irmã mais nova cuidando da minha vida.

– Como está Emily? – perguntou, simulando um bocejo.

– Ziggs.

Ciente de que estava se comportando como uma criança chata, ela se virou e olhou para mim.

– Ela faz *scrapbooks*, Jensen. E se ofereceu para me ajudar a arrumar a garagem.

– Isso me parece muito simpático – comentei, mudando de canal.

– Isso é ela *antes do casamento*, Jens. São seus dias de *diversão*.

Ignorei suas palavras, tentando segurar a risada para não encorajá-la.

– Emily e eu não temos nada.

Por sorte, ela escolheu não forçar a barra nem fazer piadinhas de cunho sexual.

– Você vai amanhã?

– O que tem amanhã?

Ziggy arregalou os olhos na minha direção.

– Sério? Quantas vezes já falamos sobre isso?

Bufei, levantei-me e tentei pensar em um motivo que me forçasse a sair da sala.

– Por que você está me atacando assim? Eu acabei de chegar em casa!

– Jens, nós vamos fazer a festa do terceiro aniversário de Annabel! Sara está prestes a ter o sétimo filho, então ela e Max não tinham como fazer a festa na casa deles. O pessoal todo vem de Nova York. Você sabe muito bem disso! Até comentou que chegaria da viagem em tempo.

– Está bem, está bem. Sim, acho que passo por lá.

Ela me encarou.

– Não tem nada de *passar por lá*. Venha *se divertir* com a gente, Jensen. E veja que irônico o fato de eu estar lhe dizendo isso. Quando foi a última vez que você saiu com os seus amigos? Quando foi a última vez que se mostrou sociável ou saiu com alguém além da Emily do softball?

Não respondi. Eu saía com mais mulheres do que minha irmã imaginava, mas ela estava certa ao dizer que não me empenhava muito. Eu já tinha me casado uma vez. Com a doce e divertida Becky Henley. Tínhamos nos conhecido no segundo ano da faculdade, namorado por nove anos e passamos quatro meses casados antes de eu chegar em casa e a encontrar arrumando suas coisas em meio às lágrimas.

Eu não estava me sentindo bem, ela dissera. *Nunca senti que estava no lugar certo*.

E essa foi a única explicação que recebi.

Certo. Na época, aos 28 anos, eu tinha um diploma de Direito e um divórcio recente – no fim das contas, não restava muita coisa, portanto, me concentrei na carreira. A todo vapor. Durante seis anos, me saí bem com meus parceiros, ascendi profissionalmente, vi minha equipe crescer, tornei-me indispensável na empresa.

Só para então me pegar passando as noites de sexta-feira com minha irmã mais nova, recebendo um sermão para me tornar mais sociável.

E ela estava certa. Era mesmo irônico o fato de Ziggy estar tendo essa conversa comigo. Três anos atrás, eu tinha dito exatamente a mesma coisa para ela.

Suspirei.

– Jensen – ela me chamou, puxando-me de volta na direção do sofá. – Você é péssimo.

Eu era. Eu era totalmente péssimo recebendo conselhos. Sabia que precisava sair dessa rotina de trabalho. Sabia que precisava incluir um pouco de diversão na minha vida. E, por mais que eu fosse contrário a discutir o assunto com minha irmã, eu sabia que provavelmente gostaria de estar comprometido. O problema

era que eu praticamente nem sabia por onde começar. Essa possibilidade sempre parecia ser um peso enorme. Quanto mais tempo eu passava solteiro, mais difícil parecia ser me comprometer com alguém.

– Você não saiu nenhuma noite em Londres, saiu? – Ziggs quis saber, virando-se para me observar. – Nenhuma noite?

Pensei na principal advogada da nossa equipe em Londres, Vera Eatherton. Ela se aproximou de mim quando terminamos um dia de trabalho. Conversamos por alguns minutos e, assim que sua expressão mudou, assim que seus olhos apontaram para o chão com um ar de timidez que eu nunca a tinha visto lançar, soube que ela me convidaria para sair.

– Quer sair para comer alguma coisa mais tarde? – Vera me convidou.

Sorri para ela. Era uma mulher muito bonita. Alguns anos mais velha do que eu, estava em boa forma, era alta e magra, mas com belas curvas. Eu *deveria* querer sair para comer mais tarde. Comer mais do que “alguma coisa”.

Mas, para além das complicações do ponto de vista do ambiente de trabalho, a ideia de sair com alguém – mesmo que para uma única noite de sexo – me deixava exausto.

– Não – respondi a Ziggy. – Eu não saí. Não do jeito que você está dizendo.

– Onde está o meu irmão pegador? – perguntou, dando um sorriso brincalhão.

– Acho que você está me confundindo com o seu marido – rebati.

Ela ignorou minhas palavras.

– Você passou uma semana em Londres e ficou todo o seu tempo livre no hotel. *Sozinho*.

– Isso não é totalmente verdade.

Para ser sincero, eu não tinha passado todo o tempo no hotel. Eu tinha andado pela cidade, visitado alguns pontos turísticos. Mesmo assim, em uma coisa minha irmã estava certa: eu tinha feito tudo isso sozinho.

Ela arqueou uma sobrancelha, desafiando-me a provar que estava errada.

– Ontem à noite, Will comentou que você precisa reviver o Jensen dos tempos de faculdade.

Arregalei os olhos para ela.

– Não volte a conversar com Will sobre como éramos nos tempos de faculdade. Ele era um idiota.

– Vocês dois eram idiotas.

– Ele era o idiota principal. Eu só o acompanhava – rebati.

– Não é isso que ele diz – ela respondeu com um sorriso malicioso.

– Você é esquisita – retruquei.

– *Eu sou esquisita?* As luzes da sua casa se acendem e apagam sozinhas, você tem um aspirador de pó automático para manter o chão limpo mesmo quando

está viajando, você desfaz as malas em cinco minutos logo depois de entrar em casa, e *eu* sou a esquisita?

Abri a boca para retrucar, mas logo a fechei, erguendo um dedo para que ela não soltasse mais nenhuma das suas tiradinhas.

– Odeio você – enfim falei.

E a risada passou borbulhando por sua garganta.

A campainha tocou e fui buscar a comida, depois a levei para a cozinha. Eu amava Ziggy. Desde que ela voltou a morar em Boston, vê-la algumas vezes por semana claramente fazia bem a nós dois. Mas detestava pensar que ela se preocupava comigo.

E não era só Ziggy.

Minha família toda pensava que eu não sabia que eles compravam lembrancinhas extras para mim no Natal porque eu não tinha uma namorada para colocar presentes debaixo da árvore. Quando me convidavam para jantar, sempre deixavam no ar a dúvida de se eu levaria alguém comigo. Se eu levasse alguma desconhecida para uma refeição na casa dos meus pais no domingo e anunciasse que me casaria com ela, toda a minha família ficaria louca comemorando.

Não havia nada pior do que ser o mais velho de cinco filhos e justamente aquele com quem todos se preocupavam. Ter que assegurar o tempo todo que *eu estava bem, total e completamente bem*, era exaustivo.

Mas isso não me impedia de tentar. Especialmente porque quando forcei Ziggs a curtir a vida ela encontrou Will, justamente Will, e os dois viveram um felizes para sempre. E eu não podia invejá-los.

– Está bem – falei, levando um prato de comida para ela e me sentando outra vez ao seu lado no sofá. – Lembre-me da festa. Que horas será?

– Às onze horas. Eu escrevi no calendário na sua geladeira. Você chegou a ler? Ou já foi logo jogando o Post-it fora porque maculava a superfície perfeitamente estoica da sua geladeira solitária?

Apressei-me em engolir um gole de cerveja.

– Será que você pode dar um tempo com o seu sermão? Por favor, minha querida estou cansado. Não quero passar por isso esta noite. Basta me dizer o que eu preciso levar.

Ela deu um sorriso de quem queria se desculpar antes de pegar uma garfada de arroz e curry. Depois de engolir, disse:

– Nada. É só aparecer. Vou levar uma pinhata e um monte de coisas de meninas, como tiaras e... trecos.

– Trecos?

Ela deu de ombros, rindo:

– Coisas de crianças. Eu sou péssima! Nem sei o nome daquelas coisas.

– “Itens de festa”? – arrisquei, sinalizando as aspas com os dedos.

Ela deu um tapa em meu braço.

– Que seja. Isso. Ah! E Will vai cozinhar.

– Aí sim! – cerrei os punhos no ar, em comemoração.

Meu melhor amigo havia recentemente descoberto um amor por tudo ligado à culinária, e dizer que todos estávamos tirando proveito disso seria um eufemismo, a julgar pela hora extra que eu vinha passando diariamente na academia para compensar.

– Como está nosso querido cozinheiro? Em dia com os episódios de *Master Chef*? Ele sabe usar bem um avental, devo admitir.

Ela me olhou de soslaio.

– É melhor você desejar que eu não conte isso a ele, ou então você vai ser cortado dos jantares. Juro que já ganhei dois quilos desde que ele começou com essa obsessão por massas. Não que eu esteja reclamando, veja bem...

– Massas? Pensei que ele estivesse numa fase de pratos do Mediterrâneo.

Ela negou com um gesto.

– Isso foi na semana passada. Essa semana, está treinando sobremesas para a festa de Annabel.

Senti minha testa franzindo.

– Ela tem um paladar tão seletivo assim?

– Não, meu marido só é louco pela afilhada.

Ziggy levou mais uma garfada à boca.

– Bem, se todo mundo está vindo a Boston para a festa, acho que sua casa vai estar cheia amanhã à noite – afirmei.

Somando os dois filhos da nossa irmã Liv e nossos amigos Max e Sara, de Nova York, que estão prestes a ter o quarto filho, a quantidade de adultos estava quase sendo superada pelos adoráveis rebentos. Ziggs adorava receber as crianças, e eu poderia apostar todo o meu dinheiro que Will ficaria com pelo menos uma delas grudada à sua perna durante quase todo o fim de semana.

– Na verdade, não – ela respondeu rindo. – Max e a família vão se hospedar em um hotel. Bennett e Chloe vão ficar com a gente.

– Bennett e Chloe? – perguntei, sorrindo. – Você não tem medo?

– Não. Essa é a melhor parte! – Ela se aproximou, olhos arregalados. – É como se Chloe e Sara tivessem trocado de personalidade durante a gravidez. Você realmente precisa ver com seus próprios olhos para acreditar.

Conforme previsto, quando Ziggy abriu a porta, na manhã de sábado, a única coisa que consegui ver atrás dela foi um brilho de cores e seda e corpinhos minúsculos correndo. Uma criança aproximou-se de suas pernas, abraçou-as ferozmente e a empurrou para a frente, na direção dos meus braços.

– Oi! – ela disse, sorrindo para mim. – Aposto que você já está superfeliz por ter vindo.

Olhei por sobre seu ombro, na direção da entrada da casa. Uma pilha de sapatos infantis estava próxima à porta principal e eu conseguia ver uma montanha de presentes de aniversário ajeitada na mesa da sala de jantar.

– Estou sempre pronto para provar os pratos de Will – falei, ajudando-a a se equilibrar e passar pelas crianças.

Ao longe, por sobre o som da risada profunda de Will vinda da cozinha, havia um coro de gritos e berros e o que eu imaginava ser o clamor de Annabel:

– É o meu aniversário! Eu vou ser o Superman!

Eu precisava de mais café.

Em geral, eu não tinha sono muito pesado, e havia passado a maior parte da última noite acordado, sentado em minha sala de estar, tentando lembrar todas as vezes que eu tinha realizado algo puramente social – por vontade própria – nos últimos cinco anos.

O problema era que, além de ir à academia, aos jogos de softball às quintas-feiras e sair para beber ou tomar um café com algum amigo depois do jogo, não havia nada muito interessante acontecendo em minha vida. Meu calendário social estava cheio, é claro, mas os eventos quase sempre eram algo como um jantar de negócios, uma visita a um cliente, algum acontecimento importante que meus patrões queriam marcar com um jantar generoso. Dois anos atrás, eu havia chegado à depressiva conclusão de que tempo demais na estrada e no sofá haviam me deixado fora de forma. Comecei a correr e voltei a levantar peso, perdi treze quilos e ganhei músculos. Redescobri meu amor pelos esportes, mas apenas para me dar conta de que não tinha feito aquilo para melhorar a aparência ou atrair a atenção de alguém. Era apenas para *me sentir* melhor. Fora isso, nada significativo havia mudado na minha vida desde então.

Meu casamento fracassado era algo em que eu evitava pensar, mas, bem tarde na noite passada, cheguei à conclusão de que Becky ter me deixado havia desencadeado uma reação em cadeia: a mágoa me fez mergulhar de cabeça no trabalho, o que me trouxe sucesso, mas se tornou uma espécie de recompensa obsessiva. E, em algum momento, eu sabia que teria de escolher entre dar mais ênfase ao trabalho ou à vida fora do trabalho. Seis anos atrás, com a amargura alimentando a maioria dos meus pensamentos ligados a relacionamentos românticos, a decisão fora fácil.

Agora eu estava feliz, não estava? Talvez não completamente realizado, mas no mínimo contente. Todavia, o cutucão que minha irmã me dera na noite passada havia me deixado em pânico. Eu morreria velho em uma cama de solteiro perfeitamente arrumada, diante de um armário no qual os casacos encontravam-se meticulosamente organizados de acordo com suas cores? Será que eu deveria desistir agora e partir para a jardinagem?

Atravessei o corredor e cheguei ao quintal. Havia centenas de bexigas presas à cerca e às árvores, unidas com fita às cadeiras brancas de dobrar e arrumadas junto às pequenas mesas redondas. Um bolo branco com cobertura na forma de babados e decorado com uma girafa, um elefante e uma zebra de plástico tomava o centro da maior mesa no quintal.

Um grupo de crianças usando casacos e cachecóis corria pelo gramado. Parei cuidadosamente fora do caminho delas, na direção do grupo de adultos próximo às churrasqueiras.

– Jens! – a voz conhecida de Will me chamou, e eu segui em sua direção.

Mais bexigas se dependuravam nas pérgulas que também davam sustentação às videiras, junto à faixa que deixava claro que o tema do aniversário era safári.

– Eu nunca tive uma festa de aniversário tão legal assim – falei, olhando para trás, para a explosão de cores no quintal. – Annabel nem mora aqui. Quem são todas essas crianças?

– Bem, os filhos da Liv estão... em algum lugar – explicou, olhando em volta.

– Os outros são de Max e Sara ou do pessoal do trabalho de Hanna. Parece que todos são melhores amigos a essa altura.

Pisquei para ele antes de deslizar o olhar pelo quintal.

– Este é o seu futuro.

Minhas palavras saíram com um tom de desolação bem-humorada, mas ele abriu um sorriso enorme.

– Isso mesmo.

– Tudo bem, tudo bem. Acho que o café não está resolvendo para mim. Cadê a cerveja?

Ele apontou para uma caixa de isopor colocada em meio à sombra produzida pelo enorme carvalho.

– Mas lá dentro tem um uísque que talvez você queira provar.

Virei-me enquanto Max e Stella chegava ao quintal, sorrindo para o grupo de crianças que grasnava pelo gramado. Max e Will tinham aberto uma empresa de capital de risco juntos em Nova York anos atrás e pareciam aquele tipo de dupla badalada e esquisita que mistura artes e ciência: a expertise e os olhos atentos deles em seus campos de atuação os tinham tornado homens muito ricos. Todavia, devo admitir que, com mais de dois metros de altura e sendo uma

parede de músculos, Max parecia mais um brutamontes jogador de rúgbi do que um admirador das artes.

– Seria bom se nós fizéssemos amizades com tanta facilidade – comentou Max, vendo as crianças correrem de um lado para o outro.

Sua esposa, Sara, o acompanhava, segurando a barriga enorme da gravidez e sentando-se na cadeira que Max ajeitara para ela.

Cumprimentei-o com um aperto de mão antes de voltar-me a Sara.

– Por favor, não se levante – pedi, inclinando o corpo para beijar-lhe a bochecha.

– Estou tentando ficar de mau humor – ela disse enquanto o mais leve sinal de um sorriso brotava no canto de sua boca. – Mas o seu cavalheirismo está destruindo a raiva que a gravidez provoca.

– Prometo trabalhar mais para ser um cafajeste – respondi solenemente. – Embora eu deva dar os parabéns... Eu não a via desde que esse aqui começou a cozinhar. Quanto tempo? Quatro?

– Quatro, Max? Quatro anos? – perguntou Will, sorrindo por sobre a cerveja. – Talvez você devesse tirar um cochilo ou algo assim. Encontrar um hobby.

A porta voltou a se abrir e Bennett Ryan saiu, seguido por Ziggy e uma Chloe com a barriga enorme por causa da gravidez.

– Eu diria que ele já tem um hobby – falou Bennett.

Bennett e Max eram amigos desde quando estudaram juntos na Europa. Todavia, enquanto Max era todo sorriso e charme amigável, Bennett era a personificação de uma pedra. Raramente fazia brincadeiras – ou sorria, pelo que eu tinha visto. Então, quando Bennett abria um sorriso, era algo que a gente notava. Sua boca deu uma leve inclinada, a linha de seus ombros se suavizaram. Ele ficava desse jeito quando olhava para a esposa.

Agora estava praticamente se acabando em sorrisos.

Era... desorientador.

– Jensen!

O chamado atraiu minha atenção para o que havia atrás de mim. Chloe atravessou o quintal e me puxou em um abraço apertado.

Pisquei os olhos por um momento, olhando com curiosidade para Will antes de finalmente abraçá-la. Eu nunca tinha abraçado Chloe.

– Oiê! Como você está? – cumprimentei, afastando-me para olhar para ela.

As duas grávidas tinham ossos pequenos, mas Sara era graciosa e delicada, ao passo que era impossível não notar como Chloe era feroz. A Chloe que eu conhecia não era exatamente o que poderíamos chamar de uma mulher melosa, e eu agora me via sem palavras.

– Você está com uma aparência...

– Feliz! – ela terminou a frase para mim enquanto levava a mão à barriga. – Em êxtase e... contente pra caralho!

Dei risada.

– Ah, é?

Estremeci ao olhar para as crianças no gramado.

– Merda, é melhor eu parar de falar palavrões. – E, ao perceber o que tinha acabado de dizer, deu risada. – Acho que sou um caso perdido.

Bennett acariciou delicadamente os ombros de Chloe, que olhou para ele e... começou a *gargalhar*.

Todos ficamos em um silêncio desconcertante. Até Max enfim dizer:

– Eles não tentaram se matar nos últimos quatro meses. O que tem deixado todo mundo muito preocupado.

– Verdade – confirmou Chloe, assentindo. – Estou deixando todo mundo preocupado por me sentir tão disposta. Enquanto isso, a doce Sara não conseguiu abrir um pote de pasta de amendoim na semana passada e ficou tão furiosa que o jogou pela janela, na calçada da Madison Avenue.

Sara deu risada.

– Ninguém saiu ferido. É só o meu orgulho e meu recorde de bom comportamento.

– George ameaçou deixar Sara e ir trabalhar para Chloe – Bennett comentou, referindo-se ao assistente de Sara, que tinha um reconhecido histórico de ódio por Chloe. – O Armageddon está chegando.

– Está bem, está bem. Parem de monopolizar meu irmão. – Ziggy passou ao lado de Chloe e lançou seus braços em volta do meu pescoço. – Você ainda está aqui!

Lancei mais um olhar confuso para Will.

– É claro que ainda estou aqui. Ainda não ganhei bolo.

Como se eu tivesse pronunciado a palavra mágica, um grupo de crianças se aproximou, pulando animadas, perguntando se já era hora de apagar as velinhas. Ziggy pediu licença e seguiu na direção de outro grupo, que brincava.

– Quando será o parto de vocês duas? – eu quis saber.

– O de Sara, no fim de dezembro – Chloe contou. – O meu, em primeiro de dezembro.

Com isso, todos tomamos um momento para olhar em volta, em meio ao leve frio de outubro, com as folhas caindo esporadicamente à nossa volta.

– Não se preocupem, eu estou bem – ela falou ao perceber a expressão de preocupação de todos. – Esta é a minha última viagem. Depois, vou voltar a Nova York e esperar essa coisinha chegar.

– Você sabe se é menino ou menina? – perguntei.

Bennett negou com a cabeça.

– A criança definitivamente tem o DNA de Chloe. Foi teimosa o suficiente para impedir que os médicos olhassem o sexo.

Max bufou, parecendo esperar o retorno daquela Chloe ácida do passado, mas ela apenas deu de ombro e sorriu.

– É verdade! – ela praticamente cantarolou, alongando o corpo para conseguir beijar o maxilar de Bennett.

Considerando que Bennett e Chloe costumavam perder totalmente a noção em suas brigas verbais, vê-la ignorar a tentativa dele de evitar que ela perdesse o controle era... bem, meio desconcertante, de certa forma. Em termos de normalidade, era mais ou menos o equivalente a assistir ao ritual de namoro de dois alienígenas.

Ziggy voltou do quintal trazendo a aniversariante.

– As crianças estão ficando agitadas demais – falou, e todos entenderam suas palavras como um sinal de que era hora de começar a festa.

Conversei amenidades com Sara, Will, Bennett e Chloe enquanto Max, minha irmã e alguns dos outros pais preparavam copinhos com Oreos amassados, sorvete e gomas.

O irmão de Max, Niall, e sua esposa, Ruby, foram os últimos a chegar, mas não notei sua presença em meio ao caos dos alunos de pré-escola estimulados pelo açúcar.

Foi um tanto perturbador conhecer Niall Stella. Eu já estava acostumado a andar com Max, cuja altura era fácil de esquecer porque ele parecia tão à vontade em sua própria pele e tão emocionalmente igual a todo mundo. Mas a postura de Niall era perfeita – quase rígida – e, embora eu mesmo tenha meus respeitáveis 1,87 m, Niall era alguns bons centímetros mais alto. Levantei-me para cumprimentar os dois.

– Jensen – ele cumprimentou. – É muito bom finalmente conhecê-lo.

Até os sotaques dos dois eram diferentes. Lembrei-me de Max contando sobre o tempo que passou em Leeds e como a cidade havia influenciado sua forma de falar, deixando suas palavras mais soltas e tranquilas. Mas, como tudo mais em Niall, até seu sotaque era peculiar.

– Uma pena não termos nos visto enquanto estávamos em Londres.

– Próxima viagem – falei, acenando com a mão. – Dessa última vez, foi cansativo demais. Não tive muita companhia. Mas é ótimo enfim poder conhecê-los.

Ruby passou por ele, deu um passo à minha frente e optou por um abraço. Em meus braços, ela mais parecia uma cachorrinha graciosa: vibrando apenas ligeiramente, apoiando-se na ponta dos pés.

– Sinto como se já o conhecesse – falou, afastando-se para me dar um sorriso enorme. – Todo mundo estava em nosso casamento em Londres no ano passado e contavam histórias envolvendo “o ardiloso Jensen”. Enfim nos conhecemos pessoalmente.

Histórias? Ardiloso?

Enquanto todos nos sentávamos em nossas cadeiras, eu me perguntava o que isso queria dizer. Nos últimos tempos, não me sentia a pessoa mais interessante. Útil? Sim. Versátil? É claro. Mas “ardiloso” era uma palavra que trazia alguns mistérios, os quais eu sentia que não se aplicavam a mim. Era estranho estar com 34 anos e sentir que a velocidade da minha vida estava diminuindo, que os melhores anos haviam, de alguma forma, ficado para trás, especialmente quando parecia que eu era o único me sentindo assim.

– Ziggy não parou de falar de você. Um mês depois do casamento, ela ainda falava de você – contei a Ruby. – Deve ter sido um evento incrível.

Niall sorriu para ela.

– Foi mesmo.

– Então, o que os trouxe aos Estados Unidos? – perguntei.

Eu sabia que Ruby tinha se mudado para Londres para fazer um estágio que acabou levando-a a uma pós-graduação e que o casal havia recentemente passado a chamar a capital inglesa de sua casa.

– Estamos fazendo uma viagem para celebrar nosso primeiro aniversário de casamento, só que um pouco atrasados – ele explicou. – E começamos aqui, onde viemos encontrar Will e Hanna.

Ruby se mostrou animada.

– Vamos fazer um tour por cervejarias e vinícolas, subindo pela costa.

Seu entusiasmo era contagiante.

– Aonde exatamente vão? – eu quis saber.

– Hanna alugou uma van – Niall explicou. – Vamos partir de Long Island e, ao longo de duas semanas, faremos o caminho até Connecticut e depois Vermont. Sua irmã organizou tudo.

– Eu já trabalhei em uma vinícola em North Folk – contei a eles. – Nos anos de faculdade, todos os verões eu trabalhava na Laurel Lake Vineyards.

Em tom de brincadeira, Ruby deu um tapa em meu ombro.

– Cale a boca! Você é um especialista no assunto.

– Não posso negar – rebati, sorrindo para ela. – É verdade.

– Você deveria vir com a gente – ela propôs, assentindo como se a questão já estivesse decidida. Então, olhou para Niall e lançou para ele um sorriso de vencedora, fazendo-o rir discretamente. Em seguida, virou-se para Bennett, Chloe e Will: – Digam para ele nos acompanhar.

– Espectadores inocentes aqui – falou Will, estendendo a mão. – Mantenham-me fora disso. – Ele fez uma pausa, tomou um gole de sua garrafa e enfim prosseguiu: – Muito embora me pareça uma ótima ideia.

Olhei apático para ele.

– Pense com carinho, Jensen – Ruby continuou. – Will e Hanna e outra amiga vão com a gente... E graças a Deus Hanna não bebe muito porque, se bebesse, não teríamos ninguém para dirigir. Vai ser um grupo fantástico.

Eu tinha que admitir que seria perfeito fazer uma viagem pela região. Embora eu devesse ter umas mil milhas para trocar, a ideia de entrar num avião para sair de férias me parecia horrível. Por outro lado, uma *road trip*? Bem... talvez.

Mas eu não podia. Já havia passado mais de uma semana fora do escritório e não conseguia sequer pensar em como faria para cumprir meus prazos.

– Vou pensar no assunto – respondi a eles.

– Pensar em qual assunto? – Ziggy perguntou, voltando a participar da conversa.

– Eles estão tentando convencer seu irmão a participar da sua viagem – Bennett explicou.

Ziggy assentiu lentamente para Ruby, como se estivesse digerindo a informação.

– Entendi. Jensen, pode me ajudar a preparar as coisas para o bolo?

– Claro.

Acompanhei minha irmã até a cozinha e abri o armário para pegar uma pilha de pratinhos.

– Você se lembra do que me disse em uma festa anos atrás? – ela arriscou.

Eu me perguntei se me fingir de idiota ajudaria.

– Vagamente – menti.

– Bem, deixe-me esclarecer para você. – Ela abriu uma caixa e puxou um punhado de garfinhos de plástico. – Estávamos diante de umas pinturas horríveis e você resolveu me dar um sermão sobre equilíbrio.

– Eu não dei sermão nenhum – rebati, bufando. Ela respondeu com uma risada afiada. – Não dei, mesmo. Só queria que você saísse mais, vivesse mais. Você tinha 24 anos e quase nunca saía do seu laboratório.

– E você tem 34 e mal sai do seu escritório e-barras-ou casa.

– É totalmente diferente, Ziggs. Você estava começando a vida. Eu não queria que ela passasse enquanto você mantivesse seu nariz enfiado em um tubo de ensaio.

– Bem, em primeiro lugar, ninguém enfia o nariz num tubo de ensaio...

– Qual é?!

– Em segundo lugar – prosseguiu, encarando-me. – Talvez a vida estivesse

começando para mim, mas você é quem está deixando a sua passar. Está com 34 anos, Jens, e não 80. Qualquer hora vou encontrar na sua casa um cartão de alguma associação de aposentados ou suspensórios de meias na lavanderia.

Pisquei os olhos para ela.

– Fala sério.

– Estou falando sério. Você nunca sai.

– Eu saio todas as semanas.

– Com quem? Colegas de trabalho? Sua amiga do softball?

– Ziggs, você sabe muito bem que o nome dela é Emily – censurei minha irmã.

– Emily não conta – ela retrucou.

– E qual é o seu problema com Emily, pelo amor de Deus? – perguntei frustrado. Emily e eu éramos amigos... uma amizade colorida. O sexo era bom... muito bom, na verdade. Mas nunca passou disso, para nenhum de nós. Três anos depois, tudo continuava igual.

– Porque ela não é um passo adiante para você, ela é um passo para o lado. Ou talvez seja um passo para trás, afinal, enquanto você tiver sexo acessível, não vai se dedicar a encontrar alguém que o preencha.

– Então você acha que eu sou muito profundo?

Ignorando minhas palavras, ela prosseguiu:

– Você passou uma semana toda em Londres e não fez nada além de trabalhar. Da última vez que passou um fim de semana em Vegas, sequer viu a Strip. Você está usando um suéter de caxemira, Jensen, quando deveria estar usando uma camiseta justa e deixando os músculos à mostra.

Olhei aterrorizado para ela. Não sabia o que era pior: minha irmã estar dizendo isso ou o fato de ela estar dizendo isso na festa de aniversário de uma criança completando três anos.

– Está bem, que péssimo, você está certo. – Ela estremeceu teatralmente. – Vejamos o que eu acabei de dizer.

– Seja clara, Ziggs. Isso já está ficando entediante.

Ela bufou.

– Você não é nenhum velho. Por que insiste em agir como um?

– Eu...

Meus pensamentos cessaram.

– Faça algo divertido com a gente. Se solte, fique bêbado, talvez encontre uma garota para trepar...

– Jesus Cristo!

– Está bem, pule a última parte – falou. – Outra vez.

– Eu não vou me intrometer na viagem de aniversário de casamento deles e,

bem... ser mais um segurando vela. Isso não vai estimular a minha vida social.

– Você não vai segurar vela nenhuma. Eu os ouvi falando sobre a viagem e uma amiga deles vai junto – ela garantiu. – Qual é, Jens?! É um grupo de pessoas legais. Vai ser muito divertido.

Dei risada. *Diversão*. Eu detestava admitir, mas minha irmã tinha razão. Eu tinha acabado de sair de uma semana intensa de trabalho em Londres – depois de muitas, *muitas* outras semanas consecutivas de trabalho intenso – com a intenção de voltar a trabalhar na segunda-feira. Não tinha planejado nenhuma folga.

Algumas semanas longe do trabalho não fariam mal, fariam? Eu tinha deixado o escritório em Londres preparado para o próximo julgamento, e minha colega Natalie podia cuidar do que faltava. Eu tinha mais de seis semanas de férias atrasadas, e só não tinha mais porque havia vendido dez semanas alguns meses atrás, sabendo que eu jamais as usaria.

Tentei imaginar duas semanas com Will e Ziggy, duas semanas de vinícolas, cervejarias, horas de sono... E a ideia parecia tão boa que eu quase quis chorar.

– Está bem – concordei, esperando não me arrepender por isso.

Os olhos de Ziggy ficaram arregalados.

– Está bem... *o quê?*

– Eu vou.

Ela ficou boquiaberta, claramente em choque, depois lançou os braços em volta do meu pescoço.

– É sério?! – berrou, e eu me afastei para levar a mão ao ouvido. – *Desculpa!*

– berrou outra vez, à mesma distância do meu ouvido. – Estou tão, tão animada!

Um leve desconforto se formou em meu peito.

– Aonde você disse que nós vamos, mesmo? – perguntei.

Sua expressão ficou ainda mais animada.

– Preparei um itinerário incrível. Vamos passar por cervejarias e vinícolas e alguns resorts maravilhosos e, na última semana, vamos a um chalé *inacreditável* em Vermont.

Assentindo, soltei o ar em meus pulmões.

– Está bem, está bem.

Mas Ziggy percebeu minha hesitação.

– Você não está pensando em mudar de ideia tão rápido, está? Jensen, eu juro que...

– Não – eu a interrompi, rindo. – É só que... eu viajei com uma pessoa louca ao meu lado ontem e ela falou que estava indo visitar vinícolas. Entrei em pânico pensando que, por alguma gracinha louca do universo, ela talvez pudesse ser a amiga que vai junto. Para dizer a verdade, eu preferiria quebrar a mão em uma porta ou comer um tijolo.

Ziggy deu risada.

– Ela estava vindo de Londres?

– Num primeiro momento, ela pareceu legal, mas aí ficou bêbada e não parava mais de falar – contei à minha irmã. – Teria sido um voo mais agradável se eu estivesse apertado na fileira do meio, entre duas poltronas. Deus, imagine passar uma semana inteira com uma mulher assim.

Com ares de comiseração, minha irmã estremeceu.

– Passei horas fingindo estar dormindo – confessei. – Você tem ideia de como é difícil fazer isso?

– Desculpe interromper – uma voz feminina falou atrás de mim. – Mas, Hanna, veja! Minha Pippa chegou!

Virei-me e fiquei congelado.

Seus olhos azuis bem-humorados encontraram os meus e seu sorriso era um deleite... e, dessa vez, sóbrio.

Espere!

Há quanto tempo ela estava parada ali?

Não!

Caralho!

Três

PIPPA

“Deus, imagine passar uma semana inteira com uma mulher assim”, ele dissera.

A loira estremeceu em comiseração.

“Fingi estar dormindo por horas”, ele dissera antes de estremecer – estremecer de verdade.

Eu sabia que era ele, é claro. Mesmo de costas, com seus cabelos perfeitamente arrumados, o suéter de caxemira impecável e as calças perfeitamente passadas em uma festa de crianças, eu o reconheci assim que entrei na cozinha. E aí, é claro, recebi a ajuda do ritmo de sua voz – doce, grave, em momento algum estridente ou aguda – assim que chegamos atrás dele, esperando o momento certo para interrompê-los. Parte de mim queria deixá-lo continuar falando para sempre. Saber que eu realmente era tão entediante quanto acreditava ser era como se alguma coisa raspasse meu cérebro. Também fiquei impressionada por sua capacidade de reclamar da situação com uma combinação tão fluida de articulação e irritação.

Eu jamais teria esperado isso. Ele parecia tão estável.

Mas o cara não esperava que *eu* estivesse parada ali, e vi suas bochechas empalidecendo durante a breve duração da sensação de surpresa, durante uma inspiração urgente.

Ouvi minha própria risada explodir em meio ao seu silêncio horrorizado. E aí, quando eu falei um discreto “Olá, Jensen”, era como se Hanna e depois Ruby se dessem conta do que estava acontecendo. E depois foi a vez de Niall, que murmurou:

– Santo Deus. Ele estava falando *de Pippa*, não estava...?

E aí Ruby o calou com um tapa no ombro.

Jensen assentiu e falou mortificado:

– Pippa.

Se você tivesse me perguntado ontem o que eu esperaria que Jensen fizesse depois daquele voo, eu teria dito: a) imediatamente me esquecer; ou b) comentar com alguém o quanto eu era desagradável e aí imediatamente me esquecer.

O fato de todo mundo estar tão horrorizado por mim – e eu deslizei várias vezes o olhar entre uma Hanna boquiaberta e um Jensen totalmente pálido – me lembrava de que eles não tinham ideia de como Jensen estivera certo ao dizer tudo aquilo.

E aí havia Ruby e Niall. Ruby tinha coberto a boca com a própria mão para segurar o riso. Niall ficou sorrindo para mim. Nenhum deles estava surpreso pela história que Jensen contou a meu respeito.

Olhei em volta, para todos eles, com um grande sorriso estampado em meu rosto.

– Meu Deus, pessoal, ele *não* está errado.

Jensen deu um passo hesitante para a frente e eu falei mais para ele do que para o resto do grupo:

– Eu fui... – Nesse momento, procurei a palavra certa. – Eu fui uma completa maníaca, mesmo. Ele está certo. Peço desculpas!

– Não foi uma maníaca completa – ele rebateu, soltando o corpo, um pouco aliviado. Aproximando-se de mim, baixou a voz: – Pippa, que grosseria da minha parte foi...

– Só é grosseria porque eu estou aqui – respondi e, quando seus olhos se arregalaram em constrangimento, apressei-me em acrescentar: – E como você saberia que eu viria a essa festa? Veja só que coincidência!

Ele negou com a cabeça, mas olhou para meus olhos, que deixavam claro que eu estava contente.

– Acho que é mesmo.

– E, se eu não tivesse aparecido, você estaria contando à sua irmã sobre o seu voo horrível, mas seria só uma história engraçada. Uma história muito, muito verdadeira e engraçada.

Ele sorriu agradecido e, aparentemente por instinto, olhou para a taça de vinho em minha mão.

– É a minha primeira – assegurei-lhe antes de acrescentar: – Infelizmente não vai ser a última por hoje. Muitos rostos desconhecidos por aqui. Coragem líquida e tal. – Dei de ombros, sentindo um frio na barriga ao vê-lo. – Mas pelo menos aqui você tem por onde escapar.

Ele assentiu, enfim afastando sua atenção do meu rosto para poder olhar em volta. Erguendo desconfortavelmente a mão, disse:

– Então, bem, esta é Hanna, minha irmã.

A engenheira biomédica; ele tinha comentado a respeito dela no avião. *Um advogado e uma engenheira?* Então eles eram uma *daquelas* famílias. Dei um sorriso.

– Ruby falou muito sobre você.

– Bem, ela deve ter se esquecido de comentar sobre o quanto eu *adoro* ver meu irmão passar vergonha.

Hanna deu um passo para a frente e me abraçou.

Assim como seu irmão, Hanna tinha a pele clara e era um pouco alta. Os dois estavam em boa forma. Eu fui agraciada com genes magros, mas provavelmente só correria se estivesse sendo perseguida, e, mesmo assim, dependendo do que estivesse me perseguindo. Realisticamente, eu não tinha a menor chance contra, digamos, vampiros.

– Eu entrei em uma sala cheia de fanáticos por boa forma? – perguntei. – Graças a Deus Ruby não se exercita regularmente...

Curioso, Niall arqueou uma sobrancelha.

– Ah, não?

– Ah, droga! – interrompi. – Vamos mudar de assunto.

Um belo homem de cabelos escuros passou a cabeça pela porta da cozinha e falou com Hanna:

– Amor, pode me trazer a segunda bandeja de salgadinhos? Essas crianças são poços sem fundo e... – Ele parou ao me ver e abriu um sorriso. – Oi! Você deve ser a amiga de Ruby, aquela que vai com a gente na viagem.

O rosto de Jensen ficou petrificado outra vez, como se só agora ele estivesse processando essa informação.

– Pippa, este é Will, meu marido – Hanna o apresentou, sorrindo.

Estendi o braço para dar um aperto de mãos.

– É um prazer conhecê-lo.

– Traga-a aqui para fora – propôs Will. – Ela precisa conhecer todo mundo.

Parecendo aliviado por irmos a outro lugar, Jensen colocou sua taça no balcão e gesticulou para que eu acompanhasse Hanna para fora da cozinha.

Ela nos levou até um amplo deque, onde havia cinco outras pessoas segurando bebidas e cuidando de um grupo de crianças correndo e rolando na grama.

– Vocês não vão acreditar no que... – Hanna começou a dizer, mas Jensen a interrompeu.

– Ziggy, não... – pediu, o tom de aviso permeando sua voz. – Sério, não faça isso.

Ela deve ter visto o que eu percebi nos olhos dele – uma vergonha mortificante –, porque apenas sorriu e me apresentou.

– Esta é Pippa. Ela estava sentada ao lado de Jensen no voo ontem. Não é uma loucura?

– Loucura total – falei, rindo. – Era eu fazendo o papel de maníaca embriagada – acrescentei, olhando para Jensen.

O pobrezinho parecia querer cair embaixo do deque e nunca mais ressurgir.

– Bem, então eu já adoro Pippa – uma morena linda (e *muito* grávida) disse à minha direita.

Outra mulher, também *muito* grávida – sério, havia alguma coisa na água aqui? – parada ao lado de um homem gigante, pouco menor do que Niall, deu um passo para a frente.

Se tivesse que adivinhar, eu diria que ele é Max, e ela, Sara – a cunhada de Ruby.

– Eu sou a Sara – ela confirmou. – Mãe de algumas das crianças ali no gramado... – Então, deslizou o olhar para encontrar as crianças e, aparentemente sem encontrá-las, virou-se para mim com um sorriso cansado no rosto. – É um prazer finalmente conhecê-la. Ruby falou sobre você para nós.

– Ah, não! – exclamei, rindo.

– Só falou coisas boas, não se preocupe.

A mulher de cabelos escuros, que tinha falado primeiro, se aproximou de mim com a mão estendida. Por um átimo de segundo, parecia querer me fatiar e servir como um sushi de Pippa, mas logo sorriu e todo o seu rosto pareceu caloroso.

– Eu sou a Chloe. Este é meu marido, Bennett. – E apontou para o homem ao seu lado, um cara alto e bonito, mas também muito sério. Chloe levou a mão à barriga: – Em breve seremos pais deste... mistério.

Troquei um aperto de mãos com Bennett e quase caí dura quando ele falou:

– Você teria feito um favor a nós todos se tivesse convidado Jensen para fazer parte do clubinho das pessoas que já treparam a bordo de um avião.

Sara ficou boquiaberta, Hanna estendeu a mão e deu um tapa no braço de Bennett, mas eu só consegui tossir uma risada. Olhei para Jensen.

– Isso é verdade? Você teria me acompanhado ao banheiro?

Ele riu, balançando a cabeça como quem estava se divertindo.

– Eu tenho tendência a não transar com mulheres que não vão se lembrar de nada depois.

Fiquei um pouco aturdida com o flerte presente em suas palavras.

– Aquela sua amante no flat de Londres o deixou cansado demais?

– Uma invenção da sua cabeça, infelizmente.

– E a sua bela esposa no triplex no final da rua?

– Mais uma vez, você criou uma vida de fantasias para mim – respondeu, esboçando um sorriso.

– Bem... – uni as mãos. – Isso só significa que você está livre para transar durante as duas semanas que passaremos bebendo pelas vinícolas da Costa Leste.

Jensen enrubesceu. Algumas pessoas – Chloe, Sara e Niall – deram risadas escandalosas.

– Ah, meu Deus! – exclamou Sara, levando sua mão delicada à boca. – Jensen, você está vermelho feito um camarão. Bem, é uma pena que eu vou perder isso.

E era verdade. Jensen estava morto de vergonha.

– Mal posso esperar – ele falou com uma voz trêmula.

Meu pobre colega de voo ficou totalmente surpreso ao se ver como objeto de toda a nossa atenção.

– Essa viagem sem dúvida vai ser divertida.

– Pippa é exatamente como eu descrevi, não é? – falou Ruby para todos e, ao mesmo tempo, para ninguém em especial, sorrindo amigavelmente para mim.

Passei meu braço em volta do dela e dei um sorriso.

– Agora, me apresente aos baixinhos. Seus amigos gostam mesmo de se reproduzir, não é?



– Não sei por que você não vai trabalhar em uma creche – arriscou Ruby. – Você é tão fofa lidando com crianças.

Fiz cócegas na barriguinha de Annabel e fingi estar surpresa quando sua irmã mais nova, Iris, pulou de trás da casinha de brinquedo e gritou:

– Boo!

– Porque... – comecei a responder, mas minha voz foi abafada quando Iris e Annabel abraçaram meu rosto ao mesmo tempo. – Eu viveria embriagada.

Ruby deu risada.

Gentilmente afastando as garotinhas, dei-lhes uma tarefa:

– Vejam se vocês conseguem arrumar alguns palitinhos de cenoura para a tia Pippa! – E então virei-me outra vez para Ruby, enquanto as crianças corriam na direção da mesa repleta de comida: – Além disso, eu ganho mais no meu emprego. É difícil mudar.

Ela puxou um fiapo de grama do chão e resmungou:

– Não é tão difícil assim.

– Bem, não é para você. Afinal, você tem um Niall Stella na cama e uma vaga na Oxford à sua espera... – Trombei em seu ombro e sorri quando ela olhou para mim.

Ruby deu uma risadinha a contragosto.

– Deus, aquela época toda foi uma loucura. Já se passaram dois anos, dá para acreditar? Parece que foi ontem.

Não fora fácil esquecer a experiência excruciante de Ruby ao final de seu período na empresa de engenharia onde nos conhecemos, a Richardson-Corbett, onde se apaixonou por Niall, que enfim percebeu o que estava acontecendo e rapidamente se apaixonou por ela. E depois ele arruinou tudo sendo um covarde quando ela teve que escolher entre o emprego e o relacionamento.

Eu o perdoei pouco depois que ela o perdoou, mas gosto de chamá-lo de cafajeste de vez em quando.

Ele aceita com bom humor.

Eu acho.

E, por falar no diabo, Niall apareceu, encontrando um espaço entre nós duas no gramado e entregando uma taça de vinho a Ruby. Sorrindo, assisti à cena enquanto ele se aproximava e a beijava.

– Isso nunca vai ser coisa do passado – murmurei.

– O que não vai ser? – ele quis saber, afastando-se dela para se virar na minha direção.

– Ver o carinho que vocês demonstram em público. Você costumava entrar no seu escritório e trancar a porta para amarrar os sapatos com toda a privacidade.

Ruby deu risada.

– Eu precisei de um tempo para treiná-lo.

Ele estremeceu sem protestar, tomando um gole de cerveja. A transformação de Niall Stella desde que conhecera Ruby era impressionante. Ele sempre fora confiante, mas também levava um ar de formalidade quando se movimentava. *Agora* era apenas... calmo. Agora estava claramente, perfeitamente feliz. Isso fez um sentimento brotar dentro de mim, uma flor se abrir em minha garganta.

Observei Sara de longe enquanto ela segurava Ezra, sua filha de um ano, por sobre seu barrigão de grávida.

– Seu irmão logo vai ter o quarto filho. Quando é que *você* vai tentar ter os seus?

Virando-me, vi Niall levar a mão à boca, tossir e se esforçar para não engasgar com a cerveja.

Do outro lado de seu longo torso, Ruby murmurou:

– Pippa.

– Ah, já entendi – falei, cutucando as costelas de Niall. – Eu faço todas as perguntas impróprias porque sou a melhor amiga da sua esposa. Ver também: como foi que essa cicatriz apareceu no seu rosto? Quão esquisitas foram as coisas depois que vocês treparam pela primeira vez? Você vai tentar engravidar

logo?

Isso me rendeu uma risada de Niall, que me abraçou e me puxou para beijar o topo da minha cabeça.

– Nunca mude, Pip. Você faz as coisas continuarem interessantes.

– E por falar nisso... – comecei, sentando-me. – Qual é o plano para a viagem? A gente não vai sair amanhã cedo? Enquanto estava assediando Jensen, me dei conta de que estou me intrometendo nas férias de vocês, mas não sei exatamente aonde vamos.

Ruby acenou para alguém do outro lado do quintal e me virei para descobrir que ela estava chamando Hanna.

– Vamos perguntar aos cérebros por trás da operação. Eu não fiz nada. Literalmente. Só assinei os cheques e apareci preparada. Hanna e Will cuidaram de todos os detalhes.

Um emaranhado de pernas, braços e cabelos castanho-claros parou no gramado à minha esquerda, e logo percebi que Hanna estava cercada por duas meninas gritando.

– Já fui substituída – apontei, fingindo estar chateada.

– Tia Chique é minha preferida.

Virei o rosto ao ouvir uma voz grave.

Will sentou-se ao lado da esposa: alto, tatuado, lindo de tirar o fôlego e, a julgar pelo brilho em seus olhos, conhecedor de todas as coisas sacanas do mundo.

Observei seu rosto enquanto ele olhava para Hanna, Annabel e Iris.

– Hanna é a tia Chique? – eu quis saber.

Ele assentiu, estendendo a mão na direção de Iris e puxando a garotinha para se sentar em seu colo.

– Na época em que Hanna ainda era minha noiva, Anna não conseguia falar o nome dela. E a chamava de Chique. E agora... – explicou, fazendo uma pausa para beijar o pescocinho fofo da irmã mais nova de Anna. – Agora ela será tia Chique para sempre.

– É claro – Hanna disse rindo, apontando para sua calça jeans e moletom da Harvard.

Essa sensação que ela transmitia de estar sempre à vontade era o que eu mais gostava nela. Era uma falta de atenção natural às roupas, e nunca consegui ser assim.

– É claro – outra voz masculina acrescentou atrás de nós. Jensen aproximou-se e fechou o pequeno círculo de pessoas no gramado, sentando-se diretamente à minha frente. – Perdão – falou, rindo. – Do que estávamos falando?

– Que Hanna é muito chique – respondi. – Embora ninguém seja páreo para

você.

E aponte para suas roupas, uma combinação perfeita de peças.

– Você não está nada mal – ele elogiou, apontando para o meu vestido.

Neguei com a cabeça.

– Eu sempre tenho essa sensação de não pertencimento. As pessoas são confortavelmente casuais ou, como você, impecáveis. Eu sou aquela criatura com meia-calça fluorescente em um restaurante bacana. Alguém me ajude a dar um jeito nisso.

– Perto de você, sempre me sinto uma lâmpada de poucos watts – comentou Ruby.

As palavras me fizeram bufar. Não foi isso que eu quis dizer, de forma alguma. Ruby era impressionante: esbelta e segura, com um sorriso capaz de iluminar um prédio inteiro.

– Acabo de perceber que não sei nada sobre roupas – comentou Hanna, encolhendo um ombro.

Ruby gritou:

– Eu sempre falo que não sei nada *sobre cabelos!*

Elas se aproximaram de Niall e de mim e trocaram um toque de mãos. Niall e eu trocamos um olhar. As duas pareciam gêmeas.

Hanna inclinou o corpo e abriu um *mapa de papel* para mostrar o caminho das vinícolas de Long Island, seguindo para o norte, rumo a Connecticut e depois Vermont, onde passaríamos a segunda semana juntos em um chalé espaçoso – a julgar pelas fotos que Will mostrou em seu celular –, que prometia ser rústico e luxuoso, além de bem caro.

Ruby estava vertiginosa; inclinou-se na direção de Niall e o abraçou. Will olhava com adoração para Hanna. De repente, imensamente grata por Jensen nos acompanhar na viagem, olhei para ele. Estava estudando cuidadosamente o mapa e discutindo a melhor rota com Hanna.

Seus cabelos caíram para a frente, sobre o arco suave de sua testa, bloqueando seus olhos da minha visão. Precisei de um momento para catalogar seus traços: nariz reto, um frescor leve e constante nas bochechas, lábios carnudos que eu agora sabia serem capazes de formar um sorriso enorme e natural e um maxilar que eu queria segurar com as mãos.

Depois de alguns minutos, ele percebeu meu olhar.

Tentei disfarçar, mas essa seria uma manobra óbvia e desajeitada. Eu estava olhando descaradamente para ele.

Não sei o que se passava em meu estômago. Senti calor, nervosismo, curiosidade, e de repente passei a ver a viagem como algo especial.

Will e Hanna.

Niall e Ruby.

Jensen e... *eu*.

Eu queria entrar nesse jogo?

Talvez. Quero dizer, é claro que eu estava interessada. Imediata, cega e – é provável – inutilmente. Jensen e eu não tínhamos nos conhecido no encontro mais tranquilo do mundo.

Mas o calor dentro de mim se desfez quando me lembrei da última vez que vi Mark, há uma semana. Seu rosto me implorava para eu não terminar o relacionamento, deixava claro que ele não queria terminar. A verdade, todavia, era que ele não queria ser colocado para fora do apartamento, não queria ficar sem uma boa fonte de Wi-Fi, não queria perder os cômodos que convenientemente usava o dia todo enquanto eu trabalhava. Infelizmente para ele, eu pretendia ser um pouco mais valorizada do que isso.

Mas eu poderia ser valorizada pegando um cara por uma ou duas semanas?

Olhei outra vez para Jensen.

Sim. Sim, eu poderia.

Infelizmente para esse plano, Jensen trazia consigo um ar que dizia: “Eu estou bem comigo mesmo, mas não estou à vontade para me relacionar.”

Depois de assentir para Hanna quando ela pediu licença e para Will, que foi receber alguém que tinha acabado de chegar, Jensen olhou outra vez para mim e sorriu. Deu tapinhas no gramado ao seu lado, inclinando a cabeça e balbuciando as palavras “venha aqui”.

Incapaz de recusar um convite tão discretamente doce, eu me levantei, bati as mãos na saia para limpar a grama seca, dei dois passos e me sentei ao seu lado no gramado.

– Olá – cumprimentei, batendo meu ombro no dele.

– Oi.

– Sinto como se já fôssemos velhos amigos. – Inclinando a cabeça na direção da mesa de doces, perguntei: – Você conseguiu descolar um cupcake do Come-Come antes que eles fossem dizimados?

Rindo, ele sacudiu a cabeça:

– Ainda não.

– Eu devia ter imaginado – falei, sorrindo de volta para ele. – Seus lábios não estão com aquela mancha azul semipermanente que os cupcakes deixam e...

– Pippa – ele me interrompeu, olhando em meus olhos. – Eu realmente sinto muito por não ter sido muito gentil.

Com um aceno, dispensei suas palavras. Eu bem tinha imaginado que esse assunto voltaria à tona. Eu via Jensen como se ele fosse transparente, como a pessoa gentil e responsável que era.

– Acredite – falei. – Eu estou morrendo de vergonha do que aconteceu no avião.

Ele começou a balançar a cabeça para interromper, mas eu estendi a mão para contê-lo.

– Para dizer a verdade, eu nunca contei tudo da minha vida daquele jeito para ninguém. Achei que nunca mais voltaria a vê-lo e que eu podia... – Fiz que não com a cabeça. – Sei lá, talvez apenas expressar tudo na esperança de tirar um peso enorme da minha mente.

– E funcionou?

– De forma alguma. – Dei um leve sorriso. – Em vez disso, minha atitude só fez essa viagem se tornar muito desagradável para nós dois. Mas eu aprendi a lição. Para mim também seria melhor se nunca mais nos víssemos, mas aqui estamos nós.

– Aqui estamos nós.

– Vamos recomeçar? – propus.

Ele assentiu na direção do mapa de Hanna.

– Acho que essa viagem vai ser divertida.

– Você não se importa de me acompanhar?

Ele se esquivou da pergunta com uma risadinha.

– Fico feliz por ser o seu apoio na noite em que você voltar bêbada para a van. Impressionada, balancei a cabeça.

– A noite? Você acha que eu só vou beber uma vez? Já esqueceu que há uma série de vinícolas pelo caminho?

Ele abriu a boca para responder enquanto um sorriso já fazia seus lábios se curvarem, mas nós dois ficamos espantados quando alguém gritou seu nome do outro lado do gramado. E meu coração ficou inexplicavelmente desapontado ao ver que era Will precisando da ajuda de Jensen para dependurar a pinhata.

– Por que ele resolveu pedir para mim, e não para Max ou Niall? – Jensen resmungou bem-humorado, levantando-se.

A resposta era muito clara: Max estava ocupado controlando as crianças de três anos que gritavam para andar no aviãozinho. Niall estava ocupado acariciando Ruby na sombra da varanda.

Mas, quando Jensen se foi, Niall entrou em ação e o seguiu.

Ruby veio até mim e me abraçou.

– Estou tão contente por você estar aqui!

Soltei o corpo contra seu torso esguio, rindo. Quando nos ajeitamos outra vez, concordei:

– Eu também estou feliz por estar aqui.

– A gente vai se divertir muito – ela sussurrou.

Assenti, olhando na direção onde Jensen e Will erguiam os braços para prender a corda da pinhata no galho de um grande olmo. A camiseta de Will se repuxou, deixando exposta uma pequena área da pele tatuada.

O suéter de Jensen também estava erguido, mas, infelizmente, não me mostrava nada. Ele tinha uma camisa por baixo, cuidadosamente enfiada na calça.

– Então, ele é lindo – Ruby comentou casualmente.

Confirmei com um “a-ham”.

– E solteiro – afirmou. – E divertido, e responsável...

– Já entendi qual é a sua.

– E em boa forma... e parente de Hanna. O que significa que é um cara *incrível*.

Virando-me para ela, perguntei:

– E por que isso? Quero dizer, *por que* é solteiro?

– Acho que ele trabalha demais – ela supôs, especulando. – Quero dizer, *demais, demais mesmo*.

– Muita gente trabalha demais. Porra, veja você e Niall. Mas vocês ainda conseguem transar todos os dias... – Ergui a mão quando ela abriu a boca para concordar. – E eu não quero ouvir nenhuma confirmação disso, foi só uma colocação retórica. – Ela fechou a boca e fingiu prendê-la com um zíper. – Mas eu não entendo. Ele é perverso? – Olhei brevemente para ele outra vez enquanto me perguntava se eu preferia essa possibilidade. Jensen e Will tinham terminado de pendurar a pinhata e agora riam para o pônei de papel machê junto à árvore. – Acha que ele talvez prefira homens?

– Duvido.

– Não sei... – murmurei, olhando para Jensen. – Ele se veste bem demais.

Ruby me deu um tapinha.

– Certo, vou dizer o que já chegou aos meus ouvidos. – Ela ajeitou o corpo para me encarar, dando as costas para o resto da festa. Esperei enquanto o frio na barriga gerado por uma boa fofoca fazia seus olhos se iluminarem. – Ele foi casado quando tinha vinte e poucos anos. Mas, segundo o que Hanna me contou, o casamento só durou alguns meses.

Fechei uma carranca.

– Isso é... interessante?

Imaginei *este* Jensen, com seu suéter de caxemira azul e calças pretas perfeitamente passadas em uma festa infantil. Tentei imaginar o Jensen *de antes* – talvez tenha conhecido aquela garota em um dia de chuva, quando as compras dela caíram de um saco rasgado. Abaixou-se para ajudá-la e depois os dois se transformaram em um emaranhado de corpos suados enquanto os lençóis

permaneciam caídos no chão. Tiveram um casamento rápido, algo escandaloso e selvagem.

– Ele passou nove anos com ela – Ruby continuou. – Desde a faculdade até terminarem a pós-graduação em Direito.

Minha fantasia se desfez.

– Nossa!

Então eu estava certa: ele não era o tipo perfeito para um fim de semana selvagem.

– Acho que, logo depois do casamento, ela disse que achava que os dois não eram feitos um para o outro.

– E ela não poderia ter feito isso *antes* de os dois trocarem as alianças? – perguntei, puxando um fiapo de grama. – Que coisa estranha.

– Você não é a primeira a perguntar isso.

O rosto de Ruby empalideceu e eu imediatamente reconheci a voz de Jensen.

– Puta merda! – resmunguei, virando-me para encará-lo. – Desculpa. Dessa vez, nós fomos pegas falando de você.

Ele deu risada enquanto estendia o braço para pegar a taça de vinho que estava ao nosso lado.

Estremeci enquanto procurava alguma coisa para dizer. Por fim, falei:

– Duvido que seja justo você conhecer toda a história da minha vida enquanto eu não sei nada da sua. Só sei que não existe nenhuma amante em Londres e nenhuma esposa no triplex.

Ele sorriu, confirmando.

– Realmente, não existe nada disso.

– Bem, você poderia ter demorado mais com a pinhata – arrisquei, tentando encobrir meu constrangimento com um pouco de humor. – Francamente, você quase não me deu tempo para descobrir seus podres.

Jensen apertou os olhos para protegê-los da luz do sol.

– Esse é o único podre que existe.

Ele me estudou, mas eu simplesmente não consegui desvendar a sua expressão. Estaria furioso? Indiferente? Aliviado por eu já saber daquilo? Por que eu tinha essa sensação de que havíamos acabado de nos conhecer, mas eu já carregava essa bagagem enorme?

– E isso é bom ou ruim?

Abri a boca por alguns segundos de confusão antes de perguntar:

– Você quer saber se é bom ou ruim o fato de você só ter uma história interessante?

Jensen estremeceu, mas essa reação sumiu em um piscar de olhos.

– Me avise se quiser mais vinho.

Quatro

JENSEN

– Já chegou aos meus ouvidos.

Terminei a última linha do e-mail que estava escrevendo antes de olhar na direção da porta.

– Greg. Oi. – Afastei-me da mesa e acenei para que entrasse. – O que está rolando?

– Ouvi dizer que você vai sair de férias – contou.

Greg Schiller era outro advogado, especializado em fusões de empresas de biotecnologia, e adorava uma fofoca – adorava mais do que qualquer outra pessoa que eu já conhecesse, exceto tia Sherry e Max Stella. Ele prosseguiu:

– E agora vejo que está correndo contra o tempo em uma noite de sábado, então deve ser verdade.

– É, sim – respondi, dando risada. – Férias. Mas só até o dia 22.

Férias. Minha mente tropeçou na palavra e no quão familiar ela parecia no seguinte contexto: eu, Jensen Bergstrom, estou saindo de férias.

Eu era o cara que ficava até tarde na empresa e trabalhava nos fins de semana quando alguma coisa tinha de ser feita, o cara que as pessoas procuravam em uma emergência. Não lia e-mails correndo para poder sair logo do escritório e definitivamente não era do tipo que fazia minha assistente limpar minha agenda das próximas duas semanas para eu poder viajar pela Costa Leste.

Todavia, eu tinha feito justamente isso algumas horas atrás.

Tinha limpadado a minha agenda para fazer uma *road trip* por vinícolas com minha irmã e meu cunhado e seus amigos e uma mulher que eu conhecesse bêbada em um avião.

O que eu tinha na cabeça?

A insegurança tomou conta de mim. Ainda havia alguns detalhes a acertar no lado londrino da fusão entre a HealthCo e a FitWest. Se eu fosse parar em uma região onde não houvesse sinal de celular e...

Como se tivesse percebido minha hesitação, Greg inclinou o corpo por sobre a minha mesa.

– Não faça isso.

Pisquei os olhos para ele.

– Não faça o quê?

– Essa coisa de imaginar todo e qualquer cenário catastrófico para se convencer a não ir.

Bufei. Ele estava certo. Era muito mais do que apenas não vir trabalhar. Era uma sensação esmagadora de que eu estava em uma encruzilhada da minha vida. Outra vez. Seria muito mais fácil ficar em casa, descansar amanhã (em vez de entrar em uma van com minha irmã e seus amigos) e depois, na segunda-feira, voltar a me afundar numa rotina de trabalho.

Mas fazer isso seria ficar exatamente onde estive nos últimos seis anos.

Sacudindo a cabeça, girei um grampeador sobre a mesa.

– Nunca pensei que eu seria esse tipo de cara, sabia? Quero dizer, você está certo, hoje é *sábado*. Natalie vai dar conta de tudo.

– Vai, sim.

E sentou-se na cadeira à minha frente.

– Bem, o que você está fazendo aqui? – perguntei, olhando para ele.

– Esqueci a carteira no escritório ontem. – Ele deu risada. – Ainda não cheguei ao nível Jensen Bergstrom de dedicação.

Bufei. E ele prosseguiu:

– Mas todos nós sabemos que há dois caminhos nessa empresa. Sacrificar tudo e se tornar um dos associados ou continuar como funcionário por uma década. Muitos de nós invejamos você, sabia?

Corri a mão pelos cabelos.

– Sim, mas você tem três filhos e uma esposa que curte tomar cerveja. Alguns de nós invejamos *você*.

Greg deu risada.

– Mas eu provavelmente nunca vou me tornar um sócio. Você está chegando lá.

Santo Deus, que jeito estranho de terminar uma conversa. E ter 34 anos e estar quase lá. O que vem depois? Duas décadas de mais do mesmo?

Greg se aproximou.

– Mas você passa tempo demais aqui. Vai chegar à crise da meia-idade e ter uma Ferrari em menos de três anos.

O comentário me fez rir.

– Não diga isso. Você está soando como a minha irmã.

– Ela parece bem inteligente. A propósito, vai viajar para onde?

– Um passeio por vinícolas com um grupo de amigos.

Surpreso, ele arqueou as sobrancelhas. Entretanto, havia no ar aquela pergunta não verbalizada. Aquela pergunta de se alguém mais nos acompanharia, alguém especial na minha vida. Bandeiras vermelhas se agitaram em minha visão periférica.

– Bem – corrigi. – Com os amigos da minha irmã.

Ele sorriu e percebi que eu tinha tomado a decisão certa. Melhor Greg pensar que eu só ia acompanhá-los do que Greg achar que havia alguma fofoca interessante a ser descoberta.

– Bebida e folga – disse. – Muito bom.

—

O ar da manhã de domingo trazia um friozinho úmido. Meu carro estava parado junto ao meio-fio, já bombardeado pelas folhas caindo do bordo no jardim da frente, e eu me perguntava quanta sujeira se acumularia ali. Ziggy tinha se oferecido para vir me buscar com a van, mas, em uma explosão impulsiva, eu disse que os encontraria na casa dela. Meu carro não saía da garagem havia três meses. Ou eu tomava um ônibus para o escritório ou um táxi para o aeroporto. Minha vida parecia pequena o suficiente para caber em um dedal.

Subi as escadas da casa de Will e Ziggy, chutando algumas folhas ao passar pela varanda. As bexigas da festa de aniversário não estavam mais presentes e duas enormes abóboras e um vaso de flores haviam retomado seus lugares.

Pensei na minha casa, onde não havia abóboras nem guirlandas na porta, e tentei afastar o pensamento de vazio que brotou em meu peito.

Eu não estava negando que queria mais para a minha vida.

Eu só não estava nada contente por minha irmã mais nova ter apontado tudo de forma tão clara para mim. Como sempre tive uma resposta instintiva a críticas, eu tendia a me fechar e precisar pensar um pouco. Os pensamentos de ontem à noite ainda viviam na forma de um bocejo de exaustão ecoando em minha cabeça.

Apertei a campainha e ouvi Will gritar, lá de dentro, que estava aberta.

A fechadura virou com facilidade e eu entrei, soltando minha sacola próximo às outras, junto à porta, tirando os sapatos e seguindo o aroma de café recém-

preparado que atravessava o corredor.

Niall estava sentado à mesa do café, segurando uma caneca, enquanto Will pilotava o fogão.

– Mexidos, por favor – falei. Em resposta, ele jogou uma fatia de cogumelo na minha direção. Enquanto ia ao armário pegar uma xícara para mim, deslizei o olhar pela cozinha até chegar ao quintal dos fundos. – Onde está todo mundo?

– Acabamos de chegar – Niall respondeu. – Pippa e Ruby foram ajudar Hanna a terminar de arrumar a mala.

Assenti, tomei um gole de café e deslizei mais uma vez o olhar pela cozinha.

Embora minha casa fosse – e até eu podia admitir isso – um pouco mais organizada, a casa de Will e Ziggy parecia mais... calorosa. Um pequeno vaso de flores descansava no parapeito próximo à pia da cozinha. A porta da geladeira estava coberta com os desenhos da festa de Annabel e, muito embora eles ainda não tivessem filhos, qualquer um podia ver que era apenas uma questão de tempo.

Em outros lugares da casa, eu sabia o que encontraria: livros e publicações científicas por todos os cantos – as páginas marcadas com o primeiro pedaço de papel que minha irmã conseguisse encontrar naquele momento. Uma geladeira coberta de ímãs de viagens ou contendo suas citações favoritas. Fotos da família e páginas de quadrinhos emolduradas decoravam as paredes.

O telefone de Will vibrava em algum lugar atrás dele.

– Pode pegar o telefone ali para mim? – pediu, assentindo na direção do balcão. – Está tocando a manhã inteira.

Estendi a mão para pegar o aparelho e vi um grupo trocando mensagens pela tela.

– Você está em um grupo que troca mensagens? Que coisinha mais fofa!

– É assim que nos mantemos atualizados sobre o que está acontecendo, mas tudo chegou a outro nível depois que Chloe ficou grávida. Ou Bennett vai ter um ataque cardíaco antes de esse bebê chegar ou vai ter que ser mandado para algum lugar bem longe. Leia para mim, por favor.

– Aqui diz que a companhia aérea perdeu a mala de Chloe – comecei. – “Os sapatos de que ela mais gosta estavam lá, uma bolsa *clutch* que comprei para ela em nosso aniversário e um presente que ela escolheu para George”. Depois, Max pergunta se a cabeça dela deu a volta no pescoço ou se ela começou a falar em línguas. E Bennett responde que “teria sido melhor se isso tivesse acontecido”.

Will deu risada enquanto virava algumas fatias de bacon na frigideira.

– Esses dois são meus preferidos. Diga a ele que li um artigo no *Post* que dizia que só seis ou sete padres nos Estados Unidos sabem realizar exorcismos. Talvez ele devesse começar a fazer alguns telefonemas logo. – Sacudindo a cabeça e

suspirando melancolicamente, acrescentou: – Deus, que saudade de Nova York.

Digitei a mensagem que ele pediu antes de colocar o celular de volta sobre o balcão.

– Precisa que eu faça alguma coisa?

Will apagou o fogo e começou a separar porções de ovos em seis pratos coloridos.

– Não. A van já está aí e abastecida, as malas estão arrumadas. Assim que terminarmos o café da manhã, estaremos prontos para ir.

Eu tinha repassado o itinerário criado por minha irmã e sabia que o caminho até Jamesport, em Long Island, levaria cerca de quatro horas – um pouquinho mais, um pouquinho menos, dependendo do trânsito e da balsa.

Não seria nada muito ruim.

Senti um peso rebelde em meus pensamentos. Sabia que essa viagem me faria bem, mas, de alguma forma, eu queria provar que eles estavam errados. Provar, talvez, que eu não precisaria de mais do que já tinha conquistado na vida. Senão, como poderia sentir orgulho de tudo o que eu tinha conquistado?

Ouvi a voz de Ziggy vindo do andar de cima, depois Pippa gritando alguma coisa com ares de drama e Ruby e Ziggy rindo histericamente.

Will me olhou nos olhos, arqueou as sobrancelhas.

Eu não precisei perguntar para saber o que ele estava pensando, e, se não estivesse perfeitamente claro para todos nós, então seríamos um grupo de idiotas.

Essa viagem era muitas coisas – férias, uma oportunidade de os casais ficarem juntos –, mas também era um recomeço.

Eu já esperava os olhares, as insinuações e – em especial depois de algumas taças de vinho – a confirmação definitiva de que esse era um grupo de casais viajando juntos.

Pippa era sexy, o problema não era esse. Era linda, o problema não era esse. O problema era seu tipo de beleza, seu tipo de sensualidade – extravagante, escandaloso – e o fato de eu saber, no fundo, que ela não era a mulher certa para mim. Outro problema era minha ambivalência acerca de relacionamentos e o tipo de recuo estranho e instintivo que eu havia desenvolvido como resposta a eles.

Mas eram apenas férias. Não *precisavam* ser mais do que apenas férias.

– Você está preocupado com alguma coisa – Will questionou, entregando-me uma caneca enorme e apontando para a gaveta onde ficavam os talheres.

Coloquei um punhado de garfos dentro da caneca e virei as costas para ele.

– Não, só estou analisando umas coisas.

Ele sorriu.

– Demorou um pouco.

– Sou bom em evitar.

Will explodiu em risos com a tranquilidade de um homem que está prestes a ter duas semanas de férias com sua melhor amiga e esposa.

– Que mentira. Conversaremos mais tarde.

Soltei um gemido de ambivalência, passei manteiga na torrada, enchi o copo de suco e ajudei a levar tudo para a mesa.

– O café da manhã está pronto! – Will gritou por sobre o ombro.

Ouvi passos pesados pela escada e ergui o olhar para ver Pippa entrar na cozinha, seus cabelos loiro-avermelhados em uma trança folgada. Preparada para o longo caminho, ela usava *leggings* de um azul elétrico, tênis e um suéter solto de tricô preto que deslizava suavemente por sobre um ombro.

– Olá, Jens – ela cumprimentou, abrindo um sorriso enorme em seu caminho para a cozinha.

A trança balançava a cada passo e eu a vi de costas, mas afastei rapidamente o olhar quando me deparei com seu traseiro naquelas calças.

Putaquepariu!

Concentrei-me outra vez na mesa, mas logo notei o olhar de Will, que deixava claro que ele percebera o que tinha acontecido.

– Olá, Jens – ele repetiu com um sorriso cada vez maior. – Como está a sua análise das coisas agora?

– Parece que eu vou ter que dar um soco no seu pau – rebati, sentando-me e ajeitando o guardanapo em meu colo.

Ele riu e puxou uma cadeira para Ziggy, que se juntava a nós.

– Adoro estar certo – Will comentou, inclinando o corpo para beijá-la.

Ela também olhou para ele, mas confusa.

– O quê?

– Eu só... – Ele se virou, pegou uma garfada de ovos e sorriu para Pippa enquanto ela ajeitava a cadeira ao meu lado. – Eu só estou *muito* ansioso por essa viagem.

—

Reunimo-nos próximo à lustrosa van estacionada junto ao meio-fio, observando Niall guardar as bagagens da forma mais eficiente possível e decidindo quem se sentaria onde. Ziggy havia pensado em tudo. A van acomodava oito pessoas, então nosso grupinho de seis cabia ali e ainda sobrava muito espaço para travesseiros, cobertores, lanches, água, rádio a satélite e até

mesmo dominó, jogos de tabuleiro e palavras cruzadas.

Tínhamos decidido nos alternar ao volante, mas – como aqui era o espaço da minha irmã – definimos quem seria o primeiro com uma ajudinha de uma versão nerd do jogo pedra, papel e tesoura: pipeta, béquer, caderno. A pipeta manchava o caderno, o caderno cobria o béquer, o béquer quebrava a pipeta, segundo ela havia explicado. Demoramos mais para entender a hierarquia do que para enfim chegarmos ao acordo de que Will seria o primeiro a dirigir. Quando quebrei a pipeta dele com meu béquer, era hora de partir.

Pippa se sentou ao meu lado e me deu um sorriso desconfiado.

– Oi, amigo.

Dei risada.

– Quer brincar de caça-palavras?

– Pode apostar, senhor.

Ela puxou o jogo e deu um sorriso de loba.

—

Devo admitir: Pippa era surpreendentemente boa jogando caça-palavras. Enfieei a caixa de volta no espaço onde Ziggy havia deixado os jogos e olhei para Pippa.

– Foi divertido – comentei discretamente. – Como encontrou aquele “pepinos”? O que foi aquilo, mulher?

Ela soltou uma risada deliberada.

– Fiquei de olho naquele “P” durante a maior parte do jogo, suei muito ali. – Inclinando o corpo para frente, na direção de Ruby e Niall, Pippa arriscou: – Alguém mais quer jogar caça-palavras?

– Eu quero jogar contra você a próxima rodada – falou Niall, sorrindo para ela por sobre o ombro. – Vou ficar feliz ao vingar os homens.

– Pode ir sonhando – ela provocou. Ajeitando-se outra vez no assento, Pippa suspirou e olhou pela janela. – Fazer uma *road trip* aqui é muito diferente de fazer uma *road trip* na Inglaterra.

– Como assim? – eu quis saber.

Ela afastou os cabelos da testa e se virou ligeiramente na minha direção.

– Você consegue ir de um extremo a outro da Inglaterra em um único dia – explicou antes de elevar a voz para contar a todos nós: – São cerca de catorze horas de viagem entre a Cornualha e a fronteira com a Escócia, não são, Niall?

Ele refletiu por um instante.

– Depende do trânsito e do tempo.

– Verdade – ela confirmou, assentindo com a cabeça. – Mas aqui, aqui as estradas são infinitas. Você poderia entrar em uma delas numa segunda-feira e seguir dirigindo por dias, realmente se perder. Não seria incrível fazer isso? Arrumar uma moto ou um desses furgões e dirigir, dirigir, dirigir, sem nenhum destino específico em mente?

– Parar em todos os mirantes, comer *junk food* em todos os estados – Ziggy completou no banco da frente.

– Precisar de todos os banheiros pelo caminho – Will acrescentou, piscando com um olho na direção dela. Ele ergueu o olhar e me observou pelo retrovisor.

– Você se lembra daquela viagem do dardo que fizemos nos tempos de faculdade, Jens?

– E como poderia esquecer?

– Viagem do dardo? – Pippa perguntou, olhando para nós.

– Não sei quanto Ruby contou para você – falei. – Mas Will e eu fizemos faculdade juntos. Foi assim que ele conheceu Zig... Hanna.

Ela ficou de olhos arregalados, aparentemente percebendo que entre nós havia todo um oceano de histórias que não foram contadas e duas semanas para ouvi-las.

Abri um sorriso.

– Uma viagem do dardo é uma viagem em que você basicamente joga um dardo no mapa para decidir aonde vai. No nosso caso, acertamos um lugar próximo ao Bryce Canyon National Park, então foi lá que fomos parar no verão antes do último ano do colégio.

– Vocês foram dirigindo de Boston até *Utah*? – Ruby perguntou incrédula.

– Parece que Will tem uma preferência por destinos que fiquem mais à esquerda no mapa – falei. – Bem, muito mais à esquerda.

– Lembro que tínhamos 400 dólares, o que parecia uma fortuna na época, e essa quantia tinha que cobrir os gastos com gasolina, alimentação, pedágios e um lugar para dormir. Depois, quando o dinheiro acabou, tivemos que... hum... improvisar.

A essa altura, Ruby virou-se para trás em seu assento para me encarar, claramente rindo.

– Na minha cabeça, vocês dois trabalharam como strippers em algum bar de beira de estrada em Nebraska. Por favor, não estraguem essa minha imagem.

Will latiu uma risada.

– Você não está tão longe da realidade, para dizer a verdade.

– Quanto tempo durou a viagem? – Niall perguntou. – Não sou nenhum especialista em geografia dos Estados Unidos, mas o percurso deve ter algo como... quase 5 mil quilômetros?

– Uns 4 mil quilômetros – falei. – No velho Lincoln da mãe de Will. Sem ar-condicionado, bancos de vinil.

– Sem direção hidráulica ou elétrica – Will acrescentou. – Bem diferente do interior de couro e DVD player que temos aqui hoje.

– Mesmo assim, foi uma das melhores semanas da minha vida.

– Talvez você esteja se esquecendo da nossa caminhada pelo canyon? – ele perguntou, olhando-me outra vez pelo retrovisor.

– Bem, não nos deixem curiosos – Pippa ordenou, apoiando a mão em minha perna.

Era um toque inocente, um toque para me estimular a contar a minha história, mas eu sentia o calor de sua palma, a ponta de cada dedo apertando o tecido da minha calça.

Precisei raspar a garganta.

– Foi no mês de julho, estava quente pra caramba – comecei. – Estacionamos em um lugar e saímos do carro. Tínhamos água e um pouco de comida, protetor solar... tudo o que achávamos necessário para passar algumas horas. O sol estava a pino e seguimos andando por uma linda trilha, com paredes rochosas de ambos os lados. Depois de algum tempo, chegamos a uma superfície plana, onde podíamos escolher entre voltar ou seguir em frente, rumo a uma trilha maior para ver mais daquele canyon. É claro que, como tínhamos menos de vinte anos na época, fomos em frente.

Ziggy estudou Will e virou os olhos enquanto dava uma risadinha.

– É claro que seguiram.

– Era de tirar o fôlego – comentei. – Tinha umas rochas enormes ao longe. Era como olhar para uma fortaleza que havia brotado direto do chão, feita totalmente de pedra vermelha. Mas também estava quente *pra caralho*. E, a essa altura, o sol já tinha se movimentado para o outro lado do céu e o caminho de volta era longo. Paramos para descansar algumas vezes pela trilha e nossa água tinha acabado. Estávamos começando a nos cansar também e, sem água, já começávamos a ficar meio loucos. Éramos jovens e estávamos em boa forma, mas tínhamos passado horas andando no calor escaldante. Vou poupá-los do nosso drama, mas, acredite, foi horrível...

– Foi mesmo – confirmou Will.

– Já estava escurecendo quando chegamos ao carro – continuei. – Corremos até a fonte e bebemos o nosso peso em água. Usamos o banheiro para nos limparmos um pouco, sentindo que, de alguma forma, havíamos enganado a morte – contei rindo. – E aí nos arrastamos outra vez de volta ao carro.

– Por que é que estou sentindo um “mas” surgindo a qualquer momento nessa conversa? – Ruby arriscou.

– Mas... – Will continuou. – Voltamos ao carro, enfiei a mão no bolso para pegar a chave e não conseguia encontrá-la.

– Ah, pare com isso! – Pippa exclamou boquiaberta.

– Estávamos tão aliviados por termos saído vivos que conseguimos permanecer calmos e mentalmente retraçar o que havíamos feito. Tínhamos parado para beber em algum ponto no caminho, eu tinha tirado meu protetor labial e a câmera, mas o lugar ficava a pelo menos dois quilômetros. Pegamos uma lanterna, fomos até o primeiro ponto onde sabíamos que tínhamos parado e aí percebemos que seria impossível fazer todo o caminho outra vez. Voltamos ao estacionamento e...

– E, como nenhum de nós sabia roubar ou arrombar carros... – comecei.

– Estávamos presos ali – Will terminou. – Na época, não tínhamos celulares, e também não havia orelhões por ali. Teríamos que esperar alguém nos encontrar ou o nascer do sol. Mas a cada minuto fazia mais frio e, bem, vocês já viram as aranhas que vivem no deserto? Eu por fim desisti e usei uma pedra para quebrar a janela traseira e destravar o carro.

– Vocês dois dormiram lá? – Pippa quis saber.

Confirmei com a cabeça.

– No banco traseiro.

– De conchinha? Quem ficou atrás? – Ruby perguntou, e Will jogou um punhado de M&M's contra ela.

– Quando amanheceu, saímos e demos uma olhada em volta – contei. – Por algum motivo, fui atrás do carro e olhei para baixo. E a chave estava ali. No chão, onde deve ter caído antes de sairmos para fazer a trilha.

– Você está zoando?! – exclamou Pippa com cara de alívio. – Estava ali o tempo todo?

– Acho que sim – confirmei. – A gente só não conseguiu ver no escuro.

Ela sacudiu a cabeça para mim, seus olhos brilhavam como os de quem estava se divertindo antes de ela virar-se outra vez para a janela.

Ficamos em um silêncio amigável e eu me vi surpreso com quão tranquilo tudo parecia. Com como era tranquilo estar sentado ali, ao lado de Pippa e cercado por nossos amigos, como se nossa aventura no avião fosse algo que tivesse acontecido com duas outras pessoas. Ela era doce e divertida, aventureira e um pouco selvagem, mas também atenta e uma mulher que conhecia a si mesma.

Eu não sabia quais eram minhas expectativas. Não sabia se esperava que ela tivesse a mesma ideia que eu – que havíamos nos encontrado por acaso –, mas Pippa não estava subindo em meu colo. Não se mostrava desesperada por minha atenção. Não forçava as coisas.

Ela simplesmente estava ali, de férias, para se livrar de sua situação ruim em casa.

E, durante todo esse tempo, estive tão concentrado em minha própria realidade, no fato de eu não ter uma vida em casa, que não me dei conta do quanto ela talvez precisasse dessas férias. Tinha imaginado que Pippa seria a mesma mulher embriagada que encontrei no avião – um peso a carregar na viagem. Um jogo que eu teria que enfrentar.

Em vez disso, era segura de si e comedida.

– Está feliz por ter vindo? – perguntei a ela.

Pippa sequer se virou para olhar para mim.

– Estou muito feliz por ter vindo, muito feliz por passar algum tempo longe de casa. Eu precisava mesmo disso.

—

Eu havia acabado de cochilar quando senti a velocidade da van diminuindo.

Pippa também tinha caído no sono e o espaço entre nós havia desaparecido em algum momento próximo ao último pedágio. E ela agora dormia em meu ombro, sua respiração aquecida em meu ouvido enquanto seu corpo funcionava como uma presença reconfortante ao meu lado. Ajeitei as costas e meus óculos de sol, que tinham deslizado por sobre o nariz.

Olhando pela janela, percebi que tínhamos estacionado em frente a uma hospedaria vitoriana grande, branca, de vários andares, cercada por jardins exuberantes e com uma fonte borbulhando na entrada principal. Uma placa ali na frente me dizia que havíamos chegado à Jedediah Hawkins Inn.

Grandes fileiras de árvores preenchiam as laterais do prédio, as folhas vermelhas, queimadas pelo outono, contra o céu azul.

Will e Ziggs já desciam da van enquanto Niall tentava acordar Ruby, o que me deixava no papel de alguém que deveria cuidar de Pippa. Estendi meu braço livre, aquele que não estava preso pelo suave peso do corpo dela, e toquei sua mão.

Pippa inspirou profundamente, enrijecendo enquanto acordava.

Passando a mão no rosto, ela me olhou com ares de culpa.

– Eu dormi em cima de você? Ai, meu Deus! Jensen, eu sinto mui...

– Está tudo bem – falei baixinho. E realmente estava tudo bem. – Eu também acabei dormindo. Mas já chegamos.

Sáímos da van e acompanhamos o grupo até o interior do prédio, sacudindo braços e pernas para fazer o sangue voltar a circular normalmente. Fizemos o

check-in, pegamos as chaves e concordamos de nos encontrar dentro de alguns minutos na entrada para explorar o local antes de sairmos para degustar alguns dos vinhos da região.

Minhas pernas estavam enrijecidas, minhas costas doloridas por eu ter passado tanto tempo sentado. Gemi enquanto me alongava em meu quarto vazio antes de ir ao banheiro para lavar o rosto, relaxando pouco a pouco: ombros, braços, pescoço. Também sentia algo pesando em minha mente: a necessidade de me desligar de tudo. Era algo fácil de fazer hoje, um domingo. Todavia, será que eu conseguiria me desligar de tudo por duas semanas inteiras?

Quando voltei à recepção, Pippa estava conversando com a mulher no balcão. As duas já riam juntas de alguma coisa. Pippa parecia fazer amigos aonde quer que fosse, ao passo que eu era mais parecido com... alguém que dá gorjetas generosas?

Santo Deus! Eu era muito severo.

Com o corpo inclinado sobre um mapa, a mulher circulou alguns pontos, dando sugestões para as duas noites que pretendíamos passar na cidade. Ouvi Pippa dizer as palavras “férias”, “ex”, “tarado” e “novos amigos” antes de Ziggy aparecer atrás de mim, pular em minhas costas e me dar um susto enorme.

– Jesus Cristo, menina! – murmurei para ela. – Você não é mais criança.

– Mas você consegue me carregar – rebateu, erguendo a mão para apertar meu bíceps.

Fingi fechar a cara para ela.

– Consigo. Mas não quero.

Pippa aproximou-se de nós e abriu um sorriso enorme.

– Vocês dois são os irmãos mais lindos de toda a história. – Seu entusiasmo era contagiante. Estava de olhos arregalados enquanto absorvia tudo. – Rachel disse que tem um restaurante incrível a uma distância que quase dá para ir andando. Poderíamos tomar café da manhã lá amanhã, o que acham?

– Me parece ótimo – concordei com ela, passando o braço em volta do pescoço de Ziggy para dar um cascudo em sua cabeça.

Nossa primeira parada foi na sala de degustações de uma vinícola local chamada Sherwood House Vineyards. O GPS nos guiou em direção a uma construção colonial cinza que surgia em meio a árvores altas e era cercada por arbustos floridos. Parecia mais uma residência privada e menos uma atração turística, com uma grande área de um gramado perfeitamente cuidado, buxinhos bem aparados balizando o caminho e um par de topiarias em vasos flanqueando a varanda frontal. Aliás, se não fosse uma placa na estrada ali perto, teríamos passado sem nem perceber.

Estacionamos, descemos da van e, por algum motivo que eu não seria capaz

de explicar, eu me vi andando muito próximo a Pippa, minha mão por pouco não tocava sua lombar.

– Seria fácil me acostumar com isso – ela comentou, protegendo os olhos do sol enquanto estudava a casa. – Lembre-me de marcar todas as minhas viagens com o seu grupo de amigos, por favor.

– A gente também se reúne no Natal – contei a ela. – Você precisa ouvir Ziggs e Will surtando sabe Deus por que e nossa mãe surtando por não conseguir encontrar nenhum *rakfisk* bom no mercado, mas o jantar é sempre incrível, eu garanto.

– Já estamos fazendo planos hipotéticos para passarmos juntos os feriados do fim do ano? – ela quis saber. Pippa sorria enquanto eu acenava para que ela fosse à minha frente pelo caminho. – Porque, uau, Lele certamente adoraria conhecer você.

Fiz uma busca em minha memória.

– Lele, aquela que a deu à luz. E Coco é a americana – falei, e o rosto dela se iluminou surpreso.

– Você estava ouvindo?

– Não foi tão ruim assim...

– Foi péssimo! – ela corrigiu enquanto suas bochechas coravam.

Pippa havia se trocado no hotel e agora usava um vestido amarelo curto, *leggings* azul-claras e botas marrons. Era uma combinação que eu não esperava que funcionasse, mas que, de alguma forma, funcionava. O vestido destacava o rubor de seu rosto e se misturava às pontas douradas de seus cabelos. Suas pernas eram longas e torneadas e, por um instante, eu me perguntei como seriam nuas, como ficariam debaixo das minhas mãos.

E aí cá na real.

– Mas não vamos mais falar disso – ela propôs, sorrindo por sobre o ombro para mim.

– Falar de quê? – perguntei.

Sem se dar conta de que minha confusão era sincera, ela riu.

– Exatamente.

Por dentro, a Sherwood House lembrava uma sala de estar gigante. Vigas brancas davam apoio ao teto; a lareira crepitava em um canto e um grande bar de madeira estava instalado em outro. Esse cômodo principal dava acesso a outros menores – incluindo o que parecia ser uma loja de antiguidades. Um lance de escadas levava ao segundo piso.

Senti alguém entrelaçar seu braço ao meu e logo vi Ziggy sorrindo para mim.

– Não é incrível?

– É lindo – elogiei. – Ótima escolha.

– Na verdade, isso é coisa do George. Está se divertindo? – E, antes que eu sequer pudesse formular uma resposta, ela acrescentou: – Pippa parece ser legal.

Baixei o queixo para olhá-la nos olhos.

– Está bem, está bem – ela sussurrou. – Eu só estou...

Não diga que está preocupada, pensei, contrário à ideia de ser o cara triste e solitário que as mulheres em minha vida costumavam adorar. Tomar ciência dessa realidade de repente a fez tornar-se insuportável.

Sei que parte da minha reação deve ter transparecido em meu rosto, afinal, minha irmã colocou sua mão junto à minha, como se quisesse suavizar suas palavras. Depois, fez uma pausa e me analisou antes de finalmente dizer:

– Eu só quero que você se divirta.

Com um pouco de esforço, entendi o que ela queria nessa viagem: eu teria que dar tudo de mim. Poderia fazer exatamente o que ela queria que eu fizesse. Ninguém se preocupava com Liv ou Ziggy porque as duas estavam casadas e felizes. Niels tinha uma namorada de longa data e Eric estava sempre com uma namorada nova. Eu era o filho mais velho em uma família de enxeridos e, da mesma forma como eu havia me intrometido e estimulado Ziggy a sair mais, o mesmo estava sendo feito agora por mim. Ela queria que eu participasse dessa viagem. Queria que eu me divertisse. E, por mais que minha irmã negasse, parte dela queria que eu me divertisse com Pippa.

E, muito embora eu soubesse que Pippa não fosse uma possibilidade real para mim, eu já tinha tido relacionamentos casuais antes. Não necessariamente amei essas mulheres, mas também nunca fui nenhum candidato a santo.

Sorri e passei um braço por sobre os ombros de Ziggy.

– Estou me divertindo muito – falei para ela antes de lhe beijar o topo da cabeça. – Obrigado por ter me convencido a vir.

Ela me observou, seus olhos se estreitaram levemente e eu me perguntei quando minha irmãzinha tinha se tornado tão inteligente.

O primeiro vinho era um sauvignon blanc: suave, levemente ácido, nada intenso demais. Observei Pippa erguendo a taça, levando-a ao nariz e inalando antes de tomar o primeiro gole.

Trabalhei na transição mental: *pare de combater, pare de pensar demais. Apenas... desfrute.*

– Então você já trabalhou em um lugar assim? – ela perguntou, alheia à minha introspecção.

Pisquei os olhos enquanto observava a fatia de pão em minha mão.

– Trabalhei, sim, hum... Nos tempos de faculdade. Um emprego de verão.

Ela me deu um sorrisinho lindo.

– Conheceu muitas mulheres? Imagino você nos tempos de faculdade e chego

a babar.

Dei risada.

– Eu estava com Becky na época.

Uma leve pontada ardeu em meu peito.

– Sua ex-esposa? – Pippa perguntou, e nossos olhares se encontraram.

Deixei uma risada, um leve golpe de ar, escapar.

– Para ser justo, ela é mais uma ex-namorada do que uma ex-esposa.

Pippa riu gentilmente.

– Nossa! Que terrível perceber isso.

Olhei para onde ela estava sentada contra o braço de um sofá, uma perna enfiada sob a outra enquanto desfrutava de uma taça de vinho. A lareira crepitava atrás de Pippa, o ar aquecido com apenas um toque de fumaça.

Ela tomou outro gole e perguntou:

– A vinícola era parecida com essa?

– Menos aconchegante e mais comercial do que esta, mas... sim, de modo geral, o mesmo clima.

– E você adorava lá?

– Não sei se eu usaria o termo “adorar” – respondi, soltando o corpo no sofá. – Mas era legal ver o processo desde o vinhedo até a adega, entender por que eles produziam certos tipos de vinhos e como até a mais leve variação de temperatura ou umidade afetava o produto final.

– Além disso, bem, vinho grátis – ela comentou, erguendo a taça para brindar.

Dei risada e também ergui a minha.

– Naquela época, eu não tinha o mesmo apreço que tenho hoje em dia por vinhos, mas os vinhos grátis certamente não me faziam mal.

– Não consigo imaginá-lo com Will, juntos, na faculdade. Vocês dois são adultos responsáveis agora, mas olho para vocês e consigo ver uma sombra de loucura.

– Como uma aura? – perguntei, rindo.

– Seu lado selvagem continua à espreita – ela concordou, sorrindo para mim enquanto usava o dedo para desenhar um círculo sobre a minha cabeça.

– Pensei que eu estivesse enganando todo mundo com meus suéteres e minhas calças perfeitamente passadas.

Pippa balançou a cabeça, negando.

– A mim você não engana.

Continuamos conversando e logo percebi minha irmã nos observando de onde estava sentada.

Passei o dedo pela sobrancelha, empenhando-me para não me sentir constrangido.

– Depois que conheci Becky, deixamos de ser loucos – contei. – Mas, antes disso, não sei como passávamos semana após semana sem sermos presos ou mortos por nossos próprios pais.

– Conte-me mais sobre o Jensen dos tempos da faculdade – ela pediu alegremente.

A próxima garrafa de vinho foi aberta e Pippa aceitou a taça para degustar, agradecendo. Tomei um gole da minha seleção, um zinfandel picante, já sentindo o efeito da primeira taça. Meu estômago parecia aquecido, minhas pernas e braços um pouco mais soltos, e eu me aproximei de Pippa o suficiente para sentir as leves notas cítricas de seu shampoo.

– O Jensen dos tempos de faculdade era um idiota – admiti. – E, por algum motivo, ele parecia concordar com todas as ideias terríveis de Will.

– Você não pode me dizer algo assim e não explicar melhor – ela provocou.

Pensei nos verões que Will passava em minha casa, nas férias e feriados. Suspeito que ele fosse igualmente louco nos tempos do colegial, mas o fato de estar longe de casa e poder comprar bebidas alcoólicas durante a faculdade tornava tudo ainda pior.

– No segundo ano da faculdade, Will me convenceu a fumar um baseado em nossa sacada, mas não percebeu que a porta havia se trancado acidentalmente. Quero deixar claro que eram por volta de duas horas da manhã em novembro, e nós dois estávamos usando apenas cuecas.

– Isso parece melhor do que a viagem sobre a qual você contou antes – ela comentou. – Mas não consigo imaginá-lo chapado. – Pippa refletiu por um instante antes de prosseguir: – Quanto à cueca, isso já é mais fácil visualizar.

Dei risada do flerte que ela lançou.

– Infelizmente, eu não era tão incrível quanto você talvez esteja imaginando, considerando o cara formalzão que acabei virando – falei, apontando para minha camisa e sapatos polidos. – A maioria das pessoas relaxa ou dá risada ou sente larica quando está chapada, certo? – Quando Pippa assentiu, prossegui: – Eu, quando estou alto, fico neurótico. – Fiz uma pausa e sorri. – Mais neurótico.

– Mas e aí, como vocês fizeram para entrar em casa?

– Tínhamos uma vizinha bonitinha que havia se mudado recentemente para o apartamento com uma sacada ao lado da nossa. Will encontrou umas pedrinhas, uma tampa de garrafa de cerveja e uma lata de refrigerante e foi jogando tudo na janela dela, até ela enfim sair. Depois, flertou com a garota até ela concordar em nos ajudar.

– Ajudar como? – Pippa perguntou, sorrindo.

– Ela estava com medo de deixar dois garotos seminus invadirem sua sacada, então se ofereceu para ligar para alguém que pudesse abrir a porta para nós.

Infelizmente, não queríamos explicar ao segurança do campus o motivo de estarmos presos ali, de cueca, com um baseado e um saquinho de maconha. Eu estava muito nervoso. Na minha cabeça, já passava um filme, duas semanas depois, no qual nós nos encontrávamos presos por fumar uma ponta, dividindo a cela com um cafetão chamado Meatball. – Ao me lembrar disso, balancei a cabeça. – Mas, enfim, nossa vizinha também estudava Direito e nos fez defender a nossa causa antes de concordar em nos deixar ir à sua sacada. Nunca vi Will e eu tão desesperados, nem antes, nem depois desse dia.

Pippa apoiou um braço no encosto do sofá enquanto ouvia. Sua expressão deixava claro que ela estava adorando a história.

– Aposto que você se saiu bem, Doutor Jensen Bergstrom.

Encolhi um ombro.

– Eu daria mais detalhes da minha defesa se lembrasse, mesmo que uma palavra apenas, dela.

– Estou supondo que vocês finalmente conseguiram entrar.

– Sim, depois de termos de nos apoiar de forma extremamente constrangedora um no outro e de alguns grunhidos aterrorizados, com medo de cairmos e morrermos, finalmente conseguimos atravessar a fenda de quase um metro entre as sacadas. Agora que penso no assunto, Will teve encontros com ela durante algumas semanas... Mas, hum, talvez isso fosse parte do pagamento. – Cocei o ombro e sorri para ela. – Enfim, chega de lembranças.

– Não, não mesmo! Eu estou aqui para esquecer o Tarado. E você está fazendo um ótimo trabalho. – Pippa olhou para mim e apontou para Ziggy. – Não me faça ir perguntar a Hanna. Aposto que ela me contaria muitas histórias depois de mais uma ou duas taças de vinho. Ela fica um pouco zonza, já percebi.

Erguendo o rosto, Pippa deixou uma risadinha escapar. Segui seu olhar até onde Will estava parado ao lado da minha irmã, enchendo a taça para ela e, se percebi corretamente, conversando com os seios dela.

Não importava com que frequência ou quantas vezes eu os visse assim, continuava achando nojento. Cheguei a bufar.

– Ao que parece... – começou Pippa, inclinando a cabeça. – Will a está monopolizando por enquanto.

– Esses dois são eternos recém-casados – expliquei, depositando em minhas palavras um toque de nojo simulado. – Mas acho que Will é o voluntário para dirigir hoje e está tentando deixá-la um pouco alta. Minha irmã fica hilária depois de beber.

– E não é estranho? Quero dizer, sua irmã mais nova ter se casado com seu melhor amigo?

– Não vou mentir, no começo era, sim. Mas, quando pensei no assunto e me

dei conta de que fui eu quem sugeriu que os dois se conhecessem...

– Foi você que armou isso? – ela perguntou, sorrindo por sobre a taça. – A maioria de nós não estimularia o melhor amigo a namorar a própria irmã.

– Eu não sabia o que estava fazendo – falei antes de esvaziar minha taça de vinho, apoiá-la sobre a mesa e pegar mais uma azeitona. – Olhando em retrospectiva, sim, eu disse para ela ligar para o Will. Mas, na época, minha irmã era uma bobinha viciada em trabalho. Nunca imaginei que ele poderia se interessar por ela e enxergar em Ziggy, aquela ratinha de laboratório, algo além de ela ser minha irmãzinha nerd.

Observei-os por mais alguns segundos. Will lançou algum comentário que fez Ziggy explodir em risos e apoiar-se em seu peito. Ele inclinou o corpo, beijou o topo da cabeça dela. Então acrescentei:

– Mas ele faz bem para ela, e ela também é boa para ele. E eu nunca vi os dois mais felizes.

Pippa assentiu e olhou para o resto do grupo.

– Senti a mesma coisa com Niall e minha Ruby. Ela passou anos apaixonada por ele e ele nem dava atenção à existência dela.

– É verdade – falei. – Vocês trabalhavam juntas.

– Era hilário, mas também excruciante ver aquilo, mas agora eu não poderia estar mais feliz por esses dois. – Ela fez uma pausa antes de acrescentar: – Muito embora às vezes eu tenha vontade de jogar água fria neles.

Deixei um riso torto escapar. Eu entendia perfeitamente como Pippa se sentia.

Ela soltou o corpo no sofá.

– Tenho certeza de que vou parecer uma solteirona por dizer isso, mas, por favor, deixem um pouco dessa energia para o restante de nós.

Ajeitando a coluna, apontei para o garçom e me deparei com um olhar esperançoso de Ziggy.

O garçom nos ofereceu mais um vinho para degustar.

Pippa ergueu a taça e propôs:

– Aos solteirões?

Pensei naquilo.

– A um pouco dessa energia para o resto de nós – decidi corrigi-la.

Pippa abriu um sorriso e levou a taça aos lábios.

– Sem dúvida vou beber por isso.

Cinco

PIPPA

– Ele me lembra um garoto com quem fiz faculdade – murmurei, olhando para Jensen do outro lado da sala enquanto distraidamente lambia uma gota de vinho da borda da minha taça. – Danny. Daniel Charles Ashworth. Cara, esse nome só pode ser zoeira. Inacreditável! – Balancei a cabeça. – E lindo também. Inteligente, gentil. Era engraçado e charmoso... e nunca tinha namorado.

Ruby acompanhou meu olhar.

– Esse Danny era gay? Sério, Pips, tenho certeza de que Jensen não é. Eu garanto.

Eu já tinha perdido as contas de quantos vinhos tinha degustado, então desisti e pedi uma taça cheia do delicioso petit sirah. Ruby já estava na metade de sua generosa taça de viognier, e nós duas nos encontrávamos empoleiradas desajeitadamente em dois banquinhos do bar enquanto os homens debatiam quais – e quantas – garrafas comprar para levar para casa.

– Gay, não – respondi, piscando e voltando minha atenção a ela. – Só inacreditavelmente seletivo. – Balancei a cabeça para limpar meus pensamentos e peguei uma amêndoa no prato à nossa frente. – Certa noite, totalmente chapado de tequila, Danny admitiu para mim que não gostava de transar com muitas mulheres. Simplesmente não gostava – enfatizei. – Disse que adorava sexo, é claro, mas era algo íntimo demais para se praticar com uma desconhecida.

Ruby levou uma amêndoa à boca, olhando embasbacada para mim.

– Nossa.

– Isso não é, de certa forma, adorável? – arrisquei, pensando no traseiro de Mark se empurrando na direção do corpo daquela desconhecida, no fato de eu não saber, e jamais vir a saber, o nome da mulher embaixo dele. Na forma como

ele terminou nosso relacionamento de um jeito tão fácil, sem qualquer medo de que poderia sentir falta. – Não é adorável o sexo significar tanto, mesmo quando você tem só 19 anos, a ponto de não querer fazer com qualquer uma? Ninguém é assim hoje em dia.

– Concordo com você.

– Bem – corriji, apontando com o queixo para Niall. – *Ele* é assim.

Ruby deu risada.

– Ah, não é, não. Ele só é *casado* há anos. Sempre falei que, se Niall nunca tivesse conhecido Portia, alguma mulher sexualmente livre o teria encontrado e o transformado no mais adorável puto.

– Santo Deus, que imagem mental mais linda! – exclamei em uma lufada de ar. – Um Niall Stella de 19 anos e sexualmente insaciável.

Ela assentiu, concordado.

– Não é?

– Ah, droga! Perdi o buzuzu! – Hanna exclamou, acompanhando nossos olhares e soltando o corpo ao meu lado.

– Não, você chegou bem na hora – corriji, descansando o queixo na mão. – Deus, veja só que parede de homens mais gatos ali.

Como se pudessem sentir o peso da nossa atenção, os três homens se viraram, todos ao mesmo tempo, e viram nós três descansando os maxilares nas mãos, olhando famintas para eles.

O que era fantástico, exceto para mim e para Jensen, que imediatamente voltou sua atenção para o outro lado, enquanto os três atravessavam a multidão e vinham em nossa direção.

– Você está *lindo* – Hanna rugiu quando Will tocou nela.

– Oi – Ruby cumprimentou com um sorriso sem fôlego quando Niall a abraçou por trás.

Jensen acenou discretamente, sendo gentil e desajeitado comigo.

– Você chegou a provar os pickles artesanais?

– Os...? Não – gaguejei, entrando no jogo. – Eu, ainda não.

– São deliciosos.

– São? – perguntei, rindo enquanto os dois outros casais se beijavam ao nosso lado, fazendo com que Jensen e eu ficássemos mais perto um do outro.

Ele sussurrou, assentindo:

– O apimentado é ótimo, se você gostar de pimenta.

Apressei-me em responder:

– Gosto, sim.

– Bem... – ele falou, engolindo uma risada e dando um passo para a direita enquanto Will empurrava Hanna na direção do bar com um beijo profundamente

íntimo. – São deliciosos.

– Vou ter que provar, então.

Jensen me analisou, seus olhos dançando. Balançou a cabeça, mas manteve seu olhar preso ao meu.

Era bom reconhecer a premissa disso, abertamente, sem nenhuma palavra. A expectativa de que em algum momento nós dois seríamos um casal se espalhava pesadamente pelo ar. E, embora eu estivesse aberta a um amor de férias e ele não parecesse contrário à ideia, Jensen disfarçava seus sentimentos com uma mistura confusa de humor e formalidade. Eu queria que nós dois fôssemos, no mínimo, parceiros no crime aqui.

Colegas de viagem.

Colegas.

Niall, é claro, pareceu perceber nossa brincadeira e se arrastou para fora do abraço de Ruby.

– Vamos nos trocar para jantar? Estou precisando tomar um bom banho.



Eu apreciava o fato de as três mulheres nessa viagem serem quase mais eficientes do que os homens na rotina de tomar banho e se trocar.

Ruby e Hanna estavam no hall – cabelos úmidos, maquiagem mínima – quando saí do meu quarto em condições similares.

– Vamos celebrar as mulheres que se arrumam rápido! – Hanna declarou e as palmas das nossas mãos bateram quase silenciosamente.

Niall e Will estavam parados juntos alguns passos à frente, conversando discretamente.

– A gente só está esperando o Jens? – Ruby quis saber.

Hanna assentiu.

– Ele deve estar passando as roupas. Ninguém gosta tanto de passar roupa quanto meu irmão. Se bobear, ele passa até as meias.

– Que gracinha! – comentei antes de olhar o que eu estava usando: botas altas, *leggings* vermelhas, minha saia rodada preferida, de zebrinha, um pouco amarrotada por ter passado dias na mala, e uma blusinha branca debaixo de um cardigã verde-água com um papagaio bordado na altura do seio. – A minha roupa faz parecer que uma caixa de canetinhas hidrocor explodiu no corredor.

– Eu adoro as suas combinações – Ruby elogiou. – Você é tão corajosa.

– Obrigada... eu acho? – murmurei.

Francamente, eu apenas gostava dessas cores.

Jensen chegou ao hall e enfim encontrou três mulheres paradas praticamente à

frente da sua porta.

– Desculpa – falou, olhando para cada uma de nós, ligeiramente confuso. – Eu... Eu não sabia que todo mundo estava me esperando.

– Não tem problema, noivinha – Hanna brincou, beijando barulhentemente sua bochecha.

– Eu tive que passar as minhas roupas – Jensen explicou baixinho.

E Hanna lançou para mim aquele sorriso de vitória, aquele sorriso que dizia “viu só como eu estava certa?”.

Ruby segurou o braço de Niall. Hanna, o de Will. E Jensen virou-se para mim com um sorriso tranquilo que desmentia a tensão em seus olhos, e disse:

– Você está linda!

O comentário me deixou subitamente desconfortável. Eu sabia que a motivação dessa viagem estava escrita com a mais brilhante das canetas em nossa testa e nos seguia aonde quer que fôssemos, mas eu queria conseguir ignorá-la. Desfrutar da segurança de uma paixão por Jensen me faria bem, saber que ele seria cuidadoso em todos os pontos em que eu talvez fosse impulsiva. A ele, faria bem desfrutar de um tempo longe do trabalho. E, juntos, poderíamos fingir que essa motivação não existia.

Mas, na realidade, a atenção dele só seria realmente lisonjeira se fosse genuína.

Quando chegamos ao restaurante-vinícola e fomos recebidos pela hostess, discretamente puxei Hanna para um canto.

– Eu não quero... – E me contive.

Eu tinha começado a falar antes de determinar o que exatamente eu queria dizer.

Ela sorriu e deu um passo mais para perto.

– Está tudo bem com você?

– Tudo bem – respondi, assentindo. – É só que... – Olhei para Jensen e rapidamente voltei a encará-la. – Eu só não quero que ele sinta nenhuma... pressão indevida.

Hanna piscou os olhos e apertou o nariz enquanto tentava entender o que eu queria dizer.

– Com você?

– Sim.

Sua confusão se transformou em diversão.

– Você está preocupada com meu irmão sentir pressão pela possibilidade de ficar com uma mulher linda feito você durante as férias?

– Bem... – comecei, lisonjeada pela descrição. *Mulher linda*. Que ótimo! – Sim.

Ela bufou.

– Que vida dura a de Jensen! Deixe-me dar um abraço nele.

O comentário me fez rir. Percebi que, cada vez que Hanna falava, eu me apaixonava um pouco mais por ela. Eu entendia a paixão de Ruby.

– Você é incrível e sei o que quer dizer. A atração pode não ser mútua...

– Então você está...?

– ... e se não for mútua – continuei, interrompendo-a. – Não tem problema nenhum. Estou aqui para dar risada, estou aqui para fugir um pouco da minha realidade. – Olhei para a parede que ostentava centenas de garrafas de vinho e senti minha sobrancelha arquear, como se aquelas garrafas estivessem ali para me desafiar. – Para dizer a verdade, estou aqui para ficar meio desleixada.

– Deixe-me contar para você uma coisinha sobre meu irmão – disse Hanna, aproximando-se. – Ele era um pegador reconhecido. Sério. – E, ao perceber minha expressão de surpresa, acrescentou: – Depois, casou-se com uma bruxa que partiu seu coração. Na verdade, ela partiu os corações de todos nós.

As palavras me fizeram franzir o cenho, pensar em um relacionamento de nove anos e como a situação deve ter excedido Jensen e abatido toda a família.

– Agora ele é um viciado em trabalho que não lembra o que é ser espontâneo ou como é se divertir simplesmente por se divertir – ela continuou. – Essas férias vão fazer um bem enorme para ele. – Suas sobrancelhas se repuxaram quando ela acrescentou: – Vai ser ótimo.

Observei enquanto ela voltava para perto de Will, cujos braços inconscientemente já a seguravam na altura da cintura. Estudei os cinco reunidos, esperando que fôssemos encaminhados à nossa mesa.

Conforme esperado, minha cadeira estava ao lado da de Jensen na ampla mesa hexagonal no centro da sala de jantar. O restaurante era lindo, com uma escultura que parecia ser um tronco de árvore invertido, saindo do teto, com os galhos e folhas criados usando centenas de lâmpadas minúsculas. Os garçons usavam camisas brancas impecáveis e aventais pretos presos na altura da cintura e enchiam nossas taças de água com gás.

Minha embriaguez provocada pelo vinho da tarde havia se dissipado e eu concordei em dividir uma garrafa do pinot noir da casa com Jensen.

Por que diabos não?

Percebi que ele estava tentando relaxar. Parte de mim adorava o fato de Jensen não estar em sua “situação normal”. Sempre senti que eu era relaxada demais se comparada às pessoas à minha volta. Alguém tinha que ser um pilar. Eu podia *tentar* ser esse pilar, mas, como certamente poderia prever, meu plano estava fadado ao fracasso assim que Jensen, sempre muito cavalheiro, me serviu uma taça maior que a sua.

– Está se esquecendo da minha propensão a falar demais quando estou bêbada? – perguntei enquanto o via esvaziar a garrafa em minha taça.

Os aperitivos estavam espalhados pela mesa: endívia com prosciutto, muçarela fresca, minialmôndegas com alecrim e milho, uma tigela de pimenta shishito assada e o meu favorito: um ceviche de camarão e lula que fazia meus olhos salivarem só de imaginar aquele azedinho perfeito.

– Ao contrário do que eu disse – ele falou para mim, apoiando a garrafa vazia sobre a mesa –, acho que gosto da sua tagarelice. Você não é mais uma louca no avião. – Ergueu sua taça e a tocou suavemente na minha. – Você é a Pippa.

Bem, que doçura da sua parte.

– Acho que esta noite quero que *você* fale demais – eu disse, enrubescendo e me aproximando um pouquinho.

Os olhos de Jensen focaram em minha boca e ele pareceu ter se dado conta disso enquanto ajeitava o corpo.

– Infelizmente – arriscou –, eu sou a pessoa menos interessante nesta mesa.

Olhei para nossos amigos. Ruby e Niall estavam de mãos dadas, Hanna tinha se levantado para ir ao banheiro e Will lia o cardápio de uísques do outro lado da mesa.

– Bem – cedi. – Isso *pode* ser verdade, já que não ouvi nenhum argumento seu para tentar desfazer essa imagem, mas, como você é minha única opção neste momento, quero ouvi-lo falar.

Ele olhou para sua taça, piscou os olhos, respirou profunda e demoradamente e então olhou para mim.

– Escolha um assunto.

Ah, o poder inebriante! Ajeitei-me contra o encosto da cadeira, tomando um gole de vinho enquanto refletia sobre sua proposta.

– Não pareça tão maquiavélica – ele pediu, rindo. – Quero dizer, do que quer que eu fale?

– Certamente não quero ouvir nada sobre o seu trabalho – deixei claro.

Ele concordou com um sorriso.

– Não, nada de trabalho.

– E a ex-esposa me parece um assunto muito desagradável.

Ele assentiu, agora rindo abertamente.

– O mais nojento dos assuntos.

– Eu poderia perguntar por que você não tira férias há dois anos, mas...

– Mas isso significaria falar de trabalho – ele me interrompeu.

– Exatamente. Eu poderia perguntar sobre esse time de softball que Hanna sempre menciona – arrisquei, fazendo Jensen virar os olhos exasperadamente. – Ou sua capacidade de correr vários quilômetros todas as manhãs sem precisar

receber um pagamento por isso e sem ter nenhum monstro atrás de você... – Mordisquei o lábio. – Mas, falando sério... Acho que nós dois sabemos que eu o acho gentil e mais do que atraente, e sei que não você não tem nenhuma amante em Londres e nenhuma esposa em Boston, mas quero saber se tem namorada.

– E você acha que eu estaria nessa viagem, com minha irmã e o marido dela, e Ruby e Niall e... você... se eu tivesse namorada?

Dei de ombros.

– Para mim, você é um emaranhado de mistérios.

Seus lábios se repuxaram muito ligeiramente, formando um sorriso discretíssimo.

– Não, não tenho namorada.

Bati a mão na mesa e ele ficou assustado.

– Santo Deus, por que não? – gritei. – Uma virilidade como a sua não deveria ser desperdiçada.

Jensen deu risada.

– Virilidade?

– Exatamente.

A palavra o fez enrubescer.

– Bem, acho que sou seletivo.

– Eu já tinha percebido – murmurei friamente.

Ele se contorceu levemente na cadeira.

– Eu gosto de ser capaz de controlar as coisas.

Inclinei o corpo para perto dele.

– Agora sim isso me soa interessante.

Sorrindo de modo a deixar claro que ele sabia que suas próximas palavras me decepcionariam, ele acrescentou:

– Quero dizer, acho que gosto desse aspecto do meu trabalho. Todas as relações que tive depois de Becky pareceram um pouco caóticas.

– Relações podem ser caóticas – admiti.

E, enquanto pronunciava as palavras, eu me dei conta de quão sinceras eram. Com Mark, nunca senti que eu fosse capaz de prever o que ele faria no momento seguinte, era como se eu tivesse que monitorar tudo o tempo todo. Nosso relacionamento mudava constantemente, e o resto da história todo mundo já conhece. Pela primeira vez desde o fim do relacionamento, entendi por que ao longo do último ano eu vinha sentindo aquela ansiedade insuportável dentro de mim. E por que eu já não a sentia mais.

Por mais que eu quisesse que o amor fosse uma aventura, certamente havia alguns pontos que precisavam se manter estáveis.

– Mas, é... – prossegui. – Concordo que não deveriam ser.

– Sair com alguém depois de passar uma década com a mesma mulher foi meio desorientador – confessou. – É uma língua nova, uma língua que eu ainda não domino.

– Tenho certeza de que Niall entende – ofereci.

Ele assentiu.

– Max e eu conversamos sobre isso uma vez. Por sorte, Niall agora tomou um rumo na vida. O mais estranho... – ele prosseguiu, lançando um sorriso tímido para mim. – E sinto muito por isso tocar no assunto asqueroso da ex-esposa, é que Becky sempre teve uma vida um pouco previsível até, de repente, ela decidir ir embora, do nada. Pensei que estivéssemos felizes. *Eu* estava feliz. Imagine quão horrível me senti quando percebi que não tinha me dado conta de que ela não estava.

Entendi, em um momento depressivo, o que ele estava me dizendo. Para Jensen, relacionamentos davam errado de um jeito ou de outro. Seu primeiro amor parecia estar bem, mas não estava. E tudo o que veio depois parecia acontecer em uma língua que ele não falava.

Cheguei a abrir a boca para responder, para reassegurá-lo de que, de alguma forma, a vida dele era assim, e era bagunçada, mas, para todas as mulheres como Becky que existem por aí, há pelo menos a mesma quantidade de homens que entendem nossas mentes e corações o suficiente para serem sinceros. Mas as palavras foram interrompidas por um grito cortante.

O barulho era tão diferente de todas as versões de alarme de incêndio que eu já ouvira que, por um instante, uma parte animal do meu cérebro gritava: “PROCURAR ABRIGO ANTIBOMBAS IMEDIATAMENTE”. Todavia, logo Jensen segurou minha mão e me puxou junto a si, deixando calmamente o restaurante pela saída de emergência.

Ele agiu com tanta segurança que cheguei a pensar que Jensen talvez tivesse procurado a saída de emergência antes mesmo de nos sentarmos. Não apenas havia agido como se estivesse esperando o alarme de incêndio tocar, mas como se soubesse exatamente aonde ir. Eu queria lhe entregar um Martíni e viver com ele a fantasia de James Bond por uma noite.

O alarme de incêndio trouxe consigo barulhos de surpresa e preocupação e, por fim, a compreensão do que estava acontecendo, explicada aos gritos por garçons que acompanhavam as pessoas até o lado de fora, que diziam que era um pequeno incêndio na cozinha, que estava tudo bem, que todos por favor permanecessem calmos.

A saída de emergência nos levou até a parte de trás do restaurante, ao topo de uma colina com vista para os vinhedos. Horas depois do pôr do sol, as parreiras pareciam formar um sombrio labirinto de madeira e folhagem. Jensen me soltou,

rapidamente enfiou a mão no bolso e olhou impressionado para a vista. Do outro lado das fileiras à nossa frente havia uma pequena estrutura que parecia ser um pequeno barracão construído no centro do vinhedo.

– O que você acha que é aquilo lá? – perguntei para ele, apontando.

Will e Hanna passaram por alguns homens mais velhos e ligeiramente histéricos e logo se aproximaram de nós, olhando para onde eu apontava.

– Acho que é onde os trabalhadores almoçam – Hanna arriscou. – Eu almoçaria ali. É uma bela vista.

Fomos um pouco para a frente, abrindo espaço para as pessoas que saíam do restaurante.

Will negou com a cabeça.

– Eu arriscaria dizer que é para o pessoal trepar.

– Eu acho que é onde eles guardam materiais menores para a colheita – Niall propôs, sendo mais lógico, e todos olhamos para ele enquanto Will fingia bocejar.

Atrás de nós, os garçons e os demais funcionários do restaurante se apressavam de um lado a outro, tentando tranquilizar os clientes de que tudo seria corrigido e logo todos voltariam para dentro para terminar o jantar.

Mas, por enquanto, teríamos de ficar aqui fora.

– Eu quero ir lá ver – falei.

– Então vá – Will me estimulou.

– Pippa... – Jensen começou, mas eu me virei para ele e abri um sorriso enorme.

– Corra! – gritei, atravessando a área de concreto e acelerando pela terra macia, deixando um silêncio atordoado ao passar.

A sensação do vento frio batendo em meu rosto era incrível e, pela primeira vez – *obrigada, pinot noir* – vertiginosamente fingi estar em uma corrida de verdade, forçando meus braços, sentindo o chão abaixo dos meus sapatos ficar para trás.

Ouvi passos constantes atrás dos meus, e ali estava Jensen, diminuindo a velocidade para correr ao meu lado e me olhando torto antes de seu lado competitivo assumir o controle. Ele avançou o resto do caminho até o galpão, virando-se ao chegar para me esperar.

Parado de forma tão constante quanto o próprio galpão, Jensen me encarou sem dizer nada enquanto eu recobrava o fôlego.

– Que diabos foi isso? – enfim perguntou, um leve sorriso se formando em seus lábios. – Pensei que você não corresse.

Dei risada, erguendo o rosto para olhar para o céu. O ar estava fresco, um pouco úmido, o céu era da cor do meu vestido índigo favorito.

– Não tenho ideia do que aconteceu. O clima estava ficando sério demais lá em cima. – Apertei as mãos junto às laterais do corpo. – Eu gostei... Só acho que... Acho que estou um pouquinho embriagada.

– Pippa, eu não... – Jensen parou quando eu me virei e segui na direção de uma pequena janela do galpão para espiar ali dentro.

Exatamente como Niall havia previsto, o lugar estava cheio de equipamentos para horticultura, baldes, lonas e mangueiras enroladas.

– Bem, sem dúvida é interessante – respondi, olhando outra vez para ele. – Infelizmente Niall estava certo.

Jensen respirou fundo, observando-me com uma expressão indecifrável.

– O que foi? – perguntei.

Ele riu sem achar graça.

– Não pode simplesmente... – Jensen fez uma pausa, passando a mão nos cabelos. – Você não pode *fugir*, sair correndo e se enfiar em um *vinhedo escuro*.

– Por que, então, resolveu me seguir?

Surpreso, ele piscou os olhos.

– Quero dizer... – E pareceu perceber alguma coisa ridícula em sua resposta, mas, mesmo assim, falou: – Eu não podia deixá-la *fugir para um vinhedo escuro* sozinha.

Suas palavras me fizeram rir.

– Jensen, estou a menos do que seria um quarteirão do restaurante.

Nós dois olhamos para o grupo de clientes do restaurante ainda reunidos lá em cima, ainda esperando para poderem voltar para dentro, ainda totalmente despreocupados com o que Jensen e eu estávamos fazendo.

Virei-me e olhei para o seu perfil na luz fraca lançada pela adega distante. E me perguntei se ele estaria pensando na conversa que tivemos à mesa, no enigma de não confiar em si mesmo e não entender as outras pessoas.

– Sinto muito por Becky – falei, fazendo-o olhar ligeiramente assustado para mim. – Tenho certeza de que muitas pessoas disseram isso no começo, quando a ferida estava totalmente aberta, mas duvido que alguém diga algo hoje em dia.

Ele se virou para me encarar, mas a única resposta foi uma palavra de cautela:

– Não...

– Eu me lembro de quando minha avó morreu. – Desviei o olhar, observando fileiras e mais fileiras de parreiras. – Foi há anos, ela era relativamente nova. Eu tinha onze, ela, bem, vejamos... Devia ter pouco menos de oitenta.

– Eu sinto muito – Jensen lamentou baixinho.

Sorri para ele.

– Obrigada. O que quero dizer é que todo mundo ficou triste por nós no primeiro momento. Naturalmente. Mas, com o passar do tempo, parecia mais

difícil lidar com o fato de que ela tinha morrido, pelo menos para Lele. Em todos os grandes e pequenos momentos, minha avó não estava lá. A situação não ficava mais fácil. Nossa tristeza só se tornava mais silenciosa. Não tocávamos mais no assunto, mas eu sabia que Lele não podia mais dividir suas mágoas e vitórias com sua mãe, e isso pesava para ela. – Olhei outra vez para Jensen. – Então, o que estou dizendo é que, sim, já se passaram seis... seis anos desde o ocorrido com Becky?

– Isso, seis – confirmou.

– Seis anos depois e eu sinto muito por ela não estar mais na sua vida.

Jensen assentiu, abriu a boca, mas logo pareceu afogar suas palavras. Ele claramente não gostava de falar sobre si mesmo quando o assunto era relacionamentos. Não, mesmo.

– Obrigado – agradeceu, falando baixinho, mas eu sabia que não era isso que ele estava prestes a dizer alguns segundos antes.

– Diga – propus, abrindo os braços. Dei uma volta, ainda com os braços estendidos. – Expresse-se comigo, e com as uvas, e as parreiras, e os materiais de horticultura no galpão.

Jensen deu risada, olhando para onde nossos amigos estavam conversando e nos observando.

– Pippa, você é... – Ele parou abruptamente enquanto um chiado surgia à nossa direita, e em seguida à nossa esquerda.

Dei um passo para trás.

– O que é isso?

Ele resmungou enquanto segurava meu braço.

– Porra! Venha comigo!

Começamos a correr, mas, em poucos segundos, estávamos cercados pela água do sistema de irrigação, água que vinha de todas as direções. Ela nos acertava, nos ensopava, saindo pelas pequenas tubulações espalhadas pelas treliças das videiras, pelas laterais e pelo chão, espalhando-se com a ajuda de aspersores.

Demos mais alguns passos escorregadios pela terra, mas quase caí de costas. Jensen conseguiu me segurar, mas foi por pouco.

Correr era inútil. Estávamos ensopados.

– Esqueça – gritei para ele por sobre o ruído ensurdecador do sistema de irrigação. Era como se estivéssemos no meio de uma tempestade. – Jensen – chamei-o, segurando a manga de sua camisa enquanto ele tentava voltar para a vinícola. Virei-o para que me encarasse.

Ele voltou seus olhos selvagens na direção dos meus. Não era como se tivéssemos tomado uma garrafa de vinho depois de um dia provando pequenas

doses várias e várias e várias vezes. Não era o fato de nosso jantar ter sido interrompido ou de estarmos ensopados ao ar livre, em pleno outubro, em uma pequena vinícola de Long Island.

A julgar pelo brilho selvagem em seus olhos, era como se alguma coisa tivesse sido abalada dentro dele.

– Sei que não nos conhecemos muito bem – gritei, fechando os olhos para tentar protegê-los da água. – Sei que isso vai parecer uma loucura, mas acho que você precisa gritar.

Ele deu risada, gaguejando em meio aos golpes de água.

– Eu preciso gritar?

– Gritar!

Ele balançou a cabeça, sem entender nada.

– Diga! – berrei mais alto do que todo aquele barulho. – Diga o que se passa em sua cabeça neste exato momento. Seja sobre trabalho, sobre a vida, sobre Becky, sobre mim. Faça assim! – Inalei uma lufada do ar gelado enquanto as palavras quase explodiam de dentro de mim: – *Eu quero odiar Mark, mas não odeio! Odeio o fato de eu ter me entregado tão facilmente a um relacionamento que, para ele, foi uma espécie de pit stop, uma relação que eu acreditava que poderia durar para sempre! Era algo bem diferente e eu me sinto uma idiota por não ter percebido antes.*

Ele me observou por vários segundos, a água escorrendo por seu rosto.

– *Eu odeio meu trabalho* – berrei, punhos fechados na lateral do corpo. – Odeio meu apartamento e minha rotina e a possibilidade de a vida seguir assim para sempre e eu não ter a coragem necessária para agir e mudar. Odeio o fato de eu ter trabalhado com tanto afincamento e agora, quando olho à minha volta e comparo minha vida à das outras pessoas, tenho a sensação de ser uma gota no oceano.

Jensen desviou o olhar, piscando para afastar as pesadas gotas de água presas em seus cílios.

– Não me faça parecer uma idiota! – pedi, estendendo a mão para tocar em seu peito.

Quando pensei que ele daria meia-volta para retornar ao restaurante, Jensen inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e gritou em meio ao barulho do sistema de irrigação:

– *A essa altura, nós já teríamos tido filhos!*

Ah, meu Deus!

Assenti, encorajando-o. Ele olhou outra vez na minha direção, como se buscasse algum sinal de aprovação, e seu semblante se transformou quando ele expressou suas emoções: seu rosto agora estava mais apertado, os olhos também, e a boca era uma linha dura.

– Eles estariam na *escola!* – gritou, esfregando a mão no rosto para tentar secar a água. – Estariam jogando *futebol* e andando de *bicicleta!*

– Eu entendo! – exclamei, deslizando a mão por seu braço, entrelaçando meus dedos ensopados aos seus.

– Às vezes, sinto que não tenho nada – arfou. – Nada além do meu trabalho e dos meus amigos.

Isso é muita coisa, pensei, mas não falei. Porque eu entendia. Essa não era a vida que ele tinha imaginado para si.

– E fico tão furioso por ela não ter me dito antes que não era aquilo que queria.

Jensen usou sua mão livre para tentar secar o rosto mais uma vez e, por uma fração de segundo, cheguei a me perguntar se havia algo além de água escorrendo por suas bochechas. Na escuridão, era impossível saber.

– Fico com muita raiva por ela ter desperdiçado o meu tempo – disse, negando com a cabeça e desviando o olhar. – E aí, quando conheço alguém, a sensação é... para que investir nela? Não é tarde demais? Eu sou certinho demais, interessante de menos, ou...

– Ou passou tempo demais sendo estável? – sugeri, tentando fazê-lo rir, mas aparentemente minhas palavras tiveram o efeito oposto e ele soltou minha mão, suspirando pesadamente. – Nós dois formamos um par e tanto, não é? – Segurando sua mão com determinação, esperei que ele olhasse para mim. – *Não* é tarde demais. Nem se você tivesse oitenta anos. E só tem trinta e três.

– Trinta e quatro – ele me corrigiu com um rugido.

– E, por favor – prossegui, ignorando-o –, a maioria das mulheres não é tão obtusa com relação à própria vida e aos sentimentos. Sua primeira mordida foi em um pedaço de fruta podre, mas há muitas outras frutas maduras nas videiras. – Cheguei a bambear quando percebi que as palavras o fizeram sorrir enquanto ele olhava para as parreiras de zinfandel à nossa volta. Logo acrescentei: – Não estou falando de mim. Também não estou necessariamente falando da próxima mulher que você vai conhecer. Só quero dizer que ela está por aí, em algum lugar, seja lá quem *ela* for.

Olhando no meu rosto, ele assentiu. A água deslizava por sua testa, escorrendo por sobre o nariz, fazendo o percurso até os lábios. Por uma fração de segundo, ele pareceu prestes a me beijar. Mas então mexeu um pouquinho a cabeça, olhando-me como se esperasse alguma espécie de direcionamento mágico.

– Sinto muito por você ter perdido Becky – falei baixinho. – E sei que já faz tempo, mas não é tempo demais para se sentir totalmente puto com isso. Foi um sonho que não deu certo, e isso é terrível de qualquer forma.

Ele assentiu, apertando a minha mão.

– Também sinto muito por Mark.

Dispensei as palavras com um sorriso.

– Mark não era um sonho. Ele só era uma trepada fantástica que eu tinha esperanças de um dia se tornar um cara melhor. – Pensando um pouco mais sobre o assunto, acrescentei: – Talvez ele *fosse* um sonho, mas foi um sonho bem curto. Se tem uma coisa que percebi até agora nessa viagem é que eu não precisava de três semanas para superar o fim desse relacionamento. Mas, mesmo assim, estou feliz por ter três semanas de folga.

Vi que ele logo se tornou reservado outra vez, mas não fiquei apreensiva. Era o jeito de Jensen processar as coisas, eu já tinha percebido. Ele levava um tempo. E se protegia. Então, facilitei a situação para ele e soltei sua mão para que ele pudesse nos levar de volta ao pátio do restaurante, onde as pessoas já começavam a entrar outra vez. Nós daríamos risada de quão louca eu fui, de quão lunática Pippa era, e voltaríamos aos nossos quartos para nos trocarmos e colocarmos roupas secas para um novo jantar.

Seis

JENSEN

Na manhã de segunda-feira, levantei-me antes do sol.

Pisquei os olhos para o teto escuro, para as cobertas ainda aquecidas à minha volta, enquanto a bruma da sonolência se dissipava. Minha confissão a Pippa ainda ecoava dentro da minha cabeça.

A essa altura, nós já teríamos tido filhos!

Eles estariam na escola! Estariam jogando futebol e andando de bicicleta!

Eu não tinha ideia de onde viera tudo aquilo na noite passada. Eram pensamentos que, a essa altura, eu tinha muito raramente, em geral durante um momento de fraqueza ou depois de um dia extremamente ruim, quando eu voltava para casa e não encontrava nada além de uma construção vazia.

Ou, aparentemente, depois de um dia de bebidas e de enfrentar um sistema de irrigação de um vinhedo.

Eu tinha saído com várias mulheres depois do meu divórcio e não pensava muito mais em Becky. Mas também tinha passado muito tempo pensando em meu casamento depois que conheci Emily. Com ela, a amizade fácil e previsível de alguma forma foi parar na cama e me fez crer que era muito mais fácil ter algo assim – que não precisasse significar nada – em vez de algo em que eu investiria todo o meu coração.

Participei de um jogo de softball e Emily e eu nos conhecemos depois, enquanto tomávamos uma cerveja, como costuma acontecer. Mas, naquela quinta-feira em especial, eu paguei a conta e a acompanhei até seu carro, onde ela me surpreendeu perguntando se eu queria ir com ela à sua casa. No fim das contas, eu fui. Transamos duas vezes naquela noite e fui embora antes de seu despertador tocar na manhã seguinte.

Emily era atraente e inteligente – uma neuropediatra da equipe do hospital infantil de Boston –, mas nós dois sabíamos que não seríamos muito mais do que amigos que dormem juntos quando é conveniente. Transávamos algumas vezes por mês. Era sempre bom. Nunca era incrível. Nunca era incrível em parte porque nenhum de nós investia emoções.

E, francamente, eu sabia que grande parte da minha hesitação em me envolver mais profundamente era o aturdimento residual da situação com Becky e o fato de eu não querer lidar outra vez com isso. Pippa estava certa; a dor se aquietava com o tempo, mas não desaparecia por completo. A dor mudou, transformou meu jeito de ver as coisas e a forma como as pessoas me percebiam. O período de sofrimento aceitável pela perda do meu casamento e tudo o que ele significava na minha vida havia expirado. O resto do mundo seguiu a vida. Eu também deveria seguir.

Por que, então, não segui?

E fico tão furioso por ela não ter me dito antes que não era isso que queria.

Fico com muita raiva por ela ter desperdiçado o meu tempo. E aí, quando conheço alguém, a sensação é... para que investir nela? Não é tarde demais? Eu sou certinho demais, interessante de menos, ou...

Não terminei esse pensamento.

Não sabia ao certo o que em Pippa me fez admitir coisas que eu nunca havia dito em voz alta, mas eu não gostava nada disso. Essas próximas duas semanas deveriam funcionar como uma fuga e uma oportunidade para beber muito, e não como um momento de introspecção e exame de consciência.

Afastei os cobertores e me sentei, estendendo a mão para pegar o celular, que estava carregando na mesa de cabeceira. Ignorei os e-mails com um movimento nada característico e abri a última mensagem de Will perguntando se eu queria sair para correr de manhã.

“Estou a fim. Está pronto?”

Enviei a mensagem e joguei o celular na cama.

Dei uma olhada na programação que Ziggy tinha imprimido para todos: *brunch*, tempo livre para explorar a região, um possível passeio por uma cervejaria e jantar aqui, no hotel.

A resposta de Will chegou enquanto eu estava no banheiro. Um simples “Não”, seguido por silêncio.

Liguei para o celular dele e, depois de quatro toques e o barulho do celular caindo pelo menos duas vezes, Will atendeu.

– Você é foda igual a sua irmã – resmungou, palavras abafadas pelo que eu imaginei ser um travesseiro.

– Foi você quem me chamou para correr hoje de manhã, lembra?

– Ainda não são nem... – Ele tateou o telefone outra vez. – Não são nem sete horas.

– E daí? É nesse horário que sempre saímos.

– Jensen, você já viu o quarto no qual está?

Deslizei o olhar pelo cômodo. Paredes brancas, uma cama grande coberta por uma colcha artesanal, lareira de alvenaria.

– Sim.

– A gente está *de férias*. O *brunch* não começa antes das dez. Não tem problema em dormir um pouco mais.

– Você devia ter esclarecido isso ontem à noite – falei, já abrindo o cardápio para chamar o serviço de quarto.

– Eu bebi meu próprio peso em vinho e tentei convencer o garçom a abrir uma vinícola comigo – ele contou. – Acho que ninguém deve levar a sério *nada* do que eu disse ontem à noite.

– Está bem – falei com um suspiro. – Eu tenho um trabalho para fazer, de qualquer forma. Me ligue quando se levantar e aí sairemos.

– Não tem, não. – Ouvi tecidos se esfregando ao fundo e o barulho das molas do colchão. – Deus, porra, cara! Não! Nem fodendo que você vai ficar aí sentado e trabalhando no seu notebook. Sua irmã vai me matar.

Então Will também estava encarregado de cuidar do Jensen.

Rangi os dentes.

– Tudo bem – falei. – Nada de trabalho. Só vou dar uma saída agora e encontro vocês todos mais tarde.

– Não, você está certo. Me dê quinze minutos, a gente se encontra no lobby. Combinado?

– Combinado.

—

Meu quarto ficava no final da casa, com vista para o gramado e a passarela que separava a construção principal de uma estrutura similar a um celeiro, ao fundo. O céu continuava escuro, mas tinha clareado o suficiente para eu conseguir enxergar um gazebo com cobertura de cobre ao longe e um pátio onde, de acordo com a brochura que Ziggs incluía em nosso roteiro, eles serviam o jantar na maioria das noites, junto a uma fogueira.

As coisas estavam consideravelmente agitadas no andar inferior, com a lareira do lobby já acesa e os ruídos e aromas do café da manhã passando pelas portas fechadas da cozinha.

Will já estava ali, conversando com o gerente, próximo à porta principal.

Ao me ver, ergueu a mão para cumprimentar e se despediu do gerente.

– Bom dia – cumprimentou.

– Bom dia. Ziggs ainda está dormindo?

– Cansada pra caramba – disse com um sorriso de quem estava se divertindo e que achei melhor não tentar traduzir. Em seguida, começou a vestir um par de luvas e deixou escapar uma leve bufada. – Vejo que conseguiu recuperar sua blusa.

Olhei para o meu moletom da Johns Hopkins, aquele que parecia passar a maior parte do tempo com minha irmã. Estava um pouco desbotado, um pouco desgastado em algumas partes. Os punhos estavam alargados e uma das mangas já começava a abrir na costura, mas era um dos meus favoritos. Hanna estava sempre entrando e saindo de casa e roubava minhas roupas desde que passou a ter idade para alcançar a porta do meu armário. O único motivo de eu estar vestindo esse moletom era o fato de minha irmã provavelmente ter se trocado em casa em algum momento e o largado no chão.

– Sinto que você está julgando meu moletom, William. Que maravilhoso. Hanna o usa mais do que eu mesmo.

– Não. Hanna, assim como você, tem um sentimentalismo estranho. Vocês são as únicas pessoas que conheço capazes de jogar fora um Tupperware porque não querem lavá-lo, mas guardam um moletom por duas décadas.

Ele tinha razão.

Atravessamos o lobby e saímos antes que o cheiro de bacon e café recém-passado nos forçasse a desistir de ir malhar e a voltar ao prédio pela porta dos fundos.

O ar frio nos atingiu imediatamente. Will puxou sua touca mais para baixo, buscando proteger as orelhas, e eu olhei para os fundos do hotel.

– Este lugar é mesmo bonito – comentou.

Acompanhei seu olhar. A bruma se espalhava entre as colunas da cerca ao longe, as árvores tinham a tonalidade intensa do outono em contraposição a um céu sem cor. A hospedaria ficava para trás, madeira branca, guarnições azul-claras, o telhado cor de cobre que brilhava feito uma moeda recentemente cunhada.

Assenti, concordando.

O telefone de Will vibrou em seu bolso e ele o puxou, rindo sarcasticamente.

– Bennett acabou de dizer no grupo: “Chloe trouxe café da manhã para mim na cama. Duas horas depois, ela ainda não me pediu para consertar a lixeira. Esposas fazem coisas assim por... gentileza? Por favor, traduzam.”

Dei risada, balançando a cabeça.

– Você acha que ele está mesmo confuso? Ou só está de zoeira?

Enquanto guardava o telefone e fechava o zíper do bolso, Will falou:

– Acho que é bem sincero, embora ele esteja acrescentando um toque de humor. Ela está completamente diferente. Aqueles dois tinham uma dinâmica específica e agora um é a metade do outro. Impressionante.

– Você queria estar em Nova York para ver mais disso?

– Para dizer a verdade, sim – ele respondeu, inclinando-se para o lado para alongar as costas. – É muito esquisito, mas divertido mesmo assim.

Alongamo-nos em silêncio, como tínhamos feito milhares de outras vezes – coxas, panturrilhas, tendões, glúteos –, enquanto os sons da manhã ecoavam à nossa volta. Cavalos pastavam na grama de um pasto vizinho e um martelo acertava um prego em algum ponto da propriedade, mas o tudo era calmo enquanto nos ajeitávamos para seguir a trilha.

Liguei o cronômetro no meu relógio e partimos, deixando para trás a estrada de terra para chegarmos à calçada de uma rua asphaltada. Nossos pés batiam ritmicamente no chão e eu mantinha a respiração estável e os olhos no caminho à frente.

– Como está o trabalho? – perguntei.

Will era investidor e Max seu colega de trabalho. Juntos, os dois eram donos da Stella & Sumner, uma empresa de capital de risco. Max ficava em Nova York e Will agora trabalhava em Boston.

– Indo bem – respondeu. – Tem uma empresa pequena, da área farmacêutica, na Austrália, fazendo um importante trabalho sobre o câncer. Vou até lá para conversar com eles no mês que vem. Ah, e Max transformou meu antigo escritório em uma sala para os dias em que Annabel vai com ele ao trabalho, então vou redecorar o escritório dele da próxima vez que ele sair do país.

– Redecorar? – perguntei.

– Exato. Globo de espelhos, *animal print* de leopardo cor de rosa no sofá. Talvez uma estrutura para strip-tease bem no centro.

– Vocês estão ferrados.

Ele deu risada.

– Na última vez em que fui a Nova York, passei a semana na recepção da empresa, dividindo um computador com a mãe dele. Então, o que vou fazer deve nos deixar empatados.

– As sobrancelhas de Bennett não acabaram de crescer há poucos meses, depois da última vez que vocês tentaram “empatar”? – perguntei. – Lembre-me de ficar muito longe de Nova York.

– Ele perdeu uma sobrancelha, não as duas – Will esclareceu. – E você? Está gostando de ter deixado Boston?

– Sim e não – admiti. – Entendo que eu realmente precisava fazer isso, mas não significa que eu não esteja constantemente preocupado com o que possa estar acontecendo lá durante a minha ausência.

– Porque você é um maníaco por controle – disse, sorrindo em minha direção.
– É um traço da família Bergstrom. Estou pensando em mandar fazer uma análise em todos vocês para encontrar o *ló-cus* genético.

– Sério, é porque sou competente no *meu trabalho* – eu o corriji antes de discretamente acrescentar: – E talvez também um pouquinho do que você disse.

Will deu risada e entramos à esquerda, na South Jamesport Avenue, uma estrada rural de duas faixas cercadas por árvores e uma ou outra casa.

Corremos em silêncio, lado a lado, no mesmo ritmo. Mas a calma familiar de uma boa corrida sempre parecia me evadir. Meus pensamentos continuavam dispersos, uma sensação de ansiedade perfurava meu peito.

– Então, o que você acha de Niall e Ruby? – Will perguntou alguns minutos depois.

– Eles parecem legais – respondi, feliz por falar de qualquer assunto que pudesse me afastar dos meus próprios pensamentos. – Niall é muito parecido com Max e, ao mesmo tempo, não é.

– Foi exatamente o que eu pensei quando estive com os dois em Nova York – Will respondeu. – Ruby deve ser muito boa para ele porque ele parece muito mais tranquilo hoje em dia. Mais feliz. Embora eu deva admitir que me sinto incomodado de imaginar alguém nervoso como Niall trabalhando junto com Pippa e Ruby. Aquelas duas são como gêmeas do entusiasmo. Deve ter sido uma situação e tanto.

– É impressionante que isso tenha acontecido.

– Bem, e devo dizer que é bom ver você e Pippa se dando bem – comentou com um sorrisinho torto.

A menção do nome de Pippa fez alguma coisa se apertar em meu estômago.

– É porque ela é gente boa e eu claramente só a peguei em um momento ruim naquele voo – respondi. – De qualquer forma, sei que falei demais. Ainda posso ouvir a gargalhada dela ecoando pela sua cozinha.

– É uma pena eu ter perdido essa cena – Will lamentou.

– Bem, continue por perto e tenho certeza de que vou encontrar outro jeito de fazer alguma coisa igualmente horrível.

– Você não é a primeira pessoa a dar um fora assim, Jens. As merdas que eu costumava falar na frente de Hanna eram inacreditáveis.

Diminuí o ritmo enquanto passávamos por uma grande propriedade cercada por cerca branca e ostentando alguns cavalos. A necessidade de conversar um pouco sobre esse assunto parecia querer explodir do meu peito, forçando as

palavras a saírem.

– Essa situação com Pippa...

Will também diminuiu o ritmo, me acompanhando e me encarando.

– Diga...

As ruas estavam praticamente vazias a essa hora, mas tivemos que nos aproximar da lateral da estrada quando um carro passou por nós.

– Veja, você está certo. Eu de fato gosto dela – falei. – Mas a situação pesa um pouco. Sinto como se fôssemos peixes presos em um aquário.

– E quem se importa? Hanna está trabalhando para vocês dois se aproximarem, mas irmãs fazem isso mesmo. Ignore-a. Pippa é exatamente o que eu consideraria o seu tipo nos tempos do colégio. É engraçada, sabe matemática e, é claro, é linda. Se isso não fosse o suficiente, ela está aqui para passar algumas semanas e depois vai para outro continente. Tem alguma coisa que eu não esteja entendendo?

– Não sei – falei. – É claro que estou pensando demais na questão.

Com as mãos na cintura, ele parou e inclinou-se contra uma coluna da cerca para recuperar o fôlego.

– Ouça, eu disse a Hanna que não me envolveria nisso, mas, na faculdade, você teria visto as coisas como elas realmente são: férias incríveis com a família e novos amigos, uma das quais, por acaso, é solteira e bonita pra caramba.

Apertei os olhos e observei a estrada.

– É, acho que sim. De qualquer forma, gosto de pensar que hoje em dia sou muito mais inteligente do que nos tempos de faculdade.

– Disso eu não sei – ele rebateu antes de olhar para baixo e chutar uma pedrinha. – O que o está incomodando?

Caí na risada.

– Essa é uma pergunta um tanto complexa para sete e meia da manhã.

Ele me encarou.

– Ah, é? Nunca vi você enfrentar nenhuma angústia existencial. Nem depois que Becky foi embora. Você passou alguns finais de semana bêbado e depois voltou a trabalhar e nunca mais parou. Quero dizer, é isso? Decidiu que isso é tudo o que quer?

A menção ao nome de Becky fez uma pontada causticante atingir meu peito. Isso estava acontecendo com uma frequência excessiva ultimamente.

– Eu...

– Eu vivo esperando você levar alguém para jantar com a gente – disse, interrompendo-me. – Quando eu morava em Nova York, pensei que não conhecia suas namoradas por causa da distância. Mas agora que vivemos na mesma cidade há, sei lá, uns dois anos, só conheci sua parceira de foda

platônica. E vou ser sincero com você, Jens, eu estou do lado de Hanna. A mulher é tão interessante quanto uma colher vazia.

As palavras me fizeram rir incrédulo.

– Veja só quem está falando comigo sobre colegas de foda.

Ele assentiu.

– Tudo bem, você está sendo justo. Já entendi. E, se quiser viver assim para sempre, tudo bem. Mas não entendi o que quer com essa viagem. Não dá para ter as duas coisas. Não pode me dizer que quer continuar livre e desimpedido e ao mesmo tempo ficar todo neurótico com essa situação com Pippa.

– Porque eu *sou* neurótico, Will – rebati, minha voz um pouco mais alta em meio à bruma úmida da manhã. – Ontem, olhei para Ziggs e percebi o quanto ela adoraria que eu tivesse uma paixão de férias e fiquei, tipo... Claro, por que não? Eu posso ter uma paixão de férias. Mas tem alguma coisa em Pippa que...

– Que o deixa desconfortável? – ele perguntou, encarando-me com os olhos fixos de alguém que já tinha entendido o que estava acontecendo.

– Exatamente. E, para dizer a verdade, não entendo o porquê.

– Porque ela é sincera e não é superficial? – Ao perceber que não respondi, ele prosseguiu: – Porque ela faz perguntas importantes sobre quem você é e o que pensa? E porque você acha que não vai conseguir se esquivar dessas perguntas durante as próximas duas semanas?

– Entendi. Parece que você já refletiu muito sobre o assunto.

– Infelizmente, sim. Eu pensei nisso. Quero dizer, eu poderia estar naquela cama gigante, dormindo com a minha bela esposa, mas, em vez disso, estou aqui, discutindo sentimentos com você. Então, converse comigo, Jens. E me conte o que se passa nessa sua cabeça, ou então deixe-me voltar e...

– Está bem, está bem. – Ri sem achar graça, olhando para o céu. – Jesus, eu não sei. Pippa conseguiu me fazer falar de Becks ontem à noite, e eu nem amo mais Becks. Na verdade, é exatamente o oposto... É que eu detesto *pensar* no assunto. Por que as mulheres gostam de falar disso? Eu mesmo nem *penso* mais no que aconteceu.

– É a situação dos seus relacionamentos dos últimos seis anos – Will respondeu. – Você conhece mulheres, sai com elas uma ou duas vezes, às vezes chegam a transar, e depois nunca mais liga para elas. Não é verdade?

Balancei a cabeça negativamente, mas não estava necessariamente rechaçando o que ele tinha acabado de dizer.

– Sua vida está zoada, cara. – Will desencostou da cerca e bateu as mãos nos shorts para limpar os fiapos de madeira. – Aposto que você chega a pensar que as está poupando de se envolver com um homem que em algum momento vai deixar de dar atenção a elas por causa do trabalho.

– Bem, é – admiti, encolhendo o ombro. – Nunca encontrei ninguém com quem eu prefira ficar em vez de trabalhar.

– Já pensou em quão patético isso parece? – perguntou, e sua risada suavizou as palavras. – Na verdade, acho que você está com medo de se envolver e as coisas terminarem outra vez de uma maneira inexplicável. É por esse mesmo motivo que detesta falar sobre Becky. Você simplesmente não entende o que aconteceu. Bem, tenho uma notícia para você: nenhum de nós entende. Nunca entendemos. Ela deixou todo mundo triste. E entendo que seja pior para você, muito pior, mas todos nós a perdemos. E agora você está com medo de tentar outra vez, então nem se arrisca.

– Ah, por favor! Você está misturando as coisas.

Will negou com a cabeça.

– Isso é medo de falhar e *você* está misturando as coisas.

Santo Deus. Por que é que tudo tinha que voltar ao assunto Becky? – Não acho que seja tão profundo assim, Will – virei e comecei a andar devagar o suficiente para ele perceber que eu não estava fugindo.

– Não estou dizendo que seja profundo – ele rebateu. – Estou dizendo que é óbvio. Você é tão clichê. Adoro você, cara, mas interpretar a sua cabeça é tão fácil quanto interpretar um sonho no qual você vai pelado à escola.

A comparação me fez rir.

– Está bem. Então o que você está dizendo é que eu sou clichê, não aceito ter sido abandonado e penso demais nas coisas?

– De forma resumida, sim. – E sorriu para mim. – Você realmente me tirou da minha cama quentinha para falar disso?

—

Depois de mais um dia de degustação de vinhos e uma noite com pratos exuberantes e graças a Deus a chance de ir para a cama mais cedo, saímos logo depois do café da manhã de terça-feira. A segunda parte da viagem nos levou de Jamesport a Windham, em Connecticut. O trajeto era feito em poucas horas de carro, mas ter passado as duas últimas noites na mesma hospedaria e depois arrumar as malas para partir realmente nos fazia sentir em uma *road trip*. Quatro dias viajando, visitando várias cervejarias e pequenas vinícolas e então seguiríamos para Vermont para passar um fim de semana tranquilo em um chalé.

Mas, antes dos momentos de tranquilidade, teríamos momentos selvagens. Pelos menos foi assim que Ziggy definiu a próxima parada.

Era parte de uma excursão com atividades já predefinidas, com um total de

dez participantes. O que significava que nós encontraríamos companhia de outras quatro pessoas pelo caminho. Niall nos deu um sermão bem-humorado – e lançou um olhar demorado para Pippa – sobre coisas que podemos ou não fazer.

– Por exemplo – explicou no banco da frente, onde estava ao lado de Ruby, que dirigia. – Não comentamos nada se nossos sutiãs estão pinicando no fim do dia.

– Ah, não? – Hanna perguntou, fingindo fazer beicinho.

– E não falamos nada sobre ex-namorados e seus traseiros branquelos balançando enquanto eles metem em outra mulher – ele prosseguiu.

E Pippa resmungou bem-humorada:

– Que drogaaaa!

– Todos precisam lembrar que novos amigos vão nos acompanhar. – Ele se virou para a frente outra vez e Ruby o encarou, balançando a cabeça. – Vamos tentar demonstrar o nosso melhor comportamento, mesmo que estejamos bêbados.

– E qual é mesmo o roteiro, Hanna? – Ruby perguntou.

– Temos um tour em uma cervejaria em Willimantic às três da tarde. Amanhã, uma visita a uma vinícola; na quinta-feira, uma combinação de vinhos e chocolates seguida por frutos do mar.

Na segunda fileira de assentos, Will olhou para mim por sobre o ombro e eu sabia exatamente o que ele estava pensando: Que férias! A ideia era incrível, não me entenda errado, mas, para um grupo de pessoas superambiciosas, não era nada como ler na praia ou brincar tranquilamente em um rio com uma cerveja na mão. Essa era a ideia de “relaxar” de Hanna.

Mas aí ele disse:

– Aposto que você está aliviado por não ter que ficar sentado e parado, não?

E registrei a informação... Está bem, essa também era a minha ideia de “relaxar”.

A Willimantic Brewing Company era uma construção em estilo colonial que não poderia ser mais típica da Nova Inglaterra – e eu cresci em Boston, então sei do que estou falando. Willimantic, Connecticut, bem próxima de onde nos hospedaríamos, em Windham, ficava perto de várias cidades grandes e importantes, mas ainda assim tinha um ar rural e pitoresco.

Pippa pareceu ler meus pensamentos:

– Acho que ainda não vi a cidade – sussurrou, olhando pela janela enquanto estacionávamos. – Por que é que eu tenho essa ideia de que a Costa Leste dos Estados Unidos é toda urbana?

Como um especialista de planejamento urbano com experiência em vários

países do mundo, Niall abriu a boca para responder, mas Ruby desligou o motor e apressadamente falou:

– Não, meu querido. Não temos tempo para ouvir sua dissertação agora. – E, ao sorrir e apontar pela janela, ela acrescentou: – Acho que ali está nosso contato da Eastern Stumbles.

– Eastern Stumbles? – Will e eu repetimos em uníssono.

Hanna passou sua pasta por sobre a cabeça enquanto abria a porta lateral.

– É o nome do grupo que organiza o passeio. Eles deixam muito claro o que vamos fazer aqui: beber, comer e sair cambaleando.

Estendi a mão para pegar meu laptop e os óculos de sol enquanto Hanna e Will se apressavam para conversar com nosso contato. Niall e Ruby saíram do veículo para alongar as pernas e Pippa os acompanhou até a calçada.

Meu celular vibrou e eu o peguei. Era um e-mail de Natalie.

– Você vem com a gente? – Pippa perguntou, já na calçada.

– Não me julgue – falei, digitando uma resposta rápida a Natalie. – Só preciso enviar uma mensagem, rapidinho.

Rindo, ela se abaixou enquanto eu terminava de escrever a mensagem e apertava o botão “enviar”. Ajeitando-me para ficar em pé, quase colidi com a minha irmã.

Ela estava bloqueando a minha saída.

– Acho que vamos mudar nossos planos. Will quer improvisar e seguir um pouco mais para o norte.

Olhei para cima. Seu rosto estava vermelho, os olhos um pouco ferozes.

– Tem certeza? – Tentei enxergar atrás dela. – O ambiente aqui não é legal? Não curtiram? Beber, comer e sair cambaleando me parece ótima ideia.

Ela negou com a cabeça.

– Não. Só não curtimos a *vibe*.

Virei-me para olhar pela janela.

– Jensen! – Ziggy gritou, atraindo a minha atenção.

Assustado, olhei outra vez para ela.

– O que foi?

Ela balançou a cabeça, um pouco sem fôlego e talvez ligeiramente frenética. Ruby e Niall entraram em silêncio no carro. Pippa veio atrás de Ziggy, observando-me com um olhar cauteloso.

– Acho que *realmente* é melhor irmos embora – minha irmã propôs.

Eu não sabia se ela estava irritada com Will por ele sugerir que deixássemos para trás toda uma parte de seus planos cuidadosamente preparados ou se só estava com fome. Mas eu precisava fazer xixi.

– Está bem. Eu só preciso entrar para ir ao...

Senti sua mão agarrar meu braço enquanto eu passava por ela. Senti o pânico em sua pegada em volta do meu bíceps. Que diabos estava acontecendo com a minha irmã?

– Jensen – Pippa me chamou baixinho.

Ou talvez tenha gritado.

Mal ouvi.

Aquela mulher estava três metros à frente, mas eu sabia quem era sem que nem precisasse se virar.

Seus cabelos estavam mais curtos, mas percebi aquela manchinha na parte de trás de seu ombro direito. Um ombro que eu tinha beijado vezes demais para contar. E a cicatriz em seu braço esquerdo, por ter sido mordida por um cachorro aos oito anos de idade.

Cegamente, dei um passo para a frente. A forma como as pessoas descrevem momentos assim é verdadeira. Como se o mundo girasse. Como se não existisse gravidade suficiente. O mundo sem dúvida estava girando e eu não sabia quando havia respirado pela última vez.

– *Becks?* – chamei com uma voz rouca.

Ela deu meia-volta, seus olhos castanhos profundamente surpresos.

– *Jensen?*

Eu podia praticamente sentir o silêncio pesado atrás de mim: todo o meu grupo de amigos via essa cena se desdobrar, e ninguém respirava.

Um sorriso brotou no rosto de Becky enquanto ela se aproximava e lançava os braços em volta do meu pescoço. Foi só quando ergui os braços entorpecidamente para retribuir o abraço que percebi que Pippa estava segurando minha mão. Ela me soltou, mas permaneceu ao meu lado, sua presença dando apoio.

Becky se afastou e levou a mão para trás.

– Jensen, quero que conheça Cam, meu marido.

Eu não havia notado a presença do homem ao seu lado, embora não tivesse a menor ideia de como não percebi. O cara era uma torre de músculos e ossos, exibindo dentes brancos e brilhantes ao sorrir. Em nosso aperto de mão, notei que sua pegada era forte, mas tranquila. A forma como ele deslizou o braço em volta dos ombros de Becky, a maneira como ela se virou ao lado dele, tudo isso era como ver uma memória se desdobrar.

– É um prazer conhecê-lo – de alguma maneira consegui dizer.

Como era possível?

Ele sorriu para ela.

– Também é um prazer conhecê-lo, cara. Há anos ouço falar de você.

Anos.

Ela tinha outro homem há anos e eu continuava aqui, esperando para começar outra relação.

Tateei ao meu lado e encontrei mais uma vez a mão calorosa e reconfortante de Pippa. Senti os olhos de Becky seguindo o movimento.

Antes que eu conseguisse me conter, as palavras saíram:

– Esta é Pippa, minha esposa.

Senti sua mão levemente apertar a minha, o movimento espantado de seu braço. E vi Becky absorver tudo aquilo: os cabelos de Pippa em um coque bagunçado, seu suéter alaranjado e felpudo, calça jeans justa até o tornozelo, sapatos azuis de salto altíssimo. Vi Becky analisar o colar de Pippa, uma cascata intrincada de miçangas verdes e vermelhas e amarelas, e seu sorriso enorme e vibrante.

Putá que pariu!

O que foi que eu acabei de fazer?

– Sinto muito... – comecei a dizer, querendo imediatamente desfazer o que tinha acabado de fazer.

Ao ver Becky aqui... imediatamente percebi que aquele rosto que eu tinha amado – e que habitara meus pensamentos de mágoa por tantos anos – agora era só um rosto que pertencia ao passado. Isso ficou impressionantemente claro e eu senti apenas a mais leve das mágoas.

Nada de coração partido outra vez.

Nenhum ciúme de seu novo marido.

Nem o menor sinal de saudade ou nostalgia.

Todavia, Pippa logo me interrompeu, soltando minha mão para agarrar a de Becky.

– Becky – disse tranquilamente. – É um prazer finalmente conhecê-la.

Ajeitando o corpo, ela voltou seus olhos brilhantes para mim e deslizou seu braço por minhas costas, abaixando-o até abrir os dedos em meu traseiro.

E apertá-lo.

– Jensen e eu estamos celebrando a nossa lua de mel. Que curioso encontrar vocês dois aqui!

Sete

PIPPA

Quando eu era criança, Coco e Lele não cansavam de assistir – e chorar com – um filme sobre um grupo de pessoas com camisas cheias de babados ou shorts curtos que se reuniam depois de um funeral e basicamente passavam uma semana juntos transando uns com os outros.

Pelo menos essa era a impressão que eu tinha de *O Reencontro*.

Todos esses anos mais tarde, uma cena específica ainda estava em minha memória – aquela em que Chloe vai até Nick e segura sua mão. Ela é nova, diferente, a ex-namorada do amigo suicida do grupo, aquela que ninguém conhecia antes do funeral, aquela que soa um pouco deslocada e ri nas horas mais impróprias. E ela se arrisca ao pedir que o outro homem estranho a acompanhe.

Ele diz: “Você sabe que eu não faço nada.”

(Significando sexo!)

E Chloe concorda, porque ela não dá a mínima. Só quer estar com Nick porque sente que ele talvez entenda sua dor de um jeito que os outros não entendem.

Tudo isso se passava em minha cabeça quando segurei a mão de Jensen. Eu estava pensando em Chloe e em quão corajosa ela fora ao fazer isso, na nobreza de dar a Nick acesso ao armário do amigo morto, para separar suas roupas e se lembrar dele.

No meu caso, mesmo que Jensen não tivesse percebido na ocasião, eu também havia segurado sua mão em busca de apoio. Logo que saímos da van, Hanna precisou de mais ou menos dois segundos para identificar Becky de costas – o mesmo tempo que o próprio Jensen precisou – e rapidamente me contou quem

era a mulher que se juntaria ao nosso grupo. Eu tinha segurado a mão dele porque imaginei uma situação semelhante, anos no futuro, na qual eu toparia com Mark e o viria casado e feliz – outra vez – e, mesmo assim, independentemente de quão ruim fosse a minha situação hipotética, ela certamente seria bem menos trágica do que a de Jensen.

Eu seria a primeira a admitir que raramente penso demais nas coisas, o que é, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição. Quando chamei Billy Ollander para me encontrar na área de serviços do colégio na sexta série, não imaginei que ele sairia falando para seus amiguinhos insuportáveis que eu era uma garota fácil. Quando cegamente concordei em tirar férias com Ruby e seus amigos, imaginei que ela estivesse sendo excessivamente positiva, e jamais poderia imaginar que acabaria na estrada com algumas das pessoas mais gentis que já conheci em toda a minha vida. E, quando segurei a mão de Jensen, de forma alguma eu esperava que ele me apresentaria à sua ex-esposa como sua... esposa.

Sua esposa.

Jensen e eu assistimos em um silêncio aturdido quando Hanna se aproximou e timidamente abraçou Becky, depois Will fez a mesma coisa. Os dois abraços foram visivelmente desconfortáveis. Eu tinha passado tempo suficiente com eles nos últimos quatro dias para saber que seus abraços costumavam ser apertados e calorosos, e não esses triângulos rígidos formados por corpos que se tocam no mínimo de pontos necessários.

Observei-os tropeçar em meio às explicações de que sim, agora estavam casados. Sim, era isso que eles queriam dizer. Will e Hanna estavam casados. Isso pareceu tocar em algum ponto delicado para Becky, afinal, todos nós observamos, sem saber exatamente o que fazer enquanto ela se afastava e voltava a abraçar Hanna.

Todavia, para mim era impossível não perceber a postura enrijecida de Jensen ao meu lado. Sem precisar perguntar, eu sabia que, claro, não havia problema em ver Becky ali, vê-la se dar conta de que agora ela não era mais parte da vida deles. Mas essa era uma escolha que *ela* tinha feito.

Puxei o braço de Jensen, sua mão ainda junto à minha.

Ele se virou para me olhar e percebi que Will e Niall tentavam não ficar boquiabertos ao nos ver.

– Obrigado – ele sussurrou enquanto Hanna e Becky conversavam, seu olhar sondando o meu. – O que foi que eu acabei de fazer?

Balancei a cabeça e sorri para ele.

– Não tenho a menor ideia.

– Que bagunça! Preciso contar a verdade para ela.

– Por quê? – perguntei, dando de ombros. – É a primeira vez que você vê sua

ex em mais de seis anos, não é?

Ele assentiu, mas começou a se virar para olhar para eles.

A angústia em seu rosto era quase insuportável de ver. Em vez de deixá-lo voltar onde Becky e Hanna estavam conversando, apoiei seu queixo em minha mão e o puxei para perto.

Sua boca encontrou a minha com uma arfada de surpresa antes de ele lentamente relaxar, inclinar a cabeça e transformar o beijo de um simples encontrar dos lábios em algo verdadeiro, caloroso e... delicioso. Minha boca se abriu com a necessidade que ele demonstrava e senti seus braços envolvendo minha cintura, seu peito pressionando o meu.

Ele se afastou só um pouquinho e fiz de tudo para conseguir não puxá-lo outra vez para perto de mim.

– Você faria isso por mim? – ele sussurrou contra meus lábios.

Dei risada.

– Beijá-lo é uma dificuldade que eu vou ter que enfrentar.

Jensen me deu mais um selinho.

– A coisa já estava tão esquisita, e agora isso...

– Nunca estive tão esquisita assim. – Olhei para nosso grupo de amigos, que claramente nos ignorava. – Mas isso... isso torna tudo muito interessante.



Para dizer a verdade, todos estávamos um pouco espantados. Durante todo o caminho entre Jamesport e Willimantic, Hanna e Will falavam alegres sobre a história do nosso próximo destino e tudo o que faríamos lá. Acredito que isso foi parte de nossa reação quando vimos Becky e Cam e nos pegamos diante da possibilidade de ou embarcarmos no ônibus da excursão ou desajeitadamente desistirmos de tudo. Entramos em piloto automático, seguimos silenciosamente adiante.

Na verdade, podíamos ter ido embora. Havia um milhão de outras coisas para fazer e nenhum motivo para ficarmos em uma posição tão desconfortável, mas, no fim, encostado à lateral do ônibus, foi Jensen quem insistiu que estava tudo bem.

E, ao lado dele, assenti.

– Temos que fazer o passeio. Não tem problema nenhum.

Então, entramos no ônibus, nos sentamos nas fileiras apertadas e conversamos amenidades pelo caminho.

Para dizer a verdade, eu não sabia o que esperar. A gente se saiu muito bem durante o passeio pela cervejaria – andamos de mãos dadas o tempo todo,

trocamos alguns beijos aqui e acolá, nos momentos em que imaginamos que dois recém-casados se beijariam. Imaginei que o restante da semana seria mais do mesmo: alguns amassos, alguns abraços, talvez eu me sentasse em seu colo e sentisse aquelas coxas musculosas sob meu corpo por alguns minutos, algumas vezes.

Tudo era tão ingênuo e parecia adequado no contexto de passeios por cervejarias, degustação de vinhos, esmagar uvas. Eu não tinha me dado conta de que isso significava que todos nós ficaríamos hospedados no mesmo lugar em Windham.

Até estarmos na recepção para fazer o check-in.

– Tenho uma reserva de quatro quartos, três noites, para o seu grupo – a mulher disse, sorrindo para Jensen.

Por ironia do destino, Hanna havia pedido a Jensen e a mim que fizéssemos o check-in para todos nós enquanto ela encontrava um lugar para estacionar a van na rua. Becky e Cam e o outro casal do grupo – Ellen e Tom – estavam atrás de nós para pegar as chaves de seus quartos.

– Certo – Jensen disse, mas logo tomou um susto ao meu lado. E tentou corrigir, falando bem alto: – Não. São só três. Três quartos. Só precisamos de três quartos, não é? Certo? Você por acaso...?

Ele se virou para me encarar. Em minha visão periférica, percebi que Becky nos observava.

– No último lugar por onde passamos, nos deram quatro quartos – expliquei para a mulher, rindo desconfortavelmente.

– Pippa gosta de... – Jensen falou, tentando buscar uma forma de completar sua frase. E então acrescentou: – De cantar alto.

Ao mesmo tempo que eu dizia:

– De praticar ioga bem cedo.

– Cedo demais – ele confirmou.

Ao mesmo tempo que eu dizia:

– Cantar muito alto.

– Cantar e praticar ioga – completei, rindo.

Porque eu simplesmente não parecia uma idiota.

– Você pratica ioga? – Becky perguntou, seus olhos iluminados. – Eu também! E adoraria acompanhá-la!

Cam a abraçou enquanto ostentava um sorriso de orgulho no rosto.

– Becks está estudando para se tornar uma instrutora certificada. Ela se converteu mesmo à ioga.

Assenti rapidamente.

Merda, merda, merda!

– Eu pratico um... especial...

– Hot ioga – Jensen falou para me ajudar.

– Bikram? – perguntou Becky.

– Ah... É a versão britânica... desse tipo... – respondi, acenando casualmente com a mão. Claro, afinal, eu era tão sofisticada a ponto de praticar uma versão britânica de um nicho específico de hot ioga. Meu cérebro ficou acelerado enquanto eu tentava explicar por que eu praticaria esse tipo de ioga no meu quarto de hotel. – Sabe... com o vapor... do... chuveiro? – arrisquei, olhando para Jensen, que assentia como se essa fosse uma explicação perfeitamente normal para ele e sua esposa ficarem em quartos diferentes durante a lua de mel.

– Ouça – disse Beck enquanto a animação fazia sua voz subir uma oitava. – Cam corre todas as manhãs, bem cedo. Por que você não economiza seu dinheiro e vem fazer ioga com vapor de manhã no meu quarto? Ou ainda melhor: podemos fazer ioga lá fora, no gramado. Eu adoraria praticar com outra pessoa alguns dos asanas nos quais tenho trabalhado.

Pisquei para ela e me perguntei por que estaria sendo tão gentil, se empenhando tanto em me agradar. Sério, não seria melhor para todo mundo se concordássemos que não havia necessidade nenhuma de socializar?

– Não sei, não. Ela também gosta de cantar – Jensen retrucou em tom de dúvida.

A mulher na recepção animadamente nos entregou três chaves.

– Temos caraoquê no bar, na porta ao lado, todas as terças-feiras a partir das sete da noite, até a hora de o bar fechar!

Ao meu lado, Becky batia palmas em deleite.

– Perfeito!

E parecia emocionada, quase prestes a... chorar?

Lancei um olhar para Jensen.

Ele se esforçou para sorrir, muito embora ostentasse uma carranca.

– Perfeito.



– Não sei se você já percebeu o tamanho do desastre – falei, abrindo a mala e pegando alguns itens de higiene pessoal.

Jensen olhou apaticamente para a pequena cama que dividiríamos.

– Não, acho que percebi, sim.

– Não estou falando da cama, seu tarado – falei, rindo. – Pelo amor de Deus, podemos dividir a cama, sem problemas. Estou falando da ioga.

– Você não tem que fazer ioga – ele rebateu, confuso.

– É claro que tenho! Você não notou a esperança na voz dela? A mulher estava quase chorando de tão feliz. Não posso de repente dizer: “Ah, bem, eu não quero praticar a tal da ioga britânica com vapor sobre a qual falei.” Nós pareceríamos dois loucos.

Fui até o banheiro e o ouvi rindo atrás de mim.

– Muito diferente do que parecemos agora, não é?

Jensen me acompanhou e observou enquanto eu pegava a escova de dente e passava um pouco de pasta. Não estava tão preocupada com meu iminente fracasso na ioga ou com o fato de eu ter basicamente concordado em dar um show no caraoquê. O problema não era passar os próximos quatro dias com a mulher com quem Jensen havia se casado. Tampouco seria difícil me fingir de esposa de Jensen nessa fase da viagem.

O problema é que eu estava um pouco *ansiosa* por isso.

Eu me conhecia, conhecia meu coração. Eu tendia a mergulhar de cabeça primeiro, pensar só depois. Trabalhando assim, como equipe – uma equipe que se beija, pelo amor de Deus! –, eu estava ferrada.

– Ei! – Suas mãos deslizaram por meu quadril, os dedos se unindo em frente ao meu umbigo, e ele enfim descansou o queixo no topo da minha cabeça.

Por mais delicioso que isso fosse, não estava ajudando.

Encontrei seu olhar no espelho.

– Oi.

Observei enquanto ele me analisava e nós dois seguramos a risada. O que estávamos fazendo? Eu não tinha me permitido pensar muito no que aconteceria esta noite, mas

nós

dois

dormiríamos

juntos.

Enfiei minha escova de dente na boca e comecei a escovar vigorosamente.

Ele ajeitou o corpo e me deu espaço.

– Não lembro quando foi a última vez que vi uma mulher escovando os dentes.

– E a cena é tão interessante quanto você se lembra? – perguntei com a boca cheia de espuma.

Inclinei-me para cuspir e enchi a boca de água para enxaguar.

Ele chegou a abrir a boca para dizer alguma coisa, mas fui mais rápida depois de cuspir outra vez.

– Eu beijei você.

– Beijou mesmo. – E assentiu, aproximando-se de mim e descansando outra

vez o queixo na minha cabeça. – E depois, se me recordo bem, *eu* beijei você.

– Foi de bobeira?

Ele balançou a cabeça.

– Pippa?

– Sim?

– Obrigado.

Dei risada.

– Por quê? Por ter beijado você? Posso garantir que foi um prazer.

Ele balançou a cabeça, seus olhos encarando os meus pelo espelho.

– Por tornar a situação mais fácil.

Sorri para ele e me soltei em seu abraço.

– Mais fácil *para* você.

Ele não entendeu direito, seus olhos se estreitaram.

– Jensen, esta noite, nós vamos dividir a cama; eu mal consigo tocar a mão nos pés, imagine praticar ioga; e não tenho *o menor* ouvido para música. Isso vai ser um desastre.

– Você bem disse antes: a gente dá conta. Hanna e Will também estão animados com essa parte da viagem. Vamos vencer isso.

Olhei para os seus olhos refletidos no espelho.

– Por que ela está sendo tão gentil?

Sua expressão endureceu, seus olhos perderam o foco.

– Becky sempre foi gentil, mas... é... bem... eu não sei.



Encontramo-nos no térreo para jantar, andando – constrangida-mente – de mãos dadas na direção de Will e Niall, que esperavam perto da recepção.

Will virou-se, sorrindo ao nos ver de mãos dadas.

– Isso... – começou a dizer enquanto abria os braços. – Isso é o que eu queria ver.

– Tirando o melhor de uma situação ruim! – Jensen falou animado, puxando-me ao seu lado e dando um beijo barulhento em minha têmpora.

– Ah, não, qual situação ruim? – Becky quis saber, surgindo do nada, fazendo todos nós pularmos de susto.

Definitivamente teríamos de pendurar um sino no pescoço dela.

Will deu risada.

– Puta merda, Jensen, eu estou vivo para ver você fazer isso várias e várias vezes.

Jensen murmurou algumas coisas.

– Não, não, nada... – E piscou para mim. – A gente só...

– Pippa acabou de descobrir que está grávida! – Will provocou.

Jensen e eu olhamos em choque para ele.

– Will! – gritei, batendo em seu peito. – *Que história é essa?* Você ficou louco?

Will arqueou as sobrancelhas. Ainda parecendo um pouco embriagado depois de uma degustação de cervejas bem demorada que acontecera mais cedo, ele se aproximou, sussurrando sem qualquer discricção:

– O quê? Que merda! Essa não foi boa?

– Estamos no meio de uma viagem para degustar vinhos, seu idiota! – sussurrei com olhos arregalados. – Não estou fingindo... – Parei quando Jensen me apertou ao seu lado. Sorri com dentes apertados para uma Becky aturdida. – Will está de zoeira, é um palhaço! Eu não estou grávida.

– Está vendo? – Will continuou, ainda cambaleando levemente. – Eu falei que era capaz de fazê-los ver o lado positivo. Então você não comprou a casa que ofereceram em Beacon Hill? Mas pelo menos sua nova esposa não engravidou na lua de mel, certo?

Jensen olhou furioso na direção de Will.

Hanna desceu as escadas e parou ao lado do marido, lendo corretamente a situação.

– Você está causando problemas?

– O quê? Claro que não.

Ele inclinou o corpo para beijá-la e tentar distraí-la.

– Você quer comprar uma casa em Beacon Hill? – Becky perguntou baixinho a Jensen, dando a impressão de que Beacon Hill é uma área muito abastada da cidade.

Cam se aproximou dela e deixou escapar um “uau”.

– Jensen está prestes a se tornar sócio do escritório – Niall afirmou. – Trabalhar duro traz resultados.

Will acrescentou:

– Ficou com o trabalho e com a mulher.

Becky analisou Jensen com olhos novamente vidrados.

– Fico muito feliz! E que ótimo! Porque Cam é corretor de imóveis! Ele sem dúvida pode encontrar uma casa em Beacon Hill para você.

Senti o braço de Jensen se apertar ao meu. Sem ele precisar dizer nada, percebi que este era o último lugar onde queria estar agora.

– Que... ótimo... – falou com um sorriso doloroso.

Becky deu um passo adiante e começou a dizer:

– Acho que me preocupei com a possibilidade de que quando...

Seus olhos brilhavam com desconfiança e eu logo a interrompi:

– Colegas, estou morrendo de fome! – exclamei. – Todo o sexo de recém-casados e tal. Onde vamos jantar?

É claro que Jensen ficou vermelho quando eu falei “sexo”.



– Sinto que perdi algo realmente interessante ali atrás – Ruby falou, guiando-nos a caminho do jantar.

– Will lançou a bomba de Hiroshima do constrangimento – explicou Niall. – E Pippa veio em seguida, com Nagasaki.

– Foi péssimo – Jensen concordou.

Dei um tapa em seu ombro.

– Essa coisa toda de fingir ser sua esposa já é difícil o suficiente para mim.

– Excesso de sexo na lua de mel? – brincou. Niall tossiu uma risada. – Ah, e parece que Cam vai encontrar a casa dos sonhos em Beacon Hill para nos vender. Obrigado por essa, Will.

Ele sorriu para nós.

– De nada.

Consegui segurar o riso.

– O que devo fazer com sua ex-esposa que fica com os olhos lacrimejando toda vez que está perto de vocês? – eu quis saber. – Só se passaram cinco horas e já sinto que somos disfuncionais.

– Por que Becky está chorando tanto? – Hanna perguntou.

Will olhou outra vez espantado para nós.

– Talvez *ela* esteja grávida?

– Ela estava bebendo cerveja – Ruby o lembrou.

– Talvez ela tenha percebido que perdeu o que teve de melhor em sua vida? – Hanna arriscou, quase rosnando.

– Está bem, está bem, já chega – Jensen falou, esfregando os olhos com a palma da mão.

Hanna apontou para o outro lado da rua e nós a seguimos até um restaurante em estilo colonial, onde tínhamos feito uma reserva para jantar – sozinhos, sem Becky e Cam ou Ellen e Tom.

– Meu Deus! – grunhi. – O que eu vou fazer na noite do caraoquê? Temos mesmo que ir?

– Bem, não precisaríamos ir se você não tivesse *aceitado* – Jensen respondeu, rindo.

– Que incrível! – Will exclamou, também rindo, ainda embriagado. – Venha

viajar com a gente, Jens. Você vai ficar junto com a louca do voo e aí vamos encontrar o diabo da sua ex-esposa pela primeira vez em uma década e todos fingiremos que você se casou com a desconhecida bonita.

– Ei! – protestei, fazendo-me de insultada.

Jensen olhou para mim.

– Você não é nenhuma desconhecida.

– Claro. Afinal, eu contei para você toda a história da minha vida.

Ele sorriu.

– Começando com a proveta.

O restante do grupo ficou em silêncio, confuso.

Jensen os ignorou.

– Sabem o que essa noite exige? – perguntou retoricamente a todos nós, mas olhando direto para mim.

– Do jeito que a viagem está indo, já imagino aonde você quer chegar – Hanna afirmou.

Ele negou com a cabeça e, rugindo, completou:

– *Muito* vinho.



Talvez o encontro com Becky tivesse deixado todo mundo meio alegre, mas beber *um monte* de vinho certamente ajudou. Assim que nos sentamos, Will pediu duas garrafas – uma de tinto, outra de branco – e alguns aperitivos e disse ao garçom que era aniversário de Jensen.

Jensen arrumou um chapéu de palha para o caranguejo de quase um quilo que eles trouxeram e, depois de terminarmos as duas garrafas, parecia normal pedir outras duas. Hanna afirmou – de forma bastante razoável, pelo menos para mim – que havia apenas 750 ml em cada garrafa, o que significava que tínhamos tomado apenas duas taças cada um.

– Muito pouco para quem quer brilhar esta noite – Niall comentou enquanto chamava o garçom.

Duas outras garrafas mais tarde, as bochechas de Will estavam rosadas, Hanna ria de forma escandalosamente indelicada e Jensen mantinha o braço no encosto da minha cadeira, sustentando uma posição bastante casual.

Pedimos vinho de sobremesa quando o garçom trouxe crême brûlée e bolo recheado com creme de chocolate.

Pedimos coquetéis de saideira quando terminamos a sobremesa.

E aí lembramos que ainda tínhamos o caraoquê com Becky e Cam em um bar na cidade.

Ruby ergueu a mão com um dedo em riste.

– Não precisamos ir – falou, piscando embriagada para mim e para Jensen. – Se vocês dois não se sentirem à vontade.

Dei risada.

– Não é desconfortável para mim. Nós não somos casados *de verdade*.

– Acho que ela está falando da questão de não ter ouvido para música – Jensen arriscou, sua voz de repente muito suave em meu ouvido.

– Na verdade, o problema é para todas as outras pessoas no bar – falei aos amigos à mesa, e então me virei para ele, tão próximo que eu poderia beijá-lo ali mesmo. Para ser sincera, era difícil resistir. Ele tinha cheiro de chocolate e aquela barba por fazer no queixo. – E saiba que sei fazer um ótimo cover do Violent Femmes no caraoquê.

Ele curvou ligeiramente a boca.

– Você poderia comer uns cacos de vidro e engolir uísque e fazer um cover do Tom Waits.

– A gente pode fazer um dueto – sugeri.

– Eu voto pelo dueto – Will praticamente gritou do outro lado da mesa.

Hanna pediu a ele que fosse mais discreto quando alguns outros clientes do restaurante olharam em nossa direção.

– Quer saber? – Jensen começou, erguendo a mão para coçar a sobrancelha. – Você canta uma música para mim aqui mesmo, à mesa, e eu faço um dueto com você.

Afastei-me um pouquinho. Ele tinha falado em tom de brincadeira, como se eu jamais fosse capaz de fazer algo assim.

– Não vou cantar nenhuma música *em um restaurante* – declarei.

– Se cantar, eu canto com você no bar.

Fiz as contas em minha cabeça, tentando estimar quanto eu tinha bebido. Ele estava sendo adorável.

– Você é louco.

Neguei com a cabeça e senti os olhos de Ruby voltados para mim antes de ela se virar para o lado e sussurrar alguma coisa com Niall.

– Qualquer música no bar – Jensen insistiu. – Você escolhe. Só precisa cantar alguma coisa para mim agora.

Bingo.

Abri um sorriso enorme para ele.

– Eu escolho?

– É claro – afirmou, acenando casualmente com a mão.

– Que pena que você não me conhece direito. – Empurrei a cadeira e subi nela, ficando acima de todos os que estavam sentados.

– Pippa! – ele me chamou, rindo. – O que você está fazendo? Eu queria dizer cantar aqui, à mesa.

– Tarde demais – Ruby disse a ele. – Você, senhor, acabou de libertar o monstro que há dentro dela.

– Com licença, todo mundo – gritei para o restaurante inteiro. Era um estabelecimento pequeno, com talvez dez mesas no total, mas estava completamente lotado. Garfos tocaram os pratos e o gelo estalava nos copos quando as pessoas ficaram em silêncio. Pelo menos 35 pares de olhos estavam apontados para mim. – Hoje é aniversário do meu marido. E seu melhor amigo da faculdade, que agora é seu cunhado, patrocinou uma quantidade obscena de álcool para nós esta noite, e eu gostaria que vocês todos me ajudassem a cantar parabéns para Jensen.

Sem esperá-los concordar, comecei o primeiro verso da canção – alto, claramente fora de tom e provavelmente agudo demais para os homens conseguirem me acompanhar. Mas a sorte – ou talvez Connecticut – fez todo mundo entrar na brincadeira, cantando bem alto, com as taças erguidas. Ao final, todos gritaram e eu desci da cadeira e inclinei o corpo para dar um beijo na boca de Jensen.

– Meu aniversário é em março – ele sussurrou.

– E daí? – respondi, deslizando meus dedos por seus cabelos simplesmente porque senti que podia fazer isso. – Estamos brincando de fingir. Você é casado. Eu sou a sortuda. E hoje é seu aniversário.

Jensen me encarou com olhos entorpecidos, com uma emoção inominável. Não estava bravo. Não estava sequer surpreso. Mas eu não conseguia interpretar aquilo, pois parecia algo como adoração, e todos nós sabíamos que eu era péssima para ler os homens.

Oito

JENSEN

Em Windham, era possível ir a todos os lugares a pé, mas parecemos levar uma hora para atravessar três quarteirões. Hanna e Will paravam em todas as vitrines – fosse uma loja de antiguidades, fosse uma imobiliária. Quando chegamos à Duke's Tavern, os dois já tinham planejado comprar um sofá, duas mesas, um abajur antigo e uma casa no final da rua, em Canterbury.

Sem nem me dar conta do que estava fazendo, mantive-me de mãos dadas com Pippa o tempo todo. Estritamente falando, eu não precisava fazer isso: não havia Becky nem Cam, não precisávamos nos fingir de casados. Mas era bom tocá-la assim e eu lembrei que ainda ontem tinha pensado em fazer isso, e não por uma mentira impulsiva, mas simplesmente porque ela era linda e nós dois éramos solteiros e por que não, porra?

Quando vi a realidade de Becky bem diante dos meus olhos, nossa história se tornou algo como o monstro que, quando você é criança, vive em seu armário. Eu realmente tinha construído nosso passado em minha cabeça; imaginava que esse tipo de encontro por coincidência acabaria sendo extremamente doloroso, mas a verdade é que foi mais desconfortante do que qualquer outra coisa. Cam parecia gentil, muito embora fosse sem graça. Becky parecia feliz... mesmo que um pouco fragilizada por voltar a me ver. Inesperadamente, a situação parecia mais difícil para ela do que para mim.

O Duke's lembrava todos os bares pequenos que já visitei. Cheirava a cerveja derramada com um leve toque de mofo. Havia uma máquina de pipoca e uma pilha de bandejas para os clientes se servirem. Havia um único bartender trabalhando e um aparelho de caraoquê solitário em um canto. Um pequeno grupo de clientes estava sentado junto ao bar e pelas pequenas mesas espalhadas,

mas de forma alguma o estabelecimento parecia lotado.

Ver Niall Stella – tão alto, tão eternamente cheio de classe – em um lugar assim dava alegria a todos nós. Ele se sentou cuidadosamente em uma cadeira coberta com vinil e pediu uma Guinness.

– Você... – Pippa começou a dizer, olhando para mim. – Você está mais tranquilo.

– Como assim?

Inclinando a cabeça para o lado, ela disse:

– Cinco dias atrás, eu esperava que você tivesse a aparência de um homem de negócios em um lugar como esse. Agora você está... – Ela deixou seus olhos deslizarem por minha camiseta da Willimantic Brewing Co. e a única calça jeans que eu havia trazido. – Você está ótimo.

– Eu estava no piloto automático quando arrumei a mala para essa viagem – admiti, esquivando-me do elogio. – Praticamente só trouxe suéteres e camisas sociais.

– Eu percebi. – Ela se inclinou na minha direção, sua respiração aquecida tocava meu pescoço. – Gosto de você de qualquer jeito, mas gosto um pouco mais quando consigo ver esses braços. – Pippa deslizou a mão suavemente por meu antebraço e a fechou em meu bíceps. – São belos braços.

Estremeci, rapidamente desviando minha atenção para o garçom, que cuidadosamente colocava nossas bebidas à nossa frente. Will ergueu o copo cheio de India Pale Ale.

– Aos casamentos: velhos, novos e fingidos. Que eles tragam tudo o que sempre quisemos.

Com seus olhos fixos nos meus, Will estendeu a mão, esperando que nossos copos se tocassem. Ergui minha caneca e brindei com ele.

– Parabéns, cuzão – ele falou, sorrindo.

– *Parabéns?* – A voz de Becky ecoou vinda de trás de mim e eu vi o sorriso no rosto de Will se desfazer. Ele se ajeitou na cadeira e passou o braço pelas costas de Hanna. – De quem é o aniversário? – Becky quis saber.

– Oi – Will cumprimentou. – É... a gente só estava brincando.

– Da Pippa – respondi, sorrindo para ela, que assentiu com ares de quem estava se divertindo. – Estávamos prestes a cantar para ela.

Do outro lado da mesa, Niall usava a mão para esconder o riso.

– Isso já é exagero – disse, balançando a cabeça. – Eu não consigo acompanhar.

Cam acenou para o garçom enquanto Becky puxava uma cadeira à minha direita.

– Tudo bem se eu sentar aqui?

Senti o corpo de Pippa se enrijecer à minha esquerda e murmurei discretamente:

– Claro.

A verdade era que eu não queria Becky sentada ali.

Eu não queria Becky aqui.

Não a queria por perto nessa viagem.

Eu não a amava mais, não queria voltar no tempo e mudar nada. Eu sequer precisava de uma explicação melhor de por que nosso casamento terminou. Eu só queria seguir em frente. E, embora os demais aspectos da minha vida tivessem se tornado um sucesso, Will estava certo: minha vida sentimental era um completo fracasso, e por culpa exclusivamente minha. Eu simplesmente não queria *enfrentar* isso.

Cam pediu uma Bud Light e uma taça do merlot porcaria da casa para Becky. Percebi a leve risada de Will antes de, imagino eu, Ziggs tê-lo beliscado por debaixo da mesa, porque ela se aproximou dele e sussurrou:

– Pare.

Mas eu sabia que isso era um erro – me fazer de bonzinho, fingir que éramos velhos amigos. Eu não conseguia. Will não conseguia. E, em especial, Ziggs não conseguia. Becky tinha estragado tudo. Estávamos nos divertindo antes de ela aparecer, e mais três dias de fingimento acabariam desgastando a todos nós.

– Onde vocês foram jantar? – Becky perguntou, sorrindo amigavelmente.

– John’s Table – Ruby respondeu, percebendo a leve tensão na mesa. – Foi incrível.

– Acho que temos uma reserva lá amanhã – comentou Becky, esperando uma confirmação de Cam, que assentiu. – Hoje jantamos no Lonely Sail. Foi maravilhoso.

Todos dissemos “legal” como se déssemos a mínima.

– Vocês se lembram... – Becky começou, rindo – daquele dia em que quebramos a mesa na lanchonete?

Ela então ficou em silêncio, apertando os olhos na minha direção, tentando lembrar o nome da lanchonete.

– Attman’s – Will falou antes de tomar um gole de sua cerveja.

Abri um sorriso quando me lembrei da ocasião. Estávamos bêbados e Becky pulou em minhas costas, lançando nós dois sobre a mesa, onde caímos e arrancamos o tampo. O pobre rapaz trabalhando na lanchonete tentou não entrar em pânico e nos disse que fôssemos embora, que ele daria um jeito na situação.

– Deveríamos ter pagado – ela falou, balançando a cabeça.

– Pela mesa? Com o quê? – perguntei, dando uma risadinha. – Se não me falha a memória, naquela noite nós dividimos um sanduíche porque nós três

juntos tínhamos sete dólares.

Eu também me lembrava do resto daquela noite: Will e eu cambaleamos de volta para o nosso quarto, caímos no chão e começamos a tramar um jeito de projetar as imagens da televisão no teto para podermos jogar videogame bêbados e deitados.

No fim, conseguimos ligar a TV a um projetor antigo que tínhamos roubado do departamento de biologia naquele fim de semana... e foi animal!

De fato, a maioria das minhas memórias dos tempos da faculdade envolviam coisas que fiz com Will.

O silêncio se espalhou pelo grupo, deixando muito claro – para todos nós, suponho – que Becky e o meu grupo de amigos não tinham mais nada em comum.

Cam bateu os nós dos dedos na mesa.

– Alguém aqui acompanha os jogos do Mets?

Todos negamos com a cabeça, murmurando que não, e ele levou a cerveja aos lábios enquanto olhava para uma TV onde, presumimos, estava passando um jogo do Mets.

Ziggy me olhou nos olhos e pude perceber sua exasperação.

Aquela noite – e, em momentos anteriores, uma noite desse tipo incluía o tipo de diversão que me mantinha acordado até tarde, bebendo o tempo todo – estava perdendo a graça. Eu sentia falta da risada de Pippa. Sentia falta da energia que eu absorvia quando ela me olhava e eu não sabia o que estava prestes a fazer.

Virei-me para ela, passei meu braço por sobre seu ombro e a puxei para perto de mim.

– Acho que estou devendo uma música para você – lancei.

Ela ficou animada e sorriu para mim.

– Ah, é? Genial!

– Você escolhe. – E baixei a voz para dizer: – Eu só quero sair dessa mesa.

Nossos olhares se encontraram e eu me perguntei se ela conseguia ler o que meus olhos diziam: *eu não quero estar com ela*.

Eu mais vi do que ouvi seu discreto:

– Está bem, então.

E aí Pippa segurou minha mão, me puxou na direção do canto onde o aparelho de caraoquê descansava solitário abaixo de um único holofote e ligou o microfone. A microfonia se espalhou pelo bar e todos se espantaram antes de Pippa levar o microfone aos lábios.

– Olá, Connecticut – cantarolou, cambaleando levemente. – Esse cara aqui, Jensen, prometeu que cantaria comigo, então pensei que seria legal escolhermos algo *muito* romântico.

À mesa, Will deu risada; minha irmã nos olhava com olhos sonolentos, consequência do vinho. Ruby estava grudada ao colo de Niall, ou chupando seu pescoço ou dormindo ali. A única pessoa que nos observava com atenção era Becky.

Eu queria me arrastar para fora da minha pele.

A mão de Pippa encostou em meu maxilar, virando-me para encará-la.

– Esta aqui é para você.

O riff de abertura de “Kiss Off”, do Violent Femmes, começou a ecoar pelo bar e Pippa dançava ao meu lado, pronta para começar a cantar.

Will levou dois dedos à boca e soltou um assobio estridente. Até Ruby se sentou, lançando um longo *u-hu!*.

– *I need someone, a person to talk to, someone who'd care to love* – Pippa cantou e, depois de olhar para seu sorriso, seus olhos bem-humorados, não consegui resistir.

Então, cantei com ela:

– *Could it be you? Could it be you?*

Era ridículo e constrangedor e soávamos *péssimos*, mas aquele era o momento mais catártico desde o meu divórcio. Como era possível? Eu estava berrando uma música raivosa com uma mulher que conhecera havia poucos dias, que eu inicialmente pensei que detestaria, mas que, de algum jeito, passei a adorar. E, sentada, Becky – Becky, justamente Becky – assistia com uma mistura de alívio e tormento estampada no rosto.

Mas logo até ela desapareceu da minha vista, afinal, a mulher à minha frente tomava toda a minha atenção. Os cabelos de Pippa estavam soltos e caíam por sobre o ombro. Era fácil imaginar seu corpo sob o vestido e eu estendi o braço, deslizando a mão em volta de sua cintura para puxá-la mais para perto.

Eu queria beijá-la.

Sabia que, em parte, era por causa do vinho e da cerveja, e a sensação inebriante de liberdade por estarmos em uma cidadezinha onde eu não conhecia ninguém, mas também sabia que de forma alguma eu estava sentindo a mesma coisa por Becky.

Pippa dançava junto a mim, cantando terrivelmente ao microfone – mas no tom perfeito para a música, sério. Seus brincos caíam como uma cascata das orelhas, quase tocando os ombros. As pulseiras balançavam no braço. O batom tingia seus lábios com um vermelho sedutor enquanto ela sorria descontroladamente.

A música terminou com uma pancada dissonante na guitarra e Pippa me encarou sem fôlego. Eu raramente fazia coisas sem pensar, mas aproximar-me para beijá-la não era fruto do nosso showzinho ou porque alguém estava

assistindo – fiz isso porque, naquele momento, não conseguia pensar em mais nada.

Voltamos à mesa, onde Will batia palmas lentamente, Hanna sorria como boba, Ruby e Niall estavam de olhos arregalados e Becky quase babava de tanto sorrir. Cam brincava com o celular.

– Vocês dois são uma graça juntos – Becky elogiou.

– São, mesmo – Ziggy concordou e, por algum motivo, sua opinião tinha um significado especial.

Eu me sentia ligeiramente agitado, como acontecia em reuniões sem propósito que duravam tempo demais ou ao final de uma chamada de conferência infinita. Pippa deslizou sua mão para junto da minha e assistimos a Becky e Cam nos substituir no caraoquê, escolhendo uma antiga canção de Anne Murray. Uma de suas músicas country lentas.

– Uma escolha estranha para vir depois da nossa música, não? – Pippa comentou, sua cabeça em meu ombro. – Mas acho que nossa escolha também foi esquisita para abrir a noite.

Eu me aproximei um pouco mais para que ela pudesse me ouvir por sobre a música.

– O pai de Becky morreu quando ela era adolescente. Ele adorava Anne Murray. Tem um significado especial para ela.

Pippa inclinou a cabeça na minha direção.

– Ah.

E é assim que as coisas começam, pensei. *Não com um monte de informações, mas com coisinhas.* A essa altura, Cam certamente conhecia muitos detalhezinhos de Becky.

Eu podia descobrir que Pippa não precisava olhar para o monitor para cantar Violent Femmes. Eu podia descobrir que ela dançava feito um boneco, tinha duas mãos e gostava de gritar na chuva.

Minha boca uniu-se outra vez à dela e, quando me afastei, pude ver o questionamento em seus olhos.

– O que foi? – perguntei, afastando uma mecha de cabelos de seu rosto.

– Está bêbado? – ela me perguntou.

Rindo, respondi:

– Bem... sim. Você não?

– É claro que estou. Mas esse me pareceu um beijo *de verdade*.

Abri a boca para responder, mas senti os corpos se movimentando ao nosso lado e ergui o olhar.

– Esse lugar está um saco – Will resmungou, levantando-se e pegando sua jaqueta. – Vamos tomar vinho no bar do hotel.

Olhei para o relógio e me dei conta de que ainda eram dez da noite.

Então me levantei, ajudei Pippa a vestir seu casaco e discretamente pagamos nossa comanda e saímos do Duke's.

Só quando chegamos ao hotel eu me dei conta de que deixamos Becky no meio de sua música e sequer nos despedimos.

—

A hora da verdade tinha chegado.

Bem, quase.

Eu podia sentir o quarto lá em cima nos chamando, enquanto estávamos no bar do hotel. Teríamos que enfrentar o inevitável. Ou será que ainda nos divertiríamos hoje à noite?

– Sinto que precisamos fazer uma reunião – minha irmã propôs, soltando o corpo em uma das cadeiras. – Precisamos discutir seriamente se queremos ficar nesse passeio ou seguir para a próxima parada.

– Eu pensei que essa coisa toda com Becky seria simples – Will comentou, assentindo. – Pensei que esse casamento falso de vocês seria engraçado e a gente se divertiria, mas, quando o clima de diversão acabou e a noite continuou, achei estranho o jeito que Becky ficou olhando para você.

– Eu concordo – afirmou Pippa, olhando para mim. – Você não percebeu?

Dei de ombros, tirando meu suéter por conta do calor da lareira.

– A situação também deve ser estranha para ela.

– Cam está mais para um idiota com boa aparência – Ruby arriscou. Fechei os olhos e ajeitei o corpo contra o encosto do sofá. Hora da verdade. Ver Becky outra vez tinha se tornado mais exaustivo por causa do nível de desconforto que eu esperava do que pelo que realmente aconteceu.

– Por mim, tanto faz – falei. – Se ficarmos, tudo bem, se formos embora, tudo bem também.

– A pessoa que parece estar enfrentando tudo com mais facilidade é Jensen – Ziggy comentou. – Eu meio que tenho vontade de arrebentar a cara dela toda vez que a vejo.

– Bem, foi um dia longo e eu bebi muito, muito mais do que devia – Will falou. – Quem era o responsável por mim? Era você? – E aproximou-se de Ziggy com um sorriso tolo. – Oi.

– Está bem, acho que chegou a hora de alguém ir para a cama – Ziggy afirmou, sorrindo enquanto ele pressionava o rosto contra o peito dela. – Talvez devêssemos discutir esse assunto amanhã de manhã. Eu teria que reorganizar

algumas coisas para conseguirmos nos hospedar mais cedo no chalé. Talvez devêssemos pensar sobre o assunto e dormir para ver se ainda queremos matar Becky... – Hanna fez uma pausa e abriu um sorriso maldoso. – Oops, sinto muito, quero dizer... para ver como *nos sentimos* amanhã.

– É uma ideia excelente – elogiou Niall enquanto se levantava.

Ruby abraçou a todos e, depois de vários “boas-noites” e “a-gente-se-vê-amanhã”, eles seguiram na direção do elevador.

Olhei para Pippa e percebi que ela estava me analisando. Será que também se dava conta de que tínhamos um quarto e uma única cama para dividir?

Ela se levantou e estendeu a mão.

– Está pronto?

E sorriu para mim.

– Acho que chegou a hora – falei, estremecendo internamente.

Mantenha o controle, Jensen.

Meu coração saltava sob o esterno enquanto eu me levantava e segurava sua mão. Parecia minúscula junto à minha, calorosa e suave, mas, ao mesmo tempo, de certa forma sólida. Era ela me tranquilizando, exatamente como hoje de manhã, e meus pés quase pararam quando meu cérebro se deu conta de que, para qualquer um assistindo, essa seria nossa lua de mel.

E a situação não estava ajudando.

De mãos dadas, atravessamos o corredor e subimos as escadas. Estávamos a caminho do nosso quarto e eu não tinha ideia do que estava por vir.

Nove

PIPPA

Jensen abriu a porta de nosso quarto e, sem dizer nada, acenou para que eu entrasse. Em seguida, fechou-a barulhentemente.

Nossa, que momento tenso!

Enquanto passávamos pelas escadas, nenhum de nós disse nada. No corredor, permanecemos em silêncio. A cada passo eu queria me virar para ele, fazer uma dancinha e dizer: nada disso precisa acontecer. A gente pode só contar histórias de terror, devorar tudo o que tiver no frigobar e fingir que é uma festa do pijama.

Mas às vezes, com Jensen, verbalizar as coisas só tornava a situação mais constrangedora.

Quase não tínhamos passado tempo aqui desde que deixamos as malas, mais cedo. E, na ocasião, a pressa por nos fingirmos de casados e o fato de termos toda a noite antes de enfrentarmos *esse momento* fizeram a cama parecer muito maior.

Mas não, ela era exatamente minúscula.

Será que nos Estados Unidos existia algum tamanho de cama entre a de solteiro e a de casal?

Jensen foi o primeiro a quebrar o silêncio enquanto nós dois olhávamos para o colchão.

– Eu posso dormir no chão, sem problema algum.

Porém, eu não queria isso. Para dizer a verdade, eu queria seu corpo enorme me envolvendo, seus braços à minha volta e a frente do seu corpo grudada às minhas costas. Queria ouvir sua respiração enquanto ele dormisse e sentir seu calor durante toda a noite.

Não só porque eu gostava de sexo – e eu gostava *mesmo* – ou de abraços –

adorava! Mas também porque eu me sentia segura com ele. Eu me sentia importante, especialmente hoje, quando pude fazer algo para ajudá-lo e aparentemente esse pequeno favor trouxe tanto dele para dentro de mim.

Mas aqui estávamos nós, ele outra vez fechado.

– Não seja bobo. – Fui até minha mala e puxei meu pijama. – Eu só vou me trocar...

Ele tossiu ao olhar para sua mala, aberta em uma cadeira em um canto do quarto.

– Claro.

Eu me troquei, lavei o rosto, prendi os cabelos, soltei os cabelos, prendi os cabelos outra vez. Passei hidratante. Escovei os dentes, usei o vaso sanitário, lavei as mãos, passei mais hidratante. Escovei os dentes outra vez. Fiquei paralisada. E aí, ao sair do banheiro, deixei que ele passasse por mim para fazer a mesma rotina, percebendo, enquanto ele entrava, que só levava um short nas mãos.

Ele dormia sem camisa.

Puta que pariu, que foda!

Porém, quando saiu do banheiro, para meu desânimo, Jensen estava usando a camiseta branca que havia por baixo de sua camisa.

– Pensei que você dormisse sem camisa.

O quê?!

O que foi que eu acabei de dizer?!

Ele me olhou surpreso.

– Bem, eu costumo dormir, mas...

Juro que meu coração batia tão forte a ponto de me impedir de respirar normalmente.

– Acho que imaginei que você dormisse. – Passei a língua pelos lábios, implorando para ele não afastar seus olhos sensuais dos meus. – Sinto muito. Parece que meu filtro quebrou.

Um leve sorriso brotou em seus lábios.

– Você diz como se isso tivesse acontecido só agora.

Às vezes, as brincadeirinhas dele – e o tom de perdão presente em sua voz – faziam meus pensamentos se libertarem.

– Percebi que estávamos só fazendo um joguinho hoje. Mas, nos últimos dias, estive aberta à possibilidade de alguma coisa acontecer entre nós. E agora não tem como voltar atrás, mas eu não queria que você pensasse que eu seria contra a ideia de dividirmos a cama.

Fiz uma pausa e cheguei a abrir a boca para prosseguir, mas me contive, dando a ele uma chance de responder.

Jensen parecia não esperar meu silêncio depois de eu divagar tanto, porque ele ficou ali, me encarando, esperando, por alguns segundos.

– Vá em frente – sussurrei, sentando-me à cama e empurrando meu corpo na direção da cabeceira. – Eu já terminei de falar. Por agora.

Jensen veio lentamente em minha direção e sentou-se na beirada da cama.

– Eu também estava pensando nisso antes de Becky aparecer.

– Estava?

Ele assentiu.

– É claro que sim. Você é linda e não é tão irritante quanto pensei inicialmente.

Uma risada explodiu por meus lábios.

– Você me acha bonita?

– Acho você linda.

Mordisquei o lábio, observando-o.

Um leve sorriso brotou em seu rosto e ele finalmente perguntou:

– Você me acha bonito?

Estendendo a mão para trás, puxei um travesseiro e o joguei contra Jensen.

– Eu acho você lindo – ecoei, e as outras palavras simplesmente saíram por minha boca: – Eu *gosto* de você.

Ele riu, olhos brilhando.

– Eu também *gosto* de você.

E a famosa boca de Pippa Cox não demorou a entrar outra vez em ação:

– Antes dessa viagem, eu nunca tinha visitado uma vinícola. Minha amiga Lucy fez uma festa alguns anos atrás. Era para ser uma noite chique, com queijos e vinhos, mas, como é que dizem por aí? Não se dá pérolas aos porcos... Nós simplesmente não éramos esse tipo de gente. Aquela noite ainda é meio confusa na minha memória. Manchas de vinho no tapete e pessoas dando uns amassos pelos cantos da casa. Não era uma festa grande o suficiente para as pessoas se pegarem escondidas, então a cena toda chegava a ser um pouco constrangedora. Johnny Tripton acabou pelado no quintal, balançando uma bandeira do Brasil. Lucy desmaiou no chão da cozinha e as pessoas meio que... simplesmente passavam por ela para encher seus copos. Eu acordei com os cabelos azuis... Eu costumo tingir meu cabelo de vermelho, às vezes de rosa, mas nunca de azul. E passei toda uma eternidade cheirando a vinho. Ou pelo menos até o fim de semana seguinte. – Sorri para ele. – O que quero dizer é que essa viagem é um pouco mais refinada do que a minha última experiência com vinho, e hoje foi um milhão de vezes mais divertido do que eu esperava.

Nesse momento, se Jensen fosse um desenho animado, ele seria um homem saindo de um conversível com os cabelos de lado e olhos totalmente atordoados.

– Você é mesmo diferente de todo mundo que já conheci.

– E isso é bom ou ruim?

Ele deu risada.

– É bom, eu acho.

– Você *acha*?

– Acho.

Engoli os nervos antes de perguntar:

– Você vai dormir comigo nesta cama?

Jensen encolheu os ombros.

– Eu não tinha ido tão longe assim. Se dividirmos a cama...

Ele estava sendo claro.

– Você acha que, se dividirmos a cama, a gente pode acabar transando?

Ele assentindo enquanto me analisava.

– Talvez sim.

Eu mal conseguia me movimentar de tanto que tremia.

– Você *quer* transar? – E imediatamente ri de mim mesma. – Quero dizer, não que a gente... É só que, esta noite, quando você me beijou, senti que não estava fingindo.

– Eu gosto de sexo, pra caramba – ele respondeu quase grunhindo. – É claro que quero transar. Mas hoje é uma noite complicada e não quero transar com ninguém por impulso.

– Santo Deus! – Deixei minha cabeça cair contra a cabeceira. – Isso é extremamente sensual, e eu nem sei por quê.

– Pippa.

Sorri para ele.

– Jensen.

Meu coração batia em um ritmo selvagem no peito enquanto ele estendia a mão e tocava meu lábio inferior com a ponta do dedo indicador.

– Você *gosta* de sexo? – sussurrou.

Ah, caralho.

– Sim.

Jensen acenou casualmente com a mão.

– Bem, é bom saber.

E se sentou, piscando os olhos como se nossa conversa tivesse terminado. Mas percebi o sorriso sacana em seu rosto quando ele começou a se levantar.

– Seu *tarado*! – falei, rindo e me inclinando para dar um tapa em seu ombro. Ele segurou minha mão e a pressionou onde seu coração batia acelerado.

Seu sorriso bem-humorado ficou para trás; de repente, Jensen parecia sem defesas.

– Pegue leve comigo! – pediu baixinho.

– Pode deixar.

Ele continuou me encarando, deixando cada vez mais claro o que desejava.

– Quer assistir a um filme? – perguntei. – De repente, me sinto solidária a qualquer prostituta que não sabe exatamente como agir diante de uma situação.

Ele me olhou confuso antes de balançar a cabeça e rir.

– Duvido que eu em algum momento seja capaz de prever o que vai sair da sua boca.

– Quero dizer, eu não me importo com o que façamos. Só quero que venha aqui e relaxe. – De verdade, eu só queria tê-lo ao meu lado, quente e forte, com o corpo curvado junto ao meu. Tínhamos uma semana e meia de viagem pela frente. Eu tinha tempo para conquistar o sexo.

E, com Jensen, era mais do que isso, por mais aterrorizante que essa verdade parecesse.

Ele pegou o controle remoto, ligou a TV e começou a passar os canais.

Nossa conversa franca tinha diminuído um pouco a tensão, mas ela continuava presente, especialmente quando Jensen escolheu assistir a *Os Bons Companheiros* e se virou para olhar para o lado da cama onde eu estava sentada, de pernas cruzadas.

– Pode ser? – perguntou.

– Não tem nada mais interessante passando – concordei, assentindo. – E, além disso, eu adoro esse filme.

Assentindo levemente, ele colocou o controle remoto no criado-mudo, pareceu hesitar por alguns segundos, depois levou a mão à nuca e tirou a camiseta.

– Puta merda! – sussurrei.

Em apenas uma fração de segundo, memorizei toda a forma de seu torso e, acredite, havia muita informação para eu absorver ali.

Ele segurou a camiseta na altura do peito.

– Posso ficar assim? Estou com muito calor e não tem ventilador aqui. Tenho o costume de dormir com o ventilador ligado.

– Tudo bem – concordei, acenando sem olhar para ele.

Seu peito era um mapa de músculos com a quantidade perfeita de pelos para me fazer sentir que havia um puta homem no quarto comigo.

Ele puxou as cobertas e nós dois nos ajeitamos debaixo delas, colocando cuidadosamente nossos braços e pernas de modo a não nos tocarmos. Para mim, era como fazer um exercício em um mar de insanidade: Jensen usando apenas shorts ao meu lado na cama.

Mas aí suas pernas tocaram as minhas debaixo das cobertas – quentes, o

deslizar suave de sua perna peluda contra minha coxa – e, com uma risadinha, ele me abraçou e me puxou de modo que eu apoiasse a cabeça em seu peito.

– A gente não precisa se sentir incomodado – sussurrou.

Assenti, deslizando a mão por sua barriga, sentindo-a se apertar sob meu toque.

– Combinado.

– Não sei se já agradei pelo que você fez por mim hoje.

Eu ouvia seu coração batendo em meu ouvido, podia sentir seu peito subir e descer a cada respiração.

– De nada. – Hesitei, mas rapidamente acrescentei: – Acho que era isso que eu estava tentando dizer mais cedo. Foi divertido. Foi *fácil*.

Ele deu risada e o som era como um rugido ecoando contra mim.

– Foi, sim.

A palma da mão de Jensen deslizava por meu braço, desde o ombro até o cotovelo, enquanto assistíamos ao filme juntos. De alguma forma, eu sabia que nenhum de nós estava prestando muita atenção ao que acontecia na tela.

Eu gostava do cheiro de seu desodorante, de seu sabonete, mas gostava ainda mais do leve cheiro do seu suor sob tudo aquilo. Seu calor era surreal: membros longos e sólidos, pele tão suave e firme. Fechei os olhos e afundei meu rosto em seu pescoço. Com cuidado, deslizei uma perna sobre a dele, aproximando-me e abraçando-o. Agora, o calor que vinha do meio das minhas pernas atingia sua coxa.

Ele segurou a respiração, de alguma forma preenchendo o quarto com um silêncio pesado e carregado de expectativa, enquanto mantinha o ritmo de sua palma deslizando para cima e para baixo em meu braço.

Jensen enfim deixou escapar uma expiração demorada e descontrolada.

Estaria ele de pau duro? O que seria isso? Seria o fato de minha perna estar tão próxima de seu pau e meus seios contra suas costelas e minha boca a apenas um centímetro da pele bronzeada de seu peito?

Eu estava tão excitada, tão desesperada por alívio e contato, que fechei os olhos e só me concentrei em respirar. Inspirar, expirar. Mas cada lufada trazia mais dele para dentro de mim, para minha cabeça, e o toque suave de sua mão em mim só me dizia o quanto ele se dedicava em me amar, e isso se tornou quase insuportável. Eu precisava filtrar tudo, concentrar-me no ar entrando e saindo de meus pulmões.

Eu apreciava esse alívio, o fato de meu corpo estar relaxando, desligando-se de tudo. Parte de mim se preocupava com a possibilidade de eu passar a noite toda acordada, sempre consciente do homem gostoso e sexual ao meu lado. Mas essa preocupação se desfez com o ritmo de sua mão deslizando para cima e para

baixo em meu braço.



Acordei excitada, aquecida com a memória de uma boca descendo por meu pescoço, mãos deslizando pelo algodão da minha camisola. Entre as minhas pernas, eu sentia o pulsar de uma forma como não sentia há uma eternidade, essa necessidade de alívio.

Mas não era uma memória.

Jensen estava ali, com o corpo curvado e junto ao meu, sua boca deslizando da minha orelha até o meu pescoço.

Soltei um leve gemido de surpresa enquanto pressionava meu corpo junto ao dele, enquanto sentia seu pau – duro e pronto, encostado em minhas nádegas. Ao perceber meu contato, ele gemeu, esfregando-se em mim em um ritmo lento e forte.

– Ei – sussurrei.

Ele esfregou os dentes em meu pescoço e quase me fez gritar de prazer.

– Ei.

O quarto estava escuro. A televisão, desligada; as luzes, apagadas. Por instinto, olhei para o relógio. Eram quase três horas da manhã.

Levei uma mão para trás e deslizei meus dedos por seus cabelos para manter seu rosto onde estava enquanto Jensen puxava a alça da minha blusa para o lado para morder meu ombro.

– Eu te acordei – ele falou antes de chupar meu pescoço. – Sinto muito.

E, após uma pausa, corrigiu-se:

– Não, não sinto, não.

Virando-me em seus braços, pensei que eu sabia como seria seu beijo – afinal, ele me beijara antes. Todavia, eu não podia prever sua fome, a necessidade em sua boca, suas mãos deslizando por meu torso, a forma como ele se esfregava em mim. Sua boca se enterrou na minha, os lábios provocando até eu abrir os meus para ele, deixando-o entrar. Nunca vi uma boca precisar tanto da minha, as faíscas, o morder de seus dentes em meus lábios, seus gemidos vibrando junto ao meu beijo. Meus braços deslizaram por seus ombros, minhas mãos deslizaram por seus cabelos, e ele estava ali, roçando entre as minhas pernas, encontrando o ponto onde me invadiria agora mesmo, não fosse a calcinha vermelha. Eu o sentia ereto e urgente, sentia a ponta do seu pau deslizando no meio das minhas pernas, me fazendo pegar fogo, aquele ponto onde eu era mais quente, onde eu o desejava.

Jensen se inclinou, puxou minha blusa para cima, expondo meus seios,

afundando a cabeça ali para poder lambê-los, para poder segurá-los em suas mãos, antes de voltar a me beijar com uma energia renovada, mas ainda em silêncio. Jensen não falava muito, mas havia alguma coisa em seus gemidos, na inspiração dura e expiração trêmula, que me fazia ouvir atentamente, que me fazia enterrar minhas unhas nele, implorando, em silêncio, para que arrancasse minhas roupas e se enterrasse em mim.

No entanto, eu não precisava disso. Eu estava inchada e desesperada por tê-lo em mim, sentia meu corpo responder ao ritmo que ele estabelecia, à pressão forte exatamente onde eu a desejava, e, quando arqueei-me na direção dele, roçando, movimentando-me no mesmo ritmo, Jensen soltou um:

– Assim. Caralho, assim!

Eu já estava com a parte superior do corpo despida – e como estava calor aqui, não estava? Porque havia uma fina camada de suor em minha pele, e na dele, e isso me levou ao limite, aquela pressão deliciosa deslizando, tão gostosa que chegava a doer. Cada ponto de contato entre nós carregava uma corrente elétrica, uma pontada deliciosa de calor, e eu só queria estar nua – totalmente nua.

Mas, mais uma vez, eu não *precisava* disso. Meu corpo, tomado por aquela crescente ardência interna, me fazia lembrar que eu só precisava do que Jensen já estava fazendo. E mais, e mais daquilo. Da sua boca na minha e dos gemidos ressoando dentro da minha cabeça como um martelo em um tambor.

Ele sabia exatamente como se esfregar em mim, concentrava-se onde tinha de roçar com ritmo. Deus, aquilo quase me fez gritar: a simples realidade de ser *ele*. Mesmo a ideia de Jensen com outra mulher – perdida nas demandas do corpo dele, tentando decifrá-lo – me deixava com frio na barriga. Tão focada, tão desesperada por prazer.

Como eu vim parar aqui? Como eu conquistei a atenção desse homem? Seu desejo? Isso me deixava espantada, realmente espantada.

Ele acelerou o ritmo, sem ar, tão próximo, e o fato de Jensen estar tão excitado quanto eu estava, o fato de ele ser como uma bomba prestes a explodir, fazia minha mente se dividir em duas com a sensação e a percepção de que uma parte conseguiria processar enquanto a outra só conseguia sentir o orgasmo chegando. Fiquei um pouco selvagem, agarrei suas costas, puxei-o com mais força na minha direção, avisando-o em um sussurro:

Estou quase

Eu vou gozar

Com o foco renovado, ele se afundou em mim, sua respiração saindo rápida e quente em meu pescoço até eu sentir como se estivesse me afastando do prazer, quase esmagada pela força do orgasmo que se espalhava por mim, quente e frenético.

Ele me acompanhou com um grito de alívio, seu prazer se derramando úmido em meu umbigo, sua boca pressionada ao meu pescoço, dentes expostos.

Ah, deus, o momento que se seguiu foi de total silêncio no quarto, à exceção de nossas arfadas desesperadas, da força de nossas expirações. Jensen ficou paralisado sobre mim e lentamente se apoiou em seus cotovelos.

De alguma forma meus olhos se adaptaram um pouco ao breu e, embora estivesse quase tudo escuro lá fora, havia um leve toque de luz vindo do despertador e outro se espalhando, vindo do corredor, ao entrar por baixo da porta. Eu sabia que ele estava me olhando, me analisando. Mas não sabia de mais nada. Não sabia se estava franzindo a testa ou sereno e aliviado.

Ele encostou a mão na lateral do meu rosto, afastando uma mecha de cabelos suados.

– Eu pedi para você pegar leve.

Encolhi os ombros debaixo dele, imensamente aliviada pela doçura da sua voz.

– Pelo menos não ficamos nus.

– Isso é um aspecto meramente técnico – sussurrou, aproximando-se para me beijar. – Eu estou coberto de você, e você está coberta de mim.

Eu estou coberta de você.

Fechei os olhos enquanto deslizava as mãos por seu quadril e para a frente, entre nossos corpos, para sentir a umidade de seu orgasmo em minha barriga, depois mais para baixo, onde ele pressionava – ainda não totalmente enrijecido – entre minhas pernas.

– Estamos uma bagunça – comentei.

Ele soltou uma risada um pouco rouca.

– Quer tomar um banho?

– Para isso teremos que ficar realmente nus.

Quero dizer, não que isso importasse muito a essa altura. Mas... talvez importasse, mesmo que apenas um pouquinho. Esconder algo aqui significava que ainda havia algo a ser explorado entre nós, alguma coisa que queríamos deixar guardada, e esse pensamento me trouxe uma leve explosão de felicidade.

– Você primeiro, depois eu vou – falei.

– Ou então podemos dormir assim – disse contra o meu pescoço, rindo. – Porque agora eu estou cansado pra caramba.

– É... Podemos dormir.

Virei meu rosto na direção dele e ele virou o rosto na direção do meu, beijando-me lenta e calorosamente, sua língua dando golpes preguiçosos.

– Assim fica mais fácil fingir amanhã.

Assim que Jensen falou isso, seu corpo enrijeceu. Eu não podia negar que foi

num momento um tanto inoportuno – fazer uma referência à sua ex-esposa enquanto voltávamos ao normal depois de um orgasmo. Porém, ao mesmo tempo, eu o entendia. Ainda era um comentário sobre nós, só que, de certa forma, um pouco mais realista. A verdade era que eu era inglesa e ele americano. Eu morava em Londres; ele, em Boston. E sua ex-esposa estava duas portas à frente no corredor. Considerando sua fascinação por Jensen esta noite e quão difícil fora para ela afastar seus olhos cheios de culpa dele, eu também me perguntava se ela estaria acordava, ouvindo atentamente em busca de evidências do que tínhamos acabado de fazer.

Na escuridão, de certa forma ficava mais fácil perguntar para ele:

– Como foi hoje para você? Diga a verdade.

Ele rolou para o meu lado, mas me puxou consigo, virando-me de lado para que olhássemos um para o outro e segurando meu quadril. Jensen, o amante gentil, aquele que adorava abraçar.

– Na verdade, não foi tão ruim – respondeu antes de se aproximar e me beijar.

– Mas foi inesperado. Acho que a sua presença ajudou. Acho que ver Ziggs e Will furiosos pela minha situação também ajudou.

Assenti.

– É, eu concordo.

– E acho que também ajudou o fato de ela estar casada com um cara que é um tanto quanto entediante – ele sussurrou como se tivesse vergonha de admitir isso abertamente. – Eu carrego parte da culpa por termos terminado, obviamente, mas me pergunto se... se eu não teria sido o problema.

– Então vamos todos manter a fachada? – eu quis saber.

Jensen tossiu discretamente e deu de ombros.

– Não vejo nenhum motivo para dar qualquer satisfação a ela. Não a via desde o dia em que assinamos os papéis do divórcio, não temos mais amigos em comum. A essa altura, dizer a ela que tudo não passava de uma armação provavelmente só a deixaria chateada.

– Acho legal da sua parte não querer magoá-la, mesmo depois de tudo o que aconteceu.

Ele ficou em silêncio por algumas respirações.

– Ela terminou as coisas de forma terrível, com uma imaturidade tão espantosa. Mas ela não estava *querendo* ser horrível.

– Ela só é – falei, reprimindo uma risadinha.

– Ela era nova – ele disse, tentando explicar. – Embora eu não me lembre de Becky ter sido tão...

– Maçante? – sugeri.

Ele soltou um gemido de incredulidade e foi impossível responder qualquer

outra coisa que não:

- Bem... sim.
- Ninguém é interessante com dezenove anos de idade.
- Algumas pessoas são – ele discordou.
- Eu não era. Vivia obcecada por gloss e sexo. Não havia muito mais coisas

rolando na minha cabeça.

Ele negou com a cabeça, deslizando a mão do meu quadril para a minha cintura.

- Você estudava *matemática*.

– Qualquer um pode estudar matemática – falei para ele. – É só uma opção de coisa para fazer. Ter aptidão para matemática não o torna inerentemente mais interessante. Só o faz ser bom com números, o que, a julgar pela minha experiência, costuma ser um traço de pessoas que não sabem lidar com outras pessoas.

- Você não é assim.

Deixei a frase suspensa entre nós e me perguntei se ele achou a situação no avião engraçada ou surpreendente ou maravilhosa.

Depois de um instante, Jensen sorriu para mim em meio à escuridão.

- Bem, exceto quando você está bêbada de champanhe e arrotando num avião.

Dez

JENSEN

Acordei assustado com um barulho vindo da minha direita e me apoiei em um cotovelo.

As cobertas deslizaram pelo meu corpo e pelo meu quadril. O olhar de Pippa se afastou do meu rosto, desceu e voltou para onde estava antes. Suas bochechas ficaram vermelhas e eu certamente sabia o motivo.

Eu tinha tirado os shorts em algum momento depois da nossa... *troca* na cama.

– Você já acordou – constatei, minha voz ainda pesada de sono. Quando abri os olhos completamente, percebi que Pippa estava usando uma *legging* e camiseta, com os cabelos presos em um coque bagunçado. Estava agachada perto da cama, amarrando seus tênis coloridos. – E está *vestida*.

Pela primeira vez nessas férias, eu não queria sair da cama. Desejava o calor dela aqui, comigo, debaixo das cobertas.

– É, desculpa – sussurrou. – Tentei não acordar você.

– Aonde está indo?

Um desconforto tomou conta de mim. Pippa estava simplesmente indo embora?

Após uma breve hesitação, ela respondeu:

– Vou fazer ioga com Becky.

Sentei-me e a encarei.

– Você sabe que não precisa fazer isso, não sabe?

– Sei, sim – ela confirmou, assentindo. – Mas eu disse que me encontraria com ela.

Pippa olhou outra vez para seus tênis, mas eu sabia que havia mais coisa

naquele olhar.

– E aí? – perguntei.

– E *aííí*... – ela falou, alongando a palavra. – Eu só queria um momento para pensar. Você é o primeiro homem ao lado de quem acordei, sem ser o Mark... em um bom tempo.

Deslizando a perna pela lateral da cama e puxando as cobertas sobre meu colo, inclinei-me, descansando os cotovelos nas coxas e estudando-a.

– Entendi.

– Eu gostei da ideia – ela me assegurou discretamente, olhando para mim. – Só vou fazer algo que não costumo fazer e dedicar um momento a pensar um pouco.

Estendi a mão para segurar a sua. Estava fria, como se ela a tivesse lavado antes de vir colocar o tênis.

Ela mordiscou o lábio, seus olhos analisando meu rosto.

– Em uma escala de preguiça a Woody Allen, quão surtado você está?

Dei risada enquanto respondia:

– Estou em algum ponto entre moleza e um cachorro preguiçoso.

– Nossa! – Ela pareceu surpresa com a minha resposta. – Tudo bem, eu posso lidar com isso.

Meu coração ficou apertado.

– Está bem. Façamos um pacto.

Ela se apoiou no joelho e se aproximou:

– Está bem.

– Vamos simplesmente nos divertir – falei, olhando para nossas mãos. Ela era pálida e suave contra minha pele bronzeada. Tendões e veias se entrelaçavam pelas costas de sua mão, e como Pippa era forte! – Temos uma semana e meia juntos. Você mora em Londres, eu moro em Boston. Até agora, essa viagem está sendo...

– Louca – ela completou, sorrindo para mim. – Boa. Diferente.

– Tudo isso – concordei, assentindo. – Então, vamos fazer um pacto: sejamos parceiros nessa aventura. Quero fazer suas férias serem perfeitas.

– E eu também quero fazer as suas férias serem perfeitas.

Ela se aproximou e beijou a parte interna do meu pulso.

– E, se você decidir que quer passar o resto da viagem solteira... – comecei.

– Eu digo para você. E você, faça o mesmo – acrescentou rapidamente. Em seguida, pressionou as costas da minha mão em sua bochecha. – Gosto desse plano.

– Então você tem certeza de que não prefere voltar para a cama? – Puxei-a no meio das minhas pernas.

Mas Pippa resistiu, muito embora tivesse passado alguns segundos olhando para o meu peito, minha barriga, meu quadril.

– Eu tenho que... fazer ioga.

Expirei lentamente.

– Certo. Onde vocês vão se encontrar?

– Optamos por deixar de lado a história do vapor e vamos só fazer ioga na área dos fundos do hotel.

– Você já fez ioga antes?

Ela negou com a cabeça.

– Nunca na minha vida. Mas é só flexionar o corpo e botar as pernas para cima. Quão difícil pode ser isso?

Dei risada.

– Ao que me parece, Becky está se esforçando – ela falou baixinho, sua expressão se endurecendo. – E é mais fácil para mim, *sua esposa*, responder a isso do que para você.

– Você está me protegendo? – perguntei, sorrindo para ela.

– Talvez.

Minha risada discreta se tornou escandalosa.

– Quem poderia imaginar que você acabaria sendo a apaziguadora da história?

Ela se alongou e beijou meu queixo.

– A gente se vê no café da manhã.

—

Vesti uma calça jeans e uma malha e fui ao andar de baixo para pegar uma xícara de café da garrafa próxima à recepção antes de sair na varanda. Havia uma espessa camada de névoa pairando por sobre a grama e fazia frio lá fora, mas o cenário era lindo. A vegetação, de um verde intenso, parecia explodir atrás da névoa – na grama, nas árvores, nas colinas ao longe. Logo após os amplos degraus na parte traseira da propriedade, um pouco à esquerda da casa, no gramado regular, Becky e Pippa se alongavam em tapetes de ioga que imaginei que Becky tivesse trazido para praticar com Cam.

Tomei um gole de café e as observei.

A boa forma geral de Pippa devia ser mais fruto da genética e de sua energia e movimentação constante do que de sua aptidão para esportes. Mesmo enquanto se alongava, ela parecia insegura e sorridente, quase dançando e conversando.

A porta de tela se abriu atrás de mim e Ziggy veio sentar-se ao meu lado no degrau, segurando uma xícara da qual o vapor exalava.

– Que diabos ela está fazendo? – Ziggy quis saber, sua voz ainda um pouco rouca.

– Ioga.

– Isso aí é ioga?

– Pelo menos a versão de Pippa.

– Nossa! E com Becky? Ela devia ter dito a Becky que sumisse.

Assenti, sorrindo por sobre a caneca.

– Parece que Pippa é fiel à sua palavra.

Becky se ajeitou, apresentando a Pippa alguma coisa que não consegui ouvir, e então vi Pippa inclinar o corpo para tocar os dedos do pé e erguer uma perna atrás do corpo. Ela tinha mais ou menos um oitavo da flexibilidade de Becky.

E estava ridícula.

E era maravilhosa.

Ziggs deu risada.

– Ela é incrível pra caramba! Parece a Annabel fazendo ioga.

Becky imitou o que Pippa tinha feito e depois passou para uma versão complicada da postura do cachorro que quase fez Pippa cair no chão.

– Acho que Becky gostou dela – falei, balançando a cabeça enquanto Pippa efetivamente caía no chão e dava risada.

– Gostou dela como?

– Pippa disse que curti muito aquela tal de ioga britânica, aquela com vapor.

Os olhos de minha irmã se estreitaram enquanto ela estudava mais seriamente as duas.

– O mais esquisito é que nem me preocupo com Pippa ser capaz de segurar a onda – ela falou.

– Becky não é exatamente uma predadora – apontei secamente. – E elas não estão lutando com espadas. Só estão fazendo ioga.

– Não – ela confirmou, rindo. – Estou falando daquela história toda complicada que vocês inventaram, e agora há esse fingimento todo da ioga, mas, tipo... Pippa sempre topa tudo. Gosto disso nela.

Agora de costas, as duas ergueram as pernas e as soltaram atrás da cabeça no que, pelo que me lembro das aulas de ioga, é um movimento chamado *Halasana*.

Ouvi o “ai!” exuberante de Pippa, sua risada escandalosa, e logo vi sua blusa deslizar, deixando a barriga à mostra.

– Ela tem um corpo legal – Ziggy comentou.

– Tem, mesmo.

Senti minha irmã se virando para olhar para mim.

– Vocês dois...?

– Não exatamente.

– Mas quase? – E ela soava esperançosa.

Olhei-a nos olhos.

– Eu me recuso a discutir esse assunto com você.

Ziggy deu um breve sorriso.

– Eu gosto dela.

Senti um desconforto no estômago. Eu também gostava de Pippa. O problema era que se tratava de algo impossível.

Afastando esse pensamento, voltei minha atenção à minha falsa esposa, que continuava no gramado, fazendo ioga com minha ex-esposa. Agora em pé e erguendo uma perna, segurando o pé com uma mão enquanto alongava o outro braço à frente do corpo – um asana que acredito ser chamado de Natarajasana –, Pippa caiu de cara no chão. Rolando até ficar de costas, ela levou a mão à barriga, rindo. Becky ajeitou o corpo e olhou para Pippa com cara de quem estava se divertindo.

O segredo havia sido revelado: Pippa não era nenhuma iogue.

—

– Hanna e eu ficamos com as bolas vermelhas – Pippa me explicava algumas horas depois. – Você e Will ficam com as azuis. – Rindo, ela segurou uma bola amarela. – Esta aqui é o bolim. – Colocou-o na minha mão e completou: – Lance-o além da linha central, mas não deixe passar daquela linha ali. – E apontou para a quinta linha no gramado.

Estávamos jogando bocha, justamente bocha, no gramado ao lado da pousada. Depois da ioga, Pippa nos encontrou para um *brunch* com direito a bebidas alcoólicas. Becky e Cam vieram com ela.

Senti que uma tensão havia se solidificado no decorrer da noite e, embora eu me mantivesse firme em minha decisão de evitar qualquer drama, Becky parecia não saber para onde olhar e acabou ficando em silêncio, empurrando seus ovos de um lado para o outro do prato durante a maior parte da refeição.

O problema não era o fato de a conversa ser chata; a questão era que não tínhamos assunto, nada a dizer além de conversa fiada. Não ajudava o fato de eu simplesmente não estar interessado em saber o que ela tinha feito nesses últimos seis anos.

Estudei Becky com olhares rápidos e discretos em sua direção. Eu tinha falado sobre ela com Pippa na noite passada, mas será que Becky sempre fora tão quieta, tão parte do pano de fundo? Tentei descobrir se a sensação era essa só porque ela estava se sentindo desconfortável, porque a situação era estranha...

mas, para dizer a verdade, exceto pelo choro estranho de ontem, a sensação era de que Becky estava simplesmente sendo Becky.

Agora faltavam duas horas para mais um passeio por outra vinícola, e, em vez de ir para o quarto e relaxar com um banho – como eu havia sugerido –, Pippa e Ziggy haviam desafiado a Will e a mim para uma partida de bocha de homens contra mulheres.

Segurando a bola que Pippa me passou, aproximei-me da quadra.

– Sim, senhora.

– Mas faça direito – Pippa rapidamente ordenou.

Minha irmã riu discretamente ao meu lado.

– Isso é muito importante – Pippa acrescentou, quase gritando, enquanto eu estendia o braço para jogar. – Homens contra mulheres, vocês não vão querer se sair mal.

Parei, virei-me e olhei para ela por sobre o ombro.

– Não acho que minha performance tenha sido um problema até hoje.

Ziggy bufou, mas Pippa sorriu para mim.

– Sim, mas, se você lembrar direito, era eu quem estava em posição de segurar as bolas. Portanto...

Gritando em protesto, minha irmã se apressou e uma mão gigante logo tapava a boca de Pippa enquanto um braço a erguia do chão. Envolvendo Pippa pela cintura, Will a tirou dali.

– Eu cuido disso – ele falou, sua risada ecoando. – Vá em frente, jogue a bola, Jens.

Virei-me para a quadra de bocha e joguei a bola pelo gramado. Ela rolou e foi parar a poucos centímetros da quinta linha... Uma bela jogada.

Pippa chutou e se debateu até conseguir se libertar dos braços de Will. Em seguida, foi pegar a primeira bola vermelha.

– E agora as garotas vão mostrar como é que se faz.

– Então, é basicamente como jogar shuffleboard? – perguntei, começando a entender as regras. – Mas tentamos chegar o mais perto possível do bolim.

– Exatamente – Ziggy me falou. – Mas os hipsters jogam bocha em vinícolas enquanto pessoas idosas jogam shuffleboard em navios de cruzeiro.

– Não são só os idosos! – protestou Pippa, preparando-se para jogar. – Tem uma mesa de shuffleboard maravilhosa em um dos meus pubs favoritos.

– Fascinante – coloquei-me ao lado dela e falei diretamente ao seu ouvido.

Ela se espantou e virou-se com um olhar furioso na minha direção.

– Saia daqui!

– Conte mais sobre essa mesa de shuffleboard no pub – sussurrei, esforçando-me para distraí-la de seus esforços.

Ela se virou e me encarou com seus olhos azuis brilhantes. E estava tão próxima. Meu coração parou e, quando voltou a bater, estava acelerado.

Que coisa mais esquisita.

– Você é péssimo com seu joguinho de distrair – ela protestou.

– Sou, é?

Pippa deu mais um passo adiante e lançou a bola enquanto eu dizia baixinho:

– Ainda sinto o seu calor envolvendo o meu pau.

A jogada foi péssima, a bola foi parar a metros de distância do bolim, e ela se virou para, em tom de brincadeira, me dar um tapa.

– Isso não foi justo!

Segurei sua mão e, fingindo lutar, curvei-me em volta de seu corpo, meu rosto agora em suas costas enquanto eu delicadamente restringia o movimento de seus braços.

– Terrível, não sou?

Will pegou uma das bolas azuis e a passou de uma mão para a outra enquanto tomava posição para jogar.

– Vocês dois são adoráveis – comentou distraidamente, mas pude perceber o efeito das palavras em Pippa, que olhou preocupada na minha direção antes de sair dos meus braços.

Instintivamente me dando espaço.

O timing era totalmente errado. Justamente enquanto Pippa se virava outra vez na minha direção, ela olhou por sobre meu ombro, na direção da pousada, e falou desanimadamente:

– Becky.

– O quê?

Inclinando o queixo para apontar atrás de mim, repetiu:

– Becky. Ela está vindo.

Virei-me com um sorriso no rosto.

– Oi, Becks.

Becky pareceu assustada.

– Fazia uma eternidade que você não me chamava assim.

– Fazia uma eternidade que a gente não se encontrava.

Minhas palavras pareceram tocar-lhe num ponto fraco, fazendo-a estremecer.

– Eu só vim para saber se vocês querem sair um pouco mais cedo para o passeio. A van já está aqui.

– Eu ainda não tomei banho – Pippa respondeu. – Mas posso fazer isso bem rápido.

– Está bem – Becky concordou, analisando-me. – Claro.

Pippa se retirou, observando atentamente a cena enquanto passava por Becky

e começava a seguir na direção da pousada.

– Você também precisa tomar banho? – Becky perguntou, olhando-me da cabeça aos pés e fixando-se em minha barba por fazer.

– Sim, provável que sim. Acho que vou com ela.

– Eu queria saber se poderíamos ter uma conversa bem rápida primeiro.

Olhei atrás de Becky, onde Pippa já entrava na hospedaria.

– Becky – falei em um tom doce, sentindo minha irmã e Will fingindo não me ouvir ali perto. – Agora não é hora.

—

– Sobre o que ela queria conversar? – Pippa perguntou, abotoando a camisa na altura da barriga e, em seguida, na altura do peito.

Adeus, seios perfeitos.

– Jensen?

Pisquei para voltar à realidade.

– Hum?

– Eu perguntei sobre o que Becky queria conversar – ela repetiu, rindo para mim.

– Ah! – Dei de ombros e esfreguei uma toalha por meus cabelos úmidos. Tínhamos tomado banho separados, para meu desgosto. – Não tenho a menor ideia. Talvez sobre Cam querer nos vender aquela casa dos sonhos.

Sem acreditar na minha hipótese, Pippa bufou enquanto vestia uma calça preta, rebolando para ajustá-la no quadril. A calça era justa; a camisa, praticamente transparente.

– Beacon Hill deve ser um lugar muito abastado, porque ele parece muito animado pela comissão que acha que vai receber.

– É isso que você vai usar? – perguntei, erguendo o queixo.

Ela olhou para baixo, analisando as próprias roupas.

– Bem, sim. E sapatos. Por quê?

Porque eu consigo ver seus seios...?

– Por nada.

Ela esfregou a mão na barriga, olhando-me com incerteza. E então abriu a boca:

– Se pensa que pode opinar sobre o que eu visto ou deixo de vestir, então você não está entendendo como as coisas funcionam por aqui.

Rindo, levantei-me.

– Eu gostei da roupa. É só que eu consigo ver seu sutiã.

- E daí? – ela perguntou, inclinando a cabeça.
- E daí... – repeti. – E daí que isso me faz pensar nos seus peitos. Pippa calçou as botas.
- Você é muito menos evoluído do que eu pensei num primeiro momento.

—

Fomos os últimos do grupo a entrar na van e nos sentamos na primeira fileira. Logo tratamos de colocar o cinto de segurança. Não sei como conseguimos fazer o que fizemos. Pippa acabou com uma faixa do cinto em volta do pescoço e quase arrancou um botão de sua camisa. A fivela veio engancha no meu bolso.

Enquanto eu tentava nos soltar daquela bagunça, ela nos observava confusa.

– Isso é para eu pensar bastante caso algum dia a gente decida praticar bondage.

Um silêncio tomou conta do veículo e eu soltei o cinto de seu pescoço antes de olhar para os outros passageiros.

– Não estamos sozinhos aqui, estamos? – ela prosseguiu, bem-humorada.

– Tem outras pessoas – confirmei. – E elas estão nos olhando com curiosidade.

– E um pouco de horror – Niall acrescentou secamente.

Pippa olhou para o retrovisor e sorriu como uma vencedora para o motorista que a olhava ali.

– E esta sou eu sóbria. Boa sorte a todos.

Will virou-se no banco da frente para nos encarar.

– Vocês dois vão criar problemas hoje?

– É provável que sim – respondi. – Como está a dor de cabeça?

Ele riu, olhando outra vez para a frente.

– Desaparecendo devagar.

– Até que horas vocês ficaram fora ontem à noite? – Becky perguntou no fundo da van.

– Por volta de meia-noite? – arriscou Ruby.

Cam inclinou-se para a frente.

– E aonde foram?

– Ficamos no bar da hospedaria – Niall respondeu.

Um silêncio pesado tomou conta da van por alguns segundos.

– Nós não os vimos ir embora – Becky falou.

Ao meu lado, Pippa ficou tensa e eu levei a mão à sua coxa, deixando claro que não se sentisse obrigada a responder.

– O caraoquê era barulhento demais – explicou Ziggy, e eu ouvi uma risadinha permeando sua voz. – E cerveja me dá sono.

Ellen se intrometeu:

– Vimos um lugar maravilhoso que vende artesanato. Fica no fim da estrada. Eles têm peças incríveis, caso alguém queira ir com a gente mais tarde.

O silêncio que veio em seguida chegou a doer. Olhei para Pippa e pude ver seu esforço para não aceitar o convite, afinal, seu senso de obrigação quase a forçava a aceitar tudo. Minha mão apertou ainda mais sua coxa, então ela me olhou nos olhos e esboçou um leve sorriso.

– Parece legal – Niall foi dizendo. – Mas temos uma reserva para um almoço bem tarde.

– Tenho mais notícias de Bennett – Will gritou, rapidamente explicando a situação para o restante do grupo antes de ler a mensagem em voz alta: – “Chloe passou minha camisa hoje de manhã. A camisa já tinha vindo passada da lavanderia, devo dizer, mas ela disse que eles não tinham feito o serviço direito. Vocês leram isso? Chloe passou. A minha camisa.”

– Não parece nada de mais – Pippa comentou. – Inesperado, mas nada fora da normalidade.

– Você precisava ter conhecido a Chloe dos velhos tempos – Will explicou. – A Chloe antiga teria queimado a camisa de Bennett antes de sequer começar a passar.

Meu celular vibrou no bolso. Eu tinha desligado as notificações e não conseguia imaginar quem poderia estar me ligando ou enviando mensagens. Puxei o celular, olhei para a tela e vi uma mensagem da minha irmã.

Isso aqui tá um saco. Quero ouvir as mensagens de Bennett na nossa van, mas não com essas pessoas. Quero nosso grupinho de volta.

Rapidamente respondi:

Talvez não sirvamos para esses passeios organizados. Por que Becky é uma estraga-prazeres o tempo todo? Não sei.

E nem me importo em saber, esqueci de dizer.

—

E, é claro, Becky me abordou outra vez no passeio, pedindo para conversar.

Soltei a mão de Pippa e, depois que minha falsa esposa assentiu ligeiramente, aprovando, deixei-a e acompanhei Becky na direção da sombra dos carvalhos.

– É bom voltar a vê-lo – ela começou a dizer.

Assenti, mas a recíproca não era verdadeira.

– Fazia tempo que a gente não se encontrava.

– Eu gostei bastante de Pippa.

Meu estômago se apertou. Eu também gostava muito de Pippa.

– Cam parece... bem legal também. Meus parabéns.

– Obrigada.

– E obrigado por levá-la para fazer ioga hoje de manhã – agradei com um sorriso no rosto. – Ela tem um senso de aventura bem desenvolvido.

– Não sabia que ela nunca tinha praticado.

– Tenho certeza de que ela pratica muita ioga. Mas só na imaginação dela.

Nós dois rimos educadamente – desconfortavelmente – até Becky olhar para o lado e respirar fundo. E, antes que ela pudesse falar, antes que qualquer som lhe escapasse, eu já queria dar o fora dessa conversa.

– Ouça... – falei. – Acho que não deveríamos fazer isso.

– Você acha que... não devemos conversar? – ela perguntou.

Seu rosto me era tão familiar, mesmo depois de anos. Olhos castanhos enormes, cabelos castanho-escuros. Becky sempre foi descrita como “graciosa” – porque era pequenininha e cheia de vida e, exceto nessa viagem, sempre tinha um sorriso no rosto. Mas ela era mais do que “graciosa”. Becky era linda. Só não tinha nada muito sólido em seu interior.

– Agora? Não – respondi com franqueza. – Não enquanto estou nas primeiras férias que tiro em anos.

Depois de apertar suavemente seu ombro, voltei onde o grupo estava e abracei a cintura de Pippa. Minha irmã me olhou e depois observou Becky, que, com ares de derrotada, aproximava-se de Cam. Fazendo que não com a cabeça, tentei comunicar que estava tudo bem, mas Ziggs parecia determinada.

Assentindo brevemente, ela deixou o grupo e foi ao lobby da vinícola. Voltou cerca de dez minutos depois, trazendo uma cesta de piquenique dependurada no braço e um sorriso de triunfo no rosto.

– Vamos relaxar.

—

Devíamos ter imaginado que choveria.

– Nunca confie no céu azul de outubro – Ziggy cantarolou, desistindo de tentar reembrulhar seu sanduíche ensopado e o jogando de volta na cesta que a vinícola havia nos emprestado. Estávamos sentados sob um enorme carvalho, que nos protegia da maior parte da chuva, mas uma gota ou outra sempre caía dos galhos, molhando um ponto inesperado.

– Quem foi que disse isso? – perguntou Will, acariciando suavemente o queixo dela. A água escorria de seu rosto, respingando da ponta do nariz, mas ele parecia não se importar. – Nunca ouvi esse pensamento antes.

– Eu acabei de inventar.

– O mais estranho é que a temperatura está boa – comentou Pippa, virando o rosto para o céu. Quando a expressão de todos pareceu protestar, ela acrescentou: – Mas está! Em Londres, quando chove, fica tão frio que você não se sente úmido, se sente encharcado.

– É verdade – Ruby confirmou. – Quando vim de San Diego, pensei que iria gostar da chuva. Mas agora já cansei.

Apesar dos comentários, nenhum de nós parecia se importar muito com a chuva – certamente não o suficiente para deixarmos o gramado atrás da vinícola, decorado com as cores do outono, as árvores cheias de maçãs.

– Nunca morei em nenhum lugar além de Londres e Bristol – Pippa contou. – Eu sentiria falta das minhas mães, mas não sei se sentiria falta de Londres. Talvez eu precise de uma aventura. Mianmar ou Cingapura.

– Venha morar aqui – minha irmã propôs, deitando-se no colo de Will, que encostava os braços sobre seus ombros.

– Neste exato momento, a ideia me parece incrível. Mas deve ser esse estado de espírito. Você entende, deixar o ex, aquele traidor, em Londres, sair daquele trabalho infernal... A gente sempre quer se mudar para onde passa as férias. Mesmo assim, de fato acho que gostaria de passar uma temporada nos Estados Unidos em algum momento.

Apoiando seu peso em um cotovelo, Ziggy a encarou, agora toda séria.

– E então, por que não? Faça isso!

– Não é tão simples assim – Niall racionalizou baixinho. – Conseguir emprego, visto...

– Bem... – Ziggy continuou, secando algumas gotas de água que haviam caído em seu rosto. – Se estiver interessada, tenho muitos contatos no mundo da engenharia.

E seguiu falando sobre contratações internacionais e algumas pessoas que ela conhecia na área, mas eu me desliguei de tudo e fiquei apenas observando Pippa. Ela era uma mistura surpreendente de delicadeza e impetuosidade, de foco e inconstância. Era quase como se eu pudesse ver uma menininha ali, brigando com uma mulher responsável, disputando quem assumiria o controle.

– Não sei – Pippa falou baixinho. – Tenho muita coisa para processar.

A chuva ganhou força, começando a cair mais pesadamente das folhas até que enfim deixamos de nos sentir protegidos. Logo estaríamos ensopados.

– Pessoal – minha irmã falou enquanto nos levantávamos e recolhíamos

nossas coisas. – Sei que já toquei no assunto ontem à noite, mas acho que deveríamos fazer um corte nessa parte da viagem. Temos mais dois dias na região e parece que...

– Parece que ficamos melhor em nossa bolha? – Niall concluiu para ela.

Todos me olharam quase ao mesmo tempo. Eu não queria ser o motivo pelo qual deixaríamos Connecticut mais cedo, mas, no fim, parecia que eu não era a único querendo fugir. Por fim, cedi:

– Está bem, sem problemas. Vocês têm razão.

– Mais vinho, menos estranhos – Pippa propôs. E, olhando para mim, ela riu e acrescentou: – Bem, exceto eu.

Onze

PIPPA

Quando resolvemos encurtar nossa estada em Connecticut, foi como se tivéssemos tirado um peso dos ombros. A ideia havia sido boa; a realidade, nem tanto. Então entraríamos na van e seguiríamos viagem mais cedo rumo a Vermont, onde passaríamos pouco mais de uma semana em um silencioso chalé. Como Niall dissera: de volta à nossa bolha.

Tudo soava muito simples, de verdade. Tranquilo, não?

O único problema é que ainda tínhamos uma noite na hospedaria e os outros dois casais estavam planejando levar algo para comer no quarto e... *bem*.

Jensen e eu poderíamos ou sair para comer e correr o risco de nos encontrarmos com Becky e Cam nessa cidadezinha minúscula... ou simplesmente ficar no quarto.

Não conversamos sobre o assunto. Não tínhamos plano algum. A gente só... tipo, seguiu o fluxo, entrou, deixou as coisas no quarto e olhou um para o outro.

– E então? – ele disse.

– E aí?

Depois de ver o que havia no frigobar, ele pegou meio litro de chardonnay e me olhou com cara de quem questionava se aquilo serviria.

– Você ainda não enjoou de vinho? – perguntei, rindo.

– Acho que nunca vou enjoar de vinho – ele respondeu, já pegando o saca-rolhas.

Não havia necessidade de tagarelar nervosamente enquanto ele abria a garrafa. Jensen era um homem acostumado a ser observado por todos na sala, a ver uma plateia ficar em silêncio quando ele falava, a estar ali para que outras pessoas ouvissem o que ele tinha a dizer e fizessem o que ele dissesse para fazer.

Observei seu antebraço flexionando-se enquanto ele virava a rolha, que suavemente se soltou da garrafa.

– No que você está pensando agora, enquanto me observa? – ele quis saber, erguendo o olhar assim que a rolha se soltou.

– Só estou... olhando.

Jensen assentiu como se essa resposta fosse suficiente, o que me fez abrir um leve sorriso porque esse era precisamente o tipo de resposta que Mark costumava me dar e que me fazia cutucá-lo para saber mais.

Eu me perguntava se essa relação era esquisita para Jensen. Nenhuma parceria de negócios sairia desse relacionamento; tampouco uma parceria romântica. Eu me perguntava se, para um homem acostumado a dedicar seus esforços somente a coisas que valessem seu tempo, o simples fato de estar aqui, envolvido comigo, era uma revisão de seu “Programa de Eficiência” ou se eu era como um texto escrito em uma lousa, com a instrução “não apague até 28 de outubro”.

Eu o achava realmente fascinante.

Ele veio lentamente em minha direção, segurando uma taça parcialmente cheia de vinho. Mas, antes que eu pudesse levar o líquido aos meus lábios, lá estava ele, aproximando-se de mim, sua boca fechada contra a minha agora se abrindo para me saborear.

Em algum momento dos últimos dias, as coisas mudaram. Jensen parecia menos espantado por suas reações comigo e mais seguro de si, como se estivesse buscando algo familiar agora, como se estivesse pronto para restabelecer o controle.

Afastando-se, ele assentiu para o copo em minha mão e me deixou tomar um gole antes de voltar a se aproximar e lambe o vinho dos meus lábios.

– Gosto da maneira como seus lábios mexem – falou baixinho, tão perto, com o olhar ainda fixo em minha boca. – Sempre que você fala, é impossível não ficar olhando.

– É o sotaque.

Eu já tinha ouvido isso antes. Os americanos adoravam ver as inglesas falando. Não era nenhum mistério, nós fazemos biquinho enquanto flertamos com as palavras.

Mas Jensen já foi negando com a cabeça.

– Eles são tão rosados – disse. – E cheios.

Inclinando a cabeça, voltou a me beijar e se afastou, olhando-me nos olhos, olhando mais para cima, para meus cabelos.

– Você disse que tinge os cabelos?

Estendeu a mão, prendeu uma mecha entre o indicador e o polegar e deslizou os dedos até a ponta.

– Às vezes – respondi.

– Eu gosto deles assim – elogiou, olhando para seus dedos enquanto repetia a ação. – Nem ruivos, nem loiros.

Suspeito que o motivo de ele gostar dos meus cabelos era a mesma razão que me levava a não gostar deles. Eram fios comportados demais. Longos e previsivelmente ondulados. Vagamente loiros, vagamente ruivos, talvez até vagamente castanhos – uma coisa que não se assumia. Eu queria cabelos que fizessem uma declaração: “Hoje eu sou pink.”

– Essa cor de cabelo faz seus olhos parecerem mais azuis – ele prosseguiu e minha mente parou de funcionar. – Deixa seus lábios mais rosados, faz você parecer perfeita demais para ser de verdade.

Bem.

Ninguém jamais havia me dito isso e, de repente, tons de rosa passaram a parecer uma coisa terrível para meus cabelos.

– Que belo elogio! – falei, sorrindo para ele.

Seus olhos reagiram, mas sua boca ficou como estava: lábios apenas ligeiramente afastados, como se ele pudesse sentir o meu sabor no ar. Jensen ergueu o copo, terminando de tomar o vinho em um longo gole, depois deixou-o sobre a mesa e virou-se para mim, claramente esperando que eu também terminasse de beber.

Então, tomei um gole lentamente.

– Pippa – chamou, rindo enquanto se aproximava para beijar meu pescoço.

– Oi?

– Termine o seu vinho.

– Por quê?

Ele puxou minha mão para a frente de sua calça para que eu pudesse saber o motivo.

– Passei o dia todo vendo você pular e correr com essas calças justas e essa camisa praticamente transparente.

– E você por acaso está acostumado a passar o tempo todo vendo mulheres com gola alta e saias para baixo dos joelhos?

Ele riu.

– Venha aqui.

Abri um sorriso e ele me viu se aproximando, percebendo o que estávamos prestes a fazer.

– Não temos que fazer nada – ele sussurrou. – Eu sei, ainda é cedo.

– Não... eu quero.

Jensen puxou o copo da minha mão e o soltou ao acaso sobre a mesa. Ele então me segurou e minhas pernas envolveram sua cintura. Agora Jensen estava

em cima de mim, roçando seu corpo ao meu.

Jensen se esfregava em mim, impaciente até encontrar o ritmo perfeito, sua boca cobria a minha, lábios sugando, língua deslizando. Gemeu, puxou minhas pernas para cima.

– Estou de pau duro há horas.

Deus, eu poderia gozar assim.

E tinha gozado, ainda ontem à noite.

Seu pau ali, no meio das minhas pernas, tão seguro, movimentando-se com força, rápido, a respiração quente em meu pescoço, gemidos agora libertados, como se ele fosse uma blusa e eu tivesse puxado uma costura que lentamente se desfazia.

– Não quero gozar assim – consegui dizer debaixo dele. – Eu quero... Eu teria que verificar mais tarde para saber se minha camisa estava rasgada ou se só uma costura se abriu e o barulho se espalhou pelo quarto enquanto ele a arrancava do meu corpo. Jensen arrancou minha calça e minha calcinha com um puxão longo e determinado. Levou a mão para trás e tirou a camisa, puxando-a para a frente e, com o movimento, seus cabelos caíram sobre os olhos.

Suas mãos febris arrancaram suas calças, caçaram uma camisinha na mala e logo ouvi o barulho da embalagem sendo aberta.

O deslizar úmido, a sensação de Jensen puxando-me em sua direção, segurando sua vara para que eu pudesse recebê-la.

E, quando aquele pau me invadiu, nós dois ficamos em silêncio durante um momento de consciência. Ele me encarava e eu me sentia completamente nua em cima dele, de uma maneira que não tinha me sentido nas outras vezes em que trepei bêbada ou debaixo das cobertas. Antes, minha vida sexual parecia tão... óbvia se comparada a isso, e, muito embora Mark fosse alguns anos mais velho do que Jensen, ele nunca parecera tão seguro, tão maduro, tão... experiente.

Suas mãos agarraram meu quadril e me ajudaram a encontrar o ritmo perfeito. Fiquei tão tomada por tudo aquilo que não conseguia me concentrar, não conseguia encontrar o estado de espírito de que precisava, aquele espaço onde eu poderia simplesmente me soltar e absorvê-lo. Mas ele parecia entender, sentado debaixo do meu corpo e finalmente se entregando àquele seu hábito de me dizer como estava se sentindo, e então sua mão veio entre nós, tocando-me pela primeira vez assim, pressionando, paciente. Eu queria me desculpar rapidamente; me sentia tão idiota por meu corpo estar tão distraído com o que estava acontecendo que não conseguia me concentrar no prazer, mas Jensen parecia não se importar.

Lentamente, lentamente, ele trabalhou comigo, me beijando e me tocando e me elogiando até as peças se encaixarem e tudo fazer sentido. Deixei para trás o

desejo constrangido e encontrei o prazer focado – e era um prazer esmagador, tão bom que quase me deixava entorpecida. Meu orgasmo se espalhou por mim antes de eu me dar conta de como estava gritando, de quão frenética estava, com as unhas afundando em suas costas. E então minhas costas se arquearam e meu rosto se voltou para o teto.

Ele nos fez rolar de modo que agora estivesse em cima de mim, observando onde nossos corpos se tocavam enquanto me invadia outra vez. Seu olhar navegou até o meu rosto e ele me analisou quando voltou a se movimentar dentro de mim.

– Você está bem? – sussurrou.

Assenti, mas a verdade é que eu não estava bem. Não, mesmo. Eu lentamente perdia a cabeça.

Não era assim que um caso deveria ser. Jensen não era casual, esquecível. Não era meloso nem leviano. Era atento, carinhoso e – puta que pariu! – parecia preferir passar tempo comigo a dormir, comer ou mesmo acertar a situação com Becky. Era quase como se ele *amasse* fazer isso comigo.

Mas apenas temporariamente.

Desejando estudar seu corpo com as mãos, deslizei as palmas por suas costas definidas, pela curva firme de suas nádegas, e para a frente – sentindo os músculos de seu quadril, que socava em mim.

Deslizei a mão por sua barriga. Por seu peito.

Ergui os braços, passeio-os nas laterais de seu pescoço e, desesperada, puxei seu corpo junto ao meu.

Ele se aproximou com um sorriso no rosto, seus lábios encontraram os meus rapidamente, docemente, antes de ele pressionar o rosto contra o meu pescoço e me foder do jeito que seu corpo necessitava.

Seu peito deslizava contra o meu, para cima e para baixo, para cima e para baixo, sua respiração desesperada libertava o ar aquecido de seus pulmões em meu pescoço.

Acelerando o ritmo, ele soltou um gemido grave, sua mão deslizando pela lateral do meu corpo para erguer ainda mais minha perna, para socar mais fundo, para foder o meu interior. Foi a única coisa que consegui perceber – como, para ele, a coisa deixou de ser boa e se tornou *necessária*, como seu corpo chegava a um ponto no qual era impossível voltar atrás, como ele gemia a cada respiração e, por fim, como ele ficou tenso em minhas mãos enquanto soltava um rugido longo e rouco.

O som ecoou em meu ouvido, espalhando-se entre nós.

Sexo.

Nós tínhamos feito sexo.

Sexo bom. Não, não apenas *bom*, mas... verdadeiro.

E ele não rolou para longe de mim, não se afastou imediatamente.

Sua boca espalhou beijos calorosos por meu pescoço, maxilar, até encontrar a minha e nos beijarmos enquanto recuperávamos o fôlego, sem conseguir dizer nada.

Não sei o que eu faria com um homem como Jensen na minha vida “de verdade”.

Eu seria capaz de deixá-lo conquistar espaço? Ou ficaria tagarelando e bebendo, fazendo piadas, tudo se tornando um caos? Ele teria olhado para mim, para meus cabelos e suas tonalidades tão diferentes, para minha tatuagem de pássaro, para minhas saias de cores escandalosas?

Não, pensei. Não havia outras circunstâncias nas quais um homem como Jensen olharia duas vezes para uma mulher como eu. E, mesmo se isso acontecesse, eu não teria a menor ideia do que fazer com sua atenção.



Acordei desesperada e me sentei na cama.

O quarto estava escuro e imaginei que ainda fosse noite, mas eu não tinha a menor noção real do tempo; em algum momento, Jensen deve ter se levantado e fechado todas as cortinas de modo a criar uma fortaleza escura e aquecida.

Eu esperava estar delicadamente virada de lado, respirando pelo nariz como uma verdadeira dama. Mas, infelizmente, eu não era nada delicada dormindo.

Aliás, devo ter acordado Jensen com meu susto, porque ele logo se sentou ao meu lado, esfregando sua mão aquecida em minhas costas.

– Você está bem? – perguntou.

Assenti, esfregando a mão no rosto.

– Só tive um sonho estranho.

Ele encostou os lábios em meu ombro nu.

– Pesadelo?

– Não exatamente. – Deitei-me e o puxei para perto, virando-me de lado para vê-lo. – É um sonho que sempre tenho. No começo, estou saindo do meu apartamento. E usando um vestido novo e lindo, que me faz sentir muito bem. Mas, com o passar do dia, percebo que a saia é mais curta do que eu imaginava, e fico nervosa, puxando-a o tempo todo e me perguntando se seria adequada para o ambiente de trabalho. Depois, estou em uma reunião importante, ou entrando em uma sala de aula onde não conheço ninguém... bem, alguma coisa assim...

– Entendi.

– E aí percebo que o vestido era, na verdade, só uma blusa, e que estou nua da

cintura para baixo.

Ele deu risada, aproximando-se para beijar meu nariz.

– Você acordou assustada.

– É assustador perceber que você saiu pelo mundo seminua.

– Imagino que seja.

– E você? Qual é o *seu* sonho recorrente?

Ele fechou os olhos, pensativo e aparentemente contente quando deslizei a mão por seus cabelos. Jensen tinha cabelos macios, cortados na lateral e um pouco mais longos na parte de cima da cabeça. Apenas o suficiente para se conseguir fechar o punho ali. E acho que ele gostava disso.

– No meu, em geral, estou matriculado em uma disciplina e, ao fim do semestre, percebo que chegaram as provas e que não estudei nada ou sequer fui à aula.

– O que você acha que esses sonhos dizem sobre nós? – perguntei, massageando seu couro cabeludo.

– Nada – ele murmurou, sua voz grossa, relaxada. – Acho que todo mundo tem esses mesmos sonhos.

– Você não está sendo muito bom em tratar nossa relação como um caso sem compromisso – alertei baixinho, observando seu rosto enquanto voltava minha atenção ao seu pescoço e massageava seus ombros. – Me deixar segura assim depois de um sonho no meio da noite, me abraçar, me beijar assim depois de transarmos pela primeira vez.

Ele estremeceu com meu toque, mas não falou nada.

Ficamos em silêncio e eu achei que ele tinha dormido, mas logo sua voz ecoou em meio ao silêncio.

– Acho que não sou muito bom com relacionamentos casuais. Estou tentando.

– Bem, se considerarmos que eu estou sentindo que fui invadida por uma britadeira, acho que há aspectos *muito bons* em você.

Ele rosnou, um barulho tão grave em sua garganta a ponto de fazer seu peito ressoar, e alguma coisa naquele som pareceu uma corrente de eletricidade passando por minha pele. Eu me aconcheguei em seu corpo e ele me abraçou, puxando-me para perto.

– É mesmo? – perguntou antes de beijar meu pescoço.

– Acho que você sabe que eu senti prazer.

– Não esperava que você fosse tão tímida no começo – confessou.

– Eu também não. – Soltei um gemido quando ele levou a boca ao meu maxilar. – Você é o amante perfeito.

– Eu? – Jensen deu risada, deixando escapar uma lufada de ar. – Eu quase desmaiei quando gozei.

Sentindo-me orgulhosa, ergui o queixo.

– Eu fui tão incrível assim?

– Foi. – Ele rolou de modo a ficar sobre mim, olhando para baixo. Pensativo, murmurou: – Como você faz isso?

A resposta me parecia óbvia:

– Eu como muito queijo.

Jensen ignorou minhas palavras.

– Você é bobinha e linda e...

– Um pouco maluca?

Todo sincero, ele negou com a cabeça.

– Você só é inesperada.

– Talvez porque você não esteja procurando nada “esperável” por aqui?

Ele me olhou com a pergunta nos olhos, sem entender.

– Quero dizer... – esclareceu – você está fazendo o que quer fazer e se divertindo com isso.

Jensen se aproximou para me beijar, uniu sua boca à minha, lentamente mordiscando meu lábio inferior.

– Você é a garota perfeita para as férias.

Alguma coisa em seu comentário fez com que me contorcesse por dentro. Era como se uma pequena farpa tivesse atingido a carne dos meus sentimentos. Não que eu não quisesse ser a garota perfeita para as férias dele. Mas o fato é que ele era muito melhor do que apenas o garoto perfeito para passar as férias. Jensen era *ideal* de tantas maneiras e sairia tão renovado dessas férias, pronto para encontrar uma mulher adequada para ele. Alguém que não fosse bobinha e maluca e inesperada. Ou viciada em queijo. Eu iria para casa e passaria o resto da vida comparando o próximo homem – e o que viesse depois dele – ao homem que estava agora em cima de mim.

E aqui estava eu, nessa viagem com um grupo de pessoas que eu sinceramente admirava e que – para ser franca – tive a enorme sorte de encontrar. E, para dizer a verdade, eu não sabia se tinha o calibre certo para estar entre elas.

Como se soubesse disso ou pudesse de alguma maneira ver essa insegurança em meu rosto, Jensen falou:

– Acho que deve ser divertido ter você como melhor amiga.

Pisquei para ele, afastando o leve desconforto em meu peito.

– Isso quer dizer que você não gosta de me ver nua?

Movimentando-se de modo que eu pudesse senti-lo outra vez de pau duro no meio das minhas pernas, ele falou:

– Acredite, eu gosto de você nua.

Não consegui traduzir seu tom de voz. Uma “melhor amiga divertida” e uma

boa trepada eram essencialmente o que eu queria em um amante. Mas o tom de Jensen ainda trazia aquele tom de “garota das férias”.

– Você não namora amigas? – perguntei.

– Bem, todas as mulheres que tenho como amigas são ou casadas ou... algo totalmente platônico.

– Que triste.

Rindo, ele beijou meu pescoço

– Bem, se eu quero alguém, quero estar com ela, e não ser amigo dela.

– Você não era amigo de Becky?

Jensen congelou e lentamente saiu de cima de mim, indo para o lado.

– Não se chateie – falei, indo na direção dele e abraçando-o na altura do peito.

– Só estamos conversando.

– Quero dizer... não – respondeu baixinho, olhando para o teto. – Acabamos bêbados em uma noite do nosso segundo ano da faculdade e ficamos juntos. E, depois disso, eu mais ou menos imaginei que estivéssemos juntos.

– Mas presumo que você gostasse de tê-la por perto.

Dando de ombros, Jensen respondeu:

– Ela era Becky. Era a minha namorada.

– Uma namorada divertida?

Ele se virou para olhar para mim.

– Sim, ela era divertida.

Que compartimentalização estranha ele usava.

– É por isso que você não tem casos rápidos, sabia? – falei. – Porque você coloca as pessoas em categorias. Namorada em potencial e talvez um dia esposa, ou então amiga.

– Eu não estou colocando você em nenhuma categoria – falou, enfim abrindo mais um sorrisinho.

– E talvez por isso você me ache inesperada.

Jensen se afastou e estudou meu rosto.

– Quantos anos você tem? Eu devia saber.

– Vinte e seis.

– Você soa experiente.

O comentário me fez rir.

– Eu me sinto uma idiota na maior parte do tempo, então vou aceitar suas palavras como um elogio e guardá-las aqui – falei, fingindo colocá-las em um bolso na altura do meu peito.

Inclinando o corpo para a frente para beijar minha mão, ele pediu:

– Conte mais sobre seu último namorado.

– Você quer ouvir toda a história de Mark outra vez? – perguntei, incrédula.

Rindo, ele negou com a cabeça.

– Desculpa, não. O cara que veio antes desse aí.

– Suponho que você esteja falando de um homem com o qual passei mais do que uma ou duas noites, certo? – Rindo ainda mais, Jensen assentiu, e eu prossegui: – Nesse caso, o nome dele era Alexander, e, pelo amor de Deus, não o chame de Alex, e o cara basicamente queria se casar depois de três encontros.

– Você gostava dele?

A pergunta me fez refletir. Parecia que essa relação tinha acontecido há tanto tempo.

– Gostava. Acho que gostava muito dele, mas eu só tinha 24 anos na época.

– E daí?

– E daí?! – repeti, rosnando em tom de brincadeira para ele. – Se hoje em dia eu tenho a sensação de que não me conheço direito... Como eu poderia prometer ser leal para sempre a alguém quando nem sei se sou leal a essa versão de mim mesma?

Ele me encarou depois que eu disse isso e eu me perguntei se minhas palavras tocaram em algum ponto da relação com Becky ou em algo relacionado a ele mesmo.

– Você não quer se casar? – ele perguntou pronunciando as palavras lentamente, como se tentasse imaginar a resposta.

– Quero – falei. – Talvez. Um dia. Mas esse não é meu objetivo maior. Não ando pelo mundo me perguntando se o homem que acabou de passar ou sorriu para mim apareceria mais tarde em um bar e aí começaríamos a conversar e *boom!*, já estou pronta para colocar o vestido branco.

Compreendendo, ele assentiu. Em seguida, afastou-se um pouquinho, provavelmente pensando em alguma coisa. Então puxei-o de volta para perto enquanto perguntava:

– Você chega em todo encontro pensando em casamento?

– Não – respondeu todo cuidadoso. – Mas não perco tempo saindo com uma mulher mais de uma vez se não consigo me imaginar casado com ela.

– Nem mesmo para uma transa?

Ele sorriu e beijou meu nariz.

– Bem, minha amiga Emily seria a exceção, mas, como regra geral, não durmo com uma mulher se não tenho um relacionamento amoroso com ela.

– Só com “garotas das férias”?

Jensen se permitiu sorrir com meu comentário.

– Só as “garotas das férias”.

– Mas é legal, não é? – perguntei baixinho.

Ele me beijou, sua boca deslizou aquecida e úmida pela minha, fazendo-me

arder do peito para baixo, especialmente entre as pernas.

– É legal não ter pressão, saber que nenhum de nós quer mais.

– Acho que você curte esse tipo de sexo – sussurrei. – Acho que gosta de ser rápido e safado com as mulheres.

– É verdade que eu espero alguns encontros antes de dormir com alguém. E, estritamente falando, não tenho nenhuma namorada já há algum tempo.

– Qual foi a última mulher com quem você ficou? Emily?

Ele negou com a cabeça e mordiscou o lábio inferior, pensativo, enquanto sua mão distraidamente deslizava para cima e para baixo por minhas costas nuas.

– Vejamos. O nome dela era Patricia.

– Patricia! – Gargalhei. – Você fez a brincadeira da banheira safada com ela?

Ele se aproximou e me fez cócegas.

– Como você sabe? Ela de fato era uma executiva do Citibank.

– Era boa para brincar na cama, então?

Jensen se afastou um pouquinho, advertindo-me com um olhar.

– Os relacionamentos vão muito além do que acontece na cama.

E, quando ele falou isso, pude sentir a irônica pressão de seu pau contra minha barriga, então deslizei a mão para segurá-lo.

– Mas o que acontece na cama é crucial para os relacionamentos – afirmei. – Pelo menos no começo.

Ele veio para perto de mim.

– Verdade...

Olhamos nos olhos um do outro por algum tempo, seu quadril lentamente roçando para a frente e para trás enquanto ele esfregava o pau na minha mão. Eu queria tocar todo o seu corpo, não apenas porque gostava daquelas linhas e curvas, mas também porque sentia que ninguém jamais havia assumido a missão de explorar cada centímetro do corpo de Jensen.

– É uma pena... – ele começou, mas não concluiu sua frase, afinal, passou a se movimentar mais rapidamente, o fôlego já falhando.

– É, sim – sussurrei.

É uma pena que eu seja excêntrica demais para você.

É uma pena que você seja ocupado demais para mim.

É uma pena que eu esteja descobrindo meu coração e você já isolou o seu.

Sua boca uniu-se à minha, lábios calorosos e apenas ligeiramente úmidos, deslizando por meu pescoço. Ele segurou meus seios, chupou-os, seus dentes roçaram mais abaixo, passando por meu umbigo, até ele chegar lá, quente e arfando, esfregando a língua na área ardente entre as minhas pernas.

– Mais forte! – arfei quando ele começou a me lambar com excesso de cuidado. – Não seja gentil.

Ele fez o que eu pedi e deslizou um dedo para o meu interior enquanto chupava e lambia minha boceta. Jensen era perfeito e frenético e meu corpo buscava e buscava a sensação, até eu saber o que queria e...

– Aqui em cima... *por favor*.

Em segundos ele estava lá, colocando a camisinha, também necessitado, e eu logo me vi consumida pelo alívio de senti-lo metendo em mim: pesado, ansioso, os braços na altura dos meus ombros para ancorá-lo ali.

Eu queria vê-lo de cima, precisava

... desse jeito desesperado...

porque, de repente, eu me vi pensando em Mark e em seu quadril socando, eu me vi pensando justamente naquele momento quando meu coração se partia em pedaços na garganta, seus movimentos em cima da mulher sem nome tão distantes, tão desapegados, como uma máquina que funcionava automaticamente.

Mas aqui, agora, eu sentia que Jensen estava tentando invadir cada centímetro de mim.

Seu peito sobre o meu, suas coxas tocando as minhas, seu pau me invadindo. Ele fodia muito fundo, como se tentasse entrar inteiro em mim.

Era como se cada centímetro dele precisasse de contato. Como um homem tão restrito por suas próprias regras que não conseguia enxergar que precisava de tanta paixão.

Ele levou as mãos às nádegas, empurrando-se ainda mais fundo, estimulando-me com sua voz, com meus movimentos abaixo dele. E nós nos encaixávamos perfeitamente – soa como uma loucura e eu detestava a ideia, mas era verdade. O corpo dele cabia no meu como se fôssemos duas peças complementares. E eu quase não conseguia não morder seu ombro, que ia para a frente e para trás acima do meu rosto.

Eu estava num espaço no qual não queria que isso acabasse nunca, não conseguia me imaginar acordando sem essa sensação ou enfrentando o dia sem sua pele tocando a minha e sua boca em meu pescoço e seus gemidos guturais – tão grosseiros, quase selvagens – ecoando em meu ouvido. Fiquei eufórica vendo esse lado de Jensen. Era como se eu pudesse ver a libertação de um homem poderoso, um primeiro-ministro, czar ou rei.

Meu orgasmo foi como uma revelação. Era uma espiral se espalhando por mim, nascendo no centro do corpo e subindo e descendo ao mesmo tempo, então arqueei o corpo contra o dele, implorando para não parar, *não parar nunca, por favor, Jensen, não pare nunca*.

Mas ele tinha que parar porque seu corpo fez a mesma coisa sobre o meu: a tensão crescia, seus braços me agarravam, seu rosto pressionava meu pescoço

em uma postura de alívio que se assemelhava ao desistir, a se desprender de tudo de uma vez.

Soam como a mesma coisa, mas não são. Senti isso.

O ar à nossa volta estava quente e parado e lentamente – mas não o suficiente – se misturava ao ar condicionado e tudo parecia gelar. Jensen tirou seu pau de mim em um movimento que fez nós dois gemermos e então ajoelhou-se entre as minhas pernas, olhando para baixo enquanto tirava a camisinha e ficava sentado ali, com o queixo grudado no peito, com a respiração pesada.

Eu já tive casos no passado. Tive noites casuais com homens. Homens doces, homens distraídos, homens famintos. Esquecíveis de muitas formas.

Isto, esta noite, foi diferente.

Eu sabia que me lembraria de Jensen quando fosse velha e repassasse as minhas memórias. Eu me lembraria do amante que tive nas férias de Boston. Eu me lembraria desse momento cheio de afeto quando ele foi tão tomado pelo amor que acabamos de fazer. Pode ter sido uma faísca, um fósforo que se acendeu e apagou, mas estava ali.

Olhei para Jensen enquanto ele estendia o corpo pela cama para jogar a camisinha na lixeira próxima ao criado-mudo. Ele se colocou outra vez em cima de mim, quente, cansado e desejoso daqueles beijos lânguidos que são o prenúncio do sono.

Isso não me assustou, mas tampouco me deixou feliz.

Porque Jensen estava certo: tudo era muito inesperado.

Doze

PIPPA

Na parte final da nossa viagem, seguimos para o norte, rumo ao chalé em Waitsfield, Vermont – ao sul de Burlington. Estávamos todos grogues, pois tínhamos ficado acordados até tarde, cada casal em seu quarto de hotel, e talvez todos tivessem feito algo além de apenas conversar.

Jensen e eu já não brincávamos de fingir, mas algo mais tinha surgido – a permissão de beijar e tocar. E não era para fingir para ninguém nem para fazer joguinhos, mas porque queríamos nos tocar e nos beijar.

No banco traseiro, cochilei em seu ombro, vagamente ciente de nossa posição – o braço dele em volta do meu corpo, sua mão esquerda em minha coxa, logo abaixo da barra da saia, seu corpo inclinado na minha direção, curvado de modo a se tornar a almofada mais confortável do mundo. Percebi que ele falava baixinho quando Hanna, que estava no banco da frente, pedia alguma coisa. Notei o peso de seu beijo quando ele ocasionalmente esfregava os lábios em meus cabelos.

Mas só quando Jensen encostou gentilmente o ombro em mim para me acordar eu me dei conta de que uma coisa realmente mágica estava acontecendo: as paisagens urbanas ficavam para trás e abriam espaço para a natureza exuberante. Em seus espasmos finais de vida antes do inverno, os bordos contornavam densamente as duas pistas da estrada. Tons de alaranjado e amarelo se espalhavam pelo chão, empurrados pelo vento conforme passávamos. Ainda era possível encontrar um ou outro ponto verde aqui e acolá, mas, no geral, a terra era uma mistura de tons que lembravam fogo contra um pano de fundo azul-celeste.

– Santo Deus! – sussurrei.

Senti a atenção de Jensen se voltando para mim, mas não consegui desviar o olhar.

– Quem... Quem...? – gaguejei, incapaz de imaginar como alguém poderia morar aqui e deixar esse lugar.

– Eu nunca a vi sem palavras – ele comentou impressionado.

– Faz só *sete dias* que você me conhece – lembrei-o com uma risada, finalmente capaz de me virar e olhar para ele.

Tão próximo. Seus olhos eram os pontos mais iluminados no carro e estavam totalmente focados em mim.

– Você parece bem pensativo – sussurrei.

– Você é linda – falou baixinho, dando de ombros.

Não caia, Pippa.

– Mais dez minutos e chegaremos ao destino – Will gritou do banco do motorista e eu senti a energia se espalhando pelo carro quando Ruby acordou de seu sono no colo de Niall e ele alongou seus longos braços, apoiando-os no banco à nossa frente.

Uma cidadezinha passou e agora as casas pareciam se tornar cada vez mais distantes umas das outras. Pensei em Londres, em como todos morávamos uns em cima dos outros, e tentei imaginar como seria a vida por aqui.

A simplicidade de ter só o que é necessário, de ter tranquilidade, de ser capaz de ver cada uma das estrelas.

E também pensei na dificuldade de não ser capaz de ir andando ao mercado, de não poder simplesmente pedir comida pelo telefone ou pegar o metrô, em como seria ter que fazer uma longa viagem de carro para ver rostos diferentes, que não os mesmos amigos de sempre.

Mas ter tudo isso diante da sua casa a qualquer momento, ver toda essa vegetação se desenvolvendo do inverno à primavera, verão e outono. Nunca mais enfrentar o cinza que, na Inglaterra, aparecia com muito mais frequência do que o sol.

Os dedos de Jensen deslizaram pelo meu pescoço e pelos meus cabelos até a nuca, massageando levemente, como se aquilo fosse algo que ele fizesse todos os dias.

Será que eu não conseguia me imaginar deixando esse estado para trás? Ou será que eu queria que essa viagem nunca chegasse ao fim?

– Eu me pergunto se é assim que meu celular se sente quando a bateria acaba e eu o deixo para trás por algumas horas – murmurei.

Ao meu lado, Jensen deu risada.

– Suas metáforas aleatórias estão começando a fazer sentido para mim.

– Estou pouco a pouco acabando com o seu intelecto.

– É isso que você faz quando a gente fode até perder os sentidos?

Ele acreditava ter pronunciado as palavras bem baixinho, mas, de canto de olho, vi Ruby se ajeitando no banco, fingindo não ouvir enquanto se virava na direção da janela. Coloquei o dedo sobre os lábios de Jensen, sacudindo a cabeça enquanto engolia uma risada.

Seus olhos se arregalaram, compreendendo, mas, em vez de parecer desconfortável e puxar o celular para se distrair imediatamente, ele se aproximou, uniu sua boca à minha e entrelaçou nossos dedos. Essa permissão para nos tocarmos quando quiséssemos, onde quiséssemos, acabaria me matando.

Não caia, Pippa.

Não caia.

– Puta merda, pessoal! – Will gritou no banco da frente, e todos nos viramos para olhar pelas janelas do veículo.

Uma estrada particular saía da pista principal, então entramos nela. As rodas da van amassavam as pedras e os pedaços de madeira. Aqui o ar parecia mais fresco, úmido debaixo das sombras, onde o sol era bloqueado pelos enormes galhos das árvores. O cheiro era de folhas e pinho, com um toque da terra no chão. A entrada da garagem aparecia à nossa frente, e Will diminuiu a velocidade até parar antes de desligar o motor.

Eu quase não queria perturbar o silêncio que nos envolvia, não queria pisar nas folhas ou assustar os pássaros ao abrir a porta do veículo. A casa à nossa frente mais parecia ter saído de algum filme ao qual assisti na infância: um enorme chalé, com telhado triangular, construído com madeira de bordo e ostentando mudas de plantas espalhadas por todo o perímetro, até se misturarem às tonalidades da floresta ao fundo.

– É ainda mais incrível do que nas fotos! – Ruby elogiou quase cantando, com o nariz pressionado contra a janela do carro para conseguir ver tudo o que se espalhava à sua frente.

– É mesmo! – Hanna empolgou-se.

Enfim saímos da van, alongamos o corpo e olhamos maravilhados para a construção à nossa frente.

– Hanna – Will chamou baixinho. – Meu amor, dessa vez você se superou.

Ela deu pulinhos, orgulhosa, olhando para ele.

– Ah, é?

Ele sorriu e eu desviei o olhar para dar a privacidade necessária enquanto um sentimento não verbalizado se espalhava entre os dois.

Ruby segurou a mão de Niall e eles fizeram o caminho até o chalé. Todos nós os seguimos, olhando para as árvores, o céu, a rede de trilhas para caminhadas

que ligavam o lugar onde estávamos à floresta.

O caminho mais próximo – aquele da entrada da garagem até o chalé – ia até a lateral da construção, mas a majestosa entrada principal fazia até Niall parecer pequeno. A casa tinha dois andares e sacadas dos dois lados. Duas cadeiras de balanço ladeavam a varanda da frente e havia uma pequena pilha de lenha ali perto. Para nos receber, o zelador havia acendido a lareira e, através da janela, avistei uma garrafa de vinho tinto – já aberta – sobre a mesa logo na entrada.

Onde não havia madeira, havia vidro. Janelas e mais janelas forravam a lateral da casa, igualando a luminosidade nas áreas interna e externa.

Hanna pegou uma chave em um envelope guardado na pasta de coisas das férias e abriu a porta.

– Isso aqui é bonito pra caralho! – eu me peguei dizendo.

Jensen riu ao meu lado, e Will virou-se para mim, assentindo enquanto sorria.

– Ah, não tenha dúvida!

– Quero dizer, como vocês esperam que eu volte para a minha vida normal depois disso? – perguntei. – Eu moro em um barraco!

Hanna gargalhou.

– Pensei que fôssemos amigas, Hanna – Ruby acrescentou, rindo. – Mas, depois disso, vou passar o resto da minha vida sendo blasé e apática... e a culpa é toda sua.

Hanna abraçou Ruby e sorriu para mim por sobre o ombro.

– Nós somos amigas! – ela falou, e seu sorriso se tornou ainda maior quando Will surgiu atrás dela, deixando-a no meio de um sanduíche de pessoas. – Somos melhores amigas e essas são as melhores férias da minha vida.

Mais nove dias, pensei, olhando para Jensen enquanto ele e Niall riam do tamanho absurdo da nossa sorte. *Só um pouco mais de uma semana com eles.*



Naquela noite, enquanto o sol se punha diante da enorme janela da cozinha, sentamo-nos à mesa para tomar vinho enquanto Will cozinhava. Sem que Hanna soubesse, ele pedira uma entrega de compras e já tinha planejado as refeições da semana toda.

Enquanto tomávamos vinho e ríamos ouvindo Niall ler em voz alta todas as mensagens de texto que Bennett enviara durante a última semana no celular de Will, Jensen permanecia no canto da cozinha, ouvindo, mas sem se divertir.

– “Não sei se devo mantê-la grávida pelos próximos dez anos inteiros ou fazer uma vasectomia sem ninguém saber e rezar para ter minha esposa de volta.” – E desceu um pouco a tela, murmurando: – Isso foi há dois dias. Esta aqui é da

noite passada: “Chloe fez uma torta para mim”, e Max respondeu: “Certeza de que não foi para jogar em você?”

Jogando um punhado de alho na frigideira, Will deu risada.

– Falei para eles que não teremos celular durante toda a semana, então, se precisarem de alguma coisa, vão ter que ligar para a linha fixa.

Nesse momento, eu quis saber se os olhos de Hanna piscaram para Jensen da mesma forma que os meus piscaram, vendo-o puxar o celular do bolso e olhar para a tela.

Não precisava perguntar para saber o que ele viu ali. Nada. Nenhuma barrinha indicando sinal, nada de 4G, sem linha, sem serviço. Quando fui verificar o livro de hóspedes, depois de trazermos nossas coisas para dentro, percebi que estava mais curiosa por saber de onde eram os outros visitantes do que por descobrir onde estavam os controles remotos e a lenha – mas, de fato, li um aviso dizendo que não havia Wi-Fi.

Durante os passeios pelas vinícolas, pelo menos estávamos o tempo todo fazendo alguma coisa. E, com o drama de Becky e a “garota das férias” ao seu lado, Jensen parecia não se preocupar muito com trabalho. Mas agora eu sabia que nove dias o esperavam sem nada além daquilo que ele escolhesse fazer para preenchê-los. Eu o vi reagir ao isolamento do chalé e aos dias de lazer que seria forçado a encarar aqui. Seu rosto se enrugou, ele enfiou o celular de volta no bolso e se virou para olhar pela janela.

E então se virou outra vez na minha direção. Nossos olhares se encontraram enquanto ele percebeu que eu o estudava. Certamente eu parecia intensa e otimista: maxilar tranquilo, olhos focados nele e claramente comunicando o que eu estava pensando: *Deixe esse maldito celular de lado, Jens, e divirta-se um pouco*. Então, sorri e pisquei enquanto levava a taça de vinho aos lábios e tomava um demorado gole.

A tensão em seus ombros pareceu lentamente se dissolver – e, para mim, não importava se era por esforço consciente ou por algum acontecimento inconsciente –, e Jensen enfim atravessou o cômodo para se aproximar de mim.

– Ei, você. Nada de trabalho! – falei, inclinando a cabeça para sorrir para ele.
– Sinto muito por ser a responsável por dar a notícia, mas o mundo do Direito não está autorizado a entrar aqui. Uma pena.

Ele balançou a cabeça enquanto dava um risinho tenso, inclinando-se para beijar o topo da minha cabeça. Mas não se retirou imediatamente, então aproveitei o momento e me apoiei em seu corpo sólido e tranquilizador, engolindo um sorriso enquanto seus braços me envolviam.

A desculpa de Becky estava a centenas de quilômetros de distância, mas, mesmo assim, ninguém reagiu como se esse abraço fosse algo estranho.



Nossa primeira manhã, depois de dormirmos até tarde, foi cheia de panquecas com geleia. Depois, fomos colher frutas vermelhas e nadar no lago, e então descansamos em volta da lareira, lendo as assustadoras histórias de mistérios que encontramos nas prateleiras da casa.

E os dias passavam exatamente assim: trilhas na floresta, cochilos no meio do dia e infinitas horas rindo juntos na cozinha, bebendo vinho enquanto Will cozinhava.

Para mim, a única coisa que faltava era sair para cortar um pouco de lenha.

Por volta do terceiro dia, eu sabia que não conseguiria não falar sobre isso. Suspeitei que, quando olhássemos para trás, esse seria meu verdadeiro legado a essa viagem.

– A lareira parece um pouco fraca – gritei para os homens, que jogavam pôquer na sala de jantar.

Ruby, que estava lendo, ergueu a cabeça e deslizou o olhar de um lado para o outro de forma bastante significativa, passando-o desde onde eu estava sentada, com o corpo curvado na enorme cadeira de couro próxima à lareira, até a enorme pilha de lenha ali na frente.

– Bem, tem muita lenha aqui – disse, confusa.

– Ruby Stella – chamei em voz baixa. – Não estou dizendo que você tenha que ficar calada, mas também não estou dizendo que não deveria.

Ela bateu a mão na boca justamente enquanto Will corria preocupado até a sala. Ele parou entre a lareira (claramente ainda acesa) e a grande pilha de lenha ao lado dela (claramente havia madeira suficiente ali).

– Claro, posso colocar mais lenha na fogueira – falou, sem dar a entender que estava com preguiça.

Que príncipe.

– A questão é que... – comecei, apoiando o peso do corpo em um cotovelo. – Bem, madeira recém-cortada é um presente dos deuses. O cheiro, o estalar...

Ele inclinou a cabeça, estudando-me antes de deslizar o olhar para onde Hanna dava risada com o rosto escondido atrás de um livro.

– Recém-cortada? – ecoou.

– Acho que vi um machado atrás da cabana – informei esperançosa. – Um machado enorme, pesado. E tem uns troncos enormes de madeira lá dentro.

Jensen parou na passagem da porta, seus ombros casualmente encostados ao batente.

– Pippa.

Olhei para ele e sorri.

– O que foi?

Ele apenas olhou para mim.

Pisquei para ele.

– A não ser que você não saiba segurar um machado. Ou não dê conta de um machado tão grande.

Ouvi a risada de Niall vindo da sala de jantar.

– Eu sei muito bem segurar um machado – Will rebateu, afastando-se um pouco. – Usar um machado é tão fácil quanto dar uma volta no parque.

– Não – falei, acalmando-o. – Vocês são rapazes tão urbanos e não quero que se machuquem. Não foi boa ideia ter sugerido isso. Sinto muito.

Do sofá, Ruby murmurou:

– Puta *merdaaa!*

Niall colocou-se atrás de Jensen e sorriu para mim.

– Pippa, você é terrível.

– Mas a pergunta é: e você, também é? – desafiei. – Terrível cortando madeira?

Jensen e Will trocaram um olhar e, em seguida, Jensen segurou a barra de sua blusa de malha, puxando-a por sobre a cabeça. Agora estava usando apenas uma camiseta e calça jeans.

– Parece que fomos desafiados.

Todos nos levantamos e acompanhamos o grupo de “homens em uma missão” até o quintal dos fundos.

De fato havia um bloco para cortar madeira ao lado da cabana e, a poucos metros dali, repousando contra a estrutura da construção, um machado impressionantemente enorme.

Um machado incrivelmente imponente. Eu só estava provocando os rapazes, mas o machado parecia mesmo... pesado.

E aí tive meu primeiro momento de hesitação.

– Rapazes, talvez...

Will segurou a ferramenta e a ajeitou sobre o ombro. Ao meu lado, Hanna deixou escapar uma expiração trêmula.

– O que foi, Pippa? – Will perguntou, fingindo uma expressão séria, franzindo as sobrancelhas.

– Hum, nada.

Niall saiu da cabana com um tronco que, posso jurar, era maior do que ele. Colocou-o no chão para Will cortá-lo em pedaços menores antes de eles facilmente ajeitarem os pedaços sobre o bloco destinado a talhar a madeira.

Mas, em vez de se arriscar, Will passou o machado para Jensen e olhou para mim, lançando um sorrisinho que, de alguma forma, dizia ao mesmo tempo “de

nada” e “isso vai calar a boca dela”.

Sem sequer lançar um olhar na minha direção – sério, ele era tão sensualmente um homem em uma missão –, Jensen ergueu o machado sobre seu braço direito e golpeou, afundando-o no tronco. O som ecoou à nossa volta, fazendo bandos de pássaros deixarem o conforto de seus ninhos nas árvores em volta.

– Puta merda! Agora sinto que sou um homem! – ele rugiu surpreso, rindo enquanto puxava o machado de volta para desferir outro golpe.

Sua camiseta era branca e, abaixo dela, eu podia ver os músculos de suas costas se apertando quando ele golpeava a madeira com o machado. Hanna dançava ao meu lado, gritando palavras de encorajamento para seu irmão, mas minha atenção estava totalmente focada em Jensen. E em suas costas.

As mesmas costas nas quais enterrei minhas unhas enquanto ele me arregaçava contra o tronco de uma árvore ainda ontem.

As mesmas costas que ensaboei ontem à noite, durante o banho.

As mesmas costas que suaram sob minhas mãos enquanto ele esfregava seu corpo junto ao meu na cama hoje cedo.

– Ave Maria, mãe de Deus! – murmurei.

Eu era genial.

– Temo pela saúde de Pippa – Niall falou em meio a uma risada. – Alguém aqui manja de reanimação cardiorrespiratória?

Jensen agora se afastou, sua testa úmida de suor enquanto olhava por sobre o ombro. Seus olhos se repuxavam um pouco enquanto ele abria um sorriso predatório, ao ver minha expressão.

Era precisamente o mesmo olhar que ele ostentava duas noites atrás, quando me jogou na cama e veio em minha direção.

– Agora é você! – Ruby gritou para seu marido.

Então, Jensen, vermelho e desganhado, passou o machado para Niall.

Will pegou um pedaço de setenta centímetros do tronco que Jensen havia cortado e o colocou no bloco para Niall seguir com o trabalho.

Jensen veio ficar ao meu lado – tão próximo. E pude sentir o cheiro de seu suor misturado ao de sua colônia pós-barba. Ele sabia provocar. Afinal, eu tinha dito a ele havia poucos dias, durante uma trilha, o quanto adorava seu cheiro quando estava suado.

– Você é perigoso – sussurrei.

– Eu? – falou inocentemente, sem sequer olhar para mim. – Foi você que manipulou a situação para todo o grupo vir aqui cortar lenha.

Cruzei os braços, contente.

– Eu sou esperta.

– Só consigo pensar na expressão “gênio do mal”.

– Você tem um pau e tanto aí...

Ele se virou, colocou a mão sobre a minha boca e riu. Aproximando-se, sussurrou:

– Você é muito safada.

– E você gosta – murmurei contra sua palma.

Jensen não tinha como refutar a minha afirmação, então beijou minha testa antes de lançar um olhar de aviso muito bem-humorado e afastar a mão.

Enquanto observávamos, Niall avaliou o peso do machado e, de canto de olho, pude ver exatamente a mesma reação que tive com Jensen tomar conta de Ruby enquanto ela observava o marido cortar a madeira na metade.

– Definitivamente há uma coisa de instinto nisso – Will comentou, assentindo em aprovação. – Depois disso, deveríamos lutar ou sair para caçar... – Ele se afastou e olhou para Hanna, que ria dele enquanto o abraçava na altura da cintura. – Mas não se animem, eu já comprei salmão para comermos hoje.

Will deu alguns golpes e não parava de dizer que cortar lenha devia ser algo que estava em seu sangue porque ele nunca mais queria parar.

– Aproveitamos a tarde de um jeito maravilhoso. Sinto que deveríamos dedicar nosso primeiro filho a Pippa – disse Hanna, ligeiramente sem fôlego.

Will soltou o machado e olhou para ela.

– Quer começar a fazê-lo agora mesmo?

Ela deu um gritinho enquanto ele a jogava por sobre o ombro, levando-a para dentro.

A saída de Niall e Ruby foi mais discreta. Ele simplesmente segurou a mão dela, abriu um leve sorriso para mim e disse baixinho:

– Se nos derem licença...

E, por fim, levou-a para dentro.

Virando-se para mim, Jensen sorriu e bateu as palmas das mãos.

– Seu plano diabólico funcionou.

– Diabólico? – ecoei, deslizando um olhar cheio de significado à nossa volta.

– Se não bastasse agora termos muita lenha para a lareira, todo mundo vai passar a tarde transando.

– Todo mundo? – ele perguntou, aproximando-se.

O suor em seu peito fazia sua camiseta grudar ao corpo, e eu ergui a mão, descansando-a ali.

– Bem, talvez nem *todo mundo*.

Ele se aproximou e por pouco nossos lábios não se tocaram. E, se o senso de humor de Jensen já não me fizesse adorá-lo, esses momentos delicados fariam.

– Seu quarto ou o meu?

Dei risada da pergunta.

– Estamos aqui há três dias. Por que perderíamos tempo usando uma segunda cama a essa altura?



Havia quatro quartos no chalé: duas suítes e dois outros com cama *queen size*. Jensen havia deixado sua mala em um dos quartos menores no final do corredor, mas, fora isso, o cômodo parecia bastante inutilizado. E não sei explicar – era como se tivéssemos adotado uma rotina de amantes entre os amigos mais próximos dele e da minha querida Ruby. Não era como se ainda estivéssemos brincando de ser casados ou nos enganando e nos forçando a pensar que poderíamos continuar com isso depois que cada um voltasse à sua vida normal, mas tampouco tratávamos a situação como se estivéssemos nos pegando no canto escuro de um corredor. É verdade que havíamos nos unido por acaso, mas já não sentíamos que estávamos tramando alguma coisa.

Ele podia me beijar na frente de sua irmã e ninguém dava a mínima.

Ele segurava minha mão nas trilhas como se estivéssemos juntos há anos.

E, mesmo sem Becky por perto ou qualquer outro motivo para fingir, Jensen deixava claro que estávamos dormindo na mesma cama há pelo menos uma semana. As coisas simplesmente eram assim: sem perguntas, sem explicações.

Foi na nossa última noite no chalé que aconteceu. Jensen me puxou para o seu colo em uma grande poltrona de couro na sala de estar e comecei a sentir uma dor no peito com a ideia de fazer as malas e voltar a Boston para a última semana das minhas férias. Ficamos sentados assim, meu corpo curvado em seu colo, a lareira estalando ali perto, e ele lendo enquanto eu olhava pela janela.

– Você está tão quieta – falou, interrompendo o silêncio.

Então, deixou o livro na mesa ao nosso lado e pegou um copo de uísque para tomar um gole.

Quando ele terminou de engolir, eu me alonguei e senti o gosto em seus lábios.

– Só estou pensativa.

– Em que está pensando?

Jensen colocou o copo sobre a mesa e me olhou nos olhos.

Apoiada em seu ombro, senti sua mão debaixo das minhas pernas e me puxando para que eu ficasse ainda mais próxima dele. Eu queria dizer que estava pensando nele e em mim, em quão bom foi e que eu odiava a ideia de voltar para casa. Mas não era exatamente isso.

Eu sabia que Jensen e eu estávamos vivendo em uma bolha e que a vida não seria assim em nossa realidade cotidiana. Não podia ser, de verdade. Eu desejava

que nossas vidas não precisassem ser tão focadas em carreiras e conquistas. Queria que as coisas não fossem realistas, como um Jensen que não fosse obcecado pelo trabalho e que se sentisse feliz em fugir comigo para um chalé na floresta, onde passaríamos seis meses do ano, e só voltaríamos ao mundo real quando estivéssemos bem e cansados de comer panquecas com geleias de frutas que nós mesmos colhemos e fazer sexo sem limites. Eu desejava uma Pippa capaz de fugir seis meses por ano.

– Estou sonhando com coisas impossíveis – falei.

Ele ficou ligeiramente rígido.

– Panquecas do Will para sempre – acrescentei, esclarecendo. – E o bordo enorme lá atrás... Tenho certeza de que ele dá uma sombra maravilhosa no verão. Queria poder ficar nesse chalé, nós todos.

Jensen ajustou sua pegada, movimentando-se de modo que eu pudesse sentar em seu colo.

– Eu também.

Ele fechou os olhos, deixando a cabeça se soltar contra o couro suave.

– Estou com medo de ver minha caixa de e-mails.

Olhando quase desamparado para mim, ele pareceu entrar em pânico. Seu celular havia passado a última semana largado em uma cadeira do quarto, ignorado. Não sei se ele sequer olhou a tela, quanto mais ver coisas de trabalho.

Levei minha mão ao seu peito e neguei com a cabeça.

– Não tenha medo. Você não pode fazer nada para resolver essa situação agora, não se quiser que o último dia seja tão bom quanto os outros oito foram. Tenho mais dezoito horas neste lugar e pretendo aproveitá-las ao máximo.

Ele assentiu e beijou a palma da minha mão. Olhei para suas mãos enormes envolvendo as minhas, muito menores. Minha pele parecia tão clara perto da dele. Meus braços estavam sem as pulseiras, as unhas, sem esmalte. Eu não usava maquiagem havia mais de uma semana. Nossa, teve dias que nem me importei em usar sutiã.

– Que duas semanas mais esquisitas – murmurei.

Ele assentiu.

– Ex-esposa e casamento fingido – comentei. – Bebedeiras pela Costa Leste e machos cortando lenha.

– Ioga de manhã e cantar totalmente fora do tom – ele acrescentou. – Eu gostei da cantoria.

– Minha parte preferida.

– Sua parte *preferida*? – ele perguntou com um sorriso afetado.

– Está bem, eu admito. Talvez tenha rolado um ou outro momento que curti mais.

– Para dizer a verdade, eu adorei cada minuto – ele falou, parando para repensar. – *Quase* cada minuto – corrigiu-se, referindo-se a Becky, imagino.

Ergui o rosto e esperei seu olhar encontrar o meu.

– Eu vou voltar a vê-lo?

– Tenho certeza de que vai.

– Você vai ficar com saudade disso? – perguntei baixinho.

Seus olhos se apertaram.

– Essa pergunta é séria?

Eu não sabia como exatamente responder.

– Bem... é? Afinal de contas, eu sou apenas uma “garota das férias”.

Um músculo se repuxou em seu maxilar e ele olhou para o lado para piscar, pensativo. Por fim, depois de quase um minuto inteiro de tormento para mim, Jensen voltou a me olhar, inspirando pesadamente.

– Vou sentir falta disso.

Não sei se ele estava falando de mim ou do sexo, do chalé ou simplesmente de estar longe de tudo, mas, quase sem ar, explodi, dizendo:

– Que bom.

– Tenho certeza de que minha primeira noite na minha cama vai ser muito solitária – acrescentou, e senti meu cérebro se apertar, tentando processar suas palavras. – O problema é que não podemos esperar que isso chegue a algum lugar.

– Eu não *espero* isso – rebati, engolindo o leve insulto. – Só estou dizendo que *gosto* de você.

Deslizando a mão abaixo do meu joelho outra vez, ele se levantou e, sem fazer muito esforço, me ergueu com ele. A escada de madeira parecia rolar sob seus passos confiantes; a porta do quarto se abriu com um leve toque de seu ombro.

E aí ele estava em cima de mim; eu, com as costas apoiadas no colchão. Seus olhos verdes estudavam atentamente meu rosto.

– Eu também gosto de você.

Eu queria gravar o resto da noite em minha memória permanente: a maneira como ele me despiu tão vagarosamente, sabendo o que havia ali embaixo. A maneira como ele se levantou e dedicou o tempo necessário para tirar sua malha e jogá-la no encosto da cadeira no canto do cômodo e depois voltar onde eu estava, olhos atentos mesmo enquanto se arrastava na minha direção na cama.

Era isso que era fazer amor?

Vendo Jensen sobre mim, sua atenção à forma como suas mãos deslizavam por meus seios nus, de repente me senti completamente inocente. Eu pensava que fazia amor com Mark, pelo menos com ele, se não com os outros caras de quem eu havia gostado. Eu tinha dito a Mark que o amava, e imaginava que

realmente o amava. Mas o sexo com ele, desde o começo, era regado a álcool e preguiçoso, ou só uma rapidinha. E eu imaginava que esse tipo de paixão impaciente significasse amor.

Mas, vendo Jensen aqui, enquanto ele explorava todo o meu corpo, seus olhos abertos, suas mãos sinceras e famintas, tive a sensação de que nunca antes fui tocada por *um homem*. Por meninos, muitos. Mas nunca por um homem que dedicou seu tempo a explorar. E o que tornava essa relação diferente não era só o jeito como ele me tocava, mas o que eu *sentia* quando ele me tocava: como se Jensen pudesse levar qualquer coisa e eu daria tudo a ele sem questionar; como se, quando estávamos sozinhos assim, eu não precisasse esconder um único centímetro da minha pele.

Lá fora, começava a escurecer, mas, mesmo ouvindo nossos amigos começarem a preparar o jantar, rindo e tomando vinho, aqui em cima, Jensen e eu levávamos o tempo necessário para tocar e saborear e brincar. Ele gozou em minha boca com um gemido desesperado. Eu gozei em sua língua com um grito abafado pelas costas da minha própria mão, e nos beijamos e beijamos e beijamos por uma hora até eu desejá-lo debaixo do meu corpo, claramente excitado, corpos ligeiramente frenéticos e tomados pela ganância. Usei minha blusa para amarrar suas mãos na cabeceira da cama e me delicieei com o tesão em seus olhos, a tensão de seus músculos enquanto ele me via usando seu pau para estourar a minha boceta.

Ele continuava sem falar muito. Seus gemidos pareciam ser influenciados pela coação – os rugidos leves, o “caralho, que delícia” que escapou quando eu gozei e ele sentiu, a respiração ofegante. Eu queria guardar esses ruídos e me alimentar deles mais tarde. Eu queria guardar seu cheiro e aplicá-lo ao meu corpo.

Depois de desamarrá-lo para deixá-lo brincar com meu corpo da forma como eu sabia que ele gostava, deslizei minhas palmas pelo suor de sua pele, por seu peito, pescoço. Eu estava exausta, ele estava perto de gozar, e suas mãos me ergueram, seu quadril balançando enquanto ele me fodia com força e agilidade. A cama protestava, rangia, batia na parede. Minhas coxas queimavam e a veia na testa de Jensen ficava mais proeminente conforme ele se aproximava do orgasmo, e se aproximava mais, seus dentes apertados a caminho do prazer, suas mãos enterradas na pele do quadril.

Isso realmente era *foder* e, sem dúvida, era a melhor foda da minha vida.

Quando ele gozou, arfando, estremecendo sob o meu corpo, passei o tempo todo observando seu rosto, guardando-o em minha memória. Ele não estava pensando em sua caixa de e-mails ou na sua equipe do trabalho ou no que quer que o esperasse na segunda-feira. Estava pensando apenas em meu corpo deslizando junto ao seu, em sua necessidade de gozar – dentro de mim.

Ele soltou o corpo na cama, braços abertos, peito pesado.

– Puta que pariu!

Aproximando-me para beijá-lo, lambi seu pescoço, seu maxilar, saboreando o sal de seu suor.

– Puta que pariu! – repetiu, agora mais baixo. – Essa foi intensa. Venha aqui.

Sua boca encontrou a minha, sugando suavemente meu lábio inferior. Eu estava dolorido entre as pernas, nas articulações, e Jensen me fez virar para o lado, puxando-me com a mão em minhas nádegas para que eu não ficasse muito longe. Ele me abaixou lenta e docemente, como um amante que tem todo o tempo do mundo. Um amante que tem tempo para gozar, para se suavizar e enrijecer outra vez.



Perdemos o jantar.

Uma pena, mesmo, porque, a julgar pelo cheiro que chegava ao topo da escada, estava uma delícia.

– Espero que vocês tenham se divertido lá em cima – Ruby falou mais tarde, sorrindo para nós enquanto descíamos para a cozinha. – Porque Will fez paella, e, deixe-me dizer... eu poderia passar o resto da minha vida comendo só isso.

– Will vai para casa com a gente? – Niall perguntou da cozinha.

– Estávamos enfrentando um jogo excruciante de xadrez – falei. – Nenhum de nós estava disposto a desistir até acabar.

Will deu um sorriso descarado.

– Não me diga! Xadrez? Porque, pelo barulho, parecia que vocês estavam pendurando quadros.

Niall assentiu.

– Alguma coisa estava mesmo sendo enfiada lá em cima, sem dúvida.

Dei risada e tossi.

– Bem, Pippa não tem espírito esportivo. Ela perdeu e ficou violenta – Jensen brincou, olhando por sobre o fogão e encontrando a enorme panela ainda parcialmente cheia de paella. – Que bom que vocês guardaram um pouco para nós.

Will se entregou à risada.

– Acho que tem aí o suficiente para alimentar setenta pessoas. Todos comemos até quase explodir. – Ele pegou uma colher enquanto Niall trazia duas tigelas do escorredor de pratos, e logo Jensen e eu estávamos à mesa, enfiando garfadas na boca como se não comêssemos há semanas.

– Estão prontos para ir para casa? – Hanna perguntou ao grupo, encostando-se

no balcão próximo à pia.

Todos murmuramos algum tipo de negação. Era como se dependêssemos dessa viagem para continuarmos vivos. A sensação era mais ou menos como deixar para trás um acampamento de verão, quando todos faziam promessas em silêncio e externavam declarações de que seríamos melhores amigos para sempre, de que nunca perderíamos contato, de que faríamos viagens assim pelo menos uma vez por ano durante o resto de nossas vidas... Mas a realidade era que isso não passava de uma breve fuga de nossa vida real. Em especial para Jensen, que não tirava férias havia anos, essa viagem era uma anomalia que não se repetiria tão cedo. Ele sairia daqui e voltaria para a vida de homem viciado em trabalho e estruturado que levava. E cada pedacinho dessa carapaça que ele havia destruído, revelando um homem cheio de paixão e bom humor, voltaria a ser como era antes.

Olhei para Jensen justamente quando ele parecia me estudar, e nossos olhares se encontraram. Também ali vi o reconhecimento não verbalizado de que essa experiência havia sido muito positiva.

Realmente tinha sido... inesperada.

Treze

JENSEN

Na maioria das vezes, meu hábito de acordar cedo é bastante útil.

Como sempre me levantei cedo, com frequência me perguntava se eu havia sido “programado” assim ou se isso era resultado de ter crescido em uma casa com outras seis pessoas. Sair da cama antes de todo mundo significava poder tomar banho quente, usar toalhas secas e ter um pouco de privacidade – ou um mínimo de privacidade – no banheiro, coisas que deixavam de existir depois das sete da manhã. Nos tempos de faculdade, significava que eu podia ficar na balada até tarde, arrastar-me até o meu quarto e ainda acordar cedo o suficiente para fazer a lição ou estudar antes das provas.

Foi só nessas férias que aprendi a dormir até tarde, a acordar somente quando o corpo caloroso de Pippa começava a se mexer junto ao meu e o cheiro de manteiga e frutas vermelhas invadia o quarto, vindo do andar de baixo. Na maioria das manhãs, dormíamos até dez horas. Em uma delas – depois de uma noite particularmente memorável na cama – só acordamos depois das onze horas.

Eu nunca tinha vivido assim... mas era um deleite.

Então, quando meus olhos se abriram, bem cedo na manhã de domingo, quando o céu ainda estava escuro, tentei voltar para a cama. Em poucas horas deixaríamos para trás o santuário do chalé e a bolha que manteve o mundo real trancafiado lá fora. Eu queria continuar aqui, mentalmente, o máximo que pudesse. Não queria voltar à vida normal ainda. Pippa estava quente e nua ao meu lado. Seus cabelos, bagunçados pelo pescoço, por meu travesseiro, por seu travesseiro. Seus lábios, ligeiramente abertos em meio ao sono. Todavia, meus pensamentos não conseguiam se desvencilhar do que estava por vir: fazer listas,

contagem mental, nosso horário de voltar a Boston.

Sem dúvida eu me arrependeria amanhã, mas odiei meu relógio interno e seu retorno ao normal no último dia das férias.

Totalmente acordado contra a minha vontade, ergui a cabeça, cuidadoso para não tirar Pippa de onde ela dormia, sobre meu peito, e tentei ver a hora no relógio sobre o criado-mudo.

Pouco mais de cinco da manhã. Porra!

Eu tinha me acostumado outra vez a dividir a cama com outra pessoa e, muito embora soubesse que deveria ficar ali e saborear cada último momento que eu pudesse – vai saber quando isso aconteceria outra vez... –, meu cérebro estava “programado”. Em casa, eu me levantava e trabalhava ou saía para correr, ou até assistia a um pouco de TV. Porém, aqui eu não estava em casa. Era cedo demais para fazer barulho pela casa e correr o risco de acordar todo mundo na última noite de férias, mas, enquanto eu esperava, ouvindo os barulhos suaves de Pippa contra meu pescoço, eu sabia que simplesmente não podia ficar aqui, pensando na vida.

Mudei de posição, cuidadoso para sair da cama sem incomodá-la. Minha mala estava no outro quarto, então atravessei o corredor e vesti minhas roupas e tênis de corrida antes de sair silenciosamente.

—

Voltei da corrida e encontrei Pippa sentada na cama, lendo.

– Ah, oi! – ela cumprimentou, deixando o livro de lado e dando um sorrisinho afetado.

Senti uma leve pontada de culpa por ter saído em nossa última manhã juntos, mas consegui afastar esse sentimento. Tirei a camiseta e a usei para secar o peito e a nuca. Quando me virei, vi que ela estava me observando.

– Eu saí para correr – expliquei. – Tentei não acordar você.

Pippa afastou as cobertas e deitou-se com a cabeça apoiada nos braços. Estava de pernas cruzadas, os dedos dos pés apontando na minha direção.

– Hum, de certa forma, eu gostaria que tivesse me acordado.

Pippa estava nua, a pele leitosa contra as cobertas de flanela escura. Meu olhar deslizou por seu corpo e, mesmo sabendo que iríamos para casa hoje e que acabaríamos tendo uma conversa – uma conversa que eu vinha evitando até agora –, eu não conseguia desviar o olhar.

– Primeiro eu preciso tomar um banho, mas... – falei, tentando organizar meus pensamentos, mas incapaz de afastar os olhos de seus seios.

Aqueles mamilos rosados estavam entumecidos pelo ar frio da manhã. Arrepios percorreram todo o meu corpo e ela se alongou antes de arquear as costas.

– Banho. – E se sentou, levando os pés ao chão. – Que ótima ideia.

Pisquei outra vez para ela, vendo aquele brilho sacana em seus olhos.

Talvez eu não fosse o único querendo evitar uma conversa.

Pippa se levantou e se aproximou. Parou à minha frente. Fazendo beicinho de modo a fingir que estava preocupada, estendeu a mão e deslizou os dedos por minha testa franzida.

– Você se lembra do nosso acordo? – Na ponta dos pés, ela beijou meus lábios ruidosamente. – Diversão.

Seu corpo nu estava a apenas um centímetro do meu corpo parcialmente coberto e eu senti minha vara endurecer debaixo do moletom. O cheiro de Pippa era quente, como mel e baunilha e alguma coisa tão distintivamente Pippa que eu queria saborear outra vez para lembrar como é senti-la em minha língua.

Pippa me deu mais um beijo e foi ao banheiro. Meu olhar deslizou pela curva de sua espinha, por suas nádegas arredondadas, por suas pernas. Ela saiu de vista e eu ouvi a água começando a correr, seguida pelo fechar da porta do boxe.

Olhei pela janela. A parte lógica do meu cérebro fez o seu melhor para entender por que eu não deveria simplesmente tirar o resto das minhas roupas e acompanhar Pippa, esquecer tudo, encostá-la na parede e foder seu grelo. Sairíamos em poucas horas – para retornar a Boston e à bagunça inevitável que eu sabia que me esperava. Pippa voltaria para a casa de seu avô e, depois de alguns dias, para Londres. Isso não significava que era hora de parar de fingir essa vida de casados e começar a pensar na vida real?

Ao ouvi-la cantarolar no banho, voltei à realidade e entrei no banheiro, observando sua silhueta nua do outro lado da porta de vidro fosco. Era impossível não a acompanhar ali.

—

Como precisávamos esvaziar a geladeira antes de sair, nosso último café da manhã foi grande o suficiente para alimentar todo um exército. Will preparava panquecas enquanto Niall cozinhava o que havia sobrado das salsichas e do bacon. Ruby e Pippa cortavam melão, morango, banana e o que mais conseguissem encontrar para fazer uma salada de frutas; eu devo ter preparado um tonel de suco de laranjas frescas.

Comemos feito loucos enquanto um álbum do Tom Petty rodava no toca-

discos. Eu não conseguia pensar em uma forma mais perfeita de terminar essa viagem.

Lavamos as louças e levamos as malas ao carro. Pippa e eu sorrimos quando passamos um pelo outro no corredor. Ainda ontem, eu a teria abordado sem questionar, a teria empurrado contra a parede, sugerido que fôssemos à floresta ou que nos trancássemos no quarto.

Agora, porém, era como se um alarme tivesse soado em algum lugar e não tivéssemos mais tempo para isso. Nosso prazo de validade havia chegado. Nossas mãos se mantiveram afastadas e nossas bocas se transformaram em sorrisos felizes, mas não havia toque, beijos provocadores ou amassos desesperados. Éramos outra vez amigos, talvez conhecidos íntimos. E isso teria de bastar.

Com todas as bagagens no carro e um último adeus ao nosso lindo chalé, partimos para casa. Will havia dirigido a maior parte do tempo até agora, então, quando o vi bocejar, enquanto entrávamos no carro, eu me ofereci para dirigir na primeira parte do caminho. Justifiquei para mim mesmo dizendo que eu queria fazer algo diferente e não porque era mais fácil, que ao volante eu me concentraria na estrada e não nas conversas – ou na falta de conversa – à minha volta.

Pippa sentou-se em uma das fileiras ao fundo, perto de Will, que, depois do café da manhã gigante, com direito a panquecas – sem dizer as duas semanas de férias e provavelmente muito sexo – dormiu quase imediatamente. Durante os primeiros momentos, todos conversaram, mas a conversa não demorou a cessar enquanto meus companheiros de viagem ou caíam no sono, ou colocavam fones para ouvir música. A voz de Pippa sem dúvida fazia falta, e essa ausência parecia ecoar em meus ouvidos. Ela pareceu pensativa durante a maior parte da viagem e de vez em quando lançava um olhar ao retrovisor. Mais sorrisos fáceis, mais sinais amigáveis.

Trocamos de posições depois que paramos para abastecer e eu me sentei no lugar vazio ao lado de Pippa. As florestas se transformaram em campos gramados, que abriram caminho para vicinais e depois largas rodovias. As rodovias nos levaram a ruas ladeadas por prédios altos, cobertas com carros, com pessoas por todos os cantos. Pippa continuava perceptivelmente calada. O conforto tranquilo que encontrei ao seu lado durante toda a semana desapareceu e, em seu lugar, havia agora um silêncio palpável, mais eloquente a cada quilômetro, até parecer que havia outra pessoa sentada entre nós.

Eu olhava desatento enquanto deixávamos uma rua e entrávamos na próxima, uma enorme quantidade de pensamentos aleatórios se passavam em minha cabeça. Eu me perguntava se Pippa ficaria feliz ao chegar em casa. Faria sentido.

Sua vida estava na Inglaterra: suas mães, seu apartamento e seu emprego. Porém, todas as coisas das quais ela queria escapar também estavam lá, inclusive a bunda branquela de Mark, como ela costumava dizer.

O que me levou a pensar em por que Pippa viera parar aqui. A situação havia sido muito difícil para ela, difícil a ponto de ela expulsá-lo do apartamento que os dois dividiam e literalmente atravessar todo um oceano para se distanciar. Eu devo ter sido, na melhor das hipóteses, um namorado distraído e aparentemente um marido ainda pior, mas eu jamais trairia uma mulher. Pippa era cheia de vida e inteligente, divertida e linda, e eu sentia uma satisfação enorme por ela rapidamente ter percebido que Mark não a merecia e que ele a tinha perdido para sempre.

Todavia, eu sabia que haveria outros. Levei a mão ao peito e esfreguei o aperto inesperado que senti ali. Era impressionante notar que, enquanto a ideia de Becky ter outro namorado – ou a realidade de ela ter mesmo se casado com outro homem – não me incomodava, a ideia de Pippa sair com alguém em Londres caía como uma bomba em meu estômago.

Isso não quer dizer que não foi difícil pra caralho perder Becky, mas a dor imediata foi muito curta. O que ficou foi *a forma como* ela se foi – e meu completo desnorteamento por causa disso – e não a ausência em si.

Pippa era diferente. Era uma carga elétrica, um brilho de luz. Apaixonar-se por Pippa e vê-la ir embora era como se alguém apagasse o sol.

Pela primeira vez, realmente senti pena de Mark.

O carro parou e eu pisquei, olhando em volta, percebendo que tínhamos estacionado na frente do hotel de Niall e Ruby. Saímos do carro e eu fui até o porta-malas, ocupando-me de tirar as bagagens dos dois e reorganizar as outras malas.

Troquei um aperto de mãos com Niall e dei um abraço em Ruby, sorrindo por sobre seu ombro. Ruby sabia abraçar. Ela e Pippa se despediram, trocando promessas de se falarem assim que Pippa chegasse à Inglaterra.

E a pressão em meu esterno voltou.

Todos estavam acordados e claramente mais alertas quando entramos outra vez na van, mas a ausência de Ruby e Niall pesava no ar. Vi Ziggs verificando o celular de Will e rindo das mensagens cada vez mais ansiosas de Bennett. Eu sabia que o meu telefone estava na mochila aos meus pés e provavelmente já tinha sinal outra vez, mas o deixei ali. Eu tinha consciência de que, quando eu começasse a ler e-mails e ver minha agenda, seria impossível voltar atrás.

– O que nossos futuros papais têm feito? – perguntei, ansioso por pensar em alguma coisa que não fosse o trabalho ou a tensão que eu sentia irradiando de Pippa. – Bennett já saiu correndo e gritando pelas ruas no meio da noite?

– Quase – Ziggy respondeu, vendo as mensagens antes de começar a de fato ler. – “Chloe quer conversar sobre parto na água, ela quer trazer o bebê a um mundo sereno, sem barulhos ou vozes estridentes.” E aí Max respondeu dizendo: “Sem barulhos ou vozes estridentes? Chloe já se deu conta de que esse bebê vai viver na casa de vocês dois?”

Ziggs começou a gargalhar e Will pegou seu celular.

– Estou tentando imaginar Bennett e Chloe sendo pais – falou. – Bennett e seus ternos imaculados e aquele sofá branco no escritório. Alguém consegue imaginá-lo usando um canguru e ajudando a criança a assoar o nariz?

– Mal posso esperar para ver! – minha irmã falou. – Estou um pouco triste por morarmos longe e só podermos ver por mensagens e FaceTime.

– Você não disse que planejava passar o Natal lá? – perguntei. – Ou pelo menos uns dias depois que o bebê chegar?

Will virou à direita e parou quando um grupo de crianças de bicicleta atravessou a rua à nossa frente.

– O plano é esse. Espero que ela e Sara tenham seus filhos em datas próximas, assim podemos vê-los todos em uma viagem só. Não é, Pippa? – Will perguntou, olhando por sobre o ombro dela.

Pippa assentiu, subitamente mais alerta.

Na verdade, seu avô morava a não mais do que vinte minutos da minha casa. Agora estávamos diante de uma casa simples, de tijolinhos à vista, em uma rua repleta de árvores. E Pippa praticamente se lançou para fora da van, indo ao lado do banco do motorista para abraçar Will antes de seguir para o lado de Ziggy e lhe dar um abraço apertado e demorado.

Relutante, arrastei-me pelo banco para sair do veículo e logo percebi que minha irmã estava me observando.

É claro que estava.

Lancei um olhar de aviso para ela e saí da van para pegar a mala de Pippa. Eu não tinha a menor ideia de como agir nesse momento.

Sem dizer nada, Pippa passou à minha frente e seguiu pelo caminho até as escadas. Chegou à varanda, pegou uma chave em um tijolo ao lado da porta. Fui atrás dela.

– Seu avô está em casa?

– Ele deve estar no bingo – Pippa respondeu, abrindo a porta contra tempestades antes de enfiar a chave na fechadura.

– Quer que a gente espere com você? – perguntei.

Ela dispensou a oferta enquanto o ferrolho girava e a porta se abria à sua frente. Um cachorro latiu todo alegre em algum lugar dentro da casa.

– Não, não precisa. Ele deve voltar logo. Gosta de flertar com as senhorinhas.

Pippa pegou a mala e a colocou em algum lugar fora do meu ângulo de visão. O vento fez a porta contra tempestade querer bater e eu usei a mão para segurá-la.

Pippa olhou para a rua atrás de mim. O silêncio entre nós era uma novidade.

E eu não gostava nada, nada dessa novidade.

Por fim, ela me olhou.

– Eu me diverti – disse. – Eu me diverti muito.

Assenti, inclinando-me para beijar seu doce sorriso, que não deixava transparecer o menor sinal da tensão desconfortável que nos tinha acompanhado durante toda a viagem.

Era para ser um beijo suave, um tocar dos lábios, simples e caloroso. Mas eu me afastei apenas para voltar outra vez, seu lábio inferior preso entre os meus, uma leve chupada, um roçar dos dentes, e mais um pouco, e mais um pouco, cabeças inclinando e bocas se abrindo, línguas deslizando uma contra a outra. Senti embriaguez ao ser arrastado para dentro daquela familiaridade, abalado pelo calor que se arrastava em minha espinha, precisando de mais.

Com os olhos semicerrados, Pippa se afastou abruptamente. Deslizou um dedo pela boca, engoliu em seco.

– Está bem... – sussurrou, pálida.

Meu estômago se apertou. Aqui estávamos nós dois, dizendo o tão temido adeus.

– Eu preciso ir – falei, apontando por sobre o ombro. E acrescentei apaticamente: – Eu me diverti bastante.

Pippa assentiu.

– Eu também. Foi uma grande parceria. Me chame outra vez quando precisar de uma esposa falsa ou uma garota das férias. Parece que sou muito boa nesses papéis.

– Isso é um eufemismo. – Dando um passo para trás, corri as mãos outra vez pelos cabelos. – Foi um prazer conhecer você.

E... essa foi terrível.

Dei outro passo para trás.

– Tenha uma boa viagem até a sua casa.

As sobrancelhas de Pippa franziram e ela me deu um sorriso cheio de incerteza.

– Pode deixar.

– Tchau.

– Tchau, Jensen...

Minha garganta se apertou, eu me virei e corri até a van.

Hanna continuava me observando.

– Isso foi... – ela falou.

Na defensiva, eu a encarei e apertei o cinto de segurança.

– Isso foi o quê?

– Nada. Eu... ah, sei lá.

Eu detestava o fato de Ziggy enxergar a situação com tamanha clareza. Isso me deixava irrequieto.

– Nós íamos deixá-la aqui, não? – perguntei, ajeitando-me no banco. – Não era para eu dar um beijo de adeus?

– Eu quis dizer *depois* do beijo. Ontem à noite, você não jantou com a gente por causa dela. E agora você acaba de beijá-la e depois parecia que você estava agradecendo a mulher que fez a sua declaração de imposto de renda. Eu senti o desconforto ali.

– Ontem à noite, a gente estava de férias – rebati. – O que você esperava?

Will e Ziggs ficaram em silêncio.

– Nós não vamos nos casar – lembrei-os duramente. – Não passamos duas semanas juntos e aí, de repente, chegamos à conclusão de que nos amamos.

No mesmo instante, eu me senti mal pelo meu tom. Ziggy não estava tentando me dizer como viver a minha vida, só estava me dizendo para viver. Ela só queria que eu fosse feliz.

E eu era.

—

Acenei pela janela do carro para Will e Ziggs antes de deixar a garagem. Quatro minutos depois, estava estacionando na frente da minha casa.

Minha casa. Caramba, era bom estar aqui, sozinho em meu espaço pessoal e cercado pelas minhas coisas, com Wi-Fi e sinal de celular, como Deus planejou para a humanidade.

O outono estava com toda a sua força, deixando mais folhas no chão do que nas árvores. Enquanto subia a escada, tomei nota para ligar para o jardineiro e reservar algumas horas para limpar tudo no fim de semana.

Soltei as chaves em um pequeno vaso sobre a mesinha na entrada e deixei a mala perto da porta, dedicando um instante para desfrutar do silêncio.

O relógio do meu avô tiquetaqueava na sala de jantar e um trator roncava em algum lugar afastado, mas, fora isso, o silêncio reinava.

Talvez – e eu não conseguia acreditar que estava dizendo isso – silêncio em excesso.

Foda-se.

Eu estava em casa, sem os sapatos, pronto para vestir uma calça de pijama e pedir comida e ver uma cerveja à minha frente. Peguei o controle da TV para ligá-la antes de ir para a cozinha. Minha pilha de cardápios de restaurantes delivery deslizou facilmente pela bancada, em uma pasta de plástico. Em minha mão, eles pareciam desgastados e familiares.

Isso era bom, não era? Descanso na viagem, descanso no caminho até em casa.

Eu não me sentia tão relaxado há anos.

Algumas horas mais tarde, enquanto eu colocava a última pilha de roupas sujas na máquina de lavar, a campainha tocou.

Abri a porta e congelei.

Eu não estava esperando isso.

– Becky? – falei, e parei, porque em meu cérebro não brotava nenhuma frase que não fosse: “Que porra você está fazendo na minha varanda?!”

Ela ergueu a mão e acenou desajeitadamente.

– Oi.

– Oi? – falei confuso. – O que você está fazendo aqui?

– Estamos visitando a minha família... – ela começou a explicar.

– Quero dizer, o que você está fazendo *aqui*?

– Eu... hum...

Ela raspou a garganta e só então notei que Becky usava um casaco fino, que eu podia ver seus seios no ar frio à sua frente. Devia estar congelante lá fora. Porra.

– Entre – falei, dando um passo para trás, dando muito espaço para ela passar por mim.

Becky parou assim que entrou, levando alguns segundos para olhar em volta. Provavelmente reconheceu parte da mobília. A mesinha de canto. A luminária na mesa da entrada. Becky não tinha levado nada quando fora embora, exceto algumas malas cheias de roupas e algumas pinturas que sua avó tinha nos dado.

Eu ainda comia nas louças do nosso casamento. Porra! Um presente do meu irmão Niels; minha família não me deixou devolvê-las. Talvez eu devesse mudar isso.

– Vocês foram embora antes de o passeio terminar – ela comentou, virando-se para me encarar.

Assenti, enfiando as mãos nos bolsos da calça de moletom.

– É, a gente saiu meio que por impulso.

– Foi porque Cam e eu estávamos lá?

Dando de ombros, respondi:

– Em parte. Mas a verdade é que aquele passeio não era o nosso tipo de

diversão, depois percebemos.

O silêncio ecoava entre nós e seus olhos estudavam as paredes e a sala de estar, a cozinha, e foi aí que percebi meu erro.

– Onde está Pippa? – ela quis saber.

Uma risadinha me escapou. Eu estava cansado demais pra continuar com essa historinha.

– Pippa está... – comecei, mas logo me dei conta de que eu não tinha que explicar nada. – Ela não mora aqui.

Confusa, Becky piscou os olhos.

– Nós não somos casados – esclareci de forma bem direta.

– Como é que é? – ela se espantou, olhos arregalados.

– A gente só estava... só estava se divertindo.

Passei a mão pelos cabelos e percebi que Becky estava outra vez estudando o cômodo.

– Por que vocês inventaram toda essa história? – ela quis saber, olhando outra vez para mim. – Os dois pareciam um casal, agiam como...

– Nós *estávamos* juntos – respondi com uma leve pontada de desconforto.

– Mas não são casados?

– Eu só... – Mas me calei, percebendo que não valia a pena discutir esse assunto. – Becky, desculpa, mas há algum motivo para você estar *aqui*?

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas logo a fechou outra vez, sacudindo a cabeça e dando uma risadinha.

– Eu queria me despedir – enfim explicou.

– Você veio até aqui porque não tinha conseguido se despedir de mim durante a viagem?

Becky fechou a cara, claramente percebendo a ironia.

– Bem, e... a gente não teve tempo para conversar. Só nós dois. Cam está me encorajando a tentar me comunicar melhor. Você tem uns vinte minutos? Eu só... – Ela se virou e foi mais adiante na sala, esfregando as mãos nos cabelos antes de voltar a olhar para mim. – Tem tanta coisa que eu quero dizer.

Tenho certeza de que o silêncio pesado que se instalou não era o que ela esperava. Quase tive vontade de rir. Se alguém tivesse me perguntado há cinco anos – ou talvez há apenas dois anos – se eu tinha alguma coisa a dizer para a minha ex-esposa, eu poderia escrever uma dissertação inteira.

E, para dizer a verdade, eu certamente tinha muito a dizer naquela noite com Pippa na vinícola, gritando para o céu enquanto éramos ensopados pela água que vinha de todas as direções. Mas agora eu me sentia estranhamente vazio. Não estava bravo nem triste. Eu tinha deixado aquelas partes de mim na vinícola e, a essa altura, só Pippa as conhecia.

– Se quiser conversar... – Fiz uma pausa e logo me corrigi, para deixar bem claro: – Quero dizer, se *você* achar que conversando vai se sentir melhor...

Ela deu um passo mais para perto.

– Sim, acho que agora eu posso explicar.

Não consegui conter o breve riso que passou por meus lábios.

– Becks, *agora* eu não preciso que você me explique nada.

Seu rosto foi tomado pelo choque e ela balançou a cabeça como se não estivesse entendendo.

– Acho que a gente nunca realmente discutiu o assunto – explicou. – Eu nunca admiti como me senti mal por deixá-lo da forma como deixei.

Afastei-me um pouquinho, percebendo ainda agora como ela só sabia focar em si mesma.

– E você acha que seis anos depois de terminarmos é uma boa hora para acertar as coisas?

Ela gaguejou alguns ruídos de protesto.

Dei de ombros, deixando claro que eu não podia fazer nada.

– Quero dizer... Se você quiser tirar esse peso do peito, eu posso ouvir. – Sorri para ela. – Não estou dizendo isso porque fiquei amargurado ou porque quero feri-la, mas é a verdade. Não há nada que você precise explicar para mim, Becks. Eu não vivo mais diariamente com esse assunto.

Ela se sentou no sofá, enfiou uma perna por debaixo da outra e olhou para as mãos. Era estranho observar um perfil que no passado me era tão precioso e que agora só parecia... conhecido.

– As coisas não estão acontecendo como eu esperava – admitiu.

Fui até o sofá e me sentei ao seu lado.

– Não sei o que você quer que eu diga – admiti baixinho. – Como você esperava que as coisas fossem acontecer?

Ela se virou para me olhar.

– Acho que senti que eu devia algo para você e que para você seria um alívio me ouvir dizer isso. Fico contente por você não *precisar* – falou em voz baixa. – Mas eu não tinha me dado conta de que *eu* precisava até vê-lo durante as férias.

Assentindo, eu disse:

– Bem, o que é que você precisa dizer?

– Eu queria dizer que estou arrependida – admitiu, olhando-me nos olhos por alguns segundos antes de voltar a analisar suas próprias mãos. – A forma como eu fui embora foi horrível. E eu queria dizer que a culpa não foi sua.

Dei uma risada irônica.

– Acho que isso foi parte do problema.

– Não – reafirmou, erguendo outra vez o olhar. – Eu quero dizer que você não

fez nada errado. Eu não deixei de amá-lo. Só achei que éramos novos demais.

– A gente tinha 28 anos.

– Eu quis dizer que ainda não tínhamos *vivido*.

Eu a observei, sentindo a verdade em sua declaração. Senti minha respiração se apertar quando me lembrei de Pippa dizendo basicamente a mesma coisa na semana passada, mas de forma muito mais direta, com confiança, com sabedoria.

Becky tinha deixado sua casa e se mudado para o dormitório da faculdade e depois para viver comigo. Com sua tendência a ser toda protegida, nunca buscara aventura. E eu imaginei que ela nunca fosse querer procurar aventura.

– Entendo tudo o que você está dizendo, em retrospectiva obviamente – ela disse em voz baixa. – Mas eu vi a vida que havia à minha frente, e era uma vida contente e fácil, mas não muito interessante. – Becky puxou um fio solto em sua manga, mas o fio era um pouco mais longo do que ela esperava, imagino, porque ela o levou até a boca para arrancá-lo. – Aí pensei em você e nessa pessoa com quem eu estava casada, um homem pronto para conquistar o mundo, e eu sabia que, em algum momento, um de nós ficaria completamente louco.

Suas palavras me fizeram rir e ela me olhou outra vez, agora um pouco aliviada.

– Não estou dizendo perder a sanidade – explicou. – Estou falando de traição, ou crise da meia-idade, coisas desse tipo.

– Eu jamais a trairia – rebati imediatamente.

Seus olhos se suavizaram um pouco.

– Como você pode ter certeza? Quanto tempo levou para deixar de me amar?

Não respondi, e meu silêncio deu a Becky o que ela precisava.

– Você pode realmente me dizer que não está melhor agora?

– Você não está me pedindo que agradeça, está? – falei incrédulo.

Ela apressou-se em negar com a cabeça.

– Não. Só estou dizendo que vi que minha base era frágil. Eu me vi enlouquecendo em algum momento. Ou talvez esse tenha sido o momento em que enlouqueci. Mas, por algum motivo, eu sabia que nós não ficaríamos juntos para sempre. Sabia que a gente se amava o suficiente para superar os percalços comuns, estresses temporários como mudanças na carreira ou ter filhos. Mas a gente não se amava o suficiente para superar o tédio e eu temia que você se sentisse completamente entediado comigo.

Eu me perguntava se isso explicava Cam, se ela o achava um homem mais simples do que eu. Também me perguntei como deveria me sentir com relação a tudo: lisonjeado por ela me enxergar de forma tão positiva ou constrangido por ela se valorizar tão pouco.

– Você está feliz com ele? – perguntei.

– Estou. – E, quando ela me olhou, seu sorriso era sincero. – Estamos pensando em ter filhos. Já viajamos muito desde que nos conhecemos. Inglaterra, Islândia, Brasil. – Balançando levemente a cabeça, ela acrescentou: – Ele tem um bom emprego. Não precisa que eu trabalhe. Só quer que eu seja feliz.

Becky nunca gostou de muita pressão.

E isso me levou a me questionar se eu passava a imagem de um homem que precisava de uma esposa disposta a competir comigo, se isso teria levado Becky a pensar que ela jamais poderia vencer.

A verdade era que talvez eu de fato precisasse disso. E talvez ela jamais tivesse saído vitoriosa. Mas como eu saberia?

E, a essa altura, que importância tinha isso? Eu era mais velho agora. Queria alguém cuja presença demandasse mais espaço em meus pensamentos e em meu coração. Quando pensei em como eu havia descrito Becky para Pippa, percebi como tudo soava tão genérico.

Ela era gentil.

A gente se divertia.

Eu não estava escondendo nada. Eu só não lembrava muito mais do que o fato de que era agradável estar com Becky. Porque Becky estava certa; a gente ainda não tinha vivido. Nenhum de nós tinha.

– Você se sente melhor? – perguntei.

– Acho que sim – ela respondeu, respirando fundo e expirando com as bochechas avermelhadas. – Mas ainda não consigo entender por que você fingiu estar casado com Pippa.

– Não é tão complicado assim. – Estendi a mão e cocei a sobrancelha. – Quando vi você, eu entrei em pânico. – Dando de ombros, acrescentei: – E aí essa história simplesmente surgiu. E, quase imediatamente depois, percebi que eu estava bem, que não era tão difícil assim ficar perto de você. Mas, a essa altura, era mais fácil mentir. Eu não queria deixá-la constrangida. Nem me constranger.

Ela assentiu e continuou assentindo por alguns segundos, como se estivesse processando as informações.

– Eu preciso ir.

Levantei-me depois dela e a segui até a porta.

Essa conversa inteira foi ao mesmo tempo estranha e totalmente banal. Quando abri a porta para ela, percebi que Cam estivera o tempo todo na calçada.

– Você devia tê-lo convidado para entrar – falei, incrédulo ao ouvir minhas próprias palavras. – Ele ficou 45 minutos sentado aí fora, no frio.

– Cam está bem. – Ela estendeu a mão e me deu um beijo na bochecha. –

Fique bem, Jens.

—

Soltei o corpo no sofá sentindo como se tivesse acabado de correr uma maratona.

Era cedo, cedo demais para ir dormir. Mesmo assim, desliguei a TV, apaguei as luzes e finalmente tirei o celular da mochila. Vou programar o despertador, mas não vou ver meus e-mails, disse a mim mesmo. Eu leria meu livro e depois iria para a cama.

E não pensaria em Becky, em Pippa e em nada disso.

Uma mensagem de texto fez a tela do meu celular acender. Era de Pippa.

“Vovô é adorável e quer que eu jante com ele amanhã às três horas da tarde. Às TRÊS HORAS, Jensen. Às sete e meia, vou estar morrendo de fome. Por favor, jante comigo no horário em que adultos normais jantam?”

Fiquei olhando para a tela.

A ideia de jantar com Pippa era interessante. Ela me faria rir, talvez até viesse aqui, à minha casa. Mas, depois de Becky e de imaginar o pesadelo que me aguardava amanhã no trabalho, não sabia se eu seria uma boa companhia.

Para colocar de forma bem direta, eu estava cansado. Simplesmente não podia lidar... com nada agora.

E me senti horrível antes de responder:

“Esta semana vai ser uma loucura. Talvez na próxima?”

Joguei o telefone de lado, sentindo uma leve náusea.

Meia hora depois, indo para a cama, olhei o telefone para saber se havia alguma resposta. Não havia.

Quatorze

PIPPA

Meu avô me entregou uma tigela de aveia e meu cérebro atabalhado precisou de vários segundos para se dar conta de que a cerâmica estava *pelando*.

Grunhindo, rapidamente a coloquei no balcão ao meu lado, agradecendo-o distraidamente.

– Vocês, *millennials*, só sabem ficar olhando para o celular – resmungou.

Pisquei os olhos e observei enquanto ele ia até a mesa da cozinha e se sentava para cutucar o que havia dentro de sua tigela.

– Desculpa – falei, apagando a tela. – Eu devo estar boquiaberta como uma cobra que abriu toda a mandíbula para comer uma criaturazinha.

Soltei o celular e me juntei a ele na mesa. Ficar olhando embasbacada para o telefone não mudaria a mensagem da noite passada.

“Esta semana vai ser uma loucura. Talvez na próxima?”

Claro, seu tarado, mas na próxima semana eu não estarei aqui.

– Eu sou uma *millennial*? – perguntei, sorrindo para ele em uma tentativa de afastar minha irritação e confusão. – Sempre me senti algo no meio disso. Nem X, nem Y, nem *millennial*.

Ele olhou para mim e sorriu.

– Faz doze horas que você voltou e eu já sinto que isso aqui vai virar um silêncio enorme quando se for.

Já está um silêncio enorme, pensei. Uma semana em uma casa com seis pessoas e ter tanta companhia já tinha se tornado a norma.

– O que acha de... – comecei a dizer antes de engolir uma colherada de aveia.
– De eu deixar o celular aqui e nós dois assistirmos a um filme?

Meu avô assentiu enquanto levava uma caneca de café à boca.

– É um plano e tanto, minha netinha.



A rua deslizava por baixo do carro e o preenchia com um chiado constante.

Eu tinha uma cutícula horrível no meu dedo médio esquerdo.

Minha saia precisava ser lavada.

Meus sapatos estavam se desfazendo.

Achei que tinha entendido aquele “foi um prazer conhecer você” quando ele me deixou em casa, mas eu alimentava a esperança de que fosse apenas nervosismo ou o desconforto por Hanna estar nos observando tão atentamente. Não foi. Aquele não foi um beijo de “a gente se vê depois”, e sim um beijo de adeus.

Jensen era um cafajeste.

Já tinha esquecido como é horrível me sentir chutada.

– Já percebi que não a conheço tão bem quanto antigamente – meu avô comentou com todo o cuidado. – Mas você passou o dia todo muito quieta.

Olhando para ele, dei um sorriso sincero. Era impossível negar, e nem mesmo ter saído para assistir a um documentário com cenas lindas sobre a migração de pássaros na África me impediu de pensar em Jensen e na rejeição de ontem à noite.

Não que eu esperasse mais, mas nossa relação havia realmente se transformado em algo mais. Eu sabia que não estava imaginando coisas. Confiava demais em minha interpretação dos fatos para acreditar nisso.

– Desculpa – falei.

– É a décima vez que você pede desculpas hoje – ele constatou, franzindo a testa. – E, se tem uma coisa que sei a seu respeito, é que você não fica se desculpando compulsivamente.

– Descul... – Mas me contive, me entregando a mais um sorriso. – Ops.

Ele olhava estoicamente para a estrada à nossa frente.

– Já me disseram que sou péssimo ouvindo as pessoas – brincou. – Mas estou preso com você dentro de um carro. – Suavizando sua voz, acrescentou: – Sou todo ouvidos, meu amor.

– Não, não aconteceu nada – comecei a dizer, virando-me ligeiramente no banco do carro para encará-lo. – Mas sabe esses celulares que você tanto odeia? Eu também os odeio agora.

Olhando rapidamente para mim, meu avô perguntou:

– O que aconteceu?

– Acho que fui dispensada via celular.

Meu avô abriu a boca para falar, mas eu continuei, esclarecendo:

– Não que Jensen e eu estivéssemos juntos. Mas, de certa forma, acho que... estávamos?

Estremeci.

– Jensen?

– O cara com quem conversei no avião. Ele é irmão de Hanna.

Meu avô deu risada.

– E Hanna é...?

– Desculpa – falei, e imediatamente também dei risada. – Hanna é a esposa do parceiro de negócios do cunhado de Ruby.

Ele me olhou com apatia antes de se concentrar outra vez na estrada.

Acenei com a mão de modo a deixar claro que não era fundamental que ele entendesse toda a rede de relacionamentos.

– É um grupo gigante de amigos, e eu viajei com alguns deles: Ruby e Niall, Will e Hanna. Jensen é o irmão mais velho de Hanna e ele foi com a gente.

– Então eram dois casais e você e o irmão de Hanna? – meu avô perguntou, franzindo a testa. – Acho que posso imaginar o que está acontecendo.

– Para dizer a verdade, não quero dividir informações demais aqui – expliquei. – E, como falar demais é meu superpoder, talvez eu tenha que fisicamente cobrir a boca para não fazer isso, mas vou deixar claro que eu gostei dele. Acho que gostei muito dele. E, nas férias, por duas semanas, tive a sensação de que... ele talvez também gostasse de mim. Mas, agora que entrei em contato e disse que queria vê-lo mais uma vez antes de ir embora, ele... – Franzindo a testa, murmurei: – Bem, ele tem que *trabalhar*.

– Trabalhar... – meu avô repetiu.

– Todas as horas do dia, aparentemente. Ele trabalha demais e não pode nem mesmo sair para jantar tarde da noite comigo.

Meu coração pareceu se dissolver dolorosamente dentro do peito.

– Então... – falou, deixando claro que tinha entendido. – Então ele ficou com você durante essas duas semanas de viagem, mas, depois que voltou à vida normal, não tem tempo.

Droga. Já chega.

– É mais ou menos isso. Estávamos em sintonia, mas, de repente... não estávamos mais.

Meu avô entrou na rua arborizada da casa onde Coco passou a infância.

– Bem, então acho que é hora de tomar um uísque.



Por volta de sete horas, eu já tinha tomado uma quantidade suficiente de uísque na varanda com meu avô. Então, quando meu telefone acendeu com o número de Hanna, não tive certeza de que seria boa ideia atender.

Mas aí meu estômago se apertou um pouco com o sentimento de culpa, porque eu não queria ignorar sua ligação. Afinal de contas, Hanna estava fazendo o que eu queria que fizéssemos: ligar uns para os outros, manter contato.

– Hanna! – falei, atendendo enquanto me levantava, indo até o outro lado da varanda.

– Nossa! – ela falou sem sequer me cumprimentar. – É tão bom ouvir a sua voz. Tenho a sensação de que estamos todos enfrentando a abstinência hoje!

Dei risada e senti meu humor melhorar. Talvez nem *todos* nós.

– Certamente – respondi com a voz mais tranquila que consegui.

– O que você vai fazer na noite de quarta-feira? Quer vir jantar com a gente? – Sem esperar a minha resposta, Hanna acrescentou: – Você fica em Boston até a próxima segunda-feira, certo?

– Vou embora no domingo.

Olhei para o meu avô, que estava sentado, tomando seu uísque e olhando serenamente para o grande gramado verde. Ele adorava a neta, mas adorava ainda mais sua tranquilidade. Prossegui com Hanna:

– Hum, deixe-me verificar minha agenda para quarta-feira.

Fingi abrir o aplicativo de calendário no celular, mas é claro que eu sabia que não tinha absolutamente nada marcado para essa semana, nada além de passar tempo na casa enorme de meu avô e passear sozinha por Boston. A ideia de ir a um jantar na casa de Hanna parecia perfeita.

Porém, e a possibilidade de Jensen aparecer, depois de me dizer que estaria ocupadíssimo a semana toda? Um pouco nauseante.

Infelizmente, eu não conseguiria vencer esse desconforto e perguntar se Jensen estaria lá, afinal, a última coisa que eu queria era conversar com Hanna sobre seu irmão ter transado comigo em todas as posições possíveis por duas semanas antes de me dispensar por mensagem de texto no celular. Jensen certamente não falaria com Hanna a meu respeito, a não ser que ela bisbilhotasse, e ela acreditaria que tudo estava indo bem. Eu também tinha certeza de que, embora fosse um cafajeste por ter enviado aquela mensagem – e isso não servia de desculpa para o seu comportamento –, Jensen provavelmente *estava* ocupado. Depois de ter passado duas semanas fora, as chances de ele ter tempo para ir à casa da irmã eram pequenas. Tudo daria certo.

– Estou livre na quarta-feira – respondi. – E adoraria ir.

Depois de concordarmos que eu apareceria em algum momento depois das sete e meia daquela noite, desligamos e eu voltei à minha cadeira de varanda, ao

lado do meu avô.

– Como está Hanna? – ele perguntou com uma voz tranquila, doce feito mel.

– Ela brincou que todos estamos sofrendo abstinência.

Senti seu olhar voltar-se para mim.

– E você está?

– Talvez por causa de todo o vinho que bebemos – brinquei, mas meu riso foi interrompido quando olhei amargamente para meu copo de uísque.

Meu avô pareceu não ter percebido a ironia.

– Você gosta mesmo desse tal Jensen, não?

Deixei a questão ecoar entre nós, criar raízes, me mostrar do que era feita. É claro que eu gostava dele. Não teria transado com Jensen se não gostasse dele. Nós éramos uma equipe. E nos divertimos.

Mas, droga, a situação ia além disso. Longe dele, eu sentia uma espécie de vazio, como se alguma bola de luz tivesse sido arrancada de mim, e essa sensação não vinha só porque a viagem tinha sido incrível e chegado ao fim. Era uma espécie de vazio doloroso, que tinha o formato do sorriso cuidadoso dele, das mãos grandes e famintas que desmentiam sua fachada tranquila. Tinha a forma do arco de seu quadril e de seu traseiro... *Ah, puta que pariu!*

– Sim, eu gostei mesmo dele.

– Você veio aqui por causa de um namoro fracassado, e veja só onde foi parar.

Eu só podia amar meu avô por ser tão extremamente direto.

– Certíssimo – murmurei dentro do meu copo.

A sensação era pior? Era menos humilhação e mais mágoa. A humilhação vinha acompanhada de um fogo cheio de raiva. A mágoa só tinha... uísques e avôs e as mães me esperando em casa.

E, Deus, como eu sentia falta delas agora!

– Amar não é nenhum crime, sabia? – ele disse.

Essa frase atraiu meu interesse. Meu avô havia trabalhado a vida toda como supervisor em um estaleiro. Ganhava um salário decente, mas era um trabalho duro, o tipo de posição que pedia alguém sem emoções muito turbulentas.

– Eu sei – falei com sinceridade. – Mas, na verdade, eu me sinto terrível por essa coisa com Jensen, por mais que tenha sido curta. Porque, muito embora só tenha durado algumas semanas, ele foi autenticamente bom. Autenticamente bondoso e atencioso. Jensen vai ser muito bom para alguém e fico triste porque esse alguém não vou ser eu.

– A gente nunca sabe como as coisas serão no futuro. Eu passei 57 anos com Peg – meu avô falou baixinho. – Nunca esperei que ela fosse me deixar, mas ela me deixou.

Eu nunca tinha ouvido a história de como ele e a mãe de Coco se conheceram,

e a emoção em sua voz me pegou desprevenida.

– Onde vocês dois se conheceram?

– Ela estava na lanchonete do pai dela, trabalhando atrás do balcão. – Ele mexeu a bebida âmbar em seu copo. – Eu pedi um milk-shake e observei a forma como ela erguia o copo de metal, pegava o sorvete, acrescentava o leite. Eu nunca tinha dado atenção a isso antes, mas cada um de seus movimentos me fascinava.

Fiquei totalmente paralisada, com medo de interromper o que ele estava dizendo, afinal, aquilo parecia uma verdade tão profunda, algo que me explicaria o que eu estava ou não estava sentindo. Uma coisa capaz de me afastar do meu próprio tormento.

– Ela me entregou o milk-shake e eu paguei, mas, quando ela veio me devolver o troco, falei: “Quero que use seu cabelo assim no nosso casamento”. Eu nunca a tinha visto antes, mas eu sabia. E nunca tinha dito algo assim a uma garota. Nunca mais falei a ela o que usar ou que deixasse o cabelo daquele jeito, por 57 anos. Mas, naquele dia, eu queria que ela tivesse a mesma aparência quando se tornasse a minha esposa.

Ele tomou um gole e apoiou o copo no enorme braço da poltrona.

– Passei um ano sem vê-la, sabia? – continuou.

Neguei com a cabeça.

– Eu nunca soube de nada disso.

– É verdade – ele confirmou, assentindo. – Ela acabou deixando a cidade para fazer faculdade logo depois daquele dia na lanchonete. Mas voltou no verão, com um aluno que a seguia de um lado a outro como um cachorrinho. Não posso dizer que eu o culpava. Ela me viu e eu lancei um olhar significativo para seus cabelos. Ela estava com aquele mesmo penteado que adorava usar naquela época. E aí sorriu. Acho que foi nesse momento que a mágica aconteceu. A gente se casou no verão seguinte. Quando ela morreu, eu não conseguia parar de pensar naquele primeiro dia. Era como se algo coçasse em meu cérebro. Eu não conseguia lembrar como ela tinha prendido os cabelos nos dias antes de morrer, mas lembrava como seus cabelos estavam no primeiro dia em que a vi.

Nunca na vida eu tinha ouvido meu avô contar tanta coisa de uma única vez. Se a tagarelice havia sido distribuída pela família, eu certamente fiquei com a maior parte. Mas aqui, com meu avô, eu me peguei totalmente em silêncio.

Olhando para mim, ele prosseguiu:

– E era porque não importava. No começo, o amor é uma coisa física. Você nunca tem o suficiente. Todo mundo adora falar da paixão como se ela fosse amor, mas todos sabemos que não é. A paixão se transforma em algo diferente. Peg tornou-se parte de mim. A ideia de que você passa a amar uma pessoa

parece boa, mas não é. Não consigo ir a um restaurante sem ter vontade de saber se ela gostaria de comer ovos beneditinos. Não consigo pegar uma cerveja sem instintivamente pegar a jarra de chá gelado para levar para ela. – Ele respirou fundo, olhou outra vez para a rua. – Não consigo ir para a cama a noite sem esperar seu corpo do outro lado do colchão.

Estendi a mão e acariciei seu braço.

– A verdade é que... – continuou, agora com a voz mais embargada. – É difícil viver sem ela. Muito difícil. Mas eu não mudaria nada, nadinha mesmo. Quando eu disse aquilo para ela, no primeiro dia na lanchonete, ela abriu um sorriso enorme. E queria a mesma coisa naquele instante, mesmo que tenha deixado de querer por um tempinho, quando sua vida ficou corrida demais, diferente demais. Mas a paixão cresceu e cresceu e se transformou em algo melhor. – Ele olhou outra vez para mim. – Sua mãe, Colleen, tem disso. Sei que nem sempre entendo suas escolhas, mas tenho certeza de que ela ama Leslie da forma como eu amava a sua mãe.

Senti o queimar das lágrimas em meus olhos enquanto imaginava o quanto Coco adoraria ouvir meu avô reconhecer isso.

– E quero que você também tenha algo assim, Pippa. Quero um cara que note tudo em você quando se conhecerem, mas que perceba tudo o que está faltando quando você não estiver por perto.



Will atendeu a porta pouco depois das seis horas na quarta-feira, mas Hanna veio logo atrás, atravessando o corredor acompanhada por uma cachorra enorme, de pelagem amarelada.

– Pippa! – ela cantarolou, me abraçando.

Quase fomos derrubadas pela cachorra, que pulou e apoiou as patas nas costas de Hanna.

– Vocês têm uma *cachorra*? – perguntei, abaixando-me para acariciar a orelha da criatura quando Hanna deu um passo para o lado.

– Esta é Penrose! Ela ficou as duas últimas semanas na casa dos meus pais, por causa da festa de aniversário e da viagem. – Ela fez um sinal para a cachorra abaixar e, quando Penrose obedeceu, Hanna puxou um petisco do bolso de sua blusa. – Ela tem um ano, mas ainda estamos trabalhando no adestramento.

Hanna lançou um sorriso para Will por sobre meu ombro.

– Suponho que esse nome seja uma homenagem ao famoso matemático? – arrisquei, sorrindo.

– Isso! Finalmente alguém que aprecie o nosso lado nerd! – exclamou,

guiando-me pelo corredor, em direção à cozinha. – Venha, eu estou morrendo de fome!

Como já tinha vindo aqui duas vezes, eu estava familiarizada com a disposição dos cômodos. Mas, dessa vez, a casa parecia mais... um lar, muito embora não houvesse uma multidão de crianças gritando e a expectativa de longas férias no ar. Em vez disso, havia apenas sinais de Will e Hanna, em casa, ao fim do dia: a capa do laptop dela dependurada no corrimão e a mesa do escritório de Will – no final do corredor – lotada de papéis, publicações médicas e Post-its. Dois pares de tênis descansavam lado a lado próximo à porta principal. Uma pilha de correspondências esperava, ainda fechada, para ser analisada em uma pequena mesa no corredor de entrada. Na cozinha, o aroma delicioso de alguma coisa sendo marinada e o queijo derretendo no forno. Depois de um abraço apertado, Will voltou à ilha da cozinha e a dedicar sua atenção à salada que estava preparando.

E, notei, não havia nenhum outro convidado aqui. Estávamos apenas nós quatro na cozinha: Will, Hanna, eu e a adorável e estabaneada Penrose.

Devo perguntar?

– Como está o seu avô? – Will perguntou primeiro, colocando um punhado de pepino em uma tigela escura de madeira.

– Ele está bem – respondi. – E eu estou muito feliz pela viagem que fizemos. Adoro visitar meu avô, mas já sinto que estou incomodando. Acho que ele só gosta de receber visitas por alguns dias. É um homem apegado à rotina.

– Conhecemos alguém assim – Hanna comentou rindo, deslizando seu olhar na minha direção.

Bem, agora eu tenho que perguntar.

Depois de respirar fundo, arrisquei:

– Jensen vai jantar com a gente esta noite?

Hanna fez que não com a cabeça.

– Ele disse que precisa trabalhar.

Mas, de onde estava, Will ficou paralisado e lentamente olhou para mim.

Merda.

– Vocês dois não conversaram mais? – perguntou com uma voz cuidadosa.

– A gente... não.

Will arqueou as sobrancelhas.

– Depois... do chalé... eu imaginei que... pelo menos... – Mas deixou sua fala no ar e olhou para Hanna, que pareceu se dar conta de que sim, era estranho eu não saber se Jensen estaria aqui hoje.

Porém, eu não queria que isso se transformasse em drama. Sabia como Hanna podia ser com Jensen – adorável, mas uma mala – e Will também parecia querer

cada vez mais que nós dois formássemos um casal.

– Perguntei para ele no domingo, depois que voltamos para casa, se ele queria sair para jantar hoje à noite. Infelizmente, ele disse que está cheio de trabalho. – Fiz uma pausa e não consegui conter um sorriso irônico. – Ele sugeriu, por mensagem de texto, que tentássemos na próxima semana.

– Mas na semana que vem você vai ter ido embora – Hanna falou lentamente, como se houvesse algum detalhe que impedisse seu irmão de ser um cafajeste.

Assenti.

– Jensen vai a Londres na semana que vem? – ela quis saber, subindo a voz em uma oitava.

– Não que eu saiba.

Deus, que situação desconfortável! Se eu fosse sincera, havia mais do que apenas mágoa. Eu sentia também um pouco de humilhação. Adorava o fato de Hanna gostar de mim o suficiente para ignorar todos os motivos pelos quais Jensen e eu não poderíamos ficar juntos no longo prazo, entre os quais estava o fato de vivermos em continentes diferentes, mas havia uma pontada de dor por Jensen tão claramente não se importar comigo enquanto eu ainda estava na cidade, e agora todos nós sabíamos disso. E mais: eu gostava muito de Hanna e Will. Não queria que o que estava acontecendo – ou melhor, o que *não* estava acontecendo – arruinasse isso.

Ela pegou três copos e, por sobre o ombro, perguntou se eu queria vinho ou cerveja.

– Água? – propus, rindo. – Acho que já consumi álcool em quantidade suficiente para toda uma década.

Indo até a geladeira, ela rugiu:

– Estou tão brava com ele! Fiquei me perguntando quando a gente deixou você na casa do seu avô, mas esperava que...

– Sinceramente – falei –, não fique brava por mim.

Will balançou levemente a cabeça.

– Amor, não é da nossa conta.

– E isso alguma vez impediu Jensen de fazer alguma coisa? – ela perguntou, sua voz se tornando mais alta. – Aliás, fico feliz por ele ter se intrometido no passado, ou então eu não teria ligado para você!

– Eu sei! – ele afirmou com uma voz apaziguadora. – E concordo. E sei que está preocupada com o fato de ele estar sozinho. – Olhando para mim como quem queria se desculpar, Will falou: – Foi mal, Pippa.

– Eu não me importo – falei, dando de ombros.

E, francamente, eu não me importava. Na verdade, ouvir a frustração de Hanna me fazia sentir melhor, e não pior.

– Mas é que... – Hanna começou. – Eu quero...
– Sei que quer. – Will foi até ela e a abraçou por sobre os ombros, puxando-a para perto. – Mas venha – disse, beijando o topo da cabeça da esposa. – Vamos comer.



Will colocou uma fatia enorme de lasanha e um pouco de salada em um prato antes de entregá-lo para mim.

– Acho que esse prato pesa mais do que eu – brinquei enquanto o ajeitava sobre o jogo americano com estampas outonais à minha frente. – Se me disser que não posso deixar a mesa antes de terminar, vou acabar perdendo meu voo no domingo.

– A lasanha do Will é famosa – Hanna comentou, e aí enfiou uma garfada na boca. Depois de engolir, continuou: – Bem, é famosa aqui em casa. Comigo.

Dei uma mordida e entendi o motivo. Era a combinação perfeita de queijo, carne, molho e massa. Inacreditável.

– Não é justo você ser bonito e saber cozinhar – falei a Will.

Ele abriu um sorriso enorme.

– Também sou fantástico separando o lixo para reciclagem e varrendo o deque.

– Valorize o seu passe, querido – disse Hanna, dando risada. – Você também sabe limpar um banheiro sujo.

– Hum... – Também caí na risada. – Isso para não mencionar o fato de também ser uma mente brilhante dos investimentos e PhD, doutor Sumner.

Will e Hanna trocaram um olhar.

– É verdade – Hanna concordou, arqueando as sobrancelhas para ele.

– Está bem – eu disse. – Passei as duas últimas semanas com vocês. Mas está rolando alguma coisa que eu não saiba?

– Ontem à noite, decidimos que eu provavelmente vou deixar a firma em... – Ele olhou para Hanna em busca de ajuda e então completou baixinho: – No ano que vem ou algo assim.

– Mudança de carreira? Ou vai simplesmente parar de trabalhar? – perguntei em choque.

Eu sabia que Will trabalhava com Max, imaginei que fosse a situação profissional perfeita para todo mundo.

Hanna assentiu.

– Will não precisa ganhar mais dinheiro e... – Sorrindo para ele, completou: – Quando eu passar pelo período probatório, queremos ter filhos. Will quer ser um

pai que fica em casa com os filhos.

Balancei a cabeça, sorrindo para os dois.

– Não é estranho? Estar nessa posição quando as coisas começam a acontecer e todos os seus amigos estão casados e tendo filhos? Parece que acontece de repente. Todo mundo que eu conheço vai se casar no próximo verão. Em seguida, virão os bebês.

– De fato acontece de uma hora para a outra – Will comentou, rindo. – Lembro quando Max e Sara tiveram Annabel e todos nós ficamos: “Nossa, como funciona? Por que ela está chorando? Por que esse fedor?” Agora, Max e Sara já vão ter o quarto filho e todos sabemos trocar fraldas até com as mãos amarradas.

Hanna assentiu e acrescentou:

– E Chloe e Bennett estão se unindo a eles. Para mim, é o maior sinal de que estamos todos seguindo por esse caminho. Quando Chloe nos disse que estava grávida, eu pensei... está bem, é aqui que tudo muda. Da melhor maneira que se possa imaginar.

– É incrível – comentei, cutucando a comida no prato.

Senti uma leve melancolia – não por querer um filho ou um marido. Eu só queria uma pessoa específica aqui com a gente e a cadeira ao meu lado deixava clara a sua ausência.

– Para mim, isso tudo parece tão distante – comentei. – Não que seja ruim.

– Acho que às vezes Jensen sente a mesma coisa – Hanna respondeu como se estivesse lendo minha mente enquanto usava o garfo para mexer a salada. – Mas, nesse caso, acredito que... – Ela então parou de falar e suspirou. – Desculpa, estou me intrometendo outra vez.

Will deu risada.

– Está, sim.

– Mas talvez agora a situação melhore – arrisquei. – Depois de tudo aquilo com Becky? Jensen não falou nada sobre o que aconteceu, mas tenho a sensação de que foi muito catártico para ele perceber que não precisa de nada que venha dela.

– Concordo – falou Hanna. – Pareceu ser muito bom para ele. Eu estava pronta para me transformar no Hulk e acabar com ela, mas ele soube lidar melhor do que eu com a situação. E tenho certeza de que grande parte disso foi você.

– Eu concordo com ela – Will ecoou.

– É estranho eu ver Pippa e imediatamente pensar em Jensen? – Hanna olhou para o marido e, quando ele negou com a cabeça, ela voltou sua atenção para mim. – Vocês dois eram tão fofos juntos. Francamente, acho que nunca o vi tão feliz.

Limpei a boca com o guardanapo antes de falar:

– Não acho que seja estranho, mas acredito que “Jensen e Pippa” foi só um caso de férias. As férias eram, em grande parte, o motivo da felicidade dele.

Ela me olhou incrédula e pude perceber que não concordava com minhas palavras.

– Então você não se importa se terminar?

Pensar nisso fez um golpe de dor se espalhar por mim.

– Eu me importo, sim. Não quero que termine. – As palavras eram tão brutas a ponto de deixar meu peito um pouco dolorido. – Mas o que podemos fazer? Eu vivo em Londres.

Will resmungou com compaixão:

– Eu sinto muito, Pippa.

– Eu gosto dele – admiti, de repente desejando ter aceitado o vinho que Hanna havia oferecido. – Eu... queria que a gente continuasse. Mas, além da distância, não gostaria que ele precisasse ser *convencido* de nada. Não me sentiria bem se ele só me ligasse porque alguém mandou.

Hanna estremeceu um pouquinho com minhas palavras, mas compreendeu.

– Você já teve vontade de se mudar para cá?

Refleti sobre a ideia, guardando meus pensamentos por alguns instantes, muito embora minha reação imediata fosse um entusiasmo “sim”. Eu adorava a região de Boston, adorava a ideia de passar uma temporada em outra cidade, mesmo que isso significasse sentir saudade das minhas mães e de Ruby e dos meus outros amigos em Londres. Mas eu queria um desafio. E já tinha amigos aqui – pessoas que, no passado, eu queria conhecer, cuja estima me parecia ser um objetivo e que agora estavam ansiosas para passar tempo comigo.

Assentindo lentamente, falei:

– Eu me mudaria para cá por um bom emprego, ou mesmo um emprego que me permitisse levar uma vida confortável. – Olhei nos olhos de Hanna e percebi um leve brilho ali. – Mas não me mudaria por Jensen. Não assim.

Ela sorriu com culpa.

– Bem, eu tenho alguns contatos que esperam receber notícias suas quando você voltar a Londres. Alguns são da Harvard, mas também tem pessoas de algumas empresas na região de Boston.

Ela se levantou, foi até um aparador próximo à janela e pegou uma folha de papel dobrada.

– Aqui – disse ao me entregar o papel. – Se alguma dessas oportunidades interessar, os contatos estão aí.



Na garagem, depois de nos despedirmos, fiquei sentada no carro do meu avô durante alguns minutos. Havíamos feito planos de nos vermos outra vez no sábado, mas Hanna tinha quase certeza de que teria de ir ao laboratório para ajudar um dos seus alunos da pós-graduação, então a sensação era a de que eu tinha me despedido deles e que não nos veríamos tão cedo. Ruby e Niall tinham voltado a Londres havia alguns dias e eu os veria em breve, mas eu sentia mais do que aquela tristeza momentânea que surge no fim das férias. Sentia uma ligação com esse lugar e as pessoas daqui, e a ideia de voltar à chuvosa Londres, a um trabalho de merda, a ver um chefe ainda mais de merda, tudo isso me deixava... mal-humorada.

Fui pegar a chave em minha bolsa e me deparei com o papel que Hanna tinha me dado no jantar. Puxei-o e percebi que, na verdade, eram duas folhas, digitadas com espaço simples entre as linhas e *cheias* de nomes. Professores buscando alguém para cuidar de seus laboratórios, institutos com financiamento privado dentro do campus, empresas de engenharia procurando alguém para uma posição bem parecida com o meu emprego atual... Cada emprego descrito parecia ser uma possibilidade, e Hanna havia dedicado tanto tempo a isso. Se eu quisesse me mudar para Boston ou Nova York, havia pelo menos doze oportunidades para eu me arriscar.

Mas logo também vi a outra informação que ela havia me passado.

Estava digitada como o restante da página, então Hanna claramente queria incluí-la ali. Era como se ela soubesse que eu não tinha o endereço dele.

Olhei para a página. Só de ver aquele nome impresso em tinta preta, já me senti irrequieta. Eu queria ir até ele, sentir seus braços longos em volta do meu corpo. Queria um adeus que fosse mais parecido com um “te vejo em breve”, e não aquele “a gente se vê por aí” que tive no domingo e que – até agora – não havia sido superado.

Senti uma onda de “é agora ou nunca” se espalhar por meu sangue. Virei a chave na ignição e deixei a garagem. Porém, em vez de virar para a esquerda, virei para a direita.



Jensen morava em uma casa maravilhosa, em uma rua ampla e arborizada. O imóvel tinha dois andares estreitos, era de tijolinhos impecáveis à vista e ostentava uma porta perfeitamente pintada de verde. Em uma das laterais, a hera se espalhava como se tivesse sido recentemente podada, como se seus dedos delicados segurassem a ampla janela de moldura branca.

Uma luz estava acesa no cômodo da frente. Outra, em algum ponto mais ao

fundo da casa. Na cozinha, talvez. Ou na despensa. De qualquer forma, eu conhecia Jensen bem o suficiente para saber que ele não deixaria as duas luzes acesas se não estivesse em casa. Uma lâmpada ligada na casa vazia: bom para a segurança. Duas lâmpadas acesas em uma casa vazia: desperdício.

Um vento frio espalhou algumas folhas pela rua e várias delas passaram sobre meus pés, atraindo a minha atenção para o chão. Estava escuro. Já era tarde, então ninguém andava pela rua, não havia carros estacionados nas sarjetas.

Que diabos eu estava fazendo aqui? Buscando ser rejeitada mais uma vez? Não era exatamente verdade que eu não tinha nada a perder: ainda restava o meu orgulho. Vir aqui depois de ser dispensada por uma mensagem de texto certamente tinha um ar de desespero. A situação tinha mesmo chegado a esse ponto? Mark e seu traseiro branco não tinham me ensinado nada? Gemendo internamente, olhei outra vez pela janela. Será que eu tinha deixado Londres para superar um homem e realmente aberto meu coração para outro homem pisoteá-lo?

Pippa Bay Cox, você é muito idiota.

Deus, que pesadelo. Estava frio na rua e quente no carro. Talvez ainda mais quente em uma cafeteria no fim da rua, onde eu poderia comer meus sentimentos com um pouco de açúcar polvilhado. Um carro estacionou no meio-fio atrás de mim e percebi em que situação estranha eu me encontrava: parada na frente de uma casa, olhando pela janela. Ajeitei o corpo enquanto a pessoa ligava o alarme do carro e me virei, topando com um corpo rígido.

– Eu sinto mui... – comecei, mas logo minha bolsa caiu.

Atordoada, abaixei-me para pegá-la.

– Pippa?

Olhei para os sapatos marrons perfeitamente polidos no chão à minha frente, pensei na voz suave e gentil que havia pronunciado o meu nome.

– Olá.

E ainda não tinha me dado ao trabalho de me levantar.

– Oi.

Para qualquer um que observasse, tenho certeza de que eu parecia estar fazendo genuflexões aos pés de um homem de negócios, mas, se houvesse algum código secreto que eu pudesse usar para fazer a calçada se abrir e me engolir, eu teria usado, sem dúvida. Isso era... horrível. Muito lentamente, coloquei minhas coisas de volta na bolsa.

Ele se agachou.

– O que você está fazendo aqui?

Santo Deus.

– Hanna... – falei, enfiando a mão pela janela do carro para pegar a chave. –

Ela me deu seu endereço. Eu pensei que... – Balancei a cabeça negativamente. – Por favor, não fique bravo com ela. Saber que não haveria uma amante de lingerie com você lá dentro me deu a coragem necessária para passar aqui. Acho que eu queria vê-lo. – Quando ele não respondeu imediatamente e eu tive vontade de explodir em chamas, acrescentei: – Desculpa. Você me disse que estaria ocupado...

Uma mão enorme veio em minha direção, agarrou meu cotovelo e me puxou para perto. Quando vi o rosto de Jensen, percebi um leve sorriso ali.

– Não precisa se desculpar – falou baixinho. – Eu só fiquei surpreso ao vê-la. Uma surpresa agradável.

Olhei para seu terno e depois para o seu carro.

– Está chegando agora em casa?

Ele assentiu e eu olhei para o meu relógio. Já eram mais de onze da noite.

– Você não estava brincando quando falou do trabalho... – murmurei antes de olhar para a casa. – As luzes estão acesas.

Ele assentiu.

– Elas têm *timer*.

É claro que as luzes da casa dele têm timer.

Dei risada.

– Entendi.

E, sem dizer mais nada, ele se inclinou, me abraçou e me puxou para perto, de modo que pudesse encostar seus lábios aos meus.

O alívio, o calor. Não havia qualquer tom de dúvida naquele beijo, apenas o roçar familiar dos seus lábios nos meus, as bocas se abrindo juntas, os golpes fortes da sua língua. Seus beijos se tornaram mais leves, mais breves, até haver apenas selinhos rápidos em meus lábios, em minha bochecha, em meu maxilar.

– Senti saudades – ele admitiu, beijando meu pescoço.

A exaustão ficava evidente na curva de seus lábios, no peso que parecia haver em suas pálpebras.

– Também senti saudades – falei, abraçando seu pescoço enquanto ele ajeitava o corpo. – Eu só queria falar um oi, mas você parece prestes a cair de cansaço aqui na calçada mesmo.

Jensen se afastou um pouquinho, olhou para mim e depois para a porta da casa.

– Eu *estou* prestes a cair, mas você não precisa ir embora. Entre. Passe a noite aqui.



Passamos em silêncio pelo andar inferior. Jensen segurava minha mão, me puxando com determinação até o banheiro da suíte máster – onde pegou uma escova de dente nova para mim. Depois de escovarmos os dentes, sorrindo em silêncio, fomos para o quarto.

Seu quarto era repleto de cores neutras: tons de creme e azul combinando com a cor da madeira. Minha saia vermelha e minha blusa azul-safira pareciam joias em um rio quando caíram no chão.

Jensen pareceu não perceber. Suas roupas caíram ao lado das minhas e ele me puxou para baixo das cobertas, sua boca movimentando-se calorosa e úmida contra meu pescoço, meus ombros; seus lábios sugando meus seios.

Nunca tínhamos feito amor assim: sem a *consciência* que parecia pesar sobre tudo durante a viagem às vinícolas. Aqui, éramos só nós na cama, em seu quarto escuro, nossas mãos tocando a pele agora tão familiar, nós dois rindo em meio aos beijos. Uma dor pesada se instalou na região mais baixa da minha barriga, radiando entre as pernas, e o corpo dele ficou rijo e faminto sobre o meu até ele estar lá, enfiando, movimentando a curva perfeita de seu quadril, apoiando-se nos braços, a pressão de sua boca em meu pescoço.

Era o paraíso e era o inferno. O alívio era uma droga: estar aqui com ele era sempre o que era: perfeito; sob o efeito de sua boca e suas mãos possessivas, era impossível não sentir que eu era a única pessoa que importava em todo o mundo. Mas essa consciência se transformava em uma tortura: aceitar pela primeira vez que tudo era assustadoramente temporário. Saber que, se eu não tivesse vindo aqui, ele não teria feito o esforço.

– Isso é bom – ele arfou contra o meu pescoço. – Deus, é sempre tão bom!

Eu envolvi seu corpo com o meu, braços e pernas e coração, sentindo mais uma vez o que eu tinha recebido em Vermont. O que reverberava entre nós não era uma admiração respeitosa, mas algo com fogo e profundidade, uma coisa que seria difícil deixar para trás. Enquanto ele se movimentava sobre mim, socando exatamente onde eu precisava, senti que a questão de se eu me apaixonaria por Jensen era irrelevante.

Eu tinha me apaixonado.

Perceber isso me fez arfar, emitir um leve gemido que ele percebeu e que o fez diminuir o ritmo – não parar completamente, mas ajustar-se de modo a conseguir ver meu rosto.

– Tudo bem com você? – Jensen perguntou, me beijando. Acima, seus ombros se ergueram, mais altos, mais para trás. Olhei para a curva musculosa de seu pescoço, para a definição do seu peito.

– Você vai me ligar quando for a Londres? – perguntei com a vozinha mais patética do mundo.

Aparentemente eu teria que me satisfazer com isso.

Ele deslizou uma mão até a minha perna, puxando-a para cima, na direção de seu quadril. Com esse movimento, entrou mais fundo e nós dois estremeçemos com o alívio, com o arder enlouquecedor. Jensen tentou sorrir para mim, mas acabou fazendo uma careta por causa da tensão que se espalhava por todo o seu corpo.

– Eu só volto a Londres em março. Vou ligar se você não arrumar um namorado até lá.

Era para ser uma brincadeira, acho.

Ou um lembrete.

Fechei os olhos, puxando-o para baixo, e ele veio com vontade, girando aquele botão dentro de mim que parecia fazer só o prazer importar.

Foi bom que esse pensamento – *um namorado* – se desfez antes de permitir que o pensamento gêmeo – uma namorada – surgisse. Assim pudemos continuar nos movimentando daquele jeito até gozar, estremeecer, arfar juntos. E percebi que não teríamos que colocar nossos corações na linha de fogo e tentar fazer esse relacionamento se transformar em algo mais sério.

Quinze

JENSEN

O mais estranho de sair de férias é que tudo parece um pouco fora de lugar quando você volta para casa.

Disse a mim mesmo que isso era apenas o resultado de ter tirado férias maravilhosas depois de anos sem me atrever a fazer isso. Disse a mim mesmo que isso era resultado de ter ficado um pouco mais solto, desligado, da novidade que era estar cercado o tempo todo por amigos próximos, em vez de viver no isolamento. Talvez também tenha sido efeito de voltar a ver Becky e de nosso passado ter vindo parar no meio do presente, de eu inicialmente não saber o que fazer até perceber que eu simplesmente não precisava fazer nada.

Porém, quando cheguei em casa, a sensação de desconforto pareceu muito maior do que tudo isso. Sim, eu estava tão ocupado que não conseguia dar conta da rotina, andava pulando as sessões de malhação e trabalhando durante o almoço para me colocar em dia com tudo. Sim, eu estava tão acabado no fim do dia que chegava em casa, jantava, tomava banho, ia para a cama. Acordava no outro dia e fazia tudo outra vez. E ninguém precisava ser um gênio para saber que era mais do que apenas o peso da carga de trabalho que andava me esmagando e me fazendo sentir deslocado.

Pippa e eu tínhamos deixado claro o que queríamos: um pouco de diversão, um caso, uma fuga da vida real. Por que, então, eu havia me permitido sentir mais do que isso?

Não conseguia parar de pensar nela, de sonhar acordado com o tempo que passamos juntos no chalé, de desejar que pudéssemos ter seguido sua sugestão de ficar lá e fingir, por metade do ano, que a vida em Londres e Boston simplesmente não existia. Seis meses sem telefone ou e-mail, mas com as

pessoas de quem mais gosto bem ali, ao meu lado? Parecia o paraíso.

Ter Pippa por mais uma noite foi mais uma tortura do que qualquer outra coisa. Eu havia sido atingido por uma onda ao sair do carro e vê-la olhando para a minha casa. Precisei de talvez cinco segundos para perceber que não estava imaginando aquela cena. Eu estava exausto, considerando renunciar ao meu banho para conseguir dormir dez minutinhos a mais, mas, de repente, dormir era a última coisa que eu tinha em mente.

Na manhã seguinte, ela se vestiu, silenciosamente me deu um beijo de bom-dia e foi embora.

Um caso, forcei-me a lembrar. Éramos só um caso.

—

Dias depois, eu olhava para a tabela no meu monitor, os números se embaçando. Eram quase sete da noite e, depois de horas analisando a mesma lista de ativos, eu estava pronto para atear fogo no computador, nos arquivos e talvez até no meu escritório.

– Eu sabia que você estaria aqui, então trouxe presentes – Greg falou, olhando cansado para minha mesa e a pilha de arquivos ali ajeitados.

Ele colocou sobre a mesa um sanduíche embrulhado em papel e puxou uma cerveja do bolso da calça.

– Não, obrigado – falei com um sorriso fraco, olhando para ele antes de me concentrar outra vez na tela. – Eu comi um bagel ou algo assim mais cedo.

– “Um bagel ou algo assim” – repetiu. E, em vez de sair, apoiou o corpo na cadeira à minha frente. – Sabe, em geral, quando as pessoas saem de férias, elas voltam um pouco menos... ferozes.

Pressionei os dedos contra os olhos, bloqueando a luz. A falta de sono e o excesso de café tinham me deixado irritado e com uma dor constante nas têmporas.

– Eu não trabalhei como devia durante a minha ausência e agora tudo está uma zona.

– A equipe júnior não fez o que você mandou? Ou...? – ele quis saber.

– Não, eles fizeram, mas... Sei lá. Não fizeram como eu teria feito. Isso sem mencionar que deixei o escritório em Londres com os depoimentos concluídos e muito tempo antes da audiência, e aí eles acabaram esquecendo o prazo.

– Puta merda!

– Exatamente.

– Mas você sabe que nada disso é responsabilidade sua – falou.

– Bem... – rebati. – *Tecnicamente*, é minha...

– Seu trabalho era analisar os depoimentos – ele argumentou, interrompendo-me. – Não era cuidar da burocracia. E é claro que você não trabalhou como gostaria durante as férias. É por isso que são chamadas de *férias*. – Ele pronunciou cada sílaba, pegou um dicionário na prateleira e começou a fuçar nas páginas. – Só um segundo e vou achar a definição para você. Na verdade, não acredito que você tem um dicionário aqui...

Estendendo a mão pela mesa, tomei o dicionário dele.

– Entendo que, estritamente falando, não era minha *obrigação* – respondi, virando-me outra vez para o computador. – Mas agora tenho que cuidar dessa bagunça e das coisas que surgiram enquanto eu estava fora e... – Respirei fundo e tentei soltar os ombros antes de dizer calmamente: – Vai dar tudo certo. Vou precisar me colocar em dia, mas vai dar tudo certo.

Pronto para sair, ele se levantou.

– Vá para casa, vá jantar, assista a um pouco de TV, faça alguma coisa. E comece outra vez amanhã, sim, mas saia em um horário decente. Você vai acabar esgotado se continuar assim, e é bom demais no que faz para permitir que isso aconteça.

– Farei isso – murmurei, vendo-o passar pela porta.

Greg deu risada.

– Mentiroso. Mas tenha uma boa noite, Jens. – E, quando estava mais adiante no corredor, virou-se e gritou outra vez: – Vá para casa!

Sorri e pisquei os olhos para a tabela à minha frente.

Ele tinha razão. Longas horas de trabalho e nenhuma vida social haviam se tornado a norma. Eu era um sócio minoritário com pouco mais de 30 anos. Sem esposa ou filhos para encontrar ao voltar para casa, nunca tive dificuldades para ficar trabalhando até tarde. Lembrei-me de como era difícil nos primeiros dias – eu havia lutado muito para conseguir algumas horas de trabalho por ano e esperava ser bom o suficiente para os grandes sócios notarem a minha existência.

Agora eu estava afundando no trabalho, com mais casos do que eu dava conta de cuidar, e incapaz de sair por muito tempo sem que o mundo dentro do meu escritório implodisse. Sim, era um problema que eu mesmo havia criado, mas não sabia quanto tempo mais suportaria. Eu adorava meu trabalho, adorava o equilíbrio ordeiro e não negociável do Direito. Isso sempre foi mais do que suficiente – até deixar de ser.

A xícara de café que havia passado a última hora na minha mesa tinha esfriado, e eu a empurrei para o lado. Abri a gaveta e contei as moedas para ir à máquina de café no corredor.

Meu celular estava próximo a uma pilha de moedas de 25 centavos e, por um capricho – ciente de que eu provavelmente passaria mais algumas horas aqui –, eu o peguei. Havia aproximadamente quinze telefonemas não atendidos – muitos dos quais eram de Ziggy – e uma série de mensagens de texto. A mais recente era de Liv.

“Ziggs quer que você vá à casa dela para jantar.”

“Estou no trabalho”, respondi. “Por que ela mesma não me mandou uma mensagem?”

“Você, no trabalho? QUE SURPRESA!”, Liv respondeu imediatamente. “Ela disse que você não estava atendendo ao telefone.”

Culpa e irritação se misturaram dentro de mim. Ziggs era a última pessoa que deveria reclamar com Liv por eu trabalhar demais.

Deslizei o olhar pela minha mesa e depois para o relógio. O prédio estava silencioso, exceto pelo barulho de um aspirador de pó no final do corredor, e a exaustão me atingiu como uma onda pesada e quente. Jantar na casa de Will e Ziggy parecia uma excelente ideia. Eu estava cansado dessa cadeira e dos infinitos e-mails, cafés frios e comidas compradas prontas. Ziggy trabalhava quase até tão tarde quanto eu; eles provavelmente estariam começando a jantar agora. Enviei uma mensagem dizendo que estava a caminho e desliguei o computador e o celular.

A agradável levandade que eu havia sentido ainda há poucos dias tinha evaporado completamente e eu me encontrava outra vez exatamente no meu ponto de partida: cansado, marginalmente sozinho e faminto pelo calor de companhia de verdade.

—

Estacionei junto ao meio-fio e segui a caminho da casa, notando a forma como era iluminada em uma rua escura. Pequenas lâmpadas pontilhavam os canteiros e clareavam as árvores; a luz de outras lâmpadas era filtrada pelas cortinas no segundo piso. De onde eu estava, era possível ver a sala de estar e o fim do corredor, onde minha irmã e Will estavam abraçados. Uma canção do Guns N’ Roses atravessava a janela aberta e chegava à rua. Os dois dançavam “Sweet Child o’ Mine” na cozinha.

Românticos do inferno.

Na varanda, as abóboras haviam desaparecido, e, em seu lugar, havia um vaso de ferro repleto de flores. Na porta, uma guirlanda com temas outonais.

– Oi! – gritei ao entrar.

Penrose veio me receber, abanando o rabo.

Abaixei-me para acariciar sua orelha.

– Eles enfim a deixaram vir para casa?

– E aí, cara? – Ziggy gritou da cozinha.

Penrose andou em círculos antes de rolar aos meus pés para que eu acariciasse sua barriga. Tirei os sapatos, ajeitei-os próximo à porta e segui a cachorra, que já atravessava o corredor.

– Você veio! – minha irmã constatou, afastando-se de onde estava dançando com o marido.

Abracei-a e beijei sua testa.

– É claro que vim. Eu amo o Will.

Ela deu um soco em meu braço e foi até uma pilha de legumes no balcão.

– Posso ajudar com alguma coisa? – perguntei.

Ziggs negou com a cabeça.

– Só estamos dançando, terminando a salada, coisinhas assim. Você prefere algum molho específico?

– O que vocês escolherem está bom para mim.

Observei-os trabalhando em conjunto por um instante antes de contar que Becky tinha aparecido em minha casa.

Minha irmã olhou boquiaberta para mim.

– Ela fez *o quê*?

Will, que procurava um pouco de alface na geladeira, passou a cabeça pela lateral da porta para também me encarar.

– Você só pode estar de zoeira.

– Não estou.

– Quanto tempo ela ficou lá? – Ziggs perguntou incrédula.

– Acho que uns 45 minutos. – Cocei o queixo. – Bem, eu basicamente disse que ela podia falar se isso a fizesse se sentir melhor, mas que não mudaria minha posição. Ela disse que percebeu que se sentia jovem demais e que ainda não tinha vivido aventuras.

Will assobiou.

– Ela é meio idiota, não é?

– Sim, isso. Ela é... isso – Ziggy gaguejou.

Senti meu peito se apertar com o amor que eu sentia por minha irmãzinha tão adorada e tão bobinha e sua eterna necessidade de me proteger.

– Ela está bem – prossegui, pegando uma fatia de cenoura para beliscar. – Não acho que seja má pessoa, só não é exatamente boa em se comunicar.

– Para deixar registrado – Will começou. – Acho que você enfrentou a situação da forma perfeita.

– Ele, sim, mas, eca... Estou tão de saco cheio dela. – Ziggy respirou fundo e olhou para a faca em sua mão. – Vamos mudar de assunto antes que eu precise achar alguma coisa para perfurar.

Will olhou para Ziggy com um sorriso doce nos lábios e gentilmente tirou a faca da mão dela.

– Boa ideia. Jens, está a fim de sair para correr no fim de semana?

Eu peguei outro pedaço de cenoura.

– Pode ser. Contanto que eu volte cedo o suficiente para ir trabalhar.

Minha irmã me olhou outra vez em choque antes de levar a mão à boca e pegar outra vez a faca, agora com os ombros tensos.

Analisei-a por alguns segundos.

– Algum problema, Ziggs?

– Não sei – ela respondeu, fatiando um pepino com muita vontade. – Quero dizer, não é da minha conta, mas é interessante você poder sair para correr com Will no fim de semana e estar livre esta noite, já que na semana passada disse a Pippa que estaria trabalhando sem parar.

– Eu falei o que a Pippa? – perguntei, pulso agitado, membros instáveis.

– Bem, não foram essas exatas palavras – ela falou, de certa forma mais tranquila. – E, é claro, estou muito feliz por você estar aqui. Mas você estava ocupado demais para jantar com ela e, mesmo assim... – Deslizou um olhar dramático pela cozinha. – Aqui estamos nós. Nós três.

– Tem vinho? – perguntei a Will, que pegou uma taça e uma garrafa aberta e as colocou à minha frente no balcão.

Servi-me com uma boa quantidade, tomei um demorado gole e apoiei outra vez a taça no balcão.

– Não sei de onde veio a informação – falei. – Nem de como você sabe o que eu disse a Pippa. Mas isso... *estar* aqui? Para mim, não é esforço nenhum vir aqui e me divertir com vocês. Se eu não estiver a fim de conversar, posso olhar para o meu prato e comer, agradecer pelo jantar e ir para casa. Com Pippa, a situação é diferente, mesmo se estiver tudo bem. E eu tinha mesmo que trabalhar, devo dizer. Ainda estava na empresa quando Liv me mandou uma mensagem dizendo que você não estava conseguindo falar comigo.

Ziggy virou-se para olhar para mim como se eu tivesse dito alguma coisa absurda.

– Não entendo por que você está sempre...

– Ah, meu Deus! – exclamei antes de apoiar a cabeça nas mãos. – Será que podemos jantar antes de começarmos com isso? Ou, no mínimo, tomar mais uma taça de vinho? Hoje foi um dia de merda.

Minha irmã pareceu se acalmar e querer se desculpar.

– Não faça isso – logo acrescentei, sentindo a culpa se encher como uma bexiga em meu peito.

Ziggs só estava tentando ajudar, eu sabia disso. Suas intenções eram boas, mesmo que seu método fosse louco.

– Vamos pelo menos comer um pouco – prossegui. – Depois você pode gritar o quanto quiser comigo.

—

Will havia feito um assado com batatas e cenouras cristalizadas em açúcar mascavo e, enquanto eu estava ali sentado, desfrutando da melhor refeição desde que deixamos Vermont, acabei me sentindo traído por ele só ter aprendido a fazer essas receitas agora, e não quando éramos colegas de quarto nos tempos da faculdade.

Como de costume, o jantar foi tranquilo. Conversamos sobre meus pais e a viagem que eles estavam prestes a fazer para a Escócia. Falamos sobre a viagem que tradicionalmente costumávamos fazer entre Natal e Ano-Novo. Com a previsão da chegada de alguns bebês em dezembro, os planos teriam de ser adiados, mas abordei a inevitável discussão sobre o destino escolhido para o próximo ano (Bali) e, caso eu não conseguisse folga, se teríamos toda aquela conversa de “ah, mas o pobrezinho do Jensen vai ficar sozinho”.

Quando terminei de comer a primeira pratada do assado, o assunto havia mudado para Max e Bennett e a série de mensagens de texto sobre *Chloe*, *a Santa*, e *Sara*, *a Monstra*.

Will virou-se para mim depois de confirmar que, sim, as duas continuavam tendo comportamentos dignos de deixar qualquer um desconfiado.

– Como está indo o seu retorno ao escritório? – ele perguntou, levando uma colherada do assado à boca.

– Aquela fusão internacional da qual eu vinha cuidando virou uma bagunça – contei a eles. – E, muito embora as coisas que tenham saído do controle não tenham nada a ver com o nosso escritório, os problemas acabam refletindo na equipe. Vou precisar fazer muita hora extra para consertar os erros.

– Isso soa desesperador – Will comentou.

– É, sim, mas é o nosso trabalho. – Tomei mais um gole de vinho, sentindo o

calor se espalhar por minha corrente sanguínea. – E o pessoal, todo mundo está bem?

Ziggy assentiu.

– Niall e Ruby foram embora um dia depois que voltamos de Vermont. Pippa, no domingo.

Fiquei paralisado. Como eu não tinha percebido que Pippa havia ido embora *quatro dias atrás*?

– Ah – falei, mantendo-me ocupado e cortando um pedaço de carne. – Eu não tinha me dado conta...

– Bem, você saberia da programação dela se tivesse se importado em vê-la antes de ela ir embora – minha irmã provocou em tom de desafio.

Peguei um pãozinho quente e o abri, deixando a fumaça escapar. Mordi um pedaço e mastiguei lentamente antes de engolir. Ele caiu como uma mistura de farinha e cola em meu estômago.

– Para dizer a verdade, eu a vi.

Ziggy ficou congelada, segurando o copo de água perto da boca.

– Quando?

Olhando para o meu prato, tentei soar o mais casual possível.

– Ela estava em frente de casa quando voltei do trabalho na quarta-feira passada. Acho que ela passou lá depois de jantar aqui.

– Nossa! – ela exclamou, sorrindo lentamente. – Bem, que ótimo, então. Vocês dois estão mantendo um relacionamento a distância, ou...?

– Acho que não.

Puxei a manteiga para perto e passei um pouco no pãozinho.

– Você *acha* que não? – ela insistiu.

– Minha querida, eu já disse, tenho que trabalhar.

No mínimo minhas palavras a deixaram mais irritada.

– A semana tem sete dias, *meu querido*. Vinte e quatro...

– Ela mora na Inglaterra.

Minha irmã baixou o garfo e apoiou os antebraços na mesa, encarando-me com olhos de aço.

– Você sabe que é exatamente por isso que está solteiro, não sabe?

– Suponho que essa seja uma pergunta retórica – arrisquei, dando mais uma mordida no pãozinho.

Que desceu ainda pior do que o último. Eu sabia que a estava provocando; ela detestava minha calma exterior e queria tirar algum tipo de reação de mim. Mesmo assim, eu não dava a mínima.

– Você conhece alguém de quem gosta e não consegue encontrar um jeito de arrumar nem um tempinho para ela? Para cultivar...

– Cultivar o quê? – perguntei, voz mais alta, surpreendendo-me com minha própria raiva. Quantas vezes eu teria que explicar? – Nós dois vivemos em *continentes* diferentes, queremos coisas diferentes. Por que é que alguma das partes poderia querer adiar o inevitável?

– Porque vocês estavam tão bem juntos! – ela berrou em resposta. Will apoiou a mão no braço da minha irmã para tentar acalmá-la, mas ela se recusou. – Ouça, Jens, sua carreira é louca, e sinto muito orgulho de você. Se é isso que você quer da vida, então tudo bem. Eu vou entender. Mas, depois de vê-lo na semana passada e o jeito como você ria e parecia se iluminar toda vez que Pippa se aproximava, acho que não é isso que quer. E não diga que era por ter resolvido as coisas com Becky porque ela nem estava no chalé. Você estava tão feliz!

– O que você quer dizer com isso? – perguntei, meu rosto esquentando. – Em oposição ao quê? Quão péssimo eu fico no restante do tempo?

Ela ergueu o queixo.

– Talvez...

Will raspou a garganta, olhando entre nós.

– Por que nós não fazemos uma pausa? – começou, mas não conseguiu terminar.

– Eu não entendo a importância disso nem por que de repente *todo mundo* parece tão empenhado em resolver a minha vida amorosa.

Ziggy estapeou a mesa, rindo furiosa.

– Você só pode estar *brincando* comigo!

Eu cheguei a rir.

– Você não pode estar comparando as duas situações. Você nunca namorou ninguém. Eu tive relacionamentos. Sou divorciado, oras! É um pouco diferente de não saber nada sobre relacionamentos.

– Você se divorciou *há seis anos*!

– Por que você não consegue entender? Foi um caso, Ziggy. O que Pippa e eu tivemos foi um caso. As pessoas têm casos sempre... Pergunte ao seu marido, ele tem experiência nisso.

– Não me pareceu um caso – Will me contrariou, lançando um olhar de aviso na minha direção.

– E não é da sua conta – rebati, baixando o garfo. – Mas essa decisão não foi exclusivamente minha. Nós dois queríamos a mesma coisa. Nenhum de nós estava em posição de querer mais.

– E como você sabe o que ela quer? Afinal, você nem telefonou para ela.

– Eu...

– Você mandou uma *porra de mensagem de texto*!

Will e eu ficamos boquiabertos, instintivamente empurramos nossos corpos

contra as costas da cadeira. Minha irmã não falava palavrões. E, quando falava, era ou porque alguma coisa estava pegando fogo, ou a nova edição da *Science* tinha chegado antecipadamente em sua casa. Mas ela nunca falava um palavrão direcionado a mim.

– Pippa acabou de terminar um relacionamento – disse a ela, tentando suavizar meu tom de voz. Ziggy só queria o que era melhor para mim, eu sabia disso. – Ela estava *morando* com outro cara, Ziggs. O que ela e eu tivemos não era para ser mais do que isso.

– Não quer dizer que não possa vir a ser.

– Quer dizer, sim.

– Por quê? Por que você veio logo depois de outro homem? Porque é um advogado arrumadinho e ela às vezes tinge os cabelos de rosa? Qualquer um transaria com Pippa. Caramba, até eu transaria com ela.

Will imediatamente ficou alerta.

– Sério?

– Bem, sim. Na minha cabeça, sim. – Ziggy deu de ombros. – E se Jensen deixasse de ser um...

– Já chega! – gritei. E a sala ficou em silêncio. – Não estamos falando de você, Hanna.

– Você acabou de me chamar de Hanna? – ela perguntou com o rosto corado.

– Acha que é divertido vê-lo assim? Saber que você volta para uma casa vazia toda noite e que isso nunca, nunca vai mudar porque você tem muito medo ou é teimoso demais para dar o primeiro passo? Eu me preocupo com você, Jensen. Eu me preocupo *todo santo dia*.

– Bem, então resolva esse seu problema! Porque eu mesmo não estou preocupado.

– Mas deveria estar. Desse jeito, você nunca vai ficar com ninguém! – Seus olhos se arregalaram e ela respirou fundo. – Eu não queria...

– Está bem, eu sei. Você não queria dizer isso em voz alta.

Afastei-me da mesa.

Ziggy pareceu horrorizada e arrependida, mas eu já estava irritado demais para ouvir uma palavra que fosse.

– Obrigado pelo jantar – falei, jogando o guardanapo na mesa e atravessando o corredor.

—

Apesar do frio, fui para casa com os vidros do carro abertos, esperando que o

som do vento soprando pelo veículo pudesse afastar o eco das palavras da minha irmã.

A rua estava silenciosa quando estacionei em frente de casa e desliguei o motor. Não saí do carro, e não porque havia outra coisa que eu estivesse pensando em fazer. Só realmente não queria entrar em casa. Lá dentro, tudo estava arrumado e quieto. Lá dentro, havia as linhas deixadas pelo aspirador de pó no tapete da sala de estar, aquelas linhas que jamais eram perturbadas por meus passos. Lá dentro, havia uma pilha de cardápios de restaurantes que faziam entrega e uma lista gigantesca na categoria dos “assistidos recentemente” do Netflix.

De repente, lá dentro parecia insuportável.

O que estava acontecendo comigo? Eu sempre amei a minha casa, fui excelente no trabalho e gostei da minha rotina. Talvez eu não fosse totalmente feliz o tempo todo, mas eu estava acostumado a me sentir *contente*.

Por que é que isso já não parecia ser suficiente?

Enfim saí do carro e fui à varanda, lentamente puxando as chaves do bolso. As janelas estavam escuras, exceto pelas lâmpadas com *timer*, e eu me recusei a fazer mais uma comparação entre a minha varanda e a de Ziggy, a minha vida e a de Ziggy.

Hanna, pensei, percebendo pela primeira vez. Não quero comparar a minha vida à de Hanna.

Ela tinha crescido.

Tinha me superado.

Destranquei a porta e entrei. Joguei o chaveiro na direção da mesinha na entrada. Sem me importar com acender as luzes ou pegar o controle remoto, sentei-me em frente à TV desligada.

Hanna estava certa, eu deveria me preocupar. Eu tinha um emprego pelo qual havia sacrificado tudo, eu tinha uma família que eu amava – o que era muito mais do que muita gente tinha. Mesmo assim, eu não vinha fazendo nada para tornar minha vida mais preenchida.

Dezesseis

PIPPA

Talvez para o bem de todos, o voo de volta à Inglaterra tenha sido mais calmo do que aquele rumo a Boston. O rapaz ligeiramente desganhado ao meu lado dormiu cinco minutos depois de afivelar o cinto de segurança e roncou fortemente durante toda a viagem. Infelizmente, dessa vez não tinha Amelia, mas a comissária que lá estava me ofereceu protetores auriculares e um coquetel.

Aceitei os protetores, recusei o coquetel.

Olhando para trás, eu não sabia o que sentir com relação à viagem com o pessoal. O passeio havia parecido um sonho enquanto eu estava lá, mas, Santo Deus!, ter participado daquilo foi a melhor opção? Eu obviamente havia superado o traseiro branquelo de Mark, porém, depois daquela última noite maravilhosa com Jensen e de ele ter desaparecido e se enfiado de cabeça no trabalho, me sentia melancólica, como se minha melhor amiga tivesse se mudado para uma cidade do outro lado do planeta. E, talvez ainda pior, minhas exigências na hora de escolher um cara com quem sair haviam subido para um nível que, infelizmente, tornaria impossível encontrar alguém nas ruas de Londres ou em qualquer outro lugar.

É isso que acontece quando você encontra sua cara-metade? Ele eleva o nível a um ponto tão alto que você simplesmente não se importa com mais nada? Jensen era bonito e alto e inteligente. Era sexy de um jeito secreto – entregava suas qualidades lentamente e se tornava o amante mais habilidoso e atencioso entre quatro paredes. E... parecia que nós dois combinávamos. Eu era tagarela; ele, pensativo. Eu era excêntrica; ele, clássico. Mesmo assim, quando estávamos juntos, nós dávamos certo.

Droga! Eu detestava quando meus pensamentos se transformavam em cartões

sentimentais.

Coloquei os protetores nos ouvidos e tentei pensar em outra coisa.

Roupas novas.

Tinta para cabelo.

Queijo.

Negação, muita negação. Eu tinha que enfrentar a realidade da minha vida de forma direta. Tinha que decidir se queria ficar para sempre em Londres ou... experimentar alguma coisa nova.

Quando pensava em trabalho, toda aquela sensação de terror se transformava na alegria imaginária que eu sentiria se entrasse na sala de Anthony e pedisse minha demissão.

E, quando pensava em minhas mães, eu não as via agitadas com a possibilidade de eu me mudar para longe. Apenas imaginava o quão feliz ficariam por mim se eu vivesse uma aventura em Boston, se eu passasse alguns anos na cidade.

E, quando pensava em meu apartamento, não sentia... nada. Nenhum sentimentalismo ou tristeza com a possibilidade de me mudar. Tudo ali – do tapete azul surrado na sala de estar até o edredom branco sobre a cama – estava associado ou aos dias mais agitados dos meus 20 e poucos anos ou a Mark.

Mark, que havia sido tão parecido comigo em tantas coisas. Tínhamos tudo em comum: um amor pelo pub da esquina, a tendência de nos embriagarmos um pouco e cantarmos alto, mais alto do que nossas vozes desafinadas permitiriam. Dividíamos o mesmo gosto por cores e sons e espontaneidade. E, ainda assim, nossa rotina era tão calma, quase frívola. Eu não precisava fazer nada para viver assim. Era uma vida sem desafios.

Quando me distanciei de tudo, percebi que minha vida em Londres era fácil, mas não era satisfatória, e jamais me daria o que eu queria.

Infelizmente, o que eu queria agora era que Jensen me procurasse, era ter um apartamento em Boston, perto de um círculo de amigos que tinham Golden retrievers orelhudos e filhos vestidos de Superman ou de duendes. Minha vida em Londres se resumia a dias em um trabalho que eu odiava e noites de cerveja e cair no sono no sofá. Irônico, talvez, o fato de que as férias que me fizeram mudar de perspectiva com relação ao álcool foram compostas de quatro dias seguidos de vinho e cerveja seguidos por outros nove dias em um chalé, dias tomados por jogos de tabuleiro e devassidão. Percebi que o motivo pelo qual meus amigos se animavam com o que estava por vir era o fato de eles – diferentemente de mim –, terem uma vida “verdadeira” à qual retornar.

Caso em questão: dos 326 e-mails na minha caixa de entrada quando voltei, apenas três eram de pessoas, e não de lojas de departamentos como House of

Fraser, Debenhams ou Harrods. Durante todo o tempo que passei fora, ninguém me ligou, embora Mark tivesse passado em casa e levado toda a comida que havia restado na despensa.

Que tarado mais inacreditável.

Sentei-me no chão do meu apartamento silencioso, com minha mala ainda fechada perto da porta, e comi pêssegos enlatados.

Esse era o fundo do poço? Essa imagem minha, desgrenhada e sem tomar banho depois de um longo voo, usando uma saia torta por motivos totalmente respeitáveis, jantando no chão? Era assim que as autoridades me encontrariam, espalhada no tapete, sendo lentamente mordiscada por roedores?

Talvez o fundo do poço tenha sido semanas atrás, quando encontrei Mark e sua amante em minha cama?

Eu devia me sentir deprimida por haver tantos fundos do poço para escolher, mas não me sentia mais triste por isso. Nem brava. Eu tinha fome de alguma coisa... alguma coisa além de pêssegos.

Joguei-os de volta na lata e fui ao meu quarto. Eu não queria dormir aqui.

Decisão é uma coisa curiosa. Nos filmes, ela parece um susto, a espantosa percepção de se ter encontrado uma resposta e, por fim, um sorriso voltado para o céu. Para mim, a decisão de revirar minha realidade atual de ponta-cabeça foi mais como um piscar de olhos demorado, os ombros caindo e um audível “Putá merda!”.



Pedi demissão na tarde de terça-feira.

Tinha planejado pedi-la na segunda-feira, mas, enquanto trabalhava, percebi que não conseguiria pagar o aluguel do meu apartamento sem um emprego rentável e que deveria conversar com minhas mães para saber se não tinha problema eu voltar para casa enquanto pensava no que fazer da vida. É claro que elas ficaram muito felizes.

– Você quer se mudar para Boston! – Coco exclamou, batendo as mãos. – Meu amor, você não vai se arrepender. Não vai, de jeito nenhum.

– Mas vou precisar de um emprego – murmurei enquanto levava um palitinho de cenoura à boca.

– Você vai dar um jeito – Lele afirmou, passando o braço por sobre meus ombros. – Você ainda é nova. Nós podemos ajudá-la até a vida se acertar.

Anthony, meu chefe, foi menos cordial com relação à minha decisão.

– Você vai trabalhar onde, afinal? – perguntou na tarde de terça-feira, quando reuni a coragem necessária para entrar em seu escritório e dar a notícia.

– Ainda não sei – respondi, e vi sua expressão se transformar de decepção em escárnio. – Estou analisando algumas opções.

E eu estava. Naquela manhã, havia enviado cartas a todos os endereços na lista de Hanna. Bem, todos, menos o de Jensen. Ele não tinha ligado, enviado mensagem de texto ou e-mail desde que deixamos sua casa, na manhã seguinte. Quase uma semana, e a essa altura eu já me perguntava se ele teria se dado conta de que eu não estava mais em Boston.

Anthony inclinou o corpo para a frente, parecendo zombar de mim.

– Você não tem outro emprego em vista?

Ele quase surtou dois anos atrás, quando Ruby pediu as contas e pairavam no ar rumores de um processo contra a empresa. Mas as coisas se acalmaram quando Richard Corbett discretamente pagou a Ruby uma soma desconhecida de dinheiro por debaixo dos panos. Desde então, Anthony havia se transformado em um chefe ético com E maiúsculo, mas isso não o impedia de ser um idiota com I maiúsculo de tempos em tempos. O cara simplesmente era assim.

Fiz de tudo para não me afundar na cadeira.

– Ainda não, mas acho que não terei problema para encontrar outro emprego.

– Não seja boba, Pippa. Fique aqui até surgir algo novo para você.

Eu sabia que essa seria a saída mais inteligente. O problema, todavia, era que eu não suportaria. Eu não suportava ficar aqui nem um segundo mais. Eu o detestava, odiava o trabalho, o escritório sem graça, o fato de eu me sentir tão inútil ao fim do dia de trabalho e ir direto para o bar.

Eu adorava a pessoa que eu tinha sido em Boston.

Detestava quem eu tinha me tornado aqui.

– Sei que não entreguei aviso prévio, mas será que você poderia dar boas recomendações se alguém ligar, Tony?

Ele hesitou, girando uma caneta sobre a mesa. Eu tinha sido seu braço direito desde que Ruby saíra do escritório e Richard me promovera de estagiária a efetiva. Depois, passei para a posição de engenheira associada, e eu sequer tinha pós-graduação. Independentemente do que Tony pudesse sentir com relação à minha saída, não podia negar que eu havia sido uma funcionária incrível sob sua supervisão.

– Darei, sim – enfim falou. E, em um raro momento de gentileza, acrescentou:
– Detesto vê-la ir embora.

Mexi os dedos, estremeci um pouco na cadeira, como se tivesse sido atingida por um raio.

– Eu... Obrigada.

Limpei minha mesa, coloquei tudo em uma caixa, tomei o metrô e voltei para o meu apartamento.

E comecei a fazer as malas.



Meu celular tocou na mesa da sala de jantar, afastando-me da atividade mental de escolher quais edições da revista *Glamour* eu queria guardar. Arrastando-me até a mesa e com o coração já batendo acelerado – na semana desde que voltei para casa, eu já tinha recebido quatro telefonemas de possíveis empregadores em Boston –, peguei o celular e vi o rosto de Mark estampado na tela.

– Você decidiu me ligar *agora*? – lancei sem sequer dizer oi.

Ouvi sua inspiração demorada.

– É um horário ruim?

Olhei para a parede.

– Você trepou com outra mulher na minha cama. E depois fez uma limpa na minha despensa!

– Você está soando muito americana – ele resmungou.

– Vá se ferrar.

– Você está certa sobre a despensa. Foi mal, Pippa. Eu estava cheio de trabalho e não tive tempo de fazer compras.

Suspirei, sentei-me outra vez no chão e me encostei ao sofá.

– Bem, depois de chegar em casa à meia-noite, depois de três semanas nos Estados Unidos, fiquei muito feliz de ter que sair para comprar comida.

Ele gemeu antes de murmurar:

– Estou ligando para pedir desculpas e parece que eu tenho mais uma coisa por que me desculpar.

– Talvez mais do que isso.

Suspirando, ele falou baixinho:

– Eu sinto muito, Pippa. Odeio pensar no que fiz.

Suas palavras me deixaram calada.

Não que Mark nunca pedisse desculpa. Mas ele raramente soava *sincero*.

Fiquei imediatamente cautelosa.

– O que você quer? – perguntei desconfiada.

– Só liguei porque sinto saudades e queria saber como foram as suas férias.

– Eu nunca mais vou transar com você – rosnei preventivamente.

Mark sempre tinha a capacidade de derreter minha raiva com sedução. Só de pensar já fiquei toda balançada e desleal. O beijo de Jensen ainda estava em meus lábios; seu toque, em toda a minha pele. Eu não sabia quanto tempo iria levar para me livrar disso. E, por enquanto, nem sabia se queria mesmo me livrar.

– Não é por isso que estou ligando – afirmou. – Não é para transar. Muito embora cinco semanas já tenham se passado desde a última vez que nos vimos e estou louco de saudade... Sei que sou um grande tarado.

– Algo mais do que “grande” – rebati. – E algo pior do que tarado.

Ele riu das minhas palavras.

– Me encontre para jantar hoje?

Neguei com a cabeça.

– Você está me zoando, cara!

– Qual é? – pressionou. – Ando pensando muito no que fiz e em como me senti mal quando Shannon fez a mesma coisa comigo. E isso está acabando comigo.

Agora eu dei risada.

– Mark, você ouviu o que acabou de dizer? Você quer que eu vá jantar com você para você se sentir melhor por ter trepado com outra mulher na minha cama?

– E você não se sentiria melhor me vendo implorar por perdão?

Era tão inesperado ouvi-lo dizer algo assim, um pedido de desculpas tão direto. E, mesmo assim, minha resposta era não. Eu tinha me identificado tão fortemente com Jensen. O pedido de desculpas não me faria sentir nem melhor, nem pior. Não me faria sentir nada.

Mark não era o homem que eu queria.

Então, me perguntei, por que não ir? Se um de nós pudesse ter um pouco de paz de espírito esta noite, por que esse alguém não seria ele?

– Para mim, é indiferente – respondi. – Pode pedir desculpas ou ser hipócrita, tanto faz. Mas estarei com fome às sete e meia da noite e estarei no Yard.

E aí desliguei.



Quando Mark e eu nos conhecemos, muito embora ele ainda estivesse apaixonado por Shannon, eu passava uma hora me arrumando toda vez que combinávamos de nos encontrar no bar. Ele aparecia com a barba por fazer, usando calças cargo e uma camiseta velha do Joy Division, e eu parecia estar andando por aí perfeitamente maquiada e penteada, confortavelmente usando uma saia de seda verde e um cardigã vermelho com os quais aparentava ter passado o dia, obrigada.

O inesperado aconteceu na primeira noite que ele ficou em casa, acordou e me viu exatamente como eu era: cabelos roxos que mais pareciam um ninho de pombos e o rosto sem maquiagem. E foi nesse momento que Mark brilhou: ele

olhou para mim, seus olhos estudando meu rosto, e falou discretamente:

– Aí está ela.

Mark pode ter feito muita coisa errada, mas um acerto constante era me fazer sentir linda exatamente como eu era. E, enquanto eu me preparava para o jantar – simplesmente vestindo calças, tênis desgastados de ginástica e um vestido simples –, me dei conta de que essa era uma área na qual Jensen havia falhado. Ele sempre parecia me medir pelos comentários de Ruby acerca dos meus cabelos tingidos. E, enquanto isso, mantinha no rosto um sorriso paciente ou um risinho nervoso. Nem sempre parecia gostar do volume das minhas roupas ou do meu volume.

Na verdade, machucava sentir esse primeiro espinho em minha adoração por Jensen. Machucava não ter recebido notícias dele, querer saber se ele havia conversado com Becky, não ter uma única mensagem de texto ou e-mail ou telefonema depois de tudo o que aconteceu. Mas eu ainda não estava pronta para me desprender totalmente dele, porque sentia que, enterrados em meio à minha adoração por Jensen, também estavam sentimentos de uma versão idealizada de mim mesma, uma versão que eu queria conhecer. Uma mulher que fazia o que queria durante o dia, que estava cercada de pessoas que adorava à noite, que perseguiu ambição e aventura.

Todavia, olhando para mim mesma agora, eu também queria recordar *essa* Pippa: a Pippa que usava as roupas que lhe agradassem, que não se vestia para um homem ou uma amiga – para ninguém que não ela mesma.

Olhei para o relógio. Dava tempo de ligar para Tami e chegar a tempo de jantar.



Foi a primeira coisa que ele percebeu, e seu semblante pareceu entristecido, a saudade estava estampada ali.

– Você tingiu os cabelos – comentou.

Aproximei-me, deixando que ele me abraçasse.

– Já não era sem tempo.

Mark estendeu a mão para segurar uma mecha, deixando seus dedos deslizarem pelos fios.

– Isso me faz sentir saudades.

– Isso me faz querer dançar – respondi, afastando-me de modo que ele não pudesse me alcançar.

– Poderíamos ter ido ao Rooney's, em vez de vir aqui – sugeri, pensando que eu estava falando em dançar no sentido literal.

Mark não entendeu. Eu queria dizer que tingir os cabelos me deixava feliz, me trazia de volta a mim mesma. Assenti para a hostess quando ela perguntou se nós dois jantaríamos ali esta noite. Em seguida, nós a acompanhamos até uma mesa ao fundo do salão, contra a parede.

– Não quero ir ao Rooney’s. Nem ao Squeaky Wheel. Nem a nenhum desses lugares dos velhos tempos.

– Você está tão brava comigo – falou baixinho, abrindo o cardápio na página de coquetéis.

– Não estou mais brava – garanti. – Mas também não quero fazer um tour pelos lugares onde passávamos nossas noites juntos.

Ele me encarou como se me estudasse, e então assentiu brevemente. – Você está diferente.

– Não estou.

Negando com a cabeça, Mark se aproximou.

– Está, sim. Você não gosta mais daqui.

Mark sempre foi astuto quando era conveniente para ele.

– Eu assumi a posição de Trinity quando ela saiu da empresa – lembrei. – E você se deitou na minha cama quando terminou com Shannon. – Ignorando sua reação carregada de dor, prossegui: – E aí eu percebi: os dois aspectos mais importantes da minha vida só sabiam me sugar.

– Não era assim com a gente, Pippa – Mark insistiu.

Neguei com a cabeça.

– Quando éramos apenas amigos, tenho certeza de que você se sentia bem por eu estar sempre disposta a receber qualquer coisa que você me desse. Você queria atenção e eu só queria *você*. Mas alguma coisa acontece quando se trai a confiança de alguém que está disposto a dar tudo. E essa generosidade é abalada. Você deveria saber disso melhor do que ninguém, então acho que realmente queria terminar nosso relacionamento, mas foi covarde demais para dizer.

Dessa vez, ele não concordou imediatamente comigo. Olhou para seu copo de água, deslizou o dedo pelo caminho deixado por uma gota que escorrera da borda.

– Eu e ela não combinamos. Eu a conheci no...

– Não quero saber nada a respeito dela – lembrei-o com uma voz dura, interrompendo-o. – Estou pouco me fodendo.

Mark olhou surpreso para mim.

– Ela não foi o problema – prossegui. – Você foi. Não preciso que outra pessoa leve a culpa por uma coisa que *você* fez. E você também não pode fugir da responsabilidade.

Ele sorriu para mim.

– Aí está a boa e velha Pippa.

– Não diga isso – rosnei, e seu sorriso desapareceu. – Não estamos aqui para recordar momentos sentimentais. Você me feriu. Levou outra mulher para o meu apartamento, para a nossa cama.

Ele engoliu em seco, balançando a cabeça.

– Me desculpe.

Mark claramente precisava pensar no que dizer em seguida, porque, apesar de já ter vindo a esse restaurante mais de uma vez, ele pegou outra vez o cardápio e leu a mesma página por mais de um minuto.

Olhei para o meu cardápio, decidi pedir bife e fritas e o coloquei outra vez sobre a mesa. A garçonete veio à nossa mesa, anotou o pedido e nos deixou em silêncio.

A julgar por seu maxilar, imaginei que Mark me diria que eu estava errada e que ele não queria sabotar intencionalmente nosso relacionamento, e que ele era um amante dedicado que havia simplesmente cometido um erro inocente. Mas, quando ele falou, não foi o que previ:

– Talvez você esteja certa. Não sei.

Ri sem achar graça.

– Que horrível. Horrível, mesmo.

– Eu sei – admitiu com a voz dolorida. – Mas tem uma coisa: era você quem estava lá por mim quando Shannon foi embora. Você me ouviu, me fez rir, me deixou bêbado e cantou comigo e... foi a minha melhor amiga. Eu *queria* que fosse amor.

Recostei-me à cadeira, apertando as mãos sob a mesa para não dar um tapa na cara dele.

– Eu também queria que fosse amor. Para dizer a verdade, pensei que fosse. Mas não era. Era paixão. Você é lindo e charmoso e não demorou para aprender a me agradar na cama. Nos dias atuais, encontrar essa combinação é como encontrar um unicórnio. – Mark deu risada e eu me permiti dar um leve sorriso em resposta. – Mas eu juro, não estou magoada.

Ele ficou paralisado.

– Não estou – repeti. – Eu estava com raiva e me sentindo humilhada e queria cortar o seu saco e queimá-lo, mas depois eu viajei, conheci alguém e... também me conheci, talvez.

– Você conheceu um homem? – perguntou.

Rapidamente cortei o assunto.

– Não pergunte sobre isso.

Rindo, ele falou:

– Está bem. Mesmo se não perguntar for me deixar louco?

Ignorei seu comentário, inclinei-me para a frente, cotovelos sobre a mesa.

– Ele já foi casado, com uma mulher que conheceu na faculdade e que namorou durante anos. Quatro meses depois que os dois se casaram, ela resolveu ir embora. Disse a ele que não se sentia bem, que não queria estar casada.

Mark deixou um assobio grave escapar.

– Não aja como se estivesse tão surpreso. Poderia ter sido com nós dois. – Afastando-me da mesa, recostei-me à cadeira. – Por que as pessoas são tão covardes? Por que precisam de tanto tempo para entender o que se passa em seus corações?

– Nós passamos um ano juntos e você acaba de admitir que também não me amava – Mark me lembrou.

Olhei outra vez para ele.

– É verdade. Mas eu jamais o magoaria enquanto tentasse chegar a uma conclusão. Eu teria conversado sobre o assunto.

Ele ergueu o olhar e agradeceu a garçonete quando ela colocou uísque e refrigerante sobre a mesa.

Mark tomou um gole de sua bebida e percebeu que eu não tinha pedido nada para beber.

– Não vai tomar nada? – perguntou, apontando seu copo para mim.

Essa era a nossa rotina: sentar, pedir uma bebida, comida, outra bebida. E talvez mais uma. Eu não tinha nada contra tomar bebidas mais pesadas, mas queria sentir o calor do vinho, a brisa fresca lá fora, e os braços longos de Jensen descansando em meus ombros enquanto assistíamos ao pôr do sol em uma vinícola.

Ou, para dizer a verdade, em qualquer lugar.

Se eu comesse a beber esta noite, não pararia depois de uma dose, e voltaria para casa arrasada e deprimida e provavelmente ligaria para ele para dizer que estava com saudades.

E depois?

Talvez ele não se surpreendesse por eu fazer algo tão impulsivo.

Mas, sendo o homem direto que era, Jensen me lembraria de que tudo não passou de um caso.

Ao mesmo tempo, sendo a alma generosa que era, prometeria me ligar da próxima vez que viesse a Londres.

E eu ria com uma leveza forçada e lhe asseguraria que estava bêbada e sendo nostálgica e que há muitas opções aqui e que eu estou bem, bem, bem.

– Hoje não – falei, sorrindo para Mark. – Estou sentindo a necessidade de me livrar de alguns hábitos antigos.



Porém, de volta em casa – ainda sóbria –, o telefone na cozinha parecia tentar flertar comigo.

Crescendo e encolhendo, ele era um farol azul-claro preso à parede.

Ligue para ele, dizia o telefone.

Faça isso. Você sabe que quer ligar.

E seria bom ouvir a voz dele, não seria?

Seria, sim, mas, em vez de ligar para Jensen, saí da cozinha e fui para o quarto, onde poderia enfiar o celular na gaveta e colocar meu pijama e fingir que não havia uma dor palpitando dentro de mim, querendo ouvir a voz dele, querendo perceber que ele se alegrava ao ter notícias minhas.

Jensen parecera feliz ao me ver na calçada em frente à sua casa, não? Embora eu tivesse gaguejado e ficado perturbada, ele calmamente me ouviu, depois se aproximou e encostou sua boca à minha.

A simples lembrança do que se seguiu naquela noite me fez tocar os lábios agora.

De certa maneira, eu queria me bater por não ter me atentado mais. Coisinhas como sua maneira de segurar o garfo ou se eu tinha visto sua caligrafia em algum momento da viagem. Eu sabia que ele gostava de café puro, mas será que segurava a xícara pela asa ou gostava de senti-la aquecida na mão?

– Puta merda, Pippa! – rosnei, jogando meu vestido no cesto de roupas para lavar. – Pare com isso!

Seria tão fácil se eu soubesse que esses pensamentos envolvendo Jensen eram apenas palavras para me animar, uma maneira de me atrair para longe de Londres, de manter minha coragem em alta. Mas não eram. Eu não tinha medo de deixar Londres e, para ser sincera, não gostava da ideia de Jensen saber que me mudaria para Boston agora que não estávamos mantendo contato.

Eu queria que ele me desejasse.

Eu queria que ele me *telefonasse*.

É claro que, nesse momento, a linha de telefone fixo me deixou assustada pra caramba. O telefone tocou no criado-mudo. Ninguém além das minhas mães e de atendentes de telemarketing ligavam nessa linha, então atendi – para contar a Lele que o jantar com Mark tinha sido sem graça como eu havia previsto e que não, eu não estava na cama com ele agora.

Mas agora o telefone estava aqui, na minha mão, parecendo outra vez tão sedutor.

Enfiei a mão na bolsa para pegar os papéis que Hanna me dera, abri-os e deslizei o dedo sobre o nome dele enquanto permanecia sentada na beirada da

cama.

Um milhão de vezes na história do mundo, uma garota havia telefonado para um rapaz. E também um milhão de vezes ela havia se sentido tão nervosa assim – como se realmente estivesse prestes a vomitar – e refletido por dez minutos se dar esse telefonema seria uma boa ideia.

Eram pouco mais de onze horas aqui na Inglaterra, o que significava que talvez ele estivesse em casa, ou pelo menos que o escritório estaria vazio... Era possível que ele visse um número de Londres ligando, esperasse que fosse eu e atendesse.

Não era?

Digitei cuidadosamente os números, pressionando cada tecla com dedos firmes. No celular, eu poderia simplesmente clicar na foto dele e o telefonema aconteceria, fácil assim. Todavia, eu não queria fazer isso, porque a foto era uma selfie que tínhamos tirado embriagados e usando chapéu de palha no meio de uma vinícola. Ver aquela foto me traria uma avalanche de memórias. Por outro lado, no telefone fixo era apenas uma série de números pressionados em uma ordem específica. Impessoal. Lógico. Era matemático. Eu lidava com números todos os dias. E, se eu levasse o tempo necessário, deixasse meus dedos pressionarem cada tecla sem um pensamento deliberado de sequência, nenhum vestígio do que eu estava fazendo ficaria em minha memória. Então eu poderia acidentalmente ligar para ele a qualquer momento do dia ou deixar os números surgirem, sem serem convidados, em minha mente.

Digitei o último deles e levei o telefone à lateral do rosto. Minha mão estava trêmula.

Uma pausa.

Um toque.

Meu coração batia tão agitado que eu tinha de me esforçar para respirar.

Mais um toque. Mas foi interrompido pela metade.

Interrompido, caramba, como se ele tivesse visto o número, percebido que era da Inglaterra e recusado a ligação.

Tinha que haver outra explicação, muito embora meu cérebro não a encontrasse.

Jensen tinha visto que eu estava telefonando. Tinha recusado a ligação.

Andei de um lado a outro do apartamento. Talvez ele tivesse programado o celular para mandar todas as ligações para a caixa de mensagem depois do primeiro toque enquanto estivesse trabalhando. Talvez estivesse no meio de um jantar de negócios e tivesse automaticamente recusado a ligação.

Coloquei um filme, pensei demais, dormi no sofá. Quando acordei, o céu ainda estava escuro e o relógio sobre a lareira marcava 3h07 da madrugada. A

primeira coisa em que pensei foi Jensen.

Agora eram mais de dez da noite para ele.

Tateando em busca do telefone fixo antes que meu cérebro começasse a funcionar direito, digitei outra vez o número da folha de papel – não com o mesmo cuidado da outra vez – e ouvi o primeiro toque. E o segundo. E, na metade do terceiro toque, outra vez caixa postal.

Ele realmente havia recusado a ligação.

Disse a mim mesma que desligasse, senti os músculos do meu braço se tensionarem para afastar o telefone, mas não consegui. E me odiei por ouvir a mensagem. Apertei o maxilar, arregalei os olhos.

“Você ligou para Jensen Bergstrom. Ou não estou com o celular no momento, ou estou dirigindo. Por favor, deixe seu nome, número de telefone e demais informações relevantes e eu retornarei a sua chamada.”

Beep.

Fiquei boquiaberta, senti meus olhos inexplicavelmente ardendo antes de bater o telefone com violência na base.



Mudei-me de volta para a casa das minhas mães duas semanas depois de voltar de Boston. Coco havia liberado sua sala de costura – que no passado fora meu quarto – e, com Lele trabalhando no escritório de advocacia o dia todo e Coco pintando no sótão, a sensação era de reviver a minha infância.

Eu tinha entrevistas de emprego por telefone com seis pessoas diferentes e mais três retornos com três empresas. E saí com dois caras: um do meu antigo escritório, com quem eu vinha conversando havia anos, mas apenas como amigo (até agora, que eu tinha ficado solteira); o outro, um cara que conheci no metrô e cujos sapatos eram polidos e que usava terno (o que me fazia pensar em Jensen). Os encontros foram legais, agradáveis. Porém, nos dois casos, eu havia recusado um beijo de boa-noite e ido sozinha para casa.

Sempre ouvi dizer que a distância faz o coração se apaixonar mais, e nunca acreditei nessa história. A distância dos meus antigos ficantes só fazia meus olhos vagarem. Mas agora, mesmo algumas semanas depois de ter visto Jensen pela última vez – e muito embora parte de mim quisesse socar seu estômago por ele não ter atendido meus telefonemas –, eu não conseguia pensar em ninguém além dele.

Os dois lados de sua personalidade guerreavam em minha cabeça: o homem que podia ser tão doce, tão divertido, tão atencioso; e o homem que era capaz de esquecer quando eu deixaria a cidade, não atender meus telefonemas, fazer amor

comigo somente quando eu estava convenientemente à sua frente.

– Você está terrivelmente distraída – Coco disse, sentando-se ao meu lado na banquetta do piano na sala da frente da casa.

– Estou esperando resposta de Turner, de Boston – respondi, apertando o dó central com o indicador.

Embora o que eu tinha dito fosse verdade, eu não sabia por que estava olhando para o piano havia dez minutos. Mas que se dane isso e aquilo e tudo mais se eu fosse falar de Jensen.

– Eles disseram que querem me encontrar pessoalmente – continuei.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Aqui em Londres? Nossa, meu amor, isso significa muito! – E segurou a minha mão, acariciando docemente. – Não seria melhor mandar seu currículo para alguma vaga aqui? Só por precaução...

Dando de ombros, respondi:

– Eu não quero um “só por precaução”.

Dezessete

JENSEN

Tinha começado a chover – uma garoa pesada que ameaçava se transformar em neve –, mas, tentando me manter otimista, separei minhas roupas de ginástica e tênis, na esperança de que o tempo estaria limpo o suficiente para me permitir passar algum tempo na pista de corrida.

Minha cabeça sempre ficava desanuviada após uma boa corrida e, depois de enfrentar dias dormindo menos do que o necessário e com zero concentração, uma cabeça desanuviada parecia algo fenomenalmente positivo.

Nosso cérebro podia ficar congestionado? Por um instante, pensei em perguntar a Hanna na próxima vez que nos víssemos, mas eu sabia que ela iria: (a) virar os olhos e sugerir que eu era incapaz de diferenciar meu cérebro da minha bunda; ou (b) dar uma resposta cheia de detalhes científicos desnecessários. E, embora nenhuma dessas opções fosse particularmente útil agora, as duas eram melhores do que a situação em que nos encontrávamos: não conversávamos havia mais de duas semanas.

Eu basicamente tinha conseguido estragar tudo com todo mundo.

Na manhã de sexta-feira, decidi ir dirigindo ao trabalho e ponderando sobre as coisas, de modo que eu tivesse um pouco de tempo para mim mesmo. Não havia problema algum em ficar um fim de semana sem falar com a minha irmã. Mas dois fins de semana sem conversar? Terrível. Eu não sabia se poderia enfrentar um terceiro e nem via motivo para isso. Não queria exatamente me desculpar, mas tampouco queria culpá-la por tudo. Toda a situação era uma droga.

Meu carro estava em silêncio, exceto pelo tamborilar das gotas contra o capô e o chiado quase inaudível do motor ali embaixo. E, como a hora do rush era um pesadelo dos infernos, eu tinha em mãos um tempo sem distrações para pensar

em tudo o que ela dissera, em tudo o que eu dissera e no fato de ela estar (totalmente) certa e de eu ser um completo idiota.

Lembrei-me de quando ficamos presos no trânsito no primeiro dia da nossa viagem. Eu estava todo sorrisos e embriagado, desfrutando do começo das férias enquanto Pippa inventava histórias envolvendo as pessoas nos carros à nossa volta. O homem à nossa frente estava tramando um roubo a banco, era óbvio. “Percebam as olheiras dele e a culpa pesando em seus ombros, a postura dele!” Uma mãe esgotada, com vários filhos no banco de trás, voltava para casa depois de uma festa de aniversário, segundo Pippa, e o sorrisinho que testemunhamos era resultado de a mulher ter se lembrado da garrafa de vinho que ela comprara no dia anterior.

Agora, uma mulher na SUV preta à minha esquerda dançava no banco do carro e cantarolava com a música em seu rádio. À minha direita, um homem com mais ou menos a minha idade mantinha os olhos no retrovisor e as mãos erguidas, gesticulando intensamente e conversando com as crianças no banco de trás. Tenho certeza de que eles levavam uma vida fascinante... Eu só não era tão bom quanto Pippa para inventar histórias.

De qualquer forma, seu hábito de sonhar acordada parecia ter grudado em mim, afinal, quando Pippa surgia em minha cabeça, ela ficava ali, afastando os pensamentos desconfortantes da briga com minha irmã. E me vi me perguntando sobre a vida de Pippa em Londres, assim como ela certa vez havia se perguntado sobre a minha em Boston. Ela usava o metrô para ir ao trabalho? Ou ia andando? Pippa tinha carro?

Nos tempos de faculdade, durante as férias, eu costumava roubar as chaves do carro do meu pai e dirigir pela cidade tarde da noite para invadir campos de futebol com Will e beber cerveja até nós dois dormirmos e acordarmos cobertos pelo orvalho e por formigas e ter que ir correndo para casa antes que alguém desse falta do carro. Talvez a Pippa adolescente costumasse roubar a chave do carro de suas mães e passear com as amigas pelas ruas de Londres. Talvez costumasse ficar com garotos no banco traseiro e cantar o mais alto que seus pulmões permitissem com as janelas abertas e o vento chicoteando o interior do veículo.

Uma buzina soou ao meu lado e eu pisquei, impressionado com meu fluxo de pensamento. Eu vinha passando mais tempo do que o esperado pensando no que Pippa estaria fazendo a toda hora. Especialmente se considerarmos que nosso relacionamento era para ser *casual*.

Certo?

Apesar de ter saído mais cedo, quando cheguei ao escritório estava meia hora atrasado para uma reunião. Meu dia havia sido solidamente planejado, desde as

oito e meia da manhã até as seis e meia da tarde, com um almoço de negócios na sala de reuniões.

Eu não tinha tempo para isso – já eram mais de nove horas –, mas não importava: queria ligar para Hanna.

Levantei-me, fechei a porta do escritório e voltei à minha mesa. Peguei o telefone e disquei o número da minha irmã, franzindo a testa quando a ligação foi direto para a caixa de mensagens. Droga! É claro. Ela estava dando aula.

– Zig... Hanna, sou eu. Estou no escritório. Me ligue no celular quando puder. Tenho um dia bem cheio, mas talvez pudéssemos jantar mais tarde ou fazer algo no fim de semana? Te amo.

Desliguei, peguei o celular e fui andando pelo corredor, em direção à sala de reuniões, verificando meu e-mail pelo caminho. Havia uma mensagem que eu não reconheci, um endereço ox.ac.uk, e precisei de um instante para me dar conta de que se tratava de um e-mail de Ruby.

Oi, amigo!

Eu queria dividir essas fotos da nossa viagem!

Espero que as coisas estejam bem e que voltemos a nos ver logo.

bjs

Ruby

Anexas estavam várias fotografias que ela tinha tirado em várias paradas pela viagem e eu hesitei um pouco antes de abri-las, ponderando se eu estava na melhor posição mental para reviver as memórias.

Arrisquei mesmo assim.

A primeira havia sido tirada no dia em que chegamos à casa de Will e Ziggy, todos sorridentes entrando na van. Havia fotografias nossas em diferentes degustações e jantares e trilhas. Havia fotos tiradas sem sabermos enquanto ríamos de alguma coisa que outra pessoa tinha dito. Era interessante observar a progressão das minhas interações com Pippa por meio das fotos. Tínhamos começado muito educados – coluna ereta, sorrisos amigáveis, muito espaço pessoal. Mas isso havia desaparecido completamente quando chegamos a Vermont. Eu já não encontrava nas fotos essa distância segura que a gente mantém dos desconhecidos; em seu lugar estava a familiaridade de amigos que viraram amantes, de abraços e dedos entrelaçados. Era quase doloroso perceber a forma como eu olhava para ela, e, quando abri uma imagem na qual Ruby tinha nos flagrado saindo da floresta – olhos brilhando e bochechas coradas, cabelos e roupas desgrehados –, fechei o aplicativo de e-mail. Já era difícil demais ter

essas memórias; eu não queria revivê-las também na tela.

—

Por volta de uma da tarde, reuni minhas coisas e segui para a grande sala de reuniões no segundo piso. Meu estômago roncou quando o cheiro de café se espalhou pelo corredor, e então me dei conta de que eu não tinha comido nada desde o café da manhã.

Eu estava pegando uma banana na mesa quando senti uma mão em meu braço. Era John, o assistente do meu chefe.

– Doutor Bergstrom, o doutor Avery quer conversar com você no escritório dele antes da reunião.

Ajeitei a postura e observei enquanto ele me lançava um sorriso educado e dava meia-volta, caminhando na direção que eu devia seguir. Pelo caminho, o suor brotava em minha nuca. Havia poucos motivos para Malcolm Avery querer me ver antes da reunião, especialmente quando já era para estarmos lá e todos já tomavam seus assentos.

– Jensen – Malcolm me chamou, fechando o arquivo no qual estava trabalhando. – Entre. Eu gostaria de alguns minutos para conversarmos antes da reunião.

– Claro – concordei, entrando em sua sala.

Ele acenou para a porta atrás de mim.

– Feche-a, por favor.

O formigar dos meus nervos se transformou em uma onda de suor.

Um milhão de coisas percorreram minha mente – todas as coisas que eu talvez tivesse feito erradas ao longo dos últimos meses. E enfim pensei na bagunça em Londres. Droga.

– Sente-se – Malcolm convidou, ajeitando alguns papéis à sua frente antes de sentar-se outra vez na cadeira. – Como estão as coisas?

– Tudo bem – respondi, e mentalmente repassei os casos nos quais estava trabalhando, pensando nas atualizações que ele pudesse querer ouvir. – O Walton Group deve terminar no fim desse mês, o caso da Petersen Pharma talvez seja concluído ao fim do ano.

– E Londres? – ele quis saber.

– Surgiram alguns problemas com o escritório em Londres – admiti. Ele assentiu e eu engoli o nó na garganta. – Nada que não possamos reparar, só vai dar um pouco mais de trabalho do que eu esper...

– Sei que você está acompanhando esse caso de perto – falou. – Sei como está

a situação.

Malcolm cruzou as mãos na mesa à sua frente e pensou por um instante.

– Jensen, você sabe como as coisas funcionam por aqui. Nos dias atuais, praticar o Direito não é o suficiente. Precisamos de associados e parceiros que possam trazer muito dinheiro para a empresa. Que gerem confiança e tragam negócios. E que mantenham esses negócios. Sabe... quando eu estava começando, costumava calcular uma estimativa geral dos meus lucros mensais.

Meus olhos se arregalaram e ele sorriu antes de prosseguir:

– É verdade. Eu anotava os honorários das horas que cobrava dos clientes, depois as comparava aos custos que eu gerava ao meu empregador... Tudo, desde o salário que pagávamos à minha secretária até o gasto com eletricidade em meu escritório. Na época, não tínhamos computadores, então eu anotava tudo em um caderninho que guardava no bolso do terno. Se eu arcava com os custos do almoço de um cliente, anotava. Se precisasse de uma caixa de clipes de papel, eu anotava. Eu registrava todos esses números porque assim eu sabia quando estava gerando lucros e quando não estava. Quando me sentava para conversar com meu chefe, estava tudo ali, preto no branco, as coisas pelas quais *eu* era responsável, os impactos que *eu* tinha causado. Certo dia, ele olhou para mim e falou: “Uma pessoa tão pé no saco assim precisa se sentar ao meu lado na mesa”. Pouco tempo depois, eu me tornei sócio.

Assenti, sem saber exatamente aonde ele queria chegar.

– Parece um bom sistema.

– Vejo a mesma vontade, a mesma dedicação em você. Horas de trabalho não são necessariamente o motivo que torna alguém sócio, embora já tenham me dito que você trabalha muitas horas, certo?

Assenti outra vez.

– Acredito que sim.

– É necessário alguém que possa enfrentar os casos importantes com profissionalismo e eficiência. Alguém que coordene o processo, que administre as interações em todos os níveis com destreza, que gere a melhor reputação para a empresa e traga novos clientes que ouvirem falar muito bem de nós. É claro que pode haver um contratempo aqui ou acolá, como o que aconteceu em Londres, mas são as pessoas que reconhecem esses problemas e trabalham para corrigi-los que permanecem com a gente. Você cria relacionamentos e coordena as fusões dos maiores grupos e faz isso de tal modo que conquistou o respeito de toda a sua equipe. – Ele fez uma pausa e inclinou o corpo para a frente. – Aposto que, se eu perguntar, vou descobrir que você tem o seu próprio “caderninho” ou algo assim, não tem?

Eu tinha. Eu tinha uma tabela com todos os clientes que atendi, com os meus

trabalhos e quanto cobrávamos, desde o dia em que fui contratado.

– Sim, tenho – respondi.

Ele deu risada e bateu a mão na mesa.

– Eu sabia! E é por isso que vou indicar o seu nome para se tornar sócio na reunião que deve começar... – E olhou para o relógio. – Cinco minutos atrás. Meus parabéns, Jensen!

—

Soltei o corpo no sofá e olhei para o teto. Se minha vida fosse composta de listas de afazeres – e, sejamos sinceros, ela mais ou menos era –, então o item de maior prioridade agora tinha um enorme X vermelho ao seu lado. Depois da reunião, eu tinha oficialmente sido convidado para me tornar sócio... Eu enfim havia conseguido.

Então, qual era o problema? Em vez de sair para comemorar com os membros da minha equipe ou ligar para todo mundo que eu conhecia, eu estava sentado sozinho em minha sala de estar, olhando para o teto branco.

Estiquei as pernas e as apoiei na mesinha de centro enquanto tomava mais um gole de cerveja. Eu tinha conquistado aquilo que passei toda a minha vida adulta trabalhando para conquistar, mas, em vez de me sentir satisfeito, eu estava irrequieto. Tudo era muito anticlimático. Eu essencialmente tinha sido promovido para ter mais trabalho, mais responsabilidades, mais problemas.

O ponteiro do meu relógio de pulso tiquetaqueava em silêncio. Eu queria conversar sobre isso com alguém, porque sem dúvida qualquer pessoa da minha vida ficaria muito feliz por mim e estouraria essa bolha. Eu poderia ligar outra vez para Hanna; como ela também era uma *workaholic*, entenderia o que era ser reconhecido. Mas ela ainda não tinha retornado a minha ligação e eu não queria forçar a barra caso ela estivesse mesmo irritada comigo.

Meus pais também ficariam muito felizes. Depois de passar quase quarenta anos casado com minha mãe, meu pai sabia mais do que qualquer um de nós sobre a importância de equilibrar o trabalho com a vida em casa.

Vida. Casa.

A crueza das minhas paredes vazias sempre fora um calmante; um contraste intencional com as pilhas de coisas no escritório e o barulho constante de telefones tocando, vozes gritando pelo corredor, sapatos batendo contra o mármore. Minha casa sempre fora meu lugar calmo e estéril. Meu retiro. Mas, de repente, ela parecia completamente sem vida.

E, quanto mais eu pensava nisso, mais eu sabia que aquilo que faltava em

minha casa também faltava em todos os outros aspectos da minha vida: energia. Espontaneidade. Som e música, risada e sexo, erros e triunfos.

Com essa percepção veio também a sensação que tive quando acordei e vi Pippa dormindo no travesseiro ao lado do meu ou descendo as escadas na casa em Vermont, quando vi suas pernas longas esticadas no sofá enquanto ela lia. A sensação era aquele aperto, aquela pontada quase dolorida que o coração dá quando tem algo a dizer.

Eu sentia saudades dela. Eu a desejava. Eu a queria aqui comigo e ter outra vez aquela alegria com as coisinhas que ela parecia saber fazer tão bem.

Eu sentia falta do frio na barriga ao ouvir seu riso e ao vê-la apertar o nariz quando alguém usava a palavra “hidratar”. Sentia saudade de seu jeito de arrastar as letras ao falar e os dedos por minhas costas quando eu me deitava em cima dela, recuperando o fôlego. Sentia saudade de estar dentro dela, mas mais, do que isso, sentia a saudade de como era estar com ela. Mesmo sem fazer nada... apenas estando juntos.

Levantei-me e corri para o andar de cima. Peguei a primeira mala que encontrei e comecei a jogar coisas dentro: camisas, calças, cuecas. Enfiei nessa mala tudo o que encontrei na bancada do armário do banheiro e a fechei.

Eu não sabia o que diria quando chegasse lá – ou o que ela diria em resposta. Então apenas repeti as mesmas palavras várias e várias vezes na minha mente: *Eu te amo. Sei que era para ser só um caso, mas não foi. Quero descobrir como será de agora em diante.*

—

Enquanto entrava na I-90, me dei conta de que não tinha reservado nenhuma passagem para Londres. Rindo, telefonei para a central de reservas da Delta. Os carros aceleravam à minha direita e à minha esquerda e, em poucos minutos, minha ligação foi atendida.

– Olá – a atendente cumprimentou com a voz alegre de quem estava disposta a ajudar. – Reconhecemos o número do qual o senhor está ligando. Poderia, por favor, confirmar seu endereço residencial?

Falei meu endereço, tentando conter o tom de urgência em minha voz.

Ela murmurou alguma coisa na linha, perguntou do que eu precisava, qual era o meu destino e quando eu queria embarcar. Se um voo para o outro lado do Atlântico decidido assim, de última hora, era algo fora do comum, ela não deixou transparecer.

– Qual é a data do seu retorno, senhor?

Fiquei em silêncio. Eu não tinha pensado nisso. Se eu pudesse tirar o trabalho e qualquer outra responsabilidade da equação, o melhor a fazer seria ficar uma semana, talvez duas, antes de voltar para casa. Eu esperava que Pippa e eu voltássemos juntos, ou, no mínimo, com um plano para seguirmos em frente. Eu poderia esperar. Eu poderia ser paciente.

O que eu parecia não aceitar bem era a história de “me ligue quando for para Londres”.

– Eu gostaria de deixar o retorno em aberto, por favor – pedi.

– Está bem, senhor – a mulher falou. E então, como se tivesse percebido meu nervosismo, ela prosseguiu: – Fazemos isso o tempo todo, senhor. Sabe qual cadeira prefere, senhor Bergstrom?

– Qualquer uma – respondi. – O importante é eu conseguir embarcar nesse voo.

– Tudo bem. – Alguns toques no teclado depois, continuou: – E o senhor gostaria...

Ela então fez uma pausa e eu me peguei olhando para o celular, preocupado com a possibilidade de a ligação ter caído.

– Alô?

– Perdão, senhor – ela ressurgiu na linha. – O senhor estaria interessado em usar as suas milhas?

– Milhas?

– Sim, o senhor tem... muitas milhas – ela explicou antes de rir. – Quase 800 mil, na verdade.

—

Londres estava cinza como de costume durante a aproximação, mas, quando atravessamos as nuvens, era possível ver a Tower Bridge e a London Eye, o rio Tâmisa deslizando pela cidade. Meu nervosismo, que havia de certa forma se dissipado durante o longo voo, voltou a ganhar vida conforme a cidade aparecia diante dos meus olhos.

O Shard London Bridge me fez lembrar uma história que Pippa contou de quando visitou a área de observação no 72º andar e quão hilário era haver uma página do Yelp para as pessoas “reclamarem da vista”.

Ver o estádio de Wembley me fez lembrar Pippa descrevendo um show que vira ali, contando que estar no estádio com os olhos fechados, cercada por 90 mil pessoas enquanto a música fazia seus ossos tremerem era o mais próximo do êxtase que ela já estivera.

Eu queria ser aquele ao seu lado quando ela vivesse o próximo momento desse tipo.

Senti-me reenergizado quando descemos do avião e seguimos para o terminal, passamos pela alfândega e finalmente fomos pegar as bagagens. A rotina parecia tão natural, tão normal a ponto de libertar meu cérebro para imaginar – cem vezes – como seria ir andando ao apartamento dela ou encontrá-la no pub da esquina de sua casa ou simplesmente na calçada. Eu vinha praticando meu discurso, mas já começava a me dar conta de que o que eu diria quando a visse não faria diferença. Se ela me quisesse, encontraríamos uma forma de seguir juntos.

Eu me sentia como o protagonista dos filmes, em uma missão e com a esperança de que não fosse tarde demais.

O caos organizado do Heathrow ecoava à minha volta, mas consegui encontrar um canto silencioso próximo à área das bagagens. Estava frio e úmido próximo a um conjunto de portas automáticas, e ali deixei minhas malas e puxei o celular do bolso.

Explodi em risos ao abrir os contatos e me deparar com a imagem ao lado do nome de Pippa. Era uma fotografia que ela havia tirado na Jedediah Hawkins Inn no início da viagem, fazendo uma careta, os lábios repuxados, olhos estrábicos. Ruby disse que precisávamos todos nos adicionar às nossas listas de contato, e Pippa tirou a pior *selfie* e a enviou a todos.

Logo abaixo da foto estava seu endereço. Era o começo da tarde de sábado; eu não sabia se ela estaria em casa ou se teria saído com amigos, mas precisava tentar. Fui ao lado de fora do terminal e fiz sinal para um táxi.

As ruas se tornaram mais estreitas quando o carro deixou a M4 e entrou na cidade. Do banco de trás, eu observava conforme passávamos por fileiras de casas minúsculas e apartamentos construídos em ângulos peculiares. A maioria das árvores estava sem as folhas nessa época do ano e os troncos nodosos se erguiam e se espalhavam pelas calçadas de paralelepípedos, posicionando-se contra os tijolos acinzentados.

As pessoas se reuniam na frente dos pubs, com canecos nas mãos, conversando; outras preferiam ficar no interior dos bares e assistir a um jogo na televisão. Passamos por mais pessoas sentadas ou entrando em cafeterias. Imaginei a vida que Pippa e eu teríamos em Londres, se ela quisesse viver aqui: encontrar amigos no pub da esquina ou passar no mercadinho do bairro para comprar comida para o jantar.

Eu sabia que era perigoso começar a andar pelo caminho da fantasia, mas não consegui evitar. Eu não a tinha visto em quase um mês... Nem visto, nem conversado com ela durante todo esse tempo. Se eu sentia que estava na merda

agora, imagine como seria se nunca mais falasse com ela.

Uma onda de náusea me atingiu quando o táxi parou em frente a um prédio estreito de tijolinhos à vista. Paguei o taxista, peguei a minha mala e saí do veículo. Olhando para a janela do terceiro andar, eu me dei conta de que, se tudo acontecesse conforme planejado, eu poderia dormir nos braços dela já esta noite.

Verifiquei mais uma vez o endereço e o número do apartamento antes de começar a subir as escadas.

Pode ser que ela não esteja aqui.

E não tinha problema nenhum.

Eu esperaria no café no outro quarteirão ou tomaria o metrô para o Hyde Park para dar uma volta e esperar durante algumas horas.

Bati na porta do apartamento e meu coração saltou na garganta quando ouvi os pesados passos se aproximando.

Pensei que estivesse preparado para qualquer coisa. Mas estava errado.

O homem à porta do apartamento de Pippa me observou com olhos azuis arregalados. Cabelos escuros e ondulados caíam em tranças por seus ombros e um fio de fumaça saía do cigarro em sua mão.

Desconcertado, abri a boca:

– ...Mark? – perguntei.

Ele soltou a fumaça do cigarro antes de tirar um fiapo de tabaco do lábio.

– Quem?

– Você é... Mark? – perguntei outra vez, dessa vez mais baixo. – Ou... Pippa está? Ela está aqui? Acho que este é o apartamento dela.

Olhei para o papel em minha mão para verificar mais uma vez o número.

– Não, cara – o homem respondeu. – Não conheço nenhuma Pippa nem nenhum Mark. Acabei de me mudar para cá. A pessoa que morava aqui antes se mudou há uma semana.

Embasbacado, assenti e agradei, virando-me outra vez para o corredor.

Pippa se mudou?

Desci as escadas lentamente, um degrau de cada vez.

Não sei por que fiquei tão surpreso por não saber disso. Afinal, nós não tínhamos mantido contato. Mas poucas semanas se passaram desde que ela deixara Boston. Pippa deve ter se mudado... imediatamente.

Peguei o celular, vi outra vez sua fotografia e cliquei nela.

Senti um nó no estômago quando tocou a primeira vez, e mais uma vez, até ouvir alguém atender e algumas pancadas e um barulho abafado, como se, do outro lado, alguém tivesse deixado o telefone cair. O ritmo da música atravessava a linha e chegava ao meu ouvido.

– Aêê! – alguém gritou ao telefone, e eu estreitei os olhos, tentando identificar

a voz de Pippa em meio a muitas outras.

– Pippa?

– Alô? Não estou te ouvindo. Fale mais alto, por favor!

– Pippa, aqui é o Jensen. Você está em casa? Eu acabei de...

– Jensen! Há quanto tempo, meu colega! E em casa? Não, só bem mais tarde.

Como você está?

– Bem, eu estou... o motivo da minha ligação é...

– Ouça, eu tento ligar para você amanhã. Não estou conseguindo ouvir nada!

Fiquei paralisado, olhando cegamente para a rua à minha frente, enquanto a linha ficava muda.

– Claro, sem problemas.

—

Como se as coisas não pudessem piorar, logo percebi que estava tão esperançoso de ver Pippa e de que tudo desse certo que sequer fiz reserva em um hotel para o caso de as coisas não saírem como o planejado.

Encontrei um táxi na rua do prédio de Pippa e o motorista esperou até eu reservar um quarto pelo celular. Depois que ela não conseguiu falar comigo, jantei sozinho em um pequeno pub e, durante todo o tempo, me neguei a reconhecer a possibilidade de ter cometido um enorme erro.

Ela vai me ligar de manhã, disse a mim mesmo.

Mas ela não ligou, muito embora eu verificasse continuamente enquanto trabalhava um pouco no escritório de Londres, afinal, eu havia inventado a desculpa de que iria à cidade para acertar alguns problemas. Pippa também não me ligou à tarde e, quando voltei a telefonar para ela, à noite, a ligação foi direto para uma mensagem genérica dizendo para eu deixar um recado. Deixei a mensagem e mantive o volume do celular alto, o aparelho perto da cama, para o caso de ela ligar.

Tentei na manhã seguinte. Caixa postal. E mais uma vez. E deixei outra mensagem. Eu não tinha o endereço de e-mail de Pippa e Ruby ainda não tinha respondido meu e-mail pedindo sua ajuda para entrar em contato com Pippa. Na terceira noite em Londres, era chegada a hora de admitir a derrota.

Com a minha única mala fechada, fiz o check-out no hotel e tomei um táxi para o aeroporto.

Foi fácil reservar o voo e, ciente de que eu tomaria todo o uísque que meu estômago aguentasse antes de dormir até chegar em casa, usei todas as milhas necessárias para trocar por uma passagem na primeira classe em um voo direto

para Boston.

Encontrei um assento isolado em um canto do *lounge* e tomei o cuidado de manter o olhar baixo e os fones no ouvido, para ter certeza de que ninguém tentaria puxar conversa. Hanna enviou uma mensagem de texto enquanto eu tomava a segunda dose de uísque com refrigerante, mas eu ignorei o que ela tinha a dizer, pois não estava disposto a admitir que tinha dado um salto de fé e caído e me arrepentado no chão.

Eu sabia que ela ficaria orgulhosa por eu ter tentado e que faria de tudo para me animar, mas por hora eu queria chafurdar. Ou Pippa nunca quis nada além do tivemos, ou quis, mas eu estava ocupado demais para perceber na hora certa.

Anunciaram meu voo no sistema de som do aeroporto e eu esvaziei o copo. Peguei minha bolsa de mão antes de seguir até o portão.

Os viajantes começavam a se reunir ali perto, esperando o embarque, e eu entrei na fila, retribuí o sorriso da agente, olhei para minha passagem e entrei no avião.

Passos ecoavam à minha frente e entrei em piloto automático enquanto percorria o corredor, até chegar à minha fileira.

Quando ergui o olhar, foi como se o chão tivesse se aberto debaixo dos meus pés.

Respirei fundo e abri a boca e, da torrente de palavras e discursos que giravam em minha cabeça, apenas uma sílaba conseguiu sair por minha boca:

– Oi.

Dezoito

PIPPA

Quando eu tinha 16 anos, passei para pegar algumas compras na mercearia perto de casa, depois do colégio, enquanto reclamava *das minhas mães e por ter tanta lição de casa e por elas não perceberem como eu era ocupada e importante. Como se atreviam a me mandar fazer compras?* E foi então que ergui o olhar da bandeja de ovos em minha mão e me deparei com o rosto de Justin Timberlake, que tentava pegar... sabe Deus o quê.

Aparentemente, segundo o Google me contou mais tarde, ele estava na cidade para fazer um show. Até hoje, não tenho a menor ideia do que ele foi buscar na mercearia do meu bairro.

Naquele momento, meu cérebro simplesmente desligou. Já aconteceu com meu computador antes – o monitor dá um estalo discreto pouco antes de tudo ficar preto, e aí tenho que reiniciar a máquina. Sempre que isso acontece com o computador pré-histórico em meu quarto, eu digo que ele está *justintimberlakeando*, porque a sensação é a mesma.

Puft.

Tela preta.

Justin sorriu para mim e abaixou a cabeça para me olhar nos olhos, seu semblante cada vez mais tomado por preocupação.

– Você está bem? – perguntou.

Neguei com a cabeça e ele pegou a bandeja de ovos da minha mão e a colocou na cesta dependurada em meu braço, sorrindo outra vez.

– Não quero que você solte os ovos.

E eu não consigo parar de rir disso, afinal, quando Justin Timberlake me disse para não soltar os ovos, a parte do meu cérebro que se esforçava para ainda

funcionar começou a criar uma série de piadas envolvendo ovulação.

Não que eu tenha sido corajosa o suficiente para dizer alguma delas.

Então, é uma cruz que eu tenho que carregar, de verdade, o fato de que, durante o meu grande momento diante de uma celebridade, fiquei completamente muda, a ponto de a celebridade em questão se mostrar incerta sobre se eu sobreviveria ao encontro sem soltar uma dúzia de ovos.

E foi exatamente assim que me senti olhando para Jensen Bergstrom parado à minha frente no avião.

Puft.

Tela preta.

No tempo que meu sistema levou para reiniciar, Jensen havia saído do corredor, perguntando ao homem que vinha atrás dele, em direção à minha fileira, se não se importaria de trocar de lugar, e depois se sentando na cadeira ao meu lado.

Graças a Deus dessa vez eu estava sentada. E não segurando ovos.

– Mas que...? – Minha pergunta foi interrompida pela sensação de asfixia na garganta.

Ele deixou escapar baixinho:

– Oi.

Quando Jensen engoliu em seco, meus olhos deslizaram para a sua garganta. Ele estava usando uma camisa social, mas com a gola aberta. Sem casaco, sem gravata. E, com os olhos colados ao seu pescoço, pude notar seu pulso e de repente me senti queimando, ardendo.

Olhei para o seu rosto e era como rever todas as minhas memórias favoritas. Revi a cicatriz abaixo do seu olho esquerdo, a sarda solitária na bochecha direita. Lembrei que seus incisivos ligeiramente se sobrepunham aos dentes em suas laterais, criando o sorriso mais perfeito do mundo. Todas essas imperfeições menores haviam transformado Jensen em nada menos do que um deus para mim, mas vê-las agora me fazia perceber que elas tornavam aquele o meu rosto favorito em todo o mundo.

Nossos olhares se encontraram, e ali estava aquela fricção química inacreditável.

Nós tínhamos essa química, não tínhamos?

Por outro lado, acho que toda mulher teria essa fricção química com um homem como Jensen. Quero dizer, *porra!* Como não teria? *Olhe* para ele.

E veja o que eu fiz. Jensen tampouco estava de calça social. Em vez disso, usava uma calça jeans escura que abraçava suas coxas musculosas e tênis Adidas verdes... E meu cérebro se ateve por um segundo àquelas roupas casuais, tentando descobrir se *ele* era mesmo *ele*.

– Oi? – respondi, mexendo a cabeça antes de tagarelar: – Não retornei o seu telefonema. – Minhas palavras soavam irregulares como pedacinhos de papel rasgado. – Ah, Deus. E você estava *aqui*? Em Londres?

– Sim – ele respondeu, franzindo levemente a testa. – E não, você não retornou a minha ligação. Por quê?

Em vez de uma resposta, outra pergunta saiu pela minha boca:

– Você realmente está no mesmo voo que vai me levar a Boston? Não seria coincidência *demais*?

Eu não sabia como me sentir com relação a isso.

Bem, não é verdade. Eu simplesmente sentia muitas coisas confusas com relação a isso e não sabia qual dessas coisas venceria a batalha e sairia dominante.

Em primeiro lugar, euforia. Era um reflexo, como o repuxar do meu joelho. Ele estava lindo e feliz e havia uma energia frenética em seus olhos que parecia um colete salva-vidas jogado direto na minha direção. Independentemente de qualquer coisa, eu tinha adorado passar tempo com ele durante a viagem. Tinha começado a *amá-lo*.

Mas também cautela. Por motivos óbvios.

E raiva. Também por motivos óbvios.

E, talvez, apenas uma faísca de esperança.

– Uma coincidência e tanto – ele concordou baixinho. Depois, deu um sorriso que se espalhou por todo o seu rosto, desde os olhos até os lábios, passando pelas bochechas. – Está indo para Boston? Tentei traduzir o repuxar esperançoso de sua sobancelha, a forma como ele me olhava nos olhos.

– Tenho três entrevistas – respondi, assentindo.

A alegria pareceu sumir do seu rosto.

– Ah.

Fazer o quê?

Assenti, desviando o olhar e engolindo as palavras “não se preocupe, eu não vou ligar para você se você não pedir”, que pareciam apertar a minha garganta.

– E eles compraram uma passagem na primeira classe para você? – Jensen resmungou. – Uau!

Para mim, já bastava! Era esse tipo de coisa que ele achava interessante? Se eu valia ou não uma passagem cara de avião? Virando o rosto para a janela, ri para mim mesma, mesmo sem achar a menor graça.

Eu tinha passado as últimas três semanas tentando parar de pensar nele. E estava demorando mais para superar um caso de duas semanas do que tinha levado para deixar para trás o traseiro branquelo de Mark. E, ainda assim, aqui estava eu, bem ao lado de Jensen. E era doloroso.

– Pippa! – ele me chamou baixinho, pousando a mão cuidadosamente sobre a minha, no meu colo. – Você está com raiva de mim ou algo assim?

Suavemente afastei minha mão. As palavras borbulharam em minha garganta, mas eu logo as engoli, afinal, eu não passava de um caso.

Foi só um caso.

Pippa, caramba, foi só um caso.

Olhei outra vez para ele, incapaz de continuar dizendo essa mentira a mim mesma.

– A questão é, Jensen, o que aconteceu entre nós em outubro. Para mim, não foi só um caso.

Seus olhos ficaram arregalados.

– Eu...

– E você me deixou totalmente de lado.

Jensen abriu a boca para falar outra vez, mas eu fui mais rápida:

– Olha, sei que era para ser um caso, mas aparentemente meu coração tinha outros planos. Então, se não estou olhando para você é porque me importo com você... E também estou com uma leve vontade de quebrar a sua cara.

Negando com a cabeça como se não soubesse exatamente por onde começar, Jensen falou:

– No sábado à noite, antes de ligar para você, fui ao seu antigo apartamento. No domingo, enviei um e-mail a Ruby para tentar encontrar você. Liguei no seu telefone a cada quatro horas nos últimos três dias.

Um martelo começou a bater dentro do meu peito.

– No sábado, quando você ligou, eu tinha saído com amigos para comemorar as minhas entrevistas de emprego. Desliguei o celular no domingo porque não consegui aguentar. Há pouco mais de uma semana, mudei-me daquele apartamento para a casa das minhas mães. Liguei para você não muito tempo depois que deixei Boston e cheguei a Londres. Aliás, liguei duas vezes. Nas duas, você mandou a ligação para a caixa de mensagens. Talvez sábado tenha sido um pouco tarde demais para me ligar de volta.

Seus olhos se arregalaram.

– Então por que você não deixou uma mensagem de voz? Eu não sabia que era você ligando. Tenho o seu número na minha lista de contatos, mas não vi nenhuma ligação sua não atendida.

– Era um número da Inglaterra, Jensen, o meu telefone fixo, ligando quando era noite em Londres. Quem mais poderia ser?

Ele deu risada.

– Talvez uma das cinquenta pessoas com quem trabalho no escritório daqui? – Sua voz saiu mais suave quando ele acrescentou: – Você acha que alguém para

de trabalhar nessa empresa?

Ignorei seu sorriso afetuoso porque uma pontada causticante de humilhação rapidamente se espalhou por minhas bochechas.

– Não me faça parecer uma idiota. Até eu sei que você jamais mandaria um telefonema de trabalho direto para a caixa de mensagens.

– Pippa – ele falou, aproximando-se e segurando a minha mão com a sua, quente e firme. – Londres começa a trabalhar no meio da noite para mim, e o escritório na Costa Leste só fecha depois das nove da noite. Isso significa que das seis da manhã até por volta de meia-noite eu participo de reuniões ou respondo e-mails e mensagens de voz que as pessoas deixam quando estou dormindo ou nas reuniões. Eu quase nunca atendo o telefone, especialmente quando enfim chego em casa.

A maldita retrospectiva dava o ar da graça outra vez.

Eu tinha imediatamente imaginado que ele estava me ignorando quando, de fato, estava fazendo o que fazia com todo mundo, já que não gostava de falar ao telefone.

– Por que é que você ainda tem um celular? – perguntei com os olhos apertados.

Jensen sorriu.

– Trabalho. Não posso ignorar as ligações do meu chefe, o dono da empresa, nem da minha mãe.

Negando com a cabeça, sussurrei:

– Não tente me seduzir.

Meu comentário claramente o deixou aturdido.

– Não estou tentando seduzir ninguém. Estou sendo sincero. Eu não sabia que você tinha ligado. Quem me dera saber! Senti saudade.

Essas palavras ressoaram dentro de mim, gerando uma reação confusa que eu seria incapaz de definir, mas isso não significava muita coisa. Eu tinha ficado em sua cidade durante dias ao final das minhas férias, e ele não tinha me ligado depois daquela noite em sua casa nem demonstrado qualquer interesse em voltar a me ver. E, apesar do que tínhamos dito anteriormente, a verdade era que eu não estava nem um pouco interessada em esperar aquela ligação de “Quando Jensen Está em Londres”.

– Embora seja bom saber que você se importa, no fim das contas acho que não quero que você me ligue quando estiver de passagem por Londres. Descobri que não sou do tipo que vive tendo casos. – Funguei, tentando parecer controlada. – Não mais. Acho que não quero mais seguir por esse caminho.

Jensen fez uma pausa antes de falar, piscando para mim algumas vezes.

– Eu nunca fui do tipo que vive tendo casos.

– Se minha memória não estiver falhando, parece que você viveu muito bem tendo casos.

Um sorriso repuxou a lateral da sua boca.

– Pippa, pergunte por que eu estou aqui.

– Acho que já ficou claro que estava aqui a trabalho. O escritório de Londres, lembra?

Ele inclinou a cabeça, estreitou os olhos.

– Foi *isso* que ficou claro?

Franzi a testa. Não foi? A situação toda estava se tornando muito confusa, afinal, Jensen tinha falado sobre fuso horário e horas de trabalho e...

– Está bem – enfim cedi, falando com uma voz sem emoção. – Por que você está aqui?

– Eu vim até aqui para ver você.

Puft.

Tela preta.

Enquanto minha mente tentava processar essas palavras, ele simplesmente me observou, seu leve sorriso se espalhando pelo rosto, ainda cheio de incerteza.

– Você... *o quê?*

Seu sorriso se tornou mais aberto enquanto ele assentia.

– Eu vim até aqui para ver você. Percebi que eu queria mais. Vim para ver se você... também queria mais comigo. Eu estou apaixonado por você.

Minhas pernas se enrijeceram, empurrando-me para cima, fazendo-me ficar em pé e, antes que eu percebesse, estava desajeitadamente pisando em seu colo e tropeçando pelo corredor, a caminho do banheiro.

A comissária gritou atrás de mim:

– Vamos decolar em breve...

Mas o embarque ainda estava aberto. E eu tinha que...

me mexer

andar

respirar

alguma coisa.

Entrei no banheiro e estava começando a fechar a porta quando uma mão me segurou e me impediu.

Jensen olhou para mim como se implorasse.

– Aqui mal tem espaço para mim – sussurrei, forçando a mão contra seu peito.

Mesmo assim, ele deu um passo para a frente, habilmente trocando as nossas posições, de modo que minhas costas agora estivessem contra a porta.

– Mas... nos dê um segundo – ele disse para a comissária agitada.

Jensen fechou cuidadosamente a porta, baixou a tampa do vaso sanitário,

sentou-se ali e ficou olhando para mim.

– Que diabos estamos fazendo aqui? – eu quis saber.

Ele segurou minhas mãos, olhou para elas.

– Não quero que você vá embora depois de eu dizer que te amo.

– Eu vou passar o voo inteiro sentada ao seu lado – rebati desajeitadamente.

Ele estremeceu, balançando levemente a cabeça.

– Pippa...

– Eu voltei de Boston e me senti péssima – contei para ele. – Pedi demissão, voltei para a casa das minhas mães e comecei a transformar a minha vida em uma realidade à qual eu gostaria de voltar depois de tirar férias.

Jensen ouviu, observando-me pacientemente.

– Não sei dizer se você me arruinou ou... deu um jeito em mim – falei. – Eu saí com alguns caras... – Ele estremeceu outra vez. – E não gostei de nenhum deles.

– Eu não fiquei com ninguém depois de você – ele afirmou.

– Nem com a Emily do softball?

Jensen deu risada.

– Nem com ela. E não foi nenhum sacrifício. – Ele estendeu a mão, acariciou meu queixo e olhou direto nos meus olhos. – E talvez Hanna e Will digam que isso é normal, mas antes eu saí com várias mulheres. Só não tinha conhecido você ainda. Você é a pessoa mais linda que já conheci.

Ele estava olhando outra vez no meu rosto quando disse isso. E não tinha feito nenhum comentário sobre os meus cabelos.

Se tinha percebido que agora estavam com uma tonalidade lavanda, não deixou transparecer. Nem deu aquela olhada casual – mas óbvia – nas pulseiras espalhadas em meu braço ou no meu colar pesado ou em meu coturno vermelho.

E acho que foi aí que eu me dei conta. Eu estava convencida. Aqueles olhos verdes envoltos por pesados cílios; as bochechas suaves e coradas; os cabelos que ele tinha deixado crescer o suficiente para não cair sobre a sobancelha; e, agora, o fato de ele me ver como eu sou, e não como um conjunto de excentricidades e cores fortes...

Meu cérebro tentou encontrar um último argumento.

– Você veio a Londres para esse grande gesto porque está se sentindo solitário.

Jensen me estudou, estendendo uma mão para, pensativo, coçar o maxilar.

– É verdade.

Essas duas palavras ecoaram pesadamente entre nós, e, quanto mais elas ficavam no ar, mais eu percebia que ele *poderia* encontrar outra mulher se só quisesse companhia.

– É tarde demais? – Ele me observou, lábios lentamente formando um sorriso

cético. – Tenho a sensação de que ainda não tivemos uma chance de testar. Da outra vez, nós dois estávamos tentando fazer tudo ser casual.

– Não sei o que pensar de tudo isso – admiti. – Você não é do tipo impulsivo. Segurando minhas mãos, ele deu risada.

– Talvez eu queira mudar um pouco as coisas.

– Antes... – comecei, falando suavemente. – Antes você só me queria quando era conveniente.

Jensen olhou para o banheiro minúsculo à nossa volta, pensou no voo que tinha tomado apenas para me ver. Seu argumento era supérfluo e nós dois sabíamos disso, então ele olhou outra vez para mim e sorriu. Bem-humorado. Tranquilo. Exatamente o homem que eu conhecera na viagem.

– Bem, nós estamos aqui. Não é exatamente a definição de conveniência – rebateu com um sorriso provocante. – E eu te amo.

As palavras explodiram para fora da minha boca:

– Eu já dormi com muitos caras.

– O quê? – E deu risada. – E daí?

– Sou péssima lidando com dinheiro.

– Eu sou ótimo lidando com dinheiro.

Senti meu coração tentando se arrastar para fora de mim.

– E se eu não arrumar emprego em Boston?

– Eu venho para o escritório de Londres.

– Simples assim? – perguntei.

Meu coração era uma bagunça se debatendo no peito.

– Não é exatamente “simples assim” – ele explicou, negando com a cabeça. – Eu passei o último mês me sentindo péssimo e refletindo sobre todos os motivos pelos quais nada faz sentido. O problema é que não há nenhum motivo que me convença a ficar lá. – Jensen deslizou o indicador por uma sobrelanceada arqueada. – Não me importo com a distância. Não tenho a preocupação de que você vá me deixar sem uma explicação. Não ligo por sermos pessoas tão diferentes e não me preocupo com meu trabalho entrar no nosso caminho. Não vou deixar isso acontecer. Não mais.

Ele fez uma pausa antes de acrescentar:

– Na sexta-feira, eu virei sócio da empresa.

Senti o ar à nossa volta parar e o pequeno espaço do banheiro pareceu encolher ainda mais.

– Você o quê?

Seu sorriso era provocador e doce.

– Ainda não contei para ninguém. Queria contar primeiro para você.

Agarrando seus ombros, gritei:

– Você está *me zoando*?

Jensen deu risada.

– Não. É uma loucura, eu sei.

Mas estar tão perto dele e sentir essa expectativa enorme era aterrorizante.

– Pippa – falou, olhando para mim. – Você acha que também poderia me amar?

– E se eu não pudesse? – sussurrei.

Ele me olhou sem falar nada. Em seu olhar não havia nem arrogância, nem derrota. Havia um ar de certeza vindo de seu coração, algo dizendo que ele não estava errado, que nós daríamos certo.

Eu sabia o quanto ele tinha trabalhado para conseguir confiar em sua bússola emocional e eu seria uma pessoa horrível se destruísse essa confiança.

– Se eu dissesse que não poderia, você saberia que eu estaria mentindo – admiti.

Seu peito desceu um pouco quando ele expirou com insegurança.

– Mentindo?

Mordisquei o lábio antes de esclarecer:

– Porque eu já amo.

Seu rosto inteiro se transformou quando ele abriu um sorriso enorme.

– Desculpe – disse. – Você está um pouco longe demais, eu não consigo...

Abaixei-me, repeti as palavras contra sua boca antes de beijá-lo.

E o mais estranho: o beijo parecia familiar, como se tivéssemos nos beijado mil vezes antes. E acho que tínhamos. Eu esperava que fosse alguma espécie de revelação, algo como um beijo de comprometimento.

Dizer as palavras em voz alta não tinha mudado nada. Elas só nos fizeram reconhecer o que já existia.

Epílogo

IRRESISTÍVEIS

JENSEN

O avião tocou o solo e eu acordei Pippa, sacudindo-a suavemente. Ela se assustou, deu um pulo, inspirou duramente e olhou em volta.

Observei-a enquanto ela se lembrava do que tinha acontecido: entrar no avião, me encontrar ali, nossa conversa no banheiro minúsculo, as declarações, termos sido expulsos do banheiro para a decolagem e o jeito mais esquisito do mundo de nos abraçarmos em nossos assentos. Ela dormiu cerca de meia hora depois que ganhamos altitude, deixando-me sozinho para pensar em tudo o que estava acontecendo.

Eu gostava de estar preparado.

Se Pippa não encontrasse um trabalho em Boston, poderíamos nos mudar para a Inglaterra.

Ou ela poderia ir morar comigo e encontrar alguma coisa para fazer, sem precisar necessariamente se apressar. Mas Pippa era muito independente e vivaz; eu não sabia como ela responderia à minha sugestão de me deixar ganhar dinheiro enquanto ela cuidasse de tornar as nossas vidas interessantes.

Por outro lado, parte de mim suspeitava que esse fosse o emprego dos sonhos de Pippa: Aventura S/A.

– Eu babei em você? – ela perguntou, ainda um pouco rouca por ter acabado de acordar.

– Só um pouquinho.

Pippa sorriu.

– Eu melhoro a cada vez que voamos juntos.

Acariciando seu queixo, eu me aproximei e dei-lhe um beijo rápido.

– Esse voo foi ótimo.

Sáímos da aeronave e atravessamos os corredores para pegarmos a mala dela.

– Me diga como estão os seus horários – pedi, ajeitando a minha mochila sobre a mala de rodinhas de Pippa e guiando-a ao estacionamento.

– Que dia é hoje? – perguntou, esfregando as mãos nos olhos. – Terça-feira?

– Isso. – Olhei para o relógio em meu pulso. – Terça-feira, 4h49 da tarde no horário local.

– Tenho uma entrevista amanhã às dez da manhã e, se não me falha a memória, outras duas na quinta-feira. – Ela puxou o celular do bolso e apertou os olhos enquanto estudava a tela. – Isso, é isso mesmo.

Olhei curioso para o seu celular, lembrando que ela dissera que tinha ficado sem serviço. Compreendendo, ela disse, bocejando:

– Mães. Celular novo e dinheiro para o almoço antes de eu vir.

Eu mal podia esperar para conhecê-las.

– E reservaram um hotel para você? Quero dizer, seus entrevistadores, não as suas mães.

Ela assentiu.

– Um quarto no Omni.

Ficamos em silêncio enquanto seguimos andando até o meu carro. Por um lado, eu não queria apressar as coisas. Por outro, tinha ido até Londres para declarar o meu amor e, antes disso, nós tínhamos transado de todas as maneiras concebíveis. Parecia um pouco tarde demais para me preocupar com apressar as coisas.

– Quer ficar em casa?

Ela me olhou enquanto eu ajeitava a bagagem no carro.

– Ou eu vou para lá, ou você vai para o meu hotel – afirmou, rindo. – Afinal, agora você é meu, não?

—

Sem trânsito, levaríamos cerca de quinze minutos entre o Logan International e o hotel de Pippa, ou meia hora até a minha casa.

A vantagem do hotel: mais rápido para chegar.

A vantagem da minha casa: minha cama, mais opções de entrega de comida e mais superfícies planas para atividade sexual.

Meu telefone tocou enquanto passávamos pelas ruas, a mão de Pippa em minha perna. Olhando para a tela, vi o rosto de Hanna.

Pippa sorriu, animada, mas eu levei o dedo aos lábios para indicar que deveríamos ficar em silêncio para fazer uma surpresa. Também suspeitei que, se Hanna desconfiasse que Pippa estava comigo, ela tentaria nos convencer a ir à sua casa e... não.

– Oi, Ziggs.

– Ouça – ela falou com uma voz estourada, permeada pelo pânico. – Desculpa por não ter atendido sua ligação na sexta-feira, mas depois você não atendeu mais e estou me sentindo culpada por uma coisa e...

– Querida, está tudo bem – falei, rindo. – Eu liguei para você enquanto estava deixando a cidade e desde então estive um pouco... ocupado.

– Ah, você não está em Boston? – ela perguntou, confusa.

A única pessoa que conhecia minha agenda melhor do que Hanna era a minha assistente.

– Agora estou. Eu só queria dizer para você que...

– Não, espere. Deixe-me falar primeiro – pediu. – Eu não disse uma coisa para você e agora estou me remoendo.

Confuso, arqueei as sobrancelhas.

– Você não me disse uma coisa?

– Pippa está vindo para cá – Hanna contou. – Para Boston. Isso se ela já não estiver aqui. Vai fazer algumas entrevistas de emprego.

Ela engoliu uma lufada de ar depois da última palavra, e então não havia nada além de silêncio. Era como se Hanna tivesse lançado uma granada e dado um pulo para trás na esperança de ser poupada da explosão. Pippa levou a mão à boca.

Eu queria surpreender Hanna levando Pippa à sua casa, talvez amanhã, mas agora eu não sabia o que fazer.

– Não fique nervoso – Hanna acrescentou, tentando parecer animada. – Eu não sabia direito como você reagiria. Sei que não queria que eu me intrometesse mais.

Sorri para Pippa, que, em silêncio, mordiscou o lábio inferior, e falei:

– Eu não estou nervoso.

– Eu só queria muito que vocês dois dessem certo – Hanna continuou. – E espero que eu consiga vê-la enquanto ela estiver em Boston porque gosto tanto dela...

– Tenho certeza de que você vai vê-la.

– Mas... – minha irmã prosseguiu. – Prometo que não vou vê-la se isso o fizer sentir-se estranho.

– Não vou me sentir estranho – admiti. – Eu também amo Pippa.

Ao meu lado, Pippa abriu um sorriso enorme. Hanna ficou totalmente em

silêncio antes de sussurrar:

– Como é que é?

– Ziggs, eu preciso chegar em casa, mas posso passar aí para jantar um pouco mais tarde? Também tenho uma surpresa.

—

Subir a escada da minha casa pareceu-me um pouco surreal. Será que nós chegaríamos a morar juntos? Será que viveríamos *aqui*? Não que eu estivesse pensando em cada pergunta, mas muitas delas giravam dentro da minha cabeça – quando moraríamos perto um do outro? Quando moraríamos juntos? Será que isso duraria para sempre? Qual emprego ela arrumaria? Ela *precisava mesmo* de um emprego? De qualquer modo, o silêncio reinou quando fechamos a porta.

Pippa deslizou o olhar pela sala de estar.

– Quando estive aqui da outra vez, não prestei muita atenção.

Pude notar o pulsar em seu pescoço, abaixo da pele suave, naquela garganta ao mesmo tempo delicada e forte.

– E acho que agora também não é hora de prestar atenção.

Ela se virou para me olhar e abriu um sorriso enorme.

– Não?

– Não.

Aproximei-me de Pippa e ela estendeu a mão. Usou a barra da minha camisa para me puxar para perto.

– Então vamos direto para o sexo?

Assentindo, respondi:

– Direto para o sexo.

– Quarto?

– Ou sofá – sugeri. – Ou bancada da cozinha.

Ela se alongou e me beijou preguiçosamente.

– Ou banho.

Banho. Essa me parecia uma ideia excelente.

Fiz nós dois darmos meia-volta antes de segurar sua mão e levá-la ao banheiro da suíte máster.

– Seus cabelos estão lindos.

Senti-a rindo, a vibração em sua garganta contra a minha boca.

– Pensei que você não fosse comentar. Imaginei que detestasse essa cor.

– Eu percebi – falei. – Mas não dei muita atenção até você dormir em cima de mim. Acho que eu só estava animado por vê-la e tão nervoso que não processei a

informação. Gostei dos cabelos.

Ela arrancou a minha camisa e a jogou no chão próximo ao chuveiro.

– Essa é uma boa resposta.

– É?

Minhas mãos repousaram sobre seus ombros antes de começarem a puxar o tecido que havia ali.

O vestido de Pippa caiu aos seus pés e ela deu um passo para o lado.

– É. Meu avô vai gostar de você.

Afastei-me, olhando surpreso para ela.

– Avô? – Olhei para suas mãos, que arrancavam minha calça jeans e levavam a cueca junto. – Estamos falando do seu avô agora?

Ela deu um sorrisinho afetado.

– Um dia eu conto toda a história para você.

– Quando estivermos comendo sanduíches e tomando refrigerante – falei, rindo. – Não quando estamos...

Nua, ela ficou de costas para mim, estendendo a mão para abrir o chuveiro. E, porra!, aqui estava tudo o que eu queria, tudo no mesmo lugar.

Fizemos sexo no banho. E, dessa vez, sem precisar dizer adeus depois, sem aquela compreensão de que tudo era temporário, mas sabendo que não era.

—

No sofá, Pippa se aproximou de mim, seus cabelos molhados fazendo cócegas em meu pescoço enquanto ela tomava o controle remoto das minhas mãos.

– Eu me recuso a ver *Game of Thrones*.

Fiz beicinho para ela. Eu tinha gravado toda a temporada anterior e estava pronto para me deliciar.

– Pensei que você só fosse dormir em cima de mim.

– Não estou mais cansada.

– Mas...

– Tenho certeza de que o seriado é ótimo. Mas tem sangue e violência demais para o meu gosto.

– Acho que isso significa que você também vai vetar *The Walking Dead*? Porque gravei alguns episódios.

Ela riu e roubou a minha cerveja para tomar um gole antes de devolvê-la.

– Exatamente. – Olhando em volta, resmungou: – Você precisa de mais cores aqui.

– Você descobriu o meu truque. – Aproximei-me, beijei sua têmpora enquanto

ela escolhia o filme *Descompensada* no iTunes. – Eu só trouxe você aqui para redecorar a casa.

– Há algum item aqui que tenha valor sentimental?

Acompanhei seu olhar, que pousou em uma luminária antiga e descolada em um canto.

Tomando um gole de cerveja, neguei com a cabeça.

– Não.

– Carta branca?

– Pode fazer o que quiser comigo *e* com a minha casa.

Ela roubou outra vez a minha cerveja, seus olhos fixos no começo do filme na TV.

– Mas não com a minha cerveja.

Sorrindo, peguei a garrafa de volta.

Ela esticou o braço, impedindo que eu alcançasse a cerveja, rindo.

– É possível que eu venha aqui e vire tudo de ponta-cabeça.

– Espero que sim.

– Você vai reclamar quando trabalhar demais.

– Melhor que seja assim.

Ela inclinou o rosto na direção do meu.

– Espero encontrar um emprego aqui. Quero *muito* que dê certo.

– Eu também quero.

Ela fez beicinho.

– Gosto do seu banheiro. Tem espaço lá para um milhão de shampoos. E a sua cama é muito confortável. Hanna também mora em Boston e eu adoro todos os amigos de Nova York. E, só de ficarmos juntos assim, detesto imaginar não ter isso. Em especial, detesto imaginar não ter *você*.

A vulnerabilidade em suas palavras fez meu coração se apertar.

– Independentemente do resultado das entrevistas, vamos dar um jeito de fazer acontecer.

Seus olhos brilharam quando algo pareceu se passar em sua mente. Então, Pippa ajeitou o corpo.

– A gente não ia à casa da Hanna?

Quase pulei do sofá.

– Puta merda!

Peguei meu celular na mesinha de centro, quase o derrubei no colo de Pippa. Mas, assim que olhei para a tela, vi uma única notificação ali: uma mensagem de texto da minha irmã.

“Não podemos jantar juntos hoje. Estamos a caminho de Nova York. Todo mundo vai se encontrar lá. Venha se unir a nós assim que puder.”

E, depois disso, o *emoji* de um bebê.

– Que...? – Mas aí me dei conta. – Nossa. *Nossaaa!!!*

Pippa olhou para mim.

– O que foi?

– Não podemos jantar na casa de Hanna e Will hoje à noite – respondi. – Mas, antes que eu possa contar para você, só quero ter certeza de que está pronta para mim e tudo o que vem com a minha família e os meus amigos...

Ela se aproximou.

– Sim. Eu quero tudo isso.

Virei meu telefone na direção dela, para que pudesse ler. A mesma confusão e, em seguida, compreensão, espalharam-se por seu rosto.

– Quer ir? – perguntei.

– Porra, claro que sim! – exclamou em resposta, sorrindo para mim. Em seguida, virou-se e pegou seu celular na bolsa no chão. – Hanna também me mandou uma mensagem. – Analisou a tela. – Pedindo desculpas por possivelmente não poder se encontrar comigo nessa viagem.

Sorri para ela.

– Ou talvez você apareça e a surpreenda.

Observando outra vez o telefone, Pippa ficou com os olhos marejados.

– Ruby também mandou uma mensagem. Ela também não quer perder o encontro. Todo mundo vai para lá para comemorar?

– Provavelmente. E, em uma situação normal, eu ficaria aqui, enterrado no trabalho. Mas, se você vai, eu vou – falei. – Eles são loucos e autoritários, mas... acho que você vai se adequar perfeitamente.

Ela engoliu em seco, aparentando se sentir insultada.

– Você me acha louca e autoritária?

– Não. Acho você divertida e inteligente e intensa. – Dei um beijinho em seu nariz. – E totalmente *irresistível*.

Epílogo

PLAYBOY IRRESISTÍVEL

WILL

Hanna desligou o telefone e ficou olhando confusa para o aparelho.

– Ele estava no carro. E parecia muito ocupado.

– Jensen? Ocupado? – ironizei, adotando um tom sarcasticamente confuso.

Jensen *sempre* parecia ocupado.

– Não – ela esclareceu. – Eu não quis dizer ocupado com o trabalho. Não estava daquele jeito, falando com sua voz de homem de negócios e todo monossilábico, isso quando atende ao telefone. Estava mais, tipo... *distraído*. – Mordiscou o lábio e acrescentou: – Jensen soava estranhamente tranquilo e *feliz*. E falou sobre amor... – Balançou a cabeça. – Não entendi nada.

Encolhendo os ombros, ela deu a volta no balcão da cozinha para me abraçar, descansando o queixo em meu ombro.

– Não quero ir trabalhar amanhã.

– Eu também não – confessei. – E nem me sinto inspirado para trabalhar hoje à noite. – Ergui o braço atrás dela para olhar o relógio em meu pulso. – Tenho que fazer aquela ligação para a Biollex daqui a uma hora.

– Will? – Sua voz saiu meio fraca, como ficava quando ela tentava me perguntar o que eu queria ganhar de Natal ou se eu estaria disposto a fazer uma torta de cereja só porque ela queria. Para o jantar.

Olhei para Hanna e beijei a ponta de seu nariz.

– Diga.

– Tem certeza de que quer esperar dois anos?

Precisei de um instante para me dar conta do que ela estava falando.

Era ela que não estava pronta para ter filhos. Agora com 34 anos, eu me sentia pronto, mas é claro que estava disposto a esperar até que nós dois estivéssemos preparados.

Percebi que esse era o jeito de Hanna dizer “acho que estou pronta”.

– Você quer dizer...?

Assentindo, ela falou:

– Talvez não dê certo imediatamente. Quero dizer, lembra o que Chloe e Bennett enfrentaram? Talvez fosse bom a gente só... ver o que acontece.

Meu celular vibrou no balcão da cozinha, mas eu o ignorei.

– Ah, é? – lancei, observando sua expressão.

Tinha sido mesmo difícil para Chloe engravidar. Ela e Bennett tentaram por mais de dois anos. Deixando de lado todo o senso de humor, parte de mim acreditava que esse era o motivo pelo qual Chloe estava tão feliz. Os dois não deixaram o desejo de ter um filho tomar todo o espaço de suas vidas, mas havia um alívio e uma sensação de vitória inegáveis em seus olhos quando nos contaram que enfim estavam esperando um bebê.

Hanna assentiu, mordiscando seu lábio inferior, mas o sorriso iluminou seus olhos.

– É melhor você ter certeza – sussurrei antes de beijá-la outra vez. – Não é uma coisa do tipo “acho que pode ser agora”.

– Eu cuido da violeta na janela da cozinha e a tenho mantido viva pelos últimos sete meses – apontou, sorrindo para mim. – E acho que sou uma boa mãe para Penrose.

– Você é uma ótima mãe para a nossa cachorra – elogiei, tomando cuidado para manter minha animação controlada. – Mas também é viciada em trabalho.

Ela me encarou e eu percebi o que estava silenciosamente dizendo: “São sete e quinze da noite e, *hello!*, há duas horas eu estou aqui, de pijama, e não no laboratório”.

– Isso é um dia – falei com uma voz apertada. – Na maior parte dos outros, você sai às sete da manhã e só volta quando já está escuro. Sei que, de acordo com os nossos planos, eu ficaria em casa, mas, num primeiro momento, você também vai querer ficar. É uma questão importante, não é?

– Eu estou pronta, Will. – Ela se alongou e beijou meu queixo. – Eu quero ter um filho.

Caramba!

Olhei para o relógio. Eu tinha uma ligação importante para fazer em... 45 minutos. E queria dar uma revisada nos assuntos antes, mas agora tinha outra coisa que eu queria mais.

Para ser mais específico: a cintura quente de Hanna debaixo das minhas mãos

e aquelas arfadas que ela soltava quando eu a erguia e a colocava sentada na ilha da cozinha. Queria sentir suas unhas se afundando em minhas costas e seu abraço. Não era a primeira vez que transaríamos neste cômodo – nem de longe –, mas agora parecia diferente.

– Isso é o sexo de duas pessoas *supercasadas* – ela disse, tirando as palavras da minha boca enquanto alegremente puxava a minha camisa para fora da calça jeans. – Será nossa primeira vez fazendo sexo produtivo, reprodutivo. Com um objetivo! Sexo com uma missão! – E olhou beatificamente para o meu rosto. – Missionário!

Beijei-a para calá-la, rindo contra sua boca e arrancando sua calça de pijama.

– Espere aí, espere aí. – Afastei-me e olhei para ela. – Você ainda está tomando anticoncepcional, não está?

Como se se sentisse culpada, encolheu o ombro.

– Como assim?! – Fiquei boquiaberto para ela. – Quando foi que você parou?

Soltando um pouquinho os ombros, ela admitiu:

– Acho que há uma semana.

– A gente transou na última semana. – Pensativo, pisquei os olhos. – Tipo, várias vezes.

– Eu sei, mas não acho que eu tenha ficado, tipo, *imediatamente fértil*, nem nada do tipo.

Mesmo me deparando com sua confiança ilógica, senti um calor se espalhar por meu corpo. Sei que devia ter ficado um pouco irritado por ela ter feito isso sem conversarmos, mas não fiquei. A possibilidade de repente parecia real pra caralho. A gente teria filhos um dia. Talvez logo.

Putá merda!

Tudo se transformou em uma mistura de risada e dentes batendo e membros presos em roupas, mas, quando eu a tinha livre o suficiente para me colocar entre seus joelhos e invadi-la, o resto do mundo se derreteu na minha visão periférica. No fim das contas, não se tratava de sexo com um objetivo. Era apenas... estar com Hanna. Como eu tinha ficado mil vezes, com um leve eco de expectativa e excitação que não tinha nada a ver com senti-la em mim ou os gemidos que ela soltava. Seus cabelos tocaram meu rosto quando me inclinei para beijar seu pescoço. Suas mãos eram suaves e firmes em minhas costas, agarrando meu traseiro. Eu tinha visto Hanna se transformar de uma mulher jovem e inocente em um poço de energia, confiança e assertividade. E, comigo, ela continuava sendo a mulher doce, aberta e sorridente pela qual me apaixonara havia mais de três anos.

—

Hanna soltou o corpo na ilha da cozinha, olhando-me com os olhos embriagados de quem havia acabado de transar.

– Muito bem, William.

Beijei seus seios, murmurei alguma coisa incoerente.

Ela estendeu a mão cegamente para trás quando meu telefone vibrou outra vez.

– O que está acontecendo com o seu celular? Será que você confundiu o horário daquela ligação?

Pegando o aparelho, ela o levou para perto do rosto para ler a tela, mantendo uma mão enterrada em meus cabelos.

Senti seu corpo ficar paralisado embaixo do meu, a respiração presa em seu peito.

– Will.

Dei um beijo sobre seu coração.

– Hum?

– Você tem... algumas mensagens de texto de Bennett e uma de Max.

Dei risada.

– Leia para mim.

Hanna se recusou e estendeu a mão, entregando o celular para mim.

– Acho que você vai querer ver com seus próprios olhos.

Epílogo

ESTRANHO IRRESISTÍVEL

MAX

– Como é que eu tive três filhos antes e nenhuma dessas roupas de maternidade serve no meu corpo?

Sara puxou a barra da camiseta e me olhou pelo espelho, o desespero escancarado em sua expressão. A camiseta servia nas mangas, no peito, na largura. Mas estava longe de ser longa o suficiente. O tecido sequer chegava a cobrir seu barrigão de grávida.

– Porque o pequeno Graham se recusa a se manter contido – respondi, beijando o topo da cabeça dela. – Temo por você não conseguir espirrar sem se molhar.

– Isso acontece desde Annabel. – Ela se virou, apoiou as costas na bancada do banheiro. A testa franzida deu lugar a um sorriso apertado. – Eu te amo.

Dei risada. Esse era seu refrão ao longo das últimas semanas. Toda vez que internamente sentia vontade de me dar um soco, ela dizia que me amava.

Eu não precisava perguntar para descobrir se era verdade. Ela já tinha dito muitas vezes que me amava.

Meus bebês gigantes a forçavam a fazer xixi quando ela espirrava: “Eu te amo, Max.”

Tivemos que pedir uma mesa em vez de uma cabine quando ela foi tomar café da manhã em seu restaurante favorito, o Hell’s Kitchen, porque minha prole gigante tomava espaço demais: “Eu te amo, Max.”

Nossa segunda filha, Iris, que estava para completar dois anos, já tinha quebrado um braço tentando “jogar rúgbi” no parque: “Eu te amo, Max.”

Nossa vida era uma bagunça de crianças e suco derramado e telefonemas de trabalho atendidos no banheiro e limpar manchas de gelatina nos móveis. Mas, para dizer a verdade, eu não temia nosso futuro ainda mais caótico. Sara adorava ter filhos mais do que adorava qualquer outra coisa, e nós dois parecíamos capazes de enfrentar muito bem essa loucura. Disse a ela que três estaria bom. Ela queria cinco. Mesmo a essa altura, ainda não tinha mudado de ideia.

De qualquer forma, depois desse parto, talvez eu sugerisse que parássemos no quarto filho: durante toda a gravidez, Sara se mostrou... espirituosa.

Ezra gritou com Iris no outro quarto e o grito foi seguido por uma forte pancada. Comecei a avançar na direção da porta, mas Sara me segurou pelo antebraço.

– Não – falou. – É só aquela vitrolinha de brinquedo. Aquilo lá não quebra, de jeito nenhum.

– Como você sabe qual brinquedo era?

Ela abriu um sorriso, fazendo-me lembrar de como andava tranquila.

– Confie em mim. – E puxou a barra da minha camisa. – Venha aqui.

– Por que as crianças ainda não estão na cama? – perguntei, olhando para trás.

– Você pode descobrir depois que vier aqui.

Aproximei-me para beijá-la, deixando-a dizer a intensidade do beijo que queria. E aparentemente ela queria um beijo selvagem e demorado. Suas mãos já deslizavam por baixo da minha camisa, indo da barriga ao peito.

– Você é uma delícia.

Segurei seus seios.

– Você também.

Ela gemeu extasiada.

– Ah, meu Deus, você é mais gostoso do que o meu melhor sutiã. Será que poderia andar atrás de mim, segurando meus peitos o dia todo?

– Você já me deu a tarefa de massagear os seus pés. – Beije-i-a outra vez antes de murmurar pensativo: – Mas acho que uma tarefa é para fazer enquanto estivermos sentados e a outra é para quando estivermos em movimento.

Sara esticou a ponta dos pés e me abraçou na altura do pescoço.

– Você é tão bom comigo.

Deslizei a mão por sua barriga, sentindo o que possivelmente seria um pezinho chutando a minha palma.

– É porque eu te amo.

Seus olhos castanhos enormes encontraram os meus.

– Você alguma vez imaginou isso? – perguntou. – Quatro anos atrás, imaginou que estaríamos grávidos apenas meses depois de transarmos *em um bar*? E que estaríamos prestes a ter o quarto filho e eu ainda me sentiria assim quando

beijasse você?

– Acho que vou me sentir assim para sempre.

– Você sente saudades? – ela perguntou, e eu sabia do que estava falando.

– Claro. Mas temos nosso encontro de aniversário já marcado.

Depois de Annabel, precisamos de alguns meses para voltar ao nosso quarto no clube do Johnny. Mas, depois de Iris, aquele quarto não parecia mais certo. Tentamos algumas vezes, arriscamos voltar àquele lugar que era libertador e erótico e *nosso*. Mas, por algum motivo, fazer amor no quarto com uma parede de vidro gigante agora era diferente. Era quase íntimo demais, expostos demais. Para colocar de uma forma bem simples: não funcionava mais.

Em vez disso, fechamos um novo acordo: durante a hora do almoço, enquanto o Red Moon estivesse fechado, um fotógrafo brilhante – cujo nome nunca descobrimos e que não conhecíamos antes – ficou do outro lado do vidro, tirando fotos enquanto nós dois fazíamos amor. Johnny as usou em uma decoração de bom gosto do corredor. Uma ou duas vezes por mês, íamos lá para uma sessão. Mais vezes se sentíssemos necessidade, menos vezes se os acontecimentos da vida nos impedissem.

Os frequentadores gostavam de saber que ainda andávamos por lá.

Sara gostava de poder escolher quais imagens seriam usadas.

E eu me sentia reassurado de que sempre encontraríamos um jeito de fazer essa necessidade dela funcionar: teríamos esse prazer privado entre nós enquanto vivêssemos.

– Você está feliz? – ela perguntou, arrastando as mãos por debaixo da minha camisa para pressionar meu umbigo.

– Em êxtase.

Ela alongou o corpo e me beijou outra vez.

– Acho que deveríamos parar no quarto filho.

Com meu rosto diante do seu, dei risada.

– Acho que você está certa.

– Gosto de ter um babá. Não quero que ele peça as contas.

O comentário me fez rir mais alto.

– Acho que George também ficou muito feliz por você ter um babá.

No bolso da calça, meu telefone vibrou e eu o puxei para ler a tela.

Meu coração parou.

– Será que devemos comprar uma casa em Connecticut? – ela perguntou pensativa enquanto beijava minha clavícula. – Manhattan não vai funcionar para nós por muito mais tempo.

Olhei sem piscar para a tela.

– Talvez pudéssemos ir a Connecticut de carro amanhã, já que a sua agenda

está tranquila.

Li a mensagem outra vez, e mais uma vez.

Bem, aqui vamos nós. Deixei um risinho escapar. Aquele pobre filho da mãe não tinha ideia do que estava prestes a atingi-lo.

– Max?

Espantado, pisquei para ela.

– Sim?

– Talvez pudéssemos ir a Connecticut amanhã à tarde?

Com um sorriso, virei meu celular para que ela pudesse ler o que estava na tela.

– Ainda não, flor. Temos uma viagem mais importante para fazer agora.

O epílogo *finalmente*

GEORGE

Will puxou a cabeça para fora das cobertas, a boca curvada em um sorriso cheio de orgulho. Seus cabelos estavam perfeitamente amassados e, juro, se eu não fosse um cavalheiro, me sentiria tentado a tirar uma foto dele e compartilhá-la com algumas centenas de seguidores no Snapchat.

Para a sorte de Will, eu *era* um cavalheiro.

– Está vivo? – ele perguntou, beijando o meu peito.

Deixei meu braço deslizar sobre a minha testa.

– Não.

– Ótimo. – Ele se arrastou e beijou meu queixo. – Missão cumprida.

Virei-me para olhar para ele, para puxá-lo para mais perto. Sem nenhum espaço entre nossos corpos, eu podia sentir o forte *tum-tum* de seu coração. Momentos assim me faziam querer ficar em pé na cama e começar a cantar.

Hum, talvez mais tarde.

– Posso dizer uma coisa para você? – ele perguntou, beijando-me, sacudindo levemente meu ombro para que eu olhasse para ele.

Abri os olhos. Sua expressão era de nervosismo, como costumava ser quando eu saía do quarto usando alguma coisa completamente *avant-garde* e percebia que ele queria me emprestar uma calça jeans e uma das suas camisetas. Seus olhos castanhos agora ostentavam um brilho iluminado e dançavam por meu rosto, estudando-me.

– Tenho uma coisa para você.

Ah. Um nervosismo bem diferente, então.

Ele certamente atraiu a minha atenção.

– Um presente?

Rindo, ele rolou para mais longe, pegando alguma coisa na gaveta do criado-mudo. As cobertas deslizaram e eu passei a palma da mão em suas costas.

– Se não bastasse ter o nome perfeito e as costas perfeitas, você cozinha, tolera o meu amor por *boy bands* e ainda me dá presentes? Eu sou o cara mais sortudo do mundo.

Todos os dias eu agradecia ao universo por aquele trem do metrô que passava tão tarde e por:

1. Will Perkins estar atrasado para sua entrevista para ser babá na casa de Sara e Max Stella.
2. Ele ainda estar lá quando eu passei implorando por uma troca de roupas porque tinha me ensopado com a água parada na sarjeta a dois quarteirões dali e estava mais perto da casa de Sara do que da minha.
3. Eles terem nos apresentado.
4. Eu ter dado risada e flertado simplesmente porque o nome dele era Will.
5. Ele ter olhado para a minha camisa grudada ao peito como se ali tivesse encontrado sua religião.

Sempre soube que meu destino seria ficar com um Will. Eu só tinha escolhido o Will errado na primeira vez.

E eu me zoaria para sempre por acreditar em amor à primeira vista, mas me foda com o seu Louboutin de salto mais alto se esse tipo de amor não existir de verdade.

De qualquer forma, não comente nada com Chloe. Ela arrumaria uma régua para medir.

Will rolou até apoiar as costas no colchão e colocou uma caixinha na minha mão. E o mundo todo parou.

Eu esperava um pirulito todo incrementado que ele comprara em alguma das vezes que saiu com Iris e Annabel, talvez um vale-presente para eu trocar a sola dos meus sapatos preferidos, afinal, eu vinha sentindo o luto pela morte iminente deles, e Will Perkins costumava notar esses detalhes. Porém, o presente cabia na palma da minha mão. E pesava. Era preto e de textura macia e... parecia uma caixa *com um significado especial*.

Parecia uma caixa que Will Perkins daria a seu namorado George Mercer no aniversário de um ano, antes de dizer uma coisa importantíssima e capaz de mudar as nossas vidas.

– São abotoaduras, não são? – arrisquei.

Ele sorriu. Seus cabelos loiros caíram sobre a testa enquanto ele se virava outra vez para mim.

– Você não usa abotoaduras.

– Porque não sei usá-las, e não porque não sou refinado o suficiente – insisti.
Will deu risada, beijou meu nariz.

– Você sem dúvida é refinado o suficiente. Mas não deveria se preocupar com coisas como abotoaduras ou tirar o lixo ou consertar a lixeira.

Meus olhos se arregalaram de alegria.

– Você consertou a lixeira?

– Estava cansado de vê-lo enfiando as cascas de cenoura pelo ralo, amor. Foi por isso que consertei.

Estendi a mão e, com delicadeza, puxei seus cabelos. Quando é que eu poderia imaginar que um dia ficaria contente ao conversar sobre essas coisinhas da casa?

– Eu te amo.

– Eu também te amo. – Ele olhou para mim, franziu o cenho. – Você quer que eu abra a caixa?

Olhei para a caixinha na minha mão, entre nossos corpos. Na parte de cima havia uma única palavra escrita em dourado: *Cartier*.

– Brincos? – sussurrei.

Ele negou com a cabeça.

– Suas orelhas não são furadas.

– Fones de ouvido chiques?

– Da Cartier?

Virando-me outra vez para olhar seu rosto, senti um aperto de emoção em meus olhos, um nó pesado em minha garganta. Porra!

– Tem certeza disso? – perguntou. – Eu sou barulhento e bagunceiro e enfio cascas de cenoura no ralo.

Deslizando o dedo por meu lábio inferior, ele balançou a cabeça.

– Não posso perguntar se você não abrir o presente, G.

A caixa se abriu com um leve estalo. Ali dentro havia uma pesada faixa de titânio.

– George – ele falou baixinho antes de me beijar mais uma vez. Senti seu corpo tremendo. Percebi que minha mão também tremia.

– Sim?

– Casa comigo?

Tive que engolir em seco três vezes antes de a resposta sair em voz alta.

Ainda assim, o meu “sim” rouco se transformou no “sim?” alegre dele, que se transformou em centenas de beijos rápidos e um último demorado, que durou todo o tempo enquanto ele se posicionava em cima de mim, seus sopros de fôlego aquecidos atingindo meu pescoço.

Eu poderia ficar aqui, com ele, para sempre.

Trocaria minha bolsa carteiro da Gucci por ficar na cama pelo menos mais

uma hora.

Mas a maldita Sara, a Monstra Grávida, tinha ligado cinco vezes enquanto meu namorado – *noivo!* – me fodia até me levar ao delírio, e cinco ligações não atendidas significavam que ela realmente tinha algo importante a dizer.

Com o rosto de Will descansando preguiçosamente em meu peito, levei o telefone ao ouvido e ouvi a mensagem de voz mais recente de Sara.

– Will.

Ele beijou meu peito, perto do coração.

– Hum?

– Temos que ir a um lugar, amor.

Epílogo

CRETINA IRRESISTÍVEL

CHLOE

Cerca de nove meses atrás

Bennett veio por trás de mim, apoiou suas mãos firmemente em meu quadril.

– Vou dar um pulinho no bar. Quer alguma coisa?

Virei-me para ele, sorrindo enquanto seus lábios deslizavam por meu maxilar, chegando ao pescoço.

– Obrigada. Eu estou bem.

Afastando-se, ele me olhou.

– Tem certeza? Dor de cabeça, ainda?

Pisquei e virei o rosto. Não queria que ele enxergasse a mentira em meu olhar.

– Um pouquinho.

Bennett parou antes de se virar para mim e erguer meu rosto para me olhar nos olhos.

– Quer um copo de água ou alguma outra coisa? – perguntou.

– Água, pode ser. Obrigada, amor.

Dez minutos depois, ele me encontrou perto da pista de dança, impressionado com os recém-casados. Eu não os conhecia muito bem. Eram parceiros de negócios, mas alguma coisa naquela alegria deles, na forma como eles pareciam estar à beira de uma aventura, zumbia persistentemente em meu sangue.

– Você está bem? – Ele veio por trás outra vez, beijando meu pescoço.

Assenti, aceitando o copo de água e apontando com o queixo para o casal

dançando no meio da pista de dança a céu aberto.

– Só estou observando os dois.

– Foi um belo casamento.

Inclinei-me ao seu lado, sentindo meu corpo se acalmar com sua presença calorosa e sólida. Bennett tomou um gole de sua bebida e me abraçou na altura da cintura.

– Ela está linda – comentei, olhando para a noiva e seu belíssimo vestido pérola.

– Ele sem dúvida concorda – Bennett falou, erguendo o queixo. – Quase comeu o rosto dela quando se beijaram.

Virei-me para encará-lo. O cheiro do uísque me deixava levemente enjoada.

– Tire isso daqui – ordenei. – E dance comigo.

Em tom de brincadeira, Bennett fez beicinho.

– Mas eu acabei de pegar a bebida.

– Prefere ficar com ela?

Ele deixou o copo em uma mesa ali perto antes de entrelaçar seus dedos aos meus e me guiar até a pista de dança.

Com as mãos na minha lombar, ele me puxou para perto e – santo Deus! – percebi que alguma espécie de instinto o fez me puxar com cuidado, sem aquele jeito imperativo tão típico de Bennett Ryan.

– Você está quieta esta noite – falou, inclinando-se para beijar meu ombro nu. – Tem certeza de que está tudo bem?

Assenti, encostando minha maçã do rosto em sua clavícula.

– Só estou absorvendo e processando tudo. E me sinto tão feliz que eu poderia explodir.

– Você está *feliz*? A gente não brigou nenhuma vez hoje à noite. Eu jamais esperaria ouvir isso.

Dei risada, inclinando meu rosto para olhá-lo.

– Amor?

– Oi?

Senti meu estômago saltar no peito, o coração bater na garganta. Queria contar para ele mais tarde, mas não conseguia mais esperar. As palavras não cabiam dentro de mim.

– Você vai ser papai.

Os braços de Bennett se enrijeceram, seus pés ficaram paralisados antes de um estremecimento insano tomar conta de todo o seu corpo. Então, deu um passo para trás. A emoção que vi nos olhos do meu marido era completamente inédita.

Eu jamais o tinha visto tão impressionado assim.

– O que foi que você acabou de dizer?

As palavras saíram um pouco altas demais, apertadas demais, como se uma marreta tivesse caído em cima de um tambor.

– Eu disse que você vai ser papai.

Ele ergueu a mão trêmula e a pressionou contra a boca.

– Você tem certeza disso? – perguntou com a boca ainda atrás dos dedos.

E seus olhos começaram a brilhar.

Confirmei com a cabeça, sentindo meus olhos também arderem. Sua reação – seu alívio e alegria e ternura – quase fez meus joelhos cederem.

– Eu tenho certeza.

Depois de dois anos tentando e sem conseguir engravidar. Meses de cálculo e planejamento. Duas tentativas fracassadas de fertilização *in vitro*. E aqui estávamos nós, um mês depois de nossa decisão mútua de deixar de tentar por um tempo. E eu estava grávida.

Bennett deslizou a mão pelo rosto antes de segurar meu cotovelo e me puxar para fora da pista de dança, na sombra de uma das tendas.

– Como foi que você... Quando?

– Fiz o teste hoje de manhã. – Mordisquei o lábio. – Bem, para dizer a verdade, fiz mais ou menos dezessete testes hoje de manhã. Quero dizer, ainda está no comecinho da gravidez. Minha menstruação estava só alguns dias atrasada.

– Chlo! – Ele me encarou, abrindo um sorriso enorme. – Nós vamos ser pais *terríveis*.

Rindo, concordei:

– Os piores.

– A gente não sabe o que é falhar – falou, seus olhos buscando maniacamente os meus. – Quer dizer, acho que seremos os mais nervosos...

– Rigorosos...

– Autoritários...

– Neuróticos...

– Não – ele rebateu, balançando a cabeça, outra vez com aquele brilho nos olhos. – Você vai ser perfeita. Vai me surpreender pra caralho.

Sua boca cobriu a minha, aberta, sondando, a língua deslizando por meus lábios, por meus dentes, chegando mais fundo. Segurei uma mecha daqueles cabelos grossos, perfeitamente bagunçados, puxando-o mais para perto, quase desesperada.

Put a merda.

Eu estou grávida.

Vou ter um filho desse filho da mãe.

Epílogo

CRETINO IRRESISTÍVEL

BENNETT

Esta noite

Pelo retrovisor, nosso motorista me olhou nos olhos, desculpando-se em silêncio pelo fato de estarmos parando em

todos

os

faróis

vermelhos

de

Manhattan.

– Hhhe-hhhe-hhhe – arrisquei, lembrando Chloe de respirar da forma que tínhamos aprendido.

Os olhos dela estavam arregalados, fixos nos meus como se buscassem alguma coisa enquanto ela assentia freneticamente, como se eu fosse o colete salva-vidas jogado nesse mar de uma farsa biológica que poderíamos chamar de “minha esposa dá à luz fazendo um melão passar inteiro por um canudo”.

– Você enviou uma mensagem para o Max para avisar? – ela gritou, fechando os olhos bem apertados.

Vi uma gota de suor descer por sua têmpora.

– Sim.

Tenho tantas perguntas. E uma delas é: como diabos isso vai dar certo?

Diante da realidade de que uma criança gigante sairia da minha esposa, de repente passei a desconfiar de qualquer estatística sobre mulheres tentando dar à luz.

– E para Will? E Hanna?

– Sim.

Ela inclinou o corpo para a frente, deixando escapar um rosnado que se transformou em grito. E aí inspirou profundamente, berrando:

– George e Will P.?

– Sara ligou para George – expliquei. – Respire, Chlo. Preocupe-se com o que está acontecendo aqui, e não com eles.

Eu já tinha visto o corpo dela bem de perto, e já tinha visto a criança em um ultrassom 4-D. Não sou nenhum especialista em física, mas não vejo como isso pode dar certo.

– Tem certeza de que não quer uma epidural assim que chegarmos ao hospital? – perguntei enquanto o carro passava por um buraco na rua e Chloe gritava de dor.

Ela negou rapidamente com a cabeça e continuou sua respiração soprada. Sua mão era como um torno em volta da minha.

– Não. Não. Não. Não.

A palavra se tornou uma espécie de cântico religioso e eu pensei em nossa burocracia e nas procurações que tínhamos assinado. Havia ali alguma cláusula dizendo que eu podia tomar todas as decisões ligadas à nossa saúde no caso de um parto aterrorizante? Será que eu podia escolher uma cesariana por ela assim que chegássemos ao hospital, para poupá-la da dor que ela estava prestes a enfrentar?

– Boa respiração, Chlo. Você é perfeita.

– Como você consegue ficar tão calmo? – ela perguntou sem fôlego, com a testa úmida de suor. – Você está calmo demais e isso está me deixando louca.

Dei um risinho torto.

– É porque é você que está sentindo dor.

E eu não tenho a menor ideia do que fazer.

– Eu te amo – ela arfou.

E parecia prestes a morrer.

– Também te amo.

Isso é normal?

Minha mão coçava para ir até o bolso, puxar o celular e ligar para Max.

O que significa o fato de ela gritar a cada minuto? Ainda meia hora atrás, suas contrações aconteciam a cada mais ou menos dez minutos. Será que Chloe conseguiria quebrar a minha mão com seu aperto? Ela disse que está com fome,

mas a médica pediu que eu não lhe desse nada para comer... De qualquer forma, estou com um pouco de medo dela. Ela está sorrindo... mas está medonha.

Outra contração veio e ela apertou um pouco mais. Eu a deixaria quebrar todos os ossos da minha mão se assim fosse preciso, mas dessa vez foi difícil estimar quanto tempo a contração durou.

Suspirando, Chloe sussurrou para mim, ou para si mesma:

– Está tudo bem. Eu estou bem. Eu estou bem. Eu estou bem. Eu estou bem. Eu estou bem.

Eu a vi lutando em meio a tudo aquilo, e enfim seu rosto relaxou e ela soltou o corpo outra vez no banco do carro, as mãos segurando a barriga.

Instintivamente senti que Chloe devia estar me lançando olhares fulminantes ou querendo brigar comigo para se distrair ou fazer alguma coisa – qualquer coisa – que a levasse a parecer uma insuportável. Mas ela continuava me tratando tão bem.

Eu apreciava a atitude, mas não sabia se gostava.

Eu curtia as grosserias.

Tinha me apaixonado por aquela casca-grossa.

E me perguntava, pela milésima vez, se alguma coisa havia se transformado para sempre nela. E caso tivesse, como eu me sentiria com relação a isso?

Sua respiração deu sinais de mais uma contração.

– Estamos quase chegando, Chlo. Quase chegando.

Ela apertou o maxilar, conseguindo pronunciar um “obrigada, amor” com bastante dificuldade.

Respirei fundo, tentando me manter calmo diante do forte desejo de Chloe de se manter doce e gentil e razoável.

Ouvi-a inalando.

E depois ouvi as palavras raspando sua garganta:

– SERÁ QUE VOCÊ PODE FAZER A GENTE CHEGAR À PORRA DO HOSPITAL AINDA HOJE, KYLE? PUTA QUE PARIU!

A última palavra se transformou em um demorando choramingo e, na frente do carro, o motorista esboçou uma risada, olhando pelo retrovisor para mim. Era como furar uma bexiga, o jeito que toda a tensão parecia deixar o meu corpo.

– É isso aí, Chlo – falei, rindo. – Puta que pariu, Kyle!

Ele pisou no acelerador, manobrando o carro e invadindo com duas rodas a calçada – onde um cara havia parado de bicicleta para brincar com o celular. Descendo a mão na buzina, Kyle enfiou a cabeça para fora da janela e berrou:

– Estou com uma mulher quase parindo aqui! Saiam da frente, seus idiotas.

Chloe fechou a janela e inclinou o corpo para fora.

– Saíam da frente, porra! Vazem, caralho!

Os carros à nossa volta começaram a buzinar e alguns chegaram a ir para o lado para abrir caminho e nos permitir avançar pela Madison Avenue.

Kyle sorriu ao conseguir deixar para trás a área congestionada e poder pisar com entusiasmo no acelerador.

Estendi a mão e a descansei no braço de Chloe.

– Só faltam cinco...

– Não toque em mim – ela rosnou na melhor imitação que já vi do demônio de *O Exorcista*. Em seguida, esticou o braço e agarrou de surpresa meu colarinho. – Foi você quem fez isso.

Sorri, embasbacado e muito aliviado.

– Pode apostar o seu rabo que fui eu.

– Você se acha muito engraçadinho? – perguntou em um chiado. – Acha que essa ideia foi boa?

A felicidade se espalhou por mim.

– Sim. Sim, acho que foi.

– Isso aqui vai me rasgar – Chloe gemeu. – E você vai ter que arrastar a sua esposa rachada no meio por aí, em uma cadeira de rodas, pelo resto da minha vida porque minhas pernas não vão trabalhar juntas porque MINHA ESPINHA FOI ESTOURADA POR ESSE MALDITO BEBÊ QUE ESTÁ SAINDO PELA MINHA VAGINA DENTRO DE UMA PORRA DE CARRO, BENNETT! COMO VOCÊ ESPERA QUE EU VENDA A CONTA DE LANGLEY DESSE JEITO?! – Agora Chloe soltou a minha camisa e empurrou o corpo para a frente, batendo no banco do motorista. – KYLE, VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO?

– Sim, senhora Ryan.

– É senhora Mills para você de agora em diante. e o acelerador é esse pedal aí à sua direita... você está levando a gente pro hospital no carro dos Flintstones?

Kyle gargalhou, ultrapassando um caminhão de entrega. Chloe segurou minha mão, amassando meus ossos.

– Não quero machucar você – gemeu.

– Está tudo bem.

Ela se virou e me encarou com dentes apertados.

– Mas agora eu quero matar você.

– Eu sei, amor, eu sei.

– Não me chame de “amor”, porra. Você não tem ideia da dor que eu estou sentindo. Da próxima vez, você tem o filho e eu fico sentada aí, rindo de ver você sendo rachado ao meio.

Inclinei-me e beijei sua testa suada.

– Não estou rindo da sua situação. Eu só senti saudades de você desse jeito. Já estamos chegando.

O plano de Chloe fora muito específico: nem pensar em epidural, nada de restrições alimentares, parto na água na suíte. Na verdade, havia três páginas de exigências nas quais ela vinha trabalhando meticulosamente ao longo das últimas semanas. Sua bolsa do hospital havia sido arrumada, desarrumada, rearrumada.

No fim das contas, nossa filha tinha duplo cordão nuchal, o que significava que o cordão umbilical havia se enrolado duas vezes em seu pescoço. Não era incomum, segundo o que nos disseram. Mas, na nossa situação, não era bom sinal.

– Depois das contrações, a frequência cardíaca do bebê não volta ao normal – a doutora Bryant explicou, sua mão apoiada no ombro de Chloe e o *bipe-bipe-bipe* dos monitores ecoando à nossa volta. Ela olhou para mim, sorrindo calmamente. – Se ela já estava forçando, é melhor trabalharmos para tirar esse bebê daí o quanto antes. Mas a criança ainda está alta demais. – E olhou para Chloe. – Você só está com cinco centímetros.

– Poderia verificar outra vez? – Chloe gemeu. – Porque, falando sério, a sensação é de vinte centímetros.

– Eu sei – a médica falou, rindo. – E sei o quão fixa é a sua ideia de ter um parto natural, mas, meus caros, essa é uma das situações em que vou ter que vetar a ideia.

Chloe sequer respondeu antes de ser levada para a sala de cirurgia.

Sedada e chateada por ver seu plano perfeito se despedaçar, ela me olhou com lágrimas nos olhos, os cabelos presos em uma touca amarela esterilizada, o rosto inchado e sem maquiagem.

E, sinceramente, ela nunca estivera tão linda.

– Não importa como vai acontecer – lembrei. – No fim, teremos a nossa criança.

Ela assentiu.

– Eu sei.

Olhei surpreso para ela.

– Você está bem?

– Estou decepcionada – respondeu, engolindo uma onda de emoções. – Mas eu quero que tudo fique bem.

– Vai ficar – garantiu a doutora Bryant com suas mãos esterilizadas, cobertas por luvas, e um sorriso atrás da máscara. – Prontos?

A enfermeira fechou a cortina, escondendo metade do corpo de Chloe. Fiquei próximo à sua cabeça, usando um avental cirúrgico, touca e luvas.

Eu sabia que a doutora Bryant começaria a trabalhar imediatamente. Sabia, pelo menos em teoria, o que estava acontecendo do outro lado da barreira amarela. Havia antissépticos e bisturis e toda sorte de instrumentos cirúrgicos. Eu sabia que já tinham começado, sabia que estavam se apressando.

Mas não havia qualquer sinal de dor no rosto de Chloe. Ela simplesmente me olhava.

– Eu te amo.

Sorrindo, respondi:

– Eu também te amo.

– Você está decepcionado? – ela quis saber.

– Nem um pouco.

– Não é estranho? – sussurrou.

Dei risada, beijando seu nariz.

– Esse momento... todo?

Ela assentiu e me deu um sorriso vacilante.

– Um pouquinho.

– Vamos lá – anunciou a doutora Bryant antes de murmurar para a enfermeira: – Pegue aquele instrumento...

Os olhos de Chloe ficaram marejados e ela mordiscou o lábio com expectativa.

– Parabéns, Chloe – a doutora Bryant anunciou, e um choro cortante se espalhou à nossa volta. – Bennett, vocês têm uma filha.

E aí peguei nos braços aquela bolinha quentinha e chorando e, com mãos trêmulas, coloquei-a sobre o peito de Chloe.

Ela tinha um narizinho minúsculo, a boquinha também, mas os olhos estavam arregalados.

Era mais linda do que qualquer coisa que eu já conhecera.

– Oi – Chloe sussurrou, olhando para ela. Por fim, suas lágrimas rolaram. – Estamos te esperando há tanto tempo!

Em um instante, meu mundo se desintegrou e se reconstruiu na forma de uma fortaleza capaz de proteger minhas duas garotas.

—

– Ah, porr... poxa! – Chloe resmungou, rindo. – Não era para isso ser instintivo?

Apoiei a cabeça de nossa filha em minha mão e tentei encontrar o ângulo certo.

– Pensei que fosse, mas...

– É tipo, eu sou a vaca, você é o fazendeiro e ela é o balde – Chloe falou.

A enfermeira entrou, verificou a incisão da mamãe, verificou algumas informações e nos ajudou a encontrar uma posição para o bebê.

– Já pensaram em um nome para a garotinha?

– Não – respondemos ao mesmo tempo.

A enfermeira colocou nosso arquivo de informações outra vez na prateleira na parede.

– Tem todo um exército de pessoas esperando para vê-los. Querem que eu os deixe entrar?

Chloe assentiu, ajeitando seu avental.

Pude ouvi-los atravessando o corredor. A risada de George, a voz grossa de Will Sumner, o sotaque de Max e os gritos animados de todos os três filhos de Stella. E eles estavam aqui, espalhando-se pelo quarto, um emaranhado de corpos e presentes e palavras. Onze rostos sorridentes. Pelo menos oito pares de olhos marejados.

Max se aproximou imediatamente. Ele era como um ímã atraído por crianças. Olhando para nossa filha, perguntou:

– Posso?

Com os olhos brilhando, Chloe a colocou nos braços dele.

– Já escolheram o nome? – Sara perguntou, olhando para o bebê no braço do marido.

– Maisie – Chloe respondeu ao mesmo tempo que eu dizia:

– Lillian.

– Ótimo – George comentou, unindo-se a eles para acariciar minha filha.

Olhei para Annabel e Iris, paradas tão quietinhas ao lado de Will P., que segurava Ezra em seus braços. Lancei um sorriso para Hanna e seu Will, que analisavam a cena no quarto com um silêncio maravilhado.

Espere aí.

Onze rostos.

Will, Hanna, Max, Sara, Annabel, Iris, Ezra, Will, George...

Ergui o queixo para Jensen, que estava abraçado a Pippa em minha visão periférica.

– Parabéns ao papai e à mamãe – ele falou, sorrindo enquanto olhava em volta. – Todo mundo trouxe cobertores de bebê ou flores. A gente... ah...

– A gente trouxe álcool – Pippa terminou a frase, entregando-me uma garrafa de Patrón.

– Obrigado – agradei, rindo enquanto atravessava o quarto para dar um aperto de mãos em Jensen e beijar o rosto de Pippa. – Vou usar as duas coisas.

Então, aí... – Apontei com o dedo para o espaço entre eles. – Tem alguma coisa aí.

Ele assentiu.

– Definitivamente tem alguma coisa.

Hanna deu um soco no braço dele.

– Eles não tinham me contado que havia uma coisa ali.

– Eu ia contar – seu irmão afirmou, rindo. – Mas aí vocês vieram para Nova York, então nós os seguimos até aqui!

– Sinto que devo me desculpar – Chloe falou do outro lado da sala.

O grupo a encarou, todos franzindo o cenho em meio ao silêncio confuso.

– Ora, vão se *terror*, seus *fusões* – ela rosnou. – Sinto que devia, mas não vou me desculpar.

– Ah, graças a Deus – Max falou exasperado.

– A insuportável está de volta! – George completou.

– E você está demitido – Chloe berrou.

– Ele trabalha *para mim*, querida – Sara a lembrou, repetindo aquele refrão que todos já tínhamos ouvido uma centena de vezes.

– E seja gentil – George falou a Chloe, estendendo a mão esquerda e expondo o dedo para mostrar a aliança. – Ou você não vai ser minha monstra de honra.

– Sua vaca madrinha? – ela perguntou em um suspiro de reverência.

– Bem ao meu lado – George falou. – Para me lembrar que eu não mereço ficar com ele.

Aparentemente minha esposa não tinha se recuperado totalmente de seu estado emocional delicado, pois ela explodiu em lágrimas ao ver aquilo, acenando para George se aproximar para ela poder abraçá-lo.

– Você também, Will Perkins – Chloe chamou, estendendo o braço livre na mão dele.

Em tom de brincadeira, Will Sumner apoiou o corpo na parede, como se a usasse para se equilibrar enquanto o mundo se abria e nos engolia todos. Todavia, o quarto de fato continuava totalmente tranquilo. Chloe abraçou George, George abraçou Chloe e – para a surpresa e alívio de todos – o apocalipse ainda não tinha chegado.

Observei a minha esposa ali, deitada na cama, sorrindo de uma orelha a outra e conversando com os dois homens sobre o casamento iminente e as aventuras da chegada de nossa filha. Sara olhava atentamente para o bebê nos braços de Max e eu me perguntava o quão desesperada ela estaria para chegar ao fim dessa gravidez, que era claramente a mais desafiadora de sua vida. Will e Hanna se agacharam no chão para ouvir Annabel contar uma história detalhada de uma borboleta que vivia nas flores que eles tinham trazido. O celular de Pippa tocou e

ela e Jensen se aproximaram de Max e Sara, permitindo que Ruby e Niall conhecessem minha filha pelo FaceTime.

Meus pais invadiram o quarto, Henry trazendo sua família, e mesmo a suíte enorme pareceu pequena demais para abrigar todos nós. Eles se movimentavam pelo quarto em um mar de abraços, alternando-se para segurar minha filha, cheirá-la, declarar que era o bebê mais lindo que já tinham visto.

Os dois filhos de meu irmão se sentaram no chão com os filhos de Max e Sara, e eles agora brincavam com os arranjos de flores. Em uma situação normal, eu os encorajaria a evitar que pétalas caíssem no chão e fossem pisoteadas, mas... estranhamente, essa rigidez obsessiva havia ficado para trás. “Rigidez” era uma coisa menor, não valia a pena perder tempo com ela. As batalhas que valiam a pena enfrentar eram aquelas para proteger minha família, a batalha enorme de trabalhar diariamente para criar um mundo melhor para todo mundo. As batalhas que valiam a pena enfrentar eram aquelas que estavam em meus ombros, agora como pai de uma filha – ou seja, criá-la para crescer sendo confiante e forte e segura.

Zoem pra caralho essas flores, crianças.

– Vocês já a mimaram demais, pessoal – falei, atravessando a multidão e segurando minha filha nos braços. Ela era um paradoxo tão incrível, uma mistura de pequeno e substancial, com seus punhos pequeninos apertados e abertos, com olhos atentos. Sentei-me na cama ao lado de Chloe, apoiando-me nos travesseiros e sentindo sua cabeça descansar em meu ombro. Olhamos, apaixonados, para a nossa menininha.

– Maisie – ela sussurrou.

– Lillian.

Chloe virou o rosto para mim e balançou a cabeça negativamente, mantendo o maxilar apertado.

– Maisie.

O que eu podia fazer senão beijá-la?

– Para ter a melhor mulher do mundo – sussurrei –, eu tive que começar do básico: amá-la como ela é, não como eu queria que ela fosse. Tornar-me a pessoa sem a qual ela não consegue viver. Ser seu braço direito. Descubra do que ela precisa e ela não vai desistir de você, por nada nesse mundo.

Eu tinha me tornado a pessoa sem a qual ela não conseguia viver. Tinha me tornado seu braço direito... e o pai de sua filha. E, do jeito que as coisas aconteceram, todos os dias eu era o cretino mais sortudo do mundo.

Agradecimentos

Com esta obra, o último volume da série *Cretino Irresistível*, pensamos em encomendar um conjunto de bótons para levar às nossas sessões de autógrafos, um design para cada personagem. Os leitores poderiam escolher os personagens, homens e mulheres, com os quais mais se identificassem. Acreditamos que essa seria uma tarefa fácil – uma coisinha divertida. Mas... estávamos erradas.

Para começar, *minha nossa!*, são muitos bótons. Mas, mais importante, nossas expectativas de que os leitores nos abordariam e escolheriam facilmente seu personagem favorito enquanto conversávamos e autografávamos seus livros e depois seguiriam suas vidas se provaram maravilhosa e surpreendentemente incorretas.

Não esperávamos que nossos leitores tivessem tanta dificuldade com suas escolhas. Não esperávamos que cada um que chegasse à nossa mesa enxergaria um pouquinho de si próprio em todos os personagens. Talvez ansiassem pelo fogo de Chloe, mas se identificassem mais naturalmente com a força silenciosa de Sara. Talvez gostassem da ideia de um Bennett, mas estivessem felizes em um casamento com um Niall. Foi a mais maravilhosa das revelações, ter criado um conjunto de personagens com os quais tantas pessoas se identificavam. Conseguimos atingir nosso objetivo? Criamos mulheres tão distintas quanto as mulheres fortes e cheias de vida que as leram? Esperamos que sim. Mas sabemos que podemos fazer melhor do que isso. Podemos ser mais diversificadas. Podemos capturar melhor o mundo em que vivemos. Todos vocês são irresistíveis e cada um que nos contou do que gostou e o que gostaria de ver nos próximos livros fez cada segundo dos momentos mais complicados da escrita valer a pena.

Nunca deixem de ser abertos, sinceros e famintos como vocês são. Nós também somos assim na posição de leitoras. E é justamente por isso que amamos

vocês.

E nada disso teria acontecido sem algumas pessoas muito importantes. Estaríamos perdidas sem a nossa agente, Holly Root, que nos contratou por um livro que acabou não sendo comprado por nenhuma editora, mas que, mesmo assim, enxergou o nosso potencial e nos manteve em seu radar. Essa é a prova de que você nunca sabe qual dos seus livros vai decolar, então, para todos os escritores que estão por aí: continuem escrevendo. Deem início ao próximo projeto. Livrem-se desses pesos, e usem as palavras para isso.

Nosso incrível editor, Adam Wilson, tem os mais longos, mais brilhantes e mais exuberantes cabelos da indústria e ama a gente, mesmo sabendo que a gente vai pedir para trançá-los. Já publicamos quatorze livros juntos e todos os seus *feedbacks* nos fazem melhorar. Obrigada por sua paciência e por tudo o que você faz.

Kristin Dwyer é a melhor assessora de imprensa do mundo. Ponto final. Obrigada por ser nossa Preciosa e trabalhar duro para que os nossos livros cheguem ao mundo. Você sempre faz um ótimo trabalho, colega.

Amamos de verdade a nossa família na Simon & Schuster/Gallery: Jen Bergstrom, Louise Burke, Carolyn Reidy, Paul O'Halloran, Liz Psaltis, Diana Velasquez, Melanie Mitzman, Theresa Dooley, a incansável equipe de vendas que trabalha para fazer nossas obras chegarem às prateleiras (amamos todos e cada um de vocês) e todos aqueles que prestam atenção aos detalhes ou transportam caixas de livros ou que em algum momento tiveram de digitar as palavras "Christina Lauren". Esperamos que vocês coloquem coraçõezinhos no pontinho dos *is* de "Christina". Temos muita sorte por poder contar com todos vocês.

Escrever livros é muito difícil, e deve ser ainda mais complicado apontar o que há de errado neles. Obrigada a nossas primeiras leitoras, Erin Service, Tonya Irving e Sarah J. Maas. A Lauren "Drew" Suero, que esteve lá desde o primeiro momento e mantém nossas redes sociais funcionando. Heather Carrier, quando pedimos uma coisa brilhante e linda e "ah, será que você consegue para amanhã?", você nunca pensa duas vezes (ou talvez pense, mas a gente não fica sabendo porque nos falamos por e-mail, hahaha!). Obrigada a todos os blogueiros que escrevem resenhas, a todos que postam no Twitter, Instagram ou simplesmente recomendam os livros a um amigo. Vocês dedicam seus corações e seu precioso tempo aos nossos livros para fazê-los chegar a novos leitores e, sem vocês, não passaríamos de duas garotas com computadores.

Às nossas famílias, que nos dão liberdade e nos animam, que nos amam apesar das loucuras de prazos, viagens e palitinhos de peixe e ervilhas congeladas no jantar: vocês sempre dizem os "eu te amo" mais perfeitos

justamente quando precisamos ouvi-los. Sem vocês, jamais conseguiríamos ter feito o que fizemos.

E aos leitores mais divertidos e mais generosos do mundo, mesmo aqueles que nunca conhecemos ou nunca vemos no Twitter ou naquele tal de Facebook: obrigada por nos deixar entrar em suas casas e corações. Obrigada a todos aqueles que nos acompanharam nessa jornada e que amam nossos personagens tanto quanto nós os amamos. Temos muitas outras histórias por vir e mal podemos esperar para dividi-las com vocês.

(PS: Bennett ainda está te esperando no escritório dele.)

Lo, você é a melhor amiga que já tive. Viajamos o mundo e você ainda dá conta de suportar meus roncos; quase fomos presas juntas, fizemos tatuagens iguais e tiramos fotos no camarim da La Perla só para ver se era mesmo possível. Mal posso esperar para descobrir qual será a nossa próxima loucura. ~ PQ

PQ, vejo os livros na prateleira e ainda não consigo acreditar que temos a chance de fazer *isso, juntas*, todos os dias. Sou a Lolo mais sortuda do mundo. Te encontro no aeroporto? ~ Lo

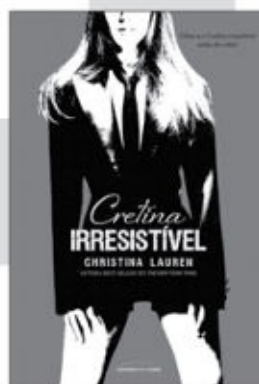
**Série
Cretino
Irresistível**



**Volume 1
Cretino Irresistível**



**Volume 3
Estranho Irresistível**



**Volume 2
Cretina Irresistível**



**Volume 4
Paixão Irresistível**



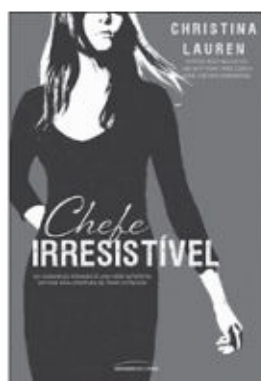
**Volume 5
Playboy Irresistível**



Volume 6
Noiva Irresistível



Volume 7
Sempre Irresistível



Volume 9
Chefe Irresistível



Volume 8
Surpresa Irresistível



Volume 10
Irresistíveis

**Série
Selvagem
Irresistível**



**Volume 1
Sedutor**

**Volume 2
Indecente**



Volume 4
Mentiroso

Volume 3
Misterioso

